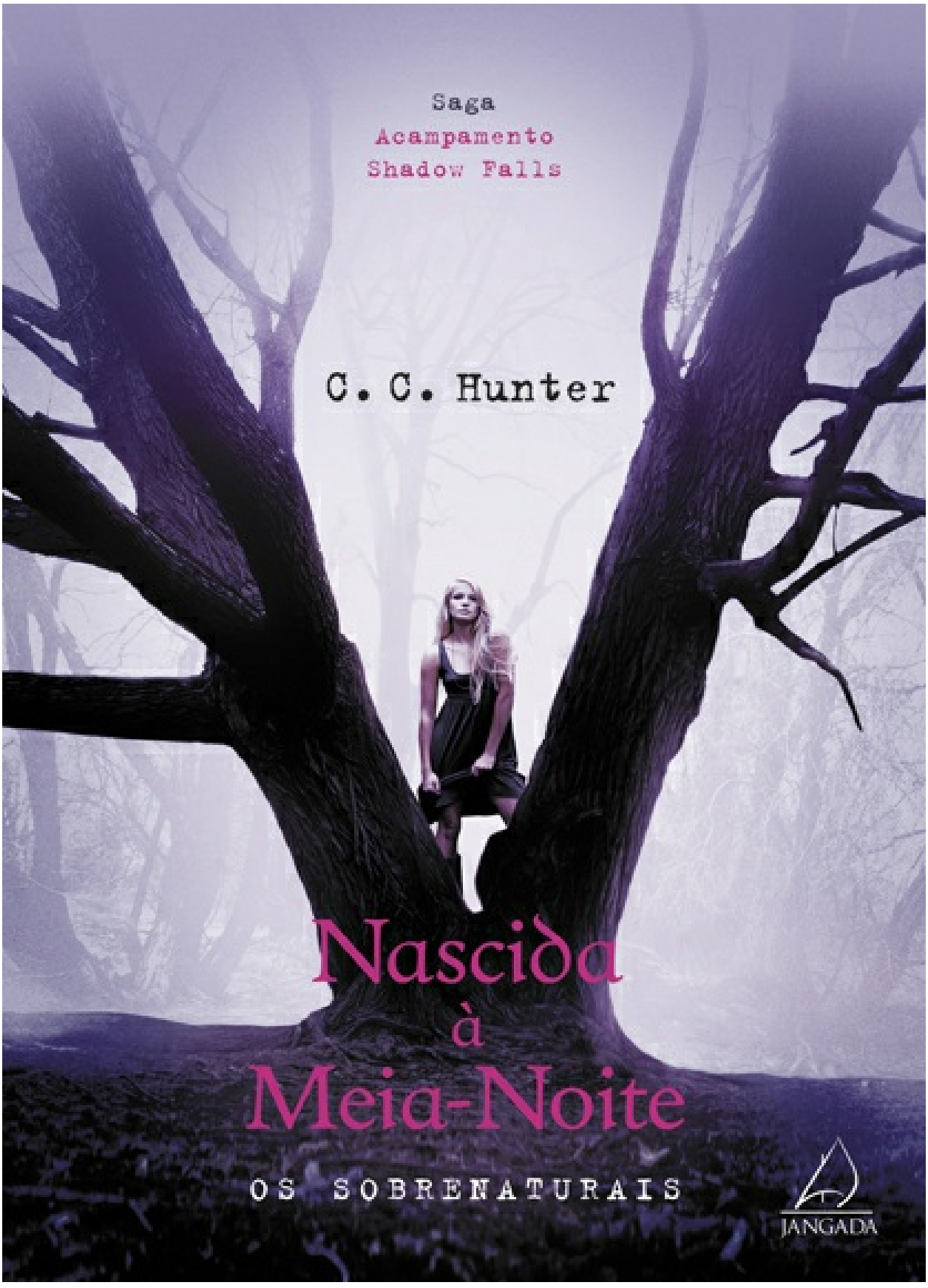

SÉRIE BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
Saga
Acampamento
Shadow Falls
OS SOBRENATURAIS
COLEÇÃO COMPLETA
C. C. Hunter
JANGADA


Saga
Acampamento
Shadow Falls
C. C. Hunter
Nascida
à
Meia-Noite
OS SOBRENATURAIS
JANGADA

# NASCIDA À MEIA-NOITE

## OS SOBRENATURAIS

C. C. Hunter

# NASCIDA À MEIA-NOITE

## OS SOBRENATURAIS

*Tradução:*
GILSON CÉSAR CARDOSO DE SOUSA
DENISE DE C. ROCHA DELELA



Título do original: Born at Midnight.

Copyright © 2011 C. C. Hunter




https://t.me/StarBooksDigital

https://t.me/SBDLivros

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Pensamento-Cultrix Ltda. não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Coordenação editorial: Denise de C. Rocha Delela e Roseli de S. Ferraz Revisão de linguagem: Giovanna Rocha Delela Revisão: Maria Aparecida Salmeron Diagramação: Fama Editoração Eletrônica Diagramação para Ebook: Xeriph

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance, são também produtos da imaginação do autor e são usados de modo fictício.

O primeiro número à esquerda indica a edição, ou reedição, desta obra. A primeira dezena
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Hunter, C. C. Nascida à meia-noite : os sobrenaturais / C. C. Hunter; tradução Gilson César Cardoso de Sousa. — São Paulo : Jangada, 2011.

Título original: Born at midnight. ISBN do livro digital: 978-85-64850-03-3
1. Ficção norte-americana I. Título.

11-08330 CDD-813
Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção : Literatura norte-americana 813
à direita indica o ano em que esta edição, ou reedição, foi publicada.
Edição Ano 1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11 11-12-13-14-15-16-17-18
Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix

Direitos de tradução para o Brasil
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: 2066-9000 — Fax: 2066-9008
E-mail: atendimento@pensamento-cultrix.com.br
http://www.pensamento-cultrix.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Foi feito o depósito legal.

*Para Lilly Dale Makepeace.*
*Seu sorriso me dá a certeza de que a magia*
*continua viva e saudável neste nosso velho mundo.*

# Agradecimentos

Dizem que é preciso uma aldeia para se criar um filho; bem, para colher a centelha de uma ideia e transformá-la em livro, também. Quero, primeiro, agradecer à minha editora, Rose Hilliard. Sua confiança em mim significa muito mais do que você possa imaginar. Os outros habitantes da aldeia são: meu marido, solidário ao ponto da perfeição. Vou amá-lo para sempre, querido! Minha agente Kim Lionetti, que ajuda a transformar meus sonhos em realidade. Qual será o próximo, Kim? Os anjos da aldeia, parceiros críticos e família literária: Faye Hughes, Jody Payne, Suzan Harden e Teri Thackston. Garotas, obrigada pelo apoio; mas obrigada, sobretudo, pela amizade.

# Capítulo 1

— Isso não tem graça! — resmungou o pai.

Não, graça nenhuma, pensou Kylie Galen abrindo a geladeira para pegar uma bebida. Na verdade, tão pouca graça que ela gostaria de poder se esgueirar para dentro da geladeira, se encolher entre a mostarda e cachorros-quentes bolorentos e fechar a porta para não ouvir mais as vozes irritadas que vinham da sala.

Lá estavam seus pais brigando de novo!

Não que aquilo fosse durar muito, pensou ela enquanto observava o vapor escapando pela porta da geladeira.

Hoje ela sabia que o pai iria embora!

Kylie sentiu um nó na garganta. Engoliu a emoção em seco e se recusou a chorar.

Aquele devia ser o pior dia da sua vida. E ela já vinha tendo alguns muito ruins ultimamente. Um cara desconhecido na sua cola, Trey terminando o namoro com ela e os pais anunciando o divórcio — caramba, era desgraça que não acabava mais! Seria então de admirar que seus terrores noturnos tivessem voltado com tudo?

— O que você fez com a minha cueca? — O grito do pai penetrou na cozinha, meteu-se pela fresta da porta da geladeira e ficou pairando em volta dos cachorros-quentes.

*A cueca dele?* Kylie pressionou uma latinha gelada de refrigerante contra a testa.

— O que eu iria fazer com a sua cueca? — perguntou a mãe com aquela voz de "não estou nem aí". Era bem sua mãe, ela nunca estava nem aí. Fria como gelo.

Kylie olhou pela janela da cozinha o quintal, onde há pouco tinha visto a mãe. E ali, da grelha da churrasqueira ainda fumegante, pendia a cueca do pai.

*Que beleza!* A mãe tinha feito churrasco da cueca do pai. Só isso. Kylie nunca mais comeria nada do que fosse assado naquela grelha.

Tentando conter as lágrimas, ela devolveu a latinha ao refrigerador e foi até a porta da sala. Talvez, se a vissem, parassem de agir como crianças e deixassem que ela fosse a adolescente ali.

O pai estava no meio da sala, segurando na mão uma cueca. A mãe, no sofá, bebericava com a maior calma um chazinho quente.

— Você precisa de tratamento psicológico! — gritou ele para a mulher.

Dois pontos para o pai, pensou Kylie. A mãe realmente precisava de ajuda. Mas então por que era Kylie que tinha de ficar estendida no divã da analista duas vezes por semana?

Por que o pai — o homem de quem, todos juravam, ela conseguia tudo — é que

precisava ir embora, abandonando-a?

Kylie não o censurava por querer deixar sua mãe, a Rainha do Gelo. Mas por que não levava Kylie com ele? Outro soluço sufocado na garganta.

O pai virou-se e a viu; em seguida, entrou no quarto, obviamente para guardar o resto de suas coisas — menos a cueca, que naquele momento fazia sinais de fumaça na churrasqueira do quintal.

Kylie ficou parada olhando a mãe, que remexia em pastas de trabalho como se aquele fosse um dia igual a qualquer outro.

As fotos emolduradas de Kylie e o pai, na parede acima do sofá, chamaram sua atenção e encheram seus olhos de lágrimas. Tinham sido tiradas durante as excursões anuais que os dois faziam juntos.

— Você tem que fazer alguma coisa! — implorou.

— Fazer o quê? — perguntou a mãe.

— Convencê-lo a ficar. Peça desculpas por ter assado a cueca dele. — *Que lamenta ter água gelada nas veias.* — Faça qualquer coisa, mas não deixe que ele vá embora.

— Você não compreende. — E com isso a mãe, sem um mínimo de emoção, voltou aos seus papéis.

Nesse momento o pai, de mala em punho, atravessou a sala. Kylie correu atrás dele até a porta que se abria para a tarde sufocante de Houston.

— Me leve com você — pediu, sem esconder as lágrimas. As lágrimas talvez ajudassem. Antes, quando chorava, conseguia o que queria dele. — Eu não como muito — fungou, tentando fazer graça.

Ele balançou a cabeça, mas, ao contrário da mãe, pelo menos tinha alguma emoção nos olhos:

— Você não compreende.

*Você não compreende.*

— Por que vocês estão sempre dizendo isso? Já tenho 16 anos. Se não compreendo, então me expliquem, me contem o grande segredo e pronto.

Ele olhou para os pés como se aquilo fosse um teste e as respostas estivessem na ponta dos sapatos. Depois, suspirando, ergueu os olhos:

— Sua mãe... precisa de você.

— Precisa de mim? Está brincando? Ela nem me quer aqui! — *Nem você me quer*. Essa constatação fez com que o ar se imobilizasse em seus pulmões. Ele na verdade não a amava.

Enxugou uma lágrima na bochecha e olhou de novo para ele. Só que agora, em vez do pai, Kylie via o soldado Dude[1], que vivia atrás dela. Ali na rua, trajava o mesmo uniforme militar de antes. Parecia ter acabado de sair de um daqueles filmes sobre a Guerra do Golfo

de que sua mãe tanto gostava. Só que, em vez de disparar para todos os lados ou voar pelos ares, ele permanecia imóvel, olhando para ela com um ar triste, mas muito assustado.

Ela o surpreendeu espreitando-a há algumas semanas. Nunca falaram um com o outro. Mas, no dia em que ela o apontou para a mãe e a mãe não o viu... bem, o mundo de Kylie saiu dos eixos. A mãe chegou à conclusão de que ela tentava chamar a atenção ou coisa pior. E quando dizia "coisa pior" ela se referia ao risco de Kylie estar perdendo contato com a realidade. Sem dúvida, os terrores noturnos que a atormentaram quando criança tinham voltado, mais assustadores ainda. A mãe disse que um analista poderia ajudá-la a superá-los — mas como, se Kylie nem sequer se lembrava deles? Só sabia que eram ruins. Ruins o bastante para fazê-la acordar gritando.

Kylie queria gritar agora. Para que o pai se voltasse e visse o soldado Dude — provando assim que ela não estava maluca. Talvez, se ele realmente visse o homem que a perseguia, ela não precisasse mais ir à analista. Aquilo não era justo.

A vida, porém, não é justa, conforme sempre lhe lembrava a mãe.

Mas, quando Kylie olhou de novo, ele já tinha ido embora. Não o soldado Dude, mas seu pai. Ela caminhou até a porta da garagem e o viu colocando a mala no banco de trás do Mustang vermelho conversível. Ao contrário do pai, a mãe nunca gostou daquele carro.

Kylie correu até ele.

— Vou pedir pra vovó falar com a mamãe. Ela vai conseguir...

Mal essas palavras escaparam dos lábios de Kylie ela se lembrou do outro grande acontecimento trágico de sua vida.

Não podia mais pedir que a avó resolvesse seus problemas. A avó estava morta. A imagem dela deitada, fria, no caixão dominou a mente de Kylie e outro soluço brotou em sua garganta.

O olhar do pai demonstrava agora preocupação. O mesmo olhar que levara Kylie para o consultório da terapeuta três semanas antes.

— Estou bem. Só esqueci. — Porque a lembrança machucava muito. Sentiu uma lágrima solitária escorrendo pelo rosto.

O pai se aproximou e a abraçou. Esse abraço durou mais do que qualquer outro, mas terminou cedo demais. Como ela podia deixá-lo ir? E ele, como poderia abandoná-la?

Os braços do pai se soltaram e ele a afastou.

— É só me telefonar, meu bem.

Contendo as lágrimas, odiando a própria fraqueza, Kylie acompanhou o conversível vermelho do pai ficando cada vez menor à medida que descia a rua. Precisando muito ficar sozinha em seu quarto, correu para dentro de casa. Mas então, lembrando-se, olhou para o outro lado da rua. Será que o soldado Dude já tinha desaparecido num passe de mágica,

como costumava fazer?

Não. Continuava lá, observando, espionando. Deixando-a morta de medo e, ao mesmo tempo, muito irritada. Era por causa dele que Kylie tinha que ir à analista.

Então a sra. Baker, sua vizinha idosa, saiu para apanhar a correspondência. Sorriu para Kylie, mas nem sequer uma vez a velha bibliotecária reparou no soldado Dude bem ali, de pé em seu jardim, a menos de um metro de distância.

Muito estranho.

Tão estranho que um calafrio desceu por sua espinha, o mesmo calafrio que sentiu durante o funeral da avó.

# Capítulo 2

Uma hora depois, Kylie desceu as escadas com a mochila nas costas e a bolsa no ombro.

A mãe a deteve na porta.

— Você está bem?

*Como eu poderia estar bem?*

— Vou sair — foi a única resposta de Kylie. Mais do que tinha conseguido dizer sobre a avó. Na ocasião, ela tinha notado o batom vermelho-brilhante que a funerária tinha aplicado no cadáver da avó. *Por que não tira essa droga da minha boca?*, Kylie quase a ouviu resmungar.

Assustada com esse pensamento, virou-se e olhou para a mãe.

A mãe viu a mochila de Kylie e uma ruga de preocupação apareceu entre seus olhos.

— Para onde está indo? — quis saber.

— Você disse que eu poderia passar a noite na casa da Sara. Ou estava ocupada demais queimando a cueca do papai para se lembrar disso?

A mãe ignorou a alusão ao churrasco de cueca.

— E o que as duas vão fazer à noite?

— Mark Jameson vai dar uma festa para comemorar o fim das aulas. — Não que Kylie tivesse a mínima intenção de se divertir. Graças ao fim do namoro com Trey e ao divórcio dos pais, seu verão tinha ido parar no vaso sanitário. E, do jeito que as coisas estavam indo, sem dúvida alguém passaria por lá e daria a descarga.

— Os pais dele vão estar em casa? — A mãe arqueou uma sobrancelha.

Kylie agitou-se por dentro, mas não deixou transparecer.

— Não é lá que sempre estão?

Tudo bem, era mentira. Quase nunca ia às festas de Mark Jameson justamente por aquele motivo — e era nisso que dava ser tão comportada. Agora precisava esfriar um pouco a cabeça.

Além do mais, a mãe também não tinha mentido quando o pai perguntou pela cueca?

— E se você tiver outro daqueles sonhos? — perguntou a mãe, tocando seu braço.

Um toquezinho de leve. Era tudo o que ganhava da mãe nos últimos tempos. Nada de abraços demorados, como os do pai. Nada de passeios juntas. Apenas indiferença e toques rápidos. Mesmo quando a avó materna morreu, a mãe não a abraçou — e Kylie, na ocasião, precisava muito de um abraço. Ao contrário, foi o pai que a abraçou e acabou ficando com uma mancha de maquiagem no paletó. Agora, papai e todos os seus paletós tinham ido embora.

Respirando fundo, Kylie fincou as unhas na bolsa.

— Avisei a Sara que talvez eu acorde gritando, com sede de sangue. Ela me garantiu que vai cravar um crucifixo de madeira no meu coração e me arrastar de volta pra cama.

— Acho melhor, então, você esconder as estacas antes de dormir. — A mãe tentava esboçar um sorriso.

— Farei isso. — Por um instante, lamentou deixar a mãe sozinha justamente no dia em que o pai foi embora. Bobagem. Ela ficaria bem. Nada abalava a Rainha do Gelo.

Antes de sair, Kylie olhou pela janela para se certificar de que não seria perseguida pelo cara de farda.

Achando que o terreno estava livre, cruzou a porta, esperando que a festa da noite a ajudasse a esquecer tudo de ruim que estava acontecendo em sua vida.

— Tome. Não precisa beber, é só segurar. — Sara Jetton colocou uma garrafa de cerveja na mão de Kylie e se afastou.

Dividindo o espaço com pelo menos trinta pessoas que se acotovelavam, todas falando ao mesmo tempo, na pequena sala de Mark Jameson, Kylie segurou firme a garrafa gelada. Conhecia da escola muitas daquelas pessoas. A campainha soou de novo. Sem dúvida, aquela era a festa mais quente da noite. E todos os outros alunos do colégio pensavam o mesmo. Jameson, o veterano cujos pais pareciam não se importar com nada que ele fizesse, dava algumas das melhores festas da cidade.

Dez minutos depois, ainda sem sinal de Sara, todo mundo começou a dançar. Pena que Kylie não estivesse animada. Olhou com desagrado para a garrafa que tinha nas mãos.

Alguém esbarrou nela, fazendo com que a cerveja espirrasse em seu peito e descesse pelo decote em V da blusa branca.

— Merda!

— Ai, foi mal! — apressou-se a dizer o desastrado, constrangido.

Kylie encarou os olhos castanhos e calmos de John e tentou sorrir. Pensar que estava sendo educada com um cara legal, que andava perguntando por ela na escola, tornava mais fácil o sorriso. Mas o fato de John ser amigo de Trey diminuía muito seu entusiasmo.

— Não foi nada — disse ela.

— Vou buscar outra pra você. — Parecendo nervoso, ele se afastou.

— Não precisa! — gritou Kylie; mas, em meio à música e ao alvoroço, ele não ouviu.

De novo, a campainha. Alguns garotos se afastaram e ela pôde ver a porta. Mais especificamente, Trey entrando pela porta. A seu lado — ou grudada nele — vinha a nova namorada, toda exibida.

— Maravilha. — Olhou em volta, pensando em como seria bom se teletransportar para o Taiti ou, melhor ainda, para casa, especialmente se seu pai estivesse lá.

Pela janela de trás, avistou Sara no quintal e correu para se juntar a ela.

Sara ergueu a cabeça. Devia ter percebido o pânico no rosto de Kylie, que chegava esbaforida.

— O que aconteceu?

— Trey e sua piranha estão aqui.

Sara franziu a testa.

— E daí? Vá paquerar alguém para deixá-lo com ciúmes.

Kylie revirou os olhos.

— Não quero ficar vendo Trey e essa vadia se esfregando.

— Eles estavam se esfregando? — perguntou Sara.

— Ainda não. Mas, quando toma uma cerveja, Trey só quer saber de enfiar a mão debaixo da blusa de uma garota. Sei disso porque fazia o mesmo comigo.

— Não esquenta — disse Sara, apontando para a mesa. — Gary trouxe *margaritas*. Tome uma e vai se sentir melhor.

Kylie mordeu o lábio para não gritar que não ia se sentir melhor. A vida dela já estava um caos.

— Escuta — continuou Sara. — Nós duas sabemos que só o que você tem a fazer para reconquistar Trey é agarrá-lo e ir lá pra cima com ele. Esse cara ainda te ama. Hoje mesmo perguntou de você quando saíamos da escola.

— Você sabia que ele viria? — A traição começava a abalar a pouca sanidade que ainda lhe restava.

— Claro que não. Mas relaxa.

*Relaxar*? Kylie olhou para sua melhor amiga e percebeu que as coisas entre elas tinham mudado muito nos últimos seis meses. Não porque Sara, ao contrário dela, adorasse festas ou tivesse perdido a virgindade. Bem, talvez fossem as duas coisas; mas havia mais.

Kylie suspeitava que Sara queria arrastá-la para festas regadas a muito álcool. Mas para quê, se ela achava que cerveja tinha gosto de xixi de cachorro? E não tinha nenhuma intenção de transar?

Tudo bem, não era bem assim: ela *queria* transar. Com Trey, ela ficou tentada, realmente tentada, mas se lembrou a tempo da conversa com Sara, quando decidiram que a primeira vez tinha que ser especial.

Então lembrou que Sara tinha cedido às "necessidades" de Brad — Brad, o amor de sua vida — e, depois de duas semanas de pegação, esse grande amor tinha dado no pé. O que havia de tão especial nisso?

Desde então, Sara tinha se envolvido com outros quatro carinhas e transado com dois. Agora, não dizia mais que sexo era especial.

— Ei, sei que está triste por causa dos seus pais — consolou-a Sara. — Mas, por isso mesmo, precisa relaxar e se divertir um pouco. — Arrumou os longos cabelos castanhos atrás das orelhas. — Vou buscar uma *margarita* pra você. Vai adorar.

Sara foi até a mesa, onde um grupo estava reunido. Kylie fez menção de acompanhá-la, mas deu de cara com o soldado Dude, que parecia mais assustador e esquisito que antes, junto ao bando de bebedores de *margarita*.

Kylie deu meia-volta, preparando-se para fugir, mas bateu de frente com o peito de um garoto... e mais cerveja, derramada da garrafa, escorreu por entre os seios dela.

— Que maravilha! Meus peitos vão ficar com cheiro de cervejaria.

— O sonho de todo homem — disse uma voz masculina. — Mas sinto muito.

Kylie reconheceu a voz de Trey antes mesmo de ver seus ombros largos e aspirar seu cheiro tipicamente masculino. Ignorando a dor que vê-lo tão perto lhe causaria, levantou os olhos.

— Não foi nada. John já fez isso antes.

Esforçou-se para não reparar nos cabelos castanhos de Trey caídos sobre a testa, em seus olhos verdes que pareciam hipnotizá-la, em sua boca que a tentava a inclinar-se e pressionar os lábios contra os dele.

— Então é verdade — suspirou ele.

— Como assim? — perguntou Kylie.

— Você e John estão juntos.

Kylie pensou em mentir. A ideia de fazê-lo sofrer lhe agradava. Agradava tanto que a fez se lembrar do joguinho idiota que seus pais vinham disputando ultimamente. Ah, não, ela não imitaria as criancices deles.

— Não estou com ninguém — disse, e começou a se afastar.

Ele a segurou. Aquele toque e o calor daquela mão em seu cotovelo enviaram ondas de agonia diretamente ao seu coração. Tão pertinho dele, seu cheiro bom e masculino a embriagava. Ah, meu Deus, como ela gostava daquele cheiro!

— Soube de sua avó — continuou Trey. — E Sara me contou que seus pais estão pensando em se divorciar. Lamento muito, Kylie.

Sentiu um bolo na garganta. Ela estava a ponto de desabar sobre o peito aconchegante de Trey e implorar para que a abraçasse. Nada, no momento, seria melhor que os braços de Trey em volta dela; mas então viu a garota, o brinquedinho sexual dele, aproximando-se com duas garrafas de cerveja nas mãos. Em menos de cinco minutos, Trey estaria enfiando a mão na sua calcinha. E, observando a blusa curtíssima e a saia minúscula que a garota exibia,

ele não teria muito trabalho.

— Obrigada — murmurou Kylie, indo para junto de Sara. Felizmente, o soldado Dude chegou à conclusão de que *margaritas* não faziam seu gênero e foi embora.

— Tome — disse Sara, tirando a cerveja das mãos de Kylie e substituindo-a por um copo de *margarita*.

O copo parecia mais frio do que o normal. Kylie inclinou-se um pouco e sussurrou:

— Viu por aí, há um minuto, um sujeito esquisito? Fantasiado de militar?

Sara fitou Kylie com um olhar de interrogação.

— Quanto dessa cerveja você já bebeu? — Sua gargalhada encheu o ar da noite.

Kylie apertou o copo gelado com mais força. Talvez estivesse mesmo ficando maluca. Misturar álcool com aquela situação absurda não devia ser uma boa ideia.

Uma hora mais tarde, quando três policiais de Houston entraram no quintal e puseram todos em fila diante do portão dos fundos, Kylie ainda tinha a mesma *margarita* intacta nas mãos.

— Vamos lá, garotada — disse um dos guardas. — Quanto mais cedo chegarmos à delegacia, mais depressa seus pais aparecerão para levá-los embora.

E foi então que Kylie não teve mais dúvidas: sua vida havia se tornado de fato uma merda. E alguém tinha dado a descarga.

— Onde está o meu pai? — perguntou Kylie à mãe quando ela entrou na delegacia. — Eu chamei o meu pai.

*É só me telefonar, meu bem.* Não foi o que ele disse? Então por que não estava ali para levá-la embora?

Os olhos verdes da mãe se apertaram um pouco.

— Ele me pediu pra vir.

— Eu queria o papai — insistiu Kylie. Precisava dele; seus olhos se encheram de lágrimas. Precisava de um abraço. Precisava de alguém que a compreendesse.

— Nem sempre temos tudo o que queremos, principalmente quando... Meu Deus, Kylie, como foi fazer isso?

Kylie enxugou as lágrimas do rosto.

— Eu não fiz nada. Não te contaram? Andei em linha reta pra provar que não estava bêbada. Fiz mais um teste de equilíbrio e disse o abecedário de trás pra frente. Não fiz nada.

— Acharam drogas lá — insinuou a mãe.

— Não usei drogas.

— E sabe o que *não* acharam lá, senhorita? — prosseguiu a mãe, com o dedo em riste. —

Pais. Você mentiu pra mim.

— Talvez eu tenha puxado a você — disse Kylie, ainda remoendo o pensamento de que o pai não tinha ido buscá-la. Ele devia saber o quanto ela estava aborrecida. Por que não foi buscá-la?

— O que você quer dizer com isso, Kylie?

— Você disse ao papai que não sabia o que tinha acontecido com a cueca dele. Mas tinha acabado de queimá-la na grelha.

A culpa invadiu os olhos da mãe e ela balançou a cabeça.

— A dra. Day está certa.

— O que a minha analista tem a ver com o que aconteceu hoje à noite? — indagou Kylie. — Não vá me dizer que a chamou. Deus do céu, mãe, se ela aparecer aqui, na frente dos meus amigos...

— Não, ela não vai aparecer. Mas não me refiro apenas a esta noite. — Respirou fundo. — Não posso fazer isso sozinha.

— Fazer sozinha o quê? — perguntou Kylie, com uma sensação ruim no estômago.

— Vou mandá-la para um acampamento de verão.

— Que acampamento? — exclamou Kylie, apertando a bolsa contra o peito. — Não, não quero ir pra acampamento nenhum.

— O que você quer não interessa. — Empurrou Kylie na direção da porta de saída. — Interessa é aquilo de que precisa. É um acampamento pra jovens problemáticos.

— Problemáticos? Você pirou de vez? Eu não tenho problemas — insistiu Kylie. Bem, não do tipo que um acampamento pudesse resolver. Ir para um lugar desses não traria o pai de volta, não faria o soldado Dude sumir e não faria Trey voltar com ela.

— Não têm problemas? Então por que estou aqui nesta delegacia, perto da meia-noite, tirando minha filha de 16 anos da cadeia? Sim, você irá para o acampamento. Vou fazer sua inscrição amanhã mesmo. Sem discussão.

*Não vou.* Ficou repetindo a frase para si mesma enquanto saíam da delegacia.

A mãe podia estar maluca, mas não o pai. Ele de maneira nenhuma deixaria que a mãe a enviasse para um acampamento cheio de delinquentes juvenis. Não deixaria.

Ou deixaria?...

# Capítulo 3

Três dias depois, Kylie, de mala na mão, viu-se no estacionamento da ACM, onde vários ônibus do acampamento recolhiam os delinquentes juvenis. Não podia acreditar que estava ali.

A mãe tinha conseguido.

E o pai tinha deixado.

Kylie, que só bebia uns dois golinhos de cerveja, que nunca havia realmente fumado um cigarro — e muito menos um baseado —, estava prestes a ser despachada para um acampamento para adolescentes problemáticos.

A mãe tocou seu braço.

— Acho que estão chamando você.

Não poderia haver um jeito mais rápido de a mãe se livrar dela. Kylie evitou o toque, irritada e tão magoada que já nem sabia o que fazer. Tinha pedido, implorado, chorado — nada funcionou. Iria para o acampamento. Odiava a ideia, mas não tinha outra escolha.

Sem dizer uma palavra à mãe e jurando que não choraria na frente de tantas pessoas, Kylie endireitou o corpo e caminhou para o ônibus atrás da mulher que empunhava uma placa onde se lia: ACAMPAMENTO SHADOW FALLS.

Droga. Para que tipo de buraco estava sendo levada?

Quando entrou no ônibus, os oito ou nove adolescentes que já estavam lá ergueram a cabeça e olharam para ela. Sentiu uma coisa estranha no peito e os calafrios surgiram novamente. Nunca, em seus dezesseis anos de vida, quis tanto dar meia-volta e sair correndo.

Fez um esforço para se conter e encarou... *meu Deus, o que era aquilo?*

Uma garota tinha pintado os cabelos de três cores diferentes: rosa, preto e verde-limão. Outra só usava preto — batom preto, sombra preta, calça preta e camisa de mangas compridas preta. O estilo gótico não tinha saído de moda? Onde aquela garota se inspirou para se vestir daquele jeito? Não sabia que as cores vibrantes estavam em alta? Que o azul era o novo preto?

E havia o carinha sentado bem na frente do ônibus. Tinha *piercings* nas duas sobrancelhas. Kylie olhou pela janela para ver se a mãe continuava lá. Sem dúvida, se ela lançasse um olhar para aquelas figuras, saberia que Kylie estava no lugar errado.

— Sente-se — disse alguém às suas costas.

Kylie virou-se e viu que era a motorista. Embora não tivesse reparado antes, percebeu

que ali até a motorista era esquisita. Seus cabelos grisalhos tingidos de violeta pareciam um capacete de futebol americano. Não que Kylie a censurasse por deixar as mechas espetadas alguns centímetros. A mulher era baixinha. Nanica. Kylie olhou para seus pés, quase esperando dar com botas verdes de duende. Mas não, nada de botas de duende.

Olhou para a frente do ônibus. Como aquela mulherzinha conseguia dirigir?

— Vamos, Vamos — disse a nanica. — Tenho que deixar vocês lá na hora do almoço, portanto vá andando.

Como todos os outros já estavam sentados, Kylie supôs que a mulher estivesse falando com ela. Deu alguns passos pelo corredor do ônibus, sentindo que sua vida jamais seria a mesma.

— Pode se sentar aqui comigo — disse uma voz. O garoto tinha cabelos loiros encaracolados, mais loiros até que os de Kylie, mas os olhos eram tão escuros que pareciam pretos. Deu um tapinha no assento vazio ao lado. Kylie tentou não olhar muito, mas aquela estranha combinação de claro/escuro era irresistível. Então o garoto arqueou as sobrancelhas como se... como se o fato de ela se sentar ao seu lado significasse que poderiam transar ou coisa parecida.

— Obrigada. — Kylie deu mais alguns passos, arrastando a mala, que se prendeu na fileira de assentos onde estava o garoto. Ela se virou para puxá-la.

Seu olhar se cruzou com o dele e Kylie conteve a respiração. O loiro agora tinha... olhos verdes! Olhos verdes brilhantes, muito brilhantes. Como aquilo era possível?

Engoliu em seco e observou as mãos dele. Talvez estivesse segurando uma caixinha de lentes de contato, que acabara de trocar. Nenhuma caixinha.

O jovem arqueou de novo as sobrancelhas e, quando ela percebeu que estava olhando para ele, procurou se apressar para desprender a mala.

Passado o calafrio, seguiu para assento que ela mesma tinha escolhido. Antes de se sentar, notou outro garoto atrás, sozinho. Esse tinha cabelos castanho-claros, repartidos de lado e descendo quase até as sobrancelhas escuras e os olhos verdes. Olhos verdes normais, mas a camiseta azul-clara do garoto os realçava.

Acenou com a cabeça para Kylie. Nada de muito esquisito, graças a Deus. Pelo menos, havia uma pessoa normal perto dela no ônibus.

Já sentada, olhou novamente para o carinha loiro. Mas ele não estava olhando para ela, por isso Kylie não pôde ver se a cor de seus olhos tinha ficado diferente de novo. Mas então reparou que a garota do cabelo tricolor tinha alguma coisa nas mãos.

Conteve mais uma vez a respiração. A garota segurava um sapo. Não uma rã — uma rã ainda seria admissível —, mas um sapo. Um sapo horroroso e coaxante. Que tipo de menina pintava os cabelos de três cores e levava um sapo para um acampamento? Que droga, talvez

fosse um daqueles sapos com alucinógeno na pele, que as pessoas lambem para ficar doidonas. Tinha ouvido falar deles num seriado de crimes idiota da televisão, mas sempre achou que fosse bobagem. Não sabia o que era pior: lamber um sapo para ficar doidona ou carregar um sapo por aí só para parecer extravagante.

Colocando a mala no assento vazio do lado, para que ninguém se sentisse tentado a ocupá-lo, Kylie suspirou fundo e olhou pela janela. O ônibus ia muito rápido, embora ela não imaginasse como a motorista conseguia alcançar os pedais.

— Sabe como chamam quem vai para o nosso acampamento? — A voz vinha do lado do assento onde estava a garota com o sapo.

Kylie supôs que não era com ela, mas ainda assim virou a cabeça. Como a garota olhava diretamente para o seu rosto, achou que tinha se enganado.

— Quem? — perguntou Kylie, tentando não parecer nem muito simpática nem muito antissocial. A última coisa que queria era irritar aquelas aberrações.

— Os caras que vão para os outros acampamentos. São seis acampamentos num raio de cinco quilômetros em Fallen. — Com as duas mãos, ela repuxou os cabelos tricolores para a nuca e os manteve assim por alguns segundos.

Kylie notou então que a garota não estava mais com o sapo. E não havia por perto nenhuma caixa ou coisa semelhante onde ela pudesse ter guardado o bicho.

Era só o que faltava. Dali a pouco um sapo com a pele cheia de alucinógenos poderia saltar em seu colo num piscar de olhos. Não que os sapos a matassem de medo ou coisa assim. Só não queria que pulassem em cima dela.

— De "osso duro de roer" — disse a garota.

— Por quê? — Kylie acomodou os pés na beira do assento, no caso de algum sapo aparecer saltitante por ali.

— O acampamento antes se chamava Bone Creek, que significa Riacho dos Ossos — explicou a garota —, por causa de uns ossos de dinossauro que acharam no local.

— Ah — interrompeu o carinha loiro —, também nos chamam de "osso duro"...

Ouviram-se risinhos maliciosos nos outros assentos.

— Qual é a graça? — resmungou a garota de preto num tom tão irritado que Kylie estremeceu.

— Não sabe o que é ter o osso duro? — continuou o Loirinho. — Então vem cá que eu te explico.

Quando ele se virou, Kylie viu de novo seus olhos. Mãe do Céu! Estavam dourados, da cor dos olhos de um felino. Lentes de contato "radicais", sem dúvida. Só lentes poderiam produzir um efeito daqueles.

A Garota Gótica se levantou como se fosse sentar ao lado do loiro.

— Não faça isso — disse a Garota do Sapo, sem o sapo, levantando-se também e cruzando o corredor até a Garota Gótica, para sussurrar alguma coisa em seu ouvido.

— Que merda! — A Garota Gótica voltou a se sentar. Em seguida, olhou para o Loirinho e lhe apontou uma unha pintada de preto. — Nem pense em me aborrecer. Como coisas maiores que você na calada da noite.

— Alguém aí falou em calada da noite? — A voz vinha dos fundos do ônibus.

Kylie se virou para ver de quem era a voz.

Outra garota, em quem Kylie não tinha reparado, levantou-se. Tinha cabelos muito pretos e usava óculos de sol quase da mesma cor. Sua pele é que a fazia parecer anormal. Pálida. Sem cor.

— Vocês sabem por que mudaram o nome do acampamento para acampamento Shadow Falls? — perguntou a Garota do Sapo.

— Não — disse alguém na frente do ônibus.

— Por causa da lenda indígena de que, no crepúsculo, se você ficar de pé debaixo da cachoeira, pode ver as sombras dos anjos da morte dançando.

*Anjos da morte dançando?* Que havia de errado com aquela gente?

Kylie agitou-se no assento. Seria um pesadelo? Talvez parte de seus terrores noturnos? Afundou-se no estofamento macio e tentou acordar dos sonhos do jeito que a dra. Day tinha ensinado.

*Concentração. Concentração.* Inspirou fundo pelo nariz e expirou pela boca — cantarolando baixinho, ao mesmo tempo, *É apenas um sonho, não é real, não existe.*

Ou não estava dormindo ou sua concentração tinha embarcado no ônibus errado. Preferia muito mais sonhar num ônibus diferente. Ainda incapaz de acreditar nos próprios olhos, começou a observar os outros passageiros. O Loirinho se virou para ela e suas pupilas eram negras de novo.

*De arrepiar.* Ninguém mais ali percebia que aquilo não era normal?

Virando-se de novo no assento, olhou para o garoto que havia considerado o mais normal de todos. Seus suaves olhos verdes, que lembravam os de Trey, encontraram-se com os dela. Em seguida, ele encolheu os ombros. Kylie não sabia exatamente o que significava o gesto, mas de fato o garoto não parecia nada esquisito — o que, de certo modo, o tornava tão esquisito quanto os demais.

Kylie se recostou no banco e, tirando o celular da bolsa, começou a digitar uma mensagem para Sara. *Me ajude! Enfiada num ônibus cheio de monstros. Monstros de verdade!*

Kylie recebeu a resposta de Sara quase imediatamente: *Não, você é que precisa me ajudar. Acho que estou grávida.*

# Capítulo 4

— Que droga! — Kylie olhou novamente para a mensagem de texto imaginando que ela fosse desaparecer ou esperando que uma "brincadeirinha" fosse aparecer num passe de mágica no final. Nada desapareceu nem apareceu. Não era uma brincadeirinha.

Mas espere um pouco. Sara não podia estar grávida. Isso não acontecia com garotas como ela. Garotas espertas... garotas que... Ah, bobagem! Isso acontece com qualquer garota que transa sem camisinha. Ou transa com camisinha vagabunda.

Como poderia esquecer aquele filminho da escola que a mãe lhe recomendou? Ou os folhetos que a mãe tinha levado para casa e, sem nenhuma cerimônia, deixado sobre o travesseiro de Kylie como se fossem biscoitinhos para a hora de dormir?

Um balde de água fria. Kylie voltava para casa depois de um dos encontros mais quentes com Trey, querendo reviver o melhor dos beijos excitantes e das carícias ousadas, apenas para se deparar com estatísticas de gravidez e doenças venéreas indesejadas. E a mãe sabia que Kylie só dormia depois de ler um pouco. Naquela noite, não houve doces sonhos.

— Más notícias? — perguntou alguém.

Kylie ergueu a cabeça e viu a Garota do Sapo ocupando o assento vizinho do outro lado do corredor, com as pernas junto ao peito e o queixo sobre os joelhos.

— Hum... sim... não. Quer dizer... — Queria dizer que aquilo não era da conta dela, mas ser grossa nunca foi seu forte. Bem, a menos que a pessoa realmente pisasse nos seus calos, calos que sua mãe parecia conhecer muito bem. Sara tinha dado à incapacidade de Kylie de ser mal-educada o nome de síndrome da "boa moça". A mãe chamaria de boas maneiras; mas, como era mestra em causar reações explosivas em Kylie, achava que a filha tinha lá suas falhas nesse departamento.

Kylie fechou apressadamente o celular para o caso de a Garota do Sapo ter uma visão aguçada demais. Mas concluiu que devia se preocupar mais com a visão aguçada do carinha loiro, com seus... Virou-se para o lado dele — e ele a olhava com olhos... azuis! Bem, pelo menos uma coisa estava clara: nada ali poderia ficar mais esquisito do que já era.

— Sério, não é nada — disse, forçando-se a olhar para a Garota do Sapo sem reparar em seus cabelos multicoloridos. O ônibus freou de repente e a mala de Kylie caiu no chão. Ciente de que o loiro continuava de olho e com receio de que o assento vazio fosse um convite para ele se aproximar, apressou-se a recolocar a mala na poltrona.

— Meu nome é Miranda — sorriu a garota. Kylie notou então que, tirando o cabelo e o sapo de estimação, ela parecia bem normal.

Kylie se apresentou, olhando rapidamente para confirmar que não havia ali nenhum sapo.

— É a sua primeira vez em Shadow Falls? — perguntou Miranda.

Kylie assentiu com a cabeça.

— A sua também? — Fez a pergunta por mera educação e olhou de novo para o celular, que ainda apertava contra a barriga. Precisava responder à mensagem de Sara, dizendo... meu Deus, o que iria dizer a Sara? O que é que se diz à melhor amiga depois de ouvir que ela talvez esteja...

— Não, esta é minha segunda vez. — Miranda puxou os cabelos para cima e os enrolou no alto da cabeça. — Não sei por que me querem de volta lá. A primeira vez não me ajudou em nada.

Kylie desistiu de redigir mentalmente o texto e fixou os olhos castanhos da garota — olhos que ainda não haviam mudado de cor. Curiosa, perguntou, quase gaguejando:

— E como... como é lá? O acampamento, quero dizer. Não me diga que é uma droga.

— Não chega a ser terrível. — Soltou os cabelos, que desabaram em volta de sua cabeça como ondas negras, rosa e verde-limão. Em seguida, olhou para o fundo do ônibus, onde a garota pálida, agora de pé, inclinava-se para a frente como se estivesse ouvindo algo. — Quer dizer, se você não tem medo de ver sangue — completou, num sussurro.

Kylie deu um sorrisinho, esperando sem muita convicção que Miranda fizesse o mesmo. Mas não. Miranda nem sequer moveu os lábios.

— Você está brincando, né? — O coração de Kylie deu cambalhotas no peito.

— Não, não estou, não — garantiu ela, muito séria. — Mas talvez tenha exagerado um pouco.

Alguém limpou a garganta tão alto que o som ecoou pelo ônibus. Kylie olhou para a frente e deu com a motorista espiando pelo retrovisor. Kylie teve a estranha sensação de que o alvo daquele olhar eram ela e Miranda.

— Pare com isso! — exclamou Miranda em voz baixa, tapando os ouvidos com as mãos. — Eu não te convidei!

— Parar com o quê? — perguntou Kylie. O comportamento bizarro da garota fez com que ela se afastasse um pouco. — Não me convidou para o quê?

Miranda não respondeu; correu para a frente do ônibus e voltou em seguida.

Então Kylie chegou à conclusão de que estava errada: errada na conclusão de que as coisas não podiam piorar.

Podiam, sim. E pioraram.

*Não chega a ser terrível. Quer dizer, se você não tem medo de ver sangue.* As palavras de Miranda vibravam como música de filme de terror na cabeça de Kylie. Certo, a garota admitiu ter

exagerado; mas, convenhamos, mesmo um pouquinho de sangue já é demais. *Para que espécie de inferno minha mãe está me mandando?*, perguntou a si mesma, talvez pela centésima vez desde que entraram no ônibus.

Nesse momento seu celular tocou e um texto apareceu na tela. Sara, de novo. *Por favor, não diga nada... você já disse.*

Kylie deixou de lado seus próprios problemas para pensar somente na melhor amiga. Os últimos meses talvez tivessem sido ruins, mas as duas eram amigas desde o quinto ano. Sara precisava dela.

Começou a digitar. *Fl sério, nem pensei nisso! Não sei o q dizer. Vc tá ok? Seus pais sabem? Vc sabe quem é o pai?* Deletou a última pergunta. Sara sabia quem era o pai, é claro. Um dos três garotos, obviamente. A menos que tivesse mentido sobre o que tinha feito com os dois últimos namorados.

Ah, meu Deus, Kylie só conseguia pensar na melhor amiga. Mesmo considerando as terríveis circunstâncias em que se encontrava — o divórcio dos pais, a morte da avó e a perspectiva de ficar acampada com um bando de gente esquisita no "sangrento" Shadow Falls —, a situação de Sara era pior.

Dali dois meses, por pior que pudessem estar as coisas, Kylie estaria de novo em casa. Então, esperava, já teria superado o choque de perder o pai e a avó. Além disso, no fim do verão, talvez o soldado Dude não mais se interessasse por ela, desaparecendo para sempre. Mas, em dois meses, Sara estaria com a barriga do tamanho de uma bola de basquete.

Será que Sara voltaria para a escola? Nossa!, isso ia ser bem constrangedor. Para Sara, aparência era... tudo. Se sombra azul estivesse na moda, podia apostar que Sara apareceria com sombra azul antes do final da semana. Caramba, ela perdeu vários dias de aula só porque uma espinha apareceu na ponta do seu nariz! Não que Kylie gostasse de ir à escola com uma espinha gigante na cara, mas, fala sério, uma espinhazinha todo mundo tem de vez em quando.

Mas grávida nem todo mundo fica.

Kylie mal podia imaginar o que Sara estaria enfrentando.

Releu o texto, acrescentou um coraçãozinho e enviou. Enquanto aguardava a resposta de Sara, concluiu que nunca tinha se sentido tão feliz quanto agora por não ter transado com Trey.

— Dez minutos para ir ao banheiro — anunciou a motorista do ônibus.

Kylie ergueu os olhos do celular e viu a loja de conveniência. Não estava apertada, mas, como não sabia quanto tempo ainda duraria a viagem, guardou o celular na bolsa e se

levantou para seguir os demais.

Mal deu dois passos e alguém a segurou pelo braço. Uma mão gelada. Kylie estremeceu e se virou.

A garota pálida olhava fixamente para ela. Ou, pelo menos, foi o que imaginou. Com aqueles óculos de sol quase pretos não dava para ter certeza.

— Você está quente — disse a garota, como que surpresa.

— E você está fria — retrucou Kylie, soltando o braço.

— Nove minutos — insistiu a motorista com voz firme, apressando Kylie.

Desceu do ônibus, sentindo o olhar da Garota Pálida às suas costas. Aberrações. Teria de aguentar aquelas aberrações durante todo o verão. Aberrações geladas. Tocou o braço no lugar onde a garota o segurara e podia jurar que o frio continuava lá.

Cinco minutos depois, bexiga vazia, voltava para o ônibus quando viu dois garotos comprando bebidas. A Garota Gótica virou-se para ela, no começo da fila. Então o cara dos *piercings*, que se sentava na frente, passou bem perto de Kylie sem dizer uma palavra. Kylie resolveu comprar chicletes e, depois de encontrar seu sabor favorito, entrou na fila. Ao ouvir alguém se aproximando às suas costas, voltou-se para ver se era a Garota Pálida de novo. Não, era o garoto dos fundos, o de suaves olhos verdes e cabelos castanhos. O que lembrava Trey.

Seus olhares se encontraram.

E ficaram assim por algum tempo.

Kylie não sabia muito bem por que ele a fazia se lembrar de Trey. Sem dúvida os olhos eram parecidos, mas havia algo mais. Talvez o modo como a camiseta caía sobre os ombros e aquele ar de... distanciamento. Trey não tinha sido a pessoa mais fácil que ela conhecera. Se os dois não tivessem sido escolhidos para ser parceiros de laboratório na aula de ciência, muito provavelmente jamais teriam namorado.

Alguma coisa naquele garoto também parecia difícil de entender. Especialmente porque ele nunca falava. Kylie já ia lhe dando as costas quando ele arqueou as sobrancelhas numa espécie de saudação breve. Seguindo seu exemplo, arqueou também as suas e só então se virou.

Logo adiante, Miranda e a Garota Pálida conversavam junto à porta, olhando diretamente para Kylie.

Estariam tramando algo contra ela?

— Só me faltava essa — murmurou.

— Estão apenas curiosas — sussurrou uma voz tão perto de seu ouvido que ela sentiu o calor das palavras no pescoço.

Olhou por cima do ombro. Assim tão de perto, podia ver realmente seus olhos e

descobriu que tinha se enganado. Não eram os olhos de Trey. Esse garoto tinha pequenas estrias douradas em volta das pupilas.

— Curiosas a respeito de quê? — perguntou Kylie, procurando não encará-lo.

— De você. Estão curiosas para saber quem você é. Talvez, se se abrisse um pouco mais...

— Se eu me abrisse? — Essa é boa. Vinha se esforçando para se convencer de que ele era normal e agora o garoto começava a agir como se fosse ela a antissocial. — As únicas pessoas que falaram comigo foram o loiro, Miranda e a outra, e tratei todos bem.

O garoto arqueou para ela a outra sobrancelha. E, por algum motivo, aquilo a irritou.

— Você tem um tique nervoso ou coisa parecida? — perguntou e logo mordeu a língua. Talvez estivesse superando a síndrome da "boa moça". Sara ficaria orgulhosa. Já a mãe... bem, nem tanto.

*A mãe.*

A imagem da mãe de pé no estacionamento cruzou o cérebro de Kylie.

— Acho que você não sabe... — prosseguiu ele. Seus olhos se arregalaram, fazendo com que as estrias douradas parecessem faiscar.

— Não sei o quê? — perguntou Kylie, mas toda a sua mente estava concentrada na mãe. No fato de ela nem sequer ter-lhe dado um abraço de despedida. Como pôde fazer isso com a filha? Por que seus pais haviam decidido se separar? Por que coisas assim tinham que acontecer? O nó na garganta que ela tanto conhecia começou a se formar.

O garoto olhou para a porta e, acompanhando seu olhar, Kylie constatou que Miranda e a Garota Pálida ainda estavam lá. Os três já teriam frequentado o acampamento? Eram amiguinhos e ela a grande novidade do dia? A novata de quem iam pegar no pé?

A mulher do caixa resmungou:

— E, então, vai pagar os chicletes?

Kylie se virou, depositou o dinheiro no balcão e saiu sem pegar o troco. Passou de queixo erguido por Miranda e a outra garota, sem piscar. Não piscou com receio de que o tremor das pálpebras abrisse caminho para as lágrimas.

Não que a atitude arrogante daqueles caras a fizesse querer chorar. Queria chorar por causa da mãe, do pai, da avó, de Trey, do soldado Dude e, agora, de Sara. Pouco importava se aquelas aberrações gostassem dela ou não.

# Capítulo 5

Uma hora depois, o ônibus entrava num estacionamento. Kylie avistou a placa "Shadow Falls" logo adiante. O medo fez seu estômago se contrair. Olhou em volta, quase surpresa por não ver cercas de arame e um portão com cadeado. Afinal, os hóspedes eram considerados adolescentes "problemáticos".

Ouviu o motor sendo desligado. A motorista saltou do banco e estirou os bracinhos curtos sobre a cabeça. Kylie ainda não sabia como ela alcançava os pedais.

— Somos o último ônibus a chegar, minha gente — disse a baixinha. — Estão todos esperando no refeitório. Deixem suas coisas no ônibus que alguém irá levá-las para suas cabanas.

Kylie olhou para sua mala. Não tinha posto etiqueta. Como saberiam que era dela? Resposta fácil: não saberiam. Droga, se levasse a bagagem com ela correria o risco de arranjar encrenca por não seguir as regras; se não levasse, poderia perder todas as suas roupas.

Não, as roupas ela não perderia. Pegou a mala.

— Eles levam pra você — disse Miranda.

— Não tem meu nome — explicou Kylie, tentando não ser rude.

— Eles vão descobrir. Vai por mim — garantiu Miranda, querendo ser simpática.

Mas Kylie iria acreditar nela? *Claro que não*.

De repente, o garoto de olhos verdes parecido com Trey avançou pelo corredor.

— Pode acreditar — disse.

Kylie o encarou. Não punha fé em Miranda, mas algo naquele garoto inspirava confiança. Ele vasculhou os bolsos, tirou dali algumas moedas e as colocou nas mãos de Kylie.

— Com licença — disse a Garota Gótica, passando à frente de Miranda.

Kylie olhou para as moedas.

— Seu troco da loja. — O garoto lhe fez sinal para que passasse na frente dele no corredor.

Kylie pôs o dinheiro na bolsa e se dirigiu para a saída. Os passos dele vinham logo atrás. Estava bem atrás dela. Sentia-o se aproximar cada vez mais, tocando-a com o ombro.

— Ah, se me permite, meu nome é Derek.

Atenta àquela voz profunda atrás de si, não viu o Loirinho saltar para o corredor. Caminhando a passos curtos, concluiu que tinha duas chances. Avançar até o Loirinho ou

recuar para Derek. Escolha fácil: as mãos de Derek pegaram-na pelos braços e seus dedos pressionaram sua pele nua logo acima dos pulsos.

Ela olhou por cima do ombro e seus olhares se encontraram.

Ele sorriu.

— Está tudo bem?

Sorriso maravilhoso. Como o de Trey. O coração de Kylie deu um pequeno salto. Meu Deus, ela tinha perdido Trey!

— Está, sim. — Afastou-se, mas não sem antes sentir bem o toque quente de Derek. Por que aquilo parecia importante, não sabia; mas o toque gelado da garota pálida havia deixado uma impressão igualmente estranha.

Saíram do ônibus e se encaminharam para uma vasta estrutura semelhante a um grande galpão. Antes de entrar, ela ouviu uma espécie de rugido. Como o de um leão. Parou para ouvir de novo e Derek se aproximou.

— É melhor entrar — aconselhou ele num sussurro.

O estômago de Kylie se revirou de medo. Ao ultrapassar a soleira, sentiu que, de algum modo, sua vida mudaria para sempre.

Cerca de cinquenta ou sessenta pessoas enchiam o enorme salão do refeitório com suas grandes mesas de piquenique paralelas umas às outras. No ar, um cheiro de carne de porco com feijão e hambúrgueres fritos. Alguns jovens estavam sentados, outros de pé.

Havia ali alguma coisa estranha, fora de lugar. Depois de um minuto, Kylie descobriu o que era. O silêncio. Ninguém falava. Se aquela fosse a lanchonete da sua escola, Kylie não conseguiria ouvir nem sequer o que estivesse pensando. E era o que todos pareciam estar fazendo: pensando.

Um olhar rápido para a multidão convenceu Kylie mais uma vez de que estava no lugar errado. Havia por ali muito do que sua mãe chamaria de "indícios de rebelião". Kylie também se rebelava, é certo. Mas fazia isso de maneira menos ostensiva: não com roupas ou coisa parecida e sim com o seu ambiente. Como quando ela e Sara tinham pintado seu quarto de roxo, sem permissão. A mãe surtou.

Já para aqueles jovens não bastava pintar quartos, eles exibiam sua rebeldia às claras. Por exemplo, Miranda com seus cabelos coloridos ou o garoto do ônibus com suas argolas no nariz e *piercings*. Observando bem o local, Kylie percebeu dois caras tatuados e de cabeças raspadas. E havia mais gente com trajes góticos. Sem dúvida, o preto não tinha saído de moda entre os adolescentes perturbados.

Uma sensação ruim deslizou pela espinha de Kylie. Talvez tivesse convivido com Sara por tempo demais, mas a verdade era que, obviamente, não pertencia àquele lugar. Mas, ao contrário de Sara, não fazia nenhuma questão de se entrosar com aquela gente.

*Dois meses. Dois meses.* Repetia para si mesma essas palavras como uma ladainha. Em dois meses, estaria longe dali.

Kylie seguiu o Loiro até uma mesa vazia nos fundos. E ao chegar, constatou que todos os seus companheiros de viagem haviam se reunido. Não é que se sentisse parte do grupo; nem sequer tinha olhado para alguns deles — mas, convenhamos, mais vale um esquisitão conhecido do que um desconhecido.

Subitamente, Kylie sentiu que as pessoas se viravam para olhá-la. Ou para olhar todo mundo? Os novatos estavam em exposição. Os olhares do grupo se transformaram numa série de espiadelas frias com íris de cores diferentes, mas expressões semelhantes e muito franzir de sobrancelhas.

Perplexa, olhou para Derek, depois para Miranda e até para a Garota Pálida e o Loirinho. Eles também estavam olhando para ela. Franziu a testa. Não de maneira grotesca nem tão espalhafatosa quanto Sara ao revirar os olhos e franzir a testa, apenas uma ligeira contração.

Como Derek tinha feito na loja de conveniência.

O que estava acontecendo com as sobrancelhas daquela gente?

Observando de novo a multidão e esforçando-se para não baixar a cabeça, procurou encará-los. Ia enfrentá-los. Não queria ser a coitadinha. Aquela que sempre ficava por baixo. E se isso a tornava parecida com Sara, que fosse.

— Parece que estamos todos aqui — disse uma voz feminina lá na frente.

Kylie tentou descobrir o rosto por trás da voz, mas seu olhar se chocou com outro — um olhar frio, brilhante, vindo de uns olhos azuis que de algum modo se destacavam do resto. Tentando não se fixar só nos olhos, Kylie reparou nos cabelos pretíssimos do garoto. Eram daquela cor mesmo, lembrava-se.

Lembrava-se dele.

Lembrava-se... do seu gato.

— Não pode ser — murmurou baixinho.

— O que é que não pode ser? — perguntou Derek.

— Nada. — Kylie se obrigou a olhar para a frente, onde a mulher falava como se estivesse cantarolando.

— Bem-vindos ao Acampamento Shadow Falls. Nós...

A mulher, provavelmente na casa dos vinte anos, tinha longos cabelos ruivos que chegavam quase até a cintura. Vestia calça jeans e camiseta amarela berrante. A seu lado, estava outra mulher mais ou menos da mesma idade, mas, Deus do céu, era gótica! Toda de preto. Até os olhos pareciam pretos. Alguém ali devia, realmente, assinar uma ou duas revistas de moda.

Kylie observou a Garota Gótica do ônibus — que, por sua vez, observava a Mulher Gótica com admiração.

— Meu nome é Holiday Brandon e esta é Sky Peacemaker.

Nesse momento a porta se abriu e dois homens entraram. Tinham todo o jeito de ser advogados ou de alguma outra profissão séria que exigia trajes escuros.

Kylie notou que as duas mulheres, lá na frente, estremeceram ao ver os visitantes. Teve a impressão de que aqueles dois não eram esperados. De que nem sequer eram bem-vindos.

Sky, a líder gótica, adiantou-se e levou os recém-chegados para fora, enquanto Holiday continuava com sua voz cantarolante:

— Muito bem. Primeiro, vamos separar os novatos dos veteranos. Quem já esteve aqui antes vá lá para fora. Vocês encontrarão assistentes com seus horários e os números das cabanas. Como sempre, as regras estão expostas em todos os alojamentos. Esperamos que as leiam. E que uma coisa fique clara desde já: não vamos trocar ninguém de cabana. Vocês estão aqui para obedecer e farão isso. Se surgir algum problema sério, falem comigo ou com a Sky; discutiremos o assunto, mas não antes de 24 horas. Perguntas?

Alguém da frente levantou a mão.

— Sim — uma voz feminina ecoou pela sala —, quero perguntar uma coisa.

Kylie se inclinou para a direita a fim de ver a garota. Esta, outra gótica, virou-se para Kylie.

— Não tem nada a ver com as regras, mas... gostaria de saber quem é essa garota.

E apontou... diretamente para a mesa onde Kylie estava. Seria para Kylie? Não, não podia ser.

Mas, que droga, era! Ela estava apontando diretamente para Kylie.

— Merda! — sussurrou, enquanto uns sessenta pares de olhos se voltavam ao mesmo tempo para encará-la.

# Capítulo 6

— Relaxe — disse Derek em voz tão baixa que, Kylie teve certeza, ninguém mais ouviu. Nem mesmo ela tinha conseguido ouvir direito por causa das batidas do seu próprio coração.

— As apresentações serão feitas na hora do almoço — disse uma voz feminina. Kylie achou que era Holiday de novo, mas não tinha certeza. Todos continuavam olhando. Olhando para ela. Sua mente e seu coração dispararam. Sons confusos retiniram em seus ouvidos.

Desviou o olhar para a porta, lutando contra a vontade de sair correndo. Correndo pra valer. Mas não, nunca tinha sido boa na corrida e muitas aberrações estavam entre ela e a saída. Então, coisa curiosa, lembrou-se de algo que ouvira sobre os animais selvagens. Se você corre, eles pensam que você é o seu jantar e irão persegui-lo.

*Duas vezes merda!* Tudo bem, é só respirar fundo. De novo. Seus pulmões se dilataram. Aqueles não eram animais selvagens, apenas adolescentes desajustados.

Nesse instante o celular de Kylie tocou anunciando nova mensagem. Provavelmente Sara. Kylie ignorou. E, pela primeira vez, achou que talvez tivesse errado ao considerar a situação da amiga pior que a sua. Não estava cem por cento certa disso, mas algo lá no fundo lhe dizia que aquilo não era o mesmo que ir a uma festinha do Mark Jameson.

Mas o que mais podia ser?

*E por quê?* Por que, entre tanta gente estranha na sala, ela tinha sido escolhida? Era porque não arqueava as sobrancelhas? Ora, podia fazer isso tão bem quanto qualquer pessoa. Aliás, começaria a praticar logo que ficasse sozinha. O problema era que não entendia bem o significado do gesto. Seria a versão de Shadow Falls de um aperto de mão secreto?

— Vamos, vamos com isso! — retomou a voz cantarolante. — Veteranos, para fora. Novatos, fiquem onde estão.

Kylie sentiu um ligeiro alívio quando as pessoas pararam de olhá-la e começaram a se movimentar, pegando bolsas e mochilas. Ou pelo menos algumas pararam. Kylie virou-se para a direita e notou que o garoto de cabelos pretos e olhos azuis brilhantes continuava imóvel, olhando para ela. *Lucas Parker.* Lembrou-se do nome, embora já houvesse passado muito tempo desde que o vira pela última vez.

*Graças a Deus foram embora*, lembrava-se das palavras do pai. *Podem ter certeza, aquele garoto ainda será um serial killer.* Kylie sentiu o coração se comprimir e estremeceu. Haveria mesmo um possível assassino no acampamento?

Seria mesmo ele? Bem, talvez estivesse enganada. Que droga! Já fazia uns dez anos. Calafrios percorreram sua espinha. Então o garoto se virou e foi se juntar ao grupo dos veteranos que saíam.

Miranda deu alguns passos, parando diante de Kylie.

— Boa sorte — disse. Kylie não sabia se ela estava zombando ou falando sério, então respondeu apenas com um aceno de cabeça.

O garoto loiro, vindo logo atrás, riu para Kylie.

— Eu não queria estar no seu lugar — disse em tom de brincadeira e saiu atrás de Miranda.

Firmando os joelhos para não desabar, Kylie só voltou a si quando pelo menos metade da turma já tinha saído. De seus conhecidos do ônibus, só ficaram a Garota Pálida, a Garota Gótica, Derek e o sujeito dos *piercings*.

— Muito bem — disse Holiday. — Agora, quem souber por que está aqui vá para a esquerda. Quem não souber, para a direita.

Kylie se lembrou de ter sentido que aquilo era pior do que ir para a delegacia e começou a se movimentar para a direita; mas, vendo que todos se dirigiam para a esquerda e não querendo ser de novo o alvo de todos os olhares, foi para junto de Derek.

Ele lhe lançou um olhar incrédulo. Decidida a praticar a "coisa das sobrancelhas", Kylie franziu a testa.

Notou então que apenas quatro pessoas haviam se dirigido para o lado direito da sala. Uma delas era o sujeito dos *piercings*.

Holiday examinou os dois grupos e Sky, entrando, ficou ao lado da líder de cabelos ruivos.

— Os da direita venham comigo. Sky conversará com os outros.

Holiday deu alguns passos e parou, olhando por cima do ombro. E, fixando Kylie diretamente, disse:

— Acompanhe-me, Kylie.

Espantada pelo fato de a mulher saber seu nome, balançou a cabeça.

— Sei por que estou aqui — mentiu.

— Sabe mesmo? — perguntou Holiday.

Decidida a ir até o fim, respondeu:

— Fui pega numa festa onde havia drogas.

Risinhos chegaram aos ouvidos de Kylie.

Holiday fez cara feia para os gozadores e com um gesto ordenou que Kylie a seguisse.

— Será porque meus pais vão se divorciar? — indagou então, desesperada.

Holiday não disse nada e nem precisava. O olhar que lançou a Kylie era o mesmo olhar

"não discuta" da mãe. E a única vez que Kylie discutiu, ficou de castigo por um mês. Seguiu então Holiday e cruzou a porta com as outras quatro pessoas.

Quando passaram pelo grupo que já estava lá fora, Kylie percebeu que todos os olhares se voltavam para ela. Miranda acenou e murmurou "boa sorte". Por algum motivo, Kylie suspeitou que as intenções da garota talvez fossem verdadeiras.

Percebeu, em seguida, Lucas Parker ao lado da garota gótica que há pouco tinha levantado a mão para perguntar sobre ela. Suas cabeças estavam muito próximas e os dois sussurravam, olhando para Kylie como se ela fosse uma estranha no ninho. Kylie não podia deixar de concordar com eles. Notou então que Lucas também estava usando roupas góticas. Pelo menos, sua camiseta era preta — e lhe caía perfeitamente, ajustando-se como uma luva à parte superior do peito esbelto, mas musculoso. Que injustiça, os garotos não precisavam seguir a moda para parecer bem!

Ao se dar conta de que estava olhando demais para os músculos de Lucas e de que a garota gótica tinha nos lábios um sorriso malévolo, virou-se para o outro lado e fingiu que não tinha notado aquela reação. Ah, se pudesse fingir que nada daquilo estava acontecendo! Nesse instante, o sujeito dos *piercings* emparelhou-se com ela. Kylie olhou para ele e tentou sorrir. Podiam ser estranhos, mas pelo menos tinham vindo no mesmo ônibus e ele parecia tão perdido quanto ela.

Ele se inclinou para Kylie:

— Você não trouxe drogas, trouxe?

Kylie ficou de queixo caído, chocada e mortificada. *Atire em mim.* Acabe comigo de uma vez. Por causa de seu pequeno deslize no refeitório, agora todo mundo a considerava uma drogada.

Holiday, cabelos ruivos cascateando pelas costas, os levou para uma pequena cabine, logo atrás do refeitório. Do portal de madeira, pendia uma placa com os dizeres ESCRITÓRIO DO ACAMPAMENTO. Kylie e os outros quatro a seguiram até um recinto nos fundos que mais parecia uma sala de aula.

— Sentem-se, garotos. — E Holiday se debruçou sobre a mesa da frente, aguardando que todos se acomodassem.

A mulher não tirava os olhos dela um instante, como se Kylie estivesse pensando em fugir. E, para crédito de Holiday, essa ideia realmente havia lhe ocorrido mais de uma vez. Por isso mesmo tinha se sentado na cadeira mais próxima da porta.

Alguma coisa, porém, a impedia de dar o fora, além do fato de nunca ter sido muito boa em corridas. Sem falar no medo de ser apanhada tentando fugir.

Curiosidade.

Por motivos que desconhecia, Kylie pressentia que Holiday sem dúvida iria explicar o que estava acontecendo. E Kylie precisava desesperadamente de uma explicação.

— Muito bem — começou Holiday, oferecendo a todos um sorriso que pretendia ser tranquilizador. Mas só um sorriso não tranquilizaria Kylie.

— O que vou dizer será um alívio para muitos de vocês, pois, lá no fundo, já sabem que têm algo... diferente. Alguns souberam disso a vida toda e outros só encontraram seu destino há pouco tempo; mas, seja como for, o que vou dizer talvez pareça chocante. — Os olhos de Holiday se desviaram para Kylie. — Vocês, meninos e meninas, estão aqui porque são especiais. Talentosos.

Holiday fez uma pausa e Kylie esperou que alguém arriscasse a pergunta. Como ninguém disse nada, ela própria arriscou:

— Defina "especial".

— Todos já lemos sobre criaturas sobrenaturais, lendárias, e desde a infância nos dizem que elas não existem. Mas, na verdade, existem, sim. Neste mundo, nem todos são iguais. Alguns são muito diferentes dos outros. Alguns nasceram assim, outros foram transformados. Mas, não importa o que aconteceu a vocês, se estão aqui é porque este é o seu destino. Um destino escolhido por vocês mesmos.

— Espere um pouco — disse Kylie sem poder se conter. — Está querendo dizer que... que coisas como... como...

— Os vampiros existem? — perguntou o carinha dos *piercings*. — Ai, que merda! Eu sabia que não era maluco. Por isso fiquei tão doente.

Kylie se esforçou para não rir. Ela tinha a intenção de falar em anjos ou coisas assim, mas aquilo... era pura bobagem. O garoto sem dúvida tinha se entupido de drogas. Ninguém ignorava que... vampiros e besteiras do gênero não existiam.

Aguardou que Holiday corrigisse o sujeito. Mas esperava algo mais. Durante essa segunda pausa, Kylie lembrou-se de como era frio o toque da Garota Pálida. Lembrou-se do Loiro mudando o tempo todo a cor dos olhos. Lembrou-se do sapo de Miranda que desapareceu. Não. Não comece com isso...

— Você está certo, Jonathon — assegurou Holiday. — Os vampiros existem. E, sim, você se transformou num deles a semana passada.

— Eu sabia que não eram apenas sonhos — disse a outra garota. — O lobo com que sonhei... parecia tão real!

Holiday assentiu.

— Não. — Kylie levantou a mão e sacudiu a cabeça com tanta força que seus cabelos louros lhe golpearam o rosto dos dois lados. — Não posso acreditar nisso.

Holiday fitou-a.

— Não estou surpresa, Kylie, com sua incredulidade.

— O que eu sou? — interrompeu outra garota de cabelos amarelos.

*O que eu sou?* A pergunta intrigou Kylie. Não que ela própria tivesse a menor vontade de fazê-la. Não acreditava naquelas bobagens. *Eu não acredito.*

Holiday lançou um sorriso amistoso para a garota.

— Sua mãe biológica foi uma fada. Você tem o dom da cura. E acho que já sabia disso.

Os olhos da garota se arregalaram com o que parecia uma sensação de alívio.

— Sim, curei minha irmãzinha, não foi? Meus pais pensaram que eu estava louca — disse ela. — Mas sei que fiz aquilo. Eu soube no momento em que aconteceu.

Holiday a olhou, compreensiva.

— Essa é, muitas vezes, a pior parte. Saber o que sabemos sem poder compartilhar com ninguém. Infelizmente, poucas criaturas humanas comuns nos aceitam como somos. É também por isso que você está aqui: para aprender a usar seus dons e viver num mundo normal.

A cabeça de Kylie dava voltas. Lembrou-se das coisas estranhas que vinham acontecendo — o reaparecimento dos terrores noturnos e... o soldado Dude, o cara que só ela conseguia ver. O pânico começou a confundir sua lógica. Fechou os olhos e tentou desesperadamente acordar. Aquilo só podia ser um sonho.

— Kylie? — A voz de Holiday a fez abrir os olhos. — Sei que, para você, isso é difícil de aceitar.

— Mais que difícil. Impossível. Não acredito...

— Mas tem medo de perguntar, não é? Medo de perguntar por que está aqui, pois, lá no fundo, sabe que pertence a este lugar.

*O que sei é que meu pai e minha mãe não me querem. Por isso estou aqui.*

— Eu não deveria ter vindo — disparou Kylie. — Nunca sonhei com lobos. O que tenho são terrores noturnos. Mal consigo me lembrar do que sonho. Não fui mordida por um morcego e não curei ninguém.

— Vampiros e lobisomens não são as únicas criaturas sobrenaturais que existem. — Holiday fez uma pausa e pressionou as mãos contra o peito. — O que você quer, Kylie? Provas?

# Capítulo 7

— Sim, provas seriam bem-vindas — concordou Kylie, incapaz de tirar o sarcasmo da voz. — Mas você vai me dizer, com certeza, que provas não poderá me dar, certo? Vai fazer um pequeno discurso sobre a necessidade de acreditarmos nessas coisas de qualquer jeito, não é?

— Não, na verdade estava pensando mesmo em lhe dar uma prova. — A voz de Holiday exibia uma estranha calma, que fez Kylie respirar fundo e sentir medo. E se Holiday estivesse dizendo a verdade? E se... Kylie se lembrou de como a garota de pele pálida estava fria no ônibus. Mas não. Não iria acreditar naquilo. Vampiros e lobisomens existiam na ficção, não na vida real.

A mulher tirou um celular do bolso da calça jeans e fez uma ligação.

— Pode mandar Perry à sala de aula do escritório? Obrigada.

Recolocou o aparelho no bolso.

— Agora, todos vocês estão convidados a ficar e ver o que vai acontecer. Mas, se quiserem sair, um assistente está à espera de cada um de vocês lá fora. A função deles é responder às suas perguntas.

Kylie os viu olhar uns para os outros e decidir ficar. Sentiu-se melhor por não ser a única a ter dúvidas sobre o assunto.

Depois de longos minutos, durante os quais o silêncio invadiu a sala como uma névoa, Kylie ouviu o som de passos na frente da sala. A porta se abriu e o garoto loiro do ônibus, o de olhos estranhos, entrou.

— Olá, Perry! Bom ver você de novo — disse Holiday sinceramente.

— É bom também estar de volta. — Virou-se para Kylie, que quase perdeu o fôlego ao notar que os olhos dele estavam pretos a ponto de nem parecer humanos. Agora ele estava estranhíssimo.

— Eu ficaria feliz se você nos fizesse o favor de demonstrar seu dom especial.

Os olhos não humanos de Perry não se desviavam de Kylie. Ele sorriu.

— Então você tem aqui pessoas incrédulas, não é? — Voltou-se para Holiday. — O que gostaria de ver?

— Por que não deixamos Kylie decidir? — Holiday encarou-a. — Kylie, este é Perry Gomez, especialista em metamorfoses, um dos melhores que existem. Pode se transformar em praticamente tudo o que você imaginar. Diga no que gostaria que ele se transformasse.

Kylie alternava o olhar entre Holiday e Perry. Vendo que aguardavam sua resposta, fez

um esforço para falar.

— Num... unicórnio.

— Unicórnios não existem — disse Perry, num tom de quem se sentia ofendido com a escolha.

— Existiam — intercedeu Holiday, como que para defender Kylie.

— Que merda! — exclamou Perry. — Existiam mesmo?

— Sim, que merda — repetiu Holiday. — Mas vamos melhorar nossa linguagem. — Sorriu. — Basta pensar num cavalo com um chifre na testa. Sei que pode fazer isso.

Ele concordou com um gesto de cabeça e, juntando as palmas, revirou os olhos negros. De repente, o ar da sala ficou rarefeito, como se algo houvesse sugado todo o oxigênio. Kylie o olhava fixamente, embora tudo dentro dela lhe recomendasse para não fazer isso. Então, sua curiosidade, sua necessidade de saber evaporou-se na atmosfera quase irrespirável. Só agora entendia o sentido da frase "A ignorância é uma bênção". Queria continuar ignorante. Não queria ver, não queria acreditar.

Mas viu.

Viu fagulhas cintilando em volta do corpo do garoto, como se um balde de purpurina tivesse sido despejado em torno dele, como se mil lâmpadas se acendessem refletindo cada fragmento da purpurina em suspensão. Centenas de partículas em forma de diamante o envolviam. Aos poucos, foram se depositando no chão e ali onde Perry estava antes surgiu um enorme unicórnio branco, com um chifre cor-de-rosa bem no meio da testa.

# Capítulo 8

O unicórnio, isto é, Perry, balançou o rabo de maneira pomposa e trotou na direção de Kylie. Deu dois passos e chegou tão perto que ela poderia tocá-lo se quisesse. Mas não queria.

O bicho, empinando a cabeça, relinchou e piscou um olho para Kylie.

— Merda!

— Caramba!

— Meu Deus do céu!

— O que é isso?!

— Nossa!

Kylie não conseguiu identificar quem disse o quê, ela mesma talvez houvesse dito alguma coisa, pois todas as exclamações lhe confundiram ainda mais a cabeça. Inspirando outra golfada de ar, virou-se para Holiday, que a fitava com seus olhos verdes e suaves.

— Já está bom — disse Holiday. — Perry, volte à forma normal.

Kylie encostou a testa na superfície lisa e fria da carteira e procurou respirar, *não* pensar. Se pensasse, começaria a chorar — e a última coisa que se permitiria diante daquela gente era dar sinais de fraqueza. Por Deus, talvez aquelas aberrações se alimentassem dos fracos!

— Já podem ir, meninos. — A voz de Holiday, agora num tom autoritário, ecoou pela sala e vibrou dentro da cabeça de Kylie.

Contou até dez e, de algum modo, conseguiu se levantar. As outras carteiras já estavam todas vazias. Perry, de volta à forma humana, também foi saindo com os outros e lhe lançou um olhar sobre o ombro. Seus olhos castanhos — desta vez normais — quase pediam desculpas.

Lembrando-se da ordem de Holiday para sair, Kylie fez um esforço para ficar de pé. Saindo, poderia descobrir um lugar isolado para surtar à vontade. Um lugar onde pudesse chorar e tentar chegar a uma conclusão... Não. Não pense. Ainda não. Reteve as poucas lágrimas que teimavam em aflorar e suas narinas arderam.

— Aonde vai? — perguntou Holiday.

Kylie se voltou. Um nó apertava sua garganta, dificultando a fala.

— Você disse pra sairmos — conseguiu dizer.

— Eles, sim. *Você*, não.

— Por quê? — Uma película úmida embaçou sua visão e Kylie reconheceu que não poderia detê-la. As lágrimas haviam chegado. *Por quê?* Essa pergunta curta navegou por sua

mente confusa, transformando-se em dezenas de outras. Por que tudo aquilo estava acontecendo? Por que ela era, de novo, a "escolhida?" Por que a mãe não a amava? Por que o pai lhe voltara as costas? Por que Trey não lhe dera um pouco mais de tempo? Por que aquela gente esquisita agia como se, ali, a esquisita fosse ela?

Piscou para disfarçar as lágrimas e sentou-se de novo.

— Por quê? — perguntou outra vez. — Por que estou aqui?

Holiday sentou-se ao seu lado.

— Você é especial, Kylie.

— Não quero ser especial — disse Kylie, sacudindo a cabeça. — Quero ser apenas eu... eu normal. E..., para ser bem honesta com você, acho que estamos cometendo um grande erro aqui. Você sabe que não tenho... dons. Sem dúvida, não posso me transformar em outra coisa. Minhas notas estão na média em tudo, exceto talvez em álgebra. Esportes não são a minha praia, não tenho grandes talentos, não posso me considerar esperta. E, acredite ou não, gosto disso. Não me desagrada estar na média... ou ser normal.

Holiday riu alto.

— Não há engano nenhum, Kylie. Mas sei exatamente como está se sentindo. Eu mesma me sentia assim quando tinha a sua idade e, sobretudo, quando descobri o que era.

Kylie passou a mão no rosto a fim de apagar a evidência das lágrimas e se esforçou ao máximo para fazer a pergunta sobre a qual vinha tentando não refletir desde que tudo havia começado.

— E eu, o que sou?

# Capítulo 9

— Você vai conseguir suportar a verdade? — perguntou Holiday pausadamente, com um olhar compreensivo.

*Suportar a verdade? Acabo de ver um cara se transformar em unicórnio. As coisas poderiam ficar piores?*

Segundos depois de se perguntar isso, Kylie sentiu um calafrio. E se as coisas pudessem ficar piores? Lembrou-se de Holiday dizendo que havia outras criaturas sobrenaturais além de vampiros e lobisomens, os quais, para Kylie, eram as criaturas mais horripilantes. Não que entendesse do assunto, mas, e se Holiday tivesse dito aquilo apenas para tranquilizá-la? Teria mentido?

— Vou conseguir, sim — garantiu Kylie, querendo parecer mais corajosa do que de fato era.

Mas, quando Holiday abriu a boca para falar, Kylie gritou:

— Não! — Escondeu o rosto nas mãos, depois as tirou novamente e fitou a líder do acampamento. — Não sei se vou conseguir.

Como poderia? Aquilo era demais.

Kylie mordeu o lábio inferior com tanta força que ele começou a sangrar.

— Quer dizer, se você vai me dizer que estou morta, que preciso começar a gostar de sangue e não posso comer mais nem *sushi*, não vou suportar. Não vou suportar também se me disser que logo estarei uivando para a lua e devorando os gatos dos vizinhos, tendo de passar o resto da vida me depilando para vestir um biquíni. Gosto de gatos e já tentei me depilar uma vez; dói pra caramba. — Passou a mão por entre as coxas, lembrando-se do episódio.

Holiday deu uma gargalhada, mas Kylie estava falando sério. A depilação realmente tinha doído e, desde aquele momento, nunca mais deixou Sara convencê-la a fazer nada parecido.

— Você acha que vou suportar? — perguntou, com medo da resposta.

— Honestamente, não a conheço muito bem, mas confio no diagnóstico da dra. Day.

— O que minha psico tem a ver com isso? — perguntou Kylie, intrigada.

— Sua psico, como você a chama, foi quem a recomendou para nós. Ela reconheceu seus dons e é meio fada, como você sabe.

Kylie tentou processar a informação.

— Estou aqui por causa dela? Aquela mulher é... — Inclinou-se para Holiday, como se, sussurradas, suas palavras parecessem menos grosseiras. — Ela não vale nem o que come. —

Pousou as mãos na carteira. — Não vou mentir pra você. Ela não passa de uma sonsa.

Holiday estremeceu.

— Infelizmente, todos os sobrenaturais parecem um pouco estranhos vistos da perspectiva normal. A dra. Day falou muito bem de você.

Kylie sentiu uma pontada de culpa, o que talvez fosse a intenção da líder do acampamento.

Holiday pousou as mãos sobre as de Kylie.

— Eu também não vou mentir pra você, Kylie. A verdade... a verdade é que não sabemos o que você é.

Kylie endireitou-se na carteira, remoendo aquela parcela de informação, enquanto Holiday permanecia em silêncio, dando a ela tempo para se acostumar à ideia. Mas Kylie não queria se acostumar. Droga, não! Queria, é claro, uma opinião positiva sobre o que estava acontecendo.

— Você não percebe? Isso é porque não sou coisa nenhuma. Sou apenas eu. Eu normal.

Holiday balançou a cabeça.

— Você tem dons, Kylie, que podem ter surgido de várias formas sobrenaturais. Quase sempre, são hereditários.

— Hereditários? Nenhum dos meus pais é... sobrenatural.

Holiday não parecia convencida.

— Em alguns casos raros, uma geração é saltada e não tem dons. Você pode ser uma fada ou uma descendente dos deuses. Pode ter dons...

— Deuses? Dons? Que dons?

Holiday limpou a garganta e seus olhos de novo contemplaram Kylie cheios de compreensão.

— Você pode conversar com os mortos. Às vezes, dormindo; outras vezes, acordada.

As mãos de Kylie ficaram quentes, mas seu coração gelou.

— Com os mortos?! — Seu cérebro começou a filtrar imagens mentais, todas elas do soldado Dude, visto que não conseguia se lembrar de nada de seus terrores noturnos.

— Não, você está errada. Nunca conversei com eles. Nunca, jamais! Nem uma palavra. Mamãe sempre me disse para não falar com estranhos e eu sempre obedeci.

— Mas os viu, não viu?

Lágrimas afloraram de novo aos olhos de Kylie.

— Apenas um. E não sei bem se é ou não um fantasma. Minha mãe, é claro, nunca conseguiu vê-lo, mas minha mãe... está sempre em seu mundinho particular.

No entanto, sua vizinha também cruzava com o soldado Dude e nem sequer reparava nele. *Ah, droga! Droga!*

— É assustador, eu sei — disse Holiday. — Lembro-me bem das minhas primeiras experiências desse tipo.

Kylie afastou suas mãos das de Holiday.

— Você... você tem o mesmo... dom?

Holiday assentiu e olhou à esquerda.

Kylie examinou o recinto.

— Mas não há ninguém aqui, certo?

Então, sentiu. Aquele frio misterioso nos ossos, que a vinha incomodando com tanta frequência ultimamente.

— Eles estão sempre aqui, Kylie. Acontece que você se desliga.

— Posso fazer isso? — perguntou Kylie. — Posso ficar o tempo todo desligada?

Holiday hesitou.

— Algumas pessoas podem. Mas trata-se de um dom, Kylie, e não usá-lo é um desperdício.

— Desperdício? Ah, não, eu não pedi esse dom. — As palavras ecoaram dentro de sua cabeça e ela compreendeu que estava praticamente aceitando a realidade de tudo aquilo. Não queria de modo algum que fosse real. Não queria aceitar esse dom ou lhe dar crédito. — Não acredito que eu tenha realmente esse tal dom. Quer dizer, já ouvi falar de pessoas normais que veem fantasmas o tempo todo.

— É verdade — concordou Holiday. — Alguns fantasmas acumulam tanta energia que até uma pessoa normal consegue vê-los.

— Então é isso que vem acontecendo comigo. Estou lidando com um fantasma superenergizado. Nada mais, porque sou normal.

— Não é o que mostram as evidências.

Kylie prendeu a respiração:

— Que evidências?

Holiday levantou-se e fez sinal para que Kylie a seguisse. Kylie sentia os joelhos trêmulos, mas obedeceu. Holiday foi falando enquanto caminhavam.

— Primeiro, há o fato de você ser ilegível.

— Ilegível? — estranhou Kylie, entrando com Holiday num pequeno escritório.

— Todos os sobrenaturais conseguem ler a mente das outras pessoas. Lendo humanos, notamos um padrão genérico. Lendo outros sobrenaturais, geralmente conseguimos saber o que são. Isto é, quando eles não nos bloqueiam, coisa que quase nunca fazem por questão de cortesia.

— Está se referindo àquela coisa de franzir as sobrancelhas? — quis saber Kylie.

— Você não perde nada, hein? — sorriu Holiday. — Acontece que quem tem o dom de

conversar com fantasmas é muitas vezes lento para ler outras pessoas e difícil de ser lido. Não queremos parecer rudes, mas nossas mentes não funcionam no mesmo plano que o dos demais. Com a prática, porém, conseguimos nos abrir o bastante para não dar uma impressão de superioridade. Vejo, por seu padrão e pelo fato de não ser legível, que você não é meramente humana. E também há esta evidência.

A líder do acampamento abriu uma gaveta de arquivo. De uma pasta com o nome de Kylie, tirou um papel e o entregou a ela.

Era uma cópia de sua certidão de nascimento. Em nenhum lugar estava escrito que ela era sobrenatural ou via fantasmas. Ergueu os olhos para Holiday, com a cabeça cheia de perguntas.

A mulher devia ter lido seus pensamentos ou interpretado sua expressão, pois se adiantou:

— Você nasceu à meia-noite, Kylie.

— E daí? Isso significa alguma coisa?

Holiday deslizou os dedos pelas pastas.

— Todos aqui nasceram à meia-noite.

O coração de Kylie pulsou mais forte. Acompanhou a unha esmaltada de vermelho de Holiday deslizar sobre as etiquetas das pastas, que traziam os nomes em letras maiúsculas. Nenhum daqueles nomes lhe dizia nada até que leu: Lucas Parker.

Não que Lucas Parker tivesse agluma importância para ela. O nome dele chamou a atenção apenas porque era um dos poucos que conhecia ali. Outro calafrio percorreu sua espinha.

Kylie virou-se e quase perdeu o fôlego quando o viu. Não Lucas: o soldado Dude. Estava ali de pé, mais perto do que nunca, fitando-a com aqueles olhos gélidos, sem brilho.

Menos de dez minutos depois, Kylie sentava-se para o almoço.

Sozinha.

Somente ela, Holiday, a outra líder do acampamento e os dois homens ocupavam o refeitório.

A cada instante, a mente de Kylie tentava entender o que havia acontecido — do unicórnio ao fato de ela não ser humana. Mas não conseguia se concentrar.

*Negue tudo. Negue tudo.* As palavras vibravam como música em sua cabeça.

Vozes na frente do refeitório a fizeram erguer os olhos. Holiday tinha recebido uma chamada de Sky e, como de qualquer maneira já era a hora do almoço, convidou Kylie para acompanhá-la, avisando que mostraria sua cabana logo depois de comerem.

O olhar de Holiday pousou em Kylie. Kylie olhou para seu celular, fingindo que estava bem à vontade, enquanto Holiday e a outra líder do acampamento, Sky, permaneciam à porta, conversando com os dois sujeitos de terno preto que haviam aparecido por lá antes.

Kylie não podia ouvir a conversa, mas, fosse qual fosse, sem dúvida não parecia nada de bom. Observou-as de novo, de testa franzida. Holiday e Sky estavam carrancudas. Holiday, a mais ansiosa das duas, batia o pé e enrolava os cabelos numa mecha compacta.

Então um dos homens levantou as mãos e ameaçou:

— Não estou acusando ninguém, mas repito: é melhor irem fundo e colocarem um ponto final nisso ou, eu juro, os chefões fecharão o acampamento.

*Fechar o acampamento?* Kylie baixou os olhos e fingiu que não tinha ouvido aquilo, mas não podia reprimir a esperança que havia brotado dentro dela. Desde que Holiday a deixou sozinha na mesa, Kylie se sentiu tentada a ligar para os pais e pedir para que viessem buscá-la.

Mas o que diria a eles? *Papai, mamãe, sabem o que aconteceu? Vocês me mandaram para um acampamento cheio de aberrações, um bando de chupadores de sangue e devoradores de gatos. Ah, e tem mais: eu também sou uma aberração, embora ninguém ainda saiba de que tipo.*

O estômago de Kylie se contraiu quando pensou em como aquela conversa com os pais ia terminar. A mãe com certeza a arrancaria do acampamento para interná-la numa clínica psiquiátrica. Não que isso fosse deixar as coisas piores do que já estavam.

Olhando para as mãos, Kylie se lembrou do que Holiday havia dito sobre a hereditariedade dos dons. Será que seu pai ou sua mãe viam fantasmas? Sua mãe não, do contrário não ligaria para a analista da primeira vez que Kylie mencionara o soldado Dude. E o pai teria lhe contado se tivesse algum dom especial.

Kylie ainda não tinha engolido a ideia de ter dons sobrenaturais. Continuava a achar provável que Holiday tivesse se enganado quando disse que ela era uma pessoa especial. Talvez o soldado Dude fosse apenas um fantasma com energia de sobra, conforme Holiday dissera ser possível. E, é claro, havia pessoas normais nascidas à meia-noite, certo?

Ainda assim, a ideia de falar aos pais sobre qualquer uma dessas coisas lhe parecia absurda. Absurda? A quem estava querendo enganar? A ideia era cem por cento maluca e, se ela própria não tivesse visto Perry se transformar num unicórnio, também não acreditaria.

A conversa lá fora subiu um pouco de tom, mas não tanto quanto antes, não o bastante para Kylie entender as palavras. Olhou, então, para o celular e fingiu ler a última mensagem de Sara — que já tinha lido.

A amiga não havia contado aos pais que sua menstruação estava atrasada e, assim que a mãe saiu para um almoço marcado, correu à farmácia e comprou um teste de gravidez. Ainda naquela tarde saberia se estava grávida ou não.

Kylie não perguntou nada a Sara sobre o pai do bebê, nem sequer se a amiga estava considerando a hipótese de aborto. Por algum motivo, não a imaginava fazendo aquilo. Mas também, seis meses antes, juraria que Sara jamais ficaria grávida.

Kylie resolveu se preocupar durante um minuto com Sara antes de voltar aos seus próprios problemas. Como conseguiria sobreviver pelos próximos dois meses? E sobreviver não apenas mentalmente: vampiros e lobisomens matam pessoas.

*Só os maus*, explicou Holiday a caminho do refeitório, quando Kylie estremecia toda vez que alguém se aproximava. Será que Holiday tinha certeza de que não havia criaturas más no acampamento? Algumas delas pareciam bem desagradáveis. Não que se achasse uma especialista em distinguir os sobrenaturais bonzinhos dos malvados. Mas devia ser mais ou menos como ela se sentia em relação a cobras e aranhas: havia as inofensivas e as perigosas. Entretanto, por uma questão de segurança, evitava todas.

Ah, só esperava não ter que ficar alojada com nenhuma daquelas criaturas! Sem dúvida, Holiday não esperava que ela dormisse numa cabana ao lado de alguém que... talvez se sentisse tentado a matá-la em pleno sono. Que ótimo! Precisaria então dormir com um olho aberto durante dois meses!

A conversa entre os dois caras de terno preto e as líderes do acampamento terminou e eles se prepararam para partir. Mas um deles, o mais alto, virou-se e olhou diretamente para Kylie. E fez aquilo: arqueou as sobrancelhas.

Kylie desviou o olhar, mas sabia que ele continuava lá, de pé no mesmo lugar, ainda espiando e contraindo a testa. Sentiu suas bochechas arderem.

A porta do refeitório se fechou, mas logo se abriu de novo. Kylie ergueu o rosto e viu os outros adolescentes entrando. Tentou adivinhar o que cada um deles seria, à medida que desfilavam à sua frente: fada, bruxa, lobisomem, vampiro, mutante. Haveria outros tipos de sobrenaturais? Iria perguntar a Holiday sobre os diferentes tipos, inclusive o que significava "descendente dos deuses".

Tentou então classificar os tipos que já conhecia em um destes dois grupos: sobrenaturais que não consideravam o homem parte da cadeia alimentar e sobrenaturais que eram de outra opinião.

Derek atravessou a porta e Kylie se perguntou de que tipo ele seria. O garoto deu alguns passos pela sala e olhou em volta. No momento em que os olhos de Derek se encontraram com os seus, Kylie não teve mais dúvidas de que ele havia achado quem estava procurando. Derek estava procurando por Kylie. Mesmo não sabendo o que o garoto seria ou em qual grupo se encaixava, ela concluiu que o simples fato de gostar dela a ponto de procurá-la já bastava para fazê-la se sentir menos solitária.

Um leve sorriso iluminou os olhos de Derek quando ele caminhou em sua direção. É, ele

de fato lembrava Trey. Seria por isso que tinha gostado dele, ou pelo menos gostado mais do que dos outros? Só porque se parecia um pouquinho com Trey?

Precisava ser cuidadosa, disse a si mesma, para não confundir amizade com outra coisa.

— Olá — disse Derek, sentando-se a seu lado. Observando-o, Kylie constatou que seu ombro mal chegava ao antebraço do garoto. Portanto, era mais alto que Trey — talvez uns cinco centímetros.

Kylie respondeu ao cumprimento com um aceno de cabeça e guardou o celular na bolsa.

— Então...? — perguntou ele.

Kylie contemplou seus olhos verdes com reflexos dourados. Compreendeu exatamente o que significava aquela pergunta de uma palavra só: Derek queria saber o que ela era. Ela estava prestes a lhe dizer que não sabia o que era, só tinha consciência de seu dom, mas percebeu que não estava preparada para dizer aquilo em voz alta. Dizer em voz alta é acreditar no que se diz. E ela não acreditava. Ainda não.

— Esta manhã está uma loucura — disfarçou.

— Imagino — concordou ele, num tom que Kylie julgou de decepção. Gostaria sem dúvida que ela confiasse nele.

Nisto, estou com sorte, pensou Kylie. Entre pessoas morrendo — isto é, a avó —, pessoas se divorciando — isto é, os pais — e pessoas abandonando-a porque ela não queria transar —, sua capacidade de confiar em alguém tinha rolado morro abaixo, indo cair num poço profundo, em algum lugar perto do seu coração.

Miranda esparramou-se na cadeira ao lado de Derek e inclinou-se para Kylie:

— Olá! Vamos ficar juntas. Isso não é ótimo?

— É — respondeu Kylie, tentando rapidamente fazer uma ideia do que Miranda poderia ser. Lembrou-se do sapo e concluiu que ela talvez fosse uma bruxa.

— Estarei com vocês também, meninas — disse alguém, sentando-se do outro lado de Kylie.

Kylie virou-se e contemplou seu próprio reflexo nos óculos da Garota Pálida.

Calafrios percorreram sua espinha. Kylie não sabia se a garota pertencia ao grupo dos vampiros ou dos lobisomens, mas algo lhe dizia que a um dos dois devia pertencer. Ou seja, para ela, os humanos faziam parte da cadeia alimentar.

A garota baixou os óculos e Kylie viu seus olhos pela primeira vez. Eram pretos, levemente estrábicos e exóticos, com um toque asiático.

— Meu nome é Della... Della Tsang.

— Ah... E o meu, Kylie Galen — conseguiu dizer, esperando que a hesitação não parecesse medo. Mas era medo, Kylie não tinha como negar.

— Então, Kylie — prosseguiu a outra, puxando os óculos para baixo mais alguns

centímetros —, conte pra nós: o que você é *exatamente*?

Estaria imaginando coisas ou pelo menos doze outros adolescentes se viraram para olhá-la? Teriam um ouvido biônico? O celular de Kylie tocou.

— Com licença, preciso... atender.

Tirou o aparelho da bolsa, levantou-se e foi para um canto, longe de todos.

Examinando a tela para ver a quem agradeceria mil vezes por tê-la chamado justamente naquele momento, sentiu o coração saltar no peito. Esperava que fosse Sara, talvez o pai ou a mãe. Só não esperava que fosse Trey.

# Capítulo 10

— Alô? — murmurou, hesitante. Seu peito se encheu imediatamente com a dor de ter perdido Trey, dor que até vê-lo na festa tinha quase desaparecido. Quase.

— Kylie? — O tom grave da voz de Trey mexeu ainda mais com suas emoções.

Kylie engoliu em seco e o visualizou mentalmente: os olhos verdes encarando-a como acontecia quando ficavam juntos.

— Sim?

— É o Trey.

— Eu sei — respondeu Kylie, fechando os olhos. — Por que está me ligando?

— Preciso de um motivo?

*Como está dormindo com outra garota, precisa, sim.*

— Não estamos mais juntos, Trey.

— E talvez isso seja um erro — continuou ele. — Não consigo parar de pensar em você desde que nos vimos na festa.

Kylie podia apostar que ele nem se lembrava mais dela depois de ficar a sós com seu novo brinquedinho sexual aquela noite. Para a sorte deles, tinham saído quinze minutos antes de a polícia chegar. Sendo assim, enquanto Kylie esperava sentada na delegacia, Trey provavelmente se esbaldava com a sua nova namorada.

— Sara me contou que você está num acampamento em Fallen — prosseguiu ele, vendo que Kylie não dizia nada. — E, pelo que ela me disse, sua mãe te colocou aí por causa da festa.

— Pois é — confirmou Kylie, embora soubesse que aquela não era toda a verdade. Mas toda a verdade ela não podia contar a Trey. Nem sequer uma parte da verdade. Só agora se dava conta de quantas vezes tinha sido obrigada a mentir para todas as pessoas que conhecia! E nesse momento constatou outra coisa. A mãe não havia mentido ao dizer que tinha sido a dra. Day quem a convencera a mandar Kylie para o acampamento. Talvez, no final das contas, a mãe não quisesse tanto se livrar da filha como ela tinha pensado. Isso devia fazê-la se sentir melhor, mas a dor no peito só aumentou.

Estava com saudade da mãe. Com saudade do pai. Queria ir para casa. O nó se formou na garganta e ela se esforçou a engoli-lo.

— Tem permissão para atender telefonemas? — perguntou Trey. A voz a trouxe de volta ao presente, para longe de seus pensamentos.

*Permissão?* Kylie não tinha pensado nisso.

— Acho que sim. Ninguém até agora me proibiu. — No entanto, não tinha lido as regras que deviam estar afixadas em sua cabana. E não por culpa sua: ainda não tinha permissão para ir até lá.

Olhou em volta para ver se mais alguém estava ao telefone. Dois conversavam e outros dois digitavam mensagens. Um deles era Jonathon, o cara dos *piercings*, no momento acompanhado por dois colegas. Ao lado deles, a Garota Gótica, no meio de uma turma de góticos.

Kylie viu também Lucas Parker. Não ao telefone, mas batendo papo com um grupo de garotas que pareciam seu fã-clube. Ele ria do que uma delas tinha dito. As meninas sorviam suas palavras, extasiadas, quase desfalecendo a seus pés. Que rissem até desmaiar, pensou Kylie. Ele ainda não havia matado seus gatos.

— Estarei num acampamento de futebol, em Fallen, na semana que vem — contou Trey, trazendo-a de volta à conversa. — Talvez pudéssemos..., sei lá, descobrir um jeito de ficar juntos. Conversar. Sinto sua falta, Kylie.

— Pensei que você estivesse namorando aquela garota, Shannon.

— Namorando pra valer, não. De qualquer maneira, não estamos mais nos vendo. Não tínhamos muito o que conversar.

*Mas outras coisas vocês fizeram, aposto.* Era doloroso se lembrar da garota grudada nele na festa.

— Diga que pelo menos irá me encontrar — pediu ele. — Por favor. Eu realmente sinto sua falta.

Kylie sentiu um peso no peito.

— Não sei se posso... Quer dizer, ainda não sei como são as coisas por aqui.

— Nossos acampamentos ficam a mais ou menos um quilômetro de distância. Não seria difícil nos encontrarmos.

Kylie fechou os olhos e calculou como seria bom ver Trey de novo. Ver qualquer pessoa que conhecia seria ótimo, especialmente Trey. Era por ele que ela sempre procurava quando algo a aborrecia. Por isso o fim do namoro tinha sido tão difícil para ela.

— Não posso prometer nada até conhecer as regras deste lugar.

Olhou para cima e viu Holiday e Sky se dirigindo para a frente da sala.

— O almoço está pronto — avisou Sky. — Vamos deixar que os novatos comecem. Depois, faremos as apresentações.

*Apresentações?* A ideia de ter de falar ao grupo lhe causou um frio na barriga.

Kylie viu Derek se virar e olhá-la como se quisesse saber se ela toparia entrar na fila com ele. Kylie gostou da ideia de ficar ao lado dele e não, sozinha.

— Tenho que ir, Trey — disse.

— Mas, Kylie...

Kylie desligou. Não fez de propósito, mas a perspectiva de que ele pudesse se sentir um pouquinho rejeitado não a aborreceu muito. Era o troco.

Derek se levantou e acenou para ela. Com certeza, ele era mais alto que Trey. Ao acompanhá-lo, tentou não hesitar quando Della se juntou a eles e os três entraram na fila.

Della ficou atrás da Garota Gótica e começaram a conversar.

Derek virou-se para Kylie e a encarou.

— Namorado? — perguntou.

— Hã?

— O do telefone?

— Ah! — Ela negou com a cabeça. — Ex.

Instantaneamente se lembrou de que várias cabeças tinham se voltado em sua direção quando Della lhe perguntou o que ela era. Inclinou-se para Derek.

— Você conseguiu ouvir o que eu estava falando ao telefone? — Baixou a voz. — Alguém mais ouviu?

— Eu, não. Falo por causa... da sua linguagem corporal. — Ele tinha percebido o modo como ela olhava para o grupo. — Mas, sim, alguns aqui têm superaudição.

— E você, não tem? — perguntou, esperando que Derek lhe contasse o que gostaria muito de saber: o que ele era.

— Não — disse o garoto, enquanto davam mais um passo à frente. Seu braço roçou no dela e, por um segundo, Kylie não soube dizer se gostaria de se afastar ou chegar mais perto. O fato de Derek não ser frio reforçava a segunda opção. Quando seus braços se tocaram de novo, uma sensação reconfortante se espalhou pelo corpo de Kylie.

— Mas, então, o que você é? — ela perguntou, para logo se arrepender. Não era justo fazer perguntas a que ela mesma não queria responder. — Tudo bem, esqueça o que eu disse.

Desviou os olhos, embaraçada, e pôs-se a ouvir a tagarelice das pessoas à sua volta. Ao contrário de antes, quando reinava o silêncio, agora, com algum esforço, ela podia até se convencer de que estava numa sala cheia de adolescentes normais.

Percebeu então que já não tentava negar isso.

Risos e gritinhos femininos chegaram aos seus ouvidos. Tinha achado a ideia de que eles eram "normais" reconfortante, mas não podia exagerar: nenhuma daquelas pessoas era normal.

*Nem ela.*

Essa constatação provocou uma onda de pânico no fundo do seu estômago e Kylie se perguntou como, pelo amor de Deus, ela ia conseguir comer alguma coisa naquele momento.

— Sou meio *fae* — sussurrou Derek no ouvido dela. A respiração dele fez seu estômago se agitar. Não por causa do medo, mas de algo diferente. Procurando não pensar nisso, concentrou-se no que o garoto tinha falado.

*Fae*? A busca por sinônimos, em seu cérebro, iniciou uma varredura de arquivos até ela se lembrar de ter lido, uma vez, que *fae* era a palavra francesa para *fada.*

A mente de Kylie começou a ligar os fatos. Holiday era fada. E Holiday tinha dito que Kylie talvez fosse também.

Contemplou os olhos verdes de Derek. Em voz tão baixa que mal se podia considerar um sussurro, ela perguntou:

— Você... você vê fantasmas?

— Fantasmas?! — Os olhos dele se arregalaram, como se a pergunta fosse inconcebível. Mas, que droga, como poderia ser inconcebível ou maluca quando... quando...

O fluxo de pensamentos foi interrompido abruptamente quando percebeu alguém atrás de si. Seu coração se acelerou e ela temeu que fosse o soldado Dude. Mas o frio que sempre sentia quando ele estava por perto dessa vez não se manifestou. Derek ergueu os olhos e acenou com a cabeça.

Kylie virou-se e quase perdeu o fôlego quando deu de cara com os olhos azul-claros de Lucas Parker.

— Acho que você perdeu isto. — Sua voz parecia a de um locutor de rádio: profunda, com uma vibração que a tornava única, memorável. Uma voz que o fazia parecer mais velho do que era.

Baixou então os olhos para as mãos de Lucas. Elas seguravam a carteira que sua avó lhe dera no último natal.

Kylie apressou-se a olhar para a mesa onde tinha deixado a bolsa. Estava lá, no mesmo lugar. Como ele conseguiu pegar sua carteira?

Tomou-a das mãos de Lucas e lutou contra o impulso de verificar se o cartão de crédito de sua mãe continuava seguro lá dentro. Ela ficaria uma fera se Kylie o perdesse.

Sem saber se tomaria a atitude socialmente aceitável de agradecer ou se perguntaria como ele tinha ousado pôr aquelas mãos assassinas nas suas coisas, a mente de Kylie perdeu o rumo. Em seguida, como quase sempre tomava atitudes socialmente aceitáveis, a palavra "obrigada" se formou em seus lábios, mas não conseguiu pronunciá-la.

Ela não conseguia deixar de imaginar se ele se lembrava dela. Não conseguia deixar de perceber que seus olhos azuis a penetravam fundo, como já havia acontecido anos antes. Não tinham sido amigos, mas vizinhos por algum tempo. Eles nem estavam na mesma série. Mas os dois costumavam percorrer os mesmos três quarteirões da escola para casa diariamente. E essa caminhada era a melhor parte do dia para Kylie. Quando o viu pela

primeira vez andando de bicicleta na rua, sentiu um misterioso fascínio.

Lembrou-se também, nitidamente, da última vez que o tinha visto. O fascínio se foi, deixando em seu lugar uma rajada fria de medo.

Ela estava brincando no balanço com o novo gatinho no colo — o gatinho que seus pais tinham lhe dado depois que Socks desaparecera. A cabeça de Lucas apareceu por cima da cerca e seus olhos azuis se encontraram com os dela. O gatinho rosnou e a arranhou, tentando fugir. O garoto, com os olhos pregados nela, disse: *Não deixe esse gatinho sair de casa à noite ou acontecerá com ele o que aconteceu com o outro.*

Kylie correu para junto da mãe, chorando. Aquela noite, o pai e a mãe foram falar com os pais de Lucas.

Não contaram a Kylie o que aconteceu, mas ela se lembrava que o pai parecia furioso quando voltaram da visita. De qualquer modo isso não importava, pois no dia seguinte Lucas Parker e sua família se mudaram.

— Seja bem-vinda! — disse Lucas, com a voz profunda agora mesclada de um ligeiro sarcasmo. Em seguida, afastou-se.

Mais essa. Tudo o que lhe faltava era fazer inimigos entre os membros da gangue que consideravam os seres humanos parte da cadeia alimentar — especialmente aquele que, ela sabia bem, era capaz de praticar atos abomináveis. Mas, convenhamos, dar uma de boazinha com Lucas Parker não seria nada fácil. Afinal, ele tinha matado seu gato e ameaçado matar também seu novo gatinho.

# Capítulo 11

Durante o almoço, as apresentações acabaram sendo mais embaraçosas do que Kylie tinha previsto. Cada pessoa disse seu nome e "o que" era, mas, quando chegou a vez de Kylie, ela só disse seu nome. Nos instantes que se seguiram, o silêncio da sala tornou a atmosfera sufocante. Holiday apressou-se a explicar que a origem dos poderes de Kylie ainda estava sendo investigada e que seu "estado mental fechado" não era intencional, mas consequência dos seus dons.

Se alguém por ali ainda duvidava de que ela era a mais esquisita entre todos os esquisitos, agora já estava bem ciente do fato graças à líder do acampamento. Holiday talvez pretendesse ajudar, mas Kylie sem dúvida teria dispensado essa ajuda. Por sorte, já tinha conseguido engolir metade de um sanduíche de peru, pois a partir daquele instante não seria capaz de comer mais nada.

Pouco depois do seu momento embaraçoso sob a luz dos refletores, o celular de Kylie tocou. Leu o número da mãe na tela e desligou o aparelho. Por nada neste mundo gostaria que pessoas dotadas de superaudição ouvissem a conversa com a mãe.

Tão logo a reunião oficial do almoço terminou, Kylie pediu a Holiday que lhe mostrasse sua cabana. O jantar seria às seis e, até lá, teriam a tarde livre. Nesse período, "aconselhavam" que procurassem se entrosar, conhecer os colegas de acampamento e de alojamento.

Em vez disso, porém, Kylie passou as quatro horas seguintes remoendo suas emoções tumultuadas, escondida no cubículo que era seu quarto. Sim, sabia muito bem a diferença entre "aconselhar" e "exigir".

Sentada na cama, calculou de novo o tamanho do quarto. Não que estivesse se queixando. O fato de ter seu próprio quarto tornava irrelevantes as proporções. Considerando-se os terrores noturnos que a afligiam três ou quatro noites por semana, a privacidade era muito bem-vinda. Só esperava que as paredes fossem grossas o suficiente para abafar o que a mãe chamava de "gritos arrepiantes". As de sua casa, é claro, não eram.

Mordendo o lábio, Kylie se perguntou de novo como a mãe pudera fazer aquilo com ela. Mandá-la para aquele lugar quando, só uma semana antes, recomendava que não passasse a noite fora, porque seria embaraçoso que outras pessoas a surpreendessem aos gritos em pleno sono.

Procurando afastar a mãe dos pensamentos, Kylie correu novamente os olhos pelo quarto. A tarde não tinha sido um total desperdício. Tinha arrumado suas coisas, retornado

a ligação da mãe — a conhecida Rainha do Gelo —, tentado entrar em contato com Sara — que ainda não tinha telefonado nem enviado mensagem —, lido as regras do acampamento e se desfeito em lágrimas bem à moda antiga.

Choro muito merecido.

Durante dezesseis anos, havia tentado descobrir quem era. E, embora soubesse que ainda tinha um longo caminho pela frente, sentia confiança nas próprias descobertas. Agora, porém, percebia que não só estava errada sobre quem era como nem sequer sabia *o que* poderia ser.

Resumindo, uma crise de identidade.

O celular tocou de novo. Kylie leu o nome do pai no identificador de chamadas.

O pai que a abandonou.

O pai que não foi buscá-la na delegacia.

O pai que não a visitou antes de seu embarque forçado para o acampamento.

O pai que obviamente não a amava tanto quanto ela acreditava.

O pai cuja falta, a despeito de tudo, Kylie sentia de todo o coração.

Se aquilo fazia dela a "filhinha do papai", ela não ligava. Provavelmente era uma situação passageira. Cedo ou tarde, deixaria de amá-lo como ele tinha deixado de amá-la também. Certo?

Sentiu um aperto na garganta. A tentação de atender e implorar para que ele fosse buscá-la ficou tão forte que ela jogou o telefone nos pés da cama. Continuou ouvindo o sinal de chamada e concluiu que, se respondesse, acabaria contando a respeito dos sobrenaturais e o fato de ela ser um deles — e também do encontro com Lucas Parker, o *serial killer* em potencial.

Ter segredos com a mãe sempre tinha sido fácil, pois a mãe parecia também ter os seus. Mas esconder coisas do pai era como álgebra — complicadíssimo.

Assim, em vez de atender, enterrou a cabeça no travesseiro e se entregou a um novo acesso de choro. Quando bateram à porta, Kylie ainda exibia no rosto a evidência das lágrimas.

Antes de decidir o que fazer, a porta se abriu e um nariz apareceu na fresta.

— Está acordada?

Como Kylie tinha se sentado na cama e visto os olhos de Miranda voltados para ela, não pôde mentir:

— Estou.

Miranda entrou — sem ser convidada.

— Oi, eu só... — O olhar atento de Miranda examinou o rosto de Kylie e ela estancou de boca aberta.

Kylie sabia exatamente o que tinha surpreendido aquela bruxinha. Kylie invejava as garotas que conseguiam pôr para fora suas emoções sem arruinar a maquiagem; mas essa habilidade ela não tinha. Quando Kylie chorava, sua pele se cobria de manchas vermelhas e seus olhos inchavam a tal ponto que ela nem parecia humana.

Mas, tudo bem: segundo Holiday, Kylie não era mesmo humana. Vai lá saber.

— Está tudo bem? — indagou Miranda.

— Está — respondeu Kylie, tentando dar um tom alegre à voz. — É alergia.

— Por que não procura a enfermeira? Sério, você parece péssima.

*Muitíssimo obrigada.*

— Não, estou bem. Logo passa.

— Isso aí não é contagioso, é? — alarmou-se Miranda, parando a uma distância segura.

— Espero que não — disse uma voz à porta. A voz de Della, que ainda usava óculos escuros e, segundo Kylie tinha descoberto nas apresentações, era uma vampira. Isso mesmo, uma vampira de verdade.

— Não estou com nada contagioso — garantiu Kylie e logo se arrependeu; se tivesse dito o contrário, elas a deixariam em paz.

Miranda entrou e se sentou aos pés da cama. Della seguiu-a, mas não se sentou. O que fez foi tirar os óculos de sol para examinar Kylie de cima a baixo. Sua expressão faminta lembrava a de uma pessoa de dieta avaliando um biscoito saboroso antes de derretê-lo na boca.

Kylie estremeceu à ideia de ser derretida na boca de alguém.

— Você vai ao jantar e à fogueira, não vai? — perguntou Miranda.

— É... obrigatório? — perguntou Kylie, esperando que sua reação a Della não tivesse sido notada.

— Você tem medo de mim? — interrompeu Della, anulando todas as esperanças de Kylie de esconder que a outra a intimidava e muito.

— Por que... por que eu teria?

— Será porque meus dentes são afiados? — Abriu a boca e expôs uma fileira de dentes extremamente brancos, em que se destacavam dois longos caninos. — Porque posso sugar o seu sangue até a última gota?

Kylie precisou de muito esforço para não se encolher ao ouvir as palavras de Della, especialmente quando passou a língua gulosamente pelos lábios.

— Pare de zoar com ela — riu Miranda, revirando os olhos.

— Ela está com medo de mim! — disse Della, apontando para Kylie. — Seu coração está disparado e seu pulso, acima do normal. Olhe como palpita a veia no pescoço. Não, não sei se ela sabe que só estou brincando.

A alusão de Della à sua veia fez com que o sangue de Kylie corresse mais depressa.

— É claro que sei — mentiu Kylie. — Holiday me disse que todos aqui são... gente boa.

— E você acreditou nela? — Os olhos de Della a acusavam de não estar sendo totalmente honesta.

Kylie concluiu que a capacidade de Della de ler seus sinais vitais superava sua própria capacidade de mentir.

— Quero acreditar. Mas não nego, minha mente ainda não assimilou bem o fato de os sobrenaturais... existirem.

— Mas você é uma sobrenatural — disse Miranda. — Como pode ignorar...

— Holiday *acha* que eu sou. — Nos últimos minutos, Kylie ainda alimentava a esperança de que o diagnóstico de Holiday estivesse errado.

— Você é sobrenatural, sim — disseram Miranda e Della ao mesmo tempo, ambas arqueando de leve as sobrancelhas.

— Ou, pelo menos, não inteiramente humana — acrescentou Della. — Podemos ver isso pelo seu padrão cerebral.

— E vocês não se enganam nunca? — perguntou Kylie, apertando os joelhos contra o peito.

— Todo mundo pode se enganar às vezes — Miranda.

— Mas não muitas — acrescentou Della.

Essa resposta, ainda assim, não acabaram com as esperanças de Kylie.

— No entanto, isso acontece, certo? — O peso em seu peito diminuiu.

— Sim, existem pessoas que tem um tumor no cérebro — explicou Della.

Kylie pousou a testa nos joelhos. Ou ela era uma sobrenatural ou morreria de um tumor no cérebro; não sabia qual das duas possibilidades poderia ser pior.

— E há aquelas que são apenas tantãs — acrescentou Miranda.

Kylie levantou a cabeça:

— Tantãs?

— É, que piraram.

— Então eu talvez seja apenas tantã. Já me acusaram disso antes.

— Mas, espere um pouco — disse Miranda. — Holiday não disse que você tem poderes? — Della e Miranda ergueram as sobrancelhas com um olhar inquisitivo.

— Disse — murmurou Kylie, dando de ombros. — Mas talvez só tenha dito isso porque vejo de vez em quando um fantasma supercarregado de energia.

— Fantasma?! — exclamaram Della e Miranda ao mesmo tempo.

Kylie podia estar enganada, mas a verdade é que as duas garotas pareciam agora horrorizadas e mortas de medo. Seu susto lembrava a reação de Derek quando ela lhe

perguntou se ele também via fantasmas.

— Você vê os mortos? — Della se afastou da cama. — Que droga, não vou querer dividir meu espaço com alguém que vê fantasmas por aí. Isso é bizarro demais.

Até Miranda se levantou da extremidade da cama. Kylie olhou para elas, totalmente confusa.

— Devem estar brincando, não? Têm medo de mim? Mas você é bruxa — apontou para Miranda. — E você é vampira — virou-se para Della. — E vêm me dizer que eu — tocou o próprio peito — é que sou estranha?

Miranda e Della trocaram um olhar, mas nenhuma negou o que Kylie tinha acabado de dizer.

— Tá, então esqueçam tudo — disse Kylie, magoada com a atitude das garotas. — No entanto, só para esclarecer, saibam que eu não converso com os fantasmas.

Mas então percebeu que as duas olhavam para ela do mesmo jeito que ela própria tinha olhado para elas o dia inteiro. A amargura de experimentar do seu próprio veneno fez a cabeça de Kylie dar piruetas.

— Então eles apenas rondam você? — E Della passeou o olhar pelo quarto. — Por favor, diga-me que não tem nenhum aqui neste momento.

— Nenhum — irritou-se Kylie. Mas não estava com raiva de Della e sim da situação. Pois, se alguém lhe confidenciasse que via fantasmas, ela também ficaria com medo dessa pessoa.

— Ótimo! — disse Miranda aliviada, retomando seu lugar aos pés da cama.

Della continuava olhando em volta.

— Não... isso é esquisito demais. Não quero dividir meu alojamento com você.

— Não sou mais esquisita que vocês — disse Kylie, olhando para a vampira. E, por algum motivo, desejou que ela a aceitasse como era.

— Kylie tem um pouco de razão — raciocinou Miranda, voltando-se para Della. — Nós também devemos ser bastante assustadoras aos seus olhos. Então vamos acabar logo com isso e ficar amigas.

Della deu um longo suspiro.

— Tudo bem, mas você nos dirá quando houver um fantasma por perto?

Kylie concordou, mas percebeu logo que aquela exigência seria difícil de cumprir, pois no mesmo instante sentiu o calafrio que anunciava uma presença fantasmagórica. Felizmente, não "viu" o intruso, nem se esforçou para vê-lo; mas quem poderia censurá-la por não querer trocar olhares com um morto?

Kylie achava que não conseguiria engolir nada, mas, quando o aroma envolvente e picante de pizza alcançou suas narinas, lembrou-se de que havia comido muito pouco naquele dia. Conseguiu comer uma fatia fina de pizza de calabresa com queijo, além de metade da salada, antes de perceber que, novamente, estava sendo alvo de olhares. Alguns ali ainda estavam tentando entender o que ela era. Bem, boa sorte para eles. Engoliu outro bocado de salada e esperou que, caso descobrissem, pelo menos guardassem o segredo para si mesmos.

Enquanto passeava os olhos pelo ambiente, descobriu Derek em outra mesa, acompanhado por uma garota de cabelos ruivos — que, pela expressão corporal, estava achando o garoto mais interessante do que a pizza. Inclinava-se tanto para ele que seu seio esquerdo roçava no braço dele, e Derek, pelo modo como também se inclinava para ela, sem dúvida devia estar feliz com sua atenção.

Uma pontinha de ciúme alfinetou seu peito, mas Kylie procurou ignorá-la. Aquilo era apenas porque o garoto lembrava muito Trey. Mordendo o lábio e reprimindo as emoções, reconheceu que devia tomar cuidado com ele, pois seria fácil confundir seus sentimentos.

Nesse exato momento, Derek olhou por cima do ombro e seus olhares se encontraram. A sensação de borboletas batendo asas se espalhou pelo seu estômago.

— Acho que ele gosta de você — sussurrou Miranda.

Notando que ela e Derek haviam chamado a atenção, olhou para o outro lado.

— Só deve estar curioso a meu respeito, como todos os demais — sussurrou de volta.

— Nada disso. O cara está louco por você — disse Della, o que lembrou a Kylie a audição sobrenatural de alguns dos campistas. — Quando estava ao seu lado no almoço, produziu tanta testosterona que o ar ficou quase irrespirável. Ele deseja o seu corpo — brincou Della.

— Pois não o terá — garantiu Kylie.

— Então não gosta dele? — perguntou Miranda, num tom ansioso.

— Não desse jeito. — Aquilo não era bem verdade, mas ela deixou passar, pois sabia que qualquer sentimento por Derek era resultado da semelhança dele com Trey. Sua vida já estava bem confusa e um novo relacionamento só ia complicar as coisas, principalmente se fosse baseado numa mentira. Derek não era Trey.

E Trey a queria de volta. Ou, pelo menos, foi o que insinuou ao telefone. Com tanta coisa para fazer aquele dia, não tinha tido tempo para pensar no que sentiu depois da confissão de Trey. Feliz? Triste? Furiosa? Talvez um pouco de cada coisa?

Decidida a manter sua sanidade mental, Kylie mudou o foco e estendeu a mão para o copo de refrigerante diet. Viu então quando Della tirou a calabresa de seu pedaço de pizza e levou-a à boca. As pontas de seus caninos afiados chamaram a atenção de Kylie, fazendo-a esquecer um pouco Trey e imaginar como seria conviver com uma vampira.

Enquanto outro pedaço de calabresa desaparecia na boca de Della, Kylie se deu conta de que a garota estava comendo. Ora, pelos livros de ficção que tinha lido, vampiros não comem. Só bebem... O olhar de Kylie pousou no copo de Della, cheio de um líquido vermelho, espesso.

— Que nojo! — Kylie sentiu o estômago revirar e levou imediatamente a mão à boca.

— O que foi? — perguntou Della.

— Isso aí é... sangue? — gaguejou e, olhando à sua volta, notou em algumas mesas copos cheios da mesma substância vermelha.

— Repugnante, não? — disse Miranda, inclinando-se.

— Repugnante é andar por aí com um sapo — ralhou Della, furiosa.

— Não ando por aí com sapos — revidou Miranda, com um certo embaraço nos olhos castanhos. — Joguei um feitiço naquele cara. Foi merecido, é claro, mas agora não consigo encontrar um contrafeitiço e, toda vez que ele se comporta mal, transforma-se num sapo e vem me encher a paciência.

Havia desespero na voz de Miranda, mas Kylie mal prestou atenção. Por alguma razão, o fato de Miranda transformar pessoas em sapos não a inquietava tanto quanto ver Della bebendo sangue. Mas, por Deus, que tipo de sangue era aquele?

Della olhou para Kylie e percebeu sua repugnância.

— Ver gente morta é repugnante. Isto — ergueu o copo e bebeu um grande gole — não é.

Quando colocou o copo na mesa, duas gotas vermelhas lhe escorreram dos cantos da boca. Della estendeu a língua rosada e lambeu-as.

O estômago de Kylie se contraiu e a pizza, agora uma massa inflada que parecia não caber mais lá dentro, tentou fazer o caminho de volta.

— E, é claro, vocês — o sorriso de Della era maquiavélico — descobrirão isso quando tiverem que experimentar.

— Experimentei no último verão e era nojento — garantiu Miranda. — O gosto é parecido com o cheiro de moeda velha.

— Como é que é? — Kylie engoliu em seco. — Vou ter que beber sangue? Não, não vou fazer isso. De jeito nenhum. Eu, não. — Apertou a mão contra a boca para não vomitar.

— Beber não, só provar — esclareceu Miranda. — Todos temos de conhecer a cultura uns dos outros até o fim do verão. Nós, bruxas, realizamos uma cerimônia e mostramos algumas de nossas magias; quanto aos lobisomens, da última vez vimos Lucas Parker se transformar. Foi assustador. Nunca irrite um lobisomem.

Kylie deixou de pensar em beber sangue e imaginou Lucas Parker se transformando num lobisomem. Lembrou-se então de seu breve encontro na hora do almoço — quando ela

provavelmente o irritara.

Obviamente, nem precisava que Miranda a avisasse. Sabia por experiência própria do que aquele sujeito era capaz. Então, por alguma razão absurda, surpreendeu-se tentando localizá-lo na multidão. Mas Lucas já tinha saído ou estava de costas para ela.

— Os lobisomens não são tão perigosos quanto os vampiros — disse Della, defendendo sua espécie com entusiasmo. — Os lobisomens só têm poder total uma vez por mês. Nós, vampiros, temos o tempo todo. Por isso, é a *nossa* espécie que você não deve irritar.

Kylie continuou sentada, tentando digerir a conversa enquanto seu estômago embrulhado tentava digerir a pizza.

— Quanto aos metamorfos... aquilo foi estranho, mas não assustador — interrompeu Miranda.

— E os *Fae*, o que fazem? — A pergunta veio numa voz grave, obviamente masculina.

Kylie reconheceu o timbre da voz de Derek antes que seus olhos se encontrassem. Quando o viu, percebeu que ele também a vira, pois olhava diretamente para ela.

O nó em seu estômago apertou-se ainda mais. Só que esse nó, assim como as borboletas, não era de todo desagradável. De fato, devia tomar muito cuidado com Derek em se tratando de emoções.

— Bem — disse Miranda, num tom mais alto que o normal. — Como fadas e elfos têm um dom diferente, cada um deles faz uma curta apresentação. — Enrolou uma mecha de cabelo no dedo e deu um largo sorriso.

— Qual é o seu dom? — perguntou Della a Derek, enquanto espetava outro pedaço de calabresa da pizza e enfiando-o entre os lábios. Lábios que acabavam de beber sangue.

Uma longa pausa seguiu-se à pergunta. A postura de Derek enrijeceu.

— Quem disse que eu tenho dons? — Pelo tom de voz, ele não gostava de ser questionado. Ou talvez fosse como Kylie e resistisse a aceitar que fosse sobrenatural.

— Uma das fadas, o ano passado, podia ler pensamentos — prosseguiu Miranda, sem dar atenção à atitude de Derek. — Você pode ler os meus agora? — Mordeu o lábio e o fitou com um olhar de desafio.

Kylie virou-se de novo para Derek. Ele então lia a mente das pessoas? Não, talvez não, pois antes tinha perguntado o que ela era. Ou será que tinha perguntado só para puxar conversa?

Lembrou-se dos seus pensamentos secretos a respeito do corpo dele, comparando-o ao de Trey. Mais essa! Seria muito embaraçoso se ele soubesse que ela o imaginara sem camisa. Então se deu conta de que estava imaginando aquilo outra vez. Kylie sentiu o rosto queimar e Derek, ainda fitando-a, não perdeu um detalhe sequer.

— Outra fada movia objetos só com a força da mente — continuou Miranda em tom

mais alto, como que para atrair a atenção de Derek. — Mas, é claro, as bruxas também podem fazer isso.

— É mesmo? — Della parecia realmente impressionada. — Então faça isso agora. Mova o meu prato. — E recostou-se, como que para dar mais espaço a Miranda.

Miranda, com a testa franzida, fuzilou Della com o olhar.

— Não posso. É contra as regras.

— Regras? Ah, danem-se as regras — bradou Della. —Ninguém vai ficar sabendo.

— Não posso. — As faces de Miranda ficaram vermelhas, quase tão vermelhas quanto as mechas de seus cabelos. Kylie achou ótimo descobrir que não era a única a enrubescer por qualquer coisa.

— Por que não? — insistiu Della. — Só por causa de alguma regra idiota?

Miranda lançou a Della um olhar penetrante.

— Por que não vai se afogar em sangue? — E, mais vermelha ainda, virou-se para Derek, a quem obviamente queria impressionar.

— Ah, é? Vem enfiar uma estaca em mim! — zombou Della.

— É melhor tomar cuidado ou faço isso mesmo — revidou Miranda, com uma expressão que agora passava do embaraço para a raiva.

O olhar de Kylie ia de uma a outra enquanto elas trocavam ofensas.

Que ótimo! Agora suas duas colegas de alojamento ameaçavam se matar.

— Fiquem frias vocês duas — aconselhou Derek, como se lesse a mente de Kylie.

— Já estou bem fria — disse Della, sempre olhando para Miranda. — Ela é que é esquentadinha. Mas é bom tomar cuidado porque um dia desses posso me esquentar também. — Levantou-se de um salto e, antes que Kylie pudesse perceber, já estava longe.

— Uau! — exclamou outra voz masculina.

Perry, o Garoto dos Olhos Esquisitos que tinha se transformado em unicórnio, estava em pé, ao lado de Derek. Kylie fitou seus olhos negros e sentiu o coração acelerar, em pânico.

— Ei — disse Perry a Miranda. — Adoraria assistir a vocês duas se atracando e rasgando a roupa uma da outra!

— Só em seus sonhos — replicou Miranda.

— É isso aí — continuou Perry —, especialmente a parte em que rasgam as roupas.

— Vê se cresce! — resmungou Miranda, recolhendo sua bandeja e a de Kylie para levá-las embora.

— Obrigada — agradeceu Kylie, ainda olhando de Derek para Perry, sem saber qual dos dois a deixava mais nervosa: Derek, que a fazia sentir coisas que não gostaria de sentir, ou Perry, que simplesmente a deixava aterrorizada. Seu celular tocou. Tirou-o da bolsa,

torcendo para que não fosse o pai e sim Sara, com a notícia de que não estava grávida. Respirou aliviada ao ver o número de Sara na tela.

— Até mais — disse aos colegas. E, louca para sumir dali, saiu em busca de um lugar onde pudesse conversar tranquilamente com a amiga. Mas quantos quilômetros teria que se afastar para ficar fora do alcance da superaudição dos sobrenaturais?

# Capítulo 12

— Nada de pânico — recomendou a Sara depois de trinta minutos de bate-papo. — Vai ficar tudo bem, você vai ver. — Kylie não conseguiu dizer aquilo com grande entusiasmo, mas pelo menos tentou: para isso serviam os amigos. Entretanto, bem no fundo, pressentia que, se Sara estivesse realmente grávida, e tudo indicava que estava, nada ia ficar muito bem.

— Obrigada, Kylie — disse Sara. — Não sei como vou me virar durante todo o verão sem você.

— Tente sobreviver — incentivou Kylie. — É o que eu vou fazer também.

Kylie tinha ficado durante toda a conversa escondida atrás do escritório, sentada no chão, encostada a uma árvore, enquanto procurava acalmar Sara.

A mãe de Sara havia cancelado o almoço fora e tinha insistido para que a filha passasse o dia inteiro com ela, visitando o museu de arte e fazendo compras. O Museu de Belas-Artes, em Houston, era maravilhoso e Sara realmente gostava de arte. Quanto às compras, quem não gosta? Mas não em companhia da mãe quando há uma suspeita de gravidez!

— Não consigo acreditar ainda que isso está acontecendo — prosseguiu Sara. Ainda nem tinha feito o teste de gravidez. Estava assustada demais.

Não que Kylie já não tivesse problemas suficientes; mas falar sobre os de Sara a ajudava a esquecer um pouco os seus. Além disso, concentrar-se nos problemas de Sara era o que elas mais faziam. Quando a amiga estava chateada, e mesmo quando não estava, sua tendência era só se preocupar consigo mesma. Mas Kylie nunca se importou. Preferia ouvir os problemas dos outros a contar sobre os seus.

Para Kylie, aquela até que era uma vantagem: por enquanto, não poderia mesmo falar sobre o que estava acontecendo com ela. Pelo menos, não com uma pessoa normal.

— Bom, agora preciso desligar — avisou Sara.

Os últimos raios de sol lançavam um brilho dourado sobre a paisagem verde à sua volta. Perto do crepúsculo, a temperatura já não era mais tão sufocante.

— Me ligue quando fizer o teste — pediu Kylie.

— Vou ligar. E, de novo, muito obrigada.

Kylie fechou o aparelho e os olhos. Reclinando a cabeça contra o tronco da árvore, reviveu a esperança de que Holiday talvez estivesse errada quanto a ela ser sobrenatural. Lembrou-se também dos dois sujeitos de terno preto dizendo que o acampamento poderia ser fechado caso "aquilo" não parasse — fosse "aquilo" o que fosse. Mas, se as duas

esperanças se materializassem, a vida de Kylie passaria a ser quase tolerável.

Pelo menos, um pouco tolerável. Os problemas com os pais, a avó e Trey pareciam até menores agora. Impressionante como as perspectivas de uma pessoa podem mudar quando ela descobre que não é humana.

A voz de Holiday ecoou em sua mente: *A verdade... a verdade é que não sabemos o que você é. Pode ser uma fada ou uma descendente dos deuses. Pode ter dons...*

Kylie se lembrava de ter interrompido a líder do acampamento e agora gostaria muito de não ter feito isso. Embora ainda não tivesse desistido de ser normal, que mais poderia ser?

Tentando evitar que o nervosismo provocasse contrações em seu estômago, esforçou-se para não pensar, apenas ouvir. Uma brisa de fim de tarde agitava as folhas da árvore, os grilos começavam a ensaiar o concerto noturno, um filhote de pássaro chamava pela mãe. Kylie recordou as caminhadas que fazia com o pai. Deveria ligar para ele agora?

Não, mais tarde. Talvez então soubesse como perguntar por que ele não tinha ido buscá-la na delegacia, quando ela telefonou. Por enquanto, ficaria sentada ali, absorvendo a natureza e quase relaxando. Fechou os olhos e a tensão foi aos poucos diminuindo.

Kylie não sabia dizer quanto tempo tinha se passado, se dez minutos ou uma hora, mas algo a despertou de repente. Arregalou os olhos para a escuridão e endireitou-se, alerta. Não se ouviam sequer os grilos. Lutando contra o medo do desconhecido, ela se lembrou de que monstros existiam de verdade.

Um rugido profundo e sinistro, semelhante ao de um leão, encheu o silêncio sombrio e depois ela escutou o uivo de cães... ou seriam lobos? Fitou o céu escuro. A lua, quase cheia, flutuava esmaecida no céu, por trás de farrapos de nuvens. Um desejo súbito de correr para um lugar seguro a dominou. Mas, antes que pudesse se mover, ela ouviu um estalido.

Não estava sozinha.

Com o coração aos pulos, examinou rapidamente suas opções: gritar ou correr. Talvez as duas coisas. Mas, antes de se decidir, alguém falou:

— Ainda com medo de mim, hein?

Reconheceu a voz de Della e acalmou-se um pouco. Só um pouco.

— Não tanto quanto antes — respondeu, erguendo a cabeça. A vampira se aproximou dela.

Della riu.

— Gosto de ver que você diz a verdade a maior parte do tempo.

— Pode mesmo saber quando alguém está mentindo? — indagou Kylie.

— Depende da pessoa, da habilidade que tem de mentir. Os bons mentirosos controlam a pulsação e não dá para ouvir muita coisa. E existem aqueles para quem mentir é tão

natural que isso não os afeta em nada.

Kylie se levantou e limpou as folhas de grama da parte de trás do jeans. Então tinha que ser cuidadosa e não mentir para Della. Ou aprender a mentir melhor.

— Holiday me mandou farejá-la.

— Me farejar? — No escuro, Kylie não podia ver bem a expressão de Della, mas supôs que a garota estivesse sorrindo. Seus dentes muito brancos quase faiscavam na noite.

— Você consegue sentir o meu cheiro? — Aproximou o braço do nariz dela.

Como se Kylie estivesse à disposição de todos para ser cheirada, Della se inclinou e farejou seu braço. Um sussurro de aprovação escapou dos seus lábios.

As pontas dos caninos afiados de Della apareceram nos cantos da boca. Kylie recolheu apressadamente o braço. O sorriso da outra se apagou. Kylie teve a estranha impressão de que a vampira realmente não queria que tivessem medo dela. Então os vampiros também tinham sentimentos. Essa constatação de certo modo tornava a garota mais humana e menos aterrorizante.

— Todos estão em volta da fogueira. — Della começou a se afastar.

Kylie tentou acompanhá-la, mas não era nada fácil porque Della andava a passos largos.

— Você acha mesmo que meu cheiro é bom?

Della, sem voltar a cabeça, respondeu:

— Quer que eu minta para se sentir melhor? Ou quer que eu diga a verdade?

— A verdade... acho.

Della se deteve e falou num tom ressentido:

— Há sangue em suas veias e eu gosto de sangue. Portanto, sim, você cheira bem. Mas isso não significa que... Digamos, por exemplo, que você esteja com muita fome e entre numa lanchonete. Em todas as mesas, você vê gente devorando hambúrgueres deliciosos e batatas crocantes. O aroma é maravilhoso. Então... o que você faz?

— Faço logo meu pedido — respondeu Kylie, sem perceber aonde a outra queria chegar.

— Não roubaria o hambúrguer de alguém?

— Não — garantiu Kylie.

— Então, se roubar um hambúrguer já é ruim, você pode imaginar que roubar um pouco de sangue de alguém cria muito mais confusão do que roubar um BigMac. Para fazer isso, eu precisaria estar realmente com muita fome. Ou com muita raiva.

Agora a garota parecia furiosa. Kylie perguntou:

— Costuma ficar "com muita raiva" com muita frequência? Já chegou a esses extremos?

Della emitiu outro rugido exasperado.

— Nunca matei ninguém, pelo que me lembre. É isso o que queria ouvir?

— É. — Kylie sorriu. — Nesse caso, os vampiros não são uma grande ameaça aos

humanos?

— Não foi o que eu quis dizer — corrigiu Della.

— Como assim?

— Eu quis dizer que existem humanos bons e ruins, vampiros bons e ruins. Alguns são cruéis, formam gangues e tentam causar tumulto aonde quer que vão.

— Que tipo de tumulto?

— Digamos que roubar o seu hambúrguer. Ou coisa pior.

— Ok — disse Kylie, certa de que sabia muito bem o significado de "coisa pior" e não gostava nada daquilo.

— E existem também os que ficam no meio-termo — prosseguiu Della.

— No meio-termo?

— Como os humanos que se metem em confusão, mas não são totalmente ruins. Existem vampiros assim, também.

Kylie fez que entendeu. Puseram-se de novo a caminho e sua curiosidade foi aumentando.

— Quais são os seus dons? Se... não se importa que eu pergunte.

— Sentidos mais aguçados. Muita força. E... ai, merda! Agora me lembrei do seu. — Deteve-se abruptamente. — Não tem nenhum fantasma por aqui, tem?

Kylie checou para ver se percebia a sensação de frio na espinha.

— Não. Mas, falando sério, não acho que eu tenha algum dom.

— Não quer ter, certo? — perguntou Della

— Não, não quero — respondeu Kylie, sem muita convicção. E imediatamente se lembrou de que Della era um detector de mentiras humano — ou "não humano".

Kylie percebeu que estavam entrando no bosque; uma nuvem cobriu a lua e a escuridão tomou conta de tudo. Nesse momento, Kylie ouviu de novo o rugido profundo que parecia o de um animal selvagem.

— Ouviu isso? — perguntou.

— O tigre branco?

— O quê? — Kylie agarrou Della pelo cotovelo. Mas a pele dela era tão fria que a soltou imediatamente. O rugido emudeceu, mas a frieza da pele de Della tinha passado para o seu braço. Será que os vampiros estavam mesmo mortos? Não achou que pudesse fazer essa pergunta.

Della olhou para ela como se percebesse que o frio de sua pele a incomodava. Kylie baixou a cabeça e fingiu tirar um graveto da calça, tentando evitar que Della visse muita coisa.

Quando a vampira recomeçou a andar, Kylie voltou ao assunto:

— Estamos no Texas. Aqui não existem tigres brancos.

— Nos parques florestais, sim. Tem um a poucos quilômetros daqui. É ao mesmo tempo uma reserva e uma área de lazer. Como os zoológicos. Os visitantes podem passear e até alimentar os animais mais mansos.

— Fui a um deles, uma vez — disse Kylie. — Mas não sabia que tinha um por aqui.

— Pois tem, sim — Della levantou o nariz e farejou. — E deviam limpar melhor a sujeira dos animais. Aquilo fede. Especialmente a merda dos elefantes.

Kylie inspirou, receosa, esperando sentir o mau cheiro, mas só percebeu o aroma da floresta, da terra molhada e da vegetação verde. Concluiu que ter um olfato apurado nem sempre é boa coisa.

Embrenhavam-se cada vez mais no bosque. Espinhos grudavam em sua calça. Tinha que andar depressa para acompanhar Della.

— Onde está a fogueira? — perguntou, quase sem fôlego.

— A uns quatrocentos metros. Um pouco à frente da nossa cabana.

— Não deveríamos ter pego a trilha?

— Por aqui é mais perto.

*Para um vampiro, talvez.* Andaram mais uns três ou quatro minutos, em silêncio. Kylie repassava mentalmente as perguntas que gostaria de fazer a Della, mas tinha receio de que ela se sentisse ofendida.

Concentrando-se no caminho para evitar os espinheiros e os tocos de árvore, acabou se chocando com as costas de Della.

— Desculpe...

Della se virou tão de repente que Kylie só percebeu um borrão, mas sentiu muito bem o frio da mão da garota tapando sua boca.

— Chhh! — A expressão rígida de Della acrescentava um toque de ameaça à advertência. Em seguida, afastou-se um pouco, a cabeça inclinada como que para ouvir melhor.

Kylie também apurou os ouvidos. Mas, como na hora em que tinha acordado, só o silêncio enchia o bosque. Nada de pássaros ou insetos. Até as árvores pareciam conter a respiração.

Por quê?

Kylie sentiu uma lufada de ar frio, como se alguém tivesse passado correndo por perto. Mas não havia nada ali. Então Della emitiu um grunhido gutural.

Kylie fitou-a. Os olhos da garota brilhavam e seu rosto estava banhado numa luminosidade esverdeada, fazendo-a parecer tudo, menos humana. O medo se alojou no peito de Kylie, comprimindo seu coração e os pulmões.

Outra vez, a lufada. Kylie espiou por cima do ombro e, ao se virar para a frente, ela o viu. Estava bem perto, quase esbarrando nela. Notou os cabelos negros e os olhos asiáticos. Parecidos com os de Della, mas irradiavam uma luz dourada, não verde.

Aqueles olhos irreais pousaram em Della.

— Olá, priminha!

Voltou o gélido olhar amarelo para Kylie e se aproximou ainda mais.

— Vejo que nos trouxe um petisco.

# Capítulo 13

Antes que Kylie pudesse esboçar uma reação, Della se interpôs entre ela e o recém-chegado.

— O que está fazendo aqui? — perguntou. — Você não deveria... não deveria estar aqui.

— Não se preocupe, priminha — disse ele. — Não podem me ouvir nem sentir meu cheiro a esta distância. Conheço suas limitações.

— Esqueça as limitações deles. *Você* não deveria estar aqui — rugiu ela.

— Então não posso visitar minha prima favorita?

— Aqui, não. — Fez um gesto com a mão. — Vá embora antes que me meta em encrenca.

— Não quer me apresentar a esta criaturinha apetitosa? — Num movimento rápido, aproximou-se novamente de Kylie. Dessa vez, ainda mais. Ela percebeu uma feia cicatriz que lhe atravessava o queixo de lado a lado. O cheiro de seu hálito invadiu as narinas de Kylie. Lembrava o de um mercado quando se chega muito perto do açougue. Carne crua.

Uma palavra cruzou seu cérebro em pânico. *Corra!*

Mas o medo a impediu de obedecer.

Della emitiu um rosnado e, numa fração de segundo, meteu-se entre Kylie e o primo.

— Deixe ela em paz, Chan. Ela está ficando assustada.

Chan deu um passo para trás.

— Estou só brincando. Já jantei. — Passou a mão por baixo da camiseta... uma camiseta clara que, Kylie notou, tinha manchas na frente. Manchas que bem podiam ser de...

O medo paralisou os pulmões de Kylie enquanto um cheiro acre de sangue lhe entrava pelo nariz. Um murmúrio escapou de seus lábios. Recuou um passo, quase tropeçando nos próprios pés.

Della lhe lançou um olhar rápido e se concentrou de novo em Chan.

— Vá embora. Verei você depois do acampamento.

— Então vai se juntar a nós depois que der o fora daqui?

— Não sei o que vou fazer depois. É por isso que estou no acampamento, para descobrir.

— Seus pais nunca aceitarão você. Não conseguirá mais viver no mundo deles — disse Chan.

— Como pode saber? — replicou Della. Havia uma ponta de angústia em sua voz.

— Sei porque já tentei. Poupe-se, e a eles também, de um ataque cardíaco e venha viver conosco. Somos sua nova família.

— Já disse que vou decidir quando sair daqui.

— Esta gente vai encher sua cabeça de mentiras. Querem nos mudar... a todos nós. É uma manobra do governo.

— Ninguém está pondo nada em minha cabeça. Deixaram bem claro que a escolha é minha. Agora, suma daqui antes que me expulsem do acampamento.

— Encrenca é meu nome, priminha.

— Chan! — rosnou Della de novo.

— Você não tem senso de humor — disse ele, afastando-se tão rápido que só restou atrás de si um rastro gélido de medo.

Kylie procurou uma árvore para se encostar. Della permaneceu onde estava, cabeça inclinada para ouvir e ver melhor e se certificar de que Chan tinha realmente ido embora.

Devagar, virou-se para Kylie. Seus olhos tinham reassumido o mesmo tom escuro da sombra nas pálpebras. A lua emergiu das nuvens, deixando que Kylie visse as emoções no rosto de Della.

— Sinto muito — desculpou-se a vampira, com uma expressão sincera.

Kylie não conseguiu responder; não podia sequer controlar a respiração. Ainda encostada à árvore, abraçou o próprio corpo para combater a sensação de frio que nada tinha a ver com a temperatura ambiente.

— Ele não ia machucá-la — assegurou Della.

— Me chamou de petisco — disse Kylie, conseguindo com muito esforço arrancar do peito essas poucas palavras.

— Chan gosta de assustar as pessoas. Mas não ia fazer nada.

Kylie ergueu uma sobrancelha em sinal de incredulidade.

— Ele... é de uma daquelas gangues que atacam humanos? — perguntou.

— Não, apenas finge às vezes.

— Por que, então, você se colocou entre nós?

— Porque farejei seu medo.

Kylie não engoliu totalmente aquelas palavras, mas Della sem dúvida acreditava no que dizia. Ou, pelo menos, queria acreditar.

Os sons naturais da floresta retornaram. Alguns insetos zumbiam a distância. Della, ainda parada ali, parecia inquieta.

— Posso te pedir um grande favor?

— O quê? — perguntou Kylie.

— Não fale sobre isso com ninguém. Sobrenaturais de fora não devem vir aqui. — O pedido parecia custar muito a Della.

— E se ele voltar? — Kylie quase podia sentir o cheiro de carne crua que exalava do hálito de Chan.

— Não vai voltar. Vou dar um jeito para que isso não aconteça. — Fez uma pausa e examinou o rosto de Kylie. — Por favor, seja discreta. Se eles descobrirem, me mandam embora e eu realmente preciso continuar aqui.

Kylie lembrou-se de como Della a protegera e, por razões que não entendia muito bem, achava que a protegeria novamente. Mas confiaria naquela garota a ponto de pôr a vida em suas mãos? Talvez não, mas seu instinto decidiu por ela.

— Apenas faça com que ele não apareça mais aqui. Não quero me tornar outra mancha de sangue na camiseta dele. — Ao dizer isso, Kylie sentiu outro calafrio percorrer sua espinha.

Quando percebeu que o calafrio estava demorando demais para passar, ficou preocupada: o frio vinha do seu pânico ou de outra coisa? Será que havia mais alguém por perto? Alguém que não fosse...

— Obrigada — sorriu Della. — Eu sabia que gostava de você. Anda. Vamos para a fogueira antes que mandem nos procurar.

Recomeçaram a andar, mas Kylie, a cada passo, olhava por cima do ombro. O que mais temia: se deparar com um fantasma ou com o primo de Della? Não tinha certeza.

O cheiro de fumaça de madeira foi ficando mais forte à medida que avançavam no bosque. A meia-lua entrava e saía das nuvens, envolvendo-as numa claridade mortiça ou na escuridão completa. Os estranhos sons de animais ecoavam ao longe — leões, elefantes e até lobos. Mas, graças a Deus, a sensação de frio se diluíra na treva.

Della parecia conhecer bem o caminho, e Kylie a seguia de perto, ignorando os ramos e espinhos que se agarravam à sua calça. Finalmente, um clarão avermelhado surgiu entre as árvores.

Agora já capaz de pensar com mais clareza, Kylie procurou aproveitar seus últimos momentos a sós com Della para fazer algumas perguntas.

— Foi... foi o seu primo que fez isso com você?

Della olhou-a por cima do ombro.

— Fez o quê?

— Transformou você em vampira.

— Ah, não. Já nasci com o vírus. Mas, com certeza, o contato com ele ativou esse vírus.

— Pensei que tinha se transformado em vampira depois de ser mordida. Ou isso é apenas um mito? Quero dizer, existem muitos mitos a respeito de sobrenaturais. Vi que você pode comer pizza. E estava sob a luz do sol.

Della sorriu.

— O sol e eu não nos damos muito bem, mas para isso existem os filtros solares. Também me alimento, embora não da maneira como estava acostumada. Preciso mesmo é de sangue. E, sim, alguns humanos podem se transformar quando são... mordidos. Existe alguma verdade nos mitos. Mas a maioria de nós nasce com o vírus, que só se ativa quando a pessoa fica em contato com outro vampiro.

Kylie se esforçava para entender.

— Então você sempre soube que era vampira?

Della sorriu de leve.

— Não é bem assim. O vírus está na nossa família, mas nunca sabemos nada sobre ele porque ele só afeta um em cada cinquenta membros e, mesmo assim, pode não ser o vírus ativo. Todos pensaram que Chan tinha morrido num acidente de carro quando estava na França. Então, uma noite, eu o vi numa festa. Fiquei aterrorizada.

— Posso imaginar. — Muita coisa do que estava sendo dita ali a assustava muito.

— Seja como for, Chan, é claro, podia perceber que eu tinha o gene e que, mantendo contato com ele, eu ficaria muito doente. Apareceu para me ajudar. Contou que eu era vampira. Foi um choque tremendo pra mim. Do tipo que você acaba de sentir.

— Mas eu não fiquei doente. Não sabemos nem mesmo o que sou.

— A negação faz parte do processo — disse Della. — Eu me lembro. Jurava que o meu era apenas um caso grave de gripe suína.

Kylie evitou continuar negando e deixou que Della continuasse.

— Passei uns maus bocados. Com os vampiros é pior, sem dúvida. A mudança é muito dolorosa. — Afastou alguns galhos do caminho e os segurou para que Kylie passasse.

— Então seus pais não sabem? — perguntou Kylie.

— Está brincando? Eles surtariam.

Continuaram andando e Della prosseguiu:

— No princípio, fiquei muito doente. Nem os médicos sabiam o que era. Mas Chan me explicou tudo. Escondeu-se no meu quarto e cuidou de mim por quase duas semanas. Devo muito a ele por isso.

— O bastante para deixar sua família para ficar com ele? — indagou Kylie, lembrando-se da discussão entre Della e o primo. Lembrou-se também do drama de sua própria família, o que a levou a se identificar com os problemas de Della. Perder quem se ama doía demais. A imagem do pai cruzou sua mente e ela sentiu um aperto no peito.

A emoção punha um brilho intenso nos olhos de Della.

— Há uma comunidade de vampiros na Pensilvânia. Chan acha melhor que eu vá morar lá. Não é fácil viver com os pais sem poder contar nada. Mas... não sei bem o que é melhor. Nós... minha família e eu éramos muito unidas. Meu pai é um cara difícil, não nego, mas sei

que me ama. Mamãe era minha melhor amiga e tenho uma irmã mais nova. Não consigo me imaginar longe dela.

— Sua mãe vai deixar você ir? — perguntou Kylie.

— Não. Vou ter que fugir e isso vai partir o coração deles. Por isso muitos vampiros simulam a própria morte; assim, a família se conforma. Não quero fazer isso, mas... de qualquer modo, já estou partindo o coração deles. Minha casa parece uma zona de guerra.

Um ligeiro tremor passou pela voz de Della. Kylie não quis olhar, mas supôs que talvez houvesse lágrimas nos olhos da colega. Ainda não estava certa de que vampiros choravam. Mas, com ou sem lágrimas, podia perceber a angústia na voz dela.

— É duro — continuou Della. — Preciso escapar à noite para beber sangue. Não posso ter um estoque de sangue na geladeira. Hoje, sou basicamente noturna, por isso ficar acordada na escola assistindo a uma aula chata é quase impossível. O diretor convenceu minha mãe de que eu estava deprimida ou usando drogas. Em casa, meus pais, e até minha mãe, pegavam no meu pé e me acusavam de todo tipo de coisa. Vivíamos brigando e eu não sabia como pôr um fim naquilo. Por isso, acho que Chan pode ter razão.

Kylie se esforçava para dizer alguma coisa. Olhando à frente, avistou as fagulhas vermelhas e laranjas da fogueira. As vozes dos campistas, em volta do fogo, enchiam a noite. Virou-se para Della e ofereceu a única coisa que podia:

— Se servir de consolo, na minha casa não era muito diferente.

Saíram da mata para a clareira e quase colidiram com uma figura negra que saltou de entre as árvores e pousou no chão quase sem fazer barulho. Della emitiu um grunhido. Kylie ia gritar quando reconheceu a criatura de olhos muito azuis.

Lucas Parker.

— Belo jeito de levar uma porrada — sibilou Della.

Os olhos do garoto estavam fixos nas duas — impiedosos, acusadores.

Kylie estremeceu diante daquele olhar implacável, mas Della, indiferente à presença agourenta de Lucas, apenas fez um sinal a Kylie para prosseguirem.

Lucas postou-se ao lado da vampira e sua voz grave saiu quase como um sussurro:

— Se ele aparecer aqui de novo, não vou ficar parado sem fazer nada. — E, com isso, afastou-se.

— Merda! — resmungou Della.

*Idem.*

Kylie viu Lucas se aproximar de um grupo de campistas, que o saudaram como se fosse um líder. E antes de desviar o olhar, a garota que parecia estar sempre grudada nele fulminou-a com olhos amarelo-esverdeados que pareciam soltar faíscas.

— Alguém está com ciúmes — brincou Della.

Embora a ideia parecesse absurda, Kylie juraria que havia traços de ciúmes no olhar da garota.

Pouco depois, Kylie, agora sozinha, contemplava o fogo ouvindo os estranhos sons animais a distância. Seu olhar acompanhava a trilha de fumaça que parecia serpentear em direção à lua. Aspirando o cheiro de madeira queimada e dos *marshmallows* que alguns campistas tinham posto para assar, Kylie tentava se livrar do peso que oprimia seu peito. E ali, diante do bruxulear das chamas, sentiu a falta de Sara como nunca antes.

A princípio, Kylie não entendeu bem aquela saudade repentina da amiga, mas, ao olhar em volta, o motivo ficou claro. Claríssimo.

Bem-vinda ao mundo das panelinhas.

O que não faltava na escola eram panelinhas. Entre outras, a panelinha das líderes de torcida, a da banda da escola, a dos CDFs — completamente diferente da dos *geeks* —, a do clube de arte e aquela a que Sara e Kylie pertenciam: a panelinha dos sem panelinha.

Não era a pior delas. Na verdade, nem sequer era uma panelinha, mas um bando de "desgarrados". Uniam-se — sem pertencer — a um grupinho por algum tempo e depois se juntavam a outro. Felizmente, as pessoas não os hostilizavam nem ridicularizavam, como faziam a outros grupos impopulares. E como iriam ridicularizá-los se mal sabiam de sua existência? Pelo menos, foi assim que Kylie sempre se sentiu na escola. Eles não eram odiados nem maltratados, apenas invisíveis.

O motivo de estar com saudade de Sara não era, naquele momento, racional. Kylie podia ser uma desgarrada, mas nunca precisou se desgarrar sozinha. Desde o quinto ano, ela e Sara formavam uma equipe. E Sara foi, sem discussão, a desgarrada número um — papel assumido naturalmente, pois era a que mais fazia questão de se enturmar.

Inalando outra golfada de fumaça, Kylie procurou se proteger do vento. Enquanto seu olhar passeava pelos grupos, lembrou-se de um ditado que a avó sempre citava: "Cada qual com seu igual".

Ali as panelinhas não se pareciam em nada com as do colégio. Observou Della e o sujeito dos *piercings*, Jonathon, em meio a um grupo formado sem dúvida apenas de vampiros.

Perto da fogueira, assando *marshmallows*, estava o metamorfo Perry, acompanhado por dois garotos e uma garota. Será que todos eles podiam se transformar em unicórnios?

Derek estava a uma certa distância de outro grupo, como se não estivesse certo de querer se misturar. Kylie supôs que deveriam ser fadas, ou *faes*, como dizia Derek. Não o censurava por usar uma palavra diferente; nenhum garoto que se prezasse gostaria de ser chamado de fada. Não que alguém pudesse achar que ele fosse *gay*. Algo em sua postura e

maneira de caminhar mostrava claramente que Derek gostava de mulheres — como Trey.

Apertando as pálpebras, pôs-se a admirar o corpo musculoso de Derek. Os ombros largos, o queixo quadrado, a massa muscular delineando seu jeans. Mas logo se deu conta de que estava de novo comparando Derek a Trey. Não queria de forma alguma se envolver naquela tempestade emocional e por isso desviou os olhos.

Quis o acaso que seu olhar fosse pousar diretamente em outro corpo sarado no meio de um bando diferente de campistas. Lucas. Sua advertência a respeito do primo de Della ecoou no cérebro de Kylie, enquanto ela admirava o físico atlético do garoto. Não que ela planejasse levar muito longe essa admiração. O simples fato de admirá-lo a aborrecia. Afinal, devia mostrar um pouco mais de lealdade para com o seu gato. Certo?

Antes que conseguisse desviar os olhos daquele peito sólido, sob uma camiseta preta, percebeu ao lado dele a namorada gótica. Apertava o corpo contra o de Lucas a tal ponto que ninguém conseguiria se meter entre eles.

Lucas se virou, como se percebesse que Kylie o observava. Ela tentou disfarçar, mas os olhos dele encontraram os seus. Ela se sentiu pega no flagra. E então algo estranho aconteceu. Uma lembrança esquecida veio à tona. Estava voltando da escola para casa e alguns garotos mais velhos começaram a infernizá-la. Um deles apanhou uma pedra e atirou em Kylie, mas Lucas apareceu do nada e interceptou a pedra. Como um jogador profissional de basquete, devolveu o arremesso e atingiu o valentão bem entre as pernas.

O garoto desabou no chão, gemendo, e Lucas acompanhou Kylie pelo resto do trajeto, como para protegê-la. Os encrenqueiros nunca mais a incomodaram.

Percebendo que continuava observando Lucas enquanto se recordava do incidente, ela desviou o olhar. Viu Miranda conversando com um grupo vestindo roupas de estilo pouco convencional — bruxas, sem dúvida. Ainda sentindo sobre si os olhos de Lucas e achando que deveria fazer alguma coisa para não pensar mais nele nem em Derek, quase uma cópia do seu ex-namorado, caminhou na direção de Miranda.

Por sorte, Kylie tinha aprendido com Sara técnicas suficientes da "arte se ser uma desgarrada" para passar os próximos dois meses. Afinal, pensando bem, por que o acampamento seria diferente do colégio? Não estava em seus planos se enturmar e fazer parte de uma panelinha.

O travesseiro de Kylie não cheirava muito bem. E era duro também. Ela tinha sido a primeira a se afastar da fogueira e, quando Holiday se aproximou para perguntar como estava indo, sentiu-se tentada a inundá-la com um dilúvio de perguntas. *Será que não sou apenas meio tantã, em vez de sobrenatural? E se realmente tiver dons, como conseguirei descobrir o que sou? E... o*

*acampamento pode mesmo ser fechado por aqueles caras de terno preto? Posso fazer alguma coisa para que isso realmente aconteça?* Tudo bem, não teria feito as duas últimas perguntas, mas não por falta de vontade.

Mais que qualquer outra coisa, Kylie desejava voltar para casa — para sua própria vida miserável, para seu próprio mundo conturbado.

No entanto, ali diante de Holiday, Kylie se lembrou da audição supersônica de alguns presentes e preferiu ficar de boca fechada. Segundo sua agenda, comunicada ao pé do fogo, ela teria uma sessão de uma hora de aconselhamento com Holiday no dia seguinte, antes do almoço.

Antes disso, logo depois do café da manhã, precisaria se apresentar para a atividade diária: a Hora de Encontro com os Colegas de Acampamento. Cada campista teria a companhia de um colega por uma hora para conhecerem melhor os dons, a cultura e a espécie um do outro.

Não seria divertido? Não.

Estava curiosa, é claro, mas preferia descobrir quem era ou, melhor ainda, quem "não" era, antes de investigar o que os outros eram. E se pudesse provar que era apenas humana, talvez a deixassem ir para casa.

Rolou pela centésima vez na cama, sabendo que o motivo da insônia devia ser, em parte, o medo de mais uma noite de terror. Deus, não queria ter de explicar aquilo às suas colegas de cabana!

O ruído de seu estômago quebrou o silêncio noturno. Será que tinha algo para comer na geladeira? Deslizando da cama, apenas com um short azul-marinho com coraçõezinhos e uma camiseta cor-de-rosa, foi até a porta.

A porta rangeu quando ela saiu do quarto. Uma atmosfera sinistra parecia emanar das paredes de madeira. Kylie olhou de relance as portas dos outros dois quartos. Tinha ouvido Della e Miranda entrando e prestou atenção para descobrir se as duas ainda estavam planejando se matar. Caso tivesse de acordar para ver uma cena sangrenta, o melhor era estar preparada.

Felizmente, a conversa das duas parecia amistosa. Tudo o que Miranda queria era falar sobre garotos. Inclusive Derek. Kylie não se importava, é claro.

Mais alguns passos e Kylie espiou de novo pelas portas dos quartos. Grande alívio: as duas estavam mergulhadas num sono profundo, como o da morte. Bem, talvez *como o da morte* não fosse a comparação adequada, principalmente porque Kylie não sabia ao certo se vampiros estavam mortos ou não. Será que chegavam mesmo a dormir? E, em caso positivo, eram realmente imortais, conforme afirmavam os livros?

Os pés descalços de Kylie, pressionando o assoalho, faziam as tábuas de madeira velha

gemerem. Lembrou-se da visita do primo de Della. E depois, da história das gangues de vampiros. Agarrando a camiseta com as mãos crispadas, refletiu se não seria melhor desistir do lanchinho no meio da noite, para não correr o risco de se tornar um também.

Então, as tábuas estalaram outra vez.

# Capítulo 14

Kylie recuou um passo na direção da porta de seu quarto. E outro ruído a deteve. Apurou os ouvidos, lembrando-se dos sons selvagens que cortavam a noite há algumas horas. Esse, porém, não era o rugido de nenhuma fera. Com a respiração suspensa, esforçou-se para identificar o som. Ouviu novamente uma espécie de miado indistinto. Um som débil, suave.

Um movimento na vidraça chamou sua atenção. Olhou em volta. O medo invadiu seu peito, mas desapareceu tão logo ela avistou um gatinho amarelo no parapeito da janela. Assustado com o gesto súbito da garota, o bichinho saltou para o chão. "Não vá embora", murmurou ela, sem entender a princípio a preocupação repentina com o pequeno animal. Por fim, compreendeu. E se Lucas ou um dos lobisomens aparecesse?

Kylie correu para a porta e a abriu. Ajoelhou-se na soleira e chamou o gato.

— Vem cá, garoto. Vou cuidar de você — disse ela. Uma agitação de folhas respondeu às suas palavras. — Pode confiar em mim. — Segundos depois, uma pequena bola de pelos bamboleante foi se aproximando.

— Que gracinha — sussurrou ela e, com a ponta do dedo, acariciou delicadamente o queixo branco do bichinho que, ronronando, esfregou-se na perna nua de Kylie. Ela o pegou nos braços, examinou bem seus olhos dourados, apertou-o contra o peito e entrou.

O gato, miando alto, tentou escapar, como se não quisesse ficar preso lá dentro, mas Kylie o abraçou bem forte.

— Não, senhor — advertiu. — Há monstros lá fora. Aqui você está seguro.

O animal ficou mais calmo enquanto ela corria os dedos gentilmente por trás da orelha dele.

— Está com fome? — Esfregou o nariz no alto da cabeça do gato e o aconchegou mais ao peito.

Foi até a geladeira e a abriu para ver se havia algo para ela comer e dar ao pobre gatinho.

Ouviu, então, o ranger de uma porta às costas. Virou-se e viu Miranda sair do quarto, vestida com um camisetão amarelo e a calça de um pijama com estampa de carinhas sorridentes. Seu cabelo tricolor estava um tanto desarrumado e Kylie notou que, sem maquiagem, ela parecia bem mais jovem.

— Oi — disse Kylie.

— Pensei ter ouvido... — Miranda parou e arregalou os olhos. — O que é isto?

— Um gatinho. Ele..., ou ela, não é muito fofo? — Levantou-o para ver qual era o sexo do animal. O gato ficou todo agitado, tentando até mesmo arranhá-la, mas Kylie o segurou com

firmeza. — É menino. *Ele* estava espiando pela janela. — Aconchegou-o de novo ao peito e virou-se para a geladeira. — Acho que está com fome.

— Ah, não! — A exclamação de aborrecimento fez Kylie se virar para Miranda.

— O que foi? — perguntou, confusa. — Você é alérgica a gatos?

— O mesmo truquezinho de sempre, hein? — disse Miranda, mas Kylie não achou que sua colega estivesse falando com ela.

Miranda apontou um dedo rosado para o gato, girando-o ritmicamente no ar:

— "Rosas são vermelhas, com elas faço um buquê; mostre-me quem é ou um feitiço vou lançar em você."

— Pode parar. Vou voltar à forma normal. — As palavras vinham do gato!

Kylie ficou gelada. *Palavras*. Mas que inferno! Estaria sonhando? Gatos não... falam. Olhou para Miranda, ainda sem decidir se jogava o gato no chão, mas prestes a fazer isso.

— Como eu ia imaginar...?

Miranda olhou para Kylie e esboçou um sorriso; mas conteve-se e virou-se de novo para o gatinho.

— Faça isso agora, Perry!

*Perry.*

Kylie baixou os olhos para o gato aninhado entre os seios. Fagulhas em forma de diamante flutuaram à volta do bichano amarelado. E então, *puf*! Perry apareceu diante de Kylie, com a cabeça encostada em seu peito.

Kylie deu um grito.

Della irrompeu pela cozinha.

— O que está...? — Piscou com um ar maroto. — Vocês querem ficar a sós? — perguntou, com um risinho, apontando para Kylie e Perry.

Recobrando-se do susto, Kylie agarrou o intruso pela orelha e o afastou de si.

— Ele está de saída.

— Ai! Ai! — gemeu Perry enquanto Kylie o arrastava para trás da mesa da cozinha. — Larga a minha orelha! — ordenou, rosnando como um animal enfurecido.

Mas Kylie não estava disposta a obedecer às ordens de ninguém e a raiva a impedia de sentir medo dele. Agarrada à orelha de Perry como um carrapato a um cão, arrastou-o ao longo da mesa até a porta, abriu-a com a mão livre e jogou o pervertido para fora com tanta força que ele aterrissou sentado no chão.

Mas Kylie ainda não tinha terminado.

Apontou um dedo para ele:

— Atreva-se a chegar perto dos meus peitos novamente e da próxima vez não vou puxá-lo pela orelha. E, caso não saiba a que parte do corpo estou me referindo, digamos apenas

que, quando voltar a ser um gatinho, descobrirá que não poderá mais cruzar!

E bateu a porta com estrondo.

— Merda! — Kylie pôs-se a ir e vir pela cozinha, abrindo e cerrando os punhos.

Della e Miranda estavam imóveis, de olhos arregalados e boca escancarada, como que em estado de choque.

Miranda riu primeiro.

— Me desculpe — murmurou —, mas foi tudo tão divertido!

— Divertido coisa nenhuma! — rugiu Kylie, ainda furiosa, a garganta apertada de raiva.

— Ah, foi sim! — concordou Della, rindo a ponto de quase cair sobre a mesa. — Você esconde muita coragem por trás dessa sua carinha inocente. *Gostei*.

— Ou tem muita coragem ou é muito idiota — disse Miranda. E, em tom exasperado: — Tem ideia do que Perry é? Talvez o mais poderoso metamorfo do mundo, atualmente. Todos sabem que não se deve irritar um metamorfo. Essas criaturas são imprevisíveis.

— Eu... ele... ele me enganou para deixá-lo se esfregar em meus peitos. — Lembrou-se do miado doce do gatinho se transformando num rugido ameaçador.

Bem, talvez ela tivesse mesmo agido de maneira meio idiota, mas nada — nada — a irritava tanto quanto ser feita de boba. E aquele sujeito tinha conseguido fazer exatamente isso.

Tentando conter as lágrimas, pois sempre chorava quando estava furiosa, percebeu a geladeira ainda aberta e foi até lá para fechá-la. O ar frio que vinha de dentro golpeou-lhe o rosto e então ela se lembrou...

— Meu Deus! Eu vi as "coisas" dele!

Às suas costas, Della e Miranda riram ainda mais. E então, sabe-se lá o motivo, de repente Kylie também passou a ver graça naquilo. Ainda com a mão na porta da geladeira, começou a gargalhar. Pelos cinco minutos seguintes, ficaram sentadas à mesa, chorando de tanto rir. Era o que Kylie e Sara faziam com frequência.

Até tudo mudar, é claro.

— Devia ter visto a cara dele quando puxou sua orelha — disse Della. — Ah, se eu estivesse com a minha câmera!

— Quase fiquei com dó do coitado — disse Miranda.

— Dó daquele cara? — debochou Kylie.

— Aquele jeitinho meio infantil dele é até atraente, não acham?

— Atraente?! Ah, ele é uma aberração, isso sim! — insistiu Kylie.

— E nós? Não somos? — ponderou Della, já com uma pontinha de mau humor.

*Eu talvez não*, pensou Kylie, mas não disse nada. Nesse momento, algo saltou sobre a mesa. Kylie deu um grito ao constatar que era um sapo.

Miranda, revirando os olhos, agarrou o bicho.

— Se comportando mal novamente, Sr. Pepper? — perguntou ao anfíbio, mantendo-o à curta distância dos olhos. As pernas do animal, balançando, quase alcançavam o tampo da mesa.

— O que foi que ele fez pra você botar um feitiço nele? — quis saber Della, olhando para o bicho com nojo.

— Como nosso amigo Perry, Sr. Pepper é membro do clube dos pervertidos. — Miranda deu uma sacudidela no sapo. — Foi meu professor de piano e tentou dedilhar outro instrumento, se é que me entende.

Della mostrou os dentes para o sapo.

— Por que então não o transformamos num petisco e acabamos logo com isso? Pernas de sapo são tão saborosas quanto as de rã?

— Hummm... não sei. — Miranda lançou um olhar para Della. — Mas gostaria de saber — completou, mirando o sapo.

Kylie podia estar enganada, mas juraria que os olhos do sapo se arregalaram de susto.

Miranda riu:

— Ah, se eu fosse esse tipo de bruxa!

— E que tipo você é? — perguntou Kylie, com certo alívio.

— Destrambelhada. — respondeu Miranda. E, franzindo a testa para o sapo: — Conhece as regras, Sr. Pepper. Pare de pensar em coisas indecentes e voltará ao normal.

O bicho estirou as pernas e se dissipou no ar rarefeito.

— Que espécie de feitiço colocou nele? — perguntou Della.

Miranda gemeu de frustração:

— Se eu soubesse, consertaria as coisas.

— Mas então não se lembra? — espantou-se Della.

— Lembro-me do que pensei e fiz, mas sou... sou disléxica e às vezes pronuncio mal minhas fórmulas. E tenho de saber exatamente o que disse para desfazer. Então, toda vez que esse tarado pensa numa menininha, transforma-se em sapo e vem me fazer uma visita.

Kylie se inclinou para ela:

— Pode ser ruim para você, mas ele bem que merece.

— Ah, merece. Mas está sempre me lembrando de que sou destrambelhada.

— Verdade — concordou Della. — Mas, vendo as coisas pelo lado positivo, assim você impede que ele volte a mexer com outras garotinhas. Odeio tarados. Um coroa que era meu vizinho ficava na janela, com um frasco de creme na mão, masturbando-se diante de mim e outras garotas.

— Isso é nojento — resmungou Miranda.

— E o pior é que uma garota de nossa rua me disse que o coroa já tinha se exibido para ela também. Contou aos pais e os pais contaram à polícia. A polícia voltou e esclareceu que o cara era pastor e, no caso, seria a palavra de minha vizinha contra a dele. Preferiram acreditar no coroa.

— Por isso recorri ao feitiço — disse Miranda.

— Ah, mas eu não deixei por menos! — riu Della.

— O que você fez? — perguntou Kylie, quase com medo do que iria ouvir.

— Entrei de fininho na casa dele e substituí o creme por uma cola forte que meu pai usava no laboratório. Vocês tinham que ver a expressão no rosto do coroa quando percebeu que não conseguia tirar a mão do pinto! Dei então um telefonema anônimo para a polícia e contei tudo. Agora, como o velhote poderia disfarçar o que estava fazendo? A mão dele ficou grudada à cena do crime!

Todas caíram na gargalhada. Enxugando as lágrimas de riso, Kylie, olhando para Della e Miranda, podia jurar que eram adolescentes absolutamente normais.

Quer dizer, podia jurar até que sentiu uma rajada de frio nas costas. Olhou por cima do ombro, desejando mais do que tudo que não houvesse nada ali.

Mas nem todos os desejos se realizam.

O soldado Dude estava a apenas alguns passos dela. Perto demais. Mais perto do que nunca. O frio que emanava da presença dele fez com que um medo gelado subisse pela espinha de Kylie.

— *Kylie*? — Ouviu Miranda chamar seu nome. Ou seria Della? Não saberia dizer porque o som parecia vir de outro mundo. Um mundo onde fantasmas não existiam. Um mundo para o qual queria voltar, mas não conseguia.

O espírito manteve os olhos fixos em Kylie, enquanto erguia lentamente a mão e tirava o capacete. Sangue — sangue vermelho-vivo — escorria da sua testa. Kylie mal conseguia respirar vendo aquele líquido descer pelo rosto do homem. Então tudo entrou em câmera lenta. Kylie se levantou, disposta a fugir.

*Plop, plop, plop.*

As gotas de sangue caíam no assoalho e espirravam nos pés nus de Kylie. As gotas foram então se juntando, começando a formar letras e uma palavra apareceu: *Ajude...*

Kylie tentou respirar, mas seus pulmões se recusavam a absorver o ar gelado. Soltou o oxigênio preso na boca e viu uma nuvem de vapor frio flutuando diante dos lábios.

— Tem algo errado? — As palavras de Miranda pareciam flutuar também no cérebro de Kylie.

Boa pergunta, pensou ela.

Pena que não soubesse a resposta.

— Estão sentindo esse cheiro? — As palavras de Della penetraram na consciência de Kylie, mas pareciam vir de muito longe, como a música de fundo num filme. — Tem um cheiro muito bom aqui.

— Não sinto nada — disse Miranda. A conversa das duas prosseguiu, mas logo se tornou um eco distante. — Ah, merda... merda... merda. A aura de Kylie está ficando preta... preta...preta. Acho que é um fantasma... fantasma... fantasma...

— Que droga! — exclamou Della. — Detesto essa merda! — Ouviram-se passos. As amigas tinham fugido. Uma porta bateu. Kylie quis correr também, mas não conseguiu. Não conseguia se mexer. O sangue continuava espirrando em seus pés; mas ela não quis ler as palavras que se formavam.

— Espere! — A voz sumida de Della vibrou através das paredes. — Ela parou de respirar. Kylie parou de respirar. Precisamos fazer alguma coisa.

Kylie ouviu a porta se abrir. Ouviu seu nome ser pronunciado. Mas então tudo ficou escuro e ela desabou no chão.

# Capítulo 15

Uma sensação de fria umidade percorreu a testa de Kylie, levando-a a um estado de semiconsciência. Estado que trouxe consigo uma série de perguntas: quem, quê, quando, por quê, onde. O cheiro de mofo do travesseiro respondeu à última.

Acampamento. Ainda no acampamento.

A sobrecarga emocional acumulada nos últimos dias era quase insuportável. Ela fez um esforço para abrir os olhos e viu Holiday sentada aos pés da cama. O cabelo ruivo da líder caía solto sobre os ombros e um ar de preocupação sombreava seu rosto, escurecendo seus olhos verdes brilhantes.

— Ela está acordada? — A grave voz masculina, bem conhecida, ecoou nos ouvidos de Kylie, despertando outros ecos ao redor de sua cabeça. Olhou à esquerda.

*Droga!*

Holiday passou de novo o pano úmido em sua testa.

— Ei, está me ouvindo?

Kylie não ouvia nem olhava para a líder do acampamento. Olhava para... Lucas Parker, matador de gatos nas horas vagas.

*E protetor de garotas contra valentões*, sussurrou o inconsciente de Kylie. Mas por que seu consciente insistia em defender Lucas?

*O que estava acontecendo?*

Lucas se inclinou como se fosse tocá-la. Kylie, num movimento brusco, tirou o pano da testa.

— O que houve? — E de repente se lembrou.

O fantasma.

O sangue. Muito sangue.

Outra informação perturbadora lhe ocorreu. Ela devia ter morrido. Aquilo era inquietante.

— Você desmaiou — disse Lucas, sua voz poderosa enchendo o cubículo e fazendo-o parecer ainda menor.

Ele precisava repetir o óbvio? E por que estava ali? Não havia nenhuma regra proibindo garotos no alojamento das garotas? Se não havia, Kylie providenciaria para que houvesse uma.

Olhou para Holiday.

— Acontece, às vezes — disse a líder. — Quando os fantasmas se aproximam demais.

— Estou bem, agora. — Levantou-se, mas o quarto parecia girar em torno de seu próprio eixo. Girava e girava. Lucas segurou-a pelo cotovelo.

Um toque firme, mas que não chegava a machucar.

Um toque ardente, que fez seu braço formigar e sua cabeça ficar ainda mais aérea. Mas pelo menos as coisas pararam de rodopiar.

Seu primeiro impulso foi sair correndo, mas, com medo de que isso parecesse descontrole, fez um esforço para ficar calma. Sem dúvida, se pudesse contar suas batidas cardíacas como Della, saberia que estava simplesmente aterrorizada.

E, por falar em Della, onde... Olhou para a porta. Della e Miranda estavam lá, uma ao lado da outra, observando-a como se ela fosse a diversão da noite. Que desgraça! Imaginou as duas saindo em disparada de seu esconderijo — pois tinha a vaga lembrança de ter ouvido passos apressados — para encontrá-la estendida no chão. Mas quem a pusera na cama?

Desviou o olhar das colegas de alojamento e concentrou-se em Lucas. Será que tinha sido ele? Será que a tinha pegado no colo? Seu coração começou a bater ainda mais rápido. Percebeu então que ele continuava segurando seu braço.

— Estou bem — murmurou Kylie, tentando se soltar.

Ele a largou, um dedo de cada vez, como se temesse que ela voltasse a cair. E antes que o último dedo se soltasse, Kylie notou que ele a olhava de cima a baixo. Embora seu pijama não fosse ousado, ela tomou imediatamente consciência do quanto o tecido era fino na parte de cima — e também de que o decote descia bem mais do que o de qualquer outra de suas camisetas. Como diria Sara, seus peitos estavam querendo pular para fora e dizer "alô" com mais entusiasmo do que o normal.

Kylie afastou-se um pouco e cruzou os braços diante do peito.

— Eu gostaria de conversar a sós com Kylie — pediu Holiday a Lucas, que não parava de olhá-la, embora seu olhar tivesse migrado dos seios para o rosto com fria indiferença.

Ele assentiu, mas arqueando de leve as sobrancelhas negras. Portanto, continuava tentando lê-la, certo? Mas agora ela se sentia aliviada, sabendo que Lucas não conseguiria.

Nesse momento, outra lembrança do passado veio à tona: Lucas Parker fazendo aquele movimento de sobrancelhas quando ela era criança. Estaria, já na época, tentando lê-la? Esse pensamento trouxe consigo a pergunta que vinha martelando em sua cabeça desde que o vira pela primeira vez no acampamento. Lucas se lembrava dela?

— Terminaremos nossa conversa amanhã — disse Holiday a Lucas, como que para dispensá-lo.

— Tudo bem — concordou ele, sorrindo para Holiday. E saiu.

Della e Miranda se afastaram da porta para lhe dar passagem. Kylie não deixou de

perceber os olhares pouco amistosos que Della e Lucas trocaram. Será que Della tinha se aborrecido com Lucas por ele ter contado a Holiday sobre a aparição súbita de seu primo Chan no acampamento? Provavelmente.

— Feche a porta — pediu Holiday quando Lucas já estava do lado de fora.

Kylie olhou de novo para a líder, temendo ser castigada por... por quê? Por ter desmaiado? Ou teria Lucas contado a ela sobre Chan e agora Kylie estava em apuros por não ter contado antes?

— Não precisa ter medo de Lucas — disse Holiday.

Kylie estudou-a.

— Você também consegue ouvir as batidas do meu coração?

Holiday sorriu.

— Leio emoções, não batimentos cardíacos. Assim, pude ler o medo em seu rosto, que ficou branco como papel ao vê-lo.

Kylie quase lhe contou tudo o que sabia de Lucas, mas preferiu ficar calada. Poderia parecer fofoca. Em vez disso, perguntou:

— Por que ele veio aqui?

— Estava no escritório quando Miranda apareceu para me chamar.

Kylie olhou para o relógio; era quase uma da manhã. Que Lucas e Holiday estariam fazendo numa hora dessas? Sem dúvida, a líder do acampamento era mais velha, mas não muito.

— Você e ele são... próximos?

— Depende de como você interpreta essa palavra. — Holiday franziu a testa. — É a terceira vez que ele vem aqui. Ele nos ajuda a resolver algumas coisas e está se preparando para trabalhar conosco no próximo ano. Mas isso é tudo. — Em seguida, perguntou: — O que aconteceu esta noite?

Kylie engoliu em seco. Até que ponto ela poderia se abrir?

— O fantasma apareceu de novo, não foi? — perguntou Holiday em meio ao silêncio hesitante.

Kylie assentiu, embora quisesse desesperadamente negar.

— Foi, mas Miranda e Della disseram que pessoas meio atrapalhadas às vezes dão a impressão de não ser humanas. Então talvez eu não tenha nenhum dom e o fantasma seja apenas muito poderoso, como você disse que acontece de vez em quando. Ou talvez eu tenha um tumor no cérebro.

— Duas possibilidades muito remotas — disse Holiday, com um suspiro. — Não acha?

— Talvez. Mas elas existem — insistiu Kylie. — Quero dizer, como você esclareceu, quase sempre a capacidade de ver espíritos é... hereditária. Um dos meus pais, portanto,

deveria ter dons.

— Nenhum deles... já deu sinais de ser diferente?

— Não. Nunca. — Mas logo reconsiderou a natureza fria da mãe. Isso seria um sinal de que ela é "diferente"?

— Eu disse também que, em raras situações, uma geração não é sobrenatural.

— Conheci meus avós paternos e maternos. A maioria das pessoas não sabe quando... quando não é humana?

— Muita gente sabe, mas... — Holiday olhou-a com certo desapontamento e cruzou as mãos sobre o colo. — Acho que deve trabalhar isso enquanto estiver aqui.

— Trabalhar como?

Holiday se levantou.

— Todos aqui procuram alguma coisa. Às vezes, respostas. Creio que sua busca deverá se concentrar em descobrir se é ou não completamente humana. E se for mesmo uma de nós, como suspeito, terá também de decidir se usará seus dons em benefício de outras pessoas ou lhes dará as costas.

Kylie tentou pensar na possibilidade de um de seus pais não ser humano e compreender o que ela estava passando. Mas já não teriam lhe contado?

Holiday pousou a mão no ombro de Kylie.

— Agora, tente dormir um pouco. Amanhã será um dia cheio.

Kylie concordou com um aceno de cabeça e acompanhou com o olhar a líder enquanto ela se dirigia para a porta. Então, lhe ocorreu a pergunta:

— Como... como encontrarei as respostas? Não posso simplesmente perguntar aos meus pais se eles veem fantasmas. Pensariam que fiquei maluca.

Holiday se virou.

— Mas pode ser que um deles lhe conte a verdade.

Kylie balançou a cabeça.

— Mas, se tudo isso for um grande equívoco, não ia adiantar nada. Continuariam insistindo para que eu fosse à psicanalista. Se eu começar a falar em fantasmas, talvez até me internem.

— A busca é sua, Kylie. Só você pode decidir como encaminhará as coisas.

Na manhã seguinte, Kylie e Miranda foram tomar café juntas. Della já tinha saído quando Kylie acordou. Quando perguntou sobre Della, Miranda disse que os vampiros às vezes se reúnem antes do amanhecer para realizar alguns rituais.

— Que tipo de rituais? — quis saber Kylie.

— Não sei exatamente, mas suponho que tenham a ver com beber sangue.

Kylie comprimiu o estômago com uma das mãos, lamentando ter feito a pergunta. Sem dúvida, a sensação ruim podia se dever em parte ao fato de ter dormido pouco. Mas também, é claro, à ideia do sangue, que lhe causava enorme repulsa. Ver aquela coisa vermelha nos copos, durante o jantar da última noite, tinha sido demais para ela. Na melhor das hipóteses, pelo menos Kylie poderia perder alguns quilinhos durante o verão.

Caminharam em silêncio durante alguns minutos.

— Dormiu bem? — perguntou Miranda finalmente, embora Kylie soubesse o que a colega de alojamento queria dizer. Ou seja, você está inteira, então o que aconteceu para desmaiar?

Kylie decidiu ignorar as entrelinhas e respondeu à pergunta tal como havia sido formulada.

— Muito bem — disfarçou, ciente de que as mentirinhas funcionavam com Miranda, mas não com Della.

Na verdade, Kylie havia passado a noite medindo o teto e analisando o que Holiday dissera a respeito de sua busca. Não importava como abordasse o problema, parecia impossível descobrir um jeito de perguntar aos pais se eles não eram totalmente humanos.

Entretanto, ela podia pensar em muitas outras perguntas que gostaria de fazer sobre si mesma. Como, por exemplo: se sou sobrenatural, a que espécie pertenço? E, se não sou uma de vocês, por acaso terei um tumor no cérebro? Kylie não sabia o que podia ser pior.

Então, algo revelador lhe ocorreu. Quem sabe se, obtendo respostas a essas perguntas, não descartaria a possibilidade de ela ser qualquer coisa que não fosse humana? Não era o melhor plano, mas talvez fosse um bom começo. E precisava começar de algum ponto.

— Você não parecia nada bem ontem à noite — observou Miranda.

De fato. Quando Kylie finalmente adormeceu, vieram os sonhos. Sonhos malucos, estranhos, com Lucas Parker e ela. Estavam nadando. Os dois seminus. Tinha acordado sem fôlego, tremendo. Tremendo como Trey a fazia tremer depois de se beijarem por muito tempo. Como seu corpo podia traí-la dessa maneira, fazendo-a achar Lucas desejável? Não que ela fosse deixar seu corpo assumir o comando. Sabia que podia controlar seus desejos. Tinha conseguido deter Trey, mesmo quando essa era a última coisa que desejava.

Isso fez com que estabelecesse outra meta. Não apenas procuraria descobrir se era humana como faria tudo para não ficar muito perto de Lucas.

— A noite foi tranquila — mentiu de novo.

— Não acredito em você, mas vamos deixar assim por enquanto. — Mirando olhou para o outro lado. — Alerta de vampiro esperto e muito gato à esquerda! — sussurrou, mudando totalmente de conversa.

— O quê?

— O loiro usando camisa de futebol — sussurrou Miranda de novo. — O que eu não daria para ficar com ele!

— Pensei que não gostasse de vampiros.

— Nunca disse isso. E se dissesse, isso não se aplicaria a vampiros do sexo masculino.

Kylie não estava nem aí com vampiros muito gatos e a última coisa em que pensava no momento era sair com alguém, mas ainda assim deu uma olhada. Não viu ninguém.

— Onde?

— Ali — disse Miranda, acenando com a cabeça na direção oposta.

— Então quis dizer direita, não esquerda.

— Direita, esquerda, nunca sei direito. Sou disléxica, lembra? Mas ele é uma graça. Talvez eu descubra seu nome na reunião de hoje da Hora do Encontro com os Colegas de Acampamento.

O garoto loiro conversava com um grupo de amigos. Kylie se lembrava dele, mas não do seu nome. A estatura e o porte lembravam Perry, que não fazia o tipo de Kylie. Especialmente depois do que tinha acontecido na última noite.

— Você está bem mesmo? — perguntou Miranda depois de passarem pelo grupo de garotos. — Parecia fora de si ontem à noite. Sua aura estava esquisita.

— Estou bem. — E, não desejando mais falar sobre o assunto, indagou: — Você é realmente disléxica?

Miranda não respondeu logo.

— Sou. E, segundo minha família, é algo que eu pedi. — Seu tom de voz perdeu a leveza que a caracterizava.

— Então, na sua família, todos são bruxos?

— Sim, e mamãe também pode ser um osso duro de roer.

— Todas as mães são, não é?

— Talvez — suspirou Miranda. — Não que eu a censure. Decepcionei minha família por muito tempo.

— Como assim? — perguntou Kylie.

— Eu sou a próxima da lista a ocupar o cargo de Alta Sacerdotisa. Mas, antes de receber o título, preciso fazer alguns testes. E testes não são meu forte. Mas minha família poderá perder seu lugar no grupo caso eu não seja aprovada.

— E por que tem que ser você? Por que não pode ser outra pessoa?

Miranda suspirou de novo.

— Não é assim que funciona. Se não for eu, a honra passará a ser de Britney Jones.

— Uau, tudo menos deixar que os Jones passem vocês pra trás! — brincou Kylie, para

que Miranda se sentisse melhor.

— É isso aí. — O tom de Miranda indicava que a tentativa de Kylie falhara.

— Sinto muito — disse Kylie. — Mas do que vai precisar para passar nos testes?

— Apenas superar a dislexia. O que é, basicamente, impossível. Ah, olhe para a esquerda... quer dizer, para a direita. Seu gatinho vidrado em peitos está aqui. E está corando. Deve ser péssimo para o ego dele ter sido escorraçado por você daquela maneira.

— Assim espero. — Olhou para Perry, que estava mesmo com o rosto muito vermelho.

*Ótimo.*

— Não contou a Holiday sobre isso, contou? — Miranda parecia preocupada. Sem dúvida, simpatizava com os bobalhões.

— Não — respondeu Kylie, em tom irritado. — Mas contarei caso ele me apronte de novo. — Será que Perry tinha superaudição? Se tivesse, ótimo.

Estavam quase no refeitório, depois de terem passado pelo escritório do acampamento, quando os dois sujeitos de terno preto do dia anterior saíram às pressas pela porta.

Kylie diminuiu o passo para estudar a linguagem corporal deles. Não estavam nada contentes. Vendo-os caminhar apressados para o estacionamento, alimentou a esperança de que sua visita tivesse algo a ver com o fechamento do lugar.

Então, o mais alto se deteve e olhou para trás. Ficou ali parado, mirando Kylie e arqueando as sobrancelhas.

Inclinou-se para o outro e cochichou alguma coisa. Em seguida, continuaram a andar. Na direção de Kylie.

Droga!

# Capítulo 16

Kylie se sentiu como um animal selvagem apanhado no laço do Terno Preto.

Caramba! Por que todos tinham que pegar no seu pé?

Melhor dizendo, o que poderiam querer com ela? Não tinha nem sido aceita no clube dos sobrenaturais, ainda. E esperava ser expulsa desse clube antes de receber a carteirinha.

Por sorte, o celular do grandalhão tocou quando ele estava a uns vinte passos de Kylie e ele parou para atender. Em seguida, virou-se para o parceiro, disse alguma coisa e resolveram ir embora.

Kylie respirou, aliviada.

— Graças a Deus!

— O que disse? — perguntou Miranda, vendo o alívio estampado em seu rosto.

Lembrando-se de que Miranda não era novata ali, devolveu a pergunta:

— Quem são eles? — E acenou para a dupla em retirada, que agora entrava apressadamente num carro preto.

— Quem? — indagou Miranda, olhando para outro grupo de garotos.

— Os caras de terno preto — explicou Kylie.

— Cruzes, são muito velhos pra você — disse Miranda, tirando do bolso um elástico e prendendo com ele os cabelos multicoloridos num rabo de cavalo.

Kylie olhou de lado para a colega. *Será que Miranda só pensava em garotos?*

— Não estou interessada em paquerar ninguém — explicou, pondo-se de novo a caminho. — É apenas curiosidade.

— Ah, aqueles caras são da UPF — disse Miranda, emparelhando-se com ela.

— O que é isso?

— Unidade de Pesquisa de Fallen. Lembra-se? Fallen, Texas. A cidade por onde passamos antes de chegar aqui. A UPF faz parte do FBI. É o departamento que lida com sobrenaturais.

— O quê? — Kylie estancou e pegou Miranda pelo braço. — Então o governo sabe sobre vampiros e coisas assim?

Miranda fez uma careta.

— É claro que sabe. Quem você acha que financia o acampamento?

— Pensei que fossem nossos pais — disse Kylie. E, pondo-se de novo a caminho, reparou que duas pessoas a observavam.

— Bem, eles contribuem com uma parcela, mas é preciso um pouco mais para manter

um lugar como este.

— Mas por que o governo está por trás disso?

— A resposta dependerá da pessoa a quem você perguntar. O acampamento tem provocado muita controvérsia na comunidade sobrenatural. Um bando de fanáticos dizendo besteiras, se quer saber.

— Como assim?

— Alguns dos anciãos de cada espécie, a maioria uns chatos que não aceitam os relacionamentos inter-raciais, dizem que o acampamento estimula essa prática e querem que ele seja fechado. Acham que as espécies não devem se misturar. Para mim, é o mesmo que preconceito racial. Na opinião deles, é preciso preservar a pureza das espécies, o que é besteira. As espécies vêm se cruzando desde o início dos tempos.

Kylie tentou processar a informação.

— Então o governo mantém este lugar porque quer que as espécies se cruzem?

Miranda riu.

— Não creio que ele se importe com quem namoramos ou não. Faz isso na tentativa de promover a paz entre as espécies, para que um belo dia não percamos a cabeça e tentemos eliminar as demais espécies da face da Terra. Humanos inclusive.

— Há problemas entre as espécies?

Miranda pareceu surpresa.

— Você realmente não sabe muita coisa, hein?

— Não — admitiu Kylie, sem se sentir nem um pouco incomodada por isso. Quando subiu no ônibus não sabia nem da existência de outras espécies. E como poderia saber?

— Está bem, então aqui vai uma liçãozinha política e histórica — disse Miranda. — Vampiros e lobisomens vêm lutando uns contra os outros desde sempre, por assim dizer. Por que acha que houve a Guerra Civil? — Hesitou por uns segundos. — Meus próprios ancestrais não eram muito melhores. A Peste Negra foi espalhada porque queriam acabar com as fadas.

— Está brincando, né? — perguntou Kylie. E pensar que deu ouvidos ao seu professor de história quando ele disse que a peste tinha sido provocada por ratos infectados.

— Nunca falei tão sério! No entanto, em defesa de minha própria espécie, posso afirmar que as bruxas foram as que melhor se adaptaram ao mundo dos humanos. Poucos covens, hoje em dia, vivem realmente em grupo. Mas isso ocorre justamente porque nossos estilos de vida combinam melhor com os dos humanos. Também não nos reunimos em gangues para causar problemas a vocês.

— Gangues? Como a dos vampiros?

— Então ouviu falar na Confraria do Sangue? — perguntou Miranda.

Não querendo mencionar o primo de Della, Kylie deu de ombros e explicou:

— Della só me disse que as tais gangues existem.

— Claro que existem. E a Confraria do Sangue é provavelmente a pior. Está metida em tudo, pratica todos os tipos de crimes. Assassinatos, assaltos, qualquer coisa.

*Roubo de hambúrgueres*. Essa ideia girou na cabeça de Kylie.

— Mas como nunca ouvimos falar sobre essas gangues e crimes nos noticiários?

— Você ouviu, sim. Apenas não sabia que os criminosos não eram humanos. Só se fala em assassinos em série, matadores, pessoas desaparecidas. Nunca estranhou o fato de tanta gente sumir todos os anos?

— Um pouco. — Kylie sentiu um calafrio percorrer seus ossos. Cruzou os braços sobre o peito e estremeceu.

— Para esses vampiros e lobisomens perversos, o resto de nós não passa de comida — disse Miranda.

Kylie se lembrou de que o primo de Della a havia chamado de petisco. Também seria perverso? Lembrou-se ainda dos problemas e preocupações de Della quanto a deixar ou não a família.

— Que gente ruim!

— Mas não pior que a raça humana — ponderou Miranda.

— É, acho que não — reconheceu Kylie, recordando os problemas humanos que enfrentava em sua própria casa.

Mas então lhe ocorreu um problema mais imediato que precisaria enfrentar.

— Como são mesmo as Horas do Encontro com os Colegas de Acampamento?

— Ah, são legais — e Miranda se animou novamente. — Metade de nós escreve o próprio nome num pedaço de papel e coloca numa urna; a outra metade tira a sorte. Ficamos então em pares e passamos uma hora procurando conhecer uns ao outros. Obviamente, é sempre melhor quando ficamos com um cara bem gato.

Com a sorte que tinha, Kylie sem dúvida ficaria com Perry. Enrubesceu ao lembrar que tinha dado uma boa olhada nos genitais do atrevido.

Depois do café da manhã, Kylie saiu do refeitório para falar com Sara, que pouco antes tinha ido a uma farmácia comprar o teste de gravidez. Infelizmente, ela deu de cara com a melhor amiga da mãe no balcão. Sara conseguiu se livrar da embalagem antes que a mulher a visse, mas o encontro a tinha levado de volta ao ponto de partida: continuava sem saber se estava grávida ou não.

— Como está o acampamento? — perguntou Sara.

— Uma maravilha — respondeu Kylie. Gostaria muito de contar à amiga tudo o que havia acontecido, mas desistiu. De modo algum Sara entenderia o que nem ela mesma estava entendendo.

— Muito ruim, hein? — continuou Sara. — Não tem uns caras gostosões por aí?

— Alguns — respondeu Kylie e, então, mudou de assunto novamente e voltou a falar da amiga, cujo dilema rendeu outros dez minutos de conversa.

Kylie ainda tinha o aparelho na mão quando sua mãe ligou, um segundo depois de ela se despedir de Sara.

— Como foi sua primeira noite aí?

— Ótima — mentiu Kylie, sempre na dúvida sobre como lidar com as perguntas da mãe.

— Nada de terrores noturnos?

— Não — assegurou Kylie. *Não acordei gritando apavorada. Só desmaiei quando um fantasma sangrento apareceu para me dar um alô, depois da visita de um gato metamorfo e de um sapo pervertido.*

— Isso é bom. E o que vai fazer hoje? — A voz da mãe exalava aquela alegria e jovialidade forçadas que Kylie tanto odiava, pois sabia que não eram verdadeiras.

— Vou conversar com uma das líderes do acampamento e passar uma hora com um colega para nos conhecermos melhor. Depois, acho que vai ter algum tipo de programa de artes e uma caminhada à tarde.

— Dia cheio — observou a mãe.

— E meio chato — retrucou Kylie.

A mãe ignorou a observação.

— Falou com o seu pai?

Kylie hesitou.

— Ele ligou e deixou uma mensagem, mas não tive tempo de responder.

Outra mentira. Tivera tempo, sim, mas não sabia se conseguiria mentir para o pai tão bem quanto mentia para a mãe.

— Quando falar com ele, pergunte se pensa em aparecer aí no domingo, o dia da visita dos pais. Se ele for, vou esperar até a próxima semana para visitá-la.

— Será que agora não conseguem nem ficar juntos no mesmo espaço? — perguntou Kylie, sem fazer o mínimo esforço para esconder seus sentimentos. Sentia a garganta apertada de emoção. — Não poderiam ter ao menos ficado juntos até eu ir para a faculdade?

— As coisas são difíceis, Kylie — suspirou a mãe.

— É, para todos. — A emoção comprimiu ainda mais a sua garganta, mas, ao erguer os olhos, deparou-se com Della caminhando em sua direção e tentou conter as lágrimas. — Preciso desligar.

— Tudo bem. Tenha um bom dia e me ligue à noite, ok?

— Ok. — Kylie fechou o aparelho justamente quando Della parou ao seu lado.

— Olá — disse Kylie. — Procurei você durante o café da manhã.

— Comi mais cedo — esclareceu Della, passando a mão na barriga. Kylie tentou não pensar no que Miranda dissera a respeito dos rituais vampirescos. Mas o pensamento não saía de sua cabeça, fazendo com que a metade do pão doce que tinha acabado de comer pesasse no seu estômago.

— Você vai se acostumar com isso — garantiu Della rindo com malícia, como se soubesse muito bem o que tinha provocado a careta da amiga.

— Talvez — disse Kylie. E, para ser muito honesta com Della, acrescentou: — Mas duvido.

Della deu um risinho e logo ficou séria.

— Sinto muito pelos seus pais. Há quanto tempo estão separados?

— Você tem o hábito de espionar os outros? — disse Kylie, guardando o celular no bolso.

— Não estava tentando ouvir o que você dizia. — Havia ressentimento na voz de Della. — Foi sem querer.

Kylie mordeu o lábio inferior e esqueceu a raiva ao se lembrar de que Della tinha confiado nela quando lhe contou sobre seus próprios problemas familiares.

— Desculpe. É que está difícil. Aconteceu na semana passada.

— Posso imaginar. — Seu rosto exprimia sinceridade. Mas logo sua expressão mudou. — Ah, quase me esquecia do que eu vim lhe dizer. Lembra que eu te contei que Derek estava meio a fim de você? Estava errada. Ele não está *meio* a fim. Está *super* a fim.

— Por que diz isso?

— Porque Brian, o vampiro louro, sorteou seu nome para a Hora do Encontro com os Colegas de Acampamento e Derek pediu para trocar com ele.

Kylie comparou uma hora com um vampiro desconhecido com uma hora com Derek, que a fazia sentir saudades de Trey, e não soube dizer qual das alternativas seria pior.

— E Brian, concordou? — perguntou Kylie, incapaz de conter a curiosidade.

— Não... a menos que Derek estivesse disposto a pagar.

— Sério?! Não vá me dizer que Derek deu dinheiro para ficar com o meu nome!

— Não, dinheiro ele não deu. — Della riu e inclinou-se para Kylie como se fosse contar um segredo picante. — Derek está pagando em sangue, meu bem. Meio litro, para ser mais exata.

— Sangue? — Kylie parou, chocada. E o choque logo se transformou em nojo. — Mas ele não podia fazer isso!

— Podia e fez. Fizeram um acordo. E, pode acreditar, com um vampiro não se volta atrás

quando o assunto é sangue.

Kylie correu ao refeitório para se encontrar com Derek.

Não podia, não queria, deixá-lo fazer aquilo.

# Capítulo 17

Derek apareceu à porta no momento em que Kylie entrava correndo, à procura dele.

— Ei, eu ia procurar você — disse ele, exibindo um pedacinho de papel. — Peguei seu nome — e sorriu.

O sorriso era tão afetuoso que, se não estivesse tão furiosa e com tanto nojo, Kylie se perderia nele.

— É, eu sei, já me contaram — respondeu ela, olhando-o com desaprovação.

Derek estudou-a com atenção e prosseguiu com cautela:

— Pensei que talvez pudéssemos dar um passeio. Descobri um ótimo lugar durante a caminhada de ontem.

— Olha só, Derek. Estou lisonjeada, mas você não pode fazer isso. — Kylie falava com rispidez.

— Fazer o quê? — Uma expressão intrigada substituiu seu sorriso.

— Sei o que fez para ficar com o meu nome. E não vou deixar que isso vá adiante.

— Não foi nada. — Começou a se afastar da porta, mas olhou para trás ao ver que ela não o seguia. — Você não vem?

— Sangue — vociferou ela. E, dando os dois passos que a separavam dele, o agarrou pelo antebraço. — Vamos, vou consertar as coisas. — Ela o puxou com força, mas ele não saiu do lugar. Foi então que sentiu a solidez de seus músculos sob os dedos.

— Está feito, Kylie — disse ele, inclinando-se. — Vamos só aproveitar nossa hora juntos, está bem? — Seu cheiro, uma mistura deliciosa de sabonete masculino e odor natural, flutuou até ela.

— Você já...? — Kylie olhou rapidamente para seu pescoço.

— Não, mas o acordo está feito.

— Pois vou desfazê-lo — garantiu ela, tentando ignorar aquele aroma e o quanto ele lhe agradava... e a atração que sentia pelo garoto. Percebendo que ainda o segurava pelo braço, soltou-o. Tocá-lo a fazia se lembrar do modo como ela costumava tocar Trey. Ah, como gostava de Trey, quanta saudade sentia dele!

Derek franziu a testa.

— Você não pode desfazer o acordo. Só venha comigo, por favor.

Ela continuou parada, fitando-o.

— Pelo menos me deixe tentar — insistiu ela.

Ele fechou os olhos por um instante, aproximou o rosto do dela e sussurrou no seu

ouvido:

— Por favor, Kylie, acredite em mim desta vez. Não há nada que você possa fazer para mudar as coisas.

Alguma coisa na voz dele penetrava fundo nela, confundindo seus pensamentos. Ou talvez o hálito dele em seu rosto e aquele leve formigar perto do lóbulo da sua orelha é que não a deixavam pensar direito.

Era impossível dizer "não" a Derek.

— Tudo bem. — Mas, mesmo cedendo aos desejos do garoto, disse a si mesma que deveria ter cuidado. Derek, por alguma razão, tinha poder sobre ela e isso talvez fosse perigoso.

Os olhos verdes dele fixaram por um instante os olhos azuis de Kylie e ele sorriu de novo.

— Vamos.

Ofereceu-lhe a mão. Kylie quase a pegou, mas conseguiu se conter no último instante.

— Eu sigo você — disse apenas, enfiando as mãos nos bolsos.

A decepção atenuou o sorriso de Derek, mas ele assentiu e começou a andar. E ela fez o que lhe disse que faria: o seguiu.

Não falaram nada nos primeiros cinco minutos, enquanto subiam uma trilha. Depois, ele saiu da trilha e a levou na direção de um grupo compacto de árvores e arbustos. Considerando-se o dia anterior com Della e agora aquilo, só por milagre ela não se depararia com plantas venenosas. Ou, pior ainda, bichos-de-pé.

Quando estava prestes a dizer alguma coisa, ouviu o murmúrio suave de água corrente, como se logo fossem encontrar um riacho.

— É aqui — disse Derek. Olhou-a por cima do ombro, com um sorriso nos olhos, mas não nos lábios.

Kylie o seguiu por mais alguns passos, parou e contemplou o riacho, ladeado por uma grande pedra, do tamanho de uma cama, suspensa sobre as águas borbulhantes. O sol matutino filtrava-se por entre os troncos, fazendo tudo parecer tão verde, luxuriante... Vivo.

Kylie respirou fundo aquele ar que lembrava tudo em volta: era fresco, úmido e tinha cheiro de mato. À distância, ouvia-se o barulho do que poderia ser uma cachoeira — Shadow Falls. Sim, devia ser. O som da água que despencava enchia o silêncio e por algum motivo parecia chamá-la.

— Tem uma cachoeira aqui perto? — perguntou Kylie.

— Tem, mas aqui é mais bonito. — Derek subiu na pedra. — Vem. — E, equilibrando-se, estendeu a mão para ajudá-la.

Kylie deu um passo à frente, mas, antes de segurar a mão de Derek, ocorreu-lhe a pergunta:

— Por que fez aquilo?

Derek baixou os olhos para ela:

— Fez o quê?

— Você sabe — censurou Kylie.

— Ainda aquele assunto? — Sacudiu a cabeça. — Não é o fim do mundo, Kylie. Agora suba e sente-se aqui. O lugar é ainda mais impressionante quando você olha por este ângulo.

Kylie segurou a mão dele e, sem quase nenhum esforço, ele a puxou para cima. Tão logo adquiriu equilíbrio, Kylie se soltou e procurou um lugar para se sentar, não muito perto dele.

Não que aquilo ajudasse em alguma coisa.

Sentindo o olhar de Derek, Kylie procurou admirar o riacho e tentou se concentrar em outra coisa.

— Uau! — exclamou —, tem razão! Daqui é mais bonito mesmo. — De fato. A altura oferecia uma vista mais ampla da água corrente. Os raios de luz, atravessando as árvores, incidiam no riacho e o faziam brilhar. Daquela perspectiva, o lugar inteiro parecia banhado numa mistura de luz e sombra, lembrando algo que ela tinha lido num livro de contos de fadas. A paisagem era... quase mágica.

— Por quê? — perguntou de novo, sem olhar para ele.

— Estava curioso. Você me chamou a atenção desde que a vi ao lado de sua mãe, antes de entrar no ônibus. Parecia tão triste e...

Miranda lhe disse que algumas fadas e elfos podiam ler pensamentos; assim, antes que ele continuasse, Kylie perguntou:

— Você consegue ler minha mente? — E, virando-se para Derek, sentiu o rosto queimar ao recordar um dos pensamentos mais constrangedores que tivera a respeito dele.

— Não. — Ele sorriu e, sob aquela luz, seus olhos verdes com raias douradas literalmente faiscavam. — Por que ficou vermelha? O que andou pensando de mim?

Inclinou-se um pouco mais até encostar a testa na dela. O coração de Kylie palpitou mais forte e o hálito de Derek, tão próximo, pareceu ainda mais doce. Olhando para ele ainda, lembrou-se finalmente da pergunta que ele fizera, mas, em vez de dar uma resposta, fez outra pergunta:

— Mas então como soube que eu estava triste?

Ele hesitou e seu sorriso se desvaneceu.

— Não posso ler pensamentos, mas consigo detectar algumas emoções básicas.

Kylie olhou no fundo dos olhos dele e concluiu que falava a verdade.

— Por algum motivo, provoco uma confusão de emoções em você. Algumas positivas, outras nem tanto. Só não sei por quê.

Estava sendo honesto e Kylie achou que devia pagar na mesma moeda:

— Você... você me lembra alguém.

Derek arrancou um galhinho de árvore e pôs-se a examiná-lo.

— Alguém bom ou alguém ruim?

— As duas coisas. É o meu ex-namorado.

— Entendi. — Esperou alguns segundos e perguntou: — O que aconteceu entre vocês?

— Ele terminou comigo.

— Por quê?

Tinha contado parte da verdade, mas aquilo não podia dizer.

— Vai ter que perguntar a ele. — Era uma resposta pouco convincente e ela soube disso enquanto ainda pronunciava as palavras.

— Acontece que ele não está aqui e você, sim. — Ele ergueu o raminho e roçou as folhas no rosto dela. Em seguida, fez o mesmo trajeto com o dedo. Estava chegando cada vez mais perto e Kylie não sabia como contê-lo.

Na verdade, não sabia se queria contê-lo. Ao contrário do que vinha acontecendo ultimamente, aquele sentimento não parecia totalmente estranho. Mas isso não significava que estivesse disposta a se envolver no momento.

Desviou o olhar e procurou pensar em outra coisa.

— Como é ser... *fae*?

— Meio *fae* — corrigiu ele.

Kylie voltou a olhar para ele, lembrando-se de ter pensado que, como ela, ele não parecia muito entusiasmado com a ideia de ser sobrenatural. E concluiu que aquela talvez fosse sua oportunidade de aprender um pouco mais sobre fadas e elfos. Afinal, segundo Holiday, a própria Kylie poderia ser meio fada.

— Como é ser meio *fae*?

— Poderia ser pior, eu acho — suspirou Derek, voltando a contemplar o raminho.

— De quem você herdou isso?

Derek a encarou novamente.

— Para quem não gosta de dar respostas, você faz um bocado de perguntas.

Ponto para ele.

— Tudo bem, vou falar de mim, mas depois você me fala de você, combinado?

Derek arqueou a sobrancelha e pareceu aceitar a proposta.

— Combinado. — Inclinou-se para trás, apoiando-se nas mãos, e a examinou.

A posição parecia deixar seu tórax ainda mais largo. Kylie se surpreendeu comparando-

o a Trey. Lamento muito, Trey, mas Derek ganhou o prêmio de melhor corpo. Mas não se tratava apenas do corpo. Examinou o rosto dele. Seus traços eram... mais viris. Mais bem delineados.

Afugentando esse pensamento antes de demonstrar emoções que Derek pudesse ler, ela começou:

— Não sei o que eu sou. Acho que sou apenas humana, mas...

— Você não é humana — disse Derek, olhando-a daquela maneira estranha que parecia ser a de todos por ali.

Kylie revirou os olhos.

— Tá, eu sei que o meu cérebro não apresenta uma leitura normal, seja lá o que vocês leiam nele. Mas sei que humanos normais apresentam essa mesma leitura quando são, digamos, meio malucos. E às vezes tenho quase certeza de que sou maluca. A outra opção — admitiu com menos entusiasmo — é que tenho um tumor cerebral. E eu tenho sofrido muito com dores de cabeça ultimamente.

A expressão de Derek deixava claro que ele estava horrorizado com essa ideia.

— Fez exames?

— Não — respondeu Kylie. E só quando viu a preocupação nos olhos dele é que pensou com franqueza sobre aquela possibilidade. Meu Deus, e se tivesse mesmo um tumor no cérebro? E se...

Derek arqueou as sobrancelhas, como se estivesse confuso.

— Mas... e quanto a ver fantasmas?

— Como sabe...? — Então se lembrou de ter perguntado se ele também via fantasmas. — Alguns humanos podem vê-los. A própria Holiday admite isso.

Derek balançou a cabeça, incrédulo.

— Então você acredita realmente que é apenas humana?

Aquela pergunta levantou uma onda de emoção no peito de Kylie.

— Acredito. — Fez uma pausa e prosseguiu: — Está bem, a verdade é que não sei no que acredito.

E, sem nenhum aviso, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ei, não chore! — Derek ergueu a mão e limpou uma lágrima do rosto dela. O toque foi tão afetuoso, tão reconfortante, que ela quase segurou sua mão e encostou-a em sua face.

Mas, em vez disso, afastou delicadamente a mão dele e enxugou os olhos ela própria.

— Estou muito confusa... É que estes últimos meses têm sido um verdadeiro inferno para mim. Meu namorado terminou comigo, minha avó morreu, meus pais vão se divorciar, depois comecei a ver esse soldado morto... e agora me dizem que não sou humana.

Derek a puxou para si e ela não resistiu. Encostou a cabeça no lugar certo, entre o ombro

e o peito do garoto, e aspirou seu perfume. Sentindo-se surpreendentemente à vontade, fechou os olhos. Naquela posição, o nó de emoções que lhe comprimia o peito de algum modo se desfez.

— Me desculpe — falou então, afastando-se. — Vocês, garotos, detestam quando a gente faz isso, eu sei.

— Detestamos, é?

— É, detestam — confirmou Kylie.

— Eu não sou Trey — disse Derek. — E, na verdade, não foi tão ruim assim. — Ele sorriu e tocou-lhe o queixo. — Além disso, seu nariz é bem bonitinho quando fica vermelho.

Kylie afastou a mão dele e riu. Não tinha certeza, mas achou que aquele era o primeiro sorriso de verdade que dava em semanas.

— Tá bom, agora é a sua vez. Me fale de você.

O ar brincalhão desapareceu dos olhos de Derek. Recostando-se um pouco, ele pressionou as palmas contra a rocha para se apoiar. Ali sentado, flexionando os músculos dos braços e com um olhar sério, ele estava... um gato. Muito gato.

— Mas você é muito mais interessante — confessou ele em voz baixa, como se pudesse ler as emoções de Kylie e soubesse que tipo de reação sua presença provocava nela.

— Você prometeu. E, além disso, eu contei tudo.

Derek inclinou a cabeça e fitou-a através dos cílios escuros.

— Tudo, você não contou. — Havia em sua voz um leve tom de acusação. — Para ser franco, faltou aquilo que me deixa mais curioso.

— O quê? O que foi que faltou? — quis saber Kylie, tentando não ser apanhada de novo admirando a "vista".

— O que está havendo entre você e...

— Não quero falar de Trey e de mim. Isso é... muito pessoal.

— Tudo bem, mas eu não ia me referir a Trey. Quero saber o que está havendo entre você e o lobisomem.

# Capítulo 18

Kylie puxou o cabelo para trás da orelha. *Negue. Negue que algo esteja acontecendo.*

— Que... que lobisomem? — gaguejou, sem nenhuma convicção na voz.

Os olhos de Derek se voltaram diretamente para ela. Aquela expressão lembrava a de Della quando percebia que Kylie estava mentindo.

— Não negue — continuou Derek. — Suas emoções se projetam para todos os lados sempre que olha para ele. Mais ou menos do jeito que você olha para mim, só que... com uma intensidade maior. Ou você gosta mesmo dele ou... ele te assusta.

— Achei que pudesse ler emoções...

Derek se endireitou e cruzou os braços.

— Paixão e medo dão uma leitura quase igual.

— Bem, pode acreditar, a segunda opção é com certeza a correta — respondeu Kylie. Mas, depois do sonho da última noite, sabia que a verdade poderia ser resumida numa única palavra: *as duas coisas*. Entretanto, ainda não havia admitido aquilo nem para si mesma. E não iria admitir agora para Derek.

— De onde vocês se conhecem? — insistiu Derek.

— Quem disse...

Derek ergueu a mão para interrompê-la.

— Não é normal alguém ficar tão assustado com pessoas que não conhece.

Kylie baixou os olhos e percebeu que estava com os punhos cerrados.

— Ele era meu vizinho quando eu era mais nova. Digamos que, já na época, eu notava algo de errado com esse cara. Só não sabia o que era... essa história toda de lobisomem.

— E ele...

— Chega. — Era a sua vez de lhe dirigir um olhar firme. — Não vou dizer mais nada. Fale de você agora.

Derek contemplou o riacho e Kylie percebeu que ele, tanto quanto ela, não gostava de falar de si mesmo.

— O que quer saber? — perguntou.

— Apenas... tudo — respondeu Kylie, com certa descontração na voz para deixá-lo mais à vontade.

— Meu pai era *fae*. Minha mãe é humana.

— *Era*? Ele morreu?

Derek arrancou outro raminho do arbusto e ficou torcendo as folhas com os dedos.

— Não sei. E nem quero saber. Ele foi embora quando eu tinha 8 anos. Um verdadeiro pai malandro, se é que me entende.

— Sinto muito — murmurou Kylie, percebendo que aquilo mexia mais com ele do que queria demonstrar. — E você sabia que seu pai era *fae*? — ela continuou, tirando uma formiga do braço.

— Sabia, sempre soube. Mas, depois que meu pai foi embora, nunca mais falamos muito sobre isso ou sobre ele. Minha mãe ficou arrasada.

Não apenas ela. Kylie via nos olhos de Derek a tristeza que ele procurava a todo custo esconder. Ela sentia um peso enorme no peito — por ele e talvez um pouco por si mesma. Os problemas com seu próprio pai ainda persistiam: aguardavam na fila junto com tudo o mais que ela tinha de sofrer e enfrentar. Mas lembrou-se de que era a vez de Derek. Ele a ouvira e merecia que ela o ouvisse.

— Lamento — disse Kylie.

— Por quê? Eu, não. Se meu pai não me quis, também não quero saber dele.

Derek não mentia melhor do que ela, pensou Kylie.

— Você sempre soube que tinha dons?

Ele olhou para o raminho que ainda tinha algumas folhas.

— Não. Quer dizer, eu sabia que podia interpretar melhor as pessoas do que muita gente, mas não fazia a menor ideia de que isso era porque...era *fae*. Só em torno de um ano atrás minha capacidade de detectar as emoções ficou mais forte. E aí... finalmente percebi que era diferente.

— Diferente em quê? — Ela sentiu seu olhar deslizar para o peito de Derek, onde tinha sido tão bom encostar a cabeça. Um pensamento maluco cruzou sua mente: como seria beijá-lo?

Derek inclinou a cabeça para o lado e estudou o rosto de Kylie.

— Me pareço muito com seu ex-namorado?

Então suas emoções podiam ser lidas com facilidade, pensou ela, sentindo seu rosto queimar.

— Não muito, mas... o suficiente pra...

— Se sentir atraída?

Com o rosto queimando mais ainda, Kylie olhou de novo para o riacho.

— Nem tanto.

— E por que não? — O hálito de Derek acariciava de novo sua face. Um hálito quente. Suave. Tentador. Ele já tinha chegado tão perto assim antes? Perturbada com a proximidade dos lábios de Derek e temendo deixá-los se aproximar ainda mais, levantou-se e pulou da pedra.

— Fique parada! — disse ele.

— Que foi? — Kylie virou-se para olhá-lo. — Pensei que a gente...

— Não se mexa! — ordenou Derek numa voz baixa e séria.

— Por quê? Eu...

Alguma coisa se agitou na moita ao seu lado. Kylie baixou os olhos e viu uma cobra rastejando para fora do arbusto espesso. Uma grande cobra cinza-escura de focinho pontudo, o tipo de focinho que, nos seus passeios pelo campo, seu pai lhe aconselhava a observar bem para diferenciar serpentes venenosas e não venenosas.

O pânico a dominou logo que reconheceu a espécie: a moccasin-d'água, nada menos que a cobra mais agressiva do Texas.

E também uma das mais venenosas.

Com movimentos sinuosos e regulares, ela veio se aproximando de Kylie. O medo foi crescendo e ela sufocou um grito na garganta. Pela lógica, não conseguiria se afastar da cobra com rapidez suficiente para não ser picada. Pela lógica, devia ficar imóvel, mas... a lógica que fosse para o inferno. Queria aquela coisa bem longe dela.

A mão de Derek apertou seu ombro.

— Não se preocupe — murmurou ele em voz baixa, suave. — Ela está só passando. Continue parada e deixe que ela passe. Estou aqui. Não vai acontecer nada.

A mão de Derek parecia ainda mais quente, estranhamente quente, e logo o medo de Kylie foi diminuindo. Seu coração desacelerou e o gelo no estômago se desfez. Ela observou o corpo volumoso e rechonchudo da cobra deslizar por sobre a ponta de seu tênis como se fosse uma borboleta inofensiva. Algo em seu cérebro lhe dizia que aquela calma e aquela ausência de medo não eram naturais; que, de algum modo, vinham de Derek. Nem essa constatação a perturbou. Foi como se o toque dele tivesse anestesiado sua capacidade de ter medo, deixando-a apenas curiosa.

Curiosa em relação à cobra.

Curiosa em relação ao modo como ela deslizava.

Curiosa em relação a Derek. Como ele tinha conseguido alterar suas emoções? Como seria se entregar aos seus beijos? Será que despertariam nela o que Trey despertava? Talvez até mais?

— Você vai indo bem. Ela já está se afastando — sussurrou Derek.

E estava mesmo. Seu corpo volumoso escorregou para a água, provocando apenas um leve encrespamento na superfície, enquanto mergulhava e se deixava levar pela corrente.

Derek manteve a mão no ombro de Kylie, enquanto ela observava a criatura desaparecer entre as rochas. Depois, lentamente, retirou a mão. A tempestade de emoções a dominou a tal ponto que ela não conseguiu conter um grito. E, como o grito não bastasse, olhou em

volta e começou a subir de novo a rocha. O coração lhe saltava no peito, como se fosse explodir, e parecia que ia sair pela boca.

Derek tentou segurá-la, mas Kylie continuou subindo, pensando apenas em ficar o mais longe possível daquele animal escorregadio.

— Está tudo bem! — exclamou ele, rindo, e caiu de costas na rocha dura, arrastando-a consigo. Kylie aterrissou com metade do corpo em cima do dele. Os braços de Derek a envolveram, sem muita força.

Com as mãos dele pousadas delicadamente em suas costas, Kylie sentiu o pânico evaporar. Seus olhos encontraram os olhos verdes de Derek, cujas raias douradas pareciam brilhar ainda mais assim de perto. Kylie baixou os olhos para a sua boca, seus lábios tão macios, tão convidativos.

O calor do corpo de Derek se fundiu com o dela. O cheiro natural dele invadiu seus sentidos. Kylie conteve a respiração.

— Está melhor agora? — perguntou ele, num tom de voz mais profundo.

— Estou. — Junto com o pânico, Derek também tinha levado sua força de vontade. Agora queria realmente ser beijada por ele. Ou beijá-lo. Essa não lhe pareceu de modo algum uma má ideia. Aproximou-se mais até que os lábios de Derek ficaram tão próximos dos seus que podia sentir seu calor.

— Solte ela! — bradou uma voz masculina às suas costas.

# Capítulo 19

— Solte ela agora!

A voz, profunda e inflexível, lembrava a de alguém, mas, antes que seu cérebro pudesse dar uma resposta, Derek se levantou com tamanho ímpeto que a fez rolar até a beira da rocha.

Segurou-a, porém, antes que despencasse. Logo que se sentiu segura, Kylie ergueu a cabeça. Lucas observava-os da margem do riacho. Um jogo de luz e sombra o envolvia, tornando sua presença ainda mais assustadora. Seus olhos azul-claros fixavam-se nos dois com uma expressão carregada de violência.

— Ela está bem — disse Derek, num tom áspero que condizia com a rigidez de seu rosto.

Sentindo-se um tanto tola, Kylie achou que era necessário explicar o acontecido:

— Vi uma cobra.

Lucas respirou fundo e olhou para o chão:

— Era uma moccasin-d'água.

— Eu sei — disse Kylie. — Por isso gritei.

— Ela já foi — disse Derek, parecendo insinuar que Lucas deveria fazer o mesmo.

— Ouvi o grito dela — continuou Lucas, como se ele também sentisse a necessidade de explicar seu comportamento.

Os dois garotos ficaram olhando um para o outro, sem dizer uma palavra. Kylie teve a sensação nítida de que não se suportavam. Imaginou se *faes* e lobisomens por acaso não seriam inimigos naturais. Que droga!, pelo que sabia, a Segunda Guerra Mundial...

— Ela não está gritando mais — disse Derek.

— Está tudo bem. — Kylie saltou da rocha... mas não sem antes checar se não havia cobras no chão.

Quando ergueu a cabeça, percebeu que Lucas olhava para ela com um ar de desaprovação.

— Se tem tanto medo de cobras, não deveria andar pelo mato.

— Não tenho tanto medo assim, é só que...

— Estou cuidando dela — interrompeu Derek. Seu tom de voz era sombrio, quase agressivo.

— É, vi muito bem o que você estava fazendo.

Derek endireitou o corpo como se fosse saltar da rocha.

— Olha aqui, se você tem algum problema...

Lucas aparentemente não estava interessado no que Derek tinha a dizer porque se virou e em menos de um segundo desapareceu.

Kylie sentiu-se enrubescer imaginando o que Lucas tinha pensado da situação. Então, vendo a expressão infeliz no rosto de Derek, disse:

— Foi mal. Não deveria ter gritado, mas acontece que...

— Você não fez nada de errado, Kylie — disse Derek, oferecendo a mão para puxá-la para cima. — Ele exagerou, agindo como um imbecil. Não tinha nada que vir aqui. Eu não ia deixar que nada de mal acontecesse a você.

Kylie lembrou-se de como todo o seu medo tinha desaparecido ao toque intenso daquela mão.

— O que foi isso que acabou de acontecer?

— Ele apenas teve uma reação exagerada...

— Não. Não me refiro a Lucas. Com o seu toque...

— Meu toque? O que quer dizer?

Outras perguntas flutuavam no ar, como abelhas enfurecidas.

— Como você sabia que a cobra estava aqui?

O mesmo olhar, indicando que ele não gostava de falar de si mesmo, reapareceu no rosto de Derek, mas Kylie não deixaria por menos. Não dessa vez.

— Foi você que chamou a cobra? — perguntou.

Derek franziu a testa:

— Então acha que eu colocaria você em perigo só por brincadeira?

Ela poderia acreditar nas palavras dele?

— Não. Não acho. Mas você sabia que a cobra estava aqui. Sabia disso antes que ela aparecesse.

— Só percebi um segundo antes. Se soubesse antes, não deixaria que você descesse da pedra.

O sol projetou um novo feixe de raios faiscantes por entre as árvores e ofuscou os olhos de Kylie, impedindo-a de enxergar direito.

— Mas como sabia?

Derek saltou da rocha, pousando firmemente no chão ao seu lado.

— Faz parte do meu dom — disse ele, não parecendo nada orgulhoso do fato.

— Consegue prever o futuro?

— Gostaria.

— Então faz o quê?

— Leio as emoções de animais e de outras criaturas. — Derek enfiou as pontas dos

dedos nos bolsos.

— Uau! — exclamou Kylie, tentando entender bem o caso. — Isso é...

— Estranho, eu sei — murmurou ele. — Como se eu fosse Tarzan ou coisa parecida. Holiday diz que posso ser normal, se quiser, e é por isso que estou aqui. Para descobrir como. Mas Holiday não está muito entusiasmada com minha busca. Acha que vou decepcionar algum deus *fae* se renunciar ao meu dom. Ora, o deus *fae* que vá para o inferno. Não pedi isso. O único *fae* da minha vida abandonou a mim e à minha mãe. Então por que eu ia querer ser como ele?

Kylie percebeu o sofrimento em sua voz e se sentiu profundamente tocada.

— Você tem razão. Sinto muito.

Estava sendo sincera. Não apenas porque agora entendia tudo sobre ressentimentos familiares, mas porque, como ele, caso fosse mesmo sobrenatural, devolveria o dom ao remetente. Se o problema de Derek continha uma pesada carga emocional, o dela pressupunha um monte de perguntas. E o desconhecido já era, por si só, uma inquietação. Embora a verdade pudesse ser dolorosa, ela precisava de respostas.

De pé ali no meio do mato, envolvida em luz e sombra, imersa no mundo sobrenatural, decidiu de uma vez por todas procurar as tais respostas.

Encontrou de novo o olhar de Derek.

— Comunicar-se com animais não pode ser pior do que... outras coisas.

Derek atirou um seixo na água. O ruído que fez ao bater na superfície misturou-se aos outros da floresta.

— Como ver fantasmas? — perguntou, adivinhando mais do que ela teria desejado.

— Também — concordou Kylie, honestamente. — Não posso me imaginar levantando cedo e indo beber... sangue. — A simples menção da palavra lhe trouxe à memória o que Derek tinha feito para ficar com ela durante aquela hora.

Não poderia permitir que ele fosse adiante com aquilo. Não sabia como detê-lo, mas ao menos tentaria.

Kylie consultou o relógio.

— Acho que é hora de voltarmos.

Derek segurou a mão de Kylie e virou seu pulso para ver as horas. O toque daquela mão fez uma suave corrente elétrica subir pelo braço de Kylie e ela se lembrou do quanto estivera perto de deixar que ele a beijasse. Ou teria sido Kylie que quase o beijara?

— Ainda temos meia hora — tranquilizou-a Derek, apertando a mão dela.

Kylie se desvencilhou, recordando que o toque dele tinha controlado suas emoções quando ela vira a cobra. Provavelmente ele salvara sua vida, mas não era essa a questão. Não gostava de pensar que alguém pudesse controlá-la. Ou manipulá-la.

— É — disse ela —, mas ainda temos de descobrir um modo de você não dar seu sangue.

Derek fechou a cara.

— O acordo está feito e não há como desfazê-lo. E, além disso, não é nenhum problema.

— E se ele transformar você num vampiro?

Derek arregalou os olhos.

— Ah, fala sério, você pensa que vou deixá-lo me morder? De jeito nenhum. É muito arriscado e parece coisa de *gay*.

Kylie enrubesceu, sentindo-se uma completa ignorante.

— Então como será?

— Do mesmo modo que você doaria sangue num ambulatório. Com uma agulha esterilizada e uma bolsa plástica.

Kylie ficou olhando para ele, com perguntas surgindo depressa demais para que conseguisse ordená-las.

— Vai a um consultório médico para fazer isso? Mas como...

— Não — riu Derek. — A maioria dos vampiros carrega seus próprios apetrechos. São mais habilidosos em encontrar uma veia do que muitas enfermeiras. Uma das primeiras coisas que eles aprendem é tirar sangue sem matar o doador.

*Será que Della tinha trazido seu próprio equipamento de transfusão?*

— Como sabe de que modo os vampiros...?

— Se alimentam? Já fiz isso algumas vezes. — O sorriso dele a deixou ainda mais confusa.

— Então já deu sangue para um vampiro antes?

Derek assentiu:

— Como disse, não é o fim do mundo.

— Para quem? E como você sabia da existência de vampiros?

— Ela se chamava Ellie. Fomos colegas de escola. Você está se esquecendo de que sobrenaturais se reconhecem facilmente.

Sim, ela tinha se esquecido do gesto de arquear as sobrancelhas. Mas por uma boa razão. Kylie não "lia" sobrenaturais, o que lhe dava um pouco mais de esperança de não ser um deles. Será que ela também tinha colegas sobrenaturais na escola? Além de Lucas, por aquele curto espaço de tempo?

— Quantos sobrenaturais existem? — perguntou Kylie, embora com medo de ouvir a resposta. — Quantos são em comparação com os humanos?

— Por consenso geral, somos menos de um por cento. Mas esse número está aumentando. Por quê?

— Eu me perguntava se fui colega de algum deles na escola.

— Pode ter sido — disse Derek. — Mas não é provável. A maioria dos sobrenaturais frequenta escolas particulares ou é educada em casa. Por motivos óbvios.

— Quais?

— Quase sempre têm muito dinheiro. Muitos acreditam que devem aprender uma história diferente. E podem se dar esse luxo, porque eles usam seus dons para ficarem ricos.

*Eles*? Kylie percebeu que Derek também não se considerava cem por cento um sobrenatural.

— Então você estudou em escola particular?

Derek sacudiu a cabeça.

— Meu pai deu no pé, lembra?

— Ah, é. — E Kylie passou a outra pergunta: — E aquela garota? Ellie, não é? Foi sua colega?

— Ela é uma vampira recente — disse ele. — Ainda não decidiu se vai morar com seus iguais.

Kylie pensou em Della.

— Todos eles vão viver com outros de sua própria espécie?

— Pelo que Ellie diz, não. Mas sei que, para ela, não é nada fácil se misturar com os humanos.

Kylie notou o carinho na voz dele e, esquecendo rapidamente os problemas de Della e das outras criaturas estranhas, resolveu se preocupar com assuntos mais pessoais.

— Você e Ellie são muito próximos? — Temendo parecer enciumada, sacudiu a cabeça, mas não conseguiu conter a curiosidade. — Ah, você deu seu sangue pra ela. É claro que são próximos.

Derek arqueou as sobrancelhas e outro daqueles quase sorrisos desenhou-se em seus lábios, deixando ainda mais intenso o brilho do seu olhar.

— Esse é o seu jeito de perguntar se ainda estamos juntos? — A cintilação verde de seus olhos revelava que ele apreciava o interesse de Kylie.

— Não. — Pelo menos, supunha que não fosse, mas não estava completamente certa.

— Terminamos há uns seis meses.

— Por quê? — perguntou Kylie, para logo se arrepender.

— Ela conheceu um lobisomem. — Havia ressentimento em sua voz.

— Lucas?

— Não, não ele.

— Pensei que vampiros e lobisomens não se dessem bem — observou Kylie.

— Os Capuleto e os Montecchio também não se davam bem.

Soprou uma brisa leve e uma mecha dos cabelos de Kylie roçou em sua face, ficando

presa entre seus lábios.

Derek a desprendeu dos seus lábios e colocou-a atrás da orelha. As pontas de seus dedos deslizaram pelo queixo de Kylie, provocando um formigamento em seu pescoço. Ela segurou sua mão e, sentindo que o formigamento aumentava, largou-a imediatamente.

— O que aconteceu aquela hora? — apressou-se a perguntar antes que perdesse o controle. — Quando você me tocou?

Derek meteu as duas mãos nos bolsos, como que para evitar a tentação de tocá-la de novo.

— Não sei o que quer dizer — disfarçou, mas Kylie sabia que ele estava mentindo.

— Não minta para mim, Derek — disse ela, sacudindo a cabeça. — Quando você me tocou, mudou meus sentimentos e nós dois sabemos disso muito bem.

Derek parecia não acreditar que Kylie pudesse ter percebido.

— Apenas impedi que tivesse medo, para que não fizesse uma besteira e fosse picada.

— Então, quando você toca alguém, passa a controlar suas emoções?

— É — disse ele, como se aquilo não fosse grande coisa.

Mas era uma grande coisa, ao menos para Kylie. Até onde a atração que sentia por ele era verdadeira? Até onde tinha sido ele quem provocara aquela atração?

Uma sensação fria e incisiva oprimiu seu coração.

— Você já fez isso antes?

— O quê? — Agora ele parecia mesmo confuso. Ou estaria fingindo?

— Controlar minhas emoções.

Derek a observou com atenção.

— Por acaso está com raiva?

— Fez isso ou não, Derek? Me induzir a sentir aquilo por você?

Ele pareceu ofendido.

— Não — respondeu com firmeza, embora sem convencê-la.

Kylie pôs a mão no peito dele.

— Então me ajude, Derek, se...

Ele segurou sua mão e ela teve um sobressalto.

— Mais essa! Agora está com medo de mim? — Derek sacudiu a cabeça, inconformado. — Primeiro, você justificou o que sentia dizendo que eu lembrava o seu ex-namorado; agora, me acusa de estar controlando suas emoções. Por que é tão difícil reconhecer que simplesmente gosta de mim?

— Porque você tem o poder de fazer isso, não tem? Tem o poder de me fazer gostar de você. — Respirou fundo e prosseguiu: — Já usou seus dons para convencer uma garota a fazer coisas que ela normalmente não faria?

Derek enrijeceu.

— Uau! — exclamou, num tom de acusação. — Está procurando um motivo para implicar comigo, hein? Esse seu ex-namorado foi mesmo bem mau-caráter com você.

*Talvez.* Mas a questão não era essa. Kylie tinha quase certeza de que seus sentimentos agora não tinham mais a ver com Trey, mas com o próprio Derek. A verdade nua e crua era que, se passasse a gostar de Derek, isso complicaria muito seus próximos meses. Já tinha problemas suficientes e não precisava de mais um.

— Você não respondeu à minha pergunta — insistiu ela, endireitando o corpo. — Já usou seus dons para convencer uma garota a fazer coisas que ela normalmente não faria?

A expressão de Derek era quase de raiva, mas Kylie podia jurar que também havia culpa nos olhos dele. Ele olhou para o outro lado.

— Se não responder, vou ter que presumir o pior — avisou ela.

— Está bem. — Derek a encarou. — Já usei meu dom para chamar a atenção de uma garota, mas não para fazê-la dormir comigo. Isso seria estupro. E não me interessa saber até que ponto você quer implicar comigo, Kylie. Não vou me fingir de mau só para fazê-la se sentir melhor. — Apontou o caminho por onde tinham vindo. — Acho que agora devemos voltar.

Kylie percebeu mágoa em sua voz. Embaraçada, de repente percebeu o quanto estava sendo dura e insensível. Deus, talvez ela não fosse melhor que sua mãe!

Derek abriu caminho e ela o seguiu. Andaram em silêncio.

— Ei — chamou ela finalmente, sem conseguir mais se conter.

— Que foi? — perguntou Derek, sem se virar e continuando a descer a trilha.

— Eu não quis insinuar que você fosse algum tipo de estuprador.

— Então quis insinuar o quê? — respondeu, ainda sem olhar para ela.

Kylie procurou escolher bem as palavras. Odiava ter de apelar para o velho clichê, mas no momento não poderia fazer melhor.

— Gosto de você, Derek. Gosto mesmo. Mas acho que deveríamos ser apenas bons amigos.

Derek riu, sem, no entanto, parecer achar graça nenhuma naquilo.

— Vai negar então que sente alguma coisa por mim? — Acelerou o passo. — Vai negar que quase me beijou agora há pouco, que queria muito me beijar?

Acelerando também o passo, Kylie ia negar e quase fez isso; mas se conteve para não mentir.

— Não, não vou. Só não sei bem o que estou sentindo neste momento.

Derek finalmente se virou para ela.

— Porque acha que estou controlando suas emoções...

— Não, não é isso. Quer dizer, talvez em parte... mas também porque você me lembra Trey. Olha, muitas outras coisas vêm acontecendo comigo nos últimos dias. — A emoção tomou conta da sua voz. — A situação lá em casa está péssima. Comecei a ver fantasmas. Pessoas vivem me dizendo que não sou totalmente humana e quase peço para ser apenas maluca ou ter um tumor no cérebro. — Apertou as pálpebras para não chorar de novo. — Não preciso *disto* também. — Agitou as mãos entre ambos. — Mas realmente um amigo me faz falta.

Derek olhou para ela com resignação.

— Está bem. Se amizade é só o que tem a oferecer, eu aceito. A contragosto, mas aceito.

— Obrigada — murmurou Kylie com sinceridade.

Derek respondeu com um aceno de cabeça e a estudou como se procurasse de novo ler suas emoções. Céus, talvez, depois de lê-las, ele pudesse lhe explicar o que significavam — pois, no momento, tudo parecia confuso demais para ela.

— Tudo vai ficar bem — disse ele.

— Verdade? — Kylie fez uma pausa. — O problema é que não sei por onde começar para obter respostas.

Derek respirou profundamente e olhou em volta como se temesse que alguém pudesse ouvi-los, embora ninguém estivesse à vista. Aproximou-se dela.

— Não tenho todas as respostas — confessou, baixando a voz até transformá-la num sussurro. — Na verdade, nem sei se isso é mesmo um problema. No entanto... há uma coisa que você precisa tentar.

# Capítulo 20

— Me diga o que é — pediu Kylie, pronta a aceitar qualquer tipo de ajuda. — A esta altura, eu tento qualquer coisa.

Bem, quase.

— Há uma garota aqui — começou Derek — que é *fae* também. Chama-se Helen.

— Eu sei quem é — disse Kylie. — Ela estava no meu grupo quando Holiday nos explicou por que viemos para o acampamento.

— Isso mesmo. O dom de Helen é a cura. Mas, quando nos falava sobre ela, contou que mesmo antes de o tumor da irmã ser descoberto, ela já podia vê-lo. Não acho que você tenha um, mas, se estiver preocupada com isso, talvez Helen possa te examinar.

— É uma excelente ideia — concordou Kylie, quase se atirando nos braços de Derek. Mas conteve-se, calculando no último instante que essa atitude não seria das mais apropriadas. De fato, não queria de forma alguma dar a Derek esperança de serem algo mais que amigos. Pelo menos não no momento, murmurou uma vozinha dentro dela... a mesma vozinha que já lhe dissera como era bom ficar junto dele e que quase a levara a beijá-lo. — Muito obrigada.

— Não foi nada. — Ele lhe acariciou o queixo com as costas da mão e também isso a vozinha aprovou. — Por sinal...

— Por sinal... — incentivou Kylie.

Derek sorriu e o dourado de seus olhos pareceu se intensificar.

— Ainda há pouco, não foi só você que... quer dizer, eu também quis que me beijasse.

— Mas somos só bons amigos — disse Kylie, esforçando-se para imprimir um pouco mais de convicção às palavras.

— Certo — concordou Derek, também sem convicção alguma na voz.

Quando chegaram ao acampamento, já estava quase na hora do encontro com Holiday. Kylie queria falar com Sara, então decidiu ir atrás do escritório, até o pequeno esconderijo que tinha descoberto na véspera.

Mas, ao contornar o edifício, constatou que não tinha sido a única a descobrir aquele local. Deu meia-volta, mas não com rapidez suficiente. Lucas, com sua namoradinha a tiracolo, estava diante dela. Ele fez uma careta e a Garota Gótica sorriu para, em seguida, abotoar a blusa sem constrangimento.

— Desculpe — murmurou Kylie. Afastou-se, mas, enquanto caminhava, sentiu um par de olhos azul-claros queimando suas costas.

Diante do prédio, avistou Miranda e Della de pé, gritando uma com a outra.

A primeira ideia de Kylie foi deixá-las sozinhas; mas, vendo Sky, a outra líder do acampamento, saindo do refeitório, resolveu acalmar as duas antes que se metessem em confusão.

— Juro que, se você apontar mais uma vez esse dedinho cor-de-rosa pra mim, vou quebrá-lo! — rugiu Della. E, inclinando-se para Miranda: — Você sabe muito bem que sou capaz de fazer isso.

— Parem! — gritou Kylie, colocando-se entre as duas. Miranda desviou-se de seu corpo e ficou cara a cara com Della.

— E você, encoste um só desses malditos dedos em mim e vou te pôr um feitiço de espinhas como nunca viu antes!

— Você não pode me enfeitiçar — desafiou Della. — Seus reflexos são retardados.

— Parem com isso! — insistiu Kylie, percebendo que Sky olhava para elas. — Temos companhia.

— Feitiço de espinhas é comigo mesmo — gabou-se Miranda. Recuou, mas Della deu um passo à frente.

Sem dúvida, não gostava nada de espinhas.

— Olhe aqui, se me aparecer uma pintinha sequer no rosto, vou tirar seu sangue todo enquanto estiver dormindo e depois vender pela internet.

— Vão parar com isso ou não? — gritou Kylie, mas era tarde. Sky já se aproximava.

— Está tudo bem por aqui? — perguntou a líder gótica.

Sky pertencia também à espécie dos lobisomens, segundo tinham insinuado a Kylie, que ainda não conseguia identificar os sobrenaturais apenas observando-os.

Miranda simulou um sorriso. Della tentou fazer o mesmo, mas só conseguiu arreganhar os dentes.

— Tudo bem — disseram as duas ao mesmo tempo. — Nós estávamos apenas...

— Discutindo? — Sky franziu a testa com ar acusador.

— Um pequeno desentendimento — explicou Miranda.

— Acabou? — quis saber Sky.

Della tomou a palavra:

— Ela derramou de propósito o sangue que guardei na geladeira.

— Não foi de propósito. O vidro caiu quando abri a porta.

— Tem sangue na nossa geladeira? — apavorou-se Kylie.

Sky revirou os olhos.

— Vocês precisam se entender — disse, fixando as pupilas escuras em Miranda. — Você, Miranda, é veterana aqui e por isso esperamos que se saia bem.

— Tá, vou ser boazinha com a turma dos que me detestam — esbravejou Miranda, afastando-se a passos largos.

Sky acompanhou-a com o olhar e depois se voltou para Kylie e Della.

— Resolvam suas diferenças dentro da cabana, não em público, do contrário Holiday e eu teremos de intervir... o que, posso lhes assegurar, não será nada bom. — E, virando-se, Sky as deixou.

Kylie olhou para Della, que sorria parecendo não ter se importado nada com a advertência de Sky.

— E então, o que houve entre você e o carinha *fae*? — perguntou Della.

— Esqueça isso. Você e Miranda precisam parar logo com isso.

— Parar com o quê? — perguntou Della, dando de ombros.

— Vocês não podem continuar se ameaçando — ponderou Kylie e, no mesmo instante, viu a garota de Lucas se aproximando. Com as pálpebras cerradas de raiva, comprimia os lábios quando chegou perto de Kylie. Se olhares matassem, Kylie já estaria a um passo da decomposição. A garota passou por elas como um raio.

Com a ideia de morte pairando no ar, Kylie sentiu uma leve dor de cabeça, um latejar persistente na têmpora esquerda. A possibilidade de que realmente tivesse um tumor cerebral quase fez Kylie perder o fôlego.

— Ameaçar não é fazer — raciocinou Della. — Portanto, relaxe. Mas então, o que você e Derek andaram aprontando? Chegaram pelo menos ao básico?

— Não aprontamos nada. — Kylie pressionou uma das palmas contra a têmpora. — Olha, gosto de você e de Miranda, portanto criem juízo e parem com as brigas antes que nos separem e eu tenha que engolir outra colega de alojamento. — Alguém como a namorada de Lucas.

— Não foi uma briga. Apenas um bate-boca.

— Você ameaçou vender o sangue dela pela internet — disse Kylie. — De onde venho, isso seria considerado uma briga.

— Sim, mas agora você não está mais no seu mundo.

As palavras de Della a acertaram em cheio, como só a verdade poderia fazer. Tudo havia mudado. Um garoto deu o próprio sangue para passar uma hora com ela. Ela tinha visto sapos — na realidade, tarados — pulando na mesa da cozinha e tinha examinado os genitais de um gato que no fim das contas nem gato era. E, era bom não esquecer, continuava sendo perseguida pelo soldado Dude. Sua cabeça latejou ainda mais.

— Além disso, nunca venderia o sangue dela. Preferiria saboreá-lo gota a gota. Sangue de bruxa é doce.

*Doce*. Kylie levantou a mão.

— Pare já com isso. Não aguento mais. — Consultou o relógio. Droga! Não teria tempo para falar com Sara. — Tenho que me encontrar com Holiday — avisou. *E pôr minha vida em pratos limpos porque, como Dorothy, não estou mais no Kansas.* Kylie se virou para partir.

Della a pegou pelo braço.

— Ah, eu queria te dizer...

Kylie soltou-se.

— Espere — disse, erguendo a mão. — Tem algo a ver com sangue? — Não suportava mais aquela conversa e ponto final.

Della fechou os olhos com força.

— Não — respondeu, com um tom de sarcasmo na voz.

— Então pode falar.

— Ou não. — Della cruzou os braços. — Talvez eu devesse deixá-la cair numa cilada por querer ser tão espertinha. — E ameaçou ir embora.

*Cilada?* Aquilo não parecia nada bom.

— Della, espere — pediu Kylie.

Della deu meia volta.

— Se eu te contar, vai pôr um fim nessa conversa de que "sangue é nojento"?

*Era nojento mesmo.*

— Vou tentar.

— Tentar é pouco — rebateu Della.

Kylie consultou de novo o relógio. Precisava encontrar Holiday, mas o aviso de Della sobre ciladas...

— Tudo bem, não vou dizer mais aquilo — prometeu Kylie, emparelhando-se com ela. — E agora me diga: que cilada é essa?

Della expirou com força.

— Sabe aqueles sujeitos de terno preto? Me disseram que são do FBI.

— E o que fazem aqui?

Della levantou a cabeça.

— Estão pensando em interrogar você.

— Eu? — estranhou Kylie. — Por quê?

— Não sei.

Kylie calculou que aquilo só podia ser por causa...

— Espere! É por causa do seu primo? Você tem certeza de que ele não pertence a uma daquelas gangues?

— Acho que não é isso — disse Della. — Teriam me falado, se fosse. Além do mais, não disseram nada sobre visitantes. Explicaram que talvez você esteja escondendo alguma coisa

porque não deixa que ninguém a leia.

Kylie tentou concentrar a cabeça dolorida nos fatos, mas não conseguiu.

— Tem certeza de que se referiram a mim?

— Claro! Holiday não está gostando nada disso. Mas parece que os caras controlam tudo por aqui. O que dizem tem peso. Mas posso afirmar que Holiday ficou do seu lado. Garantiu que você é inocente, mas eles querem constatar isso por si mesmos.

*E como, exatamente, pretendem agir?* Ela já tinha ouvido boatos de que a CIA e o FBI torturavam as pessoas. Droga, Kylie já tinha uma dor de cabeça e não queria acrescentar "ser torturada" à sua lista de afazeres do dia.

Della espiou por cima do ombro de Kylie.

— Hum, não olhe agora, mas acho que Holiday está à sua procura. E... já a encontrou.

Um segundo depois, Kylie sentiu a presença de alguém ao seu lado. Mas não era Holiday. Um calafrio percorreu sua espinha e Kylie soube que "ele" tinha voltado.

Tentou respirar fundo, determinada a não perder os sentidos, mas o ar frio mal entrava em sua garganta. Fez um esforço para se mover e, erguendo os olhos bem devagar, rezou para não vê-lo desta vez.

Alguém não estava disposto a atender a preces no momento. Mas, pelo menos, não havia sangue. O soldado Dude só ficou ali plantado, fitando-a com seus grandes olhos azuis. Olhos que pareciam querer dizer alguma coisa. Mas o quê? O que ele queria? Lembrou-se da palavra *ajude* escrita com sangue na última vez que o vira. Mas que tipo de ajuda esperaria dela?

A ideia de perguntar passou por sua mente. Sentiu, porém, que se conversasse com ele os dois ficariam mais próximos. Fechou os olhos e orou em silêncio para que ele sumisse.

— Aí está Holiday. — A voz de Della ecoou muito longe na consciência de Kylie. Abrindo os olhos, viu Holiday colocando-se entre ela e o soldado Dude.

— Está pronta? — perguntou a líder do acampamento.

O frio se foi e sua pele arrepiada voltou ao normal. Até o ar gelado em seus pulmões começou a se aquecer. Uma onda de alívio a envolveu.

— Nossa! — exclamou Holiday dando um passo para trás. — Interrompi alguma coisa?

Kylie sabia que a líder do acampamento não estava se referindo a ela e à amiga. Piscando muito, fixou Holiday e tentou se concentrar.

— Não pode pedir para que me deixe em paz?

— Não é assim que funciona — lamentou Holiday.

— O que é que não funciona assim? — perguntou Della.

— Pronta? — Holiday voltou-se novamente para Kylie.

— Para quê? — indagou Kylie. Por que a UPF queria falar com ela?

— Para o nosso encontro — esclareceu Holiday.

— Posso acompanhá-las? — perguntou Della.

Kylie virou-se para a colega de alojamento e percebeu no seu olhar que ela estava tentando ajudar. Um esforço que achou ela mais bem-vindo do que a colega seria capaz de supor.

— Ela pode? — indagou Kylie.

— Receio que não. — Holiday fitou Della. — Acho que os vampiros estão tendo uma reunião de grupo. Você deveria ir. — E, voltando-se de novo para Kylie: — Vamos. — Tomou-a pelo braço e se foram.

Mas para onde a estava levando, era ainda um mistério.

# Capítulo 21

— Dois sujeitos querem falar com você — avisou Holiday, fazendo-a entrar para o escritório.

— Quem? — perguntou Kylie, desejando que Della tivesse se enganado.

— São da UPF.

Kylie já tinha ouvido essa sigla várias vezes desde que chegara ao Acampamento Shadow Falls. Mas agora, quando as três letras se entrelaçaram em sua mente, uma nova versão lhe ocorreu: *União de Pessoas Fantásticas.*

— Eles patrocinam este lugar — acrescentou Holiday, ajudando-a a subir os degraus.

— Por quê? — quis saber Kylie, parando à porta. — Por que querem conversar comigo? — Não estava certa de ser uma pessoa "fantástica".

O olhar de Holiday se suavizou.

— Principalmente curiosidade. Eles nunca viram ninguém que não pudessem ler.

— Mas você não me disse que isso era comum com pessoas que veem fantasmas?

Holiday parecia buscar as palavras.

— Não é só porque não a conseguem ler, Kylie. É também porque consideram um tanto bizarro o que conseguem captar de seu padrão cerebral.

A dor de cabeça de Kylie voltou. E o medo de ter mesmo um tumor agitou-lhe o peito. Viu-se de cabeça raspada e com cicatrizes imensas e horrendas serpenteando por seu couro cabeludo. Era horrível.

Mas igualmente horrível seria admitir que fosse tão bizarra quanto os outros.

— Você é especial e eles sentem isso. Portanto, venha logo. Só vai levar um minuto e depois poderemos ter nossa própria conversa.

A mão de Holiday nas costas de Kylie ficou mais quente. Kylie soube de imediato que a líder do acampamento podia manipular emoções tanto quanto Derek. Todo o seu medo de ter um tumor e de entrar em contato com a União de Pessoas Fantásticas se desvaneceu quando o calor da mão de Holiday a penetrou.

— Por que está fazendo isto? — Kylie afastou-se um pouco.

— Fazendo o quê?

— Tentando me acalmar. — Procurou ficar longe do alcance de Holiday.

Holiday arregalou os olhos.

— Uau! Pode sentir isto? Impressionante. — Tocou Kylie de novo. — Significa então...

— Pare. — Kylie recuou novamente. Não lhe interessava o significado de

“impressionante”, ao menos no momento; estava, isto sim, preocupada com o que lhe pudesse acontecer dentro do escritório e com a possibilidade de ter um tumor no cérebro.
— Você quase me faz achar que devia ter medo.

Holiday discordou com a cabeça.

— Não há motivo para ter medo de nada. — Aproximou-se de novo e Kylie ficou olhando para sua mão.

Holiday ergueu as mãos.

— Confie em mim.

— Sinto muito — disse Kylie —, mas tenho passado maus bocados confiando em pessoas que podem manipular minhas emoções. — De certa forma, referia-se também a Derek.

Holiday suspirou.

— Acredite ou não, Kylie, respeito sua atitude. Mas agora você deve falar com aqueles homens. Nada de ruim vai acontecer a você. Dou minha palavra.

Embora ainda não estivesse completamente convencida, ao olhar novamente para a expressão de Holiday, grande parte das preocupações de Kylie desapareceram. Mas isso se devia agora à sua própria intuição e não à influência da líder. Por algum motivo, seus instintos lhe diziam que podia confiar em Holiday — talvez, por falta de opção. Em vários sentidos, Kylie era uma prisioneira no acampamento.

As apresentações foram tão estranhas quanto Kylie esperava. Os dois homens esgotaram sua quota de arquear de sobrancelhas, o que só fez Kylie se sentir ainda menos à vontade. Queria lhes dizer que perdiam seu tempo tentando arrancar alguma coisa dela. Mas não disse, é claro. De novo, a síndrome da boa moça. Em vez disso, sentou-se a uma mesa e procurou não se incomodar com seus olhares intensos.

O homem mais alto, de cabelos escuros, chamava-se Burnett James; o outro, Austin Pearson. De perto, Kylie não pôde deixar de reparar que tinham boa aparência. Não que gostasse de caras mais velhos — ou que pudesse chamá-los assim por terem uns dez anos a mais que ela —, mas costumava admirar a perfeição.

Kylie notou também que Burnett lançava olhares disfarçados para Holiday quando ela não estava reparando nele. Sem dúvida, aquela mulher o atraía. Holiday, ao que tudo indicava, não havia percebido seu interesse. Na verdade, parecia até que achava os dois homens uns chatos. Principalmente Burnett.

— Então... — Burnett puxou uma cadeira e se sentou.

Holiday olhou para ele e franziu a testa, como se não gostasse de vê-lo tão à vontade.

— Esta é a sua primeira vez no Acampamento Shadow Falls, não é? — perguntou Burnett.

Kylie assentiu. Mas, lembrando-se da crença da mãe de que responder sem palavras era falta de educação, completou:

— Sim... senhor. — O "senhor" demorou um pouco para sair e Kylie logo se arrependeu de ter deixado escapar a palavra, pois poderia parecer sarcástica. Não tinha sido essa a sua intenção, mas eles talvez a interpretassem mal.

Burnett fincou os cotovelos nos braços da cadeira, entrelaçou os dedos e estudou-a sem pressa. Depois de alguns segundos que demoraram a passar, inclinou de leve a cabeça como se ouvisse algo que ninguém mais ali pudesse ouvir. As batidas do coração de Kylie, por exemplo. Que tipo de sobrenaturais seriam aqueles dois? Detectores de mentiras humanos, como Della? Kylie suspeitava que sim, fosse lá por que fosse. Devia, portanto, ser cuidadosa para não ser apanhada tentando enganá-los.

— O que trouxe você a Shadow Falls, senhorita Galen?

Holiday aproximou-se.

— Ela foi enviada aqui por...

Burnett ergueu a mão, interrompendo-a, e Holiday fez uma cara feia.

— Gostaria que a senhorita Galen respondesse. — A frase não era hostil, mas o tom demonstrava impaciência.

Holiday também devia ter notado. Fulminou o homem com um olhar que sem dúvida dizia coisas que ela provavelmente jamais diria na presença de um campista. Kylie teve a sensação de que aquela não era a primeira vez que os dois batiam de frente. Talvez até tivessem feito mais que isso: talvez fossem ex-amantes.

Austin pigarreou como que para aliviar a tensão que deixava pesada a atmosfera do lugar.

— Kylie, é melhor responder — incentivou-a Holiday e todos se voltaram para a garota.

Ela se endireitou ligeiramente na cadeira, procurando não se alarmar.

— Segundo me disse... Holiday, foi minha analista que recomendou à minha mãe me inscrever. Talvez ela a tenha convencido de que este era um acampamento para adolescentes problemáticos.

— E você é? — disparou Burnett.

— O quê? — estranhou Kylie.

— Uma adolescente problemática? — O tom de voz dele parecia carregado de acusações.

— Claro que não — insistiu Holiday.

Burnett olhou feio para a líder do acampamento.

— Por gentileza, permiti que você estivesse presente, mas se continuar interrompendo...

— Vá se ferrar, sr. James — rugiu Holiday, obviamente furiosa o bastante para não se importar que Kylie ouvisse aquela linguagem vulgar.

— Não me provoque — replicou Burnett.

— Provocá-lo seria a última coisa que me passaria pela cabeça — devolveu Holiday. — Você tem sido uma besta classe A desde que o conheço.

Kylie fez um esforço para não rir. A tensão entre aqueles dois não convencia. O tipo de tensão que se vê num filminho romântico.

— Talvez isso se deva à fria recepção que você me proporcionou sem nenhum motivo. Acho que tem preconceito contra vampiros.

*Então ele era um vampiro!* Kylie se sentiu realmente orgulhosa por ter adivinhado.

— Não se iluda — disse Holiday, dando de ombros. — O meu problema não é com vampiros. É com homens inconsequentes a ponto de supor que seus distintivos lhes dão o direito de intimidar os outros. Desde que você pôs os pés no meu acampamento, agiu como se devêssemos lhe fazer reverências. E, como se isso não bastasse, agora acusa meus garotos de...

Austin pigarreou de novo, dessa vez mais alto.

— Acho que devemos nos concentrar na senhorita Galen.

*Ou não*. Kylie gostaria muito de saber exatamente do que a UPF estava acusando os campistas. Mas sua curiosidade logo se desvaneceu quando todos se viraram de novo para ela, lembrando-lhe a pergunta de Burnett.

— Não, não me considero uma adolescente problemática.

Burnett arqueou a sobrancelha direita.

— Já pertenceu a alguma gangue?

— Não — respondeu Kylie, imaginando se ele se referia à Confraria do Sangue. — Nunca me meti em confusão.

— Mas não foi levada a uma delegacia depois de uma batida policial?

Kylie percebeu de repente o motivo da antipatia de Holiday pelo Sr. Alto, Moreno e Bonitão. Ele conseguia fazer as pessoas se sentirem pequenas.

Talvez o modo como Holiday havia enfrentado o vampiro tivesse dado coragem a Kylie. Ou, depois de tudo o que havia acontecido a ela naquele dia, sua capacidade de dar a volta por cima tivesse vindo à tona. Ou, enfim, o tumor seria o responsável por ela fazer coisas que normalmente não faria.

Levantando o queixo, deixou que as palavras saíssem de sua boca sem remorsos.

— Se tivessem lido o boletim de ocorrência, veriam que eu não tinha consumido drogas nem bebido.

Os cantos dos olhos de Burnett se estreitaram. Mas Kylie preferiu concentrar-se no sorriso agradável de Holiday.

— Já terminaram? — perguntou a líder do acampamento.

— Só mais umas perguntinhas. — O olhar aguçado de Burnett não se afastava de Kylie. — O que acha deste lugar, senhorita Galen?

— Muito bom. — O coração de Kylie deu um salto quando ela se lembrou de que não podia mentir. — Pelo menos, todas as pessoas que encontrei parecem gostar daqui.

— E você?

*Não minta.*

— Preferiria estar em casa.

— E por quê? — Os olhos de Burnett ficaram quase pretos.

— Tudo é tão... novo para mim!

— O quê, por exemplo?

— O fato de pessoas como o senhor existirem. — Era verdade... embora Kylie não tivesse intenção alguma de ofendê-lo.

— Como eu? Vampiros? — perguntou ele, obviamente ofendido.

— Sobrenaturais — corrigiu Kylie.

— E você, o que pensa que é? — continuou Burnett, em tom presunçoso.

— Não sei bem — confessou ela. — Mas espero não ser nada. Apenas eu. — *Com um tumor no cérebro.* Pôs essa ideia de lado para refletir mais tarde.

O olhar de Burnett era duro e Kylie perdeu a coragem. Ele balançou a cabeça e franziu a testa.

— Por que tem a mente tão fechada?

— Não tenho. Mas acreditar em tudo isso... — Ocorreu-lhe, de repente, que Burnett não estava se referindo à capacidade dela de aceitar aquelas coisas, mas à incapacidade dele próprio de ler sua mente.

— Não é culpa de Kylie. — Holiday adiantou-se. — É a condição de um de seus dons. Ela fala com espíritos.

Kylie assentiu com a cabeça. Os dois homens arregalaram os olhos.

— Fala com espíritos? — estranhou Austin, virando-se para Holiday; mas, antes que ele voltasse à posição anterior, Kylie julgou ver uma sombra de medo em seu rosto.

— Como você? — Burnett olhou de relance para a líder do acampamento.

— Leu meus arquivos? — perguntou Holiday.

— Preciso saber com quem estou trabalhando.

— Engraçado, os seus arquivos você não me mandou — observou Holiday. — E espera que eu trabalhe...

— Posso mandá-los, se eles realmente forem de seu interesse — contra-atacou Burnett, com um tom de sarcasmo na voz.

— Pensando bem, não precisa se incomodar — retrucou Holiday. — Mas, voltando ao seu comentário anterior... sim, Kylie fala com fantasmas, assim como eu. — Se o tom de voz de Holiday já não tinha a firmeza de antes, seu breve sorriso tinha muito mais.

— Você também? — perguntou Austin, estremecendo. — Odeio fantasmas.

— Ela é fada? — Burnett voltou-se de novo para Kylie, olhando-a fixamente como se procurasse lê-la.

— Ainda não chegamos a uma conclusão — explicou Holiday.

— Então seus pais não estão registrados como sobrenaturais? — quis saber Burnett.

— Não — respondeu Holiday.

— Talvez sejam malandros.

— Talvez sejam o quê? — interrompeu Kylie.

— Jamais a mandariam para cá se fossem — respondeu Holiday a Burnett, deixando a pergunta de Kylie no ar.

O celular de Kylie tocou, mas ela não atendeu para não perder nada do que estavam dizendo a seu respeito.

— Talvez por isso ela tenha vindo. — O olhar severo de Burnett se fixou de novo em Kylie. — Foi mandada para cá com um propósito, senhorita Galen?

— Não, e meus pais não fizeram nada de errado — insistiu Kylie.

Holiday deu mais um passo à frente.

— Se sua audição não estivesse desligada, você poderia confirmar que ela diz a verdade.

Burnett assentiu, levantou-se e encarou Holiday.

— Você está certa. Ela não parece envolvida. Mas quero ficar a par de sua situação.

Holiday fechou a cara.

— Não creio que seja necessário.

— Nem eu — falou Kylie sem pensar, não gostando nada de vê-los discutindo a seu respeito como se ela não estivesse presente.

Burnett, ignorando Kylie, continuava voltado para Holiday.

— Atenderá às minhas solicitações, senhorita Brandon, ou farei com que meus superiores encontrem outra líder de acampamento mais flexível.

Pela primeira vez Holiday ficou sem palavras, dando a entender a Kylie que se preocupava mais com o emprego do que com o orgulho.

— Gostaria apenas de saber por que se interessam tanto por ela.

— Além de supervisionar este projeto, fui encarregado de detectar quaisquer anomalias por aqui. A senhorita Galen se enquadra.

— Sou uma anomalia? — espantou-se Kylie, incrédula.

— Muito bem, você ficará a par de tudo — disse Holiday, ainda ignorando Kylie.

Burnett parecia orgulhoso, como se soubesse que era o vencedor. Voltou-se para Kylie:

— Agora você já pode ir.

Kylie olhou para Holiday:

— Pensei que...

Holiday a interrompeu:

— Nós duas temos uma reunião. Eu apreciaria se os senhores se retirassem.

Burnett cruzou os braços sobre o peito largo.

— Sua reunião terá de ser adiada — disse ele. — Preciso que me leve até os arquivos. Como, ao que parece, a senhorita Galen não é a nossa suspeita, precisamos descobrir quem é.

— E presume que seja um de meus garotos — perguntou Holiday, furiosa. — Acaso já lhe ocorreu...

— Sim, presumo. Todas as evidências apontam para este lugar — disparou Burnett.

*Evidências de quê?* A pergunta estava na ponta da língua de Kylie, mas algo a advertiu para não fazê-la.

Holiday tinha os lábios apertados quando se voltou para Kylie:

— Nos encontramos depois do almoço, está bem?

Kylie concordou com um aceno de cabeça, desapontada ao perceber que todas as suas perguntas teriam de esperar. Isso não significava, porém, que não pudesse obter outras respostas enquanto isso. Levantando-se, fez um gesto de despedida e caminhou de peito erguido para fora da sala. Tinha coisas a fazer. Coisas a descobrir. E a primeira da lista era encontrar uma certa fada para lhe pedir que checasse seu cérebro à procura de tumores.

*

Saiu do escritório sem saber bem como encontrar Helen, a curadora. O telefone tocou de novo e ela o tirou do bolso. Era uma mensagem de Sara. Uma palavra se destacava na tela. "Negativo", leu Kylie em voz alta, sorrindo de alívio pela amiga.

Começava a digitar o número de Sara quando alguém se colocou ao seu lado. Um corpo alto e largo projetava uma sombra larga e alta.

Antes mesmo de erguer os olhos, Kylie de algum modo concluiu que o dono da sombra tinha cabelos muito pretos e olhos azul-claros. Respirando fundo, levantou a cabeça.

Odiou ter adivinhado.

# Capítulo 22

— Podemos conversar?

A voz de Lucas Parker despertou em seu corpo quase tantos calafrios quanto a leve pressão da mão dele em suas costas. Quase. Mas não tantos.

Kylie se esforçou para não tremer enquanto ele a fazia se desviar de um grupinho que conversava a uns quinze metros à esquerda. Embora as palavras de Lucas formassem uma pergunta, o fato de ele estar andando e a conduzindo indicava que Kylie não tinha escolha.

O calor da mão do garoto na parte baixa de suas costas a fez se lembrar do sonho da noite anterior — aquele em que estavam nadando juntos. Isso, por sua vez, fez com que recordasse que tinha interrompido Lucas e a namorada naquele mesmo dia. Kylie piscou os olhos, rezando para não enrubescer demais.

— Sobre o que quer falar? — conseguiu a muito custo dizer, pois temia que fosse sobre ela e Derek. Lucas pareceu realmente furioso quando os surpreendeu na rocha — o motivo, Kylie não saberia dizer. Tentou parar, mas ele continuou puxando-a. A menos que quisesse cair de cara no chão, sua única alternativa era continuar pondo um pé na frente do outro.

Kylie acelerou o passo para alcançar Lucas. Então, viu bem à sua frente uma fileira espessa de árvores e por nada no mundo entraria ali na companhia de Lucas. Por nada mesmo!

— Pare! — gritou, desvencilhando-se da mão dele e deixando cair o telefone, que foi aterrissar na grama com um baquezinho surdo. Kylie quase aterrissou atrás.

Lucas a segurou pelo antebraço e a ergueu quase sem esforço. Contendo a respiração, ela percebeu que as costas da mão dele estavam encostadas na lateral do seu seio.

Olhou bem para aquela mão, tremendo e com o coração aos pulos — por causa do medo e de algo mais. Esse "algo mais" tinha tudo a ver com o sonho da noite anterior e com o lugar onde a mão estava agora.

— Me solte — exigiu, perturbada.

Ele a soltou e ergueu as mãos.

— Não quero te machucar, Kylie.

— Como posso saber? — Deu um passo para trás e esperou para ver se ele ia dizer algo sobre o fato de já conhecê-la. Ou mesmo lembrar que a tinha salvo de um bando de agressores. Então, ela retrucaria dizendo que ele matara o seu gatinho.

Mas Lucas não disse nada. Ficou olhando para ela com ar magoado. Como se tivesse esse direito.

Meu Deus, será que ao menos se lembrava dela? Ou de Socks?

Lucas passou a mão pelo rosto e perguntou:

— O que foi aquilo?

*O que foi aquilo?* Finalmente, entendeu.

— Derek sorteou meu nome. Estávamos apenas conversando. *Ao contrário de você e sua namoradinha. Além do mais, não é da sua conta.*

À luz brilhante do sol, Kylie notou a barba de Lucas, algo que a maioria dos garotos de 17 anos não tem. Mas então se lembrou de que ele era um lobisomem, o que talvez explicasse tudo. Ou seria ele apenas mais um desses garotos que amadurecem depressa e já exibem uma barba cerrada quando se formam no colégio?

— Vi muito bem como estavam conversando, mas não foi a isso que me referi.

— Nesse caso, lamento ter interrompido você e aquela garota. — Kylie se abaixou e apanhou o telefone.

Quando endireitou o corpo, ele estava de cara amarrada, mas pelo menos não tentou dizer que Kylie não tinha interrompido nada.

Embora não soubesse como explicar, aquilo quase a aborrecia. Mas era melhor esquecer. O que havia de errado com ela? Uma hora antes, queria que Derek a beijasse; e agora ficava toda assanhada com o cara que tinha esfolado seu gato?

Stress, concluiu. O stress sem dúvida tinha mexido com os hormônios dela. Ou tinha sido o tumor no cérebro?

Lucas soltou um suspiro.

— Também não foi a isso que me referi. O que a UPF queria com você?

Kylie pressionou a palma de uma das mãos contra a têmpora esquerda para acalmar a dor e pensar numa resposta. Mas não estava certa de poder encontrar uma.

— Não sei. — Ignorava quais fossem as suspeitas da UPF e por isso não tinha nenhuma explicação a dar.

Lucas apertou os olhos.

— Como assim, não sabe?

— Eu não sei. Nada tem feito sentido para mim ultimamente.

Lucas, cético, parecia querer mais detalhes. Mas por que estava perguntando aquilo? Teria ele algo a ver com as suspeitas que a UPF nutria contra Kylie? Agora, ela própria começava a ficar desconfiada.

— Mas por que quer saber?

— Eles estavam por aí — respondeu Lucas — e notei que Holiday não gostou nem um pouco. Perguntei a respeito, mas, segundo me disse, não tenho com que me preocupar. Mas, se algo acontecer, quero ajudá-la.

Kylie lembrou-se de que Holiday tinha trazido Lucas com ela na noite anterior, quando ela teve o sonho. Talvez os dois fossem amigos, mas, se Holiday tinha preferido não dizer nada, longe de Kylie interferir.

— Queriam falar comigo porque pensam que sou uma anomalia. Estão tentando me entender, como todo mundo aqui.

A desconfiança no olhar de Lucas diminuiu.

— Fizeram isso? Tentaram entendê-la?

Kylie fez que sim com a cabeça.

— Ao que parece, sou um verdadeiro enigma.

— As garotas geralmente são — disse Lucas com um sorriso. Um daqueles sorrisos que fazem o coração de uma garota disparar.

Mas Kylie se esforçou para não ceder e, mentalmente, pisou no freio. Em seguida, não querendo ficar ali parada com o coração disparado e precisando que Helen a examinasse para ver se não tinha nenhum tumor no cérebro, mostrou o telefone.

— Preciso fazer uma ligação.

*

Kylie levou vinte minutos para encontrar Helen. Durante esse tempo, enviou uma série de carinhas sorridentes para Sara, mas adiou a ligação. Agora que o problema da amiga tinha sido resolvido, podia se concentrar no seu próprio. E o próximo passo na lista seria ter seu cérebro examinado por uma certa fadinha.

Atravessando o refeitório, observou Helen, que estava sentada a uma mesa com o nariz enterrado num livro. Era o tipo da garota retraída, mas esperta, que nem precisa estudar para ir bem na escola, mas não se orgulha disso.

— Oi — disse Kylie, vendo que Helen não havia notado sua presença.

Com um sobressalto, ela levantou a cabeça. Uma mecha de cabelos cor de palha caiu sobre seu rosto e ela a repôs no lugar.

— Oi.

Kylie abria a boca para falar quando percebeu que seria bem difícil lhe pedir para checar seu tumor. O silêncio ficou pesado e Kylie começou a gaguejar:

— Eu... eu apenas...

Ouviram um barulho do outro lado da sala e Kylie olhou para ver o que era.

— Sou Kylie Galen. Você e eu estávamos no grupo...

— Eu me lembro — disse Helen em tom suave. Kylie não a conhecia, mas identificou-se com ela instantaneamente. Era outra desgarrada. Uma solitária. Kylie desejou que tivesse alguém como Sara para simplificar sua vida.

— Podemos conversar? — perguntou. — Em outro lugar?

Helen, depois de dar uma olhada nos colegas, pegou o livro e a mochila.

Quando saíam, Kylie notou vários grupos de adolescentes famintos se aproximando do refeitório. Apressou o passo para ficar bem longe deles e tentou de novo encontrar as palavras certas para falar com Helen.

— Estava me perguntando se... Eu...

— Derek me disse.

— Disse? — Kylie sentiu um aperto no peito ao se lembrar de que Derek estava tentando ajudar. E, logo depois, uma certa culpa por ainda não ser capaz de confiar nele. Mas estaria errada em desconfiar de seus sentimentos por alguém que podia controlá-los tão facilmente quanto respirava?

— Há um lugarzinho sossegado atrás do escritório — disse Helen.

— Não, lá não. — Achava que Lucas não apareceria de novo, mas convinha não arriscar.

Notou que o caminho para a sua cabana estava deserto e tomou aquela direção.

Passaram por um grupo de garotos que riam de algo que um deles dissera. Bem no meio estava a namorada de Lucas; e antes que Kylie pudesse se virar para o outro lado, os olhos dela se encontraram com os seus. A garota soltou um palavrão. Por que odiava tanto Kylie?

Tentando esquecer Lucas e a namorada, Kylie voltou-se para Helen.

— Acha que pode me ajudar?

Helen deu de ombros e tudo nela, da expressão à postura, revelava incerteza.

— Só fiz isso uma vez, com minha irmã. Vou tentar, mas...

— Mas o quê? — perguntou Kylie, enquanto ainda desciam a trilha.

— Você não está com medo?

— Deveria? — E Kylie parou subitamente.

Helen deu novamente de ombros, em sinal de insegurança.

— Talvez. Não sei. Só o que sei é que eu mesma fico apavorada.

Só faltava isso! Kylie, nervosa, engoliu em seco.

— Vai doer ou coisa semelhante? — E, como Helen não respondeu logo: — Machucou sua irmã?

— Não — disse Helen.

Kylie suspirou, aliviada. Outros pensamentos lhe ocorreram, mas então se lembrou de que precisava ir fundo em tudo aquilo.

— Tenho que saber.

Helen levou Kylie para trás de uma fileira de carvalhos enormes, tirou a mochila e ergueu os olhos.

— Como vamos fazer? — indagou Kylie, com um nó na boca do estômago.

— Honestamente, não sei. Com minha irmã, eu apenas... Estávamos brigando. Ela tinha

roubado meu diário. Então, de repente... — Helen suspirou também.

— Quer dizer que precisamos começar uma briga? — perguntou Kylie, sem saber bem o que a outra queria dizer.

— Não. — Helen sacudiu a cabeça. — Foi como se... Você sabe como entramos na mente das pessoas...

— Não, não sei — replicou Kylie, num tom de voz que a frustração tornava mais sombrio, enquanto a dor de cabeça voltava como que para se vingar.

A surpresa se estampou no rosto de Helen.

— Você realmente não consegue visualizar os padrões cerebrais dos outros? Pensei que todos podíamos fazer isso.

— Eu não consigo — confessou Kylie. — E é esse o motivo que me faz pensar que não sou como vocês. — Juntou as mãos para disfarçar o tremor e sentiu o coração disparar à ideia de que realmente pudesse ter um tumor. Em seguida, voltou ao problema da leitura de cérebros. — Você sempre foi capaz disso? Sempre?

— Mais ou menos. Quer dizer... Eu podia visualizar, mas não sabia *o que* estava fazendo. Achava que era como fechar bem os olhos e ver aqueles borrões vermelhos de formatos diferentes. Mas agora que sei do que se trata, tudo está mais claro.

Seus olhares se encontraram e Helen arqueou as sobrancelhas.

— O que está vendo? — perguntou Kylie, com o coração disparado.

— Apenas o seu padrão. — Helen continuava olhando, sem foco como quando Kylie observava um daqueles desenhos que, quando examinados por muito tempo, podem revelar uma imagem oculta. — Você não é... uma pessoa normal. As pessoas normais têm ondas regulares. As suas... sobem e descem, sem falar nesse traçado esquisito. Mas não está deixando que eu a leia.

— Não sei como deixar que você me leia. — Kylie mordeu o lábio e procurou se concentrar em Helen para tentar ver alguma coisa. Nada aconteceu, mas os olhos delas se cruzaram.

Piscando, Kylie perguntou:

— Preciso deixar que me leia antes que você possa descobrir se tenho um tumor?

— Não, mas... — Helen firmou os olhos.

— Mas o quê?

A garota deu um longo suspiro.

— Como eu disse, não sei como funciona. No caso de minha irmã, coloquei as mãos... — Helen colocou as mãos de cada lado da cabeça de Kylie. — Eu estava... agarrando a cabeça dela. — Hesitou um instante. — Quer que eu tente?

Kylie concordou, embora isso fizesse seu pulso acelerar. Helen segurou a cabeça de Kylie

com as mãos. Fechou os olhos, franziu a testa e apertou os lábios, concentrando-se. Kylie, ali de pé, olhava para ela e rezava para que ninguém aparecesse. Já podia ouvir os comentários: Kylie e Helen estavam se agarrando atrás das árvores. Que se dane.

Depois de vários segundos Kylie ia ficando cada vez mais assustada. Estava a ponto de pedir que parasse com aquilo quando sua cabeça começou a zumbir. O zumbido logo se transformou em calor. E, de repente, uma sensação reconfortante começou a se irradiar das palmas de Helen.

— Estou conseguindo — murmurou Helen, excitada. — Está funcionando.

O calor das palmas de Helen penetrou na cabeça de Kylie, que continuava olhando para ela na tentativa de decifrar sua expressão. O que Helen estaria vendo? Será que Kylie deveria ligar para a mãe e pedir que comprasse uma peruca? De modo algum sairia por aí careca.

Aos poucos, a pressão das mãos de Helen contra a cabeça de Kylie foi se afrouxando. Suas mãos então penderam dos lados do corpo. Depois de respirar profundamente duas vezes, Helen abriu os olhos.

— E então? — gaguejou Kylie. — Tenho mesmo um tumor? Tenho?

# Capítulo 23

— Ei, onde você esteve? — perguntou Miranda enquanto Kylie desabava sobre o banco a seu lado e de Della no refeitório, quinze minutos depois.

— Conversando com Helen. — Kylie jogou uma mecha de cabelos louros para trás da orelha, os nervos ainda à flor da pele.

— Quem é Helen? — perguntou Della, levando seu copo de "suco" (como Kylie decidira chamá-lo) à boca.

— Helen Jones — disse Kylie, apontando para a garota sossegada que tinha acabado de se sentar em outro banco. Ela a tinha convidado para se juntar a elas, mas Helen recusou o convite porque tinha prometido ficar na mesa das fadas aquele dia.

Kylie viu Helen se sentar ao lado de Derek e inclinar-se para ele a fim de lhe dizer alguma coisa ao ouvido. Kylie não precisava de superaudição para saber que Helen tinha contado a ele sobre o diagnóstico negativo de tumor. E, como para provar que estava certa, Derek interceptou o olhar de Kylie e sorriu.

Kylie sorriu também. Embora estivesse aliviada pelo fato de Helen não ter visto nenhuma mancha escura em seu cérebro, como tinha visto no da irmã, aquela resposta não lhe deixava alternativa exceto aceitar sua condição de... bem, não humana. E isso não era nada reconfortante.

Della inclinou-se e murmurou:

— E como foi o interrogatório? Descobriu por que suspeitam de você?

— Que interrogatório? — Miranda arregalou os olhos.

— Conto depois — disse Kylie, espiando em volta.

Miranda concordou com um aceno de cabeça e prosseguiu:

— Ah, soube que vamos ter computador? Vão instalar um em cada cabana.

— Ótimo! — respondeu Kylie, mal ouvindo o que a outra dizia. Agora refletia sobre a possibilidade de a loucura explicar seu estranho padrão cerebral. Sem dúvida, houve ocasiões em que achou que estava maluca... com as últimas semanas no topo da lista.

— É melhor pegar o seu almoço antes que parem de servir — aconselhou Della.

Kylie reparou que muitos campistas já estavam devolvendo suas bandejas e saindo. O exame do tumor tinha demorado mais do que Kylie havia calculado.

— Tem razão — concordou Kylie, levantando-se.

— Ah! — lembrou-se Miranda —, Perry estava procurando você.

Kylie estremeceu e inclinou-se para ela:

— O que ele queria?

— Talvez pedir que você dê uma olhadinha nos seus genitais de novo — brincou Della.

Kylie soltou um gemido.

Miranda riu e ficou séria novamente:

— Acho que era para pedir desculpas. Jurou que quis se soltar, mas você o levou para dentro.

Kylie se lembrou de que o gatinho, isto é, Perry disfarçado, tinha realmente tentado resistir quando ela o carregou no colo para a cabana. E quando afastou suas pernas traseiras para descobrir seu sexo.

— Seja como for, ele não tinha nada que ficar espiando pela nossa janela.

— É verdade — concordou Miranda. — Mas, pelo menos, quer pedir desculpas. Só uma pessoa decente faz isso.

— Ou um idiota com medo que eu conte tudo a Holiday — disse Kylie.

— Ponto pra você — reconheceu Della.

Kylie foi até o balcão e viu atrás dele a motorista do ônibus — ou alguns centímetros dela, pois sua cabeça mal ultrapassava a borda. A duende inclinou a cabeça para trás e fitou Kylie, arqueando as sobrancelhas.

— Já sabem o que você é? — perguntou, empurrando uma bandeja para Kylie.

— Ainda não — murmurou Kylie, não gostando nada de ver que todos no acampamento estavam a par de sua crise de identidade.

— Seu amigo quer comer alguma coisa? — continuou a duende, de cara fechada.

— Que amigo?

Um calafrio percorreu a espinha de Kylie — a presença dele era, como sempre, absolutamente perceptível e indesejada.

— Você também consegue ver? — perguntou Kylie, soltando, com as palavras, uma nuvem de vapor.

— Não, só sentir. E já é muito para mim. — A mulherzinha afastou-se do balcão.

*Vá embora. Vá embora.* Cerrando os olhos, Kylie desejou ardentemente que o soldado Dude desaparecesse. Quando o calafrio passou, tão rápido quanto viera, perguntou a si mesma se a coisa era mesmo tão fácil assim: bastava desejar que ele fosse embora. Eis outro assunto que gostaria de discutir com Holiday. Fosse como fosse, a pequena vitória provocou em Kylie uma breve sensação de controle. Muito breve.

Pegando a bandeja, foi se juntar novamente a Miranda e Della. Nem procurou saber se ainda havia algum sujeito de farda ali. Para que procurar encrenca?

— Dia ruim? — perguntou Miranda quando Kylie colocou sua bandeja de qualquer jeito sobre a mesa.

— Mês ruim. — Kylie pegou o sanduíche e o cheirou. — Detesto atum. — Sentiu a garganta apertada e engoliu o nó de emoção, jurando que não ia chorar.

— Gosta de pasta de amendoim e geleia? — perguntou Miranda.

— Gosto. — Kylie olhou para Miranda, pensando que ela propunha uma troca; mas, em vez disso, ela levantou o dedo mínimo e o apontou para o sanduíche de Kylie.

O sanduíche, na mão de Kylie, se transformou. Kylie olhou para ele e seu queixo caiu. Pasta de amendoim e geleia vermelha escorriam das bordas do pão.

— Santo Deus! — exclamou Kylie, largando o sanduíche na bandeja.

— Uau! — exclamou Della, inclinando-se. — Pode me arranjar outro copo de sangue? Ouvi dizer que o tipo O negativo é o melhor.

Miranda fechou a cara.

— Eu *não* faço sangue.

— Por que será que não estou surpresa? — zangou-se Della.

Kylie não queria saber daquela conversa sobre sangue e desviou o olhar do sanduíche transformado para Miranda.

— Pensei ter ouvido você dizer que não podia fazer magia.

Miranda pareceu se divertir.

— Nem se pode chamar isso de magia. Venho substituindo meu almoço por pasta de amendoim e geleia desde que tinha 2 anos. Mamãe tentava me empurrar linguiça de fígado. Quem, pelo amor de Deus, come uma porcaria dessas?

— Eu comeria com gosto — disse Della.

O estômago de Kylie roncou e ela abriu o sanduíche para dar uma olhada rápida.

— É seguro... comer isto aqui?

— Acha que eu ia envenenar você? — perguntou Miranda, obviamente ofendida.

— Não, mas pode ser radioativo ou coisa parecida. Não sei o que acontece com a comida quando... é transformada assim.

— Tenho comido meus sanduíches a vida inteira — disse Miranda.

— É, e sabemos o que eles fizeram com você — acrescentou Della, num tom que ia ficando cada vez mais irritado.

— Vá chupar uma veia — disparou Miranda.

— Tem uma aí? — contra-atacou Della, mostrando os dentes.

— Por favor — implorou Kylie, olhando de uma para a outra. — Não vão brigar de novo.

Somente quando as duas pareceram se acalmar é que Kylie reconsiderou a ideia de comer. Incrível como estava faminta. Exames cerebrais devem aumentar o apetite. Ou talvez fosse porque a dor de cabeça finalmente tinha dado trégua. De qualquer forma, a fome era

suficiente para ela se arriscar a comer um sanduíche preparado pela magia do dedo mínimo de Miranda.

Pegando o sanduíche, Kylie afundou os dentes na maciez do pão branco.

— Está muito bom — disse a Miranda, enquanto mastigava e tentava impedir que a pasta de amendoim grudasse no céu da boca. — Obrigada.

— De nada — respondeu Miranda. — E, em troca, tudo o que quero é que você "me dê uma ajudinha" com o Derek... já que não gosta dele.

— Você é cega? Kylie é louca pelo Derek! — interrompeu Della, num tom irritado.

Miranda, espantada, olhou para Kylie, esperando que ela negasse. Mas a pasta de amendoim tinha grudado no céu da sua boca e Kylie não conseguiria falar ainda que quisesse. Mas não queria. Não sabia o que dizer.

Frustrada com o silêncio de Kylie, Miranda olhou para Della.

— Kylie garantiu que não gostava dele.

— Estava mentindo — disse Della, dando de ombros.

Miranda olhou para Kylie.

— Gosta dele? Apenas diga.

— De quem a senhorita "Não Sei O Que Sou" gosta? — A namorada de Lucas se sentou do lado oposto da mesa.

Kylie deu uma boa olhada naquela representante da espécie dos lobisomens. Estranho. Nunca tinha visto tanta raiva e antipatia num só olhar.

Conseguiu desgrudar o pedaço de sanduíche do céu da boca.

— De ninguém — disse ela, mas sem convicção.

— Verdade? — Os lábios da loba se arquearam no que poderia ser considerado um sorriso, caso o risinho que o acompanhou não fosse tão perverso. — Por falar nisso, meu nome é Fredericka. Pensei que você gostaria de saber o nome da garota que vai lhe dar um pontapé no traseiro se você tentar...

— Hum, isso é engraçado — disse Miranda.

*Engraçado?* Kylie lançou um olhar à amiga, enquanto o pedaço de pão, a pasta de amendoim e a geleia ficavam entalados em sua garganta. Cobriu a boca e tossiu, o que só piorou a situação, pois o pedaço de pão, tentando voltar, ficou entre suas amígdalas. Kylie fez força para absorver um pouco de ar, mas não conseguiu. Nada.

— O que é engraçado? — O olhar frio de Fredericka agora pousava em Miranda, o que teria inquietado Kylie se ela não estivesse ocupada tentando respirar. Começou a dar batidinhas no peito.

*Estou sem ar.*

— Você chutar o traseiro da Kylie — respondeu Miranda.

*Ei, não consigo respirar*. Kylie segurou a garganta, o sinal universal de sufocação.

— Com toda a ajuda que ela teria para deter você e tudo o mais.

*É sério, não consigo respirar.* Que maravilha!, lá estava ela num acampamento cheio de criaturas bebedoras de sangue e devoradoras de carne crua, prestes a morrer asfixiada por causa de um sanduíche de pasta de amendoim e geleia.

Fredericka inclinou-se para Miranda.

— Acha que estou com medo desse seu dedinho esquelético?

*Continuo não podendo respirar, gente!*

Finalmente, Della — vampiros atenciosos são outra coisa — levantou-se, empurrou Miranda para o lado e deu um golpe firme nas costas de Kylie. O pedaço de sanduíche finalmente desbloqueou sua garganta e, embora provocasse dor ao descer, pelo menos deixou aberta a passagem do oxigênio.

— Eu? — A voz de Miranda assumiu um tom agudo. — Você pensou que... Não, não, eu não quis dizer que a ajuda viria de mim. — Apontou para Della. — Esta aí poderia até vencê-la. Tem a atitude combativa dos vampiros, mas não era a ela também que eu me referia.

— Miranda tem razão — disse Della, metade da atenção concentrada em Kylie e metade, em Fredericka. — Eu ajudaria Kylie a chutar seu traseiro num piscar de olhos. — E arreganhou os lábios para a outra, mostrando os caninos afiados.

Fredericka não pareceu nem um pouco preocupada. Não que Kylie tivesse certeza de alguma coisa; ainda estava ocupada em impulsionar o oxigênio necessário para o cérebro enquanto dava ao drama encenado à sua frente o máximo de atenção possível. Se tivesse de ser despedaçada por uma mulher-loba, queria saber o motivo.

— Mas então de quem está falando? — quis saber Fredericka, inclinando-se sobre a mesa e deixando escapar um grunhido surdo.

— Dos fantasmas de Kylie — disse Miranda. — Ela tem cerca de meia dúzia em volta dela o tempo todo. Não sabia?

*O quê?* Kylie tossiu. Ainda bem que o pedaço de pão tinha descido em vez de subir, do contrário estaria de novo engasgada.

— Não sei quanto a você, mas eu não me envolvo com os mortos. Não se lembra do último ano, quando Holiday falou dos anjos da morte?

*Anjos da morte?* Kylie lembrou-se da história de Miranda, no ônibus a caminho do acampamento, sobre anjos da morte dançando nas cachoeiras. Tossiu de novo e levantou a mão. Mas, antes que começasse a falar, notou o medo na expressão de Fredericka.

Não querendo parecer um coelhinho assustado diante de um lobo faminto — embora essa situação descrevesse muito bem seus sentimentos —, Kylie olhou Fredericka

diretamente nos olhos.

— Pare com isso. — Tosse. — Não quero brigar com você. — Tosse. — Não sei nem mesmo por que você quer brigar comigo. Ou com os meus fantasmas.

Ei, Kylie não era nenhuma boba! Pretendia tirar vantagem do medo que surpreendeu nos olhos da garota.

— Fique longe de Lucas — advertiu Fredericka, mas já sem tanta confiança na voz.

— Eu? — Todos os contratempos daquele dia, e mesmo das últimas semanas, se desvaneceram com essa palavra pronunciada em tom agudo, que também mandava embora o coelhinho assustado. — Sabe de uma coisa? Talvez fosse bom você apertar mais o laço que colocou em volta do pescoço do seu suposto namorado, pois todas as vezes que conversamos foi porque ele me procurou. E não o contrário.

— Você deveria tomar mais cuidado — ameaçou Fredericka.

— Ela não precisa — interrompeu Della. — Seus fantasmas fazem isso por ela. Não ouviu falar do pequeno incidente que ocorreu na nossa cabana noite passada?

Fredericka se levantou e saiu apressadamente.

Kylie, com uma das mãos pressionada sobre a mesa, acompanhou-a com o olhar.

— Que piranha!

— É, ela fez a mesma coisa ano passado. Mas nós demos o troco — disse Miranda, pousando sua própria mão sobre a de Kylie.

— Nós arrasamos! — completou Della, pondo a mão sobre a de Miranda.

— Obrigada — disse Kylie. E, fitando ora uma, ora outra: — Vocês não precisavam me defender. Mas gostei disso.

— Ora, somos amigas! — exclamou Miranda. — E é isso o que fazem os amigos.

Sorrindo para suas novas companheiras, Kylie concluiu que ter vindo ao acampamento não tinha sido *tão* ruim assim.

Em seguida, dando um longo suspiro e sentindo que sua coragem começava a esmorecer, olhou para Miranda:

— Os anjos da morte existem mesmo?

# Capítulo 24

— E... ah!... os anjos da morte realmente existem?

Essa foi provavelmente a sétima ou oitava pergunta que Kylie fez a Holiday durante seu encontro trinta minutos antes. No momento em que havia pisado no escritório, as perguntas começaram a surgir.

— São... muitas perguntas — riu a líder, convidando-a a se sentar.

Kylie pôs o celular sobre a mesa de Holiday e puxou uma cadeira. Depois de sair do refeitório, tinha passado os últimos cinco minutos falando com Sara, comemorando o resultado negativo do teste de gravidez; agora, porém, tinha voltado a se concentrar em sua própria missão de encontrar respostas.

— É, e estou apenas começando — disse Kylie. — Quero saber também que mais eu poderia ser. Você me explicou...

— Verdade? — Holiday arqueou as sobrancelhas. — Então você aceitou que é uma de nós?

A pergunta ficou pairando em torno da cabeça de Kylie.

— Não. Apenas quero estar preparada para... o que descobrir.

A líder do acampamento atirou seus longos cabelos ruivos, presos num rabo de cavalo, para trás dos ombros.

— Ouvi dizer que Helen te examinou para ver se tinha um tumor no cérebro.

— Quem te contou? — quis saber Kylie, já imaginando o acampamento inteiro gozando da cara dela por causa daquilo. Ou, pior ainda, gozando da cara de Helen. A garota parecia ainda mais tímida que ela própria e a última coisa que Kylie queria era vê-la ser infernizada por algo que a tinha induzido a fazer.

Holiday balançou a cabeça.

— Não foi bem assim. Helen ficou empolgada por ter descoberto o modo como seu dom funciona e veio conversar comigo.

Kylie aceitou a explicação. Sabia como Helen se sentia e não a censurava por ter ido falar com Holiday.

— Mas você ainda não acredita muito, não é? — perguntou Holiday, encarando-a.

— Talvez eu seja...

— Louca ou esquizofrênica.

— Isso — concordou Kylie, aliviada ao perceber que Holiday a entendia.

Holiday suspirou, parecendo exasperada, e o alívio de Kylie se desvaneceu.

— Acontece que não acho que nenhum de meus pais tenha dons. E, segundo o que disse, isso costuma ser hereditário. Também não consigo entrar na mente das pessoas e ver seus padrões. Helen disse que sempre fez isso.

— Helen é Helen. Nós, que mantemos contato com fantasmas... um dia simplesmente acontece. — Holiday suspirou de novo. — E pode haver uma série de razões que levaram seu pai ou sua mãe a não lhe contarem nada. Você... — Levantou as mãos. — Mas o que estou fazendo? Meu trabalho não é convencê-la. É ajudá-la a encontrar suas próprias respostas.

Kylie quase pediu desculpas por desapontar Holiday, pois realmente gostava dela; mas como poderia acreditar naquilo sem nenhuma prova?

— Voltemos às suas perguntas. — Holiday fez uma pausa, como se rememorasse a lista. — Os anjos da morte existem mesmo? Creio que você ouviu falar da lenda em torno do nome Shadow Falls.

— Ouvi — disse Kylie. — É verdadeira?

— Eu nunca vi essas sombras. Mas, é claro, ainda não estava anoitecendo quando estive na cachoeira.

— E os anjos da morte?

— Também nunca vi nenhum. Mas conheço várias pessoas que dizem que viram. Algumas acham que eles só existem nas lendas; mas, como todos os sobrenaturais são considerados lendários, seria difícil afirmar que não existem.

— São maus? — perguntou Kylie. Sua curiosidade vinha tanto do medo de Fredericka quanto da hesitação de Miranda em falar a respeito deles mais tarde.

— Não necessariamente. Acredita-se que sejam fantasmas poderosos que juraram... vingança. Ao que parece, corrigem os erros dos sobrenaturais. E os julgam.

— Será por isso que todos têm tanto medo de fantasmas?

— Isso mesmo. — Um sorriso apareceu nos lábios de Holiday. — Francamente, a maioria dos sobrenaturais mete medo. Lembra-se dos sujeitos de terno preto?

Kylie assentiu e, no íntimo, reconheceu que metiam medo nela também.

Holiday pousou o cotovelo na mesa e descansou o queixo na palma aberta.

— Para ser sincera com você, Kylie, os anjos da morte, em si, talvez não existam. Mas todos os fantasmas que vejo se parecem muito com a imagem que temos deles. Quer dizer, vários espíritos já me protegeram de diferentes maneiras. Alguns, sem dúvida, precisam de algo que temos a lhes oferecer, mas a maioria aparece para nos ajudar ou nos convencer a ajudar outras pessoas. Por mais assustador que isso pareça, trata-se de uma vocação muito especial, reservada a poucos sobrenaturais. Dizem que só é dada a quem tem valor, bom coração e coragem.

— Mas eu não tenho nada disso! — exclamou Kylie, procurando se defender a todo custo. — No Dia das Bruxas, nem me atrevo a entrar em casas mal-assombradas!

Holiday sorriu de leve.

— Eu não disse que você era perfeita, Kylie. Deus sabe que eu também tenho meus defeitos. Mas nossos corações anseiam pela vitória do bem. Temos medo, erramos; mas, se ouvimos nosso coração, encontramos o caminho certo. — E pousou a mão esquerda sobre a de Kylie.

Kylie olhou para suas mãos juntas na mesa.

— Ver fantasmas é um dom comum para fadas e... duendes? — Kylie se lembrou da motorista do ônibus percebendo a presença do soldado Dude quando ele se apresentou para uma visita. — No almoço, a duende, quer dizer, a mulherzinha que dirigiu o ônibus até o acampamento, sabia que o fantasma estava lá.

— Sim, alguns estudos mostram que isso é mais comum com fadas e elfos. Mas outras criaturas também têm a mesma habilidade. Embora espécies diferentes possam ter os mesmos dons, cada criatura pode tê-los em maior ou menor grau, dependendo de seu espírito e de suas ligações com os deuses e deusas.

— Então o que mais posso ser?

— Esta manhã, quando a toquei e você sentiu que eu estava tentando acalmá-la... o fato de poder sentir isso é... bem, incomum. Falando de um modo geral, outra fada, dependendo de seu nível de poder, poderia sentir, mas... francamente, nunca conheci ninguém que fosse capaz disso por meio do tato.

— Portanto, presumindo que não sou humana, também não sou fada?

— Eu não disse isso. Só o que posso afirmar é que, independentemente da espécie de onde venham os seus dons, parece que você é de uma linhagem bem mais próxima dos deuses. Acho que está só começando a conhecer seus poderes e ninguém pode afirmar o que vai encontrar pela frente.

Kylie ficou olhando para Holiday, que falava como se suas palavras tivessem o poder de fazê-la se sentir melhor.

— Mas sabemos que... *se eu for* uma de vocês... não pertenço às espécies dos vampiros e dos lobisomens? — Kylie conteve a respiração enquanto aguardava a resposta de Holiday.

A líder do acampamento deu de ombros.

— Acredito que, se você pertencesse a essas espécies, perceberíamos algumas das características normais associadas a elas. Entretanto, há os chamados representantes atípicos da espécie. Sua herança é incontestável, mas eles não têm certas características e possuem outros dons. Os estudos parecem concluir que talvez esses indivíduos sejam os poucos que combinaram a genética de duas ou mais espécies. Mas isso ainda não está

provado.

Que consolo! Kylie poderia ser um híbrido. Igual ao carro de seu professor de sociologia, que era elétrico e a gasolina ao mesmo tempo.

— Então... normalmente, o sobrenatural não é uma mistura de duas espécies? Eu me lembro de Miranda dizer que sua família vem se misturando há tempos.

Holiday sorriu.

— Isso mesmo, mas geralmente a linhagem mais próxima dos deuses é a que passa adiante o DNA. Nesse caso, os dons do filho também podem variar, mas as características básicas parecem permanecer em cada espécie, como a transformação em lobo ou a necessidade de sangue para sobreviver. Quando o vírus é ativo, claro.

A mente de Kylie se esforçava para captar toda essa informação.

— Não há um exame de sangue que possa revelar o que sou?

— Infelizmente, não. Ah!, mas estão tentando, pode acreditar. Diz a lenda que os deuses fizeram nosso sangue parecido com o dos humanos e não identificável por uma questão de sobrevivência. Se os normais, ou mesmo algum sobrenatural, pudessem determinar as espécies, conseguiriam com facilidade erradicar certos tipos.

Kylie concordou. Se tivesse descoberto, duas semanas atrás, que vampiros e criaturas semelhantes existiam, também iria querer exterminá-los. Mas agora, depois de conhecer Della, Miranda, Derek, Holiday, Helen e até mesmo Perry — o babaca —, jamais concordaria com isso.

Então se lembrou de que não era a única pessoa que não sabia por que estava ali.

— Existe algum tipo de sobrenatural que não seja hereditário?

— Bom, como eu já disse, às vezes uma geração não tem o dom. Principalmente no vampirismo. Existem também humanos que são simplesmente transformados por vampiros ou lobisomens, mas suspeita-se que mesmo nesses casos as vítimas que sobrevivem à transformação foram de algum modo tocadas pelos deuses. Ou por demônios.

*Demônios?!* Não, Kylie ainda não estava pronta para lidar com eles.

— Mas você não acha que eu seja da espécie dos vampiros ou dos lobisomens, certo?

— Acho improvável.

Isso significava basicamente que, se Kylie quisesse chegar ao fim daquela história, teria de procurar seus pais. Mas como faria isso se eles estavam tão por fora de tudo quanto ela própria? Conhecendo a mãe como conhecia, se começasse a fazer certas perguntas, ela a tiraria imediatamente do acampamento para interná-la num hospício.

Durante a aula de artes, ainda naquela tarde, Kylie ficou com Helen e Jonathon. Ele tinha tirado todos os *piercings*, exceto o da orelha esquerda. Kylie notou também que ele se comportava de modo diferente, como se tornar-se um vampiro tivesse lhe dado uma dose

dupla de confiança. Até Helen parecia mais disposta a sorrir e totalmente à vontade com o seu novo papel de fada/curadora.

Kylie lembrou-se do que Holiday tinha dito: o acampamento faria com que quase todos se sentissem aliviados porque sempre souberam que eram diferentes. Percebia esse alívio em Helen e Jonathon, que enfim pareciam ter descoberto quem realmente eram. Ali estava uma coisa, dentre muitas outras, que a tornava diferente de todos os outros campistas, e Kylie não podia deixar de pensar que a incapacidade de se identificar com seu eu sobrenatural talvez fosse outro indício de que ela não passava, afinal de contas, de um ser humano comum.

A tarefa, durante a aula de artes, era fazer uma caminhada em grupos de três, encontrar um lugar propício, sentar-se e desenhar todos a mesma coisa. Kylie, ainda interessada em ver as cachoeiras, sugeriu que fossem até lá. Estava certa de poder encontrar o caminho para o lugar aonde Derek a tinha levado e, dali, seguir o barulho das águas. Kylie podia estar curiosa, mas Helen e Jonathon se recusaram a ir, dizendo que preferiam ficar bem longe daquele local. Desceram então uma das trilhas e se depararam com uma velha árvore dividida ao meio pelo que Kylie supôs só poder ter sido um raio.

Enquanto Helen e Jonathon desenhavam a árvore, Kylie tentou imaginar de que modo conversaria com seus pais. A mãe já a considerava maluca por causa do soldado Dude. Que diria quando Kylie lhe perguntasse, sem rodeios, se tinha fadas como antepassados, se via fantasmas ou podia se transformar num unicórnio?

Mais tarde, quando se encontrou com o resto da turma, ela levou um susto ao ver que Lucas estava liderando o grupo. Então, temendo desagradar Holiday caso se afastasse do grupo, estampou no rosto uma expressão de cordialidade que de fato não sentia e jurou ignorar o garoto. Depois de quinze minutos de caminhada, concluiu que não precisava ignorar Lucas porque ele próprio fazia questão de ignorá-la. Em meia hora de passeio, não se dirigiu a ela sequer uma vez nem olhou para o seu lado. Não que Kylie se importasse.

Infelizmente, Fredericka não estava por perto para ver como os dois se importavam pouco um com o outro. A verdade é que Kylie estava superfeliz por não ter cruzado de novo com Fredericka. Precisava, de algum modo, reunir coragem ou pelo menos aprender a fingir que não tinha medo. Pois, cedo ou tarde, as duas iriam se encontrar de novo cara a cara. A essa simples ideia, as mãos de Kylie começaram a suar.

E pensar que Holiday a julgava corajosa! Quem diria.

No início da caminhada pelos bosques, Kylie ficou a maior parte do tempo ao lado de Miranda, quando a amiga não estava tagarelando com os cinco ou seis garotos do grupo. Em se tratando do sexo oposto, Miranda se parecia um pouco com Sara. E em outros pontos também. Mas talvez Kylie sentisse inveja ao ver com que facilidade as duas paqueravam.

Embora Kylie não se achasse feia, aqueles joguinhos de sedução não eram fáceis para ela. Teve muita sorte de Trey aceitar seu jeito calado.

Então ela se lembrou de que ele tinha ligado de novo durante a aula de arte. Tinha deixado também uma mensagem, que ela ainda não ouvira, pois tinha seus próprios problemas para resolver. Mas, mesmo tentando se esquecer de Trey, as palavras que ele dissera durante a primeira conversa lhe vieram à mente: *Só quero vê-la. Sinto saudades de você.*

Com um aperto no peito, reconheceu que também sentia saudades dele.

Miranda a cutucou com o cotovelo.

— Esta é Kylie, minha colega de alojamento — disse Miranda.

Kylie acenou para o grupo de garotos que caminhava ao lado de Miranda e logo voltou a examinar a trilha para ver se não havia cobras por ali, fingindo ao mesmo tempo não ouvir o que Lucas dizia a respeito do acampamento.

Segundo ele, ossos autênticos de dinossauros tinham sido encontrados ali nos anos 1960. Minutos depois, Kylie já não fingia mais desinteresse e, como o resto do grupo — menos uns poucos garotos e Miranda —, absorvia cada palavra de Lucas.

Lucas os conduziu a um riacho onde um arqueólogo descobrira pegadas pré-históricas. Kylie achava aquela história fascinante. E não porque a voz profunda de Lucas soasse hipnótica: ela sempre tinha achado a arqueologia intrigante.

— Eles continuam escavando o sítio? — perguntou Kylie. — Não pode haver mais ossos de dinossauros por aqui?

Lucas voltou-se para ela.

— No terreno do acampamento, não.

Seu tom de voz perdeu o entusiasmo e ele voltou sua atenção para os outros tão rapidamente que Kylie não teve mais dúvidas: o simples fato de ela estar ali o aborrecia e muito. Sem dúvida, Lucas sabia que ela não tinha se apresentado voluntariamente para participar de sua pequena aventura.

Se Kylie ainda tinha alguma dúvida de que a atitude de Lucas era produto de sua imaginação, essa dúvida se desvaneceu quando Miranda sussurrou:

— Não sei por que aquela piranha da Fredericka pensa que Lucas está interessado em você. Pelo que vejo, ele nem te suporta.

— Eu sei — murmurou Kylie. Mas, ao dizer essas palavras, ela se lembrou do modo como Lucas a olhara na noite anterior, quando ela estava de pijama.

— Estive pensando em Fredericka e, juro, essa garota não presta — continuou Miranda. — Ela não nasceu à meia-noite coisa nenhuma. Alguns sobrenaturais mentem...

Kylie concordou, embora mal a escutasse. E então, teve uma ideia.

— Ah, meu Deus, já sei o que vou fazer! Obrigada. — Apertou bem forte o braço de

Miranda e, pela primeira vez, sentiu que estava prestes a descobrir a verdade.

# Capítulo 25

Naquela tarde, Kylie ficou na cabana enquanto Miranda e Della iam ao encontro musical no refeitório. Alguns garotos iam cantar e tinham levado seus violões; mais tarde, Holiday e Sky trariam CDs para que todos dançassem. Kylie não estava muito a fim de dançar. Nem de ouvir música. Tinha coisas bem mais importantes para fazer. Sentada na pequena mesa da cozinha, releu o e-mail que acabava de digitar, sem saber ainda se o enviaria ou não:

Oi, mãe.

Agora que temos computadores nas cabanas, acho melhor te mandar e-mails em vez de telefonar.

Na verdade, ela havia chegado à conclusão de que era mais fácil mentir por e-mail do que por telefone.

Você sempre quer saber tudo o que eu faço. Mas está tudo bem.

Outra mentira. Nada estava bem. Exceto, é claro, sua amizade com Miranda e Della.

Tenho uma pergunta. Começamos a fazer aqui umas leituras de horóscopo e precisamos comparar a hora do nosso nascimento com a de nossos pais.

Essa era a mentira que Kylie tinha receio de dizer em voz alta, mas que lhe parecia bem inteligente.

Pode me dizer a que hora você e papai nasceram? Existe algum meio de eu checar também a hora do nascimento do vovô e da vovó? E quanto aos meus avós paternos? A minha avó não montou uma árvore genealógica? Será que ela colocou ali a hora em que nasceram?

Obrigada pela ajuda.

Kylie

O dedo de Kylie pousou sobre a tecla "enviar". Quase acrescentou "por favor, não demore para responder", mas decidiu não abusar da sorte. Se parecesse muito ansiosa, sua mãe começaria a fazer perguntas. Melhor se conter.

Respirando fundo, apertou a tecla. A excitação a dominou. Se aquilo funcionasse, ela teria sua resposta. Ou, pelo menos, ficaria mais perto da verdade.

Tinha perguntado a Miranda sobre a regra do nascimento à meia-noite e, segundo ela,

alguns humanos nasciam nessa hora. E alguns sobrenaturais, não. Estes, porém, eram conhecidos como "intocáveis" — demônios, filhos do mal.

Kylie considerava sua mãe fria, mas não má. Se algum de seus pais fosse em parte demônio, ela saberia. Certo?

E havia também a possibilidade de uma geração da sua família não ter nenhum dom. Esse era o motivo que levara Kylie a perguntar sobre a hora de nascimento dos avós. Era esperar demais que sua mãe tivesse essas informações ao alcance das mãos, mas Kylie queria respostas.

E as queria agora.

Trinta minutos depois, Kylie continuava diante do computador, clicando obsessivamente na caixa de entrada. Então, o telefone tocou. Correu ao quarto para atender. Ao atravessar a porta, lembrou-se de que ainda não tinha ouvido as mensagens de Trey. Ele tinha ligado de novo na hora do almoço e Kylie não havia retornado sua ligação.

Disse a si mesma que só não tinha respondido porque estava rodeada de pessoas que poderiam ouvi-la; entretanto, teria sido fácil ir a um local discreto e atender.

Teria sido fácil, mas ela não foi.

Bem no fundo, sabia que aquilo significava alguma coisa. Mas não o quê.

Pegando o telefone que estava sobre a cama, espiou a tela. E, tremendo, atendeu à chamada.

— Oi, mãe. — Sentou-se na extremidade do colchão. — Recebeu meu...

— E-mail? Sim, mas não quero saber de e-mails ou mensagens. Quero falar com você.

— Está bem. — Kylie ficou à espera de alguma resposta, mas só o silêncio encheu a linha. Aquele era o problema com ela e a mãe. Na verdade, não tinham nada sobre o que conversar.

— Teve um bom dia? — perguntou a mãe.

— Muito bom. — Outro momento de suspense. — Você leu o meu e-mail?

— Sim.

— Pode me dizer a que horas você nasceu?

— Bem tarde.

O coração de Kylie quase parou.

— Bem tarde? Quanto?

— Não sei a hora exata. Está comendo direitinho?

Kylie fechou os olhos.

— É comida de acampamento, só um pouquinho melhor do que a da lanchonete da

escola. Você tem aí sua certidão de nascimento? Nela deve ter a hora certa.

— Acho que foi por volta das onze da noite. Digamos onze, então.

— Preciso da hora exata, mãe — insistiu Kylie. — Já te disse por quê. É um projeto do acampamento.

— Minha certidão de nascimento está no armário, naquela caixa cheia de outros papéis e fotografias antigas. Eu precisaria de uma eternidade para encontrá-la.

— Por favor!

— Por que isso é tão importante? Você nem sequer acredita em horóscopos!

*Eu não acreditava em muita coisa.*

— Como eu disse, é para um projeto do acampamento. Todos aqui estão colaborando. — *Não poderia fazer isso por mim?* — Tem a certidão do papai?

— Você falou com ele? — perguntou a mãe, baixando a voz.

— Não — respondeu Kylie, com uma sensação de abandono enchendo seu peito.

— Não está com raiva dele, está?

*Que droga, estou! Ele me deixou com você.*

— Pra dizer a verdade, não sei o que estou sentindo.

— Ficar com raiva não vai fazer bem a você, Kylie.

*Por que não? Você está com raiva dele.* E então Kylie percebeu algo que já devia ter percebido. Sua mãe estava sempre com raiva de seu pai. Kylie só não sabia o motivo.

A mãe deu um suspiro.

— Preciso saber se ele estará aí no domingo.

— Por que estão agindo dessa maneira? — Uma pergunta que Kylie jamais se atreveu a fazer. Sempre presumiu que sua mãe, sendo sua mãe, durante um daqueles ataques nervosos tinha mandando seu pai passear. Dois anos antes, durante uma briga, ela ouviu a mãe expulsar o pai de casa.

— Agindo como? — perguntou a mãe, parecendo realmente não saber do que se tratava.

— Estou falando do divórcio. Só isso.

Silêncio.

— Kylie, esse é um problema meu e do seu pai.

— E não me afeta? Como pode pensar que não me afeta? — Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Lamento que isso esteja magoando você, Kylie. — O tom de voz da mãe era agora rouco. — Jamais quis que se sentisse assim.

A Rainha do Gelo estaria chorando?

Kylie fechou os olhos e sentiu algumas lágrimas escorrendo pelo rosto.

— *Por favor*, encontre suas certidões de nascimento! — implorou Kylie, tentando conter

as lágrimas.

— Tudo bem — respondeu a mãe. — Vou procurar e, assim que encontrar, passo a informação pra você por e-mail. Se não hoje à noite, amanhã.

— Hoje à noite seria melhor. — Kylie encostou um dos joelhos no peito.

— Vou tentar — garantiu a mãe. Ou seja, Kylie só teria a informação no dia seguinte. — E você, fale com seu pai a respeito do domingo.

— Até mais.

— Kylie, prometa.

Kylie sentiu o nó na garganta se apertar ainda mais.

— Prometo.

Kylie desligou e ficou olhando para o aparelho. Que diria ao pai? Que droga!, o melhor era acabar logo com aquilo. Começou a digitar o número, mas logo percebeu que aquele era o antigo número da avó.

E então, a dor. A volta da tristeza. Sentia falta da avó. Sempre ligava para ela quando tinha algum problema com a mãe. E ela sempre a deixava mais tranquila, dizendo: "Tudo vai acabar bem".

Bateram à porta do quarto.

— Kylie? — Era a voz de Della do outro lado.

Kylie fechou o celular e limpou as lágrimas do rosto.

— Estou no telefone — disse ela. — Não posso falar com você agora.

— Mas eu... eu tenho uma surpresa pra você — insistiu Della.

— Não quero surpresas. — Não poderiam deixá-la em paz? Ao menos uma vez?

— Vou abrir a porta. Espero que esteja vestida.

A porta do quarto se abriu.

— Eu disse que... — Kylie ficou muda ou talvez tenha engolido as palavras. Essa seria a única maneira de explicar sua incapacidade de falar. Mas bem podia ser por causa do choque que sentiu ao ver quem estava ao lado de Della.

# Capítulo 26

— Ele estava perambulando pelo acampamento. Melhor eu ter encontrado do que qualquer um dos outros, não acha? — Della encarou Kylie. — Você quer falar com ele? — Ela examinou Trey de alto a baixo. — É bonito. Se for seu tipo.

Kylie tentou falar, mas não conseguiu. Assim, ficou ali de boca aberta como uma tonta, olhando para Trey.

— Olá! — Ele empurrou Della para o lado e entrou no quarto.

— Não tão rápido! — Della o puxou quase um metro para trás e olhou para Kylie. — Quer ficar com ele ou devo atirá-lo aos lobos? Ouvi dizer que estão famintos.

Trey, parecendo espantado pelo fato de Della, com seu pouco mais de um metro e meio, conseguir arrastá-lo com tanta facilidade, esfregou o braço no lugar onde ela o tinha agarrado e a encarou.

— Está tudo bem — disse Kylie finalmente.

— Obrigado — resmungou Trey, lançando um olhar curioso para Della. Kylie não soube dizer a quem ele estava agradecendo. Se a ela, por ter concordado em recebê-lo, ou a Della, por tê-lo trazido.

— Então até mais. — Della inclinou-se para Kylie. — Ninguém sabe que ele está aqui, exceto eu. Portanto, não deixe ninguém saber. — Acenou para os dois, saiu e fechou a porta.

Trey esfregou de novo o braço, olhou para a porta e voltou-se para Kylie.

— Essa piranha, além de esquisita, é forte pra caramba!

Kylie olhou também para a porta, receando que Della entrasse como um furacão no quarto para tirar satisfações.

— Ela não é nenhuma piranha. É minha amiga. O que você está... fazendo aqui?

— O que acha? Vim ver você.

Kylie balançou a cabeça.

— Você disse que seria na semana que vem.

— É, mas tenho um primo que mora a alguns quilômetros daqui. Pedi à minha mãe pra vir antes, pra poder te encontrar. — Viu então o celular na mão de Kylie. — Liguei pra você pelo menos duas vezes e deixei mensagens. Não recebeu?

Reconhecendo o esforço que ele tinha feito para ir vê-la, Kylie se sentiu culpada por ignorar suas chamadas e nem mesmo checar suas mensagens.

— Eu... tudo tem sido uma loucura.

Algumas lágrimas ainda escorriam dos seus olhos. Kylie as enxugou e ficou olhando para

ele. O cabelo castanho-claro de Trey só estava um pouco mais comprido do que antes, caindo sobre a testa. Vestia jeans e uma camiseta verde-escura. O olhar de Kylie passou para o peito de Trey, onde ela gostava de se aninhar. Por mais estranho que fosse, lembrava-se dele como um amigo. Ou lembrava-se de Derek?

— Você está chorando. — Trey se aproximou, com um ar sincero de preocupação nos olhos verdes. — Você está bem?

A compaixão no olhar de Trey fez com que uma onda de emoção percorresse o corpo de Kylie. Ela parou de se preocupar com a aparência dele. Agora, só queria se sentir amada. Fez que sim com a cabeça, mas a verdade logo brotou dos seus lábios:

— Não. Tudo na minha vida está desmoronando.

Trey se aproximou e, antes que Kylie pudesse detê-lo, já estava fazendo o que melhor sabia fazer: abraçá-la. Tinha se juntado a ela na cama de solteiro. O queixo de Kylie pousou em seu peito e ela ficou ouvindo as batidas de seu coração. Aspirou seu perfume tão conhecido, fechou os olhos e se esqueceu de tudo por um momento. Apenas por um momento. Depois, o afastou.

— O problema é o divórcio de seus pais? — As mãos de Trey deslizaram carinhosamente pelas costas de Kylie. Era um toque agradável. Familiar. Normal. A vida como devia ser. A vida como costumava ser há menos de um mês.

— Não é só isso — disse ela, reconhecendo que não poderia falar nada sobre o acampamento e o que estava acontecendo com ela.

— Está se referindo à sua avó? — perguntou Trey. — Sei que vocês eram muito amigas.

— É. — Afastou-se um pouco, enxugou os olhos e o observou ali ao seu lado na cama estreita. O silêncio e uma súbita consciência física vibraram no pequeno quarto. Estavam sozinhos. Estavam numa cama.

Não é que nunca tivessem ficado numa cama antes. Trey a visitara várias vezes na ausência dos pais dela. E se encontraram em pelo menos duas ocasiões na casa de Sara, quando os pais dela também estavam fora. Mas... era quando as coisas iam longe demais. Quando pedir para que ele parasse o deixava furioso.

— Meu acampamento é bem perto do seu — disse ele.

Kylie assentiu e pôs para fora tudo o que tinha a dizer antes de perder a coragem.

— Você não devia ter vindo aqui, Trey. Nem sei em que tipo de encrenca vou me meter caso eles te peguem aqui.

Sabia muito bem qual era a regra número um: nada de pessoas normais no acampamento sem permissão. E aqui estava ela com uma delas na sua cama. Parecia certo e errado ao mesmo tempo.

— Sinto sua falta, Kylie — confessou Trey, ignorando o que ela tinha dito. — Eu

realmente sinto sua falta. — Ergueu a mão e ajeitou uma mecha do cabelo dela atrás da orelha.

Kylie engoliu em seco.

— Eu também sinto sua falta, mas...

Trey se inclinou e beijou de leve o canto da sua boca. O que quer que ela fosse dizer evaporou-se. Fechou os olhos e, embora uma voz interior lhe recomendasse para parar, isso era justamente o que ela não queria. Esperava que ele a beijasse e a fizesse esquecer tudo.

Sim, queria esquecer tudo.

Os lábios de Trey tocaram os dela, devagar a princípio, como que para ter certeza de que ela desejava aquilo; depois, sua língua invadiu sua boca. Ela adorava quando ele a beijava daquele jeito.

Quando voltou a si, a mão de Trey estava subindo pelas suas costas, por baixo da blusa; se não o detivesse, sabia muito bem o que iria acontecer. Ele desabotoaria seu sutiã. Acariciaria seus seios. E ela sempre achava aquela carícia deliciosa. Uma vez, tinha deixado até que ele tirasse sua blusa.

Sentiu as mãos de Trey no fecho do sutiã. Ele intensificou o beijo, como que para distraí-la. Kylie resolveu deixá-lo ir em frente.

*Mas, e depois?* A pergunta ficou no ar. Iria detê-lo, certo? Sempre o detinha. Foi esse o motivo que o levou a deixá-la, a começar a sair com a outra garota.

Partindo, assim, seu coração.

Kylie abriu os olhos e interrompeu o beijo.

Com os olhos bem abertos ela o fitou, tentando encontrar uma razão para *não* detê-lo dessa vez. Queria mergulhar naqueles olhos... no brilho daquelas raias douradas.

Mas, que droga, Trey não tinha raias douradas nos olhos verdes. Derek, sim. Chocada, empurrou Trey e lembrou-se de como tinha sido bom se apoiar no peito de Derek ainda naquela manhã — de como tinha se sentido segura e aceita.

— Eu... acho que não devíamos...

— Chhhh. Por favor, não diga isso. — Pousou um dedo sobre os lábios dela. — Está tão bom, Kylie! Quero te abraçar, te tocar. — A mão de Trey deslizou para a frente e passou suavemente por cima de seu sutiã, deixando seus seios rígidos. — Que há de errado em ficarmos juntos se a gente se ama? Você sabe que eu te amo, não sabe? Eu te amo.

*Eu te amo*. Essas três palavras ecoaram como uma canção suave em sua cabeça. Ele se aproximou para mais um beijo. Ela queria desesperadamente ser amada. Seria muito bom, Kylie admitiu para si mesma. Isso a ajudaria a se esquecer de tudo.

Deixou-se levar novamente pelos beijos de Trey. Sentiu suas mãos avançarem pela pele nua das costas até o fecho do sutiã. Ao contrário de antes, ele o abriu em questão de

segundos.

*Sem dúvida porque já tinha praticado muito.* Esse pensamento congelou as emoções que ferviam dentro dela. Ou seria o frio que de repente invadiu o quarto? Meu Deus, o soldado Dude estava de volta!

Aqui.

Agora.

Observando-a se agarrando com Trey.

— Sinto muito, não posso fazer isso. — Afastou-se e ficou de pé ao lado da cama, olhando apenas para Trey. *Vá embora*, ela ordenou à sensação de frio e fechou os olhos.

Ao abri-los, percebeu que o calafrio tinha passado. Fitou Trey novamente, estirado na cama contemplando o teto com uma cara feia.

— De novo, não — murmurou ele, com raiva. Sempre ficava louco com ela quando o interrompia. Uma vez, na casa dela, ele tinha ido embora sem dizer uma palavra.

Kylie, sem querer, se pegou comparando Trey a Derek. Não apenas o corpo, quesito em que Derek vencia de longe, mas a atitude. Por alguma razão, concluiu que Derek jamais a pressionaria tanto.

Nem ficaria tão fora de si se ela se recusasse.

Um assomo de raiva misturou-se às suas outras emoções, calando a paixão, o desejo e até o medo.

— Quem você pensa que é, Trey? Não pode simplesmente invadir o acampamento e esperar que eu transe com você, principalmente depois de tudo o que aconteceu.

Ele se sentou e passou a mão no rosto.

— Não vim aqui pra transar — disse, expelindo com força o ar dos pulmões. — Vim aqui para conversar. Também quero..., sim, transar. E não entendo por que você...

— Já não basta ter terminado comigo e encontrado alguém disposto a te dar o que você queria? — Por que tinha perguntado aquilo ela não sabia, pois já tinha acontecido e nada poderia mudar.

Trey fechou a cara.

— Dormiu com ela? — prosseguiu Kylie, embora no fundo soubesse a resposta. Mas, de algum modo, queria uma confirmação.

Ele não disse uma palavra. Nem precisava. A confirmação estava estampada em seu rosto.

— Você também disse que a amava? — Essa ideia feria seu coração.

A culpa transbordou dos olhos de Trey. Ainda assim, ele sacudiu a cabeça e se dispôs a negar.

— Não, não dormi com ela. E por que diria que a amo se amo você?

Kylie não era um superdetector de mentiras como Della, mas mesmo assim percebeu que Trey não estava falando a verdade e sua vontade foi atirar alguma coisa nele.

— Não minta, Derek!

— Derek? — Trey se sentou na cama. — Quem é Derek?

— Trey — corrigiu ela.

— Quem é Derek? — insistiu Trey.

Kylie balançou a cabeça.

— Não importa. Nós... você e eu já não estamos mais juntos, de qualquer maneira.

— Então vocês estão juntos?

Kylie negou com a cabeça. Mas, percebendo o equívoco que cometera, encarou o fato de que aquilo era em parte culpa sua.

— Sinto muito. Deveria ter dito "não" quando você me perguntou se poderia te encontrar. Não posso te encontrar agora nem na próxima semana.

Trey parecia profundamente magoado. Kylie, assim como sabia que ele tinha mentido sobre ter dormido com a garota, soube com certeza que a mágoa em seu rosto era real. Sim, Trey se importava com ela. Não queria apenas transar.

— Está ficando com alguém? Com o tal Derek? — Trey saltou da cama e parou bem diante dela. — Sei que errei, Kylie, mas... por favor, me dê outra chance. Eu realmente sinto falta de você. — Ergueu a mão para tocá-la.

Kylie afastou a mão dele.

— Acredito que sinta minha falta, Trey. Acredito mesmo. Mas não posso fazer isso agora.

— Não precisamos transar. Podemos só conversar, que tal? Vou esperar até que esteja pronta, eu juro. Vamos sair para comer uma pizza ou coisa parecida. Estou com a picape do meu pai e...

— Já jantei. Onde estacionou a picape?

— No portão da frente. Mas, por favor...

— Não posso — disse ela.

— Não me diga que não sente mais nada por mim. Namoramos por quase um ano.

— Nem sei mais o que sinto. — Enfiou a mão por baixo da blusa e fechou o sutiã. — No momento, estou confusa com relação a tudo. Só o que sei é que você me magoou, Trey. Quando as aulas recomeçarem talvez possamos... conversar. Mas agora você tem que ir antes que alguma coisa muito ruim aconteça.

— Por exemplo? — perguntou Trey e uma sombra de algo bem próximo da repugnância cobriu o seu rosto. — É verdade o que contam deste lugar?

— Quem conta?

— Meu primo e os outros campistas do ano passado. Dizem que todos os frequentadores daqui são delinquentes juvenis da pesada. Gente muito esquisita.

Poucos dias antes, ela concordaria inteiramente com Trey, mas agora...

— Não acredite em tudo o que ouve. — Apanhou o celular da cama. — Apenas acredite em mim, está bem? Agora, precisa ir. — E apontou para a porta.

Ela o guiou pelo bosque, parando a poucos passos da trilha que conduzia ao refeitório. Quando chegaram ali, olhou em volta para ver se a barra estava limpa. Sentiu um grande alívio ao perceber que não havia ninguém à vista. Empurrou Trey pelo portão e suspirou aliviada quando se aproximaram da picape.

Trey virou-se para ela.

— Eu te amo de verdade — disse.

Kylie fez apenas um sinal de cabeça, apressando-o.

Ele se aproximou e Kylie deixou que ele a abraçasse. Até correspondeu. Suas emoções afloravam de novo. Bem no fundo, admitia que, embora nunca fosse perdoá-lo por tê-la abandonado, uma pequena parte dela ainda o queria. Talvez, quando as aulas recomeçassem, seus sentimentos seriam outros. Mas, por enquanto...

Kylie continuou parada no estacionamento vendo a picape se afastar, até que os faróis traseiros desapareceram na noite. Naquele momento, detestou estar sozinha.

Ao voltar-se, porém, descobriu que tinha se enganado. Não estava sozinha: alguém, no portão, a observava. Não podia ver quem era, mas rezou para que não fosse Holiday nem Sky. Aproximando-se, reconheceu seu espião solitário.

Não era nem Holiday nem Sky.

Era pior.

Fredericka.

Decidida a não demonstrar seu medo, Kylie passou por ela. E já estava quase nas imediações do refeitório quando Fredericka se adiantou e postou-se à sua frente.

Kylie conseguiu parar antes de se chocar com ela.

— Então a Garota Fantasma teve companhia, hein? — disse Fredericka num tom de falsa condescendência. — O que fizeram? Treparam na sua cabana?

Kylie bem que gostaria de saber se o fato de ter começado a se transformar numa loba explicava tamanha maldade naquela garota ou se ela sempre fora assim.

— Se fiz isso, pelo menos foi numa cama e não no mato como certas pessoas que conheço.

Os olhos de Fredericka passaram de negros a vermelho escuro numa fração de segundo. Kylie não entendia nada de cores de olhos de lobisomens, mas adivinhou que aquilo significava raiva. Concluiu então que não tinha sido nada bom irritar a loba. Sabia que

pessoas como Fredericka gostam de se aproveitar dos mais fracos. Não podia permitir que ela soubesse o quanto a intimidava.

Fredericka rosnou:

— Holiday e Sky sabem que você andou recebendo visitas? Acho que devo contar a elas. — Sua voz estava rouca e mais grave.

Justo nesse momento Kylie viu Holiday saindo do refeitório. Por mais que a aborrecesse a ideia de Holiday saber de seu encontro com Trey, não permitiria que aquela garota a chantageasse.

Passou rapidamente por Fredericka e parou diante de Holiday.

— Oi. Um amigo meu apareceu por aqui sem ser convidado. Sei que é contra as regras do acampamento. Não sabia que ele iria vir, então o mandei embora. Não acontecerá de novo.

Holiday ficou séria, parecendo que ia lhe passar um sermão. Em seguida, olhou por cima do ombro de Kylie e, quando a fitou novamente, a raiva havia passado.

— Obrigada por me contar. Cuide para que não aconteça de novo. Só permitimos visitas aos domingos. Não podemos tolerar que gente normal fique farejando por aí sem ser convidada.

Kylie baixou a cabeça, concordando.

— Entendo — disse ela. Virou-se e foi para sua cabana, rezando para que Fredericka não a seguisse.

Por volta de nove horas da noite, Kylie manteve a promessa que havia feito à mãe e ligou para o pai. Foi uma conversa rápida, mas que doeu tanto quanto uma dor de dente. Não se queixou pelo fato de ele não ter ido vê-la antes da viagem para o acampamento. Também não mencionou que ele não foi buscá-la na delegacia.

Nem ele tocou no assunto.

Só disse que a amava, que sentia saudade dela e que a veria no domingo, no dia da visita dos pais, pontualmente às dez horas. Ah, mas agora tinha que desligar porque estava com um cliente.

Finalizando a chamada de sessenta segundos, Kylie lembrou-se de que a mãe sempre acusava o pai de colocar o trabalho à frente da família. Na época, achava mais fácil o serviço de meteorologia prever neve no inferno do que acreditar em sua mãe. Agora, porém, se perguntava quantos centímetros de neve tinham sido previstos. Entrando no quarto, estirou-se na cama e agarrou o travesseiro malcheiroso. Mas, dessa vez, não chorou.

Talvez estivesse apenas com raiva demais de Fredericka. Ou talvez ainda não tivesse se

recuperado da sessão de carícias com Trey — a quem, acidentalmente, chamou de Derek. Tinha medo de estar gostando de Derek só porque ele se parecia com Trey. Com Trey, a lembrança de Derek a perturbava. Isso sem falar na atração/medo que sentia por um certo lobisomem de olhos azuis. Seria possível confusão maior?

A porta da cabana se abriu e fechou com estrondo. Kylie já saía da cama para receber Della e Miranda quando percebeu, pelo tom de voz, que elas estavam brigando de novo.

— Fui eu que liguei o computador! — gritou Miranda.

— Vou chutar esse seu traseirinho sem dó! — replicou Della.

— Escute aqui, sua vampirinha de merda!

Kylie irrompeu no quarto. Della estava sentada diante do computador, rosnando e mostrando os dentes afiados. Miranda, de pé e com o queixo levantado, agitava o dedo mínimo no ar enquanto proferia ameaças.

— Parem! Estou farta disso! — gritou Kylie. — Vocês não podem brigar como pessoas normais?

Miranda virou-se para ela.

— E por que brigaríamos como pessoas normais?

— Não somos normais — ponderou Della. — Você também não é. Quanto mais cedo aceitar isso, melhor.

— Isso não é de sua conta — sibilou Kylie. — Ótimo, vão em frente e se matem. Só não deixem sujeira no chão, porque não vou ficar recolhendo pedaços de corpos. — Virou-se para voltar ao seu quarto, mas lembrou-se do motivo por que estava ali. — Ah, e se vocês me ouvirem gritando no meio da noite, não se preocupem. São apenas terrores noturnos. — E deu-lhes as costas.

— Espere um pouco, senhorita Espertinha — gritou Della. — Acha que vai se fechar naquele quarto sem dar nenhuma explicação?

— Já expliquei. São apenas terrores noturnos.

— Não estou falando disso. Quero saber do carinha que apareceu no acampamento atrás de você. Ou se esqueceu do presentinho que eu te trouxe?

Kylie gostaria de ter esquecido. Vendo a curiosidade nos olhos das duas amigas e sabendo que Della poderia ter se metido numa bela encrenca por ter trazido Trey, reconheceu que elas mereciam uma satisfação. Entrou na cozinha e puxou uma cadeira.

— O nome dele é Trey. Já é passado.

— Era gostoso? — perguntou Miranda, sentando-se ao lado de Kylie.

— Numa escala de um a dez, oito — encarregou-se Della de responder. Depois, virando-se para Kylie: — Por que ele já é passado? — Afastou-se do computador e sentou-se na frente delas.

— Porque me deixou por causa de uma cadela — explicou Kylie.

— Babaca — murmurou Miranda.

— Aquele merdinha — disse Della. — Se você tivesse me contado, eu teria dado uma lição nele.

As três ficaram em silêncio, olhando uma para a outra. Miranda estendeu as mãos sobre a mesa.

— Então, se ele a deixou por uma cadela..., isso significa que vocês nunca... bem, você sabe.

— *Ela sabe o quê?* — interveio Della. — O que está perguntando?

— Quero saber se ela já transou — disse Miranda. — Você é virgem, Kylie?

# Capítulo 27

Kylie olhou para suas novas amigas, sem saber se deveria dividir algo tão íntimo com elas. Embora ainda ligeiramente perturbada por sua observação "normal", sentia-se ligada às duas — como, até então, só havia se sentido ligada a Sara.

— Sim, quer dizer, não. Eu nunca fiz... vocês sabem. Acho que isso significa que, por causa disso, não sou apenas uma aberração, mas uma aberração virgem. — Kylie olhou para as próprias mãos durante um instante e prosseguiu: — Não era a hora, entendem?

Miranda inclinou-se para ela.

— Não seja dura demais consigo mesma. Eu também não fui tão longe. Não me entenda mal, cheguei perto, mas, como diria meu tio, isso não é um jogo de amarelinha, certo?

Kylie e Miranda viraram-se para Della, que parecia mais pálida que o normal.

Miranda deu um tapa na mesa.

— Desembucha, Vampira. Nós já dissemos tudo.

Kylie cutucou Miranda levemente com o cotovelo.

— Della não precisa contar nada, se não quiser. — Kylie recostou-se na cadeira e decidiu que era melhor mudar de assunto. — Fredericka me flagrou me despedindo de Trey.

— Que droga! — exclamou Della, recobrando a cor imediatamente. — E o que ela fez?

— Ameaçou fazer fofoca a meu respeito, mas então Holiday apareceu, saindo do refeitório justamente naquele momento.

— Fredericka contou tudo a ela? — perguntou Della.

— Não, decidi contar eu mesma e não dar esse gostinho àquela cadela.

— O quê? — estranhou Miranda. — Contou a Holiday que trouxe um normal para o acampamento sem permissão? Ela não subiu pelas paredes?

— Não, apenas me pediu para não fazer mais isso— disse Kylie.

Della pigarreou.

— Você contou a ela que fui eu quem o trouxe à cabana?

Kylie revirou os olhos à maneira espalhafatosa de Sara.

— Eu não faria isso, Della. — E levantou-se para ir checar no computador se por acaso sua mãe tinha respondido seu e-mail.

— Sabe o que ouvi? — perguntou Miranda, com ar de quem tinha uma grande fofoca para contar. — Ouvi que os pais de Fredericka são malandros. Alguém precisou fazer muito esforço para trazê-la para cá.

— O que você quer dizer com “malandros”? — quis saber Kylie, lembrando-se de Burnett, da UPF, ao sugerir que seus pais também poderiam ser aquilo.

— Pessoas que não seguem as regras. No caso dos lobisomens, são aqueles que caçam alimentos que não fazem parte da lista aprovada.

— Que não fazem parte da lista... você quer dizer... humanos? — perguntou Kylie, com um calafrio.

— Ou outros sobrenaturais e animais domésticos. Até os de estimação.

O pensamento de Kylie disparou para Lucas Parker e seus pais. Lucas e Fredericka seriam daquele jeito porque os pais deles eram malandros?

Della se levantou e foi até a geladeira.

— Querem algo para beber? — perguntou, olhando por cima do ombro.

— Uma Diet Coke, por favor — pediu Kylie.

— Miranda?

— Diet Coke está bom.

Não havia nenhuma mensagem na caixa de entrada de Kylie.

— Perguntei à minha mãe a que hora ela e meu pai nasceram — disse.

— E aí? — perguntou Della, colocando o refrigerante ao lado do computador.

Kylie o pegou e voltou à mesa.

— Mamãe não se lembra e prometeu dar uma olhada nas certidões de nascimento. Vai me mandar um e-mail... quando encontrar as certidões. — Kylie sentou-se. — Do jeito que ela é, isso talvez só aconteça no ano que vem.

— Quando as mães dizem “talvez”, querem dizer na verdade “não” — filosofou Miranda, dirigindo-se à escrivaninha para checar seus próprios e-mails.

Della se sentou, abriu o refrigerante e tomou um longo gole.

— Você pode tomar isso? — perguntou Kylie.

— Posso — respondeu Della, fechando a cara. — Por quê?

Kylie encolheu os ombros.

— Não sei. Vi você comendo calabresa, mas achava que vampiros bebiam apenas...

— Sangue? — completou Della, parecendo aborrecida pelo fato de Kylie não ousar dizer a palavra.

— É, sangue — repetiu Kylie, procurando não fazer cara de nojo.

— Não, posso comer e beber outras coisas. Mas elas não são tão nutritivas nem têm o mesmo sabor de antes. Ah, e algumas coisas realmente me fazem mal. Por exemplo, brócolis.

— E o que acontece se você comer brócolis? — perguntou Kylie.

— Explosões. Muitos gases.

Kylie fez uma careta.

— Acho que isso acontece com todo mundo.

— Della tem razão — disse Miranda, olhando por cima do ombro. — Não há nada pior do que pum de vampiro. Exceto... — Fixou-se na tela e começou a digitar. — Exceto o de uma bruxa depois de comer um *burrito* de feijão.

Todas riram. Passada a euforia, o silêncio reinou novamente. Della girou a lata de refrigerante nas mãos.

— Eu fiz.

— Caramba, você soltou um pum? — perguntou Miranda, cobrindo o nariz com a mão.

— Não — respondeu Della. — Fiz sexo.

Fez-se um silêncio carregado de expectativas.

— E? — perguntou Miranda finalmente, voltando-se na cadeira.

— Foi ótimo. De verdade. Lee e eu estávamos namorando há um ano. Eu o amava. Parecia certo. — Lágrimas brotaram nos olhos de Della, mas mesmo sem elas era possível perceber o sofrimento em sua voz. — Mas depois eu me transformei em vampira.

— Ele não aceitou a transformação? — Kylie sentiu pena da amiga e se lembrou do quanto tinha sofrido ao ser abandonada por Trey.

Della enxugou as lágrimas.

— Na verdade, eu não contei. Ia contar, mas... — Mordeu o lábio. — Fui vê-lo depois da mudança e ele deu um pulo para trás depois que me beijou. Disse que eu estava gelada, talvez doente, e que não queria me beijar até que eu... ficasse quente de novo.

— Que idiota! — exclamou Miranda.

Della respirou fundo.

— Como dizer ao cara que você ama que nunca mais vai ficar quente de novo? — O queixo de Della tremeu.

Kylie segurou sua mão.

— Você devia ter tentado contar pra ele. Talvez, se soubesse, ele entenderia...

— Não. — Della sacudiu a cabeça e seus macios cabelos negros flutuaram em ondas em volta de seu rosto. — Acho que não. Ele é um cara maravilhoso, mas pertence à segunda geração chinesa, muito quadrada. Como a família dele e a dos meus pais também. Quase terminou comigo quando soube que mamãe era euro-americana.

— Ele não me parece tão maravilhoso assim — comentou Kylie.

Della sacudiu de novo a cabeça.

— Não é só culpa dele. Tem também a criação. Somos criados para acreditar que somos perfeitos. Frequente as melhores escolas, tire as maiores notas, consiga os empregos mais promissores. Não se espera que... — Mordeu o lábio. — Não se espera que sejamos monstros.

— Você não é um monstro — corrigiu Kylie, chocada ao ouvir isso. Mas ela própria, no começo, não pensava assim da amiga? E, pior ainda, não tinha medo de ser também uma aberração da natureza?

— Ela está certa — decretou Miranda.

Kylie apertou gentilmente a mão gelada de Della.

— Se ele não ama você, logo encontrará alguém que ame. Você é jovem. Bonita. Ainda tem a vida inteira pela frente.

A pergunta deu voltas na cabeça de Kylie e, por fim, antes que ela pudesse se conter, brotou dos seus lábios: — Você é imortal? Ou já está...

— Morta? — completou Della.

Kylie ficou vermelha de embaraço.

— Ah, desculpe! Estou sendo grosseira. Queria fazer com que se sentisse melhor e agora... Falei sem pensar.

— Tudo bem — tranquilizou-a Della. — Não estou morta. O corpo de um vampiro só funciona de maneira diferente, apenas isso. Não acredite em tudo o que lê nessas historinhas para adolescentes. Não somos imortais, mas vivemos cerca de 150 anos.

— É bastante tempo. — Kylie olhou para Miranda. — E as bruxas?

— A expectativa de vida é mais ou menos a mesma — disse Miranda, sem se desviar da tela do computador.

— E os outros sobrenaturais? — Kylie estava curiosa para saber se, caso fosse também sobrenatural, viveria mais tempo que o normal.

— As fadas são as que vivem mais — respondeu Miranda, digitando alguma coisa no teclado. — Sei de uma velhinha que tem uns quinhentos anos, por aí.

— Agora está com esperança de ser fada? — brincou Della.

Kylie pousou o cotovelo direito na mesa e apoiou o queixo na mão.

— Não. Que droga, não sei — murmurou, com um suspiro. — Isso é estranho. Por que mamãe não me dá uma resposta ao menos uma vez na vida? Odeio suspense.

Olhou para Miranda.

— Você não poderia me ajudar?

— Como? — perguntou Miranda, ainda concentrada no e-mail.

— Kylie, você é corajosa — riu Della, entendendo o que Kylie queria dizer. — Não se lembra de como ela lança seus feitiços?

— Um presentinho para você — resmungou Miranda, mostrando o dedo para Della.

Della caiu na gargalhada.

— Pelo menos, não é o mindinho.

Kylie ignorou Miranda e seus gestos.

— Você não poderia lançar um feitiço que fizesse mamãe encontrar as certidões de nascimento e me passar logo a informação? Falo sério. Se é capaz de fazer um sanduíche de pasta de amendoim e geleia aparecer do nada, isso não seria nada pra você.

— Bem... — começou Miranda, sempre concentrada na tela do computador. — Vou te dizer como. Toque seu nariz três vezes e diga "Miranda é uma deusa".

Kylie fitou a nuca de Miranda.

— Está falando sério?

— Estou. — Miranda virou-se finalmente para ela e não parecia estar brincando. — Anda, toque o nariz três vezes e diga "Miranda é uma deusa".

— E não vai transformar minha mãe num sapo? — Kylie manteve o indicador suspenso diante do nariz.

— Eu não faria isso se fosse você — advertiu Della, para Kylie.

Miranda olhou feio para Della e ergueu o dedo mínimo.

— Prometo que este aqui não vai se meter.

— E se eu fizer isso, mamãe vai me mandar um e-mail? — Kylie não podia acreditar que estava caindo naquela conversa, mas...

— Ei! — gritou Miranda. — Vem checar o computador. Você acaba de receber uma mensagem de sua mãe.

Kylie deu um salto e, literalmente, arrancou Miranda da frente do monitor. Segurando a respiração, agarrou o mouse. Podia estar a um clique de saber se era realmente sobrenatural.

Um clique. Meu Deus, como estava apavorada!

# Capítulo 28

— Não abriu ainda? — perguntou Della, por trás de Kylie.

Kylie olhou por cima do ombro, fitando ora Della à direita, ora Miranda à esquerda. Respirando profundamente, voltou ao e-mail e clicou.

Oi, querida, eu estava errada. Não nasci às onze horas, mas às dez. Dez e vinte e três, para ser mais exata. Seu pai nasceu às nove e quarenta e seis. Você ligou para...

Kylie parou de ler. Nenhum de seus pais tinha nascido à meia-noite! A emoção dilatou seu peito. Uma avalanche de emoções. Seria alívio? Sim, tinha que ser.

Então não era sobrenatural!

— Eu sabia, meninas! Não sou uma de vocês! — A sensação que enchia seu peito não parecia de alívio. Não queria ser uma delas, queria? Ou talvez o que estava sentindo fosse decepção por não se enquadrar ao grupo. De novo. Não era essa a história de sua vida?

*Bem no fundo, você sempre soube que era diferente.* As palavras de Holiday pairavam sobre sua cabeça. E, pela primeira vez, admitiu para si mesma que Holiday estava certa. Kylie sempre achou que era diferente. Uma estranha no ninho. No entanto, não era... diferente. Bem, talvez fosse.

Apenas não era uma sobrenatural.

Ali estava a prova.

— Não acredito — disse Della.

— Holiday explicou que às vezes uma geração da família não é sobrenatural — ponderou Miranda.

— Só em situações muito raras — disse Kylie.

— Talvez sua mãe esteja mentindo — acrescentou Della.

Kylie olhou bem para a vampira.

— E por que ela mentiria?

Della deu de ombros.

— Pode ser que ela não esteja bem por causa do divórcio. Sei lá.

— Seus pais estão se divorciando? — perguntou Miranda.

— Estão — disse Kylie, sem se incomodar nem um pouco por Della ter tocado no assunto. Conhecia as duas há poucos dias, mas confiava nelas.

— Que droga! — resmungou Miranda, pousando uma das mãos no ombro de Kylie e apertando-o suavemente.

— É isso aí. — E Kylie voltou ao e-mail.

— Por que estão se divorciando? — indagou Miranda.

— Não sei. Mamãe é tão...

— Chata — disparou Miranda.

Kylie ia concordar, mas deteve-se.

— Não. Ela não é propriamente chata, apenas... fria, distante. Tão quente quanto um picolé. Ouvi meu pai chamá-la assim uma vez.

— Então seu pai deve estar tendo um caso — insinuou Della, sem medir as palavras.

Kylie voltou-se na cadeira e a encarou.

— Não.

Della fez uma careta.

— Sério, se ele chamou sua mãe de picolé é porque achou alguém mais quente com quem trepar.

— Meu pai não é assim — disse Kylie com convicção. Percebeu então que não tinha explicado bem a frieza da mãe.

— Eu quis dizer fria... emocionalmente, não...

— Sei — disse Della. — Não precisa se preocupar em ferir meus sentimentos. — Mas seus olhos diziam outra coisa.

Kylie sabia quando alguém estava querendo bancar a durona. Tinha feito um curso intensivo dessa matéria nas últimas semanas.

Olhou de novo a tela.

— Mamãe é apenas... difícil de suportar, às vezes. Não censuro meu pai por deixá-la.

— E você vai morar com ele? — perguntou Miranda.

Kylie sentiu-se transportada ao dia em que, na frente da garagem, implorou ao pai que a levasse com ele. A recordação era dolorosa, mas tinha que aceitar a verdade: na ocasião, seu pai tinha decidido abandonar não só a mãe, mas a filha também.

— Já é tarde e estou cansada. — Kylie se levantou e foi para seu quarto. Mas, ao contrário de antes, agora podia chorar.

Na manhã seguinte, Kylie foi ao encontro de Holiday e colocou uma cópia do e-mail da mãe sobre a mesa da líder do acampamento.

— Foi como eu disse — começou. — Agora talvez você possa telefonar pra minha analista e pedir que avise minha mãe para me buscar.

Ir embora dali talvez não fosse mudar tanto sua vida quanto tinha imaginado. Uma parte dela nem desejava partir. Mas, como não era uma sobrenatural, também não pertencia

àquele lugar.

— O que é isto? — Holiday passou os olhos pelo papel e ficou espantada ao ver do que se tratava. Levantou a cabeça e encontrou o olhar de Kylie. — Pois muito bem, admito que estou surpresa, mas isso realmente não muda em nada os fatos.

— Como não? Você me disse que só em raríssimas circunstâncias uma geração não é sobrenatural.

— E quanto a você ver fantasmas? E ter nascido à meia-noite? Sabe que seu cérebro não pode ser lido como o de uma pessoa normal?

Kylie deixou-se cair na cadeira diante de Holiday.

— Posso ser maluca. Ou, como você mesma explicou um dia desses, uma aberração de natureza humana atormentada por um fantasma supercarregado de energia.

Holiday discordou com a cabeça e inclinou-se para a frente.

— Ou talvez... as pessoas que você chama de pais não sejam seus verdadeiros pais.

Kylie ficou de boca aberta.

— Pode acreditar, com tudo o que está acontecendo lá em casa, eu bem que gostaria de ser adotada. Infelizmente, vi fotos da minha mãe grávida.

Holiday ia contestar, mas desistiu.

— Como eu já disse, a busca é sua.

— *Era* minha. Está encerrada. Encontrei a resposta. Sou apenas humana.

Holiday pousou o cotovelo direito na mesa e descansou o queixo na palma aberta. Aquele, Kylie já havia notado, era o gesto que a líder do acampamento sempre fazia quando tinha a intenção de iniciar um de seus discursos do tipo "é assim mesmo que você se sente?".

O gesto lembrava sua analista, com a única diferença de que a dra. Day se recostava na cadeira e sacudia a cabeça.

O pior de tudo era que essa tática sempre funcionava com Kylie.

— Está bem certa disso? — perguntou Holiday. — Quer mesmo deixar o Acampamento Shadow Falls?

— Sim. Não. Não sei. — Kylie escondeu o rosto nas mãos por um instante. — Quer dizer... todos aqui estão com membros da mesma espécie. Miranda, com as bruxas. Della, com os vampiros. E eu... bem, eu estou aqui com você porque não pertenço a nenhum grupo. — Kylie se sentia uma completa estranha — uma desajustada.

— Alguém aqui deu a entender que você não era bem-vinda? — perguntou Holiday.

— Não, não se trata disso — respondeu Kylie.

Holiday respirou fundo.

— Vi Fredericka a noite passada. Se houver algum problema...

— Problema nenhum — garantiu Kylie, não desejando que a loba a julgasse intimidada.

— Isso não tem nada a ver com ela. — O que, em grande parte, era verdade.

Holiday olhou novamente para o papel.

— Vamos fazer um acordo. Me dê... não, dê a você mesma duas semanas para pensar bem no assunto, Kylie. Se, então, quiser mesmo ir embora, falo pessoalmente com a sua mãe.

Talvez porque, no fundo, não estivesse gostando muito da ideia de voltar para junto da mãe — ou, mais provavelmente, porque iria sentir saudades de Miranda e Della —, Kylie decidiu que duas semanas não eram o fim do mundo.

— Combinado — disse ela.

— Ótimo! — Holiday se levantou. — E, como só terei duas semanas, já é hora de levarmos as coisas a sério.

— Do que você está falando? — indagou Kylie, ao ver Holiday tirar dois tapetes de yoga do armário.

— Fantasmas. — Holiday estendeu os tapetes no chão e pediu que Kylie se sentasse. — Você tem que aprender a lidar com seus fantasmas, Kylie.

— Eu só tenho um — corrigiu Kylie.

Holiday arqueou uma sobrancelha.

— Sempre começa com um. Mas, pode acreditar, outros virão. Na verdade, já vieram. Você apenas não se lembra.

Kylie começou a sentir um nó no estômago.

— Mas do que você está falando?

— Li em seu dossiê que você tem tido terrores noturnos.

As palavras de Holiday calaram fundo.

— Quer me dizer então que os terrores noturnos são... fantasmas?

Holiday assentiu.

— No momento, eles surgem quando você está dormindo. Mas depois, se o seu caso for como o meu, começarão a aparecer quando você estiver na fila do cinema, sentada na sala de aula e até durante um encontro com o namorado.

Kylie se lembrou das noites em que tinha acordado absolutamente aterrorizada, mas sem saber o motivo. Calafrios subiram pela sua espinha.

— Eu queria saber como mandar esses fantasmas embora.

Holiday franziu a testa.

— A escolha é sua. Mas me deixe colocar as coisas de outra maneira. Para se livrar deles, precisará percorrer um espaço onde os espíritos gostam de ficar.

— Então a coisa é definitiva? Se eu mandar esses fantasmas embora, eles nunca mais me incomodarão?

Holiday deu de ombros.

— Isso depende.

— De quê?

— De quanto um espírito deseje conversar com você. — Holiday sentou-se no tapete. — Já praticou algum tipo de meditação?

Kylie abanou a cabeça negativamente.

— Já ouviu falar de experiências fora do corpo?

— Não. — Kylie preferia permanecer no seu corpo, muito obrigada. — Quer dizer então que os espíritos aparecem mesmo contra a minha vontade?

— Os muito poderosos, sim. — Holiday acenou para que Kylie se sentasse no tapete. — Ou então você apenas ouve e vê aquilo que eles querem. É o que funciona melhor no meu caso. Agora, vamos praticar algumas técnicas de meditação.

Os quatro dias seguintes passaram rápido. Kylie tentou convencer Della e Miranda a acompanhá-la até as cachoeiras, mas seu convite foi recusado. Ao que tudo indicava, se Kylie quisesse ir até lá, teria que ir sozinha. Só havia um pequeno problema: a ideia de ver, sem ninguém ao seu lado, anjos da morte dançando a deixava completamente apavorada. Desistiu, portanto, do plano de visitar as cachoeiras. Tinha mais coisas a fazer. Della e Miranda, por exemplo, continuavam se desentendendo. Brigavam pelo menos uma vez por dia. E Kylie tinha que intervir antes que se matassem.

Além disso, falava com a mãe de manhã e à noite. Quando Kylie não ligava para a mãe, ela própria ligava para Kylie. E o fato de a mãe ligar para ela a deixava ainda mais consciente de que o pai não ligava. Talvez aquilo fosse coisa de homem: homens só telefonam quando têm algo importante a dizer.

O que contava é que veria o pai no dia seguinte, domingo — fato que deixava sua mãe um pouco aborrecida. Mas não foi ela mesma que pediu para saber se seu pai viria?

Kylie ficou muito feliz com o pedido da mãe. Queria — precisava — ver o pai. E, por algum motivo, provavelmente por sentir muita falta dele, quanto mais o domingo se aproximava, mais Kylie se dispunha a perdoá-lo. Talvez, chegado esse dia, o pai já estivesse com saudade suficiente para permitir que Kylie fosse morar com ele assim que as duas semanas no acampamento terminassem.

Kylie ficou cerca de uma hora conversando e trocando torpedos com Sara, que surpreendentemente havia se recuperado por completo do susto da gravidez e estava de volta a pleno vapor com um novo namorado: um primo de 19 anos de uma de suas vizinhas.

Se Kylie tinha entendido corretamente as mensagens de Sara, os dois logo estariam transando. Pensou em lembrar a amiga do perigo pelo qual tinha acabado de passar, mas desistiu no último instante. Tocar no assunto poderia ter como único resultado incentivar Sara a ir em frente.

Ela nunca seguia conselhos.

Trey havia ligado duas vezes, sempre com a mesma conversa. Ele a amava, lamentava muito o que tinha acontecido. Se Kylie lhe desse uma chance, provaria o quanto gostava dela.

A prova, Kylie suspeitou, incluiria sem dúvida ficarem ambos nus. E quanto mais pensava nisso, mais disposta se sentia a continuar vestida. Chegou até a perguntar a Trey se não poderiam ser apenas amigos pelo resto do verão. Mas ele tinha ficado furioso quando ela pronunciou o nome de outro garoto. Que faria então caso Kylie decidisse sair com alguém? Perderia a razão, sem dúvida.

Por que Trey não poderia agir como Derek? Kylie pediu ao meio *fae* para ser seu amigo e ele, embora confessasse que queria muito beijá-la, tinha concordado.

Ah, Derek era tão amável! Sempre falava com ela, até perguntava sobre seus problemas com os pais. Chegaram a conversar sobre o ressentimento de Holiday por eles não quererem saber de seus dons. Quase todos os dias Derek se sentava com ela durante pelo menos uma das refeições. Ainda assim, tudo no comportamento dele apontava somente para a amizade.

Nada de olhares longos e intensos, quando ela podia ver as raias douradas de seus olhos brilhando.

Nada de sorrisos especiais.

Nada do seu hálito quente em seu rosto.

Nada de toques.

Mesmo quando se sentava ao seu lado, ele fazia questão de manter uma distância de pelo menos vinte centímetros entre ambos.

Vê-lo sentado pertinho de outras garotas doía tanto quanto a picada de uma abelha. Mas procurava ignorar a picada, pensando em coisas mais agradáveis. Iria embora em pouco mais de uma semana. E, precisava encarar os fatos, o melhor nem sempre é o mais agradável.

Por exemplo, aprender a meditar, a livrar-se dos fantasmas estava se tornando uma tarefa árdua, de tempo integral. Holiday punha-a sentada no tapete três vezes por dia. Tentaram queimar incenso, contar objetos, música e até visualização, mas nada funcionou. A mente de Kylie se recusava a entrar em qualquer tipo de estado alterado.

Holiday ainda tinha esperanças; Kylie, nem tanto.

— Vai acontecer, eu prometo — garantia Holiday após cada sessão fracassada.

Kylie via naquilo mais uma prova de que não era sobrenatural. Na verdade, nem precisava mais de provas, mas mesmo assim...

A única coisa que ainda a intrigava era o fato de o soldado Dude continuar aparecendo. Kylie pediu a Holiday que lhe enviasse uma mensagem aconselhando-o a não importuná-la mais. A resposta de Holiday, como sempre, foi: "Não é assim que funciona".

Kylie passou a odiar essa frase. Tanto quanto as visitas diárias do fantasma. Felizmente, ele tinha parado com as exibições de sangue, mas o simples fato de vê-lo já a perturbava. O modo como a olhava, como ficava postado diante dela era misteriosamente familiar. Kylie se convenceu de que Holiday estava certa. Seus terrores noturnos deviam conter imagens dele, por isso vê-lo despertava nela uma estranha sensação de *déjà vu*.

Holiday chegou a sugerir que tentasse conversar com o fantasma, mas essa ideia só a apavorou mais ainda. Ela o imaginava abrindo a boca apenas para expelir vermes e sangue. Não, Kylie ficaria de boca fechada e rezaria para que ele fizesse o mesmo.

Nos últimos dias, teve a felicidade de não ver mais nem Lucas nem Fredericka. Mas todas as manhãs, antes do sorteio, ficava aflita ao pensar que um dos dois poderia tirar seu nome para o encontro de uma hora.

Hoje não seria diferente. Se um deles tirasse seu nome, Kylie estava decidida a fingir uma tremenda dor de cabeça e cair fora. Sem dúvida, Fredericka a acusaria de estar com medo dela. Mas era melhor que Fredericka a acusasse do que tivesse certeza disso. Pois, se Kylie precisasse passar uma hora sozinha com a loba, ela sem dúvida farejaria seu medo.

Kylie ficou entre Miranda e Della, aguardando enquanto os campistas tiravam os nomes e anunciavam seus companheiros.

Miranda, Kylie já sabia, rezava para que Chris, um vampiro realmente muito atraente, tirasse seu nome. Della parecia nunca se importar com quem tiraria o seu, mas na véspera Kylie havia notado o modo como a esperta vampira olhava furtivamente para Steve, um dos metamorfos.

Quando Kylie lhe perguntou a respeito, Della negou, mas sem poder disfarçar um leve rubor nas faces. Quem diria que vampiros também ficam vermelhos?

Derek se aproximou de Kylie e parou ao seu lado.

— Olá — cumprimentou ela, sorrindo. E, sim, talvez o sorriso dela fosse um pouco mais largo que o normal.

— Olá — respondeu ele naturalmente, para depois prestar atenção nos campistas ocupados com o sorteio. Kylie aproveitou que ele estava olhando para outro lado e o observou bem. Vestia uma camiseta verde-clara que destacava o volume do seu tórax. O tórax onde Kylie descansara a cabeça. Lembrou-se de como aquilo tinha sido agradável e de que, ao erguer os olhos, os lábios dele estavam muito perto dos seus.

Tentando desviar da mente aquela recordação, afastou o olhar do peito de Derek. Ele vestia uma bermuda cáqui que chegava quase até os joelhos. Suas pernas eram musculosas e quase sem pelos. Já ia desviar os olhos quando percebeu o *band-aid* na articulação do braço dele.

Aproximou-se e agarrou-lhe o pulso.

— Isto é... então você... deu o sangue?

— Dei. — O olhar dele encontrou o dela e, pela primeira vez em muitos dias, não se desviou imediatamente. Estavam vivendo um daqueles momentos de que ela sentia tanta falta.

Kylie passou delicadamente o dedo por cima do *band-aid*.

— Sinto muito.

— Por quê? Você não teve culpa de nada.

— Doeu? — perguntou ela.

— Não. — Derek continuava observando-a e era como se não houvesse mais ninguém no mundo, apenas os dois. Kylie viu as raias douradas dos olhos dele cintilarem e seu desejo era chegar mais perto dele.

— Derek! — chamou uma voz em tom agudo. — Tirei seu nome!

Num piscar de olhos Derek foi arrastado para longe. Kylie ergueu os olhos e descobriu a raptora: Mandy, uma fada morena e bonita.

A garota colocou os braços em volta do pescoço de Derek e o puxou para um beijo rápido. A princípio, Kylie esperou que ele se mostrasse chocado com aquela exibição de afeto, mas ele apenas olhou para Kylie por um breve segundo e concentrou-se de novo em Mandy, que se ergueu na ponta dos pés e deu-lhe outro beijo.

Derek não parecia nada surpreso. Parecia até... feliz. Sorriu para Mandy — o mesmo sorriso "especial" que dividia com Kylie.

— Legal. Está pronta? — perguntou ele à morena petulante.

— Onde é mesmo o tal lugar? — indagou ela por sua vez.

— É melhor eu te mostrar — respondeu Derek.

Será que ele ia levá-la ao riacho? Kylie sentiu o peito oprimido. A princípio, não reconheceu a emoção, mas depois se lembrou de tê-la experimentado quando tinha visto Trey com a namorada na festa. Felizmente, conseguiu disfarçá-la antes que Derek se virasse.

Seus olhos verdes e suaves se encontraram com os dela.

— Vejo você mais tarde, ok?

— Ok. — Kylie forçou um sorriso que pareceu tão real quanto uma careta desenhada. Ela e Derek eram apenas amigos; não tinha o direito de ficar com ciúmes. No entanto... por que se sentia tão mal?

Mordeu o lábio inferior. Sabia por que não queria alimentar nenhum sentimento mais profundo por Derek: porque podia ser magoada. Então, como se quisesse se castigar mais ainda, virou-se e contemplou os dois se afastando de mãos dadas.

— Que droga! — resmungou Miranda. Kylie se voltou para ela, percebendo que tinha praticamente se esquecido da presença de suas colegas de alojamento. Bem, Miranda ainda

estava ali. Della já tinha ido.

— E então? — perguntou Kylie. — Quem pegou o seu nome?

Miranda fez uma careta.

— O meu não. O *seu.* — Miranda a cutucou de leve com o cotovelo. — Ou vai me dizer que não ouviu o nome de quem acabou de pegar seu nome?

# Capítulo 29

Kylie olhou em volta e levou a mão à têmpora, presumindo que talvez devesse começar desde já a fingir uma dor de cabeça.

— Quem?

— Eu — disse uma voz masculina familiar ao seu lado.

Kylie se virou e deu de cara com Perry. Baixou a mão. Perry não merecia sequer que ela fizesse uma encenação.

— Prometa que não vai me pegar pelas orelhas — brincou Perry, mas Kylie percebeu em seus olhos que ele tentava se desculpar.

— Está bem, mas não vá se transformar em outra coisa. Isso me irrita.

— Você não tem senso de humor — reclamou Perry, mas olhando principalmente para Miranda.

— Tudo bem — murmurou Miranda, virando-se para Kylie. — Chris pegou meu nome. Deseje-me sorte. — Levou a mão aos cabelos e os soltou.

— Boa sorte — disse Kylie, notando a cara feia de Perry.

— Então aonde quer ir para conversarmos? — perguntou ele, observando Miranda e Chris se afastarem. Kylie nunca tinha visto um metamorfo com um olhar tão triste.

— Para mim tanto faz... — De repente, uma ideia sacudiu-a com a sutileza de um trator. Era errado, muito errado, mas não conseguiu se conter. — Conheço um lugarzinho perto de um riacho.

No dia seguinte, às dez em ponto, Kylie aguardava no refeitório a chegada do pai. Já sabia de cor como abordar o assunto de ir morar com ele. E seria mais fácil do que havia pensado.

Na noite anterior, sua mãe tinha lhe contado que recebera uma promoção e isso a obrigaria a viajar de vez em quando. Fazia sentido, portanto, que Kylie ficasse com o pai. Não disse nada à mãe, é claro. Isso podia esperar.

Derek cruzou a porta do refeitório. Ao vê-la, aproximou-se. Kylie enrubesceu ao se lembrar de que tinha levado Perry até o riacho na esperança de encontrar Derek e Mandy fazendo sabe-se lá o quê. Mas ele não estava lá. Por isso, Kylie simplesmente contornou a grande rocha e conduziu Perry pelo meio da mata mais meio quilômetro à frente, até pararem para conversar.

Kylie não queria, pura e simplesmente, corromper a lembrança do lugar onde ela e Derek começaram de fato a se conhecer.

E embora se sentisse aliviada ao constatar que Derek não tinha levado Mandy ao seu lugarzinho especial, não era idiota a ponto de supor que não a tivesse levado a outra parte para fazerem... sabe-se lá o quê. Nem suficientemente idiota para censurá-lo por isso. Como poderia fazer isso se fora ela própria quem tinha sugerido que fossem apenas amigos? No entanto...

— Chegou cedo — disse Derek, com um sorriso amigável.

Kylie se perguntou que tipo de sorriso ele insinuou para Mandy quando ficaram sozinhos. Será que a beijou? Teria levado a garota até a pedra?

— Meu pai me garantiu que estaria aqui às dez em ponto.

— Sua mãe vai vir depois? — perguntou ele.

— Não. Minha mãe não quer correr o risco de encontrá-lo. O mundo acabaria se isso acontecesse.

— Sinto muito por isso. Situação difícil. — Derek falou com tanta sinceridade que o coração de Kylie acelerou. Na noite anterior, vira-o sentado juntinho de Mandy, os dois rindo sem parar. Gostaria de voltar atrás e nunca ter dito que deveriam ser apenas amigos. Mas, considerando que talvez fosse embora logo, sem dúvida tinha feito a coisa certa.

— E a sua mãe, vem? — perguntou Kylie, confiante, uma vez que ele já havia contado a ela sobre o seu passado. *Teria contado também a Mandy?*

— Parece que sim — suspirou ele. — Minha mãe é um pouquinho superprotetora. Tem sido assim desde...

— Que seu pai se foi? — arriscou Kylie, baixando a voz.

Derek assentiu e, no mesmo instante, as portas da frente do refeitório se abriram para dar passagem a um grupo de pais, além de mais alguns campistas.

— Aí vem ela — disse Derek. — Melhor eu ir.

— Boa sorte — desejou Kylie. E, incapaz de se conter, esticou o braço e apertou sua mão. Tocá-lo foi ótimo e... errado. O formigamento que lhe correu pelo braço não era do tipo provocado por um amigo. Derek se deteve e olhou para ela.

Seu sorriso parecia ainda mais envolvente.

— Pra você também.

Kylie o viu se afastando e admitiu que, quando fosse para casa, sentiria falta dele. Caramba! De Miranda e Della, também. Não de suas brigas, mas delas.

Tentando se livrar da melancolia, procurou o pai em outro grupo que entrava. Não o viu, mas reparou em duas pessoas que deviam ser os pais de Della. Uma mulher estava ao lado de um homem com traços asiáticos, observando a multidão. Sabendo que Della não os esperava tão cedo e tinha ficado na cabana, aproximou-se do casal.

— Oi, sou Kylie. São os pais de Della?

— Sim. Onde ela está? — perguntou a mulher.

— Esperava que vocês só chegassem daqui a uma hora. Se quiserem, posso pedir que alguém vá avisá-la na cabana.

— Ela ainda está dormindo? — perguntou o pai. — Meu Deus, achei que este acampamento iria discipliná-la! — Olhou para a esposa. — Quero ver o resultado do exame antidrogas. Se não tiverem, vou tirá-la daqui e colocá-la num lugar melhor.

Kylie achou mais prudente não reagir à dureza do tom daquele homem. Mas, no fundo, deu graças a Deus por ter um pai como o seu. Ele não se deu ao trabalho de buscá-la na delegacia nem apareceu antes que ela fosse despachada para o acampamento, mas sem dúvida era bem melhor do que o pai resmungão de Della.

— Ah, não, ela já se levantou — disse Kylie, sabendo que aquilo provavelmente não era verdade, mas ansiosa por proteger a amiga da ira paterna.

Dando outra olhada no recinto em busca do pai, prontificou-se:

— Sabem, acho que vou até lá buscá-la.

Caminhou devagar para a porta e depois saiu em disparada a fim de arrancar Della da cama e fazê-la se vestir.

Uma hora depois, Kylie estava sentada nos fundos do refeitório observando outras pessoas conversarem. Tinha feito Della se levantar e comparecer em tempo recorde. No caminho, parou no escritório para ver Holiday e avisá-la de que o pai de Della queria ver o teste antidrogas.

Agora, contemplava Della conversando com a irmã enquanto os pais ouviam atentamente. À distância, o encontro não parecia caminhar nada bem. Della temia esse encontro e, depois de conhecer o pai dela, Kylie não a censurava.

O pai e a mãe de Miranda apareceram cerca de vinte minutos depois dos de Della. Kylie nunca tinha visto Miranda tão insegura quanto na presença deles. Sentou-se de ombros caídos, sem sorrir. Miranda vivia sorrindo e sempre andava ereta, mas agora, perto dos pais, mais parecia uma criança com medo. Kylie pensou em ir até lá e dizer aos pais de Della e Miranda como era feliz por tê-las como colegas de alojamento, mas, por alguma razão, aquilo não lhe pareceu apropriado.

Derek e a mãe tinham saído para um passeio. Ele a apresentou a Kylie, que teve de conter o riso quando ela tirou uma mecha dos cabelos do filho de sua testa, fazendo-o ficar roxo de vergonha. Os garotos não gostam de ser mimados em público pelas mães.

— Olá. — Holiday aproximou-se do lugar onde Kylie estava sentada. — Seu pai ainda não veio?

— Ainda não. Deve ter calculado mal a distância. Mamãe que consultava os mapas e coisas assim. Você conhece os homens: dirigem horas a fio antes de parar para pedir informações.

Kylie sabia que aquilo não passava de conversa fiada, mas não conseguiu se conter. Era melhor dizer qualquer coisa do que pensar na possibilidade de seu pai não cumprir o prometido.

Holiday sorriu.

— Homens. Não podemos viver com eles. E não tem graça nenhuma viver sem eles.

— Você tem... alguém? — perguntou Kylie, sem saber ao certo se o assunto não era pessoal demais para discutir com a líder do acampamento. — Não estou vendo aliança ou anel de compromisso.

Holiday deu de ombros.

— Bem, às vezes não vale a pena tolerá-los.

— Então é divorciada?

— Não, nunca chegamos a nos casar. Eu tinha a aliança, a data e o vestido de noiva. Uma hora antes da cerimônia, descobri que não tinha noivo.

— Isso deve ter sido terrível — observou Kylie.

— É, foi.

— Ele te explicou o motivo?

— Disse que tinha encontrado alguém mais compatível. Uma vampira como ele.

— Ah, meu Deus, não é Burnett, é? — alarmou-se Kylie.

Holiday arregalou os olhos.

— Não. Por que pensou...

— Burnett gosta de você — disse Kylie. — Sempre que está distraída, ele devora você com os olhos.

— Ah, fala sério, esse sujeito é tão arrogante que eu nunca...

— Eu acho que ele é bem bonito — confessou Kylie.

— Ele é mesmo, meu Deus do céu — resmungou Holiday. — Eu o odeio por isso também.

As duas caíram na risada.

Holiday observou Della e a família.

— Obrigada por quebrar o meu galho. O pai dela é muito chato.

— Eu sei — concordou Kylie. — Ele me fez perceber como eu tenho sorte. Espere até conhecer o meu pai. É muito diferente.

— Estou ansiosa — disse Holiday.

Kylie sabia que Holiday esperava examinar seu pai e declará-lo sobrenatural. Kylie não

acreditava naquilo. Seu pai não tinha dons. Ou melhor, seus dons eram de outra natureza.

Kylie suspirou e olhou de novo para a porta, na esperança de vê-lo entrar. Precisava ao menos de um de seus abraços.

Avistou novamente Della entre a multidão e perguntou a si mesma se seu pai já a abraçara alguma vez.

— Você acha que Della deveria ir morar com outros vampiros? — perguntou a Holiday.

— É muito difícil, para um vampiro novo, conviver com gente normal — respondeu Holiday, suspirando. — Principalmente quando essa gente é controladora. Mas Della gosta da família e deixá-la também não seria nada fácil. Receio que qualquer dessas escolhas seja um problema.

— Odeio isso — disse Kylie, com o coração doendo pela amiga.

Nesse instante as portas se abriram de novo e Kylie conteve a respiração, esperando que fosse o pai. Mas quem entrou foi Lucas Parker, acompanhado por uma mulher mais velha, cujo braço apertava carinhosamente.

— Quem é? — perguntou Kylie.

Holiday olhou na direção que ela apontava.

— A avó de Lucas.

Kylie não tinha pensado na possibilidade de encontrar os pais de Lucas. A última coisa que desejava era ser reconhecida por eles — principalmente porque o próprio Lucas não a tinha reconhecido.

— Então os pais dele virão?

— Não. Morreram pouco depois de ele nascer. A avó o criou.

— Não, pouco depois de ele nascer, não — disse Kylie, sem pensar.

— É, é terrível — concordou Holiday, achando que Kylie estava lamentando a morte deles, não fazendo uma afirmação. — Acho que Lucas tinha só uma ou duas semanas de vida quando aconteceu.

— Nossa! — exclamou Kylie, olhando para o outro lado. Lembrou-se então do que Miranda dissera sobre filhos de malandros. Será que Lucas tinha mentido a respeito dos pais porque, de outro modo, o veriam com maus olhos? E seria verdadeiro o provérbio de que quem nasce malandro morre malandro?

— Ah, não, de novo não! — gemeu Holiday.

Kylie se virou e viu Burnett entrando na sala. Vinha carrancudo e não era preciso ser sobrenatural para perceber que alguma coisa de muito ruim tinha acontecido.

Holiday pegou seu celular e discou um número. Franziu as sobrancelhas e recolocou o aparelho no bolso.

— Por que será que, quando ele vem, Sky desaparece e tenho que aguentá-lo sozinha?

Como, sem dúvida, Holiday não esperava resposta, Kylie apenas deu de ombros e não disse nada.

— Com licença — desabafou Holiday. — Parece que tenho mais uma batalha a travar.

Segundos depois, Kylie viu Holiday e Burnett saindo juntos da sala. Consultou o relógio e achou melhor ligar para o pai e saber se ele não estava com um pneu furado ou coisa parecida. Ele era capaz, é claro, de trocar um pneu, pois já tinha passado horas ensinando Kylie a fazer isso.

*Minha filha nunca vai ficar na mão*. Kylie sorriu, lembrando-se de quando haviam apostado para ver quem trocava um pneu mais depressa. Com essas boas recordações na cabeça, decidiu que tinha de perdoá-lo pelos deslizes recentes. Merecia isso, por ter sido um bom pai. Kylie sorriu de novo, certa de que ele concordaria plenamente com a ideia de acolhê-la quando a mãe estivesse viajando.

Kylie, porém, já não sorria uma hora depois. O pai não apareceu. Pensando coisas malucas como acidentes de carro e outras desgraças, pegou o celular e ligou para ele.

O pai atendeu ao terceiro toque.

— Oi, docinho! — disse ele.

Kylie ficou aliviada só de ouvi-lo.

— Oi, papai! Já está perto?

— Perto de onde?

Kylie sentiu um nó na garganta. Lembrou-se do que ele dissera: *Estarei aí às dez em ponto.*

— Não se lembra?

— Lembrar do quê?

Um nó começou a se formar na sua garganta; suas narinas começaram a arder.

— Hoje é o dia da visita dos pais aqui no acampamento. Você disse... — Mordeu o lábio, rezando para que ele desse uma risada e contasse que já estava chegando.

Mas ele não fez isso.

— Puxa vida! — Kylie o ouviu respirar pesadamente. — Querida, não posso ir aí hoje. Estou de trabalho até o pescoço aqui no escritório. Foi uma semana daquelas.

— Mas você disse... — Kylie se levantou de um salto e começou a andar pelo refeitório antes que perdesse o controle e começasse a chorar diante de todos aqueles pais.

— O que foi que eu disse?

— Preciso desligar.

Kylie fechou o aparelho e disparou porta afora em busca de um lugar onde pudesse ficar sozinha. Mas não estava sozinha. Sentiu a presença fria seguindo-a passo a passo até a cabana. A raiva e a decepção enchiam seu peito de tal maneira que ela mal conseguia respirar. Com a mão no trinco da porta, parou por um instante. O frio parecia comprimir

suas costas, então resolveu olhar por cima do ombro.

Ele não apenas estava lá como chorava também. A diferença era que suas lágrimas tinham cor de sangue.

O medo tentou encontrar espaço no peito de Kylie, mas sua raiva o expulsou.

— Vá embora! — gritou para o fantasma. — Me deixe em paz!

# Capítulo 30

Na manhã seguinte, Kylie saiu do quarto e espantou-se ao ver Della diante do computador. Ela nunca fazia isso pela manhã.

— Não tinha nenhum compromisso hoje cedo? — perguntou Kylie.

— Não — respondeu Della, com um ar sombrio. Na verdade, as três estavam de cara fechada desde a véspera. Nem haviam conversado, como de costume, na mesa da cozinha antes de irem para a cama. Sem dúvida, depois do dia da visita dos pais, elas tinham encontrado demônios para combater, e combater demônios era uma atividade que se fazia melhor sozinha. Kylie, porém, não chegou a ficar sozinha pela maior parte da noite.

O soldado Dude tinha aparecido e desaparecido o tempo todo. Kylie não o via propriamente, apenas sentia sua presença gelada. Só desejava se aprofundar na meditação para pôr logo um fim naquilo.

Della interrompeu a digitação e olhou para Kylie.

— Lamento que meu pai tenha sido grosso com você. E obrigada por ter vindo me buscar.

— Ele não foi grosso comigo. — "Foi grosso com você", pensou Kylie, mas não quis dizer isso em voz alta porque Della já sabia e não precisava ser lembrada.

— Sei que ele às vezes é um pouco difícil. Mas, acredite ou não, tem boas intenções.

— Pelo menos seu pai apareceu. — Kylie se lembrou de como percorrera a estreita faixa entre mentir e mudar de assunto na noite anterior, para não contar à mãe que o pai não tinha vindo. A mãe teria tido um chilique. E os chiliques da mãe não eram nada agradáveis. Ainda assim, no fundo, Kylie gostaria que ela tivesse um.

Afinal, o pai se comportou como se nunca tivesse prometido que viria.

— Quer checar seus e-mails? — perguntou Della. — Acho que deve ter recebido um do seu pai.

Kylie sentiu um aperto no coração.

— Não. Vou... checar depois. — *Ou não.* No momento, não estava a fim de ouvir desculpas esfarrapadas. Olhou em volta. — Onde está Miranda?

— Saiu. Tem esperança de ver Chris, mas disse que vai esperar por nós. Está pronta?

— Estou — respondeu Kylie.

Segundos depois, Kylie e Della cruzaram a porta e se depararam com Miranda ao lado da cabana.

Miranda olhou para elas.

— Oi, garotas, encontrei um filhote de passarinho que parece ter caído do ninho. Acho que quebrou a asa, coitadinho!

Kylie e Della se aproximaram. Miranda, com as palmas estendidas, aproximava a ave do rosto. Uma das asinhas pendia, frouxa.

— Não pode curá-lo com um encantamento? — perguntou Della.

— Gostaria. Mas tenho medo de fazer besteira — disse Miranda, num tom de insegurança que era sem dúvida o resultado de seu encontro com a mãe.

Miranda se virou para Kylie.

— Acha que aquela garota... a que examinou você para ver se tinha o tumor... poderia curá-lo?

— Não sei — respondeu Kylie, notando que a cor dos olhos do pássaro tinha mudado do preto para o azul. E também que ele olhava de um jeito muito especial para Miranda. Kylie podia ser exageradamente desconfiada, mas já tinha visto aquela expressão idiota antes, num certo metamorfo. Seu olhar se cruzou com o de Della.

Sim, não havia dúvida: era mesmo Perry.

— Acho que o ato mais humano que podemos praticar é torcer o pescoço dele — disse Kylie.

— Ah, sem dúvida — concordou Della.

Kylie se aproximou. O pássaro olhou para ela e se encolheu todo. *É isso aí, seu idiota, você tem mesmo é que ficar com medo de mim.*

— Vocês são muito más — censurou Miranda, aconchegando a ave no peito e abaixando-se para falar com ela. — Não se preocupe, Miranda cuidará de você.

— Por que não dá uma olhada para ver se é menino ou menina? — sugeriu Kylie, sem poder disfarçar o riso.

A expressão terna de Miranda mudou instantaneamente quando ela percebeu o que Kylie estava dizendo.

— Perry, é você? — perguntou, olhando desconfiada para o pássaro.

Fagulhas começaram a flutuar ao redor das mãos de Miranda. Ela recolheu imediatamente as mãos: e ali, sentado no chão, estava Perry, todo vermelho de vergonha.

— Eu estava apenas voando por aí. Não fiz... não fiz nada de errado. Nem sequer espiei pelas janelas. — Seu olhar pousou em Kylie. — E você, por favor, não toque nas minhas orelhas nem no meu pescoço. — E, levantando-se, saiu correndo.

— Eu deveria transformá-lo no rato que ele realmente é — disse Miranda, aparentemente constrangida por ter sido enganada.

Kylie compreendia bem os sentimentos de Miranda. Lembrou-se então de ter notado um grande embaraço no rosto de Perry, cujo motivo também não ignorava. A última pessoa

diante da qual ele gostaria de pagar mico era a garota de quem gostava.

— Você sabe que ele gosta de você, não sabe?

Miranda ficou de boca aberta.

— Não, não pode ser.

Della respirou fundo, mas não disse nada.

— Gosta, sim — insistiu Kylie. — Devia ter visto a cara dele um dia desses, quando você saiu com Chris para a hora do encontro. Parecia um cachorrinho sem dono. E durante todo o tempo em que ficamos juntos, não parou de fazer perguntas sobre você.

Miranda continuou imóvel, de boca aberta.

— Se ele gosta de mim, por que nunca me disse nada? Estávamos juntos aqui o ano passado.

Kylie olhou para Della.

— Vai me ajudar?

— Não — riu Della —, você está se saindo bem sozinha.

Kylie virou-se de novo para Miranda.

— Eu não estava aqui no ano passado, mas...

— Mas o quê? — perguntou Miranda.

Kylie deu de ombros.

— Acho que ele não sabe como dizer que gosta de você.

— Ah, fala sério. Perry não é tão tímido assim.

— Não é tímido para bancar o palhaço ou o espertinho da classe. Mas, quando alguém o pega sozinho, fica mudo. Para ser franca, ele não é tão chato assim. Pessoalmente, acho que quem consegue se transformar em qualquer coisa tem medo de não saber quem realmente é.

Kylie se interrompeu e pesou suas próprias palavras.

— Meu Deus, acho que agora quem está dando uma de esperta sou eu, né?

Caíram todas na risada e foram tomar o café da manhã. Estavam a meio caminho quando Miranda parou e olhou para Kylie.

— Acha realmente que Perry gosta de mim?

— Acho — respondeu Kylie, sorrindo.

Della ergueu o queixo e farejou.

— Sinto cheiro de amoooor no ar!

— Eu não.... — Miranda fez uma pausa e prosseguiu: — Você sentiu esse cheiro nele?

— Não — admitiu Della. — Mas isso é porque os metamorfos não produzem os mesmos feromônios. Não sei dizer como cheira um passarinho tarado.

Riram e retomaram a caminhada.

— Mas ele é bonito, não é? — perguntou Miranda.

— De certo modo — replicou Kylie.

— Talvez um pouquinho — arriscou Della. — E o que você pretende fazer com o pobrezinho? — Pousou a mão sobre o coração para dar mais dramaticidade à pergunta.

Miranda se fez de desinteressada.

— Vou esperar pra ver o que vai fazer agora.

— Esperar para quê? Se gosta dele, tome uma atitude. Não seja boba.

— Tudo bem. — Miranda juntou os cabelos e os prendeu com o elástico que trazia no pulso. — Mas não vejo você dando em cima de ninguém por aqui.

— Isso é porque nenhum dos garotos me atrai.

— Mentirosa — zombou Kylie.

— Então me diga por quem estou interessada.

— Steve, o metamorfo alto e de cabelos louros — disse Kylie, com a maior segurança. — Você não parava de olhar para o traseiro dele um dia desses.

Della revirou os olhos.

— Engano seu. — Fingiu abanar-se com a mão. — Mas esse garoto é realmente um colírio para os olhos.

Todas riram.

— E quanto a você? — perguntou Miranda a Kylie.

— Não tenho tempo pra nada.

— Tem o mesmo tempo que nós — observou Miranda.

— Não, não tenho. — Kylie se deteve. Não tinha dito nada a respeito do acordo de duas semanas com Holiday, e por uma boa razão. Elas não iriam gostar nada daquilo. — Eu... Holiday concordou em falar com minha mãe sobre a possibilidade de eu ir embora dentro de quinze dias.

— Por quê? — perguntaram as duas amigas ao mesmo tempo.

— Porque não pertenço a este lugar. Não sou uma de vocês.

— Droga! — exclamou Della. — Você não quer ser uma de nós, isso sim! Ainda nos considera aberrações. Percebo isso toda vez que a palavra "sangue" é mencionada.

Bem, quanto ao sangue ela tinha razão. Ainda assim, Kylie sacudiu a cabeça.

— Não é isso...

— Você não pode ir — interrompeu Miranda. — Quem vai impedir Della e eu de nos matarmos?

— Ora, que se dane! — resmungou Della, franzindo a testa e olhando feio para Miranda. — Deixe que ela volte para seu mundinho seguro, onde terá como única preocupação descobrir se o pai a ama. Se não quer ser nossa amiga, então eu também não quero ser amiga dela. Aliás, nem gosto dessa babaca.

Della se afastou tão rapidamente que Kylie nem a viu desaparecer. Miranda continuou parada, de olhos fixos na amiga.

— Ela pirou. Não quis dizer aquilo de verdade.

— Eu sei — murmurou Kylie, mordendo o lábio. Mas as palavras de Della a tinham realmente magoado.

Miranda sacudiu seu rabo de cavalo.

— Detesto dizer isto, mas não censuro Della. Também estou furiosa com você. — E afastou-se.

Só me faltava essa, pensou Kylie. Não bastassem todos os outros problemas, tinha conseguido irritar as duas melhores amigas que fez no acampamento.

Quando Kylie entrou no refeitório, Miranda e Della estavam sentadas numa mesa diferente da que sempre ocupavam. Kylie captou logo a mensagem. Elas não queriam sua companhia.

Que maravilha!

Apanhando a bandeja, Kylie se dirigiu para a mesa de sempre, sentindo-se um tanto solitária. A porta se abriu e Kylie, erguendo a cabeça, viu Derek entrando. Os lábios dele esboçaram um sorriso afetuoso — um daqueles sorrisos especiais que faziam seu coração palpitar de intensa simpatia. Derek seguiu em sua direção e Kylie se sentiu aliviada. Agora tinha um amigo com quem conversar.

Kylie acompanhou-o com os olhos, mas, de repente, percebeu que seu olhar e sorriso não pareciam dirigidos a ela. E, de fato, Derek passou direto pela sua mesa. Kylie contou até dez, tentando eliminar o sofrimento dos olhos antes de se voltar e ver para onde ele tinha ido.

Olhando por cima do ombro, viu Derek sentado ao lado de Mandy, o ombro bem próximo ao dela. Desviou o olhar e ficou encarando os ovos no prato, tão mexidos quanto suas emoções. Gostava de Derek. Não gostava de Derek. O que havia de errado com ela?

Tentando decidir se não seria um erro tentar comer, Kylie ouviu a voz desaforada de Della. Ergueu os olhos esperando ver Miranda e ela conversando, mas estava errada. Della quase encostava o nariz no rosto de outra vampira, que apontava um dedo para sua bochecha e dizia algo em voz baixa que Kylie não conseguia ouvir.

Seu primeiro impulso foi correr até lá para o caso de Della precisar de ajuda. Afinal, ela a defendera contra Fredericka. Mas, antes que fizesse qualquer movimento, a amiga já tinha ido.

Depois de conseguir engolir ao menos um pedaço de torrada, Kylie saiu para se encontrar com Della. Mas nem sinal da amiga. O que viu foi um grupo de campistas sorteando nomes. Kylie não se sentia nem um pouco disposta a tagarelar com um colega por

uma hora, mas também não queria voltar para a cabana, onde o soldado Dude poderia aparecer a qualquer momento. No fundo, pressentia que o encontro do dia anterior de certo modo o animara a fazer um contato mais estreito com ela.

Viu Miranda sozinha e caminhou em sua direção, esperando que a raiva da amiga já tivesse passado. Infelizmente, Miranda a recebeu com um olhar frio. Sem se dar por vencida, Kylie perguntou:

— Qual foi o problema entre Della e a outra vampira?

Miranda deu de ombros.

— Não sei, ela não me contou. Parece que, quando fica com raiva de você, fica com raiva de mim também. — Alguém chamou Miranda pelo nome e ela se safou sem dizer mais uma palavra.

Kylie estava observando Miranda se afastar quando sentiu que alguém estava de pé ao seu lado.

— Está pronta? — A voz profunda de homem fez seu estômago estremecer. Fitou os olhos azuis de Lucas.

— Pronta para quê?

— Tirei seu nome — disse Lucas, mostrando o pedaço de papel.

*Estou com dor de cabeça. Ou TPM. Ou cólica. Acabo de saber que peguei uma gripe.* Precisava inventar alguma coisa para cair fora. Mas, com aqueles olhos azuis pousados nela, as palavras não vieram. Olhou em volta para ver se, por acaso, Fredericka não estaria à espreita. Não.

— Sei de um lugar aonde podemos ir — disse ele. E colocou as mãos nas costas de Kylie, para fazê-la andar.

Kylie deu um passo, tentando pronunciar as palavras "Não posso"; mas não conseguiu. E Kylie sabia por quê. Queria que Lucas se lembrasse dela. Por qual motivo isso era tão importante, não sabia dizer. Mas que era importante, era.

— Você pareceu interessada nas pegadas de dinossauro — continuou Lucas, fitando-a bem nos olhos. — Sei onde existem outras. Por que não vamos até lá vê-las? — E tomou o caminho que levava às cabanas. Kylie o seguiu.

Só quando Lucas enveredou pela trilha do bosque é que Kylie notou algo diferente. E a diferença era esta: não estava com medo dele. Quando tinha deixado de ter medo dele? Talvez começasse a ficar imune ao medo dos sobrenaturais em geral.

Tentando descobrir a lógica por trás daquela coragem toda, lembrou-se do que já sabia a respeito de Lucas. Tinha sido criado por malandros. Matou seu gato. Seria prudente, de sua parte, confiar num sujeito como ele?

Examinou seus instintos em busca de algo parecido com medo e não encontrou. Só o que encontrou foi a lembrança de como ele tinha conduzido gentilmente a avó para dentro do

refeitório. E do modo como ele a defendera dos encrenqueiros da vizinhança.

— Você sabe que, se a sua namorada nos vir juntos, vai ficar uma fera, não sabe?

— Que namorada? — estranhou Lucas.

Kylie o olhou com atenção.

— Aquela que está sempre grudada em você.

Os músculos da mandíbula de Lucas ficaram rígidos.

— Fredericka não é minha namorada.

— Ah, então ela é apenas a garota com quem você dá uns amassos atrás do escritório — disparou Kylie, sem conseguir se conter.

Lucas fechou a cara.

— Foi o que pensou naquele dia?

— Estava errada? — Kylie se esforçou para ser sarcástica ao máximo. — Acha que sou idiota?

Lucas parou e se virou com tanta rapidez que Kylie foi de encontro ao seu peito. Ele a segurou pelos ombros e a equilibrou. A sensação das mãos de Lucas sobre as mangas de sua blusa fez com que uma onda de calor inundasse seu corpo. Mas passou assim que ela reparou na expressão do garoto.

— Não, você não parece nenhuma idiota — disse ele num tom que mais parecia um rosnado. — Mas está tirando conclusões sem conhecer todos os fatos, o que não pode ser considerado sinal de inteligência.

Kylie ficou de boca aberta diante de tamanho insulto.

— Então o que ela estava fazendo? Mostrando seu novo sutiã? Ah, fala sério. A garota estava terminando de abotoar a blusa quando apareci.

Lucas franziu a testa e passou a mão no rosto.

— Está bem. Esqueça o que eu disse. — Baixou a mão e abriu os olhos. — Admito que tem o direito de chegar a essa conclusão. Mas, ainda assim, está errada.

Kylie revirou os olhos.

— Ela não estava me mostrando o sutiã e sim, sua tatuagem. No ombro. Mandou tatuar um lobo e queria que eu visse.

Retomou a caminhada e Kylie o seguiu.

— Bem, mas obviamente ela é louca por você.

— Eu sei. — Sua voz era acompanhada de frustração. — Ela e eu... ficamos juntos no último verão, bem no final da temporada no acampamento.

— Então ela *foi* sua namorada. — Kylie parou e o olhou fixamente.

Lucas balançou a cabeça de leve.

— Nem chegou a isso. Nós... nos encontramos numa noite de lua cheia e... não devia ter

acontecido. Mas aconteceu.

Kylie visualizou mentalmente dois lobos brincando de pula-sela, mas sem pular propriamente, e sentiu o rosto arder.

— Nem sequer nos falamos desde o final do acampamento passado. Mas ela age como se estivéssemos juntos. Faço tudo pra desencorajá-la.

Kylie fingiu estar interessada no canto de um pássaro pousado numa árvore próxima, para não ter de olhar para Lucas.

— Ela é, sem dúvida, alguém difícil de desencorajar ou então você não a desencorajou direito.

— Talvez as duas coisas. Cheguei até a falar com Holiday sobre isso, porque essa garota está me deixando maluco.

Kylie recomeçou a caminhada. Não deveria perguntar, mas...

— E o que Holiday disse?

— Que eu preciso ser franco com a garota. Mas... não sei, não quero magoá-la.

*Ou então quer ter uma garota sempre por perto desabotoando a blusa para te mostrar sua... tatuagem.* Kylie sabia que esse pensamento talvez fosse injusto, mas sem dúvida se aplicava a quase todos os garotos que conhecia. Até seu pai já tinha lhe avisado que os adolescentes só querem "uma coisa".

*Não que no momento ela estivesse disposta a ouvir algum dos conselhos dele.*

— Se faz tanta questão de não magoá-la, talvez seja porque realmente se importa com ela — insinuou Kylie.

— Não — apressou-se a dizer Lucas, acrescentando: — Quer dizer, eu tenho pena dessa garota. Ela enfrentou uma barra em casa e as pessoas a julgam mal por causa disso.

Kylie, ciente do passado de Lucas, captou muito mais em suas palavras do que ele podia imaginar. Mas, e se pudesse? Perceberia que Kylie se lembrava dele e sabia que tinha mentido para Holiday sobre ter morado com a avó a vida inteira?

Subitamente, lhe ocorreu que ele a puxara de lado para perguntar o que os caras de terno preto queriam com ela talvez porque tivesse medo de que ela dissesse algo comprometedor a seu respeito. Será que continuava com o mesmo receio?

Um certo medo de ficar sozinha com ele passou pela sua mente, e foi quando percebeu que nunca tinham ido tão longe mata adentro. Tão longe que nem os campistas com superaudição conseguiriam ouvir seus gritos.

Colocou uma mecha de cabelos atrás da orelha.

— Onde, exatamente, estão essas pegadas de dinossauro?

# Capítulo 31

— Não muito longe — esclareceu Lucas. Se percebeu a súbita insegurança de Kylie, disfarçou bem. — Na verdade, estão no leito de um rio fora do terreno do acampamento — acrescentou, sem olhar para ela. — Mas um trecho da cerca foi cortado e podemos atravessar.

— Será que podemos sair dos limites do acampamento?

Lucas desviou os olhos da trilha para ela.

— São só alguns metros além da cerca. Mas você é quem decide. — Estancou. — Há alguns dias, você me pareceu interessada no passeio. Pensei...

Kylie engoliu em seco e olhou para os lados.

As narinas de Lucas se dilataram, como se estivessem captando algum cheiro estranho.

— Voltou a ter medo de mim? Caramba, pensei que já tinha superado isso!

— E superei mesmo — disse Kylie, perguntando a si mesma quando ele notara que já não se sentia insegura ao lado dele. — Eu só... me lembrei da cobra do outro dia — mentiu.

A suspeita nos olhos de Lucas se desvaneceu e sua expressão era quase de alívio.

— Não se preocupe, posso farejar essas coisas a um quilômetro de distância e sou mais rápido do que qualquer serpente — garantiu ele, retomando a caminhada.

Kylie o seguiu.

Andaram algum tempo sem falar. O bosque parecia engolir o ruído de seus passos. Lucas ia depressa, mas não o bastante para que Kylie não pudesse acompanhá-lo.

— Você já descobriu o que é? — perguntou ele.

— Não. Mas há uma boa chance de eu ser apenas humana.

Lucas parou abruptamente e voltou-se para ela.

Kylie ergueu a mão diante da testa.

— Não faça isso. E não diga isso. Sei que não pareço humana. Mas, francamente, não aguento mais todas essas pessoas tentando checar minha cabeça. É tão ruim quanto garotos de olho nos meus peitos.

Logo que a última frase saiu de seus lábios, Kylie desejou não tê-la dito, especialmente porque se lembrou de Lucas admirando seus seios na noite do desmaio.

— Desculpe. Acho que sei como se sente. Ter sempre alguém observando... seu padrão o tempo todo. — E Lucas sorriu.

Era o tipo de sorriso que fazia uma garota se derreter. Permaneceram ali de pé, estudando um ao outro até que o clima ficou constrangedor. Finalmente, Lucas sacudiu a

cabeça e voltou a andar.

Já haviam caminhado uns trezentos metros quando Kylie percebeu um *band-aid* no braço de Lucas.

— Você... deu sangue? — perguntou, apontando para seu braço.

— Ah, dei. — Olhou para o *band-aid* como se tivesse se esquecido de sua existência, arrancou-o e o enfiou no bolso da calça. — Quebrei o galho do Chris.

— Chris, o vampiro? — perguntou Kylie.

— É — respondeu ele, como se aquilo não fosse grande coisa. Kylie se lembrou de Derek agindo da mesma maneira.

— Você não acha isso... estranho?

Lucas arqueou uma sobrancelha.

— Estranho? — Olhou-a bem, como se não tivesse entendido a pergunta.

Kylie reconheceu que tinha sido uma pergunta idiota. Lucas se transformava em lobo. Perto disso, beber sangue era quase nada.

— Pessoas doam sangue o tempo todo, Kylie — continuou Lucas.

— Mas para salvar vidas — disse ela, apenas para romper o silêncio constrangedor.

— E vampiros morrem se não beberem sangue.

Kylie nunca havia pensado muito nisso, mas ouvi-lo mencionar o fato a deixou meio confusa.

— Eles não podem sobreviver apenas...

— Com sangue animal? — completou Lucas. — Podem e bebem sangue animal, mas, para obter uma nutrição satisfatória, precisam de um pouco de sangue humano. É a mesma coisa que doar para a Cruz Vermelha.

Sem conseguir se conter, Kylie deixou que seu próximo pensamento se traduzisse em palavras.

— Pessoas doentes não bebem isso. O líquido é injetado em suas veias.

— E que importância tem o modo como chega ao organismo? Eu não vejo nenhuma diferença.

Kylie refletiu um pouco sobre essa analogia e achou que tinha sido apressada em suas conclusões.

— Você mesma não é colega de alojamento de uma vampira? — perguntou ele.

— Sou. — Mas, de algum modo, em sua mente separava Della, a amiga, de Della, a vampira.

— E ela ainda não te pediu pra doar?

— Não. — Sabia por que, também. Della não ignorava como Kylie e mesmo Miranda se sentiam com relação a essa história de sangue. Por uma razão qualquer, as palavras raivosas

da amiga naquela manhã cruzaram sua mente: *Você ainda nos considera aberrações.*

— Todos os vampiros devem ter alguém que doe. Caso contrário, não podem participar dos rituais.

Kylie se lembrou de que Della não tinha comparecido ao encontro matinal costumeiro naquele dia. Estaria isso, de algum modo, ligado ao desentendimento que tivera com a outra vampira? A lembrança de Della enfrentando Fredericka e protegendo Kylie de seu primo Chan lhe ocorreu na hora. Della não hesitou em ajudar Kylie, mas ainda assim não se sentiu à vontade para lhe pedir um pouco de sangue.

*Você ainda nos considera aberrações.*

Aquela acusação não saía da cabeça de Kylie.

Não achava que Della fosse uma aberração; mas, para ser franca, também não a aceitava como era. Em resumo: Kylie não tinha sido uma boa amiga.

Essa constatação lhe doeu como um soco no estômago.

— É seguro? — perguntou Kylie.

— O quê?

— Doar sangue para os vampiros. É seguro?

— É claro! Holiday não ia deixar, se não fosse.

A disposição para aceitar Della inteiramente fez surgirem outras perguntas na mente de Kylie.

— E como é?

Lucas deu de ombros.

— A mesma coisa que doar sangue num ambulatório.

— Não me refiro a isso. Estou me referindo à transformação em lobo. Ouvi dizer que é... — Procurou escolher as palavras.

— Assustador? — perguntou Lucas, franzindo a testa.

— E doloroso — completou Kylie, decidida a não amenizar a situação.

— Acho que parece pior do que de fato é. — Lucas se calou por alguns instantes e prosseguiu: — Lembra um pouco um músculo dolorido sendo massageado. Dói e é gostoso ao mesmo tempo.

— Então não é como Perry ao se transformar?

— Não, não é daquele jeito. O corpo de um metamorfo se transforma numa velocidade e nível celular totalmente diferentes. Quando nos transformamos, você pode acompanhar o processo à medida que o corpo assume a nova forma.

— Não parece nada engraçado.

— Mas é. É superengraçado. — Os olhos de Lucas se iluminaram e Kylie não duvidou de que ele estivesse dizendo a verdade.

— E como é depois? Uma vez transformado, você... continua sendo você?

— Continuo sendo eu? — estranhou ele, sem entender a pergunta.

— Pensa como humano ou como lobo?

— Eu não sou humano, Kylie — explicou Lucas. — Sou um lobisomem.

Kylie sentiu seu rosto corar.

— Eu quis dizer...

— Sei — interrompeu ele, respirando fundo. — Quando mudo, meus sentidos e instintos se aguçam. Para caçar. Para acasalar. Para proteger o que é meu. Pode-se dizer que são instintos bem humanos. No entanto, em forma de lobisomem, eles são difíceis de disfarçar.

Então, talvez houvesse matado o gato movido pelo instinto de caçador, não por maldade. Até que esse pensamento lhe ocorresse, não havia percebido que estava tentando encontrar um pretexto para perdoá-lo.

O silêncio foi se tornando embaraçoso.

— E quando você está na forma humana, quais são seus dons? — perguntou Kylie.

— Audição, olfato, força e agilidade em grau elevado.

— A mesma coisa que num vampiro? — Lembrou-se de Della explicando, sem convencer muito, que os vampiros eram a espécie mais poderosa. Della podia estar apenas se gabando. Então se lembrou de uma das habilidades da amiga. — Você consegue ouvir meus batimentos cardíacos? — *E saber também quando estou mentindo?*

— Depende. Nossa força e sentidos aumentam quanto mais próximos estivermos da lua cheia. Mas, na maior parte do tempo, nossa audição é mais usada para perceber a aproximação de intrusos e não coisas como batimentos cardíacos.

Kylie se lembrou de que ele tinha saltado de uma árvore na noite da fogueira e lhe pareceu estranho que ele pudesse fazer aquilo e um lobo, não. Concluiu que, certamente, havia grandes benefícios em ter dedos e polegares.

— Aqui está a cerca — disse Lucas. Em seguida, puxou uma parte solta do arame farpado e acenou para que Kylie passasse pelo vão entre ele e a abertura. — Cuidado para não arranhar os ombros.

A passagem era estreita. Kylie se espremeu contra Lucas e seus seios roçaram no peito dele. A sensação de calor e formigamento foi tão forte que ela se sobressaltou.

Antes que Kylie desse um passo, ele percebeu sua tensão e a puxou.

— Cuidado. — Lucas baixou a cabeça e a olhou. Estavam tão próximos que o nariz dele se esfregou no dela. — Não vá se arranhar no arame.

Kylie assentiu com um gesto de cabeça e atravessou a cerca, que parecia eletrificada tamanho foi o estremecimento que lhe percorreu o corpo.

Assim que ela chegou do outro lado, Lucas atravessou também a abertura e soltou o arame. Seus olhares se cruzaram novamente. De algum modo, Kylie sabia que ele também estava pensando em como haviam ficado bem próximos um do outro um minuto atrás. Ela ainda sentia o sangue fluindo pelo seu rosto.

— Por aqui — disse Lucas, apontando o caminho e olhando de relance para seu rosto. Ela sem dúvida estava ainda mais vermelha. Em poucos instantes, chegaram à margem do riacho. Lucas examinou a água. — O nível subiu um pouco. Geralmente, não passa de alguns centímetros. As pegadas estão bem no meio do leito. A profundidade não passa de trinta centímetros, mas talvez você queira tirar o tênis para não molhar.

Kylie se sentou, tirou o tênis e as meias, e enrolou a barra da calça. Lucas, de pé à sua frente, a observava. Kylie ergueu os olhos.

— E você, não vai tirar o seu?

— Tênis molhado não me incomoda.

Kylie enfiou as meias no tênis e colocou-o longe da água. O som do riacho acariciava seus sentidos. Olhando para a corrente, perguntou:

— A cachoeira fica longe daqui?

— Cerca de um quilômetro e meio, mas dentro do terreno do acampamento.

— Já foi lá?

— Uma vez — respondeu ele.

— É tão assustador quanto as pessoas dizem?

— Um pouco. Mas não vi nenhuma sombra — riu Lucas.

*Seria porque ele não conseguia ver fantasmas?*

— Está pronta? — perguntou Lucas, vendo-a pensativa.

— Estou. — Kylie se levantou e mergulhou os dedos dos pés no riacho. — Está frio — sorriu.

— É, mas à tarde, quando o sol esquenta, é ótimo. A cerca de meio quilômetro daqui há um lugar mais fundo, onde dá pra nadar. Eu tento ir lá pelo menos uma vez por semana.

Kylie o imaginou nadando e se recordou do seu sonho.

Lucas entrou na água e, virando-se para trás, segurou a mão direita de Kylie. Ela fitou os dedos dele em volta dos seus, conservando ainda na mente a imagem dos dois mergulhados na água quase até o pescoço, seus seios apertados contra o peito dele.

— As pedras são muito lisas — advertiu Lucas, seguindo-lhe o olhar.

— Acho que consigo me equilibrar — garantiu Kylie, soltando a mão.

— Quando cair sentada, vai ver o que é bom.

— Não vou, não — disse ela, sorrindo de modo confiante. Mas, já no próximo passo, seu pé e seu orgulho escorregaram numa pedra lisa, suas pernas se projetaram para cima e para

os lados, e ela caiu sentada com grande estardalhaço.

— Ai! — A água fria atravessou a calça até seu traseiro. Ouviu uma gargalhada solta e contagiante. Lucas estava de pé à sua frente, braços cruzados sobre o peito largo, os olhos azuis cheios de bom humor.

— Não ria! — ordenou Kylie, quase rindo ela própria. E, apanhando um pouco de água com a mão, arremessou nele.

Lucas riu ainda mais, mas logo lhe ofereceu a mão — que, desta vez, ela aceitou.

Já de pé, ensaiava outro passo quando escorregou de novo, mas agora não caiu sozinha. Caiu em cima dele, com o rosto afundado em seu ombro. Ergueu a cabeça e viu a água passando sobre o peito de Lucas, que olhava para ela, sorrindo. E parecendo gostar daquilo.

— É o seu prêmio por rir de mim — brincou Kylie.

O peito de Lucas se dilatou debaixo dela, numa inspiração profunda. E Kylie já nem mais sentia o frio da água — sentia apenas o calor do corpo dele apertado contra o seu.

— E este é o seu por gozar da minha cara. — Ele a puxou um pouco para cima, até seus lábios tocarem os dela.

Kylie não procurou detê-lo. Na verdade, até subiu mais pelo corpo dele, para que o beijo fosse completo. A mão de Lucas deslizou para trás de seu pescoço e endireitou-lhe a cabeça, colocando sua boca em posição mais acessível. A textura ligeiramente áspera do rosto barbeado de Lucas lhe pareceu muito agradável. A língua dele se insinuou, primeiro devagar, depois sem hesitação. Uma sensação de calor avolumou-se dentro de Kylie, que não parecia estar suficientemente aconchegada a ele. Nada daquilo lembrava os beijos e carícias que havia trocado com Trey.

*Mais*, seus instintos pareciam clamar. Ela queria mais.

Correu os dedos pelos cabelos negros e molhados de Lucas, encantando-se com sua maciez — e com as emoções que a agitavam, a dominavam, fazendo-a se sentir mais viva do que nunca.

Seus seios, pressionados contra o peito de Lucas, estavam rígidos. Talvez o sonho a inspirasse, mas a verdade é que queria ardentemente ser tocada por ele. Só quando ouviu vozes próximas é que voltou a si. Interrompeu o beijo e se afastou alguns centímetros do peito de Lucas. Ele entreabriu as pálpebras e fitou-a com olhos turvos. Kylie vislumbrou neles um toque de selvageria e fome como nunca tinha visto antes. Mais que qualquer coisa, ela queria saciar aquela fome e submeter-se àquela selvageria. Então as vozes chegaram mais perto. Agora, as sensações de Kylie pareciam muito mais intensas.

Afastou-se de Lucas, tão insegura com relação a essas novas emoções quanto estivera com relação à sua capacidade de não escorregar.

— Nós deveríamos... eu ouvi... — disse ela, levantando-se.

— Não estão vindo para cá — tranquilizou-a Lucas. Levantou-se também e fitou-a através dos cílios escuros. Respirou fundo e passou a mão pelo rosto. — Droga! — murmurou, virando-se para Kylie. — Eu provavelmente não devia ter feito isso, certo?

— Provavelmente não — concordou ela. Mas, mesmo que pudesse voltar atrás, não trocaria aquele momento por nada.

Lucas jogou os cabelos para trás, espalhando em volta gotas que refletiam a luz do sol.

— Então esqueça o que aconteceu. Apenas esqueça, está bem?

— Não acredito que possa esquecer. — Iria se lembrar para sempre daquele beijo e daquele momento. Pois, por mais que gostasse dos beijos de Trey, o de Lucas lhe pareceu o primeiro beijo adulto de sua vida. Seu primeiro gostinho da paixão. O beijo e o que tinha sentido eram algo mais. E, embora não estivesse pronta para "mais", esse "mais" era o que ela desejava. Aquele, concluiu Kylie, era o verdadeiro significado da paixão.

Consciente do silêncio embaraçoso que crescia entre eles, olhou em volta.

— Onde estão as pegadas?

— Ali — disse Lucas, apontando para a margem do riacho.

Kylie caminhou até lá, devagar. Observando as pegadas, fingiu interesse por elas. De repente, Lucas estava ao seu lado, projetando uma sombra comprida na água. Quando Kylie levantou a cabeça, o surpreendeu olhando os seus seios.

Kylie baixou os olhos e notou que a água havia tornado tanto sua camiseta branca quanto seu sutiã de cetim praticamente invisíveis. Os mamilos, ainda rijos, forçavam o tecido.

Cruzou os braços.

— Por que não veste a minha camiseta? — Lucas começou a tirar a camiseta azul molhada, expondo um abdome musculoso. E, quando a camiseta subiu mais, ela teve a visão do umbigo mais bonito que jamais vira. Depois, apareceu o tórax. Sólido. Duro. Algumas gotas de água brilhavam em sua pele. O coração de Kylie acelerou de novo de paixão.

Ao se dar conta do que estava fazendo, Kylie desviou os olhos.

— O melhor seria você parar de olhar para mim e continuar vestido.

— Eu *poderia* fazer isso. Mas os seis caras que estarão aqui em menos de trinta segundos talvez não cooperem tanto. Isso me obrigará a lhes dar uma lição.

— Pensei que não viessem para cá.

— Mudaram de direção. — Lucas começou a enfiar a camiseta na cabeça dela. Kylie ergueu os braços para ajudá-lo. Vendo-a vestida, ele deu um meio sorriso e olhou para seus seios.

— Bem melhor. — Estendeu a mão e afastou-lhe uma mecha de cabelo molhado do rosto. — Você não tem ideia de quanto é bonita, tem?

Agora as vozes estavam bem perto da margem do riacho. Kylie nem ligou. Todos os seus instintos se concentravam no homem à sua frente e no elogio que ele tinha acabado de fazer.

Lucas a fazia se sentir bonita. E *sexy*.

— Pronta para voltar? — perguntou ele.

Kylie assentiu, mas, antes de se virar, ouviu seu nome.

— Kylie?

Reconheceu imediatamente a voz.

Voltou-se para a margem e lá estava Trey, com um ar perplexo.

# Capítulo 32

— Você conhece esse cara? — perguntou Lucas, com o braço nu encostado ao dela num gesto de proteção.

Atordoada demais para falar, Kylie conseguiu apenas sacudir a cabeça. Então, Trey deu um passo à frente e entrou no riacho, espalhando água para todos os lados.

— Está tudo bem? — perguntou ele.

Não olhou para ela. Concentrou-se em Lucas. Ou melhor, no peito nu de Lucas.

— Está — gaguejou Kylie, recuperando finalmente a voz. — Nós... estávamos procurando fósseis de dinossauros.

— Esse aí é o Derek? — O tom de voz de Trey estava carregado de acusação. Não tinha nenhum direito de acusá-la, considerando-se o que acontecera entre eles. Mas o sofrimento em seus olhos era verdadeiro e comoveu Kylie.

— Trey, este é o meu amigo Lucas. Lucas, este é Trey.

Os garotos olharam fixamente um para o outro. E, em vez de se dar as mãos, apenas fizeram um ligeiro aceno de cabeça, muito pouco amigável.

— Vamos embora — disse Kylie a Lucas. Em seguida, inclinou-se para Trey num gesto de despedida.

Começou a atravessar o riacho, com Lucas ao seu lado. Quase escorregou de novo, mas ele a segurou, aconchegando-a firmemente ao peito enquanto Trey observava da outra margem.

— Namorado? — perguntou Lucas, soltando-a quando saíram da água.

— Ex. — Kylie se sentou para calçar o tênis, mas ainda consciente de que Trey continuava olhando. Ela sabia muito bem o que ele estava sentindo, pois sentiu a mesma coisa ao vê-lo com a garota na festa. Justiça poética, retribuição, pagamento na mesma moeda — um monte de explicações emocionais flutuava na cabeça dela, mas a verdade era uma só: nenhuma delas a convencia.

— Por que ele perguntou se eu era Derek? — quis saber Lucas.

— É uma longa história. — História que ela não desejava contar no momento. Enquanto amarrava os cadarços, a culpa fervia em seu peito. E não devia sentir culpa nenhuma.

Mas sentia.

Já calçada, levantou-se e começou a se afastar, sem olhar para trás. As emoções galopavam como potros selvagens em sua cabeça.

Lucas puxou de novo o arame da cerca e ela atravessou — sem, dessa vez, roçar em seu

corpo.

Quando teve certeza de que Trey não podia mais vê-la, parou de pensar nele e começou a pensar no beijo. Tinha que avaliar bem aquele episódio para se sentir segura. Sim, foi um beijo delicioso, mas apenas um beijo.

Certo?

Os dois mal conversaram no caminho de volta. E Kylie mal olhou para Lucas porque vê-lo sem camisa iria... confundir suas ideias. Já perto da trilha para o acampamento, Kylie constatou que não tinha ainda a resposta tão desejada. Lucas se lembrava dela?

Tentou descobrir um meio de perguntar sem parecer que queria forçá-lo a se lembrar dela ou insinuar que uma experiência compartilhada de infância os unia. Porque não unia.

E como isso seria possível se ele chegou a sugerir que ela esquecesse o beijo? Começou a sentir um peso insuportável no peito. Meu Deus, por que aquelas palavras doíam tanto?

Kylie respirou fundo. Que tal acrescentar mais essa pergunta à lista crescente que tinha começado a elaborar logo na chegada a Shadow Falls?

Mas as outras perguntas talvez pudessem esperar. Aquela, não.

Ela queria saber — precisava saber — se ele se lembrava dela.

*Apenas desembuche. Desembuche.* Avistou a clareira no bosque, logo à frente, e concluiu que seu tempo com Lucas era curto. Havia o risco de não ter outra oportunidade de falar com ele mais tarde.

— Sabe, você me lembra alguém — começou Kylie.

— Verdade? — perguntou Lucas, sem olhar para ela.

— É. — E Kylie esperou que ele perguntasse quem.

Mas Lucas não perguntou. Apenas disse:

— Bem, já chegamos.

Penetraram na clareira e tomaram a trilha. Lucas olhou para ela.

— Preciso ir. Tenho que liderar outra caminhada. — E virou-se para partir.

— Lucas! — chamou Kylie, e ele se deteve. Ela tirou a camiseta e a entregou para ele.

Em seguida, descolou sua própria camiseta úmida do sutiã. Não tinha secado por completo, mas já não estava transparente.

Viu o olhar de Lucas pousar de passagem em seus seios e, em seguida, deter-se em seus olhos.

*Você se lembra de mim?*

— Obrigada por... me mostrar as pegadas dos dinossauros.

— Não foi nada — disse ele, e completou: — Sinto muito, Kylie.

Kylie percebeu que ele estava se desculpando pelo beijo. Primeiro, pediu para que esquecesse o que havia acontecido e agora vinha com desculpas. Sentiu uma pontada no

peito.

Então Lucas se afastou de vez e ela ficou parada no lugar, remoendo seus pensamentos. *Ela não lamentava nada. Não tinha gostado que Trey os tivesse surpreendido, mas nem por isso achava que aquilo fosse o fim do mundo.*

Kylie tinha acabado de vestir roupas secas quando ouviu alguém entrar na cabana. Saindo do quarto, viu Della diante da geladeira aberta, bebendo... alguma coisa.

Sangue. Kylie se forçou a aceitar aquilo. Sua amiga era uma vampira — e vampiros bebem sangue, precisam de sangue para viver. Já era tempo de encarar as coisas como são.

— Olá!

— Não estou falando com você — resmungou Della, fechando a garrafa e colocando-a na gaveta de legumes como que para escondê-la.

— Não a culpo. Não tenho sido uma boa amiga.

Della se virou.

— Está tentando me dizer que não vai mais embora?

Kylie procurou pesar bem as palavras.

— Ainda não sei. Disse a Holiday que daria a ela duas semanas. Então, até lá, não posso dar uma resposta definitiva.

E, antes que perdesse a coragem, Kylie se aproximou de Della, estendeu o braço e passou um dedo sobre a veia na altura da articulação.

— Você tem os apetrechos pra fazer?

— Fazer o quê? — perguntou Della, franzindo a testa.

— Tirar um pouco de sangue daqui. Derek me contou que vocês têm experiência nisso.

— Eu não... — Della arregalou os olhos. — Eu nunca pedi...

— Eu sei, mas foi porque sabia que eu ia negar. Certo?

— Em parte — reconheceu Della, continuando a examinar a expressão de Kylie.

— E a outra parte?

— Porque você tem medo de mim. Não quero que me veja como um monstro.

— Você não é um monstro. É só uma vampira.

— E você não acha que vampiros são monstros? — perguntou Della.

— Não quando o vampiro é você.

Della hesitou.

— Meus pais me achariam um monstro. Lee me acharia um monstro.

— Dane-se o que achem — exclamou Kylie. — O importante é que monstro você não é. — Estendeu o braço. — Você precisa de sangue para viver.

— Posso me virar bebendo sangue de animal durante o verão — explicou Della.

— Por que faria isso se tenho sangue de sobra?

— Quer mesmo dar seu sangue? — Havia certa hesitação na voz de Della.

— Bem, ouvi dizer que, quando se promete isso, não se pode voltar atrás — desafiou Kylie.

— Eu nunca te cobraria uma promessa dessas.

— Brincadeira. Estou disposta a ir até o fim.

— Que fim? — perguntou Miranda, entrando na cabana.

Kylie virou-se para ela.

— Vou dar um pouco de sangue para Della.

Miranda estancou, perplexa.

— Sério?

Kylie assentiu.

— Ela se dispôs a enfrentar Fredericka por minha causa. Devo a ela esse favor.

Miranda franziu a testa.

— Que droga!, se você fizer isso, vou ter que fazer também.

— Não, não vai ter — disse Della.

— Vou fazer isso porque somos uma equipe. Nós três.

Os olhos de Della se encheram de lágrimas.

— Não permito bruxas na minha equipe.

— Problema seu, vampira. Porque agora vai permitir. — Miranda estendeu o braço. — Vamos lá. Mas é melhor que não doa. Detesto agulhas.

— Não posso aceitar antes de esclarecer tudo com Holiday e Sky.

— Então vamos esclarecer logo — disseram Miranda e Kylie ao mesmo tempo.

Nesse momento um sapo, isto é, o professor de piano de Miranda, apareceu saltitante a seus pés.

— Ai, de novo não! — gritou ela, encarando o sapo. — Quando vai aprender? — Apontou-lhe o dedo. — Continue assim e, juro por Deus, vou denunciá-lo à polícia.

— É o que deveria fazer — incentivou Kylie.

Miranda virou-se para ela.

— É, mas a questão é que ele nunca... Todas as suas atitudes poderiam ser explicadas de outra maneira. Tentar me mostrar as teclas certas no piano, por exemplo. Foi só por causa do feitiço que percebi suas verdadeiras intenções.

— Escute o que eu digo — disse Della —, deveríamos assar seu maldito traseiro. Ou atirar esse tarado aos lobos. Dizem que eles gostam muito de sapos.

O bicho cruzou o quarto aos saltos e sumiu no ar. Kylie ficou curiosa.

— Quando ele vem aqui, desaparece de outro lugar?

— Sim — disse Miranda —, mas, com exceção da primeira vez, isso só acontece quando o pilantra está sozinho. Pelo menos é o que constato quando chego ao lugar para onde ele volta. Acho que desistiu de dar aulas de piano.

— Enfim, uma boa notícia — observou Kylie.

Os olhos de Miranda brilharam ao se lembrar de alguma coisa.

— É verdade que Lucas pegou seu nome esta manhã?

— É — admitiu Kylie.

— Ah, meu Deus! — Della fez Kylie se sentar numa cadeira da cozinha. — Vai começando a falar. O que aconteceu?

Miranda se sentou também.

— É, desembucha.

E Kylie falou. As palavras brotavam dos seus lábios com tamanha rapidez que ela não conseguia detê-las. E não falou apenas do beijo. Contou também que Lucas foi seu vizinho e do sumiço do gato. Descreveu o maravilhoso beijo em detalhes e explicou a confusão na qual se meteu com Trey e Derek — inclusive seus sentimentos confusos por Derek depois que ele a encontrou e nem sequer olhou para ela. Quando Kylie finalmente se calou, Della e Miranda continuaram imóveis, de olhos arregalados e bocas abertas, mal podendo acreditar no que tinham ouvido.

— Caramba! — exclamou Della.

Miranda reclinou-se na cadeira e suspirou.

— Eu bem que gostaria de ser beijada assim. Não vejo a hora de ficar com alguém que me tire do chão...

— Isso é muito fácil — disse Della. — Por que não vai atrás do Perry e o agarra?

Miranda sacudiu a cabeça.

— Cai na real! Se um cara não tem coragem nem pra confessar que gosta de mim, nunca vai ter pra me beijar.

— Então ponha um feitiço nele para que crie coragem — disse Della.

Todas riram. E então o telefone de Kylie começou a tocar. Ela acionou o identificador de chamadas e leu o número do pai na tela. Parou imediatamente de rir e franziu a testa. Não queria que ninguém estragasse seu humor, então desligou o aparelho e guardou no bolso.

O dia seguinte passou sem surpresas. Não houve dramas: nenhuma visita inesperada de Trey, nenhum confronto com Fredericka, nem sequer uma briguinha entre Miranda e Della. Kylie e Miranda haviam doado sangue e tudo estava em paz.

Então, veio a noite.

Kylie acordou molhada de suor. Sentou-se na cama e soube imediatamente que o soldado Dude estava lá. Mas aquela não era a sua cama. Não se encontrava nem no acampamento.

Seu coração disparou enquanto ela tentava se situar no ambiente. Sabia que não estava no Texas. Nem mesmo nos Estados Unidos. O lugar parecia... estranho e ainda assim familiar, como as imagens que vira nos filmes sobre a Guerra do Golfo, que a mão gostava tanto de assistir.

Kylie estava do lado de fora de um casebre, numa área desprovida de árvores ou relva. Fazia calor. Não o calor do Texas, mas de um deserto extremamente seco. O sol já tinha se posto e o tempo parecia aprisionado entre a luz e a sombra. Um cheiro de borracha e madeira queimada, de devastação, enchia suas narinas. E havia o barulho. Muito barulho. Como se alguém, de repente, aumentasse o volume, tornando-o ensurdecedor — gritos, detonações surdas, explosões de bombas a distância. Ruídos de disparos. Alguém ordenava que ela fosse naquela direção. "Não é problema nosso", rugiu uma voz de homem.

*Não é problema de quem?* Kylie ouviu um lamento — uma mulher. Uma mulher implorando ajuda e gemendo de dor.

O medo subiu pela espinha de Kylie e ela compreendeu que algo de terrível estava acontecendo com a mulher. Terrível e injusto. Kylie não queria participar daquilo. Não queria ver, não queria saber. Feio demais. *Não é problema meu.*

O que não era problema dela? Sua mente ficou confusa.

*É um sonho. Apenas um sonho. Acorde. Acorde.* Tentou se lembrar de como, segundo a dra. Day, poderia interromper um pesadelo, mas não conseguiu. Fechou bem os olhos e os abriu, na esperança de voltar à sua cabana.

Não voltou. Na verdade estava agora mais perto da casa e dos gritos. A mulher estava lá dentro. Alguém a machucava. Quem? Por quê? O que significava tudo aquilo? Por que Kylie tinha ido até lá? Por acaso assistia a um filme de guerra? Ou aquilo *era* um filme de guerra? Não, era um sonho.

Sua mente tentou avaliar as perguntas. *Não há mais tempo*, murmurou uma voz dentro dela, *apenas tempo para sentir, para compreender.*

Por que Kylie precisava compreender?

As perguntas se calaram e ela mergulhou de novo no sonho — na devastação, na feiura da guerra. Sentiu uma culpa imensa por não desejar se envolver com a mulher. Se corresse, se corresse agora mesmo, poderia se juntar aos demais e fugir.

Examinou suas escolhas. Talvez sobrevivesse caso partisse imediatamente. Mas conseguiria suportar a vida sabendo que não tinha ajudado a mulher?

Não. Não conseguiria. Olhou para o fuzil que trazia na mão. Igualzinho aos dos filmes de guerra. Kylie tinha que deter o agressor da mulher, fosse quem fosse.

Escancarou a porta e apontou a arma para a silhueta escarranchada sobre a vítima. "Saia!", gritou. Mas aquela não era a sua voz; era a voz de um homem.

Kylie estremeceu, mas logo viu que o agressor empunhava uma faca. A mulher, com as roupas rasgadas, as mãos e o rosto cobertos de sangue, arrastou-se para longe do homem.

Ele se virou para encarar Kylie. E atacou, erguendo bem alto a lâmina ensanguentada. Kylie apertou o gatilho e o viu tombar, sem nenhum remorso por tê-lo alvejado. Era um homem mau, ela sabia.

Um garoto apareceu correndo à porta. Seu cabelo e seus olhos negros assustados pareciam de uma pessoa mais velha. "Não!", gritou ao ver a mulher ferida apoiando-se na parede. Em seguida, olhou para Kylie.

Começou a praguejar numa língua que ela não entendia. E de repente, sacando uma arma do cinto, a apontou diretamente para Kylie.

*Bam, bam, bam*. Ela ouviu nitidamente o som dos disparos. Não sentiu nada, mas teve consciência de que tinha sido atingida — e até de que, caindo ao chão, estava morrendo.

De repente, viu-se num canto da sala, olhando para o garoto e a mulher. Seu olhar pousou no corpo estendido no chão, o corpo que ela tinha acabado de deixar — a pessoa que ela tinha sido. O soldado Dude. O sangue escorria pelo seu rosto. Ele vasculhou por dentro da farda e tirou de lá uma carta. Aproximou-a dos lábios e, com um último suspiro, beijou o envelope.

Aquela morte angustiou o coração de Kylie. Não o conhecia, mas sentia compaixão pelo infeliz. Compaixão por ele ter morrido. Compaixão por ele ter dado a vida para salvar alguém.

A mulher se levantou a todo custo, olhou o soldado morto e voltou a gritar. Kylie gritou também.

Gritava ainda quando despertou, as costas contra a parede da cozinha, em sua cabana. Miranda e Della, de pijamas, paradas na frente dela, a olhavam.

Kylie se deixou escorregar pela parede até o chão. Tinha a garganta seca, o coração acelerado.

— Foram os terrores noturnos — disse Miranda, como se estivesse muito longe.

Kylie queria acreditar, mas não conseguia. Jamais se lembrava dos pesadelos. E agora se lembrava. Sabia, de algum modo, que aquilo não tinha sido apenas um sonho. Foi dessa maneira que o soldado Dude morreu.

Kylie permaneceu sentada por uns bons dez minutos, garantindo a Miranda e Della que estava bem. Quando elas finalmente voltaram para a cama, Kylie voltou ao seu quarto. Concluindo que não conseguiria dormir, se vestiu e foi ver Holiday. A líder do acampamento dissera que a atenderia quando necessitasse, de dia ou de noite. Agora, Kylie descobriria se aquilo era mesmo verdade.

Descendo em direção à cabana de Holiday, reparou que a noite estava estranhamente silenciosa. Nem um canto de pássaro, nem sequer o rastejar de um guaxinim. Mentalmente, Kylie ainda escutava os gritos da mulher e via o soldado soltar o último suspiro. Lágrimas escorreram pelo seu rosto. Limpou-as, não querendo aparecer chorando diante de Holiday.

Subitamente, o silêncio foi quebrado. Alguém conversava entre as árvores. Mas as vozes se calaram quase imediatamente. Os cabelos na nuca de Kylie se eriçaram. Ela ignorou o medo do desconhecido e se concentrou em seus pensamentos. O soldado Dude estava morto. Tentara salvar uma vida. Kylie continuou andando. A cabana de Holiday estava a apenas cinco minutos de caminhada.

Deu mais um passo e foi então que percebeu alguém às suas costas.

Uma mão a agarrou pelo braço e a puxou.

— Não deveria estar aqui a estas horas — rosnou uma voz sinistra, que ela conhecia bem.

# Capítulo 33

Kylie olhou para trás. Foi como se o seu coração fosse sair pela boca. Mas, ao ver que era Sky, respirou aliviada.

— Você me assustou — disse ela.

Mas Sky apertou ainda mais seu braço e o alívio se desvaneceu.

— Eu... eu preciso falar com Holiday. Ela disse que eu podia procurá-la, em caso de necessidade. A qualquer hora.

Sky continuava olhando-a fixamente, mas por fim seus dedos se afrouxaram.

— E por que precisa vê-la?

— Tive outro pesadelo. Mas deste eu me lembro. O fantasma estava nele.

Sky soltou seu braço e deu um passo para trás, como se não quisesse nada com os fantasmas de Kylie.

— Você sabe qual é a cabana dela?

— Sei — disse Kylie.

Sky acenou para que ela fosse em frente e Kylie retomou a caminhada. Mas sentia que os olhos de Sky a observavam a cada passo. Kylie não tinha certeza, mas pensou que Sky provavelmente desconfiava que ela estivesse indo encontrar algum garoto. Ou voltando do encontro.

Kylie parou diante da cabana de Holiday e bateu na porta. Segundos depois, a líder do acampamento, trajando uma longa camisola, abriu.

— Kylie? — Sua voz deixava transparecer sua preocupação. — Está tudo bem?

Aquele tom aflito escancarou de novo as comportas de Kylie. Lágrimas afluíram a seus olhos e sua garganta se estreitou.

— Não. — Kylie sacudiu a cabeça de um lado para o outro. — Nada está bem.

Holiday puxou-a para si e a envolveu num abraço apertado. Kylie se deixou aninhar no seio de alguém que parecia compreendê-la. Quando os braços de Holiday se soltaram, Kylie disse:

— Acho que sei o que o fantasma quer de mim.

Quando o sol surgiu, Kylie estava sentada no sofá de Holiday ainda, falando sobre o sonho. A líder do acampamento confirmou suas suspeitas. Não tinha sido um terror noturno normal e sim uma experiência fora do corpo. O fantasma introduziu Kylie em suas últimas

lembranças. Para Holiday, ela estava certa: o fantasma talvez houvesse sido acusado de cometer o crime que morrera tentando impedir e agora procurava alguém para anunciar ao mundo que o vilão não era ele. No entanto, segundo Holiday, as coisas nem sempre eram assim tão fáceis.

— Você acha que ele vai tentar fazer isso de novo? — perguntou Kylie, abraçando os joelhos. Não negava que, embora o conhecesse há pouco tempo e seu coração sofresse por ele, não gostaria nada de repetir a experiência. Toda vez que se lembrava dos gritos da mulher e do momento em que puxara o gatilho para matar o agressor, sentia-se péssima.

Holiday apertou a mão de Kylie.

— Não creio que os espíritos percebam o quanto isso é difícil para nós. Às vezes, são impiedosos.

Kylie balançou a cabeça.

— Não posso continuar, Holiday. Não sou corajosa o bastante. — Suas emoções começaram a se agitar de novo.

Holiday suspirou.

— Você está fazendo a coisa certa, Kylie. E eu estarei aqui sempre que precisar de mim. Por que não volta para a cabana e dorme um pouco? Tire uma folga hoje para descansar.

— E se acontecer de novo?

Holiday apanhou um bloco de notas.

— Vou te dar o número do meu celular, caso precise de ajuda. É só chamar.

Seu pai não havia dito a mesma coisa? Mas outro abraço de Holiday e Kylie já se dispunha a acreditar plenamente nela.

Por volta do meio-dia, Miranda e Della trouxeram um lanche para Kylie.

— Não precisavam ter tanto trabalho — disse Kylie, pegando um pedaço de pizza.

— Você doou sangue para mim. Vou ficar agradecida pelo resto da vida — assegurou Della.

— E quanto a mim? — perguntou Miranda. — Eu também doei sangue. — E mostrou o *band-aid* no braço.

— O seu não era tão bom — alfinetou Della. Em seguida, voltou-se para Kylie: — Derek perguntou de você no café da manhã. Disse que precisava conversar com você a respeito de alguma coisa.

Kylie suspirou. Com tantas preocupações ainda teria de pensar em Derek?

— Ele disse qual era o assunto?

— Não, mas parece que falava sério.

— Ah — acrescentou Miranda —, você perdeu uma cena excitante também. Sabe Chris, o vampiro? Ele e aquele lobisomem loiro (acho que seu nome é Nathan) brigaram feio. Sky

teve que intervir.

— Havia sangue por todo lado — acrescentou Della. — Um cheiro tão bom!

— Por que eles brigaram? — Kylie pôs na boca um pedaço de pizza de calabresa.

— Quer um motivo? — perguntou Miranda. — Todos sabem que vampiros e lobisomens não se dão bem. Especialmente os machos. — Miranda relanceou os olhos para Della, que já fechava a cara.

— Não é verdade — disse Kylie. — Lucas chegou a dar sangue para Chris. São colegas de alojamento.

— E alguns vampiros não queriam que ele aceitasse — esclareceu Miranda.

— Por que não? — perguntou Kylie.

Miranda deu de ombros.

— Preconceito idiota. Um deles disse que não queria ficar devendo nada a um cão sarnento.

— Acho que é só boato — sugeriu Della. — Não sei se alguém realmente disse isso.

— Pode ser, mas é o que todos andam espalhando por aí. Ah, e sabe o que mais você perdeu? — Miranda começou a se agitar na cadeira. — Adivinha quem se sentou com a gente?

Kylie percebeu o brilho nos olhos de Miranda.

— Um passarinho com a asa quebrada.

Miranda sorriu de leve.

— Como sabe?

— Ela sabe porque você começou a exibir esse sorriso idiota e a dançar, sua maluca — riu Della.

— Meu sorriso não é idiota — rebateu Miranda.

— Sem brigas — interferiu Kylie. — Estou tentando digerir minha comida. — Um minuto depois, perguntou: — E quais são as outras novidades?

— A UPF deu as caras de novo — disse Della, agora num tom mais sério. Em seguida, levantou-se e foi para o computador. — Não ouvi nada, mas o sujeito alto e moreno não saía do pé de Holiday, dando bronca nela por alguma coisa.

Kylie tomou um gole do seu refrigerante dietético e contou a Della e Miranda o que sabia.

— Então algo está acontecendo, garotas. E, seja lá o que for, deve ser sério. No segundo dia de acampamento, Burnett garantiu a Holiday que, se "algo", que não sei o que é, não *parasse*, iriam fechar este lugar.

— Fechar? — Della se virou na cadeira. — Não podem fazer isso. Este acampamento é o que nos impede de pirar e trucidar uns aos outros.

O computador emitiu um sinal de chegada de e-mail. Della olhou para o monitor e em seguida para Kylie.

— Você acaba de receber outra mensagem do seu pai.

Kylie devolveu o pedaço de pizza ao prato, perdendo subitamente o apetite. Ainda não tinha falado com o pai. Sabia que estava errada em enrolá-lo, mas o mesmo se podia dizer dele. Disse que viria no dia da visita dos pais. Isso, mais o fato de Kylie ter concluído que ele não a amava mais, tornava aquele assunto outro demônio que precisaria domar. E era o que Kylie pretendia fazer. Mais tarde. Quando pensar no caso já não a magoasse tanto.

— Holiday não parecia nada satisfeita — continuou Della. — Principalmente quando trouxeram Lucas ao escritório.

Kylie engoliu em seco.

— Conversaram com Lucas? E o que disseram?

— Não sei — respondeu Della. — Mas ele parecia muito nervoso.

Depois que Miranda e Della saíram, Kylie se estirou na cama. Mas o sono não vinha. E não apenas por temer que um certo fantasma a raptasse para outra viagem pelos caminhos tortuosos da memória. Pensou em Holiday e naquela confusão toda com a UPF. Pensou em Lucas. Teriam descoberto que os pais dele eram malandros? Será que Lucas suspeitava que Kylie é quem tinha feito fofoca a seu respeito?

Sua mente se agitava e ela não sabia qual desses problemas deveria encarar primeiro. Nem como ignorá-los.

Por quarenta minutos naquela manhã, ouviu Sara falar sem parar sobre Phillip, o novo garoto que estava namorando. Em seguida, ligou para a mãe e mentiu discaradamente. *Tudo no acampamento era uma maravilha.*

Quando ouviu baterem à porta, estremeceu, agitada. Mas mais agitada ficou ao abrir e se deparar com Lucas. Bem, fora pega desprevenida; mas não poderia estar com uma aparência melhor? Parecia ter acabado de sair da cama, o que era verdade, enquanto ele... estava ótimo. Lucas ficou parado na soleira, com uma das mãos atrás das costas.

Kylie abriu a boca para dizer alguma coisa, mas não conseguiu balbuciar sequer uma saudação convencional. E não era só pela falta de sono. Não, era principalmente pela lembrança do beijo.

E pelo fato de ele ter dito a ela que aquilo tinha sido um grande erro.

— Oi. — Lucas riu como se percebesse que ela tinha ficado sem palavras. — Sua colega de alojamento, a do cabelo tricolor, me disse que você não estava passando bem.

— É, mas agora já melhorei — conseguiu murmurar Kylie. E em seguida: — É verdade que a UPF falou com você hoje?

— Não foi nada — disse ele.

Kylie sentiu que era mentira.

— Eu trouxe uma coisa pra você — continuou Lucas, abrindo seu sorriso arrasador.

Kylie sentiu-se derreter. Segurando firme o trinco da porta, perguntou:

— O quê?

— Fui à cidade comprar umas coisas para Holiday e... encontrei isto. — De repente, uma expressão de culpa se estampou em seu rosto.

Estendeu o braço. Kylie esperava ver um buquê de flores baratas, não um gatinho preto e branco, irrequieto e miando.

Quase perdeu o fôlego.

— Acho melhor você pegar. Ele não gosta muito de mim.

Kylie recolheu o animalzinho e aconchegou-o ao peito. O bichinho era tão pequeno que quase cabia na palma de sua mão. Kylie acariciou sua testa e o ouviu ronronar. Será que estava sonhando? Tinha que estar, porque o gatinho se parecia em tudo com o outro, Socks. O gato que Lucas...

Kylie ergueu os olhos para ele.

— Então você se lembra?

Lucas assentiu.

— É claro que sim. — Houve um minuto de silêncio. — Agora preciso... ir. — Afastou-se alguns passos, mas deteve-se e voltou para a porta. Encostou-se à ombreira e fitou Kylie. Algo na postura de Lucas a convenceu de que suas próximas palavras seriam muito sérias. — Kylie, juro que tentei detê-lo. Foi a primeira e a última vez que brigamos.

— Deter quem? — espantou-se ela.

— Meu pai. Ele era maior e muito mais rápido do que eu, na época. Mas tentei. — Recuou um passo e apontou para um canto do alpendre. — A caixa e a comida de gato estão aí.

Kylie respondeu apenas com um gesto de cabeça. Saber que tinha sido o pai de Lucas que matara Socks abalou seu mundo. Durante todos aqueles anos ela tinha presumido...

— Você quer entrar? Me ajude com estas coisas.

Por um instante, pensou que ele aceitaria. Lucas a olhou bem fundo nos olhos e ela percebeu nos dele o mesmo desejo selvagem com que a beijara.

— Melhor não.

— Por quê? — perguntou Kylie, sabendo que ele não se recusava apenas a entrar. Estava dizendo não a todas as possibilidades que sempre fervilhavam na mente dela quando pensava nele. Não às possibilidades de mais beijos e mais intimidade.

— Não daria certo — se desculpou Lucas. — Há muita coisa me preocupando no momento. Não é uma boa hora, pode acreditar.

Kylie não poderia aceitar aquela recusa sem mais nem menos.

— Sabe o que dizem a respeito de esperar a hora certa, não sabe?

Lucas fechou os olhos.

— Não posso envolver você nisso, Kylie.

— Me envolver no quê?

Abrindo os olhos, ele estendeu a mão e passou um dedo suavemente pelos lábios de Kylie.

— Você é tão inocente! E eu me sinto tão tentado! — Baixou a mão. — Mas não devo. Se cuida, Kylie Galen.

Essas últimas palavras calaram fundo em Kylie, soando como um adeus. Ela o segurou pelo braço.

— Está indo embora?

Lucas fitou-a. Não disse uma palavra, nem precisava: Kylie leu a resposta em seus olhos.

— Isso tem algo a ver com a UPF? — continuou Kylie.

Lucas deu um longo suspiro.

— Não posso...

Kylie soltou seu braço.

— Eu nunca disse nada sobre você a eles ou a Holiday. Juro.

Lucas sorriu o sorriso mais triste que ela já tinha visto.

— Sei disso. — E, enfiando as mãos nos bolsos das calças, olhou para Kylie. — Eu nunca pensei que você pudesse ficar mais bonita do que já era aos 6 anos. Mas me enganei. — Inclinou-se e tocou bem de leve seus lábios. Aconteceu tão depressa que Kylie mal sentiu a carícia.

Queria bem mais do que aquele beijo rápido e inocente.

— Está indo embora? — perguntou de novo.

Lucas, sem responder, virou-se para partir. Kylie continuou ali de pé, vendo-o se afastar. Ele não disse sim nem não. Mas Kylie sabia. Sabia que ele logo desapareceria de sua vida novamente.

Menos de uma hora depois, Kylie ouviu baterem outra vez na porta, com violência. Correu para atender e, mal entrou na sala, a porta se abriu com tamanha força que foi se chocar contra a parede da cabana.

Kylie viu primeiro Burnett, seguido por uma Holiday extremamente abatida.

— Não entre sem ser convidado — sibilou a líder do acampamento.

— Ele esteve aqui. Posso sentir seu cheiro — retrucou Burnett, virando-se para Holiday.

— Não quero saber. Respeite a minha vontade ou irei denunciá-lo ao seu chefe.

— Você já fez isso. — Os olhos do vampiro se estreitaram de raiva.

— Pois farei de novo — ameaçou Holiday.

— Preciso encontrar esse pirralho — grunhiu Burnett. — Não tenho tempo para frescuras. — Em seguida, olhou para Kylie.

— Desculpe a intromissão — murmurou Holiday.

— O que houve? — perguntou Kylie. Já sabia quem eles estavam procurando.

Burnett deu um passo em sua direção. Holiday o segurou pelo braço e tentou puxá-lo, mas ele nem se mexeu.

— Onde está o moleque? — esbravejou Burnett.

— Kylie, você viu Lucas Parker? — disse Holiday num tom mais calmo.

Kylie engoliu em seco.

— Veio me ver há mais ou menos uma hora. Mas já foi embora.

Burnett inclinou a cabeça para um lado como se pretendesse ouvir as batidas do coração de Kylie.

— Ele disse pra onde ia?

— Não — respondeu Kylie, dando graças a Deus por ele não ter dito. — Por quê? O que querem com Lucas?

Burnett continuou parado, olhando para ela.

— Ele não é má pessoa — disse Kylie.

Burnett se virou e saiu. Holiday deu um passo para segui-lo, mas parou e a fitou por cima do ombro.

— Ele não é má pessoa — repetiu Kylie para Holiday.

— Preciso ir — disse a líder do acampamento. — Volto daqui a pouco.

Holiday foi se juntar a Burnett. Kylie continuou na sala, lembrando-se de quando Lucas tinha aparecido na cerca para aconselhá-la a não deixar seu novo gato sair. Durante todo esse tempo, ela tinha achado que suas palavras eram uma admissão de culpa. Tinha sido injusta com ele, julgando-o uma pessoa cruel.

Agora, não pensava assim. Bem no fundo do coração, sabia que Lucas não tinha feito nada do que supostamente o estivessem acusando. E se fez, foi por uma boa razão.

# Capítulo 34

— Anda, se transforme ou eu vou castrar você agora mesmo!

As palavras de Miranda acordaram Kylie pouco antes das três da tarde. E ela queria continuar dormindo. No momento, Della e Miranda poderiam brigar à vontade. Colocou um travesseiro sobre a cabeça, mas ainda assim ouviu Miranda repetir a ameaça.

*Castrar*? Pelo que sabia, Della não tinha duas bolas que pudessem ser removidas. Então, quem Miranda estava ameaçando?

Oh, não! Socks Jr.?

— Está bem — recomeçou Miranda —, você pediu.

— Pare! — gritou Kylie. E saltou da cama a tempo de ver Miranda segurando o gato e apontando para ele o dedo mínimo.

— Você está enganada — disse Miranda. — Não é de mim que ele gosta, pois estava na cama com você.

— Não, não! — E Kylie puxou os cabelos para trás, tentando não rir. — Esse aí não é o Perry.

— Então quem é?

— Ninguém. É um gatinho de verdade.

— Ele fez você de boba outra vez.

— Nada disso. É mesmo um gatinho de verdade. Presente do Lucas.

— Lucas? — espantou-se Miranda. — Foi o que eu vim dizer. Ele desapareceu. A UPF está atrás dele.

— Eu sei — disse Kylie.

— E como sabe? — perguntou Della, entrando no quarto.

O gato, assustado, soltou um miado digno de pena. Kylie o tomou dos braços de Miranda.

— Holiday e Burnett vieram aqui mais cedo, atrás do Lucas.

— E ele estava com você? — perguntou Miranda.

— Não, já tinha ido embora. — Kylie hesitou. — O que acham que ele fez?

— Sei lá — respondeu Miranda.

Kylie aconchegou mais o gatinho ao peito.

— O que quer que tenha feito, deve ter sido muito ruim — arriscou Della. — Trouxeram até policiais humanos para interrogar Holiday. Ele está numa enrascada daquelas.

Depois que Miranda e Della saíram, Kylie se sentou no chão da sala para brincar com Socks. Logo em seguida, Helen bateu na porta.

— Oi — cumprimentou Kylie, convidando-a para entrar.

— Soube que você não estava se sentindo bem.

— Não foi nada — disse Kylie. Será que Helen tinha vindo para colocar à disposição dela seus poderes de cura? Logo notou algo de estranho na postura da garota, como se ela não soubesse como abordar o assunto que a trouxera até ali. A princípio, Kylie teve medo de que Helen pudesse ter-se enganado no diagnóstico do tumor.

— Alguma coisa errada? — indagou.

— Uma bobagem, na verdade. Mas... preciso de um conselho.

— Meu? — estranhou Kylie.

Helen assentiu.

— Sabe, eu gosto do Jonathon, mas acho que ele não percebeu isso ainda. Nunca me saí bem com garotos. Pensei que talvez você pudesse... me ensinar o que fazer.

— Eu? — Kylie esteve a ponto de rir. — Sério, não sou a pessoa mais indicada pra ajudar você.

A decepção se estampou no rosto de Helen.

— É que eu nunca tive um namorado. E não sei a quem mais recorrer.

Kylie, olhando fixamente para Helen, não podia esquecer que ela fez tudo o que estava ao seu alcance para ajudá-la.

— Eu só tive um namorado. E, como não sou... uma garota fácil, optei pela honestidade.

— Que tipo de honestidade? — indagou Helen. — Porque eu também não me considero fácil.

Kylie encolheu os ombros.

— Parece besteira, mas só perguntei se ele tinha namorada. Ele disse que não e quis saber o motivo da pergunta. Respondi então que estava gostando dele. Há garotas que fazem de tudo para chamar a atenção e isso talvez funcione. Mas, para mim, a honestidade é que funcionou. Pode funcionar também com Jonathon.

Kylie pensou então que, se estivesse certa de seus sentimentos, talvez devesse dar uma outra chance à honestidade.

*

Nos dias seguintes, nada de importante aconteceu. Kylie e Holiday não estavam fazendo progressos com a meditação. Della e Miranda continuavam brigando. Trey ligava e deixava mensagens intermináveis no celular de Kylie. Lucas não saía da sua cabeça. Ah, e seu pai

havia telefonado para sua mãe contando que não tinha ido ver Kylie na semana anterior e que ela não respondia nem aos seus e-mails nem às suas chamadas.

A mãe fez da vida dela um inferno por causa disso.

— Você mentiu pra mim! — esbravejou.

— Não, só fiz você acreditar que ele tinha vindo — justificou Kylie.

— Dá na mesma. E... e... você não pode tratar seu pai assim.

— Por quê? Você trata meu pai do mesmo jeito.

Ao saber que o pai de Kylie pretendia aparecer no próximo fim de semana, a mãe a princípio disse que ela própria não iria. Mas agora, novamente furiosa, disse que iria também, devendo os dois alternar suas visitas. E quem teria de marcar as datas? Kylie, é claro.

A única coisa positiva foi que o soldado Dude não apareceu mais. Kylie gostaria muito de acreditar que ele tinha partido para sempre. Holiday, porém, não estava convencida disso. Aliás, a líder do acampamento andava bem mal-humorada nos últimos dias. Quando Kylie lhe perguntou o motivo, Holiday se limitou a sacudir a cabeça e a dizer que tudo se resolveria no seu devido tempo.

Kylie também perguntou a Holiday sobre Lucas. A líder do acampamento deu um grande suspiro de frustração, esclarecendo que não poderia falar sobre o assunto. Kylie teve de morder a língua para não dizer que a confiança era uma via de mão dupla. Gostaria muito que Holiday não fosse tão cheia de segredos.

A tensão que Kylie detectou em Holiday era mais evidente ainda em Sky, o que a deixou intrigada. É que, até o momento, a líder loba tinha lhe parecido imune à frustração trazida pelas constantes visitas da UPF. Para Kylie, Holiday e Sky estavam com problemas sérios.

Como se isso não bastasse, a tensão das duas líderes parecia estar exercendo uma influência negativa sobre todo mundo. Houve outro desentendimento, dessa vez entre uma bruxa e uma fada.

— Eu disse que fadas e bruxas não se suportam — insistiu Miranda no dia em que as três amigas chegaram bem na hora da briga, que Holiday tentava apartar.

— E o que você faria se eu fosse meio fada? — perguntou Kylie a Miranda.

— Ahá! — tinha interrompido Della. — Ouviu o que você acabou de dizer?

— O quê? — Kylie não fazia ideia.

— Está finalmente admitindo que não é totalmente humana.

Com tanta coisa acontecendo, Kylie não havia pensado muito nessa questão. E, estranhamente, o problema já não parecia tão importante assim para ela. Bem, só até certo ponto. Kylie ainda queria saber; mas, se descobrisse que era sobrenatural, isso não seria o fim do mundo. Na verdade, a ideia de que poderia não ser "especial" é que mais a

inquietava.

— E então? — perguntou Miranda.

— Sou o que sou — respondeu Kylie.

Miranda ia dizer alguma coisa quando Della levantou a mão.

— Chhh!

Kylie e Miranda se calaram e ficaram atentas. Tudo o que Kylie pôde ouvir foram os pássaros.

— O que está ouvindo? — perguntou Kylie, já inquieta com a possibilidade de Chan ter voltado.

— Os bichos — respondeu Della. — Estão agitados.

— Por quê? — indagou Miranda.

— Não sei — disse Della. — Mas nunca me pareceram tão... raivosos.

Nesse momento Helen se aproximou de Kylie e, inclinando-se, sussurrou: — Funcionou. Perguntei a ele se tinha namorada e aconteceu exatamente o que você disse. Ele quis saber o motivo da pergunta e eu disse que estava gostando dele. Vamos juntos a um piquenique amanhã, para nos conhecermos melhor. Obrigada.

Kylie apertou o braço de Helen.

— Isso é ótimo! Apareça antes do encontro e Miranda vai cuidar da sua maquiagem. Não vai, Miranda? — Kylie se voltou para a amiga.

— Claro! — respondeu Miranda.

— Obrigada — repetiu Helen e afastou-se correndo.

No domingo de manhã, Kylie estava sozinha, esperando para ver com quem ficaria durante a hora do encontro e para concluir sua conversa com o pai. Tinha finalmente cedido e telefonado para ele na sexta-feira. Fingiu que ia tudo bem e nem mencionou a ausência dele na semana anterior ou o fato de ela própria não ter respondido às suas ligações e e-mails. O pai disse que planejava vê-la no domingo, mas logo em seguida começou a falar de uma viagem que faria ao Canadá dentro de poucas semanas.

Kylie contou ao pai que a mãe também viria no dia seguinte e que as visitas dos dois seriam em turnos. Esperava que ele não concordasse com aquele esquema idiota e dissesse que ambos poderiam muito bem visitá-la juntos.

No fundo, Kylie tinha esperanças de que aparecessem na mesma ocasião e, milagrosamente, ao se encontrar, percebessem que sentiam saudades um do outro.

Esse é o problema dos milagres. Não acontecem com muita frequência. O pai não achou o esquema de turnos idiota. Na verdade, parecia tão satisfeito em não ver a mãe quanto a

mãe em ficar longe do pai.

— Que tal se eu chegar aí depois do almoço? — perguntou o pai. — Mas primeiro vou telefonar para saber se ela não está aí.

Kylie mordeu o lábio para não perguntar o que tinha acontecido com o seu verdadeiro pai. Ele tinha mudado desde que passaram a falar em divórcio. Os pais não deviam fazer isso com os filhos. Na opinião dela, essa era uma regra que todos os pais deviam respeitar.

— Ótimo! — disse Kylie. *E se você não aparecer, não se preocupe; não vai doer tanto quanto da primeira vez.* — Então, vejo você no domingo. — E desligou o telefone.

— Está pronta? — disse uma voz masculina às suas costas, bem perto do seu ouvido. — Tirei seu nome.

Kylie reconheceu a voz de Derek. Tinha conseguido se esquivar durante toda a semana. Não por vingança, mas por uma necessidade básica de equilíbrio. Sua vida já estava confusa demais e ela não precisava de mais problemas. Além disso, ele tinha arranjado uma namorada que sem dúvida estava muito feliz em passar a maior parte do tempo ao lado dele.

Kylie se virou.

— Você já tinha tirado meu nome — observou ela.

— A sorte me sorriu novamente. — Derek parecia, pelo tom da voz, ter receio de que ela não acreditasse nele.

E Kylie não acreditou.

— Fez aquilo de novo, não fez?

— O quê? — perguntou Derek. Mas Kylie sabia que ele tinha entendido muito bem a pergunta.

— Você trocou meu nome por mais um pouco de sangue. Não negue.

Ele deu de ombros.

— Eu não teria que fazer isso se você parasse de me evitar.

— Não estou evitando você, só... — Não queria mentir para ele e por isso se calou.

Algumas pessoas cruzaram com eles e Derek falou em voz baixa: — Se você não quiser ir, não vou insistir.

Kylie ergueu os olhos e viu em seu rosto que ele estava sendo absolutamente sincero. Ele não tinha tocado nela, então não poderia pensar que tivesse influenciado suas emoções. No entanto... tudo dentro dela tinha mudado. Como podia ter sentimentos tão fortes por Lucas e, ao mesmo tempo, ficar com raiva de Derek por ficar com outra garota? Aquilo não tinha lógica.

Mas por que não deveria ter? Nada na vida dela fazia o mínimo sentido ultimamente.

— Estava preocupado com você — disse Derek. Sua voz revelava tanto interesse... e era tão afetuosa!

— Quando não estava com Mandy, certo? — perguntou Kylie. E logo se arrependeu por agir como se tivesse alguma razão para ter ciúmes.

Derek pareceu pouco à vontade.

— É sobre isso mesmo que eu queria conversar com você.

— Não sou consultora sentimental — disse Kylie.

— Acho que é, sim. Helen me disse que falou com você sobre Jonathon. Miranda conversou com você sobre o Perry. E como se chama mesmo aquela outra vampira...?

Kylie soltou o ar com força.

— Só me faltava essa! Por alguma razão desconhecida, as pessoas pensam que eu sou o Cupido. — Mas ela não queria bancar o Cupido para ele e Mandy.

— Talvez você seja parente do Cupido — sugeriu Derek, em tom sério.

Kylie estremeceu.

— Será?

— Alguns sobrenaturais descendem dos deuses.

— Meus pais precisariam ter nascido à meia-noite? Ou este é um dos casos em que uma geração pode não ser sobrenatural?

Derek deu de ombros.

— Não sei. Mas acho que Holiday sabe. Vamos falar com ela — propôs, aparentemente disposto a renunciar a uma parte de sua hora para ajudá-la a obter uma resposta.

— Não se preocupe. Vou me encontrar com ela depois do almoço.

— Então, minha provável deusa — disse Derek, fazendo uma reverência à moda antiga —, posso ter o prazer da sua companhia por uma hora?

Kylie riu da palhaçada.

— Só se prometer se comportar. — Queria mesmo que ele se comportasse?

— Isso tira toda a graça da aventura, mas prometo. — Lançou-lhe um olhar malicioso, que cintilava.

Começaram a andar e Derek hesitou por um momento.

— Mesmo lugar? Ou a lembrança da cobra ainda assusta você?

— O mesmo lugar seria ótimo. — Sentiu um estremecimento leve na espinha, mas não por causa da cobra e sim da lembrança de que estivera a ponto de beijar Derek naquela ocasião.

Desceram a trilha em silêncio. O sol produzia de novo a mágica de lançar dardos de luz por entre as árvores. Kylie se perguntava por que a companhia de Derek fazia tudo parecer... encantado.

— É você? — perguntou ela, quando chegaram ao lugar.

— Eu o quê?

Kylie fitou-o com ceticismo.

— É você que faz tudo parecer... tão mágico e tão cheio de vida? As cores, os aromas, a maneira como o sol flutua no céu...

— Ah, é só o meu charme — brincou Derek.

— Estou falando sério — continuou Kylie. — É você que está fazendo isso?

Ele riu.

— Pare de rir — ralhou Kylie.

Derek parou de rir, mas não de sorrir.

— Tudo bem, falando sério: não sei o que você quer dizer. Não estou fazendo nada. O lugar é que é bonito mesmo.

Saltou para a rocha e estendeu a mão para Kylie.

Kylie hesitou, olhando aquela mão.

— Prometi me comportar — lembrou ele.

Kylie lhe deu a mão, subiu na pedra e se sentou ao seu lado, mas não muito perto.

Derek puxou um dos joelhos para o peito. Sua calça jeans parecia gasta, mas confortável, e sua camiseta era verde-clara. Não muito apertada, mas o suficiente para realçar a largura dos ombros. Devia ser a mesma que tinha usado no primeiro encontro deles. Na ocasião, Derek lhe pareceu bem bonito, como agora. E Kylie o havia comparado a Trey! Derek era muito mais atraente que seu antigo namorado.

— Então você e sua garota estão tendo problemas? — disparou Kylie, tentando mudar o curso dos próprios pensamentos.

— Digamos que sim — respondeu ele de modo sarcástico, passando um dedo pelo queixo. O olhar de Kylie se fixou, cheio de desejo, nos lábios de Derek.

— O que há de errado? — prosseguiu ela, ignorando a malícia em sua voz e esperando que ao ouvi-lo falar de Mandy perdesse a vontade de beijá-lo.

— Bem, ela acha que eu estou gostando de outra pessoa.

Kylie sentiu um frio no estômago.

— E está?

— Não.

Ai, aquilo doeu, mas Kylie procurou ignorar. Estranhamente, o conselho que costumava dar — ser honesta — parecia não funcionar com ela. Talvez, em parte, porque não estivesse certa de seus sentimentos.

— Mas — continuou Derek — acho que eu a induzi a pensar assim.

— Por quê? — indagou Kylie.

— Quis que ela ficasse com ciúmes. Talvez assim ela visse o quanto gosta de mim.

— E o que aconteceu? — perguntou Kylie, certa de que aqueles joguinhos nunca

acabavam bem.

— Não sei. Você ficou com ciúmes?

Kylie ergueu a cabeça e olhou-o, espantada.

— Eu? Você estava se referindo a mim?.... — Sacudiu a cabeça. — Mas você e a Mandy são...

— Amigos.

Aquilo também não estava fazendo sentido.

— Mas você..., ela te beijou.

— Você obviamente não reparou bem naquela garota. Ela é uma beijoqueira. Acho que seus pais são franceses.

Kylie tentou digerir o que ouvia. Mais difícil, ainda, era digerir o que sentia. Gostava de Derek. Realmente. Ele a atraía. Talvez não com a mesma intensidade que Lucas no riacho, mas a coisa era real. E, de certo modo, até mais real que a atração explosiva que sentia por Lucas.

*E Derek não foi embora*, sussurrou a pequena voz interior.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Sim. Não. — Kylie sacudiu a cabeça. — Só estou um pouco confusa. — Agora, tinha falado a verdade.

— Eu sei — disse Derek.

Kylie se lembrou de que ele era capaz de ler suas emoções; gostaria que não fosse. O fato de Derek perceber as coisas antes dela não parecia certo. A brisa agitou seus cabelos e uma mecha ficou presa entre os lábios.

Derek a recolocou delicadamente no lugar.

— Que alívio, você não está com raiva de mim!

— Me dê alguns minutos — pediu Kylie. — Posso mudar. Minhas emoções estão fora de controle ultimamente.

Ele sorriu.

Kylie se sentiu mais uma vez seduzida pelo seu sorriso. Sacudiu a cabeça.

— Derek, eu só...

— Kylie, não disse isso pra pressionar você. Só estou contando essas coisas porque percebi como fui idiota tentando te deixar com ciúmes. O tiro podia sair pela culatra. Mas o que eu estou dizendo? Saiu mesmo pela culatra porque você nem se aproximava de mim.

Kylie mordeu o lábio.

— Sinto muito. Foi uma semana maluca.

— Você tem passado por muita coisa. Era também por isso que eu queria ver você. Senti que anda estressada.

Que mais ele sentiu?, perguntou-se Kylie. Que seu stress envolvia Lucas? Que ela estava com ciúmes? Lembrou-se do dia em que tinha visto Mandy beijá-lo.

— Você tem razão. Senti ciúmes de você e Mandy. Mas ainda não sei se... Não acho...

Derek levantou a mão.

— Ser seu amigo já é muito bom. Mas desta vez não vou mentir pra você. Gostaria de ser algo mais. Até lá vou respeitar a sua vontade.

Kylie olhou para ele e sentiu-se ainda mais atraída.

— Você faria isso por mim?

— Pode apostar. — Ele se deitou na rocha e pôs uma das mãos sob a cabeça. Essa posição valorizava ainda mais seus braços e o peito. — Especialmente agora, que Lucas se foi — completou. Seu tom de voz não dava margem a equívocos: Derek suspeitava de mais coisas do que ela gostaria.

# Capítulo 35

Ah, meu Deus! Derek teria, de algum modo, descoberto que ela tinha beijado Lucas? Por acaso suas emoções a haviam traído a tal ponto? Kylie não sabia. E não queria perguntar.

Assim, deitou-se na rocha e contemplou as árvores. O som da cachoeira próxima parecia vibrar entre os troncos. Lembrou-se da lenda por um segundo, mas a proximidade de Derek era algo bem mais intrigante em que pensar.

Ficaram em silêncio. Derek aproximou o braço até que as costas de sua mão roçaram a dela. Esse breve toque fez todo o corpo de Kylie estremecer.

— Sua mãe vem amanhã? — perguntou ela.

— Sem dúvida. Ela nunca perde a oportunidade de me constranger.

Kylie sorriu, lembrando-se de como Derek tinha ficado envergonhado quando a mãe ajeitou o cabelo dele.

— Ela ama você.

— Ela me trata como se eu tivesse 3 anos. — Derek fez uma pausa. — E seus pais, vão vir também?

— Vão — disse Kylie. — Pelo menos, foi o que prometeram. — O pai já tinha mentido para ela uma vez. — Sabe que o mundo pode acabar caso os dois se encontrem por acaso na mesma sala?

— É isso que a deixou tão estressada?

— Em parte.

Derek estendeu o braço, segurou a mão dela e a apertou com carinho.

— Eu me preocupo com você. Não gosto de vê-la infeliz. — Apertou mais sua mão. Ele tinha prometido se comportar, mas talvez aquela carícia não significasse ousadia para ele.

Kylie não sabia muito bem o que significava. Só sabia que a agradava — era como um abraço. A palma de Derek estava quente, mas não muito; era apenas a palma de uma pessoa que toca outra.

— Eu também me preocupo com você.

— Que bom — disse Derek; e Kylie quase pôde ouvir o sorriso em sua voz. Depois de alguns minutos de silêncio, ele perguntou: — O fantasma é a outra parte daquilo que está preocupando você?

— É. — Sentindo-se segura ao lado de Derek, falou do sonho com o fantasma, que, na opinião dela, queria sua ajuda para se livrar da acusação de um crime que não tinha cometido.

Derek a ouviu pacientemente. Percebendo que praticamente só ela falava, Kylie perguntou:

— Ainda quer renunciar ao dom de se comunicar com os animais?

— Quero. Estou aprendendo a me desligar deles. Holiday garantiu que, se eu continuar assim, logo nem vou mais notá-los. Para ela, é claro, isso é muito ruim. — Fez uma pausa. — E você? Está disposta a aceitar seu dom?

O fato de Kylie demorar um pouco para responder o deixou um tanto surpreso.

— Esse dom me assusta — disse ela por fim. — Acho que não tenho coragem suficiente para cultivá-lo. Mas, desde o sonho, não consigo deixar de pensar no soldado. Na sua valentia. Quando voltou para salvar a mulher, ela sabia que o risco era enorme. Quero saber o nome dele para descobrir se ele foi acusado de um crime que não cometeu. Se foi, vou achar um meio de corrigir essa injustiça. — Fechou os olhos por um segundo. — Mas sabe o que é estranho?

— O quê? — Os dedos de Derek se entrelaçaram nos seus.

— Toda vez que vejo esse soldado, parece que já o conheço de algum lugar.

— Talvez conheça mesmo.

— É, talvez — reconheceu Kylie. — Mas perguntei à minha mãe se algum parente nosso tinha servido no exército e ela disse que não.

Derek mudou de posição a seu lado.

— Holiday explicou por que um fantasma se apega a uma pessoa?

— Disse que isso acontece de várias maneiras. Eu posso ter passado por um lugar onde o espírito estava. Ou então se trata de um caso pessoal.

Derek ergueu o braço para consultar o relógio.

— Detesto dar más notícias, mas nossa hora já se esgotou há trinta minutos.

— Más notícias, sem dúvida. — Kylie fechou os olhos. — Derek?

— Sim.

— Obrigada.

— Pelo quê? — estranhou ele.

— Por tudo. — Virou-se e olhou para ele. Meu Deus, que vontade de beijá-lo! Seria capaz até de gritar por causa disso. E, pelo que notou nos olhos dele, não era a única com essa vontade.

Derek se aproximou alguns centímetros. Kylie sentiu sua respiração no canto de sua boca. Ele estava tão perto que ela podia contar seus cílios, mas eram os lábios que a atraíam.

— Kylie! — O modo como ele pronunciou seu nome quase a fez derreter.

— O que é? — murmurou ela.

— Você está tornando difícil pra mim manter a minha promessa.

— Sinto muito. — Por um momento, quase se arriscou a beijá-lo. Quase. Mas, sabendo que isso não seria bom para nenhum dos dois, conteve-se. Por enquanto.

Na manhã seguinte, Kylie, sentada ao lado da mãe, a viu consultar o relógio pela décima vez. Seria porque não tolerava ficar muito tempo com ela ou porque, com receio de ver seu pai aparecer a qualquer momento, tinha pressa em ir embora? Provavelmente, as duas coisas.

— Estou contente por ver que tudo vai indo bem por aqui — disse a mãe, ajeitando a blusa bege que não combinava nem um pouco com sua pele bronzeada e seu cabelo preto. Aquela cor apenas realçava os círculos negros em torno de seus olhos. — Suas amigas também são simpáticas — completou, olhando para Della que, junto com os pais, estava sentada na mesa logo à frente.

Kylie tinha apresentado Della e Miranda à mãe, quando ela chegou.

— O cabelo daquela garota é um pouco exagerado. Mas, se você me diz que ela é comportada, não usa drogas nem nada parecido, vou acreditar.

— É, ela é gente boa — garantiu Kylie. Passaram-se alguns instantes de silêncio. Kylie calculou como seria viver sozinha com a mãe, com seus preconceitos e seus silêncios súbitos. Podia até sentir o frio pairando sobre a mesa. Mas não era o frio dos fantasmas.

Ou era?

Kylie passeou os olhos pelo recinto e o viu de pé num canto, olhando-a e derramando mais lágrimas de sangue. Sentiu um aperto no coração e desejou do fundo da alma saber o nome dele para poder ajudá-lo.

— Você tem certeza de que nenhum parente nosso foi militar? — perguntou Kylie de novo à mãe.

— Tenho, querida. — Olhou novamente para o relógio. — Sua líder de acampamento... qual é mesmo o nome dela? Ah, Holiday. Ela também é muito simpática.

— É, sim — concordou Kylie. Trocou olhares com Holiday depois de apresentá-la à sua mãe, e a líder tinha acenado negativamente com a cabeça, para dizer que ela não era sobrenatural.

— Bem, agora preciso ir — avisou a mãe. — Quer me acompanhar até o carro?

Kylie consultou o relógio na parede. A mãe estava se mandando trinta minutos antes. *Era o bastante para um encontro de mãe e filha.*

— Claro. — Kylie se levantou. Passou por Della e Miranda, acompanhadas de seus pais, e percebeu que ninguém ali estava muito feliz. O papo daquela noite em volta da mesa, um verdadeiro ritual noturno, parecia mais uma sessão de lamúrias.

Kylie e a mãe foram para o estacionamento sem trocar uma palavra. Felizmente, o

fantasma não se juntou a elas. Quando se voltou para a despedida final, a mãe estendeu a mão e apertou o braço de Kylie.

Kylie sentiu uma pontada no coração ao se lembrar de que, no funeral da avó, precisara muito de um abraço.

— Sabe, algumas mães abraçam os filhos — disse ela.

A mãe parecia perturbada.

— Quer que eu a abrace?

— Não — respondeu Kylie. *Quem quer um abraço que precisa ser pedido?* É o mesmo que implorar a alguém que se desculpe. — Tchau, mãe. — Kylie se virou e voltou ao refeitório para esperar o pai. Não olhou para trás, embora soubesse que a mãe estaria acenando do carro em movimento e esperando que Kylie fizesse o mesmo. De agora em diante, a falta de abraço seria respondida com a falta de aceno.

Kylie quase não o reconheceu. Em primeiro lugar, onde estavam os fios de cabelo grisalhos nas têmporas? Em segundo, o cabelo não tinha mais, como antes, duas tonalidades diferentes. O corte também já não era à escovinha. Isso sem falar nas roupas que ele estava usando. Homens mais velhos não deviam nunca usar jeans tão justos.

— É ele? — perguntou Holiday.

Kylie gostaria muito de mentir e escapar pela porta dos fundos, mas o pai já a tinha visto e vinha em sua direção.

— Ele é sobrenatural? — perguntou Kylie, tentando vencer o embaraço e olhando para Holiday, que franzia a testa.

— Não. — E Holiday suspirou fundo. — Mas isso não quer dizer...

— Eu sei — interrompeu Kylie.

— Como está minha bonequinha? — O pai a envolveu num abraço apertado.

Kylie fechou os olhos e procurou esquecer a aparência dele para só se concentrar na sensação reconfortante de estar aninhada em seus braços. As lágrimas brotaram e ela engoliu em seco, rezando para conseguir contê-las.

— Estou bem — murmurou Kylie, soltando-se dos braços do pai. Sua garganta ardia, mas as lágrimas não correram.

— Esta é uma de suas amigas? — perguntou ele, apontando para Holiday.

Kylie olhou de relance o crachá de líder do acampamento no peito de Holiday e se perguntou se por acaso a tintura de cabelo não tinha prejudicado a visão do pai.

— Muito prazer. — E Holiday lhe estendeu a mão. — Sou Holiday Brandon, uma das líderes do acampamento.

— Está brincando comigo — disse o pai. — Você não deve ter muito mais que 20 anos. E não se parece em nada com as líderes de acampamento que tenho visto. — Abriu um largo

sorriso e seus olhos percorreram as belas formas de Holiday.

— Não, não estou brincando — disse Holiday, recolhendo a mão.

Kylie olhou boquiaberta para aquele pai que fora sua fortaleza de todas as horas contra joelhos esfolados, rabugices da mãe e mesmo problemas com garotos. A realidade passou por cima dela como um caminhão de lixo. Seu pai estava flertando. Com Holiday. Holiday, que era... bem, pelo menos 15 anos mais nova que ele.

— Que aconteceu com seus cabelos grisalhos, pai? — perguntou Kylie, em tom sarcástico.

O pai se virou para ela.

— Eu... eu não sei.

— Bem, vou deixá-los a sós — interrompeu Holiday. Kylie podia jurar que um sorriso bailava nos olhos dela. — Para conversarem mais à vontade.

Ou não, pensou Kylie. Não conhecia aquele homem e não estava muito certa de querer conhecê-lo.

*

— Ele não era assim — disse Kylie cerca de uma hora depois, ainda lutando contra a vontade de chorar.

O pai tinha ficado com ela menos de uma hora. Holiday, aparentemente percebendo que Kylie não estava bem, a convidou para ir à cidade comprar suprimentos.

— O divórcio é difícil para as pessoas — disse Holiday. — Acredite no que estou dizendo, quando meus pais se divorciaram, ficaram totalmente abobalhados. Minha mãe chegou a pôr silicone nos seios e a pedir minhas roupas emprestadas.

— Como você sobreviveu? — perguntou Kylie.

— Sobrevivendo. E, é claro, toneladas de sorvete ajudam muito. — Holiday sorriu ao entrar no estacionamento da sorveteria. — E então? Que tal esquecermos nossas preocupações com algo doce, cremoso e gelado?

Kylie concordou.

Holiday encaminhou-se para a porta.

— Faça como eu. Primeiro, experimente pelo menos cinco sabores; depois, peça uma taça com três bolas.

Kylie riu.

— Mas que preocupações você quer esquecer?

— Está brincando? Calcula quantas horas tive que passar com o sr. Vampiro Mau e Grandalhão?

— Burnett — disse Kylie, compreensiva. — Por que você não acaba com isso e diz sim?

— Sim? O quê? Nem morta. Ele é irritante, grosseiro e tão detestável quanto... tentador.

— Então você está apaixonada, não está? — instigou Kylie.

Holiday apontou um dedo para ela.

— Continue com isso e não terá sorvete algum.

Enquanto tomavam seus sorvetes, de chocolate com menta a banana com chocolate, Kylie, estimulada pelo açúcar, deixou escapar uma pergunta que normalmente não faria.

— Como a gente sabe que está apaixonada?

Holiday lambeu sua colher sem deixar nela o mínimo vestígio do sorvete de caramelo.

— Você não faz perguntas fáceis, hein?

— Não — reconheceu Kylie, saboreando o seu sorvete de creme com pedaços de nozes.

Holiday olhou para sua taça.

— Acho que me apaixonei várias vezes. Algumas com o coração, a maioria com os hormônios.

A resposta de Holiday descrevia perfeitamente a situação de Kylie com Lucas e Derek. Kylie saboreou mais um bocado de sorvete.

— E nenhuma dessas paixões deu certo?

— Nenhuma. É esse o problema do amor. Ele caminha como um pato, grasna como um pato, cheira como um pato. Mas, depois que você dorme com ele por um mês, ou segue para o altar, passa a cheirar como um gambá.

Kylie, inclinando-se para Holiday, perguntou em voz baixa:

— É essa a sua maneira engenhosa de me aconselhar a não dormir com ninguém?

Holiday apontou a colher para Kylie.

— Não, é minha maneira engenhosa de te dizer que tome cuidado. Como dizia minha avó, só porque um cara toca seu sininho, não significa que você deva tocar a corneta dele.

As duas riram muito.

Holiday mexeu seu sorvete.

— Se eu pudesse voltar atrás, não dormiria com três rapazes com quem dormi. Mas voltar atrás é impossível. E tem as lembranças. Más lembranças, tatuadas em minha mente. — Encostou a colher na testa. — Elas não saem nem com laser.

Kylie concordou. Tinha também suas lembranças ruins, de que não podia se livrar.

Quando terminaram de tomar o sorvete, foram a uma livraria nas proximidades. Kylie descobriu, numa estante, um livro intitulado *Como Vencer a Dislexia.* Folheou-o, perguntando a si mesma se por acaso Miranda não o conhecia.

Foi até o balcão e perguntou se havia outros que tratassem do mesmo assunto. A vendedora a levou a uma seção só de livros sobre deficiências. Kylie escolheu mais três sobre

o tema e pagou.

Deixando Holiday na livraria, Kylie saiu para a rua principal da cidadezinha. Um lugar antiquado. Lojas de antiguidades, armazéns e até uma confeitaria — o tipo de lugar aonde os pais a levavam quando criança.

Cruzou com um casal de mãos dadas e procurou lembrar se, num daqueles passeios, seu pai e sua mãe haviam agido como se gostassem um do outro. Nunca os vira de mãos dadas. Quando saíam, era cada um por si. O pai jogava golfe; a mãe fazia compras.

Kylie já se aproximava da van de Holiday quando avistou outro casal saindo do hotel local. Trocavam beijos. Não beijos rápidos, com os lábios se roçando de leve, mas beijos de língua, ardentes, excitados. Os beijos logo desandaram em carícias mais ousadas. *Vão para o quarto*, pensou Kylie. Os dois pareciam não perceber que estavam num lugar público. Talvez nem ligassem para isso. Ah, mas certo ou errado, Kylie não conseguia desviar os olhos.

Principalmente porque a sineta de alarme tinha começado a tocar em seu cérebro.

Havia algo de familiar naquele casal.

Kylie viu a mão da mulher deslizar para dentro da calça jeans do homem. Ficou perplexa. Aquilo era vulgar. Mas mesmo assim, agora oculta por trás da picape, Kylie não tirava os olhos da cena. Quando por fim as bocas se desgrudaram e o homem se virou, Kylie o reconheceu.

Agarrou-se à porta da picape, os joelhos subitamente moles como geleia.

— Ah, meu Deus!

# Capítulo 36

*Papai?*

Kylie segurou mais firme a maçaneta para não cair de cara no chão. O que seu pai estava fazendo... fazendo com... Seu olhar fulminou a mulher, ou melhor, a "garota". Era a nova assistente do pai, que ela tinha conhecido um mês antes num churrasco da firma. A garota estava no terceiro ano da faculdade.

Ainda encostada à picape, Kylie fez as contas. Matemática não era o seu forte, mas ainda assim calculou que a garota deveria ser cerca de quatro anos mais velha que ela.

Outras coisas lhe vieram à cabeça. Por exemplo, as seis cuecas do pai que haviam sido queimadas na grelha. E os incontáveis momentos de rabugice da mãe contra o pai, que afinal pareciam ter uma justificativa.

Quando o casal chegou a um ponto de onde poderia vê-la, Kylie passou para o outro lado da picape. E o frio que a seguiu nesse trajeto revelou que ela não estava sozinha. No entanto, perturbada demais para pensar em fantasmas, procurou apenas não pôr para fora as três bolas de sorvete que tinha acabado de tomar.

Holiday chegou um pouco depois.

— Você está bem?

— Estou — mentiu Kylie, embaraçada demais, horrorizada demais para entrar em detalhes. Já tinha sido ruim seu pai flertar com Holiday, mas vê-lo com alguém que provavelmente ainda tinha espinhas no rosto era o cúmulo.

Na volta para o acampamento, Kylie se voltou para Holiday:

— Sabe o que torna um homicídio justificável?

— Não — riu a líder do acampamento. — Mas se eu tiver de encarar Burnett por mais tempo, vou me tornar uma especialista na matéria. Quem você planeja assassinar?

— Meu pai e minha mãe. — A imagem dele agarrando a jovem assistente fez seu peito doer. — Ou talvez só meu pai.

Kylie esperou mais alguns minutos e soltou a bomba.

— Acha que... pode esperar mais algumas semanas antes de falar com minha mãe sobre minha saída do acampamento?

Holiday não a olhou, mas Kylie viu o sorriso de vitória estampado em seu perfil, enquanto ela continuava atenta à estrada.

— Pode apostar que sim.

Na noite de segunda-feira, quase todos foram para o refeitório para ver filmes. Kylie, Miranda e Della tinham ficado acordadas até tarde no domingo, curando as feridas provocadas pelas visitas dos pais. Depois, Miranda e Kylie resolveram consultar os livros que ela havia comprado sobre dislexia.

— Isso não vai funcionar — disse Miranda, sem ânimo nem para ler o primeiro capítulo.

— Quer que eu leia pra você? — ofereceu-se Kylie.

Miranda fitou-a e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Faria isso?

— Você faria por mim, não faria? — perguntou Kylie.

— Com certeza — respondeu Miranda.

E assim as duas ficaram acordadas até tarde da noite. Por isso, em vez de ir ver filmes, Kylie voltou para a cabana.

Quando abriu a porta, sentiu logo o cheiro e torceu o nariz. Sem dúvida, ia ter que dar um jeito no lixo. Então a cabeça de Socks, a coisinha peluda que Lucas tinha lhe dado como presente de despedida, apareceu debaixo do sofá e miou.

— Vem cá, docinho — chamou Kylie, mas só o que conseguiu foi fazer com que Socks se encolhesse ainda mais sob o sofá. O celular tocou. Kylie o tirou do bolso, viu que quem chamava era a mãe, colocou-o sobre a mesa da cozinha e continuou tentando atrair o bichinho para fora.

Depois de várias tentativas inúteis, desistiu.

— Tudo bem, durma aí mesmo debaixo do sofá. — Frustrada e cansada, tirou a blusa e foi até o guarda-roupa para pegar um pijama.

Ao chegar, tirou o tênis e pegou sua camisola favorita. Tirou o sutiã e o colocou numa cadeira. Então, e só então, olhou no espelho.

Quase perdeu o fôlego. Levou um segundo para descobrir o que estava vendo no reflexo. E outro para ficar louca de raiva.

— Saia já daqui, seu imbecil! — Enfiou às pressas a camisola antes de voltar toda a sua fúria contra Perry que, transformado em leão, estava estirado sobre a cama, ocupando-a inteira. — Fora! — repetiu Kylie.

O leão rosnou.

Kylie cobriu os seios sob a camisola e prosseguiu:

— Finalmente você viu seu primeiro par de peitos, não foi? Você é tão... patético! E pode ter certeza de que vou contar tudo pra Miranda.

Kylie se abaixou, apanhou um sapato e o atirou na fera.

— Saia! — O leão rosnou de novo. — Juro por Deus, Perry, se não der o fora daqui já, vou puxar suas duas orelhas até quebrar seu pescoço.

De repente, a temperatura do quarto baixou perceptivelmente.

— Não grite — disse uma voz masculina — e não faça nenhum movimento brusco.

O coração de Kylie batia descompassado quando ela viu o soldado de pé ao lado da mesinha de cabeceira. Não foi o fato de ele estar ali que a assustou; foi o fato de ele ter falado com ela.

Kylie respirou fundo. E uma nuvem de vapor escapou dos seus lábios quando ela expeliu o ar.

Cruzou os braços para amenizar o frio que lhe chegava aos ossos.

— O leão não é de verdade — conseguiu dizer. — É Perry, um metamorfo.

Dessa vez, o soldado não sangrava. Mas a imagem do sonho, com aquele homem agonizando no chão imundo, dominou a mente de Kylie. Seu coração se condoía por ele. Agora que estavam conversando, o soldado diria seu nome? Coisa estranha, chamá-lo mesmo que só em pensamento de soldado Dude não parecia certo. Ele merecia mais respeito.

— É de verdade sim, Kylie — disse o soldado, enquanto o leão rosnava de novo.

Kylie pegou o outro sapato e o jogou em Perry.

— Kylie, me ouça. — A voz dele ficou mais alta, mais firme. — Esse aí não é Perry. É um leão de verdade e perigoso. Não o provoque. Vá andando até a porta. Agora.

As palavras do soldado calaram fundo em Kylie, que olhou o leão com mais atenção.

O leão que, numa nuvem de fagulhas, não retornava à forma humana.

O leão que se ergueu e saltou da cama.

O leão que se sentou diante da porta para impedi-la de sair.

O leão que ia e vinha estudando-a, como para decidir com que tipo de molho gostaria que ela fosse servida.

Kylie, sem afastar os olhos da fera, dirigiu-se ao fantasma:

— Muito bem, a porta está fora de cogitação. Tem outra ideia?

— Fique calma. — Suas palavras foram acompanhadas pelo rugido do leão, que parecia furioso, faminto.

— Isso não é muito fácil. — Kylie estremeceu, tanto por causa do frio quanto da imagem do leão dilacerando seu corpo.

— Ele espera que você corra. Se ficar, teremos algum tempo.

— Tempo pra fazer o quê? — perguntou ela. A fera, estirada no chão, lambia as patas. Estaria lavando-as antes do jantar?

— Para pensar em alguma coisa — respondeu o fantasma.

Ouvindo seus próprios dentes bater, Kylie olhou de relance para o soldado.

— Você não pode... mandá-lo embora?

— Se pudesse, ele já estaria longe. — A sinceridade tornou sua voz ainda mais profunda. A despeito de todo o pânico, Kylie teve de novo a estranha sensação de que já o conhecia. Ou devia conhecê-lo.

— Como se chama? — perguntou ela.

— Daniel Brighten.

Kylie revolveu aquele nome na mente, em busca de uma ligação. Nada. Virou-se de novo para ele, que agora tinha uma mecha de cabelos louros sobre a testa.

— Por que anda me perseguindo? Tem algo a ver com o modo como morreu?

— Não — disse ele. — Só queria que você soubesse que não tive escolha.

*E por que ele quer que eu saiba isso?* Kylie olhava alternadamente para o soldado e para o leão.

— Você quer que eu fale com alguém? Foi acusado de molestar aquela mulher?

— Não.

O leão se ergueu e Kylie se assustou. Olhou em volta, à procura de alguma coisa com que se defender.

— Não faça isso — advertiu o fantasma.

— O quê?

— Não pegue a cadeira.

Kylie fitou-o, intrigada.

— Consegue ler minha mente?

— Não, você estava olhando para ela.

— Estou com medo — confessou ela.

— Eu sei, mas, se pegá-la, o leão vai se sentir ameaçado.

— Mas eu também me sinto ameaçada. O leão deveria estar no parque, não no meu quarto. — Lembrou-se subitamente de Della lhe dizendo que os animais da reserva pareciam irritados. Será que aquele leão estava irritado com Kylie agora? — Como ele chegou aqui?

— Não sei, mas é melhor nos preocuparmos com isso depois.

Um ruído surdo escapou do peito do leão. Kylie não sabia se aquele som indicava irritação, mas, de onde estava, pareceu bastante assustador.

— Não entre em pânico, Kylie. Ele consegue farejar o medo.

Daniel estava certo, concluiu Kylie. Os bichos, como os sobrenaturais, podem mesmo farejar sentimentos como o medo. Inspirou lentamente. *Pense em outra coisa, qualquer coisa.* Sua mente encontrou um tema e ela se voltou de novo para Daniel.

— Minha avó está no céu?

— Claro!

— Se você pode vir até mim, por que ela não vem? — O vapor que lhe saía dos lábios

chegava até o teto.

— Eu estava aqui antes.

— Onde? — Os dentes de Kylie bateram de novo.

— Esperando que você tivesse idade suficiente para compreender. Só permitem que um espírito de cada vez venha até a pessoa, quando ela se torna capaz de enfrentar a situação.

— Bem, estavam errados. — E Kylie relanceou os olhos para o leão.

— Errados em quê?

— Ainda não sou capaz de enfrentar a situação.

Daniel sorriu.

Mas Kylie não tinha a intenção de fazer graça.

— Então viu mesmo minha avó? — Novos arrepios percorreram seu corpo. Kylie sabia que se sentiria mais aquecida caso o fantasma fosse embora, mas a ideia de ficar sozinha com o leão não a atraía em nada.

— Ela não é uma mulher que se possa ignorar — disse ele. — Nem mesmo em forma de espírito.

Kylie ficou curiosa.

— Você a conheceu antes... de ela morrer?

— Há muito tempo. — Os olhos azuis de Daniel, combinando com seus cabelos loiros, a intrigaram por um instante. Examinou-o atentamente. E então, aconteceu.

Começou a ler a mente dele. Estava fazendo o que todos os outros sobrenaturais podiam fazer. Estava captando seu padrão mental. Kylie estremeceu.

Continuou examinando o padrão mental de Daniel, que apresentava linhas verticais e um tipo exótico de escrita, semelhante aos caracteres chineses ou a certos símbolos pré-históricos.

— Você é... você era sobrenatural, não era?

O leão rugiu de novo. Kylie se encolheu toda, vendo-o se agitar.

— Acho que ele está com fome — ela disse. — Talvez seja melhor pegar a cadeira, não acha?

O fantasma não respondeu. Kylie sentiu que a temperatura começava a subir. Ai, que droga! Até o fantasma tinha medo de ser devorado! Mas para ele não havia problema, pois já estava morto.

Assim como Kylie também estaria, caso não lhe ocorresse logo uma saída.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Estava sozinha. Completamente sozinha. E então a fera, sacudindo a juba, investiu contra ela.

# Capítulo 37

Kylie ficou atrás da cadeira, pensando em usá-la para se defender, mas, quando ergueu os olhos, o leão tinha recuado. Meteu a cabeça pela porta do quarto, como se algo lá fora tivesse chamado sua atenção.

Então Kylie ouviu: o gato. O leão saiu do quarto. Kylie podia ter batido a porta e a bloqueado com a cama.

E ficar escutando enquanto o animal devorava seu gato vivo.

— Não! — Empurrou a cadeira para a frente e para trás, a fim de chamar a atenção da fera. — Vem aqui, seu monstro horrível e fedorento!

O leão se virou, rugiu, mostrou os dentes e sacudiu a juba para ela.

Por algum motivo, pensou no soldado e em sua decisão de morrer quando voltara para salvar a mulher.

*Eu não vou morrer. Eu não vou morrer.*

— Daniel, volte, por favor! — gritou ela, angustiada por estar sozinha.

O frio arrepiou novamente a sua pele.

— Holiday foi buscar ajuda.

O leão se aproximou da cadeira. Mais lágrimas afluíram aos olhos de Kylie.

— Não me deixe sozinha de novo, está bem?

— Não vou deixar — disse ele. — Essa nunca foi minha intenção.

— Kylie? — chamou Holiday da sala.

O bicho correu para a porta.

— Não entre! — gritou Kylie, sacudindo a cadeira para distrair o leão caso Holiday não a tivesse ouvido.

Kylie ouviu passos que recuavam.

— Burnett está a caminho com uma arma para sedar o animal. Não demora. Você está segura?

Segura? Tinha um leão em seu quarto. Mas, se Burnett chegasse logo, talvez... Nesse momento, ouviu mais vozes.

— Não — disse Holiday.

— Não o quê? — perguntou Kylie.

— É muito perigoso — prosseguiu Holiday, evidentemente falando com outra pessoa.

Soaram passos na sala. O leão rugiu. Derek apareceu na soleira. Seus suaves olhos verdes se encontraram com os de Kylie e logo se fixaram no leão. O medo se estampou em seu

rosto, o mesmo medo que ela sentia.

O pensamento de que veria a fera atacar Derek fez o coração de Kylie saltar no peito.

— Saia, Derek — pediu ela, tentando parecer calma, embora estivesse a ponto de gritar. — Ouça Holiday.

— Posso fazer isso — respondeu ele num tom confiante. — Tenho o dom, você se lembra?

Derek deu um passo para dentro do quarto. O leão, sacudindo a juba, rugiu novamente.

Derek não se moveu. Olhou fixamente para o animal. E, em seguida, começou a desabotoar a camisa.

— O que está fazendo? — estranhou Kylie. A chance de vê-lo seminu a entusiasmava, mas aquela não era a hora mais indicada para isso.

— Ele não gosta do meu cheiro.

— Então, pelo amor de Deus, se afaste para não ser devorado.

— Está tudo bem. — Derek jogou a camisa pela porta. Seu físico era ainda melhor do que ela imaginara. E então, estendendo as mãos, ele deu mais um passo à frente. O leão rugiu, mas não atacou.

Derek se aproximou ainda mais. Dessa vez, a fera avançou contra ele, quase abocanhando seu braço.

— Não! — gritou Kylie, balançando a cadeira para chamar a atenção do animal.

— Pare com isso! — ordenou Derek.

— É para que ele não ataque você.

— Kylie, você está irritando o bicho. Confie em mim. Pare!

A firmeza na voz de Derek chamou sua atenção. O soldado Dude, silencioso num canto, fazia-a tremer de frio.

— Vou para junto de você — avisou Derek. — Quero que fique atrás de mim. Depois, saímos do quarto juntos. Você sai primeiro e eu fecho a porta. Entendeu?

Como se adivinhasse o plano dele, o leão rugiu e o encarou, mas recuou para mais perto de Kylie. A cada passo de Derek, o leão se aproximava mais de Kylie.

Ela sentiu um forte cheiro de urina. O traseiro do animal golpeou a cadeira e jogou Kylie contra a parede.

Quando se recuperou, viu Derek bem perto do leão. Tão perto que a juba do animal roçava em seu ventre nu. Seus músculos se contraíram, destacando-lhe o torso.

— Agora saia de trás da cadeira, Kylie — instruiu Derek.

— Faça o que ele diz — aconselhou Daniel, rompendo o silêncio.

Kylie adiantou uma perna e o animal deu uma cabeçada em Derek, quase derrubando-o.

Derek se recompôs rapidamente.

— Devagar, Kylie — sussurrou ele, como se não percebesse que o leão poderia escancarar a boca e usá-lo como brinquedo de mastigar. — Devagar e com calma.

Kylie começou a se mover, temendo até respirar, mas logo Derek pegou seu braço e a puxou para trás dele. Ela o segurou pelas laterais do corpo nu, pressionando as palmas contra sua pele quente.

— Ótimo. Agora vamos caminhar bem devagar até sairmos do quarto. Você está indo bem. Continue andando.

Kylie sentiu com os calcanhares a soleira da porta. Derek aproximou a mão do trinco e, nesse momento, o leão atacou, golpeando-o com as garras.

O gemido de Derek penetrou nos ouvidos de Kylie e ela não teve dúvidas de que as garras da fera tinham perfurado sua pele.

— Você está bem? — perguntou.

Derek não respondeu e procurou de novo o trinco. O leão rugiu, mas não se moveu. Kylie continuou recuando até a sala, enquanto Derek a seguia devagar. E, quando ele fechou a porta, ela viu o sorriso de Daniel.

— Vocês conseguiram — gritou Holiday irrompendo na cabana. Kylie ficou parada, de braços cruzados sobre o peito, o coração agitado, o estômago dolorido.

— Me ajude a colocar o sofá diante da porta para o caso de o leão querer derrubá-la — pediu Derek.

Enquanto Derek e Holiday arrastavam o sofá, Kylie notou o sangue escorrendo do seu abdome.

— Você está sangrando — Os dentes de Kylie batiam com tanta força que ela mal conseguia falar. Apontou para ele e sentiu um suor frio escorrer da sua testa.

— É só um arranhão — tranquilizou-a Derek.

Kylie percorreu o espaço que os separava e o abraçou. Nem ligou para o fato de sua camisola ficar toda manchada de sangue. Ainda trêmula, encostou o rosto naquela parede quente de pele e músculos.

Derek a abraçou. Holiday, se aproximando, pousou a mão em suas costas.

Kylie não sabia qual dos sobrenaturais estava fazendo aquilo ou se eram os dois, o que absolutamente não importava. Mas o pânico começou a se dissipar. Sentiu-se segura e tudo o que queria era ficar ali para sempre.

Afundou ainda mais o rosto no ombro nu de Derek, sentindo seu cheiro e sua proximidade.

— Kylie, vá para um dos outros quartos — recomendou Holiday.

— Não, estou bem. — Kylie ergueu a cabeça, mas não quis fugir do aconchego dos braços de Derek. Precisava daquilo um pouco mais. Ele estava tão quente e ela tão... gelada!

Kylie viu Daniel de pé atrás de Holiday. O soldado sorriu para ela e desapareceu.

— Obrigada — murmurou Kylie, esperando que Daniel a ouvisse.

— De nada — respondeu Derek.

Kylie se virou para agradecer a ele também, mas um barulho a deteve. A porta da cabana se abriu com estrondo, parecendo que ia se espatifar. Burnett irrompeu na sala, de olhos injetados e com um grande fuzil nas mãos.

— Você prometeu que não viria aqui — ele gritou para Holiday.

— Mudei de ideia — retrucou ela, num tom de desafio.

O leão rugiu do outro lado da porta e Burnett lhe fez eco.

— Vou cuidar dele primeiro e depois conversamos.

— Ok. Boa sorte, então — desejou Holiday, com um sorriso malicioso.

Burnett foi até a porta.

— Espere. — Derek afastou Kylie de si. — Me deixe acalmá-lo antes, senão pode atacar.

Burnett pareceu hesitar a princípio, mas concordou ao ver que Holiday tinha aceitado a ideia.

Kylie não tinha certeza se a fera merecia tanta consideração, mas admirou a atitude de Derek.

Os dois homens arrastaram o sofá que bloqueava a entrada. Burnett colou o ouvido à porta e informou:

— Ele está do outro lado do quarto. — E levou a mão ao trinco.

— Cuidado — advertiu Kylie.

Derek voltou-se para ela e sorriu.

— Vai ser moleza.

— Você não precisa ficar aqui — disse Kylie a Holiday, que estava sentada numa cadeira ao lado de sua cama já fazia uma hora. A líder do acampamento tinha limpado pessoalmente o quarto de Kylie, para tirar o cheiro do animal.

Holiday sussurrou:

— Ou fico aqui ou vou ter que aguentar o Vampiro Gostosão. Portanto, finja que precisa de mim até ele ir embora. Como já levaram o leão, não acho que Burnett vá ficar por muito mais tempo. — E, recostando-se, mordeu o lábio. — Estou feliz por Derek ter aparecido.

Algo ocorreu então a Kylie.

— Uma das bruxas não poderia ter impedido aquilo?

— Acontece que não encontrei nenhuma — explicou Holiday. — Todas tinham saído com Sky para um passeio. Fiquei sabendo que Burnett tinha acabado de ir para a reserva e o

chamei.

— O que ele ia fazer na reserva dos animais? — perguntou Kylie. — O que está havendo, Holiday? Como o leão chegou até aqui? Quem colocou esse bicho no meu quarto? E não venha me dizer para não me preocupar com isso.

Holiday não parecia disposta a responder. Sua expressão ficou séria e ela deixou cair as mãos no colo.

— Amanhã, de qualquer maneira, você vai ficar sabendo de tudo.

— Sabendo do quê? — perguntou Kylie.

— Alguém anda invadindo o parque. Matando os animais em extinção. Quase todos os espécimes mortos estão na lista dos que correm o risco de desaparecer para sempre. O governo, é claro, não perdeu tempo em nos acusar. Quando qualquer coisa estranha acontece seja onde for, logo alguém põe a culpa nos sobrenaturais.

— Acham que um de nós é o responsável? — perguntou Kylie.

Holiday mordeu novamente o lábio.

— Eles não só acreditam nisso como hoje tiveram uma prova. Pelo menos, é o que pensam.

— Mas então alguém daqui está matando os animais? — estranhou Kylie.

— Descobriram rastros de sangue nas imediações do acampamento.

— Mas o leão não foi morto — ponderou Kylie.

— Não, mas só o fato de ter estado aqui piora muito as coisas. Alguém ajudou aquele bicho a escapar.

— E alguém o fez entrar no meu quarto — completou Kylie.

— Ou então foi mera coincidência — disse Holiday. — Ele poderia ter entrado em qualquer cabana.

— Mas a porta da nossa estava fechada — observou Kylie.

— Talvez alguma de vocês a tenha deixado apenas encostada. Ele empurrou e entrou.

— Ou talvez alguém o tenha trazido até aqui.

Holiday se inclinou e a tocou de novo a fim de acalmá-la. Kylie levantou a mão:

— Eu estou bem.

Afundando-se no travesseiro, Kylie contemplou o teto.

— Será que estão culpando Lucas por isso?

Holiday não respondeu imediatamente.

— Eles o consideram um possível suspeito.

— Não posso acreditar — disse Kylie. — Lucas não faria isso.

— Eu sei, mas... jamais os convenceria de sua inocência. Sobretudo porque Fredericka foi embora esta tarde.

— Foi? — Kylie viu Holiday balançar a cabeça afirmativamente e sentiu uma pontada de ciúmes. — Acha que ela está com Lucas?

— Se a conheço bem, sim.

Kylie torceu as mãos, ciente de que deveria esquecer Lucas, mas ainda assim recusando-se a acreditar em sua culpa.

— Vão tentar fechar o acampamento?

A expressão de Holiday ficou ainda mais séria.

— Se não acharem o responsável, vão tentar, sim. Vou fazer tudo para impedi-los e usar cada pitada do meu pó mágico para isso, mas... talvez não seja suficiente.

Depois de um longo silêncio, Holiday prosseguiu:

— Burnett marcou uma reunião para amanhã e provavelmente vai interrogar a todos. Gostaria de detê-lo mas, infelizmente, diante das evidências, seria inútil alegar que o responsável não é um de nós. Mas jogar a culpa em todo um grupo de sobrenaturais adolescentes não é justo.

— Acredita mesmo que alguém daqui seja o culpado?

— Acredito. Se é que gente de fora não esteja tentando, de todas as maneiras, pôr a culpa em nós.

A porta do quarto se abriu e Burnett pôs a cabeça para dentro.

— Vai voltar agora para o escritório?

Holiday estampou no rosto uma expressão de falsa preocupação. E, pousando a mão no ombro de Kylie:

— Acho que ela ainda precisa de mim — disse. — Nós conversamos amanhã.

Pela cara que fez, Burnett não se deixou enganar. Mas também não discutiu. Se é que sair batendo portas não é discutir.

— Cretino! — sussurrou Holiday.

— Ouvi o que disse — gritou ele do lado de fora do quarto.

Holiday franziu a testa.

— Eu juro, se ele chegar perto de mim mando um anjo da morte atrás dele — disse ela, sem baixar a voz.

— Pensei que não tivesse certeza de que esses anjos existem — murmurou Kylie depois de alguns minutos. Se ela própria achasse que existiam, teria pedido a Daniel Brighten, o soldado, para trazer um. Então se lembrou do que Holiday dissera: todos os fantasmas são anjos. Sem dúvida, Daniel contribuiu muito para salvar Kylie.

Holiday se inclinou para ela:

— Quando eu ameaço, até vampiros grandalhões e malvados molham as calças.

As duas riram e então Kylie disse:

— Ele me salvou, não foi?

— Derek? Com certeza.

— Não. Quer dizer, Derek me salvou, sem dúvida, mas foi o fantasma que avisou você, não foi?

— Não foi bem assim. Como ele está ligado a você, não pode de fato se comunicar comigo. Mas encontrou alguém que podia. — Holiday apertou a mão de Kylie. — Sua avó me pediu para te dizer que te ama muito. Mas lamenta você não ter impedido que ela fosse enterrada com aquele batom vermelho.

Kylie começou a chorar e rir ao mesmo tempo. Depois de alguns minutos, disse:

— Finalmente consegui.

— O quê?

— Ler a mente de outra pessoa. — Quase contou a ela que tinha lido a mente do fantasma, mas, por alguma razão, achou que não estava pronta para falar sobre aquilo. Precisava, antes, entender bem o que tinha acontecido. Havia muita coisa para entender.

— Bem-vinda ao nosso mundo, garota! — festejou Holiday.

O sorriso de Kylie foi fraco, mas autêntico.

— Isso significa então, de uma vez por todas,... que sou uma de vocês?

— Isso mesmo. — Holiday afastou uma mecha de cabelo do rosto de Kylie.

— Quando viu minha avó, você a observou bem para saber se ela era sobrenatural?

— Observei. Ela era humana. — Holiday apertou a mão de Kylie. — E o que acha dessa nova descoberta?

Kylie suspirou fundo.

— Estou um pouco assustada. E um pouco aliviada. Agora, só quero saber o que sou.

— Vai saber logo, Kylie. A resposta está aqui. Sempre esteve.

# Capítulo 38

Holiday estava certa.

Não a respeito de Kylie descobrir o que era. Já haviam se passado cinco dias desde que ela quase se transformara em comida de leão e sua crise de identidade continuava sem solução.

A única coisa certa para Holiday até o momento era que o método empregado por Burnett para resolver os crimes na reserva dos animais tinham fracassado. Tão logo ele anunciara que alguém do acampamento era culpado, todos começaram a se acusar mutuamente. Os vampiros acusavam os lobisomens porque quase todos os bichos mortos eram felinos e todos sabem que lobisomens detestam gatos.

Os lobisomens afirmavam que os vampiros tinham feito aquilo porque seu suprimento de sangue estava baixo. As fadas acusavam as bruxas, porque às vezes usavam sangue de tigre em alguns feitiços. As bruxas diziam que as fadas não eram confiáveis porque, como todo mundo sabe, gostam de manipular os sentimentos dos outros. Alguém insinuou que os metamorfos costumam caçar animais selvagens por esporte.

Depois, as acusações contra as espécies cessaram e alguns indivíduos azarados é que começaram a ser alvo de suspeita. Lucas e Fredericka foram os mais votados. Em seguida, mencionou-se o nome de Derek porque ele podia se comunicar com os animais e, ninguém ignorava, queria se livrar desse dom. Finalmente, por ser considerada "muito estranha", com um padrão mental muito confuso e uma mente fechada, Kylie também foi tida como suspeita.

Kylie achou que o responsável talvez fosse Chan, o primo de Della. Quem sabe não pertencia à Fraternidade do Sangue? Della reagiu como sempre reagia: ficou furiosa.

A tensão no acampamento chegou ao nível máximo. Ninguém mais participava da hora do encontro, e Holiday e Sky só com muita dificuldade conseguiam impedir que os adolescentes trucidassem uns aos outros.

E havia também o desentendimento entre as duas líderes. Kylie, entrando no escritório, as ouviu discutindo. Para Sky, já era hora de dar um basta e fechar o acampamento. Holiday afirmava que isso só aconteceria se passassem por cima de seu cadáver. Sky acusava Holiday de não ser realista e querer bancar a mártir; Holiday acusava Sky de ter perdido a fé na escola e o interesse pelo trabalho.

Kylie não conhecia Sky muito bem, mas a conhecia o bastante para dar razão a Holiday. Por algum motivo, nunca tinha simpatizado com aquela loba que comandava o

acampamento. Ela lhe lembrava a mãe, até certo ponto: fria, distante e inacessível.

Sem dúvida, Sky tinha lá suas razões para ingressar na Irmandade da Rainha do Gelo — como sua mãe teve.

O engraçado era que, de repente, Kylie passou a ver com outros olhos o relacionamento entre seu pai e sua mãe. Sim, sua mãe era fria, mas seu pai era infiel. Aquele se tornara um enigma do tipo "quem veio antes, o ovo ou a galinha?". Um enigma para o qual Kylie não tinha resposta.

Embora o assunto do divórcio ainda a magoasse, Kylie resolveu tentar não fazer dele um problema seu. Já tinha problemas demais na vida. Cruzes!, quase tinha virado comida de leão! Ainda se perguntava quem a odiaria tanto a ponto de colocar um leão em seu quarto. O único nome que lhe vinha à mente era Fredericka. Mas, se Fredericka era culpada, Lucas não se tornava ainda mais suspeito?

As lembranças de Lucas se insinuavam em sua mente com mais frequência do que ela gostaria. Mas agora competiam com as lembranças de Derek. Derek e Kylie não tinham ficado a sós desde o episódio do leão, mas às vezes ele se sentava com ela, Miranda e Della durante as refeições. De vez em quando, Kylie o pegava olhando para ela de um jeito que deixava transparecer algo mais que apenas amizade; mas, fiel à palavra dada, Derek não a pressionava.

Não, a pressão que Kylie sentia vinha de si mesma. Num minuto, pensava em correr para ele e beijá-lo; no outro, surpreendia-se pensando no pai ou em Trey e perguntando a si mesma se um relacionamento compensava a decepção que sem dúvida logo viria.

Isso sem falar na questão de ter de descobrir o que era. Por algum motivo, chegou à conclusão de que, se resolvesse esse problema, ficaria livre para fazer outras escolhas de vida.

Kylie voltou para sua cabana, parando no caminho a fim de farejar a presença de algum animal. Ainda de nariz levantado, sentiu Socks agarrando-se ao seu pé. Ela o pegou no colo e o aproximou do seu rosto.

Sempre que Socks estava brincalhão, Kylie sabia que a cabana estava livre de bichos e fantasmas. Daniel só reaparecera umas poucas vezes — e, nessas ocasiões, Socks corria para debaixo do sofá. Mas não precisava ficar escondido por muito tempo: Daniel só fazia visitas rápidas e nunca mais falou com ela.

— Então a barra está limpa, hein? — perguntou Kylie a Socks.

— Exceto por uma bruxa muito feliz — disse Miranda, saindo de seu quarto para abraçar Kylie e o gato.

— Deixa eu adivinhar — propôs Kylie. — Perry finalmente criou coragem e te beijou.

— Não — disse Miranda. — E acho que nunca vai criar. Mas esqueça Perry por

enquanto, porque enfim me livrei de um problema. E com a sua ajuda, é claro.

— Que problema?

— Do Sr. Pepper, meu professor de piano.

— Ah, meu Deus, não vai me dizer que deixou Della cozinhá-lo!

— Não. Descobri o que saiu de errado com meu feitiço e corrigi tudo. Graças àqueles livros que você me deu, descobri que tinha pronunciado letras e palavras ao contrário. Um verdadeiro quebra-cabeça, mas acabei decifrando. — Levantou os braços em sinal de vitória. — Finalmente, estou livre do sapo.

Kylie riu.

— E agora vem a melhor parte — continuou Miranda. — O Sr. Pepper se internou por conta própria numa clínica psiquiátrica.

— Então ele quer se curar da sua fixação por garotinhas?

— Não, andou sonhando que era um sapo. Mas... confessou para o médico que estava preocupado por sentir atração por meninas. — Miranda riu. — Dei um jeito de estar presente na sua primeira consulta. O importante é que vão ajudá-lo.

— Você conseguiu! — disse Kylie.

— Não. Nós conseguimos. Eu não teria conseguido se não fosse você. E, embora ainda não saiba se chegarei mesmo a Alta Sacerdotisa, talvez ainda tenha uma chance. Você é minha heroína, Kylie Galen.

— E eu, não? — perguntou Della, saindo também de seu quarto.

— Sinto muito — disse Miranda. — Vai ter que se esforçar mais na próxima semana.

Kylie pôs Socks no chão, para que ele fosse infernizar Della. Sabe-se lá por quê, o gatinho adorava seus chinelos do Pato Donald.

Kylie observou Socks golpeando repetidamente o bico do Donald e logo a realidade veio substituir seu bom humor.

— Podemos nem ter uma próxima semana. Eles podem mesmo fechar o acampamento se não descobrirem quem está matando os animais da reserva. Precisamos parar de acusar uns aos outros e fazer alguma coisa. Não sei quanto a vocês, mas eu não quero voltar para casa.

— Por que não? — perguntou Della.

Kylie contou a elas o que tinha ouvido quando fora à cabana de Holiday.

— Eles quase pegaram o tigre branco.

— Mas como? — estranhou Della. — Pensei que o vampirão da UPF estivesse vigiando a reserva.

— Está. Mas alguém entrou de novo no território do leão e, enquanto Burnett investigava o caso, cortou a cerca para chegar até a jaula do tigre.

— Pobres animais — lamentou Miranda.

— É — concordou Kylie. Lembrou-se de Derek dizendo que o leão encontrado em sua cabana estava confuso e com muito medo. — Mas... esperem! Por que não pensei nisto antes?

— Em quê? — perguntaram Della e Miranda ao mesmo tempo.

— Acho que já sei como esclarecer tudo.

# Capítulo 39

— Não é assim que funciona — disse Derek dez minutos depois. Trazia a camisa completamente desabotoada. Sem dúvida, Kylie batera à porta de sua cabana quando ele se despia.

Kylie olhou para seu peito e viu que os arranhões estavam quase cicatrizados.

— O que quer dizer com "não é assim que funciona"? Pensei que você pudesse se comunicar com os animais.

Derek fechou a porta da cabana e levou Kylie para a varanda, como se tivesse receio de que algum de seus colegas de alojamento pudesse ouvir a conversa.

— Não posso simplesmente chegar lá e fazer perguntas pra eles. Ouço, ou melhor, sinto suas emoções. E nem todas.

— Mas, segundo você me contou, o leão te disse que não gostava do seu cheiro.

— Ele não me disse. Ele pensou. — Derek sacudiu a cabeça. — Isso não vai dar certo, Kylie.

— Tem que dar. — Kylie sentiu um aperto na garganta. — Eles vão fechar o acampamento, Derek. Estou começando a entender essa questão dos não humanos e não posso partir agora.

Ele a fitou por alguns instantes.

— Sei disso, mas...

— E não se trata apenas de mim. Você sabe o que vem acontecendo aqui. Um acusa o outro. E todos dizem que só o acampamento mantém a paz entre nós. Se aqueles homens acham que as gangues de sobrenaturais são ruins agora, imagine quando...

Derek pousou um dedo nos lábios de Kylie, que teve de lutar contra o desejo de meter as mãos pela abertura de sua camisa a abraçá-lo.

— Não estou discordando de você. Apenas acho que não vai funcionar.

Então ela se lembrou. Para que ficasse livre de seu dom, Derek teria de continuar se fechando para os animais. No entanto, ele a salvara do leão. Kylie nem tinha levado em conta seu sacrifício. Como podia ter se esquecido disso?

— Sinto muito. — Kylie fechou os olhos por um instante. — Você diz isso por causa do seu dom, que não quer mais usar. Eu tinha me esquecido...

— Não — disse ele. — Tudo bem, talvez em parte.

— Não tem problema, Derek — garantiu Kylie, percebendo uma sombra de culpa nos olhos dele. Recordou-se de que, há poucas semanas, ela mesma daria tudo para não ter dom

algum. — Não é justo de minha parte te pedir isso. — E virou-se para ir embora.

Derek a segurou pelo braço.

— Espere. — Olhou-a bem nos olhos. — Eu falava sério quando disse que aquilo era apenas uma pequena parte de minha hesitação. Para ser franco, estou a ponto de abrir mão de tudo e assumir meu papel de Tarzan.

Kylie percebeu, por sua expressão, que ele dizia a verdade.

— Não se esqueça de que esse papel de Tarzan salvou minha vida. Portanto, não o menospreze.

— Eu sei. E é por isso que estou considerando a possibilidade de aceitá-lo. Mas o que você me pede... é demais pra mim. Não é como se eu pudesse me sentar e bater um papinho com os animais. Não é assim que funciona.

— Como sabe? — desafiou Kylie. — Já tentou?

— Não, mas... outros, com o mesmo dom, tentaram. E, se eu pudesse de fato fazer isso, Holiday teria me dito.

— Holiday já explicou milhares de vezes que o dom de cada pessoa é diferente. Você disse que, até agora, só consegue ouvir os pensamentos deles; no entanto, de alguma forma, você pediu àquele leão que não nos transformasse em carne de hambúrguer.

— Mas ainda que, por um milagre, eu conseguisse me comunicar com os animais, não ia adiantar nada. O tal James da UPF não me deixaria chegar perto deles. Hoje mesmo ele me chamou novamente no escritório. Acha que estou envolvido. Chegou a me acusar de ter feito aquilo para impressionar você.

Kylie pensou em procurar Holiday imediatamente, sabendo no entanto que a líder, com medo de ver alguém se machucar, não concordaria com a ideia. Ergueu o queixo em desafio:

— Pois bem, não vamos pedir nenhuma autorização. Vamos entrar sem que nos vejam.

— Acha mesmo que vai enganar um vampiro? Seria o mesmo que tentar enganar o Super-Homem.

— É, mas acontece que eu sei qual é a criptonita dele.

— O cara tem uma criptonita? — perguntou Derek.

— Tem. E o nome dela é Holiday.

Kylie tinha de admitir que não seria fácil. Mas, quando se tem apenas uma bala, convém caprichar no tiro. E foi o que ela e Derek fizeram. Precisariam de uma pequena ajuda, mas Kylie estava bastante orgulhosa do seu plano.

Esperaram a uns cem metros da reserva animal, escondidos atrás das árvores. De acordo com Della, era distância suficiente para que Burnett não conseguisse farejá-los. Kylie trazia

consigo o mapa do parque, que imprimira da internet no computador do escritório de Holiday.

Com Burnett fora do caminho, entrar na reserva seria moleza. Bem, seria porque eles contavam com a ajuda de um certo metamorfo com olhos que mudavam de cor. E, para evitar surpresas indesejáveis, Della faria uma varredura do parque e ficaria de vigia.

A grande preocupação era se o dom de Derek lhe permitiria saber alguma coisa sobre os animais. Ele próprio não acreditava muito.

Mas Kylie queria acreditar em milagres.

Seu telefone tocou.

— Feito — informou Miranda. Aquilo significava que Miranda tinha conseguido roubar o telefone de Holiday e enviar a Burnett uma mensagem à qual Kylie sabia que ele não iria resistir. Helen, que se prontificara a ajudar, tinha conseguido arrastar Holiday para bem longe. Quanto mais tempo Burnett gastasse procurando Holiday, mais minutos preciosos Derek teria para lidar com os animais.

Primeiro, no entanto, precisavam que Burnett caísse fora. E ele fez isso minutos depois, batendo a porta do escritório e sumindo na noite.

— Parece que está com pressa — sussurrou Derek.

— Acho que ele gosta mesmo de Holiday. — Sentiu-se um pouquinho culpada por enganar Burnett. Mas, para compensar a mentira, Kylie poderia mais tarde ajudar os dois a se entender.

— Pronta? — perguntou Derek.

Ela assentiu com a cabeça. Correram para o parque, sabendo que corriam também contra o relógio.

Perry já tinha aberto o portão para os dois quando chegaram.

— Até mais — disse ele. Como sua presença podia assustar os bichos, apressou-se a ir embora, com fagulhas flutuando à sua volta enquanto se transformava numa águia e desaparecia na escuridão do céu.

— Ver isso ainda me assusta — confessou Della, parando ao lado de Kylie.

— Encontrou alguma coisa? — foi logo perguntando Kylie, pois seu tempo era curto.

— Um guarda humano, dormindo em serviço no escritório dos fundos. — Della fez uma pausa. — Não querem mesmo que eu vá com vocês?

Kylie sacudiu a cabeça.

— Acho que, quanto menos gente, mais probabilidades Derek terá de se comunicar com os animais. Vá para o acampamento e nos avise quando Burnett voltar. Tomara que dê tempo de sair daqui.

Tendo já estudado o mapa, Kylie e Derek se encaminharam primeiro para o local

conhecido como “toca do leão”. Toca do leão? Isso não parecia nada convidativo.

Embora algumas estrelas brilhassem, a lua desaparecia em meio às nuvens de vez em quando. Até os sons dos bichos pareciam mais agourentos que o usual, mas talvez a percepção de Kylie estivesse distorcida por ela saber que estava infringindo a lei. Fosse como fosse, caminhava o mais próximo possível de Derek.

— Os leões estão bem ali, logo depois da curva — avisou ele.

Um cheiro, que Kylie não sabia se era ou não de urina de felino, invadiu suas narinas.

— Posso sentir o cheiro. — Aquele odor a levou de volta ao quarto onde tinha ficado com o leão. Começava a entrar em pânico.

— Relaxe — disse Derek.

O fato de ele poder ler suas emoções ainda a irritava.

— Estou tentando.

— Eu só gostaria de saber uma coisa — disse Derek, ao mesmo tempo que um leão começava a rugir.

— O quê?

— O que você vai fazer se descobrirmos que Lucas está por trás disso?

— O mesmo que farei se descobrir que o culpado é outro. Contar a Holiday. — Parou por um instante. — Mas não é isso que vamos descobrir.

— Você parece bem certa de que ele é inocente.

Kylie podia sentir Derek estudando-a.

— E você, de que ele é culpado.

— Por causa das provas.

— São todas circunstanciais.

— Para quem tinha tanto medo do cara, você mudou muito!

Kylie percebeu aonde aquela conversa podia levar e preferiu parar por aí.

— Só quero descobrir quem anda fazendo isso e impedir aqueles caras de fecharem o acampamento.

— Eu também — disse Derek.

Uma lufada de ar frio a envolveu e Kylie cruzou os braços sobre o peito.

Derek a encarou.

— O fantasma está aqui?

— Talvez. — Kylie olhou para os lados e não o viu. — Ele só voltou umas poucas vezes depois do incidente com o leão e nunca ficou mais que alguns segundos.

— Pode ser que ele nos ajude agora, como nos ajudou naquele dia.

— É, pode ser. Mas espero não precisar de nenhuma ajuda — disse Kylie. O frio se foi tão depressa quanto veio.

Pararam junto à grade.

— Chegamos — avisou Derek, olhando por entre as barras.

— Eles estão aí? — Kylie não conseguia vê-los.

— Estão, atrás das árvores e na margem do lago, mais adiante.

— Sabem que estamos aqui?

— Ah, com certeza.

Kylie deu um passo para trás.

— Como vai fazer isso?

— Esperava que você me dissesse — riu Derek.

— Fala sério?

— Mais ou menos — retrucou ele, parecendo um tanto inseguro.

— Tudo bem. — Kylie mordeu o lábio. — Consegue lê-los?

— Por enquanto, só percebo que eles nos veem como uma ameaça.

— Por quê? — perguntou Kylie, ao mesmo tempo que o som de outro animal selvagem, talvez um elefante, enchia a noite. — Com certeza não é só isso que estão sentindo.

— São machos — respondeu Derek, com um risinho maroto. — Nós, machos, não expomos facilmente nossos sentimentos.

— Muito engraçado — murmurou Kylie.

— Também acho — concordou Derek, ainda sorrindo.

— Isto é sério. — E Kylie deu-lhe uma cotovelada de leve.

— Eu sei. — O sorriso de Derek se apagou. — Eu te disse que não sabia se a coisa ia funcionar.

— Tente se concentrar — recomendou Kylie. — Pergunte a eles do que têm medo.

Derek encostou a testa na grade e fechou os olhos. Kylie ficou observando-o enquanto o tempo passava — um minuto, dois. Precisou fazer um esforço para não perguntar se aquilo estava funcionando.

Então pensou que, se ela também se concentrasse, talvez facilitasse as coisas para ele. Colocou-se às suas costas e pousou as mãos nas laterais do seu corpo. *Do que vocês têm medo? Do que vocês têm medo?*, repetiu mentalmente.

— Kylie? — sussurrou Derek.

— Está captando alguma coisa? — perguntou ela, esperançosa.

— Estava até você...

— Até eu...?

— Encostar seus seios em mim. Depois disso, parei de escutar o leão — riu Derek. — Precisa se afastar um pouco.

Kylie recuou um passo e lhe deu um tapa nas costas.

Derek riu ainda mais, mas logo voltou a se concentrar.

Kylie ouviu um rumor por trás da grade.

— Acho que um deles está se aproximando.

— Chhh! — ordenou Derek.

Kylie se calou imediatamente, mas, quando o leão arremeteu contra a grade, deixou escapar um grito quase tão alto quanto o rugido da fera — e, dando um pulo para trás, foi cair sentada no chão.

— É o mesmo leão, não é? — perguntou Kylie, fitando a criatura que também não tirava os olhos dela. Jamais esqueceria aqueles olhos, amarelados e famintos.

Derek não respondeu. Nem se voltou para lhe oferecer a mão e ajudá-la a se levantar. Kylie notou então que ele permanecia imóvel, com os olhos abertos, fitando a fera como se... conversasse mentalmente com ela.

Ainda sentada no chão, para não perturbá-los, esfregou as mãos para limpá-las da areia. Mas não teve nem tempo de pensar quando se viu puxada para cima.

Gritou, e outra mão lhe tapou a boca.

Derek se voltou, mas, antes de conseguir dar um passo, um homem loiro o agarrou pela garganta e o pressionou contra a grade. O leão rugia às suas costas.

— Não faz barulho! — Kylie não identificou a voz. E, pelo toque gelado, concluiu que seu agressor era um vampiro ou outra criatura qualquer de sangue frio.

Derek lutava para se soltar, enquanto o rugido da fera ia se tornando mais ameaçador.

— O que estão fazendo aqui? — perguntou o agressor de Kylie.

Kylie deu um jeito de olhar para ele. Cabelos vermelhos. Olhos vermelhos, combinando com os cabelos. Sem dúvida um vampiro, pensou ela, notando além disso os caninos que se projetavam ligeiramente sobre o lábio inferior.

— Parece que alguém está com fome — zombou Vermelho, o vampiro que a imobilizava. — O gatinho bem que gostaria de devorar uma coisinha fofa como você. O problema é: eu também!

— O que está fazendo? — gritou o garoto loiro que segurava Derek pelo pescoço, antes de cair desmaiado no chão.

Pela expressão rígida de Derek, Kylie percebeu que ele tinha feito alguma coisa com o loiro. Em seguida, seu olhar se desviou para ela e Vermelho.

— Tira as mãos dela — ordenou Derek, com voz ameaçadora.

Derek avançava na direção dele quando, aparentemente do nada, mais dois sujeitos apareceram e o agarraram, cada um por um braço. Ele reagiu, tentando se soltar.

— Queiram me desculpar — disse o agressor de Kylie. — Acho que vou comer um petisco. — De um salto, recuou quase dez metros, arrastando Kylie com ele. Foram cair com

estrondo no chão. O corpo todo de Kylie se chocou contra o chão e ela mordeu a ponta da língua.

Com força.

Sentiu o gosto do sangue que escorria da língua.

Tentou se soltar, mas a força do vampiro fazia-a sentir-se tão indefesa quanto um besouro diante de um para-brisa de um carro em movimento.

— Ah, que cheirinho bom! — O vampiro levantou Kylie do chão e virou-lhe a cabeça para seu lado. — E ainda por cima, bonita. — Examinou os seus traços por um segundo, como se lesse seu padrão, e colou seus lábios aos dela.

Não queria beijá-la e sim beber seu sangue. Mas Kylie não iria deixar que isso acontecesse.

*Lute. Jogue sujo.* Lembrou-se da lição número um que o pai tinha lhe ensinado para se livrar de tarados. Recuando a perna e concentrando toda a sua força, golpeou com o joelho os genitais do cretino.

Nem tinha sequer considerado se os vampiros tinham o mesmo ponto fraco. O grito daquele, porém, revelou que tinham. Só não tinha contado com a possibilidade de ser arremessada pelos ares como uma boneca de pano. Suas costas bateram contra a grade e ela desabou no chão.

Uma voz lhe dizia que se levantasse e se preparasse para lutar. Mas, incapaz de respirar, teve que fazer um esforço descomunal apenas para abrir os olhos.

Viu então os dois vampiros que haviam atacado Derek estendidos no chão, como o primeiro.

— Kylie, você está bem? — Derek surgiu de repente ao seu lado.

— Ela é minha — disse uma voz grave.

Paralisada, Kylie viu o vampiro que a beijara agarrar Derek pelo pescoço e arremessá-lo por sobre a cerca, no território dos leões.

As feras rugiram e ela imaginou Derek sendo estraçalhado.

— Não! — gritou.

O vampiro olhou-a como se ela fosse o brinde na caixinha de cereais.

— Você é o quê? — perguntou ele e adiantou-se para erguê-la do chão.

Kylie sentiu-se congelar. Como nunca antes. Agulhas de gelo picavam sua pele, penetravam nos tecidos e chegavam até os seus ossos. Por um segundo, seus membros ficaram paralisados.

Mas, de repente, viu-se de pé. O vampiro segurava alguém nos braços. E esse alguém era *ela.* Os olhos da criatura agora faiscavam, mais vermelhos ainda.

Coisa estranha, não estava com medo. Esperou que ele se aproximasse mais, sentindo

que podia enfrentá-lo. Mas sem saber como.

Com o canto dos olhos, viu Derek pular a grade.

— Mandei soltá-la — gritou ele, avançando contra Vermelho.

A criatura largou Kylie e empurrou Derek contra a grade.

— Parece que você não sabe a hora de morrer, não é? — zombou.

Mas então outra figura surgiu do nada e golpeou Vermelho com tamanha violência que ele caiu. Kylie reconheceu Della imediatamente.

Derek se virou para socorrer Kylie, mas outra figura negra o jogou de novo contra a grade.

Sem pensar, Kylie avançou. Agarrou o vampiro que atacava Derek e o arremessou para longe. Numa espécie de transe, viu o corpo dele voar dez ou quinze metros no ar até cair num amontoado de arbustos.

Virou-se. Derek olhava através dela.

— Uau, viu isso? — ela perguntou, mas ele não respondeu.

Derek foi juntar-se a Della para conter o vampiro que Kylie tinha golpeado. O gosto da boca do vampiro continuava na língua de Kylie e ela queria cuspir. Mas antes se aproximou, escolheu um ponto vulnerável no corpo dele, fechou o punho e socou. O vampiro voou para trás e caiu sobre um monte de terra.

Derek e Della olharam um para o outro, perplexos.

— Kylie? — chamou Derek.

— Estou aqui — respondeu ela. Mas imediatamente o viu correr e debruçar-se sobre seu corpo estendido no chão, virando-o. Um choque a percorreu da cabeça aos pés. Se ela não estava em seu corpo, onde estaria?

Derek chamou-a de novo e disse por fim:

— Anda, respira! Pelo amor de Deus, Kylie, respira! — disse ele.

Caramba! Estaria morta?

# Capítulo 40

Examinando suas roupas, Kylie constatou que vestia um uniforme militar. Estava... no corpo espiritual de Daniel Brighten de novo — assim como no sonho. *Isso significava que não tinha morrido?*

Olhou para seu próprio corpo e viu que Derek tentava se livrar de mais dois vampiros. Della correu em seu auxílio.

Lembrando-se de que poderia ajudá-los como o fantasma de Daniel, Kylie deu um passo à frente. Mas, de imediato, percebeu que tinha voltado para o próprio corpo. Tentou se levantar. Mas qualquer movimento provocava dores intensas.

Alguém apareceu, juntando-se a Derek e Della na luta. Kylie estranhou ao ver seu novo aliado.

*Sky?*

Lanternas iluminaram a cena. As sombras da noite, bem como vários dos agressores, dispersaram-se como ratos.

Burnett e outros indivíduos, com jeito de serem também membros da UPF, pareciam surgir de todos os lados. Agarraram uma dupla de vampiros e algemaram seus pulsos e os tornozelos.

Derek correu na direção de Kylie.

— Você está bem?

Ela fez que sim, embora o corpo doesse em lugares que nunca pensara que pudessem doer.

— O que aconteceu aqui? — perguntou Burnett a Derek. E estendeu as mãos, como se quisesse também algemá-lo.

— A culpa foi minha — intercedeu Kylie. — Eu o obriguei a fazer isso.

— Não obrigou, não — contestou Derek.

— Eu é que dei a ideia — interrompeu Della, aproximando-se.

— Estão todos mentindo. Nenhum deles tem culpa — disse Sky.

Todos ficaram em silêncio por um longo momento, até que Derek falou: — Sky plantou as pistas falsas de sangue que conduziam ao acampamento. Ajudou estes caras a pegar os animais. Mas, no fim, veio em nossa defesa.

Kylie sabia que Derek tinha ouvido aquilo de seu contato mental com os leões. Os animais tinham falado com ele, como Kylie tinha esperança que fizessem. Uma centelha de alegria por ter tido razão iluminou o caos do momento e Kylie se permitiu saboreá-la.

— Ele está falando a verdade. — E Sky estendeu os braços para ser algemada.

Burnett colocou as algemas nela.

— Por quê? — perguntou, olhando-a com repulsa.

— Eles... — começou Sky, olhando para os vampiros algemados — estão com minha irmã. Ameaçaram matá-la se eu não os ajudasse a fechar o acampamento. — Olhou para Kylie. — Concordei, pensando que era só o que queriam, mas isto... Prometeram que ninguém sairia ferido. Não sei como o leão foi parar na sua cabana, Kylie, juro. Eu deveria levar as bruxas para um passeio. Desconfiava que estivessem planejando alguma coisa, mas não pensei... Eles me garantiram que ninguém sairia ferido. — Sacudiu a cabeça e voltou-se para Burnett. — Só estava tentando salvar minha irmã.

— Eles? Quem são "eles"? — resmungou Burnett, olhando para os dois vampiros algemados no chão. Um deles rugiu para Burnett e tentou se desvencilhar. Dois outros agentes da UPF o imobilizaram.

Kylie notou então que o vampiro de cabelos avermelhados, o primeiro que a atacara, havia desaparecido. E essa simples constatação fez seu corpo todo se arrepiar.

— A Confraria do Sangue — respondeu Sky. — A gangue dos vampiros.

— E por que queriam fechar o acampamento? — perguntou Burnett.

— Acham que o acampamento está corrompendo membros em potencial — explicou Sky. — E, pelo que dizem, não são os únicos a pensar dessa maneira. A maioria das gangues já começa a se rebelar contra nossa instituição.

— Sabe onde estão mantendo sua irmã presa? — quis saber Burnett. Kylie percebeu em sua voz certa simpatia pelo dilema de Sky.

— Não. Mas meu pai contratou alguém para encontrá-la.

Holiday apareceu correndo e logo seus olhos pousaram nas algemas de Sky.

— Mas o que você está fazendo? — ela perguntou a Burnett.

— Meu trabalho — limitou-se a responder Burnett, afastando-se com Sky.

Holiday impediu sua passagem.

— Solte-a...

— Ele não pode, Holiday — suspirou Sky. — Ele está certo. Eu estraguei tudo. Lamento muito.

— Lamenta pelo quê? — perguntou Holiday.

Sky olhou para Derek.

— Conte tudo a ela — pediu.

Burnett voltou-se para Holiday como se fosse lhe dizer alguma coisa, mas logo fez sinal a Sky para que continuasse andando.

Holiday se virou para Kylie, Della e Derek.

— É melhor alguém começar a falar. E rápido.

Holiday chamou um médico e pediu que ele examinasse a todos cuidadosamente. Além de alguns arranhões e ferimentos leves, ninguém estava seriamente ferido. Passava das duas da madrugada e os músculos de Kylie doíam tanto que ela só pensava em ir para a cama. Mas, aparentemente, Burnett tinha outros planos.

Kylie e seus "comparsas" — por algum motivo Helen, Perry e Miranda confessaram participação em sua trama — receberam ordens para aguardar no refeitório. Holiday e Burnett entraram. Kylie viu sofrimento nos olhos da líder; sem dúvida, a traição de Sky a magoara muito.

Burnett iniciou o diálogo — ou bronca. Referiu-se ao que tinham feito como estupidez e loucura. Garantiu que tinha sido muita sorte ninguém ter morrido. Blá, blá, blá.

E ele estava certo.

Mas Kylie faria tudo de novo sem hesitar.

Ficou sentada comportadamente e aceitou seu castigo como os demais. Sabia que, invadindo a reserva, correria alguns riscos, mas jamais poderia imaginar que entraria em guerra com uma gangue de vampiros. Só o que queria era levar Derek até os animais para que ele tentasse obter deles algumas respostas.

E o plano, por sinal, tinha funcionado. Embora Burnett não o reconhecesse em seu longo sermão, evidentemente.

— Vocês pensaram, por um instante sequer, que eles estavam em número maior, na proporção de cinco para um? Não posso acreditar... — E continuou seu discurso, lembrando-lhes que, como sobrenaturais, deviam ser um pouco mais espertos.

Uma pergunta ocorreu a Kylie e, antes que ela pudesse se controlar, escapou-lhe dos lábios: — Vocês ainda pretendem fechar o acampamento?

Burnett, irritado com a interrupção, franziu a testa.

— Se esse é o tipo de comportamento que podemos esperar de vocês, não tenho alternativa.

*Chega! Chega! Chega!*

Quando a palavra vibrou na mente de Kylie pela terceira vez, ela se levantou: — Fizemos a única coisa que, a nosso ver, podia ajudar.

Não sabia de onde lhe vinha tanta coragem, talvez do cansaço, mas não conseguia se conter.

— Você parece ter se esquecido de que não tínhamos intenção nenhuma de brigar com uma gangue de vampiros. Só queríamos que Derek entrasse em contato com os animais para

saber quem, afinal, era o responsável por tudo aquilo.

— Deviam ter nos consultado — ponderou Holiday.

Embora Kylie simpatizasse com a líder do acampamento, tinha uma observação a fazer. Se tinha enfrentado Burnett, poderia enfrentá-la também.

— E por que faríamos isso? — perguntou. — Não confiou em nós o bastante para contar o que estava acontecendo. Tudo bem, sabemos que você é a líder, mas não estamos no jardim de infância. Você diz que viemos aqui para aprender a lidar com o mundo lá fora, mas depois tenta nos esconder qualquer coisa que possa parecer desagradável. E se tivéssemos procurado você, com certeza não teria nos apoiado por achar que seria perigoso. — E, apontando para Burnett: — E digo o mesmo de você.

— Já chega — resmungou Burnett.

*Ainda não.*

— Mesmo que Holiday tivesse concordado, você não deixaria que Derek fosse à reserva porque considerava todos nós suspeitos.

— É isso aí — sentenciou Derek.

— Concordo — disse Della.

— Mandou bem, Kylie — apoiou Miranda.

Todos, na sala, balançaram a cabeça concordando com o que Kylie acabara de dizer.

— Não importa — reagiu Burnett.

— Importa, sim. — Holiday ergueu a mão para silenciar o vampiro alto, moreno e ameaçador. — Kylie está certa. É difícil para mim admitir, mas ela está certa.

Holiday respirou fundo.

— Costumo mesmo ser superprotetora. — Olhou para Burnett. — E você costuma ser... bem, um idiota.

A expressão de Burnett oscilava entre o choque e a raiva.

— Estou apenas sendo honesta — continuou Holiday, fitando Kylie e os demais. — E respondendo à sua pergunta, Kylie, Burnett já me informou que felizmente o acampamento não será fechado.

Ouviu-se no recinto um brado geral de vitória.

— Na verdade... — Holiday relanceou os olhos para Burnett, como se lhe pedisse permissão para continuar. Ele fechou a cara, mas não se opôs. — Na verdade, me informou também que meu pedido para transformar o Acampamento Shadow Falls em Escola do Acampamento Shadow Falls foi aceito.

— Uma espécie de escola de tempo integral? — perguntou Kylie.

Holiday fez que sim e relanceou os olhos para Della.

— Temos esperança de que isso ajude a aliviar um pouco a pressão sobre os novos

sobrenaturais que acham impossível conviver com suas famílias normais. Permitirá que mantenham contato e, se Deus quiser, evitará que essas famílias se desagreguem por completo.

Kylie sorriu e virou-se para Della, que parecia prestes a chorar.

— E — continuou Holiday — embora eu tenha chamado o sr. James aqui de idiota, o que é verdade, gostaria de acrescentar outra coisa: hoje à noite, seu chefe me contou que, ao contrário do que eu pensava, ele tem sido um defensor da escola. Segundo esse chefe, o sr. James vem nos apoiando o tempo todo. Assim, gostemos ou não (e eu, devo confessar, não gosto), ele merece o nosso respeito.

Burnett, de braços cruzados sobre o peito, não tirava os olhos de Holiday. E Kylie suspeitou que Holiday não correspondia o olhar só para aborrecer Burnett.

— Era só isso o que eu tinha a dizer. — E a líder caminhou para a porta. — Já é tarde e, como amanhã é dia da visita dos pais, teremos que nos levantar bem cedo e bem dispostos, mesmo que seja preciso fingir.

Miranda, Della e Kylie saíram juntas.

— Chan não estava lá — disse Della. — Eu teria sentido seu cheiro.

— Sei disso — tranquilizou-a Kylie.

— Quem é Chan? — perguntou Miranda.

— Mais tarde eu explico — prometeu Della. E, virando-se para Kylie: — Quando Sky disse que não colocou o leão no seu quarto, estava falando a verdade.

— Foi o que pensei — disse Kylie. Mas algo naquele incidente ainda a intrigava, embora ela não soubesse o quê.

Aproximavam-se de sua cabana quando Kylie avistou Derek.

— Vão vocês — disse às amigas. — Quero dizer boa-noite a ele.

— Sentiu o cheiro dos hormônios? — perguntou Della a Miranda.

Kylie fez uma careta para Della enquanto as duas amigas se afastavam e virou-se para ir ao encontro de Derek.

— Ei, espera um pouco! — chamou.

Derek deu meia-volta e caminhou na direção dela. Quando se encontraram, ele sorria.

— Gostei de vê-la enfrentar Burnett e Holiday.

Kylie deu de ombros. Não sabia de onde tinha tirado tanta coragem, mas pelo menos tinha conseguido dizer o que queria. E não estava nem um pouco arrependida.

— E eu gostei do modo como você enfrentou aqueles vampiros. Como conseguiu? Eles iam caindo um depois do outro.

— Aparentemente, tenho a capacidade de abalar seu sistema com uma sobrecarga emocional — sorriu Derek. — Foi demais, não foi?

— Se foi! — exultou Kylie.

Derek olhou-a atentamente.

— Seu fantasma também estava lá, não estava?

— Estava — respondeu Kylie, sem se sentir ainda pronta para comentar sua experiência fora do corpo.

Seus olhares se encontraram e não se desviaram.

— O plano funcionou, hein? — disse ela. — Você se comunicou com os animais. Por isso sabia tudo a respeito de Sky.

— É. Você estava certa.

Kylie notou algo diferente na voz dele — talvez arrependimento.

— Está chateado por causa disso? — perguntou. Uma forte sensação de culpa oprimiu seu peito. Derek tinha feito aquilo por ela. — Se está... espero que me desculpe...

Derek pousou um dedo sobre os lábios dela.

— Não precisa se desculpar. Estou feliz com o que fiz. Foi o certo. — Ajeitou uma mecha dos cabelos de Kylie atrás de sua orelha e deixou a mão lá. — Mandamos bem. Somos uma boa equipe.

— Você já salvou a minha vida duas vezes. Três, se contarmos a cobra. — Ergueu os olhos para ele, para seu sorriso doce. O toque da mão de Derek em seu pescoço era agradável. Muito bem-vindo. Sem pensar, Kylie ficou na ponta dos pés e pressionou os lábios contra os dele.

Não foi Derek que começou o beijo.

Foi ela.

Não foi Derek que aprofundou o beijo.

Foi ela.

Não foi Derek que se aproximou um pouco mais.

Foi ela.

Não que ele tenha se importado, é claro.

Mas foi ele que invadiu com a língua a boca de Kylie. E ela ouviu uma voz interior sussurrar: "Opa!"

Kylie recuou um pouco. Estavam ambos sem fôlego. Kylie achou que, nem quando lutavam contra os vampiros do mal, tinham respirado com tanta dificuldade.

Derek abriu os olhos e a observou atentamente.

— Uau!

Kylie inspirou, ainda com esforço, tentando desanuviar a cabeça. Fitou os próprios pés,

pois olhá-lo agora nos olhos era demais para ela. Não tinha pensado que aquilo fosse acontecer. Ou tinha?

Derek segurou o queixo de Kylie e levantou sua cabeça. Que droga, ia obrigá-la a olhá-lo! E talvez fazer a pergunta a que ela não poderia responder.

— O que foi isso, Kylie? Apenas um agradecimento por salvar a sua vida ou... algo mais?

Era a pergunta que ela temia.

— Não sei — respondeu Kylie com sinceridade. — Talvez um momento de fraqueza.

— Então me faça um favor — riu Derek, aproximando-se.

— Qual?

— Sempre que se sentir fraca, me procure.

Kylie levantou a mão para lhe dar um soco de leve no peito, mas ele a deteve. Levou a mão dela aos lábios, sem desviar seus olhos verdes dos dela e, gentilmente, beijou a ponta dos seus dedos. A umidade de seus lábios fez com que um arrepio delicioso percorresse a espinha de Kylie.

Por alguma razão desconhecida, o segundo beijo foi mais perturbador que o primeiro. Kylie notou então como o céu estava bonito. Um céu... encantado. As estrelas cintilavam como num filme da Disney. Aquilo seria obra de Derek? Estaria usando seus dons para fazê-la ver as coisas de maneira diferente? Mas, e se estivesse? Que importância tinha? Kylie não saberia responder.

— Acho que... acho que é melhor eu ir. Amanhã é o dia da visita dos pais.

— Vou acompanhar você até a cabana — prontificou-se Derek, arqueando a sobrancelha.

— Não vou te beijar de novo — disse ela, sem pensar.

— Aposto que vai — riu ele.

Kylie sabia que Derek estava certo, mas...

— Esta noite, não.

— Eu imaginei. Ainda bem que sou paciente.

O beijo de Derek e talvez também tudo o que tinha acontecido antes ajudaram Kylie a não pensar na visita da mãe — e no que lhe diria ou não diria a respeito do pai se esfregando com a garota no meio da rua. E havia aquela pergunta a fazer. A pergunta que dava um nó na sua garganta.

A pergunta em que não queria pensar.

Mas agora, aguardando a chegada da mãe no refeitório, ela achava que talvez devesse ter refletido sobre aquilo, porque algumas coisas simplesmente ela não podia falar sem pensar.

A mãe entrou, procurando-a com os olhos. Kylie aproveitou aquele instante para observá-la bem. Cabelos e olhos castanhos. Kylie não se parecia em nada com ela, exceto pelo nariz ligeiramente arrebitado.

— Que dificuldade para te encontrar! — exclamou a mãe, enquanto se sentavam numa das mesas mais vazias. Ela mal se sentara na cadeira e já foi dizendo: — Você não tem dormido bem, não é, Kylie?

Seria aquilo uma espécie de radar materno, que a fazia adivinhar essas coisas?

— Apenas um pouco de insônia — mentiu Kylie.

A mãe debruçou-se sobre a mesa e perguntou em voz baixa:

— Não tem tido aqueles pesadelos, tem?

— Não — respondeu Kylie.

O olhar da mãe assumiu a expressão "não minta para mim".

— Juro — reforçou Kylie.

— Está bem.

— Olá para todos — saudou Holiday à porta. — Normalmente não falo com vocês durante estas visitas, mas tenho notícias que gostaria de comunicar. Primeiro, lamento informar que, por motivos pessoais, Sky Peacemaker, minha colega no comando do acampamento, precisou se afastar.

Kylie tinha que reconhecer: Holiday tinha dado um jeito de explicar as coisas sem necessariamente mentir.

— No entanto — prosseguiu a líder —, a vaga logo será preenchida. Até lá contaremos com um substituto temporário. Apenas temporário. Apresento-lhes o sr. Burnett James, que foi muito bem recomendado.

Holiday devia ter dito o "apenas temporário" com imenso alívio, pensou Kylie. Trabalhar com Burnett seria sem dúvida um fardo para ela.

— A segunda notícia é... — E Holiday contou que o acampamento se transformaria num internato.

Kylie ficou observando a mãe enquanto Holiday contava as novidades. Só faltava a mãe se levantar, aplaudir e gritar: *Finalmente livre, finalmente livre.*

Mas, estranhamente, a mãe conteve seu entusiasmo. Kylie sentiu uma pontada de culpa. Seria injusto que, querendo ela própria permanecer ali em tempo integral, recriminasse a mãe por querer o mesmo.

Depois que Holiday concluiu o discurso, Kylie se voltou para a mãe e disse: — Quer dar uma voltinha? Há uns lugares bem bonitos no bosque.

A mãe olhou para baixo.

— Claro. Ainda bem que vim de tênis.

Kylie decidiu levar a mãe até a trilha menos difícil, que terminava perto do riacho. O lugar não era tão agradável quanto o dela e de Derek, mas serviria. Antes, passou na cabana para apanhar um cobertor no qual pudessem se sentar.

A mãe percorreu os cômodos, examinando-os.

— Meio apertado, mas agradável — comentou ela.

Socks saiu correndo do quarto e atracou-se com os cadarços de seu tênis.

— Ah, que gracinha! — disse ela, apanhando o gato e aproximando-o do rosto. — De quem é?

— Meu — respondeu Kylie.

A mãe pareceu surpresa.

— Não acha que deveria ter me consultado antes a respeito disso?

— Bem... tem razão, acho que sim — balbuciou Kylie.

A mãe continuou admirando o gato.

— Sabe que gato este aqui me lembra?

— Socks? — arriscou Kylie.

— É. Você se lembra dele também? Nós o tínhamos quando você nasceu. Seu pai me deu no dia em que fizemos nosso primeiro ultrassom. Ele estava tão entusiasmado... — Interrompeu-se e sacudiu a cabeça como para se livrar daquela recordação. — É, é um belo gatinho. — E colocou-o no chão quase como se o censurasse por ter evocado nela uma lembrança dolorosa.

Kylie notou a emoção nos olhos da mãe e desejou poder dar um soco no pai. Engoliu em seco para desfazer o nó que ia se formando em sua garganta e foi procurar o cobertor.

Caminharam em silêncio durante algum tempo e por fim a mãe perguntou: — Tem telefonado para seu pai, não tem?

Kylie pensou em inventar uma mentira, mas disse apenas:

— Ele também tem meu telefone, mãe. Quando quiser falar comigo, pode me ligar.

— Querida, os homens não são muito bons nisso...

— Não estamos falando dos homens. Estamos falando do papai.

— Tenho certeza de que ele teve motivos para não vir ver você. Seu trabalho às vezes o absorve muito.

— Verdade? Então foi por isso que você fez churrasco da cueca dele?

# Capítulo 41

A mãe continuou caminhando ao lado de Kylie pela trilha do bosque.

— Não gostei nada de fazer aquilo.

— Pois deveria — rebateu Kylie. — Acho que foi certo.

A mãe a encarou antes de falar:

— Ele está tendo problemas, Kylie. Nada mais.

O fato de a mãe defendê-lo irritou Kylie.

— É, o problema dele é sua assistente superjovem.

A mãe se deteve e a pegou pelo braço. Tinha lágrimas nos olhos.

— Ah, querida, sinto muito.

Kylie sacudiu a cabeça.

— Por que pede desculpas? Está tendo um caso também? Juro que, se você estiver saindo com alguém da minha idade, vou me divorciar dos dois.

— Não. Eu nunca... Eu não queria... que você soubesse. Vocês eram tão ligados! — Pousou a mão sobre os lábios trêmulos por alguns segundos. — Como descobriu?

Kylie achou que sua mãe ficaria muito magoada caso ela contasse que o pai tinha trazido a garota na semana anterior, por isso disse apenas: — Peguei papai mentindo.

A mãe balançou a cabeça:

— Ele nunca foi um bom mentiroso.

Kylie se perguntou se poderia dizer o mesmo da mãe. Seu pai saberia dizer? Deteve-se, fechou os olhos e reexaminou a pergunta que precisava fazer.

— Muito bonito — disse a mãe.

Kylie abriu os olhos e a observou admirando o riacho.

— É. — Kylie avançou até a margem e estendeu o cobertor para que se sentassem.

A mãe se acomodou e olhou para a água.

— Tem mesmo uma cachoeira por aqui?

— Me disseram que sim — respondeu Kylie, tentando não denunciar no tom de voz a frustração por nunca ter visto a tal cachoeira. E naquele mesmo instante decidiu que, mesmo sozinha, ainda iria lá. Podia parecer maluquice, mas aquilo era importante para ela. — Mas eu nunca vi.

— Por que não?

Kylie deu de ombros.

— Existe uma lenda de que existem fantasmas lá. A maioria das pessoas tem medo de

visitar o local. — Inclusive eu, pensou Kylie, preferindo não dizer isso em voz alta... por enquanto.

— É mesmo? — A mãe parecia intrigada. — Adoro histórias de fantasmas, e você?

— Às vezes — respondeu Kylie com franqueza, virando o rosto para que a mãe não lesse nada em sua expressão.

— É bem tranquilo aqui — observou a mãe. — Estou gostando. — Inclinou-se e acariciou a mão de Kylie. — Obrigada por me trazer.

Kylie, por covardia, adiou a pergunta que não gostaria de fazer e passou a um tema menos explosivo. Um tema que agradaria à mãe.

— Que acha da transformação do acampamento em internato?

— A líder do acampamento parecia muito feliz com isso — disse a mãe, ainda contemplando a água.

— Que tal se eu me matriculasse?

A mãe virou-se para Kylie.

— O quê? Meu bem, será um internato. Significa que você teria que morar aqui.

— Eu sei — respondeu Kylie, francamente impressionada com aquela reação. — Mas pense: você não precisaria ficar comigo. — Tentou imprimir às palavras um tom sarcástico. Mas, a julgar pela expressão da mãe, não conseguiu acertar no alvo.

— Não. Vamos deixar as coisas bem claras. Não e não. Você tem um lar e mora comigo.

Duas constatações de ordem emocional abalaram Kylie ao mesmo tempo. Primeira: ela realmente queria, ou melhor, precisava ficar no acampamento. De algum modo, tinha que conseguir a permissão da mãe. Segunda: a mãe não queria ficar livre dela. Kylie estava certa de que, se pudesse escolher, a mãe faria sua mochila e a poria para fora num piscar de olhos.

Com aquelas emoções agitando-se furiosamente em seu peito, Kylie já não sabia o que dizer.

— Eu... eu realmente gosto daqui, mãe.

— Gosta da sua casa também.

*Gostava, não gosto mais* seria a resposta certa, mas que de repente lhe parecia cruel.

— Mas...

— Se com isso está querendo se vingar do divórcio... — começou a mãe.

— Não — negou Kylie. — Juro! É só que aqui é um lugar legal. Vou poder descobrir quem de fato sou. Você sempre dizia que eu tinha "problemas de relacionamento" porque não queria pertencer a nenhum clube ou turma, se lembra? Pois então, aqui, tenho amigos... Eu pertenço a este lugar, mamãe.

— Você tem Sara. Vocês duas são como irmãs.

— Gosto de Sara e sempre vou gostar. Mas nós já não somos... tão parecidas quanto

antes. Nem mesmo nos falamos todos os dias. Ela fez outras amizades e, sinceramente, eu não me dou muito bem com elas.

— Mas... — disse a mãe, agora mais preocupada.

— Mãe, por favor... — insistiu Kylie, percebendo que a mãe já não argumentava com a mesma teimosia. E recorreu a outro trunfo: — Você disse que o novo emprego exigiria viagens frequentes. Como posso ficar segura, com você sempre longe de casa?

— Bem, seu pai tomará o meu lugar.

Kylie sacudiu a cabeça.

— Acha mesmo que vou para a casa dele com aquela garota, quase da minha idade, no pé dele?

— Posso recusar a promoção — sugeriu a mãe. — Você é mais importante para mim do que... qualquer emprego. — E seus olhos se encheram de lágrimas.

Os de Kylie também. Ela não conseguiu se conter. Como parecia ser a coisa certa a fazer naquele momento, ela abraçou a mãe.

— Eu te amo — murmurou Kylie, prolongando o abraço mais apertado que jamais dera à mãe.

A mãe não a repeliu, ao contrário, afagou-lhe o ombro. Não era o abraço mais afetuoso do mundo, mas um começo. Então, para não abusar da sorte, Kylie recuou.

— Sinto muito — sussurrou.

— Por quê? — perguntou a mãe e, no mesmo instante, Kylie percebeu que o rosto dela estava todo borrado. Outra coisa que tinham em comum e que Kylie até então nunca notara.

— Não quero magoar você. E não precisa tomar nenhuma decisão hoje. Vou ficar no acampamento durante todo o verão, mas de fato eu gosto daqui. Além disso, Holiday disse que os alunos poderão ir para casa nos fins de semana. Haverá muitos feriados. E a viagem não dura mais que três horas. Você trabalha fora e também poderá aparecer por aqui.

A mãe suspirou.

— Acontece que você é minha filha, meu amor. — Passou os dedos pelo rosto de Kylie. — Não quero que seja criada por estranhos.

— Mãe, cai na real. Vou fazer 17 anos dentro de alguns meses. Você já me criou. — Kylie hesitou um instante e prosseguiu: — Além disso, você precisa namorar, fazer outras coisas.

A mãe arregalou os olhos.

— Não sei se sou tão corajosa assim.

— Como não? É bonita e, com um guarda-roupa novo, poderia ficar... uma gata! — A mãe era muito mais bonita que a vagabunda com quem seu pai estava envolvido.

A mãe suspirou de novo.

— Quando foi que minha menininha cresceu?

— Não sei — riu Kylie, recostando-se no cobertor. A mãe, imitando-a, se recostou também. Ficaram ouvindo o murmúrio da água e contemplando o céu azul por entre as nuvens muito brancas. Talvez fosse imaginação de Kylie, mas ela quase podia ouvir dali o barulho da cachoeira.

Por fim, Kylie se levantou e a mãe fez o mesmo.

— Mãe, posso te perguntar uma coisa?

— É claro, querida.

Kylie a olhou bem no fundo dos olhos e disparou: — Quem é meu verdadeiro pai?

# Capítulo 42

Kylie viu a mãe vacilar. Não olhou para a filha, como que tentando decidir qual mentira contaria.

— A verdade, mamãe — insistiu Kylie. — Preciso saber a verdade.

A mãe finalmente olhou para ela.

— Seu... seu pai te contou?

Que pai?, pensou Kylie, mas não disse nada. Sabia a qual deles a mãe se referia.

Sentiu-se aliviada. O pai tinha conhecimento do fato. Kylie não queria acreditar que a mãe tivesse mentido para ele durante todos aqueles anos. Mas então o alívio desapareceu e ela se perguntou se o divórcio teria algo a ver com aquilo. Teria ele descoberto que não era o pai biológico de Kylie? Seu coração se apertou à ideia de ser a responsável pelo divórcio.

— Não, mãe, eu juro. Ele não me contou nada. Foi apenas um... pressentimento. — Isso era verdade. Kylie não tinha provas nem chegara a perguntar nada ao fantasma. Mas a estranha sensação de conhecer Daniel agora fazia sentido.

Ele se parecia muito com a garota que ela via no espelho todas as manhãs, quando escovava os dentes: os mesmos olhos azuis, o mesmo cabelo loiro, a mesma estrutura óssea. Até o andar dos dois era muito parecido.

E havia também o padrão mental dele. Kylie podia lê-lo em seu próprio cérebro e lembrou-se de que Helen o descrevera.

Eram coisas, porém, que no momento não poderia contar à mãe.

— Além disso, não me pareço em nada com o papai — preferiu dizer.

Lágrimas corriam pelas faces da mãe.

— Ah, minha filha, sinto muito. Sinto muito mesmo.

— O que aconteceu? — indagou Kylie. — Por favor, me diga que o divórcio não tem nada a ver com isso.

— Não tem. — A mãe enxugou as lágrimas e prosseguiu: — Conheci Daniel Brighten na academia de ginástica. Ele trabalhava lá. Era... nem sei como explicar, mas digamos que era... charmoso. Quase mágico. Foi amor à primeira vista.

Seus olhos fitaram o nada, como se ela se perdesse nas recordações.

— Ele me convidou para sair. No primeiro encontro, me contou que dentro de três semanas iria para a Guerra do Golfo. Três semanas era tudo o que tínhamos. Sei que isso parece errado e eu a trancaria no quarto se você fizesse a mesma coisa, mas... já no primeiro encontro, eu sabia que ele era o homem certo. No terceiro, eu... Não havia nada que eu não

fizesse por ele. Éramos inseparáveis. Quando foi para a guerra, Daniel me garantiu que, na volta, se casaria comigo. Que me apresentaria aos seus pais. Eles moravam em Dallas e, por isso, nunca os conheci.

A mãe respirou fundo.

— Duas semanas depois de sua partida, descobri que estava grávida. Contei a ele na minha carta seguinte. — Mordeu o lábio e mais lágrimas lhe correram pelas faces. — Ele deixou de escrever. Pensei... a princípio pensei que era porque não queria a criança. — Respirou fundo e enxugou o rosto. — Duas semanas depois, li no jornal que Daniel tinha morrido. Nem sei se ele chegou a receber minha carta.

Kylie sentiu um aperto no coração e se lembrou de Daniel tirando o envelope do bolso para levá-lo aos lábios. Seus olhos se encheram de lágrimas e só com muito esforço conteve a vontade de contar à mãe sobre os sonhos, sobre as visitas de Daniel.

A mãe abraçou os joelhos, como se sentisse frio. Kylie sabia que ele estava ali. Estava ao lado de sua mãe, olhando-a com tanto amor nos olhos que as lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Kylie.

— Eu só tinha... 18 anos — gemeu a mãe. — Minha mãe teria entendido, mas meu pai era... talvez até matasse Daniel. Eu e seu pai... quero dizer, seu padrasto, tínhamos saído algumas vezes na época do colégio. Ele sempre dizia que me amava.

Ergueu a cabeça e continuou:

— Me telefonou logo depois desses acontecimentos. Eu lhe disse que não era uma boa hora. Mas ele não aceitava um "não" facilmente. Apareceu no escritório e saímos para um café. Contei tudo a ele, não sei bem por quê. Mas precisava de um amigo.

Virou-se para Kylie:

— Ele fez o que a maior parte dos homens não faria. Ajoelhou-se e propôs que nos casássemos o mais rápido possível.

Kylie ficou imaginando o quanto ele devia gostar de sua mãe para lhe fazer essa proposta. Mas o que tinha acontecido com aquele homem? Como poderia ser o mesmo que...

A mãe prosseguiu:

— Só exigiu uma coisa, uma promessa de minha parte: ninguém jamais deveria saber que você não era filha dele. — Comprimiu de novo os lábios com as mãos. — Seu pai verdadeiro tinha morrido. Eu estava desesperada. Nunca... nunca pensei que seria tão difícil manter aquela promessa.

Kylie segurou a mão dela.

— No dia em que você nasceu, foi como se eu visse seu pai de novo. Eram tão parecidos!

*Eu sei*, pensou Kylie, apertando a mão da mãe. Em seguida, olhou para Daniel Brighten.

— Tenho certeza de que, se ele estivesse vivo, teria te amado muito.

Kylie cerrou os olhos e, dessa vez, as palavras fluíram livremente:

— Acho que ele me ama. E te ama também.

Então sua mãe a envolveu num forte abraço. Não foi rápido, nem estranho. Foi a coisa certa.

Continuaram junto ao riacho por mais duas horas. Falando sobre tudo. A mãe contou, em detalhes, seu romance ardente com Daniel. Falaram até da avó.

— No dia do enterro — disse a mãe —, tive de me controlar para não pegar um lenço e tirar aquele batom vermelho horrível que passaram na boca dela.

Kylie riu.

— Aposto que minha avó teria gostado muito disso.

Nesse momento, sentiu outra brisa passar por ela. Era fria. Mas não fria como a de Daniel. Teve certeza de que sua avó estava por perto.

— Ela era especial — murmurou Kylie.

Pouco depois, retomaram o caminho de volta pelo meio do bosque. Seus ombros se tocavam enquanto seguiam em frente. A mãe segurou a mão de Kylie.

— Seu pai — disse ela —, o homem que a criou, gosta de você. E você gosta muito dele, eu sei.

— Tenho o direito de estar com raiva — murmurou Kylie.

— É claro. Eu também estou com raiva dele. Com raiva não, com ódio. No entanto, não acredito que ele a amaria mais se você fosse sua filha legítima. Esta é apenas... uma crise da meia-idade. — Deteve o passo. — Ou então, algo que eu não gostaria de admitir.

— O quê?

— Ele me amava, Kylie. No começo, seu pai me amava muito. E eu... nunca o amei como a Daniel. Jamais lhe disse isso, mas ele sabia. E com o passar do tempo... que Deus me perdoe, comecei a me recriminar pela promessa que tinha feito. Sempre que olhava para você, via seu verdadeiro pai e sentia que estava mentindo para minha filha. Mentindo para mim mesma. O casamento ia de mal a pior. Nosso relacionamento se deteriorava. — Agitou a mão, desalentada. — Era fácil acusá-lo, mas, honestamente, eu também tinha culpa. Foi um erro fazer aquela promessa.

Puxou os cabelos de Kylie para trás, delicadamente.

— Ele se mostrou um bom pai. E, por quase todos estes dezesseis anos, um bom marido. Merecia uma esposa que correspondesse ao seu amor. Isso ele nunca teve. Até quando iria suportar essa situação? Talvez, depois de tanto tempo, não tenha conseguido mais lidar com isso.

Kylie reconheceu que a mãe dissera muitas coisas certas. Coisas que ela deveria levar em consideração quando reavaliasse seu relacionamento com o pai.

— Ele poderia ter apenas pedido o divórcio. Não precisava sair por aí com uma garota quase da minha idade.

— Não estou dizendo que ele agiu da forma correta. Ou que é perfeito. Mas ele te ama, querida. Mesmo sem ter essa obrigação.

Antes de partir, a mãe fez Kylie prometer que ligaria assim que pudesse para o pai. Promessa é dívida. Kylie pretendia cumpri-la, mas não hoje. Talvez nem mesmo amanhã.

— Por que os romances têm que ser tão complicados? — desabafou Kylie ao entrar na cabana de Holiday, já tarde da noite.

Havia permanecido em seu quarto desde que a mãe tinha ido embora, pensando no pai, na mãe e em Daniel, comparando a situação deles com o que sentia por Lucas e Derek. Não era a mesma coisa; mas, até certo ponto, talvez fosse.

Holiday ergueu os olhos do papel que tinha sobre a mesa. Se sua expressão dizia alguma coisa, ela estava no mesmo estado de espírito de Kylie. Confusa e magoada. Sem dúvida, tinha se desentendido de novo com Burnett.

— Boa pergunta — comentou Holiday. — Pessoalmente, acho que os deuses só querem, com isso, nos aborrecer.

Kylie se sentou diante da escrivaninha.

Recostando-se, Holiday a examinou.

— Você esteve quieta o dia todo. O encontro com sua mãe foi bom?

Kylie decidiu se abrir.

— Daniel Brighten, o fantasma, é meu verdadeiro pai.

Holiday concordou com um aceno de cabeça. Não era aquela a reação que Kylie esperava.

Kylie sentiu um nó na garganta.

— Se me disser que sabia disso o tempo todo, vou ficar muito brava com você.

— Eu não sabia. — Holiday levantou a mão. — Suspeitava. É um pouco diferente.

— Deveria ter me contado.

— Não é assim que funciona.

— Bem, o jeito que funciona não me agrada — retrucou Kylie.

Holiday suspirou.

— Às vezes, nem a mim.

Calaram-se. Música vinda do refeitório enchia a sala. Estava acontecendo uma festinha ali para comemorar a notícia de que o acampamento não seria fechado e de que se transformaria num internato. Para muitos dos campistas, aquilo era um alívio.

— E de resto está tudo bem? — indagou Holiday.

— Está — respondeu Kylie. Mas logo concluiu que, se não pusesse tudo para fora de uma vez, explodiria. — Não, não está. Gosto de dois garotos. Um foi embora, de modo que, por esse lado, as coisas deveriam ficar mais fáceis, não é? Especialmente porque, no momento, ele deve estar bem longe, fazendo sexo animal com uma loba. Mas não: a história de minha mãe, meu pai e Daniel me ensinou que não é justo gostar de duas pessoas ao mesmo tempo. — E Kylie se interrompeu para poder respirar.

— É uma situação difícil — concordou Holiday.

— Ah, e eu ainda não acabei. Como se tudo isso não bastasse, o outro garoto de quem gosto tem o dom de brincar com minhas emoções. Quando estou com ele, sinto que aquilo é bom demais para ser verdade. Então me pergunto se é real. Talvez ele esteja apenas usando suas habilidades para me induzir a pensar que gosto dele.

Holiday franziu a testa.

— Não creio que Derek faça isso.

Kylie sabia que Holiday tinha adivinhado a que ela estava se referindo, mas ouvir seu nome fez seu peito ficar oprimido.

— Além de tudo — prosseguiu Holiday —, Derek é um homem. A lógica dos homens é diferente da nossa.

— Então você concorda; ele pode estar fazendo isso, não é mesmo? — pressionou Kylie.

Holiday parecia insegura.

— Pode, mas... não acredito que seja do tipo que faça.

— Eu também não. No entanto... — Kylie fechou os olhos. — Me sinto extremamente confusa.

Holiday suspirou de novo.

— Gostaria de poder te dizer que as coisas vão melhorar quando você ficar mais velha. Mas, quando lidamos com homens, existe sempre a possibilidade de nos enganarmos.

— E há ainda o caso de Daniel — continuou Kylie, agitada. — Agora que deveria aparecer para eu perguntar o que na verdade eu sou, ele não colabora. Deve estar jogando golfe ou pôquer com São Pedro e seus colegas no céu. Ou então, e só faltava essa, talvez tenha conhecido alguma garotinha assanhada, como meu pai conheceu, e resolvido me pôr de lado, como meu pai me pôs.

Holiday sorriu.

— Já te passou pela cabeça que talvez Daniel queira que você descubra por si mesma o que você é?

— Ah, mas isso não é justo — disse Kylie. — Seus pais não morreram, deixando você por aí, se matando para descobrir, sozinha, o que era. Você já nasceu sabendo de tudo.

Holiday balançou a cabeça.

— A jornada de cada um é diferente. Por que não faz disso sua próxima busca?

Kylie se recostou na cadeira.

— Não quero mais saber de buscas. As coisas precisam ser assim tão difíceis?

Holiday não pôde conter o riso.

— O que é fácil não tem graça. — Suspirou. — Odeio admitir isto, mas, se os homens fossem fáceis de entender, provavelmente não seria tão divertido.

— Concordo com você, mas ver sua vida mergulhar no caos não tem nenhuma graça. E é o que vem acontecendo comigo nos dois últimos meses.

Holiday, com expressão séria, estendeu o braço e segurou a mão de Kylie.

— E eu estou prestes a tornar sua vida ainda mais difícil.

— Como?! — exclamou Kylie, soltando apressadamente a mão.

Holiday franziu a testa e tirou uma carta da gaveta da escrivaninha.

— Eu não ia te mostrar isto, mas... me lembrei de que você me chamou de superprotetora.

Um arrepio de preocupação percorreu o corpo de Kylie.

— Bem, a proteção às vezes é bem-vinda.

— Não. Você estava certa — disse Holiday.

— É de Daniel? — perguntou Kylie, olhando para o envelope.

— Não. De Lucas.

— Me mate de uma vez — gemeu Kylie, simulando bater a cabeça contra o tampo da escrivaninha.

Holiday deu uma risada.

— Talvez não seja tão ruim assim. — Apertou de novo a mão de Kylie. — Você é uma garota especial, Kylie. Me atrevo a dizer até que esses dois não são os únicos que pulariam no fogo para chamar sua atenção. — Levantou-se. — Acho que vou dar uma olhada na festa. Pode ficar aqui o tempo que quiser.

— Holiday? — chamou Kylie, sem se virar.

— Que foi?

Kylie olhou para trás.

— Lucas escreveu para você também?

Holiday sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Sabe se... se Fredericka está com ele?

Holiday fitou-a.

— Está.

— Obrigada. — Kylie voltou-se na cadeira enquanto o som dos passos de Holiday ia aos

poucos se confundindo com a música ao longe. Apanhou a carta. Lembrou-se do que sentira ao beijar Derek — calor e segurança, exceto pela pequena dúvida de que ele pudesse estar manipulando suas emoções.

Já com Lucas o beijo foi... mais ardente, mas nada seguro. Talvez tivesse sido mais ardente por isso mesmo. Perigo e paixão costumam andar de mãos dadas.

Kylie passeou os olhos pela carta. Será que Lucas conseguiria dizer alguma coisa que mudasse o fato de ter ido embora, de estar com Fredericka — uma garota com quem ele admitia que estava transando? Uma garota com quem ele também admitia que se preocupava?

Não, concluiu Kylie. Lucas não conseguiria dizer nada que mudasse essa situação. Não mais do que seu pai conseguiria mudar o que tinha feito com sua mãe. Ou o que Trey tinha feito com ela.

A música parecia chamá-la. Havia uma festa e ela deveria estar lá. Dobrou a carta e a colocou no bolso. Merecia se divertir um pouco aquela noite. Depois, veria o que Lucas tinha a dizer.

Levantou-se e já ia sair quando o frio a envolveu tão rapidamente que ela quase perdeu o fôlego. Uma densa neblina invadiu a sala.

*Bem, isto é diferente.*

Mal esse pensamento lhe ocorreu e Kylie constatou que era não só diferente, mas muito diferente. Daniel não tinha nada a ver com aquilo.

Tentou se acalmar. Afinal, já estava se acostumando com fantasmas.

— Daniel? — chamou, mas sabendo, no fundo, que não era ele.

Uma parte da neblina se desvaneceu. Uma mulher, com não mais de 30 anos e longos cabelos escuros, surgiu diante de seus olhos. Vestia uma saia branca muito bonita — pelo menos, já tinha sido bonita um dia.

O coração de Kylie palpitou forte quando ela viu as manchas de sangue. A mulher a fitava com olhos mortiços, olhos tão cheios de desamparo que Kylie teve vontade de chorar.

— Detenha-o — disse a mulher. — Detenha-o ou ele fará de novo.

— Quem? — perguntou Kylie. — Quem fez isso? — Juntou as mãos e desejou ardentemente que Holiday não tivesse saído. — Está procurando Holiday?

A mulher não respondeu. Em vez disso, dissipou-se em meio à neblina. Kylie ficou parada, de braços cruzados sobre o peito para se proteger do frio, enquanto a neblina subia e se dispersava no teto. Lentamente, a temperatura foi voltando ao normal.

— Isso não é justo! — murmurou ela.

— O que não é justo?

Kylie se virou e viu Derek na soleira da porta. Com sua calça jeans desbotada e uma

camisa azul-clara, parecia... irresistível. Seguro de si. Kylie notou em seus olhos o carinho que Derek tinha por ela.

Decidiu então que, naquela noite, esqueceria.

Esqueceria a carta que tinha posto no bolso.

Esqueceria o fato de não saber o que era.

Esqueceria uma certa mulher com a saia manchada de sangue.

Esqueceria que ainda não tinha ido à cachoeira.

Esqueceria até mesmo que sua mãe ainda não tinha concordado em matriculá-la na escola.

Naquela noite, Kylie só queria ouvir um pouco de música e sentar-se bem pertinho de Derek — com os ombros se tocando.

— Vai à festa? — perguntou ela.

— Vim de lá. Estava esperando você.

— Então, vamos — disse Kylie.

Dirigiu-se para o refeitório, seguida de Derek. Deteve-se à entrada e ele quase a atropelou. Com uma sensação de *déjà vu*, Kylie se deu conta de que exatamente a mesma coisa tinha acontecido com ela quando cruzou aquela porta pela primeira vez.

Ela estava com muito medo e com plena certeza de que detestaria aquele lugar. Mas sentia que sua vida logo iria mudar. E estava certa.

— Entramos? — perguntou Derek, encostando-se a ela. A respiração dele aqueceu o pescoço de Kylie.

Ela concordou com a cabeça, mas continuou na porta por mais alguns instantes enquanto dava uma olhada pela sala. Viu Miranda conversando com Perry. O metamorfo ainda não tinha confessado que gostava dela, mas Miranda era paciente. Helen estava sentada ao lado de Jonathon, que jogava uma partida de xadrez com outro vampiro.

Della, bebericando um copo de sangue, acompanhava o jogo de pé. Desde que soubera do projeto de transformação do acampamento em internato, a vampira conseguia reprimir um pouco seus acessos de raiva. Não totalmente. Só um pouco.

— Você está bem? — perguntou Derek, inclinando-se para chegar ainda mais perto da orelha de Kylie. Ali ao lado dela, parecia forte e afetuoso. Exatamente aquilo de que ela precisava no momento.

— Estou. — Kylie avistou Holiday sentada com Chris, que tocava violão.

Olhando para o fundo da sala, avistou também Burnett encostado na parede, prestando tanta atenção em Holiday que o mundo poderia acabar e ele nem perceberia. Sim, Holiday era a criptonita de Burnett.

Kylie se sentiu plenamente entrosada no ambiente. Virou-se para Derek.

— Estou, sim — repetiu, sorrindo. — estou muito bem.

# A história de Kylie continua!

Trechos do próximo livro da saga
Acampamento Shadow Falls, de C. C. Hunter

*Desperta ao Amanhecer*

---

*"Você tem que impedir isso, de qualquer maneira, Kylie. Do contrário, acontecerá com alguém que você ama."*

As palavras agourentas do espírito soaram às costas de Kylie, confundindo-se com o crepitar da enorme fogueira que ardia a alguns metros dela. A lufada de ar frio anunciava a presença do fantasma da maneira mais clara possível, mas as palavras eram só para ela e não para os outros trinta campistas de Shadow Falls que formavam o círculo cerimonial.

Miranda, ao lado de Kylie na corrente humana, completamente alheia ao espírito, apertou-lhe a mão com mais força.

— Isso é tão legal! — murmurou, olhando para Della, do outro lado do círculo.

Miranda e Della, além de amigas íntimas, eram também colegas de alojamento de Kylie.

— Damos graças por esta oferenda. — Chris (ou Christopher, como tinha se apresentado essa noite), ficou no meio do círculo e ergueu para o céu escuro o cálice sagrado, enquanto abençoava seu conteúdo.

"*Você tem que impedir isso*", sussurrou de novo o espírito por trás do ombro de Kylie, desviando sua atenção do ritual.

Cerrando os olhos, Kylie visualizou o espírito tal como ele vinha aparecendo para ela ultimamente: em torno de 30 anos, longos cabelos negros, saia branca — manchada de sangue.

A frustração fez com que as entranhas de Kylie se contraíssem ainda mais. Quantas vezes tinha gritado para o espírito as perguntas quem, o quê, quando, onde, por quê? Mas a mulher morta se limitava a repetir o mesmo aviso.

Para encurtar a história, fantasmas recentes têm dificuldade para se comunicar, a mesma que os sensitivos inexperientes encontram para arrancar deles alguma coisa. Assim, a única opção de Kylie era esperar que a mulher finalmente conseguisse explicar o aviso. Mas aquela não era a hora ideal.

*No momento, estou muito ocupada. Portanto, a menos que você me dê detalhes, o melhor é conversarmos depois.* Kylie manteve essas palavras na mente, esperando que o fantasma pudesse ler seus pensamentos. Por fim, os arrepios que corriam pela espinha de Kylie desapareceram e o calor da noite voltou — o calor do Texas, úmido, viscoso e intenso, mesmo sem a

colaboração da fogueira.

*Obrigada.* Kylie procurou se descontrair, mas a tensão em seus ombros não lhe dava trégua. E por uma boa razão. A cerimônia daquela noite era mais uma novidade em sua vida.

Uma vida que tinha sido bem mais simples antes de Kylie descobrir que não era inteiramente humana. Sem dúvida, o melhor seria que pudesse identificar seu lado não humano. Mas, infelizmente, a única pessoa que sabia a resposta era Daniel Brighten, seu verdadeiro pai. Kylie ignorava sua existência até ele lhe fazer uma visita há pouco mais de um mês. E Daniel aparentemente desejava que ela resolvesse sozinha sua crise de identidade.

Ele raramente a visitava, reforçando a velha imagem do pai ausente. Na verdade, Daniel estava mais que ausente: estava morto. Morrera antes de Kylie nascer. Ela ignorava se havia cursos de aperfeiçoamento para pais no além, mas sentia-se tentada a sugerir que ele procurasse um. Porque agora, quando de fato aparecia, ficava só olhando para ela; e se Kylie abria a boca para fazer uma pergunta, sumia, deixando atrás de si apenas um ar gelado e a pergunta não respondida.

— Vamos lá — disse Chris. — Soltem as mãos e deixem a mente vazia. Mas, façam o que fizerem, não quebrem o círculo.

Todos seguiram as instruções. Mas, embora soltasse as mãos, Kylie não conseguiu deixar a mente vazia.

Seu pai ausente tinha medo que ela lhe fizesse perguntas sobre sexo ou coisa semelhante? Isso sempre fazia sua mãe sair correndo do quarto — e sair à procura de algum manual de educação sexual para adolescentes. Não que Kylie conversasse com ela sobre o assunto. A mãe seria a última pessoa no mundo a quem ela recorreria para *esse* tipo de conselho. A simples menção de que estava interessada em algum garoto já fazia a pobre mãe entrar em pânico, com as letras S-E-X-O faiscando em seus olhos. Felizmente, desde que Kylie tinha sido despachada para o acampamento Shadow Falls, o suprimento de manuais de sexo tinha diminuído.

Mas quem poderia dizer o que a mãe estivera selecionando no último mês? Talvez tivesse reunido uma pilha de folhetos sobre doenças sexualmente transmissíveis que Kylie ainda não conhecia. Nesse caso os estaria guardando para quando a filha fosse visitá-la depois de três semanas de ausência. Kylie não estava pensando muito nessa visita, embora, com certeza, a relação entre elas tevesse melhorado desde que soubera que Daniel era seu verdadeiro pai. Mas os novos laços entre mãe e filha ainda eram frágeis.

Kylie chegava a se perguntar se esses laços, por serem tão delicados, justificariam um encontro de mais de duas horas. E se ela voltasse para casa e descobrisse que por ali nada havia mudado? E se a mãe continuasse indiferente? E como seriam agora as coisas com Tom

Galen, o homem que durante toda a sua vida Kylie acreditou ser seu pai biológico, o homem que abandonou a mãe por uma garota pouco mais velha que a filha? Era uma verdadeira tortura vê-lo aos beijos e abraços com aquela assistente tão jovem. Mas ela ainda não tinha dito isso a ele

A brisa de fim de noite arremessou uma nuvem de fumaça da fogueira no rosto de Kylie. Ela esfregou os olhos, mas não ousou sair do círculo. Como Della tinha lhe explicado, fazer isso seria falta de respeito com a cultura dos vampiros.

— Deixem a mente vazia — repetiu Chris, passando o cálice ao campista que se achava a seu lado no círculo.

Cerrando as pálpebras, Kylie tentou de novo seguir as instruções de Chris, mas ouviu então o som da cachoeira. Abriu bem os olhos e voltou-se na direção do bosque. Será que a cachoeira estava assim tão próxima? Desde que tinha ouvido falar da lenda sobre os anjos da morte que existiam ali, Kylie sentia vontade de conhecer o local. Não que quisesse encontrar cara a cara um anjo da morte. Já tinha fantasmas demais na vida dela. Mas, ainda assim, a cachoeira a atraía.

— Está pronta? — Miranda inclinou-se para ela e sussurrou: — Está chegando perto.

*Pronta para o quê?*, foi o primeiro pensamento de Kylie. E então se lembrou.

Brincadeira de mau gosto de Miranda?

Kylie viu o cálice comunal sendo passado de mão em mão ao longo do círculo. Quase parou de respirar ao perceber que só faltavam dez pessoas para ele chegar até ela. Aspirando profundamente o ar saturado de fumaça, tentou não mostrar repugnância.

Tentou. A ideia de beber num recipiente onde tanta gente tinha posto a boca provocou-lhe na mente algo entre a náusea e a indignação. Mas, sem dúvida, o que mais lhe causava nojo era o sangue.

Ver Della consumindo diariamente seu alimento preferido tinha ficado mais fácil, no último mês, para Kylie, que chegara a doar um pouco de sangue em favor da causa — sobrenaturais fazem coisas assim por seus amigos vampiros. Contudo, degustar a substância que lhes dava vida era outra coisa.

— Sei que é nojento. Mas finja que está tomando suco de tomate — sussurrou Miranda à amiga Helen, de pé ao seu lado. Mas quem disse que o sussurro não seria ouvido em meio a tantos sobrenaturais com sentidos aguçados?

Kylie observou o círculo de campistas sobrenaturais, com os rostos banhados pelo fulgor intermitente das chamas da fogueira próxima. Viu Della franzindo a testa na direção delas, os olhos projetando faíscas amareladas. A audição aguçada era apenas um de seus muitos dons. Sem dúvida cobraria de Miranda, mais tarde, aquele "nojento". Ou seja, Kylie teria de convencer Della e Miranda a não se matarem. Como duas pessoas podiam ser

amigas e ainda assim brigar tanto, isso estava além de sua compreensão. Reconciliá-las tinha se tornado, para Kylie, uma tarefa de tempo integral.

Viu outra campista levar o cálice à boca. Sabendo quanto aquilo significava para Della, Kylie se preparou mentalmente para sorver um gole do sangue sem vomitar. O que, porém, não impediu seu estômago de se rebelar.

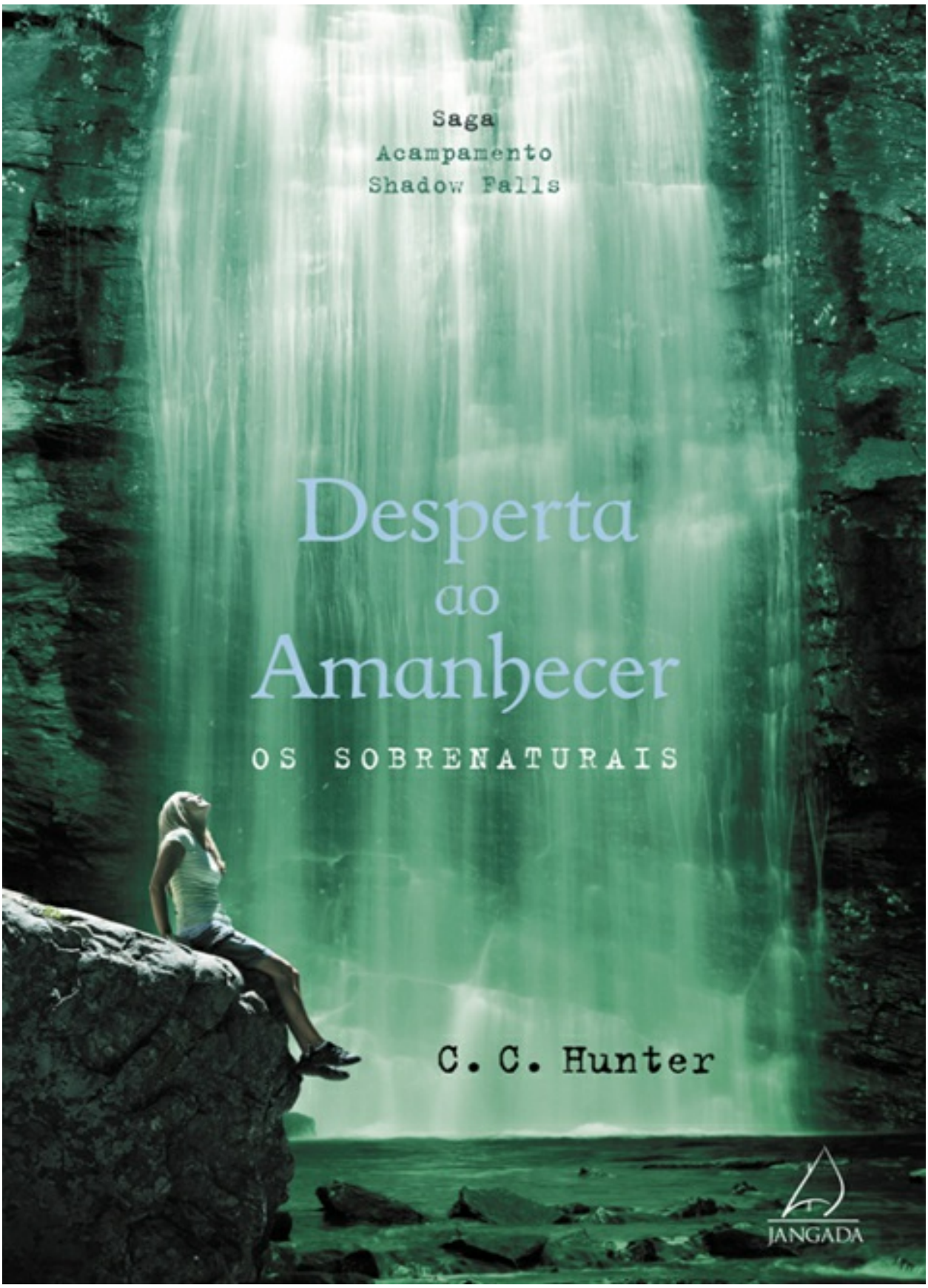
*Faça isto. Faça isto*. Por Della.

*Talvez até aprecie o sabor do sangue*, tinha dito Della um pouco antes. *Não seria ótimo se você descobrisse que é uma vampira?*

*Não*, pensou Kylie. Ser vampiro era tão ruim quanto ser lobisomem ou metamorfo. Ela se lembrou de Della quase chorando ao falar da repulsa do ex-namorado pela temperatura baixa do seu corpo. Não, Kylie preferia manter sua própria temperatura. E que dizer de uma dieta essencialmente à base de sangue? Ela nem comia carne vermelha com frequência e, quando comia... era muito bem passada, por favor!

Holiday, líder do acampamento e sua mentora, achava improvável que Kylie começasse a exibir mudanças físicas muito acentuadas. Mas achava também que tudo é possível. Na verdade, Holiday — uma fada da cabeça aos pés — não poderia prever o futuro de Kylie. Porque Kylie era uma anomalia.

[1]*Dude* (gíria), termo genérico usado informalmente com referência a uma pessoa qualquer; cara, sujeito.


Saga
Acampamento
Shadow Falls
Desperta
ao
Amanhecer
OS SOBRENATURAIS
C. C. Hunter
JANGADA

# DESPERTA AO AMANHECER

C. C. Hunter

# DESPERTA AO AMANHECER

## OS SOBRENATURAIS

*Tradução*
DENISE DE C. ROCHA DELELA



Título original: *Awake at Dawn.*

Copyright © 2011 Christie Craig.

Star Books Digital

https://t.me/StarBooksDigital

https://t.me/SBDLivros

Copyright da edição brasileira © 2012 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Publicado originalmente em inglês por St. Martin's Griffin, 175 Fifth Avenue, New York, N.Y., 10010, USA.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2012.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produto da imaginação da autora ou usados de maneira fictícia.

**Coordenação editorial:** Denise de C. Rocha Delela e Roseli de S. Ferraz **Revisão:** Maria Aparecida A. Salmeron **Diagramação:** Fama Editoração Eletrônica **Produção para ebook:** Fábrica de Pixel ISBN Digital: 978-85-64850-12-5

1ª edição digital: 2012

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Hunter, C. C. Desperta ao amanhecer / C. C. Hunter; tradução Denise de C. Rocha Delela. — São Paulo : Jangada, 2012.

Título original: Awake at Dawn. ISBN 978-85-64850-07-1
1. Ficção norte-americana I. Título.

12-01124 CDD-813.5

**Índices para catálogo sistemático:** 1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Direitos de tradução para o Brasil

adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br http://www.editorajangada.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Foi feito o depósito legal.

*Para o meu marido, Steve Craig — meu parceiro, melhor amigo e herói. O seu amor, o seu apoio e sua disposição para se encarregar da roupa suja me ajudaram a realizar meus sonhos e fazer deles a nossa realidade. Obrigada por fazer parte dos meus sonhos.*

*Eu te amo.*

*Para os meus fabulosos parceiros de crítica, que riram comigo durante muitos almoços, me deram apoio infinito quando meus personagens estavam se comportando mal e beberam martínis de chocolate para comemorar comigo cada bom momento da vida. Para a incrível e compreensiva equipe da Katy Budget Books. Vocês são demais. Para meu pai, Pete Hunt, e minha mãe, Ginger Curtis, que me ensinaram o valor do riso e do amor. E à minha filha, Nina Makepeace, e meu filho, Steve Craig, Jr. De longe, vocês dois são as melhores coisas que já fiz na vida. E por último, mas nem por isso menos importante, ao meu maravilhoso editor e agente, cuja crença em mim é o trampolim da minha inspiração.*

# Capítulo Um

"*Você tem que impedir isso, de qualquer maneira, Kylie. Do contrário, acontecerá com alguém que você ama*."

As palavras agourentas do espírito soaram às costas de Kylie, confundindo-se com o crepitar da enorme fogueira que ardia a alguns metros dela. A lufada de ar frio anunciava a presença do fantasma da maneira mais clara possível, mas as palavras eram só para ela e não para os outros trinta campistas de Shadow Falls que formavam o círculo cerimonial.

Miranda, ao lado de Kylie na corrente humana, completamente alheia ao espírito, apertou-lhe a mão com mais força.

— Isso é tão legal! — murmurou, olhando para Della, do outro lado do círculo.

Miranda e Della, além de amigas íntimas, eram também colegas de alojamento de Kylie.

— Damos graças por esta oferenda. — Chris (ou Christopher, como tinha se apresentado essa noite), ficou no meio do círculo e ergueu para o céu escuro o cálice sagrado, enquanto abençoava seu conteúdo.

"*Você tem que impedir isso*", sussurrou de novo o espírito por trás do ombro de Kylie, desviando sua atenção do ritual.

Cerrando os olhos, Kylie visualizou o espírito tal como ele vinha aparecendo para ela ultimamente: em torno de 30 anos, longos cabelos negros, saia branca — manchada de sangue.

A frustração fez com que as entranhas de Kylie se contraíssem ainda mais. Quantas vezes tinha gritado para o espírito as perguntas quem, o quê, quando, onde, por quê? Mas a mulher morta se limitava a repetir o mesmo aviso.

Para encurtar a história, fantasmas recentes têm dificuldade para se comunicar, a mesma que os sensitivos inexperientes encontram para arrancar deles alguma coisa. Assim, a única opção de Kylie era esperar que a mulher finalmente conseguisse explicar o aviso. Mas aquela não era a hora ideal.

*No momento, estou muito ocupada. Portanto, a menos que você me dê detalhes, o melhor é conversarmos depois*. Kylie manteve essas palavras na mente, esperando que o fantasma pudesse ler seus pensamentos. Por fim, os arrepios que corriam pela espinha de Kylie desapareceram e o calor da noite voltou — o calor do Texas, úmido, viscoso e intenso, mesmo sem a colaboração da fogueira.

*Obrigada*. Kylie procurou se descontrair, mas a tensão em seus ombros não lhe dava trégua. E

por uma boa razão. A cerimônia daquela noite era mais uma novidade em sua vida.

Uma vida que tinha sido bem mais simples antes de Kylie descobrir que não era inteiramente humana. Sem dúvida, o melhor seria que pudesse identificar seu lado não humano. Mas, infelizmente, a única pessoa que sabia a resposta era Daniel Brighten, seu verdadeiro pai. Kylie ignorava sua existência até ele lhe fazer uma visita há pouco mais de um mês. E Daniel aparentemente desejava que ela resolvesse sozinha sua crise de identidade.

Ele raramente a visitava, reforçando a velha imagem do pai ausente. Na verdade, Daniel estava mais que ausente: estava morto. Morrera antes de Kylie nascer. Ela ignorava se havia cursos de aperfeiçoamento para pais no além, mas sentia-se tentada a sugerir que ele procurasse um. Porque agora, quando de fato aparecia, ficava só olhando para ela; e se Kylie abria a boca para fazer uma pergunta, sumia, deixando atrás de si apenas um ar gelado e a pergunta não respondida.

— Vamos lá — disse Chris. — Soltem as mãos e deixem a mente vazia. Mas, façam o que fizerem, não quebrem o círculo.

Todos seguiram as instruções. Mas, embora soltasse as mãos, Kylie não conseguiu deixar a mente vazia. Uma rajada de vento agitou algumas mechas do longo cabelo loiro de Kylie e as espalhou pelo seu rosto. Ela as recolocou atrás da orelha.

Seu pai ausente tinha medo que ela lhe fizesse perguntas sobre sexo ou coisa semelhante? Isso sempre fazia sua mãe sair correndo do quarto — e sair à procura de algum manual de educação sexual para adolescentes. Não que Kylie conversasse com ela sobre o assunto. A mãe seria a última pessoa no mundo a quem ela recorreria para esse tipo de conselho. A simples menção de que estava interessada em algum garoto já fazia a pobre mãe entrar em pânico, com as letras S-E-X-O faiscando em seus olhos. Felizmente, desde que Kylie tinha sido despachada para o acampamento Shadow Falls, o suprimento de manuais de sexo tinha diminuído.

Mas quem poderia dizer o que a mãe estivera selecionando no último mês? Talvez tivesse reunido uma pilha de folhetos sobre doenças sexualmente transmissíveis que Kylie ainda não conhecia. Nesse caso os estaria guardando para quando a filha fosse visitá-la depois de três semanas de ausência. Kylie não estava pensando muito nessa visita, embora, com certeza, a relação entre elas tivesse melhorado desde que soubera que Daniel era seu verdadeiro pai. Mas os novos laços entre mãe e filha ainda eram frágeis.

Kylie chegava a se perguntar se esses laços, por serem tão delicados, justificariam um encontro de mais de duas horas. E se ela voltasse para casa e descobrisse que por ali nada havia mudado? E se a mãe continuasse indiferente? E como seriam agora as coisas com Tom Galen, o homem que durante toda a sua vida Kylie acreditou ser seu pai biológico, o homem que abandonou a mãe por uma garota pouco mais velha que a filha? Era uma verdadeira tortura vê-lo aos beijos e abraços com aquela assistente tão jovem. Mas ela ainda não tinha dito isso a ele.

A brisa de fim de noite arremessou uma nuvem de fumaça da fogueira no rosto de Kylie. Ela esfregou os olhos, mas não ousou sair do círculo. Como Della tinha lhe explicado, fazer isso seria

falta de respeito com a cultura dos vampiros.

— Deixem a mente vazia — repetiu Chris, passando o cálice ao campista que se achava a seu lado no círculo.

Cerrando as pálpebras, Kylie tentou de novo seguir as instruções de Chris, mas ouviu então o som da cachoeira. Abriu bem os olhos e voltou-se na direção do bosque. Será que a cachoeira estava assim tão próxima? Desde que tinha ouvido falar da lenda sobre os anjos da morte que existiam ali, Kylie sentia vontade de conhecer o local. Não que quisesse encontrar cara a cara um anjo da morte. Já tinha fantasmas demais na vida dela. Mas, ainda assim, a cachoeira a atraía.

— Está pronta? — Miranda inclinou-se na direção dela e sussurrou: — Está chegando perto.

*Pronta para o quê*?, foi o primeiro pensamento de Kylie. E então se lembrou.

Brincadeira de mau gosto de Miranda?

Kylie viu o cálice comunal sendo passado de mão em mão ao longo do círculo. Quase parou de respirar ao perceber que só faltavam dez pessoas para ele chegar até ela. Aspirando profundamente o ar saturado de fumaça, tentou não mostrar repugnância.

Tentou. A ideia de beber num recipiente onde tanta gente tinha posto a boca provocou-lhe na mente algo entre a náusea e a indignação. Mas, sem dúvida, o que mais lhe causava nojo era o sangue.

Ver Della consumindo diariamente seu alimento preferido tinha ficado mais fácil, no último mês, para Kylie, que chegara a doar um pouco de sangue em favor da causa — sobrenaturais fazem coisas assim por seus amigos vampiros. Contudo, degustar a substância que lhes dava vida era outra coisa.

— Sei que é nojento. Mas finja que está tomando suco de tomate — sussurrou Miranda à amiga Helen, de pé ao seu lado. Mas quem disse que o sussurro não seria ouvido em meio a tantos sobrenaturais com sentidos aguçados?

Kylie observou o círculo de campistas sobrenaturais, com os rostos banhados pelo fulgor intermitente das chamas da fogueira próxima. Viu Della franzindo a testa na direção delas, os olhos projetando faíscas amareladas. A audição aguçada era apenas um de seus muitos dons. Sem dúvida cobraria de Miranda, mais tarde, aquele "nojento". Ou seja, Kylie teria de convencer Della e Miranda a não se matarem. Como duas pessoas podiam ser amigas e ainda assim brigar tanto, isso estava além de sua compreensão. Reconciliá-las tinha se tornado, para Kylie, uma tarefa de tempo integral.

Viu outra campista levar o cálice à boca. Sabendo quanto aquilo significava para Della, Kylie se preparou mentalmente para sorver um gole do sangue sem vomitar. O que, porém, não impediu seu estômago de se rebelar.

*Faça isto. Faça isto*. Por Della.

*Talvez até aprecie o sabor do sangue*, tinha dito Della um pouco antes. *Não seria ótimo se você descobrisse que é uma vampira*?

*Não*, pensou Kylie, mas sem ousar abrir a boca. Ser vampiro era tão ruim quanto ser

lobisomem ou metamorfo. Ela se lembrou de Della quase chorando ao falar da repulsa do ex-namorado pela temperatura baixa do seu corpo. Não, Kylie preferia manter sua própria temperatura. E o que dizer de uma dieta essencialmente à base de sangue...? Ela nem comia carne vermelha com frequência e, quando comia... era muito bem passada, por favor!

Holiday, líder do acampamento e sua mentora, achava improvável que Kylie começasse a exibir mudanças físicas muito acentuadas. Mas achava também que tudo é possível. Na verdade, Holiday — uma fada da cabeça aos pés — não poderia prever o futuro de Kylie. Porque Kylie era uma anomalia.

E detestava ser uma anomalia.

Ela nunca tinha se ajustado ao mundo humano, é verdade, e não estava nem aí se não se ajustasse ao sobrenatural também. O que não significava que os outros campistas não a aceitassem. Pelo contrário, ela se sentia mais próxima deles do que dos adolescentes humanos. Bem, só tinha passado a pensar assim depois de descobrir que ninguém ali estava louco para transformá-la em jantar. Como Della e Miranda eram agora suas duas melhores amigas — não havia nada que ela não compartilhasse com as duas. Doar sangue era uma boa prova disso.

Só havia uma coisa que ela não podia dividir com suas duas melhores amigas. Os fantasmas. A maioria dos sobrenaturais tinha o pé atrás com fantasmas. Mas quem disse que a própria Kylie também não tinha? O que não impedia, porém, que aqueles fantasmas irritantes vivessem aparecendo para lhe fazer uma visitinha.

De qualquer maneira, não importava o tipo de sobrenatural que ela fosse, ser um ímã para fantasmas era o dom que ela tinha. Ou... um deles. Holiday achava que se comunicar com fantasmas provavelmente era um dos muitos dons de Kylie, e outros se manifestariam no devido tempo. Kylie só esperava que qualquer dom futuro fosse mais fácil de lidar do que falar com gente morta, o que lhe parecia ao mesmo tempo um enigma e um desafio.

— Está chegando! — avisou Miranda.

Kylie viu alguém passando o copo para Helen. Sua garganta se contraiu um pouco mais e seu olhar se desviou para Derek, o meio *fae* de cabelos castanhos que, no círculo, estava três campistas antes de Helen. Ela não o vira bebendo o sangue. O que não a incomodava nem um pouco. Da próxima vez que se beijassem ela não queria pensar nele com sangue nos lábios.

Derek sorriu com ternura para ela e Kylie se lembrou de que ele podia sentir o tumulto emocional em que ela se encontrava. Por mais incrível que fosse, a capacidade dele de ler suas emoções era o que a fazia se sentir tão atraída e ao mesmo tempo o que a impedia de se aproximar ainda mais. Na verdade, não era bem a capacidade dele de ler emoções que impedia o relacionamento entre eles de se aprofundar, mas a capacidade que ele tinha de controlar essas emoções. Por ser meio *fae*, Derek não só era capaz de sentir as emoções das pessoas, mas também, com um simples toque, de influenciar essas emoções, transformando o medo em fascínio, a raiva em serenidade. Não era à toa que ela encarava com um pouco de receio aquele garoto atraente e sedutor.

Podiam chamá-la de paranoica se quisessem, mas, depois de ver seu pai — quer dizer, padrasto — traindo sua mãe e depois Trey, seu ex-namorado, trocando-a por outra porque ela estava hesitante em se entregar a ele, confiar no sexo masculino era um verdadeiro desafio. Que dirá alguém que tinha o poder de manipular suas emoções?

Isso, contudo, não a impedia de gostar de Derek nem de querer deixar toda a precaução de lado. Mesmo agora — com o estômago revirado pela perspectiva de beber sangue e rodeada pelo acampamento inteiro — ela sentia o quanto ele a atraía. Queria poder se recostar em seu peito e chegar perto o suficiente para ver as raias douradas em suas pupilas se mesclarem e se fundirem com o verde brilhante dos seus olhos. Queria sentir seus lábios pressionando os dela novamente. Sentir o sabor do seu beijo. Naquelas últimas semanas, ela tinha descoberto o quanto gostava dos beijos dele.

O som de Miranda limpando a garganta trouxe Kylie de volta ao momento. Quando ela viu o sorriso travesso de Derek, soube que ele tinha lido as emoções dela e percebido a sua excitação. Ela sentiu as bochechas arderem e desviou o olhar para Miranda.

Ai, droga. Miranda segurava o cálice, oferecendo-o a Kylie. Era a hora do show.

Kylie pegou o cálice. Estava morno, como se tivessem acabado de drenar o líquido em seu interior da sua fonte vital. Seu estômago se contraiu e o mesmo aconteceu com a garganta. Ela não sabia se o sangue era animal ou humano.

*Não pense nisso.*

Kylie respirou fundo e o odor metálico, de moeda velha, invadiu suas narinas. Antes que o cálice chegasse à sua boca, sentiu vontade de vomitar.

*Simplesmente beba. Mostre a Della que respeita a cultura dos vampiros.*

Ela engoliu em seco, aproximou o cálice da boca e esperou que Della pelo menos soubesse reconhecer o seu esforço. Repetindo para si mesma que não precisava degustar o sangue, só engoli-lo, esperou até sentir a umidade na boca.

No segundo em que o líquido morno molhou seus lábios, ela sentiu o impulso de afastar o cálice, mas o sangue vermelho e espesso de algum modo escorreu por entre seus lábios apertados. Sua garganta se fechou, mas então o sabor explodiu na ponta da sua língua. O gosto, semelhante ao de amoras, mas ainda melhor, como o de morangos maduros, mas mais marcante, doce e exótico, fez com que ela abrisse a boca e engolisse o líquido com avidez. Quando o sangue deslizou pela sua garganta, o cheiro de moeda velha se desvaneceu e foi substituído pelo gosto picante de fruta.

Ela já tinha entornado quase tudo quando se lembrou do que estava bebendo. Afastou o cálice dos lábios, mas não pôde impedir a língua de deslizar pelos cantos da boca, atrás de uma última gota que pudesse ter escapado.

Imediatamente, a intensidade do olhar de todos fez com que ela recuperasse a consciência e um senso mais profundo da realidade. Murmúrios encheram seus ouvidos...

*Pelo menos agora ela sabe o que ela é.*

*Como pode, se o corpo dela não está frio?*

*Parece que vamos ter que aumentar o estoque de sangue...*

Em seguida, ela ouviu um gritinho de vitória de Della.

As mãos de Kylie começaram a tremer. A fumaça da fogueira penetrou em suas narinas e em sua garganta, e ficou cada vez mais difícil respirar.

Merda! Merda! Merda! O que aquilo significava? Que ela era... uma vampira?

Kylie passou os olhos pelos rostos de olhos arregalados para encontrar Holiday e ver seu sorriso tranquilizador, mostrando que estava tudo bem, que isso... isso não significava nada. Mas, quando ela localizou a líder do acampamento, a expressão dela refletia exatamente a mesma emoção dos outros — choque.

Kylie piscou, tentando reprimir as lágrimas, e entregou o cálice quase vazio nas mãos da pessoa ao seu lado. Sem se incomodar mais em demonstrar respeito, ela saiu do círculo e se afastou correndo.

Cinco minutos depois Kylie ainda estava correndo. Mais rápido do que jamais imaginou que pudesse. Mas seria essa a velocidade de um vampiro? O clima quente e pegajoso de verão encheu seus pulmões e saiu em golfadas. Mesmo com a temperatura ultrapassando a marca dos trinta graus, um calafrio percorreu sua espinha. Será que ela estaria agora mesmo se transformando em vampira? Seu corpo estava ficando cada vez mais frio? Della não tinha dito que sentira dor? Uma dor quase excruciante?

Mas ela estava sentindo dor? Emocionalmente, estava. Mas e fisicamente? Ainda não.

Kylie continuou em movimento. O som dos seus passos golpeando o chão de terra lhe enchia os ouvidos, e o dos galhos cheios de espinhos se agarrando aos seus jeans e se soltando violentamente parecia alto demais. Sua consciência pulsava no mesmo ritmo que as batidas do seu coração. *Tum. Tum. Tum*.

Quantas vezes ela tinha repetido para Della que ela não era um monstro? E, no entanto, a mera ideia de que pudesse ser vampira também parecia... demais para ela.

O cheiro da fumaça da fogueira impregnava suas roupas e invadia suas narinas. No entanto, o gosto doce do sangue ainda permanecia em sua língua. Ela correu ainda mais. E mais rápido. A rapidez significava que ela era vampira?

Kylie não queria pensar nisso.

Não queria aceitar essa ideia.

Seus pulmões finalmente pediram arrego, rejeitando o ar que ela tentava respirar. Os músculos das pernas estavam tensos e os joelhos tremiam. Ela parou; as pernas, se recusando a sustentar seu peso, desabaram em meio aos arbustos crivados de espinhos. Encostando as pernas no peito, ela abraçou os calcanhares e descansou a cabeça nos joelhos.

Forçou o ar quente a entrar nos pulmões, que agora imploravam por mais ar. Ela respirou uma, duas vezes. Fisicamente exausta, ficou ali em silêncio, até que lhe ocorreu um pensamento.

Se ela fosse mesmo vampira, não deveria ter a resistência de Della? Talvez isso viesse junto com a mudança na temperatura do corpo. A umidade em seu rosto revelou que ela estava chorando.

O ar de repente se resfriou. Ficou muito frio.

Não frio como o corpo de um vampiro.

Frio como o corpo de alguém morto.

Ela não estava sozinha — outro espírito lhe fazia companhia. Mas quem era dessa vez? Holiday tinha explicado que, com o tempo, suas capacidades aumentariam e ela teria que lidar com mais de um fantasma ao mesmo tempo. Mas, neste momento, só um fantasma ela queria ver. Só uma coisa ela queria.

Ela queria respostas.

— Daniel? — chamou em voz alta o nome do pai. E então gritou: — Daniel Brighten! O que eu sou?

Ao ver que ele não aparecia, ela repetiu aos gritos seu nome várias e várias vezes. A garganta começou a doer, mas ela não parou.

— Apareça agora! Você me dá respostas ou eu juro que nunca mais, NUNCA MAIS, vou reconhecer sua presença outra vez. Vou me fechar pra você, arrancá-lo da minha mente e me recusar a ver você, falar com você ou pensar em você outra vez.

Enquanto o ameaçava, ela nem mesmo sabia se era capaz de fazer o que prometia, mas algo dentro dela dizia que sim. Ela descansou novamente a cabeça nos joelhos e se esforçou para respirar.

De repente, o ar ficou mais rarefeito. Ela o sentiu envolvê-la. Circundando-a como um abraço apertado. Não era um ar frio qualquer, era o ar frio de Daniel.

Ela ergueu o rosto e viu o espírito do pai ajoelhado ao lado dela. Seus olhos azuis, do mesmo tom dos dela, a fitavam. Seus olhos, e mais alguma coisa em seus traços faciais, desde o rosto em formato oval até o nariz levemente arrebitado, eram tão parecidos com os dela que chegava a ser perturbador. Quando os braços dele a rodearam, o bolo em sua garganta ficou ainda maior.

— Não chore. — Ele secou uma lágrima do rosto dela. — Não quero que a minha garotinha chore. — O toque gelado não deveria ser reconfortante, mas era.

— Eu bebi sangue e achei bom. — Ela falou depressa como se fizesse uma confissão.

— E você achou isso errado? — ele perguntou.

— Me... me assustou.

— Eu sei — ele disse. — Eu me lembro de ter me sentido desse jeito.

— Você bebeu sangue? Nós somos... vampiros? — Mal conseguiu pronunciar a palavra.

— Nunca provei sangue. — O semblante do pai demonstrava compreensão. — Mas, Kylie, você não fez nada errado. — A voz dele era suave; suas palavras, reconfortantes. O frio, o frio que vinha dele, amenizou o medo que Kylie sentia do desconhecido e ela se sentiu... amada.

Nesse instante ela soube que o amor não tinha fronteiras, nem mesmo a morte. O amor não tinha temperatura. Talvez ficar com frio não fosse tão ruim assim. Ela chegou mais perto do pai e

se confortou com sua proximidade.

Passaram alguns minutos assim. Depois ela enxugou as lágrimas e se levantou. Ele saiu da posição de joelhos e se levantou também. Secando o rosto, olhou para o pai que nunca tivera a chance de conhecer em vida. Mesmo separados pela morte, ela sentia a ligação que existia entre eles.

— Me diga. Por favor, me diga o que eu sou.

O sorriso nos olhos dele esmoreceu.

— Eu queria muito poder te dar o que está me pedindo, mas eu não tenho as respostas. Eu era mais velho do que você quando percebi que era diferente das outras pessoas. Foi só quando fiz 18 anos e não estava mais na faculdade que as coisas começaram a acontecer.

— Que tipo de coisas? — ela perguntou e logo percebeu que já sabia. — Você via fantasmas?

Ele assentiu e depois gesticulou com as mãos.

— Pensei que tinha perdido o juízo. Então um dia encontrei um velho pescador. Ele me disse que era *fae*.

— Disse o que você era?

— Não, só disse que eu não era humano e, claro, pensei que *ele* tinha perdido o juízo. Precisei de meses pra começar a acreditar. Quando voltei para falar com ele, tinha ido embora.

— Mas e quanto aos seus pais? — Kylie perguntou. — Eles não disseram nada a você?

— Não. E quando a minha capacidade de reconhecer outros sobrenaturais começou a fazer sentido pra mim, percebi que meus pais eram humanos. Na época, eu não sabia que poderia não ser filho deles. Só depois de morto, soube que era adotado. O que não significa que eu não os considere meus pais de verdade. Eles me amaram. E amariam você também.

— Eles nunca contaram que você era adotado? Como puderam mentir desse jeito?

— Naquela época era melhor manter a adoção em segredo, mesmo do próprio filho. Eu ainda não sei quem são os meus verdadeiros pais ou que tipo de sobrenaturais eles são. Por isso, como você pode ver, as respostas que você procura são as mesmas que eu buscava antes de morrer. Talvez você consiga descobri-las por nós dois.

— Mas... pensei que os espíritos fossem capazes de ver tudo. Pelo menos nos filmes eles são. Ninguém, aí do outro lado, pode te dizer?

Ele sorriu.

— A gente acha que sim. Mas é um engano. Mesmo aqui eles querem que encontremos as nossas próprias respostas.

— Mas que saco! — reclamou Kylie. — Morrer devia trazer algumas vantagens.

Ele riu. O som pareceu familiar aos ouvidos de Kylie. Era outra coisa que ela tinha puxado dele — o jeito de rir. Seus pensamentos se voltaram para o seu padrasto, o homem que ela tinha amado tanto e, no fim, voltara as costas para ela e a mãe. Kylie ainda não sabia se conseguiria perdoá-lo. Ou se queria perdoá-lo. E, então, um estranho pensamento lhe ocorreu: ela tinha amado o pai errado.

Sua garganta se apertou de novo.

— Senti sua falta durante toda a minha vida — lamentou Kylie. — Eu não sabia disso, mas agora sei. Você deveria estar aqui.

Ele pousou a mão no rosto dela.

— Eu estava aqui. Vi você dando os primeiros passos. No dia em que caiu da bicicleta e quebrou o braço, tentei segurar você. Mas você passou através dos meus braços. E lembra aquele dia em que foi mal na prova de álgebra e ficou tão arrasada que cabulou aula e foi fumar um cigarro?

Ela amarrou a cara.

— Eu detesto álgebra. E detesto cigarro também.

— Eu também detesto — ele comentou, com uma risada. — Estou com você, Kylie, mas não posso ficar muito tempo.

As palavras dele deram voltas na cabeça dela e atingiram o seu coração num baque.

— Mas não é justo! Acabei de conhecer você!

— Meu tempo neste plano é limitado. Usei muito dele acompanhando o seu crescimento, até você se transformar na mulher que é.

— Então peça mais tempo. — Sentiu um nó na garganta. Ela já tinha perdido um pai; não queria perder o outro. Não agora. Não antes de sequer conhecê-lo direito.

— Vou tentar, mas pode não ser possível. Não me arrependo de ter usado meu tempo para ficar com você. — Os cantos dos olhos dele se enrugaram quando ele sorriu. — Vejo em você o melhor de sua mãe e o melhor de mim. E embora eu saiba que você não quer ouvir isso agora, vejo o melhor de Tom Galen também. Ele não é de todo mal, Kylie.

Ela queria dizer a Daniel que ele estava errado, insistir em dizer que ela não era como Tom Galen, mas seus pensamentos foram interrompidos por uma rajada de vento. Ela veio rapidamente, como se algo tivesse passado correndo por perto, algo tão veloz que seus olhos humanos não tinham detectado. Algo não humano.

O silêncio sombrio que se seguiu provou a Kylie que ela estava certa.

— Aposto que é Della. — Kylie olhou ao redor. — Procurando por mim... — Mas nem mesmo tinha terminado a sentença quando sentiu diminuir a temperatura fria que acompanhava a presença do pai.

— Não, por favor, não vá... embora. — A última palavra ecoou no silêncio ainda sinistro e solitário.

Não adiantou. Ele se foi.

O peito de Kylie ficou apertado. Então ela se deu conta de que, embora tivesse vindo em seu auxílio, ele não tinha as respostas que ela queria. Seu plano infalível para solucionar sua crise de identidade tinha ido por água abaixo.

Mordiscando o lábio, ela pôs de lado os pensamentos relacionados ao pai e preparou-se para enfrentar Della. Será que conseguiria explicar à amiga, sem magoá-la, sua resistência a se tornar

vampira? Será que Della estava furiosa por Kylie ter quebrado o círculo e desrespeitado a cultura vampira? Conhecendo Della como ela conhecia, a resposta certamente era "pode apostar que sim!".

Della tinha muita raiva acumulada dentro dela e não era preciso muito para enfurecê-la. Um pouco dessa revolta podia decorrer do fato de ser vampira — os vampiros não eram conhecidos pelo seu temperamento gentil e amoroso, mas a maioria dos seus problemas vinha da família. Aparentemente, seu pai super-rigoroso havia notado as mudanças na filha desde a sua transformação e não tinha gostado nem um pouco. Sem coragem de contar ao pai que era vampira, Della mantinha silêncio, o que levava o pai a acusá-la de tudo, desde se envolver com drogas até ser simplesmente preguiçosa. O mais triste era que Della amava tanto o pai que ficava arrasada por decepcioná-lo.

Kylie esperou até que Della surgisse, aparecesse de repente. Mas isso não aconteceu. Será que a amiga, que morria de medo de fantasmas, tinha sentido a presença de Daniel e não se aproximara? A ausência de ruídos de repente adquiriu um ar ameaçador.

— Della? — Kylie chamou.

Nenhuma resposta. A menos que ela considerasse o silêncio sepulcral uma resposta. Kylie lembrou-se do primo de Della, Chan, e da visita desagradável que ele tinha feito às duas, alguns dias depois da sua chegada ao acampamento. A presença dele também tinha provocado um silêncio sepulcral.

A lembrança daquela noite dominou a mente de Kylie. Della tinha garantido que o primo só estava brincando quando se referiu a Kylie como um petisco, mas depois de conhecer a gangue de vampiros delinquentes Confraria do Sangue, ocasião em que ela quase se transformou num petisco de verdade, confiar num vampiro desconhecido passou a exigir dela um pouco mais de esforço.

Quando a quietude da noite persistiu, Kylie se obrigou a falar:

— Eu sei que tem alguém aqui. — Ela se levantou, esperando que sua falsa postura de desafio parecesse real. Sentiu novamente uma brisa forte passar por ela. — Se é você, Della, não tem graça.

Nenhuma resposta. Kylie ficou de pé ali, tentando adivinhar o que aconteceria em seguida. Então ela ouviu. Um farfalhar muito suave, mas nítido, entre os arbustos — havia alguém atrás dela. Prendendo a respiração, se voltou para enfrentar quem quer que fosse.

# Capítulo Dois

A princípio Kylie não viu nada, depois seus olhos baixaram quase até o nível do chão e se fixaram num par de olhos — olhos com um brilho dourado que se destacava na escuridão da noite. Não eram olhos de vampiros. Não, não tinham o tom dourado dos olhos de Della quando ela estava com raiva. Esses olhos também não eram humanos.

Seriam de um cão?

Não.

*De um lobo.*

Ela quase tropeçou ao dar um passo para trás, enquanto seu coração gritava "*Corra!*". Mas uma palavra sussurrada em sua cabeça em seguida impediu-a de tentar fugir. *Lucas*?

Seu peito ficou oprimido, mas agora não mais pelo medo. Algo mais parecido com saudade aqueceu seu coração. Um sentimento doce e quente que se sobrepôs ao sentimento de traição. O lobisomem de olhar ardente tinha beijado Kylie com desvario, feito com que ela ansiasse por tê-lo, e depois fugido com Fredericka.

O olhar de Kylie desviou-se rápido para a lua coberta de nuvens. Apesar da bruma cinzenta, ela podia ver que não estava cheia. Só estaria na semana seguinte, quando os lobos do acampamento estariam organizando a sua própria cerimônia ritual.

E isso significava que o olhar lupino não podia ser de Lucas. Significava que era de um lobo de verdade. O tipo de lobo que era um animal selvagem. Significava que ela devia dar o fora dali antes que ele decidisse atacar.

Kylie se voltou novamente para a fera e, embora sua mente estivesse criando imagens da criatura de dentes arreganhados, pronta para dar o bote, o que ela via não parecia nada assustador. Os olhos dourados estavam fixos nos dela. As nuvens encobrindo o luar deviam ter sido levadas pelo vento, pois Kylie conseguiu ver o lobo de tamanho médio em detalhes. Seu pelo parecia grosso e áspero, e exibia uma mistura de tons que iam do cinza ao vermelho. Ela não diria que era bonito, mas sem dúvida não parecia nem um pouco ameaçador.

Rosnando baixo, ele avançou. Embora ainda não parecesse hostil, Kylie recuou um pouco. Como se percebesse o medo dela, o lobo baixou o corpo um pouco mais, assumindo uma posição submissa.

— Quem é você? O lobo de estimação de alguém?

Outro pensamento lhe ocorreu. Um lobo de verdade não teria espalhado no ar algo parecido com o rastro de um avião supersônico. Mas um metamorfo de verdade, sim.

Ela colocou as mãos nos quadris e dirigiu ao animal um olhar frio e reprovador.

— Droga! É você, Perry?

Perry, o poderoso metamorfo do acampamento, adorava fazer gracinhas. Mas Kylie já estava farta dos seus truques. Ela iria dar um basta naquilo.

— Pare com isso ou vou arrancar as suas orelhas!

Kylie esperou as fagulhas cintilantes se espalharem pelo ar ao redor do lobo, enquanto ele se transformava em ser humano novamente.

— Agora!

Nada de fagulhas.

A criatura, ainda de pé nas quatro patas, avançou mais um pouco.

— Nãão — Kylie insistiu, aceitando que se tratava de um lobo de verdade. — Você fica aí. — Ela estendeu a mão e o animal pareceu ouvir. — Nada pessoal, mas gosto mais de gatos.

Sua voz soou muito alta e ela se deu conta de que ainda não ouvia os sons da noite.

Nada de grilos. Nem passarinhos. Nem o vento ousava soprar. Ela olhou para o topo das árvores, tão imóveis que pareciam uma fotografia. Até a vegetação do Texas parecia congelada de medo.

Lutou contra a sensação de perigo agitando seu peito e olhou novamente o lobo, com mais certeza do que nunca de que o perigo não era causado pela presença da criatura. Não, o que quer que houvesse ali era muito mais maligno do que um animal selvagem. Calafrios percorreram sua espinha, deixando os cabelos da sua nuca arrepiados.

O lobo se empertigou, farejou o ar e soltou um rosnado. Depois se afastou um passo e voltou a avançar. Seus olhos dourados se encontraram com os dela como se a alertasse do perigo.

Mas quem disse que ela precisava de mais alertas? Seu coração já batia na boca. Outra rajada de vento frio passou por ela, só que desta vez mais perto, e deixou no ar um odor carregado de morte. O rosnado do lobo ficou mais intenso.

— Kylie? — Seu nome ecoou a distância, vindo da parte mais espessa da floresta. Ela olhou em volta e um vento frio passou por ela novamente. Só que desta vez teve a sensação de que ele continuou soprando. O que ou quem quer que fosse a queria sozinha. Ela abraçou a si mesma e tentou não estremecer com esse pensamento.

O lobo soltou um ganido baixinho e ela virou a cabeça, fazendo contato visual com ele. Ele moveu a cabeça ligeiramente, como se estivesse se despedindo dela, depois deu meia-volta, provocando um leve farfalhar nas folhas, e desapareceu.

— Kylie! — Ela ouviu seu nome mais uma vez, carregado pela brisa suave. Desta vez reconheceu a voz de Derek.

— Estou aqui! — ela gritou e, sem querer ficar sozinha nem mais um segundo, começou a

correr.

Ela correu na direção da voz dele. O coração martelava no peito, enquanto desviava das árvores e saltava arbustos espinhosos. Continuou correndo. Como se pudesse fugir do medo que acabara de sentir, como se pudesse fugir dos próprios problemas. Ah, sim, ela queria muito deixar os problemas para trás. Cada vez que seus pés golpeavam a terra dura, ela sentia o medo se dissipando, mas os problemas continuavam com ela. Eles persistiam, mas o esforço físico exigido pela corrida lhe causava bem-estar. Até ela bater de frente com alguma coisa ou... alguém.

Derek.

Com o impacto, seu corpo bem torneado expeliu com força o ar dos pulmões e se chocou contra o chão com um baque surdo. Perdendo o equilíbrio, Kylie desabou sobre ele. O aroma fresco e envolvente do corpo de Derek invadiu suas narinas ao mesmo tempo que seus braços a envolveram de modo protetor.

— Você sentiu o lobo? — ela murmurou, ainda sem fôlego, ao se lembrar da capacidade dele de se comunicar com os animais.

— Que lobo? — Ele olhou ao redor. — Você está bem? — Com uma das pernas ainda enroscada nas dela, ele rolou o corpo até deitá-la na grama, e envolveu-a com o braço, encaixando a mão na curva da cintura. Calor e conforto emanavam do seu toque. Com a outra mão, ele tirou o cabelo do rosto de Kylie. Seu olhar, cheio de preocupação, encontrou o dela e ela lutou contra o nó de emoção que se formou em sua garganta.

— Kylie, fale comigo. — Seu tom de voz deixava transparecer o mesmo carinho que ela via em seus olhos, e aquela sensação de calor que ela sempre sentia quando ele a tocava se espalhou pelo seu peito.

— Me diga, está tudo bem?

Ela piscou e quis dizer que sim, mas a verdade transbordou dos seus lábios.

— Não, não está tudo bem.

— O que aconteceu? — O braço dele estreitou mais sua cintura.

Todos os problemas pareciam estar caindo sobre ela como uma chuva e um deles atingiu como um raio seu coração.

— Eu bebi sangue.

— Todo mundo bebeu. Fazia parte da cerimônia — ele disse, e ela teve a impressão de que ele estava se esforçando para dizer a coisa certa.

— Mas eu gostei.

— Eu sei — ele admitiu. — As suas emoções se projetaram para todos os lados quando você o bebeu; paixão, euforia, prazer.

Ela levantou um pouco a cabeça do chão.

— O que isso significa? Fale sério, o que significa?

— Talvez você só tenha gostado do sabor — ele respondeu num tom de cautela.

— Ou talvez eu seja uma vampira? — ela rebateu e depois encostou novamente a cabeça no

chão, fechando os olhos.

Ele não disse nada por um minuto, depois falou:

— Você viu um lobo? Disse alguma coisa sobre um lobo?

— Vi. Ele estava agindo de maneira estranha, quase amigável.

— Não está mais aqui — afirmou Derek, como se o seu dom lhe permitisse sentir os bosques ao redor e perceber a presença de animais. — É provável que fosse só um cão sem dono.

— Parecia um lobo.

— Então devia ser um híbrido.

— Talvez — ela admitiu, percebendo que podia estar exagerando.

Nenhum dos dois falou por alguns minutos. Cerrando os olhos, ela saboreou a sensação do corpo de Derek tão próximo ao dela, e aos poucos relaxou. Quando abriu os olhos, as estrelas cintilavam no céu com um esplendor de contos de fada. A grama alta ao redor deles parecia dançar com o vento. Derek estava fazendo aquilo de novo, fazendo o mundo parecer utópico, perfeito demais. Até o ar ficou perfumado com o aroma inebriante das folhas, misturado com o perfume suave das flores silvestres. Ela fechou os olhos novamente, com receio de se entregar completamente ao mundo que ele criara.

— Você acha que é uma vampira? — ele perguntou.

A pergunta a trouxe de volta à realidade. Ela olhou para ele.

— Não sei. Estou confusa demais.

Ele deslizou a mão pelo rosto dela.

— Será que importa mesmo o que você é, Kylie? Pode ter certeza de que para mim não importa.

— Claro que importa! — Ela se levantou, apoiando-se num cotovelo. — Você não entende porque sabe o que você é. Sempre soube. Tudo o que eu sabia sobre mim mesma, sobre quem sou, sobre quem é meu pai, foi por água abaixo. Tudo o que me resta é um monte de perguntas. Nada é como eu pensava. — Os olhos dela se encheram de lágrimas. — E...

A boca de Derek cobriu a dela. Seus olhos se fecharam. A doçura do beijo fez todo o caos emocional se dissipar na sua mente. Ela se entregou ao prazer do momento. Deixou-se envolver pela sensação de apenas sentir e não pensar. E, ai nossa..., como aquilo era bom...

Quando ele afastou os lábios, ela ainda não estava preparada para deixá-lo se afastar. Abriu os olhos. Mas, não mais sob a influência das doces sensações do beijo, não tinha mais certeza do que sentia por ser silenciada por ele. Ela se sentou.

— Por que fez isso?

— O quê?

— Me beijou quando eu estava tentando falar.

Um sorriso se formou nos olhos dele.

— Não gosta que eu use o meu dom para acalmar você, então pensei em usar o meu charme.

— Se foi só o seu charme e não o seu dom, como faz tudo ficar parecendo um mundo de

fantasia?

Ele balançou a cabeça e uma mecha do seu cabelo castanho claro caiu sobre a testa.

— Eu já disse, não estou fazendo nada.

Ela inclinou a cabeça para o lado e lhe lançou um olhar acusador.

— Se estou, não é de propósito. Juro. Ficar com você me deixa feliz e talvez a felicidade aumente o meu charme.

O sorriso dele era contagiante e nenhuma emoção semelhante à raiva ou à desconfiança encontrou espaço no peito de Kylie.

Ela deu um soco de leve no ombro dele.

— Você se acha muito charmoso, não é mesmo?

O sorriso dele ficou ainda mais largo.

— Eu acho que você gosta dos meus beijos.

O olhar de Derek desceu até a boca de Kylie, onde ela ainda podia sentir a umidade do beijo.

— Verdade? — ela gracejou. — Confia tanto assim no seu taco?

— Só tenho certeza de que você não está mais chateada. E é isso o que importa, não é? — Ele deslizou o dedo pelos lábios dela. — Porque eu realmente detesto ver você chateada.

Ela sentiu um aperto no peito e se perguntou se aquilo era uma confissão de que ele de fato estava manipulando as emoções dela. Mas era tão errado assim querer fazer alguém ficar feliz, dissipar seus medos? Ah, droga, o que ela estava esperando? O que a impedia de se render a tudo o que Derek queria? Concordar em namorar com ele. Sim... mais beijos e aonde quer que os beijos a levassem. Ela se aconchegou a ele, querendo sentir o gosto do seu beijo outra vez.

— Viu? — brincou ele, arqueando as sobrancelhas. — Admita. — Ele se aproximou um pouco mais. Os lábios tão perto que ela quase podia senti-los se movendo enquanto ele falava.

— Admitir o quê? — ela perguntou, imprimindo um tom de provocação na voz, esperando deixá-lo tão louco quanto ele a deixava.

— Admita que gosta dos meus beijos. E depois diga que vai namorar comigo.

Ela lhe lançou um olhar malicioso e sorriu.

— Vou admitir que gosto dos seus beijos, mas e você? Gosta dos meus?

— Mais do que qualquer outra coisa. — Ele diminuiu um pouquinho mais a distância entre eles. — Namora comigo?... — E beijou-a novamente. Com suavidade no início e depois mais profundamente. Ela sentiu sua língua deslizar pelo interior da sua boca. Sentiu seu corpo pressionando-a suavemente contra a grama. A mão dele acariciando-a sob a camiseta, tocando a pele nua da sua cintura. Ele já tinha tocado seu corpo daquele jeito, mas ela sabia que ele não seria mais ousado; não aumentaria a intimidade entre eles antes de sentir que era isso o que ela queria.

E simplesmente saber disso fazia com que ela quisesse. Saber que a escolha era dela e que ele respeitaria o que ela escolhesse significava muito. Mas seria o suficiente para que ela desse aquele passo?

Ela estendeu o braço para pegar a mão dele, querendo fazê-la subir um pouco mais, dando permissão a ele...

— Vocês dois precisam voltar ao acampamento. — A voz grave invadiu o devaneio sensual de Kylie.

Os dois se afastaram com um sobressalto. Burnett, o líder temporário do acampamento e membro da Unidade de Pesquisa de Fallen, uma unidade sobrenatural do FBI, estava de pé diante deles. O rosto de Kylie enrubesceu de constrangimento por ter sido pega abraçada e aos beijos com Derek na grama.

Derek não parecia incomodado. Ele ficou de pé e olhou ao redor.

— O que foi?

Kylie também se levantou. Só então reparou no tom sombrio de Burnett e notou que seus olhos estavam em brasa. Um sinal de que o vampiro estava na defensiva. Sem dúvida havia um perigo iminente.

— O que aconteceu? — Derek perguntou novamente.

— Alguém esteve aqui antes — Burnett respondeu.

— Quem? — Kylie conseguiu perguntar.

— Não sei. Mas é um vampiro, e não é um de nós. Agora voltem para o acampamento.

— Quer que eu fique com você? — Derek se ofereceu.

— E deixá-la sozinha? — Burnett perguntou com firmeza, fazendo cara feia.

Derek olhou de volta para Kylie e depois para Burnett.

— Tem razão. Vou levá-la até o acampamento em segurança. Quer que eu volte para cá depois?

— Não — Burnett insistiu. — Vou ficar bem. Só fiquem de olho no acampamento. Avise todo mundo para ficar atento. Fiquem juntos.

*E deixá-la sozinha*? A pergunta de Burnett ficou dando voltas na cabeça de Kylie e, com a repetição, ela ficou ainda mais irritante. Ela queria provar a ele que podia cuidar de si mesma. Della teria um ataque de raiva se fosse tratada como se alguém precisasse protegê-la. Então Kylie se lembrou do quanto tinha ficado assustada antes de começar a correr, antes de encontrar Derek. Obviamente, Kylie não era Della.

Será que isso significava que ela não era vampira? Ou só significava que era uma vampira sem um pingo de coragem? Será que existiam vampiros covardes?

Burnett continuou:

— Não saia de perto de Holiday. Amarre-a se for preciso. Entendido?

— Entendido. — Derek pegou Kylie pelo cotovelo e começou a andar. Mas Kylie não saiu do lugar.

— Eu senti — ela disse sem pensar. — Ele passou por mim várias vezes. Quase como se estivesse brincando comigo ou me testando. — Ela se lembrou de como tinha passado zunindo, fazendo com que ela percebesse sua presença sem deixar que o visse.

— Isso é muito estranho. Os vampiros normalmente não brincam com ninguém. Nem testam. — Burnett disse. — Eles veem a presa e atacam pra matar. Agora voltem para o acampamento.

Ela sentiu um arrepio nas pernas, de cima a baixo. Sentindo o medo dela, Derek pegou na sua mão e lhe deu um aperto quente e tranquilizador. O medo diminuiu.

— Vem. Vamos voltar para o acampamento. — Ele pegou-a novamente pelo braço. O som da voz dele ajudou o seu cérebro a se conectar novamente com seus membros e ela conseguiu andar.

Eles caminharam em silêncio, num passo rápido. Os sons ocasionais de grilos e corujas se sobressaíam na escuridão. Não que ela se importasse com os piados das corujas e o cricrilar dos grilos. Aquilo significava que não havia intrusos por perto.

— Por que você não me disse que um vampiro se aproximou de você? — Derek perguntou, a frustração dando mais intensidade à sua voz.

— Eu... primeiro achei que fosse Della e depois... — Depois ela tinha pensado que era Chan, mas não podia falar de Chan para Derek. Tinha prometido à amiga. — Então ouvi você me chamando. E comecei a correr e não fiquei mais com medo. — Ela viu sua testa franzida. — Eu contei a você sobre o lobo.

— Acho que o vampiro era um problema maior.

— É e eu teria... contado, mas você começou a me beijar...

— Então a culpa é minha? — Seu tom de voz ficou mais ríspido.

— Um pouco é... — ela disse, chateada ao vê-lo irritado minutos depois de terem se beijado. Ela começou a andar mais rápido.

Eles continuaram avançando por mais cinco minutos, em meio a um silêncio carregado de tensão. A cada passo, ela percebia o quanto a briga entre eles tinha sido tola.

— Eu devia ter te contado logo. É que não estava pensando direito. — Seu olhar afastou-se dele, com receio de que não aceitasse a trégua que ela oferecia.

Ela o ouviu suspirar.

— Desculpe. Não devia ter ficado tão mal-humorado. — Ele pegou a mão dela outra vez. Sua palma contra a dela provocava uma sensação agradável. — É que me assusta pensar que alguém podia ter machucado você. — A entonação da voz o fazia parecer mais velho. Sua voz ficou mais grave e sua necessidade de protegê-la lhe imprimiu um tom diferente. Apesar de ainda se sentir um pouquinho incomodada ao pensar que não conseguia proteger a si mesma, gostou da postura dele. Fazia com que se sentisse mais segura.

Com Derek de fato ela se sentia segura, mas isso não a impedia de sondar as árvores em volta e rezar para que o vento não parasse de soprar e que a noite não ficasse tão silenciosa outra vez.

# Capítulo Três

— O que aconteceu? — perguntou Miranda, acuando-a num canto do refeitório vinte minutos depois.

Tão logo Derek contou a Holiday sobre o vampiro desconhecido à espreita, ela chamou todos os campistas e disse para permanecerem juntos.

Lá no fundo, Kylie ainda sentia um tremor agitando seu corpo. Se era por causa do medo ou da recepção fria de Della, ainda não sabia ao certo. Ela podia sentir com nitidez a frieza da amiga, mesmo estando do outro lado do refeitório.

— Vai, desembucha! — exigiu Miranda. — Depois tenho algo para te contar também.

Kylie olhou para Della novamente.

— Ela está muito furiosa comigo?

Miranda relanceou os olhos para a vampira.

— Digamos que, numa escala de um a dez, em que dez é uma vampira furiosa, ela está beirando os quinze... e subindo!

— Valeu — murmurou Kylie.

Miranda deu de ombros.

— Ela vai superar. Você sabe como ela é. Agora me conte o que aconteceu.

Kylie sacudiu a cabeça.

— Eu saí correndo e...

— Mas por que saiu correndo? Por que você... bebeu sangue como se fosse um chope gelado numa noite quente de sexta-feira?

Kylie olhou para os próprios pés. Ela não queria falar sobre isso agora.

— Não sei.

— Você gostou do sabor, não foi? — Miranda parecia ofendida.

Kylie engoliu em seco.

— Vai, fala logo! — Miranda exigiu.

O máximo que Kylie conseguiu foi confirmar com a cabeça.

— Tudo bem, então o que foi que aconteceu? — continuou Miranda, de cara amarrada.

Kylie engoliu a saliva com dificuldade.

— Anda, conta logo! — insistiu mais uma vez.

— Eu corri e senti que tinha alguém atrás de mim, um vampiro. E depois ouvi Derek me chamando. Acho que, se tinha mesmo alguém por perto, deve ter se assustado. Eu comecei a correr e encontrei Derek e então nós ficamos...

— Ficaram...? — Miranda a encarou, absorvendo cada palavra de Kylie.

*Ficamos nos agarrando*.

— Nada, Burnett apareceu.

Uma lufada de ar as atingiu quando Della parou subitamente ao lado de Kylie.

— E você contou a ele que achava que era Chan, não contou? — Della obviamente tinha ouvido toda a conversa.

Kylie olhou para Della.

— Não, eu não contei.

— Quem é Chan? — Miranda perguntou.

— Ninguém — Della respondeu rispidamente. — Meta-se com a sua própria vida.

Obviamente Della não queria que ninguém soubesse que o malandro do seu primo vampiro tinha violado uma das mais importantes regras de Shadow Falls: visitantes não entram sem permissão. Isso valia especialmente para aqueles que eram contra as tentativas da UPF de controlar os sobrenaturais.

Miranda, ofendida, sustentou o olhar de Della.

— Era Chan? — Kylie perguntou, sem se preocupar que Miranda estivesse ouvindo. Kylie compreendia a lealdade de Della por Chan. Ele tinha sido um dos que a ajudaram na sua dolorosa transformação. No entanto, fazia sentido pensar que, se o cara tinha violado as regras uma vez, poderia violar de novo.

— Eu disse que ele não ia voltar — Della respondeu, amuada.

— Mas como pode ter tanta certeza? — De repente Kylie se lembrou de como tinha ficado assustada no bosque ao se deparar com o primo folgado de Della. Ela cruzou os braços e assumiu uma postura defensiva. Só porque Della acreditava que Chan não era uma ameaça isso não significava que ele não fosse. Até onde Kylie sabia, ele podia fazer parte da Confraria do Sangue.

— Porque eu confio nele, ao contrário de outras pessoas. Achei que você e Miranda fossem minhas amigas. Tudo o que eu pedi foi que você respeitasse o fato de esta noite ser importante para mim. Que...

A frustração de Kylie chegou ao ápice.

— Que droga, Della! Por que tudo sempre tem que girar à sua volta?

As palavras mal tinham saído da boca de Kylie quando ela fitou os olhos de Della. O mesmo olhar que a amiga tinha toda vez que os pais vinham visitá-la. O olhar que dizia a Kylie que Della se sentia uma desgarrada.

Kylie mudou de atitude.

— Não tive a intenção de desrespeitar ninguém. Só fiquei apavorada, ok?

— Por quê? — A raiva de Della transparecia em sua voz, mas era só dor que ela via em seus olhos.

— Por que o quê? — Kylie perguntou, embora no fundo soubesse o que Della estava perguntando. Ela só precisava de alguns segundos para descobrir como dizer aquilo sem parecer tão rude.

Della se aproximou um pouco mais.

— Você ficou apavorada porque não quer ser vampira, não é? Você acha que sou um monstro, não acha? Está morrendo de medo de que possa ser como eu. É por isso que ficou apavorada, confesse.

Kylie abriu a boca para responder, mas nenhuma palavra lhe ocorreu. Provavelmente porque não podia mentir para Della. A vampira sabia a verdade. Della deu meia-volta para ir embora. Kylie tentou detê-la, mas a amiga já tinha se afastado.

— Onde ela foi? — Kylie deu duas voltas pelo refeitório, mas não conseguiu encontrá-la. O salão estava cheio de campistas agitados perambulando por ali.

— Deixe que vá esfriar a cabeça — aconselhou Miranda.

— Não posso. — Kylie sabia o quanto aquilo feria Della.

Kylie finalmente localizou o cabelo preto escorrido da amiga atrás de um grupo de metamorfos. Começou a andar na direção dela. Miranda a seguiu, insistindo:

— Estou falando sério, por que não dá um tempo a ela?

— Vá embora — rosnou Della antes que Kylie parasse completamente de andar.

— Não — respondeu Kylie, parando no lugar.

Os olhos dourados de Della faiscavam de raiva. Então seu lábio superior se arreganhou só o bastante para expor seus longos caninos. Houve um tempo em que ver Della daquele jeito arrepiava os cabelos de Kylie, mas isso não acontecia mais. Ela não tinha mais medo da amiga vampira.

— Eu não acho que você seja um monstro — disse Kylie. — Mas isso não me impede de ficar assustada.

— Mentira — grunhiu Della.

— Não estou mentindo. Cheque meu batimento cardíaco se quiser. Ouça o meu coração, veja se estou mentindo.

Della se virou para ir embora e Kylie desta vez segurou-a pelo braço.

— Você não vai embora — Kylie insistiu.

— Me larga! — Della rugiu numa voz baixa e profunda. Ao ver que Kylie não a largava, a vampira sacudiu o braço, com os olhos mais brilhantes e os dentes totalmente expostos.

Kylie ouviu um burburinho à sua volta. A briga tinha obviamente chamado atenção. Della ouviu também, porque olhou ao redor e sibilou. As poucas pessoas nas proximidades se dispersaram como camundongos assustados.

Kylie ainda não estava com medo.

— Ei, vamos nessa também — disse Miranda, cutucando Kylie com o cotovelo. — Ela está com muita raiva agora.

Kylie não olhou para Miranda. Continuou encarando Della, deixando claro para a amiga que não estava com medo.

— Não vou embora enquanto você não me ouvir.

— Não tenho que ouvir você. Já sei o que pensa. — O olhar furioso de Della, crivado de dor, fixou-se em Kylie.

— Não é justo! — exclamou Kylie para a vampira furiosa, encarando-a também.

— Menos justo ainda é pensar que você não é minha amiga. — A mágoa que Della sentia faiscava através do dourado dos seus olhos.

— Eu sou sua amiga. Dei meu sangue pra você — disse Kylie.

— E eu também — acrescentou Miranda, um pouco nervosa.

Como a expressão de Della não mudava, Kylie continuou.

— E eu também me lembro de que me contou o quanto ficou assustada quando descobriu que estava se transformando. Você disse que ficou com muito medo do que estava acontecendo. Disse que não queria mudar.

Della se virou mais uma vez para ir embora. Mas Kylie continuou falando e não largou o braço da vampira.

— Você é a única que pode ficar com medo? — Kylie sentiu a emoção crescendo no peito e seus olhos se encheram de lágrimas. — E é tão especial que mais ninguém pode sentir a mesma coisa?

Kylie quase esperou que a outra se afastasse, furiosa. Talvez até destroncando seu ombro se ela não a largasse.

Mas Della não fez isso. Nem deu meia-volta para olhá-la de frente. Simplesmente ficou ali por vários e longos segundos. Um. Dois. Três. Kylie contou e aguardou, esperando que isso significasse...

— Tudo bem — Della murmurou com frustração, mudando finalmente de atitude. Seus olhos não estavam mais dourados. Ela olhou para baixo e depois ergueu os olhos novamente. — Você está certa. — Ela olhou ao longe e depois para Kylie novamente. — Me desculpe.

— Droga — resmungou Miranda, um pouco alto. — Eu não sabia que os vampiros podiam se desculpar ou fariam isso um dia.

Della lançou um olhar frio para Miranda.

— Não desculpei você. Então por que não vai procurar a sua vassoura e voar para Timbuktu? Isso se o seu senso de direção destrambelhado permitir. E também não se dê ao trabalho de voltar.

Na ofensiva, Miranda deu um passo em direção à vampira.

— Você é uma coisa...

Della mostrou os dentes e rugiu.

— Eu ouvi muito bem quando você disse a Helena que sangue era nojento. Você prometeu respeitar...

— É desrespeitoso ser sincera? — Miranda perguntou.

Kylie se colocou entre as duas.

— Vocês duas podem trocar insultos, xingarem uma à outra e até se matarem mais tarde. Mas agora... — Ela olhou para Miranda. — Eu preciso de um minutinho a sós com Della. Por favor.

O queixo de Miranda se ergueu alguns centímetros. Ela não gostou, mas se afastou. Essa era uma qualidade de Miranda. Ela podia se enfurecer em questão de segundos, quase tão rápido quanto Della, mas se acalmava com a mesma rapidez. Della, por outro lado... essa garota sabia guardar ressentimentos. E, embora fingisse que nada podia magoá-la, Kylie sabia o quanto era vulnerável, muito mais do que Miranda.

Finalmente a sós, Della e Kylie ficaram ali, olhando uma para a outra. Kylie foi a primeira a falar:

— Me desculpe também. Não quis desrespeitar sua cultura. Eu simplesmente surtei. Só isso.

Della assentiu.

— Entendi. Não a princípio, mas... entendi agora. — Della suspirou e um leve sorriso apareceu em seus lábios. — Você adorou, não foi? O sangue. Estava bom.

Kylie não estava orgulhosa daquilo, mas admitiu a verdade.

— Foi assustador.

Della tocou o braço de Kylie.

— Mas você ainda está quente.

Kylie concordou com a cabeça.

— Se eu sou uma vampira, não devia estar fria?

— Não sei — Della disse com honestidade. — Talvez só não tenha mudado ainda. Mas esteja prestes a mudar.

Kylie se lembrou de que a transformação era como ter água fervente correndo nas veias.

— Eu estarei com você — Della disse, como se tivesse lido os pensamentos de Kylie. — Para ajudar na transformação. Se acontecer. Você não estará sozinha. Acho que me lembro da maioria das coisas que Chan fez para me ajudar.

— Sei que vai se lembrar. — Kylie tentou sorrir. Nesse mesmo instante, ela localizou Miranda do outro lado do refeitório, olhando para elas, como um cãozinho abandonado. Kylie sentiu-se mal por ter pedido que se afastasse. — E Miranda fará a mesma coisa. Ela ficará ao meu lado. E ficará ao seu lado também. Eu realmente gostaria... de coração... que vocês duas parassem de brigar.

Della deu de ombros.

— Ela consegue me tirar do sério.

— E você faz o mesmo com ela — disse Kylie, defendendo Miranda.

— É, mas ela não é como você. Você parece saber o que a gente está sentindo, sempre consegue dizer a coisa certa. — Della franziu a testa, como se estivesse pensando. — É quase como se fosse sensitiva. Sabe, como Derek e Holiday, você consegue ler emoções.

— Fala sério — negou Kylie, mas lá no fundo ela se perguntou se não seria verdade. Não foi sempre tão boa em interpretar as pessoas? Como aconteceu com sua mãe; ela sempre tinha sentido a distância que a mãe impusera entre elas, certa de que havia alguma coisa que a impedia de estabelecerem um vínculo verdadeiro.

— Está tudo bem? — A voz feminina conhecida veio de trás de Kylie.

Kylie e Della se voltaram para Holiday.

— Está — elas disseram ao mesmo tempo.

Holiday apertou suavemente o braço de Kylie.

— Precisamos conversar sobre o que aconteceu esta noite e faremos isso assim que as coisas se acalmarem.

Kylie assentiu e, embora o toque de Holiday oferecesse um pouco de conforto, ela não pôde deixar de imaginar se Holiday não a tocava apenas para checar sua temperatura — para saber se ela tinha se transformado em vampira.

— Mais tarde, tudo bem? — Holiday perguntou.

— Tudo bem. — Kylie de fato queria conversar com Holiday. Sentia, porém, que a líder do acampamento lhe diria a mesma coisa de sempre: *eu não tenho respostas. Acho que isso é algo que você mesma tem que descobrir.*

Mas como ela esperava que Kylie achasse as respostas? Seu plano de conseguir informações com Daniel tinha descido pelo ralo. O que lhe restava agora?

O toque do celular de Holiday trouxe Kylie de volta ao presente.

A líder levou o telefone ao ouvido.

— Burnett, é você? — A expressão da líder desmoronou um pouco. — Não. Você ligou para o número errado.

Kylie sentiu a frustração no seu tom de voz. Não havia dúvida de que ela estava preocupada com Burnett. Um pouco dessa preocupação também afligia Kylie. Fora ela quem fugira do vampiro. Se algo acontecesse a Burnett seria culpa dela. Fitando as paredes de madeira do refeitório, ela tentou afugentar a culpa.

Então Kylie se lembrou de que Burnett era provavelmente o último cara no mundo incapaz de tomar conta de si mesmo. O homem era uma parede de músculos e seus poderes de vampiro eram insuperáveis. Ou pelo menos era o que Della dizia. Desde que Burnett tinha assumido o cargo de assistente temporário, a amiga o via quase como um ídolo.

— Tenho certeza de que ele está bem — disse Kylie, sentando-se numa das cadeiras do refeitório.

— Ninguém tem chance contra ele — Della assegurou.

Mas nem os comentários de Kylie nem os de Della surtiram efeito. Holiday ainda tinha o

semblante carregado de preocupação. E era uma preocupação mais do que normal. Kylie sentiu a atração que havia entre os dois desde a primeira vez em que os vira juntos. Só porque Holiday não queria se envolver, isso não significava que não se importava com ele.

Holiday discou um número, mas logo em seguida fechou o celular.

— Por que ele desligou o telefone?! — Os olhos de Holiday se apertaram. — Devia saber que quero falar com ele.

— Eu sei por quê — afirmou Della. — Veja bem, quando você está no meio de uma floresta, procurando alguém, esperando encontrá-lo antes de ser encontrado, nada o deixa em maior desvantagem do que o toque de um celular.

A verdade das palavras de Della só serviu para Holiday apertar ainda mais os lábios de preocupação.

— Ele poderia ter telefonado antes de desligar. Só está sendo... difícil. Eu juro, mal posso esperar que contratem outra pessoa. Eu simplesmente não consigo trabalhar com esse homem.

Della sorriu.

— Você não consegue trabalhar com ele, diz que não gosta dele, mas veja como está preocupada.

— Não estou preocupada... quer dizer, estou preocupada, mas não... não como...

— Como se realmente se importasse com ele. — Della terminou a sentença de Holiday e depois continuou. — Como se se sentisse muito atraída por ele? Ou não se sente atraída? Qualquer um pode ver que...

— Você se sente atraída por mim? — A voz grave de Burnett se fez ouvir enquanto ele se aproximava de Holiday por trás.

O rosto de Holiday enrubesceu — se de raiva ou constrangimento, Kylie não sabia ao certo. Então Holiday parou e confrontou o vampiro alto e moreno. Os olhos de Burnett encontraram-se por um instante com os de Kylie e ele a cumprimentou com a cabeça.

Kylie se lembrou do que ela estava fazendo a última vez em que a presença de Burnett a assustara naquele mesmo dia, e teve certeza de que ficou tão vermelha quanto Holiday.

— Então você está vivo — rebateu Holiday. Embora sua voz expressasse raiva, seu rosto contava outra história — um alívio genuíno e sincero. Diante da emoção de Holiday, Kylie esqueceu seu próprio embaraço. Não havia dúvida. A líder do acampamento se importava muito com Burnett. Provavelmente mais do que ela queria admitir.

— Você não respondeu — ele disse. — Sente-se atraída por mim ou não? — Seus olhos escuros se acenderam com um sorriso.

Endireitando os ombros, Holiday começou a falar.

— Della supôs que eu pudesse me sentir atraída por você. Mas você sabe o que dizem por aí sobre quem faz suposições, não sabe?

— Quem faz suposições, pode fazer papel de bobo — Della respondeu, cutucando Kylie com o cotovelo.

Holiday encarou Della com um olhar de reprovação e começou a se afastar. Ela deu três passos e depois voltou.

— Você não vem? — perguntou a Burnett.

— Você não me pediu — ele rebateu.

— Bem, supus que soubesse que precisamos discutir o que aconteceu.

Ele arqueou uma sobrancelha escura.

— E o que você acabou de dizer sobre quem faz suposições?

Della sorriu e pareceu completamente distraída com Holiday e Burnett, mas os pensamentos de Kylie estavam em outro lugar. Ela limpou a garganta.

— Vocês dois não tinham concordado em ser mais transparentes conosco de agora em diante? Então por que têm que conversar a sós? Por que não podemos ouvir a conversa?

Holiday fez cara feia.

— Ela está certa. — Burnett ergueu as duas mãos, como quem se rende. — Você de fato disse isso na reunião. Acredito que tenha sido a mesma reunião em que me chamou de idiota — ele acrescentou.

Os olhos de Holiday brilharam de frustração. Obviamente o homem não sabia quando ficar de boca fechada.

— Tudo bem — disse Holiday entredentes. Olharam um para o outro e nenhum dos dois piscou. Quando o silêncio se prolongou demais, Holiday soltou um longo suspiro. — Então por que você não conta a todo mundo? — ela perguntou, apontando a frente do refeitório. — Fique à vontade.

— Ok — Burnett respondeu, mas sua expressão dizia que ele na verdade não gostava de falar em público. Kylie também teve a impressão de que Holiday sabia disso.

Holiday se afastou e Burnett a observou.

— Não sei o que é pior, conversar com todo mundo ou conversar a sós com ela. — Ele olhou para Kylie e depois hesitou, como se não tivesse a intenção de dizer aquilo em voz alta. Então, antes de ir para a frente do refeitório, ele olhou para Della. Kylie podia jurar que viu sua boca murmurar um "obrigada".

Quando ele partiu, Kylie estudou o rosto de Della.

— Desde quando você sabia que Burnett estava no refeitório?

— Praticamente desde que Holiday entrou — Della respondeu, rindo. — Ei, nós, vampiros, temos que nos unir. — Ela cutucou Kylie como se ela fosse um deles. Kylie não tinha certeza se era. Mas também não sabia se não era.

A porta do refeitório se abriu. Kylie se virou e viu Derek entrando. Ele olhou direto para ela. O sorriso que abriu lembrou-a dos beijos que tinham trocado naquele dia. A sensação de calor provocada pela lembrança se espalhou pelo seu corpo ao mesmo tempo que um arrepio pouco natural percorreu sua pele.

Ela sentiu um calafrio quando ouviu as palavras novamente.

— *Você tem que impedir isso. Você precisa. Do contrário, acontecerá com alguém que você ama. Muito em breve. Acontecerá muito em breve.*

— Com quem? Quando? — Kylie murmurou num sussurro. O espírito se materializou a poucos centímetros do rosto de Kylie. Ela ainda usava a roupa manchada de sangue, só que desta vez o sangue pingava da bainha da saia e se empoçava aos seus pés. Kylie prendeu a respiração e, embora aquela fosse a última coisa em que queria pensar, sua mente a conduziu para lá. Para o doce e enjoativo cheiro de sangue.

— Do que você está falando? — Della perguntou.

Kylie desviou os olhos da poça cada vez maior de sangue e se voltou para os olhos levemente puxados da amiga, que revelavam sua descendência oriental. Depois ela viu os mesmos olhos se arregalarem de medo. Della estremeceu e recuou um passo.

— Você tem companhia outra vez, não tem?

Della fugiu. Ao mesmo tempo, vários outros campistas que estavam por perto começaram a se dispersar, como se também tivessem percebido o que estava acontecendo. Sentindo-se repelida por todos, Kylie sentiu um aperto na garganta e vontade de chorar.

Lutou para conter as lágrimas. Quando olhou outra vez para o espírito, ele tinha desaparecido e o ambiente não parecia mais tão frio. Kylie expirou o ar com frustração. Frustração, sem dúvida, causada por todas as suas perguntas sem resposta. Toda a vida dela era uma grande pergunta sem resposta.

— Com licença. — A voz grave e autoritária de Burnett encheu o salão. — Peço um minuto de atenção. Sei que estão todos muito curiosos para saber o que aconteceu esta noite. E como Kylie lembrou a Holiday e a mim de que prometemos ser mais transparentes com relação ao que acontece no acampamento, achei que seria melhor explicar.

# Capítulo Quatro

Ouvir Burnett falando contribuiu para diminuir o bolo que Kylie sentia na garganta. Todo mundo olhou para a frente do refeitório.

— O acampamento foi invadido esta noite — Burnett explicou. — Por um vampiro.

— Ele fazia parte da gangue? Aquela que atacou vocês na reserva de animais? — Helen perguntou, olhando de relance para Kylie.

Kylie se inclinou um pouco mais para a frente, para não perder a resposta de Burnett.

— Não sei ao certo — ele olhou pela sala como se procurasse alguém. Um segundo depois, seu olhar se fixou em Holiday e sua expressão se suavizou. — Mas não acho que estivesse aqui para caçar. Se ele ou ela estivesse a fim de matar, já teria tido chance de capturar uma presa fácil e não fez isso. — Seu olhar se desviou para Kylie, deixando claro, pelo menos para ela, que *ela* era a "presa fácil".

*Presa fácil*. Presa talvez, mas *fácil*? Isso incomodou Kylie mais do que ela queria admitir. Tudo bem que não fosse exatamente a Mulher Maravilha, mas já tinha enfrentado a Confraria do Sangue na reserva. É claro que tinha recebido ajuda de Daniel, mas ela já tinha chutado o traseiro de muita gente antes disso. Será que não levaria nenhum crédito por isso?

Burnett limpou a garganta.

— É possível que tenha sido apenas alguém curioso para conhecer o acampamento.

Kylie lembrou o quanto tinha ficado assustada na floresta, ao sentir a presença do vampiro. Parecia mais do que uma simples curiosidade. Parecia algo ameaçador. Se Derek não tivesse aparecido, Kylie não sabia o que poderia ter acontecido, mas suspeitava que não seria nada bom.

— Ou pode ser que seja a gangue só querendo que saibamos que não fugiram assustados. Também pode ter sido um amigo ou parente querendo ver um campista, sem passar pelo nosso controle de visitantes. E se algum de vocês tem um amigo vampiro que possa ter tentado isso, por favor diga a essa pessoa em alto e bom som que entrar no acampamento sem o crachá de visitante é considerado uma violação grave. Se nós encontrarmos essa pessoa, ela será tratada como um invasor hostil. E isso vale para todas as espécies, inclusive os humanos.

Kylie esperava que Della tivesse ouvido. Pessoalmente, ela não se importava nem um pouco com Chan, mas sabia que para Della era diferente, e pelo bem da amiga não gostaria de saber que

o invasor era o primo dela.

O olhar de Burnett ficou mais frio ao dar o aviso e então ele continuou.

— Embora eu não veja isso como uma grande ameaça, não penso em baixar a guarda tão cedo. A Confraria do Sangue foi estúpida o bastante para tentar uma vez. E eles são estúpidos o bastante para tentar de novo.

— Eu ainda não entendo o que eles têm contra nós — disse uma das amigas bruxas de Miranda.

— Eu respondo a essa pergunta — disse Holiday, indo para a frente do refeitório. — Se você reparar, temos mais vampiros aqui do que qualquer outra espécie. O motivo é muito claro. O vírus pode ser transmitido por muitas gerações e, por isso, os pais de um vampiro recém-transformado podem nem sequer saber que os sobrenaturais existem. Isso faz da vida em família algo extremamente difícil, levando muitos deles a se juntar a gangues. Mas, desde que o acampamento foi aberto, já salvamos mais de quatrocentos vampiros recém-transformados, evitando que se marginalizassem. A Confraria do Sangue vê Shadow Falls como um obstáculo para o crescimento das gangues.

Holiday fez uma pausa.

— Mais alguma pergunta? — Como ninguém levantou a mão, Holiday acrescentou: — Bem, já são quase duas da manhã, então por que não voltamos para nossos alojamentos e tentamos descansar um pouco? Mas lembrem-se do que Burnett disse. Não baixem a guarda.

Quando os campistas começaram a se dispersar, Kylie foi se juntar a Miranda, que estava sozinha num canto, distraindo-se com um joguinho no celular. Quando viu Kylie, ela inclinou a cabeça e deu um sorrisinho afetado, o que a deixou, aos olhos de Kylie, ainda mais parecida com um filhotinho fofo e amuado.

— Ah, agora que todo mundo me abandonou, você quer a minha companhia... — queixou-se Miranda.

Kylie franziu a testa.

— Eu feri os sentimentos de Della e precisava me desculpar. E não poderia fazer isso com vocês duas querendo pular no pescoço uma da outra.

— Mas você não se importa de ferir os meus sentimentos — resmungou Miranda. — É bom saber que vocês duas não estão nem aí comigo.

— Você sabe que não é nada disso — disse Kylie.

— Sei? — Ela balançou a cabeça e seu cabelo multicolorido, rosa, preto e verde-limão, se agitou em seus ombros. — É assim que vai ser daqui pra frente? Como vocês duas são vampiras, não vão me querer mais por perto?

— Não, não tem nada a ver. E... nem sabemos se sou vampira.

— Você gostou do sabor do sangue.

— Isso não faz de mim uma vampira. — A frustração cresceu no peito de Kylie. Mas, quando encontrou os olhos de Miranda e viu a insegurança neles, Kylie parou de pensar nos próprios

medos. — E para o seu governo, eu me importo com os seus sentimentos. Não tive intenção de magoar você.

— E para o seu governo, eu também não tive. — Della acrescentou, unindo-se a elas.

— Uau! — exclamou Miranda, olhando para Della. — Isso foi quase um pedido de desculpas. E para uma bruxa disléxica.

— Não me provoque — avisou Della.

— Tudo bem. — Um sorriso se acendeu nos olhos de Miranda. — Vamos fazer um pacto de que estaremos sempre juntas, não importa o que Kylie descubra que é, não importa o que aconteça.

Della bufou.

— Em que planeta você estava? Já fizemos esse pacto antes.

Elas começaram a andar em direção à porta, mas pararam quando Holiday chamou o nome de Kylie.

— Posso conversar com você um minuto? — a líder do acampamento perguntou.

Enquanto Della e Miranda avisavam que esperariam do lado de fora, Kylie aproximou-se de Holiday.

— Sei que quer falar sobre o que aconteceu esta noite, mas gostaria de ter uma conversa com Burnett primeiro. Tudo bem se eu der uma passadinha na sua cabana depois para podermos conversar no seu quarto?

Kylie se lembrou do comentário de Holiday sobre ser tarde.

— Se quiser falar comigo amanhã, tudo bem...

— Não — Holiday franziu as sobrancelhas. — Você não quer falar sobre isso esta noite?

Kylie tentou ser educada.

— É, quero conversar.

Holiday lhe deu um rápido abraço.

— Vai ficar tudo bem.

Kylie percebeu que não estava tão assustada quanto antes com relação a toda aquela história do vampiro, mas a verdade é que havia muitos sentimentos conflitantes dentro dela.

— Eu sei. — Ela sorriu e torceu para parecer mais confiante do que de fato estava.

Quando Kylie saiu do refeitório, todo mundo já tinha ido embora, exceto Miranda e Della, que estavam sentadas nas grandes cadeiras de balanço brancas, na varanda da cabana da administração.

— O que ela queria? — perguntou Miranda.

— Me dizer que vai dar uma passada na nossa cabana daqui a pouco para conversar comigo.

— Conversar sobre o quê? — perguntou Della.

— Umas coisas... — Ela não queria começar a discutir com Della novamente sobre a questão

do vampiro.

Miranda se levantou da cadeira.

— Podemos ir?

Elas pegaram a trilha que levava à cabana. Não estava tão escuro, por causa das estrelas e da lua. A noite cantava sua própria canção, e Kylie era extremamente grata por isso. Era quando a canção noturna se interrompia que Kylie se preocupava.

— Fui beijada esta noite — disse Miranda, no impulso.

— Uau! — exclamou Kylie. — Perry finalmente tomou uma atitude, hein?

— Não foi Perry. — Miranda chutou o chão de terra.

— Não foi Perry? — Kylie agarrou Miranda pelo braço. — Quem foi, então?

— É, quem foi? — repetiu Della, estudando atentamente o rosto da amiga. — Se você disser que foi Steve, eu chuto o seu traseiro. Sabe que estou a fim dele.

— Não foi o seu metamorfo Steve — disse Miranda fazendo uma careta. — Foi Kevin.

Kylie ficou pasma.

— Você não está falando de Kevin, o amigo e colega de alojamento de Perry...? Por favor, não me diga que foi *aquele* Kevin.

— Tá bom, então não vou dizer... — disse Miranda, escondendo o rosto com as mãos. — O que vou fazer agora? — Ela espiou as amigas por entre os dedos.

— Isso não é nada bom... — comentou Kylie.

Mirando continuou olhando para elas através dos dedos.

— Não pensei que fosse acontecer — disse ela, tirando as mãos do rosto. — Eu... estava voltando para a cabana, pensando que você poderia estar aqui e topei com Kevin. Eu estava preocupada com você. Começamos a andar juntos, conversar, e então... ele simplesmente me beijou e...

— E o quê? — perguntou Della.

— Eu não fiz nada para que ele parasse.

— Mas foi bom? — Della perguntou.

— Até que foi. Um pouco. Não sei. Por que me sinto tão culpada?

Kylie olhou para Miranda.

— Porque você vem agindo como se gostasse de Perry.

— Mas Perry não está agindo como se gostasse de mim. Claro, ele se senta comigo às vezes no almoço e no jantar, mas não acha que se gostasse de mim já teria me beijado ou coisa assim?

— Acho que só está meio inseguro — justificou Kylie.

— Acho que o problema é que ele não é macho o suficiente... — Della acrescentou.

— Pare com isso! — O rosto de Miranda ficou vermelho.

— Pare o quê? — Della perguntou.

— Pare de pôr em dúvida a masculinidade de Perry. É cruel e eu não gosto.

Della soltou uma risadinha.

— U-la-lá... alguém aqui gosta de Perry a ponto de defender sua masculinidade...

— E seu eu gostar? O que você tem a ver com isso? — disse Miranda, colocando as mãos nos quadris.

— Nada. — O tom de voz de Della demonstrava seu aborrecimento. — Mas pode ter a ver com Kevin, já que vocês andaram se beijando hoje...

— Parem! — implorou Kylie. — Deus! Será que não podem passar quinze minutos sem implicarem uma com a outra?

— Foi ela quem começou — disseram Della e Miranda ao mesmo tempo.

Kylie olhou de uma para outra.

— Vocês duas começaram. E as duas precisam parar. Estou por aqui com isso — disse Kylie colocando a mão na testa. — Sério, não aguento mais...

— Psiu! — Della pôs o dedo sobre os lábios de Kylie.

— O que foi? — sussurrou Miranda.

— Você sabe fazer silêncio? — Della perguntou.

Kylie tirou o dedo de Della dos lábios e ouviu. A noite estava silenciosa. Mas não o silêncio total que fizera no bosque, porque à distância, como uma música de fundo, ela podia ouvir os insetos e os pássaros; nas proximidades, porém, tudo estava quieto.

Kylie se inclinou para a frente e sussurrou:

— É outro vampiro?

# Capítulo Cinco

Della farejou o ar.

— Não é um vampiro. É um lobo. Está nos seguindo faz um tempo. Eu senti seu cheiro uns minutinhos atrás e achei que ele estava só passando. Mas estava enganada. — Ela apontou para o bosque.

— O que um lobo pode estar fazendo tão perto do acampamento? — Miranda perguntou.

De repente, Kylie se lembrou do lobo que tinha visto naquela mesma noite. Derek não tinha dado muita importância, por isso Kylie nem tinha mais pensado no assunto.

— Vocês querem me ver chutando o traseiro de um lobo? — Os olhos de Della brilharam, como se a ideia lhe agradasse muito.

Kylie se lembrou do lobo e da sua postura submissa. E não parecia ameaçador.

— Não, não quero ver você chutando o traseiro de um lobo. — Ela agarrou Della pelo cotovelo.

— Por que não? — perguntou a amiga. — Não é um lobisomem. É só um animal.

— Sim, um animal de carne e osso. Ele não está nos fazendo nenhum mal — contestou Kylie. — Então por que vai machucá-lo?

— Ele está nos seguindo. E isso me dá arrepios — Della respondeu.

Miranda se encolheu toda.

— Detesto dizer, mas concordo com Della. Dá arrepios.

Kylie olhou o bosque atentamente e, entre as árvores, viu o par de olhos dourados fixo nela. Um calafrio percorreu sua espinha. Talvez ele provocasse mesmo arrepios, mas não estava machucando ninguém. Então Kylie se perguntou se a presença do lobo não seria um tipo de mensagem, ou uma peça de um quebra-cabeça. Ou, como Derek dissera, era só um animal híbrido querendo companhia?

— Caramba! Aquilo são olhos? — Miranda apontou para o bosque.

— São. Não gosto nem um pouco disso. Estou mesmo com vontade de dar um chute no traseiro desse lobo.

Percebendo que Della estava falando sério, Kylie pegou uma pedrinha do chão e atirou na direção do lobo.

— Vá embora! — ela gritou.

O farfalhar de arbustos cortou o silêncio quando o animal fugiu. Kylie olhou para Miranda e Della.

— Pronto, ele já foi. Felizes agora?

O som dos insetos começou novamente.

— Não muito — respondeu Della. — Seria mais divertido do meu jeito. Eu poderia ter feito esse lobo de petisco.

— Não acredito que teria matado aquele animal — insistiu Kylie.

— Só um pouquinho... — disse Della com uma risadinha.

Kylie revirou os olhos e esperou que Della só estivesse brincando.

— Será que ele foi embora mesmo? — perguntou Miranda, olhando para as árvores que margeavam o bosque.

— Foi — respondeu Della, e elas recomeçaram a andar. Mas Kylie não podia evitar olhar para trás e se perguntar o que, afinal, aquele lobo estava fazendo ali. Então um pensamento lhe ocorreu e ela sentiu o coração saltar na boca. Será que Lucas estava tentando lhe enviar uma mensagem?

— Voltando ao meu problema... — disse Miranda quando se aproximavam da cabana. — O que vou fazer com Kevin?

— Muito simples — disse Della, subindo os degraus da varanda. Ela se virou para trás e olhou para Miranda. — Você precisa fazer uma escolha. — Ela estendeu a palma da mão direita. — Você quer Kevin? — Então estendeu a palma esquerda. — Ou quer Perry? Não é tão difícil assim. Kevin? — ela levantou a mão direita. — Ou Perry? — então levantou a mão esquerda.

— E se eu escolher Perry e ele nunca me escolher? Nunca tomar a iniciativa? Nunca nem me beijar? E se eu acabar virando a última bruxa virgem da face da Terra?

— Então você vai saber que fez a escolha errada — respondeu Della, dando de ombros.

— Isso não ajudou muito — disse Miranda olhando para Kylie. — O que você acha?

— Eu acho... — Kylie se lembrou dela beijando Derek aquela noite, querendo que as coisas fossem diferentes, mas sentindo como se alguma coisa a impedisse de dar um passo à frente. Depois se lembrou de como se sentia dividida entre Derek e Lucas. — Acho que você não devia me pedir conselhos sobre relacionamentos. Não sou a pessoa mais indicada. — Kylie acelerou o passo e entrou na cabana.

Trinta minutos depois, Kylie estava na cama, aconchegada ao seu gatinho, o mesmo que Lucas tinha dado a ela. Do lado de fora do quarto, ela ouviu Miranda e Della conversando com Holiday. Quando a líder do acampamento bateu na porta da cabana, Kylie cobriu o rosto com o cobertor e fechou os olhos. Sentiu o gatinho subir em cima dela e golpear o cobertor com a pata. Não que não quisesse conversar com Holiday. Ela só estava em dúvida se aquela conversa ia adiantar alguma coisa.

Quantas vezes teria que ouvir Holiday dizendo: "*Eu não sei, Kylie, isso é algo que você tem que descobrir sozinha...*"? Por que achou que essa conversa seria diferente? Isso não seria um sinal de loucura? Fazer sempre a mesma coisa e esperar um resultado diferente?

— Kylie? — A voz de Holiday atravessou o cobertor quando ela bateu de leve na porta do quarto.

Ainda com a cabeça coberta, Kylie gritou:

— Pode entrar.

Kylie ouviu a porta do seu minúsculo quarto se abrindo, ouviu-a se fechando e Holiday se aproximar da cama.

— Não parece muito entusiasmada em me ver — disse a líder do acampamento.

— Quer que eu finja? — Kylie tirou o cobertor da cabeça e se sentou. Socks aconchegou-se ao lado dela.

Holiday sorriu e se sentou aos pés da cama de Kylie.

— Eu sei que não é fácil.

— Você não sabe nem a metade... — Kylie abraçou os joelhos e observou Socks se aproximar de Holiday e esfregar a cabeça no braço dela. — Eu tinha um plano para descobrir tudo. Só precisava passar um tempo com Daniel para que ele me contasse o que ele era, e então eu saberia o que sou. Ele finalmente apareceu esta noite, mas não tinha nenhuma resposta. — Kylie sentiu um nó na garganta.

Holiday parecia genuinamente intrigada.

— Como ele pode não ter nenhuma resposta?

— Porque foi adotado. Só percebeu que não era humano aos 18 anos. E eu nem sei por onde começar a procurar respostas agora.

— Você vai descobrir — Holiday disse, acariciando Socks da cabeça ao rabo. — Acredito nisso de todo o coração.

Os olhos de Kylie começaram a arder, o que basicamente significava que as lágrimas estavam a caminho.

— O fato de gostar de sangue faz de mim uma vampira?

Holiday hesitou.

— Espere — disse Kylie. — Deixe-me adivinhar. Você não sabe, né? E depois vai me dizer que isso provavelmente é algo que eu preciso descobrir sozinha. — Kylie secou as primeiras lágrimas dos olhos.

Holiday deixou escapar um longo suspiro, depois estendeu a mão e pegou a de Kylie.

— Você em parte está certa. Eu de fato não sei se você é uma vampira. Mas acho que posso dizer com certeza que gostar de sangue não faz de você uma vampira. Eu conheço humanos que adoram beber sangue e isso não significa que sejam vampiros. Mesmo que alguns deles sejam uns esquisitos e achem realmente que são vampiros.

— Então essa coisa toda de gostar de sangue pode não significar nada? — disse Kylie, tirando

a mão da de Holiday.

— É, pode não significar nada. — O tom de Holiday deixava uma dúvida no ar.

— Mas você não acredita nisso.

— Acho que provavelmente significa algo. Só não sei se significa que você é vampira.

— Mas o que mais pode significar?

Holiday olhou para Kylie com um brilho de compreensão nos olhos verdes.

— Eu não sei. Mas... de fato acredito que, se continuar procurando, todas as respostas que *realmente* precisa serão respondidas.

— Que *realmente* preciso? — perguntou Kylie, repetindo as palavras de Holiday. — Como se eu não precisasse de *todas* as respostas.

Holiday arqueou a sobrancelha direita.

— Nunca descobrimos tudo, Kylie. Algumas coisas sempre serão um mistério.

— Talvez algumas coisas — disse Kylie. — Mas não isto. Não o que sou. Eu sinto que tudo na minha vida vai continuar em compasso de espera enquanto eu não encontrar essa resposta.

— Então continue procurando — disse Holiday.

Kylie descansou a cabeça nos joelhos e soltou um gemido.

— Viu só? Eu sabia que você ia dizer isso — resmungou Kylie.

Socks veio correndo como se só quisesse saber como ela estava. Holiday pôs a mão na cabeça de Kylie.

— Quando uma porta se fecha, outra se abre.

Kylie levantou novamente a cabeça.

— E se não houver outra porta?

— Então você tenta a janela.

— E se não houver uma janela? — Kylie perguntou.

— Então você pega uma marreta e abre uma janela. Ninguém disse que a vida é fácil. De modo geral, quanto mais difícil é uma coisa, mais gratificantes são os resultados.

— Mas e se eu não conseguir? — ela perguntou. — E se alguém for apunhalado até a morte porque não fui esperta o suficiente para encontrar as respostas certas? Eu segui o que você disse e fiz perguntas específicas e tudo o que o fantasma fez foi repetir o aviso. Ela só continua dizendo, "Isso vai acontecer a outra pessoa" se eu não impedir. Ela não me diz quem, quando ou onde. Como espera que eu encontre essas respostas?

— Como você sabe que alguém será esfaqueado? — Holiday perguntou.

— Porque ela está sangrando muito e parece que sua roupa foi cortada em tiras. As balas de revólver são redondas.

— Você já viu uma bala de revólver? — perguntou Holiday.

— Na TV.

Holiday deu um sorriso.

— Tudo bem, entendo por que acha que foi esfaqueada, e ela pode estar querendo dizer isso

mesmo, mas lembre-se da primeira vez em que Daniel apareceu; você achou que ele estava sendo acusado injustamente por um crime de guerra.

Kylie afundou a cabeça no travesseiro.

— Acho isso um saco!

— Isso o quê? — perguntou Holiday. — Comunicar-se com espíritos? Eu já disse, eles são os únicos que requerem um curso de aperfeiçoamento para aprendermos a interpretar suas mensagens.

— Não só os espíritos — Kylie disse. — Tudo. Eu acho um saco *não* ser humana.

— Não é verdade — Holiday deu um soquinho no braço de Kylie. — Você está se dando muito melhor do que imagina.

Kylie encarou a líder do acampamento.

— Por acaso isso foi um elogio?

Holiday soltou uma risada.

— Sim, foi. — Ela fez uma pausa. — Ei, se isso faz com que se sinta melhor, saiba que às vezes eu também fico com o saco cheio de tudo.

Kylie olhou para Holiday e viu um leve arrependimento no fundo dos olhos dela.

— Algumas dessas coisas incluem Burnett?

— Esse é um assunto que eu prefiro não discutir no momento.

Holiday deu um profundo suspiro que revelava frustração e Kylie teve certeza de que tinha a ver com Burnett. Ela se lembrou de que tinha dito a Miranda que ela não deveria lhe perguntar nada sobre relacionamentos, mas por alguma razão Kylie não conseguiu deixar de tocar no assunto.

— Della estava certa esta noite quando disse que você parece se preocupar com ele.

Holiday enrolou o rabo de cavalo e o transformou num coque firme.

— Eu me preocupo com a paz mundial. Me preocupo com a falta de moral dos políticos de hoje. Me preocupo com todas as criaturas inocentes que são atropeladas na estrada a apenas três quilômetros do acampamento. A verdade é que me preocupo com um monte de coisas e a minha preocupação não muda nada — especialmente o relacionamento entre mim e esse vampiro teimoso, egoísta e machista.

— Você se sente atraída por ele — Kylie disse. — E não tente negar. Você já até admitiu isso uma vez.

— Tudo bem, não vou negar. Ele tem a favor dele aquele corpo musculoso e seu magnetismo de vampiro. Mas quando eu era pequena, tive uma paixonite pelo Garibaldo. Também não deu em nada.

— Pelo Garibaldo da Vila Sésamo? Jura? — Kylie perguntou. — Comigo foi com o Come-Come.

As duas riram e então Kylie acrescentou, num tom sério:

— Daria certo se você quisesse de verdade.

— Eu não tenho tanta paciência.

— Humm — continuou Kylie. — Uma pessoa muito esperta uma vez me disse que, quanto mais difícil uma coisa, mais gratificantes são os resultados.

Holiday estudou Kylie.

— Você já não tem problemas suficientes em que pensar para querer resolver os meus também?

— Todo mundo parece ter problemas mais fáceis de resolver do que eu — disse Kylie, sorrindo.

— Já ouviu dizer que a grama sempre parece mais verde do outro lado da cerca? Bem, acontece o mesmo com os problemas. Todos nós temos nossas dificuldades para superar. Então por que você não resolve os seus problemas e me deixa resolver os meus? — Holiday colocou uma mecha do cabelo de Kylie atrás da orelha. — Mas obrigada por se importar.

Holiday sorriu e Kylie mais uma vez sentiu a ligação entre as duas ficar ainda mais forte. Kylie sempre quis saber como seria ter uma irmã mais velha. Ela não podia deixar de pensar que isso era o mais perto que ela já chegara desse tipo de relacionamento.

Holiday estudou a expressão de Kylie e suas sobrancelhas se arquearam. Kylie sabia que Holiday a estava testando para ver se ela tinha aberto as portas da sua mente. No primeiro dia do acampamento, ela tinha descoberto que os sobrenaturais eram capazes de ler padrões cerebrais. Eles também conseguiam fazer com que outros sobrenaturais lessem esses padrões mais profundamente e tivessem um vislumbre de quem ou o que eram.

Mas não Kylie, é claro. O único padrão cerebral que ela tinha sido capaz de ler fora o do espírito do seu pai biológico. E, embora outros sobrenaturais pudessem ver os padrões de Kylie, ela ainda não tinha aprendido a se abrir e deixar que qualquer um tivesse esse vislumbre mais profundo.

— Você está fazendo os exercícios mentais que lhe passei? — Holiday perguntou.

— Estou — Kylie disse, e viu a líder do acampamento franzir ainda mais a testa.

Pelo menos durante trinta minutos por dia, Kylie tinha que meditar. Mas por enquanto aquilo não tinha ajudado em nada ou, se tinha, ninguém havia lhe contado.

— Não mudou nada, né? — Kylie perguntou, sem querer mais ser o patinho feio.

— Não. Você ainda é fechada como um tambor. Já conseguiu ler alguém?

— Não. Talvez eu seja uma sobrenatural retardada.

Holiday revirou os olhos.

— Acho que é justamente o contrário. Aposto que o seu cérebro está bloqueando seus poderes enquanto não a sente capaz e madura o suficiente para lidar com eles.

— Está me chamando de imatura? — Kylie fez a pergunta e em seguida mostrou a língua.

— Não digo imatura — Holiday disse, rindo. — Acho que você é mais esperta do que muitas garotas da sua idade. — Sua expressão ficou séria novamente. — Mas isso não significa que ainda não tenha muito o que aprender.

Holiday se levantou.

— Acha que consegue dormir agora?

— Talvez — disse Kylie, mas no fundo duvidava muito.

Holiday foi até a porta e depois se voltou.

— Ah, e quanto ao problema com o fantasma, se o espírito dessa mulher não lhe der nenhuma pista da próxima vez que aparecer, diga a ela que vai se fechar para ela até que resolva oferecer algo mais concreto. Então realmente faça isso. Se ela não lhe oferecer nada de diferente, saia da sintonia dela. Nada aborrece mais um fantasma do que ser ignorado. Isso geralmente faz com que procurem outra abordagem.

— Como eu saio de sintonia? — Kylie perguntou.

— Concentre-se em outra coisa. Tem que ser algo em que você queira pensar. — Holiday arqueou uma sobrancelha como se tivesse acabado de se lembrar de algo. — Como dar uns beijos em Derek.

Kylie viu algo nos olhos de Holiday e logo percebeu:

— Burnett te contou.

Holiday concordou com a cabeça.

— E eu não pretendo me envolver nessa história, só me prometa que não vai fazer nada de que vá se arrepender depois.

— Não aconteceu nada — disse Kylie.

— Desta vez... — disse Holiday, dando outro dos seus longos suspiros.

Kylie sentou-se um pouco mais ereta na cama.

— Derek nunca vai me pressionar a fazer... nada.

O queixo de Holiday se abaixou um pouco e ela encarou Kylie com um olhar de surpresa.

— Mas não é com Derek que estou preocupada, Kylie.

Kylie olhou para as próprias mãos, sentindo-se exposta. Como Holiday sabia o quanto Kylie estava perto de se entregar? Então ela se lembrou de que Holiday era como Derek — ela podia ler as emoções das pessoas. Obviamente, só o fato de estar perto dele já era suficiente para que seu corpo todo vibrasse de excitação. Ai, Deus, era como se ela andasse por aí com uma placa pendurada no pescoço dizendo ESTOU COM TESÃO. Aquilo não era simplesmente o máximo?

— Kylie... não há por que ficar constrangida. E não estou pedindo para que não faça... O que estou pedindo é que, quando tomar essa decisão, que a tome racionalmente e não porque simplesmente aconteceu. Entende a diferença?

Kylie assentiu.

— Ótimo — disse Holiday, abrindo a porta.

Mesmo depois que a porta já estava fechada, Kylie sentiu um turbilhão de emoções crescer dentro dela — embaraço, incerteza e um toque de ressentimento. Ela não queria que Holiday ou outra pessoa qualquer conhecesse seus desejos e sentimentos mais profundos.

Então se lembrou do carinho de irmã que tinha descoberto em Holiday, algo que Kylie

valorizava muito. Supôs que qualquer bom relacionamento também tivesse suas desvantagens. Que uma irmã mais velha, mesmo que fosse totalmente humana, se sentiria no dever de conversar sobre sexo com ela.

Quando Kylie encostou a cabeça no travesseiro, lembrou-se de como tinha se sentido ao beijar Derek e se perguntou se um dia conseguiria tomar uma decisão racional com relação a ele. Especialmente com a capacidade que ele tinha de controlar suas emoções.

Socks subiu novamente na cama e Kylie foi pega desprevenida quando seus pensamentos passaram dos beijos de Derek para o beijo de Lucas.

Mas que droga! Ela apertou tanto o travesseiro que, se fosse vivo, ela o teria matado. Socks deu um miado fraco e voltou para os pés da cama. Kylie gemeu, com a boca enterrada no recheio de espuma do travesseiro. Sabia que teria de fazer muito esforço para dormir, e agora as coisas tinham piorado com toda a história de Derek *versus* Lucas em que pensar...

# Capítulo Seis

Uma hora mais tarde, ela ainda não tinha conseguido pregar o olho. Bem, pelo menos não mais do que alguns segundos. Toda vez que estava quase caindo no sono, tinha aquela estranha sensação de estar flutuando, ou talvez voando, e essa sensação esquisita a fazia despertar num solavanco do seu cochilo leve. Uma vez, um pouco antes de acordar, ela viu Lucas, como se estivesse prestes a sonhar com ele.

Ele estava cercado com o que pareciam nuvens, e uma brisa fresca agitou a atmosfera enevoada. Justo quando ela ia dar uma boa olhada nele, outra nuvem veio flutuando e tirou-o do seu campo de visão. Ele estava usando uma camisa em parte desabotoada e a brisa levantava a fralda da camisa, deixando à mostra seu peito e a barriga chata. Foi então que a névoa começou a se mover mais rápido e a sensação de voar começou a ficar mais forte, até arrancá-la do sono.

Recuperando o fôlego, ela se sentou na cama e tirou o cabelo do rosto. A decepção começou a crescer em seu peito, mas ela a afugentou para longe. Não podia nem pensar em ter outro sonho daqueles com Lucas — com os dois dentro d'água, parcialmente vestidos — sem corar de vergonha. Certamente não precisava acrescentar mais isso na sua lista de "coisas em que não devia pensar".

Rolando na cama, ela socou o travesseiro como se um pedaço de espuma pudesse ser o culpado de tudo. Depois se sentou ereta, acendeu o abajur e, sem nem pensar no que planejava fazer, pegou a carta. A carta de Lucas. Aquela que Holiday tinha entregado semanas antes, mas ela não abrira.

Oi, Kylie,

Comecei a escrever esta carta várias vezes e, em todas elas, amassei tudo e joguei fora. Talvez seja porque não sei o que dizer, neste momento e neste ponto em que há tão pouco que eu possa dizer. Talvez seja porque eu simplesmente não devesse escrever, porque... é errado. São tantas as razões por que eu não deveria pensar em você o tempo todo, razões que não têm nada a ver com você e tudo a ver comigo. Eu sei que nada disso está fazendo muito sentido e, se eu pudesse, explicaria. Que inferno! Quem sabe se tudo ficar do jeito que espero que fique, eu possa explicar a você. Não tenho certeza se isso mudará alguma coisa, mas espero que sim.

Vê por que rasguei esta carta tantas vezes? Ela não faz nenhum sentido, faz?

Mas o que precisa fazer sentido é isto: você é muito especial, Kylie. E lamento não ter dito isso a você. Lamento não ter dito no mesmo instante em que me lembrei de você. Mas fiquei chocado demais quando te vi no primeiro dia do acampamento. Chocado e apavorado. Você sabia coisas sobre mim que eu tentava esconder — esconder de todo mundo, inclusive de mim mesmo. Meus pais fizeram coisas muito ruins e, quando eu era pequeno e não entendia as coisas direito, participei de muitas delas. Você não sabe o quanto eu me esforcei para tentar esquecer aquela fase da minha vida.

Na verdade, você foi a única coisa que eu não quis esquecer. A menininha loira, minha vizinha, que parecia um anjo e era um mistério. O que você era? Quem você era? Você me assustava e ao mesmo tempo me intrigava, já naquela época. Eu não entendia como você fazia eu me sentir por dentro. Queria matar os meninos que atiraram aquelas pedras em você, queria tocar o seu cabelo para ver se ele era tão macio quanto parecia. Nas luas cheias, eu observava você, esperando que se transformasse. Que se transformasse num lobo como eu.

Acho que acabei de descobrir por que tinha que escrever esta carta. Para dizer o que você significa para mim, só no caso de eu nunca mais falar com você pessoalmente. Mas isso se eu conseguir colocá-la num envelope antes de concluir que é uma idiotice e jogar tudo no lixo.

Pensando em você.
Lucas
P.S. Sonhe comigo.

A última linha da carta ecoou na cabeça de Kylie. *Sonhe comigo.* Se ele ao menos soubesse...

Então todas as suas outras emoções foram abafadas pela raiva que ela sentiu. Afinal, o que exatamente ele queria dizer com aquilo? Sonhe com ele fazendo o quê? Brincando de pula-sela com Fredericka?

Kylie enfiou a carta novamente no envelope e jogou-a de volta dentro da gaveta. Será que ele achava que aquela carta faria com que ela se sentisse melhor? Se ela era tão especial, por que ele tinha ido embora com Fredericka? Por que não tinha nem tentado explicar aquilo na carta? Por que tinha tantos segredos?

Lucas achava que ela não sabia que Fredericka estava com ele? Ele achava que aquilo não tinha importância? Havia até admitido que tinha feito sexo com a garota! Admitido que Fredericka achava que os dois eram um casal. E agora tinha fugido com ela. Como ele podia pensar que Kylie não ficaria chateada? Será que todos os homens eram uns cachorros? Ou melhor... uns lobos?

Não, definitivamente ela precisava esquecer Lucas. Superar tudo aquilo. E era exatamente o

que pretendia fazer. Depois de apagar a luz, acomodou mais uma vez a cabeça no travesseiro. Depois teve uma visão de Lucas e a garota-loba se beijando e deu um último soco no travesseiro.

Na manhã seguinte, Kylie teve que se forçar a sair da cama, para se vestir e pentear o cabelo. Ela tinha tentado voltar a dormir depois de despertar ao amanhecer com o calafrio gelado provocado pela visita do espírito. Não tinha adiantado. Agora, com uma ou duas horas de sono apenas, realmente adoraria poder enterrar a cabeça no travesseiro e ignorar a programação do dia. Quem ali precisava de café da manhã ou uma boa alimentação? Ela voltou a desabar na cama.

Estava quase caindo no sono outra vez quando um pensamento a deixou totalmente alerta. Será que ela não estava com fome porque tinha bebido sangue na noite anterior? Será que estava perdendo a vontade de comer comida humana?

— Você já está indo? — perguntou Miranda, por trás da porta fechada do quarto.

— Sim, já estou indo.

Ela se reclinou no travesseiro e ficou olhando para o teto, tentando decifrar como se sentia sobre tudo à luz da manhã. Tudo bem, a ideia de se tornar vampira já não parecia mais o fim do mundo, mas ainda lhe parecia uma grande calamidade. Além do mais, ela precisava saber. Tinha o direito de saber o que ela era.

— Você vai agora ou no século que vem? — Della gritou uns três minutos depois.

Xingando Della baixinho, Kylie começou a se sentar na cama.

— Igualmente! — gritou Della em resposta.

Kylie soltou um grito. Della gritou de volta. Kylie sacudiu a cabeça e tentou ouvir os sons ao seu redor para ver se tinha adquirido superpoderes da noite para o dia. Mas não, ela não podia ouvir melhor do que na noite anterior. O que significava que Holiday tinha razão. Seu gosto por sangue não significava que Kylie era uma vampira.

Ou pelo menos ainda não.

Obrigando-se a se levantar, ela passou a mão no cabelo e resolveu que era hora de enfrentar as colegas de alojamento e o dia que tinha pela frente.

— Bom dia pra você também! — cumprimentou-a Miranda, quando Kylie saiu do quarto sem dizer uma palavra.

Kylie lançou-lhe um sorriso falso. Depois fez o que fazia toda manhã. Observou Miranda, erguendo as sobrancelhas, e olhou fixamente para a testa da amiga na esperança de ver seus padrões mentais. Mas nada. Só uma pequena espinha na linha do cabelo. Não que Kylie fosse contar a Miranda sobre isso. A garota provavelmente surtaria.

— Caramba! Você está tão animada esta manhã! — disse Della, com ironia, saindo do quarto e juntando-se às amigas.

— Não dormi direito — respondeu Kylie.

— Nem eu — reclamou Miranda, soltando um suspiro. — O que vou fazer se Perry descobrir que beijei Kevin?

Della deu uma risadinha.

— Corra e se esconda antes que ele se transforme num dragão que solta fogo pelas ventas e faça a sua bunda virar churrasco.

— Estou falando sério — rebateu Miranda com rispidez.

— E você acha que eu não estou?

Miranda encarou a vampira. Kylie encolheu os ombros como quem admitia a derrota e andou na direção da porta da frente.

— Primeiro, você precisa decidir o que quer fazer.

— Como assim? — perguntou Miranda enquanto saíam da cabana. Depois, enquanto esperava a resposta de Della, ela deu meia-volta e fez um volteio com a mão, abrangendo a porta de alto a baixo e lançando ali um feitiço de proteção.

Miranda tinha começado a lançar o feitiço na semana anterior, dizendo que sentia um visitante indesejado tentando entrar. Por acaso seriam os fantasmas que Miranda queria deter? Mas quem disse que aquilo estava funcionando? Toda manhã, ao primeiro sinal da aurora, Kylie acordava com a temperatura polar do quarto.

— O que eu quero saber é — continuou Della — você vai começar a gostar de Kevin ou está planejando só enrolar um pouco com o metamorfo na esperança de que Perry vire macho...

— Nem continue. Deixe a masculinidade dele fora disso — ameaçou Miranda, apontando um dedo para Della.

Della saltou o restante dos degraus, depois olhou para trás, fitando Miranda com um olhar de falsa inocência.

— Eu nem ia mencionar a masculinidade dele...

Pelo sorriso no rosto de Della, Kylie sabia que a vampira estava mentindo. Mesmo assim, ela de fato tinha feito uma boa observação.

— Della está certa — disse Kylie, dando sua opinião. — Você precisa tomar uma decisão.

Miranda franziu a testa e prendeu o cabelo com as mãos, num rabo de cavalo. Elas andaram alguns minutos em silêncio, enquanto Miranda parecia imersa em reflexões.

— Mas eu não tenho que fazer isso, tipo... agora — ela disse, por fim. — Tenho? Quer dizer, existe a chance de Kevin simplesmente esquecer o que aconteceu. O beijo nem foi tão bom assim.

— Ei, Miranda — chamou alguém, alguns metros atrás delas.

As três garotas se voltaram e deram de cara com o beijoqueiro medíocre vindo pela mesma trilha.

— Pouca chance de ele ter esquecido... — comentou Della, farejando o ar. — Nem queira saber quanto hormônio está no ar... Esse cara está babando por você.

— Sério? — perguntou Miranda. — Mas você não disse que não podia farejar os hormônios e feromônios dos metamorfos? Quando Perry virou um pássaro você disse...

— Eu disse que não sabia que cheiro tinha um passarinho tarado. Mas, em seu estado natural, os metamorfos poluem o ar com seus "hormônios de luxúria" assim como todo mundo.

— Ela abanou a mão na frente do rosto.

Miranda olhou de Della para Kevin, que se aproximava cada vez mais.

— Oi. — Ele parou bem em frente das três. Kylie nunca tinha prestado atenção em Kevin antes, mas achou que ele era atraente. Não se comparava a Derek, mas tinha lá um certo charme. E, se perguntassem a Kylie, ela diria que ele era até mais interessante do que Perry, embora não tivesse nada contra o metamorfo. Perry tinha subido no conceito de Kylie nas últimas semanas.

— Dormiu bem? — Kevin perguntou a Miranda, afundando as mãos nos bolsos dos shorts cáqui. Kylie notou a camiseta azul-marinho um pouco folgada demais para o seu tamanho mediano. O cabelo, castanho claro, estava meio comprido nas laterais. Ele sorriu, com os olhos azuis fixos em Miranda e visivelmente interessado nela.

— Dormi, sim — Miranda respondeu, o que era uma mentira, e Kylie notou Della revirando os olhos.

— Achei que podíamos ir juntos tomar o café da manhã — convidou Kevin.

— Acho que tudo bem.

Miranda olhou para Kylie como se perguntasse se sua resposta tinha sido um erro.

Kylie não sabia o que pensar, por isso só abriu um sorriu despreocupado. Sem dúvida, se Perry descobrisse que Miranda e Kevin estavam andando juntos, ele ficaria magoado. Embora Kylie não tivesse medo de Perry, muitos outros campistas temiam seus poderes. Por isso, magoar Perry talvez não fosse uma boa ideia. Mas então Kylie viu as bochechas coradas de Miranda e sua postura um pouco mais ereta. Certo ou errado, o interesse de Kevin estava fazendo maravilhas pela autoconfiança da amiga.

Quando Miranda e Kevin tomaram a dianteira na trilha, Kylie e Della desaceleraram o passo, esperando até que se afastassem um pouco. Ficaram sem falar algum tempo, até ver o casal sumir numa curva da trilha que lhes oferecia certa privacidade.

— O que acha? — Kylie perguntou a Della enquanto avançavam a passo lento para não alcançar os dois à frente.

Della revirou os olhos.

— Acho que mais cedo ou mais tarde uma grande merda vai cair no ventilador.

— É, mas você viu como os olhos dela brilharam? — Kylie perguntou. — Toda garota adora saber que um cara está a fim dela. Talvez Perry veja isso e perceba que precisa tomar uma atitude.

— É justamente aí que a merda vai cair no ventilador. Não se pode brincar com os sentimentos de um metamorfo, especialmente um tão poderoso quanto ele. Estou dizendo, o fato de Perry não se transformar num porco-do-mato e abocanhar a sua bunda naquela noite em que você puxou a orelha dele é um verdadeiro milagre. Essa foi a primeira coisa que Chan me explicou sobre o mundo sobrenatural. Cuidado com os metamorfos, eles têm um humor muito instável.

Della inclinou a cabeça como se estivesse ouvindo um barulho.

— Ai, merda. Vai acontecer mais cedo do que eu pensava...

— O quê? — perguntou Kylie para o vazio.

Della tinha desaparecido. Kylie só entendeu quando ouviu o grito de Miranda e o rugido de um grande animal cortando o ar da manhã.

Correndo o mais que podia, o que era incrivelmente mais rápido se comparado ao que ela podia correr um mês antes, Kylie chegou à encruzilhada da trilha justo no momento em que dois imensos ursos-negros começaram a trocar patadas.

Della estava segurando Miranda, que lutava para se desvencilhar da amiga, como se quisesse apartar a briga entre os animais. Demorou meio segundo até Kylie perceber que não estava diante de dois ursos normais. Não. Eram Perry e Kevin.

Quando o urso maior enfiou as garras no ombro do outro e o sangue jorrou, derramando-se no chão de terra, Kylie gritou:

— Parem!

Ela chamaria mais atenção se tivesse falado com uma parede de tijolos. Os dois animais furiosos continuaram atracados. De repente, algumas fagulhas se espalharam pelo ar e um dos ursos se transformou num leão do tamanho de uma minivan. Seu rugido era tão alto que feriu os ouvidos de Kylie. Em segundos, o outro urso se transformou num leão — ainda maior. O som de dentes se entrechocando podia ser ouvido entre os rugidos penetrantes e mais sangue umedeceu a terra seca sob suas patas.

Kylie não sabia se os ferimentos provocados pelos metamorfos eram permanentes ou se eles voltariam inteiros quando se transformassem em humanos outra vez. Quando um leão agarrou o outro pela garganta, Kylie percebeu que ela não podia ficar simplesmente parada ali e assistir aos dois se matando. Sem pensar nas consequências, agarrou um dos leões pela juba e puxou-a o mais que pôde.

— Não faça isso! — Della gritou e, embora Kylie não pudesse ouvi-la direito, suspeitou que Della estivesse falando com ela. E justamente quando Kylie pensava em ouvir o conselho da amiga, a fera ficou de pé sobre as patas traseiras, levando Kylie para cima com ela. Com as duas mãos agarradas ao pelo laranja da juba do leão, os pés de Kylie balançavam no ar. O animal abriu a boca, com sangue pingando dos dentes, e rugiu com uma fúria diferente de tudo o que Kylie já tinha ouvido na vida. Os olhos raivosos do felino fitaram Kylie. Ela viu os olhos passarem do dourado para o violeta. E de algum modo soube que era Perry.

— Me coloque no chão e pare de brigar! — ela gritou para ele.

Nesse mesmo instante, o outro leão atingiu Perry no flanco. O golpe arremessou Perry para trás e Kylie quase soltou a sua juba. Nesse momento ela viu que estava a quase dois metros do chão. A queda sem dúvida ia doer, talvez causar uma fratura, mas ela sobreviveria. No entanto, também a deixaria à mercê das patadas furiosas de Kevin e das suas mandíbulas poderosas. Sobreviver então ficaria um pouquinho mais difícil, por isso ela agarrou com mais força a juba e lutou pela sua preciosa vida.

Perry começou a sacudir a cabeça como se quisesse se livrar do peso. Kylie balançava de um

lado para o outro, como um bicho de pelúcia não muito querido nas mãos de uma criança birrenta. Os dedos de Kylie começaram a escapar. Ela olhou para o chão, tentando encontrar uma saída, mas sua atenção foi desviada para as mandíbulas de Kevin, que avançaram na direção da barriga peluda e macia de Perry. Aumentando a pressão dos dedos em volta da juba espessa, ela levantou o pé e chutou Kevin no olho, para impedir que matasse Perry. Kevin soltou Perry, mas, ao recuar, Kylie viu sangue pingando da sua boca.

Perry rugiu, se de dor ou de fúria, Kylie não sabia. Talvez as duas coisas.

Kylie ouviu Della gritar algo. Em seguida, sentiu a amiga passar quase voando por ela, como se tentasse resgatá-la, mas, cada vez que tentava, Perry mudava de direção, deixando Kylie fora de alcance.

— Chega! — gritou Kylie para os leões. — Vocês dois, parem! Parem ou eu vou chamar os anjos da morte!

Mal as palavras saíram da boca de Kylie, ela sentiu a temperatura do ambiente cair à sua volta. Sentiu o ar gelado em sua garganta. Sua ameaça inútil soou em seus ouvidos. Mas agora ela não tinha outra escolha a não ser perguntar... Ela tinha mesmo o poder de chamar os anjos da morte ou era apenas Daniel ou outro fantasma anunciando sua presença numa hora inoportuna?

Ou talvez numa hora oportuna?

Daniel já não tinha ajudado Kylie uma vez? De repente, isso não importava mais, porque ela viu fagulhas de cor laranja aparecendo ao redor de Kevin. Perry recolheu a pata direita, como se estivesse se preparando para atacar Kevin durante a fase de transformação.

— Não faça isso, Perry! — ordenou Kylie.

Perry rugiu como se estivesse resmungando, mas voltou a ficar nas quatro patas. Kylie largou sua juba e pulou no chão. Ainda a quase um metro do solo, ela aterrissou fora de equilíbrio e caiu sentada. Quando olhou para cima, viu fagulhas surgindo ao redor de Perry e duas figuras humanas tomando forma. Vestidos, graças a Deus.

Perry olhou para ela, sentada no chão, com os olhos amarelos brilhantes e a fúria ainda estampada no rosto. Mas não estava sangrando.

— Nunca vi tanta estupidez! Nunca, jamais, fique no meio de uma briga entre metamorfos. Você podia ter morrido.

— Você por acaso está me dando uma bronca? — Kylie perguntou, pasma com a ousadia que ele tinha de repreendê-la. — Não era eu que estava tentando fazer em pedaços o meu colega de alojamento. E eu estava tentando proteger você. — Ela se sentou de lado e massageou a nádega machucada.

— Eu não precisava de ninguém me protegendo. — Sua voz aumentou de volume e o olhar fuzilava Kylie.

Olhando de relance para Kevin, ela percebeu que seu processo de transformação era muito mais lento do que o de Perry. Tao logo Kevin apareceu, ele recuou, afastando-se de Perry.

— Isso não acabou ainda. Vamos terminar mais tarde — Perry disse a Kevin, numa voz que

mais parecia um rugido.

— Quando quiser — respondeu Kevin, fitando Perry com um olhar penetrante; Kylie quase chegou a pensar que eles iam começar a brigar outra vez, mas Kevin se virou e começou a se afastar.

Kylie percebeu que era preciso muita coragem para dar as costas para Perry quando se tinha acabado de quase tirar um pedaço da sua barriga. Mas o fato de Kevin ter dado as costas ao metamorfo, sem olhar para Miranda sequer uma vez, fez com que Kylie se perguntasse qual dos dois tinha realmente mais poder.

Quando Kevin desapareceu por entre as árvores, Kylie esperou que Perry dissesse alguma coisa a Miranda. Mas nenhum dos dois falou nada. Os pássaros à distância recomeçaram a cantar.

— Você está bem? — Miranda perguntou, finalmente.

Kylie olhou para cima, para garantir à amiga que estava intacta, mas depois percebeu que Miranda não estava falando com ela, mas com Perry. Kylie desviou o olhar para o metamorfo. Ele parecia bem. Nem um arranhão. O que significava que, quando os metamorfos voltavam à forma humana, todos os seus ferimentos se curavam. E isso significava que Kylie tinha se metido no meio da briga e esfolado o traseiro por nada. Ela podia ter deixado que os dois se retalhassem. Devia ter feito isso.

Ainda sentada no chão meio de lado, ela massageou mais uma vez uma nádega e observou Miranda se aproximar de Perry.

— Por que você fez isso? — perguntou Miranda, parecendo lisonjeada por ele ter brigado por ela e ao mesmo tempo zangada... por ele ter brigado por ela. — Me diga. — Ela deu mais um passo na direção da fonte da sua raiva.

— Deu vontade — rosnou Perry. Na verdade, o modo como sua postura mudou quando ela se aproximou dele denunciou sua raiva. Sua postura enrijeceu como se todo o seu corpo estivesse tenso. Seu cabelo loiro estava grudado na testa suada. Seus olhos azuis ficaram azuis por um segundo e depois se tornaram verdes brilhantes.

Ele ainda tinha a aparência feroz de um leão prestes a atacar — não havia mais nenhum resquício do Perry meio palhaço, o cara que sempre tinha um comentário sarcástico ou divertido na ponta da língua. E pela primeira vez, Kylie entendeu por que todo mundo tinha um pouquinho de medo dele.

— Você não fez isso por minha causa? — perguntou Miranda, obviamente sem se importar com a fúria que ele usava como uma couraça. — Por-
que estava com ciúme?

Perry não respondeu. Só ficou olhando para ela e depois fez sua própria pergunta:

— Então é verdade?

— O quê? — perguntou Miranda.

— Que você beijou Kevin? Eu não acreditei quando ele me disse. Pensei que só estivesse me

provocando, mas não estava mentindo, estava? Você realmente fez isso. Você o beijou.

Os olhos de Miranda se abriram um pouco mais.

— Sim.

O silêncio pairou sobre os dois, no ar quente da manhã.

— Não — ela deixou escapar, e sacudiu a cabeça, misturando as mechas cor-de-rosa, pretas e verdes do cabelo com o movimento. — Eu não o beijei. Ele me beijou.

— Mas você correspondeu — acusou ele.

Kylie segurou o fôlego. Della se aproximou de Kylie e estendeu a mão para ela. Kylie aceitou a ajuda e, uma vez de pé, massageou novamente a nádega.

— Responde!

Kylie se voltou para Perry e Miranda. A tensão que irradiava do casal parecia sugar todo o oxigênio do ar e tornava ainda mais difícil desviar o olhar.

— Alguém pode acabar se machucando... — comentou Della.

# Capítulo Sete

Kylie torceu para que toda aquela confusão pudesse de algum modo terminar bem — e que seu traseiro fosse a única coisa que saísse machucada.

— Seja sincera — ordenou Perry.

Miranda hesitou antes de responder.

— Eu... eu não correspondi.

Della inclinou a cabeça para mais perto da orelha de Kylie e cochichou:

— Ela está mentindo.

Perry deu um passo à frente e estudou a fisionomia de Miranda, como se tentasse descobrir se podia acreditar nela.

— Por que eu não acredito em você? — Ele fez uma pausa. — E mesmo que não tenha correspondido, você não fez nada para que ele parasse.

Miranda hesitou e então seus ombros caíram como se ela reconhecesse a derrota. Kylie percebeu que ela tinha decidido jogar limpo.

— Não, eu não fiz nada para ele parar. E, sim, talvez eu tenha correspondido um pouquinho. Mas...

— Isso é tudo o que eu precisava saber.

Dor e decepção transpareceram nos olhos de Perry e por um segundo Kylie se perguntou se era o mesmo sentimento que ela tinha sentido quando viu Trey colado a outra garota. Depois foi a dor de ver Mandy beijar Derek. E não se podia esquecer da ocasião em que ela tinha descoberto que Lucas havia fugido com Fredericka.

— Não é justo! — murmurou Miranda.

— Ah, pode não ser justo, mas é tão ruim quanto o que você fez! — rebateu Perry. — Poderia ter sido bom se fosse entre nós. — Ele se virou e começou a se afastar.

Estava a uns três metros de distância quando Miranda o chamou.

— Não quer saber por que não fiz nada para ele parar de me beijar?

Perry voltou-se para ela e a encarou.

— Estou mais curioso para saber por que você acha que eu me importaria.

Miranda pareceu perder o fôlego diante das palavras de Perry. Então deu vários passos na

direção dele.

— Eu não fiz nada para que Kevin parasse porque... estava cansada de esperar você me beijar.

— É mesmo? — Perry avançou, pondo um fim à pequena distância que havia entre os dois. Seu braço direito a enlaçou pela cintura e ele a puxou para junto dele. Não fez uma pausa nem hesitou. Ele a beijou — não um selinho apenas. Pareceu a Kylie que se tratava do melhor tipo de beijo, o mesmo que Derek lhe dera na noite anterior. O tipo de beijo que uma garota pode sentir da ponta dos pés até o último fio de cabelo. E pelo jeito como Miranda se apoiou no peito de Perry, Kylie pode adivinhar que seu corpo todo correspondia.

— Uau! — Kylie murmurou, sorrindo.

— É... uau! — Della se inclinou para mais perto. — Acho que Perry arranjou um par.

Kylie mordeu o lábio para não rir.

— Se isso fosse um filme, haveria uma música tocando ao fundo.

— Eu poderia cantar — brincou Della, com um sorriso malicioso.

— E acabar com todo o clima... — respondeu Kylie, devolvendo a brincadeira. — Eu ouvi você cantando no chuveiro uma vez.

Rindo, as duas olharam novamente para o casal se beijando.

Perry afastou os braços de Miranda e deu um passo para trás. O jeito abrupto com que interrompeu o beijo pareceu estranho. E não foi só Kylie quem notou. Perry se afastou tão rápido que Miranda quase perdeu o equilíbrio.

Ele encarou Miranda com uma expressão que não se esperaria ver no rosto de alguém que acabou de beijar a garota dos seus sonhos. A raiva e a mágoa que Kylie tinha percebido antes nos olhos de Perry não se dissiparam com o beijo. Agora, ele parecia ainda mais furioso.

— Isso... — ele disse, o tom de voz refletindo a emoção nos seus olhos — foi só pra mostrar que valeria a pena ter esperado por mim.

— Valeria? — perguntou Miranda, com a voz trêmula.

— Pode apostar. — Perry se virou e começou a se afastar. Mas enquanto andava ele estendeu o braço para trás e mostrou a Miranda o dedo médio.

— O que ele quer dizer com isso?! — perguntou Miranda, chocada.

— Adivinha! — respondeu ele, sem olhar para trás.

Miranda deu meia-volta e se aproximou das amigas. Ela pôs a mão na boca e seus olhos começaram a se encher de lágrimas.

— Mas que droga... — o coração de Kylie estava apertado por causa da amiga.

— Babaca!... — gritou Della para Perry.

Holiday veio correndo pela trilha. Ela parou e olhou para as três amigas, enquanto Perry se afastava.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Nada — respondeu Della.

Holiday olhou de Della para os olhos lacrimosos de Miranda, que observava, extática, Perry ir

embora. Então a líder do acampamento olhou novamente para Della.

— Eu ouvi.

— Tudo bem... quase nada — respondeu Della, dando de ombros.

Como se percebesse o tumulto emocional de Miranda, Holiday aproximou-se e passou o braço pelos ombros da garota.

— Vamos lá, que tal uma conversa?

— O que está fazendo? — Della perguntou, entrando na cozinha cambaleando de sono às duas da manhã.

Kylie desviou os olhos da tela do computador e fitou a amiga.

— Usando uma marreta para abrir outra janela.

Della deu um passo para trás.

— Você andou tendo um daqueles sonhos barra-pesada de novo?

Kylie sorriu.

— Não. Estou pesquisando para ver quantos Brightens existem na região de Dallas.

— Quantos o quê? — perguntou Della, recostando-se na mesa da cozinha.

— Brightens. O sobrenome do meu pai era Brighten e minha mãe me disse que seus pais moravam em Dallas quando eles se conheceram. Como Daniel não pode me dizer o que eu sou, vou descobrir por mim mesma.

— Mas eu pensei... Você não disse que ele era adotado?

— Isso mesmo — Kylie voltou a atenção para a tela do computador e franziu a testa. — Droga. Existem mais de cem Brightens na região metropolitana de Dallas. Quem ia adivinhar que era um nome tão comum?

— Se ele foi adotado, então como isso pode ajudá-la a descobrir o que você é? — Della perguntou, se curvando para olhar a tela.

— Talvez eles me ajudem a descobrir quem são os pais verdadeiros dele.

— Eu queria ser uma mosquinha na parede para ouvir essa conversa. "Olá, vovô e vovó, sou a neta que vocês nunca conheceram, mas agora que eu sei que adotaram o meu pai que morreu antes de eu nascer, não estou nem aí com vocês. O que eu quero mesmo é encontrar os meus verdadeiros avós."

Kylie olhou carrancuda para Della.

— Você não está ajudando em nada.

— Só estou mostrando como vejo a situação.

— Bem, então eu preferia que você ficasse quieta. — Kylie cerrou os olhos e tentou se agarrar ao fiapo de esperança que ainda tinha. Mas lá no fundo estava com medo de que Della estivesse certa. As chances de encontrar os Brightens eram quase nulas. Procurá-los para perguntar sobre o pai biológico quando ela nem devia saber que ele era adotado! Bem, seria preciso mais do que uma marreta para abrir essa janela.

— Ei — chamou Della, cutucando o ombro de Kylie. — Imprima esses números e Miranda e eu podemos ajudá-la nesses telefonemas.

Kylie olhou novamente para Della.

— Vocês fariam isso?

— Você me deu o seu sangue, não deu?

— É verdade — disse Kylie, voltando a fixar os olhos na tela do computador. Então ela pegou mentalmente a marreta outra vez e apertou o botão de imprimir.

— Me solte! Me solte!

Dois dias depois, algo fez com que Kylie acordasse sobressaltada. Sem saber direito por que estava se debatendo na cama, ela abriu os olhos. O vapor da sua própria respiração flutuava acima da sua cabeça num padrão ondulante. O ar gelado do quarto revelava que horas eram. Amanhecia.

Ela puxou as cobertas até o pescoço e fechou os olhos. E, então, *bum*! A lembrança do sonho desabou sobre ela.

*Me solte! Me solte!*

Ela ouviu o eco dos seus próprios gritos, como se estivessem ricocheteando nos cantos escuros do quarto. Seu coração acelerou, pulsando contra o peito como um animal capturado numa armadilha. *Tum. Tum. Tum.*

Ela agarrou o cobertor com as duas mãos e mentalmente lutou para não ser puxada de volta para o pesadelo. Seus esforços foram inúteis. O sonho se tornou realidade.

Tiras de tecido prendiam seus braços como se alguém tentasse mantê-la amarrada. Piscando, ela tentou se concentrar, mas sua visão parecia prejudicada. Tudo parecia prejudicado. Sua cabeça girava. Ela contou uma, duas, talvez três figuras borradas e embaçadas na frente dela. Chutou com as duas pernas, mas uma lentidão esmagadora comprometia a sua força.

Esforçou-se para se soltar, mas as figuras pairando acima dela se multiplicaram. As mãos agarraram seus membros mais rápido do que ela podia se mover. As amarras em torno dos seus pulsos ficaram mais apertadas. Incapaz de se mexer, ela observou com horror quando outra figura embaçada se aproximou dela com uma faca.

— Não! — Seu próprio grito a arrancou do pesadelo. Abrindo os olhos, ela fechou os punhos e olhou para o teto, com receio de que, se piscasse, fosse arrastada de volta.

— É só um sonho. Só um sonho — repetiu várias vezes. Virando-se de lado, tentou se levantar, mas a vertigem do sonho parecia ter dominado seu corpo. Ela teve que se reclinar na cama.

— É só um sonho. Só um sonho. — Contou as respirações e, só quando a temperatura do quarto subiu, ela tentou se levantar novamente. A onda de vertigem passou, mas o pânico persistiu. Sua mente recapitulou rapidamente as imagens apavorantes, bombeando medo nas suas veias. Então ela percebeu com horror que, no sonho, ela era a mulher. Era o fantasma.

Agarrando seu jeans, ela o vestiu apressada, sem trocar a blusa do pijama. Sem se incomodar em pôr os sapatos ou um sutiã, correu para fora do quarto e saiu da cabana. Seu coração ainda estava na boca quando ela chegou aos degraus da varanda. Apesar da hora, a escuridão era como um manto negro sobre o céu e só alguns raios de luz começavam a tingir o horizonte.

Kylie pegou a trilha até a cabana de Holiday, mas se lembrou de que a líder do acampamento chegava ao escritório logo ao amanhecer. A facilidade e rapidez com que ela caminhava deveriam ser reconfortantes, mas só serviram como uma lembrança de que tudo na vida dela não parava de mudar. E ela não sabia para onde essas mudanças a levariam.

A meio caminho do escritório, seus pulmões finalmente começaram a exigir mais oxigênio. Respirando grandes golfadas de ar, ela dobrou os joelhos ligeiramente e descansou as palmas nas coxas. Fitando os pés descalços, lutou para impedir que as imagens dos sonhos não passassem como um filme de terror na sua cabeça.

— Foi só um sonho — sussurrou para si mesma em meio ao silêncio da madrugada.

E foi então que ela notou. A quietude. O silêncio sepulcral.

O tipo de silêncio que significava que ela não estava sozinha. Como não sentiu a temperatura cair, deduziu que não era um espírito. Lembrou-se do vampiro que ousara invadir o acampamento. O mesmo que Burnett insistia em dizer que poderia tê-la atacado facilmente caso fosse essa a sua intenção. E se ele tivesse voltado para terminar o serviço?

Ela ficou ereta. Seu primeiro impulso foi correr.

O segundo foi gritar.

O terceiro, não tão forte quanto os outros dois, foi deixar de bancar a garotinha indefesa e enfrentar como adulta quem quer — ou o que quer — que fosse.

Antes que tivesse tempo de optar pela alternativa número três, o mundo ao seu redor voltou à vida. Reconfortando-se com o coaxar dos sapos, o piar ocasional de um passarinho e o zumbido dos insetos, ela conseguiu expulsar o medo do peito. Não havia dúvida de que os últimos dias a tinham deixado meio desconfiada. Um segundo de silêncio na sinfonia do amanhecer não significava que ela estava sendo seguida.

Ou pelo menos não por um vampiro. Nem por algum motivo de que se lembrasse... Ela voltou o olhar para a borda da floresta, onde árvores se enfileiravam, como guardas protegendo a floresta. Nenhum lobo de olhos dourados espreitava na escuridão. Nem outra criatura da noite. Obviamente, a única coisa que a seguia no momento era sua própria paranoia. Intensificada pelo pesadelo.

Soltando o ar dos pulmões, ela recomeçou a caminhar na trilha. Depois de alguns passos, ouviu algo. Antes que pudesse reagir, uma lufada do ar frio da manhã a atingiu.

Preparando-se para lutar por sua vida, com o pensamento fixo nos perigosos vampiros e determinada a provar que não era uma presa fácil, Kylie levantou um pouco os braços e assumiu uma posição de defesa.

Então ela viu.

Não um vampiro.

Um pássaro gigantesco — um cruzamento de uma enorme garça-azul e algo que só podia ter existido numa época pré-histórica — estacionou na frente dela seu traseiro sem penas e bateu as asas, que deviam ter de dois a dois metros e meio. Chocada e mal acreditando no que via, Kylie ofegou. A criatura era quase um metro mais alta do que ela. Sem saber direito o que fazer, ela deu um passo para trás. As fagulhas começaram a se formar no mesmo instante.

Cruzando os braços sobre o peito, ela se sentiu uma idiota por não ter percebido no ato.

— Isso não tem graça nenhuma! — Kylie sibilou quando Perry apareceu.

— O que não tem graça? — ele perguntou, num tom sério que ela raramente via nos lábios de Perry.

— Você quase me matou de susto, isso não tem graça. Estou realmente cansada, farta de...

— Desculpe. Não quis assustar você. Eu te vi correndo. Quis ter certeza de que estava tudo bem.

Ela não soube dizer se foi o tom de voz dele ou sua expressão, mas sabia que ele estava dizendo a verdade. Não estava de gozação. Estava preocupado.

— Tá tudo bem. — No entanto, quando ela olhou mais atentamente nos olhos dele, percebeu que nada estava bem.

Perry, o cara que só fazia piada, era o retrato da dor. Era quase o reflexo espelhado da dor que ela vira nos olhos de Miranda. E aquela situação era uma completa estupidez. Se os dois se gostavam tanto, por que simplesmente não esqueciam aquela história toda com Kevin?

— Ela realmente gosta de você, Perry — Kylie disse, sem conseguir se conter.

— Gosta do Kevin também.

— Ela não gosta do Kevin. Ele a beijou, só isso. E vocês dois nem chegaram a ficar juntos.

— Ela sabia que eu gostava dela. Eu me sentava com ela quase todo dia na hora do almoço.

— Tudo bem, mas a gente espera que um namorado faça mais do que simplesmente se sentar e almoçar com a gente.

— Eu sei disso — ele rebateu. — Eu teria... só estava esperando o momento certo.

— E por que agora não é o momento certo?

— É tarde demais.

Kylie balançou a cabeça.

— Você vai mesmo deixar que um beijo impeça você de ficar com quem realmente gosta? Será que você é tão...

— Cabeça dura? — ele completou. — Sou, os metamorfos são assim. Obviamente você não sabe nada sobre nós, afinal quase se matou!

— Mas se você gosta mesmo dela, então...

— Gostava — corrigiu ele. — Eu gostava dela. Miranda é passado.

Pequenas fagulhas de luz começaram a rodopiar em torno dele.

— Ah, e obrigada por tentar me proteger aquele dia. Mas, sério, não faça isso outra vez.

O pássaro gigante reapareceu. As asas em movimento no ar agitaram os cabelos de Kylie e ao mesmo tempo uma dor profunda latejou na boca do seu estômago.

O brilho dourado de lâmpadas acesas iluminava a janela do escritório quando Kylie fez a última curva da trilha. Ela parou e ficou ali, olhando para a janela, se lembrando do olhar triste de Perry e desejando que ela pudesse mudar aquilo.

Subindo os degraus, abriu a porta e chamou o nome de Holiday, para que a amiga não se sobressaltasse com uma visita tão cedo.

— Estou na minha sala! — Holiday gritou de volta, enquanto Kylie entrava no cômodo.

Holiday fez um gesto com a mão, para que Kylie se sentasse. Ela se deixou cair na cadeira e se recostou no assento.

— Você está bem? — Holiday perguntou, enquanto verificava uma pilha de correspondências.

Kylie suspirou.

— Miranda ainda está deprimida. Eu acabei de topar com o Perry e tentei falar com ele, mas ele não quis me ouvir. Não que não pareça estar sofrendo por causa dela. Ele não está nem fazendo piadas mais. Della está com TPM e por isso está perdendo a paciência com Miranda, porque tudo o que ela quer fazer é devorar potes de sorvete e chorar pelos cantos por causa do Perry.

Kylie parou um segundo para tomar fôlego, depois continuou. Ela sabia que estava falando como uma matraca, mas não conseguia parar.

— Mas eu sei que não é Miranda nem a TPM que está deixando Della tão rabugenta. É a ideia de ir para casa com os pais no fim de semana e ter de conviver com a família. Mas, Miranda, mesmo quando não está deprimida, nunca encara muito bem o humor instável de Della. Agora, então, Della e Miranda estão ameaçando arrancar o coração uma da outra e alimentar o meu gato com ele. Na verdade, acho que Della queria o fígado de Miranda; é Miranda que quer o coração de Della. Portanto... respondendo à sua pergunta... Nada está bem.

Holiday tirou os olhos da correspondência e se limitou a oferecer uma palavra.

— Interessante.

— O que é interessante? — Kylie teve a vaga impressão de estar numa das sessões de psicanálise da Dra. Day.

O olhar de Holiday voltou-se mais uma vez para a correspondência.

— Muita coisa anda acontecendo, de fato. — Ela separou uma correspondência da pilha antes de olhar para Kylie. — Mas acontece que eu não perguntei de Miranda, nem de Della, nem de Perry. Eu perguntei como *você* estava.

— Então sou uma idiota por me preocupar com minhas amigas? — Kylie perguntou, aborrecida. E, sim, ela estava para ficar menstruada também, então podia ser um pouquinho de TPM. Ou poderiam ser os milhares de outros problemas que carregava nas costas como um gorila infeliz.

— Não quis dizer que é uma idiota. — O tom de voz suave e carinhoso de Holiday incomodou mais Kylie do que o tom psicanalítico. Provavelmente porque fez com que ela se sentisse menos como uma idiota e mais como uma ingrata.

Holiday descansou o queixo nas mãos entrelaçadas, um gesto tão típico dela que, na mente de Kylie, a líder do acampamento estava sempre com o queixo apoiado na mão.

— Só quis dizer que acho que você esconde os seus problemas de si mesma concentrando-se nos problemas dos outros.

Kylie se lembrou de que o motivo que a levara ao escritório do acampamento antes do amanhecer não era exatamente Perry ou Miranda. Portanto, de fato, Holiday talvez tivesse um pouco de razão. Mas quem disse que Kylie estava disposta a dar o braço a torcer?

— Então, pode ser que eu seja só uma pessoa legal. — Kylie afundou um pouco mais na cadeira e lamentou ter ficado irritada. Nenhum dos problemas de Kylie era culpa de Holiday e, além do mais, o relacionamento cada vez melhor entre elas era uma das poucas coisas boas na vida de Kylie naquele momento. Por essa razão, no final da sentença ela se desculpou com um sorriso.

— Legal? Ah, não tenho dúvida disso — disse Holiday, sorrindo. — Então vou tentar de outro jeito. Como vai *você*, Kylie?

Kylie se aprumou na cadeira e apoiou os dois cotovelos na escrivaninha.

— Quanto tempo você tem?

— Quanto tempo você precisar. — Holiday deixou que alguns segundos se passassem em silêncio e depois perguntou: — O que está acontecendo entre você e Derek?

— Nada. Por quê?

Holiday arqueou uma sobrancelha, com um ar de suspeita.

— Eu vi você saindo sorrateiramente do refeitório ontem quando ele entrou, e o mesmo aconteceu no jantar.

— Eu só não queria falar com ele.

Era verdade. Em parte. Ela também não queria que ninguém com a capacidade de ler emoções ou farejar hormônios soubesse o quanto ela se derretia só de olhar para ele. Enquanto ela não conseguisse controlar seus pensamentos, seria melhor não chegar muito perto quando estivessem em público. Ou sozinhos, ela tinha de admitir. E, sem dúvida, mais cedo ou mais tarde iria ter de explicar aquilo a Derek. Se dependesse dela, seria "mais tarde".

— Aconteceu alguma coisa? — Holiday perguntou.

Kylie cruzou os braços.

— Estou imaginando coisas ou você não me disse pouco tempo atrás para tomar cuidado para não... — ela não quis dizer em voz alta. — Você não me avisou para ter cuidado quando estivesse com ele? E agora que estou tomando cuidado, você age como se isso estivesse errado. O que quer que eu faça?

Holiday apertou os lábios enquanto pensava.

— Tomar cuidado, sim. Mas eu não disse para você evitá-lo.

— Talvez não tenha dito, mas neste momento essa é a maneira que encontrei de tomar cuidado. É meu jeito de lidar com isso.

Holiday ergueu a mão, como que rendida.

— Tudo bem. Então lide com isso do seu jeito. — Ela fez uma pausa, depois soltou outro longo suspiro que deu a entender que ela não aprovava a atitude de Kylie. — Você já falou com o seu padrasto?

Kylie revirou os olhos.

— A minha mãe ligou pra você de novo? Juro, não consigo imaginar por que ela acha uma ótima ideia que eu perdoe o homem, quando ela mesma não tem nenhuma intenção de perdoá-lo pelo menos no próximo século.

Holiday retorceu um pouco os lábios, como se estivesse pesando as palavras antes de dizê-las.

— Ele está se divorciando da sua mãe, não de você.

É, a mãe de Kylie dissera mais ou menos a mesma coisa, mas não tinha conseguido convencê-la.

— Não é o que parece. — Ela ainda podia se lembrar do dia em que implorou para que o pai a levasse para morar com ele. Mas, não, ele não a quis, então por quê? Ela olhou para Holiday outra vez. — A minha mãe disse também que ele está saindo com uma garota que é só uns dois anos mais velha que eu?

— Não, mas você me disse. No dia em que fomos tomar sorvete. — Holiday a fitava com os olhos cheios de compreensão. — Olhe, Kylie, não estou dizendo que ele não esteja errado. Mas isso não tem nada a ver com o relacionamento entre vocês dois. Se eu deixasse que a relação entre os meus pais afetasse os meus sentimentos, odiaria os dois.

— Sinto muito, mas eu discordo totalmente. Isso pode ser algo entre eles, mas o que ele está fazendo afeta a mim, sim. Me afeta de muitas maneiras. Por exemplo, minha mãe me telefonou ontem para dizer que está pensando em vender a nossa casa. A casa onde eu passei a minha infância, o lugar que considerei meu lar a minha vida inteira.

Holiday reclinou-se na cadeira.

— Isso é duro. Eu ainda me lembro de como fiquei chateada quando a minha mãe vendeu a nossa casa. Mas...

— Nada de "mas" — rebateu Kylie. — Minha mãe não devia me pressionar a fazer uma coisa que nem ela consegue fazer. Ela não consegue perdoá-lo. Talvez eu também não consiga. Então, simplesmente diga *isso* a ela da próxima vez que ela ligar. Ou talvez eu mesma diga.

Holiday franziu a testa.

— Não foi a sua mãe quem ligou. Foi o seu padrasto. E ele disse que ele...

— Ah, não. Ele ligou pra você? — Kylie se lembrou de como tinha sido embaraçoso quando o pai tinha paquerado Holiday, encarando-a com um ar babão, como se ela fosse um pirulito e ele

fosse tarado por doces. — Por favor, não me diga que ele convidou você pra sair ou coisa do gênero.

— Não. Ele parecia de fato preocupado. Disse que vive mandando e-mails e telefonando e você não dá notícias.

— Se ele estivesse tão preocupado poderia simplesmente aparecer no dia da visita dos pais. Mas ele aparece? Não. E sabe por quê? Aposto que é porque a namoradinha não quer que ele venha. Os pais dela provavelmente não lhe dão permissão para sair da cidade.

— Ou talvez seu pai não venha porque acha que você não quer vê-lo. — Holiday balançou a cabeça. — Simplesmente acho... que talvez fosse melhor você falar com ele. — Ela mordiscou o lábio e depois apertou os lábios. — Ah, que seja. Já dei minha opinião, mas ainda diria mais. Também acho que você está usando a fuga como uma maneira de lidar com tudo o que está acontecendo na sua vida agora. Com o seu pai e agora com Derek. E, francamente, devo acrescentar que a fuga não é um método muito bom de se lidar com as coisas. Eu sei porque também já tentei usá-lo uma ou duas vezes.

— É — concordou Kylie, sentindo-se uma bela idiota outra vez, mas incapaz de fazer alguma coisa a respeito. — Mas até que surja outro método como que por encanto na minha cartola, é esse que eu tenho de usar. — Ela quase quis se defender dizendo que não estava fugindo de nada. Tinha passado um dia e meio ligando para todos os Brightens da região de Dallas, tentando encontrar os pais adotivos do seu pai, para que pudesse encontrar seus pais verdadeiros e quem sabe descobrir o que ela era.

Holiday franziu a festa.

— Todos nós acabamos aprendendo as lições do modo mais difícil, não é mesmo?

— Acho que sim — concordou Kylie, sem saber ao certo se as coisas poderiam ficar mais difíceis. — Só não estou pronta para enfrentar meu pai... meu padrasto... ou o que estou sentindo por Derek. Será que é muito pedir um tempo?

— Não, não é muito. Mas, de modo geral, quanto mais demoramos para resolver um problema, mais difícil ele fica. Às vezes, simplesmente precisamos encarar as coisas de frente. Meu pai costumava dizer que a gente precisa olhar na cara do problema e cuspir no olho dele.

— Nunca dominei a arte de cuspir.

Holiday sorriu e depois desviou o olhar para a correspondência outra vez. Suspirando, ela ergueu o olhar.

— Quer evitar isso também? — disse, empurrando uma carta na direção de Kylie.

— O quê? — Kylie encarou o envelope e viu o nome dela rascunhado numa letra conhecida.

A letra de Lucas. Ele tinha escrito outra carta.

# Capítulo Oito

Uma parte de Kylie queria empurrar a carta de volta para Holiday. Ela não tinha prometido esquecê-lo? Sabia que a amiga não a forçaria a pegar a carta. Será que já não tinha coisa demais em que pensar no momento? Por que iria complicar ainda mais a própria vida?

Holiday puxou a carta de volta e deixou-a de um lado da escrivaninha.

Olhando para a líder do acampamento, esperou ver desaprovação em seus olhos, porque, mais uma vez, Kylie não estava disposta a encarar seus problemas de frente. Mas tudo o que ela viu no rosto de Holiday foi compreensão.

— Não tenho certeza se quero ler — confessou Kylie.

— Por quê? — Holiday perguntou.

— Ele fugiu com outra garota.

— Não acho que ele pense em Fredericka como...

— Mas ela pensa nele assim. E, se ela se atira em cima dele..., bem, ele é homem.

— Eu sei, mas nem todos os homens...

— Mas alguns são. E saber a diferença é como matemática — difícil. Você acha que entendeu tudo e depois descobre que chegou à resposta errada. E nem tente discordar, porque é por isso que você ainda não deu uma oportunidade a Burnett.

Holiday descansou o queixo na palma da mão e não discutiu com Kylie. Depois de vários instantes de silêncio, ela disse:

— Eu posso simplesmente guardá-la na gaveta e, se você decidir que quer ler mais tarde, poderá fazer isso.

Sim, Holiday poderia fazer isso, mas e Kylie? Será que ela realmente queria sair dali sem levar a carta? Conseguiria fingir que não se importava com Lucas? Que não se preocupava com ele desde que ele tinha ido embora, não se preocupava com o que ele não podia contar a ela, e que parte do que ele não podia contar envolveria Fredericka?

Mas, se ela ainda se importava com Lucas, então o que realmente sentia por Derek? Ou será que o que sentia por Derek era mesmo de verdade ou ele estava manipulando os sentimentos dela?

Ah, droga! Será que a vida dela podia ficar mais complicada?

Ela podia muito bem levar a carta e deixar a coisa rolar, sabendo que tudo seria como tinha de ser.

Kylie estendeu a mão e puxou a carta de sob a mão de Holiday. Depois de olhar para ela por alguns segundos, dobrou-a e guardou-a no bolso do jeans. Mais tarde, sozinha, quando estivesse pronta para cuspir no olho do problema, ela pensaria naquilo.

Quando olhou para Holiday, ela assentiu com a cabeça, como se achasse que Kylie tinha feito a coisa certa. Não que Kylie tivesse certeza disso. De muito pouca coisa na vida ela tinha certeza agora.

Elas voltaram a ficar em silêncio e, quando Kylie começou a se sentir desconfortável, Holiday tocou em outro assunto tão perturbador quanto o precedente.

— E o fantasma? Alguma novidade?

— Novidade? Sim, mas nada que ajude. — Kylie franziu a testa, com vontade de fugir desse problema também, como tinha feito com Derek e o padrasto. Mas a violência e a ameaça das visões não lhe davam alternativa. — Acho que ela foi torturada pelos seus raptores.

— Uau! — exclamou Holiday. — E você acha que isso realmente aconteceu ou ela só está querendo comunicar alguma coisa com essa cena?

— Acho que aconteceu. — Kylie mordeu o lábio, pensando no aviso de que aquilo aconteceria com alguém que ela amava se ela não fizesse alguma coisa. — Parecia muito real, como no sonho em que Daniel levava um tiro. Eu era ela no sonho. E eles se aproximavam de mim com umas facas estranhas. Senti uma facada e quando tentei me defender eles me amarraram. — Lembrando-se do sentimento de terror, Kylie percebeu seu coração acelerando. O pânico começou a crescer em seu peito outra vez.

Holiday estendeu o braço e tocou a mão de Kylie. Do seu toque irradiou-se uma sensação reconfortante que subiu pelo braço de Kylie. O medo represado no coração dela esgueirou-se como um camundongo assustado. E, como por encanto, o pânico foi diminuindo até se transformar num sentimento menos avassalador.

Kylie olhou para a líder do acampamento.

— Obrigada, mas isso não vai resolver nada. É como um *band-aid* num ferimento à bala.

— Eu sei — disse Holiday, franzindo a testa. — Mas, quando tudo o que você pode oferecer a alguém é um toque reconfortante, é isso que você quer fazer.

Kylie soltou um longo suspiro.

— O que vai acontecer se eu não desvendar esse enigma?

A mão de Holiday, pousada no braço de Kylie, ficou mais quente, como se ela sentisse que Kylie precisava de outra dose de calma.

— Você aceita que fez tudo o que estava ao seu alcance e segue em frente.

O absurdo do que Holiday estava dizendo, aliado à responsabilidade que pesava sobre os ombros de Kylie, de repente pareceu demais para ela. Kylie puxou o braço, afastando-o da mão de Holiday.

— Não, eu não poderia fazer isso... Não poderia viver em paz com a minha consciência. Quer dizer, se entendi bem, alguém vai morrer. Morrer de verdade, e não vai ser uma morte fácil. — Todos os problemas da vida de Kylie começaram a saltar de um lado para o outro na cabeça dela, como bolas de pingue-pongue. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ainda doía pensar no funeral da avó; ela não aguentaria perder mais ninguém. — Simplesmente não posso fracassar. Não tenho essa opção.

A mente de Kylie começou a dar voltas, tentando descobrir quem podia estar em perigo. Seria sua mãe? Alguém da sua família? Alguém do acampamento? Ou mesmo Holiday? Ah, Deus, e se fosse Lucas ou Derek? Ela olhou para a porta e lutou contra uma vontade irresistível de sair correndo dali.

Holiday limpou a garganta.

— Embora a gente nunca queira fracassar, o nosso dom não é garantia de que podemos ajudar alguém. Às vezes temos que aceitar que não somos capazes de consertar as coisas.

Kylie balançou a cabeça.

— Talvez você se conforme com isso, mas eu não posso. — Ela mordeu o lábio até quase sangrar. — Eu deveria ter recusado esse dom. Não estou à altura dele. Devia tê-lo mandado de volta, com um bilhete dizendo, "obrigada, mas não quero". — O bolo em sua garganta ficou maior, comprimindo suas amídalas. — É tarde demais para recusá-lo?

— Acho que sim. Você se abriu para ele quando...

Kylie se levantou tão rápido que a cadeira de madeira se virou e bateu no chão, com um estrondo que ecoou pelo pequeno escritório.

— Kylie, espere! — A voz de Holiday a perseguiu enquanto ela corria para a porta, mas ela não prestou atenção. Dane-se! Ela tinha de encontrar um jeito de decifrar a mensagem do fantasma. Tinha de descobrir, caso contrário, alguém que ela amava morreria e Kylie não conseguiria mais encarar a si mesma se isso acontecesse.

Ainda com a garganta apertada de emoção, ela subiu os degraus da sua cabana bem a tempo de ver o Sol finalmente nascendo no céu. Os raios dourados de luz batiam em suas costas e projetavam uma sombra alongada sobre a varanda. Quando ela deu outro passo, o Sol deve ter se erguido um pouco mais no horizonte, porque a sombra pareceu dançar no assoalho da varanda. Sombras dançantes a faziam se lembrar... da cachoeira.

Ela prendeu a respiração. Precisava ir até a cachoeira. Por mais que parecesse loucura, era como se ali fossem lhe dizer alguma coisa que a ajudaria a encontrar as respostas. Ela deixou a ideia mergulhar no seu cérebro exaurido. E como o Sol às suas costas, o primeiro raio de esperança despontou dentro dela.

Inspirando uma grande golfada de ar pelo nariz, ela de repente se sentiu revigorada, cheia de energia.

Ela podia ir até a cachoeira. Só não queria ir sozinha. Seu olhar se voltou para a porta da

cabana. Por que teria que ir sozinha? Ela tinha amigas. Com fantasmas ou sem fantasmas, elas a ajudariam se ela pedisse.

É verdade que já tinha pedido antes e elas se recusaram, mas desta vez era diferente. Desta vez iria implorar. Elas não se recusariam, não é? Só havia um jeito de descobrir.

Entrou, apressada, pela porta da frente, passou voando pelo seu gatinho com mania de perseguir tornozelos e escancarou a porta do quarto de Della.

— Preciso de você. Acorda.

Ela viu Della levantar a cabeça e fitá-la com olhos cheios de sono. As manhãs não eram a melhor hora do dia para Della.

Em seguida, Kylie correu até a porta de Miranda e a abriu com ímpeto.

— Miranda. Acorda. Preciso de vocês duas.

Miranda se apoiou num cotovelo. Seus olhos estavam inchados de tanto chorar, como se ela tivesse passado metade da noite soluçando sobre o travesseiro — o que, conhecendo Miranda, era provavelmente verdade. O coração de Kylie se apertou pela amiga e ela quase disse, "*Deixa pra lá*". Mas depois voltou atrás, pois realmente queria as duas amigas com ela, Miranda e Della. E talvez Della estivesse certa: era hora de Miranda parar de choramingar pelos cantos e começar a superar a dor.

— Por favor... — Kylie pediu antes que Miranda tivesse chance de resmungar qualquer coisa.

Kylie foi até a mesa da cozinha esperar pelas duas, mas estava ansiosa demais para se sentar. Ficou andando de lá pra cá, esperando que as duas amigas se levantassem, para ela começar a implorar.

— É melhor que seja importante — resmungou Della, irrompendo na cozinha e desabando numa cadeira. — Você sabe que horas são? Não são nem seis ainda. É nessa hora que eu durmo mais gostoso.

Miranda saiu do quarto segundos depois, usando uma camiseta, shorts e chinelos de coelho. Kylie encarou os chinelos de Miranda; as orelhas sacudiam a cada passo, enquanto a garota sonolenta arrastava os pés até uma cadeira vazia. Depois de se acomodar, ela olhou para cima.

— O que foi? — murmurou.

— Somos uma equipe, não somos? — Kylie perguntou. — Estamos sempre prontas para ajudar umas às outras. Não é isso o que sempre dizemos?

— Por que tenho a impressão de que isso é uma convocação? — Della baixou a cabeça, batendo a testa na mesa de carvalho. Se qualquer outra pessoa tivesse batido a cabeça na madeira com a mesma força, provavelmente teria desmaiado ou pelo menos ficado com um galo do tamanho de um ovo.

— Só diga o que quer de nós. — Miranda dobrou os braços sobre a mesa e descansou o queixo sobre o punho. O cabelo multicolorido, esparramado sobre o tampo da mesa.

Kylie olhou para Miranda e Della, ainda com a cabeça voltada para baixo e a testa apoiada na

mesa, e seu coração se contraiu. Se elas dissessem não, ia doer.

Della deve ter ouvido o coração acelerado de Kylie, porque levantou a cabeça e a encarou.

— Desembucha, Garota Fantasma! Será que é tão ruim assim?

Engolindo em seco, Kylie obedeceu. Desembuchou.

— Preciso que vocês venham comigo à cachoeira. Eu só quero...

— Ah, nem vem com essa! — Della exclamou.

— Sem chance... — acrescentou Miranda ao mesmo tempo, reclinando na cadeira.

— Mas eu tenho que ir — disse Kylie.

— Então vá! — Della respondeu, acenando com a mão na direção da porta.

Kylie engoliu o nó que se formou na sua garganta.

— Não quero ir sozinha.

— Então você quer que a gente se sacrifique também — rebateu Della.

— Não vai acontecer nada — Kylie insistiu.

— Então por que temos que ir? — perguntou Miranda, com uma cara emburrada.

— Nada de ruim vai acontecer — repetiu Kylie, sentando-se numa cadeira, já sem esperança diante da atitude das amigas.

— Quem disse? — perguntou Della.

— Eu estou dizendo — Kylie respondeu. — Eu só... só não quero ir sozinha.

— Porque está com medo — Della insistiu. — E por um motivo muito bom. Você não sabe o que fazem os anjos da morte?

Kylie hesitou.

— São eles que julgam os sobrenaturais. — Ela repetiu o que tinha ouvido, mas a verdade é que não entendia muito bem os anjos da morte. Como podia entender se ninguém queria falar sobre eles? Bem, ninguém menos Holiday, e ela só tinha contado que nunca encontrara esses anjos cara a cara.

— Isso mesmo, são eles que nos julgam e às vezes determinam a punição também — explicou Miranda. — Eu conheço uma garota, Becca. Ela estava... brincando de jogar feitiços nas pessoas que a incomodavam. Pessoas que, na verdade, não mereciam ser enfeitiçadas. Talvez ela estivesse agindo mal, mas, que droga!, seus feitiços eram mais um aborrecimento do que qualquer outra coisa. Então, dois dias depois, ela saiu de casa e suas roupas pegaram fogo. Num estalar de dedos, ela quase virou cinzas. Hoje está desfigurada, toda cheia de cicatrizes, e todo mundo diz que foram os anjos da morte que lhe deram uma lição.

— Ou talvez fosse a vingança de alguém que ela enfeitiçou — retrucou Kylie.

— Todos eles passaram por um interrogatório no Conselho das Bruxas. Provaram que eram inocentes.

Kylie discordou com a cabeça.

— Nós nem sabemos se os anjos da morte existem mesmo. Talvez sejam só fantasmas mais poderosos — afirmou Kylie, repetindo outra coisa que Holiday tinha lhe dito. Se Della e Miranda

soubessem da metade do que Daniel tinha feito, levando-a a participar dos seus sonhos, e tirando-a do corpo e fazendo-a incorporar no dele para que pudesse reviver sua morte, bem, elas provavelmente pensariam que ele era um anjo da morte.

Della inclinou a cadeira para trás, apoiando-a sobre duas pernas.

— Se você não acredita que eles existam, então por que quer ir até lá?

— Porque se houver a menor chance de existirem, e se forem mais poderosos do que os fantasmas comuns, então talvez sejam capazes de me ajudar a salvar quem eu amo. — Ela nunca tinha explicado nada disso a Della ou Miranda. Como poderia, se surtavam cada vez que ouviam a palavra "fantasma"?

— Salvar quem? — Della, balançando na cadeira apoiada nas pernas de trás, olhou ao redor do cômodo, como se elas tivessem companhia.

— Não sei. Poderia ser você. — Kylie olhou no fundo dos olhos negros de Della. — Ou você. — Ela apontou para Miranda. — Existe um fantasma que vive me dizendo que alguém que eu amo vai morrer. E cabe a mim...

— Espero que não seja uma de nós — disse Miranda.

Della bufou.

— Talvez seja uma de nós e vamos morrer porque você quer nos levar à cachoeira e nos oferecer em sacrifício para os anjos da morte.

— Você sabe que eu não faria isso. — A frustração pairava ao redor dela ainda mais forte do que antes. Ela batia o pé descalço no chão de ladrilhos, tentando ser paciente, mas estava lhe faltando paciência ultimamente.

Della balançou a cabeça.

— Quer dizer, já é bastante ruim ter que aceitar que fantasmas aparecem o tempo todo pra você, mas sair por aí, atrás de anjos da morte... — Ela deixou a cadeira cair sobre as quatro pernas num baque. — Não quero ficar com um monte de cicatrizes na cara. Não quero mesmo.

Kylie fitou as duas amigas.

— Tudo bem, mesmo que eles existam, o que vocês duas fizeram de tão ruim a ponto... de eles atearem fogo nas suas roupas? — Ela fitou Miranda. — Você não está jogando feitiços em qualquer um. — Depois voltou a olhar para Della. — E você não...

— Você não sabe o que eu já fiz! — interrompeu-a Della, com os olhos mais brilhantes. — Droga!, nem eu mesma sei. Quando a gente se transforma em vampiro, fica um tempo completamente sem noção das coisas e eu fiquei assim. Não sei o que aconteceu durante dois dias inteiros. Nem quero saber. Por isso não critico ninguém; por que iria perder tempo julgando os outros? E por isso não vou a lugares onde dizem que há anjos da morte. Talvez você jamais tenha cometido um pecado, mas eu não sou perfeita.

Kylie notou o sentimento de culpa na voz da amiga.

— Eu não acho que você tenha feito nada tão ruim.

— Eu não teria tanta certeza. — Miranda fez uma careta. — Veja como ela é cruel comigo —

lamuriou Miranda.

Della encarou Miranda.

— Ah, pelo amor de Deus, nunca fui cruel com você.

— Que mentira... — respondeu Miranda. — Você não tem feito outra coisa nestes últimos dias. Eu estou sofrendo e tudo o que você faz é gozar da minha cara.

— É, mas eu faço isso porque gosto de você. Na esperança de que você veja o quanto está sendo babaca. Chorando por causa de um cara que fez todo aquele estardalhaço só porque um dos amigos dele beijou você. Você devia sair por aí beijando todos os outros amigos dele só pra mostrar que não está nem aí. Mas fica chorando pelos cantos...

— Ei, eu não sou babaca! — Miranda levantou seu dedo rosado.

— Eu disse pra você nunca apontar essa droga de dedo cor-de-rosinha pra mim! — Della pulou da cadeira e começou a gritar alguma coisa sobre como todas as bruxas deviam queimar no inferno.

Kylie ficou sentada ali, ouvindo as duas trocarem insultos. Então, frustrada e completamente sem paciência, ela se levantou, pegou seu tênis ao lado da porta e saiu. Parou na varanda para calçá-lo.

Sentando-se nos degraus da varanda, enfiou o pé direito. Os dedos ficaram espremidos dentro do calçado, como seu coração dentro do peito, e ela afrouxou os cadarços antes de amarrá-los. Será que Della e Miranda tinham percebido que ela havia saído? Nesse instante, percebeu que a frustração e a impaciência não eram as únicas emoções que disputavam espaço em seu peito. Também havia a mágoa.

Será que não percebiam o quanto ela precisava delas naquele momento? Enquanto amarrava o tênis, teve a esperança de que mudassem de ideia.

Que decidissem que a amizade das três era forte o suficiente para confiarem nela.

Pé direito devidamente amarrado, Kylie calçou o outro pé e recomeçou todo o processo. Ainda conseguia ouvir as duas lá dentro gritando. Ainda não tinham percebido que ela havia saído da cabana. Ou talvez tivessem e não ligassem. Aquilo a magoava, também.

Se qualquer uma das duas precisasse dela, ela não as decepcionaria.

Ficou de pé, percebeu que ainda vestia a blusa do pijama junto com o jeans e estava sem sutiã, mas não se importou. Saltou os degraus da varanda.

Percorrendo a trilha num passo firme, ela se lembrou de que nem sabia direito como chegar à cachoeira. Mas algo dentro dela dizia que conseguiria chegar lá. Ela faria isso. E faria sozinha.

Kylie fez uma parada rápida na margem do bosque, insegura quanto à direção a tomar. Ela se lembrou de que podia ouvir a queda d'água da pedra onde ela e Derek tinham ido. Também se lembrava de ter ouvido a queda quando estava no riacho onde havia pegadas de dinossauro. A cachoeira devia estar entre os dois pontos, por isso ela continuou seguindo a trilha. Só tinha andado alguns metros sob o manto espesso formado pela copa das árvores quando a luz difusa da

manhã enfraqueceu, tornando-se uma sombra nevoenta de um tom cinza violáceo. Ela podia sentir a neblina no rosto.

O calor das primeiras horas da manhã tinha afugentado a friagem da noite, forçando-a a se dispersar na forma de neblina. Mas a cerração agarrava-se às árvores e pairava a alguns metros do solo. Ela sentiu um calafrio de apreensão na nuca. Mas, crente de que era só paranoia, ignorou a sensação e continuou seguindo em frente. Mais rápido.

Depois de uns quinhentos metros, ela se aventurou a sair da trilha de terra batida, esperando que o barulho da cachoeira a atraísse, como parecia ter feito antes. Ouviu e continuou a correr. Nada de cachoeira. Só o som da sola do tênis batendo no chão de terra, acompanhado dos barulhos costumeiros da natureza.

Kylie continuou avançando por entre as árvores, encontrando uma trilha ou abrindo outra enquanto enveredava pela floresta. Os espinhos dos arbustos se agarravam ao seu jeans, como se tentassem impedi-la de avançar. Mas ela não diminuiu o passo. Ocasionalmente, um galho de árvore um pouco mais baixo parecia surgir de repente no caminho, mas ela se abaixava a tempo ou o afastava com os braços.

Lembrou-se do dia em que tentou acompanhar o passo de Della por um trecho da floresta muito parecido com aquele, na primeira noite da fogueira. Quase não conseguia andar. Isso já não acontecia mais. Agora suas pernas se moviam em sincronia, com passos sucintos e eficientes.

O pensamento lhe ocorreu mais uma vez: mudança. Tudo estava mudando. Ela sentia a mudança no modo como se movia, na rapidez com que andava; sentia a mudança no modo como sorvia o oxigênio dos pulmões pela boca. O que mais mudaria?

Aquilo não era importante, pelo menos não no momento, disse a si mesma. A única coisa importante era decifrar a mensagem do fantasma. Salvar a vida de alguém era prioridade. Depois ela podia se preocupar consigo mesma.

Kylie piscou e então sentiu o rosto ser nocauteado por um punhado de folhas de um galho baixo. Ouviu um som alto de algo se quebrando e pôde jurar que era o galho, mas não quis acreditar. Quanto mais se embrenhava na floresta, mais densa ficava a vegetação e mais rápido ela corria. E mais rápido o seu coração batia, com a mistura de medo e expectativa. Todo o seu corpo formigava com a adrenalina.

Será que ela era louca de ir à cachoeira? Será que Della e Miranda estavam certas? E se os anjos da morte vissem seus pecados e quisessem castigá-la?

Buscou mentalmente os erros que tinha acumulado ao longo da vida: mentir para a mãe, ver uma garota praticando *bullying* na escola e não fazer nada, atropelar um esquilo na aula de direção. Quanto mais ela pensava, mais longa parecia sua lista de pecados.

Será que ela só estava arranjando encrenca indo à cachoeira? Ou salvando alguém que amava de algo terrível?

Nesse momento ela ouviu. Ou melhor, não ouviu. Os únicos sons na floresta eram o baque do tênis no solo e o barulho dos galhos batendo no seu jeans e os espinhos se agarrando a ele,

enquanto corria. Ela parou e se abraçou. Exausta, dobrou o corpo para a frente. O ar silencioso estava pesado, até mais do que a neblina que pairava um pouco acima do chão e agora serpenteava pelas árvores. E foi nesse instante que ela percebeu. Não estava sozinha.

# Capítulo Nove

O barulho de gravetos esmagados sob pés revelou a Kylie que havia alguém atrás dela. Ficou paralisada, o ar preso nos pulmões, o medo lhe causando um frio na barriga. Será que os anjos da morte a tinham encontrado?

Ela ainda não tinha decidido qual seria seu próximo movimento, quando ouviu:

— Caramba! Isso foi divertido!

Kylie reconheceu a voz cantarolante. Vencendo o pânico, deu meia-volta. Mal pôde acreditar no que via. Miranda montada nas costas de Della, com as pernas em volta da cintura da vampira.

— Desmonta, anda. Abre os olhos. Encontramos Kylie.

Della se desvencilhou dos tornozelos de Miranda e empurrou-a das suas costas, sem desviar os olhos de Kylie.

— Você está bem? — Della perguntou a Kylie. — Seu coração está disparado. Alguma coisa errada?

Mesmo com o pânico ainda correndo nas veias, Kylie não pôde deixar de sorrir. Elas vieram. A emoção encheu seu peito e formou um nó na sua garganta. Mesmo contra a vontade, as lágrimas umedeceram seus olhos.

— Você deixou que ela subisse nas suas costas? — Kylie perguntou, esperando que não notassem suas lágrimas.

— Ou eu fazia isso ou teria que esperar por ela. É mais lenta do que uma tartaruga de três pernas com uma bengala quebrada.

— Não sou, não! — discordou Miranda.

— É, sim! — Della contrariou-a.

Kylie tentou engolir o bolo na garganta.

— O que foi? — Miranda e Della perguntaram ao mesmo tempo, acabando com as esperanças de Kylie de que não tivessem notado sua emoção. Mas quem disse que ela se importava? Não era a primeira vez que a viam chorar.

— Desculpe a gente por não ter vindo com você — falou Miranda, cutucando Della com o cotovelo. — Você nos desculpa?

— É — continuou Della. — Você está bem, mesmo? Seu coração está batendo rápido. Super-

rápido. Numa velocidade sobre-humana.

Kylie piscou novamente. Ela de fato se sentia estranha, mas não era uma sensação ruim.

— Estou bem. Pra dizer a verdade, mais do que bem agora que vocês duas estão aqui. Obrigada. — As palavras vieram com sentimento e mais lágrimas toldaram sua visão.

Della deu de ombros.

— Ah, tudo bem, se eu morrer ou algo assim, volto pra assombrar você.

— Não se preocupe — disse Miranda para Kylie, com um meio sorriso. — Se ela começar a assombrar você, tenho um feitiço que fará com que fique presa no purgatório por pelo menos uns dez anos.

Della fingiu encarar Miranda com uma falsa carranca e depois estendeu o braço e agarrou o cotovelo de Kylie.

— Venha, vamos sair à caça de alguns anjos da morte.

— Posso subir nas suas costas outra vez? — perguntou Miranda, esfregando as mãos.

— Não! E se você contar a alguém que te dei uma carona, quebro suas pernas. Não vou sair por aí levando todo mundo para dar uma voltinha.

— A menos que seja um gato, certo? — perguntou Miranda, com uma risadinha.

— Pare com isso! — retrucou Della, enquanto Miranda ria mais ainda.

Kylie olhou para as amigas e percebeu que, pela primeira vez em vários dias, ela ouvia Miranda rindo.

— Adoro vocês, meninas.

— É, nós sabemos — respondeu Miranda, e as três começaram a andar.

O bom humor aos poucos foi diminuindo com as sombras escuras das árvores.

Elas caminhavam sem falar. Um pássaro piou ao longe e o vento sacudiu as folhas. Kylie achava que estavam indo na direção certa, pois Della não abria a boca e já tinha dito a Kylie que era capaz de encontrar a cachoeira só ouvindo o barulho da água.

Enquanto avançavam, contornando e às vezes atravessando a vegetação espessa, Kylie notou que seu passo era tão rápido quanto o de Della. Era Miranda que parecia estar com dificuldade para acompanhá-las.

Elas percorreram uns trezentos metros e Kylie notou que Della olhava para ela de soslaio. Será que também tinha notado sua energia renovada?

— O que foi? — perguntou Kylie.

— Nada — respondeu Della. — É só que... seu coração ainda está muito acelerado e você parece... diferente.

— Diferente? — Kylie perguntou, olhando de Della para Miranda e para Della novamente. — Por que pareço diferente?

Della continuou andando, mas segurou os seios nas mãos.

— Seus peitos.

Kylie olhou para baixo.

— É que você nunca tinha me visto sem sutiã.

Della parou.

— Não é a falta de sutiã. É que eles parecem maiores.

— Não parecem, não. — Kylie parou de andar e envolveu seus seios de tamanho médio com as mãos em concha e uma coisa muito estranha aconteceu. Eles não pareciam os mesmos. Pareciam... pareciam maiores!

— Caramba! — Kylie exclamou.

— Ela tem razão — concordou Miranda, aninhando os próprios seios nas mãos, como se checasse o tamanho deles.

— Ai, meu Deus! — murmurou Kylie, olhando para os seios.

— Ei, se você não gostou, dê um pouco para mim — disse Della, rindo.

Kylie voltou a pensar que tudo estava mudando. Ela só não esperava que isso incluísse seus seios.

— E tem mais — acrescentou Miranda. — Você está mais alta também. Deve ter tido um surto de crescimento da noite para o dia.

— Um surto de crescimento? — Kylie parou com a coluna muito reta, tentando calcular seu tamanho em comparação a Della e Miranda. Ela de fato parecia um pouquinho mais alta. E seus tênis pareciam apertados também. O que estava acontecendo com ela?

— Minha tia Faye costumava dizer toda semana: "Você cresce como mato. Deve estar passando por um surto de crescimento".

Kylie queria acreditar que tudo aquilo era normal — humanamente normal —, um surto de crescimento, mas não acreditava. Seu olhar cruzou com o de Della.

— Você ficou... ficou, tipo, maior do que era, um pouco antes de se transformar?

Della olhou para o próprio peito.

— Eu pareço maior? Bem que eu gostaria...

Kylie olhou novamente para os próprios seios.

— E se não pararem de crescer? E se continuarem ficando maiores?

— Então vai ter uma fila de garotos andando atrás de você... — brincou Miranda. — Ei, você sabe como eles são quando se trata de peitos. Quanto maior, melhor.

— Você sempre pode trocar o seu nome e passar a se chamar Barbie — sugeriu Della, com uma risadinha. — Minha mãe não nos deixava nem brincar de Barbie, porque achava que não era uma imagem saudável. Acho que era porque ela sabia que, por sermos orientais, provavelmente não teríamos bunda nem peitos grandes. E não queria que nos comparássemos com uma imagem de plástico.

— Você tem bunda — comentou Miranda.

— É, graças a Deus. Pelo menos herdei isso da minha mãe. Ela tem uma bunda e tanto. — Della olhou para os próprios seios. — Infelizmente, tenho os peitos do meu pai.

Kylie tentou ser grata à reação descontraída das amigas, mas isso não diminuiu sua

preocupação. Tudo bem, ela admitia que às vezes queria ter peitos maiores. Especialmente quando se comparava a Sara, sua melhor amiga da escola, que não telefonava mais para ela e tinha seios que atraíam como um ímã o olhar dos garotos. E, claro, alguns centímetros a mais de altura faziam com que ela parecesse mais magra.

Mas nada disso fazia com que se sentisse melhor. A ideia de que tudo isso era resultado de algum DNA inumano desconhecido que ela tinha em seu corpo a deixava nervosa. Nervosa porque ela não sabia onde aquilo ia parar ou o que aconteceria depois.

Ela teria que acabar usando um sutiã de tamanho extragrande, como a tia-avó de Sara? Deus do céu, a mulher quase sufocava Kylie quando a abraçava nos piqueniques da família da amiga.

Kylie ainda segurava os seios nas mãos quando sentiu um arrepio nos braços e seus lábios ficaram gelados com o ar invernal que inspirou.

Tinham companhia.

De pé na frente dela estava o fantasma. A única diferença é que ela parecia em pior estado do que antes. Estava definhando, de tão magra. Os ossos malares protuberantes davam-lhe uma aparência cadavérica.

— *Você precisa fazer alguma coisa. Logo. Precisa fazer alguma coisa. Eles me mataram. Me mataram e vão matá-la também.* — Então o fantasma se dobrou sobre si mesmo e vomitou sobre o tênis de Kylie e sobre o lindo tênis de corrida branco de Della.

— Que nojo! — exclamou Kylie dando um pulo para trás e se chocando com Miranda.

— O que foi? — perguntou Della, olhando para baixo, enquanto Miranda se aproximava para ver o que tinha acontecido.

Kylie não conseguiu responder. Ela sabia que não tinham visto o vômito, sabia que o vômito não estava ali de verdade, que tão logo o fantasma desaparecesse o mesmo aconteceria com a visão, mas ficou meio nauseada e, sendo de verdade ou não, no momento parecia bem real. Para não vomitar também, desviou os olhos do tênis.

— *Faça alguma coisa!* — o fantasma repetia.

— Ah, merda! — reclamou Della. — Os anjos estão aqui, não estão? — Ela começou a andar em círculos, falando sozinha. — Eu juro, juro que lamento tudo o que fiz.

— Eu também — disse Miranda, com os olhos vasculhando a floresta.

Kylie olhou para o fantasma e, sem querer assustar ainda mais Della ou Miranda, falou com ele mentalmente.

— *Eu estou tentando fazer alguma coisa. Mas preciso saber de quem você está falando. Preciso de mais informações.*

— *Me matando!* — repetiu o fantasma. Então ela e seu vômito desapareceram em meio ao ar gelado e rarefeito.

Kylie, percebendo que ainda segurava nas mãos os seus seios milagrosamente maiores, deixou os braços caírem dos lados do corpo. Enquanto dava uma última olhada nos peitos, pensou que o tamanho deles não parecia mais tão importante. Ela tinha que ir até a cachoeira e

ver se os anjos da morte podiam ajudá-la.

— Vamos nessa! — disse, olhando para Della e Miranda.

— Eu não peguei fogo! — disse Della, com um ar de surpresa. Ela cutucou Kylie com o cotovelo. — Será que isso significa que não fiz nada de ruim nesses dias que antecederam a transformação?

— Talvez. — Kylie não teve coragem de dizer a ela que não eram os anjos da morte, por isso simplesmente recomeçou a andar. Em poucos segundos, ouviu o som hipnótico da queda d'água. Ela não tinha certeza se era real ou um chamado místico, mas continuou andando.

Andaram mais uns cinco minutos em silêncio. Então Miranda colocou uma mecha do cabelo multicolorido atrás da orelha e olhou para Kylie.

— Você acha mesmo que alguém que você ama vai morrer?

— O fantasma parece achar que sim — respondeu Kylie, tentando não parecer tão frustrada.

— E ele não contou quem é?

— De acordo com Holiday, alguns fantasmas têm dificuldade para se comunicar.

— Que saco...

— É. — A responsabilidade esmagadora de salvar uma pessoa causava em Kylie um peso no peito. Se alguém morresse porque ela não tinha sido capaz de decifrar a mensagem, não conseguiria se perdoar.

— Acha mesmo que os anjos da morte podem ajudar você?

Kylie ponderou sobre a pergunta de Miranda.

— Não tenho certeza, mas, sim, por alguma razão acredito que podem.

— Você não tem mesmo medo deles? — perguntou Della.

— Claro que tenho — respondeu Kylie, mas quando viu o medo estampado nos olhos de Della, pensou melhor. — Mas não acho que sejam malignos.

— Você acha... — balbuciou Miranda — que posso pedir a eles que... Perry me perdoe?

— Ah, pelo amor de Deus! — exclamou Della. — Perry só precisa criar vergonha na cara. Você não precisa do perdão dele.

— Não é verdade — discordou Miranda. — Eu também ficaria furiosa se ele beijasse outra garota.

— Furiosa, sim. Mas humilhá-lo por causa disso é ridículo. Quer dizer, não é como se você tivesse dado uns amassos no Kevin ou dormido com ele. Ele só beijou você... grande coisa!

A mente de Kylie deu um salto e começou a pensar em beijos. Tanto nos de Derek quanto nos de Lucas. Para ela tinha sido uma grande coisa! *Pare de pensar nisso*, disse a si mesma. Mas mesmo tentando tirar da cabeça todos os seus pensamentos sobre beijos, ela se lembrou da carta que tinha no bolso. A carta de Lucas.

Uma coisa por vez. Primeiro salvar a vida de uma pessoa, depois se preocupar com garotos. E peitos que cresciam num passe de mágica. E o fato de ela ainda não saber que tipo de DNA corria em suas veias não humanas.

— Se for para pedir favores — acrescentou Della —, peça que possam me livrar do tormento de ter de ir pra casa nos finais de semana dos pais. Eles vão ficar vigiando cada passo que eu der, tentando descobrir provas de que estou consumindo drogas. Provavelmente vou ter que mijar num copo a cada duas horas para que possam saber se estou me drogando. Juro, se eu fizer um movimento em falso, eles me tiram do acampamento e me internam numa clínica de reabilitação daquelas frequentadas por artistas.

— Eu só quero que Perry me dê outra chance. Eu... — Miranda continuou falando, mas Kylie não a ouviu mais. Della ficou quieta, como se estivesse ocupada demais pensando em como seria o fim de semana com os pais.

Kylie detestava ver as duas amigas deprimidas, mas no momento não podia se preocupar com os problemas delas, não se a vida de uma delas podia estar em risco.

— Eu não vou pedir favor nenhum. Só preciso saber se podem ajudar o fantasma a se comunicar melhor comigo. Tenho que descobrir de quem ele está falando.

Miranda apressou o passo, se esforçando para acompanhar as amigas.

— Você realmente acredita que o aviso do fantasma pode envolver uma de nós?

— Não sei. — As palavras do fantasma se repetiam na cabeça de Kylie. "*Você precisa fazer alguma coisa. Logo. Você tem que fazer alguma coisa. Eles me mataram. Me mataram e vão matá-la também.*" Foi só então que Kylie reparou que o fantasma tinha se referido a uma mulher. A esperança de que logo pudesse descobrir mais cresceu em seu peito, enquanto ela avançava na direção da cachoeira.

— Este lugar é mesmo de arrepiar! — Della exclamou no momento em que entrou na clareira e teve o primeiro vislumbre da cachoeira.

— Concordo — disse Miranda, dando um passo para trás. — Não acho que devíamos estar aqui. Sinto isso.

Kylie continuou avançando, o olhar observando a paisagem, tentando absorver tudo o que via. O lugar era... lindo. Não, mais do que lindo. Era pitoresco. Parecia uma fotografia trabalhada no Photoshop, como se alguém tivesse passado horas acrescentando detalhes. Todos aqueles detalhezinhos juntos criavam uma certa atmosfera. A essência emocional do lugar parecia tão viva quanto as árvores. Quando Kylie sorveu o ar fragrante, levou um minuto para definir o que estava sentindo. Mas finalmente conseguiu. O lugar tinha um perfume de reverência — como um templo ou igreja antigos.

Talvez fosse a maneira como o sol se infiltrava por entre as árvores, como se os seus raios partissem de holofotes no céu. Talvez fosse o modo como a cascata borrifava minúsculas gotas d'água, que dançavam no ar e ficavam prateadas sob os raios de luz. Ou como a vegetação verdejante brilhava com todas as gotinhas de orvalho. Ou talvez fosse o barulho. O som da água corrente encheu os ouvidos de Kylie até ela sentir a mesma vibração em seu sangue. Ou talvez fosse o modo como a umidade no ar fazia cócegas na garganta e enchia seu peito de emoção. Não

uma emoção ruim. Era mais... aceitação.

— Ok, falamos que viríamos aqui com você. Viemos. Agora vamos embora — disse Miranda, recuando um passo.

— Ainda não — respondeu Kylie, sem conseguir tirar os olhos da cachoeira que formava uma queda d'água de quase cinquenta metros. Então, sem pensar, como se estivesse enfeitiçada, ela entrou no riacho. Simplesmente entrou, sem nem pensar em parar e tirar o tênis ou enrolar a barra da calça.

— Ei, não vou entrar com você! — Della gritou. — Sério, precisamos voltar para tomar café. Estamos indo, tá?

— Esperem por mim. Me deem só alguns minutos. — Kylie não olhou para trás. Seu tênis e seu jeans absorveram como uma esponja as águas. Ela deu mais um passo para dentro do riacho e depois mais outro.

— Tem certeza de que devia estar aí dentro? — A voz de Miranda estava tensa de preocupação. — Vem, Kylie. Vamos embora, por favor?

— Se você entrar aí, pode não conseguir sair — avisou Della.

Kylie não respondeu, não quando ela podia jurar ter visto alguém ou alguma coisa atrás da cortina de água brilhante. A figura se moveu outra vez. Definitivamente havia alguém ali. Ela só esperava que fosse alguém que tivesse respostas. E não alguém pronto para fazê-la entrar em combustão instantânea pelos seus erros do passado. Mas só para ter certeza, ao dar o próximo passo, ela fez uma oração silenciosa pedindo perdão por tudo o que já tinha feito de ruim.

As gotinhas de água respingavam em seu rosto à medida que ela chegava mais perto da cachoeira. Ao dar o passo final, o jato d'água da cachoeira bateu em sua cabeça e em seus ombros.

Atravessando o véu de água, ela se viu em meio à escuridão de uma caverna. Passou as mãos no rosto, esperando que seus olhos se ajustassem à penumbra. Estava arrepiada, não do mesmo jeito que ficava quando via os fantasmas; não, era um arrepio de medo. Ela ficou completamente imóvel e esperou que, com a volta da visão, viesse também um pouquinho de coragem.

O som da cachoeira ecoava e encobria qualquer ruído do mundo externo. Quando ela piscou, a escuridão de repente não lhe pareceu mais tão densa. Ela percebeu que estava de fato numa caverna. Só quando seus olhos começaram a divisar formas, viu alguém atrás de uma parede de pedra.

— Olá? — Sua voz era abafada pelo estrondo da cachoeira. Ao perceber que ninguém respondia, ela continuou. — Sei que tem alguém aí.

— Então acho que só me resta sair — disse uma voz atrás da rocha.

Kylie precisou de alguns segundos para reconhecer a voz, e ela de fato reconheceu, só não pôde acreditar em seus olhos quando o viu aparecer diante dela.

# Capítulo Dez

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou.

A figura alta e masculina continuou se aproximando de Kylie e ela recuou um pouco. Estava mais surpresa do que assustada. E talvez ainda mais impressionada com tudo o que sentia. A atmosfera de reverência era ainda mais intensa ali.

— Provavelmente a mesma coisa que você — Burnett respondeu. — Curiosidade.

Não era por isso que ela estava ali. Ela viera buscar ajuda, mas não o corrigiu — e não porque não confiasse nele. Ela encontrou seu olhar. Na realidade, ainda se sentia um pouco intimidada por ele, mas seu respeito agora era maior, como acontecia com a maioria das pessoas do acampamento. Ela o respeitava a ponto de desejar que Holiday revisse sua ojeriza por vampiros quando se tratava da sua vida amorosa. Os dois formariam um belo casal. O lado sombrio dele e o lado luminoso dela. A seriedade dele e o jeito espirituoso dela.

Ela sentiu que ele a observava e percebeu que esperava uma resposta.

Mas ela tinha suas próprias perguntas. Respirou fundo.

— Curiosidade com relação a quê? — ela perguntou.

— À coisa toda dos fantasmas. À lenda. — Ele enfiou as mãos nos bolsos do jeans e olhou em volta.

— É estranho... — comentou Kylie.

— O que é estranho? — Ele se virou e olhou a caverna como se verificasse se o lugar era seguro. Por mais estranho que fosse, Kylie não estava preocupada consigo mesma. O sentimento de bem-estar que enchia o seu peito a convencia de que não era preciso se preocupar. Ela estava a salvo ali.

— Você? Curioso pra saber dos fantasmas? Pensei... quer dizer... a maioria dos sobrenaturais prefere não saber nada a respeito.

— É verdade, mas Holiday é tão obcecada por eles... então pensei... — As palavras lhe faltaram.

— Que entender um pouco mais sobre fantasmas o ajudasse a entendê-la? — Kylie perguntou, quase certa de que tinha feito a interpretação correta. Mais uma vez, ela sentiu que Burnett realmente gostava de Holiday.

Ele assentiu com a cabeça, como se admitir em voz alta pudesse ferir seu orgulho masculino.

— Pessoalmente, acho que ela fala tanto disso só pra me assustar.

— Provavelmente esperando assustá-lo para que você se afaste dela — Kylie mordeu o lábio quando percebeu que tinha dito aquilo em voz alta.

Burnett olhou para Kylie.

— Por isso também. — Ele fez uma pausa de alguns segundos e depois perguntou: — Você não estaria disposta a me explicar por que ela continua fazendo isso, estaria? — Aparentemente ele tinha mandado às favas o seu orgulho masculino.

Ok, agora Kylie iria descer as corredeiras, sem remos e com um buraco na canoa. Falar a Burnett sobre o passado de Holiday parecia quase uma traição.

— Eu... humm... eu...

Ele ergueu a mão.

— Não diga nada. Já entendi. — Arrastando os pés, ele olhou em volta novamente e depois voltou a se concentrar nela. — Então você é como Holiday, hein? Sente espíritos e consegue vê-los?

Kylie concordou com a cabeça.

— Você está sentindo os anjos da morte?

Ela começou a negar que sentia uma forte presença ou presenças, mas em consideração a todo o clima de reverência do ambiente, que mais parecia uma igreja, preferiu não mentir.

— Eu sinto algo. Não sei exatamente como descrever. É como se...

— Sério? — ele perguntou.

— Sério. — Ela olhou em volta e se perguntou se aquilo que sentia, o que quer que fosse, lhe daria as respostas de que precisava. — Você sente alguma coisa?

— Se sentisse, não estaria aqui — ele disse, em tom de gozação, mas Kylie podia jurar que havia uma ponta de nervosismo em sua voz. — Segundo a lenda, eles não vêm aqui ao amanhecer? — Ele correu os dedos pelos cabelos escuros, que pareciam ainda mais escuros do que de costume. Seu olhar se voltou novamente para a cachoeira e ela percebeu que seu cabelo estava molhado. Sentiu, então, seu próprio cabelo pingando sobre os ombros e jogou-o para a frente e para trás, sobre as costas.

Ele se aproximou de uma grande laje de pedra. Seus ombros e braços musculosos pareciam quase tão rijos quanto as paredes da gruta. Mais uma vez, Kylie não pôde deixar de admirar o quanto ele era atraente. Não que fizesse a pele dela arrepiar como Derek, mas ela apreciava suas formas bem esculpidas. Holiday de fato devia se deixar apaixonar por esse vampiro.

— Dizem que é possível vê-los nos paredões, dançando ao amanhecer. Mas isso não significa que não estejam aqui em outras ocasiões. — Kylie respondeu com sinceridade, esperando estar certa. Esperando que a presença que ela sentia ali fosse real e pudesse lhe dar respostas.

Ele assentiu e olhou em volta outra vez.

— Por que esse lugar não parecia tão assustador até você aparecer?

Kylie riu.

— Deve ser a minha personalidade magnética.

Ele sorriu.

— Provavelmente. Você e Holiday. — Só o jeito como ele pronunciou o nome de Holiday provocou em Kylie uma emoção profunda.

— Foi outro vampiro... — ela falou sem pensar. — Ele a fez sofrer muito.

Burnett pareceu confuso por um segundo, mas depois a compreensão se revelou em seus olhos.

— Então ela tem preconceito contra todos os vampiros? — Ele parecia ofendido.

— Eu diria que ela tem um pé atrás com eles. E não com todos os vampiros. Ela não parece ter problema com nenhum vampiro além de você.

Ele inclinou a cabeça e olhou para Kylie.

— Você diz isso como se fosse uma coisa boa.

— Pode ser — ela disse. — Deve haver uma razão que leve você a despertar o pior em Holiday tão depressa.

Ele pareceu refletir sobre a analogia.

— Entendo o que quer dizer. — Seu olhar vagou pela cortina d'água outra vez. — Por que não voltamos juntos para o acampamento? Quero ter certeza...

— Na verdade, eu queria ficar aqui mais alguns minutos. Sozinha — ela disse, antes que ele se oferecesse para ficar com ela.

Ele apertou os lábios.

— Não acho que deva ficar sozinha na floresta. Não depois do que aconteceu naquela noite.

— Não estou sozinha. Della e Miranda estão lá fora, esperando por mim.

Ela pensou que ele fosse fazer algum comentário machista, como dizer que ela devia ter trazido um rapaz com ela. Mas, em vez disso, disse:

— Ok. Ótimo.

*É. Ótimo*, Kylie pensou. Della surtaria se soubesse que ele a considerava menos capaz do que alguém do sexo oposto.

Burnett inclinou a cabeça como se ouvisse alguma coisa.

— Isso é estranho. Eu não consigo ouvi-las. Nem farejá-las. — Franziu a testa. — E só ouvi você chegar quando falou. — Ele olhou em volta mais uma vez. — Talvez este lugar seja mesmo assombrado. — Um sorriso se abriu em seus lábios. — E, falando nisso, acho que vou voltar para o acampamento. — Ele deu dois passos e depois se virou. — Não demore muito. E fiquem sempre juntas.

— Tudo bem — ela disse.

Ele assentiu e mais uma vez inclinou a cabeça e a observou.

— Está tudo bem com você? O seu coração... está batendo bem rápido.

Ela bateu o tênis molhado na pedra.

— Della disse a mesma coisa. Acho que está tudo bem — Kylie disse, sem querer contar sobre o crescimento natural mas definitivamente não humano dos seus seios.

Ele a estudou por mais alguns minutos e Kylie teve a estranha sensação de que ele notou muito mais do que seu coração acelerado, mas foi cauteloso para não deixá-la pouco à vontade. Ela apreciou a atitude dele.

Ele começou a sair da caverna e então se voltou para ela.

— Obrigado por...

— De nada — ela respondeu, sem esperar para ouvir ou pensar em como Holiday ficaria furiosa quando descobrisse que tinha contado a Burnett sobre o seu passado, por menor que fosse a informação. E Holiday descobriria, pois Kylie tinha a intenção de contar a ela. Manter aquilo em segredo faria com que parecesse ainda mais errado. E, no momento, ali naquele lugar especialmente, ela não queria aumentar sua cota de pecados.

Cinco minutos depois da partida de Burnett, Kylie ainda estava parada no mesmo lugar.

— Tem um fantasma dizendo que alguém que eu amo vai morrer. Ele espera que eu salve essa pessoa, mas não está me dando nenhuma informação que me ajude a descobrir quem é. Estou ficando apavorada. Realmente apavorada.

*E deveria me sentir uma completa idiota falando sozinha.* No entanto, ela não se sentia. Embora não pudesse ver ninguém ali, ela sentia que estavam ali.

— Será que vocês não podiam, tipo, me ajudar com isso? — Ela esperou. Ouviu com os ouvidos. Ouviu com o coração.

Não ouviu nenhuma resposta, nem na mente, nem nos ouvidos, nem no coração. A menos que considerasse a sensação de calma e confiança que deixou seu peito mais leve, a impressão de que seu problema não era tão urgente e a certeza de que tinha capacidade de lidar com tudo aquilo.

Seria essa a resposta? A certeza de que tudo terminaria bem? Ou isso seria como o toque de Holiday e Derek — um mero paliativo para o tumulto emocional em que ela vivia? A dúvida dissipou a calma que sentia.

Ela se sentou de qualquer jeito no chão irregular, uma mistura de pedra e terra úmida, e descansou as palmas atrás do corpo para servir de apoio. Jogando a cabeça para trás, sentiu o cabelo molhado balançar um pouco e fazer cócegas nas suas costas através do pijama. Ele quase batia na cintura. Mais longo do que nunca antes. Sentando-se novamente, ela estendeu o braço nas costas para alcançar a ponta do cabelo. Seu cabelo, como os seios, também devia ter passado por um surto de crescimento. O que tudo aquilo significava?

Tentando usufruir a suave emoção que aquele lugar provocava nela, Kylie olhou a cortina de água a poucos metros e sentiu as gotículas molhando sua pele. *Não se preocupe, querida. Vai ficar tudo bem. Um passo de cada vez.* Ela ouviu as palavras da avó ecoando na sua cabeça.

— Você está aqui, vovó? Ou eu estou só me lembrando? — perguntou Kylie em voz alta.

A ausência do frio a fez perceber que estava sozinha. Uma minúscula parte dela queria se

rebelar, exigir uma resposta, não só para o problema do fantasma, mas para todos os seus problemas. Justo quando ela estava prestes a abrir a boca, um fio de sabedoria pareceu se infiltrar em meio à frustração. "Isso", independentemente do que fosse, estava tornando a cachoeira especial e não estava aberto a exigências ou rebeliões. Além da calma, Kylie sentiu um poder.

Não um poder maléfico, mas firme.

Não indiferente, mas inexorável.

Inexorável a ponto de atear fogo numa garota e marcá-la para sempre? Kylie não sabia essa resposta e, para proteger a própria sanidade, ela achava melhor nem saber.

Então, percebendo que provavelmente estava levando Della e Miranda ao limite da paciência, ela se levantou. Quando fez isso, sentiu o envelope dobrado no bolso. A carta de Lucas. Outra coisa com que teria de lidar em breve. E, embora nenhum dos seus problemas tivesse mudado, ela de algum modo se sentiu mais confiante para lidar com eles. E talvez, pensou, aquela fosse toda a ajuda que iria conseguir.

Sua mente ficou entorpecida a manhã toda. Se por causa da falta de sono ou do surto de crescimento, Kylie não sabia. Ela largou a bandeja do almoço ao lado da de Della e deu uma olhada rápida no refeitório à procura de Derek.

O grupo com quem ele ficava pela manhã muitas vezes saía para fazer caminhadas e não aparecia para o almoço. Enquanto percorria com os olhos o outro lado do refeitório, ela percebeu o quanto queria vê-lo.

E o quanto queria *não* vê-lo.

Deus, ela era doente! Se nem ela própria conseguia lidar direito com suas emoções instáveis, não queria nem imaginar como Derek estaria se sentindo! Ele provavelmente pensava que ela tinha um parafuso a menos. E tinha certa razão, não tinha?

Sem dúvida, a calma e a confiança que tinha ganhado com o passeio matinal à cachoeira estavam começando a se desvanecer. Como não viu Derek em lugar nenhum, desabou na cadeira e se concentrou em Della, sentada ali bebendo seu sangue sem muita animação. Então Kylie notou o lugar vazio ao lado dela.

— Onde está Miranda? — Kylie perguntou.

— Sei lá — murmurou Della, girando o copo na mão.

Kylie tentou não olhar para o sangue com medo de se lembrar do quanto tinha apreciado seu sabor. Em vez disso, pegou seu sanduíche de presunto e deu uma grande mordida.

— Está tudo bem? — disse Kylie, mastigando o pão enquanto falava.

— Está. Só estou pensando na vida.

— Pensando que vai para casa daqui a três semanas?

— Na verdade, não, mas agora que você me lembrou posso acrescentar isso também à minha lista de preocupações, obrigada. — O sarcasmo era evidente na voz dela.

— Desculpe. — Kylie olhou seu sanduíche com desinteresse. — Então por que está

preocupada?

— Nada especial.

— Tuuuudo bem... — respondeu Kylie, deixando Della perceber que não estava apreciando muito o seu mau humor. Entendia toda aquela pose de mau dos vampiros, mas de vez em quando...

— Foi mal — desculpou-se Della. — É que aquela conversa toda sobre anjos da morte esta manhã me deixou preocupada com... algumas coisas.

— Está se referindo à época em que se transformou e não se lembra dos detalhes?

— É. — Della pareceu aliviada ao ver que Kylie se lembrava e olhou para amiga como se buscasse ajuda. — E se eu fiz algo realmente terrível?

*Terrível em que sentido?*, Kylie quase perguntou. Será que Della estava preocupada com a possibilidade de ter machucado alguém? Então ela se lembrou de quem estava falando.

— Em primeiro lugar, não acho que você faria algo realmente terrível. Quer dizer, só o fato de você estar preocupada com a possibilidade de ter feito algo terrível já é sinal de que você não é má pessoa.

Della não parecia convencida.

— Mas quando a gente se transforma, é tudo tão sem noção!

— Mas você não é sem noção — retrucou Kylie. — Você é uma pessoa boa.

Della assentiu e deu a impressão de que ia dizer alguma coisa, mas então seu olhar se perdeu ao longe. Kylie começou a suspeitar de que Della tinha mais preocupações do que supunha. Será que se lembrava de muito mais do que estava contando? Fosse o que fosse, Kylie gostaria de saber como ajudar.

— Eu queria saber por onde anda Miranda — disse Della numa tentativa óbvia de mudar de assunto. — Meu Deus, espero que ela não tenha voltado a choramingar pelo garoto prodígio...

— Ela parecia bem, hoje de manhã. — Kylie olhou para a mesa onde a maioria das bruxas se reunia no almoço para ver se Miranda não estava almoçando com elas. Não estava.

Embora o acampamento se propusesse a promover o relacionamento entre as espécies, e de fato fazia isso, exceto por alguns poucos casais de espécies diferentes e alguns colegas de alojamento, a impressão que se tinha era que, na hora das refeições, as pessoas procuravam seus iguais. Helen e Jonathon revezavam-se, sentando-se um dia com vampiros e o outro com fadas. Até recentemente, Perry muitas vezes almoçava com Miranda na mesa delas. E, algumas semanas atrás, Derek sentava-se com Kylie nas refeições.

Pelo menos uma vez por semana, e nunca nos mesmos dias, até Della e Miranda se sentavam com os membros da sua espécie. Kylie dizia a elas que não tinham que lhe fazer companhia na hora das refeições. Ela entenderia se quisessem se sentar com os amigos da mesma espécie. Mas elas não lhe davam ouvidos.

Se era por lealdade ou porque se sentiam mal por ela, Kylie não sabia. Mas, lá no fundo, apreciava a atitude das amigas. Quem iria querer almoçar sozinha? Isso a faria se lembrar demais

da sua antiga escola, quando Sara ficava doente ou faltava na aula.

Pensando em Sara, Kylie pegou o telefone e verificou se a melhor amiga tinha deixado alguma mensagem. Fazia quase uma semana que Kylie tinha enviado várias mensagens, perguntando como iam as coisas e contando que estaria em casa dali a três semanas, para passar o final de semana. Estava chateada por Sara não ter tentado retornar o contato. Será que isso significa que a amiga não queria vê-la?

Claro, Kylie seria a primeira a admitir que elas já não pareciam ter tanto em comum — e o fato de Kylie não ser humana ocupava o primeiro lugar da lista —, mas ela era a melhor amiga de Sara há dez anos. Isso não fazia com que merecesse algumas horas da sua companhia no fim de semana, pelo menos fingindo que ainda se importava com Kylie?

O telefone de Kylie tocou. Achando que seria muito estranho, até mesmo questão de telepatia, caso fosse Sara, ela esperou que o número aparecesse na tela. Não era Sara. Ela fechou o telefone e se sentou à mesa.

— Não me diga: é Trey ou seu padrasto — tentou adivinhar Della.

— Dois pontos por ter acertado — respondeu Kylie, engolindo o sanduíche.

— Qual dos dois?

— Meu pai, quer dizer, padrasto.

Mesmo depois de ter conhecido Daniel e aprendido a amá-lo, ela às vezes se esquecia de que Tom Galen não era seu verdadeiro pai. Kylie enterrou os dentes no pão de fôrma macio, mas não sentiu gosto nenhum.

— Ele ainda está traçando a secretária?

— Sei lá. Não me importo — disse Kylie, engolindo um pedaço de sanduíche.

— Mentirosa — rebateu Della.

— Tudo bem, e se eu disser que... não sei, acho que queria muito não me importar?

— Agora está falando a verdade. — Della estudou a expressão de Kylie e passou seu copo de sangue embaixo do nariz da amiga. — Quer um golinho?

Kylie fez cara feia e afastou o copo para longe.

— Não.

— Está mentindo de novo — disse Della, arqueando uma sobrancelha.

— Tudo bem — respondeu Kylie, com rispidez, e mesmo aos seus ouvidos seu tom de voz pareceu tão mal-humorado quanto o de Della antes. — Eu quero, mas não quero. E não fique aí pensando que é porque acho que tem algo errado com os vampiros. Não tenho nada contra. É só que eu... estou um pouco cansada de tentar descobrir o que eu sou.

— Acredite ou não, eu entendo. — Della continuou estudando a amiga. — Sabe, o seu coração ainda está batendo mais rápido do que o normal.

— Eu sei. — Kylie puxou os cabelos para a frente — E olhe. Meu cabelo cresceu também. — Ela suspirou quando se lembrou de que só tinha *um* sutiã que ainda lhe servia, agora que seus seios estavam maiores.

— Caramba! — Della estendeu o braço e tocou o cabelo de Kylie. — Já falou com Holiday sobre tudo isso? — Ela olhou de relance para os seios da amiga novamente. — Não quero assustar você nem nada, mas isso é meio estranho.

Ah, mas que ótimo! Justo quando ela começava a se convencer de que aquilo não era nada de mais, Della dizia o contrário. Kylie deu um longo suspiro.

— Não, não disse nada ainda. Tenho uma reunião com ela às duas horas.

— Você não parece muito feliz com isso...

— E não estou mesmo.

Della parecia chocada.

— O que aconteceu? Você vive elogiando Holiday. Está chateada com ela?

— Não. Mas ela vai ficar chateada comigo.

— Por quê? Por ter ido à cachoeira?

— Não. Não acho que vá ficar aborrecida porque fui até lá. — Pelo menos Kylie achava que não. — É o que eu fiz enquanto estava lá que ela não vai gostar.

— O que você fez? — Della pareceu confusa enquanto bebericava seu sangue.

— Eu contei a Burnett que Holiday sofreu uma decepção amorosa com outro vampiro.

— Sério? O que aconteceu?

— Ele me perguntou sobre ela e então...

— Não, estou me referindo ao outro vampiro.

— Eu... não sei muito bem. — Kylie percebeu que não devia ter dito nada a Della também.

— Tudo bem, mas qual o problema de dizer isso a Burnett?

Kylie revirou os olhos.

— Não cabia a mim falar. Ou a você. Por isso não diga nada.

— Meus lábios estão selados. — Della estendeu a mão para o prato de Kylie e roubou uma batatinha frita. — Você sabe por que disse isso a ele, não sabe? — Della ficou olhando a batata, que segurava com a ponta dos dedos.

— Porque sou uma idiota — Kylie respondeu.

— Não. Porque está muito claro pra você e pra todo mundo aqui que aqueles dois precisam bater o martelo. — Ela atirou uma batata na boca e fez uma careta. — Eu costumava adorar batata frita e agora... Credo! Tem gosto de sola de sapato.

Kylie ignorou completamente o comentário sobre a batata frita/sola de sapato enquanto tentava entender.

— Precisam o quê?

— Bater o martelo, trocar o óleo, queimar um pouco daqueles hormônios que eles exalam quando estão juntos no mesmo ambiente.

— Bater o martelo? — Kylie ainda não tinha entendido muito bem.

Della deu uma risadinha.

— Ouvi uma comediante falando isso. Ela estava fazendo uma lista de todas as expressões

usadas para falar de sexo. Engraçado, né?

— Talvez — Kylie disse, mas não tinha muita certeza. Seu senso de humor tinha tirado um dia de folga, assim como o seu apetite. Ela olhou para o sanduíche mordido. Será que perder o apetite era um sinal? Será que um dia ela ia achar que batata frita tinha gosto de sola de sapato?

— É só falar dos diabinhos que eles aparecem...

Kylie olhou para cima. Holiday e Burnett entravam no refeitório. Ela ia na frente, e ele a observava, atrás. Por um segundo, Kylie teve medo de que Burnett tivesse contado a Holiday sobre o que ela dissera. Imaginou a amiga, furiosa e magoada, lhe passando um sermão, e seu peito se apertou. Ai, meu Deus, por que ela tinha dito aquilo a Burnett? Tinha sido um erro. Um grande erro.

Então Holiday olhou para Kylie — não havia raiva ou mágoa nos olhos verdes da moça, apenas um pouco de preocupação. Provavelmente ela ainda estava preocupada com Kylie e com o modo como ela saíra do escritório naquela manhã. Holiday pronunciou só com os lábios as palavras "duas horas" e apontou o relógio.

Kylie concordou com a cabeça.

Holiday sorriu e então foi para a frente do refeitório e pegou uma bandeja. Burnett continuava atrás dela, com o olhar seguindo cada movimento da moça, como se tentasse memorizar cada centímetro do seu corpo.

— Espere um minuto — disse Kylie. — Se os vampiros podem sentir o cheiro de hormônios, como Burnett parece não saber que Holiday se sente atraída por ele? Quer dizer, quando eu disse que Holiday talvez sentisse algo mais por ele, e não só irritação, ele pareceu totalmente surpreso.

— Muito simples. Não conseguimos sentir o cheiro dos nossos próprios hormônios e, na maioria das vezes, nem dos hormônios da pessoa por quem nos sentimos atraídos. Nunca senti o cheiro dos hormônios do meu namorado. — Um sorriso triste tocou seus lábios, como se uma lembrança tivesse lhe ocorrido. — E eu sei que Lee gostava de ficar comigo.

Kylie percebeu que Della ainda gostava de Lee, mas também tinha a impressão de que a amiga não admitia isso, nem queria falar a respeito.

— É esquisito o jeito como isso funciona — comentou Kylie.

— É. Quando estamos atraídos por alguém, é como se a emoção disparasse o sensor dos nossos hormônios. Mas, se não sentimos nada pela outra pessoa e ela se sente excitada quando está perto de nós, só sentimos um fedor.

Kylie refletiu sobre aquela informação por alguns segundos e então disse:

— Mas, então, como Derek consegue dizer quando estou pensando em... — Kylie não tinha certeza se iria conseguir dizer em voz alta, mas a curiosidade a obrigou a continuar. — Então ele não se sente atraído por mim?

— Não é nada disso — disse Della, rindo. — Ele não é um vampiro. Não está sentindo cheiro de nada. Está lendo emoções. É totalmente diferente.

— Ah — Kylie olhou para o seu prato e se forçou a comer uma batata frita, enquanto a sua

mente continuava a dar voltas. Depois de engolir, ela se forçou a fazer a pergunta, numa voz muito baixa, é claro.

— Derek e eu... exalamos muitos hormônios quando estamos juntos? Quer dizer, a atração é tão explícita que chega a ser embaraçosa?

Os olhos de Della se arregalaram, mas ela não respondeu. Isso não era típico da amiga. Ela nunca hesitava em responder qualquer pergunta.

— Ai, Deus, é tão ruim assim? — Kylie perguntou.

Della olhou para cima. Kylie estava prestes a descobrir o que aquele olhar significava quando sentiu um hálito morno sussurrado em seu pescoço:

— O que é tão ruim assim? — Derek perguntou.

# Capítulo Onze

— Nada — Kylie respondeu, tentando desesperadamente não produzir nenhum hormônio ou emoção que pudesse se espalhar pelo ar quando seu olhar se encontrasse com o dele. O problema era que ela não sabia como impedir que isso acontecesse. Onde, afinal, era o sensor de hormônios?

*Desligue! Desligue! Desligue!* Ela tentava desligar o sensor em sua mente.

Derek contornou a cadeira e se sentou ao lado dela. Kylie não queria olhar para ele, com medo de que isso só contribuísse para aumentar a produção de hormônios, mas não olhar para uma pessoa era algo extremamente rude. Ou pelo menos era o que a sua mãe dizia.

— Está tudo bem? — Derek perguntou, provavelmente notando que ela não tinha olhado para ele.

"*Não seja rude.*" Ela quase podia ouvir a mãe dizendo.

— Está — disse ela, olhando para ele. E como tinha evitado fazer isso nos últimos dias, ela praticamente o devorou com os olhos. E perdeu o fôlego. Santo Deus, ele estava uma tentação...

Sem dúvida nenhuma, a culpa era da mãe dela!

Ele estava ligeiramente suado, não de um jeito nojento, mas de um jeito sexy. Sua pele brilhava um pouco e ele exalava o aroma de um dia ensolarado, como se tivesse absorvido na pele todos os aromas agradáveis da caminhada. Ela imaginou que, se pressionasse os lábios contra a pele dele, sentiria um gostinho de raio de sol salgado. Os cabelos castanhos estavam meio encaracolados nas pontas e pareciam despenteados pelo vento. Ele usava uma camiseta verde-musgo que moldava o peito. E o jeans era o favorito dele. Ou pelo menos o que mais usava. Ela sabia porque era o mais gasto nos joelhos e o que dava a impressão de ser mais confortável. E roupas confortáveis caíam *maravilhosamente* bem no corpo dele.

A risadinha de Della desviou a atenção de Kylie. A vampira riu e abanou uma mão na frente do nariz. Percebendo o que isso significava, Kylie sentiu seu rosto ficando vermelho.

Quando ela ousou dar mais uma olhadinha em Derek, viu que o olhar dele tinha se desviado do rosto dela e estava colado em seus seios. O que provavelmente significava que, nesse mesmo instante, ele também estava poluindo o ar com todo tipo de hormônio, enquanto tentava descobrir como os seios dela podiam ter crescido da noite para o dia.

— Eu... eu vou ver se encontro Miranda. — Kylie pulou da cadeira e correu para fora do refeitório como alguém que está de roupa branca e precisa desesperadamente de um absorvente.

— Miranda, você está aqui? — Kylie chamou, enquanto entrava na cabana, cinco minutos depois.

A amiga saiu apressada do quarto de Kylie. O pânico, estampado em seu rosto e os olhos, cheios de lágrimas. Ultimamente, lágrimas eram algo corriqueiro nos olhos lânguidos de Miranda, mas dessa vez alguma coisa parecia diferente. Kylie sentiu isso no mesmo instante. E, sim, tinha um pouco a ver com o fato de ela sair correndo do quarto de *Kylie*, imersa numa nuvem de culpa.

— Eu sinto muito — ela disse, soluçando. — Sinto muito, muito mesmo.

— Sente muito, muito mesmo o quê? — Será que Miranda tinha encontrado as cartas de Lucas e lido? Invadido deliberadamente a sua privacidade?

— Eu não fiz de propósito.

— Não fez de propósito o quê? — Kylie insistiu, sentindo sua paciência chegar ao limite, como um balão de gás prestes a explodir. Aquelas cartas eram assunto particular. Além do mais, ela nem tinha lido a segunda ainda. Quando voltou da cachoeira, tinha enfiado o envelope na gaveta junto com o outro. Disse a si mesma que leria à noite, ou talvez no dia seguinte, ou quem sabe nunca. Ela não tinha certeza se seu coração ia aguentar qualquer coisa que Lucas pudesse dizer, com tudo o que já estava enfrentando na sua vida.

— Eu já fiz isso dezenas de vezes e nunca tive dificuldade nenhuma para desfazer. Até hoje. Por favor, por favor, não me mate.

Kylie de repente teve o pressentimento de que não se tratava da carta de Lucas.

— O que você fez?

O olhar de Miranda desviou-se por um segundo para o quarto de Kylie, mas quando ela deu um passo à frente a amiga impediu sua passagem.

— Eu vou consertar o que fiz. Juro que vou. Vou descobrir um jeito. Não vou dormir nem comer enquanto não desfizer o que fiz.

— Desfizer o quê?

— Por favor, não brigue comigo.

Kylie segurou Miranda pelos ombros e tirou-a do caminho. Depois entrou em seu quarto e descobriu o que Miranda não queria que ela visse e tinha jurado desfazer.

O olhar de Kylie fixou-se primeiro na mesinha de cabeceira, onde ela guardava suas coisas mais particulares. A gaveta estava fechada. Não havia nenhuma carta à mostra. Um movimento sobre a cama capturou o seu olhar. Ela fixou os olhos.

Piscou.

Gritou.

Depois saiu em disparada do quarto.

Correu na direção de Miranda, que a segurou pelos antebraços.

— Desculpe, desculpe.

Kylie prendeu a respiração.

— Por quê...? — ela inspirou o ar. — Por que tem um gambá na minha cama?

Kylie sentiu um roçar conhecido em seus calcanhares. Ela olhou para baixo, esperando ver Socks. Mas, não. Não era Socks.

Kylie gritou outra vez e deu um pulo para o outro lado do cômodo.

O gambá levantou a cabecinha pontuda, miou e foi correndo até ela.

— Eu sinto muito — chorou Miranda.

Kylie olhou para cima, na direção de Miranda, e depois para baixo, na direção do gambá, que corria pelo cômodo na direção dela. O movimento das suas patinhas era muito familiar e tinha o mesmo jeito elegante dos felinos.

Socks?

— Não — Kylie conseguiu falar. — Não me diga que... Ai, merda, você não fez isso!

— Eu vou dar um jeito. Juro — prometeu Miranda.

Kylie saiu da aula de arte com Helen e Jonathon e andou em ritmo acelerado até o escritório de Holiday, com quem tinha hora marcada às duas horas. Como ela iria contar à líder do acampamento que tinha revelado seu romance do passado com um vampiro?

*A propósito, você sabia que Burnett não fazia ideia que você costumava sair com um vampiro*? Não, aquilo não ia dar certo.

*Oi, Burnett e eu estávamos conversando e por acaso mencionei como você sofreu na mão de alguém da espécie dele.* Não, aquilo também não ia dar muito certo.

— Kylie? — Derek chamou por ela.

*Mais essa!*

Ela o viu sair de uma turma de campistas que se preparavam para uma aula de caiaque e não teve outro jeito senão olhar para ele. Mas, antes disso, tomou cuidado para se distanciar ao máximo de todo mundo.

— Oi. — Ele parou em frente a ela e estudou seu rosto atentamente.

— Oi — ela cumprimentou, dando alguns passos para trás para forçá-lo a se afastar mais alguns metros dos outros campistas.

Os olhos dele estavam fixos nos dela, enquanto ela continuava a andar para trás.

— Fiz alguma coisa errada?

— Não — disse ela, balançando a cabeça.

— Então por acaso andou fumando um baseado? Porque você está agindo de um jeito muito estranho.

Ela entendeu perfeitamente o que o levava a pensar que ela estava perdendo o contato com a realidade. No entanto, em sua própria defesa, podia dizer que sua realidade nas últimas seis

semanas tinha se tornado completamente diferente daquela em que sempre acreditara.

— Não estou... é que... — Ela olhou em volta para ter certeza de que ninguém com uma superaudição pudesse ouvi-la. — Estou constrangida, ok?

— Constrangida por quê? — O olhar dele baixou para os seios dela. — Por causa disso?

Ela estendeu o braço, colocou um dedo sob o queixo dele e levantou seu rosto para que ele a olhasse nos olhos. Pelo menos ele teve a decência de corar.

— Desculpe... É só que eles...

— Estão maiores. Eu sei.

Ele levantou a mão e pegou numa mecha do cabelo dela.

— E o seu cabelo está mais comprido.

— E estou mais alta também.

Ele a mediu com os olhos e a olhou surpreso.

— O que aconteceu?

— Também gostaria de saber. — Ela tentou não externar sua frustração na voz. Não era culpa dele. — Acordei hoje e tudo no meu corpo estava maior.

Ele sorriu e seu olhar desceu por um milésimo de segundo antes de subir novamente.

— Está bom assim.

— E por que não estou surpresa de saber que pensa assim? — ela perguntou, franzindo a testa.

O sorriso dele diminuiu um pouco e ele simplesmente ficou ali, olhando para ela. Ela se perguntou se ele estava se esforçando para não olhar os seios dela ou tinha outra coisa em mente.

— Olha, se eu não fiz nada, então por que nos últimos dois dias você não faz outra coisa senão fugir de mim?

Ela mexeu os pés, dolorosamente consciente dos dedos espremidos dentro do tênis.

— Eu já disse. Estou constrangida.

— Constrangida... porque está maior?

— Não. Bem, é, isso é constrangedor também. Mas não é por isso que... que...

— Você está me evitando. Pode dizer. Porque é justamente o que você vem fazendo. — Ele agora parecia contrariado ou pelo menos meio chateado. Mas o que ela realmente ouviu em sua voz foi insegurança. E, sinceramente, não podia culpá-lo. Sentiria o mesmo se ele ficasse se esquivando dela como ela fazia.

Kylie mordeu o lábio inferior.

— Desculpe. Não é o que você está pensando.

— Então é o quê? Porque estou perdido. Quer dizer, na maioria das vezes as suas emoções parecem positivas quando estou por perto, na verdade às vezes parecem *muito* positivas quando estou por perto, mas aí você foge...

— E... é justamente por isso que eu fujo.

Ele franziu a testa.

— Ainda não estou entendendo.

Tudo bem, ela ia tentar explicar, então. Seu rosto queimou só de pensar em fazer isso.

— Quando estou perto de você, só consigo pensar em te beijar e te agarrar... — *E ir muito além do que já fui com qualquer outro garoto.*

Ele franziu ainda mais a testa, mas pelo menos a sua nova postura indicava que algumas preocupações tinham saído dos seus ombros.

— Tá legal — ele enfiou uma mão no bolso do jeans. — Agora pode me explicar por que isso é ruim?

— Não é ruim... é só muito íntimo. Não quero que você saiba o que está se passando na minha cabeça. Muito menos todos os vampiros e fadas que andam por aí, pelo acampamento.

Os ombros dele enrijeceram como se as preocupações tivessem voltado.

— Então você fica constrangida porque as outras pessoas sabem que você gosta de mim.

— Não. Quer dizer... gostar de você é uma coisa. Querer... *agarrar* você é outra.

— Você quer me agarrar? — Ele quase sorriu, e então correu os dedos pelo cabelo. — Sabe, não achei que fosse possível me sentir insultado e lisonjeado ao mesmo tempo. Mas você consegue me fazer sentir as duas coisas.

— Eu não insultei você.

— Insultou, sim, dizendo que fica constrangida porque as pessoas sabem que gosta de mim.

— Eu disse que o problema não é gostar de você.

— Tudo bem, você só não quer que pessoas saibam que se sente atraída por mim.

Ela abriu a boca para falar, mas não sabia direito o que dizer.

— É. Acho que sim. Quer dizer, é simplesmente uma coisa particular.

— Particular? — Ele hesitou como se tentando descobrir o que ela queria dizer. — Nunca é tão particular assim.

— Para os humanos, é. E posso não ser cem por cento humana, mas... convenhamos. Eu passei 16 anos vivendo como humana e menos de dois meses tentando lidar com o fato de que sou... Ah, nem sei o que eu sou ainda. — Ela balançou a cabeça, sentindo o nível de frustração aumentar. — Mas, é isso mesmo, eu gosto do jeito como os humanos lidam com isso.

— E como os humanos lidam com isso? — ele perguntou, como se não estivesse conseguindo seguir o raciocínio dela.

Mas quem disse que ela o culpava por isso, visto que nem ela mesma sabia se estava entendendo seu próprio raciocínio?

— Eu gosto do jeito como os humanos mantêm seus sentimentos e pensamentos só pra si.

Ele ficou ali parado, ruminando o que ela tinha dito. Kylie podia ver que seu argumento não fazia sentido para ele.

— Não — ele rebateu. — Você está errada.

— Errada por quê? — Agora era ela que estava confusa.

— Não é particular para os humanos, também. Eles não mantêm tudo para si.

— Só se quiserem contar a alguém.

— Ah, qual é! Olhe ali para Helen e Jonathon. Vai me dizer que você, a sua parte humana, não pode ver que esses dois se sentem atraídos um pelo outro? E o que me diz de Burnett? Você sabia que ele era apaixonado por Holiday antes mesmo que *eu* percebesse. Dá pra ver.

Tudo bem, Derek tinha razão. Mas ela não gostava de vê-lo levando a melhor sobre ela.

— Dá pra ver, é verdade. Mas eu não posso sentir as emoções deles ou farejar os feromônios que exalam porque querem... *bater o martelo*... transar. E saber que outras pessoas podem... fazer isso comigo, bom, isso me assusta um pouco, entende?

Ele balançou a cabeça.

— Tem certeza de que fica assustada porque as outras pessoas sabem? Ou o que a assusta é saber o que sente por mim.

Ela ficou olhando para ele.

— Eu não sei o que está querendo dizer.

— Quero dizer que não tenho certeza se você quer mesmo isto — ele disse, agitando a mão entre eles.

— Isto o quê? — Nesse instante, ela teve um *flashback*. Um *flashback* de uma conversa parecida com Trey. Ah, pelo amor de Deus, de novo não.

— Você e eu. Nós. Você não quer que a gente seja um casal. Toda vez que eu sinto que estamos um pouco mais próximos, você acaba se afastando. Eu já perguntei se quer ser minha namorada pelo menos umas seis vezes e você nunca me respondeu. Qual é o problema?

Definitivamente, era quase a mesma conversa que ela tivera com Trey.

— É tudo uma questão de sexo, né?

— Como é que é?! — Ele pareceu realmente surpreso. — Não. Não é disso que estou falando.

— Então vai me dizer que não quer sexo? — ela perguntou, cada vez mais irritada.

Ele ficou ali, olhando para Kylie, como se ela tivesse duas cabeças e um rabo. E, que Deus a ajudasse porque, considerando tudo o que andava acontecendo ultimamente, ela quase queria ver seu reflexo no espelho para ter certeza de que não tinha mesmo duas cabeças. E o mesmo podia-se dizer do rabo.

— De onde, pelo amor de Deus, você tirou essa ideia? — ele perguntou.

De repente, ela ficou consciente de que o aglomerado de pessoas tinha se aproximado mais deles e várias delas pareciam curiosas para ouvir o que estavam conversando. Ela consultou o relógio e já era mais de duas horas.

— Desculpe. Estou atrasada.

Kylie entrou bufando no escritório de Holiday. Desabou numa cadeira, em frente à escrivaninha, e olhou nos olhos a amiga e líder do acampamento.

— Odeio os homens. Estou pensando seriamente em me tornar lésbica.

A expressão de Holiday era em parte risonha e em parte cansada.

— Se fosse tão fácil, noventa por cento das mulheres do mundo seriam homossexuais. — Ela fez uma careta engraçada e depois perguntou: — Então... problemas com os garotos? — Ela pegou uma lata de soda e tomou um gole.

— Com garotos, gambás e fantasmas.

Holiday quase engasgou com o refrigerante.

— Gambás?

Kylie afundou na cadeira, sentindo-se derrotada e extenuada por causa da briga com Derek.

— Miranda transformou Socks num gambá. E não sabe como desfazer o feitiço. — Tão logo as palavras saíram dos seus lábios Kylie se sentiu um dedo-duro. — Não que eu queira que você diga alguma coisa.

Holiday tentou não sorrir, mas os cantos da sua boca se curvaram para cima.

— Ela provavelmente está praticando para o espetáculo que a mãe vai querer ver quando Miranda chegar em casa.

— Ela explicou por que fez aquilo. E eu não quero que arranje encrenca... mas e se não descobrir como desfazer o feitiço? Vou ficar com um gambá como animal de estimação.

Outro sorriso ameaçou aparecer nos lábios de Holiday.

— Tenho certeza de que ela vai descobrir.

Kylie balançou a cabeça e depois largou as mãos no colo.

— Você tem ideia de como eu queria que a minha vida simplesmente voltasse ao normal? Como a de um ser humano normal? Ninguém tentando ler meus pensamentos, influenciando meus sentimentos ou me incumbindo de salvar a vida de alguém?

Holiday reclinou-se na cadeira e esticou os braços sobre a cabeça, como se estivesse há muito tempo na mesma posição. Ainda com os braços esticados, ela franziu a testa para os papéis sobre sua escrivaninha.

— Não sei se humana, mas normal seria bom às vezes, não é?

Algo na disposição de Holiday fez com que Kylie esquecesse por um instante suas próprias preocupações.

— Está tudo bem?

— Comigo? Ah, está, sim. — Ela baixou os braços e se sentou um pouco mais reta, como que para demonstrar mais coragem. — É com você que estou preocupada, Kylie. Você parecia muito aborrecida esta manhã.

Kylie se lembrou do modo tempestuoso como saiu do escritório.

— Desculpe. É que às vezes... sinto que é muita coisa...

— Sei que se sente assim. Mas tudo vai acabar se resolvendo.

Kylie fez cara feia.

— Você parece a minha mãe falando... Ela sempre diz, "Deus dá o frio conforme o cobertor".

Holiday deu uma risada.

— E nós preferíamos que Ele não soubesse a grossura do nosso cobertor, não é?

— É. — Kylie viu um brilho de preocupação nos olhos de Holiday. — E quanto aos seus problemas? — Ela se mexeu na cadeira, sentindo que Holiday estava aborrecida.

— Eu estou bem... só tenho uma pilha de problemas financeiros para resolver em período integral, aqui no acampamento. E preciso contratar professores. Trocar o aquecedor de algumas cabanas. E não faço ideia de como vou fazer isso.

— Pensei que o governo, quer dizer, a UPF, cobrisse as despesas do acampamento.

— Em parte eles cobrem, mas, quando concordaram que eu transformasse o acampamento numa escola, diminuíram a verba. Ultimamente até os programas do governo estão sendo cortados. — Ela olhou para a escrivaninha outra vez. — Mas provavelmente a situação não é tão ruim assim. É só que... Sky costumava fazer toda a parte financeira e agora eu é que preciso dar conta disso.

— Burnett não é bom nisso? — Kylie perguntou, esperando facilitar o início da conversa sobre Burnett.

— Não sei. Mas ele não deve ficar mais de um mês aqui, então não vejo por que teria de envolvê-lo na administração do acampamento.

Nas entrelinhas, o que Holiday quis dizer é que não confiava em Burnett. Será que era porque ele era um vampiro ou porque tinha confiado em Sky, a última colíder do acampamento, que traíra a confiança dela? Holiday nunca falava muito de Sky, mas Kylie sentia que a traição da amiga a tinha magoado muito mais do que ela queria admitir.

— Eles contrataram um novo colíder para o acampamento? — Kylie perguntou.

Agora a expressão de Holiday era de profundo desgosto.

— Não. Mas prometeram que fariam isso até o final do verão. E eu não vejo a hora.

— É assim tão difícil trabalhar com ele? — Kylie sentiu que toda frustração de Holiday era causada por Burnett, o que a deixou ainda mais preocupada com a maneira como a amiga encararia sua confissão.

— É só porque somos muito diferentes. — Holiday baixou os olhos para o peito de Kylie e se fixou ali por alguns instantes a mais. O que significava que ela tinha notado o surto de crescimento.

Os pensamentos de Kylie se desviaram da sua confissão e voltaram a se concentrar nos próprios problemas.

— Como você explica isso?

— Explica o quê? — Holiday perguntou com um ar de inocência que não convenceu Kylie.

Kylie cobriu os seios com as mãos.

Holiday apertou os olhos.

— Eu tinha esperança de que você só estivesse usando um sutiã novo.

— Receio que não. O meu cabelo também está mais comprido. — Kylie puxou algumas mechas do cabelo para a frente. — Além disso, o meu tênis está apertado e tenho quase certeza de que estou alguns centímetros mais alta.

— Mmm... — Kylie teve a impressão de que Holiday estava tentando manter sua expressão impassível.

— Mmm... o quê? — Kylie se inclinou para a frente, pressionando as mãos contra a escrivaninha.

— Mmm... é estranho — disse Holiday, mas alguma coisa no jeito como a líder do acampamento relanceou os olhos para os papéis sobre a escrivaninha deu a Kylie a impressão de que ela não estava sendo totalmente sincera.

— Por favor, não faça isso comigo — pediu Kylie.

— Isso o quê? — perguntou Holiday, olhando para ela.

— Não me esconda nada. Sou eu que estou passando por isso. Tenho o direito de saber o que está acontecendo.

— Não estou escondendo... — Holiday parou de falar e suspirou. — Não acho que esteja escondendo algo se estou apenas presumindo, fazendo conjecturas. Não acho justo dar a você uma informação sem ter certeza absoluta do que estou dizendo.

— O que não é justo é me deixar totalmente no escuro. Porque, pode acreditar, o que quer que você tenha a me dizer não vai ser, nem de longe, tão ruim quanto o que eu estou imaginando.

Holiday concordou com a cabeça.

— Tudo bem, mas lembre-se apenas... de que é só especulação. Até mesmo Burnett disse que não considera isso uma prova definitiva.

Kylie já suspeitava de que Burnett tinha reparado nos seus seios maiores. A favor dele, ela precisava dizer que ele tinha lidado com o fato muito bem, mas pensar que ele e outras pessoas estavam discutindo sobre o assunto a deixava... envergonhada. Mortificada.

— Vocês dois discutiram sobre os meus peitos?

— Não, quer dizer, sim, mas não... Olhe, ele disse que tinha notado algumas mudanças em você quando se encontraram na cachoeira. Eu insisti para que me dissesse que mudanças eram essas.

A mera menção do encontro com Burnett na cachoeira fez com que Kylie se lembrasse de que precisava ser sincera com a amiga, mas primeiro ela tinha que saber.

— E quanto às suas conjecturas?

— Algumas fêmeas de lobisomem...

— Lobisomem? Ah, não! Lobisomem, não. Qualquer coisa menos isso.

# Capítulo Doze

— Ei! — A mão de Holiday pousou no braço de Kylie. — É por isso que eu não queria falar nada a você. Sabia que já ia tirar as suas conclusões.

Kylie piscou.

— O que as fêmeas de lobisomem fazem? Os peitos delas crescem muito?

— Não. Bem, um pouco. — Holiday disfarçou um sorriso. — Quando chegam a um certo nível de maturidade, na idade de se acasalar, eles crescem bem rápido.

O coração de Kylie começou a martelar e ela só conseguia pensar no que Miranda tinha contado sobre quando tinha visto um lobisomem se transformar, o quanto parecia doloroso.

— Mas parece que é exatamente isso que está acontecendo comigo. Então até que ponto isso é só uma conjectura e até que ponto é uma conclusão?

Holiday balançou a cabeça.

— A menos que o lobisomem tenha sido transformado por outro, ele começa a assumir a forma de lobo aos 4 ou 5 anos. É muito raro encontrar lobisomens que só se transformem naturalmente na sua idade. E ainda existe o fato de os lobisomens passarem por algumas oscilações de humor acentuadas alguns dias antes e depois da lua cheia. A dra. Day relatou que viu você durante a lua cheia e não observou nenhum desses sinais. E eu a observei na última lua cheia só para ter certeza de que ela não tinha se enganado. E não notei *nenhuma* mudança no seu comportamento.

— Talvez eu só seja um lobisomem com um desenvolvimento tardio — disse Kylie, embora ela tivesse esperança de que aquilo não fosse verdade. — E eu nunca fui de mostrar muito as minhas emoções. Talvez você só não tenha percebido que eu estava mal-humorada.

— Também tem... o seu gato — Holiday continuou. — Todos os felinos têm aversão a lobos. Mas ele não tem aversão a você.

Kylie se lembrou de como, anos antes, seu gato tinha reagido a Lucas. E de como Socks tinha reagido ao lobisomem no dia em que ele o havia trazido. Mas de repente ela se lembrou de algo que podia ser importante.

— Ai, droga. O lobo.

— Que... lobo?

— Uma noite dessas... quando eu fugi da cerimônia dos vampiros depois de beber sangue, dei de cara com um lobo. Ele ficou me seguindo. Depois apareceu mais tarde, aquela mesma noite, mas...

— Não era lua cheia — lembrou Holiday. — Não poderia ser um lobisomem.

— Foi por isso que não achei que fosse... Quer dizer, só achei que fosse o lobo mestiço de alguém. Ele se agachou na minha frente e tentou rastejar para mais perto, como se quisesse que eu o afagasse ou coisa assim. — Kylie teve que se lembrar de respirar. — Você acha que isso pode significar alguma coisa? Será que é algum tipo de ritual que os lobos fazem com os lobisomens antes que eles se transformem pela primeira vez?

Holiday olhou de volta para Kylie, como se estivesse tentando pensar.

— Nunca ouvi falar de nada desse tipo. Mas... Sky era a encarregada de aconselhar os lobisomens. Por isso não sei tudo sobre eles. Mas vou me informar. Burnett deve saber.

— Ele não é um lobisomem. — Kylie queria que Lucas estivesse ali. Para aconselhá-la. Ajudá-la a encontrar um sentido em tudo aquilo. Mas, não, ele tinha fugido com outra garota. E Kylie ainda não tinha lido a carta dele porque ainda estava muito chateada com o que ele tinha feito.

— Burnett não é um lobisomem, mas seu trabalho na UPF requer ampla pesquisa sobre todos os sobrenaturais. Acredite ou não, ele é tão esperto quanto arrogante. E espero que você não ache... Isto é, quando ele falou comigo sobre o fato de você estar maior, o tom que usou não demonstrou nada além de preocupação com o modo como você estaria reagindo a essas mudanças.

Mesmo perturbada com a ideia de ser um lobisomem, Kylie percebeu que Holiday estava defendendo Burnett. Querendo ou não, ela tinha passado a ter um pouco de respeito pelo vampiro. Não que isso justificasse o fato de ter contado algo sobre a vida particular de Holiday. Mas será que Holiday não via que ela e Burnett deviam dar uma chance a esse romance? Será que ficaria furiosa ao saber que Kylie tinha contado a ele sobre o seu relacionamento do passado com outro vampiro?

— E sobre a cachoeira...

— Eu compreendo — disse Holiday.

— Compreende o quê? — Kylie perguntou, esperando que aquela conversa pudesse ser mais fácil. Que Burnett tivesse contado a Holiday sobre o segredo revelado por Kylie e ela não estivesse aborrecida.

— Eu compreendo por que você foi até lá — Holiday continuou, organizando os papéis sobre a escrivaninha. — Eu mesma vou pelo menos uma vez por semana. É o melhor lugar para... pensar, tentar refletir sobre as coisas. Você conseguiu alguma resposta sobre o fantasma essa manhã?

Kylie negou com a cabeça.

— Só um sentimento de confiança.

— Então você precisa acreditar que está fazendo tudo o que pode.

Kylie de repente se lembrou.

— Você me disse que nunca tinha visto um anjo da morte.

— Nunca vi mesmo.

— Mas disse que nem tinha certeza de que eram reais.

— Não acho que a lenda em que todo mundo acredita seja real.

— Então, o que faz da cachoeira um lugar tão... especial?

Holiday hesitou um pouco, como se tentasse encontrar as palavras certas.

— Acho que é um local sagrado. Acho que o Cara lá em cima, no céu, criou esse lugar para nós, que temos que lidar com espíritos. É um lugar em que podemos encontrar paz. E às vezes até respostas.

— Como uma igreja? — Kylie perguntou, lembrando-se do sentimento de reverência que brotou dentro dela quando esteve lá.

— É, como uma igreja. A gente sente muito poder espiritual ali. Você sentiu, não sentiu? — Holiday pousou a mão sobre a de Kylie.

Kylie afastou delicadamente a mão.

— É... Mas... por que você não me contou? Perguntei sobre a cachoeira e você não me contou nada. Quer dizer, eu poderia ter ido lá antes. Talvez eu conseguisse descobrir mais sobre o que o fantasma está tentando me dizer agora.

Holiday colocou as mãos sobre a escrivaninha e Kylie viu os olhos verdes da amiga se encherem de compreensão.

— A gente não fala sobre a cachoeira com outras pessoas, Kylie. A cachoeira precisa atrair você até lá. E estou supondo que ela tenha atraído você ou não teria ido.

Kylie não podia negar que tinha se sentido impelida a ir. No entanto, ainda se ressentia do fato de ter precisado descobrir tudo sozinha. O que haveria de errado em receber uma orientação, pelos menos uma mãozinha?

— Fiquei um tanto chocada ao saber que Burnett tinha ido lá — falou Holiday. — Os únicos sobrenaturais que se sentem compelidos a ir à cachoeira são os que têm o dom de ver espíritos. Os outros acham que aquele lugar estimula demais as emoções... ou melhor, se sentem meio intimidados.

Kylie se lembrou de como Della e Miranda tinham reagido. É, a segunda alternativa parecia mais provável.

— Nem mesmo Sky ia até lá. — Holiday olhou para Kylie. — Burnett esteve mesmo atrás da queda d'água?

— Ele estava lá quando entrei. — Ela hesitou. — Foi até lá por causa de você — disse Kylie, tentando introduzir o assunto. Se ela não falasse agora, talvez não conseguisse mais. Teria ainda menos coragem.

— Por minha causa?

— Ele queria te entender melhor. E acho que pensou que se fosse lá... conseguiria entender

toda essa coisa de fantasmas.

— Ele disse isso? — Holiday arregalou os olhos de surpresa.

— Disse. — Kylie hesitou um pouco e depois despejou: — Eu disse a ele que um outro vampiro tinha decepcionado você. Era por isso que você... não queria se envolver com ele.

Holiday franziu a testa na mesma hora e apertou os olhos. Não era um olhar que Kylie visse com muita frequência no rosto da amiga.

— Você disse o quê?

— Sei que não devia. Mas... ele perguntou e de início eu não disse nada, mas...

— Por que ele... Não, por que você contou a ele?

— Ele realmente gosta de você, Holiday.

— O que ele sente não interessa. Eu não contei aquilo a você para que contasse a outra pessoa. — Ela parou de falar, mas a frustração cintilava em seus olhos.

— Sinto muito. De verdade. Eu sei que foi um erro, mas achei que... quer dizer, é como se estivesse deixando o que aconteceu com o seu noivo impedir você de ver as possibilidades com Burnett. Você o está castigando por algo que ele não fez.

A expressão de Holiday não se suavizou. Ela respirou fundo.

— Kylie, o que acontece entre mim e Burnett não é... — Ela fechou a boca e os músculos da sua mandíbula ficaram rígidos. — Por que não colocamos um ponto final nesta conversa agora e falamos disso mais tarde? Eu preciso de um tempo.

Kylie sentiu um grande vazio no peito.

— Por favor, não fique com raiva de mim.

Holiday ergueu a mão.

— Não estou com raiva. Estou... desapontada.

— Isso é até pior — murmurou Kylie, com o peito cada vez mais apertado. — Eu sinto muito mesmo.

Holiday se levantou e fez um gesto mostrando a porta.

— Vejo você amanhã.

Os olhos de Kylie começaram a arder e, mais do que nunca, ela quis argumentar, pedir para que Holiday a perdoasse. Implorar para que seu deslize não mudasse o relacionamento entre elas. Mas algo dentro dela dizia que poderia ser tarde demais.

Eram quase nove da noite e Kylie estava deitada na cama, olhando para o teto, com um gambá fedorento dividindo seu travesseiro. Ela preferiu não aparecer no refeitório nem participar da pizza e do jogo de basquete noturno. Burnett tinha instalado uma tabela de basquete nova e todos os garotos tinham formado times. Como tinha dormido muito pouco nos últimos dias, achou que logo ela ia apagar. Estava enganada.

Olhou de relance para a gaveta onde estava a carta de Lucas e, por um segundo, desviou os pensamentos dos seus problemas com Holiday e passou a pensar nos seus problemas com Lucas, e depois nos seus problemas com Derek. Em seguida sua mente se rebelou contra a ideia de ser

um lobisomem. Ah, mas que droga!

Quando sua mente deu uma guinada e passou a pensar que havia alguém que ela amava em perigo, ela instantaneamente se lembrou do sentimento que tivera na cachoeira: a certeza de que pelo menos esse problema ia acabar bem.

Pena que nem todos os seus problemas pareciam de tão fácil solução.

Ao ouvir o toque do telefone um gemido escapou dos seus lábios — não que ela não precisasse parar um pouco de pensar no caos que estava a sua vida. E talvez ela tivesse sorte e fosse Sara, finalmente ligando para ela. Claro que elas não eram mais tão próximas quanto tinham sido um dia, mas ela ainda se preocupava com a amiga e andava pensando muito nela ultimamente. Mas será que estava preparada para falar com sua ex-melhor amiga?

— Não quero assustar você — ela disse para Socks, que podia ou não ser capaz de exalar fedor. — Mas preciso alcançar o telefone.

O animal abriu seu olho pequeno e redondo, olhou para ela e achou que não valia a pena miar.

Miranda tinha passado o dia todo tentando transformar Socks no seu velho eu felino. Até Kylie por fim sugerir que ela descansasse um pouco. Até disse para ela não ser tão severa consigo mesma, pois se tratava apenas de um deslize. Um imenso e apavorante deslize, mas Kylie não disse isso a ela.

O telefone parou de tocar e Kylie não sentiu nem vontade de ver quem estava ligando. Olhou para Socks novamente.

— Um imenso e apavorante deslize — murmurou. Mas considerando que ela esperava que Holiday a perdoasse, decidiu que talvez fosse melhor praticar o que ela esperava obter da amiga, ou ao menos pelo que imploraria... seu perdão. E então Kylie rezou. A lembrança de como Holiday tinha se sentido traída fez com que uma onda de dor inundasse o seu coração.

Por que contar a Burnett sobre Holiday lhe pareceu tão certo naquele momento? E, agora, por que parecia tão errado? Mas, sim, contar a Burnett a verdade lhe pareceu o mais correto a fazer. Ela tinha sentido um impulso irresistível, como se sua intuição a obrigasse a fazer aquilo. E agora estava naquela confusão por ter ouvido sua intuição!

O telefone tocou novamente. Pegou o celular, sem saber direito se queria falar com alguém, e olhou o número no visor... Sentiu na mesma hora um bolo na garganta.

# Capítulo Treze

*Era a mãe dela.* A constatação calou fundo em seu peito. Calou fundo e doeu. Ela nunca pensou que sentiria aquilo, mas sentia falta da mãe. Queria que ela estivesse ali para... apenas para ficar ao lado dela. E não era só porque o relacionamento entre as duas estava melhor. Kylie sentia saudade até de como era antes.

Por mais que dissesse que a mãe nunca a amara, quanto mais tempo Kylie passava longe dela, mais começava a ver as coisas de modo diferente. É claro que a mãe era uma pessoa emocionalmente distante, e é claro que Kylie era *muito* diferente dela. Mas, por alguma razão, agora ela via todas as outras maneiras pelas quais a mãe expressava o seu amor. As panquecas todo sábado de manhã. O depósito em sua conta bancária cada vez que ela dizia precisar de alguma coisa. Até os insuportáveis panfletos sobre sexo demonstravam o carinho maternal — apesar de Kylie preferir que ela deixasse de colocá-los sobre a sua cama...

Ao atender ao telefone, ela lutava contra a onda de nostalgia.

— Oi, Mãe. — Kylie prometeu a si mesma que não iria chorar e, com esforço, conseguiu impedir a voz de tremer.

— Querida? — A preocupação instantânea que transpareceu na voz da mãe aumentou o nó na garganta de Kylie e a emoção fez suas narinas arderem. — Está tudo bem?

Como a mãe podia pressentir que havia alguma coisa errada se Kylie só tinha pronunciado duas palavras? Será que a mãe era paranormal? *Não, ela era só humana*. Devia ser apenas instinto maternal. E isso nunca faltou à mãe.

— Está. — Kylie mordiscou o interior da bochecha para evitar o choro.

— O que está acontecendo, meu bem?

As lágrimas afloraram nos olhos de Kylie.

— Não é nada. — Ela observou Socks mudar de posição sobre o travesseiro e rezou para que ele não estivesse prestes a borrifar um jato de fedor sobre ela. Ficar toda fedorenta graças ao seu gato-gambá seria a última gota. — Foi um dia difícil, só isso.

— Difícil por quê? Você quer vir para casa? Só precisa me dizer e eu dirijo até aí hoje à noite e pego você.

— Não, mãe. Eu adoro este lugar. — Kylie se lembrou de que a mãe ainda não tinha

concordado totalmente com a ideia de matriculá-la para o ano letivo. O que significava que, por enquanto, Kylie não podia mencionar nada de negativo com relação a Shadow Falls. Ela realmente tinha que fazer a mãe concordar — especialmente se... se Kylie fosse de fato um lobisomem. Como, pelo amor de Deus, uma pessoa conseguiria explicar isso à sua mãe humana? — Eu só... cometi um erro hoje e alguém de quem gosto muito ficou chateada comigo.

— Bem, todo mundo comete erros — confortou-a a mãe. — Você só precisa se desculpar.

— Já fiz isso.

— E não foi perdoada? Essa pessoa ainda está com raiva de você?

— Não está com raiva. Só desapontada. — O remorso oprimiu seu peito quando ela se lembrou de Holiday lhe dizendo essas palavras. Kylie sabia o quanto doía ser decepcionada e magoada por alguém em quem confiava. Era muito pior do que ficar com raiva. Como acontecia com seu pai. Tudo bem, do pai ela sentia raiva e decepção ao mesmo tempo, mas era a "mágoa" que doía mais. Enquanto a raiva quase lhe causava uma sensação agradável, a mágoa não causava nenhum sentimento bom. Nenhum.

— Você não quer me contar o que aconteceu? — a mãe perguntou, sem querer pressioná-la, mas ao mesmo tempo sentindo que era sua obrigação como mãe dizer isso. Surpreendentemente, Kylie queria contar. Ela não iria, nem poderia, contar tudo à mãe, mas poderia revelar alguma coisa.

— Uma pessoa me contou algo em confiança. E eu... contei seu segredo a outra pessoa. Na hora, realmente achei que isso poderia ajudá-la... a resolver o problema. Mas...

— Mas não ajudou? — a mãe perguntou.

— Não. Quer dizer, não que eu saiba.

— Kylie, pelo que parece você estava tentando fazer a coisa certa. Não seja tão dura consigo mesma. Foi só um pequeno deslize, garota.

Kylie quase riu das palavras da mãe. Não foi justamente isso que ela falou a Miranda? Talvez Kylie fosse mais parecida com a mãe do que pensava. Ela sentia um aperto no peito.

— Amo você, mãe — Kylie disse, sem pensar.

— Ah, querida — suspirou a mãe, como se agora ela é quem fosse chorar. — Amo você, também. Posso fazer alguma coisa pra ajudar? Posso ir até aí e chutar o traseiro de alguém se precisar.

Uma lágrima rolou pelo rosto de Kylie.

— Você chutaria o traseiro de alguém por mim?

— Sem pensar duas vezes.

Kylie riu e fungou ao mesmo tempo.

— Posso mudar de assunto um minutinho? Pra contar uma coisa engraçada? — a mãe perguntou, parecendo animada. — É o motivo de eu ter ligado.

— Pode. — Kylie enxugou os olhos. Ela bem que precisava de boas notícias.

— Você nunca vai adivinhar o que eu programei para sexta-feira à noite, quando você estiver

em casa.

— O que é? — Kylie perguntou, constatando que não estava tão mortificada diante da ideia de ir para casa. Seria bom passar algum tempo com a mãe e se afastar um pouco dos problemas que a afligiam no acampamento.

— Foi pensando em você que fiz isso.

— Fez o quê, mãe? — Kylie perguntou, sentindo a empolgação da mãe.

— Uma noite caça-fantasmas. Lembra? Você mencionou que a cachoeira do acampamento podia ser mal-assombrada.

— Uma noite caça-fantasmas? — Kylie mal podia acreditar no que ouvira.

— É um jantar num hotel mal-assombrado e depois eles nos levam para conhecer todo o hotel. Não é absolutamente eletrizante?

Kylie desabou sobre o travesseiro e agora estava mesmo com vontade de chorar.

— É. Absolutamente — *nada* — eletrizante...

Trinta minutos depois de desligar o telefone, ela ainda continuava contando carneirinhos, na tentativa de conseguir cair no sono. Enquanto as centenas de carneirinhos saltavam sobre a sua cama, a mente de Kylie repassava a discussão com Holiday.

"*O que ele sente não interessa. Eu não contei aquilo a você para que contasse a outra pessoa*", Holiday disse.

"*Sinto muito. De verdade. Eu sei que foi um erro, mas achei que... quer dizer, é como se estivesse deixando o que aconteceu com o seu noivo impedir você de ver as possibilidades com Burnett. Você o está castigando por algo que ele não fez.*"

*Você o está castigando por algo que ele não fez.*

*Você o está castigando por algo que ele não fez.*

Então a mente de Kylie deu um giro e se desviou para a discussão que ela havia tido com Derek.

"*É tudo uma questão de sexo, né?*", ela disse.

"*Não. Não é disso que estou falando*", discordou ele.

Kylie reviveu toda a raiva que fervilhou dentro dela naquele momento. Uma raiva acumulada, reprimida. A raiva que ela tinha sentido de... Trey.

*Você o está castigando por algo que ele não fez.*

— Ah, merda! — Ela se sentou na cama. Será que tinha feito a mesma coisa que acusava Holiday de estar fazendo? Quanto mais pensava nisso, mais constatava que Derek nunca, nem uma vez, a tinha pressionado a fazer sexo com ele. A queixa de que ela o estava evitando tinha mais a ver com o fato de ela se esquivar dele, não de não querer transar.

Então um trecho da conversa com a mãe lhe ocorreu. "*Todo mundo comete erros. Você só precisa se desculpar.*"

A mãe dela estava certa. E isso, Kylie percebeu, era outra coisa que nunca pensou que um dia pensaria sobre a mãe. Mas, dane-se, a mãe estava certa. Kylie precisava se desculpar. Levantando-

se, tirou a camisola e enfiou novamente a calça jeans curta, o sutiã apertado, o tênis um número menor e uma camiseta, e foi procurar Derek.

No momento em que pôs o pé do lado de fora da cabana, o clima quente e úmido a atingiu em cheio. Ela seguiu na direção do refeitório, mas depois parou. Derek às vezes saía um pouco mais cedo do jantar para telefonar para a mãe. Não que confessasse isso a todo mundo. Mas tinha contado a ela.

Uma sensação de calor se avolumou no seu peito. Ela gostou que ele tivesse confiado nela. Ai, Deus, ela gostava muito dele mesmo e, do fundo do coração, esperava que aceitasse suas desculpas. Como não queria que ninguém dotado de superaudição ouvisse o que ela tinha a dizer, resolveu procurá-lo na cabana. Andava num ritmo lento, o que algumas semanas atrás seria incrivelmente rápido para ela. Enquanto avançava, sentia a copa das árvores pairando sobre sua cabeça. Sentia o vento agitando seus cabelos. Teve um vislumbre das estrelas cintilantes, mas não prestou muita atenção no cenário. Em vez disso se concentrou no que diria a Derek quando o visse.

A meio caminho da cabana, uma sensação a envolveu. Como se alguém a observasse. Ela diminuiu o passo e ficou atenta, tentando ouvir alguma coisa. A noite estava repleta do zumbido de insetos, não havia nenhum silêncio sepulcral ou pouco natural, mas mesmo assim ela sentiu. Olhando à sua volta, para a borda da floresta, ela checou para ver se não havia nenhum lobo atrás dela. Não havia olhos dourados perscrutando-a por trás dos arbustos. Tentou se convencer de que não havia nada, mas acelerou o ritmo, ansiosa para encontrar Derek — ansiosa para ter sua constituição mais alta e sólida ao seu lado.

Seus braços em volta dela.

A cabeça em seu ombro.

Talvez os lábios dele se fundindo com os dela.

Ah, com certeza, pensar em Derek afugentava os seus temores.

Ela fez a última curva da trilha e viu luzes acesas na cabana de Derek. Havia alguém lá.

— Por favor, meu Deus, que seja ele.

Ela venceu os últimos metros que faltavam, quando notou que a porta da frente estava entreaberta. Aquilo era meio estranho. Quando subiu os degraus da varanda, percebeu um cheiro familiar. O cheiro de frutas silvestres maduras. Ainda não tinha definido bem o cheiro quando sentiu o tênis pisar numa mancha escorregadia, que a fez escorregar e cair.

Sentada no chão, ela se segurou no alpendre para se levantar. Mas a sensação de algo molhado e espesso sob a palma fez com que parasse.

Foi então que reconheceu o cheiro doce de frutas silvestres maduras.

Sangue.

Seu olhar se desviou para a varanda.

Muito sangue.

O retângulo de luz que se projetava da porta chamou sua atenção e Kylie viu. Pingos vermelho-escuros formavam uma trilha para dentro da cabana, como migalhas de pão na floresta.

Seu coração gelou.

— Meu Deus, Derek! — ela gritou, sem receber nenhuma resposta.

Ela ficou de pé e correu para dentro da cabana, gritando o nome dele várias vezes.

# Capítulo Catorze

— Derek?! — Seu coração batia na boca. Ela seguiu a trilha de sangue através da sala, até o corredor. Ela levava a uma porta fechada. Kylie agarrou a maçaneta. Trancada.

De repente ouviu um barulho do outro lado da porta.

— Derek?! — gritou. Mais uma vez, nenhuma resposta.

Sem pensar, impulsionada unicamente pelo pânico, deu alguns passos para trás e arremeteu contra a porta. Uma parte foi arrancada das dobradiças e a outra se partiu em dois ou três pedaços, caindo contra o chão do banheiro. Ela se estatelou em cima delas. De cara no chão.

Só nesse momento percebeu que o barulho atrás da porta fechada era o chuveiro. E só então viu Derek, totalmente nu e molhado, puxar a cortina do boxe, quase arrancando-a do varão.

O corpo dele era firme; os músculos, bem definidos. Uma atitude de defesa brilhava em seus olhos e em sua postura. Parecia preparado para enfrentar o intruso.

Que, no caso, era ela.

Ele olhou para Kylie, caída sobre um pedaço da porta do banheiro. Ela olhou para ele... nu em pelo, segurando ainda a cortina do boxe.

— Eu... eu vi sangue e pensei... — *O que ela tinha pensado*? Vampiros sanguinários, um assassino com um machado, um *serial killer* à solta. Ela não tinha incluído um vilão em seus pensamentos. Sua única preocupação tinha sido a vida de Derek.

— Você derrubou a porta... — Ele falou com naturalidade, mas o tom de descrença era evidente.

— Eu sei — ela respondeu, incapaz de dizer mais alguma coisa. Incapaz de despregar os olhos do corpo dele.

— Mas é madeira maciça.

— Eu sei. — Ela sentiu a madeira maciça embaixo dela e também ficou um pouquinho chocada ao constatar o fato de tê-la derrubado. Se aquilo fazia alguma diferença, ela sentia o ombro meio dolorido. E foi a leve dor que a trouxe de volta à realidade do momento.

— Você está sem roupa... — Ai, meu Deus, ela tinha dito mesmo aquilo?

— Eu sei. Costumo tomar banho assim.

O rosto dela começou a arder.

Como ele não parecia nem um pouco preocupado com a falta de roupas, Kylie achou que talvez fosse dever dela se preocupar. Afinal de contas, ela é que tinha invadido o banheiro e derrubado a porta enquanto ele tomava banho.

Ela virou as costas para ele. Um movimento totalmente inútil e sem sentido, pois não a impedia de ver sua nudez. O espelho pendurado sobre a pia baixa, que agora ela encarava, lhe oferecia a mesma visão.

Uma visão realmente incrível, devia dizer. Ela já tinha visto homens nus em filmes. Bem, quase nus. E já tinha visto estátuas nuas também. Estátuas belas e detalhadamente esculpidas na pedra, que não deixavam nada para a imaginação. Mas ao vivo era definitivamente melhor. Ai, Jesus, ele estava muito sexy com a pele molhada e sem nada sobre ela.

Então ela percebeu que, enquanto admirava a vista, ele observava a admiração dela. Os olhos dele, através do espelho, estavam fixos nos dela. O rubor voltou às suas faces. Ela desviou o olhar do reflexo dele no espelho e se voltou para o próprio tênis justamente quando ele estendeu o braço para pegar a toalha.

Nesse momento ela achou melhor explicar novamente.

— Eu... eu vi o sangue e entrei em pânico.

— É — ele começou a explicar. — Chris me deu uma cotovelada no nariz quando estávamos jogando basquete.

Ela olhou no espelho para verificar o rosto dele.

— Machucou muito?

— Só sangrou muito. — Com a toalha presa em volta da cintura, ele pegou o jeans no chão e depois a fitou através do espelho.

— Vou colocar o jeans. Então, talvez queira olhar pra baixo outra vez...

Ela fez exatamente isso, e enrubesceu novamente. Só quando ouviu o zíper subindo que olhou para cima. Ele estava mais perto dela agora, quase sobre ela, na verdade, com a mão estendida para ajudá-la a se levantar. Ela aceitou.

— Está tudo bem com você? — ele perguntou tão logo ela conseguiu ficar de pé.

Ela massageou o ombro.

— Só um pouco dolorida.

— Imagino.

Ela o viu olhar para a porta outra vez.

— Vou dizer a Holiday que a culpa foi minha — ela disse.

— Não se preocupe. — Ele pegou um pedaço de madeira e tentou curvá-la. Quando viu que a madeira não cedeu nem um milímetro, olhou para ela outra vez. Depois estendeu a mão e tocou no braço dela, e sua mão deslizou lentamente até o cotovelo.

Seu toque era quente e úmido, muito semelhante ao ar no banheiro. Um formigamento subiu pelo braço dela e percorreu seu corpo. Seu olhar acariciou os ombros largos dele, e ela teve vontade de beijá-lo ali, no lugar onde tantas vezes descansava a cabeça.

— Você ainda está quente — ele disse. — Normalmente os vampiros só ganham força depois que se transformam.

A decepção quebrou um pouco o clima. Ele só a tocara para checar a temperatura, não porque... tivesse sentido vontade de tocá-la, do mesmo jeito que ela sentia.

— Acho que o problema é esse — ela disse. — Eu não sou normal. — Ela mordeu o lábio inferior e então decidiu falar de uma vez. — Holiday disse... ela disse que algumas fêmeas de lobisomem têm... — ela olhou para os próprios seios — um surto de crescimento por volta desta idade.

— Então ela acha que você é um lobisomem?

— Pra dizer a verdade, não. Ela disse que... não há mais nenhum indício de que se trata mesmo disso. Portanto, voltamos à estaca zero.

— Lamento — ele disse. — Sei o quanto você quer descobrir o que é. — Ele acariciou seu braço novamente e desta vez ela sabia que ele não estava simplesmente checando sua temperatura. O formigamento e o clima voltaram.

Deixando escapar um longo suspiro, ela encontrou os belos olhos verdes dele.

— Foi por isso que vim aqui.

— Por que você veio aqui? — ele perguntou, saindo do banheiro e entrando na primeira porta à direita. Ela o seguiu e estancou quando percebeu que era o quarto dele. Ela o observou tirando uma camisa do armário. Segurou-a em frente ao estômago chato, mas não a vestiu. Ela teve um pensamento maluco de que ele não se vestia porque sabia o quanto ela gostava de admirar seu corpo. Ele parou mais perto dela.

— Por que você veio aqui?

*Concentre-se. Concentre-se. Pare de pensar no corpo dele.*

— Para me desculpar. Por ter sido tão idiota hoje à tarde. Eu estava... confusa. Quer dizer, Trey... Ele me enganou e, quando você disse aquilo, eu simplesmente me lembrei do que ele tinha dito. O que ele fez me magoou muito e eu acho que simplesmente projetei tudo em você.

Sem aviso, ele a puxou para si e pressionou os lábios contra os dela. O beijo foi ardente, passional e ela não queria que terminasse. E, quando terminou, foi ele quem se afastou, não ela. Ela ficou feliz, no entanto, ao ver que ele estava tão ofegante quanto ela.

— A resposta é sim. — Os lábios de Derek estavam úmidos e ainda tão próximos que ela o sentiu sussurrar as palavras contra sua pele.

— Eu... eu não tenho muita certeza de qual foi a pergunta — Kylie conseguiu responder, achando que tinha perdido uma parte da conversa, tão inebriada estava com o beijo dele.

— A última coisa que você perguntou esta tarde foi se eu queria sexo. Quero deixar bem claro. Eu quero você. Quero tanto que às vezes não consigo pensar em outra coisa. Algumas noites eu acordo e estou tão... — ele deixou a frase incompleta e respirou fundo outra vez. — O que estou tentando dizer é que, embora eu te queira tanto, a última coisa que eu faria é pressionar você a fazer algo para o qual não se sente pronta.

— Estou pronta... — Ela pousou a mão no peito dele. E, ai Deus..., era tão bom tocar seu peito nu... A tentação de pedir que ele fosse em frente, que a levasse para a cama e lhe ensinasse tudo sobre sexo era quase irresistível. No entanto, alguma coisa ainda a detinha. — ...ou quase pronta. — Ela tirou a mão do peito dele. — Acho que antes só preciso descobrir o que sou. — Ela fitou o peito dele, com receio de que, se o olhasse nos olhos, ela ficasse outra vez mais corada que uma maçã do amor. Infelizmente, ele ergueu a mão e inclinou a cabeça dela para trás, forçando-a a olhar para ele.

— Eu sei o que você é, Kylie. Você é amorosa, divertida e linda. É generosa com todos, todo mundo gosta de você. E é muito corajosa. E eu admiro quem tem coragem.

— Quis dizer *o que* sou — ela corrigiu, sentindo os dedos dele roçando no pescoço dela.

— *O que* você é não é importante. Porque o que você é não vai mudar *quem* você é. — Ele tirou a mão do queixo dela. — E não estou dizendo isso só para convencê-la a fazer sexo. Só quero que... Gostaria que você pudesse se ver através dos meus olhos. Que pudesse ver o quanto é especial. E não me importo com o que você vai ser depois de se transformar.

As lágrimas arderam nos olhos de Kylie e ela passou os braços ao redor dele e pressionou o rosto contra seu peito quente, que exalava um aroma de limpeza, sabonete e umidade.

— Você é que é especial — ela sussurrou.

— Nada disso — ele respondeu e riu. — Se eu fosse especial não estaria aqui pensando em como fazê-la mudar de ideia e transar comigo agora mesmo. Então vamos sair deste quarto antes que eu decida te arrastar pra minha cama.

Ela riu e olhou bem no fundo dos olhos dele.

Ele sorriu e deslizou a mão por baixo da camiseta dela, pelas costas nuas, e enlaçou-a pela cintura.

— Essa coisa toda de derrubar a porta foi bem excitante...

— E não o fato de você estar nu? — Ela tinha mesmo dito aquilo? Na mesma hora quis que o chão se abrisse e a engolisse.

— Não, definitivamente foi a cena da porta. Agora, se você estivesse nua... — Ele expirou com força. — Ok, é melhor a gente parar de falar nisso. — Ele se afastou dela, pegou a sua mão e puxou-a para fora do quarto.

Ela deixou que ele a levasse pela mão até a sala. Ele olhou o sofá e então de volta para ela. Seus olhos pareciam pesados, sonolentos e brilhantes de excitação.

— Quase tão arriscado quanto a cama...

Ela riu e ele a puxou para a varanda da frente. Vestiu a camisa, depois se sentou no chão e encostou as costas na parede de madeira, num lugar onde não havia sangue. Depois de se acomodar, ele olhou para cima e bateu com a mão no chão, ao lado dele. Ela se abaixou e sentou-se no chão bem perto, ajeitando-se para que seu braço encostasse no dele. Depois deitou a cabeça em seu ombro e disse:

— Obrigada.

Ele levantou o braço e passou-o pelos ombros dela, estreitando-a num abraço.

— De nada.

Nenhum deles disse nada por alguns minutos. Ela ficou simplesmente sentada ali, bem perto dele, absorvendo a sensação de tê-lo ao seu lado. As perguntas giravam na sua cabeça como um par de tênis dentro da secadora. Mas o constrangimento a impedia de formulá-las em voz alta.

— Vá em frente e pergunte — ele disse, quase como se lesse os pensamentos dela.

Ela levantou a cabeça do ombro dele.

— Perguntar o quê?

— Seja o que for que a deixa constrangida e curiosa ao mesmo tempo. Posso ler suas emoções, esqueceu?

Ela fez cara feia.

— E eu detesto isso também. Não quero que você me leia.

— Mas não tenho outra escolha. Não sei como *não* ler você. — Ele riu e olhou para ela. E como em todas as outras vezes em que estavam juntos, a noite parecia saída de um conto de fadas. As estrelas brilhavam como diamantes no céu. As árvores pareciam mais frondosas. A lua, quase cheia, deixava a noite tão clara que ela quase podia ver o rosto dele.

— Acho que seu nariz vai ficar um pouco inchado. — Ela tocou a lateral do nariz dele.

Ele envolveu a mão dela nas suas e beijou a palma.

— Então, o que está deixando você curiosa e constrangida?

— Eu só... — Se ela não dissesse a ele naquele instante, ele provavelmente iria pensar o pior. E, mais uma vez, o que a deixava curiosa de fato podia ser o pior.

— Pode perguntar. — Ele a cutucou com o ombro.

Ela hesitou e depois simplesmente despejou:

— Estou curiosa pra saber quantas garotas você já teve. Eu sei que tem quase 18 anos e... — As palavras lhe faltaram. Kylie tinha certeza de que ele não era virgem, e não só porque dissera algo que a fizera chegar a essa conclusão, mas também pelo modo como... ele beijava.

Ele franziu a testa e ela sentiu que ele preferia não ter insistido para que ela perguntasse.

— Bem...

— Bem...? — ela repetiu. E agora mais do que nunca queria uma resposta. — Você me fez perguntar, agora tem que responder.

Ele hesitou.

— Poucas.

— Isso é bem vago. — Ela tirou a mão de entre as dele.

Ele respirou fundo e depois expeliu o ar dos pulmões.

— Tudo bem... quatro.

— Não são tão poucas assim.

— Tem razão. — Ele não negou que não tinha falado bem a verdade. — É só que é meio estranho falar com você sobre isso.

— É, eu sei — ela disse, percebendo que preferia não ter perguntado. Não gostava de pensar nele com outra garota. — Desculpe por ter perguntado.

— Não precisa se desculpar. — Ele se reclinou contra a parede da cabana e voltou a ouvir a noite. — Agora eu posso fazer uma pergunta?

— Claro. — Uma ponta de nervosismo agitou o seu estômago. Mas, considerando o quanto a sua pergunta tinha sido pessoal, ela não poderia lhe negar uma resposta.

— Se Lucas estivesse no acampamento, você ainda estaria sentada aqui comigo?

# Capítulo Quinze

A pergunta dele deixou todos os nervos dela à flor da pele.

— Que tipo de pergunta é essa?

— Obviamente uma bem difícil. — Ele dobrou os joelhos e olhou para os próprios pés.

Algo lhe dizia que ele estava sondando suas emoções naquele exato momento — tentando entendê-las. Mas como ele podia fazer isso se nem ela mesma conseguia entendê-las?

— Mas ele não está aqui — conseguiu dizer.

Ele olhou para ela de cima.

— Há boatos de que está pra voltar.

Ela sentiu o ar preso na garganta.

— Não importa — ela se forçou a dizer. — Ele está com Fredericka.

— Ele a trocaria por você assim — Derek estalou os dedos. — Não é cego nem burro.

Ela balançou a cabeça.

— Bem, talvez eu não queira ninguém que tenha fugido com outra pessoa.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— O "talvez" na sua resposta me preocupa mais do que a confusão nos seus sentimentos neste instante.

Ele franziu a testa ao olhar para ela.

— Por favor, não me decepcione, Kylie.

O coração dela quase se partiu naquele momento.

— É a última coisa que eu quero fazer.

Ele a beijou suavemente e então se recostou novamente na parede.

— É melhor eu te levar de volta para a sua cabana antes que todo mundo volte pra cá.

Ela concordou com a cabeça e aceitou a mão que ele lhe oferecia para se levantar. Começaram a descer os degraus da varanda quando ele parou.

— Ah, eu me esqueci. Tenho uma coisa pra você.

Ele correu de volta para dentro e voltou em alguns segundos com um pedaço de papel.

— O que é isso? — ela perguntou quando ele o passou para ela.

— É o telefone de um investigador particular.

Como ele não disse mais nada, ela perguntou:

— E pra quê?

— Você disse que estava tentando encontrar seus avós verdadeiros. Esse cara é bom em achar pessoas. Se alguém pode encontrá-los, é ele.

Kylie ergueu os olhos do papel e olhou para Derek.

— Você acha mesmo que ele pode localizá-los depois de tanto tempo? Quer dizer, eu andei tentando encontrar os pais adotivos de Daniel e nem eles eu consegui.

— Ele é muito bom — insistiu Derek.

O coração dela se apertou.

— E provavelmente cobra caro. Não tenho como pagar. — Ela começou a devolver o papel, mas ele deteve a mão dela.

— Ele não vai cobrar de você, Kylie. Pode ligar.

— Por que não vai cobrar de mim? Você disse que ele era investigador particular.

— Porque é meu amigo. Além disso, eu costumava fazer uns trabalhos pra ele.

— Você trabalhou para um investigador?

— É, eu fui vê-lo algumas vezes... pra ver se conseguia localizar meu pai.

Aquela informação a surpreendeu. Ela não achava que Derek quisesse notícias do pai.

— E ele o encontrou?

— Encontrou... — ele confirmou. — Sabe, você perdeu uma ótima pizza hoje à noite — acrescentou, deixando claro que não queria falar a respeito do pai.

Mas Kylie não conseguiu parar de perguntar.

— E você o viu?

— Não. Só queria saber onde estava o cretino.

Kylie sentiu a dor que Derek guardava no peito.

— Então como você acabou trabalhando pra esse investigador?

— Ele achava que a minha habilidade de ler emoções podia ser muito útil.

Querendo ainda suavizar a dor nos olhos de Derek, ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo nos lábios dele. Um beijo profundo. Ela o puxou para mais perto, tão perto, que sentiu os seios pressionados contra o peito dele. As mãos de Derek desceram pelas costas dela e envolveram sua cintura. Uma das palmas deslizou por dentro da camiseta dela e foi subindo lentamente. Ele acariciou suas costas, parando logo abaixo do sutiã, como se não quisesse ir além do limite. Um limite que ela quase queria que ele ultrapassasse.

Quando ela se afastou um pouco, sua respiração estava entrecortada.

— Obrigada por isto — ela disse, mostrando o papel.

— Uau! — ele exclamou, sorrindo, e tocou os lábios dela. — E se ele conseguir encontrá-los, o que eu ganho?

Ela lhe deu uma cotovelada de leve nas costelas. Ele riu e passou o braço pelos ombros de Kylie, enquanto iam para a cabana dela.

Exatamente às oito horas da manhã, Kylie já tinha uma colega de alojamento fora da cabana — Della tinha um ritual de vampiros — e estava tentando se livrar da outra. Disse a Miranda para ir tomar o café da manhã sem ela. Kylie a encontraria mais tarde. Miranda já tinha saído pela porta da frente, mas estava ali há uns cinco minutos realizando algum tipo de encantamento. Kylie por fim colocou a cabeça para fora da porta e perguntou:

— O que está fazendo aí?

— Eu já disse. Só estou tentando manter nossa cabana protegida.

Kylie lembrou-se da amiga insistindo em dizer que sentia uma presença indesejável espreitando por ali, embora Kylie não tivesse sentido nada. Exceto nos momentos em que andava sozinha pelos bosques ou pelas trilhas.

— Protegida do quê... exatamente?

Miranda espalhou algum tipo de erva no ar. Elas crepitaram e estalaram enquanto caíam numa espiral descendente, dando a Kylie a certeza de que não eram ervas comuns.

— Não sei... exatamente.

— Você já não tinha feito um feitiço para se livrar desse espião?

— Tinha, mas o *bad boy* ainda está por aqui. Simplesmente não foi embora ainda.

Kylie não queria perguntar, mas achou que tinha esse dever.

— Poderia ser um fantasma? — porque, se fosse, Kylie não tinha certeza se Miranda deveria tentar mantê-lo afastado. Gostando ou não, lidar com fantasmas era função de Kylie. Não que os rituais de Miranda tivessem evitado a visita de fantasmas. No entanto, se as ervas dela estavam, de algum modo, mantendo Daniel afastado, Kylie tinha de fazer alguma coisa. Ela precisava realmente falar com Daniel.

— Não, não é um dos seus fantasmas — respondeu Miranda.

— Então o que é? — Kylie ficou um pouco apreensiva ao se lembrar da visita indesejável do vampiro ao acampamento algumas noites antes. — Quer dizer, Della não saberia se fosse alguém mal-intencionado?

— Sim, mas isso não é... normal. Envolve mágica. Não usei meu dedinho ainda, mas já estou cuidando disso.

*Cuidando disso assim como estava cuidando da transformação de Socks em sua antiga forma felina?* Kylie não disse nada, porque magoaria Miranda, mas não pôde deixar de pensar.

— Você já falou com Holiday? — Kylie perguntou.

— Ainda não. Quero tentar resolver isso sozinha primeiro.

Kylie assentiu, mas não tinha certeza se essa era mesmo a melhor opção.

— Já está pronta pra ir? — Miranda perguntou, depois de espalhar mais um pouquinho de ervas.

— Não. — Kylie tirou algumas pequenas ervas crepitantes do cabelo. — Tenho que dar alguns telefonemas.

— Tudo bem, mas não chegue muito tarde. Depois da Hora do Encontro, vamos cozinhar

juntas, e hoje combinamos de fazer brownies e é você quem vai fazer a cobertura. E não vão nos deixar comê-los antes que você acabe a sua parte. E eu adoro, adoro brownies. E não quero ter que esperar.

— Não vou me atrasar. — Kylie de fato estava gostando da ideia de ter aulas de culinária na última semana. Quem sabe ela não pegasse gosto por decoração de bolos e coisas assim? Lidar com lápis e papel nunca tinha sido seu forte, mas trabalhar com glacê parecia divertido. Ela sempre gostou de assistir a programas de decoração de bolos na televisão.

Miranda começou a se afastar, mas então se virou.

— Pra quem vai ligar?

Com o número do detetive particular na mão, ela quase contou à Miranda a verdade, mas achou que não estava pronta para dividir aquilo com alguém.

— Explico depois.

— Trey? — perguntou Miranda.

— Que nada! — Kylie respondeu.

— Sara? — apostou Miranda.

— Explico depois. — Kylie franziu a testa, lembrando-se que Sara ainda não tinha retornado sua ligação.

— Um admirador secreto? — Miranda continuou, como se aquilo fosse um jogo. — Um cara muito gato que beija como ninguém e sobre o qual você ainda não nos contou? Ah, eu quero conhecê-lo!

Kylie suspirou.

— Eu não tenho nenhum cara muito gato.

— Sério? Do jeito que você ficou vermelha quando contou sobre Derek nu, pensei que ele fosse o seu gato.

— Vá tomar o seu café. — Kylie acenou para ela.

— Tuuudo bem — disse Miranda, se afastando.

Kylie fechou a porta e olhou para o papel que tinha na mão. Ela finalmente tinha a sensação de que estava perto de conseguir algumas respostas. Não tinha tido a sorte de encontrar os pais adotivos de Daniel nem sabia se estavam vivos; e não tinha nem ideia de como começar a procurar os verdadeiros. Mas se Derek estivesse certo... se esse detetive era tão bom assim, então talvez pudesse encontrá-los. E como eles eram sobrenaturais, ou pelo menos um deles devia ser, e considerando que tivessem uma expectativa de vida maior, então havia uma boa chance de que estivessem vivos.

Se ela os encontrasse, teria algumas respostas. Finalmente descobriria o que era. Deus, ela realmente esperava que o cara fosse tão bom quanto Derek acreditava.

Só a menção do nome de Derek, ou talvez tenha sido aquela história de Miranda, sobre o cara muito gato, fez Kylie relembrar algumas cenas da noite anterior. Toda aquela cena do chuveiro e os beijos excitantes que tinham trocado.

*Uau! E se ele conseguir encontrá-los, o que eu ganho?*

A pergunta de Derek ficou dando voltas na sua cabeça. Ela sabia que ele estava brincando, não esperava nenhum tipo de pagamento por ajudá-la. E talvez também fosse por isso que ela queria recompensá-lo. Ou não exatamente recompensá-lo. Ela só queria...

*Pode parar*, ela disse para si mesma. Era muito cedo para começar a pensar nesse tipo de coisa. Pense em decoração de bolos. Ou pense em fazer a ligação.

Com o fone do balcão da cozinha na mão, sentou-se na cadeira do computador. Respirou fundo e discou o número do investigador.

— Agência Brit Smith — ele respondeu.

— Oi. — Ela não sabia muito bem por onde começar. — Meu nome é Kylie Galen.

— A garota do Derek? — o homem perguntou.

Kylie sentiu uma contração no estômago ao ser chamada de "garota do Derek". De fato soou muito bem, embora não fosse oficialmente namorada dele. Então, mais uma vez lembrou-se dele nu... *Pare com isso!*

— Derek disse que você poderia me ajudar a encontrar uma pessoa.

— Eu me lembro, algo sobre o seu pai ter sido adotado. Me dê um minuto para me sentar na frente do computador; quero fazer algumas anotações.

— Claro. — Enquanto Kylie esperava, ela olhou a tela do computador e resolveu verificar seus e-mails. Moveu o mouse para reativar o computador.

Depois de alguns segundos, um artigo do jornal *Springville Times* apareceu na tela. Quando Kylie começou a ler, viu que não era um artigo qualquer. Eram os obituários do jornal. Springville? Della não era de Springville, no Texas? Mas por que ela tinha...

— Pronto — disse o detetive. — Qual é o nome do seu pai?

Kylie desviou os olhos do computador.

— Daniel Brighten.

— Nomes dos pais dele?

— Não sei o primeiro nome deles — Kylie explicou.

— Tudo bem. Em que estado ele nasceu?

— Eu... não sei.

— Mas era do Texas, não?

Kylie começou a ter cada vez menos esperança de que aquilo fosse levar a algum lugar.

— Não tenho certeza.

— Tudo bem — ele disse, mas desta vez parecia um pouco mais desanimado. — Talvez seja melhor começar me dizendo o que você sabe.

A mente de Kylie começou a reunir informações.

— Os pais dele moravam em Dallas quando minha mãe o conheceu... Eu estou... ligando para todos os Brightens da região de Dallas. Até agora não encontrei ninguém que dissesse conhecer meu pai. — Ela continuou contando que Daniel tinha morrido na Guerra do Golfo. E contou até

um pouquinho do primeiro encontro entre Daniel e sua mãe. Não havia muito em que ele pudesse se basear, e ela sabia disso.

— Isso não é muita coisa — disse o sr. Smith, confirmando o que ela pensava e deixando-a ainda mais desanimada. — Mas eu vou ver o que consigo desenterrar. Estou trabalhando num grande caso agora e pode ser que demore um tempinho para eu começar a sua investigação, mas quando tiver alguma informação aviso você. Enquanto isso você continua fazendo as suas perguntas.

— Fazendo minhas perguntas pra quem? — Kylie perguntou.

— Pra sua mãe, é claro.

— Acho que ela já disse tudo que sabia.

— Talvez. Mas os pais são meio relutantes quando se trata de falar sobre seus relacionamentos e coisas do tipo.

Kylie mordeu o lábio e se perguntou se ele estaria certo. Com certeza a mãe dela não era uma pessoa muito aberta.

— Acho que tem razão.

— E mesmo que ela não esteja escondendo nada de você de propósito, pode não ter reparado em algo importante. Ela sabe que você está procurando pela família dele, não sabe?

— Humm, na verdade, não.

O investigador ficou em silêncio e ela presumiu que ele estava se perguntando se arranjaria alguma encrenca investigando o caso para uma menor de idade.

— Tenho a intenção de contar pra ela — Kylie esclareceu. — Só não tive chance ainda. — *Ou não decidi como contar.*

— Ótimo. Acredite quando eu digo que esse tipo de coisa funciona melhor quando a gente encara de frente.

— Eu sei — Kylie concordou, tentando imaginar como falaria sobre o assunto com a mãe. Como iria explicar que queria encontrar os pais verdadeiros de Daniel, não os pais adotivos, porque precisava saber que espécie de sobrenatural ela era?

Depois de desligar o telefone, Kylie continuou sentada ali, sem muito ânimo. O investigador não parecia mais a solução de que ela precisava. E se aquilo também não funcionasse? O que ela faria? Se pelo menos conseguisse obter mais informações acerca de Daniel. Ela olhou para o teto.

— Será que você não poderia vir me visitar?

O ar frio espiritual não invadiu o cômodo. Kylie estava prestes a se levantar quando seu olhar se desviou novamente para a tela do computador e os obituários. Ela notou que as datas das mortes eram de oito meses antes.

Um pensamento terrível a atingiu como um raio. Será que Della estava pesquisando os obituários porque achava que podia ter matado alguém durante os dias de que não tinha nenhuma lembrança, logo após a transformação?

O olhar de Kylie se voltou para a tela, agora para os rostos das pessoas que tinham morrido.

Só alguns obituários citavam a causa da morte e nenhum deles dizia "exangue". Embora, no fundo, ela soubesse que deveria estar se sentindo mal por todas aquelas pessoas mortas, não conseguia parar de pensar em Della. Devia ser muito ruim viver com a suspeita de que se matou alguém.

Alguns dias se passaram sem que nada diferente acontecesse. Kylie tinha tentado falar com Della a respeito do que descobrira no computador, mas a amiga se recusara a falar sobre o assunto. Ela tentou iniciar uma conversa sobre Daniel com a mãe, mas não conseguiu nenhuma informação importante.

Embora toda manhã Kylie acordasse ao raiar do dia com uma lufada de ar frio em seu quarto, o espírito partia sem fazer nenhum contato verbal ou visual. Nada de Daniel também. Kylie tinha a impressão de que todos os seres do mundo espiritual estavam fazendo greve.

Ela não tinha certeza do que isso significava. Entendia a ausência de Daniel. Ele tinha falado que seu tempo na Terra agora era muito limitado, mas e quanto ao espírito da mulher, que insistia em dizer que alguém que Kylie amava estava prestes a morrer?

Segundo Holiday, Kylie não devia se preocupar, pois, quando os espíritos precisavam dizer alguma coisa, eles sem dúvida apareciam. Ela até tentou garantir a Kylie que provavelmente a ausência do fantasma era um bom sinal. Ou o espírito tinha percebido que o perigo não era tão iminente ou a situação tinha se resolvido por si mesma. Kylie tinha esperança de que se tratasse da segunda opção. Mas sua intuição lhe dizia para não ter muitas esperanças.

Embora Holiday e Kylie tivessem se encontrado duas vezes depois que ela confessara o seu erro à amiga, Holiday manteve uma postura muito prática, quase distante. Kylie tinha tentado se desculpar novamente, mas Holiday não tinha deixado que ela continuasse e disse que já tinha esquecido o caso.

Esquecido talvez, mas não perdoado. Kylie sentiu isso quando olhou nos olhos da líder do acampamento. E a dor de saber que seu erro tinha afetado o relacionamento entre as duas deixou um vazio no peito de Kylie. Para deixar as coisas ainda piores, a tensão entre Holiday e Burnett parecia ainda maior. Obviamente, a interferência de Kylie não só não ajudara em nada, como tinha aumentado a distância entre eles.

— Está pronta? — Kylie ouviu Miranda chamar da sala. Socks levantou sua carinha de gambá do colchão e sibilou. Não havia dúvida de que o gatinho/gambá estava cansado de ver Miranda andando atrás dele e tentando desfazer a confusão que criara. Kylie não se surpreenderia se ele acabasse soltando um jato de fedor sobre ela. Isto é, se ele pudesse fazer isso.

— Não. Eu nem penteei o cabelo — Kylie gritou de volta, olhando em volta à procura da escova de cabelos. — Por que não vai tomar o café com Della e nos encontramos daqui a pouco?

— Tudo bem — gritou Miranda. — Mas vá logo. Não vejo a hora de ir. Parece que faz anos que não faço compras. E, quando sair, abra a porta antes de sair, em vez de derrubá-la.

Kylie fez cara feia; preferia não ter contado a Miranda e a Della sobre toda a cena do chuveiro,

na cabana de Derek. Mas, mesmo se tornando alvo de gozação das duas, não tinha achado certo não contar.

— Holiday disse se teríamos hora pra voltar? — Miranda gritou mais uma vez.

— Não — Kylie respondeu.

Holiday, apesar de parecer emocionalmente distante, tinha concordado em deixar Kylie, Della e Miranda irem à cidade comprar roupas com um dos veículos da escola. Ou ela concordava em deixar ou Kylie teria que emprestar sapatos e sutiãs de alguém. Graças a Deus, o surto de crescimento parecia ter parado. Mas quem disse que isso tinha feito Kylie parar de se preocupar? O que aquilo tudo significava? E quando ela saberia com certeza o que aconteceria depois? A lua cheia começaria na segunda-feira seguinte. Os lobisomens do grupo tinham planejado uma demonstração didática aquela noite, para que todos pudessem assistir a um deles se transformando.

Sempre que Kylie deixava a sua mente vagar, ela se preocupava com a possibilidade de ser um dos lobisomens a participar da demonstração. Se as mudanças no seu corpo deviam-se ao fato de ela ser um lobisomem, aquilo não significava que ela estava se transformando também, mesmo que num grau menor? Seu coração acelerou diante daquele pensamento. Ela saberia o que fazer? Se lembraria de quem era antes?

Kylie ouviu a porta da cabana se fechar e pegou o celular para ter certeza de que não tinha perdido nenhuma ligação do sr. Smith. Ao olhar o visor, viu que tinha algumas mensagens de voz. Teve esperança de que fossem boas notícias.

Mas não. Nenhuma ligação do investigador. Duas mensagens do padrasto e uma de Trey. Ótimo. Que maravilha! Ela deletou as três mensagens sem ouvir nenhuma delas.

Quando enfiou a mão na gaveta para procurar a escova, seus olhos encontraram a carta de Lucas. A curiosidade aguçava a sua vontade de abri-la, mas outra emoção — que Kylie identificava como culpa — fez com que mantivesse a carta fechada e intacta.

*Por favor, não me decepcione, Kylie.*

As palavras de Derek cruzaram sua mente. Ela não tinha nenhuma intenção de decepcionar Derek. Não tinha nenhuma intenção de se envolver com Lucas. Então alguém podia explicar por que ela sentia culpa ao pensar em ler a carta?

Talvez porque continuasse sonhando com ele. Quer dizer, quase sonhava com ele. Por mais estranho que fosse, os sonhos sempre acabavam antes de realmente começarem. No entanto, Kylie tinha a sensação de que era melhor assim. Ela de algum modo sentia que eles seriam parecidos com o sonho que tivera antes, em que se beijavam e se tocavam e as roupas eram consideradas opcionais...

Por que ela continuava quase sonhando com ele?

*Porque você tem sentimentos não resolvidos em relação a ele,* dizia uma voz interior.

Uma voz que Kylie gostaria de não ouvir. Ela não queria ter nenhum sentimento por Lucas. Ele tinha fugido com Fredericka. E Kylie agora estava com Derek... ou quase. Eles não tinham se

beijado desde a noite em que ela o vira nu. Uma lembrança que nunca se afastava muito dos seus pensamentos. No entanto, desde aquela noite, ele parecia manter uma certa distância dela. Kylie não sabia se era porque ele sentia que ela ainda ficava constrangida ao pensar que todos percebiam seus desejos incontroláveis por ele, ou se era outra coisa.

Talvez esse fosse o jeito dele de mostrar como uma pessoa se sentia quando outra a evitava. Embora Derek não fosse do tipo que fazia esse tipo de joguinho.

Talvez fosse simplesmente porque ela ainda não tinha assumido um compromisso verbal com ele, para que se tornassem um casal, namorados, enfim. Não que isso tivesse algo a ver com a carta de Lucas. Não tinha nada a ver. Nada mesmo. Lucas era passado. Mesmo que ele voltasse. Ele já tinha feito a sua escolha ao fugir com Fredericka.

Não que ela tivesse a intenção de ser rude com ele caso voltasse. Eles poderiam até ser... amigos. Se sua femeazinha de lobisomem deixasse.

A lembrança de Fredericka levou Kylie de volta à noite em que tinha ficado encurralada em seu quarto com o leão. A Confraria de Sangue, a gangue de vampiros perversos, tinha começado a aterrorizar e exterminar a vida selvagem na reserva animal vizinha, esperando que a UPF pusesse a culpa em alguém do acampamento e fechasse as portas. No entanto, Kylie não conseguia deixar de lado a suspeita de que alguém tinha feito o leão entrar em seu quarto. Alguém que podia ter sido Fredericka. Ela estava errada de suspeitar da garota? Kylie achava que não.

Ah, droga, ela não devia ter trazido à tona todas aquelas lembranças. Nem pensado no fato de não ter aberto a carta de Lucas. Ela agarrou o envelope, abriu o lacre e estava prestes a pegar a carta quando o telefone tocou.

Ela largou a carta sobre a cama, verificou o visor do celular e atendeu.

— Oi, mãe.

— Oi, querida — a mãe disse, com um suspiro. — Sinto trazer más notícias.

— O que foi? — No mesmo instante, a temperatura no quarto caiu. Kylie sentiu o estômago se contrair num nó apertado. Será que alguém que ela amava estava em perigo, como o fantasma tinha avisado?

— Está tudo bem com você, mamãe? — perguntou Kylie, sentindo o pânico crescer dentro dela.

— Comigo está tudo bem.

*Ai, Deus!* A temperatura do quarto tinha caído mais uns dez graus.

— O que foi? Alguma coisa errada?

— Acabei de receber um e-mail da empresa em que eu trabalho, insistindo para que eu vá para Nova York hoje mesmo. É um ótimo cliente... então não vou poder ver você no dia dos pais. Pesquisei para ver se achava um voo noturno de volta para cá, mas está tudo lotado.

O calafrio continuou, embora o pânico de Kylie diminuísse.

— Tudo bem — Kylie olhou em volta para ver se o fantasma havia se materializado. Não viu nada. Kylie estendeu o braço e acariciou Socks, que olhava em volta, nervoso, com seus olhinhos

brilhantes de gambá. Socks sempre sabia quando um fantasma estava presente.

— Quero ver você. Sinto como se não a visse há meses — disse a mãe.

— Não faz meses — Kylie respondeu. — Só duas semanas. — Mas lá no fundo, Kylie percebeu que sentia falta da mãe também. — De qualquer maneira, estarei em casa em algumas semanas para passar o final de semana. Teremos muito tempo pra ficar juntas.

— E iremos ao jantar no hotel mal-assombrado — a mãe acrescentou, com a voz cheia de entusiasmo.

— É, isso também — disse Kylie, tentando não deixar transparecer o seu pavor.

Elas conversaram durante alguns minutos sobre os horários da mãe e sobre a prima dela, que queria lhe fazer uma visita. Kylie quase mencionou Daniel outra vez, mas não conseguiu pensar numa maneira de introduzi-lo na conversa.

Enquanto conversavam, Kylie puxou o cobertor mais para cima. O frio do espírito continuou e ficou até mais intenso, mas ele ainda não tinha se materializado.

— Ah, adivinha quem eu encontrei no supermercado — a mãe contou.

— Quem? — Deus, está ficando cada vez mais frio!

— Sara.

Kylie sentiu um sobressalto de emoção.

— Como ela está?

— Na verdade, não estava com uma aparência muito boa.

— O que ela fez? Tingiu o cabelo ou colocou uma argola no nariz? — Kylie perguntou, conhecendo a opinião da mãe sobre essas coisas. O relacionamento entre elas podia ter melhorado, mas isso não tornava a mãe perfeita nem mudava o criticismo dela.

— Nada disso — a mãe explicou. — Sara não é esse tipo de menina.

A mãe se surpreenderia se soubesse de alguns detalhes sobre a vida de Sara, com relação a bebidas e garotos — não que isso fizesse dela má pessoa. Ela estava apenas... passando por uma fase.

— Ela só não parecia bem — a mãe continuou. — Está mais magra do que deveria. Não gosto nada de ver vocês, meninas, achando que precisam vestir manequim número 36 para parecerem bem. Espero que você não esteja perdendo peso.

— Não, acho que estou até maior. — Franzindo a testa, Kylie olhou para baixo e fitou os próprios seios, pensando em que a mãe diria quando a visse.

— Ah, isso me fez lembrar: você já foi fazer compras? — a mãe perguntou. — A líder do acampamento me telefonou perguntando se vocês poderiam ir de carro até a cidade. Eu disse que já tinha dado permissão.

— Na verdade, estamos indo hoje. — Kylie estremeceu novamente com o frio fantasmagórico.

— Bem, então divirtam-se. E tenha juízo. — O tom maternal encheu sua voz.

— Terei — Kylie prometeu. — Menos de cem dólares. Me lembro do que você disse.

— Tudo bem, até cento e cinquenta. Mas não mais do que isso.

— Mãe, não estou pedindo...

— Eu sei. — A mãe riu. — Mas eu estou oferecendo. — Ela ficou em silêncio por um segundo. — Ah..., meu bebê está crescendo. — A mãe deu um suspiro longo e sincero. — Ah, me esqueci de mencionar que contei a Sara que você viria para casa. Ela disse que você já tinha mandado uma mensagem, avisando, e ela tinha recebido. Provavelmente vai entrar em contato com você nos próximos dias.

Sara tinha recebido em torno de quatro mensagens, sem falar nos telefonemas e nos e-mails, Kylie pensou.

Ela e a mãe bateram papo por mais alguns minutos. Falaram principalmente da venda da casa — outro assunto sobre o qual Kylie tinha que morder a língua para não falar o que pensava.

— Ainda vou ver se consigo ver você no sábado. Talvez eu consiga pegar o primeiro voo da manhã. Se eu embarcar até as dez, talvez consiga vê-la. Mesmo que chegue um pouquinho atrasada.

— Mãe, tudo bem. Não se preocupe. E eles são bem severos com o horário de visitas aqui. — *E se você vier fora do horário talvez eles a confundam com um vampiro*. — Então, por favor, não se preocupe, ok?

— É que sinto saudade — a mãe choramingou.

— Eu também sinto.

Quando Kylie desligou, o ar ainda estava gélido. Kylie teve a bizarra sensação de que o espírito da mulher estava ali, ouvindo a conversa. Mas por quê?

— Tem alguma coisa a dizer? — perguntou Kylie ao fantasma. — Algo a me mostrar? — murmurou com menos entusiasmo. Kylie na verdade não gostava nada de visões ou sonhos aterrorizantes, mas estava disposta a enfrentá-los, caso fossem a solução para proteger alguém que ela amava.

Nenhuma resposta surgiu em meio ao ar frio e, passados alguns segundos, o calafrio passou. Ela consultou o relógio na mesinha de cabeceira e gemeu. Estava atrasada, o que significava que Della e Miranda provavelmente já estavam impacientes.

Ela agarrou a escova de cabelo, o celular e a bolsa e dirigiu-se para a porta. Só quando estava prestes a fechá-la é que olhou para trás e viu a carta de Lucas sobre a cama.

— Agora não dá mais tempo — murmurou para si mesma e fechou a porta, mas quando pegou a trilha quase pôde ouvir Holiday dizendo: *a fuga não é um método muito bom para se lidar com as coisas.*

É, eu sei, pensou Kylie. Mas uma coisa de cada vez.

— Ei! — gritou Miranda, de dentro do provador, três horas depois. — Vocês duas ainda estão aí?

Kylie e Della, ambas vendo alguns sutiãs numa arara ali perto, voltaram-se para o local dos provadores.

— Estamos aqui — Kylie respondeu.

Elas estavam há duas horas fazendo compras e até o momento estavam se divertindo. A única contrariedade tinha sido ver a calçada onde Kylie vira o pai passeando de mãos dadas com a secretária piranha.

Miranda saiu do vestiário vestindo uma calça jeans que moldava os seus quadris.

— Tudo bem, digam a verdade. Esse jeans deixa o meu bumbum empinado?

— Vire-se — falou Kylie.

— Você disse empinado ou avantajado? — Della perguntou, com uma risadinha.

Kylie admitia que as poucas lojas no centro da cidade não ofereciam a mesma variedade que o shopping perto de sua casa, mas isso não as impedia de se divertir. Kylie até achava que a cidadezinha tinha um certo charme. Obviamente, ela precisava de um tempo longe do acampamento.

— Está me zoando porque eu não tenho um bumbum muito grande? — perguntou Miranda, olhando por sobre o ombro para ver o traseiro.

— Esse jeans está ótimo! — exclamou Kylie.

— Ei — Della interrompeu. — Considerando que não tenho muito peito — disse, olhando para os próprios seios —, não fico olhando partes do corpo de ninguém... a não ser que sejam realmente apetitosas e cheias de sangue...

— Psiu! — Kylie disse, percebendo alguns adolescentes espreitando ali por perto.

Della, que não gostava de ser repreendida, fechou a cara. A carranca foi só um complemento ao ar intimidador de "não mexa comigo" que ela mantinha o dia todo. Não que ela fizesse isso intencionalmente com Kylie e Miranda. De jeito nenhum. Mas corriam boatos de que os adolescentes da região e os frequentadores de outros acampamentos da região achavam que todos os campistas de Shadow Falls tinham a mesma postura. Kylie não tinha reparado nisso nas poucas vezes em que fora à cidade, mas Holiday tinha comentado a respeito numa das últimas reuniões do acampamento e por isso Kylie sabia que essas histórias tinham um fundo de verdade.

— Por que me mandou calar a boca? — Della perguntou.

Kylie desviou os olhos para as duas garotas. Della franziu um pouco mais a testa e ficou ainda mais carrancuda.

Kylie se perguntou se Della adotara seu visual preto total de propósito, como se uma roupa intimidadora fosse o suficiente para evitar encrencas. Na verdade, Kylie achava que seu jeito de se vestir talvez piorasse as coisas em vez de ajudar, mas discutir com Della sobre isso era inútil, por isso Kylie não disse nada.

Uma das garotas começou a se aproximar e Kylie fez uma pequena prece pedindo que isso não estragasse o dia das três.

— Oi, meu nome é Amber Logan — disse a ruiva bonita, olhando para Kylie. — Você é nova na cidade ou está num dos... acampamentos?

O jeito como ela disse "acampamento" fez Kylie pressentir que aquilo não ia acabar bem.

— Num acampamento — disse Kylie carregando a voz de simpatia, para evitar criar problema.

— Qual deles? — a loira alta atrás de Amber perguntou, lançando um olhar frio para Della.

Não, aquilo não ia acabar bem.

— Shadow Falls — respondeu Della com atitude, seus olhos escuros ficando um pouquinho mais dourados. Kylie só esperava que as garotas não tivessem notado.

— Os Ossos Duros de Roer... — a loira cochichou no ouvido da outra.

— O que você disse? — perguntou Della, pondo os ombros para trás, enquanto dava um passo à frente, numa postura defensiva.

A loira deu uma risadinha.

— O acampamento costumava se chamar Riacho dos Ossos. Por isso chamam vocês de Ossos Duros de Roer. Nada pessoal...

— Parece pessoal, sim — rosnou Della.

Tanto Amber quanto a Loira deram um passo para trás.

Kylie viu Miranda esticando seu dedinho cor-de-rosa, como se estivesse pronta para lançar um feitiço. Kylie lhe lançou um olhar de advertência, mas não era com Miranda que Kylie estava preocupada.

— Foi bom conhecê-las — disse Kylie às garotas, segurando Della pelo cotovelo e esperando que o toque a ajudasse a voltar à razão. Ela não podia bancar a vampira briguenta com essas meninas. Não podia nem ameaçar matá-las sem colocar todo mundo numa grande encrenca.

— Até mais — Kylie acrescentou, acenando para elas com a mão livre.

Amber lançou para Della outro olhar inquiridor. Pelo brilho de medo em seus olhos, Kylie percebeu que a garota não era nem um pouco idiota. Ela se virou, fez um gesto chamando a amiga loira e as duas se afastaram.

— É melhor que coloquem o rabinho entre as pernas e deem o fora daqui — Della resmungou, empurrando Kylie.

— Eu poderia provocar nessas duas o pior caso de acne que elas já viram — Miranda ameaçou.

— Eu podia ter feito algo muito pior — rosnou Della.

— Mas não fez — disse Kylie, pegando as duas amigas pelo braço só para o caso de mudarem de ideia. — Vocês duas demonstraram uma capacidade incrível de autocontrole. Estou muito orgulhosa de vocês.

Della olhou para Kylie com uma cara feia. — Você nunca perde o controle? Nunca tem vontade de arrancar o coração de uma pessoa e depois bater com ele na cabeça dela?

— Eu perco as estribeiras, sim — disse Kylie, rindo. — Não sei se já tive vontade de espancar alguém com o seu próprio coração, mas já tive meus momentos.

— E o que você faz quando está realmente fula da vida? Faz cara feia pra pessoa? — perguntou Della, dando risada.

— É — atiçou Miranda. — Mas você já viu Kylie de cara feia? É bem eficaz.

As três caíram na risada.

Uma hora depois, após comprarem sapatos e experimentarem mais algumas calças jeans, elas foram para a seção de lingeries. Como já estava quase na casa dos cem dólares, Kylie foi direto para a arara de liquidação. Todas puseram suas sacolas no chão para olhar as peças íntimas.

— Qual de vocês duas usa tanga? — perguntou Miranda, segurando uma calcinha fio dental vermelha.

— Eu não — disse Kylie. — Gosto dos biquínis normais.

— Para mim, usar tanga é como passar fio dental na bunda — disse Della, fazendo todas as três explodirem numa gargalhada.

Quando as risadas acabaram, passaram para a seção de sutiãs.

A atendente da loja veio ajudá-las.

— Vocês querem que eu meça seus seios ou já sabem de que tamanho são? — ela perguntou a Kylie.

Kylie olhou para a vendedora e depois para os quatro sutiãs que tinha nas mãos.

— Humm, não... obrigada. Acho que posso me virar sozinha.

— Tudo bem, mas é importante usar o tamanho certo.

— Tudo bem — disse Kylie, concordando com a cabeça.

— Só vai levar um minuto — continuou a atendente, um pouco mais insistente dessa vez.

— Eu sei... mas não precisa. Obrigada — Kylie acrescentou.

A expressão da mulher dava a entender que Kylie estava cometendo um erro, mas ela se afastou.

— Eu, hein? Nunca deixaria uma estranha medir meus peitos... — sussurrou Miranda. — Eles são virgens! — disse, rindo.

— Acho que a coroa só queria ver seus peitos — Della grunhiu às costas da vendedora.

Kylie deu uma cotovelada de leve em Della e tentou não rir.

— Ela só está fazendo o trabalho dela.

— Que nada, ficou encarando seus peitos, enquanto eu estava aqui, segurando um sutiã na mão. Nem perguntou se eu queria que ela me medisse.

— Pode haver uma razão para isso... — disse Miranda com um sorriso malicioso nos lábios.

— Que maliciosa! — exclamou Della com um sorriso.

Kylie relaxou aliviada quando viu o sorriso de Della. A última coisa que ela queria agora era ver Della e Miranda começarem a se agredir verbalmente.

Della segurou nas mãos seus seios de tamanho médio.

— Pelo menos estas gracinhas não são virgens. E, acredite, Lee não reclamou.

Miranda riu.

— Estou surpresa por você não ter me dito que eu não tenho bunda.

— Estava guardando esse insulto para a próxima — respondeu Della.

— Vou provar este — disse Kylie, contemplando um sutiã. — Pode segurar estas sacolas para mim? — Kylie passou para Miranda suas sacolas contendo duas calças jeans e dois pares de tênis.

— Aqui, prove este também — disse Della, estendendo para Kylie outro sutiã.

— Não gosto de sutiã preto — respondeu Kylie.

— É, mas aposto que Derek gosta. — Ela sorriu, arqueando as sobrancelhas.

Kylie revirou os olhos. Mas pegou o sutiã que Della lhe estendia e foi procurar um provador vazio. Atrás dela, ouviu Della e Miranda rindo.

Enquanto provava os sutiãs, lembrou-se da história de Cachinhos Dourados. Um estava muito grande. Um estava um pouco folgado e o preto estava um pouco... sexy demais.

Agora tinha que decidir qual dos três iria levar. Kylie relanceou os olhos para a pilha de sutiãs e estava prestes a colocar a alça do seu sutiã velho sobre o ombro quando ouviu:

— Eu gosto mais do preto.

A voz grave de homem, vinda de trás, fez seu coração bater na garganta. Seus olhos encararam o espelho.

Antes de ver seu rosto, ela viu o sangue.

Ele estava bem atrás dela. Havia grandes manchas vermelhas na frente da sua camisa. Até o cabelo ruivo estava empapado de sangue.

Os olhos tinham um brilho vermelho. Ele encarava Kylie com um sorriso cruel e seus longos caninos eram visíveis nos cantos da boca. Ela o reconheceu no mesmo instante — A Confraria do Sangue.

# Capítulo Dezesseis

Kylie abriu a boca para gritar, mas nem ar nem palavras saíram de sua boca. O pânico contraiu sua garganta e bloqueou todo oxigênio e comunicação verbal. Ela se virou, sem saber direito se devia lutar ou correr.

Ele não estava mais lá. O olhar de Kylie se voltou para o espelho, como se só o reflexo dele fosse real. Ele não estava mais ali também.

Seu olhar se voltou para a porta aberta do provador, que antes estava fechada. Ele realmente estivera ali.

Ela bateu a porta com força. Sorveu um pouco de ar, tentou gritar novamente, mas parou quando a porta do provador se escancarou de repente, batendo contra a parede.

Todos os músculos do seu corpo se contraíram. *Lute.* A ordem de uma só palavra ecoou dentro dela. Então Della apareceu atrás da porta, que agora pendia parcialmente, arrancada das dobradiças.

— Tinha alguém aqui? — Della perguntou. Seus olhos tinham um brilho cor de âmbar. Os caninos, afiados e ameaçadores, estavam à mostra sob o lábio superior arreganhado.

Ainda incapaz de falar, Kylie assentiu com a cabeça.

Della se inclinou para a frente quando Miranda chocou-se contra as costas dela.

— O que aconteceu? — Miranda olhou por sobre o ombro de Della.

— Por que você entrou aqui assim?

As lágrimas ardiam nos olhos de Kylie. Ela às vezes chorava quando estava assustada, e nesse momento estava muito assustada — mortificada, na verdade —, mas essas não eram lágrimas de medo. Eram lágrimas de raiva. Não, de fúria. Fúria por se sentir desrespeitada. *Eu gosto mais do preto.*

As palavras ecoavam nos seus ouvidos. Quanto tempo aquele delinquente estava ali espiando, enquanto ela experimentava os sutiãs?

— Tem alguém aqui? — perguntou Miranda. — Fantasmas? Não fantasmas?

— Vampiro — Della respondeu com rispidez para Miranda e olhou de volta para Kylie.

— Está tudo bem com você?

Kylie assentiu novamente.

— Ele foi embora?

— Por hora. — Della pegou a bolsa de Kylie e os sutiãs e passou-os para Miranda. — Vai pagar isso enquanto ela se veste.

Miranda foi para o caixa. Della olhou de volta para Kylie.

— Você está bem mesmo?

— Acho que estou com raiva suficiente para arrancar o coração de alguém e espancá-lo com ele. — Ela mordeu o lábio para não chorar. — Quanto tempo ele ficou aqui me espiando?

— Só alguns segundos. — Della de repente ficou pálida. — Não era Chan, era? Quer dizer, não senti o cheiro dele, mas... só consegui farejar o sangue.

— Não. — Kylie pegou a camiseta e vestiu-a. Ainda tinha na cabeça a imagem do sangue pingando do cabelo do vampiro.

— Então você viu quem era?

Kylie enfiou a cabeça pela gola da camiseta e olhou Della nos olhos.

— Era... era aquele merdinha que lutou comigo na reserva. Aquele que me agarrou.

Della farejou o ar.

— Ah, droga!

— Ele está voltando?

— Alguém está. — Ela agarrou Kylie pelo braço e as duas saíram correndo.

Quando saíram da seção dos provadores, Miranda estava pegando uma sacola da mão da moça do caixa. Della fez sinal para que ela as seguisse e Miranda não fez nenhuma pergunta. Obviamente, pôde ver o pânico nos olhos das duas.

— O que está acontecendo? — Miranda perguntou.

— Temos que voltar para o acampamento — explicou Della.

— Ele está aqui outra vez?

— Vamos sair daqui — disse simplesmente.

No momento em que puseram o pé na calçada, viram uma van preta dar uma brecada violenta e parar na frente da loja. Della grunhiu e então empurrou Kylie e Miranda para trás do corpo dela.

A janela desceu e Burnett olhou para fora. Seus olhos tinham um brilho dourado feroz.

— Entrem.

— E o carro em que viemos? — perguntou Kylie, embora ela não conseguisse nem coordenar os pensamentos, quanto mais dirigir de modo responsável com o pânico revirando suas entranhas.

— Entrem! — O tom de Burnett exigia obediência.

Elas obedeceram.

— O que está acontecendo? — Della perguntou a Burnett depois que se acomodaram no banco de trás.

O vampiro não respondeu. Estava concentrado na direção. A van disparou antes que Kylie

percebesse que havia alguém sentado no banco da frente com Burnett. Era uma mulher de cabelos pretos, mais ou menos da idade de Burnett. Ela parecia familiar e Kylie se lembrou de tê-la visto entre os membros da UPF na noite em que tinham lutado contra a gangue na reserva.

— Passe a elas os jalecos — Burnett disse à mulher.

Três sacolas de plástico com o que pareciam jalecos de médico foram atirados para o banco de trás.

— Pra que isso? — Kylie perguntou.

— Tirem as roupas — Burnett mandou. — Coloquem todas as suas roupas na sacola. Sapatos, meias, roupa de baixo. Tudo. Depois vistam os jalecos.

— Tirar o quê? — Kylie perguntou.

— Vocês me ouviram — ele disse rispidamente.

— Por quê? — Kylie e Della perguntaram ao mesmo tempo.

— Façam o que ele está mandando — a mulher ordenou.

Della e Miranda começaram a se despir, mas Kylie segurou as mãos delas e as deteve.

— Não. Não vamos tirar as roupas até que você explique por quê. E é melhor que tenha uma razão muito boa, porque não vou tirar a roupa só porque alguém está me mandando tirar. Pergunte para o meu ex-namorado!

A mulher se virou no banco e olhou para ela. Suas sobrancelhas se arquearam, como se ela tentasse ler Kylie. Pena que não ia funcionar.

Mas quem disse que a mulher ia desistir com facilidade? Ela continuou a encarar Kylie. Seus olhos cor de âmbar ficaram um pouco mais brilhantes e, por algum motivo, Kylie suspeitou que ela fosse um lobisomem. Um lobisomem muito zangado.

— Comece a tirar — a mulher insistiu.

— Não. — Surpreendentemente, Kylie não se sentia intimidada. Sustentou o olhar da mulher. Ela até franziu as sobrancelhas também e tentou ler o padrão mental da lobisomem. Não funcionou, mas a outra não sabia disso.

— Faça o que ele está falando! Ou eu farei por você — ela ordenou.

Burnett deteve a mulher, segurando-a pelo ombro.

— Selynn, deixe comigo. — Ele olhou pelo retrovisor e Kylie encarou o reflexo dourado dos olhos dele.

— Kylie, por favor...

— Não! — Kylie sinceramente não sabia de onde vinha tanta ousadia, mas estava achando bom. Pelo menos lhe dava a sensação de estar um pouco mais no controle. Ela realmente precisava se sentir no controle para combater o sentimento de que era a vítima ali.

— Você percebe o que está pedindo? — Kylie continuou segurando as mãos de Della e Miranda. — Para que a gente tire a roupa dentro de um carro com um homem no banco da frente, com um espelho retrovisor. E não vai explicar por quê?

Burnett levantou o braço e arrancou o espelho, jogando-o pela janela do carro.

— Caramba! — exclamou Miranda.

— Duas garotas foram mortas na cidade — disse Burnett.

— Merda! — exclamou Della.

— Deus do Céu! — exclamou Miranda.

A única coisa que saiu pelos lábios de Kylie foi um suspiro de surpresa.

Burnett continuou.

— Preciso das roupas de vocês três para provar que não estavam envolvidas nos assassinatos. O FBI e a UPF vão exigir essas provas. Então, por gentileza, façam o que eu digo.

Kylie soltou as mãos das amigas e começou a se despir. Em poucos minutos, todas estavam vestindo jalecos verdes, como se fossem cirurgiãs. Ninguém disse uma palavra durante o processo.

Miranda pegou as três sacolas e passou-as para Selynn.

— Tome.

— Você acha mesmo que alguém vai pensar que temos alguma coisa a ver com esse crime? — Kylie perguntou, lembrando-se do sangue no cabelo e na camisa do vampiro.

— Não — disse Della. — Mas eles vão pensar que fui eu. — Sua voz expressava preocupação. — Foi um vampiro que matou as garotas, não foi?

— Foi — confirmou Burnett. — Mas eu não acredito que tenha sido você. Só estou tomando precauções até descobrirmos quem foi.

— Já sabemos quem foi — revelou Della. — Kylie viu.

— Viu quem? — perguntaram Burnett e Selynn ao mesmo tempo, virando-se para trás.

— Foi um vampiro da gangue — disse Kylie. — Aquele que me atacou na reserva.

— Maldito! — Depois de quase sair da estrada, Burnett brecou o carro e parou no acostamento. Ele se virou para trás novamente e fitou os olhos de Kylie.

— Você não está machucada, está? — perguntou, relanceando os olhos para o pescoço de Kylie como se...

— Não, não estou. — Uma grande vontade de chorar encheu seu peito.

— Ele não disse nada? — Burnett perguntou.

*Eu gosto mais do preto.*

— Não — ela respondeu.

Seu olhar sobre Kylie ficou mais profundo.

— Agora não é hora de mentir.

Kylie engoliu em seco.

— Ele não disse nada que ajudasse.

— Que tal deixar que a gente decida o que ajuda ou não? — disse a srta. Lobisomem Espertinha, sentada no banco da frente.

Kylie fez cara feia.

— Ele disse que gostava mais do sutiã preto. Eu estava no provador. — O sentimento de ter

sido desrespeitada voltou com força total e a raiva que ele despertou brotou novamente em seu peito.

A expressão de Burnett mudou de autoritária para compreensiva numa fração de segundo.

— E você está mesmo bem? Ele não...

— Eu estou bem — ela conseguiu dizer, mas as lágrimas encheram seus olhos e ela desviou o rosto da expressão preocupada de Burnett.

— Ele apareceu e desapareceu tão rápido que, quando senti, já tinha ido embora — Della explicou.

A lembrança do seu reflexo no espelho voltou à mente de Kylie.

— Ele tinha sangue... nele todo. Na camisa. No cabelo.

Miranda pegou a mão de Kylie e a apertou gentilmente, oferecendo apoio moral.

A expressão preocupada de Burnett acentuou-se um pouco mais e ele se voltou para a frente e ligou o carro.

— Ligue e diga a eles que é Código Vermelho — disse ele, olhando para Selynn.

— Tem certeza de que quer tentar isso? — ela perguntou.

— O que é Código Vermelho? — Della perguntou antes de Kylie abrir a boca para fazer a mesma pergunta.

Burnett respondeu um pouco hesitante.

— Até o momento só a UPF sabe sobre essas mortes. Código Vermelho significa que vamos camuflar as coisas, simulando um acidente de carro.

— Vocês vão deixar ele se safar? — perguntou Kylie.

— Não. Mas não podemos deixar isso vazar. Qualquer boato vai causar um pandemônio e eles fecharão a escola.

Selynn ergueu a mão como que pedindo silêncio. Então começou a falar ao telefone:

— É Código Vermelho. — Ela fez uma pausa. — Eu sei — disse, olhando de relance para Burnett. — Ele deu a ordem, só estou comunicando.

Burnett franziu a testa e Kylie teve a impressão de que o que quer que ele estivesse fazendo era pela escola e talvez até por Holiday. Mas ela ficou imaginando que bem isso faria para o povo da cidade — os seres humanos que nunca saberiam do crime e das duas vidas sacrificadas.

Quando entraram no escritório de Holiday trinta minutos depois, ela praticamente pulou da cadeira e correu até eles.

— Graças a Deus! — ela gritou, envolvendo o grupo todo num abraço coletivo.

— Estamos bem — disse Della, que foi a primeira a se afastar.

*Fale por si mesma*, pensou Kylie. Ela poderia ter aproveitado o abraço mais alguns segundos. Desde toda a história com Burnett, não sentia Holiday tão próxima.

— Olhem! — Della apontou a tela da TV, sobre um suporte preso à parede.

Kylie olhou para a tela e prendeu a respiração. O noticiário mostrava um carro destruído e a

foto de duas garotas. *Não pode ser*. De repente se sentiu enjoada.

Holiday pegou o controle da TV e aumentou o volume.

"Duas adolescentes morreram hoje num acidente automobilístico. Ao que parece..." — continuou o repórter.

— Nós encontramos essas meninas na cidade! — exclamou Kylie, sentindo um aperto no peito. — Conversamos com elas. — Por alguma estranha razão, aquele breve encontro tinha tornado as mortes ainda mais pessoais. — A ruiva se chamava Amber. Não sei o nome da loira.

— Elas não foram muito simpáticas — disse Della, com tensão. — Mas não mereciam morrer.

— Não mesmo — concordou Miranda, pondo as mãos na boca, com os olhos fixos na tela.

Kylie teria concordado, mas não conseguiu dizer nada. Ela se lembrou nitidamente do sangue na camisa do vampiro e a emoção a impediu de falar. Era o sangue das adolescentes que ela tinha visto. Quando percebeu que ia começar a chorar, ela se sentiu como um bebê chorão, mas então notou que Della e Miranda também tinham lágrimas nos olhos.

— Eu sinto... — Kylie se forçou a falar. — Sinto como se fosse culpa minha.

Holiday pegou novamente o controle remoto e desligou a TV.

— Foi terrível! Mas se existe um responsável é o vampiro que as matou. — Então ela olhou para cada uma delas, como se precisasse memorizar o rosto de todas. — Quando ouvi sobre as adolescentes encontradas... pensei... — Os olhos de Holiday se encheram de lágrimas. E isso bastou para que o choro fosse geral. Nem mesmo Della conseguiu ficar de fora.

Nesse exato momento, Burnett entrou no escritório. Seu olhar passou de uma a uma. Kylie quase podia ouvi-lo rosnando interiormente ao vê-las chorando.

— Eu... eu vou... esperar aqui fora. — Obviamente nem um vampiro durão, treinado pela UPF, era capaz de lidar com quatro mulheres se debulhando em lágrimas.

Quinze minutos depois, Burnett colocou a cabeça para dentro do escritório e entrou ao ver que mais ninguém estava com lágrimas nos olhos. Em seus calcanhares, entrou Selynn, que parou ao lado dele, perto o bastante para que seus braços se tocassem. Burnett deu um passo para o lado, afastando-se um pouco da lobisomem, e começou a explicar que precisava interrogar a todas separadamente. Abriu a porta do escritório e pediu que Kylie e Miranda esperassem do lado de fora.

Quando as duas saíram, Selynn olhou para Holiday.

— Você precisa sair também. — A voz de Selynn tinha um tom condescendente que fez Kylie perceber, no mesmo instante, que ela realmente não gostava da investigadora. Nem um pouquinho.

Holiday lançou sobre a mulher um olhar que Kylie só podia descrever como ferozmente protetor.

— Desculpe, mas não recebo ordens de ninguém quando o assunto envolve o meu acampamento. Ou o senhor Burnett não a informou sobre isso?

— Ela pode ficar — intercedeu Burnett.

— Não acho que seja aconselhável — contestou Selynn, pousando a mão no braço de Burnett.

— As meninas vão se sentir mais à vontade com ela aqui — respondeu ele, afastando-se de modo quase imperceptível do seu toque. Mas Kylie notou o olhar de Holiday diante da familiaridade com que a mulher tratava Burnett.

O ciúme faiscou nos olhos de Holiday. Uma faísca que não durou mais do que um segundo. Num piscar de olhos, já tinha desaparecido. E provavelmente por uma única razão. Selynn olhou para Holiday como se esperasse uma reação. O que levou Kylie a deduzir que Selynn sentia alguma coisa por Burnett, embora ele não aparentasse corresponder a esses sentimentos.

Nada garantia, porém, que ele não estivesse simplesmente escondendo muito bem o que sentia. Será que essa era uma das razões que fazia Holiday se recusar a se aproximar de Burnett? Porque ela sabia que ele já estava envolvido com outra pessoa? Uma súbita desconfiança agitou-se dentro de Kylie.

Burnett fez um gesto na direção da porta, pedindo que Kylie e Miranda saíssem. Kylie não se moveu até que Holiday confirmasse a ordem.

— Quem elas acham que está no comando? — perguntou Selynn, contrariada com a demonstração de Kylie com respeito à autoridade de Holiday.

— Será que podemos simplesmente começar? — perguntou Burnett.

Kylie e Miranda saíram e aguardaram na antessala do escritório.

— Ele quer ter certeza de que não estamos mentindo. É por isso que quer falar com a gente separadamente — disse Miranda à meia voz.

— Não acho que ele pense que somos culpadas — respondeu Kylie, em defesa de Burnett, embora não pudesse dizer o mesmo de Selynn. Isso fez Kylie pensar novamente no relacionamento entre Burnett e a rude lobisomem.

— Deus, que coisa horrível! — A emoção imprimia à voz de Miranda um tom estridente. — Mal posso acreditar que conhecemos as garotas que foram assassinadas.

— Nem eu — concordou Kylie, mas, na verdade, ela não queria pensar naquilo agora. Ainda tinha uma forte sensação de que ela era culpada de tudo. Desabou sobre uma das cadeiras das escrivaninhas que atulhavam a sala de espera e olhou para as próprias mãos. Será que era disso que os fantasmas estavam falando? Não, o espírito da mulher tinha insistido em dizer que se tratava de alguém que Kylie amava. Esse pensamento fez com que uma onda de tristeza a percorresse. Ela não amava essas duas garotas, mas alguém amava. Elas tinham mãe, pai... Cerrando as pálpebras, Kylie tentou entrar em contato com a mesma calma que tinha sentido na cachoeira. Mas como ela conseguiria conservar a calma se não paravam de acontecer coisas ruins?

— Poderia ter sido a gente... — disse Miranda, puxando uma linha presa ao jaleco verde que ainda vestia.

— Eu sei — concordou Kylie, torcendo as mãos.

Haviam-se passado poucos minutos quando Selynn e Della saíram do escritório. Kylie se levantou. Selynn fez um sinal para que Miranda a acompanhasse. Então se virou para Kylie e Della.

— Preferimos que vocês não conversem. E não se esqueçam de que Burnett vai ouvi-las se falarem — avisou-as Selynn, com o ensaio de um sorriso nos lábios, antes de entrar atrás de Miranda.

Della mostrou os dentes às costas da lobisomem.

— Piranha... — xingou baixinho.

Mas, quando a mulher fechou a porta atrás dela, Della repetiu em voz alta:

— Piranha! Não estou nem aí que você possa me ouvir, Burnett — disse Della, olhando para a porta do escritório. — Ela é uma piranha. E você sabe disso. Eu sei. E Holiday sabe.

Passos soaram na varanda da cabana. Kylie olhou na direção da porta justo quando ela se abriu e Derek irrompeu na sala.

— Graças a Deus! — Ele parou e ficou ali, olhando para ela, como se nem tivesse reparado nos jalecos de hospital. Logo atrás dele vinha Perry, com o mesmo olhar preocupado.

— Onde está Miranda? — Perry perguntou, olhando ao redor da sala. Medo e outras emoções profundas eram visíveis nos seus olhos, agora cor de cobre.

Kylie não teve chance de responder, porque Derek a puxou de encontro ao seu peito, num abraço apertado. Ela deixou que ele a envolvesse nos braços e encostou a cabeça em seu peito, suspirando ao sentir o quanto era bom ficar tão próximo a ele.

— Por que você quer saber? — Della perguntou com rispidez. — Não gosta dela, lembra?

— Está tudo bem com ela? — Perry perguntou com urgência, a voz carregada de emoção.

Kylie não se deu ao trabalho de se afastar para ver, mas imaginou os olhos de Perry mudando de cor enquanto falava. Ela já tinha percebido que a cor dos olhos do metamorfo mudava com suas emoções.

— Ei, não vem dar uma de Tiranossauro.rex pra cima de mim. — A voz de Della tinha perdido o tom de cinismo. Se era por medo de Perry ou por ter sentido a emoção na voz dele, Kylie não sabia.

— Você está bem? — Derek perguntou no ouvido de Kylie.

— Estou. — *Droga, Não!* Kylie se afastou um pouco para olhar nos olhos dele e viu o mesmo brilho de preocupação que havia nos olhos de Perry. Uma torrente de calma fluiu de Derek para ela. Mas ela não contestou desta vez. Realmente precisava daquilo.

A porta do escritório de Holiday se abriu e Miranda apareceu. Perry encontrou seus olhos, depois desviou o olhar e saiu da cabana. Miranda ficou observando-o se afastar.

— O que ele queria? — perguntou.

— Ter certeza de que você estava bem — respondeu Derek, passando o braço pela cintura de Kylie. — Encontrei com ele logo depois de saber o que tinha acontecido e contei de vocês. Ele estava preocupado com você.

— Mas não o suficiente para falar comigo, né? — O olhar no rosto de Miranda era uma mistura de raiva e tristeza. — Sua vez — disse, voltando-se para Kylie e apontando a porta. — Cuidado, a lobisomem morde.

Kylie apertou levemente a mão de Derek e entrou na sala, para enfrentar Burnett e a colega de trabalho. Já não se sentia mais intimidada por Burnett como se sentira da primeira vez em que ele a interrogara; mesmo assim, persistia uma ponta de nervosismo.

# Capítulo Dezessete

Burnett fez Kylie repassar várias vezes tudo o que tinha acontecido. Depois fez perguntas específicas:

— Você disse que o vampiro estava sujo de sangue. Parecia sangue fresco? Quanto tempo se passou entre o encontro de vocês com as adolescentes e o momento em que o vampiro apareceu?

Em seguida Burnett fez as mesmas perguntas de um modo ligeiramente diferente. A princípio Kylie pensou que ele estava tentando pegá-la numa mentira, mas depois suspeitou que ele só queria ter certeza de que ela não estava se esquecendo de nada; por isso fazia perguntas com diferenças sutis para ajudá-la a se lembrar de detalhes que poderiam ser úteis. O problema era que Kylie não queria se lembrar. Ela ansiava por esquecer, apagar aquilo da memória para sempre. E, francamente, o que mais ela poderia contar que ajudasse em alguma coisa?

— Você pode descrever o sangue pra mim? — perguntou Burnett, sentado com as pernas afastadas em frente a Kylie, numa cadeira de espaldar reto que a fazia se lembrar do seu primeiro interrogatório. Só que dessa vez ela estava sentada no sofá, com Holiday ao seu lado.

— Eu já descrevi — ela tinha a sensação de que sua paciência estava sendo testada com um elástico esticado ao máximo.

— Mais uma vez. — Seu tom exigia obediência.

Foi esse tom que fez Kylie finalmente estourar.

— Você sabe quem fez isso. Sabe quem são as vítimas. Então tudo isso é *mesmo* necessário? — Ela rangeu os dentes para não começar a chorar outra vez.

— Nós decidimos o que é necessário — interferiu Selynn em seu tom arrogante, aproximando-se, atrás de Burnett.

Kylie olhou para cima, na direção da lobisomem, sem tentar esconder sua contrariedade. O tom de Selynn incomodava mais Kylie do que o jeito autoritário de Burnett. Pelo menos no caso de Burnett, ela percebia que a preocupação era real. Com Selynn, parecia ser apenas uma questão de ver quem tinha mais poder. A mulher gostava de ter poder e de usá-lo.

— Você acha que a gente fez aquilo, não acha? — Kylie perguntou a Selynn.

— Quer saber o que eu acho?...

— Parem vocês duas! — falou Burnett, fazendo cara feia para Selynn e depois voltando o

olhar para Kylie. — Kylie, eu sei que não são as responsáveis. Sei que isso não é fácil. No entanto, a descrição detalhada do sangue pode revelar se ele estava matando por esporte ou para se alimentar.

A declaração de Burnett causou uma contração no estômago de Kylie.

— E que diferença faz? Aquelas garotas estão mortas, não interessa mais as razões que ele tinha pra matar.

— Acho que já chega de perguntas. — Holiday pousou a mão sobre o pulso de Kylie, oferecendo apoio moral e um forte fluxo de calma. A torrente de energia calmante desacelerou o coração de Kylie e diminuiu o aperto no peito. Mas não a deixou inteiramente calma. Kylie achava que nada poderia devolver sua paz de espírito naquele momento.

Burnett olhou para Holiday e em seguida para Kylie.

— Isso não mudará o que aconteceu. Mas por hora precisamos de todas as informações possíveis desse delinquente para poder apanhá-lo. Detê-lo antes que aja novamente.

As palavras de Burnett giraram na cabeça de Kylie e despertaram a sua consciência. Duas adolescentes tinham morrido. Violentamente. Então, seria demais suportar mais alguns minutos de perguntas? Não, não seria. Respirando fundo, ela se sentou mais ereta.

Holiday enrijeceu.

— Para um vampiro, você não ouve muito bem. Eu disse que já chega — disse ela.

— Tudo bem. — Kylie pegou a mão de Holiday e apertou-a delicadamente. — Se isso ajudar a deter esse cara, eu aguento. — Mas não largou a mão de Holiday.

Dez minutos depois, aparentemente quando Burnett se deu por satisfeito, extraindo de Kylie cada detalhe do incidente, ele se levantou e olhou para ela.

— Obrigada, Kylie. Sei que não foi fácil.

Ela assentiu e, depois de respirar fundo algumas vezes, decidiu que era hora de fazer as perguntas dela.

— Você acha que a intenção dele era fazer parecer que nós matamos essas garotas? Assim como ele tentou fazer com que acusassem alguém do acampamento por matar os animais?

Burnett balançou a cabeça, discordando.

— Não. Não há nada que nos leve a essa conclusão.

— Você acha que... acha que ele nos seguiu até a cidade?

Ele pensou na pergunta por um segundo.

— Não. Não acho. Acho que encontrou vocês por coincidência.

Holiday apertou a mão de Kylie.

— Eu já disse, isso não foi culpa sua.

— Não, não foi — concordou Burnett. — Isso não tem nada a ver com você, Kylie.

— Então, como parece algo tão... pessoal? — ela perguntou. — Quer dizer, esse vampiro vive aparecendo. No parque e na última sexta-feira. Eu não o vi de fato, mas estou presumindo que seja ele. E mesmo depois daquele dia... senti como se tivesse alguém me seguindo.

— Quando você sentiu isso? — perguntou Burnett.

— Ontem de manhã, quando vim ao escritório antes do café. De início achei que era o lobo, mas...

— Lobo? — Burnett e Selynn perguntaram ao mesmo tempo. Embora ele parecesse preocupado, Sellynn imediatamente começou a arquear as sobrancelhas, tentando ler Kylie novamente. Faltou pouco para Kylie pôr a mão na cabeça e cobrir a testa. Talvez até mostrar o dedo médio para ela.

— Quando foi isso? — perguntou Burnett.

— Alguns dias atrás — Holiday respondeu. — Não era um lobisomem. Kylie disse que parecia manso. Não parecia ameaçador.

— Não era um metamorfo? — perguntou Burnett?

— Não... não tenho certeza. Mas sei que não era Perry. — Kylie hesitou e então se lembrou de qual era o verdadeiro assunto da conversa. — Mas o lobo não é importante. Duas garotas foram mortas e eu... sinto como se fosse culpa minha. Acho que ele estava atrás de mim, não delas.

Burnett voltou a se sentar na cadeira, olhando para ela.

— Não sei por que você se sente assim. Mas se ele estava tentando machucar você, podia ter feito isso aquela noite, na floresta. Não acho que seja algo pessoal. Não contra você. Talvez seja algo contra o acampamento...

— Então por que ele vive aparecendo no meu caminho? Não parece coincidência.

Burnett franziu a testa.

— Não é coincidência. Você se colocou em situações que deram a ele mais oportunidade e com um risco mínimo. E da primeira vez, ele não foi até você. Você é quem foi à reserva onde a Confraria estava. E se ele estava aqui aquela outra noite, e nós não temos certeza se era ele, provavelmente viu você correndo pela floresta e achou que seria uma boa oportunidade. E, hoje, ele provavelmente... estava caçando quando sentiu outros sobrenaturais na cidade. Mais uma vez, você estava sozinha no provador. Ele tirou vantagem disso.

*E encheu os olhos...* pensou Kylie.

— Mas você até comentou que, se ele quisesse me matar aquela noite, teria feito isso, mas nem sequer tentou. Então o que queria comigo?

Burnett hesitou.

— Acho que ele queria mandar um recado para o acampamento. Fazer com que soubéssemos que a gangue não foi embora. Tenho certeza de que a prisão de vários membros da gangue foi um golpe pra eles. Se fossem embora agora, ia parecer falta de coragem. Se ficarem rondando por aqui, pelo menos não perdem sua dignidade. Tenho certeza de que ele achou que matar você traria muitos problemas para a gangue.

Kylie tentou compreender exatamente o que ele dizia.

— Mas ele matou aquelas meninas. Você está dizendo que isso não vai causar problema pra gangue? Isso não faz sentido.

Burnett olhou para Holiday como se pedisse ajuda.

Holiday apertou a mão de Kylie.

— Quando um sobrenatural mata outro sobrenatural, é mais fácil lidar com a ofensa. Temos nossa própria justiça.

— E quando mata humanos? O que acontece? — *Não deixe que eles digam "Nada"*, pensou Kylie. *Por favor, meu Deus, não deixe que eles digam "Nada"*. Ela podia ser em parte sobrenatural, mas ainda era humana também.

— Isso é trabalho da UPF — explicou Burnett. — Mas como dá pra imaginar, pode ser uma situação delicada para a nossa justiça.

Kylie sentiu seus ombros ainda mais tensos.

— Está me dizendo que ele vai se safar dessa?

— Não — disse Burnett num tom mais profundo. — Você tem a minha palavra, Kylie, de que vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que esse sujeito pague pelo que fez.

Exatamente *como* Burnett pretendia fazer isso não estava claro ainda. Nem a própria Kylie sabia se queria saber. Mas algo no jeito como ele disse aquelas palavras convenceu-a de que pretendia cumprir a promessa. E por isso ela estava agradecida.

Nessa noite, os líderes do acampamento marcaram uma reunião com todos os campistas no refeitório, onde serviram pizza e distribuíram sábios conselhos. Burnett falou para que tivessem muito cuidado.

— Mantenham-se nos caminhos e trilhas principais e não atravessem os bosques sozinhos — ele explicou. — Dependendo da quantidade de árvores ou da direção do vento, o cheiro do intruso pode não ser detectado.

Della sorriu para Kylie e depois se virou para Burnett.

— Talvez fosse melhor cancelar o final de semana com os pais — ela sugeriu.

— Ainda faltam duas semanas — disse Burnett, olhando para Della. — Espero que até lá o problema já esteja resolvido.

— Ei, não culpe uma garota por tentar! — resmungou Della.

— Tenho uma reunião com o Conselho Supremo na semana que vem — Burnett continuou. — Espero conseguir alguma ajuda para lidar com o que aconteceu hoje.

Kylie inclinou-se, chegando mais perto de Della.

— O que faz o Conselho Supremo? — perguntou à amiga.

— É uma espécie de Senado composto de anciões de diferentes espécies. — Della sorriu. — Acabei de aprender isso esta tarde. Chris deu uma palestra sobre o assunto no nosso encontro de vampiros.

— Um Senado? Não pensei que todas as espécies se davam bem... — Kylie comentou.

— E não se dão. Mas políticos de partidos diferentes também não se dão bem e mesmo assim se reúnem.

— Tem razão — respondeu Kylie, mas logo outra pergunta lhe ocorreu. — Que tipo de ajuda eles podem nos dar?

— Depende. Chris disse que o Conselho tem que votar até mesmo para saber se o caso vai ser investigado.

— Votar? Duas adolescentes foram assassinadas, como podem dizer não?

Della deu de ombros.

— Você precisa se lembrar de que nem todos os anciões concordam com o jeito de pensar do governo.

— Você quer dizer que alguns deles estão contra a lei?

Della assentiu.

— De acordo com o que disse Chris, a maioria dos anciãos respeita o governo, mas não quer ser controlado por ele. Por isso eles obedecem a algumas regras, mas nem todas — disse Della, arqueando uma sobrancelha.

Kylie balançou a cabeça. Ela já tinha dificuldade para entender a política humana, agora tinha que entender a sobrenatural também?

— Se assumirem o caso, então o que acontece?

— Ou eles deixam que o conselho da espécie acusada puna os responsáveis e tome as providências ou entregam o cara para a UPF. E eu nem quero pensar no que acontece com ele depois.

— Nem eu — admitiu Kylie.

Della relanceou os olhos para a porta e seu humor pareceu mudar.

— Vou voltar pra cabana. Tem algumas coisas que quero fazer.

— Que tipo de coisas? — Kylie se lembrou dos obituários que vira no computador.

— Nada importante — disse Della, desconversando.

Kylie se inclinou na direção da amiga.

— Você nunca seria capaz de matar alguém.

Della fitou os olhos de Kylie.

— Vejo você depois.

— Não quer que eu vá com você? — Kylie perguntou, lembrando-se do aviso de Burnett para que andassem juntos sempre que possível.

— Está de brincadeira? — Della perguntou. — Se alguma coisa nos atacar, eu vou ter que acabar protegendo nós duas.

— Ei... Não sou mais tão indefesa assim! — Depois de pensar no que aquelas duas garotas tinham passado, Kylie não estava encarando tão mal o fato de estar mais forte.

— Só porque derrubou uma porta e não fica mais pra trás quando andamos pelo bosque, não pense que isso significa alguma coisa. — Ela riu, mostrando a Kylie que estava só brincando. — Eu estou bem. Vejo você mais tarde.

Della saiu do refeitório e Kylie observou-a se afastar. Seu coração estava apertado por ela.

Então viu a amiga vampira se virar e mostrar o dedo médio para dois garotos. Não havia dúvida de que tinham falado algo rude ou desagradável.

— Ei — Holiday parou ao lado de Kylie. — Está tudo bem com Della?

— Espero que sim. — Kylie percebeu que a distância que havia entre as duas desde a questão com Burnett tinha acabado. Se tinham conseguido vencer o abismo que se formou entre elas, será que Kylie conseguiria impedir que ele voltasse?

— Está tudo bem com você? — Holiday perguntou.

— Já estive melhor — Kylie disse com franqueza. — Só não consigo parar de pensar naquelas meninas.

— Talvez domingo a gente possa fazer um passeio até a cachoeira — respondeu Holiday.

— Ia ser muito bom. — A ideia de ir até a cachoeira com alguém que sentia o mesmo que ela lhe agradava muito.

Nesse exato momento, Burnett olhou para as duas e Kylie percebeu que Holiday tinha reparado também. Ela se encolheu um pouco, preocupada com a possibilidade de Holiday se lembrar de que estava furiosa com ela.

— Eu preciso me desculpar. — Holiday obviamente tinha lido as emoções de Kylie mais uma vez. — Eu exagerei com relação àquela coisa toda com Burnett.

Surpresa, Kylie encarou a amiga.

— Não, não exagerou, não. Eu estava errada em dizer aquilo a ele.

— Talvez, mas o seu coração estava certo. Quando gostamos de alguém, às vezes ultrapassamos os limites. Eu mais do que ninguém deveria saber disso. Vivo agindo assim! — A voz de Holiday ficou mais tensa. — Hoje, quando Burnett foi me contar que duas adolescentes tinham sido mortas e eu pensei que fossem vocês... Bem, digamos que aquela história toda pareceu uma bobagem. — Holiday passou o braço pelos ombros de Kylie e lhe deu um doce abraço de irmã.

— Obrigada. — Kylie lutou contra o nó de emoção na garganta. — Mas assim você vai me fazer chorar...

Holiday olhou na direção de Burnett.

— Ei, se você chorar, talvez ele saia correndo outra vez. Se eu soubesse que bastavam algumas lágrimas pra fazer Burnett sumir daqui, teria passado as últimas sete semanas chorando.

Kylie sorriu e, quando olhou para o vampiro, ela viu Selynn se aproximando dele e dizendo alguma coisa.

— O que ela ainda está fazendo aqui?

— Não sei ao certo — respondeu Holiday à meia voz. Tenho certeza de que ela quer alguma coisa. E aposto que começa com B, é alto, moreno e bonitão.

Burnett ouviu o que Selynn veio lhe dizer e depois caminhou para a porta junto com ela.

— E talvez tenha acabado de conseguir... — comentou Holiday, com um sentimento de rejeição evidente na voz.

Kylie hesitou um pouco antes de perguntar, mas não se conteve:

— Aqueles dois estão... você sabe...

— Revirando os lençóis? — perguntou Holiday.

— É. — Kylie acrescentou mentalmente a expressão à lista de Della das maneiras de dizer "transar".

— Esta tarde ele veio ao meu escritório e anunciou: "Sei o que parece, mas entre mim e a Selynn, as coisas não são o que parecem. Ou pelo menos não são mais".

— Então eles estavam juntos e não estão mais? — Kylie perguntou.

— Disse que romperam há dois meses. Que nunca foi nada sério.

Kylie arqueou uma sobrancelha.

— E há quanto tempo vocês se conheceram?

— Dois meses.

— Humm...

— Humm o quê? — Holiday perguntou.

— Nada, não — mentiu Kylie. — E você disse o que a ele?

— Disse que não sabia por que ele se achava na obrigação de me dizer alguma coisa sobre Selynn.

— Ele não sabe quando você está mentindo?

— Sabe — disse Holiday com uma risada. Então ficaram um minuto só olhando o movimento no refeitório. — Alguma notícia do fantasma ultimamente?

— Não. Me assusta que... eu talvez esteja entendendo tudo errado.

— Não acho que isso vá acontecer. Ela provavelmente está tentando descobrir um jeito de transmitir o que precisa.

— Espero que sim.

Um barulho de briga explodiu do outro lado do refeitório.

— Do que você me chamou?! — alguém perguntou em voz alta.

Kylie e Holiday olharam para o local de onde veio o barulho e viram dois lobisomens se encarando, prestes a trocar socos.

— Meu trabalho nunca tem fim... — disse Holiday, num suspiro, saindo para apartar a briga.

Kylie observou-a enquanto se afastava e acalmava os ânimos dos dois garotos alterados. Depois de alguns minutos, sentindo-se um pouco solitária, ela viu Miranda conversando com suas colegas bruxas. Sabia que Miranda não se importaria se ela se juntasse ao seu grupo, mas Kylie preferiu não fazer isso. Helen e Jonathon estavam sentados numa mesa, jogando xadrez. Ela podia assistir a Helen arrasando com Jonathon outra vez, graças ao seu talento natural para o xadrez, mas por alguma razão lhe pareceu que os dois estavam felizes a sós.

Ela passou os olhos pelo refeitório e encontrou Derek. Ele estava encostado a uma parede, com os braços cruzados, olhando para ela. Um lento sorriso apareceu em seus lábios. E algo nesse sorriso fez Kylie pensar que ele apreciaria sua companhia.

Ela olhou em volta mais uma vez para ver quantas pessoas poderiam farejar os seus hormônios ou ler suas emoções. Havia gente por todo lugar. O que fazer? O que fazer?!

Olhou de volta para Derek, lembrando-se de como tinha sido bom ficar abraçada a ele aqueles poucos minutos no escritório e pensou... *Que se dane!* Então começou a andar na direção dele.

— Que tal uma pizza à luz da lua? — Derek soprou no ouvido dela quando ela parou na sua frente.

Kylie estava tão perto que conseguia sentir o cheiro da sua pele, recém-saída do banho. Uma visão encheu sua mente: ele dentro do boxe, sobre a pele apenas algumas gotinhas de água. Piscou e a visão desapareceu.

— Isso é como dançar à luz da lua? Então deve ser tentador... — Ela sorriu e então mordeu a língua. Por que sempre que chegava perto dele, só conseguia pensar... nele?

Ele sorriu.

— Pode ser. Com a pessoa certa. E a pizza certa... — Ele riu. — Ei, estou morrendo de fome.

Pegaram dois pedaços de pizza cada um e refrigerante e saíram do refeitório.

— Sei de um lugar perfeito — ele disse, quando deixaram para trás o burburinho e o ar-condicionado do refeitório. A noite estava quente e tranquila. Ele apontou para duas grandes cadeiras de balanço brancas que havia na frente do escritório do acampamento. Ela o seguiu. Estava prestes a se sentar quando o telefone tocou em seu bolso.

Colocando o copo de refrigerante no chão, ela equilibrou o prato numa mão e checou com a outra o número no visor do celular. Franziu a testa quando viu o número do pai e apertou o botão desligar.

— Quem era? — Derek moveu a outra cadeira, deixando-a virada de frente para a dela.

— Meu pai... quer dizer, meu padrasto — ela se corrigiu.

— Você ainda não está falando com ele? — Derek se sentou e pegou um pedaço de pizza de calabresa, mordendo um grande pedaço.

— Não. — Ela enfiou o telefone de volta no bolso e deixou-se cair na cadeira. Seus joelhos tocavam os dele e ela gostou disso.

— Por que não? — ele perguntou, entre duas mordidas na pizza.

Kylie olhou para ele.

— Por que eu ia querer falar com ele? — disse, colocando o prato no colo.

Ele acabou de mastigar e engoliu.

— Porque você gosta dele. Porque enquanto o casamento dos seus pais ia bem, ele foi um bom pai. — Ele apontou o dedo para Kylie. — Foi você quem me disse isso.

— É verdade, mas eu não te contei isso pra que usasse contra mim. — Ela pegou um pedaço de pizza e olhou para o queijo derretido. Sua boca se encheu de água e seu estômago roncou. Graças a Deus ela finalmente estava com fome. Por um tempo achou que o sangue tinha

arruinado sua vontade de comer comida normal.

— Não estou usando isso contra você. — Ele deu um gole em sua bebida. — Estou só... tentando ajudar. Porque, quando você viu o número dele no visor, suas emoções foram só tristeza e solidão. Eu senti lá no fundo. Talvez se você falar com ele, não precise mais se sentir assim.

— Ele traiu a minha mãe. — Ela lutou contra o leve aborrecimento que sentiu com as palavras de Derek e deu uma pequena mordida na pizza. O sabor picante combinado com o queijo derretido aguçou seu apetite.

— Por isso mesmo — disse ele, mordendo outro pedaço da pizza. — Ele traiu a sua mãe. Não você.

Kylie engoliu a pizza e fez cara feia.

— Por que todo mundo vive me dizendo que a infidelidade dele não me afeta? Isso acabou com o casamento deles. Nada mais será igual na minha vida.

Derek estudou o rosto dela por cima da borda do copo e começou a balançar a cadeira.

— Talvez se você falar com ele, um pouco volte a ser como antes. O relacionamento entre vocês dois pode voltar a ser como antes.

Ela devolveu a pizza ao prato, deixando que a frustração acabasse com o seu primeiro sinal de fome depois de vários dias.

— Sabe, para um cara que nem pensa em falar com o próprio pai, você está falando demais. Quero dizer, você colocou um detetive atrás do seu pai e nem assim entrou em contato com ele.

Ela o viu contrair a mandíbula.

— E daí?

Ela estreitou os olhos e sustentou o olhar dele.

— E daí que é melhor você ficar longe disso, ok?...

Derek apoiou os pés na cerca da varanda, deu um empurrão na cadeira de balanço, fazendo-a deslizar para trás, e olhou para ela.

— Até quando você quer que eu "fique longe"? Já tenho até receio de falar com você em público. Já não fiquei longe o suficiente?

A frustração na voz dele era evidente, mas foi a dor em seus olhos que a fez voltar à razão.

*Por que ela estava agindo como uma idiota com ele?*

— Me desculpe — disse por fim. — Não devia ter sido grossa com você. E não quis dizer que não quero que fale mais comigo em público. É só que... eu me sinto... me sinto tão mal-humorada. — Kylie lembrou-se do que Holiday dissera sobre as oscilações de humor que os lobisomens têm antes da lua cheia. Seria por isso que ela estava agindo daquele jeito? Ela olhou para o céu azul-marinho acima deles e fitou a lua, que estava praticamente cheia. Na segunda-feira ela saberia.

Quando olhou de volta para Derek, ele tinha recomeçado a comer. Mas ainda não parecia muito feliz. Nem sequer olhava para ela. Os pensamentos dela desviaram-se do que poderia acontecer na segunda-feira e se concentraram na raiva que tinham acabado de sentir um do outro.

— Ei — ela disse, para chamar a atenção dele.

Quando ele olhou para ela, sua expressão denunciava seu descontentamento.

— Sinto muito mesmo — ela repetiu.

Ele largou o que restava da pizza no prato e tomou um gole do refrigerante.

— Não precisa — murmurou, usando a mão para secar a boca. Seus olhos se fecharam por um segundo. — Você tem razão. Eu também não ia querer ouvir você me dizendo que preciso ligar para o meu pai. É só que...

— É só que...? — ela perguntou.

— Eu sinto tudo o que você sente e isso às vezes é um pouco demais pra mim.

— Ruim demais, você quer dizer?

— Não digo ruim... — ele disse, desviando os olhos.

— Então está tudo bem entre nós? Estou perdoada por ser uma megera? — ela perguntou numa voz suave, quase suplicante.

— Não acho que você tenha atingido a marca de megera ainda. — Ele sorriu. — Mas, sim, está perdoada por ser rabugenta.

Ele colocou o prato sobre a cerca da varanda e se levantou. Apoiando as mãos nos braços da cadeira, inclinou-se sobre ela e a beijou. O beijo não foi ardente, mas a maneira suave como roçou os lábios nos dela fez o coração de Kylie vibrar de emoção. Uma emoção tão deliciosa quanto a pizza que ela tinha abandonado no prato.

— Mmmm — murmurou, ao voltar a se sentar. — Eu não sei se é você ou se é a pizza, mas tem um gosto muito bom...

Ela tocou o rosto dele.

— Você ainda vai gostar de mim se eu for um lobisomem?

— O que você acha? — Os lábios dele encontraram os dela novamente. E desta vez o beijo veio com um toque da língua e fez a pulsação dela ficar ainda mais rápida do que já estava ultimamente.

Mas quando ele se afastou, não estava mais sorrindo. Nem parecia feliz.

— O que foi? — ela perguntou.

— Nada. — Ele se recostou novamente na cadeira de balanço.

Ela fitou a expressão no rosto dele à luz da lua.

— Detesto quando as pessoas fazem isso.

— Fazem o quê?

— Não dizem nada quando é tão óbvio que alguma coisa está incomodando.

Ele deu um suspiro.

— Tudo bem, se quer mesmo saber... Só acabou de me ocorrer que talvez eu não esteja tão ansioso assim para ver você virar um lobisomem.

— Porque vou ficar cheia de pelos? — ela perguntou.

— Não. — A expressão dele ficou mais sombria. — Porque... Lucas é um lobisomem.

# Capítulo Dezoito

Mais tarde, depois de Derek levá-la à cabana sob um silêncio desconfortável, Kylie decidiu ir para a cama cedo. Fazia poucas horas que estava dormindo quando começou a ter um sonho. Ela soube que era um sonho assim que se deu conta da sensação de flutuar. Rolou na cama e tentou de toda forma acordar, mas então ela viu...

Ele.

Outra vez.

Lucas.

Ele olhou para ela e sorriu. Seus olhos azuis brilhantes estavam pesados, sonolentos. Ela percebeu que não estava mais acima dele, mas em pé ao seu lado. Ele usava jeans e uma camisa azul-clara desabotoada. Seu olhar desceu pelo peito dele e depois subiu outra vez. Todo o trajeto, sem reparar na camisa. Seu cabelo preto estava despenteado, como se ele também tivesse acabado de sair da cama, e os fios pareciam um pouco mais longos.

— Você veio... — ele disse.

— Veio onde? — ela perguntou, sentindo-se pouco à vontade.

Ele não respondeu, em vez disso falou:

— Vem, vamos dar uma volta. — Ele estendeu a mão, esperando que ela a pegasse.

Ela hesitou. A ideia de tocá-lo a tentava, mas ela se lembrou de que estava furiosa com ele, embora não soubesse bem por quê.

— Eu não mordo. — Ele sorriu novamente.

Era só um sonho, ela disse para si mesma, e pegou a mão dele, deixando de lado a ponta de raiva que ainda sentia. A palma da mão dele era tão quente contra a dela que a deixou tonta.

— Senti sua falta — ele disse.

Ela não sabia o que dizer, por isso não disse nada. Ou pelo menos não disse que sentia falta dele. Mas ela sentia, sabia que sentia.

— Onde estamos indo? — ela perguntou quando ele começou a andar.

Ele parou.

— Onde você gostaria de ir?

De repente, Kylie percebeu que eles estavam em meio a um bosque; grandes árvores com

flores de aroma adocicado pendiam sobre a cabeça dos dois.

— Paris? Um shopping? — Ele olhou em volta como se só agora notasse o cenário. — Ou gostaria de voltar ao lago, como no último sonho? — A voz dele ficou mais grave e rouca. — É para lá que estamos indo?

O sangue afluiu para o rosto dela. *Como ele sabia sobre o outro sonho*? Então ela se lembrou de que estava apenas sonhando. Nada tinha que fazer sentido. Certo? No entanto, esse sonho parecia ainda mais estranho, diferente.

Ele entrelaçou os dedos nos dela.

— Podemos ir a qualquer lugar, contanto que eu esteja com você. — As íris dos olhos dele pareceram escurecer e suas pálpebras ficaram pesadas.

Ela reconheceu a emoção. Desejo. Fome. Paixão. Ela tinha visto essa mesma emoção quando se beijaram no riacho, perto das pegadas de dinossauro. Mas aquela não tinha sido a primeira vez em que ela vira aquele olhar. Ela tinha visto primeiro no sonho. O sonho em que os dois nadavam — em que ele a tocava.

— Podemos fazer qualquer coisa... porque... — ele se aproximou um pouco mais — porque isto é só um sonho. Não é real. Como da primeira vez. Mas a escolha é sua. Você é quem está no comando.

Ele baixou um pouco a cabeça e seu rosto roçou levemente no dela. Então seus lábios deslizaram pela bochecha de Kylie até encontrar sua boca. Ela deixou que ele a beijasse. De início, ela não correspondeu. Pelo menos não até a língua dele se esgueirar entre seus lábios.

Incapaz de pensar em mais nada, ela se rendeu e começou a corresponder ao beijo. Foi ardente. Foi maravilhoso. Foi só um sonho. As mãos dele acariciavam suas costas e depois a frente do corpo dela. Seus seios ficaram rijos quando ele roçou a palma entre eles.

Então... ela se lembrou de Derek. Forte, gentil, lindo. E se lembrou de Fredericka. Sim, era por isso que ela estava com muita raiva de Lucas.

Kylie se afastou abruptamente. Ela respirava com dificuldade. Ele respirava com dificuldade.

Ela começou a flutuar para longe.

— Não vá embora, Kylie — ele pediu. — Volte, por favor.

Kylie de repente se sentiu totalmente desperta. Sentou-se na cama automaticamente. Seu coração estava acelerado como se ela tivesse corrido uma maratona. As palmas das mãos, suadas. A parte da frente do seu corpo formigava. Todo o seu corpo formigava muito.

Socks, ainda no corpo de gambá, miou aos pés da cama.

— Sonho mais estranho... — ela disse em voz alta e se sentiu bem ao ouvir a própria voz. — Muito estranho mesmo...

Então ela se lembrou da carta de Lucas. A primeira carta.

*Sonhe comigo*, ele tinha escrito.

Seria coincidência?

Possibilidades malucas começaram a se formar na sua cabeça. E se...? E se os lobisomens

tivessem o poder de invadir os sonhos das outras pessoas? E se aqueles não fossem apenas sonhos, mas algo mais? Será que aquele tipo de poder existia?

Quanto mais ela pensava naquilo, mais começava a acreditar e com mais raiva ficava. Como ele ousava simplesmente entrar nos sonhos dela e... beijá-la? Tocá-la? Fredericka não era suficiente para ele? A fêmea de lobisomem sabia que Lucas dava suas escapulidas para visitar Kylie em seus sonhos?

Tantas perguntas e nenhuma resposta. Só havia um lugar onde ela poderia encontrar as respostas.

Acendendo a luz, ela abriu a gaveta com um solavanco e tirou dali a carta. Já tinha aberto o envelope, por isso tirou-a dali facilmente. Piscou para ajustar os olhos à luz.

Oi, Kylie,

Outra carta minha. Pelo que sei, sou a última pessoa do mundo que você quer ver. Mas isso não me impede de escrever para você. Ou de pensar em você. Mas, minha nossa!, eu penso em você o tempo todo — querendo saber se descobriu o que você é e quantos dons tem. Falei com Burnett e, quando perguntei de você, ele só disse que você estava bem. Acho que ele sabia que eu queria detalhes, mas, por alguma razão, não estava a fim de me dar. Isso me fez imaginar o que você anda fazendo que Burnett não quis me contar. Não quero pensar muito nisso, porque estou começando a ficar preocupado.

Talvez você ache que eu sou muito possessivo. Não digo que estou certo, mas fui eu que a encontrei primeiro.

Você se lembra quando nos conhecemos? Você estava no jardim em frente à sua casa, deitada na grama, olhando o céu. Quando cheguei, você nem me cumprimentou. Olhou para mim com os olhos arregalados e cheios de curiosidade e perguntou se eu tinha visto o elefante. No início, pensei que você fosse louca, mas depois você apontou para as nuvens.

Kylie parou de ler quando um fiapo de memória começou a flutuar na sua cabeça. Ela de fato... se lembrava. Respirando fundo, ela continuou a ler.

Eu me lembro de ter dito que não tinha visto nenhum elefante nas nuvens. Mas eu tinha. Não sei por que menti, provavelmente você me deixava nervoso. Eu vi que não era humana, mas não consegui identificar o que você era e isso me pareceu estranho. Não de um jeito ruim. Você era apenas um enigma que eu queria decifrar. Há! Isso já faz dez anos e aqui estou eu tentando te decifrar. Parte de mim se pergunta se não é porque é uma fêmea, as garotas são sempre um mistério, ou se é porque você é mesmo

um grande enigma.

De qualquer maneira, espero que goste da notícia, pois talvez eu esteja voltando para o acampamento. Falei com Burnett a respeito e ele disse que ainda precisava da autorização de algumas pessoas; se derem carta branca, eu posso voltar. Se tudo der certo, poderei explicar melhor depois.

Espero ver você em breve, mas até lá... sonhe comigo.

Seu admirador e amigo para sempre.
Lucas

Kylie largou a carta e só ficou olhando aquelas palavras.

*Sonhe comigo*.

O que significava exatamente "sonhe comigo"?

Será que significava alguma coisa? Mas o quê? Kylie dobrou a carta e enfiou-a na gaveta. Sentia um turbilhão de emoções. Então lhe ocorreu um outro lugar onde podia encontrar respostas. O lugar aonde ela sempre ia quando precisava de respostas. Holiday.

Kylie consultou os números vermelhos e brilhantes do relógio. Ainda era muito cedo. Não eram nem... cinco horas.

Mas o que será que tinha acontecido com o ar gelado que sempre a envolvia ao amanhecer?

Ela olhou pela janela e viu os primeiros sinais do nascer do Sol. Por algum motivo, seus pensamentos se desviaram dos fantasmas e passaram para as duas meninas que tinham morrido no dia anterior. Elas nunca mais veriam o Sol nascer. Nunca mais veriam um novo dia. Ou teriam outro sonho. Ela agarrou o cobertor com as duas mãos e lutou contra a emoção que a consumia.

Mal sua respiração tinha voltado ao normal quando o ar frio invadiu seu quarto como um mau presságio.

— Ok — disse ela, procurando ter a paciência que tanto lhe faltava ultimamente. — Que tal termos uma conversinha? O que você pode me dizer que ainda não sei? Me dê algo em que me basear. Você precisa me dizer algo que me faça descobrir quem precisa de ajuda.

— *Você pode salvá-la.* — As palavras do fantasma encheram o cômodo gelado e o espírito apareceu. Seus longos cabelos negros se espalhavam sobre os ombros. Ela não parecia tão magra ou doente desta vez. E havia algo nela que parecia vagamente familiar. Kylie se perguntou se aquilo significaria algo.

— *Você pode salvá-la. Você não sabe que pode, mas tem essa capacidade.* — disse o fantasma.

— Como eu vou salvá-la? — Kylie perguntou, esperando que isso pudesse ajudá-la a descobrir a identidade da pessoa. Ela precisava de alguma informação, droga, algo que a ajudasse a decifrar a mensagem do fantasma. — Quem eu preciso salvar?

— *Ela está apavorada. Precisa de você.*

— Quem? — insistiu Kylie entredentes. — Só me diga quem e eu prometo que farei tudo para salvá-la. Será que você não entende que eu não posso salvar ninguém enquanto não souber...

— O fantasma se desvaneceu no ar.

— Droga! — Kylie se deixou cair na cama novamente. Ela inspirava e expirava o ar tentando não pensar no quanto se sentia frustrada com o fantasma. Tentando não pensar no quanto estava frustrada com Lucas e com o suposto sonho. Tentando não pensar nas meninas que tinham perdido a vida no dia anterior.

Entre tantas limitações sobre o que pensar, ela finalmente encontrou algo em que podia concentrar sua atenção. O dia da visita dos pais.

Aquele pensamento provocou uma nova onda de frustração que se abateu sobre ela. A mãe não viria. O pai... estava "batendo martelo" com uma garota praticamente da idade de Kylie e ela seria provavelmente a única campista que não receberia a visita dos pais.

Aquilo não fazia dela alguém especial?

— Daniel? — ela chamou em voz alta. — Será que você podia aparecer um minutinho? *Para me dar um apoio moral. Talvez responder a algumas perguntas sobre pais*? Por favor. — Nenhuma resposta. Ela contou até dez. Rezou. E esperou mais um minuto antes de perder a paciência.

Socou o colchão. Era uma coisa infantil e estúpida, mas no estado de espírito em que estava ajudava muito. Tanto, que continuou socando o colchão por vários minutos.

Socks soltou um miado assustado e Kylie o viu ser catapultado da cama. Ela podia ter até lamentado por isso, se não estivesse tão mal-humorada. E foi então que ela se lembrou do que toda aquela oscilação de humor podia significar. Ela, Kylie Galen, podia estar se transformando num lobo dali a dois dias. Será que a vida dela podia ficar mais insana do que isso?

# Capítulo Dezenove

Depois de fazer do seu colchão um saco de pancadas, ela se vestiu, desculpou-se com Socks por agir como uma idiota e saiu da cabana à procura de Holiday.

O ar da manhã estava ficando cada vez mais quente e abafado. Dando as boas-vindas ao verão do Texas, Kylie pensava nas perguntas que faria enquanto percorria a trilha até o escritório do acampamento. A frustração que fazia seu estômago se contrair a impelia a correr, mas por mais ansiosa que estivesse para encontrar respostas sobre seus sonhos, também estava relutante em fazer as perguntas. Holiday, com seu dom de ler emoções, provavelmente saberia de que tipo de sonhos Kylie estava falando.

Porém, sua necessidade de respostas obviamente era maior do que a de evitar constrangimentos, por isso ela continuou andando.

No momento em que Kylie parou em frente à cabana do escritório, ouviu vozes alteradas vindo de dentro. Ela parou perto das cadeiras de balanço brancas onde ela e Derek tinham comido pizza na noite anterior e ouviu. Não para se intrometer em conversa alheia, mas para ter certeza de que Holiday estava bem.

— *O que há de errado, afinal, com o meu dinheiro?* — bramia uma voz masculina, e Kylie imediatamente percebeu que era Burnett.

— *Não há nada de errado com ele* — Holiday respondeu. — *Eu não disse que não ia aceitá-lo. Só pedi algumas semanas pra pensar.*

— *Algumas semanas para tentar encontrar outro investidor, você quer dizer. Me diga que não é isso o que vai fazer.*

— *É isso aí* — ela rebateu. — *É exatamente isso o que eu vou fazer, mas...*

— *Você me odeia e odeia tanto os vampiros que arriscaria até a ver Shadow Falls fechar as portas?*

Kylie recuou quando percebeu que não estava mais só preocupada com Holiday... estava tentando ouvir às escondidas. Sem querer invadir a privacidade de Holiday mais do que já tinha feito, ela desceu os degraus da varanda e afastou-se alguns metros da cabana, até não conseguir mais ouvir a conversa.

— *Não vou deixar Shadow Falls fechar as portas!* — A voz de Holiday ainda chegou aos ouvidos de Kylie. Estremecendo, ela se afastou mais alguns passos.

— *Mas você não pode negar que me odeia, não é?* — perguntou Burnett com rispidez.

— *"Odiar" é um pouco de exagero.*

Kylie olhou para a cabana do escritório a distância, estranhou ainda estar ouvindo e se afastou mais dez passos.

— *Droga!* — xingou Burnett, a voz alta e clara, ainda chegando aos ouvidos de Kylie. Era como se... era como se ela estivesse bem ao lado da porta.

— Isso não é nada bom... — Kylie murmurou, percebendo que não devia mais conseguir ouvir a conversa dos dois. Eles estavam dentro da cabana. Ela estava do lado de fora. E, calculava, a uns bons cinquenta metros de distância.

Ai, Jesus... As coisas deviam estar mudando... de novo. Kylie espiou seus seios para ter certeza de que não tinham crescido mais um pouco. Graças a Deus, pareciam do mesmo tamanho.

— *Eu só quero ajudar* — continuou Burnett, e o mesmo fez Kylie. Continuou a se afastar. Cada vez mais. E mais. O bastante para que a conversa não chegasse aos seus ouvidos.

— *Então me ajude tentando entender* — contra-atacou Holiday.

— *Mas o que, pelo amor de Deus, eu deveria entender? Que você fará qualquer coisa pra se livrar de mim? É por isso que está fazendo isso, não é?*

— *Eu não...* — A voz dela esmoreceu.

— *Porque você tem medo de que, se aceitar o meu dinheiro, terá que me engolir. Se sente tão atraída por mim que é difícil me ver por perto, não é? Droga! Vamos fazer sexo de uma vez e matar a vontade. Talvez assim você consiga conviver comigo.*

— *Você é tão arrogante!* — disse Holiday, com rispidez. — *Fazer sexo com você é a última coisa que quero.*

— *Ah! Finalmente! Agora eu sei que está mentindo* — disse ele. — *Sente atração por mim.*

— Lá, lá, lá, lá — Kylie começou a cantar e cobrir os ouvidos. Ela não queria mais ouvir. Ouvir coisa alguma. Nem um pouquinho. Começou a dar meia-volta e voltar pela trilha que levava à sua cabana.

Passados alguns segundos, ouviu uma porta se fechar com estrondo. Sentiu uma lufada de ar. Ela piscou e quando abriu os olhos Burnett estava ali, ao lado dela, passando a mão pelos cabelos.

— Essa é a ruiva mais difícil, mais teimosa que eu já tive o desprazer de conhecer.

Ele então disparou como um raio, deixando atrás de si apenas um rastro de poeira.

— E você está apaixonado por ela — Kylie sussurrou. Ela não sabia como sabia, mas sabia. E de algum modo percebeu que sentira o mesmo na cachoeira. O sentimento verdadeiro que tinha ouvido na voz de Burnett e visto em seus olhos tinha levado Kylie a lhe dizer a verdade sobre o passado de Holiday. Não que isso anulasse o fato de que não cabia a ela contar o segredo da amiga. Mesmo assim...

Kylie olhou de volta para o escritório e se lembrou das perguntas que tinha sobre os sonhos e da sua recém-descoberta superaudição também. Esse seria um dom dos lobisomens? Ela se lembrou de ter perguntado a Lucas se ele podia ouvir as batidas do coração dela e ele tinha

respondido que a audição dos lobos não era exatamente para esse tipo de coisa, mas para perceber a aproximação de inimigos. Que tipo de capacidade auditiva Kylie teria? Seria a capacidade de um lobisomem ou de um vampiro?

Ao virar a cabeça para o lado, ela tentou ouvir alguma coisa para ver o que mais conseguia escutar. Nada. Claro, ela ouvia os ruídos normais, mas nada parecia alto demais ou fora do normal. Della dissera que ela podia ouvir os animais na reserva de vida selvagem. Kylie não conseguia ouvi-los. Então por que ela tinha conseguido ouvir a briga entre Holiday e Burnett? O que aquilo significava?

Fitando o céu saturado com as cores pálidas do início da manhã, ela tentou aceitar todas as coisas que estavam mudando nela. O problema era que, para entendê-las totalmente, ela precisava saber o que elas eram, poxa vida! Com o peito carregado de emoção, ela começou a voltar para a cabana do escritório, rezando para que Holiday pudesse lhe dar algumas respostas.

— Holiday, sou eu — Kylie chamou, ao entrar no escritório, dez segundos depois.

— Estou na minha sala — Holiday respondeu.

Quando Kylie parou na porta, Holiday estava secando as lágrimas com as mãos. Ela estava chorando.

Seus olhos ainda estavam úmidos das lágrimas de tristeza e seu rosto, corado. Angústia e aflição apertaram o peito de Kylie.

— Você está bem?

— Não é nada — disse Holiday, fazendo um gesto com a mão. — Burnett e eu acabamos de... ter uma briga.

— Eu sei — disse Kylie, decidindo que seria melhor dizer a verdade. — Eu ouvi.

Os lábios de Holiday se apertaram e Kylie não teve certeza se era porque ela achava que Kylie tinha se intrometido onde não era chamada, ou se a expressão era provocada pela frustração que sentia com Burnett.

— Não tive intenção de ficar ouvindo atrás da porta — Kylie falou rapidamente. — Quando cheguei na varanda e ouvi a briga, eu quis ter certeza de que você estava bem, mas depois me afastei, mas mesmo assim... pude ouvir. Então eu me afastei mais ainda. E ainda continuei ouvindo. — Um ligeiro pânico se insinuou na voz de Kylie.

Holiday franziu ainda mais a testa.

— Estávamos falando tão alto assim?

— Não. E isso é que é mais estranho. Eu não deveria ser capaz de ouvir vocês. Eu fui me afastando cada vez mais e mesmo assim...

Holiday arregalou os olhos.

— E mesmo assim podia nos ouvir? Tem certeza de que não estávamos simplesmente falando alto demais?

— Absoluta — garantiu Kylie. — Eu já estava no início da trilha.

— Uau! — exclamou Holiday.

— Uau mesmo! — Kylie deixou-se cair na cadeira. Seus olhos se desviaram para as contas espalhadas pela escrivaninha. A emoção e frustração de Holiday ainda eram palpáveis na sala. Kylie olhou para a amiga. — Está com problemas financeiros?

Holiday fitou o amontoado de contas.

— Alguns. Mas vai dar tudo certo.

— Você vai aceitar o dinheiro do Burnett?

Os olhos de Holiday se estreitaram de preocupação.

— Vou aceitar antes que Shadow Falls seja prejudicado. Mas esse problema não é importante agora. Você é importante. Você está bem com... isso? — ela estudou o rosto de Kylie. — Quero dizer, a audição mais sensível.

— Tenho outra escolha? — Kylie rebateu de mau humor. — Se eu disser que não estou aceitando isso muito bem, vou simplesmente parar de ouvir?

Holiday lançou seu sorriso de compreensão.

— Posso imaginar como tudo isso está sendo difícil pra você. Eu cresci sabendo que certas coisas aconteceriam e esperando passar por algumas surpresas, mas garanto pra você que é sempre um choque. Nessas últimas semanas você tem descoberto muita coisa, hein?

— Nem queira saber... — respondeu Kylie, cobrindo os olhos com as mãos. Quando ela olhou para cima, Holiday a observava. — Eu só queria saber o que sou. Se eu soubesse isso, então... acho que eu tiraria de letra. Estou tão cansada de ficar pensando que sou isso, sou aquilo... — Ela entrelaçou as mãos. — Eu ando... num mau humor ultimamente... estou uma verdadeira megera. Meus peitos cresceram, meus pés estão um número maior e fiquei mais alta da noite para o dia. Agora estou ouvindo coisas que eu não ouvia antes. Você acha que isso significa que sou um lobisomem?

Holiday mordiscou o lábio inferior como se refletisse.

— A superaudição é uma característica dos lobisomens, mas também dos vampiros — embora, como já lhe expliquei, sejam tipos diferentes de audição.

Kylie ouviu com cuidado cada palavra de Holiday, esperando que ela dissesse algo que ainda não sabia. Mas a maior parte ela já tinha ouvido antes.

— Como eu disse — Holiday continuou —, quando há uma mistura de humanos e sobrenaturais, ou de espécies variadas, às vezes os descendentes nascem com diferentes habilidades, mas sempre herdam o DNA e os dons principais do pai dominante. E se encaixam no padrão de uma espécie. Tenho certeza de que o seu padrão logo surgirá. Com todas essas mudanças acontecendo tão rápido, a qualquer momento ele ficará evidente.

Kylie se esforçou para entender.

— Mas você também disse que, se eu fosse um lobisomem ou um vampiro, já deveria ter passado por algumas transições básicas.

— Eu de fato disse isso — admitiu Holiday. — Mas também disse que nunca tinha visto um

caso como o seu.

— Sou simplesmente uma aberração.

— Não. Você é única.

— Eu não quero ser única. — Kylie suspirou. — As fadas têm superaudição?

Um sorriso se insinuou nos lábios de Holiday.

— Não é algo comum. — Ela continuou estudando Kylie, como se lesse sua decepção. — Você gostaria de ser uma fada?

— Gostaria. Quer dizer, se eu tivesse escolha, preferia ser fada ou bruxa. Alguma coisa que... você sabe... não mudasse o meu corpo ou a temperatura dele. — Kylie pensou em Della e em como ela se sentiria se soubesse que Kylie pensava assim. — É muito feio querer isso? Eu amo Della e não quero ferir os sentimentos dela, mas é que... eu preferia ser bruxa ou fada. Porque a maioria dos dons que elas têm não são tão complicados nem é tão difícil conviver com eles.

Holiday deu uma risadinha.

— Está se esquecendo dos fantasmas? Grande parte das fadas e elfos os vê. E, pode acreditar, a maioria dos sobrenaturais prefere morrer a ver espíritos.

— É verdade. — Kylie piscou. — Eu tinha me esquecido disso. E de fato é um pé no saco. No início, eu ficava apavorada, mas agora que já estou lidando com isso faz um tempo... — Ela fez uma pausa e se lembrou da breve visita do fantasma aquela manhã e do pesadelo de alguns dias antes. — Tudo bem, às vezes ainda fico apavorada e frustrada. Mas pelo menos agora estou quase me acostumando.

Holiday apoiou os cotovelos na escrivaninha.

— Seja de que espécie você for, seja quais forem os dons que acabe desenvolvendo, você vai perceber que, com o tempo, essas mudanças ficam menos assustadoras. O que quer que aconteça na segunda-feira, sei que...

— Segunda-feira? Por causa da lua cheia? Agora você acha que sou um lobisomem?

Holiday segurou a mão de Kylie.

— Eu não sei. A única coisa que sei é que você é uma mocinha encantadora e, não importa o que aconteça, tudo vai acabar bem.

Kylie descansou a cabeça no encosto da cadeira, olhou para Holiday e gemeu.

— Eu odeio isso. Realmente odeio. — Então se lembrou do motivo que a levou a procurar a amiga aquela manhã. Ela se endireitou na cadeira outra vez e respirou fundo.

Então mordeu o lábio, tentando se lembrar de como ela pretendia abordar o assunto. Será que não existiria um jeito menos embaraçoso de falar dos sonhos?

— Mais uma coisinha...

Holiday ficou sentada ali, esperando pacientemente.

— Sonhos...? — Kylie só conseguiu articular essa palavra.

— O que têm eles? — A expressão de Holiday era intrigada. — O fantasma vem provocando mais sonhos?

— Não.

— Terrores noturnos?

— Não. — Por mais estranho que fosse, Kylie não tinha terrores noturnos há muito tempo. Quer dizer, se não considerasse as visões do fantasma em sonhos como terrores noturnos.

— Você anda tendo crises de sonambulismo? — Holiday perguntou.

Tudo bem, a coisa ia ficar mais bizarra se ela não começasse a falar.

— Eu tenho tido sonhos estranhos. No sonho, sei que estou sonhando. E no sonho as pessoas que estão no sonho também sabem que é só um sonho. Eu quase sinto como se... como se ele invadisse meus sonhos.

— Ele?

— Lucas. — Kylie sentiu o rosto arder. — É possível que alguém, que Lucas, de fato entre nos meus sonhos? De fato... me visite? Porque é tão real! E se for real, eu quero que ele pare de fazer isso. Quer dizer, nas duas cartas ele menciona os sonhos. E, se for real, ele precisa parar.

Os olhos de Holiday se arregalaram, mas ela não disse nada.

— O que foi?

— Eu... — Holiday hesitou como se tentasse decidir o que dizer.

— Não minta pra mim nem esconda nada, mesmo que seja só um palpite. Só me diga o que você acha que está acontecendo. — Kylie estendeu a mão e colocou-a sobre a de Holiday. — Por favor.

Holiday franziu ainda mais a testa.

— Tudo bem, mas você provavelmente não vai gostar disso.

Ah, mas que ótimo! Não era bem isso que ela queria ouvir.

# Capítulo Vinte

— Ele está fazendo mesmo isso, não está? Invadindo os meus sonhos. — O coração de Kylie se encheu de ressentimento.

Holiday balançou a cabeça lentamente.

— Não acho... quer dizer, é só um palpite, mas provavelmente não é ele.

— Ah, é ele, sim. Eu o vi. Ele fica perto assim de mim — disse Kylie, colocando a mão um palmo à frente do nariz. *E mais perto ainda*. Ela se lembrou de como ele a beijou.

— Não, eu não quis dizer que não seja ele no sonho. Quis dizer que não é ele quem invade os seus sonhos.

Kylie tentou decifrar o que Holiday estava dizendo. Ela continuou.

— O que está me contando é o que costumamos chamar de sonho lúcido, e eu nunca ouvi falar de nenhum lobisomem que tenha essa capacidade.

— Bem, então você agora conhece um, Lucas. — Kylie sentia sua raiva crescer, ao se lembrar do sonho em que eles nadavam. — E o que ele está fazendo... não deveria fazer.

Holiday ergueu a mão.

— ...no entanto, esse é um dom muito comum entre nós que temos capacidade para ver espíritos.

Kylie ficou paralisada ali, olhando para Holiday, sem querer acreditar no que ouvia.

— Você está dizendo... que eu... eu estou fazendo isso?

Tudo bem, Kylie já tinha metido os pés pelas mãos anteriormente, mas nunca tinha chegado a esse nível de insanidade.

Holiday se inclinou em direção a Kylie, com uma expressão de quem quase pede desculpas.

— É, é exatamente isso que eu estou dizendo, Kylie.

Kylie quase engasgou com a golfada de ar que inspirou.

— E a pessoa com que eu estou sonhando, ela..., quer dizer, ela pode se lembrar do sonho? — Seu coração parou quando ela se lembrou do sonho, primeiro aquele em que nadavam, em que praticamente mostrou os seios para ele.

Ok, ela tinha de fato mostrado os seios.

— Algumas se lembram, sim — respondeu Holiday. — Outras não.

*Obrigaaada, Jesuuuus!* Ela, definitivamente, preferia pensar que não!

Holiday continuou.

— Porém, os sobrenaturais se lembram.

*Tudo bem, retiro o agradecimento.*

Kylie queria realmente morrer agora. Então se lembrou de Lucas dizendo, "*Você é quem está no comando*".

— Então... seja o que for que aconteça nesses sonhos... Sou eu que controlo? Sou eu a responsável pelo que acontece no sonho?

Pela expressão de Holiday, ela tinha acabado de perceber a que Kylie estava se referindo.

— As nossas emoções muitas vezes guiam nossos sonhos lúcidos assim como fazem com os sonhos comuns...

— As nossas?... Você... tem sonhos lúcidos também? É, como se diz por aí, sofrimento detesta solidão...

Holiday ergueu a mão direita, juntando o polegar e indicador.

— Tenho pouco talento nessa área, mas, sim, já tive algumas experiências. — Ela esperou alguns segundos antes de continuar. — Você é quem está sempre no comando... se estiver no comando das suas emoções.

Bem, agora é que Kylie estava perdida mesmo. Quantas vezes ela não tinha admitido que não conseguia se controlar quando o assunto eram garotos, beijos, momentos a sós...

Holiday continuou.

— O responsável pelo sonho lúcido é quem arma o cenário para o sonho. Você oferece o roteiro para a pessoa com quem está sonhando, dependendo da sua habilidade, e essa pessoa ou pode recusar o roteiro ou tentar alterá-lo.

A cabeça de Kylie começou a latejar. Sem dúvida, de tensão.

— Mas parece tão real...

— É real, mas ao mesmo tempo não é. — Holiday esticou o braço e pegou novamente na mão de Kylie. Grande parte da tensão se desvaneceu. — Pense nisso como se fosse um filme. Se vai ao cinema com alguém, vocês dois passam pela mesma experiência. Vocês vivem as emoções, mas nada acontece de verdade.

Holiday soltou a mão de Kylie e se recostou na cadeira.

— Estou impressionada com essa sua nova capacidade, Kylie. Realmente impressionada. A capacidade de ter sonhos lúcidos é considerada um dom muito poderoso. Você pode aprender muito com ele e até ensinar outras pessoas por meio desse tipo de sonho. E muito poucos de nós têm a sorte de tê-lo.

— Que sortuda eu sou, então — disse Kylie, sem um pingo de entusiasmo. — Esse dom não é um daqueles que a gente pode devolver, é? — perguntou, sentindo-se sufocada.

— Não, não tem devolução. Receio que já não haja mais tempo para recusar os seus dons. Quando aceitou se comunicar com os espíritos, você aceitou todos eles. — Holiday sorriu. —

Mas, pode acreditar, com o tempo vai aprender a controlá-los melhor. Estou falando sério, Kylie, esse é um dom muito especial.

Kylie cruzou os braços sobre os seus seios de tamanho extragrande e tentou absorver aquilo tudo. As palavras de Holiday martelavam na sua cabeça: *Nunca ouvi falar de um lobisomem que tivesse esse dom*.

— Então... se tenho esse dom, não vou me transformar num lobisomem segunda-feira?

Holiday não disse nada, mas Kylie já tinha visto aquele olhar no rosto da líder do acampamento. E ele era sinal de que ela estava tentando decidir se devia ou não dizer algo e como dizer de um jeito que não fosse tão chocante.

— Fala de uma vez! — insistiu Kylie. A essa altura ela já não se surpreenderia com nada.

Holiday franziu as sobrancelhas.

— Você consegue captar muito bem o que estou sentindo — ela disse. — Muito bem mesmo — reforçou ela, como se aquilo significasse alguma coisa também.

Mas Kylie estava preocupada demais com aquela questão de ser ou não ser lobisomem para prestar atenção no que Holiday poderia estar pensando.

— O que está querendo me dizer agora?

Holiday balançou a cabeça.

— Falo sobre isso com você mais tarde. Mas já vou avisando que são apenas suposições. — Ela fez uma pausa.

— Tudo bem... — Kylie fez sinal com a mão para que Holiday se apressasse.

— Depois da nossa conversa de ontem, quando mencionou o lobo... Bem, Selynn e Burnett me disseram que... existe uma antiga lenda sobre lobos atraídos por lobisomens que supostamente estão numa posição mais alta na hierarquia.

— Então, eu sou algum tipo de lobisomem importante? — Droga, ela não queria nem ser um lobisomem comum, quanto mais um importante.

— Eu disse que estávamos apenas fazendo suposições. Porque, francamente, Kylie, todo o resto, o fato de você nunca ter se transformado, de ter outros dons que não são comuns entre lobisomens, não bate. Especialmente quando se leva em conta que quase todos os lobisomens com uma posição elevada na hierarquia são puros-sangues. Não têm sangue humano. Portanto, como pode ver, eu não quero que você comece a pensar que isso realmente significa alguma coisa. Porque, honestamente, não tenho certeza de nada.

— Ou pode ser que signifique algo muito importante — contestou Kylie, imaginando se um dia ia conseguir decifrar aquele enigma. Ou se estava fadada a passar a vida inteira sem saber o que realmente era.

Antes que Kylie deixasse o escritório, Holiday pediu a ela que a ajudasse a receber os visitantes, distribuindo água e café, e mantendo a ordem no refeitório durante o dia dos pais. Ela teve a impressão de que Holiday estava pedindo ajuda não porque precisasse de fato dela, mas porque

tinha receio de que Kylie voltasse à sua cabana, caísse na cama e se entregasse a uma depressão profunda. Como Holiday podia de fato ler as emoções de Kylie, essa era uma grande possibilidade.

Agora, já preparada para o seu papel de anfitriã, Kylie viu a porta do refeitório se abrindo e vários pais entrando, ansiosos, à procura dos filhos.

Kylie reparou que o plano antidepressão de Holiday tinha uma falha. Ver pais ansiosos entrando no acampamento e abraçando os filhos não era exatamente uma cena animadora. Lembrar-se do telefonema da mãe e de quanto ela tinha ficado chateada por não poder estar presente ajudou-a a afugentar parte da melancolia. Mas aí seus pensamentos saltaram para o padrasto e as razões por que ele não tinha aparecido. Estava ocupado demais "batendo o martelo" com aquela namoradinha desengonçada!

Kylie virou-se de costas para o refeitório e começou a encher os copos de água gelada.

Dez minutos depois, o barulho ao redor aumentou, à medida que mais pais chegavam. Kylie olhou em volta e seus pensamentos se desviaram para sua mãe outra vez. Mas não se detiveram nela por muito tempo. Não. Ela tinha coisas melhores em que pensar no campo de batalha em que se transformara sua mente. Como a descoberta de que tinha se esgueirado pelos sonhos de Lucas e dado a ele um roteiro onde se lia: tirar a roupa, ir nadar e dar uns amassos.

Não que ela estivesse reclamando.

Mas a pior parte, de acordo com Holiday, era saber que Lucas poderia se lembrar desses sonhos também. E, quando ele voltasse para o acampamento — se é que voltaria —, ela teria que encará-lo.

Não. Definitivamente ela não queria pensar nisso.

Agarrou outra bandeja e começou a alinhar os copos para enchê-los com água.

— Você é Kylie, não é? — perguntou uma suave voz feminina, ao lado dela.

Kylie desviou os olhos da bandeja e olhou para cima. A mulher parecia ter cinquenta e poucos anos. Seus cabelos castanhos tinham um corte chanel e seus olhos verdes observavam Kylie com um sorriso.

— Sim, sou Kylie. — Ela se esforçou para corresponder ao sorriso e ficou satisfeita de ter conseguido. Levou mais um segundo para reparar na cor dos olhos e reconhecer a mulher. — Como vai, senhora Lakes?

Kylie olhou ao redor para ver se localizava Derek, achando que a mãe obviamente procurava por ele.

— Eu não o vi ainda, mas tenho certeza de que...

— Ah, ele está ali — disse a senhora, apontando para o lado oposto a que Kylie olhava. Kylie ficou tentada a se voltar para vê-lo, mas algo a impediu. Ela reconheceu a emoção no ato. Culpa. Culpa pelos sonhos.

*Por favor, não me decepcione, Kylie.* As palavras de Derek ecoaram na sua cabeça e ela percebeu que ficaria arrasada se ela mesma soubesse que Derek estava nadando nu em seus sonhos com

outra garota.

Voltando a fixar o olhar nos copos de plástico alinhados como peças de dominó na bandeja, ela torceu para que Derek não estivesse suficientemente perto para ler suas emoções.

A mãe de Derek colocou a mão sobre o braço de Kylie e se inclinou para mais perto dela.

— Eu disse a ele que vinha buscar um copo d'água.

— Ah, aqui está. — Kylie pegou um copo e estendeu-o para ela.

— Obrigada, querida — disse, dando uma piscadinha. — Na verdade, eu só queria te conhecer e dizer... — ela se inclinou outra vez — que ele só fala em você.

O sentimento de culpa que Kylie sentia duplicou, mas dessa vez ela não conseguiu deixar de olhar para Derek por sobre o ombro da sua mãe. Ele fez uma cara de quem estava preocupado com o que a mãe poderia estar dizendo.

— Acho que meu filho tem um carinho especial por você — ela disse.

Kylie voltou a olhar para a senhora Lakes, mas não soube o que dizer.

— Eu...

A mulher sorriu.

— Estou muito feliz que ele tenha feito bons amigos aqui. — Ela olhou para o copo d'água. — Não vou mais constranger você. Obrigada pela água.

Enquanto Kylie observava a mulher se afastar, murmurou para si mesma, "*Eu também tenho um carinho especial por ele...*" E tinha mesmo. Como não gostar de Derek? Ela gostava dele pelo seu jeito espontâneo e descontraído, gostava de ver como ele era agradável com todo mundo e não se achava melhor do que ninguém. E gostava dele por outros motivos também. A imagem de Derek nu no chuveiro passou pela sua cabeça. Ela *realmente* gostava dele...

Mas, então, por que ela não invadia os sonhos *dele*? Por que não era Derek que seu subconsciente buscava para realizar algumas das suas fantasias mais indecentes? Sentindo o rosto queimar de vergonha só de pensar nisso em público, ela olhou para baixo e se concentrou nos copos de água gelada.

— Oi, Fofinha.

Os pensamentos sobre suas fantasias imediatamente se dissiparam. *Oi, Fofinha. Oi, Fofinha*. Percebendo quem estava parado bem atrás, ela congelou. Mesmo que não reconhecesse a voz, só uma pessoa a chamava de fofinha.

Ela se virou e levantou os olhos para o seu pai... padrasto.

— O que está fazendo aqui? — ela despejou, com vontade de se jogar no chão, se encolher como uma bola e começar a chorar.

— O que acha que estou fazendo? Vim ver a minha garota. — Ele sorriu e olhou para ela do jeito que sempre fazia quando ela fazia algo engraçadinho ou quando mostrava o boletim cheio de boas notas.

Ela só tinha vontade de chorar. O aperto na garganta deixava isso muito claro.

— Você não me avisou que vinha. — Aquela era razão suficiente para brigar com ele? —

Você devia ter me falado.

O olhar paterno amoroso rapidamente se transformou num olhar paterno infeliz.

— Eu teria falado se você tivesse atendido aos meus telefonemas — ele disse numa voz descontente. Não era um tom de voz que ele usasse muito, porque geralmente quem reclamava de tudo era a mãe.

— Estava ocupada — ela respondeu.

Os olhos dele se apertaram.

— Nós dois sabemos que eu mandei sete mensagens de voz, dois torpedos e vários e-mails. E eu não acho que você estivesse tão ocupada a ponto de não poder retornar pelo menos um deles. Até liguei para a líder do acampamento!

As lágrimas que ela queria reprimir começaram a se acumular assim como a raiva em seu peito. Mas a raiva era bem-vinda, porque encobria a dor. Kylie olhou nos olhos dele. Ele não tinha direito nenhum de ficar zangado com ela. Direito nenhum de lhe dizer que o que ela tinha feito era errado quando os erros deles tinham arruinado totalmente a vida dela. Arruinado a vida da mãe também.

— Você quer mesmo falar sobre certo e errado? — ela perguntou.

Para crédito dele, a expressão do pai foi do desagrado à vergonha em um milésimo de segundo.

— Acho que a sua mãe andou conversando com você. Droga! Ela realmente não devia lhe contar sobre os nossos problemas.

— O quê?! Você deve estar brincando. Você veio mesmo aqui para pôr a culpa na mamãe?

Ele piscou.

— Eu só... não acho que ela deveria falar sobre...

— Pode parar. — Kylie apertou as mãos para impedir que elas tremessem... ou que ela desse um soco no nariz dele. No momento, não sabia bem o que era mais provável. — A mamãe não me contou nada. — As lágrimas escorriam pelo rosto dela. — Ela não precisou me contar nada. *Você* me contou. Não, espere. Me expressei mal. Você não me *contou* nada. Você me mostrou.

— Do que você está falando, Kylie? — Ele se inclinou para mais perto dela e baixou a voz, como se sugerisse que ela fizesse o mesmo.

Mas ela estava com muita raiva, muito magoada para se importar com quem ouviria a briga entre eles. Ele a tinha abandonado. Tinha abandonado a ela e a mãe por uma vagabunda qualquer. A visão dele e da piranha aos beijos e abraços em frente ao hotel, no centro da cidade, apareceu diante dos olhos dela.

— Bem, primeiro você ficou paquerando a Holiday quando veio me visitar. Aquilo já foi bastante embaraçoso, mas então eu vi você na cidade aquele dia. E não estava sozinho. Vi você e a sua estagiária no centro de Fallen. Você quer saber por que me lembro disso tão bem, papai?

Ele abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas nada lhe ocorreu. Então ela continuou:

— Porque você estava enfiando a língua na boca daquela piranha enquanto ela metia a mão

no bolso traseiro da sua calça. — Kylie piscou e sentiu mais lágrimas escorrendo pelo seu rosto. — Uma cena encantadora! — ela disse com sarcasmo. — É tão tocante ver o próprio pai praticamente passando a mão na bunda de outra mulher no meio da rua!

Instantaneamente, ela percebeu que todo o refeitório tinha ficado em silêncio. Droga! Será que tinha gritado aquilo no meio de todos os campistas e dos seus pais?

Ela olhou ao redor. Todos olhavam para eles. E pela cara de todo mundo não havia dúvida de que tinham escutado.

Tudo bem, agora ela *realmente* queria ter ouvido a sugestão dele de baixar a voz. Então deu meia-volta, sem olhar para o pai, sem olhar para ninguém, e saiu do refeitório, esperando que conseguisse cruzar a porta antes de começar a chorar de fato.

Ela teria corrido, mas exibir sua aptidão sobrenatural para velocista numa hora daquelas chamaria ainda mais a atenção de todo mundo. Então ela foi saindo devagar, fingindo que não tinha percebido as lágrimas umedecendo seu rosto.

Fingindo que seu coração não estava em pedaços.

Fingindo que não havia uns cem olhos fixos nela.

Mas ela não conseguiria fingir por muito tempo.

Aquilo tinha sido muito real... e a feria muito!

# Capítulo Vinte e Um

Kylie ouviu batidas na porta do seu quarto menos de três minutos depois de desabar na cama, puxar as cobertas sobre o rosto e se entregar às lágrimas.

— Vá embora! — ela gritou.

A porta se abriu. Ela descobriu o rosto com raiva, esperando ver Holiday. Mas, não. Derek estava parado ali com um olhar preocupado.

Vê-lo só serviu para que ela chorasse mais ainda. Ela chorava pelo seu pai e chorava porque se sentia muito mal por sonhar com Lucas. Derek aproximou-se da cama e puxou-a de encontro ao seu peito. Se percebeu o sentimento de culpa dela, não disse nada. Só ficou ali, aninhando-a em seus braços. E ela o amou mais ainda por fazer isso também.

Ela enterrou a cabeça no ombro dele e continuou a soluçar. Não se importava de estar molhando toda a camisa dele com suas lágrimas. Era tão bom sentir os braços dele em volta dela e, embora ele não dissesse nada, o jeito como a abraçava lhe dava a certeza de que ele não se importava em manchar a camisa. Isso era bom, porque quando ela começava a chorar, não parava mais.

— Ei? — Outra voz soou na porta do quarto.

Kylie se afastou de Derek e viu Della e Miranda paradas ali.

— Eu posso transformá-lo num sapo se você quiser — disse Miranda, agitando seu dedinho cor-de-rosa. — Ou talvez num gambá. Já tenho prática.

Socks, que estava dormindo nos pés da cama, levantou a cabeça, miou alto como se concordasse e depois se escondeu debaixo da cama.

Della rosnou.

— E eu poderia arrastá-lo para cima de uma árvore e deixá-lo cair de cabeça algumas vezes até ele desmaiar.

Kylie chorou mais ainda e, então, por algum motivo, começou a rir. Secando as lágrimas, olhou para as três pessoas mais lindas do mundo.

— Eu disse mesmo tudo aquilo na frente de todos os pais?

— Disse. Acho que meu pai teve um infarto — Della comentou, com um sorriso de orelha a orelha. — Mas foi bem na hora certa. Porque ele estava me atormentando por causa das drogas

outra vez.

— Minha mãe quase desmaiou — disse Derek, achando graça.

Então todos começaram a rir. Kylie jogou-se contra Derek novamente. Quando ela se afastou, passou as mãos no rosto e olhou para cima.

E foi então que aconteceu. O mundo todo pareceu se abrir para Kylie como nunca tinha acontecido antes.

Ela piscou. A princípio, achou que devia haver alguma coisa errada com seus olhos. Mas estava enganada. Não havia nada de errado. Ela simplesmente conseguia ver dentro da mente de todos eles. Podia ver do mesmo jeito que vira o interior da mente de Daniel também. Ela, Kylie Galen, podia finalmente ver padrões sobrenaturais.

— Eu estou conseguindo ver, gente! Finalmente! — Ela pulava sentada na cama. — Caramba! Estou conseguindo!

— Conseguindo o quê? — perguntou uma voz conhecida perto da porta.

Ele não a chamou de "fofinha" dessa vez, mas ela reconheceu a voz do pai. Ele estava parado ao lado de Holiday, que fitava Kylie com um olhar de quem pedia mil desculpas. Obviamente, o pai a tinha obrigado a levá-lo até sua cabana.

— Posso ter uma palavrinha com a minha filha a sós? — perguntou o padrasto, entrando no quarto.

— Só se ela quiser — respondeu Derek, num tom de voz firme que o fazia parecer mais velho.

Kylie pousou a mão sobre o braço dele.

— Tudo bem.

Derek se levantou da cama, mas não tirou os olhos do pai dela nem por um instante. Para crédito do pai, ele só ficou parado ali e aceitou o olhar zangado de Derek como se soubesse que o merecia. Della chegou a rosnar e Miranda fez um gesto brusco com o dedo mínimo, como se se preparasse para lançar um feitiço sobre ele.

Kylie esperava se lembrar de dar em cada um deles um grande abraço de agradecimento mais tarde.

— Vamos lá, pessoal — disse Holiday, acenando para que saíssem do quarto. Depois que todos tinham saído, Holiday estendeu o braço para a maçaneta da porta, ao mesmo tempo que fitou Kylie nos olhos com um ar preocupado.

Kylie dobrou os joelhos junto ao peito e abraçou os tornozelos. O coração devia estar acelerado, porque ela o sentia bater na garganta. Olhou então para os próprios joelhos cobertos pelo jeans e não para o pai, porque isso só lhe causaria mais dor.

Além disso, se olhasse para ele, poderia começar a chorar de novo e ela não queria fazer isso.

Ele se sentou ao lado dela, na cama de solteiro. Pelo canto do olho ela o viu entrelaçar as mãos sobre o colo. Ouviu-o respirando fundo. Ela respirou fundo também.

E fechou os olhos.

Cedo ou tarde, um deles tinha que falar. Mas pela primeira vez ela decidiu não ser a pessoa mais adulta ali. Deixou que ele se encarregasse de tudo.

— Estraguei tudo — ele finalmente disse. — Nunca pensei que eu pudesse estragar tudo desse jeito.

Abrindo os olhos, ela se obrigou a olhar para ele. A primeira coisa que notou era que ele parecia seu pai de novo. Não estava usando jeans apertado. Seu cabelo estava penteado para trás, em vez de espetado com gel. E ele ainda tinha luzes no cabelo, mas agora não pareciam tão ruins.

— Não culpo você por estar furiosa comigo, mas eu te amo de verdade, Fofinha. — Ele pousou a mão no joelho dela e seu toque enviou pequenas alfinetadas de dor ao seu coração. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Ela piscou, mas não confiou na firmeza da própria voz a ponto de dizer alguma coisa. E, mesmo que confiasse, não estava certa do que dizer.

— Eu nunca quis magoar você — ele continuou. — Nunca pensei que você estaria na cidade aquele dia. — Ele balançou a cabeça, fechou os olhos e, quando os abriu, ela viu algo que nunca tinha visto antes. Seu pai estava chorando. Lágrimas de verdade. A dor em seu peito duplicou.

— Não sei o que deu em mim, Kylie. Perdi a cabeça. Fiz 40 anos e então sua avó ficou doente e morreu. — Ele inspirou o ar. — Tudo o que eu pensava era que estava ficando velho. Então Amy, a garota do escritório, começou a flertar comigo e me fez esquecer tudo por um tempo. — Soltou uma golfada de ar. — Fez com que eu esquecesse que as pessoas mais importantes do mundo para mim são você e a sua mãe.

Kylie sabia que era a vez dela de falar, mas ainda não sabia o que dizer. Não podia dizer que o perdoava, porque não era verdade. Então um pensamento lhe ocorreu.

— E a sua namorada terminou com você? É só por isso que você está aqui agora?

— Terminou. — Ele parecia envergonhado. Kylie se surpreendeu ao ver que ele nem tentara negar. — Mas não é por isso... Eu já tinha percebido o quanto confundi as coisas antes de terminarmos.

Ela se lembrou da mãe lhe dizendo que o pai merecia alguém que o amasse tanto quanto ele a amara todos aqueles anos. Foi nesse momento que ela sentiu uma pequena parte dela se rendendo. Ela não podia ficar com raiva dele para sempre. Simplesmente não podia. Talvez *estivesse* pronta para perdoar.

Ele estendeu o braço e afagou o cabelo dela, como sempre fizera durante toda a sua vida.

— Amo você, Kylie. Você é minha filha.

*Não, não sou*. Ela se lembrou de que ele tinha feito a mãe prometer que não contaria a ela sobre o seu pai verdadeiro e a raiva voltou.

Ela esfregou as bochechas para secar as lágrimas. Depois ofereceu a ele a única coisa que tinha dentro dela.

— Estou magoada e com muita raiva de você agora. Quando parar de doer tanto, talvez eu consiga te perdoar. Mas não agora.

Ele concordou com a cabeça. E ela viu uma lágrima cair dos olhos dele. Ele a limpou e depois se inclinou e pressionou os lábios suavemente na testa dela.

— Amo você, Fofinha. Só não se esqueça disso.

Quando Kylie o viu se levantar para ir embora, ela percebeu que não conseguir perdoar uma pessoa não significava deixar de amá-la. Ela deu um pulo da cama e enlaçou o pescoço do pai. Ele a abraçou de volta. Um abraço apertado. E foi tão bom chorar no ombro dele... Lágrimas grossas. Lágrimas de dinossauro, como ele dizia quando ela era pequena.

Ela sabia que em poucos segundos ela teria que deixá-lo partir, e que ainda não tinha dito que o perdoava, porque não tinha. Mas durante alguns segundos ela queria sentir que o pai a amava. E, embora ainda não estivesse pronta para dizer coisa alguma, ela esperava que ele entendesse que ela ainda o amava.

Alguns minutos depois de o pai ir embora, Kylie ainda estava estirada na cama quando Holiday bateu na porta.

— Você está bem? — A cabeça de Holiday apareceu na porta.

— Estou tentando ficar.

Kylie ainda não tinha parado de chorar. Mas algo no abraço do pai tinha aliviado um pouco da dor.

— Se importa se eu lhe fizer companhia ou prefere ficar sozinha?

— Uma companhia seria bom. — Ela olhou para Holiday. — Está todo mundo aí fora ainda?

— Não, só eu — disse Holiday, entrando no quarto. — Eu os fiz voltar e passar mais um tempo com os pais.

— Ótimo — disse Kylie. Depois ela se lembrou da cena que tinha feito no refeitório. — Me desculpe por tudo. Eu simplesmente surtei.

— Não se preocupe... — Holiday sentou-se na cama, ao lado de Kylie. — Precisamos de um pouco de ação por aqui também. Como sempre digo, se algo fora do comum não acontecer a cada quinze minutos, é porque tem algo errado aqui — ela riu.

Kylie sorriu e depois se lembrou; o entusiasmo encheu seu peito.

— Eu consegui. Eu... — Ela arqueou as sobrancelhas e olhou para Holiday. — Estou conseguindo agora. Posso ver o seu padrão. Você tem algumas linhas horizontais e... figuras triangulares do lado esquerdo.

— Isso é maravilhoso! — exclamou Holiday, abraçando-a. — Eu sabia que uma hora ia acontecer. Parabéns!

— Mas isso significa que também estou me abrindo para as outras pessoas? Elas podem me ler agora e não vou parecer mais uma fresca esnobe? E posso... ai, Deus. — Ela começou a ter esperança. — Você pode ver o que eu sou? Olhe pra mim e me diga!

Holiday olhou para a testa de Kylie. A expressão dela respondeu à pergunta de Kylie antes que ela pudesse abrir a boca.

— Desculpe, mas você ainda é uma fresca esnobe. — Holiday riu. — Mas agora acontecerá a qualquer momento. Essa abertura requer mais prática. Você ainda está fazendo seus exercícios de visualização?

— Não com tanta frequência quanto deveria — ela admitiu. — Mas prometo que vou me esforçar mais.

— Você continua com a audição supersensível?

— Não. Por quê? Isso significa alguma coisa? — Será que Holiday sabia de algo que não estava dizendo? Será que ela voltara a achar que Kylie era um lobisomem?

— Não. Estou só curiosa. — Holiday estendeu a mão e arrumou uma mecha do cabelo de Kylie atrás da orelha. — Você está bem mesmo? Passou por maus momentos nos últimos dias.

— Nem me diga. — Kylie voltou a pensar nas garotas que tinham morrido. Ela olhou para Holiday. — E se... O que eu faço se aquelas garotas da cidade, os espíritos delas, quero dizer, quiserem pedir a minha ajuda.

— Isso não vai acontecer — garantiu Holiday, pegando nas mãos de Kylie.

— Como pode ter tanta certeza? Se os espíritos delas ainda estão aqui...

— Não vai acontecer — disse Holiday com mais certeza ainda.

E foi então que Kylie compreendeu.

— Elas te procuraram?

Holiday assentiu.

— Eu estou ajudando as duas a fazerem a passagem. — Então a líder do acampamento deu um grande abraço em Kylie. Seu efeito calmante era surpreendente.

— Agora, vamos falar de você outra vez — disse Holiday. — Está tudo bem?

— Não totalmente — respondeu Kylie, e depois revelou mais um fragmento de verdade que Holiday tinha o direito de saber. — Você estava certa. Eu me sinto um pouco melhor agora que vi meu pai. Mas ainda não o perdoei. Ainda estou furiosa, mas... sei que ele me ama. E eu o amo. E mais cedo ou mais tarde tenho certeza de que o nosso relacionamento vai voltar quase ao normal.

Holiday se inclinou para mais perto de Kylie.

— Também é normal surtar de vez em quando.

— Estou começando a me perguntar se algum dia vou saber o que é normal outra vez. — Kylie levou o dedo à boca e roeu o canto da unha.

— Bem, se você um dia soube, agora não gosta mais disso — brincou Holiday.

— Eu só quero descobrir todo esse mistério com o fantasma, se alguém realmente precisa da minha ajuda ou não. Esses fantasmas fazem ideia do que nos fazem passar?

— Acho que não. — Holiday tocou o braço da amiga. — Mas eu realmente acredito que tudo vai ficar bem.

Por alguns minutos, as duas ficaram em silêncio. Kylie olhou para Holiday recostada na cama.

— Posso perguntar uma coisa?

Holiday arqueou uma sobrancelha para ela.

— Não envolve Burnett, não é?

— Não. Mas envolve garotos.

— Tudo bem, manda. — Holiday se endireitou na cama.

— É... normal a gente realmente gostar de uma pessoa e mesmo assim se apaixonar por outra?

— Está se referindo a Derek e Lucas, não é?

— É — disse Kylie, franzindo a testa. — Mas eu gosto mais quando não menciono o nome deles.

— Tudo bem. Sem nomes, então. Dois garotos. — Ela levantou o dedo indicador. — Primeiro, nem sempre podemos controlar a atração que sentimos por outras pessoas. Veja minha tia Stella, por exemplo. Ela é casada com o meu tio há 50 anos, mas é louca pelo ator Tom Selleck. Compra todos os DVDs dele e todas as séries de TV em que atua, passa horas todas as semanas diante da sua TV de 50 polegadas. — Holiday olhou para Kylie, como se percebesse que a história toda do Tom Selleck não estava adiantando muito. — Acho que eu já disse isso antes. Você é muito jovem para se preocupar com essas coisas.

— Você está errada — disse Kylie. — Por que eu não deveria me preocupar? Só porque sou jovem, isso não significa que não seja importante ser leal a uma pessoa. E mesmo sendo jovem dói quando alguém não é leal com você. Doeu muito quando Trey me trocou por outra garota. Doeu em Perry quando Miranda beijou outro cara e eles nem estavam juntos ainda. Tudo bem, admito que nesta idade as consequências não são tão desastrosas... como meu pai traindo minha mãe, mas ainda assim magoa. Então eu tenho que me preocupar, porque não quero magoar ninguém.

— Minha nossa! — Holiday franziu a testa e se levantou. — Falando assim, vejo que você tem razão. A errada sou eu. Me desculpe.

Kylie ficou olhando para a líder do acampamento por um momento.

— Eu acho muito legal você admitir que está errada. — *Os adultos nem sempre fazem isso*.

— Tudo bem se eu tentar dar mais um conselho? — Holiday perguntou.

Kylie concordou e Holiday refletiu por um instante.

— Posso apostar que isso tem a ver com o sonho que teve com Lucas.

— Pode apostar. Mas não vou confirmar nem negar.

Holiday sorriu.

— Kylie, você não fez isso de propósito. Nem sabia que podia entrar no sonho dele. Então, na verdade não tem culpa. E o fato de você se sentir atraída por mais de um rapaz é completamente normal. Eu conheci três caras que, bastava eu começar a pensar, e já começava a sentir um calor...

Kylie pensou com seriedade nas palavras de Holiday.

— Mas você sente isso mesmo quando realmente gosta de uma pessoa?

— Sinto. Mesmo quando eu estava noiva, ainda gostava de admirar um cara boa-pinta. — Ela fez uma pausa. — Só porque tem um compromisso com uma pessoa ou é fiel a ela, isso não significa que não possa se sentir atraída por outra. Significa que você não pode controlar esse

sentimento de atração. — Ela sorriu. — Minha tia Stella, ela costumava dizer ao meu tio que era melhor ele rezar para Tom Selleck não aparecer na casa deles, convidando-a para sair. Mas a verdade é que sei que ela recusaria o convite. Ela ama meu tio Harry.

Holiday fez uma careta.

— Mas não me pergunte por quê. Ele é careca, barrigudo e ronca. — Ela deu uma risada. — Mesmo assim, tenho certeza de que essa mulher tinha fantasias realmente quentes com Tom.

Kylie riu e, então, ambas reclinaram-se na cama.

A parte mais larga da cama oferecia espaço suficiente para que as duas se esticassem no colchão, com os ombros se tocando. Por um segundo não falaram. Kylie olhou para o teto e finalmente formulou outra pergunta.

— Burnett é um dos caras que te dão esse calor?

— Sem perguntas sobre Burnett, lembra?

— Tudo bem — disse Kylie. — Mas seu eu fosse mais velha, ele me daria calor.

Holiday achou graça.

— Daria em você e em quase todas as mulheres. Incluindo Selynn. — Sua voz tinha perdido o tom bem-humorado.

O silêncio reinou novamente. Talvez tenha sido a menção a Selynn e Burnett que levou Kylie à segunda pergunta.

— Lucas me disse nas cartas que estava tentando conseguir permissão para voltar ao acampamento. Você acha que ele vai voltar?

Holiday hesitou.

— Ele vai estar aqui amanhã ou terça.

— Fredericka vem com ele?

— Vem.

— Que ótimo! — Kylie murmurou. Então, se ela de fato se transformasse num lobisomem, Fredericka, que também estaria na forma de lobo, provavelmente a perseguiria e fatiaria seu traseiro. Seu dia estava ficando cada vez melhor...

# Capítulo Vinte e Dois

Naquela tarde, Kylie decidiu não aparecer no piquenique que os campistas fariam às margens do riacho, num trecho onde era possível nadar. Primeiro, ela não tinha uma roupa de banho que ainda lhe servisse; segundo, queria fazer alguns telefonemas para ver se conseguia localizar os Brightens, que talvez soubessem alguma coisa sobre o seu verdadeiro pai. E, terceiro, bem... ela esperava que o fantasma aparecesse outra vez. Algo na maneira como o espírito da mulher apareceu quando ela falava com a mãe lhe pareceu muito esquisito.

Kylie sabia que não devia ficar obcecada com a ideia de tentar adivinhar quem estava em perigo. Mas, lá no fundo, ela já estava obcecada. Será que o fantasma estava falando da mãe dela? Será que sua mãe estava em perigo?

Preocupada com essa possibilidade, Kylie tinha telefonado para a mãe. Duas vezes. Mas o celular dela estava desligado. Provavelmente porque estava no avião. Kylie se sentou diante do computador, tentando se convencer de que estava tudo bem, e pegou a lista de telefones que imprimira. Seu celular tocou. Com esperança de que fosse a mãe, ela pegou o telefone sem checar o identificador de chamadas.

— Mãe?

— Não é a sua mãe. É Sara.

— Ah, oi! — respondeu Kylie, tentando decidir qual das muitas emoções com relação a Sara ela devia deixar que dominasse a conversa. Havia a tristeza porque Sara, que ela considerava sua melhor amiga há anos, não retornava os seus telefonemas há quase um mês. Havia a preocupação de que a amiga estivesse passando por alguma situação difícil. E havia também a melancolia que sentia porque sabia que a amizade entre as duas nunca mais seria a mesma.

Quando o silêncio começou a pesar, Kylie resolveu abrir a boca.

— Minha mãe disse que viu você no supermercado outro dia.

— É, foi mesmo. Ela parecia muito bem. Gosto do novo visual dela e do corte de cabelo. Ela me disse que você sugeriu uma mudança no visual.

— E ela fez isso? Não tinha me contado.

— Ah, espero não ter estragado a surpresa dela.

— Não, foi melhor você ter me avisado. Ficou bom? Ou ficou ridículo?

— Ficou bom. Ela parece... mais jovem, acho. Sabe, como se estivesse pronta para começar a ter encontros.

— Encontros? — Kylie sabia que essa era uma possibilidade, ela até chegara a sugerir isso à mãe, mas por alguma razão agora a ideia lhe dava um frio na barriga.

— Ela *disse* isso ou você está só imaginando?

— Não, ela não disse nada. Só parecia, sabe, como uma mulher que quer ser notada por um homem. Jeans e uma blusa justa que destacava os seios. Eu quase não a reconheci.

Sara estava dizendo que a mãe dela estava se vestindo como uma piranha? Não era esse tipo de mudança no visual que Kylie sugerira. Percebendo que a conversa tinha minguado novamente, Kylie tratou de falar para quebrar o silêncio.

— Minha mãe disse que você parecia... — Kylie quase mentiu e disse "bem", mas no último minuto decidiu falar a verdade. — ...mais magra. Está fazendo regime de novo?

Sara era a primeira a tentar qualquer dieta nova de Hollywood: baixas calorias, nada de carboidratos, só frutas às terças-feiras, só arroz integral às quartas, quanto mais maluca melhor. Mas isso não queria dizer que ela se dedicasse a qualquer delas por muito tempo.

— Na verdade, não — respondeu Sara. — Acho que são os anticoncepcionais. Ouvi dizer que eles engordam, mas em mim parecem surtir o efeito contrário.

Sara estava tomando pílulas? Kylie mais uma vez se deu conta de quanto as coisas tinham mudado entre elas. A sua velha amiga Sara certamente não teria deixado de contar a Kylie algo tão importante quanto começar a tomar pílulas.

Mas Kylie também não andava com disposição para contar nada a Sara ultimamente. Claro, tentar explicar a uma pessoa normal como se sentia por ainda não ter identificado seus dons paranormais era um pouco, ou melhor, muito mais difícil do que falar sobre anticoncepcionais.

— Sua mãe concordou que você começasse a tomar? — Kylie perguntou, sabendo que a mãe de Sara era uma religiosa fanática e estava sempre pregando contra o sexo antes do casamento.

— Está brincando?! Ela morreria se descobrisse. Eu fui ao médico e falsifiquei a assinatura dela.

Kylie já tinha ouvido falar de algumas meninas que faziam o mesmo para burlar a lei texana que exigia a assinatura de um dos pais para que uma adolescente tomasse pílulas anticoncepcionais.

Uma outra longa pausa se seguiu.

— Então, com quem você anda saindo? — Kylie perguntou.

— Uns carinhas por aí. — Sara parecia propositalmente evasiva. Kylie não pôde deixar de se perguntar se Sara também não estaria fazendo sexo com os tais carinhas. Se a amizade entre elas fosse como antes, ela teria perguntado.

— Então — disse Sara — você está voltando pra casa daqui a algumas semanas? A droga do acampamento está chegando ao fim? Chega de ser um osso duro de roer, hein?

O comentário não a agradou muito. Obviamente, Trey tinha contado a Sara sobre o apelido

que os campistas tinham, pois Kylie não se lembrava de ter mencionado nada a respeito.

— Na verdade, só vou para casa passar o final de semana. E eu realmente gosto daqui. — Kylie não disse nada sobre a possibilidade de o acampamento se tornar uma escola, simplesmente porque não estava a fim de entrar no assunto. Mas fez uma prece silenciosa para que a mãe concordasse. A ideia de voltar para a sua antiga escola e não ter a antiga Sara ao seu lado era quase insuportável.

— Quer dizer que gosta mesmo daí? Você no começo detestava! Não dizia que estava cercada de aberrações? — Sara parecia chocada.

*Isso foi antes de eu descobrir que sou uma aberração também. Bem, não uma aberração, mas não sou humana também.*

— É, as coisas mudam. — Kylie se referia também ao relacionamento com sua ex-melhor amiga, não só ao que sentia pelo acampamento.

— É, estou vendo. — Outra pausa. — Bem, me mande um torpedo quando tiver chegado e vamos ver se nos encontramos.

Sara não tinha nem mesmo dado certeza de que iriam se encontrar. Aquilo doeu. Mas tentando não dar atenção ao sentimento, ela respondeu:

— Certo. Eu mando. — Embora não tivesse certeza de que mandaria. Um encontro com Sara podia ter um clima tão estranho quanto o telefonema.

— A minha mãe está me chamando para ajudar com os pratos — disse Sara.

Kylie não tinha ouvido ninguém chamar ao fundo. Não que ela não estivesse louca para desligar também. Tinha sido um telefonema difícil. Realmente difícil.

— Tudo bem, até mais — respondeu Kylie. *Seja feliz. Foi um prazer conhecê-la.*

Tão logo Kylie desligou, o telefone tocou novamente. Desta vez, ela verificou quem estava ligando.

Derek?

Ele normalmente não ligava para ela.

— Oi, o que aconteceu? — ela perguntou com uma ponta de preocupação.

Um frio fantasmagórico invadiu o quarto enquanto ela esperava Derek falar. Sentiu uma onda de vertigem tão grande que teve que se agarrar à mesa do computador. Ela já tinha passado por isso vezes suficientes para saber que teria uma visão de algo que estava prestes a acontecer.

Ou que estava acontecendo, ela se corrigiu ao ver um caixão no lugar onde segundos antes estava a mesa da cozinha. A mulher no caixão era o fantasma. Ao redor dele, havia pessoas chorando.

— Kylie? — soou a voz de Derek, do outro lado da linha.

— Oi. — Ela olhava para o caixão e as pessoas, tentando adivinhar o que o fantasma estava querendo lhe mostrar com aquela cena. Porque era essa a intenção dele, não era? O fantasma estava tentando lhe dizer alguma coisa. Mas o quê?

"*Estou com medo, mamãe.*" Atrás do caixão, Kylie viu uma garotinha estender o braço e tocar a

mão da mãe.

"*É só a vovó.*" As duas se aproximaram do caixão.

— Kylie, você está aí? — Derek parecia aborrecido... ou algo assim.

Ela se lembrou de ter estranhado a ligação de Derek. Não era típico dele ligar para ela.

— Sou eu. Está tudo bem? — Kylie perguntou, e sua concentração em Derek fez a visão ir se apagando como uma velha fotografia. Ela foi perdendo as cores e ficando monocromática, como se a cena tivesse acontecido muito tempo atrás. Então a visão foi ficando mais fraca, quase transparente. — Não vá embora! — Kylie pediu.

— Ir embora pra onde? — perguntou Derek.

— Não você — ela disse, mas já era tarde demais, só um vago contorno da cena persistia. A mulher segurando a mão da garotinha virou-se de costas. Kylie viu seu rosto de relance, mas algo em sua aparência parecia familiar.

Balançando a cabeça, e se lembrando de que Derek ainda estava na linha, ela perguntou:

— Está tudo bem?

— Não — ele respondeu. — Não está tudo bem.

— Por que não?

— Você não está aqui.

Ela revirou os olhos.

— Pensei que estava falando sério.

— E estou. Andei procurando você a tarde toda, achando que estaria aqui.

— Mas eu queria...

— Por favor — ele pediu. — Eu... — Sua voz ficou mais baixa. — Nunca vi você de biquíni.

— E nem vai ver. A parte de cima de nenhum biquíni me serve mais, lembra?

— Nem me lembre... — ele disse, fazendo graça.

— Você é terrível! — ela o repreendeu, sem falar sério. Ela gostava de saber que ele se sentia atraído por ela.

— Então coloque um short e uma camiseta e venha.

Kylie mordiscou o lábio. Olhou para a tela do computador, que mostrava a lista dos Brightens de Dallas para quem ela não tinha telefonado ainda. Della e Miranda estavam ajudando, mas ainda faltavam muitos.

— Por favor?! — ele choramingou.

O tom de súplica ecoou na voz dele e ela sentiu que se rendia. Além de querer deixar Derek feliz, ela se lembrou de que agora podia ler os padrões cerebrais e achou que ver todo mundo seria divertido. Podia comparar os padrões.

— Você teve um dia difícil — continuou Derek. — Merece se divertir e tomar um pouco de sol.

*Tive alguns "meses" difíceis...*

— Daqui a uns minutinhos estou aí.

— Sério? — ele perguntou, quase como se estivesse surpreso ao ver que ela tinha concordado. Será que não sabia o quanto ele significava para ela?

— Sério — ela disse, sorrindo. O sorriso a aqueceu tanto por dentro quanto por fora. A memória de como ele a defendera do pai veio à tona em sua mente. E nesse instante ela soube que, da próxima vez que ele a pedisse em namoro, ela diria sim.

Foram necessários uns quinze minutos para ela decidir que shorts e camiseta vestir. Ela queria parecer bonita. Muito bonita. Talvez ela e Derek pudessem dar uma escapadinha juntos e... e, com sorte, ele perguntaria de novo se ela queria ser sua namorada. Ah, quem sabe até ela mesma podia perguntar isso a ele.

Quando percebeu quanto tempo tinha se passado, disparou para a porta. O caminho mais curto para o riacho era pelo bosque, então optou por ele. A rapidez com que andava surpreendia até a ela mesma. A coordenação entre pés e olhos a cada passo que dava e cada vez que contornava uma árvore era assustadora.

Embora rapidez e agilidade não fossem qualidades que um dia ela sonhara ter, não podia deixar de sentir um certo orgulho dos seus novos talentos. Tudo o que ela queria era saber a que espécie aqueles novos talentos pertenciam.

Ela estava a meio caminho do riacho quando sentiu. A mesma sensação de estar sendo seguida. Os pelos da sua nuca se eriçaram. Lembrou-se do aviso de Burnett para que só andassem nas trilhas e ficassem longe dos bosques.

Tentando ouvir, e esperando ouvir qualquer coisa que não fossem passos sobre o chão de terra, ela se sentiu melhor quando os sons normais da floresta encheram seus ouvidos. Quem quer que estivesse por perto não parecia um presságio tão ruim a ponto de silenciar os passarinhos e os insetos.

Não que ela estivesse disposta a pautar a sua vida na sabedoria dos passarinhos e dos insetos. O sentimento era forte demais... havia alguém ali. Como ela deveria agir?

A lógica dizia para ela continuar seguindo em frente; voltar só iria servir para distanciá-la ainda mais de quem pudesse ajudá-la, caso estivesse mesmo em apuros. Seus pensamentos voaram para as garotas que tinham perdido a vida na cidade e, por mais incrível que pareça, ela começou a correr ainda mais rápido.

Em menos de um minuto estava em meio a uma clareira. O brilho do sol ofuscou seus olhos e ela pôde ouvir os outros campistas rindo e mergulhando na água. Ao ver que ninguém a atacava, que nenhuma presença maligna aparecia, usando uma camisa ensanguentada e tentando arrastá-la para a floresta, ela se perguntou se a sensação de ser observada não seria coisa da sua cabeça. Será que estava paranoica?

Ela parou na clareira, ao lado de uma árvore, para recuperar o fôlego, sentindo-se totalmente extenuada com a corrida. A respiração tinha quase voltado ao normal quando viu Derek se aproximando. Ele usava apenas uma sunga. O peito, nu e molhado como na outra noite em que

ela o vira no chuveiro. A sunga era de um modelo comum, um pouco folgada para ele, até um pouco larga na cintura, mas estava tão molhada que se moldava perfeitamente às suas formas. Como ela sabia como ele ficava sem ela, Kylie quase perdeu o fôlego outra vez.

— Ei — ele a saudou e, quando seu olhar pousou na boca de Kylie, ela soube que ele queria beijá-la. Ele olhou em volta e viu que tinham uma plateia. Então, em vez de beijá-la, ele estendeu o braço e pegou a mão dela.

— Vem, a água está ótima!

E estava mesmo. Durante toda a hora seguinte, Kylie jogou voleibol na água, mergulhou no riacho, observou o padrão mental de todo mundo e se esqueceu completamente dos problemas que pesavam sobre os seus ombros. A única coisa que a desanimou um pouco foi ver Perry observando Miranda de longe. Ela de fato estava muito bem no seu biquíni e Kylie não era a única que tinha reparado. Todos os garotos lhe roubavam olhares, até mesmo Derek, enquanto Perry olhava feio para eles. Seus olhos ficavam negros, lembrando a Kylie os olhos de uma serpente.

E entre as brincadeiras na água e as risadas, Kylie não se lembrava da última vez — se é que existira de fato uma vez — em que tinha se divertido tanto.

Mas, então, todo o divertimento chegou ao fim quando ela viu Holiday vir correndo do bosque, em pânico, na direção deles.

A expressão dela ficava cada vez mais preocupada à medida que se aproximava. O que será que havia de errado? O olhar de Holiday encontrou o de Kylie e na mesma hora ela soube que o que quer que estivesse errado tinha a ver com ela.

Kylie começou a sair da água, mas seus dedos afundaram na lama do fundo do riacho quando ela se aproximou da margem. Todas as preocupações que tinha temporariamente esquecido se alinharam como peças de dominó na sua cabeça, e ela se perguntou que novo problema a esperava.

Selynn apareceu atrás de Holiday e seu olhar cruzou com o de Kylie também. Isso não era boa coisa.

Kylie encontrou Holiday na margem do riacho e ignorou Selynn de propósito.

— Alguma coisa errada?

— Temos um problema. — O olhar de Holiday se desviou para o riacho e ela acenou para chamar alguém. Kylie se virou e viu Derek nadando para se juntar a elas.

— O que foi? — voltou a perguntar, ainda ignorando Selynn, que tinha se aproximado.

— Você, vem conosco — disse a lobisomem, com autoridade, agarrando Kylie pelo pulso. — Agora.

# Capítulo Vinte e Três

Kylie franziu a testa e sacudiu o braço para soltá-lo.

— Eu não vou a lugar nenhum antes que me digam o que está acontecendo. — O olhar de Kylie se voltou para Holiday, que observava Derek sair da água. — Pode alguém, por favor, me dizer o que há de errado?

Holiday olhou outra vez para Kylie. A linha de preocupação na testa da líder era sinal de que a situação era grave. — É a sua mãe.

— Minha mãe? — Kylie respirou fundo. Fragmentos da conversa das duas voltaram à sua memória. Então o aviso do fantasma ecoou como um presságio agourento na cabeça dela. "*Você tem que impedir isso. Do contrário, alguém que você ama morrerá.*"

*Ai, Deus, não!*

— O que há de errado com a minha mãe? — As palavras mal saíram dos seus lábios. Ela se lembrou de que a mãe ia voltar para casa de avião naquele dia. Kylie sentiu um aperto no coração ao imaginar um desastre aéreo. Ai, Deus, e se a mãe dela...?

— Ela deve ter vindo ver você — Holiday continuou. — Um pouco mais tarde. Por alguma razão, o alarme de segurança do portão não funcionou. E ela entrou sem ninguém perceber.

— Ela está aqui? — Mais do que ar para encher os pulmões, ela queria saber que a mãe estava viva e bem. Que o avião não tinha sofrido nenhum acidente. Que algum maluco não a tinha sequestrado nem a estava torturando, como os seus sonhos pareciam insinuar.

— Sim, ela está aqui — Selynn disse com arrogância. — Contra a política da escola. O horário de visitas já acabou há várias horas.

O olhar de Kylie se voltou para Selynn. O que aquela lobisomem estava dizendo? Sua mãe estava bem ou não? Ela voltou a fitar Holiday.

— O que aconteceu? — Kylie repetiu. — Ela está bem?

— Ela está... contrariada. — Holiday pareceu ainda mais séria. — Estava tentando encontrar a sua cabana e, enquanto andava por aí, ela... viu algumas coisas que não devia.

— O quê? — Kylie se lembrou de como ela mesma tinha ficado chocada ao ver Perry se transformar pela primeira vez em unicórnio. — O que ela viu?

— A memória dela precisa ser apagada — disse Selynn, interrompendo. — E rápido.

— Apagada? O que... o que quer dizer com isso?

A lobisomem agarrou Kylie pelo braço e começou a puxá-la para a floresta.

Kylie estancou.

— O que você quer dizer com "apagar a memória dela"? — perguntou de novo, longe de entender, mas mais longe ainda de apreciar o tom com que foi dito. Ela soltou o braço de Selynn e então aproximou-se um passo dela, ficando tão perto que podia contar seus cílios.

— É melhor não encostar um dedo na minha mãe! — grunhiu Kylie, e o som da sua voz pareceu pouco natural aos seus ouvidos. Era mais grave. Mais áspero.

— Kylie, me ouça. — A mão de Holiday pousou nas costas de Kylie, enviando uma onda de calma sobre seus ombros tensos. Kylie poderia ter ouvido, poderia ter aceitado a sensação de calma vinda de Holiday se Selynn não estivesse ali.

— Não temos tempo para isso — rosnou a lobisomem, agarrando Kylie pelos dois braços, com os dedos enterrados na sua pele a ponto de deixar marcas. Quando Kylie tentou se soltar, Selynn segurou-a com mais firmeza ainda.

— Ela é humana — disse Selynn. — Precisa esquecer o que viu. Agora.

— Esquecer? — Fúria, raiva e medo pela segurança da mãe fizeram com que Kylie se sentisse à beira do desespero. — Droga! Onde está a minha mãe? — A voz de Kylie parecia mais grave do que antes.

— Pare, Selynn! — gritou Holiday. — Você só está piorando as coisas. Ela não sabe o que está se passando.

— É, pare com isso! — disse Derek.

Kylie sentiu o toque de Holiday em seu ombro novamente, numa tentativa de acalmá-la e aplacar sua fúria, mas rejeitou o fluxo que vinha da amiga.

— A sua mãe vai ficar bem — disse Holiday, cuja voz parecia vir de outro lugar. — Ela está na cabana de Helen agora. Ela...

Ao saber do paradeiro da mãe, Kylie tentou novamente se livrar das garras de Selynn. Mas a lobisomem apertou ainda mais seus braços, afundando as unhas em sua pele. Kylie reconheceu a sensação de dor, mas era como se pertencesse a outra pessoa.

— Me solta! — sibilou no rosto de Selynn.

Quando viu que a outra não a largava, Kylie, agindo por algum instinto que nem ela mesma conhecia, agarrou a lobisomem pela blusa e tirou-a do seu caminho com um empurrão.

Várias pessoas à sua volta ofegaram ao mesmo tempo. Uma delas podia ter sido a própria Kylie ao ver Selynn voar pelos ares como uma boneca de pano e aterrissar ruidosamente na água. A lobisomem levantou-se da água coberta de lama e cuspindo palavrões. Rosnando, começou a nadar de volta para a margem. Ao chegar, encarou Kylie nos olhos, jogou a cabeça para trás, rosnou e investiu contra ela.

Mas antes de atingi-la, Holiday se colocou na frente de Kylie e segurou a mão da lobisomem.

— Dê um passo a mais e eu vou invocar a ira dos anjos da morte. E se pensa que estou

blefando, você não me conhece.

Mas Selynn não parou. Continuou avançando.

Então Derek e Della se atracaram com a lobisomem, derrubando-a e fazendo-a estatelar no chão com um grunhido.

Kylie não se deteve para ver ou ouvir o que aconteceu em seguida. Disparou para a floresta, o sangue pulsando nas veias, enquanto corria a toda velocidade para ir ao encontro da mãe.

Quando voltou a andar em velocidade humana, sentiu um golpe de ar passar por ela e vislumbrou um borrão em movimento. O súbito silêncio do bosque revelou que se tratava de um vampiro. Mas quem disse que ela se importava?

Tudo o que queria era encontrar a mãe antes que alguém tocasse nela. Se alguém ousasse tocar num fio de cabelo dela...

Kylie ouviu os gritos da mãe um pouco antes de sair do bosque, perto da trilha que levava à cabana de Helen. O pânico apertou com suas garras o peito de Kylie, como um animal selvagem tentando se libertar. Ela passou pelas últimas três árvores, voou pela trilha e chegou à varanda de Helen.

Burnett, com Holiday ao seu lado como que trazida pelo vento, estava lá, bloqueando a porta. E Kylie sabia que Burnett tinha trazido a líder até ali.

— Me deixa sair daqui! — os gritos da mãe chegaram aos ouvidos de Kylie.

O cheiro pungente que agora ela reconhecia como sangue encheu suas narinas. Ela encarou Burnett.

— Saia!

— Kylie — Holiday saltou na frente de Burnett. — Me ouça, ok? Sua mãe está bem. Ela está fora de si e vamos ter que acalmá-la.

— Ela está ferida — Kylie lutava para respirar e lutava contra a vontade de tirar Burnett do seu caminho e irromper pela porta, para chegar à mãe.

— Ela não está ferida — Burnett insistiu.

— Eu sinto cheiro de sangue — ela disse, transtornada.

— Não é o sangue dela — respondeu Burnett, com os olhos cor de brasas.

— Eu juro — disse Holiday, tentando tocar Kylie. Mas Kylie recusou o toque e Holiday baixou a mão. — Sua mãe não está ferida, Kylie, eu juro pra você. Por favor, se acalme. Vamos dar um jeito nisso. Mas precisamos da sua ajuda.

— Confie neles, Kylie — disse uma voz ao mesmo tempo que um ar frio e familiar lhe invadiu os pulmões.

Kylie se virou e viu Daniel parado diante dela.

— Confie neles — ele repetiu.

Os olhos de Kylie se encheram de lágrimas quando Daniel a enlaçou num abraço gelado.

— Está tudo bem. — Seu hálito frio chegou aos ouvidos dela, enquanto um calor reconfortante invadia o seu peito.

Uma sensação incrível de paz fluiu através do corpo de Kylie. A mesma paz que ela tinha sentido na cachoeira. E que lhe deu a certeza de que as coisas não eram tão graves quanto pareciam. Que ela devia ter fé.

Ela levantou a cabeça para olhar Daniel, mas ele já tinha partido. Sentindo-se sob uma avalanche de emoções, suas pernas tremiam tanto que ela caiu de joelhos no chão da varanda.

Holiday agachou-se ao lado dela.

— Ela vai ficar bem, Kylie. Eu prometo.

Kylie olhou para Holiday.

— O que foi... o que foi que ela viu? Perry...?

— Não. — Holiday tirou uma mecha de cabelo do rosto de Kylie. — Dei permissão a Helen para doar um pouco de sangue a Jonathon. Ele estava tirando o sangue dela e, contra minhas regras, ele estava... — Holiday fez uma pausa e então acrescentou com a voz mais firme: — Ele estava bebendo direto do tubo quando sua mãe entrou. Tenho certeza de que a cena pareceu bem chocante para ela. Ela entrou em pânico.

Kylie cobriu o rosto com as mãos.

— Minha nossa! — Como iria explicar aquilo à mãe?

— Jonathan tomou um susto — Holiday continuou. — Agarrou-a e prendeu-a no banheiro de Helen. Depois bloqueou a porta com a cômoda e mandou Helen me chamar. Eu trouxe Burnett aqui tão rápido quanto pude.

— Eu não machuquei sua mãe — garantiu Jonathon, entrando na varanda. — Devo ter sido meio violento, mas não a machuquei. Lamento que isso tenha acontecido.

Kylie olhou para Jonathon. Sua camisa tinha manchas de sangue, o sangue de Helen, ela disse a si mesma, não o sangue de sua mãe. Atrás dele vinha Derek.

— Eis o que vamos fazer — explicou Burnett. — Vamos apagar a memória dela.

— Não — discordou Kylie, lembrando-se instantaneamente das emoções que sentiu e da sua luta com Selynn.

— Não é tão ruim assim — esclareceu Holiday. — Só a lembrança do que aconteceu vai ser removida da sua mente. Não vai causar nenhum dano a ela. Mas quanto mais calma ela estiver, mais fácil e eficaz será. E no momento ela está tudo menos calma. Acho que, se você falar com ela, talvez ajude a acalmá-la.

— Falar com ela? Ela viu alguém bebendo sangue de um tubo de transfusão. O que acha que posso falar que vá acalmá-la? — perguntou Kylie. — "Ah, mãe, não se preocupe, eles são só vampiros..."

Holiday olhou para Kylie bem nos olhos.

— Ela está agora mais preocupada com você do que assustada — garantiu Holiday. — Só lhe garanta que você está bem e então Derek entra e...

— Derek? — Kylie se virou para olhar Derek. — Por que Derek? — Algo que parecia culpa toldou os olhos dele.

— Descobrimos recentemente que Derek tem a capacidade de apagar memórias — explicou Holiday.

Derek confirmou com a cabeça e, por uma fração de segundo, Kylie se perguntou por que Derek não tinha contado a ela sobre o seu novo dom. Ela achava que eles contavam tudo um para o outro. Então seus pensamentos voltaram para a sua mãe.

— Mas se ele ainda não tem muita experiência nisso... alguma coisa não pode dar errado?

— Nada vai dar errado — intrometeu-se Burnett. — Ele praticou em mim inúmeras vezes.

Kylie olhou outra vez para Derek. Ela não sabia como ele podia apagar a memória de alguém, mas a ideia a apavorava.

— Vocês não têm ninguém aqui com mais experiência?

Para o crédito de Derek, ele não pareceu ofendido.

— Temos, mas essa pessoa está em outro caso agora — respondeu Burnett. — E quanto mais rápido cuidarmos disso, melhor. Se demorar muito, ele vai precisar remover mais informações da mente dela. O que pode exigir que apague lembranças de várias horas. Obviamente, quanto menos tempo de memória tenha de ser apagado, melhor.

— Isso tudo é perigoso? — Kylie olhou para Holiday em busca de uma resposta.

Holiday sacudiu a cabeça.

— Quando é feito logo, o maior efeito colateral é uma dor de cabeça e um pouco de desorientação por causa do lapso de tempo apagado.

Kylie olhou novamente para Derek.

— Promete que não vai fazer nada errado?

— Prometo — ele disse. Mas, ela tinha sentido uma ponta de dúvida na voz dele?

— O que você vai ter que fazer? — Kylie perguntou.

— Só tocá-la — ele respondeu.

Kylie assentiu. Ela se lembrou do conselho de Daniel para que confiasse neles e se levantou.

— Tudo bem. Acho. — Então ela ouviu a mãe gritando outra vez. Olhou para Burnett. — É melhor que nada dê errado.

— Mãe! — Kylie chamou a mãe, cinco minutos depois, de detrás da enorme cômoda com que Jonathon tinha bloqueado a porta.

— Kylie?! — a mãe gritou. — Ah, querida, você está bem? Me diga que não está ferida nem nada. Me diga que essa gente louca não...

— Eu estou bem. Vou tirar você daí, está bem?

— Rápido — suplicou a mãe. A rouquidão em sua voz revelava que ela estava gritando e chorando há um bom tempo. — Temos que sair logo daqui. Há pessoas muito ruins neste lugar.

— Está tudo bem, mãe.

— Se apresse, meu bem. Antes que eles voltem.

Burnett fez sinal de que planejava retirar a cômoda e sair da cabana. Derek assentiu. Então Burnett puxou o pesado móvel com uma mão e, num segundo, não estava mais ali.

A mãe de Kylie escancarou a porta e voou para fora do banheiro, envolvendo Kylie num abraço protetor.

— Temos que sair daqui! — Ao ver Derek, ela puxou Kylie para detrás do corpo dela. — Fique longe! — a mãe gritou.

Derek olhou para Kylie como se não soubesse ao certo como proceder.

— Está tudo bem, mãe. — O coração de Kylie se compadeceu quando viu o rosto choroso da mãe. — Este é Derek. Ele é meu amigo.

— Não confio nele — disse a mãe. — Não podemos confiar em ninguém aqui. Só quero ir embora deste lugar. Agora. — Apertando o braço de Kylie, ela começou a andar na direção da porta, mantendo-se entre Derek e Kylie, como que para protegê-la.

Sem saber direito o que fazer, Kylie estancou. Ela não podia deixar que a mãe saísse. Se ela já estava apavorada com Derek, perderia realmente o juízo se visse Jonathon e Burnett.

— Mãe, Derek é um cara legal. Vai nos ajudar a sair daqui — ela mentiu. — Não vai, Derek? — Kylie olhou para ele.

— Claro... sra. Galen. Vou ajudar a senhora e Kylie a saírem daqui.

A mãe olhou para Derek e de volta para Kylie. O pânico brilhou em seus olhos, mas ela não recuou quando Derek chegou mais perto.

— Deixe-me abrir a porta — ele pediu. Quando se aproximou, estendeu a mão e tocou o braço da mãe de Kylie.

Kylie não sabia o que acontecia quando a memória de uma pessoa era apagada, mas, quando os olhos da mãe rolaram nas órbitas e ela desabou no chão sem sentidos, Kylie gritou.

Tremendo e sem fôlego, ela se abaixou ao lado da mãe para ter certeza de que estava respirando.

— Está tudo bem — disse Derek, ajoelhando-se ao lado de Kylie e tocando seu cotovelo. — Ela só está inconsciente. Eu prometo, Kylie, vai ficar tudo bem — assegurou-lhe como se percebesse o medo dela.

Burnett apareceu na porta e pegou a mãe de Kylie nos braços.

— Vou colocá-la no carro. Você vem comigo — ele disse a Kylie. — Precisamos que você esteja lá quando ela acordar.

Burnett desapareceu. E Kylie disparou atrás dele. Ela não era tão rápida quanto ele, mas com sorte e considerando que ele carregava sua mãe, ela não ficaria muito atrás.

— Mãe, você está bem? — Kylie bateu na janela do carro cinco minutos depois.

Quando viu que a mãe não acordava imediatamente, Kylie precisou se segurar para não arrancar a porta do carro e ver se ela precisava de uma respiração boca a boca. Mas ela se lembrava muito bem da lista de proibições de Burnett.

• Não entrar em pânico, porque a mãe podia perceber e ficar ainda mais nervosa.
• Não tentar explicar muita coisa; deixar que a mãe chegasse às suas próprias conclusões acerca do que tinha acontecido.
• Não chorar por motivo algum.

E, quando ele explicou essa regra, apontou para as lágrimas de Kylie.

Por causa dessa regra número três, sobre não chorar por motivo algum, Kylie teria brigado caso não estivesse tão preocupada com a mãe.

Kylie deu outra batidinha no vidro.

— Mãe? — disse, esforçando-se para manter a voz calma.

Na opinião de Kylie, ela merecia poder chorar baldes de lágrimas por no mínimo umas duas semanas. O trauma emocional por que tinha passado na última meia hora tinha sido um dos piores de toda a sua vida. Nem mesmo a luta na reserva selvagem a tinha deixado tão transtornada.

Ela olhou para os próprios braços, esperando ver manchas roxas e marcas de unhas onde Selynn a agarrara. Por mais estranho que fosse, sua pele estava lisa e sem nenhuma marca. Estranho. Será que ela tinha adquirido um novo dom de cura também?

Os olhos da mãe se entreabriram e Kylie concentrou-se na situação diante dela. A mãe endireitou-se no banco e olhou em volta, obviamente sobressaltada. O primeiro pensamento de Kylie foi pensar que sua memória não tinha sido apagada.

Mas então ela virou a cabeça e seus olhos confusos encontraram os de Kylie.

Kylie afivelou um sorriso amarelo nos lábios, como se tudo no mundo estivesse indo às mil maravilhas.

— Quando você chegou aqui, mãe?

A mãe arqueou uma sobrancelha, levantou o pulso, para consultar o relógio, e abriu a porta do carro. Virou o corpo, para colocar os pés para fora, mas não saiu do lugar.

— Eu... — Ela piscou. — Vim correndo pra cá, do aeroporto. — Ela passou a mão pelos cabelos escuros, que agora tinham reflexos vermelhos.

— Você deve ter caído no sono depois de chegar aqui. — Kylie mordeu o lábio, percebendo que tinha violado uma das regras de Burnett.

— É. — A mãe pressionou a têmpora com a mão, um sinal claro de que a dor de cabeça tinha começado. — Fiquei a noite toda no aeroporto tentando conseguir um voo.

— Você devia estar mesmo cansada.

— É. Minha nossa! — Ela consultou mais uma vez o relógio e então saiu do carro. — Nem me lembro de ter chegado aqui. Devo ter estacionado e caído no sono. É uma boa lição para nós duas. Nunca dirija quando está exausta. — A mãe se aproximou e abraçou Kylie. — É tão bom ver você!

Kylie sentiu que estava prestes a violar outra regra. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela deu um abraço apertado na mãe. Mas as lágrimas não eram só por causa dos últimos trinta minutos. Eram pelos seus últimos dezesseis anos da vida e pelos raríssimos abraços que recebera da mãe. E pela lembrança do abraço que ela tinha dado no pai... no padrasto, antes de ele ir embora, algumas horas antes.

Quando a mãe se afastou, ela olhou para Kylie.

— Você está bem?

— Estou — disse Kylie, lutando para reprimir as lágrimas. — É só que... você não me abraça há um tempão.

— E isso é algo que precisamos melhorar, não é? — disse a mãe, tocando a têmpora novamente.

— É, precisamos melhorar. Mas acho que já é um bom começo. — E de fato era. Kylie podia sentir.

A mãe consultou o relógio outra vez.

— Devo ter dormido por uma hora.

— Você provavelmente estava precisando — disse Kylie, começando a andar em direção aos portões novamente.

— Tem razão. Eu ia ligar para a líder do acampamento avisando que ia chegar um pouquinho atrasada. Sei como eles fazem questão que a gente respeite o horário de visita, mas a bateria do meu celular acabou. Está totalmente descarregada.

— A sorte é que eu estava dando um passeio e vi seu carro e disse a Holiday que você estava aqui. Mas eles são realmente muito rígidos com relação ao horário de visita.

*Por favor, meu Deus, não permita que eu tenha que passar por isso outra vez.*

— O que eu acho uma bobagem — completou a mãe. — Parece até que estão tentando esconder alguma coisa.

— Que nada! — mentiu Kylie entredentes e quase se sentindo mal por isso. — Não estão tentando esconder nada! — Exceto coisas como: pessoas bebendo sangue, transformando-se em criaturas inimagináveis como ursos gigantes, unicórnios ou lobos. Ou garotas que acidentalmente transformam gatinhos em gambás. Em outras palavras, as coisas normais que costumam acontecer em Shadow Falls.

— Mas mesmo assim são rigorosos — repetiu Kylie. — Dizem que é pra nossa segurança. Além disso, você sabe, como você costuma me dizer, regras são regras.

— Eu sei e vou tentar segui-las daqui em diante.

*Obrigada, Jesus!*

— Você quer ir se sentar no refeitório?

— Ou na sua cabana.

— Claro! — E então Kylie se lembrou de Socks, seu gambazinho.

— Ah, esqueci... Della e Miranda convidaram algumas garotas para dar uma passada lá. Acho

que o refeitório seria melhor.

— Tudo bem — concordou a mãe. — Talvez eu consiga um copo d'água para tomar uma aspirina. Minha cabeça está latejando como se eu fosse ter um aneurisma.

Um frio sepulcral de repente tomou conta de Kylie. Por um momento, ela pensou que o fantasma estava de volta.

Olhou para a mãe.

— Não diga isso...

— Não diga o quê? — ela perguntou.

— Essa besteira de aneurisma. — Essa tinha sido uma das muitas possibilidades em que Kylie tinha pensado quando soube que Derek ia invadir a cabeça da mãe e apagar suas memórias; e esse pensamento a deixara apavorada.

A mãe sorriu.

— Só estou sendo melodramática. Estou bem.

— Ótimo! — disse Kylie. E quando ela olhou para a mãe, lembrou-se de como ficou assustada ao pensar que poderia nunca mais voltar a vê-la. Outra onda de emoção inundou seu peito. Kylie quase estendeu os braços para buscar outro abraço. Mas não fez isso. Não só porque podia levantar suspeitas na mãe, mas também porque, pelo que Kylie conhecia da mãe, suspeitava que ela poderia já ter dado sua cota mensal de abraços.

Por mais surpreendente que fosse, depois de trinta minutos juntas, elas ainda tinham o que conversar. Evidentemente, durante uns bons quinze minutos tinham falado sobre o novo visual da mãe, que Kylie admitia ter gostado. Claro, ela ainda ficava um pouco hesitante ao pensar na mãe saindo com outra pessoa, mas decidiu só pensar no assunto se isso realmente acontecesse.

Então a mãe notou o "surto de crescimento" de Kylie.

— Estes sutiãs de bojo deixam você com os seios maiores.

— Acho que não — disse Kylie. — Estou crescendo ainda.

A conversa levou a mãe a perguntar como tinham sido as compras na cidade. Mas Kylie não queria falar sobre compras nem em nada que tivesse acontecido durante sua recente ida à cidade. Então contou à mãe sobre a visita do padrasto. Conversaram uns bons cinco minutos sobre ele. Kylie não deu detalhes sobre a cena constrangedora que ela tinha causado. Nunca contara à mãe que vira o pai na cidade.

Ela também optou por não contar que o pai tinha terminado com sua namoradinha. Por alguma razão, ela não queria que a mãe se lembrasse disso agora.

— Estou contente que tenham conversado — disse a mãe. — Não interessa os erros que cometeu recentemente; ele é um bom pai.

— É, sim — Kylie concordou.

Então Kylie passou mais cinco minutos falando sobre o quanto ela adorava o acampamento e seu interesse pelas aulas de decoração de bolos, tudo ensaiado para convencer a mãe a matriculá-

la no outono. Não que ela pensasse em pedir isso naquele dia. Era preciso admitir, lembrasse a mãe ou não, que ela já tinha tido um dia bem difícil.

— Sério? Você gosta mesmo de decorar bolos? — perguntou a mãe. — Eu também gosto. Você se lembra de que fiz esse curso quando você era menor e fiz pra você um bolo de Cinderela?

— Lembro. Eu adorei. — Outra mentira deslavada. Ela já tinha 14 anos e morreu de vergonha quando a mãe serviu o bolo de contos de fadas. Mas qual o problema em contar mais uma mentirinha comparada a tantas outras que já tinha contado naquele dia?

Mentiras à parte, aquela guinada no relacionamento entre as duas estava lhe fazendo muito bem. Por isso, Kylie resolveu arriscar e pedir mais informações sobre o seu verdadeiro pai.

Pegando seu refrigerante, Kylie girou a latinha na mão.

— Mãe, pode me contar mais um pouco sobre Daniel?

A mãe arregalou os olhos.

— Claro. Mas acho que já contei tudo da última vez que perguntou.

— Você não me contou quase nada. Por exemplo... de onde eram os pais dele?

Ela sorriu.

— Lembro-me de que ele me disse que eram da Irlanda.

— Eram irlandeses? — Kylie perguntou, sem saber se aquela informação ajudaria em alguma coisa. — Quando eles vieram para cá?

— Não sei.

— Daniel nasceu aqui?

— Acho que sim. Ele não tinha nenhum sotaque.

— Mas você não tem certeza, né? — Ela começou a perder a esperança. Se ele tinha sido adotado na Irlanda, não seria quase impossível achar seus pais verdadeiros?

— Acho que ele teria me dito se tivesse nascido em outro país.

Kylie concordou.

— Você disse que os pais dele eram de Dallas, não é?

— Perto de Dallas. Alguma cidade um pouco mais pra cima.

— Onde? — Kylie mal pode acreditar que ela tinha passado as últimas duas semanas ligando para números de Dallas só para saber agora que eles não moravam lá.

— Não me lembro. — A mãe estudou Kylie. — Você não está pensando em encontrá-los, está?

Ok, hora da decisão. Kylie tinha dito ao investigador particular que diria à mãe sobre a sua busca. Talvez fosse a hora.

— Você ficaria aborrecida se eu tentasse? — ela perguntou, sem querer estressá-la ainda mais.

Ela franziu a testa.

— Eu... eu só acho que... Nem sabemos se eles estão vivos ainda.

— Podem estar — disse Kylie, sem ter coragem de dizer que seu real interesse era localizá-

los para saber onde estariam seus pais verdadeiros. Logo sua mãe poderia saber, mas uma coisa por vez. Além disso, não fazia ideia de como dizer que ela sabia que Daniel era adotado. Pelo menos não sem contar também sobre o espírito de Daniel, uma conversa que ela não tinha nenhuma intenção de ter com a mãe.

— Sério, você se importa se eu tentar encontrá-los?

A mãe deu um longo suspiro.

— Não me importo, Kylie. Só tenho receio de que fiquem muito zangados comigo se você fizer isso. Muitas vezes me senti culpada por não ter contado a eles sobre você. — Alguma coisa na voz da mãe chamou a sua atenção.

Ela de repente percebeu que, se a mãe se sentia culpada por não contar a eles, ela devia saber como encontrá-los.

— Você sabe onde eles moram, mãe? Sabe onde encontrá-los?

# Capítulo Vinte e Quatro

A mãe olhou para baixo.

— Eu...

— Por favor, mãe — suplicou Kylie. — Se você sabe alguma coisa, me conte.

A mãe franziu a testa para o refrigerante, como se estivesse fascinada com a condensação na lata.

— Não tive coragem de jogar fora o obituário dele — ela disse finalmente. — Coloquei-o atrás da moldura da sua foto de bebê pendurada na parede. Ali tem o nome deles e o nome da cidade em que moravam.

A esperança voltou renovada no peito de Kylie.

— Quando chegar em casa, pode escanear pra mim e me mandar por e-mail? Por favor?

A mãe concordou.

— Se ainda estiverem vivos, vão me odiar.

— Acho que não, mãe. Eles provavelmente vão ficar felizes de me conhecer.

A mãe tocou o rosto de Kylie.

— Desculpe, meu bem. Fiz o que achava melhor na época, mas agora... parece que não tomei a decisão mais correta.

— Você agiu bem — disse Kylie. E sem pensar, deu outro abraço na mãe avessa a abraços.

Uma hora depois, Kylie observou o carro da mãe pegando a estrada, até se transformar num pontinho azul que finalmente desapareceu de vista. Tanto Burnett quanto Holiday estavam esperando por ela no portão quando voltou.

— Acho que minha mãe vai ficar bem — ela disse a eles, presumindo que era por isso que estavam ali.

Então ela se deu conta de que Burnett provavelmente tinha ouvido toda a conversa. Então não era só por causa da mãe dela que estavam ali.

— Estou em apuros por ter brigado com Selynn? — ela perguntou. O pensamento tinha lhe ocorrido durante a conversa com a mãe. Gostasse ou não, Selynn era da UPF.

Holiday balançou a cabeça.

— Não. Selynn teve o que mereceu. Ela lidou com a situação da maneira errada. Totalmente errada. — Holiday olhou de relance para Burnett, como se estivesse dizendo isso não só para Kylie, mas para ele também. — Se alguém disser alguma coisa sobre o que aconteceu no riacho, eu vou ser a primeira a mostrar com quantos paus se faz uma canoa.

Quando Kylie estava prestes a perguntar a Holiday o que ela queria dizer com aquilo, Burnett deu de ombros.

— Acho que ninguém vai dizer nada — disse ele, com humor nos olhos. — Nunca entendi bem esse ditado. Como é possível meter medo em alguém mostrando com quantos paus se faz uma canoa...?

— Não faço ideia — disse Holiday, voltando a fitar Kylie. O olhar de Burnett seguiu o dela e ambos voltaram a fitá-la de um jeito estranho. E Kylie voltou a se perguntar o que, afinal, estava acontecendo.

— Se não é por causa de Selynn, então por que estão aqui?

Burnett enfiou as mãos nos bolsos dos jeans.

— Acho que só queríamos ter certeza de que você estava bem.

Ela começou a responder, mas percebeu que ambos a encaravam novamente.

— Se é só por isso, por que vocês dois estão aí, me olhando desse jeito, como se tivesse crescido um rabo em mim?

— Você acha que poderia crescer um rabo em você? — A voz dele parecia preocupada.

Ah, merda! Ele estava falando sério.

Kylie passou a mão pelo traseiro só para ter certeza de que nada tinha aparecido ali. Quando não achou nada, ela olhou para eles com uma cara feia.

— O que vocês não estão querendo me dizer?

— Você demonstrou alguns talentos hoje — disse Burnett.

— Você está querendo dizer que corri rápido?

— E jogou Selynn pelos ares — completou Holiday. — Um lobisomem perto da lua cheia... é algo bem difícil de se jogar pelos ares...

— Então vocês voltaram a achar que eu sou um lobisomem?

Holiday olhou para Burnett e ambos voltaram a encarar Kylie.

— Ainda não temos certeza. — Ele começou a estudar Kylie novamente.

— O que foi? — Kylie perguntou.

— É o seu padrão mental — Holiday disse, parecendo confusa.

— O que tem ele? — Ela tocou a própria testa. — Estou mais aberta? Vocês podem me dizer o que eu sou?

— Não — respondeu Holiday. — É só que... seu padrão está sofrendo alterações.

— Sofrendo alterações? Quer dizer, então, que ele está mudando?

Burnett e Holiday concordaram com a cabeça.

— O que isso significa?

A expressão de Holiday passou da curiosidade à solidariedade num segundo.

— É que...

— São só conjecturas, eu sei... Pode me dizer — pediu Kylie, fazendo um gesto com as mãos para que Holiday falasse logo.

— O único padrão mental que sofre alterações e muda o tempo todo é o dos metamorfos — esclareceu Holiday.

— Então agora você está me dizendo que sou uma metamorfa? — Kylie tentava absorver a ideia de ser uma metamorfa. Transformar-se em leões gigantescos e coisa e tal...

— Você não está mudando como um metamorfo — corrigiu Burnett. — O metamorfo só sofre mudanças quando está trocando de forma.

Kylie olhou para o próprio peito e mais para baixo, quase para ter certeza de que nada tinha mudado e de que ainda usava o mesmo número de sutiã. Então passou a mão outra vez pelo traseiro, rezando para não encontrar nenhum rabo ali.

— Eu não estou mudando.

— Nós sabemos disso — disse Burnett.

Então, como se sentisse que Kylie já tinha chegado ao seu limite por aquele dia, Holiday interveio e pegou no braço dela.

— Ei, por que não vamos dar um passeio até a cachoeira?

Kylie concordou. Ela estava pensando em voltar para a cabana e cair no choro, mas um passeio até a cachoeira parecia uma opção bem melhor.

— Vou com vocês — disse Burnett.

— Preferimos ir só nós duas — contestou Holiday.

— Não acho que vocês duas devam se embrenhar na floresta sozinhas — ele explicou. — Ainda não sabemos por que o portão de segurança não funcionou.

— Não acho que estejamos tão vulneráveis assim — disse Holiday, acenando com a cabeça para Kylie.

— Eu prefiro ir com vocês. — Ele franziu a testa. — Nem vão perceber que estou ali. Ficarei a distância.

Holiday revirou os olhos, como se fosse obrigada a concordar, então pegou Kylie pelo braço e elas tomaram a trilha que levava à cachoeira.

— Só ficaria satisfeita se ele ficasse a uns 80 quilômetros...

— Quando vai se lembrar de que posso ouvir você? — gritou Burnett, que tinha ficado para trás.

— Quando vai perceber que não me esqueci? — resmungou Holiday, em voz baixa.

Na segunda-feira de manhã, Kylie acordou com o calafrio fantasmagórico. Ela abriu os olhos, mas o espírito não tinha se materializado ainda.

— Você sabe que não vai adiantar nada vir aqui e simplesmente me acordar, não sabe? Você

precisa me dar alguma informação. Encontrar um jeito de me mostrar quem eu preciso ajudar.

Como não ouviu nenhuma resposta, Kylie puxou as cobertas até o queixo e ficou simplesmente observando sua respiração provocar nuvenzinhas de fumaça acima do nariz. A visita à cachoeira com Holiday tinha sido surpreendente e ao mesmo tempo desanimadora. Ela e Holiday mal conversaram; só ficaram ali, lado a lado, observando a parede de água à sua frente. A atmosfera espiritual que Kylie tinha sentido da última vez parecia ainda mais forte nessa visita. Essa foi a parte impressionante.

E a parte desanimadora? A mensagem que lhe ficara da visita não foi algo como: tudo vai ficar bem. Nada disso. Foi mais como: mantenha a fé e a concentração.

E, se Kylie achasse que podia discutir com a presença na cachoeira, ela teria olhado para o teto de pedra e grunhido, "Não diga! Isso é tudo o que tem pra me dizer?!"

Sinceramente, como ela poderia ter concentração se não sabia em que se concentrar? Era meio difícil se concentrar em fantasmas quando eles nem mesmo apareciam, não é?

A temperatura baixou mais alguns graus.

— É, isso mesmo, estou falando de você — rugiu Kylie para o espírito.

Manter a fé também era impossível. Ter fé seria acreditar que nada de ruim ia acontecer. Duas meninas assassinadas por um vampiro delinquente por acaso não era algo ruim? E ter a memória da mãe apagada, por acaso era boa coisa? Sem falar do seu padrão cerebral mutante, que só fazia todo mundo encará-la como se ela fosse uma aberração — e não se pode esquecer do seu desejo incontrolável de entrar no sonho de outras pessoas — e sua fé talvez precisasse de um frasco de anabolizantes para conseguir se fortalecer novamente.

Kylie deixou escapar um longo suspiro de frustração quando o frio causado pelo espírito começou a diminuir. Ótimo! Só outro dia acordando inutilmente ao amanhecer, com o coração na boca... Rolando na cama, ela socou o travesseiro e sentiu seu humor ficando mais sombrio a cada segundo.

Mas não se tratava apenas da melancolia típica das segundas-feiras. Não, era muito mais do que isso. Era noite de lua cheia. Quem sabia o que ia acontecer? Mas o fato de ela ter acordado com tanto mau humor era um sinal de que poderia ser um lobisomem.

E quem disse que se transformar num lobisomem era a única coisa que provocava seu mau humor? Afinal, depois de finalmente decidir namorar com Derek, ela não tinha tido chance de vê-lo a sós e lhe dizer isso. Também havia um tal lobisomem voltando para o acampamento naquele mesmo dia ou no dia seguinte. Aliás, dois lobisomens. E ela não estava exatamente ansiosa para rever Fredericka. E como iria encarar Lucas depois daquele sonho absurdo? Ai, Deus, não ia ser muito divertido...

Kylie soltou um gemido, socou o travesseiro e cobriu a cabeça com o cobertor.

Cinco minutos depois, ela já estava de pé e, dois minutos depois de verificar e constatar que a mãe ainda não tinha enviado o obituário de Daniel por e-mail, ela já tinha conseguido tirar Della

e Miranda do sério. Depois que as duas tinham conseguido tirá-la do sério. Então Kylie decidiu: ia tirar um dia de folga. Um dia longe de todo mundo. E isso incluía as variantes sobrenaturais também.

Esse seria um dia só dela e do seu gambá.

Depois de pegar uma garrafa de refrigerante na geladeira, pegou Socks no colo, pediu às colegas de alojamento para avisar Holiday que ela ia tirar um dia de folga e voltou para o seu quarto, batendo a porta só pelo prazer de bater.

Às nove horas da manhã, Holiday bateu na porta do seu quarto.

— Só vim checar se está tudo bem.

— Só quero ficar sozinha — respondeu Kylie, ouvindo a porta se abrir, mas sem sair da posição de bruços em que tinha aterrissado na cama uma hora antes.

— Mau humor? — O tom de voz com que Holiday fez a pergunta tinha implicações nas quais Kylie não queria nem pensar.

— É, muito mau humor — respondeu Kylie, deitando-se de costas.

— Tudo bem. — Holiday mordeu o lábio inferior. — Só se lembre de que estou aqui se precisar.

— Eu sei.

Às dez horas da manhã, outra batida na porta. Desta vez, na porta da frente da cabana.

— Vai embora! — ela gritou.

Um minuto depois, Derek entrou no quarto dela sem ser convidado. Isso a deixou mais mal-humorada ainda. Então ela se lembrou de outra coisa que a tinha aborrecido e da qual não falara com ele ainda.

— Por que você não me contou sobre aquela história toda de poder apagar a memória das pessoas? — perguntou com rispidez.

Ele se sentou na cama dela.

— Burnett disse que eu não devia contar pra todo mundo.

— Eu, por acaso, sou todo mundo? — ela perguntou, sentando-se com os joelhos junto ao peito.

Se foi o tom com que ela fez a pergunta, a pergunta em si ou seu mau humor talvez contagioso, ela não sabia; o fato é que ela sabia muito bem quando uma pessoa estava contrariada. E Derek estava.

— Talvez se você fosse mais acessível, em vez de ficar se preocupando que alguém possa desconfiar de que gosta de mim, pudéssemos passar mais tempo conversando.

— Pelo que me lembro, eu já me desculpei por isso — ela disse, afagando o queixo. — Não que você pareça ter me desculpado... — completou com um toque de sarcasmo.

Ele balançou a cabeça.

— Tudo bem, talvez eu não tenha o direito de me zangar com *isso*.

A inflexão que ele deu à palavra "isso" levou-a à próxima pergunta:

— Mas está zangado com alguma coisa, não está?

Ele franziu a testa.

— Não deveria... — Então ele correu os dedos pelo cabelo e olhou para ela. A dor profunda que Kylie viu nos olhos dele dissipou todo o seu mau humor e ela começou a se preocupar com ele.

— Com o que você não deveria ficar zangado?

Ele se levantou da cama e começou a andar pelo quarto.

— Você nunca mente pra mim. Não mesmo. E eu posso ver que ainda sente alguma coisa por ele. Você se sente culpada e eu sei que provavelmente está pensando nele. Eu sei, porque sinto. E, como um idiota, eu ainda fico atrás de você, mesmo quando se recusa a ser minha namorada.

Ela balançou a cabeça.

— O que você está dizendo não faz sentido.

Ele parou de andar e deixou escapar um longo suspiro. Então seus olhos, lindos, calorosos e ainda cheios de mágoa, olharam para ela outra vez.

— Eu só posso ficar com raiva de mim mesmo.

— Pelo quê? — ela perguntou novamente, sentindo o mau humor tentando voltar novamente.

— Porque não consigo entender por que você não me diz.

— Não digo o quê? — Ela se sentia confusa e ao mesmo tempo... entendia. Ela sabia que ele estava falando de Lucas. Não que isso importasse, porque Lucas era passado. Ela já tinha tomado sua decisão.

Sim, ainda havia os sonhos. E só de pensar neles lá vinha a culpa outra vez.

Ele fez um gesto com a mão na direção dela.

— Taí. É assim que você fica quase sempre que está comigo. Se sentindo culpada. — Ele balançou a cabeça. — Me diga que não é verdade. Me diga que não ficou recebendo cartas dele esse tempo todo.

A pergunta dele ficou dando voltas na cabeça dela.

— Eu... eu nunca escrevi de volta. — Ela queria que ele acreditasse que ela não tinha feito nada errado. Mas a verdade a atingiu em cheio e ficou ali pendurada, como um osso da boca de um cachorro feroz e possessivo. Se ele tivesse recebido cartas de alguma garota que ele beijara, ela também ficaria com ciúme. Não teria gostado nada. E muito menos se ele tivesse sonhos eróticos com ela também.

— Derek — ela disse com suavidade. — Eu juro por Deus que eu não queria...

— Me magoar — ele terminou a sentença. — Eu acredito em você. Sei que não fez isso para me magoar. Você não é cruel nem sacana. Não tem nenhuma maldade dentro de você. Só está... confusa.

Ela se levantou, andou até Derek e tentou pegar sua mão, mas ele se retraiu. A reação dele doeu. Fitando seus olhos, ela tentou encontrar uma maneira de explicar.

— Você tem razão. Estou confusa com relação a um monte de coisas. Mas não estou confusa sobre o que eu sinto por você. Eu gosto de você. Muito. Quando estamos juntos, eu me sinto segura e, quando você me beija, é maravilhoso. Tudo parece lindo e... eu nem ligo mais se é você que está fazendo isso ou não. Eu só quero sentir, entendeu? Quero ser sua namorada.

— Se você queria mesmo, devia ter dito antes.

— Eu queria, só estava... confusa. Eu já disse.

— Por causa de Lucas?

— Não. — Ela deu a ele a mesma justificativa que dava a si mesma. — Porque ainda estou tentando descobrir de que espécie eu sou.

— Mas eu disse que isso não era importante.

— Mas é para mim. — Lá no fundo, bem mais no fundo do que ela queria ver, ela sabia que o que ele dizia era verdade. Não saber o que ela era fazia só parte do motivo que a impedira de concordar em namorar com ele antes. A outra parte era Lucas.

Mas isso não mudava o que ela sentia por Derek, insistia em dizer a si mesma. Era como a tia Stella, de Holiday. Ela podia sentir atração por Lucas, mas isso não mudava nada. Ela tentou pegar a mão dele outra vez, mas ele não deixou.

— Você tem que decidir, Kylie, porque eu não consigo conviver com essa indefinição. Já vivi indefinição demais na minha vida, por causa do meu pai, e simplesmente não consigo mais lidar com isso.

— Eu já decidi — ela insistiu. — É você. Eu ia te dizer isso ontem, mas aí... aconteceu tudo aquilo.

Ele deu um passo na direção dela e seu coração suspirou de alívio. Ela inclinou a cabeça para beijá-lo. Ela queria tanto que ele a beijasse! Queria que ele soubesse o quanto ele significava para ela.

Ele tocou sua face.

— Até que você tenha certeza do que sente por ele, não pode ter certeza do que sente por mim.

— Não é verdade. — Ela tentou beijá-lo, mas ele colocou o dedo sob os lábios dela, detendo-a.

— Não. Não mais. Até que tenha decidido, somos apenas amigos. Só amigos. — Dor e mágoa ecoaram na voz dele e voaram até ela, atingindo seu coração.

Ela não queria que fossem só amigos. Ela queria mais.

— Por favor, não faz isso, Derek. Eu não quis...

Ele colocou o dedo sobre os lábios dela de novo.

— Sei que não quer me ferir, Kylie. Mas me fere. Eu sinto... tudo. É isso o que torna tudo tão difícil. — Ele deu um passo para trás. — É melhor eu ir embora.

A dor a envolveu. Lágrimas se acumularam em seus olhos. Ela ia perdê-lo. Sabia disso com tanta certeza quanto sabia o próprio nome.

Ele abriu a porta do quarto e se virou para ela.

— E, como seu amigo, quero te avisar uma coisa. Fredericka está de volta. E ela quer ferir você. E não acho que ela vá parar só porque me contou sobre as cartas. Tenha cuidado. Especialmente depois desta noite. Os lobisomens ficam hiperagressivos antes da transformação.

Kylie sentiu seu próprio instinto de agressividade fervendo dentro dela e secou as lágrimas que escorriam pelo rosto. Até ele mencionar, ela não tinha parado para pensar em como ele sabia das cartas de Lucas. E agora que sabia, não tinha gostado nem um pouco. Fredericka tinha contado a Derek sobre as cartas.

E, ao fazer isso, não tinha só ferido Kylie, tinha ferido Derek também.

Kylie fechou os punhos.

— Não se preocupe. Não sou tão inofensiva quanto costumava ser.

— Inofensiva, talvez não seja — ele disse. — Mas em maldade ela ganha longe de você. É melhor não se meter com ela.

Uma hora depois, com o coração em pedaços, Kylie checou seus e-mails e descobriu que a mãe tinha finalmente enviado o obituário de Daniel. Ela achou que já estivesse emocionalmente preparada para lidar com aquilo, depois do dia horrível que vinha tendo, mas quando leu sobre a morte do pai, pousou a cabeça na escrivaninha e chorou. Chorou por Derek e por Daniel.

Ela se lembrou do sonho/visão que teve sobre a morte dele. Ele tinha deixado um vilarejo arrasado pela guerra, mas voltara para salvar uma mulher de alguns desertores. Ele não só tinha dado a vida pelo seu país, mas também para salvar uma estranha.

— Amo você, Daniel. — Ela queria muito que ele aparecesse para uma visita. Reparou no nome dos pais dele e que moravam num lugar chamado Gladlock, no Texas. Uma busca na Internet revelou que se tratava de uma cidadezinha a 120 quilômetros de Dallas. Com o coração ainda doendo, fez uma pesquisa e encontrou o telefone de Kent B. Brighten. O computador não tinha completado a pesquisa quando a porta da cabana se escancarou.

Kylie relanceou os olhos para a porta, esperando ver Miranda e Della. Mas estava enganada. Fredericka tinha vindo fazer uma visitinha. E não tinha se importado em seguir uma regra básica de etiqueta: bater antes de entrar.

# Capítulo Vinte e Cinco

— Ora, ora, se não é a garota fantasma... — O tom mordaz de Fredericka pegou Kylie desprevenida.

*Mas em maldade ela ganha longe de você. É melhor não se meter com ela.* As palavras de Derek soaram na cabeça de Kylie.

Tudo bem, então Derek estava certo. De fato era melhor não se meter com Fredericka. Kylie só não sabia se tinha essa opção agora, considerando que a lobisomem estava a menos de três metros dela. Ela não tinha escapatória. Era tarde demais para correr e se esconder debaixo da cama.

Então ficou parada ali, encarando os olhos escuros da garota e esperando que a lobisomem não percebesse a insegurança que sentia.

Com Selynn, no dia anterior, Kylie não tinha sentido medo. Medo nenhum. Tinha agido por instinto, para proteger a mãe. Agora a única pessoa que precisava de proteção era ela mesma; e o instinto de atacar parecia ter tirado férias.

— Puxa, não ouvi você bater. — Kylie tentou imitar o tom curto e grosso de Fredericka e a postura defensiva, esperando intimidá-la.

A sombra de um sorriso brilhava nos lábios da outra, como se o blefe de Kylie não tivesse surtido efeito.

— Achei melhor pôr um fim nessa conversinha. — Fredericka olhou em volta da cabana como se admirasse a mobília. Não que fosse muito diferente da que havia nas outras cabanas. O sofá marrom de estofamento fofo fazia par com a cadeira dourada de estofamento fofo, e quase combinavam. A mãe de Kylie tinha trazido algumas almofadas que acrescentavam um pouco de cor ao ambiente. As mesinhas de cabeceira tinham abajures de cúpula branca e Miranda tinha acrescentado alguns cristais pelo quarto todo.

Atrás de Fredericka, Kylie viu Socks ficar paralisado de pânico diante da estranha, mas logo recuperou os movimentos e se enfiou embaixo de uma almofada vermelha e dourada do sofá.

Kylie não o culpava por isso.

— A que conversa está se referindo? — Kylie perguntou. — Uma que explica que é falta de educação entrar na casa dos outros sem bater? — Seu comentário irritado podia ter enfurecido

Fredericka, mas Kylie sentiu que aquilo era um teste e mostrar medo era mais perigoso do que provocar a outra.

Fredericka soltou um grunhido baixo e seus olhos brilharam. Quando Kylie percebeu o olhar da lobisomem medindo-a de alto a baixo, precisou de toda a sua coragem para não se enfiar embaixo de uma almofada como Socks.

Fredericka arqueou as sobrancelhas. Kylie, orgulhosa do seu novo talento, arqueou as suas também. O padrão da outra se parecia muito com o dos outros lobisomens que ela tinha observado no riacho, mas as bordas mais escuras pareciam um mau presságio. Será que significavam alguma coisa? Kylie realmente precisava ler urgentemente um manual básico de padrões mentais.

— Ouvi dizer que você pode ser uma de nós. — Os olhos de Fredericka se estreitaram.

A ideia de compartilhar a mesma herança sanguínea daquela praticante de *bullying* deixou Kylie enojada. Seu olhar se voltou para a almofada tremulante sobre o sofá. Ela se lembrou de que Holiday lhe dissera sobre ela não ser um lobisomem porque os felinos tinham aversão a eles. Kylie esperava que Holiday estivesse certa. Até mesmo tomar sangue pelo resto da vida lhe parecia uma opção melhor do que ser um lobo.

Kylie assumiu uma postura defensiva.

— Se eu fosse você, não acreditaria em tudo o que ouço.

— E, se eu fosse você, não me esqueceria de que, se você se transformar, provavelmente vamos nos encontrar. E na lua cheia as emoções estão geralmente fora de controle, o que eleva muito o número de acidentes.

— Então tenho certeza de que você vai ficar atenta — respondeu Kylie, blefando de verdade agora.

Fredericka fez cara feia.

— Principalmente quando uma fêmea sente que outra está dando em cima do seu macho.

— Então você ainda está tendo trabalho para segurar o seu? — disse Kylie, tentando afugentar o medo.

Os olhos de Fredericka cintilaram.

— Que cheiro é esse? — perguntou ela, tampando o nariz.

Kylie não ousou olhar para a almofada onde Socks estava escondido.

— Não sei dizer, mas se incomoda, a porta está bem atrás de você.

— Tem cheiro de... sei lá, leão, talvez? — ela perguntou, arqueando uma sobrancelha.

Kylie não piscou.

— Eu sabia que tinha sido você.

— Eu o quê? — O sorriso de Fredericka virou uma risadinha maliciosa. Então ela recuou alguns passos e desabou sobre o sofá com um baque exagerado, como se planejasse descansar ali por um tempo.

O som do sofá soltando o ar do estofamento foi logo substituído por algo entre um silvo e um

miado. A almofada caiu no chão e um rabo branco e preto borrifou algo no ar. Fredericka se virou justo no momento em que Socks expelia uma secreção malcheirosa diretamente em seu rosto.

A alguns metros de distância, Kylie teve que cobrir o nariz para suportar o mau cheiro, mas não pôde deixar de sorrir.

A lobisomem gritou e mergulhou sobre o animal. Embora Socks estivesse em contato com seu lado gambá, ele obviamente não tinha perdido suas raízes felinas. Voou do sofá, como qualquer gato aterrorizado, e aterrissou sobre o abajur da mesinha, que se estatelou no chão.

Esfregando os olhos com as palmas e urrando, Fredericka se levantou do sofá e avançou na direção de Socks. Este, agora empoleirado sobre a poltrona estofada, reagiu de acordo e voou novamente, quicando nas paredes enquanto tentava correr para salvar a sua vida.

Pensar no que a lobisomem ia fazer com seu gatinho fez Kylie sair da letargia e se juntar à perseguição. Cadeiras de madeira estatelaram-se no chão, o micro-ondas voou do balcão, a mesa do computador quase tombou e alguns pratos caíram e se espatifaram ao lado das cadeiras. Tudo rodava em círculos, enquanto um gato transformado em gambá, uma lobisomem e uma sobrenatural não identificada perseguiam um ao outro em torno da sala/cozinha, cada um com seus próprios interesses em mente.

Socks para salvar sua pele.

Fredericka para matar.

Kylie para proteger.

Infelizmente, Socks não era páreo para a fúria da lobisomem e, em segundos, estava encurralado embaixo da geladeira. Um rugido alto encheu a cabana. Um surto de adrenalina percorreu o corpo de Kylie quando ela viu Fredericka investir contra o pobre animal.

Justo quando a lobisomem ia alcançar as patas de Socks, Kylie alcançou os braços da garota. Levantando-a no ar, carregou a lobisomem esperneando pela porta da frente e atirou-a para fora.

Fredericka aterrissou com um baque surdo a uns bons dois metros da varanda. Seus olhos, agora chispando com um brilho dourado, fitavam Kylie com terror. Ela se ergueu do chão e ficou de quatro, com os joelhos dobrados e o corpo oscilando para a frente e para trás, como se estivesse recuperando as forças para atacar novamente.

Kylie não vacilou.

Inspirou o ar.

Depois expirou.

E se preparou para um novo assalto.

— Sua cadela! — Fredericka rugiu e jogou a cabeça para trás.

— Machuque o meu gato e você vai ver que grande cadela eu sou!

A voz de Kylie soou como a de um animal feroz, tal como a da lobisomem. Então, de repente assustada, não com Fredericka, mas com o que faria se a garota investisse novamente, ela deu um passo para trás e bateu a porta da frente. Toda a cabana estremeceu com o impacto. E nesse exato instante uma presença fantasmagórica preencheu o espaço.

Ela tinha companhia.

Que ótimo! A cabana fedia a gambá, havia uma lobisomem espumando de raiva do lado de fora e *agora* o espírito queria lhe fazer uma visita.

Cinco minutos depois, Kylie ainda estava de costas para a geladeira, respirando pela boca para não engasgar com o fedor e tentando se acalmar e acalmar também um apavorado gato-gambá. Socks, segundos depois de Kylie ter entrado, tinha escalado sua perna, se enrodilhado nos seus braços e enterrado o focinho pontudo debaixo do seu braço. Kylie se perguntava se o focinho em sua axila não seria mais para escapar do mau cheiro do que para se esconder.

O fantasma entrou na minúscula sala de estar como se estivesse tentando pensar. Kylie observou o espírito da mulher andando em círculos antes de notar as roupas que ela vestia.

— Por que está usando uma camisola de hospital? — Kylie perguntou, mas o espírito não respondeu. E, quando os seus contornos começaram a ficar indefinidos, Kylie suspirou aliviada. Fechou os olhos e tentou se lembrar da sensação de calma que a invadira na cachoeira, aliviando a aflição que sentia diante da ameaça de que "alguém que ela amava ia morrer".

Então a porta da cabana se escancarou. Achando que podia ser Fredericka novamente, Kylie tencionou os músculos, para em seguida relaxar novamente ao ver Holiday e Miranda.

— Está tudo bem? — Holiday perguntou.

Kylie assentiu e Socks, percebendo a nova movimentação, enfiou-se ainda mais sob a axila de Kylie. Miranda e Holiday tamparam o nariz com a mão e contemplaram a cabana revirada com os olhos arregalados.

— O que aconteceu? — perguntou Holiday.

*Fredericka aconteceu*, Kylie quase respondeu, mas então engoliu as palavras. Ela nunca tinha sido fofoqueira e não era agora que ia começar a ser.

— Socks entrou em pânico. — E isso não era totalmente mentira.

Holiday, com a mão sobre o nariz, soltou um sorrisinho para Kylie.

— Eu sei que Fredericka esteve aqui. — Sua voz veio abafada por trás da palma da mão.

— Ela te contou? — perguntou Kylie.

— Não precisou — disse Miranda, metendo-se na conversa. — Nós sentimos o fedor que ela exalava quando passou na frente do escritório.

— Mas o que aconteceu? — Holiday repetiu por detrás dos dedos.

Miranda se aproximou de Kylie.

— Ela estava cuspindo fogo — interrompeu Miranda novamente, com humor na voz. — Estou falando sério. Socks borrifou esse fedor na cara dela? — A bruxa riu e torceu o nariz para o cheiro novamente, enquanto movia as mãos como se realizasse algum tipo de magia.

Quando Kylie inspirou outra vez, já não havia mais nenhum cheiro de gambá.

— Obrigada — disse a Miranda, surpresa que a amiga tivesse eliminado o cheiro sem provocar nenhum acidente.

— De nada — respondeu Miranda, com ar orgulhoso. — Eliminar odores é fichinha. A gente aprende quando está começando a usar o caldeirão.

Holiday baixou a mão.

— Miranda, posso ficar um minuto sozinha com Kylie?

Miranda revirou os olhos.

— Por que todo mundo está sempre me mandando sair? — Ela saiu pisando duro do quarto, mas lançou um sorriso para Kylie antes de fechar a porta.

Holiday olhou para Kylie.

— Agora me diga. O que aconteceu?

*Fredericka simplesmente deu uma passadinha aqui para lembrar que tentou me matar uma vez colocando o leão no meu quarto e isso não foi suficiente para ela.*

Ao ver que Kylie não respondia, Holiday estudou seu rosto com suspeita.

— Minha função aqui é mostrar a todos que podemos conviver juntos sem acidentes. — Ela suspirou. — Eu concordei que ela voltasse porque... sei que ela não tem para onde ir. Tenho receio de que entre numa gangue, mas, se ela começar a arranjar encrenca, Kylie, mostro a ela a porta de saída.

Kylie sabia que Holiday estava falando sério e apreciou muito sua lealdade. Embora a tentação de contar a verdade borbulhasse dentro dela, seu sentimento de lealdade levou a melhor. Ela sabia o quanto era importante para Holiday salvar cada um dos campistas do lado negro do mundo sobrenatural. Até mesmo Fredericka.

Kylie não sabia se a lobisomem merecia ser salva ou se era uma completa selvagem. Mas Kylie não queria ser dedo-duro. Além disso, não queria que Holiday tivesse que resolver os seus problemas. Tentou não se esquecer de como arremessara Fredericka pela porta. Talvez, quem sabe, ela fosse capaz de cuidar de si mesma.

— Nada de mais — respondeu Kylie, coçando atrás das orelhas de Socks, que ainda parecia assustado. — Socks não gosta de Fredericka e Fredericka não gosta de Socks. Ninguém saiu ferido. — *Ainda*, soou uma vozinha dentro de Kylie, mas ela ignorou. — Tenho certeza de que podemos resolver isso.

Quando Kylie olhou para cima, viu Della atrás de Holiday, na porta, pronunciando uma palavra sem emitir nenhum som: "Mentirosa".

Holiday olhou para Della e depois para Kylie novamente.

— Tem certeza?

Kylie assentiu. Ela não se sentia assim tão mentirosa.

Holiday deu um abraço em Kylie e então saiu da cabana. Miranda saiu de seu quarto e Kylie colocou Socks no chão e começou a arrumar a bagunça. Miranda e Della fizeram o mesmo.

— Vocês não precisam me ajudar — disse Kylie.

— Ah, para com isso — respondeu Miranda, enquanto continuava a levantar as cadeiras.

Della recolocou o micro-ondas no balcão, ligou-o na tomada e quando viu a luzinha se

acender, gritou:

— Funciona como novo!

Quando o cômodo estava todo arrumado, as três se sentaram na mesa da cozinha.

— Ok — começou Miranda. — Agora nos dê os detalhes e não se esqueça das partes boas. E, por partes boas, estou me referindo ao momento em que a Senhorita Lobisomem levou uma borrifada de fedor na cara. Algo me diz que essa vai ser a minha parte favorita. Ei, aposto que você está até gostando de ver Socks transformado num gambá agora, não está?

Kylie se reclinou na cadeira e contou a elas a história toda, incluindo a parte sobre Fredericka ter contado a Derek sobre as cartas de Lucas e sua meia confissão de que tinha colocado o leão no quarto de Kylie.

— Por que você não contou tudo isso a Holiday? — Miranda perguntou.

Como Kylie não respondeu imediatamente, Della se intrometeu.

— Porque ela é boazinha demais.

— Não sou, não — contestou Kylie, mordendo o lábio. — Tudo bem, talvez por isso também, mas é com Holiday que estou preocupada, não com Fredericka. Além do mais, quero resolver isso por mim mesma.

— Bem, essa parte da sua decisão eu até respeito. — Della cruzou os braços sobre o peito. — E também existe aquele ditado sobre manter os amigos por perto e os inimigos mais perto ainda.

Miranda franziu a testa.

— Fredericka é mais venenosa que uma cobra. Tem certeza que pode com ela?

— Se ela não puder, estarei por aqui para chutar o traseiro daquela lobisomem.

Kylie sentiu um nó de emoção na garganta e mal conseguiu engolir.

— Lucas está no acampamento também? — Kylie se lembrou da dor nos olhos de Derek. A emoção em sua garganta redobrou.

— Ainda não — respondeu Della. — Ouvi Fredericka dizer que ele vai chegar amanhã.

Kylie piscou, tentando conter as lágrimas. Então se lembrou dos sonhos e de quanto seria difícil encarar Lucas.

Miranda se inclinou na direção dela.

— Você acha que Derek estava falando sério quando falou em terminarem?

— Ele não terminou com ela — corrigiu Della com rispidez. — Eles nem estavam namorando.

Mas era como se estivessem, pensou Kylie, sentindo as lágrimas umedecerem seu rosto.

— Obrigada, meninas — disse, levantando-se. — Mas eu vou... Só quero...

— Ainda está chateada? — perguntou Della.

— Estou — Kylie respondeu. Seu olhar se desviou para a tela do computador, que mostrava o telefone dos seus avós. Ela estava chateada demais para telefonar agora. Faria isso no dia seguinte. Kylie foi para o quarto, fechou a porta e se atirou na cama, sobre a colcha azul e branca. Tinha acabado de fechar os olhos quando ouviu Miranda suspirando. Um suspiro que Kylie não

deveria ser capaz de ouvir através da porta fechada do quarto.

— *Você acha que ela é um lobisomem?* — perguntou Miranda.

Kylie agarrou o travesseiro e cobriu a cabeça, mas isso não impediu que a resposta de Della chegasse aos ouvidos superaguçados de Kylie.

— *Provavelmente* — Della respondeu. — *Mas não vou pensar mal dela por causa disso. Ela vai ser o lobisomem mais adorável da face da Terra.*

— *Também acho* — disse Miranda. — *Nem todos os lobisomens são ruins. Não que eu já tenha me aproximado de algum.*

Ótimo, Kylie pensou. Suas amigas pareciam ter certeza de que ela estava condenada a passar o resto da vida uivando para a lua e sofrendo oscilações de humor. Kylie tentou imaginar como seria se transformar em lobisomem. Então se lembrou de que Fredericka estaria esperando ansiosamente pela chance de cruzar com ela quando — tudo bem, se — ela se transformasse.

E então ela se lembrou de Derek dizendo que não gostaria que ela fosse um lobisomem, porque ela teria isso em comum com Lucas. Será que era por isso que ele tinha se afastado dela? Droga! Por que a vida tinha de ser tão complicada?

Kylie ficou no seu quarto por mais algumas horas. Sentindo um torvelinho emocional dentro dela, tentou pensar em qualquer coisa que a fizesse se sentir melhor. Ela cochilou, na verdade dormiu, mas acordou com a queda da temperatura no quarto. Olhou em volta, mas o espírito não se materializou. Lembrando-se da aparência do fantasma depois que Fredericka tinha ido embora, Kylie perguntou em voz alta:

— Tem algo a me dizer?

Sua pergunta vibrou em meio ao frio que ainda pairava no quarto. Kylie não esperava uma resposta, mas era dever dela perguntar, não era? Olhando para o teto, pulou da cama quando ouviu um baque no quarto. Quando se levantou da cama, viu que o telefone tinha caído da mesinha de cabeceira. Ao pegá-lo do chão, ouviu alguém na linha.

— Alô — Kylie reconheceu a voz de Sara do outro lado da linha.

— Oi! — respondeu Kylie.

— O que foi? — perguntou Sara.

Kylie se agitou debaixo das cobertas tentando espantar o frio.

— Nada. Você me ligou?

— Não. Você que me ligou — Sara respondeu.

— Ah! — Kylie olhou de relance o celular. — Meu telefone caiu da mesinha de cabeceira e deve ter discado pra você por acaso.

— Ah... — A estranheza daquilo tudo soou mais alto que a voz de Sara.

— Onde você está? — Kylie perguntou, só para preencher o desconfortável silêncio que pairava entre elas, pois achou que seria muito rude se desligasse em seguida. Afinal, Kylie não podia simplesmente dizer o que estava pensando, como *Ei, você não vai acreditar. Acabei de atirar uma lobisomem da minha cabana, porque ela estava tentando matar meu gato que agora é um gambá, e hoje à noite eu*

*mesma posso me transformar num lobisomem*. Nesse instante ela percebeu que estava culpando Sara pela distância que agora existia entre elas, acusando Sara de ter mudado. Mas, pelo amor de Deus, quem ali tinha passado por mais mudanças?

— Estou no shopping com Tina — Sara respondeu, a voz estranhamente tensa.

— Tina? — perguntou Kylie, esperando demonstrar interesse pela vida de Sara.

— Tina Dalton. Ela acabou de se mudar pra cá.

— Ela é legal? — Será que Tina era a nova melhor amiga de Sara?

Sara deu uma risadinha.

— Não muito, mas o irmão dela é um gato.

— Ah, entendi... — Kylie murmurou, achando graça. — Ainda bem que eu não tenho um irmão, senão acharia que você só andou comigo todos esses anos por causa dele.

Sara riu e Kylie também. Um pouco da sensação estranha desapareceu.

— Foi estranho você ter ligado — Sara continuou. — Eu estava justamente pensando em você. Lembra-se de quando tínhamos 13 anos e você deu aquele salto para trás e derrubou nós duas do trampolim? As nossas mães nos levaram para o pronto-socorro, porque pensaram que você tinha quebrado o braço e eu tinha feito um galo na cabeça.

— Lembro — disse Kylie. — O que fez você pensar nisso?

— Vai saber... — Sara respondeu com a mesma voz tensa.

Kylie reclinou-se sobre o travesseiro.

— Você achou o médico bonito.

— Ele era bonito. — Sara parecia normal outra vez. — E aí? Muitos caras gostosos no acampamento?

— Pode apostar... — Kylie respirou fundo e, quando expirou, viu o ar se condensando à sua frente. Estranho. Ela achou que o espírito tinha ido embora, mas ela estava se aproximando.

— E está ficando com algum deles? — Sara perguntou.

O coração de Kylie se apertou.

— Mais ou menos, mas... a gente meio que... parou de se ver. — *Ou ele parou de me ver*. Um tremor percorreu sua espinha e ela olhou em volta, à procura do fantasma. Ele ainda não tinha se materializado, mas o ar frio invadiu o quarto.

— Que mal... — comentou Sara, enquanto ao fundo Kylie ouviu alguém chamando por ela. — Só um segundo.

A linha ficou silenciosa como se Sara estivesse cobrindo o telefone com a mão. Mas Kylie ouviu Sara respirando. Se Sara tinha tirado a mão ou se era a superaudição de Kylie, ela não sabia. Ainda não entendia muito bem como aquele dom da superaudição funcionava. Ele aparecia e desaparecia. Assim como a sua força.

— Não, não vou usar meu seguro médico. — A voz de Sara soou na linha. — Estou pagando em dinheiro. Claro que a minha mãe sabe. Ei, o médico vai me atender ou não?

Kylie franziu a testa quando percebeu que Sara tinha mentido ao dizer que estava no

shopping. Por que ela mentiria? Será que as pílulas anticoncepcionais tinham acabado? Ou ela achava que estava grávida novamente? Apertando mais o celular, Kylie se lembrou do quanto elas eram diferentes. Era muito triste que não pudessem compartilhar mais nada — nem sobre lobisomens nem sobre sexo.

— Kylie — chamou Sara. — Preciso desligar.

— Tudo bem. Tchau, então — disse Kylie, colocando o fone na mesinha de cabeceira. Quando olhou para cima, o fantasma da mulher estava sentado nos pés da cama, parecendo incrivelmente triste. Kylie começou a falar, mas ele desapareceu.

— Que maravilha! — murmurou Kylie. — A comunicação com os espíritos é quase tão ruim quanto a comunicação com os ex-amigos.

Às onze e meia da noite, Kylie foi com Della e Miranda à clareira onde tinham acendido a fogueira. Seu coração estava oprimido de medo, pelo que ia ou não ia acontecer aquela noite, mas ela se recusava a demonstrar. Evidentemente, Della sabia muito bem o que ela estava sentindo, porque não parava de olhar para Kylie com um olhar de compreensão.

No momento em que as três chegaram na clareira, Kylie viu Derek com um grupo de quatro fadas. Ele olhou para ela. A lua cheia oferecia iluminação suficiente para que ela visse a leve preocupação nos olhos dele.

Não havia dúvida de que ele podia sentir o medo dela. Parando de andar, ela murmurou para que Della e Miranda seguissem em frente, pois queria falar com ele. As duas amigas continuaram em frente.

Kylie esperou que Derek viesse ao encontro dela e oferecesse seu toque reconfortante — bastava um toque para acalmar seu coração e debelar o medo. Ela precisava de um pouquinho da sua calma nesse instante, para não mencionar seu toque. Os olhos dele encontraram os dela, mas, em vez de se aproximar, ele se voltou para seu círculo de amigos. Foi só então que Kylie sentiu de verdade como seriam as coisas entre eles dali em diante.

Obviamente, serem *apenas* amigos significava que não haveria mais beijos nem toques.

O primeiro impulso de Kylie foi suplicar para que ele parasse com aquela bobagem. O segundo não incluía nenhuma súplica. A raiva expulsou um pouco do seu medo. Mesmo sabendo que Derek tinha certa razão (de fato, no início, foi a sua confusão com relação a Lucas que a impediu de aceitar seu pedido de namoro), será que ele não confiava nela o suficiente para saber que ela não o enganaria? A falta de confiança que ele demonstrava nela a deixou furiosa. Realmente furiosa.

Essa fúria podia, é claro, ser resultado da agressividade incontrolável que acompanhava a transformação em lobisomem, mas para ela dava no mesmo. E, mais uma vez, ficar furiosa parecia melhor do que sofrer e melhor até do que ficar apavorada, por isso ela se agarrou à raiva e esperou que Derek pudesse sentir isso. Até chegou a se aproximar mais dele, para lhe dar uma ampla oportunidade.

Ela descobriu que sua estratégia tinha funcionado quando ele se virou e seus olhos verdes encontraram os dela. Ela não piscou nem tentou desviar os olhos, esperando para ter certeza de que ele sentira cada centímetro da sua raiva. Uma ruga de preocupação surgiu na testa dele e ele se afastou, provavelmente querendo tirá-la do raio de alcance da sua sensibilidade. Embora tentada a segui-lo e mantê-lo emaranhado na teia da sua raiva, ela não fez isso.

*Vá embora, então*. O peito dela se apertou quando a amargura se sobrepôs à raiva. *Lembre apenas que não fui eu que desisti*.

Respirando fundo, ela olhou em volta até localizar outra alma solitária que parecia quase tão infeliz quanto ela. Perry estava sozinho, encostado numa árvore, observando Miranda conversar animadamente com um grupo de garotos — entre eles Kevin. Sabendo que a tristeza diminui quando dividida, Kylie se juntou a Perry.

— Que é? — falou Perry com cinismo, quando Kylie se aproximou. — Vai me dizer de novo o quanto ela gosta de mim?

— Não — respondeu Kylie. — Cheguei à conclusão de que qualquer coisa relacionada ao sexo oposto deve ser banida ou considerada ilegal.

Perry sondou o rosto dela com seus olhos castanhos.

— Problemas?

— É.

Ele suspirou.

— Talvez a gente deva se unir e dar uma lição*ozinha* em certas pessoas...

— Só em seus sonhos... — disse Kylie.

— Nem mesmo lá... — disse ele, franzindo a testa. — A única garota que aparece nos meus sonhos ultimamente é a que está ocupada demais flertando com todo mundo para vir falar comigo.

Kylie olhou para Perry boquiaberta.

— Não acredito. Como ele ainda podia pensar que Miranda deveria falar com ele se ele é quem tinha desistido dela? Como Derek também desistira.

Antes que ela expressasse a sua opinião, Luis, o lobisomem no comando aquela noite, solicitou a atenção de todos. A raiva de Perry e por Derek se dissipou e ela sentiu o medo envolvê-la outra vez.

Seu coração batia forte. Ela sentia os raios da lua sobre ela como se fossem raios de sol. Sua pele começou de fato a arder e ela precisou fazer um grande esforço para não parar e fitar a grande orbe no céu e gritar para que ela parasse com aquilo.

— Não é tão aterrorizante quanto você pensa — disse Perry.

Kylie encontrou o seu olhar.

— Será que todo mundo aqui sabe o que se passa dentro de mim?

— É, é isso aí. — Seus olhos, agora de um azul brilhante, a estudavam. — Não é ruim.

Eles se aproximaram do local onde seria a cerimônia e ela fitou Perry, reconhecendo a sincera

preocupação que ele sentia por ela.

— Não acho que metamorfos e lobisomens sejam parecidos.

— Não somos — ele respondeu. — Mas ambos nos transformamos e eu já conversei muito sobre isso com outras pessoas. Todas dizem a mesma coisa: "Não é grande coisa. É como uma câimbra."

Ela mordeu o interior da bochecha e se lembrou de Lucas descrevendo a transformação de modo parecido. Infelizmente, ela nunca tinha sofrido uma câimbra para saber. Milhares de perguntas começaram a pipocar na sua cabeça. Por que ela não tinha recebido mais respostas? Ela sentiu seu coração parar, recomeçar a bater e depois voar como uma borboleta presa numa armadilha.

Engolindo o medo, correu os olhos pelos arredores em busca de Fredericka.

— Será que vou descobrir o que sou? — ela perguntou a Perry. Seus pulmões pareciam oprimidos demais para deixar o ar entrar, embora não tivesse localizado a lobisomem.

— Claro que vai. — O olhar dele desviou-se para algo acima do ombro dela. Kylie temeu que ele tivesse visto Fredericka atrás dela.

— Está tudo bem? — A voz reconfortante de Holiday soou em seus ouvidos.

Kylie se virou a tempo de ver Holiday fazendo um movimento com a mão, pedindo que Perry se afastasse.

Kylie se inclinou para perto da amiga e falou como se fizesse uma confissão:

— Estou morta de medo. Não estou pronta pra isso. — Os olhos dela arderam com uma vontade renovada de chorar.

— Vai ficar tudo bem. Nem acho que... — Holiday não chegou a terminar a sentença. Em vez disso, colocou a mão no ombro de Kylie e o pânico que ela sentia quase desapareceu por completo.

— Ei, vou estar aqui com você.

Elas se aproximaram das outras pessoas e formaram um círculo, como na cerimônia dos vampiros. Luis ficou em pé no centro do círculo, segurando nas mãos um crânio. Não um crânio humano, mas um crânio que parecia de um lobo. Ele ergueu o crânio na direção da lua e o objeto pareceu atrair um raio de luar e cintilar. Ele então começou a recontar a história do primeiro lobisomem e depois a falar sobre os muitos dons da sua espécie, mas Kylie não conseguiu ouvir. Nada parecia certo. Seu olhar fitou a lua e ela podia jurar que viu um homem piscando para ela dentro do círculo prateado.

Então notou que muitos campistas estavam se afastando do círculo. Os lobisomens. Kylie olhou para Holiday com uma interrogação nos olhos.

— A maioria prefere não se transformar na frente de todo mundo — a líder do acampamento explicou.

Kylie não os culpava. Ela também não ia querer. Será que estraçalhavam as roupas? Veriam os pelos crescendo sobre a pele?

Seu único pensamento era correr dali, mas Luis parou de falar e o som que saiu da sua boca foi de puro terror. Ao fundo, Kylie pôde ouvir o que pareciam ser os gritos dos outros, enquanto se transformavam. O ar ficou preso na garganta de Kylie. Seus pés se plantaram no chão. Ela não queria ouvir aquilo, não queria ver aquilo, mas, como um acidente de carro na estrada, ela não pôde deixar de olhar.

Luis caiu de quatro no chão, suas costas se arquearam e os sons, meio uivos, meio grunhidos, continuaram. Era como algo saído de um filme de terror. Kylie observou seu corpo se contorcer de um modo que seria impossível para qualquer corpo humano. O lobisomem jogou o pescoço tão para trás que ele parecia prestes a se descolar do resto do corpo. Suas mandíbulas cresceram, suas bochechas se alongaram e onde havia a face de um jovem apareceu o focinho de um lobo. Em seguida vieram os pelos.

O coração de Kylie quase saiu pela boca. Sua pele começou a ficar arrepiada. O estômago revirou.

Ai, Deus! Algo estava acontecendo com ela.

# Capítulo Vinte e Seis

Sentindo como se tivesse um líquido efervescente nas veias, Kylie viu Luis, agora totalmente transformado em lobo, correr para a floresta. Então todo mundo se virou para olhar para ela.

Observando.

Esperando.

Ela olhou para Holiday.

— Eu preciso... ficar sozinha... — Ela se afastou para longe. Não correu, pois não queria chamar ainda mais atenção, mas andou rápido, assustada com os sons guturais que a qualquer minuto começariam a fluir da sua garganta.

Embrenhou-se no bosque antes que a vontade irreprimível de correr a dominasse. Deslocou-se a passos rápidos, contornando árvores, pulando troncos e se desviando de galhos. O quanto ela correu, não fazia ideia. Mas, sem fôlego, sem energia, finalmente desabou no chão, reduzida a um feixe de músculos trêmulos.

Ainda ofegante, começou a olhar para as mãos. Tocou o rosto para ter certeza de que não tinha começado a mudar.

Nada. Mudança nenhuma. Ela fechou os olhos e tentou deter a sensação de formigamento na pele. E foi nesse momento que ouviu.

Um rosnado alto e agourento.

Abrindo os olhos, ela viu um lobo avançando na direção dela. Quase todo branco com manchas cinza e marrom, os olhos de um dourado cintilante. Seus beiços se arreganharam e ela viu seus dentes afiados. Esse não era um lobo comum. Era um lobisomem.

Kylie tentou ficar de pé, mas os músculos das pernas tremiam tanto que se recusaram a obedecer. O lobo pareceu perceber sua fraqueza. Sua postura ficou mais agressiva. O pelo grosso das costas se arrepiou e, quando Kylie olhou nos olhos dele, ela soube. Soube com toda a certeza que era Fredericka. O rosnado da lobisomem ficou mais grave e então ela atacou.

Kylie encontrou forças para ficar de pé num salto e estava prestes a correr quando outro lobo, ainda maior, apareceu entre as árvores. Fredericka estancou. A princípio, Kylie chegou a acreditar que seria atacada por duas feras em vez de uma. Mas o segundo lobo, de pelo acinzentado e olhos de um dourado mais claro, virou-se para o outro e rosnou.

Kylie ouviu os dois rosnando, medindo forças e se preparando para se atracarem. Ouviu o som de dentes entrechocando-se e, depois, reconhecendo uma chance de escapar, disparou em meio às árvores. Correu, não tão rápido quanto antes, pois já estava exausta, mas forçou-se a seguir em frente e não parou até chegar à sua cabana.

Prostrando-se nos degraus da varanda, forçou o ar a entrar nos pulmões. Quando olhou para a floresta, viu um par de suaves olhos dourados fixos nela. A segunda golfada de ar lhe trouxe o reconhecimento. Ela não sabia bem como sabia, mas a revelação veio com tamanha clareza que ela não questionou.

*Lucas estava de volta.*

Na manhã seguinte, Kylie acordou como sempre: com a queda na temperatura do quarto. Ela grunhiu, mal-humorada, rolou na cama e olhou de relance o relógio, sem querer acreditar que já estava amanhecendo. Mas não havia como negar. Já eram 4:59 da manhã. O espírito tinha chegado pontualmente.

Não era justo, e não só porque não queria encarar Lucas ainda. Ela tinha acabado de deitar a cabeça no travesseiro! Nunca três horas tinham se passado tão rápido. Já eram 2 da manhã quando ela desabou na cama.

Na noite anterior, quando Kylie correu para dentro ao ver Lucas, Holiday estava esperando por ela para se certificar de que estava tudo bem. Della e Miranda estavam esperando com a líder do acampamento na mesa da cozinha, todas as três com um olhar sombrio. Suas duas colegas de alojamento pareciam chocadas quando Kylie finalmente chegou. Não havia dúvida de que tinham pensado seriamente que ela se transformara em lobisomem. Mas Holiday não parecia tão surpresa.

Depois de pensar a respeito, Kylie começou a levantar suspeitas. Será que Holiday sabia algo que não queria falar? Kylie amava a líder do acampamento, mas a crença que tinha naquela bobagem de que Kylie devia descobrir tudo sozinha, a ideia de que a pessoa precisava encontrar suas próprias respostas, já estava deixando Kylie com os nervos à flor da pele.

O frio invadiu o quarto, trazendo Kylie de volta ao presente.

"*Você tem que salvá-la.*"

E falando em nervos à flor da pele...

Kylie gemeu e se sentou. O fantasma estava em pé aos pés da cama. O cheiro doce de sangue invadiu as narinas de Kylie antes que ela visse o espírito vestindo a camisola de hospital ensanguentada. O fantasma encontrou os olhos de Kylie e apertou o abdômen como se estivesse passando mal.

— Se vai vomitar — disse Kylie —, se incomoda em se afastar um pouco da cama?

O som frio e indiferente da sua própria voz atingiu Kylie como um tapa.

— Desculpe — ela sussurrou. — Eu só quero... descobrir o que está acontecendo e é frustrante ver que não consigo...

O fantasma pousou a mão no pé de Kylie. Mesmo por baixo do cobertor, ela sentiu o toque gélido.

"*Você é capaz de deter isso. Por favor, detenha.*"

— Deter o quê? Já começou? — Kylie perguntou, sentindo a tensão na mandíbula. Alguém que ela amava já estava sofrendo? Sequestrada e torturada pela Confraria do Sangue ou coisa pior?

— Droga, me responda! — Kylie gritou. — Ou pelo menos me ajude a ter uma visão que eu possa entender. Não me importo se for algo horroroso, só me faça ver!

A visão do velório ainda não fazia sentido.

Os contornos do fantasma foram esmorecendo e o mesmo aconteceu com a sensação fria do seu toque. Mas então Kylie sentiu um formigamento quente nos tendões dos pés, que subiu pelo peito do pé até chegar ao calcanhar. Kylie pressionou o pé com a mão. Ela nunca tinha sentido isso com Daniel. Será que significava alguma coisa?

A frustração se avolumou dentro dela, mas o som de uma cascata encheu sua cabeça. Será que os anjos da morte estavam lhe dizendo que tudo ficaria bem?

O telefone de Kylie emitiu um bipe, anunciando a chegada de novas mensagens. Havia três: uma do investigador particular, outra de Sara e outra de sua mãe.

Com medo de que a pessoa amada já estivesse em perigo, e sem se importar com a hora, Kylie ligou para a mãe.

Mais tarde, às oito horas da manhã, Kylie depositou sua bandeja de café da manhã sobre a mesa do refeitório e se sentou ao lado de Della e Miranda, procurando não olhar em volta para não correr o risco de vê-lo. Ou vê-los. Ela não estava tão ansiosa para ver Derek agora como também não estava para ver Lucas. O esforço que ele fizera, na noite anterior, para evitá-la ainda doía. Tudo bem, ela sabia que tinha feito o mesmo com ele algumas semanas atrás, mas agora era diferente. Ela não o tinha evitado porque não queria estar com ele; pelo contrário, tinha evitado porque queria *demais* estar com ele.

Encarando seus ovos mexidos, que pareciam tão apetitosos quanto um bicho atropelado, Kylie se lembrou da conversa que tinha travado com a mãe. Francamente, ela não sabia se a mãe tinha acreditado em toda aquela história de "acordei de um pesadelo e não percebi que horas eram". Mas, quando a mãe confessou que andava tendo terríveis pesadelos também, Kylie não pôde deixar de pensar se aquilo não era resultado das lembranças que Derek apagara. Estariam os pesadelos da mãe relacionados ao que ela vira em Shadow Falls?

De repente, Kylie sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. Sem nem precisar olhar para trás, sentiu que alguém tinha os olhos fixos nela. Incapaz de resistir, olhou por cima do ombro. Ela deveria saber.

Fredericka.

Voltando a se virar para a frente, passou os olhos pelo refeitório e deu de cara com Derek. Os

olhos dele expressavam preocupação, carinho, mas não a ponto de levá-lo a se aproximar. Será que ele não sentia o quanto ela precisava dele? Ela desviou os olhos, mas só para ser enfeitiçada por um par de olhos azuis. Lindos olhos azuis que a levaram de volta à infância e à tentativa de ver elefantes em meio às nuvens.

Lucas relanceou os olhos para a porta e fez um sinal com a cabeça, como se pedisse para ela encontrá-lo lá fora.

Kylie teve que reunir toda a sua coragem para o que fez em seguida.

Ela pegou o garfo e começou a engolir a comida em grandes bocados, como se estivesse com fome demais para parar. Sim, ela preferia comer ovos mexidos frios com gosto de bicho morto do que falar com Lucas. Pura e simplesmente, não estava preparada para encará-lo ou aos seus sonhos. Ela também tinha certeza de que sair do refeitório para encontrar Lucas iria sem dúvida magoar Derek. Ela não queria fazer isso. Mesmo que ele não parecesse se importar em magoá-la.

Foi só depois da aula de artes que Kylie voltou à cabana para fazer dois telefonemas. Sentada à mesa do computador, pegou o mouse e localizou o telefone dos avós novamente. Tinha demorado para decidir para quem ligaria primeiro. Se para o investigador ou para os avós. Então tinha optado pelos avós. Embora não tivesse a mínima ideia do que ia dizer. Como contar a eles que ela era sua neta há muito perdida, mas que não era de fato neta deles, porque ela sabia que o pai tinha sido adotado?

Ah, não, aquilo não ia ser nada fácil...

Quando a tela do computador se acendeu, mostrou uma lista de acidentes de carro na área de Springville, a cidade de Della. Kylie ficou apreensiva ao perceber que Della ainda suspeitava do que poderia ter feito durante a fase de transformação.

Kylie olhou para a porta fechada do quarto de Della. Ela muitas vezes voltava à cabana e tirava um cochilo depois do almoço.

Abrindo outra tela, Kylie procurou o telefone de Kent B. Brighten, em Gladlock, Texas. Insegura quanto ao que dizer, pegou o telefone antes de perder a coragem.

O telefone tocou uma vez.

Duas.

Três vezes.

Uma secretária eletrônica atendeu.

"Olá, você ligou para Kent e Becky Brighten. Não estamos em casa agora, mas se quiser deixar..." A voz continuava.

Eles ainda estavam vivos.

O coração de Kylie estremeceu. Ela ouviu o bipe da secretária.

Hora da decisão. Deixava uma mensagem? Ou não deixava?

Apertou o botão de desligar.

Dez inspirações e, trinta segundos depois, ela ligou para o investigador. Outra secretária

eletrônica. Mas ela deixou uma mensagem, dizendo que tinha conseguido o nome e o número dos pais adotivos de Daniel.

Tentando se agarrar à possibilidade de realmente encontrar os Brightens, ela percebeu que queria conhecê-los por outros motivos que não eram simplesmente encontrar os pais biológicos de Daniel. Seria bom saber mais sobre o pai. Ela fechou a janela e outra apareceu na tela do computador. Era uma janela dupla de dois artigos de jornal sobre dois acidentes de carro diferentes, ambos com vítimas.

Kylie começou a ler. Um era sobre um homem de quase 50 anos e o outro era... o coração de Kylie gelou. Uma mulher e sua filhinha de 6 meses de idade.

Como Della podia achar que seria capaz de fazer algo como aquilo?

Kylie ouviu uma batida na porta da cabana e o pânico invadiu seu peito. Seria Lucas? Ou Fredericka outra vez? Ela percorreu o quarto com os olhos, esperando que Socks estivesse escondido. A batida soou mais alta.

— Kylie? — A voz grave de Burnett trovejou do outro lado da porta.

— Pode entrar — disse ela em voz baixa, sabendo que ele podia ouvi-la.

Ele abriu a porta e foi até a mesa da cozinha. No mesmo instante ela começou a ficar preocupada com a razão de ele estar ali. Claro que não tinha voltado para arrancar dela mais informações sobre Holiday. Se fosse esse o caso, ele sairia dali desapontado.

Ele apontou para uma cadeira.

— Se importa se eu me sentar?

— Não. — Então, incapaz de se controlar, ela deixou escapar. — Se é sobre Holiday, eu...

Ele ergueu a mão.

— Não é sobre Holiday. — Ele franziu a testa. — Embora eu tenha que admitir que ainda não consigo saber o que ela tem na cabeça.

— Talvez se Selynn não estivesse por perto, ela... — Kylie tampou a boca, percebendo que estava sendo indiscreta outra vez.

— Selynn está aqui por ordem da UPF, por isso não posso mandá-la embora. Mas depois de hoje com certeza está de partida.

Embora Kylie não tivesse visto a lobisomem desde o episódio às margens do riacho, tinha ouvido falar que ela ainda estava em Shadow Falls. Alguém lhe contara que ela estava ali por causa do incidente com o vampiro. Mas, se estava indo embora, será que isso significava que ele tinha sido pego...?

— Aconteceu alguma coisa? Vocês o pegaram? — Ela se lembrou das duas garotas mortas e a visão enviou agulhadas de dor ao seu coração.

Burnett se recostou na cadeira.

— Foi isso que vim contar a você. Acabei de saber que a Confraria do Sangue está com o sujeito. Eles vão... cuidar da situação.

— O que quer dizer com... cuidar da situação? — ela perguntou.

— Exatamente isso. Vão cuidar de tudo.

— Vai haver um julgamento... ou coisa assim? — Será que Kylie teria que testemunhar?

Burnett olhou bem para ela, como se se lembrasse da sua promessa de que o vampiro não sairia impune.

— Não vai ser bem um julgamento. A Confraria do Sangue basicamente decide o destino dele, mas... me garantiram que não veem com bons olhos a matança de normais.

Ela nem queria pensar no destino que dariam a ele. Esse pensamento diminuiu um pouco o alívio que sentiu ao pensar que nunca mais teria que se deparar com o vampiro novamente. Mas como ela podia se sentir aliviada? Será que o incidente estava ligado ao aviso do fantasma? Será que alguém que ela amava ainda estava em perigo?

Ela olhou para as próprias mãos, tentando digerir a informação e formular suas perguntas. Quando olhou para Burnett, os olhos dele estavam presos na tela do computador.

— O que é isso? — perguntou num tom sombrio.

Sem querer que ele suspeitasse que Della tinha cometido aquele crime horrível, ela agarrou o mouse e apertou o botão de fechar.

— Nada.

Era tarde para lembrar que ele sabia quando ela estava mentindo. E, mesmo que não soubesse, sua tentativa desajeitada de esconder a tela tinha revelado a verdade.

Os olhos dele se fixaram nos dela.

— Kylie, não faça isso.

— Não fazer o quê? — ela perguntou, insegura sobre o que ele pensava que ela estava fazendo.

— Não me diga que você está investigando acidentes de carro do Código Vermelho.

Código Vermelho. Kylie se lembrou de que esse era o nome que a UPF dava aos acidentes de carro forjados para mascarar a morte causada por um sobrenatural. Ela olhou de volta para a tela em branco.

— Então... um daqueles acidentes é um caso de Código Vermelho? — Talvez para encobrir mortes provocadas por um vampiro? Assim como Della temia que tivesse acontecido quando ela se transformou?

Burnett virou a cabeça e estudou o semblante dela, sondando suas emoções.

— Se não é você quem está investigando esses acidentes, então quem é?

*Ah, merda*, Kylie pensou. *O que vou dizer? O que vou dizer? Não posso mentir, ou ele vai descobrir.*

— Della? — ele perguntou.

— Não — ela mentiu novamente, sem pensar.

Ele fechou os olhos.

— Por favor — pediu Kylie, sem nem mesmo saber o que estava pedindo.

Os olhos escuros dele se abriram e ele olhou para ela.

— Ela não pode ter feito isso — disse Kylie. — É uma boa pessoa.

Burnett relanceou os olhos para o quarto de Della. Colocou a mão sobre o ombro de Kylie, apertando levemente, e depois saiu da cabana sem dizer uma palavra.

Dois segundos depois, Della saiu do quarto. Kylie viu lágrimas de culpa nos olhos dela.

— Está tudo bem — ela disse, embora parecesse assustada. — Eu ia contar pra ele de qualquer jeito. — Então ela abriu a porta da cabana, como se fosse atrás de Burnett.

— Você não pode ter feito isso — disse Kylie.

Della olhou por cima do ombro. Lágrimas brilhavam em seus olhos.

— Espero que esteja certa.

Kylie ficou sentada ali durante uns trinta minutos, entorpecida pela culpa. Se não estivesse lendo a tela quando Burnett entrou, isso não teria acontecido. Então resolveu que não podia ficar simplesmente sentada ali. Tinha que fazer alguma coisa. Disparou para fora da cabana e saiu a toda para o escritório, onde esperava que Burnett estivesse com Della.

Como todo mundo estava na aula ou em alguma reunião, a trilha estava vazia. Não tinha andado muito quando teve a sensação de ser observada, mas seu coração e sua mente estavam concentrados demais em Della para se importar.

Kylie chegou ao final da trilha e viu o carro de Burnett saindo do estacionamento, com Della dentro dele.

— Não! — ela gritou.

— Está tudo bem — Holiday tranquilizou-a, atrás dela.

Kylie olhou para trás e, ao ver a mesma preocupação crispando o rosto de Holiday, soube que a amiga também estava a par do que tinha acontecido.

— É culpa minha. — A culpa enchia seus pulmões, tornando mais difícil respirar.

Holiday conduziu-a até o escritório, onde deu um abraço em Kylie.

— Está tudo bem — ela repetiu, enviando um fluxo de calma para ela.

— Onde ele a está levando? — Kylie sentia o bolo de emoção na garganta.

— Para o escritório da UPF, fazer alguns testes. DNA e marcas de mordida.

— Então um dos acidentes de carro era um Código Vermelho? — Kylie perguntou.

— Os dois — Holiday admitiu.

O coração de Kylie ficou apertado.

— Está tudo bem? — Uma voz masculina soou na porta de entrada.

Lucas estava apoiado no batente. Os olhos cheios de preocupação.

— Está — disse Holiday, acenando para que ele saísse.

Ele não se mexeu.

— Você está bem? — ele perguntou a Kylie, como se precisasse ouvir isso dela.

Ela ainda não tinha falado com Lucas desde que ele voltara e, por alguma razão, a sua voz se recusava a sair. Tudo o que ela conseguiu foi assentir com a cabeça. Ele saiu da cabana com um olhar de autêntica preocupação.

Holiday levou Kylie até o sofá e elas se sentaram.

— Você vai ver, tudo vai acabar bem. — Ela pousou a mão nas costas de Kylie e uma onda de conforto percorreu todo o seu corpo.

Mas a imagem de Della com os olhos cheios de medo não saía da cabeça de Kylie. Não era típico da amiga vampira sentir medo. Ela era forte e ousada, e amorosa demais para ferir alguém.

— Ela não fez aquilo — disse Kylie. — É uma estupidez fazê-la se submeter àqueles testes.

— Della quis fazê-los. Ela precisa saber.

— Mas ela não seria capaz — repetiu Kylie, percebendo que Holiday não concordara com ela.

— Isso é o que esperamos, Kylie. Mas, se fez, existem circunstâncias atenuantes. Ela estava passando por uma transformação. A UPF vai levar isso em consideração, tenho certeza.

Kylie estremeceu por dentro ao ouvir as palavras de Holiday. Não sabia o que a aborrecia mais — que Holiday pudesse acreditar que Della tinha feito aquilo ou que vampiros recém-criados pudessem matar humanos inocentes e não serem responsabilizados.

Holiday ligou para Kylie três horas depois e disse que Della estava voltando. Deu permissão para Kylie e Miranda tirarem uma tarde de folga e esperarem por ela. E foi justamente o que elas fizeram. Sentaram-se à mesa da cozinha para esperar. Enquanto isso, Kylie girava uma lata de Diet Coke nas mãos. Miranda nem sequer se movia.

— Ela não fez aquilo — Kylie continuava dizendo. — Como podem pensar que fez?

Miranda gemeu como se estivesse cansada de ouvir Kylie repetindo a mesma ladainha.

— Este não é o mesmo mundo onde você costumava viver. Coisas ruins acontecem. Coisas muito ruins. Adolescentes morrem. Gatos viram gambás. Lobisomens entram na sua cabana e tentam matar você. E, quando um vampiro se transforma pela primeira vez, ele pode... fazer coisas que normalmente não faria.

— Você acha que ela fez aquilo!? — acusou-a Kylie.

— Não sei — defendeu-se Miranda. — Mas, se fez, não foi culpa dela e não vou deixar de amá-la por isso. E, droga!, você também não deveria. Ela acha que você pode fazer até milagres. Se virar as costas pra ela, isso vai matá-la.

Lágrimas surgiram nos olhos Kylie à mera sugestão de que Della poderia ter feito algo tão terrível. Mas no fundo ela sabia que, mesmo sendo verdade, não viraria as costas para a amiga.

Dez minutos depois, Della, com os olhos vermelhos, entrou na cabana e desabou numa cadeira.

— As mordidas não eram minhas. Nenhuma das digitais, nada.

Um sorriso apareceu nos lábios de Kylie e seu coração ficou mais leve.

— Eu disse a você.

Lágrimas correram pelos olhos escuros de Della e rolaram pelas bochechas pálidas.

— Acham que são de Chan.

Miranda olhou de Della para Kylie.

— Quem é Chan?

— Meu primo — respondeu Della, sem se importar mais em manter segredo. — Ele me ajudou durante a transformação. Não precisava, mas ajudou.

— Oh... — exclamou Miranda.

— Agora eles querem que eu descubra se foi mesmo ele — Della continuou. — Que eu me aproxime dele furtivamente e consiga uma prova de que é culpado — disse, soluçando. — Mas ele me ajudou quando não havia mais ninguém ao meu lado e agora eu tenho que...

— Diga simplesmente que não vai fazer isso — disse Kylie.

— Ninguém pode dizer não à UPF. Della deu um longo suspiro. — Além disso... eles me mostraram fotos. — Os olhos de Della se encheram de tristeza. — Havia um bebê. Foi horrível. Se ele fez aquilo, tem de ser detido antes que faça novamente. Não sei se conseguiria viver em paz se eu deixasse isso acontecer.

Naquela noite, Kylie teve que participar de uma convocação porque alguém tinha tentado burlar o alarme de segurança novamente. De acordo com Burnett, o alarme tinha sido desligado — o que ele não sabia era se o responsável era alguém de fora ou de dentro do acampamento, mas ele estava determinado a descobrir.

Kylie não pôde deixar de imaginar se a sensação de ser observada tinha ligação com o fato de o alarme ter sido desligado, pois, agora que o alarme estava sob vigilância, ela não sentia nada, exceto segurança.

Depois da reunião, foi direto para a cabana e, quando subia o primeiro degrau da varanda, um barulho a sobressaltou. Adeus sensação de segurança. Seu coração disparou e ela se virou. Achou que veria Fredericka.

— Quanto tempo você acha que vai conseguir evitar falar comigo? — perguntou Lucas, entrando na varanda.

Kylie se aproximou mais um pouco da luminária sobre a porta da frente, onde os insetos zumbiam, e consultou o relógio.

— Obviamente por apenas doze horas — ela disse, notando que eram nove horas em ponto. Mais cedo, no escritório, ela estava preocupada demais com Della para pensar em Lucas e nos seus sonhos. Mas não agora. Ela se afastou da luz, esperando que ele não visse o embaraço corar suas bochechas.

— Então você admite que tem me evitado? — O humor era evidente em sua voz grave.

Um tipo de humor que Kylie não apreciava. Ela encontrou os olhos dele antes de desviá-los.

— Eu negaria, mas você não ia acreditar em mim. — *Além disso, evitar coisas que me deixam pouco à vontade é uma especialidade minha...*

Instantaneamente, ela se lembrou de ter confessado a Holiday que o confronto com o pai tinha feito com que se sentisse melhor. Seria muito esperar que o confronto com Lucas surtisse o mesmo efeito?

Ela deu uma olhadinha na porta da cabana e se deu conta de que não podia mais evitar aquele encontro. Olhou para Lucas e foi direto ao ponto.

— Se não vai negar, então, espero que me explique a razão de estar agindo assim.

Ela olhou para ele novamente e, embora quisesse acreditar que ele nada sabia sobre os sonhos, ela não se atrevia a tanto. Obviamente, ela era muito mais hábil evitando do que negando.

— Tenho minhas razões...

— Qual é a razão? — Ele chegou mais perto e seu cheiro, amadeirado e intenso, invadiu suas narinas.

— É mais de uma.

— Tudo bem. — Ele pegou na ponta de uma mecha loura dela e esfregou-a entre os dedos. — Me diga que razões são essas.

Ela tirou o cabelo da mão dele e deu um passo para trás.

— Dizer a você? E lhe negar a chance de descobrir por si mesmo? — Ela pretendia ser sarcástica, mas pelo visto não conseguiu atingir seu objetivo, porque ele riu.

Ela fez cara feia. E o humor desapareceu do rosto dele.

— Tudo bem, meu primeiro "chute" é que você está começando a perceber que tem alguns dons. Sonhos lúcidos, por exemplo?

Ela enrubesceu, mas não desviou os olhos desta vez.

— Agora que eu entendi o que é isso, não vou ter mais problemas. — Ela rezava para estar certa. Holiday tinha dito que conseguiria ter mais controle sobre os sonhos, não tinha? Com certeza conseguiria bloquear seu dom. Deus do céu, esperava que isso fosse verdade!

Ele estudou o rosto dela.

— Que coisa feia... — O tom de voz dele insinuava um flerte novamente.

Ela relanceou os olhos para a porta novamente. Já tinha dito o que precisava, não tinha?

Quando ela estendeu a mão para pegar na fechadura, ele pegou o braço dela. Seu toque não era rude, pelo contrário. Era terno, dando tempo a ela para pensar. Ela tinha tido um dia infernal e ainda se lembrava de como ele parecia genuinamente preocupado no escritório.

— Me dê mais uns minutinhos, por favor — ele pediu.

Ela continuou a olhar para a porta, consciente de que ele ainda não tinha largado o braço dela. Consciente de que seu toque fazia todo o seu braço formigar de um jeito agradável.

— Então, quais são as outras razões? — ele perguntou. Vendo que ela não respondia, ele continuou: — Por que está com tanta raiva de mim, Kylie? E não adianta negar. Posso não ser capaz de sentir emoções, como... algumas pessoas..., mas vejo nos seus olhos.

Kylie sabia a quem ele se referia ao dizer "algumas pessoas". Devia ter ouvido sobre ela e Derek. Melhor assim, ela pensou. Mas, fosse qual fosse a história que tinha ouvido, Derek já tinha se incumbido de terminá-la.

Ele apertou um pouco mais o braço dela.

— Me diga por que está tão chateada pra que a gente possa superar isso.

Uma palavra estava na ponta da sua língua. Fredericka. Mas admitir que ela estava chateada por causa de Fredericka significava que ela tinha algum sentimento por ele. Ela não queria admitir isso a Lucas. Não gostava de admitir nem para ela mesma. E nem era realmente verdade. Ela só estava confusa.

— Estou cansada... — Ela se arriscou a olhar para ele.

Seus olhos azuis estavam mais brilhantes sob a iluminação amarelada da varanda. A mão dele ainda estava em volta do pulso dela e seu polegar começou a acariciar sua pele.

— Recebeu minhas cartas, não recebeu?

— Recebi.

— Se são os sonhos que estão te incomodando, saiba que eu não...

— Eu sei. Fui eu, não você. — Ela tirou o braço da mão dele.

Ele arqueou uma sobrancelha, como se a contemplasse.

— Não foi só você — ele disse, como se custasse muito confessar aquilo. — Pelo menos não o primeiro sonho. Quero dizer...

Quando ele hesitou, a mente dela assumiu o comando.

— Então era você? Você entrou no meu sonho?

— Não, não tenho essa capacidade. Mas, quando você entrou no meu, da primeira vez, eu já estava sonhando com você. — Ele deu de ombros, como se para tirar um pouco da culpa dos ombros. — De início, não percebi que você estava realmente ali. Não até o sonho ficar mais vívido e real. E eu não disse nada depois, porque sabia que você não ia entender. Sabia que ia ficar aborrecida. Eu provavelmente devia ter parado com aquilo, mas... era só um sonho. Ah, droga, eu não queria parar.

Embora ela tivesse que admitir que ele fora sincero, ela ainda estava aborrecida. Ele devia ter parado. Ou pelo menos contado a ela, para que ela não voltasse pela segunda vez. Mas ela não sabia como reagiria se ele tivesse contado. Tanta coisa tinha acontecido aquela semana... Agora ela aceitava coisas que na época não teria aceitado.

— Mas o segundo sonho foi mais você... — As sobrancelhas dele se arquearam, como se o pensamento o agradasse.

Pega de guarda baixa pelo azul cintilante dos olhos dele, ela disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Aposto que tia Stella sonhava com Tom Selleck também.

# Capítulo Vinte e Sete

A confusão era evidente no rosto dele.

— Quem? Tom Selleck?

O constrangimento tomou conta dela. Ela tinha realmente dito aquilo?

— O que eu estou dizendo é que eu não acho que isso vai acontecer de novo. Então, vamos esquecer, ok?

— Por que não vai acontecer de novo? — O olhar dele ficou mais profundo, e ele baixou um pouco o rosto, chegando um centímetro mais perto. — É óbvio que você sente por mim o mesmo que...

— Você sente por Fredericka? — Ela gostaria de poder capturar a frase no ar antes que ela chegasse aos ouvidos dele.

Lucas arqueou as sobrancelhas e se apoiou nos calcanhares.

— Então é por isso que está com raiva.

Ela não negou. Não porque não quisesse, mas porque não achava que conseguiria.

— Olha, Fredericka e eu...

— Não importa.

— Importa pra mim. Nunca nem mesmo toquei nela enquanto estávamos fora. Nem uma vez.

— Não importa, porque... o que vocês dois são, o que vocês dois fazem só diz respeito a vocês. Porque eu e você... somos só amigos.

— Poderíamos ser mais — ele contestou. — Eu já sinto que somos mais.

— Não. — Ela olhou bem dentro dos olhos dele, esperando que ele entendesse que ela estava falando sério.

Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela e com o polegar, acariciou seu rosto.

— A última vez em que eu estive nesta varanda, você me convidou pra entrar e eu achei que o convite incluía mais do que... sermos amigos.

Ela se lembrou de ficar ali, quase implorando para ele entrar, querendo... muito mais do que a companhia dele. Mas isso foi naquele dia, antes que ela começasse a gostar de Derek.

Ela pegou a mão de Lucas e tirou-a do seu rosto.

— Mas você disse não. E estava certo.

— Você acredita mesmo nisso? — Ele enlaçou os dedos dela com ternura.

*Sim, ela acreditava, porque ele tinha fugido com Fredericka.*

— Ela me seguiu, Kylie. Não pedi para que viesse comigo. Eu a teria mandado pra casa, mas acabei precisando dela.

Kylie tentou puxar a mão, mas ele a apertou mais forte.

— Não quis dizer precisar dela no sentido... nesse sentido. Precisei ajudar alguém. — Ele fez uma pausa. — Não contei pra você nas cartas porque, se Holiday soubesse, teria tido um ataque. Eu tenho uma meia-irmã. Ela ia entrar para uma gangue. Eu tinha que tirá-la de lá, Kylie. Ela não merecia aquilo... Eu devia ter ficado ao lado dela antes. Ela me ligou e pediu ajuda uns meses atrás, mas eu não fui, porque teria que encarar meu pai. Foi minha culpa o que aconteceu com ela e eu tinha que ajudar. Então Fredericka me ajudou.

Kylie assentiu com a cabeça.

— Ela te ajudou. Tentou me matar.

Ele balançou a cabeça.

— Ela não ia matar você na noite passada.

Era *ele* quem estava lá. Ela sabia, mas ouvir ele dizendo fez com que ficasse mais real.

— Só queria te assustar — ele continuou. — Ela não gosta de você, porque sabe o que sinto por você.

— Você teve que brigar com ela para que parasse de me atacar.

— Isso não significa nada. É desse jeito que resolvemos as coisas quando estamos transformados. Não ficamos parados no lugar usando psicologia quando estamos no nosso estado natural.

— Mas a noite passada não foi a primeira vez que ela tentou me matar. Ela colocou um leão no meu quarto antes de você partir.

A expressão dele ficou mais sombria.

— Ela fez isso?

— Colocou um leão no meu quarto. Um leão da reserva florestal. Se não fosse Derek, eu podia ter morrido.

A descrença era patente em sua expressão.

— Ela não deve ter feito isso.

Kylie arrancou a mão da dele. Não podia acreditar que ele estava defendendo Fredericka. Mas por que era tão difícil de acreditar? Ele tinha admitido que fizera sexo com ela. E depois fugira com a garota.

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Ela não é assim, Kylie. Sei que é um pouco impulsiva, mas... você não a conhece como eu.

— Tem razão. Não a conheço como você. E, como vocês têm tanto em comum, por que não vai procurá-la agora mesmo... e não fica com ela? É lá o seu lugar.

— Não é ela que eu quero. — As palavras dele foram sucintas. — É você. É você desde...

desde o minuto em que a vi pela primeira vez.

Kylie fechou os olhos e balançou a cabeça. Estava tudo acontecendo rápido demais. Ela tinha finalmente se acostumado a vê-lo longe do acampamento e agora estava ali sacudindo sua vida outra vez.

— Me diga que não sente isso também — ele sussurrou. — Me diga que não sente a ligação que temos desde a primeira vez em que nos vimos.

Ela sentia, mas isso tinha sido cinco anos atrás. Ela o olhou nos olhos novamente.

— Eu não sei o que você está pensando, Lucas. Está me dizendo que não há nada entre você e Fredericka, mas ela obviamente pensa diferente. Talvez você deva resolver as coisas com ela antes de começar qualquer coisa comigo. — O coração dela se apertou quando percebeu que era basicamente a mesma coisa que Derek havia dito a ela.

— Você fala como se eu já não tivesse tentado.

Ela deu de ombros.

— Minha vida está realmente complicada atualmente. Se você estivesse por aqui nas últimas semanas, saberia. Por hora, podemos ser amigos. É isso aí.

Kylie ouviu vozes na trilha. Quando olhou, viu Derek e alguns amigos passando em frente à cabana. Ele nem se virou para olhar para ela. Ela suspeitava de que era porque já tinha visto. Visto ela e Lucas juntos e pensado o pior.

A culpa se abateu sobre ela, mas ela reprimiu o sentimento, esperando que Derek não estivesse perto o suficiente para senti-lo. Ela não tinha feito nada errado. Com a respiração presa na garganta, observou o grupo sair do seu campo de visão.

Quando olhou para Lucas novamente, ele a observava.

— Ele é o motivo? Vocês dois estão juntos mesmo?

— Isso não importa. Você e eu somos só amigos, Lucas. Só amigos.

Ela se virou e abriu a porta. Um pouco antes de batê-la na cara dele, ela o ouviu dizer:

— Não se eu conseguir fazer você mudar de ideia, Kylie Galen.

Na manhã seguinte, Della tinha um ritual de manhã bem cedo e não iria tomar café da manhã. Miranda anunciou que também não iria aparecer. Kylie pressentiu que a bruxa estava ocupada com alguma coisa. Provavelmente tentando reverter o feitiço que colocara em Socks. Kylie teria perguntado, mas ela tinha lutado contra o sono a maior parte da noite, com medo de invadir os sonhos de Lucas, e não tinha a mínima disposição para uma longa conversa sobre possíveis contrafeitiços.

Ao entrar no refeitório sozinha, Kylie sentiu os olhos de todos sobre ela e soube que estavam arqueando as sobrancelhas como loucos para checar seu padrão cerebral. Depois de abastecer sua bandeja com um bolinho e uma fruta, hesitou nos fundos do salão, à procura de uma mesa. Hoje todos tinham optado por se sentar com sua própria espécie. Como Kylie não tinha sua própria espécie, ou pelo menos não sabia a que espécie pertencia, marchou para uma mesa vazia.

Não sabia muito bem por que era tão difícil se sentar sozinha. Ela devia ter mais autoestima, em vez de deixar que algo tão tolo a fizesse se sentir desconfortável. Mas o fato de saber que se tratava de algo tolo não mudava nada. Ela olhou para o bolinho e tentou não parecer tão digna de pena quanto se sentia.

Ao ouvir um riso familiar, Kylie olhou para cima e viu que a risada vinha da mesa das fadas. Todos ali pareciam satisfeitos com a companhia calorosa do seu círculo de amigos. Todos menos Derek. Ela via nos olhos dele que estava sofrendo, mas o que ela podia fazer? Ela não tinha feito nada. Ele tinha. E ela tinha certeza de que, se ela tentasse se aproximar, ele ia se afastar. Aquilo a feria lá no fundo.

Pegando seu bolinho, ela deu uma mordida. Era o seu preferido, de framboesa e *cream cheese*, mas ela mal sentia o gosto. Engoliu mais um bocado insosso e sentiu como se todo mundo na sala estivesse olhando para ela. Pelo que ela podia ouvir, seu novo padrão mental mutante ainda não tinha deixado de ser o tema da conversa.

De repente, uma bandeja surgiu ao lado dela. Pensando que era Della voltando mais cedo do ritual, Kylie sussurrou um "obrigada" e se virou com um sorriso.

Mas não era Della.

Lucas sorriu.

— Obrigada pelo quê?

— Nada — ela disse e quase pediu para que ele saísse. Mas, que droga, ela não tinha dito que eles eram amigos? E, como amigos, não havia razão para ele não se sentar ao lado dela. Bem, exceto por uma certa loba que gostaria de matá-la por causa disso.

Os olhos azuis brilharam com bom humor.

— Você está suja de geleia. — Ele passou o dedo pelo lábio dela. Depois levou o dedo à boca e lambeu-o.

— É para isso que servem os guardanapos — ela disse, pegando um e limpando a boca.

Ele deu uma risadinha.

Percebendo que Derek podia estar vendo a cena, Kylie olhou de relance para a mesa dele. Ele tinha ido embora. O que significava que tinha visto os dois juntos e saído. Mas que droga! Ela deixou que a culpa a consumisse por alguns segundos e depois se rendeu à raiva. Ela não estaria nessa situação se ele tivesse se aproximado dela e lhe feito companhia à mesa. Não mesmo.

Dando um profundo suspiro, ela pegou seu copo de leite e tomou um longo gole. Depois olhou para Lucas, que a observava.

— Você é linda demais.

Ela revirou os olhos e colocou o copo sobre a mesa.

— Só amigos — ela insistiu.

— Tudo bem, mas mesmo assim é linda. — Seu sorriso ficou mais largo. — Mesmo com um bigode de leite. — Ele passou o guardanapo a ela e continuou rindo. Então sua expressão ficou séria. — Burnett me disse o que aconteceu com Della. Vai ficar tudo bem com ela?

— Acho que sim. — Ela não deu detalhes nem mencionou Chan. Não sabia o quanto Burnett tinha contado ou quanto Della podia falar sobre os acidentes do Código Vermelho.

— Ouvi falar sobre o que aconteceu na cidade e com a sua mãe — ele acrescentou. — Parece que você passou por maus bocados enquanto eu estava fora.

— É, maus bocados.

Ela pegou o bolinho e deu uma mordida sem sentir gosto nenhum, é claro.

— Também ouvi... — os olhos dele brilhavam de bom humor — o que o seu gambá fez com Fredericka. Tenho certeza de que ela mereceu.

— Pode apostar. — Será que era assim que ele pretendia demonstrar sua lealdade a Kylie e não a Fredericka? Não que ele tivesse que escolher entre as duas. Kylie e Lucas eram só amigos. E, se ela apenas conseguisse esquecer como era bom beijá-lo, achava que eles realmente podiam ser só amigos. — As suas últimas semanas parecem ter sido agitadas também. Ficou tudo bem com a sua irmã?

Ele assentiu.

— Acho que sim. Deixei-a com alguns amigos. Vou falar com Holiday sobre matriculá-la aqui na escola. Você vai se matricular, não vai?

Kylie beliscou um pedaço do bolinho.

— Espero que sim. Minha mãe ainda está pensando a respeito.

Só de pensar que a mãe podia dizer não, ela sentia o estômago se contrair. Ela pertencia a este lugar, como os outros ali. Seu olhar passou pelas outras mesas, que pareciam cheias de famílias de sobrenaturais. Tinha esperança de que logo descobriria a que mesa pertencia.

*Esse não é o mesmo mundo onde você costumava viver*. Kylie ouviu em sua cabeça as palavras de Miranda. Não, ela não vivia no mesmo mundo. Este era sombrio e às vezes muito perigoso, mas era seu mundo agora.

# Capítulo Vinte e Oito

— Como faço isso parar? — Kylie, exausta com a falta de sono, fez a pergunta enquanto desabava na cadeira em frente à escrivaninha de Holiday, no início do seu encontro das duas horas. — Eu não quero passar por toda essa droga de entrar no sonho dele outra vez.

Holiday se sentou e apertou os lábios.

— Seu dom é muito especial para se referir a ele assim. E você não pode fazê-lo parar, mas pode controlá-lo com um pouco de prática.

— Tudo bem, então como eu controlo essa droga?

Holiday riu.

— Você se viu entrando no mundo dos sonhos novamente?

— Você quer dizer, como se eu estivesse voando?

— É, como se estivesse voando.

— Sim, mas às vezes eu só acordo quando já estou no sonho.

— Tá legal, você tem que fazer o seguinte. Antes de ir pra cama... — Holiday descreveu uma série de técnicas que a levariam a acordar do sonho. Não era garantia que Kylie conseguiria controlar o sonho, mas Holiday achava que era o primeiro passo.

Elas tinham mudado de assunto e começado a falar do fantasma quando o celular de Holiday tocou. Ela o pegou da escrivaninha e olhou o visor para ver quem estava ligando. Seus olhos se iluminaram.

— Eu... preciso atender essa ligação. Pode me dar uns minutos?

Kylie se levantou para sair, mas Holiday saltou da cadeira antes e começou a se dirigir para a porta.

— Olá, senhor Eastman.

Holiday fechou a porta atrás dela com um clique e Kylie se recostou na cadeira e fechou os olhos.

— *Sim, estou muito empolgada que esteja considerando minha oferta.* — As palavras de Holiday chegaram aos ouvidos de Kylie.

Ela abriu os olhos novamente. Ah, não, não era hora de recuperar a superaudição...

— *Não sabe como Shadow Falls precisa de alguém como o senhor na diretoria.*

Kylie tampou os ouvidos com as mãos, sem querer ouvir a conversa.

— *Sim, cem mil devem cobrir os gastos.*

Kylie franziu a testa quando a voz continuou vazando pelas suas palmas. Então percebeu o que aquilo significava. Holiday tinha encontrado outro investidor para Shadow Falls, o que significava que Burnett seria afastado.

Kylie sentiu seu peito se encher de um mau pressentimento, como se algo estivesse errado. Mas o que ela poderia fazer?

Depois de alguns minutos, ouviu Holiday dizer ao senhor Eastman que ela logo entraria em contato e mandaria os papéis para ele assinar. Ela ouviu a amiga desligar e refletiu se deveria dizer a ela que tinha ouvido sua conversa ao telefone.

Vários minutos se passaram e Kylie chegou à conclusão de que não precisava dizer nada. Ao ver que Holiday não voltava para a cabana, ela foi ao encontro dela.

Holiday estava no outro cômodo, olhando pela janela para a quadra de basquete. Quando Kylie se juntou a ela, notou que Burnett estava jogando com um grupo de garotos. O olhar de Kylie se demorou em Derek, mas ela suspeitou que não era Derek que intrigava Holiday. Não havia dúvida de que a líder do acampamento estava refletindo sobre sua decisão. Com sorte ela pensaria melhor em aceitar a oferta de Burnett.

Justo nesse momento, Derek se virou. Seu olhar encontrou a janela e ela soube que ele a havia sentido. Ele não sorriu nem acenou. Voltou as costas novamente e continuou a jogar, ignorando-a. Foi nesse momento que ela decidiu. Já bastava daquilo. Ela e Derek precisavam conversar.

Na manhã seguinte, Kylie acordou se sentindo revigorada. Quando o ar frio invadiu o quarto, ela já tinha dormido cinco horas inteiras. As dicas de Holiday sobre como acordar antes do sonho tinham começado a funcionar. Ela tinha acordado duas vezes com a sensação de estar flutuando. Uma vez, tinha chegado a ver Lucas, mas foi capaz de retroceder antes que ele a notasse. Ela teve certeza de que ele nem tinha percebido que ela estivera lá. Ou pelo menos era isso o que ela esperava.

Puxando as cobertas até o queixo, ela olhou em volta. Nenhum fantasma apareceu, mas o frio continuou dando a Kylie a certeza de que o fantasma estava presente. Quando o telefone caiu da mesinha de cabeceira — de novo —, ela se lembrou de que tinha acontecido a mesma coisa no outro dia.

— É você que está fazendo isso? — ela perguntou ao espírito. — Quer me dizer alguma coisa?

Nenhuma resposta. Pegando o telefone, para saber se havia alguém na linha desta vez, ficou aliviada ao constatar que não havia ninguém. Então, ao ver a luz das mensagens piscando, ela se lembrou de que não tinha deletado as mensagens antigas.

Kylie tinha falado com o investigador e transmitido a ele as novas informações sobre os avós. Ele disse que ia tentar se comunicar com eles. Mas quem disse que isso a impediria de telefonar

também? Ela tinha feito várias tentativas na tarde do dia anterior, mas só a secretária eletrônica atendia.

Kylie decidiu apagar as mensagens antigas quando viu que havia uma nova de Sara. Lembrando-se do misto de emoções que sentira da última vez em que se falaram, ela colocou o telefone na mesinha e deu a si mesma a permissão para só ouvir a mensagem mais tarde. Além disso, precisava ter uma conversinha com Derek para fazê-lo cair em si. Ela esperava que seu plano funcionasse.

Kylie esperou do lado de fora do refeitório antes do café da manhã, para ver se localizava Chris. Ela rezava para que ele não aparecesse com Derek.

Quando localizou Chris andando na direção do refeitório com Jonathon, ela relaxou. Quando ele chegou mais perto, ela fez sinal para que ele fosse ao encontro dela. O vampiro disse algo a Jonathon e se aproximou dela. Kylie viu um brilho de curiosidade em seus olhos, para saber o que ela tinha a lhe dizer.

Não era segredo para ninguém que Chris, um dos líderes dos vampiros, se achava um verdadeiro garanhão. E Kylie tinha que admitir que, com seu cabelo louro e olhos claros, ele tinha a seu favor um visual de garoto de praia. Seu corpo também não era nada mal. Mas, se ele achava que Kylie sentia algo por ele, estava prestes a ficar desapontado.

— E aí? — Ele sorriu.

Kylie não tinha pensado muito em como abordar o assunto, então foi direta.

— Preciso de um favor. — Chris era encarregado da Hora do Encontro dos Campistas, quando os nomes eram sorteados e pares de campistas tinham uma hora para conhecer melhor um ao outro.

— Que tipo de favor? — Ele olhou os seios dela de relance.

Ela quase pediu satisfações, mas, considerando que precisava dele, deixou passar a afronta.

— Ouvi dizer que, se eu quiser ter certeza de que sorteiem uma determinada pessoa para mim, você pode dar um jeito.

— Ah... — Ele parecia desapontado, o que a levou a ter certeza de que ele esperava que ela tivesse outros motivos para chamá-lo. Mas se recuperou logo, porém. — Você também ouviu dizer que isso tem um preço?

— Sangue, não é?

— É isso aí.

— Tudo bem. Vou dizer a Holiday que estou doando. — Ela começou a se afastar, mas ele a pegou pelo braço.

— Ei, você se esqueceu de me dizer quem é. — Ele franziu a sobrancelha. — Deixe que eu adivinho. Lucas?

Kylie franziu a testa.

— Derek.

Derek não estava por perto quando os nomes foram chamados, por isso ela teve que procurar por ele. Estava no refeitório conversando com Steve e Luis. Quando a viu parar ao lado dele, ele franziu a testa. Aquilo doeu. Forçando um sorriso, ela se inclinou para mais perto dele e sussurrou:

— Adivinhe. — Ela balançou o papelzinho com o nome dele no ar.

Ele se despediu dos dois garotos e acenou com a cabeça para que ela o seguisse. Eles saíram do refeitório e se afastaram da movimentação. Ela estava pensando se ele planejava levá-la à pedra, mas ele parou.

Seus olhos verdes a estudaram.

— Você armou isso?

— Armou o quê? — ela perguntou, fingindo inocência.

Ele pegou o braço dela e olhou a dobra do cotovelo. Ela sabia que ele estava procurando um esparadrapo ou uma marca de agulha, mas o toque dele enviou uma corrente elétrica pelo braço dela.

— Você comprou meu nome com sangue? — perguntou, largando o braço de Kylie.

Ela deu de ombros.

— E daí? Você fez o mesmo por mim. Duas vezes.

A emoção toldou os olhos dele de um jeito que a fez perder o fôlego.

— Temos que conversar, Derek. Isso... — ela fez um movimento com a mão entre eles — não está certo.

Ele passou a mão pelos cabelos castanhos.

— O que não está certo é eu gostar de você enquanto você gosta de outra pessoa.

— Muito bem! — Kylie sentiu a raiva crescer e quase perdeu a esperança. — Quer saber se eu gosto de Lucas? Gosto, mas não do mesmo jeito que gosto de você.

Ele balançou a cabeça.

— Você não pode mentir pra mim, Kylie. Eu sei o que você sente e, quando está com ele,... se sente atraída...

— Tudo bem, até admito que me sinto atraída. Mas isso não significa nada.

— Uma ova que não significa! — Ele começou a se afastar.

Kylie agarrou o braço dele.

— Você não é diferente.

— O quê? — Os olhos dele brilharam de raiva e ressentimento.

— Eu vi você olhando para Miranda quando estávamos nadando.

— Eu não olhei...

— Olhou, sim!

— Ah, mas que bobagem... — Ele começou a se afastar dela outra vez.

Kylie quase deixou que ele se fosse, mas se lembrou de que teria de doar seu sangue por isso. Droga! Queria que seu sangue valesse a pena.

Foi atrás dele.

— Perry até notou, porque ele começou a te olhar feio.

Ele continuou a andar e ela fez o mesmo.

— Me diga, eu perdi a compostura por causa disso? Não, não perdi, porque, embora eu saiba que você pode achá-la bonita de biquíni, isso não significa que não gosta de mim.

Ele parou de andar e olhou para ela.

— É diferente.

— Por que é diferente? Se eu pudesse ler suas emoções, como você pode ler as minhas, eu teria lido pura e simplesmente "atração".

— É, mas... mas eu sou homem.

Ela ficou chocada.

— Quer dizer que só os homens podem se sentir atraídos por alguém? Ah, por favor! Em que século você vive?

Os olhos dele se estreitaram.

— Não quis dizer isso.

— Então o que quis dizer?

— Quis dizer... — Ele tensionou a mandíbula. — Ah, Cristo, sei lá, mas é diferente...

— Não é, Derek! Será que não vê? Você está com raiva porque está com ciúme e não tem razão para estar.

— É mais do que isso. Você já disse que gosta dele. Não é só...

— É, eu gosto dele. A gente se conheceu muito tempo atrás. E talvez isso tenha nos ligado de certa forma. E, sim, ele é atraente. Mas... eu quero ficar com você...

Ela pensou que tinha conseguido convencê-lo, mas ele desviou os olhos dela e olhou ao longe.

— Eu não posso, Kylie. Até que você me prove que ele não significa nada pra você, eu não posso. — Ele se afastou.

— Derek? — ela chamou.

Ele se virou.

— O quê?

Ela sentia o peito oprimido.

— Você mentiu pra mim.

— Por quê? — Só havia frustração nos olhos dele.

— Você disse que seríamos amigos. Não é assim que se trata um amigo.

Ele olhou para cima, em direção ao céu, antes de encontrar os olhos dela.

— Tem razão. Desculpe. Acho que não posso ser seu amigo. — E se afastou.

Desta vez ela deixou que ele se fosse.

Foi duro enfrentar aquele dia. Kylie queria pedir a Holiday para tirar folga das atividades, mas ela já tinha implorado demais aquele dia. Então foi na aula de arte, fez caminhadas e ocupou seu

tempo decorando bolos.

Toda vez que começava a pensar em Derek, ela procurava tirá-lo da cabeça. Ficou tão absorta com a tarefa de decorar bolos que metade da aula já tinha passado quando percebeu que Miranda não estava lá.

Assim que a aula acabou, ela correu para a aula de música e no caminho encontrou Della, que ia para o lago, fazer aulas de caiaque. Della andava calada ultimamente, ainda tentando se recuperar da visita à UPF e dos testes. E ela morria de medo de ter que tentar secretamente ajudar a prender o primo por assassinato. Evidentemente, essa preocupação afastava dos pensamentos dela a preocupação com o final de semana na casa dos pais. Ei, é preciso ver o lado bom das coisas!

— Você viu Miranda? — perguntou Kylie.

— Não, por quê? Algum problema?

— Ela não foi à aula de decoração de bolos. Vou ver se está na cabana.

— Quer que eu vá com você?

— Não — respondeu Kylie, lembrando que Della estava ansiosa pela aula de caiaque. — Se não conseguir achá-la, eu te falo. Não deve ser nada de mais.

Infelizmente, um pouco antes de chegar à cabana, ela teve certeza de que sua conclusão tinha sido precipitada. Por quê? O grito agudo que veio lá de dentro.

Disparando a toda, Kylie chegou à porta da frente antes de perceber que os gritos não eram de Miranda. Mas nem essa constatação fez com que diminuísse o passo. Alguém estava na cabana, gritando feito louca. E Miranda estava desaparecida.

Kylie escancarou a porta e entrou na cabana.

— Miranda?

— Aqui! — gritou Miranda do quarto. Mal dava para ouvir sua voz tão agudos eram os guinchos.

Ao abrir a porta do quarto, Kylie achou que estava preparada para ter uma surpresa. Mas não podia estar mais enganada.

# Capítulo Vinte e Nove

Kylie quase perdeu o fôlego ao ver uma menina ruiva gritando no meio do quarto, trancada dentro uma grande gaiola roxa. Então seu olhar se fixou em Miranda, reclinada na cama, pintando as unhas dos pés, como se fosse uma preguiçosa manhã de domingo.

— Me deixa sair, sua piranha! — a garota gritava da gaiola.

Miranda acabou de esmaltar a unha de rosa-choque antes de olhar para a garota.

— O que foi? — perguntou ela, com um sorriso largo para Kylie.

— Sua cadela! — a garota gritou para Miranda e depois olhou para Kylie. — Faça ela me soltar!

— Acho que sou eu quem deve perguntar o que foi... — Kylie disse a Miranda, olhando de volta para a menina.

Pelo que Kylie conseguia farejar, não tinha havido perda de sangue.

Ainda, pelo menos.

— Me solte! — a prisioneira rosnava.

Kylie relanceou os olhos para Miranda e arqueou uma sobrancelha.

— Veja só o que eu capturei — disse Miranda, com uma risadinha. — Lembra que eu disse que tinha alguém espionando a nossa cabana? Pois eu coloquei uma armadilha. E veja se não peguei Tabitha Evans.

— Você conhece ela? — perguntou Kylie.

— Conheço. É uma das bruxas que vão competir comigo daqui a duas semanas.

Tabitha sacudia tanto as barras que a gaiola tremia.

— Eu sou a bruxa que vai pôr um feitiço em você se não me deixar sair!

— Não se preocupe — disse Miranda. — Seus poderes não funcionam enquanto estiver na minha gaiola especial. E coloquei também um silenciador a uns trezentos metros daqui, portanto ninguém vai ouvir seus gritos.

— O que ela está fazendo aqui? — Kylie perguntou, preocupada com a prisioneira.

— Tentando abalar minha autoconfiança, para que eu desista da competição.

— E se eu soubesse que você era tão idiota não teria perdido meu tempo — a garota gritou.

Tudo bem, então Tabitha merecia estar presa.

— Você acha que foi ela quem desarmou o alarme de segurança? — Kylie perguntou.

— Não, isso foi obra de magia. Uma magia patética e injustificada, é claro. — Miranda olhou para a garota na gaiola.

Tabitha sibilou.

— Você é que é patética.

Miranda ergueu uma sobrancelha para a prisioneira.

— E você é que está engaiolada.

A garota voltou a gritar alto. Miranda sorriu orgulhosa.

Sem dúvida nenhuma, capturar Tabitha tinha feito um bem enorme ao ego de Miranda. Kylie odiava ter que cortar o barato de Miranda, mas...

— Por mais engraçadinha que ela fique nesta gaiola, você sabe que não pode deixá-la aí para sempre.

— Nem pretendo. Eu disse que, se ela transformar Socks novamente num gato, ela pode ir.

— E eu já disse que não vou fazer isso! Foi você quem fez a burrada. Você que desfaça.

— Por favor — pediu Miranda. — Há semanas, tudo o que eu tento fazer dá errado.

Miranda tirou os pés da cama e se aproximou da gaiola.

— Transforme o gambá num gato e você pode ir.

— Pela milésima vez, não vou fazer isso!

Miranda olhou para Kylie.

— Quer que eu pinte as suas unhas? — A dúvida pairava nos olhos de Miranda.

— Olhe aqui — rosnou Tabitha. — Se não foi você quem fez aquilo, então pode ter sido aquele velho.

— Tenho uns esmaltes vermelhos bem bonitos — disse Miranda a Kylie, ignorando Tabitha.

Kylie não era tão boa em ignorar as pessoas.

— De que velho você está falando?

— Não acredite em nada que ela diz — disse Miranda.

— Eu não sei quem ele é, mas é um vampiro. E tem outros poderes também, porque estava usando uns feitiços parecidos com os meus. Um velho bem assustador.

— Ah, por favor... — disse Miranda. — Me diga alguma coisa em que eu possa acreditar.

— Estou falando a verdade! — Tabitha jurou.

Miranda revirou os olhos. Então girou seu dedo mínimo cor-de-rosa.

— Espere — pediu Kylie, mas era tarde demais; a gaiola e Tabitha desapareceram.

— Esperar o quê? — perguntou Miranda.

— Pra onde ela foi? — perguntou Kylie.

— Você disse que eu não podia deixá-la aqui pra sempre.

Kylie franziu a testa.

— E se ela estivesse dizendo a verdade sobre o velho esquisito?

— Ah, por favor, ela inventou aquilo tudo. Della teria farejado um vampiro. Tabitha é louca.

Kylie tinha que admitir, Miranda tinha razão. Della podia farejar vampiros a quilômetros de distância.

Miranda desabou na cama.

— Acredita que capturei Tabitha Evans? Essa foi boa!

Socks entrou no quarto andando de leve, cheio de cautela. Sua cauda fofa, preta e branca, estava espetada para cima como se ele estivesse pronto para dar suas borrifadas e fugir se necessário. Kylie olhou para Miranda. Ela podia ser boa em armar armadilhas, mas ainda não tinha conseguido encontrar um contrafeitiço para transformar Socks novamente num gatinho.

Então Kylie se lembrou da conversa com Derek. Ela tentou tirá-lo da cabeça, mas foi impossível. Tudo o que sentia era um buraco no peito, onde antes estava o seu coração.

— Eu vou me deitar. — Antes de ir para o quarto, ela foi ver o que havia na geladeira. Ao abrir a porta do freezer, admirou-se ao ver os litros e litros de sorvete que Miranda tinha comprado para aliviar seus dias de fossa.

Pegando uma colher na gaveta, Kylie se perguntou se haveria sorvete suficiente no universo para fazê-la se sentir melhor.

Ela achava que não.

A semana seguinte passou num instante. Kylie doou seu litro de sangue e tomou pelo menos dez de sorvete. Derek continuou a evitá-la e Lucas, a assediá-la. Mas como ela podia ficar brava com ele? Ele nunca passava dos limites. Era só amigo dela. Com o coração em pedaços, ela precisava mesmo de um amigo.

Claro, eles nunca falavam de Fredericka ou dos seus sonhos — e graças a Deus ela estava conseguindo controlá-los. Lucas tinha perguntado de Derek, no entanto, e Kylie tinha respondido que aquele era um assunto doloroso para ela. A única coisa que Lucas havia dito era que Derek era um idiota. Por alguma razão, ela gostou de ouvir Lucas dizendo aquilo.

Também gostou do fato de Fredericka ficar longe do caminho dela. Kylie não tinha certeza, mas suspeitava que Lucas tinha algo a ver com aquilo.

O fantasma continuava aparecendo todas as manhãs. Às vezes falava, mas nunca oferecia nada que ajudasse Kylie a descobrir quem estava em perigo. Sempre que Kylie começava a se preocupar com os avisos do espírito, Holiday a levava à cachoeira. Já tinham ido lá três vezes. E Kylie continuava saindo dali com a mesma mensagem: continue concentrada e tenha fé.

Holiday não tinha mencionado Burnett durante todo esse tempo. Kylie imaginava se ela tinha contado que encontrara outro investidor ou se estava reconsiderando a oferta dele. Kylie tinha pegado Holiday espiando pela janela, observando Burnett jogar basquete com os campistas pelos menos umas seis vezes. Duas ou três dessas vezes, Kylie tinha ficado ali com ela, só para poder observar Derek. Não que ele não soubesse que ela estava olhando. Ele sempre relanceava os olhos para a janela.

Seus olhos se encontravam. Kylie se lembrava de quanto sentia falta dele, enquanto ele

parecia chateado.

— Quer falar a respeito? — Holiday tinha perguntado da última vez.

Kylie tinha concordado em desabafar com ela, mas só diante de uma taça de sorvete. Ela já tinha acabado com o sorvete de Miranda e precisava de mais. Então Kylie e Holiday tiraram a tarde de folga e foram à sorveteria da cidade, onde se empanturraram de sorvete em colheradas cremosas e geladas de puro deleite.

— Por que sorvete faz tão bem quando estamos na fossa? — perguntou Kylie.

— Porque, em grandes quantidades, ele congela o coração e entorpece um pouco a dor... — Holiday respondeu, fazendo as duas rirem.

Daniel não tinha feito nenhuma visita desde o dia em que a mãe dela tinha aparecido no acampamento e tido a memória apagada, mas o padrasto telefonara duas vezes. Kylie tinha atendido da segunda vez. Eles conversaram sobre o trabalho dele, sobre o tempo, e então mencionaram a possibilidade de Kylie estudar na escola Shadow Falls. Ele não tinha dito nem sim nem não, pois achava que a decisão era da mãe dela.

Quando desligaram, ela percebeu que os pais deviam estar conversando, pois não havia outro jeito de ele saber da escola. Kylie não sabia o que sentia a respeito. Será que a mãe estava pronta para perdoar o padrasto? Kylie quase ligou para a mãe e perguntou, mas iria para casa no final de semana e achou que podia esperar e perguntar pessoalmente.

Miranda quase não falava mais de Perry. Não que isso impedisse Perry de observar Miranda. Sempre que ele estava por perto, não tirava os olhos dela. Kylie sabia que Miranda reparava. Ela só preferia ignorar. Mas isso era compreensível, considerando o stress que ela estava sentindo com relação à competição em que a mãe a inscrevera no final de semana dos pais. Quando não estava praticando para a competição, ela ficava tentando resolver o enigma do que fazer com Socks.

Depois de duas semanas, Socks nem parecia se importar em ser um gambá. Ele parecia ter compreendido o poder do seu rabo e o eriçava, com ar ameaçador, à menor provocação. Até Della tinha que andar na linha com ele. Por sorte ele não tinha borrifado seu fedor outra vez.

Della estava aterrorizada com a ideia de ir para casa. E agora estava aterrorizada também com a ideia de cumprir a tarefa que a UPF a incumbira. Ter de descobrir se o primo era responsável pelos assassinatos não era fácil para ela.

Della amuada e Miranda estressada eram garantia de bate-boca. Kylie muitas vezes se perguntava se elas realmente se matariam se ela não interferisse. Mas ela amava demais as duas para arriscar.

O investigador particular finalmente descobriu que Kent e Betty Brighten estavam de férias na Irlanda. Por isso a busca de Kylie para descobrir o que ela era teria que esperar mais um pouco. Não era ótimo?

A única coisa boa que tinha acontecido nos últimos tempos era o fato de Kylie não se sentir mais observada. Será que Tabitha era a causa daquilo? Mas, quando pensava na menina, também

se lembrava do que ela falara sobre o velho vampiro que andava à espreita.

Por alguma razão, isso incomodava Kylie. Mas não o suficiente para contar a Holiday, pois essa revelação podia pôr Miranda numa grande encrenca. E, depois do incidente de Burnett com Della, pôr amigos em apuros era a última coisa que Kylie queria fazer.

Na terça de manhã, Kylie acordou sentindo o quarto mais gelado do que normalmente. Ou o fantasma estava tentando enviar uma mensagem ou havia mais de um espírito por perto. Que maravilha! Era tudo de que precisava: outro fantasma.

— O que você quer? — Kylie perguntou, tremendo embaixo das cobertas.

O telefone começou a coaxar. Ou o toque do telefone tinha mudado ou Miranda o tinha transformado num sapo. Kylie agarrou o telefone e ele parou de fazer o estranho som e foi direto para o serviço de mensagens de voz.

Primeiro ela ouviu a mensagem do pai, depois a mensagem que o detetive tinha deixado alguns dias antes. Em seguida, veio uma mensagem que Kylie não tinha ouvido ainda. Era de Trey, seu ex-namorado. Por que será que ela não tinha atendido a essa ligação? Ele pedia para ela retornar, porque era importante.

— Ah, tá legal — ela murmurou. — O que aconteceu, Trey? Ouviu dizer que meus peitos estão maiores e quer conferir? — Ela fechou o telefone, mas não apagou a mensagem.

Mal tinha fechado os olhos para tentar dormir de novo quando o telefone começou a coaxar outra vez.

Agarrando-o, ela olhou para ter certeza de que estava desligado. Estava. Então como podia fazer barulho? Ela apertou o botão novamente. O coaxar continuou.

— É você que está fazendo isso? — perguntou ao espírito. — Se é, então pare. Porque não é engraçado. E você não está me dizendo o que preciso saber.

O telefone silenciou. O fantasma apareceu nos pés da cama.

— *Você tem que fazer alguma coisa rápido. Ela está morrendo.*

Assim como antes, o espírito ofereceu mais uma dica assustadora com o misterioso "ela".

Kylie se vestiu e decidiu visitar Holiday. Ela duvidava de que ouvir Holiday dizendo que tudo ia acabar bem diminuiria o seu medo, mas tinha que tentar.

Ela não tinha chegado à varanda do escritório quando ouviu vozes tinindo nos seus ouvidos.

— *Vai me dizer que isso não é perigoso?* — Holiday perguntava, parecendo furiosa.

— *Não posso negar* — Burnett respondeu. — *Esse trabalho é sempre perigoso.*

— *Então, não. Ele não pode ir.*

— *Mas eu não vim pedir a sua autorização* — continuou Burnett, também irritado. — *Ele conseguiu a permissão da mãe dele. Está indo hoje por volta do meio-dia.*

Kylie se virou e começou a voltar pelo caminho de onde veio. Ela teria que tampar os ouvidos, mas, como sabia que não adiantaria, só continuou andando, esperando que as vozes fossem diminuindo cada vez mais.

— *Não está certo* — insistiu Holiday. — *Primeiro você envolve Lucas e agora Derek. Eu tenho que*

*interferir.*

Kylie parou. *Primeiro Lucas e agora Derek? Mas do que ela estava falando?*

— *Acontece que os dois são garotos excepcionais* — explicou Burnett.

— *E é isso o que estou querendo dizer. São apenas garotos, Burnett.*

— *Eu tinha 16 quando fui trabalhar na UPF. Lucas tem 18. Só faltam alguns meses para Derek fazer também. E ele é capaz de apagar memórias. Você sabia que esse dom é raríssimo?*

— *Não me importa nem um pouco. Eu me preocupo com ele.*

— *Ele só vai ficar fora um mês ou até menos. Volta a tempo de começar a escola no ano que vem.*

— *Supondo-se que não seja morto tentando fazer o serviço do governo.*

— *Sinto muito* — disse Burnett, com arrependimento na voz.

Kylie ouviu a porta batendo. Burnett tinha ido embora, mas ela não saiu do lugar. Ficou parada ali na trilha, digerindo o que tinha acabado de ouvir. Derek estava indo embora. Ele ia trabalhar para a UPF. Não voltaria antes de um mês.

*Supondo-se que não seja morto tentando fazer o serviço do governo.*

As palavras de Holiday não saíam da sua cabeça. O coração de Kylie gelou. Ela pegou novamente a trilha, a caminho da cabana de Derek.

# Capítulo Trinta

Só foi preciso um minuto para que Kylie chegasse à cabana de Derek. No momento em que se aproximava, viu Chris saindo da cabana, vestido para sua corrida matinal, e parou. Teria se escondido no bosque, mas Chris era um vampiro, o que significava que provavelmente já a ouvira chegar. Então ela fingiu que estava correndo e esperou que ele não a parasse para fazer perguntas.

Quando se cruzaram, ela acenou para ele. Ele sorriu e continuou seguindo em frente. Ela continuou pela trilha até sentir que estava fora do seu raio de audição. Então deu meia-volta, correu para a cabana e foi direto para o quarto de Derek.

Ele estava na cama, ainda dormindo. O peito largo estava nu. Os lençóis, enrolados um pouco abaixo da cintura, e Kylie não tinha certeza se algo mais o cobria além do lençol. Ela tinha ouvido falar que a maioria dos garotos dormia sem roupa. Mas ela já o tinha visto nu e isso não a assustava mais.

— Derek?

Ele colocou o braço sobre o rosto.

Ela se aproximou da cama e tocou no ombro dele.

— Derek?

Os olhos dele se abriram e ele se sentou na cama. Ficou olhando para ela, mas não parecia de fato acordado.

— Você está vestida, então isso não é um sonho. — Ele se retraiu, ao perceber que tinha falado aquilo em voz alta, e depois desabou na cama outra vez e ficou olhando o teto.

— Não é um sonho. — Ela se sentou ao lado dele. — Fiquei sabendo o que planeja fazer e não quero que você vá. Por favor, não vá.

Ele ficou olhando para ela com olhos de sono, mas ela não sabia dizer se ele estava mesmo acordado.

— Como você descobriu?

Ele não tinha respondido à pergunta dela, por isso ela não respondeu à dele.

— E você não ia nem se despedir? — ela disse, com lágrimas nos olhos.

Ele se sentou e puxou os lençóis ao redor da cintura.

— Eu ia me despedir.

Ela piscou para diminuir a emoção.

— Você está fazendo isso por minha causa, não está?

— Não. Não só por sua causa. — Ele tocou o braço dela e foi como se ele abrisse as comportas do coração dela, dando vazão às suas emoções.

— Por favor, não vá embora — ela pediu, em meio às lágrimas abundantes.

— Tenho que ir. Tenho que pôr a cabeça no lugar. — Ele piscou. — Você tinha razão. Bom, pelo menos em parte. Ainda acho que você tem umas questões pra resolver com Lucas. Mas... tinha razão também quando disse que eu estava com ciúme. Minha capacidade de ler emoções está ficando mais forte. E eu não sei por que, mas com você é como se eu sentisse tudo o que você sente, mas... com o triplo de intensidade. Não sei se é porque gosto de você demais ou... sei lá. Mas quando sente algo que eu não gosto, atração por outro cara, raiva ou até decepção com alguém... parece que vou enlouquecer. É como se eu tomasse uma injeção de adrenalina na veia. — Ele passou a mão no rosto. — Tenho que aprender a lidar com isso senão...

— Senão o quê? — ela perguntou.

Ele não respondeu, mas Kylie sabia o que ele queria dizer. Ou ele aprendia a lidar com as emoções que ela provocava dentro dele ou teria que se afastar dela. Mas não era exatamente isso que ele estava fazendo? Se afastando dela?

— E você tem que se resolver com Lucas e... — Ele fez uma pausa. — Eu também vou confrontar meu pai. E quando voltar, daqui a um mês, veremos como andam as coisas. Até lá você pode ter se apaixonado por Lucas. E se isso acontecer, vou ter que aceitar.

— Vai aceitar fácil assim?

— Não. Mas não vejo outra escolha.

— Mas você tem outra escolha. Fique. Dê uma chance a nós dois. Vamos superar isso.

Ele balançou a cabeça.

— Não posso, Kylie. Simplesmente não posso.

Ela olhou para ele e, embora fosse difícil aceitar, finalmente aceitou. Derek estava indo embora. Ele tinha feito sua escolha e não era ela.

Com o queixo erguido, certa de que tinha feito tudo o que estava ao seu alcance, ela se virou e foi embora. Ele podia ter despedaçado seu coração, mas não iria despedaçar seu espírito. Ela superaria a dor. Podia apostar que sim.

Uma semana depois, Kylie estendeu um cobertor às margens do rio, onde ela e a mãe tinham se sentado para conversar sobre Daniel. Kylie só queria ficar sozinha para poder pensar, tentar imaginar como ela convenceria a mãe a matriculá-la na escola de Shadow Falls. E, quem sabe houvesse uma possibilidade de Daniel aparecer enquanto ela estivesse ali?

Ela se deitou no cobertor e fitou o céu azul, mas logo ouviu alguém se aproximar.

— Está vendo algum elefante? — uma voz masculina conhecida perguntou.

Ela sorriu para Lucas.

— Não, mas acabei de ver uma girafa.

— Onde? — ele perguntou, olhando para cima.

— Ali — ela disse, apontado para a esquerda. — O pescoço agora está separado do corpo, mas ainda dá pra ver se você olhar bem.

Ele se sentou no chão ao lado dela. Ela achou que ele estava olhando para as nuvens, mas, quando olhou, viu que estava olhando para ela. Ele sorriu.

— Você fica mais bonita a cada dia, Kylie Galen.

Ela revirou os olhos.

— Não comece.

— Tá legal, mas posso dizer que vou sentir a sua falta?

Ela se sentou.

— Vai pra casa da sua avó?

— Vou. Estamos morando em Houston.

Kylie fitou a ponta do tênis e decidiu simplesmente perguntar.

— Lucas, você está trabalhando para a UPF?

— Quem te contou? — ele perguntou, arregalando os olhos.

— Ouvi Burnett e Holiday conversando outro dia.

— Depois que conheci a gangue em que minha irmã estava, pedi a Burnett para me ajudar a pegar uns caras da pesada. Então, de fato, eu meio que trabalhei para eles. E disse que se precisassem de mim para qualquer coisa, eu estava disponível.

— Não é perigoso?

Ele a analisou atentamente.

— Está perguntando isso porque está preocupada comigo ou com Derek?

— Com os dois. — Ela já tinha aceitado que Derek havia partido. Ainda estava triste, mas a tristeza ia passar.

— Não é tão perigoso assim. Se a gente seguir as regras do jogo, geralmente tudo corre bem.

Ele tirou uma mecha de cabelo do rosto dela.

— Você sabe que quero ser mais do que seu amigo, não sabe?

Ela continuou a contemplar a ponta do tênis.

— Não espero que responda agora — ele continuou. — Só quero que saiba antes que outro cara tente se aproximar. — Ele se inclinou na direção dela. — Sou um cara paciente, Kylie. Esperei onze anos por você. Posso esperar um pouco mais, até você estar pronta. — Ele pressionou os lábios contra a bochecha dela. Não foi nada parecido com os outros beijos que tinham trocado, especialmente nos sonhos. Mas a proximidade dele, seu cheiro amadeirado, a sensação dos seus lábios contra a pele fizeram com que centenas de borboletas flutuassem dentro dela.

Quando olhou para cima, ele já tinha ido embora.

E o mesmo tinha acontecido com sua capacidade de julgamento. Porque ela não tinha ideia do que planejava fazer, repreendê-lo por beijá-la... ou beijá-lo também.

E talvez fosse melhor ela não responder à própria pergunta.

Sexta-feira de manhã, Kylie, Miranda e Della, cada uma carregando sua mala, pegaram a trilha para ir ao encontro dos pais. Elas andavam devagar, como prisioneiras condenadas a caminho da execução.

— Vão me obrigar a mijar a toda hora pra fazer a droga do exame *antidoping*... — murmurou Della.

Miranda suspirou.

— Vou me dar mal naquela competição e minha mãe vai me pôr pra adoção...

— Vou fazer um passeio num hotel mal-assombrado — Kylie acrescentou. As duas amigas a encararam. — Não me perguntem mais nada.

Holiday as encontrou no final da trilha, com seu jeito animado de sempre.

— Sorriam, garotas! São só alguns dias.

Elas todas se viraram e se entreolharam. Kylie pôs a mala no chão e abraçou ambas.

— Espero um telefonema de vocês duas vezes por dia.

— Duas vezes por dia — repetiu Della. — Espero que você não se importe se eu ligar enquanto estou fazendo o exame *antidoping*, porque é isso o que vou fazer o tempo inteiro.

— Só não dê descarga — disse Miranda. — Odeio quando dão descarga enquanto estão falando comigo.

Cinco minutos depois, no refeitório, Kylie deu um abraço apertado em Holiday.

— Cuide de Socks.

— Estou pensando em levá-lo pra minha cabana.

Quando Kylie e a mãe estavam prestes a sair do refeitório, Perry apareceu e deu um cutucão nela com o cotovelo. Para Perry, aquilo equivalia a um abraço. Kylie lhe exibiu um sorriso caloroso.

— Parece que você fez bons amigos aqui — comentou a mãe.

— É, tem razão, mãe. Eles são especiais.

Kylie quase saiu correndo pela porta quando Lucas parou diante dela.

— Olá, senhora Galen — ele cumprimentou. — Meu nome é Lucas. Eu só queria me despedir da sua filha.

O coração de Kylie quase saiu pela boca ao pensar que a mãe podia reconhecê-lo.

— Prazer em conhecê-lo, Lucas — disse a mãe, e se afastou um pouco para lhes dar privacidade.

Ele sorriu.

— Se cuida.

— Vou me cuidar.

— E sonhe comigo — sussurrou ele, inclinando-se na direção dela.

Ela revirou os olhos, mas deu uma risadinha e se afastou, aproximando-se da mãe.

— Ele é uma gracinha — disse a mãe, mas com o mesmo tom que usava quando dava a Kylie os panfletos sobre sexo. Elas saíram do refeitório e foram para o carro.

— É — Kylie concordou, e pela enésima vez torceu para que o final de semana transcorresse com tranquilidade. Sem surpresas inesperadas ou silêncios longos e desconfortáveis entre ela e a mãe.

Quando a mãe deu partida, o frio que invadiu o interior do veículo foi mais forte do que o ar-condicionado.

— Uau! Nunca vi este carro tão frio antes! — Quando a mãe arrancou, Kylie deu uma olhada no banco de trás e viu sentado ali o fantasma com sua camisola cheia de sangue. De repente, o espírito deu um salto para a frente e agarrou o ombro de Kylie. O odor que exalava dela era repugnante.

Kylie reprimiu a ânsia de vômito.

— Então — disse a mãe, alheia a tudo o que estava acontecendo. — Onde você gostaria de almoçar? Estou faminta!

# Capítulo Trinta e Um

Kylie não sabia direito quem dissera que, uma vez fora da casa paterna, não é possível voltar para lá outra vez. Mas essa pessoa em parte tinha razão. Ah, você pode voltar, sim. Mas que é muito esquisito é. Por incrível que pareça, a culpa não era da mãe dela. Elas, na verdade, percorreram o trajeto de três horas até em casa na mais santa paz, se Kylie não levasse em consideração o fantasma. O problema era a casa. Parecia fria, não só porque o fantasma tinha decidido fazer uma visitinha mais longa, mas por causa do seu pai. Ou da falta dele. Não havia nada, nadinha mesmo, que a lembrasse de que um dia ela tinha morado ali. Até as fotos dos passeios dela com o pai não estavam mais ali, pois tinham sido substituídas por fotos só de Kylie.

Ela não podia culpar a mãe, mas que droga! Pela primeira vez, desde que tudo tinha acontecido, Kylie se preocupava com a possibilidade de a mãe se sentir solitária quando ela voltasse para Shadow Falls. E talvez ela até entendesse por que a mãe queria vender a casa.

— Não é bom voltar pra casa? — disse a mãe, abraçando-a.

Voltar pra casa? Nem tanto. Do abraço, no entanto, ela gostou. Gostou tanto que a casa até ficou com uma atmosfera mais acolhedora.

Quando Kylie foi para o seu quarto, não conseguiu deixar de rir. Na mesinha de cabeceira, havia uma pilha de panfletos sobre tópicos relacionados a sexo. O que estava em cima da pilha, obviamente, era o que a mãe achava mais importante, sobre sexo seguro. Ah, claro, informações essenciais para ela... Até parece que Kylie pretendia sair furtivamente de casa à noite para fazer sexo...

A mãe tinha preenchido todos os horários do final de semana com itens da sua lista de "Programas Imperdíveis". Elas tinham que assar os biscoitos favoritos de Kylie. Tinham que jantar na nova pizzaria. Tinham que ir ao hotel mal-assombrado às seis da tarde.

Quando, Kylie se perguntava, ela teria tempo de sair às escondidas e praticar sexo "seguro"?

Kylie acrescentou um item importantíssimo à lista de "Programas Imperdíveis". *Convencer a mãe a matriculá-la em Shadow Falls para cursar o ano letivo.* Apesar de não querer deixar a mãe, Kylie era sobrenatural e se sentia como um peixe fora d'água em casa.

Às seis da tarde, depois de assar biscoitos e aproveitar a companhia da mãe, Kylie tratou de entrar no carro para irem ao passeio ao hotel mal-assombrado. E esperava que o dono do hotel

não se importasse se ela levasse um visitante com ela, pois no banco de trás — ainda ensanguentado e apavorante — estava o fantasma de Kylie, que não se comunicava mais com ela agora do que se comunicara em Shadow Falls.

E para provar que isso era verdade, ele desapareceu antes de chegarem ao hotel.

Depois que estavam todos reunidos no saguão do hotel, a proprietária, uma mulher alta e corpulenta na casa dos 50 anos, com cabelo vermelho tingido, pediu que fizessem um semicírculo.

— Bem-vindos! Muito bem-vindos ao Hotel Anderson's. Meu nome é Celeste Bell. Alguns de vocês talvez se lembrem de mim de uma das muitas aparições que fiz na TV.

Kylie discordou com a cabeça, mas vários outros hóspedes concordaram. Celeste era uma médium que já tinha participado de vários programas de TV como especialista em casas mal-assombradas. Ela usava uma longa túnica branca, como se o traje fantasmagórico adicionasse um pouco mais de intensidade à experiência.

— Esta casa foi construída no final do século XVIII por Joshua Anderson, mas a tragédia se abateu sobre ela antes mesmo de ele se mudar para cá, quando sua jovem noiva morreu no dia do casamento, num acidente de carruagem. Joshua então tirou a própria vida nos aposentos principais. A casa foi depois vendida e transformada numa taverna. E mais tragédias ocorreram. Agora, antes de começarmos, vamos falar sobre as regras.

As regras eram simples. Deviam ficar juntos. Nada de conversas desnecessárias. Celeste também insistia que desligassem os celulares, pois aquele tipo de energia poderia espantar os fantasmas.

O mais engraçado, pensou Kylie, é que por experiência própria ela sabia que os fantasmas gostavam de brincar com o celular dela.

Kylie de fato investigou o padrão cerebral de Celeste para ver se ela era sobrenatural, mas descobriu que não era. Os dez hóspedes, com exceção de Kylie e a mãe, eram todos cidadãos idosos. Avançando lentamente em grupo, metade deles usando bengalas, eles seguiram a mulher através do primeiro andar da casa. Em cada cômodo, Celeste parava para contar uma história de fantasmas, a maioria da época em que a casa era uma taverna.

Até ali, o lugar parecia livre de fantasmas.

Embora Celeste pudesse não ser muito boa médium, ela era uma boa contadora de histórias e mantinha todos com os ouvidos atentos aos seus contos assustadores.

— Agora, vamos ao jantar. E eu contarei a vocês o que aconteceu no início do século XIX. Por favor, acomodem-se nos seus lugares. — Celeste fez um gesto indicando a mesa da sala de jantar, onde havia uma fileira de pratos cheios de espaguete.

— Por alguma razão — ela sussurrou — esta sala é sempre um pouco mais fria do que o resto da casa.

Bastou ela falar isso para a temperatura do velho cômodo cair para uns cinco graus. O fantasma de Kylie se materializou em seguida. As pessoas começaram a esfregar as mãos, cruzar

os braços de frio, exalando dos lábios uma nuvem de vapor. O olhar intrigado de Celeste teria feito o jantar caça-fantasmas valer a pena caso Kylie não tivesse visto o mais puro terror no rosto da mãe.

— Está tudo bem, mãe — Kylie sussurrou.

— Este maldito lugar está mesmo me assustando pra caramba... — A mãe nunca tinha dito "maldito" ou "caramba".

— Provavelmente é um truque — Kylie mentiu.

— *Chegou a hora. É hora de você fazer alguma coisa!* — o fantasma gritou.

— *Mostre-me o que eu preciso fazer* — disse Kylie mentalmente.

Neste exato momento, todos os celulares no cômodo começaram a tocar. Todos exceto o de Kylie. O dela coaxou como um sapo dementado. E, como todos os celulares estavam desligados, o incidente causou um susto geral.

Mas não tão forte quanto o susto que todos levaram quando o lustre caiu bem no meio da mesa, espalhando pratos de espaguete por toda a sala.

Celeste, a médium profissional e "celebridade da TV", desmaiou. Kylie não sabia que pessoas usando bengala conseguiam andar tão rápido. Mas não tão rápido quanto a sua mãe. Kylie por um segundo achou que a mãe fosse derrubar os velhinhos para tirá-los do caminho e liderar a correria para fora da sala de jantar.

Kylie ajoelhou-se ao lado de Celeste. Quando o último hóspede sumiu porta afora, Kylie ouviu um deles dizer:

— Quem é Trey Cannon?

Kylie olhou para o senhor idoso.

— Não sei — disse outra senhora. — Mas foi essa pessoa que me telefonou também.

Kylie pegou o celular e, como já esperava, viu que tinha uma mensagem de voz de Trey.

Por que o fantasma teria mandado uma mensagem de Trey para todos na sala?

Kylie olhou para o fantasma, que estava no meio da sala com a camisola ensanguentada suja de espaguete, protagonizando uma cena que faria Kylie ficar, por muito tempo, com aversão a espaguete.

— É Trey? É ele que tenho que ajudar? Mas você disse... que "ela" precisava de ajuda.

Os contornos do fantasma começaram a se desvanecer.

— Nem pense em desaparecer! — gritou Kylie para ele.

— Desculpe, querida. Pensei que você estivesse atrás de mim — gritou a mãe do outro cômodo. Segundos depois, ela correu de volta para a sala de jantar e se ajoelhou ao lado de Celeste. — Ai, meu Deus, ela está morta?

Os olhos da mulher se arregalaram e ela gritou.

Vinte minutos depois, enquanto a mãe de Kylie falava com o motorista da ambulância que estava prestes a levar Celeste para o hospital numa maca, junto com um dos hóspedes que se queixava de dor no peito, Kylie pegou o celular da mãe e deletou a mensagem de Trey. A última

coisa que ela queria era que a mãe suspeitasse de alguma coisa. Esperava que a mãe não tivesse ouvido o nome do ex-namorado dela no meio da confusão.

Kylie ouviu, então, a mensagem dele. Tudo o que dizia era que ela ligasse para ele. Foi o que ela fez. A ligação caiu na caixa postal. Ah, mas que droga!

Quando Kylie acordou no dia seguinte, às nove horas da manhã, percebeu duas coisas surpreendentes:

Primeiro, não tinha acordado ao amanhecer com a presença do fantasma. Será que isso significava alguma coisa? Alguma coisa boa? Ou alguma coisa ruim?

Segundo, e o mais chocante, ela não estava sozinha. Nada disso. Completamente coberto pelo cobertor, havia um corpo ao lado dela na cama. Morto ou vivo, ela não sabia.

Reprimindo um grito, ela o tocou. Na verdade, cutucou. Ele não estava frio. Tinha até soltado um gemido. Então a cabeça da mãe apareceu sob as cobertas. Quando ela viu a expressão de Kylie, sentou-se na cama.

— O que foi?

Kylie piscou.

— O que está fazendo na minha cama?

— Ah! — A mãe correu os dedos pelos cabelos com um novo corte que realmente os valorizava. — Eu vim ver se você estava bem e acho que... caí no sono.

Kylie achou graça.

— Você estava apavorada.

A mãe revirou os olhos de um jeito que colocaria Sara no chinelo.

— Ah, que nada... — disse a mãe, e caiu na gargalhada. — Tudo bem. Foi assustador mesmo. Me admira que tenha conseguido dormir.

— Era só um fantasma — disse Kylie, com um sorriso no rosto.

— Você diz isso como se conseguisse vê-lo o tempo todo. — A mãe de Kylie a tocou no rosto. — Estou tão feliz que esteja em casa... Viu como podemos nos divertir juntas? Você não precisa estudar em Shadow Falls.

Kylie prendeu a respiração.

— Mas eu realmente quero ir, mãe.

O brilho nos olhos da mãe esmoreceu.

— Não vamos falar sobre isso por enquanto. Temos um dia maravilhoso pela frente.

Apesar da conversa desanimadora e o fato de Kylie ainda não ter conseguido falar com Trey, ela continuou animada. O fantasma aparentemente tinha dado uma trégua. Ou tinha chegado à conclusão de que já tinha causado bastante tumulto na noite anterior. Um telefonema para o hotel informou que tanto Celeste quanto o hóspede idoso com dor no peito já estavam bem.

Elas decidiram comer pizza no almoço e estavam prestes a sair quando o telefone de Kylie tocou. Quando viu que era Miranda, pediu para a mãe esperar um minuto. A mãe então resolveu

verificar seus e-mails.

— Ei — disse Miranda. — Della também está na linha. Diga oi, Della.

— Um *ménage à trois* verbal — disse Della.

— Que grosseria...

— Quer ouvir uma grosseria? — Della perguntou. — Acabei de molhar minha mão tentando mijar naquela droga de pauzinho *antidoping* enquanto falo no telefone com vocês.

Kylie riu.

— Sinto falta de vocês, meninas. — Ouviu-se o som de descarga na linha.

— Grosseria em dose dupla! — reclamou Miranda. — Eu disse pra não dar descarga enquanto fala ao telefone.

Kylie se jogou no sofá.

— Miranda, e a competição? Já foi?

— É só às quatro da tarde. — Ela parecia desesperada.

— Vai dar tudo certo — tranquilizou-a Kylie.

— Com certeza — Della acrescentou. — Como foi o jantar caça-fantasmas, Kylie?

Kylie certificou-se de que a mãe não estava por perto.

— Vocês não vão acreditar... — Ela contou tudo o que tinha acontecido. As três deram boas risadas e depois mudaram de assunto e começaram a falar sobre o quanto estavam ansiosas para voltar a Shadow Falls. Quando Kylie percebeu que estavam falando há mais de dez minutos, resolveu se despedir. Elas concordaram em se falar mais tarde.

— Estou pronta, mãe!

A campainha tocou. Kylie correu para a porta, quando a mãe gritou que estava desligando o computador. Quando Kylie abriu, toda a estranheza que ela tinha sentido na noite anterior voltou a assombrá-la. O mais engraçado era que, na noite anterior, estava se sentindo pouco à vontade por causa da ausência do pai e agora estava sentindo a mesma coisa por causa da presença dele.

— Oi, Fofinha!

Kylie se perguntou mentalmente se a mãe sabia que o pai iria aparecer.

— Já estou pronta... — Os tênis da mãe derraparam quando ela brecou ao entrar no saguão de entrada. As marcas pretas no chão de mármore e o choque no rosto da mãe responderam à pergunta de Kylie.

A mãe não sabia que ele viria. E, com toda a certeza, não estava nada feliz com isso.

O olhar do pai se desviou para a mãe.

— Oi, benzinho — ele a cumprimentou, sorrindo.

O sorriso nervoso do pai provocou uma sensação ruim no estômago de Kylie. Tudo bem, o pai merecia estar nervoso. Mesmo assim parecia errado atender o pai na porta se aquela tinha sido a casa dele. Seu castelo. Agora ele não sabia se era bem-vindo. E, se a expressão da mãe servia de indicação, ele não era.

— Achei que podia levar as minhas garotas pra almoçar — ele disse.

A mãe recuou um passo.

— Eu... eu devia saber que você queria vê-la. — Ela fez um gesto com a mão em direção à porta. — Vocês dois podem ir.

— Por que não vem também? — insistiu o pai.

— Melhor, não — contemporizou a mãe.

— Kylie quer que você vá. — O olhar dele voou para ela. — Não quer, Fofinha? Como nos velhos tempos, nós três juntos.

A mãe franziu a testa. Kylie franziu a testa. O pai ficou ainda mais nervoso. A tensão no ar aumentou.

A mãe enrijeceu o queixo.

— Por que não vamos os quatro? Sua piranha pode ir também.

— Humm, péssima hora, hein? — A voz de Trey soou atrás do pai.

A mãe de Kylie subiu as escadas pisando duro. O pai parecia atordoado. Trey parecia constrangido.

Então o pai franziu a testa para Kylie.

— Você não disse à sua mãe que estava tudo terminado?

Será que ela tinha ouvido direito?

— O quê?

— Você não disse a ela que estava tudo acabado com Amy?

— Será que eu devo voltar outra hora? — perguntou Trey.

— Deve — respondeu o pai.

Kylie concordou com a cabeça. Ficou observando Trey se afastar. Ouviu a mãe chorando. Kylie ficou olhando para o pai — o padrasto. A ideia de que ele tinha tentado usá-la para convencer a mãe a deixava furiosa. O fato de esperar que *ela* contasse à mãe sobre o fim do relacionamento dele também a enfurecia.

Ela apontou o dedo para o pai.

— Nem tente me usar de novo para convencer minha mãe!

— Eu pensei...

— Então não pense! — Ela bateu a porta, sacudindo os alicerces da casa. A janelinha de vidro da porta se estilhaçou. Ela viu a expressão chocada do pai através da janela quebrada antes de ele se afastar.

Ela respirou fundo.

Depois expirou o ar.

Então subiu as escadas de dois em dois degraus para ver como a mãe estava.

Kylie levou uma hora para convencer a mãe a ir à pizzaria outra vez. Depois tentou ligar para Trey, para saber o que era tão importante a ponto de o fantasma enviar a mensagem dele para

todos os celulares do hotel mal-assombrado. Elas já estavam quase terminando a pizza, ainda longe de recuperar o mesmo estado de ânimo jovial de antes, quando o telefone começou a coaxar.

— Ai, querida — comentou a mãe. — Troque esse toque do celular. — Ela cruzou os braços e chamou o garçom. — Pode desligar o ar-condicionado, por gentileza?

Kylie agarrou o celular. Mas não havia ninguém na linha, só a transmissão de uma antiga mensagem de voz.

— Oi, Kylie. É Sara. Desculpe eu ter desligado daquele jeito. Eu... precisava resolver uma coisa. Olhe, eu realmente quero ver você quando estiver em casa. Por favor, me ligue, tá?

— Quem era? — perguntou a mãe, e depois acrescentou em voz mais baixa —, seu pai?

— Não. Uma mensagem de Sara.

Kylie olhou para a pizza e teve um mau pressentimento.

— Mãe, você se importa se eu for à casa de Sara depois do almoço?

— Oi, Kylie — cumprimentou-a a senhora Jetton uma hora depois. — Sara vai ficar muito feliz em vê-la.

Kylie analisou a expressão da mãe de Sara. Os olhos pareciam vermelhos e o rosto, pálido. O clima melancólico que pairava no ar aumentou a preocupação de Kylie pela ex-melhor amiga.

— Ela está no quarto — disse a mãe.

Kylie quase perguntou o que havia de errado, mas o calafrio que percorreu sua espinha a impediu de falar. O curto trajeto da sala até a porta do quarto de Sara foi suficiente para encher a cabeça de Kylie com dezenas de lembranças. E, por uma estranha razão, essas lembranças a deixaram com lágrimas nos olhos.

"*Você tem que salvá-la. Tem que salvá-la.*"

As palavras do fantasma vibravam na cabeça de Kylie. Ela engoliu em seco e disse a si mesma que estava exagerando, que tudo devia estar bem.

Kylie abriu a porta do quarto de Sara e, ao pousar os olhos na amiga, quase perdeu o fôlego.

Sara estava com uma aparência... horrível. Tão pálida que Kylie ficou olhando seu peito para ver se ela estava respirando.

Sara abriu os olhos.

— Ela te contou, não é?

Kylie limpou as lágrimas com as mãos.

— Contou o quê?

— O que o médico... Se não contou... por que está chorando?

— Estou feliz de ver você... — Kylie tentou sorrir.

— Você sempre mentiu muito mal. — Sara puxou as cobertas. — Mãe, pode desligar o ar, por favor? Estou congelando aqui.

— Querida, já desliguei! — gritou a mãe da sala. — Já telefonei para o eletricista. Tem algo

errado com o ar-condicionado outra vez.

Um álbum de foto, na mesinha de cabeceira de Sara, caiu no chão.

Kylie pegou-o. Não ficou surpresa ao ver o rosto na foto. Então ela olhou para os pés da cama de Sara e viu o mesmo espírito da mulher. Ela não estava mais coberta de espaguete nem tinha a camisola ensanguentada, mas sua expressão era tão medonha quanto antes.

— Quem é? — perguntou Kylie, passando a mão no rosto da mulher da foto.

Sara se curvou para ver. Parecia que o movimento lhe causava dor.

— Minha avó. Ela morreu quando eu tinha 4 anos. De algum tipo de câncer. De arrepiar, né?

Câncer. A palavra causou outro sobressalto em Kylie e ela teve que se conter para não deixar os lábios tremerem. Olhou para o espírito.

— Não posso consertar isso.

— *Sim, você pode* — insistiu o fantasma.

— Não pode consertar o quê? — Sara olhava para o álbum como se Kylie tivesse quebrado alguma coisa.

— Nada. — Kylie sentou-se ao lado de Sara. As lembranças das duas naquela cama, confidenciando segredos, rindo de bobagens, voltaram à memória.

Ela engoliu as lágrimas que ameaçavam dominá-la.

— Lembra quando nos deitávamos aqui e ficávamos beijando o espelho para praticar antes do baile do sexto ano?

Sara sorriu.

— Lembro. — Ela se reclinou no travesseiro e fechou os olhos. Seu longo cabelo castanho parecia mais ralo e sem brilho. O silêncio ficou mais pesado. Mais triste.

Kylie acariciou o braço de Sara.

— O que o médico disse?

# Capítulo Trinta e Dois

Sara abriu os olhos.

— O oncologista disse que vai tentar uns tratamentos experimentais, mas... ele acha que é tarde demais. — Os olhos de Sara se encheram de lágrimas. — A minha mãe diz que estou reagindo bem, mas... — Sara engoliu. — Não quero morrer. — Os lábios dela tremeram. — Mas ainda posso ouvir minha mãe dizendo dezenas de vezes que, se ela um dia tiver câncer, prefere morrer a passar pelo que a mãe dela passou. Ela disse que os médicos judiaram muito dela. Eu não quero passar por isso. Uma cirurgia já foi ruim o suficiente.

Kylie recordou dos seus sonhos em que sentia uma faca cortando-a. Ela olhou para o abdômen de Sara.

— Quando você fez a cirurgia?

— Semana passada — respondeu Sara. — Fiquei muito tempo sem menstruar. O médico sentiu um caroço quando estava me examinando. Dois dias depois, eu estava no hospital.

— Por que não me ligou?

Sara mordeu o lábio.

— Eu liguei. Não disse a você que achava que estava com câncer, mas...

Kylie sentiu o sentimento de culpa crescer dentro dela. O fantasma, a avó de Sara, tinha tentado fazê-la ouvir a mensagem. A mesma mensagem que ela tinha ouvido aquele dia, na pizzaria.

— Não podem tirar o tumor?

Sara balançou a cabeça.

— Já se espalhou. Está em todo lugar.

A dor no peito de Kylie ficou mais forte. Ela se lembrou da mensagem de Trey, enviada para todos no hotel. Por que o fantasma tinha enviado uma mensagem de Trey?

— Trey?

Sara olhou as próprias mãos.

— Desculpe. Eu não tinha intenção que acontecesse. Eu tinha bebido muito. Ele tinha bebido muito também.

— O quê? — Kylie perguntou.

Sara olhou para ela.

— Droga. Ele não te contou, né?

Levou um segundo para ela digerir o que Sara tinha dito — e menos tempo ainda para saber que não era importante.

— Eu disse a ele pra te contar, porque eu não ia conseguir. Ele prometeu que contaria.

— Ele tentou. Eu não retornei as ligações dele. Mas eu não me importo, Sara. — Ela pegou a mão da amiga e a apertou. — Trey e eu... acabou. Você é que é importante.

Outra lágrima desceu pela face pálida de Sara.

— Você não está dizendo isso porque estou morrendo, está? — Sara tentou fazer piada.

Kylie não riu.

— Não.

Sara soltou a mão de Kylie.

— Você está quente.

— *Você pode ajudá-la*. — A voz do fantasma soou atrás da orelha de Kylie. — *É o seu toque*.

Kylie olhou o espírito, atrás dela.

— Você quer dizer... como Helen?

— O quê? — Sara perguntou.

Kylie continuou a olhar para o fantasma.

— *Cure-a* — insistiu o fantasma. — *Por favor. Cure-a. Antes que seja tarde demais*.

— Não sei como — Kylie murmurou.

— Estou tendo alucinações ou você está falando sozinha? — perguntou Sara. — Quer dizer, estou sob o efeito de uns remédios meio fortes agora.

Kylie olhou para Sara novamente.

— Não. — Ela sentiu o frio do fantasma chegar mais perto.

— Não o quê? Não estou tendo alucinações ou não está falando sozinha?

— Não para as duas coisas. — Kylie tentou pensar. Ela podia mesmo curá-la?

Olhou novamente para a foto da avó de Sara.

— Qual era o nome dela?

— Fanny Mildred Bogart. — Ela riu. — Estou feliz de não ter o nome dela. — Era óbvio que Sara sentia dor ao rir, porque soltou um gemido e voltou a se recostar no travesseiro. Quando abriu os olhos, fitou a fotografia. — Quer ouvir uma coisa muito louca?

— O quê? — perguntou Kylie, quase adivinhando o que Sara ia dizer.

— Às vezes acho que ela está aqui.

— Ela *está* aqui. — Kylie pegou a mão de Sara novamente e por um instante lutou para decidir o quanto diria à amiga.

Sara riu.

— Agora você acredita em fantasmas, hein?

— É isso aí. — Kylie encheu os pulmões de ar. — Você ia ficar surpresa se soubesse tudo em

que acredito agora.

— Como o quê?

— Como em milagres. — Kylie olhou para Fanny.

— Eu queria um milagre. — Sara sorriu e tentou de novo soltar a mão de Kylie. — Por que a sua mão está tão quente?

— Como eu faço isso? — Kylie perguntou para o espírito, segurando a mão de Sara.

— Faz o quê? — Sara perguntou, sua voz parecendo tão cansada quanto seus olhos.

— *Eu não sei como, só sei que você tem esse poder.*

— Isso não está ajudando em nada — Kylie respondeu.

— Você está falando sozinha outra vez? — perguntou Sara, mas sem tentar puxar a mão.

— Eu sei — Kylie disse a Sara. Então Kylie se lembrou de como Helen, a fada com o dom da cura, tinha tocado sua cabeça quando a examinava para saber se ela tinha um tumor. E Helen também tinha contado o que fez quando curou a irmã de um câncer.

Largando a mão de Sara, Kylie se levantou e se sentou na cabeceira da cama. Com uma mão, afastou a franja da testa de Sara e com a outra tocou as duas têmporas.

— O que está fazendo? — Sara perguntou, olhando para Kylie com cara de quem está achando graça.

— Tentando ajudar você a relaxar — disse Kylie, sabendo que tinha sido pouco convincente.

— É, esse acampamento deixou você esquisita — disse Sara, estendendo a mão para afastar as mãos de Kylie.

— *Diga a ela que sua mãe fazia isso em você quando não estava se sentindo bem* — aconselhou Fanny.

*Boa ideia.*

— Minha mãe costumava fazer isso em mim e eu realmente me sentia melhor.

Sara voltou a estender os braços na cama.

— Tudo bem, mas se tentar me beijar vou gritar para a minha mãe me salvar — disse Sara rindo.

— O quê? Eu não faço o seu tipo, então? — Kylie perguntou, rindo também, e depois tentou se concentrar em pensamentos positivos de cura.

Já passava das nove da noite quando Kylie deixou a casa de Sara. Quando estava lá há uma hora, Kylie ligou para a mãe do banheiro e chorou ao contar que a amiga estava com câncer. A mãe disse que ligaria para a mãe de Sara no dia seguinte e que Kylie deveria ficar com a amiga o quanto quisesse, mas deveria avisá-la quando fosse para casa.

Kylie só foi para casa depois que Sara dormiu. Ela tinha se esquecido de ligar para a mãe, mas, como estava de carro e morava a poucos quarteirões, não se preocupou.

O bairro estava às escuras, não havia iluminação nas ruas nem nas casas. Devia estar faltando luz, Kylie disse a si mesma, enquanto lutava contra um sentimento crescente de apreensão.

E foi então que tudo aconteceu.

Algo grande se chocou contra o para-brisa do seu carro.

# Capítulo Trinta e Três

O coração de Kylie quase parou quando ela viu o corpo bater contra o para-brisa. Ela afundou o pé no breque. Ai, Deus. Devia ter atropelado alguém.

Então viu um rosto olhando para ela através do para-brisa. O vampiro que tinha matado as meninas em Fallen. Mas como? A gangue não tinha "cuidado" dele?

Ela acelerou e depois virou o volante abruptamente, na esperança de atirar fora o vampiro do capô. Não funcionou. Agarrado ao carro como uma aranha, ele aos poucos foi escalando o capô, depois sorriu e socou o vidro com o punho. O para-brisa se estilhaçou e pedaços de vidro voaram para todos os lados. Ela gritou e pisou mais fundo no acelerador. Ele estendeu o braço na direção dela, pegou-a pelo pescoço e apertou. Ela não conseguia respirar. Nem se mover. Fogos de artifício explodiam diante dos seus olhos. Seu último pensamento foi Sara. Ela tinha esperança de que a amiga se curasse. Pelo menos uma delas tinha que sobreviver.

Quando Kylie acordou, estava sentada numa cadeira dura e fria de madeira. A cabeça e a garganta latejavam. Ela ouviu o som de metal contra metal. Correntes?

Abriu bem os olhos, mas não viu nada. Estava cercada da mais profunda escuridão.

Ao arrastar os pés, ouviu as correntes chocalhando de novo. Percebendo que estava presa pelos pulsos e tornozelos com argolas de metal, sua mente começou a racionalizar. Seus braços e pernas estavam presos a algum tipo de corrente de metal. Ela tentou se libertar para testar sua teoria.

De fato eram correntes.

Ela detestou estar certa. A lembrança do vampiro voltou à sua mente. Ela reprimiu um grito na garganta.

Piscou e esperou ver alguma coisa, mas só a escuridão invadiu seus sentidos. Ela respirou fundo. Um cheiro de pó e concreto encheu suas narinas.

Uma leve inspiração chegou aos seus ouvidos.

— Tem alguém aí? — Nenhuma resposta. — Sei que tem alguém aí.

Testando sua força, ela puxou as correntes. Mal conseguiu se mexer.

— Então os boatos a respeito da sua força não passam mesmo de boatos. — Uma áspera voz

masculina ecoou na escuridão.

— Me solte! — Dominada pelo pânico, ela lutou contra as correntes que a prendiam, mas não conseguiu se libertar.

— Você não deve resistir, Kylie. Vai gastar energia à toa. Guarde suas forças para pensar. Para fazer sábias escolhas.

Forçando-se a se acalmar, ela ouviu. A voz ecoava no ambiente, mas ela não a reconheceu. Lembrou-se do vampiro que tinha se chocado contra o para-brisa do carro. O pânico apertou sua garganta seca. Ela tentou lembrar que voz era aquela. Podia ouvi-la na sua cabeça, mas não parecia a mesma. Ou era?

— De que escolhas está falando? — ela perguntou.

— Temos muito que conversar. — Definitivamente não era o vampiro nem era a voz que tinha ouvido antes. Parecia mais rouca, mais... envelhecida.

A maneira como a voz ecoou no cômodo deu a Kylie a impressão de que estava num túnel.

— Onde estou? Quem é você? — Ela teria que perguntar o que queria saber, mas estava apavorada demais para saber.

Era preciso admitir, quando se está acorrentado numa sala escura feito breu, geralmente ninguém vem servir chá com bolinhos.

O único barulho que ela ouvia era o som da própria respiração e as respirações mais curtas e superficiais do homem de voz rouca. Ela se lembrou das visões do fantasma e se perguntou se não as tinha interpretado mal. Seria Kylie a pessoa que seria torturada?

Respirando fundo, lutou mais uma vez contra as correntes. Não conseguia se libertar. Onde estava sua força?

— Sobre o que temos que conversar? — ela perguntou.

A luz acendeu com um brilho ofuscante. Ela piscou e, quando suas pálpebras se abriram pela segunda vez, ela o viu. Usava uma estranha túnica, como um monge. Sua pele era enrugada e tinha a textura de couro. Ela franziu as sobrancelhas e viu seu padrão cerebral. Como suspeitava, era um vampiro.

Um velho e estranhíssimo vampiro, como Tabitha, a concorrente de Miranda, tinha descrito. Os instintos de Kylie tinham tentado avisá-la de que não deveria ignorar a bruxinha. Ela esperava que esse erro não fosse fatal e definitivo.

— Você estava me vigiando.

— Seus instintos são bem afiados. — Ele chegou mais perto, assustadoramente perto. Seus olhos eram frios e acinzentados. De um cinza mortiço. — Você mantém sua mente fechada de propósito? — ele perguntou.

Ela refletiu sobre o quanto devia contar a ele ou *se* deveria contar alguma coisa. Mas, se ele achasse que ela estava bloqueando seus padrões de propósito, podia ficar furioso. E ela tinha que se lembrar de que não adiantava mentir para um vampiro.

— Eu não sei como abri-la.

O som do metal arranhando o concreto encheu o ambiente. Kylie olhou atrás do velho vampiro, para a porta que estava se abrindo. Seu coração parou e sua garganta se apertou quando ela se lembrou da mão do recém-chegado apertando sua garganta e sufocando-a.

— Eu disse pra esperar! — o velho resmungou.

— Mas, vô, estou ansioso para ver minha nova noiva. — O vampiro se aproximou.

*Noiva*? Kylie puxou as correntes com toda força, repelindo a ideia de ser noiva daquela criatura.

— Saia agora! — rugiu o velho. Sua voz podia ser rouca e envelhecida, mas o tom exigia obediência. Obediência absoluta.

O vampiro parou a dois passos dela. Seu cabelo ruivo não estava empapado de sangue desta vez, mas ela ainda podia vê-lo em sua mente. Soube, desde o momento em que olhou nos seus olhos frios e cinzentos, que era o mesmo vampiro que a tinha espiado no vestiário da loja — e que tinha se chocado contra o para-brisa do seu carro.

— Ela é tão bonitinha! Não me obrigue a ficar afastado dela por muito tempo.

O vampiro saiu da sala. O som de uma porta de ferro batendo ecoou através do cômodo.

Kylie olhou para o velho.

— Ele matou duas meninas.

— É. — O velho tombou a cabeça, como se estivesse envergonhado. — Meu neto comete muitos erros. Mas ele vai ficar mais esperto.

— O Conselho dos Vampiros deveria... — Kylie se lembrou de algo que Della tinha dito sobre o Conselho, sobre serem todos velhos e, de repente, ela soube. — Você faz parte do Conselho. Você mentiu pra eles.

O velho a encarou.

— Eu não menti. Disse que ia cuidar de tudo. Você é parte do meu plano.

— Ele me sequestrou. — Será que ela conseguiria fazer o velho soltá-la e deixá-la ir?

— Por ordem minha.

Ela não devia ter tanta esperança.

O vampiro chegou mais perto, envolto em sua aura de poder.

— Na minha época, quando nossos jovens agiam, só uma coisa conseguia acalmá-los. Uma mulher forte, bela, que lhes desse motivo para se acalmar.

— Ele não pode ser salvo. — O pulso de Kylie acelerou quando o velho chegou mais perto.

— Ele está fora de controle agora, mas você o fascina. Você tem ideia de quantas horas ele passou nos bosques daquele acampamento, correndo o risco de ser pego, só para ter a chance de vê-la?

Ela estremeceu de ódio, sabendo que tinha sido ele todas as vezes.

— Eu estava curioso para saber quem tinha roubado o coração do meu neto e, então, eu o segui. Depois que vi você, pude entender o que o seduziu. Você é de fato fascinante. — Ele se inclinou, o rosto a centímetros do dela. O hálito do vampiro atingiu seu rosto e ela ficou com nojo

de dividir o mesmo ar com ele. — O que você é, Kylie Galen? Você pelo menos sabe? Há sangue vampiro nas suas veias?

— Ele é um assassino. Eu prefiro morrer a deixar que encoste um dedo em mim.

O velho arqueou uma sobrancelha.

— A morte é sempre uma opção. Não que eu recomende, porém.

O pânico começou a comprimir seu peito novamente.

— Eu vi você bebendo sangue. — O toque frio do vampiro no seu braço fez a pele dela arrepiar. — Mas você ainda é quente. Vi aquele lobo estranho querendo ser seu amigo, mas você não se transformou no dia da lua. Normalmente, eu buscaria uma vampira para acasalar com meu neto, mas você... ele está certo. Você é especial.

Ela lutou contra as correntes.

— Me solte!

— Você quer uma família, Kylie Galen. Podemos ser uma família pra você. Você geraria meus bisnetos e com meus genes e os seus eles seriam mais poderosos ainda. E você ensinaria meu neto a ser um homem.

— Nem pensar — Kylie disse, com desprezo.

— Nós vamos convencer você.

— Não me deixo convencer facilmente. E se o seu neto não é um homem, talvez seja porque não tenha um bom exemplo.

Os olhos do velho se apertaram.

— Sou tolerante, mas exijo respeito.

— Respeito é algo que é preciso conquistar. — Essa era uma das frases preferidas da mãe dela e nunca parecera tão verdadeira quanto agora.

Ele balançou a cabeça.

— No nosso mundo, merece respeito quem tem mais poder. No momento, minha doce criança, todo o poder está nas minhas mãos.

Sem aviso, o vampiro simplesmente desapareceu. Sumiu. Kylie não viu nem seu borrão ao se afastar. O que ele era? Ela se lembrou de Tabitha, a bruxa que Miranda pegou espionando sua cabana, dizendo que ele era mais do que um vampiro, e Kylie temeu que a garota estivesse certa.

Ele podia ter poder, Kylie pensou, mas mesmo assim ela não o respeitava. E, Deus do céu, ela não ia gerar os bisnetos dele!

Ela forçou as correntes outra vez, buscando força dentro dela para se libertar. Mas a força não veio. Pensou em gritar, mas a sua intuição lhe dizia que seria perda de tempo. Ela precisava pensar. Precisava usar o cérebro para sair dali.

Ela chamou Daniel. Ele não apareceu. Será que os anjos da morte ou quem quer que habitasse a cachoeira não viriam ajudá-la?

Ela fechou os olhos e pediu ajuda. Implorou, na verdade. A ideia de ser tocada por aquele vampiro lhe deu certeza de que não hesitaria em implorar.

Nos recônditos da sua mente, uma voz sussurrou: "*Você tem a força dentro de você*".

— Pelo amor de Deus, isso está mais parecendo um filme de *Guerra nas Estrelas*. — Quando ela só ouviu o silêncio como resposta, continuou. — Agora não é hora de autodescobertas. — Ela lutou contra as correntes outra vez, constatando que sua força estava meio fraca. Lutou até sentir os pulsos e tornozelos doloridos. — Ele me quer para gerar seus bisnetos. Eu preciso de uma ajuda para sair daqui!

Tentando se lembrar de respirar, ficou imaginando de que poder os anjos da morte estavam falando. Ela falava com fantasmas, era veloz na corrida e de vez em quando descobria em si força suficiente para atirar longe até lobisomens. E ela tinha uma superaudição intermitente. Também havia a possibilidade de que tivesse o dom da cura — pelo bem de Sara, ela esperava que de fato tivesse — e era capaz de invadir os sonhos de outras pessoas.

*Ela podia invadir o sonho de alguém!* Isso não era tão bom quanto ter um celular? Se conseguisse entrar em contato com Lucas, ele avisaria Burnett. Burnett a tiraria dali. Ele faria isso. Poria toda a UPF atrás daquele vampiro filho da mãe.

Ela contou carneirinhos. Cem, depois duzentos. Qualquer barulho e às vezes a falta de barulho a mantinham acordada. Seus olhos estavam cansados. Ela estava cada vez mais exausta. Por fim, a sensação de flutuar tomou conta do seu subconsciente. Então ela flutuou por entre as nuvens. E o viu.

— Você veio! — Lucas se sentou na sua imensa cama de casal. Ele exibia um sorriso sexy e o peito nu. Não que agora ela estivesse em condições de reparar nessas coisas.

— O vampiro me sequestrou. Avise Burnett. — Ela falou rápido, com medo de acordar.

— O quê?

— Você me ouviu.

— Onde você está?

— Não sei. Num túnel. Há muito concreto. Portas de ferro, também.

Ele olhou para ela em pânico.

— Tenho que saber onde você está.

— Eu estava inconsciente quando eles me trouxeram para cá.

— Eles?

— O avô do vampiro. Ele é do Conselho dos Vampiros.

Lucas passou as duas mãos pelos cabelos escuros.

— Escute, Kylie. No sonho lúcido, você pode voar. Então agora vai voltar para o seu corpo, mas lentamente. Olhe para baixo e procure pontos de referência. Depois volte para cá e me diga onde você está. Tenho que saber onde está, do contrário não posso ajudá-la.

— E se eu não conseguir voltar? E se acordar e não puder falar com você? — O pânico a deixava angustiada e sua voz denunciava essa angústia. Ela não queria deixar Lucas. Embora soubesse que era um sonho, sentia-se mais segura ali.

— Você pode fazer isso, Kylie. Vá! — Ele fez um gesto com a mão para que ela fosse. — Rápido!

Kylie fez o que Lucas disse. Ela começou a flutuar de volta. Mas rápido demais. Então se concentrou, até conseguir reduzir a velocidade com que avançava. Aí olhou para baixo. Viu a linha do horizonte. Viu Houston ao longe. Ela foi ainda mais devagar até ver um prédio grande, o Toyota Center, que ela reconheceu. Depois se lembrou de que o pai a tinha levado ao centro da cidade, nos túneis de Houston.

Voando pelos túneis, através das paredes, Kylie não diminuiu até ver a si mesma. Seu coração martelava contra as costelas. Ao se ver adormecida sobre uma cadeira, acorrentada como numa cena de um filme de terror, ficou apavorada. Ouviu um barulho. A porta de ferro começou a se abrir. Ela se sentiu voltando para o corpo.

— Não! — Ela tinha que voltar até Lucas. Tinha que lhe dar as instruções sobre como encontrá-la.

# Capítulo Trinta e Quatro

Lutando contra o impulso de voltar para o corpo, Kylie deu uma guinada no ar e voltou pelo mesmo caminho pelo qual tinha vindo. A velocidade a impedia de respirar.

Alguém chamou seu nome. Não era Lucas. Era o velho vampiro.

As nuvens estavam mais espessas. Lucas não estava do outro lado da parede de fumaça? Ela se sentiu sendo puxada para trás. Estava prestes a acordar.

— Lucas, estou no sistema de túneis de Houston. Embaixo do edifício da Toyota. Pode me ouvir?

— O que está fazendo? — rugiu a voz rouca e sombria.

Kylie abriu os olhos. O velho vampiro a encarava. Ela se lembrou de que não podia mentir.

— Estava sonhando.

— Que tipo de sonho? Eu senti a energia.

— Um sonho perturbador. Eu... costumava ter terrores noturnos quando era mais jovem. — Não havia mentira ali.

Ele pareceu resignado a acreditar nela, mas continuou cheio de suspeitas. Mas havia alguma coisa de que suspeitar? Será que Lucas a ouvira?

— Tenho alguns velhos amigos interessados em conhecê-la. Para o seu próprio bem, espero que se comporte.

— Quem são eles? E por que querem me conhecer?

— Acho, Kylie Galen, que você é mais especial do que pensa.

— Como assim? Especial?

Ele não respondeu.

— Se me disser que não vai tentar escapar, afrouxo as correntes.

A ideia de se libertar das argolas de metal foi um grande alívio. As palavras estavam na ponta da língua, mas ela teria que mentir.

— Nós dois sabemos que, se houver um jeito de escapar, eu vou tentar. A sua parte é garantir que não haja.

Ele riu.

— Aprecio a sua sinceridade.

— Ela basta para me soltar?

— Não exatamente — ele disse.

Ela fitou os olhos acinzentados dele.

— Não vejo como eu poderia escapar daqui. A menos que acredite que eu tenha força para vencer você quando a porta estiver aberta. E como não posso quebrar as correntes, você está dizendo que os seus poderes são menores que este metal?

Ele a estudou.

— Você é muito inteligente, garota. Será que é tão ardilosa quanto inteligente?

— Se eu fosse tão ardilosa e inteligente, estaria aqui?

— Vamos chegar a um acordo. — Ele fechou os olhos e as argolas de metal em torno dos braços dela e de um dos tornozelos desapareceram. Seu tornozelo direito estava agora preso a uma corrente longa e pesada.

Chocada com a capacidade dele, ela o fitou.

— O que você é?

Ele sorriu.

— Veja, eu já estou conquistando seu respeito.

— Você está confundindo curiosidade com respeito.

Os olhos dele se estreitaram, mas um leve sorriso se revelou por trás da raiva.

— O que você é? — ela perguntou outra vez.

Ele cruzou os braços flácidos sobre o peito.

— Qual o problema, minha cara? As semelhanças a assustam? — Ao dizer isso, ele desapareceu no ar.

— O que quis dizer? — ela gritou e levantou-se para ver até onde conseguia ir com a corrente presa ao tornozelo.

Não longe o bastante.

Kylie tentou voltar a dormir, para entrar no sonho de Lucas outra vez, mas não conseguiu. Ela só podia torcer para que ele tivesse ouvido a mensagem e já tivesse ligado para Burnett, para que viessem salvá-la. Quanto tempo levariam para chegar?

Mas e se não viessem? E se a mensagem não tivesse chegado até ele? Ela tentou se libertar da corrente, mas sua força não foi suficiente. O que havia acontecido com sua força? Por que ela era intermitente?

Kylie começou a andar de um lado para o outro, arrastando atrás de si a corrente. Não conseguia chegar à espessa porta, mas aquilo não fazia nenhuma diferença, pois, ao desaparecer, o vampiro tinha feito a maçaneta desaparecer também. Abri-la seria impossível. Ainda andando pelo cômodo, tentava achar um jeito de sair dali, com a ajuda de Burnett ou não. Ela olhou novamente para a porta sem maçaneta. O que será que esse vampiro era? E o que queria dizer com aquela história de semelhanças?

A corrente se chocava contra o chão de concreto. Ela se lembrou de que não tinha telefonado para a mãe antes de sair da casa de Sara, e esperou que ela não estivesse preocupada. Ao dar meia-volta, marchando em direção à outra parede dessa vez, Kylie ficou surpresa ao ouvir vozes. Estaria o velho de volta com seus amigos? Ela parou de andar e ouviu.

Não era a voz do vampiro mais velho, mas do neto. Ah, mas que ótimo, estaria planejando outra visitinha? Seu corpo ficou tenso e ela olhou em volta, procurando qualquer coisa que pudesse usar como arma. Antes que seus olhos percorressem o cômodo, a voz do vampiro soou mais clara.

— *Quem é você e o que está fazendo aqui, nos espionando?*

De onde vinham as vozes? Ela hesitou e chegou mais perto da parede. De repente, ouviu um baque alto, como se algo pesado fosse atirado para o outro lado do cômodo.

Algo ou alguém?

Seu coração parou. Ela chegou ainda mais perto da parede, tentando descobrir se as vozes vinham de detrás dela. Outro ruído ecoou e ela quase adivinhou o que era.

— *Você vai me dizer!* — o vampiro sibilou.

O medo revirou suas entranhas. Com quem o vampiro estava falando? Será que... era alguém que tinha vindo procurá-la? Seus pensamentos e seu coração voaram para Lucas.

— *Me solte e lute como um homem!* — rugiu a voz de Lucas.

O peito dela se expandiu de alívio. Ela tinha pedido ajuda a ele e...

— *Por quê? Você só luta como o cão que é...* — Um outro golpe se seguiu e Kylie concluiu que Lucas tinha tomado um soco.

Seus músculos se retesaram. Uma onda de energia percorreu seu corpo. Ela agarrou a corrente com uma mão e arrancou-a do concreto. Então, virando-se para a parede, arremeteu contra ela e golpeou-a com o ombro. Só um segundo antes de se chocar contra ela, lhe ocorreu que aquilo podia doer.

Por mais estranho que fosse, ela não sentiu nada. Pedaços de concreto desabaram em torno dela. Ela tirou fragmentos do rosto e então, percebendo que estava do outro lado da parede, olhou através da nuvem de poeira. Lucas estava caído de lado, ainda acorrentado à cadeira, assim como ela estivera momentos antes. Ela viu seu rosto ensanguentado e os olhos fechados, como se estivesse inconsciente.

Ou morto.

Ela ofegou, cheia de fúria, e olhou em volta, à procura do vampiro. Quando o viu, o choque no rosto dele não a surpreendeu. Ela investiu contra ele, mas justo quando ia pôr as mãos no ordinário, ele desapareceu.

— Então você não é tão indefesa assim. — A voz do velho vampiro ressoou em torno do cômodo, embora ela não pudesse vê-lo. A parede de concreto atrás dela voltou a ficar intacta e ela percebeu que parecia mais espessa dessa vez.

— O que você é? — ela sibilou, sabendo que nenhum vampiro comum conseguiria

reconstruir uma parede daquele jeito.

— Eu não perguntei a você a mesma coisa? — ele respondeu.

Ela correu para Lucas. Ao pousar a mão em seu peito, percebeu que ele estava vivo. Ela arrancou as correntes e jogou-as ao lado dele. Um cascalho do chão voou em seu rosto.

Lembrando-se de que ela possivelmente tinha o dom da cura, impôs as mãos sobre ele e, como tinha feito com Sara, pressionou as mãos nos dois lados da cabeça de Lucas.

— Fale comigo, Lucas. Por favor. — A lembrança dele salvando-a de seus agressores na infância e de ambos olhando o céu em busca de elefantes a deixou com lágrimas nos olhos. — Por favor, fique bem...

Ela tentou pensar de modo positivo, imaginar as próprias mãos enviando uma onda de calor ao corpo dele. Ela não sabia se era daquele jeito que o seu dom funcionava, mas pelo bem de Lucas e de Sara, rezou para que fosse. Seu coração se encheu de esperança quando o inchaço no rosto dele desapareceu.

— Agora fale comigo — ela sussurrou, se inclinando na direção dele.

Os olhos de Lucas se abriram, o pânico marcou sua expressão e ele fechou o punho para desferir um soco.

Ela tentou segurá-lo, mas sua força já tinha desaparecido.

Fez o possível para se desviar do soco, evitando que atingisse seu rosto. Em vez disso, ele atingiu seu ombro. Ela sentiu uma explosão de dor, quando o golpe a atirou para longe.

— Cristo! — ele gritou, ficando de pé. — Me desculpe! — Ele correu até ela e a aconchegou em seu peito. — Você está bem?

Ela assentiu. Ainda bem que ele não era um vampiro, pois ela não poderia mentir. Seu ombro latejava como um dente cariado.

— Vou cair — ela conseguiu dizer ao sentir uma fraqueza nas pernas.

Ele a sustentou, mas os joelhos dela se dobraram e ele teve que segurá-la.

— Me desculpe.

Ela olhou seus olhos azuis.

— Tudo bem. — Ele não teve a intenção de atingi-la. — Acho que não quebrou. Você conseguiu falar com... — Ela parou de falar, lembrando-se de que o vampiro mais velho provavelmente os estava ouvindo. — Burnett? — Ela pronunciou sem fazer nenhum som e olhou para ele com ar de interrogação.

Ele assentiu e ela rezou para que ele tivesse lido seus lábios corretamente e Burnett de fato estivesse a caminho com a UPF.

Seu ombro latejava. As pernas tremiam. Ela se encostou à parede e foi escorregando até se sentar no chão frio de concreto. Lucas se sentou ao lado dela. Ela tremia e ele deve ter sentido, porque passou o braço pelos ombros dela. Sentindo o calor que exalava do corpo dele, ela se inclinou para mais perto e tentou absorver a sensação de calidez.

— Você é tão quente! — ela disse.

— Já era hora de você notar — ele brincou.

Ela teria sorrido se não estivesse tão exausta. Apesar da dor, se sentia segura.

— É coisa de lobisomem — ele disse. — A temperatura do nosso corpo é mais alta.

— Que horas são?

— Já passa da meia-noite.

Ela se lembrou da mãe, que deveria estar em pânico naquele momento. Então, se sentindo esgotada até para pensar, fechou os olhos e se encostou no peito dele, com cuidado para não mexer o ombro.

Ele a deitou no colo dele. Seu calor a envolvendo. Ela o sentiu acariciando seu cabelo.

— Tem alguma coisa presa no seu cabelo — ele disse.

— Deve ser concreto, da hora em que eu... atravessei a parede.

— Que parede?

Ela se lembrou de que ele estava inconsciente. Será que nem sabia que ela o havia curado?

— Aquela — ela mostrou com a cabeça. — Mas o vampiro a reconstruiu.

— Acho que bati em você com mais força do que pensava...

Ela não tinha forças para argumentar.

— Estou tão cansada...

— Descanse. — Ele a puxou para mais perto. — Falta pouco — ele sussurrou.

Será que ele estava dizendo que faltava pouco para tudo aquilo acabar? Deus, ela esperava que sim.

— Kylie, está na hora.

As palavras de Lucas a acordaram algum tempo depois.

Ela o sentiu se levantando num pulo com ela nos braços e ficou instantaneamente alerta. Um barulho alto vinha de detrás da parede e, num salto, ele ficou rente à parede dos fundos, longe do barulho. Antes que ela tivesse tempo para insistir que Lucas a pusesse no chão, a parede da frente foi abaixo e Burnett, na companhia de vários outros agentes da UPF, entrou no cômodo sob uma chuva de concreto.

Burnett correu na frente.

— Está tudo bem?

— Tudo bem — disse ela, constrangida por estar no colo de Lucas como uma criança. — Me coloque no chão.

— O ombro dela — disse Lucas. — Acho que está quebrado. Culpa minha. Eu... o quebrei acidentalmente.

— Eu estou bem. — Ela tentou mexer o ombro para provar que estava bem, mas estremeceu.

— Eles estão aqui! — alguém gritou do saguão, no andar de baixo. Lucas, Burnett e outros homens correram através do buraco onde antes havia uma parede. Ela ficou ali sozinha em meio à nuvem de poeira que a correria tinha provocado. Sentindo-se inútil, começou a segui-los,

esperando que sua força voltasse, mas bastou dar um passo para sentir uma rajada de vento passar por ela.

O jovem vampiro de olhos malignos estava parado ao lado dela e, antes que Kylie pudesse gritar, ele a tinha nos braços. Esquecendo-se do ombro machucado, ela lutou. A dor no ombro era insuportável, mas ela continuou se debatendo. No entanto, a força dele era maior e a dela, tinha desaparecido.

— Não! — O rugido grave da voz de Lucas encheu seus ouvidos. — Põe ela no chão! — Lucas gritou.

— Ela é minha! — o vampiro grunhiu.

— Só sob o meu cadáver! — Lucas rugiu, seus olhos adquirindo um tom alaranjado.

— O prazer é todo meu — o vampiro rugiu de volta, os olhos cinzentos agora em brasa.

Percebendo a oportunidade, Kylie golpeou a garganta do vampiro com a palma da mão. Ele a soltou, deixando-a cair num baque, enquanto Lucas o atacava. O barulho de socos encheu o cômodo. Horrorizada, ela viu Lucas ser arremessado para o outro lado da sala. Nesse momento, viu sua própria força voltando, mas, antes que conseguisse ficar de pé, Lucas já tinha se recuperado e apertava a garganta do vampiro. Os sons guturais que ele emitia deu a Kylie a certeza de que Lucas o estava sufocando.

— Largue-o! — A voz do velho vampiro ressoou no ambiente, deixando o ar mais pesado. — Largue-o ou ela morre.

Embora Kylie não estivesse vendo ninguém, ela sentiu uma mão em volta da garganta. Ela enfiou as unhas na mão invisível que a sufocava e tentou encher os pulmões de ar. Inútil.

Ela viu Lucas se virar para ela. Pontos pretos começaram a toldar sua visão e, quando tudo ficou escuro, viu Lucas largar o vampiro mais jovem, que então desapareceu. Sem vento, sem ar. Obviamente, a magia do velho o fizera desaparecer.

Ainda lutando para respirar, Kylie sentiu os joelhos cedendo. Mas Lucas a sustentou.

Burnett de repente apareceu ao seu lado.

— Ele voltou para buscá-la — disse Lucas.

— Precisamos levá-la daqui — disse Burnett, pegando-a nos braços. — A UPF vai atrás deles.

— Vou com eles — disse Lucas.

— Não — disse Kylie, forçando as palavras pela garganta machucada. Mas ela não estava mais na sala. Burnett acomodou-a melhor no colo e enterrou o rosto dela contra o seu peito, nem de longe tão quente e confortável quanto aquele em que ela se apoiara para dormir.

Quando fizeram uma pausa, do lado de fora de um grande prédio, Kylie levantou a cabeça.

— Onde estamos? — Ela tocou o pescoço.

— Numa clínica — ele disse, colocando a mão no pescoço dela para ver se estava machucado.

— Eu estou bem. Me põe no chão.

— Ainda não. Você pode estar bem, mas Holiday vai me matar se eu não levá-la a um médico.

Ela se lembrou de Lucas.

— Você precisa impedir Lucas de ir atrás dos vampiros...

— Eu não poderia impedi-lo — ele disse. — Os lobisomens são teimosos demais. Mas Lucas sabe cuidar de si mesmo.

— Ele foi capturado — ela disse.

— Só para conseguir entrar no prédio e encontrar você.

A constatação a atingiu em cheio.

— Ele podia ter morrido!

— Mas não morreu. — As luzes se acenderam no prédio e Burnett entrou.

Kylie leu a placa na porta quando ele a carregou para dentro: "Proteja os seus animais de estimação dos parasitas".

— Ei, espere, está me levando a um veterinário? — Kylie olhou em volta, para o pequeno consultório cheio de fotos de animais nas paredes, e sentiu cheiro de cachorro.

— Veterinário e médico sobrenatural — ele disse.

Um homem saiu de uma sala nos fundos.

— Aqui dentro — ele os orientou.

Burnett apresentou-a ao dr. Whitman enquanto a carregava para a sala. Um imenso gato amarelo os seguiu. Quando Burnett colocou-a na mesa de exames, o gato pulou ao lado dela.

— Eu estou bem — ela disse a Burnett e ao dr. Whitman.

— O ombro dela — disse Burnett — e o pescoço.

Quando o médico estendeu o braço para tocar o ombro de Kylie, ela se encolheu.

— Foi só um arranhão. — Ela olhou para Burnett. — Quero ir pra casa da minha mãe. Uma hora dessas ela provavelmente já está na delegacia.

Burnett pegou o telefone e foi até o canto da sala. Enquanto isso, o dr. Whitman moveu o ombro de Kylie e observou-a com atenção. Kylie se encolheu um pouco, mas ela sabia que não estava quebrado. Ele franziu as sobrancelhas quando olhou para a testa dela.

— O que você é?

— Não sei — ela respondeu e analisou as ondas cerebrais dele. Ele era meio *fae*. O gato passou por Kylie e se esfregou na perna do médico. Ela suspeitou de que ele pudesse se comunicar com os animais, como Derek fazia. Ao pensar nele, lembrou-se de quanto sentia sua falta, mas procurou afastar o pensamento.

— Bem, a garota está certa. Não está quebrado — disse o médico quando Burnett voltou.

— Como eu disse... — Kylie não resistiu em dizer. — Agora, pode por gentileza me levar pra casa da minha mãe?

— Obrigado — disse Burnett para o dr. Whitman, fazendo sinal para que ele esperasse do lado de fora. Quando estavam a sós, Burnett se virou para Kylie.

— Vou levá-la de volta pra casa. Mas primeiro preciso saber o que aconteceu esta noite.

Kylie contou tudo de que se lembrava, desde a hora em que o vampiro se chocou contra o

carro dela até a hora em que Burnett irrompeu contra as paredes de concreto. Ela contou que o vampiro que tinha assassinado as garotas em Fallen era o neto do vampiro do Conselho dos Vampiros. E contou também que eram os vampiros que estavam espionando o acampamento durante todo o verão. As revelações de Kylie deixaram os olhos de Burnett brilhantes e cheios de fúria.

— Só não entendi por que ele queria que eu me casasse com o neto dele — ela comentou quando acabou de contar tudo.

Burnett deu de ombros.

— No passado, nossos avós é que escolhiam nossos parceiros.

— Mesmo que o "parceiro em questão" não estivesse a fim?

— Receio que sim. — A expressão de Burnett se encheu de remorso. — Você estava certa, Kylie. Tudo tinha a ver com você. Eu devia ter ouvido o que me disse. Não vou cometer esse erro outra vez.

Ela assentiu, sentindo o quanto era difícil para ele admitir que havia cometido um erro.

— O velho era muito estranho. Seu padrão cerebral era o de um vampiro, mas ele era mais do que isso.

— Eu conheço o homem de que está falando. Eu o encontrei durante uma das minhas visitas ao Conselho. Ele é vampiro, mas, você tem razão, é muito estranho.

— É mais do que um vampiro — disse Kylie. — Colocou a parede de pé depois que eu a derrubei.

— Talvez tivesse a ajuda de outra pessoa com poderes.

— Acho que é mais do que isso.

— Pode ser — ele disse, mas Kylie não tinha certeza de que ele tinha concordado. — Tudo bem, vou levar você pra casa. E vou colocar alguém para vigiar sua casa, assim ficará mais segura.

Ele a pegou outra vez no colo.

— Segure-se.

Desta vez ela sabia que era melhor enterrar a cabeça no peito dele.

Em segundos, Burnett a deixou em frente à casa dela.

— O que eu vou dizer à minha mãe? — ela perguntou.

— Não sei. Nunca fui muito bom com pais... mas seja criativa.

— Você não ajudou muito. — Ela mordeu o lábio. — Ai, não, meu carro!

— Nós o achamos quando estávamos procurando você. Alguém consertará o vidro e o trará aqui para você amanhã bem cedo.

— Obrigada.

Ele acenou com a cabeça.

— Estou satisfeito que esteja bem, Kylie. Vamos repassar tudo outra vez amanhã à noite, quando estiver de volta ao acampamento. E ligue para Holiday assim que puder. Ela não vai dormir enquanto não falar com você.

Kylie se aproximou dele e o abraçou. Ele não parecia preparado para a demonstração de afeto.

— Obrigada.

— De nada — ele respondeu, obviamente desconfortável tanto com o agradecimento quanto com o abraço.

Ela olhou para a escuridão em volta. O silêncio não a assustava, porque ela sabia que Burnett era quem o causava.

— Vou colocar dois homens para vigiar a casa — ele disse, ao interpretar mal a expressão dela.

— Acredito em você.

Ela o observou se afastar. Então se dirigiu à porta da sua casa. Quando percebeu que estava sem as chaves, procurou as chaves extras que sua mãe deixava dentro de uma imitação de plástico de fezes de cachorro, atrás das azaleias.

Ela mal abriu a porta quando viu a mãe correndo até ela e envolvendo-a nos braços.

— Graças a Deus! Eu estava quase ligando pra polícia. Onde você estava, mocinha?

Ao abraçá-la, a mãe comprimiu seu ombro e ela quase perdeu o fôlego. Afastando-se e tentando disfarçar a dor na voz, ela respondeu:

— Esqueci de ligar. E então... fiquei tão chateada por causa de Sara que precisava pensar.

Lágrimas inundaram os olhos da mãe.

— Ah, querida, sinto muito. Acabou a força. Eu caí no sono no sofá enquanto esperava você voltar pra casa. Acordei há quinze minutos e, quando percebi que você não estava, liguei para a casa de Sara. A mãe dela disse que você já tinha saído, mas ela não sabia a que horas.

Por sorte, a mãe de Sara já tinha ido para a cama quando Kylie foi embora, e não sabia dizer quando Kylie tinha partido.

— Está tudo bem.

— Eu não ouvi o motor do carro — disse a mãe.

*Pense rápido.*

— Parei na rua. — Ela esperava que Burnett cumprisse a promessa e o carro estivesse de volta de manhã bem cedo.

Kylie fingiu um bocejo.

— Sabe, mãe, não vejo a hora de cair na cama — ela disse, esperando poder ir para o quarto e ligar para Holiday. Mas teria que usar o telefone de casa, porque o celular tinha ficado no carro.

— Tudo bem, conversamos sobre Sara amanhã.

É isso aí, pensou Kylie. Ela também precisava falar sobre a matrícula na escola de Shadow Falls. Mas se preocuparia com isso mais tarde. Disparou para o quarto e discou o número de Holiday.

— Você tem notícias de Lucas? — ela perguntou, quando a líder do acampamento atendeu.

— Tenho. Ele está bem. Mas, primeiro ouça, as pessoas responsáveis por raptá-la não foram

pegas. Mas Burnett está de olho em você, não se preocupe.

— Eu sei.

— Você está bem? Gostaria de poder estar ao seu lado para poder acalmá-la.

— Estou bem — ela mentiu.

— Se você fechar os olhos e imaginar a cachoeira, isso vai ajudar a aliviar o pânico.

— Farei isso — disse Kylie, e dessa vez ela não estava mentindo.

No domingo de manhã, o toque do telefone acordou Kylie quase às dez horas. Ela se sentou na cama, pegou o telefone e olhou em volta, esperando ver o fantasma. Afinal, durante um mês o fantasma era a primeira coisa que ela via todo dia de manhã, e claro que sentia falta dele.

Ao apertar o botão, ela se lembrou da conversa com Holiday na noite anterior. Tinha funcionado; imaginar a cachoeira fez com que o sentimento de pânico diminuísse.

— Alô — atendeu Kylie.

— Você está bem? — As vozes de Della e Miranda explodiram ao mesmo tempo na linha.

— Estou. — Kylie se reclinou no travesseiro. — Como vocês descobriram?

— Quando vimos que passou a noite toda sem atender a droga do telefone, ligamos para Holiday — explicou Della.

— Conte tudo! — exigiu Miranda.

Kylie contou uma versão abreviada e prometeu que contaria os detalhes depois. Então perguntou do final de semana delas. Miranda gemeu e choramingou por causa da competição, mas no final contou que tinha ficado em segundo lugar.

— E a piranha da Tabitha ficou em quarto — disse Miranda com orgulho.

— E você, Della? — perguntou Kylie.

— O que isso lhe diz? — ela perguntou apertando a descarga do banheiro.

— Que grosseria! — reclamou Miranda.

— Acho que meus pais estão chocados ao ver que nenhum exame deu positivo ainda.

Depois de alguns minutos de conversa, elas se despediram. Lembrando-se do carro, Kylie pulou da cama e olhou pela janela. Burnett tinha cumprido a palavra. Ele estava estacionado na rua em frente à casa, parecendo novo.

Se tudo na vida dela pudesse ser consertado com a mesma facilidade...

— Já está de pé?! — surpreendeu-se a mãe quando Kylie saiu do quarto alguns minutos depois. A mãe tinha uma toalha na cabeça e usava um roupão de banho, como se tivesse acabado de sair do banho.

— Me dê um minuto e já faço seu café da manhã.

Trinta minutos depois, Kylie estava comendo panquecas e ovos com a mãe. Elas conversaram sobre muitas coisas, mas principalmente sobre Sara. A mãe de Kylie lhe contou que a mãe de Sara tinha ligado para ter certeza de que Kylie chegara bem em casa.

A mãe pegou o prato vazio de Kylie e o colocou dentro da pia.

— A mãe de Sara disse também que ela acordou se sentindo bem melhor hoje. Elas vão ao médico amanhã para conversar sobre as opções de tratamento. Espero que dê tudo certo.

Kylie ficou de pé e ajudou a tirar a mesa.

— *Ela não vai precisar de tratamento* — uma voz sussurrou atrás de Kylie. — *Você conseguiu*.

A temperatura da cozinha tinha baixado mais de dez graus.

— Juro, faz um mês que o ar-condicionado está dando problema... — A mãe estremeceu e foi verificar o termostato. Kylie se perguntou se o ar-condicionado da mãe estava mesmo com defeito ou se era Daniel quem estava causando o frio.

Kylie se virou e viu o espírito da avó de Sara. Ela parecia jovem e saudável. Linda. Kylie suspeitou de que Sara teria a aparência dela quando tivesse trinta e poucos anos.

— *Obrigada. Eu sabia que você era capaz.*

— Você não precisa me agradecer. Ela é minha amiga.

— Disse alguma coisa? — perguntou a mãe da porta da cozinha.

O fantasma sorriu e desapareceu.

— Sim. Eu disse que precisamos conversar sobre a escola.

Kylie se aproximou e lhe deu um grande abraço, sentindo uma agulhada de dor no ombro. Quando se afastou, simplesmente despejou as palavras antes que perdesse a coragem.

— Eu sei que é difícil pra você. Sei que me ama. Mas eu preciso disso agora. Realmente preciso.

A mãe acariciou o rosto de Kylie, enquanto as lágrimas toldavam sua visão.

Depois respirou fundo.

E soltou o ar.

— Meu amor, me desculpe. Mas eu simplesmente não posso deixar você ir.

# Capítulo Trinta e Cinco

O coração de Kylie congelou no peito. A temperatura da sala caiu novamente. Daniel apareceu, e sorriu.

— *Lembre-a...* — ele disse, mas antes de acabar a frase desapareceu novamente. De algum modo, Kylie sabia o que ele queria dizer.

— Mãe — ela disse. — Lembra quando me contou que, ao conhecer Daniel, simplesmente sabia que ele era a pessoa certa pra você?

A mãe pareceu surpresa quando Kylie tocou no nome de Daniel.

— Sim, mas...

— Esta escola é como Daniel pra mim, mãe. Eu sei que é o lugar certo pra mim. Sei disso no meu coração. Por favor, não a tire de mim. Não a tire de mim como Daniel foi tirado de você.

— Não quer nem que eu a acompanhe até lá dentro? — perguntou a mãe, ao pararem no estacionamento, do lado de fora dos portões de Shadow Falls, mais tarde naquele mesmo dia.

— Não é dia de visita, mãe — Kylie explicou, olhando de relance para o novo espírito que tinha tomado carona com elas ao passarem pelo cemitério de Fallen. A mulher de cabelos escuros usava um roupão e parecia ter pouco menos de 30 anos. Parecendo completamente confusa, ela não tirava os olhos de Kylie e não parava de perguntar onde estava. Kylie tinha tentado conversar com ela mentalmente, mas a mulher não ouvia. Além do mais, a mãe tinha reclamado a viagem todo do ar-condicionado do carro, que na opinião dela devia estar quebrado também.

Kylie se aproximou mais da mãe e lhe deu um grande abraço.

— Obrigada.

A mãe tinha concordado com relutância em assinar os papéis da matrícula para que Kylie cursasse a escola de Shadow Falls.

Suspirando, a mãe se afastou e descansou a mão sobre a bochecha de Kylie.

— Ainda não gosto dessa ideia.

— Eu sei.

— Lembre-se da condição — alertou-a.

Kylie não queria discutir com a mãe, mas as palavras escaparam.

— Não entendo. Você não o perdoou. Nem quer vê-lo, mas espera que eu ligue pra ele duas vezes por semana.

— Ele é seu pai.

— Daniel é meu pai.

A mãe estremeceu.

— Sim, mas Tom amou você como se fosse filha dele.

— Eu sei. E eu pretendo perdoá-lo, mas... ainda dói. E quando ele tentou me usar para convencer você, bem...

— Eu sei — concordou a mãe. — Ele estava errado. Não é perfeito. Nem eu sou. Lamento ter feito uma cena quando ele apareceu.

Kylie olhou nos olhos da mãe.

— Você ainda o ama?

— Não sei. Quando parar de doer tanto, talvez eu descubra.

Elas se abraçaram novamente e, alguns minutos depois, Kylie viu a mãe dar partida e pegar a estrada. O fantasma tinha preferido ficar com Kylie e agora estava em pé ao lado dela. Ela abriu o roupão e olhou para o grande buraco aberto no seu abdômen. Por que Kylie nunca era assombrada por fantasmas que morreram pacificamente enquanto dormiam?

— *O que aconteceu comigo*? — o fantasma perguntou.

— Não sei — Kylie respondeu, enquanto o fantasma se desvanecia. Mas Kylie tinha um palpite de que ele voltaria. E esperaria que Kylie a ajudasse a descobrir tudo também. Era aquilo que mais frustrava Kylie. Como ela podia descobrir a solução para os problemas dos fantasmas se não conseguia descobrir nem para os próprios? Ela verificou o celular para ver se o investigador tinha retornado a ligação que ela lhe fizera logo depois de resgatar seu telefone aquela manhã. Ele tinha deixado uma mensagem dizendo que tinha novidades, mas ela ainda não sabia do que se tratava.

Quando Kylie chegou ao portão, a sensação de estar chegando em casa fez seu coração bater mais rápido. Era a esse lugar que ela realmente pertencia. Viu que Holiday e Burnett estavam esperando por ela assim que entrou.

Holiday lhe deu um abraço apertado e sincero. Burnett pegou sua mochila e pediu para que ela o seguisse.

Quando passaram pelo refeitório, Kylie viu que vários campistas também tinham chegado mais cedo. Holiday tinha ligado para Kylie e pedido que ela chegasse uma hora mais cedo para conversarem. Eles foram até o escritório e Kylie ficou surpresa ao ver que Lucas os esperava do lado de fora da cabana.

Seus olhos azuis encontraram os dela.

— E o ombro? Melhorou?

Kylie teve a impressão de que ele queria tocá-la, mas esperou que ela tomasse a iniciativa. Por mais tentada que estivesse para envolvê-lo num abraço, ela não sentiu certeza absoluta de que

aquela era a coisa certa a fazer. Na noite anterior seria natural como respirar, mas agora ela não estava mais tão segura.

— Só dói um pouquinho. Obrigada.

— Se um dia bater nela de novo, por acidente ou não, eu te ponho pra correr com uma pá! — disse Holiday. Pela expressão dura dos olhos dela, Kylie percebeu que a líder do acampamento estava falando sério.

— Não foi culpa dele — Kylie chegou mais perto de Lucas e obviamente ele tomou isso como o sinal que tanto esperava. Ele estendeu a mão e tocou o pulso dela. Um simples toque, mas foi suficiente para aquecê-la por dentro.

— Foi culpa minha, sim. — Lucas olhou para ela, com os olhos cheios de culpa. —Tenho que aprender a pensar antes de bater. — Ele olhou para Burnett e Kylie teve a impressão de que Holiday não tinha sido a única a lhe dar uma bronca.

Devagar, Lucas enlaçou os dedos dela e apertou de leve sua mão. Sentimentos conflitantes fizeram seu estômago se contrair. Ela não tinha certeza se estava pronta para aceitar as possibilidades que aquele toque lhe traria, mas também não estava disposta a rejeitá-las. Ele tinha arriscado a própria vida para salvá-la. Lembrando-se de que tinha que se concentrar em outra coisa que não fosse Lucas, ela olhou para Burnett.

— Conseguiram encontrá-los?

— Não. — Os olhos do vampiro brilharam de raiva.

— Ainda não — disseram Burnett e Lucas ao mesmo tempo.

— Os outros membros do Conselho dos Vampiros souberam do que aconteceu. Imagino que haverá consequências.

Em poucos minutos, pediram que Lucas os deixassem a sós e Burnett e Holiday levaram Kylie para o escritório. Burnett fez Kylie contar tudo novamente três ou quatro vezes. Embora aquilo tenha sido um martírio, ela não reclamou nenhuma vez. Os olhos de Holiday se encheram de orgulho quando Kylie lhes contou sobre como ela tinha curado Lucas e possivelmente Sara.

Por fim, a pergunta que girava em sua cabeça veio à tona.

— O que eu não entendo é por que não posso usar a minha força para salvar a mim mesma.

Holiday ofegou como se ela tivesse chegado a uma súbita constatação.

— Você é uma protetora. Eu devia ter adivinhado depois do incidente com Selynn. Quando estávamos no riacho, você só ganhou força quando pensou que sua mãe estava em perigo. Isso também explica por que o seu pai biológico, Daniel, não foi capaz de se salvar no dia em que morreu.

— Então isso... fez você descobrir o que eu sou? O que ele era?

— Receio que não... — O olhar de Holiday se desviou para Burnett, que parecia igualmente surpreso e impressionado. — Ser um protetor é algo muito raro e um privilégio concedido apenas aos que são extremamente talentosos.

— Realmente bem-dotados — disse Burnett, parecendo realmente admirado. — Eu só

conheci um protetor a minha vida inteira.

*Um protetor*? Kylie não sabia o que isso significava.

— Então tenho outros dons além dos que já conheço?

— Provavelmente — disse Holiday, sorrindo. — Eu sabia que você era especial, Kylie. Soube disso no momento em que a vi.

— Eu queria que um desses dons me ajudasse a descobrir que diabos eu sou! — A frustração era evidente em sua voz.

Depois de um minuto ouvindo a mesma ladainha, *Você vai acabar descobrindo. Precisa ser paciente, empreender sua busca.. blá...blá...blá...*, Burnett voltou a lhe fazer perguntas.

— Mario lhe disse que amigos queriam conhecê-la?

— Mario? — perguntou Kylie.

— Mario Esparza é o nome do velho vampiro.

Ela fechou os olhos, sem ter certeza de que gostava da ideia de saber o nome dele.

— Não. — Kylie estremeceu, imaginando que tipo de amigos ele provavelmente tinha. — O que você acha que ele quis dizer quando se referiu às semelhanças entre nós? Você acha que ele acredita que eu, de certo modo, sou como ele? Ele pode ser um protetor ou...

— Não sei o que ele quis dizer — Burnett respondeu. — Mas não acho que seja um protetor.

— Você não é como ele, Kylie — insistiu Holiday. — Ele não nasceu à meia-noite.

— Então é perverso? — Kylie perguntou.

Burnett olhou para Holiday como se não tivesse certeza do que deveria dizer. Holiday assentiu com a cabeça, como se lhe desse permissão para falar.

— Sim, é perverso. Tem sido uma pedra no caminho da UPF há muitos anos. Tentamos tirá-lo do Conselho, mas nunca conseguimos provas suficientes.

Kylie deu um longo suspiro.

— Vocês acham que ele virá atrás de mim outra vez?

Mais uma vez, Burnett olhou para Holiday antes de continuar.

— Gostaria de poder dizer que acho que tudo acabou. Ele não gosta de perder, mas você tem a minha palavra de que ele não vai ganhar essa. Eu o deterei, custe o que custar.

Holiday pegou na mão de Kylie e lhe apertou com suavidade.

— Precisamos terminar aqui — ela disse para Burnett. — Acho que a maioria dos campistas já está no refeitório.

Ele não pareceu satisfeito.

— Tá legal, mas talvez eu queira fazer mais algumas perguntas mais tarde.

Kylie concordou. Os três se levantaram e Burnett se dirigiu para a porta do escritório.

— Burnett? — Holiday chamou, sua voz cheia de incerteza.

Ele se virou e por um segundo sua expressão foi a de um filhotinho em busca de afeto e aceitação.

Kylie observou Holiday pegar uma folha de papel da gaveta da escrivaninha.

— Acho que você vai querer ver isso. Leia cuidadosamente antes de assinar.

— O que é?

Holiday hesitou.

— É um contrato. Achei que queria ser investidor de Shadow Falls.

Ele olhou o papel e então se voltou para Holiday.

— Então não conseguiu encontrar mais nenhum interessado?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Acho que a escola não é vista como um bom investimento.

Kylie teve que reprimir um sorriso quando reconheceu a técnica de Holiday para evitar a mentira e ao mesmo tempo esconder a verdade.

Ela não queria que Burnett soubesse que tinha outros investidores interessados, e Kylie sabia por quê. Admitir que tinha escolhido a ele, em detrimento de vários outros, era admitir que não queria perdê-lo.

— Vou insistir em participar de todas as decisões — avisou Burnett.

— E tenho certeza de que vou discutir com você na maioria delas — Holiday contra-atacou.

Um leve sorriso apareceu nos lábios dele.

— É justo.

Holiday assentiu.

— A maioria das minhas condições está relacionada aí.

Burnett foi até a escrivaninha de Holiday, pegou uma caneta e assinou o papel.

— Não acha que deveria ler primeiro? — Holiday perguntou.

— Digamos que eu esteja ansioso para discutir com você. — Ele lhe entregou o papel e saiu pela porta, deixando uma doce tensão no ar.

Kylie esperou até ter certeza de que Burnett não ouviria.

— Eu sei que você tinha outro investidor interessado.

Holiday revirou os olhos.

— E você sabe que não deve dizer nada sobre isso, certo?

Kylie sorriu.

— Você não quer perdê-lo, Holiday.

— Ele está subindo no meu conceito — ela disse. — Mas isso não significa...

— Certo. — Kylie riu.

Holiday mudou de assunto.

— Aposto que Della e Miranda estão esperando por você.

Kylie abraçou Holiday antes de sair. Quando saiu do escritório, olhou na direção do refeitório e de repente não soube ao certo se estava pronta para encarar todo mundo. Tanta coisa tinha acontecido e ela não tinha tido tempo para se adaptar. Nesse momento, sentiu uma mão pegar na dela.

Ela deu um pulo e começou a se afastar, mas parou quando reconheceu o calor da palma na

dela.

— Oi — disse Lucas, puxando-a na direção dele. — Vamos dar uma volta.

Ela deixou que ele a levasse para detrás da cabana onde ficava o escritório. No momento em que chegaram ao ponto isolado entre as árvores, ele parou e olhou para ela.

— Eu sinto muito ter batido em você — ele disse, apertando a mão dela.

Ela balançou a cabeça.

— Você não tinha intenção.

— Mesmo assim bati. — Ele a puxou novamente pela mão até ela chegar mais perto dele. — Burnett disse que você... você me curou.

— É — ela disse, sentindo o calor do peito dele, embora não estivesse nem encostada nele. Ela inspirou o ar e percebeu que Lucas tinha um cheiro amadeirado. O aroma das árvores e de terra úmida estava impregnado nele.

— Você pode ter salvado a minha vida — ele acrescentou.

— Sim, mas foi por minha causa que você se feriu.

— Não importa. — Ele abriu um sorriso tímido. — Você sabia que os vampiros têm um velho ditado que diz "Se alguém salva a sua vida, você deve ficar com essa pessoa para sempre"?

Ela olhou para ele.

— Mas você não é vampiro.

Ele se inclinou para mais perto dela. Seus lábios tão próximos que ela quase podia sentir seu sabor.

— E pela primeira vez na vida, gostaria de ser. — Ele respirou fundo. — Mas como não sou, acho que o mínimo que posso fazer é lhe dar um beijo de agradecimento.

— O mínimo que pode fazer — ela disse, e então os lábios dele se colaram aos dela.

Não foi o beijo sensual que trocaram na cachoeira nem como os outros que trocaram nos sonhos, mas nem por isso foi menos especial. Nem foi mais fácil para ela se afastar. Mas ela se afastou. Acontece que era... cedo demais. Mais tarde talvez... Só talvez.

— Acho... acho que devíamos estar com os outros.

— É... — então eles andaram em silêncio e ele não largou a mão dela até entrarem no refeitório.

Kylie ficou quase estressada com todo mundo querendo saber se ela estava bem. Não sabia direito quem tinha espalhado a notícia do rapto, mas era evidente que todo mundo estava a par dos acontecimentos.

Della, Miranda, Perry, Helen e Jonathon, todos a cercaram. Lucas ficou um pouco para trás, como se quisesse lhe dar mais espaço. Mas ele não descolava os olhos dela. Ela até acenou para que ele se aproximasse, mas ele negou com a cabeça, como se soubesse que ela ainda se sentia insegura ao lhe fazer o convite. Ou talvez fosse porque ele era um lobisomem e os lobisomens gostavam de ficar entre os da sua espécie. No entanto, ela tinha a estranha impressão de que ele estava cuidando dela. Ela se lembrou de como ele a protegera dos agressores quando ela tinha 6

anos de idade e mais uma vez sentiu uma ligação entre eles. Agora, o que ela precisava descobrir era que ligação era essa.

Uma hora depois, os amigos mais íntimos de Kylie ainda estavam todos comendo pizza e conversando sobre o fim de semana na casa dos pais.

— Ah! — exclamou Miranda, com a voz cheia de animação. — Acho que descobri o que eu fiz de errado com Socks. Logo vou transformar o gambazinho num gato outra vez.

— Então, Miranda, foi tudo bem na competição? — Perry perguntou, cheio de nervosismo. Era a primeira vez que ele falava com Miranda. Kylie sabia que esse era o jeito de ele dizer que queria fazer as pazes com ela, e Kylie o teria abraçado se ela não tivesse receio de que, ao fazer isso, a amiga a liquidasse, usando seu dedinho recém-premiado.

— Foi tudo bem — ela respondeu, mas Kylie não conseguiu interpretar a expressão dela.

— Por que vocês dois simplesmente não se beijam e fazem as pazes? — perguntou Della. — E depois vão para um lugar onde possam ficar sozinhos e dar uns amassos?

Miranda fulminou Della com o olhar, o que com certeza significava uma briga mais tarde. Os olhos de Perry estavam pretos quando ele olhou para Della e então ele se afastou, se sentindo um pouquinho rejeitado. Kylie só se recostou na cadeira e se perguntou se as coisas um dia iriam mudar.

Mas de fato... algumas coisas realmente tinham mudado, não tinham? Ela se pegou olhando ao redor à procura de outro rosto. Embora se esforçasse muito para não admitir, sentia falta de Derek. Mais do que isso, ela se preocupava, imaginando se ele estaria bem. Decidiu procurar Burnett e perguntar, mas no mesmo instante o seu celular bipou com a chegada de uma mensagem.

Ela olhou o identificador de chamadas. Era uma mensagem do investigador. Então Kylie viu que havia também uma mensagem de Sara: "*O que você fez? Não minta. Eu sei que foi você*".

O coração de Kylie deu uma cambalhota de alegria. Maravilha! Mas o que ela iria dizer a Sara?

Seu celular bipou outra vez. Quando Kylie leu a mensagem do investigador, ela ofegou. "*Avós de volta. Falei com eles ontem. Querem ver você o quanto antes!*"

A esperança cresceu em seu peito. Será que isso a levaria à resposta que tanto queria e que revelaria quem ela era?

— Kylie — Mandy chamou o nome dela da porta.

Kylie se virou.

— Sim?

— Holiday pediu pra você ir ao escritório. Alguém quer te ver.

— Quem? — ela perguntou, sentindo-se em pânico só de pensar que poderiam ser os avós. Será que ela já estava pronta para fazer isso? Estava pronta para conhecer os pais adotivos de Daniel? Seus avós?

— Eu não sei, mas havia um casal de idosos no portão há alguns minutos.

E nesse mesmo instante, Kylie ouviu o som de uma cascata. Algo chamou sua atenção em sua

visão periférica e ela olhou para a parede de madeira, onde uma mescla de luz e sombras rodopiava num padrão quase hipnótico. Anjos da morte dançando.

Ela olhou para Della e Miranda. Nenhuma das duas reagiu. Aparentemente, Kylie era a única que via o espetáculo do outro lado do refeitório. E, então, ouviu:

— *Vá e descubra o seu passado, para que possa descobrir o seu destino*.

— Está tudo bem? — Della perguntou, parecendo preocupada.

Kylie respirou fundo.

— Tudo bem.

E ela esperava estar certa.

*Você não vai querer perder*
*o que acontecerá no próximo livro.*

---

Leia uma prévia do terceiro livro
da série Shadow Falls, de C.C. Hunter.

Eles de fato estavam lá. Bem ali no acampamento.

Kylie Galen saiu do refeitório, para a claridade da luz do Sol, e olhou para o escritório do acampamento, ao longe. Passarinhos cantavam a distância, uma rajada de vento agitava as árvores, mas ela só ouvia o som do seu coração martelando no peito.

*Tum. Tum. Tum.*

Eles estavam ali para vê-la.

Seu pulso acelerou ao pensar que encontraria os Brightens, o casal que tinha adotado e criado seu pai biológico. Um pai que ela nunca conhecera em vida, mas tinha aprendido a amar com as breves visitas que ele lhe fizera na vida após a morte.

— Daniel? — ela sussurrou o nome do pai, quase como se requisitasse sua presença. Foi como se o seu pedido tivesse sido arrebatado e carregado por uma rajada de vento, repentina e inesperada. Ela andava em direção ao escritório, insegura com o torvelinho emocional que se agitava dentro dela.

Medo.

Empolgação.

Curiosidade.

Medo. Muito medo.

Mas do quê?

Uma gota de suor, mais de nervoso do que do clima quente de final de verão, rolou pela sua testa.

"*Vá e descubra o seu passado, para que possa descobrir o seu destino.*" As palavras místicas dos anjos da morte se repetiam na sua cabeça. Ela dava um passo para a frente e depois parava. Embora não visse a hora de solucionar o mistério sobre quem o pai era, quem *ela* era e, com sorte, descobrir a que espécie pertencia, seus instintos gritavam para que ela desse meia-volta e fugisse.

Do que sentia tanto medo? De saber a verdade?

Até alguns meses antes, quando ainda não conhecia Shadow Falls, ela tinha certeza de que era só uma adolescente confusa, cuja sensação de ser diferente era uma coisa normal. Agora entendia por quê.

Ela não era normal.

Não era nem humana. Pelo menos não totalmente.

E descobrir seu lado não humano era intrigante.

Um enigma que os Brightens podiam resolver.

Ela deu outro passo. O vento, como se ansioso para fugir assim como ela, soprou e levou com ele algumas mechas rebeldes do seu cabelo loiro, espalhando-as pelo rosto.

Ela piscou e, quando abriu os olhos, o brilho do Sol tinha desaparecido. Ao olhar para cima, viu no céu uma nuvem carregada de chuva bem sobre ela, provocando uma grande sombra ao seu redor e sobre o arvoredo. Sem saber se aquilo era um mau presságio ou uma simples tempestade de verão, seu coração acelerou.

Inspirando o ar com aroma de chuva, ela deu mais um passo, quando sentiu uma mão agarrando seu cotovelo.

*Mais essa.*

O pânico correu pelas suas veias.

Ela se virou, sobressaltada.

— Calma! Tudo bem? — Lucas perguntou, afrouxando o aperto em torno do braço dela.

Kylie prendeu a respiração e olhou para os lindos olhos azuis.

— Tudo. Você só.... me surpreendeu. Você sempre me surpreende. Precisa cantarolar ou assobiar quando estiver se aproximando de mim.

— Cantarolar ou assobiar — ele repetiu, com um meio sorriso. Claro, ele tinha achado graça. Os lobisomens tinham a fama de ser discretos, silenciosos e intensos. Lucas era cem por cento lobisomem. E, pelo menos no que dizia respeito a ela, era extremamente, absolutamente intenso.

— Desculpe — disse ele, fazendo pequenos círculos com o dedo no braço dela. Ela podia sentir o pulso acelerando e oscilando ao seu toque. E de algum modo aquela leve carícia com o dedo parecia... íntima. Como ele conseguia fazer um toque tão simples parecer um doce pecado?

Outra rajada de vento, agora prenunciando chuva, agitou o cabelo escuro de Lucas e jogou-o sobre a testa.

Ele continuou olhando para ela, agora com um ar sério.

— Você não parece bem. Algum problema? — Ele estendeu o braço e tirou um fio de cabelo do rosto dela, recolocando-o atrás da orelha.

Ela desviou os olhos dele e fitou a cabana onde ficava o escritório do acampamento.

— Meus avós..., os pais adotivos do meu pai biológico, estão aqui.

— Achei que estava procurando por eles. Não queria encontrá-los?

— Queria. Eu só...

— Está com medo — ele terminou a frase para ela.

Kylie não queria admitir, mas, como os lobisomens podiam farejar o medo, mentir não ia ajudar muito.

— É. — Ela olhou novamente para Lucas e mais uma vez viu humor nos olhos dele.

A ideia de que ele estava rindo dela a desagradou.

— O que é tão engraçado?

— Você — ele disse, como se ela o divertisse. — Ainda estou tentando entender você. Quando foi raptada por um vampiro delinquente, com ligações com o submundo sobrenatural, não ficou tão assustada. E agora está exalando um fedor de medo.

— Exalando um fedor?

Ele pareceu reprimir de propósito um sorriso.

— Não... não um fedor... é só que... — Ele fez uma pausa e depois se inclinou para mais perto dela e baixou a voz. — Sério, se esse é o mesmo casal que eu vi entrando há alguns minutos, então posso garantir que são simplesmente velhos e humanos. Acho que você pode dar conta dos dois até com as duas mãos amarradas nas costas.

*Só humanos*. Se ela não conhecesse Lucas e não gostasse tanto dele, podia ficar aborrecida com a escolha das suas palavras.

— Não estou assustada. Só estou... — Ela fechou os olhos por um instante, sem saber ao certo como explicar algo que nem ela entendia direito, mas então as palavras saíram da sua boca como se há muito esperassem uma oportunidade. — O que vou dizer a eles? "Sei que vocês nunca disseram ao meu pai que ele era adotado, mas ele descobriu depois de morto. E então veio me ver. Ah, sim, e ele não era humano. Então, será que vocês poderiam, por gentileza, me dizer quem são os pais verdadeiros dele? Para que assim eu possa descobrir também o que eu sou?"

Ele deve ter percebido a angústia na voz dela porque sua expressão passou de divertimento para preocupação instantaneamente.

— Você vai descobrir um jeito.

— É. — Ela gostaria de estar tão confiante quanto ele. Sabendo que tinha que se apressar, ela recomeçou a andar. A presença reconfortante dele aliviava o medo que sentia à medida que avançavam.

Lucas parou ao lado da porta e acariciou o braço dela.

— Quer que eu entre com você?

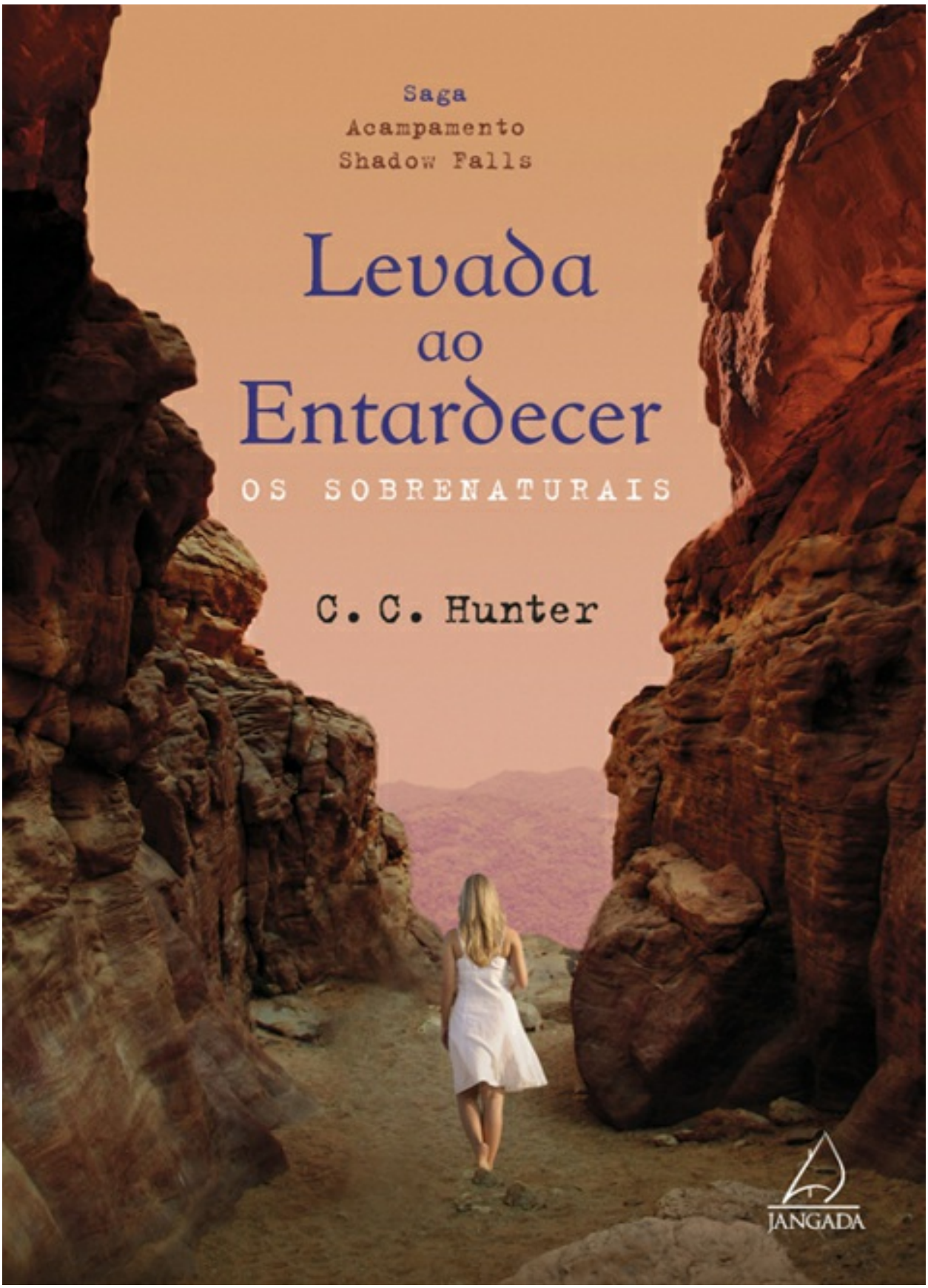
Ela quase disse sim, mas se deteve. Lucas a tinha resgatado do vampiro, mas ela sabia que isso era algo que precisava enfrentar sozinha. Achou ter ouvido vozes do lado de dentro e olhou de relance para a porta.

Ela não estaria sozinha.

Sem dúvida Holiday esperava por ela lá dentro, preparada para oferecer apoio moral e também para acalmá-la. Normalmente, Kylie não gostava que suas emoções fossem manipuladas, mas no momento poderia fazer uma exceção.

— Obrigada, mas tenho certeza de que Holiday vai estar ao meu lado.

Ele assentiu, o olhar descendo para sua boca. Ele inclinou levemente a cabeça e seus lábios chegaram perigosamente perto dos dela.


Saga
Acampamento
Shadow Falls
Levada
ao
Entardecer
OS SOBRENATURAIS
C. C. Hunter
JANGADA

# LEVADA AO ENTARDECER

C. C. Hunter

# LEVADA AO ENTARDECER

## OS SOBRENATURAIS

*Tradução:*
DENISE DE C. ROCHA DELELA


JANGADA

Título do original: *Taken at Dusk.*

Copyright © 2012 Christie Craig.

Star Books Digital

https://t.me/StarBooksDigital

https://t.me/SBDLivros

Copyright da edição brasileira © 2012 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Publicado mediante acordo com St. Martin's Press.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2012.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance, são também produtos da imaginação do autor e são usados de modo fictício.

**Coordenação editorial:** Denise de C. Rocha Delela e Roseli de S. Ferraz **Consultoria de linguagem:** Giovanna Rocha Delela **Diagramação:** Fama Editoração Eletrônica **Revisão:** Liliane Scaramelli M. Cajado **Produção de ebook:** S2 books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hunter, C. C.
Levada ao entardecer : os sobrenaturais / C. C. Hunter ; tradução Denise de C. Rocha Delela. — São Paulo : Jangada, 2012.

Título original: Taken at Dusk.
ISBN 978-85-64850-23-1
1. Ficção norte-americana I. Título.

12-11905 CDD-813.5

**Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5**

1ª Edição Digital: 2012

ISBN digital: 978-85-64850-26-2

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br http://www.editorajangada.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Foi feito o depósito legal.

# *Sumário*


*Folha de Rosto*
*Créditos*
*Dedicatória*
*Agradecimentos*
*Capítulo Um*
*Capítulo Dois*
*Capítulo Três*
*Capítulo Quatro*
*Capítulo Cinco*
*Capítulo Seis*
*Capítulo Sete*
*Capítulo Oito*
*Capítulo Nove*
*Capítulo Dez*
*Capítulo Onze*
*Capítulo Doze*
*Capítulo Treze*
*Capítulo Quatorze*
*Capítulo Quinze*
*Capítulo Dezesseis*
*Capítulo Dezessete*
*Capítulo Dezoito*
*Capítulo Dezenove*
*Capítulo Vinte*
*Capítulo Vinte e Um*
*Capítulo Vinte e Dois*
*Capítulo Vinte e Três*
*Capítulo Vinte e Quatro*
*Capítulo Vinte e Cinco*
*Capítulo Vinte e Seis*
*Capítulo Vinte e Sete*
*Capítulo Vinte e Oito*
*Capítulo Vinte e Nove*

*Capítulo Trinta*
*Capítulo Vinte e Um*
*Capítulo Vinte e Dois*
*Capítulo Trinta e Três*
*Capítulo Trinta e Quatro*
*Capítulo Trinta e Cinco*
*Capítulo Trinta e Seis*
*Capítulo Trinta e Sete*
*Capítulo Trinta e Oito*

*Sempre há, em nossa vida, uma pessoa que, sabemos, ajudou-nos a nos tornar quem somos. Uma pessoa sem a qual não teríamos empreendido a mesma jornada. Uma pessoa que não apenas fez diferença, mas foi o trampolim para tudo o que conquistamos.*

*Obrigada, maridão, Steve Craig, por tudo o que você fez para me ajudar a me transformar em quem sou. Obrigada pelo amor, pelos anos e pelas infinitas risadas que compartilhou comigo. Nós formamos uma equipe e tanto, não acha?*

# Agradecimentos

Ao meu agente, cujo apoio e orientação são exatamente do que esta escritora precisa. A Rose Hilliard, um anjo de editora. A Faye Hughes, minha primeira leitora, que não tem medo dos meus rascunhos assustadores. Obrigada pela ajuda, mas principalmente pela amizade. A Susan Muller, Teri Thackston e Suzan Harden: agradeço a todas vocês pelo apoio, pela amizade, pelas críticas e pelas muitas risadas. Vocês não podem imaginar o quanto significam para mim. A Jody Payne, uma mulher cuja coragem e força me inspiram, e cuja amizade e apoio na redação deste livro foram inestimáveis.

A Rosa Brand, também conhecida como R. M. Brand, cujo brilhantismo como artista gráfica me encanta. Obrigada pelo seu apoio, pelos vídeos fabulosos e pela nova amizade. Obrigada a Kathleen Adey pela edição e pelo apoio com a publicidade; você faz com que o cumprimento dos prazos seja uma tarefa mais fácil.

# Capítulo Um

Eles estavam ali. Bem ali no acampamento.

Kylie Galen saiu do refeitório lotado, rumo à claridade da luz do Sol, e olhou para o escritório do acampamento Shadow Falls, mais à frente. Não ouvia mais as vozes dos outros campistas. Passarinhos cantavam a distância, uma rajada de vento agitou as árvores, mas ela só ouvia o som do próprio coração martelando no peito.

*Tum. Tum. Tum.*

Os avós estavam ali para vê-la.

Seu pulso acelerou ao pensar que encontraria os Brightens, o casal que tinha adotado e criado seu pai biológico. Um pai que ela nunca conhecera em vida, mas tinha aprendido a amar com as breves visitas que ele lhe fizera da vida após a morte.

Ela andou em direção ao escritório, insegura com o torvelinho emocional que se agitava dentro dela.

Empolgação.

Curiosidade.

Medo. Sim, muito medo.

Mas do quê?

Uma gota de suor, mais de nervosismo do que do clima quente de final de verão no Texas, rolou pela sua testa.

*Vá e descubra o seu passado, para que possa descobrir o seu destino.* As palavras misteriosas dos anjos da morte se repetiam na sua cabeça. Ela deu um passo à frente e depois parou. Embora não visse a hora de solucionar o mistério sobre quem era o seu pai, quem ela era e, com sorte, a que espécie pertencia, seus instintos gritavam para que desse meia-volta e fugisse dali.

Era disso que ela sentia tanto medo? De saber a verdade?

Antes de vir para Shadow Falls, alguns meses antes, Kylie tinha certeza de que era só uma adolescente confusa, cuja sensação de ser diferente era uma coisa normal. Agora entendia por quê.

Ela não era normal.

Não era nem humana! Pelo menos não totalmente.

E descobrir seu lado não humano era como tentar solucionar um enigma.

Um enigma que os Brightens podiam ajudar a resolver.

Kylie deu outro passo. O vento, como se estivesse ansioso para fugir assim como ela, soprou e levou com ele algumas mechas rebeldes dos seus cabelos loiros, cobrindo seu rosto.

Ela piscou e, quando abriu os olhos, o brilho do Sol tinha desaparecido. Ao olhar para cima, viu uma imensa nuvem carregada bem acima dela, provocando uma grande

sombra ao seu redor e sobre o arvoredo. Incerta se aquilo era um mau presságio ou uma simples tempestade de verão, ela congelou, o coração acelerando ainda mais. Inspirando o ar com aroma de chuva, Kylie ia dar mais um passo, quando sentiu uma mão segurando seu braço. A lembrança de outra mão agarrando-a fez o pânico disparar em suas veias.

Ela se virou, sobressaltada.

— Calma! Está tudo bem? — Lucas afrouxou os dedos em torno do braço dela.

Kylie prendeu a respiração e fitou os olhos azuis do lobisomem.

— Tudo bem. Você só... me assustou. Você sempre me assusta! Precisa assobiar quando estiver se aproximando de mim. — Ela expulsou as lembranças de Mario e do neto vampiro, Ruivo.

— Desculpe. — Ele sorriu, enquanto desenhava pequenos círculos com o polegar no braço dela. De algum modo aquela leve carícia com o dedo pareceu... íntima. Como ele conseguia fazer um toque tão simples parecer um doce pecado?

Outra rajada de vento, está prenunciando tempestade, agitou o cabelo preto de Lucas e jogou-o sobre a testa. Ele continuou olhando para ela, os olhos azuis aquecendo-a e afastando seus piores medos.

— Você não parece bem. Alguma coisa errada? — Ele estendeu o braço e tirou do rosto dela um fio de cabelo, recolocando-o atrás da orelha.

Ela desviou os olhos e fitou a cabana onde ficava o escritório do acampamento.

— Meus avós... Os pais adotivos do meu pai biológico estão aqui.

Ele devia ter percebido a relutância dela em estar ali.

— Achei que você queria vê-los. Por isso pediu que viessem, não foi?

— É... Eu só...

— Está com medo. — ele terminou a frase por ela.

Kylie não queria admitir, mas, como os lobisomens podiam farejar o medo, mentiras eram inúteis.

— É. — Ela olhou novamente para ele e viu um toque de divertimento em seus olhos.

— O que é tão engraçado?

— Você. Ainda estou tentando entendê-la. Quando foi raptada por um vampiro delinquente não parecia tão assustada. Na verdade, você foi... incrível!

Kylie sorriu. Não, Lucas é que tinha sido incrível. Ele tinha arriscado a própria vida para salvá-la das garras de Mario e de Ruivo, e ela nunca se esqueceria disso.

— Sério, Kylie, se esse é o mesmo casal que eu vi entrando há alguns minutos, então são só dois idosos simplesmente humanos. Acho que você pode dar conta deles com as duas mãos amarradas nas costas.

— Não estou assustada desse jeito. Só estou... — Ela fechou os olhos, sem saber ao

certo como explicar algo que nem ela entendia direito, mas então as palavras brotaram da sua boca. — O que vou dizer a eles? "Eu sei que vocês nunca disseram ao meu pai que ele era adotado, mas ele descobriu depois de morto. E veio me ver. Ah, sim, e ele não era humano. Então, podem, por favor, me dizer quem são os pais verdadeiros dele? Para que assim eu possa descobrir também o que sou?"

Lucas certamente percebeu a angústia na voz dela porque seu sorriso se desvaneceu.

— Você vai encontrar um jeito.

— É. — Mas Kylie não estava tão confiante. Ela recomeçou a andar, sentindo a presença dele, o calor do seu corpo, enquanto subia com ela os degraus da cabana. O trajeto tinha sido mais fácil com ele ao seu lado.

Lucas parou ao lado da porta e acariciou o braço dela.

— Quer que eu entre com você?

Ela quase disse sim, mas isso era algo que precisava fazer sozinha.

Ela pensou ter ouvido vozes e olhou para trás, em direção à porta. Bem, no final das contas não estaria completamente sozinha. Sem dúvida Holiday, a líder do acampamento, esperava por ela lá dentro, preparada para oferecer apoio moral e também para acalmá-la com seu toque tranquilizador. Normalmente Kylie não gostava que suas emoções fossem manipuladas, mas esse momento poderia ser uma exceção.

— Obrigada, mas tenho certeza de que Holiday está aí dentro.

Ele assentiu. Seu olhar desceu para sua boca e seus lábios chegaram perigosamente perto. Mas, antes que sua boca exigisse a dela, aquele calafrio que sempre acompanhava os mortos envolveu o corpo de Kylie. Ela pressionou dois dedos sobre os lábios dele. Beijar era algo que ela preferia fazer sem uma plateia, mesmo que fosse do outro mundo.

Ou talvez não fosse simplesmente a plateia. Ela estaria realmente pronta para se entregar aos beijos dele? Era uma boa pergunta, e ela precisava de uma resposta, mas tinha que pensar num problema de cada vez. No momento ela tinha os Brightens com que se preocupar.

— Tenho que ir — ela disse, apontando para a porta. O frio se fez sentir novamente. Corrigindo: ela tinha os Brightens e um fantasma com que se preocupar.

A decepção brilhou nos olhos de Lucas. Então ele mudou de posição, parecendo desconfortável, e olhou em volta como se percebesse que não estavam sozinhos.

— Boa sorte. — Ele hesitou um pouco e depois começou a se afastar.

Kylie o observou indo embora e, então, olhou ao redor, procurando pelo espírito. Arrepios percorreram sua espinha. Sua capacidade de ver fantasmas tinha sido a primeira pista de que ela não era normal.

— Isso não pode esperar até mais tarde? — ela sussurrou.

Uma nuvem de fumaça apareceu ao lado das cadeiras de balanço brancas, na

varanda da cabana. O espírito obviamente não tinha poder ou conhecimento suficientes para completar a manifestação. Mas o que tinha bastou para fazer as cadeiras balançarem. O rangido da madeira no assoalho parecia fantasmagórico... o que de fato era.

Ela esperou, supondo se tratar do espírito da mulher que tinha aparecido naquele mesmo dia dentro do carro da mãe dela, quando passavam na frente do Cemitério de Fallen, a caminho do acampamento. Quem era ela? O que queria de Kylie? Nunca havia respostas fáceis quando se tratava de fantasmas.

— Agora não é uma boa hora — ela insistiu, mesmo sabendo que seria inútil. Os espíritos acreditavam na política de portas abertas.

A nuvem de fumaça começou a tomar forma e o peito de Kylie inflou de emoção.

Não era a mulher que ela vira antes.

— Daniel? — Kylie estendeu a mão e as pontas dos seus dedos penetraram na névoa gelada enquanto ela tomava uma forma mais familiar. Um sentimento cálido — uma mistura de amor e remorso — subiu pelo braço dela. Ela puxou a mão para trás, mas lágrimas inundaram seus olhos. — Daniel? — Ela quase o chamou de pai. Mas aquilo ainda parecia esquisito.

Ela assistiu enquanto ele se esforçava para se manifestar. Daniel explicara uma vez que o seu tempo de permanência na Terra era limitado. Mais lágrimas encheram seus olhos quando ela percebeu o quanto era limitado. Seu sentimento de perda triplicou quando pensou em como isso devia ser difícil para ele. Seu pai queria estar ali quando ela conhecesse os avós. E ela também precisava dele ali — queria muito que ele tivesse lhe contado um pouco mais sobre os Brightens — e desejou mais do que tudo que ele não tivesse morrido.

— *Não!* — A única palavra de Daniel, pronunciada rapidamente, soou urgente.

— Não, o quê? — Ele não queria (ou não podia) responder. — Eu não devo perguntar a eles sobre os seus pais verdadeiros? Mas eu tenho que fazer isso, Daniel, esse é o único jeito de eu descobrir a verdade.

— *Não é...* — Sua voz falhou.

— Não é o quê? Não é importante? — Ela esperou pela resposta, mas a fraca aparição empalideceu e o frio espiritual que a rodeava começou a se dissipar. As cadeiras brancas diminuíram seu balanço e um silêncio caiu sobre ela. — É importante para mim — disse Kylie. — Eu preciso...

O calor do Texas afugentou o frio persistente. Ele tinha ido embora. De repente ocorreu a Kylie que ele poderia nunca mais voltar.

— Não é justo!

Ela secou com um gesto brusco as lágrimas que escorriam pelo seu rosto. A necessidade de correr e se esconder se tornou quase irreprimível. Mas ela resistiu até

que passasse. Segurou a maçaneta da porta, ainda sentindo frio por causa do espírito de Daniel, e se preparou para enfrentar os Brightens.

No interior da cabana, Kylie ouviu leves murmúrios vindos de uma das salas de reuniões, nos fundos. Ela tentou discernir as palavras. Nada.

Nas últimas semanas, tinha se surpreendido ao perceber que sua audição estava ultrassensível. Mas esse novo dom se revelou passageiro. Que bem poderia fazer um talento como esse se ela não sabia como usá-lo? Só contribuía para aumentar a sensação de que tudo em sua vida estava fora de controle.

Mordendo o lábio, ela cruzou silenciosamente o corredor e tentou se concentrar no seu objetivo principal: obter respostas. Quem eram os verdadeiros pais de Daniel? De que espécie ela era? Kylie ouviu Holiday dizer:

— Tenho certeza, vocês vão amar Kylie!

Os passos dela ficaram mais lentos. *Amar*?

Não era um pouco demais? Eles poderiam simplesmente gostar dela. Isso já estava de bom tamanho. Amar alguém era... complicado. Mesmo gostar muito de alguém tinha suas desvantagens, como ela comprovou quando um certo meio *fae* supergato decidiu que ficar perto dela era difícil demais... e deu no pé.

É isso aí, Derek era definitivamente um exemplo da desvantagem de se gostar muito de alguém. E ele provavelmente era a razão de ela hesitar em aceitar os beijos de Lucas.

*Um problema de cada vez*. Ela afastou o pensamento ao entrar pela porta aberta da sala de reunião.

O homem idoso sentado à mesa estava com as mãos cruzadas sobre a grande escrivaninha de carvalho.

— Em que tipo de problema ela se meteu?

— Como assim? — Holiday voltou os olhos verdes para a porta e jogou os longos cabelos ruivos por sobre os ombros.

O velho continuou:

— Nós pesquisamos sobre Shadow Falls na Internet e descobrimos que é um acampamento para adolescentes problemáticos.

*Que maravilha!* Os pais de Daniel achavam que ela era uma delinquente juvenil.

— Vocês não devem acreditar em tudo o que leem na Internet. — Uma ponta de contrariedade transpareceu na voz da líder do acampamento. — Na verdade, somos uma escola para adolescentes muito talentosos que estão tentando conhecer a si mesmos.

— Por favor, não me diga que são drogas! — exclamou a senhora de cabelos grisalhos, sentada ao lado do homem. — Não sei se eu conseguiria lidar com isso.

— Não sou uma drogada! — disse Kylie em voz alta, sentindo na pele o que Della,

sua colega de quarto vampira, tinha de suportar com essa suspeita dos pais.

Todas as cabeças se voltaram para Kylie que, sentindo-se o centro das atenções, prendeu a respiração.

— Ah, querida! — lamentou a mulher. — Eu não quis ofendê-la.

Kylie entrou na sala.

— Não estou ofendida. Só queria deixar isso bem claro. — Ela fitou os olhos de um cinza desbotado da mulher e depois se voltou para o velho, em busca... do quê? De uma semelhança, talvez. Por quê? Ela sabia que eles não eram os pais verdadeiros de Daniel. Mas eles o haviam criado, provavelmente tinham transmitido a ele seu jeito de ser e suas qualidades.

Kylie pensou em Tom Galen, seu padrasto, o homem que a criara e que até pouco tempo antes ela acreditava ser seu verdadeiro pai. Embora Kylie ainda não tivesse aceitado bem o fato de ele ter abandonado sua mãe, depois de dezessete anos de casamento, ela não podia negar que tinha alguns trejeitos dele. Não que não visse mais de Daniel em si mesma; ela herdara do pai desde o DNA sobrenatural até suas características físicas.

— Nós lemos num site que este era um abrigo para adolescentes problemáticos. — Kylie percebeu um pedido de desculpas na voz do velho.

Ela se lembrou de Daniel dizendo a ela que seus pais adotivos o amavam e que a amariam também se a conhecessem.

*Amor*. A emoção se acumulava em seu peito. Tentando decifrar a sensação, Kylie se lembrou de Nana, a mãe de sua mãe, e do quanto a adorava, o quanto tinha sofrido quando ela morrera. Será que era a constatação de que os Brightens já tinham bastante idade — e que seu tempo na Terra era breve — que a fizera se lembrar da avó falecida?

Como se o pensamento na morte de algum modo o tivesse evocado, um frio fantasmagórico se instalou na sala. *Daniel?* Ela o chamou mentalmente, mas o frio que pinicava sua pele era diferente.

Quando o ar frio entrou nos pulmões de Kylie, o espírito se materializou atrás da senhora Britghten. Embora a aparição parecesse feminina, sua cabeça raspada refletia a luz acima. Pontos cirúrgicos de aparência recente eram visíveis no couro cabeludo raspado, fazendo Kylie se encolher de aflição.

— Só estamos preocupados — explicou o senhor Brighten. — Não sabíamos que você existia.

— Eu... entendo — Kylie respondeu, incapaz de desviar o olhar do espírito que olhava para o casal idoso com perplexidade.

Ao ver o rosto do espírito novamente, Kylie percebeu que era a mesma mulher daquela manhã. Obviamente, a cabeça raspada e os pontos cirúrgicos eram uma pista. Mas uma pista do quê?

O espírito olhou para Kylie.

— *Estou tão confusa!*

*Eu também*, Kylie pensou, sem ter certeza se o espírito podia ler seus pensamentos como os outros podiam.

— *Tantos querem que eu diga uma coisa a você!*

— Quem? — Percebendo que ela tinha sussurrado a palavra em voz alta, Kylie mordeu o lábio. Daniel? Nana? *O que eles querem que você me diga?*

O espírito encontrou os olhos de Kylie como se entendesse.

— *Alguém vive. Alguém morre.*

Mais enigmas, Kylie pensou, e desviou os olhos do fantasma.

Ela viu Holiday olhar ao redor, sentindo o espírito. A senhora Brighten olhou para o teto como se procurasse um ar-condicionado para culpar pelo ar gelado da sala. Felizmente o espírito desapareceu, levando com ele o frio.

Tentando afastar o fantasma de sua mente, Kylie voltou a olhar para os Brightens. Seu olhar foi atraído para o tufo de cabelos grisalhos e grossos do ancião. Sua tez pálida indicava que ele tinha sido ruivo quando mais novo.

Por alguma razão, Kylie se sentiu compelida a arquear as sobrancelhas e verificar os padrões cerebrais do casal. Esse era um pequeno truque sobrenatural que ela tinha aprendido só bem recentemente e que na maioria das vezes os seres sobrenaturais usavam para reconhecer uns aos outros e os seres humanos. O senhor e a senhora Brighten eram humanos. Pessoas normais e provavelmente decentes. Então, por que Kylie estava tão nervosa?

Ela observou o casal enquanto eles também a observavam. Esperava que fizessem algum comentário sobre o quanto ela se parecia com Daniel. Mas não fizeram. Em vez disso, a senhora Brighten disse:

— Estamos de fato muito felizes em conhecê-la.

— Eu também — disse Kylie. *Mas também apavorada!* Ela se sentou na cadeira ao lado de Holiday, em frente aos avós. Estendendo o braço sobre a mesa, buscou a mão de Holiday e a apertou. Uma calma muito bem-vinda fluiu do toque da amiga.

— Vocês podem me contar alguma coisa sobre o meu pai? — Kylie perguntou.

— Claro! — A expressão do senhor Brighten se suavizou. — Ele era um garoto muito carismático. Popular. Esperto. Extrovertido.

Kylie pousou a mão livre sobre a mesa.

— Não era como eu, então. — Ela mordeu o lábio, arrependendo-se de dizer aquilo em voz alta.

A senhora Brighten franziu a testa.

— Eu não diria isso. A sua líder do acampamento estava nos dizendo o quanto você é encantadora. — A senhora estendeu o braço sobre a mesa e descansou a mão quente

sobre a de Kylie. — Mal posso acreditar que temos uma neta!

Algo no toque da mulher mexeu com os sentimentos de Kylie. Não apenas o calor da sua pele, mas o ligeiro tremor, os dedos finos e nodosos que o tempo e a artrite haviam deformado. Kylie lembrou-se de Nana, de como o toque suave da avó tinha se tornado frágil um pouco antes de ela morrer. Sem aviso, a dor aumentou no peito de Kylie. Tristeza por Nana e talvez até mesmo um prenúncio do que ela sentiria pelos pais de Daniel, quando a hora deles chegasse. Considerando-se a idade do casal, essa hora não tardaria.

— Quando você soube que Daniel era seu pai? — A mão da senhora Brighten ainda repousava sobre o pulso de Kylie. E o toque era estranhamente reconfortante.

— Só recentemente — disse ela, com a emoção provocando um bolo em sua garganta. — Meus pais estão se divorciando e a verdade de repente veio à tona. — Aquilo não era uma completa mentira.

— Divorciando-se? Pobrezinha...

O velho balançou a cabeça em concordância, e Kylie notou que seus olhos eram azuis — como os do pai e os dela.

— Estamos felizes que você tenha resolvido nos procurar.

— Muito felizes. — A voz da senhora Brighten tremeu. — Nós nunca deixamos de sentir falta do nosso filho. Ele morreu tão jovem... — Uma sensação silenciosa de perda, de dor compartilhada, envolveu a sala.

Kylie mordeu a língua para não dizer que ela também passara a amar Daniel. Para não assegurar a eles que o pai os amava. Tantas coisas ela desejava perguntar, lhes dizer, mas não poderia.

— Trouxemos fotos! — anunciou a senhora Brighten.

— Do meu pai? — Kylie se inclinou para a frente, entusiasmada.

A senhora Brighten assentiu e mudou de posição na cadeira. Com a lentidão típica da idade, ela puxou um envelope pardo da sua grande bolsa branca de senhora. O coração de Kylie acelerou com a expectativa de ver as fotos de Daniel. Será que ele se parecia com ela quando jovem?

A mulher passou o envelope para Kylie e ela o abriu o mais rápido que pôde.

Sua garganta apertou quando viu a primeira imagem: Daniel na infância, talvez com uns 6 anos de idade, sem os dentes da frente. Ela se lembrou das suas próprias fotos de escola, banguela, e podia jurar que a semelhança era incrível.

As fotos a levaram ao longo da vida de Daniel — desde que ele era um adolescente com cabelos longos e jeans rasgados até a idade adulta.

Na foto na idade adulta, ele estava com um grupo de pessoas. A garganta de Kylie apertou ainda mais quando ela percebeu quem estava de pé ao lado dele.

A mãe dela.

Seu olhar se desviou da foto.

— Esta é a minha mãe.

A senhora Brighten assentiu.

— Sim, nós sabemos.

— Sabem? — perguntou Kylie, confusa. — Eu achei que vocês não a conheciam.

— Nós suspeitávamos — o senhor Brighten explicou. — Depois que soubemos de você, suspeitamos que ela poderia ser a garota da foto.

— Ah... — Kylie olhou para as imagens e se perguntou como eles poderiam ter feito aquela dedução a partir de uma foto. Não que isso importasse.

— Posso ficar com elas?

— Claro! — concordou a senhora Brighten. — Eu fiz cópias. Daniel ia gostar que você ficasse com elas.

*Sim, ele ia*. Kylie se lembrou dele tentando se materializar como se tivesse algo importante a dizer.

— Minha mãe o amava — Kylie acrescentou, lembrando-se da preocupação da mãe de que os Brightens ficassem ressentidos com ela por não tentar encontrá-los antes. Mas eles não pareciam cultivar nenhum sentimento negativo.

— Tenho certeza disso. — A senhora Brighten se inclinou e tocou a mão de Kylie novamente. Calor e emoção genuínos irradiaram do toque. Era quase... mágico!

Um bipe súbito do telefone de Kylie quebrou o frágil silêncio. Ela ignorou a mensagem de texto, sentindo-se quase hipnotizada pelos olhos da senhora Brighten. Então, por razões que Kylie não entendia, seu coração se abriu.

Talvez ela de fato quisesse que eles a amassem. Talvez quisesse amá-los também. Não importava o pouco tempo que lhes restasse. Ou o fato de não serem seus avós biológicos. Eles tinham amado seu pai e depois o perdido. Assim como ela. Simplesmente parecia certo que eles se amassem.

Seria isso que Daniel queria dizer a ela? Kylie olhou para as fotografias mais uma vez e então as recolocou no envelope, sabendo que iria passar horas contemplando-as mais tarde.

O telefone de Kylie tocou. Ela ia desligar, mas viu o nome de Derek na tela. Seu coração deu um salto. Ele estaria ligando para se desculpar por ir embora? Ela queria que ele se desculpasse?

Outro telefone tocou. Dessa vez era o celular de Holiday.

— Com licença. — Holiday se levantou e começou a sair da sala enquanto atendia à chamada. Ela deu uma parada abrupta na porta.

— Fale mais devagar — disse ao telefone. A tensão na voz da líder do acampamento mudou o clima da sala. Holiday deu meia-volta e se aproximou de Kylie.

— O que foi? — Kylie murmurou.

Holiday apertou o ombro de Kylie, em seguida fechou o celular e olhou para os Brightens.

— É uma emergência. Vamos ter que remarcar esta reunião.

— Algo errado? — Kylie perguntou.

Holiday não respondeu. Kylie viu os rostos decepcionados dos Brightens e sentiu a mesma emoção se infiltrando em seu peito.

—Não podemos...?

— Não! — disse Holiday com firmeza. — Vou ter que lhes pedir para partirem. *Agora*.

O tom de voz da líder foi pontuado pelo barulho alto da porta da frente da cabana se abrindo violentamente e batendo contra a parede. Tanto a líder quanto os Brightens se sobressaltaram e olharam para a porta ao ouvir os passos ruidosos de alguém entrando apressadamente na sala de reunião.

# Capítulo Dois

Três minutos depois, Kylie estava no estacionamento observando o Cadillac prata dos Brightens sumir a distância. Ela se virou para encarar Della e Lucas, que tinham invadido o escritório de Holiday e interrompido seu encontro com os avós. Perry havia entrado com eles, mas agora tinha desaparecido. Holiday, que os seguira para fora da cabana, estava ao telefone novamente.

— Alguém pode me dizer, por favor, o que está acontecendo? — Kylie perguntou, sentindo como se a sua chance de descobrir mais sobre o pai estivesse indo embora junto com o Cadillac. De repente, percebeu que ainda segurava o envelope pardo com as fotos de Daniel e o comprimia contra o peito.

— Não esquenta. É só por precaução.

As pontas dos caninos de Della apareciam nos cantos dos seus lábios. Seus olhos castanhos-escuros, ligeiramente amendoados, e seu cabelo preto e liso denunciavam sua ascendência asiática.

— Precaução por quê?

— Derek ligou. — Holiday fechou o telefone e se juntou a eles. — Estava preocupado. — Seu telefone tocou novamente e, depois de olhar para o número na tela, ela levantou um dedo. — Desculpe. Só um minuto.

Com a paciência se esgotando, Kylie olhou para Della e Lucas.

— O que está acontecendo?

Lucas se aproximou.

— Burnett ligou para nós e pediu que a gente não tirasse os olhos dos visitantes. — Seu olhar se encontrou com o dela e, como antes, a preocupação cintilou nas pupilas azuis.

Burnett, um vampiro em torno dos 30 anos, trabalhava para a UPF — Unidade de Pesquisa de Fallen —, um departamento do FBI cujo trabalho era supervisionar os sobrenaturais. Burnett também era um dos sócios de Shadow Falls. Quando dava uma ordem, ele esperava que as pessoas a cumprissem. E elas normalmente não o decepcionavam.

— Por que Burnett disse isso? — Kylie perguntou. — Eu preciso fazer umas perguntas a ele.

Inesperadamente, a lembrança da mão da senhora Brighten sobre a dela surgiu em sua mente — suave, frágil. Emoções convergiram para Kylie de todas as direções.

— Burnett nunca dá explicações — disse Della. — Ele dá ordens.

Kylie olhou para Holiday, que ainda estava ao telefone. Ela parecia preocupada, e Kylie sentiu as emoções da líder se somando a outras que já lhe provocavam um frio na barriga.

— Eu não entendo. — Ela lutou contra o aperto na garganta.

Lucas chegou mais perto. Tão perto que ela podia sentir seu cheiro, semelhante a um bosque coberto de orvalho, nas primeiras horas da manhã.

Ele levantou o braço e ela pensou que fosse para pegar a mão dela, mas ele o baixou novamente. Kylie lutou contra a decepção.

Holiday desligou o telefone.

— Era Burnett. — Ela deu um passo à frente e apoiou a mão no ombro de Kylie.

Ela não queria ser tranquilizada, queria respostas. Então afastou a mão da amiga.

— Apenas me diga o que aconteceu. *Por favor.*

— Derek ligou — explicou Holiday. — Ele foi ver o investigador particular que ajudou você a encontrar os seus avós e o encontrou inconsciente em seu escritório. Então Derek achou o telefone do homem caído no chão, do lado de fora da sala, todo ensanguentado. Resumindo, Derek não acha que foi o investigador que lhe enviou a mensagem de texto falando sobre os seus avós. Ele ligou para Burnett, que está lá agora.

Kylie tentou entender o que Holiday estava dizendo.

— Mas, se não foi o investigador que mandou a mensagem, quem foi?

Holiday encolheu os ombros.

— Não sabemos.

— Derek pode estar errado — disse Lucas, sua falta de afeição pelo *fae* aprofundava o tom da sua voz.

Kylie ignorou Lucas e seu tom de voz e tentou digerir o que Holiday estava querendo dizer.

— Então... Derek e Burnett acham que o senhor e a senhora Brighten são impostores?

Holiday assentiu.

— Se Derek estiver certo e a mensagem foi enviada pela pessoa que feriu o investigador, então faz sentido pensar que esses dois foram enviados aqui por outras razões.

— Mas eles são humanos — disse Kylie. — Eu verifiquei.

— Definitivamente humanos — concordou Della.

— Eu sei — Holiday explicou. — Foi por isso que não os segurei aqui nem os interroguei. A última coisa que preciso é atrair mais suspeitas sobre Shadow Falls. As pessoas da região já nos olham com desconfiança. Mas só porque são humanos isso não significa que não estejam trabalhando para outra pessoa. Alguém sobrenatural.

Kylie sabia que Holiday estava se referindo a Mario Esparza, avô do vampiro assassino que a raptara.

Por uma fração de segundo, Kylie reviu mentalmente as duas adolescentes que encontraram na cidade e que tinham morrido nas mãos de Ruivo, o neto de Mario

Esparza. Mais frustração e raiva se acumularam dentro dela.

— Mas eles me trouxeram fotos — disse ela, erguendo o envelope.

Holiday pegou o envelope e deu uma olhada rápida na pilha de fotos. Por alguma estranha razão, Kylie queria pegá-las de volta, como se a atitude de Holiday demonstrasse certa irreverência.

— Não tem nenhuma foto de família aqui. Devia haver uma ou duas deles com o filho.

Kylie tirou as fotos da mão de Holiday e colocou-as de volta no envelope, tentando refletir sobre o que estavam insinuando. Então seus pensamentos divagaram.

— Mas e se eles realmente forem meus avós e a pessoa que agrediu o investigador tentar pegá-los?

Lembrou-se da fragilidade da mão da mulher idosa sobre a dela. O pouco de vida que a idosa tinha pela frente poderia lhe ser facilmente arrancado.

O peito de Kylie doeu. Será que ela tinha colocado os pais de Daniel em perigo ao encontrá-los? Teria sido isso que Daniel queria dizer a ela? Ela sentiu o olhar de Lucas sobre ela, como se lhe oferecendo uma pequena dose de conforto.

Holiday falou novamente.

— Eu não vejo nenhuma razão para alguém querer envolvê-los. Mas Perry está seguindo o casal. Se alguém tentar fazer algum mal a eles, ele vai cuidar disso.

— Perry é mesmo capaz de chutar um traseiro se tiver que fazer isso — disse Della.

— E eu tenho certeza de que o investigador está trabalhando numa centena de casos diferentes — disse Lucas. — Se ele foi atacado, isso não significa que o ataque tenha alguma ligação com a Kylie. Poderia ser algo relacionado a um dos outros casos. Os detetives particulares vivem irritando as pessoas.

— É verdade — concordou Holiday. — Mas Burnett está preocupado o bastante para querer os Brightens longe do acampamento. Precisamos ter cautela.

A mente de Kylie deu um giro de 180 graus e se fixou no fato de que era Perry, um dos campistas metamorfos, que estava seguindo os Brightens.

— Que forma Perry assumiu quando foi atrás deles?

Da última vez que ela viu Perry numa forma alternativa, ele era um tipo de pterodátilo que parecia saído diretamente do período jurássico. Claro que para Kylie isso era melhor do que o leão do tamanho de uma van ou do unicórnio em que ele tinha se transformado antes disso. Ai, droga! Se não fosse cuidadoso, o metamorfo podia acabar provocando um ataque cardíaco no casal de velhos.

— Não se preocupe — Holiday disse. — Perry não vai fazer nada ridículo.

Miranda escolheu aquele momento para se juntar ao grupo.

— Ah, fala sério! Perry e todas as coisas ridículas andam juntos como sapos e verrugas — disse a ela, afastando os cabelos tricolores do ombro como que para pontuar

suas palavras.

Miranda era uma das sete bruxas de Shadow Falls e a outra colega de dormitório de Kylie. Pelo tom da garota, estava claro que ela não estava pronta para perdoar Perry por ter sido cruel com ela ao encontrá-la beijando outro metamorfo... especialmente depois que ela se desculpara. O olhar da bruxa percorreu o grupo.

— O que foi? — Miranda perguntou. — Algo errado? — perguntou, apertando os olhos e provando que, embora ainda estivesse furiosa, não era indiferente ao metamorfo. — Está tudo bem com Perry? É com ele que estão preocupados?

Ela estendeu a mão e pegou um fio de cabelo rosa, enrolando-o no dedo.

— Perry está bem — Holiday e Kylie disseram ao mesmo tempo. Então a mente de Kylie voltou a se concentrar na sua preocupação com os Brightens... se é que eles realmente eram os Brightens.

Ela olhou para Holiday.

— O que iriam ganhar fingindo ser meus avós?

— Acesso a você — Holiday respondeu.

— Mas eles pareciam tão sinceros! — E então, Kylie se lembrou. — Não. Não poderiam ser impostores. Eu... vi os anjos da morte. Eles me enviaram uma mensagem.

— Ah, merda... — murmurou Della, e ela e Miranda recuaram um passo.

Embora Lucas não tivesse saído do lugar, seus olhos se arregalaram. Segundo a lenda, os anjos da morte eram aqueles que definiam as punições para manter as espécies não humanas na linha. Quase todo sobrenatural conhecia um amigo de um amigo que tinha se comportado mal e depois virado uma tocha humana pelas mãos de um anjo da morte vingativo.

Embora Kylie sentisse o poder desses anjos, ela não estava convencida de que a péssima reputação deles não era um exagero. Não que estivesse ansiosa para comprovar sua teoria. No entanto, considerando que já tinha cometido o seu quinhão de erros e não tinha sido queimada ou transformada numa pilha de cinzas, questionava os boatos sobre aqueles que tinham.

— Qual foi a mensagem? — Holiday perguntou, o tom de voz despreocupado.

A líder do acampamento, que também via fantasmas, era uma das poucas pessoas ali que não temiam os anjos da morte.

— Sombras... na parede do refeitório, e então...

— Quando estávamos lá dentro? — Della perguntou. — E você não nos disse nada?

Kylie ignorou Della.

— Ouvi uma voz na minha cabeça dizendo para ir encontrar o meu destino. Por que eu teria recebido essa mensagem se eles não fossem os meus avós?

— Boa pergunta — disse Holiday. — Mas talvez os anjos só quisessem dizer que essa situação é o que levará você à verdade.

— Ela devia ter nos contado... — murmurou Della para Miranda.

Kylie lembrou-se de Daniel aparecendo, a urgência que sentiu em sua voz nas poucas palavras que tinha dito. Será que ela tinha entendido totalmente errado o que ele queria lhe dizer? Será que tinha vindo para avisá-la que o casal não era seus pais adotivos? Cheia de dúvidas, ela já não sabia mais em que acreditar.

Kylie respirou fundo e outra preocupação dominou os seus pensamentos.

— O investigador vai ficar bem?

— Eu não sei. — Holiday franziu a testa. — Burnett disse que Derek está no hospital com ele agora. Burnett ainda está investigando a cena do crime.

Preocupada com Derek, Kylie sentiu o peito oprimido. Ela tirou o telefone do bolso e discou o número dele.

Ao ver que ele não atendia, não soube se era porque ele não podia ou se ainda não queria falar com ela. Será que ainda estava disposto a mantê-la longe da vida dele?

Homens!

Por que os garotos reclamavam que as garotas eram tão difíceis de entender, se ela não havia conhecido um que não a deixasse confusa a ponto de ter vontade de gritar?

*

Quando todo mundo começou a falar ao mesmo tempo, Kylie aproveitou a chance para escapulir dali e ir dar uma volta, acabando por se sentar sob a sua árvore favorita. Ela abriu o envelope e analisou demoradamente cada uma das fotos, observando todos os pequenos detalhes sobre Daniel.

O jeito como seus olhos azuis brilhavam quando ele sorria, a forma como seu cabelo enrolava um pouco nas pontas quando ele o usava mais comprido. Ela viu tanto de si mesma no pai que seu coração se apertou com a dor de não poder tê-lo ao seu lado.

Quando se deparou com o retrato da mãe ao lado dele, Kylie se pegou sorrindo ao ver o jeito como o casal se entreolhava. Amor. Uma parte de Kylie queria ligar para a mãe no mesmo instante e lhe contar sobre a foto, mas, considerando o que Holiday e os outros pensavam, ela achou melhor não falar nada. Só esperava que não por muito tempo.

— Oi.

A voz de Lucas atraiu a sua atenção e ela sorriu.

— Oi.

— Se importa de ter companhia? — perguntou ele.

— Não, divido a minha árvore com você. — Ela lhe deu espaço para se sentar.

Ele se sentou ao lado dela e estudou seu rosto. Seu ombro, quente, encostou-se no de Kylie e ela saboreou a proximidade.

— Você parece feliz e triste, e confusa. — Ele tirou alguns fios de cabelo do rosto dela.

— Estou confusa — disse ela. — Eles eram tão agradáveis e... Eu não sei em que acreditar agora. Como podiam ter essas fotos se não eram realmente os Brightens?

— Podem ter roubado — arriscou ele.

As palavras dele doeram, mas ela sabia que ele podia estar certo. Mas por que alguém iria tão longe para convencê-la de que eram os pais de Daniel? O que poderiam ganhar fazendo isso?

Ele olhou para as fotos que ela tinha na mão.

— Posso ver?

Ela assentiu e lhe passou as fotos. Lucas analisou lentamente cada uma delas.

— Deve ser estranho olhar o rosto de alguém que se parece tanto com você, e não conhecer essa pessoa.

Ela levantou os olhos para Lucas.

— Mas eu o conheço.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Eu quis dizer... em pessoa.

Ela assentiu, entendendo a incapacidade dele para compreender aquela coisa toda de ver fantasmas, mas desejando que não fosse tão difícil para ele.

— Burnett vai investigar isso a fundo. — Seu olhar baixou até os lábios dela. Por um segundo, Kylie pensou que Lucas ia beijá-la, mas ele ficou tenso de repente e olhou na direção do bosque.

Fredericka, fazendo cara feia para os dois, saiu de trás dos arbustos.

— A alcateia está procurando você.

Lucas franziu o cenho.

— Eu já vou.

Ela não se mexeu. Simplesmente continuou encarando o casal.

— Eles não deveriam ter que esperar pelo seu líder.

— Eu disse que já vou — rosnou Lucas.

Fredericka se afastou e Lucas olhou para Kylie.

— Desculpe. Tenho que ir.

— Algum problema? — Kylie perguntou, notando a preocupação nos olhos dele.

— Nada que eu não possa resolver. — Ele deu um rápido beijo nos lábios dela e colocou as fotos de volta em suas mãos.

— Você vai ficar bem? — Holiday perguntou, quando Kylie voltou para a varanda do escritório.

Kylie sentou-se numa das grandes cadeiras de balanço brancas. O calor pegajoso

parecia agarrar-se à sua pele.

— Vou sobreviver. — Ela colocou o envelope sobre a mesinha entre as cadeiras e puxou o cabelo para trás, segurando-o longe do pescoço. — Você acha mesmo que eles eram impostores?

Holiday se sentou na outra cadeira de balanço. O cabelo ruivo solto em volta dos ombros.

— Eu não sei. Mas Burnett não vai descansar enquanto não investigar isso a fundo. Ele se sente culpado por não ter descoberto tudo antes e impedido Mario de raptá-la. Imagino que, depois disso, não vai querer tirar os olhos de você.

— Ele não tinha como saber do que aquele maluco era capaz — disse Kylie.

— Eu sei disso. Você sabe disso. Mas Burnett tem o hábito de ser meio duro consigo mesmo.

— E não são assim todos os vampiros? — Kylie pensou em Della e na bagagem emocional que ela carregava.

— Na verdade, não — Holiday disse. — Você ficaria surpresa se soubesse quantos vampiros se recusam a assumir responsabilidade pelas suas ações. Para eles, a culpa é sempre dos outros.

Kylie quase perguntou se Holiday estava se referindo a um certo vampiro que tinha ferido seu coração no passado. Mas seus pensamentos se voltaram para os Brightens.

— Você estava lá. Não leu as emoções deles? Não foram sinceros? Eu me senti de algum modo... ligada a eles.

Holiday inclinou a cabeça como se pensasse.

— Eles foram muito cautelosos, quase até demais, mas... sim, pareciam sinceros. Especialmente a senhora Brighten.

— Então, como poderiam...?

— A leitura das emoções nunca é cem por cento exata — Holiday explicou. — As emoções podem ser disfarçadas, escondidas, até mesmo falsificadas.

— Por seres humanos?— Kylie perguntou.

— Os seres humanos são mestres nisso. Muito mais do que os sobrenaturais. Eu imagino que, como a espécie carece de superpoderes para controlar o seu mundo, eles se esforçam para conseguir controlar suas emoções.

Kylie ouvia, enquanto seu coração se contraía de preocupação pelos Brightens.

— Narcisismo, desapego, personalidade esquizoide, sociopatia, essas coisas são muito frequentes na raça humana em graus variados. E ainda existem os atores, que podem criar uma emoção dentro de si simplesmente evocando uma experiência do passado. Eu já assisti a peças e espetáculos em que as emoções dos atores eram tão reais quanto as que eu mesma sinto.

Kylie se recostou na cadeira.

— Eu sou metade humana e não consigo controlar coisa nenhuma.

Holiday olhou para ela com ar de compreensão.

— Eu lamento ter sido obrigada a mandá-los embora. Sei que você estava esperando descobrir alguma coisa. Mas não podia correr o risco de que Derek estivesse certo.

— Eu entendo. — E ela de fato entendia. Só não tinha gostado. — A senhora Brighten, se de fato era a senhora Brighten, me lembrou a minha avó.

— Nana — Holiday disse, e Kylie se lembrou de que o espírito da avó tinha feito uma visita à líder do acampamento.

— É.

Holiday suspirou.

— Eu sei que isso é difícil pra você.

O telefone da líder do acampamento tocou e Kylie prendeu a respiração, esperando que fossem notícias dos Brightens, de Derek ou do investigador.

Holiday olhou para o identificador de chamadas.

— É só a minha mãe. Vou ligar para ela mais tarde.

Kylie encostou um joelho no peito e envolveu a perna com a mão. O silêncio que se seguiu gritava pela verdade.

— Eu me sinto como se nada na minha vida fizesse mais sentido. Tudo está mudando.

Holiday torceu com as duas mãos os longos cabelos.

— A mudança não é a pior coisa, Kylie. É quando as coisas não estão mudando que você tem que se preocupar.

— Eu discordo. — Kylie descansou o queixo sobre o joelho. — Quer dizer, sei que a mudança é necessária para o crescimento e tudo o mais. Mas eu gostaria de ter uma coisa na minha vida que fizesse eu me sentir... com os pés no chão. Eu preciso de uma base onde possa me apoiar. Algo que pareça real.

Holiday ergueu as sobrancelhas.

— Shadow Falls é real, Kylie. Ele é a sua base.

— Eu sei. Sei que pertenço a este lugar, é só que eu ainda não sei a que espécie eu pertenço. E, por favor, não me diga que eu deveria fazer disso a minha busca. Porque essa tem sido a minha busca desde que cheguei aqui e não me sinto mais perto de descobrir agora do que estava antes.

— Isso não é verdade. — Holiday levantou os joelhos e, na enorme cadeira de balanço, sua figura pequena parecia ainda menor. — Veja como já progrediu. Como acabou de dizer, você sabe que pertence a este lugar. Já é um grande passo. E seus dons estão se revelando a todo instante.

— Dons que eu não sei como controlar ou quando vão aparecer novamente. Não que eu esteja reclamando... — Kylie encostou a testa no joelho e deu um suspiro

exagerado.

Holiday riu.

Kylie olhou para cima.

— Eu pareço patética, não é?

Holiday franziu a testa.

— Não. Você parece frustrada. E para ser sincera, depois do que aconteceu com você neste fim de semana, tem o direito de ficar frustrada. Tem o direito até de ser um pouco patética.

— Ninguém tem o direito de ser patético — retrucou Kylie.

— Eu não sei por que não. Acho que tive esse direito em alguns momentos da minha vida. — Holiday balançava a sua cadeira num ritmo lento.

Kylie olhou para a líder do acampamento, e teve a nítida impressão de que havia muita coisa sobre ela que Holiday ainda não tinha contado.

— Impressão minha ou eu senti a presença de um outro espírito hoje mais cedo? — Holiday perguntou.

— Sentiu. — Kylie se recostou na cadeira. — Ela ainda não está falando coisa com coisa. Disse que está confusa. — Recordou os pontos cirúrgicos recentes que tinha visto na cabeça da mulher. — Acho que ela morreu de um tumor no cérebro ou coisa assim. Tinha a cabeça raspada e cicatrizes.

— Hum... — murmurou Holiday, pensativa.

— Acho que está enterrada no Cemitério de Fallen.

— Sério? Ela disse isso?

— Não, mas foi lá que eu senti a presença dela pela primeira vez. Quando vinha para cá esta manhã, minha mãe passava pelo cemitério quando o espírito apareceu no banco de trás.

— Pode ser que seja isso mesmo.

— Mas você não pensa assim? — Kylie perguntou, sem entender a lógica de Holiday.

— Não estou dizendo que não poderia ser tão simples, mas eu descobri que a maioria dos espíritos que nos procura tem... mais ligações conosco do que apenas a nossa passagem por um cemitério. Mas isso não significa que não possamos topar por acaso com alguns espíritos por aí de vez em quando, porque isso acontece. Outro dia, me deparei com um velho todo molhado, nu como no dia em que nasceu. Ele morreu no chuveiro da casa de repouso onde morava. Queria que eu dissesse à enfermeira para tirá-lo de lá. — Holiday balançou a cabeça.

— O que você fez? — Kylie perguntou.

— Liguei para a casa de repouso e disse que era uma amiga da família. Tentaram chamar o senhor Banes em seu quarto, mas ele não atendeu à porta.

— E ele foi embora?

— Fez sua passagem.

— Espero que este espírito seja fácil assim. Eu bem que estou precisando de uma pausa. — Então Kylie se lembrou do que o espírito tinha dito. — Sabe... a mulher disse que havia pessoas que queriam que ela me dissesse uma coisa.

— Dissesse o quê?

— Eu perguntei, mas... ela disse algo do tipo, algumas pessoas vivem e algumas pessoas morrem. Não fazia sentido.

— No início, o que eles falam raramente faz.

Kylie mordeu o lábio.

— Poderia ser meu pai tentando me dizer alguma coisa? Ele tentou se manifestar um pouco antes de eu ver os Brightens, ou seja lá quem forem.

Holiday parou de balançar a cadeira.

— O que ele disse?

— Ele não conseguiu se manifestar completamente. Só disse algumas palavras. — Kylie franziu a testa. — Por que ele tem que parar de vir me ver?

Holiday olhou para Kylie como se a compreendesse.

— A morte é um novo começo, Kylie. Não se pode começar o novo enquanto não se deixa o velho para trás. Durante muito tempo ele ficou no passado. Agora precisa avançar. Você entende o que estou dizendo?

Kylie também parou de balançar a cadeira.

— Se entendi? Talvez. Se gostei da ideia? Não. — Suspirando, ela se levantou. — Eu disse a Miranda e a Della que iria encontrá-las na cabana.

— Claro. — Holiday hesitou por um instante. — Mas achei que agora poderia ser uma boa hora para conversarmos sobre os seus novos dons.

— Conversar sobre o quê? Só porque atravessei uma parede de concreto? — perguntou Kylie com sarcasmo para encobrir seus sentimentos não resolvidos com relação aos próprios dons.

Holiday sorriu.

— E você curou Sara. E Lucas.

Kylie reclinou-se na cadeira.

— *Esperamos* que eu tenha curado Sara.

— Pelo que você disse, eu ficaria surpresa se não tivesse. — Holiday continuou a olhar para ela. — Se um de seus dons é ser uma protetora, Kylie, esse pode ser só o início de seus dons. Estou surpresa por não estar me bombardeando com perguntas.

— Talvez eu precise de algumas respostas antes de começar a fazer mais perguntas. E eu nem estou me referindo a quem eu sou, mas a quem os Brightens são. E o que meu pai queria me dizer.

Os olhos de Holiday se encheram de compaixão.

— Está tudo acontecendo muito rápido, não é?

— Está, e falar a respeito não vai mudar nada. — O peito de Kylie se encheu de emoção.

— Poderia mudar. Às vezes as coisas não parecem reais até falarmos a respeito delas.

Kylie deu um suspiro.

— Eu não tenho certeza se quero que se tornem mais reais neste momento.

— Quem sabe se fizéssemos uma caminhada até a cachoeira...?

— Não — respondeu Kylie, sem saber se conseguiria ir até lá e não ficar aborrecida se tudo o que conseguisse daquelas águas mágicas fosse uma voz lhe dizendo para ter paciência. Ela já não tinha sido paciente até demais? — Podemos simplesmente conversar mais tarde?

— Tudo bem. — Holiday estendeu a mão para tocá-la e depois puxou o braço para trás. — Mas é apenas um adiamento temporário. Nós realmente precisamos conversar.

— É, eu sei. — Kylie se levantou e pegou o envelope.

— Posso ficar com elas por um tempo? — perguntou Holiday.

O coração de Kylie se apertou.

— Eu...

— Só por alguns dias. Tenho certeza de que Burnett vai querer verificar se são originais.

Kylie acenou com a cabeça.

— Elas são importantes para mim.

Holiday sorriu, compreensiva.

— Eu sei.

Kylie deu um passo para fora da varanda e depois voltou.

— Você vai me avisar no instante em que receber alguma notícia de Burnett ou Derek, certo?

— No mesmo instante — Holiday lhe assegurou.

Kylie começou a sair e depois se virou novamente, aproximou-se de Holiday para lhe dar um abraço. Um abraço bem apertado.

— Obrigada — disse Kylie.

— Pelo quê? — Holiday parecia confusa, mas isso não a impediu de retribuir o abraço.

— Por estar aqui. Por ser você. Por me aturar.

Holiday riu.

— Você está começando a ficar melodramática, e isso a deixa um pouquinho patética.

Kylie interrompeu o abraço, sorriu de volta para Holiday e pegou a trilha para a sua cabana.

Ela não tinha chegado nem na metade do caminho quando os pelos da sua nuca se eriçaram e ela teve a sensação inconfundível de estar sendo observada. Olhou para o bosque à sua esquerda, mas não viu nada, a não ser árvores e vegetação rasteira. Olhou para a direita e também não viu nada. Mas ainda tinha a mesma sensação, cada vez mais forte.

Olhando para o céu azul sem nuvens, ela piscou. Um pássaro voava lá no alto. A ampla envergadura, o bico adunco e a mancha branca no peito revelavam que era uma águia. Ela observou a criatura deslizando lentamente como se não tivesse nenhuma pressa, como se estivesse hipnotizada pela... cena?

Que cena?

A águia a observava? Era essa a sensação que o pássaro lhe transmitia? Não era só uma águia comum? Ou era alguém como Perry, que poderia mudar de forma e se transformar em qualquer coisa que desejasse? Ela continuou a observar o pássaro, sentindo-se inquieta.

Sem aviso, a águia mudou seu curso. Seus movimentos tornaram mais rápidos quando ela arremeteu. Chegou mais perto. Cada vez mais perto. Kylie encontrou seus olhos. A ferocidade neles a fez estremecer. Ou seriam suas garras grossas, estendidas como se preparadas para o ataque?

A lufada de ar provocada pelas suas asas atingiu o rosto de Kylie, e ela fechou os olhos.

# Capítulo Três

Kylie ergueu o braço para proteger o rosto, mas não sentiu nada, nenhuma garra cortando sua pele. Nem no rosto nem no braço. Então ouviu um farfalhar aos seus pés, acompanhado de um barulho de chocalho. Descobriu o rosto e olhou para baixo. Sua respiração ficou presa na garganta. Ela cambaleou para trás quando a águia usou o bico afiado e as garras para atacar uma cobra que estava a poucos centímetros dos seus pés. O ruído de chocalho se fez ouvir novamente. Ela notou as manchas em formato de losango na parte de trás da cobra em vários tons de marrom, então seu olhar acompanhou o corpo do réptil enrodilhado até chegar num apêndice seco e castanho na cauda.

Uma cascavel.

Kylie pulou para trás. O pássaro enterrou as garras no corpo roliço e grosso da serpente. As asas da águia se esforçavam mais do que o normal com o peso, enquanto carregava a cobra se contorcendo a poucos metros do chão. O adejar das asas, a agitação do ar e o chocalho característico do réptil encheram seus ouvidos. A águia subiu alguns metros acima do solo, as asas se agitando no ar.

Kylie ficou ali, no meio da trilha, enquanto o grande pássaro voava para longe com a sua presa entre as garras. Olhando para os próprios pés, ela viu no chão de terra as marcas onde a cobra tinha lutado pela vida e perdido a batalha. Ao lado das marcas, um par de pegadas no chão. Seus sapatos. Se a águia não tivesse arremetido, ela teria visto a cobra? Ou agora teria veneno de cascavel injetado na perna?

Ela tinha tido muita sorte ou isso significava alguma coisa? Pensou na hipótese de voltar à cabana de Holiday, mas a lógica interveio. Ela estava nos bosques do Texas. Seu pai, quer dizer padrasto, nunca cansava de avisá-la para tomar cuidado com as cobras.

Convencida de que tinha sido apenas um momento sinistro, vivido só porque ela passara por uma experiência extrema em meio à natureza, deu mais um passo para a frente. No entanto, olhou para cima mais uma vez. A águia, com a cobra ainda entre as garras, voava em círculos acima dela. Ela a fitou com a respiração presa na garganta. E por mais surreal que aquilo parecesse, podia jurar que a águia olhava para ela.

Kylie ficou ali de pé, protegendo os olhos do sol com a mão, até que o pássaro se tornou uma mancha escura se desvanecendo no céu azul. Ocorreu-lhe que ela devia ser grata à águia, mas o olhar frio do pássaro surgiu em sua mente e causou-lhe um arrepio na espinha.

Tirando a mão do rosto, recomeçou a andar em direção à sua cabana quando seu olhar cruzou com outro par de olhos frios. Fredericka. Kylie se lembrou de como a garota tinha ficado irritada ao encontrar ela e Lucas atrás do escritório, embora não estivessem fazendo nada além de olhar as fotos de Daniel e conversar.

— Como é a sensação de ser um brinquedinho? — A voz de Fredericka soou cheia de raiva, o tipo de raiva que poderia fazê-la expor as garras. E o tom alaranjado dos olhos escuros da garota indicava que as garras não estavam fora de questão.

Kylie respirou fundo e lembrou a si mesma para não demonstrar nenhum receio.

— O ciúme não lhe cai muito bem.

— Eu não estou com ciúme. — Fredericka abriu um leve sorriso de satisfação. — Especialmente agora.

*Agora o quê?* Kylie queria perguntar, mas para isso teria que dar ouvidos à encrenqueira, e recusava-se a dar a ela esse gostinho. Em vez disso, começou a se afastar, dizendo a si mesma para esquecer Fredericka, pois tinha outros problemas em que pensar no momento. Kylie tirou o telefone do bolso para ver se Derek tinha retornado a ligação sobre o detetive. Ele não tinha.

— A linhagem de Lucas é pura, ele valoriza isso — Fredericka disse, atrás de Kylie. — Os antepassados dele valorizam, também. E deixam isso bem claro. Então, quando chegar a hora de procurar uma companheira de verdade, ele não vai contaminar sua linhagem com alguém como você.

Besteira, Kylie disse a si mesma, e continuou andando. Fredericka estava apenas falando bobagem. Já tinha os avós ou supostos avós com que se preocupar, por isso não deixaria essa loba incomodá-la. Então a lembrança da águia encheu sua mente. Talvez ela devesse se preocupar com isso também.

Menos de uma hora depois, ainda sem notícias de Derek, Perry ou Burnett, Kylie se sentou à mesa da cozinha de sua cabana com Miranda e Della. Contou sobre a cobra e a águia e suas suposições de que o episódio significava, de algum modo, mais do que parecia.

— Eu teria percebido pelo cheiro se tivéssemos intrusos — garantiu Della.

— E eu teria sentido se tivessem usado magia para encobrir as pegadas de alguém — disse Miranda.

— Estão vendo? É por isso que eu preciso de vocês — disse Kylie. — Vocês não deixam que eu me perca. — Ela se recostou na cadeira, desejando que a confirmação das amigas tivesse afugentado todas as suas dúvidas. Então, mais uma vez, talvez não fossem as dúvidas que a incomodavam, mas todo o resto que acontecia em sua vida.

O animal de estimação de Kylie, Socks Jr., o gatinho que Miranda tinha acidentalmente transformado em gambá, pulou em seu colo. Embora Kylie continuasse presa ao seu tumulto emocional, algo tão corriqueiro quanto as conversas com as amigas à mesa da cozinha, regadas a refrigerante *diet*, traziam-lhe algum consolo.

Miranda, a primeira a se lamentar dos seus problemas de fim de semana com os pais, voltou a descrever com pormenores a competição entre bruxos, em que ficara em

segundo lugar.

— Eu fiquei superanimada, por conseguir uma posição tão boa — disse ela. — Achei que minha mãe ficaria feliz. Mas não... — Miranda hesitou. — "Segundo lugar significa apenas que você é a primeira perdedora", a minha mãe me disse. — O tom de voz de Miranda deixou transparecer o quanto ainda estava magoada. — Eu queria impressioná-la, e por um minuto, pensei que de fato, finalmente, tinha conseguido. Mas vi que nunca vou deixar aquela mulher feliz.

Della revirou os olhos.

— Por que quer deixá-la feliz?

— Porque ela é minha mãe! — Miranda respondeu com tanta sinceridade que Kylie sentiu uma ponta de tristeza. Lembrou-se de que se sentia assim também com relação à mãe antes que as duas começassem a se entender.

— Vou te contar uma coisa... — disse Della, fazendo um gesto com a mão. — Sua mãe é mesmo uma bruxa, mas no pior sentido da palavra. Pelo menos os meus pais só têm medo que eu esteja me prejudicando, consumindo drogas; não é que não estejam satisfeitos comigo.

Lágrimas brilharam nos olhos de Miranda e a raiva endureceu sua expressão enquanto fitava Della.

Kylie sentiu a tensão aumentando no ar.

— Acho que o que Della quer dizer é que...

— Sinto muito — Della interrompeu Kylie. O olhar sarcástico no rosto de Della logo se desvaneceu e se transformou numa expressão séria. — Isso pode parecer cruel, e eu... O fato é que, se meus pais soubessem a verdade, eles provavelmente iam preferir que eu fosse uma viciada em drogas em vez de vampira. — Della estudou o rosto de Miranda e suspirou. — É que eu fico furiosa com a sua mãe. Eu sei o quanto se esforçou para impressioná-la. E você conseguiu o maldito segundo lugar, o que é incrível!

— Obrigada — disse Miranda, a raiva se dissolvendo, mas os olhos se enchendo de lágrimas.

— Pelo quê? — Della se reclinou na cadeira, como se tomasse consciência de que tinha mostrado um lado mais suave de sua personalidade. Della raramente deixava esse lado à mostra. Não que Kylie e Miranda já não o tivessem visto. Bem, Kylie pelo menos tinha. Miranda tivera que se esforçar muito antes de conseguir ver Della baixar a guarda.

Miranda passou a mão no rosto para limpar as lágrimas e sentou-se com a coluna ereta.

— Chega dessa conversa. Eu tenho outras notícias. Todd Freeman, um bruxo que eu conheci, me procurou para perguntar se eu daria a ele o número do meu celular. Ele é tipo o cara mais gato da minha antiga escola. Então, pelo menos alguém percebeu que

eu me dei bem na competição. — Ela sorriu. — Não que eu ache que ele esteja interessado no meu troféu... Eu o peguei pelo menos umas três vezes de olho nos meus peitos.

— Que babaca... — murmurou Della. — Espero que só tenha dado a ele o dedo do meio.

— Dã, não está me ouvindo? O cara mais gato da escola! Além disso, peitos grandes são ímãs naturais para os garotos ... não tem jeito. Por que eu não daria o número do meu celular pra ele?

— Ah, sei lá. Talvez porque você ainda queira dar uns amassos num certo metamorfo...

— Ah, pelo amor de Deus, já superei Perry há muito tempo! — falou Miranda com rispidez.

Della bateu na ponta do nariz.

— Os feromônios não mentem.

— Não comecem a discutir outra vez como no primeiro dia! — pediu Kylie. — Amanhã vocês duas podem arrancar a pele uma da outra, mas hoje... só me deem um pouco de paz! — Ela tirou Socks do colo e colocou-o sobre a mesa. — Além disso... vocês estão aborrecendo Socks e desse jeito vamos acabar fedendo a gambá.

Della e Miranda olharam para Socks. O gato/gambá, pouco à vontade ao ver que era o centro das atenções, correu para mais perto de Kylie.

— Que tal uma trégua? — perguntou Kylie, acariciando o corpo trêmulo do animal assustado. Graças a Deus, Miranda e Della concordaram.

Miranda se aproximou um pouco mais.

— Eu acho que descobri como transformar nosso pequeno gambá num gatinho outra vez. Mas preciso dos primeiros raios de sol da manhã para fazer isso. — Ela estendeu a mão para acariciar Socks, mas o animal se afastou do seu toque e, em seguida, pulou novamente no colo de Kylie.

— Gambazinho esperto... — comentou Della, sorrindo. — Em que será que você vai transformá-lo acidentalmente da próxima vez?

Miranda fez uma careta.

— Talvez eu transforme *você* num gambá!

— E talvez eu arranque o seu coração para alimentar o animal de estimação da casa!

— O que aconteceu com a trégua? — choramingou Kylie. O focinho de Socks se enfiou mais embaixo da axila de Kylie.

— Tudo bem! — bufou Miranda e depois olhou para Della. — Sua vez. Conte tudo sobre o seu fim de semana.

— Você quer dizer além de ter que fazer xixi na droga da vareta *antidoping*? Eles me obrigaram a fazer quatro testes. Acho que um deles era de gravidez. Como se eu

estivesse dormindo com alguém. — Della pegou sua taça de sangue e lhe lançou um olhar duro. — A única coisa que fizemos em todo o fim de semana foi ver um filme, um clássico que a minha mãe adora. Chatíssimo. Pelo menos pude dormir sem ter que explicar por que eu parecia tão cansada no meio do dia. — Ela suspirou alto. — Então, esse foi o meu fim de semana. Nada emocionante pra contar. Nada mesmo. — Ela voltou a olhar para a taça.

Não foi tanto o fato de evitar o contato visual direto, mas a ênfase no segundo "nada" que deu às amigas um indício da verdade.

Miranda lançou para Kylie uma rápida olhada que deixou claro que ela também tinha percebido. A vampira estava escondendo alguma coisa... como de costume.

Enquanto Kylie se perguntava se convinha pressionar Della para que falasse um pouco mais, Miranda, que sempre falava primeiro e pensava depois, não se preocupou em saber se convinha ou não e foi direta.

— Mentirosa — acusou Miranda. — Se eu pudesse ouvir as batidas do seu coração agora, aposto que iria comprovar isso também. O que aconteceu? O que não está querendo contar?

Della olhou feio para Miranda. Kylie podia sentir que a frágil trégua estava indo para o brejo.

— Chan não apareceu? — Miranda perguntou.

Kylie não tinha pensado nisso.

— Ele apareceu? — ela perguntou, repetindo a pergunta de Miranda não por curiosidade, mas por preocupação.

Chan, primo de Della, também era vampiro e tinha ajudado a prima em sua transformação. No entanto, ele também era considerado suspeito de homicídio pela UPF. Depois de conhecê-lo, várias semanas antes, ele tinha violado a política da escola aparecendo para uma visitinha, e Kylie não estava completamente certa de que não era culpado pelos crimes. Mas Kylie nunca diria isso a Della.

— Não, ele não apareceu — disse Della. — Mas me mandou um e-mail.

Miranda fez um barulho engraçado com a boca. Kylie olhou para ela.

— É só catarrinho na garganta — disse Miranda, e voltou a encarar Della.

Ao ver que ninguém dizia nada, Della olhou para Kylie.

— Sua vez. Seu fim de semana foi muito mais emocionante do que o que aconteceu comigo.

— O que quer dizer com "o que aconteceu com você"? — Kylie perguntou.

— Eu sabia! — Miranda se inclinou para a frente. — Alguma coisa aconteceu. Confesse. Tem a ver com algum garoto? Conta! Desembucha, vampira!

# Capítulo Quatro

— Não, agora é a minha vez — insistiu Kylie, arrependendo-se de ter perguntado e levantando a mão na esperança de impedir uma guerra entre suas duas melhores amigas. Depois respirou fundo. — Eu já contei a maior parte quando nos falamos por telefone. Mas o que eu ainda não consigo encarar é que curei Lucas e Sara. Isso significa que há mais uma habilidade a acrescentar à minha miscelânea de dons. Alguma ideia do que isso poderia significar? Porque eu realmente gostaria de saber o que eu sou.

— Não dá pra saber — disse Miranda. — Você é simplesmente estranha.

Ela riu, e até mesmo Della abriu um rápido sorriso.

Kylie franziu a testa.

Miranda fez uma cara séria.

— Só estava brincando. Agora, falando sério, você é... diferente. Só o fato de ninguém poder ver com clareza o seu padrão mental, que vive mudando, bem, já não é normal. — Ela apertou os olhos e olhou para a testa de Kylie. — Eu nunca vi um padrão cerebral mudar assim, a não ser um metamorfo durante uma transformação.

Kylie mordeu o lábio e refletiu se seria sensato fazer a pergunta que estava na ponta da língua. Mas se ela não pudesse perguntar às suas melhores amigas, a quem poderia?

— O que vocês sabem sobre protetores?

Um silêncio caiu sobre a sala. Então Miranda trocou um rápido olhar com Della.

— Por quê? — Miranda perguntou.

— Ah, não! — Della disse. — Pega leve! Não me diga que você é uma protetora... Quer dizer, eu nunca conheci um protetor, mas pelo que eu ouvi são tipo... super, super-raros.

Kylie ergueu a mão para que Della parasse de tirar conclusões precipitadas.

— Eu não sei com certeza, mas Holiday parece achar que é possível. Ela disse que isso poderia explicar como Daniel morreu, porque ele não pôde proteger a si mesmo. E também explicaria por que eu não pude me defender do vampiro.

— Você se defendeu. Quebrou uma parede de concreto! — disse Miranda.

— Só depois que ouvi o sacana batendo em Lucas.

Os olhos de Miranda se arregalaram.

— E você só foi capaz de enfrentar Selynn quando pensou que ela tinha machucado sua mãe. Caramba! Estou na mesma cabana que uma protetora! Quer dizer, ninguém vai mexer mais comigo, porque você vai chutar a bunda de quem fizer isso! — Sua voz ficou mais aguda. — Eu sou amiga de uma protetora! Você sabe o quanto isso faz de mim uma pessoa legal?

Miranda e Della bateram as mãos no alto.

Kylie olhou para elas.

— Você sabe o quanto isso me faz parecer uma pessoa *nem um pouco* legal?

— Isso não faz de você uma pessoa menos legal — disse Della. — Isso faz de você uma pessoa incrível! Você não ia acreditar em tudo o que ouvi sobre protetores. Significa que, quando você tiver todos os seus poderes, será ainda mais forte do que eu. — Ela estreitou os olhos escuros e ligeiramente amendoados. — Eu não sei se gosto disso, mas ainda assim é incrível.

— Mas eu não quero ser incrível. Só quero descobrir o que eu sou e, depois, viver a minha vidinha de híbrido sobrenatural com meus dons nada surpreendentes. Ajudar um fantasma aqui e ali e, claro, seria legal curar algumas pessoas. Eu viveria bem com isso. Porque... — Kylie hesitou, sem saber direito se estava sendo completamente honesta, mas depois decidiu abrir o jogo. — Talvez eu até queira ser incrível, só não tenho tanta certeza se vou mesmo ser... incrível. Eu não sou como você. — Ela apontou para Della. — Não sou tão destemida e com certeza não sou uma heroína. Eu gosto de coisas fáceis, de baixo risco ou sem nenhum risco.

Miranda limpou a garganta como se esperasse Kylie terminar para dar sua opinião.

— Eu não sou como você também — disse Kylie para ela. — Eu não sou...

— Não se preocupe — disse Miranda. — Eu sei que não sou o tipo de garota que sai por aí chutando traseiros...

— Você ainda é mais corajosa do que eu. E nunca tem medo de falar o que pensa. Você não se importa com o que as pessoas pensam. Eu nunca iria tingir meu cabelo por medo de que as pessoas não gostassem.

— Mas no dia em que você arrebentou com a Selynn, não teve medo — disse Della, interrompendo-a. — Você simplesmente agiu. E vai acabar se acostumando a ser mais radical. Não é tão difícil.

Parecia bem difícil para Kylie.

— A maioria dos protetores é de uma determinada espécie?

Se fosse esse o caso, ela esperava que isso pudesse levá-la a descobrir de que espécie ela era.

— Não — disse Miranda. — Eles podem ser qualquer coisa, mas são conhecidos pela índole boa e pura. Uma espécie de Madre Teresa dos sobrenaturais.

— Algo que eu absolutamente *não* sou — disse Kylie.

Della e Miranda se entreolharam e depois olharam de volta para Kylie.

— Você é, sim — disseram elas ao mesmo tempo.

— Não sou! Eu não sou nem um pouco melhor do que vocês duas. Olhem o que eu fiz para Selynn e Fredericka.

— Porque você estava protegendo alguém. E é exatamente isso o que os protetores fazem. — Miranda deu de ombros como se estivesse se desculpando, quando viu a carranca de Kylie.

— Mas... eu não sou santa. Outro dia praticamente joguei Socks para fora da cama por me acordar. E... atropelei um esquilo uma vez.

— De propósito?— Della perguntou.

— Não.

— Pois, então — disse Della. — Aposto que você chorou e se sentiu culpada.

A cara feia de Kylie ficou ainda pior.

Della arqueou uma sobrancelha.

— Está vendo? É isso o que faz de você uma pessoa tão boa. Você quase nunca fica furiosa.

— Eu fico furiosa. Fico furiosa com vocês o tempo todo. Lembre-se...

— Espere, uma coisa não faz sentido — disse Miranda. — Eu nunca ouvi falar de um protetor que não fosse cem por cento sobrenatural.

— Estão vendo? Essa é a prova. — Kylie bateu as mãos na mesa, querendo acreditar nisso. — Eu não sou uma pessoa tão boa assim, e sei que sou filha da minha mãe, que é humana. Então, não sou uma protetora.

— Ou talvez você seja simplesmente o primeiro protetor híbrido de que já se ouvir falar — Miranda disse. — Quer dizer, normalmente só nasce um protetor a cada cem ou duzentos anos. Mas chega desse assunto. — Ela agitou as mãos no ar, como se empurrasse o pensamento para longe. — Vamos chegar à melhor parte e falar sobre o que aconteceu naquela noite.

— Que melhor parte? — Kylie perguntou.

Miranda abriu um grande sorriso, um daqueles que poderia ser usado para vender pasta para clarear os dentes.

— *Pooor favooor...* Você ficou lá, no escuro, tarde da noite, por várias horas, sozinha com Lucas. Que, por acaso, é o mais gato de todos os lobisomens que eu já conheci. Quer dizer, eu não me ligo muito em lobisomens, mas até eu tenho que reconhecer. Ele é demais! Então... — Ela estendeu as duas palmas. — O que rolou? E não se atreva a não me dizer nada. Porque vou perder totalmente, completamente, a fé nos romances se nada aconteceu.

Kylie abriu a boca para responder e então viu Della inclinada para a frente, virando a cabeça ligeiramente, como se tentasse ouvir os batimentos de Kylie e ver se ela tentava mentir.

— A bruxinha tem razão — disse Della. Essa pode ser mesmo a melhor parte.

Kylie franziu a testa para Della. Sendo uma garota sempre tão cheia de segredos, ela não devia pressioná-la daquele jeito. Então Kylie olhou para Miranda, que prendeu a respiração em expectativa, esperando Kylie abrir o coração.

— Desculpe — disse ela. — Não aconteceu nada.

Miranda bufou e pôs os braços sobre a mesa, afundando a cabeça entre eles.

Della a encarava, e Kylie sabia que a vampira estava ouvindo seu batimento cardíaco e verificando de novo se ela estava mentindo. Francamente, Kylie não sabia muito bem o que Della ouviria. Aquilo não era realmente uma mentira. Nada aconteceu. Exceto que...

Ela tinha se sentido segura ao ser abraçada por Lucas, a não ser na hora em que ela se transformou em Mulher Maravilha ao ouvir o bandido batendo nele. O que aquilo queria dizer? Kylie não tinha certeza. Então, como poderia explicar?

Miranda levantou a cabeça da mesa.

— Entende o que eu quero dizer? Você é a Madre Teresa. Pura. Sem desejo.

— Não — Kylie rebateu, não querendo ser vista como uma freira. — Eu... tenho desejo.

Della e Miranda trocaram um olhar pesaroso.

— Desculpe — disse Della. — Mas, se anda como uma freira e se comporta como uma freira, é porque é uma freira.

— Ele me abraçou — disse Kylie. — Me abraçou forte. E eu adormeci encostada no ombro dele. Foi bom. E meio que... Ele é quente. — Embora ela quisesse dizer que ele tinha uma temperatura quente, não se importava que as duas tirassem suas próprias conclusões.

— É isso aí! — Miranda deu um grande sorriso novamente. — Ele te beijou? Foi como o beijo ardente que ele te deu no riacho quando você chegou aqui?

— Não — disse Kylie.

As duas amigas trocaram olhares outra vez.

— Madre Teresa... — disseram ao mesmo tempo.

— Mas ele me beijou quando voltei pra cá — Kylie deixou escapar, decidindo que preferia contar do beijo do que ser considerada uma freira. — E ele quase me beijou quando me seguiu até o escritório hoje cedo.

Miranda gritou e Della riu.

— Então, ele te tascou um beijo, hein?

Kylie olhou para o humor no rosto das suas companheiras e não viu onde estava a graça.

— Eu estou tão confusa! — Ela encostou a testa na mesa. Socks, agora de volta à mesa, enfiou o nariz no cabelo dela e cheirou seu couro cabeludo como se estivesse preocupado.

— Confusa com o quê? — Miranda perguntou.

Kylie levantou a cabeça e apoiou o queixo na palma da mão.

— Confusa com o que eu sinto por Lucas. Confusa com o que eu sinto por Derek... além de chateada. Estou furiosa com Derek neste momento.

Socks golpeou com a cabeça a mão dela, pedindo carinho. Tentando também

confortar a si mesma, ela afagou a cabeça do gambazinho.

— E você tem todo o direito! — Della lançou a Miranda um olhar estranho. — Ela precisa saber.

— Saber o quê? — Ao ver as duas trocando olhares, Kylie teve um mau pressentimento.

Elas não tiveram a chance de responder, porque ouviram um estalido e a porta da cabana se escancarou.

Burnett entrou e atrás dele estava Holiday. Atrás de Holiday estava Perry. Será que eles tinham notícias dos Brightens? O coração de Kylie deu um salto.

— Eu disse pra você bater! — disse Holiday, repreendendo Burnett.

— Eu bati! — ele retrucou, olhando para ela, atrás dele.

— Bem, geralmente depois que se bate, espera-se até que alguém lhe diga que pode entrar.

Burnett lançou a Holiday um sorriso forçado.

— Acho que você precisa ser mais específica da próxima vez. — Ele olhou para Kylie, e ela pôde ver a preocupação em seus olhos.

— O que está acontecendo? — O olhar de Kylie se voltou para Perry, que parecia quase culpado. Mas culpado pelo quê? Ah, droga! O que será que tinha acontecido?

— Sinto muito. — Os olhos de Perry adquiriram um tom verde profundo.

O peito de Kylie ficou apertado.

— Sente muito pelo quê?

Perry olhou para Burnett e, em seguida, para Holiday.

— O que aconteceu? — Kylie perguntou. — Os Brightens estão bem? Responda!

Perry ficou ali olhando para ela com um olhar culpado.

— Eu responderia se fosse você — Della disse para Perry, num tom sarcástico. — Do contrário, ela pode catar você pelas orelhas outra vez...

# Capítulo Cinco

— Eu não sei o que aconteceu. — Perry se aproximou das amigas, seus olhos adquirindo um matiz verde-esmeralda.

— Como não sabe? — Kylie olhou para Burnett e em seguida para Holiday, esperando que um deles começasse a falar. Quando viu que nenhum dos dois ia abrir a boca, ela olhou de volta para Perry. — Você estava seguindo os dois. — De repente, a culpa que ela viu no rosto dele deu uma espécie de salto mortal e caiu bem sobre os ombros de Kylie. Se algo realmente ruim tinha acontecido a eles, a culpa era dela. Ela é que tinha feito questão de conhecê-los. Mas que droga! Ela tinha tanta certeza de que era a coisa certa a fazer!

— Eles desapareceram! — disse Perry. — Num minuto estavam dirigindo pela estrada no Cadillac prata e, então, puf! — Ele agitou as mãos na frente dele. — Viraram fumaça. Com Cadillac e tudo. Sumiram. Puf!

Kylie sentiu um peso no peito.

— As pessoas, pessoas humanas, não desaparecem simplesmente. — Ela conseguiu manter a voz baixa, mas a frustração encheu sua voz de sarcasmo.

Então a verdade lhe ocorreu. Ela só *achava* que as pessoas não desapareciam simplesmente. Mas não muito tempo atrás não achava que as pessoas pudessem se transformar em unicórnios, ou que vampiros e lobisomens existissem. Nem lhe passava pela cabeça que poderia usar seus sonhos para se comunicar com outras pessoas ou que conseguiria derrubar uma parede de concreto. Portanto, quem poderia saber se as pessoas desapareciam ou não? E, se desapareciam, isso queria dizer o quê...?

Kylie sentiu um nó no estômago.

— Eles estão mortos?

Holiday franziu a testa.

— Não vamos começar a fazer suposições...

— Não sabemos — interrompeu Burnett. — Mas eu tenho agentes tentando descobrir. A UPF vai me enviar fotos dos Brightens a qualquer momento. Pelo menos, vamos saber se eles eram impostores.

O telefone de Burnett tocou e ele o tirou do bolso.

— O que você conseguiu? — Sua expressão endureceu. — Não pode ser. Eu verifiquei esta manhã. Ele fez uma pausa e olhou para Holiday, que se aproximou um pouco mais.

Della se inclinou na direção de Kylie.

— As câmeras não estão funcionando. — Sua audição sensível, obviamente, tinha captado os dois lados da conversa.

Passos soaram na varanda da cabana e Kylie viu Lucas passando pela porta. Seu

olhar encontrou o de Kylie, a preocupação estampada nos olhos, e ele parou ao lado dela. O braço do lobisomem roçou no dela e ela sentiu seu calor. A lembrança do beijo dominou seus pensamentos e ela se sentiu um pouco culpada por tê-la compartilhado com Della e Miranda.

Kylie viu Lucas olhar para as suas duas colegas de dormitório e acenar com a cabeça. Não foi um cumprimento muito amigável, porém. Kylie já tinha ouvido falar que os lobisomens eram muito reservados e ela supunha que fosse verdade. Com exceção de Lucas, Kylie de fato não tinha feito amizade com nenhum lobisomem no acampamento.

— Burnett ainda não conseguiu as imagens dos seus avós? — Lucas perguntou, olhando para ela.

— Não sei. — Ela fitou seus olhos azuis. Por apenas um segundo, desejava não questionar o que sentia. Não queria que ele fosse outro enigma na sua vida. Seria tão bom poder apenas se entregar... Então, por que ela não fazia isso?

— Tudo bem? — ele perguntou, movendo os lábios sem emitir nenhum som.

Ela confirmou com a cabeça, mas não sabia muito bem se era verdade.

— Então alguém as sabotou! — Burnett andou pela sala de estar. — Você já recebeu os dados das carteiras de motorista dos Brightens? Quero ver uma cópia dessas carteiras para saber se são quem disseram que são. — Ele apertou os músculos da mandíbula e olhou para Kylie. Uma expressão de simpatia brilhou em seus olhos, mas desapareceu numa fração de segundo. Demonstrar uma emoção, mesmo que não passasse de um vislumbre em seus olhos, já parecia demais para ele.

Tudo no homem parecia rígido e sombrio. E ele parecia gostar disso. Tinha cabelo preto, pele morena e um corpo musculoso que mantinha a maioria dos homens a distância e a maioria das mulheres da sua idade desejando que ele chegasse mais perto. Kylie viu Holiday estudando Burnett e corrigiu seu último pensamento. Apesar da atração óbvia que havia entre os dois, Holiday não deixava Burnett chegar perto.

— Eu não entendo por que leva tanto tempo! — exclamou Burnett, dirigindo-se à pessoa ao telefone. — Basta puxar os dados de uma carteira de motorista. Eu poderia ter feito isso eu mesmo. — Ele soltou um longo suspiro de frustração. — Mande-os tão logo chegarem.

Ele desligou, enfiou o telefone no bolso da camisa e olhou para Holiday. Seus olhos espelhavam a sua frustração.

— Alguém adulterou as nossas câmeras. Eu verifiquei esta manhã e estava tudo em ordem. Por "coincidência", deixaram de funcionar cerca de uma hora antes dos Brightens chegarem. Acho que sabemos o que isso significa.

Burnett olhou para Kylie. Ela sabia que aos olhos dele os Brightens eram impostores. E talvez ela devesse torcer para que ele estivesse certo. Porque isso significaria que não

eram os pais adotivos de Daniel que haviam desaparecido na rodovia. Mas Kylie queria uma prova. Uma prova de que tinham realmente desaparecido.

Ela pressionou a mão contra a testa e lutou com uma dor de cabeça que ameaçava começar.

— Quando você acha que eles vão ter as imagens dos Brightens?

— A qualquer momento. Se souberem o que é bom pra eles. — A voz profunda de Burnett soou sincera.

Kylie se pegou rezando para que os pais de Daniel estivessem bem. Para que não fossem o casal que a visitara. Mas, mesmo assim, ela não tinha certeza se não se preocuparia com esse casal também. Impostores ou não, ela não sabia se o casal de idosos merecia... Ela não se permitiu imaginá-los mortos. Desaparecer não era necessariamente o mesmo que morrer.

As costas da mão de Lucas roçaram na mão dela. De alguma maneira ela sabia que o toque era intencional e que ele queria confortá-la. E conseguiu.

O telefone de Burnett tocou. Ele o arrancou do bolso, apertou um botão e olhou para a tela. Erguendo os olhos, estendeu o celular para Holiday.

— Este é o casal que esteve aqui?

Holiday olhou para a tela e depois para Kylie.

— Não. Não eram eles.

Embora Kylie acreditasse nela, teve que olhar por si mesma. Deu um passo à frente, pegou o telefone da mão de Burnett e olhou para as duas imagens lado a lado. A imagem de um homem idoso, parcialmente calvo, e uma mulher mais velha, de cabelos grisalhos, com olhos verdes brilhantes aparecia na tela.

— Esses são os Brightens? — perguntou ela.

Burnett assentiu.

— Enviado do banco de dados do governo.

— Não são nem parecidos com eles. — Kylie não podia negar o alívio que sentiu, mas então se lembrou do toque da mão da mulher, a dor que pareciam compartilhar e até o brilho das lágrimas nos olhos dela. Tinha sido tudo encenação? Kylie olhou para Holiday.

— Até você disse que a mulher parecia sincera. Como nós duas podemos ter nos enganado?

Holiday franziu a testa.

— Como eu disse, a leitura de emoções nunca é cem por cento precisa.

Kylie engoliu a decepção ao constatar que o casal de idosos tinha brincado com seus sentimentos. Quando Derek ou Holiday manipulavam as emoções dela, ao menos era com a intenção de trazer alívio ou ajudá-la. Agora era diferente; os impostores pretendiam enganá-la. E talvez fazer muito mais do que isso.

Ela lutou contra a raiva que se sobrepunha às outras emoções em seu peito. Ter raiva do casal de velhos ainda assim não lhe parecia certo.

— Mas eu ainda não entendo o que eles iam ganhar fingindo ser meus avós.

— Obviamente, não estavam aqui só para apertar suas bochechas e oferecer biscoitos — afirmou Burnett. — Felizmente, Derek desconfiou deles e frustrou seus planos, fossem quais fossem.

Kylie encontrou o olhar de Burnett.

— Mario está por trás disso?

— Quem mais poderia estar?

Kylie ainda lutava para entender.

— Mas por que ele enviou um casal de idosos para fazer isso quando poderia ter arranjado alguém mais poderoso?

— Porque pensou que iria nos enganar. E quase enganou. — Burnett franziu a testa. — De agora em diante, vamos ter que ser mais cuidadosos. Eu vou colocar uma sombra para protegê-la.

— Uma o quê? — Kylie estava certa de que ela não ia gostar da resposta.

— Uma sombra — Holiday repetiu. — Alguém que ficará ao seu lado em tempo integral.

Sim, ela estava certa. Não tinha gostado nem um pouco.

— Deixa comigo! — disse Lucas.

— Não! Eu me encarrego disso! — retrucou outra voz profunda, vinda da porta aberta.

A voz de Derek enviou fagulhas de dor ao peito de Kylie. Ela olhou para ele e viu seus olhos esverdeados, quase cor de avelã. Seu coração estremeceu enquanto ela absorvia sua imagem. Os cabelos castanhos estavam em desalinho, como se ele tivesse passado as mãos neles muitas vezes. A camiseta desbotada se moldava ao peito largo e os seus jeans favoritos desgastados ajustavam-se às pernas e à cintura. O olhar dele atraiu a atenção de Kylie novamente, tamanha era a emoção refletida em seus olhos. Ela ainda não tinha percebido o quanto sentia saudade do meio *fae* até o momento.

Até aquele exato momento.

Ela queria correr até ele e abraçá-lo. Para se assegurar de que ele estava bem.

O calor do ombro de Lucas se aproximou um pouco mais.

Ela viu Derek estreitar um pouco os olhos, como se reparasse na proximidade de Lucas. Então franziu a testa.

Uma tempestade de emoções se agitava dentro de Kylie. Mas uma emoção se destacava mais do que as outras. Raiva. Derek não tinha o direito de ficar contrariado ao ver Lucas perto dela. Ele tinha decidido se afastar, mesmo depois de ela implorar para que ele não partisse. Então, por que ela se sentia tentada a aumentar um pouco

mais a distância entre ela e Lucas?

— Eu acho que você já fez o bastante apresentando a Kylie o detetive envolvido. — Os olhos azuis de Lucas fulminavam Derek.

Derek mudou instantaneamente sua postura, colocando-se na defensiva.

— O senhor Smith não está por trás disso.

— Pode ser que não — Lucas retrucou, com a voz firme — mas foi através dele que tudo aconteceu.

A tensão no ar deixou a atmosfera tão pesada que ficou até difícil respirar.

Burnett olhou para Lucas.

— Não há razão para culpar ninguém.

— Burnett está certo — disse Kylie. — Além disso, fui eu quem entrou em contato com o senhor Smith. — Ela sentiu Lucas ficar tenso ao lado dela e suspeitou que ele não tinha gostado de vê-la defendendo Derek. Ela também não tinha certeza se gostava de fazer isso, não quando a raiva de Derek ainda explodia em seu peito. No entanto, não iria deixar que o acusassem por tentar ajudá-la. Ela continuou a olhar para o meio *fae*, desejando poder ler os pensamentos dele, ou pelo menos suas emoções, assim como ele podia ler as de todos ali. — O senhor Smith está bem?

Derek a fitou novamente. A raiva faiscou nas raias douradas dos seus olhos. Ela não sabia se ele estava refletindo as emoções dela ou se estava com raiva mesmo. Provavelmente as duas coisas.

— Vai sobreviver. — Seu olhar se desviou e ela sentiu um vazio no peito. E algo lhe disse que essa era uma sensação a que ela teria que se acostumar, porque nada havia mudado entre eles.

Nada.

— Eu posso ser a sombra de Kylie — oferece-se Della.

— Eu também — disse Miranda.

Burnett olhou para as duas.

— Como vocês estão na mesma cabana, terão de fazer turnos.

— Ela ficaria mais segura comigo — disse Lucas.

— Cai na real! — murmurou Della.

— É isso aí! — acrescentou Miranda, estendendo o dedo mindinho como se apontasse uma arma para ele.

Kylie olhou de Miranda para Della e depois para Derek e Lucas. Inacreditável. Eles estavam falando dela como se ela nem estivesse ali.

Ainda assim, ela sabia que estavam apenas tentando ajudar, e amava todos eles por isso. Bem, amaria quando não estivesse mais tão chateada.

Burnett olhou para Lucas e depois para Derek.

— Eu receio que vocês estejam envolvidos demais para assumir essa incumbência.

— É por isso que seríamos bons nisso — disse Derek.

— É por isso que *eu* seria bom nisso — respondeu Lucas.

Derek olhou feio para Lucas.

— Você é um completo idiota, Parker.

Os dois começaram a se insultar.

— Pelo amor de Deus, parem! — Kylie gritou. — Isso já está virando...

— Chega! — Burnett ordenou.

No mesmo instante, Derek e Lucas ficaram em silêncio.

— É isso o que eu quero dizer. Nenhum de vocês dois é imparcial quando o assunto é Kylie.

Kylie sentiu suas bochechas ficarem vermelhas, mais de raiva do que de constrangimento.

— É só uma ideia. Talvez alguém devesse me perguntar o que eu acho...

— Isso é ridículo! — rosnou Lucas.

Kylie o encarou por um momento até que percebeu que ele estava se referindo ao comentário de Burnett, não ao dela.

Burnett ficou ainda mais tenso e seu olhar se alternou entre Lucas e Derek.

— Acho que nenhum de vocês dois se concentraria em protegê-la quando estivessem com ela. Eu não estou dizendo que não serão recrutados para ajudar no futuro, mas por ora...

— Ainda assim é ridículo! — Lucas endureceu ao lado de Kylie, e ela podia jurar que sentiu a temperatura do lobisomem subir um ou dois graus. — Eu morreria antes de deixar...

— E eu também! — Derek rosnou.

— E meu trabalho é garantir que ninguém morra aqui! — rebateu Brunett.

Pelo menos nesse ponto, Kylie tinha que concordar com Burnett.

Uma hora mais tarde, depois que Burnett e Holiday voltaram ao escritório para decidir quem seriam as sombras de Kylie, ela estava tremendo na cama, olhando para o teto e se perguntando quando e como sua vida tinha ficado tão fora de controle.

Logo após Burnett sair, Lucas tinha sido convocado pela sua alcateia. Com pesar nos olhos azuis e talvez até mesmo com um pouco de raiva por ela ter defendido Derek, ele lhe disse que estaria de volta tão logo resolvesse seus problemas com os companheiros de espécie. De boa vontade, Kylie deixou-o ir; ela sentia que precisava ficar sozinha. Mas não conseguia deixar de se lembrar do que Fredericka tinha lhe dito. *A linhagem de Lucas é pura, ele valoriza isso. Seus antepassados valorizam também. Eles deixaram isso bem claro*. Será que as palavras da loba só tinham a intenção de causar dúvidas em Kylie? Ou havia alguma verdade por trás delas?

Kylie fechou os olhos e gemeu. Socks mergulhou embaixo das cobertas, quando viu uma mulher morta e de cabeça raspada começar a andar pelo quarto, murmurando para si mesma por que não conseguia se lembrar de droga nenhuma. Kylie deu um profundo suspiro e vapor escapou de seus lábios, serpenteando lentamente até o teto.

— *Não me lembro* — o fantasma murmurou. — *Não há nada além de um branco.*

Mal sabia a mulher que Kylie quase a invejava agora. Ela queria muito poder esquecer também! Esquecer aquele olhar de raiva que tinha visto nos olhos de Derek, esquecer a súbita tensão que sentira no corpo de Lucas quando ela defendeu Derek. Esquecer que ela podia muito bem ser responsável pela morte de um casal de idosos e pelo fato de o detetive, o senhor Smith, estar no hospital.

— *Como se fala quando você não consegue lembrar quem você é? Não há uma palavra para isso?* — o espírito perguntou.

— Amnésia. — Kylie pensou em dizer a Jane Doe (o espírito precisava ter um nome, e Jane Doe[1] era tão bom quanto qualquer outro) que sua perda de memória poderia ter mais a ver com a cicatriz de vinte centímetros em sua cabeça do que com amnésia. Então mais uma vez, Kylie concluiu que a razão por que Jane não conseguia se lembrar de nada não tinha importância. O fato de ela não ter nenhuma memória é que era o problema. Como, pelo amor de Deus, Kylie poderia ajudar um fantasma que nem sabia quem era?

Ela suspeitava que, se fizesse a Holiday essa pergunta, a líder do acampamento diria para começar a procurar pistas no que a mulher fazia e nos trajes que usava. Os jeans e a camiseta que ela vestia não revelavam muito. Quanto à cabeça raspada e a cicatriz, aquilo, sim, podia ser uma pista. No entanto, no dia em Kylie conheceu a mulher, ela tinha cabelos e olhava o abdome como se ele estivesse rasgado. Aquilo seria uma pista também? Kylie nem mesmo tinha certeza se a mulher sabia que estava morta. E simplesmente perguntar se ela sabia lhe parecia um pouco rude.

— *Eu só não entendo por que não me lembro* — lamentou Jane.

Kylie apertou a palma na têmpora latejante. Ela não estava com humor para lidar com aquilo agora. Não que tivesse escolha. Até o momento, os fantasmas não pareciam preocupados em atender aos seus pedidos para que aparecessem em outra hora.

— *Você está me ouvindo?* — perguntou a mulher.

Abrindo os olhos, Kylie sentou-se na cama. A cauda peluda preta e branca de Socks apareceu debaixo do lençol.

— Estou... eu só...

— *A sua cabeça está doendo também*?

Kylie olhou para a terrível cicatriz da mulher.

— Um pouco. — Ela puxou um pouco mais a colcha para se abrigar do frio. — Mas eu só tenho problemas com garotos.

— *Problemas com garotos*? — Jane franziu o cenho. — *Tenha cuidado. Os garotos, e os homens, podem machucar você de verdade*. — As palavras dela pareciam sinceras. Seria essa outra pista?

— Alguém machucou você? — Kylie perguntou.

A mulher parou de andar e franziu a testa.

— *Talvez. Não me lembro.*

— Tente se lembrar. Quer dizer, você disse que parecia que se lembrava de algo.

Quanto antes Kylie conseguisse fazer o espírito se lembrar de quem era, mais cedo poderia descobrir do que ela precisava e como ajudá-la a ir embora.

O espírito colocou o dedo indicador na testa.

— *Não. Nada. Está vazio aqui*. — Ela moveu a mão até o couro cabeludo e acompanhou a cicatriz com o dedo. Kylie não tinha certeza se ela tinha acabado de descobri-la ou não.

— Você se lembra do que aconteceu? Por que você tem um corte na cabeça? — *Como você morreu?* Holiday tinha explicado que, muitas vezes, quando a morte era repentina ou traumática, era difícil para o espírito recordar. No entanto, para ajudá-lo a fazer sua passagem, os detalhes da morte podiam ser importantes.

— *Não*. — Jane voltou a andar de um lado para o outro. — *Eu detesto não saber!*

Depois de mais algumas voltas ao redor do quarto, ela parou de falar e Kylie voltou a pensar em Derek, sobre como o coração dela tinha acelerado quando ele apareceu. Ela se perguntava se aquilo significava que seus sentimentos por Lucas não eram tão fortes quanto ela desconfiava que fossem.

De repente, o fantasma parou aos pés da cama e olhou para Kylie.

— *Eu passei uma mensagem a você, não foi?*

Kylie sentou-se mais ereta.

— Você mencionou isso, mas o que era mesmo? — Talvez a mensagem não fosse realmente uma mensagem, mas uma pista.

— *Alguém vive, alguém morre*. — Sua voz se transformou num sussurro e soou como algo saído de um filme de terror. — *Foi isso o que eles disseram para eu dizer.*

Socks, como que reagindo ao tom sombrio da voz do espírito, aninhou-se um pouco mais a Kylie.

— Você por acaso sabe o que significa? — Estendendo o braço por baixo da colcha, Kylie gentilmente empurrou o focinho do gambá para longe de suas costelas. Considerando que o animalzinho tinha medo de fantasmas, o destino tinha realmente lhe pregado uma peça ao torná-lo o animal de estimação de Kylie.

— *Eu...* — O espírito olhou para cima como se tentasse pensar. — *Eles não disseram.*

— Quem são "eles"? — Kylie estava com receio de fazer menção à morte, mas considerando que estava lidando com um fantasma com amnésia, não tinha certeza se

ela tinha condições de transmitir a mensagem com exatidão.

Jane avançou um pouco mais, aproximando-se da lateral da cama, seus olhos verdes-claros cheios de medo.

— *Você sabe quem são.*

— Não, eu não sei.

O espírito mordeu o lábio, como se dizer o nome lhe deixasse pouco à vontade. Então ela se inclinou, deixando os lábios ligeiramente azulados a poucos centímetros do rosto de Kylie.

— *Os anjos da morte.* — Cristais de gelo flutuaram dos seus lábios e caíram em cascata na colcha de Kylie.

Socks saiu correndo de debaixo das cobertas e fugiu para o chão, escondendo-se sob a cama.

— Os anjos da morte? — Kylie refletiu sobre a resposta. — Como você sabe sobre eles? — De repente, ocorreu-lhe que ela não tinha verificado se a mulher era sobrenatural.

Olhando para a testa do espírito, Kylie franziu as sobrancelhas. Nada. Aquilo tinha que significar alguma coisa. Todo mundo tinha um padrão cerebral, não tinha? Até mesmo os seres humanos. Kylie tinha visto o padrão cerebral de Daniel, e Holiday tinha dito que verificara o de Nana, então Kylie sabia que os espíritos não deixam de tê-los após a morte. Então, por que esse espírito não tinha um padrão?

Fechando os olhos, Kylie apertou-os com mais força e voltou a se concentrar. Ainda assim, nada.

O frio proveniente do espírito pareceu se intensificar e causou um calafrio na pele descoberta de Kylie. Puxando o lençol até o queixo, ela se virou para o espírito e fez a pergunta que detestava que as pessoas fizessem a ela.

— O que você *é*?

# Capítulo Seis

Uma hora depois, Kylie andava em círculos pelo seu pequeno quarto, fazendo quase o mesmo trajeto que a mulher fantasma — a mesma que tinha desaparecido sem nem tentar responder à pergunta de Kylie. Mas antes que o espírito assustadiço desaparecesse, Kylie pôde notar a expressão de puro pânico em seu rosto.

Não que Kylie não compreendesse o fantasma.

Quantas vezes ela tinha ouvido a mesma maldita pergunta?

*Quem é você?* Ou melhor, *o que é você, afinal?* Francamente, ela não gostava de nenhuma das duas versões.

Mas alguma das duas perguntas lhe incutia pânico ou medo?

Frustração talvez, mas medo? Ok, talvez no início ela tivesse medo, mas só antes de aceitar a possibilidade de que não fosse de fato humana. Ela deveria pressupor que o espírito suspeitava que não fosse humano? Kylie recordou o olhar no rosto do espírito. Foi como se a pergunta indicasse um sinal de perigo ou despertasse alguma lembrança esquecida. E uma lembrança nada agradável, aliás.

Um frio fantasmagórico pairou no ar, anunciando o retorno do fantasma, e Kylie se encolheu.

— Sinto muito — disse Kylie. — Sei que está confusa. Pode acreditar, eu sei como se sente. Há muito tempo estou tentando descobrir quem sou também. — O frio se esvaiu. Então, o fantasma não estava a fim de falar. Kylie compreendia isso também.

Ela quase correu até Holiday para perguntar por que o espírito não tinha um padrão cerebral. Então, como suspeitava que Holiday iria querer abordar todas as outras "questões" que precisavam ser discutidas, decidiu adiar as perguntas. E quando dizia "questões", Kylie estava se referindo ao seu recém-adquirido dom de cura, sua capacidade de derrubar paredes de concreto e a possibilidade de ser uma protetora. Com a cura e as paredes, ela podia lidar. Mas e quanto a ser uma protetora/Madre Teresa? Não. Por um tempo ela podia evitar ter de lidar com aquilo.

E não é que ela estivesse adiando a solução dos seus problemas, como Holiday a acusara tantas vezes. Ela estava estabelecendo prioridades. Neste momento, sua prioridade era Derek e as suas atitudes contraditórias. Como ele podia querer ser sua sombra se há duas semanas não queria nem sequer olhar para ela? Será que os sentimentos dele por ela tinham mudado? Será que ela queria que tivessem mudado?

Ela pensou a respeito. Lembrou-se da intimidade que sentiam quando se esgueiravam furtivamente dos lugares e ele a beijava com paixão. Ela sentia falta de como ele fazia tudo parecer um conto de fadas. O que ela não daria agora para estar num conto de fadas e não ter de lidar com toda aquela confusão!

Mas será que isso significava que, se ele dissesse que estava arrependido, ela iria

perdoá-lo? Depois de dar mais algumas voltas pelo quarto, chegou à conclusão de que seu coração estava muito confuso para saber o que queria.

Como que para analisar a questão mais profundamente ainda, ela teve uma lembrança instantânea de como se sentiu quando Lucas a beijou. Não houve visões de conto de fadas, mas ela não podia negar que tinha sido bem impressionante.

Droga!

Ela se jogou na cama. Estava totalmente confusa! Então deu um soco bem dado no travesseiro e gritou com a boca enterrada nele.

Depois de respirar fundo, Kylie se afastou do travesseiro. Tinha que fazer alguma coisa. Mesmo que fosse a coisa errada. Depois de calçar o tênis, pegou a escova de cabelo. Escovou algumas vezes as mechas loiras, vestiu uma regata branca limpa e saiu do quarto.

Della se levantou do sofá.

— Olá!

— Olá! — Kylie continuou andando em direção à porta, sem querer explicar aonde ia, porque, se ouvisse ela mesma dizendo aquilo em voz alta, poderia pensar duas vezes. E ela não queria pensar duas vezes; na verdade não tinha pensado naquilo nem uma vez ainda. Mas tinha que fazer alguma coisa. Estava cansada de ficar naquele limbo!

— Aonde a senhorita vai? — Della perguntou.

— Sair. — Kylie estendeu a mão para a maçaneta. Em vez disso, no entanto, acabou pegando a cintura de Della, que tinha atravessado a sala numa fração de segundo e agora estava postada na frente dela, bloqueando a passagem.

— Pode me dar licença? — Kylie tentou não deixar seu estado de ânimo transparecer na voz.

Temperamental como era, Della não tinha paciência com o mau humor de mais ninguém. E iniciar uma discussão com ela naquele momento não estava nos planos de Kylie.

— Aonde *nós* vamos? — Della perguntou.

— *Nós* não vamos a lugar algum. *Eu* estou indo a um lugar.

— Eu vou também.

— Não vai, não.

— Ela vai, sim — insistiu Miranda, saindo do quarto. — Kylie Galen, apresento-lhe a sua primeira sombra: Della Tsang.

— Ao seu dispor! — disse Della, fazendo uma pequena reverência. Seu tom exalava sarcasmo.

— Ah, fala sério! — reclamou Kylie. — Não vou sair do acampamento. Vai ficar tudo bem.

Della franziu a testa.

— Você só sai desta cabana se eu for junto. — Ela pôs uma mão nos quadris, como que para enfatizar o que dizia.

Kylie suspirou e tentou se acalmar antes que seu sangue fervesse.

— Escute, eu preciso falar com Derek, ok? E vai me desculpar, mas não quero que você vá comigo. É um assunto particular.

A expressão zangada de Della desapareceu e algo que parecia cumplicidade a substituiu; então ela olhou para Miranda.

— Você ainda acha que é melhor não falar nada pra ela?

— Ah, que inferno! — Miranda se sentou no sofá. — Talvez você tenha razão. Mas não vamos apenas *dizer* a ela, temos que *mostrar*.

Kylie olhou para Miranda e se lembrou das amigas fazendo ar de mistério um pouco antes de Burnett entrar na cabana.

— Dizer o quê? O que vão me mostrar?

Della pegou o telefone do bolso do jeans e começou a teclar alguma coisa.

— Chan me mandou isso. Eu queria te contar logo de cara, mas Miranda disse que você tinha sido sequestrada e aquilo já era coisa demais para uma pessoa só.

— Chan te mandou o quê? — Kylie inclinou-se até quase encostar o nariz no da amiga vampira. A sua paciência já estava se esgotando.

— Calma aí! — Della deu um passo para trás. — Mais paciência. Você está agindo como se fosse Lua cheia de novo. — Ela estudou Kylie. — Mas não é, certo? — Então Della olhou para Miranda, que ainda estava estendida no sofá. — Já está na época de as lobas ficarem com TPM?

Kylie pensou na pergunta, quase com medo de que Della estivesse certa. Será que era por causa do ciclo lunar que ela se sentia tão estranha ou seria tudo culpa do que tinha acontecido nos últimos dias?

— Não. — Miranda se levantou do sofá e se aproximou. — Temos mais uma semana pela frente antes de ter que enfrentar a TPM lunar.

Kylie franziu a testa. Ela não tinha se transformado em loba na última Lua cheia, mas parecia que estava enfrentando as flutuações de humor típicas dos lobisomens antes da transformação. E, obviamente, as suas duas companheiras de quarto ainda consideravam a possibilidade de ela ser um deles. Mas Kylie não achava aquilo tão fora de propósito. Àquela altura, ela poderia virar qualquer coisa.

— É melhor alguém começar a falar — exigiu Kylie. — E rápido!

— Meu Senhor! — exclamou Della. — Eu estou tentando encontrar. Aqui está! — Ela olhou para Kylie. — Olha só, meu primo Chan me mandou algumas fotos e perguntou se esse por acaso era um dos nossos campistas. Você sabe que ele vive numa comunidade de vampiros na Pensilvânia, não é?

Ela estendeu o telefone e Kylie olhou para a imagem.

— É Derek. — Alguns segundos se passaram. — O que ele foi fazer na Pensilvânia? — Ela não sabia onde a UPF o enviara ou onde o meio *fae* tinha ido à procura do pai.

— Eu tenho uma pergunta melhor. — Della puxou o telefone, apertou outro botão e depois segurou-o mais no alto para Kylie ver. — O que Derek está fazendo se agarrando com uma vampira da Pensilvânia?

O coração de Kylie deu um salto quando viu Derek dando um beijo na boca de uma garota de cabelos castanhos. E não era só um beijo. A garota estava com as pernas entrelaçadas na cintura dele, enquanto as mãos dele sustentavam o peso da garota, espalmadas sobre o seu traseiro bem torneado.

Kylie sentiu uma dor no peito.

— Quem... Como... O que é...?

— Eu também perguntei quem ela era — Della disse. — Seu nome é Ellie Mason e é novata na comunidade de vampiros. Chan disse que alguém afirmou que Derek era de Shadow Falls e ele só queria ver se sua fonte estava dizendo a verdade.

*Ellie?* Kylie se lembrou de Derek lhe dizendo que ele tinha namorado uma vampira chamada Ellie. Ela também se lembrou de que ele tinha doado sangue a ela. Estranho como Kylie nem sabia que se lembrava disso, mas agora o episódio parecia aflorar na sua memória.

— Ellie. — A palavra ao deixar seus lábios causou uma dor forte e profunda em seu coração. E o coração devia realmente ser o centro das emoções, pois uma dezena delas começou a voejar ao redor do seu peito como pássaros selvagens atrás de um enxame de mariposas. Raiva, ciúme, deslealdade, suspeita... a lista era longa.

— Eu preciso disto. — Ela agarrou o celular de Della e tentou tirar a amiga do caminho. Não que seu esforço tenha dado muito resultado. Della não se moveu um centímetro.

— Desculpe. Mesmo assim não posso deixá-la ir sozinha — disse Della. — Sério, eu sou sua sombra.

— Tudo bem, então venha. É só não ficar no meu caminho! Fique longe. Bem longe. Eu preciso falar com ele sozinha. — Lágrimas ardiam nos olhos de Kylie.

Lágrimas de ciúme, frustração e decepção.

Lágrimas por saber que ela não tinha o direito de sentir nenhuma dessas emoções.

Ela não ia se permitir chorar. Mas ainda sentia as lágrimas se acumulando em seus olhos. Sentiu-as descerem pela sua garganta e queimarem seu peito.

Com o telefone apertado na mão, Kylie disparou pela floresta em direção à cabana de Derek, esperando que ele estivesse lá. Ela não tinha a menor ideia do que diria quando o visse. Não queria pensar, apenas chegar lá. Saltou sobre espinheiros, abaixou-se para

não se chocar contra os galhos mais baixos e correu feito louca. Os passos de Della soavam atrás dela, cada vez mais perto — a amiga levava seu trabalho como sombra a sério.

A sério demais.

O baque dos pés de Kylie no chão de terra ecoava pela floresta e o cheiro de chuva pairava no ar. Uma tempestade de verão caía em algum lugar a distância, mas não tão longe, porque um trovão ribombou acima dela.

Depois de uma outra grande trovoada, o silêncio reinou. Um relâmpago enviou centelhas de luz prateada através das folhas até a terra úmida. Kylie continuou correndo, continuou sofrendo. Ela podia sentir no ar a tempestade, a energia, o poder que emanava dela. Mais um trovão ribombou no céu.

De repente, um som alto soou à sua direita e um grande cervo — um macho com chifres grandes o suficiente para decorar a parede de um caçador — surgiu por entre as árvores e parou no meio da trilha. Chocada, Kylie fez uma parada abrupta também. Poucos centímetros a mais e ela poderia ter sido empalada pelos chifres do animal. Ela mal tinha recuperado o fôlego quando um raio atingiu e derrubou uma velha árvore um pouco além de onde estava o cervo. O tronco ainda chiava quando Kylie sentiu Della colidir com ela.

— O que aconteceu? — exclamou Della.

O cervo jogou a cabeça para trás, arremetendo com os pesados chifres quase como se fizesse uma ameaça, e então disparou. Mas não antes de Kylie sentir o olhar frio e de alguma forma cruel do animal.

Os pelos de sua nuca se eriçaram. Aquele olhar calculista significava alguma coisa. Era como o olhar da águia, naquele mesmo dia mais cedo. Kylie encheu os pulmões de ar e esperou que o oxigênio clareasse sua mente e ela percebesse que estava errada.

Não queria acrescentar mais nada à sua lista de mistérios não revelados. Mas o ar nos pulmões não ajudou.

O solo ainda chiava e estalava enquanto centelhas minúsculas dançavam em volta do tronco atingido pelo raio. O cheiro de madeira queimada e da chuva que se aproximava pairava no ar. Kylie não tinha certeza se era sua imaginação ou não, mas sentia os calcanhares formigando com uma corrente de energia.

— Aquilo foi assustador! — murmurou Della.

— Tem razão.

— Nossa! O raio quase atingiu você!

— Mas não atingiu. — Kylie olhou para o telefone na mão e se lembrou de Derek.

— Nossa! — Della repetiu. — Se o cervo não tivesse aparecido...

— Não importa. — E Kylie queria que realmente não fosse importante. Ela ouviu o barulho da chuva caindo sobre as folhas acima dela antes de sentir os pingos na sua

pele. O dia tinha quase se transformado em noite. A tempestade havia chegado e combinava com seu humor. Ela apertou o telefone de Della na mão, protegendo-o da chuva, e disparou novamente pelo bosque.

Em poucos minutos, quase sem fôlego e molhada da chuva, Kylie irrompeu pela varanda da cabana de Derek, deixando Della para trás. O segundo passo varanda adentro lhe trouxe à tona uma lembrança. Ela tinha ido ali uma vez à procura dele e visto sangue no assoalho. Achou que ele tinha sido atacado e invadiu a cabana apenas para encontrá-lo... tomando banho.

Naquele dia, ela presenciara uma cena de encher os olhos e, depois que ele se vestiu, eles tinham se sentado no chão da varanda, encostados na parede da cabana, e conversado.

Trocaram experiências.

Riram.

Ela não se lembrava de um dia ter se sentido tão próxima de alguém. Como as coisas podiam ter mudado tão rapidamente entre eles?

Ela foi até a porta e bateu. A porta se abriu e Chris — o vampiro colega de dormitório de Derek — estava lá.

— Oi! — Ele arregalou os olhos e olhou para baixo. — Concurso da camiseta molhada? — ele brincou.

Kylie olhou para baixo, fazendo cair sobre os ombros as pesadas mechas de cabelo molhado. Sua blusa branca e o fino sutiã estavam totalmente transparentes. Ela franziu a testa e puxou o cabelo para cobrir os seios.

— Derek está aí?

— Está — disse ele. — Se ele vai atender à porta é outra coisa. Vive enfiado no quarto desde que voltou. — Ele olhou por cima do ombro e gritou: — Derek, visita!

Sem querer ficar ali sob os olhos cheios de malícia do rapaz, Kylie se afastou da porta e esperou nos degraus da varanda. Ainda tentando controlar o batimento cardíaco, ela descolou a blusa encharcada da pele e agitou o tecido, esperando que ele secasse mais rápido.

Em poucos minutos, passos conhecidos se aproximaram da porta. Ela se virou e olhou para Derek, reprimindo o impulso de correr e se jogar em seus braços.

Deu um passo na direção dele, então se conteve. Se ele a rejeitasse, iria doer demais.

# Capítulo Sete

Derek correu os dedos pelo cabelo, como se estivesse nervoso. Os fios pareciam mais compridos do que na época em que ele se afastara do acampamento. E mais macios. Kylie se lembrou de que os tinha escovado uma vez e desejou fazer isso novamente. Como ela queria apertar o botão "retroceder" e fazer as coisas voltarem a ser como antes! Quando tudo entre eles era tão bom... Mas a vida não tinha um botão de retroceder.

— Oi. — Ele enfiou as mãos nos bolsos das calças jeans.

— Oi. — O coração dela bateu mais rápido e se apertou um pouco mais ao vê-lo. Ela tentou não reparar em coisas como os músculos dos braços dele ou a camiseta delineando o peito largo. Respirou fundo.

Embora tivesse parado de chover, o cheiro de chuva ainda impregnava suas roupas e seu cabelo. E ainda perfumava o ar. Mas não escondia o aroma que, ela reconheceu, vinha de Derek.

Ela sentiu o telefone na mão e olhou para ele.

— Desculpe não ter retornado a ligação hoje cedo — disse ele, pensando que era por isso que ela estava ali. — Desliguei o celular quando estava no hospital com Brit.

Ela assentiu com a cabeça, sem ter muita certeza se devia acreditar nele, e sentiu a emoção subir à sua garganta. Suas narinas arderam. Mas ela não ia chorar. Pelo menos não agora. Pelo menos não ali.

— Aonde você foi quando deixou Shadow Falls? — perguntou ela.

— Só fui fazer um trabalho para Burnett. — Ele hesitou. — E eu nem devia estar falando sobre isso.

Aquilo doeu. Ela sabia que ele provavelmente estava dizendo a verdade, mas houvera um tempo em que eles não tinham segredos um para o outro.

Seu olhar encontrou o dela e Kylie pôde ver as raias douradas nas íris verdes. Ela viu a emoção ali. Mágoa, ciúme, decepção, raiva. Percebeu, de repente, que tudo o que ele sentia era o que ela também estava sentindo.

Por uma fração de segundo, disse a si mesma que ele não tinha o direito de sentir essas coisas. Mas ela nunca fora uma grande mentirosa, nem mesmo quando mentia para si mesma. Lucas a beijara. Ela tinha sentimentos por ele; embora fossem sentimentos confusos, não deixava de sentir alguma coisa. Como podia estar tão furiosa com Derek agora e não aceitar que ele tinha direito de estar com raiva?

Ela piscou e o clima ficou ainda mais desconfortável à medida que o silêncio se prolongava.

— Eu vim aqui para te perguntar uma coisa... — Ela levantou o telefone e, em seguida, deixou o braço cair novamente ao lado do corpo. — Mas de repente percebi

que você não me deve nenhuma explicação. Sinto muito, eu... — Incapaz de acabar de falar, ela se virou para ir embora.

Ele a segurou pelo braço. Assim que seu toque aqueceu a pele dela, ele afastou a mão. E isso doeu também. Será que tocá-la era tão desagradável que o fazia se retrair?

— Me perguntar o quê? — Ele franziu a testa. — O que te deixou tão chateada?

— Não é nada. Está tudo bem. — Ela começou a avançar novamente.

— Que droga, Kylie! — Ele saltou na frente dela, bloqueando o caminho. — Não minta pra mim. Eu sinto o que você sente, lembra? Sinto tudo que você sente multiplicado por dez. Você está muito chateada com alguma coisa. Veio aqui pra me dizer algo, então diga.

Ela hesitou e depois ligou o telefone de Della.

Ele a observou.

— O que você está...

— Você vai ver. — Ela encontrou a imagem e estendeu o celular para que ele visse.

A expressão dele, diante da imagem, passou da raiva para... algo diferente.

— Droga... — Ele correu a palma da mão pelo rosto.

— Está tudo bem — disse Kylie. — Eu sei que você não me deve nenhuma explicação. Sério, eu surtei. — Ela tentou se afastar, mas ele agarrou o braço dela novamente. Dessa vez sua mão permaneceu ali alguns segundos antes de soltá-la.

— Por favor, não vai embora — pediu ele. — Esta é Ellie. Eu contei a você sobre ela quando nos conhecemos. A gente namorou por um tempo. Nos encontramos por acaso quando eu estava fazendo esse trabalho para Burnett. Ela estava... Ela só estava feliz por encontrar alguém que conhecia.

— É, ela parece mesmo bem feliz... — disse Kylie, sem conseguir conter as palavras, e havia uma ponta de sarcasmo nelas.

— Não foi tudo isso — disse ele, mas não conseguiu esconder a culpa que brilhava em seus olhos.

— Você não precisa me explicar — disse Kylie, de repente percebendo como era injusto confrontá-lo por causa daquele beijo. A última coisa que ela queria agora era que ele a confrontasse por causa de Lucas. Ela fechou o telefone e o colocou no bolso. — Você não tem que...

— Não, eu tenho que explicar — Derek insistiu, interrompendo-a. Ele tomou fôlego e hesitou antes de começar novamente. — Olha, eu ia te contar de qualquer maneira.

— Não, você não ia — disse ela, achando impossível acreditar. — Não que eu te culpe por isso. A gente não estava realmente saindo. Você não tem que me dizer nada.

— Eu *ia* te dizer. Não tenho escolha.

Ela o observou, sem ter certeza do que ele queria dizer, e ela viu mais culpa em seus olhos.

— Escuta — disse ele. — Ellie está aqui. Eu a trouxe de volta ao acampamento.

O relâmpago que caíra na frente de Kylie alguns minutos antes a surpreendera menos do que a confissão de Derek. Ela ficou, porém, muito orgulhosa de si mesma ao ver que conseguia não demonstrar. Mas, como sempre, ela não precisava demonstrar... Ele podia muito bem captar as emoções dela, embora isso não a impedisse de fingir. E se ela fingisse por tempo suficiente, podia até mesmo começar a acreditar naquilo.

— Que ótimo! — Ela forçou um sorriso.

— Eu fui obrigado, Kylie. Ela tinha fugido de casa e ido morar numa comunidade que era um verdadeiro inferno. Ela precisava de ajuda.

— Estou feliz por você tê-la ajudado! — ela disse.

— Meu Deus, Kylie! Chega de fingir desse jeito, como se eu não soubesse o que você está sentindo! Sou eu, droga!

— Então pare de sentir o que eu sinto! — A garganta de Kylie se fechou instantaneamente. Lágrimas ameaçaram cair, mas ela as reprimiu.

— Bem que eu queria. Isso iria resolver todos os nossos problemas. Eu queria muito ser capaz de parar com isso! — Ele gesticulou com raiva.

— O que você quer dizer? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

— Você ainda não entendeu, não é? Estar perto de você é como enfiar o dedo numa tomada. Eu não sei por quê. Não era assim no começo. Quer dizer, eu podia sentir você mais do que as outras pessoas, mas, neste último mês, isso aumentou mil vezes. Quando estou com você, é como ser bombardeado... Sobrecarregado de emoções. Eu não consigo pensar direito, não consigo raciocinar. E se o nome de Lucas vem à tona, eu posso sentir suas emoções com relação a ele e... — Ele inspirou outra golfada de ar. — Talvez o que eu sinta seja até mais do que aquilo que você está sentindo, mas... Eu simplesmente não consegui lidar com isso. E não é só Lucas. Se você ficasse chateada com o seu pai, eu sentia a sua dor e queria matar o desgraçado. Eu não aguentava mais!

Ela recuou, esperando que alguns centímetros de distância o ajudassem.

— Por que você não me contou?

— Eu contei... ou tentei contar. Você simplesmente não me ouviu. Ah, que inferno! Eu provavelmente não deixei claro porque eu mesmo não entendia. Ainda não entendo... Só sei que estar perto de você me enlouquece... — Ele passou os dedos pelo cabelo outra vez. — Eu esperava que, quando voltasse, isso teria mudado.

— Mas não mudou?

Ele balançou a cabeça.

— Não.

— Você já perguntou a Holiday sobre isso? — A brisa agitava os cabelos molhados de Kylie e trazia com ela o cheiro de sol, como se a tempestade já tivesse passado. Seria

bom se a tempestade dentro dela também tivesse.

— Não. Eu não quero...

— Pedir ajuda a ela? — Kylie concluiu para ele.

Um facho de luz solar apareceu sorrateiramente por trás de uma nuvem baixa e a levou a piscar.

— Não é só isso. Eu não quero que ela tente entrar na minha cabeça para decifrar as minhas emoções. Eu vi coisas na mente de outras pessoas que elas não queriam que eu visse. Prefiro manter o que tenho na cabeça em segredo. É como ver alguém nu. — Ele deu um meio sorriso.

Ela tentou responder com um sorriso, mas não conseguiu. Primeiro, porque isso significava que o orgulho era mais importante para ele do que tentar resolver o problema. E, segundo, porque ela não conseguia deixar de pensar em quantas dessas emoções a que ele se referia eram sobre ela e quantas eram sobre Ellie.

— Ellie e eu somos praticamente amigos, agora — disse Derek, obviamente captando o ciúme dela.

*Praticamente*? Ela se perguntou como definir "praticamente" amigos? O beijo devia ter acontecido num dos momentos em que não foram "praticamente" amigos. Então ela se lembrou do beijo de Lucas e se sentiu culpada por julgar Derek.

Ela o fitou novamente.

— Você não tem que explicar.

Ele a estudou, e que Deus a ajudasse, porque ela sabia que ele estava analisando as emoções dela. Captando seu ciúme, seguido pelo fio de culpa, e então o sentimento de estar sendo injusta com ele. E ele provavelmente também estava deduzindo o que tinha acontecido.

Ele franziu a testa e deu um passo para trás como se estar muito perto dela lhe causasse dor.

— Então, você e Lucas...?

A culpa que ela tentou reprimir de repente provocou um grande nó em seu peito. Ela procurou o jeito certo de responder, então decidiu imitá-lo.

— Praticamente amigos.

A mágoa cintilou nos olhos dele, e ela sabia que ele tinha entendido exatamente o que ela queria dizer. Embora não tivesse dito aquilo para feri-lo, ela tentou se explicar.

— Eu ainda estou tentando entender o que sinto — ela disse, esperando amenizar o golpe, porque ela sabia exatamente como ele se sentia.

Inconscientemente, eles haviam feito a mesma coisa um ao outro.

Ele balançou a cabeça e encontrou os olhos dela, com uma expressão agoniada.

— Isso está me matando...

A dor nos olhos dele refletia suas palavras e o nó no peito de Kylie se apertou ainda

mais. As lágrimas que ela prometera não verter arderam em seus olhos de novo.

— A mim também. — Suas amígdalas pareciam ter inchado na garganta. — Tenho que ir. — Ela deu um passo para trás.

— Espere. Você não deveria ter uma sombra com você?

Por alguma razão, a pergunta dele a fez se lembrar do raio.

— Della está por perto.

— E ouvindo tudo... — Ele franziu a testa.

— Eu disse para ela não ouvir.

— Ah, claro. — O cinismo era evidente na voz dele.

Kylie deu outro passo para trás, mas a pergunta saiu antes que ela pudesse se conter.

— Por que você se ofereceu para ser minha sombra se acha tão difícil ficar perto de mim?

Ele esfregou o tênis na tábua de madeira da varanda.

— Porque a sua segurança é mais importante do que qualquer outra coisa. — Ele suspirou. — Mas talvez Burnett esteja certo. Estou envolvido demais. O fato de alguém querer ferir você me faz perder a cabeça... — Ele olhou para baixo e para ela novamente. — Além disso, você tem... outras pessoas que dizem sentir o mesmo. — O ciúme ecoou em sua voz.

Ela não sabia ao certo o que responder, então não disse nada.

— Você sabe que Brit, o investigador, não está por trás disso. Eu não sei como é que alguém chegou até ele.

Kylie se lembrou de Lucas acusando o detetive de fazer parte do complô.

— Eu não o culpo de nada. Sinto muito que tenha se ferido. Ele está bem mesmo?

Derek balançou a cabeça.

— Está.

— Ele se lembra de alguma coisa? — perguntou ela, esperando que tudo pudesse ser resolvido mais facilmente.

— Não. E isso é estranho. É quase como se ele tivesse a memória apagada. E não há muitas pessoas que podem fazer isso.

— Talvez só tenha batido a cabeça.

— É isso que o médico acha e que Burnett acredita, mas...

Ele passou outra vez a mão nos cabelos.

— Tenha cuidado, Kylie. Ouvi sobre o que aconteceu, sobre aquele cara, Mario e o neto. — Ele baixou o olhar. — Lamento não ter estado lá pra ajudar você...

— Você tinha que fazer o que Burnett mandou — disse ela, embora ela se lembrasse claramente de ter implorado para ele não ir embora.

— Estou falando sério sobre você ser cuidadosa. Acho que pode haver muito mais

por trás disso do que parece.

— Como assim? — perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

— Não sei explicar. Só me lembro de que, quando estava lutando com aquele vampiro no parque selvagem, naquela noite, ele me pareceu diferente. De um jeito muito estranho.

— Eu tive a mesma sensação — confessou.

— Tenha cuidado. — Ele estendeu a mão como fosse tocá-la, e em seguida puxou-a de volta.

— Pode deixar.

Ela o viu enfiar as mãos nos bolsos. Seus olhares se encontraram novamente, e Kylie precisou se segurar para não insistir que ele fosse falar com Holiday e tentar resolver o problema com respeito à reação exagerada às emoções dela. Em vez disso, ela se afastou. Algo lhe dizia que essa era a coisa certa a fazer.

Mas alguém poderia, por favor, dizer a ela por que fazer a coisa certa machucava tanto?

No momento em que Kylie chegou ao limiar da floresta, começou a correr, como se quisesse fugir da dor intensa em seu peito. Em alguns segundos, Della estava ao seu lado.

— Você está bem? — Seus pés batiam no chão no ritmo das passadas de Kylie.

— Não. — Kylie respondeu, e abaixou-se para passar embaixo de um galho de árvore.

— Aonde vamos? — Della perguntou alguns minutos depois, quando Kylie começou a seguir na direção oposta à da cabana.

— Quero correr — disse Kylie.

— Ok. — Della continuou ao lado dela.

Elas correram muito. Quando Kylie avistou a cerca que delimitava a propriedade de Shadow Falls, parou e desabou no chão.

Abraçando as pernas com os braços, descansou a testa nos joelhos. Seus pulmões faziam um esforço extra para inspirar o ar de aroma amadeirado, que ainda carregava o cheiro de chuva.

Della, nem um pouco ofegante, sentou-se ao lado dela. Os sons da floresta as rodeavam — um pássaro agitado nas árvores, alguma criatura não identificada fuçando os arbustos não muito longe dali. Mas Kylie ouvia, sobretudo, seu próprio coração disparado, o som do sangue jorrando nos ouvidos.

— Seu coração ainda está batendo rápido — comentou Della.

— Eu sei. — Kylie manteve o rosto abaixado.

— Ele estava dizendo a verdade.

Kylie sabia que Della estava falando de Derek.

— Eu sei.

— Tentei não ouvir, mas foi impossível. Pensei em me afastar um pouco mais, mas não estaria cumprindo o meu papel de sombra.

Kylie levantou a cabeça. Seu olhar se voltou para a cerca e ela percebeu onde estavam. Um pouco depois do arame farpado estavam as pegadas de dinossauros. E o riacho, onde Lucas a tinha beijado. Ela ficou pensando nisso por um segundo, porque pensar em Derek a deixava deprimida.

Então ela olhou para Della.

— Você ouve minhas conversas particulares, mas não me conta nada sobre você.

— Contar o quê? — Della perguntou, intrigada.

Kylie levantou uma sobrancelha.

— O que aconteceu enquanto você estava na casa dos seus pais? Eu sei que estava mentindo. E Miranda também sabe.

— Ah, isso. — Ela puxou uma longa lâmina de grama do chão e começou a enrolá-la no dedo.

Kylie achou que Della não ia responder, mas então...

— Eu fui ver Lee.

Kylie suspeitava que Della não tinha deixado de gostar do ex-namorado. Não que a vampira tivesse admitido.

— E então...?

— Ele está praticamente noivo de outra garota. Seus pais estão pressionando para que ele oficialize o namoro. Eles gostam dela. — A mágoa na voz de Della assemelhava-se à dor que Kylie sentia com relação a Derek.

Kylie abraçou os joelhos.

— Eu lamento muito.

— Não lamente — disse Della. — É melhor assim. Ele nunca poderia aceitar que sou uma vampira.

— Isso não quer dizer que não te magoe. — E Kylie sabia disso por experiência própria.

Della hesitou.

— Ela tem sangue cem por cento oriental. Não é nissei como eu.

— Ele disse isso? — Kylie realmente não gostava desse cara.

— Não exatamente, mas disse que os pais o pressionaram para que saísse com ela. E eu sei que eles não gostam de mim porque sou mestiça.

— Você precisa seguir em frente — disse Kylie.

— Estou fazendo isso. — Della jogou a folha de grama de volta no chão.

Era mentira, mas não adiantava dizer isso a Della. Kylie recostou-se e olhou para as árvores. A chuva recente umedecia as suas roupas, mas ela não se importava. O frescor caía muito bem no calor do Texas. Uma gralha azul voou de um galho e pousou em outro. As emoções de Kylie pareciam estar fazendo o mesmo.

Ela estudou o pássaro, tão feliz, tão inocente e livre de problemas. Della lançou um suspiro alto, como se ainda estivesse pensando em Lee.

— Steve gosta de você — disse Kylie.

— Não gosta, não.

— Gosta, sim. — Kylie olhou para Della. — Eu o vi olhando para você hoje, quando estávamos no refeitório. Você devia dar uma chance a ele.

— Se ele gosta de mim, vai me procurar.

— Não estou dizendo pra você se atirar em cima dele. Basta ser simpática. Mais acessível.

— Eu sou acessível — disse Della.

Tão acessível quanto uma cascavel, pensou Kylie.

Della pegou outra folha de grama e depois se deitou no chão, ao lado de Kylie. Seus ombros quase se tocavam.

— Não é fácil.

— Pode acreditar — disse Kylie. — Eu sei.

Elas ficaram deitadas no chão úmido durante longos minutos sem falar. A luz do sol filtrada pelas árvores criava sombras douradas cintilantes em toda a floresta. Através das folhas, Kylie via o céu salpicado com nuvens carregadas de uma variedade de tons de cinza. Sua mente dava voltas e de alguma forma acabou parando em Derek.

— Eu não posso acreditar que ele trouxe Ellie com ele. — A ideia de ver Derek com Ellie deixava o peito de Kylie oprimido.

— É, isso vai ser difícil. Quero dizer, se eu tivesse que ver Lee com a namorada, eu ia acabar matando alguém.

— Não, você não faria isso. — Kylie sentou-se, tirando o cabelo do ombro, e removendo alguns galhos pendurados. — Você faria exatamente o que eu vou fazer.

— O quê? — Della se sentou.

— Fingir que não dói e esperar que um dia não doa mais.

— Nada disso. Prefiro matar alguém. — Della se levantou e limpou a parte de trás da calça, onde a grama molhada havia se agarrado. Então olhou para Kylie. — Isso significa que você vai dar uma chance real a Lucas?

Kylie se levantou e deu alguns tapinhas no próprio traseiro para tirar a maior parte da grama.

— Quem sabe. Isso, se for o que ele quer também.

— Se for? Você não ouviu como ele ficou irritado com Burnett com a história de

servir de sombra pra você? Ele está super a fim. Quer dizer, eu sei que você está sofrendo por causa do Derek, mas ele não merece que você fique angustiada por causa dele. Você tem uma oportunidade com Lucas. Vá em frente.

Ela hesitou em dizer qualquer coisa, mas acabou não se contendo.

— Fredericka disse algo que fez parecer que a alcateia não quer que a gente fique junto.

— Não dê ouvidos a nada que aquela mocreia diz. Ela vai dizer qualquer coisa para separar você de Lucas.

Kylie concordou, sabendo que Della estava certa. Ou pelo menos esperava que estivesse.

O pássaro na árvore piou. Kylie olhou para cima e se perguntou se aquele seria um chamado de acasalamento. Será que as aves viviam a experiência do romance? Será que sofriam por causa de um coração partido? Ela tinha que admitir que ele parecia terrivelmente solitário na árvore. Quase tão solitário quanto ela.

— Vamos fazer um trato — disse Della. — Você dá uma chance a Lucas e eu dou uma chance a Steve.

Kylie sorriu.

— Está falando isso porque está preocupada comigo ou você apenas precisa de uma desculpa para ir atrás daquele metamorfo muito gato?

— Talvez sejam as duas coisas. — Della sorriu. — Temos um acordo?

Kylie refletiu e, mentalmente, parou de tentar se agarrar ao passado, consertar algo que parecia não ter conserto, e se abriu para novas possibilidades.

— Temos.

Della começou a andar, e Kylie deu um passo. Então o frio a envolveu. Ela se virou e viu o espírito de Jane Doe se materializar sob um raio de sol.

A mulher fixou os olhos em Kylie.

— *Você sabe?*

— Sabe o quê? — Kylie perguntou.

Della se virou.

— O quê? — Ela olhou para Kylie por um segundo e então murmurou: — Ah, meu Deus! De novo não. — Ela recuou. — Eu não estou com medo. Não estou. Sério, eu não estou.

Kylie ergueu a mão para silenciar Della e olhou para o espírito quando ela se aproximou.

— *Você sabe o que eu sou?* — Jane falou num tom abafado que parecia se esgueirar entre as árvores. A gralha azul na árvore piou muito alto.

— Não — disse Kylie. — Não sei.

Então o pássaro soltou um piado estranho e caiu, sem vida, aos pés do espírito.

# Capítulo Oito

— O que foi isso? — Della perguntou.

Kylie olhou para o pássaro. Ele não se moveu. Não fez um barulho. Será que...? Seu coração se apertou.

— Engula essa! Está chovendo passarinho morto. *Agora* eu estou realmente apavorada. Podemos ir embora, *por favor*?

O espírito olhou da gralha azul para Kylie.

— *Está morto?* — ela se ajoelhou e olhou para o pássaro. Quando olhou para cima, tinha lágrimas nos olhos. — *Está morto. Assim como eu. Assim como os anjos da morte avisaram. Alguém vive e alguém morre*.

— Ninguém vai morrer.

Kylie pegou o corpinho flácido do pássaro. Seu pescoço pendeu para um lado. Ela se lembrava de ter visto o pássaro tão cheio de vida apenas alguns instantes antes. O que tinha acontecido? Ela olhou para o espírito.

— Você o matou?

— Não, eu não o matei! — disse Della. — Espere, você não está falando comigo, não é? É um anjo da morte ou só um fantasma?

— *Não*. — Jane olhou em volta como se estivesse tão assustada quanto Della. Ela se aproximou. — *Os outros o mataram. Eles não são do bem.*

Kylie tremia com o frio fantasmagórico.

— Quem são os outros?

— *Psiu*. — O espírito levantou um dedo e o pousou sobre os lábios. — *Eles estão vindo*. — Então desapareceu no ar.

Della ficou para trás e continuou a olhar o pássaro fixamente. Kylie colocou as mãos em torno da gralha azul. Ela tinha curado Sara. Seria possível que fosse capaz de...?

Kylie fechou os olhos e tentou se concentrar em pensamentos de cura.

O pássaro começou a estremecer. Kylie abriu as mãos e suas asas se abriram. Suas penas, brancas e de um brilhante azul royal, ficaram sob um facho de luz do sol e refulgiram, então a ave arremeteu aos seus pés e voou para longe. Kylie o assistiu desaparecer sobre as copas das árvores, com emoções ambivalentes. Por um lado, ela tinha dado vida a alguma coisa, e isso era legal. Por outro lado... Bem, isso era muito estranho.

— Você fez o que eu acho que você fez? — Della perguntou. — Acabou de trazer aquele pássaro morto de volta à vida?

Kylie olhou para a amiga.

— Eu não tenho certeza.

De repente, o silêncio reinou na floresta. As palavras do espírito ecoaram na cabeça de Kylie. *Eles estão vindo*.

A ausência de barulho parecia ameaçadora.

Kylie olhou para Della.

— Por acaso você está sentindo alguém aqui?

Della farejou o ar.

— Não. Mas tudo está quieto demais.

— É melhor a gente ir — Kylie sussurrou.

— Não vai precisar pedir duas vezes.

Kylie correu atrás de Della, na esperança de fugir do silêncio, do sentimento de perigo e de outra constatação surpreendente sobre seus poderes.

— Tem certeza de que estava morto? — Holiday perguntou.

— Eu não ouvi a pulsação. — Kylie andava de um lado para o outro no escritório. — Mas os pássaros costumam cair das árvores inconscientes?

Holiday reprimiu um sorriso.

— Acho que não.

Por alguma razão, para a líder do acampamento a notícia não parecia nem de longe tão surpreendente quanto para Kylie.

Esta, ainda sem fôlego por causa da corrida, havia saído da floresta e ido direto falar com Holiday. Della, que levava a sério a sua incumbência de sombra, esperava do lado de fora.

— O fantasma estava lá. Você acha que a presença dele fez isso? Talvez não tivesse nada a ver comigo. O pássaro voltou à vida quando ele se foi. Então, talvez fosse só o espírito.

— Pode ser. Mas nunca ouvi falar que a presença de um espírito pode matar animais selvagens, ainda que temporariamente. Talvez o pássaro estivesse atordoado. Talvez tudo isso seja uma pista.

— De quê? — Kylie perguntou, frustrada.

— Da identidade do espírito, talvez.

Kylie parou em frente à mesa.

— Como um pássaro morrendo vai me revelar quem o fantasma é?

— Às vezes, os espíritos têm maneiras estranhas de se comunicar.

Kylie refletiu sobre algumas lembranças, em sua mente já confusa, e então se lembrou.

— Jane Doe não tem padrão cerebral. Nada. É uma mente em branco.

— Em branco? — Desta vez Holiday pareceu realmente intrigada.

— É. Eu ficava tentando me concentrar no padrão dela, achando que eu não estava...

vendo direito. Porque achava que todo mundo tinha padrão cerebral, como impressões digitais.

Kylie se deixou cair na cadeira em frente à líder do acampamento.

— Eu nunca vi uma mente em branco, mas...

— Acho que ela é sobrenatural. — Kylie mordeu o lábio.

— Por que você acha isso?

— Porque ela sabia sobre os anjos da morte.

Holiday pareceu refletir sobre isso.

— Ela provavelmente ouviu você falando sobre eles.

— Talvez. Mas... ela está realmente com medo de alguma coisa.

— Morrer pode ser assustador se você não estiver preparado.

— Acho que é mais do que isso — disse Kylie.

— Como assim?

— Eu não sei ainda. Mas é... alguma coisa.

— Espere. — Holiday pousou a mão sobre a mesa. — Você não me disse que ela tinha algum tipo de cicatriz na cabeça?

— Disse. — Kylie tocou a têmpora. — Ela tem pontos e sua cabeça está raspada.

— É provavelmente um tumor. Eu nunca vi ninguém com um, mas ouvi falar que tumores podem fazer coisas estranhas com o padrão cerebral.

— Mas um tumor pode fazê-lo desaparecer? — Kylie perguntou. — E por que ela ficou assustada quando perguntei o que ela era? Eu realmente acho que ela é sobrenatural.

— Eu não estou dizendo que ela não seja um de nós, mas... raramente nós, seres sobrenaturais, ficamos por aqui por muito tempo depois de morrer. Em todos esses anos em que lidei com fantasmas, só cruzei com três sobrenaturais.

— Mas o meu pai ainda está por aqui.

— Ele tinha uma razão muito boa para ficar. Cuidar de você.

Kylie colocou a perna sobre a cadeira e abraçou-a. Seus pensamentos desviaram-se do fantasma para o seu pai e depois para o fantasma novamente.

— Eu não sei... Alguma coisa nela é... diferente. Lembra que ela me disse que tinha mensagens dos outros?

— Isso não é incomum. Eu sempre vejo espíritos que me dizem alguma coisa sobre alguém. — Holiday rolou um lápis entre as mãos.

— Mas uma mensagem dos anjos da morte? — Kylie perguntou.

— Não, mas como eu disse, ela pode ter ouvido você mencionar os anjos da morte e simplesmente ficado confusa. Ela mencionou a mensagem de novo?

— Sim. Todas as vezes, como se fosse importante. — Kylie fez uma careta. — Ela vive dizendo que alguém vai viver e alguém vai morrer. E eu não gosto da parte do

“morrer” — disse, abraçando mais forte o joelho.

— Nem eu — Holiday concordou. — Mas como você já sabe, os fantasmas não se comunicam muito bem. Portanto, não entre em pânico. Basta continuar fazendo perguntas e procurando pistas.

— É possível que ela só esteja aqui para me transmitir essa mensagem?

— Dificilmente. É mais provável que o motivo seja outro.

Kylie franziu a testa.

— Então como, pelo amor de Deus, eu vou ajudá-la se ela nem se lembra de quem é?

Holiday apoiou o queixo na palma da mão.

— Eu acho que esse espírito pode ser um dos difíceis.

— Como se eu já tivesse visto algum fácil... — Kylie apertou os braços ao redor da perna. — Tem uma coisa que eu queria checar.

— O quê?

— O Cemitério de Fallen. Eu sei que você disse que ela poderia ter vindo de qualquer lugar, mas ainda acho estranho que tenha surgido no carro da minha mãe bem na frente dele.

Holiday franziu as sobrancelhas.

— Eu não vou dizer a você para não ir, mas cemitérios não são o melhor lugar para alguém que vê fantasmas. A esta altura você deve ser capaz de ver mais de um de uma vez, e muitos deles ficam perto de cemitérios por um longo tempo.

Kylie se lembrou.

— No enterro de Nana, eu tive uma dor de cabeça terrível.

— Provavelmente eram eles tentando se comunicar. E isso foi antes de você poder vê-los. Às vezes, eles podem se aproximar todos de uma vez e aí fica... difícil.

— Mas se essa é a única pista, eu tenho que tentar.

— Você não é obrigada — Holiday argumentou. — No começo, eu nunca me recusava a ajudar um espírito. Mas aprendi que às vezes você tem que dizer não para preservar a própria sanidade.

— Mas eles vão simplesmente continuar voltando.

Holiday inclinou a cabeça um pouco.

— Você não se lembra de que conversamos sobre como se fechar para eles?

Kylie franziu a testa.

— Eu me lembro, mas não domino muito bem essa técnica.

— Podemos praticá-la novamente, mas... — Holiday consultou o relógio. — Tenho um compromisso agora.

— Eu quero ajudar esse espírito. Ele tem alguma coisa especial. — Kylie podia não sofrer de amnésia, mas havia muito na sua vida que ela ainda não sabia..., coisas que queria saber.

Holiday assentiu com a cabeça.

— Eu entendo. E vou apoiar você independentemente do que decidir fazer. Apenas me avise antes de ir. Como Burnett já disse, você não pode ir a nenhum lugar sem uma sombra.

— Eu não estou gostando muito dessa coisa toda de sombra — disse ela.

— É só até vermos que rumo as coisas vão tomar.

Kylie mordeu o lábio, lembrando-se das outras coisas que precisava discutir com Holiday. Todas aquelas questões sobre ser capaz de curar e de ser protetora.

Sem mencionar as perguntas que queria fazer sobre o efeito avassalador que tinha sobre as emoções de Derek.

E havia também... Ela nunca iria se livrar das sombras se confessasse suas outras preocupações! Mas não discuti-las era idiotice. E Kylie não era idiota.

— As nossas câmeras de segurança são capazes de detectar... metamorfos?

Holiday se inclinou para a frente.

— Tenho certeza de que são. Por quê?

— Provavelmente não é nada, mas aconteceram algumas coisas. Pode ser que não seja nada demais, mas não é essa a impressão que eu tenho.

Holiday parou de rolar o lápis nas mãos.

— Que tipo de coisas?

— Quando saí para voltar à cabana, topei com uma cascavel, mas eu não a vi até que uma águia desceu do céu e a agarrou. Foi estranho.

— Ela foi atrás de você? — A preocupação obscureceu os olhos verdes de Holiday.

— Não, não teve chance. Mas a coisa toda foi simplesmente estranha.

— Estranha como?

— A águia simplesmente desceu do céu. — Kylie de repente sentiu como se estivesse exagerando.

Holiday acrescentou:

— Há muitas cascavéis nesta época do ano e concordo que ver uma águia arremetendo pode ser...

Kylie não esperou que Holiday continuasse.

— E então, quando eu comecei a... correr pelo bosque, um cervo, um macho imenso, surgiu no meu caminho. Eu parei e, uma fração de segundo depois, um raio atingiu uma árvore um pouco adiante de onde ele estava. Se o cervo não tivesse bloqueado o meu caminho, eu poderia ter sido atingida.

Holiday franziu a testa.

— Eu não estou gostando nem um pouco dessa história.

— E o cervo e a águia, eles... olharam bem pra mim como se estivessem tentando me dizer algo.

Holiday franziu a testa.

— Você acha que pode se comunicar com os animais?

— Não. Eu acho que não. Eles pareciam malévolos.

Holiday inclinou a cabeça para o lado, intrigada.

— O cervo e a águia pareciam malévolos?

Quando Kylie confirmou com a cabeça, Holiday pareceu ficar mais perplexa e preocupada.

— Com essas coisas estranhas acontecendo, eu não posso acreditar que seja tudo pura coincidência. Mas, se estou entendendo, tanto a águia quanto o cervo pouparam você de se machucar. Como poderiam ser malévolos? Se fizeram alguma coisa, foi proteger você.

Kylie puxou um punhado de cabelo por sobre o ombro e o torceu.

— Eu sei que não faz sentido, mas foi o que pareceu.

Holiday colocou o lápis sobre a mesa e pegou o telefone.

— É melhor avisar Burnett... Não. — Ela largou o telefone. — Burnett foi a uma reunião com a UPF. Eu não quero incomodá-lo agora, mas vou falar sobre isso assim que ele voltar.

Kylie ouviu a porta da frente da cabana se abrir.

Holiday olhou para o relógio e franziu a testa.

— Eu tenho outra reunião, mas precisamos conversar mais sobre isso. Você pode esperar até que eu termine para que possamos continuar nossa conversa?

— Eu posso voltar mais tarde — disse Kylie, sem querer ficar mais tempo ali no escritório. Ela ia se sentir como uma criança enviada para a diretoria. — Ah, Burnett ainda precisa das fotos do meu pai? Se não, eu gostaria de ficar com elas.

— Ele está fazendo testes para ver se são originais ou cópias. Só deve precisar de mais alguns dias.

— Oi — soou uma voz feminina desconhecida por trás de Kylie. — Me desculpe. Eu não sabia que você estava com alguém aqui. Eu posso esperar no...

— Tudo bem — disse Holiday.

O coração de Kylie deu um salto quando ela reconheceu a morena como a garota que estava beijando Derek na foto do celular de Della.

— Kylie — Holiday apresentou-a, — esta é Ellie Mason. Ela acabou de se matricular em Shadow Falls.

Hora da encenação, pensou Kylie. Hora de tempo para fingir que não doeu. Ela forçou um sorriso.

— Oi.

— Você é Kylie Galen?

Kylie concordou com a cabeça, sem saber o que esperar.

— Derek me contou de você. — Ela sorriu, e então apertou as sobrancelhas para verificar o padrão cerebral de Kylie. — Uau! Você realmente tem um padrão estranho.

Ellie fez uma cara engraçada como se estivesse constrangida.

— É — disse Kylie. — Todo mundo diz isso. — Seu sorriso forçado se desvaneceu.

— Sinto muito — disse Ellie. — Eu não quis ser rude. Derek só tem coisas boas pra dizer a seu respeito.

— Não acredite em tudo que ele diz. — Kylie tentou suavizar o tom de voz, porque se sentia muito mal por não gostar da garota. Mas como ela poderia gostar de Ellie quando tudo o que podia pensar era que ela provavelmente era uma das quatro meninas com que Derek tinha transado? Então ela se perguntou se aquele beijo era tudo o que tinha acontecido na Pensilvânia.

— Eu sempre acredito em Derek. Especialmente quando se trata de pessoas. — Ellie deu outro passo para dentro da sala.

Kylie odiava admitir, mas Ellie era bonita. Olhos azuis, cabelos castanhos abundantes e covinhas no rosto. A garota abriu um sorriso sincero.

— Derek não costuma exagerar. E por ser meio *fae*, ele sabe avaliar o caráter das pessoas. Se gosta de alguém, é porque essa pessoa merece.

Kylie queria poder discordar. Não tanto porque não se considerasse merecedora do afeto de Derek. Mas porque, obviamente, ele se importava com Ellie a ponto de trazê-la de volta a Shadow Falls, o que significava que Ellie era uma pessoa que valia a pena.

Kylie se sentiu envergonhada novamente por pensar mal de Ellie e tentou reprimir o sentimento.

— Talvez quando me conheceu seu lado *fae* estivesse de folga. — Ela tentou acrescentar um pouco de humor ao comentário e se levantou. — Eu preciso ir.

— Kylie, que tal se eu for à sua cabana daqui a cerca de meia hora? — Holiday perguntou, a preocupação aprofundando o seu tom de voz.

Kylie acenou com a cabeça, concordando.

— E tenha cuidado! — Holiday disse.

— Terei. — Kylie parou quando se aproximava de Ellie. — Bem-vinda a Shadow Falls — ela disse, tentando de fato desejar isso a ela.

— Obrigada — disse Ellie.

— Será que a minha audição de vampira está com defeito?! Você disse mesmo, "Bem-vinda a Shadow Falls"? — Della perguntou, com sarcasmo, quando Kylie saiu da cabana. — Eu teria dado um soco naquela safada.

— Não, você não teria. — Kylie notou que a tempestade tinha passado.

— Talvez não, mas gostaria de dar. — A preocupação deixou os olhos de Della sombrios.

— E você acha que eu não gostaria? — As inseguranças cresciam no peito de Kylie. — Ela é bonita, não é?

— Não — disse Della, mas Kylie sabia que era mentira. Ellie era bonita e agradável e provavelmente tinha feito sexo com Derek.

O peito de Kylie ficou oprimido com um ciúme indesejado, e sua mente criou uma imagem de Ellie e Derek juntos. Eles se beijando... Eles...

Ela começou a andar em direção à sua cabana. Andar rápido. Della ficou ao lado dela o tempo todo, mas deve ter percebido o humor de Kylie, porque não disse mais nada.

Kylie foi até a cabana sem falar, mas, assim que pisou na varanda, olhou para Della.

— Você acha que eles fizeram sexo?

— Eu... — Della fez uma careta.

— Eu sei que eu não devia me importar. Mas acho que me importo. Droga! Por que parece que tudo gira em torno de sexo? Estou começando a odiar sexo e nem experimentei ainda. Essas imagens ficam girando na minha cabeça. É como um filme pornô que eu não consigo parar de assistir...

Della apertou a mão sobre a boca de Kylie e desviou o olhar para um ponto sobre o ombro dela.

Kylie estendeu a mão e tirou a mão da amiga dos lábios.

— Tem alguém atrás de mim? — Ela rezou para a resposta ser não.

O sorriso maroto de Della fez Kylie ter certeza de que sua oração não tinha sido atendida.

Ela engoliu em seco de vergonha e tentou imaginar qual seria a pior pessoa possível para estar atrás dela. Ellie? Derek? Não. Ela fitou os olhos de Della e murmurou a palavra *Lucas.*

*Por favor. Por favor. Por favor, que não seja Lucas.*

Della fez que sim com a cabeça. Kylie reprimiu um gemido. Ainda não estava pronta para enfrentá-lo, então olhou para o bosque. Em meio ao labirinto de árvores, viu o Sol se deitar no horizonte. Quem dera pudesse segui-lo e desaparecer também.

— Pode nos dar um minuto? — A voz de Lucas veio de algum ponto atrás do ombro de Kylie.

Sabendo que era inevitável, ela se voltou. Seu rosto ardeu, quando se lembrou do seu comentário sobre o filme pornô e toda aquela conversa sobre odiar sexo. Que ótimo! Ele tinha ouvido tudo.

— Não vai dar — Della respondeu. — Eu sou a sombra dela.

— Bem, digamos que eu esteja assumindo o posto — disse ele, quase rosnando.

— Está tudo bem — Kylie disse para Della.

Della franziu a testa.

— Se algo acontecer com ela no meu turno, juro que arranco esse seu rabo lupino.

— Nada vai acontecer. — Os olhos azuis dele escureceram e, em torno das bordas, Kylie viu um brilho laranja incandescente que indicava raiva.

Kylie não podia deixar de se perguntar se ela era direcionada a Della ou...

— Tudo bem. — Della entrou na cabana batendo o pé. E bateu a porta com tanta força que toda a varanda estremeceu.

Kylie olhou para o lobisomem. Ele ainda parecia meio chateado.

— Vamos dar uma volta — disse ele.

Kylie lembrou como todo o corpo de Lucas tinha enrijecido quando ela defendera Derek. Será que ele estava com raiva dela, também? A ideia de magoá-lo depois de ele ter arriscado a vida para salvá-la embrulhou seu estômago. Ele não merecia aquilo, e Kylie não tinha intenção de magoá-lo. Mas Derek também não merecia ser acusado por tentar ajudá-la.

Ele deu um passo para fora da varanda e olhou para trás.

Os olhos dele tinham uma tonalidade laranja brilhante agora. Kylie se lembrou de que um tempo atrás ela se assustava ao ver um lobisomem furioso. Quer dizer, ela se lembrava de uma época em que nem mesmo acreditava que lobisomens existiam, estivessem furiosos ou não.

— Você vem? — Lucas perguntou.

# Capítulo Nove

Ela poderia dizer não, mas não queria. Então o seguiu. O Sol tinha se posto, embora sua luz ainda brilhasse no céu. Porém, quando entraram na floresta, sob a copa das árvores, o que restava da luz do dia se desvaneceu na penumbra. Eles caminharam em silêncio.

Ela se lembrou da ave morta e do anúncio do fantasma de que havia alguém lá fora, à espreita. A sensação de medo roçou o pescoço de Kylie. Era quase como se ela pudesse sentir o bafo quente de algo malévolo em sua nuca, então passou a mão ali para tentar dissipar a sensação. Tudo parecia cada vez mais escuro.

— Deveríamos estar nos embrenhando na floresta? — Ela ouviu um barulho e olhou à sua esquerda. Então colidiu com as costas de Lucas, sem perceber que ele tinha parado. Ele se virou e ela o viu levantar a cabeça, como se estivesse farejando o ar.

— Você está com medo de mim? — perguntou ele.

Mesmo na penumbra ela podia ver uma expressão de raiva no rosto dele.

— Não. Estou com medo de... outras coisas. — Ela não sabia como definir essas coisas.

— Está com medo de que Derek saiba que está comigo? — Seu tom era de acusação.

— Não.

Ele se virou e recomeçou a andar. Ela acompanhou seus passos. Então ele parou abruptamente e olhou para ela.

— Eu disse que teria paciência e terei, mas você não vai me fazer de otário.

— Eu não estou fazendo você de otário — ela protestou.

— Você defendeu Derek.

— Eu apenas declarei os fatos. Você estava errado em culpar Derek. — Sua garganta se apertou novamente. Ela tinha lutado contra as lágrimas o dia todo, e dessa vez, quando elas formaram um bolo em sua garganta, não conseguiu reprimi-las.

Kylie se virou, na esperança de poder contê-las antes que Lucas as visse. Mas quando ela passou a mão no rosto para secá-las, ele pegou a mão dela. O modo imperceptível como conseguiu girar o corpo até ficar de frente para ela, sem fazer nenhum som, era enervante.

Ele soltou um profundo suspiro.

— Eu não queria te deixar triste, é só que...

Ela tentou dizer que não era por causa dele que estava chorando, mas a preocupação em sua voz fez o nó em sua garganta duplicar de tamanho. No minuto seguinte ela estava com a cabeça em seu peito, as lágrimas e soluços quase silenciosos abafados pela camisa azul-clara e seu peito irradiando calor.

Os braços de Lucas estavam em volta de Kylie e ela sentia seu queixo sobre a cabeça dela. Ela se sentia segura. Segura e mais alguma coisa... Ela se sentia valorizada. O

modo como os braços dele a aninhavam, como cada centímetro dele a envolvia... Tudo o que ela queria era ficar ali. Saborear o momento.

— Sinto muito — ela murmurou, com o rosto ainda enterrado contra ele. — Eu não devia estar ensopando a sua camisa.

— Acabou? — Os lábios dele fizeram cócegas no topo de sua cabeça.

— O quê? O choro? — Ela ainda não estava pronta para se afastar daquela muralha de músculos ou dos braços em volta dela. Nem estava pronta para deixar que ele a visse com o rosto todo vermelho e com cara de choro.

— Não. Você e Derek. — Seu tom se aprofundou, e ela sentiu que era difícil para ele até fazer a pergunta.

— Sim. — Ela assentiu com a cabeça, ainda encostada a ele.

Os braços dele a estreitaram um pouco mais. Ela quase suspirou, com a sensação boa que isso lhe causava.

— Então você pode ensopar a minha camisa à vontade — disse ele, enquanto a sobrecarga de raiva desaparecia da sua voz. — Eu não tenho muitas regras, mas essa é uma delas. Só garotas não comprometidas podem molhar a minha camisa.

Ela riu.

— É um sorriso isso que eu sinto contra o peito? — Os lábios dele agitaram o cabelo de Kylie.

— É um sorriso lambuzado de ranho. — Ela enfiou a mão entre os corpos colados e passou a mão no rosto antes de olhar para cima.

— Eu aposto que ainda assim é bonito.

Ela se afastou um centímetro, e à luz do bosque sombrio, sentiu os olhos dele sobre ela.

— Você pode perder a aposta. — Ela queria cobrir o rosto, mas se sentiria muito tola fazendo isso.

— Você está certa, eu teria perdido. — Ele riu. — Chorando você não fica tão bonita.

Ela golpeou o peito sólido, com a palma da mão. Ele riu de novo.

— Vamos. — Ele entrelaçou os dedos nos dela e começou a andar novamente, embrenhando-se na floresta. Com os sons da noite ao seu redor, ela apurou os ouvidos e esperou que tudo ficasse em silêncio... que algo ruim, de repente, aparecesse.

Ela deu um leve puxão na mão dele.

— Vamos voltar para o outro lado.

Ele se virou e analisou-a.

— Do que você tem medo?

— Quando sairmos do bosque, eu digo. — Ela tentou minimizar o pavor que sentia em suas entranhas.

Ele franziu a testa.

— Eu não vou deixar nada te machucar.

— Eu sei, mas eu me sentiria melhor se fôssemos por aquele caminho. — Ela acenou com a cabeça na direção da clareira.

— Tudo bem. — Ele começou a caminhar nessa direção. — Mas comece a falar. Por que está com medo? Ainda é por causa do casal de velhos?

— Não. — Ela desejava poder ver a clareira à sua frente, mas a noite parecia se fechar sobre ela.

De repente, algo escuro passou sibilando por baixo de uma árvore. Kylie cambaleou para trás e puxou Lucas com ela. Seu coração quase saiu pela boca. Ela apertou a mão dele e, com todas as forças, começou a correr. Ele correu com ela. Eram duas pessoas se deslocando juntas, num só movimento sólido e fluido, a mão dele apertando a dela.

Assim que eles chegaram à clareira, Kylie parou, se inclinou para a frente e buscou com toda força suprir de oxigênio os pulmões.

Por fim endireitou o corpo e olhou para ele. Sobre o emaranhado de árvores, a noite ainda não havia caído por completo e ela pôde ver as feições de Lucas.

Ele ficou ali parado, olhando para ela. Não estava lutando para respirar nem segurava o estômago como ela. Caramba! Ele nem sequer parecia sem fôlego!

A curiosidade era evidente nos olhos dele.

— Foi só uma águia.

— Foi?

Ela olhou para o céu, matizado com as últimas cores do pôr do Sol, e rezou para que o pássaro não os tivesse seguido. Felizmente, só umas poucas estrelas brilhavam na noite. Nenhuma águia. Pelo menos não que ela pudesse ver.

— Será que ela nos seguiu? — Kylie perguntou, lembrando que ele podia enxergar melhor do que ela.

— Não. — Ele a observou. — Alguma coisa aconteceu, não foi?

— É. Talvez. Só umas coisas estranhas. — Ela percebeu que ainda segurava a mão dele. Embora a temperatura ambiente fosse amena, o toque quente era agradável. Ele aquecia a palma da mão dela de um jeito bom, como uma xícara de chocolate quente, transmitindo-lhe uma sensação de conforto. Embora seu toque não possuísse a magia de um *fae* para acalmar o seu medo, ele produzia esse efeito nela.

— Vamos. — Ele voltou a correr. Rápido. Cada vez mais rápido.

Toda vez que ela se obrigava a aumentar o ritmo para alcançá-lo, ele o aumentava também.

Então ele olhou para ela como que para ter certeza de que ela não estava excedendo suas forças para acompanhá-lo. Ela tinha a sensação de que ele a testava, querendo saber até que velocidade ela conseguia correr.

— Para onde estamos indo? — perguntou Kylie, que mal conseguia falar.

— Para o riacho. — A voz dele soou inalterada.

O ritmo da corrida continuou aumentando. Querendo impressioná-lo, e esquecendo tudo sobre a águia, ela se obrigou a continuar. Finalmente, ele parou. Despreparada para a parada abrupta, ela continuou avançando. Sentiu então um puxão no braço, quando ele segurou a mão dela, e um braço envolvendo sua cintura.

Sem forças e desequilibrada, ela caiu sobre ele e os dois desabaram no chão. Não doeu, ou pelo menos não em Kylie, porque ela aterrissou em cima dele.

— Tudo bem? — ela perguntou, com coração ainda aos pulos e o peito subindo e descendo enquanto ela arfava. Quando seus pulmões expandiram-se novamente, ela se deu conta da maneira íntima com que seu corpo descansava sobre o dele.

Ele riu.

— Se eu estou bem? Você é que não consegue respirar. — Ele passou os braços em torno dela e pousou as mãos em sua cintura.

— Eu consigo... respirar. — Ela riu. Um contentamento quente a preencheu e ela percebeu que gostava da companhia dele. Gostava de estar tão perto, talvez até demais.

Ela podia sentir cada centímetro do corpo dele sob o seu, e isso deixava ainda mais difícil respirar. Ela rolou o corpo para longe do dele. A terra e a grama sob as costas provocavam uma sensação de frescor, especialmente depois de todo calor que Lucas irradiava.

Os sons da noite, os grilos e alguns pássaros cantavam em torno deles. Ela olhou através da cortina de cabelos para o céu azul-escuro e fixou o olhar numa estrela que cintilava no céu.

— Estou impressionado. Não sabia que você podia correr assim. — Ele se deitou de lado, apoiando a cabeça na mão, e tirou os cabelos do rosto dela.

— É. — Uma palavra foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Kylie piscou e olhou para o rosto do lobisomem. Mesmo à noite, ela podia ver e apreciar os ângulos e linhas do rosto dele. Era um rosto totalmente masculino. Sempre fora, mesmo quando ele tinha 7 anos de idade. Mas agora, com uma leve sombra de barba, parecia bem atraente.

A vontade de tocar o rosto de Lucas, de correr as pontas dos dedos pela barba por fazer, passou pela cabeça dela.

Ela inspirou, com os pulmões ainda implorando por oxigênio. De repente, o som de água corrente nas proximidades preencheu seus sentidos.

— A gente está... ? — Ela levantou a cabeça e percebeu que tinham chegado ao riacho, no ponto em que ela tinha levado a mãe no dia que perguntou sobre Daniel.

A tristeza se esgueirou através dela quando se lembrou de que poderia não ver mais o pai. Ela tentou não pensar nisso e não deixar que a felicidade daquele momento se

desvanecesse.

— Batemos algum recorde. — Ela percebeu o quanto eles tinham corrido.

— Há quanto tempo você sabe que pode correr assim? — ele perguntou.

— Só desde que cheguei aqui. Mas estou ficando mais rápida.

Ele pegou uma mecha do cabelo de Kylie e deixou-a deslizar pela palma de sua mão. Seu rosto estava a poucos centímetros do dela. Ela o viu franzir as sobrancelhas para verificar seu padrão.

— Ainda é um mistério — disse ela.

Ele encontrou os olhos dela.

— Você nem sequer suspeita o que é?

Ela franziu a testa.

— Bem que eu gostaria.

Ele puxou uma longa folha de grama do chão e girou-a nos dedos. Então olhou por cima do ombro para a meia-lua.

— Quando eu era criança e morava na casa ao lado da sua, costumava pular a cerca do seu quintal quando me transformava e observá-la através da janela do seu quarto. Vivia na expectativa, querendo saber em que você ia se transformar.

— Você me espiava pela janela?

Ele sorriu.

— Não que eu quisesse vê-la nua ou coisa assim. Você quase sempre usava aquele camisolão da Pequena Sereia. — Ele deixou escapar uma risada. — Você parecia um anjo. Às vezes eu ficava lá metade da noite pensando que você ainda podia se transformar.

Ela fitou os olhos dele.

— Você achava que eu era um lobisomem?

— Eu tinha esperança. — Ele tocou a ponta do nariz dela com a folha de grama. Então deslizou-a sobre os seus lábios. Fazia cócegas e ainda assim parecia um gesto sedutor. Ele continuou olhando para ela como se ainda estivesse se lembrando. — Eu queria correr no bosque com você. Para mostrar o quanto podia ser rápido. Levá-la ao meu lago favorito, para que pudéssemos apostar corrida na primavera, sob a luz do luar.

— Você ainda espera que eu seja um lobisomem?

Ele hesitou.

— Espero. Provavelmente não devia dizer isso, mas, sim, espero. Ficaria tudo mais fácil.

— O que ficaria mais fácil? — ela pensou no que Fredericka tinha dito.

— Tudo. — Ele voltou a passar a folha de grama pelos lábios dela. — Eu não teria que ficar longe de você quando me transformasse. Nós poderíamos caçar juntos. Você

estaria comigo quando eu liderasse a alcateia.

O pensamento de caçar e matar animais selvagens não lhe agradava nem um pouco, nem estar no mesmo bando de lobos que Fredericka, mas ela tentou não deixar transparecer.

— Seríamos uma bela equipe.

— E se eu não for um lobisomem?

Ele sorriu, mas só por um segundo, e ela pensou ter visto decepção nos olhos dele.

— Ainda assim seríamos uma bela equipe — disse ele.

— Será que todo mundo pensa assim? — ela perguntou, sem querer falar de Fredericka.

— O que está querendo dizer?

— Nas últimas vezes em que estivemos juntos, alguém da alcateia sempre apareceu para vir buscá-lo como se não quisessem que você ficasse comigo.

— Não é nada disso — disse ele.

— Tem certeza?

Ele fez cócegas nas bochechas dela com a grama.

— Confie em mim.

— Eu confio em você.

— Você não me disse do que tem medo.

Ela mordeu o lábio. Lucas passou a lâmina de grama nos lábios dela.

— Comece a falar.

Ela lhe contou sobre a águia e a cobra e, em seguida, sobre o cervo enorme e o relâmpago.

Ele franziu a testa.

— Você acha que Derek pode estar fazendo isso? Ele se comunica com os animais.

— Não. Derek não faria isso.

— Você diz isso como se confiasse nele. — O tom de Lucas ficou mais ríspido.

— Eu confio. Por favor, não me entenda mal. Acabou tudo entre a gente, mas eu sei que ele não tentaria me ferir e nem me assustar. Ele se preocupa comigo.

— E você com ele? — Os olhos de Lucas passaram do azul até quase laranja.

— Sim. Mas, mesmo assim, acabou. — Ela sabia que ele não gostava de ouvi-la dizer aquilo, mas pareceu entender. Por uma fração de segundo, ela se perguntou quanto tempo levaria até que ela conseguisse entender aquilo também.

Ele olhou outra vez para a Lua.

— Se não é Derek, então quem é?

— Acho que Holiday e Burnett acreditam que Mario e Ruivo estejam por trás disso. E que enviaram os impostores que se passaram pelos meus avós. Mas Della disse que eles são vampiros, não metamorfos e então não poderiam estar fazendo isso eles

mesmos.

— Talvez Mario tenha um metamorfo trabalhando pra ele. Embora seja incomum que duas espécies trabalhem em conjunto desse jeito. — Ele colocou uma mecha de cabelo dela atrás da orelha. — Eu não vou mais deixar aquele cretino encostar um dedo em você.

Kylie sabia que, na verdade, Lucas não tinha como manter essa promessa, mas gostava de ouvi-lo falando assim. Então, por ter se sentido tão à vontade conversando com ele, ela lhe contou sobre o fantasma e o pássaro caindo da árvore.

Ele pareceu preocupado.

— Você acha que ela é um anjo da morte? — Lucas evidentemente ficou mais perturbado com o fantasma do que pelo fato de Kylie ter trazido à vida um pássaro morto.

— Não, mas acho que ela é sobrenatural.

— Você checou o padrão dela?

— Esse é outro problema. Ela não tem um padrão.

— Todo mundo tem um padrão — disse ele.

— Mas ela não tem. Antes de desaparecer, ela me disse que havia outros ali.

— Que outros? Mais fantasmas? — Lucas olhou em volta.

— Eu não acho que ela quis dizer fantasmas. Deu a entender que eram seres malévolos.

— E os fantasmas não são? — ele perguntou, incrédulo.

— Na verdade, não. Pelo menos nenhum que eu tenha conhecido.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não consigo me imaginar falando com um deles.

Ela hesitou antes de responder.

— Foi difícil no começo. Ainda é estranho, mas não tão ruim. — Ela encontrou os olhos dele. — Mas também não consigo me imaginar me transformando em lobo.

Ele sorriu.

— É muito fácil. Espero que você descubra isso por si mesma, também.

Ela refletiu sobre o fato de que ele realmente queria que ela fosse um lobisomem. Embora não tivesse intenção de desrespeitar a espécie, não tinha tanta certeza se queria o mesmo que ele.

— Eu ouvi dizer que você passou por algumas oscilações de humor no mês passado. — Seu olhar baixou para os seios dela. — Também sofreu mudanças hormonais como as fêmeas de lobisomem.

Sim, ela estava um centímetro mais alta e usando sutiã e sapatos um número maior. Mas isso não seria tão estranho se não tivesse acontecido da noite para o dia. E ela não gostava que a lembrassem disso. Sentiu o rosto ficando vermelho.

Tentou disfarçar o embaraço.

— É verdade, mas também há muitas evidências de que eu não sou um lobisomem. De acordo com Holiday, os lobisomens raramente veem fantasmas. Eles começam a se transformar quando são muito jovens e não têm sonhos lúcidos.

Um leve sorriso apareceu nos olhos dele e, droga!, ela sabia exatamente no que ele estava pensando: no sonho. Aquele em que eles nadavam praticamente nus e...

— Acho que vamos ter que esperar ainda algumas semanas, até que a Lua esteja cheia.

Ele passou a folha de grama sobre os lábios dela novamente e depois no queixo. Ela quase parou de respirar quando ele deslizou a folha pelo vale entre os seios, acima do decote da blusa. Era só uma folha de grama, mas era como se fosse o dedo de Lucas, pela doce sensação que se espalhou pelo seu peito.

Ele se inclinou, seus lábios a centímetros dos dela.

— Eu tenho um pedido.

— O quê...? — Ela mal conseguia pensar, muito menos falar.

Ele deslizou a folha de grama pelo rosto dela e depois pela testa.

— Quando você fechar os olhos e aquelas imagens aparecerem na sua mente...

Suas palavras a lembraram do que ele a ouvira dizer a Della sobre o filme pornô. Seu rosto ficou quente de novo.

— Eu quero que o filme que veja em sua mente seja de nós dois. Apenas de nós dois. De mais ninguém.

Ela sentiu o calor do hálito de Lucas, então, por um segundo ele encostou a boca nos lábios dela. Logo em seguida ficou de quatro, levantou-se lentamente, com um rosnado baixo no fundo da garganta, enquanto observava a linha das árvores.

Ela ficou de pé.

— O que foi?

Ele olhou para ela, os olhos faiscando com um brilho laranja incandescente.

— Vem vindo alguém.

# Capítulo Dez

O coração de Kylie acelerou.

— Não é melhor a gente correr?

— Não. — A postura defensiva de Lucas relaxou. — É só...

— Eu — soou uma outra profunda voz masculina.

Kylie reconheceu a voz antes de ver Burnett de pé atrás dela. Mesmo na escuridão, ele estava perto o suficiente para ela reconhecer o olhar de descontentamento em seu rosto. Os olhos dele não estavam brilhando, então não havia nenhum perigo, mas tudo em sua expressão dizia que Burnett não estava satisfeito. E olhava diretamente para ela.

O que será que o deixara tão contrariado?

Ele chegou mais perto e sua figura pareceu ainda mais imponente.

— Holiday está...

Bastou as duas palavras para Kylie obter sua resposta.

— Merda! Esqueci! Holiday ia à minha cabana. Sinto muito.

— É isso aí — confirmou ele. — E ela realmente ficou preocupada quando não conseguiu encontrar Della, que devia ser a sua sombra. — Ele voltou o olhar para Lucas, e sua carranca piorou um pouco mais.

— Onde está Della? — Kylie perguntou. — Ela está bem?

— Está. Ela e Miranda tinham ido dar um mergulho. Mas nada disso teria acontecido se alguém não tivesse insistido para que ela deixasse de lado os seus deveres de sombra.

— É culpa minha — Kylie se adiantou.

— Não é culpa de ninguém. — Os ombros de Lucas enrijeceram. — Eu não teria deixado nada acontecer a Kylie.

— A questão não é essa! — rosnou Burnett. — Tendo em vista a sua afiliação com a UPF, você, mais do que ninguém, deveria entender a importância de seguir o protocolo. Eu atribuí a Della a incumbência de ser a sombra de Kylie, e você não tinha nenhum direito de contrariar as minhas ordens. E, fazendo justamente isso, você causou esta situação.

— Eu não teria que ter contrariado suas ordens se você tivesse atribuído essa incumbência a mim, desde o início, como eu pedi. E, considerando a minha afiliação, você devia confiar em mim para protegê-la.

Kylie olhou de Burnett para Lucas e depois de volta para o primeiro.

— Quem se esqueceu de Holiday fui eu. Se tem alguém culpado aqui...

— Mas fui eu que procurei você — retrucou Lucas, recusando-se a deixá-la assumir a culpa. Ele olhou de volta para Burnett, os olhos começando a mudar de cor.

Uma coruja piou na floresta. A meia-lua pareceu ficar mais brilhante enquanto os

dois, vampiro e lobisomem, se enfrentavam com o olhar.

Burnett foi o primeiro a piscar, não por fraqueza, mas como se estivesse se preparando para expor o seu argumento.

— Confiança é algo que se conquista. Seu excesso de confiança não é nada útil à UPF.

— O meu excesso de confiança só é menor que o seu — disse Lucas. — E eu acho que essa é parte da razão por que a UPF está interessada em mim.

— Talvez. Mas a linha que separa o espírito indomável do arrogante é muito fina. E arrogância não é algo que a UPF aceite.

Burnett puxou o celular do bolso e apertou um botão.

Kylie viu Lucas apertar a mandíbula, e ela sabia como era difícil para ele ser repreendido por Burnett, especialmente na frente dela.

Lucas olhou para longe, mas não antes de Kylie ver seus olhos brilhando de raiva. Mas então ele disse:

— Lamento se causei problema. — Ele podia estar irritado, mas estava disposto a admitir o erro.

Burnett assentiu com a cabeça e falou ao telefone.

— Holiday, eu a encontrei. Ela está bem... Sim. Já vou. — Ele desligou e voltou a fitar Lucas. — Eu encontro com você no escritório num minuto. Preciso falar com Kylie.

Lucas fitou os olhos dela, como se perguntasse se ela ficaria bem indo com Burnett. Kylie assentiu com a cabeça.

— Te vejo depois.

Ele disparou e em segundos era apenas uma pequena mancha deslocando-se entre as árvores banhadas pela luz da Lua. Burnett o seguiu com os olhos até vê-lo desaparecer e, em seguida, olhou para Kylie.

Ela falou antes do vampiro.

— Eu não deveria ter me esquecido que Holiday ia passar na minha cabana.

— Tem razão. Mas Lucas não deveria ter pedido para você se afastar da sua sombra sem me consultar.

— Ele não é arrogante como você disse. — Ela franziu a testa.

— Sim, ele é. — Burnett deu uma risadinha. — Mas eu também era quando tinha a idade dele. Ele vai amadurecer. Como eu amadureci.

Kylie não gostou da resposta de Burnett, mas sentia-se melhor sabendo que ele não guardava rancor de Lucas. Quando viu que Burnett não ia diretamente ao assunto, ela fez sua própria pergunta.

— Alguma notícia das pessoas que fingiram ser meus avós?

— Não, mas o carro que estavam dirigindo foi encontrado. É roubado. Estamos verificando as impressões digitais.

Kylie acenou com a cabeça e olhou para a Lua quando uma nuvem diáfana passou sobre ela, deixando a noite mais escura. Quando olhou para Burnett, viu que ele a fitava com a testa franzida, como se estivesse verificando seu padrão. Kylie viu perplexidade em seus olhos. Já devia estar acostumada com isso, mas às vezes tinha vontade de usar um escudo sobre a testa.

— Holiday está com raiva de mim? — Kylie perguntou.

— Mais preocupada do que com raiva. Ela guarda todas as emoções hostis para usar contra mim. — Ele abriu um pequeno sorriso.

— Mas você ainda está aqui em Shadow Falls. Isso tem que significar alguma coisa.

— Significa que sou masoquista. — Ele hesitou, e embora suas palavras tenham sido ditas com bom humor, seus olhos não expressavam a mesma emoção.

— Não, eu quis dizer que o fato de ela aceitar você como acionista de Shadow Falls tem que significar alguma coisa.

Ele franziu a testa.

— Ela precisava do meu dinheiro.

Kylie teve que morder a língua para não contar a ele sobre o outro investidor.

— Você realmente gosta dela, não é? — Seu coração doeu por ele. Não que ele desejasse a compaixão dela. Mas talvez tenha sido por isso mesmo que ela a sentiu. Quando alguém tão forte e orgulhoso sofria por amor, isso causava uma impressão.

— Isso não é importante.

É, sim. Kylie viu rejeição nos olhos de Burnett. De algum modo, ela iria fazer Holiday parar de ser tão teimosa e dar ao homem uma chance. Simplesmente não fazia sentido ser tão hesitante. Se ele fosse feio ou desagradável, Kylie poderia entender. Mas Burnett não era nenhuma das duas coisas. E ele se importava tanto com Holiday que Kylie quase podia sentir.

— Eu não diria que não é importante — Kylie acrescentou.

Ele encolheu os ombros.

— Conte-me sobre a cobra e o incidente com o cervo.

Kylie contou as duas histórias pelo que parecia a centésima vez. Pelo menos agora ela conseguiu contar sem se sentir aflita. Quando concluiu o relato, Burnett só ficou ali pensando, com a testa franzida e os lábios apertados.

— Você acha que estou exagerando, não acha?

A expressão do vampiro ficou mais carregada ainda.

— Não. Eu concordo com Holiday. Com isso acontecendo duas vezes, não é possível que seja coincidência.

— Então o sistema de segurança não está funcionando? — ela perguntou.

— Está funcionando, sim.

— Então como é possível...?

— É isso o que não sabemos. Um metamorfo se infiltrou no acampamento só para espionar você. E eu não estou gostando nada disso!

Kylie sentiu um gelo no estômago. Ele não era o único que não estava gostando.

*

Naquela noite, o sonho chegou bem de mansinho. Mas era um sonho diferente dos outros. Kylie não estava se movendo, ela tinha acabado de acordar ali. Então viu Lucas à beira do lago para onde eles tinham corrido naquele dia e, no momento, não viu nenhuma diferença significativa. Antes que ela fosse para a cama, ele tinha batido em sua janela. Quando Kylie abriu, ele se apoiou no parapeito e deu um salto para beijá-la rapidamente nos lábios.

— Boa-noite! — ele disse, voltando a pôr os pés no chão.

Ela sorriu e observou-o se afastar. E foi para a cama desejando que ele não tivesse ido embora tão depressa.

De repente, o sonho se tornou sua realidade, fundamentada no mundo da mente, onde tudo parecia real. Kylie estava em pé atrás de Lucas e gostava da proximidade. Ela estendeu a mão, e quando tocou seu braço ele se virou, nem um pouco surpreso por ela estar ali, mas feliz por vê-la. Por um segundo, algo pareceu errado, mas quando ele a puxou de encontro a si, ela afastou a sensação.

— Você sempre foi tão bonita, Kylie Galen?

As mãos de Lucas apertaram a cintura dela. Kylie sorriu.

— Por que você não me diz? Me espiava pelas janelas quando eu tinha 5 anos...

— Que vergonha... — Ele se inclinou mais para perto. A incerteza incomodava Kylie.

Alguma coisa parecia estranha, mas ela não conseguia descobrir o quê. Sorriu para ele.

— Diga-me o que a deixa feliz — disse Lucas.

As palavras dele a deixaram intrigada.

— Como assim?

— Você quer uma mansão? Um carro novo? Quer ir para o México e beber cerveja na praia? Posso te dar tudo isso e muito mais.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não quero nada disso.

— Então o que quer?

Essas perguntas não tinham nada a ver com Lucas, mas ela se sentiu compelida a responder.

— Eu queria que todo mundo se desse bem. Miranda e Della brigaram outra vez a

noite passada. Queria que meu pai pudesse me visitar novamente. Que os Brightens estivessem bem. Queria saber o que eu sou. Ajudar esse novo fantasma a resolver seu problema, seja ele qual for.

— Eu posso te dar mais do que isso. Basta dizer sim.

— Sim para quê? — E foi aí que lhe ocorreu. Ela percebeu o que estava errado. Lucas não estava quente. — Você está frio. — Ela deu um passo para trás rapidamente, afastando-se dos braços dele. — O que está acontecendo?

— Eu queria ver você. Sabia que viria comigo se...

De repente, não era Lucas que estava ali. Era Ruivo, o neto de Mario, o mesmo vampiro que tinha matado as meninas. O mesmo que a tinha sequestrado e batido em Lucas. Ela começou a gritar, então percebeu que era apenas um sonho e ela podia acordar.

— Meu avô e os amigos dele não acham que você concordaria em trabalhar conosco. Eu só quero ajudar...

As últimas palavras do vampiro se desvaneceram quando Kylie acordou na cama, ofegante. Ela se lembrou de que a sua intuição lhe dizia desde o início do sonho que algo não estava certo. Se ela simplesmente a ouvisse, aquilo não teria acontecido. Então se lembrou de Holiday lhe dizendo que ela poderia desligar sua sensibilidade temporariamente. Quando Kylie voltou a pensar direito, recostou-se no travesseiro e fez a visualização.

A última coisa que ela queria era ver Ruivo em seus sonhos.

Ou na sua realidade.

Na manhã seguinte, Kylie sentiu patinhas de gambá andando sobre o seu peito e, em seguida, um nariz molhado e pontudo cutucando seu queixo como se quisesse fazê-la acordar.

Ela ficou deitada ali por alguns segundos, sem se mover ou abrir os olhos, tentando descobrir por que algo parecia errado. Seu primeiro pensamento foi o sonho que tinha tido com Ruivo, mas, não, não se tratava disso. Então uma luz brilhante penetrou pelos cantos dos seus olhos fechados, e ela os abriu.

Sentou-se com cautela, fazendo em Socks seu afago obrigatório de todas as manhãs, e olhou ao redor. O sol atravessava as cortinas e lançava sombras horizontais no chão.

Que horas seriam? Ela tirou o cabelo do rosto.

Seu olhar saltou para o relógio. Sete. Era aquilo que não parecia certo... que ela não tivesse sido acordada por nenhum espírito impaciente? Jane Doe não era um fantasma madrugador? Talvez a amnésia impedisse a pessoa de julgar o tempo.

Não que Kylie estivesse reclamando. Seu último espírito raramente a deixava dormir depois que amanhecia o dia.

Ao ver o celular, Kylie se lembrou de Holiday e o pegou, na esperança de que ela tivesse ligado ou mandado uma mensagem. Antes de Kylie e Burnett terem chegado ao escritório, no dia anterior, Holiday tinha ligado para Burnett e perguntado se ele poderia assumir o acampamento por um ou dois dias porque ela tivera uma emergência familiar e precisava se afastar por alguns dias. A única coisa que ela tinha dito a Burnett é que precisava resolver o problema.

Burnett tinha ficado preocupado. Kylie sentira a frustração na voz dele quando falou com Holiday, ao ver que ela não lhe revelaria o tipo de emergência.

Kylie havia telefonado e mandado uma mensagem para Holiday, mas não tinha recebido nenhuma resposta antes de ir para a cama.

Verificando sua caixa de entrada, ela encontrou duas mensagens. Uma de Sara, a antiga melhor amiga que ela provavelmente tinha curado de um câncer — ou pelo menos era o que esperava —, e outra de Holiday.

Kylie deu um suspiro de alívio ao ler a mensagem de Sara, contando que estava se sentindo ótima. Em seguida, leu rapidamente a mensagem de Holiday. Era breve e simples: *Tudo está ok. Volto logo.*

Querendo se assegurar de que era verdade, Kylie ligou para a líder do acampamento.

— Oi — Holiday respondeu. — Está tudo bem?

Kylie quase lhe contou sobre o sonho com o vampiro, mas sua intuição lhe dizia que Holiday já tinha muita coisa com que se preocupar. Além disso, a líder já explicara a ela como lidar com isso e, se Kylie tivesse dado ouvidos aos seus instintos, nada disso teria acontecido.

— Está tudo bem, só estou preocupada com você. Já está voltando para o acampamento?

— Ainda não. Mas devo estar aí esta tarde. — Ela ficou em silêncio. — Desculpe, eu tive que sair antes de nos falarmos. Você está conseguindo lidar com tudo aí? Nada mais aconteceu, não é?

— Não, estou bem. Nós só estamos preocupados com você.

— Nós?

— Burnett e eu — disse ela, lembrando-se da promessa que tinha feito a si mesma de bancar o cupido. — O que aconteceu? — Kylie perguntou hesitante, sem querer ultrapassar seus limites. Mas a sua relação com Holiday era mais estreita do que apenas entre líder do acampamento e campista. Ela realmente se importava com a amiga.

Holiday ficou em silêncio por um instante.

— Minha tia-avó faleceu.

— Ah, Holiday, sinto muito. Posso fazer alguma coisa? — Um frio invadiu o quarto. Kylie o ignorou e continuou concentrada na conversa ao telefone. Ela atenderia a Jane

Doe em alguns minutos.

— Não. Estou bem — Holiday disse. — Chegou a hora dela. Mas ela não deixou o testamento em ordem e agora...

Kylie sentiu o colchão afundar. Ergueu os olhos e viu que, sentada aos pés da cama havia uma mulher idosa com um penhoar amarelo e um lindo colar com um pingente de cristal azul-claro em formato de lágrima.

*— O testamento está colado com fita adesiva no fundo da gaveta inferior esquerda da minha cômoda. Mas eu quero que ela fique com todas as minhas peças de cristal. Não deixe Marty levá-las, ela vai tentar. Ela é uma besta quadrada.*

Kylie estudou os cabelos grisalhos da mulher, espalhados sobre os ombros, e depois observou seus olhos de um verde brilhante que pareciam vagamente familiares. Apertou o telefone na mão e estremeceu. Holiday dizia que ela acabaria conseguindo ver mais de um fantasma por vez. Pelo visto isso já estava acontecendo. Mas ela saberia lidar com isso?

— *Diga a ela!* — insistiu o fantasma, e foi nesse momento que Kylie percebeu por que os olhos eram tão familiares. Ela apertou as sobrancelhas e verificou o padrão da mulher.

Holiday começou a falar.

— Não vai ser fácil dividir essa herança...

— Hã, Holiday...? — disse Kylie. — Como é a sua tia-avó?

— Por quê?

— Porque eu acho que ela está sentada aos pés da minha cama. Se for ela, o testamento está colado na gaveta inferior esquerda da cômoda dela.

O fantasma começou a flutuar até o teto como se algo a puxasse para longe.

— Cabelos longos e grisalhos — Holiday respondeu. — E olhos verdes.

— É ela — Kylie respondeu, agora olhando para o espírito, que flutuava perto do teto. — Então é melhor você verificar a cômoda.

O fantasma sorriu.

— *Obrigada.*

— Obrigada, Kylie — agradeceu Holiday.

Kylie sentiu um arrepio e puxou as cobertas um pouco mais.

— Não tem de quê.

O fantasma começou a se desvanecer no teto, depois parou e deslizou para baixo novamente.

— *Quase me esqueci. Eles me pediram para dizer uma coisa. Alguém vive e alguém...* — Ela desapareceu, deixando a frase incompleta.

Mas Kylie sabia o que ela queria dizer.

— ...morre — Kylie completou, fechando os olhos. *Alguém vive e alguém morre.* A

mensagem não era apenas piração de um fantasma abilolado e sem memória. Mas como Kylie podia fazer as coisas direito, se ela não sabia o que fazer?

# Capítulo Onze

Já vestida e ainda lutando contra a sensação de que algo estava errado, Kylie saiu do quarto uma hora depois. Ou Miranda e Della já haviam saído ou ainda estavam dormindo. De qualquer maneira, Kylie ficou feliz por não ter de enfrentá-las. Primeiro esperava encontrar Helen, a meio *fae* que também tinha o dom de cura. Kylie não tinha certeza se a mensagem de que "alguém ia viver e alguém ia morrer" significava que ela poderia impedir uma morte, mas tinha que tentar. Depois queria conversar com Burnett e dizer o que sabia sobre a ausência de Holiday, embora não tivesse intenção de fazer nada pelas costas da amiga.

Antes de desligarem, ela tinha perguntado a Holiday se podia contar a Burnett sobre a conversa entre elas. Quando a líder do acampamento hesitou, Kylie perguntou como ela se sentiria se Burnett desaparecesse por causa de uma "emergência" e não explicasse por quê.

— Tudo bem — concordou Holiday.

No entanto, ela não parecia feliz com a decisão.

Alguns minutos mais tarde, Kylie estava saindo da cabana quando tropeçou e caiu em cima de um labrador preto enorme, enrodilhado no capacho da frente da porta.

— Ai, meu Deus do Céu! — Atordoada, lutou para se levantar e, na tentativa, pisou sem querer no rabo do cachorro. O cão ganiu de dor e a culpa se estampou no rosto de Kylie. — Desculpe!

Será que o animal estava ferido? Uma vez um cão machucado tinha aparecido na porta da casa de Kylie quando ela era uma criança. Sua mãe obrigara seu pai a levá-lo ao veterinário e eles acabaram tendo que sacrificá-lo.

Kylie chorou e culpou a mãe por matar o cão. Com aquela memória triste oprimindo o seu coração, Kylie se agachou.

— Desculpe — disse ao cão novamente, deixando-o cheirar sua mão antes de lhe dar um leve tapinha na cabeça. — Você está machucado? Foi atropelado por um carro ou algo assim?

— Você pisou no meu rabo, e é claro que isso machuca — disse o cão.

Kylie, ainda agachada, caiu sentada para trás e fitou, atordoada, o cão falante.

— O que foi? — perguntou o cão.

— Não faça isso!

— Fazer o quê?

— Falar!

As fagulhas agora se espalhavam no ar e a mudança na cor dos olhos revelou que era Perry. Mesmo assim ver um cachorro falante era assustador.

Ela ficou de pé e continuou a olhar feio para o animal. Sentia uma necessidade gritante de chutar alguma coisa para extravasar sua frustração, e só tinha um cão na sua frente. Um labrador preto que neste momento estava mudando de forma. Ela esperou até Perry se transformar.

— Por que, pelo amor de Deus, este seu traseiro canino está deitado na minha porta?

— Eu fiquei com medo de Miranda sair e, se soubesse que era eu, agitar seu dedo mindinho e fazer espinhas aparecerem na minha cara ou coisa assim.

— Ok. — Ela apertou os olhos. — Mas isso não explica o que você está fazendo na minha porta.

— Dãã, eu estava esperando você! — explicou ele com naturalidade. — Sou sua sombra hoje.

— Ah, droga! Me esqueci... disso. — Ela respirou fundo e tentou se conformar com o fato de ter alguém seguindo-a por todo lado como um... cachorrinho sem dono.

Perry a estudou com seus olhos dourados.

— Você está furiosa comigo, não está?

— Não — disse ela, tentando conter a frustração. — Você tem razão. Miranda teria enchido a sua cara de espinhas ou algo assim. Mas acabou de quase me matar de susto falando comigo na forma de um cachorro. — Ela colocou uma mão em cada lado da cabeça. — Isso me deixou zonza!

— Não, eu quis dizer furiosa por causa de toda a merda de ontem.

Kylie apenas olhou para ele.

— Você vai ter que ser mais específico. Porque um monte de merda aconteceu ontem.

Ele sorriu, mas o sorriso desapareceu rapidamente.

— Quero dizer, quando perdi o rastro do casal de velhos que estavam fingindo ser seus avós. — Um sincero pedido de desculpas se estampou em seus olhos. — Eu falhei.

— Não foi culpa sua.

— Foi, sim. De quem mais seria? Eu era o único que devia segui-los.

— Que tal não culparmos ninguém? — Kylie começou a andar na direção da trilha do escritório.

Ele começou a andar ao lado dela.

— Boa ideia.

Eles caminharam alguns minutos em silêncio. Kylie notou que o céu estava salpicado de nuvens, bem brancas e fofas, e tentou não pensar no casal de idosos que Perry seguira ou exatamente o que significava o fato de terem evaporado no ar.

— Você acha que eles estão mortos? — perguntou ela.

— Quem?

— O casal de velhos.

As feições de Perry enrijeceram.

— Eu realmente não sei. Nunca vi seres humanos desaparecerem daquele jeito.

Eles ficaram quietos novamente. A temperatura pela manhã ainda não tinha subido a ponto de tornar o calor incômodo, mas ela podia senti-la se elevando.

Perry lançou sua próxima pergunta.

— Você acha que Miranda vai algum dia aceitar o meu pedido de desculpas?

Kylie olhou para ele.

— Você se desculpou?!

Ele pareceu sinceramente perplexo.

— Falei com ela. É a mesma coisa.

Kylie balançou a cabeça.

— Ah, não é, não. Falar com alguém não é um pedido de desculpas, Perry. O que você fez, beijá-la daquele jeito e depois ignorá-la... Aquilo foi cruel!

Ele franziu a testa e chutou uma pedra.

— Ela beijou Kevin! Eu fiquei furioso.

— Percebi — disse Kylie, lembrando-se do momento em que tinha visto a imagem de Derek beijando Ellie. — E eu sei que dói, mas na verdade foi Kevin quem a beijou. E, mesmo assim, dois erros não fazem um acerto.

Ela o flagrou verificando seu padrão cerebral e franziu a testa. Ele não disse nada; continuou andando, mas desviou o olhar para o chão. Eles não conversaram por algum tempo e então Kylie simplesmente deixou escapar.

— Todo mundo diz que agora o meu padrão muda como o de um metamorfo. É verdade?

— É — respondeu ele. — Mas o nosso só muda quando estamos nos transformando.

Ela parou de andar e o encarou.

— Existe mais alguma coisa no meu padrão que faça com que ele se pareça com o de um metamorfo? Quer dizer, você vê algum sinal de que eu poderia ser um?

Ele sorriu.

— Você quer ser um metamorfo?

— Não. — *Claro que não!* — Quer dizer, não necessariamente. Eu só quero descobrir o que eu sou. — Ela mordeu o lábio e decidiu ir direto ao assunto. — Quantos anos você tinha quando começou a se transformar?

— Ah, eu era bem novo, novo demais. Cinco anos mais novo do que a maioria dos metamorfos. Eu mal tinha feito dois anos de idade. Imagine o que é ter de lidar com a birra de um metamorfo de 2 anos. Acabei com a paciência dos meus pais. E com o casamento deles também.

Kylie sentiu um leve sentimento de mágoa na voz dele.

— Eles se separaram?

— Sim.

— Sinto muito.

— Ah... Não era problema meu.

Ah, era, sim. Os olhos dele tinham até adquirido um solitário tom de castanho.

— Com quem você foi morar? Com a sua mãe ou com o seu pai?

Perry ficou calado por um minuto.

— Com nenhum dos dois.

Ela hesitou em perguntar, mas de algum modo pressentiu que ele queria que ela perguntasse.

— Por quê?

— Acho que é porque eu era uma peste...

— Para onde você foi?

— A UPF tem um programa de adoção. Sabe, para crianças que não têm para onde ir. Eu ficava um pouco em cada lugar...

Kylie sentiu que compreendia Perry melhor do que nunca. E ela quase o perdoou por ser o engraçadinho que às vezes tentava ser.

— Era muito ruim? — ela perguntou, percebendo de repente que tinha perdido todo o direito de se lamentar sobre o quanto a sua própria vida tinha sido ruim.

— Não — disse ele. — Sou um metamorfo, aprendi a me adaptar... à maioria dos lugares. Claro, eu não era convidado a voltar em alguns deles. — Ele riu, mas, como Kylie já havia suspeitado, Perry escondia muita dor por trás do seu senso de humor.

Ela também tinha a sensação de que havia muita coisa que ele simplesmente não dizia. Não que ela o culpasse. E caramba! Nem conseguia imaginar como ele devia ter se sentido passando de lar em lar.

— Sabe — disse ele, como se de repente quisesse mudar de assunto —, alguns metamorfos só começam a se transformar quando estão na adolescência. Talvez você seja um deles.

— Talvez. Mas eu seria meio-sangue. Os metamorfos meio-sangue têm dons diferentes? Como fazer curas ou algo assim?

— Não que eu saiba. Tenho uns primos meio-sangue que têm limitações; não é em tudo que podem se transformar. Um deles só pode se transformar em pássaro. Eu costumava me transformar num gato e persegui-lo por todo lado, e uma vez...

— Por favor, não me diga que você devorou o seu primo! — espantou-se Kylie.

— Só torturei um pouco... — disse ele com um sorriso. — Quando ele voltava a se transformar em gente, já estava bem outra vez. — Perry suspirou e pareceu perdido em pensamentos. — Quer saber? Eu provavelmente devia tentar encontrar os meus primos.

Kylie se perguntou se ele já teria pensado em encontrar os pais, mas, sem querer forçar demais a barra, ficou quieta.

— Ah, claro! — exclamou ela, sorrindo e tentando manter a conversa leve. — Aposto que eles iam adorar ver você de novo!

Poucos minutos depois eles chegaram ao final da trilha, onde ficavam o refeitório e o escritório. Ela olhou em volta para ver se localizava Helen, a tímida meio *fae* que tinha ajudado Kylie a verificar se tinha um tumor no cérebro, mas não viu a garota em lugar nenhum.

Como Helen também tinha poder de cura, Kylie achava que ela seria a pessoa mais indicada para esclarecer suas dúvidas sobre esse dom. Ela queria fazer perguntas do tipo "Você já trouxe alguém de volta à vida?". Mas Helen não era uma das adolescentes que conversavam na frente do refeitório.

Nesse momento, Kylie viu Burnett entrar no escritório e se lembrou de que também tinha algumas coisas para falar com ele. Ela se virou para Perry.

— Eu preciso conversar com Burnett um instante. Vejo você daqui a...

— Não, não vai me ver daqui a pouco, não — disse Perry. — Aonde você for, eu vou. Não sei nem se você pode ir ao banheiro sozinha hoje. — Ele sorriu. — E eu tenho carta branca de Burnett para me transformar num tamanduá-bandeira gigante, chutar traseiros e perguntar depois, caso alguém tente assumir o meu lugar.

Kylie revirou os olhos, sabendo que Burnett tinha falado sobre Lucas. Pensando em Lucas, ela olhou em volta mais uma vez, mas ele também não estava entre os outros campistas.

Olhando para trás, na direção de Perry, ela acrescentou:

— Tudo bem, mas eu vou falar com Burnett. E não acho que você tenha que ficar lá dentro junto conosco.

Ele encolheu os ombros.

— Aonde você for, eu vou. Até Burnett me dispensar.

— Mas que inferno! Então, anda.

*

O café da manhã tinha começado meio estranho: ela entrando no escritório de Holiday, Perry nos seus calcanhares e Burnett sentado à mesa de Holiday pela segunda vez. Graças a Deus, Burnett dispensou Perry para que conversassem. Kylie perguntou se havia alguma notícia sobre o casal de velhinhos impostores e ele disse que nada tinha sido descoberto ainda.

Ela quase contou sobre o sonho com Ruivo, mas no último momento decidiu que queria ser capaz de lidar sozinha com pelo menos uma coisa. E era isso. Se algo assim acontecesse de novo, ela ia falar com Holiday, mas por enquanto enfrentaria sozinha essa missão. Por mais louco que parecesse, parecia o melhor a fazer. Queria acreditar

que podia cuidar de si mesma.

Quando ela disse a Burnett que a tia de Holiday tinha falecido, ele ficou aparentemente chocado e... algo mais. Levou um segundo, mas ela reconheceu a emoção em seus olhos: mágoa.

— Por que ela não me contou? — perguntou ele.

— Tenho certeza de que ela só está lidando com a situação do seu próprio modo. — Kylie tentou assegurar, mas percebeu que suas tentativas foram inúteis. Quando se virou para sair, sem saber muito bem por que, ela olhou para trás e disse: — Seja paciente com ela. Vai valer a pena.

No refeitório, ainda com Perry em seus calcanhares, Kylie olhou para seu café da manhã composto de bacon, ovos e torrada. Para variar, os ovos não estavam moles demais e o bacon não estava cru ou queimado. Mas ela tinha dado apenas algumas garfadas, quando percebeu com pesar que todo mundo estava olhando para a sua testa novamente. Perdeu o apetite instantaneamente.

Uma sinfonia de ruídos — pessoas tagarelando, garfos retinindo e bandejas sendo despejadas de qualquer jeito nas mesas — retumbava no amplo salão. Tanto Miranda quanto Della estavam ausentes, e Kylie não tinha localizado Helen nem Lucas.

Infelizmente, ela avistara Derek e Ellie.

Eles estavam sentados juntos à mesa, de costas para ela. E era natural que Derek se sentasse com Ellie, considerando que era nova no acampamento.

Na noite anterior, depois de fitar o teto por umas boas duas horas, Kylie se resignara a *não* odiar Ellie ou Derek, mas aceitar as coisas e seguir em frente — mesmo que isso significasse vê-los juntos como um casal.

Kylie também se propusera a cumprir a promessa que tinha feito a Della e dar uma chance a Lucas. No entanto, mesmo depois de ter decidido tudo isso, ver Derek e Ellie sussurrando um para o outro doía tanto quanto ser picada entre os dedos por uma formiga saúva.

*Tempo*, Kylie disse a si mesma. Com o tempo, não doeria mais.

— Preciso apertar o botão "avançar" — ela murmurou.

— Apertar o quê? — Perry perguntou.

— Nada — disse Kylie. — Só estou falando sozinha. — Ela olhou para cima e flagrou mais três ou quatro pessoas contraindo as sobrancelhas para ela. Ela se virou e olhou para Perry. — Como está agora?

— Como está o quê?

— Meu padrão maldito... Todo mundo está olhando outra vez.

Perry se remexeu na cadeira.

— Ai, caramba! Está passando por aquela mudança de novo. Só que mais rápido.

Kylie fechou os olhos.

— Estou tão cansada de ser a diversão de todo mundo, de ser a aberração de Shadow Falls!

— Você não é uma aberração — discordou Perry, parecendo preocupado. — Você só é diferente. — Ele deu uma cutucada de leve com o cotovelo em Kylie. — Mas todo mundo gosta de você de qualquer maneira.

Ela abriu os olhos e murmurou:

— Obrigada.

— Vai comer esse pedaço de bacon? — Perry perguntou.

— Não. — Ela empurrou a bandeja para ele. Neste instante viu Miranda aproximando-se com a bandeja de café nas mãos. Quando estava prestes a se sentar ao lado de Kylie, estancou ao se deparar com Perry.

Ela ficou paralisada no lugar.

— O que *ele* está fazendo aqui? — perguntou para a amiga, como se o metamorfo não pudesse ouvi-la.

— Tomando café da manhã — Kylie respondeu, esperando impedir Perry de vir com alguma gracinha. Ao vê-lo abrir a boca, ela lhe deu um bom pontapé por debaixo da mesa. Ele se encolheu, mas fechou a boca.

— Bem, então vou me juntar às minhas irmãs bruxas hoje e deixar que aproveitem a companhia um do outro. — Miranda se virou para ir embora.

Kylie pegou a amiga pelo braço, obrigando-a fazer uma parada brusca que quase fez seus ovos voarem da bandeja.

— Sente-se. Por favor — Kylie implorou. Quando Miranda parecia prestes a negar, ela acrescentou: — Eu estou precisando de apoio. — Ela voltou os olhos para Derek e Ellie. E era verdade, ela precisava de apoio, mas não poderia negar que também queria fazer Miranda superar sua implicância com Perry. Ele realmente não era mau sujeito.

Miranda cedeu e desabou no assento do banco.

— Obrigada — murmurou Kylie e então perguntou: — Onde está Della?

— Fora, bebendo sangue com outros vampiros — Miranda respondeu ao mesmo tempo em que enfiava um pedaço de torrada na boca.

Kylie pegou seu leite e tomou um longo gole, enquanto procurava mentalmente um tema de conversa que faria Miranda e Perry falarem.

— Então... — disse Kylie, largando a caixa de leite meio vazia sobre a mesa. — Será que alguém sabe se Holiday já contratou professores para o ano letivo?

Perry, como se percebesse a intenção de Kylie, aproveitou a deixa.

— Quando eu estava no escritório ontem à noite com Burnett, ele recebeu o telefonema de um sujeito *fae* que Holiday supostamente contratou. Acho que ele vai vir pra cá e se mudar pra uma cabana na próxima semana.

Miranda, como se também percebesse o que a amiga estava tramando, começou a

encher a boca de ovos.

Kylie e Perry conversaram alguns minutos sobre o professor *fae* e como seria estranho frequentar aulas de verdade no acampamento quando chegasse o outono. Miranda continuou a enfiar comida na boca, como se precisasse de uma desculpa para não falar.

Aceitando que o seu último assunto tinha se revelado um fracasso, Kylie estendeu a mão para pegar seu leite novamente e voltou a pensar em outro tema.

Finalmente, baixando a caixa de leite, olhou para Miranda e disse a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Você sabia que Perry quase devorou o primo quando tinha 2 anos de idade?

# Capítulo Doze

Kylie viu quando Miranda deixou o garfo cair ruidosamente na bandeja, inclinou-se para a frente e, pela primeira vez, fez contato visual com Perry.

— O quê?

Perry sorriu. Só o fato de sentir o olhar de Miranda sobre ele fez o rosto do garoto ficar vermelho e seus olhos adquirirem um belo tom azulado. Por apenas um segundo, Kylie se perguntou qual seria a verdadeira cor dos seus olhos.

— Não é verdade que eu quase devorei meu primo — defendeu-se ele. — Só o mastiguei um pouco e depois cuspi. Eu era um gato e ele, um pássaro. E ele era mais velho e sempre roubava meus biscoitos com formato de bichinho.

Perry continuou falando e Miranda continuou ouvindo e, enquanto se olhavam nos olhos, ambos pareciam quase hipnotizados. Kylie, dando-se mentalmente os parabéns, recostou-se um pouco para não bloquear a visão dos dois pombinhos. Então o telefone de Miranda tocou. Ela desviou os olhos de Perry e pegou o celular, que estava ao lado da bandeja de comida.

Ao verificar o identificador de chamadas, soltou um gritinho de pura euforia.

— É Todd Freeman! Ai, meu Deus! Ele está mesmo me ligando! — O sorriso de Miranda brilhou em seus olhos, e ela sacudiu os quadris no banco, numa dancinha improvisada.

Demorou meio segundo para Kylie se lembrar de que Todd Freeman era o bruxo também conhecido como "o garoto mais bonito da antiga escola de Miranda", que tinha pedido o telefone dela na competição entre os bruxos. Kylie precisou da outra metade do segundo para perceber que isso não podia ser boa coisa. Não para Perry, pelo menos.

O olhar de Miranda voltou a fitar o metamorfo loiro e, por uma fração de um segundo, ela pareceu se sentir culpada. Nada muito evidente, mas o bastante para dar a Kylie um pouco de esperança.

— Com licença — disse Miranda e, em seguida, levantou-se, com o telefone no ouvido, e saiu do refeitório.

Perry acompanhou Miranda com os olhos enquanto ela se afastava e então olhou para Kylie. Seus olhos estavam agora verdes brilhantes e ligeiramente apertados, deixando-a entrever um indício de raiva. A cor em suas faces, que demonstrava um contentamento evidente segundos antes, tinha desaparecido. Por completo.

— Devo perguntar quem é Todd Freeman ou é melhor eu não saber?

A mente de Kylie começou a dar voltas, enquanto ela tentava encontrar as palavras certas para responder.

— Ele é só... — Justamente quando achou que sabia o que dizer, que tinha encontrado algo para acalmá-lo e, quem sabe, não fazê-lo ficar com raiva, ela avistou

Derek e Ellie saindo do refeitório. A mão de Derek, pousada na parte inferior das costas de Ellie. Um toque inocente, mas não tão inocente aos olhos de Kylie.

— Ele é só...? Continue! — pediu Perry.

Kylie voltou a olhar para Perry. Por que, ela se perguntou, estava tão preocupada em consertar a vida amorosa de outras pessoas se não conseguia nem mesmo consertar a própria?

— Eu não sei o que dizer, Perry. A vida é difícil. O amor é mais ainda.

Trinta minutos depois do almoço — com Perry ainda seguindo seus passos —, Kylie estava na frente do refeitório outra vez, procurando por Helen. Ela suspeitava que a garota estivesse em meio à multidão de campistas que aguardava, batendo papo, o sorteio de nomes da Hora do Encontro.

Mas não estava.

Lucas se aproximou, seguido por Fredericka.

— Oi. — Ele chegou perto o suficiente para que seu ombro roçasse no dela e seu calor fez Kylie se lembrar do sonho da noite anterior, quando ele não tinha o mesmo calor. Ela o preferia quente. Com certeza preferia que ele fosse ele mesmo e não o vampiro assassino psicótico.

— Oi — cumprimentou ela, tentando não olhar para Fredericka, que se aproximava a passos lentos.

— Tudo bem? — Lucas perguntou, franzindo a testa ao ver Perry.

O metamorfo, que estava ao lado de Kylie, não pareceu nem um pouco preocupado. Só acenou com a cabeça.

Fredericka continuou diminuindo o passo e, incapaz de se conter, Kylie olhou para ela. A loba lançou um sorriso petulante para Kylie, sem dúvida gabando-se por estar na companhia de Lucas.

Lucas baixou um pouco a cabeça na direção de Kylie.

— Desculpe por perder o café da manhã. Eu tinha um assunto da alcateia pra tratar.

*Um assunto da alcateia*? Kylie não pôde deixar de imaginar se o assunto da alcateia era sobre como manter Lucas longe dela. A frustração cresceu em seu peito. Já era ruim o suficiente ter Fredericka tramando contra ela, mas pensar que a alcateia inteira também antipatizava com ela era muito para a sua cabeça. Ela olhou para Lucas.

— Eu... tenho que ir.

— Você está bem? — Ele se inclinou, com os olhos azuis cheios de preocupação. Ela não tinha certeza se ele tinha percebido o medo em seus olhos, devido ao sonho da noite anterior, ou seu ciúme pela loba que o seguia como um cachorrinho perdido.

— Estou — ela mentiu, e começou a se afastar.

— Aonde vamos? — Perry perguntou, os passos em sincronia com os dela.

— Encontrar Helen — Kylie respondeu, e olhou para a frente, mesmo sentindo que Lucas ainda a fitava. Ela podia não ser capaz de resolver seus problemas amorosos, mas talvez Helen pudesse lançar alguma luz sobre todo o processo de cura e o fato de Kylie ter trazido um pássaro morto de volta à vida. Com Holiday fora do acampamento, ela precisava de toda a ajuda que pudesse conseguir.

Um pássaro azul deu um rasante e ficou bem na frente dela por um milésimo de segundo antes de voar para longe. Será que as coisas podiam ficam ainda mais bizarras?

Kylie balançou a cabeça. Ah, droga, o que ela estava pensando? Estava em Shadow Falls; as coisas sempre podiam ficar mais bizarras.

Quando Kylie se aproximou da cabana da meio *fae*, virou-se e olhou para Perry direto nos olhos.

— Eu quero falar com Helen sozinha.

— Não dá — disse ele.

Kylie franziu a testa.

— Perry, estou falando sério.

— Eu também — disse ele, sem um toque de sarcasmo ou humor na voz, o que para Perry era uma raridade. — Olha, eu sei que você não me quer no seu pé o dia todo, mas Burnett me contou o que aconteceu com a águia e a cobra e, em seguida, com o cervo. E além de eu não querer que você seja atacada por um ser maligno da minha própria espécie, não posso falhar de novo. Eu já ferrei com tudo uma vez perdendo de vista o casal de velhos, e não vou fazer isso outra vez... E você vai ter que me engolir.

Kylie franziu a testa, mas compreendeu. Quem ali iria querer ferrar com tudo? E por mais que ela não quisesse aceitar que estava em perigo, não podia negar a possibilidade de Burnett estar certo. Ela também não queria ser atacada por um ser maligno da espécie de Perry.

Ela olhou o metamorfo nos olhos amarelos, e viu ali um toque de insegurança. Se sentiu mal por isso.

— Só que eu preciso fazer algumas perguntas a Helen e não tenho certeza se ela vai se sentir à vontade para responder com você ao lado.

— E se eu me transformar em outra coisa e não me aproximar muito?

Kylie de repente teve uma ideia. Não tinha certeza se ia dar certo, porque não sabia como funcionava toda aquela coisa de metamorfo de se transformar, mas valia a pena tentar.

— Que tal você se transformar num gato branco de olhos azuis brilhantes?

— A última vez em que me transformei num gato, você ficou louca da vida, torceu minhas orelhas e ameaçou me castrar.

— Bem, não espie mais pelas janelas da minha cabana e você não vai estar em perigo. Apenas não se esqueça de que tem de ser um gato branco de olhos azuis. Ah... e

tem que ser macho.

— Como se algum dia eu fosse me transformar numa gata... — ironizou ele.

— Então se transforme já! — exigiu ela.

— Tudo bem. — Ele fez um aceno com a mão e as centelhas começaram a aparecer.

Em apenas alguns segundos, Perry desapareceu e um gato branco de pelos longos, focinho alongado e lindos olhos azuis apareceu em seu lugar, balançando o rabo.

O felino era tão adorável que ela teve que se refrear para não pegá-lo no colo e acariciar seu pelo macio.

— Que gracinha! — Kylie exclamou.

O gatinho, ou melhor, Perry, inclinou a cabeça para o lado como se estivesse intrigado. Depois esticou a pata e coçou a orelha direita.

*Funcionou*!, pensou Kylie, sorrindo, ao se lembrar da razão que a fizera insistir para que ele se transformasse num gato branco.

— Eu não estou ouvindo nada! — disse Perry. — Como você fez isso?

Kylie teve que morder o lábio inferior para não soltar uma risada.

— Não é culpa minha. Muitos gatos machos brancos e de olhos azuis são surdos. — ela explicou, pronunciando as palavras bem devagar para que ele pudesse fazer leitura labial. — Você pode ver tudo. — Ela apontou para seus olhos. — Mas não pode ouvir.

— Que sacanagem! — reclamou Perry, obviamente capaz de ler os lábios dela.

Kylie sorriu.

— Não, foi genial! Agora fique para trás.

— Mas vou ficar onde eu possa ver você.

— Tudo bem. — Ela foi até a cabana de Helen e manteve-se atenta a qualquer metamorfo indesejado.

Helen atendeu à porta quase imediatamente.

— Ei, você veio me ver! — Ela deu em Kylie um abraço tão apertado e exibiu um sorriso tão grande no rosto que Kylie sentiu um pouco de culpa por não tê-la visitado antes. Helen era..., bem, um pouco tímida e não tinha muitos amigos.

No entanto, um pouco da culpa se desvaneceu quando ela se lembrou de que tinha convidado Helen para ir à sua cabana várias vezes. A meio *fae* sempre recusava o convite, porque estava passando todo o seu tempo livre com Jonathon, seu novo amor.

— Vamos entrando — convidou Helen.

Kylie começou a entrar na cabana, mas se lembrou de Perry.

— Eu não posso.

— Por quê? — Helen perguntou, alisando o cabelo castanho-claro.

— Eu estou com a minha sombra.

— Ah, certo. — Os olhos castanhos de Helen se arregalaram um pouco de

preocupação. — Jonathon estava me contando sobre o que aconteceu. Acham que alguns metamorfos burlaram o sistema de segurança. Você está bem? Quer dizer, primeiro aquele fim de semana e agora isso... — Helen saiu e fechou a porta da cabana. Foi até a borda da varanda e sentou-se no assoalho de madeira.

— Estou bem — Kylie respondeu, o que não era bem verdade, mas ela não precisava despejar seus problemas sobre Helen.

— Você realmente viu o intruso? — Helen perguntou.

Kylie se sentou ao lado da garota, deixando os pés penderem para fora da borda da varanda.

— Era uma águia e uma cobra e, em seguida, um cervo. E nós não temos nem certeza de que era alguma coisa de fato. Podem nem ser metamorfos. — Ou pelo menos era isso que Kylie dizia a si mesma. E visto que nada mais tinha acontecido, estava ficando mais fácil acreditar (se ela não se lembrasse do olhar cruel que tinha visto nos olhos da águia e do cervo).

Kylie de repente percebeu dois pássaros planando sobre elas. Um arrepio de medo percorreu sua espinha e ela olhou em direção ao bosque, para ver se conseguia localizar Perry.

Ele não parecia muito preocupado. Tinha encontrado um local em que batia sol, em meio às árvores, e estava estendido no chão, como se apreciasse o calor.

— Quem é a sua sombra? — Helen perguntou, seguindo o olhar de Kylie, mas obviamente sem notar o gato.

— É Perry. Eu o fiz se transformar num gato branco de olhos azuis.

Helen arqueou uma sobrancelha como se compreendesse.

— Assim, ele não pode nos ouvir. Boa ideia! — exclamou, tirando uma formiga do seu joelho.

Elas ficaram sentadas ali por alguns segundos em silêncio, ambas balançando as pernas para trás e para a frente.

Finalmente, Kylie falou.

— Você se importaria de me responder algumas perguntas sobre cura?

— Tudo bem, ouvi dizer que você curou sua amiga — disse Helen. — E depois Lucas, também. Que legal!

Kylie mordeu o lábio.

— É. É legal. Quer dizer, eu ainda estou tentando entender essa coisa de cura, mas gosto da ideia de poder fazer isso. É por isso que eu queria saber mais a respeito. Não sei como tudo funciona.

De repente, milhares de perguntas começaram a pipocar na sua cabeça. Ela podia curar qualquer pessoa? Podia ir a um hospital e simplesmente curar todo mundo?

— Holiday não falou com você sobre isso? — Helen puxou uma perna para cima.

— Ela tentou. Eu simplesmente não estava pronta para ouvir. Então ela teve que deixar o acampamento. A tia dela morreu, mas ela deve estar de volta esta tarde.

— Poxa, que chato! — disse Helen com sinceridade, e em seguida acrescentou: — Holiday disse que nós duas íamos começar a nos reunir com ela de vez em quando para discutir a cura em grupo. Eu li muito a respeito, mas ainda há muito mais para saber sobre esse dom.

— Existem livros sobre a cura sobrenatural? — Kylie perguntou, surpresa.

— Sim, há uma biblioteca inteira sobre todos os assuntos sobrenaturais.

— Sério? Eu nunca ouvi falar dela.

— Mas ela existe. São toneladas de livros sobre praticamente qualquer assunto.

*Qualquer assunto?* Se fosse verdade, Kylie não conseguia deixar de pensar se poderia haver alguma informação em algum lugar sobre anomalias como ela mesma.

— Quem...? Quer dizer, como se consegue esses livros?

— Na biblioteca da UPF. Se é que você pode chamá-la de biblioteca. É mais como um cofre cheio de livros. Demorou quase um mês para eu ser aprovada e me deixassem verificar os livros que pedi. Burnett finalmente intercedeu e conseguiu que me aprovassem.

— Por que eles não querem que você leia sobre cura ou... qualquer outro assunto sobre seres sobrenaturais?

— Sei lá.

Kylie refletiu sobre aquilo por alguns minutos e então perguntou:

— O que você aprendeu sobre cura?

— Muitos livros são sobre homeopatia. Mas alguns falam sobre o básico, como os diferentes tipos de curadores.

— Existem tipos diferentes?

Helen fez que sim com a cabeça.

— E níveis diferentes.

— E isso depende da espécie que você é?

— É, digamos que sim. Esse dom é mais comum em fadas e bruxas. Mas é encontrado em todos os tipos de meio-sangue, também. Cheguei a ler um livro que dizia que alguns meio-sangue podem ter mais poderes de cura do que os puro-sangue.

Kylie tentou absorver tudo o que Helen estava dizendo.

— Quais são os diferentes tipos?

— Bem, alguns de nós podem apenas aliviar a dor, mas não realmente curar. Algumas bruxas podem curar misturando poções e realizando certos rituais. E existem aqueles que curam doenças internas, como o câncer, por meio do toque. E também há alguns que são como você.

— Como eu? — Kylie perguntou, confusa.

— Que podem curar problemas internos, como o câncer, e também ferimentos, como você fez com sua amiga Sara e Lucas.

— Você não pode curar ferimentos? — Kylie perguntou.

— Não. Mas bem que eu gostaria. Jonathon caiu um tempo atrás e cortou a mão. Tentei várias vezes curá-lo, mas não deu em nada.

Kylie tentou absorver a nova informação. Mas principalmente o que ela absorveu foi o fato de que, mais de uma vez, se comprovava que ela era uma anomalia. Será que, pelo menos uma vez, ela não poderia se encaixar numa categoria?

— Você parece preocupada — percebeu Helen, olhando para ela.

— Estou um pouco — Kylie admitiu. — E acho que tudo isso ainda é demais pra mim.

— Ei, no seu lugar eu ficaria feliz de não ser do tipo realmente estranho.

— De que tipo você está falando?

— O tipo que pode ressuscitar os mortos. Porque cada vez que fazem isso, abrem mão de uma parte da sua alma. Isso, sim, é realmente estranho, não acha?

Um arrepio de medo envolveu o coração de Kylie.

— É. Superestranho.

Kylie recebeu uma mensagem de Holiday no celular quando voltava para a sua cabana. *Problemas. Só vou poder voltar amanhã. Você está bem?*

*Se eu estou bem?* Kylie quase riu alto. Claro que não, ela não estava bem! Ela tinha doado uma parte da sua alma para uma gralha azul e não sabia o que isso significava.

Assim que os deveres de Perry como sombra chegaram ao fim e ele foi substituído por Della, Kylie pegou o telefone e começou a sair da cabana, sentindo-se totalmente em desespero. Holiday não estava ali, mas Burnett estava. Ele poderia não ter nenhuma resposta, mas pelo menos ela poderia dizer pessoalmente a ele que queria um cartão da biblioteca da UPF para poder emprestar os livros. Se houvesse de fato a menor chance de a biblioteca ter algo que a ajudasse a descobrir o que ela era, então, Kylie passaria anos, se preciso, com o nariz enfiado nos livros.

— Aonde vamos? — Della perguntou, seguindo Kylie para fora.

— Falar com Burnett sobre o meu problema.

— Que problema?

— Você tem um problema? — Miranda perguntou ao se juntar a elas na varanda da cabana.

— É só uma neura — respondeu Kylie, sem saber se queria explicar do que se tratava e recomeçando a andar.

— Que tipo de neura? — Miranda perguntou. — Tem alguma coisa a ver com Perry estar apaixonado por você?

— O quê? — Kylie perguntou, sem muita paciência.

— Eu vi o jeito como ele ficou colado em você o dia todo.

— Ah, pelo amor de Deus! Ele ficou colado em mim porque foi incumbido de ser a minha sombra. — Ela encontrou o olhar de Miranda. — Ok, olha aqui. Eu vou dizer só uma vez. Perry está apaixonado por você. Mas, se você não parar de bancar a difícil, vai acabar de mãos vazias.

— Amém, irmã! — apoiou Della.

O rosto de Miranda ficou sério e ela olhou primeiro para Della e, em seguida, para Kylie.

— Desde quando vocês duas passaram para o lado dele?

Kylie fechou os olhos de tanta frustração.

— Tudo bem, ele estava errado quando fez aquilo, mas você admitiu que também estava errada em beijar Kevin. É hora de superar tudo isso ou desistir de Perry.

— Você faz isso parecer fácil. — A mágoa era perceptível na voz de Miranda.

— É fácil — disse Della. — É só se beijarem e fazerem as pazes.

Miranda ignorou Della e olhou para Kylie.

— Como se você não tivesse problemas com Derek. — Ela virou-se para Della. — E você com Lee.

— É diferente! — Della protestou, com os olhos mais brilhantes, ao ficar imediatamente na defensiva.

Não, não era diferente, Kylie percebeu.

— A verdade é que nos três estamos no mesmo barco. Na droga do barco do amor. E Della e eu fizemos um pacto ontem. — Ela olhou para Della, esperando que ela não ficasse chateada por ela estar contando a Miranda. Mas elas eram uma equipe, não eram?

Felizmente, a vampira não pareceu chateada, então Kylie continuou.

— A gente está seguindo em frente. Eu vou superar o fato de Ellie e Derek estarem juntos, e dar uma chance a Lucas. Della vai tentar ser simpática com Steve e ver o que acontece. Você quer se juntar ao pacto?

Miranda fez uma careta.

— Mas Todd Freeman me ligou esta manhã. Ele disse que pode vir aqui neste fim de semana para uma visita.

— Quem é Todd? — Della perguntou.

— O bruxo todo gato da antiga escola dela — Kylie esclareceu, e olhou de volta para Miranda. — Olha, se você não quer ou não consegue perdoar Perry, tudo bem. Só não pode ficar em cima do muro.

— Isso mesmo. Ou faz ou sai da moita — Della despejou.

— Não estou em cima do muro — insistiu Miranda. — Nem na moita.

— Sim, você está — discordou Kylie. — Você ainda se importa ou não estaria com ciúme.

Então o que dizer sobre ela mesma e Derek? Kylie tentou afastar a pergunta da cabeça.

— Mas e se eu dispensar Todd e depois Perry voltar a ser um babaca?

— Não há garantias — rebateu Kylie. — Nem no amor nem na vida. Mas não podemos viver sem nunca assumir riscos. E é isso o que todas nós estamos concordando em fazer. Nos arriscando. Dando uma chance para os garotos. Podemos acabar nos magoando, mas talvez não.

Miranda ficou parada ali, a expressão reflexiva, como se considerasse a oferta.

— Ok, que tal eu fazer um pacto para conversar com Perry e tentar cumpri-lo?

— Conversar é um bom começo — disse Kylie.

— Beijar seria melhor. — Della sorriu.

Kylie voltou a andar. Miranda e Della a seguiram.

— Então, qual é a neura que você precisa discutir com Burnett? — Miranda perguntou.

Kylie suspirou.

— Eu entreguei uma parte da minha alma e acho que a quero de volta.

# Capítulo Treze

— Qual o problema? — Burnett gritou de dentro do escritório de Holiday alguns minutos depois de Kylie entrar no escritório principal do acampamento.

Holiday tinha providenciado um escritório para Burnett nos fundos da cabana, mas aparentemente ele preferia usar a sala dela em sua ausência. Não que Kylie o culpasse.

O escritório de Holiday era pequeno, mas agradável. Havia um sofá encostado numa parede, o que só deixava espaço para uma mesa e alguns armários. Mas Holiday tinha adicionado o seu toque pessoal ao espaço minúsculo. Plantas, tipos diferentes de samambaias, e mesmo algumas ervas medicinais enfeitavam todos os cantos. Mesmo o cheiro do lugar era o de Holiday, um leve aroma floral. E em cima do grande arquivo de metal havia vários cristais de cores diferentes. A luz que vinha da janela da frente invadia o cômodo e incidia sobre os cristais, refletindo as cores do arco-íris nas paredes.

Burnett fechou rapidamente algumas pastas que estavam sobre a mesa e, em seguida, recostou-se na cadeira de Holiday. Kylie não conseguia deixar de imaginar se Burnett não estaria usando o escritório simplesmente porque a presença dela era quase palpável ali.

— O que há de errado? — ele perguntou de novo.

Ela simplesmente despejou:

— Você sabe alguma coisa sobre poder de cura? — Ela desabou na cadeira em frente à escrivaninha.

— Não muito, mas alguma coisa.

— Se eu trouxer algo de volta à vida, posso perder uma parte da minha alma?

Ele franziu um pouco mais a testa.

— O que aconteceu? Alguém se machucou? Você teve que...?

— Não uma pessoa — Kylie respondeu. — Um pássaro.

— Ah... Holiday me falou sobre isso — respondeu Burnett. Ele se inclinou para a frente. — No entanto, ela disse que não tinha certeza se o pássaro estava morto.

— Parecia morto — disse Kylie. — E eu só quero saber: eu perdi uma parte da minha alma quando eu o trouxe de volta à vida? E o que isso quer dizer?

Burnett cruzou os braços sobre a mesa.

— Eu não sei tanto sobre isso quanto tenho certeza de que Holiday sabe, mas ela não estava preocupada. Então eu não acho que você tenha que se preocupar.

Não satisfeita com a resposta, Kylie se lembrou da segunda questão que queria discutir.

— Eu quero um cartão da biblioteca.

— Quer o quê? — perguntou ele.

— Quero poder ler os livros que a UPF tem em sua biblioteca.

Ele franziu a testa.

— Não é uma biblioteca, ou pelo menos não uma biblioteca comum. Antes que você possa pegar um livro emprestado, ele tem que passar por uma inspeção.

— Por quê?

— Porque muitos itens do acervo são documentos da UPF.

— E o que a UPF está escondendo?

Ele parecia quase irritado com a pergunta.

— Não estamos escondendo nada. Mas não podemos deixar que pessoas normais ponham as mãos nos livros.

Ela apontou a própria testa.

— Eu pareço normal pra você?

— Ainda assim temos que ter cuidado.

— Então você está me dizendo que eu não posso consultar os livros.

O semblante de Burnett ficou ainda mais carregado.

— Eu vou ver se você pode consultar alguns livros sobre cura — acrescentou, como que querendo consolá-la.

— Que outro tipo de livros vocês têm? — perguntou ela.

— Não é uma biblioteca, Kylie — disse ele com firmeza, e depois se recostou na cadeira e não falou mais. Por fim, o silêncio constrangedor levou Kylie a outra pergunta.

— Alguma notícia sobre os idosos que fingiram ser meus avós?

Sua expressão reservada desapareceu.

— Acabei de receber uma ligação. As digitais pertencem aos proprietários do carro. Receio que isso não possa nos ajudar. Sinto muito. Mas eu posso te devolver isso. — Ele lhe entregou o envelope pardo que continha as fotos do pai dela. — Você realmente se parece com o seu pai.

A preocupação genuína em seus olhos e seu tom de voz deveriam tê-la feito se sentir melhor, mas apenas confirmaram as suspeitas de que ele não tinha sido completamente sincero sobre a UPF e a biblioteca. O que a UPF estava escondendo?

Kylie pegou o envelope.

— Obrigada — disse ela. Embora não fosse começar a desconfiar de Burnett, iria proceder com cautela quando lidasse com ele.

Kylie começou a sair quando Burnett olhou para a porta e disse:

— Entre.

Lucas entrou. Ele olhou diretamente para Burnett.

— Eu gostaria de ter permissão para levar Kylie à clareira atrás da cabana dela.

— Isso é com ela — disse Burnett.

— Sem a sombra — completou Lucas.

Kylie podia ver o quanto custava para Lucas pedir a permissão de Burnett. Ela se

lembrou de algo que Della tinha dito sobre lobisomens odiarem ser submissos. E pedir permissão era um gesto de submissão.

No entanto, pelo olhar no rosto de Burnett, o pedido de Lucas tinha lhe rendido algum respeito e, com um pouco de sorte, alguns minutos para ficar com Kylie. Burnett olhou para Kylie como se para se certificar de que ela concordava, e ela balançou a cabeça.

— Depois voltem para a cabana. E fiquem na trilha. — Burnett olhou na direção da janela. — Della assume novamente quando chegarem à cabana. Você ouviu, Della?

— Sim — veio a resposta, e Kylie revirou os olhos um pouco, se perguntando se Della sempre estava com os ouvidos atentos.

*

Della e Miranda tinham ido embora quando Kylie e Lucas saíram do escritório. O ar da tarde estava quente, mas tolerável. Os poucos campistas por ali estavam na frente do refeitório. Kylie viu Will, outro lobisomem, um pouco mais afastado, observando-os. Ela também viu Lucas franzir a testa para ele.

— Vamos. — Lucas começou a caminhar em direção à trilha.

Só depois que fizeram a primeira curva e saíram do ângulo de visão dos outros campistas, Lucas pegou a mão dela. Só então Kylie suspeitou que Fredericka não estava inventando quando falou da desaprovação da alcateia com relação a ela.

Kylie começou a perguntar, mas Lucas falou primeiro.

— Você está bem? — Ele parou e se virou para encará-la. Seus olhos azuis analisaram-na com intensidade. — Por um segundo, ficou com medo de mim esta manhã, e depois simplesmente fugiu como se estivesse furiosa, com Perry em seu encalço.

Ela hesitou em lhe contar, mas queria que Lucas fosse sincero com ela, então precisava ser sincera com ele.

— Não era de você que eu estava com medo. Ontem à noite fui atraída para um sonho lúcido. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas você estava lá.

— Não, não era eu — disse ele.

— Agora eu sei que não era você. Era Ruivo, o neto de Mario. Ele apareceu como se fosse você a princípio.

Lucas ficou ali parado como se refletisse.

— Ele é um vampiro. Não tem sonhos lúcidos.

— Bem, ele teve. Não sei como, mas teve.

— Talvez tenha sido um sonho normal.

Ela balançou a cabeça.

— Eu sei a diferença agora.

— Você contou a Burnett?

— Não — ela admitiu. — Eu... vou resolver sozinha. Sei como impedi-lo de fazer isso de novo. Se acontecer novamente, eu conto. Ou conto a Holiday.

Ele franziu a testa.

— O que aquele pirado fez no sonho? Ele não...

Ela entendeu o que ele estava insinuando.

— Só colocou as mãos na minha cintura. Então percebi que não era quente como você. — Pela primeira vez ela se perguntou por que Ruivo não tinha tentado ir além disso. Ela deveria estar feliz por ele não ter tentado. Só de imaginar ter de beijá-lo já ficava enjoada.

Lucas puxou-a contra ele.

— Eu realmente quero pegar esse vampiro nojento. — Ele passou os braços em torno dela. Ela ficou ali por alguns segundos, o rosto pressionado contra o peito dele, absorvendo o seu abraço. Por fim, levantou o rosto e olhou para ele.

Ele pressionou os lábios contra os dela. Não foi um beijo muito ardente, mas foi bom. Bom o suficiente para que ela se esquecesse da sensação de que ele era sempre seguido por Fredericka.

— Então você não está brava comigo? — perguntou ele.

— Só um pouco — admitiu ela.

Ele parecia perplexo.

— Por quê?

Ela não tinha ideia de como dizer, mas então resolveu simplesmente extravasar sem pensar muito a respeito.

— Toda vez que vejo você, Fredericka está ao seu lado.

Ele pressionou a testa contra a dela.

— Eu já lhe disse que não está acontecendo nada.

— Eu sei, e acredito em você, mas ela é tão... presunçosa!

Ele deu um meio sorriso.

— Ela é um lobisomem. A presunção é uma coisa instintiva.

— Tanto faz. Eu não gosto.

Seu meio sorriso desapareceu.

— Ela faz parte da minha alcateia. Não posso expulsá-la sem uma boa razão e sem que isso acarrete grandes consequências para ela.

O fato é que ele se preocupava com Fredericka e isso a incomodava, mas depois percebeu que ela também não queria que nada de ruim acontecesse a Derek. Mas não era só Fredericka que causava problemas.

— A alcateia não quer você comigo, não é?

Ele pareceu um pouco chocado. Ela quase repetiu o que Fredericka tinha lhe dito, mas não quis bancar a namorada ciumenta.

— É pura estupidez — disse ele. — Não importa o que eles querem.

— Não mesmo?

— Não, não importa — disse ele, categórico. — Eu me recuso a deixar alguém me dizer de quem eu tenho que gostar ou com quem posso andar. Além disso, você pode acabar descobrindo que é uma de nós.

— E se eu não for?

— Ainda assim não importa — disse ele, mas a convicção em sua voz tinha diminuído.

— O que vai acontecer? — perguntou ela.

— Nada. Porque eu não vou deixar nada acontecer. — Ele tocou o rosto dela. — Isso é problema meu. Deixe que eu cuido dele.

Trinta minutos depois, Kylie entrou em seu quarto gelado — isso mesmo, ela tinha um visitante fantasmagórico, mas estava determinada a ignorá-lo. Precisava refletir sobre sua conversa e suspeitas com relação a Burnett e sobre o que Lucas dissera. A atitude da alcateia era problema dele, mas a afetava. Ela também queria passar algum tempo contemplando o rosto do pai. Podia parecer estranho, mas Kylie esperava que, olhando as fotos, de algum modo o sentisse mais perto dela.

— *Alguém vive e alguém morre.*

Kylie franziu a testa. Ok, ignorar o espírito provavelmente seria mais difícil do que ela pensava, especialmente porque a mensagem que o fantasma lhe transmitia era supostamente dos anjos da morte.

O mesmo tinha dito a tia de Holiday, no dia anterior.

— Quem vive e quem morre? — Kylie se virou para ver o fantasma da mulher flutuando atrás dela. Desta vez ela tinha cabelos, castanhos e longos, até os ombros.

— *Eles não dizem. Mas disseram que não é culpa sua.*

— O que não é culpa minha? — Kylie perguntou.

O espírito encolheu os ombros.

— *Eles nunca explicam nada. Apenas me dizem para transmitir a mensagem.* — Ela mordeu o lábio inferior. — *Eles me assustam.*

Kylie caiu sobre a cama, e foi então que percebeu outra coisa sobre o fantasma. Ela estava grávida. A camisola rosa da maternidade moldava-se à sua barriga arredondada.

Reprimindo a frustração, Kylie fez um gesto com a mão, apontando para o ventre da mulher.

— Você está grávida.

A mulher olhou para baixo e pousou as mãos na barriga.

— *Como isso aconteceu?*

Kylie balançou a cabeça.

— Se eu estivesse em casa, poderia lhe dar um panfleto explicando tudo passo a passo. O espermatozoide encontrando o óvulo e coisa e tal. Minha mãe me dá um desses quase todo mês. Mas, basicamente, significa que você fez sexo com alguém.

O espírito pareceu mais perplexo ainda.

— *Sexo?*

— Por favor, me diga que você sabe o que é, porque eu sou muito jovem para ter com você toda aquela conversa sobre sexo que os pais costumam ter com os filhos. Eu nem sequer a tive ainda. Simplesmente li os panfletos.

— *Eu sei o que é sexo. Estou apenas... Com quem eu fiz sexo?* — Ela perguntou. — *Eu não me lembro.*

— Eu não saberia dizer.

O espírito se aproximou e o frio aumentou. Ela se sentou na cama ao lado de Kylie, as palmas das mãos ainda sobre a barriga. Fechando os olhos, ficou sentada ali em silêncio. Kylie percebeu que ela estava buscando lembranças em sua mente, tentando se lembrar.

Kylie cruzou os braços para espantar o frio. Depois de vários minutos em silêncio, o fantasma abriu os olhos, mas continuou a olhar para a barriga arredondada. Suas mãos começaram a se mover ternamente sobre a criança que carregava dentro dela, como se quisesse demonstrar sua afeição.

Kylie nunca tinha visto alguém expressar tanto amor com um simples toque. Por um segundo, ela se perguntou qual seria a sensação de carregar uma criança dentro da própria barriga.

Quando o espírito olhou para cima, tinha lágrimas nos olhos.

— *Eu acho que o meu bebê morreu.*

A tristeza no rosto da mulher e em sua voz provocou um nó na garganta de Kylie.

— Sinto muito.

Então o espírito tirou as mãos da barriga e viu que suas palmas estavam sangrando. Kylie quase perdeu o fôlego quando viu que o ventre arredondado tinha desaparecido e a frente da camisola dela estava encharcada de sangue.

— *Não!* — A mulher soltou um soluço profundo e doloroso que ressoou pelo pequeno cômodo e pareceu ecoar nas paredes.

Kylie abriu a boca para dizer alguma coisa, perguntar se o espírito conseguia se lembrar do que tinha acontecido, dizer novamente que sentia muito e oferecer mais palavras de compreensão. Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, a mulher desapareceu.

O frio fantasmagórico também desapareceu, deixando no ambiente uma onda

gelada de tristeza e dor tão intensa que deixaram o peito de Kylie apertado. E não era uma dor qualquer. Era a tristeza de uma mãe que perdeu o filho.

Kylie estendeu o braço para pegar o travesseiro e o abraçou.

Depois de alguns minutos, Kylie tirou do envelope as fotografias e analisou cada uma delas lentamente. Quando chegou à de sua mãe com Daniel, em meio a um grupo de pessoas, pegou o telefone.

— Oi, querida. — A voz da mãe trouxe de volta o sentimento de solidariedade que Kylie sentia pelo espírito.

— Oi, mãe.

Estranho como, pouco tempo antes, Kylie tinha certeza de que sua mãe não a amava e nem mesmo a queria por perto. Agora, não tinha dúvida da devoção que a mãe tinha por ela. No fundo, Kylie se perguntava se aquilo faria parte do crescimento. A parte em que os adolescentes deixavam de ver os pais como instrumentos para destruir sua vida e começavam a vê-los como pessoas.

O relacionamento delas não era perfeito, é claro. Kylie sabia que a mãe ainda tinha falhas — e muitas —, mas nenhuma delas envolvia o seu amor pela filha. E nenhuma delas impedia Kylie de amá-la.

— Estou feliz por você ter ligado — disse a mãe. — Eu estava com saudade da sua voz.

— Eu também — Kylie conseguiu dizer com a voz embargada, desejando que a mãe estivesse ali para abraçá-la. Ela queria poder contar a ela sobre as fotos, mas depois teria que explicar sobre os Brightens, e não achava que toda aquela confusão fosse fácil de esclarecer. Pelo menos não ainda.

— Eu ia ligar hoje à noite, se você não tivesse ligado — a mãe disse.

— Sinto muito, tenho corrido um pouco desde que voltei.

— Imaginei. Sara ligou e disse que tentou falar com você, mas você não retornou a ligação. Ela parecia tão bem! Disse que foi como um milagre; o câncer desapareceu.

— Tenho certeza de que foi um dos tratamentos que ela fez — Kylie disse, mordendo o lábio inferior e querendo saber como ia lidar com toda a questão da cura de Sara. Não havia retornado a ligação da amiga porque queria falar com Holiday sobre isso primeiro. Pobre Holiday... Quando ela voltasse, Kylie teria uma lista de coisas para tratar com ela.

— Eu também acho — disse a mãe. — Mas eu gostaria de acreditar em milagres.

— Então você deve acreditar — disse Kylie, agora sem saber o que dizer à mãe sobre o assunto. Porque mais do que nunca, Kylie sabia que milagres existiam. O fato de ela ser capaz de realizá-los ainda a intrigava.

— Você está bem? — a mãe perguntou, como se adivinhasse o estado de espírito de

Kylie.

— Estou bem.

— Não, você não está — disse a mãe. — Eu sinto isso em sua voz. Qual o problema, querida?

— Só problemas com... garotos — disse ela.

— Que tipo de problema? — a mãe perguntou, a tensão em sua voz indicando que ela se preocupava que o problema de Kylie envolvesse sexo.

— Não é nada de importante. — Tentando mudar de assunto, Kylie perguntou: — Como foi o trabalho hoje?

— Foi estranho — disse a mãe. — Tenho um cliente novo.

— Por que isso é estranho? — Kylie perguntou. Sua mãe trabalhava no ramo da publicidade e vivia atendendo a novos clientes.

— *Ele* é estranho.

— Estranho em que sentido? — Kylie perguntou, satisfeita ao ver que a conversa tinha tomado outro rumo.

— Ele parecia mais interessado em mim do que... na campanha. — A mãe riu.

Kylie franziu a testa.

— Defina "interessado".

— Ah, não sei. Foi apenas a maneira como agiu — disse a mãe, como se estivesse tentando não dar muita importância ao caso. — Nós devemos almoçar amanhã e discutir suas ideias para a promoção da sua nova linha de vitaminas.

— É um almoço de trabalho ou um... encontro na hora do almoço?

— Não seja boba — disse a mãe. — É trabalho.

— Tem certeza? — Kylie perguntou. — Quer dizer, se ele parecia interessado...

— Eu acho que é trabalho — disse ela, sem muita convicção. — Mas... se fosse um encontro, como você se sentiria?

Kylie respirou fundo. Uma imagem de seu padrasto apareceu na sua cabeça. Ela se lembrou dele, sentado na beira da cama apenas algumas semanas atrás, chorando ao dizer a Kylie que ele tinha cometido um erro terrível. Ela sabia que ele queria se reconciliar com a ex-mulher e, embora Kylie não tivesse certeza se ele merecia uma segunda chance depois de enganar a mãe, não podia negar que queria que pelo menos uma coisa em seu mundo voltasse a ser como antes.

— Você não está respondendo — insistiu a mãe.

Kylie engoliu em seco, indecisa, e olhou para a foto em suas mãos. Seria justo da parte dela querer que a mãe perdoasse o padrasto apenas para trazer de volta à vida de Kylie uma sensação de normalidade? Especialmente sabendo que o homem que a mãe realmente amara estava morto? A questão deu voltas em sua cabeça e Kylie decidiu ser sincera.

— É porque eu não sei o que dizer. Acho que parte de mim estava achando que você e papai iam resolver as coisas. Você não o ama mais? Ou o amou algum dia?

Agora foi a vez de a mãe ficar em silêncio.

— Eu o amava. E provavelmente ainda o amo — confessou ela, finalmente. — Mas não tenho certeza se posso perdoá-lo. Ou confiar nele. E cada vez que falamos de Daniel, eu simplesmente... Não tenho certeza se me casar com Tom não foi um erro. E, se foi, então voltar a ficar com ele também seria um erro. Mas eu não deveria estar falando com você sobre essas coisas, Kylie.

— Por que não?

— Porque, minha querida, você não deve se preocupar com isso.

— Você é minha mãe. Eu tenho o direito de me preocupar. — Kylie percebeu que se preocupava com o fato de a mãe viver sozinha e se sentir solitária. Mas isso significava que ela queria que a mãe começasse a namorar? E excluir totalmente a possibilidade de voltar com o homem que Kylie tinha amado e considerado seu verdadeiro pai por toda a vida?

— Não — disse a mãe. — Você tem que esquecer essa conversa. As mães têm direito de se preocupar com os filhos, não o contrário.

— Então vamos ter que concordar em discordar — concluiu Kylie.

— Você é bem teimosa, sabia disso?

— E eu me pergunto de quem puxei essa teimosia toda — Kylie respondeu com uma risada. O telefone da mãe de Kylie começou a emitir um bipe, avisando que havia outra ligação aguardando para ser atendida. — Eu vou desligar para você poder atender — disse Kylie. — Mas mãe...

— Sim?

— Aproveite o almoço. Só tenha cuidado. E não vá se apaixonar ou coisa assim. Ah, e nada de beijo no primeiro encontro. Essa regra é sua, lembra?

A mãe deu uma risadinha.

— Eu tenho certeza de que é apenas um almoço de negócios. Falo com você amanhã.

Quando Kylie desligou, ela ouviu uma batidinha na janela. Olhou, esperando ver Lucas, mas se deparou com o pássaro azul empoleirado no parapeito.

Ele bateu as asas, pairando bem em frente à vidraça de Kylie por um segundo e, em seguida voou para longe.

Que ótimo! Agora ela estava sendo perseguida pelo pássaro azul que trouxe de volta à vida. O que isso significava?

*

A melancolia do fantasma e os sentimentos conflitantes com relação à mãe, bem como o

receio pela possibilidade de ter dado uma parte da sua alma para o pássaro azul, não tinham desaparecido completamente uma hora mais tarde, quando Miranda e Della invadiram seu quarto.

— Já está pronta? — disse Della.

— Pronta pra quê? — Kylie perguntou, deitada na cama, ainda abraçando o travesseiro e fitando buracos no teto.

— Burnett concordou em nos deixar dar uma festa hoje à noite — disse Miranda. — É a nossa chance de cumprir o nosso pacto. Steve vai estar lá, assim como Lucas e Perry. Vamos pedir pizza e ouvir música. Talvez até dançar. Acho que vou vestir a calça jeans nova que comprei na semana passada.

— Você não disse que tinha ido fazer compras... — protestou Della.

— Fui, e também comprei uma saia jeans. — Miranda olhou para Della. — Ficaria fabulosa em você. Quer emprestada?

— Sério? — Della perguntou. — Você me empresta a sua saia nova?

— Claro! Eu gosto de você a maior parte do tempo — disse Miranda, cutucando-a com o cotovelo.

Kylie estava pronta para dizer "Vocês duas vão sem mim", mas viu um toque de emoção nos olhos do Della. Kylie se lembrou de que a vampira tinha sido incumbida de ser a sua sombra, então, se ela não fosse, Della não poderia ir.

Então, Kylie se levantou e foi até o seu armário.

— Vamos nos arrumar e impressionar aqueles caras!

Meia hora depois, as três, produzidas da cabeça aos pés, puseram-se a caminho do refeitório. Miranda tinha emprestado a Della sua saia jeans nova e a peça tinha caído muito bem na amiga, especialmente com uma blusa de alcinha com uma estampa *art déco* em preto e vermelho, com tiras de tecido penduradas na frente. Miranda vestia seu jeans novo com uma regata decotada cor-de-rosa que valorizava seus seios. Quando Kylie tinha feito a mala para voltar ao acampamento, tinha acrescentado algumas roupas. Seu vestido de malha preto não era muito chique, mas lhe caía bem, especialmente com o seu recente surto de crescimento. A bainha do vestido agora tinha subido um pouco e o decote estava mais justo. Embora de início tivesse de fingir estar feliz por ir à festa, de algum modo, depois de se vestir começou a se entusiasmar de verdade com a noite que tinha pela frente.

A música já estava tocando e várias caixas de pizza estavam empilhadas sobre uma das mesas que tinham sido empurradas contra as paredes, abrindo espaço para uma pista de dança. A maioria dos campistas já estava lá, confraternizando e conversando. O aroma de *pepperoni* e molho de tomate picante pairava no ar. Então Chris saiu da cozinha carregando uma jarra grande e uma pilha de copos.

— Cara, que cheiro bom! — Della levantou o rosto, como se farejasse o ar, e Kylie

sentiu o peculiar cheiro de sangue, semelhante a frutos silvestres. Embora ela não quisesse admitir, aquele cheiro lhe dava mais água na boca do que o aroma da pizza.

Mas isso não significava que ela se permitiria a tomar sangue ou já tivesse feito isso depois do dia em que o provara pela primeira vez, na cerimônia dos vampiros. Se Kylie descobrisse que era um vampiro, teria que lidar com isso. Mas até então, a ideia de beber sangue, mesmo achando que ele tinha gosto de ambrosia, não a atraía nem um pouco.

Miranda deve ter fechado as portas do refeitório com um pouco de violência, porque ela bateu com força e todo mundo olhou para elas. Kylie sentiu os olhos de todos sobre ela, ou sobre a sua testa, ávidos para ver como estava o seu padrão cerebral mutante.

Mas então notou um par de olhos azuis, e eles não estavam olhando para a sua testa. Estavam olhando para ela inteira.

Ela sabia que Lucas tinha gostado do vestido. Ou pelo menos gostado do vestido nela. E não era isso o que ela queria?

A vontade de percorrer o salão com os olhos para ver se Derek estava lá bateu forte. Ela lutou contra o impulso. Aquela noite seria de Lucas. E da maneira como ele olhava para ela, Kylie tinha a impressão de que ele aproveitaria.

# Capítulo Quatorze

Lucas não sorriu. Bem, não com os lábios, pelo menos. Os olhos, no entanto, sorriram, e o calor que havia neles tomou conta de Kylie quando ele começou a andar na direção dela. Ele avançava a passos lentos, como se tivesse todo o tempo do mundo, mas o que importava era que estava vindo. Ao entrar no refeitório, logo que ela viu todos os lobos agrupados em turma, temeu que Lucas talvez não fosse deixá-los. De algum modo, Kylie sentiu que ele agora se aproximava dela justamente para enviar uma mensagem a ela e à alcateia. E de repente ficou feliz que Miranda e Della a tivessem pressionado a ir à festa.

Lucas estava no meio do refeitório quando ela sentiu outro par de olhos sobre ela. Desviando o olhar de Lucas, ela viu Fredericka. Recusando-se a deixar a loba intimidá-la ou acabar com seu bom humor, Kylie a ignorou e voltou a olhar para Lucas. Ele estava bonito. Usava uma calça jeans que lhe caía bem e uma camisa azul-clara. A cor deixava seus olhos ainda mais azuis.

Quando ele parou ao lado dela, o seu perfume natural pairou no ar e Kylie pôde sentir seu pulso acelerando com a proximidade. Ele não disse que ela estava linda nem a tocou. Mas seus olhos fizeram as duas coisas.

— Oi — ele disse.

Ela sorriu.

— Oi.

O olhar dele desviou-se para Della.

— Burnett disse que eu poderia assumir o posto de sombra.

Della concordou com a cabeça.

— Quer algo pra beber? — Lucas perguntou a Kylie, fazendo um sinal na direção dos fundos do refeitório, onde estavam os refrigerantes e algumas pessoas se serviam. Lucas não era muito de multidões. Aquela noite, ela sentia o mesmo.

Ela fez que sim com a cabeça e virou-se para suas duas companheiras de dormitório.

— Vejo vocês depois.

Então ela se inclinou na direção delas.

— Lembrem-se do pacto.

Miranda sorriu e arqueou as sobrancelhas de animação. Della, que Kylie sabia, lutava com aquela questão toda de romance, franziu a testa.

— Tá, tá — concordou Della, relutante. — Mas eu não vou fazer papel de boba.

— Só precisa ser mais acessível — Kylie sussurrou, e então se virou para Lucas. Eles cruzaram o salão juntos e Kylie pôde sentir as pessoas olhando para eles. Ela se forçou a ignorá-las.

Lucas chegou mais perto dela.

— O que está acontecendo com aquelas duas? — perguntou ele, obviamente tendo ouvido a conversa entre Kylie, Della e Miranda.

— Nada, na verdade — Kylie respondeu.

Ele pegou as bebidas, em seguida empurrou duas cadeiras dobráveis de metal contra a parede. Quando ela se sentou, Lucas aproximou sua cadeira da de Kylie e se sentou. Sua perna sob a calça jeans roçava a perna dela. Ela podia sentir o seu calor através do vestido de algodão, o que lhe causava um friozinho na barriga.

Ele se inclinou até que a sua voz pudesse ser ouvida por sobre a música.

— Estou feliz que tenha vindo esta noite.

— Eu também — disse ela.

— Não está mais brava comigo? — As costas da mão dele encostaram no braço dela e Kylie sentiu os dedos de Lucas deslizarem suavemente pelo seu cotovelo.

— Acho que já superei isso. — Ela sorriu.

— Que bom! — Os olhos dele a percorreram. — Você faz meu sangue correr mais rápido — ele disse, tão baixo que ela mal podia ouvi-lo.

Kylie sorriu.

— Sério?

— Veja por si mesma. — Ele pegou a mão dela e colocou-a sobre o próprio pulso. O fluxo — mais uma vibração, na verdade — era tão rápido que parecia quase elétrico. Seu primeiro impulso foi se retrair, mas o olhar firme e terno de Lucas manteve os dedos dela contra a sua pele quente. E depois de um segundo, não parecia mais tão assustador.

— Isso é coisa de lobisomem? — perguntou ela.

Ele se inclinou um pouco mais até que ela sentiu o calor da sua respiração contra sua orelha.

— É.

Ela estremeceu um pouco.

— Então, na verdade, não sou eu que estou provocando isso? — perguntou ela, um pouco decepcionada.

Um sorriso leve apareceu nos lábios dele.

— Ah, é tudo culpa sua, sim. Só acontece quando algo ou alguém... cativa a minha atenção.

Ela devolveu o sorriso.

— Estou contente por ter cativado a sua atenção.

O sorriso em seus olhos de repente sumiu e ela pôde jurar que ouviu um leve rosnado no fundo da garganta dele.

Mas não teve chance de perguntar o que havia de errado porque Perry parou bem na frente deles.

Ele acenou para Lucas como se quisesse demonstrar que ele não o assustava nem um pouco.

— Quer dançar? — Perry perguntou a Kylie.

Ela ficou tão surpresa que se perguntou se não havia entendido mal a pergunta. Então sentiu Lucas enrijecer ao lado dela.

— Hã, agora não — respondeu ela, tentando manter o tom descontraído. — Mas obrigada pelo convite.

Perry desapareceu em meio a um grupo de campistas. Quando ela voltou a olhar para Lucas, ele fez uma careta para o aglomerado de pessoas.

— Será que vou ter que ensinar uma lição a esse metamorfo atrevido?

— Não.

— Eu não posso acreditar que ele estava dando em cima de você quando...

— Ele não estava dando em cima de mim. — Kylie olhou para a multidão e viu Perry de pé, longe dos outros, observando Miranda, cercada por um grupo de rapazes. Por um segundo, Kylie se sentiu mal.

Perry provavelmente queria perguntar algo sobre Miranda e ela tinha recusado o seu convite.

— Não me convenceu — disse Lucas, num tom ríspido.

— Ele só tem olhos pra Miranda — disse ela. — Olha pra ele, está verde de ciúme. — E, literalmente, seus olhos tinham mudado para um tom verde brilhante.

— Cai na real...

— É verdade. Acredite, ele não está a fim de mim.

Lucas baixou a cabeça e chegou mais perto.

— E você não está afim dele?

Ela sorriu.

— Você está com ciúme?

— Não. — Ele se sentou ereto. — Eu sou apenas... possessivo — disse ele, como se as duas características fossem de algum modo diferentes. — E você não respondeu à minha pergunta.

— Eu não estou afim do Perry — ela assegurou. — Nós somos só amigos.

— Ótimo. Então, de quem você está afim? — ele perguntou, com os olhos azuis fixos nos dela.

— Eu estou meio caída por um lobisomem ciumento no momento.

Ele sorriu e rapidamente roçou o dorso da mão contra o antebraço dela.

— Bem, não me diga o nome dele, porque provavelmente vou arrancar o couro desse cara.

Os dois riram e depois ficaram olhando um para o outro até que o clima ficou estranho. Não porque olhar para ele era estranho, mas porque parecia que um deles

tinha que tomar a iniciativa de se inclinar e finalizar o momento com um beijo. Mas nenhum deles parecia querer fazer isso.

Kylie suspeitava que a razão dele era a mesma que a dela. Gente demais. Ela só esperava que não fosse por causa da alcateia.

— Eu queria te perguntar, você conseguiu as respostas de Holiday sobre a coisa toda do pássaro?

Lembrando-se da visitinha do pássaro naquela tarde, ela sentiu a frustração invadir sua mente.

— Não.

Kylie tomou um gole de refrigerante, prestou atenção na música e tentou afastar o pensamento de todas as coisas negativas. Infelizmente, continuou pensando nelas.

— Sabia que a UPF tem uma biblioteca sobre tudo o que é sobrenatural?

— É, eu ouvi falar. Por quê?

— Sabe por que eles não deixam que a gente leia esses livros?

— Eu acho que alguns deles contêm documentos do governo.

— Mas por que eles precisariam esconder alguma coisa? — perguntou ela.

Ele encolheu os ombros.

— Pela mesma razão que leva o governo dos Estados Unidos a esconder coisas. Algumas podem estar além da fronteira da ética, fora que algumas informações nas mãos das pessoas erradas podem ser prejudiciais.

A música tinha ficado mais lenta. Kylie olhou para a frente e viu vários casais indo para o centro do refeitório dançar. Helen e Jonathon, de mãos dadas, estavam entre os primeiros a se dirigir ao espaço vazio. Colocaram os braços ao redor um do outro e começaram a dançar ao ritmo da música. Nem sequer pareciam estar se movendo; estavam apenas abraçados e, ocasionalmente, davam um passinho para o lado. Mas isso não parecia ridículo, parecia fofo.

Mais alguns casais foram para a pista e começaram a dançar. A música falava de amor, de estar perto, de beijos. Alguém desligou as luzes, e como Kylie não viu ninguém se aproximar dos interruptores, ela suspeitou que tinha sido uma das bruxas, usando um toque de magia.

Talvez elas tivessem até espalhado um pouco de poção do amor no ar, porque Kylie a sentiu. De repente, queria muito estar na pista de dança. Queria sentir as mãos de Lucas na sua cintura, enquanto ela descansava o rosto em seu ombro.

Ela olhou para Lucas, inclinou-se e perguntou:

— Você quer dançar?

Ele fez uma cara engraçada como se ela lhe pedisse para plantar bananeira ou algo assim.

— Eu... não. Sinto muito.

— Aposto que isso ia perturbar demais a plateia, hein? — Ela olhou para a alcateia de lobos que os observava.

— Não é isso. — Lucas deu um profundo suspiro. — Vamos. — Ele tirou da mão dela o copo de plástico cheio de refrigerante e colocou-o no chão ao lado das cadeiras. Segurou os dedos dela e puxou-a para cima. Por um segundo, ela pensou que Lucas ia levá-la para a pista de dança, mas em vez disso andou na direção da porta de saída do refeitório.

— Aonde vamos?

— Lá pra fora.

Ele a puxou em meio à multidão tão rápido que Kylie não teve tempo de perguntar por quê. Quando ele parou, estavam ao ar livre, do lado de fora do refeitório.

Sozinhos.

A música, embora fosse apenas um zumbido distante, ainda podia ser ouvida e parecia se misturar com os sons da noite. Grilos e pássaros cantavam junto com a melodia.

— Não está melhor aqui? — Ele pegou as mãos dela e colocou-as em torno do pescoço dele. Em seguida, pôs as mãos na cintura de Kylie como se se preparasse para dançar.

— Assim a alcateia não pode nos ver? — perguntou ela, insegura.

— Não é isso — insistiu ele. — Você viu algum lobisomem na pista de dança?

Ela teve que pensar, mas então balançou a cabeça.

— Não.

— A gente não gosta de chamar atenção em público.

O ar estava quente, mas não tão quente quanto a mão de Lucas contra a cintura dela. Kylie olhou para cima e viu a meia-lua oferecendo à noite um mínimo de luz. Não que a escuridão fosse total; as estrelas pareciam fazer um servicinho extra. Nenhuma nuvem pairava no céu, de modo que ele parecia pontilhado de estrelas. Kylie mal podia ver um retalho de céu onde não houvesse um minúsculo diamante cintilando e acrescentando um brilho prateado à noite. Lentamente, ele começou a se mover ao ritmo da música distante.

— Mas, só nós dois, é outra história. — Ele não apenas balançava o corpo, mas dançava. E sabia dançar, porque seus passos incentivavam os dela a seguirem no mesmo compasso.

Como o aroma de pizza e de sangue já não perfumava o ar, o cheiro do próprio Lucas se destacou e se misturou com o aroma amadeirado da noite.

Kylie olhou para ele novamente.

— Quem te ensinou a dançar?

— A minha avó. Ela me dizia que era o caminho para o coração de uma mulher —

Lucas disse, sua voz um sussurro leve na orelha dela. Ele baixou a cabeça e seus lábios roçaram na bochecha de Kylie. — Eu, pessoalmente, acredito que quando duas pessoas estão tão perto assim, devem estar num lugar mais reservado.

Suas palavras a fizeram perceber o quanto eles estavam próximos um do outro. Ela olhou novamente nos olhos de Lucas e sua boca encontrou a dele. Eles dançaram e se beijaram pelo que pareceu uma eternidade. Não que ela estivesse reclamando. Sentiu como se estivesse flutuando, perdida no tempo. O beijo dele não a pressionou a dar mais do que ela estava pronta para dar. Era apenas um toque macio nos lábios, com um ocasional deslizar da língua pelo seu lábio inferior.

E finalmente o beijo terminou. Kylie colocou a mão sobre seu peito quente, bem sobre o local onde ela tinha descansado a cabeça, e ouviu o seu batimento cardíaco acelerado.

— O seu sangue ainda está correndo rápido? — Ela levantou a cabeça, apoiou o queixo em seu peito e sorriu para ele.

— Mais do que antes. — Seu tom soou mais profundo. Ele ajustou as mãos na cintura dela e Kylie pôde sentir seu pulso acelerado onde suas costelas tocavam o peito dele.

— Sentiu? — perguntou ele.

— Sim. — Inclinando a cabeça sobre o peito dele, ela reconheceu que poderia ficar ali para sempre, com o hálito de Lucas agitando seu cabelo. Fechou os olhos e aproveitou a proximidade dele, a sensação de ser abraçada, acolhida.

Com seu ouvido mais uma vez pressionado contra o peito dele, ela ouviu um zumbido suave, quase um ronronar. O som preencheu a sua cabeça e ela sentiu como se pulsasse dentro dela. Percebeu que ele a puxava mais para perto e sua proximidade aqueceu-a por dentro e por fora, fazendo a sensação de flutuar voltar ainda mais forte. Inclinando-se para mais perto, ela desejou se aconchegar um pouco mais.

Os dedos dele pressionaram a sua cintura, desenhando pequenos círculos. O leve toque fazia cócegas e causava uma sensação esquisita em seu estômago. Então as mãos dele deslizaram para os lados, quase até os seios. Uma leve advertência sussurrou na cabeça de Kylie, mas ela a deixou de lado. Aquilo era tão bom...

Lucas respirou fundo, bruscamente, e ela pensou tê-lo ouvido soltar um palavrão, então ele recolheu as mãos e se afastou.

Sem seu apoio, Kylie quase sentiu uma vertigem. Olhou para ele confusa.

— O que foi?

— É melhor... É melhor irmos lá pra dentro.

Quando ela fitou os olhos dele, viu que estavam brilhando.

— Algo errado? — perguntou ela.

— Não. É... É só mais seguro lá dentro.

— Seguro de quê? — Ela olhou ao redor, pensando que ele tinha visto alguma coisa. Será que a águia ou o cervo tinham voltado? Poderia até ser o pássaro azul.

— De mim — disse ele, enfiando as mãos nos bolsos. — Eu estou com pouca força esta noite, Kylie. Cerca de uma semana e meia antes da transformação, tendo a agir mais por instinto do que pela lógica. E agora, meu instinto me diz para levá-la para a floresta, achar um pedaço de grama e me deitar com você.

Ela se aproximou e colocou a mão em seu peito.

— Conheço você o suficiente para saber que nunca me forçaria a fazer nada que eu não quisesse fazer.

Ele tirou a mão dela do peito e segurou-a suavemente nas suas.

— Eu nunca iria forçá-la, Kylie. Nunca. Mas isso não me impede de tentar te persuadir. E... — Com a outra mão ele ergueu o queixo dela como que para ter certeza de que ela sabia que Kylie estava falando sério. — Os lobisomens têm um talento especial para persuadir as pessoas. E não é assim que eu quero que isso aconteça.

Ela piscou e tentou entender o que ele estava dizendo. Ainda se sentia flutuando por dentro e sentiu falta do calor dele contra ela. Tentou se aproximar e recuperar o que tinha perdido, mas Lucas deu outro passo para trás.

Ele levou a mão dela até seus lábios, e depois de dar um beijo rápido nos nós dos dedos, apertou-a ainda mais e puxou-a na direção do refeitório.

Kylie deu alguns passos. Então, ainda tentando entender o que ele tinha dito, ela parou.

— O que você quer dizer com “um talento especial para persuadir”?

# Capítulo Quinze

Lucas não respondeu. Em vez disso, simplesmente puxou mais o braço de Kylie, e ela deixou que ele a levasse de volta para o refeitório. Mas, quanto mais pensava sobre o que ele tinha dito, mais queria respostas. Por um minuto, enquanto o beijava, ela se sentiu quase embriagada de... paixão. Será que os lobisomens, assim como os *faes*, tinham a capacidade de manipular os sentimentos de uma garota para que ela concordasse em... lhes oferecer qualquer coisa que quisessem?

Kylie olhou para Lucas, que estava segurando sua mão e levando-a para o lugar onde haviam sentado antes. Mentalmente, analisou suas emoções.

Não estava com raiva de Lucas, nem arrependida da dança lenta à luz do luar. Pelo contrário, tinha apreciado cada segundo. Então, qual era o problema?

Uma vozinha interior respondeu à pergunta. O problema era que ela não queria pensar que alguém além dela poderia persuadi-la a fazer algo que não teria feito por vontade própria.

E, no entanto, uma outra vozinha sussurrou: não era disso que se tratava a paixão e a sedução? Todas as revistas falavam que as mulheres queriam ser seduzidas. Então, será que seria uma coisa ruim?

Ok, ela estava confusa. Olhou para a mão entrelaçada com a de Lucas e o seguiu passivamente na direção em que ele a puxava. Ele a conduziu por entre um aglomerado de campistas até chegarem aos seus lugares. Finalmente acomodados em suas cadeiras novamente, ela se perguntou quando tudo aquilo ficaria mais fácil.

— Você quer mais alguma coisa pra beber? — perguntou ele, tendo que levantar a voz para ela poder ouvi-lo sobre a música e o burburinho.

— Não, obrigada.

— Pizza? — ele perguntou.

— Agora não. — Ela quase pediu uma explicação para o que ele tinha dito anteriormente. Então percebeu que o barulho da música e a multidão tornariam impossível uma longa conversa em particular. Ela olhou para Lucas e viu que ele a estudava, olhando profundamente em seus olhos, quase como se estivesse tentando ler seus pensamentos.

Ele se inclinou e descansou a testa contra a dela.

— Você está chateada comigo?

— Não — ela disse com sinceridade. Não era raiva que sentia, apenas incerteza, confusão. Porque, mesmo que Lucas tivesse a capacidade de persuadi-la a fazer certas coisas, ele não tinha feito isso.

Piscando e oferecendo ao lobisomem um sorriso, ela decidiu que aquela noite, pelo menos durante a festa, não era o melhor momento para falarem sobre aquilo. No

entanto, antes de concordar com outras danças ao luar ou sessões de beijos às margens do riacho, ela precisava de respostas.

Ela se lembrou das palavras de Holiday, semanas antes, quando estavam falando sobre garotos e sexo: "*O que eu estou pedindo é que, quando tomar essa decisão, que seja algo sobre o qual você refletiu e decidiu fazer. Não uma decisão tomada por impulso, da qual possa se arrepender mais tarde*".

Será que as palavras de sabedoria de Holiday tinham um significado mais profundo do que Kylie tinha imaginado?

Uma hora depois, eles estavam comendo tanta pizza e bebendo tanto refrigerante que poderiam afogar um peixe italiano. A quantidade de casais dançando tinha diminuído. Agora, quase todo mundo estava comendo e conversando. Tinham até acendido as luzes. Quando as pessoas começaram a procurá-la para conversar, Kylie achou que Lucas ia sair de fininho, mas ele ficou ali e foi muito simpático, algo que não era característico de um lobisomem. Ele estava fazendo isso por ela, e Kylie apreciava o seu esforço.

Tanto Della quanto Miranda tinham dado uma paradinha para conversar, enquanto consumiam pizza e bebidas. Kylie queria perguntar a elas se o "pacto" estava indo bem, mas não conseguiu encontrar uma maneira de fazer isso sem que ninguém ouvisse, então decidiu esperar até mais tarde para saber das novidades.

Logo que a pizza acabou, alguém diminuiu as luzes novamente e vários casais voltaram para a pista de dança improvisada. Quando a visão de Kylie se adaptou à penumbra, ela viu Della sendo levada para a pista de dança por... Chris.

Kylie imediatamente procurou Steve com os olhos, e teve certeza de que ele era o cara da camiseta preta, de pé num canto, conversando com duas garotas, uma das quais era Fredericka. A outra parecia ser... Ellie.

O olhar de Kylie percorreu o salão por um segundo, procurando por um certo *fae*. Ela não o encontrou em lugar nenhum e se perguntou se Derek não viera porque sabia que ela estaria ali.

*Eu não posso estar pensando em Derek*. Kylie fechou os olhos e repetiu essas palavras para si mesma, como se fossem seu novo mantra.

Quando ela procurou Della novamente com os olhos, viu Miranda indo para a pista de dança com Clark. Kylie não sabia muito sobre Clark, exceto que era um bruxo conhecido por ser um tanto encrenqueiro.

O que Miranda e Della estavam fazendo? O que tinha acontecido com o pacto? Por que não tinham ido atrás dos caras certos?

— Algo errado? — Lucas perguntou.

Ao olhar para ele percebeu que ela estava franzindo a testa.

— Não. É só que... — Kylie olhou para a multidão, evitando responder, tentando decidir o quanto podia dizer a ele. Antes que conseguisse encontrar uma resposta adequada, viu Perry, que parecia zangado o suficiente para soltar fogo pelas ventas. Seu olhar encontrou o dela, e então ele começou a andar na direção da porta.

— Só me dê um minuto, por favor — ela disse para Lucas e disparou atrás de Perry.

Quando Kylie saiu do refeitório, Perry parecia não estar em lugar nenhum. Então ela o viu. Bem, tinha que ser ele! Um daqueles grandes pássaros de aparência pré-histórica ciscava em frente ao escritório principal.

— Perry! — ela gritou, e correu para alcançá-lo.

Suas asas, de uma envergadura de quase dois metros, se abriram e ele pareceu pronto para levantar voo.

— Não fuja! — Kylie gritou.

— Não estou fugindo! Estou voando. E por uma razão muito boa. Se eu tiver que ficar lá e vê-la flertar com todos aqueles caras, vou acabar machucando alguém.

Kylie observava o movimento do bico do pássaro para cima e para baixo, enquanto ele falava.

— Primeiro, volte à forma humana antes de falar comigo. Segundo, você não tem que simplesmente ficar ali parado. Convide-a para dançar.

As fagulhas em forma de diamante começaram a se espalhar em torno do pássaro.

De onde Kylie estava, a apenas uns trinta centímetros dele, o ar pareceu rarear. Não sabia exatamente o que acontecia quando Perry se transformava, mas devia causar algumas coisas estranhas ao ozônio da atmosfera.

Uma das fagulhas flutuou no ar; ao descer, roçou em seu braço e estourou como as bolhas de sabão com que ela brincava na infância. Mas em vez da sensação de cócegas, Kylie sentiu um pequeno choque elétrico no braço.

De repente, Perry estava lá, no lugar do pterodátilo. Seus olhos estavam vermelhos de raiva.

— Convidá-la para dançar pra que ela possa me rejeitar na frente de todo mundo? Acha que eu tenho cara de idiota?

— Não, agora você mais parece um covarde com medo de se arriscar para conseguir o que quer.

— Eu não sou covarde! — ele rosnou. — Tenho mais poder no meu dedo mindinho do que dez sobrenaturais juntos.

— Então prove, indo atrás do que quer. — Ele não parecia convencido, por isso Kylie acrescentou: — Tenho um palpite de que ela não vai rejeitá-lo.

Ele apenas olhou para ela, a descrença brilhando em seus olhos enquanto eles passavam do vermelho para o azul habitual.

— Confie em mim — Kylie acrescentou.

Ela podia ver que Perry queria ceder. Mas então ele acenou com a mão em direção à porta.

— Ela já está dançando com outra pessoa.

— Então interrompa.

Kylie franziu a testa quando viu Lucas parado na penumbra. Então se lembrou de que ele era a sua sombra. Ele tinha que segui-la.

— Interromper? — Perry perguntou, como se não conhecesse a palavra.

— Bata no ombro do cara e diga simplesmente que quer dançar com Miranda.

— E ele vai apenas dar um passo para o lado e me deixar dançar com ela? De onde você tirou essa ideia?

— Não é uma ideia. É uma regra de etiqueta na dança. Quando alguém quer dançar com outra pessoa que já está dançando, deve tocar o ombro do parceiro e dizer que você está interrompendo a dança.

Perry fez uma careta.

— E o que acontece se ele disser não?

— Ele não *deveria* dizer não.

Perry revirou os olhos.

— No mundo humano, talvez, mas...

— Ah, pelo amor de Deus! — Ela ergueu as mãos de frustração. — Será que não dá nem pra tentar?

— Tudo bem! — disse ele. — Mas se o cara me disser qualquer merda, pode acabar machucado. — Seus olhos ficaram vermelhos novamente. Vermelho-sangue.

— Não, você não vai machucar...

Antes que ela pudesse acabar a frase, Perry disparou para dentro. Ela correu atrás dele. Ah, mas que droga! Talvez não tivesse sido uma boa ideia.

Lucas a chamou, mas ela não diminuiu o passo.

Kylie mal tinha entrado no refeitório quando ouviu o tumulto. Ela disparou na direção da pista de dança.

— Eu disse que estou interrompendo! — A voz de Perry levantou-se acima da música e do falatório dos outros campistas.

Kylie tentou abrir caminho a cotoveladas, na esperança de chegar até eles a tempo de impedir que as coisas piorassem, mas as pessoas já começavam a se aglomerar em torno deles e seus cotovelos não deviam ser fortes o suficiente, porque todo mundo só resmungava e a ignorava.

— E eu disse pra você ir pro inferno! — Uma voz, obviamente de Clark, respondeu.

— E o que eu quero não importa? — disse Miranda.

Kylie ficou na ponta dos pés para ter uma visão melhor, mas ainda assim não

conseguiu ver nada.

O barulho de briga encheu o recinto. A maior parte das garotas começou a gritar, enquanto os homens incitavam a briga.

— Parem com isso! — Kylie exclamou, e começou a dar pulinhos, esperando ver o que estava acontecendo.

— Cuidado! — alguém gritou e, como uma onda, todos se abaixaram quando uma bola de fogo do tamanho de uma bola de voleibol cruzou o ar.

— Merda! — Kylie gritou e aproveitou a posição de todos para se aproximar. Enquanto passava por cima de duas ou três pessoas, desculpando-se ao sentir mãos ou pés sob os seus sapatos, viu Miranda gritando com Clark.

— Eu disse que queria dançar com ele! — Miranda gritou.

Perry ficou olhando, vendo a reação de Miranda com um grande sorriso no rosto.

Miranda continuou sua bronca e Kylie não conseguiu ouvir muito bem o que estavam dizendo por causa da conversa dos outros campistas, mas ela podia ver o rosto de Clark ficando vermelho de raiva. Miranda espetou o dedo em seu peito. Clark revidou empurrando-a para trás e a xingando.

Miranda nem tinha recuperado o equilíbrio ainda quando fagulhas brilhantes começaram a aparecer como fogos de artifício. Um enorme dragão verde do tamanho de uma jamanta apareceu onde Perry estivera de pé. Fumaça espiralava do focinho longo e esburacado do dragão. A maioria dos campistas começou a correr como baratas num comercial de inseticida. Bem, todo mundo, menos Kylie, Miranda e Clark. Kylie correu e agarrou o braço da amiga, na esperança de afastá-la do perigo. Mas a pequena bruxa se esgueirou da mão de Kylie e ficou ali, olhando para o dragão com ar de admiração.

— Nossa, que lindo! — murmurou Miranda.

Kylie olhou para o gigantesco monstro verde e, embora não pudesse concordar com Miranda, decidiu não expressar em voz alta o que pensava. Especialmente quando Perry varreu o salão com o seu rabo de quase cinco metros, derrubando vários espectadores mais ousados e fazendo outros voarem pelos ares. O prédio todo estremeceu mais uma vez, e então todos que restavam em pé voltaram a se aproximar.

Della avançou para dentro do refeitório e gritou para que as duas recuassem. Miranda ignorou Della também. E, enquanto Kylie não tirasse Miranda do perigo, não sairia também.

— Ele não vai me machucar — Miranda rebateu, e voltou os olhos furiosos para Clark. Foi então que começou a agitar o dedo mindinho e entoar um encantamento.

Infelizmente, logo em seguida Burnett se precipitou para dentro do salão, estacando na frente de Clark. Ele parecia furioso o bastante para matar filhotinhos inocentes.

Burnett abriu a boca, sem dúvida para dar uma enorme bronca, mas, antes que

pudesse falar qualquer coisa, um redemoinho das cores do arco-íris começou a girar em torno dele como se fossem fitas. Então o vampiro durão desapareceu em meio ao ar cheio de fumaça e em seu lugar surgiu um canguru furioso.

— Ai, merda! — gemeu Kylie.

— Ai, merda! — gritou Miranda.

Burnett, agora na pele de um canguru muito contrariado, começou a saltar de um lado para o outro como um marsupial com muita pressa. Miranda, tremendo e dando pulinhos ora num pé ora no outro, ergueu o dedo mínimo no ar e murmurou um feitiço tão rapidamente que Kylie não conseguiu entender uma palavra.

Perry, agora um dragão gigantesco e fora de controle, deu um passo na direção de Clark. Este, que parecia prestes a sujar as calças, começou a atirar mais bolas de fogo. Uma errou o alvo e bateu na parede do refeitório. Outra bateu numa lata de lixo contendo caixas de pizza que imediatamente estouraram em chamas. Outra cruzou os ares, avançando bem na direção de... Miranda.

Kylie sentiu seu sangue ferver e correr para o cérebro. Sem pensar nem perceber o que planejava fazer, ela saltou para interceptar a bola de fogo, agarrou-a e arremessou-a para o outro lado do salão.

Perry soltou um som sinistro, metade rugido, metade grito, enquanto fumaça espiralava das suas narinas. Clark atirou outra bola de fogo. Antes que Kylie pudesse detê-la, ela bateu em Perry — na forma de dragão — e chamuscou suas escamas verdes.

O cheiro de dragão queimado, juntamente com caixas de pizza em chamas, pairava no ar. A fumaça subia até o teto.

Perry jogou a cabeça para trás e rugiu tão alto que sacudiu o refeitório inteiro até os alicerces. Não era tanto um berro de dor, mas de advertência e de fúria total e absoluta.

Lucas de repente apareceu ao lado de Kylie, pegou a mão dela e examinou a sua palma. Então, com uma expressão perplexa, agarrou-a pelo cotovelo e começou a levá-la para longe dali. Kylie puxou o braço para se libertar e saltou sobre algumas cadeiras caídas para chegar até onde estava Miranda.

Assim que Clark jogou outra bola de fogo, Della mergulhou para trás e foi atingida no quadril por uma chama cilíndrica que a fez voar uns bons dois metros para trás e aterrissar numa pilha de cadeiras fechadas.

Kylie gritou, Miranda entoou seu encantamento ainda mais alto e Perry expeliu mais fogo pelas ventas. Kylie se levantou de trás das cadeiras para chegar aonde estava Della.

Antes que Kylie conseguisse chegar até ela, Della se levantou, aparentemente ilesa. Mas Kylie nunca a vira tão irritada. Seus olhos flamejavam num tom verde brilhante, seus caninos estavam à mostra sobre o lábio inferior e ela parecia pronta para matar. Clark era seu alvo. Rosnando com uma raiva insana, ela disparou para o outro lado do salão, atrás de Clark. Burnett, em toda a glória marsupial, saltou na frente de Della,

bloqueando sua passagem e impedindo o ataque.

Perry soltou uma rajada de fogo que atravessou o salão e deixou marcas negras nas paredes de madeira e no teto.

Miranda, com o mindinho ainda no ar, entoou seu feitiço mais alto. Então outro redemoinho das cores do arco-íris voou através do refeitório e instantaneamente Burnett voltou à sua forma original de vampiro. Não um vampiro feliz, porém.

Com os olhos de uma cor semelhante à luz néon vermelha, ele soltou um grito que se equiparou aos rugidos do dragão Perry.

— Todo mundo pare agora! Agora!

O tumulto chegou ao fim. Até a pequena multidão na frente do refeitório parou de tagarelar. O silêncio reinou.

Burnett olhou primeiro para Clark.

— Lance outra bola de fogo e você não pisa mais em Shadow Falls até o dia em que eu morrer. E eu pretendo viver por muito tempo. — Ele se virou e olhou para Lucas. — Você pode, por favor, colocar o lixo em chamas para fora antes que todo este lugar pegue fogo? — Girando o corpo, encarou Della, que ainda parecia furiosa. — Por mais que eu queira deixar você arrancar a cabeça desse sujeitinho — Burnett indicou Clark —, acho que Holiday não iria aprovar. Então, vá esfriar a cabeça em algum lugar. — Ele apontou para a porta.

Antes que ele baixasse a mão, Della já tinha ido embora, deixando apenas um rastro de cólera no ar.

Respirando fundo, Burnett dirigiu seu olhar zangado para o dragão.

— Transforme-se neste instante!

Perry soltou um rugido de protesto, mas então fagulhas brilhantes começaram a flutuar do teto até o chão. Kylie observou que todos sabiam que deviam evitar as pequenas bolhas de eletricidade. Era engraçado pensar que ninguém se dera ao trabalho de avisá-la sobre essas coisas.

Um segundo depois de parar de chover bolhas diamantinas, o dragão desapareceu e Perry surgiu diante de Burnett. Ele não parecia menos irritado que o vampiro. Então, confirmando a suposição de Kylie, deu um salto no ar, passou por Burnett e aterrissou em cima de Clark. Punhos começaram a golpear o ar.

O vampiro, sem aparentar nenhuma dificuldade, se intrometeu na briga e puxou Perry pelo colarinho da camisa, segurando-o a vários centímetros do chão.

— Chega de briga! — Ele largou Perry no chão.

O metamorfo olhou para Clark e depois para Burnett.

— Ele empurrou Miranda! — protestou Perry, a fúria transparecendo na voz. — Um homem nunca, nunca, deve machucar uma mulher. Você me ensinou isso quando eu tinha 6 anos.

*Seis anos*? Kylie olhou de Burnett para Perry. Então Burnett conhecia Perry desde essa época?

— Eu sei — disse Burnett. — E vou resolver isso com ele mais tarde. Mas você tem que aprender a lidar com as situações da vida sem se transformar, ou nunca será capaz de conviver com humanos.

— Ele estava atirando bolas de fogo! — reclamou Miranda, intervindo. — É lógico que Perry tinha que se transformar para poder fazer alguma coisa.

Kylie viu Perry desviar o olhar para Miranda. A raiva em seus olhos desapareceu e ele olhou para ela com uma expressão de surpresa. Algo dizia a Kylie que não estava acostumado a ver pessoas saindo em sua defesa. Nesse momento, seu coração se compadeceu do metamorfo abandonado pelos pais.

Burnett soltou um profundo suspiro e seu olhar furioso voltou-se para Clark.

— Vá para a sua cabana. Eu estarei lá em breve para lhe dizer qual é a sua punição.

Clark saiu pisando duro, mas não sem lançar um olhar sarcástico para Miranda. Por um segundo, Kylie pensou que Perry ia atacar novamente. O mesmo pensou Burnett, pois ele estendeu a mão e segurou Perry.

— Não se atreva a se transformar.

Mais uma vez, Kylie observou a familiaridade com que Burnett tratava Perry. Obviamente, a filiação de Perry ao programa de adoção da UPF o pusera em contato com o vampiro. E ela suspeitava que Burnett tinha colocado o órfão metamorfo sob sua proteção.

A apreensão de Kylie com relação a Burnett e à biblioteca da UPF diminuiu um pouco. Não que ela estivesse completamente tranquila com relação a ele, mas todos os seus instintos lhe diziam que Burnett não era o inimigo.

Lucas voltou, trazendo com ele um cheiro de fumaça, e ficou ao lado de Kylie. Ela olhou para a lata de lixo que minutos atrás continha chamas que chegavam até o teto. Elas haviam sido extintas, e agora apenas alguns fios de fumaça flutuavam da borda da lata.

Lucas pegou a mão de Kylie novamente, olhou sua palma e a examinou. Então se inclinou e sussurrou em seu ouvido:

— Você está mesmo bem?

— Estou — ela disse, intrigada com a pergunta.

Ele olhou para a mão dela outra vez e carinhosamente passou o dedo em toda a palma.

— Sua mão deveria estar queimada.

Ela se lembrou de que tinha desviado uma das bolas de fogo que atingiriam Miranda.

— Bem, não queimou. — Então se lembrou de que sentiu como se seu sangue tivesse

se transformado em refrigerante e fervilhado em seu cérebro.

O olhar de admiração de Lucas se transformou em uma expressão séria.

— No entanto, da próxima vez que eu tentar tirar você de uma situação de perigo, não lute comigo.

Ela franziu a testa para ele.

— Eu não lutei com você. Só não queria deixar Miranda ou Della para trás.

Ele balançou a cabeça como se a reação dela o exasperasse.

— Você é mesmo uma protetora, hein?

— Talvez eu seja apenas uma boa amiga. — Por alguma razão que ela não conseguia entender, sentiu que ele preferia que ela não fosse uma protetora. Por quê? Será que isso queria dizer que ela tinha menos chance de ser um lobisomem?

Burnett olhou para a multidão de campistas que os observava.

— Vocês, voltem para suas cabanas. A festa acabou.

Assim que saíram, ele fixou o olhar em Miranda.

— Mexa esse dedinho para mim novamente e eu vou...

— Della disse que você vai decepá-lo — disse Miranda com uma risadinha, nem um pouco intimidada com Burnett. Burnett soltou um grunhido, contrariado com a franqueza de Miranda.

— Ela não tinha intenção de transformá-lo — disseram Perry e Kylie ao mesmo tempo.

— Era Clark que ela queria atingir — acrescentou Perry, franzindo a testa para Burnett.

— Não importa — disse Burnett. — Isso nunca mais vai acontecer. Você entendeu? — Ele olhou novamente para Miranda.

Ela assentiu.

— Entendi. Me desculpe.

Kylie teve certeza de que ela teve que se esforçar para parecer arrependida, mas o pedido de desculpas soou sincero. E foi aí que Kylie percebeu que todos os campistas aceitavam Burnett como um dos líderes. Ele podia não ter o mesmo método afável e até carinhoso de Holiday ao lidar com os campistas, mas conseguia o mesmo efeito de outras maneiras.

Burnett cruzou os braços sobre o peito.

— Agora, todos vocês, tratem de voltar para suas cabanas.

Todos eles se viraram para ir embora. Lucas pegou a mão de Kylie, para que ela soubesse que ele iria acompanhá-la.

Mas então Burnett acrescentou:

— Todos, menos Kylie.

*Ah, que ótimo... O que era desta vez?* Kylie parou e se virou para encarar Burnett.

# Capítulo Dezesseis

Tão logo o barulho da pesada porta de madeira ecoou no refeitório vazio e ainda cheio de fumaça ao se fechar, Kylie decidiu confessar e pôr um ponto final na situação.

— Eu sei, a culpa é minha. Peço desculpas. Pensei que estava ajudando.

Burnett, com os braços ainda cruzados sobre o peito, olhou para ela.

— O que é culpa sua?

— Isto — disse ela, apontando para o refeitório e desejando, de repente, não ter assumido a culpa tão rápido. Mas depois voltou atrás, sentindo que assumir a responsabilidade era a coisa certa a fazer.

Burnett olhou para ela enquanto os segundos se passavam, o que só intensificou a sua necessidade crescente de acabar com o silêncio.

— Ok, olha — disse ela —, fui eu quem disse a Perry para interromper a dança entre Miranda e Clark.

Ele balançou a cabeça.

— Sim, eu ouvi isso. Estava no escritório.

Kylie franziu a testa, se perguntando se ele também tinha ouvido a sua conversa com Lucas.

Ele baixou os braços, o que o fez parecer menos intimidador.

— Mas isso não significa que seja culpa sua.

— Então você não me segurou aqui para me passar um sermão por provocar essa bagunça?

— Não. — Ele se abaixou e colocou duas cadeiras na posição vertical e fez um sinal para ela se sentar.

— Estou em apuros por causa de outra coisa? — ela perguntou enquanto se acomodava na cadeira.

Ele virou a cadeira e se sentou ao contrário, com uma perna de cada lado.

— Não. Eu só queria falar com você. — Ele cruzou os braços sobre o encosto da cadeira. — Está tudo bem com a sua mão?

Ela estendeu a mão para ele ver.

— Está.

Ele olhou para a mão dela, depois para o seu rosto novamente.

— Holiday ligou. Estava preocupada com você.

— Por quê?

Ele parecia se esforçar para escolher as palavras certas.

— Eu contei a ela o que você tinha perguntado sobre o pássaro.

— O que ela disse? — Kylie se inclinou um pouco para a frente, pronta para receber pelo menos uma resposta da sua longa lista de perguntas.

— Ela disse que você não deve se preocupar. Se de fato trouxe o pássaro de volta à vida, isso custou apenas uma fração muito pequena da sua alma.

— Mas eu realmente dei uma parte da minha alma a ele?

— Possivelmente — disse Burnett.

Kylie hesitou por um segundo, mas precisava saber, então simplesmente perguntou.

— Ela disse algo sobre o pássaro me perseguir?

— Perseguir você?

— É, ele ficou voando à minha volta hoje, mas eu não tinha certeza se não era só por coincidência. Mas então veio até a minha janela hoje de manhã e ficou bicando a vidraça.

Os olhos de Burnett se arregalaram um pouco de surpresa, e então sua expressão inescrutável voltou.

— Você tem certeza de que era o mesmo pássaro?

— Não, mas é muita coincidência se não for, você não acha?

— Talvez — disse ele. — Você sentiu algum tipo de ameaça vinda do pássaro? Como aconteceu com a águia e o cervo?

— Não, nada. Foi tudo tranquilo e sereno.

— Bom. — Ele olhou para as próprias mãos como se tivesse alguma coisa para dizer e não fosse algo fácil. — Bem, sobre a biblioteca da UPF...

— O que tem? — perguntou, sentindo o nervosismo tomar conta dela.

— Eu não quero que pense que eu estava mentindo hoje mais cedo. Eu não estava. No entanto, considerando que trabalho para a UPF, só estava autorizado a dizer o que disse.

— Então você de fato mentiu pra mim? — perguntou ela.

— Não. — Ele apertou os lábios como se estivesse frustrado. — Eu disse a você tudo o que podia. A verdade é que existem alguns livros que eu não tenho permissão para ver.

Ela de repente sentiu frio, o tipo de frio que vinha do medo de saber aonde aquela conversa os levaria. Do medo de descobrir a verdade sobre si mesma.

— Existem livros sobre... outros como eu, não existem? — perguntou ela. — Outros que não sabem o que são.

Ele hesitou novamente e entrelaçou os dedos.

— Eu nem sei o que existe nessa biblioteca, mas, se houver esse tipo de livro, duvido muito que conseguiria permissão para que você os lesse.

— Por quê?

— A UPF considera noventa por cento do que eles coletam como informação confidencial.

A frustração cresceu em seu peito.

— Qual é o grande segredo? Quer dizer, a chave para entender o que eu sou poderia estar nessa biblioteca. E vocês não estão me deixando descobrir. É tão frustrante! É como se estivessem tentando de propósito me impedir de saber sobre os meus poderes, a minha identidade.

— Não estamos te impedindo de saber, e quanto à chave para você descobrir o que é, é muito mais provável que esteja em outro lugar, aqui no mundo exterior, e não na biblioteca. Existe um monte de informações confidenciais em jogo, mas não há nada que estejamos tentando esconder de você.

— Mas não é o que parece — disse ela. — Diga a verdade, por favor. Você sabe o que eu sou?

— Não — ele disse novamente, e seus instintos lhe diziam que ele não estava mentindo. — Olhe, a única razão que me levou a falar sobre isso é que não quero que você deixe de confiar em mim. Estou tão perplexo com o que você é quanto... bem, quanto você mesma.

Kylie afundou na cadeira, resignada com o fato de ele não querer, e talvez nem poder, lhe dar mais respostas.

— Tudo bem.

Ele assentiu e, em seguida, olhou ao redor do refeitório.

— Você acha que podemos convencer todo mundo a não contar a Holiday sobre esse desastre?

Kylie olhou para a madeira chamuscada, escurecida pelo sopro do dragão e as bolas de fogo de Clark.

— Acho que não vai ser fácil.

Ele olhou ao redor e franziu a testa.

— Tem razão. Mas, que droga!, eu queria provar a ela que sou capaz de cuidar sozinho do acampamento sem estragar tudo.

— Você não estragou nada — disse Kylie. — Tudo está bem quando termina bem. Não há mortos nem feridos.

Ele soltou um grande suspiro.

— Até me transformaram num canguru.

Kylie não conseguiu reprimir uma risadinha. Então Burnett riu também. Kylie não podia ter certeza, mas achava que era a primeira vez que ela o via fazer isso.

— Holiday vai gostar disso, não vai?

Kylie continuou a rir.

— Com certeza! Posso contar a ela?

— Não. — Então ele lhe lançou o que ela podia jurar ser um sorriso. — Se é para fazê-la rir, eu mesmo faço.

Kylie o analisou por alguns instantes, sentindo novamente a devoção que ele tinha

por Holiday. Pensando em devoção e em Burnett, ela decidiu fazer outra pergunta que tinha lhe ocorrido.

— Você e Perry têm uma história em comum, não têm?

Ele parou por um segundo e então disse:

— Mais ou menos. Por quê?

— Por causa do jeito como vocês dois se tratam.

Ele assentiu, mas não entrou em detalhes.

— Foi através do programa de adoção, não foi? Você também foi assistente social ou coisa assim?

A expressão de Burnett continuou impenetrável.

— Ele te contou sobre o programa?

— Contou.

Burnett balançou a cabeça.

— É. Foi por causa dele que nos conhecemos.

Ele não parecia ansioso para contar mais nada sobre seu passado, por isso Kylie decidiu deixar isso de lado, ou pelo menos em parte.

— Perry não está muito encrencado por causa disso tudo, não é? — Ela franziu a testa. — Quer dizer, isso tudo aconteceu um pouco por minha causa. Ele estava indo embora e eu o convenci a voltar.

Burnett arqueou uma sobrancelha.

— Verdade seja dita, ele se comportou muito bem... Considerando... — Ele olhou em volta novamente. — Você não acreditaria se visse quanta bagunça já tive que limpar por causa desse garoto.

Kylie imaginou Burnett vindo em auxílio de um Perry mais jovem — um Perry que não tinha ninguém, porque seus pais o abandonaram. Suas dúvidas sobre Burnett ou sobre se devia confiar nele praticamente desapareceram. Sem pensar, ela disse:

— Sabe, você não é nem de perto o cara durão que finge ser.

Burnett franziu a testa como se não gostasse de ser considerado um cara bonzinho.

— Eu não apostaria nisso — disse ele. — Basta perguntar a Holiday. — Ele ficou de pé. — Venha, vou levá-la até a sua cabana. Preciso falar com Clark antes que fique muito tarde.

— Você não precisa me acompanhar. Posso ir sozinha.

— Nada disso. Você ainda está sob a proteção de uma sombra.

Quando saíram do refeitório, Kylie ficou satisfeita ao respirar o ar da noite, livre do cheiro de fumaça. A lembrança da dança com Lucas voltava de vez em quando à sua mente, mas ela a afastava, pois não queria pensar naquilo enquanto estivesse na companhia de outra pessoa. Principalmente por temer que Burnett tivesse ouvido toda a conversa.

Eles começaram a percorrer a trilha que levava à cabana de Kylie. Algumas criaturas da noite agitavam os arbustos ao longo do caminho. Burnett olhava de um lado para o outro, sempre atento, sempre vigilante.

— Você não sofreu mais nenhuma ameaça, não é? — ele perguntou.

— Não.

— Sempre me surpreendo ao ver o que uma sombra pode evitar.

Kylie olhou para ele através da escuridão.

— Você acha que é só por isso que nada voltou a me acontecer? Acha que alguém, muito provavelmente Mario ou seu neto, ainda está à espreita para me pegar quando eu estiver sozinha?

Ela pensou em contar sobre o sonho, mas não viu como isso ajudaria.

— Acho que não poderíamos ser mais cuidadosos.

Kylie sentiu um conhecido arrepio passar por ela lentamente e soube que tinham companhia. Ela olhou em volta para ver se o espírito tinha se materializado, mas não viu nada.

Um sentimento de tristeza, porém, que parecia penetrar em seus ossos, revelou que se tratava de Jane Doe. A lembrança do espírito da mulher e do filho que ela perdera aflorou na mente de Kylie. A necessidade de ajudá-la oprimia seu peito. Se Holiday estivesse no acampamento, ela a procuraria para conversarem sobre isso. Mas não achava que Burnett seria útil no que dizia respeito a fantasmas. Especialmente quando se tratava de um fantasma grávido.

— Quem será a minha sombra amanhã de manhã? — perguntou ela.

— Eu acho que será Della — disse Burnett, olhando em volta, quase como se sentisse a presença fantasmagórica.

— Você se importaria se fôssemos ao cemitério de Fallen amanhã?

Burnett parou de andar.

— Por que você quer ir até lá?

Kylie esfregou os braços, tentando afugentar o frio.

— Tem a ver com o meu mais recente fantasma.

— O que é uma boa razão para não ir — disse ele.

Kylie franziu a testa ao pensar que ela e Holiday eram as únicas que não eram contra os fantasmas.

— O espírito não consegue se lembrar de quem é e, como na primeira vez em que apareceu para mim, minha mãe e eu estávamos passando de carro pelo cemitério, acho que poderia estar enterrado lá. Eu perguntei a Holiday se eu podia ir e ela me disse que sim, desde que alguém me acompanhasse e vocês soubessem onde eu estava.

A expressão de Burnett não mudou, mas algo sobre a maneira como ele afundou os ombros dizia que se dera por vencido.

— Deixe-me conversar com Holiday primeiro. Se ela disser que tudo bem, eu... eu vou com você.

— Você não precisa ir. Tenho certeza de que Della e eu poderíamos...

— Não. — Pelo seu tom ela sabia que ele não cederia. — Até termos certeza de que você não corre mais nenhum perigo, não vai deixar o acampamento sem mim. — Seu olhar severo pontuava suas palavras, e então ele continuou: — Estou falando sério sobre isso, Kylie. Eu não quero te assustar, mas, se for mesmo Mario ou o Ruivo, eles não vão desistir. Estão esperando uma oportunidade em que você esteja mais vulnerável para atacar novamente. E da próxima vez você pode não ter tanta sorte.

Com uma nuvem de frio fantasmagórico seguindo-a, Kylie entrou na cabana poucos minutos depois. Della e Miranda estavam sentadas à mesa da cozinha, conversando.

Miranda disparou a falar.

— Você viu Perry? Ele não estava absolutamente impressionante? Ainda lutou por mim quando estava na forma humana!

— É, eu vi — disse Kylie, relutante em se aproximar um pouco mais e arruinar o momento de descontração das amigas, quando sentissem o espírito. Kylie olhou para Della, cujos olhos ainda brilhavam de raiva.

— Burnett expulsou Clark? — Della perguntou. — Porque se não expulsou, vou ter que dar uma lição naquele bruxo que ele nunca mais vai esquecer.

Kylie se lembrou de que Della tinha sido atingida por uma bola de fogo e sabia que, para uma vampira, aquilo provavelmente tinha sido muito embaraçoso, especialmente depois que Kylie conseguira agarrar outra e tirá-la do caminho.

— Sei que Burnett está indo falar com ele agora, mas não sei o que pretende fazer.

— Ele queimou a saia nova de Miranda! — Della levantou a saia, que tinha uma parte chamuscada.

Miranda acenou com a mão.

— Eu já disse que não faz mal.

— Faz mal, sim — Della retrucou. — Se Kylie não estivesse lá, ele poderia ter machucado você.

— E você? — Kylie perguntou, olhando para Della. — A bola de fogo te queimou?

— Um pouco, mas já me curei. — O olhar de Della se voltou para a mão de Kylie. — Você deve se curar rápido, também.

— É. — Kylie preferiu não dizer que não tinha sido queimada por nenhuma bola de fogo atirada por Clark. Ou pelo menos não tinha sentido a queimadura. Ela se lembrou da observação de Lucas de que ela realmente era uma protetora. E novamente se perguntou por que ele parecia quase infeliz com essa possibilidade.

O frio fantasmagórico se aproximou e Kylie passou a mão na pele arrepiada dos

antebraços. Então se sentou no sofá.

— Burnett está bravo comigo por transformá-lo num canguru? — Miranda perguntou.

Kylie sorriu.

— Acho que a raiva já passou.

— Eu ainda o evitaria por alguns dias se fosse você — sugeriu Della. — Quer dizer, você viu como ele estava furioso quando você transformou-o de volta? — Ela sorriu. — Embora ele não esteja tão puto quanto eu estaria. Juro, se tivesse sido eu, teria voado no seu pescoço, logo depois de dar um daqueles socos de canguru no Clark. Mas foi engraçado ver Burnett saltitando pra lá e pra cá feito um maluco.

— Eu não queria ter feito aquilo — lamentou-se Miranda. — Não estava nem mesmo pensando num canguru.

— Em que você estava pensando? — Kylie perguntou.

— Numa cacatua. Acho que pronunciei errado. — Ela franziu os lábios como se estivesse pensando. — Mas, bem, pelo menos descobri como transformá-lo em ser humano novamente. Eu devia receber algum crédito por isso.

— Crédito? — Della riu. — Se você não tivesse sido capaz de transformá-lo de volta, suspeito que a essa hora já teria virado comida de canguru.

Miranda suspirou.

Kylie decidiu mudar de assunto e olhou para Della.

— E o que aconteceu com o nosso pacto?

Della franziu a testa.

— Digamos que não tenha funcionado tão bem para nós. Mas esqueça nós duas. Como vão as coisas com Lucas? Vi que vocês dois ficaram lá fora por um tempo.

Kylie mordeu o lábio, sem saber o quanto queria contar às amigas.

— Foi bom.

— Bom quanto? — perguntou Miranda, que não era de respeitar a privacidade de ninguém. A bruxinha chegou a esfregar as mãos de expectativa.

— Muito bom — Kylie respondeu, lembrando-se de como se sentira ao dançar com Lucas, beijá-lo como se tivessem a noite toda. Mas o frio fantasmagórico arrepiando seus braços nus afugentou a lembrança. Kylie olhou em volta novamente para se certificar de que Jane Doe não tinha se manifestado.

— Até que ponto vocês foram? Só conversaram? Se beijaram? — Os olhos castanhos de Miranda se arregalaram. — Ou vocês dois...?

— Só nos beijamos. — Lembrando-se da acusação das amigas de que ela era uma espécie de freira, Kylie acrescentou: — E dançamos à luz do luar. Foi muito romântico.

— Romântico ou sexy? — Della perguntou. — Existe uma diferença, você sabe.

Kylie franziu a testa.

— Não, não existe, não.

— Ah, existe, sim — Della insistiu. — Romântico é pensar... "Oh, ele é tão doce!" E sexy é... "Ai, Deus! Como ele é gostoso! Acho que vou derreter por dentro..." Então, como foi? Romântico ou sexy?

— Derreter por dentro? — Kylie revirou os olhos.

— É só modo de falar, mas você sabe o que eu quero dizer — Della insistiu. — Então, como foi? Romântico? — Ela estendeu uma mão. — Ou sexy? — Estendeu a outra.

Kylie analisou a questão e, em seguida, admitiu a verdade.

— As duas coisas.

Miranda deu um gritinho.

— Foi tão bom quanto o beijo do riacho?

Kylie se lembrou de que tinha estado no riacho com Lucas mais de um mês antes. Ela tinha caído sobre ele e eles se beijaram. Trocaram um beijo profundo enquanto a água fria do riacho passava por eles e o corpo quente de Lucas pressionava o dela. E ela percebeu que Della tinha razão sobre a diferença entre sexy e romântico. O beijo do riacho tinha sido sexy. Aquela noite tinha sido... Bem, mais romântica, mas mesmo assim sexy.

— Sabe, vocês duas têm que começar a ter seus próprios encontros românticos! Eu estou cansada de ser a única que tem coisas pra contar.

— A gente está se esforçando — disse Miranda, dando de ombros. — E então? Dê mais detalhes. Hoje foi tão quente quando o dia do famoso beijo no riacho?

Socks saiu do quarto gingando, se aproximou de Kylie e encostou o nariz pontudo em seu tornozelo.

— Não foi tão quente — disse Kylie, abaixando-se para pegar o gambá no colo. Ela abraçou o gambá e esfregou seu focinho contra o nariz. — Mas quase.

Lembrando-se da noite "quase tão quente", Kylie olhou para suas duas melhores amigas e se perguntou se elas saberiam responder à pergunta que ela planejava fazer a Lucas.

— O quanto vocês duas sabem sobre os lobisomens e seus poderes?

— Eu sei que não são tão poderosos quanto os vampiros — Della disparou.

— Não estou falando da força física. Mas de outros tipos de poder.

— Que outros tipos de poder? — perguntou Della.

Kylie tentou descobrir uma maneira de dizer aquilo.

— O poder de persuadir uma garota a fazer coisas.

— Coisas? Que tipo de coisas? — Della olhou para Miranda, que arregalou os olhos. — Você quer dizer... ? — As duas se voltaram para Kylie. — Ok, desembucha! — exigiu Della. — O que aconteceu hoje à luz da Lua, afinal?

— É isso aí, pode começar a falar — acrescentou Miranda. — E não deixe de fora nenhum detalhe picante.

# Capítulo Dezessete

Kylie sentiu o rosto começando a pegar fogo.

— Não é o que vocês estão pensando...

Mesmo que ela dissesse as palavras, sabia que estava mentindo.

— Ok — disse ela. — É exatamente o que vocês estão pensando.

Miranda ficou de boca aberta.

— Você quer dizer... que vocês...

— Não! — Kylie levou a mão ao peito. — Meu Deus, não! Como eu disse, a gente só dançou e se beijou. Mas...

— Mas o quê? — Della exigiu.

— Fale — disse Miranda. — Mas o quê?

Kylie respirou fundo.

— Mas... ele disse algo que me fez pensar que talvez tivesse a capacidade de me convencer a... vocês sabem o quê. — Ela corou de novo.

— Fazer o canguru perneta? — Della arriscou. — Dançar o hula? Fazer o treme-treme?

Kylie revirou os olhos.

— Onde você ouve essas coisas?

Della sorriu.

— Por aí...

Miranda deu uma risadinha.

— Bem... — Kylie sentiu as bochechas ficarem ainda mais quentes. — De qualquer maneira, sim, é isso o que eu quero dizer — acrescentou ela antes que a sua amiga vampira boca suja viesse com mais algumas expressões meio vulgares meio hilariantes para sexo.

— Eu só quero saber se os lobisomens têm poderes especiais, ok?

Della se recostou na cadeira.

— Talvez ele só queira dizer que vai seduzi-la beijando você. Temos que admitir, ele é muito gato e você disse que os beijos dele são muito bons. Ei, ele faz até os *meus* joelhos tremerem, e eu sou uma vampira com uma antipatia natural por lobisomens.

— Ele é bem fofo! — acrescentou Miranda.

Kylie tentou não pensar nas duas colegas de dormitório com os joelhos trêmulos por causa de Lucas.

— Então vocês não acreditam que esse poder realmente exista? — perguntou em vez disso.

— Não, ele existe — disse Miranda, franzindo a testa como se estivesse pensando. — Eu já ouvi algo sobre isso. Nada muito específico, apenas uns boatos.

— O que você ouviu? — Della e Kylie perguntaram, ao mesmo tempo.

Kylie colocou Socks no chão, levantou-se do sofá e se sentou numa cadeira da mesa da cozinha. Por alguma razão, o fantasma tinha decidido ir embora, o que não a deixava nem um pouco aborrecida. Ela precisava mesmo de uma folga.

Especialmente agora.

— Eu não me lembro dos detalhes — disse Miranda. — Só sei que é meio perigoso namorar um lobisomem. Tem algo a ver com os feromônios dos animais. Porque os lobisomens são basicamente animais, e todos os animais têm uma forma natural de atrair o sexo oposto.

— Como eles fazem isso? — Kylie perguntou.

— Bem — disse Miranda —, os lagartos têm uma espécie de balão colorido que eles inflam no pescoço e as fêmeas parecem achar muito sexy.

Kylie balançou a cabeça.

— Lucas não tem um balão no pescoço.

— Ei! — Della exclamou. — Vocês já viram aqueles passarinhos que fazem a dança do acasalamento? Eles ficam pulando num pé só e arrepiam as penas. Parece que as fêmeas ficam com o maior tesão quando veem os machos fazendo isso. Quer dizer, o cara com as penas melhores sempre vence. Ou serão as penas maiores...?

Miranda riu.

— E ouvi dizer que alguns machos de babuínos têm o traseiro muito colorido e ficam se exibindo para as fêmeas, que supostamente ficam todas ouriçadas.

Embora Kylie estivesse falando sério em sua ânsia de encontrar respostas, ela não pôde deixar de rir.

— Eu não acho que Lucas tenha um traseiro colorido, também. Não que eu saiba. — Ela riu mais ainda.

Antes que a conversa acabasse, Della ligou o computador e elas pesquisaram estranhos rituais de acasalamento que incluíam desde testículos explodindo até excrementos sendo atirados com o rabo, e tiveram ataques de riso até bem depois da meia-noite. Quando finalmente Kylie se deitou em sua cama, concluiu que aquela noite tinha sido justamente do que ela precisava.

No entanto, ainda não tinha a resposta para sua pergunta: afinal, que tipo de poder Lucas realmente tinha?

E ela podia confiar que ele não abusaria desse poder? Seu instinto dizia que sim. Mas e se os seus instintos estivessem sob o efeito de influências externas?

A sensação de estar flutuando tomou conta de Kylie várias horas depois que ela foi para a cama. Seus alarmes mentais dispararam. Seria um sonho lúcido criado por Ruivo outra vez? Então ela percebeu a diferença: estava de fato flutuando, o que significava

que era ela quem estava em movimento.

Ela pensou em tentar parar, mas estava muito cansada, então simplesmente deixou seu corpo deslizar. Flutuou pelo ar, por entre as nuvens do sono.

A sensação de liberdade era eletrizante. Não tinha a menor ideia de para onde estava indo e não se importava. Obviamente, o seu subconsciente tinha um plano. Mas qual?

E então ela o viu. E ele estava tão lindo, deitado na cama, que a respiração de Kylie ficou presa na garganta e ela refreou o impulso de voar. Ele estava sem camisa, também. Os lençóis tinham deslizado para além da linha da cintura e estavam vários centímetros abaixo do umbigo. O olhar dela se moveu para cima e depois para baixo, em seguida, pelo seu peito nu. Havia muita pele descoberta para apreciar...

Então ela examinou seu rosto, tão tranquilo em seu sono. Os longos cílios. O cabelo em desalinho caído na testa, como se ele tivesse passado os dedos pelos fios muitas vezes.

Seu coração acelerou e então ela se sentiu se aproximando do quarto dele, da cama, do seu rosto...

*Não!* Deteve-se no último instante.

Ela tinha prometido esquecer Derek. Seguir em frente. Infelizmente, seu subconsciente não tinha conseguido captar a mensagem. Então, quando a gravidade, ou talvez sua própria vontade, começou a puxá-la para trás, ela se deixou navegar através das nuvens, de volta ao universo de sono.

Acordou com um sobressalto, como se tivesse caído com um solavanco de volta em seu corpo. Recuperando o fôlego, Kylie estendeu a mão para pegar o travesseiro e abraçou-o firmemente contra o peito. A visão de Derek dormindo tomou conta dela. *Não! Não! Não pense em Derek! Pense em Lucas.*

Lucas, que tinha dançado com ela ao luar. Lucas, que a beijara docemente. Lucas, cujo sangue corria mais rápido toda vez que ela estava com ele.

Fechando os olhos, Kylie se perdeu novamente no esquecimento do sono. No doce torpor do sono. E no instante seguinte, lá estava ela num espaço cheio de nuvens, de frente para Lucas. A imagem de Ruivo lhe ocorreu, mas então Lucas disse:

— Sou eu. Sinta. Estou quente. — Ele estendeu a mão para pegar a dela. O toque enviou calor através da palma de Kylie até seu coração.

Ela se lembrou de ter dito a si mesma para pensar em Lucas e se perguntou se estava aprendendo a controlar seus sonhos lúcidos. Uma leve emoção a percorreu, quando uma sensação de plenitude encheu seu peito. Com tantas incógnitas e problemas fora de controle, ela se sentiu muito bem ao pensar que conseguia controlar alguma coisa.

Lucas sorriu para ela com seus olhos azuis sonolentos.

— Eu estava começando a pensar que você nunca mais viria me visitar em meus

sonhos.

De repente, as nuvens se evaporaram como uma névoa indesejada e eles estavam outra vez ao ar livre, no local onde tinham dançado na véspera. A Lua e as estrelas lançavam sombras encantadoras em torno deles. Só que desta vez, a noite entoava a música. Os grilos e de vez em quando um pássaro que cruzavam os ares harmonizavam-se com o farfalhar de uma brisa leve que agitava as folhas dos arbustos e dos carvalhos.

— Quer dançar? — Ele estendeu a mão.

Ela ia colocar a mão na mão dele quando percebeu que Lucas estava sem camisa. Em vez de jeans, usava cuecas boxer longas e soltas. Aquelas do tipo que os garotos usam para dormir — quando não dormem nus. O tipo que as estrelas de cinema usam quando tiram fotos sensuais.

Kylie engoliu em seco de puro nervosismo. Ele estava realmente bem. Estava quente e macio. E quase nu. Como se fosse preciso um só movimento para deixá-lo completamente nu.

— Hã... — Ela apontou para ele, fazendo um gesto com a mão para cima e para baixo. — Você não deveria estar vestido?

Ele sorriu e depois riu abertamente — algo que ele não fazia frequentemente.

— O sonho é seu, Kylie. Você me vestiu para a ocasião. É você quem decide o que eu visto. Então, a pergunta é: é assim que você quer que eu esteja vestido?

Ela sentiu o rosto arder e desejou que pudesse negar, mas Holiday tinha explicado isso durante as muitas conversas que tiveram sobre sonhos lúcidos. Kylie controlava tudo, desde a pessoa que ela visitava até o que acontecia durante a visita. Então, por que tinha visitado Derek primeiro?

E por que queria Lucas seminu?

Ok, aquela era uma pergunta idiota.

— Bem... — Ela deixou a voz sumir, sem saber o que mais dizer. Foi então que percebeu o que ela mesma estava usando. O mesmo pijama curto que tinha vestido para dormir e que consistia numa blusa azul-clara colada ao corpo e um short apertado azul-marinho. Uma roupa de banho teria deixado muito mais pele à mostra, mas ainda assim ela se sentia um pouco indecente.

Não sabia muito bem como poderia trocar as roupas deles, mas fechou os olhos e concentrou-se por alguns segundos. Quando os abriu novamente, ela estava usando o vestido preto que usara na festa, muito mais apropriado. Lucas usava jeans e uma camiseta branca, com a estampa de uma grande carinha amarela sorridente estampada no peito.

Ele olhou para a camiseta que vestia e depois voltou a fitá-la com a testa franzida e uma expressão divertida no rosto.

— Sério? Foi isso que você escolheu?

— Ainda não tenho muita experiência nisso — disse ela, defendendo-se. — Mas não está tão mau assim.

— Uma carinha sorridente? — Ele riu de novo. — Só me lembre de nunca deixar você comprar minhas roupas.

Ela riu, e então Lucas estendeu a mão novamente.

— Estamos aqui pra dançar?

Desta vez, ela pegou a mão de Lucas e deixou que ele a puxasse de encontro a si.

Assim que seus braços quentes a enlaçaram e seu peito comprimiu o dela, Kylie teve a mesma sensação que se tem ao deslizar para baixo de um edredom numa noite de inverno. Suspirou ao perceber o quanto se sentia confortável abraçando Lucas. Quando ela descansou a cabeça em seu peito, a mão dele envolveu sua cintura e sua pulsação frenética se fez sentir contra a parte inferior das costas dela. Aquela vibração parecia fluir para dentro de Kylie e fazia o seu sangue correr mais rápido também.

Kylie então se lembrou da pergunta que precisava fazer e ergueu a cabeça, apoiando o queixo no peito dele. Lucas olhou para baixo e fitou-a nos olhos. Seus olhos azuis estavam escurecidos com um sentimento que parecia paixão, e ela se perguntou se seus próprios olhos estariam expressando a mesma emoção.

— Posso fazer uma pergunta?

— É o seu sonho — ele sussurrou. — Podemos fazer *qualquer coisa* que você quiser.

Ela sentiu uma ênfase nas palavras "qualquer coisa" que lhe causou uma onda de nervosismo.

*Qualquer coisa.*

Respirando fundo, Kylie parou de dançar e deslizou a mão para cima, pousando-a onde sentiu o coração dele batendo.

— Esta noite, você mencionou que os lobisomens são bons... na arte de persuadir.

Os lábios dele se curvaram num sorriso.

— Sim, eu me lembro disso. — Sua voz tinha um toque de provocação sensual que a fez estremecer e querer chegar mais perto.

— O que... O que você quis dizer com aquilo?

O sorriso dele ficou mais sexy.

— Prefiro te mostrar.

Ela mordeu o lábio inferior, refletindo sobre o convite. Estava tentada — e como estava! E que mal faria se ela dissesse sim, só desta vez? Afinal, era apenas um sonho. Nada que acontecesse ali teria efeito em sua vida real. Certo?

— Relaxa, Kylie — disse ele. — É apenas um sonho. — As palavras de Lucas ecoaram em seus próprios pensamentos. Então os lábios quentes do lobisomem roçaram o rosto dela e a onda de desconforto que Kylie sentia aumentou.

— Talvez seja apenas um sonho — disse ela. — Mas parece real e eu... eu prefiro que você responda à minha pergunta da maneira mais antiquada, só com palavras.

Ele concordou com a cabeça. Por um segundo, pareceu não querer continuar, mas depois disse:

— Não é um truque ou qualquer coisa assim. É parte do que eu sou. É instintivo.

— O que é instintivo?

— Quando um lobisomem está com uma parceira em potencial, seu corpo reage de certas maneiras. — Ele fez uma pausa, como se soubesse que essa explicação não seria suficiente. — Na noite passada, quando sua cabeça estava pousada no meu peito, você ouviu um som... Um rosnado baixo.

— Como um ronronar ou um zumbido — disse ela, lembrando-se de se sentir embalada por aquele som suave.

Ele balançou a cabeça.

— Bem, dizem que essa reverberação é meio hipnótica. Ela estimula a parceira a se aproximar.

*Aproximar-se e tirar a roupa*, Kylie pensou, mas não disse nada.

— Causa uma vertigem também — disse ela, lembrando-se de como se sentira na noite anterior.

Ele emoldurou o rosto de Kylie com as mãos.

— É, talvez um pouco. — Ele acariciou o rosto dela com o polegar. — Mas não é um truque para levar garotas pra cama. É apenas uma coisa natural que os lobisomens machos fazem... Se é com isso que está preocupada.

— Eu não estou exatamente preocupada — disse ela. E não estava. Porque, por mais perigoso que o ronronar de um lobisomem pudesse ser, Kylie não achava que tinha de se preocupar com a possibilidade de Lucas abusar do seu poder. Na noite anterior, ele tivera a chance de deixar as coisas irem longe demais entre os dois, mas não fez isso. — Como eu disse, confio em você. — E Kylie ainda confiava.

Lucas estudou o rosto dela.

— Mas?

Ok, havia de fato um "mas". Ela demorou um pouco para encontrar as palavras certas.

— Mas conhecimento é poder. Eu gosto de saber com que estou lidando. E gosto de estar no comando, se entende o que eu quero dizer.

Ele franziu um pouco a testa como se não tivesse gostado da resposta.

— Não é uma armadilha. A fêmea precisa estar perto, bem perto mesmo, para perceber isso.

Kylie sorriu.

— Então eu acho que preciso ter cuidado para não chegar muito perto de você.

— Ou não. — Ele se inclinou e beijou-a suavemente nos lábios. — Eu gosto de você pra valer, Kylie Galen.

— E eu de você, Lucas Parker. — Ela ficou na ponta dos pés para dar um rápido beijo nos lábios dele.

Seus olhos se encontraram e Lucas soltou um profundo suspiro.

— Ok.

— Ok, o quê? — ela perguntou, sentindo que aquilo significava algo.

— Ok, eu vou ser um pouco mais paciente. Ok, estou satisfeito com o que já tenho. Você perto de mim assim. — Ele a levantou e a girou no ar.

Kylie sorriu quando Lucas a colocou de volta no chão.

— Obrigada — disse ela, tocando seus lábios com os dedos.

Ele pegou a mão dela.

— Nós só temos que ter um pouco de cuidado quando não estamos sonhando.

— Cuidado com o quê?

— Como eu disse ontem à noite, quanto mais perto da Lua cheia, mais fortes ficam meus instintos. E às vezes, eles me deixam um pouco impaciente.

Ela não gostou de ouvir isso.

— Você quer dizer que não podemos nos ver na época da sua transformação?

— Eu não disse isso. — Ele franziu a testa. — Nós podemos nos ver. Mas não convém... dançar ao luar por muito tempo. Ou rolar na grama perto do riacho. — Ele sorriu. — Ou nadar sem roupa... — Seu tom de voz pareceu se aprofundar.

— Aquilo foi apenas um sonho. — Ela sentiu seu rosto arder.

— Um sonho e tanto! — Ele sorriu. Então inspirou o ar como se para afugentar os pensamentos. — Mas, basicamente, vamos ficar bem, contanto que a gente não brinque muito com fogo até depois da transformação. — Ele passou a mão pelos cabelos e puxou um punhado deles para a frente. — A menos que mude de ideia. Você sabe que o que acontece nos sonhos não acontece de verdade, certo? Quer dizer, a gente podia...

De repente, ela sentiu algo puxando-a para trás e levando-a para longe de Lucas. Atraindo-a para um lugar que ela não queria ir.

Lucas gritou seu nome. Mas uma nuvem apareceu entre eles. Ela percebeu que dois homens vestidos com aventais brancos a prendiam. Seguravam-na, um a cada braço, com tanta força que ela não conseguia se libertar. O acampamento tinha desaparecido. Agora Kylie estava num prédio desconhecido e os dois homens levavam-na por um corredor escuro e sinistro. Ela gritou e tentou se afastar, mas foi inútil.

Seu coração batia na garganta e Kylie sentiu o medo crescer dentro dela. Nada fazia sentido. Então se lembrou de que tudo era um sonho. Tudo o que ela tinha de fazer era acordar.

Ela fechou os olhos com força. E então com mais força. E mais ainda.

*Acorde. Acorde. Acorde.*

De repente, uma luz clara ofuscou os seus olhos. Tudo havia mudado novamente. Os homens que a arrastaram para longe tinham ido embora. Ela se sentia desorientada, perdida, sozinha. Vazia. Ela se sentia vazia. O que estava acontecendo com ela?

A luz se deslocou de um olho para o outro, e Kylie viu um homem a centímetros do seu nariz. Percebeu que estava deitada numa cama. Não na sua cama, porém. Não na cama de solteiro do acampamento ou na grande cama da sua casa. A cama era diferente. Ela tentou se mexer, mas sentia-se entorpecida. Não, não estava entorpecida — estava paralisada!

— Ela está bem? — uma voz feminina perguntou. Kylie voltou os olhos para o lado na tentativa de ver seu novo raptor, mas a pessoa estava fora do seu campo de visão, e ela foi incapaz de virar o pescoço. O pânico começou a apertar sua garganta novamente.

— Deveria estar — disse o homem, iluminando seus olhos com a luz.

Kylie piscou e, quando abriu os olhos, viu o padrão cerebral do homem. Ele era um vampiro.

Então o homem virou o queixo dela com suas mãos grandes e correu o dedo pela sua cabeça. Curiosamente, Kylie percebeu que ele tocou seu couro cabeludo nu. Ela sentiu falta do cabelo.

*Estava sem cabelo?*

Ela piscou novamente e se lembrou do fantasma, Jane Doe. Será que isso tinha acontecido a ela? Seria uma visão enviada pelo fantasma com amnésia, uma daquelas visões malucas em que Kylie se tornava o próprio espírito? O medo cresceu em seu peito. Ela desviou o olhar para o lado e olhou nos olhos do homem até ver neles seu próprio reflexo. E viu o reflexo de Jane Doe.

Isso deveria tê-la acalmado, mas o pânico ficou ainda maior. Queria sair dali. Nunca quisera estar lá, para começar. Kylie já tinha perdido tudo o que importava. Pensamentos, sentimentos e emoções colidiam em seu peito e ela não sabia ao certo quais eram dela e quais pertenciam ao espírito.

— *Acorde. Kylie, acorde!* — Ela podia ouvir vozes saídas de algum lugar distante. Mas então as vozes desapareceram e ela sentiu as mãos do vampiro sobre a sua cabeça novamente.

— Ela está se recuperando muito bem — disse ele. — Talvez só demore um pouco mais para voltar. Vamos fazer outra ressonância magnética. — O homem se levantou e contraiu as sobrancelhas para ela. — Mesmo assim, podia ser melhor. Seu padrão ainda não surgiu. — Ele franziu a testa. — Eu não entendo isso. Algo não está certo.

— O que eu digo ao marido? Ele acordou algumas horas atrás e está perguntando por ela — disse a voz feminina. Kylie ainda não conseguia ver a quem pertencia a voz.

*Socorro!*, gritava em sua cabeça, porque não conseguia pronunciar as palavras em

voz alta.

— Diga a ele que ela está indo bem. Mas que ainda está em observação. Libere-o se ele estiver em condições.

— Você acha que ela vai sobreviver? — perguntou a mulher novamente.

— Não sei. — Ele enfiou a lanterninha no bolso do avental. — Mas acho que é inevitável perder algumas cobaias. Temos apenas que lembrar que é por uma boa causa.

— Tem razão — disse a voz feminina.

— Traga os resultados do teste. No entanto, se ela não acordar até a noite, vá em frente e extermine-a.

Exterminá-la?

O medo de Kylie aumentou ainda mais.

*Nãããããããão!*

# Capítulo Dezoito

— Droga! Ela não está respirando! — Uma voz masculina familiar soou bem perto dos ouvidos de Kylie e ela queria muito poder responder. Tentou se mexer, mas não conseguiu. Ainda se sentia paralisada.

*Me ajudem. Por favor...*

— Ela já fez isso antes. — Agora era Della falando, e o pânico era evidente em sua voz. Della nunca tinha mostrado pânico ou medo. Pelo contrário, aquela vampira não sabia o que era medo.

— Kylie, acorde! — ordenou a grave voz masculina, e desta vez Kylie percebeu que ela pertencia a Lucas.

De repente, os pulmões de Kylie se abriram e lutaram para respirar. Ela abriu a boca, engasgou e começou a tossir, como se seus pulmões rejeitassem o oxigênio. Virando o corpo de lado, ela continuou a tossir, com a impressão de que seus pulmões iam explodir. Finalmente, abriu os olhos e percebeu que estava no chão da cozinha de sua cabana.

Depois de alguns segundos, a tosse cessou e ela se concentrou na respiração. Alguém a ergueu do chão, puxou-a para o seu colo e segurou-a nos braços. Uma sensação de calor a cercou. Ele estava quente. Muito quente. E ela estava fria. Muito fria.

Kylie focalizou o rosto da pessoa que a segurava com tanta ternura. Tão próxima a ela. Tão quente. E seus olhos eram azuis. Lucas.

Então o rosto dele desapareceu num borrão e ela viu o rosto de uma mulher estranha se aproximando. A sensação dos braços de Lucas ao seu redor parecia uma lembrança cada vez mais longínqua no tempo.

— Ela parou de respirar de novo! — Lucas gritou, e começou a sacudi-la. — O que eu faço? Alguém me diga o que fazer!

— Holiday disse que ela vai ficar bem. — Kylie reconheceu a voz de Burnett, mas ela parecia estar vindo de outro lugar, de algum lugar distante, muito distante. — Ela acha que Kylie está, provavelmente, tendo uma visão. Que às vezes... — Então a voz diminuiu de volume e se desvaneceu.

A visão puxou-a de volta e agora ela observava com horror um grupo de mulheres levando alguma coisa até o seu rosto. Só que agora não era mais o rosto dela. Kylie estava vivenciando a vida de Jane Doe, mas era tudo tão real que parecia estar acontecendo com ela mesma.

Ela sentiu uma toalha grossa sendo forçada contra sua boca. Ela ofegou, tentou se mexer, mas não conseguiu. Ela, Jane Doe, estava paralisada, e alguém tentava sufocá-la.

Um sentimento de indignação provocou um bolo em sua garganta, enquanto seus pulmões imploravam por ar. Tudo ficou escuro e então ela viu o espírito de pé diante

dela. Jane Doe se inclinou, os lábios azuis gelados.

— *Eles me mataram. Eles me mataram de verdade* — disse ela. — *Mas você precisa respirar. Você precisa viver.*

Os pulmões de Kylie gritavam por oxigênio, mas ela se sentia incapaz de sorver o ar de que precisava. Então se deu conta de que estava de volta à sua cozinha.

Kylie ouviu Miranda entoando um feitiço a distância. Ouviu Della murmurando que Lucas devia fazer uma respiração boca a boca. E Burnett continuava fazendo perguntas a Holiday pelo telefone.

— Respira, droga! — Lucas gritou.

Ela pressionou a testa contra o peito nu de Lucas e sentiu uma grande lufada de oxigênio em sua garganta. Lágrimas umedeceram seus olhos, e ela chorou pela vida tomada de maneira tão brutal. Chorou pela mulher cujo nome ela nem sabia. Chorou pela mulher que, além de perder a vida, tinha perdido o filho. Como podia haver tamanha injustiça?

— Ela está respirando de novo! — disse Lucas, que a apertava e embalava nos braços. — E está chorando. — Ele baixou a cabeça. — Psiu... — ele sussurrou de modo que só ela ouvisse. E então disse para os outros: — vou levá-la para a cama. Ela está gelada...

Kylie sentiu que estava sendo suspensa nos braços de Lucas. Recordou vagamente que ele a carregara para a cama naquela noite, semanas atrás, quando ela tivera a visão de Daniel, e por alguma razão, sentiu que de fato era ele que devia estar ali naquele momento. Pareceu a coisa certa quando ele a baixou na cama e, em seguida, deitou-se ao lado dela e segurou-a contra o peito, com os braços em torno do seu corpo. Cansada demais, emocionalmente exausta demais para falar qualquer coisa, sentiu-se especialmente bem quando adormeceu com a cabeça em seu peito quente.

Infelizmente, quando ela acordou um pouco mais tarde, ainda nos braços de Lucas, ele, Burnett, Miranda e Della a encaravam em estado de choque e com ar de profunda preocupação. E Kylie se sentiu um pouco como se tivesse sido flagrada beijando um garoto na boca em público. Foi um tanto incômodo.

Ela se afastou do peito dele, tirou o cabelo do rosto e olhou para todos os seus espectadores, que a encaravam como se sua cabeça de repente pudesse começar a girar 360 graus ou coisa assim. Será que eles não percebiam que, aos olhos daqueles que não as têm, suas próprias habilidades e poderes eram tão estranhos quanto essa possibilidade?

As palavras "Você está bem?" e algumas variações da mesma pergunta partiram das quatro pessoas.

Kylie assentiu com a cabeça.

— Estou bem.

— Ela está acordada e diz que está bem — disse Burnett ao celular. — Sim, peço pra ela te ligar assim que puder.

Kylie lembrou-se de que Burnett falava com Holiday.

— Sinto muito — ela disse. Não tinha certeza de por que sentia a necessidade de se desculpar. O que aconteceu não tinha sido culpa dela. No entanto, ainda não sabia exatamente *o que* tinha acontecido, além da visão da morte de Jane Doe. Mesmo assim, supunha que fosse uma boa ideia se desculpar por dar um susto em todos no meio da noite.

Kylie olhou para Burnett.

— Como você... Por que você...? — O constrangimento causou nela um aperto na boca do estômago. — Eu estava gritando tão alto que acordei todo o acampamento ou algo assim?

— Não. Você quase não gritou — explicou Della. — Acordei com você vagando pela cozinha, resmungando e, bem, gritando um pouco. Quando fui ver se estava bem, você estava, tipo, totalmente fora de si. Quer dizer, as luzes estavam acesas, mas não havia ninguém em casa, se é que me entende. Você não estava aqui.

— É — confirmou Miranda, entrando na conversa. — E eu acordei com Lucas tentando derrubar a porta e dizendo que tinha de ver como você estava. — Miranda olhou para Lucas. — Como você sabia que ela estava tendo outro daqueles sonhos?

Lucas não respondeu e Kylie se lembrou de que ela estava em meio a um sonho lúcido com ele quando a visão começou. Será que ele tinha visto também? Se tinha corrido para a sua cabana, era possível que sim.

— Eu... Hã...

Kylie percebeu que Lucas não tinha contado nada sobre o sonho lúcido porque sabia que ela provavelmente não ia gostar que todo mundo soubesse.

— Não foi um sonho — Kylie respondeu, na esperança de desviar a atenção que dedicavam a Lucas. — Foi uma visão.

— Foi o que Holiday disse — falou Burnett, sentado numa cadeira ao lado da cama. Quando Kylie olhou para ele, o vampiro acrescentou: — eu estava andando pelo acampamento quando ouvi o tumulto e vim correndo.

Kylie acenou com a cabeça e olhou para o relógio na mesinha de cabeceira. Eram quase três da manhã.

— Vocês deviam estar todos na cama, dormindo. É melhor irem.

— Tem certeza de que está bem? — Burnett perguntou.

— Tenho — respondeu Kylie, e era verdade. Pelo menos ela achava que era, mas precisava descobrir o significado da visão sem uma plateia observando-a.

— Holiday quer que você ligue pra ela.

— Vou ligar — disse Kylie. As palavras arranharam sua garganta seca.

Burnett balançou a cabeça e acenou para que Lucas o seguisse. Mas este continuou sentado no canto da cama.

— Eu quero falar com ela só um instante — ele disse.

Burnett olhou para Kylie e, quando ela concordou com a cabeça, avisou:

— Seja breve.

— Você precisa da gente? — Miranda perguntou, com um bocejo.

— Não, vocês duas podem ir pra cama. Eu estou bem. Obrigada. — Kylie acompanhou Miranda e Della com os olhos enquanto saíam do quarto e então olhou para Lucas. Ele estava com o semblante carregado, a testa franzida e os olhos azuis cheios de todo tipo de preocupação.

Ele se inclinou um pouco e falou baixo.

— Você tem certeza de que está bem? Aquilo foi bem estranho.

— Você viu também? — perguntou ela.

— Eu vi você sendo puxada por dois sujeitos. Mas então, de repente, não era você. Era outra mulher. E foi como se você tivesse desaparecido numa nuvem. Eu acordei assustado e corri pra cá para ter certeza de que estava bem. Quando cheguei à varanda, ouvi você andando aqui dentro e acho que perdi a cabeça. — O medo se estampou em seu rosto. — Essas visões de fantasmas acontecem o tempo todo?

Ela se perguntou se ele sabia que a ideia de ele se transformar num lobo também a apavorava.

— Não. Não o tempo todo.

— Você sabe o que são essas visões? Por que acontecem?

Kylie hesitou.

— É a maneira que os espíritos têm de me mostrar o que aconteceu a eles.

— Os espíritos que estão te assombrando? — Ele a fitou mortificado, depois olhou em volta como se pensasse que os fantasmas estavam ali.

— É. Mas, relaxa. Ela não está aqui agora. — Kylie se ajeitou sobre os travesseiros. E então acrescentou: — Não é tão ruim quanto parece. — Se lembrou de como se sentiu impotente durante a visão. Lembrou-se da terrível sensação de estar sendo sufocada até a morte e seu coração se apertou pelo fantasma. Tudo bem, talvez *fosse* tão ruim quanto parecia, mas se ela pudesse ajudar o espírito a ficar em paz, então teria valido a pena.

O telefone de Kylie tocou. Ela se surpreendeu até se lembrar de que deveria ter ligado para Holiday.

— Eu devia... Provavelmente é Holiday — disse ela.

Lucas se inclinou e deu em Kylie um beijo rápido na bochecha.

— Me ligue se precisar.

Ela observou Lucas sair pela porta e pegou o telefone. Não verificou o identificador

de chamadas. Tinha certeza de que era Holiday. Quem mais ligaria para ela às três da manhã? Mas estava enganada.

— Está tudo bem? — A voz de Derek chegou aos seus ouvidos e a imagem dele sem camisa, deitado na cama, com as cobertas abaixo da cintura, dominou sua mente.

Seu rosto enrubesceu.

— Está. Como você... soube?

— Você veio até mim — disse ele. — Num sonho.

— Fui...? — ela gaguejou, mordeu o lábio e olhou para baixo. Será que tinha voltado ao quarto de Derek e não sabia disso?

Kylie viu Socks sair rastejando de debaixo da cama e pular no colchão, para ficar ao lado dela. Sem dúvida, o gambazinho tinha medo de Lucas.

— Você esteve aqui só por um instante e depois foi embora.

Ela se sentiu um pouco mais aliviada.

— Ah, é. Eu percebi o que estava acontecendo. Não tinha a intenção de incomodar você.

— Não teria sido incômodo nenhum — disse ele, parecendo desapontado. — Pensei que talvez você tivesse me procurado porque precisasse de alguma coisa.

— Não. Eu ainda estou aprendendo como funciona essa coisa de sonho lúcido. Eu acordei... aí.

Ele ficou em silêncio por um instante.

— Então você não precisa de nada?

— Não. Estou bem. — Ela fechou os olhos e tentou não deixar que a preocupação na voz dele a levasse a querer coisas que não podia ter. Ele estava com Ellie agora. Ou talvez não. Mas não importava. O que importava era que Derek tinha terminado o relacionamento entre os dois. E não tinha nem sequer tentado resolver o que tornava tão difícil para ele estar com ela.

E Kylie tinha seguido em frente. Estava com Lucas, não namorando firme, mas praticamente. E ele estava ao lado dela. Queria estar ali.

— Ok, eu apenas... queria saber como você estava. Eu me importo com você, Kylie. — Ele baixou a voz, e por um momento pareceu o mesmo Derek de antes. O Derek que se preocupava com ela. O Derek que teria feito qualquer coisa para vê-la bem. — Você sabe disso, não sabe?

Ela engoliu em seco antes de responder.

— Sim — disse com sinceridade. — Eu me importo com você também. — E então se forçou a perguntar: — E como está Ellie?

Derek ficou em silêncio por um segundo, como se soubesse o que Kylie queria dizer com a pergunta. Que agora eles eram apenas amigos.

— Está bem. Se adaptando.

— Bom — respondeu ela. — Eu a conheci há alguns dias. Ela parece simpática. — *E muito bonita*. Kylie mordeu o lábio.

— Ela é legal — disse ele.

— É. Bem, estou feliz por vocês. — Kylie sabia que aquilo não era bem verdade, mas queria que fosse, e por isso não se sentia tão mentirosa.

— Eu já disse que não estamos juntos — Derek insistiu, parecendo frustrado.

— É — respondeu Kylie, e ao ver que ele não dizia mais nada, decidiu fazer a coisa certa.

— Eu preciso desligar. Tenho que ligar pra Holiday.

— Tudo bem — disse ele.

Kylie desligou e tentou afastar a melancolia que o telefonema lhe causou. Realmente precisava ligar para Holiday e depois descobrir o que o fantasma quis dizer a ela com a visão.

Mesmo estando com o sono atrasado, Kylie ligou para a mãe logo cedo na manhã seguinte. Tinha que saber como fora o encontro.

— E então? — Kylie deitou de costas na cama.

— Então, o quê? — A voz sonolenta da mãe denunciava que ela ainda estava na cama.

— Foi um almoço de negócios ou um encontro na hora do almoço?

— Ah, foi... — A pausa revelou mais do que a mãe provavelmente queria contar. — Foi divertido.

— Como assim, divertido? — Kylie procurou não demonstrar suas emoções na voz enquanto apertava os lençóis entre os dedos.

— Só divertido. Eu me diverti, nada demais. Não estou querendo dizer... Não é como se... Olha, querida, foram momentos agradáveis, mas eu não sei muito bem se vai dar em alguma coisa...

— Ele não te convidou pra sair de novo? — Kylie acariciou Socks, que tinha saltado sobre a cama para ganhar atenção.

— Disse que ia ligar. Mas você sabe que os homens sempre dizem isso. E nunca ligam.

Kylie apertou o telefone.

— Se ele ligar, você vai sair com ele?

— Não sei — disse a mãe. — Ah, alguém está tocando a campainha. É melhor eu correr. — A linha ficou muda.

Kylie suspirou. Ela tinha uma leve suspeita de que ninguém havia tocado a campainha. Sua mãe não queria falar sobre o assunto. Mas Kylie não a culpava.

Segundos se passaram e ela permaneceu no mesmo lugar. Apenas ficou ali,

estendida na cama, olhando para o teto. Sentimentos conflitantes oprimiam seu peito. Será que isso queria dizer que a mãe e o padrasto nunca mais voltariam a ficar juntos?

Depois de um banho rápido, Kylie saiu do banheiro enrolada numa toalha e encontrou Miranda no corredor, como se esperando por ela.

— O que foi? — Kylie perguntou.

— Eu sou a sua sombra — a bruxinha anunciou, orgulhosa.

— Eu pensei que fosse Della...

— Você acha que não sou capaz de proteger você? — Ela estendeu o dedo mindinho. — Eu tenho poderes, garotinha!

De fato, Kylie tinha suas dúvidas sobre a capacidade de Miranda para protegê-la, mas não ousaria dizer isso.

— Não, só me lembrei de Burnett dizendo que seria Della esta manhã.

— Ela foi à cerimônia do nascer do Sol e eu fui incumbida de levar você até o escritório, onde Della vai nos encontrar em cerca de... cinco minutos. Então vamos indo.

Kylie olhou para a toalha.

— Posso me vestir primeiro?

— Estou vendo que alguém aqui não gosta muito de acordar cedo... — Miranda fez uma cara engraçada, e Kylie correu para o quarto para se vestir.

Poucos minutos depois, elas saíram da cabana. Miranda virou-se para a porta da frente, fez um gesto com os braços e entoou um encantamento. Da última vez que tinha feito isso fora porque pressentira visitantes indesejados que, descobriram mais tarde, eram Mario e o Ruivo rondando o acampamento e espionando Kylie.

— O que está fazendo? — Kylie perguntou. — Está sentindo alguém por aqui de novo?

Miranda fez uma careta.

— Um pouquinho — disse, aproximando o polegar e o indicador para mostrar o quanto.

— Um pouquinho? — perguntou Kylie, com uma ponta de contrariedade. — Como você pode sentir alguém presente "só um pouquinho"? Quer dizer, ou eles estão aqui ou não estão, certo?

— Ei, não pega no meu pé — avisou Miranda. — Só tive uma sensação e achei que não faria mal fazer um feitiço de proteção.

— Você contou a Burnett? — Kylie perguntou.

— Eu ia contar, mas estou com um pouco de medo de falar com ele sozinha depois do que aconteceu... — Ela corou. — Você sabe.

A lembrança de Burnett na pele de um canguru, saltando de um lado para o outro no refeitório e esquivando-se das bolas de fogo de Clark e das baforadas do dragão

Perry voltou à memória de Kylie. Essa era parte da razão que levava Kylie a duvidar da capacidade de Miranda para protegê-la.

— Seja como for — Miranda continuou —, você disse que Holiday voltaria hoje. Então, acho que vou esperar que ela chegue pra contar.

Kylie revirou os olhos e pensou em salientar que, se Miranda estivesse certa e de fato houvesse intrusos no acampamento, Burnett precisava saber o mais rápido possível, mas ficou calada. Poucas horas provavelmente não fariam muita diferença. Além disso, Miranda tinha um pouco de razão; Kylie estava de mau humor naquela manhã e não era justo que descontasse na amiga.

Quanto ao motivo do mau humor, bem, ela achava que provavelmente era apenas porque tinha dormido pouco. Ela e Holiday tinham passado quase uma hora ao telefone na noite anterior. Tinham conversado sobre tudo, desde a morte da tia de Holiday até a visão de Kylie e o que ela podia ou não significar. Quando questionada sobre os poderes de cura e aquela questão de "dar uma parte da sua alma", Holiday sugeriu que Kylie esperasse até quando pudessem conversar pessoalmente.

Ela quase contou a Holiday sobre suas dúvidas com relação a Burnett por causa da questão da biblioteca da UPF, mas decidiu esperar para conversarem pessoalmente também.

Miranda fez mais um arabesco com a mão sobre a porta, trazendo Kylie de volta ao presente.

— Você se importa se eu contar a Burnett? — Kylie perguntou a Miranda.

Miranda fez uma careta, mas depois disse:

— Tudo bem. Mas estou te dizendo, é só uma sensação. Não é tão forte quanto da última vez que senti. Pode não ser nada.

— Ou pode ser alguma coisa — disse Kylie, e visto que aquilo provavelmente tinha a ver com ela, ficou um pouquinho nervosa. E, tinha que admitir, ela tinha motivo suficiente para ficar nervosa.

Kylie estava na frente dos pesados portões enferrujados e de aparência rangente do cemitério de Fallen. Burnett estava à sua direita e Della, à esquerda. Nenhum dos dois vampiros parecia muito feliz de estar ali.

Kylie não podia culpá-los. Ela mesma não estava muito entusiasmada com a aventura. Mas depois de ter a visão com Jane Doe, estava mais ansiosa do que nunca para ajudar aquele espírito a seguir o seu caminho.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — Della perguntou, a voz crivada de medo.

Kylie fez que sim com a cabeça, mas na verdade não tinha certeza de nada. Deu uma olhada ao redor. Se Hollywood precisasse de um cenário para um filme de terror, ali estaria um muito bom. Como se para provar que ela tinha razão, uma rajada de vento

passou por eles e fez os portões rangerem. Um som fantasmagórico ecoou pelo ar.

A rajada deveria ter trazido consigo uma atmosfera ensolarada para combinar com a manhã. Acima deles, um céu azul sem nuvens prometia um dia perfeito e cheio de alegria. Um sol vibrante brilhava e fazia cintilar o orvalho da noite. Mesmo assim, nada parecia ensolarado, vibrante ou alegre.

Pelo contrário, tudo parecia frio, tão frio que a pele de Kylie estava arrepiada. Della respirou fundo e vapor saiu de seus lábios.

— Eu costumava andar por cemitérios às vezes — disse Della —, mas nunca me senti assim. — Ela esfregou os braços para se proteger do frio.

— Os mortos não perturbam tanto os seres humanos quanto perturbam os sobrenaturais — explicou Burnett. Mesmo sua voz parecia hesitante. Ele olhou para Kylie. — Se você está com receio de fazer isso, apenas me diga e esperamos até Holiday voltar.

Kylie pensou na hipótese, mas se lembrou da dor, do sofrimento e da confusão que o fantasma tinha sentido. Jane Doe precisava de respostas tanto quanto Kylie.

— Não. Estou bem.

— Você está mentindo — disse Della.

— Eu sei. — Kylie olhou para ela e depois para Burnett. — Vocês dois não precisam entrar comigo.

— Não precisamos? — Havia um fio de esperança na voz de Della.

— É óbvio que precisamos! — retrucou Burnett, dando um passo adiante. — Se está determinada a ir em frente, vamos acabar logo com isso.

# Capítulo Dezenove

Tão logo cruzaram o limiar do cemitério de Fallen, uma violenta rajada de vento fez os portões fecharem com força atrás deles.

Kylie estancou, sobressaltada. Della pulou de susto e rosnou, expondo os caninos afiados. Burnett não se moveu, mas seus olhos brilharam num tom amarelo brilhante.

— Não se preocupem — ele murmurou. — Posso derrubar os portões se for preciso.

Della olhou para Kylie.

— Não entendo por que você se sente obrigada a fazer isso.

Kylie mirou os amigos.

— Posso me afastar um pouco? Preciso de espaço para me comunicar com eles.

Ela odiava ter que mentir, mas esperava que assim Della e Burnett não se sentissem forçados a acompanhá-la cemitério adentro. Sabia que não queriam estar ali. Parecia loucura, mas sobrenaturais detestavam tudo que se referia a fantasmas. Pelo menos, talvez dessa forma o ar gelado que ela sempre sentia quando um fantasma estava presente não fosse tão perceptível para eles.

— Ok, vá em frente, mas não tão longe que não possamos vê-la — disse Burnett.

Considerando que Kylie ainda não tinha contado a Burnett sobre o "leve pressentimento" de Miranda, ela não se importava que ele mantivesse contato visual com ela. Mas, no momento, não estava preocupada com Mario e o neto. No momento, eram as vozes sussurradas que Kylie ouvia que lhe causavam preocupação.

Percorrendo as trilhas de cascalho entre as várias fileiras de túmulos, ela deixou que seus olhos vagassem de lápide em lápide, esperando que uma delas lhe chamasse a atenção. Algumas sepulturas tinham pequenos marcadores de concreto ou mármore apenas com nomes e datas inscritas neles. Outras estavam rodeadas de estátuas ornamentais. Algumas pareciam novas; outras, deterioradas pelo tempo. Alguns anjos e santos católicos de concreto tinham trepadeiras agarradas aos seus braços e pernas, como se tentassem chamá-los das profundezas da terra, onde apenas os mortos viviam.

Ela não via nenhum fantasma ainda, mas podia ouvi-los. Eles falavam todos ao mesmo tempo. Tagarelavam. Como dois ou três rádios ligados de uma só vez, mas com toneladas de estática. Se estavam falando uns com os outros ou com ela, não sabia.

Algumas vozes pareciam vir da distância de um quarteirão, outras pareciam vir de espíritos tão próximos a ela que tinha a impressão de que poderia tocá-los se estendesse o braço. Não que quisesse tocá-los. O frio fantasmagórico já a cercava, como mãos estendidas na direção dela, tentando se aquecer no fogo.

Kylie sentia que, num certo sentido, era isso que ela representava para eles. Ela era como o fogo, algo que os atraía. Ela era a vida. Provavelmente a única vida que tinham sido capazes de sentir havia muito tempo. Ou talvez a única vida que pudesse senti-los.

Passos ecoaram e Kylie olhou para trás. Um velho, de bengala na mão, vinha arrastando os pés entre as fileiras de túmulos. Por um instante, ela não soube dizer a que mundo ele pertencia.

Mas então percebeu que Burnett e Della franziram a testa ao olhar para ele. Kylie fez o mesmo e não ficou surpresa ao constatar, pelo seu padrão cerebral, que ele era humano. De repente, uma mulher idosa, mais ou menos da mesma idade do velho, apareceu atrás dele. Seus cabelos longos, finos e grisalhos caíam sem brilho pelos ombros. Ela usava um daqueles vestidos de ficar em casa que a avó de Kylie costumava usar. Aquele era de um tom bem claro de azul. Nos pés, a mulher usava um par de chinelos azul-bebê.

Levou apenas um segundo para Kylie perceber que ela não era deste mundo.

— *Você não está tomando seus remédios como deveria, não é?* — disse ela ao velho. — *Eu sei disso porque os seus tornozelos estão inchados. Você devia tomar os comprimidinhos vermelhos duas vezes ao dia, não os azuis. O que está tentando fazer? Se matar? Você me prometeu que iria se cuidar. Por que nunca me ouve?*

Então a mulher desviou o olhar do velho e olhou direito para Kylie. Seus olhos cinzentos e desbotados pela idade se arregalaram e, em seguida, ela desapareceu. Kylie quase perdeu o fôlego quando a mulher se materializou a centímetros dela. Sua pele era de uma tonalidade cinza mortiça que combinava com os olhos. O cabelo, de um tom acinzentado muito parecido com o dos olhos, flutuava ao vento, quase em câmara lenta em volta da cabeça.

— *Mãe de Deus! Você pode me ver!* — a anciã exclamou.

A proximidade do espírito provocou calafrios em Kylie. Mas a queda na temperatura não era tão perturbadora quanto foi o silêncio repentino.

O burburinho dos espíritos tinha cessado. O único ruído no cemitério era o som dos passos do velho. Seus sapatos se arrastavam pelo cascalho a cada vez que ele dava um passo trôpego, com a bengala batendo de leve no chão de terra, em busca de um lugar estável onde apoiá-la.

Bate, bate. Arrasta. Bate, bate. Arrasta. Bate. Arrasta.

Kylie sentiu mais do que ouviu Burnett e Della recuarem. Ela tinha pedido que se afastassem, mas no momento estava arrependida. Talvez não quisesse ficar sozinha. Mas estava arrependida a ponto de admitir seu medo? Ela sabia que alguém como Burnett admirava a coragem, e Kylie não queria desapontá-lo.

— *Responde, menina! Você pode me ver, não pode?* — A velha acenava com a mão em frente ao rosto de Kylie.

Ela prendeu a respiração. O silêncio agora parecia ainda maior. A ausência de outras vozes falando significava alguma coisa. Significava que os espíritos estavam ouvindo. Esperando pela resposta dela. Esperando para ver se ela admitia que era capaz de ouvir

um deles.

De repente o ar que invadiu seus pulmões pareceu tão frio que ela sentiu a garganta doer. Eles, os espíritos silenciosos, estavam se aproximando. Ela não podia vê-los, nem sequer ouvi-los, mas podia senti-los. O frio ficou dez vezes pior.

O medo provocou um nó em seu estômago. Kylie sentiu uma camada fina de gelo se formar sobre os lábios. Por um segundo, se perguntou se tinha sido uma boa ideia visitar o lugar. Ela conseguiria fingir que não ouvia a mulher? Ou seria tarde demais para ignorar o desespero daquele espírito?

*— Diga que ele precisa tomar os dois comprimidinhos vermelhos.*

Kylie continuou calada. Cristais de gelo cobriram os seus cílios, atrapalhando sua visão.

*— Ele vai conhecer o nosso primeiro bisneto. Durante anos ele só falou em viver o bastante para conhecer a terceira geração da nossa família. Mas, se não começar a tomar os comprimidos direito, não vai conseguir.*

De repente, os outros espíritos começaram a se materializar em volta de Kylie. Dez, depois vinte. Então mais. E quando começaram a se aproximar lentamente, o coração de Kylie disparou de puro pânico. Ela pensou em correr, mas e se eles conseguissem correr ainda mais rápido?

*— Ela pode nos ouvir?* — perguntou o espírito de um homem de aparência decrépita.

*— Ela pode nos ver?* — acrescentou o espírito de uma mulher mais jovem, que se aproximava.

*— Vocês são todos uns tolos!* — gritou a voz de outro espírito. *— Os vivos não podem nos ver.*

*— Mas ela pode!* — argumentou a mulher mais jovem. *— Olhe pra ela!*

Os espíritos iam chegando mais perto.

*— Acham que ela pode nos ajudar?* — uma mulher perguntou.

*— Talvez* — disse outro espírito.

O homem mais velho fitou o rosto de Kylie.

*— O que ela é?*

Os espíritos começaram a se aglomerar em torno de Kylie. As palavras brotavam aos borbotões dos seus lábios, cada um deles falando mais rápido do que os outros, tornando difícil para ela distinguir suas vozes. O som era tão alto que Kylie teve que se esforçar para reprimir o impulso de cobrir os ouvidos. Ela não conseguia se lembrar do que Holiday tinha dito sobre como se fechar para essas vozes. Seria muito tarde para isso?

— Você está procurando um túmulo em particular? — As palavras penetraram nos ouvidos de Kylie e deram voltas no seu cérebro em pânico. Levou um minuto para que percebesse que aquela voz masculina era diferente das outras. As palavras não vinham

dos mortos, mas do mundo dos vivos.

Kylie conseguiu olhar em volta. Viu o velho passando entre duas grandes lápides e vindo na sua direção. Sua bengala fazia buracos na grama verde, deixando visível a terra úmida por baixo dela. Cada vez que ele puxava a ponta da bengala da terra provocava um barulho que parecia alto demais.

Lembrando-se de que não estava totalmente sozinha, Kylie olhou ao redor e viu Burnett de pé no final da fileira de túmulos, vigiando, pronto para se aproximar caso o senhor idoso se revelasse uma ameaça.

Mal sabia Burnett que não era o velho que apavorava Kylie, mas todos os outros seres que o vampiro não conseguia ver. O homem continuava se aproximando dela. Sua presença emanava uma onda de tranquilidade que diminuía o caos que fazia o sangue de Kylie correr mais rápido. Quanto mais perto chegava, mais os espíritos se afastavam.

Kylie tocou o lábio inferior com a ponta da língua para o gelo derreter e piscou para se livrar dos cristais de gelo brilhantes em seus cílios.

— Você parece perdida — disse o velho de novo, parando a alguns metros dela.

Grata pelo fato de a presença do velho lhe trazer algum alívio, Kylie tentou sorrir, mas o sorriso mais pareceu uma careta.

— O gato comeu sua língua, minha filha? — perguntou ele.

— Não — respondeu. Percebendo que não tinha respondido sua pergunta inicial, Kylie buscou uma mentira em que o velho pudesse acreditar. — Estou procurando pelo túmulo... da minha tia.

— Qual é o nome dela? Talvez eu saiba em que direção ele fica. Deus sabe que já andei muito por este cemitério. Eu venho aqui todos os dias, para visitar a minha Ima.

— *Eu sou Ima* — disse a esposa morta do homem, aproximando-se para fitar o rosto de Kylie.

Kylie hesitou e então olhou para sua direita e leu uma lápide.

— Lolita Cannon. Esse é o nome da minha tia. — Ela ainda não sabia se devia admitir que percebia a presença da esposa falecida do homem ou não. Seu coração batia acelerado com sua indecisão. Mas, se ela não dissesse ao velho sobre o remédio, ele poderia...

— Ora, eu acho que o túmulo da sua tia está por aqui em algum lugar. — Ele se virou e começou a procurar, apontando com a bengala para os marcadores conforme os lia.

— *Tem certeza de que ela pode nos ver e nos ouvir?* — Outro espírito apareceu.

Kylie olhou para o recém-chegado de relance, tentando não demonstrar que podia ver qualquer um deles. Era o espírito de outra mulher, mais jovem, de vinte e poucos anos, vestindo um vestido estilo dos anos 70.

— *Tenho certeza* — respondeu Ima, e então se inclinou e chegou tão perto que sua

presença gelada queimou o braço de Kylie. — *Diga a ele sobre os remédios* — ela implorou. — *Se não, ele vai morrer sem nunca ter visto a terceira geração da nossa família.*

— Aqui, está bem aqui. — O velho apontou com a bengala e acenou para Kylie segui-lo.

— Obrigada — disse Kylie, parando ao seu lado ainda sem saber ao certo o que fazer.

— É uma bela lápide — disse ele, usando a bengala para manter o equilíbrio. — Bem, preciso ir. Aproveite o seu tempo com ela.

Ele começou a dar um passo e então parou.

— Sabe, eu de algum modo sinto que a minha Ima pode me ouvir, então vá em frente e converse com a sua tia, se tem alguma coisa que queira dizer a ela.

A mulher do homem ergueu as mãos como se estivesse frustrada.

— *Sim, eu posso te ouvir, velho. É você que não ouve uma palavra do que eu digo. Não sei por que isso me surpreende.* — A mulher olhou para Kylie novamente. — *Esse velho nunca me ouviu quando eu estava viva. E fala mais comigo agora, que estou morta, do que falava antes. Mas eu amo esse velhote. E você tem que me ajudar a ajudá-lo. Por favor, senhorita. Eu não sei o que você é, ou como pode me ver, mas eu imploro.*

Kylie viu o velho dar mais alguns passos para longe dela. Se dissesse a ele alguma coisa, sabia que os outros espíritos voltariam a assediá-la, mas se não dissesse... Kylie não seria capaz de viver consigo mesma se algo acontecesse a ele por culpa dela.

— Espere, senhor. Eu...

Ele se virou.

Merda! Como iria dizer a ele?

— Eu... Eu não pude deixar de notar que o senhor parece um pouco trêmulo. Sabe, isso aconteceu com minha tia e era porque ela misturava os remédios. Estava tomando os comprimidos errados duas vezes ao dia. Os azuis em vez dos vermelhos.

A esposa morta do homem soltou um grito de vitória. A mulher mais jovem ao seu lado olhou para Kylie com assombro.

— *Ela pode nos ouvir!* Mamma Mia!, *ela pode mesmo. Meu nome é Catherine. Qual é o seu?*

O mesmo olhar de assombro que estampava o rosto da mulher mais jovem também se via no rosto do velho.

— Ora, minha filha, eu... poderia jurar que talvez você... Quer dizer, Ima vivia me dizendo para ter cuidado. E eu não tenho me sentido muito bem ultimamente. Acho que vou voltar para casa e verificar a minha receita. — Então ele se virou e seguiu em direção ao portão.

Kylie forçou um sorriso, embora as vozes dos espíritos agora estivessem mais altas

do que nunca, visto que todos sabiam a verdade. Sabiam que ela podia ouvi-los. Sabiam que poderia ajudá-los. Mas será que podia mesmo? Até agora todos os espíritos tinham buscado sua ajuda, mas poderia ajudar aqueles que entravam em contato com ela acidentalmente?

Assim que o velho se virou para sair do cemitério, outra onda de frio atingiu-a lateralmente. O fantasma de Jane Doe se materializou. Ela olhou para Kylie como se estivesse confusa.

*— O que você está fazendo aqui?*

— Não é aqui que você está enterrada? — Kylie perguntou, lutando para ignorar o frio e as vozes.

— Você disse alguma coisa? — O velho se virou outra vez. Suas palavras eram quase inaudíveis em meio à tagarelice dos espíritos, que havia recomeçado.

— Estava falando sozinha — Kylie respondeu, rezando para que ele se virasse antes que ela... Uma onda de tontura quase a derrubou. Lutou para permanecer de pé.

Os espíritos tinham se aproximado novamente, cercando-a, e todos falavam ao mesmo tempo. Queriam que ela fizesse algo por eles. Faziam perguntas.

O olhar de Kylie passava de rosto em rosto. Seu coração estava pesado com a tristeza que sentiam. Isso a fez perceber o quanto ela era insignificante — uma só pessoa e tantas almas precisando de auxílio.

A onda de tontura a assaltou novamente, só que mais forte desta vez. Sua cabeça começou a latejar — a dor explodiu atrás dos olhos. Esfregando as mãos nos braços para se proteger do frio, Kylie se abaixou até a grama verde, abraçou as pernas e pousou a testa nos joelhos.

— Não posso fazer isso — ela murmurou.

*— Para trás!* — Jane Doe disse. — *Vocês estão machucando a menina!*

Kylie sentiu que o frio começava a ceder, a dor atrás das pálpebras diminuiu, e ela só pôde presumir que Jane Doe tinha falado com os outros espíritos. O nível de ruído baixou quase a ponto de não incomodá-la mais.

— Você está bem? — A voz grave e preocupada de Burnett chegou aos seus ouvidos.

Ela levantou a cabeça e viu que os únicos espíritos que restavam era Jane Doe, a esposa do velho e a mulher mais jovem.

Kylie olhou para Burnett.

— Sim. Estou bem. Ou melhorando — disse ela.

Burnett assentiu e depois se afastou. Kylie olhou para Jane Doe e esperou mais alguns segundos antes de perguntar:

— Não é aqui que você está enterrada?

Jane franziu a testa do seu jeito confuso.

— *Eu... não sei.*

— *Ah, mas como não sabe?!* — Exclamou a jovem mulher que, segundo ela mesma tinha dito, chamava-se Catherine. — *Claro que você está enterrada aqui. O seu túmulo e sua lápide estão bem ali. Você foi enterrada pelo sistema penitenciário do Texas. Foi condenada à morte por matar seu próprio bebê.*

# Capítulo Vinte

O choque quase fez Kylie perder o fôlego. Jane tinha matado seu bebê? Seria por isso que tinha amnésia? O horror diante do que fizera teria sido demais para ela?

Jane se voltou para Catherine e ergueu os dois pulsos diante do rosto dela, o corpo rígido de pura fúria.

— *Quantas vezes tenho que dizer que eu não sou Berta! Não matei meu filho. Nunca mataria o meu bebê. Eu o amava*.

Catherine olhou para Kylie.

— *Ela está confusa. Acho que fizeram uma lobotomia nela. Provavelmente para tentar curá-la.*

— *Eu não sou Berta!* — Jane Doe gritou tão alto que Kylie se encolheu. — *E estou farta de ouvir você me chamando assim.*

— *Então qual é o seu nome*? — Catherine replicou.

Jane tinha lágrimas nos olhos.

— *Eu não sei. Não sei quem sou, não sei o que sou, mas sei o que não sou. E não sou Berta Littlemon. Acho que o meu bebê morreu, mas eu não o matei. Eu era casada com alguém. Agora estou perdida. E vazia. E morta*. — Ela se virou e olhou para Kylie como se se lembrasse da visão. — *Alguém me matou*. — Lágrimas escorriam pelo seu rosto no momento em que ela desapareceu.

O peito de Kylie se encheu com um sentimento de solidariedade. Ela voltou a ficar de pé e, embora se sentisse inclinada a acreditar em Jane Doe, tinha ido até ali para encontrar respostas. E para encontrá-las, tinha de fazer perguntas.

— Por que você acha que ela é Berta Littlemon?

— *Eu não acho, eu sei* — disse Catherine. Então ela sorriu. — *E posso contar tudo o que sei se você me fizer um favor.*

Kylie ainda estava junto ao túmulo de Berta Littlemon quando Burnett se aproximou dela, cerca de trinta minutos depois. Desta vez, ele não perguntou se ela estava bem. Porque não precisou. Kylie sentiu que ele tinha deduzido que ela não estava bem pelo olhar de desânimo no seu rosto. Colocando a mão de leve em seu ombro, Burnett perguntou:

— Vir até aqui... serviu pra alguma coisa?

— Não sei — disse Kylie, confusa e perturbada com o que tinha descoberto por meio de Catherine O'Connell. Claro, ela tinha obtido algumas informações, mas a ida ao cemitério tinha servido muito mais para confirmar o quanto ela sabia pouco a respeito de Jane Doe e o quanto seria impossível ajudá-la.

— Já podemos ir? — perguntou ele.

Kylie concordou com a cabeça e eles começaram a caminhar na direção dos portões, onde Della os esperava, tão pouco à vontade quanto no momento em que chegaram.

A multidão de espíritos os seguiu de perto, mas não se aglomerou em torno dela.

— *Você vai voltar?* — sussurrou o espírito de um homem de aparência mais velha.

— *Por favor, diga que vai!* — implorou o jovem espírito de uma mulher.

— *Não é justo!* — lamentou-se outra mulher. — *Por que ela tem que ir embora agora? Eu não tive nem oportunidade de falar com ela!*

Então todos os espíritos começaram a falar ao mesmo tempo, tornando difícil para Kylie compreendê-los e lhe provocando uma forte dor de cabeça. Apesar da multidão de vozes, ela estava vagamente consciente de Ima, a esposa do velho, que ia de um pequeno grupo de espíritos para outro e sussurrava algo para eles.

Kylie parou e massageou as têmporas.

— Lamento muito — disse, e realmente lamentava.

Agora, tudo o que queria fazer era fugir deles, correr para a luz do Sol, ignorar as sombras e fingir que elas não existiam. Mas mesmo que quisesse fugir, sabia que não podia. Como poderia, depois de sentir sua dor, sua mágoa, tão intensamente quanto a sua própria? Como poderia, quando sabia que todos eles tinham algum tipo de assunto inacabado que queriam resolver e ela era a sua única chance de fazer isso?

Ainda assim, Kylie tinha que estabelecer alguns limites ou então provavelmente perderia o juízo como Jane Doe, obviamente, tinha perdido.

E, desse modo, ela não seria capaz de ajudar mais ninguém.

— Eu tenho que ir agora — disse ela. — Vocês não podem vir comigo. Precisam ficar aqui. Mas... eu vou voltar. Prometo. — Era uma promessa que ela tinha a intenção de cumprir, mas que não encarava com muita expectativa.

— Eu não vou voltar — disse Della, caminhando até o carro.

Burnett lançou a Kylie um olhar preocupado e ela balançou a cabeça, indicando que estava bem. Quando saíram do cemitério e ela viu que os espíritos não a seguiam, suspirou de alívio. Ela nunca tinha apreciado tanto a onda de calor do Texas quanto naquele momento.

Olhou para trás, na direção do cemitério. Os espíritos ainda estavam lá, fitando-a sem palavras. Kylie se perguntou se a promessa tinha sido suficiente para convencê-los a ficar ali, em vez de segui-la. Ou se o fato de eles permanecerem no cemitério tinha mais a ver com a mensagem que Ima tinha sussurrado para eles, fosse ela qual fosse.

Kylie sentiu um arrepio descer pela sua espinha. Ela o ignorou e caminhou com Burnett e Della para o carro.

O trajeto de volta a Shadow Falls foi curto. Eles não falaram. Depois de estacionar, os três se arrastaram para fora do Mustang preto. Kylie trocou um olhar com Burnett e perguntou se ela podia faltar às atividades do acampamento pelo resto do dia.

Ele hesitou e Kylie ficou com medo de receber um não, mas então ele franziu a testa e perguntou:

— Será que Holiday iria aprovar?

Kylie acenou com a cabeça.

— Sim — ela respondeu com honestidade. Ajudar os fantasmas fazia parte de seu trabalho como sobrenatural. Holiday iria entender isso e também o esforço que essa missão exigia dela. A líder do acampamento era provavelmente a única que entenderia.

Burnett ainda fez uma pausa.

— Você está bem? Precisa conversar ou alguma outra coisa?

— Não. Estou bem — disse Kylie.

O alívio estampado no rosto do vampiro era quase cômico. Obviamente, a ideia de ter que oferecer conselhos ou mostrar compaixão pelos espíritos não o agradava. Kylie poderia ter brincado com ele por causa disso se não estivesse tão perturbada pelo que havia acontecido no cemitério.

— Só quero ligar meu computador e verificar alguns fatos que descobri.

— Tudo bem — disse ele, acenando para Della segui-la.

— Por favor, não me peça pra voltar lá de novo — implorou a vampira enquanto se afastavam. — Foi *super*estranho.

— Sinto muito — disse Kylie.

— Você descobriu o que você precisava saber?

— Na verdade, não.

— Eles não responderam às suas perguntas? Eu ouvi você falando com eles.

— Não é assim tão fácil.

Por um segundo, Della parecia disposta a fazer mais perguntas, mas então mudou de ideia e resolveu ficar em silêncio.

Isso foi bom. Kylie não estava nem um pouco a fim de explicar como funcionava a comunicação com os mortos. Agora, ela precisava se concentrar no que havia descoberto em sua aventura. Não tinha nem começado a recapitular tudo e concluir em que acreditar.

Jane era ou não era uma assassina de crianças e a crueldade em pessoa? Ansiosa para provar que Catherine O'Connell estava errada, Kylie apressou o passo.

Chegou à primeira curva da trilha, onde as árvores cortinavam o céu, sombreando o caminho. Ela respirou os perfumes do verão, a vegetação verdejante da floresta, o aroma inebriante de terra seca. Estava quase conseguindo acalmar sua mente caótica quando um pássaro azul precipitou-se do céu e pousou bem em seu caminho. A gralha azul inclinou a cabeça e piou alegremente como se se exibisse só para ela.

— Fora! — gritou Della. Mas o pássaro, com toda a atenção concentrada em Kylie, ignorou Della. — Merda! — Ela tirou o cinto. — É aquele metamorfo idiota? — Quando

a vampira ameaçou arremeter para a frente, para fazer só Deus sabe o que com o pássaro, Kylie pegou-a pelo braço.

— Para! É só um pássaro.

Os olhos de Della se arregalaram.

— É o mesmo pássaro que você... trouxe de volta à vida?

— Não sei — disse Kylie, mas sabia que era mentira.

Della acenou com os braços, tentando assustar o pássaro.

— Isso é muito esquisito.

O pássaro continuou a cantar.

— Saia daqui antes que eu quebre o seu pescoço! — Della berrou.

— Deixe-o em paz. — A verdade era que o pássaro estava assustando Kylie também, mas ele não merecia morrer. Ou morrer outra vez.

Além disso, Kylie não estava disposta a dar outra parte da sua alma para trazê-lo de volta à vida.

O pássaro finalmente parou de cantar, então bateu as asas e levantou voo, pairando na frente do rosto de Kylie. Um raio de sol infiltrou-se através das árvores e fez as penas da criatura azul-marinho cintilarem. Então, soltando mais um piado, ele se afastou. Kylie disparou a correr e não diminuiu o ritmo até chegar à sua cabana. Della seguiu-a na mesma velocidade.

Talvez depois de pesquisar sobre Berta Littlemon, Kylie pesquisasse sobre o pássaro azul que a perseguia. Embora ela duvidasse que fosse possível encontrar alguma coisa a respeito disso no Google.

— Então você realmente falou com os espíritos? — Jonathon perguntou. O vampiro tinha sido incumbido de ser sua sombra logo depois que Kylie e Della chegaram à cabana. Claro que a primeira coisa que Della fez foi contar tudo o que tinha acontecido no cemitério. Kylie olhou para Jonathon, sentado em seu sofá.

— Posso fazer minha pesquisa agora, em vez de ficar aqui conversando sobre fantasmas? — Kylie estava orgulhosa de si mesma. Em vez de ceder à vontade de ir direto para a cama, puxar as cobertas sobre a cabeça e dar um grito bem demorado, ela tinha ligado o computador.

Quando a palavra Google apareceu na tela, ela digitou o nome “Berta Littlemon”. Enquanto o computador buscava a informação, olhou para Jonathon novamente.

— Eu só preciso fazer isso aqui.

— Tanto faz... — O tom de voz do vampiro indicava que ele considerara seu comportamento rude.

E talvez fosse, mas com um possível fantasma assassino de criança em suas mãos e um pássaro azul perseguindo-a, Kylie não tinha tempo para ser educada.

— Desculpe — ela ainda resmungou.

Kylie leu a lista de sites que o Google mostrou na tela: *as mais famosas assassinas do Texas, mães que matam, mulheres cruéis do passado*. O coração de Kylie se apertou. Ela clicou no primeiro site e preparou-se para ficar perplexa.

E não foi desapontada. A única coisa que ela não encontrou foi uma imagem decente de Berta Littlemon que fosse o suficiente para identificá-la.

— Que bela sombra você é, vampiro!

Kylie se voltou e viu Lucas parado na porta, olhando Jonathon dormir no sofá.

Jonathon não se mexeu. Nem sequer abriu os olhos ao falar.

— Ouvi você chegar quando estava a um quilômetro daqui. Farejei sua bunda lupina quando estava a dois.

Lucas rosnou.

Kylie revirou os olhos. Ah, o amor entre vampiros e lobisomens era encantador! Por um momento, ela se lembrou da vontade de Lucas de que ela se tornasse um lobisomem. E se perguntou o que aconteceria se ele descobrisse que ela não era. O que aconteceria se ela fosse uma vampira? Será que ele ainda ia gostar dela? Kylie queria muito acreditar que isso não teria importância para ele, que Lucas estava acima de qualquer tipo de preconceito.

Mas a verdade era que Kylie sabia que provavelmente teria importância.

E isso a assustou mais do que pássaros azuis a perseguindo e fantasmas esquecidos que possivelmente mataram seus próprios bebês.

Lucas mudou seu foco de Jonathon para ela.

— Tudo bem?

Kylie respirou fundo. Ela sentiu que ocultar sua fraqueza de Burnett tinha sido uma necessidade. Nem tinha se sentido à vontade para contar alguma coisa a Della ou Jonathon. Mas bastou que os olhos preocupados de Lucas a fitassem para que ela sentisse a garganta apertar com a necessidade de um pouco de conforto.

Ele devia ter sentido a tensão dela, ou talvez fossem as lágrimas que faziam seus olhos arderem, porque foi até ela, pegou sua mão e levou-a até o quarto.

— Eu tenho que ficar de olho nela — Jonathon falou ainda deitado no sofá.

— Por que você não continua aí, observando a parte de trás das suas pálpebras, como estava fazendo quando entrei? — rebateu Lucas, batendo a porta do quarto. A cabana estremeceu com a força que ele fez.

Ao se verem sozinhos, o olhar de Lucas voltou-se para Kylie.

— O que aconteceu? — Ele se aproximou, colocou a mão no pescoço dela e a puxou para si.

Kylie descansou a testa no seu peito e lutou contra as lágrimas. A necessidade de conforto era grande, mas a de chorar era ainda maior.

— Foi horrível! — disse ela, engolindo em seco.

— O que foi horrível? — perguntou ele.

— Eles estavam por toda parte. E então...

— Quem estava por toda parte? — A mão dele se moveu pelas costas dela, consolando-a e oferecendo o toque reconfortante de que ela precisava.

Seu coração doía com o desejo de ter alguém para ajudá-la a compreender a experiência. Kylie levantou a cabeça e olhou para Lucas, mas não se afastou.

— Os espíritos. Mas essa não foi a pior parte. Eu...

Ele soltou outro grunhido de frustração, interrompendo-a. Então observou-a por um segundo como se pesasse as palavras com cuidado.

— Por acaso você não esperava que eles estivessem por toda parte num cemitério, Kylie? Depois do que aconteceu com aquela visão, não consigo entender o que deu na sua cabeça para ir até lá.

Ok, então Lucas era como os outros; não entendia o que ela fazia. Kylie não podia culpá-lo, porém. Tal como Della tinha salientado naquela manhã, falar com fantasmas era algo apavorante. Ainda assim, a reação dele a magoou.

Ela queria que ele entendesse, que fosse capaz de perceber o quanto isso era importante para ela. Mas Lucas não podia. Ele não era... *fae*. Ele não era Derek.

Não querendo pensar em Derek, ela procurou afastar o pensamento.

— Eu tive que ir — disse ela, embora não achasse que isso fosse fazer diferença para Lucas. — É o que eu devo fazer. É por isso que me procuram para obter ajuda.

Lucas franziu a testa.

— Mas a que preço? Eu não gosto de vê-la chateada como está. E com certeza não gosto de pensar que você está se colocando em perigo para ajudar alguém que já está morto. Pelo que sabemos, eles estão mortos porque fizeram alguma idiotice e agora tentam fazer você fazer alguma idiotice também, e pode acabar se machucando por causa disso.

Seu tom de voz, sua expressão, e até mesmo sua postura corporal diziam a Kylie que contar a Lucas que havia muita chance de o seu fantasma ser uma assassina de criancinhas podia não ser uma boa ideia. Então ela se resignou à sua realidade atual. O máximo que podia fazer era resumir o resto da história até Holiday chegar. O que ela esperava que fosse em breve.

— Droga! Eu detesto ver você chateada — ele murmurou entre dentes, e então puxou-a para mais perto.

Kylie mordeu o lábio, lembrando-se de como tinha se sentido quando sua boca ficou coberta de gelo no cemitério.

— Foi um pouco assustador, mas não aconteceu nada.

Ele levantou seu queixo e olhou nos olhos dela.

— Tem certeza?

Não querendo mentir para ele, ficou na ponta dos pés e o beijou. Ele tinha um gosto tão bom! Como uma mistura de pasta de dentes com um pouquinho de chocolate.

Ela sempre gostou de chocolate com hortelã, então abriu um pouco mais a boca. Ele aceitou o convite e, num piscar de olhos, o beijo deixou de ser doce e passou a ser apaixonado. Quando a língua de Lucas deslizou pelos seus lábios, ela se espremeu ainda mais contra ele e qualquer vestígio de preocupação que poderia haver no seu coração se desvaneceu. Tudo em que conseguia pensar era na maravilha daquele momento. A maravilha que era a paixão.

Ela adorava tê-lo tão perto de si. A sensação sedosa de sua boca contra a dela era perfeita. A barba mal feita fazia cócegas nas suas bochechas e seu peito pressionava o dela, encaixando-se perfeitamente. Kylie saboreou a sensação de suas mãos fortes apertando sua cintura. Uma voz no fundo do seu ser lhe dizia que ela poderia lidar com qualquer coisa, pássaros perseguidores, centenas de fantasmas, até um espírito assassino com amnésia. Ela poderia enfrentar tudo isso se tivesse os braços e beijos de Lucas à espera dela quando tudo acabasse. Ela poderia sobreviver enquanto tivesse sua deliciosa proximidade para ajudá-la a lidar com aquilo.

*— Alguém vive e alguém morre.*

A voz surgiu ao mesmo tempo que o calafrio percorreu de alto a baixo a sua espinha. Kylie se afastou do beijo quente e enterrou o rosto no peito cálido de Lucas, sem querer sentir o frio. Agora não. Não tão pouco tempo depois da visita ao cemitério e a lembrança assustadora de todas aquelas almas perdidas precisando de ajuda. Não quando tinha acabado de saber das coisas terríveis que aquela mulher tinha feito.

*— Eles continuam insistindo para que eu diga isso a você* — disse Jane, também conhecida como Berta.

*Quem morre?* Kylie fez a pergunta mentalmente.

*— Talvez eles estejam se referindo a mim* — o espírito disse, parecendo confuso de novo.

De algum modo, Kylie sabia que não se tratava disso. *Alguém vive e alguém morre.* As palavras flutuavam novamente pela sua cabeça. Talvez houvesse uma coisa que os beijos de Lucas não pudessem consertar. A ideia de perder alguém que amava era demais para ela.

Levantando o rosto do peito quente de Lucas, ela abriu os olhos e tentou se concentrar em Jane Doe.

Ao olhar para o rosto do espírito, Kylie se lembrou dos trechos da história que tinha lido sobre Berta Littlemon. Ela não tinha matado apenas o próprio filho, mas o de um vizinho também.

Jane Doe olhou para Kylie sem reservas. Sem nenhuma preocupação. Sem vergonha

alguma. Será que a mulher tinha esquecido o que acontecera no cemitério? Que Catherine a tinha delatado? Que Kylie já sabia de tudo?

Mas mesmo agora, quando Kylie olhava no fundo dos seus olhos, ela não via a alma de uma assassina. Ela via a alma de uma mulher que estava perdida, esquecida e precisava de sua ajuda.

Será que isso significa alguma coisa? Kylie perguntou. Mas o quê?

# Capítulo Vinte e Um

Uma hora depois, Lucas a deixou para ir a uma aula de trilha em meio à natureza e Kylie continuou com a sua pesquisa na Internet. Ela tinha lido a maioria dos artigos de sites que continham informações sobre Berta Littlemon. Também fez uma busca rápida de sites com o nome Catherine O'Connell, a mulher que havia delatado Jane. Não só porque Kylie tinha a intenção de manter sua promessa — trato é trato —, mas porque queria saber se a mulher era honesta.

A pesquisa rápida sobre as informações que Catherine lhe dera comprovou que ela não mentira. Mas será que isso também significava que a mulher estava certa sobre Jane Doe?

Até o momento, tinha encontrado um ou dois sites que tinham uma foto de Berta Littlemon, mas elas eram tão embaçadas que Kylie não poderia ter certeza de que se tratava da sua Jane Doe. Claro, ela tinha cabelos castanhos e parecia tê-los usado compridos um dia, e as características faciais eram semelhantes, mas... ainda assim havia uma esperança.

E a esperança ficou ainda maior quando Kylie se lembrou vagamente de algo que Holiday tinha dito sobre os espíritos que em vida foram ruins.

Quase como se pensar no nome da líder do acampamento tivesse operado alguma mágica, Kylie ouviu a voz de Holiday.

— Posso entrar?

Kylie viu Jonathon acordar com um sobressalto do seu sono profundo. Então ela saltou da cadeira onde estava, atravessou a sala e abraçou a amiga.

— Estou tão feliz que você esteja em casa! — disse Kylie, só liberando a mulher depois de um abraço bem demorado. Ela tinha sentido falta das conversas com Holiday, de tê-la sempre por perto. Mas Kylie provavelmente tinha sentido falta de seus abraços mais do que de qualquer outra coisa. — Eu tenho tantas coisas pra perguntar, pra contar.

Kylie estava prestes a despejar todo o seu trauma emocional sobre Holiday, quando de repente se lembrou da razão que tinha levado a mesma a se ausentar. Sua tia havia morrido. E essa morte tinha estremecido as bases do seu mundo. Talvez, Kylie concluiu, Holiday já tivesse o suficiente em que pensar e não precisasse que ela lhe desse um pouco mais.

Kylie fez uma pausa para recuperar o fôlego.

— Você está bem? Eu sinto muito pela sua tia. Você conseguiu dar um jeito em tudo?

— Estou bem. — Holiday apertou os ombros de Kylie como se entendesse os pensamentos dela. — E, sim, acho que consegui colocar tudo em ordem. A pergunta

importante é se você está bem. Está?

Jonathon se sentou no sofá, parecendo meio adormecido ainda. Holiday não devia tê-lo visto antes, porque ela teve um sobressalto ao ouvi-lo se mexer.

— Ah, Jonathon! Você me assustou! — Holiday olhou para o vampiro sonolento.

— Preciso ficar agora que você está aqui? — perguntou ele.

Holiday consultou o relógio.

— Eu devo ficar aqui durante uma hora, e Della estará de volta antes disso, então, se você quiser ir, não tem problema.

Elas esperaram Jonathon sair, então Holiday passou um braço em torno do ombro de Kylie.

— Agora, me diga o que está acontecendo com você.

Kylie encontrou seu olhar.

— Tem certeza de que vai aguentar?

— É tão ruim assim? — Holiday franziu a testa de preocupação.

— Não. Bem, sim, mas o que eu quero dizer é: você vai conseguir lidar com os meus problemas agora que tem os seus? — Kylie olhou para Holiday como se imaginasse o que a amiga estava passando. — Eu sei como é a sensação de perder alguém. Quando a minha avó morreu, até respirar era difícil.

Holiday deu um sorrisinho.

— Eu estou bem. Ainda sofrendo um pouco — acrescentou honestamente —, mas digamos que eu esteja usando o método Kylie Galen de lidar com os problemas.

— E qual é ele? — Kylie perguntou, intrigada.

Holiday sorriu abertamente.

— Estou me concentrando nos problemas dos outros, assim não tenho tempo de pensar nos meus. — Ela olhou Kylie nos olhos. — Sério, eu estou bem. Agora, me diga o que você descobriu no cemitério. E depois temos um monte de coisas para conversar.

Kylie começou a andar até a mesa da cozinha e então se lembrou da questão pendente que ela queria perguntar a Holiday. Voltou-se novamente para ela.

— Só uma coisa antes. Você não me disse uma vez que as almas realmente ruins não ficam vagando por aí, que elas vão direto para o inferno?

— Na maioria dos casos, é o que acontece. Mas existem algumas que... — A preocupação fez com que Holiday se interrompesse. — Por quê?

Kylie franziu a testa, e foi então que toda a frustração que sentira naquela manhã desabou sobre os seus ombros toda de uma vez.

— Por que tudo tem que ter exceções? Seria tão bom fazer uma pergunta e obter simplesmente um sim ou não! Ou preto ou branco. — Ela se deixou cair pesadamente na cadeira da cozinha. — A vida seria muito mais fácil.

— Mais fácil, sim. Mas realista... não. Poucas coisas são preto no branco. — Holiday

inclinou a cabeça para o lado, estudou Kylie por um momento, então franziu o cenho. — Por favor, me diga que você não se envolveu com um espírito infernal...

Quinze minutos depois, Kylie estava sentada ao lado de Holiday, enquanto essa lia os diferentes artigos sobre Berta Littlemon na tela do computador.

— Chega! Não consigo ler mais uma linha! — Holiday estendeu a mão e desligou o computador. — Você não devia nem ter lido isso. Não vai falar com esse espírito novamente. — Algo em seu tom de voz, tão maternal, tão categórico, era um aviso muito claro.

— Nós nem sabemos se é ela mesmo! — contestou Kylie. — Não posso simplesmente presumir que...

— Sim, você pode. Você disse que o outro fantasma afirmou que a sua Jane Doe levantou do túmulo de Berta Littlemon. Isso já é o suficiente para mim.

Kylie fez uma expressão de desagrado.

— Sim, mas ela pode estar mentindo. E você viu as fotos de Berta. Não são nítidas. Quer dizer, tudo bem, elas lembram Jane Doe, mas não são claras o suficiente para que eu possa ter certeza.

— Ok, mas por que o fantasma mentiria?

Kylie encolheu os ombros.

— Talvez porque achasse que, se não me desse informações que parecessem úteis, eu não concordaria em ajudá-la.

— Espera aí... Ajudar quem? A esposa do senhor idoso?

Kylie percebeu que ela obviamente tinha deixado de fora uma parte da história quando relatou a Holiday tudo o que havia acontecido.

— Não, o outro fantasma. Catherine O'Connell. Concordei em ajudá-la se ela me dissesse o que sabia sobre Jane Doe.

— Ai, não... — disse a líder do acampamento, colocando as palmas das mãos sobre o rosto.

— Não, o quê?

Holiday tirou as mãos do rosto.

— Nunca faça acordos com espíritos, Kylie. Nunca!

— Por quê? — ela perguntou.

— Porque pode acabar sendo tão ruim quanto fazer um pacto com o demônio. O que eles querem às vezes é impossível de conseguir e podem não deixá-la em paz enquanto você não fizer a sua parte do trato. Se acharem que você não fez o que prometeu, a coisa pode ficar preta.

Kylie sentiu um aperto na garganta. Ela queria tanto que Holiday voltasse logo e agora parecia que tudo o que iria receber eram broncas.

— Eu não sabia... — murmurou.

A amiga soltou um profundo suspiro.

— Desculpe — ela disse e colocou as mãos sobre as de Kylie. — Não queria assustar você. Isso é culpa minha. É tudo culpa minha. Eu sabia que sua ida ao cemitério não era uma boa ideia. Eu devia ter vetado logo de cara.

Kylie engoliu o bolo na garganta, que pareceu diminuir um pouco com o toque de Holiday.

— Não foi uma má ideia. E talvez eu não devesse ter feito um acordo com Catherine, mas nem mesmo isso me parece tão ruim. Quer dizer, o que ela quer é possível e por uma boa causa.

Holiday balançou a cabeça, inflexível.

— Mesmo assim não é uma boa ideia fazer acordos com espíritos.

— Sim, mas tudo o que ela quer é que eu envie para os filhos seu histórico familiar. Ela é judia e mentiu para eles e para o marido a vida toda, porque naquela época, ser judeu não era legal. Seus pais morreram em campos de concentração e seus avós conseguiram trazê-la para os Estados Unidos. Ela mudou de nome. E agora, tudo parece uma mentira.

Holiday balançou a cabeça novamente.

— Kylie, me desculpe, mas eu não posso deixar você fazer isso.

— Não. — Kylie levantou-se e, embora mantivesse a voz baixa, até ela mesma detectou a determinação em seu tom. — Desculpe, mas não vou deixar de fazer isso só porque você tem medo de que seja demais para mim. Porque você não acha que eu possa lidar com a situação. Eu vou ajudar Jane Doe e, sinto muito, mas não acredito que ela seja uma assassina. E também vou ajudar Catherine O'Connell. Essa é a coisa certa a fazer.

Holiday fechou os olhos de frustração.

— Kylie, você não entende o quanto isso pode ser perigoso para você. Existem coisas sobre lidar com espíritos malignos que... vão colocá-la em risco. Existem tantas coisas que você ainda não sabe!...

Kylie balançou a cabeça.

— Então me explique. Mas eu estou dizendo, Holiday, não acho que ela seja má. Quantas vezes você já não me disse para seguir o meu coração, pois, se eu fizer isso, vou descobrir qual a coisa certa a fazer? Bem, meu coração está me dizendo para fazer isso, e eu vou fazer.

Quando Holiday abriu a boca, supostamente para contestar mais uma vez, Kylie acrescentou:

— Além disso, eu não estava pedindo a sua permissão. Estava pedindo um conselho.

# Capítulo Vinte e Dois

Assim que as palavras saíram da sua boca, Kylie desejou não tê-las dito. Não porque não fossem verdade. Eram. Só lamentava a forma como se expressou.

Holiday ficou ali por um longo tempo, olhando para Kylie como se estivesse pensando no que dizer. Kylie retribuiu seu olhar com o mesmo vigor. Lamentar seu tom de voz não significava que estivesse voltando atrás. Ela não podia. Talvez fosse porque se identificava com Jane Doe e sua crise de identidade, mas parecia mais do que isso. Kylie sabia que tinha que ajudar o espírito da mulher com amnésia. E iria ajudá-la, com ou sem a bênção de Holiday.

— Meu bom Deus, quando eu me tornei a minha mãe e você, uma versão mais jovem de mim mesma? — Holiday perguntou e sorriu.

Kylie viu e ouviu a intransigência diminuir na voz e na postura da líder do acampamento. Então a tensão em seus ombros se dissipou e uma onda de alívio preencheu o seu peito. Lágrimas brotaram em seus olhos.

— Eu não sei.

— Ok — cedeu Holiday. — Sente-se e vamos descobrir uma maneira de resolvermos essa situação de modo que eu possa viver com isso e você também.

Kylie ofereceu a Holiday um rápido abraço de agradecimento e então se preparou para começar a falar. Elas discutiram desde como Kylie teria acesso à biblioteca até o e-mail que enviaria à família de Catherine O'Connell. Então Holiday explicou detalhadamente como Kylie poderia se fechar para um fantasma indesejado... ou um grupo de fantasmas indesejados. E a fez prometer que, se descobrisse que Jane Doe era uma assassina de crianças, ela imediatamente desistiria de ajudá-la.

Kylie hesitou em dar a sua palavra sobre a última condição, mas depois de sondar seu coração, percebeu que não acreditava que Jane era uma assassina e por isso prometeu.

Quando pediu a Holiday para explicar como os maus espíritos poderiam machucá-la, a líder do acampamento hesitou. Kylie explicou rapidamente:

— Não é por causa de Jane Doe que estou perguntando, mas para o caso de encontrar um algum dia. — Quando viu que Holiday ainda não começara a falar, Kylie acrescentou: — Me manter na ignorância não é uma boa maneira de me proteger. Você não acha que eu preciso saber?

Holiday soltou um profundo suspiro e concordou.

— Não é bem com a sua proteção que me preocupo... Mas com o fato de não saber se você é capaz de lidar com isso.

— Eu sou capaz — afirmou Kylie. — Não pode ser muito pior do que... — Ela apontou para o computador, onde a história de Berta Littlemon tinha sido publicada

havia pouco tempo.

Holiday assentiu com a cabeça.

— Você está certa. Mas, antes de eu lhe dizer, deixe-me repetir que os espíritos mais mal-intencionados não andam por aí. Eles são levados rapidamente. Isso tem de acontecer e de fato acontece um dia.

— O que eles fazem? — Kylie perguntou.

— Você teve visões de outros fantasmas, então sabe o quanto eles parecem reais. Bem, esses espíritos malignos podem fazer você reviver algumas das vidas deles e, acredite, isso pode dilacerar seu coração. Ficar tão perto do mal não é algo de que você se esquece facilmente.

Pela maneira como Holiday disse aquilo, Kylie percebeu que a líder do acampamento tinha vivenciado aquela experiência na própria pele. A ideia de que Kylie também podia ter de lidar com isso um dia fez com que sentisse um forte arrepio na espinha.

— Eles confundem a sua cabeça, Kylie. Eles... — Ela inspirou novamente. — Para ser sincera, eles violentam você mentalmente, tentam despedaçar o seu espírito e, se você mostrar o mínimo de fraqueza, podem te possuir. Acredita-se também, principalmente quando se trata de maus espíritos sobrenaturais, que podem levar a pessoa consigo para o inferno. Segundo a lenda, esses espíritos acham que se puderem levar algo de bom com eles, têm uma chance de aliviar sua própria pena.

— Então como posso evitar encontrar um deles? — Kylie perguntou, certa de que não queria ter de vivenciar nenhuma das coisas que Holiday havia descrito.

— Essa é a questão. Eles são exatamente como os outros fantasmas. Com alguns você pode simplesmente topar logo depois da morte deles. Outros, se os seus poderes forem realmente fortes, vão procurá-la para um determinado fim.

Holiday provavelmente sentiu o medo de Kylie, porque pousou a mão sobre a dela outra vez.

— Se você um dia sentir que está na presença de algum desses espíritos, tem que permanecer forte.

— Como? — Kylie perguntou, sentindo o medo diminuir com o toque calmante da amiga.

— Do mesmo modo que se fecha para os fantasmas. Mentalmente, você precisa se colocar num lugar diferente, um lugar onde sinta amor e coisas boas, onde viva a vida no que ela tem de melhor. E mantenha a fé, porque eles vão tentar convencê-la de que todas as coisas boas são frívolas e sem importância.

— Ai, meu Deus, você voltou! — Miranda gritou da porta, e entrou correndo na cabana. No momento em que seu espírito vibrante adentrou a sala, expulsou a nuvem sombria de emoção que pairava sobre Kylie.

Miranda abraçou Holiday, quase fazendo a cadeira onde esta estava sentada capotar.

— Estou tão feliz que esteja de volta! Nós precisamos de você aqui. Quero dizer... Burnett é legal, mas... ele não é você.

Holiday arqueou uma sobrancelha.

— Ouvi dizer que ele não foi nem ele mesmo por um tempo...

Miranda fez uma careta.

— Ele te contou sobre a coisa toda do canguru, não foi?

— Contou — confirmou Holiday, com a testa franzida. — E devo dizer que estou muito decepcionada com você, Miranda. — Ela estendeu a mão e apertou a da bruxinha. — Da próxima vez que transformá-lo em alguma coisa, faça isso quando eu estiver aqui, para que eu possa rir também.

As três começaram a gargalhar.

Só depois de trinta minutos Kylie e Holiday conseguiram se afastar de Miranda e continuar sua conversa em particular. Especialmente depois que contou a Holiday sobre o seu pressentimento de que havia alguém perseguindo Kylie novamente. Kylie se perguntou se o perseguidor não seria o seu amiguinho emplumado, de quem salvara a vida.

Agora, Kylie e Holiday estavam sentadas do lado de fora, na varanda da cabana. O sol das cinco horas da tarde, com sua tonalidade um pouco mais dourada, banhava o rosto das duas. Kylie pôs as pernas para fora da borda da varanda. Holiday fez o mesmo.

Descalça, Kylie balançava as pernas para a frente e para trás, enquanto as folhas de grama faziam cócegas na sola dos seus pés. Sua mente estava concentrada nas coisas que precisava falar com a amiga.

— Burnett te falou sobre o meu pedido para emprestar os livros da biblioteca da UPF?

Holiday franziu a testa.

*Não era um bom sinal.*

— Sim, ele mencionou.

— Por que não me deixam ver informações sobre outros seres sobrenaturais como eu se eles têm tudo isso arquivado? — A frustração era evidente em seu tom de voz. Mas esperava que Holiday soubesse que ela não era o alvo dessa frustração.

— Eu não sei — Holiday disse, e Kylie acreditou nela. — Mas sei que a UPF é como qualquer outra organização do governo: eles têm esqueletos no armário. Por que, anos atrás, antes de eu nascer, a maioria dos seres sobrenaturais considerava os lobisomens basicamente animais. Costumavam persegui-los.

— Por quê? — Kylie perguntou, sentindo-se absolutamente insultada ao pensar em Lucas e no restante de sua espécie.

— Ignorância. Estupidez. Pode escolher. É o mesmo que aconteceu com muitos grupos minoritários. Sobrenaturais podem agir como os seres humanos com muito mais frequência do que você imagina.

Holiday pegou a mão direita de Kylie e abriu sua palma.

— Ouvi dizer que você rebateu uma bola de fogo que ia atingir Miranda.

Kylie assentiu e depois fez a pergunta que não saía da sua cabeça desde a noite da festa.

— Você acha que isso prova que sou uma protetora?

Holiday encolheu os ombros como se achasse que a amiga não ia gostar da resposta.

— Provavelmente.

Ela estava certa. Kylie não gostou da resposta. Especialmente porque isso só levava a mais perguntas.

— O que realmente significa ser um protetor? Já ouvi algumas coisas a respeito. Mas... Ok, vou direto ao ponto. Miranda disse que todo protetor de que ela ouviu falar era um sobrenatural puro-sangue. E eu não sou.

— Eu sei. — Holiday parecia tão confusa quanto Kylie.

— O que isso significa?

— Não sei, mas posso apostar que significa algo que eu já sabia. Kylie Galen é especial. — Ela ergueu a mão. — Eu sei que você não gosta de ouvir isso, Kylie, mas acho melhor começar a se acostumar com a ideia.

Insegurança, medo e provavelmente uma dúzia de outras emoções negativas passaram por ela.

— E se eu não fizer jus a esse título? — ela indagou num sussurro. — E se eu estiver com medo de fazer o que eu tenho de fazer e me tornar uma péssima protetora?

Holiday abraçou uma perna e apoiou o queixo no joelho; então olhou para Kylie como se ela tivesse dito algo realmente idiota, como que a Terra é quadrada.

— Ficou com medo quando pegou a bola de fogo?

— Não, mas não tive tempo pra ter medo. Se eu soubesse que ia pegar uma bola de fogo e tivesse tempo para pensar nisso, provavelmente teria que carregar comigo uma calcinha extra, porque eu ia mijar nas calças.

Holiday sorriu.

— Talvez, mas mesmo assim teria feito isso.

— Eu não teria tanta certeza — disse Kylie.

— Ah, por favor! Olhe para essa questão toda de Berta Littlemon/Catherine O'Connell. Estou com medo de você continuar investigando isso. Eu disse que é perigoso, mas você se recusa a desistir. Você coloca o bem-estar dos outros antes do seu.

Kylie não tinha olhado para a situação por esse ângulo e achou que Holiday tinha uma certa razão, mas...

— Eu não sou uma santa — ela insistiu. — Peco o tempo todo.

Holiday levantou uma sobrancelha.

— Você o quê?

Kylie olhou para os dedos dos pés por um segundo. O esmalte cor-de-rosa com que pintara as unhas tinha quase desaparecido, e o mesmo acontecia com a sua coragem. Então ela olhou nos olhos de Holiday e decidiu confessar.

— Miranda disse que os protetores são como santos. Não sou santa, e nem quero ser. Eu quero viver uma vida normal. Quero me divertir. — Ela pensou em como tinha se sentido ao beijar Lucas e corou. — Talvez até pecar um pouco.

Holiday começou a sorrir.

Kylie franziu a testa.

— Você sabe o que eu quero dizer. Quero viver minha vida como qualquer outra garota de 16 anos. Contar piadas sujas para os amigos, talvez tomar algo com álcool de vez em quando, que não tenha gosto de xixi de cachorro, e ficar bêbada. Não que eu pense em dirigir depois ou qualquer coisa assim.

Holiday riu. Kylie esperava que a fada tivesse lido suas emoções e soubesse o que mais ela queria fazer.

E com quem ela queria fazer.

— Ser uma protetora não faz de você uma santa — esclareceu Holiday. — Faz de você uma pessoa que se importa com as outras. Não tem que desistir dos garotos.

Kylie sentiu o rosto queimar um pouco mais. Ela colocou as palmas no chão, atrás de si, e se inclinou para trás.

— Bem, essa é a melhor notícia que eu recebi hoje.

Holiday riu de novo.

— E como vão as coisas com os garotos?

— Melhores. Não perfeitas... — Kylie respondeu, e pensou na reação de Lucas aos fantasmas e todo o problema com a sua alcateia.

— Melhor é bom — Holiday disse. — Derek já me ligou depois que cheguei, para me perguntar como você estava. Ele disse que ouviu sobre o que aconteceu no cemitério. Vocês têm se falado?

— Não muito — Kylie admitiu. Ela não queria falar sobre Derek, pois ficara tentada a perguntar sobre sua reação exagerada às emoções dela. Se alguém sabia a resposta, esse alguém era Holiday. Mas, francamente, Kylie não achava que devia se preocupar. Não quando Derek não se importava o suficiente para colocar o seu orgulho de lado e pedir orientação ele mesmo.

Mais uma hora se passou e elas só ficaram ali sentadas na varanda, apreciando a brisa que não era exatamente fresca, mas também não era tão quente, e conversando sobre tudo, menos Lucas e Derek. Kylie perguntou se Burnett lhe dissera alguma coisa sobre os Brightens que não tivesse contado a ela.

Holiday assegurou que ele não estava escondendo nada.

— Você já falou com o seu padrasto? — ela perguntou alguns minutos mais tarde.

— Desde que voltei, não — confessou Kylie. — Mas recebi um e-mail dele e aposto que está planejando vir no Dia dos Pais.

— Mas você não quer que ele venha?

— Não sei — Kylie admitiu. — Eu estava quase pronta para perdoá-lo. Mas quando ele tentou me usar para se aproximar da minha mãe, dizendo "Kylie adoraria que fossemos todos juntos almoçar", eu me lembrei de que ainda estava furiosa com ele por ter nos deixado.

— Então você ainda não o perdoou?

— Talvez eu tenha perdoado, mas não esqueci.

— A questão é que essas duas coisas andam juntas. Não que você um dia vá realmente esquecer, mas vai aceitar o que aconteceu e seguir em frente. Aceitar que todas as pessoas cometem erros. Ninguém é perfeito.

— E se eu não conseguir? — Kylie ouviu o zumbido de uma abelha que passava por ela. — E se eu não conseguir realmente perdoá-lo?

— Então deixe pra lá — disse Holiday.

Kylie se lembrou de como abraçou o pai quando ele veio vê-la e confessou que estava arrependido. Embora tivesse sido difícil, até mesmo doloroso, abraçá-lo pareceu a coisa certa a se fazer. Ela não estava pronta para "deixar pra lá" o amor que sentiam um pelo outro. Doeria demais.

Até mais do que aceitar a verdade.

Ela se perguntou se era assim que se tomava a decisão de perdoar alguém. Quando abrir mão do relacionamento feria mais do que aceitar os erros da outra pessoa. Ela só podia esperar que, com o tempo, aceitar ficasse mais fácil.

— Você vai escrever um e-mail a ele e dizer para vir ao Dia dos Pais? — perguntou Holiday.

— Provavelmente. Mas ele e minha mãe terão que alternar as visita novamente. Eu não acho que consigam ficar juntos na mesma sala. Talvez nem no mesmo quarteirão.

— Isso pode mudar — disse Holiday, enquanto espantava um inseto com a mão.

Kylie decidiu contar a ela seu medo com relação à mãe.

— Eu acho que minha mãe está pronta pra começar a namorar.

— Caramba! Eu me lembro de quando isso aconteceu com os meus pais. Foi muito estranho.

— Nem me diga. Ela está pronta, mas não tenho certeza se eu estou. — Kylie mordeu o lábio. — Acho que no fundo eu estava esperando que meus pais voltassem a ficar juntos. Eu gostaria que pelo menos uma coisa fosse como antes. Um pouco mais de normalidade não seria nada mal, sabe?

— Eu compreendo. Mas as pessoas costumam superestimar a normalidade. — Holiday sorriu. — Então, me fale sobre aquele pássaro azul.

Kylie abraçou as pernas e contou toda a história. Então decidiu fazer a grande pergunta:

— Quanto da minha alma eu dei a ele?

— Se deu alguma coisa, foi muito pouco. Não vai perdê-la por causa disso.

— Mas o que acontece quando eu dou parte dela? Morro mais cedo? Fico mais propensa a ir para o inferno? Qual é o preço de um pedaço da minha alma?

Holiday encolheu os ombros.

— Bem, se você realmente tem a capacidade de ressuscitar os mortos, o preço varia. Se for ordenado pelos deuses, então não terá nenhum custo para você. Esse gesto até enriquece a alma.

— Como a gente sabe se os deuses é que ordenaram? — Kylie perguntou.

— Você simplesmente vai saber. Os poderes é que tornarão isso muito claro.

Kylie tremeu um pouco quando Holiday mencionou os poderes. Hesitou em fazer a próxima pergunta, mas, como tinha dito à amiga antes, a ignorância era uma forma ruim de proteção.

— E se não foram os deuses que ordenaram?

— Então o preço se baseia na qualidade de vida que o ser ressuscitado vai levar. Se ele viver uma vida de bondade, o preço é muito baixo. Praticamente imperceptível. Se abusa da vida ou da vida dos outros, então isso pode custar alguma coisa à sua alma. Em poucas palavras, os pecados dele vão se tornar os seus pecados. Eu não sei até que ponto você se torna responsável pelos erros dele, mas ouvi dizer que emocionalmente isso pode causar uma sensação de vazio. E, sim, normalmente, quanto mais frações você der da sua alma, mais curta será a sua vida.

Kylie franziu a testa.

— Desse jeito não dá muita vontade de trazer ninguém de volta à vida.

— Bem, tenho certeza de que isso foi concebido dessa maneira para dar às pessoas uma pausa. Por mais difícil que seja, a morte é parte da vida. Mas provavelmente estamos discutindo isso inutilmente, Kylie. Só porque você acha que pode ter trazido um pássaro de volta à vida, não significa que tenha esse dom.

Kylie queria acreditar que Holiday estava dizendo a verdade, mas não tinha certeza.

— Curar alguém tira uma parte da minha alma? Quero dizer, se isso acontece quando eu trago alguém de volta à vida, faz sentido que a cura provoque o mesmo

efeito.

— Não é como quando se ressuscita os mortos — Holiday disse —, Mas acaba exaurindo as suas forças.

Kylie se lembrava de como se sentira cansada após curar Sara e depois Lucas.

— Eu gostaria que você e Helen trabalhassem nisso juntas — disse Holiday. — Talvez até mesmo se reunindo regularmente como um grupo de mesma espécie.

Kylie levantou uma sobrancelha e suspeitou que soubesse por que Holiday estava dizendo aquilo.

— Porque eu não pertenço a nenhum grupo, não é? É por isso que está sugerindo isso?

Holiday revirou os olhos.

— Você pertence a Shadow Falls. Não ser de um determinado grupo não significa nada.

Kylie acenou com a cabeça.

— Eu gosto da Helen.

Depois de alguns minutos apenas ouvindo a natureza, ela contou a Holiday sobre as breves aparições da gralha azul. A fada não tinha uma explicação para as visitinhas do pássaro, exceto que talvez ele fosse apenas um filhote e tivesse passado por uma espécie de *imprint* com ela, o que significaria que achava que Kylie era sua mãe.

— Deus meu, espero que não! Porque não vou mastigar minhocas para colocar na boca dele. Quer dizer, eu sei que é isso que as mamães-pássaro fazem.

Holiday riu.

Kylie olhou para a amiga e conselheira, e a pergunta mais importante de todas escapou dos seus lábios.

— Será que nada disso dá a você uma pista do que eu sou?

A expressão de Holiday ficou séria.

— Eu gostaria que desse.

— E se eu nunca descobrir? E se eu passar a vida toda sem saber?

— Isso é bem pouco provável. Quase toda semana descobrimos algo novo sobre você. Mais cedo ou mais tarde, alguma coisa vai apontar a direção certa.

Kylie olhou para baixo e viu uma fila de formigas no alpendre.

— Acho que Lucas quer que eu seja um lobisomem.

— Sim, mas o que Lucas quer não é importante.

Algo dizia a Kylie que Holiday tinha entendido a razão que levava Lucas a querer aquilo. Ela quase perguntou, mas não tinha certeza se estava pronta para tocar no assunto.

— Você vai ser o que é, e seja o que for, será bom. Todo mundo tem que aceitar isso, e te amar pelo que você é, independentemente da sua herança familiar.

Por alguma razão, Kylie lembrou-se de Derek dizendo quase a mesma coisa.
O telefone de Holiday tocou. Ela checou o número e depois olhou para a amiga.
— Quem é? — Kylie perguntou, sentindo que aquilo tinha a ver com ela.
— Derek novamente.
Kylie suspirou. Por que só de ouvir o nome dele ela sentia um aperto no coração?

# Capítulo Vinte e Três

Kylie mordiscava, sem apetite, o seu hambúrguer com batatas fritas no jantar daquela noite, sentada entre Della e Miranda no refeitório. Quando questionada, Miranda confessara que ainda não tinha falado com Perry sobre a questão da dança e do dragão da noite anterior. Contou que tinha recebido outro telefonema do bruxo bonitão e eles tinham combinado que ele iria pegá-la na sexta-feira à noite para irem jantar fora.

— O que vou dizer a Perry? — ela perguntou. — "Ei, eu queria falar com você pra ver se temos uma chance juntos, mas primeiro vou sair com outro cara e ver se gosto mais dele."

Kylie e Della concordaram que seria uma conversa bem difícil. Mas sugeriram que Miranda pelo menos lhe agradecesse por defendê-la de Clark.

Na verdade, Kylie esperava que a colega de quarto conversasse com Perry e também cancelasse seu encontro de sexta-feira. Não tinha nada contra bruxos bonitões, mas o metamorfo era seu amigo.

Ela colocou uma batata frita gordurosa na boca e tentou fingir que estava com fome. Quando olhou para cima, viu Lucas sentado com seu grupo de amigos lobos. Seus olhos se encontraram em meio às fileiras de adolescentes famintos mastigando hambúrgueres. Ele sorriu e Kylie retribuiu o sorriso. Lucas perguntou, por meio de gestos, se ela queria se sentar com ele à mesa dos lobisomens. E ela teria ido, mesmo sabendo que seria bem desconfortável se sentar com um grupo que não queria vê-los juntos. Teria feito isso porque, se Lucas podia enfrentá-los, ela também podia. Mas Della era sua sombra e Kylie sabia que a vampirinha teria que segui-la se ela resolvesse se sentar com o grupo de lobisomens. Então, Kylie se conteve.

Lucas pegou uma batata frita e, quando a colocou na boca, piscou para Kylie. O pequeno gesto poderia não significar nada se tivesse partido de outro garoto, mas, para Lucas, qualquer demonstração de afeto em público era um verdadeiro acontecimento. Ela deu um grande sorriso e piscou de volta. Fez isso, mesmo quando percebeu que Fredericka, sentada a duas pessoas de distância de Lucas, rosnou como se quisesse dilacerar a garganta de Kylie.

E a loba devia ser bem capaz de fazer isso.

Alguém devia ter dito algo engraçado numa mesa ali perto, porque risos encheram o salão. O cheiro de hambúrgueres misturava-se com o leve aroma de madeira queimada. Graças a Burnett, os resquícios da grande briga do dia anterior tinham desaparecido, mas a lembrança permanecia. Todos no acampamento pareciam mais alegres aquela noite, sem dúvida celebrando a volta de Holiday. Se a líder do acampamento tinha alguma dúvida de que era querida, a quantidade de exclamações de alegria, acompanhadas de "Você está de volta!" e abraços inesperados (mesmo de alguns

vampiros e lobos, o que não era comum) deviam ter feito muito bem ao seu ego.

Por um momento, Kylie preocupou-se com a possibilidade de Burnett se sentir desprezado. Mas mais de uma vez ela surpreendeu o vampiro assistindo às saudações emocionadas dos campistas com tanto orgulho nos olhos que era como assistir a uma história de amor no cinema. Kylie quase podia ouvir a música romântica tocando ao fundo. Ela queria ter uma câmera nas mãos para poder mostrar a Holiday como Burnett a contemplava sem que ela percebesse.

A porta do refeitório se abriu e Derek e Ellie entraram lado a lado, embora não estivessem de mãos dadas. Ele imediatamente começou a olhar à sua volta, e Kylie soube que o *fae* estava procurando por ela quando os seus olhos se encontraram. Não pôde deixar de se perguntar o que ele queria falar a Holiday, pelo telefone. Seria sobre ela novamente? E por quê? Derek não deveria estar concentrando sua atenção em Ellie?

Ele acenou com a cabeça ligeiramente. Ela acenou de volta e se forçou a dar outra mordida no hambúrguer. Tinha gosto de carne morta, o que de fato era, mas o pensamento o tornou ainda menos apetitoso.

Quando sentiu que a comida já não descia pela garganta, empurrou o prato para o lado. Não aguentava comer mais.

Olhando para o copo de chá gelado, enxugou com o dedo o vidro suado e procurou uma desculpa plausível para fugir do refeitório. Fugir antes que tivesse que assistir a Derek e Ellie sussurrando entre si e oferecendo batatas fritas na boca um do outro ou coisa assim... Não que ela se importasse, claro. Pelo menos era isso o que dizia a si mesma. E continuaria a dizer até que fosse verdade. Isso ia acontecer, um dia. Como poderia não acontecer se ela gostava tanto da companhia de Lucas? Gostava de seus beijos. Gostava de ser a garota para quem ele piscava mesmo com dezenas de pessoas por perto para testemunhar.

O telefone de Kylie tocou, dando-lhe a desculpa de que precisava para sair do refeitório. Nem mesmo verificando quem era, se inclinou e sussurrou para Della que ia sair para atender à chamada. Essa, que só tinha se interessado pela carne mal passada do hambúrguer e que já a havia devorado, pegou sua verdadeira refeição, um copo de sangue B positivo, e seguiu Kylie para fora.

Kylie não tinha aberto ainda a porta do refeitório quando ergueu o celular para ver quem estava ligando. Ai, não! Era Sara, sua antiga amiga da escola.

Sara, cujos telefonemas e mensagens Kylie não tinha respondido. E por um bom motivo. Ela sabia que a amiga queria falar sobre sua suspeita de que Kylie tinha contribuído para curar seu câncer.

O problema era que a suspeita de Sara tinha fundamento. E esse era um assunto que Kylie não tinha discutido com Holiday ainda.

Então, o que levou Kylie a atender ao telefonema, antes de verificar o identificador

de chamadas?

Ah, sim, desse modo ela teve uma razão para sair do refeitório. Colocou o telefone no ouvido e apertou um botão para atender a ligação.

— Oi, Sara! — Kylie decidiu improvisar. Não que fosse muito boa ideia. Ela nunca tinha sido boa em improvisos.

— Oi — disse Sara.

— Quais as novidades? — Kylie perguntou.

— Vou te dizer quais são as novidades. Acabei de confundir todos os oncologistas do Texas. Ainda tenho que acabar minha químio e fazer a radioterapia, mas eles fizeram toneladas de tomografias computadorizadas e não encontraram nenhum tumor neste corpo! Dá pra acreditar? Eu não vou morrer, Kylie!

Havia tanta empolgação, otimismo e esperança pura na voz de Sara que a respiração de Kylie ficou presa na garganta e as lágrimas inundaram seus olhos. Kylie se lembrou da antiga Sara. Não a garota fissurada em sexo, álcool e festas que a tinha substituído, mas aquela que fora a melhor amiga de Kylie desde a escola primária.

E até o momento, Kylie não percebera o quanto ela tinha sentido falta da antiga Sara.

— Que coisa maravilhosa, Sara!

— Como se você já não soubesse! — disse ela.

*Pense. Pense. Pense.*

— Eu não sei o que quer dizer — Kylie respondeu, decidindo se fazer de desentendida. Como era o ditado? *A ignorância faz a felicidade*? Ela realmente precisava de um pouco de felicidade agora.

Della olhou para Kylie e revirou os olhos. Kylie franziu a testa, não tanto porque a amiga estava ouvindo a conversa — ela teria contado à amiga de qualquer maneira —, mas por ter murmurado a palavra "mentirosa".

— Certo — disse Sara. — Mas não importa. Podemos falar sobre isso neste domingo. — Ela fez uma longa pausa no telefone, como se o comentário significasse algo mais. — Vamos lá. Você não quer saber por que podemos falar sobre isso no domingo? — Sara finalmente perguntou.

— Porque você não vai à igreja e sim me ligar? — Kylie respondeu, dizendo a primeira coisa que lhe veio à mente, embora seu estômago tivesse se contraído com uma estranha suspeita. Mas suspeita de quê? O que conversar com Sara no domingo podia ter de ruim?

— Porque estou indo vê-la no domingo — contou Sara, parecendo realmente feliz com isso.

Ok, uma visita de Sara a Shadow Falls poderia ser realmente muito ruim. Mas talvez ela não estivesse se referindo a Shadow Falls.

— Ah, Sara, mas eu não estou em casa. Estou no acampamento — explicou Kylie. —

Lembra? — *Por favor, meu Deus, faça com que seja simples assim.*

— Claro que me lembro, sua boba! Estou indo com a sua mãe. Acabei de falar com ela pelo telefone.

O coração de Kylie foi parar na boca, e depois deu a impressão de cair em queda livre na direção do estômago. O pensamento de que Sara iria a Shadow Falls provocou uma onda de choque em seu cérebro.

Sara pertencia à antiga vida de Kylie.

Tudo em Shadow Falls fazia parte da sua nova vida.

A vida antiga e a vida nova não combinavam. Eram como manteiga de amendoim num cachorro-quente. Ambos eram gostosos separadamente, mas nunca juntos.

Nunca.

Jamais.

— Hã, Sara. Você... Você... — Ela engoliu em seco. — Você não pode visitar Shadow Falls. Quero dizer, você tem que... Tem que ter uma permissão dos líderes do acampamento, e eles são muito rigorosos sobre...

— Dã, sua mãe me disse isso. Então eu peguei o touro pelos chifres. Liguei para o acampamento e falei com o senhor Burnett James, cerca de vinte minutos atrás. Ele disse que tudo bem se eu fosse com a sua mãe. Eu mal posso esperar para te ver, Kylie. E mal posso esperar para conhecer todos aqueles gatinhos de que você me falou. A gente vai se divertir muito. Ah, e qual era o nome daquela piranha de quem você me falou? DeAnn, não, espera, Della! Podemos dar um belo chute na bunda dela.

Della arregalou os olhos. *Piranha?*, disse, apenas movendo os lábios.

A mão de Kylie que segurava o telefone começou a tremer.

— Hã... Eu nunca disse que ela era piranha, eu disse que era estranha.

— Ah, tanto faz — disse Sara. — E a outra, de cabelo esquisito? Me diga, foram elas que te ensinaram a curar as pessoas?

— Sinto muito. — O coração de Kylie começou a bater na boca. — Eu tenho que ir. Alguém acabou de... alguém me chamou. — Ela socou Della de leve no braço.

— Oi, Kylie! — Della gritou, e sorriu como se tivesse gostado da ideia de enganar Sara. Ou não. — Ah, você está no telefone... Nós podemos nos falar mais tarde. Não quero parecer uma piranha ou algo assim — disse ela com cinismo.

— Eu te ligo mais tarde — Kylie disse a Sara. — É... mais tarde. Desculpe. — Ela começou a afastar o telefone da orelha para desligar e depois disse: — Mas estou feliz de você estar bem, Sara. Muito feliz.

Kylie fechou o celular e, em seguida, olhou para Della. Della, que parecia estar imensamente satisfeita com o desconforto de Kylie. Della, que parecia estar ao mesmo tempo furiosa e achando tudo muito divertido.

— Então — disse Della —, nós finalmente vamos conhecer a senhorita Sara, hein?

Sua melhor e mais antiga amiga, que para mim sempre pareceu uma babaca egocêntrica, se você quer saber. Você está muito melhor agora que veio pra cá. Pessoalmente, eu teria deixado que ela morresse. Mas pensando bem... — Della exibiu suas presas. — Humm, qual o tipo sanguíneo dela? Será que eu poderia pedir para ela me doar um litro ou dois, talvez um pouco mais?... Para dar um belo chute na minha bunda!

— Pode me matar — disse Kylie, e jogou os cabelos para trás para expor a veia do pescoço. — Só me mate agora e acabe logo com isso!

— Então a gente vai conhecer Sara. Legal — Miranda disse mais tarde naquela noite, quando se sentou à mesa da cozinha.

— Não é legal — discordou Kylie, parecendo sinceramente infeliz e afagando atrás da orelha de Socks, que não parava de pedir carinho.

— Por que não é legal? — Miranda perguntou.

— Ela não quer que a gente conheça Sara — explicou Della. — Nós podemos descobrir como é a verdadeira Kylie Galen.

Kylie lançou um olhar zangado a Della, e sim, ela podia fazer muito bem uma carranca maldosa, graças à convivência com Della.

— Não é nada disso. Vocês sabem muito bem como eu sou de verdade. É só que... É muito estranho ela vir aqui.

— Por quê? — Miranda perguntou. — A gente conheceu a sua mãe.

— E o mulherengo do seu pai — Della acrescentou.

— É diferente — disse Kylie, e franziu a testa para o comentário sobre o pai "mulherengo". Embora ela não soubesse por que estava ofendida, já que era verdade.

— Por que é diferente? — Miranda perguntou. Antes que Kylie pudesse responder, ela acrescentou: — Ei, espero que vocês duas tenham chance de conhecer Todd sexta-feira à noite. Será que podem esperar comigo no estacionamento quando ele vier me pegar?

Tanto Della quanto Kylie mostraram desagrado, mas fizeram que sim com a cabeça.

— É diferente pra você — Kylie disse a Miranda, ainda preocupada com a visita de Sara no Dia dos Pais. — Você soube que era sobrenatural durante toda a sua vida. Não teve uma vida pré-sobrenatural. — Socks, ainda sobre o tampo da mesa, pulou para o chão com uma elegância felina. — É como se eu fosse uma pessoa diferente naquela época. E, tudo bem, vocês conheceram os meus pais, mas é quase como se eles não contassem, não do mesmo modo que os amigos.

— Desculpe, mas eu não entendo — disse Miranda.

— Mas eu sim — disse Della. E ela disse aquilo como se detestasse ter que admitir. — Kylie está certa. É diferente quando você teve uma *vida* diferente. Tentei imaginar

como seria se vocês conhecessem Lee ou uma das minhas antigas amigas. Seria bizarro. — Ela fitou Kylie nos olhos. — Sinto muito se fui dura demais com você sobre isso.

— Uau! — exclamou Miranda. — É melhor ter cuidado, Della. Acho que, nos últimos dias, você usou toda a sua cota vampirística de desculpas para os próximos dez anos.

— Então não vai me levar a mal se eu te mandar pro inferno agora! — Della despejou.

Mais tarde naquela noite, Kylie acordou com uma névoa se formando em torno dela. Ela não sabia onde estava, mas por algum motivo não estava com medo. Seu olhar fitou a névoa, macia e úmida. Ela olhou para as árvores, para as folhas que, mesmo no escuro, formavam uma sombra perfeita de um verde luxuriante. Belos raios de luar derramavam-se pelos galhos que pareciam se estender, orgulhosos, em direção ao céu. Perfeito. A perfeição de um conto de fadas. Até mesmo os sons da floresta no cenário noturno eram como uma sinfonia. Ela ouviu água corrente, como um riacho murmurante, um som belo e tranquilo ao fundo.

Imediatamente pensou em Derek e naquela coisa maluca que ele fazia quando estava perto dela. Como se ele fizesse tudo parecer uma cena de conto de fadas, feita para dar asas à imaginação e nos encher de assombro e deslumbramento, como as páginas de um livro infantil.

— Oi... — A voz dele desviou sua atenção das poucas estrelas cintilantes que ela via acima das árvores.

Ele estava sentado ao lado dela numa grande pedra. Não tão perto a ponto de fazê-la se sentir pouco à vontade, mas perto o suficiente para que a luz do luar lhe permitisse vê-lo. Então Kylie percebeu que aquela não era uma pedra qualquer, era a pedra *deles*. O lugar para onde ele a levara logo que haviam chegado a Shadow Falls.

Ela tinha feito de novo.

Ela o levara até ali num sonho lúcido e aquilo era muito errado.

— Sinto muito — ela deixou escapar. — Eu não queria fazer isso. — Fechou os olhos e se concentrou na tentativa de voltar, afastando-se do sonho. Ela se concentrou o máximo que pôde, esperando pela sensação de flutuar, mas ela não veio. Pelo menos Kylie não a percebera.

Ela abriu os olhos só um pouquinho, o suficiente para descobrir se estava se movendo. Não, ela ainda estava sentada na pedra. E Derek ainda estava olhando para ela. Por que não conseguia flutuar para longe do sonho? Ela abriu os olhos de uma vez.

— Sinto muito — disse novamente. — Eu não queria fazer isso. Só um instante e você já vai poder voltar a dormir.

Ela fechou os olhos de novo e tentou muito se concentrar. *Volte. Volte a dormir.*

*Agora!*

— Kylie? — A voz dele acariciou os seus ouvidos enquanto ela tentava consertar o que tinha feito. — Kylie.

Ela tentou ignorá-lo e continuar concentrada.

— Kylie, não é você quem está fazendo isso. Sou eu. *Eu* estou tendo um sonho lúcido.

Kylie abriu os olhos e o viu ainda sentado sobre a pedra, parecendo absolutamente real! Ela se lembrou de como o sonho lúcido lhe parecera diferente quando Ruivo tinha entrado em seus sonhos. Ela não tinha conseguido flutuar para longe; precisou acordar. Então era disso que precisava. Bastava acordar. Mas não fez isso.

— Você tem sonhos lúcidos?

Ele balançou a cabeça.

— Tenho.

A primeira coisa que ela fez foi se certificar de que estava vestida. Ora... Ela conhecia suas próprias inclinações nos sonhos e, pelo que tinha ouvido falar, os garotos eram ainda piores.

Kylie estava com o seu pijama cor-de-rosa. Nada muito sexy ou chamativo. Isso era bom. Soltou um suspiro de alívio ao perceber que ele não tinha intenção de ter "aquele" tipo de sonho. Mas não pôde deixar de se perguntar se era porque ele não se sentia mais atraído por ela. Agora ele tinha Ellie...

— Por que não me contou que podia ter sonhos lúcidos? — perguntou ela, sem querer pensar muito sobre Derek e a vampira.

Ele hesitou.

— Descobri como evitá-los antes mesmo de vir para Shadow Falls. Antes disso eu ficava tentando visitar meu pai a toda hora e me comunicar, mesmo quando não queria mais nada com ele.

Kylie sabia tudo sobre sonhos lúcidos indesejados. Então se lembrou da mágoa de Derek com relação ao pai, o homem que o abandonara quando ele era pequeno.

— Você mantém contato com ele agora? — perguntou, lembrando-se de que ele lhe dissera que ia procurá-lo, ao deixar Shadow Falls. Quando Derek voltara com Ellie, ela não tinha pensado mais sobre os problemas dele, apenas se sentido traída. Uma ponta de constrangimento encheu seu peito por ter sido tão egoísta.

— Na verdade, não. Mas agora sei como funcionam os sonhos lúcidos, então eu...

— ...então você...? — Kylie perguntou.

— Comecei a usá-los novamente. Mas isso não é importante. Olhe, a outra noite, quando você veio até o meu quarto num sonho...

— Eu sinto muito por isso — disse ela. — Só estou começando a aprender a controlá-los. Mas assim que percebi o que eu tinha feito, que eu tinha ido ao seu quarto,

eu fui embora.

Ele franziu a testa.

— Eu sei. Mas antes que você se fosse, no segundo em que a vi, me dei conta de que não me sinto do mesmo jeito nos sonhos.

— Como assim? — perguntou ela, obviamente ainda meio sonolenta.

— Eu não sinto o mesmo fluxo intenso de emoções vindo de você. — Ele sorriu. — Quando temos sonhos lúcidos, posso conversar com você, ficar assim perto, sem que isso me deixe com a impressão de que vou enlouquecer.

Kylie sentiu tantas emoções conflitantes enquanto estava sentada ali naquela pedra, fitando o sorriso dele! Ela respirou fundo.

— Eu não tenho certeza se isso é uma coisa boa.

— Por que não? Só quero conversar. Saber como você está. Isso é crime? Pensei que você tinha dito que também se importava comigo. Que queria ser minha amiga.

— Ok, deixe-me colocar de outra maneira. Eu não acho que Ellie vá achar uma boa ideia.

Ele franziu mais a testa.

— Eu já te disse que as coisas mudaram entre nós. Ellie e eu somos apenas amigos.

— Sério? — Kylie deixou o sarcasmo transparecer na voz. — Porque é difícil acreditar depois da foto que eu vi de vocês dois se agarrando.

Ele hesitou e depois disse:

— Ok, você está certa. Quando procurei Ellie, ela ficou superfeliz de me ver e eu estava magoado. Lucas estava de volta e você não era indiferente a ele. Eu estava tão confuso quanto Ellie. A gente se beijou e... Olha, o que importa é que nós dois percebemos que não tinha mais nada a ver.

Foi aquela pequena pausa que mais chamou a atenção dela.

— Você se beijaram e depois fizeram o quê? — Kylie perguntou.

Obviamente, no mundo dos sonhos, ela era mais corajosa e capaz de fazer perguntas que não conseguia fazer na vida real.

— O que aconteceu, exatamente, entre você e Ellie na Pensilvânia?

# Capítulo Vinte e Quatro

— Isso importa? — Derek perguntou.

— Você transou com ela, não foi? — De algum modo, Kylie já sabia desde o início. E achava péssimo estar certa.

Os olhos dele se encherem de culpa.

— Não significou nada.

Ela balançou a cabeça.

— Como pode não ter significado nada? Sexo é a maior forma de intimidade que pode existir entre duas pessoas.

— Nem sempre — disse ele. — Às vezes são só duas pessoas em busca de alguma coisa. E muitas vezes não é o melhor modo de encontrar. Nós não encontramos, Kylie. Ellie percebeu isso. Eu percebi. E o romance terminou. Foi um erro e nós dois sabemos disso.

— Mas você a trouxe de volta pra cá com você.

Ele encolheu os ombros.

— Ela não é má pessoa, eu não podia deixá-la naquela comunidade. Era horrível! Ela estaria numa gangue em questão de semanas.

Kylie puxou as pernas para mais perto do peito e tentou identificar as emoções que brotavam dentro dela. Ela sentia-se magoada. Sentia-se justificada em seu ciúme. Sentia-se... aliviada. E isso não fazia sentido. Por que ela se sentiria aliviada por Derek e Ellie terem feito sexo?

Então a verdade lhe ocorreu. Ela se sentia aliviada porque agora não havia razão para sentir culpa por estar com Lucas. Não que a verdade ainda não a machucasse. E se ela fosse totalmente sincera consigo mesma, veria que ainda sentia um pouco de ciúme. Mas afastou o sentimento, porque agora, mais do que nunca, podia aceitar os fatos. Ela agora era amiga de Derek. Apenas isso.

— Nós somos apenas amigos — disse ela.

Ele a fitou nos olhos.

— É isso aí — concordou. No entanto, algo em sua voz a fez suspeitar que ele não tinha sido tão sincero quanto antes. — Tudo o que eu quero é conversar. Ter certeza de que você está bem. Mê dê dez minutos. — Ele analisou o olhar de censura dela. — Cinco. Droga, me dê três minutos, Kylie. É muito pedir isso a uma amiga?

Ela olhou para o riacho e fitou-o.

— Três minutos. E então isso acaba.

— Feito. Ele olhou para o relógio, e, em seguida, como que para aproveitar o tempo, começou a falar. — Como você está? O que aconteceu no cemitério? Eu ouvi a respeito.

Kylie contou uma versão abreviada dos acontecimentos. Isto é, que ela achava que o

seu fantasma estava enterrado lá. E que descobriu que o espírito podia ser um assassino de criancinhas.

Derek não se encolheu de medo como os outros.

— O que você vai fazer? — perguntou, em vez disso. — Como vai chegar à verdade?

— Estou esperando o fantasma voltar. Ele não me visitou desde então.

— Mas vai — disse ele. — E não se preocupe demais. Tenho certeza de que você vai descobrir tudo. Você sempre descobre.

Kylie olhou bem dentro dos seus olhos verdes com raias douradas.

— Como você sabe que estou preocupada?

— Dã, eu posso sentir.

— Pensei que você não podia sentir minhas emoções aqui.

— Eu posso, só que com menos intensidade. Digamos que agora elas estão numa voltagem normal...

Normal. A palavra ficou pipocando na mente de Kylie por um longo tempo.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você já encontrou o seu pai? — Ele pareceu incomodado com a pergunta, então ela acrescentou: — Você me disse, quando partiu, que ia tentar encontrá-lo.

Ele balançou a cabeça e depois engoliu em seco.

— Encontrei.

Ela sentiu a confusão de emoções dentro dele como se fossem as suas próprias.

— Não foi bom?

— Não sei. Achei que iria vê-lo e me sentir muito bem fazendo isso. Mas não me senti. Ainda não sei se quero alguma coisa com ele. Tenho quase certeza de que não.

— Por quê? O que aconteceu? — Kylie perguntou.

— Ele me ofereceu uma centena de razões diferentes pra ter deixado minha mãe e eu. A vida dele era uma mentira enquanto tentava viver no mundo humano com a minha mãe. Ele me disse que era difícil demais pra ele manter contato. Disse que gostaria de conviver comigo outra vez. Disse um monte de coisas. E nenhuma delas significou nada pra mim. Talvez isso mude com o tempo. Não sei. Mas, agora, tudo parece muito estranho.

— Eu entendo o que quer dizer — disse ela, oferecendo-lhe um meio sorriso. — Sara pretende vir aqui com a minha mãe no Dia dos Pais.

Ele estendeu a mão para ela e depois recuou.

— Tenho certeza de que tudo ficará bem.

Houve um momento de silêncio, e em seguida Derek recomeçou a falar.

— E com o seu fantasma... Você já sabe o que fazer? Quer dizer, como vai descobrir quem ela é?

— Não sei ao certo. Mas minha intuição me diz que, cada vez que a vejo, ela se

lembra cada vez de mais coisas.

Derek ponderou sobre as palavras dela e então disse:

— Sabe, eu me lembro de ter lido alguma coisa uns anos atrás sobre um antigo cemitério público onde descobriram que, em cerca de cinco por cento dos caixões, havia dois corpos sepultados em vez de um.

— Dois corpos?

— É. O governo estava enterrando indigentes, sem-teto, pessoas miseráveis nos caixões de outras pessoas. Eles só largavam os corpos ali pra não ter que gastar com o enterro.

Kylie pensou naquilo por um segundo, e fazia todo o sentido. Catherine O'Connell tinha dito que vira Jane Doe saindo do túmulo de Berta Littlemon. No entanto, se Berta Littlemon estava ali também, e as lendas sobre essas coisas estavam corretas, ela já teria ido para o inferno. Então aquilo significava que somente um espírito sairia da sepultura.

— Eu acho que você pode ter acabado de resolver o meu problema — ela disse a Derek. — Obrigada! — Se as coisas agora fossem diferentes entre eles, ela o teria abraçado.

Ele sorriu.

— De nada.

De repente, Kylie percebeu que eles provavelmente tinham falado mais tempo do que seu acordo de três minutos. Ela deu uma olhada no relógio dele.

— Ah, só mais uma coisa — disse Derek. — Depois de conversarmos outro dia sobre como Ruivo era estranho, eu andei investigando. Sabe, só para ver o que conseguia descobrir. Ao contrário do que a gente achava, ele é vampiro, sim, ou pelo menos é o que todo mundo pensa. E a única outra coisa que eu descobri foi... algo sobre os pais dele.

— O que têm eles? — Kylie perguntou.

— Supostamente, a mãe de Ruivo foi assassinada na frente dele quando ele tinha uns 7 anos. O caso nunca foi solucionado. Parece que até a UPF investigou, mas nunca descobriram quem foi o responsável. Menos de um ano depois o pai dele desapareceu. Foi quando ele foi morar com o avô.

Kylie franziu a testa.

— Droga, estou quase sentindo pena dele.

Derek deu de ombros.

— Infelizmente, a maioria das pessoas que comete crimes violentos um dia também esteve no papel de vítima. Mas dois erros não fazem um acerto. E sabemos que ele matou aquelas duas garotas.

— Eu sei. — Quando ela olhou outra vez para Derek e se pegou contemplando os olhos dele demoradamente, resolveu: — Acho melhor eu...

— ...você ir. Eu sei... — disse ele, a expressão se entristecendo. — Sinto sua falta, Kylie. Podemos... fazer isso de novo?

Ela quase disse sim, mas percebeu que provavelmente não seria uma boa ideia para nenhum dos dois.

— Não sei — disse ela. — Tenho muita coisa para entender...

— Entre você e Lucas? — perguntou ele.

— É — ela disse, com sinceridade. Não se sentia mais culpada pelos seus sentimentos. Ela não sabia o que poderia ter com Lucas. Mas, pela primeira vez desde que tinha descoberto esses sentimentos, não se sentia culpada por causa deles. E de fato havia algo entre os dois. Mas com a alcateia tentando afastá-los e a aversão dele pelo seu envolvimento com os espíritos, ela não sabia ao certo aonde aquilo poderia dar.

— Tudo bem — disse ele. — Mas se precisar de mim... Ou se quiser conversar... Sabe onde me encontrar.

Kylie acenou com a cabeça, e então, no instante seguinte, já estava acordada, olhando para o teto do quarto.

— Sinto sua falta, também... — ela sussurrou, e então se virou e abraçou o travesseiro.

Perry encontrou Kylie na porta da frente na manhã seguinte, quando ela estava saindo da cabana.

— Olá — disse ela, forçando um sorriso. Não estava exatamente deprimida por saber a verdade sobre Derek e Ellie, mas, lá no fundo, sentia o coração pesado de tristeza hoje.

Era uma sensação parecida com a que sentia no último dia de aula antes das férias de verão. Ela queria que o verão chegasse, sabia que não poderia fazer nada para mudar isso, mas uma parte dela queria que a vida continuasse do jeito que estava. Supôs que simplesmente não era uma grande fã da mudança.

Perry, com os olhos de um azul brilhante, sorriu.

— Olá! — Ele olhou para trás, em direção à porta, e Kylie sabia por quê.

— Miranda já saiu — Kylie disse a ele.

— Por quê?

*Porque ela não queria vê-lo, já que tem medo do que você vai dizer quando ela contar que tem um encontro na sexta-feira com um bruxo gostosão.*

— Não faço a menor ideia. — *E estou realmente feliz por você não ser um vampiro que pode ouvir as batidas do meu coração e saber que sou uma baita mentirosa.*

Seus olhos foram do azul para um castanho triste.

— Eu pensei... Acho que tinha esperança de que...

— Eu sei — disse Kylie, dando um tapinha no ombro dele. — E tudo o que eu posso

dizer é que a esperança é a última que morre.

— Então ainda tenho uma chance? — perguntou ele.

— Pequena — disse ela, sem querer lhe dar falsas esperanças.

Eles pegaram a trilha.

— Quero ver se Holiday e Burnett estão no escritório. Preciso falar com eles antes do café.

— É só mostrar o caminho — disse Perry, fazendo uma reverência. — Sou sua sombra e seu servo pessoal.

Kylie sorriu. Enquanto caminhavam, ela se perguntava se algum dia poderia sair com Derek da mesma maneira sem que parecesse errado. Sem sentir que o relacionamento entre eles era completamente platônico, sem nenhum indício de arrependimento sobre como poderia ter sido. Ela realmente esperava que sim. Embora seu coração dissesse que ele teria sido um namorado maravilhoso... também seria um amigo muito especial. E ela esperava que eles pudessem chegar lá um dia.

Holiday e Burnett não estavam no escritório, então Kylie não poderia lhes contar sobre a teoria de Derek, de que poderia haver dois corpos no túmulo de Berta Littlemon.

Ou perguntar a Burnett o que ele tinha na cabeça quando dera permissão a Sara para visitar Shadow Falls.

No café da manhã, Lucas se juntou a ela e Perry em sua mesa. Kylie localizou Miranda na mesa das bruxas, e Della tinha um compromisso com os vampiros naquela manhã. Então, Kylie se sentou entre os dois e, para a sua surpresa, eles se comportaram. Bem, pelo menos Perry se comportou.

Lucas deslizou a mão por debaixo da mesa e tocou a lateral da perna dela. Então se inclinou e sussurrou:

— Quer dançar ao luar de novo hoje à noite?

Ela não tinha certeza, mas poderia jurar que o leve roçar dos lábios dele contra a sua têmpora tinha sido quase um beijo. Ela o cutucou com o cotovelo e, enquanto garfava um punhado de ovos do prato, sussurrou em resposta:

— Cuidado. As pessoas vão saber que você tem algo comigo.

— Isso é bom — disse ele. — Talvez seja a hora de tornar isso oficial.

O coração de Kylie parou. Os ovos caíram do garfo e se espatifaram no prato.

Ela se virou e olhou seus olhos azuis.

— Você está me pedindo em namoro?

— Você está dizendo que sim? — Uma esperança brilhou nos olhos dele.

— E a alcateia?

— Eu disse que não me importo com o que eles dizem.

Uma alegria brotou no coração de Kylie.

— Bem, acho que eu deveria ouvir o pedido primeiro.

— Ok... Será que você, Kylie Galen, quer namorar comigo?

Sim. Sim. Sim. A palavra estava na ponta da sua língua, esperando para ser liberada. Ela sorriu, pronta para dizê-la, quando...

— Pode me dar um minuto com Lucas? — A voz profunda de Burnett arruinou o momento. Ele estava de pé atrás deles, no alto de seus 1,80m de solidez vampiresca.

Lucas olhou para Burnett.

— Algo errado?

— Preciso ter uma palavrinha com você.

Lucas se levantou e saiu. Kylie observou-os se afastar, ainda em tamanho choque por ele tê-la pedido em namoro que se esqueceu completamente de dar uma bela bronca em Burnett por ter concordado em deixar Sara ir ao acampamento.

Um pouco mais tarde, Kylie estava ao lado de Perry, quando Chris anunciou os nomes para a Hora do Encontro dos campistas. Lucas ainda não tinha voltado da sua conversa com Burnett, o que a preocupava.

Olhando para Perry, Kylie perguntou:

— Como vamos fazer agora?

Ele olhou para Miranda, a distância.

— Eu tirei o meu nome da lista.

— Então não temos que ficar aqui? — Kylie perguntou.

— Eu tirei o meu nome. Não o seu. Achei que poderia acompanhar você na sua hora.

— Não é contra as regras?

— Tenho certeza de que Burnett não vai se importar.

— Falando em Burnett, eu não sabia que vocês dois já se conheciam.

— Ele te contou? — Perry parecia surpreso.

— Não. Quer dizer, sim, quando lhe perguntei a respeito. Mas, durante toda a coisa do dragão, você disse algo sobre ele ter te falado alguma coisa quando você tinha seis anos de idade.

— Ah — lembrou-se Perry. — E o que Burnett disse?

— Apenas que já conhecia você. Ele era a pessoa responsável por você ou algo assim?

— É, mais ou menos.

— E Kylie Galen... — A voz de Chris ficou mais alta, e Kylie prestou atenção no que ele ia dizer.

Ela olhou para a frente, onde Chris estava sorteando os nomes de um chapéu. Sim, um chapéu mágico de verdade.

Obviamente, Chris tinha decidido aproveitar ao máximo seus minutos como centro das atenções.

— Você vai passar uma hora com... Ellie Mason.

— Ah, droga! — Todo o seu sentimento não resolvido com relação a Derek e Ellie veio à tona novamente.

— Ai, cara... — Perry respondeu. — Isso vai ser muito divertido!

O comentário dele só mostrava que ela e Perry tinham definições muito diferentes do que era diversão.

Um minuto mais tarde, Kylie, Ellie e Perry pegaram uma das trilhas. Durante um bom tempo, nenhum deles falou.

— Aonde vamos? — Ellie quebrou o código velado de silêncio.

— Até o riacho — disse Kylie.

— Tudo bem — disse Ellie.

Eles continuaram por mais dez minutos, andando rápido, num ritmo sobrenatural. Ninguém reclamou. Pelo menos não do ritmo da caminhada.

Ellie arriscou novamente.

— Eu sou nova aqui, mas pensei que o objetivo da Hora do Encontro fosse conversarmos para nos conhecer melhor.

— Então, fale — respondeu Kylie com rispidez, enquanto se esquivava de alguns galhos que pareciam querer agarrá-la. Ela também se esquivou da lógica que lhe dizia que devia inventar uma enorme enxaqueca e enviar a linda "vampirinha sexy" de volta ao acampamento.

— Ok... Meu nome é Ellie Mason e eu tenho um palpite de que não gosta muito de mim.

Kylie parou e deu meia volta — ela já tinha todo o roteiro na cabeça: iria fingir uma terrível dor de cabeça. Mas não teria sequer que fingir porque agora sua cabeça de fato latejava. Mas quando abriu a boca, suas palavras não tinham nada a ver com enxaquecas.

— Ok, vamos falar abertamente. Eu sei que você fez sexo com Derek. — A voz de Kylie parecia ecoar por toda a floresta.

— Caramba! — Perry disse, e sorriu. — Isso vai ser melhor do que eu pensava.

# Capítulo Vinte e Cinco

Kylie desviou os olhos para o metamorfo. O sorriso de Perry desapareceu. Kylie arqueou uma sobrancelha.

— Transforme-se.

Ele franziu a testa.

— Não o gato surdo de novo... — ele implorou. — Eu não consigo ouvir nada. Fico sem equilíbrio assim. É como se estivesse no vácuo.

Ela não desviou o olhar até que as fagulhas começaram a aparecer como fogos de artifício. Então ela se virou e encarou Ellie, que olhava com os olhos arregalados as fagulhas em cascata ao redor de Perry.

— Nossa! Eu nunca tinha visto um metamorfo se transformar antes. Quer dizer, ouvi falar sobre o que acontecia, mas é muito mais legal ao vivo!

— Você ouviu o que eu disse? — Kylie cruzou os braços sobre o peito com a fúria se acumulando na boca do estômago.

— Você viu ele se transformando? — Ellie perguntou.

Kylie bateu o tênis no solo úmido e rochoso.

— Eu disse que sei que você fez sexo com Derek.

Ellie continuou a olhar para Perry, que agora era um gato branco de olhos azuis. Houve um silêncio repentino na floresta. Kylie ignorou-o e continuou encarando Ellie.

— É, eu ouvi o que você disse — disse Ellie, ainda sem olhar para ela. — E estava mudando de assunto de propósito, para ter tempo de pensar o que responder. — A vampira de cabelos castanhos lançou um profundo suspiro e olhou para Kylie. — Derek te contou?

Ela assentiu.

Ellie balançou a cabeça.

— Isso é a cara dele. Derek é uma dessas pessoas super do bem que acham que a verdade é a melhor política.

— Você teria mentido pra mim? — Kylie perguntou, procurando uma razão para realmente não gostar da garota. Como se ter transado com Derek não fosse razão suficiente. Mas ela se lembrou de que eles não tinham nenhum compromisso; não tinham nem chegado a namorar oficialmente. E Derek e Ellie tinham uma história juntos.

— É. Eu teria mentido — disse Ellie. — Não por maldade nem nada. Só porque..., bem, o que aconteceu entre mim e Derek não significou nada, então por que deixar que causasse tanto estrago?

Kylie franziu a testa.

— Se não significou nada, então por que dormiram juntos?

Ela encolheu os ombros.

— Porque eu queria que significasse algo.

— Isso não faz sentido — Kylie acusou.

Ellie franziu a testa.

— Ok, escuta. Eu gosto do Derek. Gosto pra caramba! Quer dizer, ele é um gato! E é um doce... Um cara totalmente incrível. Mas... simplesmente não saíram... faíscas. Como acontecia antes, quando estávamos namorando. Nós fizemos muito sexo sem sentir esse algo mais. Tenho certeza de que você já passou por isso, não passou?

Kylie não a corrigiu. Não se sentia à vontade admitindo a uma estranha que era virgem.

— Então, quando ele apareceu naquela festa, eu estava meio com medo, meio vulnerável, e ele foi como o meu salvador. E estava tão gato, tão lindo..., achei que daquela vez a gente fosse sentir aquele algo mais.

Ela balançou a cabeça.

— Mas não aconteceu.

Kylie sentiu o ar ficando mais frio em torno deles. Gelado. *Por favor, não agora,* ela pediu mentalmente.

— Se ele contou sobre a transa — continuou Ellie —, então contou também que, assim que terminamos, nós dois ficamos tipo... "Cara, isso foi um erro". E cinco minutos depois, ele estava me contando sobre uma garota que conhecia chamada Kylie.

Kylie olhou para o chão, ela poderia jurar que algo tinha acabado de passar sob seus pés. Olhou para Perry, que estava sentado no galho de uma árvore, esmagando uma borboleta.

— Você sabe que ele realmente gosta de você, não sabe? — Ellie perguntou.

O fantasma se materializou bem na frente de Kylie, e parecia em pânico, apavorado.

*Por favor... Agora não!*

Kylie ignorou o espírito e estudou Ellie. De repente, toda a conversa parecia sem sentido e totalmente desnecessária. Ela não tinha o direito de ficar chateada com Derek e Ellie. Nenhum direito. Nenhum mesmo. Zero.

— Sinto muito — disse Kylie. — Eu não devia ter...

— Não, você devia. Se alguma garota tivesse transado com o cara que eu gostasse, eu ficaria chateada também. Foi legal você ter falado o que pensava. Eu respeito isso.

— Não — disse Kylie. — Quer dizer, não é que... Entre mim e Derek... Sim, Derek e eu estávamos quase tendo alguma coisa, mas depois... — *Ele simplesmente colocou um ponto final em tudo.* Ela se conteve. Não queria entrar em detalhes. — Acabou.

— Certo. Acabou. — Ellie revirou os olhos. — Sério? Toda vez que estamos em meio a um monte de gente, sabe o que ele faz? Procura você. — Ela riu. — É uma idiotice. Então eu perguntei a ele sobre isso. Eu disse: "Você diz que pode senti-la a quilômetros

de distância, então sabe que ela não está aqui. Por que procura por ela se já sabe?" — Ellie sorriu. — Você sabe o que ele me disse? "A esperança é a última que morre".

Kylie reconheceu as palavras que ela mesma dissera a Perry um pouco antes.

— Ele gosta de você pra caramba — disse Ellie.

Kylie balançou a cabeça novamente.

— Não, agora acabou. Ele terminou tudo. Estou com outra pessoa agora.

— Está? — O choque fez Ellie arregalar os olhos azuis. — Derek sabe?

— Não. Quer dizer, eu ainda vou começar a namorar com essa pessoa. — Sentindo-se como uma idiota, ela acrescentou: — Lucas me pediu em namoro no café da manhã. Mas eu não tive chance de dizer sim.

Ellie ergueu as sobrancelhas em suspeita.

— Então você não disse sim.

Kylie franziu a testa e o frio pareceu colar em sua pele.

— Fomos interrompidos.

— Quanto tempo você precisa para dizer sim? — Ellie esfregou os braços como se quisesse se proteger do frio e olhou em volta como se estranhasse a súbita mudança de temperatura.

— O que quer dizer? — Kylie perguntou, sentindo-se frustrada, mas sem saber direito se era por causa do fantasma ou de Ellie. Então Kylie viu o fantasma andando de um lado para o outro, olhando para ela como se precisasse dizer alguma coisa. Algo urgente.

Ellie encolheu os ombros novamente.

— Eu só estou dizendo que parece que você hesitou. E talvez haja uma razão para isso. Talvez a razão seja que...

— Não há razão nenhuma. Eu não hesitei.

Jane Doe parou de andar e olhou dentro dos olhos de Kylie.

*— Você precisa correr!*

— Tem certeza? — perguntou Ellie.

— Tenho — disse Kylie, e ela tinha. Não tinha? Ela ia dizer sim antes de Burnett chegar. Mas diria sim a Lucas da próxima vez que o visse.

— *Corra!* — o fantasma gritou.

— Por quê? — Kylie perguntou ao espírito, e olhou para Perry ainda na árvore, perseguindo sorrateiramente outra borboleta.

— Por que o quê? — perguntou Ellie.

— *Corra!* — O espírito gritou tão alto que Kylie pensou que tinha rompido seus tímpanos. Ela olhou para cima e viu a águia arremetendo a toda velocidade, com as garras expostas.

Ela se abaixou, evitando por pouco as garras afiadas do pássaro. Justo nesse

instante, o solo sob os seus pés começou a tremer. Tremer muito. Um estrondo parecido com uma explosão soou abaixo dela.

— Corre! — Kylie gritou para Ellie.

A vampira, com os olhos brilhando num tom amarelo cintilante, olhou para o chão.

— O que está acontecendo?!

— Corre! — gritou Kylie outra vez, agarrando Ellie pelo braço e arrastando-a com ela. Elas tinham dado apenas um passo quando o chão sob os seus pés se abriu, e surgiu no lugar um imenso buraco negro. Um buraco que ficava cada vez maior e se aproximava cada vez mais das duas. Kylie tinha avançado pelo menos dez passos quando se lembrou.

Perry. Ele estava na árvore e não era capaz de ouvir nada do que estava acontecendo abaixo dele.

Kylie deu meia-volta. Assim como suspeitava, ele ainda estava na árvore.

Ainda caçava a borboleta.

— A gente precisa sair daqui! — gritou Ellie.

O buraco no chão continuava a aumentar, como se alguém sugasse a terra embaixo delas. Kylie estava quase chegando na árvore. Quase onde Perry estava. E ele ainda não tinha visto nada.

E a culpa era dela. Era tudo culpa dela.

— Perry, corra! — ela gritou com toda a força.

Mas Perry não podia ouvir.

*Eu fico sem equilíbrio. É como se estivesse num vácuo.* As palavras dele ecoaram na sua mente como vidro estilhaçando.

Ela viu o buraco começando a chegar às raízes da árvore.

Viu o felino Perry perdendo o equilíbrio.

Ele lutava para permanecer na árvore. Kylie assistiu com horror quando ele se agarrou à árvore com as suas patas felinas, as garras cravadas no tronco enquanto lutava para não despencar. Mas o buraco negro, como um monstro que não desistia, sugou a árvore para baixo, levando com ela, através da sua garganta negra, o pequeno gatinho de olhos azuis.

*Alguém vive e alguém morre.*

— Não! — Kylie gritou, e saiu correndo, dando um salto para dentro do buraco escuro.

# Capítulo Vinte e Seis

A escuridão cercou Kylie no segundo em que seus pés deixaram a terra sólida e ela mergulhou no poço profundo. Ela ouviu gritos, gritos torturados, vindos de baixo. Ou será que eles estavam apenas dentro de sua cabeça? Era difícil dizer. Então ela foi envolvida por um frio tão intenso que quase perdeu o fôlego. E soube imediatamente que os sons vinham do inferno. Será que Holiday estava certa? Será que ela tinha passado tempo demais com o mal puro e agora estava pagando caro por isso?

E por causa dela, Perry também?

De repente, fagulhas dolorosas agulharam seu corpo como pequenos choques, vindas de algum lugar abaixo dela. Kylie levou duas ou três agulhadas antes de perceber o que aquilo significava.

Perry. Perry estava se transformando.

Então ela bateu contra algo... meio macio, meio espinhento.

Como um monte de penas.

Ela se moveu para o lado, fez um movimento brusco e gritou, enquanto continuava sua descida, caindo mais rápido agora no vazio e de cabeça para baixo.

Uma enorme algema com textura de couro prendeu o seu braço direito e puxou-a para cima. Ela sentiu um tranco no braço. Soltou um palavrão ao sentir a dor aguda.

— Peguei você! — A voz de Perry reverberou através do buraco.

Ele disse aquilo para tranquilizá-la, mas isso não aconteceu. E se ele não conseguisse segurá-la? E se o que esperava por eles lá embaixo de repente decidisse vir para cima e fazer uma visitinha?

— Kylie!

Ela virou a cabeça na direção da entrada do grande sumidouro. Uma luz brilhante derramava-se da abertura, tornando difícil ver qualquer coisa. Então viu um corpo caindo.

Não, não era apenas um corpo. Era Ellie.

— Merda! — Perry gritou, abrindo suas asas enormes tão rápido quanto podia. — Eu não posso pegá-la! Não posso!

Uma estranha sensação de calma se derramou sobre Kylie. Ela estendeu o braço livre assim que a gravidade trouxe o corpo de Ellie até eles e agarrou o antebraço da vampira. Kylie não tinha força suficiente, no entanto, e a palma da mão começou a escorregar. Ela tentou segurar mais firme, não conseguiu, e finalmente agarrou a garota pelo pulso.

Ellie gritou e começou a se debater. Seus olhos brilhavam num tom vermelho brilhante na escuridão.

— Sou eu! — gritou Kylie.

— Todo mundo se segura! — A voz de Perry ricocheteou nas paredes de terra do poço.

Ellie se debateu novamente, e Kylie puxou-a mais para perto.

— Peguei você.

E de fato pegara. Kylie colocou toda sua força e atenção no seu objetivo de não soltar o pulso de Ellie. O barulho de uma rajada de ar e enormes asas de pássaro batendo preencheram a escuridão e, em poucos segundos, Perry levou todos os três para fora do buraco. Quando estavam de volta à luz, ele sobrevoou uns cem metros até a trilha antes de descer e pousá-las cuidadosamente sobre a terra sólida.

Ele pousou ao lado delas, as garras tocando a terra com um baque. Como Kylie suspeitava, ele tinha se transformado no pássaro de aparência pré-histórica com penas de tom cinza-escuro. Era do tamanho de um avião pequeno. Então o rugido sob o solo começou novamente.

— Corram! — ele ordenou.

Perry não teve que falar duas vezes. Kylie e Ellie dispararam, correndo a toda pela floresta, evitando árvores, esquivando-se de galhos e saltando os espinheiros espessos.

Kylie olhava continuamente para cima, para se certificar de que Perry estava bem. Ele ainda as seguia, deslizando facilmente sobre as copas das árvores, certificando-se de que estavam seguras.

Assim que saíram do bosque, Kylie desabou no chão, ofegante e com o coração aos saltos. Ela podia ouvir o sangue jorrando nas veias. Ellie caiu ao lado dela, a respiração não tão ofegante, mas ainda um pouco trêmula.

Perry pousou no chão ao lado delas e se transformou novamente em ser humano.

— Que diabos você estava fazendo? — Ele gritou para Kylie, os olhos furiosos vermelho-sangue.

Ela sorveu novamente o ar.

— Tentando te salvar.

— Eu não preciso que me salvem! — ele agitou os braços para cima e para baixo quase como se tivesse esquecido de que já não era um pássaro. Então voltou a sua ira para Ellie. — E você? Qual é a sua droga de desculpa?

Ela tossiu e então disse:

— Eu... achei que, se eu voltasse viva e vocês não, o resto do grupo provavelmente ia me matar. Eu não tive escolha a não ser ir atrás de vocês.

De repente, Burnett, com os olhos no modo "proteção total" e caninos expostos, entrou em cena.

— O que aconteceu? — perguntou, a voz pouco mais que um rosnado profundo. — Pareceu uma explosão.

— Terremoto, talvez — disse Perry. — O chão simplesmente abriu embaixo da

gente.

— Mas isso é... — Burnett balançou a cabeça. — Estão todos bem?

Todos assentiram com a cabeça. O olhar de Burnett fixou-se em Kylie.

— Você está sangrando. Vá para o escritório e deixe Holiday dar uma olhada em você.

Kylie olhou para seu braço. As unhas de Ellie deviam tê-la arranhado quando a agarrou pelo braço.

Burnett continuou:

— Eu vou dar uma olhada para ver a extensão do... terremoto.

Ele se virou na direção da floresta.

— Espere! — Kylie chamou, e Burnett se voltou num movimento tão rápido que mais pareceu um borrão.

— O que foi? — perguntou, a impaciência evidente na voz.

— Não era um terremoto. — Ela se lembrava nitidamente da águia arremetendo diretamente na direção dela numa atitude de ataque. Agora entendia que a intenção da ave era fazê-la correr, mas isso não mudava o fato de que parecia malévola. Ela tinha visto a escuridão em seus olhos. — A águia estava lá.

E Jane Doe também, embora Kylie não visse nenhuma razão para mencionar isso.

Pelo menos por enquanto.

Burnett soltou outro grunhido.

— Vá para o escritório. Vou ver se consigo descobrir o que causou tudo isso.

Quando os três estavam indo para o escritório, Kylie olhou para Ellie.

— Obrigado por tentar nos salvar.

Ellie deu de ombros.

— Não foi nada demais. Eu realmente não sabia o que aconteceria comigo se eu fosse a única a sobreviver. — Ela riu. — Agora que acabou, até pareceu divertido.

— Não, não acho — disse Kylie, lembrando-se de como se sentiu quando viu Perry caindo no buraco.

Eles deram mais alguns passos e Ellie, com os olhos brilhantes provavelmente por causa do sangue, olhou para o braço arranhado de Kylie e acrescentou:

— Eu sinto muito. Aposto que fui eu que fiz isso quando estava me debatendo. Obrigada por me salvar. Não sei o que teria acontecido se você não tivesse me agarrado. Eu não acho que teria saído voando. Fico te devendo uma. É só falar e eu faço, sem perguntas.

— Não precisa. Você não me deve nada — disse Kylie.

— E quanto a mim? — Perry perguntou.

Kylie e Ellie olharam para Perry e falaram ao mesmo tempo.

— Obrigada.

— É só eu dizer e vocês fazem o que eu quero? — Perry ergueu as sobrancelhas, com humor na voz outra vez.

— Não! — Ellie e Kylie disseram ao mesmo tempo.

— Desconfiava... Que tal, em vez disso, vocês duas dizerem à Miranda que sou o herói de vocês?

— Eu posso fazer isso — disse Ellie. — Quem é Miranda?

— Minha namorada — disse Perry, olhando para Kylie. — Bem, ela será assim que eu convencê-la.

Elas avançaram alguns passos e Ellie disse a Kylie:

— Sinto muito por ter transado com Derek.

— Esqueça — disse Kylie, porque ela mesma tentaria esquecer.

As horas seguintes foram totalmente prenchidas com as perguntas de Burnett, que interrogou todos os três, separadamente, diversas vezes. Kylie percebeu que ele não estava fazendo isso por suspeitar que algum deles mentiria sobre o ocorrido. Ele só não queria que as respostas de uma pessoa influenciassem as lembranças das outras. Kylie não se importava. O que ela queria era descobrir o que tinha acontecido. Será que tinham realmente sido sugados para um buraco que levava direto ao inferno? Se fosse assim, por quê? Era por causa de Jane Doe? Ou teria sido algo planejado por Mario e seus amigos para atormentá-la?

E o mais importante, e se acontecesse de novo?

Infelizmente, Burnett só tinha perguntas e nenhuma resposta.

Holiday não tinha nenhuma ideia do que poderia ter ocorrido. Mas o olhar de medo no rosto dos líderes do acampamento assustou mais Kylie do que qualquer outra coisa.

No momento em que a entrevista terminou e Kylie saiu do escritório de Burnett, Lucas foi ao encontro dela na porta e levou-a pela mão até outra sala. Ele não disse nada, só a puxou contra o seu peito quente... tão quente!... e a abraçou.

— Eu estava fazendo alguns serviços para o Burnett. — Sua bochecha estava pressionado contra o topo da cabeça dela. — Acabei de voltar.

Depois de um longo abraço, ele se afastou e perguntou:

— O que foi *desta vez*?

Foram as duas últimas palavras que revelavam os verdadeiros sentimentos de Lucas.

Kylie franziu a testa.

— Você fala como se achasse que foi tudo culpa minha.

Ele balançou a cabeça.

— Eu não acho que foi culpa sua. Mas, que droga!, eu gostaria de passar pelo menos alguns dias sem achar que quase perdi você.

Ela sorriu.

— Não é verdade que quase me perdeu. — E então ela fez um relato rápido da abertura do buraco e do insano desmoronamento.

Ele a fitou nos olhos.

— Algum espírito está envolvido nisso?

— Não. Bem, havia um lá, mas...

— Mas o quê? — ele insistiu. E então balançou a cabeça e resmungou: — Você tem que parar de deixá-los colocá-la em perigo, Kylie.

— Eles não me colocam em perigo.

— Ah, fala sério! — Seus olhos azuis ficaram laranja de raiva. — Eu vi parte da sua visão, lembra? Tive que ficar ali e me sentir de mãos amarradas, enquanto aquelas pessoas arrastavam você para longe. Você tem alguma ideia do que eu senti?

Kylie sabia que a emoção de Lucas se devia em parte aos seus instintos de lobisomem. Os lobos eram conhecidos por ter uma intensa necessidade de proteger aqueles com quem se preocupavam. Ela gostava de saber que Lucas se preocupava com ela. Mas tinha que fazê-lo compreender que lidar com fantasmas era tão importante para ela quanto a transformação em lobo era para ele. Era o destino dela, sua vida.

Kylie colocou a mão sobre o peito de Lucas.

— Não foi o espírito que fez isso — ela disse. — Foi provavelmente Mario e o neto de novo, junto com o metamorfo amigo deles. Se o espírito fez alguma coisa, provavelmente foi salvar a minha vida.

Tudo bem, ela estava apenas supondo o que tinha acontecido. Mas fazia mais sentido para ela do que pensar que Jane queria lhe fazer mal.

Ele bufou.

— Merda... O que há com aquele cara? Ele não sabe a hora de parar?

— Obviamente não.

Lucas puxou-a contra ele novamente.

— Isso tudo não podia estar acontecendo em pior momento...

— Como assim? — Kylie perguntou.

— Eu tenho que ficar fora alguns dias. — Ele tocou o rosto dela. — Se não fosse uma emergência, eu não iria.

— O que aconteceu? — Mesmo ao fazer a pergunta, Kylie ficou preocupada com a possibilidade de Lucas não contar a ela. Lobisomens também eram conhecidos por manter tudo em segredo.

— Eu contei a você sobre minha meia-irmã. Ela deveria vir para cá estudar quando o acampamento de verão terminasse.

— E então? — Kylie perguntou, animada por ver que ele confiava nela o suficiente para lhe contar.

— Bem, agora meu pai a obrigou a se juntar à sua alcateia e se recusa a deixá-la vir. Vou ter que ir lá e fazê-lo mudar de ideia.

— Eu pensei que você não se desse bem com seu pai.

— E não me dou. Mas não tenho escolha. Não devo ficar fora por mais do que alguns dias. Vou ter que pedir para Will ficar de olho em você.

Kylie lembrou-se de que, algum tempo antes, Lucas a apresentara a Will, outro lobisomem. Mas, como acontecia com a maioria dos lobos, ela mal o conhecia e não gostava da ideia de ter um estranho "de olho nela".

— Eu vou ficar bem — disse a ele. — Burnett não me deixa ir a lugar algum sem uma sombra. Não preciso de...

— Vai me deixar mais tranquilo. Saber que alguém da minha espécie está protegendo você.

Kylie não gostava de lembrar que Lucas confiava mais na sua própria espécie do que nas outras. Mas ela tinha coisas demais com que se preocupar e não iria arranjar outro problema para deixá-la pirada.

— Quando você vai? — perguntou ela.

— Agora. Devo estar de volta no sábado, domingo no máximo. — Ele a beijou novamente. O beijo durou mais do que um típico beijo de boa-noite e foi muito apaixonado.

Quando ele se afastou, Kylie ouviu o zumbido leve no peito dele.

Ela sorriu, deixando implícito um aviso.

— Estou ouvindo aquele zumbido novamente.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você desperta o lobo em mim. — Inclinando-se para baixo, Lucas lhe deu outro beijo rápido.

Segundos depois que ele saiu, Kylie percebeu que ele não tinha dito nada sobre o pedido de namoro daquela manhã.

Será que tinha pensado melhor? Fechando os olhos, ela afastou o pensamento para o fundo da sua mente, com todas as outras preocupações.

Holiday entrou no cômodo e a abraçou.

— Eu acho que precisamos de um passeio até a cachoeira, não acha? Que tal se eu combinasse com Burnett e fôssemos amanhã?

— Seria bom — disse Kylie. — Muito bom.

No dia seguinte, Kylie e Holiday atravessaram a cortina de água da cachoeira e chegaram à plataforma de pedra. Minúsculas gotas de água espirravam da cascata e umideciam o rosto de Kylie. Seu cabelo, já encharcado com a água da cachoeira, caía sobre os ombros e gotejava sobre as suas pernas.

Ela não se importava. A atmosfera serena penetrava em seus poros e, pela primeira vez em mais de uma semana, ela se sentia em paz. Sabia que isso não significava que seus problemas tinham sido resolvidos. Longe disso. Mas, por ora, pelo menos naquele momento, sentia que tudo em seu mundo ia ficar bem.

Burnett, inconformado com o fato de estarem ali, tinha ficado de guarda do lado de fora. O incidente do dia anterior o deixara muito preocupado com a excursão à cachoeira. Era assim que eles estavam se referindo ao buraco gigantesco que tinha quase engolido Perry, Kylie e Ellie: o "incidente".

O geólogo que haviam contratado para examinar o poço o considerara uma aberração da natureza, um sumidouro. Como a maioria dos campistas de Shadow Falls, Kylie sabia que não se tratava disso. Surpreendentemente, o tamanho do buraco diminuiu antes de o cientista chegar. Havia magia ali, magia negra. Isso era tudo o que Kylie sabia e Miranda tinha confirmado.

Por causa da neblina e da densidade do bosque, o alarme de segurança não tinha detectado nenhum intruso. Burnett estava aborrecidíssimo com isso também. Não com alguém em particular, mas com a situação como um todo. Kylie o ouvira ao telefone com a UPF, dizendo-lhes que precisava de um sistema de segurança melhor o mais rápido possível.

Mas a invasão viera aparentemente do subsolo, e Kylie não sabia se existiria um sistema capaz de detectar intrusos subterrâneos. Aliás, poderosos intrusos subterrâneos que, por razões que Kylie desconhecia, queriam vê-la morta.

Kylie inspirou o ar de tranquilidade da cachoeira. Impressionante. Nem a ideia de fazer parte da lista negra de alguém poderia arruinar seu estado de espírito sereno.

Sentando-se e apoiando o peso do corpo nas mãos, ela observava Holiday, que também usufruía da atmosfera de paz.

— Sabe, a gente devia trazer todos os campistas aqui.

Holiday abriu os olhos.

— Eu queria que fosse assim tão fácil.

— O que quer dizer?

— Não se traz ninguém à cachoeira, Kylie. As pessoas têm que ser chamadas. Lembra?

Kylie de fato se lembrava, e de repente ficou curiosa.

— Então por que a cachoeira chama algumas pessoas e outras não?

— Não sei — Holiday respondeu. — Mas dizem que ela chama menos de um por cento de todos os sobrenaturais.

— Todos os que são chamados se comunicam com fantasmas?

— Todos os que eu conheço, sim. Existem lendas milenares sobre a cachoeira. Os nativos americanos consideravam este solo sagrado e afirmavam que só os escolhidos

podiam pisar nele.

— Burnett veio até aqui — disse Kylie.

— Eu sei, e isso me surpreende muito.

— Por quê? Você não acha que ele seja um escolhido? — Kylie perguntou.

— Não, porque ele não consegue ver espíritos.

— Você devia tê-lo visto observando-a quando todos a cumprimentavam no jantar outra noite — disse Kylie, falando por impulso. — Acho que ele te ama, Holiday.

A fadinha arqueou uma sobrancelha.

— Ainda tentando bancar o cupido, hein?

— Talvez eu só esteja tentando ajudar dois amigos.

— Ou talvez esteja se concentrando nos problemas de outra pessoa para não ter que pensar nos seus.

— Talvez — Kylie disse, encolhendo os ombros —, mas agora meus problemas não parecem tão ruins. — Ela olhou para o teto rochoso, maravilhada com a beleza dos padrões da rocha.

Holiday riu.

— É incrível o que acontece aqui, não é? — Ela suspirou. — Eu queria poder engarrafar o ar deste lugar e levá-lo na bolsa para respirá-lo um pouco quando precisasse.

— Pena que não podemos viver aqui — disse Kylie.

— Você viu o fantasma depois do dia do incidente? — Holiday esticou os pés.

Kylie assentiu com a cabeça.

— Ela me acordou ontem à noite. Eu fiz o que você disse e perguntei se havia um outro corpo no caixão com ela.

— O que ela disse?

— Nada. Mas ficou me olhando daquele jeito de novo.

— De que jeito? — Holiday perguntou.

— Como se eu tivesse despertado uma lembrança ou algo assim. Sempre que isso acontece, ela desaparece.

— Talvez ela não queira se lembrar.

Kylie ouviu a implicação na voz da líder do acampamento: a de que Jane Doe não queria se lembrar porque era assassina de crianças inocentes.

— Acho que ela está com medo de se lembrar — disse Kylie. — Mas não pelas razões que você pensa.

— Então por que está tão assustada?

Kylie hesitou.

— Talvez pela mesma razão que me faz ter medo.

Holiday olhou para ela.

— O que a faz ter medo?

— Descobrir a verdade. Descobrir o que eu sou.

— Por quê? — Holiday perguntou como se estivesse confusa.

— Porque é algo desconhecido. Porque é segredo pra mim há muito tempo. Porque provavelmente vai mudar a minha vida para sempre.

Kylie sentou-se ereta.

— Não que eu não queira saber a verdade. Eu quero. Quero tanto saber que posso quase sentir isso. Às vezes não consigo pensar em outra coisa. Mas ainda assim tenho medo. No dia em que os Brightens, ou as pessoas que se passaram por eles, vieram aqui, eu estava tão assustada que tremia por dentro. Quase fugi. Se Lucas não tivesse aparecido, provavelmente teria feito isso.

Kylie engoliu em seco. E foi aí que ela decidiu fazer a pergunta que há muito tempo pretendia fazer a Holiday e não tinha tido a chance.

— Você viu algum espírito diferente? Sabe se o casal de idosos que veio aqui naquele dia morreu?

— Os espíritos deles não vieram me procurar, se é isso que está perguntando — Holiday respondeu.

Kylie mordeu o lábio.

— Ainda me lembro da mão daquela senhora na minha. Por alguma razão, não acho que eles estivessem aqui para me prejudicar de alguma forma.

— Por que outro motivo estariam, então?

— Não sei. — Kylie fechou os olhos. — Do mesmo jeito que sei que Jane Doe não é uma assassina, tenho um pressentimento de que eles não eram ruins.

Holiday sentou-se e puxou os joelhos contra o peito.

— Talvez essa seja apenas a sua maneira de se recusar a ver o mal nas pessoas.

Kylie considerou a teoria por um segundo. Então se lembrou das duas vezes em que tinha visto a águia e, depois, o cervo. Ela não era cega para o mal. Podia reconhecê-lo quando o via, e não via mal nenhum nos falsos Brightens.

— Não — ela afirmou. — Não é isso.

A mente de Kylie voltou a Jane Doe.

— Ontem à noite recapitulei uma parte da visão e me lembrei do que a enfermeira disse ao médico. Ela disse que o marido dela, de Jane Doe, tinha acabado de acordar e estava perguntando pela esposa.

— E você acha que isso significa alguma coisa? — Holiday perguntou.

— Berta Littlemon nunca foi casada. E a visão me leva a crer que o marido de Jane Doe passou pelo mesmo tipo de operação que ela.

Holiday hesitou e então disse:

— Às vezes as visões são difíceis de decifrar.

— Mas todas as vezes em que tive esse tipo de visão, em que estou na pele da própria pessoa, elas não eram um quebra-cabeça que eu tinha que montar a fim de descobrir o que significavam. Eram cenas que realmente aconteceram.

— Mas as visões são a partir da perspectiva da pessoa. E se Jane Doe é pirada, então...

Kylie balançou a cabeça.

— Eu não acho que ela seja pirada. Ou má.

— Espero que você esteja certa — Holiday disse.

— Eu também.

Elas ficaram em silêncio por um minuto ou dois, apenas ouvindo a água corrente e sentindo a atmosfera de calma. Kylie olhou para Holiday novamente e sentiu uma pequena ponta de preocupação em sua mente.

— O que vou dizer a Sara quando ela vier aqui no domingo?

— Não diga nada, exceto que está feliz que ela esteja bem.

— Vai ser tão estranho vê-la aqui! Ela faz parte do meu antigo mundo, e meu antigo mundo não deveria se misturar com o meu novo mundo. É como dar de cara com seu professor de catecismo numa balada.

Holiday riu.

— Ou o seu ginecologista no supermercado. Aconteceu comigo uma vez. Foi tão estranho! — Ela estendeu o braço e pousou a mão sobre a de Kylie.

Normalmente, o toque de Holiday não provocava nada além de calma, mas não desta vez. Desta vez, tudo ficou escuro.

# Capítulo Vinte e Sete

Por um segundo, Kylie sentiu como se alguém tivesse apagado as luzes. Ela podia sentir a mão de Holiday sobre a dela, mas a caverna estava mergulhada na escuridão.

Então as luzes se acenderam. Kylie olhou ao redor, confusa. Elas não estavam mais na cachoeira. Em vez disso, estavam sentadas em cadeiras de metal dobráveis e muito desconfortáveis, numa clareira, sob algum tipo de tenda de cor escura. O vento tinha cheiro de chuva. Era um dia nublado e ela se sentiu triste. Muito triste.

Para onde tinha ido a serenidade da cachoeira? O que estava acontecendo, afinal?

Levou um segundo para ela perceber que era uma visão. Não sabia bem o que deveria ver desta vez, mas não se importava com o que seria. Ela não queria ver.

Kylie tentou sair daquele cenário. Queria voltar, voltar para onde tudo parecia certo, onde a calma reinava à sua volta, onde o som da água tranquilizava a sua mente.

Quando isso não funcionou, ela tentou descobrir onde estava. Perdeu o fôlego ao ver um caixão na sua frente. Lágrimas silenciosas inundaram seus olhos e ela soube que ali dentro havia alguém de quem ela gostava.

— Não — ela sussurrou. — Por favor, não.

Alguém tocou sua mão. Kylie reconheceu o toque de Holiday antes de olhar em volta e ver a líder do acampamento sentada ao lado dela. Ela usava roupas pretas sóbrias, nenhuma maquiagem e lágrimas não derramadas faziam seus olhos verdes parecerem mais brilhantes do que de costume.

Então alguém começou a falar em algum lugar próximo ao caixão. Kylie olhou para a frente e viu Chris, o líder dos vampiros, responsável pelos sorteios da Hora do Encontro, de pé ao lado do caixão.

— Perdemos um dos nossos hoje. É nosso costume quando um vampiro morre...

— Não — Kylie sussurou novamente, e de repente percebeu que estava em pé, de volta à cachoeira. A tristeza que encheu seu peito nesse instante era uma emoção um pouco menos dolorosa, o que tornava a respiração mais fácil, embora ainda machucasse.

Ela olhou para Holiday, que estava sentada na rocha, com os braços em volta das pernas. As lágrimas em seus olhos lhe diziam que Holiday não fora apenas parte da visão de Kylie. Ela também a vivenciara.

*Alguém vive e alguém morre*. As palavras pareceram fluir da própria rocha e ricochetear nas paredes de pedra.

Kylie olhou para Holiday.

— O que isso significa?

Holiday piscou e Kylie viu que ela tentava parecer corajosa.

— Seja o que for, vamos ficar bem.

— *Nós* vamos — disse Kylie, lutando contra o sentimento de calma e deixando que

sua dor assumisse o controle. — Mas alguém aqui não vai ficar bem. Temos que fazer alguma coisa para salvá-la. Ou salvá-lo.

É nosso costume quando um vampiro morre...

As palavras de Chris aguilhoaram o seu coração. Quando um vampiro morre... Ai, Deus! Por favor, que não seja Della, ou Burnett!

Holiday balançou a cabeça.

— Não há nada a fazer, Kylie. — Ela respirou fundo. — Não consegue sentir? Aceitação. — As lágrimas inundaram os seus olhos outra vez. — Deixa o meu coração em pedaços, mas é isso que eles estão dizendo. Alguém que amamos vai morrer e temos que aceitar isso.

— Mas eu não quero aceitar! — Kylie se virou e atravessou a cortina de água em direção à luz do sol.

No instante em que seu olhar pousou em Burnett, toda a calma da cachoeira se estilhaçou à sua volta. A aceitação que ela tinha sentido antes não passava agora de uma vaga lembrança.

*Por favor, que não seja Burnett! Por favor, que não seja Della! Por favor, que não seja Burnett!...*

Ela repetiu o mesmo mantra várias e várias vezes mentalmente, como se apenas a sua vontade bastasse para evitar a tragédia. Ela queria correr até ele, pegar suas mãos e fazê-lo jurar que tomaria cuidado, que não correria riscos desnecessários.

Mas no mesmo instante em que esse pensamento lhe ocorreu, ela soube com certeza que nada nem ninguém impediria Burnett de ser quem ele era. E isso significava correr riscos.

Kylie sentiu Holiday parando ao lado dela. Olhou para ela, que fitava Burnett, e soube que a amiga estava pensando a mesma coisa com relação à segurança dele.

*Alguém vive e alguém morre*. As palavras se repetiram na sua cabeça.

— Estão prontas? — Miranda gritou da sala, na sexta-feira à noite.

Kylie suspirou. A amiga estava nervosa. Aquela noite era o grande encontro com Todd, o bruxo gatíssimo, e Kylie e Della iriam com ela até o portão principal, esperá-lo.

— Quase! — Kylie pegou a escova de cabelo e deu algumas escovadas nos fios loiros, sem se preocupar, na verdade, se o cabelo parecesse mais um ninho de passarinho.

Os últimos dias tinham se passado como se envoltos numa névoa. Aceitar que alguém estava tentando matá-la era ruim, mas tentar aceitar que alguém de quem gostava, um vampiro, estava prestes a morrer era impossível.

Ela e Holiday tinham discutido sobre a possibilidade de tentar impedir que a visão se concretizasse e haviam se desentendido. E se fosse Della? Holiday não se importava

que fosse Burnett? Kylie fizera mentalmente uma lista de todos os vampiros do acampamento. Alguns deles ela não conhecia muito bem, mas nenhum merecia morrer. Kylie quase chegou a contar a Della sobre a visão, mas, quando estava prestes a fazer isso, teve o pressentimento de que deveria continuar calada. Ela não podia contar.

Por razões que Kylie não entendia, ela simplesmente sabia que não seria uma boa ideia.

Holiday continuava insistindo em dizer que Kylie se esquecia de que a mensagem era composta por duas partes. Alguém iria viver. Mas o que dizer da pessoa que morreria?

— Você não pode mudar o destino — Holiday tinha avisado.

Mas Kylie não dava a mínima para o destino. A aceitação que tinha sentido na cachoeira voltava de vez em quando e tentava amenizar a dor que ela sentia. Amenizar, não acabar com ela.

— Estou esperando! — gritou Miranda novamente.

*Eu também*. Kylie olhou para o fantasma sentado na beira da sua cama.

— Mais um minuto! — Kylie respondeu a Miranda. A mulher em espírito parecia grávida novamente e estava simplesmente sentada ali, segurando a barriga arredondada, como se quisesse protegê-la.

— Temos que conversar, sabe? — Kylie sussurrou.

O espírito não respondeu.

— Se você quiser ajuda, temos que conversar.

Ela continuou calada.

— Eu sei que os outros espíritos acham que você fez coisas horríveis, mas eu realmente não acredito. Estou tentando provar isso, mas não sei se vou conseguir sozinha. Preciso da sua ajuda.

A única resposta para o apelo de Kylie foi o silêncio. Então ela ouviu Miranda chamando novamente.

Kylie olhou para o fantasma.

— Eu tenho que ir agora.

Ela estendeu a mão para girar a maçaneta da porta e suspirou, sabendo que precisava fingir alegria pela amiga, que estava animada com o encontro, apesar de ter pedido a Kylie, pelo menos umas dez vezes, para contar a história sobre como Perry a tinha salvo do sumidouro, junto com Ellie.

Miranda precisava escolher entre os dois. Mas quem mora em casa com teto de vidro não deve atirar pedras... E Kylie já tinha passado um bom tempo morando numa dessas, enquanto tentava decidir entre Derek e Lucas.

Mas isso era passado...

E ela estava falando sério! Estava mesmo!

Ela sentia falta de Lucas. E, quando ele voltasse, Kylie ia lhe dizer sem titubear que queria ser namorada dele.

Na noite anterior, tinha até tentado em vão encontrá-lo em seus sonhos. Será que Lucas estava acordado àquela hora ou a alcateia a tinha impedido de chegar até ele? Ela não sabia. Então, naquela manhã, ela se lembrou de outra maneira de entrar em contato com ele. Por meio daquele artefato todo-poderoso chamado "celular".

No momento ele não podia falar sobre o que estava acontecendo. Kylie não podia lhe contar sobre os problemas dela com o destino. E aceitar seu pedido de namoro era algo que ela queria fazer pessoalmente. Mas eles conversaram por cerca de vinte minutos sobre outras coisas, como as férias que tiravam quando eram crianças.

Ele tinha visitado quase todos os países estrangeiros que Kylie conhecia e alguns que ela não sabia que existiam. Mas Lucas nunca tinha ido a Disney World ou a um parque de diversões de verdade, e por isso ela lhe contou tudo sobre eles. Eles resolveram que o passeio a Disney seria o primeiro encontro de verdade que eles teriam.

E aconteceria logo que o nome de Kylie fosse retirado da lista negra de alguém e ela estivesse livre para andar por aí sem uma sombra.

Ao sair do seu quarto, Kylie encontrou Miranda andando de um lado para o outro em frente à porta. Ela estava bonita; usava o cabelo preso no alto da cabeça, com apenas alguns fios loiros e macios caindo em torno do pescoço. As diferentes cores do seu cabelo tingido mal apareciam quando ela o usava preso.

Usava um vestido de alcinhas amarelo, um pouco franzido na saia, e sandálias amarelas combinando. O traje estava muito feminino, sem parecer chamativo demais; era sexy sem parecer vulgar, e elegante sem parecer excessivamente glamoroso. Por apenas um segundo, Kylie invejou Miranda e seu encontro. Desejou que Lucas estivesse ali e eles pudessem ir a algum lugar fora do acampamento.

Algum lugar em que ela pudesse esquecer que o destino iria lhe roubar um dos seus amigos.

Della se levantou da mesa do computador. O coração de Kylie se apertou só de pensar na mera possibilidade de que fosse a amiga naquele caixão. Mas ela logo se lembrou de trechos da conversa que tivera com Holiday aquela manhã.

— Todo mundo vai morrer um dia, Kylie.

Kylie podia apostar que Holiday só estava tentando parecer valente para tranquilizá-la. Mas pelos olhos inchados da líder do acampamento, sabia que Holiday tinha chorado tanto quanto ela e também não tinha dormido muito bem.

— Tudo bem — Kylie tinha respondido. — Mas por que nos fizeram essa revelação? Por que, se não podemos impedir? Só para nos torturar contando-nos antecipadamente?

— Por alguma razão, eles acham que precisávamos ser avisadas.

— Bem, eles pensaram errado!

— Os Anjos da Morte raramente erram, Kylie.

— Há sempre uma primeira vez, não é verdade?

— Terra chamando Kylie! — Della gritou, trazendo a amiga de volta ao presente. — O que há com você? A sua pequena viagem ao inferno te deixou fora de órbita? — disse Della com um sorriso.

— Do que você está falando? — Kylie perguntou.

— Você fica olhando pra mim como se não me visse! Está fazendo isso há quase dois dias e isso está me deixando meio assustada.

— Sinto muito.

— Deve ser porque ela sente falta do lobisomem bonitão — disse Miranda, colocando uma mão no peito e suspirando. — Está com saudade. Sua aura está toda cinzenta. Está sem os beijos dele há quase dois dias. — Então Miranda abriu a porta da frente e acenou para elas.

— Pobrezinha... — provocou Della.

Kylie revirou os olhos e seguiu-as para fora. Ainda bem que gostava de suas colegas de dormitório, do contrário as gozações poderiam deixá-la de fato irritada.

Elas ainda não tinham saído da varanda quando Ellie, com dois outros vampiros, passou na frente da cabana.

— Como vão os arranhões? — Ellie perguntou para Kylie.

— Já sararam — ela respondeu, estendendo o braço.

— Ainda bem! — De repente o clima ficou meio estranho e Ellie pareceu notar. — A gente se vê por aí.

— Tá legal — respondeu Kylie, e Ellie virou-se para ir embora. Ocorreu então a Kylie que, na visão, a pessoa no caixão poderia ser a garota.

— Ellie?

A vampirinha se virou e Kylie não soube o que dizer; só não queria deixar Ellie pensar que ela estava sendo rude.

— Obrigada — Kylie deixou escapar.

Ellie pareceu intrigada.

— Pelo quê?

— Por... Pela gentileza de perguntar sobre meu braço. — *Ok, aquilo soou bem ridículo.*

— Ah. Não há de quê. — Ellie deu alguns passos de costas, acenou, então se virou e correu para alcançar seu grupo.

— O que deu em você? — Della perguntou, quando Ellie já não podia ouvi-las e elas desciam os degraus da varanda.

— É — concordou Miranda. — Quer dizer, se eu descobrisse que alguém tinha caído

em cima do meu namorado, não seria tão simpática.

— Derek não era meu namorado... — disse Kylie.

— Claro! E os ursos não mijam na floresta — disse Della com sarcasmo.

Kylie levantou as mãos.

— Parem com isso, ok? Eu não estou nem aí com o que aconteceu entre Ellie e Derek!

Della pronunciou a palavra "mentirosa" só mexendo os lábios.

— A verdade é que eu não gosto dessa garota. Detesto o jeito como ela é simpática e agradável o tempo todo. Me dá vontade de dizer uns desaforos.

Kylie franziu a testa para Della.

— Não tem nada a ver tratá-la mal por causa disso. Estou falando sério, Della. Ela não sabia sobre mim e Derek quando tudo aconteceu.

— Tudo bem — disse Della. — Isso significa que ela não é sacana. Mas não que não seja uma piranha...

Miranda riu e Kylie gemeu.

— Eu não acho que ela seja uma piranha. — Kylie hesitou e depois acrescentou: — Ela pulou no buraco, disposta a arriscar a vida para salvar Perry e eu.

— Tudo bem, ela fez isso — disse Miranda. — O que não muda o fato de ela ter transado com...

— Que droga! Podemos apenas *não* falar mais sobre esse assunto? — disse Kylie.

— Caraca! — exclamou Miranda. — Você deve estar na TPM lunar, porque Della tem razão. Você anda muito esquisita ultimamente. Parece que está sempre de mau humor.

Kylie queria muito que Miranda estivesse certa. Que o seu mau humor fosse só resultado do fato de ela ser um lobisomem, e não por causa da sua longa lista de problemas.

E se ela fosse um lobisomem, pelo menos Lucas ficaria feliz. Realmente feliz.

— Merda! — Miranda murmurou, trinta minutos depois.

Elas ainda estavam esperando Todd, que tinha se perdido e ligado para Miranda, dizendo que estaria ali em três minutos.

— Merda por quê? — Della perguntou, mas então acrescentou: — Ah, merda...

— O que foi? — Kylie perguntou, obviamente a única alheia ao que estava acontecendo.

Então ela também viu o que era — ou melhor, *quem* era — e concordou plenamente com as amigas.

— Ah, merda.

— Oi! — Perry cumprimentou, enquanto se aproximava. Kylie não pôde deixar de

notar que ele tinha cortado o cabelo e usava uma camisa que lhe caía bem e calça jeans.

O corte de cabelo fazia com que parecesse mais velho; mais um homem do que um adolescente. A forma como a camisa se moldava ao peito acentuava os ombros largos. Seus olhos estavam azuis, e o modo como eles brilharam quando olhou para Miranda derreteu o coração de Kylie. O sorriso do metamorfo parecia exalar autoconfiança. Até mesmo sua postura corporal demonstrava uma segurança que Kylie nunca tinha visto nele. Pela primeira vez, ela percebeu por que Miranda o achava tão atraente.

— Você está um arraso! — elogiou Della, obviamente percebendo a mesma coisa.

— Ora, muito obrigado. — Seus olhos azuis cintilaram quando ele desviou o olhar para Miranda. — Mas eu não sou o único que está bem esta noite. Muito bem.

— Obrigada. — Miranda olhou para Kylie, como que implorando para que a amiga fizesse alguma coisa.

Kylie olhou para Della, que apenas sorriu.

— Hã, Perry... — Kylie começou a falar, sem saber como resolveria a situação. — A gente só estava conversando, em particular, sobre...

— ...sobre o encontro de Miranda — completou Perry.

— Ah, merda... — murmurou Della novamente.

*Disse tudo*, pensou Kylie.

Perry fitou Miranda.

— Eu sei sobre o seu encontro.

Miranda fulminou Kylie com o olhar, como se a acusando de ter contado a Perry.

Kylie negou com a cabeça e voltou a encarar Perry. Seus olhos tinham mudado de cor, indo do azul para um verde brilhante, mas, se ele estava prestes a surtar e se transformar em algum tipo de monstro devorador de bruxos, não demonstrou.

— Eu só queria dizer, embora não goste disso, que só espero que você me dê a mesma chance que está dando a esse filho da... Quero dizer, a esse cara.

Della deu uma risadinha.

— Saia comigo amanhã à noite — continuou Perry. — Me deixe provar que *eu* sou o cara que você quer.

Miranda abriu a boca para dizer alguma coisa, mas nenhum som saiu. Kylie não conseguiu falar também, porque sentiu um nó na garganta, um nó de emoção e orgulho de Perry.

— Eu... Eu acho que poderia sair amanhã à noite. — Miranda parecia chocada e totalmente surpreendida com a atitude de Perry.

Então, com o canto do olho, Kylie viu algo se mover na janela do escritório. Quando virou a cabeça, viu Burnett e Holiday comemorando. Sem dúvida, Burnett estava ouvindo a conversa e contara os detalhes a Holiday.

Kylie deveria ter adivinhado que alguém estava ajudando Perry. E ficou um pouco

envergonhada por não ter tentado fazer o mesmo. Ele merecia uma chance com Miranda.

Perry acenou com a cabeça, aproximou-se, em seguida deu um beijo rápido na bochecha de Miranda. Foi a coisa mais romântica que Kylie já tinha visto.

Ela só não esperava ver uma picape marrom, com uma placa personalizada onde se lia TODD, estacionando ali no mesmo instante.

— Ah, merda — lamentou Della novamente.

Falou e disse.

# Capítulo Vinte e Oito

Todd, um cara supergato com cabelos cor de areia, saltou da picape e franziu a testa. Ele obviamente não tinha deixado de reparar no quanto Perry estava próximo de Miranda, a ponto de quase tocá-la. Pelo jeito como olhou para eles, também tinha visto o beijo.

— Alguém está tentando roubar a minha garota? — As palavras de Todd podiam parecer bem-humoradas, mas seu tom de voz deixava transparecer algo bem diferente. Ele se aproximou de Miranda e colocou um braço ao redor dos ombros dela, de um jeito possessivo.

Kylie viu todo o corpo de Perry enrijecer. Seus olhos adquiriram um tom vermelho brilhante.

Todd, ainda de olho em Perry, franziu as sobrancelhas para verificar o padrão cerebral do metamorfo. Engoliu em seco quando percebeu de que espécie Perry era. Kylie quase esperou ver o bruxo molhando as calças.

A porta do escritório se abriu e se fechou atrás deles.

— Ei, Perry? Posso falar com você um minuto? — Burnett chamou.

Kylie deu um passo para ficar mais perto de Perry.

— Não estrague tudo agora — ela sussurrou.

Perry, com a raiva emanando de todos os poros, continuou encarando Todd. Kylie começou a sentir o zumbido de eletricidade em torno do metamorfo.

— Não faça isso — Kylie repetiu num sussurro.

Perry olhou para Burnett, em seguida para Kylie, e depois de volta para Miranda.

— Vejo você amanhã à noite — disse ele, mas seu tom de voz estava tão tenso que Kylie percebeu na hora o quanto lhe custava manter a compostura.

Então ele se virou, transformou-se em seu pássaro favorito e alçou voo, fazendo pequenos círculos em torno deles.

Della se inclinou para Kylie.

— Ele vai emporcalhar toda a picape do Todd com titica, fica olhando!...

Kylie de fato ficou olhando e torcendo para que Della estivesse errada. Ok, teria sido muito engraçado, porque um pássaro tão grande quanto Perry poderia fazer um belo estrago na picape de Todd, mas Kylie não achava que isso iria impressionar Miranda.

E esse, ela percebeu, era o motivo pelo qual Perry havia se transformado.

Ainda assim, Kylie não relaxou até Perry mudar de direção e voar para a floresta.

— Ei, já sei! Por que não vamos nadar no riacho hoje à noite? — sugeriu Della quinze minutos depois, quando voltavam para a cabana. — Um grupo de campistas pendurou um balanço num dos galhos de árvore mais altos, pra que a gente possa saltar na água. Estou morrendo de vontade de experimentar.

Foi a palavra "morrendo" que deixou Kylie sem fôlego. Ela tinha quase bloqueado o aviso de Jane Doe da sua mente e não fazia ideia da razão por que de repente se sentia tão apavorada.

— Não! — Ela deixou a resposta escapar tão rápido que Della fez uma careta.

— Por quê?

*Porque você pode morrer.*

— Porque... — Kylie lutou para encontrar uma explicação até que se lembrou de que tinha um motivo bem real. — Porque Holiday está trazendo o computador de Burnett para eu usar.

— Por que você precisa do computador dele se temos um?

— Para enviar um e-mail para... É um pedido de um espírito. Vou enviar um e-mail para a família da mulher morta e tentar esclarecer a ascendência dela, e Burnett tem um endereço eletrônico que não dá pra rastrear — explicou Kylie.

— Ah... — Della calou-se. Engraçado como mencionar a palavra fantasma era o suficiente para acabar com qualquer conversa.

— Então, que horas ela vai aparecer? — Della perguntou, finalmente. — Eu poderia dar uma corrida até o riacho enquanto você estiver com ela.

*E você poderia morrer. Nada disso. Não vai a lugar nenhum.*

— Mas você é a minha sombra.

— Holiday deixou Jonathon sair mais cedo, quando ela estava lá.

— Mas isso foi antes do sumidouro. — A explicação soou convincente e o nó no estômago de Kylie relaxou. Ela podia não conseguir contar a Della sobre a premonição, ou fosse qual fosse o nome que Holiday dava àquilo, mas nada poderia impedi-la de tomar conta da amiga.

— Tudo bem — disse Della, embora não parecesse nada feliz. O que para Kylie tanto fazia. Infeliz mas viva era melhor do que o contrário.

Um grupo de campistas apareceu na curva da trilha e passou por elas. Kylie sentiu o olhar frio que lhe lançaram com tamanha intensidade que pareceu levar um tapa, e quando percebeu que uma das garotas era um lobisomem, deduziu de quem poderia ser o olhar gelado que lhe dava arrepios.

Outra olhada para o grupo confirmou suas suspeitas.

Fredericka.

Kylie continuou andando, na esperança de que a ignorassem.

— Ei, loira! — Fredericka chamou.

Fechando os olhos por um segundo, Kylie tentou reunir toda a sua paciência. Quando se virou, olhou Fredericka nos olhos. A loba tinha se aproximado silenciosamente e parado tão perto que Kylie podia até contar os cílios dela. A garota sorriu de forma desagradável. E foi nesse momento que Kylie teve uma epifania.

Ela não estava com medo.

Fredericka, com aquela atitude "Vou te fazer em pedacinhos" não a assustava mais. Deixava Kylie extremamente irritada, fazia com que sentisse algo semelhante ao ciúme, embora confiasse em Lucas, mas não tinha um pingo de medo.

— Precisa de alguma coisa? — Kylie levantou a mão para impedir Della de ficar entre elas. A vampira, provavelmente furiosa por ter sido impedida, rosnou e expôs os caninos pontiagudos. Os olhos de Fredericka adquiriram o tom laranja brilhante que indicava irritação.

— Achei que você gostaria de saber que Lucas me telefonou e disse que só vai voltar amanhã à noite bem tarde — disse a garota num tom de voz enjoativamente doce. — Ele está com problemas com o pai. Estava muito triste. Pobrezinho. Precisava de alguém para conversar.

Kylie sabia que Fredericka só estava falando aquilo para irritá-la.

E funcionou.

Mas o orgulho de Kylie obrigou-a a sorrir e fingir que tudo estava às mil maravilhas. Uma parte dela, porém, queria dar um belo chute em Fredericka e só se preocupar com as consequências depois.

— Obrigada por me avisar, mas combinamos de ele me ligar daqui a pouco. — Ela retribuiu o sorriso de Fredericka com outro ainda mais doce e se afastou.

Fredericka segurou-a pelo braço. Seus dedos se cravaram no cotovelo de Kylie, que quase tentou se afastar. Então se lembrou de que, se todo mundo tinha tanta certeza de que ela era uma protetora, não teria força para vencer Fredericka. Sua força só seria maior do que a da loba se Fredericka tentasse machucar alguém com quem Kylie se importasse.

E considerando que essa outra pessoa era Della e a morte rondava a amiga e todos os outros vampiros de Shadow Falls, Kylie não deixaria Della se envolver.

Kylie teria que usar a inteligência para sair dessa. Será que ela tinha o suficiente?

— Você quer largar meu braço? — Kylie fingiu não sentir seus ossos prestes a serem esmagados sob os dedos de Fredericka.

— Na verdade, não — rosnou Fredericka.

— Ok, mas não diga que eu não avisei. Porque o espírito de uma mulher anda rondando por aí e ela já está de mau humor faz uns trinta anos. — Era mentira. Pura mentira. Mas Kylie não ia deixar de utilizar todos os meios que podia. — Desde que foi morta por um lobisomem sacana, tem sofrido horrores...

A mão de Fredericka largou seu braço.

— Vá pro inferno!

Kylie sorriu.

— Obrigada pelo convite, mas quase fui até lá ontem mesmo e não gostei tanto

assim. — Kylie então franziu o nariz. — Isso que eu estou sentindo é fedor de gambá?

Os olhos de Fredericka ficaram laranja incandescente e Kylie soube que ela tinha ido longe demais. A mão da loba agarrou outra vez o braço de Kylie e apertou. Alguém correu para fora da floresta. E, com o canto dos olhos, Kylie viu que era Will, o amigo de Lucas.

Will limpou a garganta e Fredericka nem sequer olhou para ele. Apenas relaxou os dedos que apertavam o braço de Kylie e se afastou com um olhar submisso.

Kylie não tinha reparado que Will seguia seus passos sem deixar que o vissem. O fato de nem Kylie nem Della terem percebido que ele as seguia era uma prova de que ele era muito bom no que fazia.

Della encarou o lobisomem com um ar petulante, mas Kylie fez a coisa certa.

— Obrigada.

— De nada. — Ele voltou a desaparecer na floresta.

— O que deu em você pra dizer "obrigada"? A gente não precisava que ele se intrometesse. Eu poderia ter acabado com aquela cadela e ela teria saído daqui com o rabo entre as pernas.

*E poderia ter matado você.*

Elas tinham se distanciado apenas alguns metros quando Kylie se lembrou do que Fredericka dissera sobre Lucas ter telefonado. Ela parou e puxou o celular do bolso para ver se havia alguma chamada perdida.

Nada.

A loba podia estar mentindo. Como Kylie poderia saber?

Então lhe ocorreu... *Dã*, era óbvio! Della, como o resto de sua espécie, era um detector de mentiras ambulante. Ela podia ouvir os batimentos cardíacos e a pulsação da pessoa e sabia quando alguém estava de conversa fiada. Kylie olhou para Della.

— Fredericka estava dizendo a verdade sobre Lucas ter ligado pra ela?

Della fez uma careta.

— É errado mentir quando você sabe o que a pessoa quer ouvir?

— Só diga a verdade!

Della pronunciou a palavra "desculpa" sem emitir nenhum som.

— Ela estava dizendo a verdade.

Depois que Kylie chegou à cabana, Holiday trouxe o laptop de Burnett e elas enviaram um e-mail para a família de Catherine O'Connell.

Inventaram uma história de que era uma velha amiga de Catherine e achasse que a família dela deveria saber que ela sempre quisera lhes contar a verdade antes de falecer. A ideia parecia boa. Convincente, até. E então refizeram toda a árvore genealógica da família, "recortando e colando" informações e fotos da Internet.

Com sorte, a família engoliria o truque. Não que Kylie achasse que um dia saberia. Mas ela se sentiu bem em cumprir sua parte do trato. Não importava que as informações que Catherine havia dado a Kylie sobre Berta Littlemon ainda não tivessem lhe dado nenhuma resposta. E Kylie esperava que de fato não dessem. A última coisa que ela queria descobrir era que estava errada sobre Jane Doe.

Enquanto Holiday e Della conversavam à mesa da cozinha, Kylie mandou um e-mail para o padrasto, contando sobre a mudança no cronograma caso ele quisesse visitá-la no domingo do Dia dos Pais. Ela esperava que ele respondesse ao e-mail dizendo que não poderia ir, e ela não teria que enfrentar Sara e o padrasto no mesmo dia. A resposta foi quase instantânea. Ele disse que não via a hora de vê-la no domingo.

— Droga... — Kylie murmurou.

Holiday olhou para ela.

— Más notícias?

— Não, está tudo ótimo! — disse Kylie com ironia, deixando a cabeça pender sobre a mesa. Ela não sabia se iria sobreviver.

— Você está bem? — Holiday perguntou quando Kylie acompanhou-a até a varanda, alguns minutos depois.

— Tão bem quanto possível, acho — mentiu Kylie. Holiday assentiu e elas se despediram.

Quando Kylie voltou para dentro da cabana, Della estava respondendo e-mails. Ela se sentou à mesa da cozinha. Ela queria ir para a cama, mas também queria estar acordada quando Miranda voltasse do encontro com Todd.

Kylie consultou o relógio de parede. A amiga ainda poderia demorar várias horas. Horas que Kylie tinha para se preocupar com seus próprios problemas.

Della se virou para ela.

— Isso não é nada bom. Ou talvez seja...

— O quê? — Kylie perguntou.

Della apontou para a porta e no mesmo instante Miranda entrou. Seu rosto estava insondável. Foi até a mesa e desabou numa cadeira do modo mais dramático possível.

— E então? — Kylie perguntou, e viu esperança nos olhos de Della. Kylie sabia que ela e a amiga esperavam a mesma coisa. Que o encontro tivesse sido um retumbante fracasso e Perry ainda tivesse uma chance.

Miranda apenas encolheu os ombros.

— Pode parar com isso! — Della rosnou. — Desembucha ou eu vou te pegar pelo pescoço e te obrigar a contar.

Miranda falou.

— Ele foi... legal. O jantar foi legal. Segurar a mão dele foi legal.

— Ele te beijou? — Kylie perguntou, sem saber como Miranda definia "legal". Se Kylie se esforçasse o suficiente, poderia acreditar que "legal" significava nada de especial.

Miranda assentiu.

— O beijo foi...

— Deixe-me adivinhar... — disse Della. — Legal.

— Certo — concordou Miranda.

Della bateu a mão sobre a mesa.

— Legal é só outra maneira de dizer terrivelmente chato!

Miranda franziu a testa.

— Foi exatamente o que eu pensei.

Kylie e Della gritaram de emoção.

— O que foi? — Miranda perguntou. — Vocês estão felizes porque o meu encontro não foi nada de mais?

— Não — disse Kylie. — Digamos apenas que estamos mais empolgadas com o encontro de amanhã à noite.

Um sorriso brilhante iluminou o rosto de Miranda.

— Eu também. Acreditam que Perry fez aquilo? Quer dizer, ele foi tão...

— ...romântico — completou Kylie.

— ...sexy — acrescentou Della.

— ...doce — sussurrou Miranda. — Eu não consegui parar de pensar nele a noite toda.

E essa foi a melhor notícia que Kylie recebera o dia todo.

Naquela noite, Kylie fitou o teto durante várias horas, enquanto o sono que tanto desejava não vinha. Uma hora se passou. Duas.

Sua mente começou a enumerar os problemas. Ela ainda não sabia de que espécie era. Não conseguia impedir o destino de levar embora alguém de quem ela gostava. Tinha alguém querendo vê-la morta, provavelmente a gangue paranormal dos subterrâneos chefiada por Mario, que ainda não a perdoara por não querer se casar com seu neto assassino. Lucas estava ligando e conversando com Fredericka. Sara estava chegando para visitá-la no domingo com sua mãe. E seu padrasto ia aparecer também. Kylie ainda não tinha resolvido os problemas do espírito com amnésia, e não tinha certeza absoluta de que a mulher não era uma assassina.

Seu cérebro privado de sono remoeu cada um desses problemas e não encontrou solução para nenhum deles. Ela tinha acabado de cair no sono quando ouviu uma leve batidinha na janela do quarto.

A princípio pensou que tinha imaginado. Então achou que fosse a gralha azul

novamente.

— Eu não sou sua mãe — Kylie murmurou para o pássaro.

As batidinhas pararam.

Kylie ficou ali, escutando. O silêncio de repente ficou sinistro. Ela deu um suspiro e o som voltou anormalmente alto.

A janela estava trancada, certo?

Ela se lembrou de que a abrira no dia anterior, na esperança de que entrasse uma brisa.

E, não, ela não conseguia se lembrar se havia fechado a tranca depois.

Mas..., considerando o tipo de intruso que Kylie mais temia, o tipo que poderia abrir sumidouros e se materializar do nada, qual era a chance de uma janela fechada detê-lo?

Então, por que razão, Kylie se perguntou, o som nítido de alguém abrindo a janela encheu de medo seu coração?

# Capítulo Vinte e Nove

Kylie saltou da cama e seu coração saltou com ela. Seus olhos se fixaram na janela, quando ela viu duas mãos agarradas ao parapeito.

Um grito subiu pela sua garganta, mas logo em seguida a voz de Della ecoou do lado de fora.

— Atreva-se a entrar por esta janela agora e eu vou chutar a sua bunda! E a sua posição é perfeita para isso.

As mãos desapareceram. Alguém bateu no chão com um baque surdo.

Kylie correu para a janela para ter certeza de que Della não tinha se envolvido numa luta mortal. Della, vestindo seu folgado pijama de algodão azul do Mickey Mouse, tinha as mãos nos quadris e o pé sobre alguém deitado na grama. Os olhos da vampira estavam verde brilhante.

— Merda! — praguejou Ellie, com os próprios olhos brilhando também. — Eu só queria falar com a Kylie. — Ela olhou para a janela, onde Kylie estava debruçada, e pegou do chão o boné de beisebol com a inscrição LITLLE VAMP.

— Está vendo aquilo ali? — Della apontou para a varanda da frente. — Chama-se porta. E a maioria das pessoas a usa para entrar.

— Eu não queria acordar mais ninguém.

— Então esperasse uma hora decente para fazer uma visita! — Della argumentou.

Kylie não sabia sobre o que Ellie queria conversar, mas, se tivesse alguma coisa a ver com Derek, estava ansiosa para ouvir cada palavra da vampira.

— Tudo bem — disse Kylie. — Venha aqui pra dentro.

— Ah, mas que ótimo! Recompensando um mau comportamento! — resmungou Della, olhando com desgosto para Kylie, que não podia fazer nada a respeito.

Ellie sorriu para Della, então se levantou e começou a escalar a janela novamente.

Della a puxou de volta.

— Use a droga da porta!

Quando Kylie saiu do quarto, Della tinha ido embora e Ellie sentou-se no sofá.

— O que foi? — Ela se aproximou e se acomodou na cadeira ao lado da garota.

Ellie olhou para cima.

— Eu não sei, só queria conversar.

— Sobre o quê? — Kylie perguntou.

Ellie dobrou uma perna sobre o sofá.

— Algumas coisas. Derek disse que você poderia ser uma boa pessoa para se conversar sobre problemas.

O peito de Kylie apertou.

— Se quer falar sobre você e Derek...

— Não. — Ela revirou os olhos. — Eu não estava mentindo quando disse que não existe mais nada entre nós... como casal. Eu gosto de Derek como amigo. Um amigo incrível, mas isso é tudo. E é um pouco sobre isso que eu queria falar.

— Não estou entendendo — disse Kylie.

— Estou preocupada com Derek. Ele está muito chateado com o que aconteceu entre vocês dois, e eu sinto que a culpa é minha. E, quando alguma coisa é culpa minha, eu me sinto no dever de consertar.

Kylie franziu a testa.

— Não é culpa sua. As coisas já não estavam indo bem quando ele foi embora.

— Eu sei, ele me contou... Mas mesmo assim...

— Não é culpa sua. — Kylie apoiou as mãos nos joelhos. Será que Derek estava realmente arrependido? A pergunta pairava em algum lugar entre a cabeça e o coração de Kylie.

— Sobre que outra coisa você precisa conversar? — perguntou ela, perdendo a vontade de falar sobre Derek. Não estava pronta para mergulhar nessa caixa de Pandora de emoções. Passado era passado.

Ellie deu de ombros e ajeitou o boné novamente.

— Eu só acho que não pertenço a este lugar. Me sinto mal quando penso em quanto Holiday se esforçou para conseguir que eu fosse aceita, mas... acho que é melhor eu ir embora.

Kylie se inclinou para a frente.

— Você quer deixar Shadow Falls?

— Quero. — Ellie franziu a testa. — Tudo isso simplesmente parece não ser pra mim.

As palavras dela não faziam sentido, então Kylie apenas sacudiu a cabeça em negativa.

— Tudo o quê?

Ela olhou para a porta do quarto de Della e deslizou até o canto do sofá, para mais perto de Kylie, baixando a voz.

— Todo esse mundo sobrenatural. Derek disse que provavelmente você iria compreender, porque sentia o mesmo um tempo atrás. Quer dizer, você não sente falta? Não sente falta de ser normal? De simplesmente andar por aí com seus velhos amigos? Eu quero isso de volta. Eu sinto falta de... Antes eu me preocupava com o que eu iria cursar na faculdade. Agora eu me preocupo em saber onde vou conseguir o próximo litro de sangue.

— Você não pode ir embora, Ellie. Eu não estou com raiva de você, se é por isso que quer ir. Quer dizer, a princípio fiquei magoada, mas...

— Não é isso. Mesmo — insistiu Ellie. — Nem mesmo aqui a minha espécie é muito

bem-vinda— ela sussurrou. — Mas não é nem por isso. Nada com relação a isso, a ser vampira — ela acenou com a mão para cima e para baixo, mostrando o próprio corpo —, parece certo. Eu sinto falta... de ser humana. Sinto falta da minha mãe, que morreu alguns anos atrás. — Sua voz tremeu de emoção. — Talvez se eu apenas vivesse entre os humanos, me sentiria melhor.

Uma onda de simpatia por Ellie surgiu no peito de Kylie. Ela sabia perfeitamente o que a garota estava sentindo.

— É difícil — disse Kylie. — Mas você não pode sair daqui. Holiday diz que a maioria dos vampiros jovens acaba se juntando a gangues para sobreviver.

Uma pergunta ocorreu a Kylie. Ellie seria o vampiro que ia morrer? Ela estaria indo embora de Shadow Falls para acabar se envolvendo em algo terrível e perigoso?

A pergunta fez Kylie perder o fôlego.

A porta do quarto de Della se abriu e a vampira, com os cabelos em desalinho, atravessou o cômodo, parando bem na frente delas. Kylie viu mentalmente uma imagem da amiga com a cabeça enterrada embaixo do travesseiro, tentando não ouvir a conversa. Não que isso tivesse funcionado.

Ambas, Kylie e Ellie, olharam para Della.

Ellie fez uma careta.

— Você estava ouvindo, não é? Será que uma pessoa não pode ter...

— Pode, sua tonta. Eu tentei não ouvir, mas acabei ouvindo — disse ela em seu tom mais antipático. — Mas Kylie está certa. Você não pode ir embora. Não é fácil ser vampiro, muito menos se entrosar com uma nova família de vampiros, mas com o tempo acaba ficando mais fácil.

— Como? — Ellie perguntou.

A porta de Miranda se abriu.

— Você faz amigos — disse ela, entrando no cômodo aos tropeços, com cara de sono.

— Será que todo mundo ouve a conversa de todo mundo neste lugar? — Ellie perguntou, parecendo irritada.

— Mais ou menos isso. — Miranda se aproximou e caiu no sofá ao lado de Ellie. — Amigos não têm segredos uns com os outros.

— Mas vocês não são minhas amigas.

— Poderíamos ser — afirmou Kylie. E Della e Miranda balançaram a cabeça, concordando.

Ellie arregalou os olhos e desviou o olhar, mas não antes de Kylie perceber a emoção em seus olhos. Uma sensação quente preencheu o peito de Kylie e lembrou-lhe do que sentira na cachoeira; ela sabia que tinha sido a coisa certa a dizer. Então, por algum motivo irracional, teve um *flash* da visão do funeral.

Seria um sinal? Isso significava que Ellie era de fato a pessoa no caixão? E será que essa conversa tinha mudado alguma coisa?

Naquele sábado duas coisas aconteceriam. Bem, três, se Kylie contasse as contínuas tentativas de Miranda para transformar Socks num gato outra vez. As outras duas coisas eram: preparar-se emocionalmente para o Dia dos Pais e aprontar Miranda para o encontro com Perry.

Holiday tinha aparecido na cabana com um plano para o dia seguinte. Em vez de Socks ficar preso no armário de Kylie durante o Dia dos Pais, ela pensou que seria uma boa ideia levar o gambazinho para passar o dia na sua cabana. Desse modo, Kylie, Della e Miranda poderiam levar Sara e a mãe de Kylie para a cabana delas e ficar por ali, impedindo Sara de fazer muitas perguntas sobre todo o processo de cura.

Como Kylie tinha chegado à conclusão de que nada conseguiria prepará-la emocionalmente para ver Sara no acampamento ou para encarar de novo o padrasto, ela procurou afastar tudo isso da mente e focar sua energia na tarefa de preparar Miranda para o encontro.

Quando a bruxinha, uma pilha de nervos, vetou todas as roupas do seu próprio armário, Della e Kylie lhe deram carta branca para tentar encontrar alguma coisa nos armários delas. Até Ellie apareceu na cabana das amigas e ficou por ali durante uma hora para ajudar Miranda a se arrumar. Era meio estranho, mas... Derek tinha razão. Ellie realmente era uma boa pessoa. Além disso, Kylie não tinha conseguido esquecer o pressentimento que tivera na noite anterior, a sensação de que Ellie era o vampiro no caixão.

E talvez, apenas talvez, fazer amizade com Ellie tivesse salvado a vida dela.

Depois de experimentar cerca de seis modelitos, Miranda escolheu o vestidinho preto de Kylie.

Às sete horas, Perry apareceu na porta da cabana, tão atraente quanto na noite anterior. Burnett lhe emprestara seu Mustang e, supostamente, Perry tinha planejado uma noite sob medida para impressionar Miranda.

Quando a bruxinha chegou do passeio, um pouco depois da meia-noite, ela de fato parecia impressionada. Na verdade, impressionadíssima. Seus pés pareciam flutuar ao entrar na cabana.

Quando Kylie e Della exigiram detalhes, ela disse apenas:

— Foi muito melhor do que só "legal". — Então seguiu flutuando até o seu quarto e foi direto para a cama.

Depois de fazer uma dancinha de comemoração com Della, Kylie foi para a cama e esperou para ver se Lucas iria ligar. Quase ligou ela mesma, mas decidiu se conter. Fora ela quem ligara da última vez. Era hora de ele tomar a iniciativa. Como deveria ter

imaginado, o telefone não tocou. Mas o fantasma apareceu para outra silenciosa e gélida visita.

Kylie implorou para que ela falasse, e ela finalmente falou, mas nada de útil.

— *Não é culpa sua. É isso o que eles queriam que eu te dissesse.*

— O que não é culpa minha? — ela perguntou.

O espírito se desvaneceu, e o sofrimento frio que invadiu a atmosfera fez o peito de Kylie doer e lembrou-a de que não estava mais perto de resolver os problemas de Jane do que de resolver os próprios.

Domingo de manhã, quando Kylie voltou para a cabana depois do café da manhã, com Della em seus calcanhares, Lucas estava sentado na varanda. No momento em que seus olhares se encontraram, o coração dela disparou. Ele parecia muito bem. Era imaginação dela ou ele parecia mais masculino e de certa forma mais encorpado? Seria por causa da Lua cheia que se aproximava?

Ele sorriu para Kylie e ela sorriu de volta, sentindo-se derreter um pouco por dentro. Queria correr para seus braços e beijá-lo. Mas ela sabia que Lucas não ia gostar que ela fizesse isso na frente de Della.

Então todos aqueles sentimentos ardentes desvaneceram-se quando ela se perguntou se ele já tinha visitado Fredericka. Mas, dane-se!, o ciúme era uma emoção muito feia.

— Não precisa nem pedir — disse Della para Lucas ao pisar na varanda. — Eu vou pra dentro para vocês poderem se agarrar aqui fora. — Ela abriu a porta e olhou por sobre o ombro. — Mas, se você tirá-la desta varanda, vou te caçar aonde estiver.

— Pode deixar. — Ele balançou a cabeça, agradecendo.

Um instante depois que a porta se fechou, Lucas puxou Kylie para os seus braços.

— Senti sua falta — ele sussurrou, e seus lábios se fundiram com os dela.

O beijo foi leve, mas ainda assim apaixonado. Lucas a abraçou e Kylie sentiu nele as sutis diferenças que já tinha observado antes. Ele era todo músculos e masculinidade. Rígido em todos os lugares em que ela era macia.

Quando o beijo terminou, ela correu as mãos pelos ombros dele.

— Você fica mais... encorpado quando a Lua cheia se aproxima?

Ele sorriu e pressionou a testa contra a dela.

— Fico. É assim que o meu corpo se prepara para a mudança. — Ele se virou e encostou-se na parede da cabana. Então a puxou para ele e deslizou a mão pela sua cintura.

— Sentiu minha falta? — perguntou.

— Claro. — Ela sorriu para ele, sentindo o seu cheiro e adorando a proximidade.

— Nenhum novo desastre fantasmagórico desde que eu saí? — Ele arqueou uma

sobrancelha escura.

— Não. Sem desastres. Exceto que tinha esperança de você me ligar de volta. Foram dois dias.

— Sinto muito. Meu pai agiu como um idiota e eu tive que ficar mais tempo do que previ. Fredericka não te contou?

O aborrecimento de Kylie chegou ao auge.

— Contou, mas teria sido muito melhor se você mesmo me ligasse.

Os olhos dele se apertaram como se estivesse tentando decifrá-la.

— Não é como se... Só liguei porque Clara queria falar com ela.

— Clara? — Kylie perguntou.

— A minha meia-irmã. Ela e Fredericka se conheceram quando ela foi embora comigo.

Que ótimo! A irmã de Lucas era amiga de Fredericka. O ciúme de Kylie aumentou um pouco mais.

Ele olhou nos olhos dela.

— Eu soube que Will teve que acalmar Fredericka. Vou falar com ela sobre isso.

Kylie imediatamente percebeu que não queria que ele falasse com Fredericka. Ela mordeu o lábio. Será que podia dizer a Lucas que ele não poderia ser amigo de Fredericka quando ela mesma não queria que ele dissesse quem podia ou não ser amigo dela?

Não. Ela não podia. Então, apenas disse:

— Não se preocupe. Eu cuido disso.

Ela olhou para o peito dele por um segundo, tentando manter sob controle o ciúme que se rebelava.

Ele levantou o queixo dela e seus olhos azuis a fitaram.

— Está tudo bem?

— Sim — ela mentiu. — É só que... estou um pouco preocupada com o Dia dos Pais. Ver o meu padrasto e, depois, Sara...

— Posso fazer alguma coisa pra ajudar? É só pedir.

O coração de Kylie se apertou com seu tom de voz preocupado. Lucas se preocupava com ela. Ela sabia disso. Ela acreditava. O que significava que ela não podia deixar que Fredericka ficasse entre eles. Simplesmente não podia.

— Você já ajuda estando aqui. — Ela lhe deu um longo abraço.

Foi só quando ele já tinha ido embora que ela percebeu que nenhum deles tinha mencionado o pedido de namoro.

Kylie e Della foram para o refeitório um pouco mais cedo com a intenção de ajudar Holiday. Miranda tinha ficado para trás se enfeitando, para o caso de encontrar Perry.

Miranda e Della — a vampira no auge do mau humor, provavelmente porque teria que ver os pais hoje —, tinham implicado uma com a outra a manhã toda.

Kylie lembrou as duas de que precisavam se comportar muito bem enquanto estivessem perto de sua mãe e Sara. Mas ela sinceramente não se importava se discutissem na frente do seu padrasto.

Bem, talvez se importasse um pouquinho, mas Sara e a mãe eram mais importantes.

Elas tinham acabado de chegar no final da trilha para o refeitório quando alguém as chamou:

— Esperem! — Kylie se virou e Ellie, com um sorriso radiante, veio correndo para se juntar a elas.

Ellie sorriu e estendeu os braços como se quisesse abraçar Della. O rápido abraço fez com que o boné de Ellie caísse.

Della se retraiu.

— Eu não sou muito de abraçar, Ellie. Nada pessoal. Mas a maioria dos vampiros também não é muito chegada em abraços.

— Eu vou me lembrar disso — Ellie sorriu e pegou o boné do chão. — Della votou para me aceitarem em seu círculo. Sou oficialmente um membro da família de vampiros de Shadow Falls.

— Legal! — Kylie estava feliz por Ellie, mas, em algum lugar lá no fundo, esse foi outro lembrete de que ela mesma não pertencia a grupo nenhum.

Estranho ela ter ajudado Ellie a fazer algo que não conseguia fazer por si mesma.

Della franziu a testa.

— Não foi nada. Não pense que é grande coisa.

— Mas é uma grande coisa — disse Ellie. — Eu estava indo embora hoje, mas vocês me fizeram mudar de ideia. Ei, vocês podem ter salvado a minha vida! — Ela olhou para a frente e viu alguns outros vampiros. — Preciso correr. Mas, sério, obrigada!

Della seguiu Ellie com o olhar.

— Eu ainda acho que ela é melosa demais.

Kylie viu Ellie correr para conversar com os outros. Ela não sabia ao certo porque acreditava que Ellie era a vampira que os anjos da morte avisaram que morreria, mas uma pontinha de esperança de que tivessem salvado Ellie fez com que se esquecesse um pouco dos próprios problemas.

Pelo menos até cerca de trinta minutos depois, quando Kylie viu os pais dos campistas começarem a chegar. Todo mundo, menos o pai dela. Será que ele tinha se esquecido de novo?

# Capítulo Trinta

Quando o refeitório ficou lotado de pais, Kylie começou a realmente se preocupar com a possibilidade de o pai não aparecer. Sua garganta estava apertada, o coração começou a ficar pesado. Querendo fugir da multidão, ela correu para fora do refeitório e foi se sentar na varanda da cabana do escritório... para esperar. Se ele não aparecesse, não teria problema, ela disse a si mesma. Não era a primeira vez que ele a decepcionava.

Então, por que doía tanto?

Foi só quando ela se acomodou na cadeira que se lembrou de que ainda precisava de uma sombra. Ela não deveria ter saído do refeitório sem Holiday.

Começou a voltar quando ouviu alguém chamá-la:

— Olá, senhorita Galen.

A voz feminina a assustou e ela reagiu com um pequeno grito.

Virou-se na cadeira e viu-se diante da avó de Lucas, a senhora Parker. O fato de ela saber quem Kylie era foi uma surpresa.

— Me desculpe, eu não vi a senhora. Levei um susto — justificou-se Kylie, ainda com a mão no coração. — Deve ser coisa de família. — Ela sorriu. — Lucas vive me dando sustos quando se aproxima sem fazer barulho.

— Isso é coisa de lobisomem. — Ela apontou para uma cadeira. — Se importa?

— Claro que não. — Kylie se recostou na cadeira e tentou parecer relaxada. Mas ela teve a sensação de que a avó de Lucas não estava ali por acaso. O que ela poderia querer com Kylie?

A mulher idosa deu uma volta pela varanda. Para alguém que andava tão lentamente, era surpreendente que tivesse movimentos tão silenciosos e de tamanha elegância. Ela se sentou na cadeira e a madeira nem rangeu. Cruzou as mãos envelhecidas sobre o colo, demonstrando que era uma mulher que valorizava as boas maneiras. Ficou ali calada por alguns minutos, mas se fitava o céu ou o bosque, Kylie não sabia.

O silêncio começou a pesar, mas Kylie teve a sensação de que seria rude apressá-la. Por um segundo, olhou para as mãos da mulher, lembrando-se das mãos da anciã que havia entrado no acampamento fingindo ser sua avó.

A senhora Parker olhou para Kylie.

— Meu neto está muito enamorado de você.

*Enamorado*? Kylie não sabia que as pessoas ainda usavam essa palavra. Mas visto que a mulher podia muito bem ter mais de cem anos, Kylie supôs que devia fazer parte do seu vocabulário.

— Hã... Eu... gosto de Lucas também.

Ela balançou a cabeça e se inclinou um pouco.

— Ele mencionou que vocês já se conheciam quando eram crianças.

— É verdade. — O olhar preocupado no rosto da mulher dava a Kylie uma ideia da razão por que ela estava ali. A maioria dos seres sobrenaturais acreditava que um sobrenatural criado por pais de má índole era alguém irrecuperável — pau que nasce torto... Por essa razão, Lucas tinha mentido e afirmado que fora criado pela avó a vida inteira. — Mas eu nunca iria contar a ninguém que ele morava com os pais.

— Ótimo! — exclamou ela. — Lucas quer muito ser alguém na vida. É considerado um possível grande líder da alcateia na linha de sucessão, para fazer parte do conselho dos lobisomens, e essa informação poderia arruinar sua reputação. — Ela apertou as sobrancelhas, estudou o padrão de Kylie e franziu a testa.

— Sinto muito — disse Kylie, concluindo que a mulher franzira a testa porque Kylie supostamente não estava deixando que ela identificasse o seu padrão. — Não estou querendo ser indelicada. Só que ainda não sei como me abrir. Supus que Lucas tivesse explicado a minha situação. Esclarecido que eu não tenho certeza do que sou.

— Sim. Lucas me esclareceu sobre o assunto. — Ela continuou a estudar Kylie. — Diga-me, senhorita Galen. Acha que é um lobisomem?

A pergunta ficou pairando no ar, lembrando a Kylie que Lucas tinha feito a mesma pergunta. Kylie sentiu o estômago se contrair e imediatamente suspeitou qual seria o verdadeiro tema da conversa. Obviamente, os membros da alcateia não eram os únicos que a queriam bem longe de Lucas.

— Eu não tenho certeza.

A senhora Parker sorriu.

— Pelo seu bem e pelo bem do meu neto, eu espero que seja.

— O que quer dizer? — Kylie perguntou, embora já suspeitasse.

A anciã se inclinou para a frente e tocou o ombro de Kylie. O toque era tão quente quanto o de Lucas e, embora Kylie quisesse recuar, não sentiu animosidade na mão da mulher mais velha, nem viu isso em seus olhos. Era só preocupação e amor pelo neto.

— O sangue que corre nas veias do meu neto é puro. Sua companheira na vida terá de ser da sua própria espécie.

— E se não for? — Kylie perguntou.

— Se apenas um dos pais for um lobisomem, mas ela mostrar lealdade à sua herança, o conselho pode não fazer caso da sua condição. Mas, se ela não for do nosso sangue, então ele não só vai ser forçado a abrir mão do seu lugar, mas a alcateia não irá mais aceitá-lo como um deles. Um lobisomem nunca deve colocar outro ser que não seja do próprio sangue antes da sua espécie.

— Isso me parece racismo — disse Kylie.

A mulher deu de ombros.

— Eu não digo que seja certo ou errado. Só estou dizendo como as coisas são.

Curiosamente, é para corrigir uma injustiça que Lucas acalenta há muito tempo o sonho de fazer parte do conselho. Quando tinha 7 anos e veio morar comigo, ele foi forçado a mentir, para seu próprio povo e para o mundo, sobre sua criação. Seu objetivo era ser elegível para uma posição de respeito e, depois, mudar os pontos de vista de nosso povo sobre os filhos de lobisomens desonrados. Ele anseia mostrar que os erros dos pais nem sempre são transmitidos a uma criança inocente.

Ela se levantou da cadeira tão silenciosamente quanto se sentou.

— Ei, Fofinha! Aí está você! — A voz de Tom Galen encheu os ouvidos de Kylie, mas ela não conseguiu desviar o olhar da senhora Parker para cumprimentar o padrasto. Aquela mulher estaria realmente dizendo que, se ela não fosse lobisomem, ela e Lucas não poderiam se casar?

Deus, ela ainda nem tinha concordado oficialmente em namorar com ele! Ainda havia um longo caminho antes de se falar em casamento.

Passos soaram nos degraus da varanda.

— Vou deixá-la com a sua visita — disse a senhora Parker. Depois balançou a cabeça polidamente para o padrasto de Kylie e se afastou.

— Está tudo bem? — ele perguntou, olhando com estranheza para a mulher idosa enquanto se sentava pesadamente na cadeira que ela acabara de desocupar. — Algo errado?

— Não — respondeu Kylie, tentando afastar a preocupação com a avó de Lucas para que pudesse lidar com a preocupação de ver o padrasto novamente.

A visita do padrasto não foi tão estranha quanto Kylie tinha pensado que seria. Talvez fosse apenas porque, após a visita extremamente estranha da avó de Lucas, o termômetro de estranheza de Kylie estivesse funcionando mal.

Antes que Holiday percebesse a ausência dela, Kylie voltou com o padrasto para o refeitório. A pobre Holiday continuava indo de grupo em grupo, tentando manter a paz.

Como Kylie esperava, o padrasto perguntou sobre sua mãe. Kylie não lhe contou sobre o almoço de negócios/encontro romântico. Ele relembrou algumas das viagens que os dois tinham feito juntos. Então perguntou se ela achava que talvez eles pudessem fazer outra em breve.

Kylie não disse sim, mas também não disse não.

— Eu vou ter que olhar na minha agenda. — Pela primeira vez, dizer a verdade, ou seja, que um vampiro velhaco queria que ela se casasse com seu neto ou que morresse, não era a melhor opção.

Quando estava quase na hora de ele ir embora, Kylie acenou para Holiday e disse que estava indo com o pai até o carro; o olhar de Holiday desviou-se para Perry, que os

seguiu.

Quando chegaram ao carro, ela abraçou o pai. Não foi um abraço tão estranho quanto o abraço que lhe dera da última vez em que ele viera para o Dia dos Pais, mas ainda assim havia uma tristeza no ar.

— Eu te amo — ele sussurrou.

— Eu também — disse, e era verdade. Ela o amava.

Antes de soltar o padrasto, Kylie percebeu que ele estava mais magro. Quando se afastou, ela perguntou:

— Você está comendo bem?

— Comida de restaurante não é tão boa quanto a da sua mãe — disse ele.

— Sinto falta das panquecas dela — disse Kylie.

— Sinto falta dela. — Ele apertou a mão de Kylie. — Se ela perguntar sobre mim, diga que eu disse isso.

A solidão que ela viu em seus olhos lhe provocou um aperto no peito. Mas ele mesmo tinha causado essa dor. Nada disso teria acontecido se ele não tivesse decidido pular a cerca com a estagiária.

Erros. As pessoas os cometem. E na maioria das vezes, têm que pagar por eles. Será que seu padrasto estava destinado a viver sozinho pelo resto da vida por causa da sua tola decisão de trair a mãe?

— Tudo bem? — Holiday perguntou quando Kylie voltou para o refeitório, seguida por Perry. — Sobreviveu à visita?

— Sim. Foi triste, mas vê-lo está ficando mais fácil. — Kylie olhou ao redor, procurando Miranda e Della. Ambas pareciam muito infelizes, sentadas como pequenos soldados junto aos respectivos pais.

Então ela localizou Lucas. Ele estava sentado imóvel, prestando atenção em cada palavra que a avó dizia. Evidentemente, a mulher tinha uma grande influência sobre a vida dele. Mas seria grande o bastante para que ele não se casasse com a mulher que amava só porque ela não era um lobisomem? Será que Lucas considerava isso uma preocupação? Ou será que a avó estava apenas mentalmente presa ao passado e achava que Lucas devia pensar nisso com seriedade?

Kylie olhou para Holiday. Não era lugar para perguntar, mas a necessidade de saber foi mais forte.

— Você acha que os sobrenaturais se preocupam com quem vão se casar por causa da sua linhagem de sangue?

Holiday arqueou as sobrancelhas diante da pergunta de Kylie.

— O que a leva a fazer essa pergunta?

— Curiosidade — mentiu.

Kylie viu suspeita nos olhos de Holiday. Ela olhou para Lucas e a avó. A líder do

acampamento hesitou antes de olhar para Kylie novamente. Ela poderia apostar que Holiday estava procurando as palavras certas para responder à sua pergunta.

— Eu acho que essa é uma preocupação maior para algumas espécies do que para outras — Holiday finalmente disse.

— Como para os lobisomens?

Ela assentiu com a cabeça.

— Eles são a espécie que têm menos casamentos mistos. Mas isso está mudando. Hoje, existem cinco vezes mais casamentos mistos do que dez anos atrás.

Holiday pressionou os lábios mostrando sua desaprovação.

— Mas esse tipo de preocupação pode esperar mais uns dez anos, mocinha.

Holiday estava certa. Era uma coisa boba para se pensar agora. Uma coisa boba para a senhora Parker mencionar agora também. Kylie não tinham nem 17 anos. Ela não ficava por aí fantasiando sobre se casar. Seu sonho com Lucas era ter uma sessão de beijos ardentes, não procurar um padre para subir ao altar. Mas sendo bobagem ou não, Kylie sabia que ela não ia parar de pensar nisso.

— Ali está ela! — Uma voz feminina chamou, e Kylie sabia que era Sara.

Trinta minutos depois, enquanto a mãe dela pegava um refrigerante, Kylie se sentava com Sara no refeitório, sentindo como se todos ali as observassem e ouvissem sua conversa.

Como todo mundo estava falando sobre o último dom superpoderoso de Kylie, que lhe permitira curar a sua melhor amiga, ela sabia que todos os campistas tinham adivinhado que a garota ao seu lado era Sara. Não que ela estivesse envergonhada por curá-la; Kylie só não gostava de ser o centro das atenções.

Sara ainda parecia um pouco magra, mas tudo, desde o brilho do seu cabelo castanho até a coloração de sua pele, indicava que ela estava bem. Ela olhava em volta, para todo mundo, perguntando quem era quem.

— Aquela é sua colega de quarto? — Ela apontou para Miranda, sentada com a família.

— É — disse Kylie. — Vou apresentá-la mais tarde.

— Onde está a outra? A mal-humorada?

Della, do outro lado do salão, lançou a Kylie um sorrisinho.

— Ela está ali — disse Kylie, apontando para a vampira.

Como Della ainda estava olhando para elas, Sara acenou.

— Ela parece mesmo uma piranha, além de estranha...

O queixo de Kylie caiu.

— Ela não é nada disso. É uma das minhas... — Kylie quase disse “melhores amigas”, mas percebeu o quanto aquilo ia parecer estranho. Sara costumava ser a

melhor amiga de Kylie. — Ela é das minhas melhores amigas daqui.

— Eu me lembro de você dizer que...

— Isso foi há muito tempo... — Kylie interrompeu, e esperava que Sara ficasse quieta antes que Della se magoasse. — Então, você está se sentindo melhor agora? — Kylie falou a primeira coisa que lhe passou pela cabeça para mudar de assunto. Mas, pelo brilho nos olhos de Sara, Kylie percebeu que aquela era a pergunta errada a se fazer. Obviamente, Sara estava ansiosa para trazer à tona o tópico "você me curou".

— Acho que você sabe a resposta melhor do que eu — disse Sara.

— Sabe a resposta para quê? — A mãe dela se sentou ao lado de Kylie.

— Nada — disse Kylie.

Sara moveu os olhos ao redor do salão novamente.

— Quem é o bonitinho de cabelos pretos que fica olhando pra você?

Kylie olhou na direção que Sara apontou com a cabeça. Sua mãe fez o mesmo.

Lucas estava olhando para ela, e sorriu. A avó devia ter ido embora, porque ele estava sentado sozinho. Então, como se visse o seu olhar como um convite para se juntar a elas, ele se levantou.

*Não! Não!* O pânico se agitou dentro de Kylie. A princípio, não entendeu por que não queria que Lucas conhecesse Sara. Depois se lembrou de que Sara nunca perdia a chance de flertar com um garoto. Kylie não queria que Sara desse em cima de Lucas. Não porque tivesse receio de que Lucas correspondesse, mas porque Kylie não queria que Lucas achasse que Sara era fácil.

Sua antiga vida se encontrava com a nova, e Kylie não queria que nenhuma das duas parecesse desagradável.

Ela pegou o copo de água e bebeu, apenas para ter algo para fazer com as mãos.

— Você deve ser Sara. — Lucas estendeu a mão.

Sara apertou a mão de Lucas.

— Sim, sou eu. E você é?

— Lucas Parker, o namorado de Kylie.

*Namorado?* A respiração de Kylie parou. A água desceu pelo lado errado da garganta e ela começou a tossir tanto que o barulho da tosse reverberou pelas paredes do refeitório. Como se isso não fosse ruim o bastante, a mãe, que dava uma golada no refrigerante, também engasgou.

Droga! Se havia alguém no refeitório que não tinha olhado para eles ainda, já não havia mais.

Holiday se aproximou e observou Kylie e a mãe, ambas lutando para respirar.

— Tudo bem aqui?

— Tudo — Kylie conseguiu dizer, sentindo gotinhas de água escorrerem do seu nariz. Ah, isso não era adorável?... Ela as secou.

— Que tal um pouco de ar fresco? — Holiday perguntou. — Por que não levamos Sara e sua mãe para a sua cabana?

— Certo — disse Kylie, e todos eles se levantaram.

Lucas pareceu perceber que tinha falado algo errado, e olhou para ela, confuso.

— Bem, eu já vou indo. Te vejo mais tarde.

Kylie acenou com a cabeça.

Lucas olhou para a mãe dela.

— Foi um prazer revê-la, senhora Galen.

— Igualmente — a mãe disse, e olhou para Kylie com todos os tipos de preocupação que os pais têm com relação a namorados e a palavra não pronunciada... sexo.

Elas não tinham saído do refeitório ainda quando a mãe de Kylie se inclinou na direção da filha.

— Namorado? O que mais você não me contou?

Que ótimo, pensou Kylie. Agora sua mãe provavelmente começaria a lhe enviar os panfletos sobre sexo.

Sara se inclinou e sussurrou em seu outro ouvido:

— Ele é tão quente!

— Eu sei — Kylie sussurrou de volta.

— Não quis dizer sexy. Quis dizer quente como naquele dia em que você me tocou.

Kylie não sabia o que dizer. Quando chegaram à porta do refeitório, Kylie pôs a mão na maçaneta, mas a porta se abriu de repente e quase a derrubou, obrigando-a a dar um salto para trás.

Derek e a mãe estavam entrando. O olhar de Derek desviou-se para Kylie e seus olhos se estreitaram um pouco, como se a proximidade o incomodasse. Então Kylie viu seu ar de preocupação quando ele reparou em Sara.

— Veja, Derek! É Kylie! — A senhora Lakes quase gritou, e novamente Kylie sentiu que todos na sala olhavam para ela.

Sem nenhum aviso, Kylie se viu nos braços da senhora Lake. Graças a Deus, foi um abraço rápido.

Derek olhou para Sara.

— Você deve ser Sara.

— É, sou eu — Sara respondeu com seu sorriso mais sensual. — E você é...?

— Derek — disse Kylie, e fez apresentações rápidas, que incluíram sua mãe.

A senhora Lakes fez um gesto com a mão, apontando Kylie e Derek.

— Eu acho que eles estão caidinhos um pelo outro. Não é uma graça?

Vários campistas ofegaram atrás deles, no refeitório, provavelmente os vampiros que ouviam a conversa. Kylie sentia como se suas bochechas fossem explodir de constrangimento.

— Mãe... — Derek revirou os olhos.

— Eu só estou dizendo a verdade, querido. Você não fala em outra pessoa.

O rosto de Derek ficou vermelho brilhante.

A mãe de Kylie arqueou uma sobrancelha e olhou para Kylie como se resolvesse que iria começar enviar os panfletos sobre sexo imediatamente.

Sara deu uma risada.

E Kylie queria morrer. Bem ali, naquele mesmo instante. Especialmente quando olhou para trás e viu Lucas assistindo à cena e franzindo a testa.

# Capítulo Trinta e Um

— Por que vocês não vão na frente, meninas? — sugeriu a mãe de Kylie tão logo saíram do refeitório. — Eu sei que Sara está morrendo de vontade de conversar com você.

Kylie não se deixou enganar. Sua mãe não via a hora, obviamente, de conversar em particular com Holiday. Provavelmente sobre Kylie ter dois namorados.

Quando Sara e Kylie começaram a andar, Sara apertou o braço dela.

— Dois caras? Você tem dois caras apaixonados por você? Comece a falar, garota!

*— O pai de Kylie veio esta manhã? Estou muito preocupada com o relacionamento deles.*

As palavras da mãe pareciam pronunciadas num tom extremamente alto.

Kylie parou e olhou para trás. Elas estavam a uns trezentos metros de distância e não havia como ela estar ouvindo a conversa. Mas ela estava. A audição hipersensível estava de volta, e desta vez ela ficou agradecida.

— *Sim* — respondeu Holiday. — *Ele veio. Parece que foi uma visita agradável.*

— Kylie? — Sara disse. — Vamos, me diga o que está acontecendo.

Kylie olhou para Sara e começou a andar novamente.

— Eu... É difícil de explicar.

— Ótimo — disse a mãe. — *Estou um pouco preocupada com Kylie e, bem, os meninos. Eu li que, quando uma garota tem problemas com o pai, ela acaba... se envolvendo com garotos.*

Bem, pelo menos agora Kylie sabia que não era só com ela. A mãe não conseguia dizer a palavra "sexo" a ninguém.

*— Você os supervisiona e se certifica de que não está acontecendo nada que não deveria acontecer?*

— Bem, tente — Sara insistiu. — Me conte. Estou morrendo de curiosidade.

— Contar o quê? — Kylie perguntou, sem conseguir manter a atenção nas duas conversas.

— Já perdeu? — Sara perguntou.

*— Sua filha tem uma cabeça muito boa* — Holiday respondeu. *— Acho que a senhora não precisa se preocupar com ela.*

— Perdi o quê? — Kylie perguntou a Sara, mas de repente soube o que a amiga estava perguntando.

Aparentemente, as duas conversas simultâneas eram sobre a mesma coisa. Sexo.

— Não. Eu não perdi. — Incomodada com a pergunta, Kylie se lembrou do quanto ela e Sara tinham sido íntimas um dia. Contavam tudo uma para a outra e não tinham segredos. Mais ou menos como ela era agora com Della e Miranda.

O sentimento de estranheza ao ver sua antiga vida se cruzar com a nova voltou. E

em cerca de quinze minutos, Della e Miranda as encontrariam na cabana. Será que ia ser muito estranho?

Provavelmente, sim.

— Mas os dois são tão gatos! — disse Sara.

— É, eles são.

— Então, de qual dos dois você realmente gosta?

*Dos dois.* A verdade ecoou em sua cabeça. Kylie suspirou.

— Lucas — ela disse.

— Hum... — Sara sorriu, depois deu de ombros. — Agora, você pode, por favor, me dizer o que fez para me curar?

Kylie se lembrou dos conselhos que Holiday lhe dera. Apenas negar.

— Eu não sei do que você está... — Ela começou a ouvir a conversa entre Holiday e a mãe novamente.

— *Posso lhe fazer uma pergunta estranha?* — Holiday perguntou à mãe.

— *Claro* — ela disse.

— *Vocês têm sangue indígena em sua árvore genealógica?*

— Por que Holiday estaria perguntando isso? — Kylie murmurou.

— O que você disse? — Sara olhou para ela, intrigada.

Kylie balançou a cabeça.

— Não é nada.

— Então, comece a falar — disse Sara. — E nem tente negar. Eu me lembro claramente que você esfregou as minhas têmporas e as suas mãos ficaram quentes quando fez isso. E eu senti. Senti algo acontecendo dentro de mim.

Sara fez uma parada brusca e pegou as mãos de Kylie nas dela.

— Elas não estão quentes agora. Então só ficam quentes quando você cura as pessoas? Mas por que... Qual o nome dele? Lucas? Por que as mãos dele estavam tão quentes?

Kylie tirou as mãos das de Sara, tentando se lembrar de que mentira tinha contado a Sara sobre por que tinha esfregado suas têmporas.

— *Essa realmente é uma pergunta estranha* — disse a mãe de Kylie. — *Por que você quer saber?*

Sara soltou um suspiro de frustração.

— E não me diga que é porque sua mãe costumava fazer isso. Porque eu perguntei a ela no trajeto pra cá e ela negou. Disse que não conseguia se lembrar de já ter massageado as suas têmporas para aliviar a sua dor de cabeça.

— Psiu — Kylie pediu a Sara, não querendo perder a resposta de Holiday.

Mas Sara não ficou quieta. Em vez disso soltou um grito horripilante capaz até mesmo de despertar os mortos.

E continuou a gritar. Um grito que quase perfurou os tímpanos de Kylie. Ela entrou em estado de alerta instantâneo, mas não sabia por quê. Seu olhar começou a varrer a trilha de lado a lado, tentando encontrar a fonte do perigo.

Seria a águia outra vez? Ou o cervo de olhar cruel? Será que era outro sumidouro, ou Perry tinha se transformado em unicórnio novamente? Kylie estava preparada para qualquer coisa.

Rígida de tensão, ela não sabia se devia se preparar para lutar ou correr. Então algo bateu na sua perna.

Ela olhou para baixo.

Ok, Kylie estava preparada para qualquer coisa, menos para Socks. Seu gato/gambá deveria estar trancado na cabana de Holiday. E só para piorar as coisas, sua mãe e Holiday vinham correndo para ver o que havia de errado.

Em dois segundos, a mãe começou a gritar junto com Sara, enquanto Kylie olhava para Holiday.

— Esse bicho deve ter raiva — a mãe gritou. — Afaste-se, Kylie. Afaste-se!

— Está tudo bem — tranquilizou-a Holiday, mas obviamente a mãe não ouviu.

Kylie seguiu as ordens da mãe e recuou. Mas Socks não entendeu a deixa. Ele a seguiu e se deitou sobre o tênis de Kylie.

Sara gritou e correu pela trilha, escondendo-se atrás da mãe de Kylie. Socks, de repente assustado com o tumulto, deu um pulo e escalou a perna de Kylie. Sem saber o que fazer, ela segurou o animal assustado com cautela.

— Largue isso! Kylie! — A mãe gritou. — Largue esse bicho agora!

Então ela disparou na direção de Kylie como se fosse bater no animal em seu colo.

— Mãe, está tudo bem — disse ela, embora nada estivesse bem.

Socks sibilou, em seguida se contorceu e enterrou o focinho comprido na axila de Kylie, que não estava completamente em pânico até ver Socks levantar a peluda cauda preta e branca no ar e apontá-la para a sua mãe.

— Não! — Kylie se virou e começou a falar numa voz doce com Socks. — Não faça isso. Não faça isso — ela sussurrou.

— Todo mundo, um passo pra trás — Holiday disse, falando com mais firmeza desta vez. — O gambá não tem raiva. Ele é o meu animal de estimação.

Kylie olhou para trás, por cima do ombro, para ver sua mãe encarar Holiday, perplexa, com um olhar de puro horror.

— Você tem um gambá de estimação?

— Tenho — mentiu Holiday, quase parecendo sincera. — Eu sei, parece meio estranho.

— Meio?! — A mãe perguntou, os olhos ainda arregalados com o choque.

Kylie puxou Socks para mais perto e continuou a sussurrar o que ela espera que

fossem palavras tranquilizadoras, perto do ouvido do bichinho. Mas quem, ela se perguntava, iria sussurrar palavras tranquilizadoras para ela? Era exatamente por isso que unir sua antiga vida à sua nova vida tinha sido uma ideia muito, mas muito ruim.

— No final, tudo acabou bem — Holiday disse uma hora mais tarde, enquanto assistia a mãe de Kylie e Sara saírem de Shadow Falls pelos portões do estacionamento.

Kylie, com o peito tão apertado que achava que algumas costelas tinham se quebrado, olhou para Holiday em choque.

— Você deve estar brincando. A avó de Lucas praticamente me disse que não sou boa o bastante para o neto dela. Meu pai está infeliz. Minha mãe acha que eu estou transando com dois caras. E pensa que você é uma idiota que tem um gambá como animal de estimação.

— Eu tive que inventar alguma coisa — justificou-se Holiday. — Ele deve ter escapado quando eu saí e eu não vi.

— Não se esqueça de que as coisas não podiam ter sido mais estranhas entre Sara, Miranda e Della. Elas mal se falaram. E... — Lágrimas inundaram os olhos de Kylie. — E se eu um dia pensei que você não escondia nada de mim, sei a verdade agora. Por que você está querendo saber se eu tenho sangue indígena?

A culpa estampou-se no rosto de Holiday.

— Eu ia te contar. Juro. Apenas não tive tempo.

— Sim, você sempre vai me dizer alguma coisa depois de já ter acontecido. — Kylie secou as lágrimas que molhavam seu rosto. — Eu estou farta de todos esses segredos por aqui, Holiday. Estou cansada de ser deixada na ignorância. Estou cansada de não saber o que eu sou. Não é justo, e não vou mais tolerar isso.

Era noite de quarta-feira. Os últimos dias tinham se passado num borrão. Kylie tinha começado uma busca frenética para descobrir sua árvore genealógica. Holiday tinha explicado que havia uma lenda indígena segundo a qual alguns descendentes de uma tribo tinham sido tocados pelos deuses. E que esses meros seres humanos carregavam esse dom com eles há gerações.

Se Kylie tivesse esse sangue correndo em suas veias, isso explicaria por que ela podia ser protetora e ainda metade humana. Kylie não sabia por que era tão importante para ela descobrir sua herança familiar. Não era como se isso fosse levá-la a descobrir o que era. Mas podia explicar por que ela parecia ter certos dons. Talvez porque essa fosse a única pista que tinha para investigar agora.

O fantasma aparecia três ou quatro vezes por dia, mas ainda não estava falando. Lucas aparecia duas ou três vezes, também. Só que eles não tinham chance de conversar muito. Mas o lado positivo é que eles estavam se beijando muito mais.

Ela não tinha contado nada sobre o que a avó dele lhe dissera. Em parte porque ele já parecia tenso — sem dúvida por causa da aproximação da Lua cheia — e em parte porque ela tinha medo da resposta.

Ela tinha receio de que ele dissesse que a avó tinha razão. Que ele nunca poderia considerar a possibilidade de se casar com ela se ela não fosse um lobisomem.

Sim, ainda parecia uma idiotice se preocupar com casamento naquela fase do relacionamento. Mas Kylie vivia pensando no fato de que o namoro nada mais era do que uma tentativa de encontrar uma pessoa com quem você gostaria de passar toda a sua vida.

Ela deveria só viver o presente ou fazer planos para o futuro? E deveria começar algo quando sabia que não iria nem poderia durar? Deveria correr o risco de entregar seu coração a alguém que nunca seria realmente dela?

Mais cedo naquela noite, quando Lucas veio vê-la, eles se sentaram na varanda, se beijaram e contemplaram a Lua.

— Você não sente nada quando olha pra ela? — ele perguntou a Kylie.

Lucas não tentou esconder o quanto queria que ela fosse um lobisomem. E estava ficando cada vez mais difícil fingir que ela não se incomodava com isso. Não que esse incômodo mudasse o que ela sentia por ele. Tudo, desde o seu sorriso até seus olhos azuis e a maneira como ele a beijava, tudo a agradava. Os momentos que ela passava perto dele eram os únicos em que realmente se sentia em paz.

Kylie se lembrou de que dissera a Holiday que precisava de uma base, algo que a fazia se sentir em equilíbrio. Lucas havia se tornado sua base. Em alguns aspectos, ele era como a cachoeira. Quando estava com ele, quando sentia seu toque quente, todos os problemas pareciam muito menores.

Mas quando ele não estava perto os problemas voltavam a pesar sobre os seus ombros e desafiar a sua sanidade. Por fim, Kylie percebeu que eles precisavam conversar sobre o assunto da linhagem de sangue. E também sobre o pedido de namoro. Embora ela tivesse a sensação de que ele tinha concluído que ela aceitara. Olhando em retrospectiva, percebeu que, considerando a conversa entre eles no dia em que ele pedira, Lucas podia ter até razão de pensar assim. Então, ela podia deixar essa questão para lá, mas a linhagem não era algo tão fácil de esquecer.

Mas, por enquanto, ela decidiu simplesmente deixar as coisas como estavam.

— Olá! — A voz de Della trouxe Kylie de volta ao presente quando ela saiu do seu quarto. — Miranda já voltou da sua sessão de amassos com Perry? — Ela se sentou à mesa da cozinha enquanto Kylie estava sentada na do computador.

— Ainda não. — Kylie olhou para trás. Della parecia entediada ou deprimida. Ela andava muito quieta ultimamente. Desde o Dia dos Pais.

— O que você está fazendo? — Della perguntou.

*Me preocupando.*

— Minha mãe finalmente me deu o nome de solteira da minha bisavó. Eu pensei em colocá-lo no banco de dados do site de genealogia e ver se consigo alguma coisa.

— Por que você simplesmente não coloca uma pena no chapéu e diz que tem sangue indígena?

Kylie franziu a testa.

— Isso não foi muito simpático.

— Desculpe — a amiga murmurou. — Estou meio irritada.

— Por quê? — Kylie se levantou e pegou dois refrigerantes na geladeira e depois se sentou na cadeira da cozinha.

Della pegou a bebida que Kylie lhe oferecia e abriu-a. O conteúdo escorreu da abertura e ela apertou os lábios na borda da lata para evitar que transbordasse. Quando olhou para a frente, tinha lágrimas nos olhos.

— O que foi? — Kylie perguntou.

Della deu um pequeno soluço, e Kylie percebeu que a vampira estava chorando. Kylie teve que reprimir a vontade de contornar a mesa e abraçar Della, porque sabia que a amiga detestaria isso.

— Della? Me diga qual é o problema. — E Kylie logo ficou com lágrimas nos olhos também.

Della passou a mão nas bochechas.

— Eu tenho saudade. É como Ellie disse. Eu sinto falta de ser normal. Sinto falta de estar com a minha família. Eu sei que tenho sorte de estar aqui. Sorte de ter você e Miranda como minhas melhores amigas. E estou feliz que você tenha Lucas e Miranda tenha Perry, mas sinto falta de Lee, e isso dói muito às vezes. E eu sei que devia tentar com Steve, mas eu não estou pronta ainda. — Ela soluçou novamente e mais lágrimas surgiram em seus cílios escuros e escorreram pelas suas bochechas. — Eu sinto falta de... tudo isso. Sinto falta de ser humana.

Kylie começou a chorar de verdade. Não apenas por Della, mas por si mesma.

— Eu sei — disse ela. — Sinto falta disso também.

Na manhã seguinte, Kylie abriu os olhos e viu a parte de trás da cabeça de Della. Como Della era a única que tinha uma cama de casal, elas acabaram indo para a cama dela na noite anterior e conversado até caírem no sono. Algo se moveu às costas de Kylie e ela rapidamente se virou e viu Miranda bocejando.

— O que você está fazendo aqui? — Kylie perguntou.

— Eu pensei que era uma festa do pijama e quis participar também — ela disse. Então fez um biquinho. — Vocês duas nem esperaram por mim.

— Você chegou tarde — disse Kylie, bocejando.

— Eu sei. — Miranda sorriu. — Passamos um tempo maravilhoso. Ficamos nadando no lago. Só nós dois. É quase Lua cheia e foi tão romântico...

— Vocês nadaram nus? — Della perguntou se virando para as amigas, com cara de quem ainda não tinha acordado direito.

— Não. Mas ele nadou. Só porque pensou que eu ia tirar a roupa também. — Miranda riu. — Eu coloquei o maiô por baixo da roupa, porque ele disse que íamos até o lago. E quando eu comecei a tirar a calça jeans, ele pensou que eu estava tirando toda a roupa, tirou a dele e mergulhou rápido.

Kylie e Della começaram a rir.

— Mas eu não vi nada. Além disso, ele me fez virar de costas quando saiu e colocou o calção de novo.

As três ficaram na cama, rindo, até quase se atrasarem para o café da manhã.

Foi uma manhã agradável. Não tão descontraída quanto os dias que ela passava com Lucas, mas Kylie teve que admitir que Della e Miranda estavam se tornando bases também. Agora, ela se sentia capaz de enfrentar mais um dia solucionando problemas.

Mas seu bom humor foi para o espaço quando ela entrou no refeitório e todo mundo se virou e olhou para elas.

Não, não para todas elas. Apenas para Kylie. Ou melhor, olhavam boquiabertos para a testa dela enquanto franziam a testa. Obviamente, seu padrão cerebral tinha enlouquecido novamente.

— Que estranho! — alguém exclamou. Ouviram-se várias pessoas ofegando, algumas sussurrando, e algumas até deixando cair seus garfos. Então seguiu-se um silêncio sepulcral, do tipo que indicava a mais completa descrença.

Della e Miranda se viraram para ela e franziram as sobrancelhas.

Os olhos de Miranda se arregalaram de choque.

— Ai, meu Deus!

— Merda! — disse Della.

— O que foi? — Kylie perguntou.

Della engoliu em seco e se inclinou na direção de Kylie.

— Você finalmente se abriu. Seu... Seu padrão está legível.

# Capítulo Trinta e Dois

— O que eu sou? — perguntou Kylie, agarrando o braço do Della. — Eu preciso saber. — Mas que inferno! Ela estava esperando a resposta há meses. — Por favor, Della!

— Você... — Della balançou a cabeça. — Você é humana. Cem por cento humana.

— Não tem graça — Kylie queria acreditar que Della estava brincando, mas o olhar no rosto da amiga dizia o contrário. Mas como ela poderia ser humana depois de tudo o que tinha acontecido? Lembrou-se de ter chorado na noite anterior e dizer a Della que sentia falta de ser humana. Sentia falta de ser normal. E se ela tivesse desejado que aquilo acontecesse?

Kylie atravessou a porta do refeitório e correu o mais rápido que pôde para o escritório.

Nem mesmo a porta fechada da sala de Holiday a deteve. Ela entrou sem pedir licença. Burnett e Holiday se afastaram de repente como se... estivessem se beijando! Ai, meu Deus! A imagem do que tinha visto por um segundo ficou gravada na mente de Kylie.

Burnett e Holiday estavam mesmo se beijando. Em outro momento, Kylie teria gritado de alegria.

Mas não naquele.

— Nós estávamos... Só estávamos... — Holiday gaguejou.

Kylie não se importou. Seu coração batia forte. Sua mente tentava encontrar um sentido para o fato de ela ser totalmente humana. Como era possível?

O que isso significava?

Mesmo fazendo a si mesma essas perguntas, ela sabia a resposta para a última. Ser humana significava deixar Shadow Falls. Holiday. Burnett. Miranda. Della. Lucas. Derek. Perry. Jonathon e Helen. Todos eles. Isso significava se afastar para sempre de sua nova vida.

Lágrimas inundaram seus olhos.

— O que aconteceu? — Holiday perguntou.

Significava nunca ajudar outra alma perdida. Significava voltar à sua antiga vida, à qual ela nunca sentiu que pertencesse.

Ok, ela tinha sentido falta da sua antiga vida. Mas isso era passado. Agora ela sabia com certeza absoluta que iria sentir muito mais falta da sua vida nova.

Naqueles últimos meses, por piores que tivessem sido, ela estivera mais perto de conhecer seu verdadeiro eu do que jamais estivera antes. Talvez ela ainda não soubesse o que era, mas, de muitas maneiras, sabia, mais do que antes, *quem* era.

— Kylie? O que foi? — Holiday insistiu.

— Que droga significa isso? — Ela apontou para a testa.

Holiday e Burnett olharam para ela e franziram as sobrancelhas. O choque que ela viu nos olhos de ambos não ajudou a diminuir sua confusão. E o nó na garganta cresceu até ficar do tamanho de um sapo.

Trinta minutos depois, Kylie ainda estava sentada no sofá de Holiday, os joelhos contra o peito, a testa apoiada neles. E estava se sentindo seca de tanto chorar.

A líder do acampamento estava sentada ao lado dela. Sua mão pousada sobre as costas de Kylie enviava ondas de calma para ela, mas não afugentava o medo que crescia em seu peito. Ela mesma tinha causado aquilo. Tinha atraído aquilo para si mesma. Ela de algum modo tinha usado um poder que não sabia que tinha e voltado a ser humana. Seria irreversível?

Kylie levantou a cabeça.

— Eu não queria fazer isso.

— Fazer o quê? — Holiday perguntou.

Kylie sentiu a garganta raspando

— Della e eu estávamos conversando sobre como queríamos... queríamos ser humanas novamente. Que sentíamos falta de sermos normais e... — Sua respiração ficou presa. — E eu realmente sinto falta, mas agora está claro que eu iria sentir muito mais falta desta vida nova. Eu não quero ser humana, Holiday.

Os olhos de Holiday se encheram de solidariedade e ela sorriu.

— Eu não sei o que está acontecendo. Não entendo isso. Mas se há uma coisa de que tenho certeza é que você não é humana, Kylie. Bem, pelo menos não só humana.

— Mas e se os anjos da morte estiverem tentando me dar uma lição? E se estiverem chateados comigo por eu ter sido ingrata e esse é o meu castigo?

Holiday balançou a cabeça.

— Eu nunca ouvi falar que os anjos da morte transformam sobrenaturais em seres humanos para castigá-los. E, acredite, não existe um sobrenatural que não tenha momentos em que deseje ser humano. Isso é perfeitamente normal.

— Sério?

— Claro! Vivemos num mundo humano. A grama sempre parece mais verde do outro lado da cerca. A verdade é que às vezes é mais verde. Mas nós não podemos mudar o que somos simplesmente desejando mudar.

Kylie concordou com a cabeça.

— Então você acha que isso é só uma coincidência?

— Eu não sei. Mas, se eu fosse dar um palpite, diria que isso vai mudar assim como já mudou inúmeras outras vezes.

— Não vou ter nenhum poder até que o padrão volte a mudar?

A pergunta pareceu intrigar Holiday.

— Eu... Espere! Você ainda pode me sentir tentando influenciar suas emoções? — Holiday pousou a mão no ombro de Kylie.

Ela sentiu o calor irradiando do toque de Holiday através de sua blusa e fluindo para a sua pele. Então o calor pareceu formar uma bolha que flutuou para o peito de Kylie, onde se transformou numa suave onda de emoção.

— Sim — disse Kylie.

— Então eu diria que nada mudou.

— Então os humanos não podem sentir o seu toque?

— Não.

Kylie suspirou e encontrou um pouco de paz interior. Então olhou para Holiday.

— Você acha que um dia eu vou descobrir o que sou?

— Claro que você vai! — Holiday fez uma pausa. — Eu não quero afirmar porque não é uma coisa certa, mas Burnett me disse que os Brightens verdadeiros, na Irlanda, confirmaram suas reservas de passagens de avião e estarão de volta aos Estados Unidos em meados de setembro.

O coração de Kylie deu um salto.

— Será que eles sabem de mim?

— Não que saibamos. Burnett fez alguns testes no número do telefone que os falsos Brightens usaram para falar com o detetive. Não era o telefone deles. A chamada foi feita de um telefone celular que chamam de descartável. Não é possível rastreá-lo.

— Mas Burnett sabe como chegar ao Brightens agora? Eu podia ligar pra eles, não podia?

Holiday franziu a testa.

— Eu não acho que isso seja algo que você queira falar por telefone, Kylie.

Holiday estava certa, mas Kylie estava cansada de esperar. Ela massageou os próprios ombros e desejou que Burnett ainda estivesse ali. Ele tinha saído logo depois que ela começara a chorar. Ela não tinha certeza se ele estava assustado com as lágrimas ou com medo de ela lhe perguntar o que tinha visto quando entrou na sala.

Kylie olhou para Holiday.

— Então... Você e Burnett?

Holiday revirou os olhos.

— Foi apenas um beijo, Kylie. Nada demais.

Kylie deixou um leve sorriso pairar nos lábios. Neste momento, ela precisava muito de uma boa notícia.

— Foi bom?

— Apenas um beijo e... um erro. Nós estávamos falando sobre Perry e Miranda, sobre como eles ficam fofos juntos... O clima de romantismo nos contagiou e... Definitivamente foi um erro.

— Por que, Holiday? Por que você não pode dar uma chance ao cara?

Holiday franziu a testa.

— A única razão que me levou a deixar isso acontecer foi... que eu estava com a guarda baixa, porque... — Kylie viu sombras de dor nos olhos da amiga.

— Você está com medo que Burnett seja o vampiro no caixão?

Ela confirmou com a cabeça.

— O que significa que você se preocupa com ele. Não consegue ver isso?

— Eu me preocupo, mas se preocupar com alguém não é suficiente. E nós trabalhamos juntos. Romance e trabalho nunca combinam muito bem.

— Poderia combinar se você quisesse muito.

— Então eu acho que não quero tanto assim — Holiday disse com firmeza. Mas Kylie sabia que era mentira.

E suspeitava que Holiday sabia, também.

Elas ficaram sentadas em silêncio por alguns minutos.

— Sobre a visão do funeral... — Kylie disse.

— Sim?

— Eu acho... Quer dizer, há uma chance de eu ter dado um jeito nisso.

Holiday a fitou.

— Dado um jeito em quê?

Kylie não achou certo dizer a Holiday que Ellie ia fugir.

— Eu posso ter feito algo que tirou essa pessoa do perigo. Então, talvez um vampiro não vá morrer.

Holiday franziu a testa.

— Eu adoraria pensar que isso é verdade. Mas você não pode mudar o destino.

Kylie lembrou-se que aquelas tinham sido as palavras que o fantasma tinha sussurrado, mas ela se recusava a acreditar.

— Então talvez não fosse realmente o destino — ela disse.

— Eu gostaria de poder acreditar nisso — Holiday disse.

— Eu acredito. — Mas havia uma parte dela que duvidava.

E quando ela se permitiu pensar nisso, ficou deprimida.

O telefone de Holiday tocou. A líder do acampamento pegou o aparelho, olhou para o identificador de chamadas com ar de interrogação e, em seguida, atendeu.

— Alô? — Holiday perguntou, e então olhou para Kylie. — Ela está bem — Holiday fez uma pausa. — Vou dizer a ela. — Desligou e fitou Kylie nos olhos. — Era Derek. Ele queria dizer que, se você precisar conversar, pode procurá-lo. Como amigo. Insistiu que eu acrescentasse essa última parte.

Kylie acenou com a cabeça e seu peito se encheu de emoção.

Bateram na porta. Holiday olhou para Kylie.

— Está esperando alguém? Derek não é o único preocupado com você.

Kylie negou com a cabeça.

— Entre — Holiday disse. Della e Miranda apareceram no escritório, os olhos cheios de preocupação. Atrás delas vieram Lucas, Perry, Helen e Jonathon.

— Eu estou bem — Kylie disse a eles, mas mais lágrimas inundaram seus olhos. Lágrimas porque sabia que essas pessoas não eram apenas seus amigos. Eram sua família.

— Nós amamos você — disse Miranda, com os olhos lacrimejando. — E queremos que saiba que não importa o que você é.

Mais tarde naquela noite, Kylie recebeu outro sinal de que seu padrão cerebral humano não tinha mudado as coisas. A princípio, ela pensou que era apenas um sonho. Estava olhando Jane Doe descansando na cama, passando as mãos sobre a barriga redonda, e olhando para o homem que dormia ao seu lado.

— *Eu te amo* — ela sussurrou. — *Mas tenho que fazer isso.*

Então as coisas mudaram e Kylie era Jane. Ela deslizou silenciosamente para fora da cama. Sentia seu corpo desajeitado com o peso da barriga. Seu coração estava dilacerado. Kylie não se lembrava de ter sentido tanta tristeza, como se estivesse prestes a perder o que tinha de mais precioso na vida.

Ela saiu do quarto escuro, olhou para trás mais uma vez, na direção do homem adormecido. Quem quer que fosse, Jane o amava.

— *Sinto muito.* — As duas palavras saíram da sua boca num sussurro. O homem se virou de lado e Kylie viu seu rosto de relance. Pele pálida, cabelos grossos e castanhos — não, na verdade, castanhos avermelhados.

Alguma coisa no rosto dele fez com que Kylie quisesse continuar contemplando-o, mas ela não tinha nenhum controle sobre o que acontecia nessas visões. Revivendo o passado de Jane Doe, ela se voltou para a porta e saiu do cômodo. Foi até um armário, pegou um longo casaco preto e o vestiu. Depois pegou uma mala de aparência antiga, sem rodinhas. O peso da mala, em acréscimo ao da barriga, tornou seu andar ainda mais desajeitado.

*Por que você está abandonando esse homem se o ama?* A pergunta fluiu da mente de Kylie, mas a visão continuou, deixando a dúvida no ar.

Agora com lágrimas escorrendo pelo rosto, Jane caminhou para fora da humilde casa. Um carro com os faróis apagados encostou no meio-fio. Ela entrou. Kylie queria ver quem estava dirigindo, mas Jane estava muito ocupada chorando, sentindo a dor do seu coração partido, para se preocupar com o motorista.

— *Você está fazendo a coisa certa* — disse uma voz feminina quando o carro arrancou. — *Ele não entenderia.*

Tudo ficou escuro. Kylie tentou acordar, mas a visão a puxou de volta.

E não foi para um lugar agradável.

Havia luz agora, mas ela não se importava. Estava sofrendo demais. Alguma coisa estava rasgando suas entranhas. A sensação lembrou a Kylie a pior das cólicas menstruais que já teve. Seu corpo contorcia-se de dor. Suas costas arquearam e ela gritou.

— *O bebê não está vindo!* — disse alguém. A dor em seu abdome diminuiu e ela se deu conta da dor emocional em seu peito novamente.

— *Não deixem meu bebê morrer!* — Ela levantou o tronco, apoiando-se no cotovelo.

O homem de pé entre seus joelhos abertos olhou Jane Doe nos olhos.

— *Eu teria que fazer uma cesariana.*

— *Então faça!* — Jane gritou.

— *Não estou preparado para isso. Não tenho anestesia.*

— *Eu não me importo* — disse Jane. — *Não deixe meu bebê morrer. Eu aguento. Não é como se eu fosse humana.*

O homem olhou para a mulher ao lado dele.

— *Passe o bisturi.*

# Capítulo Trinta e Três

*Não!* Kylie gritou em sua cabeça, assim que Jane Doe deitou-se novamente na cama e se resignou a ver seu ventre ser cortado sem nada para entorpecer a dor.

— Kylie?! Acorde!

Kylie sentiu que alguém a sacudia. Ainda gritando, ela abriu os olhos e viu Della e Miranda debruçadas sobre ela. Conseguiu parar de gritar, mas não de tremer.

— Será que é melhor chamar Holiday? — Miranda perguntou, parecendo preocupada.

Kylie balançou a cabeça negativamente.

— Eu estou bem. — Ela se virou e secou as lágrimas no cobertor. — Voltem a dormir — murmurou. Seu coração ainda estava em pânico por causa da visão, e ela podia sentir o frio. Jane estava ali.

Della e Miranda se entreolharam como se não soubessem o que fazer.

— Podem ir — ela repetiu.

Assim que elas saíram, Kylie se sentou. Jane se acomodou na beirada da cama. Seu abdome tinha um corte escancarado de onde o sangue vertia sobre as suas coxas nuas.

*— Eu não matei o meu bebê. Eu o amava.*

— Eu sei. Eu vi. — Kylie odiava ter que perguntar, mas era justamente para encontrar respostas que Jane a tinha procurado. — O bebê morreu? Foi isso que aconteceu? O bebê morreu durante o parto?

Jane olhou para Kylie novamente.

— *Não*. — Ela sorriu, e instantaneamente o sangue em suas mãos desapareceu. Agora ela vestia um bonito vestido de verão, estampado com grandes girassóis amarelos — *Ele sobreviveu. Meu bebê sobreviveu. Eu me certifiquei de que ele estava bem. E então voltei para casa.*

— Onde era a casa? — Kylie perguntou. — De quem era a casa?

Jane piscou e depois olhou para Kylie.

*— Eu não sei. Não me lembro.*

— Eu estou um pouco confusa — disse Kylie. — Você morreu durante o parto?

*— Não, eu já te mostrei como morri. Eles me mataram.* — E então ela se desvaneceu.

Demorou uma eternidade para Kylie voltar a dormir e, quando isso aconteceu, outro sonho a arrebatou. Imediatamente, ela percebeu o que estava acontecendo. Não tinha começado a entrar dentro do sonho de alguém, desta vez alguém havia entrado no sonho dela.

Ela esperou apenas uma fração de segundo para se certificar de que não era Derek, e então o viu. Ruivo. Ele estava junto ao lago.

— Eu não estou tentando enganá-la desta vez — explicou ele.

— Me deixe em paz! — ela gritou.

— Eu preciso te dizer...

Kylie acordou em pânico em sua cama. Ruivo tinha desaparecido.

— E não volte! — ela gritou, esfregando os braços com as mãos, orgulhosa ao ver que tinha conseguido acordar rapidamente.

Os quatro ou cinco dias seguintes, em Shadow Falls, foram dedicados à tarefa de preparar o acampamento para se tornar uma escola em tempo integral, e aquilo foi muito bom para Kylie. Holiday estava ocupada entrevistando mais alguns candidatos a professores, enquanto um grupo de operários, todos sobrenaturais, construía cabanas grandes para abrigar as salas de aula. Outra equipe de sobrenaturais instalava aquecedores nas cabanas dos campistas.

Kylie ainda estava sendo acompanhada pela sombra. Como mais nada tinha acontecido, ela começava a se sentir culpada por sobrecarregar os horários dos amigos, já tão sobrecarregados. Na manhã de sexta-feira, ela foi ao escritório de Burnett para sugerir que dispensassem a sombra. Ele não concordou.

— É agora que temos que ter mais cuidado — ele explicou.

— Por quê? — Kylie perguntou.

Ele franziu a testa.

— Para começar, que tal porque este lugar agora está num entra e sai o dia todo? E eu não gosto de estranhos por aqui.

Kylie sentiu um arrepio percorrer a sua espinha.

— Você acha que alguém que está trabalhando aqui pode estar a serviço de Mario?

Se isso fosse possível, explicaria o pressentimento crescente de Miranda de que alguém estava à espreita em torno da sua cabana. A amiga tinha começado a lançar feitiços de proteção na porta todos os dias e até procurado Holiday e Burnett para contar suas preocupações. Os líderes do acampamento ouviram as preocupações de Miranda, mas não acharam que se tratasse de uma grande ameaça. Ou pelo menos era isso o que Kylie presumira até agora.

Burnett, com todos os seus noventa quilos de puro músculo, recostou-se na cadeira do seu escritório.

— Eu verifiquei as credenciais de todos, dezenas de vezes.

Ele pegou uma bola de borracha em forma de coração com as palavras *Doe Sangue* e apertou-a.

— Talvez Holiday esteja certa e eu esteja sendo excessivamente cauteloso, mas não vou correr riscos.

Burnett virou a cabeça para o lado, como se estivesse ouvindo algo do lado de fora da cabana, e franziu a testa.

— Outro lobisomem arranjando encrenca. Vou ficar muito feliz amanhã, quando a Lua cheia já tiver passado. Com licença.

Ele disparou para fora da sala.

Kylie foi atrás dele, com receio de que Lucas estivesse envolvido na briga. Embora normalmente ela não se preocupasse com a possibilidade de Lucas se meter em encrencas, nestes últimos dias ele estava muito mais tenso. Na noite anterior, quando foi à cabana dela para dizer boa-noite, mal a beijara.

Quando ela perguntou se havia algo errado, ele a lembrou de que, quanto mais perto estava a Lua cheia, mais ele era dominado pelos instintos em vez da lógica. Então Lucas tinha estendido a mão e passado um dedo suavemente pelos lábios dela.

— Você é a tentação na forma mais pura, Kylie Galen.

Havia uma parte de Kylie que queria ceder a essa tentação, mas outra parte que ainda resistia. E embora ela desejasse que não fosse verdade, sabia que parte da razão dessa resistência tinha a ver com a avó de Lucas.

No momento em que Kylie chegou aos degraus da varanda, Della apareceu.

— Ellie e Fredericka estão brigando.

— Por quê? — Kylie perguntou.

— Pelo que sei, Ellie ouviu Fredericka falando mal de você e quis dar uma lição nela. Você sabe, eu odeio admitir, mas Ellie está subindo no meu conceito.

— Ah, droga! Onde elas estão?

— Perto da cabana de Ellie.

Kylie disparou pela trilha. No momento em que chegou à cabana da amiga, Burnett segurava Fredericka e Lucas tentava conter Ellie. A vampira sangrava, e pelo brilho nos olhos dela, não desistira de lutar.

— Me larga! — ela rosnou para Lucas. — Eu vou ensinar uma lição a essa cadela!

— Calma aí! — disse Lucas. Seus próprios olhos estavam da cor laranja brilhante. — Ela vai rasgar a sua garganta. Você não pode vencer uma briga com um lobisomem um dia antes da Lua cheia.

— Ah, é? Então fica olhando! — Ellie tentou novamente se soltar, mostrando as presas.

— Pare! Ou eu vou ter que te dar uma lição eu mesmo — resmungou Lucas, o corpo cada vez mais tenso e os olhos brilhantes. Obviamente, com o seu próprio corpo sentindo os efeitos da Lua cheia, ele não devia estar tentando apartar uma briga.

— Por quê? — Ellie contestou. — Por que você protege essa loba? Você devia estar me ajudando a chutar a bunda dela. E eu pensei que Kylie era sua namorada. A quem você é leal? A essa garota ou a Kylie?

Lucas ficou paralisado. A pergunta parecia tê-lo pego desprevenido.

— Eu estou tentando salvar a sua vida, mas não sei se vale muito a pena.

— Porque não sou um lobisomem? — Ellie cuspiu de volta.

— Chega! — Burnett rugiu.

Lucas soltou Ellie. A vampira, contrariada, recuou, mas os seus olhos continuaram brilhantes. Então seu olhar zangado encontrou o de Kylie.

— Você definitivamente escolheu o cara errado. Derek jamais defenderia alguém que falou mal de você daquele jeito. Nunca!

O olhar de Kylie encontrou o de Lucas por um momento, e então ela se virou e foi embora.

Aquela noite, Kylie acordou com o cheiro de rosas. Antes de abrir os olhos, reparou na temperatura para se certificar de que não era Jane.

Ou pior, outra visão. Mas não. Nada de frio. Apenas o doce aroma floral.

— Oi, linda! — disse uma voz familiar masculina. Ela abriu os olhos.

Lucas estava ajoelhado ao lado da cama, segurando um buquê de rosas na mão. Ela se sentou e viu mais rosas por todo o quarto.

— O que você fez? Assaltou uma floricultura?

Ele lhe lançou um sorriso de *bad boy*, e Kylie sentiu o coração derreter apenas um pouco.

— Não, mas garanto que minha avó vai ficar bem chateada quando ver seu jardim amanhã.

Ela sorriu e, em seguida, lembrou-se de que estava ressentida com ele. E, sim, talvez isso não fosse justo, visto que tudo o que ele tinha feito era a coisa certa, apartando a briga, mas as palavras de Ellie tinham calado fundo. E Kylie estava magoada.

Não ajudava muito saber que, depois que se transformasse em lobo, ele iria fugir para a floresta com Fredericka em seu encalço. Por isso, quando ele tinha aparecido mais cedo naquele dia para vê-la, ela tinha dito que estava com dor de cabeça e ido para a cama.

Mas agora ele estava de volta. E desta vez, não tinha pedido permissão para entrar em seu quarto.

— Chega pra lá! — disse ele.

Kylie arqueou uma sobrancelha, lembrando-se da cautela dele à medida que a transformação se aproximava.

— É uma boa ideia?

— Eu vou me comportar. Pode ter certeza. Só quero abraçar você e me desculpar.

— Pelo quê?

Ele pegou uma rosa e passou-a pelo nariz e pelos lábios dela. Sua textura era macia contra a sua pele... um pouco como veludo.

— Lamento que Fredericka esteja sendo tão idiota. Desculpe pelo jeito como tudo

pareceu. Eu não estava defendendo Fredericka. Estava tentando evitar que Ellie se machucasse.

Ele estava fazendo aquilo novamente. Fazendo a coisa certa. E ela sabia que ele falava a verdade.

— No entanto... — Ele colocou a rosa ao lado do travesseiro dela. — Comecei a pensar sobre como eu me sentiria se fosse você defendendo Derek. Eu realmente não ia gostar. — Ele a envolveu em seus braços, empurrou-a para o canto da cama e em seguida se deitou ao seu lado.

Ela sentiu o calor do corpo dele ao seu lado e os lábios dele roçando na sua bochecha.

— Você é o que há de mais importante pra mim, Kylie. Não existe nada em você que não me fascine. O jeito como os seus olhos se iluminam quando você sorri. O som da sua risada. — Ele pegou a rosa e correu pela sua boca novamente. — O formato dos seus lábios. O jeito como se encaixam aos meus.

Ele moveu a rosa mais para cima.

— O seu nariz. Arrebitado na ponta.

— Não é tão arrebitado assim. — Ela sempre detestara seu nariz.

— Talvez só um pouquinho. — Ele sorriu. — Mas é uma graça. E adoro o jeito como você espirra.

— Agora você está indo longe demais. — Ela riu.

— Sério, adoro o barulho que você faz quando espirra. Parece mais com um filhotinho do que com um ser humano. Um filhotinho de cachorro muito bonito e sexy.

Seu sorriso sumiu e seus olhos azuis fitaram os dela.

— Pela primeira vez em toda a minha vida, não estou ansioso pra me transformar. Porque.... aí não vou poder beijar você assim. — Seus lábios comprimiram os dela, mas ele terminou o beijo rápido demais. — Eu vou estar lá fora. E você vai estar aqui. E, em vez de sentir a emoção de estar livre deste corpo, vou estar sentindo a sua falta.

Ele a beijou de leve nos lábios novamente.

— Então, por favor, por favor, não fique com raiva de mim. Eu não queria fazer você se sentir mal, ou pensar que existe alguém mais importante pra mim do que você. Porque não existe. Eu mataria por você, Kylie Galen. Mas, mais do que isso, eu morreria por você.

Ela sentiu uma lágrima rolar pelo seu rosto.

— É melhor você não morrer por mim, Lucas Parker.

Ele pôs o dedo sobre a lágrima e secou-a.

— Estou perdoado?

— Sim. Está perdoado. — Ela estendeu a mão e a colocou atrás do pescoço dele, então puxou-o para um beijo. Sua boca devorou a dela, sua língua varreu seus lábios.

Depois de longos e deliciosos instantes, ele a beijou no pescoço. Fez cócegas, depois fez sua pele formigar e, em pouco tempo, ela ouviu o zumbido suave que emanava dele. Ela gostava de ouvir aquele som. Gostava de saber que ela o provocava. Gostava de sentir suas inibições se desvanecendo quando o ouvia.

A mão dele deslizou por baixo da blusa dela, tocando a pele nua. Tocaram as laterais dos seios e depois começaram a subir. Elas estavam quentes como o sol contra sua pele. Kylie fechou os olhos, adorando a sensação. Ela queria aquilo.

Ele interrompeu o beijo e afastou as mãos.

— Ok, é hora de ir.

Ele saltou da cama e franziu a testa.

— Sinto muito.

Ela mordeu o lábio para não dizer que estava tudo bem. Para não pedir que ele voltasse para a cama. Em vez disso, sussurrou:

— *Eu* não sinto.

Ele olhou para ela.

— Você é tão linda... E se eu não for agora... — Ele se virou para ir embora.

— Lucas?

Ele se virou.

— Sim?

— Obrigada pelas rosas.

— De nada. — Ele olhou para a porta. — Preciso ir antes que meu tempo acabe.

— Seu tempo? — ela perguntou.

Ele encolheu os ombros.

— Eu disse para Della chutar a minha bunda se eu ficasse mais de vinte minutos. — Ele olhou para o relógio. — E conhecendo essa vampira...

— O tempo acabou! — Della bateu na porta com tanta força que Kylie ficou surpresa de não vê-la se despedaçar.

Lucas sorriu.

— Eu sabia que podia contar com ela.

Kylie riu.

Depois que Lucas se foi, ela se recostou na cama, olhou para o teto e apenas inspirou o perfume de rosas, tentando se lembrar de cada palavra que ele dissera. Ela queria se lembrar dessa noite para sempre.

Vários dias depois, com o estômago roncando e Jonathon, a sombra do dia, em seus calcanhares, Kylie foi para o refeitório tomar seu café da manhã.

A vida tinha ficado mais tranquila. Pelo menos um pouco. Com o fim da Lua cheia, Lucas estava de volta ao seu estado normal e mais paciente. E estava incrivelmente

atencioso, também. Mas, para ser franca, Kylie sentia falta de ouvir o zumbido no peito dele.

Não que ela não gostasse do seu lado doce. Ele tinha até trazido mais rosas na noite anterior. Se a senhora Parker ainda não tivesse motivo suficiente para não gostar dela, Kylie achava que ver seu roseiral dizimado logo garantiria que ela passasse a não gostar.

Até o fantasma de Kylie estava mais calmo. Jane Doe ainda fazia visitas regulares, mas voltou a ficar em silêncio. O que não a desagradava nem um pouco.

Kylie abaixou para se desviar de um galho baixo no meio da trilha e acelerou o passo.

*— Não! Eu não posso acreditar que você sugeriu isso!*

A voz de Holiday soou nos ouvidos de Kylie vinda de uma distância de quase um quilômetro do escritório. Kylie parou e olhou em volta para se certificar de que a líder do acampamento não estava por perto.

Não estava.

Devia ser a sua audição supersensível de novo. Ela tinha aparecido de modo intermitente desde a conversa entre sua mãe e Holiday no Dia dos Pais. Curiosa, Kylie fitou Jonathon para ver se ele tinha ouvido também.

— O que foi? — perguntou ele.

— Eu achei que tinha ouvido alguma coisa. Você ouviu?

— Ouvi o quê? — Ele começou a olhar ao redor. — A maldita da gralha azul não está de volta, né? Estou te dizendo, esse pássaro não é normal.

O pássaro tinha voltado mais três vezes. E Jonathon estivera presente em dois desses encontros.

— Não, não é isso. Eu acho que ouvi Holiday.

Jonathon inclinou a cabeça para o lado como se para testar sua própria audição supersensível.

— Não ouvi nada.

Então, será que sua audição era mais sensível do que a de um vampiro? O que isso queria dizer? Especialmente quando ela ainda tinha o padrão cerebral de um ser humano.

*— Eu não tenho escolha* — disse Burnett.

Que ótimo. Eles estavam brigando novamente. Sobre o que desta vez? Kylie se perguntou, enquanto seguia para o refeitório. Se fosse para dar sua opinião, ela diria que Holiday estava apenas dando outra desculpa para tentar colocar alguma distância entre ela e Burnett. Desde que Kylie tinha entrado na cabana e encontrado os dois se beijando, não os tinha visto a menos de um metro um do outro.

*— Você tem escolha, sim* — contestou Holiday. *— Você vai voltar e dizer que eu disse*

*não.*

*— São só alguns testes. Não iam demorar muito e poderiam esclarecer tudo.*

*— Eu disse, não!*

— Agora eu estou ouvindo Holiday — disse Jonathan. — Ela não parece muito feliz.

*— Você não acha que é Kylie quem devia decidir?*

— O que eu devo decidir? — Kylie murmurou, e mudou de direção, começando a caminhar na direção do escritório.

*— Não!* — Holiday insistiu.

*— Ela quer respostas. E os testes poderiam dar isso a ela.*

Kylie acelerou o passo. *Que respostas?* Não importava, ela percebeu.

Ela queria qualquer resposta que pudesse obter.

*— Eu não vou permitir!*

— Não vai permitir o quê? — perguntou Kylie, entrando impetuosamente no escritório e deixando Jonathon para trás.

Holiday e Burnett se viraram. Ela apontou para a porta.

— Saia! — disse a Burnett.

— Não! — Kylie entrou na frente dele. — Ele fica. Isso é sobre mim e eu preciso saber.

Holiday olhou para Burnett com raiva, então fitou Kylie.

— Você não iria entender.

— Por que não experimenta me contar? — Ela se voltou para Burnett. — Comece a falar.

O vampiro olhou para Holiday.

— A UPF quer fazer alguns testes em você — esclareceu Holiday. — Para ver se descobrem o que você é.

A esperança cresceu no peito de Kylie.

— Pensei que não existisse nenhum teste que esclarecesse isso. — Ela se lembrou de já ter perguntado sobre isso a Holiday.

— E não existe mesmo! — ela insistiu. — Eles só querem brincar com o seu cérebro...

— Eu vou fazer — disse Kylie.

— Não! — Holiday olhou para ela horrorizada. — Eu me recuso a deixar que usem você como um rato de laboratório. Não há garantias de que esses testes sejam seguros, e eles podem nem funcionar.

Kylie olhou para Burnett.

— Eles são seguros?

Burnett encarou Holiday, com os olhos cor de âmbar indicando que estava contrariado.

— Eu não iria deixá-los fazer nada que não fosse seguro — ele rosnou. — Você não

confia nem um pouco em mim?

— Eu não confio nem um pouco na UPF. Histórias se repetem.

— Que tipo de testes seria? — Kylie perguntou.

— Apenas algumas tomografias — disse Burnett.

— Não! — Holiday voltou-se para Kylie. — Eles vão usar você como cobaia!

— Não vão machucá-la — insistiu Burnett.

— Eu sei. Porque ela não vai fazer os testes! — Holiday exclamou.

O ar gelado invadiu o quarto tão rápido que a respiração de Kylie fez pequenos flocos de gelo se acumularem nos seus lábios. Jane materializou-se e, ao mesmo tempo, três lâmpadas no teto estouraram. Fragmentos de vidro se espalharam pelo cômodo.

— Que diabos é isso? — Burnett olhou para cima e deu um passo na direção de Kylie.

Os móbiles de cristal de Holiday, pendurados por todo o escritório, começaram a balançar, provocando espirais das cores do arco-íris em torno deles.

O laptop sobre a mesa de Holiday começou a apitar, fazendo ruídos de mau funcionamento.

— *Você fique longe dela!* — Jane cruzou o cômodo e ficou entre Kylie e Burnett. — *Corra, Kylie!* — Jane gritou no mesmo tom que usou para avisar Kylie do sumidouro.

— Qual o problema? — Kylie perguntou.

— Ele *está errado!* — Jane gritou.

Holiday olhou ao redor da sala.

— O que está acontecendo, Kylie?

— Acho que ela pensa que Burnett está tentando me ferir.

— Diga a ela para sair — Holiday insistiu.

— Jane, você vai ter que ir.

Mas Jane não estava escutando.

Burnett deu mais um passo para perto de Kylie. Jane gritou e em seguida estendeu o braço, fincando a mão dentro do peito de Burnett. Kylie não só podia ver a mão de Jane, como também o interior do peito do vampiro. E ela viu com horror quando a mão de Jane se fechou em torno do coração de Burnett.

— Não! — Kylie gritou.

Burnett olhou para Holiday e colocou a mão no peito.

— Pare! — ela exigiu.

Burnett caiu no chão com um baque surdo.

# Capítulo Trinta e Quatro

Trinta minutos depois, Jonathon estava sentado sob uma árvore a poucos metros de distância, enquanto Kylie estava na varanda de Holiday, espantando insetos e ouvindo a líder do acampamento, o médico e Burnett conversando dentro do escritório.

— *Ele pediu para você tirar a camisa* — Holiday disse.

— *Eu não preciso tirar a camisa* — Burnett contestou. — *Estou bem.*

Sua voz era alta e clara, e ele de fato parecia bem. Não que isso fizesse Kylie se sentir melhor.

— *Pode ser que sim. Pode ser que não* — ponderou Holiday. — *Nós vamos saber assim que você se despir e deixar que o médico o examine.*

Em poucos minutos, Holiday saiu e se sentou na varanda ao lado de Kylie. Tinha lágrimas nos olhos.

— Eu não sei por que estou tão preocupada. Ele é muito teimoso e cabeçudo pra morrer.

Kylie entrelaçou as mãos.

— Eu sinto muito.

Holiday balançou a cabeça.

— Não foi culpa sua.

— Você disse pra eu me livrar dela logo que te contei que ela estava aqui. Eu me recusei, e ela poderia ter matado Burnett.

— Ela não queria matá-lo. Só queria afastá-lo de você.

— Talvez eu estivesse errada o tempo todo. Talvez ela seja má.

Holiday colocou o braço em volta do ombro de Kylie.

— Ela não é má. Eu senti a presença e as emoções dela. Ela estava preocupada com você. Fez isso para protegê-la, Kylie.

— Sim, mas me proteger do quê? Será que ela realmente achou que Burnett ia me machucar?

Holiday suspirou.

— Ela provavelmente captou o que eu estava sentindo. Eu exagerei. — Ela apertou o braço de Kylie. — Quero dizer, eu me recuso a deixar você ser testada pela UPF. Mas eu não deveria ter surtado daquele jeito.

— Você não confia em Burnett? — Kylie perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não confio na UPF.

— Por quê? E se não confia neles, então por que eles estão envolvidos com o acampamento? Além disso, se podem realmente fazer alguns testes simples e me dizer o que sou, eu quero fazê-los.

Holiday fechou os olhos por um segundo.

— Não me leve a mal, Kylie. Eu não sou contra a UPF. Deus sabe que precisamos deles para manter as coisas nos trilhos. Mas eles não têm o direito de ficar testando as pessoas.

— Mas e se eles realmente puderem...

— Eu não posso deixar você fazer isso. Se eles quiserem me dizer o nome do teste que pretendem fazer, vou perguntar ao nosso médico se ele pode prescrevê-lo. Mas você o fará sob a supervisão dele e apenas dele.

Kylie sentiu pela voz da líder do acampamento que havia muito mais por trás daquilo. Coisas que ela não tinha dito.

— Ok, o que você não está me dizendo?

Levou um minuto até que Holiday finalmente suspirasse e começasse a falar.

— Foi mais de quarenta anos atrás. Tratava-se apenas de um ramo pequeno da UPF que foi fechado, e muitas acusações foram feitas contra muita gente. Eles estavam fazendo testes científicos em seres sobrenaturais. Algo sobre pesquisas genéticas. Os sujeitos eram obrigados a fazer os testes e algumas pessoas nunca se recuperaram completamente. Não é que eu ache que eles estejam fazendo isso novamente, mas eu me recuso a te deixar ir até lá para que possam picar e examinar você para encontrar respostas.

Kylie olhou para Holiday. Fragmentos da visão de Jane começaram a se repetir em sua mente como um filme antigo. E de repente tudo começou a fazer sentido.

— A UPF matou Jane Doe. Eles a mataram e depois a enterraram com Berta Littlemon no Cemitério de Fallen.

Os olhos de Holiday se arregalaram.

— Você não pode ter certeza.

— Eu posso! — disse Kylie. — Na visão, Jane foi chamada de sujeito. O marido também. E o médico era vampiro. Eles mencionaram que ela não tinha um padrão cerebral.

Kylie puxou os joelhos de encontro ao peito e abraçou-os, tentando desvendar o quebra-cabeça. Não entendia como o bebê de Jane se encaixava na história, mas alguns detalhes estavam claros para ela.

— Não é à toa que ela atacou Burnett — Kylie disse. — Ela pensou que ele estava tentando fazer comigo o que a UPF fez com ela.

Kylie ficou desapontada por Jane Doe não ter aparecido na manhã seguinte. Kylie tinha esperança, agora que sabia sobre a UPF, de que poderia ajudar Jane a se lembrar de outras coisas, como seu nome. Então, juntas elas poderiam descobrir o que Jane precisava fazer para realizar sua passagem.

Mas os mortos, assim como os vivos, raramente faziam o que Kylie queria.

Uma batida soou na porta.

— Entre.

A porta se abriu e Miranda e Della se espremeram através da abertura e fecharam a porta rapidamente atrás delas.

— O que foi? — Kylie perguntou.

— Três carinhas estão na cabana instalando o aquecedor — disse Della.

— E eles são uns gatos — disse Miranda. Os operários que trabalhavam na reforma de Shadow Falls haviam se tornado um tema popular entre todas as garotas do acampamento. Especialmente quando tiravam a camisa à tarde.

— Gatos como Perry? — Kylie brincou. Ultimamente, Miranda passava quase todos os momentos livres com o metamorfo.

— Não tão gatos — admitiu Miranda, e depois sorriu. — Mas quase.

— Bem, obrigado pelo aviso. Já vou dar uma olhadinha.

— Só não vá sair enrolada numa toalha — disse Della, também sorrindo. — A menos que esteja a fim de que role alguma coisa.

Alguns minutos mais tarde, Kylie saiu completamente vestida, cabelos penteados, e a única coisa que tinha acrescentado para incrementar o visual fora um toque de gloss nos lábios.

Miranda estava sentada à mesa, tomando um copo de suco de laranja. Della tinha um copo de sangue, e dois dos rapazes estavam ajoelhados no chão, com serras de um lado e algum tipo de cano de ventilação do outro.

Kylie detestava admitir, mas Miranda estava certa. Eles eram uns gatos. Ambos estavam com seus vinte e poucos anos, tinham cabelos castanhos e usavam camisetas justas que destacavam o bronzeado e os músculos sólidos.

Eles olharam para cima e encontraram os olhos de Kylie. Kylie ficou tensa quando franziram a testa para ela, mas ela fez a mesma coisa. Os dois eram lobisomens. Ela viu seus olhares chocados quando viram seu padrão cerebral.

— Eu sou uma aberração — explicou ela.

Della e Miranda riram. Os dois rapazes sorriram e voltaram ao trabalho. Sem dúvida, tinham ordens de Burnett para não fazerem gracinhas com as campistas.

Kylie foi até a geladeira para pegar um copo de suco. Ouviu a porta do quarto de Miranda se abrir e o terceiro operário se juntou aos outros. Kylie se virou e olhou para ele disfarçadamente. Era igualmente atraente. Cabelo preto. Ombros largos. Cintura delgada.

Seu olhar encontrou o de Kylie, que, chocada, deixou o suco escorregar por entre os dedos e o copo espatifar-se aos seus pés.

Seu cabelo tinha mudado. Seu nome, Ruivo, provavelmente um apelido, não fazia

mais sentido, mas seus olhos eram os mesmos. A imagem dele aparecendo em seus sonhos, e olhando para ela no espelho com sangue escorrendo do queixo surgiram na cabeça de Kylie. Então a imagem mudou e ela o viu estampado em seu para-brisa, batendo a mão através da janela do seu carro. Como se isso não bastasse, viu a imagem dele olhando para Kylie enquanto ela estava presa à cadeira, quando ele e o avô a raptaram.

— Della? — Kylie disse numa voz calma, esperando poder avisá-la antes que fosse tarde demais.

Mas Della não respondeu. Kylie se voltou. A vampira ainda estava sentada à mesa, com o copo nos lábios. Algumas gotas de sangue pairavam no ar entre os lábios e a borda do copo. Della não respirava. Não se movia. Parecia congelada.

Era tarde demais.

O olhar de Kylie desviou-se para Miranda, que também estava congelada, um dedo atrás da orelha, como se estivesse arrumando um fio de cabelo.

O mesmo podia-se dizer dos dois rapazes ajoelhados no chão.

— É só você e eu, Kylie — disse o vampiro.

Ela voltou a olhar para Miranda e Della.

— Não sei o que fez com as minhas amigas, mas é melhor desfazer agora! — ela rosnou, o sangue pulsando nos ouvidos, com fúria.

— Não se preocupe. Elas estão bem. Assim que eu libertá-las, vão voltar ao normal e não vão se lembrar de nada. — Ele olhou de volta para a mesa e depois para ela.

— Então faça isso! — Kylie disse.

Ele suspirou.

— Eu nunca vi ninguém se preocupar tanto com os outros.

Embora não soubesse bem por quê, Kylie verificou seu padrão cerebral. Ele era um lobisomem! Mas como era possível? Antes ele era um vampiro. Ela tentou não demonstrar sua surpresa, mas ele percebeu.

— O que você é? — Kylie perguntou.

— Sou a mesma coisa que você. Nasci poucos minutos depois da meia-noite. — Ele deu um passo para a frente. — É por isso que devemos ficar juntos. Nós somos almas gêmeas, Kylie. É isso o que somos.

Ela apertou as sobrancelhas novamente e desta vez viu que ele era humano. Seu coração pulou no peito.

— Eu não sou sua alma gêmea. Prefiro morrer!

— É por isso que estou aqui. — Ele deu mais um passo na direção dela.

Kylie recuou.

— Está aqui para me matar?

— Não. — Ele parou de se mover. Alguma coisa na sua resposta e no seu tom de voz

pareceu verdadeiro. — Estou aqui para protegê-la. Embora você não facilite as coisas.

O som de um trovão retumbou lá fora. Ele olhou pela janela e, quando o seu olhar se voltou para o dela, Kylie percebeu outra coisa.

— Você era a águia! — ela percebeu. — E o cervo! Você é um metamorfo?

E se eles fossem iguais, como Ruivo disse, isso fazia dela um metamorfo, também?

— Não. Quero dizer, sim. Eu era o cervo e a águia, mas eu não sou um metamorfo.

Então outro pensamento ocorreu a Kylie.

— Você me protegeu, mas matou aquelas garotas inocentes em Fallen. Por quê?

Ele olhou para o chão.

— Será que você ficaria muito aborrecida se eu dissesse que foi para impressioná-la?

— Me impressionar? Você é doente.

— Mas elas foram antipáticas com você e suas amigas.

— Elas não mereciam morrer.

— Eu sei que você se sente assim agora. Eu não te conhecia bem na época. Agora, eu sei. Eu não teria feito isso se...

— Você ainda não me conhece.

Ela encolheu os ombros.

— Às vezes eu não entendo você. Mas a tenho observado. Você é um estudo interessante. Sempre me pergunto como teria sido... se eu tivesse nascido à meia-noite. Engraçado como poucos minutos num relógio podem fazer tanta diferença. Eu às vezes me pergunto se talvez... — O barulho de um trovão abalou a cabana novamente.

Kylie poderia jurar que viu arrependimento em seus olhos. Mas talvez não. A iluminação da cabana tinha sido expulsa por sombras escuras. Kylie percebeu que as sombras estavam ali por ela.

Um relâmpago brilhou na janela.

— Eu não tenho muito tempo — ele disse. — Mas quero te dizer que...

— Eu não vou com você! — Ela podia não vencer a batalha, mas morreria lutando.

— Não, não desta vez. Eu vou voltar para te buscar mais tarde. Como eu disse, estou aqui para te proteger.

— De quê?

Ele olhou para os dois operários congelados, sem respirar, assim como Della e Miranda.

— Eles querem vê-la morta.

Ele estaria se referindo aos dois rapazes?

— Quem quer me ver morta?

— Os outros. Meu avô e seus amigos. Outros como nós.

— Como assim? Como nós? E por que eles me querem morta?

— São impacientes e estão com medo do que você possa ser capaz de realizar se não

se juntar a nós. Mas eu vou impedi-los até você decidir. Mas você tem que mudar de opinião em breve.

Ele apontou para o operário mais alto ajoelhado no chão, ainda congelado, como se estivesse trabalhando na instalação do aquecedor.

— Esse cara foi enviado aqui para te matar. Um amigo meu que é feiticeiro viu o futuro e descobriu que seus outros amigos teriam chegado aqui a tempo de salvá-la. Mas — ele apontou para a mesa — a bruxinha não teria sobrevivido. E por alguma razão irracional, me senti compelido a impedir que isso acontecesse. Eu sabia o quanto ia te machucar se ela morresse. — Suas sobrancelhas se franziram como se ele estivesse confuso.

— Foi uma sensação estranha querer salvá-la, me importar com o risco de a sua amiga morrer, porque não costumo me preocupar com ninguém. Mas... por sua causa, eu fiz isso. Eu me preocupei.

As palavras *Alguém vive e alguém morre* surgiram na mente de Kylie novamente.

— Não! — Isso não podia estar acontecendo. Simplesmente não podia.

Então o som de passos nos degraus da varanda fez o chão vibrar sob os seus pés.

— Até mais tarde. — Ele desapareceu.

A porta se abriu num estrondo e bateu na parede ruidosamente. Burnett, Lucas, Perry e Derek entraram correndo.

— Que foi? — Della pulou da cadeira. Miranda deixou cair o suco, que derramou no chão. Kylie suspirou de alívio quando viu que elas estavam bem. E no entanto... em algum lugar lá no fundo, ela tinha acreditado em Ruivo quando ele garantiu que estavam.

Mas será que isso queria dizer que ela também acreditava em todo o resto?

Será que ela era como ele? Kylie olhou para Miranda e pensou que a amiga podia ter morrido se Ruivo não tivesse interferido.

— Vocês dois! — Burnett disse, apontando para os dois homens ajoelhados no chão. — Venham comigo.

Eles se levantaram devagar. Então o mais alto, aquele para quem Ruivo tinha apontado, saltou pela janela fechada. A vidraça se estilhaçou, lascas de madeira voaram para todos os lados e então ele se foi. Burnett e Lucas foram atrás dele.

# Capítulo Trinta e Cinco

— Não faz sentido — Burnett rosnou uma hora mais tarde, enquanto andava de um lado para o outro no escritório de Holiday. Kylie concordou. Nada mais fazia sentido.

Eles tinham capturado o sujeito contratado para matá-la. Mas as informações que dera não ajudaram em nada a descobrir a identidade de quem o contratara.

Eles não estavam mais perto de descobrir o verdadeiro culpado agora do que estavam antes.

Kylie, no entanto, sentia-se mais perto do que nunca de encontrar respostas. Não, ela não sabia o que era, mas pelo menos sabia que havia outros como ela. A pergunta era: eles eram todos do mal? Ela seria a única que tinha nascido à meia-noite?

— Se ele queria levá-la, porque não fez isso? — Burnett parou na frente de Holiday e Kylie, sentadas no sofá.

— Ele não disse... exatamente — explicou Kylie. — Disse que acabaria por convencê-los de que eu não sou um perigo para eles. Como se achasse que poderia me fazer mudar de ideia e ir com ele.

— Isso é estupidez! — disse Burnett.

Kylie decidiu fazer a pergunta que a incomodava há um tempo.

— Como ele congelou Miranda e Della e os outros dois?

Holiday respondeu:

— Existem alguns magos, bruxas e feiticeiros muito fortes que podem parar o tempo.

— Você acha que é isso o que ele é? O que eu sou?

Holiday encolheu os ombros.

— Eu nunca ouvi falar de uma bruxa ou um bruxo capaz de mudar os padrões cerebrais.

— Porque é impossível — Burnett afirmou.

— Na verdade, não. — Kylie apontou para si mesma.

Burnett fechou os olhos e respirou fundo.

— Essa coisa toda é inacreditável!

Holiday levantou-se.

— É por isso que você não pode comunicar esse fato à UPF.

Burnett olhou-a como se ela tivesse perdido o juízo.

— Eles têm que saber.

— Por quê? Eles sabem que alguém está tentando matá-la. Nós contamos a eles sobre o que aconteceu, e não falamos nada sobre os padrões cerebrais.

— Por que esconder isso deles?

Holiday cruzou os braços.

— Porque isso vai lhes dar mais uma razão para levarem Kylie e a usarem como cobaia.

Kylie olhou para Holiday e depois para Burnett.

— Eles disseram se permitiriam que o doutor Pearson fizesse os testes?

A expressão de Burnett ficou mais séria.

— Disseram que os hospitais comuns não têm o equipamento necessário.

— Foi exatamente o que eu pensei — Holiday criticou. — Não sabemos se esses testes são seguros.

— Eles dizem que são. — Mas o tom de Burnett já não era tão convicto, e Kylie se perguntou se ele continuava acreditando nisso.

— Eles mataram o espírito que eu estou ajudando — disse Kylie.

— Você não tem certeza.

— Sim, eu tenho. E se você precisa de provas, cave a sepultura. O corpo dela está lá dentro.

Burnett soltou um palavrão.

— A UPF não é o inimigo, Kylie. Eu admito que tenham cometido erros no passado, mas não cometem mais.

— Certo — Holiday disse com sarcasmo, demonstrando sua descrença. — Mas eles não hesitariam em sacrificar alguém se achassem que seria em benefício de todos. — Ela apontou para Kylie. — Um dos meus adolescentes não vai ser sacrificado. E se você não pode aceitar isso, então saia daqui agora. Porque nós não podemos trabalhar juntos.

O olhar de Burnett desviou-se para Kylie, em seguida, voltou para Holiday.

— Você percebe o que está me pedindo para fazer? Para trair meu juramento e esconder informações da UPF?

— A escolha é sua — Holiday disse.

Burnett fechou os olhos, balançou a cabeça e saiu do escritório. Kylie não sabia se essa era a sua resposta, mas pela expressão de dor no rosto de Holiday, ela certamente acreditava que sim.

Quando Kylie deixou o escritório de Holiday depois da reunião, Lucas estava esperando do lado de fora. Ele tinha atribuído a si mesmo a tarefa de ser sua sombra. Ele a levou até o riacho, onde eles se deitaram na grama quente e tentaram ver formas nas nuvens. Depois de encontrarem quase tudo, desde George Washington até dinossauros no céu, Kylie contou-lhe sobre o desentendimento entre Burnett e Holiday.

— Burnett quer contar à UPF, e Holiday acha que isso vai lhes dar mais um motivo para me levarem para fazer os testes.

Apoiando-se no cotovelo, ele olhou para ela.

— O que você acha de ser testada?

— Eu não sei. Parte de mim faria esses testes se eles realmente achassem que fossem me trazer respostas, mas Holiday está inflexível e insiste que pode ser perigoso. E eu sempre confiei nela. — E também há o que aconteceu com o fantasma.

— Mais do que confia em Burnett? — Lucas perguntou.

— Talvez um pouco mais. — Kylie olhou em seus olhos azuis. — Você acha que estou errada?

— Não. Eu provavelmente confio mais em Holiday também. — Ele passou o dedo sobre os lábios dela.

— Eu simplesmente não consigo suportar ver os dois brigando — disse ela, adorando a sensação do toque de Lucas, embora seu coração não conseguisse se desligar dos problemas.

— Isso diz respeito a eles — disse Lucas.

— Mas é por minha causa que estão brigando. E eu sei que eles se gostam. Eu não quero que desistam por minha causa.

— Você não sabe se eles estão desistindo. Ouvi dizer que Burnett voltou para o escritório da UPF para interrogar novamente o cara capturado. Mas ele vai voltar.

— Espero que sim. — Mas seu coração não tinha muita certeza.

Ele se inclinou e gentilmente apertou os lábios contra os dela. Foi um beijo suave e quente. Quando se afastou, os olhos de Lucas tinham um toque de âmbar e ela sabia que o que quer que tivesse passado pela cabeça dele havia despertado a sua raiva.

— Você sabe, eu não vou deixar aquele cretino ter você. Você é minha.

— Eu sei — Kylie disse a ele. O que ela não disse é que estava preocupada com a possibilidade de ninguém ser capaz de impedir Ruivo de cumprir sua promessa. Até agora, nada o detivera. Claro, se ele estava dizendo a verdade sobre eles serem do mesmo tipo de sobrenatural, e ela acreditava nele... não entendia por que, mas acreditava..., então Kylie era igualmente poderosa. Mas, se Holiday estivesse certa e ela fosse uma protetora, então ela seria capaz de usar seus poderes apenas para proteger os outros. Isso significava que estava completamente vulnerável aos caprichos dele.

Esse não era um sentimento bom. Mas ela se recusou a reconhecer a derrota. E tinha falado sério. Morreria antes de fazer parte de uma gangue de marginais.

Mas ela não estava morta agora. E a prova era o modo como Lucas a fazia se sentir viva.

— Me beije outra vez — ela pediu.

Ele sorriu.

— Isso é um pedido ou uma ordem?

— As duas coisas.

— Bem, nesse caso...

*

No dia seguinte, Burnett ainda não tinha retornado. Holiday estava mal-humorada, e Kylie, com uma dor de cabeça fenomenal. Lucas tinha falado com ela mais cedo e contado que sua avó estava doente e ele estava indo vê-la. Por volta das quatro da tarde, Kylie desistiu e pediu permissão para ir se deitar um pouco. Della, no posto de sombra, seguiu-a de volta à cabana.

Ela não sabia quanto tempo fazia que estava dormindo quando o frio a atingiu. Abriu os olhos, sentindo a névoa gelada em sua respiração. Jane estava ali.

— Graças a Deus, você está acordada — disse uma voz feminina. Mas não era a voz de Jane.

Kylie abriu os olhos. Através da cortina de cabelos, ela viu Ellie de pé ao lado de sua cama.

— Como você chegou aqui? — perguntou.

Ellie encolheu os ombros. Kylie olhou para a janela que tinha deixado aberta.

Puxou o cobertor até o peito e olhou em volta à procura de Jane. Ela não tinha se materializado ainda, mas estava ali. Calafrios arrepiavam os pelos dos braços de Kylie. O fantasma não tinha aparecido nos últimos dias, e Kylie esperava que ele estivesse finalmente pronto para falar.

— Sabe o que é, Ellie? Essa realmente não é uma boa hora. Eu tenho alguns assuntos para tratar.

— Mas eu preciso de você para ajudar Derek — disse Ellie. — Ele não está bem.

Kylie estudou-a mais de perto.

Ellie franziu a testa.

— Você tem que ajudá-lo. — Ela balançou a cabeça. — Ele pode estar ferido.

Kylie empurrou as cobertas para o lado.

— Ferido? Onde ele está?

— No parque, há cerca de três quilômetros rio abaixo, onde estão as pegadas de dinossauros.

— Por que ele está lá? — Kylie perguntou.

— Eu não sei, mas ele precisa de você.

— Por que ele precisa de mim? — Kylie calçou o tênis. — Aconteceu alguma coisa?

— Eu não sei — disse Ellie. — Estou confusa.

— Ele se feriu? — O coração de Kylie se contraiu de medo por Derek.

— Não. Acho que não.

Ellie não estava dizendo coisa com coisa. Kylie ficou preocupada porque poderia ser um truque para que ela e Derek ficassem juntos. Mas alguma coisa de pânico na voz de Ellie dizia outra coisa.

— Vamos. — Ellie aproximou-se da janela.

— Eu tenho que avisar Della. Ela é minha sombra, lembra?

— Rápido.

Kylie andou em direção à porta e olhou para trás novamente à procura de Jane. Ela não tinha se manifestado, mas seu frio mortal ainda deixava o quarto gelado. *Eu vou voltar logo,* disse ao espírito mentalmente. *Por favor, não vá embora. Precisamos conversar.*

Jane não respondeu. Nenhuma surpresa. Kylie saiu do quarto e Della levantou os olhos do computador.

— Você está meio distraída — disse Kylie.

— Por que diz isso?— Della perguntou.

— Ellie está aqui.

— Merda! Estou mesmo distraída. — Ela entrou no quarto de Kylie, como se pronta para mandar Ellie para o inferno. Não que Kylie estivesse muito preocupada. Della e Ellie tinham ficado amigas desde que Della a convidara para fazer parte do seu círculo de vampiros.

Della saiu novamente do quarto.

— Será que ela foi embora?

— De jeito nenhum!

Kylie voltou correndo para o quarto. Mas Della estava errada. Ellie estava no mesmo lugar em que a deixara.

— Você tem que se apressar.

— Talvez você tenha sonhado — disse Della, entrando no quarto.

O frio no cômodo arrepiou a pele de Kylie novamente. Ela olhou para Ellie. Seu coração se apertou e lágrimas formaram um bolo em sua garganta.

*Não!*

— O que aconteceu, Ellie? — Lágrimas escorriam pelo rosto de Kylie. — Derek está bem?

— Eu não me lembro. — Ellie parecia confusa.

— Kylie? Isso é um sonho? — Della perguntou.

Mais do que qualquer outra coisa, Kylie desejava que fosse. Ela olhou para Ellie outra vez.

— O que aconteceu? — perguntou de novo.

*— Você tem que se apressar. Estou preocupada com Derek.*

O medo de repente a dominou. Medo por Derek. Medo de que pudesse ser tarde demais para salvar Ellie e Derek. Não importava o quanto tivesse que dar da sua alma para salvá-los. Ela daria.

— O que está acontecendo? — Miranda entrou no quarto.

— Ela está pirando outra vez — explicou Della.

Kylie, com lágrimas nos olhos, olhou para Miranda.

— Eu preciso que você chame Holiday. Diga a ela que Della e eu vamos até o parque, perto das pegadas de dinossauros. Derek está lá e ele pode estar ferido. Vamos, Della — disse Kylie, e começou a correr.

Della pegou Kylie pelo braço.

— O que está acontecendo?

Kylie respirou ofegante.

— Ellie está morta em algum lugar do parque perto daqui. E Derek estava com ela. Temos que ir antes que seja tarde demais!

Miranda deixou escapar um soluço.

— O quê? Como aconteceu? — Os olhos de Della se arregalaram de emoção.

Kylie não tinha tempo para explicar. Ellie saiu porta afora e Kylie foi atrás dela. Os passos de Della batiam contra a terra atrás dela.

Kylie não desacelerou o passo. Nem Ellie nem Della. Quando chegaram às pegadas de dinossauros, atravessaram o riacho e pularam a cerca que marcava a divisa com o parque. Do outro lado o terreno se tornava íngreme, mas Kylie manteve o ritmo sem dificuldade. Seu sangue borbulhava com o estranho tipo de energia que sentia quando estava protegendo alguém que amava. Ela só rezava para não ser tarde demais.

— *É logo depois da curva* — disse Ellie. Ela não tinha falado nada durante o trajeto. Então parou de repente. O pânico se refletiu em seus olhos. — *Ah, meu Deus. Agora eu lembro!*

— O quê? — Kylie parou ao lado de Ellie.

— O quê? O quê? — Quando Della encontrou o olhar de Kylie, deve ter percebido que a pergunta não era para ela, e simplesmente balançou a cabeça.

— *Eu segui alguém até aqui* — disse Ellie. — *Eu o vi correndo do acampamento. Estava quase chegando aqui quando ouvi alguém atrás de mim. Era Derek. Foi quando a pessoa que eu seguia atacou.*

— Quem era? — Kylie logo pensou em Ruivo. — Era um cara jovem, de cabelo vermelho ou castanho?

— *Não, era um velho. Um vampiro.*

Mario. Eles nunca teriam chance!

O peito de Kylie se encheu de dor. E de culpa. Era tudo culpa dela.

— Onde está Derek? Onde está o seu corpo? — Ela tinha que salvá-los.

Ellie apontou para a encosta da montanha. A impressão era a de que uma explosão tinha acontecido ali. Havia pedras soltas por todo lugar.

— *Derek fez a curva e um raio caiu. Ele bateu contra as rochas. Sua cabeça estava*

*sangrando, mas ele estava respirando. Mas então, mais raios caíram. Eu o peguei do chão, coloquei-o numa pequena caverna e empilhei algumas pedras na frente dele. Estava fazendo isso quando... tudo ficou branco.*

Kylie correu para a beirada do despenhadeiro e começou a revirar as pedras.

Della se aproximou.

— O que nós vamos fazer? — Sua expressão mostrava preocupação.

— Ele está aqui atrás — disse Kylie.

Elas moveram as pedras para o lado. Pedras que bem poderiam pesar cem ou duzentos quilos. A força de Kylie nem mesmo a surpreendia, ela só pensava em Derek e Ellie.

— Ah, meu Deus! — Della deu um passo para trás.

Kylie viu o corpo mutilado de Ellie deitado entre as rochas. Kylie prendeu a respiração e as lágrimas começaram a cair mais rápido. Ela pegou Ellie no colo e depositou seu corpo sobre a trilha pedregosa.

— Ela está morta — disse Della.

— Continue tirando as pedras — Kylie ordenou a Della, e com todas as suas forças rezou para que Derek ainda estivesse vivo. Rezou também para que pudesse trazer Ellie de volta.

Kylie colocou as mãos sobre o corpo de Ellie e rezou para que aquilo funcionasse. Fechou os olhos, concentrada, e moveu as palmas das mãos sobre os ferimentos, assim como tinha feito com Lucas e Sara. Sangue, o sangue de Ellie, cobriu as mãos de Kylie. Ela chorou mais e tentou com mais afinco, mas, não importa o quanto se concentrasse, suas mãos não esquentavam.

De repente, o espírito de Ellie estava sentado ao lado do seu corpo.

*— É tarde demais. Olhe.* — Ellie apontou para o céu. O sol era uma grande bola laranja. *— Estou vendo minha mãe lá em cima. Ela está esperando por mim.*

— Não — disse Kylie. — Não vá. Estou tentando trazer você de volta.

*— Mas eu quero ir com ela. Sinto saudade.*

— Não! — Kylie gritou novamente.

O espírito de Ellie ficou de pé.

*— Derek está vivo!* — Ela apontou para Della enquanto tirava as pedras. *— Mas eu tenho que ir. Obrigada, Kylie Galen. Obrigada por ser minha amiga. Obrigada por me ensinar a pensar além de mim mesma. Obrigada por tudo.*

— Por favor, não! — Kylie implorou. Mas era tarde demais. O espírito de Ellie começou a flutuar em direção ao pôr do Sol e Kylie sabia que não havia mais esperança.

— Achei! — gritou Della. — Achei Derek!

Kylie correu até ele. Estava inconsciente, mas respirando. Ela viu os ferimentos em sua cabeça e apertou a mão contra eles. Mais sangue escorreu por entre seus dedos, mas

ela não se importou. Suas mãos ficaram cada vez mais quentes e ela sentiu o calor de suas palmas penetrar no couro cabeludo de Derek.

— Você conseguiu salvar Ellie? — Della perguntou.

— Não, me desculpe — Kylie disse, e olhou para Derek.

— Holiday e os outros estão chegando — disse Della, e quando Kylie olhou para cima, viu que Della chorava.

— Eu tentei salvá-la — disse Kylie. — Realmente tentei.

Derek de repente abriu os olhos.

— O que aconteceu?

Kylie ficou de pé. Derek olhou para ela e então a dor se estampou em seus olhos.

— Ellie?

Kylie colocou a mão sobre a boca e mais lágrimas inundaram seus olhos.

Derek se levantou e viu o corpo de Ellie. Ele se ajoelhou ao lado dela. Kylie viu lágrimas de raiva em seus olhos.

— Quem fez isso?

A culpa cresceu dentro de Kylie.

— Foi o velho vampiro, o que veio atrás de mim.

Holiday e cerca de uma dúzia de outros campistas apareceram na curva que levava à borda do despenhadeiro. Kylie procurou por Lucas, desejando que ele estivesse ali para abraçá-la, mas depois se lembrou de que ele tinha ido visitar a avó.

Ela se virou e fitou o despenhadeiro, as emoções à flor da pele. Então ouviu vários campistas ofegando e alguns chorando. Sem dúvida, tinham visto o corpo de Ellie.

Holiday se aproximou e pôs a mão no ombro de Kylie.

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ela contemplou as mãos cheias de sangue e olhou para a líder do acampamento.

— Para que serve esse dom, se não posso salvar quem eu quero?

Holiday não tentou responder, apenas acolheu Kylie em seus braços e abraçou-a.

— Precisamos ir antes que escureça — Holiday disse, finalmente.

Derek pegou no colo o corpo de Ellie, como se ela fosse uma boneca de pano. Em seguida, Kylie o viu estender a mão e pegar do chão o boné com a inscrição LITLLE VAMP. Ele enfiou o boné debaixo do braço e carregou o corpo de Ellie pelo caminho íngreme.

Caminharam por cerca de cinco minutos, calados. Então Derek deixou cair o boné de Ellie, e o vento o soprou até Kylie. Ela ouviu Derek pedir a alguém para buscá-lo. Por último na fila indiana que se formara e sentindo-se entorpecida, Kylie se virou para pegar o boné. Então viu que ele estava a apenas alguns metros de distância. Andou até ele e estava quase a ponto de alcançá-lo, quando uma grande rajada de vento o levantou no ar e o fez cair mais perto da borda do precipício.

Kylie deu mais alguns passos em direção ao boné. O vento tornou a levantá-lo no ar, fazendo-o cair bem na borda. Ele ficou ali, suspenso, prestes a cair no despenhadeiro.

Só então Kylie sentiu que a brisa parecia bem pouco natural.

Ela não estava sozinha.

O estalo de um galho seco se quebrando nunca pareceu mais assustador. Alguém estava parado atrás dela. E a menos de dois metros à frente estava... a morte. Kylie não tinha ideia da profundidade do despenhadeiro, mas suspeitava que a queda fosse fatal.

Com a respiração presa, pensando que a qualquer momento iria sentir alguém lhe dando um empurrão fatal, ela se virou. O velho vampiro Mario e outros dois sobrenaturais mais velhos estavam ali olhando para ela com um olhar frio e calculista. Todos os três estavam vestidos como monges, as vestes escuras esvoaçando ao vento.

— Kylie Galen — cumprimentou-a Mario. A voz soou tão envelhecida quanto a aparência dele, mas a sensação de poder era inegável. Seria isso o que Kylie era? Ela estudou Mario; mais de perto, seus olhos pareciam negros como carvão. Ela viu apenas o mal ali, e a ideia de que tinha algo em comum com essas pessoas a enojou. — Então nos encontramos novamente.

Ela deu um passo para trás e chegou mais perto da borda.

— Para o meu azar... — murmurou Kylie, sentindo a sola do tênis sobre a borda do despenhadeiro.

— Isso é verdade, minha querida — disse ele. — Mas, se está tão decidida a se salvar, pode se juntar a nós agora. Prometendo-nos lealdade você vai viver. Meu neto vai ser um bom marido.

— O que você é? — Ela apertou as sobrancelhas e viu os padrões da gangue.

Mario era vampiro, o barbudo era bruxo e o outro tinha o padrão de um lobisomem. Mas todos os três padrões eram sombrios e sinistros.

— Junte-se a nós e você terá suas respostas.

Kylie engoliu em seco e fez uma pequena oração. Ela orou pedindo ajuda. Então orou pedindo perdão por tudo e qualquer coisa que tivesse feito errado. Então rezou para ter coragem. E em seguida deu outro passo para trás, até não sentir mais o chão sob os pés.

# Capítulo Trinta e Seis

A gravidade puxou Kylie para baixo. Sua respiração ficou presa na garganta ao mesmo tempo em que sentiu a mão de alguém agarrar seu braço. Seu coração saltou no peito ao ver o rosto do seu salvador. Ruivo.

Ele a puxou de volta para a terra firme.

Ela ficou de pé, ao lado dele, e teve um sobressalto ao se dar conta de que ele salvara sua vida.

— Olá, Kylie — disse Ruivo.

Ela apenas olhou para ele, sem saber o que dizer.

— Ela já fez sua escolha — disse o homem de barba ao lado de Mario. Seu manto marrom escuro flutuou ao vento quando ele levantou a mão e apontou os dedos longos e envelhecidos na direção dela. Kylie viu com horror quando chamas azuladas saíram das pontas dos seus dedos.

Ruivo pulou na frente dela, e as chamas desapareceram.

— Eu disse que ia fazê-la mudar de ideia. Dê um tempo a ela. Seria um desperdício matá-la.

— Ela fez sua escolha — disse Mario. — Seu tempo acabou. Saia do caminho. Deixe-a despencar para a morte.

— Não! — gritou Ruivo.

Kylie olhou para ele, confusa com a sua disposição para protegê-la. Mas Ruivo não tinha feito isso o tempo todo?

— Ousa me desobedecer na frente dos meus colegas? — Mario grunhiu.

— Ouso! — disse Ruivo, com atrevimento. — Vivi minha vida toda de acordo com as suas regras. Você matou a minha mãe. Forçou meu pai a fugir. Eu aceitei isso toda a minha vida e nunca pedi nada a você, além disso. Poupe-a. Por mim.

— Ela não pode ser poupada — disse o outro homem de idade. — Ela será nossa ruína.

— Não será. Eu cuidarei dela — disse Ruivo. — Vou fazê-la mudar de opinião. Vou convencê-la. — Havia um tom de súplica em sua voz.

— A decisão já foi tomada — disse o barbudo.

Então o outro velho levantou a mão e uma lufada de vento levantou Kylie do chão, fazendo-a bater as costas na borda do despenhadeiro.

Ela sentiu que estava caindo. Sentiu o vazio quando parte de seu corpo deslizou pela pedra. O medo a deixou tensa, mas a tristeza por todos que ela amava expulsou o medo. Ela viu rostos, em sua mente, de quem sentiria muita falta. Coisas que nunca faria. Ela viu o rosto de Lucas e de Derek. Viu seus amigos — novos e antigos. Então piscou, sentindo-se incapaz de respirar. Viu o Sol se pôr e sentiu um estranho tipo de

calma brotar dentro dela. As cores do anoitecer preencheram sua mente com uma onda de serenidade. Ela poderia rever Daniel e Nana.

Algo ou alguém a agarrou novamente, trazendo de volta a lembrança de ser salva por Perry em pleno ar. O aperto em torno do seu pulso não era humano. O solavanco trouxe ar aos seus pulmões. Perry teria vindo salvá-la?

— Peguei você. Segure-se!

Mas a voz não era de Perry. Era de Ruivo.

Um raio passou por eles, tão perto que Kylie sentiu sua ferroada.

Em segundos, o enorme pássaro pousou na borda do desfiladeiro e pousou-a suavemente em pé no chão. Nenhuma centelha surgiu no ar quando ele voltou à forma humana. Ele era mais do que apenas um metamorfo.

— Você está bem? — perguntou ele.

Kylie olhou para ele através das lágrimas e acenou com a cabeça. Lembrou-se dele salvando-a da cobra. Salvando-a do relâmpago na floresta e tentando salvá-la do sumidouro. Ela nunca tinha agradecido, nunca considerou essa necessidade, porque tudo o que via nele era maldade. Mas então ele salvou Miranda, também.

— Eu nem sei seu nome de verdade — ela conseguiu dizer.

— Roberto. — Ele sorriu. — Consegui pegar isso. — Ele lhe entregou o boné de Ellie. Então Kylie percebeu. Ruivo... Roberto não era tão perverso assim.

— Obrigada — agradeceu.

Ele olhou para ela como se não soubesse o que responder. Então estendeu a mão e secou uma lágrima do rosto dela.

— Você é bonita mesmo quando chora.

— Não, não sou. Fico toda vermelha e...

Um raio, vindo de cima, cortou o ar. Roberto a empurrou, fazendo suas costas se chocarem contra a parede de pedra atrás dela. Ele parecia preparado para correr, mas antes disso, outro raio caiu, atingindo-o. O chão debaixo dela tremeu com o impacto. O cheiro de carne queimada chegou ao seu nariz.

Kylie caiu de joelhos, o pânico apertando sua garganta. Ela não queria ver, mas não pôde desviar o olhar. Os olhos de Roberto estavam vermelho-sangue e seu corpo se contorcia para trás, enquanto algo que parecia fumaça subia da sua boca; Kylie sabia que era sua alma. E, em seguida, ele caiu. O baque do seu corpo sem alma na terra dura foi de pura tristeza.

Ela se levantou para tentar salvá-lo.

— *Não!* — O som da voz dele sobressaltou-a. Ela olhou para ele. Seu espírito estava a vários metros do seu corpo, olhando em direção ao céu crepuscular. — *Eu não quero ficar.* — Matizes de roxo, cor-de-rosa brilhante, dourado e cinza agora coloriam o céu. — *Você os vê?* — perguntou ele.

Por um segundo, ela pensou que ele estava se referindo ao avô e aos dois outros homens, mas então os viu e compreendeu. Os anjos estavam dançando no céu multicolor; como pássaros, eles se moviam graciosamente ao vento.

Kylie acenou com a cabeça.

— Sim.

Mas ela ainda tinha que tentar. Colocou as mãos sobre o corpo dele e concentrou-se. Nada aconteceu. Suas mãos não se aqueceram. Desistindo, ela finalmente olhou para o espírito de Roberto.

— *Por que você quer me salvar?* — ele perguntou.

— Porque você me salvou — disse ela, e olhou para ele.

Ele a fitou por um instante e todo o mal tinha se desvanecido dos seus olhos. O que ela viu foi uma pessoa que nunca teve uma chance. Um garoto criado no mal, educado no mal, e que nunca tinha amado.

— *Eu entendo agora* — disse ele. — *Eu estava errado, Kylie Galen. Você não é minha alma gêmea. Mas por causa de você, salvei a minha alma.* — Então, lentamente o seu espírito foi levado, alçado para o céu.

Ele tornou-se parte das cores do anoitecer. Parte da beleza, parte de algo que era eterno. Os anjos da morte o levaram no último instante do crepúsculo.

Kylie não sabia ao certo quanto tempo tinha se passado, mas as cores do céu tinham adquirido um tom negro quando outra lufada de vento a atingiu. O que parecia um clarão em meio à escuridão da noite de repente se tornou um corpo, que se agachou a apenas alguns metros dela. Kylie deu um passo para trás e em seguida reconheceu Burnett.

— Você está bem? — perguntou ele.

Kylie acenou com a cabeça.

— Eu preciso tirar você daqui agora. — Ele a fez se levantar.

Ela olhou para o corpo perto dos seus pés. E percebeu que seus olhos, vazios, mortos, estavam abertos. Ela se abaixou e fechou suas pálpebras.

Quando ela se levantou, disse a Burnett:

— Ele morreu para me salvar.

— Então agora talvez fique mais fácil enfrentar sua nova vida no inferno. — Burnett a pegou nos braços.

— Ele não foi para o inferno — disse Kylie.

Ela não sabia se Burnett tinha ouvido. Mas não importava. Ela sabia.

Burnett carregou Kylie de volta ao escritório principal, onde Holiday esperava impacientemente na varanda. Ao chegarem, colocou Kylie no chão.

— Graças a Deus! — Holiday correu para Kylie e a abraçou. — Obrigada — Holiday

disse a Burnett, mas ele mal pôs Kylie no chão e já tinha partido.

O olhar de preocupação de Holiday se acentuou, mas sua expressão mudou e ela olhou Kylie nos olhos.

— Você está bem?

Kylie acenou com a cabeça e tentou não chorar.

— Derek está bem?

— Está descansando.

Kylie assentiu.

— O que aconteceu, Kylie? Você estava lá e, um instante depois, não estava mais.

Kylie tirou o boné de Ellie do bolso do jeans.

— Voltei pra pegar isso, e... — As lágrimas que ela não queria derramar vieram assim mesmo, e ela contou a história toda a Holiday.

Kylie não estava dormindo quando alguém bateu na porta, várias horas depois. Ela ouviu Della atender. Então ouviu a voz de Lucas.

Ele entrou no quarto dela e puxou-a contra ele, e Kylie abraçou-o como quem se agarra a um salva-vidas. Ela precisava de sua força. Precisava sentir os braços dele à sua volta. Eles ficaram assim por horas, sem beijos, sem carícias, apenas abraçados.

Na manhã seguinte, o clima no acampamento era sombrio, para dizer o mínimo. Todos sentiam falta de Ellie. Sentiam falta de Burnett. Sentiam falta de Derek, que havia deixado o acampamento para passar o fim de semana na casa da mãe. Kylie estava quase com receio de revê-lo. O funeral de Ellie tinha sido marcado para a semana seguinte, porque a UPF queria fazer uma autópsia. Kylie sabia que ninguém no acampamento a culpava, mas ela não conseguia deixar de culpar a si mesma.

Holiday, captando os sentimentos de Kylie, ofereceu-se para ir com ela até a cachoeira. Foi ali, por trás da parede de água, que Kylie sentiu a maior parte da culpa se desvanecendo. Mas ela se perguntava por que aquilo tinha que ter acontecido.

A resposta veio na forma de um sentimento. O destino havia chamado Ellie para voltar para casa. Aquela história de destino ainda irritava Kylie. Mas parte da culpa se foi.

Holiday trabalhou como louca para manter o acampamento funcionando normalmente e entrevistar os professores. Era demais para uma só pessoa, no entanto. Por isso Kylie se reuniu a alguns campistas para assumirem algumas tarefas. Uma pessoa supervisionaria os contratados, enquanto outra atenderia aos telefonemas, no escritório.

Holiday quase protestou, mas depois se deu por vencida e aceitou a ajuda.

Na tarde de quinta-feira, quando Lucas assumiu o posto de sombra, Kylie perguntou se ele tinha visto Burnett.

— Não, mas ele está por perto — disse Lucas. — Está montando guarda ao redor do acampamento em caso de mais alguma coisa acontecer.

Kylie esperava que nada mais acontecesse. De acordo com Miranda, quem quer que estivesse vigiando o acampamento tinha ido embora. Aparentemente, o mesmo tinha acontecido com o fantasma de Kylie, porque ele não apareceu mais.

Na tarde do dia seguinte, Kylie estava sentada na varanda quando Derek apareceu. Ele devia ter voltado mais cedo.

A culpa insistente que ela sentia pela morte de Ellie voltou à superfície. E quando viu a sombra de tristeza nos olhos dele, ela sentiu a culpa aumentar a ponto de doer.

Ele se sentou ao lado dela.

— Foi por isso que vim vê-la.

Ela olhou para ele, sem saber a que ele estava se referindo.

— Eu sei que se sente responsável pelo que aconteceu. Só queria que você soubesse que foi escolha de Ellie perseguir o intruso. E foi escolha minha ir atrás dela. Não é culpa sua. Você teria feito o mesmo por qualquer um neste acampamento.

Kylie sentiu um nó se formar na sua garganta.

— Mas Mario estava aqui por minha causa.

— Eu sei. Tenho certeza de que Ellie sabia também quando foi atrás dele. Mas isso não a impediu. E ela ficaria muito infeliz se soubesse que você se culpa pela morte dela. Seria uma desonra à memória dela se eu deixasse você continuar se culpando. Ela gostava de você. Gostava muito.

Kylie sentiu as lágrimas transbordarem e Derek pôs o braço em torno dos ombros dela. Não foi um abraço de namorado, apenas um abraço de um amigo oferecendo um toque caloroso de conforto. E ela se sentiu muito bem.

Quando, no dia seguinte, Jane continuou sem aparecer, Kylie procurou Holiday para fazer um pedido.

— Não — disse Holiday, empurrando a cadeira para trás.

— Mas eu preciso vê-la, e eu sei que ela está lá.

— Não se lembra do que aconteceu da última vez que você foi?

— Eu lembro que sobrevivi — disse Kylie. — Lembro também que acabei ajudando uma outra alma perdida, e aprendi alguma coisa quando estava lá. Eu preciso ir, Holiday.

Holiday bateu a ponta da caneta na escrivaninha.

— Alguém está tentando te matar.

— *Estava* tentando — corrigiu Kylie. — Eu acho que Miranda está certa. Já desistiram.

— Por que teriam desistido?

— Eu não sei. Mas eu me recuso a viver a minha vida numa prisão.

— Não é uma prisão — contestou Holiday.

— É sim, se você não puder sair nunca.

Holiday fez uma careta.

— Se eu disser não, mesmo assim você irá, não é?

Kylie pensou um pouco e respondeu com sinceridade.

— Provavelmente.

— Tudo bem. Vou estar livre por volta de uma hora depois do almoço e então nós...

— Eu não acho que você deveria ir — disse Kylie.

— Por quê?

— Eu estive lá. Eles me conhecem e, se você aparecer, pode confundir as coisas. Eu acho que você assusta Jane Doe. Ela pode não se mostrar se você estiver lá.

Holiday expressou ainda mais preocupação.

— Não há nenhuma chance de eu deixá-la ir sozinha.

— Não digo sozinha — Kylie insistiu. — Você podia ligar para Burnett.

Holiday franziu a testa, mas Kylie sabia que ela não discordaria. Não quando isso envolvia a segurança de alguém. E, sim, ela admitia, isso podia ser um truquezinho para vê-los juntos outra vez, pois Kylie não suportava mais ver Holiday tão infeliz.

Além disso, Kylie realmente queria ajudar Jane Doe.

Burnett concordou com o plano. Mas, depois da morte de Ellie, ele achou que não deveriam ir sozinhos, apenas os dois. Lucas não estava lá. Ele havia ido a Houston para buscar material para os empreiteiros. E não voltaria antes das três da tarde. Então Burnett recomendou Derek e Della.

Derek pareceu vibrar quando ela perguntou se ele podia acompanhá-la. Concordou mesmo antes de saber aonde iriam.

— É no cemitério — disse ela. — E vai ter fantasmas lá.

— Ok, sem problema.

Della não tinha ficado tão feliz. Mas, claro, depois de resmungar um pouco, também concordou em ir.

Quando chegaram aos portões do Cemitério de Fallen, Della resmungou um pouco mais. Derek pôs a mão quente nas costas de Kylie e sussurrou:

— Não se preocupe. Estou aqui.

Obviamente, ele tinha captado a apreensão de Kylie diante dos portões imponentes. Claro, ela tinha bancado a corajosa diante de Holiday, mas isso não significava que não estivesse com medo. Ainda se lembrava muito bem de como tinha ficado apavorada quando os espíritos a abordaram todos de uma vez.

— Obrigada. — Mentalmente tentou reunir toda a sua coragem e atravessou os portões, com Della de um lado e Derek e Burnett do outro.

Luz e sombra dançavam sobre as sepulturas, enquanto um frio pouco natural impregnava o corpo deles como uma neblina invisível.

Derek inclinou-se para mais perto dela novamente.

— Eu preciso falar com você... quando tivermos um minuto. É importante.

Ela assentiu com a cabeça.

— *É ela. Ela está de volta...* — Kylie ouviu uma voz e, em seguida, uma fusão de vozes, masculinas e femininas, jovens e envelhecidas.

— *Ela disse que ia voltar.*

— *E eu pensei que ela estava tentando nos enrolar.*

— *Eu disse que ela não estava mentindo.*

A tensão causou uma pressão em seu crânio e ela pressentiu uma dor de cabeça. Mas o espírito da mulher do velho manifestou-se e as vozes se distanciaram.

— *Meu marido está tomando seus remédios direito, graças a você.*

— Que bom! — Kylie disse em voz alta.

— O que é bom? — Derek perguntou.

— Ela não está falando com você — explicou Della. — Assustador, não é?

— Não é tão ruim assim — disse ele, mas Kylie viu seus olhos verdes esquadrinhando o cemitério, como se indagando onde estavam os tais espíritos.

Burnett permaneceu em silêncio, muito calmo. Ele mal tinha falado desde que tinham se encontrado na frente do acampamento.

*Por que você não fez sua passagem?* Kylie perguntou mentalmente enquanto caminhava entre as lápides.

— *Decidi esperar por ele* — disse Ima. — *Mas Catherine já fez sua transição. A mulher que você ajudou. Os filhos dela vieram aqui. Eu os ouvi dizer que estão planejando alterar sua lápide para inscrever o seu verdadeiro nome. Foi muito amável de sua parte ajudá-la.*

Kylie acenou com a cabeça.

— *Você já viu a outra mulher? A que vocês chamam de Berta Littlemon?*

— *Ela estava aqui agora. Está arrasada desde que a levaram embora.*

— Como assim? — Kylie perguntou em voz alta novamente.

O espírito apenas deu de ombros e disse:

— *Lá está ela. Sentada perto do túmulo.*

— Eu só vou até ali. — Kylie apontou para o local onde Jane estava sentada no chão.

— Fique onde possamos vê-la — disse Burnett.

Kylie se aproximou de Jane. A mulher olhou para cima e o sol bateu em seu rosto. Ela tinha lágrimas sob os cílios escuros. Não usava nenhuma maquiagem. Parecia

jovem. E grávida.

— Você está bem?— Kylie sentou-se ao lado de Jane.

O espírito olhou para a sepultura.

*— Eu quero tanto me lembrar! Mas meu cérebro não funciona. Às vezes eu sinto como se as respostas estivessem bem aqui, mas não consigo alcançá-las. Então me lembro de alguma coisa e a lembrança se desvanece. Por que meu cérebro não funciona direito?*

Kylie hesitou. Mas Jane merecia saber. Assim como Kylie merecia conseguir suas próprias respostas.

— Eu não sei tudo, mas sei alguma coisa.

*— O quê?* — perguntou ela.

— Existe uma organização chamada UPF. Eles são como o governo dos seres sobrenaturais. De acordo com a líder do nosso acampamento, vários anos atrás, a UPF estava fazendo testes, algo sobre genética. Eu não sei bem que tipo de teste era, mas, pela visão que tive, acho que você era uma das pessoas que foram testadas, e eles fizeram uma cirurgia em você. Rasparam a sua cabeça e deram pontos. Na visão, você parecia paralisada. Acho que algo deu errado com o teste que eles fizeram, então eles... a mataram.

Jane colocou a mão sobre os lábios trêmulos.

*— Eu me lembro de ter mostrado isso a você. Colocaram um travesseiro sobre o meu rosto.*

— Isso mesmo — disse Kylie.

*— Eu não queria fazer os testes, mas... meu marido... Qual era o nome dele?* — ela perguntou a Kylie.

— Eu não sei.

Jane sacudiu a cabeça.

*— Ele insistiu para que fizéssemos, para que nos deixassem em paz.*

— Para quem os deixasse em paz? — Kylie perguntou, querendo ter certeza de que elas ainda estavam falando da UPF.

*— A organização que você disse. Se não concordássemos em ser testados, eles nos prenderiam.*

— Por quê?

Jane fez uma pausa novamente.

*— Eu não me lembro. Mas acho que era porque nós éramos diferentes.* — Ela olhou para a sepultura. A terra ao redor da lápide tinha sido revirada. *— Ele me levou embora. Cavou a sepultura e me tirou daqui.*

— Quem? — Kylie se inclinou mais para perto.

*— Aquele homem perverso.*

— Que homem perverso?

— *Aquele que queria que você fosse testada.*

— Burnett? — Kylie perguntou. — Ele levou seu corpo?

Ela assentiu.

— *Eu não gosto dele.*

Kylie olhou para o túmulo, tentando descobrir o que aquilo significava.

— Ele não é ruim — disse, por fim. Mas por que ele desenterraria o corpo de Jane? Seria para provar o que a UPF tinha feito? Ou, pelo contrário, seria para proteger a UPF das suas acusações?

— *Ele parece perverso.* — Jane apontou para a trilha.

Kylie olhou para cima. Burnett estava parado na frente dela.

— Eu posso explicar.

Kylie se levantou.

— Espero que sim.

Ele franziu a testa, mas não explicou, por isso ela decidiu começar a fazer perguntas.

— Por que você tirou o corpo de Jane Doe daqui?

Ele hesitou.

— Achei que você queria saber quem ela era.

Kylie sentiu que ele não estava falando toda a verdade.

— Você sabe quem ela é?

Ele balançou a cabeça.

— Eu ia dizer assim que tivesse mais informações. — Ele fez uma pausa novamente. — Mas acho que posso dizer agora. O nome dela é Heidi Summers.

Kylie olhou em volta, procurando o espírito. Ela não o viu, mas ainda podia sentir o ar gelado. Se era Jane ou outro espírito, Kylie não sabia.

— Eu tenho um endereço, também. Ela morava a alguns quilômetros daqui. Achei que você talvez quisesse ir até lá.

— Quero — disse Kylie. — A família dela ainda mora lá?

Burnett começou a andar e Kylie o seguiu. Ela viu Derek e Della esperando por eles junto aos portões.

— A casa está no nome de Malcolm Summers — disse Burnett. — Então, estou supondo que seja da família dela.

Kylie prendeu a respiração quando mais de uma centena de almas se alinhou dos dois lados da trilha. Todas elas estenderam a mão para ela e começaram a falar de uma só vez. Sua cabeça começou a latejar. A sensação gelada de seus toques pinicava sua pele como milhares de agulhas.

Ela se sentiu sendo puxada em milhares de direções diferentes.

— *Ajude-me.*

— *Não, me ajude.*

— *Parem com isso!* — O espírito da mulher do velho gritou. — *Se vocês não se comportarem, ela não vai voltar.*

O burburinho de vozes cessou. Eles baixaram as mãos, mas não se afastaram. Ficaram completamente imóveis, observando-a com seus olhos sem vida, todos carentes, precisando dela para fazer alguma coisa por eles, para que pudessem fazer sua travessia.

Mas havia espíritos demais para ela ajudar. A culpa pesou em seu peito. Ela respirou o ar gelado e se forçou a se concentrar na única que poderia ajudar. Jane Doe.

— Família Summers. Eles são sobrenaturais, não são? — Kylie perguntou, sem ter certeza do que diria a eles. Mas se fossem sobrenaturais, talvez as coisas não fossem tão difíceis.

Burnett franziu a testa.

— Elas não são sobrenaturais registrados.

— Você acha que são de alguma gangue?

— Nem todo mundo que não é registrado é de uma gangue. Mas poderiam ser.

Derek se aproximou de Kylie, parecendo preocupado, e sutilmente roçou as costas da mão na dela. Kylie sentiu a calma que ele oferecia e agradeceu mentalmente a ajuda.

Burnett virou-se para Derek e Della logo que saíram pelos portões.

— Eu liguei para Holiday e pedi que viesse pegar vocês dois. Eu levo Kylie mais tarde.

Kylie e Burnett entraram no Mustang do vampiro. Enquanto ela observava as silhuetas de Della e Derek ficando cada vez menores no retrovisor, um pensamento maluco lhe ocorreu. E se Burnett a estivesse levando para a UPF com a intenção de forçá-la a fazer os testes? Será que Jane estava certa? E se ele não estivesse bem intencionado?

# Capítulo Trinta e Sete

Nenhum dos dois falou durante o trajeto. O silêncio parecia pesado, mas não tão incomum, ou foi o que Kylie disse a si mesma. Burnett nunca fora de falar muito.

Mas, a cada giro dos pneus, a incerteza de Kylie aumentava. Ela olhou mais uma vez para Burnett, sentado em silêncio no banco do motorista.

— Você parece nervosa — disse ele.

— Eu deveria estar?

Ele parecia confuso.

— Pensei que você queria vê-los.

Ela assentiu, mas a lembrança de Jane e da sua cirurgia surgiu ainda mais forte. Ah, claro, o coração de Kylie dizia que Burnett era um bom sujeito, mas ela se lembrava de Holiday dizendo que a UPF não hesitaria em sacrificar uma pessoa se achasse que era por uma boa causa.

Quando Burnett estacionou o Mustang em frente a uma pequena casa de molduras brancas nas janelas, a mesma casa que Kylie tinha visto em suas visões, uma onda de vergonha se abateu sobre ela por ter duvidado de Burnett.

— Eu tentei ligar para eles, mas ninguém atendeu — explicou Burnett. — Claro que vou entrar com você, mas vou deixar que explique as coisas do seu jeito.

Dois minutos depois, após baterem na porta e perceberem que não havia ninguém em casa, uma mulher, aparentando uns 90 anos, saiu da casa vizinha.

— Posso ajudar? — Ela andou na direção deles, movendo-se incrivelmente rápido para alguém da idade dela.

Kylie, pensando ter sentido uma lufada de ar frio, imediatamente verificou o padrão da mulher. Burnett fez o mesmo. A mulher era humana.

— Estamos procurando o senhor Summers — disse Burnett.

— Bem, chegaram tarde. Ele e a cunhada pegaram o avião esta manhã. Foram para a Irlanda.

*Irlanda?* Seria uma coincidência os Brightens estarem naquele mesmo país?

Kylie olhou para Burnett e viu a mesma pergunta estampada em seus olhos.

— Por que eles foram pra lá? — Burnett perguntou.

A vizinha sorriu.

— Ele disse que estava procurando algo que tinha perdido há muito tempo. Disse que era algo mais valioso do que ouro e que ele tinha descoberto que podia estar lá.

— A senhora sabe quando ele pretende voltar? — Kylie perguntou.

— Eu fiquei de regar as plantas e dar comida para o gato durante uma semana.

Burnett começou a voltar para o carro.

— Obrigado, senhora.

— Vocês querem deixar um recado? — A vizinha perguntou.

— Nós vamos voltar. — Burnett sorriu e acenou.

Kylie entrou no carro e afundou-se no assento, com vontade de chutar e gritar de frustração. Mais perguntas e nenhuma resposta. Ela já estava cansada disso.

Burnett ligou o carro.

— Vamos até o próximo quarteirão e então podemos voltar a pé.

— Voltar pra quê? — Kylie perguntou.

— Achei que você ia gostar de entrar lá dentro — disse ele. — Ver se conseguia descobrir alguma coisa.

— Não é contra a lei? — Kylie perguntou.

Os olhos dele se arregalaram.

— Só se formos pegos.

Kylie mordeu o lábio com tanta força que sentiu o gosto de sangue.

— Você tem algo como um "passe livre" para sairmos da cadeia se formos pegos? Não acho que eu ficaria muito bem num uniforme de presidiária.

Ele bateu no bolso.

— Acho que tenho dois comigo.

A casa cheirava a ervas. Alecrim. Talvez um pouco de tomilho. E os móveis eram velhos. Muitas antiguidades, objetos que pareciam caros, mas nada muito chamativo. Quando Kylie entrou na sala, viu o armário de onde Jane tinha tirado a mala. Logo em seguida, sentiu o frio descendo sobre ela.

Ela parou abruptamente. Burnett parou atrás dela.

— Algo errado? — perguntou ele.

— Você quer dizer algo além do fato de estarmos invadindo a casa de alguém? — Ela tinha certeza de que ele não iria querer saber que tinham companhia espiritual.

— Não tem problema — disse ele.

— Certo.

Ela entrou no quarto. Jane Doe, também conhecida como Heidi Summers, estava sentada na cama, e olhava para as fotos sobre a mesa de cabeceira.

Kylie estudou o rosto da mulher na moldura.

— É você.

— O que disse?... Esquece, vou esperar lá fora.

Burnett devia ter percebido que ela não estava falando com ele e não queria nada com o fantasma. Considerando o que lhe tinha acontecido da última vez, Kylie não o culpava.

— *Eu e Malcolm* — disse Heidi, pronunciando o nome com imenso carinho. — *Eu me lembro.*

Kylie pegou a foto. Lembrou-se de ter sentido algo estranho quando viu o rosto do homem na visão. A mesma sensação a envolveu novamente. Calafrios percorreram sua espinha. Não de frio desta vez, mas com o choque da constatação.

— Burnett?

— O quê? — Ele invadiu o quarto como se estivesse pronto para lutar com alguém.

Ela estendeu para ele a fotografia.

— É ele.

O vampiro pegou a foto.

— Quem?

— É o mesmo homem que foi ao acampamento. Aquele que se passou pelo meu avô.

Burnett analisou a foto.

— Você tem certeza?

— Absoluta.

Heidi se levantou.

*— Era ele, não era? Eu me lembro. E aquela era minha irmã.*

A irmã dela? Kylie lembrou-se da mulher, lembrou-se de sentir uma ligação com ela.

— Por que eles foram ao acampamento e fingiram ser meus avós adotivos? — Kylie perguntou, e a pergunta era tanto para Burnett quanto para Heidi.

— Eu não sei — respondeu Burnett.

Heidi ficou em silêncio como se tentasse pensar.

*— Espere. Eles eram da Irlanda. E a vizinha disse...*

— Quem era da Irlanda? — Kylie perguntou, e viu Burnett sair de novo.

*— As pessoas que adotaram o meu menino. Eu permiti que o adotassem. Fui a um médico que arranjava bons pais para as crianças. O médico era humano, mas ele sabia sobre os sobrenaturais. Lembro-me de que houve complicações, eu tive que fazer uma cesariana, e o médico não queria fazer porque não tinha anestesia; eu o obriguei a fazer de qualquer maneira. Eu não podia deixar meu bebê morrer. Sabia que nenhuma dor seria pior do que roubar do meu filho a chance de viver. Então eu me certifiquei de que ele iria para uma boa família.* — Ela se sentou mais ereta. *— Malcolm está olhando pelo nosso filho.*

Lágrimas umedeceram os olhos de Kylie quando a verdade atingiu seu coração, provocando-lhe uma vertigem. Heidi Summers era a mãe biológica de Daniel. Ela era avó de Kylie. E Malcolm Summers, seu avô de verdade e a irmã de sua avó tinham se passado pelos pais adotivos de Daniel. Por quê? Por que não disseram a ela? Mais perguntas.

*— Ele vai achar nosso menino. E eles serão uma família, do jeito que nós deveríamos ter sido.*

A dor por tudo o que sua avó tinha sofrido de repente a inundou. Saber que ela teria

que contar a Heidi sobre a morte de Daniel dilacerava seu coração.

Mas ela tinha que contar, não tinha?

— Ele não vai encontrá-lo — disse Kylie.

*— Como você sabe?*

Kylie enxugou as lágrimas dos olhos.

— Ele não está na Irlanda.

*— Por que outro motivo Malcolm teria ido para a Irlanda?*

— Ele foi para encontrar os Brightens.

Heidi afundou na cama, como se estivesse tentando compreender o que Kylie dizia.

*— Sim, esse era o nome deles. Eles adotaram o meu menino.*

Kylie balançou a cabeça.

— Mas seu filho não está com eles.

*— Onde ele está?* — Ela pulou da cama. *— Leve-me até ele. Eu quero vê-lo.*

Kylie prendeu a respiração.

— Ele morreu há muito tempo.

*— Não!* — ela gritou. — *Ele está vivo! Eu fui vê-lo pouco antes de nos forçarem a ir para aquele lugar dos testes. Foram alguns meses depois de eu dar à luz. Meu filho estava bem. Tão saudável!*

— Ele não morreu quando era bebê — disse Kylie. — Ele cresceu, conheceu uma mulher por quem se apaixonou, e, em seguida, ingressou no exército. Ele morreu aos 21 anos, durante uma missão, tentando salvar uma mulher. Ele foi um herói. Você devia se orgulhar.

Heidi desabou na cama.

*— Você tem certeza?*

— Sim. — Outra onda de lágrimas transbordou dos olhos de Kylie. — Eu aposto que ele está esperando para conhecê-la do outro lado.

Heidi olhou para cima, como se pudesse ver o céu.

*— Você o conheceu?*

Kylie confirmou com a cabeça.

— Só o seu espírito. — Ela sentiu as lágrimas começarem a rolar pelas suas faces. — Ele é meu pai.

Os olhos de Heidi se arregalaram.

*— Isso significa que você...* — Ela estendeu a mão e tocou o rosto de Kylie. *— Eu devia ter adivinhado. Você se parece com Malcolm. Cabelos loiros, em vez de ruivos, mas os olhos...* — Uma lágrima escorreu pelo seu rosto. — *Eu acho que... uma parte de mim já sabia.*

Kylie piscou.

— Eu tenho tantas perguntas para fazer, tantas coisas que gostaria de saber.

Primeiro, o que somos?

*— O que você quer dizer?*

— Somos sobrenaturais, certo?

Ela hesitou, como se tivesse que pensar.

*— Sim. Foi por isso que eles nos levaram para fazer aqueles testes horríveis.*

— Então, o que somos? — Kylie prendeu a respiração, esperando que ela respondesse.

Heidi franziu a testa como se tentasse pensar novamente.

— *Eu... não consigo me lembrar. Sinto muito. Mas...* — Ela apontou para a foto. — *Malcolm vai se lembrar. Ele nunca se esquece de nada.* — Heidi se levantou. — *Eu tenho que ir ver meu filho agora. Preciso lhe dizer que eu o amo. É por isso que fiquei aqui. Para lhe dizer o quanto lamento que eu o tenha dado a outra família.*

— Por que você fez isso? — Kylie perguntou, esperando que ela se lembrasse de algo. — Por que você o deu a outra família?

Ela inclinou a cabeça como se estivesse pensando novamente.

*— Porque eles queriam os pequeninos ainda mais do que a nós.*

— Quem? — Kylie perguntou. — A UPF?

*— Sim* — disse ela. — *Foi a única maneira de mantê-lo seguro. Se eu fugisse com ele, eles me encontrariam. Então eu o dei. E disse a Malcolm que perdi o bebê. Tive que fazer isso. Ele confiou neles. Disse que não iam ferir o nosso bebê; iam simplesmente estudá-lo por pouco tempo. Mas eu não acreditei neles. Então dei o bebê, menti para Malcolm e depois voltei porque o amava muito.*

— Por que queriam estudar o bebê? — Kylie perguntou.

*— Eu não me lembro... Espere, era porque éramos diferentes e eles não gostavam nada disso.*

— Em que éramos diferentes?

Ela balançou a cabeça. Sua testa se enrugou.

— Tudo ainda está muito confuso. Lembro-me de algumas coisas e de outras, não. Malcolm saberá dizer.

Ela se inclinou e colocou a mão no rosto de Kylie.

— *Eu vou ver o meu menino. Mas você, Kylie Galen, é tudo o que eu queria numa neta. Eu preciso ir agora.*

Kylie queria gritar e implorar para Heidi ficar, porque ela tinha mais perguntas. Mas era tarde demais. Ela já havia desaparecido.

Quinze minutos mais tarde, Kylie estava sentada em silêncio no Mustang enquanto Burnett o estacionava em frente ao acampamento. Ela contara tudo a Burnett. Que Jane Doe era na verdade sua avó, e ela tinha dado o pai de Kylie a outra família porque a UPF estava estudando crianças como ele. Burnett colocou o carro na vaga e olhou para

ela.

— Então você acha que ele foi procurar os Brightens?

Kylie confirmou com a cabeça.

— Vou ver se consigo encontrar Malcolm Summers na Irlanda. Mas é bem provável que você tenha que esperar ele voltar.

Kylie assentiu, não gostando de estar tão perto das respostas e ainda tão longe. Ela estendeu a mão para a maçaneta da porta e, em seguida, olhou para Burnett.

— Você não vai entrar?

Ele franziu a testa.

— Não.

Kylie hesitou em perguntar, mas então foi em frente.

— Você não vai voltar mais?

Ele apertou o volante.

— Eu não sei.

— Por quê?

Ele olhava para a frente.

— É o que ela quer. Não confia mais em mim.

Kylie engoliu em seco.

— Nem eu confiava.

Ele arqueou uma sobrancelha para ela.

— Quando você estava me levando pra casa de Heidi, tive medo que estivesse me levando para fazer os testes na UPF.

Ele franziu a testa. A mágoa era visível em seus olhos.

— Mas isso é porque eu vi o que a UPF fez com a minha avó. Revivi fragmentos da vida dela através dos seus olhos e, quando alguém passa por algo tão ruim, é difícil confiar. Eu não sei exatamente o que aconteceu entre Holiday e o outro vampiro, ela não fala nem comigo a respeito disso, mas deve ter sido muito ruim. Isso a magoou e agora ela está com medo de amar novamente. Mas se você apenas insistir um pouco mais...

— Eu não tenho feito outra coisa. Agora chega.

Eles ficaram ali sentados, olhando um para o outro durante vários segundos.

— Eu tenho que ir — disse ele finalmente.

Kylie saiu do carro. Enquanto observava Burnett se afastar, percebeu que as emoções em seu peito eram as mesmas que sentiu no dia em que viu Tom Galen sair de carro com suas malas.

Shadow Falls era sua família. Eles já tinham perdido Ellie. Não precisavam perder Burnett, também. Mas, por mais que tentasse encontrar uma solução, ela não sabia como poderia mudar isso.

Lucas encontrou Kylie no portão. Mais do que tudo, ela precisava de um abraço. Queria lhe contar o que havia descoberto, mas tudo o que recebeu dele foi sua raiva.

— Por que você não esperou por mim? — ele perguntou.

Talvez fosse porque suas emoções já estavam no limite, mas ela simplesmente começou a andar para longe dele.

— Droga! — gritou Lucas, seguindo-a no mesmo passo. — Por que, pelo amor de Deus, você voltou àquele cemitério, afinal? E por que deixaram que Derek fosse com você?

— Porque eu precisava de respostas. E porque Derek é meu amigo. Assim como Fredericka é sua amiga!

Ele a pegou pelo braço.

— Você sabe o quanto fiquei preocupado?

— Posso imaginar — Kylie respondeu rispidamente. — Você ficou tão preocupado comigo quanto eu fico com você quando corre por aí na forma de lobo a noite toda.

Ele pareceu atordoado.

— Eu não posso mudar o que sou, Kylie.

— Nem eu, Lucas. — Lágrimas brotaram dos seus olhos. — Eu não sei o que sou, mas sei que o que eu faço é falar com fantasmas. E, se você não pode aceitar isso, então talvez não possa me aceitar.

— Eu não disse isso — ele insistiu. — Eu só quero...

— Você quer que eu seja um lobisomem — disse ela. — Quer que eu seja um lobisomem para sua família e sua alcateia me aceitarem. Mas no momento, a probabilidade de conseguir o que deseja não parece muito boa. Então talvez precise pensar nisso também.

Ela recomeçou a andar.

Ele a alcançou.

— Sinto muito — desculpou-se. — É que eu não suporto pensar que algo pode te acontecer. E... nada vai mudar o que existe entre nós, não importa o que você seja. — Ele levantou o queixo dela e fitou seus olhos. — Você não sabe o que eu sinto?

Lucas a puxou contra o peito e Kylie não fez nada para impedi-lo. Ela enterrou a cabeça no seu corpo quente e tentou acreditar que ele estava falando a verdade, mas não podia mentir para si mesma. Sabia que Lucas queria acreditar, mas não estava completamente convencida de que nada mudaria entre eles no caso da avó dele realmente se envolver. E Kylie não sabia se era justo que ela lhe pedisse para fazer essa escolha.

Kylie acordou muito cedo na manhã de terça-feira. Seu primeiro pensamento foi o de que era o dia do funeral de Ellie. Ela se lembrou da visão que tivera e se perguntou se

era justo ter que reviver tudo aquilo.

Passou a mão no rosto. Seu despertador não tinha tocado. Então, por que ela estava acordada?

O frio de repente a envolveu como um cobertor de gelo.

— Heidi? — ela se sentou tão rápido na cama que sua cabeça girou. — É você? Tenho mais perguntas a fazer.

Nenhuma resposta. Kylie ficou ali, esperando. No quarto escuro, viu uma figura aparecer em meio a uma névoa, nos pés da cama.

— Heidi? — perguntou novamente.

Kylie ligou o abajur. A luz clareou o quarto e iluminou o espírito, que estava de costas para a cama. Não era Heidi. Kylie não conseguia nem sequer dizer se o fantasma era um homem ou uma mulher.

De algum modo ele/ela parecia... mais morto do que os outros. Claro, eles estavam todos mortos, mas, por algum motivo, até mesmo o cabelo emaranhado parecia mais sem vida do que o cabelo dos outros espíritos.

— Olá — Kylie sussurrou.

O espírito se virou e Kylie perdeu o fôlego. Vermes, larvas e insetos assustadores rastejavam para dentro e para fora das órbitas, corroendo o pouco de carne que ainda se agarrava às faces.

Gritando, Kylie recuou até bater os ombros contra a cabeceira da cama.

— *Você pode me ajudar*? — Uma enxurrada de vermes caiu em cascata dos lábios do espírito quando ele falou, e eles se espalharam pelo cobertor de Kylie.

— Eu... — Kylie chutou as cobertas para impedir que as criaturas de aparência gosmenta rastejassem em sua direção. — Eu poderia, mas você se importaria de fazer algo com o seu rosto? Agora!

Della irrompeu no quarto.

— Está tudo bem?

Kylie olhou para os pés da cama. O fantasma tinha ido embora. Ela suspirou de alívio.

— Está — falou, com a voz fraca. Lembrando-se dos vermes... e sem muita certeza de que o fantasma os tinha levado com ele..., Kylie ficou de pé, arrancou as cobertas da cama e jogou-as no chão. Depois se afastou da pilha de roupa de cama.

— É. Você parece muito bem, mesmo... — Della disse com sarcasmo.

Kylie deu alguns pulinhos, tentando afastar os vermes imaginários que sentia rastejando sobre sua pele.

Della ficou ali de pijama do Mickey Mouse, olhando para ela como se não soubesse se deveria rir ou correr.

Kylie parou de dar pulos e tentou respirar normalmente.

— Se eu morrer, prometa que vou ser cremada.

Della franziu a testa.

— Morrer?

— Não que eu esteja planejando morrer tão cedo. — Ela esfregou mais uma vez o braço. — Mas, mesmo assim, prometa.

Della balançou a cabeça.

— Eu não sei por que você está fingindo que está tudo bem.

Kylie colocou os braços ao redor dos próprios ombros.

— Nem eu.

Kylie não voltou a dormir. Ela não tinha certeza se um dia conseguiria dormir naquela cama novamente. Em vez disso, vestiu-se e esperou Della e Miranda para irem ao funeral ao nascer do Sol.

A cerimônia aconteceu exatamente como na visão. Apenas a tristeza parecia mais profunda, especialmente quando Kylie viu Derek, com lágrimas nos olhos, segurando o boné de Ellie.

Holiday ficava olhando por cima do ombro. Kylie sabia que ela estava esperando Burnett. Só quando Chris começou a falar que ele apareceu e se sentou na cadeira ao lado de Holiday.

Kylie viu os dois se entreolharem. Não sabia ao certo que tipo de olhar era aquele — não era apenas de tristeza compartilhada. Mas a tristeza pareceu imperar na atmosfera do dia. Bem, para todos, exceto para a gralha azul, que ficou pairando por ali, cantando como se quisesse impressioná-la.

Só que ela não estava impressionada.

Quando a cerimônia terminou, Lucas pegou a mão dela e levou-a para o refeitório, onde eles planejavam fazer uma celebração da vida de Ellie. Todo mundo ia contar histórias que sabia sobre ela.

Mas Burnett a deteve.

— Eu preciso falar com você e Holiday um minuto.

Lucas disse que iria encontrá-la no refeitório. Então Holiday, Burnett e Kylie entraram no escritório.

— Algum problema? — Kylie perguntou quando Burnett fechou a porta.

Ele puxou um envelope do paletó e entregou a Kylie.

— O que é isso? — Holiday perguntou. Pelo seu tom de voz, ela parecia pensar que tivesse a ver com os testes que Burnett queria que Kylie fizesse.

— É a localização do corpo da sua avó.

— Você a enterrou numa sepultura própria? — Kylie perguntou.

— Não exatamente. — Ele fez uma pausa. — Digamos apenas que, se a UPF tentar

forçá-la a fazer testes que não se sente à vontade para fazer, você pode usar isso para... dizer que prefere não participar.

— Então você acha que eles vão pressionar Kylie para que ela seja testada? — Holiday perguntou.

Burnett franziu a testa.

— Eu tenho a impressão de que sim.

— Você contou a eles o que aconteceu?

— Eu não disse nada porque você me pediu para não dizer.

— Então a UPF não sabe que você removeu o corpo? — Holiday perguntou.

— Não. — Seu olhar encontrou o de Kylie. — O que eles fizeram com a sua avó foi errado. E, embora a agência tenha admitido alguns erros cometidos com certos testes realizados nos anos sessenta, este é um esqueleto que eles não gostariam que tirassem do armário.

— Por que eles fizeram aqueles testes? — Kylie perguntou.

Burnett encolheu os ombros.

— As informações que consegui foram muito vagas. Supostamente, havia um pequeno grupo de sobrenaturais que era geneticamente diferente do restante.

— Então ainda não sabemos o que eu sou?

A expressão de Burnett ficou mais tensa.

— Receio que não.

— Exceto que eu sou uma aberração genética — ela murmurou.

Holiday se sentou ao lado de Kylie no sofá e pegou a mão dela.

— Não diga...

— Eu estou presumindo que seja exatamente o oposto — Burnett interrompeu-a. — Eles não estariam interessados em algo que não funcionasse direito. Só o fato de que você pode parecer humana seria considerada uma vantagem. Talvez essa seja a razão, ou talvez exista muito mais.

— Qual é a vantagem de parecer humana? — Kylie perguntou.

— Muitas. Atualmente, seres sobrenaturais não têm permissão para concorrer a nenhum cargo político.

— Isso não parece justo — disse Kylie.

— E não é. Mas o que eles fizeram com a sua avó não era justo também. No entanto, eu tenho algumas novidades. — Sua expressão pareceu mudar, mas para quê, Kylie não tinha certeza.

— Eu conversei com Malcolm Summers. Seu avô de verdade — Burnett disse. — E antes que você pergunte, nós não discutimos todos os detalhes. Eu estava com receio de começar a fazer perguntas demais e assustá-lo. Disse a ele que queria conhecê-lo.

— E o que ele disse? — Kylie pegou a mão de Holiday. *E se ele disser que não quer*

*me conhecer?*

# Capítulo Trinta e Oito

Burnett continuou:

— Ele disse que ia pegar o próximo avião para o Texas. Pode ser que não chegue antes de quinta-feira.

Kylie tinha lágrimas nos olhos.

— Vai mesmo acontecer, não vai? Eu vou finalmente conseguir minhas respostas. — Ela ainda sentia medo, mas menos do que antes. Precisava das suas respostas. Ela as merecia.

— Parece que sim — disse Burnett.

Kylie pulou do sofá, parando um pouco antes de envolver Burnett em seus braços.

— Posso te abraçar?

Ele sorriu e fez uma careta ao mesmo tempo.

— Só se for bem rápido.

E ela fez isso. Quando se afastou, Holiday assistia à cena com lágrimas nos olhos. Burnett acenou para Holiday com a cabeça.

— E isto é para você. — Ele tirou outro envelope do paletó e entregou a ela.

— O que é isso? — Holiday perguntou, parecendo insegura.

— É uma doação para ajudar a cobrir os custos futuros de Shadow Falls... e meu afastamento.

Holiday ficou rija.

— Então é isso o que você quer? — Ela parecia tão magoada que o coração de Kylie se apertou.

— É o que *você* quer — disse ele.

— Eu não pedi para você se afastar.

— É claro que pediu!

— Devo sair? — Kylie perguntou.

Mas ninguém a estava ouvindo, e Burnett estava bloqueando a porta.

— Olá! — Kylie tentou chamar atenção, mas eles estavam muito ocupados fulminando um ao outro para prestar atenção nela.

— Eu disse que, se você não podia compreender por que eu não daria minha permissão para Kylie fazer os testes, então era melhor você ir embora.

— Porque você não precisa mais de mim agora que tem outros investidores em vista, certo? — disse Burnett com mágoa na voz.

— Que investidores? — Holiday perguntou.

— Não minta pra mim, Holiday! Eu vi a pasta de arquivos. Você tem quatro possíveis investidores à espera nos bastidores.

— Você mexeu na minha escrivaninha?

— Eu não estava bisbilhotando! Tive que pagar as contas enquanto você estava fora, lembra?

— Bem, da próxima vez que vasculhar a minha escrivaninha, precisa ler as datas da papelada! — Ela foi até sua mesa, abriu a gaveta, e jogou a pasta para ele.

— O que quer dizer com isso?

— Eu não encontrei essas pessoas agora. Eu as encontrei antes de você concordar com a sociedade.

Ele olhou para ela parecendo cada vez mais confuso.

— Você disse que a única razão que a levou a me escolher foi porque não tinha mais ninguém interessado.

— Eu não disse isso. Você é que supôs.

Burnett olhou para Holiday.

— Você está dizendo que me escolheu embora tivesse outras pessoas interessadas na sociedade? — Ele se aproximou um pouco mais de Holiday, deixando uma pequena fresta entre ele e a porta.

— Eu vou me mandar agora. — Kylie deu um passo em direção à porta.

Eles a ignoraram. E ela hesitou por apenas um segundo.

— Então, você gosta de mim — resmungou Burnett. — Por que diabos você não pode admitir, Holiday?

— Aceitar você como sócio foi uma decisão profissional, Burnett.

— Besteira! — acusou ele. — Todas essas pessoas têm mais dinheiro do que eu.

— Uma decisão profissional, não financeira.

— É por isso que você me beijou? — ele ousou perguntar.

— Eu não fiz isso. *Você* me beijou.

— E você gostou!

— Eu vou dar o fora daqui. — Kylie espremeu-se para passar atrás de Burnett e saiu, mas carregava com ela um sorriso e muita esperança. Ela tinha certeza que Burnett não ia desistir agora. E em dois dias, ela teria as respostas do seu avô Malcolm. Deus! Ela esperava que isso fosse verdade.

— Oi — Derek a encontrou na varanda.

— Oi — disse ela, ainda sorrindo.

Ele parou, obviamente ouvindo Burnett e Holiday brigando no escritório.

— Está tudo bem lá dentro?

Kylie riu.

— Estão discutindo. Então tudo está voltando ao normal agora.

— Melhor do que quando não estavam se falando.

— Exatamente... — disse Kylie.

Derek a estudava.

— Podemos conversar? — Ele apontou para as cadeiras de balanço.

— Claro.

Ela se sentou na primeira cadeira e ele se sentou na outra. Por um segundo, Kylie se lembrou dos dois ali antes. Dele se aproximando e beijando-a enquanto ela se reclinava na cadeira.

Ela procurou afastar a lembrança. Eles não estavam se beijando agora. Estavam apenas conversando. Dois amigos, conversando.

Derek começou a falar, mas então seus olhos se arregalaram.

— Você já tem alguma notícia boa?

Kylie sorriu, sabendo que ele tinha captado o seu bom humor. — Meu avô de verdade vem me ver em poucos dias.

— Sério!? — Os olhos dele se encheram de contentamento por ela. — Você vai finalmente conseguir suas respostas. Kylie Galen vai saber o que ela é. Acabou o mistério.

— Eu espero que sim. — E um pensamento perturbador lhe ocorreu: Como seria a vida dela quando sua busca mudasse? Uma lufada de ar frio veio de trás dela. Ela olhou em volta e voltou a se virar rapidamente.

— Eu ouvi falar sobre a sua avó — disse Derek. — E aquele vampiro. Ele realmente se sacrificou por você?

— Sim. — Ela sentiu suas emoções em queda livre. — Tudo o que eu via nele era maldade, Derek. Mas estava enganada.

— Não foi só você — disse ele. — Foi o que eu vi, também. Então, entendo o que deve ter sentido.

Ela suspirou. Era por isso que Derek era tão especial. Ele sempre entendia o que ela estava sentindo.

— Obrigada. — Alguém passou, e por um segundo ela teve o pensamento irracional de que era Ellie. Mas, claro, não era.

— Eu sinto falta dela também — disse Derek, lendo suas emoções novamente.

Kylie olhou para cima.

— Às vezes, só queria que o céu não fosse tão longe.

O silêncio ficou mais profundo. Quando voltou a fitá-lo, Derek estava olhando para ela. Olhando para ela do jeito que o antigo Derek costumava olhar. As raias douradas dos olhos brilhando nas íris verdes. Ela sentiu o mundo de conto de fadas em torno dela, e reviveu sensações. Como a sensação de que os ombros dele eram um lugar macio onde descansar a cabeça.

— Você estava certa, sabe.

— Certa sobre o quê? — perguntou ela.

— Sobre eu me afastar de você. Foi a coisa mais idiota que eu já fiz. Além disso, o erro que cometi com Ellie, eu... acabei estragando tudo, Kylie, e magoei você. Sinto muito. Sinto mesmo.

— Já passou — ela disse, e mais uma vez o silêncio caiu sobre eles.

— Eu conversei com Holiday — ele sussurrou.

As palavras dele, ditas num tom de voz baixo e suave, fizeram Kylie perceber que Holiday e Burnett não estavam brigando mais. Será que estavam ocupados fazendo outra coisa?

— Falou com Holiday sobre o quê? — perguntou ela.

— Sobre o que me faz sentir suas emoções de um jeito tão intenso.

Kylie mordeu o lábio. Ela não precisava saber disso agora, precisava?

Derek decifrou seus sentimentos.

— Eu não estou esperando que faça nada. Só quero que saiba — ele explicou.

— Saiba o quê?

Derek hesitou.

— Holiday disse que, às vezes, quando um *fae* realmente gosta de alguém, suas emoções podem ficar meio intensas demais. Na maioria das vezes, o problema desaparece depois que ele aceita seus sentimentos. Então é isso o que estou fazendo. Aceitando.

Ela abriu a boca para falar, mas não tinha a menor ideia do que dizer.

Ele colocou as mãos sobre os joelhos cobertos pelos jeans. Jeans que lhe caíam muito bem, a propósito...

— Eu estou apaixonado por você, Kylie. — Derek parecia quase envergonhado ao dizer isso. Levantou num salto, se afastou um passo, depois se virou outra vez e a fitou novamente. — Eu não espero que diga que sente o mesmo, e não acho que isso vá mudar os seus sentimentos. Mas você merece saber. E eu precisava te dizer porque... nunca me senti desse jeito antes... por ninguém.

Kylie ficou sentada ali, as palavras dele dando voltas em sua cabeça, e sentindo... Ok, o que ela estava sentindo, exatamente? Primeiro, confusão. Depois medo. Derek a amava. Seu coração acelerou.

Ela olhou nos olhos dele e viu que o *fae* estava lendo suas emoções. Cada uma delas.

— Eu preciso ir agora — disse ele, mas antes se inclinou e deu o mais rápido dos beijos no rosto dela. Ela se lembrou de como Perry tinha beijado Miranda aquela noite no estacionamento. Fora romântico, doce.

Kylie ficou ali, observando-o se afastar. Então recostou-se na cadeira de balanço e tentou identificar as emoções que inundavam seu peito.

— Como tudo pode parecer tão certo e tão errado ao mesmo tempo? — ela murmurou.

— *A vida é bem estranha.* — A cadeira de balanço ao lado dela, onde Derek estava há um instante, rangeu ligeiramente.

Kylie olhou para o espírito reclinado e franziu a testa.

— As coisas não vão ficar mais fáceis, não é?

O espírito preferiu não responder.

— Olhe — disse Kylie, puxando os joelhos de encontro ao peito. — Eu não tenho muitas regras. Mas já te disse, você vai ter que fazer alguma coisa pra arrumar a sua cara.

O rosto do fantasma começou magicamente a se transformar, voltando ao normal. Kylie engasgou. Não foi o fato de ver isso acontecer que a chocou, foi o rosto dele. Ela o reconheceu.

— Deus, não.

O fantasma desapareceu. Kylie se levantou para ir falar com Holiday quando uma outra voz disse algo atrás dela.

*— Kylie?*

Reconhecendo a voz de Daniel, ela se virou.

— Papai! — ela exclamou, e o abraçou.

Seus braços frios a envolveram. Quando ela se afastou, viu que ele tinha lágrimas nos olhos.

*— Essa é a primeira vez que você me chama assim.*

— Eu acho que só precisava de um tempinho — disse Kylie.

Ele sorriu e tocou o rosto dela.

*— Eu encontrei a minha verdadeira mãe pela primeira vez. Ela com certeza estava orgulhosa da neta.*

— Ela é um amor. E o amava muito.

*— Eu sei* — disse ele. De repente, ele se desvaneceu um pouco. *— Eu não tenho muito tempo, Kylie. Mas encontrei a resposta que você queria.*

— Que resposta? — perguntou ela, com medo de acreditar.

*— O que nós somos. Minha mãe finalmente se lembrou.*

— E? — Kylie prendeu a respiração.

*— Somos camaleões.*

Kylie balançou a cabeça enquanto tentava entender o que ele queria dizer.

— Somos lagartos? O que isso significa?

Ele se desvaneceu um pouco mais.

*— Eu não sei.*

— Nós podemos mudar os nossos padrões. É isso o que isso significa? — perguntou ela.

*— Eu não tenho mais respostas* — disse ele. — *Mas em breve terei. Logo descobriremos*

*isso juntos.*

— Juntos? — perguntou ela.

Ele assentiu, e o frio e o vapor que ainda restavam da aparição do espírito ficou ainda mais rarefeito.

— Eu vou morrer? — ela perguntou enquanto um calafrio arrepiou a sua pele.

Ele não teve chance de responder, mas poderia jurar que o viu balançar a cabeça. Ou talvez fosse apenas uma ilusão.

Ela ficou ali na varanda, tentando respirar, tentando compreender o que tinha descoberto. Ela era um camaleão. Podia estar prestes a morrer. E... então se lembrou do rosto do fantasma que aparecera antes do pai. Ela podia não ser a única que ia morrer.

— Holiday? — Kylie chamou enquanto entrava correndo no escritório.

A vida realmente não ia ser mais fácil.

Será que Kylie vai descobrir como usar os seus novos poderes?

Descubra no quarto livro da série Shadow Falls, de C.C. Hunter!

Kylie Galen estava de pé na varanda do escritório de Shadow Falls, o pânico colocando à prova a sua sanidade. Uma rajada de vento do final de agosto, ainda gelado graças à presença do espírito de seu pai, fez esvoaçar seus longos cabelos loiros e os espalhou pelo seu rosto. Ela nada fez para afastá-los. Ou para respirar. Só ficou ali, com o ar preso nos pulmões, enquanto olhava através dos fios para as árvores, balançando ao sabor da brisa.

*Por que a vida tinha que ser tão difícil?* A pergunta quicava em sua mente como uma bola de pingue-pongue enlouquecida. Então a resposta surgiu de repente.

Porque ela não era totalmente humana. Nos últimos meses, tinha se esforçado para identificar o tipo de sangue não humano que corria em suas veias. Agora ela sabia.

Ou, pelo menos, de acordo com seu querido pai, ela sabia. Ela era um... camaleão. Um lagarto, como os que ela via tomando sol no seu quintal. Ok, talvez não exatamente como eles, mas parecida. Antes ela se preocupava com a possibilidade de ser um vampiro ou um lobisomem, porque seria um pouco difícil se adaptar ao hábito de beber sangue ou se transformar em lobo na Lua cheia. Mas isso... isso era... incompreensível! Seu pai tinha de estar errado, não é?

Seu coração batia forte contra o peito como se quisesse sair pela boca. Ela finalmente respirou. Primeiro inspirou o ar, em seguida esvaziou os pulmões. Seus pensamentos se afastaram da questão do lagarto e se desviaram para outras coisas igualmente ruins.

Sério, nos últimos cinco minutos ela tinha sido nocauteada não apenas por uma, ou duas, ou três, mas por *quatro* revelações absolutamente surpreendentes.

A pequena voz da razão dentro da sua cabeça falou. Uma dessas coisas — a confissão de Derek de que ele a amava — não poderia de modo algum ser considerada ruim. Mas com certeza também não poderia ser considerada boa. Pelo menos não naquelas circunstâncias. Não quando ela já considerava o relacionamento entre eles coisa do passado. Quando tinha se empenhado durante semanas para se convencer de que eram apenas amigos.

Sua mente fazia malabarismos para pensar nas quatro descobertas ao mesmo tempo. Ela não sabia em qual delas se concentrar primeiro. Ou talvez sua mente soubesse. *A que ela era um maldito lagarto!*

— É sério? — ela perguntou em voz alta. O vento do Texas carregou para longe suas palavras; ela esperava que ele as levasse até o pai, onde quer que os mortos ficassem esperando enquanto não faziam a sua passagem completa. — Sério, pai? Um lagarto?

Claro, o pai não respondeu. Após dois meses falando com espíritos, o dom de ver fantasmas e suas limitações ainda conseguia irritá-la.

— Droga!

Ela deu mais um passo em direção à porta do escritório para descarregar sua

frustração em Holiday, a líder do acampamento, e então parou. Burnett, o outro líder do acampamento e um vampiro de toque gelado mas aparência atraente, estava com Holiday. Como tudo o que eles faziam era discutir, Kylie achava que aquele silêncio poderia significar que estavam fazendo outra coisa. E, sim, por outra coisa ela queria dizer se pegando, trocando saliva, fazendo a dança da língua. Todas as expressões bizarras que sua amiga Della, uma vampira irreverente e de maus modos, usaria. E citá-las provavelmente significava que Kylie estava de mau humor. Mas ela não tinha o direito de ficar mal-humorada depois de tudo o que tinha acontecido?

Apertando os punhos, ela olhou para a porta da frente do escritório. Já tinha interrompido sem querer o primeiro beijo de Burnett e Holiday, e não queria fazer o mesmo com o segundo.

Além disso, talvez ela precisasse se acalmar um pouco. Relaxar. Para pensar nas coisas antes de correr para Holiday com seus surtos histéricos. Seus pensamentos se desviaram para seu mais recente fantasma. Como ela poderia ver o fantasma de alguém que ainda estava vivo? Era um truque, certo? Tinha que ser um truque.

Kylie olhou em volta para se certificar de que o fantasma realmente tinha ido embora. Tinha. Ou pelo menos o frio tinha desaparecido. Tudo isso ao mesmo tempo era muito para a cabeça dela.

Virando-se, ela desceu correndo os degraus da varanda e contornou a cabana onde ficava o escritório. Começou a correr, querendo experimentar a sensação de liberdade que sentia ao fazer isso, quando corria realmente rápido, como nenhum ser humano podia correr.

O vento levantava seu vestido preto e o fazia dançar sobre suas coxas. Seus pés se moviam com ritmo, sem quase nem sentir o tênis Reebok que ela normalmente usava, mas, quando chegou à borda da floresta, fez uma parada abrupta — tão abrupta que a sola do tênis preto deixou sulcos profundos na terra.

Kylie não podia ir para a floresta. Ela não tinha uma sombra, uma companhia obrigatória que a ajudasse a afastar o perverso Mario e seus companheiros se decidissem atacá-la.

Atacá-la novamente.

Até agora as tentativas do velho para acabar com a vida dela tinham fracassado, mas duas delas haviam resultado na morte de alguém.

A culpa fez latejar o seu peito já apertado, e depois veio o medo. Mario já tinha provado até onde estava disposto a ir para capturá-la, o quanto ele era cruel ao tirar a vida do próprio neto bem na frente dela. Como alguém poderia ser tão ruim?

Ela olhou para a fileira de árvores e observou enquanto as folhas dançavam com a brisa. Era um cenário completamente normal que devia fazê-la se sentir em paz.

Mas Kylie não estava em paz. O bosque, ou melhor, algo que se escondia dentro

dele, quase a desafiava a encarar o medo e a entrar. Provocava-a para que avançasse até a espessa fileira de árvores. Confusa com a estranha sensação, tentou afastá-la, mas o sentimento persistiu, ainda mais intenso.

Kylie inspirou o cheiro verde da floresta e, no mesmo instante, ela soube.

Soube com clareza.

Soube com certeza.

Mario não ia desistir. E ela não iria, ou talvez nem pudesse, se entregar. Cedo ou tarde Kylie teria de enfrentar o malfeitor novamente. E não seria um encontro sereno, tranquilo ou pacífico. Apenas um deles sairia vivo.

*Você não estará sozinha.* As palavras ecoaram dentro dela como se para lhe oferecer um pouco de paz. Mas o sentimento de paz não veio. As sombras entre as árvores dançavam no chão, convidando-a, chamando-a. Para fazer o quê, ela não sabia, e junto com o desconhecido vieram as perguntas. Perguntas assustadoras.

A apreensão tomou conta de Kylie. Ela cravou os calcanhares mais profundamente na terra batida. A sola do tênis direito provocou um estalo, um som sinistro que pareceu pontuar o silêncio.

— Merda! — Ela olhou para os pés. O palavrão parecia ter sido arrancado do ar e nada a não ser um zumbido sobrenatural permaneceu.

E foi aí que ela ouviu.

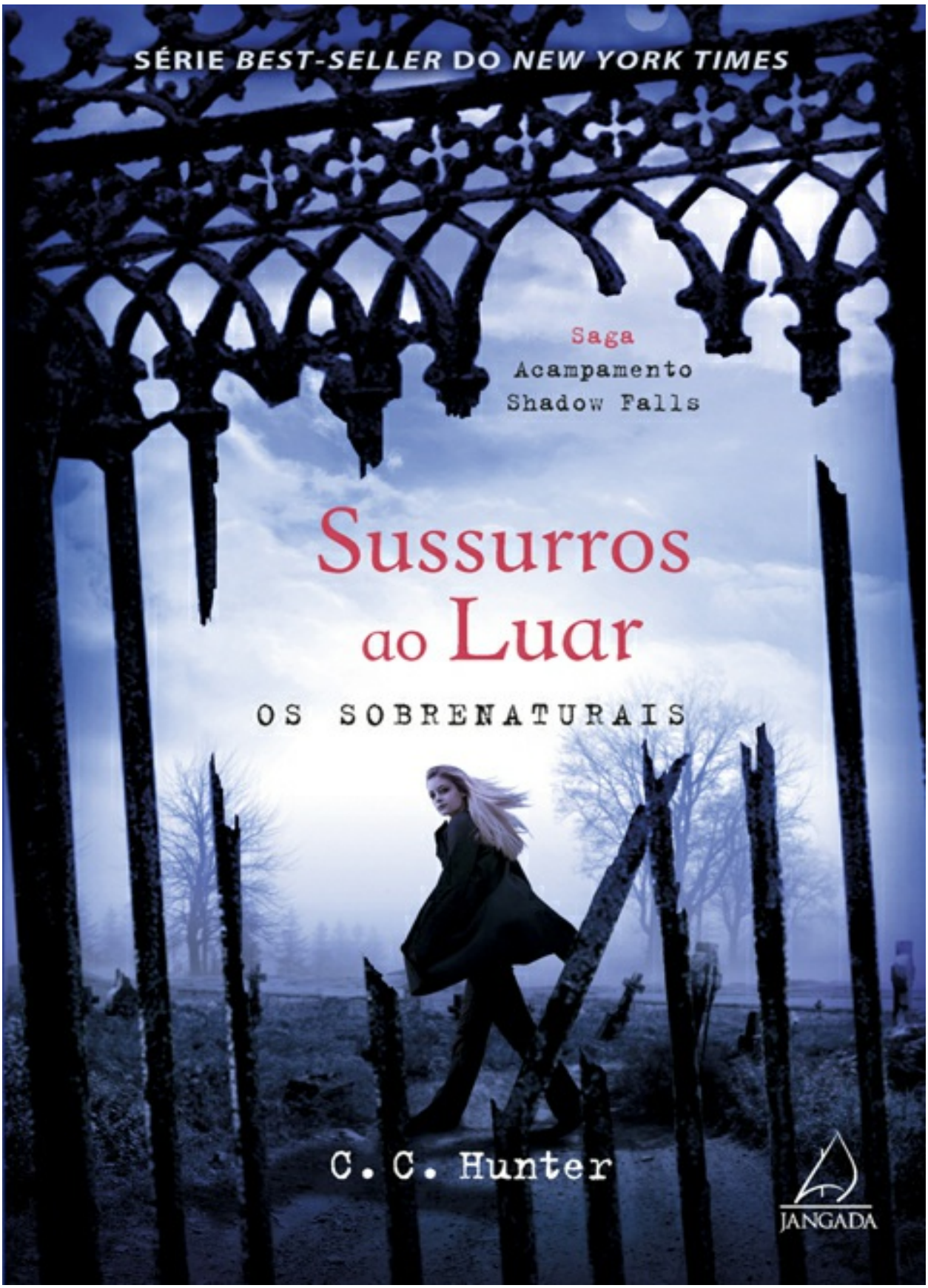
Alguém com uma respiração rouca. Embora o som fosse apenas um sussurro, ela sabia que provinha de alguém atrás dela. Muito perto. E como nenhum calafrio de morte a cercava, ela sabia que não se tratava de alguém do mundo dos espíritos.

O barulho voltou. Alguém enchia os pulmões com o ar vivificante. Estranho como ela agora temia os vivos mais do que os mortos.

Seu coração fez uma parada repentina. Como os sulcos deixados na terra pelas solas de dez centímetros, seu medo crescente deixou sulcos em sua coragem. Sulcos profundos, dolorosos, que a faziam tremer por dentro.

Ela não estava pronta. Se fosse Mario, não estava pronta. Independentemente do que precisasse fazer, o plano ou destino que estava destinada a seguir, ela precisava de mais tempo.

[1] O nome “Jane Doe” foi provavelmente inspirado na série de TV norte-americana sobre John Doe, um homem que não se lembra nada sobre sua vida desde que acorda nu sobre uma pequena ilha ao largo da costa de Seattle. (N. da T.)


SÉRIE BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
Saga
Acampamento
Shadow Falls
Sussurros
ao Luar
OS SOBRENATURAIS
C. C. Hunter
JANGADA

# SUSSURROS AO LUAR

C. C. Hunter

# SUSSURROS AO LUAR

## OS SOBRENATURAIS

*Tradução:*
DENISE DE C. ROCHA DELELA



Título do original: *Whispers at Moonrise*.

Copyright © 2012 Christie Craig.




https://t.me/StarBooksDigital

https://t.me/SBDLivros

Publicado mediante acordo com St. Martin's Press, 175 Fifth Avenue, New York, N.Y.10010.

Copyright da edição brasileira © 2013 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2013.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

*Editor:* Adilson Silva Ramachandra
*Editora de texto:* Denise de C. Rocha Delela
*Coordenação editorial:* Roseli de S. Ferraz
*Produção editorial:* Indiara Faria Kayo
*Assistente de produção:* Estela A. Minas
*Editoração eletrônica:* Fama Editora
*Revisão:* Maria Aparecida A. Salmeron e Vivian Miwa Matsushita
*Produção para Ebook:* S2 Books

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Hunter, C. C.
Sussurros ao luar / C. C. Hunter ; tradução Denise de C. Rocha Delela. 1. ed. — São Paulo : Jangada, 2013.

Título original: Whispers at Moonrise.
ISBN 978-85-64850-35-4
1. Ficção norte-americana I. Título.

13-03581 CDD-813

**Índices para catálogo sistemático:**
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

1ª edição digital - 2013
ISBN Digital: 978-85-64850-42-2

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.
Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a
propriedade literária desta tradução.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br
http://www.editorajangada.com.br
Foi feito o depósito legal.

*À minha editora, Rose Hilliard, e à minha agente, Kim Lionetti, por me ajudarem a atingir meus objetivos como escritora. Ao meu marido, por cozinhar, lavar a louça e se encarregar da roupa suja, para que eu pudesse ter tempo de cumprir os prazos da editora e tornar os meus sonhos realidade.*

# Agradecimentos

Tantas vezes nesta vida perdemos tempo apontando os erros dos outros, desde a garçonete do restaurante até o empacotador do supermercado. Mas nós nos esquecemos de dizer às pessoas quando elas acertam. Então eu gostaria de tirar o meu chapéu para uma organização e um grupo de pessoas que estão fazendo a coisa certa.

Ao Romance Writers of America, pela criação de uma organização que me proporcionou o conhecimento necessário para ascender nesta carreira. À Rosa Brand, pelos seus vídeos incríveis e pela amizade. À Faye Hughes e Kathleen Adey, por me ajudarem a dar conta de tudo. Obrigada por tudo o que vocês duas fazem por mim. A todos os meus amigos escritores, cujo apoio é essencial para transformar essa carreira quase sempre solitária no convívio com um grupo de pessoas que ri e chora junto, e que mantém viva a inspiração uns dos outros. Um agradecimento especial a outra amiga escritora, Susan Muller, pela hora de caminhada, pelas conversas e pelas risadas que damos todos os dias. Aos meus pais, Pete Hunt e Ginger Curtis. Vocês devem ter acertado, porque eu não me saí tão mal assim. Bem, eu não sou perfeita, mas, no geral, vocês devem ter me criado da maneira certa. Aos meus filhos, que também não se saíram tão mal assim. Eu estou orgulhosa de vocês dois. E como, enquanto escrevo estas linhas, é quase Dia dos Pais, obrigada a Jason, meu genro, por ser um pai campeão para a minha preciosa neta. Um grande agradecimento aos fãs que recomendaram a minha série aos amigos. E minha gratidão àqueles fãs que me escreveram e-mails e disseram que os meus livros os tocaram de alguma forma. Esses e-mails ajudam a manter viva a minha alegria de escrever e me incentivam, mesmo quando estou lutando contra prazos apertados. Obrigada a cada um de vocês por fazerem a coisa certa.

# Sumario

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito

Capítulo Vinte e Nove

Capítulo Trinta

Capítulo Trinta e Um

Capítulo Trinta e Dois

Capítulo Trinta e Três

Capítulo Trinta e Quatro

Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis

Capítulo Trinta e Sete

Capítulo Trinta e Oito

Próximos Lançamentos

# Capítulo Um

Kylie Galen estava de pé na varanda do escritório de Shadow Falls, o pânico colocando à prova a sua sanidade. Uma rajada de vento de final de agosto, ainda gelado devido à presença do espírito de seu pai, fez esvoaçar os seus longos cabelos loiros e os espalhou pelo seu rosto. Ela nada fez para afastá-los. Ou para respirar. Só ficou ali, com o ar preso nos pulmões, enquanto olhava através das mechas para as árvores balançando ao sabor da brisa.

*Por que a vida tinha que ser tão difícil?* A pergunta quicava em sua mente como uma bola de pingue-pongue enlouquecida. Então a resposta surgiu tão rápido quanto a pergunta.

*Porque você não é totalmente humana.* Nos últimos meses, Kylie tinha se esforçado para identificar o tipo de sangue não humano que corria em suas veias. Agora ela sabia.

De acordo com o seu velho e querido pai, ela era um... camaleão. Um lagarto, como os que ela via tomando sol no seu quintal. Ok, talvez não exatamente como eles, mas bem parecida. Antes ela se preocupava com a possibilidade de ser um vampiro ou um lobisomem, porque seria um pouco difícil se adaptar ao hábito de beber sangue ou se transformar em lobo na lua cheia. Mas isso... isso era... incompreensível! Seu pai tinha de estar errado.

Seu coração batia forte contra o peito, como se quisesse sair pela boca. Ela finalmente respirou. Inspirou o ar, e em seguida expirou. Seus pensamentos se afastaram do problema do lagarto e se desviaram para outras coisas igualmente ruins.

Sério, nos últimos cinco minutos ela tinha sido nocauteada não apenas por uma, ou duas, ou três, mas por *quatro* revelações absolutamente surpreendentes.

Bem, uma dessas coisas — a confissão de Derek de que ele a amava — não poderia ser considerada totalmente ruim. Mas com certeza também não poderia ser considerada boa. Pelo menos não naquelas circunstâncias. Não quando ela já considerava o relacionamento entre eles coisa do passado. Quando tinha se empenhado durante semanas para se convencer de que eram apenas amigos.

Sua mente fazia malabarismos para pensar nas quatro descobertas ao mesmo tempo. Ela não

sabia em qual delas se concentrar primeiro. Ou talvez sua mente, na verdade, soubesse. *Eu sou um maldito lagarto!*

— Isso é pra valer? — ela perguntou em voz alta. O vento do Texas carregou para longe suas palavras; Kylie esperava que ele as levasse até o seu pai, onde quer que os mortos aguardassem até completar a sua passagem. — Sério, pai? Um lagarto?

Claro que o pai não respondeu. Depois de dois meses falando com espíritos, o dom de ver fantasmas e suas limitações ainda a deixavam exasperada.

— Droga!

Ela deu mais um passo em direção à porta do escritório principal, prestes a descarregar toda a sua frustração em Holiday Brandon, a líder do acampamento, mas então parou. Burnett James, o outro líder do acampamento e um vampiro de toque gelado mas temperamento ardente, estava com Holiday. Como Kylie não conseguia mais ouvi-los discutindo, ela achou que isso significava que poderiam estar fazendo outra coisa. E, sim, por outra coisa, ela queria dizer se pegando, trocando saliva, fazendo a dança da língua. Todas as expressões bizarras que sua amiga Della, uma vampira irreverente e de maus modos, usaria. E citá-las provavelmente significava que Kylie estava de mau humor. Mas ela não tinha direito a um pouco de mau humor depois de tudo o que havia acontecido?

Cerrando os punhos, ela olhou para a porta da frente do escritório. Já tinha interrompido sem querer o primeiro beijo de Burnett e Holiday, e não queria fazer o mesmo com o segundo. Especialmente depois que Burnett ameaçara deixar Shadow Falls. É claro que Holiday poderia fazê-lo mudar de ideia. Ou será que não?

Além disso, talvez ela precisasse se acalmar um pouco. Pensar por um momento antes de correr para Holiday com seus surtos histéricos. Seus pensamentos se desviaram para o seu mais recente fantasma. Como ela poderia ver o fantasma de alguém que ainda estava vivo? Era um truque, certo? Tinha que ser um truque.

Kylie olhou em volta para se certificar de que o fantasma realmente tinha ido embora. O frio havia desaparecido.

Virando-se de costas para a porta, ela desceu correndo os degraus da varanda e contornou a cabana onde ficava o escritório. Começou a correr, querendo experimentar a sensação de liberdade que sentia quando corria realmente rápido, como nenhum ser humano podia correr.

O vento levantava o vestido preto que ela usara no funeral de Ellie e o fazia dançar em torno de suas coxas. Seus pés se moviam com ritmo, sem quase nem sentir falta dos tênis Reebok que ela normalmente usava, mas, quando chegou à borda da floresta, Kylie fez uma parada abrupta — tão abrupta que o salto de seus sapatos deixou sulcos profundos na terra.

Kylie não podia ir para a floresta. Ela não tinha uma sombra, uma companhia obrigatória que a ajudasse a afastar o perverso Mario e seus companheiros, caso estes decidissem atacá-la.

Atacá-la novamente.

Até agora as tentativas do velho para acabar com a vida dela tinham fracassado, mas duas delas tinham resultado na morte de alguém.

A culpa fez latejar o seu peito já apertado. Depois veio o medo. Mario já tinha provado até onde estava disposto a ir para capturá-la, quanto ele era cruel ao tirar a vida do próprio neto bem na frente dela. Como alguém podia ser tão perverso?

Ela olhou para a fileira de árvores e observou enquanto as folhas dançavam com a brisa. Era um cenário completamente normal que devia fazê-la se sentir em paz.

Mas Kylie não sentia paz. O bosque, ou melhor, algo que se escondia dentro dele, a desafiava a encarar o medo e entrar. Provocava-a para que ela avançasse até a espessa fileira de árvores. Confusa com a estranha sensação, Kylie tentou afastá-la, mas o sentimento persistiu, ainda mais intenso.

Ela inspirou o cheiro de mato e, no mesmo instante, soube.

Soube com clareza.

Soube com certeza.

Mario não desistiria. Cedo ou tarde Kylie teria de enfrentar o malfeitor novamente. E não seria um encontro sereno, tranquilo ou pacífico. Apenas um deles sairia vivo.

*Você não estará sozinha.* As palavras ecoaram dentro dela como se para lhe oferecer um pouco de paz. Mas a paz não veio. As sombras entre as árvores dançavam no chão, convidando-a, chamando-a. Para fazer o que, ela não sabia.

A apreensão oprimiu outra vez o peito de Kylie. Ela cravou os saltos mais profundamente na terra batida. A sola do sapato direito produziu um estalo, um som sinistro que pareceu acentuar o silêncio.

— Merda! — Ela olhou para os próprios pés. O palavrão parecia ter sido arrancado do ar e nada exceto um zumbido sobrenatural permaneceu.

E foi então que ela ouviu.

Alguém com uma respiração áspera. Embora o som fosse apenas um sussurro, ela sabia que havia alguém atrás dela. Bem perto. E como nenhum calafrio de morte a cercava, ela sabia que não se tratava de alguém do mundo dos espíritos.

O barulho voltou. Alguém enchia os pulmões com o ar vivificante. Estranho como ela agora temia os vivos mais do que os mortos.

Seu coração parou abruptamente. Como os sulcos deixados na terra pelos saltos de dez centímetros, seu medo crescente deixou sulcos em sua coragem.

Ela não estava pronta. Se fosse Mario, ela não estava pronta. Independentemente do que precisasse fazer, o plano ou destino que estava fadada a seguir, ela precisava de mais tempo.

# Capítulo Dois

— Está tudo... ok?

A voz não era de Mario. Era de Derek.

O tom familiar dispersou o pânico inicial de Kylie, mas apenas por um segundo. *Eu estou apaixonado por você, Kylie*. As palavras que ele dissera havia menos de quinze minutos ainda ecoavam na cabeça dela, trazendo com elas outra tempestade emocional que fazia sua mente e seu coração darem voltas. Derek a amava. Mas e ela? O que sentia?

Kylie mudou levemente de direção, e o salto direito do sapato se desprendeu, fazendo-a perder o equilíbrio. Sua vida era assim: como se tivesse perdido o salto do sapato e sua única opção fosse andar por aí mancando.

— Alguma coisa errada? — Na voz de Derek transparecia a sua preocupação.

*Está tudo bem*. As palavras estavam na ponta da língua, mas ela as engoliu. Derek, um meio-*fae*, podia ler suas emoções. Mentir para ele sobre o seu estado emocional era inútil. Então ela se virou e olhou para ele.

— O que você está fazendo aqui, sem uma sombra? — Derek perguntou. — Você sabe que não deve ficar sem uma, caso aquele vampiro pirado resolva voltar.

Quando seus olhos encontraram os de Derek, ela viu um lampejo de pânico dentro deles. Sabia que o pânico nos olhos dele era o que ela própria sentia. Quando ela estava sofrendo, ele sofria com ela. Quando ela se alegrava, ele se enchia de alegria também. Quando ela temia alguma coisa, ele temia por ela. Considerando seu estado emocional nesses últimos minutos, ele devia estar vivendo num verdadeiro inferno.

O peito de Derek inflou sob a camiseta verde musgo que o moldava. Ele pôs a mão sobre o abdômen bem definido, enquanto enchia os pulmões de ar. Seu cabelo castanho-escuro parecia despenteado pelo vento e a franja se agarrava à testa. Uma gota de suor escorria pelo seu rosto. Por um segundo, ela só pensou em cair nos braços dele, deixando que seu toque reconfortante afugentasse a apreensão dentro dela.

— Você está assim... por causa do que eu disse? — ele perguntou. — Se for... esquece. Não disse aquilo para que se sentisse dividida.

Não dava para esquecer uma declaração de amor, Kylie pensou. Não se ela fosse sincera. Mas ela não disse nada.

— Não tem a ver com o que você disse. — Então ela percebeu que isso também era mentira. A confissão dele tinha causado um verdadeiro caos em suas emoções. — Bem, é outra coisa, também.

— O quê? — As palavras dele saíram entrecortadas. Seus olhos procuraram os dela e ela viu as raias douradas em suas íris ficarem mais brilhantes. — Eu sinto que você está apavorada e confusa e...

— Mas está tudo bem. — Ela percebeu novamente que ele estava sem fôlego, como se tivesse corrido um quilômetro para chegar ali. *Será que tinha mesmo?* — Onde você estava?

Ele inspirou outra golfada de ar.

— Na minha cabana.

*Há mais de um quilômetro daqui.*

— Você sentiu minhas emoções mesmo de tão longe?

— Senti. — Ele estreitou os olhos como se esperasse que ela não o culpasse por isso. Ela não gostava que suas emoções fossem como um livro aberto para ele, mas não podia culpá-lo. Ele lhe confessara uma vez que, se pudesse parar de captar as emoções dela, faria isso. Ela acreditou nele.

— Você não tinha falado que isso estava diminuindo? — perguntou ela. — Captar minhas emoções com tanta intensidade ainda te enlouquece?

Ele deu de ombros.

— Ainda é algo bem forte, mas não me oprime tanto quanto antes. Posso lidar com isso, agora que eu...

Agora que ele tinha aceitado que a amava. Foi isso que ele havia dito a ela. Era por isso que a ligação entre eles tinha ficado mais forte. O peito dela ficou novamente pesado com a indecisão. Ainda bem que um deles conseguia lidar melhor com isso. Porque ela não tinha certeza se conseguia. Não depois de saber que ele a amava. Não, com qualquer das revelações com que tinha de lidar agora. Pelo menos não naquelas circunstâncias.

— O que você tem? — Ele se aproximou. Estava tão perto que ela podia sentir o cheiro da sua pele — conhecido, autêntico, real.

A tentação de cair em seus braços tomou conta dela. Ansiava por sentir seu peito subindo e descendo enquanto ele respirava, deixar que o que acontecera entre eles no passado também fizesse parte do seu futuro. Fechando os punhos com força, ela passou por ele mancando com o salto quebrado, foi até uma árvore e escorregou pelo tronco até o chão. A terra estava mais fria do que a temperatura no ar. As folhas de grama faziam cócegas na parte de trás das suas pernas, mas ela ignorou.

Ele não esperou por um convite; sentou-se ao lado dela. Não tão perto a ponto de se tocarem, mas perto o suficiente para que ela pensasse em tocá-lo.

— Então é mais de uma coisa? — ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, e a decisão de confiar nele parecia já ter sido tomada.

— Meu pai apareceu para mim. — Ela mordeu o lábio. — Ele me disse o que eu sou.

Derek pareceu intrigado.

— Eu pensei que você quisesse saber.

— Eu queria, mas... Ele disse que eu sou um camaleão. Sabe, como um lagarto.

Ele franziu as sobrancelhas e então riu.

Ela não gostou muito da franqueza dele. O pânico voltou triplicado. Kylie queria saber o que ela era para que os outros a aceitassem, para que finalmente pudesse encontrar a sua tribo, mas e se ela acabasse se tornando de fato uma aberração?

— Eu detesto lagartos! — ela desabafou. — Eles são como cobras, criaturinhas viscosas de olhos esbugalhados, que vivem correndo por aí na imundície, comendo insetos rastejantes. — Ela olhou para a floresta de novo, imaginando uma brigada de lagartos olhando para ela. — Uma vez eu vi um programa na TV que mostrava em câmera lenta um lagarto de língua comprida comendo uma aranha. Foi nojento!

Derek balançou a cabeça, todo o humor desaparecendo dos seus olhos.

— Eu nunca ouvi falar de lagartos sobrenaturais. Você tem certeza?

— Eu não tenho certeza de nada. Isso é que é tão assustador. Não saber. — Ela estremeceu. — Sério, é melhor se alimentar de sangue do que ter uma língua comprida e comer insetos.

— Talvez seu pai esteja errado. Você disse que fantasmas têm dificuldade para se comunicar.

— A princípio, sim, mas agora tudo o que o meu pai fala faz sentido.

Derek não parecia convencido.

— Mas o que você acha que um camaleão sobrenatural é, ou faz? Só consigo pensar que eles mudam de cor.

Kylie deixou que as palavras dele dessem voltas no seu cérebro por um instante.

— Será que é isso?

— Você pode mudar de cor? — A dúvida se estampou no rosto dele.

— Não, mas talvez eu possa mudar de padrão. Como o meu avô e a minha tia, quando pareciam humanos. E como eu pareço humana agora.

— Ou... talvez seu pai esteja passando por uma recaída e esteja apenas confuso. Porque eu nunca ouvi falar de nenhum ser sobrenatural capaz de fazer seu padrão cerebral mudar.

— E quanto a mim? — ela perguntou. — E o meu avô e a minha tia?

Ele deu de ombros.

— Holiday disse que provavelmente um feiticeiro lançou um feitiço no seu avô e na sua tia.

— E lançou um feitiço em mim também? — Kylie perguntou.

— Não, mas... Ok, eu não tenho resposta. — Ele franziu a testa. — E eu sei que isso a deixa frustrada. Mas você não me disse que o seu avô de verdade vai vir visitá-la? Com certeza ele vai esclarecer tudo isso.

— É. — Ela mordeu o lábio inferior.

Derek ficou olhando para ela.

— Tem alguma coisa errada nisso também, não tem?

Ela suspirou.

— Quando eu perguntei ao meu pai o que significava ser um camaleão, ele disse que descobriríamos juntos.

— E por que isso é ruim...?

Kylie declarou o óbvio.

— Ele está morto, suas visitas aqui na terra são limitadas; então isso significa que vou morrer em breve?

— Não, ele não quis dizer isso. — Seu tom de voz se aprofundou com a sua convicção.

Ela começou a argumentar, dizendo que ele não podia dizer aquilo com tanta certeza, mas queria tanto acreditar nele que se calou. Respirou fundo, olhou para a grama e tentou encontrar paz na certeza de que seu avô estaria ali em poucos dias. Tentou encontrar paz sabendo que dividira com outra pessoa os seus problemas. E ela se sentiu um pouco melhor.

— Você perguntou a Holiday? — Ele se inclinou e seu ombro esbarrou nela, seu calor, seu toque suave afugentando um pouco de sua angústia.

Ela balançou a cabeça.

— Ainda não. Ela ainda está no escritório com Burnett.

Kylie ainda não tinha refletido sobre a questão do fantasma. Se o espírito de alguém aparecia quando a pessoa ainda não estava morta, o que isso significava? As respostas possíveis começaram a acelerar o seu coração.

— Eu acho que isso é importante — disse ele.

— Eu sei, mas...

— Tem outra coisa, não é?

Ela olhou para ele. Derek estava lendo suas emoções ou a sua mente?

— Problemas com fantasmas — disse ela.

— Que tipo de problemas?

De todos os campistas, Derek era o único que não fugia à menção dos fantasmas.

— Essa pessoa não está morta.

— Então não é um fantasma. — Derek parecia confuso.

Kylie mordeu o lábio.

— É... Quero dizer, a princípio o espírito tinha todo aquele jeitão de zumbi — pedaços de pele pendurados, vermes —, mas depois mudou. E quando isso aconteceu, o rosto se transformou no de alguém que eu conheço.

— Como isso é possível? — ele perguntou.

Ela fez uma pausa.

— Eu não sei. Talvez seja um truque.

— Ou não — discordou Derek. — Acha que alguém vai morrer?

*Não outra pessoa*, ela queria gritar.

— Eu não sei. — Ela arrancou um tufo de grama do chão.

— Quem é? — ele perguntou. — Não é alguém daqui, é?

O peito de Kylie se apertou. Ela não queria dizer, com medo de que, se dissesse em voz alta, faria a coisa acontecer de verdade.

— Eu só preciso de mais um tempo para pensar nisso.

Derek empalideceu.

— Ah, droga! Sou eu?

— Não. — Kylie jogou longe o tufo de grama e ficou observando-o girar no ar até aterrissar no chão.

Quando ela olhou para trás, pôde sentir Derek captando as suas emoções, tentando decifrar o seu significado.

— Você gosta um bocado dessa pessoa.

Ele franziu as sobrancelhas.

— Lucas?

Ela ouviu a dor em sua voz só por dizer o nome do lobisomem.

— Não — ela disse. — Podemos mudar de assunto? Eu não quero mais falar sobre isso. Por favor.

— Então é Lucas? — Derek perguntou.

— O que tem Lucas? — Uma voz profunda e irritada soou de repente.

Kylie olhou para cima e viu Lucas saindo do bosque. A raiva tinha feito seus olhos adquirirem um tom alaranjado. Ela se encheu de culpa só por um segundo, então lutou contra esse sentimento. Não estava fazendo nada errado.

— Nada — Derek respondeu com rispidez, quando viu que Kylie não ia dizer nada. O *fae* ficou de pé e deu um passo na direção do escritório. Depois fez uma pausa, olhou para trás, na direção dela, e em seguida para Lucas. — A gente só estava conversando. Não precisa brigar com ela por causa disso.

Lucas soltou um rosnado. Derek se afastou, parecendo não se importar nem um pouco com a raiva de Lucas. Kylie agarrou outro tufo de grama e arrancou-o do solo.

— Eu não gosto disso. — Lucas olhou para ela.

— Estávamos só conversando.

— Sobre mim.

— Eu estava contando a ele sobre um espírito e que... ele se parece com alguém de quem eu gosto, e ele perguntou se era você. Você devia ficar feliz de saber que eu gosto de você.

A expressão de Lucas se fechou ainda mais. Seria por causa de Derek ou porque ela tinha mencionado os fantasmas? A incapacidade de Lucas de aceitar o seu trabalho com os espíritos a magoava.

— Ele é louco por você — respondeu Lucas.

*Eu sei.*

— Estávamos apenas conversando.

— Isso me deixa possesso. — Seus olhos brilhavam, num profundo tom de laranja queimado.

— O que o deixa possesso? Que eu fale com Derek ou que eu fale de fantasmas?

— As duas coisas. — Ele disse isso com tanta honestidade que ela achou difícil culpá-lo. — Mas, principalmente, saber que você fica por aí com essa "fada".

Kylie estremeceu ao ouvir o insulto a Derek. Então, sem saber direito o que dizer, se levantou. Esquecendo-se do sapato com o salto quebrado, ela quase tropeçou. Lucas a segurou pelo cotovelo.

Ela encontrou o olhar de Lucas, ainda marcado pela ira lupina. Mas o seu toque era terno e solícito, sem nenhum indício da fúria que ela vira em seus olhos.

Ela se lembrou de que algumas das reações de Lucas eram instintivas, o que significava que não podia condená-lo por isso. Outra parte dela sabia que, fossem instintivas ou não, ele não estava agindo da maneira correta.

Kylie suspirou.

— Nós já conversamos sobre isso.

— Conversamos sobre o quê?

— Sobre as duas coisas. Eu ajudo espíritos, Lucas. Isso provavelmente nunca vai mudar.

— Eu sei, mas eles vivem te matando de susto. Eles vivem *me* matando de susto.

Kylie ficou tensa.

— Você acha que o fato de você se transformar em lobo não me assusta?

— Não é a mesma coisa. Eles são fantasmas, Kylie. Isso não é... não é natural.

— Mas se transformar em lobo é totalmente natural — disse ela com sarcasmo.

Ele bufou.

— Ok, considerando que você viveu a vida toda como humana, eu entendo o que quer dizer. E embora eu tenha certeza de que nunca vou apreciar essa sua capacidade de falar com fantasmas, estou me empenhando para aceitar isso. — Seu tom revelava quanto isso era difícil para ele. — Mas aceitar que você fique por aí com Derek não é fácil quando sei que, se ele tivesse uma chance, ia roubar você de mim num estalar de dedos.

Ela engoliu a emoção intensa que a invadiu e tocou o peito de Lucas. Seu calor atravessou a camisa e aqueceu a mão dela.

— Eu sei como se sente. Porque sinto a mesma coisa quando vejo você com Fredericka. E é por isso que sei que não posso lhe dizer para ficar longe dela.

Ele colocou a mão sobre a mão de Kylie, e uma súplica suave para que ela o compreendesse transpareceu em seu olhar.

— É diferente. Fredericka faz parte da minha alcateia.

Ela balançou a cabeça.

— E Derek é meu amigo.

— Exatamente. Essa é a diferença. Um amigo não é a mesma coisa que um membro da alcateia.

— Para mim é. — Ela sacudiu a cabeça. — Pense. Você é leal aos membros da sua alcateia. Você iria defendê-los. Você se preocupa com eles. Eu me sinto da mesma maneira com relação aos meus amigos.

— É por isso que você não é um lobisomem. Ou pelo menos não ainda. — Ele pôs a mão livre ao redor da cintura dela e puxou-a para mais perto. — Espero que, em breve, tudo comece a fazer sentido para você.

*Eu nunca serei um lobisomem*. Ela olhou para ele. As evidências da raiva tinham desaparecido dos olhos dele, e ela viu afeição nos profundos olhos azuis. Lucas gostava dela. Ela sabia disso com certeza. E talvez por essa razão, hesitava em contar o que sabia. Instantaneamente, ocorreu-lhe que ela não hesitara em contar a Derek. Por que ela confiava em Derek e não em Lucas? Incomodada com o pensamento, obrigou-se a dizer: — Eu não sou uma loba.

— Você ainda não sabe — discordou ele. — O fato de ter se desenvolvido mais antes da lua cheia e de ter oscilações de humor tem que significar alguma coisa.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não sou um lobisomem. Eu sei o que sou.

Os olhos dele se estreitaram, intrigados.

— Você sabe...? Como?

— Meu pai apareceu para mim novamente. Ele disse que eu sou um camaleão.

Perplexidade se estampou no olhar de Lucas.

Ela franziu o cenho.

— Eu não sei exatamente o que significa.

— Não faz sentido — ele deixou escapar. — Isso não existe. Só porque algum fantasma disse...

— Não foi "algum fantasma". Foi o meu pai.

— E seu pai é um fantasma. — Se ele tinha ou não intenção de insultá-la ou não, foi isso que pareceu para Kylie.

Suas palavras e sua atitude a feriram. Ela tirou a mão do peito quente de Lucas. Todo o caos emocional de antes se agitou dentro dela.

— Eu sei que ele é um fantasma — disse Kylie. — E gostaria que ele não estivesse morto. Gostaria de saber o que ele quis dizer. E gostaria que você pudesse me aceitar como eu sou.

Mas não posso mudar o fato de que meu pai morreu antes de eu nascer. Eu não tenho culpa de não entender o que ele quis dizer. Aliás, não entendo um décimo do que está acontecendo na minha vida agora. E tenho a impressão de que você nunca vai conseguir me aceitar pelo que eu sou.

— Isso não é verdade. — A expressão de Lucas endureceu com a negação.

— É verdade, sim. — Ela se virou e se afastou, mancando por causa do salto quebrado.

Kylie ouviu-o pedindo para que ela não fosse embora. E ignorou o seu pedido. Então parou e se abaixou para tirar os sapatos. Ao se endireitar novamente, seus olhos se desviaram para a fileira de árvores e ela reparou que as folhas se mexiam mesmo sem que houvesse uma brisa. Percebeu de novo aquela sensação inexplicável de que estava sendo atraída para a floresta. Por mais tentador que fosse, ela se afastou. Afastou-se da floresta. Afastou-se de Lucas.

E ambas as coisas, de alguma forma, pareciam erradas.

# Capítulo Três

Os pés descalços de Kylie moviam-se rápidos de encontro à terra enquanto ela corria. Ela ouviu uma miscelânea de vozes vinda do refeitório, onde todos se reuniram após o funeral de Ellie. Ellie, que morrera nas mãos de Mario.

Outra onda de culpa tomou conta de Kylie. Ela correu mais rápido. Não queria se juntar aos outros campistas. Ela queria... *precisava*... ficar sozinha.

Estava quase chegando à sua cabana quando sentiu uma lufada de ar passar por ela. Um vampiro com pressa. Talvez um vampiro caçando.

Kylie se esforçou para correr mais rápido e se preparou mentalmente para lutar. Não que tivesse alguma chance de vencer uma batalha contra um vampiro. A superforça que ela tinha só aparecia quando estava ajudando os outros.

*Uma protetora*, era assim que os outros sobrenaturais a chamavam. Mas como poderiam chamá-la assim se ela não tinha protegido Ellie? Nem mesmo as suas habilidades de cura tinham surtido efeito. Que injustiça ela ter salvado um pássaro, trazendo-o de volta à vida, e não ter conseguido salvar uma amiga! Ela estava disposta a pagar o preço. Não importava quanto de sua alma teria que dar em troca para salvar Ellie.

Ela sentiu novamente: a lufada de ar quando algo passou rapidamente por ela.

Dessa vez viu uma cortina de cabelos negros esvoaçantes. Definitivamente era um vampiro.

Mas ele não estava caçando.

Della apareceu ao lado de Kylie, correndo no mesmo ritmo alucinante. Mas por ser uma vampira, ela se movia com facilidade, como se estivesse correndo por diversão.

— O que há de errado? — O cabelo escuro de Della, herança da sua ascendência asiática, tremulava atrás dela como uma bandeira.

— *Você* é o que há de errado. — Kylie parou bruscamente. — Odeio quando você passa por mim correndo desse jeito e eu não consigo ver se é de fato você. Eu me sinto ameaçada. Me sinto como... uma presa.

— Ah, corta essa! — resmungou Della, com o seu jeito malcriado de sempre. — Me desculpe por estar preocupada. Eu ouvi você correndo como uma louca e pensei que alguém estivesse te perseguindo.

— Sinto muito, mas ninguém está me perseguindo. — O olhar de Kylie voltou-se outra vez para a floresta. *Ele só está me provocando para que eu entre na floresta e enfrente-o*. Mas quem é ele, e por quê? No início ela achava que era Mario, mas e se estivesse errada?

— O que aconteceu? — Della perguntou.

Kylie tirou os olhos da floresta.

— Nada.

Della inclinou a cabeça para o lado, como se estivesse ouvindo o coração de Kylie, buscando os sinais de que a amiga estava tentando enganá-la. Então revirou os olhos.

— Mentirosa... Que coisa feia...

Kylie gemeu.

— Tudo bem. Estou mentindo. E daí?

— Uau! Você está com um humor daqueles! O que a deixou assim?

— Você. — Kylie se encolheu ao ouvir o seu próprio tom rude.

Della sorriu como se apreciasse a raiva da amiga. Kylie começou a andar.

— Quem deveria ser a sua sombra hoje? — Della perguntou.

— Eu não sei. — O olhar de Kylie disparou para a floresta e a sensação bateu mais forte do que nunca. Ela saiu correndo pela trilha, acelerando o passo ao máximo. Não parou até que chegou à sua cabana. Sentiu uma câimbra do lado direito de tanto correr. Ao chegar na varanda, desabou no chão.

— Então, o que aconteceu? — Della não estava nem mesmo respirando com dificuldade quando se sentou ao lado de Kylie.

*Algo na floresta está chamando o meu nome*. Isso parecia loucura. Kylie não podia dizer isso. Ela olhou para Della. Os olhos pretos puxados da companheira de alojamento pareciam realmente preocupados e a fizeram se sentir uma megera.

— Desculpe. Estou de mau humor.

— O que é muito raro — disse Della. — Eu meio que gosto disso.

Kylie revirou os olhos e deixou de lado as suas reservas.

— Você já ouviu falar em camaleões?

— Já — respondeu Della.

— Já? O que você sabe sobre eles?

— São lagartos que mudam de cor. De acordo com Chan, eles não têm um gosto tão ruim. No Havaí, os vampiros da região vendem o sangue desses bichos. Deve ser tão bom quanto o O negativo.

— Não. — Kylie puxou os joelhos para cima e os abraçou.

— Não, o quê?

— Quero dizer... camaleões que são um tipo de sobrenatural.

— Um lagarto sobrenatural? — Della riu.

Kylie ficou de pé num salto.

— Ei! — Della apareceu ao lado dela. — O que há de errado com você?

Kylie abriu a porta da cabana e olhou de volta para Della.

— Tudo está errado.

— É por causa de Ellie? — A voz de Della insinuava uma emoção que a vampira queria esconder.

O coração de Kylie ficou mais apertado.

— É, é por causa da Ellie. É porque eu sou um lagarto. É tudo.

— Você é um lagarto? — A seriedade desapareceu dos olhos da amiga e ela sorriu.

Kylie irrompeu através da porta, então virou-se novamente para Della.

— É isso mesmo, você é uma vampira e eu sou um lagarto, por isso pode ir se acostumando.

O sorriso de Della desapareceu.

— Você fumou alguma coisa? Sério, acho que você é um lobisomem. Esse seu humor irritadiço é um pista infalível.

— E os vampiros? Não são irritadiços? — disse Kylie, revirando os olhos.

— Não, nós somos mal-humorados. Irritadiços e mal-humorados são duas coisas completamente diferentes.

Della entrou na cabana. A tentativa da vampira de mostrar bom humor era para ajudar Kylie, não para feri-la.

Mas Kylie não estava no clima.

— Eu não sou um lobisomem. — Lágrimas ardiam em seus olhos. — Se eu fosse, então Lucas ficaria feliz e tudo estaria em perfeita ordem neste mundo.

Della olhou para ela espantada.

— Você está falando sério?! Quem te disse que você é um lagarto?

— Meu pai.

Os olhos de Della se arregalaram.

— Está brincando.

— Não, não estou.

Della deixou-se cair no sofá e olhou a sala em volta.

— Ele está aqui agora?

— Não.

— Ótimo. — Ela bateu as mãos nas coxas. — Talvez *ele* estivesse fumando algo.

Kylie revirou os olhos cheios de lágrimas.

— Você poderia parar de fazer piadinhas?

Della pegou uma almofada do sofá e jogou em Kylie.

— Olha aí, seu lado lobisomem vindo à tona novamente.

Kylie se virou para entrar em seu quarto, mas antes que chegasse à porta, Della estava na frente dela. Era assustadora a rapidez com que um vampiro podia se mover.

— Tudo bem — disse Della. — Eu vou tentar ficar séria, mas... É loucura. Eu sei que você não quer acreditar, mas alguém está curtindo com a sua cara. Não existe essa coisa de lagarto sobrenatural. É só você perguntar a ela.

— Ela quem? — A porta principal da cabana bateu e Miranda entrou na sala. Seu cabelo loiro estava solto, listado com mechas cor-de-rosa, verde e preta. Kylie não sabia se Miranda usava seus poderes de bruxa para tingir o cabelo ou se era tinta mesmo.

Miranda franziu o cenho.

— Por que você me deixou lá sozinha? — ela perguntou a Della.

Della fez uma careta.

— Foi mal. Kylie está tendo uma crise. Eu só posso ser superamiga de uma de vocês de cada vez.

Miranda olhou para Kylie.

— Que tipo de crise?

Normalmente, Kylie contava tudo a Miranda e Della, mas nesse momento ela preferia ficar de boca fechada. Durante todos aqueles meses ela ansiara por saber de que espécie era, achando que isso iria resolver tudo e, no entanto, ali estava ela, supostamente sabendo que era um camaleão, e se sentindo mais confusa do que nunca.

— Crise de réptil apetitoso. — Della riu, colocou a mão na boca e depois se voltou para Kylie, pedindo desculpas com os olhos. — Opa!

— O quê? — Miranda exclamou.

Della apoiou uma mão no quadril.

— Diga a Kylie que lagartos sobrenaturais não existem.

— Perry pode se transformar num lagarto. — Os olhos de Miranda brilharam com orgulho. — Ontem ele se transformou em...

— Por favor, chega de histórias sobre Perry. — Della pressionou as mãos contra o estômago. — Senão juro que vou vomitar.

— Você é tão idiota... — Miranda rebateu.

— Eu não sou idiota. Estou farta de ouvir histórias sobre Perry. "Os dedos mindinhos de Perry são tão bonitos!", "Perry tem as sardas mais charmosas que eu já vi atrás da orelha direita."

— Você só está com inveja! Porque não tem namorado e Kylie e eu temos!

*Tinha*. Kylie *tinha* um namorado. Ela não tinha certeza do que ia acontecer entre ela e Lucas agora. Os apelos do lobisomem para que ela não fosse embora ecoaram em seu coração.

— Inveja? — Della rugiu para Miranda. — Ah, pelo amor de Deus, eu prefiro cair morta agora do que viver apaixonada como você.

Miranda ergueu a mão e mexeu o dedo mindinho — um sinal claro de que um feitiço estava prestes a ser lançado dos seus lábios. Os olhos de Della brilharam e seus caninos se projetaram.

— Chega! — Kylie olhou de uma para a outra. Ela não aguentava mais. — Ah, que inferno! Quer saber, não parem, não. Vocês duas ameaçam se matar desde que cheguei aqui, e isso está me deixando louca. Então, simplesmente se matem logo para pôr um fim nesse sofrimento. — Por dentro, Kylie estremeceu. Ela não queria ter dito aquilo. Nem mesmo agora, quando estava tão furiosa. No entanto, talvez um pouco de psicologia reversa corrigisse aquelas duas.

Miranda e Della encararam Kylie como se ela tivesse perdido o juízo. Elas poderiam até estar certas, mas em parte era por culpa delas. Suas discussões estavam deixando Kylie a ponto de enlouquecer.

— Vamos lá! O que estão esperando? Se matem de uma vez. E façam isso de um jeito divertido. — Kylie cruzou os braços e fulminou as duas amigas. Começou a bater um pé no chão, assim como a mãe dela fazia quando estava à beira de um ataque de nervos.

Os olhos de Della voltaram à sua cor original e seus caninos desapareceram sob o lábio superior. Miranda baixou seu ameaçador dedo mindinho. Quer dizer então que a psicologia reversa funcionava de fato. Rá!... Quem diria...

— O que há de errado com ela? — Miranda perguntou a Della como se Kylie estivesse tão mentalmente instável a ponto de não poder responder por si própria.

— Não há nada errado comigo — respondeu Kylie, frustrada além dos limites. — Eu me pergunto o que há de errado com vocês duas.

Della olhou para Miranda e encolheu os ombros.

— Ela pensa que é um lagarto.

— Um camaleão — Kylie corrigiu.

Miranda revirou os olhos.

— Coitadinha. Está agindo como um lobisomem.

Della lançou a Kylie um sorrisinho.

— Eu disse isso a ela. Mas ela me ouve? Claro que não!

— Eu não sou um lobisomem. — Não importava o que Kylie desejasse ser agora.

— Mas, se você for, tudo bem — disse Miranda. — Prometemos te amar de qualquer maneira.

Kylie desabou numa cadeira da sala, enquanto as duas melhores amigas olhavam para ela com um misto de piedade e malícia. Elas achavam que Kylie estava louca. E talvez ela estivesse mesmo. Achava que a floresta estava chamando seu nome e acreditava que era um réptil. Ela se inclinou para trás e olhou para o teto.

— Eu sou um camaleão — disse ela, esperando que dizer isso lhe trouxesse algum tipo de entendimento instintivo. Ela prendeu a respiração, esperando por uma epifania — uma certeza interior que faria com que tudo parecesse entrar nos eixos.

Nada aconteceu. E nada pareceu entrar nos eixos. Não parecia certo ela ser um lagarto. Nem ver um fantasma com o rosto de alguém que ainda estava vivo, nem o seu pai sugerir que ela iria em breve fazer um passeio até o além, e muito menos a confissão de Derek de que ele a amava.

Nada. Nada parecia certo. Ela gemeu.

— Dê a Kylie uma Coca Diet, Della — disse Miranda. — Talvez o açúcar dê uma turbinada no cérebro dela.

— Esse refrigerante não tem açúcar de verdade — respondeu Della.

— Eu sei. Mas você já ouviu aquela frase? Finja até que seja verdade?

— Ah, esqueça a Coca. Eu vou pra cama. — Kylie levantou da cadeira num salto e foi para o quarto, batendo a porta com tanta força que quase a arrancou das dobradiças.

Atrás da porta, ouviu as amigas dizerem ao mesmo tempo: — Definitivamente, um lobisomem.

Ela não tinha chegado a sua cama quando ouviu um barulho alto na sala de estar. Será que Miranda e Della tinham finalmente decidido se atracar? Sentindo-se culpada por encorajá-las, resolveu sair do quarto para evitar a briga, mas se acalmou quando ouviu vozes.

— Onde está Kylie? — A voz grave e profunda de Burnett atravessou a parede ao mesmo tempo que seu celular começou a tocar.

Ela tirou o telefone do bolso e abriu a porta. Burnett estava do lado de fora, já com a mão levantada para bater na porta. Raiva e um ar de culpa se estampavam no seu rosto.

— Algo errado? — O telefone vibrava na mão de Kylie.

— Você está bem?

— Por que não estaria? — Será que tinha acontecido mais alguma coisa? A essa altura, nada poderia surpreendê-la.

# Capítulo Quatro

— Você saiu sem me avisar. — Os lábios de Burnett se comprimiram numa linha fina enquanto ele a repreendia.

— Não saí, não. — Kylie viu Della e Miranda atrás de Burnett, com expressões preocupadas. Sem dúvida, não tinha sido sensato discordar de Burnett.

— Você estava no escritório e então foi embora — Burnett rosnou. — Eu deveria ser a sua sombra.

— Isso foi há quase uma hora — lembrou-o Kylie. Será que só agora ele havia percebido que ela tinha ido embora?

O toque do celular chamou novamente a sua atenção e ela resolveu checar quem estava chamando. O nome de Holiday estava na telinha. Então a líder do acampamento, com o telefone ainda pressionado contra a orelha, invadiu a cabana.

— Você a encontrou! — O alívio transbordou dos olhos de Holiday e ela dobrou os braços sobre o estômago e respirou, como se tivesse corrido o caminho todo até ali.

— Você não devia ter saído sem dizer nada — disse Burnett a Kylie.

Holiday fechou o celular e o de Kylie parou de tocar. Kylie olhou para a líder do acampamento, recordando as perguntas sobre o fantasma que ela precisava fazer à amiga. *Como alguém vivo pode aparecer como um fantasma?*

— Eu estava encarregado de cuidar de você — disse Burnett, continuando o sermão.

Kylie olhou para Burnett enquanto colocava o telefone na mesinha lateral. Ela provavelmente devia manter a boca fechada, mas o seu mau humor prevaleceu.

— Você não pode me culpar. Eu disse que estava indo embora. Não uma vez, mas duas. Vocês dois estavam muito ocupados brigando para me ouvir. — Quando suas próprias palavras hostis chegaram aos seus ouvidos, ela se preocupou que talvez Della e Miranda concluíssem definitivamente que ela era um lobisomem.

Holiday se aproximou.

— Nós não estávamos brigando.

De fato, Kylie pensou, notando que a camiseta de Holiday estava do avesso. Não estavam brigando, hein? Então, o que estavam fazendo para que Holiday vestisse a camiseta do avesso? Toda a frustração de Kylie diminuiu e ela quase sorriu. Quase.

— É, estávamos brigando — confessou Burnett, como se de repente se lembrasse.

— Só estávamos discutindo sobre algumas coisas. — Holiday lançou a Burnett um olhar que dizia: *Não discorde de mim quanto a isso*.

— Estávamos discutindo acaloradamente. — Burnett recebeu outro olhar duro da líder do acampamento de cabelos ruivos.

— Concordo — murmurou Della. — Eu ouvi vocês o tempo todo do refeitório. E não estou bem certa do que foi que a minha audição supersensível captou.

— É verdade — disse Miranda. — Porque eu não consegui ouvir nada. Mas provavelmente foi porque eu estava conversando com Perry — explicou a bruxinha com um olhar sonhador. — Eu *adoro* conversar com Perry.

Della gemeu.

— É isso aí — Miranda continuou. — Não existe nada tão divertido quanto uma boa discussão. Então, se alguém quiser me contar alguma coisa, eu apreciaria muito. — Ela esfregou as mãos. — Apenas as partes boas.

Burnett bufou de frustração.

— Nós só estávamos...

— O que estávamos fazendo não importa — Holiday falou de repente, com as bochechas corando.

— Então não estavam brigando? — Miranda parecia intrigada.

Kylie quase sorriu novamente. Holiday estava certa. O que estavam fazendo não importava. O que importava era que tinham feito as pazes. O mais importante era que Holiday havia conseguido convencer Burnett a não ir embora do acampamento. Shadow Falls precisava dele.

Holiday precisava dele.

Tudo dentro de Kylie lhe dizia que aqueles dois tinham sido feitos um para o outro. Infelizmente, Holiday resistia à ideia de ficar com Burnett. E, embora ela não tivesse admitido ainda, Kylie suspeitava que tudo tinha a ver com o noivo vampiro de Holiday que partira o seu coração ao deixá-la no altar. Kylie também sentia que havia algo mais naquela história que Holiday não deixava transparecer. Não que ser deixada no altar já não fosse ruim o bastante, mas alguma coisa dizia a Kylie que havia acontecido algo ainda mais traumático. Por que outra razão Holiday rejeitaria o amor de Burnett?

Deus sabia que não era fácil para um vampiro ser rejeitado. Kylie tinha lhe dito que ele precisava ter paciência. Holiday não poderia continuar a rejeitá-lo por muito tempo. Não quando Burnett era praticamente perfeito. Alto, moreno, mal-humorado de um jeito sexy, e de bom coração. Claro que, sendo vampiro, ele não andava por aí elevando o ânimo das

pessoas como Holiday fazia. Mas era um sujeito atencioso.

Será que Holiday finalmente ia recuperar o bom senso?

— Você vai ficar em Shadow Falls? — Kylie perguntou a Burnett, prendendo a respiração em expectativa.

Burnett olhou para Holiday e Kylie podia apostar que ele quase sorriu.

— Eu vou ficar.

— *Yes*! — Miranda e Della ensaiaram um "Toca aqui!" e fizeram a dancinha da vitória.

Um sentimento de que tudo estava entrando nos eixos preencheu o peito de Kylie. Talvez aquele dia, afinal de contas, não fosse entrar para a história como o pior dia de sua vida.

Burnett, normalmente um pouco sombrio, não pareceu compartilhar a alegria das garotas, mas Kylie viu o alívio em seus olhos.

— Da próxima vez que você for responsabilidade minha, não vá embora sem a minha autorização.

Kylie assentiu, muito feliz para se importar com o fato de que não era culpa dela.

— Mesmo que você tenha que me bater na cabeça duas vezes para conseguir a minha atenção — ele continuou, tomando para si a maior parte da culpa. O sorriso de Kylie se alargou. Por mais severo que Burnett pudesse ser, ele não era injusto.

Kylie observou enquanto Burnett saía pela porta e Holiday se virava para segui-lo. Mais uma vez, ela não pôde deixar de se perguntar até que ponto as coisas tinham evoluído no período em que os dois ficaram juntos. Será que já estavam arrancando as roupas quando de repente perceberam que ela tinha ido embora?

Holiday virou-se e olhou para Kylie. Seus olhares se encontraram por alguns instantes.

Aquele rápido olhar bastou para Kylie saber que Holiday, tão empática quanto Derek, tinha detectado o caldeirão de emoções que fervilhava dentro dela. E, no momento, essas emoções não eram nem um pouco felizes.

Kylie raramente conseguia esconder alguma coisa da *fae*. Não que ela tentasse esconder muita coisa de Holiday. A ligação entre as duas tinha se transformado em amizade. Holiday era sua família — não o tipo de família em que nascemos, mas o tipo que temos a sorte de poder escolher.

— Eu preciso falar com Kylie. — O tom caloroso de Holiday fez o peito de Kylie se apertar e ela se perguntou o que faria sem aquela amiga em sua vida. Ela esperava que nunca tivesse que descobrir. O pensamento provocou um arrepio na espinha de Kylie.

Burnett se despediu de todos com um olhar e então partiu.

Assim que ele saiu, Della virou-se para Holiday.

— Talvez *você* consiga pôr um pouco de bom senso na cabeça de Kylie. Ela pensa que é um lagarto.

Cinco minutos depois, Holiday e Kylie estavam sentadas na varanda, as pernas nuas

balançando sobre a borda. A líder do acampamento tinha trocado o vestido escuro que usara no funeral de Ellie por uma calça jeans e a camiseta amarela que estava do avesso.

O vestido preto de Kylie era mais solto na altura das coxas e caía sobre os joelhos. Se ela esticasse os pés, seus dedos roçariam na grama. Ela normalmente gostava de sentir a leve cócega, mas por alguma razão agora se lembrava do dia em que sentara com Derek em frente à cabana, ao lado da árvore.

Deixando esse pensamento de lado, Kylie olhou para baixo. Holiday calçava um par de sandálias, e as unhas dos seus pés estavam pintadas de um tom suave de rosa.

— O que aconteceu? — Holiday perguntou, a preocupação aprofundando seu tom de voz.

— Eu nem sei por onde começar — respondeu Kylie.

— Que tal começar por aquela história do lagarto? Aquela de que Della estava falando.

Kylie mordeu o lábio.

— Antes de eu começar, me diga o que aconteceu entre você e Burnett?

Holiday desviou o olhar.

— Ele vai ficar.

— Eu sei disso. — Sorrindo, Kylie deu um soquinho de brincadeira no ombro de Holiday. — Será que alguma coisa boa aconteceu?

As bochechas da amiga ficaram vermelhas.

— Eu não me sinto à vontade falando sobre isso.

— Uau! Deve ter sido bom então! — Kylie brincou.

Holiday franziu a testa, o que significava que, independentemente do que tivesse acontecido, não havia mudado muita coisa. Algumas peças de roupa podiam ter sido tiradas, mas as reservas de Holiday continuavam com ela.

— Nós não... — Holiday escondeu o rosto com as mãos. — Eu estou confusa, ok? Preciso de Burnett em Shadow Falls. Ele é forte em todas as áreas em que eu não sou. E o que falta nele, eu tenho de sobra. Mas...

— Mas você está com medo de admitir que gosta dele — disse Kylie, mesmo quando seus instintos lhe diziam que era melhor ficar calada.

— Você não entende — Holiday disse.

— Isso porque você não me contou tudo — Kylie acusou-a, novamente com a sensação de que havia coisas, algum trauma emocional, que Holiday mantinha em segredo dentro dela.

Holiday suspirou.

— Isso é algo que eu preciso superar sozinha. Eu sei que somos muito ligadas e eu fico feliz em saber que você se importa comigo. — Ela colocou a mão sobre a de Kylie. — Eu sinto que você só está tentando ajudar, mas eu preciso resolver sozinha. E estou pedindo para você aceitar isso.

Kylie assentiu com a cabeça, sabendo que tinha de respeitar a vontade de Holiday, mas não gostou da decisão da amiga.

— Agora, vamos voltar para você. — Ela bateu seu ombro no de Kylie. — Me conte.

Respirando fundo, ela contou a Holiday sobre a visita do pai, sobre toda a história do camaleão e a parte em que ele disse que descobririam tudo aquilo juntos... *em breve*.

Preocupação e confusão escureceram os olhos da líder do acampamento.

— Ok, quanto a seu pai lhe dizer que vão resolver isso juntos, eu não acho que isso signifique o que você pensa. O tempo é diferente no mundo espiritual.

Kylie refletiu sobre o que Holiday disse.

— Não é que eu não acredite em você, é só que... havia algo mais no jeito como ele disse "em breve". Ele estava feliz com isso.

Holiday balançou a cabeça.

— Seu pai te ama. E eu acho que, se soubesse que você ia morrer tão jovem, estaria em pânico. E a última coisa que ele ia querer fazer seria contar essa notícia a você.

Doía dizer isso em voz alta, mas Kylie o fez de qualquer maneira.

— Se eu vou morrer, é melhor que eu saiba.

— Não é assim que funciona. Quer dizer, existem pessoas capazes de prever a própria morte e aproveitar seu tempo com sabedoria. Mas, quando se começa a planejar o fim da vida, a maioria das pessoas instintivamente para de pensar no amanhã. Viver o dia de hoje é lindo — muitos de nós não fazemos isso como deveríamos, mas, para viver plenamente, precisamos viver o hoje e o amanhã. Pense, se você soubesse que ia morrer em seis meses, daria início a um projeto que sabe que não poderia terminar? Será que iria para a faculdade de medicina? Será que teria um filho, sabendo que iria deixá-lo sozinho no mundo por muito tempo? As pessoas deixariam de viver muita coisa se parassem de viver pensando no amanhã.

O pequeno discurso de Holiday fez com que Kylie se lembrasse de outra coisa. Seu problema com o fantasma. Ela tentou pensar em qual seria a melhor maneira de abordá-lo.

— Agora, sobre a coisa toda do lagarto — Holiday continuou, levando os pensamentos de Kylie para outra direção. — Eu nunca ouvi falar de um camaleão sobrenatural. E embora esteja inclinada a dizer que seu pai está errado, eu me pergunto...

— Se pergunta o quê?

— Eu não sei ao certo, só estou...

— Eu sei — Kylie interrompeu-a. — Você está apenas especulando, tentando adivinhar, mas como eu não tenho a mínima ideia do que isso possa ser, gostaria de ouvi-la.

— Eu ia mesmo dizer. — A expressão de Holiday dizia a Kylie que ela precisava ter paciência.

Mas Kylie estava cansada de ter paciência. E, sim, ela sabia que na quinta-feira seu avô Malcolm Summers viria visitá-la, e ela esperava que ele a ajudasse a dar sentido a tudo aquilo. Mas isso significava ficar mais alguns dias no escuro.

— Simplesmente me diga, por favor. — Kylie suavizou o tom, porque estar impaciente podia ser compreensível, mas culpar os outros por isso, não.

Holiday respirou fundo.

— Talvez ele tenha se referido a você como um camaleão porque seu padrão não amadureceu o suficiente para mostrar o que você realmente é. Ele ainda está mudando, como as cores do camaleão.

— Mas ele disse que eu sou um camaleão como se dissesse que eu sou um vampiro ou uma bruxa. É possível que exista outro tipo de raça sobrenatural que ninguém conheça?

Holiday fez uma pausa.

— Meus instintos dizem que não. A história dos seres sobrenaturais é documentada em livros tão antigos quanto a Bíblia. Mas... admito que estou intrigada. Parece que o que está causando isso é provavelmente hereditário, porque seu avô e sua tia-avó foram capazes de mudar o padrão deles para o humano. Mas isso é algo completamente desconhecido para mim. Eu ainda estou pensando se tem alguma relação com as bruxas... mas...

— Ou... — Kylie considerou as palavras de Holiday. — Talvez seja isso que significa a coisa toda do camaleão. Eu estava conversando sobre isso com Derek. Talvez os camaleões possam mudar de espécie. Assim como o camaleão pode mudar de cor.

Holiday fez uma pausa como se estivesse pensando.

— Mas o DNA não funciona dessa maneira. Você não pode ter mais de uma sequência de DNA. Não é possível, porque os sobrenaturais têm apenas o DNA do pai dominante.

Kylie mordeu o lábio.

— Então talvez não seja a espécie que realmente mude, apenas o padrão. E de certo modo faz sentido, porque o camaleão não se transforma numa pedra, apenas muda suas cores de modo que pareça uma pedra.

Holiday enrugou a testa.

— Mas... — Ela balançou a cabeça.

— Mas o quê? — Kylie queria saber tudo o que Holiday pensava.

— Simplesmente não parece possível. Se essa capacidade de camuflar o padrão de fato existe, por que outros seres sobrenaturais nunca ouviram falar dela?

— Talvez já tenham ouvido falar — disse Kylie. — Talvez seja exatamente por isso que fizeram testes com a minha avó. Você mencionou uma vez que tinha ouvido falar sobre esses testes. Alguém disse para que serviam?

— Não especificamente — Holiday esclareceu. — Era algo para entender a genética de alguns seres sobrenaturais. Mas não deu certo.

— Não era bem isso — Kylie murmurou — Eles mataram pessoas.

*Mataram a minha avó.* Kylie não conseguia entender como alguém poderia fazer isso, tirar uma vida. A propósito, como Mario tinha sido capaz de matar o próprio neto? Ou matar Ellie, que nunca fizera nada para prejudicá-lo? Ou qualquer outra pessoa?

— Eu sei. — Holiday suspirou como se estivesse sentindo a dor de Kylie. — É por isso que eu me recuso a deixá-los fazer testes em você. Eu não acho que a UPF seja mal-intencionada,

Kylie. Só não quero que você corra tantos riscos para encontrar respostas. Seja o que for que esteja acontecendo, mais cedo ou mais tarde vamos descobrir.

Kylie sem dúvida esperava que Holiday tivesse razão. Porque, agora, nada daquilo fazia o menor sentido para ela. Ela voltou a olhar para Holiday.

— É por isso que você não confia em Burnett? Porque ele é da UPF?

Holiday parecia perplexa.

— Eu confio em Burnett.

Kylie arqueou uma sobrancelha em descrença.

— Eu confio nele com relação a Shadow Falls — Holiday confessou.

*Mas não nas questões do coração*. E como isso era triste... Kylie pensou.

— Eu não deixaria que ele permanecesse aqui se achasse que havia alguma chance de ele trair você ou algum dos meus alunos.

— Eu sei — disse Kylie. — E eu confio nele, também. Quer dizer, aquela coisa toda da UPF com a minha avó me assusta, mas eu confio em Burnett.

Holiday fitou Kylie nos olhos novamente.

— Eu sei que essa demora para conseguir respostas é difícil para você. Mas tenha esperança de que o seu avô virá na quinta-feira e...

— O que quer dizer com "tenha esperança"? Ele disse a Burnett que viria, não disse? — Vendo um lampejo de decepção nos olhos de Holiday, o coração de Kylie quase parou. — O que aconteceu?

— Burnett tentou entrar em contato com ele novamente e... o telefone do seu avô estava desligado. Mas isso pode não significar nada.

— Ou pode significar que ele decidiu não entrar em contato comigo. — Um nó se formou na garganta de Kylie.

— Não fique imaginando coisas antes de termos certeza.

Kylie abraçou os joelhos e deixou a cabeça tombar sobre eles, tentando não chorar. Será que a sua esperança de descobrir a verdade estava indo por água abaixo?

Holiday pousou a mão sobre o ombro de Kylie. Uma doce sensação de calma veio com o toque, mas, embora ele tenha diminuído o seu pânico, não mudou muita coisa. Elas ficaram ali por alguns minutos, sem falar, enquanto Kylie tentava não chorar e Holiday fazia o que sabia fazer melhor — confortá-la.

Uma brisa suave soprou e a mente de Kylie começou a divagar, passando de um problema para outro.

— Derek me disse que conversou com você sobre... algumas coisas.

Holiday tirou um fio de cabelo da bochecha de Kylie.

— Eu sinto muito. Imagino que tenha sido uma revelação inesperada.

Kylie assentiu.

— O que eu devo fazer com essa informação?

— Eu não acho que você tenha que fazer alguma coisa.

Kylie inspirou.

— Isso me deixou maluca e triste, e eu começo a questionar tudo. E Lucas tem ciúme dele e eu não o culpo, porque sinto o mesmo com relação a Fredericka. Mas...

— Mas você gosta de Derek — Holiday concluiu por ela.

— Gosto. Só não tenho certeza de que o que eu sinto por ele é o mesmo que sinto por Lucas. Isso faz sentido?

— Todo sentido. — Holiday assegurou. — Você vai descobrir.

— Será que vou? — Uma angústia brotou no peito de Kylie novamente. — Tudo na minha vida é um enorme ponto de interrogação. Estou cansada de não ter certeza de *nada*. E então o fantasma... — Kylie deixou as palavras morrerem na boca.

— Você tem um problema com um fantasma? — Holiday perguntou. — É a sua avó? Você já perguntou a ela sobre o que o seu pai disse?

— Não, não é ela. — Quanto Kylie deveria contar a Holiday? — No começo, o espírito parecia um zumbi, nem sequer tinha um rosto. Eu insisti para que ele desse um jeito nisso. Mas então... o rosto que ele mostrou era... de alguém que não está morto.

Holiday mordeu o lábio.

— Tem certeza de que não está morto?

— Tenho certeza. — *Certeza absoluta.*

— Bem — Holiday continuou — há duas alternativas. A resposta mais provável é que você está lidando com um fantasma com crise de identidade.

— Sério? Fantasmas podem ter crise de identidade? — Kylie perguntou.

— Receio que sim. Eles podem nem saber qual é a aparência deles. Ou podem não gostar da aparência que tinham e então plasmar o rosto de outra pessoa em seu corpo de fantasma. Quase sempre usam o rosto da pessoa que se comunica com fantasmas. E ver o seu rosto num fantasma... — Holiday estremeceu. — Não é nada bom.

— Posso imaginar — disse Kylie, mas ela não queria imaginar. Já tinha muito no que pensar. — E a segunda alternativa?

— É rara. Mas você já leu *Um Conto de Natal*?

— Já. — Kylie se lembrava do enredo. — Aquela história do Scrooge, certo?

— E o fantasma do futuro — completou Holiday.

Kylie prendeu a respiração.

— Essa pessoa poderia estar prestes a morrer?

Claro, esse pensamento lhe ocorreu, como ocorrera a Derek, mas não pareceu real até que Holiday mencionou a possibilidade. Não, Kylie recusou-se a aceitar. Ela já tinha visto mortes demais.

— Isso é algo que eu possa mudar? — ela perguntou, o pânico crescendo em seu peito.

— Provavelmente, não — respondeu Holiday franzindo a testa. — Por acaso é alguém que

você conhece bem?

Kylie não respondeu. Ela não podia. Só ficou lembrando a si mesma que Holiday dissera que era raro.

— É alguém de Shadow Falls? — a voz de Miranda soou atrás dela.

Kylie se virou e viu Miranda em pé na porta, atrás dela.

— Foi mal — desculpou-se a amiga. — Eu não queria ouvir a conversa... mas é alguém daqui?

— Não — mentiu Kylie.

— Ah, que bom. — Miranda franziu a testa de um jeito dramático. — Seu celular está tocando. — Ela passou o aparelho para Kylie. — É a sua mãe. É a terceira vez que ela liga nos últimos cinco minutos.

— Você devia ligar para ela — disse Holiday a Kylie. Então o celular dela também começou a tocar. A *fae* deu uma olhada no número que apareceu no visor. — É Burnett.

Holiday e Kylie ficaram em pé ao mesmo tempo. Kylie pegou o telefone da mão de Miranda enquanto Holiday atendia o dela.

— Alô. — Holiday fez uma pausa. Uma ruga de preocupação surgiu entre seus olhos. — Sobre o quê? — Seu tom fez Kylie hesitar antes de ligar para a mãe. — Vamos conversar antes de você sair. Estou a caminho. — Holiday desligou.

— Qual o problema? — perguntou Kylie.

— Eu... eu falo com você quando souber de alguma coisa. — Holiday se despediu, mas Kylie ficou com a impressão de que o telefonema tinha a ver com ela.

— Não parece boa coisa — murmurou Miranda.

Mas que ótimo, pensou Kylie. O que mais ela teria que enfrentar?

# Capítulo Cinco

— Tudo bem? — A voz de Holiday despertou Kylie cerca de uma hora depois. Após tentar ligar para a mãe várias vezes e deixar uma série de mensagens, sua mente e seu coração fizeram uma pausa e ela foi para a cama tirar um cochilo.

Ela se virou e viu Holiday sentada na beirada da cama. Sentando-se também, Kylie bocejou e tirou os cabelos dos olhos.

— Estou melhor.

— A vida pode ser dura às vezes.

— Nem me diga. — Kylie se lembrou da ligação de Burnett. — Está tudo bem? Por que Burnett ligou?

Holiday olhou para ela com uma expressão vazia.

— Quem é Burnett?

O frio no quarto provocou arrepios nas costas de Kylie. Ela piscou e tentou focar melhor as feições da mulher. Não havia dúvida. Era Holiday.

Raiva, medo e frustração oprimiram o peito de Kylie.

— Ok, vamos deixar uma coisa bem clara. Quando eu disse pra você dar um jeito na sua cara, quis dizer para mostrar a sua própria, não para pegar o rosto de outra pessoa emprestado.

O espírito pressionou as palmas contra as próprias bochechas e seus olhos se arregalaram.

— *Este não é o meu rosto?*

— Não, não é! É o rosto de alguém de quem eu gosto muito, e, nada pessoal, mas eu não gosto de vê-lo em você.

— *Eu estou tão confusa!*

— Você está passando por uma crise de identidade — Kylie esclareceu, querendo muito acreditar nisso.

— *Uma crise de identidade* — o espírito repetiu.

— É, e você precisa descobrir quem você é e o que precisa que eu faça, porque do contrário não posso ajudá-la.

— *É quase tudo um borrão.* — Ela apertou os lábios da mesma maneira que Holiday fazia quando estava muito concentrada, e a semelhança entre as duas se tornou realmente assustadora. Até a cor verde dos olhos batia perfeitamente. — *Talvez você esteja certa* — disse o espírito. — *Lembro-me de que sempre me senti como se vivesse na sombra de outra pessoa.*

— Que bom! — disse Kylie. O alívio lhe permitiu respirar melhor.

— *Bom que eu vivesse na sombra de outra pessoa*? — O fantasma franziu a testa. — *Eu não vejo isso como uma coisa boa.*

— Não, eu... Quero dizer, é bom que você consiga se lembrar das coisas. — E nesse exato momento, Kylie se lembrou de algo também. Uma maneira rápida e fácil de ter certeza de que esse espírito não era Holiday Brandon. Kylie apertou os olhos e se concentrou na testa do fantasma.

O padrão extravagante, assim como o rosto, batia perfeitamente com o de Holiday. Kylie inflou o peito, preocupada.

— Você é *fae*?

O espírito cruzou as pernas, colocou o cotovelo sobre o joelho e apoiou o queixo na palma da mão. O gesto era tão característico de Holiday que o coração de Kylie quase parou.

— *Sim, é isso que eu sou.* — Ela apertou as sobrancelhas e olhou para Kylie. — *Oh, Deus, o que você é?*

Kylie hesitou.

— Eu sou um... camaleão.

O espírito fez uma careta.

— *Você é um lagarto?*

Kylie franziu a testa, mas sua preocupação não era consigo mesma.

— Você se lembra do seu nome? — Kylie prendeu a respiração.

O espírito olhou nos olhos de Kylie e sua testa se franziu em perplexidade. Então ela se levantou e andou até a janela do quarto. Olhou para fora em silêncio por alguns instantes, e finalmente se virou.

— *Alguém está procurando você.*

— Você se lembra do seu nome? — Kylie repetiu.

Jogando o cabelo ruivo por cima do ombro, o espírito fez um rabo de cavalo e enrolou os cabelos como se fossem uma corda. Exatamente da mesma forma que Kylie tinha visto Holiday fazer alguns minutos antes. O fantasma olhou para trás.

— *Eles querem que você vá até eles.*

O peito de Kylie se contraiu um pouco.

— Vamos falar sobre você agora — Kylie disse, tomando mentalmente a decisão de se concentrar em um problema de cada vez.

— *Mas você é muito mais interessante. Existe todo esse mistério em torno de você. Um monte de perguntas a serem respondidas. Eu posso sentir suas emoções, você sabe. É isso o que fazem os* faes. *Nós sentimos o que as outras pessoas sentem.*

— Eu sei — disse Kylie, frustrada e assustada com a identidade verdadeira do espírito, mas lutando contra a angústia para que pudesse descobrir mais sobre ele. Porque, se ela fosse Holiday, então talvez Kylie pudesse fazer alguma coisa, mudar alguma coisa para evitar que...

— *Eu costumava tocar as pessoas e fazê-las se sentirem melhor, mas não consigo mais...*

— Por que não consegue mais? — Kylie perguntou.

Ela franziu o cenho.

— *Eu não sei muito bem. Acho que fiz alguma coisa ruim.* — Os olhos verdes brilhantes do fantasma se encheram de lágrimas. — *Eu feri pessoas.*

Kylie sentiu a dor do espírito, seu remorso, mas não podia negar que estava sentindo um pouco de alívio com a confissão. Holiday não faria nada errado. Ela tinha um coração muito bom. Preocupava-se demais com as pessoas.

— Talvez você não quisesse machucá-las — disse Kylie, querendo ajudar. Ela abraçou a si mesma para se proteger do frio que acompanhava o ser espiritual.

— *Não sei. Acho que eu estava com raiva.* — O espírito olhou para a parede como se estivesse perdido em pensamentos e então estendeu a mão e tocou a garganta.

Kylie notou hematomas de aparência dolorosa ao redor do pescoço do fantasma.

— O que aconteceu com você? — Kylie perguntou, um nó se formando em sua garganta com o pensamento de ser sufocada até a morte.

A mulher olhou para Kylie, com os olhos ainda molhados de emoção.

— *Eu estou morta.*

Kylie assentiu.

— Eu sei. — Ela esperou um segundo. — O que aconteceu?

O espírito balançou a cabeça.

— *São como fragmentos de um pesadelo. Mas eu acho que tem algo a ver com o motivo de eu estar aqui. Quer dizer, eu devia ir embora agora... Nós... sobrenaturais, não ficamos por aqui.* — Ela olhou para baixo e sua imagem começou a se desvanecer. — *Eu preciso descobrir. Acho que é importante.*

— Eu vou fazer o que puder para ajudá-la — Kylie disse, ao se lembrar de Holiday dizendo a mesma coisa para os pouquíssimos não humanos que vagavam por este mundo depois da morte. — Se você me disser o seu nome, talvez eu consiga encontrar alguma coisa no computador que possa nos ajudar.

O espírito foi novamente até a janela e tocou a vidraça.

Uma camada de gelo se formou sobre o vidro, borrando a visão de fora.

— É melhor você começar a descobrir como resolver os seus próprios problemas, também.

— Estou tentando — disse Kylie, novamente vendo a personalidade de Holiday no espírito

e não gostando nem um pouco disso. — Qual é o seu nome? — Kylie insistiu.

O espírito foi desaparecendo no mesmo ritmo que o gelo na janela. Então falou:

— *Eu acho que é Hannah ou Holly. Algo parecido com isso.*

— Não — disse Kylie, sua própria voz um pouco mais que um sussurro.

Kylie então pegou uma fivela e prendeu o cabelo no alto da cabeça, determinada a ir ver Holiday, sem nem saber direito o que dizer à líder do acampamento. Ela só precisava ver Holiday pessoalmente.

Kylie saiu do quarto e encontrou a sala principal da cabana vazia. Começou a ir até a porta e parou. Quem deveria ser a sua sombra? Não que Kylie realmente se importasse. Ela só iria até o escritório, mas já tinha arranjado problemas com Burnett uma vez por causa da questão do sombreamento, e não queria arranjar mais um.

— Della — ela gritou.

Nenhuma resposta. Será que havia algo errado?

— Olá — Miranda saiu do quarto um segundo depois. — Della teve uma reunião com Burnett. Eu fui encarregada de ser a sua sombra — a bruxinha disse com orgulho.

Kylie assentiu.

— Ótimo. Vamos para o escritório.

— Por quê?

— Porque eu quero falar com Holiday.

— Sobre o quê?

— Sobre uma coisa.

— Malcriadinha, hein? — Miranda fez uma careta, como se estivesse engolindo algo realmente nojento.

Kylie começou a dar uma resposta enviesada, mas se conteve. Era compreensível que ela estivesse de mau humor, mas isso não lhe dava o direito de descontar em seus amigos.

— Desculpe. Sei que estou meio irritada hoje. Mas é tanta coisa ao mesmo tempo!

— Eu sei — disse Miranda, desculpando a amiga. — O funeral deixou todos nós de mau humor. E, depois, com toda essa sua crise de lagarto, quero dizer, eu ficaria ainda mais mal-humorada se alguém me dissesse que eu sou um réptil. É por isso que eu não levantei meu mindinho para você nem uma vez.

— E eu agradeço por isso — disse Kylie, mas então se dando conta do que Miranda tinha dito. — Sobre o que Burnett queria conversar com Della?

— Não sei.

— Ela estava chateada? — Kylie não podia deixar de se preocupar que a conversa entre eles tivesse relação com o que deixara Holiday tão aborrecida ao falar com Burnett pelo telefone. E Kylie não tinha se esquecido de que na hora tivera a impressão de que o assunto era sobre ela mesma.

— Na verdade, não. Aqui entre nós, acho que Della tem uma queda por Burnett. Ela fica

toda contente quando ele pede para que ela faça alguma coisa.

— Não, não é verdade. Ela sabe que ele é apaixonado por Holiday.

— Então por que ela não procura Steve? Ela tem inveja porque nós duas temos namorado, mas não vai atrás de Steve. E ultimamente ando notando a mesma coisa que você. Aquele metamorfo não tira os olhos dela. Ele morre de tesão por Della.

Kylie se dirigiu para a porta.

— Ela não vai atrás de Steve porque ainda é apaixonada por Lee.

— É, acho que pode ser por isso também. — Elas saíram da cabana e pegaram a trilha até o escritório. — Sabe, eu poderia colocar um feitiço nele.

— Em Steve? — Kylie perguntou.

— Não, em Lee. Eu poderia muito bem fazê-lo ficar cheio de verrugas. Poderia colocá-las em algum lugar realmente assustador. Você sabe o que eu quero dizer.

Kylie balançou a cabeça.

— Eu não acho que Della ia querer que você fizesse isso.

— Ela poderia querer, se eu a pegasse num dia em que estivesse com a disposição certa.

— Você não teria nem chance de perguntar, porque, se ela não estiver na disposição certa, pode ficar realmente furiosa.

— É, acho que tem razão. — Elas continuaram a caminhar pela trilha. — Eu realmente falo sobre Perry o tempo todo?

Kylie olhou para Miranda.

— Fala, mas não é tão ruim quanto Della faz parecer. Aposto que falo de Lucas o tempo todo. — Ela se lembrou de que o deixara falando sozinho mais cedo naquele dia. Será que ele ia ficar com raiva dela? Será que ele tinha esse direito?

— Na verdade, você não fala, não. Mas costumava falar de Derek o tempo todo.

Kylie franziu a testa, sem gostar do rumo que a conversa estava tomando.

— Ah, isso me fez lembrar, ele veio ver você enquanto estava dormindo.

— Derek veio me ver?

— Não, Lucas.

Envergonhada por ter entendido mal, Kylie mordeu o lábio.

— Por que ele não me acordou? Por que vocês não me acordaram?

— Ele não quis. Deu uma olhada em você e disse apenas para avisar que ele tinha vindo. Na verdade, foi fofo. Ele ficou na porta te observando por alguns minutos. Parecia meio triste. Ou sentimental. Como se estivesse completamente apaixonado por você. Della estava abanando a mão embaixo do nariz, como se dissesse que ele estava emitindo todo tipo de feromônio. — Miranda sorriu.

O coração de Kylie doeu tanto que ela não conseguiu sorrir também. A culpa espiralou em seu peito, tanto por não ter falado com ele como por ter conversado com Derek e ter ido embora quando Lucas tentou falar com ela. Na hora, ela achou que tivesse razão, mas agora

começava a pensar de outra maneira. Será que ela estava sendo dura demais com o namorado?

Provavelmente, admitiu. Ela andava meio rabugenta ultimamente. Por isso Miranda e Della a acusavam de ser uma loba. Algo que ela precisava corrigir.

Kylie tomou uma decisão. Depois que falasse com Holiday, procuraria Lucas e pediria desculpas por tê-lo deixado daquele jeito. Ela acelerou o passo pela trilha. As árvores de ambos os lados pareciam estar se aproximando, estreitando o caminho. E Kylie experimentou novamente a sensação de que alguém a chamava. Tentava atraí-la para a floresta. Ela parou e olhou para a fileira de árvores.

*Eles querem que você vá até eles*. Ela ouviu as palavras do espírito sussurrando na sua cabeça.

Quem estaria lá? Mario?

De repente, ela não teve tanta certeza. Não parecia algo ruim. Parecia... Ela não sabia o que, honestamente, somente que não se tratava de algo completamente ruim. No entanto, aquilo ainda a assustava a ponto de acelerar a sua respiração; um arrepio percorreu a sua espinha e arrepiou a base do pescoço.

— O que foi? — Miranda perguntou, uma nota de medo na voz. — Sua aura está com todo tipo de cor estranha.

— Nada — Kylie mentiu. Ela virou-se e começou a correr para o escritório. Quando seus pés batiam no chão, levantavam pequenas nuvens de poeira. Ela piscou para afastar dos olhos o ar empoeirado e foi então que viu a lua crescente brilhante. E era como se ela tivesse aparecido de repente no céu.

O nascer da lua, pensou. Ela sentiu novamente os sussurros ecoando em sua mente. Sussurros que não podia entender, sussurros que tanto a atraíam quanto a assustavam.

— É um fantasma? — Miranda perguntou, os pés batendo no chão enquanto os cabelos multicoloridos dançavam ao vento. — É isso?

— Não — Kylie conseguiu falar sem ofegar.

— Então pode ir mais devagar? Porque eu não sou como você e Della. Quer dizer, eu poderia lançar um feitiço e talvez pudesse correr mais rápido, mas isso levaria algum tempo. E a última vez em que tentei, me transformei num antílope.

— Estamos quase lá — disse Kylie, mas, lembrando-se de como ela detestava ter que dar tudo de si para acompanhar Della, diminuiu o ritmo. De repente, uma lufada de ar passou por elas. Kylie primeiro pensou que era um vampiro, mas então Perry, na forma do enorme pássaro pré-histórico, aterrissou na frente delas.

Miranda, mesmo ofegante, deu um gritinho de prazer. Perry abriu a asa direita e envolveu a pequena bruxa, puxando-a de encontro ao seu peito e dando-lhe um caloroso abraço de pássaro. Então ele arrulhou como um pombo. Por mais rabugenta que estivesse, e apesar de todo o seu mau humor, Kylie ficou emocionada. E o sorriso terno que ela viu no rosto de Miranda arrematou a cena com chave de ouro. O amor era uma coisa maravilhosa. Kylie

queria aquilo também. Queria tudo aquilo. Completa devoção. Todos aqueles sentimentos transloucados e doces.

Imagens de Derek e Lucas encheram a sua cabeça. Ah, mas que inferno! Como ela poderia estar apaixonada pelos dois? Era mesmo possível?

Perry soltou Miranda e recuou. Centelhas começaram a cair em torno dele como neve iridescente. Em segundos, um Perry humano apareceu. Seu cabelo cor de areia estava agarrado à testa como se ele tivesse suado. Seus olhos estavam azuis. Azuis brilhantes. Ele usava jeans pretos e uma camiseta com a frase: "O que você quer que eu seja?".

— Eu estava procurando você — disse Perry, desviando o olhar de Miranda para Kylie.

— Me procurando? — Kylie perguntou. — Por quê?

Ele deu de ombros.

— Porque disseram para eu fazer isso. Mandaram, aliás.

— Quem? — Kylie perguntou. — Quem lhe disse para me procurar?

— Quem você acha? Burnett e Holiday. Eu não recebo ordens de mais ninguém. Exceto, talvez, de Miranda. — Ele sorriu para a bruxinha.

— Alguma coisa errada? — Kylie perguntou.

Ele olhou para Kylie.

— Eu não sei. Mas sei que sua mãe apareceu e está tendo um chilique. Está deixando Holiday maluca.

— Minha mãe está aqui? — Kylie perguntou, confusa.

Perry assentiu.

— Sinto muito.

Kylie aumentou o ritmo da corrida. A preocupação fazia os seus pés baterem na terra, deixando uma nuvem de poeira em seu rastro.

# Capítulo Seis

Kylie correu diretamente para o escritório de Holiday. A mãe dela estava na frente da escrivaninha da líder do acampamento, fazendo alguma declaração. Holiday estava sentada atrás da mesa, só ouvindo. Burnett, com uma aparência de firme resignação, observava a senhora sem falar nada. Kylie mal lhe lançou um olhar. Ela se concentrou na mãe, que se virou e...

Kylie se viu envolvida num abraço rápido e desesperado. Por sobre o ombro da mãe, o olhar de Kylie questionou Holiday, que se levantou. A mãe recuou.

Kylie continuou a olhar para Holiday. Uma breve lembrança do espírito apertou o coração de Kylie. Como elas podiam ser tão iguais e não ser a mesma pessoa? Kylie disse a si mesma para lidar com uma coisa de cada vez. Então voltou a se concentrar na mãe. O olhar no rosto dela encheu Kylie de medo. Era o mesmo olhar que ela tinha quando a avó de Kylie morrera.

— O que há de errado? — a mente de Kylie buscou possibilidades enquanto ela prendia a respiração. — Papai está bem?

Kylie ainda podia estar com raiva do padrasto, podia não tê-lo perdoado por sua infidelidade com a jovem estagiária, mas o amava. Ela nunca se sentira mais segura desse fato. Agora, ela imaginava o pior — imaginava a mãe lhe dizendo que tinha acontecido um acidente. Que Kylie nunca mais receberia outro abraço do homem que a criara ou que nunca mais fariam uma viagem só de pai e filha.

— Seu pai está bem. É você que não está. — A mãe olhou por sobre o ombro de Kylie e depois para a filha. — Por que não me disse que estava doente?

— Eu não estou doente.

— Você teve dores de cabeça. E aqueles pesadelos, lembra? — Holiday falou num tom que Kylie não entendeu muito bem.

O olhar da mãe voou do rosto de Kylie para algo sobre o ombro dela novamente e por algum motivo isso a fez se virar. Sentado no sofá estava um homem que ela não conhecia.

— Eu... não entendo — Kylie disse, e olhou para a mãe.

— Estava nos meus registros — esclareceu Holiday, novamente num tom que parecia significar alguma coisa. — Eu coloquei essa informação nos meus arquivos e os administradores acharam que talvez a sua mãe precisasse ser comunicada. Para ver se talvez fosse melhor você passar por alguns exames.

Kylie continuou a olhar para Holiday.

— Eles me ligaram e perguntaram se eu daria a minha permissão para que fizessem alguns exames em você. Querida, você está bem?

*Exames? Administradores?*

Ah, droga, ela começou a ligar os fatos. Não eram administradores. Era a UPF. Eles estavam tentando obter a permissão de sua mãe para testá-la.

— Eu estou bem — disse Kylie. — Não preciso fazer exame nenhum. — O medo tomou conta de Kylie. Seu olhar saltou para Burnett. Ele olhou para ela, sem desviar os olhos. Sem culpa. E ela sentiu que ele não tinha tomado parte naquilo. Lembrou-se do telefonema e suspeitou que era disso que se tratava. Seu olhar se voltou para o homem no sofá. Ele seria da UPF? Será que aquele cretino queria usá-la como uma cobaia, da mesma forma que tinham feito com a sua avó?

— Quem é você? — ela perguntou antes que pudesse se conter. Então, apertou os olhos e verificou o seu padrão. Ela piscou e fez isso de novo quando viu que o sujeito era humano.

— Este é John — a mãe respondeu. — Estávamos jantando quando eu recebi a mensagem do senhor Edwards de que você estava tendo desmaios.

— John? — Quem diabos era John? Kylie olhou para a mãe e o olhar dela se encheu de culpa.

— Ele é o cliente com quem almocei outro dia, lembra? Eu contei a você sobre ele.

Kylie se lembrava. Ele era o cara que ia estragar todas as chances de a mãe e o padrasto se reconciliarem.

— Como eu já expliquei — Holiday continuou. — Kylie, na verdade, não desmaiou. Eu acho que só fiz as coisas parecerem piores do que pretendia, em meus relatórios. E quando alguém os leu, interpretou errado.

As emoções se agitavam no peito de Kylie como pássaros pegos numa armadilha. Holiday olhou para ela e Kylie teve a sensação de que a líder do acampamento estava tentando lhe comunicar algo. Mas, caramba, Kylie não conseguia ler pensamentos. Ela não conseguia nem ler emoções!

— Kylie tinha terrores noturnos em casa? — Holiday perguntou.

Kylie de repente achou que tinha entendido o que Holiday queria lhe dizer.

— Sim. Eram só terrores noturnos, mãe. Eu não desmaiei. Você se lembra de como eu ficava quando tinha isso. Eu não estou doente. Não preciso fazer nenhum exame. Além disso, você já me levou para fazer exames, lembra?

— Mas eu não achei que você ainda tivesse terrores noturnos.

— Só tive umas duas vezes. E estou bem. Olhe para mim, eu estou bem. — Ela estendeu os braços, procurando mentalmente uma maneira de provar isso. — Eu posso tocar os dedos dos pés; posso tocar com a língua o meu nariz. — Aqueles eram versinhos que ela e a mãe recitavam quando alguém perguntava se estava tudo bem.

— Mas por que o senhor Edwards queria fazer exames em você?

Holiday se inclinou para a frente na cadeira.

— Ah, esqueça isso. Ele é apenas cauteloso demais. — Ela sorriu, fazendo o melhor para parecer convincente. — Mas se você quiser agendar alguns exames para Kylie com o seu próprio médico para ficar mais sossegada, eu entendo perfeitamente. Quer dizer, nada contra os médicos daqui, mas imagino que confie mais no seu.

— Você acha que eu deveria fazer isso? — A mãe perguntou com seu olhar maternal cheio de preocupação.

— Na verdade, não, eu não acho. E acho que Kylie está bem. Com apenas duas ocorrências de terrores noturnos, acho que ela está se saindo muito bem.

— Eu estou bem — Kylie repetiu. — Estou ótima. Eu juro. Por favor, mãe. Não quero fazer esses exames novamente.

A mãe de Kylie correu a palma da mão pela bochecha da filha.

— Você não sabe como eu fiquei preocupada. Ah, Deus! — A mãe olhou para Holiday. — Você deveria pensar em ter uma conversa séria com o senhor Edwards. Eu posso jurar que, se ouvisse a mensagem dele, você também pensaria que Kylie estava com problemas graves.

— Lamento que ele a tenha assustado. — Kylie olhou para John sobre o ombro da mãe.

O homem levantou-se, deu alguns passos para a frente e descansou a mão no ombro da mãe da garota. Kylie teve a estranha vontade de afastar a mão dele e dizer que ele não tinha o direito de tocar sua mãe.

— Olá, Kylie — disse John.

Kylie observou seu sorriso suave, os olhos castanhos e os cabelos cor de chocolate bem penteados. Ela queria ter encontrado algo feio nele, mas não conseguiu. Ele não era feio. Não tinha todo o charme de Burnett, talvez porque fosse mais velho, mas tinha uma aparência distinta.

— Eu gostaria que fôssemos apresentados em circunstâncias diferentes — continuou ele. — Mas espero encontrá-la outras vezes. Sua mãe fala muito de você.

Engraçado, Kylie pensou, sua mãe não tinha falado muito sobre ele. Bem, ela havia contado que almoçaram juntos e que ele dissera que poderia lhe telefonar novamente, mas se esqueceu de dizer que ele tinha de fato telefonado. Provavelmente porque sabia dos sentimentos confusos de Kylie com relação aos seus encontros. Ah, mas agora eles não estavam tão confusos...

Kylie não gostava dele. No entanto, como não tinha razão para não gostar, exceto pelo fato

de que sua intuição lhe alertava contra ele e talvez por querer que a mãe e o padrasto ficassem juntos novamente, ela iria ter que engoli-lo. Ser agradável. O que Miranda tinha dito mesmo? "Finja até que seja verdade." Ela poderia aprender a gostar desse cara?

— Foi bom conhecer você. — Kylie simulou uma expressão calorosa. Mas ficou preocupada com a possibilidade de ele perceber que era falsa.

— O prazer foi todo meu — disse ele.

Kylie apenas sorriu. Quanto a isso ele tinha razão.

Durante a meia hora seguinte, Kylie sentou-se na sala de reuniões do escritório, conversou com a mãe e um John bajulador, e fingiu que tudo em sua vida eram flores. Flores e bajulação. Palavras que Nana, a avó que falecera cerca de três meses antes, teria usado.

Estranho como Kylie parecia estar canalizando-a agora. Ela adoraria se Nana aparecesse para uma visita. *É você, Nana*? Kylie perguntou mentalmente, enquanto John se gabava dos anos em que vivera na Inglaterra.

Nana não respondeu. Mas Kylie tinha a estranha sensação de que ela estava por perto.

— Eu sempre quis conhecer a Inglaterra — disse sua mãe, prestando atenção em cada palavra que o homem dizia.

— Podemos dar um jeito nisso — acrescentou John, com entusiasmo. — Eu tenho uma viagem marcada para o mês que vem. Por que você não tira alguns dias de folga e me acompanha?

— Sério? — a mãe perguntou. E Kylie estava pensando a mesma coisa. *Sério?* O homem queria que a sua mãe fosse para a Inglaterra com ele! Ela nem sequer o conhecia direito! E será que ele também esperava que sua mãe dividisse o quarto de hotel com ele? De jeito nenhum!

— A agenda de trabalho da mamãe é muito apertada. Ela não vai conseguir tirar uns dias de folga. — disse Kylie, recusando o convite pela mãe, antes de perceber que deveria ter ficado de boca fechada.

A mãe a encarou boquiaberta diante de sua declaração e lhe lançou um olhar que deixava bem claro quanto a filha fora rude.

— Bem, a minha agenda de fato é bem cheia, mas eu poderia conseguir alguns dias de folga. — Ela voltou a olhar para Kylie, advertindo-a para não abrir a boca.

— Ótimo! — comemorou John, como se não notasse a tensão no ar.

— Ótimo — Kylie repetiu, o sorriso tão rígido que seus lábios nem se moveram.

— Falando em agenda apertada — a mãe de Kylie consultou o relógio, — nós precisamos ir para casa. É uma viagem de quase duas horas até lá. E eu tenho que trabalhar amanhã.

A mãe deu um rápido abraço em Kylie. E para alguém que não estava acostumada a dar abraços, foi muito bom. Quando Kylie se afastou, murmurou um "sinto muito" em voz baixa. E ela estava mesmo arrependida. Não queria ferir os sentimentos da mãe, mesmo não

gostando do sujeito.

O olhar da mãe lhe deu a certeza de que ela entendia perfeitamente. O que só fez Kylie se sentir um pouco pior.

Inclinando-se novamente, a mãe dela sussurrou:

— Eu te amo.

— Eu também te amo. — Kylie se aproximou para dar outro abraço, e dessa vez ele foi mais apertado e durou um segundo a mais.

Quando ela os levava em direção à porta e passava pelo escritório de Burnett, viu sua figura imponente sentada à escrivaninha. Ele fingiu estar trabalhando, mas sem dúvida a sua superaudição tinha ficado sintonizada o tempo todo. E aquilo era bom, ela não tinha nada a esconder. No entanto, tão logo a mãe e o cara assustador fossem embora, era melhor que Burnett fizesse muito mais do que apenas ouvir. Ele tinha muito que explicar.

Ela sabia que a UPF queria testá-la, mas não podia acreditar que eles tinham ido tão longe a ponto de entrar em contato com sua mãe. E, se tinham se atrevido a ir tão longe, o que fariam agora? Será que a recusa da mãe em permitir que Kylie fosse testada colocaria um ponto final naquilo tudo? Por alguma razão, Kylie não acreditava nisso.

Quando Kylie voltou alguns minutos depois, Holiday e Burnett estavam esperando na varanda da cabana.

— O que vai acontecer agora? — Kylie perguntou.

Burnett franziu a testa e levou-as para o escritório de Holiday.

— Eu não sei. Estou chocado que tenham feito isso. Eles me ligaram para pedir que eu interferisse e convencesse você a mudar de ideia. Eu disse a eles que você já tinha se recusado a ir. Alguém disse, então, que você era menor de idade e sugeriu que procurassem a sua mãe. Eu ressaltei que a sua mãe não era sobrenatural e que isso poderia levá-la a fazer muitas perguntas. Pensei que os tinha convencido de que não era o melhor caminho. Mas quando cheguei aqui, Holiday estava ao telefone com sua mãe. Eles devem ter ligado para ela na hora em que eu saí de lá.

Holiday sentou-se no sofá. Kylie se juntou a ela. Quando Holiday estendeu a mão para alisar o cabelo e torceu-o como uma corda, Kylie se lembrou da razão que a levara ao escritório. Seu olhar se desviou para o pescoço de Holiday e ela se lembrou dos feios hematomas do espírito. O medo pela amiga oprimiu seu coração.

— Para a nossa sorte, a sua mãe ignorou a UPF e veio direto nos procurar — disse Holiday. Ela encontrou os olhos de Kylie. — Vai ficar tudo bem — assegurou a líder, obviamente captando a preocupação de Kylie.

— Eu espero que sim. — Kylie se reclinou no sofá.

— Você ainda está chateada com o que aconteceu? — Holiday perguntou.

— O que aconteceu? — Burnett deu um passo mais para perto.

— Eu não tive chance de contar a você... — Holiday explicou a Burnett que o pai de Kylie havia dito que a filha era um camaleão.

Kylie esperou ver descrença no rosto do vampiro ou a resposta que todo mundo já havia dado a ela: *você é um lagarto!* Quando Burnett não fez nenhuma das duas coisas, a suspeita se instalou dentro dela.

— O que você sabe sobre isso? — ela exigiu saber.

As sobrancelhas dele se franziram.

— A palavra "camaleão" foi mencionada nos documentos que encontrei sobre o teste que ocasionou a morte da sua avó.

— O que diziam? Será que explicam como eu posso ter um padrão humano e ainda ser sobrenatural? — Kylie perguntou, irritada por ele ter escondido isso dela. Kylie viu Holiday fazer uma cara feia também.

O olhar de Burnett passou de Kylie para Holiday e a preocupação deixou sua expressão carregada.

— Eles não explicam nada. Um dos médicos usou a palavra "camaleão" em suas anotações. Não fazia sentido; na verdade, perguntei se era um erro de digitação. Eu não tinha os documentos originais. Apenas anotações de um médico ao se referir ao outro documento.

— Mas pelo menos isso é uma prova — disse Kylie.

— Uma prova do quê? — Burnett perguntou.

Kylie olhou de Burnett para Holiday.

— De que é isso que significa ser um camaleão. Ter um padrão que mostra que você é uma coisa quando na verdade não é. Quer dizer, nós sabemos que eu não sou totalmente humana. — Ela apontou para a testa. — E ainda assim o meu padrão diz que eu sou. É claro que o meu padrão não diz coisa nenhuma do que eu sou de verdade.

— Eu ainda não acho que provamos alguma coisa — disse Burnett. — Sim, acho que de certa forma essas duas coisas significam a mesma coisa. Só não acho que provamos o que elas significam.

A expressão de Holiday indicava que ela concordava com ele.

— Eu estive pensando — ela disse. — Talvez o seu... padrão mutante esteja de alguma forma ligado ao fato de você ser uma protetora. Eu não acho que já tenha existido um protetor que fosse metade humano para podermos comparar com você.

— Eu não tinha pensado nisso — disse Burnett. — Mas é possível.

— Mas e toda a questão de ser um camaleão? — Kylie perguntou.

— Eu não sei — Holiday disse. — Eu só estou dizendo que isso poderia explicar a mudança no seu padrão.

A mente de Kylie dava voltas, tentando entender tudo o que tinham dito. Quanto mais ela pensava, menos sentido fazia.

— Eu quero ler esses registros.

— Tenho certeza de que os poucos arquivos a que eu consegui acesso já foram ocultados.

— Eles mataram a minha avó e se safaram impunes, e agora estão tentando fazer o mesmo comigo.

— As pessoas que fizeram isso ou foram embora ou se aposentaram. — Seu ar de preocupação se intensificou. — Eu sei o que parece e concordo que você se negue a fazer os testes, mas não acredito que eles queiram intencionalmente pôr a sua vida em risco.

— Nós não sabemos. — A firmeza do tom de Holiday lembrava a Kylie a voz da sua mãe quando estava preocupada com ela.

— É exatamente por isso que eu fiz o que fiz — disse ele. — Por que fui praticamente contra o meu juramento à UPF. Eu estou do seu lado. O que mais posso fazer para provar isso?

— Por favor — disse Kylie. — Eu não quero que vocês dois briguem por minha causa.

— Você não tem que provar nada. — Holiday corou com a culpa. — Eu sinto muito. Fico tão furiosa por causa de Kylie.

— Eu sei. Eu fico também. — Burnett olhou para Kylie. — E nós não estamos brigando. — Ele se virou e fitou Holiday por um segundo. — Dessa vez estamos apenas discutindo o assunto. Certo?

— Certo. — A sombra de um sorriso apareceu nos lábios de Holiday, quando ela encontrou o olhar de Burnett.

Kylie sorriu também, mesmo com o peito transbordando de emoção. Ela tinha muita sorte de ter essas pessoas ao seu lado. Mas seu sorriso só durou um segundo.

— Qual vai ser o próximo passo?

Burnett expirou.

— Provavelmente, eles ainda vão tentar fazer você mudar de ideia. Convencê-la de que os testes são por um bem maior. Acho que esse era o plano deles quando saí de lá.

— E é quando eu devo dizer a eles que sei sobre a minha avó? Ameaço expô-los se eles não desistirem? — Kylie perguntou.

Burnett tinha decidido mudar o corpo da avó de Kylie de lugar apenas para o caso de alguém da UPF decidir esconder a prova do que tinha acontecido. Em suas próprias palavras, isso daria a Kylie algumas "cartas na manga" para usar contra a UPF se tentassem forçá-la a fazer algo contra a vontade.

— No seu lugar, eu apenas diria "não" e, então, se eles pressionassem, mencionaria os restos mortais da sua avó. — Sua expressão ficou mais tensa e a preocupação cintilou em seus olhos. A mesma emoção se refletiu nos olhos de Holiday.

— O que vai acontecer se eles descobrirem que você está por trás do desaparecimento do corpo? — Kylie perguntou.

— Não vão descobrir. Eu encobri todas as pistas — disse Burnett com firmeza. Talvez com firmeza demais, como se fazer essa afirmação com convicção a tornasse mais verdadeira.

— Eles vão suspeitar de você, porque trabalha aqui. Porque você está perto de mim — concluiu Kylie.

— Podem suspeitar, mas vão ter que provar primeiro. E eu não deixei nenhuma prova para que descubram.

Kylie esperava que ele estivesse certo. Ela olhou de novo para Holiday e lembrou-se do fantasma.

Holiday se aproximou e colocou a mão sobre a de Kylie.

— Alguma coisa errada?

— Não. Só isso.

— Tem certeza?

— Eu preciso de mais? — O olhar de Kylie deslocou-se para a janela. O céu estava escurecendo, mas ela ainda podia ver o topo das árvores balançando suavemente.

Seu olhar disparou de volta para Holiday e de repente ela sentiu a necessidade de se abrir.

— Eu sinto como se algo me chamasse. Ela fez sinal para a janela. — Algo lá fora está me chamando. Mas eu não tenho certeza do que é.

Holiday pareceu confusa.

— Como o chamado da cachoeira?

— Sim — concordou Kylie. Só que era algo muito mais forte.

— Então podemos combinar de ir até lá. — Holiday se inclinou para a frente. — Pode ser amanhã?

Kylie começou a explicar que ela não tinha certeza se era a cachoeira que a chamava, mas não sabia o que dizer. Então apenas balançou a cabeça.

— Eu vou com vocês — disse Burnett.

— Vai entrar na cachoeira? — Holiday olhou para o vampiro.

— Se você acha que eu devo entrar, eu entro.

— A ideia de ir à cachoeira não o perturba?

Ele deu de ombros.

— Eu já estive lá antes.

Holiday olhou para Kylie e depois de volta para ele.

— Eu sei. E fiquei surpresa. A maioria dos sobrenaturais não tem coragem de entrar lá.

Um pequeno sorriso fez aparecer sinais de expressão nos cantos dos olhos de Burnett.

— Como sempre digo, eu sou especial.

Holiday suspirou.

— Mas a cachoeira...

— ... não é problema. — Ele a interrompeu e olhou para Kylie. — Por que eu não a levo de volta para a sua cabana? Della é a sua sombra, mas eu disse a ela que levaria você. — A abrupta mudança de assunto pareceu uma manobra deliberada para evitar a conversa sobre a cachoeira. O que Burnett estava escondendo? A mesma pergunta parecia estar nos olhos de

Holiday.

— Ela perdeu o jantar — Holiday disse.

— Tudo que eu quero é um sanduíche, e posso fazer um na cabana.

Kylie deu um longo abraço em Holiday e sentiu seu toque caloroso e calmante.

Os efeitos do abraço perduraram até que ela e Burnett pegaram a trilha escura e ele perguntou:

— Você gostaria de explicar por que mentiu para Holiday?

# Capítulo Sete

— Eu não menti. — Tão logo as palavras saíram, Kylie se lembrou de que ela tinha de fato mentido quando Holiday perguntou se havia algo errado. Droga! Kylie deveria ter lembrado que Burnett podia ouvir seu coração acelerando quando ela mentia.

Ela continuou andando. Ele olhou para baixo com uma sobrancelha arqueada em descrença.

— Te dou mais uma chance de falar a verdade.

Kylie franziu a testa.

— É a questão do fantasma. Eu só estou tentando descobrir por mim mesma. — De jeito nenhum ela poderia contar a Burnett sobre o fantasma com a aparência de Holiday. Ele iria pirar. Ou talvez não. Talvez não tivesse tanto medo de fantasmas quanto fingia ter.

— O que você está escondendo dela sobre a cachoeira — Kylie perguntou.

Ele baixou a sobrancelha arqueada.

— Eu não estou escondendo nada.

— Você consegue entrar na cachoeira quando tanta gente não consegue.

— Isso também me intriga. No entanto, não me sinto exatamente à vontade quando estou lá.

— Não é como se a cachoeira o chamasse?

Ele hesitou.

— Talvez um pouco. — Ele deu alguns passos em silêncio.

— Por que você não disse isso a Holiday? — perguntou Kylie.

Ele a fitou com um olhar travesso.

— Talvez eu esteja tentando descobrir por mim mesmo.

Ele usou as mesmas palavras que ela.

— Tudo bem. — disse Kylie, revirando os olhos.

Passados alguns minutos, ele voltou a falar:

— Eu pensei que você podia conversar com Holiday sobre os fantasmas.

— Eu posso. Mas gostaria de lidar com isso sozinha, se for possível. — Era verdade, por isso ela não se preocupou com o que ele poderia ouvir por trás das suas palavras.

Burnett acenou com a cabeça. Quando se aproximaram da cabana, Kylie se lembrou de que ela queria falar com Lucas.

— Lucas pode ser a minha sombra por um tempo hoje à noite? Eu preciso falar com ele.

Burnett pareceu pensar a respeito. Por um segundo, ela teve a impressão de que ele ia recusar seu pedido.

— Ok, mas não entre na floresta.

A resposta dele a fez se lembrar.

— O alarme está funcionando?

— Sim, mas em determinadas condições meteorológicas, alguém pode conseguir entrar na floresta sem ser pego.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você já viu alguém? — ele questionou.

— Não.

Ele parou.

— Tem certeza?

— Tenho. Às vezes eu só... os bosques me assustam um pouco.

— Então respeite os seus medos e evite-os.

— É o que pretendo fazer. — Kylie olhou para a fileira de árvores e para as sombras escuras além delas. Não sentiu nada. Talvez o que tivesse sentido antes fosse apenas sua imaginação hiperativa.

Kylie avistou sua cabana entre as árvores. As luzes estavam acesas e um tom dourado derramava-se das janelas. Ela viu a sombra de Della passar na frente da vidraça e se lembrou...

— Por que você teve uma reunião com Della hoje?

— Apenas negócios da UPF. — Ele parecia propositalmente vago.

— Algum problema? — ela perguntou.

Burnett balançou a cabeça.

— Não.

— Você pediu para ela fazer algo pela UPF?

— É possível. Por quê?

Kylie franziu a testa.

— Considerando que a UPF está me causando uma dor de cabeça e tanto, eu não fico muito entusiasmada ao pensar nos meus amigos envolvidos com eles.

Ele parou, tirou as mãos dos bolsos do jeans e balançou a cabeça, frustrado.

— A UPF é uma organização que serve para ajudar os sobrenaturais, assim como a polícia ajuda os seres humanos. Existem policiais corruptos e até mesmo grupos de policiais que

fazem coisas ilícitas, mas não é por isso que deixamos de confiar na instituição como um todo.

— Eu poderia, se eles mataram a minha avó — disse ela honestamente.

A expressão dele endureceu.

— Eu não concordo com tudo o que a UPF faz, mas, sem ela, o mundo seria um caos. As espécies se voltariam umas contra as outras, matando e mutilando. A raça humana seria vista como fonte de alimento.

Kylie tremeu diante da descrição.

— Se você não consegue confiar na UPF, pelo menos confie em mim — disse Burnett. — O lado bom da UPF supera em muito o lado ruim.

— Eu vou tentar vê-los assim. — Mas ela não prometeu nada. Não conseguiu.

— Você poderia só ter ligado para ele — reclamou Della, cerca de uma hora depois, enquanto desciam pela trilha escura em direção à cabana de Lucas. Kylie teve a sensação de que Della estava meio irritada porque ela queria ver Lucas em vez de lhe fazer companhia. Especialmente quando Miranda tinha escapulido com Perry. Mas a culpa de Kylie por ter deixado Lucas falando sozinho tornou indispensável que ela fosse vê-lo.

— Acho que eu queria tomar a iniciativa em vez de esperar que ele fizesse isso. — Kylie notou a lua prateada e brilhante, quase cheia, pendurada no céu. Estava uma noite bonita. A temperatura tinha caído para uns 27 graus, ficando quase agradável.

— Por quê? O que você fez de errado?

— Eu fiquei brava e fui embora, deixando Lucas lá sozinho.

— Foi por isso que ele pareceu tão sentimental quando veio visitá-la, enquanto você estava dormindo? — ela perguntou.

— Pode ser. — Kylie deu uma boa olhada na fileira de árvores e não sentiu nada, o que foi muito bom. Então ela olhou para Della.

— O que Burnett queria falar com você hoje?

— Nada, na verdade.

Kylie olhou para ela.

— Sabe, quando se é amigo de uma pessoa por algum tempo, nem é preciso ouvir o seu batimento cardíaco para saber que ela está mentindo.

Della fez uma careta.

— Tá, mas eu pensei que seria mais educado do que dizer que não é da sua conta.

Kylie franziu a testa.

— Você vai fazer algum serviço para a UPF?

— Como você sabe?

— Lucas e Derek também prestam serviço para eles. Me pareceu lógico. Não que eu goste. — Ela se lembrou de Burnett dizendo que a UPF não era de todo ruim, e tentou mudar de

atitude, mas ela não conseguia confiar completamente na organização.

— Eu acho que seria muito legal trabalhar para eles — disse Della. — Me daria uma justificativa para chutar alguns traseiros de vez em quando.

— Você confia neles? — Kylie perguntou.

— Eu confio em Burnett — disse Della, e estudou Kylie. — Você não?

— É claro que confio. — Ela não tinha contado a Miranda ou Della que Burnett tinha trocado sua avó de túmulo. Isso não parecia uma coisa que se saísse por aí, contando para todo mundo. — Eles procuraram a minha mãe, para que ela os autorizasse a fazer testes comigo.

— Ah, droga, eu me lembro de Miranda dizendo que sua mãe esteve aqui, mas me esqueci. O que ela disse? Deus do céu! Eles contaram a ela que você é sobrenatural? Aposto que ela surtou.

— Não, disseram que estavam preocupados porque eu tinha dores de cabeça e desmaios e aconselharam que eu fizesse alguns exames. Holiday explicou a ela que eram só terrores noturnos e desaconselhou os exames.

— Ah, mas que inferno! O que Burnett disse?

— Ele não concorda com os exames também.

— Que bom! — comemorou Della. — Quero dizer, eu não gostaria que ninguém sondasse a minha cabeça. Não depois de ouvir o que aconteceu com a sua avó. — Della parou e olhou para Kylie. — Você não quer que eu trabalhe para eles por causa disso?

Kylie teve a sensação de que Della realmente abriria mão da sua chance de trabalhar para a UPF se essa fosse a vontade de Kylie — mesmo estando claro quanto estava animada com essa possibilidade. A gratidão pela lealdade de Della a emocionou.

— Não — tranquilizou-a Kylie. — Mas... eu quero que você tome cuidado.

— Vou tomar. — Della esfregou as mãos. — Estou feliz por você ter descoberto. Eu estava morrendo de vontade de contar a alguém. Vai ser tão legal!

Elas chegaram à cabana de Lucas. As luzes estavam acesas. Kylie bateu na porta enquanto Della esperava mais atrás, nos degraus da varanda. Steve, o metamorfo que tinha uma queda por Della, atendeu à porta. Com tanta coisa acontecendo, Kylie tinha se esquecido de que ele era colega de alojamento de Lucas. E o mesmo acontecera a Della, Kylie percebeu, ao ouvi-la ofegar.

— Olá! — disse Steve.

— Lucas está? — Kylie perguntou.

O olhar de Steve se desviou para um ponto mais atrás de Kylie e sua expressão mudou. Kylie sabia que ele tinha visto Della.

— Hã... sim. Quero dizer, não. Ele saiu há alguns minutos com Fredericka.

— Ah. — Kylie tentou não demonstrar seu aborrecimento com a notícia ,enquanto dava meia-volta para ir embora.

Steve falou atrás dela:

— Provavelmente vai voltar logo.

Ela virou-se.

— Você se importa se esperarmos?

— Não. — Seus olhos brilharam quando ele olhou para Della. — Entrem, se quiserem.

Della limpou a garganta como se quisesse avisar Kylie de que não tinha gostado nem um pouco da ideia.

— Podemos apenas nos sentar aqui na varanda? — Kylie perguntou. — Está uma noite bonita.

— Claro — ele saiu da cabana. Seu cabelo castanho estava caído na testa. Mesmo no escuro, Kylie poderia adivinhar que seus olhos eram castanhos escuros e estavam cheios de interesse ao fitarem Della.

Quando Kylie se virou, Della não parecia muito feliz, mas seguiu a amiga.

— Não podemos esperar muito — alertou a vampira, sentando-se nos degraus.

— Só um pouquinho. — Kylie abaixou-se ao lado da amiga, que parecia contrariada. Steve sentou-se na varanda com elas. Ninguém disse uma palavra.

— Eu ouvi falar que alguns dos professores novos estavam jantando no refeitório esta noite. — Kylie comentou, para iniciar a conversa, na esperança de não pensar em Lucas perambulando pela floresta com Fredericka.

— É — disse Steve. — A professora de inglês, Ava Kane, parece legal. Ela é meio bruxa, meio metamorfa.

— Por que você simplesmente não admite que gosta dela por causa dos peitões? — Della perguntou.

Mesmo no escuro, Kylie sentiu que Steve enrubescera.

— Eu... não vou negar que ela é bonita, mas não foi isso que eu quis dizer.

Kylie estendeu o pé e chutou Della disfarçadamente.

— Ai! — Della olhou para Kylie. — Por que você fez isso?

— Quando as aulas vão começar mesmo? — Kylie perguntou, e ninguém respondeu. — Steve provavelmente porque estava com medo de se ver em apuros novamente, e Della porque estava muito ocupada esfregando o tornozelo dolorido.

Steve finalmente arriscou.

— Se não me engano, na próxima segunda-feira.

— Havia outros professores no refeitório? — Kylie olhou para Della, esperando que ela respondesse.

— Sim — acrescentou Della. — Um tal de Hayden Yates. Ele é meio vampiro, meio *fae*. Acho que vai ensinar ciência. Parece boa gente.

— E...? — Steve perguntou, o tom mais profundo, embora não passasse de um sussurro.

— E o quê? — Della perguntou.

Ele tencionou os ombros. Que, aliás, Kylie tinha que admitir, eram muito largos. O cara era bonito. Por que Della não era pelo menos agradável?

— Por que você gosta de Yates? — Steve perguntou. — Porque o corpo dele é sexy ou você finge que é por causa da inteligência do cara?

Droga, pensou Kylie. Esses dois se comportavam tão mal quanto Della e Miranda. Ou Burnett e Holiday.

Della fez uma careta para Steve e então olhou para Kylie.

— Eu estou indo embora.

Envergonhada, Kylie olhou para Steve.

— Obrigada. Pode dizer a Lucas que eu passei aqui?

— Você pode ir encontrá-lo se quiser — disse Steve, levantando-se. — Acho que eles foram até a clareira, seguindo o riacho.

— Ah, tá — disse Kylie, seguindo Della. Kylie se encheu de ciúme quando se lembrou de quando ela e Lucas tinham ido ao riacho. Ela estava tão preocupada em tentar não sentir o ciúme que a oprimia, que não tinha percebido que elas estavam seguindo na direção errada.

— Aonde estamos indo? — Kylie perguntou.

Della olhou para ela.

— Para o riacho, bocó. E não finja que não quer saber o que ele está fazendo lá com aquela loba. Se ele fosse o meu namorado, eu iria agarrá-lo pelo cangote e ensinar àquela loba uma lição que ela jamais iria esquecer. Ele ficaria choramingando como um filhotinho abandonado.

Kylie continuou seguindo Della enquanto travava um debate interior sobre se deveria continuar ou voltar para a cabana. Se ela fosse até o riacho, Lucas pensaria que ela tinha ido porque estava com ciúme? Mas e se não fosse e Steve contasse que ela o procurara e não fizera questão de ir ao riacho, será que ele acharia que ela tinha ido embora porque estava com ciúme?

Ok, a única coisa que concluiu com esse dilema foi que não queria que Lucas pensasse que ela estava com ciúme.

Embora estivesse.

Mas isso significava que ela estava errada?

Ou que Lucas estava errado? Errado por sair por aí no escuro para ficar na companhia de Fredericka no riacho? Será que agora ele estava rolando na grama com a loba, beijando-a do jeito que ele a beijara quando a levou até lá?

Ou seria algo tão inocente quanto ser pega conversando atrás do escritório com Derek?

Kylie olhou para a lua. O astro parecia mais brilhante e ela sentiu aquela picada estranha em sua pele. Assim como se sentia na lua cheia.

Ela respirou fundo e disse a si mesma que estava imaginando coisas.

— Pare de tentar se convencer de que não quer ir — disse Della.

— Como você sabe que estou fazendo isso?

— Porque eu posso ver na sua cara. E porque você não conseguiria andar mais devagar nem se fosse uma tartaruga de muletas.

— Eu só não quero bancar a namorada psicopata.

— Se eles estiverem dando uns amassos, ou pior, brincando de esconder o salame, então ele merece que você dê uma de psicopata. Que droga! Eu vou me juntar a você e nós duas vamos bancar as psicopatas e dar um chute na bunda dele.

— Eu não acho que ele esteja fazendo isso. — Como se dizer isso em voz alta a ajudasse a acreditar.

— Você não queria pensar isso de Derek, também. — Della suspirou como se já tivesse arrependida de dizer aquelas palavras. — Não quero desrespeitar Ellie nem nada, mas ainda assim foi errado.

O peito de Kylie se apertou quando ela mencionou o nome de Ellie.

— Aquilo foi diferente.

— Como? — Della perguntou. Um galho baixo balançou na frente de Kylie e ela o desviou com o braço sem dificuldade. — Eu acho que isso é mais uma prova de que os homens não prestam. Talvez não devêssemos nem nos acasalar com eles.

— Derek e eu não estávamos juntos.

— Talvez vocês não dissessem que estavam juntos. Mas no seu coração, estavam.

Kylie se lembrou do que Miranda tinha dito sobre ela falar mais de Derek do que de Lucas. De repente, ela não queria falar mais sobre sua vida amorosa complicada. Então por que não falar sobre a vida amorosa complicada de Della? Parecia um jeito perfeito de mudar o rumo da conversa.

— Você poderia ter sido mais simpática com Steve.

Della se virou, mostrando irritação em sua postura corporal.

— Eu fui simpática.

— Não, não foi. Você o acusou de gostar dos peitões da professora nova.

Della retomou a caminhada.

— Você deveria ter visto o olhar de cobiça que ele lançou para ela; foi embaraçoso.

— Isso é sinal de que você está com ciúme, o que indica que gosta do cara — observou Kylie.

Della começou a andar mais rápido, seu ritmo acompanhando o seu humor.

— Eu não gosto dele. Mas vou admitir que tem um belo traseiro.

— E você disse que ia tentar ser mais acessível ao seu belo traseiro — Kylie lembrou.

— Eu tentei. Não deu certo. Eu não acho que o traseiro dele seja tão legal assim.

Outro galho apareceu de repente e no instante que Kylie o agarrou, ela se lembrou. Parou e olhou através das árvores para o céu. Algumas estrelas brilharam como se rissem dela.

— Merda... — ela murmurou.

— O que foi? — Della olhou por cima do ombro.

Kylie olhou ao redor. A lua lançava um brilho prateado através das árvores e das sombras que dançavam no chão.

— Acabei de me lembrar.

— Lembrar do quê?

— Eu não deveria entrar na floresta. — Kylie inalou o aroma verdejante das árvores e da terra úmida. Então procurou interiormente o sentimento de ser atraída, chamada para a floresta. Não sentiu nada. Talvez todos aqueles sentimentos fossem apenas um produto da sua imaginação hiperativa. Era nisso que ela queria acreditar.

No entanto, ela tinha desobedecido às ordens de Burnett. Talvez não de propósito, mas ela não achava que ele iria considerar essa desculpa aceitável.

— Nós temos que voltar.

— Mas estamos quase lá. E você tem ao seu lado uma vampira de arrasar quarteirão. Nada vai acontecer. E você não quer saber se Lucas e Fredericka estão encenando o canguru perneta?

Kylie agarrou outro galho que surgiu na sua frente.

— Se Burnett descobrir, ele vai ficar fulo da vida.

— Então não vamos contar a ele. Confie em mim. Vai dar tudo certo.

Mesmo sabendo que não era a melhor coisa a fazer, Kylie continuou a acompanhar Della. Os grilos faziam sua cantoria típica e um pássaro ocasional piava. Ao fundo, Kylie podia ouvir os sons dos animais selvagens do parque. Normalmente, quando ela ouvia os sons da noite, isso significava que tudo estava bem. Era no silêncio que as coisas saltavam das sombras. Quando o mal parecia dar as caras.

Inspirando o ar da noite, ela continuou avançando, saltando por cima de alguns arbustos espinhosos e abaixando-se para evitar os galhos mais baixos.

— Merda! — Della sibilou e parou abruptamente.

— O que foi? — Kylie perguntou, e foi então que a floresta ficou em silêncio.

Não morta como acontecia quando surgia um fantasma, mas como se ocultasse uma ameaça.

— Da próxima vez que eu lhe disser para confiar em mim, não confie. — Della olhou para trás sobre o ombro. Seus olhos estavam verdes brilhantes e seus caninos, expostos.

— Temos companhia.

# Capítulo Oito

— É melhor correr. — A voz de Kylie não passava de um sussurro. Seu coração martelando no peito parecia bater mais alto.

— Quem corre acaba sendo perseguido — Della respondeu. — Eu prefiro ser quem persegue.

— Garota esperta! — uma voz profunda respondeu de volta. E esse único som enviou calafrios pela espinha de Kylie.

Três figuras silenciosas saíram das sombras. O único som filtrado pelo emaranhado de árvores era o silvo de Della. Kylie avançou para ficar ao lado de Della, caso eles a atacassem. Sua mente ainda considerava a opção de correr. Uma boa opção. Mas primeiro ela tinha que convencer Della.

O leve som de galhos estalando sob os pés de alguém soou às suas costas. Elas estavam cercadas.

Era hora de encontrar uma nova opção.

Mesmo apenas com a lua iluminando o caminho, Kylie conseguiu enxergar os padrões dos três homens à frente delas: lobisomens. As bordas dos padrões eram escuras, como se as suas intenções não fossem as melhores. Isso só podia significar uma coisa: lobisomens foras da lei.

O maior deles, ladeado pelos outros dois, deu um passo à frente. Della sibilou mais forte. Kylie sentiu seu sangue ferver com a necessidade de proteger a pequena vampira. Por mais corajosa que Della se considerasse, essa não seria uma briga justa. Não que os delinquentes se importassem.

— Eu acharia melhor que vocês fossem embora — disse Kylie, sem saber de onde vinha tanta insolência, mas sem se incomodar em demonstrá-la. — Vocês estão invadindo. Shadow Falls é uma propriedade particular. — Ela pôs os ombros para trás e o queixo para cima. Sabendo que podiam farejar o medo, tentou não deixar que a semente dessa emoção crescesse ainda mais.

Kylie viu Della pronta para atacar, e tocou o cotovelo da amiga, com a esperança de convencer a vampira a esperar. Talvez elas conseguissem convencê-los a ir embora.

— Ou vão embora agora ou rasgo sua garganta primeiro — disse Della ao homem na frente dela.

Esse não era o tipo de conversa que Kylie tinha em mente.

— Não viemos aqui para fazer mal a ninguém — o sujeito do meio disse a Kylie, e então fitou Della com um sorriso, como se zombasse da sua ameaça. — Mas, se provocarem, isso pode mudar.

Della sibilou alto.

— Então saiam. — O olhar de Kylie voltou-se para ele. Ela teve a sensação de que ele era o líder. Ele não parecia velho, mas o cabelo grisalho nas têmporas e as linhas de expressão em torno dos olhos azul-escuros lhe diziam que era mais velho do que ela tinha presumido. Aprisionada ao seu olhar, sua mente tentou identificá-lo. Ela sentiu-o olhando para ela, também tentando identificá-la, e então seus olhos se estreitaram, enquanto ele lia o seu padrão.

Tão repentinamente quanto um raio cortando o céu, ela descobriu quem ele era. E sentiu que ele a reconhecera também. A semente de medo cresceu dentro dela. Esse homem não valia nada. Ele já tinha provado isso a Kylie uma vez.

Ele deu mais um passo adiante. Della tentou pular na frente dele, mas Kylie a segurou.

— Deixe que eu cuido disso. — O chiado no sangue de Kylie — o chiado que sempre aparecia quando ela sentia a necessidade de proteger alguém — intensificou-se.

— Não estou aqui para derramar sangue — ele insistiu.

— Então, vá embora — Kylie exigiu.

— É, coloque o rabinho entre as pernas e passe daqui — Della vociferou.

Um rosnado ameaçador veio de trás delas. Della deu meia-volta, libertando o braço do aperto de Kylie, os olhos mais brilhantes.

O medo oprimiu o coração de Kylie. Não temia por ela mesma, mas pelo que estava para acontecer. Seu sangue agora zumbia enquanto era bombeado em suas veias. Ela manteve o foco em Della. Se alguém colocasse as mãos nela, aquilo não iria acabar bem.

— Calma aí! — o líder falou, e Kylie sentiu que ele tinha falado tanto com ela quanto com seus próprios homens. — Eu só vim aqui para falar com o meu filho.

— Então fale com ele. — Uma nova voz soou de entre as árvores. — Mas você e seus guardas, recuem agora mesmo. — A voz de Lucas, profunda e ameaçadora, veio da direita de Kylie. Quando ela se virou, viu que seus olhos brilhavam num tom laranja queimado. Ela observou-o levantar a cabeça levemente para puxar o ar pelo nariz.

Soube então que tinha perdido a batalha de tentar esconder o medo. Lucas o tinha farejado assim como provavelmente os outros também. Mas ela se perguntou se eles haviam percebido o fato de que ela não temia uma briga. Ela temia a devastação emocional que isso teria

causado. Matar o pai do namorado não seria muito bom para o seu relacionamento.

— Eu disse, recuem — Lucas ordenou.

Quando os três homens não obedeceram, Della falou novamente.

— Vocês ouviram, seus imbecis. Recuem.

De repente, Lucas estava do outro lado de Kylie. Seu antebraço quente roçou no ombro de Kylie, não deixando nenhuma dúvida de sua lealdade a ela, até mesmo com relação ao próprio pai. O pensamento aqueceu o coração da garota, mesmo acelerado pelo pânico.

Mais campistas lobisomens saíram de trás das árvores. Eles não pareciam agressivos, mas a mera presença deles indicava a sua lealdade a Lucas.

— Parece que eu não sou o único que trouxe seus guardas — disse Parker.

— Se eu precisar deles, vão me apoiar — disse Lucas.

Um rosnado baixo veio de um dos lobos que acompanhavam o pai de Lucas.

Parker olhou para ele.

— Não vai haver nenhum confronto esta noite.

Ainda desconfiada e com a tensão deixando o ar tão carregado que tornava difícil respirar, Kylie ouviu o comando na voz do homem e sentiu que seus homens não iriam desafiá-lo. O fluxo de adrenalina em suas veias diminuiu.

Will, outro campista e um dos amigos de Lucas, aproximou-se. Nos recônditos da mente de Kylie, uma constatação lhe ocorreu. Lucas não estava só na companhia de Fredericka. Uma semente de culpa por duvidar do namorado brotou em seu peito.

Como se pensar na garota a atraísse, Fredericka saiu de entre as árvores e dirigiu-se à pequena clareira.

— Senhor Parker — Fredericka cumprimentou num tom leve, rompendo a tensão. — Que prazer vê-lo novamente! — A loba lançou para Kylie um leve sorriso, como se quisesse que a outra soubesse que ela era amiga do pai de Lucas.

— Digo o mesmo — respondeu o homem com desinteresse. Ele não deu a Fredericka nenhuma atenção. Ainda estudava o padrão de Kylie, que estava preocupada com a possibilidade de ele notar alguma coisa estranha.

— Então os rumores são verdadeiros — disse Parker, parecendo perplexo.

— Que rumores? — Kylie perguntou.

— Eu posso ver por que meu filho está tão intrigado com você. Uma pena que você não seja uma de nós.

O peito de Kylie se afligiu com a insinuação. Era como se o seu relacionamento com Lucas estivesse condenado.

— Chega — disse Lucas. — Eu acho que...

— Você é um pássaro estranho, Kylie Galen. — Parker franziu as sobrancelhas, como se para discernir melhor o padrão da garota.

Kylie ergueu mais o queixo. Não um pássaro, Kylie pensava. Um camaleão. E uma sensação

inexplicável de orgulho encheu seu peito. Pela primeira vez, Kylie aceitou que, embora não soubesse nada sobre o que significava ser um camaleão, o seu pouco conhecimento tinha algum valor.

Lucas virou-se para Della.

— Vocês duas, voltem para a cabana. — Seu olhar pousou em Kylie. — Te vejo mais tarde.

O ressentimento por ter sido mandada embora agitou Kylie por dentro, mas a lógica interveio e ela sentiu que a intenção dele vinha da necessidade de protegê-la, não de controlá-la. Então Kylie percebeu que, se *ela* tinha se ressentido com o seu tom autoritário... Ela relanceou os olhos para Della.

— Eu prefiro ajudar a despachar esses caras — Della rosnou.

— É melhor a gente ir — aconselhou Kylie.

Della franziu a testa, mas sua expressão dizia que ela ia ceder à vontade de Kylie.

— Tudo bem. Eu não queria mesmo ficar mais tempo com esses cachorros. — Ela rosnou para os intrusos.

Um dos guardas do senhor Parker deu um passo à frente em defesa, e tanto Kylie quanto Lucas avançaram um passo também. Esse pequeno passo não deixou dúvida de que nenhum deles permitiria que o guarda tocasse em Della. Kylie não deixou de perceber o olhar reprovador de Lucas para ela, como se dissesse que não queria que ela assumisse o papel de protetora. Mas isso era o que ela era. Uma protetora. Um camaleão protetor.

Della fez uma careta para os dois, como se dissesse que não precisava da proteção de nenhum deles.

— Vá. Por favor — disse Lucas.

Kylie fez sinal para Della segui-la.

Quando saíram dali, Kylie não resistiu a olhar para trás. Ela viu Lucas, sua postura defensiva, como se o pai trouxesse à tona o que havia de pior nele. Ela logo pensou no próprio pai e no padrasto. Nenhum deles a colocava na defensiva. Sim, seu padrasto tinha cometido alguns erros muito ruins, e Kylie ainda estava tentando perdoá-lo, mas, no fundo, ela sabia que ele a amava. E com seu pai de verdade, Daniel, bem, ele se importava tanto com ela que não tinha deixado nem mesmo a morte separá-los.

Kylie percebeu que Lucas nunca tinha sentido nenhuma afeição pelo pai. Seu coração se condoeu por ele, e seu sangue se aqueceu com a necessidade de defendê-lo.

Mas defendê-lo contra o quê? O que tinha trazido o senhor Parker ao acampamento? Algo lhe dizia que não tinha vindo apenas para dar um abraço em Lucas. Haveria algo errado com a avó de Lucas? Com sua meia-irmã?

*Uma pena que você não seja uma de nós.* Essas palavras ecoaram em sua mente e em seu coração. Ele poderia estar no acampamento por causa dela? Protestando contra o fato de Lucas estar... intrigado com ela?

— Burnett vai ficar tão puto com isso! — Della lamentou, seu ritmo apressado combinando

com a irritação na voz.

Kylie mordeu o lábio de preocupação, antes de expressar seus pensamentos.

— É por isso mesmo que você não vai dizer nada a ele.

Della olhou para Kylie. Os olhos da vampira ainda estavam brilhantes de fúria.

— Eles são uns delinquentes.

— Mas ele é o pai de Lucas. — E pensar que Lucas teria que enfrentar Burnett depois de já ter enfrentado o pai parecia injusto.

— É contra os regulamentos.

— Assim como era quando Chan apareceu — Kylie a lembrou. — E como Chan, o senhor Parker não fez mal a ninguém. Ele só queria falar com o filho.

Della soltou um suspiro de frustração.

— Sabe, eu realmente odeio quando você faz isso.

— Faço o quê? — Kylie evitou se chocar contra um galho balançando na frente dela.

— Usar a lógica e esfregar no meu nariz o fato de que você está certa.

— Eu não esfreguei no seu nariz.

— Talvez não. Mas ainda assim eu não gosto.

Elas andaram alguns minutos sem falar.

— Obrigada por não contar — Kylie disse, sabendo que Della atenderia seu pedido.

Elas avançaram pela vegetação densa, tendo apenas a canção da noite sussurrando por entre as árvores. Finalmente, Kylie falou:

— Lucas não estava sozinho com Fredericka.

— É, eu percebi — disse Della. — Mas...

— Mas o quê?

— Eu não sei. Quer dizer, eu sinto que encorajei você a ir se encontrar com Lucas e talvez eu estivesse errada.

— Errada? — Kylie pegou Della pelo braço. — Você quer dizer errada por me pressionar, ou errada por achar que eu deveria ir atrás de Lucas?

Della franziu a testa.

— As duas coisas.

— Por que diz isso? — Kylie perguntou, magoada por Della ter feito tal afirmação, especialmente quando seu coração já estava tão confuso.

— Não é que eu não goste de Lucas, eu gosto. Mas ele é um lobisomem e você obviamente não é. Eu admito que antes pensei que fosse. Mas esta noite, quando fomos cercadas por aqueles lobisomens, tive certeza de que você não era como eles. E depois do que a avó dele disse e agora, depois do que o pai dele disse, acho que a família e a alcateia dele vão dificultar o relacionamento de vocês.

— Ele me disse que não se importa com o que dizem. — E ela acreditou. De fato acreditou.

A tristeza encheu os olhos de Della e Kylie sentiu a mesma emoção ressoar dentro de si.

Della expirou.

— Foi o que Lee me disse. E veja o que aconteceu com a gente.

*Não é a mesma coisa.*

Enquanto Kylie esperava na varanda que Lucas aparecesse, ela pensou no que Della lhe dissera e no dia difícil que tivera de enfrentar.

Ela havia falado com a mãe, que precisava se assegurar de que Kylie estava bem. Tinha falado com Holiday, que precisava da mesma coisa. Então seu telefone tocou novamente. Derek, dessa vez, fazendo a mesma pergunta.

— Oi, eu só queria ter certeza de que está tudo bem — ele disse.

Era engraçado, na verdade, como ela o conhecia bem. Ela sabia o que ele estava sentindo sem ele nunca ter que dizer e, portanto, sabia por que ele estava ligando. Derek obviamente tinha sentido algumas de suas emoções.

— Está tudo bem.

— Se você precisar conversar ou qualquer coisa, estou aqui. — Ele parecia tão melancólico que ela sentiu o coração ficar mais apertado.

— Eu sei — respondeu ela. — E agradeço.

— Você já descobriu alguma coisa sobre o fantasma?

— Ainda não — Kylie admitiu, seu tom de voz deixando transparecer um pouco da frustração que sentia.

— Você falou com Holiday sobre isso? — ele perguntou, parecendo genuinamente preocupado.

— Até certo ponto — disse ela. — Mas eu não estava... Eu só falei por cima.

— Ah, merda!

— O que foi?

— É ela, não é? — Foi o rosto dela que o fantasma roubou. É Holiday.

Kylie fechou os olhos.

— Sim, mas, por favor, não diga nada. Estou tentando descobrir algo antes de contar a ela.

— Ela está em perigo? Será que isso significa... alguma coisa?

— De uma maneira indireta, perguntei a Holiday, e ela disse que era improvável. Mas...

— Mas o quê?

— É assustador — Kylie admitiu. — Vê-la como um fantasma sabendo que ela não está morta.

— Claro que é. E você não deveria tentar descobrir tudo sozinha. Eu estou com você nisso. Não sei como ajudar a resolver, mas topo fazer o que for preciso.

— Obrigada. — Ela encostou-se à parede da cabana, e logo em seguida foi atingida por uma onda de frio. Um frio mortal.

— E eu não espero nada em troca — disse ele. — Aceito que somos apenas amigos.

— Obrigada. — O espírito, idêntico a Holiday, estava em pé diante dela, olhando para baixo, com o rosto sério.

— Eu preciso desligar.

— Algo errado? — Derek perguntou, e ela não pôde deixar de se perguntar se ele podia senti-la agora.

— É que... tenho companhia.

— Lucas? — Seu tom expressou exatamente como ele se sentia com relação ao lobisomem.

— Não. O fantasma.

— Ah. Então, eu vou desligar. Mas Kylie...

— Sim? — Ela ficou de pé porque não gostava de ver o espírito olhando para ela de cima.

— Estou aqui se precisar de mim. — Ele parecia tão sincero...

— Eu sei — disse ela, sentindo as palavras vibrarem em seu peito. Ela desligou e sustentou o olhar esverdeado da mulher.

— *Acho que você devia escolhê-lo* — disse o espírito.

— O que disse?

— *Entre ele e o lobisomem. Eu gosto dele. Ele é* fae.

Kylie conteve a frustração.

— Eu acho que seria melhor deixar que *eu* decida isso.

— Só um pequeno conselho — disse o espírito.

Kylie a estudou.

— Você descobriu alguma coisa?

— *Na verdade, não, mas eu me lembro de algumas coisas.*

— Que tipo de coisas?

— *Assustadoras.*

— Você pode me contar?

O espírito analisou Kylie com o mesmo tipo de olhar preocupado que Holiday sempre demonstrava.

— *Eu não acho que você precise ouvir. Você é... jovem.*

Kylie revirou os olhos.

— Você veio aqui para eu te ajudar. Não posso ajudar se você não me contar nada.

Ela piscou.

— *Eu não sei se é isso mesmo.*

— O quê?

— *Que eu vim para você me ajudar.* — Ela ficou em silêncio por alguns instantes.

— *Eu acho que vim para você poder ajudar outra pessoa.*

— Quem?

— *Eu não sei exatamente. Mas eu sinto isso.*

— O que você sente?

— *Que o perigo está por perto.* — Seus olhos se encheram de preocupação.

— Posso impedir que algo ruim aconteça?

Ela inclinou a cabeça para um lado e considerou a questão.

— *Eu acho que sim. Acho que é por isso que eu vim. Assim, você poderá evitar.*

O coração de Kylie se encheu de esperança. Com certeza, se não fosse possível ajudar, o espírito saberia. Assim, mesmo que fosse Holiday, talvez Kylie pudesse salvá-la. Talvez a pessoa que o espírito deveria salvar fosse ela mesma e não soubesse.

— Você já descobriu o seu nome?

Ela balançou a cabeça.

— *Eu só fico me lembrando das mesmas coisas. Eu acho que é Hannah.*

— Por favor, me diga o que você sabe. Pode ser importante.

Ela negou com a cabeça.

— *Eu não estou pronta para falar sobre isso. E não é a história inteira. São só fragmentos.*

— Por que você não está pronta para falar sobre isso?

O espírito se virou e olhou para a floresta, como se tivesse ouvido algo.

Kylie seguiu seu olhar. Ela não viu ninguém, mas, estranhamente, a sensação que tivera antes tinha retornado. Alguém estava lá. Chamando por ela.

*Quem é você? O que você quer?* Kylie perguntou mentalmente.

— *Eles querem falar com você* — disse o fantasma.

— Quem? — Kylie perguntou. — E você disse "eles"? Como sabe que há mais de um?

— *De alguma forma, sei que há mais de um. Mas, se eu não sei o meu próprio nome, como posso saber quem eles são?*

— Você já os viu? Sabe o que eles querem de mim?

Ela fez que não com a cabeça.

— *Eu apenas os sinto. Estão chamando você.*

— Será que eles querem me fazer mal? — Kylie perguntou.

— *Eu... não posso dizer com certeza. Mas eles não parecem ruins.*

— Também não sinto que sejam ruins. — Ou talvez ela só quisesse acreditar nisso. Ela desceu os degraus. Estava quase chegando à floresta quando alguém agarrou seu braço, alguém vivo e quente.

# Capítulo Nove

Kylie se virou, o coração quase saindo pela boca.

— Aonde vai? — Lucas perguntou.

— A lugar nenhum. — Ela engoliu o pânico. — Eu estava esperando você e ouvi algo. — Não era totalmente mentira; ela tinha ouvido com o coração.

Ele a puxou contra si.

— Quando isso acontecer, você deve entrar na cabana, não ir para a floresta. Mesmo gente normal sabe disso quando assiste a filmes de terror.

Ela revirou os olhos.

— Eu teria entrado, se achasse que se tratava de algo ruim.

— Mas às vezes não dá pra saber. — Ele deslizou a mão até a cintura dela.

Kylie concordou com ele nesse ponto, e provavelmente precisava se lembrar disso também.

No entanto, era difícil se lembrar de alguma coisa com ele tão perto. Tão perto que ela sentia sua respiração. O toque suave da sua palma aquecia sua pele sob a roupa. A ternura e o calor criando uma trilha que fazia formigar a sua pele.

Ele baixou a cabeça e a fitou nos olhos.

— Você faz ideia de como eu me sentiria se algo acontecesse a você?

— Provavelmente da mesma forma que eu me sentiria se algo acontecesse a você — ela disse. — O que seu pai queria?

Ele franziu a testa.

— É Clara, minha meia-irmã. Ela fugiu novamente. Disse a ele que estava vindo para cá, mas ele suspeita de que ela tenha voltado com o namorado.

— Eu sinto muito. O que vai fazer?

— Eu não sei. — Ele suspirou. — Já fui atrás dela duas vezes. Ela disse que queria vir para cá. Mas talvez tenha mentido. Se eu a trouxer contra a vontade, o que vai impedi-la de fugir?

— E o namorado é tão ruim assim?

Ele fez uma careta.

— Ele é um fora da lei e está envolvido até o pescoço com uma gangue.

— E isso faz dele automaticamente uma pessoa ruim? — Ela sabia que nem todos os seres sobrenaturais eram registrados, e para algumas pessoas isso por si só fazia com que fossem vistos como delinquentes, mas nem todos os seres sobrenaturais não registrados eram ruins. Della não considerava Chan um delinquente. E Kylie queria crer que seu avô e sua tia-avó também não fossem ruins. — Todas as gangues são ruins?

Ele fez uma pausa antes de responder.

— Não necessariamente, mas mesmo as gangues que não são completamente antiéticas geralmente estão na ilegalidade.

— Drogas? — Kylie perguntou.

— E outras coisas.

Kylie se lembrava de como ela tinha se sentido mal por Lucas, quando o vira tão defensivo com relação ao próprio pai. Ela se lembrou de que ele tinha se voltado contra a própria família para protegê-la. Seu coração se compadeceu.

— Se sua meia-irmã for ao menos parecida com o meio-irmão, ela vai fazer a coisa certa. — Ela ficou nas pontas dos pés e apertou seus lábios contra os dele.

Já era tarde. Estava escuro. Mas o momento parecia tão certo... O que era para ser apenas um beijo rápido se prolongou e tornou-se algo mais. Muito mais. Lucas aprofundou o beijo e ela se apoiou nele. Sentiu o corpo do namorado pressionado contra o dela, rígido em todos os lugares em que ela era macia.

Ela ouviu o ronronar que os lobisomens faziam quando estavam perto de um parceiro em potencial. Ficou quase hipnotizada, atraída pelo som, tentada e seduzida por tudo o que poderia vir depois.

Ele tinha um gosto tão bom, um toque tão bom! Ela queria mais. Queria sentir mais. Provar mais. Experimentar mais.

Então a magia desapareceu quando Lucas se afastou. Ele roçou a mão em seu rosto e, embora os olhos azuis ainda estivessem ardentes de paixão, ela percebeu que sua mente estava em outro lugar.

— Sinto muito que o meu pai tenha assustado você.

Ela lutou contra o desejo de lhe dizer para apenas beijá-la novamente.

— Está tudo bem — ela disse, e tentou não parecer desapontada.

— Não, não está. — Ele pegou a mão dela e conduziu-a até a varanda.

— Ele afirmou logo de início que não estava ali para fazer mal a ninguém — ela explicou, querendo acalmar Lucas. Querendo tornar tudo mais fácil.

— E você nunca deve acreditar nele — disse Lucas.

Um leve sentimento de medo se instalou no peito de Kylie. Eles se sentaram na varanda, com as costas apoiadas na parede da cabana.

Ele roçou o polegar sobre os lábios de Kylie.

— Eu não quero meu pai perto de você.

Ela fitou o olhar sério de Lucas.

— Ele machucou você? — A necessidade de protegê-lo fez seu sangue correr mais rápido.

— Não a mim. Eu sou filho dele. Mas ele não respeita mais ninguém.

— Se ele é tão ruim, por que você se encontrou com ele? Por que ainda se relaciona com ele?

— Por Clara, principalmente. Mas agora... Eu preciso dele.

— Por quê?

— Sua aprovação vai ser uma grande ajuda para eu entrar no conselho dos lobisomens.

O conselho do qual Lucas não faria parte se resolvesse se casar com ela. O pensamento lançou uma onda de apreensão através de Kylie ela se lembrou do que Della tinha dito sobre o relacionamento ser mais difícil entre eles, por causa da família e da alcateia. Ela afastou o pensamento e tentou entender.

— Mas, se eles buscam a aprovação do seu pai, então por que você quer fazer parte desse conselho?

Ele fechou os olhos por um segundo, como se a explicação fosse difícil.

— Se eu fizer parte do conselho, então vou poder mudar as coisas.

Kylie se lembrou da avó dele dizendo que ele queria mudar a forma como o mundo via as crianças criadas por sobrenaturais fora da lei.

— Mas, até lá, eu tenho que convencê-lo de que vejo as coisas do jeito dele.

— Que coisas?

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Coisas que eu não acho que você precise saber.

Kylie franziu a testa, não gostando de ser deixada de fora do mundo dele, mesmo sem ter certeza de que queria pertencer a ele. Ela apostava que Fredericka sabia tudo.

— Mas eu preciso saber. Eu quero fazer parte da sua vida. Não quero ser excluída. — *Não quero que a sua alcateia ou a sua família nos separem.*

Os olhos dele se estreitaram.

— Eu não estou excluindo você. Só prefiro que não conheça esse outro Lucas.

Ela digeriu as palavras dele.

— Só pode haver um Lucas.

— Só existe um. O verdadeiro. Mas eu tenho que fingir na frente do meu pai e do conselho. Tenho que convencê-lo de que estou do lado dele.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não entendo.

— E eu não espero que entenda.

Ela tirou a mão do braço dele.

— Não está certo. Como você se sentiria se pensasse que eu escondo coisas de você?

Seu rosto assumiu uma expressão de contrariedade.

— Você esconde coisas de mim. Coisas sobre os seus fantasmas. — Os olhos de Lucas brilharam de frustração. — Coisas que você conta a Derek e não a mim. E você tem razão, eu não gosto disso.

Ela refletiu sobre as palavras dele e sabia que era verdade.

— Eu só escondo porque você não quer saber sobre essas coisas. Elas te deixam meio fora de si.

Ele concordou e a aceitação brilhou em seus olhos, mas ela sabia que isso lhe custava muito.

— E acredite em mim quando digo que você não gostaria de saber as coisas que eu mantenho em segredo.

Ela olhou no fundo dos olhos dele, odiando a conversa, mas apenas porque ele era muito importante para ela.

— Não é bom manter segredos. Eles podem separar as pessoas. Por que simplesmente não dizemos tudo um ao outro?

— Às vezes, o que não sabemos nos protege. Não podemos nos magoar se não sabemos. — Ele encostou a testa na dela. — Eu posso prometer isso a você, Kylie Galen. Vou fazer o que quer que eu tenha que fazer, mas não vou deixar que isso te magoe.

Ela franziu o cenho.

— O que você quer dizer com "o que quer que tenha que fazer"?

— Quer dizer só isso. Eu não vou deixar que o que está acontecendo na minha vida confusa magoe você.

As palavras dele a assustaram. Mas o medo era mais por Lucas do que por ela mesma.

— Eu não sou uma garota frágil. Não sou a mesma menininha que você espiava da janela.

Um ar de divertimento brilhou nos olhos sedutores e calorosos e Lucas.

— Ah, isso eu já percebi.

— Estou falando sério.

— Eu sei. Mas você ainda é a minha garota, e eu quero protegê-la.

Ela revirou os olhos em frustração.

— Eu sou a protetora aqui. Isso é o que eu sou — Kylie insistiu.

— Eu sei. Você é incrível e pode fazer coisas incríveis. E já salvou a minha vida. Mas, como protetora, a única coisa que não pode fazer é proteger a si mesma. Então, por favor, não tente me impedir de fazer isso.

Na manhã seguinte, Kylie acordou antes do nascer do sol. A única coisa de que estava consciente era de Socks dormindo sobre a sua barriga, o focinho pontudo do gambá descansando entre os seus seios. Ela levantou a cabeça e olhou para o animalzinho. Ele abriu um de seus olhos redondos e depois o outro, e olhou para ela com adoração. O tipo de olhar

que se ganha apenas de um animal de estimação.

O tipo de olhar que expressa puro amor e aceitação.

O silêncio no quarto era absoluto. Sem saber direito o que a tinha despertado, ela puxou o braço para fora da coberta fina para sentir a temperatura. Nenhum frio. Nenhum fantasma.

E então ela ouviu. Ou a ouviu.

— Bichano!... — Miranda chamando Socks da porta ligeiramente aberta. — Vamos, Socks. Você não quer ser transformado novamente num gatinho?

Socks ficou de pé, pulou para o chão e correu para debaixo da cama. Kylie não tinha certeza se o aborrecimento do bichinho era por Miranda viver tentando transformá-lo em gato novamente ou porque ele não queria ser transformado. Considerando que Kylie tinha vivido um verdadeiro inferno nesses últimos meses, ela não podia culpar Socks. Mudar era algo assustador.

Miranda abriu a porta um pouco mais.

— Vamos, não dificulte as coisas.

Kylie se apoiou no cotovelo e bocejou.

— Acho que ele está com medo.

Miranda entrou um pouco mais.

— Eu acho que descobri. Só preciso levá-lo para fora e fazê-lo tomar a primeira luz da manhã.

— Humm. — Kylie levantou-se, pousando os pés descalços na madeira fria do assoalho. Não estava fria demais? Ela deu mais uma olhada para verificar se havia algum fantasma ali. Não. Nada de fantasmas.

— Desculpe se acordei você. Achei que eu pudesse me esgueirar até aí e agarrá-lo. — Miranda parecia bem acordada e de bom humor, quando se sentou na cama num pulo, sacudindo o colchão.

— Tudo bem. Eu estava praticamente acordada — Kylie mentiu. Na verdade, tinha sido uma noite muito mal dormida. Depois que Lucas foi embora, Della se retirou para o seu quarto e Miranda ainda não tinha voltado para casa, de modo que Kylie pegou Socks no colo e foi para a cama. Não para dormir. Isso teria sido muito fácil. Ela se revirou na cama durante horas, remoendo seus problemas, e sem realmente resolver nenhum deles.

No entanto, precisava admitir que ela já estava se acostumando a se ver como um camaleão. E parecia animada por já estar um dia mais perto de quinta-feira, quando seu avô verdadeiro viria visitá-la.

Ou pelo menos ela estava rezando para que ele viesse.

A lembrança da sua dificuldade para dormir la fez recordar de que a última vez que consultara o relógio, em torno das três horas da manhã, Miranda ainda não tinha voltado.

— Então, você vai me contar? — Kylie perguntou.

— Contar o quê? — O sorriso de Miranda estava cheio de malícia. Kylie estudou sua amiga

com mais atenção. Ela usava as mesmas roupas que vestira na noite anterior. Será que Miranda tinha acordado para tentar transformar Socks novamente num gatinho, ou será que precisava de alguém para conversar? Não que Kylie se importasse. Ela tinha acordado Della e Miranda muitas noites, a maioria com sonhos ou visões assustadoras, mas, se ela precisasse apenas conversar, sabia que as amigas a ouviriam.

— A que horas você chegou em casa, mocinha? — Kylie perguntou em tom de brincadeira.

— Cedo. Eu juro. — Miranda deu uma risadinha. — Esta manhã.

— Detalhes. Quero detalhes. — Kylie esfregou as mãos, imitando Miranda.

— Não fique muito animada — disse Miranda. Então ela suspirou. — Nós não fizemos... você sabe. Mas nós estávamos... bem, você sabe.

Kylie deixou o enigma dar voltas na sua mente sonolenta e balançou a cabeça.

— Eu acho que captei o primeiro "você sabe", mas estou meio perdida com relação ao segundo.

Ainda sentindo frio na sola dos pés, ela puxou as pernas para cima do colchão. A escuridão do quarto se iluminou só com a presença de Miranda.

— Nós nos beijamos, demos uns amassos... — O sorriso de Miranda se alargou, e então ela ficou com aquele olhar sentimental e apaixonado no rosto.

— Nós dormimos nos braços um do outro perto do riacho. Ele me abraçou durante toda a noite, e eu acho que estou apaixonada de verdade. É como se eu soubesse que pertenço a esse lugar. Aos braços dele.

Kylie se lembrou das vezes em que ela havia adormecido nos braços de Lucas. Dizer que tinha sido incrível era pouco. Mas ela não tinha acordado sabendo com certeza que ele era o cara certo. Não conseguia se lembrar de ter sentido isso.

Então, percebendo que esse momento era de Miranda, ela deixou os próprios sentimentos de lado.

— Bem, estou feliz por você. — E Kylie estava. Mesmo que sentisse com um pouco de inveja, também.

— Eu sei que *você* está. — O sorriso de Miranda desapareceu. — Mas eu não acho que Della vá se sentir da mesma forma.

— É claro que vai — disse Kylie. — Ela só tem dificuldade para demonstrar. Lembra-se de como ela vivia incentivando você a fazer as pazes com Perry quando estava brava com ele?

— Acho que sim — disse Miranda, não parecendo convencida. — Quer dizer, eu sinto como se não pudesse dizer nada sobre Perry perto dela agora. Percebi que ela está magoada com Lee e eu não quero fazê-la se sentir mal, mas eu também quero poder conversar com ela sobre o que está acontecendo na minha vida. E agora tudo o que está acontecendo na minha vida tem a ver com Perry. Sério, eu não quero viver pisando em ovos quando estou perto dela.

— Eu acho que você está se preocupando à toa. Acredite em mim, daqui a alguns dias as coisas vão voltar ao normal e vocês vão estar se atracando por um motivo que não tem nada a

ver com Perry.

Miranda soltou o ar dos pulmões.

— Você fala de um jeito que parece que brigamos o tempo todo.

— Não o tempo todo — disse Kylie. — Apenas a maior parte do tempo.

Miranda deu de ombros.

— Enfim, você acha que pode me ajudar a segurar Socks para eu ver se consigo reverter o feitiço? Perry me ouviu praticar por uma hora. Eu quero corrigir isso. — Miranda franziu o cenho. — Eu sinto como se fizesse tudo errado.

— Você não faz tudo errado. — Kylie olhou para o chão. — Venha aqui, Socks. Venha aqui, *baby*.

Miranda se deixou cair de costas no colchão.

— Eu me sinto assim, especialmente quando minhas irmãs wiccanas me provocam. Eu sou uma droga de bruxa!

— Elas provocam você por causa de Socks? — Kylie perguntou.

— Sim, não que eu as culpe. Eu faço a maior bagunça.

— Que se danem! — xingou Kylie. — Você deveria descobrir como enfeitiçá-las com uma dose de dislexia e ver como elas lidam com isso.

— Elas não são ruins de verdade — disse Miranda.

— Mas isso te magoa. — A raiva por Miranda queimava o peito de Kylie. Ela odiava *bullying*. Odiava que as pessoas colocassem as outras para baixo para se sentirem melhores com relação a si mesmas.

Miranda se levantou da cama.

— Mas elas estão apenas brincando. — Ela se ajoelhou e bateu os dedos no chão. — Aqui, gatinho! Gatinho!

As palavras de Miranda pareciam ter sido sugadas pelas sombras nos cantos do quarto. Kylie tirou os pés do colchão e bateu um calcanhar contra o pé da cama.

Ela esperou sentir Socks atacando seu tornozelo. A única coisa que sentiu foi ar gelado saindo de debaixo da cama. Um frio gelado que provocou em Kylie um mau pressentimento.

Ela olhou para Miranda.

— Por que você não vai lá fora e eu... eu pego Socks pra você. Ele provavelmente vai sair quando você for embora. — Por algum motivo, o quarto pareceu ficar mais escuro. Kylie esperava que Socks fosse a única coisa a sair de debaixo da cama.

Miranda se levantou.

— Eu não sei por que ele não gosta de mim — ela murmurou e saiu.

Kylie levantou-se cautelosamente e olhou embaixo da cama.

— Socks? Gatinho?

Nenhum gambazinho veio correndo de debaixo da cama. Nenhum miado baixo partiu dali para alertá-la de que ele estava bem.

Respirando fundo, ela ficou de quatro e olhou a ponta imóvel da colcha. Ela lutou contra a tentação de assoprar o tecido. Por alguma estranha razão, queria ver algo se mover; a estranha imobilidade do tecido não parecia natural. Nada parecia certo.

Ela estendeu o braço na direção do tecido de algodão para olhar embaixo, rezando para não encontrar nada mais do que um gambá assustado. Os dedos de Kylie quase tocavam a colcha quando um som — um gemido ou um grito estrangulado — ecoou embaixo da cama. Ela tirou a mão. Sem fôlego. Aquilo não se parecia em nada com Socks.

Um frio gelado e antinatural serpentou de debaixo da cama. O vapor subia de detrás da colcha. Medo, um medo primitivo invadiu o peito de Kylie. Ela olhou para a porta. Seria bom se pudesse sair. Mas sabia que não conseguiria. O instinto lhe dizia que Socks não estava sozinho sob a cama.

Ainda de quatro, ela arrastou o joelho um pouco para trás. Quantas vezes, quando criança, havia temido um monstro debaixo da cama? Quantas vezes sua mãe tinha afirmado que monstros não existiam? O gemido ecoou novamente.

A mãe dela estava errada. Um monstro, ou algo igualmente assustador, se escondia debaixo da cama de Kylie.

Ela não podia culpar a mãe pela mentira. Ela não sabia.

Mas Kylie sabia.

Não que isso importasse. Recusando-se a abandonar o seu animal de estimação, tentando desacelerar o coração enlouquecido, ela estendeu novamente o braço na direção da colcha. Bem diante dos seus dois dedos que pegavam o tecido de algodão, uma mão surgiu.

Seu grito ficou estrangulado na garganta quando a mão, fria e sem vida, agarrou o braço de Kylie e puxou-o.

Ela lutou para se libertar, arranhou com os dedos, torceu o braço, nada conseguia soltá-la. Nada funcionou.

— Socorro! — ela gritou, mas ninguém a socorreu. Os dedos ao redor do seu punho apertaram, arrastando-a mais para perto. A última coisa que ela viu foi a colcha deslizando sobre seu rosto enquanto ela deslizava para uma sombria inconsciência. Seu último pensamento antes de sentir a mente entorpecida foi que ela ia finalmente conhecer o monstro debaixo da cama.

# Capítulo Dez

Kylie estava deitada de costas, em meio à escuridão. Uma escuridão profunda e tenebrosa. *É apenas uma visão. Não é real. Não é real.*

Algo, dos dois lados do seu corpo, apertava com força os seus antebraços. Parecia real. Ela tentou se mover, mas não conseguiu. O medo cresceu dentro dela. Ela sentiu um gosto amargo na língua.

Desorientada, tentou encontrar um sentido para tudo aquilo. Ao respirar, sentiu cheiro de terra. Terra molhada de chuva. Ela não estava sob a cama. Onde estava? Uma resposta lhe ocorreu e ela desejou que não tivesse. Ela estava enterrada. Outro grito ficou preso na garganta, mas a lógica lhe disse que isso não era real. *Apenas uma visão.*

Mas de quem? E do quê? Holiday?

O som da própria respiração deixando seus lábios parecia muito alto. Imediatamente, Kylie percebeu que não estava sozinha. Não era o barulho de outra pessoa respirando. Ninguém respirava, além dela. No entanto, o aperto em seu pulso não tinha afrouxado. Quem a havia arrastado até ali embaixo não tinha partido, alguém ainda se agarrava ao seu pulso, como se a vida dessa pessoa dependesse disso. Infelizmente, Kylie sabia que era tarde demais. Apenas ela estava viva.

— Por que estou aqui? — Ela tentou se mover novamente, mas sentiu que algo a impedia.

Nenhuma resposta.

Piscando, sua visão lentamente se ajustou à escuridão. Ela viu uma tábua de madeira velha a poucos centímetros do seu rosto.

Tentou libertar seu pulso do aperto, mas ele só aumentou.

— *Ah, merda. O que vocês fizeram?* — Uma voz familiar ecoou na escuridão.

*Holiday*.

— Eu estou aqui — Kylie chamou. Só que dessa vez as palavras não saíram da sua boca. Ela não podia falar.

— *Cara M. disse que podia nos ajudar a sair daqui* — outra voz feminina respondeu.

Soaram passos acima. O assoalho de madeira rangeu. Terra e sujeira caíram sobre o rosto de Kylie. Ela piscou, para tirar a terra dos olhos, e tentou segurar a respiração para não engasgar.

— *Ele está indo embora* — alguém sussurrou.

Kylie piscou e, quando abriu os olhos, tudo tinha mudado. Ela estava numa velha cabana em ruínas, olhando para tábuas de madeira sob os pés. Então, como se o chão se desvanecesse, Kylie viu o que estava escondido embaixo.

Três corpos em decomposição, posicionados lado a lado. Um grito saiu dos lábios de Kylie. Ela tentou correr, mas seus pés pareciam congelados. Tentou desviar o olhar, mas não conseguiu.

Um dos cadáveres era de uma mulher com o cabelo escuro, provavelmente com vinte e poucos anos, vestindo uma camisola. A segunda era de uma loira em torno da mesma idade, vestindo um uniforme de garçonete com um crachá preso nele onde se lia Cara M. E o terceiro... Oh, Deus! Era Holiday.

Lágrimas encheram os olhos de Kylie. Ela gritou mais alto quando percebeu que estava mais uma vez deitada de costas. A escuridão a engolia. O pânico aumentou quando sentiu algo se movendo ao seu lado. A adrenalina jorrava em suas veias. Ela pulou e bateu a cabeça com tanta força que sacudiu o seu cérebro. Caiu de costas novamente.

— Onde diabos você está? — Uma voz ecoou em torno dela. Um voz familiar. A voz de Della.

— Aqui! — A luz de repente ofuscou a visão de Kylie.

— O que você está fazendo aí?

Kylie engasgou, engoliu seu grito e percebeu que estava deitada no chão do seu quarto com Socks tremendo ao seu lado.

— Você é mesmo muito estranha... — Della, parecendo sonolenta e irritada, estava em pé sobre Kylie, segurando a cama acima da cabeça. Sim, a cama de casal — cama e colchão. Segurando-a como se ela não passasse de um pedaço de espuma.

Socks soltou um miado fraco.

Com receio de que Della deixasse a cama cair, Kylie pegou no colo o gambazinho e ficou de pé. Seus joelhos vacilaram, o gambá tremia em seus braços. Ela olhou para baixo, rezando para ver o chão do quarto e não uma cova.

Nenhuma sepultura. Nenhuma garota morta. Nem Holiday morta.

Kylie inspirou. Por mais que quisesse afastar a horrível memória do seu cérebro, ela não podia. Algo na visão poderia ajudá-la. Ajudá-la a descobrir como poderia impedir que isso acontecesse.

Ajudá-la a salvar a vida de Holiday.

— Mas que diabos está acontecendo? — Della perguntou novamente. — Ou será que eu nem vou querer saber?

— Desculpe. Foi só um sonho ruim. — A voz de Kylie tremeu.

Della deixou a cama cair. Ela bateu no chão com um ruído estrondoso.

— Há um fantasma aqui? — Della olhou ao redor, obviamente não acreditando na desculpa de Kylie sobre o sonho ruim.

Kylie levou um segundo para sentir a temperatura.

— Não — ela disse, honestamente.

Della estudou-a, sua expressão se suavizando.

— Você está bem?

Kylie assentiu e viu a carranca de Della voltar.

— E você não vai explicar isso? — Della perguntou.

Kylie balançou a cabeça. Della de fato não ia querer saber.

— Então boa noite! — A vampirinha disparou para fora do quarto, deixando-o tão rapidamente quanto tinha aparecido.

Kylie encheu os pulmões de ar. Depois expirou. Tentou acalmar o coração acelerado.

Ela tentou ver o lado bom da visão — o lado bom de estar numa cova com três corpos em decomposição.

Não era uma tarefa fácil.

No entanto, pelo menos tinha algo para investigar. Mas será que isso a ajudaria? Oh, Deus, tinha que ajudar, não é?

Ela puxou Socks mais para perto, oferecendo conforto e ao mesmo tempo buscando-o, enquanto abraçava alguém tão assustado quanto ela. Poderia ter funcionado se uma batida forte em sua janela não tivesse feito seu coração quase saltar pela boca. Kylie deu um pulo e quase foi parar do outro lado do quarto.

Outro grito se formou em seu peito, mas antes que ela o libertasse, viu Miranda espiando pela janela, a palma da mão pressionada contra o vidro.

— Você vem? — ela gritou. — Nós vamos perder a primeira luz da manhã.

O frio se espalhou pelo quarto. E o espírito apareceu. Kylie olhou para o fantasma, que parecia exatamente como Holiday.

— *Eu sinto muito. Ela não devia ter feito aquilo.*

Kylie tentou não imaginar Holiday, ou que Deus a ajudasse, a sósia de Holiday, com a aparência que ela tinha na sepultura.

— Está tudo bem — disse Kylie, com sinceridade. Ela podia lidar com aquilo. Se conversar com pessoas mortas pouparia a vida de Holiday, ela faria isso. Droga, até dançava com os mortos se isso significasse salvar Holiday.

— Eu preciso saber o que aconteceu — disse Kylie. — Você precisa me mostrar, para que eu possa saber como ajudar você.

— Mostrar o quê? — Miranda perguntou.

Kylie ignorou Miranda.

O espírito balançou a cabeça.

— *Eu te disse, não acho que seja a mim que você tem que ajudar*.

E não é que, igualzinha a Holiday, Kylie pensou, essa também teimava em não aceitar ajuda? Mesmo na forma de um fantasma?

— A única ajuda que eu preciso é que você traga Socks aqui para fora — gritou Miranda da janela de novo.

— *Você deveria ir* — Holiday disse. — *Esse pequenino gostaria de ser um gato novamente.*

Kylie olhou para Miranda e depois voltou a fitar o espírito.

— Como você sabe o que ele quer?

— *É um dos meus dons, eu posso me comunicar com os animais*.

— Não, você não pode — disse Kylie. Ou melhor, Holiday não podia se comunicar com os animais. Será que seres sobrenaturais adquirem dons diferentes depois que morrem? Kylie achava que não. Isso significava que ela não era Holiday? E se não era, quem era então?

— Tudo bem, você quer que ele continue sendo um gambá — disse Miranda com irritação na voz.

Socks escolheu esse momento para colocar a pata sobre os olhos e Kylie gemeu.

Alguns minutos depois, Kylie saiu da cabana com Socks aconchegado em seu peito. Ainda estava escuro e silencioso, como se o mundo não tivesse acordado ainda. Ao contrário dela, o mundo lá fora não despertava com bruxas ou visões de pessoas mortas.

O ar da manhã ainda estava frio, um dos primeiros sinais de que o verão estava acabando e o outono logo iria substituí-lo.

Quando deu um passo para a frente, ela sentiu. O chamado. Seu olhar se desviou para a borda da floresta. O coração disparou e a tentação de se aproximar sussurrou seu nome como um velho amigo.

Kylie deu mais um passo, quase atendendo ao anseio inexplicável, mas a voz de Miranda a puxou de volta.

— Por que demorou tanto?

— Eu tive que tirá-lo de debaixo da cama — disse Kylie, sem ânimo para reverter feitiços, mas lembrou-se da insegurança na voz de Miranda quando tinha contado que as outras bruxas a provocavam por causa disso. Como a primeira luz da manhã durava apenas alguns minutos, era um preço pequeno a pagar pela felicidade da amiga. Então Kylie sentou-se e recapitulou o que tinha descoberto no sonho. Alguma coisa nele tinha que ajudá-la a entender as visões.

Miranda, segurando a bolsinha preta onde carregava as suas ervas mágicas, levou Kylie até os fundos da cabana.

— Eu não judiei dele. Não sei por que ele não gosta de mim.

— Eu sei. — Depois de um mês sendo perseguido por Miranda, na tentativa de reverter o

feitiço, Socks tinha começado a olhá-la com desconfiança. Kylie também tinha começado a olhá-la assim.

Miranda olhou para o céu e viu os primeiros raios do sol.

— Está na hora. — Ela ensaiou alguns passinhos de comemoração. — Coloque Socks no chão.

Kylie fez um carinho no pelo preto e branco de Socks. Por mais absurdo que parecesse, ela sentiria falta do seu lado gambá. Apreciando pela última vez a visão do animalzinho na pele de gambá, Kylie o colocou no chão e se afastou, dando espaço para Miranda fazer a sua magia. Naturalmente, Socks começou a seguir Kylie, sem querer ficar para trás.

— Fique aí! — Kylie mandou, fazendo um sinal para Miranda começar.

Miranda deu início ao encantamento. Algo sobre a luz e o verdadeiro eu. Socks começou a andar novamente. Miranda acenou para Kylie pegá-lo. Kylie falou suavemente com o gambá e ele ficou parado. Então, estendendo a mão na direção da bolsa, Miranda tirou dali uma pitada de uma coisa estranha parecida com uma erva. Ela a jogou no ar sobre Socks; alguns fragmentos estalaram e chiaram enquanto caíam em torno dele.

Kylie prendeu a respiração, esperando ver seu amado animal de estimação se transformar num felino. Mas nada. O animalzinho com uma listra branca nas costas permaneceu em sua forma de gambá.

Miranda franziu o cenho para o céu e começou a entoar o feitiço novamente. Espalhou mais ervas no ar. Dessa vez, Socks levantou-se sobre as perninhas peludas de trás e golpeou as faíscas com as patas minúsculas.

No entanto, mesmo depois de todas aquelas ervas chiando, ele continuou sendo o mesmo gambá bicolor. Miranda olhou para o céu, desesperada, e começou a repetir o encantamento.

Levantou a bolsinha preta sobre a cabeça e apenas sacudiu-a sobre o animal.

Socks viu a alça da bolsa pendurada e pulou no ar para apanhá-la. Quando Miranda puxou-a para trás, o gambazinho começou a se afastar.

— Pare já! — A frustração de Miranda era alta e clara.

Kylie ajoelhou-se e acenou para que o animal voltasse. Seus olhos negros e redondos olhavam para ela, confusos. A compaixão pelo animal encheu seu peito. Miranda começou a entoar o feitiço mais uma vez.

Socks tentou fugir novamente.

Miranda insistiu para que Kylie o segurasse de novo.

Ela continuou por mais vários minutos até que Kylie ergueu a mão, interrompendo a amiga.

— Isso não vai funcionar.

— Tem que funcionar! — disse Miranda. — Eu só tenho mais alguns minutos antes de o sol nascer. Só faça com que ele fique quieto.

Como se Socks entendesse, ele correu e passou entre as pernas de Miranda.

— Não! — disse Miranda.

Kylie pegou o animal confuso.

— Eu acho que para ele já chega — Kylie disse no seu tom de voz mais simpático.

— Mas ele ainda é um gambá. Coloque-o no chão, por favor. Eu posso fazer isso. *Tenho* que fazer isso.

Kylie entendia a necessidade de Miranda de provar para si mesma a sua competência, mas...

— Não dá pra tentar novamente amanhã?

— Só mais uma vez. É rapidinho, tá? Tudo o que ele tem de fazer é ficar parado.

Cedendo, Kylie colocou Socks no chão e Miranda voltou a recitar o feitiço.

Quando Miranda parou e viu que Socks ainda era um gambá, Kylie lançou para a amiga um olhar de condolências.

— Tudo bem. Vamos tentar outra hora — Kylie disse, começando a perder a paciência.

— Espere. Eu me esqueci de abençoar a luz e o vento. — Miranda fez uma pausa enquanto se recordava das palavras.

Kylie estendeu a mão, com o mindinho para cima, e murmurou:

— Por que não pode simplesmente mexer o dedo mindinho na direção dele e dizer "volte a ser um gato"?

Os fragmentos de ervas deixados no chão se levantaram no ar. Estalaram e emitiram um chiado em torno do pequeno gambá e então começaram a rodopiar em torno dele como um minúsculo tornado. Socks, de pé sobre as patas traseiras, dava patadas nos pedacinhos de ervas.

E então, num passe de mágica — bem, *era* de fato magia —, o gambá desapareceu e Socks, o gato, surgiu em seu lugar.

Miranda olhou boquiaberta para Kylie.

— Como você fez isso?

O olhar de Kylie estava preso no gatinho, que ainda golpeava com a pata as ervas flutuando em torno dele.

— Eu não fiz isso! — Ela olhou para Miranda.

— Minha nossa! — Miranda gritou.

Alguém tinha passado por elas como um borrão.

— Que diabos é isso agora? — Della parou diante de Miranda, derrapando.

— Ela é uma bruxa! — Miranda apontou para Kylie. — Você é uma bruxa!

Kylie balançou a cabeça. Ela era um camaleão.

— Eu não fiz isso. Foi você. Só que... foi uma reação retardada.

— Não. Você é uma bruxa. Agora, você é uma bruxa.

Della revirou os olhos.

— Mas que droga está acontecendo aqui?

— Eu estou dizendo, eu não fiz isso — Kylie insistiu.

Ela não tinha feito mesmo. Ou tinha?

Della olhou para Kylie.

— Caraca! — exclamou Della.

Miranda deu alguns tapinhas na testa.

— O seu padrão diz que você é uma bruxa.

— Qual o problema? — Uma voz masculina soou atrás de Kylie.

Kylie se virou. Derek, parecendo despenteado como se tivesse saído da cama às pressas, chegou correndo.

— Ela é uma bruxa! — gritou Miranda.

— Não sou! — discordou Kylie. Girando, ela olhou para Socks, ainda em sua forma felina. Seu pai tinha dito que ela era um camaleão. Seu pai devia saber, não é? Claro, a princípio ela não queria ser um lagarto, mas agora tinha aceitado. Além disso, por que seu pai mentiria?

Com o canto do olho, ela viu Derek movendo-se para a frente dela. Sua testa se franziu.

— Não é verdade, é? — Kylie esperou que Derek negasse.

Ela se encheu de dúvida. Daniel teria mentido? Será que sua avó tinha se confundido quando disse ao pai de Kylie que eram camaleões? Mas como Burnett já tinha ouvido falar de camaleões se eles não existiam? Por que a vida tinha que ser tão difícil?

— Me diga já! — Kylie insistiu. — Eu sou uma bruxa?

# Capítulo Onze

Derek confirmou com a cabeça.

— É verdade. Seu padrão diz que você é uma bruxa.

Miranda cruzou os braços sobre o peito.

— Você não quer ser uma bruxa? — Ela parecia ofendida.

— É claro que ela não quer ser uma bruxa! — Della deixou escapar, ainda parecendo chateada por ter sido tirada da cama. — É chato à beça. Você não faz nada além de ficar espalhando ervas por aí, e a única maneira de voar é numa vassoura.

— Não é chato! E eu não posso voar numa vassoura! Eu juro, uma vez uma bruxa fez isso e agora estamos todas estereotipadas. — Os olhos de Miranda se apertaram de raiva.

— Admita — disse Della. — Se pudesse escolher a espécie que seria, você preferiria ser uma vampira.

Miranda balançou a cabeça com veemência.

— Quem gostaria de ser um chupador de sangue, ter o corpo gelado e presas!

Kylie olhou para as duas amigas agredindo-se verbalmente, trocando insultos numa velocidade tão grande que ela não conseguia nem acompanhar. Então, muito confusa para intervir, pegou Socks no colo antes que ele entrasse na floresta.

Seu olhar se desviou para as árvores. O bosque ainda a chamava. Que diabos estaria acontecendo?

Sua mente girava enquanto se dirigia para a cabana. Derek subiu um degrau ao lado dela. Sua camisa, desabotoada, flutuava aberta, expondo os músculos do abdômen. Não que ela tivesse notado. Ok, ela tinha notado... mas isso não significava nada. Só que ela era uma garota e as garotas gostam de admirar caras sem camisa.

— Você está confusa — Derek constatou.

— Pode apostar. — Ela não tinha se acalmado ainda. Não podia. Estava muito irritada por ainda se sentir tão atraída por ele. Muito irritada com o maldito bosque chamando-a, como

um velho amigo fazendo um convite para sair e tomar uma cerveja. Ela não tinha velhos amigos. Nem ninguém que estivesse na floresta.

— Você está se sentindo traída — disse ele.

— É isso aí. Bem, mais ou menos. — Ela continuou até a cabana e aconchegou o gatinho ao peito. Seu coração doía e lágrimas brotaram em seus olhos.

— E você está com medo.

— Na mosca! — confirmou ela. No entanto, tudo o que ela sentia agora era...

— ... frustração — Derek concluiu o pensamento por ela.

Ela parou e olhou-o nos olhos.

— Você não tem que me dizer como eu me sinto. Eu sei o que estou sentindo.

— E está de mau humor — acrescentou com um sorriso. Quando ela não respondeu no mesmo tom, o humor dele se desvaneceu. — Desculpe. Estou apenas... querendo entender.

— Você sabe o que estou sentindo, o que mais precisa entender?

Ela acabou de subir os degraus da varanda com Socks embaixo do braço e abriu a porta com tanta força que a madeira estalou ao bater na parede. Socks se encolheu. Derek seguiu-a para dentro.

— Conheço as suas emoções, mas não posso adivinhar o que a fez se sentir assim.

Ela desabou no sofá e segurou Socks no colo.

— Olha, eu estou num estado de espírito muito ruim agora, e sugiro que você vá embora.

Derek sentou-se ao seu lado, ignorou o que ela disse e continuou: — Por exemplo, sei que você está com medo, mas do quê? Você está frustrada porque é uma bruxa ou porque as suas duas melhores amigas não param de brigar? E por que está se sentindo traída agora? Está sentindo que eu a traí? É por causa...

— Não! — ela disse antes que ele mencionasse Ellie e ela tivesse que lidar com essas emoções também. — Não é você. — Ou talvez fosse um pouco, ela pensou, lembrando-se do comentário de Miranda de que ela falava de Derek o tempo todo.

— É por causa de Lucas? — perguntou. — Se for você pode me dizer. Eu quero ajudá-la e, se isso significa ouvir os seus problemas com ele, tudo bem.

Ela puxou Socks para mais perto.

— Não é Lucas. — Mas então ela se lembrou do encontro da noite anterior, quando Lucas tinha admitido que guardava segredos dela.

A longa pausa encheu a sala. Derek se inclinou, seu ombro tocou o de Kylie, e seu dom de cura emocional fluiu até ela como uma bem-vinda lufada de ar fresco. Ela não tinha dúvida de que o toque tinha sido de propósito, que ele tinha a intenção de ajudá-la.

Ela olhou para Socks, depois para Derek, tentando acalmar suas emoções. Tentando não ser desagradável.

— Diga do que você tem medo. Eu quero ajudar. — Ele olhou para a testa dela. — Será que ser uma bruxa te assusta tanto assim?

— Eu não sou uma bruxa — ela disse, sem conseguir se conter. Mesmo com o caloroso toque tranquilizante de Derek, ela sentia a frustração aumentando. Então se lembrou da transformação mágica de Socks. Ela tinha feito aquilo? — Pelo menos eu acho que não. Não que eu não queira ser uma bruxa, é que... Por que o meu pai diria que eu sou um camaleão se isso não fosse verdade? Eu não acho que a minha avó tenha inventado isso. E por que Burnett teria ouvido falar sobre essa espécie se ela não existe?

— Burnett já ouviu sobre ela?

Ela assentiu.

— Nada concreto, só leu a palavra em alguns relatórios. — Ela tocou a testa. O que aquilo tudo significava? — O meu padrão está mesmo dizendo que eu sou uma bruxa?

Ele confirmou, como se estivesse com receio de desapontá-la, então perguntou: — O que está acontecendo? Eu acordei esta manhã depois de um pesadelo horrível. Não consigo me lembrar dele, só sei que você estava em apuros. Quando acordei de fato, me dei conta de que você podia estar mesmo em apuros e que eu podia ter sonhado com as emoções que estava captando de você. Então eu senti todas essas outras emoções vindo de você. É por causa do fantasma? O fantasma de Holiday?

— Eu tive uma visão — ela disse, por fim, precisando desabafar com alguém. Precisando recapitular tudo o que ela tinha descoberto com a visão. — Havia três corpos numa cova.

— Três? Então é como se fossem assassinatos em série.

Socks se agitou no colo dela e enfiou o focinho sob o seu braço, quase como se tivesse entendido o que Derek dissera. Kylie acariciou o pelo macio e preto do felino. Felino. Ela tinha mesmo feito aquilo? Tinha revertido o feitiço?

— Acho que sim — Kylie mordeu o lábio e deixou de lado aquelas perguntas para se concentrar em algo mais importante. — Holiday, ou alguém que se parecia com Holiday, era um deles. — Ela recapitulou todas as coisas que sua intuição lhe dizia que eram importantes. — Os corpos foram enterrados embaixo de uma velha cabana. — Seu peito enrijeceu. — Ver Holiday daquele jeito... foi terrível.

— Posso imaginar — disse Derek. — Você não disse que as visões eram como um quebra-cabeça que ajuda você a montar um quadro do que aconteceu?

Ela assentiu com a cabeça.

— Mas não foi o fantasma parecido com Holiday que me proporcionou a visão. — Foi uma das outras garotas. Eu acho que ela quer ser encontrada, para que possa ser retirada da cova. Por isso eu ainda não sei se a visão vai me ajudar. Ou talvez ajude. Não sei. — Ela sentiu um aperto no peito. — Por que elas não podem simplesmente me dizer do que precisam?

— Talvez, se você me contar sobre a visão, eu possa ajudá-la a descobrir alguma coisa.

Ela olhou para Derek.

— Como?

— Eu trabalhei para um detetive particular. Aprendi um pouco sobre como fazer

investigações e desvendar mistérios. Sou bom nisso.

Kylie acariciou o pescoço de Socks enquanto tentava pensar em alguma coisa que pudesse ajudá-los a entender a visão.

— Uma das garotas estava vestindo um uniforme de garçonete. Como os daquelas lanchonetes que parecem um vagão-restaurante. Não sei por que, mas o uniforme parecia conhecido. E ela usava um crachá onde estava escrito "Cara M.". As outras até a chamavam de Cara M., não apenas de Cara, como se não a conhecessem bem, mas a chamavam assim por causa do nome escrito no crachá.

— É uma boa dica — disse Derek. — Talvez você possa fazer uma relação de todas as lanchonetes desse tipo em que esteve ultimamente. Vou fazer uma pesquisa na internet para ver se encontro fotos de uniformes como esse.

Enquanto a mente de Kylie dava voltas tentando encontrar outros detalhes que pudessem ajudá-los, ela se lembrou da visita do espírito logo antes de ela sair da cabana para levar Socks até Miranda.

— O que está te deixando intrigada? — ele perguntou, sentindo as emoções dela.

Kylie observou o gatinho descer do sofá ainda achando difícil acreditar que ele não era mais um gambá.

— O espírito me disse que Socks queria ser transformado em gato novamente. Quando perguntei como ela sabia disso, disse que podia se comunicar com os animais.

— Holiday não pode se comunicar com os animais. — Os olhos de Derek se arregalaram. — Espere aí. Ela não pode, mas conhece alguém... alguém bem próximo a ela, que é uma fada puro-sangue e de fato tem uma pequena capacidade para fazer isso.

— Tem certeza? — Kylie perguntou.

— Ela me contou durante uma das sessões de aconselhamento.

— Ela disse quem era?

— Não, mas... tenho o palpite de que é alguém próximo. Eu senti as emoções dela quando falou dessa pessoa. Mas logo ela mudou de assunto.

Kylie balançou a cabeça, como se entendesse. Holiday era muito boa em mudar de assunto quando algo ficava muito pessoal.

— Então, se essa pessoa era próxima a Holiday, é compreensível que tenha assumido a aparência de Holiday quando virou fantasma.

Kylie refletiu sobre isso por um momento, sentindo algum alívio. Isso lhe deu, pela primeira vez, esperança de que Holiday não estava em perigo.

Kylie suspirou. O sol da manhã já devia estar mais alto no céu, pois ela viu os primeiros raios dourados entrarem pela janela e iluminarem o assoalho de madeira.

— Então, como descobrimos quem é essa pessoa?

— Eu posso tocar no assunto novamente na próxima sessão de aconselhamento com Holiday. É esta tarde. Como eu disse, ela não quis falar a respeito, mas talvez eu consiga fazê-

la se abrir mais durante a conversa.

As palavras de Derek a fizeram se desviar do problema que discutiam.

— Você ainda faz aconselhamento com Holiday?

Ele franziu a testa.

— Não faço aconselhamento porque me sinta confuso nem nada. Só conversamos... Como vocês duas fazem.

— Eu não disse como se fosse uma coisa ruim. Só não sabia que você se encontrava com ela regularmente.

— Faço isso desde que cheguei ao acampamento.

— Eu sabia que você tinha sessões no começo, mas não achava que ainda fizesse.

— Passei um tempo sem fazer. Mas desde que voltei... comecei a vê-la de novo.

Antes que pudesse evitar, ela fez a pergunta:

— Você fala sobre mim?

— Um pouco — ele admitiu, parecendo culpado.

Ela quase pediu detalhes, mas o bom senso a deteve. Não precisava saber. Especialmente, quando se tratava dos sentimentos dele por ela. Quanto menos ela soubesse, ou pensasse na sua declaração de amor, mais fácil seria.

O olhar de Kylie, como que por vontade própria, baixou até o peito nu de Derek. Recriminando-se, ela se levantou do sofá num salto.

— Acho que vou falar com Holiday agora sobre toda essa coisa de ser bruxa.

— Vai comentar sobre a visão?

Ela pensou por um instante na pergunta, mas seu coração dizia que não. A mensagem veio com tanta certeza que ela se perguntou se não seria um conselho divino.

— Ainda não. Se eu não conseguir nada num dia ou dois, acho que é melhor eu comentar.

Ele assentiu.

— Mais tarde vou ver o que eu consigo descobrir. — Ele se levantou. — Vamos.

Os raios do sol através da janela bateram em cheio no peito dele, fazendo sua pele nua ficar ainda mais dourada.

— Tudo bem — ela gaguejou. — Você não precisa... se demorar...

A decepção faiscou nos olhos verdes de Derek.

— Preciso sim. Sou a sua sombra até o café da manhã.

*Ah, mas que ótimo!* O olhar dela passeou novamente pelo interior da camisa desabotoada de Derek. Ela teria que olhar, ou tentar não olhar, para o peito dele a manhã inteira?

— Então pelo menos abotoe a camisa. — As palavras saíram antes que ela percebesse a impressão que dariam.

A decepção nos olhos dele se desvaneceu e um brilho sensual a substituiu, destacando as raias douradas em suas íris, que ela tanto admirava.

— Por quê? — ele perguntou. — Incomoda você?

Ela olhou para ele.

— Não se atreva. — Então, para ser bem clara, ela sacudiu o dedo mindinho para ele. — Eu posso ter poderes que você não vai querer conhecer. E como eu não sei como usá-los, realmente posso fazer um estrago e tanto com uma pessoa. Por acidente, é claro.

Ele levantou as mãos, mostrando completa submissão.

— Não vou me atrever. Juro. — Mas o sorriso sexy nos seus lábios permaneceu enquanto ele abotoava a camisa.

Que maravilha, ela pensou. Ele provavelmente tinha lido as emoções dela e presumido que ele ainda a atraía. O que era verdade, mas não do jeito que ele pensava. Tudo bem, era do jeito que ele pensava, mas não significava nada. Ou pelo menos ela estava tentando se convencer disso enquanto saía pela porta da frente.

Derek seguiu logo atrás dela.

Quando os dois passaram, as duas colegas de alojamento de Kylie ainda trocavam insultos. Kylie nem olhou para trás. Se elas queriam estripar uma a outra, não deveriam mais perder tempo e fazer isso logo, não é?

— Não entre em pânico — Holiday disse depois que Kylie entrou na cabana, apontou para a própria testa e explicou que ela podia ter feito magia e transformado Socks novamente num gatinho. — O pânico não ajuda em nada — a *fae* continuou, embora não despregasse os olhos do padrão de Kylie.

Podia não ajudar em nada, mas Kylie podia ver o pânico nos olhos de Holiday. Bem, talvez fosse mais confusão do que pânico propriamente. Sem dúvida Kylie tinha no rosto a mesma expressão. Embora no caso dela fosse pânico de fato. E não tanto porque tinha se tornado uma bruxa, mas sim por ver Holiday e as imagens da visão que ainda eram vívidas em sua mente. Sobre a visão ela não precisava contar.

— Certo, então conte exatamente o que aconteceu — disse Holiday.

— Foi como eu disse. — Kylie se sentou na cadeira em frente à escrivaninha de Holiday. — Miranda estava tentando transformar Socks num gato novamente, entoando encantamentos e tal, mas sem conseguir muita coisa. Eu estava preocupada com Socks; ele não queria mais ficar lá. Então apontei meu dedo mindinho para ele e disse algo como "Por que você simplesmente não diz 'Volte a ser um gato'?", e então aconteceu.

Holiday balançou a cabeça, como se entendesse, e continuou a observar o padrão de Kylie, como se esperasse que ele se modificasse a qualquer momento.

— Eu sou mesmo uma bruxa?

A *fae* franziu a testa.

— Sim. Mas... ontem você era humana e antes disso tinha... um padrão que ninguém conseguiu reconhecer.

— Então você acha que o padrão de bruxa vai mudar?

Holiday pareceu pedir desculpas com os olhos antes mesmo de responder.

— Eu não tenho certeza, mas... é bem provável que você seja uma bruxa. Quer dizer, se você realmente tiver poderes.

— Mas os poderes podem desaparecer também. — Kylie suspirou.

— Mas... se você tem poderes, obviamente também tem DNA de bruxa. Ao contrário do padrão, o DNA é permanente — disse Holiday, embora sem muita convicção. — No entanto, as bruxas não correm na velocidade em que você corre, nem têm uma audição mais sensível. A maioria também não tem dons de cura como você possui. E muito poucas são capazes de ter sonhos lúcidos. — Agora Holiday estava mais pensando alto do que falando com Kylie. — É claro que tudo isso pode ter relação com o fato de você ser uma protetora. Ou pode ser também porque você é uma híbrida. Alguns híbridos podem ter...

— E quanto a falar com fantasmas? As bruxas são capazes disso? — Kylie perguntou.

— Algumas, mas não todas. — Holiday coçou o queixo, como se estivesse intrigada. — Mas o que é realmente estranho é que você parece ser totalmente bruxa agora. Mas aposto que o fato de você ser uma protetora pode ter... afetado isso.

Holiday se reclinou na cadeira, como se estivesse perplexa.

— Você já tentou descobrir se é capaz de fazer mais alguma coisa?

— Como o quê? — Kylie perguntou.

— Magia?

— Não — respondeu Kylie. — E se eu causar algum tipo de estrago? Como Miranda. Eu poderia transformar alguém num canguru ou até em algo pior.

— Duvido que fizesse isso. Por que você não tenta simplesmente mudar algo de lugar? — Holiday empurrou um peso de papel vermelho de couro, em forma de coração, para a ponta da escrivaninha.

— Não sei... — Kylie mordeu o lábio. — É assustador demais.

— Nem tanto. Simplesmente tente. — Ela fez uma careta. — E esteja preparada para se desviar, se preciso.

— Ah, isso faz com que eu me sinta muito melhor!

Holiday deu uma risadinha.

— Tente.

Kylie respirou fundo, então apontou o mindinho para o coração vermelho e disse: — Mexa-se!

Nada aconteceu. Kylie expirou e riu.

— Viu? Não sou uma bruxa.

Então o peso de papel começou a tremer... ou pulsar. Pelo menos era o que parecia. Batia, bombeava, como um coração de verdade.

— Uau! — exclamou Kylie. Ou a exclamação ecoou pelo cômodo ou Holiday deixou escapar a mesma expressão de surpresa. — Fui eu que fiz isso?

Holiday não respondeu; ela estava ocupada demais observando o coração pulsante. Então a

coisa flutuou e cruzou a sala como uma flecha.

— Desvie! — Holiday gritou.

Kylie se abaixou justamente quando o peso passou zunindo.

Infelizmente, Burnett estava entrando na sala nesse mesmo instante.

O coração o atingiu em cheio.

# Capítulo Doze

O peso de papel em forma de coração atingiu Burnett no peito. Chocado, ele tentou capturá-lo, mas não conseguiu. O peso se chocou contra o seu tronco musculoso e retrocedeu com o impacto. Parou no meio da sala, flutuando no ar como se estivesse cheio de gás hélio, e então disparou para a frente, tendo novamente Burnett como alvo. E, como da primeira vez, acertou na mosca.

Mas esse golpe foi muito... muito pior.

Direto na virilha. Ou, como diria Della, "suas bolas tomaram um direto na cara".

— Mas que diabos?! — ele rosnou, curvando-se de dor. O coração voltou a se mover, e Burnett pegou o peso cheio de areia no ar e apertou-o até que ele estourou. Infelizmente, assim que a areia foi arremessada para fora, começou a se reagrupar em forma de coração novamente e conseguiu pairar no ar.

— Miranda está aqui? — Burnett rosnou, ainda curvado.

Kylie, percebendo que a bruxa encrencada que ele procurava era ela, levantou a mão e disse:

— Pare. — Quando nada aconteceu, ela se lembrou de estender o dedo mindinho. — Pare!

A areia caiu no chão e se espalhou como... bem, areia.

Holiday sentou-se em sua cadeira, parecendo atordoada demais para falar.

Burnett, a mão ainda pressionada contra as coxas, endireitou o corpo.

— Caramba! — Holiday murmurou, finalmente.

— Caramba! — Burnett repetiu.

Kylie desviou os olhos do rosto chocado de Holiday e olhou para o vampiro com o rosto ainda contorcido de dor. Kylie pensou que sua explosão era por causa da dor, mas não. Ele olhava para a testa dela.

— Interessante — disse Holiday.

— Estranho — Burnett respondeu, sem tirar os olhos da testa de Kylie. — Uma beleza! —

murmurou Kylie. Suas expressões aturdidas eram um prenúncio do que estava por vir no café da manhã. Kylie protagonizaria o show de horrores da hora da refeição.

— Você é uma bruxa — exclamou Burnett com descrença.

— Parece que sim — Holiday concordou.

— Não. Eu sou um camaleão. — E cada vez que Kylie dizia aquilo, ela acreditava um pouco mais. Não importava que ela pudesse reverter feitiços e fazer animais recuperarem a sua forma normal, ou que pudesse fazer um peso de papel em forma de coração voar pelos ares e golpear um vampiro. Seu pai tinha lhe dito que ela era um camaleão e ela acreditava nele.

— Talvez ser camaleão signifique outra coisa — Holiday disse. — Talvez tenha algo a ver com ser um protetor. Se for assim, todos os outros dons podem resultar disso também. — O telefone da líder do acampamento tocou. Como se precisasse de uma distração, ela olhou para o identificador de chamadas. Levantando o olhar, encontrou o de Kylie com uma expressão de solidariedade.

— O que é agora? — Kylie berrou.

— É... Tom Galen, o seu padrasto.

Que adorável!, Kylie pensou. Um telefonema tão cedo não poderia ser nada de bom. Então, qual seria o novo desastre que ele queria adicionar ao seu dia?

— Está tudo bem? — Derek irrompeu pela porta do escritório. — Ouvi um tumulto — murmurou.

— Não — disse Kylie um pouco antes de Holiday atender à chamada. — Neste momento em particular, eu não consigo pensar em uma única coisa que esteja bem!

Depois do almoço, Kylie e Miranda saíram do refeitório para voltar para a cabana. Della tinha ido a algum tipo de reunião com Burnett. Depois da maneira terrível como começara o dia, Kylie havia implorado para ficar de fora da Hora do Encontro. Além disso, ela iria à cachoeira com Holiday e Burnett, logo depois que este conversasse com Della.

— Elas gostam de você. Só estão surpresas — disse Miranda, pedindo desculpas pelo grupo de bruxas, que não tinha feito nada a não ser encarar a testa de Kylie durante todo o café da manhã. — Quer dizer, todas nós pensamos que você seria um vampiro ou um lobisomem. Algumas pessoas apostaram que você era um metamorfo, mas ninguém nunca pensou que iria passar a ser uma bruxa.

— Vocês realmente apostaram sobre o que eu seria? — Kylie perguntou.

— Foram alguns bruxos que começaram. — Ela franziu o cenho. — Desculpe. Se isso faz você se sentir melhor, eu perdi cinco pratas.

Kylie balançou a cabeça com descrença. Não que essa reação tenha sido apenas dos wiccanos. Todo o acampamento tinha ignorado seus ovos com bacon e só tinha olhos para observar o recém-descoberto padrão cerebral de Kylie. Ou pelo menos tinham feito isso até Della, que Deus abençoasse seu coração frio, tentasse ajudar.

A vampira tinha saltado quase dois metros no ar, caindo com um grande baque sobre a mesa, e seus tênis pretos aterrissaram sobre as bandejas de comida de vários campistas. Então, preocupada com a amiga, Della anunciou que Kylie tinha acabado de soltar uma praga e qualquer um que ficasse encarando a sua testa seria transformado num ganso flatulento.

Era, naturalmente, uma mentira deslavada. Desde que Kylie tinha feito o peso de papel voar pelos ares, no escritório de Holiday, ela estava superconsciente de que não devia mexer seu dedo mindinho. Não era uma tarefa fácil quando se tentava comer ovos fritos moles. No entanto, os seus dedos mindinhos ficariam imóveis até que ela descobrisse por que estava com padrão de bruxa.

Kylie parou na frente do escritório e pensou em entrar e perguntar a Holiday se ela já havia entrado em contato com seu padrasto. Os dois tinham deixado mensagens no celular, mas não tinham conseguido se falar. Kylie também queria verificar se Burnett tinha tido notícias de Malcolm Summers, seu avô verdadeiro.

Ele tinha dito a Burnett que estaria no acampamento no dia seguinte, mas quais eram as chances de que isso acontecesse agora, se seu telefone estava desligado e ele tinha sumido da face da Terra? Kylie suspeitava que era por causa da ligação de Burnett com a UPF. Então, mais uma vez, talvez ele não se importasse com ela. Ele mal conhecia o próprio filho, pai de Kylie.

Esse pensamento a incomodou até que ela percebeu que não fazia sentido. Se fosse verdade, por que ele e a tia tinham ido ao acampamento fingindo ser pais adotivos de seu pai? O fato de terem se disfarçado de humanos reforçava a hipótese de que o avô não confiava em alguém de Shadow Falls. E esse alguém tinha de ser Burnett, por causa de suas conexões com a UPF.

— Você não ama Della? — Miranda perguntou. — Ela é um pé no saco, mas quando se trata de nos proteger vai até as últimas consequências. — A bruxinha riu. — Aposto que ela pisou numas seis bandejas de café da manhã hoje no refeitório.

— Eu sei. Ela é demais. Mesmo quando seus planos não dão muito certo.

— Fala sério... Um ganso flatulento? Onde ela arranja essas ideias?

— Não sei — murmurou Kylie. Pra dizer a verdade, ela nem sabia direito o que significava "flatulento". De qualquer maneira, sentindo-se sobrecarregada, Kylie decidiu considerar aquela uma experiência de aprendizado. Ela não só tinha uma palavra para olhar no dicionário, mas tinha aprendido outra importante lição: que ser encarada por todo mundo não era pior do que ver as pessoas se recusando a olhar para você. Não, nem uma única pessoa tinha arriscado olhar para ela depois do aviso de Della. A flatulência devia ser mesmo um horror.

— Isso é demais! Você é uma bruxa como eu! — Miranda esfregou as mãos, eufórica.

Kylie gostaria de ter o mesmo otimismo que a amiga.

— Eu ainda não acredito. E não me importo que até Holiday pareça acreditar — Kylie disse e depois acrescentou: — Você sabe que isso pode mudar, não é? Eu era completamente

humana e agora não sou mais. — E o pai dela tinha dito que ela era um camaleão. Kylie acreditava nele.

— Mas essa é a primeira vez que você está mostrando um padrão sobrenatural de verdade, por isso provavelmente ele é real. — A bruxinha aproveitou para fazer sua dancinha da vitória, balançando os quadris. — Está empolgada com a lua?

Para agradar Miranda, Kylie abriu um sorriso amarelo, mas o comentário sobre a lua ficou se repetindo na cabeça dela, fazendo-a se lembrar de um certo lobisomem.

— Eu queria saber por que Lucas não estava no refeitório para o café da manhã — ela disse em voz alta. Não que estivesse entusiasmada para contar a ele as novidades.

— Eu não sei — disse Miranda, ainda sorrindo. Mas em seguida seu sorriso esmoreceu. — Você está preocupada com a possibilidade de ele ficar desapontado por você não ser um lobisomem?

— Não — respondeu Kylie, sem ter certeza de que estava falando toda a verdade. Ela não estava preocupada que ele ficasse desapontado; estava preocupada que ele ficasse arrasado. Seu coração ficou oprimido e ela sentiu um nó na garganta.

— Existe alguma lenda sobre a união entre lobisomens e bruxas? — Kylie perguntou.

— Não que eu saiba — disse Miranda. — Quer dizer, os lobisomens não costumam gostar de raça nenhuma, a não ser a deles. Mas não têm tanta antipatia pelas bruxas quanto têm pelos vampiros.

Kylie supôs que ela deveria agradecer por não ter se transformado num vampiro.

Mais uma vez, ela teve o pressentimento de que Lucas e sua família e alcateia só ficariam satisfeitos se ela se transformasse em lobisomem. Será que o relacionamento entre eles sobreviveria ao preconceito?

— Você quer ir para a cabana treinar alguns feitiços?

— Ah, não! Não quero causar nenhum desastre!

— Você não vai causar — garantiu Miranda. — Eu estarei com você. Não vou deixar que faça nenhuma besteira.

*Certo, como se você nunca tivesse feito*. As palavras se projetaram do cérebro de Kylie e aterrissaram na ponta da sua língua, mas ela conseguiu engoli-las. O fato de estar chateada não lhe dava o direito de chatear ninguém.

— Você só está nervosa. Precisa confiar em mim. — O sorriso brilhante de Miranda se alargou um pouco mais. — Nós, bruxas, temos que nos unir.

— Desculpe — disse Kylie. — Eu já consegui golpear Burnett no saco com um peso de papel. Então acho que vou tirar o resto do dia de folga.

— Sério? Você fez isso? — Miranda começou a rir, fazendo com que um grupo de lobisomens que passava por elas as olhasse com um ar de interrogação.

Kylie localizou o amigo de Lucas e o chamou:

— Will?

O adolescente de cabelos e olhos castanhos se virou com um ar contrariado. Será que era falta de educação chamar um lobisomem pelo primeiro nome? Ou a expressão dele devia-se mais a razões pessoais? Será que todos os membros da alcateia de Lucas olhariam para ela com frieza?

— Que é? — Seu tom expressava o mesmo desagrado.

Kylie afastou-se um pouco de Miranda. Na frente de Will, ela tentou não deixar que o aborrecimento do lobisomem a intimidasse.

— Lucas não estava no café da manhã. Eu queria saber se você sabe onde ele está.

Will relanceou os olhos para a floresta, como se quisesse ganhar tempo. Embora Kylie não pudesse ler mentes, era como se ele estivesse tentando pensar numa desculpa. Por quê?

— Algum problema? — ela perguntou.

Ele fez um gesto para que os outros lobisomens continuassem andando. Então esperou até que não pudessem mais ouvi-lo para começar a falar.

Aquilo devia significar que algo estava errado, não é?

— Lucas foi convocado pelo conselho — Will finalmente explicou.

— Isso é ruim? Ele está em apuros?

— Eu... não sei. Isso é entre ele e o conselho.

A notícia deixou Kylie preocupada.

— Você sabe quando ele volta?

— Não. — Will arrastou o pé pelo chão pedregoso, depois olhou para o bosque outra vez antes de fitar Kylie.

— Lamento — acrescentou, e algo no tom em que falou deu a Kylie a impressão de que ele estava sendo sincero; mas por quê? Pelo que ele lamentava?

— O que você está me escondendo? — Ela deu um passo na direção dele, sentindo o coração bater forte dentro do peito. Sem aviso, o olhar de Kylie se desviou para a floresta e ela sentiu outra vez. Como se as árvores chamassem seu nome. Mas como estava preocupada com Lucas, ela se concentrou no problema diante dela e em Will. — Tem a ver comigo?

O aborrecimento de Will ficou ainda mais evidente quando sua expressão se tornou carregada.

— Eu não sei. Tenho que ir. — Dizendo isso ele se afastou. Ela ficou observando silenciosamente enquanto ele ia embora e teve o pressentimento de que havia algo por trás daquilo tudo.

Will desapareceu na trilha. O pensamento de Kylie continuou em Lucas, mas seu olhar se desviou para a floresta, onde as árvores balançavam preguiçosamente com a brisa suave. Era um sentimento estranho, como estar com muita sede diante de um lago congelado. Esse sentimento, o chamado, era até mais forte do que o chamado da cachoeira.

O que, afinal, estava se passando?

Miranda limpou a garganta e Kylie olhou para a colega de alojamento.

— Você está bem? — Miranda perguntou e se aproximou da amiga.

Kylie revirou os olhos.

— Por que todo mundo fica me perguntando isso se é tão óbvio que não estou?

— Provavelmente porque a gente tem esperança de que você esteja — Miranda respondeu, dando um tapinha no ombro de Kylie e sorrindo, solidária. — Não se preocupe. Se Lucas gostar mesmo de você, tudo vai se arranjar. Foi assim com Perry e eu.

Kylie respirou fundo. Depois soltou o ar dos pulmões. Ela recomeçou a andar, lutando contra a vontade de se embrenhar na floresta e descobrir quem estava lá e por que queria chamar a atenção dela tão desesperadamente.

Elas andaram por mais cinco minutos sem falar nada. Kylie se concentrou no som rítmico dos próprios passos, o que lhe dava uma sensação de calma. Mas um grito, um grito de puro pavor, foi suficiente para mandar sua calma pelos ares.

Kylie parou tão rápido que quase tropeçou e teve que agarrar o braço de Miranda para se equilibrar. O grito tinha vindo justamente do lugar pelo qual ela se sentia atraída — o bosque. As profundezas do bosque.

— O que foi? — Miranda perguntou.

Kylie olhou para ela.

— Você não ouviu?

Miranda negou com a cabeça.

— Ouviu o quê?

Kylie deu um passo ou dois na direção da floresta e tentou identificar a voz de quem havia gritado. O som estridente dizia a Kylie que era uma mulher, mas ela não percebeu nenhuma familiaridade. Nenhuma mesmo.

Não importava. Ela sentiu o mesmo borbulhar em seu sangue, algo que sempre acontecia quando seu lado protetora entrava em ação.

Com o ar preso na garganta, tudo dentro dela dizia que alguém precisava de ajuda. Ela não teve alternativa a não ser atender ao pedido de socorro. Disparou para a floresta.

— Kylie! — gritou Miranda. — Não corra!

Um pouco antes de entrar na floresta, Kylie gritou para que Miranda fosse buscar ajuda.

E rápido.

# Capítulo Treze

Kylie correu como o vento.

Nada a faria diminuir o ritmo. Nada poderia detê-la.

Nem a mata fechada.

Nem a dor nas pernas e nos braços.

Nem mesmo a cerca de arame farpado de mais de dois metros que delimitava o terreno de Shadow Falls. *Não ouse sair do acampamento*. Ela ouviu o aviso de Burnett na sua cabeça, mas ignorou-o. Seguiu os gritos.

Kylie ignorou até o medo de que estivesse avançando a toda velocidade para uma armadilha preparada por Mario e seus amigos. Não importava. Ela era uma protetora. Tinha que dar proteção.

Depois de vários minutos correndo à base de adrenalina pura, arquejante, ela sentiu que o grito e a pessoa que havia gritado estavam ficando mais próximos. Então ela viu.

Não quem havia gritado.

Viu a neblina — uma nuvem espessa e baixa que se movia sob os arbustos, como se quisesse engolir o chão. Ela se movia de um jeito que não parecia um fenômeno da Mãe Natureza, mas de outra força. Um poder sobrenatural.

Um poder que se deslocava a uma velocidade incrível.

A lógica lhe dizia para correr dali, mas os gritos estavam cada vez mais altos e seus instintos faziam seus pés continuarem a correr na direção da neblina. Um movimento à sua esquerda atraiu seu olhar. Uma garota corria para escapar da neblina espessa. Seus longos cabelos pretos esvoaçavam atrás dela, lembrando Kylie da imagem da Medusa que ela vira num livro de mitologia grega.

Ainda a uma certa distância, o olhar da garota encontrou o de Kylie. O alívio brilhou em seus olhos. A dúvida cintilou nos de Kylie.

Aquilo era real? A garota era real? Ou seria outra visão? A garota estava de fato correndo

para salvar a própria vida ou estava fugindo da morte que já a reivindicava?

As perguntas se sucediam na mente de Kylie, enquanto seus pés golpeavam a terra. *Mais rápido!*, ela disse a si mesma quando viu a neblina quase nos calcanhares da garota.

— Corra mais rápido! — Kylie gritou.

Estivesse a estranha viva ou morta, ajudá-la era essencial para Kylie. O som dos passos rápidos da garota ecoou através das árvores, enquanto ela aumentava o ritmo da corrida para escapar da neblina.

Então, como se acontecesse em câmera lenta, a garota tropeçou, perdeu o ritmo e estatelou-se no chão. Com tudo.

O baque seco da sua queda ricocheteou nas árvores.

Kylie assistiu horrorizada quando a neblina se aproximou. Ela correu mais rápido, sentindo que precisava chegar antes da estranha neblina até onde a garota estava. O sangue borbulhando lhe deu mais força.

Parando abruptamente diante do corpo inerte, Kylie pegou a garota nos braços. Ela não pesava quase nada. Quando Kylie olhou para cima, a neblina estava quase aos seus pés. Movida pelo instinto ou talvez pelo pânico, Kylie correu.

Seus pés golpeavam a vegetação rasteira. Ela não tinha se afastado nem três metros quando teve novamente a sensação de ser atraída. *Venha até nós. Venha até nós*. O vento, as árvores, tudo sussurrava a mesma mensagem.

Kylie parou de correr. Ofegante, ela olhou em volta.

— O que vocês querem? Quem são vocês?

O coração martelava sob as costelas. Aninhando a garota no colo, Kylie olhou para a neblina.

A espessa nuvem acinzentada estava a uns seis metros de distância, pulsando como um coração. O ar ao redor dela rodopiava como se estivesse respirando.

Foi nesse momento que Kylie pareceu não conseguir mais respirar, porque... porque, pelo amor de Deus, nunca tinha visto uma neblina que respirasse! A neblina supostamente não era algo que tivesse vida.

Antes que Kylie pudesse reagir, a nuvem mudou de forma e se separou em duas partes. Embora Kylie não sentisse nenhuma presença maligna, ela não podia mais negar o medo que lhe corroía os ossos nem a falta de ar que lhe afligia. Parte de seus instintos gritava para que ela corresse, outra parte gritava para ela ficar.

A neblina recuou alguns metros como se sentisse o terror de Kylie.

Então ela esperou.

Observou.

Ouviu.

Ouviu seu nome sendo chamado.

*Kylie. Kylie.*

Ouviu as palavras que vinham com o vento — sussurradas suavemente como a brisa que agitava as folhas. *Não queremos lhe fazer nenhum mal*.

— Quem são vocês? — Kylie gritou.

A garota em seus braços se mexeu. O corpo que parecia sem vida agora recobrava os sentidos. Ao olhar para baixo, ela viu que sangue escorria da testa da garota. A necessidade de ajudá-la pulsava nas veias de Kylie. Ela olhou para cima, na direção da neblina. As duas massas cinzentas tinham assumido a forma humana.

*Não vá*.

O impulso que Kylie sentia de colocar a garota em segurança aumentou dentro dela. Enfrentar o desconhecido sozinha era uma coisa. Fazer isso com uma garota sangrando em seus braços era outra bem diferente.

— Eu preciso — Kylie respondeu, virando-se para partir. Ela deu apenas alguns passos.

*Fique*.

Havia algo naquela voz, uma voz masculina. Ela olhou por sobre o ombro; o ar preso na garganta.

Seria seu avô? Era ele, não era? Então Kylie viu uma mulher e reconheceu a irmã de sua avó. Lágrimas umedeceram os olhos de Kylie.

Ela começou a voltar, mas a garota em seus braços gritou. Kylie olhou para ela. Seus olhos estavam abertos. As íris azul-escuras fitaram Kylie, perplexas, e um lampejo de reconhecimento brilhou dentro dela.

Mas Kylie não tinha tempo para refletir. O sangramento no rosto da garota tinha aumentado. O impulso de Kylie para levá-la a um lugar seguro fazia seu sangue borbulhar. Qual seria a gravidade daquele ferimento?

— Me solta! — ordenou a garota num grunhido baixo, tentando se libertar dos braços de Kylie. — Me solta! — ela gritou novamente, lutando agora para se libertar. A força dela indicava que não era humana. Sem os poderes de proteção de Kylie, a garota facilmente se desvencilharia, mas não agora.

— Só um minuto.

Kylie disparou pela floresta — abraçada à estranha de olhos azuis que se contorcia em seus braços. *Desculpe*. Kylie proferiu a palavra mentalmente e rezou para que ela fosse ouvida por aqueles que ela deixara. Ela não tinha outra escolha senão ir embora. Sua necessidade de proteger era mais forte do que a sua própria busca.

Agarrada à estranha que gritava, Kylie pulou a cerca de arame farpado. Quando entrou na propriedade de Shadow Falls, o silêncio no bosque parecia mais alto do que os protestos da garota. De repente, Kylie sentiu uma, duas e então três lufadas de ar passando por ela.

Então Burnett, Della e um grande pássaro — Perry — apareceram ao seu lado, todos os três acompanhando o ritmo de seus passos.

Kylie parou de correr. Eles fizeram o mesmo. Fagulhas minúsculas apareceram ao lado de Perry quando ele se metamorfoseou novamente em ser humano.

Os três olharam para Kylie, ou melhor, para a garota que gritava em seus braços.

— Quem é ela? — perguntou Burnett.

— Não sei. — A respiração de Kylie estava ofegante, seus pensamentos ainda no avô e na tia-avó. — Ela estava correndo de...

— Ela é um lobisomem — disse Della, interrompendo-a. — Eu senti o cheiro assim que chegamos.

A garota parou de lutar para se libertar de Kylie. Sua voz se aprofundou quando encontrou os olhos dela.

— Me solte agora! Ou vai se arrepender até seu último suspiro! — Ela levantou a cabeça e fitou Della e Burnett. — Todos vocês vão se arrepender!

Burnett falou diretamente com a menina nos braços de Kylie.

— Me dê a sua palavra de que não vai correr.

Ela o encarou.

— Se fugir, eu pego você e vou ficar realmente irritado.

— Só se você for muito rápido — a garota revidou.

— Ah, mas ele é! — respondeu Perry, se intrometendo na conversa. — Quando tinha 15 anos, perseguiu um metamorfo na forma de antílope e conseguiu chutar o traseiro dele. O que sobrou do antílope não deu nem para fazer um tapete.

— Tudo bem — refletiu a estranha. — Não vou correr.

Della se aproximou e olhou para Perry.

— Você conhecia Burnett quando ele tinha 15 anos e perseguia antílopes?

Soltando a garota, o olhar de Kylie cruzou com o do tal "chutador de traseiros de antílopes". A expressão dele a preparava para o que viria em seguida.

— Eu pensei que tinha deixado claro que não era para você entrar no bosque.

Kylie assentiu, mas ela se recusava a ser repreendida por ter feito o que, para ela, era tão natural quanto respirar.

— Alguém estava em perigo.

— *Você* se colocou em perigo. — O olhar dele se voltou para a garota. — Do que você estava correndo?

— Da neblina. — A garota limpou com a mão o sangue que escorria de sua testa. — Ela estava me perseguindo.

— A neblina estava te perseguindo? — Della indagou. — Você fumou alguma coisa?

— Ela está dizendo a verdade. — Kylie quase contou a eles sobre o avô, mas algo lhe disse que era melhor pensar primeiro... e falar depois.

— Quem é você? — Burnett perguntou à garota.

— Eu é que pergunto. Quem é *você*? — a garota retrucou.

— Com esses modos, ela é definitivamente um lobisomem — murmurou Della.

Perry riu, depois acenou na direção da garota.

— Você está sangrando. É perigoso sangrar na frente de vampiros.

— Não se preocupe — comentou Della. — Sangue de lobisomem tem um gosto horrível.

A garota lançou a Della um olhar gelado. Kylie teve aquele pressentimento novamente, de que algo com relação à estranha lhe parecia familiar.

Burnett falou em seguida.

— Eu sou Burnett James, líder do acampamento Shadow Falls, e você invadiu a nossa propriedade.

— Você é... Burnett? — A garota mostrou pela primeira vez um pouco de insegurança.

— Ela não invadiu — Kylie esclareceu. — Fui eu que pulei a cerca de Shadow Falls com ela nos braços.

A loba fitou Kylie com um olhar de surpresa.

— Não preciso que você me defenda.

— Eu não a defendi. Não mesmo!

A postura corporal de Burnett enrijeceu, mas seu olhar de reprovação era para Kylie.

— Você saiu dos limites de Shadow Falls?

— Eu ouvi esta garota gritando. — A estranha que sangrava franziu a testa, tentando ler o padrão de Kylie. Será que ela ainda era uma bruxa? Ou seu padrão estaria passando por outra mutação estranha?

— Você... — A garota balançou a cabeça. — Você é uma bruxa. Como pôde...

Bem, isso respondeu à minha pergunta, pensou Kylie.

A garota voltou os olhos azuis para Burnett. E nesse instante, Kylie descobriu quem ela era. A cor dos olhos, o jeito como inclinava a cabeça, até sua linguagem corporal era parecida.

— Eu sou...

— ... a irmã de Lucas — completou Kylie.

— Isso mesmo. — A garota fitou Kylie novamente. — Sou Clara Parker. Quem é você?

— Kylie Galen.

A surpresa fez com que a garota arregalasse os olhos.

— Mas você é uma bruxa? Eu pensei... — Ela fez uma pausa. — E você corre e tem a força de um lobisomem... ou de um vampiro. A última palavra soou como um insulto.

Della grunhiu. Burnett franziu a testa.

A frustração com relação a toda a história de ser bruxa irrompeu dentro de Kylie novamente.

— Eu sou simplesmente uma obra não concluída. Me chame apenas de aberração de Shadow Falls.

— Você não é uma aberração — murmurou Perry. — Eu sou a aberração da casa — ele disse com orgulho.

Clara continuou a olhar para Kylie, e então disse.

— Por que aquela neblina estava me perseguindo? Você fez aquilo com magia?

— Não, não fiz.

Burnett concentrou-se em Clara.

— A sua família está preocupada com você.

Clara revirou os olhos.

— Eles se preocupam demais. Eu disse a eles que estava vindo para cá.

— Mas você já devia ter chegado há dois dias — repreendeu-a Burnett. — E, se pretende mesmo ficar em Shadow Falls, saiba que não gostamos de mudanças nos planos sem que passe pelos canais apropriados.

Clara ergueu o queixo como se fosse dar a Burnett uma resposta malcriada. Lembrando-se de que se tratava da irmã de Lucas, Kylie interveio.

— Tenho certeza de que ela vai corrigir isso. Lucas vai preencher os formulários.

— Onde está o meu irmão? — Clara perguntou.

— Foi convocado pelo conselho — respondeu Burnett.

Kylie olhou para Burnett, imaginando se Lucas havia contado isso a ele. Se havia, por que não contara a ela?

— Algum problema entre ele e o conselho? — Clara perguntou a Burnett.

Kylie lembrou-se do comportamento estranho de Will quando Kylie lhe fez a mesma pergunta.

— Não que eu saiba. — Burnett ficou em silêncio por alguns segundos e depois perguntou a Clara: — Você se machucou muito?

— Foi só um arranhão — ela respondeu.

— Ela desmaiou — Kylie revelou.

— Não desmaiei! — discordou Clara, como se isso lhe fizesse parecer mais fraca.

Kylie começou a voltar para a clareira. Todos a seguiram. Os sons da floresta voltaram ao normal, mas Kylie mal tinha notado. Sua mente remoía o que ela vira, quando olhou para trás pela última vez, e refletia se deveria contar alguma coisa a Burnett. Relanceando os olhos por sobre o ombro, ela tentou ouvir com o coração para ver se ainda sentia o avô e a tia chamando. Será que ainda estariam lá? Ou tinham ido embora?

A sensação não era tão forte como antes, mas ela ainda a sentia.

— Perry — falou Burnett —, você e Della vão na frente e levem Clara ao escritório para falar com Holiday. A voz autoritária de Burnett ecoou nas árvores e causou outra onda de silêncio. — Kylie, quero um minuto com você. — Seu tom de voz não deixou nenhuma dúvida de que o minuto não seria nem um pouco agradável.

Kylie parou de andar. Perry lhe lançou um olhar de pura solidariedade.

— Ela só estava tentando ajudar — defendeu-a Perry.

Della acrescentou:

— E não aconteceu nada. Tudo está bem quando termina bem, não é mesmo? Você não pode ficar furioso se...

— Estão dispensados — ordenou Burnett.

Della grunhiu e Perry enviou a Kylie outro olhar de solidariedade. Ela adorava ambos por tentarem intervir, mas podia lidar com aquela situação. Pelo menos esperava que pudesse.

— Vejo vocês daqui a pouco — despediu-se Kylie, quando Perry pareceu disposto a argumentar.

Quando os três já estavam se afastando, Kylie encheu os pulmões com o ar perfumado da floresta. Burnett andava ao lado dela. Eles observaram os três seguindo para o acampamento. Clara olhou para trás, seu olhar expressando mais curiosidade do que preocupação.

— Ela está encrencada? — a garota perguntou, a voz ficando mais baixa à medida que a distância entre eles aumentava.

— Digamos que eu não gostaria de estar na pele dela agora — respondeu Perry.

— E o seu traseiro lupino é a razão de ela estar encrencada — Della atacou.

— Eu não pedi para ela me ajudar — Clara rebateu.

Kylie esperou até começar a falar com Burnett.

— Eu não deveria se repreendida por fazer algo que é da minha natureza.

— Você poderia ter se matado. Tudo poderia ser uma armadilha para atraí-la para longe de Shadow Falls.

— Mas não era. Clara pensou que estava em perigo. Eu senti o medo dela e reagi.

— Ela achou que estava em perigo? — ele perguntou, reparando no deslize de Kylie. — Você está dizendo que ela não estava em perigo?

Quando Kylie fez uma pausa, Burnett continuou:

— Exatamente do que vocês duas estavam correndo?

A necessidade de dizer a verdade cresceu dentro de Kylie, mas outra necessidade — a de obter respostas — manteve-a em silêncio.

— Eu já disse. Foi a neblina — Kylie respondeu, confiante de que ele não detectaria uma mentira em sua resposta. Suas palavras eram verdadeiras.

Só não continham toda a verdade.

— Você sentiu que ela era maligna?

— Eu fiquei assustada — ela admitiu novamente, sentindo um calafrio percorrer a espinha. Não de medo, mas do frio que vinha dos mortos que estavam por perto. Ela olhou ao redor, tentando não deixar Burnett perceber que eles tinham companhia. O fantasma com a aparência de Holiday os espiava por detrás de uma árvore.

— Mas...? — Burnett insistiu, sentindo que ela não tinha terminado de responder.

— Eu não senti nada ruim. — Um fio de culpa se esgueirou pela mente de Kylie, mas, se ela contasse a Burnett que seu avô e sua tia estavam tentando vê-la sem a permissão dele, o que o vampiro diria?

— Estou tentando proteger você, mas isso fica impossível se não seguir as minhas regras.

— Eu normalmente não desobedeço às suas regras. — O frio aumentou e ela desviou o olhar para o lugar onde vira o fantasma. Ele tinha desaparecido. Num segundo, a sósia de Holiday apareceu atrás de Burnett, olhando para ele como se o reconhecesse. Esse pensamento fez o medo crescer dentro dela.

— Desobedeça a uma só das minhas regras e pode ser muito tarde para salvá-la.

Kylie mordeu o lábio, lutando contra a sensação de frio.

— Sinto muito. — *Por aborrecer você, não por ter ajudado Clara*. — Eu ouvi o grito e concluí que alguém precisava de ajuda.

— Da próxima vez, antes de oferecer ajuda, me chame.

— Vou tentar. — Ela estremeceu, apesar do esforço para disfarçar a sensação de frio.

— Acho que você podia fazer um pouco mais do que simplesmente tentar — repreendeu-a Burnett, antes de olhar para cima, como se consultasse um poder superior. — Alguém quer me explicar por que eu quis fazer parte de Shadow Falls?...

— Isso eu sei — Kylie respondeu, sentindo-se mal por deixá-lo tão nervoso. — Porque por baixo dessa couraça, você se importa conosco. E você ama outra pessoa que dirige este acampamento. — Kylie relanceou os olhos para o fantasma, perguntando-se se ela demonstraria alguma reação a essas palavras.

Os olhos do fantasma se arregalaram.

— *Você está querendo dizer que...?*

Burnett franziu a testa, mas não tentou negar a afirmação da garota.

Kylie teria ficado feliz ao ver que ele tinha chegado a um acordo com os seus sentimentos por Holiday se ela não tivesse um fantasma encarando-o como se... como se a confissão desse amor também a afetasse.

O espírito olhou para Kylie.

— *Ele está apaixonado pela líder do acampamento?*

O pânico embargava a sua voz. Será que o espírito sabia que se tratava de Holiday?

— *Qual o seu nome?* — Kylie perguntou mentalmente.

— *Eu já disse* — o fantasma respondeu.

— Nunca vou me acostumar com isso — Burnett recomeçou a andar.

— Se acostumar com o quê? — perguntou Kylie, com a atenção mais voltada para o espírito que andava ao lado dele e o fitava com surpresa.

— Com os fantasmas — Burnett deixou escapar, como se lhe custasse dizer isso.

Kylie parou e segurou-o pelo cotovelo.

— Você pode senti-los? — ela perguntou. Geralmente, só quando o fantasma estava num pequeno cômodo, alguém que não tivesse o dom de se comunicar com eles podia senti-los.

— Não — ele disse.

Kylie ficou olhando para ele.

— Tudo bem. Talvez eu possa sentir um pouco. Provavelmente, percebo mais o olhar que você e Holiday fazem quando eles estão por perto — ele confessou. Depois olhou em volta e disse: — Ela já se foi?

— Como você sabe que era uma mulher? — Kylie perguntou, percebendo que o fantasma não estava mais presente.

Ele cerrou os dentes.

— Posso farejá-la — ele disse, como se estivesse confessando uma espécie de pecado.

— É mesmo? Eu pensei que... Quer dizer, eu não achava que vampiros tivessem o dom de se comunicar com fantasmas.

— Eu também não. — E ele não parecia nem um pouco feliz ao dizer isso. Começou a andar novamente, agora mais rápido, como se seus passos refletissem o seu estado de espírito.

Kylie o acompanhou, mas não sem esforço.

— Holiday sabe disso?

— Sabe o quê? — Ele nem mesmo olhou para Kylie ao falar.

— Sobre essa sua capacidade de detectar fantasmas. — Ela estava curiosa para descobrir por que você consegue entrar na cachoeira e...

— Não, ela não sabe — ele respondeu. — E não diga nada. Eu conto mais tarde. — A preocupação deixava sua expressão mais severa.

Eles caminharam em silêncio por alguns minutos.

— Eu não queria causar nenhuma confusão indo atrás de Clara. Só reagi aos meus instintos.

— Às vezes nossos instintos podem estar distorcidos — ele acrescentou.

Ela se perguntou se ele estaria se referindo não só aos instintos de proteção dela, mas também à sua própria capacidade de farejar e sentir fantasmas.

— Vou tentar agir melhor da próxima vez.

— Obrigado — ele disse, como se aceitasse o que ela oferecia.

Ele continuou avançando. O vento agitava as árvores.

— Pode me contar mais? — ele pediu.

— Sobre os fantasmas?

— Não. Sobre a neblina. Eu gostaria que você esquecesse os fantasmas.

Kylie se lembrou da primeira vez em que percebeu que podia detectar a presença de fantasmas. Ela podia entender os sentimentos de Burnett. Às vezes ela ainda se esquecia de que tinha essa capacidade.

— Você acha que tinha algo a ver com Mario? — ele perguntou.

— Não. — Sem querer entrar em mais detalhes, Kylie tomou cuidado para não deixar escapar nada. Ela não tinha dúvida de que ele interrogaria Clara mais tarde. Mas Kylie estava quase certa de que Clara não tinha visto nada que pudesse revelar o seu segredo.

— Tem que ser Mario e sua corja novamente. — Burnett fechou os punhos enquanto

caminhava.

Kylie hesitou antes de dizer alguma coisa, sabendo que, se ela cometesse algum deslize e mentisse, ele saberia. Mas ela também não queria que Burnett se preocupasse demais.

— Lembre-se de que eu disse que não senti nada maligno.

— Tem que ser eles. — Ele a fitou nos olhos, mantendo o olhar firme. — Você não vai mais entrar na floresta, estando ou não com uma sombra. Entendeu?

Ela assentiu. Ela tinha entendido, mas não disse que concordava.

— Deve haver uma bruxa ou feiticeiro por trás disso. — Ele franziu as sobrancelhas. — Você não acha que essa neblina apareceu por acaso, acha?

— Acho — Kylie respondeu.

— Tem certeza? Lembre-se do outro incidente...

— Foi diferente. — As bochechas dela arderam, quando ela se lembrou do incidente.

Ambos diminuíram o ritmo. As árvores e a vegetação rasteira pareciam absorver o barulho dos passos. A mente de Kylie voltou a Clara e depois se desviou para o irmão da garota.

— Posso perguntar uma coisa? — disse Kylie.

— Se eu disser não, isso vai impedi-la de perguntar?

— Provavelmente, não. — Ela debateu interiormente para decidir como formularia a pergunta.

— Se tem algo a ver com Holiday e eu, vou me recusar a dizer qualquer coisa.

Ela sorriu.

— Não se preocupe, a camiseta do avesso de Holiday, outro dia, revelou o que eu queria saber sobre você e ela.

O vampiro de olhar austero deu um meio sorriso, que logo esmoreceu.

— Não é sobre fantasmas também, é?

— Não... É... Quando um conselho convoca alguém para uma reunião, isso significa encrenca?

— Está falando de Lucas?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele afastou um galho do caminho e o segurou, para ele não se chocar com Kylie.

— Pode ser, mas não sempre.

— Você sabe o que eles queriam com Lucas? — Ela também afastou um galho.

— Não, não sei. — As palavras dele pareciam sinceras.

— Está preocupado? — perguntou Kylie.

Ele hesitou.

— Estou.

— Por quê?

— Eu respeito a necessidade de Lucas de fazer parte do conselho para que possa sugerir soluções para os problemas entre os lobisomens e a UPF, mas não gostaria que o conselho

exercesse tanta influência sobre ele.

— Você não confia em Lucas?

— Se eu não confiasse nele, ele não estaria em Shadow Falls. Meus problemas estão relacionados ao fato de que o conselho dos lobisomens e a UPF têm as suas diferenças. Em geral, a comunidade dos lobisomens não se mostra muito disposta a seguir as regras da UPF. Isso tem a ver com a mentalidade de alcateia.

— Mas não é porque a UPF considera os lobos cidadãos de uma classe inferior?

— Isso mudou — garantiu Burnett. — Mas eu tenho certeza de que ainda influencia muito o comportamento deles e posso assegurar que a UPF trata de maneira imparcial tudo o que está relacionado aos lobisomens. No entanto, existem preconceitos de ambos os lados.

Uma das razões que faz com que os lobisomens sejam vistos como párias é o fato de eles verem as outras espécies da mesma forma.

— Então é a velha questão: quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha? — perguntou Kylie.

— Acho que isso não importa.

Quando eles chegaram à clareira, Burnett olhou para ela.

— Vou levar você até a cabana. Se Della ou Miranda não estiverem lá, envio outra sombra para ficar com você. Holiday e eu logo iremos buscá-la para irmos à cachoeira. Mas até que eu investigue essa coisa toda, você não poderá deixar a cabana sem que eu saiba onde você está e com quem.

Ela se encolheu um pouco com o tom de voz dele e com as novas ordens. Ele com certeza estava exagerando.

— Você se importa se eu voltar para o escritório com você? Eu queria ver como Clara está.

Ele hesitou, mas acabou concordando, e eles pegaram a trilha do escritório. Kylie deu uma última olhada na floresta e não sentiu nada. Será que eles tinham ido embora?

Seus instintos diziam que sim. A pergunta era: será que voltariam? E se voltassem, será que ela encontraria um jeito de falar com eles?

Antes que Kylie pusesse o pé na varanda, ouviu a voz de Lucas dentro da cabana.

— Você não pode continuar fazendo isso! — ele exclamou. Kylie não tinha certeza se a sua audição estava mais sensível ou se ele estava falando muito alto. Considerando quão discretos eram os lobisomens, ela suspeitou de que se tratava da primeira opção.

— O que eu fiz? — Clara perguntou. — Eu disse a eles que estava vindo pra cá.

— Para onde mais você foi? Foi ver Jacob? — O tom de voz de Lucas ficou mais severo.

— De todos que eu conheço, eu supus que você fosse o mais capaz de entender a minha necessidade de ver quem eu quero.

— Por mais estranho que pareça, acho que papai tem razão com respeito a isso.

— Sério? Então quer dizer que você vai deixar que ele escolha a sua parceira? Não era sobre isso que vocês dois estavam discutindo quando você foi vê-lo? Sua afeição por Kylie?

Kylie prendeu a respiração. Lucas tinha brigado com o pai por causa dela?

— Estamos falando sobre você — Lucas respondeu.

— Eu estou aqui, não é isso o que importa? — Clara perguntou. — Não é isso o que você quer?

— O que eu quero é que você pare de fazer joguinhos, Clara. Estou tentando ajudar você.

— Joguinhos? Ah, pelo amor de Deus, você é o que mais faz joguinhos aqui. Você faz joguinhos com o conselho, com papai, com a sua mãe e com a sua avó. Você faz joguinhos até com Fredericka. E aposto que está até fazendo joguinhos com essa sua bruxa também.

— Eu não estou fazendo joguinhos e não tenho nenhuma bruxa.

Kylie hesitou enquanto se aproximava da cabana e, pelo olhar que Burnett lhe lançou, ela supôs que ele também estava ouvindo a conversa.

— Eu ainda posso levá-la para a cabana — ele ofereceu e, pelo seu tom de voz, Kylie percebeu que ele entendia quanto aquilo estava sendo difícil para ela. A preocupação dele era comovente, mas Kylie não gostou de saber que todo mundo conhecia os seus problemas. Ela preferia que sua vida particular não fosse de conhecimento geral.

— Mais cedo ou mais tarde, eu tenho que enfrentá-lo — ela disse, desviando o olhar.

Mas até mesmo ela tinha que admitir que preferia deixar aquilo para mais tarde. Mesmo assim, ela levantou os ombros e continuou andando, o estômago contraído ao pensar na resposta de Lucas quanto a ela ser uma bruxa.

# Capítulo Quatorze

Quando Kylie e Burnett subiram os degraus do escritório, ela de fato desejou não ter vindo.

Atrás da porta, Clara continuava discutindo com o irmão.

— Acho que pode ter sido ela que enviou a neblina atrás de mim. Fingiu que ia me resgatar, mas talvez a bruxa seja simplesmente...

— *Quem* você acha que mandou a neblina atrás de você? — Lucas perguntou, com uma voz autoritária.

— Kylie! — Clara respondeu, irritada.

Kylie perdeu o fôlego.

— Kylie não é uma bruxa — afirmou Lucas.

Burnett abriu a porta do escritório. Clara e Lucas, de pé diante da entrada, viraram-se ao mesmo tempo. Kylie se preparou para a reação de Lucas.

— Por ora, é o que sou. — Kylie decidiu colocar tudo em pratos limpos e se preocupar mais tarde com as consequências que isso acarretaria.

— O que você é por ora? — Lucas perguntou, sem saber que Kylie tinha ouvido a conversa.

— Uma bruxa — ela disse.

Lucas olhou para a testa dela. Choque, confusão e desapontamento cintilaram em seus olhos.

— O que... Bruxas não correm tão rápido. Elas não podem correr... como você corre.

— Isso me confundiu também — disse Clara. — Foi quando eu percebi que ela poderia ter lançado um feitiço e, se lançou esse, poderia ter lançado outros.

— Eu não provoquei a neblina — defendeu-se Kylie. Será que Clara estava mesmo se voltando contra ela?

— Então como você sabia onde me encontrar? E não minta novamente, dizendo que me ouviu gritar. Eu estava longe demais para que ouvisse meus gritos.

A acusação irritou-a, mas ela tentou não levar a mal. Clara tinha suas razões para suspeitar

dela. As bruxas não costumavam correr como um raio ou ter uma superaudição. O que só provava que Kylie não era uma bruxa.

Mas se o avô e a tia podiam se transformar em neblina, isso significava que eles pertenciam à espécie wiccana? Pelo que sabia, os metamorfos não podiam se transformar em neblina, podiam? As dúvidas se sucediam na sua cabeça.

— Kylie não é uma bruxa normal — disse Burnett, em sua defesa.

Lucas olhou para Clara, para Burnett e depois para Kylie. Um pedido de desculpa substituiu a descrença em seus olhos.

Ele continuou a olhar para ela, mas falou com a meia-irmã.

— Se Kylie está dizendo que não foi ela, então não foi.

— Você acredita nela e não em mim? Agora eu vejo por que papai está tão preocupado. — O tom de Clara era acusatório. — Como você quer ser um líder do nosso povo se defende uma bruxa em vez de ficar do lado de quem é do seu próprio sangue, da sua própria espécie?

A expressão de Lucas endureceu.

— Eu não acredito nela, simplesmente. Eu conheço os fatos. Kylie tem uma audição mais aguçada. Ela podia ter ouvido seus gritos há quilômetros de distância.

— As bruxas não têm...

— Como Burnett frisou, eu não sou uma bruxa normal. — Kylie olhou para Lucas. Por que ele não tinha dito simplesmente que acreditava nela? Será que a lealdade dos lobisomens à sua alcateia era tão grande que o fato de ele acreditar nela lhe tirava a credibilidade?

Sentindo o olhar de Clara, Kylie continuou.

— Aparentemente, o meu cérebro tem o péssimo hábito de assumir padrões diferentes.

— Então tem algo muito errado com o seu cérebro. — O tom de Clara fazia com que suas palavras parecessem ainda mais agressivas.

Kylie esperou que Lucas repreendesse Clara. Quando o olhar do lobisomem encontrou o dela, ela pôde jurar que viu um pedido de desculpas em seus olhos, mas ele permaneceu em silêncio.

E no mesmo instante ela soube por quê. Porque, se ele a defendesse, estaria colocando-a à frente de Clara. Como Kylie não era um lobisomem, ela não devia ser importante para Lucas. Ou pelo menos não tanto quanto seria se fosse da espécie dele. A constatação causou-lhe uma onda de dor que oprimiu o seu peito. Ela disse a si mesma que não precisava que ele a defendesse, que ela sabia se cuidar, então o que importava se ele ficasse em silêncio?

— Não há nada de errado com o meu cérebro. — Kylie olhou Clara nos olhos e então relanceou o olhar para Lucas. Ela tinha falado a verdade. Sua mente estava bem. Era com o seu coração que ela se preocupava agora. Porque, embora não devesse se importar com a atitude de Lucas, na verdade ela se importava.

Muito.

— Por que você não ficou assustada com o que viu? — Clara perguntou.

Sem saber o que Clara queria dizer com aquilo, Kylie fez uma pausa. Será que a garota tinha visto mais do que Kylie supunha?

— Quem disse que eu não fiquei assustada?

— Kylie é uma protetora — interveio Burnett.

Os olhos de Clara se arregalaram.

— Sério?!

Pouco à vontade com o olhar de Clara sobre ela, Kylie de repente queria estar longe dali.

— Eu tenho que ir. — Ela se virou para sair da sala.

Burnett pegou-a gentilmente pelo braço e, por mais estranho que parecesse, ela se sentiu confortada com o seu toque frio. Ele se inclinou na direção dela e sussurrou:

— Não até que tenha uma sombra.

— Eu estou aqui. — Holiday surgiu no vão da porta. — Fui dar uma volta para dar alguns minutinhos de privacidade a Lucas e à irmã. — Seus olhos verdes voltaram-se para Kylie como se ela tivesse percebido o crescente tumulto emocional dentro da garota. Holiday fez um gesto para que Kylie a seguisse.

Burnett olhou para Holiday.

— Fiquem por perto. Pode haver algum perigo por aí.

— Exatamente o que aconteceu? — A preocupação encheu os olhos verdes de Holiday.

— Nós nos falamos mais tarde — disse Burnett. — Eu preciso conversar com Clara enquanto tudo está fresco na memória dela.

Kylie saiu do escritório, o coração partido com o comportamento de Lucas e um nó no estômago ao pensar no que Clara se lembraria. Uma olhada para Holiday foi suficiente para que ela se lembrasse da visão e de que podia significar que Holiday morreria. Talvez Clara estivesse certa. Talvez houvesse algo errado com o cérebro dela. Talvez o estresse tivesse finalmente deixado-a com um parafuso solto.

Será que se transformar em bruxa era o primeiro sinal de insanidade? Ou era só uma consequência do fato de ela ser um camaleão?

Kylie seguiu Holiday até o refeitório para comer um sanduíche. A hora do almoço já havia terminado e por isso elas tinham o lugar só para elas. Mal trocaram uma palavra e esse constrangimento entre elas não era natural. Quando saíram do refeitório, Kylie contemplou a floresta para ver se a sensação tinha desaparecido ou se ela ainda sentia o avô e a tia-avó chamando por ela. No entanto, não sentiu nada.

Holiday colocou o braço sobre os ombros de Kylie.

— Converse comigo.

Kylie absorveu a tranquilidade que o toque de Holiday lhe proporcionava e olhou para a amiga.

— Eu detesto preconceitos! — desabafou Kylie, sabendo que só um dos seus problemas no

momento, Lucas, ela poderia discutir com Holiday. Se contasse a ela quem vira no bosque mais cedo, a amiga diria a Burnett. E os dois a proibiriam de encontrá-los caso eles voltassem. Mas ela tinha que encontrá-los, não tinha?

— Eu detesto também — concordou Holiday, como se soubesse exatamente a que preconceitos Kylie estava se referindo. — Se existe uma coisa que eu gostaria de mudar no mundo, pode apostar que é isso.

Fechando a mão em punho, Kylie se lembrou da decepção que sentiu diante da postura de Lucas com relação a Clara.

— Depois de ser alvo de preconceito, é de se pensar que a comunidade de lobisomens saberia quanto isso é injusto.

— Eu acho...

— Posso falar um minuto com Kylie? — A voz de Lucas veio de trás delas. Só o fato de ouvir sua voz grave causou outra onda de dor em Kylie. Ela não conseguia pensar em nada nem ninguém que pudesse impedi-la de defendê-lo se a situação fosse inversa. No entanto, ele...

Kylie e Holiday se viraram para trás. A líder do acampamento olhou para Kylie, como se perguntasse se ela queria falar com Lucas. Kylie assentiu.

— Bem, fiquem por perto. Holiday voltou para a varanda e se sentou numa das cadeiras de balanço.

Lucas pegou a mão de Kylie e levou-a para trás da cabana do escritório. Ele não falou nada, nem ela. Ele parou ao lado de uma árvore, onde já tinham estado antes, e se virou para ela. Nem uma palavra saiu de seus lábios; ele só a fitou.

O que ela não daria para ler os pensamentos dele? O que será que passava pela sua mente? Ele estava aborrecido porque ela era uma bruxa ou lamentava não tê-la defendido? Será que estava constatando que a relação entre eles não tinha nenhum futuro?

— Obrigado por resgatar a minha irmã — ele disse. — Eu lamento que ela seja tão pouco agradecida.

Kylie assentiu.

Ele se inclinou e pressionou a testa contra a dela. Tudo o que ela queria era fitar os olhos dele, tão azuis, e os longos cílios escuros que os sombreavam.

— Eu magoei você. — A voz dele estava mais profunda do que antes.

Ela não negou.

Continuou olhando para o namorado e ele não piscou. A dor refletida em suas íris azuis fez com que ela segurasse a respiração.

Ele fechou os olhos e respirou fundo antes de falar.

— Já aconteceu de você saber qual é a coisa certa a fazer, mas não conseguir fazê-la?

Ela recuou alguns centímetros.

— Depende. Qual é a coisa certa a fazer?

Ela fez a pergunta mesmo com medo de ouvir a resposta. Pois, lá no fundo, já a pressentia. Ela a pressentia desde que a avó de Lucas conversara com ela. Kylie e Lucas tinham que enfrentar muitos empecilhos para que o relacionamento entre eles desse certo.

— Eu deveria deixá-la... — ele disse. — Devia colocar um ponto final neste... no que existe entre nós. Porque até que as coisas mudem, todos estarão contra nós. E, no entanto... — ele inclinou ligeiramente a cabeça e seus lábios encontraram os dela.

Um torvelinho de emoções acompanhou o breve beijo. E, embora ela achasse que não havia mais espaço em seu peito para tantas emoções, sentiu que isso não era verdade. A dor que ele sentia era a mesma que oprimia o peito de Kylie. O medo que ele tinha era o mesmo que ela sentia. Ela fechou os olhos, lutando contra a dor que irradiava do seu coração e tentando apenas saborear o toque de Lucas.

Ele se afastou e passou o polegar pelos lábios dela.

— E, no entanto, como posso deixá-la ir se você é o que me faz seguir em frente? Se a principal razão que me leva a querer mudar as coisas é você?

O dedo de Lucas acariciou o queixo dela, um toque suave que quase trouxe lágrimas aos olhos de Kylie.

— Estou te implorando. Por favor, tenha paciência comigo. Confie em mim quando digo que você tem um lugar especial aqui. — Ele pegou a mão dela e pousou-a sobre o seu peito. — Eu tenho que me comportar de uma certa maneira, do contrário isso acabará nos ouvidos do meu pai e do conselho, mas não é dessa maneira que eu me sinto. — Ele parou de falar por um momento. — Por favor, não desista de mim, Kylie Galen.

Ela podia sentir o coração dele batendo. Podia senti-lo se partindo também, assim como o dela.

— Eu não desisto tão fácil.

Era verdade. Se desistisse, não estaria mais em Shadow Falls.

Ele a envolveu em seus braços, apoiando-se na árvore, e encostou a bochecha na dela. Ficaram assim durante muito tempo. Sem se falarem. Sem fazer promessas. E Kylie se perguntou se seria porque ambos sabiam instintivamente que não poderiam cumprir essas promessas.

Ele finalmente se afastou.

— Eu preciso ir ajudar Clara a se instalar.

Kylie afrouxou o abraço em volta da cintura dele. Embora não quisesse. Ela não queria devolvê-lo a Clara ou a Fredericka ou ao seu pai. Por mais egoísta que fosse, ela o queria só para ela. Ou talvez não fosse egoísmo. Talvez ela só não quisesse dividi-lo com pessoas que queriam separá-los.

— Quer vir comigo? — ele perguntou.

Clara ia adorar, pensou Kylie. Não.

— Vou deixar vocês dois sozinhos por um tempo.

— Obrigado — ele disse, como se de fato esperasse que ela recusasse o convite. Ele sorriu, mas sob aquele sorriso havia um toque de decepção. — Então você é uma bruxa. Eu nunca poderia adivinhar.

— Eu sou uma bruxa neste momento — ela o corrigiu.

Ele pareceu confuso.

— Você acha que isso pode mudar?

— Sim. Pode. — Ela acreditava mesmo nisso? — Eu mudei daquele padrão estranho para o humano.

— É verdade. — Ele observou o padrão dela. — Mas este é de fato um padrão sobrenatural. — A atenção de Lucas se voltou para algo atrás dele e ele soltou um grunhido baixo. Derek contornava a cabana do escritório.

O olhar do *fae* encontrou o de Kylie. Não havia nele nenhum pedido de desculpa por interrompê-los. Até sua postura parecia indicar que ele se achava no direito de estar ali.

— Preciso falar com você, Kylie. É importante.

— Sobre o quê? — perguntou Lucas.

Derek nem sequer olhou para o lobisomem. O olhar do *fae* não deixou o de Kylie, mesmo enquanto respondia à pergunta, diretamente para ela.

— É sobre o fantasma.

— Desde quando você é um especialista em fantasmas? — perguntou Lucas.

Derek olhou para Lucas pela primeira vez.

— Desde que eu descobri que Kylie precisava de alguém que a ajudasse com eles. — As implicações do que ele dissera ficaram suspensas no ar. Ou seja, ele apoiara Kylie quando Lucas se recusara a fazer o mesmo.

Lucas entendeu muito bem. Seus olhos se estreitaram e adquiriram um tom alaranjado.

Antes que começassem uma briga, Kylie colocou a mão nas costas do lobisomem.

— Vá ajudar Clara.

Ele não pareceu nada satisfeito, mas sua expressão lhe dizia que não pretendia começar uma discussão.

O seu gesto seguinte surpreendeu-a, no entanto. Ele se curvou e pousou os lábios afetuosamente nos dela, num beijo que era mais para deixar bem claro para Derek que ela era a namorada dele, do que por prazer propriamente. Porém, ela não podia culpá-lo.

Já houvera uma ocasião ou duas em que Kylie teria adorado beijá-lo assim na frente de Fredericka.

— O que foi? — ela perguntou a Derek tão logo Lucas desapareceu e não podia mais ouvi-los.

Derek olhou para a direção em que Lucas seguira e depois para Kylie.

— Você está decepcionada. Por quê? — ele perguntou, lendo as emoções dela com precisão.

— Por nada. — Ela não queria falar com Derek sobre isso.

— É com Lucas? — ele perguntou.

— Esquece — ela insistiu. — Eu estou com Lucas agora.

*Mas por quanto tempo?*, ela se perguntou mentalmente.

Ele comprimiu os lábios.

— Eu sei. Estraguei tudo e só percebi que te amava depois que já era tarde demais.

Ela ergueu a cabeça.

— Não diga nada...

Ele estendeu o braço e entrelaçou os dedos nos dela. A pressão da sua palma contra a dela irradiou um calor suave, uma sensação de calma e afeto. Ela percebeu quanto estava tentada a simplesmente abraçá-lo, mas, ciente de que suas emoções estavam muito tumultuadas no momento, afastou a mão da dele. Ele era seu amigo. Só um amigo.

— Tudo bem. — Ele enfiou a mão no bolso. — Eu sei que foi culpa minha. E você não tem que me dizer que me ama também. — Seu olhar encontrou o dela. — Mas eu posso captar suas emoções, Kylie, e sei que você não quer admitir que também sente algo por mim.

— Pare — ela ordenou. — Eu gosto de você como um amigo.

— Não. — Ele continuou a fitá-la. — É mais do que isso. Mas não se preocupe. Eu sei que você gosta de Lucas também. E eu tenho que aceitar isso, porque fui eu que a joguei nos braços dele. E se você estiver feliz, tudo bem. Mas se não estiver...

— Por favor, pare. — Kylie queria simplesmente tampar os ouvidos e ficar cantarolando para não ouvir o que ele dizia. E se não fosse tão infantil, teria feito exatamente isso. Mas, em vez disso, ela o lembrou do assunto que o trouxera ali. — Você não disse que tinha informações sobre o fantasma?

Ele enfiou as duas mãos no bolso.

— É. Pelo menos são boas notícias, eu acho. Mas algumas delas não são tão boas assim.

— Conte. — Ela esperava que fossem melhores do que as que tivera até o momento. Kylie estava mesmo precisando de boas notícias.

— Eu não acho que o seu fantasma seja Holiday.

— Mas... como... por que você pensa assim?

— Eu fiz algumas pesquisas na internet. O básico. — Ele hesitou. — Descobri que Holiday tem uma irmã gêmea idêntica. O nome dela é Hannah.

*Eu acho que meu nome é Hannah ou Holly, ou algo parecido.* As palavras do espírito ecoaram na cabeça de Kylie.

— Uma irmã gêmea? Por que ela nunca disse nada?

Derek deu de ombros.

— É meio esquisito, não acha? Quer dizer, o natural era que dissesse alguma coisa sobre uma irmã gêmea.

— É verdade. — Kylie não podia negar que a magoava saber que Holiday não achava que

podia confiar nela, embora Kylie contasse tudo sobre a sua vida a Holiday.

— Você ainda acha que esse fantasma vem do futuro? — Derek perguntou.

Kylie pensou um pouco.

— Não. Ela está morta. — Assim como as outras pessoas na cova que apareceu na visão. E de repente, a mágoa por Holiday não confiar nela se desvaneceu e foi substituída por compaixão. Kylie não podia imaginar como seria perder uma irmã, ainda mais gêmea. Seria por isso que Holiday não a mencionara? A dor pela morte da irmã gêmea estaria impedindo Holiday de falar sobre ela?

Derek respirou fundo.

— Tudo bem, mas há outra coisa ainda mais estranha. Eu não encontrei nenhum registro sobre a morte dela. Nenhum. É por isso que eu disse que poderiam ser más notícias também.

— O que está dizendo? — Kylie perguntou.

Derek franziu a testa.

— Holiday pode não saber que a irmã está morta.

Um nó se formou na garganta de Kylie.

— Então eu tenho que dizer a ela.

— Se quiser, eu mesmo falo — Derek se ofereceu. — Ou poderíamos falar juntos.

Uma preocupação sincera encheu os olhos dele. Ela agradecia à sua oferta, mais do que poderia expressar em palavras, mas não poderia deixar aquele peso nas mãos dele. Por mais que ela detestasse ser a portadora de notícias tão ruins, Hannah tinha procurado Kylie e cabia a ela contar a Holiday.

Então Kylie se lembrou de outra coisa que Hannah tinha lhe dito. *Eu acho que eu vim até você para ajudar alguém*.

O que exatamente Hannah precisava que Kylie fizesse? Será que bastaria contar a Holiday sobre a morte dela ou ela precisava de mais do que isso?

Derek deslizou a mão pelo braço de Kylie.

— Você já fez uma lista de todos os restaurantes a que foi ultimamente?

— Restaurantes? — Kylie perguntou, sem saber direito do que ele estava falando. Sem saber direito por que um simples toque podia parecer tão errado.

— Você disse que uma das garotas da visão estava usando o uniforme de um restaurante que você tinha a impressão de conhecer.

— É, eu me lembro, mas, não, não tive tempo de fazer a lista. — Ela respirou fundo. — Vou fazer assim que voltar para a cabana. Posso mandá-la pra você mais tarde por e-mail.

— Mande também a descrição do uniforme e das garotas.

— Olá! — O som da voz de Holiday fez o nó na garganta de Kylie dobrar de tamanho. Ela se virou para a líder do acampamento e um fluxo de compaixão e dor inundou seu coração. Mesmo assim, Kylie não pôde deixar de se sentir aliviada por saber que a garota morta não era Holiday.

Os olhos verdes da amiga se suavizaram.

— Está acontecendo alguma coisa?

Kylie não sabia o que dizer a ela.

— Não — mentiu, mas por uma boa razão. A última coisa que Kylie queria era dar a notícia à amiga de um jeito abrupto. Então lhe ocorreu que talvez ela devesse falar com Hannah primeiro. Talvez precisasse saber exatamente o que Hannah precisava que ela fizesse, antes de dar o próximo passo.

Holiday assentiu, mas a descrença brilhou em seus olhos.

— Burnett foi chamado no escritório da UPF e insistiu que esperássemos até ele voltar para irmos à cachoeira. Eu espero que você possa me ajudar a arrumar o refeitório. Temos uma recepção de boas-vindas para os novos professores que chegam esta tarde.

— Claro! — disse Kylie, encontrando os olhos de Derek brevemente.

— Boa sorte! — ele murmurou, sem emitir nenhum som, e depois estendeu a mão e a tocou, enviando para ela uma corrente muito necessária de tranquilidade.

— Obrigada — ela sussurrou para Derek, antes de se virar e se juntar a Holiday. Elas deram alguns passos e Holiday olhou para Kylie com um olhar desconfiado.

— Problemas com garotos? — Holiday perguntou em voz baixa.

— É — confirmou Kylie, e não era mentira. Embora seu coração estivesse oprimido por Holiday, as palavras de Derek ecoavam em sua mente e a deixavam com um sentimento de incerteza. *Eu posso captar suas emoções, Kylie, e sei que você não quer admitir que também sente algo por mim.*

E a pior parte era que... ele estava certo.

# Capítulo Quinze

— Se você quiser conversar, estou aqui — disse Holiday, enquanto contornava a cabana do escritório.

— Eu sei. — Kylie olhou de passagem para a floresta, mas a sensação que a arrebatara mais cedo naquele dia, a sensação de ser chamada, não tinha retornado.

Holiday olhou para ela e fez uma cara de preocupação.

— Você está mesmo bem? Quero dizer, eu respeito a sua privacidade. Mas ultimamente você anda um pouco... fechada. E eu me preocupo. Porque... bem, você geralmente confia em mim. — Holiday pousou a mão no braço de Kylie. Calor e preocupação fluíram do seu toque.

*Geralmente, eu não tenho que lidar com um fantasma que é a sua cara e que eu acabei de descobrir que é a sua irmã, e eu não sei nem se você sabe que ela está morta.*

— Eu não tive a intenção de me fechar — disse Kylie. — Eu estou só... dividida entre Lucas e Derek, e meu avô trocou o número do telefone e a UPF está tentando fazer testes experimentais comigo e minha mãe está saindo com outro homem e eu me sinto um pouco sobrecarregada.

— E com razão — concordou Holiday.

A preocupação com os encontros da mãe levou Kylie a se lembrar do padrasto.

— Ah, eu quase me esqueci. Você já entrou em contato com o meu padrasto para saber o que ele queria?

— Já, ele ligou há algumas horas. Descobriu que a UPF estava dizendo que você precisava fazer alguns exames médicos e ficou preocupado.

— A UPF ligou para ele também? — Kylie perguntou, prestes a entrar em pânico diante da ideia de que não tinham desistido de fazer dela uma cobaia. Talvez lhe aplicar o mesmo teste que tinha matado a avó.

— Não, e eu perguntei porque isso me assustou também — Holiday respondeu, mostrando a Kylie quanto a amiga conseguia detectar com precisão as suas emoções. — Ele disse que

tinha falado com a sua mãe.

— Com a minha mãe? Sério? — Um sorriso inesperado se espalhou pelo rosto de Kylie. — Então eles estão se falando outra vez? Essa é a melhor notícia que eu recebi hoje. Talvez ela dê o fora naquele sujeito que quer levá-la para a Inglaterra e dê ao meu padrasto mais uma chance.

— Talvez... — disse Holiday, como se tivesse receio de dar a Kylie muitas esperanças.

Kylie se lembrou de que Holiday também tinha enfrentado o divórcio dos pais.

— Quanto tempo levou no seu caso?

— Quanto tempo levou para quê? — Holiday perguntou.

— Quanto tempo levou até que você parasse de torcer para que seus pais se reconciliassem? Quanto tempo levou até que você parasse de dizer a eles para não brigarem mais e voltarem a ser um casal como antes?

— Eu não saberia dizer. — Holiday suspirou e ofereceu a Kylie um sorriso solidário. — Ainda estou esperando. Acho que, quando você cresce vendo seus pais casados, simplesmente supõe que ficarão assim para sempre. Mas acho que já cheguei ao ponto de perceber que meus pais provavelmente estão vivendo melhor separados. Mas ainda costumo pensar nos tempos em que éramos uma família e... Eu gostaria que as coisas fossem diferentes agora. A triste verdade é que nós mudamos. Pais. Filhos. E, quando isso acontece, as pessoas se afastam e...

— Mas quem nós amamos não deveria mudar. — Ou será que deveria? A mente de Kylie passou do divórcio dos pais para Derek, e depois para a questão do fantasma. Então, de repente, Kylie percebeu que a conversa com Holiday podia ser o que ela precisava para perguntar sobre a irmã dela. — Você passou por tudo isso sozinha?

— Sozinha? — Holiday pareceu não entender a pergunta.

— Você não tem irmãos ou irmãs? — Kylie perguntou.

Holiday estava olhando para o outro lado, então Kylie não pôde ver sua expressão. No entanto, se um leve encolher de ombros fosse uma indicação, Kylie achava que tinha tocado num ponto sensível da amiga. Por quê? Será que Holiday estaria disposta a falar sobre o assunto? Será que Hannah e Holiday tinham se afastado uma da outra?

Passado um segundo, Kylie hesitou, sem saber o que dizer. Ela deveria tentar obter uma resposta ou simplesmente deixar a oportunidade passar? Afinal de contas, não se tratava apenas de querer que Holiday confiasse nela, mas sim de ajudar Hannah a fazer sua transição. Depois de resolver toda aquela questão do fantasma, talvez ela pudesse se concentrar mais na solução dos seus próprios problemas.

— Infelizmente — disse Holiday, pondo um ponto final ao desconfortável silêncio —, irmãos nem sempre ajudam em situações como essa. — Ela estendeu a mão para pegar seu celular. — Acabei de lembrar que preciso fazer outra ligação. Pode me encontrar no refeitório? Pedi a Miranda e Della para me ajudarem também. Della está assumindo o posto

de sombra. Eu tenho que pendurar algumas faixas e encher uns balões. Elas estão nos fundos do refeitório e eu queria armar algumas mesas para colocar os salgados. Devo estar lá em alguns minutos. E espero que, assim que Burnett voltar, possamos dar uma passada rápida na cachoeira antes da cerimônia.

— Claro! — respondeu Kylie, desapontada. Ela percebeu que Holiday estava fugindo para não precisar responder mais perguntas.

Holiday arqueou uma sobrancelha, obviamente percebendo o descontentamento de Kylie, e balançou a cabeça.

— Eu ainda queria muito que você falasse comigo.

*E eu queria muito que "você" falasse comigo*.

— Eu estou bem — Kylie declarou enquanto Holiday ia para o escritório e, quando se voltou, Della já estava ao lado dela.

— A seu dispor, Senhorita Bruxa. — Della deu uma risadinha e olhou para a testa de Kylie. — No entanto, não posso negar que estou desapontada. Quero dizer... você gostou do sabor de sangue, então pensei que pelo menos fosse meio-vampira.

Kylie revirou os olhos e apontou para a própria testa.

— Eu vivo dizendo a vocês, não acho que isso seja definitivo.

— Parece definitivo pra mim.

Kylie olhou novamente para a floresta e desejou que ainda sentisse que seu avô estava lá. Desejou poder encontrá-lo cara a cara e finalmente conseguir as respostas que tanto procurava. Mas ela não sentiu nada. Não sentiu que alguma coisa lá fora a chamasse para se juntar a ela.

Ela se voltou para Della.

— E como eu estava na semana passada? Com um padrão humano, certo? E por quanto tempo? Algumas semanas?

Della fez uma careta.

— Tudo bem, entendo o que quer dizer. Mas esse é o primeiro padrão sobrenatural verdadeiro que eu vejo em você.

— Sim, e estou apostando que não será o último. Deixe-me dizer, eu acho que eu tenho padrões de um cérebro com transtorno de déficit de atenção. Eles nunca são os mesmos. Os padrões surgem e desaparecem.

— Droga! — exclamou Della. — Miranda está certa. Você realmente não quer ser uma bruxa, não é?

Kylie deixou escapar um suspiro de frustração.

— Não é nada disso. Só estou dizendo...

— ... que você é um camaleão. — Della fez uma cara de quem compreendia. E essa era uma cara que não se via a toda hora. — Olhe, sem querer ofender, acredito mais que você seja uma bruxa do que um camaleão. E, se me permite acrescentar uma coisinha, se você continuar

dizendo que não é uma bruxa, vai acabar ferindo os sentimentos de Miranda. Ela já está chateada. E você sabe como ela é quando fica assim.

Kylie fechou os olhos e respirou fundo.

— Eu não tinha intenção de ferir os sentimentos dela. Se eu não tivesse recebido a mensagem de meu pai dizendo que sou um camaleão, estaria eufórica com a ideia de ser uma bruxa. — Se a frustração não comandasse as emoções de Kylie no momento, a surpresa com certeza comandaria. Quando Kylie e Della tinham trocado de papéis? Normalmente, era Kylie quem chamaria a atenção de Della por ofender Miranda. — Olha só — continuou Kylie, tentando se explicar —, bruxa ou *fae* são as minhas primeiras opções no que diz respeito a espécies, mas...

— Você não queria ser vampira? — Della parecia ofendida.

Ah, droga, agora tinha ofendido Della. Nada estava dando certo naquele dia.

— Pelo amor de Deus! — rogou Kylie, cuja frustração não estava apenas no controle das suas emoções, como também causando um motim entre elas. — Eu não disse isso, só...

— Ter o corpo frio é o que incomoda você, não é? — Della perguntou, parecendo ainda mais magoada, mas não furiosa. E Kylie achou que podia ser grata por isso. Pois encarar Della quando ela estava magoada era difícil, mas encará-la quando ela estava magoada *e* furiosa era impossível.

— Não, não é ter o corpo frio, é...

— Não pode ser o sangue, porque você gostou do sabor.

— Eu gosto do sabor do sangue, mas não necessariamente da ideia de ter que bebê-lo, ou de achar que batata frita tem gosto de sola de sapato, porque é exatamente assim que você as descreve. Mas, se eu for vampira, ficarei feliz. — Ao ver que a expressão de Della não mudou, Kylie acrescentou: — Sinceramente, seria muito legal voar baixo como vocês, vampiros, fazem.

— É muito legal — Della disse, com a expressão se suavizando.

— De qualquer maneira — Kylie continuou —, vou ficar feliz com o que quer que eu seja. Eu não me importo mais. Mas, no momento, acredito no que o meu pai me disse e ele disse que eu sou um camaleão. Isso não faz sentido para ninguém?

— Não — disse Della, sem rodeios. — Desculpe, mas toda essa coisa de "Eu sou um camaleão" parece uma piração. Talvez seja melhor você se apegar ao fato de que vai acabar sendo como uma de nós. Uma sobrenatural normal.

A cabeça de Kylie estava dando voltas. Primeiro, "normal" e "sobrenatural" não cabiam na mesma sentença, mas...

— Quando eu já fui normal? — ela perguntou. — Quando qualquer coisa ligada a mim, aos meus poderes e dons e aos meus padrões eternamente em mutação pareceram normais?

Della abriu a boca, para discutir, disso não havia dúvida, e depois a fechou. A pausa durou um segundo inteiro. O que para Della era muito tempo.

— Tudo bem, o que você disse faz muito sentido, mas...

— Nada de "mas" — interrompeu Kylie. — Ou eu sou uma aberração ou talvez, apenas talvez, eu seja outro tipo de sobrenatural. Algo de que poucas pessoas já ouviram falar.

Della pressionou os lábios, como se estivesse pensando.

— E isso seria muito legal, não acha? Ser algo muito raro. Claro, você já é super-rara porque é uma protetora. Ei, talvez seja por isso que o seu padrão era tão maluco no começo, porque você é uma protetora. E você é a primeira protetora meio-humana que já existiu. O que, como eu disse, é legal.

— Não, eu não sou a primeira. Meu pai era um protetor. — Kylie fez uma pausa. — E não é tão legal quanto você pensa. — Depois de um segundo, Kylie acrescentou: — Holiday sugeriu que o fato de ser uma protetora poderia fazer com que o meu padrão se alterasse, mas...

— ... mas você quer ser um camaleão — completou Della.

Kylie só revirou os olhos e deu uma outra olhada na floresta. Ela não sentiu nada, mas talvez se ficasse de pé entre as árvores e se cercasse de folhagem, conseguisse sentir. Seu avô e sua tia poderiam estar esperando por ela. Suas respostas poderiam estar lá, esperando por ela.

— Podemos fazer uma caminhada aqui por perto?

— Eu pensei que íamos ajudar Miranda e Holiday a arrumar o refeitório.

— Só aqui por perto.

— Para onde? — perguntou Della.

Kylie se aproximou do bosque.

— Ah, nada disso! — Burnett foi muito, muito, *muito* claro a respeito disso. Você não deve entrar na floresta. Ele arrancaria a minha cabeça e serviria numa bandeja. Depois chutaria o meu traseiro.

Kylie olhou ao redor para ver se alguém poderia ouvi-las. Se suas vozes estavam ao alcance de alguém com superaudição. Ela não viu uma alma.

Mesmo assim, baixou a cabeça até a orelha de Della e sussurrou:

— Eu sei quem está na floresta e preciso falar com eles.

— O quê...? Quem está na floresta?

O barulho de uma porta se fechando ecoou no ar quente.

— Vocês duas vão deixar Miranda fazer todo o trabalho sozinha? — A voz de Holiday veio de trás delas.

Kylie se virou e viu Holiday descendo os degraus do escritório.

— Façam o favor de ir para lá agora.

Della se curvou na direção de Kylie.

— Você não vai me deixar curiosa!

— Mais tarde — disse Kylie quando viu Holiday se aproximando.

— Mais tarde o quê? — perguntou Holiday.

A culpa encheu o peito de Kylie, mas ela se forçou a mentir.

— Mais tarde eu conto a ela sobre os meus problemas amorosos. — Ela se forçou a sorrir.

— É, problemas amorosos — completou Della, como se confirmasse a mentira de Kylie. — Dois caras brigando pelo coração dela. — Della olhou de relance para Kylie, e a mensagem nos olhos da amiga indicava que ela pressionaria Kylie a terminar a conversa sobre a floresta o mais rápido possível. — Ora, e que problemão! — exclamou Della dramaticamente. Mas por trás do comentário, Kylie ouviu outra coisa. Um pouquinho de inveja.

Holiday deu risada. Pela expressão dela, também percebera as emoções de Della. E isso fez com que Kylie ficasse preocupada. Até que ponto Holiday também não sabia dos problemas amorosos de Kylie? E até quando Kylie conseguiria esconder as coisas dela? Só por tempo suficiente para saber qual a melhor maneira de abordá-las, jurou Kylie.

Holiday deu de ombros.

— Pelo que eu ouvi, ela não é a única que tem problemas com garotos.

— É verdade — disse Della com malícia. — Você e Burnett também estão poluindo o ar com feromônios. — A vampira falou abanando a mão em frente ao nariz.

Holiday franziu a testa.

— Eu não estava falando de mim — disse, olhando diretamente para Della.

— Estava falando de mim? — Della perguntou, perplexa. — Eu não tenho namorado, então como posso ter problemas amorosos?

— Você poderia ter um, se quisesse — Kylie murmurou, fazendo com que Della lhe desse uma cotovelada nas costelas.

Holiday soltou uma risadinha.

— Correm boatos de que você causou um certo desentendimento no lago.

— Que desentendimento? — perguntou Della.

— Entre Steve e Chris — disse Holiday, arqueando as sobrancelhas.

Holiday sempre sabia o que uma pessoa precisava ouvir.

Exceto no caso de Kylie. Kylie precisava saber sobre a irmã de Holiday, mas fazer com que ela falasse a respeito, sem contar que a irmã estava morta, parecia impossível. Mas se Kylie não soubesse da própria Hannah o que tinha acontecido ou Holiday continuasse se negando a falar, então ela não teria outra opção a não ser contar.

— Não. — Della sacudiu a cabeça, balançando o cabelo preto na altura dos ombros. — Não foi por minha causa. Você ouviu errado.

Holiday deu um meio sorriso e encolheu os ombros.

— Se você está dizendo... — Ela fez uma pausa e sorriu como se soubesse de algo que ninguém mais sabia. — Vamos lá. Vamos aprontar o refeitório para a recepção. — Ela pôs um braço sobre os ombros das duas campistas e começou a andar em direção ao refeitório.

Só tinham dado três passos quando Della parou de repente.

— Sério?! — perguntou a Holiday. — Era por minha causa? Chris e Steve estavam brigando por minha causa?

— Eu disse que Steve gosta de você. — Kylie quase riu ao ver o choque de Della.

Mas Della não estava mais ouvindo Kylie.

— Você não está de gozação comigo? — ela continuou, concentrada em Holiday, a cabeça se inclinando ligeiramente como se para detectar se ela estava mentindo.

— Eu juro — disse Holiday sorrindo. — Meu coração não mente.

— Eles estavam brigando...?

— Eu disse "desentendimento" — corrigiu Holiday.

— Eles estavam se desentendendo por minha causa? — Ela deu risada e depois parou como se estivesse absorvendo a informação. — Não. Não era por minha causa. Deve haver algum engano. — Mas os olhos de Della se iluminaram com uma centelha de autoconfiança.

Kylie sorriu. Mesmo sob o peso de todos os problemas que a oprimiam, ver Della radiante por causa dos garotos era bom... e justo. Kylie tinha percebido que Della se sentia inferior por Kylie e Miranda estarem namorando, mas não sabia quanto da sua autoconfiança ela tinha perdido. E, depois de ficar de coração partido por causa de Lee, Della merecia se sentir orgulhosa por ser o motivo do desentendimento entre dois garotos.

Mas nem todo desentendimento era uma coisa boa. Aquele entre Lucas e Derek com certeza não tinha nada de positivo. Mas por ora Kylie só queria pensar em Della.

Cinco minutos depois, Kylie percebeu que Della estava certa. Miranda estava chateada. A bruxinha mal falou com ela enquanto arrumavam o refeitório. Claro, Miranda deu um gritinho de alegria quando Della contou sobre a "tensão" entre Chris e Steve. Sentindo-se meio deslocada, Kylie finalmente se aproximou de Miranda e se desculpou... Bem, ela não sabia pelo que estava se desculpando, mas disse as palavras mágicas, "sinto muito", e perguntou se Miranda treinaria alguns feitiços com ela mais tarde.

Os olhos de Miranda se iluminaram.

— Eu adoraria. É só você dizer que feitiço quer treinar. E pode confiar em mim, porque posso te ajudar.

O olhar de contentamento da amiga revelou a Kylie que Miranda estava mais chateada com a sua recusa inicial em aceitar a ajuda dela e com seu orgulho ferido do que com o fato de Kylie não acreditar que era uma bruxa.

Enquanto arrumava as mesas na frente do refeitório, o celular de Kylie começou a bipar, avisando sobre a chegada de uma nova mensagem. Era de Lucas.

*Ainda com Clara. Saudade. Vou estar ocupado apresentando Clara para a alcateia mais tarde. Não vou à recepção. Vejo você mais tarde, antes de você dormir. Obrigado por entender.*

Kylie ficou olhando para o telefone e percebeu que veria Lucas bem menos, agora que Clara estava no acampamento. Kylie respirou fundo e tentou convencer a si mesma que entendia. Era evidente que ele precisaria de um tempo com a irmã. Mas entre a alcateia e agora Clara, Kylie não sabia direito onde se encaixava.

Ou *se* ela de fato se encaixava.

Quinze minutos depois, Kylie notou os olhares de Della. Kylie sabia que a vampira não via a hora de ficar sozinha com ela para que pudessem terminar a conversa sobre o que havia na floresta. Mas, francamente, Kylie agora não tinha mais certeza se deveria se abrir. Se contasse a Della, teria que contar a Miranda também. Não que Kylie não confiasse nas duas... Ela simplesmente não queria colocar ninguém em maus lençóis. Então, mais uma vez, considerando que nunca ia a lugar nenhum sem uma sombra, ela teria que confiar em alguém. E não havia ninguém em Shadow Falls em quem ela confiasse mais do que nas duas colegas de alojamento.

Elas estavam quase acabando de arrumar o refeitório quando o celular de Holiday tocou. A *fae* parou e se afastou um pouco para atender ao chamado.

Della veio correndo tão rápido que trombou com Miranda e quase a jogou no chão.

— Fale e rápido — Della sussurrou para Kylie.

— Falar o quê? — Miranda massageou o ombro e fez uma cara feia para Della.

— Shh! — Della levantou um dedo para calar Miranda, depois olhou para Kylie insistentemente. — Fale!

— Não me mande calar a boca! — exclamou Miranda.

Kylie soltou o ar dos pulmões e estendeu a mão para tocar o braço de Miranda, esperando acalmá-la, depois respondeu à pergunta de Della.

— São meu avô e minha tia. *Eles* eram a neblina.

— Eles eram... a neblina? — Miranda perguntou, esquecendo a briga com Della.

Quando Kylie assentiu, Miranda continuou.

— Então isso prova que você é uma bruxa, porque eles precisam ter poderes de bruxos para fazer isso.

— Espere aí. Por que eles fariam isso? — perguntou Della.

Kylie franziu a testa e olhou para Holiday, que estava parada do outro lado do refeitório. Kylie notou que a líder do acampamento não parava de olhar para Kylie e então suspeitou que o telefonema fosse sobre ela.

Mais uma vez.

Que ótimo! O que seria dessa vez?

— Terra chamando Kylie! — provocou Miranda.

Kylie voltou a olhar para as duas colegas de alojamento.

— Não sei se isso prova alguma coisa.

— Mas por que eles perseguiriam a irmã de Lucas? — perguntou Della.

— Não sei. — Então, de repente, Kylie percebeu. — Para que eu entrasse no bosque. Eles ficaram me chamando durante alguns dias, mas eu pensei... Pensei que poderia ser Mario e seus amigos e não fui. Mas aposto que o meu avô sabia que, se eu achasse que alguém estava em perigo, eu iria...

— Será que eles sabem que você é uma protetora? — Miranda perguntou.

— Eu não sei. — A mente de Kylie estava acelerada. — Eu sei que Burnett conversou com eles, mas não sei o que falaram.

— Eu não estou muito convencida — disse Della. — Talvez seja Mario fingindo que é seu avô e sua tia. Talvez seja só um truque para pôr as mãos em você.

— Não acho — afirmou Kylie. — E no momento eu tenho que seguir meus instintos. Tanta coisa está acontecendo na minha vida que seria muito bom se eu conseguisse algumas respostas sobre alguma coisa.

— O que está acontecendo na sua vida? — A preocupação de Della deixou sua expressão mais séria.

Kylie hesitou.

— Problemas com fantasmas.

— O que significa que não vamos poder ajudá-la em nada — concluiu Della.

Exatamente o que Kylie havia pensado. Quando se tratava de fantasmas, ela só podia contar com Holiday e com ela mesma. Ela se lembrou, então, de Derek, que estava sempre disposto a ajudá-la, mesmo que provavelmente se sentisse da mesma forma que outros sobrenaturais quando o assunto eram espíritos.

Della começou a falar novamente.

— Mas eu pensei que o seu avô viesse vê-la amanhã. Por que eles estão se transformando em neblina e se esgueirando até aqui para vê-la em segredo, se podem simplesmente aparecer amanhã? E como você sabe que a neblina eram eles?

— Eles ficaram de vir — explicou Kylie —, mas ele não atende ao telefone e não entrou mais em contato com Burnett. E justo quando eu estava indo embora, a neblina tomou a forma humana e... — Kylie não sabia bem como explicar — ... reconheci meu avô e minha tia. Tenho certeza disso.

A expressão de Della endureceu.

— Mas, e se você estiver enganada, e se entrarmos na floresta e alguma merda acontecer?

— Entrarmos na floresta? — espantou-se Miranda. — Ah, droga, não! Burnett disse que ela não pode entrar na floresta. Que não podemos deixar que ela chegue perto do bosque.

— Eu sei — Kylie concordou. — Mas, se eu quiser saber quem sou, vou ter que falar com meu avô e não acho que ele vá entrar no acampamento, não agora com a UPF se metendo em Shadow Falls. E depois do que a UPF fez com a minha avó, eu não posso culpá-lo por não confiar neles. Nem Holiday confia!

Miranda mordeu o lábio inferior.

— Mas se você estiver errada...

— Eu não estou. — E, de repente, Kylie percebeu que ela não poderia colocar suas duas amigas em perigo. A culpa que ela ainda sentia por causa de Ellie oprimia seu peito. — Mas, só por cautela, vou sozinha.

— De jeito nenhum! — Della exclamou.

— Tudo o que eu quero é fazer uma pequena caminhada pela floresta. Vocês podem ficar na margem. Se eu não sentir nada, volto na hora.

— E se você sentir alguma coisa? — Miranda perguntou.

— Então eu vou saber que são eles e vou até onde estiverem.

— Ah, Kylie, não! Você não vai sozinha — declarou Della. — Você é uma protetora. Caso tenha se esquecido, isso significa que você não pode proteger a si mesma.

— Della está certa — disse Miranda. — Se você for, nós vamos junto.

— Eu acho que nenhuma de nós deveria ir! — discordou Della.

Holiday começou a andar na direção delas e, sabendo que a *fae* era capaz de ler emoções, Kylie olhou para as duas amigas.

— Pensem em coisas boas. Rápido. Antes que Holiday perceba... — Ela deixou as palavras morrerem na boca quando Holiday chegou mais perto.

— O que está rolando aqui? — perguntou Holiday.

— Nada — as três responderam ao mesmo tempo.

Kylie sorriu e tentou pensar em Lucas para conseguir fazer brotar dentro dela uma emoção positiva, mas o que surgiu na sua mente foi a imagem de Derek e da sua lealdade com relação à questão dos fantasmas. E, em vez de ficar feliz, mais angústia acumulou-se em seu peito.

Holiday arqueou uma sobrancelha em descrença, mas não pediu explicações, apenas disse:

— Era Burnett. Ele não vai poder voltar antes da hora do início do evento, e insistiu para que adiemos a ida até a cachoeira para amanhã. Tudo bem pra você?

— Por mim tudo bem — concordou Kylie.

E ela estava falando a verdade. Talvez agora ela pudesse fazer aquela caminhada pela floresta e obter algumas respostas, se eles ainda estivessem lá. Ela só precisava descobrir como fazer isso sem que Della ou Miranda surtassem.

# Capítulo Dezesseis

Kylie foi até a margem da floresta, ignorando Della e Miranda enquanto as duas discutiam sobre quem iria acompanhá-la na caminhada e quem esperaria ali. Mal sabiam elas que nenhuma das duas iria com Kylie.

Ela não poderia pôr as amigas em perigo. Mesmo que não houvesse nenhum perigo, se Burnett descobrisse, mataria as amigas. E Burnett furioso era perigo suficiente. De algum modo, Kylie iria descobrir como se esgueirar para longe das duas e entrar na floresta sozinha.

Além disso, ela nem tinha certeza de que o avô e a tia ainda estavam esperando por ela. Talvez a caminhada pela floresta a levasse a descobrir, mas por ora não sabia. Mesmo assim, fechou os olhos e tentou ouvir com o coração. Ao ver que nem o mais leve anseio para entrar na floresta se agitava dentro dela, Kylie falou mentalmente:

*Vocês ainda estão aí? Eu estou aqui.*

As palavras soaram ao mesmo tempo que ela começou a sentir frio. Sem reconhecer a voz, ela abriu os olhos. Parada em frente a ela estava uma mulher loira, com vinte e poucos anos, usando o uniforme de um restaurante e um crachá onde se lia o nome CARA M. O coração de Kylie começou a bater mais rápido quando ela percebeu que se tratava de uma das garotas da visão em que vira a irmã de Holiday enterrada.

Ao deixar escapar um suspiro, Kylie viu que sua respiração se condensou num vapor frio.

— Droga! — exclamou Della.

— Por que droga? — perguntou Miranda.

— Kylie tem companhia — explicou Della. — Essa merda de névoa branca sempre sai dos lábios dela quando ela está conversando com um morto.

— Oh! — Miranda deu um passo para trás e olhou para Kylie. — Nossa, a aura dela está ficando muito estranha. Isso é uma piração e tanto. Estou feliz por não ser ela.

Tentando fazer com que Della e Miranda ficassem quietas, Kylie concentrou-se em Cara M. Lembrou-se de Derek lhe pedindo para descrever o uniforme, por isso observou os detalhes.

Deixou que uma imagem do uniforme se formasse em sua mente — o decote em V, o xadrez na bainha da saia —, de modo que pudesse descrevê-lo para ele mais tarde. Mas por que ela simplesmente não perguntava?

— Onde você trabalhava? — Kylie perguntou.

— Trabalhei na loja de vudu da minha tia — Miranda respondeu. — Coisas muito estranhas aconteciam lá.

— Ela não está falando com você! — avisou Della, irritada.

— Desculpe — Miranda sussurrou. — Isso é tão apavorante!

— Você sabe o nome da lanchonete? — Kylie perguntou, sem tirar os olhos do espírito.

— *Eu... não sei* — Cara M. respondeu. — *Mas será que você pode nos tirar de lá?*

Kylie franziu a testa.

— Eu gostaria, mas preciso saber onde vocês estão.

— *Mas você sabe. A outra garota levou você lá. Não se lembra?*

Como ela poderia esquecer?

— Eu vi vocês enterradas embaixo de um lugar com assoalho de madeira, mas não sei onde é. Em que cidade você está? Sabe o endereço? É perto daqui?

— *Sim, é perto. Não leva muito tempo para chegar lá.*

Kylie pensou no que a garota disse e perguntou:

— Mas como você chegou aqui? Quero dizer, você veio andando... ou veio espiritualmente? — Kylie nunca tinha pensado no modo como os espíritos se locomoviam e percebeu quão pouco sabia sobre essa coisa de se comunicar com fantasmas.

— *Eu não sei* — respondeu o espírito. — *Mas posso levar você lá, se quiser.*

— Não — Kylie deixou escapar. — A ideia de se ver presa numa cova novamente era demais para ela. Respirou fundo e se lembrou de falar mentalmente.

— Você pode avisar Hannah que eu preciso falar com ela?

— *Quem é Hannah?*

— Uma das garotas que está com você. A de cabelo ruivo. — Kylie pôde sentir Della e Miranda se entreolhando e virou de costas de propósito para não se deixar distrair pelas amigas.

— *Então o nome dela é Hannah? Como você sabe? Ela não está usando crachá.* — O espírito olhou para baixo, como se apontasse para o crachá preso ao seu uniforme. — *Você sabe o meu nome? Eles me chamam de Cara M., mas eu não me lembro de ter esse nome. Minha vida é como um livro de figuras apagadas que eu vi uma vez. Eu posso me lembrar de fragmentos de algumas imagens dessas páginas, mas elas viram rápido demais para que eu consiga reconhecer alguma coisa.*

— Isso não é incomum depois da morte — assegurou Kylie ao espírito, lembrando-se de Holiday dizendo que, quanto mais dramática a morte, menos o espírito se lembrava. Ao se lembrar do que essas garotas tinham passado, Kylie sentiu uma pontada de dor. Seu coração

se apertou com a necessidade de ajudá-las. Fazer o que fosse preciso para ajudar todas a completarem sua passagem.

— *Será que um dia vou voltar a me lembrar?* — perguntou Cara M.

A pergunta do espírito veio carregada de tanta tristeza que a emoção provocou um nó na garganta de Kylie.

— Eu não sou uma especialista no assunto, mas, com base no que já vi, posso dizer que os espíritos costumam recuperar a memória. Os espíritos geralmente ficam na Terra por uma razão e, depois que essa questão é resolvida, eles fazem sua transição.

Cara pareceu refletir sobre as palavras de Kylie e depois assentiu.

— *Acho que estou aqui porque quero ir para o meu próprio túmulo. Nunca gostei de ter colegas de quarto. Aquela cova é muito apertada.*

Infelizmente, Kylie conseguia se lembrar de quanto era apertada. Ela estremeceu, sentindo os ombros pressionados pelos corpos das duas garotas, uma de cada lado. Afastando o pensamento, Kylie concentrou-se na conversa e não no horror do que tinha acontecido.

— Eu estou tentando tirar vocês de lá. — Mas Kylie tinha o pressentimento de que, embora Cara M. só precisasse sair da cova coletiva, Hannah queria muito mais. Felizmente, quando resolvesse o problema de Hannah, Kylie ajudaria todas as três.

Cara M. ficou parada ali, como se estivesse perdida em pensamentos.

— *É bonito o lugar para onde vou?*

Kylie lutou para descobrir o que dizer, então decidiu pela verdade.

— Eu nunca o vi, mas acho que sim.

O espírito olhou em volta, depois flutuou lentamente alguns metros. Ficou pairando no ar, causando uma grande espiral de fumaça, dando a Kylie a impressão de que estava num filme de terror. Depois de alguns segundos, ela voltou a olhar para Kylie com olhos que pareciam perdidos, magoados.

— *Aqui é bonito também.* — Depois ela voltou a colocar os pés no chão. — *Acho que eu reconheço este lugar. É perto de onde estão os ossos do dinossauro?*

Um fio de esperança brotou no peito apertado de Kylie.

— Então você conhece esse lugar? Já morou perto daqui?

— *Acho... acho que sim. Eu vejo uma imagem de pessoas nadando num lago. Havia muitas risadas. Devia ser divertido.*

— É, há um lago. Consegue ver mais alguma coisa? Onde você trabalhava? Em que cidade?

O espírito franziu o cenho.

— *Não me lembro.* — Sombras escuras começaram a surgir embaixo dos olhos dela. Sombras que a fizeram parecer mais triste e, de alguma forma, mais morta.

— *Por favor, tire a gente de lá.* — Depois de dizer isso, ela começou a desaparecer.

— Espere. Pode dizer a Hannah que preciso vê-la?

— *Posso, mas não sei se ela vai vir. Está chateada.*

— Por quê? — Será que a memória de Hannah estava voltando também? O frio começou a diminuir.

O fantasma desvaneceu-se completamente e o calor do Texas substituiu o ar frio, deixando Kylie com mais dúvidas ainda.

— O fantasma se foi? — perguntou Miranda.

— Sim — suspirou Kylie.

— Vamos entrar? — voltou a perguntar Miranda.

— Entrar onde? — Kylie perguntou, confusa.

— Na floresta, onde mais?

— Ah, não.

— Graças a Deus! — murmurou Della. Então todas as três foram para a cabana. Kylie olhou para trás mais uma vez e se perguntou se um dia iria obter todas as respostas de que precisava. Num certo sentido, sua vida era muito mais misteriosa do que um fantasma.

Elas tinham uma hora até o horário de voltar para o refeitório e participar da recepção de boas-vindas. Enquanto ainda estavam a caminho da cabana, Della e Miranda conversavam sobre o que vestiriam para a ocasião. Não havia dúvida de que Della queria caprichar no visual para impressionar Chris e Steve. Miranda queria causar a mesma impressão em Perry.

Kylie tentou entrar no mesmo estado de espírito das duas, mas seu entusiasmo não era o mesmo. Lucas não estaria lá, então a quem ela tentaria impressionar? A visão de Derek pipocou na sua cabeça e ela afugentou-a, sentindo-se culpada só de pensar naquilo.

A tentativa de não pensar em Derek lembrou-a de que ela tinha prometido lhe mandar um e-mail com a descrição do uniforme da garçonete. Quando Kylie se sentou ao computador, sua mente começou a recapitular os detalhes do uniforme que tinha procurado registrar enquanto conversava com Cara M.

Kylie abriu seu correio eletrônico e viu que tinha várias mensagens esperando por ela: algumas de sua mãe, algumas do seu pai, uma de Sara; alguns spams e outras mensagens de remetentes que ela não reconheceu.

Ignorando-as, começou clicando no botão para iniciar uma nova mensagem. Digitou o nome de Derek e então começou a fazer uma descrição do uniforme da garçonete. Ela tentou se lembrar de tudo que tinha descoberto sobre Cara M. e percebeu quanto queria poder conversar sobre o assunto com alguém. Então, ela se deu conta de que havia alguém: a pessoa para quem estava enviando o e-mail: Derek.

As risadas de Miranda e Della ecoavam do quarto da vampira. Por que ouvir a risada das amigas a fazia se sentir mais solitária?

A resposta borbulhou na sua cabeça. Porque elas estão empolgadas com a ideia de romance, de se arrumarem para impressionar os garotos. No momento, a ideia de romance deixou Kylie meio entorpecida. Ela sentiu que Lucas estava parecendo cada vez mais distante e, por algum

motivo, Derek parecia mais próximo. E isso não estava certo.

Mas ela ainda se sentia solitária.

Lembrando-se do e-mail de sua mãe, Kylie pegou o celular e discou o número dela. O telefone tocou quatro vezes antes de a mãe atender.

— Oi, mãe — disse Kylie.

— Oi, querida, — O som da voz da mãe fez com que Kylie sentisse mais saudade de casa. — Está tudo bem?

— Está. Por que você sempre acha que tem algo errado comigo quando telefono?

— Eu não acho. Só às vezes. E esta é uma dessas vezes. Eu devo ser médium. Pare de fingir e me conte o que está acontecendo.

*Cruzes! Talvez a mãe fosse sobrenatural.*

— Nada! — disse Kylie. — Acabei de receber o seu e-mail e pensei em ligar pra você. Você está sempre dizendo que eu telefono pouco.

— É verdade. — A mãe fez uma pausa. — Quais as novidades, querida?

Desistindo de mentir, visto que isso não parecia estar funcionando, Kylie respondeu:

— Só estou passando por um dia ruim.

— Você sabe que, se mudar de ideia sobre ficar aí para o ano letivo e quiser voltar para casa, eu posso matriculá-la na escola daqui e...

— Eu não vou mudar de ideia, mãe. Eu adoro Shadow Falls. — *Eu pertenço a este lugar.* — Tenho o direito de ter um dia ruim, não tenho?

— Claro, assim como eu tenho direito de me preocupar quando você tem um dia ruim.

— Bem, não se preocupe demais. — Ela ouviu um súbito barulho do outro lado da linha.

— Onde você está? — perguntou Kylie.

— Jantando fora um pouco mais cedo.

— Sozinha? — Kylie perguntou, esperando que a mãe não estivesse com John Bajulador, que queria arrastá-la para a Inglaterra e tê-la nua em seus braços.

Tão logo esse pensamento lhe ocorreu, Kylie tentou afastá-lo.

— Hã, não. — A resposta da mãe veio carregada de culpa. — Não estou sozinha.

— Com John? — Kylie tentou esconder a decepção, mas achou que não tinha dado certo.

O silêncio se prolongou por alguns segundos.

— É uma pergunta simples, mãe. Não é preciso tanto tempo pra responder. — Kylie percebeu que ela tinha soado exatamente como sua mãe. Tinha certeza de que a mãe usava exatamente as mesmas palavras para falar com ela de vez em quando.

— Hã... sim — a mãe respondeu.

Kylie fechou os olhos. Como se o seu cérebro estivesse no piloto automático, a pergunta escapou dos seus lábios.

— Você não anda dormindo com ele, né?

E antes que a última palavra saísse da sua boca, ela já tinha se arrependido. Se

arrependimento matasse... O rosto de Kylie ficou vermelho.

A mãe prendeu a respiração e começou a tossir.

— Hã...

Mais tosse.

— Alô, Kylie. — Uma voz masculina entrou na linha. — Acho que a sua mãe engasgou com o vinho.

Vinho? A mãe estava tomando vinho às três da tarde? Será que ele estava planejando embebedá-la para levá-la para a cama?

— Kylie? Você está aí?

— Sim. — Kylie ouviu a mãe mandando John lhe devolver o telefone. Kylie imaginou-a entrando em pânico ao pensar que a filha podia perguntar a John se eles estava fazendo sexo. Não que ela tivesse a intenção de perguntar. O fato de ter perguntado exatamente isso à mãe tinha entrado na sua lista de "momentos mais embaraçosos da sua vida".

— Kylie? — A mãe parecia ter arrancado o telefone da mão dele. — Nós... temos que conversar mais tarde. — A voz dela estava esganiçada como a de um personagem de desenho animado.

— Tá. Mais tarde. — Kylie desligou e ficou olhando para o telefone.

Tudo bem, mais uma lição aprendida. Se a mãe mal conseguia dizer a palavra "sexo", também não deveria ser capaz de ouvi-la. Será que isso significava que ela não conseguia fazer sexo também? Cruzes, Kylie esperava que sim. Lição número dois. Falar sobre sexo com a mãe lhe dava náuseas. Será que ela sofria do mesmo mal que sua mãe?

Largando o celular sobre o computador, Kylie tentou afastar da mente os pensamentos da mãe fazendo sexo e se concentrou no computador, tentando não ouvir as risadinhas das amigas enquanto conversavam — provavelmente sobre sexo também. Gemendo, ela baixou a cabeça sobre a mesa, sentindo o sangue pulsar em suas bochechas e esperando que o toque frio da madeira aliviasse o calor.

Seu celular, sobre o computador, começou a bipar, anunciando uma mensagem de texto. Sentando-se ereta, ela pegou o aparelho e verificou a mensagem. Seu coração deu um salto ao ver que era de Derek.

*"Tudo ok? O que está acontecendo?"*

Kylie fechou os olhos. Será que agora ele sentia tudo o que ela sentia? Ela tombou a cabeça sobre a mesa novamente com tanta força que machucou a testa. Respirou fundo algumas vezes e começou a responder a mensagem.

"*Tudo bem. Estou passando um e-mail com a descrição do uniforme da garçonete. Você vai à recepção?"*

Ela segurou a respiração e esperou a resposta.

"*Sim. E vc*?"

Ah, meu Deus, será que ele tinha pensado que a pergunta era uma espécie de convite para

um encontro?

Será que *era* um convite para um encontro?

"*Sim. Até lá.*"

A culpa voltou a assombrá-la. Mas pelo menos isso a fizera se esquecer do constrangimento por perguntar à mãe se estava transando com John.

Kylie continuou olhando para o celular. Por que parecia tão errado mandar uma mensagem para Derek? Ela não deveria se sentir assim. Eles eram apenas... amigos. Fredericka ficava com Lucas cinco vezes mais do que ela mesma. Dez vezes mais do que Kylie ficava com Derek. E Fredericka e Lucas tinham sido namorados.

Tentando afastar o sentimento, ela terminou o e-mail e o enviou.

— Kylie? — Miranda chamou da porta do quarto de Della. — E você? Já usou?

Kylie olhou por sobre o ombro e se concentrou na voz alegre de Miranda. Francamente, ela precisava mesmo de alegria. Ultimamente, parecia não fazer nada além de remoer os próprios problemas.

— Já usei o quê? — perguntou sorrindo para Miranda.

— Enchimento num sutiã. Já fez isso?

Kylie mordeu o lábio e riu quando uma imagem lhe ocorreu.

— Sara me convenceu a fazer isso na sexta série, mas eu não tive coragem. Me escondi atrás de uma caçamba e arranquei tudo antes de chegar à escola. Ela ficou possessa quando me viu. Estava com peitos turbinados, e eu não.

Miranda deu risada e Kylie pôde ouvir Della, dentro do quarto, rindo também. Miranda olhou para os próprios seios.

— Confesso que também usei por um tempo antes que os meus crescessem. Mas Della jura que nunca usou, embora eu ache que ela esteja mentindo.

— Não estou! — Della contra-atacou, saindo do quarto. — A verdade é que eu poderia ter feito isso se não tivesse visto Tillie McCoy trombar com um armário quando usava um sutiã tamanho GG e depois sair andando por aí com os peitos achatados, sem perceber que tinha amassado o enchimento. — Della pôs a mão sobre os seios. — Sério, ela ficou com um peito redondo e o outro quadrado. O pior de tudo é que mesmo assim os caras não desgrudavam o olho dela. Eu acho que não ligam que a mulher tenha um peito achatado.

Kylie achou graça, mas o que ela sentiu foi constrangimento pela garota chamada Tillie, que ela não conhecia.

— Que horror!

— Foi mesmo — Della confirmou. — Acho que as vendas de enchimento caíram depois disso. Sério, no dia seguinte, todas as garotas do sétimo ano estavam usando sutiãs dois números menores e os garotos ficaram deprimidos durante um mês inteiro. Nesse dia eu decidi que ser do clube das despeitadas não era tão ruim assim.

Todas riram novamente.

— Sabiam que os garotos também usam enchimento? — Miranda declarou.

— O quê? — Kylie perguntou.

Della apontou para a virilha.

— Sério? — Kylie perguntou.

— Sério! — responderam Della e Miranda ao mesmo tempo.

— Eles usam meias — Della acrescentou.

— Meias? Pra quê? Não é como se as garotas ficassem... calculando o tamanho...

— Mas eles acham que ficamos — explicou Della. — Você sabe, os caras só pensam em sexo. As garotas só pensam em romance.

— Às vezes eu só penso em sexo — Miranda admitiu. — Bem, quer dizer, só penso. Isso faz de mim uma piranha?

Elas riram alto, Miranda inclusive. Então Kylie balançou a cabeça, ainda tentando não imaginar um garoto com meias dentro das calças.

— Todas nós pensamos nisso, mas... essa coisa de enchimento de meia é.... uma piada!

Della franziu a testa para Miranda e pressionou as mãos contra as têmporas, como se de repente sentisse uma enxaqueca.

— Droga! Por que você foi se lembrar dessa coisa das meias? Agora vou ficar tentada a checar as calças de todos os garotos para ver se estão usando enchimento!

— Tem razão — disse Miranda, rindo. — É como um acidente na estrada. Você não quer olhar, mas seus olhos são atraídos. — Ela bateu no queixo com as costas da mão e jogou a cabeça para trás. — Temos que manter o queixo e os olhos acima da cintura o tempo todo. Aconteça o que acontecer, nada de ficar olhando protuberâncias.

As três riram mais ainda.

O melhor de tudo era que a risada aliviou o coração de Kylie e diminuiu a sua sensação de desastre iminente. E por isso ela ficou agradecida.

Rescendia no ar do refeitório um aroma de cupcakes, que Holiday tinha solicitado ao pessoal da cozinha. Um grupo de campistas estava parado perto da mesa de salgados, provavelmente dando as boas-vindas aos novos professores e a alguns novos campistas que tinham se inscrito para o novo ano letivo em Shadow Falls. Kylie havia cruzado com um ou dois nos últimos dias, mas ainda não tinha sido apresentada a nenhum deles. Ela tinha que admitir; não era muito boa em conhecer pessoas novas. Mas, considerando que o primeiro ano de escola em Shadow Falls começaria na semana seguinte, não demoraria muito tempo para que isso acontecesse.

Parada ao lado de Miranda, Kylie percebeu que o lugar não estava tão cheio quanto ela esperava. Provavelmente porque a presença dos campistas na recepção aos professores não era obrigatória. Mesmo assim, mais da metade dos campistas estava lá. Então Kylie notou que nenhum dos lobisomens tinha aparecido. Eles provavelmente estavam fora, reunidos em

algum lugar. Outra vez.

Mais uma olhada pelo refeitório e Kylie constatou que Derek não tinha chegado ainda. Ela se perguntou se ele estaria fazendo pesquisas na internet para ver se encontrava a lanchonete em que Cara M. poderia estar trabalhando antes de ser morta. O fato de ele estar ajudando-a com a questão dos fantasmas fazia com que ela se sentisse feliz e assustada ao mesmo tempo. Assustada por não saber definir muito bem por que se sentia feliz. Eles eram só amigos, ela dizia a si mesma. Mas descobriu que era cada vez mais difícil acreditar nisso toda vez que se forçava a acreditar.

Helen acenou para Kylie do outro canto do salão. Ela estava com o braço em torno dos ombros de Jonathon. Kylie admirava o relacionamento entre os dois. Era carinhoso e romântico. Kylie sorriu e acenou de volta. Embora ainda estivesse com tantos problemas, ela se sentia... mais leve, e o sorriso foi sincero.

Era incrível pensar em com uma sessão de risadas com as amigas podia elevar o seu ânimo! Ela de fato tinha que se esforçar para não olhar os garotos abaixo da linha da cintura, na tentativa de identificar os que usavam meias na cueca. E só de pensar nisso tinha vontade de rir. Infelizmente, Miranda percebeu o sorriso reprimido de Kylie e, como se adivinhasse o que o tinha causado, a bruxinha caiu na risada. Então, encontrando o olhar de Kylie, ela ergueu o queixo com a mão e murmurou "queixo pra cima".

Della, do outro lado do refeitório, também começou a rir.

— O que é tão engraçado? — Burnett perguntou a Miranda, ao se aproximar.

— Nada — respondeu Kylie, com receio de que a amiga dissesse a verdade. Miranda às vezes era a rainha da gafe.

Ao encontrar o olhar de Burnett, Kylie se lembrou de que ele podia detectar mentiras, por isso logo acrescentou:

— Nada que eu possa contar sem...

— ... ficar vermelha? — ele perguntou, olhando para ela e Miranda, cujas bochechas já ardiam e estavam quase da mesma cor que o seu cabelo cor-de-rosa.

Com medo de que Burnett quisesse mais explicações, Kylie acrescentou:

— Conversa de garotas.

Ele levantou uma mão.

— Vocês não têm que explicar. Eu realmente não quero saber de conversas de garotas e toda vez que escuto, eu me arrependo. — Ele quase sorriu e sua expressão se suavizou com algo que parecia preocupação ao fitar Kylie. — Desculpe não ter chegado a tempo para irmos à cachoeira.

— Tudo bem — Kylie respondeu. Então, fosse ou não pura paranoia, ela perguntou: — Isso que você foi fazer na UPF não tem a ver comigo, tem?

— Não — ele garantiu, num tom sincero.

Ela assentiu e então partiu para a segunda pergunta, embora já pressentisse a resposta.

— Nenhuma notícia do meu avô?

Ele balançou a cabeça.

— Não, desculpe. — Burnett suspirou. — Com todas as coisas que têm acontecido ultimamente, fico feliz que ainda mantenha o queixo erguido.

*Queixo erguido*. As palavras ficaram dando voltas na cabeça de Kylie. Miranda deu outra risadinha e olhou na direção contrária. Kylie teve que morder o interior da bochecha para não rir também. Então ela ouviu a risada de Della do outro lado do salão.

Arqueando as sobrancelhas, Burnett olhou para Della, que imediatamente assumiu sua postura de vampiro e apagou do rosto todos os traços de humor. Burnett balançou a cabeça e concentrou-se em Kylie novamente.

— Se você conseguir parar de rir, posso apresentá-la a professores que estão ansiosos para te conhecer.

— Me conhecer? — O sorriso se desvaneceu do rosto de Kylie. Ela desviou o olhar para o outro lado do salão, onde os professores estavam reunidos. Eles de fato estavam olhando para ela.

— Por que iam querer me conhecer? — A fobia que ela tinha de ficar em evidência a deixou paralisada.

— Eles ouviram falar de você — Burnett explicou, como se fosse óbvio.

Kylie não podia imaginar o que alguns campistas poderiam ter dito a eles. Então ela pensou algo ainda pior:

— Como eles ouviram falar de mim? Quer dizer, ouviram falar de mim aqui em Shadow Falls, certo? *Certo*?

Burnett pareceu pouco à vontade com as perguntas. Ele olhou em volta, quase como se buscasse uma saída, ou talvez procurando Holiday para responder por ele. Quando não a localizou, olhou de volta para Kylie.

— Eu... bem... as notícias se espalham. As pessoas comentam.

— As pessoas? Você quer dizer as pessoas do acampamento? Ou pessoas fora de Shadow Falls estão falando de mim?

Ele pareceu constrangido, mas assentiu.

— Só as sobrenaturais.

*Só as sobrenaturais?*

— Então, todo o mundo sobrenatural sabe a meu respeito? — O pensamento fez Kylie ter vontade de enfiar a cabeça num buraco. Já era ruim o bastante saber que os campistas estavam sempre de olho nela, esperando para surpreendê-la em algum padrão estranho, mas pensar que ela era tema de discussão em todos os lugares fazia com que se sentisse extremamente desconfortável.

— Talvez não todo o mundo sobrenatural — ele disse, como se para consolá-la, e então hesitou como se refletisse sobre a sua resposta. — Quer dizer, eu não poderia dizer que é todo

mundo...

— Ah, é provavelmente todo mundo — concluiu Miranda. — A minha mãe disse que estavam falando de você no conselho das Bruxas semana passada, na Itália. E eles ainda nem sabiam que você era uma bruxa. Pode imaginar a quantidade de comentários agora.

Kylie não queria imaginar. Ela de repente sentiu um vazio no peito.

— Estavam falando de mim na Itália? Você não me contou isso. — Ela mordeu o lábio. — Eu sou uma aberração tão grande assim...?

— Foi por isso que eu não disse nada — explicou Miranda. — Sabia que você ia ficar assim. Mas você não é nenhuma aberração. É uma protetora. E ser protetora é demais. Tem que virar notícia assim como um desastre natural. Não que você seja um desastre. Quero dizer, você é, tipo, uma boa notícia.

Nada daquilo contribuía para melhorar o seu ânimo. Ela se sentia mais como um desastre. E um desastre nada natural.

— "Protetora" é uma palavra que leva as pessoas a comentarem. Mas Miranda está certa, não é uma coisa ruim. — Burnett olhou para Kylie e, obviamente percebendo as batidas aceleradas do seu coração, fez um gesto apontando os novos professores. — Eles só querem dizer olá. Não interrogar você.

*Dizer olá para o desastre natural do acampamento, isto é, a aberração*. O coração de Kylie bateu ainda mais rápido.

— Não é nada de mais — tentou convencê-la Burnett.

Certo. Mas para ela era. Especialmente quando olhou para eles e viu que todos os três professores a encaravam embasbacados. Dois estavam até franzindo a testa, verificando o seu padrão — e essa atitude tinha incentivado muitos campistas a fazerem o mesmo. Ela quase podia ouvir os pensamentos deles. *Ei, quem quer dar uma boa risada? Deem uma olhada no padrão cerebral de Kylie agora.*

Ela ouviu alguém dizer algo sobre ela ainda ser uma bruxa. Kylie supos que ela devia ficar feliz por pelo menos ter um padrão definido, em vez daquele padrão mutante e exótico que realmente assustava as pessoas. Mas saber disso não ajudava a diminuir a sua ansiedade. Ela detestava ser o centro das atenções.

Burnett, parecendo meio desconcertado com o dilema emocional de Kylie, inclinou-se em direção a ela e sussurrou:

— Se você não quiser ser apresentada agora...

— Não, eu... eu vou. — Seria bobagem não ir. E ela se sentiria uma idiota se deixasse todo mundo perceber as suas inseguranças. Ela não tinha nada contra conhecer pessoas novas, só detestava conhecer pessoas novas que já tinham uma ideia preconcebida sobre ela. E com certeza odiaria conhecer essas pessoas que estavam falando sobre ela na Itália. Provavelmente em italiano, e ela nem entenderia.

Endireitando a coluna, ela simulou um sorriso, esperando parecer menos bizarra do que

eles a consideravam. Era o mesmo sorriso, porém, que ela usava quando a mãe a levava a algum lugar em que ela não queria ir — como no dia em que a levara no trabalho para apresentá-la aos colegas ou em um daqueles almoços beneficentes. O que a mãe costumava dizer sobre aquele sorriso? Ah, sim: "*Você parece que engoliu um mosquito*".

É, ela ia parecer uma aberração, não tinha jeito.

# Capítulo Dezessete

Praticamente segurando o fôlego, Kylie sofreu enquanto Burnett a apresentava aos três professores. Primeiro foi Hayden Yates, senhor Yates para os estudantes, que lhe cumprimentou com um aceno de cabeça e um olhar mais do que desconfortável. O novo professor de ciências — metade vampiro, metade *fae* — lhe deu um aperto de mão um pouco mais longo do que o necessário.

Considerando que sua metade *fae* era dominante, Kylie ficou surpresa ao reparar que, ao tocá-lo, não sentiu nenhuma alteração no próprio humor. E, embora não parecesse nenhum pervertido, algo com relação a ele fez com que ela estremecesse. Kylie não tinha certeza do que era, mas não gostou da sensação, nem do professor. Estranho, porque ela geralmente não fazia suposições negativas sobre as pessoas — com exceção do namorado da mãe, é claro. Mas aquele era um caso excepcional. O sujeito queria rolar nos lençóis com a mãe dela e isso não estava certo.

Ava Kane, ou senhorita Kane, era a professora de inglês. Ela era metade bruxa e metade metamorfa, sendo a última metade a espécie dominante. Parecia simpática, mas o jeito como ficou franzindo a testa, tentando ver algo diferente no padrão de Kylie, fez com que ela se sentisse pouco à vontade. O que a professora achava que ia encontrar?

Collin Warren, metade *fae* e metade humano, era o professor de história e um geólogo de pouca conversa. Estranho para alguém que tinha sangue *fae*, pois os *faes* normalmente tinham um charme natural, embora talvez alguns meio-*faes* não herdassem esse talento. Kylie já tinha ouvido falar que, em raras ocasiões, alguns humanos sobrenaturais tendiam a ser mais humanos do que sobrenaturais, e talvez fosse esse o caso do senhor Warren.

Ele sorriu, no entanto, e cumprimentou-a, embora Kylie tivesse a impressão de que ele também não gostava de ser o centro das atenções. Isso a fez se perguntar por que, afinal de contas, ele era professor.

Depois das apresentações, Kylie ficou ali parada, com um sorriso rígido nos lábios,

esperando que algo acontecesse e colocasse um fim naquela situação desconfortável. Burnett finalmente interveio:

— Bem, que bom que já se conheceram.

Kylie aproveitou a deixa para se afastar, mas ao dar um passo descobriu que estava cercada por seis ou sete adolescentes que ela não conhecia. Obviamente os novos estudantes. Os olhares diretos e a curiosidade explícita em suas expressões fizeram com que ela ficasse tensa novamente. Uma coisa era ser alvo dos olhares dos campistas de sempre, mas também ser alvo dos recém-chegados... Seu coração acelerou e suas palmas começaram a suar. Só faltavam alguns minutos para o refeitório estar lotado de gente.

Seu sorriso de "quem engoliu um mosquito" já tinha se desvanecido. E o mosquito que ela supostamente engolira parecia estar agora zumbindo no seu estômago. Ela não sabia se iria conseguir aguentar mais pessoas investigando seu padrão e mais apresentações desconfortáveis.

— É verdade que no começo você nem tinha um padrão? — perguntou uma das garotas novas, uma bruxa.

De repente, ela sentiu um braço sobre os seus ombros. Antes que olhasse para verificar quem era, reconheceu o toque reconfortante de Derek.

— Desculpe, mas vocês vão ter que conhecer Kylie depois. Preciso roubá-la por um minuto.

— Cara de sorte! — comentou um dos vampiros.

— É, eu sou — respondeu Derek, com ar possessivo.

Ele a levou para fora do grupinho de novos alunos, andando com confiança e propósito — o propósito de tirá-la do meio de todos aqueles olhares curiosos. Ela estava extremamente grata por Derek tê-la tirado de lá. Ela se aconchegou mais ao ombro dele e soltou um suspiro.

— Segura as pontas — ele sussurrou. — Já vou tirá-la daqui.

Ele olhou por sobre o ombro e ela seguiu seu olhar. Ele olhava para Burnett. O vampiro acenou com a cabeça como se desse permissão para que ele a levasse dali.

Ela só respirou outra vez quando saíram do refeitório.

O braço de Derek a estreitou quando deixavam o edifício, como se ele não quisesse deixá-la ir. Embora ela odiasse ter que admitir, uma pequena parte dela também não queria se afastar. Mas sabendo que não era justo, ela se afastou. E então fitou os suaves olhos verdes do *fae*.

— Desculpe — ela disse.

— Pelo quê? — ele perguntou.

*Por tudo. Por sentir coisas que não devia.*

— Por precisar ser resgatada. Eu deveria saber lidar com aquilo. É que as pessoas me olham, como se eu fosse...

— ... especial? — Ele sorriu.

— Não, como se eu fosse uma aberração.

Ele negou com a cabeça.

— Elas não a consideram uma aberração. Elas estão curiosas. E aquele vampiro ali estava quase babando em cima de você! Mas eu sei que ainda é difícil.

— Talvez quando eu souber com certeza o que sou, não seja tão difícil. — Mas ela já sabia, não sabia? Ela era um camaleão. Será que estava começando a duvidar disso, como todo mundo?

Derek arqueou as sobrancelhas.

— Você ainda não acredita que seja uma bruxa?

— Não completamente.

Ele assentiu.

— Bem, isso tudo vai ser esclarecido amanhã, não vai? Quando o seu avô vier visitá-la.

Foi nesse momento que ela se lembrou de que não tinha contado a Derek que seu avô não atendia ao telefone ou que ele e a tia tinham se transformado em neblina. Ela começou a desabafar com ele quando sentiu uma lufada repentina de ar frio.

A mancha de condensação começou a se materializar perto de Derek. A familiar silhueta feminina que tomava forma parecia-se com Hannah. Mas Kylie prendeu o fôlego quando viu que o espírito tinha voltado a assumir sua aparência de zumbi. O vestido bege que ela usava estava em trapos e sujo de lama. Seu cabelo parecia opaco e sem vida ao redor dos ombros. Parte da sua bochecha estava exposta, onde a pele tinha se decomposto e se soltara. E larvas se arrastavam por todo o seu corpo.

Nojento. Instintivamente, Kylie deu um passo para trás.

— *De novo, não!* — O pânico encheu os olhos sem vida de Hannah.

— O quê? — Kylie se forçou a ficar no lugar. Mas as larvas estavam se espalhando pelo chão cada vez mais rápido.

— O que disse? — Derek perguntou, aproximando-se mais dela. Uma das larvas caiu em seu peito.

Kylie afastou-a com a mão e depois balançou a cabeça.

— Ah! — Os olhos dele se arregalaram em entendimento. Ele deu um pequeno passo para trás, não tanto por medo, mas para dar mais espaço a ela.

Kylie voltou a se concentrar em Hannah. Mas o olhar do espírito estava colado em algum lugar sobre o ombro de Kylie. Ela viu a porta do refeitório se abrindo atrás dela e o som de vozes. Hannah continuou com os olhos fixos no que acontecia atrás de Kylie. Então, de repente sua expressão se encheu de pânico.

— *Não!* — Hannah murmurou, e suas mãos descarnadas agarraram Kylie pelos ombros. Havia larvas por todo lugar. — *De novo, não! De novo, não!* — O toque do fantasma enviava ondas sucessivas de tremor gelado pelo corpo de Kylie, que nem se lembrou mais das larvas. Todas as suas terminações nervosas doíam e seu corpo enrijeceu com a sensação de que seu cérebro e depois o corpo todo estavam congelando.

— Está tudo bem? — Derek perguntou, chegando mais perto.

O tremor que agitava todo o corpo de Kylie fez com que ela prendesse o fôlego. Ela queria gritar, mas sentiu como se alguém apertasse a sua garganta. Pontos pretos começaram a surgir diante dos seus olhos. Ela sentiu os joelhos começarem a ficar bambos. Derek tocou-a e, como por encanto, a dor e o torpor se desvaneceram. Piscando, ela viu que Hannah ainda estava ali, ao lado de Derek.

Kylie respirou, depois forçou-se a falar.

— De novo, não, o quê?

Hannah não respondeu. Nem olhou para ela. Derek, sim, e ele parecia preocupado.

— Olha, eu preciso saber o que posso fazer para te ajudar. Por favor, me responda. — disse Kylie. Mas o espírito, com os olhos assustados ainda fixos em algo atrás de Kylie, desvaneceu-se no ar.

Derek passou a mão pelo braço de Kylie.

— Tudo bem?

Kylie assentiu, saboreando o toque quente de Derek. E então ela se voltou para ver quem estava saindo pela porta do refeitório, curiosa para saber o que tinha feito Hannah fugir. Burnett, os novos professores e um casal de novos alunos estavam parados na porta.

— Era Hannah? — Derek sussurrou.

— Sim — disse Kylie, ainda tentando adivinhar o que a irmã de Holiday estava tentando transmitir ao dizer "de novo, não".

— Você está bem mesmo? — ele voltou a perguntar.

Ela tocou a garganta.

— Estou. Eu só não sei o que ela precisa que eu faça por ela.

— Não sei se ajuda em alguma coisa, mas acho que descobri onde Cara M. trabalhava.

— Onde?

— Quando você me disse que provavelmente era em algum lugar perto daqui, eu pesquisei no Goggle todas as lanchonetes e cafés da região. Descobri algumas fotos e um velho artigo de jornal sobre um lugar chamado Cookie's Café, em Fallen. Você já esteve lá?

— Não, acho que não... Espere! Estive, sim, minha mãe me levou a esse lugar, que parecia uma casa antiga. Deve ser por isso que eu reconheci o uniforme.

— Isso mesmo. A casa foi construída no século XIX. — Ele sorriu como se estivesse orgulhoso por ter encontrado a resposta para uma parte do enigma.

Kylie quase sorriu também, mas então lhe ocorreu algo. E agora? Mesmo que tudo o que ela precisasse fazer fosse encontrar os corpos, como o fato de saber onde uma das garotas trabalhava poderia ajudá-la? Normalmente, ela conversaria com Holiday a respeito, mas... ela não poderia fazer isso sem antes saber exatamente o que estava acontecendo. Seria muito cruel com Holiday contar que a irmã estava morta, caso houvesse uma chance de Kylie ter se enganado com relação às visões.

Então outra constatação atingiu-a em cheio. Ela provavelmente deveria procurar a polícia.

Mas não sabia como poderia explicar como sabia de tudo aquilo. O que significava que só cabia a ela decifrar os assassinatos.

*De novo, não*. *De novo, não*. As palavras de Hannah ecoavam na sua cabeça. O que ela estava tentando dizer?

Oh, Deus, Kylie não tinha ideia do que fazer em seguida. Ela não era detetive. Nem sequer assistia aos seriados de TV sobre detetives. Ela olhou para Derek.

— O que eu faço agora?

— Eu liguei para a lanchonete, só para perguntar se alguma Cara M. trabalhava lá, mas Fallen é uma cidade turística e o restaurante só abre aos finais de semana.

A mente de Kylie continuou dando voltas e se perguntando o que ela precisava fazer.

— Droga, eu não tenho ideia do que fazer.

— Não se preocupe — disse Derek. — Eu ajudo você. E, além disso, temos até sábado para decidir o que fazer.

Ela olhou para ele agradecida.

— Como eu posso te agradecer?

Ele deu um sorriso que era pura sensualidade, as raias douradas brilhando em seus olhos.

— Posso pensar em algumas maneiras.

Ela fez uma cara séria.

Ele levantou a mão.

— Tudo bem. Só sorria um pouco mais. Basta isso.

Quinta-feira de manhã, Kylie acordou com Socks dando pancadinhas com a pata em seu queixo. Enquanto ela piscava para espantar o sono, acariciou o pelo macio do felino. O sol entrava pela janela e ela observou a claridade do dia e as sombras no teto disputando espaço — como um combate entre a luz e a escuridão.

Enquanto a batalha continuava, ela sentia em seu espírito um embate parecido. Sua vida parecia uma miscelânea de problemas e, ao mesmo tempo, de muitas possibilidades. Ela tinha perdido Derek, mas ganhado Lucas. Tinha perdido a convivência com o padrasto, mas conhecido Daniel. Perdido sua humanidade, mas descoberto que era sobrenatural.

E hoje era o dia em que ela supostamente encontraria o avô e descobriria o sentido de tudo aquilo, embora duvidasse muito que ele aparecesse. Kylie franziu os lábios e o lado mais sombrio do seu estado de espírito aflorou.

Não que ela fosse deixar que ele ganhasse a batalha. Fechou os olhos e tentou ter pensamentos positivos. Mas sua mente flutuou até Hannah e o fato de que não podia mais adiar o momento em que contaria a Holiday que sua irmã estava morta. Só de pensar em como seria essa conversa, Kylie já perdia a disposição.

Então seu coração a lembrou de que Lucas não tinha aparecido na noite anterior, embora tivesse prometido encontrá-la no final da noite. Agora era oficial. Seu lado negro e mal-

humorado tinha levado a melhor. Ela voltou a olhar para o teto, sem deixar de perceber que as sombras de fato eram muito maiores do que os retalhos de luz do sol.

Por alguma razão inexplicável, ela se lembrou de Nana lhe dizendo para aproveitar a infância porque logo ela seria adulta. Será que isso era ser adulta? Acordar todo dia sabendo que a vida lhe traria ambos, o que era bom e o que era ruim? Fazer o que tinha que fazer, mesmo desejando não fazer?

Então se lembrou de outro conselho da avó: *Não se esqueça, querida, às vezes não podemos mudar o que acontece, mas podemos mudar o modo como essas coisas nos afetam*.

— É mais fácil falar do que fazer, Nana. — Kylie respirou fundo, engolindo a frustração, e um doce aroma de rosas despertou os seus sentidos. Virando a cabeça, ela viu uma rosa sobre o criado-mudo. A lembrança de Lucas enchendo o seu quarto com as rosas que roubara do jardim da avó acabou com o seu mau humor. Então, ao avistar o bilhete ao lado da rosa, ela se sentou e pegou a folha de papel.

Kylie,

Desculpe o atraso. Aconteceu algo que me obrigou a visitar meu pai. Você estava dormindo profundamente quando cheguei aí. E, nossa, você é linda enquanto dorme! Se Della não tivesse me ouvido abrindo a sua janela e não tivesse colocado a cabeça na porta e me xingado por acordá-la — ela é de doer! —, eu teria me deitado com você na cama só para senti-la perto de mim.

Você não tem ideia de quanto eu gosto disso. Senti-la contra meu corpo. Inteira.

Bons sonhos,
Lucas.

Kylie pegou a rosa e levou-a até o nariz. O doce perfume a fez sorrir. Talvez o mau humor não fosse levar a melhor, afinal.

Kylie reconsiderou a sua atitude positiva quando, algumas horas depois, teve que lutar contra um enxame de insetos ao entrar no bosque com Holiday e Burnett. Mas não eram os insetos que estavam acabando com o seu bom humor. Era um certo lobisomem de cabelos pretos e olhos azuis.

Kylie devia se sentir empolgada por estar a caminho da cachoeira. Ela sempre se sentia bem depois de visitá-la. Mas, no momento, não queria se sentir melhor. Queria se sentir... furiosa!

Espere. Ela não *queria* se sentir. Ela já se sentia assim.

Furiosa com o lobisomem que lhe deixara uma rosa e lhe escrevera um bilhete.

Ela não estava mais aborrecida por ele não ter aparecido na noite anterior. Tinha tentado

deixar de lado o fato de que ele tinha praticamente confessado que guardava segredos dela. Embora a contragosto, tinha aceitado que Fredericka, a ex-namorada de Lucas, estaria sempre ao alcance do seu toque, quando Kylie não podia ter o mesmo privilégio. Ela tinha tentado superar o fato de que a avó e o pai dele, além de toda a alcateia, não queriam vê-los juntos.

Ela havia deixado de lado, superado e aceitado muita coisa. E, depois desta manhã, percebeu que talvez ela tivesse ido longe demais, porque, depois de não aparecer na noite anterior, depois de tê-la visto apenas por alguns minutos, ele mal falou com ela no refeitório aquela manhã.

Outro mosquito passou zumbindo por Kylie e ela o pegou no ar, esmagando-o contra uma árvore. *Bzzz... plaf!*

Lucas não podia ter se aproximado e tomado café com ela? Ela nem o teria culpado se tivesse levado Clara com ele. Mas, não, tudo o que ele fez foi sorrir, e até mesmo esse sorriso parecia propositalmente breve. Então ele tinha se sentado à mesa dos lobisomens com todos os seus amigos, sua alcateia — gente que evidentemente tinha mais importância que ela e provavelmente sempre teria.

Na noite anterior, ele tinha escalado a janela do quarto dela um pouco depois da meia-noite, enquanto ela dormia. Havia deixado uma rosa e um bilhete carinhoso, e esta manhã tudo o que tinha feito foi lhe lançar um meio sorriso. O que estava acontecendo?

Ela com certeza não fazia ideia. A quem ela queria enganar? Ela sabia, sim, exatamente o que estava acontecendo. Ela não era boa o bastante para ele, porque não era um lobisomem.

Aquilo doía. Doía de verdade. Então, para deixar as coisas ainda piores, quando Derek se sentou ao lado dela, Lucas teve a audácia de lhe mandar uma mensagem pelo celular dizendo que não estava gostando nem um pouco.

Certo. Ele não estava gostando do fato de Derek estar sentado ao lado dela, mas ele mesmo tinha preferido não se sentar com ela. Em vez disso, seu "traseirinho sexy" estava prensado entre Fredericka e uma das novas lobas, que se jogava em cima dele, deixando até Fredericka enciumada.

Sim, Kylie podia ouvir Lucas lhe dizendo que não precisava se preocupar com Fredericka. Dizendo-lhe que não tinha pedido para a nova garota se sentar ao lado dele, e que ele tinha que ser fiel à sua alcateia. E talvez Kylie estivesse errada por dar vazão à sua raiva, ou talvez ela não estivesse com raiva, apenas cansada de ficar sempre em segundo lugar.

Ficar em segundo lugar era um porre.

Outro mosquito foi desta para melhor quando ela o esmagou contra sua bochecha.

— Talvez seja melhor ir mais devagar — disse Burnett, emparelhando com ela depois de dar algumas passadas largas.

Kylie olhou para ele, que a analisou por um segundo, depois desviou o olhar para o terreno em volta, como se esperasse que alguma coisa saltasse na direção deles. Burnett parecia inquieto desde que entraram na floresta, mas Kylie nem tinha prestado muita atenção nisso;

seu coração estava ocupado demais remoendo sua frustração por estar em segundo lugar aos olhos de Lucas, para se preocupar com a possibilidade de Burnett ter consumido muita cafeína.

— Sério, é melhor diminuir o ritmo — aconselhou Burnett.

— Por quê? — perguntou Kylie.

Ele olhou de relance sobre o ombro novamente.

— Por mais incríveis que sejam os *faes*, eles não são muito rápidos.

Kylie suspirou. Ela não tinha percebido que estava andando num ritmo tão acelerado. Um ritmo que não condizia com o das bruxas também. O que significava que ela não era de fato uma bruxa, certo? Olhando para trás, viu Holiday correndo a toda velocidade para alcançá-los.

— Desculpe. — Kylie diminuiu o passo e notou que Burnett continuou a olhar em volta como se esperasse que alguém saltasse das árvores para cima deles. Será que tinha acontecido alguma coisa? E, se de fato tinha, teria algo a ver com ela?

O barulho dos passos de Holiday estava mais próximo agora. Kylie olhou para Burnett e depois para Holiday.

— Obrigada por irem mais devagar — agradeceu Holiday, parecendo sem fôlego. Em menos de um minuto, Burnett tinha ficado mais para trás de propósito, dando às duas privacidade para conversar a sós. Provavelmente por insistência de Holiday. Não havia dúvida de que ela queria conversar com Kylie, e Holiday não queria que ele ouvisse.

O aroma de madeira da floresta enchia as narinas de Kylie. Pela primeira vez desde que tinham entrado no bosque ela se lembrou do avô e da neblina. Imediatamente tentou ouvir com o coração para ver se tinha a mesma sensação de antes, de que estava sendo chamada; não teve. Então imaginou se o episódio da neblina não era o motivo da inquietação de Burnett. Ou, pior, será que eles tinham tentado voltar e desligado os alarmes? Será que Burnett contaria a ela se isso tivesse acontecido?

Provavelmente não.

Ela olhou para trás, em direção ao vampiro. O que ele saberia?

Aproximando-se de Holiday, Kylie perguntou:

— Você pode responder a uma pergunta com muita sinceridade?

Os passos de Holiday na terra molhada produziam um chapinhar, como se a pergunta de Kylie tivesse deixado seus passos mais pesados.

— Eu não minto pra você.

— Por omissão, mente, sim. Não ser franca com relação a algo é pior do que mentir. — E também havia a questão sobre quão fechada era Holiday com relação à sua vida pessoal. Embora Kylie confiasse na amiga, magoava saber que a confiança não era recíproca.

— Eu não escondo as coisas de você de propósito. — A franqueza das palavras de Holiday ficou pairando no ar cheio de umidade. Elas andaram sem se falar por alguns minutos.

— O que você quer saber? — perguntou Holiday.

Kylie tentou deixar de lado a frustração com relação a Holiday, sabendo que a sua raiva de Lucas estava afetando o seu humor.

— O que há com Burnett? Ele parece mais alerta do que de costume. Ele... descobriu alguma coisa que tenha a ver comigo? Tem notícias do meu avô? Hoje era o dia em que ele deveria aparecer e, no entanto... não acho que haja uma chance de que ele venha. E ninguém está dizendo nada a respeito disso, como se nem estivesse acontecendo.

Holiday franziu a testa.

— Como não achamos que ele viria, decidimos não dar muita importância ao fato. Mas eu e Burnett conversamos sobre isso mais cedo e ele me disse que não teve notícia do seu avô. Mas... concordo que ele esteja... digamos, na defensiva. Eu perguntei a respeito. Ele disse que está nervoso. — O tom de voz dela parecia revelar que não estava muito convencida.

Tampouco Kylie estava. Algo estava acontecendo. Mas o quê?

À medida que avançavam pelo caminho de pedra, um frio pouco natural pareceu varrer a floresta com uma brisa. Alguém, que não era deste mundo, estava por perto. Ela deu uma outra olhada em Burnett, sobre o ombro, e lembrou-se da conversa que tinham travado a respeito de fantasmas.

Será que era isso que o incomodava?

Holiday diminuiu o passo e olhou para trás com preocupação. Um leve arquejo escapou dos seus lábios e sua expressão mudou de preocupação para aborrecimento. Não qualquer aborrecimento, mas aquele do tipo provocado pelo sexo oposto.

O humor devia ser algo contagioso, porque os pensamentos de Kylie também se voltaram para os seus problemas com o sexo oposto e ela se perguntou se os homens não teriam sido criados apenas para atormentar as mulheres.

Alguns minutos depois, ao longo da trilha, Holiday falou:

— Agora é a sua vez. O que está acontecendo com *você*? E não me fale que não é nada, porque você está exalando raiva por todos os poros.

Kylie fechou a cara, zangada demais para negar seus sentimentos.

— Meu problema é com Lucas.

— Problemas com garotos, hein?

— Catástrofes com garotos seria uma expressão mais correta. Eu não tenho certeza se consigo ir adiante.

— Ir adiante? — A voz de Holiday deixava transparecer a sua preocupação.

— Com Lucas — disse Kylie.

Holiday fez uma careta e levantou uma sobrancelha.

— Não estou querendo dizer... transar com ele... — explicou Kylie, percebendo o que tinha dito e achando que era por isso que Holiday tinha feito aquela cara.

— Quero dizer, aceitar que sou a última das prioridades dele. Vê-lo me tratar como se eu

fosse supérflua na vida dele. Me sentir como se todo mundo que Lucas conhece e de quem ele gosta achasse que não sou boa o suficiente para ele, porque não sou um lobisomem.

Um brilho de compreensão surgiu nos olhos de Holiday.

— Se for um consolo, não acho que Lucas compartilhe as antigas crenças dos lobisomens. A maioria dos jovens não concorda com elas, embora na sociedade deles exista uma pressão dos mais velhos para que essas crenças sejam adotadas.

— Eu sei — disse Kylie. — E sei também que Lucas só tolera essas leis estúpidas porque precisa da aprovação do pai para conseguir mudar algumas coisas no conselho. Mas, quando ele nem sorri para mim por mais de um segundo, isso dói! — ela exclamou, perturbada. — Aposto que me sentir desse jeito faz de mim uma babaca egoísta. — Suas palavras ressoaram no fundo do seu ser e a culpa, como moscas sobre uma fruta podre, começaram a zumbir em torno do seu peito.

— Não — Holiday fixou os olhos verdes em Kylie enquanto faziam uma curva na trilha. — Isso não faz de você uma egoísta. Faz de você uma pessoa normal. Ninguém quer sentir que não é bom o bastante.

— Mas mesmo assim eu me sinto uma babaca egoísta — disse Kylie. — O barulho da cachoeira chegou aos seus ouvidos e, mesmo àquela distância, ela sentiu que já estava acalmando os seus sentidos. — Ou me sinto egoísta quando não estou me sentindo furiosa.

Holiday inclinou-se e roçou o ombro no de Kylie.

— Os seus sentimentos são perfeitamente compreensíveis. Não se sinta culpada. Claro, Lucas está fazendo as suas escolhas por algum motivo. Faz parte do seu objetivo e todos nós precisamos pagar um preço por seguir nosso próprio caminho. Mas... — Ela fez uma pausa para pensar. — Nem sempre é justo pedir a outras pessoas que paguem esse preço junto conosco. — Ela olhou para Burnett outra vez.

Kylie sentiu que as palavras de Burnett tinham um significado pessoal para ela. Nos últimos dias, Kylie suspeitou de que o relacionamento entre os dois tinha retrocedido. E ela não achava que fosse por culpa de Burnett.

— Acho que ele estaria disposto a pagar esse preço — disse Kylie.

Holiday franziu a testa.

— Eu estava falando de você e de Lucas.

— Eu sei — disse Kylie. *Mas eu estava pensando em você e Burnett*.

Eles percorreram o resto da trilha e entraram num bosque de árvores frondosas, enquanto concluíam a caminhada até a cachoeira. O cheiro de umidade da terra molhada perfumava o ar, o som de água corrente tocava uma sinfonia de tons silvestres e o ambiente sereno era cada vez mais envolvente.

A raiva de Kylie, suas frustrações, tudo parecia mais ameno a cada passo. E quando eles chegaram, foi... surreal! Cada vez que visitava a cachoeira, Kylie parecia se esquecer de quanto era bom estar lá. Eles ficaram de pé às margens do rio e contemplaram, em meio ao ar

enevoado, a água que borrifava da cachoeira.

Kylie ouviu a respiração de Holiday ficando mais profunda e tranquila, assim como a dela.

— O que tem este lugar? — perguntou Kylie.

— Magia. Poder. — Holiday se abaixou para tirar os sapatos e Kylie fez o mesmo. — Na década de 1960, um botânico sobrenatural veio até aqui para provar que tudo isso podia ser explicado pelos compostos químicos da vegetação. Como se fosse algum tipo de droga natural.

— Mas como isso seria possível se nem todo mundo sente a mesma coisa? — Kylie perguntou, desamarrando o tênis.

— Ah, mas aqueles que não se sentem bem-vindos aqui geralmente sentem o contrário, um desconforto que os leva a querer se afastar. É por isso que esse cientista acreditava que fosse uma reação química. O que significava que os poucos sobrenaturais que sentiam emoções positivas eram simplesmente geneticamente predispostos a reagir de modo diferente aos compostos das plantas. Como alguns grupos de pessoas reagem de modo diferente às drogas.

— E o que ele concluiu? — Kylie perguntou, intrigada com o assunto, mas sem acreditar que se tratasse de uma espécie de droga mais do que acreditava em Papai Noel.

Holiday tirou os sapatos, colocou-os sobre uma pedra e ficou de pé, olhando para Kylie com um leve sorriso nos lábios.

— Nada. Depois de algumas semanas estudando a região, ele e sua equipe desistiram do patrocínio que viabilizava o projeto. Há boatos de que os anjos da morte os afugentaram.

Kylie desviou o olhar para contemplar a paisagem bela e verdejante. A mistura de névoa e raios de sol filtrados através das árvores expressava o poder e a magia que Holiday mencionara. A atmosfera daquele lugar era reverente demais para ser considerada uma droga, e o esplendor natural era espiritual demais para ser dissecado e estudado num microscópio.

— Eu posso ver por que os Anjos da Morte não gostam que pessoas descrentes fiquem perambulando por aqui. Fico satisfeita que as tenham afugentado.

— Eu também — concordou Holiday.

Levantando-se, Kylie afundou os pés descalços nas margens cobertas de musgo. Mexendo os dedos dos pés, ela se curvou e tirou o jeans.

Nesse exato instante, alguma coisa passou zunindo em frente a ela. Kylie engoliu um grito quando viu que era o pássaro azul. O pássaro que ela havia trazido de volta à vida e que tinha se apegado a ela, fazendo-lhe visitas ocasionais. Pairando em frente a Kylie, ele cantou como se tivesse composto uma balada só para ela.

— Eu não sou a sua mãe — disse Kylie para o pássaro. — Vá embora, siga o seu caminho. Faça o que os pássaros costumam fazer. Deixe o ninho, quero dizer. Encontre uma linda fêmea azul para cortejar.

— Que gracinha! — disse Holiday, rindo.

— Talvez seja uma gracinha, mas é muito estranho também — murmurou Kylie.

Depois de tirar o jeans, ela entrou no riacho. A água fria na altura dos calcanhares estava divinamente refrescante. Seu coração, que até momentos antes estava apertado, agora parecia mais leve. Pelo menos por ora, tudo parecia em paz. Seu mundo parecia algo fácil de lidar; seus problemas, solucionáveis. Ela se deixou envolver totalmente por esse sentimento.

Se tinha aprendido alguma coisa com as visitas a esse lugar especial, era que até a vida mais fácil não era perfeita. Uma visita à cachoeira não mudava nada. Simplesmente oferecia à pessoa mais força para enfrentar as adversidades.

A vida ainda poderia machucar como uma punhalada no coração.

E ela tinha algumas cicatrizes para provar isso. Uma visão de Ellie encheu seu coração. No entanto, enquanto a brisa carregada de névoa gelada acariciava seu rosto, a dor foi diminuindo e se transformando em aceitação. Cada novo dia trazia novas oportunidades. Nem sempre podemos controlar a vida, apenas o modo como nos deixamos afetar por ela.

Parando do outro lado do riacho, ela se virou para olhar para Holiday. A líder do acampamento estava parada, olhando para trás, em direção a Burnett, que estava entre as árvores. A expressão em seu rosto transmitia preocupação, fascínio e alguma outra coisa.

Amor. Burnett e Holiday estavam destinados a ficar juntos. O sentimento veio tão forte e cheio de certeza que parecia trazer uma mensagem com ele — uma mensagem que Kylie não conseguia interpretar. Será que significava que ela deveria ajudar a fazer isso acontecer? Ou ela poderia confiar que, naturalmente, o amor encontraria uma maneira de se concretizar?

E será que ela podia sentir o mesmo com relação a ela e Lucas?

Não que estivesse preparada para chamar seu sentimento por Lucas de amor. Não que ele o tivesse chamado assim.

Mas Derek tinha. *Eu estou apaixonado por você, Kylie.*

Kylie fechou os olhos e tentou não pensar em nada que não fosse o sentimento calmo que a cachoeira oferecia.

# Capítulo Dezoito

O tempo pareceu parar enquanto Kylie e Holiday estavam sentadas lado a lado na gruta sob a queda-d'água. A parede de água tornava a luz do dia difusa, filtrando os raios de sol. E, quando fazia isso, a luz era capturada nas gotículas de névoa e dançavam no ar. A água precipitava-se com um rugido baixo e pequenas moléculas de umidade molhavam o rosto delas.

Ocorreu a Kylie que talvez aquela fosse uma boa hora para contar a Holiday sobre sua irmã. Se alguma coisa podia ajudar a conter o choque da notícia, era a magia daquele lugar. Contudo, mesmo com a tranquilidade envolvendo-a, a ideia de dar à amiga essa notícia fez o coração de Kylie se contrair de dor.

Então um frio familiar cortou o ar úmido. Hannah se materializou, em pé sobre uma poça d'água. Seus olhos verdes, brilhantes de lágrimas e cheios de tristeza, fixaram-se em Holiday.

Alheia à presença da irmã, Holiday olhava para a parede de água que caía. Ela esfregou os braços como se estivesse com frio, e, em seguida, virou a cabeça e encontrou os olhos de Kylie.

— Um visitante?

Kylie balançou a cabeça, a garganta ficando mais apertada de emoção, quando ela relanceou os olhos para as lágrimas de Hannah.

Holiday encolheu os ombros.

— Estranho. Eles normalmente não entram aqui. Ela se deitou sobre a pedra e olhou para o teto da caverna, como se dando espaço a Kylie para conversar com o espírito.

— *Ela me odeia* — disse Hannah. — *E eu não a culpo. O que eu fiz foi imperdoável.* — A vergonha inundou os olhos de Hannah de lágrimas.

Kylie quase perguntou a Hannah o que ela tinha feito, mas decidiu deixar o espírito iniciar a conversa. Kylie ficou ali sentada em silêncio, sentindo o frio da morte, que de certo modo se mesclava com a calma da cachoeira.

Ela estudou a expressão carregada de emoção no rosto de Hannah e soube que o espírito tinha conseguido superar a desorientação que a morte provocava, a ponto de se comunicar.

Seu estado parecia ter evoluído o suficiente para ela se lembrar. Será que ela se lembrara do que tinha acontecido um pouco antes de morrer? O nome do assassino, talvez? Mas tudo o que Kylie via no semblante de Hannah era arrependimento.

Observar Hannah levou Kylie de volta à sua própria experiência de quase morte, quando Mario e seus amigos a encurralaram na beira do penhasco. Ela pensou que ia morrer. E teria de fato morrido se Ruivo, o neto de Mario, não tivesse sacrificado a própria vida para salvá-la.

Ela se lembrou do arrependimento que a consumiu quando pensou que era o fim. Provavelmente a mesma emoção que Hannah sentia agora. Mas será que todo mundo não sentia a mesma coisa? Viver, supunha Kylie, significava cometer erros, acumular karma.

Embora Kylie nunca tivesse de fato definido seu trabalho ou dom como comunicação com os mortos, ela presumia que ele incluía recordar os espíritos do bem que tinham feito em vida, além de ajudá-los a se perdoar pelos erros cometidos. Parecia que, durante a vida, passávamos a maior parte do tempo perdoando os outros. Depois da morte, era a nós mesmos que mais precisávamos perdoar.

— Aposto que vocês duas eram próximas — disse Kylie. — Imagino que tenham se divertido muito como irmãs.

Hannah olhou para Kylie.

— *De fato. Eu só queria...*

Ao ver que Hannah não ia continuar a frase, Kylie perguntou:

— O que eu posso fazer por você? Só quer que eu conte a ela sobre a sua morte? Quer que você e as outras sejam retiradas daquela cova?

— *Não mais*. — Ela fez uma pausa, como se tentasse se lembrar de algo. — *Não vai acontecer de novo*. — O sussurro de Hannah ecoou nas paredes de rocha da caverna e o frio de sua presença aumentou.

Kylie abraçou os joelhos.

— O que não vai acontecer de novo?

Hannah se aproximou um pouco mais, parecendo perdida em pensamentos.

— *Eu não consigo olhar para ela sem sentir... que eu estava tão errada! Com tanta inveja! Eu tive o que mereci. Eu merecia morrer, mas as outras não. É preciso detê-lo!* — Mais lágrimas afloraram em seus olhos. O som de água corrente pontuava a quietude do ar enevoado, acrescentando uma atmosfera fantasmagórica ao lugar.

— *Ele a quer*. — Hannah deu outro passo para a frente. O desespero enchia os seus olhos. — *E você tem que impedi-lo*.

O olhar de Kylie desviou-se do rosto do espírito e se fixou na água parada da poça, que nem sequer se agitou quando Hannah avançou através dela. O espírito entristecido parou quando ficou bem diante de Holiday, olhando para ela com uma mistura de amor e arrependimento.

Percebendo o que Hannah tinha dito, Kylie perguntou:

— Quem? Impedir quem de fazer o quê?

O telefone de Holiday começou a tocar e Kylie olhou para ela. A líder do acampamento se sentou, com as sobrancelhas franzidas.

— Ok, isso é estranho também. Os celulares não costumam funcionar aqui dentro. — Tirando o telefone do bolso, ela olhou o número na tela.

Kylie viu Holiday prender a respiração ao mesmo tempo que Hannah. O espírito soltou uma exclamação de desespero e disparou para fora da caverna. Seus passos, embora rápidos, eram silenciosos no chão de pedra.

Um pouco antes de o espírito de Hannah atravessar a parede de água, ela olhou para trás, em direção a Holiday, que fitava chocada o número na tela. Então desapareceu, levando com ela todo o frio.

— Quem é? — Kylie perguntou.

Holiday balançou a cabeça.

— É... Blake.

— Quem é Blake? — Kylie perguntou, pressentindo que era uma pista para tudo o que estava acontecendo. Será que era ele que Kylie tinha de impedir que fizesse mal a Holiday?

A vida de Holiday estaria em perigo?

O barulho da cachoeira foi interrompido pelo barulho de alguém se aproximando correndo, através da água. Kylie e Holiday olharam na direção do barulho.

Burnett, que estava de guarda do lado de fora da gruta, entrou através das quedas, com a face crispada de pavor. Suas roupas estavam molhadas e seu cabelo preto, grudado na testa e pingando água no rosto.

— Para onde ela foi? — Ele piscou e então seu olhar se deteve em Holiday. Seus olhos se arregalaram. Ele balançou a cabeça, confuso.

— Você acabou de... sair daqui correndo. Como pode estar aqui?

— O quê? — Holiday perguntou.

Burnett ficou simplesmente parado ali, sua pele ainda mais pálida do que a cor azeitonada normal, olhando para Holiday como se estivesse vendo um fantasma.

Kylie de repente percebeu que era exatamente o que tinha acontecido. Burnett tinha visto Hannah.

*Ah, merda*, pensou Kylie. Burnett não só podia farejar fantasmas, como também podia vê-los.

— Como eu posso ter saído daqui correndo? — perguntou Holiday novamente, devolvendo o celular ao bolso do jeans. — Você não está dizendo coisa com coisa.

Kylie não sabia o que a levava a agir dessa maneira, mas ela olhou para Burnett e balançou a cabeça, como se dissesse que ele não deveria contar a Holiday o que tinha visto.

Ele abriu a boca e então fechou-a novamente e fitou Kylie. Ela fez que não com a cabeça

novamente e percebeu que ele tinha entendido.

Então ele fixou os olhos em Holiday. Ainda parecendo perplexo, ele respondeu:

— Acho que me enganei. Pensei ter ouvido você me chamar.

— Não — respondeu Holiday. — Não chamei.

— Muito bem — ele disse, e num piscar de olhos atravessou a parede de água, saindo da gruta.

Holiday ficou olhando para o ponto onde ele estava um segundo antes.

— Eu sei que você me disse que Burnett voltaria e não é que eu não acreditasse em você, mas ver isso com os meus próprios olhos me deixou pasma. Eu não... eu nunca vi ninguém ser capaz de vir aqui atrás, na gruta, sem ser abençoado.

A mente de Kylie dava voltas, pensando no que dizer, mas então ela se lembrou do telefonema e da angústia no rosto de Hannah quando disparou para fora da caverna. Então teve o pressentimento de quem quer que tivesse ligado para Holiday tinha algo a ver com Hannah e poderia ser a pessoa com quem ela estava preocupada.

— Quem é Blake? — perguntou Kylie novamente.

— Você não tem uma reunião com um dos novos professores? — Burnett perguntou a Holiday quinze minutos depois, quando chegaram à clareira, na volta da cachoeira. — Por que não vai para o escritório enquanto eu levo Kylie até a cabana?

Kylie olhou para Burnett e percebeu suas intenções. Ele queria ficar sozinho com ela para que pudesse perguntar sobre o que tinha acontecido na cachoeira. Ela podia dizer, pelo silêncio dele e pela cor dos seus olhos, que o interrogatório não seria fácil.

— Eu ainda tenho meia hora, caso você tenha outra coisa para fazer. — Holiday estudou Burnett com uma curiosidade explícita, provavelmente confusa com a mudança do tom dos seus olhos. No caminho de volta, ela tinha perguntado sobre a capacidade dele de entrar na cachoeira. Ele tinha dado de ombros e dito que nunca pensara muito naquilo.

Que tremenda mentira! Ele obviamente tinha pensado muito naquilo. E tinha percorrido todo o caminho de volta pensando naquilo também, pois não tinha pronunciado uma palavra durante todo o percurso. Com todos em silêncio enquanto atravessavam o bosque, Kylie teve tempo para pensar e se preocupar. Tentando desvendar o mistério de Blake a cada passo, ela remoeu tanto o que acontecera que mordeu o lábio inferior até machucá-lo.

Quando perguntou sobre o telefonema que recebera na gruta, Holiday se esquivou de dizer a verdade, sendo vaga:

— Alguém que eu conheci.

A resposta não esclareceu nada a Kylie. Ela se sentiu tentada a despejar sobre Holiday uma lista de perguntas.

*Blake também conheceu a sua irmã gêmea, de cuja existência eu supostamente não deveria saber?*

*Você acha que Blake pode ter feito algo para a sua irmã, tipo matá-la?*

*Eu preciso contar a Burnett sobre Blake, só para o caso de ele ser a pessoa que eu preciso impedir de fazer mal a você?*

Oh, sim, Kylie tinha muito com que se preocupar, incluindo o interrogatório que Burnett pretendia fazer.

— Não, tudo bem — respondeu Burnett a Holiday. — Eu levo Kylie até a cabana. Você vai relaxar.

Holiday fez uma cara preocupada, como se não estivesse nem um pouco disposta a relaxar, e olhou para Kylie como se a garota soubesse por que o vampiro estava agindo de modo tão estranho. Kylie deu de ombros.

— Ok — conformou-se Holiday, pegando a trilha do escritório.

Kylie começou a percorrer o caminho até a sua cabana e apostou consigo mesma quanto tempo demoraria ainda para Burnett começar a crivá-la de perguntas. Um minuto? Dois?

— Comece a falar! — Burnett não demorou mais do que vinte segundos.

Ok, talvez ela tivesse superestimado a paciência dele.

Ele parou de andar e olhou para ela, no rosto uma carranca.

— Quem era aquela, na cachoeira, que se parecia com Holiday? Você usou seus poderes de bruxa para fazer aquilo?

Kylie hesitou, insegura quanto ao que responder. Ela se lembrou de como se sentira quando constatou que passaria o resto da vida falando com pessoas mortas.

— Eu não fiz nada.

— Então quem era? — ele perguntou, autoritário. — E por que você preferiu esconder isso de Holiday? — Ao ver que ela demorava a responder, ele acrescentou. — Agora, Kylie! Eu quero respostas. E não esqueça que eu sei quando está mentindo.

Ela deu um suspiro. Entendia a frustração dele, mas...

— É a irmã gêmea de Holiday.

Ele arqueou as sobrancelhas, numa expressão perplexa.

— Holiday tem uma irmã gêmea?

Kylie confirmou com a cabeça.

Burnett desviou o olhar por um segundo, então voltou a encará-la.

— Por que ela nunca mencionou isso? — Ele correu a palma da mão pelo rosto, expressando frustração e desapontamento. Então chegou à sua própria conclusão. — Porque ela não tem confiança nenhuma em mim.

Seu olhar voltou a fitar Kylie.

— Mas, espere aí. Como a irmã dela pode ter entrado no acampamento sem disparar os alarmes? Eu chequei meu telefone quando saí da gruta. Os alarmes não tinham disparado e não havia neblina para encobrir alguém que quisesse burlar o sistema.

— Ela não burlou o sistema. Ela... — Não havia um jeito fácil de dizer aquilo, mas ela fez

uma pausa, tentando encontrar as palavras certas.

— É a única alternativa — Burnett continuou. — O que mais poderia...

— Ela está morta — disse Kylie, sentindo, no semblante carregado do vampiro, a pressão para que respondesse. — A irmã de Holiday é um fantasma.

# Capítulo Dezenove

— A irmã dela está morta? — O tom de voz de Burnett deixou transparecer a sua surpresa. — Como? O que aconteceu?

Kylie se sentiu tocada ao ver que ele tinha pensado primeiro em Holiday, antes de querer entender exatamente o que estava acontecendo. Não que ela não esperasse que ele percebesse o óbvio dali a um minuto.

Ou talvez em menos de um minuto. Os olhos dele se arregalaram de pânico e sua boca se abriu.

— Não! Ela não pode ser... porque eu não posso... — Ele balançou a cabeça. — Não...

— Isso não é muito diferente de farejar um fantasma. E você já sabia que era capaz disso — disse Kylie, esperando diminuir o choque de Burnett.

— Uma ova que não é! É totalmente diferente! — ele esbravejou, passando a mão pelo cabelo. — Como eu poderia... Eu sou um vampiro e nós, vampiros, não... Não vemos espíritos!

— Eu sei. Eu me lembro de Holiday dizendo isso. — Kylie fez uma pausa. — O mais estranho é que você viu, e normalmente só a pessoa que tem alguma ligação com o espírito o vê. Eu não vejo os espíritos que se manifestam para Holiday e ela não vê os meus. Então por que você viu Hannah?

— Eu não deveria vê-los! — ele insistiu. — Sou um vampiro. Muito, mas muito poucos vampiros têm esse poder secundário.

Kylie franziu as sobrancelhas para confirmar o padrão de Burnett.

— Talvez você não seja cem por cento vampiro. Seu tataravô poderia ser um híbrido, e só agora esse dom que herdou dele veio à tona.

Ele passou a mão na própria testa.

— O meu padrão não é totalmente o de um vampiro?

Kylie deu de ombros.

— É — Ela o fitou, solidária. — Mas, considerando tudo o que eu tenho passado, aprendi a não tomar um padrão pelo que ele é no momento.

Burnett olhou para Kylie como se ela tivesse se metamorfoseado em algo ruim.

— Mas isso só acontece com você.

— É, às vezes é o que parece... — Ela achou o comentário um tanto engraçado. Encolheu os ombros de novo, contendo um sorriso, porque não achava que Burnett ia apreciar piadinhas naquele momento. — No entanto — Kylie continuou —, não podemos negar que algo está acontecendo. O seu padrão mostra que você é um vampiro, e vampiros puro-sangue geralmente não se comunicam com fantasmas.

— Talvez seja um castigo por eu ter entrado na cachoeira.

O primeiro impulso de Kylie, sendo ela mesma alguém que se comunicava com fantasmas, foi se sentir um pouco insultada ao ver que seu dom era visto como um castigo; o segundo impulso foi lembrar que, no início, era exatamente assim que ela se sentia. Como se estivesse sento punida.

— O que foi? — ele perguntou, como se percebesse que ela tinha algo a dizer.

Sem saber como escapar da saia-justa, ela disse exatamente o que se passava em sua cabeça.

— Como Holiday sempre diz, isso é um dom, não um castigo.

— É um castigo para mim. Diabos! — ele murmurou.

Kylie ainda não conseguia entender como aquilo tinha acontecido. Afinal, até Holiday tinha explicado que era muito raro um vampiro ser capaz de se comunicar com os mortos.

— Sério, os seus pais são de fato vampiros de sangue puro?

Ele olhou para ela como se a pergunta exigisse alguma reflexão. Depois, desviando os olhos, ele fitou o céu. Depois de vários segundos, voltou a olhar para ela.

— Certo... vamos esquecer a minha dificuldade para aceitar tudo isso. — Ele passou a mão no rosto outra vez como se tentasse dissipar sua confusão. — Por que você não quer que Holiday saiba que a irmã dela está aqui?

Kylie mordeu o lábio inferior, então soltou-o ao sentir dor.

— Eu não acho que Holiday saiba. Primeiro eu quero descobrir exatamente...

— Espere. Você não sabe se Holiday sabe o quê? — ele perguntou, impaciente.

— Que a irmã está morta.

Ele a olhou com assombro.

— Ela não sabe? Ah, merda... — Ele soltou um suspiro. — Como a irmã dela morreu? Há quanto tempo?

Mesmo antes de responder, Kylie suspeitava de qual seria a reação do vampiro. Ele não ia gostar disso.

— Ela foi assassinada. Ela e outras duas garotas.

O descontentamento transpareceu nos olhos de Burnett e sua postura enrijeceu. Ela acertou

ao adivinhar a reação dele. E tentou não se deixar intimidar com a sua fúria.

— Assassinada?! — esbravejou. — Há quanto tempo você sabe disso e por que, pelo amor de Deus, você só está me contando agora?

— Eu... eu estou tentando descobrir. Hannah só agora está conseguindo me contar as coisas. E eu ainda estou tentando encaixar as peças. — Uma pequena parte dela estava se perguntando se ele talvez não estivesse certo e ela errada por tentar desvendar o mistério sozinha. Mas na verdade ela não estava tentando fazer tudo sozinha. Ela tinha Derek. Então pensou que talvez devesse ter contado tudo a Burnett, não a Derek.

Suas dúvidas começaram a vir à tona e depois se atenuaram. A calma que irradiara da cachoeira cresceu em seu peito e de algum modo ela soube que tinha acertado ao seguir seus instintos. Não era isso que Holiday sempre lhe dizia para fazer?

— Caramba, Kylie. Você devia ter me procurado para que eu pudesse ajudá-la a descobrir o que aconteceu.

Kylie sustentou o olhar do vampiro.

— Como se você fosse muito receptivo aos meus problemas com fantasmas. Além disso, eu estava fazendo o que a minha intuição dizia que era o melhor.

A postura de Burnett relaxou, como se ele compreendesse os motivos dela.

— Mas se é a respeito de Holiday, eu sempre sou receptivo.

Kylie viu nos olhos dele outra vez a lealdade por Holiday. Porque ele a amava, Kylie percebeu. Essa constatação levou-a a pensar em Derek e na disposição dele em ajudá-la com os fantasmas, quando ninguém mais se dispunha.

O pensamento em Derek levou seu coração de volta a Lucas. O passeio à cachoeira tinha diminuído a animosidade que sentia com relação a ele, mas não completamente. Mais cedo ou mais tarde, os dois teriam que conversar. Ela só não sabia como essa conversa iria terminar. Ou como iria começar. Ela estaria certa de ficar com raiva dele por manter distância se ela sabia a razão que o levava a se comportar assim — evitar conflitos com o pai dele, de modo que ele pudesse receber mais votos para entrar no conselho dos lobisomens? Será que ela não deveria ser mais compreensiva e solidária?

Burnett deu um passo para trás e mexeu o pescoço de um lado para o outro, como se estivesse tentando aliviar a tensão.

— Holiday tem que saber.

Kylie bateu a ponta do tênis na terra e tentou se concentrar no problema que tinha à mão e não nos seus dilemas com relação a Lucas.

— Eu sei. Mas achei que, quando soubesse exatamente o que Hannah quer, seria mais fácil.

— Você acha que ela quer alguma coisa?

Kylie assentiu.

— Eles sempre querem alguma coisa. É por isso que não deixam este mundo. É por isso que nos procuram.

— Procuram você — ele a corrigiu e depois acrescentou: — Você tem alguma ideia do que ela precisa?

Kylie preparou-se para a reação dele novamente.

— Eu não tenho certeza absoluta. A princípio, pensei que fosse apenas ajuda para que ela e as outras fossem retiradas da cova coletiva em que estão. Talvez encontrar quem fez isso com ela. Mas agora... agora eu acho que ela sente que tem que proteger Holiday de alguma coisa... ou de alguém.

A expressão de Burnett ficou mais sombria, mas desta vez sua angústia não era dirigida a Kylie. Seus olhos brilharam com a necessidade instintiva de proteger Holiday.

— Antes que você pergunte, eu não sei quem ou exatamente o que representa perigo para Holiday. — Kylie suspeitava que tinha algo a ver com o homem chamado Blake, mas não tinha certeza se deveria dizer isso a Burnett. Da última vez em que ela deu ao vampiro uma informação pessoal sobre Holiday, a amiga tinha ficado furiosa. Se Kylie descobrisse que Blake era uma ameaça, então contaria tudo a Burnett. Mas ela precisava de mais informações. Informações que nem Holiday nem Hannah pareciam dispostas a dar.

Ele fez um gesto com as mãos, expressando frustração.

— Então vá atrás de Hannah e diga que você precisa de respostas.

— Não é assim que funciona. Não somos nós que procuramos os espíritos. São eles que vêem até nós.

Ele franziu o cenho.

— Não gosto nada disso. Nem um pouco.

Nesse ponto, Kylie poderia concordar com ele.

Ele ficou de pé ali, olhando para as árvores como se as respostas estivessem entre os galhos. Ela tinha o palpite de que ele não estava acostumado a não receber informações quando exigia. Se ele realmente se comunicasse com fantasmas, teria que aprender a ter paciência. Ela tinha dó do pobre fantasma que lhe aparecesse primeiro.

Burnett finalmente olhou para ela.

— Tudo bem, me diga tudo o que você sabe. Tudo mesmo. Vamos desvendar esse mistério.

Mesmo antes de Kylie começar a falar, ela já pressentia que Burnett mudaria o jogo; só não sabia se isso era bom... ou ruim.

Naquela tarde, Kylie estava de pé diante da geladeira aberta, olhando ali para dentro. Estava ouvindo o zumbido do eletrodoméstico e apreciando o ar frio que sentia em seu rosto, enquanto Miranda e Della conversavam sentadas à mesa atrás dela.

Era incrível como um friozinho caía bem quando não era sinal da presença dos mortos. Não que ela não quisesse que Hannah aparecesse para uma visitinha agora. Ela realmente precisava de respostas. Mas, se tinha aprendido uma coisa, era que não podia apressar os fantasmas.

Kylie tinha conseguido, não sabia como, convencer Burnett a dar um pouco mais de tempo a Hannah, antes de partir o coração de Holiday, dizendo-lhe que a irmã estava morta. Por alguma razão desconhecida, Kylie sentia que era importante saber exatamente do que Hannah precisava. Não que Kylie não se preocupasse com a possibilidade de que seu próprio desejo de adiar o máximo possível a má notícia a tivesse levado a tomar essa decisão.

Burnett também concordara que ir à lanchonete para verificar se eles tinham informações sobre Cara M. poderia ser uma boa ideia. Ele estava planejando para que fossem no sábado pela manhã, com Derek. Burnett queria que Derek fosse porque, quando Kylie contou o que o *fae* tinha descoberto até o momento, ele ficara impressionado com a sagacidade do garoto para investigar os fatos.

Ela não estava nem um pouco preocupada com a possibilidade de Lucas não gostar quando descobrisse que Burnett tinha pedido a Derek para acompanhá-los. Mas quem sabe ele nem ficasse sabendo. Ela passava tão pouco tempo com Lucas ultimamente que talvez o lobisomem nem viesse a saber. Ou nem se importasse.

Ela fechou os olhos. Ele se importava. Só que, no momento, havia outras coisas com as quais se importava mais.

Beliscando o lábio, ela se lembrou de que ainda não tinha respondido à mensagem que Lucas lhe mandara aquele dia. Ela não sabia o que responder, pois não sabia mais como se sentia a respeito dele. Num minuto estava furiosa, no seguinte se perguntava se era justo ficar com raiva.

— Qual o problema? — Miranda perguntou.

Kylie abriu os olhos, concentrando-se no que havia diante dela e não no que estava sentindo.

— Não temos mais refrigerante.

— Por que você não conjura alguns?

Kylie olhou para Miranda.

— Conjurar alguns...?

— Conjurar — repetiu ela, levantando o dedo mindinho.

— Ah, por que *você* não conjura alguns para nós, então? — Kylie perguntou, vendo os olhos de Della se arregalarem.

— Porque você precisa aprender — disse Miranda, com praticidade. — Você precisa assumir seu lado bruxa.

Kylie tinha evitado conjurar qualquer coisa depois do acidente com o peso de papel e Burnett. E ela gostaria de continuar evitando, mas, pelo olhar de Miranda, não daria mais para adiar. Bem, pelo menos não sem ferir os sentimentos da bruxinha.

E Kylie detestava ferir os sentimentos de alguém. Especialmente os de Miranda.

— Tudo bem... como eu faço isso? — Ela fechou a porta da geladeira e respirou fundo. — Sem pôr em perigo a vida de ninguém?

Miranda deu um gritinho de alegria e se ajeitou melhor na cadeira, cheia de empolgação.

Della lançou para Kylie um olhar de aprovação, como se dissesse que ela estava fazendo a coisa certa.

— Gostei da parte sobre não pôr em perigo a vida de ninguém. — a vampira acrescentou com um sorriso.

— Respire fundo várias vezes — ensinou Miranda. — Relaxe. Concentre-se. Então visualize uma embalagem com seis refrigerantes bem gelados e mexa o mindinho.

*Uma embalagem com seis refrigerantes bem gelados*. Kylie levantou o dedinho e nesse mesmo instante Della entrou na conversa.

— Estamos falando de uma embalagem de refrigerante, né? Não de um *six-pack*, como se costuma chamar um cara sarado com barriga de tanquinho...

Ouviu-se um chiado no ar. E de repente apareceu em frente à geladeira um rapaz sem camisa, com barriga de tanquinho, tremendo de frio. Seu cabelo castanho caía sobre a testa e seus olhos azuis estudavam as três com uma expressão perplexa.

— Que diabos é isso? — ele murmurou.

Kylie ofegou.

Miranda deu uma risadinha.

Della reprimiu uma risada.

— Desapareça! — Kylie gritou, o rosto vermelho enquanto agitava o dedinho na direção do rapaz. Ele sumiu tão rápido quanto apareceu. Kylie olhou para trás, na direção das duas amigas, que agora gargalhavam. Ela pôs a mão sobre o coração, que batia acelerado.

— Nem pense em me convencer a tentar outra vez — ela guinchou.

— Quem era... ah, qual o nome dele? Zac alguma coisa? — Della perguntou. — O ator, quero dizer.

— Ah, meu Deus, era ele! — disse Miranda.

— Eu sempre achei que ele se parece um pouco com Steve, não acham? — perguntou Della.

— Ah, droga! — Kylie cobriu o rosto com as mãos. — Eu não machuquei o garoto, machuquei? Ele não vai ter, sei lá, um câncer ou algo assim?

— Não — respondeu Miranda, ainda achando graça.

— Ótimo! — disse Della, esfregando as mãos. Então traga o carinha de volta. Eu quero ver se ele realmente se parece com Steve.

— Está maluca? — Kylie perguntou a Della. Então ela se concentrou em Miranda. — Ele vai se lembrar disso? Vai achar que enlouqueceu?

— Aconteceu muito rápido, ele provavelmente vai achar que imaginou tudo. Além disso, não foi culpa sua. — Miranda deu outra risada. — Foi Della. — Miranda apontou para a acusada.

— Ah, certo. Culpe a vampira! — gritou Della.

Miranda revirou os olhos.

— Della colocou uma imagem nos seus pensamentos e por alguma razão você visualizou Zac Efron. — Miranda sorriu outra vez. — Você obviamente se sente atraída por ele.

Kylie começou a negar, mas não pôde.

— Eu ainda não estou assumindo a responsabilidade por isso — disse Della.

Miranda olhou para Della.

— Acho que deveria ter dito para você ficar quieta. Desculpe. — Ela cobriu a boca para esconder uma risadinha. Então se sentou ereta na cadeira. — Mas... uau! Tenho que dizer que estou chocada. Só as bruxas mais poderosas conseguem transportar seres humanos. Nem minha mãe consegue.

— Vocês não acham que ele se parece com Steve? — Della perguntou novamente.

Kylie desabou na cadeira.

— Eu não estou nem aí para quem ele parece. Não vou fazer de novo. Não tenho controle nem conhecimento. Tenho certeza de que vou fazer alguma besteira.

— É por isso que precisa praticar. Além disso, nada ruim aconteceu — disse Miranda.

— Sério? Eu trouxe um ator de cinema seminu para a nossa cabana!

— E por que isso é ruim? — Della perguntou. — Quero dizer... eu detesto dizer isso, mas, pela primeira vez, estou vendo que talvez seja legal ser bruxa.

— Obrigada! — disse Miranda, endireitando-se na cadeira.

— Quero dizer, você pode conjurar qualquer coisa que quiser? Um cara gostoso? Um copo de sangue O negativo? Um jeans novo? — Della perguntou.

— Ah, pelo amor de Deus, não se pode fazer nada disso — explicou Miranda. — É totalmente contra as regras.

— Mas... — Kylie olhou para Miranda. — Você acabou de me mandar fazer isso.

— Sim, mas você é novata. Não conta. — Miranda olhou para Della. — Isso não quer dizer que eu não faça. Se for por um bem maior, tudo bem. Se for em benefício de alguém, bem, tem de haver uma razão. Se me derem um sanduíche de atum e eu quiser um de peru, não é grande coisa. É trocar uma carne por outra. Mas, se eu fizer isso com muita frequência, sou convocada.

— Por quem? — perguntou Della. — Pelos deuses da carne?

Miranda franziu a testa como se dissesse que estava falando sério e Kylie concordava.

— Pela sociedade wiccana.

— Espere aí — disse Kylie. — Você quer dizer que eles sabem o que eu faço?

Della limpou a garganta como se para avisá-la, mas Kylie não entendeu o aviso. Ela estava preocupada demais com a possibilidade de a sociedade wiccana saber dos seus erros idiotas para prestar atenção.

— Sim — disse Miranda. — Eles são como Papai Noel com sua bola de cristal mágica. Sabem se você se comportou mal ou não.

— Que ótimo! Então alguém está olhando numa bola de cristal neste exato momento e vendo que eu conjurei um ator gostosão seminu? — Kylie perguntou.

— Você fez o quê? — A voz grave masculina soou atrás de Kylie.

Kylie congelou, preocupada que Zac tivesse voltado. O fato de que ela não estava nem um pouco feliz com isso revelava muito sobre a sua disposição também. Então ela recapitulou a voz na sua cabeça e reconheceu o timbre de tenor.

Droga. Agora ela estava de fato encrencada.

# Capítulo Vinte

Kylie se virou na cadeira e olhou para o rosto intrigado de Lucas. Ele usava uma calça jeans preta e uma camiseta azul-clara. A camiseta era justa o suficiente para ela saber que seu abdômen de tanquinho não ficava atrás do de Zac.

Ele continuou a encará-la.

— O que você acabou de dizer?

— Era... um feitiço que deu errado. Eu conjurei um cara aqui por alguns segundos. — Normalmente ela enrubesceria, mas seu tumulto emocional com relação a Lucas afugentou qualquer constrangimento.

Kylie ficou de pé. Sentiu-se desconfortável sentada ali. Seu peito se encheu de alegria ao vê-lo e de angústia pela raiva mal resolvida que sentira. Ela queria beijá-lo, mas queria também extravasar toda a sua raiva e gritar.

— Ah... — Ele olhou para Della e Miranda. Mas antes que colocasse a pergunta em palavras, elas se levantaram. Miranda se afastou como se não estivesse interessada na conversa, enquanto a postura de Della exalava rebeldia.

— A gente vai lá pra varanda. — O tom da vampira combinava com a sua expressão corporal.

— Obrigada. — Embora Kylie não tivesse confidenciado às amigas as suas mais recentes inseguranças com relação a Lucas, ela sabia que elas suspeitavam. Assim como ela própria sabia o que se passava na vida delas. Ela observou enquanto as suas duas melhores amigas saíam da cabana para lhes dar privacidade.

O olhar de Kylie se fixou em Lucas e seus profundos olhos azuis sustentaram os dela até a porta se fechar. Ela se virou e ficou de frente para a geladeira, tentando descobrir o se sentia... além da mágoa que partia o seu coração. Só para ter algo que fazer, abriu a porta da geladeira.

— Quer beber alguma coisa? — ela perguntou, sem saber o que faria se ele aceitasse, pois não havia nada ali exceto um vidro de picles quase vazio e uma garrafa de sangue, que

pertencia a Della.

— Escrevi três mensagens e também enviei e-mails e você não respondeu. — Ele parecia magoado.

Fechando os olhos, ela tentou afastar a culpa que lhe causava um nó no estômago.

— Eu ainda não chequei os meus e-mails. — Ela fechou a geladeira e foi até a cadeira em frente ao computador.

— O que você está fazendo? — ele perguntou.

— Checando os meus e-mails. Você não disse que tinha enviado? — Ela parecia uma idiota. Tudo bem, não só parecia uma idiota, mas estava se comportando com uma, mas ela precisava de alguns minutos para pensar.

Ela estava errada em sentir raiva?

Ou estava certa?

Kylie se deixou cair na cadeira. Com o computador ligado, só era preciso um clique do mouse para baixar seus e-mails. Percorreu a lista com os olhos uma vez e encontrou o nome de Lucas.

O assunto de todos os três e-mails que ele mandara era o mesmo: *sinto sua falta*.

Agora um nó se formou na sua garganta.

— Você está com raiva de mim por algum motivo? — ele perguntou.

— Sim. — Ela passou os olhos pela tela e sentiu como se seu peito estivesse se expandindo — ficando maior e maior —, até quase transbordar de emoção. A dor era real, tornando difícil até respirar.

Ela engoliu em seco.

— Não.

— A resposta é sim ou não. Está com raiva ou não está? — Seu tom de voz deixava transparecer sua mágoa. Ou raiva. Ou talvez as duas coisas.

Ela fechou os olhos e, embora não pudesse ouvi-lo, sentiu-o se aproximar. Seu cheiro, um maravilhoso aroma de terra, parecia impregnar o ar da cabana.

Ela inspirou.

— Talvez.

— Hmm. — Ele de fato estava mais perto. Muito perto. Bem atrás dela. Quase tocando-a.

Ela estava tentada a se virar, mas não fez isso. Olhou para a tela do computador e segurou a respiração.

— É isso que significa quando dizem que as mulheres têm o privilégio de poder mudar de ideia? — Um leve toque de humor matizava a voz de Lucas.

— Pode ser — ela murmurou.

— Está assim porque não apareci ontem à noite? Mas eu deixei um bilhete. Você estava dormindo.

— Não é por causa disso. — O olhar dela estava fixo no computador. Kylie localizou três e-

mails do seu pai. Outra coisa emocionalmente difícil com que ela tinha que lidar. Agora que sabia que sua mãe estava se encontrando com outro homem e que ela e o padrasto provavelmente nunca voltariam a ficar juntos, era ainda mais difícil vê-lo.

Ela piscou.

— Então por quê? — A mão dele pressionou o ombro dela de leve. Uma sensação de calor fluiu da palma de sua mão. — Porque neste momento, eu adoraria poder beijá-la e não sei se posso. Não sei se está furiosa comigo, quero dizer.

Inspirando fundo, o coração de Kylie começou a bater freneticamente ao pensar em Lucas beijando-a. Em seu peito contra o dele.

— É porque você está me evitando — ela disse. — Está me mantendo afastada de você.

A outra mão dele acariciou o outro ombro dela.

— Só até o meu pai aprovar que eu me junte ao conselho. Eu sei que é difícil, e sim, ficarmos juntos vai ser ainda mais difícil com Clara aqui, mas... Eu preciso da aprovação dele. Não acho que vá demorar muito.

Ela piscou mais uma vez e foi então que viu. Quatro... não, cinco e-mails com a palavra "neblina" na linha do assunto. Seria possível...?

— Ah, merda! — Ela viu outro e-mail do mesmo endereço cujo assunto era "conversa".

— O que foi? — ele perguntou.

Ela abriu a boca para contar a ele, mas fechou-a ao mesmo tempo que fechou o e-mail. Ela não queria contar a ele sobre o fato de seu avô ter perseguido a irmã dele. Não tinha contado porque não lhe parecia conveniente. Agora parecia menos ainda.

Se ela decidisse encontrar o avô sem Burnett, Lucas não aprovaria. Ele era superprotetor e insistiria para que ela contasse ao vampiro.

Kylie não podia deixar Lucas contar a Burnett, pois o vampiro não deixaria que ela encontrasse o avô sem que ele estivesse presente. E ela tinha a impressão de que o avô não estava muito disposto a encontrar Burnett.

Ela precisava falar com o avô — com ou sem Burnett por perto. Ele tinha respostas, e descobrir essas respostas era seu objetivo. Quantas vezes Holiday não lhe dissera que ela deveria seguir seu coração? E seu coração lhe dizia que essa era a coisa certa a fazer. Lucas teria que entender.

E nesse exato momento, ocorreu algo a ela. O objetivo de Lucas era fazer parte do conselho. E, para tanto, ele tinha que fingir em frente à alcateia e Clara, para convencê-los de que ela não era importante para ele. Como ela poderia ficar zangada com o namorado quando... ela também tinha prioridades igualmente importantes?

Isso significava que ela tinha que ser mais compreensiva. Se, para atingir seu objetivo, eles não poderiam se sentar juntos nas refeições ou ele precisava fingir que não eram namorados, ela aceitaria isso. Assim como esperava que ele aceitasse que ela também tinha um objetivo.

Ela se levantou e se virou de frente para ele.

— Desculpe. Minha reação foi exagerada. — Ela colocou as mãos no peito dele.

Ele olhou para ela, como se estivesse ainda mais intrigado.

— Não está mais com raiva?

Ela abriu um sorriso sincero. Ao pensar que seu avô não tinha desistido de vê-la, o peito de Kylie se encheu de emoção como uma bolha de ar. Ela olhou de relance para o computador e então para Lucas.

— É duro sentir que estou em segundo plano, mas...

— Você não está em segundo plano. Quando eu entrar para o conselho, terei condições de pôr um fim nessa droga toda. Os lobisomens mais jovens não veem a hora de que haja uma voz no conselho que exprima as opiniões deles. Eu vou conseguir o apoio deles e os mais velhos não vão poder mais nos dizer como devemos viver a nossa vida. Eles não vão mais responsabilizar ninguém pelos pecados dos pais. Por favor, me dê mais um pouco de tempo.

— Eu vou dar. E lamento ter sido tão idiota.

Ele a puxou mais para perto. Tão perto que o calor do seu corpo enviou uma onda de prazer que a atravessou da cabeça aos pés.

— Eu sei — disse Kylie. — E entendi agora. — Ela encontrou o olhar de Lucas e umedeceu seus lábios com a língua. — Você estava dizendo algo sobre me beijar?

Ele arqueou as sobrancelhas, mas abriu um sorriso.

— Acho que nunca vou entender as garotas.

— Então pare de tentar. — Ela ficou na ponta dos pés. Queria que Lucas a beijasse ardentemente e então queria que ele fosse embora para que ela descobrisse o que seu avô tinha lhe dito nos e-mails. Mas no momento em que os lábios dele encontraram os dela, quando seu peito quente pressionou os seus seios e suas mãos deslizaram sob a sua blusa, apertando a pele nua da cintura, ela decidiu que os e-mails poderiam esperar um pouco mais.

Isso... isso era magia. O tipo de magia que ela podia fazer sem causar nenhum tipo de prejuízo.

Naquela noite, Kylie foi para a cama sem trocar de roupa, esperando ouvir Miranda chegar do seu encontro com Perry. As noites do casal eram cada vez mais longas. Não que Kylie pudesse culpá-los. Afastar Lucas depois daquela breve sessão de beijos não tinha sido fácil — mesmo com os e-mails do avô esperando por ela.

Lucas tinha emitido aquele zumbido de desejo e ela emitira o mesmo zumbido junto com ele. A capacidade que os lobisomens machos tinham de seduzir suas companheiras tinha cativado sua alma e seu coração. Seu toque era divino, ela não queria que ele parasse. Era cada vez mais difícil não ceder. E, no entanto... ela o afastou.

Talvez por causa dos e-mails.

Talvez porque não quisesse que questões não resolvidas interferissem na sua primeira vez. E, embora ela entendesse que Lucas estava tentando alcançar o seu objetivo, lá no fundo, isso

ainda a feria.

No entanto, provavelmente a questão maior que a levou a não ceder talvez tenha sido Della e Miranda esperando do lado de fora, na varanda. Com certeza aquela tinha sido a razão mais importante que a fez encontrar forças para impedir que as coisas fossem longe demais.

O fato de que ela e Lucas tivessem acabado o encontro deitados no sofá, no maior amasso, enquanto as duas amigas esperavam na varanda, fez com que ela ficasse com as bochechas ardendo quando olhou para as duas, depois de Lucas ter ido embora. O que deixou a coisa ainda pior foi saber que Della podia farejar os feromônios que eles tinham exalado.

Ela esperava, porém, que as bochechas vermelhas e os feromônios a ajudassem a fazer com que seus planos de hoje à noite funcionassem. Os planos de Kylie tinham lhe ocorrido tão logo ela lera o e-mail do avô pedindo que o encontrasse — sozinha — no Cemitério de Fallen.

Será que o avô tinha descoberto a verdade? Que até pouco tempo antes, sua mulher, a avó de Kylie, estava enterrada ali numa sepultura anônima?

O e-mail que Kylie mandou para ele, em resposta, foi breve: "Farei o possível para estar lá a uma da manhã". O fato de não ter recebido nenhuma resposta incomodou-a um pouquinho. Ele tinha perguntado. Ela tinha respondido. O que mais era preciso dizer? Mas isso não a impediu de checar a sua caixa de entrada a cada quinze minutos.

O que havia de pior em tudo aquilo era a mentira que ela teria que contar às colegas de alojamento. Uma mentira que só funcionaria se Della não sintonizasse automaticamente o batimento cardíaco mais rápido de Kylie quando ela mentisse. Se Kylie pudesse falar uma inverdade e Della acreditasse no ato, ela não iria verificar seu batimento cardíaco. Ou pelo menos Kylie rezava para que funcionasse dessa maneira.

Alguns minutos depois, Kylie ouviu Miranda e Perry na varanda. Ela saiu da cama. Silenciosamente, foi para a sala, esperando Miranda entrar na cabana. Kylie sabia que Della provavelmente já tinha percebido que ela saíra do quarto.

A porta se abriu e, quando Miranda a viu, teve um sobressalto.

— Sou eu — disse Kylie.

— O que está fazendo acordada?

Sem querer se arriscar a mentir duas vezes, ela colocou seu plano em ação.

— Você o viu? — Kylie perguntou.

— Quem? — perguntou Miranda, olhando para a amiga atentamente. — Você está tendo uma daquelas visões estranhas outra vez?

— Não. Você viu Lucas? Ele ficou de me encontrar e nós... vamos a um lugar para ficarmos sozinhos. — Correndo para a janela, ela deu uma olhada para fora. — Eu o vi — Kylie mentiu, e imediatamente se sentiu culpada. — Estou indo.

Miranda segurou-a pelo cotovelo.

— Você vai aonde...?

Talvez fosse imaginação de Kylie, mas ela podia jurar que ouviu Della se levantando da cama.

— Conte a Della por mim. Diga a ela que eu quero ver Lucas. Diga que, por favor, nos deixe a sós desta vez. — Se agora Della estivesse ouvindo com a sua audição supersensível, ela saberia que era verdade. Kylie de fato queria estar com Lucas.

Sabendo que era imprescindível que ela saísse antes de Della chegar, Kylie correu rumo à escuridão, deixando Miranda parada ali com a boca entreaberta, prestes a dizer alguma coisa.

O ar de final de agosto era frio quando Kylie disparou pela varanda e correu o mais rápido que pôde para fora da cabana.

*Por favor, que isso funcione. Por favor, que eu consiga.* Ela repetia as palavras como uma oração. Seu corpo vibrava quando pensava que estava seguindo seu coração.

A cada passo, sua confiança aumentava. Apesar do aviso de Burnett para não entrar sozinha na floresta, ela sabia que aquela era a rota mais rápida e não hesitou em tomá-la. Movendo-se entre as árvores, ela aceitou o risco. Mario, ou quem estivesse ao lado dele, poderia esperar.

Mas era um risco que ela correria, disse a si mesma, ignorando a sensação de estar sendo seguida. Ignorou a culpa que sentiu por mentir para suas duas melhores amigas.

Ela teve que mentir. Aquela era a sua busca pessoal. E o risco deveria ser apenas dela, não das amigas, que se sentiam compelidas a se unir a ela. Kylie não iria colocar ninguém no caminho de Mario.

De repente, o telefone em seu bolso bipou com a chegada de uma mensagem. Ela diminuiu o ritmo apenas o suficiente para ler a mensagem.

Derek.

— Droga! — murmurou, a voz um sussurro no ar da noite.

Com certeza o *fae* tinha sentido suas emoções e estava preocupado. Mas, se ela lhe contasse, assim como a Della e a Miranda, ele acharia que deveria acompanhá-la. Ela enfiou o telefone do bolso e então acelerou o ritmo da corrida.

Enquanto ela se esquivava de galhos e arbustos espinhosos, ouvia os barulhos da noite — o fato de a floresta não estar em silêncio a tranquilizava. Se Della a tivesse seguido, ela já estaria ali. Kylie só podia supor que o plano tinha dado certo. Della tinha respeitado a sua vontade de ficar a sós com Lucas.

Consciente da distância que já tinha percorrido, Kylie sabia que estava perto da cerca que delimitava a propriedade de Shadow Falls. Seu coração martelava com o medo de que seu plano pudesse falhar quando atravessasse aquela cerca. Burnett poderia vir correndo.

No entanto, ela tinha ouvido rumores de que alguém estava sempre violando as regras. Perry, que nunca gostara de ser restringido na sua capacidade de se transformar em outras criaturas. Lucas e sua alcateia, que sempre eram convocados pelos anciões da sua espécie, que não obedeciam às regras de Shadow Falls.

Talvez, só talvez, Burnett não percebesse que era ela a pessoa que estava ultrapassando os

limites de Shadow Falls.

A cerca já era visível. Ela assomou-se diante de Kylie, com seus quase dois metros de altura. A garota acelerou o ritmo da corrida, rezando para que conseguisse transpor a barreira de metal.

Seu corpo parecia leve quando saltou no ar, subindo cada vez mais alto. Seus pés passaram por cima da cerca e ela chegou ao outro lado, esperando não cair de mau jeito e se machucar. Ela bateu com força no chão e rolou alguns metros.

Então se levantou e massageou o cotovelo, que tinha amortecido a queda. A dor diminuiu, ofuscada pela sensação de vitória. Ela tinha conseguido. Iria conseguir ver o avô.

De repente, Kylie notou uma sensação pegajosa de sangue na palma da mão. O odor de frutas silvestres entrou pelas suas narinas. Quem diria que seu próprio sangue tinha um cheiro tão bom? Sem se importar com o corte superficial, ela continuou a correr cada vez mais depressa, distanciando-se rapidamente da cerca.

Os sons da noite continuavam em volta dela. Nenhum vampiro deixava a noite silenciosa. Ela estava sozinha.

Kylie cruzou a entrada e passou por entre as árvores que a margeavam, enquanto continuava seguindo em frente. Pelos seus cálculos, só alguns quilômetros a separavam do cemitério.

Ela iria finalmente encontrar o avô e descobrir a verdade. O mistério do que ela era — do que significava ser um camaleão — estava prestes a ser desvendado. Um sorriso surgiu em seu rosto.

A sensação de vitória irrompeu em seu peito e lhe deu mais velocidade, agilidade e coragem.

Pelo menos até ela ouvir uma voz masculina dizendo:

— Aonde é que você pensa que vai?

O sangue pulsou em seus ouvidos e ela não reconheceu a voz a princípio — só sabia que não era Burnett. Não importava. Ela não queria nem saber quem era, pois ninguém era bem-vindo naquele momento. Ela tinha uma missão e não queria companhia. E era exatamente isso que planejava dizer ao intruso.

Kylie parou de repente — ou tão de repente quanto era possível parar quando se está correndo numa velocidade muito acima da humana. Seus joelhos se dobraram. Ela passou os braços em torno de uma árvore, apoiando-se nela para não cair.

Ainda incerta quanto à identidade do intruso atrás dela, ainda agarrada à árvore para se manter de pé, outra voz, diferente da primeira, falou:

— Eu ia fazer a mesma pergunta.

# Capítulo Vinte e Um

A decepção provocou uma sensação de fraqueza em todo o seu corpo. Havia dois intrusos ali, não apenas um. Ela queria gritar, mas o ar ficou preso em seus pulmões e ela não conseguiu emitir nenhum som. Furiosa, Kylie se virou para confrontar os donos das vozes. De uma coisa poderia se orgulhar: ela estava certa. Não havia vampiros no bosque.

Só um metamorfo malcriado, na forma de um pássaro, e um lobisomem muito contrariado.

Kylie aspirou uma golfada de ar. Ainda sem recuperar o fôlego, ela se curvou para a frente e se apoiou nos joelhos até conseguir voltar a respirar normalmente. Quando seu cérebro voltou a ser oxigenado, seus pensamentos começaram a clarear.

E um deles se destacou. Ela não iria deixar que eles a detivessem.

Sem rodeios, olhou para Perry com pura determinação. Então lançou o mesmo olhar para Lucas.

— Eu estou seguindo a minha busca pessoal. Vocês precisam ir embora e me deixar fazer o que é preciso.

— Você perdeu completamente o juízo? — perguntou Perry.

— O que está acontecendo, Kylie? — Lucas perguntou, num tom exigente.

Kylie olhou para o lobisomem.

— Eu já disse. Estou em busca da verdade. Preciso que vocês me deixem ir. É importante e não estou pedindo a vocês. Estou comunicando. Me deixem em paz!

Ela esperava que parecesse mais confiante do que na verdade estava. A qualquer minuto a noite podia ficar silenciosa e Burnett podia aparecer. Por alguma razão, ela se sentia capaz de enfrentar Lucas e Perry, mas desobedecer a autoridades nunca tinha sido fácil para ela. E Burnett era uma autoridade com um péssimo humor.

Antes de saber se parecia confiante ou não, ela perguntou:

— Burnett sabe?

Lucas não abriu a boca e continuou encarando-a com raiva, talvez em choque, diante do

comportamento da namorada.

— Como vocês me acharam? — ela perguntou ao metamorfo, enquanto minúsculas bolhas de eletricidade começavam a se formar em torno dele.

Um segundo depois, Perry apareceu na forma humana.

— Eu estava voando por aí, depois que deixei Miranda na cabana, e vi você pulando a cerca do acampamento.

Ela voltou a olhar para Lucas.

— E você?

Os olhos dele brilharam com raiva, sua expressão carregada se intensificou, mas ele começou a falar.

— Burnett pensou que eu tinha disparado o alarme. Ele me ligou e alguma coisa me disse que eu precisava me certificar de que estava tudo bem. Então vi o Passarinhão aqui voando...

— Passarinhão? — A voz de Perry se aprofundou com a frustração.

— Tanto faz... — Lucas continuou: — Eu o vi e pensei em dar uma espiada e ver o que ele estava fazendo.

— Você foi me *vigiar*? — Os olhos de Perry adquiriram o mesmo tom alaranjado.

— Não fui bem te vigiar... — A postura de Lucas tornou-se menos defensiva. — Achei que você poderia ter visto alguém invadindo o acampamento... — Seu olhar voltou-se outra vez para Kylie. — e... tivesse pensado em atacar essa pessoa. — O olhar de Lucas estava mais zangado ainda. Toda a sua atenção e frustração eram dirigidos a ela. — Mas isso não é importante. Importante é saber por que você está se colocando em perigo desse jeito. Você sabe muito bem o risco que está correndo. Então vamos voltar antes que Burnett apareça.

Era exatamente por isso que Kylie tinha que pôr um fim naquele falatório e continuar a correr. Se Burnett descobrisse o que ela estava fazendo, seria o inferno.

Ela consultou seu relógio. Só faltavam cinco minutos. O tempo estava se esgotando. E ela imaginava que o avô não fosse alguém que tolerasse atrasos.

Lembrando-se de que tinha poderes, Kylie roçou o dedo mindinho no anelar. No entanto, a ideia de usá-lo não lhe agradava nem um pouco.

— Tudo bem — ela disse, por fim. — Vou dar uma breve explicação. Eu tenho que encontrar alguém. Então podemos fazer isso do jeito mais fácil ou do jeito mais difícil.

— Encontrar quem? — Lucas e Perry perguntaram ao mesmo tempo.

— Meu avô. Ele entrou em contato comigo e...

— Como? — Lucas perguntou.

— Por e-mail — Kylie respondeu, sem saber direito por que ela tinha pensado que lhes contar a verdade adiantaria, mas a alternativa também não a animava, especialmente considerando que ela de fato não sabia o que poderia acontecer se lançasse algum feitiço. O pobre Zac Efron era testemunha.

— Não seja burra! — esbravejou Perry. — Como você sabe que o e-mail era mesmo dele?

— Eu sei que era, — Kylie respondeu, confiante, sem nem querer pensar na possibilidade de Perry estar certo. Tudo aquilo poderia de fato ser uma armadilha. Mas seus instintos lhe diziam o contrário. Se ela estivesse errada, pagaria seu erro com a própria vida. Se estivesse certa, encontraria as respostas que buscava desde o primeiro dia em que chegara a Shadow Falls.

Era arriscado? Talvez. Mas era um risco que ela estava disposta a correr.

— E mais uma coisa — Kylie continuou. — Ou vocês dois me deixam ir ou...

— Não. — Os ombros de Lucas se enrijeceram. — Você não vai...

Ela não esperou mais um segundo. Agitou o dedo mindinho e imaginou uma grande rede caindo do céu sobre os dois, impedindo que eles a seguissem.

Ela viu a rede caindo de cima e escapou por pouco de ficar embaixo dela também.

— Desculpe — ela murmurou e recomeçou a correr. Com todas as suas forças, ela se concentrou em se afastar dali o mais rápido possível, antes que eles se soltassem.

Kylie correu. Mas havia alguma coisa errada. Porque ela percebeu a certa altura que não estava correndo, estava voando baixo! Se não estivesse com tanta pressa, teria reservado algum tempo para apreciar esse seu novo dom. Mas não havia tempo. Ela precisava se distanciar o mais rápido possível de Perry e Lucas, para que eles não conseguissem alcançá-la.

Por fim, ela avistou as lanças dos portões enferrujados do cemitério se projetando como armas afiadas e mortais. A noite pareceu ficar ainda mais escura à medida que ela se aproximava. Seu peito ficou oprimido quando ela se lembrou da pergunta de Perry. *Como você sabe que o e-mail era mesmo dele?*

Ela não sabia. Simplesmente acreditava cegamente que fosse. Isso não era suficiente?

Diminuindo o ritmo, seus pés voltaram a tocar o chão. Ela parou abruptamente a poucos metros dos velhos portões de ferro. Estava prestes a cruzá-los quando um movimento repentino do outro lado dos portões a deteve. Seu coração parou também. O ar ficou preso na garganta diante do que viu.

Rostos, dezenas de rostos, olhavam para ela por detrás das grades de ferro. Seus olhos sem vida a fitavam como que implorando pela sua ajuda. Se ao menos ela pudesse ajudar a todos! Se ao menos um movimento da sua mão ou do seu dedo mindinho fosse suficiente para resolver o problema que prendia cada um deles à terra, quando outra vida os esperava no pós-morte!

Então outro pensamento lhe ocorreu. Será que algum desses espíritos era demoníaco? Espíritos que queriam levá-la com eles para o inferno na tentativa de suavizar sua própria sentença? Que ótimo! Por que ela tinha que pensar nessa adorável possibilidade agora?

Ela se forçou a avançar mais um passo. A ideia de que teria que atravessar aqueles portões e passar por centenas de fantasmas tirou um pouco da sua coragem. Ela se lembrou de como se sentira da última vez que estivera ali e fora tocada por tantos espíritos — a dor era parecida

com a sensação de ter o cérebro congelado, exceto pelo fato de que isso afetava o seu corpo inteiro.

Mas tudo valeria a pena se o seu avô estivesse esperando por ela do lado de dentro, pois ela teria algumas respostas. Definitivamente valeria a pena. Além disso, não era como se ela nunca tivesse feito aquilo antes; ela já fizera duas vezes. Mas não na escuridão da calada da noite. Algo na escuridão, apenas com a luz prateada da lua tornando visíveis os olhares dos espíritos, tornava o lugar muito mais... assombrado.

O que de fato ele era. Como se para provar isso, o frio dos espíritos a envolveu e deixou sua pele arrepiada. Ela olhou para a frente e viu dois espíritos saindo pelos portões e andando na direção dela. Endireitando a coluna, aceitando o fato de que teria de fazer aquilo, ela deu mais um passo, disposta a seguir em frente. Era como pular na parte mais funda de uma piscina gelada e atravessá-la. No entanto, quando ia dar mais um passo, ela ouviu uma voz, uma voz muito próxima a ela — próxima demais — sussurrando no seu ouvido.

— *Eu não entraria ali*.

Ela gritou e recuou alguns passos, antes de reconhecer a voz. Respirando fundo para acalmar os nervos, ela viu Hannah ao seu lado. Então Kylie se lembrou do que o espírito havia dito. Será que Hannah sabia algo que Kylie não sabia? Será que ela tinha se deixado enganar e seu avô não a esperava ali dentro?

— Por que eu não devo entrar? — Kylie perguntou, os nervos à flor da pele.

Hannah se aproximou mais dela e sussurrou novamente:

— *Está cheio de fantasmas*.

Kylie olhou para Hannah, surpresa.

— Mas...

— *Eu sei que estou morta...* — Hannah explicou, lendo os pensamentos de Kylie. — *Assim como as moças que estão na mesma cova que eu. Mas ver todos eles...* — ela apontou para o portão — *ainda me apavora*.

Kylie desviou os olhos do portão e consultou o relógio outra vez; ela tinha dois minutos. Precisava entrar. Mas tinha que deixar Hannah falar.

— Tem alguém esperando por mim lá dentro, mas eu preciso saber. O que você precisa que eu faça por você?

Hannah fechou os olhos, mas não antes de Kylie ver o pânico impresso neles.

— Não fuja — disse Kylie rapidamente, quando sentiu o frio diminuir. — Eu preciso saber. É por isso que você está aqui. Eu sei que é difícil falar de algumas coisas, mas às vezes temos que fazer coisas que nos assustam. Às vezes isso ajuda. Como eu mesma entrando neste cemitério. — Ela voltou a olhar para os portões e viu centenas de rostos sem vida olhando de volta para ela.

Hannah abriu os olhos; o pânico deixava suas pupilas grandes e escuras.

— *Ele está mais perto*. — A voz dela enfraqueceu.

— Quem está mais perto? O que ele fez? — Quando Hannah não respondeu, Kylie tentou adivinhar. — É aquele cara, Blake? Aquele que ligou para Holiday quando estávamos na cachoeira?

Hannah olhou para as mãos crispadas em frente a ela.

— *Ela o amava. Ele tinha tudo o que ela queria. Eu só queria saber como é ser tão feliz. Eu tinha que ter bebido tanto? Ele tinha que ter bebido tanto? Foi errado.*

Kylie começou a juntar as peças, mas ela não estava completamente certa, por isso perguntou:

— Blake era o homem com quem Holiday ia se casar?

Holiday assentiu e, quando levantou os olhos, lágrimas e vergonha brilhavam dentro deles.

— Foi ele que matou você? — Kylie perguntou.

Hannah colocou as mãos na boca como se o pensamento a deixasse enjoada.

— Foi ele? — Kylie perguntou novamente.

Quando Hannah tirou as mãos dos lábios, elas estavam tremendo.

— *Eu... eu não sei se foi Blake.* — Os olhos dela exprimiam terror e tristeza ao mesmo tempo. — *Pode ter sido. Eu não me lembro do que aconteceu.* — Ela fez uma pausa. — *Só me recordo... da aura dele.* — Seus olhos estavam cheios de dor. — *Detalhes não consigo me lembrar. Não sei o nome dele nem como é o seu rosto, mas a crueldade como tirou a minha vida... disso não consigo me esquecer. E eu a sinto desde então. Ele às vezes volta para o lugar onde estamos enterradas. Eu o ouço andando no assoalho acima. Nós três nos agarramos umas às outras na morte e fingimos que nossas almas já se foram.*

Hannah abraçou a si mesma como se a lembrança fosse insuportável.

— *Ele disfarça a sua aura a maior parte do tempo. Tem o poder de parecer normal. Mas, quando não está fingindo, ele é perverso e tenebroso.*

— Quando está fingindo, a aura dele é parecida com a de Blake? — Kylie perguntou.

— *Eu não sei. Não tenho certeza. Nunca prestei atenção nessa aura. É a outra que... me assombra.* — Ela parou de falar, como se pensasse. — *É como se uma pequena parte de mim dissesse que eu sei quem é esse homem.* — Hannah fez uma pausa como se seus pensamentos a levassem em outra direção e, pela expressão dela, não era muito boa. — *Ele acha que matar faz com que ele seja mais poderoso; é por isso que ele mata. E no dia em que eu estava em Shadow Falls senti que ele estava por perto. Senti e tive certeza. Fui a Shadow Falls por causa dele. Ele não se contentou em matar só a mim. Ele quer Holiday.* — As palavras de Hannah ficaram pairando no ar da noite, quando ela virou a cabeça para trás e olhou para o céu noturno.

— O que foi? — perguntou Kylie, temendo que o assassino estivesse próximo.

— *Acho que é aquele metamorfo estranho do acampamento Shadow Falls. O lourinho cujos olhos mudam de cor o tempo todo.*

O medo que Kylie tinha sentido por Hannah e de um assassino cruel diminuiu e Kylie temeu por si mesma. Se Perry a tinha encontrado ali, Lucas deveria estar por perto também. E

provavelmente Burnett. Esperando que ficasse menos visível, Kylie se aproximou dos portões. Olhou novamente para os rostos sem vida que pareciam guardiões do cemitério. Ela não sabia se eles a reconheciam da outra vez que ela estivera lá. Ela não sabia nem se conseguiam vê-la de fato. Mas uma coisa era certa: se ela não entrasse agora, poderia não encontrar mais o avô.

Kylie olhou para Hannah, que ainda fitava o céu.

— Ele nos viu? — perguntou Kylie, estendendo o braço para abrir o portão.

— *É ela! Eu disse que era ela!* — falou um dos espíritos do lado de dentro do cemitério. Então os espíritos começaram a estender os braços através das barras do portão, tentando tocá-la. Tudo o que Kylie podia ver eram braços estendidos através do portão enferrujado. O frio arrepiava a sua pele e parecia gelar até a medula dos seus ossos. Ela mordeu o lábio, lutando contra a dor e o pânico, enquanto abria os portões.

— *Ele não pode me ver. Não sei se viu você.* — A voz de Hannah ecoou atrás de Kylie. Com o portão aberto, Kylie baixou a mão. Os fantasmas se espalharam, mas no instante em que ela avançou alguns metros para o interior do cemitério, eles a cercaram. O frio dos espíritos impregnou os seus lábios, cobrindo-os de gelo. A dor quase a fez cair de joelhos. Ela se forçou a avançar mais alguns metros; o alívio foi instantâneo, embora ela soubesse que não duraria muito.

Ela olhou para trás, na direção de Hannah. O medo estava estampado em seu olhar, tão sem vida quanto o dos espíritos daquele cemitério, os quais agora chegavam cada vez mais perto.

— *Eu não posso entrar* — disse Hannah. — *Um deles pode ser um anjo da morte. Se quiserem me mandar para o inferno pelos meus pecados, eles podem. Eu mereço ir, mas não até saber que Holiday está salva.*

— Eu não acho que vão mandá-la para o... — Kylie parou de falar quando Hannah começou a se desvanecer no ar.

— *Salve-a por mim! Por favor, salve a minha irmã!* — As palavras de Hannah ecoaram na escuridão.

O frio vindo dos espíritos ficou mais próximo.

— Por favor — disse Kylie, seu olhar passando de uma face acinzentada para outra. — Me deem mais espaço.

Os espíritos retrocederam alguns metros. Kylie olhou por sobre o ombro, esperando ver alguém deste mundo. Sua esperança foi inútil. Para qualquer lado que olhasse, ela só via a morte.

A escuridão que encobria os túmulos limitava a sua visão. Como já estivera ali, Kylie sabia que o cemitério era imenso. Será que seu avô sabia que ela estava lá? O pensamento de que talvez não fosse o avô que a esperava ali, que não fora ele quem enviara os e-mails, oprimiu o seu peito, mas ela afastou a dúvida.

Kylie deu mais alguns passos e então, lembrando-se da preocupação de Hannah com Holiday, pegou o celular em seu bolso e discou para uma pessoa que sabia que a ajudaria.

— Está tudo bem? — perguntou Derek, respondendo ao primeiro toque.

— Eu não tenho muito tempo, mas preciso que você me faça um favor. Verifique se Holiday está bem. Fique lá com ela. Não a acorde. Não a deixe saber que você está de olho nela, mas não a deixe sozinha até eu chegar.

— Caramba! O que está acontecendo, Kylie?

— Não posso explicar agora. Só faça isso, por favor.

— Onde você está? — ele perguntou. — Sei que não está na cabana.

Ela mordeu o lábio com tanta força que sentiu gosto de sangue.

— Por favor! — A palavra soou com desespero.

Ele finalmente respondeu.

— Holiday está bem. Burnett está vigiando a cabana dela.

— Por quê? Como você sabe? Aconteceu alguma coisa?

— Não, eu senti que você estava em apuros e fui checar se estava bem quando vi Burnett parado do lado de fora da cabana de Holiday. Ele disse que, depois de saber o que aconteceu com Hannah e as outras garotas, não queria correr nenhum risco.

— Isso é bom. — Ela se perguntou se seria por isso que Burnett tinha ligado para Lucas e fizera questão de checar a cerca quando o alarme soou.

— Eu posso sentir que você está apavorada, Kylie. Me diga...

— Tenho que desligar. — Ela cumpriu a promessa e desligou. Então olhou para a multidão de espíritos, aproximando-se a cada passo, lembrando zumbis famintos esperando o momento certo para atacá-la e devorá-la. Tentando afastar esse pensamento insano, induzido pelo medo, ela se lembrou de que eles eram só pessoas. Almas perdidas cuja vida fora roubada, presas a este mundo por circunstâncias infelizes.

Olhando ao redor novamente, ela perguntou:

— Tem alguém aí?

— *Eu estou aqui!*— respondeu um espírito.

— *Eu estou aqui!* — As mesmas palavras pronunciadas por cada um das centenas de espíritos chegaram aos ouvidos de Kylie como o estrondo de um trovão. Todos eles queriam sua atenção. Queriam que ela reconhecesse sua presença.

Seu peito se encheu de emoção.

— Tem alguém vivo aqui, além de mim?

— *Ninguém que possa nos ver* — disse um dos espíritos, parecendo desesperado.

— Não há mais ninguém vivo aqui? — ela voltou a perguntar. Mais uma vez ela se perguntou por que seu avô escolheria um cemitério como ponto de encontro.

— *Nos fundos do cemitério* — respondeu o espírito de uma jovem, apontando para a área mais escura do cemitério. — *Eu os vi sob os carvalhos, escondendo-se nas sombras*.

— Obrigada — ela agradeceu, olhando para cima mais uma vez e esperando não ver nenhum metamorfo furioso voando em círculos no céu escuro.

As nuvens deviam ter ocultado a lua, pois só algumas estrelas brilhavam no céu. Ela recomeçou a andar. A cada passo, rezava para que, na parte mais sombria e distante do cemitério, sob as árvores, ela encontrasse o avô. E com ele, as respostas de que precisava.

# Capítulo Vinte e Dois

A parte de trás do cemitério estava fantasmagoricamente silenciosa. Uma quantidade ainda maior de estátuas guardava os túmulos, a maioria coberta de trepadeiras mortas. Algumas estavam em ruínas, outras decapitadas por vândalos ou desgastadas pelo tempo, as cabeças caídas no chão de terra. Ainda assim, todas pareciam olhar para ela enquanto seus pés estalavam na trilha de cascalho. Sentindo-se de repente sozinha, ela olhou para trás e percebeu que o frio irradiado pelos espíritos tinha se amenizado. Ela estava realmente sozinha.

Os espíritos não a tinham seguido. Por quê? O medo causou um nó na sua garganta. Será que sabiam algo que ela não sabia? Mesmo sentindo o pânico crescer dentro do peito, ela continuou andando, rezando para que estivesse fazendo a coisa certa.

Viu as árvores à frente dela; embaixo da cúpula de galhos retorcidos só se viam sombras — sombras negras que poderiam ocultar qualquer coisa, ou pessoa.

Chegando mais perto, ela pôde ouvir a própria respiração e o canto de alguns pássaros a distância, como se emitindo um alarme. Ela parou a alguns metros das árvores. Seus galhos pesados pareciam se envergar sobre as sepulturas em ruínas ao redor.

— Olá! — A noite parecia engolir a sua voz.

— Você veio! — respondeu a voz, grave e profunda.

Segurando a respiração, ela viu uma figura surgindo em meio às sombras. Malcolm Summers, seu avô. Ele parecia mais jovem do que na ocasião em que visitara o acampamento; obviamente tinha se disfarçado para fazer o papel de senhor Brighten. Ela se lembrou de Della lhe dizendo que os sobrenaturais não envelheciam tão rápido quanto os seres humanos.

Seus olhos se encontraram, e mesmo na escuridão, os olhos azul-claros dele se destacavam. Kylie percebeu que eles eram exatamente da mesma cor dos dela. Ela estudou seu rosto e viu as feições do pai, feições muito parecidas com as dela.

Kylie de repente se sentiu insegura, não sabia bem como se comportar diante dele. Seu

peito se oprimiu. Ela deveria abraçá-lo ou não?

— Desculpe — ela disse, sem pensar.

— Pelo quê? — o avô perguntou.

— Por... por não ter falado com o senhor aquele dia na floresta.

— Não foi culpa sua — outra pessoa disse. A tia-avó de Kylie se esgueirou das sombras e parou ao lado de Malcolm. A mulher sorriu. Antes que Kylie percebesse, ela se viu envolvida num abraço. A força e o calor do toque da tia surpreenderam Kylie — a mulher era quente.

Quando o abraço terminou, Kylie percebeu que, como o avô, a fragilidade que a tia tinha demonstrado no dia em que a visitara em Shadow Falls havia desaparecido. Kylie fez um cálculo rápido de cabeça. A mulher tinha setenta ou oitenta e poucos anos, mas ela não parecia ter mais do que cinquenta.

Os camaleões deviam ter uma alta expectativa de vida. Ela armazenou aquela informação para refletir sobre ela mais tarde.

— Olhe só você! — exclamou a tia. — Tão linda! — Ela olhou de relance para o avô. — O que há de errado com você, Malcolm? Dê um abraço na sua neta!

Ele se aproximou, hesitante.

— Não sou muito de abraços, mas acho que a ocasião merece. — Ele a abraçou. E, como a tia, o toque do avô era quente. O abraço foi breve, mas carinhoso e parecia os que ela gostaria de ter ganhado de Daniel, e até do padrasto, antes do relacionamento se deteriorar.

— Você é bom nisso — disse Kylie.

— No quê? — ele perguntou.

— Em abraços. — Lágrimas arderam em seus olhos quando ela viu a emoção no rosto dele.

Um sorriso se abriu dentro dela.

— Você parece meu pai.

— Eu notei isso também, pelas fotos.

— Eu tenho tantas perguntas! — disse Kylie.

— Tenho certeza de que tem.

— Somos camaleões, certo? — Ela prendeu a respiração, esperando que ele confirmasse o que o pai tinha lhe dito. Ou será que Holiday estava certa, que ser camaleão significava uma coisa diferente? Kylie deveria aceitar sua condição de bruxa depois daquela noite?

O olhar do avô deixou de expressar ternura e passou a demonstrar preocupação.

— Como você descobriu isso?

— Meu pai — disse Kylie. Seu coração se encheu de dúvida. Será que o pai dela estava errado? — Ele disse...

Malcolm ficou em silêncio. Então disse:

— Mas ele está morto.

— Ela fala com espíritos. — A tia apertou o braço do avô, empolgada. — Eu disse a você que senti a presença de espíritos quando estávamos no acampamento. — Ela desviou o olhar

para Kylie. — Sua bisavó tinha esse dom. Ela ficaria orgulhosa.

— Então é verdade? Somos camaleões? — Kylie perguntou outra vez.

— Sim — eles disseram ao mesmo tempo.

O peito de Kylie parecia que ia explodir com a sensação de vitória. Ela finalmente sabia. Sabia com certeza. Mas o sentimento de vitória veio junto com mais perguntas. Lá no fundo, ela sentiu que sua vitória de verdade viria quando ela tivesse respostas para essas perguntas.

Kylie procurou registrar tudo o que eles diziam, para que pudesse aprender mais. Sua tataravó também falava com fantasmas, mas as duas avós, não. Então um camaleão não tem os mesmos dons que outro. Como isso funciona?

— Meu pai, ele falava com fantasmas também — Kylie disse, percebendo que ela ainda não tinha verificado os padrões do avô e da tia. Ela franziu as sobrancelhas. Foi tomada de surpresa quando viu que eles eram humanos. Mas ela também tinha exibido o padrão humano não muito tempo antes. Exatamente o que significa ser camaleão?

— Então você o viu? — A tristeza era evidente no tom do avô.

— E também vi minha avó. — Ela olhou para a testa do avô novamente. — Será que eu posso perguntar...

— Heidi? — Ele disse o nome com tanto amor que Kylie ficou comovida.

— Sim. Na verdade, foi ela que disse ao meu pai que somos camaleões. Mas ninguém em Shadow Falls sabe o que é isso.

A tia e o avô se entreolharam. A tia fez um aceno com a cabeça em direção a Kylie.

— Conte a ela.

— Vou contar — ele disse. — Mas você precisa vir conosco.

Kylie hesitou.

— Por que não podemos conversar aqui?

— Não se trata de conversar apenas. — O avô pousou a mão no ombro dela. O calor do seu toque era familiar. E Kylie reconheceu que ele se parecia com o toque de Holiday e Derek. Será que isso significa... O avô continuou a falar.

— Você precisa vir e conviver com a sua própria espécie.

— Conviver? — *Conviver? Deixar Shadow Falls?* Kylie negou com a cabeça. — Não posso. Eu vou estudar em Shadow Falls agora.

— Você não entende o perigo que corre aqui, filha — ele disse.

— Por causa... de Mario? — ela perguntou.

Ele franziu a testa.

— Mario é da UPF?

— Não. — Kylie hesitou falar sobre a UPF. — Ele faz parte de uma organização clandestina.

— A organização que você precisa temer é a UPF. Eles são afiliados ao seu acampamento, mas não são o que parecem. Eu tenho razões para acreditar que sejam responsáveis pela

morte da sua avó.

Pouca disposta a mentir, Kylie assentiu.

— Eu sei.

A expressão do avô endureceu.

— Como você sabe? — Ao ver que ela não iria responder, ele continuou. — Heidi lhe contou alguma coisa sobre isso? — O tom de voz dele era o mesmo das suas feições: sério, imperioso.

Sem saber se seria melhor contar tudo a ele, mas sentindo que seria errado manter segredo, Kylie assentiu.

— Ela ficou paralisada por causa da cirurgia. Aquela que eles fizeram em vocês dois. Eles a mataram.

Os olhos azuis do avô se encheram de raiva e suas mãos se fecharam em punhos.

— Bastardos assassinos! Só sob o meu cadáver você vai voltar para aquela escola!

Kylie tentou não reagir à ameaça. Mas, sim, ela sentiu que era de fato uma ameaça. Respirou fundo para se acalmar.

— Eu entendo como se sente. Também fiquei indignada. Mas Burnett me assegurou...

— Burnett trabalha para eles! — rugiu o avô, e até as árvores pareceram se encolher diante da sua fúria.

A tia de Kylie deu um passo à frente e pousou a mão no ombro dele. Kylie se lembrou de como seu toque era reconfortante no dia em que a visitaram no acampamento, fingindo ser os Brighten. Será que sua tia era *fae*? Metade *fae*, talvez?

— Tem razão — disse Kylie. — Burnett trabalha para a UPF, mas ele me garantiu que as pessoas que fizeram aquilo não estão mais na organização. E...

— E você confia neles sabendo o que sabe? Confia nele, sabendo a quem ele se reporta?

— Eu não confio na UPF, mas confio em Burnett — explicou Kylie. — Ele está do nosso lado. E, mais do que isso, eu confio em Holiday.

— Você é jovem e ingênua. Não sabe o que é melhor para você.

Ela tentou não se sentir ofendida.

— Sou jovem, mas não sou tão ingênua assim — Kylie respondeu. — Estou seguindo o meu coração.

— O seu coração pode levá-la a tomar o caminho errado — ele disse. — O meu fez isso comigo. Eu confiei neles. Estava cego para o que eles realmente eram. Heidi sabia... ou suspeitava, mas eu não quis ouvi-la.

— Eu sinto muito — disse Kylie. — Mas eu não posso...

— Você pode! — ele exigiu.

— Não, Malcolm! A menina tem a opinião dela. — A tia falou com o avô, mas sem tirar os olhos de Kylie. Ela não parecia zangada, mas a decepção estava estampada em seu rosto. O peito de Kylie ficou oprimido ao pensar que podia ter magoado essas pessoas, mas ela não

podia ceder.

O avô deu alguns passos em círculo e fitou uma árvore. Sua dor, sua raiva, seu sentimento de perda preenchiam a escuridão como uma entidade viva, pulsante. Kylie foi até ele. Mesmo assustada, ela precisava confortá-lo.

— A última coisa que eu quero é magoar vocês. Vocês já foram feridos demais. Lamento não poder fazer o que o senhor quer, mas eu tenho que seguir o caminho que acho mais correto. — Um leve movimento no céu entrou no seu ângulo de visão; Kylie não olhou para cima, mas suspeitou de que se tratava de Perry. Ele obviamente a encontrara. Seu tempo estava se esgotando.

— E se você estiver errada e eu for obrigado a enfrentar mais uma morte na minha família? A morte de alguém que eu nem conheço muito bem ainda.

— Eu não acho que isso vá acontecer — Kylie falou, com uma súplica nos olhos.

Ele olhou para o chão, aparentando derrota.

Sentindo que seu tempo era curto, Kylie continuou:

— Eu ainda tenho tantas perguntas... Por favor, me ajude a entender o que eu sou.

Ele olhou para ela. A fúria tinha se dissipado dos seus olhos.

— É impossível contar em poucos minutos em horas ou até em semanas, tudo o que você quer saber. Pode levar anos.

— Então eu procurarei vocês durante anos para lhes fazer as minhas perguntas — ela disse. — Mas, por favor, só me responda isto: o que significa ser um camaleão?

A tia deu um passo à frente.

— É ser como o lagarto. Podemos mudar a maneira como nos mostramos ao mundo. E para a nossa própria proteção, temos que nos esconder, para não sermos perseguidos.

— Nos esconder da UPF? — Kylie perguntou.

— Infelizmente, de todo mundo — explicou a tia. — Os poucos que não se esconderam foram vistos como párias, aberrações, que não pertenciam a espécie alguma. A princípio pensaram que tínhamos tumores no cérebro e então concluíram que éramos pessoas dementes.

Kylie não podia negar que se sentira assim. Como acontecia com todos os preconceitos, provavelmente tinha sido pior a princípio. Embora às vezes ela se sentisse uma aberração, na maior parte do tempo se sentia aceita em Shadow Falls.

— A UPF nos estudou como cobaias — o avô acrescentou. — Os anciãos e os conselhos de todas as espécies nos viam como criaturas mutantes. Alguns de nós foram forçados a trabalhar como escravos para outros sobrenaturais.

A verdade doía, mas ela precisava conhecê-la, em toda a sua extensão.

— Mas o que somos? Uma nova espécie?

— Não exatamente — a tia respondeu. — Normalmente quando sobrenaturais se reproduzem, o DNA dominante é transmitido à prole. Os filhos mestiços geralmente têm

poderes mais fracos do que os daqueles cujos pais são da mesma espécie. Os camaleões conservam o DNA de ambos os pais e também dos seus antepassados. Eles são uma mescla de todas as espécies.

O avô olhou para Kylie.

— Meu pai era vampiro e lobisomem. Minha mãe era *fae*, bruxa e metamorfa.

— Espere aí — pediu Kylie. — Está me dizendo que eu tenho os dons de todas as espécies?

— Quando exibe esse padrão, sim. Exceto... — A expressão dele mostrou preocupação. — Se a regra do protetor vale para o camaleão tanto quanto vale para outras espécies, então você não será capaz de usar nenhum dos seus poderes para proteger a si mesma.

Ela balançou a cabeça, tentando compreender melhor o que ele havia dito.

— Mas o seu padrão parece humano — disse Kylie.

— É mais seguro fingir que somos humanos — a tia explicou.

— Mas eu sou meio humana. Então como eu posso ter essa mistura especial?

— A princípio, parecia não fazer sentido — disse a tia. — Mas quando estudamos o histórico familiar da sua mãe, descobrimos que ela é descendente de...

— ... índios norte-americanos. — Kylie terminou a frase por ela. E de repente um pensamento lhe ocorreu. — Isso significa que a minha mãe é sobrenatural?

— Sobrenatural, não. Apenas superdotada — a tia explicou.

— Como assim? — Kylie respondeu.

— Ela pode ser médium. Ou sensitiva — disse o avô. — Acredita-se que os membros dessa tribo possam diferenciar os sobrenaturais dos humanos. Às vezes eles não têm nem consciência disso, mas são simplesmente atraídos por eles. Existem mais humanos superdotados casados com sobrenaturais do que com humanos comuns, embora a população mundial de sobrenaturais seja muito menor.

O avô franziu a testa e observou o padrão de Kylie.

— O seu cérebro se desenvolveu rápido. A maioria dos camaleões não é capaz de manifestar um padrão e utilizar seus poderes antes dos vinte e poucos anos.

— Eu posso ser precoce, mas me sinto uma ignorante. Não sei como controlar isso, como mudar meu padrão ou como controlá-lo.

— É por isso que você precisa vir conosco. — O avô tinha uma expressão séria.

— Não posso, mas ainda assim preciso entender. — Ela olhou para cima e dessa vez viu que era Perry. — Algum tempo atrás, eu tinha um padrão humano e agora faço pesos de papel girarem pelo ar e... bem, não é muito bom. Mas talvez eu tenha me desenvolvido mais cedo porque sou uma protetora. Ou eles acham que sou. A verdade é que não sei o que pensar de mim mesma.

A tia sorriu.

— Ouvimos rumores de que você é uma protetora. Essa é uma grande honra.

— Acho que sim. — Kylie não sabia o que pensar de nenhum dos seus dons.

O avô examinou a testa dela outra vez.

— Se você não controla seus padrões, então deve manifestá-los instintivamente. Normalmente esse é um talento que pode levar anos para ser aprendido e controlado. Eu presumo que, se você precisar do dom da velocidade, intuitivamente provocará a mudança.

— Velocidade? — Kylie perguntou, intrigada. — Não se trata de velocidade. Minha amiga vive aprontando com seus feitiços e...

— Feitiços? — o avô perguntou.

— Eu sou uma bruxa agora — ela disse, declarando o óbvio.

— Não, não é mais — discordou o avô.

# Capítulo Vinte e Três

— Você é uma vampira — ele constatou.

O primeiro impulso de Kylie foi negar. Ela não podia ser uma vampira. Mas por que ele mentiria? Ela tocou o próprio braço para sentir sua temperatura. Ele não parecia frio, mas, se a temperatura do corpo todo tivesse mudado, ela não sentiria. Então se lembrou de quanto o avô e a tia tinham parecido quentes.

E outra constatação veio em seguida. Ela tinha literalmente voado até o cemitério depois de lançar a rede em Perry e Lucas.

*Lucas!*

Ela inspirou, trêmula, uma golfada de ar. O que Lucas diria do seu novo padrão? Ele não tinha ficado muito satisfeito quando achou que ela era uma bruxa. Mas se achasse que ela era uma vampira...

— Algum problema, querida? — a tia perguntou.

Kylie estava paralisada, tentando aceitar o fato de ser uma vampira. Tentando imaginar, ou melhor, tentando não imaginar como Lucas reagiria. Então ela se perguntou se iria começar a beber sangue.

Assim que pensou nisso, começou a ficar com água na boca. O sabor doce, maduro e penetrante do sangue ainda estava registrado em sua memória.

— Querida? — a tia voltou a perguntar. — Talvez seja melhor se sentar. Você está pálida.

— Estou? — Seria outro sinal de vampirismo? Instantaneamente, ela passou a língua nos dentes e quase a cortou nos caninos pontiagudos. Ah, droga! Ela era uma vampira!

Mesmo enquanto o medo da mudança revirava dentro dela como um par de tênis dentro da secadora, ela se lembrou de quão maravilhoso tinha sido voar pela floresta. Supôs que aquele tipo de poder podia ser viciante. Mas até que ponto um poder é bom se não se pode controlá-lo. Seria como a sua audição supersensível; era ótimo tê-la, mas, se não se podia contar com ela quando necessário, era praticamente inútil.

Ela não queria ser inútil.

— Como eu posso controlar isso? — Kylie perguntou. — Me expliquem.

O avô suspirou.

— Não é tão fácil. Você precisa treinar a sua mente. Não é algo que eu possa lhe dizer como fazer; é algo que você aprende com o tempo. Talvez leve anos. E até lá você pode ser um perigo para si mesma.

— Eu vou ficar bem em Shadow Falls.

A preocupação brilhou nos olhos dele. Então o avô levantou a cabeça como se farejasse o ar. Emitiu um som, um rosnado baixo. O rosnado e a maneira como farejou o ar a fez se lembrar de Lucas.

— Alguém veio com você? — Ele parecia decepcionado.

— Eles tentaram me seguir. Eu os despistei, mas é possível que tenham me encontrado agora.

A expressão do avô pareceu ainda mais preocupada.

— Venha conosco. Ajudaremos você a entender tudo. Você precisa descobrir quem é e o que é, Kylie. Você não pode fazer isso sozinha.

Ela balançou a cabeça vagarosamente.

— Não posso ir com vocês.

— Mas você é uma de nós. Temos o mesmo sangue. Um camaleão sozinho não sobrevive. Olhe o seu pai. A morte dele foi tão desnecessária! Você acha que ele não ia querer que você viesse conosco e descobrisse quem é?

Kylie respirou fundo.

— Acho que o meu pai diria para eu seguir meu coração. E, neste momento, o meu coração diz que Shadow Falls é o lugar certo para mim.

Seu avô franziu mais a testa e olhou para a tia.

— Precisamos ir. Alguém está se aproximando. — Ele se virou para Kylie. — Não fale a ninguém que é um camaleão. Deixe que pensem o que quiserem. Quanto menos falar a respeito, menos chance terá de ser perseguida.

— Esperem! — disse Kylie. — Como eu posso entrar em contato com vocês? Eu ainda tenho tantas perguntas!

— Eu entrarei em contato com você — disse a tia, dando a mão para Malcolm.

— Como? — Kylie perguntou. — Como vocês vão...?

Mas a tia não respondeu. Como Perry tinha descrito no dia em que os seguira, eles simplesmente sumiram no ar.

Kylie ficou parada ali, ao mesmo tempo frustrada e assombrada. Como a tia entraria em contato com ela? Como conseguiam sumir no ar? Como ela fazia aquilo? Ela ouviu passos rápidos se aproximando por trás dela, vindo em seu encalço. Ela se virou, esperando ver Burnett. Mas era pior do que isso.

Lucas diminuiu o passo. Seu andar era rígido e ele irradiava um sentimento de raiva e outro ainda maior de mal-estar.

Quando chegou mais perto, ela notou que seus olhos estavam alaranjados e fulgurantes. Claro que deveria estar furioso por ela ter lançado uma rede sobre ele e Perry. Ela olhou por sobre o ombro dele, esperando ver Burnett. Esperando levar um sermão do vampiro.

Então se lembrou de que ela também era um vampiro. Esquivou-se de Lucas, com medo do que ele podia dizer, com medo de vê-lo olhar para ela com desgosto.

— Isso foi uma estupidez! — ele grunhiu.

Ela sabia a que ele se referia.

— Não foi uma estupidez. — Ela desviou o olhar. — Era o meu avô.

— E daí? — ele perguntou.

— E daí que eu consegui as respostas de que precisava. — Ela começou a andar. Ele andou ao lado dela.

— Você confia tão pouco em mim que não podia me contar que estava vindo aqui? — ele perguntou.

Ela deu de ombros, mas não o encarou.

— Eu sabia que você tentaria me impedir. E você provou que eu estava certa.

— Você podia ter argumentado comigo, em vez de lançar aquela rede idiota. — As palavras dele vieram acompanhadas de um grunhido baixo.

— Eu não tinha tempo para argumentar.

— Exatamente por isso devia ter me contado antes. A ideia de que não confia em mim me enfurece.

Assim como ele não confiava nela.

— Eu sei *exatamente* como você se sente — ela disse, deixando que ele descobrisse por si só o que ela queria dizer.

— É diferente — ele respondeu, demonstrando que sabia muito bem a que ela estava se referindo.

— Não, não é. — Um nó se formou em sua garganta. Ela ainda se recusava a olhar para ele, com medo de que ele verificasse seu padrão e sentisse repulsa dela. E, que Deus a ajudasse, porque ela não achava que suportaria aquilo.

— Você me disse que entendia. Disse que tinha reagido exageradamente ontem, quando ficou com raiva, ou não ficou, ou talvez tenha ficado um pouco. Ah, droga, você me confunde!

— Eu de fato disse isso — ela admitiu. — E realmente compreendo, ou pelo menos estou tentando, mas como você não está me oferecendo a mesma gentileza, estou reconsiderando a minha decisão.

— Então você está voltando à ideia de que é uma mulher e tem o direito de mudar de ideia — ele disse, com ironia.

— Isso mesmo! — Lágrimas faziam seus olhos arderem e ela andou mais rápido.

Eles passaram por um par de estátuas dilapidadas, sem braços. Ela viu Lucas olhar para elas. Quanto não era difícil para ele estar ali, num cemitério? Ele que, como noventa por cento de todos os sobrenaturais, detestava cemitérios. Será que era por isso que o avô lhe pedira para encontrá-lo ali? Ele sabia que muito poucos sobrenaturais se aventurariam a entrar naquele lugar?

Mas Lucas entrara. Ele se preocupava mais com ela do que com seu medo de espíritos. Será que teria entrado se soubesse que ela era uma vampira? Será que ainda se preocuparia se ela se virasse para ele agora e deixasse que ele visse o seu padrão?

A pergunta, ou melhor, o medo da resposta fez com que ela andasse mais rápido ainda. Ela queria ficar sozinha. Sozinha para pensar em cada palavra que o avô dissera.

Sozinha para contemplar o fato de que finalmente descobrira a verdade.

Sozinha para descobrir o que tudo aquilo significava.

Ela era um camaleão. No entanto, por ora, ela era um vampiro. Mas por quanto tempo? Quanto tempo ainda demoraria para controlar aquela coisa maluca que acontecia com ela?

Os espíritos aguardavam por ela nos portões do cemitério. Lucas ficou mais tenso, como se os sentisse. Diminuindo o passo apenas o suficiente para abrir os portões enferrujados, Kylie fez mentalmente uma promessa aos mortos que tentavam tocá-la com os braços estendidos: *Eu voltarei.*

Tão logo o vento frio fechou os portões atrás dela com um baque, Kylie acelerou o passo, voltando a correr. Um pé batia na terra e depois o outro. Ela se movia com propósito. Queria ir para casa. Queria estar em Shadow Falls.

*Você é uma de nós. Temos o mesmo sangue. Um camaleão sozinho não sobrevive*. Ela ouvia os avisos do avô ressoando em seus ouvidos, mas se recusava a acreditar. O mero pensamento de deixar Shadow Falls enviava uma onda de dor ao seu coração. Ela não podia partir.

No entanto, mesmo enquanto corria para o lugar que lhe parecia mais certo em sua vida, para o lugar onde ela se sentia mais segura, Kylie sabia que as respostas que buscava não estavam em Shadow Falls, mas com o avô.

Essa constatação causou uma dor aguda no fundo do coração. Lágrimas afloraram em seus olhos e escorreram pelo rosto. Ela as sentiu, quentes, em sua pele fria de vampira. Seu peito estremeceu de emoção quando ela percebeu que, antes de se refugiar na sua cabana, provavelmente teria que enfrentar a fúria de Burnett.

— Mais devagar! — exigiu Lucas.

Ela correu mais rápido. A fúria de Burnett não era nada comparada à hora em que teria de enfrentar Lucas. Seu preconceito contra vampiros doeria mais agora do que ela poderia suportar.

O portão de Shadow Falls surgiu na frente de Kylie. Seu coração martelava no peito. Ela rezou

para que o sermão de Burnett não fosse muito longo. Embora seu corpo não estivesse nem um pouco cansado, seu coração estava.

— Droga, Kylie! — Lucas resmungou outra vez. Tudo, desde o seu tom ofegante até o baque dos seus passos na terra, dizia-lhe que ela o estava levando ao seu limite.

— Eu disse para parar! — Ele soou mais perto dessa vez.

Justamente quando ela estava prestes a pular a cerca, sentiu-o agarrando-a pela cintura. Os dois caíram. Com tudo. Ele envolveu-a em seus braços para protegê-la da queda e ambos rolaram vários metros.

— O que há com você? — ele perguntou.

Ela acabou aterrissando em cima dele, seu corpo quente lembrando-a de que ela era uma vampira. Lucas fitava o rosto dela.

Ela tentou se levantar. Ele a segurou.

— Qual é o problema? — ele perguntou novamente.

Lucas rolou e ficou sobre ela. Com medo de que ele visse seu padrão cerebral, Kylie virou a cabeça e olhou os arbustos ao redor. As lágrimas ardiam em seus olhos.

— Ei! — A voz dele soou mais terna dessa vez. Ele obviamente tinha notado suas lágrimas. — Olhe pra mim.

Ela não olhou. Não podia.

— Eu só quero acabar logo com isso — ela disse, com rispidez.

— Acabar com isso o quê? — O peito dele moveu-se para cima e para baixo, sobre ela, enquanto respirava.

— Enfrentar Burnett.

— Ele não sabe de nada, mas, se você pular a cerca agora, ele vai descobrir.

Ela o encarou.

— Ele não sabe?

— Não. Eu saí sem que ele percebesse. E, se você me ouvir, posso fazer você entrar sem que ele fique sabendo, também. Ou você pode pular a cerca e enfrentar a fúria dele.

Percebendo que estava de frente para Lucas novamente, Kylie virou a cabeça. A vegetação sob as suas costas parecia um musgo macio, mas a emoção no seu peito a feria como um espinho.

— É por causa disso que está assim? Droga, Kylie. Eu já sei.

Ela olhou para ele outra vez, sem saber direito o que ele queria dizer.

— Sabe o quê?

Ele soltou um grunhido.

— Que você é uma vampira. Eu... senti o fedor assim que entrei no cemitério.

Ela se sentiu profundamente insultada. A emoção fez seus lábios tremerem.

— Se eu cheirava tão mal, então por que você se deu ao trabalho de entrar?

A expressão dele ficou mais sombria.

— Eu entrei porque pensei que você estivesse em perigo. — Ele soltou o ar dos pulmões ruidosamente. — Eu não vou mentir. Eu não gosto, e vai complicar ainda mais as coisas com a minha alcateia, mas... — Ele a olhou nos olhos. — Mas o mais importante para mim não é o que você é aqui. — Ele tocou a testa dela. — É o que você é aqui. — Ele pousou a mão sobre o peito dela, um pouco acima do seio direito.

Ela sentiu o coração acelerar. O toque não era para ser íntimo, mas ela o sentiu assim.

— Você me enfeitiçou no momento em que nos vimos pela primeira vez, quando éramos crianças. Eu não sabia o que você era, e, é verdade, esperava que fosse um lobisomem, mas não me importava. Você me cativou.

As lágrimas de Kylie umedeceram suas faces. De repente, um suave aroma de mato encheu as suas narinas. Ela sabia que era o cheiro natural de Lucas e da floresta também.

— E ainda estou enfeitiçado. — Ele secou uma lágrima no rosto dela. — Eu não me importo que você seja metade bruxa e metade vampira.

— Eu não sou só isso — ela disse.

Ele pareceu ligeiramente confuso.

— Tudo bem. Então, o que mais você é?

Ela sorriu através das lágrimas.

— Sou um camaleão. O que significa que tenho um pouquinho de tudo dentro de mim. — Ela se lembrou do avô lhe dizendo para não falar sobre isso com ninguém. Mas Lucas não era qualquer um.

— Até de lobisomem? — ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu só não sei ainda como controlar essas mudanças. — Ela suspirou. — Isso faz de mim uma aberração maior ainda?

— Faz de você alguém surpreendentemente incrível — ele disse. — Mesmo quando é uma vampira. — Ele se inclinou e pressionou os lábios contra os dela. O beijo tinha sabor de inocência. E, por mais estranho que fosse, ela se lembrou dele beijando-a daquele jeito um tempo atrás, muito tempo atrás. Como se tivesse acontecido antes de ela conhecer Shadow Falls. Kylie tocou a bochecha de Lucas e, quando tirou a mão, perguntou:

— Você por acaso... um dia entrou pela minha janela quando éramos vizinhos?

Ele pareceu culpado, mas não muito.

— Só uma vez, eu juro, quando você deixou a janela aberta. E eu não fiz nada... Só...

— ... me beijou? — ela perguntou. — A ideia não a deixou com raiva; ela viu o beijo como um carinho.

— Foi com você... o meu primeiro beijo — ele disse.

Ela sorriu, e então a boca de Lucas desceu até a dela. Ela mal sentiu o calor dos lábios dele quando ele se afastou.

— Mas eu ainda estou furioso com você por ter lançado aquela rede sobre mim. — Ele

bufou. — Não que eu consiga ficar furioso com você por muito tempo.

Ele a beijou novamente. Mas dessa vez não foi um beijo tão inocente. Não que ela fosse reclamar. Seu beijo tinha gosto de paixão, uma paixão doce e ardente. O peso do corpo dele pressionou-a em todos os lugares certos e ela sentiu as diferenças que faziam deles macho e fêmea. A vibração de Lucas, o zumbido no seu peito que a seduzia, invadiu-a em todos os lugares que seu corpo másculo agora tocava o dela.

Ela recebeu o beijo com desespero, querendo senti-lo, querendo saborear as sensações que ele produzia. A mão dele envolveu sua cintura, quente contra a pele nua dela, depois deslizou sob a camiseta e pousou em concha sobre o seu seio. Ela gemeu ao sentir a suavidade do seu toque e ansiou por mais.

Os lábios dele afastaram-se dos dela e desceram pelo seu pescoço. A sensação dos seus beijos quentes deixava seu corpo mole, como se estivesse derretendo. Ela sentia tudo, carência, desejo, anseio.

Quando a mão dele se moveu pelas costas dela e buscou o fecho do sutiã, ela arqueou as costas para facilitar. E, quando a mão dele voltou a acariciar a pele nua do seio, ela tremeu de prazer.

Lucas buscou a bainha da camiseta dela e deslizou-a pela cabeça de Kylie, descartando o sutiã ao mesmo tempo, e seus olhos desceram e contemplaram o que ele tinha acabado de descobrir. Ela achou que se sentiria envergonhada. Mas não era o sentimento de vergonha que se agitava dentro dela. Ela sentia...

— Você é tão linda! — ele disse, com a voz rouca.

Era isso. Era assim que ela se sentia. Linda. Admirada.

Ele respirou fundo.

— Provavelmente não devíamos...

Ela pressionou um dedo contra os lábios dele.

— Eu quero. — Ela deslizou a mão até a nuca de Lucas, entrelaçando os dedos nos seus cabelos pretos e espessos, e trouxe a sua boca até a dela. E, em segundos, estavam ambos perdidos nos braços um do outro.

# Capítulo Vinte e Quatro

O beijo passou de quente a febril, na velocidade das batidas do coração de um vampiro. Ela não tinha nem reparado que ele havia tirado a camisa até sentir o calor da sua pele nua contra os seios dela. Ela tremeu de prazer. Os beijos dele passaram para o seu pescoço e desceram um pouco mais. A sensação fez com que ela arqueasse as costas e murmurasse o nome dele.

E então o celular dele tocou.

Ela sentiu o rosnado no fundo da garganta de Lucas, profundo e baixo sobre a pele nua do seu próprio ombro. Ele levantou a cabeça. Seus olhos estavam brilhantes, as íris azuis ardentes de desejo.

— Eu odeio... *odeio* essa tecnologia moderna.

Ela deu uma risadinha.

Ele rolou até ficar de costas e pegou o telefone do bolso. Quando consultou a pequena tela, uma expressão de preocupação varreu o desejo do seu rosto.

— É Burnett. — Ele fechou os olhos, depois os abriu. — Eu tenho que... atender. — Ele olhou para ela como se pedisse desculpas.

— Eu sei — ela disse e, então, percebendo de repente que estava nua, cruzou os braços sobre os seios.

O olhar dele desceu por um breve instante para o seu peito coberto. Então ele pegou o sutiã e a camiseta dela, ao lado dele, e passou para ela.

Ela os apanhou e segurou na frente do corpo para se cobrir. Seus olhares se encontraram e os dois sentiram que deveriam parar antes que as coisas fossem longe demais. E, embora ela aceitasse que tinha sido um risco deixar que o relacionamento evoluísse até aquele ponto, ela sabia que esses momentos ficariam gravados para sempre em sua memória.

— Eu não me arrependo — ela disse.

— Ótimo. — Ele parecia tão sexy sem camisa, ostentando apenas um sorriso que dizia "me beije". — Porque eu também não.

— Obrigada — ela disse.

— Pelo quê? — Ele olhou para o celular tocando, com a testa franzida.

— Por entrar no cemitério mesmo... detestando fantasmas.

*Por não me odiar porque sou uma vampira.*

Seu olhar de repente ficou sério.

— Eu iria até o inferno para mantê-la segura, Kylie Galen.

Ela acreditava nele.

Lucas por fim atendeu à chamada de Burnett.

Kylie passou o resto da noite se revirando nos lençóis, incapaz de conciliar o sono. O telefonema de Burnett tinha sido só para checar se Lucas havia encontrado algo suspeito, quando saíra para verificar por que o alarme disparara. Então Lucas e Kylie saltaram sobre o portão abraçados, para parecer que havia apenas uma pessoa entrando no acampamento. Como Lucas descobrira essa estratégia, Kylie não sabia nem queria perguntar. No entanto, a ideia de que Lucas tinha mentido e de que Perry também teria que mentir por causa dela não a deixava nada confortável.

Inquieta, ela fitou o teto do quarto enquanto recapitulava tudo o que havia descoberto. Ela era um camaleão. Um tipo raro de sobrenatural. Mas neste momento ela era um vampiro. E isso explicava por que não tinha conseguido ter um sonho lúcido com Lucas, mesmo depois de tentar tanto. Os vampiros não podiam ter sonhos lúcidos. Rolando na cama mais uma vez, ela imaginou todo mundo vendo seu novo padrão.

As palavras da tia-avó davam voltas na sua cabeça. *Os poucos que não se esconderam foram vistos como párias, aberrações que não pertenciam a espécie alguma.*

Ela já podia imaginar os campistas cochichando pelas suas costas. *Olhe para Kylie! Você nunca vai adivinhar o que ela é agora!*

Não que precisassem cochichar. A audição supersensível de Kylie estava funcionando às mil maravilhas. Ela não só ouvia Miranda e Della cada vez que se reviravam na cama, como também os filhotes de passarinho piando no ninho, para que a mãe se apressasse, mastigasse as larvas e regurgitasse tudo na boca deles. O barulho que isso fazia, a propósito, não era dos mais agradáveis.

A mente de Kylie deu uma guinada e ela começou a se lembrar dos momentos que passara com Lucas. Ela agarrou o travesseiro extra e abraçou-o. Um sorriso se formou nos seus lábios. Não só pelas coisas pecaminosas que tinham feito, mas porque... agora Kylie acreditava que ele se importava de fato com ela. E a aceitava. Aquilo era demais. Mudava tudo. Ela só não sabia como.

Relembrando as carícias dele, ela sentiu as faces arderem. Provavelmente não de verdade, considerando que a temperatura do seu corpo de vampira era extremamente baixa agora, mas ela podia apostar que suas bochechas estavam vermelhas.

Seu cérebro deu outra guinada e ela se lembrou das palavras do avô. *Você é uma de nós. Temos o mesmo sangue.*

A necessidade que ela sentia de conhecer melhor o avô, de descobrir tudo com relação à sua herança de família, oprimia o seu peito. Mas deixar Shadow Falls...?

Aquela não era uma opção. Mesmo que alguns campistas não a aceitassem plenamente, era a esse lugar que ela pertencia.

À medida que a noite se arrastava, ela tentava decidir o que iria contar a Holiday e Burnett, e até a Della, Miranda e Derek... Ela não poderia mentir para todos eles, poderia?

*Um camaleão sozinho não sobrevive.* O aviso se agitava em seu peito já oprimido.

Abraçando ainda mais o travesseiro, ela se sentou na cama. Não estava sozinha. Ela tinha Holiday e Burnett, e todos os seus amigos. E só teria que ouvir sua intuição para descobrir o que deveria contar ou não às pessoas mais próximas a ela.

O ronco do seu estômago faminto se fez ouvir em meio ao silêncio do quarto. Kylie se levantou e foi até a cozinha. Ao abrir a geladeira, estendeu a mão para pegar uma embalagem de suco de laranja, mas a mão parou a meio caminho, quando ela viu o frasco de sangue de Della.

A amiga iria matá-la, mas...

— Cadê o meu sangue? — A voz de Della vibrou através de toda a cabana.

Kylie se encolheu, saiu do chuveiro e ficou em dúvida entre a toalha vermelha ou a branca. Ela escolheu a branca, por ser um símbolo de pureza. Se Della fosse matá-la, pelo menos Kylie estaria usando branco.

— Você o derramou na pia outra vez? — Della vociferou, sem dúvida falando com Miranda.

— Eu não fiz nada com o seu sangue! — respondeu Miranda, ofendida. — Não cheguei nem a um metro dele.

Kylie se enrolou na toalha.

— Confesse, bruxa! — exigiu Della.

— Estou falando a verdade! — rebateu Miranda. — Tire a cera desse seu ouvido imundo de vampira e ouça o meu batimento cardíaco.

Tudo bem, agora os insultos estavam chegando a um nível perigoso.

Às pressas, Kylie saiu do banheiro quente e esfumaçado e se postou bem no meio do campo de batalha.

— Meus ouvidos não são imundos! — ameaçou Della, com um rosnado. — Não sou eu que deixo um metamorfo chupar o lóbulo da minha orelha.

— Chega! — gritou Kylie, estendendo as mãos.

— Nunca mais vou contar nada a você! — Miranda exclamou num tom cheio de mágoa.

— Graças a Deus! — Della rebateu. — Você acha que quero ouvir você contar que chuparam o lóbulo da sua orelha?

— Sua vaca! — gritou Miranda, fervendo de raiva.

— Parem! — berrou Kylie.

— Eu nunca disse isso! — Miranda respondeu a Della. — Eu disse que ele *mordeu* o lóbulo da minha orelha. — Ela começou a andar na direção de Della, o dedo mindinho levantado como uma arma.

Della exibiu os caninos e começou a avançar.

— Dá na mesma. É tão vulgar quanto chupar!

— Já chega! — Kylie se colocou entre as suas duas melhores amigas.

— Ela jogou meu sangue na pia! — Della acusou.

— Não joguei! — Miranda negou.

— Ela está dizendo a verdade. — Kylie olhou para Della. — Fui... fui eu.

— Você jogou o meu sangue na pia? — perguntou Della.

— Não... eu... bebi. Me desculpe. — Kylie estendeu o braço, expondo a veia. — Tome, beba um pouco do meu.

Della encarou Kylie, as sobrancelhas erguidas, e então seu queixo caiu.

— Santo Deus! Você é uma vampira!

— Ela é uma bruxa! — Miranda disse toda orgulhosa, às costas de Kylie.

— Não é mais — contestou Della. — Olhe, Senhorita Espertalhona, e veja por si mesma. Ou será que Perry lambeu os seus olhos também?

Sem querer prolongar a briga, Kylie voltou-se para Miranda. Afinal, aquilo não era algo que ela pudesse esconder.

— Caramba! — deixou escapar Miranda. — O que aconteceu? Transar com Lucas transformou você numa vampira?

— Claro que não! — respondeu Kylie.

Della deu uma palmada no próprio quadril.

— Por que fazer sexo com um lobisomem faria alguém se transformar em vampiro?

— Sei lá! — respondeu Miranda. — Talvez o sexo tenha sido muito ruim.

Della encarou Miranda e mostrou o dedo médio, depois se voltou para Kylie.

— Você transou com Lucas?

— Não! — Kylie agarrou a toalha que caía. — A gente só... deu uns amassos.

— E até onde foram esses amassos? — Della ergueu as sobrancelhas.

— Achei que você não queria saber sobre essas coisas — disse Miranda, com raiva na voz.

— Não quero saber sobre chupadas na orelha. Isso é vulgar.

— Cadela! — Miranda xingou, avançando sobre Della. A vampira fez o mesmo.

Kylie segurou Miranda pela camiseta com uma mão e agarrou Della, pelo braço, com a outra. Nesse momento, a toalha enrolada em volta do seu corpo caiu no chão.

— Eu disse chega!

Dela e Miranda começaram a rir. Sem dúvida ela estava bem engraçada, nua e furiosa.

Kylie largou as duas e depois se enrolou novamente na toalha.

— Eu tenho uma coisa pra contar, mas, se vocês duas não pararem de brigar, eu vou embora e deixo que se matem.

— Você já veio com esse papo antes — disse Della. — E decepcionamos você. Não nos matamos. — Della rosnou para Miranda. — Claro que podemos fazer diferente dessa vez.

Kylie revirou os olhos.

— Vocês vão parar de brigar ou não?

— Talvez — disse Miranda. — Principalmente se você explicar como, afinal, consegue mudar de padrão desse jeito. Ah, e se nos der detalhes de como foi a noite ontem com Lucas.

Kylie olhou para Della.

— Trégua?

— Tudo bem — Della garantiu. — Além disso, é com você que estou fula da vida por ter bebido o meu sangue. Você roubou uma vampira. — Ela mostrou os caninos, mas ao mesmo tempo abriu um sorriso. — E Miranda tem razão. Queremos detalhes sobre esses dois assuntos.

Uma hora depois, assim que Kylie acabou de dar às amigas todos os detalhes — ou pelos menos todos os detalhes que planejava dar —, as três foram para o escritório de Holiday. Kylie confessara ter ido ao cemitério. Ela sabia que Della ficaria louca da vida ao descobrir que tinha sido enganada, e Kylie estava certa. Mas lhe pareceu importante contar tudo a elas, e não só para não ficar com a consciência pesada. Se ela precisasse encontrar o avô futuramente, precisava de aliadas. Della e Miranda eram suas melhores aliadas.

Assim como suas melhores amigas.

As duas eram também um dos grandes motivos pelos quais Kylie não podia fazer o que o avô queria: ir morar com ele. Um detalhe que Kylie omitiu da conversa.

— Você vai contar a Burnett e a Holiday? — Miranda perguntou quando se aproximaram do escritório.

— Não sei. — Kylie olhou para a varanda da cabana e ouviu alguém respirando lá dentro. E se eles ficassem furiosos e a proibissem de ver o avô e a tia novamente?

*Será que Holiday faria isso?*

Provavelmente não. Mas era bem possível que Burnett fizesse. Ou pelo menos tentasse.

O coração de Kylie ficou apertado quando ela se lembrou de que não estava li só para falar sobre o avô. Tinha chegado a hora. Hora de contar a Holiday sobre a irmã. Mas, primeiro, ela esperava falar com Burnett sobre tudo o que tinha descoberto a respeito de Hannah. Ele precisava saber, para que pudesse decifrar o caráter desse Blake.

Mas, que droga!, Kylie não estava ansiosa para ter essa conversa.

— Merda! — Della agarrou o braço de Kylie. — Se você contar a Burnett sobre o encontro com o seu avô, ele vai assar o meu rabo no espeto, porque eu deixei você ir. Não vai levar em

conta que eu pensei que você ia sair com Lucas.

— Ele vai me culpar também — disse Miranda.

— Ele não vai culpar vocês — contestou Kylie. — Vai cair em cima de mim.

— Certo, como se Burnett fosse um cara razoável... — disse Della.

— Bem, o que você esperava? Ele é um vampiro. — Miranda comentou, com malícia.

Kylie ignorou a troca de farpas dessa vez e olhou pela janela do escritório de Holiday. Apurou os ouvidos para ver se conseguia ouvir a voz de Burnett.

Tudo o que Kylie ouviu foi alguém digitando no teclado de Holiday.

Kylie atravessou a varanda da cabana. Não tinha chegado à porta ainda quando, de repente, reconheceu o cheiro e a cadência da respiração da pessoa que estava lá dentro. Não era Holiday.

Nem Burnett.

O que *ele* estava fazendo no escritório de Holiday?

Ela acenou para as duas amigas e abriu a porta da cabana. Derek, completamente imerso no que estava lendo na tela do computador, não percebeu a presença dela. Kylie o observou e lembrou-se de que tinha ligado para ele do cemitério, sentindo que era o único com quem ela podia contar.

Suspirando, ela também se lembrou de que ele confessara seu amor por ela. Lembrou-se até dos beijos ardentes e maravilhosos que trocaram quando estavam juntos. E que não trocariam mais.

— Olá! — Kylie afastou esses sentimentos despropositados.

Ele literalmente pulou da cadeira.

— Santo Deus! — exclamou, passando a mão no rosto. — Você... quase me matou de susto! — A culpa brilhava nos olhos dele.

— O que você estava fazendo?

— Algo que não devia. — Um gemido escapou dos lábios dele. — Holiday me pediu para ficar aqui no escritório. Quando eu me sentei, a tela do computador saiu da hibernação. Ele estava ligado na página de e-mails dela e...

Kylie arqueou as sobrancelhas, com um ar de reprovação.

— Você estava lendo os e-mails pessoais de Holiday?

— Só porque tinham a ver com Hannah. — Ele gesticulou para que ela fechasse a porta.

Ela obedeceu e se aproximou da escrivaninha de Holiday. De repente, sentiu-se um pouco culpada também, mas, se a informação pudesse ajudá-los...

— O que você descobriu?

— O e-mail era de um investigador particular. Holiday o contratou para encontrar a irmã.

— Ele descobriu alguma coisa? — Kylie deixou-se cair na cadeira em frente à mesa.

— Não. Mas eu não sabia disso até abrir o e-mail. — Ele passou a mão no rosto outra vez. — O que não deveria ter feito. Eu vi o e-mail e achei que poderia desvendar o mistério.

— Eu provavelmente teria feito a mesma coisa — ela disse, sem saber ao certo se era verdade, mais por querer confortá-lo. — Onde está Holiday?

— Ela disse que ia falar com Burnett.

Kylie ouviu passos pesados e em seguida a porta se abriu.

— Não foi comigo que ela foi falar. — O olhar de Burnett fixou-se em Kylie. — Quem é Blake?

Kylie lembrou-se de Hannah dizendo que seu assassino podia ter sido Blake. Teve um mau pressentimento.

— Por quê?

— Porque é com ele que Holiday está.

— Isso não é nada bom. — Kylie ficou de pé num salto. — Onde ela está?

— Quem diabos é Blake? — Burnett perguntou, bloqueando a passagem de Kylie.

— É o ex-noivo dela.

O ciúme cintilou nos olhos de Burnett.

— E ele pode ter sido a pessoa que matou a irmã dela e as outras garotas.

O instinto protetor de Burnett substituiu o ciúme em seus olhos. Suas presas se projetaram dos lábios superiores. Ele se virou e num instante desapareceu pela porta.

Levou uma fração de segundo para Kylie se lembrar de que poderia fazer o mesmo. Ela olhou para Derek e só quando os olhos dele se arregalaram ela percebeu que seus caninos também estavam à mostra. Sem tempo para explicar, saiu correndo da sala e sentiu seu sangue borbulhar nas veias, como sempre acontecia quando ela ficava alvoroçada para proteger alguém.

Kylie só rezou para que seu alvoroço fosse prematuro e Holiday não estivesse em perigo.

# Capítulo Vinte e Cinco

Kylie farejou o cheiro de Burnett e, quase instantaneamente, alcançou-o e se pôs a correr ao lado dele. Eles não pararam até chegar a um pequeno restaurante na Rua Principal, no centro de Fallen. O carro de Holiday estava parado na porta.

Tão logo parou de correr, ele franziu o cenho para checar o padrão de Kylie. Não disse nada, mas ela viu o choque nos olhos do vampiro antes que ele se voltasse para o restaurante.

Eles correram até a grande janela da frente.

— Lá no fundo, num dos cantos — disse Kylie, o pânico amenizando ao ver Holiday, viva, mas com uma expressão contrariada. Mas não parecia em perigo. O homem sentado na frente dela vestia jeans surrados e uma camisa azul-clara. Ele era alto, moreno e...

Kylie quase pensou "atraente", mas se deteve antes disso.

— Como você sabia que ela estava aqui? — perguntou Kylie.

— Quando eu a vi saindo do acampamento, liguei. Ela disse que estava no café e, quando alguém se aproximou, eu a ouvi dizer o nome dele.

Kylie olhou novamente pela janela do restaurante e apurou os ouvidos para ouvir a conversa de Holiday.

— Eu só vim até aqui para perguntar se você a tem visto — disse Holiday.

— E eu vim para tentar explicar o que aconteceu — Blake continuou. — Cometi um erro. Faz mais de dois anos, mas eu não deixei de amar você.

Burnett soltou um rosnado e ameaçou entrar no restaurante. Kylie segurou-o pelo cotovelo. Vestido todo de preto, o vampiro parecia feroz.

— Espere — disse Kylie.

— Esperar pra quê? — As narinas de Burnett se inflaram.

— Precisamos de um plano.

— Eu tenho um. — Os olhos dele ficaram mais brilhantes quando Blake tocou o braço de Holiday.

— Um plano que não inclua assassinato — Kylie murmurou, e então acrescentou: — Você não pode simplesmente invadir o restaurante desse jeito como um namorado ciumento.

— Não estou com ciúme — ele protestou.

Kylie ouviu o coração dele dar um salto. *Ah, isso foi legal.*

— Sério? — Kylie arqueou uma sobrancelha para ele, com um olhar malicioso.

— Ele matou a irmã dela! — Burnett defendeu-se.

— Eu disse que ele *poderia* ter matado a irmã dela.

— Isso já basta para mim. — Ele estendeu o braço para abrir a porta, mas Kylie o deteve outra vez.

— Você quer mesmo que Holiday descubra desse jeito que a irmã está morta? Em público?

Burnett deu um passo para trás, os olhos dizendo que ela tinha razão.

— Tudo bem, qual é o seu plano.

Ela não tinha um plano, mas disse:

— Vamos esperar para ver.

Ele franziu a testa.

— Ele pode sacar uma faca e matá-la antes que eu consiga evitar.

— Em público? — Kylie perguntou.

— Não seria uma decisão inteligente, mas esse cara fez alguma besteira e perdeu Holiday. Isso prova que ele é um idiota. — Burnett não tirou os olhos da janela enquanto falava. Um grunhido baixo escapou dos seus lábios. — Ele está tocando nela de novo!

— Não foi por isso que liguei pra você, Blake. — Holiday puxou a mão, evitando o contato. O cabelo ruivo estava solto e contrastava com o vestido amarelo que ela usava. — Só quero encontrar Hannah.

— Mas ela não está deixando que ele a toque — disse Kylie. — Vamos sair daqui antes que ela nos veja.

Tarde demais.

Holiday olhou para a janela do restaurante e seus olhos se arregalaram ao ver Burnett e Kylie do outro lado do vidro.

— Você tem outro plano? — Burnett perguntou. — Porque estou sem ideias e ela parece bem contrariada.

Kylie quase sorriu ao sentir o medo na voz daquele vampiro grandalhão e com fama de mal.

— Não diga nada a ela antes de levá-la de volta ao acampamento — Kylie disse rapidamente.

A porta se abriu com ímpeto e Holiday saiu do restaurante. Olhou para Burnett, depois para Kylie.

— O que está acontecendo aqui?

— Preciso falar com você — disse Kylie, improvisando.

— Sobre o quê? — Quando nenhum dos dois respondeu, Holiday perguntou novamente:

— O que aconteceu?

Burnett começou a responder. Com receio de que ele pudesse contar a verdade a Holiday, Kylie se antecipou:

— Algo a ver comigo. — Ela apontou para a própria testa.

Holiday franziu a testa e seus olhos se arregalaram.

— Ah, meu Deus!

Os sininhos da porta do restaurante badalaram atrás deles e Blake saiu, parando ao lado de Holiday.

— Está tudo bem? — Seu olhar se fixou em Burnett.

O vampiro, com um brilho incandescente nos olhos, puxou Holiday para mais perto.

— Isso depende... — disse Burnett — da rapidez com que você cair fora daqui.

Felizmente, Blake apenas se despediu de Holiday com um aceno de cabeça e foi embora sem causar nenhum tumulto.

Kylie não pôde deixar de imaginar se não foi porque ele suspeitava de que sabiam a verdade. Burnett parecia pensar a mesma coisa enquanto observava Blake se afastar. O rosnado baixo e profundo vindo do seu peito não deixava dúvida de que planejava encontrar o homem novamente. E provavelmente muito em breve.

Burnett e Kylie voltaram de carro com Holiday, que cravou Kylie de perguntas enquanto dirigia.

— Quando você se transformou em vampiro? Sentiu alguma dor? Seus poderes mudaram?

Em seguida Burnett interferiu, incluindo sua própria lista de perguntas sobre o novo padrão de Kylie.

Kylie respondeu da maneira mais evasiva possível, sem querer falar sobre o avô. Ela sabia que teria de acabar abrindo o jogo, mas, considerando as outras notícias que tinha que dar a Holiday, não queria aumentar ainda mais as preocupações da amiga.

De volta ao escritório, Holiday jogou a bolsa sobre o sofá e olhou para Burnett e Kylie com seu olhar exigente do tipo “conte tudo ou eu te mato”. Kylie imaginou se a mãe tinha ensinado esse olhar a Holiday, pois eles eram muito parecidos.

— Agora me explique o que realmente está acontecendo — Holiday exigiu. — Posso sentir que não se trata apenas do seu padrão.

Kylie mordeu o lábio inferior. Burnett deu um passo à frente. Aprumou os ombros, o olhar cheio de solidariedade. Deu um suspiro profundo e sincero e olhou para Kylie. Ela acenou para ele com a cabeça, como se lhe desse a palavra. Ele olhou novamente para Holiday e, numa voz grave, começou:

— Kylie tem algo para contar a você.

A boca de Kylie se entreabriu de surpresa, e então ela soube que era oficial: o homem tinha certa dificuldade com a comunicação verbal... principalmente quando ela envolvia emoções.

O olhar de Holiday disparou para Kylie e o coração da garota se encheu de dor. A dor que ela sabia que Holiday iria sentir. Uma emoção que Kylie pessoalmente já tinha sentido muitas vezes ultimamente. Perder Nana, perder o avô — mesmo que não fosse para a morte, era assim que ela sentia —, perder o seu pai de verdade, Daniel, pois suas visitas estavam mais espaçadas. E havia Ellie. Kylie se sentia triste até por Ruivo, quer dizer, Roberto.

Respirando fundo, Kylie pediu com um gesto que Holiday se sentasse. A líder do acampamento estudou o rosto de Kylie e provavelmente detectou todas as suas emoções. Ela foi até a sua escrivaninha e se sentou. As almofadas afundaram sob o seu peso, com um som que pareceu um suspiro. Foi o único barulho na sala.

— O que foi? — Holiday perguntou novamente.

A emoção causou um nó na garganta de Kylie.

— Eu não queria contar porque você me disse... que não queria saber. Toda aquela história sobre o hoje e o amanhã... Porque a princípio eu pensei que era você.

Holiday se inclinou para a frente, apertando os braços da cadeira.

— Não estou entendendo.

— O rosto do espírito que lhe contei que reconheci. Pensei que fosse você. Mas não era... você.

Os olhos verdes de Holiday se encheram de lágrimas e Kylie soube que Holiday já tinha encaixado as peças do quebra-cabeça. Burnett, mostrando seu carinho, aproximou-se de Holiday e pressionou o ombro dela com ternura.

— Ela está morta? — Os ombros de Holiday estremeceram quando ela encheu os pulmões de ar. Lágrimas umedeceram seus olhos e escorreram pelas faces. — Por que... ela não me procurou?

Kylie secou as próprias lágrimas.

— Acho que porque tinha vergonha do que aconteceu.

— Ela contou a você sobre... aquilo?

— Contou. — A voz de Kylie era quase um sussurro. Burnett olhou para ela como se perguntasse o que ela não tinha contado a ele.

A tristeza pairava por todo o cômodo.

— O que aconteceu? — Holiday finalmente perguntou. — Ela estava escalando montanhas? Eu disse a ela que era perigoso escalar sozinha.

Kylie negou com a cabeça.

— Não foi um acidente.

A raiva endureceu a expressão de Holiday.

— Alguém tirou a vida dela? Mas quem?

— Não sabemos ao certo. — Burnett sentou-se na beirada da escrivaninha. A maneira como ele olhou para a líder do acampamento aqueceu o coração de Kylie. Ele se importava com Holiday. Ela só esperava que o problema todo com Blake não afastasse os dois.

— Mas Blake é o primeiro suspeito — disse Burnett.

— Blake? — Holiday ofegou. — Não, eu não acredito que... — Ela parou como se pensasse melhor. Ela passou a mão no rosto outra vez, para secar as lágrimas, e depois olhou para Kylie. — Tudo bem, me diga tudo o que você sabe. E não omita nada.

Naquela tarde, em sua cabana, Kylie sentou-se à mesa da cozinha.

O almoço tinha sido tão "divertido" aquele dia que Kylie tinha preferido não aparecer para o jantar. Não houve uma pessoa que não tivesse encarado Kylie com um olhar embasbacado e o queixo caído ou não tivesse feito algum comentário malicioso sobre o seu novo padrão de vampira.

Tudo bem, isso não era verdade. Suas amigas íntimas não tinham olhado para ela assim — ou pelo menos tentaram não olhar. Jonathon e Helen tiveram um sobressalto e, antes que pudessem se conter, trocaram um olhar de espanto. É claro que Jonathon tinha se recomposto e dado a ela as boas-vindas à comunidade vampírica e sugerido que se juntasse à mesa deles.

Ela recusou o convite, pois pôde perceber, pelas expressões no rosto de alguns vampiros, que ela não era nem um pouco bem-vinda.

Quando Perry entrou no refeitório, ele verificou o padrão de Kylie e depois fez um sinal de positivo para ela. Obviamente, ele tinha decidido não explodir com ela por causa de todo aquele episódio com a rede. Então Kylie notou que todos os três professores novos olhavam para ela, surpresos. Por alguma razão, ela tinha presumido que eles seriam mais educados do que os campistas, mas se enganou, pois a encaravam com o mesmo olhar de curiosidade que todos os outros ali.

No entanto, uma coisa fizera com que toda a provação que passara no refeitório valesse a pena. Quando Fredericka apontou para ela com uma risadinha no canto dos lábios, Lucas simplesmente deu de ombros e disse:

— É, eu vi. — Então ele olhou para Kylie, sem encará-la com se ela fosse uma aberração, e sorriu.

Aquele sorriso, com um brilho travesso nos olhos, estava carregado de significado também. Kylie percebeu que tinha enrubescido e ficou um pouquinho menos preocupada em ser o entretenimento de todo mundo enquanto devoravam hambúrgueres e batatas fritas. É claro que o alívio só durou alguns minutos. Logo em seguida alguém fez algum comentário maldoso sobre a mente de Kylie ser uma esquisitice sem precedentes.

Kylie muitas vezes tinha desejado que sua audição sensível estivesse sempre ativa, mas naquele momento o que ela mais queria é que esse dom desaparecesse — para sempre. Agora ela preferia não ter que ouvir todos os comentários cochichados às suas costas.

Fitando as mãos pousadas sobre a mesa, ela percebeu que parte do seu mau humor tinha sido causada pela dor que impingira a Holiday. Kylie queria ajudá-la, mas Holiday tinha insistido em ficar sozinha.

O computador emitiu um aviso sonoro quando um novo e-mail chegou à caixa de entrada. Kylie correu para verificar, rezando para que fosse do avô ou da tia-avó. Ela estava checando seus e-mails obsessivamente nos últimos dias, especialmente porque seu último e-mail tinha voltado... o que significava que o endereço eletrônico que eles haviam dado a ela não estava mais sendo usado.

Ela se sentou na cadeira em frente ao computador, com a respiração presa, quando a tela se abriu.

O e-mail não era do avô ou da tia.

Então ela ficou olhando para o endereço eletrônico do padrasto e acidentalmente clicou duas vezes nele, abrindo o e-mail. Mesmo sem querer, começou a lê-lo.

*Oi, princesa. Não vejo a hora de revê-la no sábado. Estou com saudade de você. E com saudade da sua mãe.*

Todas as emoções relacionadas à mãe e ao divórcio dos pais vieram à tona num rompante. Ela se afastou tão rápido da tela que a cadeira deslizou violentamente pelo chão e se partiu em quatro lugares diferentes.

— Dane-se! — ela praguejou.

Com a garganta apertada, Kylie se levantou e, pisando duro, foi até a geladeira e escancarou a porta. Ela só queria sentir o ar gelado no rosto.

Não sentiu frio, porque ela já estava fria demais por dentro. Afinal, ela era uma droga de vampira!

Limpou com um tapa uma lágrima que teimava em descer pela bochecha e voltou a olhar para a tela do computador. E se o pai começasse a fazer perguntas sobre a mãe dela? Kylie certamente não queria ser a portadora da notícia de que a mãe estava saindo com outro homem.

No entanto, ele mesmo provavelmente descobriria no sábado, pois ela já tinha recebido um e-mail da mãe, perguntando a Kylie se ela se importava que o Bajulador — o mesmo que queria levar a mãe para a Inglaterra e ter noites selvagens entre os lençóis — viesse com ela para o dia dos pais.

Kylie estava a ponto de responder, dizendo, *"Claro que eu me importo!"*.

Mas seria justo fazer aquilo com a mãe? Kylie não devia estar feliz com a felicidade dela? Mas ela só queria que a mãe fosse feliz novamente com o padrasto. Queria que a vida voltasse a ser como antes.

Por um segundo, Kylie se lembrou de como as coisas eram. Quando ela achava que não passava de um ser humano, quando não sabia que coisas como vampiros e lobisomens de fato existiam.

Quando ela nem conhecia Derek. Não tinha restabelecido o contato com Lucas.

Nem conhecia Della ou Miranda.

De repente, o mundo de Kylie Galen antes de Shadow Falls não lhe pareceu atraente. Bem,

exceto pelo fato de a mãe e o padrasto estarem juntos.

Kylie ouviu o colchão de Della ranger e passos no chão de madeira. Ela limpou mais uma vez as lágrimas, esperando que ninguém as notasse. Vampiros não choravam.

— Atrás da caixa de leite tem uma garrafa de sangue B positivo que eu trouxe pra você — disse Della.

— Obrigada.

— Como está se sentindo?

— Bem, por quê?

Della aproximou-se um pouco mais.

— Porque normalmente, quando alguém começa a destruir a mobília, não está muito bem.

Kylie olhou para a cadeira quebrada e não disse nada.

— Na verdade, só estou surpresa que você não tenha apresentado nenhum sintoma durante o estágio de transformação. Fico feliz que não tenha, porque, pode acreditar, não é nada divertido.

Kylie pegou a garrafa de sangue.

— Sabe, isso provavelmente não vai durar.

— O sangue? — perguntou Della. — Posso conseguir mais.

— Não, minha condição de vampira. Eu não sou uma vampira de verdade. Quer dizer, sou só parte vampira.

— Você parece uma vampira puro-sangue — contestou Della. — Como muda o seu padrão? — Ela foi até a mesa da cozinha.

Kylie abriu a garrafa e de repente a ideia de beber sangue revirou o seu estômago. Será que ela já tinha se transformado em outra coisa? Ah, mas que maravilha! Se isso de fato tinha acontecido, ela mal podia esperar pelo café da manhã, quando todo mundo ia ter mais uma refeição divertida, zombando da cara dela.

Tirando o boné, na tentativa de esconder de Della sua aversão por sangue, ela explicou:

— Eu não entendo como isso funciona. Por que acontece ou por que *não* acontece. — Ela olhou para Della. — Ainda sou uma vampira?

Dela confirmou com a cabeça, e Kylie viu pela expressão da amiga que ela percebeu que Kylie havia chorado.

— Pode dizer — Kylie falou. — Agora que eu sou uma vampira tenho que ser mais durona, não é?

— Eu não ligo a mínima que você seja durona ou não — disse Della com sinceridade.

A frustração cresceu no peito de Kylie, porque ela era uma idiota, porque Della estava sendo muito compreensiva, mas principalmente porque dessa vez ela não podia correr para Holiday e pedir respostas.

Holiday não tinha essas respostas. E as pessoas que tinham, seu avô e sua tia, não queriam nada com Shadow Falls e não estavam acessíveis agora.

*Um camaleão sozinho não sobrevive.*

E, no momento, Kylie se sentia muito sozinha.

Mais lágrimas afloraram dos seus olhos e Kylie secou-as com a mão.

— Eu detesto me sentir uma aberração — Kylie desabafou. — Eu me sinto como se não tivesse controle sobre o meu próprio corpo.

Seus pensamentos se desviaram para Hannah. E para a preocupação da moça de que alguém iria ferir Holiday. *E estou cansada de ver pessoas morrendo.*

— O seu avô não te disse como... lidar com isso?

Kylie deixou escapar um profundo suspiro.

— Ele disse que levaria anos para me ensinar.

— Então você vai viver a vida toda mudando de espécie em espécie, sem conseguir controlar isso?

— Parece que sim. Eu não sei. — Kylie desabou na cadeira.

Depois de uma pausa carregada de significado, Della perguntou:

— O que você acha do seu avô?

— Como assim?

— Quero dizer, você gostou dele ou não? Ele é daqueles velhos caquéticos com um pé na cova?

— Não, ele não parecia... tão velho. Ele me pareceu gentil. Como o meu pai. Mas me lembrou um pouco Burnett, sério e austero.

— Mas...? — continuou Della, na expectativa.

— Mas o quê? Eu não disse "mas".

— Não disse, mas me pareceu que estava pensando nisso.

Kylie suspirou.

— Se eu contar uma coisa a você, não vai contar nada... a ninguém?

— Juro por Deus — disse Della. — E prometo não chorar. Principalmente se eu ficar com a cara que você fica quando chora — ela disse, tentando persuadir Kylie com um sorriso.

Kylie não sorriu. Não conseguiria.

— Ele queria que eu fosse com eles.

Os olhos de Della se escancararam e o seu bom humor se desvaneceu.

— Você não vai fazer isso, vai?

— Não — disse Kylie. — Acho que não.

Nesse momento, ela ouviu novamente a voz do avô. *Venha conosco. Vamos ajudar você a entender tudo. Você precisa descobrir quem é e o que é, Kylie.*

— Não vai mesmo? — perguntou Della outra vez. — Pela sua cara, ainda está pensando na ideia.

— Não — disse Kylie.

E ela de fato não estava, disse a si mesma. Realmente não estava.

Embora talvez não tivesse muita escolha...

# Capítulo Vinte e Seis

Kylie foi para a cama cedo aquela noite. Ela mal tinha dormido na noite anterior e achava que dormiria como uma pedra. Bem, não como uma pedra, mais como um vampiro faminto, com uma leve aversão pela ideia de beber sangue, e com a mente em frangalhos.

Mas ela não teve tanta sorte. Ficou deitada ali, olhando para o teto, acariciando Socks enquanto o gatinho ronronava, preocupada com Holiday e desejando que Lucas ligasse. Nesse momento, Socks se ajeitou no seu peito e começou a lhe dar lambidinhas no queixo.

Kylie olhou para o filhote.

— Se eu me transformar num lobisomem, você ainda vai me amar? Lembre-se de que eu amei você quando era um gambá.

O gatinho miou, respondendo com o que ela esperava fosse um sim.

— Você acha que Holiday sabe que nós a amamos?

Falar com Socks não contribuiu muito para aliviar o peso no coração de Kylie. Desistindo, ela estendeu o braço para pegar o celular. Não sabia muito bem para quem iria ligar, se para Lucas ou Holiday.

Holiday atendeu no terceiro toque.

— Oi, está tudo bem?

— Está, eu só... estou preocupada com você, pensando que eu talvez pudesse dar uma passada aí.

Silêncio absoluto do outro lado da linha.

— É... muita gentileza sua, mas acho que preciso ficar sozinha.

— Tudo bem — assegurou-lhe Kylie, embora ela quisesse muito abraçar Holiday e lhe oferecer algum conforto.

— Ela veio vê-la outra vez? — Holiday perguntou.

— Não. — Kylie passou o dedo pelo queixo de Socks.

— Se ela vier... pode pedir que me procure? Diga a ela que não estou mais com raiva, eu

só... preciso vê-la. — Havia tanta dor na voz de Holiday que Kylie ficou com os olhos rasos d'água.

— Pode deixar. — Silêncio, um doloroso silêncio, ecoou na linha. A única coisa que Kylie podia sentir era a dor de Holiday.

— Holiday...

— Sim? — A voz da *fae* tremeu um pouquinho.

— Eu amo você. Sei que isso vai parecer pieguice, mas você e Shadow Falls significam muito pra mim. Eu não sei se você entende quanto bem faz a todos nós que viemos para cá.

*Você é uma de nós. Temos o mesmo sangue. Um camaleão sozinho não sobrevive*. As palavras do avô ecoaram mais uma vez no seu coração.

— Eu pertenço a Shadow Falls — disse Kylie, e então estremeceu ao perceber que pensara em voz alta.

— Claro que pertence. — Holiday parecia confusa. — Você... está bem?

— Estou — ela mentiu. — Só preocupada com você.

— Não se preocupe — pediu Holiday. — E, Kylie, eu amo você também. Nós conversamos amanhã, ok?

Holiday desligou. Cinco minutos depois, a melancolia ainda pesava em seu coração, quando Burnett ligou perguntando se Kylie tinha falado com Holiday.

— Sim — respondeu ela. — Perguntei se podia visitá-la, mas ela disse que preferia ficar sozinha.

— Ela me disse a mesma coisa — ele murmurou.

— Então acho melhor respeitarmos a vontade dela — disse Kylie.

Burnett suspirou.

— Você acha que ela ainda ama Blake?

Embora a pergunta representasse uma completa reviravolta na conversa, Kylie entendeu perfeitamente. O fato de Burnett confiar nela a ponto de mostrar sua vulnerabilidade a surpreendeu. Essa constatação fez com que se sentisse ligeiramente culpada por esconder coisas dele. Mas ela tinha escolha?

— Não — ela disse, certa de que Holiday amava Burnett. Mas não cabia a Kylie dizer isso a ele.

— Eu vou ter que procurá-lo e fazer um interrogatório — disse Burnett.

— Eu sei — disse Kylie. — Mas você não pode tratá-lo mal ou concluir que é culpado só porque ele teve um relacionamento com Holiday.

— Você acha que eu faria isso? — perguntou Burnett.

— Acho — ela respondeu, com honestidade. — Eu vi o jeito como você olhou para ele hoje de manhã.

Burnett permaneceu em silêncio por alguns segundos.

— Você falou com Hannah novamente?

— Ainda não.

— Seria muito útil se ela pudesse nos contar algo mais — ele disse, mordaz.

Como se Kylie não soubesse.

— É uma pena que eles nem sempre concordem em cooperar.

— Se ela aparecer, peça para que... venha falar comigo.

— Tem certeza? — Kylie se lembrou de como ele costumava reagir a toda a questão dos fantasmas.

— Claro que não, mas vou fazer isso por Holiday. — A linha ficou muda por alguns instantes. — Antes que eu me esqueça, Derek vai passar na sua cabana amanhã e levá-la ao escritório às seis da manhã. Vamos ao restaurante... ver se conseguimos descobrir alguma coisa sobre Cara M. Eu investiguei e não existe nenhuma informação sobre uma Cara M. desaparecida. Será que você não entendeu o nome dela errado?

— Não, eu vi o crachá dela várias vezes.

— Tudo bem — ele disse. — Nós vamos amanhã bem cedo e vemos o que conseguimos descobrir. Depois temos que voltar voando, antes que os pais comecem a chegar.

Ah, que divertido, pensou Kylie. Ela tinha quase se esquecido de que era dia da visita dos pais.

Assim que desligou, ouviu uma batidinha na vidraça do seu quarto. Ela pensou que ia ver a gralha azul, mas ficou surpresa e feliz ao ver Lucas abrindo a vidraça.

— Por que ninguém aqui pode entrar pela porta? — Della gritou da sala.

— Porque eu não vim ver você — respondeu Lucas, sorrindo para Kylie.

O sorriso dele fez maravilhas pelo humor de Kylie. Ele entrou no quarto dela, sentou-se na beirada da cama e então se inclinou e a beijou. Foi um beijo carinhoso, suave e, ela percebeu, propositalmente breve.

— Não posso ficar muito tempo. — Os olhos dele se demoraram nos lábios dela. — Por mais que eu queira.

— Tem algum compromisso?

— Meu pai mandou me chamar outra vez.

Ela franziu a testa.

— Eu não gosto do seu pai — ela disse e depois se sentiu mal por isso. — Desculpe, eu não quis...

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela.

— Eu também não gosto muito dele. — Então ele sorriu. — Eu tenho que ir, mas... talvez mais tarde você possa sonhar comigo. — Lucas a fitou com um brilho de malícia nos olhos.

Ela franziu a testa.

— Eu tentei na noite passada, mas não consegui. Acho que é porque sou uma vampira.

— Eu sabia que seria péssimo você ser vampira.

Kylie revirou os olhos.

— Eu ouvi isso! — gritou Della.

— Será que pode ouvir isso também — gritou Lucas de volta, mostrando o dedo médio na direção da porta.

Kylie abaixou a mão dele.

— Não a provoque — ela murmurou para Lucas, e depois gritou: — Vá para a cama, Della.

Lucas suspirou.

— Preciso ir. — Ele se inclinou e beijou-a novamente.

A lembrança do beijo foi a última coisa que passou pela cabeça de Kylie quando ela caiu no sono. Tentou novamente provocar um sonho lúcido, mas nada aconteceu. Então, em vez disso, simplesmente sonhou. Sonhou sobre como seria quando ela entendesse tudo sobre quem e o que era. Sonhou sobre como seria quando Lucas não precisasse mais agradar à sua alcateia.

*

Kylie acordou na manhã seguinte às quatro da manhã. O quarto estava frio, por isso ela desconfiou que havia alguém ali; no entanto, nenhum espírito se manifestou, o que ela achou rude, como se o único interesse do fantasma fosse espioná-la. Sentando-se na cama, ela sussurrou: — Hannah, é você?

Ninguém respondeu, mas o frio parecia um pouco diferente.

Um calafrio percorreu sua espinha. Ela se enrolou no cobertor e ficou sentada ali, respirando o ar frio. Seria uma das garotas enterradas com Hannah ou alguém que ela ainda não conhecia? A sensação era nova — desconhecida. Será que alguém a seguira desde o cemitério? Como sempre, quando um novo espírito aparecia, Kylie sentia apreensão.

Passaram-se dois minutos até que o frio começou a diminuir. Socks saiu de debaixo da cama e subiu no colchão, enrodilhando-se como uma bolinha no colo dela.

— Você também não gosta muito de fantasmas, hein?

O gatinho soltou um miado abafado que parecia dizer: "*Nem um pouco*".

Kylie puxou Socks mais para perto e então se acomodou sobre os travesseiros, esperando cair no sono novamente e tentar um sonho lúcido outra vez. Mas não teve tanta sorte.

Sua mente começou a dar voltas, passando da visita da mãe para a visita do padrasto, em seguida para o namorado da mãe e depois para Hannah e a visita ao restaurante dali a algumas horas. Será que descobririam quem era Cara M.? Será que isso os ajudaria a descobrir quem a matou?

Reclinada nos travesseiros, Kylie se lembrou de como Hannah tinha fugido assustada quando vira os novos professores no dia anterior. Aquilo significaria algo?

— Hannah, se você puder vir para conversarmos, eu apreciaria muito. E a sua irmã quer conversar com você também, assim como Burnett. Você é um fantasma muito popular.

O quarto continuou em silêncio e com a temperatura amena. Percebendo que, se permanecesse na cama, aquilo só a deixaria mais angustiada, Kylie afastou as cobertas e se levantou.

Talvez Holiday já estivesse no escritório. E, com sorte, Della não arrancaria sua cabeça se ela quisesse sair da cabana mais cedo. Ela teria que ligar para Derek e avisá-lo de que já estava no escritório.

*

Ainda estava escuro quando Kylie e Della saíram da cabana. A temperatura estava baixa e o ar da manhã, tipicamente outonal. Della não tinha arrancado a cabeça dela quando Kylie lhe disse que queria ver se Holiday já estava na cabana, pelo menos não literalmente. Mas Kylie tinha certeza de que a amiga queria fazer isso.

Sem dúvida, aquela história de ser a sombra de Kylie já estava cansando Della. Kylie não culpava a vampira. Talvez fosse hora de Kylie falar com Burnett e pedir que ele pusesse um fim àquilo. Fazia um tempo que não tinham notícias de Mario. Ela sentia que ele não estava por perto e nem Miranda pressentia mais a presença dele. Kylie só esperava que isso durasse para sempre.

— É cedo pra caramba! — murmurou Della.

— Se você não quiser ir, tudo bem.

Della continuou andando, mas não reclamou mais.

— Pra mim, essa é a prova — sibilou Della.

— Prova do quê? — perguntou Kylie.

— De que você não é uma vampira de verdade. Quero dizer, o melhor sono dos vampiros é pela manhã.

— Eu disse a você que não sou uma vampira puro-sangue. Eu... — Kylie parou de falar quando ouviu passos se aproximando. Os olhos de Della se arregalaram ao mesmo tempo, então as duas localizaram a direção de onde vinham os passos e seguiram até a orla da floresta. Elas se esconderam atrás de um arbusto, esperaram e observaram — até que uma silhueta apareceu na curva da trilha.

Ele usava um blusão escuro com capuz, que cobria parcialmente seu rosto. Kylie não reconheceu seu semblante nem o seu jeito de andar. Se ele fosse um dos campistas, ela reconheceria, não é?

Della farejou o ar.

— Eu não reconheço esse cheiro — ela sussurrou.

— Qual é o plano? — Kylie perguntou.

— Que tal este? — Della saltou de entre as árvores, caninos à mostra, os olhos verdes e brilhantes, e aterrissou com um baque na frente do estranho.

# Capítulo Vinte e Sete

Kylie, surpresa com a atitude agressiva de Della, ficou parada no lugar por um segundo antes de perceber que a amiga podia estar em perigo. Com a vampira a poucos metros do homem, Kylie disparou para fora da floresta e parou a menos de um metro dele, às suas costas.

Della deu um passo defensivo na direção do homem. Ele deu um salto para trás e se chocou com Kylie. Depois se virou para ela, um grunhido escapando dos lábios, mas o capuz ainda encobria o seu rosto, impedindo Kylie de identificá-lo e saber quem estava enfrentando.

— Quem é você? — Kylie perguntou. Sentindo seu instinto protetor correndo nas veias, ela avançou para arrancar-lhe o capuz.

Ele se esquivou, recuando alguns passos — e se aproximando mais de Della.

— Você, pare! — Della ordenou.

Ele baixou, por fim, o capuz.

— É dessa maneira que vocês tratam os professores? — perguntou Hayden Yates.

Della, sendo quem era, não deu o braço a torcer.

— Se eles ficarem perambulando furtivamente por aí nas sombras, vestidos como delinquentes, então, sim, é desse jeito que eles serão tratados!

Kylie levantou a mão para Della, esperando acalmá-la, embora não se sentisse nem um pouco calma. Seu poder estava em alerta máximo; sua adrenalina, correndo nas veias.

— Desde quando fazer uma caminhada é "perambular furtivamente por aí"? — perguntou ele, num tom professoral.

— Desde que foi o que pareceu — rebateu Della.

A lógica combateu o surto de adrenalina em Kylie.

— Eu... nós... Você nos assustou — explicou ela.

— Eu não estava assustada! — discordou Della.

O senhor Yates franziu a testa.

— Da próxima vez, tentem dizer "olá" antes de atacarem alguém que esteja apenas

caminhando.

— Isso foi um "olá" — disse Della. — Se tivéssemos atacado, você estaria sangrando... ou morto.

— A gente exagerou — interviu Kylie, e então se lembrou de que ela não sentia nenhuma simpatia por aquele professor em particular. Ele parecia esconder alguma coisa e suas roupas escuras e o rosto encoberto pareciam confirmar essa impressão. No entanto, os bons modos de Kylie e o seu respeito pelas autoridades a impediam de ser mal-educada. — Nós pedimos desculpas.

— "Nós"? — perguntou Della com sarcasmo.

Kylie fez um gesto para que a amiga continuasse andando.

Della lançou um olhar zangado ao professor antes de se virar. E quando já estava a alguns metros dele, ela cochichou: — Eu não gosto dele.

— Nem eu — concordou Kylie, sem saber muito bem por quê.

— Você acha que ele trabalha para Mario? — Della perguntou.

— Não, eu... não sei — confessou Kylie. — Não vamos tirar conclusões precipitadas.

Elas chegaram à clareira onde ficavam o escritório e o refeitório. Kylie notou que as luzes do escritório de Holiday estavam acesas. Então percebeu o silêncio que reinava na floresta. Nem um pássaro ou uma brisa o perturbava. O fato de Della ter parado de andar e seus olhos terem adquirido um tom verde brilhante dizia a Kylie que ela não tinha imaginado a sensação de perigo. Havia alguém ali.

— Está tudo bem — falou uma voz estranha atrás delas.

As duas se viraram ao mesmo tempo. O homem, aparentemente de trinta e poucos anos, usava um terno preto. Ao verificar rapidamente seu padrão, Kylie descobriu que era um vampiro. A maneira como ele levantou as mãos, com as palmas à mostra, era um sinal de que não queria arranjar problemas. Então, mais uma vez elas se deparavam com um estranho na propriedade de Shadow Falls. Afinal, quem era ele?

— Está tudo bem. — Sua postura pacífica não ajudou a tranquilizar Kylie e muito menos Della.

— Isso quem decide sou eu. — O brilho nos olhos verdes de Della destacou as suas presas à mostra.

O homem abriu o paletó e um distintivo brilhou no seu cinto.

— Sou o agente Houston, da UPF, amigo de Burnett. — A maneira como ele disse "amigo" parecia significar alguma coisa, mas Kylie não soube dizer o quê. — Burnett me pediu para ficar de tocaia aqui enquanto ele ia atrás de um suspeito.

— Ficar de tocaia por quê? Ele suspeita de alguma coisa? — perguntou Della, num tom que exigia resposta.

O olhar do agente se desviou para Kylie, como se ele soubesse que ela entenderia. E de fato ela entendia. Burnett tinha pedido ao agente para vigiar Holiday, e obviamente ele estava

procurando por Blake. Mas essa compreensão não fazia do estranho seu aliado. É lógico que ela confiava em Burnett, mas o distintivo que o agente Houston tinha exibido com tanto orgulho, aos olhos de Kylie, depunha mais contra ele do que a favor.

— Não posso entrar em detalhes — ele disse. — Mas vocês vão ter que confiar em mim. Kylie sabe.

*Confiar? Sem chance*, pensou Kylie, mas ao ver que o coração do homem não denunciava que estava mentindo, ela olhou para Della.

— Ele está dizendo a verdade.

— Eu sei — disse Della como se estivesse irritada, mas a cor dos seus olhos mudou, indicando que ela tinha aceitado a explicação. Pelo menos até estar sozinha com Kylie, quando colocaria a amiga contra a parede, exigindo informações. Della não gostava de ficar no escuro.

— Eu vim ver Holiday. — Kylie olhou para Della.

— Ela está recebendo muitas visitas esta manhã — disse o agente.

Kylie olhou para a janela do escritório e viu uma figura masculina.

— Quem está lá dentro?

— Um dos novos professores — respondeu ele.

Kylie ficou tensa.

— Hayden Yates? — Ela relanceou os olhos para Della. Como ele tinha conseguido chegar antes delas? A expressão de Della revelava que a vampira pensava a mesma coisa.

— Não. Um tal de Collin Warren. Ele disse que era o novo professor de história. Algum problema com ele? — A voz do agente se aprofundou, enquanto ele dava um pequeno passo na direção do escritório.

— Não — disse Kylie. — Não há nada de errado com ele. — Mas justo nesse momento, passos ecoaram na trilha.

— Estão esperando alguém? — o agente perguntou.

— Na verdade, não — disse Kylie, embora suspeitasse de quem era.

E ela estava certa.

Hayden Yates, com o capuz cobrindo a cabeça, entrou na clareira.

— Bom dia. — Ele ergueu o queixo, o olhar se fixando, de maneira defensiva, no agente da UPF.

— Vocês o conhecem? — o agente perguntou a Kylie.

O senhor Yates aprumou os ombros como se estivesse ofendido.

— Ele é um dos novos professores — explicou Della, mas o tom da garota parecia insinuar mais alguma coisa. Dizia que ela não gostava dele e o agente percebeu, dando um passo na direção do homem.

O outro não recuou. Ficou no lugar onde estava e Kylie achou que eles iam se confrontar. Então Hayden desviou o olhar, como se reconsiderasse a sua postura.

— Não quero causar nenhum mal, só estou fazendo uma caminhada — ele disse ao agente, numa voz resignada.

Kylie ainda tinha um pressentimento... de que algo não estava certo, de que o homem não estava sendo sincero.

O aviso de Hannah soou nos ouvidos de Kylie. *E no dia em que eu estava em Shadow Falls senti que ele estava por perto. Eu senti e tive certeza. Fui a Shadow Falls por causa dele.*

Será que Hayden Yates era o assassino de Hannah? Será que tinha se candidatado para o emprego de professor só para se aproximar de Holiday? Parecia improvável, mas Kylie não ia se arriscar. Tão logo Burnett voltasse, ela planejava contar a ele sobre as suas suspeitas.

Kylie esperou na porta do escritório até que o senhor Warren terminasse a conversa com Holiday. Em poucos minutos, os dois saíram da cabana. O professor acenou com a cabeça educadamente e desejou bom-dia num tom de voz baixo.

— Bom dia — respondeu Kylie, sentindo que ele era tão tímido e inseguro quanto ela. Talvez até mais. Uma espécie de versão masculina de Helen. E, no entanto, tinha optado por ser professor. Não havia dúvida de que seu amor pela história o levara por esse caminho. Por isso ele merecia a sua admiração.

Quando o professor se afastou, Kylie olhou para Holiday e instantaneamente lhe deu um abraço.

Elas ficaram abraçadas por um segundo a mais do que de costume.

— Você está bem? — Kylie perguntou.

— Com o tempo, vou ficar — disse Holiday.

Kylie ouviu o senhor Warren conversando com o agente, do lado de fora.

— Este é o primeiro ano que ele leciona?

Kylie acenou com a cabeça na direção da janela.

— Como você adivinhou? — Holiday suspirou. — Ele foi recomendado por um amigo de um amigo. Não é tão mal numa conversa a dois. Espero que vocês, alunos, não o massacrem.

Kylie deu uma risadinha.

— Perry talvez pense nessa possibilidade.

Holiday fez uma cara feia.

— Prometa que você não vai deixar que isso aconteça. Ele realmente parece um sujeito legal e acho que será um excelente professor. Eu apreciaria de verdade se você o deixasse sob a sua proteção.

Kylie achou graça.

— Perry também pode se encarregar disso.

Um sorriso, embora um pouco forçado, esboçou-se nos lábios de Holiday. Ela consultou o relógio na parede.

— Você acordou cedo.

— Não consegui dormir — Kylie explicou.

— Hannah apareceu? — A dor era evidente na voz de Holiday e o peito de Kylie se apertou.

— Não. Sinto muito. — Ela fez uma pausa. — Isso é cheiro de café?

— É, eu... normalmente não bebo, mas esta manhã achei que me faria bem. Pegue uma xícara e depois eu quero ouvir sobre toda essa história de se transformar em vampiro.

Ah, droga, pensou Kylie enquanto ia pegar o café. Ou ela abria o jogo ou ia ter que se enterrar em mentiras. Provavelmente inventaria uma história em que Holiday acreditaria — uma história que não incluísse sua escapada de Shadow Falls para se encontrar com o avô. Mas Holiday era a pessoa para quem mentir parecia mais errado.

— Você fez o quê?! — Holiday perguntou, colocando o café sobre a mesa, quando Kylie terminou de explicar alguns minutos depois. — Quantas vezes eu já disse que, por ser protetora, você não tem poderes para se proteger? Poder nenhum! Você nem sabia se o e-mail era realmente dele.

— Eu sabia — discordou Kylie.

— Como? — Holiday se inclinou para a frente.

Kylie mordeu o lábio.

— Ele era a neblina.

— Ele era o quê?

— O meu avô e a minha tia-avó, eles eram a neblina. De algum jeito, transformaram-se em neblina.

— Como... — Ela soltou um longo suspiro, enquanto tentava debelar a confusão em seus olhos, e depois disse: — Mesmo assim, você não pode simplesmente desobedecer às regras.

— Eu estava seguindo a regra principal. Aquela que você me disse dezenas de vezes. — Ela fez uma pausa. — Seguir o meu coração.

Holiday olhou para Kylie como se debatesse a questão interiormente.

— Você podia ter pedido para alguém ir com você.

— Eles não teriam aparecido.

— Você não pode ter certeza — contestou Holiday.

— Posso, sim. Eles foram embora quando Lucas apareceu.

— Espere, Lucas estava com você? Ele sabia sobre isso? — Havia uma reprimenda na voz dela.

— Não. Ele e Perry me seguiram, mas eu... os detive e continuei. Quando Lucas me alcançou, meu avô e minha tia desapareceram. Eles não confiam em ninguém daqui, por causa do envolvimento da UPF no acampamento. Considerando tudo o que aconteceu, você não pode culpá-los.

— Eu posso culpá-los de incentivar você a colocar sua vida em perigo. — Holiday reclinou-se na cadeira, frustrada.

— Eles nem sabiam sobre Mario. E olhe pra mim. Nada aconteceu. Eu tinha que ir. Tinha que saber a verdade.

Holiday fechou os olhos e os manteve assim. Quando suas pálpebras finalmente se abriram, Kylie viu que a frustração tinha quase desaparecido.

Seus ombros relaxaram.

— E qual é a verdade, Kylie? O que eles lhe disseram?

— Meu pai estava certo. Eu sou um camaleão.

— E o que, exatamente, é isso? — Holiday perguntou.

— Eu sou uma mistura de todos os sobrenaturais e conservo o DNA de todos eles.

Holiday discordou com a cabeça.

— Mas isso não é possível. O DNA do pai dominante é o único transmitido à criança.

— É isso que nos torna diferentes das outras espécies.

Holiday se inclinou para a frente, a expressão confusa.

— Isso é... incrível! — Ela franziu as sobrancelhas ao fitar a testa de Kylie. — Então o que determina o padrão que você manifesta no momento?

— Eu não sei... exatamente. Meu avô disse que leva anos para um camaleão aprender a controlar isso. É preciso um tempo para aprender. Mas depois ele disse algo que me fez acreditar que eu posso mudar meu padrão de acordo com os poderes de que eu preciso.

— Então ele transformou você em vampira?

— Não, eu... ele disse que eu devo ter feito isso instintivamente. Quando estava tentando fugir de Lucas e Perry, eu ficava dizendo a mim mesma que precisava correr mais rápido. Então talvez seja assim que aconteça.

— Você já tentou mudar seu padrão outra vez? — Holiday arqueou uma sobrancelha com uma expressão curiosa.

— Não. — Kylie balançou a cabeça. — A última vez que eu tentei fazer algo que não sabia direito como fazer, quase deixei Burnett estéril.

Holiday deu uma risadinha. Ver Holiday sorrir era tão bom que Kylie sorriu também.

— O que mais o seu avô disse?

O coração de Kylie se apertou. Se Holiday fosse vampira, ela ouviria a mentira se formando em seus lábios. Contar a Holiday que o avô queria que ela deixasse Shadow Falls parecia dar à líder do acampamento uma razão para não gostar dele — uma razão para insistir que Kylie ficasse longe dele. E ela não poderia fazer isso.

Respirando fundo, Kylie lutou contra a culpa que se avolumava dentro de si, pois Holiday talvez não pudesse ouvir a mentira nos seus batimentos cardíacos, mas podia detectar suas emoções. Endireitando os ombros, ela fitou Holiday nos olhos.

— Não disse muito mais do que isso. Lucas apareceu e... eles foram embora.

— Quem foi embora? — Burnett perguntou.

Kylie se encolheu ao ouvir a voz do vampiro. Ela estava tão ocupada tentando não se sentir

culpada que não o ouvira se aproximando.

— Você o encontrou? — Holiday se sentou ereta, a tensão enrijecendo os seus ombros.

Kylie suspeitava que Burnett estivesse procurando Blake, mas ficou surpresa ao descobrir que ele tinha contado isso a Holiday.

— Quem? — Kylie perguntou, para ter certeza de que estava certa.

— Blake — confirmou Burnett. — E não. — Ele olhou para Holiday. — Já deixei mensagens no telefone do trabalho e no celular, dizendo que precisamos conversar.

— Será que não é melhor eu ligar para ele?

— Não — vetou Burnett. Sacudindo os ombros como se quisesse aliviar o estresse, ele olhou para Kylie. — De quem você estava falando quando eu cheguei? Quem foi embora?

Holiday olhou para Kylie e ela conseguiu ver a mensagem nos olhos da amiga. Ela deixou a cargo de Kylie decidir o que dizer a Burnett... ou o que não dizer.

Ela apreciou isso e, quando imaginou como o vampiro reagiria ao saber da sua desobediência às regras, Kylie quase preferiu não dizer nada. Mas, ao pensar na situação em que deixaria Holiday ao mentir para Burnett, Kylie reconsiderou. Ela não queria ser a causa de nenhum tipo de desentendimento entre eles. Não agora que seu objetivo era uni-los.

— Você vai se aborrecer — disse Kylie.

— Muito? — Ele franziu a testa.

*

De fato Burnett ficou bem contrariado. Kylie ficou aliviada quando, uma hora depois, Derek apareceu e os quatro foram ao restaurante, para tentar descobrir alguma coisa sobre Cara M.

Quando Burnett e Holiday entraram no Cookie's Café, Derek a deteve e deixou a porta se fechar.

— Está tudo bem?

Ele obviamente tinha captado o humor "alegre" de Burnett. No entanto, Kylie não sabia se ela era a única culpada ou se o fato de não encontrar Blake também contribuíra para deixá-lo de mau humor.

Ao olhar pela porta de vidro e ver Burnett olhando para trás, à procura deles, Kylie se lembrou da conversa que tinham travado mais cedo.

— A UPF não é a inimiga — ele insistiu, quando Kylie lembrou-se de que o avô tinha razão em desconfiar de Shadow Falls.

— Você não é nosso inimigo — disse Kylie. — Mas eu ainda não tenho certeza se posso confiar na UPF. E, embora eu saiba que você não quer admitir, não teria escondido o corpo da minha avó e não teria ocultado alguns fatos da UPF se confiasse plenamente nela.

Burnett não contestou esse argumento, mas o fato de Kylie ter apontado isso não colaborou muito para melhorar o humor do vampiro. Ele obviamente estava dividido entre sua lealdade

a Shadow Falls e sua lealdade à UPF. Não que Kylie estivesse preocupada. Ela confiava em Burnett. Mas fazer com que o avô e a tia confiassem nele era outra história.

Derek limpou a garganta para chamar a atenção dela. Ele usava seus jeans favoritos e uma camiseta verde musgo.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não — Kylie sussurrou para Derek, levemente perturbada pela proximidade dele, seu ombro roçando no dela. Ou será que ela estava perturbada por sentir o quanto esse toque ainda mexia com ela? Afastando esse pensamento, ela estendeu o braço para abrir a porta de vidro.

Nesse momento ela teve uma sensação inexplicável de que alguém a observava. Ela se virou, mas Derek bloqueava a visão da rua.

— Alguma coisa errada? — ele perguntou.

— Não. — Ela ainda desviou o olhar para a rua atrás dele. Mas a breve sensação tinha passado. Será que o avô e a tia estavam por perto? Ela olhou em volta, para a direita e a esquerda. As casas antigas da rua tinham sido transformadas em lojas de suvenires e um antigo vagão vermelho agora era um vagão-restaurante. Ela não conseguiu ver ninguém espionando-a. Ninguém. Nada.

Então virou-se novamente e entrou no restaurante, de onde vinha um burburinho de vozes.

O aroma de bacon impregnava o ar da antiga casa transformada em restaurante. Ela não achava aquele cheiro nem um pouco tentador. Essa era a desvantagem de ser vampira. O recinto estava repleto de mesas, lotadas com pessoas famintas que pareciam estar de férias. O som de talheres tilintando contra pratos ecoava com as vozes.

Só havia uma mesa vazia e Holiday caminhou em direção a ela. Uma garçonete veio dos fundos, carregando uma bandeja cheia que rescendia a bolinhos de canela.

— É aquele uniforme? — Derek perguntou quando se sentaram.

— É. — O coração de Kylie se alegrou com a esperança de que aquilo os levasse ao assassino.

Outra garçonete, Chris G., de acordo com o crachá, parou em frente à mesa.

— Já querem fazer o pedido? — Antes que falassem, ela acenou para a outra mesa. — Só um minuto.

— Na verdade — Burnett falou — estamos aqui na esperança de conseguir alguma informação sobre Cara M., uma garçonete que...

— Ah. — Ela se afastou.

— Ah, o quê? — Burnett franziu a testa enquanto a garçonete se distanciava. Ela enfiou a cabeça no vão de uma porta e chamou: — Ei, Cara, alguém aqui quer falar com você.

Burnett, Holiday e Derek se voltaram, todos, para Kylie.

— Ela não pode estar viva — disse Kylie. — Podem acreditar. Ela está morta.

Então uma loira bonita, com um crachá onde estava escrito Cara M., saiu de um cômodo

nos fundos.

— Ela está parecendo bem viva para mim — disse Derek. — E em plena forma... — ele disse, corando um pouco.

# Capítulo Vinte e Oito

Kylie abriu a boca para falar, mas não soube o que dizer. Pelo menos com relação ao comentário de Derek.

— Oi, Cara — Derek a cumprimentou, olhando para Burnett como se para ter certeza de que poderia iniciar a conversa. Burnett assentiu com a cabeça e Derek continuou: — Estamos atrás de algumas informações sobre Cara M.

Ela apontou para o nome no crachá.

— Eu sou Cara M. M de Muller.

Kylie analisou o rosto da garçonete e tentou compará-lo ao do espírito. Não era ela. Ou será que era? Kylie tentou puxar pela memória, mas só se lembrava do cabeço loiro e dos olhos azuis. Os quais essa garçonete também tinha, mas...

— Desculpe — Derek disse. — Tínhamos a impressão de que Cara M. não trabalhava mais aqui.

— Bem, eu ainda trabalho. Desde que tinha 15 anos, dois anos atrás. Por quê?

— Será que outra Cara M. trabalhou aqui? — Kylie tentou não encará-la, mas sentia uma necessidade tão desesperada de descobrir a verdade que não resistiu.

— Não. — A garota olhou para Kylie. — Do que se trata?

Kylie notou que o crachá não estava bem fixado no uniforme.

— O que acontece se você perder o crachá?

Cara olhou de relance para os fundos do restaurante.

— O gerente tem um chilique.

— E o que você faria para evitar que ele tivesse um chilique?

Kylie se inclinou para a frente.

— O que quer dizer? — Cara perguntou.

— Ela quer saber se você já emprestou o seu crachá para uma das outras garotas — Derek explicou.

A garçonete se inclinou mais para perto dele, como se tivesse medo que alguém pudesse ouvir.

— O patrão nem percebe. Mas não sei por que vocês querem saber isso. — Ela sorriu para Derek como se... bem, como se ele fosse um cara muito atraente e ela fosse uma loira muito atraente. O que de fato ela era. E ele também. Kylie franziu os lábios, contrariada.

Holiday tocou o braço da garota. Sem dúvida para lhe enviar um fluxo de energia calmante e incentivá-la a se abrir.

— Alguma garçonete deste restaurante simplesmente... desapareceu?

Kylie viu Burnett inclinar a cabeça, como se para ouvir melhor os batimentos cardíacos da garota e detectar uma mentira; Kylie fez o mesmo.

— Elas vivem desistindo do emprego... a dona é uma mocreia! — A moça tinha falado a verdade.

— Alguém já foi embora sem pedir demissão oficialmente? — Holiday perguntou.

Cara fez uma pausa.

— Sim. Uma garota fez isso. Cindy alguma coisa. Não me lembro do sobrenome dela.

— Cindy alguma vez pediu o seu crachá emprestado? — perguntou Burnett, juntando-se à conversa.

— Cindy era loira? — Kylie perguntou de súbito.

— Sim — Cara respondeu para Burnett, e depois olhou para Kylie. — E era loira. Por quê?

Com o toque casual de Holiday no braço da garota e os sorrisos sedutores de Derek, Cara respondeu a todas as perguntas sobre Cindy. Antes de irem embora, Burnett perguntou se podia falar com o gerente ou a dona do restaurante.

Cara ficou nervosa.

— Fiz algo errado?

— Não — Burnett assegurou. — Mas pode avisar que precisamos conversar com um deles? — Ele tirou da carteira o distintivo. Kylie não sabia direito o que ele poderia significar para os humanos, mas não pareceu fazer diferença.

Cara ficou pálida.

— Ah, droga. Aconteceu alguma coisa com a Cindy?

Isso mesmo, Kylie pensou. Algo aconteceu. Algo muito ruim.

Antes de saírem, Burnett descobriu o nome completo de Cindy, Cindy Shaffer, e uma cópia do seu currículo, onde havia seus contatos para casos de emergência. Quando ele mandou as informações para a UPF por telefone e perguntou pela carta de motorista dela, eles responderam em poucos minutos. Quando ele voltou com a imagem de uma jovem loira e sorridente, os olhos de Kylie se encheram de lágrimas. Era ela. E Cindy Shaffer nunca sorriria daquela maneira outra vez.

Enquanto o vampiro dava ordens pelo telefone a alguém da UPF para que entrasse em

contato com a família Shaffer, Holiday pediu bolinhos de canela à garçonete. Eles chegaram, quentes e cobertos de açúcar. Derek comeu dois, Holiday beliscou um. Kylie e Burnett pegaram os seus com menos entusiasmo. Embora o estômago de Kylie estivesse roncando, ela nem conseguiu sentir o gosto, pois a imagem de Cindy não saía de sua cabeça.

— Você está seguindo uma dieta "líquida" nas refeições? — Holiday perguntou a Kylie em voz baixa, sem querer pronunciar a palavra "sangue" em voz alta.

— Não regularmente... mas vou começar. — Ela não esperava ansiosamente por isso.

Burnett pagou pelo café da manhã. Quando foram para o carro, Kylie teve novamente o pressentimento de que alguém a observava. Ela se virou e viu um homem desaparecendo entre as lojas. Ela mal teve um vislumbre de um ombro e um braço, mas os reconheceu.

Kylie atravessou a rua em disparada.

— O que foi? — Burnett disparou atrás dela.

Kylie parou em frente a uma loja. Seu olhar voou para uma placa de madeira onde se lia "Leitura de Mãos". Ela abriu a porta.

— Pensei ter visto alguém.

Burnett pegou-a pelo braço, os olhos agora verdes, no modo proteção.

— Quem?

Kylie ouviu Derek chamando seu nome da calçada do outro lado da rua.

— Vou descobrir. — Ela irrompeu pela loja.

Burnett entrou com ela.

A primeira coisa que Kylie notou foi uma boneca de vodu pendurada no teto, cravada de alfinetes. A segunda foi um odor repugnante. Ela cobriu a boca e o nariz com a mão. Embora estivesse com náuseas, procurou pelo homem que viu entrar no prédio. Ao perceber que o lugar parecia vazio, ela olhou para Burnett.

— Alho. — Ele franziu o nariz. — É só respirar normalmente que o cheiro começa a ficar suportável. Não vai nos matar.

— Posso ajudar? — uma voz perguntou por detrás do balcão, no canto da loja.

Kylie forçou-se a tirar a mão da boca e olhou para a mulher usando um vestido solto, de cores berrantes, que devia ser a tal clarividente. Mas só para confirmar, Kylie checou o seu padrão cerebral. Humana — mas com um padrão sombrio. Ela apostava que era uma charlatã.

Kylie inclinou a cabeça para ouvir se havia mais alguém na casa antiga. Nenhum som. Ninguém além deles respirava entre aquelas paredes, e Kylie desejou não ter que respirar. O cheiro estava impregnado em sua garganta. Ela fitou a porta. Para onde tinha ido o homem que vira entrando correndo na loja? Notando que a porta dos fundos estava entreaberta, ela apurou os ouvidos para ouvir se havia alguém do lado de fora. Se ele tinha saído por aquela porta, já devia estar longe.

— Hã... — Kylie forçou a voz a sair pela garganta apertada, mas, antes que conseguisse pronunciar qualquer palavra, ela notou a placa sobre a máquina registradora.

Proibido entrar com sapatos, sem camisa e com acompanhante.
E não aceitamos, em nenhuma circunstância, vampiros de coração frio.

Ela olhou para Burnett e de volta para a placa.

Ele franziu o cenho.

— Você gostaria de fazer uma consulta? — a mulher perguntou.

— Não. — Kylie ignorou sua vontade de vomitar. — Um homem acabou de entrar aqui. Eu acho que o conheço.

— Sim. A campainha tocou, mas eu estava nos fundos. Quando cheguei, a pessoa já tinha ido embora. Provavelmente um espírito. Eles vêm aqui o tempo todo.

Kylie tentou detectar a presença de algum fantasma. Não sentiu o frio característico dos mortos. E quem podia culpá-los? O fedor de alho provavelmente os afugentava também. Ela olhou para a mulher novamente, encarando-a agora como se ela fosse completamente louca. Uma louca muito burra se pensava que uma placa e uma réstia de alho podiam de fato afugentar vampiros.

A mulher notou que Kylie reparara na placa.

— Não tire conclusões apressadas. Eu os vejo rondando a loja o tempo todo. Eles têm um cheiro diferente.

— Sério? — Burnett perguntou com um ar debochado. — Você acredita em vampiros?

— Vocês não são os únicos que não acreditam — ela disse. — Mas eu tenho provas. Na propriedade de minha avó, os índios desenhavam vampiros nas paredes das cavernas.

— Material interessante para um livro de contos de fadas. — Burnett olhou para Kylie. — Podemos ir?

Tão logo saíram da loja, Burnett grunhiu:

— Quem diabos você pensa que viu?

Ela nem pensou em esconder. Ia mesmo contar a ele antes, só não tinha tido tempo.

— O que você sabe sobre Hayden Yates?

— O novo professor?

Ela assentiu.

— Eu mesmo fiz uma extensa investigação sobre todos os novos funcionários. Por quê? Você acha que deixei escapar alguma coisa?

— Ele não me inspira confiança.

— Não inspira confiança?

Kylie confirmou com a cabeça.

— E esta manhã, antes de o sol nascer, Della estava me acompanhando até o escritório quando o flagramos nos seguindo. — Ela parou de falar, ao perceber que aquilo não era

totalmente verdade. — Talvez não estivesse exatamente nos seguindo, mas estava rondando por ali. E Hannah insistiu em dizer que seu assassino, seja ele quem for, estava perto do acampamento.

— E foi ele que você acha que Hannah viu?

Ela assentiu.

Ele franziu a testa.

— Mas Blake, o ex de Holiday, está na região também. Hannah pode ter se referido a ele.

Burnett queria que Blake fosse o culpado, e Kylie não tinha certeza de que não era, no entanto...

— Eu sei, mas eu só... Talvez eu esteja exagerando.

— Ou não. — Burnett sacou o celular do bolso e teclou um número.

— Della — ele disse ao telefone. — Localize Hayden Yates no acampamento.

— Posso dar um chute no traseiro dele também? — A voz de Della ecoou do outro lado da linha.

— Não, não o deixe perceber que você está atrás dele. Só quero saber onde ele está. E quero isso agora!

— Já estou a caminho! — ela respondeu.

O telefone ficou mudo por um segundo.

— Pronto... Estou do lado de fora da cabana dele, olhando pela janela. Ele está lendo jornal, sentado no sofá. Tem certeza de que não quer que eu chute seu traseiro? Kylie contou que achamos que ele estava nos seguindo?

— Contou.

— Isso é uma permissão para eu chutar o traseiro dele? — perguntou Della, com uma risadinha.

— Não — disse Burnett, sem achar graça. — Obrigado. — Ele desligou e voltou os olhos para Kylie.

— Eu não acho que ele teria conseguido chegar ao acampamento tão rápido — disse Burnett.

— Eu sei — concordou Kylie. — Então talvez não fosse ele.

O semblante de Burnett ficou sério.

— Mas, para garantir, vou fazer outro relatório detalhado sobre o sujeito.

Kylie apreciaria muito.

— Aonde é que vocês foram, afinal? — Derek parou ao lado deles.

— Pensei ter visto alguém. — Kylie localizou Holiday, atravessando a rua.

— O que aconteceu? — perguntou ela.

— Kylie achou ter reconhecido alguém. — Burnett fez um gesto para que atravessassem a rua. — Precisamos voltar para o acampamento antes que os pais comecem a chegar.

*Ah, mas que ótimo!* Agora Kylie teria que enfrentar todo o seu drama com os pais.

Holiday consultou o relógio.

— É melhor nos apressarmos.

Eles atravessaram a rua para chegar ao carro. Todos os *cinco*.

Isso mesmo, cinco.

Burnett acionou o controle para abrir as portas. Holiday entrou no banco da frente. Kylie parou ao lado da porta traseira, quando Hannah se inclinou na direção dela e sussurrou: — *Eu quero me sentar na janela*.

Hannah, Derek e Kylie entraram no carro. Tão logo Burnett se acomodou atrás do volante, seus ombros ficaram tensos e ele olhou ao redor. O pânico em seu olhar deu a Kylie a certeza de que ela não era a única a ouvir e, o que era mais provável, *ver* Hannah.

Burnett dirigiu em silêncio, olhando toda hora pelo retrovisor. Kylie estremeceu com o arrepio causado pela presença de Hannah.

*Você descobriu alguma coisa?* Kylie falou mentalmente.

Hannah ignorou a pergunta de Kylie. Em vez disso, olhou para Derek.

— *Ele é uma graça!*

— Nossa! Está frio neste carro. — Derek pousou o braço sobre os ombros de Kylie. O calor do seu toque era agradável, e sua proximidade, suficiente para que o odor natural do seu corpo encobrisse o cheiro de alho, não era nada mal também. Justamente por essa razão, Kylie se afastou um pouco e lhe lançou um olhar de advertência que dizia, "Não abuse da sua sorte".

Às vezes ela achava que ele se esquecia de que não estavam mais juntos. Mas era compreensível que ele se esquecesse, visto que Lucas nunca estava por perto...

— *Você com certeza devia ter ficado com ele*. — Hannah se inclinou na direção do ombro de Kylie. O toque gelado do espírito fez a garota enrijecer. — *E, falando em romance, é melhor que esse palhaço no banco da frente tome cuidado. Se ele magoar a minha irmã...*

— Não vou... — murmurou Burnett.

— Não vai o quê? — Holiday e Derek perguntaram ao mesmo tempo.

— Nada. — Burnett travou o queixo de tal maneira que deve ter rachado alguns dentes.

Hannah se inclinou para a frente e olhou para Burnett pelo retrovisor. Uma crosta de gelo se formou sobre o espelho.

— *Se você partir o coração dela, eu juro, corto fora as suas bolas enquanto estiver dormindo*.

A mandíbula de Burnett endureceu mais ainda. Holiday olhou, pasma, para o retrovisor e então encarou Burnett com os olhos arregalados. Um segundo depois, ela se virou para trás e lançou um olhar intrigado para Kylie.

— É ela? É Hannah que está aqui?

Kylie gelou, literalmente devido à presença de Hannah, mas também por não saber o que dizer.

Quando Kylie não respondeu, Holiday voltou a encarar Burnett.

— Você pode vê-la? Pode ver fantasmas? Como consegue?

— Temos um fantasma no carro? — O timbre de voz de Derek estava ligeiramente mais agudo.

— *"Tinham" um fantasma no carro* — disse Hannah. Seus olhos úmidos encararam Holiday, e então ela desapareceu, deixando no ar, como fumaça, sua tristeza profunda.

No momento em que Kylie vislumbrou a mãe e John, o novo namorado estranho, entrando no refeitório abraçados como dois adolescentes apaixonados, descobriu que estava com inveja da capacidade de Hannah de se desvanecer no ar. Por que a mãe achava que trazer John era uma boa ideia? E, se ele tinha mesmo que vir, ela não podia manter as mãos longe do traseiro dele enquanto a visitava?

Sim, porque a mãe de Kylie estava com a mão direita enfiada no bolso de trás do jeans do namorado. E, francamente, o homem nem tinha um belo traseiro!

É claro que a mãe não estava levando a sério a implicância de Kylie e achava que essas visitas eram necessárias para que a filha o conhecesse — antes... antes que fizessem algo estúpido como se casar.

O pensamento deixava Kylie quase morta de medo. Respirando fundo, ela disse a si mesma que estava exagerando. Como Nana dizia, estava fazendo tempestade em copo d'água.

A mãe não tinha respondido à pergunta dela sobre terem feito sexo. E o mais provável era que não fosse respondê-la hoje também.

A mãe de Kylie se virou, localizou Kylie do outro lado do refeitório e sorriu. Kylie acenou, esperando que a mãe fizesse o mesmo, tirando a mão do traseiro de John, mas não!

Respirando fundo, Kylie fingiu um sorriso.

A mãe sorriu para John e o homem se abaixou e beijou-a. Um beijo... de língua! E bem na frente de todos os colegas de Kylie.

— Ah, por favor, alguém me mate... — Kylie murmurou.

— Acho que formam um belo casal. — Holiday se inclinou na direção de Kylie como se percebesse seu tumulto emocional.

— E eu acho que vou vomitar. — Kylie jurou para si mesma que ia ter uma conversa séria com a mãe e descobrir exatamente o que estava acontecendo. Quando viu que o beijo não ia acabar tão cedo, Kylie concluiu que, de fato, ela queria sumir dali. Simplesmente virar fumaça.

— Respire fundo e se acalme — disse Holiday. — Você está em pânico.

Kylie olhou para Holiday.

— Minha mãe está dando um beijo de língua na frente de todo mundo — ela murmurou. — Claro que eu estou em pânico!

— Ah, meu Deus! — Holiday deixou escapar.

— Meu Deus por quê? — perguntou Kylie, alarmada com o pânico na voz de Holiday.

— Oh, Kylie... — murmurou Holiday. E então ela olhou para o outro lado do recinto e acenou para Burnett, com um ar preocupado.

— O que foi? — perguntou Kylie, olhando para a porta, certa de que alguém indesejado, possivelmente Mario, tinha entrado no refeitório.

Não era Mario.

— Merda! — Holiday sussurrou. — Kylie, aonde você foi?

— Como assim? Eu estou aqui. Bem ao seu lado.

Kylie olhou para os próprios pés, mas tudo o que viu foi o chão. Nenhum tênis, nenhuma perna. Nenhuma Kylie.

— Ah, droga! — ela murmurou e, embora não pensasse nisso havia algum tempo, ela se lembrava do pai dizendo que eles iriam descobrir as coisas juntos. Seria isso? Morrer seria assim?

# Capítulo Vinte e Nove

Espere aí, Kylie pensou. Se ela estivesse morta, não deveria estar estatelada no chão, sem vida?

— Ah, não! — Kylie murmurou quando a mãe, com um olhar aturdido no rosto, caminhou até Holiday.

— Onde está Kylie? — perguntou.

— Ela correu para... o banheiro, eu acho, mas... não tenho certeza. — A voz de Holiday soou estridente.

Burnett parou ao lado da mãe de Kylie, seu olhar sério tentando interpretar o que estava acontecendo com Holiday.

— Algo errado? — A fachada de calma do vampiro era quase convincente, mas Kylie viu a tensão enrijecendo a sua mandíbula.

— Hã... É Kylie... Ela... desapareceu. Achei que talvez você pudesse encontrá-la.

— *Desapareceu?* — Todo tipo de pergunta surgiu em seus olhos.

Holiday assentiu e não desfez o contato visual, como se dissesse mentalmente a ele que a coisa era séria.

E, santo Deus!, era séria mesmo. Ela estava invisível!

— Que maluquice! — Minha mãe parecia confusa. — Ela estava aqui e de repente... virou fumaça.

*Virou fumaça?* Kylie subitamente se lembrou de que tinha desejado desaparecer. Desaparecer como um fantasma.

Droga! Droga! Droga! Se havia uma lição no antigo adágio advertindo para que tivéssemos cuidado com o que desejamos, com certeza era aquela.

As perguntas davam voltas na sua cabeça. Será que ela ainda era vampira? Será que tinha se transformado em bruxa e acidentalmente agitado o dedo mindinho ao fazer aquela declaração? Ou aquilo tinha tudo a ver com o fato de ela ser um camaleão? Foi então que se

lembrou de que, segundo Perry, sua tia e seu avô tinham sumido, quando iam embora de carro, na primeira vez em que visitaram Shadow Falls, e também no cemitério. Será que sumir era o mesmo que virar fumaça?

As palavras do avô ecoaram na sua mente. *Venha conosco. Ajudaremos você a entender tudo. Você precisa descobrir quem é e o que é.*

Mais do que nunca, e não pela primeira vez, Kylie se perguntou se ele estaria certo.

— Você perdeu Kylie? — John perguntou, com rispidez. — Que tipo de lugar perde crianças?

— Nós não a perdemos — disse Holiday, mas Kylie viu o pânico brilhando nos olhos dela. — Tenho certeza de que ela vai aparecer a qualquer minuto.

A mãe pareceu relaxar, mas Kylie não sentiu o típico tom caloroso e reconfortante de Holiday. E, quando ouviu mais atentamente, percebeu, pelas batidas do coração da amiga, que ela estava mentindo.

Merda! Merda! Merda! Kylie tentou pensar no que fazer. Ela tinha que sair daquela enrascada... bem, aparentemente ela mesma tinha se colocado naquela situação.

— Eu posso fazer isso — ela disse, precisando de um pequeno incentivo, mesmo que fosse tão falso quanto um Papai Noel de shopping.

Ela tentou racionalizar. Se tinha ficado invisível desejando desaparecer, talvez pudesse reverter a situação desejando o contrário. Bastava conseguir pedir mentalmente a tudo o que fosse mais sagrado para que voltasse a ser como antes. Ela fechou os olhos e percebeu que, se funcionasse, ela apareceria como num passe de mágica. Aquilo assustaria todo mundo ainda mais.

— Vá para outro lugar — ela murmurou para si mesma. — Algum lugar reservado. — Kylie disparou na direção dos toaletes.

Quando irrompeu dentro do banheiro, ouviu vozes, mas ignorou-as, correndo para dentro de um dos reservados vazios. Inspirando e depois exalando o ar dos pulmões, ela fechou os olhos com toda a força.

— Eu gostaria... eu gostaria de ficar visível. — Ela abriu os olhos e fitou os pés. Ou o espaço onde seus pés deveriam estar... mas não estavam.

Um nó se formou na sua garganta. O medo fez seu coração disparar. E se ela ficasse assim para sempre? E se... Não! Ela já havia estado em situações piores. Já tinha sido sequestrada e acorrentada a uma cadeira e sobrevivido. Tinha sido atirada de um penhasco e contornado a situação. De repente, ela se perguntou novamente se a invisibilidade estaria relacionada ao seu lado bruxa. Ela agitou o dedinho.

— Me torne visível. Me torne visível.

Nada aconteceu.

— Mas que droga é essa que me aconteceu? — O nó na garganta dobrou de tamanho. Ela começou a chorar. — Alguém pode me ajudar, por favor? — Ela se encostou à porta do

banheiro. — Daniel! — Ela sussurrou o nome do pai mesmo sabendo que não havia quase nenhuma possibilidade de ele aparecer. — Será que você pode, por favor, *por favor*, me ajudar?

— Pense em você visível no lugar onde está — disse uma voz.

Ela prendeu a respiração ao perceber que não se tratava de uma voz qualquer, mas a voz de Daniel. Ela se afastou da porta e viu a silhueta quase indistinta do pai, espremida entre o vaso sanitário e a porta.

— Pense. Torne isso realidade na sua cabeça.

— Como?

— Pense nisso. Dentro do seu coração. Você tem o poder... — Sua voz esmoreceu.

— Não vá! — implorou Kylie, mas ele se foi.

Secando as lágrimas, ela fez o que ele disse. Concentrou-se em ficar visível. Em estar no lugar em que estava, fisicamente.

Fechando os olhos novamente, sem nenhuma fé, mas desesperada o suficiente para tentar, ela se concentrou. Então abriu um olho e deu uma espiada. Seus pés nunca pareceram tão bonitos em toda a sua vida.

— Obrigada! Obrigada!

— Pelo quê? — alguém perguntou no reservado ao lado dela, mas Kylie mal ouviu, pois estava empolgada demais por não estar mais invisível.

Ela saiu do reservado e estancou quando viu Steve e Perry parados na frente dos mictórios, as calças arriadas. O som da urina batendo no mictório de cerâmica atingiu os seus ouvidos. Não era um som muito agradável.

Seu rosto adquiriu um vibrante tom de vermelho.

A porta do reservado atrás dela abriu-se com um assobio.

— O que você está fazendo no banheiro masculino? — alguém per-
guntou.

Steve, com as calças ainda arriadas, virou-se para trás. Completamente. Kylie cobriu os olhos com as mãos.

— Eu não vi nada. Eu juro. — Tudo bem, talvez ela tivesse visto, e por isso tivesse ficado vermelha.

— Que diabos? — Steve grunhiu. Junto com a risada de Perry, ela ouviu o som de zíperes sendo puxados.

— Desculpe. — Com as mãos sobre os olhos, ela se moveu na direção da porta, mas em vez disso se chocou contra uma parede.

Perry riu mais ainda.

— Os passarinhos já estão na gaiola. Pode abrir os olhos agora.

Ela abriu, mas recusou-se a olhar para qualquer um deles. *Para os passarinhos*. Saiu do banheiro como uma flecha, desejando que tivesse um minuto para se recompor antes de...

Tarde demais.

Holiday a localizou. Assim como a mãe e John. Todos os três vieram correndo até onde ela estava.

Holiday a olhava com os olhos arregalados e cheios de perguntas. Perguntas que Kylie não sabia responder.

— Por acaso você acabou de sair do banheiro masculino? — A mãe perguntou parecendo levemente irritada, mas fitando-a com preocupação. John se adiantou e envolveu a cintura da mãe de Kylie. Alguma coisa no modo como a tocou fez com que a garota imaginasse os dois juntos, sem roupas. Ah, Deus... eles tinham feito sexo. Ela sabia.

Então ela viu a cena. Viu dentro da sua cabeça. E não era nada agradável!

— Você está bem? — a mãe perguntou. — Está vermelha como um tomate.

— Sim — respondeu Kylie, com a voz esganiçada. Afastou a imagem dos dois nus antes que desejasse desaparecer novamente.

— Você estava bem ali — disse a mãe num tom ligeiramente reprovador. — Eu virei a cabeça e você desapareceu.

Kylie abriu a boca para dizer alguma coisa, para se desculpar ou talvez para falar alguma coisa amena como "Que lindo dia, não?", mas as palavras não saíram dos seus lábios.

— Você não virou a cabeça. Estava dando um beijo de desentupidor de pia nesse idiota. — Kylie respirou fundo, fechou a boca, mas ela voltou a se abrir como que por vontade própria. — Não está dormindo com ele, está? Pelo menos já leu os panfletos sobre sexo que me deu durante todos esses anos?

A mãe ofegou e seu rosto ficou vermelho brilhante. Então era daí que vinha a capacidade de Kylie para enrubescer. A mãe abriu a boca, obviamente para repreender Kylie, mas nada emergiu de seus lábios. Nem uma palavra.

John limpou a garganta num tom de censura. Mas quem, afinal, tinha lhe dado o direito de censurá-la?

— Ora, Kylie, não foi nada bonito...

— Você quer dizer o beijo? — Kylie perguntou. — Porque, francamente, eu não disse que foi bonito. Na verdade, foi extremamente constrangedor.

Foi nesse momento que Holiday limpou a garganta. Kylie aceitava a intervenção de Holiday, mas não daquele cretino, que ficava se esfregando na sua mãe.

— Eu acho melhor irmos lá para dentro — disse Holiday.

— Acho que a garota precisa de uma boa reprimenda — disse John.

A coluna de Kylie se empertigou. E dane-se se ela sentisse os caninos ficando um pouquinho mais longos. Suas emoções corriam tão rapidamente nas veias que ela não sabia nem definir como estava se sentindo. Exceto pela fome. Por sangue. Como ele tinha a ousadia de achar que podia repreendê-la?

— Espero que você seja rico, porque essa é a única razão que me ocorre para a minha mãe

gostar de você.

A mãe arquejou e Kylie também. Por que ela estava dizendo aquelas coisas? Ah, merda, ela precisava ficar de boca fechada. O que havia de errado com ela? Será que ficar invisível afetara o seu cérebro? Ou ser um vampiro fazia com que ela fosse tão petulante quanto Della?

— Você está sendo muito rude, mocinha! — John falou e olhou para a mãe de Kylie.

— Ela não está sendo rude — uma voz profunda soou atrás de Kylie.

A voz lhe pareceu totalmente familiar, mas Kylie não conseguia pensar direito a ponto de reconhecer quem era, então ela se virou para dar um rosto àquela voz.

Ah, merda! Será que a situação poderia ficar ainda pior?

— Acontece que eu presenciei tudo. E, francamente, concordo com a minha filha. Foi bem impróprio. — O padrasto lançou para a mãe de Kylie um olhar de profundo desagrado.

O rosto da mãe ficou ainda mais vermelho, mas Kylie reconheceu aquela vermelhidão em seu rosto e soube que não era embaraço. Ela estava furiosa!

— Como ousa me dizer o que é impróprio? — a mãe esbravejou.

A vergonha se estampou na expressão do padrasto. Ele olhou para Kylie.

— Eu não sabia que Kylie estava lá. Eu não teria feito nada se soubesse. Eu já me desculpei centenas de vezes. Mas dois erros...

— Vamos todos dar uma volta — disse Holiday novamente. Mas ninguém saiu do lugar.

Kylie levou um segundo para perceber o que o padrasto queria dizer. Ela abriu a boca para dizer algo, mas o quê? "*Não se preocupe, pai? Mamãe não sabe que eu vi a sua vadiazinha se esfregando em você e praticamente se atirando nos seus braços no centro de Fallen?*"

Não, não parecia a melhor coisa para se dizer. Então ela solenemente fechou a boca e começou a rezar para que acontecesse um milagre, pois seria preciso um para acabar com aquela confusão.

— Você não teria feito o quê? — a mãe perguntou, e quando o padrasto não respondeu, a fúria dela se voltou para Kylie.

— O que você viu? — ela perguntou em seu tom "ou fala ou morre".

E morrer parecia a melhor opção.

A culpa flutuou pelo peito de Kylie. Mas culpa pelo quê?, ela perguntou para a emoção indesejada. Não contar nada à mãe tinha sido o mais correto, não tinha?

— Por que não vamos até o escritório? — Holiday tentou novamente, colocando uma mão no ombro da mãe de Kylie.

A expressão desta se suavizou. Graças a Deus Holiday tinha um toque calmante. O pânico que se acumulava dentro de Kylie diminuiu. Que Holiday se encarregasse de resolver aquela situação.

Mas então Kylie viu o jeito como John olhava para o seu padrasto. E quando ele abriu a boca, Kylie questionou se Holiday seria capaz de operar esse milagre.

Não ajudou nada quando Lucas parou subitamente ao lado de Kylie, os olhos brilhando

num pálido e protetor tom alaranjado. Não que ela não adorasse saber que ele se preocupava em protegê-la, mas a última coisa que queria era ter que explicar a cor dos olhos do namorado para o padrasto, para a mãe e para o homem que estava fazendo sexo com a sua mãe. E pensar nisso fez com que os olhos de Kylie ardessem. Merda! Será que seus próprios olhos estavam alaranjados agora?

— Você não tem nenhum direito de julgá-la depois do que *você* fez! — John deu um passo defensivo para a frente na direção do padrasto de Kylie e os próprios instintos de proteção da garota despertaram. — Não me admira que sua filha seja tão desrespeitosa! — John atacou.

*Desrespeitosa?!* Kylie sentiu os caninos crescerem um pouco mais e ficou tão furiosa que não percebeu Derek se unindo ao grupo; Lucas, no entanto, não deixou de reparar, pois soltou um grunhido.

Holiday se aproximou e, mantendo a mão em contato com a mãe de Kylie, descansou a outra palma no ombro de John. Por um segundo, a energia de tensão, que parecia sugar todo o oxigênio do lugar, diminuiu.

Kylie entoou uma prece silenciosa de agradecimento. Então notou a expressão no rosto do padrasto. E imediatamente se arrependeu da sua gratidão.

— Quem diabos você pensa que é? Não se atreva a insultar a minha filha — vociferou o padrasto. Holiday olhou da mãe de Kylie para John e depois para o padrasto. A pobre Holiday só tinha duas mãos. Antes que alguém pudesse detê-lo, o punho do padrasto acertou o nariz de John. O sangue jorrou. Todos os vampiros no refeitório, incluindo Kylie, inalaram o aroma de sangue.

Lucas tentou puxá-la para trás, mas ela não saiu do lugar. A mãe de Kylie gritou. John começou a avançar para cima do padrasto, mas errou o alvo e, em vez disso, acertou Holiday.

Burnett atravessou a sala voando e arremessou John contra o chão. E todo mundo... todo mundo no refeitório, todos os campistas, todos os pais dos campistas, todos os professores, especialmente Hayden Yates, pararam para olhar o profundo caos em que se transformara a vida de Kylie.

Voltando a se concentrar no tumulto diante dela, Kylie se sentiu como a protagonista de um *reality show* chamado "Pais que se Comportam Mal". Ela observava, mortificada, enquanto a cena prosseguia.

John tinha conseguido ficar de pé e se desculpava com Holiday.

A mãe parecia perturbadíssima.

O pai tentava falar com a mãe perturbadíssima.

Holiday tentava tocar todo mundo.

Burnett continuava a encarar John com fúria, provando quão difícil era para um vampiro aceitar desculpas. Não que ela o culpasse. *Mate-o! Mate-o!*, Kylie mentalmente incentivava Burnett.

Lucas não tinha parado de implicar com Derek e este não tinha parado de ignorar Lucas.

Todo mundo reagia de uma maneira ou de outra. Todo mundo exceto Kylie. Ela não se movia. Nem respirava. Estava congelada no lugar, concentrada... firmemente concentrada em *não* desejar desaparecer dali — porque, no fundo, era exatamente o que ela queria fazer.

# Capítulo Trinta

Burnett tirou do refeitório todo mundo que estava envolvido na briga. Kylie se movia como um robô, um pé na frente do outro, sem querer deixar que suas emoções viessem à superfície, por medo do que poderia acontecer. Ou seja, ou ela começava novamente a proferir seus comentários malcriados — canalizando a atitude rebelde de Della — ou ficava invisível. As duas coisas poderiam causar danos irreversíveis.

Justamente quando ela saía pela porta do refeitório, seguida por Lucas e Derek, ouviu o pai de alguém dizer: — É claro, são sempre os humanos que causam confusão.

Inspirando o ar da manhã ensolarada, tentando não se sentir insultada pela mãe e o padrasto, e tentando controlar a mortificação que tudo lhe causara, ela observou Holiday levar a mãe e John até o escritório. Burnett esperou um segundo, então com uma voz nem um pouco simpática, mandou que o padrasto de Kylie o seguisse até lá dentro, obviamente para outra sala. Kylie sentiu que todos ali iriam ouvir um sermão. Não que não merecessem, mas... ela se sentiu estranha assistindo aos pais sendo levados para a "diretoria", em vez do contrário.

Ao se lembrar de algumas palavras que tinha dito à mãe e a John, Kylie suspeitou que não demoraria até ela mesma também ouvir um sermão.

Depois que a porta do escritório se fechou atrás de Burnett e do padrasto, Kylie se virou com a intenção de se jogar nos braços de Lucas. Ela precisava de alguém que a confortasse. Olhou na direção do refeitório e o viu entrando, sem dúvida voltando para a sua alcateia. Deus ajudasse que a alcateia não estivesse pensando que a ajuda de Lucas para acabar com a briga fosse mais do que uma boa ação ou significasse que ele se preocupava com ela.

Certo ou errado, seu coração se apertou. Derek, no entanto, apareceu de repente ao lado dela. Os olhos de Kylie ardiam, havia um nó em sua garganta e, antes que ela percebesse, estava nos braços dele. Braços quentes e fortes a envolveram e confortaram.

*Era errado. Tão errado!* Ela precisava parar. Parar de contar com Derek.

— Não precisa se sentir culpada — ele sussurrou no ouvido dela, lendo perfeitamente as suas emoções. — Sou só um amigo ajudando uma amiga.

Não, ela pensou. Ele era um amigo que um dia fora muito mais do que isso, um amigo que lhe confessara seu amor por ela e queria ser muito mais outra vez. Ele era alguém de quem, em algumas ocasiões, ela ainda queria muito mais também. Alguém que ela podia procurar quando precisava de ajuda. E, no entanto, não era pelos braços dele que ela ansiava, não era ele que ela precisava que a abraçasse.

Um pouco depois, Holiday saiu na varanda do escritório e fez um gesto para que Kylie se aproximasse. Ótimo, agora era sua vez de ser punida. Sabendo que merecia isso, ela se empertigou e enfrentou o seu destino.

Mas o olhar no rosto de Holiday não era de reprovação. Ela imediatamente abraçou Kylie.

— Santo Deus, menina! Por favor, me diga que você está bem.

— Eu estou bem — Kylie mentiu.

Holiday respirou fundo.

— Você quase me matou de susto. O que...? O que aconteceu?

Quando Kylie encontrou os olhos verdes da líder do acampamento, seu olhar preocupado, soltou o ar dos pulmões com um tremor.

— Eu também quase morri de medo de mim mesma. Eu... simplesmente desapareci. Podia ver e ouvir você, mas você não sabia que eu estava ali. Eu... virei fumaça. — *Assim como meu avô e minha tia.*

Holiday tocou o braço de Kylie para lhe oferecer um pouco de serenidade.

— Tudo bem, precisamos conversar sobre isso, descobrir o que aconteceu, mas primeiro vamos cuidar dos seus pais e mandá-los para casa.

O peito de Kylie se apertou com a constatação de que, por mais que Holiday tentasse, ela não conseguiria ajudar Kylie a descobrir o que tinha acontecido. Ela precisava do avô e da tia. *Um camaleão sozinho não sobrevive. Venha conosco. Você precisa aprender quem é e o que é.*

Ao reparar que Holiday a analisava, Kylie desabafou:

— Eu disse coisas terríveis. Não gosto nem um pouco de John.

— Bem, se isso a faz se sentir melhor, neste momento, nem eu. — Holiday pressionou as palmas das mãos sobre os ombros de Kylie. — Só vá falar com eles. Acho que todos concordam que eles é que estavam errados. Seu pai está no meu escritório e a sua mãe e John estão na sala de reunião. Pode fazer isso?

Kylie assentiu.

Quando ela deu um passo em direção ao escritório, Holiday a puxou de volta e lhe deu mais um abraço.

— Vai dar tudo certo, ok? Não há nada que não possamos descobrir juntas.

Se pelo menos isso fosse verdade...

Kylie entrou no escritório de Holiday. O pai, sentado no sofá, levantou-se e a encarou. Em seu rosto estavam estampadas as suas emoções. Remorso. Tristeza. Muita tristeza.

— Eu lamento muito, querida. Eu me comportei como um idiota. Não vai acontecer outra vez, eu prometo.

Kylie assentiu mais uma vez.

— Tudo ficou fora de controle.

Ele concordou.

— Mas não foi em vão. Isso me forçou a encarar a verdade. Eu precisava disso.

A voz dele tremeu ou foi imaginação de Kylie?

— Que verdade?

— Eu vou conceder o divórcio à sua mãe. Ela o quer; agora conseguiu.

Os olhos do padrasto expressavam seu sentimento de derrota. Derrota como ela nunca vira antes. Uma palavra lhe ocorreu. *Destruído*. Ele era um homem destruído. Vê-lo assim doía muito!

— Pai, acho que a mamãe só...

— Não. — Ele levantou as mãos. — Eu não quis dizer... não estou culpando a sua mãe... Eu sei que sou o responsável por estragar tudo. Não entendo como pude fazer isso, amando-a tanto quanto a amei da primeira vez em que a vi no colegial. — Seus olhos marejaram quando ele pressionou a mão contra a bochecha de Kylie. — Nunca se apaixone, princesa. Machuca demais.

Suas palavras ecoaram na cabeça de Kylie quando ela se lembrou da dor que sentira quando procurou por Lucas e ele não estava mais lá. Ela se perguntou se não seria tarde demais para o padrasto lhe dar esse conselho. Mas ela deixou suas emoções de lado para poder apoiá-lo. Ele precisava dela.

Ele respirou fundo.

— Saber que a perdi me deixa arrasado, mas sei que mereço, e vou aprender a conviver com isso. Só não vou conseguir viver se... perder você. Desde o dia em que o médico a colocou nos meus braços, na maternidade, eu amei você.

Os olhos de Kylie se encheram de lágrimas.

— Você não vai me perder.

— Ótimo, porque eu sou o seu pai e não quero que você jamais se esqueça disso.

Mas ele não era o pai dela. As palavras "não vou me esquecer" estavam na ponta da sua língua, mas ela não conseguiu dizê-las. Desviou os olhos. Mas não queria que isso significasse alguma coisa.

Embora significasse. Kylie o ouviu respirar fundo. Ela o olhou de relance e viu nos olhos dele. Ele sabia. E ele sabia que ela sabia.

— Sua mãe contou a você — ele disse.

A mágoa toldou os olhos dele e o mesmo sentimento oprimiu o peito de Kylie.

— Não. — *Meu verdadeiro pai veio me ver depois da morte*. Ela tinha que inventar uma mentira e rápido. — Eu achei sua certidão de casamento e descobri que ela já estava grávida quando se casou, e todo o resto se encaixou.

— Eu não poderia amá-la mais se fosse minha. Nunca quis que você pensasse que eu não a amava por causa disso.

— Eu sei — disse ela. — E o fato de você ter me amado mesmo eu não sendo sua filha significou muito. — Ela falou com a intenção de tranquilizá-lo, porque o sofrimento do padrasto era palpável, mas então percebeu quanto isso era verdadeiro. Ele a amava mesmo sem ter obrigação nenhuma.

Ele tinha desempenhado plenamente seu papel de pai: vendido rifas para a turma de escoteiros de Kylie, ajudado a construir carrinhos de rolimã para que Kylie participasse das corridas na escola e planejado viagens com ela. Houve também os abraços, quando a mãe não tinha muito jeito para isso. Ela se inclinou para se aproximar dele, precisando de um abraço agora, e achou que ele apreciaria um também.

Ela saboreou o abraço. Ele era muito bom nisso. Ouviu a respiração dele tremer e chorou em seu ombro como tinha feito tantas vezes quando criança. Foi nesse momento que ela percebeu que já o perdoara. Ele não era um homem ruim; só tinha cometido erros muito ruins.

Ele era simplesmente humano, no final das contas.

Depois que o pai foi embora, Kylie se recompôs e entrou na sala de reunião para enfrentar a mãe e John. Gostando ou não, ela tinha que pedir desculpas, portanto, quanto mais rápido acabasse com aquilo, melhor.

A mãe de Kylie levantou-se da cadeira num pulo. John a seguiu.

— Sinto muito — disse Kylie. — Eu...

— Nós também sentimos muito. Não é, John? — a mãe arriscou.

— Sim, falei o que não devia. — A desculpa saiu dos lábios de John, mas não transpareceu em seus olhos. — Foi um erro que não se repetirá.

— Vocês são apenas humanos — relevou Kylie, mas sem muita confiança. Então estudou o rosto deles para ver se ele reagia ao comentário. Não reagiu. Ela ainda insistiu em verificar o padrão dele outra vez.

O que mais a assustava era pensar que, se ele não fosse humano, deveria ser um camaleão. Ela se lembrou de Ruivo, que tinha dado a própria vida para salvá-la, dizendo que ele era da mesma espécie que ela, só não tinha nascido à meia-noite. Então... Mario devia ser um camaleão também. E se John era um camaleão, poderia ser comparsa de Mario?

Ela estava exagerando, disse a si mesma. Seus sentimentos provavelmente eram causados pelo fato de John ser a razão de seu padrasto não ter mais chance de voltar com a mãe. No entanto, ela decidiu que pediria a Burnett para investigar os antecedentes do "seu querido"

John.

A mãe de Kylie se aproximou.

— John, você pode me dar um minutinho a sós com Kylie?

E lá vinha a bronca! Kylie mordeu a língua e disse a si mesma que deveria estar feliz pela mãe ter decidido poupá-la do constrangimento de ser repreendida na frente do seu namoradinho.

No entanto, o namoradinho parecia bem insatisfeito quando se afastou em direção à porta. Kylie mordeu a língua ainda mais forte. Cruzes! Esse homem trazia à tona o que havia de pior dentro dela.

No momento em que John fechou a porta, Kylie se desculpou:

— Eu sinto muito. Eu não deveria ter falado tudo aquilo. — E ela de fato lamentava, não por causa de John, mas porque provavelmente tinha magoado a mãe. Essa não era a sua intenção.

— Não, Holiday está certa. Aparecer aqui com ele não foi uma boa ideia. Eu só... — Ela corou. Ele me faz feliz, Kylie. Eu nem consigo explicar, mas é quase o que eu sentia quando estava com o seu verdadeiro pai.

Kylie se lembrou do que o avô havia dito, que os seres humanos dotados de algum dom se sentiam atraídos pelos sobrenaturais. Suas suspeitas com relação a John aumentaram.

— Eu queria que você o conhecesse melhor, porque... porque ele é importante para mim. E...

Santo Deus, era muito difícil para ela ouvir aquilo. Antes de saber o que planejava dizer, ela começou a falar.

— Papai lamenta muito tudo isso, também, mãe. Se você trouxe John aqui para provocar ciúme nele, funcionou. Eu sei que papai a magoou, mas, se você ainda o ama... saiba que ele ama você.

A mãe fechou os olhos como se buscasse as palavras certas. Quando ela fitou Kylie, uma grande emoção toldava seus olhos.

— Eu de fato queria que seu pai nos visse, mas não posso... Seu pai e eu não vamos voltar a ficar juntos. — Ela pegou a mão de Kylie. — Me desculpe, querida, eu não posso...

Kylie apertou a mão da mãe.

— Eu entendo.

A mãe suspirou.

— Entende mesmo?

Kylie acenou com a cabeça, concordando. Aquilo ainda doía muito, mas ela entendia.

A mãe respirou fundo como se estivesse prestes a dizer algo muito difícil.

— Por favor, procure ver o lado bom de John. Não foi por causa dele que seu pai e eu nos separamos.

— Eu sei. — Isso foi tudo o que Kylie conseguiu dizer. Ela não tinha certeza se conseguiria

ver algo de bom em John.

A mãe mordeu o lábio e fez uma careta.

— Agora, sobre a pergunta que você me fez... Se John e eu... se nós...

— ... estão fazendo sexo? — Kylie terminou a frase por ela, pois só Deus sabia quanto tempo a mãe ia ficar ali, tentando em vão dizer a palavra.

A mãe enrubesceu.

— Eu sou adulta e capaz de tomar esse tipo de decisão. Você é jovem e... — Os olhos dela se arregalaram. — Você não... você já...?

— Não, mãe. Ainda não — disse Kylie. — Mas isso vai acontecer algum dia e eu não quero que você tenha um aneurisma quando descobrir.

A mãe olhou para ela horrorizada.

— Não vou ter. Contanto que você já tenha 30 anos.

Kylie revirou os olhos.

— Mãe!

— Tudo bem, 29. — A mãe fez uma pausa. — Você sabe, é difícil ver você crescer.

— Eu sei; também é difícil ver você crescer.

A mãe franziu a testa com uma expressão aturdida.

— O quê?

— Eu quis dizer que dói saber que vocês estão transando, mas eu achei que você iria preferir um eufemismo.

A mãe deu uma risadinha ao mesmo tempo que a sala foi varrida por uma onda de frio, um frio muito familiar. Daniel? Um olhar rápido pela sala revelou a Kylie que ele não tinha sido capaz de se manifestar. Mas ela sabia que ele tinha tentado.

A mãe sorriu. Então ela estendeu os braços e abraçou Kylie.

— Eu juro, às vezes, quando estou com você, posso quase sentir o seu pai por perto.

— Eu também — concordou Kylie, perguntando-se até que ponto a mãe conseguia realmente senti-lo.

A atmosfera gelada da sala aumentou, mas estranhamente ela veio acompanhada de um leve sentimento de raiva e frustração. Será que o pai tinha ouvido a conversa e estava expressando a sua opinião sobre o fato de a mãe estar fazendo sexo com John?

*Eu sei, pai,* Kylie falou mentalmente. *Eu também não gosto dele.*

*

Antes mesmo que a mãe e John tivessem deixado o estacionamento, Holiday e Burnett pegaram Kylie, cada um por um braço.

— Vamos conversar — disse Holiday.

Kylie olhou para trás, na direção do refeitório.

— Não podemos conversar lá dentro?

— Primeiro alguns esclarecimentos — explicou Holiday enquanto Burnett conduzia Kylie até o escritório.

— Como, pelo amor de Deus, você desapareceu daquele jeito? — Não havia ninguém melhor do que Burnett para ir direto ao ponto.

— Eu não sei. — Kylie entrou na cabana. — Eu queria desaparecer como um fantasma quando vi minha mãe e John se beijando, e então... desapareci.

— Você desejou ficar invisível? — Holiday perguntou.

— Acho que sim — disse Kylie.

— Então como conseguiu voltar a ficar visível? — Burnett fechou a porta.

— Eu desejei o contrário. — Sabendo o quanto aquilo parecia esquisito, ela olhou de lado para Holiday e se jogou no sofá. — Foi parecido com aquela vez em que você me ensinou a me fechar para os fantasmas.

— Visualização. — Holiday arqueou as sobrancelhas como se estivesse impressionada.

Não que Kylie também não estivesse.

— Foi assustador demais! Eu me lembrei do que o meu pai disse sobre descobrirmos as coisas juntos e pensei que estava morta. — Ela fez uma pausa. — Como vou impedir que isso aconteça de novo?

Holiday olhou para Burnett como se esperasse que ele tivesse uma resposta.

— O quê? — Ele ergueu os braços como que para se defender. — Eu não sei nada sobre isso. Só agora estou aprendendo a lidar com fantasmas.

Holiday revirou os olhos.

— Você leu os relatórios da UPF. Eles não esclareciam nada sobre isso, nem o levaram a concluir alguma coisa sobre os dons dos camaleões?

— Não. A única coisa que encontrei foram alguns estudos de caso que, para eles, eram de camaleões. — Ele franziu o cenho. — Deve haver mais alguma coisa em outros relatórios, mas eles convenientemente desapareceram.

Nesse momento, Kylie não pôde deixar de se lembrar do alerta do avô contra a UPF.

— Precisamos ler esses outros arquivos — disse Holiday. Seus olhos continuaram fixos em Burnett. — Como podemos fazer isso?

Kylie fechou os olhos. Ela não sabia o que eles iam fazer, mas sabia o que *ela* faria. Primeiro, iria encontrar um jeito de voltar a entrar em contato com o avô e então...

Uma onda de dor a envolveu. Será que o avô estava certo? Ela tinha que deixar Shadow Falls e ir embora com ele para conseguir as informações de que precisava?

Depois de Holiday e Burnett passarem alguns minutos tentando chegar a uma solução, eles finalmente concluíram que Kylie deveria ter muito cuidado com o que desejava.

Certo! Como se ela mesma já não tivesse chegado a essa conclusão!

O celular de Burnett tocou e ele atendeu.

— Alô...? Quanto tempo faz que ela desapareceu? — Holiday e Kylie tentaram fingir que não estavam ouvindo o que diziam do outro lado da linha, mas como podiam não querer ouvir se a ligação era obviamente sobre Cindy, a garçonete do restaurante, a jovem sorridente na foto da sua carteira de motorista e que agora estava apodrecendo numa cova junto com a irmã de Holiday.

— Tudo bem — disse Burnett. — Traga-me os arquivos. Você conseguiu descobrir alguma coisa sobre aquele outro assunto? — Os olhos de Burnett se desviaram para Kylie, o que indicava que o "outro assunto" a envolvia também.

Burnett ouviu e de repente algo ocorreu a Kylie. Ela não conseguia ouvir a voz do outro lado da linha... O que estava acontecendo com ela...?

— Ei! — Kylie gritou para Holiday. — Eu ainda sou uma vampira?

Holiday franziu as sobrancelhas. Uma expressão de choque surgiu em seus olhos.

— Não.

— O que eu sou agora? — Kylie perguntou.

— Bem-vinda ao meu mundo!

— Sou *fae*? Ah, Deus... Mais momentos de "Kylie é uma aberração", vindos de outros campistas, estavam a caminho. Como se o caos familiar não fosse suficiente para alimentar o falatório sobre ela.

As palavras da tia ecoaram em sua mente. *Os poucos que não se esconderam foram vistos como párias, aberrações que não pertenciam a espécie alguma.*

Holiday assentiu e deu um sorriso cheio de compaixão, que Kylie não só viu como também sentiu.

Burnett deve ter ouvido a conversa, porque tão logo tirou o telefone do ouvido, olhou para a testa de Kylie e soltou um palavrão baixinho.

— O que você descobriu? — Holiday perguntou, como se sentisse que Kylie não queria falar sobre o seu padrão mental sempre em mutação.

— Cindy Shaffer desapareceu seis meses atrás, aproximadamente.

— Logo depois de Hannah — completou Holiday.

— Sabemos com certeza que Hannah não foi simplesmente embora e depois... — Ele se interrompeu e dos seus olhos irradiou-se uma onda de compaixão.

— ... e depois eles a mataram — completou Holiday, as palavras fluindo de seus lábios junto com a dor que oprimia ainda mais o peito de Kylie. Kylie sempre fora empática com relação à dor das outras pessoas, mas agora isso era muito mais intenso.

Não era algo fácil, Kylie pensou. Ela demoraria um pouco para se acostumar a ser *fae*, mas pelo menos podia voltar a comer comida outra vez. Então pensou em Derek e em quando ele lhe disse que sentia as emoções dela com muito mais intensidade. Devia ser muito difícil para ele.

Burnett se aproximou.

— A polícia está investigando o desaparecimento dela. Eles têm um suspeito, um antigo namorado, mas não podem provar nada. Eu vou verificar os arquivos, mas, considerando o que sabemos, não acho que isso esteja relacionado ao desaparecimento dela.

— O que mais você ficou sabendo? — Kylie perguntou, lembrando-se do olhar de Burnett na direção dela, enquanto falava ao telefone.

— Mandei que investigassem Hayden Yates mais uma vez.

— E? — Mesmo antes que Burnett respondesse, Kylie já sentiu o descontentamento dele por ter que contar a ela.

— A ficha dele está limpa. Não há nada em seus antecedentes que nos faça suspeitar dele.

Kylie soltou o ar dos pulmões, sem saber ao certo se acreditava. Ela tinha tanta certeza de que ele tinha algo de suspeito! Então ela se lembrou...

— Você pode mandar investigar o namorado da minha mãe?

— Você acha que *ele* está por trás do assassinato de Hannah? — Burnett perguntou, confuso.

— Não, nada a ver com Hannah. Eu só... não gosto dele.

— Eu também não — Burnett rebateu. — Mas isso não significa que ele seja um criminoso. Existe um monte de gente por aí de quem eu não vou com a cara.

Kylie franziu a testa.

— Ele me causa arrepios e eu me sentiria melhor se...

— Eu vou providenciar isso — tranquilizou-a Burnett, mas ela sentiu as emoções dele e sabia que o vampiro achava que era perda de tempo.

— Há uma coisa que eu quero lhe dizer — disse Kylie.

— Por que eu tenho a impressão de que não vou gostar? — Burnett perguntou.

Kylie relanceou os olhos para Holiday, que parecia igualmente preocupada.

— Acho que é hora de dar um basta em toda essa coisa de sombra — disse Kylie.

— Não! — A expressão de Burnett ficou mais severa.

Kylie sentou-se ereta e sentiu sua coluna se empertigar.

— Eu estou cansada de nunca poder ficar sozinha.

— Você fica sozinha no seu quarto, quando está na sua cabana — ele retrucou.

— Della ouve cada movimento que eu faço. Eu não aguento mais. Quero a minha vida de volta. Mario não tentou mais nada nessas últimas semanas. Miranda disse que ela não sente mais nenhuma presença indesejável. Eu não sinto a presença dele. Talvez ele tenha desistido.

— Pessoas como ele não desistem. Só está esperando uma oportunidade para atacar.

— Eu prometo ser cuidadosa e, se sentir alguma coisa, você será o primeiro a saber.

— Não! — ele insistiu.

Kylie sentiu um estranho tipo de energia se avolumando em suas entranhas. Tudo dentro dela dizia que ela estava certa, que eles não podiam obrigá-la àquilo. Ela não entendia o

ímpeto ou o destemor que crescia dentro dela naquele momento. Se não estivesse tão furiosa com a insistência dele em não acatar a sua vontade, talvez estivesse preocupada com a possibilidade de algo muito estranho estar acontecendo com ela agora.

— Eu não sou uma prisioneira aqui! — ela retrucou. — A minha vontade também conta!

— A sua vontade sobre se vai deixar que te matem ou não? — perguntou ele com raiva.

— Eu não vou deixar que me matem. — Ela baixou o queixo e olhou para Holiday, esperando ver um pouco de bom senso nos olhos da líder do acampamento.

— Está fazendo isso porque quer ver seu avô de novo, não é? — perguntou Holiday. Embora ela percebesse a desaprovação de Holiday, Kylie também via compaixão em seus olhos.

— Em parte, sim. — Kylie nem pensara na possibilidade de mentir. Ela achava que seu pedido era justo. — Mas não é só por isso. Estou cansada de andar por aí com uma babá.

Burnett ia começar a falar outra vez, mas Holiday interveio.

— Você promete ficar longe dos bosques?

— Ela já quebrou essa promessa — gritou Burnett.

— Eu prometo. — Kylie ignorou Burnett.

Holiday se inclinou na direção dela.

— Você promete nos avisar quando for encontrar o seu avô?

— Vocês prometem não me impedir? — perguntou Kylie.

— Eu prometo avaliar a situação e só impedi-la se isso representar algum risco de vida.

— Mas risco de vida aos olhos de quem? — perguntou Kylie. — A ideia que algumas pessoas têm de segurança não é razoável. — Ela nem sequer vacilou quando olhou para Burnett que, aliás, parecia ainda mais furioso. E ela sentia cada partícula dessa raiva.

— Isso é loucura. Minha função é proteger você — Burnett rosnou.

— Não — Holiday corrigiu-o. — Nossa função como administradores desta escola é ensinar Kylie a sobreviver no mundo humano. Gostemos ou não — ela olhou para Kylie — ela tem o direito de partir. E essa é a última coisa que queremos que aconteça agora.

De algum modo, o ímpeto que Kylie sentia dentro dela estava associado à seriedade com que ela encarava aquela questão. Será que aquele era um talento dos *faes* ou tinha mais a ver com as capacidades dos camaleões? Kylie não sabia. Mas a sensação era maravilhosa, apesar de assustá-la um pouco.

— Tenho escolha? — perguntou Burnett, com rispidez.

— Não — responderam Kylie e Holiday ao mesmo tempo.

Um bipe estranho soou do telefone de Burnett. Ele puxou o aparelho do bolso e apertou alguns botões.

— Alguém acabou de pular o portão da frente. — Ele se virou para ir investigar, mas parou quando uma figura se postou no umbral da porta.

Blake, o ex-noivo de Holiday, suspeito de assassinato, estava parado ali.

— Ouvi dizer que você estava procurando por mim.

Kylie ficou de pé num salto e se posicionou ao lado de Burnett, pronta para defender Holiday.

Mas Holiday agiu como se não precisasse de proteção. Ela ficou de pé e olhou Blake nos olhos.

— Foi você? — perguntou, a raiva exsudando de todos os seus poros.

— Fui eu o quê? — ele perguntou.

— Que matou Hannah?

# Capítulo Trinta e Um

— O quê?! — Blake desviou os olhos para Burnett e Kylie e depois voltou a fixá-los em Holiday. A descrença transpareceu em seus olhos e irradiou-se dele em ondas. — Hannah está morta?

Kylie tentou ouvir o batimento cardíaco de Blake, mas, como não era mais uma vampira, tudo o que ela pôde fazer foi detectar as suas emoções. Blake parecia sincero, mas será que ela podia confiar nele?

— Responda, droga! — Holiday bateu as palmas das mãos com força no peito dele. Suas emoções eram uma mistura de dor e um sentimento de traição.

Burnett colocou-se ao lado de Holiday e puxou-a delicadamente para trás, mas seus olhos estavam verdes brilhantes e encaravam Blake com uma expressão de advertência.

Blake expirou, demonstrando toda a sua frustração.

— Vocês estão acusando o vampiro errado! É tão injusto!

— Não tão injusto assim! — retrucou Holiday. — Hannah me contou que você ficou furioso quando ela disse que planejava me contar a verdade.

— Claro que eu fiquei furioso! Nós íamos nos casar. Eu amava você. Ela me disse que, se eu aparecesse no meu próprio casamento, ela interromperia a cerimônia.

— Você a matou? — Holiday perguntou, exigindo resposta; sua angústia impregnando o próprio ar que Kylie respirava.

Blake fitou Holiday, a dor se irradiando dele.

— De todas as pessoas no mundo, você é a que mais me conhece. Realmente acha que eu mataria Hannah?

— O que eu acho não significa droga nenhuma! — sibilou Holiday. — Eu não achava que você poderia dormir com a minha irmã, mas você fez isso.

— Estávamos bêbados e... eu só tinha saído com você algumas vezes. Foi um grande erro. E, então, quando vi, estava apaixonado por você. Eu ainda sou apaixonado por você. E, sim,

eu queria contar tudo, mas estava com medo. A princípio, Hannah agiu como se nada tivesse acontecido, então eu me convenci...

— ... de que poderia deixar tudo como estava? — Lágrimas toldaram os olhos de Holiday.

— Não, eu me convenci de que um único erro não impediria duas pessoas que se amavam de serem felizes juntas!

— Basta! — Burnett se aproximou e agarrou Blake pelo braço. — Você vem comigo.

Blake soltou seu braço e os dois homens se encararam.

— Ainda não. — Holiday olhou para Burnett. — Eu quero conversar com ele.

— Já conversou — Burnett rebateu.

— A sós. Quero conversar com ele a sós — ela repetiu.

Todo o corpo de Burnett enrijeceu. O ciúme era evidente.

— Ele pode ser um assassino serial, Holiday, que entrou em Shadow Falls ilegalmente. Eu preciso levá-lo à UPF.

— Assassino serial? — Os olhos de Blake adquiriram um tom defensivo. — Eu não fiz mal a Hannah nem a ninguém.

— Isso é o que todos dizem — atacou Burnett, tentando agarrar seu braço novamente. O homem se esquivou, seus olhos cada vez mais ardentes.

— Qual o seu problema? — Blake vociferou para Burnett. — Tem medo de que ela ainda sinta algo por mim?

Holiday deu um passo para a frente, pousou a mão no braço de Burnett e falou com sinceridade:

— Burnett não tem motivo para temer. De você eu só quero a verdade, Blake, só isso. E depois quero que você volte para o buraco onde se escondeu esse tempo todo. — Ela acenou firmemente com a mão para que Burnett e Kylie saíssem.

A linguagem corporal e as emoções de Burnett indicavam o que ele estava pensando da ideia. Mas algo dizia a Kylie que Holiday precisava desse tempo sozinha com Blake, e Burnett precisava conceder isso a ela.

Kylie tocou o braço de Burnett, sentindo um fluxo quente partir do seu braço, e viu a expressão dele se suavizando. Ele olhou para trás, na direção de Holiday, e depois seguiu até a porta. Kylie olhou para Blake. E nesse instante, seus instintos lhe disseram que ele não era o assassino de Hannah.

Mas, se não era ele, quem era? Então Kylie mais uma vez se lembrou de Hannah afirmando que o assassino estava ali, em Shadow Falls. Kylie não pôde deixar de pensar outra vez em Hayden Yates. Não importava sequer que Burnett não tivesse encontrado nada errado no passado do professor; ela não confiava naquele cara. E também não ia, em hipótese alguma, baixar a guarda no que dizia respeito a ele.

Burnett não se afastou mais de alguns metros da porta. Kylie concluiu que ele estava ouvindo

cada palavra dita na outra sala. Sua preocupação era pela segurança de Holiday, é claro, por isso não se tratava, na verdade, de uma invasão à privacidade. Pelo menos era nisso que Kylie queria acreditar.

Ela não conseguia ouvir a conversa, mas, por mais que lhe parecesse constrangedor ouvir a conversa dos outros, sua própria necessidade de proteger Holiday a levava a desejar exatamente isso agora.

— Blake está falando a verdade? — Kylie perguntou, imaginando se as emoções que ela captava de Blake eram tão reveladoras quanto o seu batimento cardíaco.

Burnett olhou para ela por sobre o ombro.

— Quanto a quê?

— Quanto a não ter matado Hannah.

— Não importa — ele respondeu, mal-humorado, e voltou a encarar a porta.

— Não importa? — Kylie estranhou.

Ele negou com a cabeça.

— O coração pode mentir. As pessoas mal-intencionadas, sem consciência, não têm dificuldade para mentir.

Kylie lembrou-se de Della lhe dizendo isso ao chegar em Shadow Falls. Mas, por mais que Kylie quisesse acreditar que Blake fosse o homem que procuravam, ela não sentia que ele fosse mal-intencionado.

— Não sei se isso ajuda, mas eu sinto que as emoções dele são sinceras.

— Você está se referindo a quando ele disse que ainda a ama? — O ciúme de Burnett era quase palpável.

Kylie engoliu em seco.

— Estava me referindo ao seu choque ao saber que Hannah está morta, mas... a isso também.

Burnett fechou os olhos e pressionou a mão contra a porta.

— Mas Holiday também estava sendo sincera quando disse que *tudo* o que ela queria dele era a verdade. Ela não o ama, Burnett.

Ele olhou novamente para Kylie, a tristeza irradiando dos seus olhos.

— Mas amava.

— E isso é importante?

— É, na medida em que fez com que ela passasse a evitar qualquer pessoa que se aproxime dela — ele explicou. Então o vampiro fez uma pausa, mudando de assunto. — Eu não concordo com a decisão de Holiday de retirar suas sombras.

— Eu sei — disse Kylie. — Mas, me diga, você conseguiria andar com uma sombra ao seu lado o tempo todo?

Ela o viu se contendo e sentiu sua resposta emocional. Ele não toleraria uma sombra em seus calcanhares nem por um único dia.

De repente, o ambiente ficou frio. O frio típico da visita de um fantasma. Então Hannah apareceu ao lado de Burnett; sua presença veio acompanhada de uma espessa onda de pânico.

— *Ele está aqui! Ele está aqui! Você tem que detê-lo! Ele vai tentar matá-la!* — ela gritou para Burnett.

— Quem está aqui? — perguntou Kylie.

Burnett não esperou a resposta. Irrompeu pela porta do escritório de Holiday, sem se dar ao trabalho de abri-la. Arrancada das dobradiças, a porta veio abaixo com um estrondo. Burnett passou por cima da madeira estilhaçada e encarou Blake.

Com a porta fora do caminho, Kylie assistiu à cena na outra sala.

Blake, já de pé, fitava Burnett com fúria.

Holiday, ainda sentada à escrivaninha, exibia uma expressão de choque. Só então ela se levantou da cadeira, provando como eram lentas as reações dos *faes* em comparação com as dos vampiros.

Burnett, com as duas mãos em punho na lateral do corpo, vociferou para Blake:

— Ou você vem comigo do jeito mais fácil ou vai ter que vir pelo jeito mais difícil. — Sua ameaça era sincera. — Para mim tanto faz.

O olhar de Kylie desviou-se para o fantasma. Hannah estava paralisada, pasma diante da cena que se desenrolava à sua frente. Uma terrível aura marrom a cercava. Embora morta, uma camada de emoções se agitava sob a sua rigidez cadavérica. Vergonha — uma vergonha imensa se avolumava dentro dela. Então Kylie sentiu a surpresa de Hannah. Estranhamente, todo o pânico e medo que ela demonstrara inicialmente tinham desaparecido.

Alguma coisa estava errada. Era como se Hannah nem soubesse que Blake estava ali. Mas, se ela não sabia que o vampiro estava presente, então como *ele* poderia estar causando nela todo aquele pânico?

— Você está falando de Blake? — Kylie perguntou a Hannah rapidamente.

Nenhuma resposta.

— Hannah? — repetiu Kylie. Mas o fantasma tinha ido embora.

— O que está acontecendo? — Holiday perguntou a Burnett novamente, e os olhos de Kylie se fixaram nas três pessoas na sala.

Blake olhou de volta para Holiday.

— Eu não fiz nada. Provavelmente não mereço outra chance com você, mas com certeza não mereço isso. — Ele se voltou para Burnett. — Eu vou com você, responderei a todas as suas perguntas, mas, se encostar a mão em mim, eu te mato.

E pelas emoções que o homem irradiava, sua ameaça era tão sincera quanto a de Burnett.

A preguiçosa tarde de domingo tinha transcorrido com muita frustração pairando no ar. Miranda estava frustrada porque havia uma nova metamorfa de olho em Perry. Holiday estava frustrada porque... bem, como se perder a irmã pela primeira vez não tivesse sido suficiente, agora seu espírito se negava a aparecer novamente. Burnett estava frustrado porque não

conseguia encontrar nenhuma prova contra Blake e por isso não podia prendê-lo.

Kylie estava frustrada por causa de todo desastre que era a sua vida.

A única que não estava com um humor sombrio era Della, e Kylie, embora agora fosse uma *fae* capaz de ler emoções, não sabia direito com que humor ela estava; só sabia dizer que havia algo errado. A garota estava seguindo Kylie como um filhotinho perdido.

Mesmo agora, enquanto checava os seus e-mails, Kylie sentia Della espiando por cima do seu ombro. Kylie se virou e franziu a testa.

— O que foi?

— O que foi o quê? — perguntou Della.

— Você está lendo os meus e-mails por cima do meu ombro. Por que, se você nem é mais a minha sombra agora?

— Eu não estou bancando a sua sombra. E não sabia que os seus e-mails eram tão particulares — retrucou Della.

Nesse instante, Kylie sentiu uma onda de ansiedade vindo da vampira, acompanhado de um sentimento de tristeza e depois de raiva. As emoções de Della estavam se espalhando por todo o cômodo.

— O que há com você? — Kylie perguntou.

— Nada! — respondeu Della, deixando-se cair numa cadeira da cozinha.

Kylie voltou a atenção novamente para os seus e-mails e clicou em "atualizar". Nenhum e-mail novo. Nenhum de...

— Você está esperando receber alguma coisa do seu avô, não está? — perguntou Della.

Kylie olhou por sobre o ombro.

— Talvez, por quê?

Della fechou a cara.

— Você vai morar com ele, não vai? Vai embora de Shadow Falls.

A pergunta cortou como uma faca o peito de Kylie. Como ela poderia explicar a Della que deixar o acampamento era a última coisa que ela queria fazer? No entanto, uma parte dela dizia que talvez essa fosse a única maneira de descobrir quem ela era.

Depois de ver a expressão de choque nos rostos dos campistas, ao constatarem o seu novo padrão *fae*, uma parte de Kylie ansiou por estar entre pessoas que não a julgassem. E quanto mais rápido ela aprendesse a controlar essa mudança de padrão e os poderes que a acompanhavam, mais rápido também poderia voltar a Shadow Falls e realmente se entrosar.

— É por isso que você está assim? — perguntou Kylie.

— É, é por isso. E não pense que não reparei que você não negou quando perguntei.

Kylie escolheu as palavras cuidadosamente.

— Não está nos meus planos fazer isso.

Isso era verdade. Ela ainda estava rezando para que essa não se revelasse a única saída.

— Mas o seu lado *fae* pensou nisso, não foi? — Della perguntou.

— É, meu lado *fae* pensou nisso, mas...

— Mas coisa nenhuma! Eu não vou deixar você ir, Kylie. — Lágrimas afloraram nos olhos da vampira. — Eu perdi Lee, perdi meus pais e minha irmã e todos os amigos que eu tinha lá em casa. Você e Miranda são tudo o que eu tenho, e a Senhorita Bruxa está tão obcecada por um certo metamorfo agora que eu não tenho tempo nem para brigar com ela.

Della ficou de pé e secou as bochechas molhadas de lágrimas.

— Já estou cheia de perder as pessoas de que gosto.

Kylie se levantou também.

— Você não vai me perder. — Seus próprios olhos ardiam. Mesmo que tivesse que ir embora, ela voltaria. Ela pertencia a Shadow Falls. Della acabaria compreendendo isso.

A vampira bufou.

— Vou deixar o acampamento na semana que vem para ir... para ir fazer o que tenho que fazer para Burnett. E tudo em que consigo pensar é que você não estará aqui quando eu voltar.

— Eu vou estar... — Kylie finalmente ouviu o que Della disse. — Aonde você vai?

Della franziu a testa.

— Não posso contar.

— Caramba! — Kylie balançou a cabeça, lembrando-se da ansiedade que sentira na amiga. Della estava assustada? Claro que estava, Kylie podia sentir, mas a amiga nunca admitiria. Kylie se aproximou dela e abraçou a vampira. Della não gostou, mas não se afastou.

— Seja aonde for que você tenha que ir para Burnett, é bom que não seja perigoso.

— Abraço coletivo! Abraço coletivo! — Miranda gritou, abrindo a porta de repente.

— Não. — Della se retraiu. — Este abraço era só para Kylie — disse ela, tentando parecer durona, mas Kylie percebeu o constrangimento da amiga muito bem. — Vá abraçar Perry. — Della disparou para o banheiro e bateu a porta com violência.

— O que deu nela? Por que está nesse mau humor? — perguntou Miranda.

Kylie revirou os olhos. Então o computador emitiu um bipe, avisando sobre a chegada de um novo e-mail e ela foi verificar. Era da mãe.

Um pensamento atravessou a mente de Kylie como uma lixa. Se ela tivesse que deixar Shadow Falls, o que diria aos pais?

Kylie olhou para Miranda.

— Talvez seja melhor você arranjar uma briga com Della para ela saber que você ainda se importa com ela.

O jantar daquela noite deveria ser muito especial, para celebrar o início do novo ano letivo. Os livros e o horário das aulas já haviam sido distribuídos. Kylie e Della fariam todas as aulas na mesma classe. Miranda estava em duas das cinco aulas de Kylie. Kylie não podia deixar de se perguntar se isso não seria obra de Burnett, para que ela tivesse uma sombra sem se dar

conta disso.

Não que ela fosse deixar aquele pensamento estragar a sua noite. Sentada a uma mesa com Della, Miranda, Perry, Jonathon e Helen, Kylie devorava o seu segundo pedaço de pizza. Era bom voltar a saborear comida. Não que a melhora do seu humor tivesse a ver com a pizza de pepperoni de massa fina. Não tinha a ver sequer com o clima de festa ou com a festa propriamente dita, mas com o que ia acontecer depois da festa.

Ela consultou o relógio — só faltavam duas horas.

Nesse mesmo instante, Steve aproximou-se da mesa e se sentou numa cadeira vazia ao lado de Della. Kylie quase sorriu quando viu Della corar.

— E aí? — perguntou Steve.

— Oi, Steve — cumprimentou Kylie, querendo que ele se sentisse bem-vindo. Antes do jantar, Della tinha confessado que Steve supostamente iria acompanhá-la na missão para a UPF. Della, é claro, tinha reclamado. No entanto, ela não conseguira esconder de Kylie a sua empolgação.

Jonathon e Steve começaram a conversar sobre as aulas. Della pareceu relaxar e Kylie também. Miranda cutucou Kylie com o cotovelo e se inclinou na direção dela.

— Eu acho que ele gosta dela — cochichou no ouvido de Kylie. Mas Della, captando tudo com sua incrível audição, lançou um olhar zangado para a amiga.

— Este é um ano muito importante. — Alguém fez um brinde do outro lado da sala. Todos pareciam estar num humor festivo e, por algum tempo, deixaram de reparar nos padrões de Kylie. Essa provavelmente era outra razão do seu bom humor.

Mas ela mal tinha acabado de comemorar o fato de ninguém estar olhando para ela quando os pelos de sua nuca se eriçaram. Quando ela se virou, Hayden Yates também virou a cabeça para o outro lado. Seu coração deu um salto quando ela viu Holiday próxima a ele, em meio aos campistas. A líder do acampamento, porém, não falava com ele, mas com o tímido professor Collin Warren.

Kylie ainda não gostava de ver Hayden tão perto de Holiday. Ela ficou olhando fixamente para ele e, quando o professor voltou seu olhar para ela, obviamente sentindo-se observado, seus olhares se encontraram. *Eu juro que se você machucá-la, vai pagar por isso.*

Ele desviou o olhar; Kylie continuou a encará-lo por vários segundos e esperou que ele entendesse a mensagem, porque aquela não era uma ameaça vazia. Era uma promessa.

Só a possibilidade de alguém ferir Holiday já fazia o sangue de Kylie ferver — um sinal claro de que o seu padrão podia ter mudado, mas ela continuava sendo uma protetora.

Talvez algum dia ela fosse capaz de dizer aquilo com um sentimento pleno de orgulho, mas no momento só parecia mais um motivo para ser vista como alguém diferente de todo mundo.

Kylie mal tinha desviado o olhar, quando sentiu outro par de olhos sobre ela, causando-lhe, no entanto, uma sensação bem diferente, que percorreu sua espinha desde os dedos dos pés.

Mesmo estando a vários metros dela, o olhar de Lucas era como uma carícia. Ele piscou para Kylie. Depois relanceou os olhos para o relógio e ela viu que, como ela, ele também contava os minutos até a hora em que iam se encontrar.

— Droga! — Jonathon gritou, fazendo Kylie desviar os olhos de Lucas. — Você se cortou! — Jonathon segurava a mão de Helen, o sangue gotejando da sua mão.

Helen, parecendo um pouco nauseada, tinha uma maçã numa mão e uma faca cheia de sangue em seu colo.

— Tudo bem. — Suas palavras pareciam confiantes. — Não foi tão grave assim, foi?

Jonathon afrouxou o punho em torno da mão dela e deu uma olhada. Seus olhos ficaram brilhantes, sem dúvida por causa do sangue, mas seu ar de preocupação era ainda mais evidente.

— Você vai precisar levar pontos — ele concluiu.

Helen olhou para Kylie.

— Será que você pode dar um jeito nisso?

Kylie prendeu o fôlego. Já fazia algum tempo que ela não pensava nos seus poderes de cura. E nas poucas vezes em que pensara neles, lembrou-se de que não tinham sido suficientes para salvar Ellie. Kylie tinha falhado com Ellie.

— Eu... eu não sei se posso. — Ela fitou os olhos de Helen, viu a dor dentro deles, mas o medo formou um nó em seu estômago, cheio com os dois pedaços de pizza. — Eu não conseguia ter sonhos lúcidos quando era vampira; provavelmente não posso curar enquanto sou *fae*.

— Mas os *faes* são conhecidos pelos seus dons de cura — Helen a fez lembrar.

— Ah, é verdade. — Kylie soltou o ar dos pulmões, que fez seus lábios tremularem ao escapar. — E se eu fizer alguma coisa errada? — Ela ainda se lembrava de como ficara devastada quando não fora capaz de salvar Ellie das garras da morte. Olhando as próprias mãos, ela se lembrou de que tinham ficado cobertas com o sangue da garota.

— Você não vai fazer nada errado — afirmou Helen, com plena confiança.

Ao olhar para Helen, Kylie se lembrou de que ela a ajudara, examinando seu cérebro para ver se ela tinha um tumor, na semana em que chegara ao acampamento. Helen tinha ajudado Kylie e ela não podia lhe negar ajuda também.

Kylie ficou de pé e foi até a cadeira ao lado de onde estava Helen. A tímida e confiante garota estendeu a palma da mão ensanguentada. Respirando fundo, Kylie lembrou-se de que tinha que ter pensamentos de cura. Surpreendentemente, suas mãos começaram a ficar quentes. Ela correu o dedo delicadamente pelo corte. Seu toque produziu um leve sulco ao redor do sangue represado na palma.

Com receio de não conseguir curar a ferida, Kylie sobrepôs toda a sua palma sobre o ferimento. Ainda hesitante, sem coragem de ver se tinha curado a garota ou não, ela percebeu que todos no refeitório estavam em silêncio. Nenhum som ecoava no amplo aposento.

Desviando os olhos por um segundo, constatou que todos a observavam. Todo mundo! *Ah, mas que maravilha!*

Helen ergueu a mão e olhou a palma diante de si. Limpando o sangue com a outra mão, um leve sorriso se formou em seus lábios.

— Você conseguiu! — Helen sussurrou, parecendo tão consciente quanto Kylie de toda a atenção indesejada que tinham despertado nos outros campistas.

Kylie se inclinou na direção a garota.

— Por que todo mundo está olhando?

Helen fez uma careta e chegou mais perto.

— Porque você está brilhando.

— Brilhando?

Helen assentiu.

Kylie notou que um leve brilho parecia irradiar da sua pele.

— Merda!

— Merda coisa nenhuma! — retrucou Della. — Você está parecendo um vaga-lume. Isso é demais!

Isso de fato já é *demais*, pensou Kylie.

Holiday, do outro lado da sala, começou a andar na direção de Kylie, os olhos arregalados, um sentimento de perplexidade se irradiando dela em ondas.

Kylie olhou para a líder do acampamento, mortificada.

— Faça isto parar. Por favor. Por favoooor.

# Capítulo Trinta e Dois

— Aonde você vai? — Della perguntou quando Kylie saiu do quarto uma hora depois, com o cabelo penteado, os dentes escovados e — graças a Deus — nenhum brilho irradiando do seu corpo.

Ela quase disse a Della que não tinha mais que dar relatórios sobre onde ia ou deixava de ir, mas concluiu que ela própria faria a mesma pergunta, caso Della estivesse saindo da cabana.

— Vou me encontrar com Lucas — disse Kylie.

Della inclinou a cabeça para ouvir o coração da amiga.

— Não estou mentindo — afirmou Kylie.

— Eu sei. Eu ouvi — confirmou Della. — Divirta-se. E não faça nada que eu não faria...

— Bem... — brincou Kylie, tentando não parecer irritada. — Isso me deixa com muitas opções...

Della deu uma risadinha.

— Mas se você voltar brilhando, vou saber o que você fez.

— Não tem graça — protestou Kylie, com sinceridade. Então deixou a cabana.

Felizmente, ela tinha parado de brilhar uns dez minutos depois de ter curado Helen. Para o seu mais completo desespero, quando perguntou a Holiday por que aquilo estava acontecendo, a amiga respondeu que não sabia, pois nunca tinha acontecido quando ela curava alguém.

Kylie não ficou surpresa quando Holiday deu de ombros e disse que não sabia. Mas aquilo contribuiu para que pensasse no aviso do avô com mais seriedade. E se não parassem de acontecer coisas estranhas? Nesse momento, eram só os sobrenaturais que a consideravam uma aberração da natureza. Mas o que aconteceria se algo assim acontecesse na frente de algum ser humano normal?

Kylie disparou pela trilha, na esperança de que a sensação do vento em seus cabelos amenizasse a sua ansiedade, e chegou ao escritório em pouquíssimo tempo. As vozes de

algumas pessoas que ainda se demoravam um pouco mais no refeitório ecoavam pela noite. Antes que alguém a visse, ela contornou a cabana do escritório. No segundo em que viu Lucas esperando por ela ao lado de uma árvore, sua frustração se desvaneceu.

Ela correu na direção dele e Lucas a tomou nos braços, puxando-a de encontro a ele. Seus braços envolveram sua cintura, os polegares deslizando por debaixo da blusa e tocando sua pele nua. O beijo foi terno e carinhoso. Quando ele se afastou e sorriu, ela sabia o que ele estava pensando.

— Nem toque no assunto! — ela avisou, sentindo que estava prestes a ouvir mais uma piadinha sobre a sua "luminescência".

— Só estou com ciúme.

— Ciúme? — perguntou ela, achando que tinha entendido errado. — Do quê?

— Eu quero ser a única coisa que faz você brilhar.

Ela deu um tapa de leve no peito largo do namorado.

— Vou repetir o que eu já disse para Della e Miranda. Não tem graça nenhuma.

— Você estava linda. — Ela sentiu que o comentário era sincero. — Parecia um anjo.

Ela franziu a testa.

— Eu não quero ser um anjo. Quero ser uma sobrenatural normal.

— Tudo bem, não vamos mais falar sobre isso. Só vou beijar você.

E que beijo delicioso! Mais ardente, mais carinhoso e mais inebriante do que todos os outros. Quando se afastou, ela ouvir o mesmo zumbido familiar, um mecanismo natural de sedução entre os lobos, que funcionava às mil maravilhas com ela. Kylie se deixou levar por aquele som.

— A lua cheia deve estar próxima outra vez. — Ela sorriu ao ver o ardor no olhar de Lucas, sabendo que os seus próprios olhos deviam expressar a mesma emoção.

— Isso mesmo. — Ele inspirou, como se tentasse clarear os pensamentos. — Você está me deixando louco. Às vezes, eu só quero... — Ele deu um passo para trás. — Vamos conversar um pouco.

Ela sorriu.

— Eu gosto de levá-lo à loucura...

— Verdade — disse ele num tom bem-humorado, apontando um dedo para o rosto dela.

Não era bem verdade, Kylie pensou. Não era como se ela planejasse deixar que qualquer coisa acontecesse aquela noite... Mas se deixasse... Nesse momento, ela se lembrou das sábias palavras de Holiday sobre os garotos, ou melhor, sobre sexo. *Quando você tomar essa decisão, que ela seja tomada racionalmente e não apenas por impulso. Entende a diferença?*

Kylie entendia muito bem. O problema é que era mais fácil agir por impulso do que agir racionalmente. Agir racionalmente significava conversar a respeito. E isso seria embaraçoso.

Ela ofegou ao perceber algo de repente. Se não conseguia falar sobre uma coisa, era sinal de que ainda não estava pronta para praticá-la — porque, a menos que ela quisesse sentir o

mesmo pânico da amiga Sara com a possibilidade de uma gravidez indesejada, era essencial que conversassem a respeito.

— O que foi? — perguntou Lucas.

Ela abriu a boca para responder — para falar sobe o que estava pensando —, mas seus lábios se fecharam com a mesma rapidez. Eles poderiam conversar sobre o assunto mais tarde. Mais tarde, mas, certamente, antes que algo acontecesse.

— Nada. — A voz dela soou como um sapo prestes a coaxar.

Ele estudou o rosto dela.

— Você está quase brilhando de novo.

— Ah, não! — Ela olhou para os braços e observou-os em pânico.

Ele riu.

— Não, só quis dizer que você está vermelha. Onde estava esta cabecinha? — Ele deu uma batidinha na testa dela e, com seus dons de *fae*, ela sentiu a paixão irradiando dele.

— Em lugar nenhum — mentiu. — Vamos só... conversar. — *Mas não sobre sexo*. Porque, obviamente, ela não estava pronta para ter essa conversa.

Ele a encarou como se não acreditasse nela, depois pegou sua mão e entrelaçou os dedos nos dela. Sua palma estava quente, mas nem perto do que costumava estar quando ela era vampira.

— Tudo bem. Então vamos conversar. — Eles se sentaram na grama macia, sob a copa da árvore. — Por que você não me conta como conseguiu se livrar da história da sombra? Não acredito que Burnett tenha desistido de uma coisa dessas com tanta facilidade.

— Ele não queria. Mas eu... — Ela se lembrou da estranha sensação que teve quando enfrentou Burnett e Holiday. Como se o poder da persuasão fosse... um poder de verdade. Talvez fosse de fato.

— Eu o convenci.

— Como? Ele não é alguém que se deixe convencer facilmente.

— Eu... ameacei deixar Shadow Falls.

— Deixar Shadow Falls? — A preocupação se estampou nos olhos dele. — Foi só pra convencê-lo, não é?

*Em grande parte, sim, mas estou começando a me preocupar*. Ela quase disse isso a ele, mas decidiu que não queria travar essa conversa em particular com Lucas, não quando tinham tão pouco tempo juntos, por isso ela só concordou com a cabeça.

— Eu concordei em não entrar nos bosques e avisá-los antes de ir ver o meu avô.

— O quê? — Seu acentuado instinto de proteção de lobisomem entrou em ação. — Burnett vai deixar você ver o seu avô outra vez? Sozinha?

Ela fez que sim.

— Contanto que não pareça muito perigoso.

— Como você vai saber se é perigoso? — Ele balançou a cabeça, o cabelo preto caído sobre

a testa. — Você não vai fazer isso até eu voltar. — Ele segurou o queixo de Kylie com uma mão. — Me prometa.

— Voltar de onde? — ela perguntou.

Sua expressão se fechou.

— Meu pai de novo. Dessa vez eu vou ter que ficar algum tempo por lá. Uma semana ou mais.

Ela tentou entender o que aquilo significava.

— Mas as aulas começam amanhã.

— Eu sei. — Suas palavras estavam carregadas de sarcasmo. — Mas meu pai não dá muito valor à educação.

— Você não pode simplesmente dizer isso a ele? Que você vai vê-lo no final de semana dos pais?

— Eu gostaria muito.

— Mas por que tanto tempo? — De repente ela não conseguiu deixar de se perguntar se Fredericka iria com ele.

Ele tocou a bochecha dela.

— Ele está insistindo, Kylie. Quando põe uma coisa na cabeça, ninguém a tira. Eu lamento.

A sinceridade em sua voz comoveu Kylie. Sinceridade e... culpa. Pelo quê?

Ele colocou uma mecha do cabelo dela atrás da orelha.

— Você sabe que eu tenho que fazer isso para entrar para o conselho. Eu não faria nada disso se não fosse preciso. E... quando tudo acabar, estou fora.

— Quando o que acabar? O que ele quer que você faça?

— Ele é só... Ele é louco e eu tenho que concordar com ele por ora. Por favor... só tenha um pouco mais de paciência. Em menos de um mês, o conselho vai fazer a sua escolha. Um mês é tudo de que preciso e depois eu não tenho mais que concordar com os planos dele.

— Que planos são esses? — Ela sentiu o ressentimento crescer dentro de si. — Eu detesto os seus segredos.

— Eu sei — ele disse. — Eu também detesto. Mas você tem que confiar em mim.

Por alguma razão insana, quando ele disse "confiar", ela sentiu que ele queria dizer... algo mais. Algo como...

— Fredericka vai com você?

— Não — respondeu. — Vou sozinho.

— Nem Clara irá? — ela perguntou, ainda confusa com as emoções que captava dele.

— Não. Ela pode até ir também, mas não vai ficar lá. — Lucas a puxou de encontro a ele e os dois ficaram ali sentados em silêncio por um longo tempo. Ela sofria por ele, porque sentia quanto o namorado de fato não queria ir, nem estava disposto a fazer o que o pai planejava.

No entanto, ele iria e provavelmente faria — qualquer coisa que fosse. E se sentia culpado por isso. Por quê?

— Você vai me ligar? — ela finalmente perguntou.

— Vou tentar, mas, se ele estiver monitorando as minhas ligações, não posso me arriscar...

— ... que ele o veja falando comigo... — Kylie terminou a frase por ele.

Lucas suspirou e ela soube a verdade antes mesmo que ele a dissesse.

— Não gosto disso.

Tampouco ela gostava. Nem um pouquinho.

Um segundo se passou e então ele disse.

— Você ainda não prometeu que não vai ver seu avô antes de eu voltar.

— Não posso prometer — Kylie explicou, irritada porque Lucas queria que ela fizesse promessas e as cumprisse, enquanto ele ainda guardava tantos segredos. — Eu vou fazer o que for preciso. — E ele teria que simplesmente aceitar, como ela estava tentando aceitar o que Lucas lhe dissera, ou o que não dissera...

Na manhã de segunda-feira, a agitação do primeiro dia de aula em Shadow Falls não era diferente da de todas as outras que Kylie tinha vivido antes. Ela estava ao mesmo tempo ansiosa e preocupada por ser obrigada a ficar numa sala cheia de gente que parecia saber algum segredo da vida que ela própria desconhecia.

Apesar de saber de que espécie ela era, e de estar cercada de outros sobrenaturais, ela ainda se sentia uma intrusa — uma desgarrada que passava de grupo em grupo, mas não pertencia a nenhum.

Não tinha dúvida de que seguiria Della e Miranda para onde fossem e socializaria com quem quer que elas convivessem e os amigos delas não a rejeitariam, mas ela não se sentiria parte de nenhum grupo. Seria como sempre fora em sua antiga escola. A única diferença era que antes ela estava com Sara, outra desgarrada.

Enquanto se maquiava, Kylie pensou em Sara. Fazia semanas que não se falavam, mas Kylie mudaria isso mais tarde. Embora ela aceitasse que ambas tinham mudado e provavelmente nunca mais teriam tanto em comum como um dia tiveram, Sara ainda era... Sara. E hoje Kylie sentia mais falta dela do que nunca.

O ar da manhã já trazia com ele um toque outonal. A decisão do que vestir e como pentear o cabelo tinha tomado mais tempo do que deveria. Ela não deveria nem se importar com isso, visto que Lucas não estaria presente, mas provavelmente foi contagiada pelo mesmo vírus que Della e Miranda, que se esmeravam para parecerem perfeitas.

Kylie não tinha se arrumado para ninguém. No entanto, quando Derek a procurou com os olhos da mesa onde estavam os *faes*, seu olhar foi a prova de que ela estava bonita. Quando menos esperava, ela estava sorrindo, mas o sorriso, no entanto, logo se desvaneceu quando ela começou a sentir falta de Lucas.

Depois do café, era a Hora do Encontro com os colegas do acampamento. Kylie tirou o nome de Nikki, a nova metamorfa, a garota que Miranda acusava de estar dando em cima de

Perry. Kylie estava preocupada com a possibilidade de ser bombardeada com perguntas sobre a o episódio da sua "luminescência", mas se enganou. Nikki só queria conversar sobre Perry. Miranda tinha razão. A garota estava caída por Perry. Mas Kylie não achava que Nikki fosse correspondida. Mesmo assim, antes de a Hora do Encontro acabar, Kylie tinha sutilmente mencionado que Perry estava comprometido.

E a garota também tinha sutilmente ignorado essa informação.

A Hora não tinha acabado ainda e Kylie ainda não sabia se deveria ou não contar alguma coisa a Miranda. O ciúme não era um sentimento bonito. Kylie tinha sorte por Fredericka não ter ido com Lucas para a casa do pai dele, do contrário ela também estaria se atracando com o "monstro de olhos verdes", como costumavam chamar o ciúme.

A primeira aula de Kylie era inglês, com Della, Miranda e Derek. Embora ausente aquele dia, Lucas estava na mesma turma que eles. Ava Kane, a nova professora, tinha um estilo fácil de ensinar, embora os garotos só prestassem atenção ao corpo dela. Não havia um único aluno do sexo masculino que não estivesse praticamente babando. Derek não era exceção. Era provável que, se estivesse lá, Lucas também estaria tão fascinado quanto os outros.

Embora os garotos só tivessem olhos para a professora, a professora só tinha olhos para o padrão de Kylie. Será que ele tinha mudado? Ela resolveu se virar para Della e perguntar. A amiga assegurou-a de que ela ainda não passava de uma "*fae* enfadonha".

Quando a aula acabou, a senhorita Kane ficou parada na porta. E, quando Kylie passou, ela se inclinou e sussurrou: — Desculpe, eu não devia ter ficado olhando, mas é que estou tão fascinada por... você!

Kylie sentiu sua sinceridade.

— Tudo bem — respondeu Kylie, embora ela preferisse não chamar tanta atenção. Pelo menos a professora tinha se desculpado, o que mais de noventa por cento dos campistas não faziam.

A aula de história — em seguida — foi mais difícil de enfrentar. Embora o professor Collin Warren tivesse tentado esconder seu nervosismo, ele era evidente. Sua ansiedade impregnava a sala como fumaça, no entanto, ao contrário da senhorita Kane, o professor não olhou Kylie nos olhos nem uma só vez. Francamente, ela não tinha certeza se ele tinha fitado alguém ali nos olhos.

No entanto, como Holiday pedira a Kylie para dar uma mãozinha ao tímido professor quando a aula acabasse, Kylie demorou-se na sala enquanto os outros campistas saíam, para lhe oferecer apoio. Todos os alunos deixaram a sala, exceto Kylie. Ela esperou que o homem reparasse nela, mas ele ficou sentado em sua mesa, a cabeça baixa, os olhos pregados em seus papéis.

Ela se aproximou da mesa dele até ficar à sua frente. Mesmo assim ele não olhou para cima. Tudo bem... era estranho. Ela também era tímida, mas aquilo já era demais! Era o tipo de timidez que exigia medicação!

— Olá! — cumprimentou Kylie.

Ele suspirou como se estivesse contrariado, mas olhou para ela.

— Posso ajudá-la?

Emoções fluíam dele — era muito mais do que uma simples timidez. Era quase medo, mesclado com frustração.

— Eu queria lhe dar as boas-vindas a Shadow Falls. Pode ser difícil...

— Eu... eu preciso de prática. — Ele desviou os olhos. — Vou melhorar.

— Eu não ia fazer nenhuma crítica. — Ela compreendia como ele se sentia, sabendo que não achava que tinha ido muito bem no seu primeiro dia de aula. — A prática faz a perfeição, minha avó sempre dizia.

Ele olhou para ela.

— Você a vê?

— Quem? — Kylie perguntou.

— A sua avó. Ela não morreu? Eu ouvi dizer que você tem o dom de falar com os mortos.

A pergunta pegou Kylie de surpresa.

— Sim. Quer dizer, ela morreu faz quatro meses, mas eu não falei com ela.

— Mas você fala com os outros, não fala? Os mortos?

Kylie assentiu.

— Sim. — Sem conseguir decifrar suas emoções no momento, ela acrescentou: — Eu sei que isso parece bizarro.

— Nem um pouco. Eu adoraria fazer algumas perguntas aos mortos.

Kylie tentou digerir o que o professor tinha dito.

Ele desviou os olhos.

— Quero dizer... por causa do meu gosto pela história. Não seria incrível poder conversar com aqueles que viveram antes de nós?

— Isso faz sentido — concordou Kylie. E de fato fazia, mas ainda assim era estranho. A maioria dos sobrenaturais não apreciaria falar com os mortos, nem mesmo por amor à história. Ela olhou para a porta. — Preciso ir, não posso me atrasar.

Enquanto Kylie saía da sala, ela sentiu o olhar do professor sobre ela. Tudo bem, Collin Warren era ainda mais estranho do que imaginara. Ela realmente esperava que Holiday soubesse o que estava fazendo quando o contratou.

Kylie tinha acabado de deixar a cabana e se posto a caminho da próxima aula quando o telefone tocou. Ao verificar o número, uma onda de nostalgia a percorreu.

— Eu ia te ligar — disse Kylie, com um suspiro.

— O primeiro dia de aula parece estranho sem você aqui — lamentou Sara.

— Eu sei — Kylie mordeu o lábio.

— Como vão as coisas? — perguntou Sara. — Ainda tem dois carinhas muito gatos atrás de você?

— Eu praticamente me decidi por um deles.

— Derek!

— Não — Kylie corrigiu. — Lucas.

— Humm, por alguma razão, eu achei que fosse Derek, mas Lucas é gostosão também.

*Por que ela pensou que fosse Derek?*

— Como você vai? — perguntou Kylie, concluindo que era melhor nem saber a resposta de Sara para a pergunta que ela fizera mentalmente.

— Ainda sem câncer — disse Sara, com praticidade. — Como você deve saber.

Kylie ignorou o comentário.

— Fico feliz.

— Quando você vai voltar pra casa?

— Acho que daqui a umas duas ou três semanas, no fim de semana com os pais. — Se ela ainda não estivesse exibindo proezas, como brilhar e ficar invisível, ela iria.

— Ótimo, porque eu preciso de um tratamento estilo Kylie. Ai, não... a campainha! Tenho que correr. Ligo pra você daqui uma semana, mais ou menos.

Uma semana? Não muito tempo antes elas não passava nem um dia sem se falar.

Kylie tentou afastar a melancolia que se abateu sobre ela ao pensar em quanto a sua vida tinha mudado. Então, colocando o celular no bolso, correu para a aula. Pensar que ela estaria com Hayden Yates fez com que um calafrio de pavor percorresse a sua espinha.

No segundo em que entrou pela porta da sala de Hayden Yates, Kylie constatou que as vibrações esquisitíssimas de Collin Warren não eram nem de longe tão perturbadoras quanto as de Yates.

O homem nem sequer olhou para Kylie, mas de algum modo ela percebeu que ele estava de olho nela — que ele não só sabia que a garota estava parada na porta como esperava por ela.

A pergunta que dava voltas na sua cabeça ficou mais premente ainda. Ele estava por trás da morte de Hannah e das outras garotas? Se estava, ele sabia que Kylie suspeitava dele?

Ao percorrer a sala, Kylie notou que todo mundo já estava em seus lugares. Só restava uma carteira vazia. Ela sentiu o estômago revirar.

Fredericka estava sentada bem atrás da carteira vazia. A garota sorriu, ou melhor, abriu um sorrisinho sarcástico.

Não tinha ocorrido a Kylie que ela teria que enfrentar a loba em suas aulas. Tentando não olhar para Fredericka, Kylie foi até a carteira e se sentou.

Quando se acomodou, ela ouviu a loba dizer:

— Ah, cara, temos iluminação extra agora que o pirilampo chegou!

Kylie cerrou os dentes e olhou para o livro sobre a carteira.

— Vaca! — Della murmurou do outro lado da sala.

Kylie, de repente zangada consigo mesmo por deixar que Della enfrentasse a outra, virou-se

na carteira e encarou a rival.

— Além de brilhar, descobri que tenho outros talentos. Um deles você vai adorar: provoco sarna em lobas que bancam a engraçadinha. Especialmente aquelas que ainda fedem a gambá.

Risadinhas escaparam dos lábios de vários alunos ao redor delas. Fredericka levantou-se da carteira numa atitude defensiva, os olhos adquirindo um tom alaranjado de irritação.

Ao ver a fúria nos olhos intimidadores da loba, Kylie se perguntou se não teria sido melhor ficar de boca fechada. Sem dúvida alguma ela iria ser espicaçada pela outra. E no primeiro dia de aula. Seria ou não um dia memorável?

# Capítulo Trinta e Três

— Sentem-se! — A ordem do senhor Yates ecoou pela sala. — Podem se matar outra hora, não na minha aula.

Kylie voltou a se virar para a frente, surpresa ao ver que o professor suspeito não tinha deixado a loba levar vantagem sobre ela.

A tensão no ar ainda era palpável quando ele começou a aula. Olhando para a frente, Kylie se perguntava se Fredericka não furaria suas costas com um lápis.

Mas nada aconteceu. O senhor Yates começou a explicar que a adrenalina podia aumentar a força dos seres humanos e que isso, em parte, explicava como os sobrenaturais adquiriam seus poderes. Suas habilidades como professor estavam acima da média, e ele mantinha todos os alunos atentos às suas palavras. Até Kylie descobriu que era difícil não prestar atenção à aula. No entanto, os instintos dela lhe diziam que ele não estava ali para ensinar. E, considerando o aviso de Hannah de que o assassino estava por perto, Kylie não se permitiu baixar a guarda.

Sua necessidade de se manter atenta atingiu o auge quando a aula terminou e ela, a meio caminho da porta, ouviu-o limpar a garganta.

— Kylie, você tem alguns minutos?

Kylie congelou, ainda de costas para ele. Della, que também suspeitava do professor, aproximou-se de Kylie e sussurrou:

— Vou ficar na porta, te esperando.

Apertando seus livros contra o peito e lembrando-se de que o homem de mais de um metro e oitenta de altura podia ser um assassino serial, ela voltou a entrar na sala com cautela.

— Algum problema? — A imagem das três garotas mortas, seus corpos se decompondo na cova, surgiu na sua tela mental. Que tipo de facínora faria aquilo?

— Não... bem, sim. Como protetora, você não deveria arranjar briga com uma loba.

— Foi ela que começou — disse Kylie, percebendo quanto seu comentário parecia infantil.

Mas aquele homem lhe dava arrepios e trazia à tona o pior que existia dentro dela.

A preocupação dele era "tocante", mas ela suspeitava que havia alguma coisa por trás.

— É só isso?

— Sinto que nós começamos com o pé esquerdo. — Sinceridade, uma boa dose dela, fluía dele, mas Yates não convenceu Kylie nem por um segundo. Se uma pessoa cruel e sem consciência podia mentir para um vampiro, também podia simular emoções.

Ele continuou:

— Eu gostaria que você confiasse em mim.

Será que ele tinha falado a mesma coisa para Hannah e as outras garotas? Será que tinha feito com que confiassem nele e depois as estrangulara até a morte? Kylie podia jurar que ele tinha olhado para a garganta dela.

Um calafrio transpassou sua espinha. Ela ouviu o barulho dos outros campistas deixando o prédio. Della ainda estaria do outro lado da porta? Se ela gritasse, a amiga conseguiria socorrê-la a tempo?

— Eu não sou de confiar fácil nas pessoas — disse Kylie.

— Eu tive mesmo essa impressão. — Ele deu um passo na direção dela.

Kylie deu um passo para trás, a presença dele fazendo-a prender a respiração.

— Sabe o que mais eu não costumo fazer? — O coração da garota martelava de medo, mas ela lutou para não demonstrar.

Ele entrelaçou os dedos. Ela não conseguiu deixar de pensar se ele se lembrava de como se sentira ao usar as mãos para matar.

— O quê? — ele perguntou.

— Deixar que machuquem alguém que eu amo. — Kylie apurou os ouvidos e percebeu que nenhum som vinha do corredor. O único barulho que ecoava nas paredes recém-pintadas era o assobio do ventilador de teto.

Della teria ido embora?

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Do que você está me acusando?

— O que você fez? — Kylie encheu os pulmões de ar e prendeu a respiração.

— Nada.

*Mentiroso!* Ela podia sentir, senti-lo escondendo a verdade.

— Como eu disse, não sou de confiar fácil. — Ela virou as costas e, a cada passo, esperou que ele a agarrasse por trás, apertasse as mãos em torno do seu pescoço, tirando a vida dela como tinha feito com as outras.

Três dias depois, após ter de enfrentar outra aula de Hayden Yates e incapaz de pensar em nada que não fosse a ameaça que esse homem representava para Holiday, Kylie seguiu às pressas para o escritório. Burnett e Holiday estavam discutindo de novo; ela ouviu tudo o que

falavam antes de chegar à varanda, mas não se importou.

Bem, na verdade ela se importava, só não o suficiente para aquietar o alarme que soava dentro dela. Hayden Yates estava escondendo alguma coisa. E provavelmente era um assassinato. E até que Kylie pudesse convencer Burnett e Holiday disso, a vida de Holiday corria perigo.

Entrando sem bater no escritório da líder do acampamento, Kylie bateu a porta atrás de si.

— Eu não gosto dele!

— Nem eu! — rosnou Burnett.

Holiday desviou os olhos de Kylie e olhou para Burnett.

— Vocês dois não estão nem falando da mesma pessoa.

Kylie olhou para Holiday, em busca de uma explicação. Exigindo uma explicação.

— Blake se ofereceu para ajudar na investigação do desaparecimento de Hannah. Ele foi a última pessoa que a viu viva, por isso acho que devemos aceitar a ajuda dele.

— Um suspeito ajudando na investigação; isso faz tanto sentido quanto fritar sorvete.

Holiday apoiou os cotovelos sobre a escrivaninha.

— Você não conseguiu encontrar nada que prove que ele é culpado.

— Ele dormiu com a sua irmã! — Burnett gritou.

— Culpado de cometer assassinato, não de não ter caráter!

— E eu estou dizendo a vocês — insistiu Kylie. — Hayden é culpado.

— Não há provas — disseram ao mesmo tempo.

— Ele não demonstra suas emoções. Toda vez que abre a boca para falar alguma coisa, só fala meias verdades. Eu sinto isso.

Burnett balançou a cabeça.

— Eu investiguei a vida dele tão a fundo que posso praticamente dizer que dia deixou de usar fraldas.

A cadeira de Holiday rangeu.

— Kylie, se Hayden quisesse me ferir, ele já teria tido muitas oportunidades. Eu o entrevistei pela primeira vez quando estava fora de Shadow Falls, cuidando do enterro da minha tia. Éramos só nós dois.

Kylie franziu a testa.

— Não importa. Eu ainda...

— Vocês dois estão errados — Holiday insistiu. — Blake não matou Hannah, nem Hayden. E, se continuarem tão obcecados com eles, nunca encontraremos o assassino. E talvez nunca encontremos os corpos de Hannah e das duas garotas.

Os olhos de Burnett brilharam e Kylie pôde ler a sua mente. A preocupação dele não era encontrar os corpos; era proteger Holiday. O aviso de Hannah parecia iminente e Burnett sentia isso também.

— Onde, diabos, está Hannah quando precisamos dela? — Burnett lamentou, com rispidez.

Ele olhou para Kylie. — Você não a tem visto nem sentido? Nada?

Kylie deixou-se cair no sofá.

— A última vez foi quando ela viu Blake aqui no escritório.

— Estão vendo? — esbravejou Burnett. — Ela provavelmente descobriu que pegamos o desgraçado.

— Eu não acho. — Kylie quase temia discordar de Burnett quando ele estava nesse estado de ânimo, mas lhe parecia crucial convencê-los com seus argumentos. — Ela não parecia achar que estava tudo resolvido quando se foi.

Ele cruzou os braços sobre o peito largo.

— Será que não podemos ter uma sessão espírita? Dar as mãos e evocar Hannah?

— Uma sessão espírita? — Holiday revirou os olhos. — Você tem muito que aprender sobre espíritos.

— Eu não estou nem um pouco preocupado em aprender sobre espíritos. Só quero que Hannah apareça e me diga de uma vez por todas quem ela acha que quer ferir você.

Na sexta pela manhã, Kylie tinha se esquivado do café da manhã e fugido da Hora do Encontro. Ela quase chegou atrasada para a aula de inglês.

Obviamente, Burnett não era o único que precisava aprender sobre os espíritos. Kylie também não sabia o suficiente, pois, embora tivesse sentido a presença de Hannah nos últimos dias, e outra vez pela manhã, o espírito não se manifestou. Kylie tentou atraí-la da maneira como Holiday a aconselhara. Não adiantou. Ela chegou a implorar. Nada.

Sentada na sua carteira, ela apalpou o bolso da calça para ter certeza de que trouxera o celular. A leve protuberância em seu bolso a tranquilizou. Talvez ela estivesse sonhando, mas esperava que Lucas ligasse ou pelo menos lhe mandasse uma mensagem. Mas até o momento, nada. Isso a magoava.

Na frente da sala, a senhorita Kane começou a falar sobre escritores famosos e os livros que os alunos deveriam ler nas primeiras seis semanas. Quem sabe Jane Austen e tantos outros fossem sobrenaturais? Kylie com certeza não sabia.

Intrigada com a conversa, Kylie mal notou o barulho quando ele começou. Era só uma batidinha leve, com se alguém estivesse do outro lado de uma porta, querendo entrar. A batidinha foi ficando mais alta. Confusa, ela olhou ao redor e, estranhamente, ninguém mais parecia estar ouvindo nada.

Sentindo uma estranha vibração, ela olhou para a frente outra vez. Quando o barulho ficou mais alto, um leve movimento à direita da professora chamou a atenção de Kylie. A porta de uma dispensa atrás da senhorita Kane sacudiu nas dobradiças, revelando de onde vinha o barulho.

Olhando para a direita e para a esquerda, ela rezou para ver alguém, qualquer pessoa, percebendo como ela a óbvia interrupção.

Nada.

Então o frio típico dos fantasmas arrepiou os pelos dos braços de Kylie. Uma nuvem de vapor flutuou de seus lábios, prejudicando a sua visão. A senhorita Kane disse algo, mas Kylie não conseguiu ouvir sobre o barulho ensurdecedor.

— Kylie? Kylie? — Alguém chamou seu nome.

— O quê? — Kylie não conseguia pensar.

Forçando-se a olhar para a frente, Kylie viu a professora olhando para ela como se esperasse uma resposta. Kylie tentou falar, mas só conseguiu balbuciar algo, sem que nem uma palavra inteligível deixasse seus lábios trêmulos. Então ela viu. Vapor, muito vapor, esgueirando-se de debaixo da porta da dispensa.

Droga! Droga! Aquela não era uma visita normal de um espírito. Era mais como o início de uma visão.

Aquele pensamento fez com que a sua pele arrepiada se enchesse de brotoejas. Não porque as visões a enchessem de pavor, mas porque elas geralmente acabavam com Kylie inconsciente ou, pior do que isso, balbuciando coisas sem sentido.

Não aqui!, implorou Kylie. Não na frente de 25 campistas. Ela sentiu um toque gelado no ombro. Olhou para trás. Uma mulher, a pele pálida acinzentada, com escuros círculos sob os olhos no mesmo tom, fitava Kylie.

— *Ela precisa ver você*. — O espírito usava uma camisola branca e seus longos cabelos castanhos caíam soltos sobre os ombros. A mulher levantou uma mão e apontou para a porta da dispensa, na frente da classe.

— Quem é você? — Kylie perguntou, notando que tinha se esquecido de falar apenas mentalmente.

Todos os alunos estavam agora com os olhos colados nela. Kylie mal conseguia coordenar os pensamentos. E estava tão frio! Seus membros estavam até entorpecidos.

— Quem está aí? — ela perguntou.

A distância, como o ruído de estática, Kylie ouviu os outros falando. Outra pessoa a chamou pelo nome, talvez Della, e então ela pensou ouvir Derek, mas nada do que ela ouvia, ou sentia, parecia normal.

— *Ela precisa falar com você*.

De repente, percebendo que poderia ser Hannah atrás da porta, Kylie obrigou-se a ficar de pé e andar até a dispensa. Mesmo determinada, ela detestava ter que fazer isso na frente de todo mundo. Mas que escolha ela tinha? Seus joelhos vacilaram quando ela se aproximou da porta.

Ela viu a senhorita Kane atrás dela, do outro lado da sala, o medo tornando sua pele mais pálida.

Kylie entendia perfeitamente. Ela também estava morta de medo.

Ela estendeu a mão na direção da maçaneta. Antes de tocá-la, um punho atravessou a

madeira da porta. A mão de um esqueleto agarrou a frente da camiseta de Kylie e puxou-a através da porta destruída da dispensa. E, no entanto, não era mais uma dispensa.

O lugar sombrio e abafado cheirava a terra, mato e morte.

Kylie gritou. Forte. Alto.

— Kylie? Kylie? — As vozes ecoaram a distância e depois desapareceram. Agora, o único som que ela ouvia além dos próprios gritos era o tinir de metal batendo contra metal.

Ela estava deitada de costas no chão. Grãos de terra caíam em sua face, vindos de cima. Ela queria limpar o rosto, mas os braços estavam presos na lateral do corpo. Mesmo antes de abrir os olhos, ela sabia onde estava.

Na cova — ela estava na cova com Hannah e as outras garotas.

E alguma coisa lhe dizia que ela talvez nunca conseguisse sair dali.

# Capítulo Trinta e Quatro

Enterrada viva.

O pânico tomou conta da mente de Kylie e comprimiu o seu peito com as suas garras. Ao abrir os olhos, ela só viu escuridão, mas sentiu mais grãos de terra caindo sobre ela. Ela piscou e sentiu terra sobre as pálpebras.

— *Por favor, eu não quero ficar aqui*! — ela gritou na sua mente. Seus olhos se acostumaram à escuridão e as lágrimas entupiram seu nariz, mas ajudaram a limpar a terra dos olhos.

Ela tentou respirar, mas a boca não abria; algo a mantinha fechada. Seus pulmões exigiam oxigênio, então ela inspirou o ar pelo nariz. A garganta se fechou ao sentir o cheiro, cheiro de morte e um aroma acentuado de ervas. Ela se forçou a virar a cabeça para confirmar o que já suspeitava: essa visão a colocara deitada dentro de uma cova.

Ela viu uma longa mecha de cabelo vermelho ao lado do seu rosto. Como acontecera em outras visões, ela era o espírito. Ela era Hannah — mas, ao contrário da mulher cujo corpo ela encarnava, Kylie respirava. O pensamento de que estava no corpo de um cadáver causou-lhe outra onda de náusea. E mais uma a acompanhou quando ela viu um enorme besouro preto passar sobre os seus cílios. Suas pernas peludas atravessaram a sua bochecha e o inseto enfiou a cabeça na sua narina esquerda.

Ela começou a resfolegar e lutar para se libertar, mas foi inútil.

Ao virar a cabeça um pouco mais para a direita, viu o rosto de Cindy Shaffer. Um grito se formou na sua garganta, mas ele morreu na sua boca, que ainda estava tampada. Seu coração martelou no peito diante dessa visão. A pele do rosto da garota pendia solta, expondo o osso da mandíbula. Mas a boca estava coberta com fita adesiva. Ao olhar para baixo, Kylie viu a mesma fita. E o corpo em decomposição que ela encarnava estava preso com correntes. Será que isso simbolizava alguma coisa? Ou o assassino realmente tinha feito aquilo?

Outro barulho de metal veio de cima. O olhar de Kylie voou na direção do barulho. Ela viu uma enorme barra de metal sendo cravada entre as ripas de madeira, que pareciam ser de um

assoalho apodrecido. O pedaço de ferro passou por ela e sua superfície fria roçou no seu antebraço, preso na lateral. Uma das extremidades da barra tinha algum tipo de ornamento, uma cruz. Kylie reconheceu o emblema, igual ao que havia na grade e no portão enferrujados do cemitério.

Passos soaram no assoalho acima dela, como se alguém estivesse se afastando, mas então voltaram a se aproximar, e outro pedaço de ferro enferrujado foi forçado através do buraco. Dessa vez, Kylie viu a mão da pessoa empurrando o ferro para dentro. Quando o braço passou quase em frente ao seu rosto, a manga da camisa se levantou ligeiramente, expondo a pulseira prateada de um relógio.

*O que eu preciso deduzir a partir disso?* Kylie perguntou-se mentalmente, e olhou para a garota morta ao seu lado. Outra onda de pânico encheu seus pulmões quando uma cobra de mais de meio metro de comprimento deslizou sobre o seu peito, em direção à sua cabeça. A sensação fria e úmida dos músculos da barriga do réptil atravessando a sua bochecha fez com que um grito ficasse represado em sua garganta.

Ela tinha que sair dali!

— Está tudo bem. — A voz calma de Holiday fez com que os olhos de Kylie se abrissem no mesmo instante. Ela deu uma rápida olhada em volta. Estava no escritório de Holiday. Mas como viera parar ali...?

A visão passou pela sua cabeça como um filme de terror em ritmo acelerado. O pânico voltou a tomar conta dela. Ela se sentou e se levantou do sofá num salto, espanando com as mãos os braços, as pernas e o rosto, na esperança de espantar a sensação de morte e de criaturas subterrâneas deslizando pelo seu corpo.

— Está tudo bem — Holiday repetiu.

Não, não estava. Ela tinha se visto morta e havia uma cobra rastejando sobre o seu rosto e um inseto brincando de esconde-esconde dentro do seu nariz. Isso significava que não estava tudo bem.

Kylie respirou fundo, depois se curvou para a frente e vomitou — uma vez e depois de novo. Vomitou sobre os sapatos pretos de alguém.

— Ah, merda! — praguejou uma voz grave.

Kylie reconheceu a voz e os sapatos.

Ela olhou para cima, viu uma expressão de nojo no rosto do vampiro durão e começou a se desculpar, mas de repente vomitou de novo. Ela não acertou os sapatos de Burnett dessa vez, mas atingiu em cheio a frente da camisa dele.

— Mas que porr... — ele murmurou, deixando a palavra pela metade.

Holiday passou o braço pelos ombros de Kylie.

— Respire. Só respire. Vai ficar tudo bem.

Ela guiou Kylie de volta para o sofá. Burnett, com os braços afastados da frente da camisa,

passou a Holiday um pano úmido, que a líder do acampamento colocou sobre a testa de Kylie.

A garota pegou-o e secou a boca, e então olhou para Burnett.

— Acho que você precisa mais disso do que eu. — Lágrimas toldavam os seus olhos e todo o seu corpo tremia. — Desculpe.

Ele olhou para a própria camisa e de novo para Kylie.

— Não esquente.

Kylie olhou para Holiday, sentindo uma sensação de calma fluindo do seu abraço, e tentou se lembrar exatamente do que tinha acontecido. Como ela tinha chegado ali... sua memória começou a encaixar as peças, uma por vez.

No entanto, só precisou de algumas delas para começar a entrar em pânico outra vez.

— Por favor, me diga que eu não surtei na aula de inglês.

O olhar de Holiday se encheu de compaixão.

— Não é culpa sua. E Della trouxe você até aqui tão logo a tirou da dispensa.

Kylie se recostou no sofá e começou a desejar que pudesse desaparecer, mas parou antes que seu desejo se realizasse de fato.

— Eu odeio isso! Realmente odeio!

Kylie olhou para o teto. Burnett deixou a sala, mas voltou em tempo recorde, vestindo outra camisa. Obviamente ele não deixava um par de sapatos extra no escritório, pois agora só usava meias.

Depois de alguns minutos, Holiday perguntou a Kylie?

— Você pode falar sobre o que aconteceu?

— Eu era Hannah. Mas... A maioria das vezes que eu tenho esse tipo de visão e sou o espírito, o espírito não está morto e... na cova com insetos e cobras. — Kylie soltou o ar dos pulmões com um tremor.

— Hannah está tentando mostrar algo a você. É disso que se tratam as visões — disse Holiday. — Conte o que aconteceu.

Kylie engoliu um nó apertado na garganta.

— Eu não sei o que ela queria me mostrar. Estávamos na cova. Havia cobras e insetos. Eu vi um monte deles. — Ela passou a mão no rosto, lembrando-se da cobra deslizando por sua bochecha.

— Me conte tudo — Holiday pediu. — Tudo.

Kylie começou seu relato, desde os passos sobre as tábuas apodrecidas do assoalho acima dela, até o cheiro de mato e as barras de ferro que pareciam vir do cemitério. Quando Kylie acabou, o semblante de Holiday estava pálido.

— O que foi? — perguntou Burnett, sem deixar de reparar na expressão do rosto dela.

— Alguém sabe que Hannah está tentando se comunicar.

— Como você sabe? — perguntou Kylie.

— A fita adesiva na boca das garotas e as correntes. Você disse que sentiu cheiro de mato e que viu alguém cravando barras de ferro do cemitério. No passado, elas eram chamadas de "ferro frio". É basicamente ferro, mas benzido por wiccanos praticantes. Isso costumava impedir que os mortos saíssem das sepulturas e... as ervas, várias são usadas para silenciar os espíritos. Isso é o que ela estava tentando dizer a você. Que alguém está tentando impedi-la de se comunicar conosco.

— E Blake sabe que você fala com fantasmas — acrescentou Burnett. — É lógico que Hannah procuraria você.

— Mas, se for esse o caso, por que somente agora ele está tentando silenciá-la? Ele poderia ter feito isso desde o início.

— Ela está certa — disse Kylie. — É alguém daqui. Hannah nos disse isso. E desculpe por ficar repetindo isso como um papagaio, mas Hayden Yates certamente ouviu alguém dizer que eu converso com fantasmas. *Todo mundo* aqui sabe disso. — E, se não ouviu, o que aconteceu hoje bastou para que ele descobrisse.

Holiday torceu o cabelo com as mãos e depois encontrou o olhar de Kylie.

— Eu não quero suspeitar de ninguém daqui — ela disse, e depois olhou para Burnett. — Mas Kylie tem razão. Pode ser alguém de Shadow Falls. E, se o ferro era do cemitério de Fallen, então o corpo de Hannah e das outras está aqui por perto.

— Muito bem — grunhiu Burnett. — Eu vou voltar e verificar todos os bancos de dados da UPF para ver se encontro algo sobre Hayden Yates. Até lá, não deixe esse homem chegar perto de você.

— Eu ainda não acho que seja Hayden — teimou Holiday.

— E eu ainda acho que é — discordou Kylie.

— Quem mais poderia ser? — Burnett perguntou.

— Um dos novos alunos ou professores — disse Holiday —, mas...

— A maioria dos assassinos seriais são homens. E eu não acredito que um adolescente seja capaz de fazer isso.

— E Hannah vive chamando o assassino de "ele" — lembrou Kylie.

Burnett bufou.

— Eu não acredito que Collin Warren consiga olhar para uma pessoa por tempo suficiente para matá-la.

— Mas ele é estranho — disse Kylie. No entanto, os seus instintos lhe diziam que Hayden Yates não era flor que se cheirasse.

— Ser extremamente tímido não faz de ninguém um assassino — Holiday observou. — Só faz dessa pessoa alguém antissocial.

Burnett balançou a cabeça.

— Mas só para ter certeza, vou fazer algumas investigações sobre ele também. Você fique longe dos dois.

Holiday revirou os olhos.

— Como eu vou dirigir esta escola sem falar com nenhum dos professores?

— Eu poderia deixar você trancada na minha cabana — ameaçou Burnett.

— Bem que você gostaria... — brincou Holiday.

Os olhos de Burnett brilharam e um leve sorriso ergueu ligeiramente os cantos de seus lábios.

— Pode apostar.

Kylie sorriu por um segundo também, captando a mensagem implícita de Burnett. Depois, por alguma razão, Kylie pensou em Lucas e começou a sentir falta dele, desejando que estivesse ali para ajudá-la a lidar com tudo aquilo. *Nunca se apaixone, princesa. Machuca demais*.

As palavras do padrasto ecoaram na cabeça de Kylie e nesse mesmo instante ela soube: amava Lucas.

Como se a epifania desse um novo estímulo ao coração e à mente de Kylie, ela de repente se lembrou do momento em que estava na dispensa da classe da senhorita Kane, gritando a plenos pulmões. Fechou os olhos, sentindo o constrangimento tomar conta dela. Se algum campista ainda não tinha certeza de que ela era uma aberração, agora não restava mais nenhuma dúvida.

Kylie sentiu Holiday pousar a mão delicada em sua cintura, como se sentisse a sua angústia. Seu toque não surtiu muito efeito dessa vez. Kylie estava apaixonada por Lucas, um garoto que não podia nem ser visto em público com ela, e ela tinha feito um papel ridículo diante de todo mundo, graças a uma das suas visões fantasmagóricas.

— Burnett — Holiday falou suavemente —, por que não vai arranjar outro par de sapatos e me dá um minutinho a sós com Kylie.

O fato de ficar sozinha com Holiday fez com que Kylie se permitisse desabar e cair no choro. Ela encostou a cabeça no ombro da líder do acampamento e começou a soluçar.

Holiday abraçou-a tão forte que Kylie chorou ainda mais. Depois de alguns minutos, falou:

— Eu lamento tanto! Hannah não devia ter te procurado. Você é muito jovem para lidar com uma coisa dessas.

As palavras de Holiday puseram um ponto final na autopiedade de Kylie.

Ela se afastou do ombro da amiga.

— Não. Quero dizer, claro, é difícil, mas isso é o que eu faço. Eu faria isso por um estranho. E farei pela sua irmã quantas vezes for necessário. — *E se isso significasse impedir que alguém machucasse Holiday, faria mais vezes ainda.*

Kylie secou as lágrimas e suspeitou de que estava com o rosto vermelho e inchado. Não que isso a incomodasse. Ela estava com Holiday. Sua mentora, sua irmã mais velha. Sua amiga.

— Além disso — acrescentou Kylie —, não é só por causa da visão. É por causa de Lucas. Eu acho que o amo. Não, eu tenho certeza disso. Ah, droga! Eu estou apaixonada por um garoto que não pode me amar.

Holiday acariciou a bochecha de Kylie.

— Ei, espere aí. Ele talvez não deva se apaixonar por você, mas isso não significa que não possa se apaixonar ou que já não esteja apaixonado.

Kylie deu um profundo suspiro, tentando não cair no choro outra vez.

— Ele não disse que me ama. Quero dizer, eu também não disse, mas... Derek disse que me ama. E... — Ela fechou os olhos, tentando descobrir como colocar aquilo em palavras. — E às vezes fico confusa sobre o que eu sinto por ele, mas neste momento, vendo o que você e Burnett vivem juntos, ou o que vocês poderiam viver, eu percebi que quero isso também. Estou cansada de esconder o que sinto e ter medo disso.

As lágrimas que Kylie reprimia afloraram nos olhos de Holiday.

— O amor sempre assusta.

Kylie sentia as emoções de Holiday se misturando às suas próprias.

— Não deveria assustar — disse Kylie. — Burnett ama você. Até eu posso ver. E eu sei que você o ama. Não perca algo tão maravilhoso porque está assustada.

— Eu só preciso de um tempo — explicou Holiday.

— Tempo que talvez a gente não tenha. A vida é frágil. Veja Hannah, Cindy e a outra garota. Elas não têm mais oportunidade de amar. Nós temos essa chance e não estamos aproveitando. Eu devia ter contado a Lucas o que sinto. Eu devia tê-lo obrigado a ser sincero comigo sobre o que está acontecendo com ele. Você devia falar para Burnett o que sente.

Holiday mordeu o lábio inferior.

— Achei que eu era a conselheira aqui.

— Você é, mas, bem, a coisa se inverteu — disse Kylie. *As coisas mudam*. Kylie só esperava que, se tudo mudasse na sua vida, pelo menos Shadow Falls permanecesse. O pensamento de perder Holiday e todos ali, até os que considerava meio malucos, era demais para ela. Eles eram a sua família.

Naquela noite, Kylie tentou provocar um sonho lúcido com Lucas, mas não funcionou. Ela mandou uma mensagem para ele, depois telefonou e até enviou um e-mail. Nenhuma resposta. Então, às duas da manhã, enquanto ela olhava para o teto, o telefone tocou. Kylie agarrou o aparelho sem se incomodar em olhar o identificador de chamadas.

— Lucas? — disse ao mesmo tempo que acendeu a lâmpada do abajur. O frio no quarto chegou mais rápido que a luz.

— Desculpe — disse a voz do outro lado da linha. — Sou só eu.

Kylie estremeceu e depois franziu a testa quando reconheceu a voz.

— Eu só tentei...

— Tudo bem — disse Derek, mas seu tom de voz revelava que não estava tudo bem. — Eu

simplesmente acordei e senti a sua preocupação. Tentei te ligar mais cedo para ver como você ficou depois da visão, mas você não atendeu nem ligou de volta.

Kylie puxou as cobertas até o pescoço. O espírito ao lado da cama se desvaneceu, mas, antes de desaparecer completamente, Kylie reconheceu a mesma mulher que a procurara antes. Lembrando quem estava do outro lado da linha, o peito de Kylie se encheu de emoção.

— Eu... É loucura. — Ela sabia que ele tinha ligado. Só não queria falar com ele por causa da tempestade emocional que sentia com relação a Lucas. Não era justo com Derek, porque, embora ela não estivesse fazendo nada errado, ela sabia que a amizade entre eles dava a Derek esperança de que ela mudasse de ideia, e ela não achava que isso fosse acontecer.

— Você está mais distante... — ele se queixou.

— Derek, é que...

— Kylie, você não precisa se explicar. Eu sei. — Ele fez uma pausa. — Tudo bem. Algum dia eu vou conseguir dizer isso numa boa, de coração aberto.

— Você é um cara especial — disse Kylie, triste por ele.

— Eu sei — ele disse, com uma risadinha. — E é por isso que não estou desistindo de uma vez por todas. Mas estou me esforçando para isso. Só liguei para saber de você.

— Eu estou bem.

— Então, boa noite. — O sentimento de rejeição era evidente na voz dele.

— Derek, eu realmente...

— Apenas diga boa-noite, Kylie.

— Boa noite — ela sussurrou, e nada a deixou mais triste do que o silêncio do outro lado da linha, quando ele desligou.

Colocando o celular na mesinha de cabeceira, Kylie olhou em volta. O frio vindo do espírito tinha diminuído, mas ela tinha a sensação de que ele ainda estava por perto.

— Quem é você? — perguntou Kylie.

A mulher não respondeu. E por que deveria? Os fantasmas nunca facilitavam as coisas.

Mas por acaso os vivos facilitavam?

— Kylie! Kylie! — A voz arrancou-a de um sono profundo, antes do nascer do sol, na manhã seguinte. Ela se sentou na cama, calafrios percorrendo seu corpo como aranhas. Sem nem mesmo saber por que, seu sangue borbulhou com a necessidade que sentia de oferecer proteção. De proteger alguém.

Ainda sonolenta, ela tirou o cabelo do rosto e ficou de pé no meio do quarto, com a respiração um pouco ofegante. Seu pulso estava acelerado e o pânico crescia em seu peito, pressionando seus pulmões. Alguma coisa estava acontecendo. Ela podia sentir.

Alguém precisava dela. Alguém precisava da sua proteção.

Mas quem?

Sua mente dava voltas enquanto ela tentava entender o que estava sentindo. Então Kylie se

lembrou da voz. Ela a repetiu mentalmente, várias e várias vezes, até finalmente reconhecê-la.

— Oh, não! — ela agarrou a calça jeans e uma camiseta.

Holiday estava em apuros.

# Capítulo Trinta e Cinco

Um pouco antes de Kylie sair do quarto, ela consultou o relógio ao lado da cama. Cinco da manhã. Holiday já deveria estar no escritório.

Kylie disparou para o quarto de Della, mas a garota não estava lá. Provavelmente estava em alguma cerimônia matinal de vampiros. Kylie não esperou mais nem um segundo; irrompeu para fora da cabana e voou como o vento na direção do escritório. O único peso que sentia era no coração, como se ele soubesse que a situação de Holiday era grave. Realmente grave.

Quando Kylie chegou à cabana, deparou-se com a porta escancarada. Não era um bom sinal. O pior era que havia vidro estilhaçado no assoalho úmido da entrada. A alça quebrada do bule de café estava no canto do cômodo, outro sinal de que havia ocorrido uma luta ali.

— Onde você está, Holiday? — A voz dela tremia. Lágrimas toldaram seus olhos e ela tentou pensar.

Burnett. Ela precisava entrar em contato com ele.

Estendeu a mão para pegar o celular no bolso, quando percebeu que o aparelho não estava ali. Correu para a sala de Holiday. O cômodo parecia intacto. A pessoa que levara a líder do acampamento a tinha surpreendido na entrada. Ele provavelmente esperara até ela chegar pela manhã, ou talvez tivesse entrado na cabana enquanto Holiday fazia café.

Com as mãos tremendo, Kylie pegou o telefone do escritório. Ela não se lembrava do número de Burnett. Seria mais rápido ir até a cabana dele do que procurar seu número.

Ela disparou na direção da cabana de Burnett, os pés mal tocando o chão. Não sabia se tinha se transformado em vampiro ou se tinha mais força quando seu lado protetora entrava em ação. Não importava. Só havia uma coisa importante, um pensamento ecoou na sua mente. Salvar Holiday. Ela tinha que salvar Holiday.

Ao chegar à cabana de Burnett, nem bateu na porta. Gritou o nome dele quando entrou, mas não obteve nenhuma resposta. Nada.

Ela o procurou no quarto. A cama estava vazia.

Lembrando-se do ritual dos vampiros, ela disparou para fora da cabana. Della havia comentado uma vez onde eles realizavam o ritual. Ela correu pelos bosques, sem se importar com a promessa de nunca interferir num ritual de vampiros. Se ela arranjasse problemas, enquanto estava no modo protetora, podia chutar alguns traseiros e fazer perguntas depois.

Kylie atravessou uma fileira de árvores e entrou numa clareira. O vento uivava enquanto ela corria. Fazendo uma parada abrupta, ela se viu rodeada por cerca de meia dúzia de vampiros zangados, os olhos brilhando ao ver um intruso em seu ritual.

Para sorte dela, os vampiros de Shadow Falls provavelmente não a atacariam. Isso era bom, pois mesmo no modo protetor ela não tinha certeza se conseguiria dar conta de seis deles ao mesmo tempo.

— Onde está Burnett? — perguntou Kylie. — Ou Della?

— O que aconteceu? — Burnett apareceu ao lado dela.

Kylie não respondeu. Não precisava. Ele viu nos olhos dela.

— Holiday? — O som da voz dele fez Kylie sentir uma dor no peito. Seu sangue bombeou mais rápido.

Kylie prendeu a respiração.

— Ele a levou.

— Quem? — ele perguntou, autoritário, enquanto Della parava ao seu lado.

— Eu ainda não sei — Kylie respondeu, os olhos ardendo por causa das lágrimas. Mas era bom que descobrissem, e rápido, antes que fosse tarde demais.

Três minutos depois, assim que Kylie explicou tudo, Burnett distribuiu ordens a todos os vampiros, e a Kylie também, para que procurassem Holiday por toda a propriedade de Shadow Falls. Se ela ainda estivesse ali, eles a encontrariam. Burnett seguiu direto para o escritório, para ver se conseguia encontrar pistas e ver se o alarme estava funcionando.

Kylie seguiu para o leste do acampamento. Mas, quando passou pela trilha que levava à cabana de Hayden Yates, ela deu meia-volta.

Entrou na varanda a toda velocidade. Ouviu o professor andando lá dentro. Ouviu-o conversando com alguém.

Ela invadiu a cabana sem bater na porta e, opa!, esqueceu-se de abri-la primeiro. A porta desabou no chão com um estrondo. Hayden estava de pé ao lado do sofá, o moletom com capuz numa mão, como se ele tivesse acabado de tirá-lo, e o celular na outra. Seu cabelo preto estava ainda mais preto, molhado de suor. Sua pele estava corada, como se ele tivesse corrido. Mas do quê?

Ou melhor, de onde?

— Onde ela está? — O tom de voz de Kylie era profundo, cheio de fúria e ameaça.

Ele tirou o telefone do ouvido.

— Onde está quem? — ele perguntou, inocente.

— Não venha com essa conversa pra cima de mim. — O sangue de Kylie agora borbulhava nas veias. Sua paciência, se tivesse alguma, já tinha se esgotado.

Ele atirou o moletom e o telefone no sofá, onde havia também um relógio. Um relógio de pulseira preta.

— Você é uma vampira agora. Tente ouvir o meu coração para comprovar que estou dizendo a verdade.

Kylie já tinha ouvido o seu batimento cardíaco, mas não fazia diferença. Também não fazia diferença que o relógio do professor não fosse igual ao que ela vislumbrara na visão. Ele podia ter dois relógios.

— Isso só funciona com pessoas que têm consciência.

— E você está presumindo que eu não tenha.

— Você está escondendo alguma coisa desde que chegou aqui. — Ela deu um passo na direção dele. Sua intenção era obter respostas, e como as conseguiria, para ela tanto fazia.

Ele aparentemente captou o ânimo de Kylie, porque ergueu as mãos, com as palmas para cima.

— Talvez, mas não é o que você pensa. Eu não fiz nenhum mal à sua querida amiga.

— Eu não disse isso! Então, como, afinal...

— Eu não sou idiota. Burnett vigia a cabana dela quase todas as noites.

— Se você a feriu, eu mato você. — Ela não recuou ao ouvir as próprias palavras. Era verdade. Por Holiday, Kylie mataria.

Mas e se ela tivesse falhado com Holiday e já fosse tarde demais? Raiva, medo e amor queimavam em seu peito. Suas mãos tremiam.

— Eu não tenho dúvida de que você poderia me matar — disse Hayden, mantendo uma postura submissa. — A sua força neste momento é quase... palpável. — Ele inspirou e ela podia jurar que ele parecia sincero, até respeitoso. — Não cabe a mim — ele hesitou novamente — falar nada. — Ele correu a mão pelo cabelo. — Provavelmente eu ganharia mais ficando calado. Mas, infelizmente, ao contrário do que você pensa, eu tenho uma consciência.

Ele fechou os olhos e, quando os abriu, ela viu neles total sinceridade. E viu outra coisa, mas não tinha certeza do que era. Algo sobre ele que parecia... familiar de um jeito estranho.

— Eu vi Collin Warren perambulando por aí esta manhã. E algo me diz que não estava fazendo coisa boa.

Kylie ouviu o coração de Hayden falar a verdade. Ela continuou a estudar os olhos dele, que não pareciam esconder nenhuma desonestidade.

— Quem é você? — ela perguntou.

Ele levantou as duas mãos e tirou o cabelo da testa.

— Veja você mesma.

Kylie de fato viu. Seu padrão era o mesmo do pai dela. Hayden era... um camaleão.

Ela perdeu o fôlego. Ele tinha todas as informações de que ela precisava, mas não podia perguntar agora. Porque mais importante do que obter essas respostas era zelar pela vida de Holiday. Então os olhos dela se desviaram para o sofá e ela percebeu que ele de fato tinha uma coisa de que ela precisava.

Kylie pegou o celular do professor e saiu da cabana enquanto o ouvia protestar.

*

Kylie saiu voando da varanda. O nascer do sol tingia o horizonte de cores vívidas, embora ela não tivesse tempo para apreciar a paisagem. Colocou o telefone no ouvido e percebeu que tinha um problema. Não conseguia se lembrar do número de Burnett. Então ligou para Della.

A amiga não atendia, droga!

Kylie deixou uma mensagem, contando sobre as suas suspeitas: Collin Warren estava com Holiday e Kylie estava procurando por ele agora. Ela não diminuiu o ritmo, não parou até estar na frente da cabana de Collin. Apurou os ouvidos. Nenhum som vinha dali de dentro. Mas ela tinha que ver com os próprios olhos. Começou a subir os degraus da varanda quando ouviu passos suaves atrás dela.

Com o coração na boca, Kylie se virou, esperando dar de cara com Collin, mas se deparou com Fredericka.

— Por que você está aqui, andando de fininho desse jeito? — a loba perguntou.

Kylie não tinha tempo para explicações, por isso se virou para a cabana novamente. A porta estava trancada, então a garota simplesmente quebrou a porta e entrou. Já tinha feito isso na cabana de Hayden, por que não faria de novo?

Fredericka ofegou atrás dela. Kylie ignorou.

Ela entrou no quarto de Collin, procurando qualquer coisa que a ajudasse a encontrar Holiday.

— O que está acontecendo? — perguntou Fredericka, seguindo Kylie até o interior do quarto.

— Vá embora. Não tenho tempo para bobagens. — Kylie abriu uma gaveta e tirou de dentro tudo o que havia ali.

— O que está acontecendo?! — insistiu Fredericka.

Kylie suspirou.

— Holiday está desaparecida e eu acho que este maluco a levou.

— Merda! — xingou Fredericka. — Eu sabia que ele era estranho.

Kylie fez menção de sair.

— Espere! — pediu a loba. — Eu segui Collin alguns dias atrás. Ele foi até uma velha cabana no parque selvagem, aqui perto.

— Onde? — Kylie perguntou, rispidamente; todos os seus instintos pareciam estar em

alerta.

— Eu... eu mostro onde é. — Fredericka ergueu as mãos, mostrando as palmas, como se temesse Kylie.

Elas correram pela floresta. Ter de diminuir o ritmo por causa de Fredericka estava tirando a paciência de Kylie, mas ela segurou a língua. Normalmente, não confiaria na garota, mas algo lhe dizia que a outra não estava armando nenhum truque nesse momento. Sem dúvida Fredericka sabia que Holiday tinha se desdobrado para que ela viesse a Shadow Falls e permanecesse ali.

Chegaram aos portões do acampamento. Kylie saltou sobre ele sem dificuldade. Fredericka só conseguiu por um triz e aterrissou com tudo no chão do outro lado.

Kylie hesitou e olhou para trás.

— Estou bem — a garota rosnou, pondo-se de pé.

*Eu não perguntei*. Kylie mordeu a língua. Elas começaram a correr novamente, mas o celular de Hayden tocou. Kylie tirou-o do bolso e viu o nome de Burnett. Obviamente, Della tinha lhe dado o número do professor.

— Onde diabos você está? — Burnett grunhiu. — E por que está com o telefone de Hayden Yates?

Kylie e Fredericka chegaram à cabana antes de Burnett. Mas ele dissera que estava a caminho, o que significava que logo chegaria. O mato crescia em torno da cabana, como se estivesse abandonada. Os sons da noite de repente silenciaram. Burnett devia estar por perto.

Ele tinha mandado que elas esperassem por ele antes de entrar. Mas Kylie ouviu algo ali dentro. Apurou os ouvidos. Deus do céu! Ela só ouvia uma pessoa respirando ali dentro. O medo lhe tirou o fôlego. Seu sangue borbulhou com tanta intensidade que quase a incendiou.

*Proteger Holiday*. *Proteger Holiday*. As palavras ecoavam em sua mente como uma litania.

Ela fez um gesto para que Fredericka ficasse ali. Os olhos da garota brilharam com um lampejo de rebeldia. Kylie não tinha tempo para discussões. Disparou para a cabana; a porta foi estraçalhada, as paredes sacudiram.

Collin Warren saltou assustado. Aos seus pés jazia Holiday. Imóvel e sem vida.

# Capítulo Trinta e Seis

Os olhos de Collin se encheram de medo ao ver Kylie; uma aura de pura maldade parecia envolvê-lo.

Kylie foi para cima de Collin Warren e lançou-o no ar, através da cabana. Ela ouviu seu corpo bater no assoalho de madeira com estardalhaço. O gemido do homem atravessou o cômodo, mas Kylie não o viu cair.

Ela ouviu um tumulto atrás dela. Fredericka gritou. Kylie ignorou.

Ajoelhada ao lado de Holiday, Kylie desamarrou a corda em torno da garganta da amiga.

— Ela está morta? — Kylie ouviu Fredericka perguntar. A pergunta flutuou pelo cômodo... sem resposta.

O olhar de Kylie estava fixo em Holiday. Seu coração, preso no fato de que ela tinha tentado salvar Ellie e falhara, tinha tentado salvar Roberto e falhara também.

Os passos de Burnett soaram dentro da cabana; ela o ouviu arquejar de pura angústia. Ele sabia. Sabia que Holiday estava morta.

Kylie não olhou para ele. Tudo o que ela tinha — tudo no que queria acreditar — estava concentrado em Holiday. Aquilo não podia estar acontecendo. Não com Holiday.

— Não! — Kylie gritou.

Não com Holiday, que sempre estivera ao lado de Kylie; sempre a ouvira e sempre se importara com ela. Lembranças das duas juntas pipocaram em sua mente. Lembranças das duas rindo, sentadas lado a lado na cachoeira, até tomando sorvete enquanto falavam de decepções e garotos. Quantas vezes Holiday tinha oferecido a Kylie o seu toque carinhoso e reconfortante?

— Você não pode nos deixar! — rogou Kylie com um soluço. Lágrimas rolavam pelas suas faces e pingavam no rosto pálido da *fae*. Kylie passou as mãos pela pele machucada da garganta da amiga.

Quando não sentiu as próprias mãos se aquecendo; então ela fechou os olhos e rezou. *Deus,*

*me permita salvá-la. Você me deu este poder, agora me deixe usá-lo. Eu pago o preço que for preciso, até com a minha própria vida. Você está me ouvindo? Troco a minha vida pela dela!*

Uma sensação de calor se avolumou no peito de Kylie e então lentamente se espalhou por suas mãos. Elas formigaram e depois foram ficando cada vez mais quentes. O corpo de Holiday parecia tão frio, tão sem vida sob as palmas de Kylie, mas ela não parou. Não podia parar.

— Kylie está brilhando outra vez. — A voz de Fredericka soava a distância.

Mas mesmo com a luz de Kylie se espalhando por todo o cômodo, Holiday não reagia. Outro arquejo de dor emergiu do peito de Burnett. Esse foi o último som que Kylie ouviu antes de sua visão escurecer.

Kylie se viu envolvida pela escuridão. Sua mente estava exaurida. Onde ela estava? Por que se sentia tão esgotada? Tão morta?

Ela tentou abrir os olhos, mas o esforço exigido foi demais para ela. *Acorde! Acorde!,* uma parte do seu cérebro ordenava. O sentimento de urgência se avolumou no seu peito e ela lutou para clarear os pensamentos.

Quando a confusão e a exaustão começaram a se dissipar, ela recobrou a consciência. Estava nos braços de alguém, alguém que corria a toda velocidade. O corpo de Kylie sacudia, a cada passo que a pessoa dava. Ela forçou os olhos a se abrir e olhou para cima... Fredericka?

*O que ela estava fazendo?*

— Me coloque no chão — mandou Kylie.

— Burnett disse para eu carregar você — Fredericka respondeu com rispidez. — Acredite, também não gostei nem um pouco.

— Me coloque no chão! — insistiu Kylie. A loba fez uma parada abrupta e largou-a sem nenhuma gentileza. A dor que sentiu ao se chocar contra o chão despertou Kylie por completo.

Collin Warren tinha matado Holiday.

Holiday... estava morta.

A dor transpassou o coração de Kylie.

Pondo-se de pé, ela viu Burnett segurando nos braços o corpo sem vida de Holiday.

Kylie correu até ele.

— Deixe-me tentar outra vez! — Kylie implorou.

— Você já tentou — ele respondeu com amargura.

— Mas talvez dessa vez...

— Kylie! Você já a salvou — disse Burnett. — Ela está fraca, mas respirando. Agora, deixe Fredericka carregar você de volta ao acampamento, para que possamos ajudar vocês duas.

— Eu estou bem — Kylie insistiu.

— Você ainda está brilhando, Kylie — Burnett observou. — E eu não sei o que isso

significa.

Kylie também não sabia. Mas não se importava. Ela fitava o peito de Holiday, esperando vê-lo se expandir, enchendo-se de oxigênio. Enquanto isso, segurava a própria respiração.

Só quando Holiday respirou é que Kylie deixou que o ar penetrasse em seus pulmões sedentos.

— Vamos — murmurou Burnett. — Um médico nos espera no acampamento.

Kylie se forçou a correr, mas não conseguiu ser tão rápida quanto antes. Todos os seus músculos pareciam queimar. Não que ela estivesse reclamando. Holiday estava viva e ela também. Nada mais importava.

Kylie sentou-se na sala de estar de Holiday, em silêncio e ainda brilhando, enquanto o médico examinava Holiday no quarto. Burnett, de pé, escutava atentamente o que se passava no outro cômodo.

Todos os outros alunos se aglomeravam no refeitório. As aulas tinham sido canceladas enquanto todos esperavam notícias. Kylie se perguntou se Holiday sabia quanto era amada. Que todo mundo, até Fredericka, gostava dela.

Todo mundo exceto... Collin Warren. As perguntas se sucediam na mente de Kylie. Ela olhou para Burnett.

— O que aconteceu com Collin?

Burnett balançou a cabeça.

Kylie sentiu um nó no estômago. Ela se lembrou de ter atirado o homem no ar, lembrou-se de ter ouvido o ar escapando dos seus pulmões. Será que sua alma tinha escapado do corpo também?

Ela tinha dito que mataria por Holiday, e era verdade, mas agora o pensamento de que pudesse ter tirado uma vida a deixou com vontade de vomitar.

— Eu mat...

Burnett sacudiu a cabeça.

— Fredericka. Ela disse que ele veio pra cima de você com uma faca. Ela o atacou. Eles lutaram. Ele perdeu.

Kylie agora se lembrava de ter ouvido uma luta, mas a ideia a deixou atônita.

— Fredericka salvou a minha vida? — *Ah, mas que inferno!* Ela não queria ficar em débito com ninguém que a odiasse. Então não pôde deixar de se perguntar por que a loba tinha feito aquilo. Ela podia ter deixado Collin matá-la.

Burnett olhou para Kylie como se lesse seus pensamentos.

— Ela se comporta muito mal, mas não acho que seja tão ruim quanto as pessoas pensam. — Ele hesitou. — Isso acontece quando se cresce como um delinquente. As pessoas pensam o pior de você, e isso só faz com que fique mais fácil deixar que elas pensem que têm razão do que provar que estão erradas. — Ele olhou mais uma vez para a porta do quarto. — Holiday

acreditava que ela podia ser salva.

*Lucas também*. Kylie ficou sentada ali, remoendo seus pensamentos. Sobre Fredericka e depois sobre Lucas. Ela sentia falta dele. Queria que ele estivesse ali.

Então recapitulou as palavras de Burnett e percebeu, pelo tom de voz dele, a pessoalidade do seu comentário. Isso acontece quando se cresce como um delinquente. Uma peça do quebra-cabeça sobre quem era Burnett de repente se encaixou.

— Você foi criado num lar adotivo como Perry, não foi?

O olhar de Burnett manteve-se fixo na porta.

— Ela vai ficar bem. — Um sorriso deixou seu olhar mais brilhante. — O médico acabou de dizer que ela vai ficar bem. — Ele levantou as duas mãos e entrelaçou-as atrás do pescoço. Quando olhou para Kylie, ainda estava sorrindo. — Sim, cresci num lar adotivo. Por quê? Você está se perguntando por que eu sou um filho da mãe sem coração? Se é porque cresci como um delinquente?

Ouvindo o bom humor e o alívio na voz dele, Kylie sorriu. Ela sabia que, se não estivesse tão aliviado com o diagnóstico do médico, provavelmente estaria contrariado por Kylie ter descoberto. Então a oportunidade lhe ocorreu.

— Não, mas estou me perguntando se é por isso que é tão difícil para você dizer a Holiday o que sente por ela. Admitir que a ama. E eu acho que ela realmente precisa ouvir isso.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Não sou eu quem não deixa ninguém se aproximar.

— Mas você também não disse a ela o que sente. E tem que confiar em mim quando digo que uma mulher precisa ouvir isso.

Alguns minutos se passaram em silêncio; ela sabia que Burnett estava pensando no que ela tinha dito, e aquilo era bom. Mas então o vampiro voltou a olhar para ela com um olhar interrogativo.

— Como Hayden Yates sabia sobre Collin Warren?

Kylie escolheu as palavras com cuidado. Ela não tinha contado a Burnett que Hayden era um camaleão e não tinha certeza se deveria contar.

— Quando eu fui à cabana dele, ele tinha acabado de voltar, estivera fora, correndo. Eu o acusei de estar envolvido. Ele negou. Disse que tinha visto Collin e que o homem parecia suspeito.

Burnett refletiu sobre o que ela contou.

— Supostamente, Collin nunca foi uma pessoa sociável, mas ninguém vira nenhuma maldade nele até agora. — Burnett fez uma pausa. — Como você acabou ficando com o celular de Hayden?

— Eu tinha esquecido o meu quando saí da cabana. Então... confisquei o dele. — Ela deu de ombros.

— Você sabia que ele tinha me enviado uma mensagem, dizendo que estava com uma

emergência na família e que tinha que deixar o acampamento por alguns dias?

Kylie tentou não demonstrar a sua decepção.

— Não, eu não sabia.

— Você ainda acha que ele está envolvido? — Burnett perguntou. — Se acha, eu o trago para cá outra vez.

— Não — Kylie respondeu com franqueza. — Eu estava errada. Ele não tem nada a ver com Holiday. Até ajudou a salvá-la.

Burnett analisou Kylie.

— E você não acha suspeito que ele tenha saído do acampamento agora?

— Talvez um pouco — disse Kylie, para não ser pega numa mentira. — Mas tenho certeza de que ele não tem nada a ver com o desaparecimento de Holiday.

— Mesmo assim eu vou interrogá-lo quando ele voltar — disse Burnett.

*Eu também*. Kylie balançou a cabeça. *Se ele voltar*. Seu coração se apertou.

Então ela se lembrou de que estava com o telefone dele no bolso de trás. Hayden Yates tinha que estar trabalhando para o avô dela. E se isso era verdade, o avô estava provavelmente em contato com Hayden. Isso significava que ela poderia ter acesso ao telefone dele.

Se o avô não tivesse mudado seu número outra vez.

Trinta minutos depois, após Burnett ter feito uma visita a Holiday, Kylie entrou no quarto dela. Com o cabelo ruivo parecendo ainda mais vermelho em contraste com os lençóis, Holiday parecia muito pálida, mas estava viva. O hematoma em sua garganta ainda era bem visível.

Ela tocou a garganta e fez um gesto para que Kylie lhe passasse a água sobre a mesinha de cabeceira.

— Você me trouxe de volta. — A voz de Holiday estava rouca, dolorosamente rouca.

— Mas eu não curei você completamente. — Ouvir Holiday falar causava um nó na garganta de Kylie. — Você quer que eu tente, para ver se consigo...?

Holiday balançou a cabeça.

— Acho que você já fez o bastante. Parece cansada.

Kylie se sentia cansada, mas não a ponto de não poder tentar.

— Eu poderia...

— Não. Eu vou me curar. — Holiday parecia preocupada. — Você ainda está brilhando.

— Eu sei — disse Kylie. — Mas vai passar, certo?

Holiday assentiu, mas não pareceu muito confiante. Então ela fez um gesto para que Kylie se sentasse na cadeira ao lado da cama.

— Eu consegui ver Hannah antes de ela fazer a passagem. Quando eu estava morrendo, tudo pareceu desacelerar e ela veio me ver. Nós conversamos. Acertamos nossos ponteiros. — Lágrimas afloraram nos olhos verdes de Holiday. — Nada disso teria sido possível se não

fosse por você. Obrigada. Eu sei o preço que teve que pagar e prometo viver a minha vida de um jeito que não custe nem uma minúscula parte da sua alma.

Kylie pegou a mão da amiga e a apertou.

— Acho que você nunca viveu de outro jeito.

— Eu posso me esforçar mais. — Holiday engoliu em seco. — Nada como morrer para aprender a viver.

Kylie sorriu.

— Espero que esteja se referindo a Burnett.

Holiday sorriu.

— Aquele vampiro idiota acabou de me pedir em casamento. Mas aqui? E agora? Como se eu quisesse receber uma proposta de casamento quando estou com a aparência de quem acabou de morrer.

O coração de Kylie deu um salto de alegria.

— E o que você respondeu?

Holiday tomou um gole de água.

— Eu perguntei a ele se não poderíamos simplesmente viver juntos em pecado.

Kylie franziu a testa, mas então ela viu algo nos olhos de Holiday.

— E então?

— Ele me disse que não seríamos um bom exemplo para os alunos. Então... concordei em me casar. — Ela passou uma mão pela testa. — Meu Deus, em que eu fui me meter? Ele não é um homem fácil de lidar.

— Eu estou ouvindo! — Burnett gritou da outra sala, com uma risadinha na voz.

Holiday revirou os olhos.

Kylie apertou a mão da *fae* um pouco mais.

— Ele ama você — sussurrou.

— Sim, é o que ele diz. — Ela afundou mais a cabeça no travesseiro, parecendo exausta, mas também feliz.

Kylie sentiu que tudo estava se encaminhando. Ela tinha conseguido. Ou pelo menos tinha ajudado. Burnett e Holiday estavam juntos.

Mas não pôde deixar de se perguntar se ela e Lucas teriam a mesma sorte.

Holiday olhou para o teto por um segundo.

— Eu também vi a sua avó, Kylie.

— Nana? — Kylie perguntou. — O que ela disse?

— Não, não Nana, a sua outra avó. Heidi.

Kylie viu uma sombra de tristeza nos olhos de Holiday.

— O que ela disse?

— Só disse olá. — Holiday suspirou.

Algo dizia a Kylie que não era só isso. O que Holiday não queria contar? Kylie quase

perguntou, mas quando os olhos de Holiday se fecharam, percebeu que não era hora de pressioná-la. Mais tarde, ela pensou, e depois estendeu a mão e pegou o telefone de Hayden no bolso. Mais tarde.

Só depois do almoço Kylie conseguiu se esgueirar para o seu quarto. Ela tirou o celular do bolso e procurou o número do avô. Infelizmente, não havia uma lista de nomes na memória. Só números. Só três tinham recebido ligações de Hayden. Kylie se sentou na beirada da cama e ligou para o primeiro.

Ela segurou a respiração enquanto esperava que alguém atendesse.

— Já estava na hora de me ligar! — disse uma voz feminina.

— Quem está falando? — Kylie perguntou, sem saber ao certo como se apresentar.

— Aqui é Casey... Quem é você?

— Eu...

— Aquele cretino! Ele disse que não estava se encontrando com mais ninguém! Diga a ele que eu o mandei pro inferno. Ele nem é tão bom de cama assim, como tenho certeza de que você provavelmente sabe! — A linha ficou muda.

— Ai, não... — Kylie pensou em ligar novamente e tentar explicar, mas o que ela diria? *Eu não sou namorada dele, só alguém que roubou seu celular depois de acusá-lo de ser um assassino serial*. Isso podia piorar as coisas em vez de melhorar. Melhor deixar que ele mesmo consertasse tudo.

— Desculpe, Hayden — murmurou Kylie.

Antes que Kylie ligasse para o número seguinte, o telefone bipou, alertando sobre a chegada de uma nova mensagem. Ela ficou em dúvida se verificava ou não, pensando na possibilidade de que fosse a namorada contrariada. Então percebeu que a mensagem não era do número da moça. Kylie podia ter invadido a privacidade dele, mas, depois de roubar seu celular, que mal faria ler uma mensagem?

Demorou um segundo até ela descobrir como acessar as novas mensagens no aparelho de Hayden.

Mas ficou satisfeita quando descobriu.

# Capítulo Trinta e Sete

A mensagem não era para Hayden. Era dele.

*Você está respondendo* as *minhas mensagens? Hayden.*

Kylie digitou de volta. *Só porque eu achava que podia ser você ou meu...* Ela fez uma pausa. Ela deveria deixá-lo saber que presumia que ele estava em contato com seu avô? Ela não via vantagem em bancar a idiota... *meu avô.* Tamborilou os dedos no aparelho, enquanto esperava uma resposta.

O telefone bipou. *O que você disse aos outros?*

Ela decidiu ser franca. *Só que você ajudou a salvar a vida de Holiday. Você pode voltar.*

Ela esperou pela resposta. Ao ver que ela não chegava, Kylie escreveu: *Desculpe por suspeitar de você.*

Ele respondeu: *Se você fizer a coisa certa e for viver no lugar a que pertence, eu não precisarei voltar.*

Ela pensou no que responderia.

*Meu lugar é em Shadow Falls.*

Ela mal acabara de digitar a mensagem quando seu reflexo no espelho da penteadeira chamou a sua atenção. Ela ainda estava brilhando. Até quando iria acreditar que pertencia a Shadow Falls, se tudo indicava que ela era diferente. Diferente até de todos os outros sobrenaturais.

Seu peito se apertou novamente ao pensar em deixar o acampamento. Afastou a ideia. Mas o que aconteceria em duas semanas, quando a mãe viesse para o dia dos pais? Como ela explicaria o fato de que estava brilhando como uma lâmpada de 50 watts?

O telefone bipou outra vez. *Não é seguro você ficar aí.*

*Holiday e Burnett não vão deixar a UPF fazer nada.*

*Não é só a UPF. Você estava certa sobre o que disse ao seu avô. Uma gangue do submundo está atrás de você.*

Kylie sentiu um nó na garganta enquanto digitava: *O número do meu avô está na lista de contatos do seu telefone?*

Levou alguns minutos para ele responder. Mas respondeu. *Sim.*

Ela digitou: *Obrigada.* E enviou. Então se lembrou de mandar outra mensagem. *Ligue para a sua namorada. Posso tê-la deixado aborrecida.*

O avô de Kylie atendeu quando ela ligou para o número seguinte da lista de contatos. Ele nem se incomodou com as formalidades. Hayden obviamente tinha avisado que ela iria telefonar.

— Eu o enviei porque estava preocupado com a sua segurança — disse o avô, a voz só um pouco mais grave do que a de seu pai.

— Não estou chateada — explicou Kylie. — Embora preferisse que alguém tivesse me contado.

— Você precisa vir conosco, Kylie. Não é seguro. Você estava certa sobre a gangue do submundo. Eu não confio que a UPF não vá fazer mal a você. Como você pode ter certeza de que vão mantê-la a salvo dos outros?

— Por favor — disse Kylie. — O senhor não entende o que está pedindo. — Lágrimas toldaram a visão de Kylie. — Eu... Esta é a minha casa. Burnett não é como a UPF de que você se lembra. E Holiday... ela me aceitou. Os dois têm me protegido. — O nó na garganta ficou mais apertado. — Pessoas morreram aqui para me salvar. Essas pessoas em quem você não confia são a minha família. — A voz de Kylie fraquejou e ela limpou as lágrimas do rosto.

— *Nós* somos a sua família.

— Eu não posso ir embora daqui — disse Kylie.

Houve uma longa pausa.

— Eu mando Hayden de volta se você me der a sua palavra de que não contou nada aos outros.

— Eu não contei nada a ninguém. — Silêncio outra vez. Então ela não se conteve: — Eu estou brilhando! Como faço isso parar?

— Brilhando? — o avô perguntou, e depois fez uma pausa como se estivesse pensando. — Você tem o dom da cura?

— Sim — ela respondeu.

— Presumo que o tenha usado.

— Eu... trouxe uma pessoa de volta à vida.

Ele não falou por alguns segundos.

— Os seus dons são de fato impressionantes.

— Mas como eu paro de brilhar? — Ela não estava esperando elogios.

— Você precisa liberar a energia que acumulou dentro de você para empreender a cura.

— Como?

— Medite.

— Eu não sou boa em meditação. — Ela mordeu o lábio.

— Então é melhor aprender. E rápido. — Ele suspirou. — Kylie, se outras gangues souberem quanto você é talentosa, vai valer seu peso em ouro. Eles vão querer que você trabalhe para eles ou vão querer matá-la. Não será uma gangue apenas atrás de você.

O aviso do avô bateu fundo dentro dela. *Maravilha! Isso é tudo de que ela precisava.*

— Vou mandar Hayden de volta — ele acrescentou. — Mas pense bem nisso, filha. Eu mereço conhecer melhor a minha única neta.

Na manhã de segunda-feira, Kylie se sentou no refeitório enquanto todo mundo olhava para ela. Não estava mais brilhando. Sua lâmpada interna, em algum momento da noite, se apagara.

Ela tinha permanecido em seu quarto durante todo o final de semana meditando, e dormindo.

Obviamente, trazer alguém de volta à vida era um tanto exaustivo. Holiday e Burnett tinham aparecido com comida, doses e doses de carinho e a notícia de que os corpos das garotas tinham sido encaminhados para as respectivas famílias. Burnett e Holiday estavam, ambos, brilhando, mas era um brilho natural. Eles estavam apaixonados.

Isso só fez com que Kylie sentisse mais saudade de Lucas.

Derek tinha ligado duas vezes só para dizer que estava pensando nela. Lucas, não. Ela não sabia nem se ele estava a par do que havia acontecido. Mesmo assim, era difícil aceitar seu silêncio.

Helen e Jonathon tinham feito uma visita. E Miranda, Perry e Della vinham checar, quase de hora em hora, como ela se sentia. Até durante a noite eles abriam uma fresta na porta e davam uma espiada em Kylie. Evidentemente, isso só era possível por causa da "encantadora" luminescência que a circundava na escuridão do quarto. Droga! Podiam ter vendido ingressos aos outros campistas por um dólar a espiada. Não que eles fariam isso. Eram seus amigos.

Kylie fixou os olhos nos seus ovos mexidos e fechou a cara, como se sentisse todos os olhos à sua volta, no refeitório, pregados nela.

Não, neste momento, brilhar não era o problema. Problema maior era o seu padrão. Ele tinha mudado outra vez. Agora ela era finalmente um lobisomem e Lucas não estava ali para apreciar. E nem Socks. Seu gato tinha passado a manhã toda debaixo da cama. Ele fez questão de deixar bem claro o seu preconceito. Assim como todos os outros lobisomens do acampamento. Nenhum tinha se aproximado para dizer "olá" ou "vá para o inferno!".

— E aí? Segurando as pontas?

— Pode apostar — Kylie respondeu e olhou para cima ao ver Hayden Yates entrando no refeitório. Seu coração deu um salto. Ele estava de volta. Sentiu um alívio profundo ao saber que não estava completamente sozinha.

*Nós somos a sua família.* As palavras do avô voltaram à sua mente.

— Você ainda não sabe mentir — disse Della.

Kylie desviou os olhos de Hayden antes que alguém percebesse que compartilhavam segredos.

Della estava certa. Ela tinha mentido. Não estava segurando as pontas coisa nenhuma. Estava em frangalhos. Confusa, assustada e preocupada. Podia ter parado de brilhar, mas o que mais havia pela frente? Que outra esquisitice a faria telefonar para o avô ou correr para Hayden em busca de ajuda? E se ela realmente pertencia a Shadow Falls, por que a presença de Hayden lhe trazia tanto conforto?

— Vamos começar a festa! — anunciou Chris, o líder da Hora do Encontro, depois do café da manhã. Kylie estava de pé ao lado de Della. E lutava para reprimir a vontade de se abanar. Ainda estranhava a elevação súbita da sua temperatura corporal.

— E o primeiro nome da lista não é ninguém mais que a nossa mais recente loba! — O olhar de Chris se voltou para Kylie.

A garota segurou o fôlego. As primeiras pessoas anunciadas eram geralmente aquelas cujo parceiro tinha armado o encontro pagando com o próprio sangue. Engolindo em seco, seu olhar voou para Derek. Mas o *fae* encarava Chris com preocupação.

— Kylie, você vai ter o prazer de passar a sua Hora do Encontro com Fredericka.

— Ah, mas que ótimo... A loba tinha salvado a sua vida só para matá-la depois.

— Eu posso seguir vocês se quiser — sussurrou Della, com os olhos brilhantes.

Kylie balançou a cabeça, cansada de estar sempre sob a proteção de outra pessoa.

— Não.

Fredericka aproximou-se de Kylie.

— Quer dar uma volta até o lago?

— Claro! — respondeu Kylie. *Por que não? O lago é um belo lugar para se morrer*.

— Vejo você depois. — O tom de Della veio carregado de todo tipo de aviso para Fredericka.

Quando começaram a caminhar, nem Kylie nem Fredericka abriram a boca. Kylie mal ouvia seus passos. A capacidade de se mover em silêncio devia fazer parte da natureza dos lobisomens. Mentalmente, ela se perguntava o que Fredericka realmente queria.

Pelo menos até que a gralha azul aparecesse e dançasse e cantasse na frente delas.

Fredericka fez uma cara de quem não estava entendendo nada. Kylie tentou afugentar o pássaro.

— Xô!

Enquanto caminhavam, Kylie se deixou perder em pensamentos. Ela não acreditava que a loba de fato quisesse matá-la. Mas ela já não havia tentado uma vez? Colocar um leão no quarto de Kylie, alguns meses antes, não era exatamente um gesto de gentileza. Mas se a garota realmente planejava um assassinato, ela deixaria todo o acampamento saber que estavam juntas?

Então outro pensamento lhe ocorreu. Será que Fredericka se sentia ofendida por Kylie não ter agradecido por ela ter salvado a sua vida?

Ela tinha intenção de agradecer. Realmente tinha. Mas havia gasto toda a sua energia, no final de semana, tentando parar de brilhar. No entanto, devia ter feito isso logo que acordou, pela manhã. Seria tarde demais?

*Antes tarde do que nunca.*

— Burnett me disse que você salvou a minha vida — começou Kylie. — Eu quero te agradecer.

O cabelo preto de Fredericka estava solto sobre os ombros. Ela era pelo menos sete centímetros mais alta do que Kylie, e provavelmente pesava uns dez quilos a mais. Não que Kylie estivesse com medo dela.

— Eu provavelmente fiz aquilo mais por Holiday do que por você — ela disse com sinceridade.

*Provavelmente?*

— Eu imaginei — respondeu Kylie. — Mas obrigada mesmo assim.

Fredericka assentiu e continuou calada por alguns minutos. Kylie detestou o silêncio carregado de tensão.

— Você doou sangue para Chris nos colocar juntas na Hora do Encontro?

Ela confirmou com a cabeça.

— Um litro e meio. Ele disse que, como podia se meter em encrenca colocando duas inimigas juntas, eu teria que pagar um pouco mais.

— Isso é um bocado de sangue! — comentou Kylie, quando não conseguiu pensar em mais nada para dizer. Pensar em sangue então a fez se lembrar de como se sentiu ao achar que tinha matado Collin Warren. Fredericka devia ter sentido o mesmo, não é? A gratidão de Kylie de repente ficou maior ainda.

— Eu lamento que... você tenha sido obrigada a... matar... fazer aquilo.

— Não foi nada. — A garota olhou para Kylie. — Já matei antes.

Kylie não podia jurar, mas algo dizia que, se ela fosse capaz de ouvir os batimentos cardíacos de Fredericka, eles contariam uma história bem diferente.

— Mesmo assim, não deve ser fácil — disse Kylie.

— Já superei isso — ela disse, com rispidez, embora o tom de voz revelasse o contrário.

*Mesmo assim eu lamento.*

Mais alguns momentos de silêncio pairaram no ar. Fredericka finalmente voltou a falar.

— Você não devia ter jogado o seu gambá em cima de mim.

— Eu não joguei meu gambá em cima de você! — disse Kylie, com franqueza. — Você o atacou.

— Mesmo assim não foi nada gentil — ela disse, com um rosnado.

— Digo o mesmo sobre colocar um leão no meu quarto. — Pronto, Kylie tinha colocado

para fora o que estava entalado em sua garganta.

— Pode ser — Fredericka desviou o olhar, mas não rápido o suficiente.

Kylie viu a verdade.

— Não foi você quem fez aquilo. — Ela balançou a cabeça. — Por que você mentiu e disse que foi você?

Ela ficou um longo tempo sem responder.

— Eu ouvi boatos de que você pensava que tinha sido eu. Então pensei, por que não deixá-la acreditar nisso? Eu não gostava de você.

— E agora? — Kylie perguntou, ainda imaginando por que ela tinha doado mais de um litro de sangue para passar uma hora com Kylie.

— Ainda não gosto de você — ela disse, sem rodeios. — Mas depois que eu vi o que fez por Holiday, passei a não te odiar tanto assim.

— Bem, aí está um elogio de que eu vou me lembrar... — disse Kylie, imprimindo certo humor na voz. Fredericka não respondeu.

Elas chegaram ao lago, e a garota ficou parada ali, contemplando o espelho d'água.

— Eu amo Lucas — ela confessou.

Kylie respirou fundo e tentou descobrir a melhor maneira de agir. A honestidade parecia a única saída.

— Eu também.

A loba olhou para Kylie com a angústia estampada nos olhos.

— Eu sei. É por isso que eu queria falar com você. Embora eu não goste de você, eu gosto *dela* menos ainda. E pelo menos eu sei que ele gosta de você. Mesmo antes de você aparecer por aqui, ele já falava de você. Desde aquela época eu sentia ciúme.

Kylie balançou a cabeça, tentando acompanhar o raciocínio de Fredericka.

— Não estou entendo aonde quer chegar.

— Estou falando de Monique. Eu sei que ele te disse que vai conseguir cair fora dessa. Mas eu não tenho tanta certeza assim. Eu não acho que você deva deixá-lo fazer isso.

— Eu ainda não estou entendendo — disse Kylie, embora ela não estivesse gostando nada do que Fredericka estava dizendo.

A loba se limitou a olhar para ela.

— Merda! Ele não contou a você? Ele disse que contou e que você entendia. Aquele viralata de uma figa mentiu pra mim.

Um sentimento de frustração começou a crescer dentro de Kylie.

— Mentiu sobre o quê?

— A cerimônia de noivado de Lucas é hoje à noite.

As palavras de Fredericka fizeram a cabeça de Kylie rodar.

— A cerimônia de quê? Ele... vai se casar?

— Está comprometido, mas entre os lobos o noivado não tem volta. Ele acha que vai

conseguir escapar, mas eu não acho. A pessoa não pode simplesmente mudar de ideia. E ela é uma vadia. Se ele concordar com isso, vai ficar preso a ela pelo resto da vida.

— Não! — Negando-se a acreditar que aquilo fosse verdade, a raiva cresceu no peito de Kylie. — Você está mentindo! Você só quer arranjar confusão! Faria qualquer coisa para eu romper com Lucas!

— Sua cretina! — rosnou Fredericka. — Estou tentando ajudar e é assim que você retribui? Tudo bem, tentei fazer tudo para vocês terminarem. Mas não funcionou. Mas eu não estou mentindo. — Fredericka tirou um envelope do bolso. Um envelope pequeno, como um convite. — Se não acredita em mim, veja por si mesma. — Ela se afastou e depois voltou a olhar para Kylie. — Só procure manter o seu padrão de lobisomem ou alguém vai arrancar seu coração antes de começar a fazer perguntas.

Kylie não queria acreditar em Fredericka. Mais do que tudo no mundo, ela queria que isso fosse só mais uma das armadilhas da loba para atrapalhar o seu relacionamento com Lucas. No entanto, numa coisa a garota tinha razão: Kylie precisava ver por si mesma.

A cerimônia seria em outro parque estadual, a aproximadamente quinze quilômetros dali. Como lobisomem, Kylie podia percorrer essa distância rapidamente. O dia todo ela pensou se deveria ou não contar tudo a Holiday e Burnett, mas concluiu que seria melhor pedir perdão do que permissão. E falando em perdão... Ela jurou que, se Fredericka estivesse mentindo, ela nunca a perdoaria, nunca confiaria nela outra vez.

Mas, se não estivesse... Kylie não sabia se um dia seria capaz de perdoar Lucas.

A cerimônia supostamente aconteceria à meia-noite. O que tornava sua escapada ainda mais fácil.

Kylie saiu do quarto na ponta dos pés. No mesmo instante Della escancarou a porta do seu quarto.

*Mais fácil, mas não exatamente fácil.*

— Aonde vai? — Della perguntou, o olhar examinando Kylie de cima a baixo. — E por que está tão arrumada?

Kylie não sabia muito bem o que usar numa cerimônia de noivado, mas seu vestido preto e as sandálias de salto baixo também pretas tinham que servir.

— Eu preciso ir a um lugar — ela respondeu, sendo propositalmente vaga. Ela não contaria a Della ou a Miranda sobre isso. A princípio, Kylie achou que era porque doeria demais. Depois achou que era porque elas tentariam convencê-la a não ir. Nesse momento, percebeu que era porque estava com receio de que as amigas dissessem: "Nós bem que avisamos".

Ultimamente, elas não tinham se mostrado muito a favor do namoro.

Não que Kylie acreditasse completamente nessa história de noivado. Mas acreditava o suficiente para se esgueirar de Shadow Falls, tarde da noite, para descobrir. Mas como era possível não suspeitar? Lucas nunca lhe contava nada. E aquilo a magoava demais.

— Você vai se encontrar com o seu avô? — Della perguntou, analisando Kylie com um ar de suspeita.

— Não — disse Kylie.

Della franziu as sobrancelhas.

— Você anda esquisita desde que se encontrou com Fredericka.

— Eu preciso ir — disse Kylie.

— Vou com você.

— Não — Kylie implorou. Ela precisava fazer aquilo sozinha.

Della estufou o peito.

— Então me diga aonde vai.

— Você não é mais minha sombra — Kylie insistiu.

— Não, mas sou sua amiga — Della grunhiu.

A sinceridade na voz de Della tocou o coração de Kylie.

— Vou tentar me encontrar com Lucas. — Era verdade... ou pelo menos uma versão dela.

— Eu pensei que você não tinha recebido nenhuma notícia dele — disse Della.

— Fredericka me disse onde ele está.

Della fez uma careta.

— E você confia naquela loba?

— Na verdade, não — concordou Kylie. — Mas eu vou mesmo assim e, como sua amiga, vou pedir que você não me impeça.

— Não estou gostando nem um pouco disso — disse Della.

Kylie fez uma pausa para pensar, tentando descobrir um jeito de fazer Della entender.

— Eu também não gosto que você trabalhe para a UPF, mas respeito a sua vontade.

Della franziu a testa.

— Mas eu não vou sozinha.

Sim, Della ia com Steve; não que a companhia a agradasse muito, mas isso não era o mais importante. O mais importante era convencer Della a deixá-la ir. Certo ou errado, descobrir a verdade sobre Lucas de uma vez por todas era crucial. Ela tinha admitido que o amava; agora precisava saber se entregar o seu coração a ele não tinha sido uma tolice.

Levou algum tempo, mas Della finalmente cedeu.

E, dez minutos depois, quando Kylie pulou a cerca e deixou para trás a propriedade de Shadow Falls, ela se lembrou de que Burnett poderia vir correndo até ali investigar.

Era um risco que ela teria que correr. No entanto, como suspeitava que vários lobisomens iriam assistir à cerimônia — se realmente houvesse uma cerimônia —, ela esperava que Burnett concluísse que ela era um deles. Mas, de fato, ela *era* um deles, lembrou-se.

Enquanto Kylie corria, sentiu um estranho poder fluir através dela. Era diferente da força que sentira quando era uma vampira. O jeito como seus membros se moviam parecia menos humano. O poder de um lobo, ela supôs.

Seu peito ficou apertado, quando se lembrou de como Lucas queria correr com ela na forma de lobo. *Por favor, por favor, que Fredericka esteja errada.*

Tentando não quebrar todas as promessas que fizera a Burnett, Kylie evitou ao máximo correr pelos bosques. Mas, quando se aproximou do parque, não teve outra opção. Enquanto corria com movimentos suaves, ela manteve os olhos na lua. Sentia que o astro a atraía, como a água atrai quem passou muito tempo ao sol.

Quando penetrou nos bosques, a escuridão ficou mais espessa. A lua não era mais visível através da densa folhagem. O ar da noite era quente, quase insuportavelmente quente. Ela sentia o perigo espicaçando a sua pele.

Ignorando o medo, continuou correndo. E não parou. Nem mesmo quando percebeu que não estava sozinha.

# Capítulo Trinta e Oito

O frio fantasmagórico finalmente começou a interferir no ritmo de Kylie e ela relanceou os olhos para ver qual era o espírito que acompanhava seus passos.

O fantasma, a mesma mulher que tinha aparecido na sala de aula um pouco antes da visão, dava passadas vigorosas. Sua camisola branca flutuava em volta dela, e o longo cabelo castanho dançava com o vento.

Com a atenção de Kylie no espírito, ela tropeçou numa raiz e caiu de bruços com tudo na terra.

Apoiando-se nos braços para se levantar e respirando o aroma de terra molhada sob o seu corpo, Kylie fitou o espírito pairando um pouco acima dela.

— Quem é você?

— *Isso não importa. Você é que é importante.* — Ela levantou as mãos e instantaneamente uma longa espada ensanguentada apareceu. — *Você precisa matá-lo.*

Kylie se levantou e fitou as mãos ensanguentadas do espírito; o líquido vermelho fluía para a espada e gotejava lentamente no chão. Uma gota de cada vez.

Pela primeira vez, Kylie entendeu o símbolo ligado ao mundo espiritual. Esse fantasma tinha sangue nas mãos. E agora queria que Kylie seguisse suas ordens.

Colocando-se totalmente de pé, Kylie falou mentalmente:

— *Eu não sei o que você ouviu por aí, mas eu não... eu não matei ninguém, e pretendo continuar assim.*

Ela fitou Kylie com seus olhos acinzentados e sem vida. Eles não exprimiam nenhuma emoção, pareciam sem alma. O medo transpassou a sua espinha. Alguma coisa nesse espírito era diferente dos outros. Alguma coisa assustadora.

— *Então você também morrerá* — disse o fantasma, como se isso na verdade não fosse grande coisa. Sem aviso, ele se desvaneceu. Mas o lugar onde estava ficou coberto de gelo. Um gelo negro e tenebroso.

— Você não poderia ter avisado antes? — Kylie murmurou, e então respirou fundo. — Não! — Ela fechou as mãos em punho. — Eu não vou pensar nisso agora.

Seu coração martelava no peito e ela recomeçou a correr, correr para Lucas, ou melhor, para a verdade sobre Lucas.

Ela se lembrou da última vez em que ele a beijara, da maneira como a abraçara, como ela tinha se sentido apaixonada. Fredericka tinha mentido! Ela tinha que estar mentindo!

Alguns minutos depois, Kylie sentiu outras pessoas ao seu redor.

Outros lobos.

Ela não sabia direito como sabia, mas o fato era que sabia. Sem querer chamar atenção, parou de correr e começou a andar. Esperando disfarçar o cabelo despenteado pelo vento, ela tirou um elástico do pulso e fez um rabo de cavalo.

Quando chegou mais perto do parque, ouviu vozes. Vozes alegres. Achou que tinha reconhecido a voz de Will. Ela parou atrás de uma árvore para não cruzar o caminho do lobisomem ou de qualquer outro campista de Shadow Falls. A última coisa que Kylie queria era ser reconhecida.

Só quando não conseguiu ouvir mais nenhuma voz por perto, ela prosseguiu. Quando ultrapassou a fileira de árvores que margeava a floresta, viu uma multidão de pessoas enfileiradas. Uma centena de lobos, ou mais, estava reunida ali. Alguns da fileira de trás se viraram para olhar para ela. Graças a Deus não eram de Shadow Falls.

O aviso de Fredericka soou nos seus ouvidos. *Só procure manter o seu padrão de lobisomem ou alguém vai arrancar o seu coração antes de começar a fazer perguntas.*

Ela percebeu alguns dos presentes verificando o seu padrão e rezou para que ainda fosse um lobisomem. O ar ficou preso em seus pulmões até que eles voltaram a olhar para a frente, como se estivessem convencidos de que ela era um deles.

Mas Kylie não sentia que pertencesse a esse lugar. Seu coração sofria por saber que Fredericka não estava mentindo. Ela quase foi embora, mas se deteve. Talvez essa cerimônia não tivesse nada a ver com Lucas. Talvez Fredericka a tivesse enviado até ali para que ela visse todos aqueles lobos e acreditasse na sua mentira.

Empertigando-se, ela avançou um pouco mais e parou na última fila. Obviamente os lobos não precisavam se sentar, pois não havia assentos no local. Sua visão da frente estava bloqueada, mas isso significava que as pessoas que realizariam a cerimônia também não poderiam vê-la.

De repente uma voz começou a falar, dando as boas-vindas a todos. O peito de Kylie ficou oprimido quando ela reconheceu a voz grave.

Não era de Lucas, mas sim do pai dele.

Seu coração se contraiu ainda mais com a ideia de Lucas ficando noivo de alguém.

— Hoje, apresento a vocês meu filho e sua futura esposa — disse o pai de Lucas. — Vocês vão testemunhar os seus votos, o juramento que farão um ao outro.

Kylie fechou os olhos. O sentimento de traição encheu seu peito, enquanto uma música preenchia o ar da noite escura. A lenta música de sinos era diferente de tudo o que Kylie já tinha ouvido.

Uma jovem de cabelos pretos ornado com uma coroa de flores, usando um longo vestido de noite preto, entrou por um corredor. Ouviram-se murmúrios e exclamações entre os convidados, admirados com a beleza da moça. Nem Kylie podia negar que ela era bela de fato.

A massa de pessoas à sua frente de repente se abriu e Kylie viu o pai de Lucas. E de pé ao lado dele... Lucas. Kylie perdeu o fôlego. Ele usava um smoking cinza escuro que lhe caía à perfeição, moldando sua compleição forte. Lágrimas arderam nos olhos de Kylie quando ela o viu estender os braços e pegar as mãos da futura noiva.

A multidão se moveu novamente e ela não conseguiu mais vê-lo, embora ainda pudesse ouvi-lo. Palavras foram proferidas.

Votos.

Promessas.

Lucas Parker oferecia sua alma a Monique. *Sua alma.*

O som da voz de Lucas transpassou o coração de Kylie como uma faca sem corte. Ela queria correr, sumir dali, mas isso só chamaria a atenção dos outros.

Ela esperou. Com a respiração presa, continuou olhando para a frente. Os convidados se moveram e Lucas apareceu novamente à sua frente. Nenhum som se ouvia no parque quando Lucas envolveu a garota em seus braços e a beijou. Beijou-a como ele beijava Kylie.

Kylie mal conseguia respirar. Raiva e traição avolumavam-se dentro dela.

Ela se virou para fugir dali. Não sem perceber que outra fileira de lobisomens tinha se formado atrás dela, ela trombou com alguém.

— Desculpe — murmurou.

— Kylie? — Ela ouviu alguém dizer seu nome mais atrás.

Ela tentou se virar, mas de repente a multidão pareceu se fechar em torno dela, enquanto todos aplaudiam o beijo.

— Com licença — ela pediu, forçando passagem entre os lobisomens.

— Kylie?

Ela ouviu seu nome outra vez. Dessa vez, olhou para trás e viu Clara se aproximando.

Kylie tentou avançar mais rápido entre os convidados, mas se viu em meio a outro grupo compacto de lobisomens. Ela olhou para trás outra vez. Lucas estava com os braços em volta da garota. Ele parecia feliz. Verdadeiramente feliz.

Mais do que tudo, Kylie queria desaparecer dali, desvanecer-se no ar. Então percebeu que podia fazer justamente isso. Ela desejou, desejou com todas as suas forças. Clara abriu caminho entre a multidão e parou ao lado de Kylie. Então olhou em volta... e depois diretamente através de Kylie.

— Você viu a garota loira que estava aqui agora mesmo? — Clara perguntou.

Kylie inspirou e depois soltou o ar. Agora, transformada numa lufada de ar, ela começou a correr.

Nem olhou para trás novamente. Não conseguiria.

Ela estava chorando quando entrou nos bosques e também quando saiu deles.

Talvez fosse o seu destino, ela disse a si mesma. Porque agora sabia o que deveria fazer.

Quando saltou a cerca de volta para Shadow Falls, não foi para a sua cabana; foi para a cabana de Hayden. Não sabia que estava visível até que ele abriu a porta e olhou para ela. Para ela, não através dela.

— O que aconteceu? — ele perguntou, num tom urgente.

— Amanhã. — Ela forçou as palavras pela garganta apertada. — Amanhã eu vou partir.

Ele passou a mão pelos cabelos, os olhos ainda sonolentos.

— Podemos ir agora. Será mais fácil.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Eu tenho que me despedir.

Ele franziu a testa.

— Eles não vão deixá-la ir.

Ela respirou fundo, decidida.

— Não vão poder me impedir.

Quando ela chegou à sua cabana e viu quem a esperava na varanda, seu coração parou.

Ela começou a se afastar correndo, mas percebeu que correr de nada adiantaria.

Ele ainda usava o smoking, mas a camisa estava desabotoada e a gravata-borboleta não estava mais no lugar. Quando seus olhos azuis encontraram os dela, estavam cheios de remorso.

Ela subiu os degraus e ele observou cada um dos seus movimentos. Provavelmente sabia que ela tinha chorado, mas ela se recusava a chorar na frente dele agora.

— Pode voltar, Lucas — ela disse. — Você está perdendo a sua própria festa.

— Não faça isso — ele implorou. — Eu disse a você que estava fazendo o que era preciso, mas que isso não significava nada. Não significa nada.

*Aparentemente significava, sim.*

— Bem, deveria significar alguma coisa. Você ofereceu a sua alma a ela. — Kylie fez um gesto para que ele lhe desse licença. — Estou cansada, você se importa de me deixar passar?

— Droga, Kylie! Assim que eu passar a fazer parte do conselho, rompo esse noivado. Eu tinha que fazer isso para que o meu pai não desistisse de aprovar a minha candidatura. Você disse que entendia.

Ela mordeu o lábio.

— Há quanto tempo vocês se veem?

Ele fechou os olhos.

— Meu pai planejou isso há alguns meses. Ele está tentando me convencer a respeito dela,

mas eu não...

— Pare! — Ela sacudiu a cabeça. — De todas as coisas que eu imaginei que você escondesse de mim, nunca imaginei isso.

— Tente ver a situação do meu ponto de vista — ele implorou.

— Eu estou vendo — ela disse, e que Deus a ajudasse, porque ela estava falando a verdade. — Você fez o que tinha que fazer. Por mais difícil que seja, eu entendo isso. — *Lucas pertence à sua alcateia, ao seu povo.*

*E eu também pertenço ao meu.*

Ele estendeu a mão para pegar a dela. Kylie recuou. Ela não suportaria que ele a tocasse. Doeria muito. Ela levantou uma mão.

— Não.

Ele balançou a cabeça.

— Por favor, não faça isso. Droga! — Ele agitou um punho no ar, fechou os olhos e, quando os abriu, olhou para ela. Dentro dos olhos dela.

— Eu te amo.

*Agora ele fala isso. Agora!* Ela levantou o queixo.

— Eu acho que você já prometeu o seu amor e a sua alma para Monique esta noite.

Ela contornou Lucas, entrou na cabana e bateu a porta. Então, apoiando-se na porta fria, abraçou a si mesma. Em seu coração havia uma ferida inflamada.

*Nunca se apaixone princesa. Machuca demais.* As palavras do padrasto ecoaram no seu coração partido. Como ele estava certo...

Quando ela ouviu Lucas indo embora, prendeu a respiração.

— Esse lobo de merda... — grunhiu Della. Kylie olhou para a frente. Miranda estava ao lado de Della na cozinha. Será que elas tinham ouvido tudo? Mais lágrimas umedeceram os seus olhos.

— Sente-se. — Miranda puxou uma cadeira. — Vou pegar sorvete pra você.

— Não... agora não. — Kylie não tinha forças para explicar, muito menos para conversar.

— Amanhã. — Ela foi para o quarto. Socks olhou para ela, do seu esconderijo embaixo da cama, e desapareceu. Até seu gato a traía. Aquela foi a gota d'água. Kylie desabou na cama e chorou até dormir.

Não que tenha ficado acordada por muito tempo. Às quatro da manhã, Kylie bateu na porta do quarto de Miranda.

— Preciso falar com você.

Della já estava de pé, parada na porta da cozinha, olhando para Kylie com olhos sonolentos e cheios de suspeita.

Quando Miranda saiu do quarto usando suas pantufas de coelho, afastou uma cortina de

cabelos do rosto.

— Que hora são?

— Cedo — respondeu Kylie. — Sinto muito, mas... eu tenho que falar com vocês duas. — *Seja breve e delicada. Breve e delicada.* Ela tinha repetido aquilo para si mesma a manhã toda.

Kylie tinha tentado dissuadir a si mesma, mas não conseguira. Deixar Shadow Falls era a coisa certa a fazer. Mas a coisa certa nem sempre parecia certa. Vir para Shadow Falls tinha parecido errado, no entanto com o tempo ela percebeu que era um passo para que ela encontrasse a verdade. Agora seria simplesmente outro passo — um passo necessário.

Algum dia, Kylie esperava que suas escolhas coincidissem com o que ela queria, e não com o que precisava fazer. Mas esse dia ainda não chegara.

— Não! — disse Della.

— Não o quê? — perguntou Miranda.

— Ela vai nos dizer que vai embora. — Os olhos de Della estavam cheios de emoção.

— Não, ela não vai — disse Miranda, com firmeza.

*Breve e delicada*, Kylie pensou novamente.

— Della está certa. Eu preciso viver com o meu avô por um tempo. Não para sempre. Eu vou voltar. — Deus, ela esperava que sim.

Miranda olhou para ela com uma expressão de descrença.

— Você não pode fazer isso. O que a sua mãe vai dizer?

— Nem pensei nisso. Mas vou pensar. Só preciso que vocês duas entendam e não fiquem furiosas. E... — Lágrimas afloraram em seus olhos. — E que cuidem de Socks para mim, porque ele não quer... ir comigo.

— Você está nos deixando — concluiu Miranda. — Você não pode nos deixar. Somos colegas de alojamento, somos grandes amigas.

Della ficou parada ali, firme, com lágrimas brilhando nos olhos, e secando cada gota que ameaçava cair.

Kylie abraçou Miranda primeiro. A bruxinha começou a chorar e o coração de Kylie ficou tão apertado que ela mal conseguiu respirar. Quando Kylie se voltou para Della, a garota estendeu a mão na sua frente. A raiva inflamava os seus olhos.

— Ah, droga, não! — Della gritou. — Você está nos abandonando. Eu não abraço pessoas que me deixam pra trás. — A vampira, então, irrompeu para dentro do quarto. Kylie sentiu a porta bater no fundo da sua alma e aquilo doeu demais.

Ela foi para o quarto, pegou sua mala de viagem e partiu, antes que ficasse difícil demais. Por dentro, Kylie se sentia em carne viva. Um dia pararia de doer, ela disse a si mesma.

Derek estava do lado de fora da cabana. Sua aparência era de quem tinha acabado de acordar, se vestido às pressas e corrido até ali. Seu jeans não estava abotoado, tampouco a camisa.

Kylie não sabia como ele tinha descoberto, mas evidentemente ele sabia. Ela viu isso em

seus olhos verdes.

— Por quê? — Derek perguntou quando ela andou até ele.

— Porque eu tenho que descobrir algumas coisas.

— Mas você já descobriu muitas durante o tempo em que ficou aqui.

— Eu sei — concordou Kylie. — Mas é hora de dar o próximo passo.

Ele não tentou convencê-la a não ir. Não falou nada no caminho até o escritório. Mas Kylie sentiu que ele captava as emoções dela. Quando chegaram ao escritório, Kylie olhou para ele. Por alguma razão ela se lembrou da primeira vez que o vira — sentado nos fundos do ônibus, nada feliz de estar ali.

Ela largou a mala no chão e o abraçou. Apertado. Havia algo especial entre eles. Ela não tinha certeza do que era, ou se deveria ter se tornado algo maior, mas sabia que ele era muito importante para ela. Provavelmente sempre seria.

Derek tocou o rosto de Kylie. Não disse nada, mas seu toque expressou muito. Ele ainda a amava.

Kylie pegou sua mala e andou até a varanda. Deixou a mala perto da porta, então olhou para trás. Ela tinha telefonado para Hayden mais cedo e pedido que ele a encontrasse às quatro e meia. Ela suspeitava que ele já estivesse lá. Ele não parecia o tipo de sujeito que se atrasasse.

— Holiday — chamou Kylie ao entrar na cabana.

— Estou na minha sala! — Holiday gritou. — Acabei de te servir uma xícara de café.

Kylie foi até a porta. Holiday estava sentada à escrivaninha, os cabelos ruivos soltos sobre os ombros. Ela parecia... feliz. O amor por Burnett lhe fazia muito bem.

— Você levantou cedo... outra vez — comentou a líder do acampamento.

Duas xícaras de café esperavam sobre a mesa. Será que Holiday sabia que ela viria? Kylie entrou e se sentou na cadeira.

— Como você...?

— Lucas me procurou ontem à noite — Holiday confessou.

Kylie engoliu em seco. *Breve e delicada*. Ela não queria falar sobre Lucas naquele momento.

— Eu preciso ir morar com o meu avô por um tempo. Só até descobrir quem eu sou.

Kylie viu desespero nos olhos de Holiday.

— Mas você não pode...

A emoção formou um nó na garganta de Kylie.

— Eu preciso descobrir.

— Nós podemos descobrir isso juntas — insistiu Holiday, embora sua expressão fosse de triste aceitação. Mas não era do feitio de Holiday não lutar pelo que acreditava. A menos que...

Kylie lembrou-se de que, quando Holiday morreu, ela tinha falado com Heidi, a sua avó.

— Ela contou a você que eu iria, não contou?

Quando viu a expressão confusa nos olhos de Holiday, Kylie perguntou:

— Heidi, ela contou a você sobre isso?

— Não, não contou... — Holiday fez uma pausa. — Ela disse que eu não deveria impedi-la de fazer suas próprias escolhas.

— E essa é a minha escolha. — *Droga, como doía dizer isso...* — Mas eu volto. Você sabe disso.

Holiday pressionou as palmas das mãos sobre a escrivaninha.

— O que eu vou dizer aos seus pais?

Kylie fez uma pausa.

— Eu vou pensar nisso e ligo pra você.

Holiday suspirou.

— Burnett vai ficar tão furioso...

— Eu sei. É por isso que eu espero que *você* conte a ele. Eu não acho que vou conseguir encará-lo agora.

— Eu não gosto nada disso. — A voz de Holiday estava embargada.

Lágrimas afloraram nos olhos de Kylie e ela se colocou de pé.

— Della não me deu um abraço de despedida. Por favor, não diga que vai fazer o mesmo.

Holiday levantou-se de um salto.

— Eu vou abraçá-la por mim e por Della. E por Burnett.

O abraço durou vários longos segundos.

— Eu amo você — disse Holiday. — E espero um telefonema seu esta tarde. E todos os dias. De manhã e à noite.

Kylie concordou com a cabeça.

— Obrigada por não brigar comigo por causa disso.

Holiday colocou uma mão de cada lado do rosto de Kylie.

— Não pense que não tenho vontade.

— Mas você sabe que é a coisa certa a fazer? — Kylie perguntou, detestando a ideia de que ainda precisava de mais confirmação. Mas, droga, por que a coisa certa parecia tão errada?

Holiday suspirou.

— Eu não sei se é a coisa certa. Mas não vou impedi-la de ir. — Ela franziu a testa. — Mas vou dizer uma coisa. Se é por causa do que aconteceu com Lucas...

Kylie soltou o ar dos pulmões.

— Não é por causa dele. — E de fato não era. Ele era só a proverbial gota d'água que fizera o copo transbordar.

Holiday suspirou.

— Às vezes, quando estamos magoadas, fazemos escolhas que normalmente não faríamos.

Kylie balançou a cabeça.

— Lembra-se de que o meu pai me disse que descobriríamos tudo juntos? Acho que,

quando disse “nós”, estava se referindo aos camaleões.

A expressão de Holiday ficou mais séria.

— Você não sabe o que ele quis dizer com isso. Você achou que ele estava dizendo que você ia morrer. Talvez se fôssemos à cachoeira, você poderia...

— Não, eu tenho que ir — insistiu Kylie, e uma parte dela acreditava mesmo nisso.

Holiday suspirou, a respiração trêmula.

— Então eu tenho que deixá-la ir, mesmo sem concordar.

Elas se abraçaram novamente. *Breve e delicada*. Kylie deixou a cabana.

A bendita gralha azul arremeteu. Mais lágrimas toldaram a visão de Kylie.

— Xô! — ela disse para o pássaro. — É hora de deixar o ninho. E isso serve para nós duas.

Ao se virar, Kylie viu Hayden esperando ao lado do portão. Ela pegou a mala, a mesma que tinha trazido para Shadow Falls em junho. Começou a andar e, quando estava a apenas alguns metros do portão, sentiu uma repentina lufada de vento, um movimento rápido e familiar passando por ela. Kylie parou.

Os braços de Della envolveram seu pescoço.

— Prometa que vai voltar logo. Me prometa, droga!

Lágrimas escorreram pelo rosto de Kylie e ela abraçou Della ainda mais forte, do jeito que fazem grandes amigas.

— Eu prometo — disse Kylie. — Eu prometo.

Era uma promessa que Kylie pretendia cumprir. Della, obviamente alguém que também acreditava na filosofia do “breve e delicada”, foi embora tão rápido quanto chegou. Kylie olhou para trás mais uma vez. Ela viu Perry e Miranda, ainda chorando, vindo correndo pela trilha até a clareira principal. Ela parou ali e simplesmente acenou. Kylie sabia que Miranda tinha ajudado a convencer Della a vir. Nossa, como ela iria sentir falta das suas amigas!

Então os olhos de Kylie se desviaram para a varanda do escritório. Holiday estava parada ali. Mas não estava sozinha. Burnett estava ao lado dela. Mesmo a essa distância, ela pôde ver a desaprovação nos olhos dele, mas também viu que o braço dele envolvia com ternura a cintura de Holiday. Kylie experimentou uma sensação de calor em seu peito. Ela tinha contribuído para que isso acontecesse. E, de algum modo, sentia que isso era parte do seu destino.

De repente, ela viu Derek parado ao lado do escritório. Ele a olhou nos olhos e sorriu.

Se aquilo tudo não estivesse lhe causando tanta dor, ela teria retribuído o sorriso. Um pouco antes de se virar para ir embora, ela sentiu outra presença. Sentiu, mas não viu. De algum lugar atrás da fileira de árvores que margeavam o bosque, um lobisomem de olhos azuis a observava. Ele estava sofrendo, mas ela também estava.

Ela se virou para o portão. Hayden tinha se aproximado.

— Pronta? — ele perguntou.

Não, respondeu seu coração, mas seus olhos disseram que sim. Ela não sabia o que lhe

aguardava na casa do avô, mas nada, nada substituiria Shadow Falls.

— Não é fácil dizer adeus — disse Hayden.

— Eu vou voltar — afirmou Kylie. — Juro que vou.

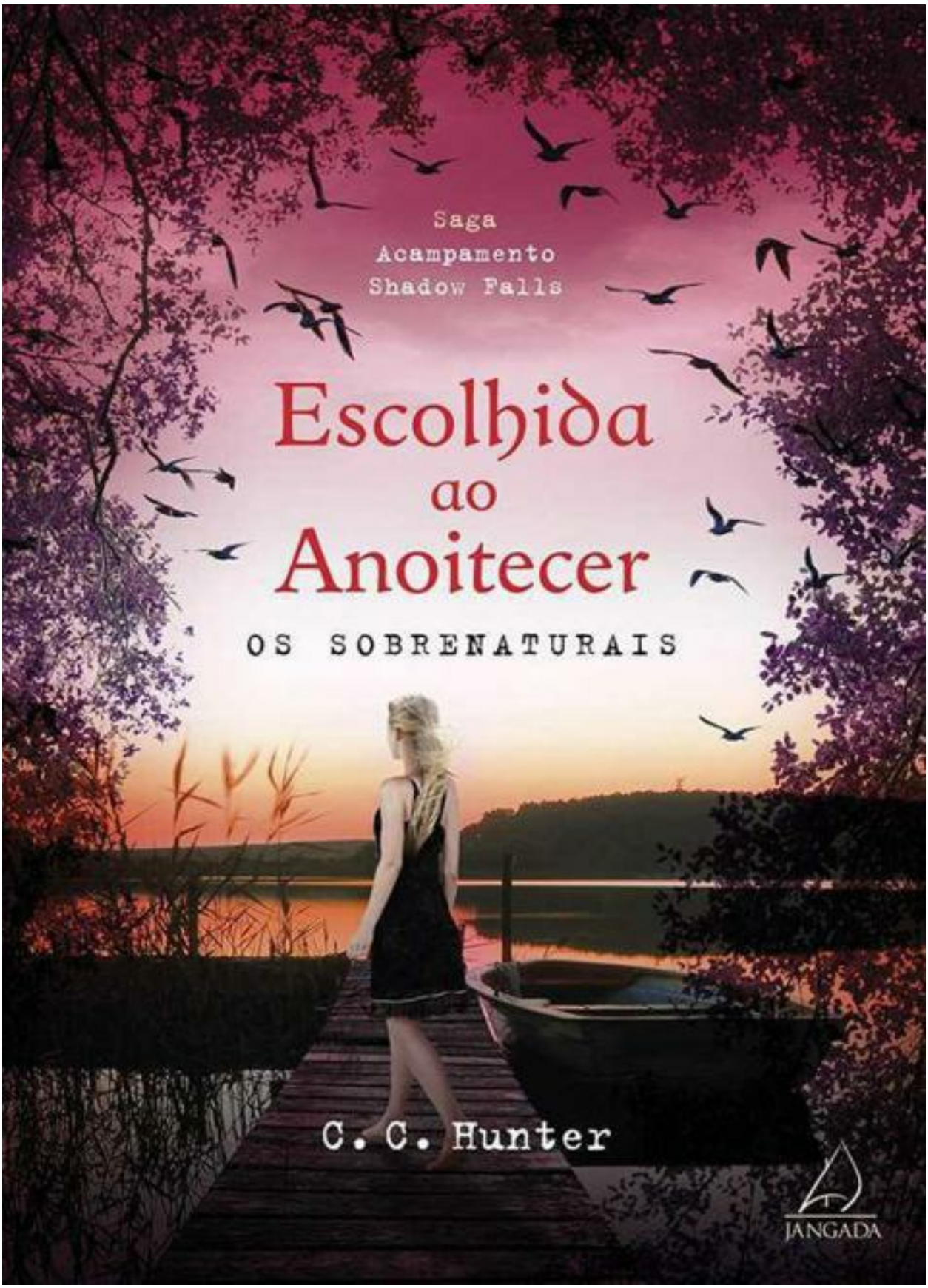
E ela queria acreditar naquilo mais do que tudo.

*O amor vencerá, os poderes serão revelados*
*e uma escolha decisiva terá que ser feita...*
*Não perca o final explosivo da série best-seller de C. C. Hunter.*

# Próximos Lançamentos




Para receber informações sobre os lançamentos da
Editora Jangada, basta cadastrar-se
no site: www.editorajangada.com.br
Para enviar seus comentários sobre este livro,
visite o site www.editorajangada.com.br ou
mande um e-mail para atendimento@editorajangada.com.br


Saga
Acampamento
Shadow Falls
Escolhida
ao
Anoitecer
OS SOBRENATURAIS
C. C. Hunter
JANGADA

# ESCOLHIDA AO ANOITECER

C. C. Hunter

# ESCOLHIDA AO ANOITECER

## OS SOBRENATURAIS

*Tradução:*
DENISE DE C. ROCHA DELELA



Título do original: *Chosen at Nightfall.*
Copyright © 2013 Christie Craig.

https://t.me/StarBooksDigital

https://t.me/SBDLivros

Copyright da edição brasileira © 2013 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Publicado mediante acordo com St. Martin's Press, 175 Fifth Avenue, New York, N.Y.10010.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2013.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são produtos da imaginação do autor e usados de modo fictício.

**Editor:** Adilson Silva Ramachandra
**Editora de texto:** Denise de C. Rocha Delela
**Coordenação editorial:** Roseli de S. Ferraz
**Produção editorial:** Indiara Faria Kayo
**Assistente de produção editorial:** Estela A. Minas
**Editoração eletrônica:** Fama Editora
**Revisão:** Maria Aparecida A. Salmeron e Vivian Miwa Matsushita
**Produção de ebook:** S2 Books

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO**
**SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

H922e
1. ed.
Hunter, C.C.
Escolhida ao anoitecer : os sobrenaturais / C.C. Hunter ; tradução Denise de C. Rocha Delela. — 1. ed. — São Paulo : Jangada, 2013.

Tradução de: Chosen at Nightfall ISBN 978-85-64850-54-5

1. ficção norte-americana. I. Delela, Denise de C. Rocha. II. Título.

13-05200 CDD: 813
CDU: 821.111-3

1ª Edição digital: 2013
eISBN: 978-85-64850-58-3

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP

Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008

http://www.editorajangada.com.br

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br Foi feito o depósito legal.

*Para Val Sturman.*

*Quando conheci você, a minha vida ficou um pouquinho mais brilhante. Você abriu caminho pela minha vida com passos de dança, um sorriso, uma obsessão por contar histórias e uma palavra carinhosa para qualquer pessoa disposta a ouvir. Sinto-me honrada e abençoada por chamá-la de amiga.*

*Sentirei saudades.*

# Agradecimentos

A Rose Hilliard, minha editora, que me catapultou para o gênero jovens adultos e me ajudou a realizar este fantástico e inacreditável sonho editorial. Você é demais! A minha agente, Kim Lionetti, que me ajudou a enfrentar os altos e baixos da minha carreira e as suas loucas reviravoltas. Foi uma jornada de tirar o fôlego e não vejo a hora de saber aonde ela vai nos levar a seguir. Ao meu marido, Steve Craig, que começou tudo ao dizer: “Se você quer ser escritora, então seja!”. E obrigada por me ajudar a seguir em frente, cozinhando e cuidando da roupa suja. Aliás, amor, os sutiãs não podem ir para a máquina de secar. A Kathleen Adey e Shawnna Perigo, por me ajudarem em todas as coisas relacionadas ao ofício de escrever. Vocês duas me fizeram parecer ótima, obrigada. Aos meus fãs: aqueles e-mails que vocês mandaram, os comentários no Facebook e as coisas que postaram no Twitter contribuíram para dar mais alegria a esta alma de escritora. Vocês me mantiveram inspirada. Um enorme obrigada a todos os pais por pagarem pelos livros, de modo que seus filhos adolescentes pudessem mergulhar de cabeça no meu mundo ficcional, e especialmente às mães e aos pais que os levaram aos lançamentos e fizeram questão de me contar quanto os filhos adoram Shadow Falls. Para todos os adultos que confessaram “Eu não sou adolescente, mas adoro a sua série”. E, por fim, mas não menos importante, àqueles escritores pelo mundo afora, com sua incansável determinação para encontrar um lugar ao sol no mundo editorial: com milhares de rejeições nas costas, acreditem quando digo: nunca, nunca desistam do seu sonho.

# Sumário


Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Agradecimentos
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco

Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete
Capítulo Trinta e Oito
Capítulo Trinta e Nove
Capítulo Quarenta
Capítulo Quarenta e Um
Capítulo Quarenta e Dois
Capítulo Quarenta e Três
Capítulo Quarenta e Quatro

# Capítulo Um

Kylie Galen desviou os olhos da sua fatia de pizza de pepperoni sobre o prato de porcelana e tentou ignorar o fantasma que brandia a espada sangrenta bem atrás do seu avô e da sua tia-avó. Os membros recém-descobertos da sua família até que eram... gente boa, mas um pouco certinhos demais. E gente certinha provavelmente não apreciaria um fantasma indesejado manchando de sangue as paredes da sala de jantar.

O espírito, uma mulher de cabelos escuros e soltos, com trinta e poucos anos, conteve o movimento da espada e olhou diretamente para Kylie. *Ou você mata ou matam você. É simples assim*. As palavras reverberaram na cabeça de Kylie. Elas tinham sido transmitidas telepaticamente e, considerando o tópico discutido, essa provavelmente era a melhor opção.

— *Não é tão simples assim* — Kylie contra-atacou. — *Estou tentando comer, então você se incomodaria de ir embora?*

— *Que indelicadeza!* — exclamou o fantasma. — *Você deveria ajudar os espíritos. Precisa ser fiel às suas próprias regras*.

Kylie torceu o guardanapo de pano em seu colo. Será que existe alguma coisa nos manuais que obrigue alguém que se comunica com fantasmas a ser educado com espíritos detestáveis?

Ah, espere aí, ela não tinha uma droga de manual nem instruções a seguir. Estava improvisando. Improvisando em tudo, na verdade: na comunicação com fantasmas, no fato de ser sobrenatural e de ser a namorada de alguém.

Ex-namorada de alguém!

Ultimamente, ela sentia que estava improvisando toda a sua droga de vida, e fazendo uma confusão danada, também. Como sua decisão de deixar Shadow Falls, o acampamento recentemente transformado em escola para adolescentes paranormais. Na época ela sentiu que era a coisa certa a fazer.

*Na época*.

Ela estava ali, na morada dos camaleões, havia menos de duas semanas e não tinha mais tanta certeza.

É verdade que tivera uma boa razão para vir — descobrir mais sobre sua herança paranormal. Ter a chance de conhecer o avô, Malcolm Summers, e a tia-avó, Francyne.

Meses depois de saber que não era totalmente humana, ela finalmente descobriu que era um camaleão, uma espécie rara que foi obrigada a se esconder depois que uma unidade do governo paranormal, a Unidade de Pesquisa de Fallen, ou UPF, tinha usado alguns dos seus membros como cobaias para tentar explicar suas habilidades. A própria avó de Kylie tinha morrido por causa desses experimentos. E agora o mesmo ramo da UPF queria fazer testes com Kylie. Dava para acreditar que isso estava acontecendo?!

Mas a maior motivação de Kylie para deixar Shadow Falls não tinha nada a ver com a UPF ou com a descoberta da sua herança familiar. Tinha tudo a ver com a sua fuga.

Fuga de Lucas, o lobisomem por quem era apaixonada. O lobisomem que tinha prometido a própria alma a uma garota da própria espécie e esperava que Kylie acreditasse que aquela promessa não significava nada para ele. Como Lucas podia ter feito uma coisa daquelas? Como podia ter beijado Kylie com tanta paixão ao longo de todo o mês anterior e, no entanto, ter-se encontrado com aquela garota toda vez que ia para a casa do pai? Como Kylie podia ficar em Shadow Falls e continuar olhando na cara dele?

O problema era que ela até podia ter conseguido fugir de Lucas, mas não da própria desilusão. E agora não estava sofrendo apenas por causa de um certo lobisomem; estava sofrendo porque... cada célula do seu corpo sentia falta de Shadow Falls. Tudo bem, talvez não tanto de Shadow Falls, mas das pessoas de lá. Os amigos que tinham se tornado sua família: Holiday, a *fae* líder do acampamento, que era como uma irmã mais velha. Burnett, o vampiro austero, outro líder do acampamento que era ao mesmo tempo um amigo e uma espécie de pai para ela. Suas duas colegas de alojamento, Della e Miranda, que se sentiram abandonadas quando Kylie partiu. E Derek, que tinha declarado seu amor, mesmo sabendo que ela amava Lucas.

Ah, Deus, ela sentia tanta falta de todo mundo! E o mais irônico era que estava só a alguns quilômetros de Shadow Falls, entocada numa região isolada e montanhosa e que poderia muito bem estar do outro lado do mundo.

Claro que ela falava com Holiday todo dia. A princípio o avô tinha recusado esse direito a ela, mas a tia havia insistido para que ele fosse mais razoável. O avô tinha voltado atrás, mas só se ela usasse um certo aparelho telefônico e fosse muito breve, para que os telefonemas não fossem rastreados. E de maneira nenhuma Kylie poderia contar onde estava.

Como o acampamento era filiado à UPF, o avô não confiava em ninguém em Shadow Falls. E essa desconfiança só contribuía para aumentar o seu sentimento de isolamento com relação a todos que amava. Até com relação à mãe, que telefonara para avisar que viajaria para a Inglaterra com John, o seu novo namorado, com quem Kylie não simpatizava nem um pouco. Evidentemente, o avô permitia que ela retornasse a ligação da mãe toda vez que ela ligava. Por isso elas tinham se falado duas vezes. Mas só duas vezes.

As lágrimas provocaram um aperto na garganta de Kylie, mas ela se recusou a chorar. Tinha que ser forte. Já estava bem crescidinha e precisava agir como a adulta que era.

— A pizza está boa? — a tia-avó perguntou.

— Sim, está ótima. — Kylie viu os dois parentes idosos cortarem a pizza de pepperoni como se fosse um bife. Ela sabia que eles tinham servido a pizza apenas por causa dela, pois perguntaram quais eram seus pratos preferidos depois de ver que ela mal tocara em suas refeições nos últimos dias. Sentindo-se obrigada tanto a comer quanto a demonstrar boas maneiras assim como eles, ela se forçou a morder um pedaço de pizza e mastigá-lo.

Ela não era um vampiro agora, portanto devia estar apreciando a comida. Mas não estava.

Nada parecia ter gosto.

Nada parecia certo.

Não parecia certo comer pizza com garfo e faca, num prato de porcelana tão fina que parecia rara e antiga o bastante para estar num museu. Nem se sentar nessa luxuosa mesa de jantar posta com toda a pompa. E, especialmente, não parecia certo ver um espírito se aproximando do avô, segurando uma espada sobre a cabeça dele.

Kylie olhou para o espírito.

— *Ou você me diz exatamente do que você precisa, sem que isso envolva assassinato, ou é melhor ir embora.*

Uma gota de sangue caiu na testa do avô. Não que ele pudesse ver ou sentir. Mas Kylie podia. O espírito fazia aquele showzinho só para chamar a atenção de Kylie.

E estava funcionando.

— *Pare! Vá embora*. — Kylie lançou um olhar de advertência para o espírito.

— *Você está com um péssimo humor, sabia?* — disse o fantasma.

Sim, ela estava, Kylie admitiu para si mesma. A desilusão fazia isso com as pessoas. Tirava toda a alegria de viver. Ou talvez o que mais tirasse essa alegria fosse a falta que todo mundo fazia. Não que o tempo passado ali com o avô não tivesse sido proveitoso. Ela descobrira muito sobre si mesma e sobre os camaleões naqueles treze dias.

Os camaleões só tinham aparecido havia algumas centenas de anos. Embora eles se considerassem uma espécie, na verdade eram uma mescla de todos os paranormais — indivíduos dotados do DNA e dos poderes de todas as espécies.

O problema era que aprender a controlar esses poderes era dificílimo. A maioria dos camaleões só conseguia essa proeza com vinte e poucos anos. Não que houvesse muitos jovens camaleões tentando fazer isso. Os camaleões eram raros. Segundo o avô, existia uma centena de comunidades como aquela ao redor do mundo, mas no total havia menos de dez mil membros da sua espécie. E a cada dez casais de camaleões, só um era capaz de gerar uma criança. Por isso a população era tão pequena.

Kylie não podia deixar de perguntar se um dia conseguiria ter filhos. Mas, que droga! Ela só tinha 16 anos, era muito jovem para começar a se preocupar com a possibilidade de não ser fértil.

— Como foram as aulas hoje? — perguntou o avô.

Kylie concentrou a atenção no homem. Aos setenta e poucos anos, seu cabelo ainda era loiro avermelhado, com apenas alguns fios brancos. Seus olhos, de um azul brilhante, eram da mesma cor dos olhos dela e dos do pai.

Outra gota de sangue caiu na bochecha dele. Kylie rosnou para o fantasma risonho, que cortou o ar com a espada, parando a apenas um centímetro da cabeça do ancião.

— *Eu disse pra parar!* — exclamou Kylie, apertando os olhos.

— Não foi tudo bem? — o avô perguntou, obviamente lendo a expressão facial da neta.

— Não, foi tudo bem, sim. Eu já sou... já fui capaz de mudar meu padrão de lobisomem para *fae*.

Todos os sobrenaturais tinham padrões que podiam ser vistos pelos outros. Os camaleões tinham o seu próprio padrão, que eles escondiam. E, ao contrário de qualquer outro sobrenatural, podiam assumir o padrão de qualquer espécie e adquirir seus poderes ao se transformar.

O problema era que, assim como seus outros poderes, esse não era fácil de controlar. As aulas ali não incluíam inglês, matemática e ciências, mas o treinamento de como controlar seus poderes e esconder seu verdadeiro padrão de todo mundo.

— Isso é ótimo. Então por que a cara feia? — o avô perguntou.

— É que... — *Eu estou muito infeliz aqui. Quero voltar para Shadow Falls*. As palavras estavam na ponta da língua, mas ela não conseguiu dizê-las. Não diria enquanto não tivesse certeza de que conseguiria voltar. Enquanto não soubesse como conseguiria sobreviver ao olhar para Lucas.

— Eu não estava fazendo cara feia para o senhor. É que...

— Kylie tem companhia — disse Francyne. A tia não podia se comunicar com fantasmas. Ela dizia que não conseguia vê-los ou ouvi-los, mas podia sentir a presença deles sem dificuldade.

O fantasma segurava a espada em riste, apontando-a para o teto como se fosse fazer uma grande declaração.

— *Você em breve terá mais companhia*.

Kylie não sabia o que aquilo significava, mas agora ela não encarava o fantasma, mas o avô, que a fitava confuso.

— Companhia? — O avô olhou para a tia. — Ah! — Ele ficou tenso. Então arregalou os olhos. — É a minha mulher ou o meu filho, Daniel?

— Não. — Kylie gostaria que fosse Daniel, seu pai, que morrera antes de ela nascer. Ela bem que precisava de um pouco de consolo e seu pai era realmente bom nisso. No entanto, ele já esgotara o seu tempo na Terra.

— Nenhum deles. É... outra pessoa — respondeu Kylie.

Alguém que ainda tinha que explicar o que queria ou precisava. Bem, a não ser pelo fato de que ela já tinha dito que precisava de Kylie para matar alguém. O que o espírito pensava que ela era? Uma assassina de aluguel?

O espírito se curvou para chegar mais perto da orelha do avô de Kylie.

— *É uma pena que não possa me ver*. *Você é uma graça*. — Ela lambeu o sangue da bochecha dele. Bem devagar. E olhou para Kylie enquanto fazia isso.

Kylie derrubou o garfo.

— Pare de lamber meu avô, agora mesmo!

O espírito voltou a pôr a língua dentro da boca e olhou para Kylie.

— *Pare de lutar contra o seu destino. Aceite o que tem que fazer. Deixe-me lhe ensinar como deve matá-lo*.

— Matar quem? — Kylie deixou escapar, mas em seguida se encolheu ao perceber que estava falando alto.

— Lamber? Matar? O quê? — o avô perguntou.

— Nada — insistiu Kylie. — Eu estava falando...

— Ela estava falando com o espírito, eu presumo — completou a tia, com as sobrancelhas franzidas, demonstrando preocupação.

— Falando sobre matar alguém? — o avô perguntou, olhando diretamente para Kylie.

Quando a neta não respondeu, Malcolm olhou em volta da sala como se estivesse nervoso. Sua expressão de medo lembrava muito a dos outros sobrenaturais de Shadow Falls.

Foi nesse momento que um pensamento lhe ocorreu. Kylie tinha vindo por achar que iria se adaptar e, no entanto, mesmo vivendo num complexo de cinquenta acres do Texas com 25 outros camaleões, ainda não conseguira se entrosar. E não era só porque falava com fantasmas, mas porque era muito mais madura do que os outros quatro adolescentes que moravam ali. E eles também não pareciam muito entusiasmados diante de uma novata muito mais precoce do que eles.

Os anciãos do grupo — que incluíam seu avô, sua tia-avó e mais quatro outros — achavam que o desenvolvimento precoce de Kylie devia-se ao fato de ela também ser uma protetora, uma sobrenatural com poderes extraordinários. Embora isso parecesse o máximo, Kylie não concordava com aquela descrição por várias razões.

No topo da lista estava o fato de ela só poder usar esses poderes para proteger os outros, nunca a si mesma, o que para Kylie não fazia o menor sentido. Se ela tinha a incumbência de proteger os outros, não era importante que se mantivesse viva? Quem, afinal, tinha inventado aquela regra?

Kylie soltou um suspiro que, ao escapar dos lábios, denunciou sua tristeza. Será que era sua sina ser uma eterna desgarrada?

O avô se curvou para a frente e apoiou o garfo e a faca de prata sobre o caro prato de porcelana.

— Kylie, eu detesto me intrometer nos seus... assuntos espirituais, mas por que um espírito estaria conversando com você sobre matar alguém?

Kylie mordeu o lábio e tentou encontrar uma maneira de explicar sem assustá-los demais. Especialmente porque aquilo também a deixava apavorada. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas foi salva por uma campainha. Uma campainha muito alta, mais parecida com uma sirene. As luzes do lustre sobre a mesa começaram a piscar.

O avô, mais carrancudo ainda, tirou o celular do bolso da camisa imaculadamente branca e bem passada, apertou um botão e colocou-o junto à orelha.

— O que é? — Ele fez uma pausa. — Quem? — perguntou com rispidez, desviando os olhos para Kylie. — Já estou indo!

Ele desligou o telefone e se levantou da cadeira, depois olhou para a cunhada.

— Você e Kylie, sumam daqui. Escondam-se no celeiro. Volto logo.

Quando disse “sumam”, Kylie presumiu que ele estivesse se referindo a ficar invisível, outra coisa que os camaleões faziam. Desvanecer-se no ar.

— O que está acontecendo? — Kylie perguntou, lembrando-se de que o fantasma a advertira de que logo ela teria companhia.

— Temos intrusos. — O tom prático e severo do avô se aprofundou ainda mais e ficou mais sério.

— Intrusos? — Kylie perguntou.

Os olhos dele se estreitaram.

— É a UPF! Agora sumam!

A tia contornou a mesa e pegou a mão de Kylie. Então a mulher se desvaneceu no ar e, numa fração de segundo, Kylie olhou para baixo e viu que suas pernas tinham desaparecido.

# Capítulo Dois

Três minutos depois, Kylie tinha sido levada ao celeiro pela tia. Ou pelo menos era o que ela supunha. Porque todo mundo estava invisível.

Respirando o cheiro terroso da forragem estocada ali, Kylie aprendeu mais uma coisa sobre seus poderes. Os camaleões eram capazes de fazer outras pessoas desaparecem. Ou pelo menos era o que parecia, porque ela não tinha desejado desaparecer e pelo visto o toque da tia tinha dado conta de todo o trabalho.

— Estamos todos aqui? — A voz da tia cortou o estranho silêncio, impregnado de tensão. Kylie percorreu com os olhos o celeiro vazio. Não havia ali uma única alma que ela pudesse ver. Claro, ela tampouco podia ver a si mesma.

Ao prestar atenção, ouviu o som leve de pés se arrastando no chão.

— Vamos fazer a contagem — a voz da tia ecoou novamente. — Um! — começou a tia.

— Dois! — outra voz acrescentou.

A contagem foi até 24, mas eles tinham feito várias pausas e pulado vários números, antes de passar para o próximo. Kylie reconheceu a maior parte das vozes. Especialmente os outros quatro camaleões adolescentes, além de Suzie, de 6 anos de idade, e seus pais, que eram os professores dos grupos. Os números que faltavam, obviamente, eram do seu avô e dos outros quatro anciãos.

— E eu estou com Kylie — disse a tia. — Kylie, o seu número é 25. Lembre-se dele e, sempre que precisarmos desaparecer, você deve dizê-lo para sabermos que está presente.

Ela balançou a cabeça, mas, ao se lembrar de que não podiam vê-la, disse:

— Tudo bem. — Sua mente estava a mil por hora, pensando em tudo o que estava acontecendo, desde ser o número 25 até estar invisível e, sobretudo, no que a UPF queria ali. Eles tinham vindo por causa dela? Então seus pensamentos em torvelinho se detiveram num assunto.

Seu avô. Ela estava preocupada com a segurança dele e com a possibilidade de que a UPF fizesse algo contra ele e os outros anciãos. Será que ele estava bem? Ela deveria encontrá-lo caso ele precisasse de... proteção?

— Talvez devêssemos nos juntar aos outros — disse ela, sentindo o sangue começar a borbulhar, como sempre acontecia quando ela temia que alguém estivesse em perigo.

— Não! — disse a tia numa tom de voz que deixou pouca dúvida de que ela estava no comando ali. — Vamos esperar aqui. Esse era o plano e nós nunca nos desviamos de um plano.

Kylie sentiu algo na voz da tia. Nervosismo, preocupação. O sangue de Kylie, correndo nas veias, ficou ainda mais quente.

— A UPF já veio aqui antes? Será que eles sabem que podemos desaparecer? — perguntou

Kylie.

— Só se você contou a eles — disse Brandon com rispidez.

Brandon, o adolescente que não gostava dela. Ah, ele tinha gostado muito no começo, mas quando Kylie disse ao garoto de 17 anos para não perder tempo andando atrás dela, ele obviamente se sentiu ofendido. Desde então só o que fazia era esnobá-la. E sempre que Kylie conseguia fazer algo que os professores ensinavam, como alterar seus padrões e coisa assim, ele parecia pessoalmente insultado com o sucesso dela. Mas aquilo não era uma competição. Ela só queria aprender tudo o que podia e então... voltar para Shadow Falls.

*Voltar para casa*. O pensamento ficou pairando dentro dela, num lugar muito perto do coração.

— Eu não contei nada a eles! — defendeu-se Kylie.

— Agora não é hora de briga — repreendeu a tia.

— Foi ela que trouxe a UPF até aqui! — acusou Brandon. — Eles nunca estiveram aqui antes. E só Deus sabe o que vão fazer com a gente se nos encontrarem.

— Calado! — exigiu tia Francyne.

Mas, no silêncio que se seguiu, Kylie intuiu o que se passava pela cabeça dos outros. Eles concordavam com Brandon. Por causa dela, a UPF tinha descoberto a morada dos camaleões.

A culpa invadiu o peito de Kylie. Ela nunca pensara que sua vinda pudesse colocar alguém em perigo. No entanto, tinha acontecido exatamente isso, não é?

O sangue borbulhou mais rápido; a ideia de que o avô pudesse ser ferido por culpa dela fez seu coração acelerar.

Kylie tentou liberar a mão do aperto da tia.

— Não! — disse ela. — Se você largar a minha mão, vai ficar visível.

— Eu preciso ter certeza de que eles estão bem. E... posso me tornar invisível por mim mesma.

— Isso é impossível! — Brandon contestou. — Só aprendemos a ficar invisíveis depois dos 20 anos. Todo mundo sabe disso.

Kylie revirou os olhos. Ela estava cansada da inveja mesquinha do garoto.

Soaram passos. Números foram chamados. Ela reconheceu a voz do avô, assim como a dos outros anciãos.

— Eles vão procurar aqui! — disse o avô. — Adultos, não larguem as mãos dos seus filhos. Sigam para o extremo sul da propriedade.

Os sons de pessoas dirigindo-se para a porta ecoou no que, para Kylie, parecia um celeiro vazio.

Kylie sentiu o aperto da tia em seu pulso, incentivando-a a andar, mas então o avô voltou a falar.

— Todo mundo menos Francyne e Kylie. Vocês duas desçam pela orla da floresta, na parte dos fundos da propriedade.

Kylie se perguntou por que ela e a tia Francyne estavam sendo separadas dos outros.

— Por quê? — perguntou Kylie, depois de ouvir os últimos passos se afastando, embora achasse muito estranho falar se ninguém podia vê-la.

— Quando estamos numa situação de emergência, nunca fazemos perguntas.

A voz da tia ecoou no vazio do celeiro. Então, ainda segurando a mão de Kylie, a tia começou a andar e, com passos cuidadosos, guiou Kylie para fora do celeiro.

Ela acompanhou os passos da tia, mas não conseguiu permanecer em silêncio.

— O que está acontecendo? Por que eu tenho que ser levada para um lugar diferente? — Kylie perguntou, quando atravessavam a porta do celeiro. A luz vespertina fez suas pupilas se contraírem.

— Obviamente, é você que eles procuram — o avô respondeu, a voz soando bem perto, embora ele ainda estivesse invisível.

— Mas eu sou uma protetora — Kylie insistiu. — Se alguém precisar de ajuda, eu tenho que estar por perto.

— Eu posso sentir você, droga! Onde você está? — Uma voz familiar, que não era da tia nem do avô, soou atrás de Kylie.

Ela conteve a respiração e olhou por cima do ombro. A uns quinze metros de distância, de pé na grama alta, estava alguém com quem ela se preocupava.

— Derek! — ela gritou. Então se lembrou de que ninguém, além de outro camaleão invisível, podia ouvi-la quando ela estava invisível.

— Nós temos que ir. — A tia deu um puxão na mão de Kylie, mas ela não cedeu. Sem sair do lugar, Kylie se deliciou com a visão de Derek, tão carente que estava de qualquer coisa que estivesse ligada à sua vida em Shadow Falls.

O cabelo castanho-claro do garoto, caído na testa, agitou-se com o vento, dando-lhe um ar despreocupado, mas seus olhos verdes demonstravam preocupação. O que ele estava fazendo ali?

— Onde está você, Kylie? — ele perguntou, a brisa fazendo suas palavras ecoarem a distância.

Ela se lembrou do que o avô tinha dito sobre quem estava ali. Mas não era a UPF.

— Vá para o riacho! — mandou o avô. — Você não devia ter contado a eles onde estava.

A acusação e o tom do avô colocaram Kylie na defensiva. Embora ela não pudesse vê-lo, podia imaginar sua expressão severa e intransigente.

Ela se virou para o ponto de onde vinha a voz.

— Eu não contei! E, não, eu não vou para o riacho! Você mentiu! Não é a UPF! — O sentimento de traição bateu forte.

— Quando eu disse que era a UPF, eu estava repetindo o que disseram as sentinelas. Mas ainda assim, não é mentira. Esses dois trabalham para a UPF.

Esses dois? Quem mais estava ali? Ela ouviu passos vindos da casa. Seu primeiro pensamento foi que poderia ser Lucas. Seu coração deu um salto diante da possibilidade de vê-lo. A dor da deslealdade dele pesava em seu coração e ainda tinha um gosto amargo. No entanto, quando os passos se aproximaram, ela se virou para trás, sem conseguir se conter.

Olhando para trás, viu Burnett, um dos líderes do acampamento. Não era Lucas. A decepção bateu forte em seu peito, mas ela se recusou a crer que era porque Lucas não estava ali. Ela não queria que ele viesse. Não queria vê-lo, não agora, e talvez nunca. Mesmo enquanto esse pensamento atravessava sua mente, ela sentiu o coração disparar com a mentira.

Mas Kylie sabia que pelo menos algumas das suas decepções estavam relacionadas a Burnett. Ela não tinha se despedido dele, porque sabia que ele tentaria impedi-la de ir embora. Agora ela queria ir ao encontro dele e abraçá-lo. Desculpar-se por lhe negar a cortesia de uma simples despedida.

— Kylie — a tia falou de novo, dando um puxão leve em sua mão. — Seu avô sabe o que é melhor. Ouça-o. Temos de ir.

Kylie respirou fundo e tentou não deixar que suas emoções a controlassem. Mas parecia tarde demais. Sua cabeça girava enquanto muitos sentimentos se agitavam dentro dela. Solidão, tristeza e raiva por ter sido enganada.

— Ele sabe o que é melhor para ele, mas talvez não saiba o que é bom para mim.

— Você precisa confiar no seu avô — disse a tia, seu aperto no pulso de Kylie ficando mais forte. — Venha, por favor. Nós só queremos protegê-la.

— Eu não preciso que me protejam de Burnett ou Derek — ela falou calmamente. — E parece que meu avô precisa confiar em mim, também. Eu não contei a ninguém onde estava. Dei a vocês a minha palavra e a cumpri. — Ela ouviu o tom ressentido da própria voz.

— Isso não importa agora — disse o avô, mas Kylie discordou. Antes que ela pudesse expressar o que sentia, ele continuou: — O importante é que eles vão tentar forçá-la a voltar. Se sairmos daqui agora, vamos evitar um confronto.

— Ela está aqui em algum lugar — Derek disse para Burnett. — Eu posso senti-la. Sério, ela está aqui em algum lugar.

Kylie se concentrou onde supunha que o avô estivesse.

— Ninguém vai me forçar a fazer algo que não quero. Nem eles... nem o senhor — ela acrescentou. — Meu plano o tempo todo era voltar a Shadow Falls. Eu lhe disse isso desde o início.

— Um plano com o qual eu não disse que concordava. — A voz do avô ficou ligeiramente mais alta.

Kylie, atraída pelo som de passos, olhou por cima do ombro novamente. Ela observou enquanto Burnett se aproximava. Orgulhoso, forte, obstinado. De muitas maneiras, ele lembrava o avô. Inspirando, voltou a olhar para onde tinha ouvido a voz do avô antes.

— Eu vim aqui de livre e espontânea vontade e, quando eu quiser ir embora, ninguém vai me impedir!

— Você é teimosa demais para seu próprio bem. — A voz do avô soou do vazio.

— E eu receio que tenha herdado isso do meu avô! — Kylie vociferou, voltando a olhar para Derek e Burnett.

— Venha comigo, Kylie — a tia pediu, segurando firme a mão da garota.

— Não! — Kylie repetiu, e viu quando Burnett se aproximou, parando ao lado de Derek, só a

alguns metros de Kylie. Ela queria correr até ele e atirar-se em seus braços.

— A pizza na casa principal ainda estava quente — disse Burnett. — Você tem certeza de que ela está aqui?

— Tenho — respondeu Derek. — E ela está chateada com algo, também.

Derek não podia vê-la nem ouvi-la, mas ainda era capaz de senti-la, Kylie pensou. Aquilo não era estranho?

A tia começou a acariciar a mão de Kylie, como se o toque suave fosse convencê-la. Mas Kylie não estava disposta a deixar que a convencessem de nada.

— Por favor, deixe-me ir — ela disse à tia. Mas esta segurou.

— Ela está em perigo? — Burnett rosnou.

Derek fechou os olhos como se estivesse tentando tocar suas emoções internamente. Quando os abriu, olhou para Burnett.

— Eu acho que não — Derek respondeu. — Ela está frustrada e eu sinto... solidão. E... ela está sentindo... alguma coisa... algo como se estivesse dividida, sem saber a quem ser leal.

Lágrimas brotaram dos olhos de Kylie. Derek sempre acertava quando lia suas emoções. Ela sabia que o avô e a tia se preocupavam com ela, sabia que só queriam o melhor para ela, mas como podia continuar invisível para Burnett e Derek? E por que sentia que seria desleal ao avô se deixasse que a vissem?

Ela tinha tentado jogar pelas regras deles, isso ninguém podia negar. Mas agora já bastava. Burnett olhou em volta e Kylie podia jurar que ele havia olhado diretamente para ela.

— Há outros aqui?

— Não sei ao certo — disse Derek. — Eu só posso sentir Kylie porque... — Ele não terminou a frase, mas ela sabia a resposta. Ele podia senti-la tão bem porque a amava.

Burnett ficou mais ereto.

— Senhor Summers, eu preciso falar com o senhor. Agora!

— Como sabe que ele está aqui? — perguntou Derek.

— Se Kylie está aqui, ele está por perto. — Burnett olhava para os lados. — Mostre-se!

Kylie ouviu o avô ficar ao seu lado.

— Você pertence a nós, filha. Basta deixá-los ir embora — disse o avô.

Seu ombro invisível roçou no dela. Mesmo que ela estivesse zangada com ele, o toque e o tom de sua voz a fizeram se lembrar de Daniel. Os laços que ligavam um ao outro não podiam ser negados.

— Não posso — disse Kylie.

— Deixe-os ir embora e depois falamos sobre isso de maneira racional — o avô sugeriu, e ela podia ouvir em sua voz que ele tentava moderar o temperamento.

— Eu estou sendo racional — disse ela. A tia apertou ainda mais a mão de Kylie e ela teve que se conter para não puxá-la.

— Não, você não está — discordou o avô.

De repente, o humor de Kylie azedou. Talvez ele realmente não tivesse mentido para ela quando disse que a UPF estava ali, mas sem dúvida tinha planejado afastá-la para que ela não

soubesse quem tinha chegado. Desde quando ele achava que podia decidir quem ela podia ou não podia ver?

A resposta veio tão rápido quanto a pergunta que brotou em sua mente. *Desde que cheguei aqui*. Ela não tinha deixado de reparar em quanto a sua ligação com o mundo exterior tinha sido limitada desde a sua chegada. Sem telefone. Sem computador. E não era só ela. O estilo de vida camaleão incentivava o isolamento.

— Não. — Ela tocou a mão da tia. — Solte-me. — Ela falou lentamente, mas num tom que deixava claro que ela estava falando sério.

— Faça o que ela pede — disse o avô, derrotado.

Num piscar de olhos sua imagem começou a aparecer diante de seus olhos. Não era como um fantasma se materializando. De alguma forma era diferente. Como se o ar se partisse e ela fosse puxada de volta para o mundo.

A tia soltou o pulso de Kylie e ela sentiu um leve formigamento nos pés. Então olhou para baixo e viu seus pés e pernas tornando-se visíveis.

— Uau! — exclamou Derek.

Erguendo o rosto, Kylie viu-o olhando para ela e lutou contra o impulso de se lançar em seus braços. Olhando Burnett, ela viu a surpresa transparecendo em seus olhos.

Seu olhar encontrou brevemente o dela; em seguida, ele concentrou a atenção no avô, que estava parado protetoramente ao seu lado.

— Por que veio aqui? — perguntou o avô, o tom sombrio e ameaçador. Imediatamente, ela soube que a postura severa dele era para protegê-la.

— A vida de Kylie está em perigo e, se eu consegui encontrá-los, o pilantra que está atrás dela também conseguirá.

— Não é esse tal pilantra que eu mais temo — disse o avô, deixando pouca dúvida de que ele considerava a UPF, bem como Burnett, a maior ameaça.

— O senhor está deixando o passado impedi-lo de enxergar a verdade — disse Burnett. — Sim, a UPF gostaria de fazer testes em Kylie, mas alguns de nós decidiram que não vão deixar que isso aconteça. No entanto, é Mario e sua gangue assassina que está tentando pegá-la.

— Eu protegerei os meus — disse o avô, os ombros largos se enrijecendo.

— Como? Ficando invisível? O senhor não sabe que Kylie já foi mantida como refém por esse homem? E ela descobriu que Mario é um camaleão, assim como o senhor, o que significa que ele conhece esse truque de vocês. E se o conhece, isso faz com que todos vocês fiquem mais vulneráveis a ele.

— Eu sei disso — disse o avô, na defensiva.

— Então o senhor deveria estar com medo. Mario não passou os últimos cinquenta anos se escondendo como o senhor e seus amigos, viajando de cidade em cidade. Ele está matando inocentes. Ele tem poderes que vocês têm e os usa para matar pessoas. Até o próprio neto morreu pelas mãos dele na frente de Kylie, porque o garoto estava tentando defender sua neta. Se Mario sacrifica alguém do seu próprio sangue, eu acho que nada vai impedi-lo de matar sua própria espécie.

— Espere aí! — exclamou Kylie, tentando se colocar a par da situação. — Como você sabe que Mario está de volta?

Burnett olhou de relance para Kylie.

— Ele foi localizado.

— Localizado por quem? — o avô perguntou, a ironia evidente em seu tom. — Pela UPF? Como poderíamos acreditar neles?

— Eu vejo que o senhor tem suas reservas — disse Burnett, as palavras deslizando dos lábios franzidos, impregnadas do que parecia raiva. — Mas precisa entender...

— Como você se atreve a pedir que eu entenda? — O rosto do avô ficou vermelho de raiva. — O que eu entendo é que você e a sua laia mataram a minha mulher. Por causa de vocês, eu nunca conheci meu filho. O que eu entendo... — ele bateu no peito com o punho — é que agora vocês querem fazer o mesmo com a minha neta!

Kylie viu Burnett tentando manter o controle, mas ele não conseguiu esconder a raiva que brilhava em seus olhos. Ela tinha de intervir, mas como? Infelizmente, Kylie não teve tempo para pensar num plano. O avô deu um passo em direção a Burnett.

— Parem! — Kylie tentou se colocar entre os dois homens. Mas era tarde demais.

Ninguém parou.

O avô levou o punho para trás e Burnett levou um soco bem no queixo.

Embora o avô não fosse tão jovem quanto o vampiro, não lhe faltava força, e Burnett se estatelou no chão. Um som de pura fúria partiu de alguém, e Kylie presumiu que fosse de Burnett. Num segundo, o avô estava em cima do vampiro e a briga continuava.

Derek avançou, mas dois camaleões apareceram do nada e o agarraram pelos braços.

Como as coisas tinham desandado com tanta rapidez?

# Capítulo Três

— Parem com isso! — Kylie sentiu que seu instinto de proteção começava a entrar em ação; a familiar sensação efervescente percorria seu corpo, mas ela não tinha ideia de onde aplicar sua força. *Dividida, sem saber a quem ser leal.* As palavras de Derek ecoaram em sua cabeça. Os camaleões eram a sua espécie. O avô era seu sangue. No entanto, Burnett e Derek eram... Eles eram sua família, também!

Sem aviso, outra figura apareceu e agarrou o avô por trás, afastando-o de Burnett com violência. O avô conseguiu ficar em pé e virou-se de frente para o recém-chegado.

Sentindo-se forçada a agir, mesmo antes de pensar no que estava fazendo, ela se aproximou, agarrou o mais novo membro da briga pela camiseta e atirou-o para bem longe do avô. A figura impotente voou cerca de dez metros no ar e caiu com estrondo no chão. Nesse momento, seus olhos azuis encontraram os dela e Kylie percebeu quem ela tinha atirado no ar.

Lucas.

Então, ele *tinha* vindo.

A lembrança do garoto beijando a noiva veio à tona em sua mente e ecoou dolorosamente em seu coração. E por um milésimo de segundo, ela desejou tê-lo atirado duas vezes mais longe.

Kylie se virou, ofegante, e seu olhar se encontrou com o de Derek, ainda se debatendo entre os dois camaleões que o seguravam.

— Larguem ele! — ela gritou para os homens. Viu que eram membros do grupo do avô, mas isso não importava. Ela não deixaria que machucassem Derek.

Suas palavras não tinham deixado completamente seus lábios, quando de repente os sujeitos que seguravam Derek se estatelaram no chão como moscas mortas. Derek olhou zangado para os seus corpos e ficou ereto, quase com um sentimento de orgulho pelo que tinha feito.

A visão dos corpos imóveis no chão provocou uma onda de pânico. O que Derek tinha feito? Ela queria que eles libertassem Derek, mas não queria... Ela então se lembrou da capacidade do *fae* para nocautear mentalmente as pessoas, mas deixando-as praticamente ilesas. Ou pelo menos era o que ela esperava.

Voltando-se para a sua direita, ela se recusou a olhar para Lucas, mas ouviu-o se levantar e pressentiu seu olhar sobre ela. E o sentiu implorando por um olhar apenas. Ele poderia implorar quanto quisesse; ela não estava disposta a ceder.

No entanto, menos de duas semanas atrás, ela teria dado seu coração a ele.

Mas quem ela queria enganar? Ela já *havia* dado seu coração a ele! Por isso estava sendo tão difícil.

Piscando, ela voltou a se concentrar no avô, que parecia preparado para atacar Burnett novamente.

O vampiro se levantou, o sangue escorrendo dos lábios. Seu rosto e linguagem corporal expressavam ferocidade; ele parecia alguém prestes a pagar na mesma moeda, mas uma das suas mãos se estendeu à frente, sugerindo uma tentativa de paz. Graças a Deus alguém tinha demonstrado bom senso, pois com o seu coração partido repetindo a mesma ladainha dolorosa várias vezes em sua cabeça, ela não achava que estivesse completamente sob controle.

Quando o avô deu mais um passo à frente, Burnett falou:

— Nós dois não precisamos brigar. Vamos parar antes que alguém se machuque.

Kylie, percebendo que precisava reagir, correu para o lado do avô.

— Ele tem razão — disse Kylie. — Pare, por favor! — Ela colocou a mão em torno do braço do avô. O calor encheu seu peito. Depois atravessou o seu braço e chegou aos dedos. Em seguida ela o sentiu fluindo do seu toque diretamente para o ancião. Instintivamente, soube que havia passado a emoção de calma para ele. E isso, obviamente, estava funcionando, pois ele baixou a cabeça e respirou fundo, como se estivesse tentando se recompor. Com o queixo ainda abaixado, ele deve ter visto os homens que Derek havia nocauteado, porque correu até eles.

— Eles estão bem — disse Derek, afastando-se do avô de Kylie, como se temesse que o homem viesse a agredi-lo. Mas o avô não mostrava mais nenhum sinal de que pretendia agredir alguém.

Kylie se lembrou do toque calmante que aplicara nele. Será que ela tinha instintivamente se transformado em *fae*? Tinha que ser isso, não é?

Lucas deu um passo à frente; não que ela tivesse olhado diretamente para ele, mas com a visão periférica observava seus movimentos. Tentou sentir algumas das emoções serenas que acabara de transmitir ao avô. Mas não funcionou. A dor da traição de Lucas tomou conta do seu coração, toldando seu julgamento e dando um nó em sua garganta.

— Todos nos deem licença — falou o avô. — Com exceção de Kylie e do senhor Burnett James.

— Para o senhor poder atacá-lo de novo? — Lucas perguntou, o tom duro, irado.

E, no entanto, ela poderia jurar que havia um toque de arrependimento na voz dele, também. Imaginou sua expressão, seus olhos cheios de remorso, mas mesmo assim não olhou para Lucas.

— Façam o que ele disse — Burnett ordenou, parecendo perceber, como ela, que o avô tinha recuperado a razão.

As pessoas começaram a se afastar. Kylie sentiu Lucas mover-se novamente, mas seus passos pareceram se demorar um pouco mais quando ele passou atrás dela. Seu cheiro encheu o ar que ela respirava e uma pergunta sussurrada chegou aos seus ouvidos.

— Você me odeia tanto que não consegue sequer olhar para mim?

Se ao menos ela pudesse odiá-lo, Kylie pensou.

Então ele continuou num tom de voz baixo, que só ela podia ouvir.

— Eu nunca me importei com ela. Só com você. — O som de seus passos se afastando soou como os últimos compassos de uma música triste.

Fisicamente ele tinha se afastado, mas suas palavras continuavam pairando no ar. Oprimiam Kylie com onda após onda de emoção. Ela sabia que Lucas tinha falado a verdade — sabia

porque, sendo ainda *fae*, ela captava seus sentimentos; sentia-os se infiltrando em sua pele, deslizando para o seu coração e preenchendo-o a ponto de causar dor. Mas saber que ele falava a verdade não mudava nada.

Se ele tinha ou não a intenção de magoá-la, isso não mudava o fato de que a magoara. Como podia não ter lhe ocorrido que ela ficaria arrasada ao saber que ele estava comprometido com outra pessoa? Será que ele não via como ela ficara magoada ao descobrir que, durante todos os meses em que estiveram juntos, ele vinha se encontrando com aquela garota e pelo menos fingido se importar com ela?

Logo em seguida, Kylie ouviu os passos de outra pessoa movendo-se atrás dela. Então sentiu o leve toque de dedos roçando suas omoplatas. O toque lento e macio não pretendia seduzir nem chamar a atenção. Só queria acalmar.

O toque quente e tranquilizador não deixava dúvidas acerca da identidade da pessoa: Derek.

A dor em seu peito diminuiu e ela piscou para se livrar das lágrimas que começavam a se acumular em seus olhos.

Tentando recuperar o controle de suas emoções rebeldes, Kylie ficou parada ali, de olhos fechados, concentrando-se na sensação do sol em sua pele e da brisa em sua face.

— Kylie? — A voz de Burnett obrigou-a a abrir os olhos.

O avô e Burnett estavam na frente dela. A preocupação escurecia os olhos de ambos.

— Você está bem? — perguntou o avô.

— Estou ótima. — Ela abriu um sorriso que certamente não convenceu ninguém.

— Então venha — disse o avô. — Nós precisamos conversar. Em casa e diante de um copo de chá gelado.

Enquanto ela os acompanhava, viu Burnett lhe lançar um rápido olhar, dando a entender que tinha percebido sua mentira. Ela não estava ótima. Não estava nem mesmo bem. Então ela viu algo mais no olhar do vampiro. Ou ela tinha lido suas emoções? Medo. Medo de revelar alguma coisa, como se estivesse preocupado com a possibilidade de ela não gostar do que ele tinha a dizer.

Mal sabia ele que Kylie não gostava de nada do que andavam lhe dizendo nos últimos tempos. Então, no mesmo instante ela percebeu que estava pensando apenas em si mesma. Egoisticamente, estava focada apenas em sua própria dor. Havia uma razão para Burnett estar ali e talvez não fosse apenas por causa dela.

Fazendo uma parada repentina, ela pegou o vampiro pelo cotovelo.

— Estão todos bem? O que... o que aconteceu?

Cinco minutos depois, Kylie estava sentada à mesa da sala de jantar e esperava a tia lhes servir chá gelado antes de começarem a conversa. Ela só rezava para que não continuassem brigando, como tinham feito lá fora. A tensão entre Burnett e o avô lentamente voltou a aumentar. Kylie, porém, já estava no limite. Era melhor que alguém começasse a falar ou ela iria surtar. E “alguém” era uma referência a Burnett.

Ele tinha evitado responder à pergunta dela até chegarem a algum lugar... onde pudessem conversar. Isso basicamente colocou-a em alerta máximo, convencendo-a de que estava certa. Mario não era a única razão para ele estar ali. Alguém não estava bem.

No caminho para casa, ela quase tinha enlouquecido, imaginando o pior. Agora, sentada ali, com a pizza fria no centro da mesa, lutava contra a sensação de náusea, enquanto diferentes versões do "pior" oprimiam seu coração. Ela sabia que Derek e Lucas estavam bem. E, sim, ela sabia que não devia se preocupar com Lucas, mas ainda assim se preocupava.

Holiday tinha que estar bem, do contrário Burnett não estaria ali agora. Ele a amava demais para não ficar fisicamente arrasado caso algo tivesse acontecido a ela. Isso só deixava uma alternativa...

Seus pensamentos imediatamente se desviaram para suas duas amigas mais próximas — amigas com quem o avô insistira para que ela não falasse durante algum tempo. Mas como ele fora menos rígido com relação às suas conversas com Holiday, ela tinha tentado aceitar isso. Agora... se algo tivesse acontecido a elas... Ah, Deus! Sem saber o que pensar, as lágrimas começaram a arder em seus olhos.

A mente de Kylie voltou-se primeiro para Della. A vampira teimosa estava numa missão para a UPF. Será que alguma coisa tinha dado errado? Será que Della estava bem?

Kylie lembrou-se do dia em que dissera a Della que não gostava de vê-la trabalhar para a UPF, mas, quando Della lhe perguntou se queria que ela desistisse de ajudá-los, Kylie tinha dito que não. Ela sabia quanto Della queria trabalhar para a agência.

Mas agora... se algo tivesse acontecido a Della, Kylie iria se arrepender para sempre daquela resposta.

A preocupação minava a paciência de Kylie.

— É Della? — ela finalmente falou, quando o copo de chá foi deixado na sua frente e a tia saiu da sala. — Aconteceu alguma coisa com ela?

Burnett olhou para Kylie.

— Não, Della está bem... até onde eu sei. Ela ainda está em missão.

— Então quem... o que aconteceu?

Burnett segurou o vidro frio na palma da mão, mas não tomou nenhum gole do chá.

Se não fosse sangue, ele raramente bebia alguma coisa, a não ser o café forte que ela o vira tomar certas manhãs.

— Depois que Mario foi visto em Fallen, ocorreu um incidente. Não temos certeza se tem alguma coisa a ver com isso.

— Alguém se machucou? — As palavras deixaram um gosto amargo em seus lábios, pois ela de algum modo sabia que alguém não tinha saído ileso.

Ele girou o copo nas mãos duas vezes antes de responder.

— Helen foi atacada.

Kylie prendeu a respiração. Helen, meio *fae*, era a pessoa mais tímida e dócil de Shadow Falls. Quem diabos iria querer machucá-la? A resposta lhe ocorreu como um eco indesejado. Mario.

— Ela está... bem? — A palavra “viva” permaneceu em seus lábios, mas ela temeu pronunciá-la porque, caramba!, teria doído demais.

— Sim — ele respondeu. — Ela vai ficar bem. E nem mesmo sabemos se isso tem alguma ligação com Mario.

— Então esse Mario não estava procurando Kylie — concluiu o avô.

Ela olhou para o avô e disse o óbvio.

— Burnett não estaria aqui se não suspeitasse disso.

Burnett relutantemente concordou.

— Nós suspeitamos disso. — Ele olhou para Kylie. — Mas não há realmente nada que comprove. Ela foi atacada por trás. Não consegue se lembrar do que aconteceu.

— Está muito ferida? — Kylie perguntou, rezando para que Helen não ficasse com cicatrizes, físicas ou emocionais.

— Ela é mais forte do que qualquer um de nós imaginava. — Ele hesitou. — Os ferimentos foram graves, mas não fatais. Como você pode imaginar, Jonathon não sai do lado dela. Os pais dela estão no hospital e passaram por alguns momentos difíceis. Aparentemente, Helen não contou a eles sobre o seu novo amor.

Kylie imaginou Jonathon, o vampiro alto, magro e cheio de *piercings*, segurando a mão de Helen diante dos pais da garota.

— Posso imaginar que ele também esteja para lá de chateado e queira se vingar.

— Vejo que você conhece Jonathon muito bem. — Um levíssimo indício de sorriso passou pelos lábios de Burnett. Mas o sorriso não se demorou ali. — Pusemos guardas no hospital, apenas para o caso de o agressor voltar.

— Devo ir até lá? — perguntou Kylie.

— Não — disseram Burnett e o avô ao mesmo tempo.

Burnett continuou.

— Se foi Mario, isso poderia ser uma estratégia para fazê-la ir até o hospital.

O pensamento de que ela e mais ninguém fosse a razão de Helen ter sido atacada fez Kylie sentir tristeza. Então a raiva brotou e encontrou o seu próprio espaço. Ela estava farta de ver pessoas sofrendo na mão de Mario por causa dela! Mas como poderia detê-lo? Essa era a pergunta crucial, e Kylie concluiu que ela precisaria ser respondida. Melhor mais cedo do que mais tarde.

Burnett endireitou-se na cadeira e voltou a atenção para o avô de Kylie.

— Foi depois do ataque a Helen que fiquei preocupado com a segurança de Kylie. Imaginei que, se eu conseguisse encontrá-la, ele com certeza também conseguiria. Acho que Kylie estaria mais segura se voltasse para o acampamento.

— E eu discordo — disse o avô.

— O senhor discorda? — Burnett sibilou a pergunta. — Mario deixou claro: ou Kylie se junta ao seu grupo de camaleões ou ele tem planos para matá-la. Ele se sente ameaçado pelo poder que ela tem como protetora.

— Mais uma vez repito que eu sei disso — o avô insistiu. — Você não é o único em quem

Kylie confia. Mas se esse ataque contra a outra garota foi para fazer com que Kylie aparecesse, então isso significa que ele não sabe onde ela está.

— Mas por quanto tempo? — perguntou Burnett. — Mario não é alguém que desista facilmente.

— Talvez, mas se ele já conseguiu entrar no acampamento para chegar até essa menina, como você quer me fazer acreditar que não poderia fazer o mesmo para pegar Kylie?

— Mas... — Kylie falou, porém o olhar direto de Burnett pareceu pedir que ela o deixasse resolver aquilo sozinho. Ela fechou a boca, embora com certa irritação.

— Eu entendo as suas preocupações — disse Burnett. — No entanto, o ataque não aconteceu no acampamento. — Ele girou mais uma vez o copo de chá nas mãos e fitou o líquido cor de âmbar, como se não soubesse se deveria bebê-lo ou não. Então ergueu o olhar. — Outro fator a considerar é que temos mais gente para ajudar a combater Mario e seus seguidores. E, embora eu saiba que essa ideia provavelmente vai enfurecer o senhor, eu também tenho a ajuda da UPF. Com o escritório em Fallen, perto do acampamento, posso ter uma centena de pessoas treinadas lá em questão de minutos.

O avô fez uma careta.

— Você está certo, essa ideia me enfurece. — Ele fez uma pausa e Kylie o viu rangendo os dentes antes de falar novamente. — Devo dizer que a única razão pela qual eu me sento à mesa com você é porque a minha neta o tem em alta conta. Na ausência do pai e na situação familiar em que ela se encontrava, você, em muitos aspectos, assumiu o papel de pai para ela.

Burnett passou o dedo sobre as gotículas condensadas do seu copo de chá, quase como se se sentisse desconfortável ao saber quanto Kylie o considerava.

— Peço a Deus que você mereça o respeito dela. — O avô suspirou novamente. — Dito isso, sua lógica me confunde. Você afirma que está protegendo minha neta da UPF e ainda assim iria chamá-los para ajudar a protegê-la. Como isso é possível?

— Estou ajudando a impedir que eles a submetam a testes simplesmente porque não tenho certeza de que esses testes sejam totalmente inofensivos. Acredito que a ânsia da UPF por encontrar respostas a impeça de levar em conta os interesses de Kylie. Mas, por favor, não considere isso uma afirmação de que acho que eles são capazes de fazer o que fizeram com outros no passado. A UPF não é perfeita, senhor Summers, nenhuma organização é nem nunca será, mas ela não é a mesma organização daquela época.

O silêncio encheu a sala. A tensão pairava espessa no ar.

— Deixe-me levar Kylie de volta a Shadow Falls, onde eu acredito que ela estará mais segura — Burnett continuou. — Vou ter guardas de prontidão, esperando Mario dar a sua próxima cartada. Quando ele fizer isso, estaremos prontos. Nós vamos pegá-lo e acabar com isso de uma vez por todas.

— E nós podemos fazer o mesmo — acrescentou o avô, o tom de voz firme novamente.

A carranca de Burnett se aprofundou.

— Olhe nos meus olhos e me diga com franqueza se acredita que o senhor e o seu pessoal são capazes de lidar com isso.

O avô entrelaçou os dedos — com força — e colocou as mãos fechadas sobre a mesa. Então olhou para as mãos como se refletisse sobre as palavras de Burnett.

Quando o avô levantou o olhar, encontrou os olhos de Kylie, e em seguida voltou o cenho carregado para Burnett.

— Eu não concordo com o seu plano, nem com a sua avaliação sobre a minha capacidade ou a do meu pessoal para proteger um dos nossos. No entanto, posso estar apegado aos meus preconceitos do passado. Preconceitos que, estou certo, farão parte de mim até a morte.

Ele limpou a garganta e soltou um suspiro.

— Contudo, uma coisa a minha neta deixou clara desde que chegou aqui: ela se considera dona do próprio nariz. Então, embora eu espere que ela ouça o meu conselho, estou consciente de que a decisão será dela. Perdi muitos familiares nesta vida e me importo muito com ela para afugentá-la tentando prendê-la demais.

Os olhos de Kylie encheram-se de lágrimas novamente. Ela estendeu o braço e tocou as mãos do avô. Ele virou a palma da mão para cima e segurou a mão dela. Seus olhares se encontraram.

— Fique aqui, Kylie. Fique e continue a aprender sobre quem você é e sobre o lugar a que pertence. — O toque do avô, tão parecido com o do pai, aqueceu seu corpo.

Uma parte dela queria ceder. Mas a que preço?

# Capítulo Quatro

Antes que Kylie dissesse alguma coisa, ela viu na expressão do avô que ele já sabia qual seria a decisão dela. E viu a dor que estava lhe causando. Ela a sentia também. A dor do avô.

— O senhor não vai me perder. O fato de eu não morar aqui não vai mudar nada. Sempre vou ser sua neta. Mas acho que Burnett tem razão. Eu preciso voltar. — Essa era, ela pensou, a única escolha que poderia fazer.

Shadow Falls era a sua casa, mas essa era apenas parte da razão que a levara a tomar a decisão. No fundo, ela sabia que Burnett estava certo. Por mais talentosos que fossem seu avô e seu complexo de camaleões, eles tinham passado a maior parte da vida evitando o confronto, e não se preparando para isso. Eles não eram páreo para Mario e sua gangue assassina.

O problema era que Kylie não tinha certeza se Shadow Falls seria páreo para Mario. E se fosse, quantos mais seriam feridos como Helen, ou pior, mortos?! Aquilo já tinha acontecido antes.

Enquanto ela acompanhava os passos de Burnett até o portão da frente, eles permaneceram em silêncio.

A noite já caía. Parte do céu, tingido com tons de rosa, insinuava o pôr do sol. Quando chegaram ao portão, Burnett olhou para ela.

— Mais tarde telefono ao seu avô a fim de combinarmos um horário para eu vir buscá-la amanhã.

Kylie concordou com a cabeça; ela tinha insistido para que ele lhe desse tempo para se despedir do avô. Mas agora seu coração não queria ver Burnett ir embora. Eles não tinham começado a conversar de fato. Os últimos quinze minutos tinham se passado com o avô fazendo perguntas sobre como Burnett os encontrara ali. O vampiro explicou que tinha sido através do escritório imobiliário. Quando o avô vendera sua casa, Burnett conseguiu encontrar o corretor que realizou a venda e, por meio dos registros de vendas, descobrira outra propriedade do seu avô.

Agora, com o adeus em seus lábios, ela não se sentia pronta.

— Você jura que Helen está realmente bem?

— É como eu disse. Ela vai se recuperar.

— E a missão de Della vai indo bem? Ela não está em perigo?

— Da última vez que nos comunicamos, ela confirmou que está tudo bem.

Kylie assentiu.

— E Holiday, como vai?

— Ela está preocupada. Mas ela vive preocupada com vocês, campistas. É seu estado natural

de ser.

— Mas as coisas entre vocês dois estão... bem?

Ele sorriu.

— Sim. Muito bem.

Os sorrisos de Burnett eram poucos, por isso ela pôde deduzir quanto o relacionamento havia progredido.

— E Miranda? — perguntou Kylie.

— Solitária — ele disse. — Com as suas duas colegas de alojamento fora, ela está se sentindo um pouco deslocada. Ela, assim como muitos outros, vai ficar feliz em saber que você está voltando.

— Certo. Sem ninguém com padrões mutantes andando por ali, acho que o dia a dia fica meio entediante.

Burnett deu de ombros.

— Ficaria espantada se soubesse quantas pessoas perguntaram de você. Você não é a aberração que imagina ser, Kylie.

— Sinto falta de todos, também — ela admitiu. — Posso dar um abraço de despedida?

Ele arqueou uma sobrancelha em sinal de desaprovação, e Kylie soube imediatamente por quê. Burnett não era o tipo de pessoa que eximia os outros das suas responsabilidades.

— Eu não acho que você mereça um abraço de despedida — ele disse, lembrando a Kylie que ela não tinha se despedido dele ao sair do acampamento.

— Eu estava errada — disse ela, aceitando que merecia o castigo. — Acontece que eu sabia que você iria discutir comigo. Teria tornado a minha partida ainda mais difícil.

— Eu teria argumentado. Teria insistido em dizer que não era a melhor atitude a tomar — ele disse. — E eu teria razão.

— Talvez não toda a razão. Eu aprendi algumas coisas. Além disso, ele é meu avô e ela é minha tia-avó. Passar um tempo aqui não foi totalmente errado.

— Entendo a sua necessidade de aprender sobre si mesma e, concordo, há um momento para se reunir com a família, mas não quando sua vida está em perigo.

Kylie olhou para ele.

— Então o bem-estar de uma pessoa é mais importante do que... a família. Mas Holiday não é a sua família? — Ela sabia que o pegara.

Ele nem sequer tentou dar alguma desculpa boba.

— Dou o braço a torcer.

— Uau, isso é uma raridade! — Ela sorriu.

— Bem, pode se vangloriar — disse Burnett. — Mas, como sempre digo, você conhecia a minha fraqueza e usou-a contra mim.

— Amar alguém não é fraqueza — disse Kylie. E então a preocupação ofuscou a leveza do momento. — Você tem certeza de que foi Mario quem atacou Helen?

— Tanta certeza que estou aqui agora — ele disse. — E vou colocar guardas vigiando este lugar durante a noite. Mario já viu o seu poder, Kylie. Você ameaça a existência dele.

E, no entanto, Kylie se sentia impotente contra ele. Ela olhou para além do portão da frente e viu duas figuras. Duas figuras que ela reconheceu como Lucas e Derek. Eles estavam a uns bons quinze metros de distância um do outro, como se não estivessem de fato juntos.

Ou, como se... estivessem em vigília... Eles estariam de guarda? A ideia de que Lucas podia ser a pessoa convocada para vigiá-la, depois de magoá-la tão profundamente, enviou outra onda de dor ao seu peito.

— Lucas não — ela murmurou.

— Lucas não o quê? — Burnett perguntou.

Kylie se achou meio infantil por se sentir assim, e até mais por expressar esse sentimento, mas ela não queria pensar que Lucas estaria tão perto naquela noite. Ela teria que enfrentar sua proximidade pela manhã, quando voltasse para Shadow Falls, mas não naquela noite.

— Eu não quero Lucas me protegendo.

Burnett abriu a boca para dizer algo, mas em seguida fechou-a, como se pensasse melhor. Então, com a testa franzida, concordou com a cabeça.

Kylie ignorou o olhar de desaprovação e se aproximou para reivindicar o seu abraço.

O abraço de Burnett, mesmo com a temperatura fria do seu corpo de vampiro, enviou uma sensação de calor direto ao peito de Kylie. Saber que no dia seguinte ela iria para casa tornou a despedida mais fácil, mas saber que seria forçada a ficar na presença de Lucas tornava meio agridoce essa volta para casa.

Kylie começou a fazer o caminho de volta para a sede do complexo, mas à medida que se aproximava ficou preocupada com a conversa que sem dúvida ocorreria lá dentro. Precisando de alguns minutos para encontrar uma maneira de ajudar o avô e a tia a entenderem sua decisão, ela passou reto pela casa e seguiu para o gazebo. O céu brilhava num tom de rosa forte e o sol poente banhava a cena à sua frente com tons dourados. Enquanto andava entre os carvalhos, seu olhar foi atraído para o musgo espanhol que balançava com a leve brisa.

Ela se perguntou se o avô se sentiria obrigado a se mudar, agora que Burnett tinha provado quanto era fácil encontrá-lo. Ela esperava que não. Por mais descontente que tivesse se sentido ali aquela semana, a beleza da propriedade não tinha lhe passado despercebida. Os ecos da natureza pareciam anunciar a chegada do anoitecer — um pássaro, alguns grilos.

Então o crepúsculo pareceu prender a respiração e a tranquilidade do momento foi interrompida pelo barulho de um galho estalando. O coração de Kylie parou quando seu olhar se voltou para a orla das árvores. Por que o ligeiro ruído a sobressaltou, ela não sabia. Poderia ter sido apenas uma criatura inocente voltando para casa antes de escurecer.

No entanto, o barulho não parecia inocente.

De repente, uma sombra apareceu e depois desapareceu entre as árvores. Kylie não podia explicar por quê, mas, em vez de correr do barulho, ela se sentiu compelida a correr na direção dele.

Perto das árvores, ela viu a figura novamente, uma silhueta feminina, entrando e saindo das

sombras. Por um milésimo de segundo, Kylie achou que *a* reconhecera.

Ela fez uma parada abrupta.

Como era possível? Como ela poderia estar ali? O que ela estaria fazendo ali?

Kylie a seguiu. A garota tinha que ter seguido Lucas. Por que outra razão sua noiva estaria ali?

Sem muita certeza se queria enfrentá-la, ela se virou para se afastar. Tinha dado apenas alguns passos quando ouviu os pés de alguém pisando a terra macia, acompanhando os passos de Kylie.

— O que você quer? — Kylie falou com rispidez, sem olhar para a pessoa que agora movia-se ao seu lado.

— Falar com você — a pessoa respondeu. No entanto, havia alguma coisa errada com a voz. Não era o tom de voz floreado com o qual ela ouvira a moça prometer sua alma à pessoa que Kylie amava. Não era Monique.

Kylie parou e olhou para Jenny, a camaleoa de 17 anos de idade que fazia do complexo. Ela tinha cabelos escuros e a mesma altura de Monique. Será que Kylie a confundira com...?

— Era você?

— Era eu o quê? — perguntou Jenny.

Kylie olhou novamente para os traços de Jenny, um nariz reto, queixo quadrado e olhos verde-claros acinzentados, e lembrou-se da vaga sensação de que ela parecia familiar. Não era como se a conhecesse, mas como se ela se parecesse com alguém que ela conhecia.

— Era você... que estava na floresta?

— Acho... que sim. Eu estava vindo de casa.

Kylie teve um rápido vislumbre da pessoa que ela pensara ser Monique. Não tinha sido Jenny. Ou tinha?

— Você viu mais alguém?

— Não. Por quê? Havia mais alguém andando por aí?

Kylie olhou para a floresta.

— Provavelmente não — disse ela, mas sem estar completamente convencida. Por ser um lobisomem, Monique poderia ser muito silenciosa, se quisesse. Ou muito rápida ao fugir. Kylie voltou a andar, sua mente mais acelerada do que seus passos.

— Então... você se incomoda? — perguntou Jenny.

Perdida em seus pensamentos, Kylie olhou para a garota.

— Me incomodo de fazer o quê?

— De conversar — disse Jenny, apertando as mãos como se estivesse preocupada com alguma coisa.

— Eu... — Kylie olhou para trás, na direção da casa. — Eu preciso falar com meu avô e minha tia agora, mas por que você não vem comigo?

Kylie observou novamente a expressão preocupada de Jenny e achou estranho que a garota quisesse falar com ela. Jenny não tinha sido rude com Kylie durante sua estadia ali, mas também não tinha sido amigável.

— Algo errado?

— Ouvi dizer que você está indo embora. É verdade?

Kylie assentiu.

— Sim. Por quê?

Jenny mordeu o lábio inferior como se estivesse nervosa.

— Quando?

— Amanhã — respondeu Kylie.

Vozes vieram da casa do avô. Kylie olhou na direção da porta.

— Eu... tenho que ir.

Jenny correu para longe, apressada. Kylie voltou-se para a casa e percebeu que na varanda do avô estavam os outros quatro camaleões mais velhos, como se tivessem acabado de sair da casa para ir embora.

Kylie olhou para trás e tentou mais uma vez convencer a si mesma de que era Jenny e não Monique que ela tinha visto. Mas não estava totalmente convencida.

Enquanto se dirigia para a casa, os anciãos passaram por ela. Todos acenaram rapidamente com a cabeça e continuaram andando, mas Kylie sentiu a tensão se irradiando deles. De alguma forma, Kylie sentia que eles tinham conversado com o avô sobre ela. Embora estivesse aliviada com o fato de o avô ter pelo menos chegado a um certo nível de paz com Burnett, isso não significava que os outros anciãos o apoiavam. E isso, Kylie percebeu, poderia significar problemas. Se não para ela, pelo menos para o avô.

Kylie hesitou ao entrar na casa. Mesmo depois de treze dias morando ali, ela ainda se sentia no dever de bater. Não que a tia ou o avô não a fizessem se sentir bem-vinda, mas ela simplesmente sentia não pertencer àquele lugar. Talvez porque, no fundo, soubesse que não se adaptaria à comunidade dos camaleões. Ela pertencia a Shadow Falls. Lembrou-se de Burnett dizendo que a sua vinda tinha sido um erro. E mesmo que não parecesse muito certo, ela não estava preparada para chamar de erro.

As vozes vinham da sala de jantar e ela se dirigiu para lá. Quando entrou no corredor, as vozes pararam. Pararam rápido demais, como se soubessem que ela estava lá e não quisessem que ela ouvisse o que diziam. Kylie fez uma pausa no limiar da porta. A tia e o avô estavam sentados à mesa, olhando para ela. Kylie desejou saber a coisa certa a dizer. No entanto, uma parte dela sabia que não importava o que dissesse, ela iria magoá-los. Talvez Burnett estivesse certo. Vir tinha sido um erro. Se não por outra razão, pela dor que havia causado ao avô e à tia.

— Sinto muito se causei problemas. Lamento que...

— Não se preocupe, minha filha. Sente-se — disse a tia. — Você quer que eu esquente a sua pizza?

— Não, não estou com fome. — Kylie sentou-se e olhou para o avô.

— Os anciãos estão chateados com o que aconteceu? Estão chateados comigo ou com você?

O avô suspirou.

— Chateados, sim, mas não com uma pessoa em particular. Eles não gostam de mudanças, e ultimamente tem havido uma série de mudanças.

*E, principalmente, por minha causa*. Kylie mordeu o lábio.

— Uma pessoa uma vez me disse que é quando as coisas não mudam que devemos começar a nos preocupar.

— Eu aposto que essa pessoa não era um camaleão — disse o avô.

— Não — respondeu Kylie.

Ele acenou com a cabeça.

— Certo ou errado, temos uma tendência a gostar de nossas zonas de conforto.

— Existe algo que eu possa fazer para ajudar? — ela perguntou.

As rugas entre os olhos ficaram mais evidentes.

— Fique conosco e continue a aprender o que a sua herança significa — disse ele. — Você só arranhou a superfície do que há para aprender.

— Malcolm — disse a tia —, não ponha a menina numa situação difícil.

— Eu me preocupo que a situação fique realmente difícil quando ela voltar para Shadow Falls — ele disse.

— Eu fiz o máximo para agir da maneira certa, mas não posso ficar — confessou Kylie, sentindo a garganta apertar.

— Eu sinto muito. — Ele ergueu a mão. — Sua tia está certa, eu estou pressionando você e não deveria. Já dei a minha opinião. Mas tenho que dizer que vou sentir sua falta.

— E eu vou sentir a sua — disse Kylie. — Vocês vão ficar morando aqui?

Ele deu de ombros.

— Se os outros anciãos forem embora, vamos também.

— Porque eles não confiam em Burnett? — perguntou Kylie.

— Tenho certeza de que é por isso também — disse ele.

— Como vou entrar em contato com o senhor?

— Hayden Yates ainda está trabalhando na sua escola.

Hayden era o camaleão que o avô havia contratado para ficar de olho em Kylie. Por alguma razão, quando ela foi embora, tinha presumido que ele iria também.

— Ele ficou como professor?

O avô assentiu.

— Ele os convenceu de que você o enganou para que a levasse embora do acampamento. Eles ainda não sabem quem ele é, e precisa continuar disfarçado.

Kylie concordou com a cabeça, mas não podia deixar de achar suspeito. Burnett não era enganado com tanta facilidade.

— Na verdade, Hayden fala muito bem da direção da escola.

— Viu? — disse Kylie. — Na verdade, lá não é um lugar ruim.

*

Naquela noite, sem saber o horário em que Burnett viria buscá-la, Kylie fez as malas. Então se esticou na cama, coberta com os lençóis e o edredom mais macios que ela já tinha visto, e começou a rever as fotos do pai. Achava que estar com o avô faria com que sentisse menos falta do seu verdadeiro pai, mas não; parecia que estava acontecendo o contrário. Ver esse homem que parecia uma versão mais antiga do pai fazia com que ela sentisse ainda mais a falta de Daniel.

Por fim, depois de passar muito tempo desejando que as coisas fossem diferentes, ela ficou ali, olhando o teto. Preocupava-se com a possibilidade de sua partida magoar o avô. Preocupava-se com Della, e até um pouco com Miranda, sentindo-se abandonada pelas duas amigas. Preocupava-se com a mãe, na Inglaterra, provavelmente transando com um homem que lhe dava arrepios.

Ah, Deus, ela tinha que afastar bem rápido essa imagem da cabeça, ou ia pôr para fora o pouco de pizza que tinha comido.

Ela também estava preocupada porque ainda não sabia como enfrentar Lucas.

— *Mas você não está preocupada comigo?*

O frio chegou tão rápido que Kylie perdeu o fôlego quando o oxigênio gelado atingiu seus pulmões. Ela pegou o edredom e puxou-o até o queixo.

— Eu deveria estar preocupada com você? — perguntou Kylie, olhando para onde o fantasma estava. Seu cabelo pendia solto e ia quase até a cintura. Ela usava o mesmo vestido branco coberto de sangue.

E parecia... morta. Mais morta do que antes.

Kylie não entendia. Se um fantasma tinha a opção de parecer morto ou não tão morto, por que não escolhia sempre a segunda opção?

— *Não, não se preocupe comigo. Eu já estou morta. Vê?* Ela puxou a saia esticando-a e mostrou uma dúzia de cortes sangrentos no vestido branco. Era como se alguém a tivesse atacado com uma faca e não soubesse quando parar.

— Isso é terrível. — Kylie desviou o olhar por um segundo e depois voltou a fitar o fantasma. — Quem fez isso com você?

O fantasma não respondeu, só ficou olhando para os buracos no vestido.

— *Na verdade, não é tão terrível. E para ser honesta, a pessoa com quem você deveria se preocupar é você mesma. Porque, se não começar a me ouvir, vai acabar morta. Assim como eu.*

— Ouvir o quê? Você me dizendo para eu matar alguém? É isso que você quer? — Kylie perguntou, franzindo a testa.

— *Sim.* — Ela continuou a olhar para os buracos no vestido. — *E não faça isso parecer uma coisa terrível. Tirar uma vida não é a pior coisa do mundo.*

— Ok, eu estou curiosa. Quantas pessoas você matou?

O espírito olhou para cima como se estivesse considerando a questão. E parece que aquilo exigia um tempão. Como se ela realmente tivesse que contar.

— Você realmente fez isso, não fez? Você matou mais de uma pessoa?

— *Mais de vinte, mas sei que estou me esquecendo de algumas. É que essas não contam*

*muito.*

— Quem você era? Um assassino de aluguel... uma assassina de aluguel?

— *Não, bem, mais ou menos, eu acho. Eu não lucrava com o meu trabalho. Só cuidava do problema de outras pessoas. E dos meus próprios.* — De repente apareceu sangue em suas mãos. Ela as ergueu e olhou para elas. O sangue escorria dos seus dedos. Parte dele caiu sobre o vestido já ensanguentado e algumas gotas escorreram para o tapete bege. O cheiro de ferrugem encheu a sala e fez Kylie sentir náuseas. Ela supôs que deveria estar feliz por não apreciar mais o cheiro de sangue.

— Você está tentando me levar para o inferno com você? É isso o que você quer? Ouvi falar que alguns maus espíritos presos no inferno fazem isso. Mas eu não vou para lá, e me recuso a ajudá-la a matar alguém, então pode desistir. Você entendeu? — Kylie fechou os olhos e tentou ter pensamentos positivos, da maneira que, segundo Holiday, poderia impedir um fantasma de assumir o controle... e levar você para lugares onde não queira ir.

Ela sentiu o refluxo da maré de frio, mas ouviu o espírito sussurrando em sua cabeça.

— *Eu não quero que você vá para o inferno. Eu quero que você mande alguém para lá.*

— Vá embora! Vá embora! Vá embora! — Kylie murmurou em voz alta e mentalmente. — Eu não vou matar ninguém para você. Não... Não... eu, não.

O frio foi embora e Kylie respirou fundo. Mas o estalo em sua janela a fez gritar de susto e saltar pelo menos três centímetros da cama.

Seu olhar se desviou para a janela, mas ela não viu nada.

Depois que o pânico inicial diminuiu, surgiu na sua mente a imagem do pássaro azul — o mesmo que ela tinha salvado da morte. Será que ele a seguira até ali?

Saindo da cama, ela se aproximou da janela, e com os pensamentos no fantasma saído do inferno ainda agitando a sua mente, puxou cautelosamente as cortinas rendadas brancas. De súbito, um rosto distorcido apareceu pressionado contra a vidraça.

Kylie gritou.

# Capítulo Cinco

— Kylie? Você está bem? — A voz do avô soou na porta do quarto ao mesmo tempo que ela reconheceu o rosto na janela.

*Jenny*. A jovem camaleoa que falara com Kylie mais cedo e agira com tanto nervosismo. A mesma que Kylie pensou ser Monique.

O que ela estava fazendo na janela? O que poderia querer àquela hora da noite?

O olhar de Jenny disparou para a porta do quarto e ela balançou a cabeça.

O pânico transpareceu em seu rosto, fazendo seus olhos se arregalarem; sua expressão implorava que Kylie não dissesse ao avô que ela estava ali.

— Sim, eu estou bem. Acho que estava sonhando — Kylie mentiu, esperando que o avô não estivesse no padrão dos vampiros e fosse capaz de detectar a mentira por meio do seu batimento cardíaco. Olhando pela janela, ela viu o alívio nos olhos verdes da menina.

— Durma bem, então — disse o avô, por detrás da porta.

— Pode deixar — respondeu Kylie. Ela esperou até ouvir os passos se afastando pelo corredor e, em seguida, foi até a janela e abriu a vidraça.

Jenny pôs um dedo sobre os lábios e fez sinal para Kylie sair.

Antes de atender ao pedido de Jenny, Kylie colocou a cabeça para fora e olhou ao redor. Ela não tinha certeza do que estava procurando, só não queria ter nenhuma surpresa. A presença de Jenny já era surpresa suficiente.

Assim que ela começou a rastejar para fora da janela, Jenny a deteve e inclinou-se para dentro do quarto.

— Aquela é a sua mala pronta?

Kylie olhou para a mala sobre uma cadeira.

— Sim.

— Pegue-a — Jenny sussurrou de volta.

Kylie prendeu a respiração.

— Por quê?

— Eu tenho que tirar você daqui.

— *Você o quê*? Não! — Kylie balançou a cabeça. — Eu vou embora amanhã.

— Não, você não vai. Ou pelo menos não vai para onde acha que vai.

— O que você está dizendo? — Kylie perguntou, e parte dela queria fechar a janela na cara da garota, porque sabia instintivamente que a notícia que Jenny tinha não ia agradá-la nem um pouco.

Dez minutos depois, esgueirando-se pela parte de trás da propriedade do avô, com a velha mala

marrom na mão, Kylie ainda não conseguia aceitar o que Jenny lhe havia dito.

— Não posso acreditar que meu avô faria isso.

— Eu disse a você, provavelmente essa não é a vontade dele. São os outros anciãos. Para ser sincera, seu avô é o mais tolerante de todos eles.

Kylie parou.

— Mas ele não ia prosseguir com isso. Não deixaria que me raptassem e me prendessem contra a vontade.

— Olhe, para ser sincera, nem sei se ele sabe. Eles podem estar fazendo isso pelas costas dele. Mas você e eu vimos os outros anciãos, lá na casa, falando com ele.

A raiva e a dúvida ficaram tão fortes dentro dela que lágrimas brotaram de seus olhos.

— Mas ir embora desse jeito... É tão errado! Eu deveria voltar e falar com ele.

— Não! Se você voltar, é quase certo que vão nos encontrar. Eu conheço o horário dos guardas e, se não nos apressarmos, eles vão pegar você fugindo.

Kylie respirou fundo. O aroma da floresta encheu seus pulmões e ela tentou raciocinar. A noite parecia se arrastar entre as árvores e o ar estava espesso.

— Por quê? Por que eles fariam isso?

— Não é óbvio? Você é uma protetora e pertence aos camaleões.

— Eu não pertenço a ninguém!

— Eu não quis dizer isso... Sei que você na verdade não pertence a ninguém. Mas é assim que eles se sentem. — Jenny se aproximou. — Eles estão errados, estão completamente errados acerca de muitas coisas! Por que você acha que estou fazendo isso?

Kylie olhou para Jenny e a pergunta da garota vibrou na sua cabeça.

— Por que você *está* fazendo isso? E não diga que é só porque acha que eles estão errados, ou porque você gosta de mim ou algo assim, porque você não trocou mais do que algumas palavras comigo. Minha intuição me diz que é mais do que isso e a minha intuição geralmente está certa.

Ela desviou o olhar, mas não antes de Kylie ver a culpa em seus olhos.

— Isso é algum tipo de armadilha? — Kylie começou a olhar ao redor.

— Não, não é uma armadilha! — afirmou Jenny.

Kylie sentiu convicção na voz de Jenny, mas ela não era um vampiro e não podia ter certeza se a menina estava mentindo ou não. Ela olhou para Jenny com firmeza.

— Ou você se explica agora ou eu vou dar meia-volta e procurar o meu avô.

— Explicar o quê? — Jenny perguntou, parecendo frustrada.

— Explique por que você está me ajudando se nem gosta de mim.

Ela bufou.

— Olha, eu não gosto de você porque Brandon gosta. Eu deveria me casar com ele e, embora fique furiosa de pensar que eles acham que podem me dizer por quem eu devo me apaixonar, ainda assim fiquei chateada quando vi que ele estava dando em cima de você.

— Se casar com ele? Você quer dizer que os mais velhos tentam arranjar casamentos?

— Eles tentam fazer tudo. São todos loucos. Bem, seu avô, nem tanto, mas... — Jenny passou a mão na calça jeans como se ficasse nervosa ao falar dos seus verdadeiros sentimentos. — Eles nos obrigam a ficar longe de tudo. Dizem que é porque não querem que as pessoas nos vejam até que a gente tenha habilidade para esconder os nossos padrões. Mas olhe para você. Você vivia no mundo normal e não foi morta nem escravizada.

— Escravizada?

— É, eles usam o medo para nos manter submissos. Para nos convencer a ficar aqui e não sair pelo mundo.

Kylie balançou a cabeça.

— Não ouvi nada a esse respeito. — Mas ela percebeu de repente quanto tinha ficado isolada desde que chegara. Sentia-se tão sobrecarregada que não tinha se dado conta disso.

— Eles tomam cuidado com o que dizem na sua frente. Mas você tem que acreditar em mim. Eles querem nos manter aqui. Para nos proteger, dizem, mas... às vezes eu acho que o que mais devemos temer é sermos sufocados por esse modo de vida. E se descobrirem que não concordamos com eles, vão fazer da nossa vida um inferno.

— O que me leva de volta à minha pergunta original — disse Kylie. — Se você tem tanto medo, por que está fazendo isso?

A garota desviou os olhos de novo.

— O que você não está me contando? — Kylie insistiu.

Jenny suspirou.

— É Hayden.

— Hayden Yates? — perguntou Kylie.

— Conversamos às vezes. Meus pais não sabem. Os mais velhos não sabem. E você não pode contar a ninguém.

Kylie fez as contas na cabeça, comparando a possível idade de Hayden com a de Jenny.

— Ele é velho demais para você.

Os olhos verdes de Jenny se arregalaram. Ela balançou a cabeça.

— Ele não é meu namorado. É meu irmão mais velho.

Kylie tentou avaliar essa nova informação.

— Então por que seus pais não querem que você fale com ele?

— Por que ele nos deixou. Quando um camaleão vai embora, tem que cortar todos os laços com a família para não nos expor.

— Mas meu avô mantém contato com Hayden — disse Kylie.

— Como eu disse, seu avô é o menor dos males aqui. Ele, na verdade, me deixa falar com o meu irmão às vezes. — Jenny fez uma careta. — Mas não temos tempo para ficar aqui conversando. Estou falando sério, se não formos agora, os guardas vão nos pegar. — O som de passos se aproximando, e bem rápido, ilustrou o alerta de Jenny.

— Droga! — ela exclamou. — Corra! Basta continuar indo para o sul e você vai chegar aos limites da propriedade. Se correr, vai chegar lá antes dos guardas.

— Mas...

— Vá! Eu prometi ao meu irmão que iria tirar você daqui!

A urgência na voz de Jenny fez Kylie começar a correr, mas ela só tinha avançado uns cem metros quando seu peito se contraiu com um mau pressentimento. Um mau pressentimento sobre deixar Jenny. Kylie sentia uma mudança sutil em seu corpo diante da menor ideia de que alguém poderia estar em perigo. Ela não ia deixar a menina, não até saber que ela não estava em perigo. Ela parou e começou a voltar.

— Droga! — Uma voz grave explodiu no escuro da floresta. Parecia uma voz familiar. — Me solta!

— Deixe ela em paz! — Jenny gritou. — Ela está voltando para o lugar a que pertence.

Os pés de Kylie batiam com mais força contra o chão enquanto ela corria para a orla das árvores. Ela não tinha parado completamente quando reconheceu a voz. Então viu Derek com Jenny, muito irritada, agarrada às costas dele, com as mãos sobre os olhos do garoto e as pernas em volta da sua cintura.

Derek puxou as mãos dos olhos, mas Jenny as apertou em torno do pescoço dele.

— Onde está Kylie? — ele resmungou, e virou-se, como se tentasse encontrá-la ao mesmo tempo que lutava para se livrar da sua agressora.

Kylie quase sorriu ao ver Jenny agarrada às costas de Derek. O sorriso desapareceu quando ela o viu fechar os olhos, como se fosse se concentrar. Ela sabia que ele estava prestes a fazer aquela coisa com a mente. Isso deixaria Jenny inconsciente.

— Pare! Eu estou aqui! — Kylie gritou.

— Você o conhece? — perguntou Jenny, com as pernas ainda agarradas à cintura de Derek.

— Sim. Eu o conheço. Saia de cima dele. — Kylie sugeriu, sem ter certeza de que Derek compreendia que Jenny não era uma ameaça.

Jenny escorregou para baixo e, em seguida, recuou rapidamente, como se agora que o momento de pânico tivesse acabado, ela sentisse medo. Derek virou-se e, pela expressão de Jenny, sem dúvida a encarou de cara feia.

Depois de apenas um segundo, sua raiva diminuiu. Os dois olhares se encontraram, nenhum deles parecendo feliz, mas avaliando um ao outro.

— Então... então é melhor irem embora, vocês dois. — Jenny acenou com os braços e rapidamente desviou o olhar de Derek. — Vão antes que os guardas encontrem vocês.

— O que está acontecendo? — Derek perguntou, e finalmente olhou de Jenny para Kylie. Ela viu o olhar dele se desviar para a mala em sua mão.

— Ela diz que os anciãos vão tentar me impedir de ir embora.

Kylie sentiu o aperto da traição ao dizer isso. Será que seu avô estava envolvido nisso?

— Mas Burnett disse que...

— Vocês não têm tempo para falar sobre isso! — repreendeu-os Jenny.

Derek olhou para Kylie, como se estivesse esperando uma explicação.

— Temos que ir — disse ela, e a tristeza vibrou dentro de si, ao pensar em partir dessa maneira. Sem saber se o avô a traíra ou não.

Ela olhou mais uma vez para Jenny.

— Obrigada.

Jenny lançou a Kylie um sorriso tímido e acenou com a cabeça antes que ela e Derek se afastassem.

Kylie manteve o ritmo dos passos de Derek, sabendo que ele não conseguiria acompanhar os dela. A mala parecia leve em sua mão firme, mas o sacolejar, para a frente e para trás, era incômodo.

— Eu poderia ter batido nela. Mas você sabe que eu não queria machucar aquela garota.

— Eu sei. — Kylie reprimiu um sorriso. Ah, os rapazes e seus egos...

Seus passos pareciam ecoar nas árvores e encher a escuridão.

Mas os ânimos de repente mudaram. Embora ela não conseguisse explicar, sua pele estava ultrassensível e seu sangue parecia correr mais rápido. Medo. Perigo. A sensação queimava dentro dela como um fogo lento, e o cheiro parecia encher o ar, causando um ardor na sua carne.

E pelo olhar rápido que Derek lhe lançou, Kylie sabia que não era a única a sentir. O ritmo dos seus passos aumentou de repente.

*

Eles estariam a cem metros do portão em menos de cinco minutos. Kylie poderia ter chegado lá na metade do tempo, mas Derek não. Quando se aproximaram, Kylie divisou o portão. Eles poderiam facilmente pular. Kylie estava prestes a dizer a Derek qual era o plano, quando de repente ela se lembrou. Só porque não podia ver os guardas não significava que eles não estivessem lá.

Ela agarrou o braço de Derek e puxou-o para trás de uma árvore.

— Espere! — ela sussurrou baixinho.

— Está tudo bem — ele disse, olhando para trás, além do tronco de carvalho.

— Não dá para ter certeza — disse ela. — Eles são camaleões.

O olhar dele disparou para a cerca, a testa franzida em perplexidade.

Ela percebeu o segundo exato em que ele se deu conta do que ela queria dizer.

— Como vamos saber se... eles estiverem invisíveis? — ele perguntou.

Kylie de repente recordou que, embora não pudesse ver ninguém quando estava invisível, ela podia ouvir.

— Deixe-me verificar uma coisa.

Ela fechou os olhos e se concentrou em desaparecer. Por um segundo, teve receio de que aquilo não fosse funcionar, mas logo em seguida sentiu o tipo estranho de formigamento em seus pés e depois nos joelhos.

Os olhos de Derek se arregalaram quando ela desapareceu. Assim que não conseguiu mais ver a si mesma, ela se concentrou em ouvir. Seu olhar vagou entre as árvores, tentando ver alguma coisa no escuro. Ao seu lado, podia ouvir a respiração de Derek. Ela olhou para ele, viu-o ainda olhando para ela, como se achasse seu desaparecimento um pouco demais. Em seguida, ela ouviu. Som de passos.

Merda.

Alguém estava se aproximando deles. Tinha que ser os guardas.

Em pânico, ela pensou no que poderia fazer. Eles podiam ouvi-la, estivesse invisível ou não. Mas pelo menos ela não podia ser vista.

Mas e Derek?

Lembrando-se de algo que tinha aprendido, ela desejou ficar visível novamente e, quando apareceu, Derek só olhou para ela ligeiramente surpreso.

Ela se inclinou e cochichou em seu ouvido.

— Eles estão por perto. — Ela pegou a mão de Derek e entrelaçou os dedos nos dele. Normalmente, Kylie não se preocuparia tanto com os guardas. Camaleões não eram conhecidos como bons lutadores, mas a sensação de medo que ainda eriçava seus pelos lhe dizia que ela não deveria arriscar. Não agora, quando estavam tão perto de escapar.

Ela inclinou-se para mais perto da orelha de Derek.

— Vou fazer você ficar invisível, junto comigo. Você tem que ficar muito quieto, porque eles não podem nos ver, mas podem nos ouvir. Entendeu?

— Espere aí. Você vai me deixar inv...?

Ela o interrompeu, pressionando um dedo sobre os lábios dele. Então, sem saber realmente se conseguiria fazer aquilo, fechou os olhos com força e não pensou em nada que não fosse desaparecer, levando Derek consigo.

Aos poucos, suas pernas começaram a se desvanecer, e então ela viu a mão de Derek começar a brilhar. Ela o ouviu ofegar de leve quando ele viu a mesma coisa. Não tinha ocorrido a ela até então que essa coisa toda de ficar invisível poderia não funcionar da mesma forma com outras espécies. E se aquilo fizesse mal a ele? Kylie quase largou a mão dele, mas ouviu a intuição e ela lhe dizia que estava tudo bem.

Santo Deus!, ela esperava que sua intuição não a deixasse na mão justo agora!

À medida que a sensação de formigamento subia lentamente pelo seu corpo, ela viu o braço dele desaparecer completamente. Então segurou firme o pulso de Derek e sentiu o polegar dele acariciar a parte de trás do seu braço. Quando ela mirou seus olhos, viu que o olhar dele estava fixo em sua boca. Ele se inclinou um pouco. Ah, Deus! Felizmente, antes que ele pressionasse os lábios contra os dela, ele tinha visualmente sumido. E ela também. Quando sentiu a respiração dele nos lábios, ela se afastou um pouco.

— Você pode me ouvir? — ela sussurrou, ainda pensando no beijo que quase aconteceu. Por que parecia tão errado? Ela não precisava ser leal a Lucas agora. Mas precisava ser fiel aos seus sentimentos, e o “quase beijo” não parecia certo. Talvez não totalmente errado, mas certo também não.

— Você está bem? — ela perguntou.

Ela ouviu sua resposta calma.

— Claro! Isso é demais!

É estranho como cada pessoa interpreta as situações de um jeito diferente. A primeira vez que aquilo tinha acontecido com Kylie, ela tinha ficado apavorada. Claro, ela não tinha ninguém

ao seu lado, nem mesmo sabia que aquilo era possível.

— Não tire a mão da minha ou você vai ficar visível — ela sussurrou. Pelo menos era assim que a seu ver a coisa funcionava. Ah, ótimo! E se não fosse assim tão simples?

— Não me afastar de você é muito fácil — ele sussurrou, acariciando o pulso dela com o polegar novamente. — Eu nunca quis deixar você.

— Agora não é hora...

— Eu sei. — Um pouco de culpa soou na voz dele.

Kylie tentou acalmar sua mente acelerada que oscilava entre o "quase beijo" e o medo de ter causado algum mal a Derek, tornando-o invisível. Felizmente, ele parecia estar bem. Agora ela só rezava para que torná-lo visível fosse tão fácil quanto o contrário. Deus, ela esperava que não tivesse sido um erro!

— E agora? — ele perguntou numa voz quase inaudível, e ela sentiu a respiração dele contra sua bochecha. Ela se afastou um pouco.

— Se entendi o que Jenny queria dizer, os guardas andam a pé pela propriedade. Eu posso ouvir os passos, e suponho que sejam eles agora. Não estão muito perto, mas pelo barulho parece que são dois. Só espero que passem por nós e se afastem.

— Seria bom.

Seria como um tiro no escuro, Kylie pensou.

Ficaram completamente silenciosos e invisíveis. Os passos chegaram mais perto. Bem perto.

Em seguida, se aproximaram mais. Mas eles permaneceram invisíveis. O som da respiração dos dois guardas ecoava muito alto no ar da noite. Kylie tentou ouvir para ver se a respiração dela e de Derek também estava muito alta.

Derek devia ter transferido o peso do corpo para a outra perna porque o som de um galho estalando encheu o ar.

Kylie se retesou e rezou para que o barulho não os delatasse.

— Ouviu isso? — perguntou uma voz.

Kylie reconheceu uma das vozes dos camaleões. Ela não o conhecia bem o suficiente para chamá-lo pelo nome. Não que saber o nome dele ajudasse em alguma coisa agora. Se ele os descobrisse, provavelmente chamaria os anciãos. E o que os anciãos fariam, ela não fazia ideia.

— Quem está aí? — Uma voz diferente soou, e os passos se aproximaram mais. Eles definitivamente eram dois.

— Fale agora se você é um de nós! — a segunda voz disse, aproximando-se tanto que Kylie poderia jurar que era capaz de sentir o calor de seu corpo invisível.

E esse calor deixou Kylie gelada de medo.

Principalmente quando o corpo se materializou e ficou a poucos centímetros dela. Derek apertou mais os dedos de Kylie, indicando que estava sentindo seu medo.

O camaleão de cabelo ruivo olhou ao redor e gritou.

— Olá? Tem alguém aí?

# Capítulo Seis

Outros passos ecoaram na escuridão, vindos de trás.

— Sou eu — disse uma voz feminina, vários metros atrás de onde Kylie e Derek estavam, invisíveis e silenciosos.

Kylie reconheceu a voz aguda de Jenny antes que ela aparecesse das sombras. A menina, obviamente, os seguira para se certificar de que tinham conseguido fugir. Kylie se sentiu um pouco culpada por duvidar da garota a princípio.

— Jenny Beth? O que você está fazendo andando pela floresta esta hora da noite?

Derek apertou a mão dela e Kylie só poderia deduzir que ele estava preocupado com Jenny. Mas seus instintos lhe diziam que Jenny era capaz de lidar com isso. Kylie quase disse isso a Derek, mas se lembrou de que o outro guarda poderia ouvi-la.

Jenny se aproximou mais alguns centímetros.

— Eu não conseguia dormir. Saí para uma caminhada rápida e, então... vi alguém.

— Viu quem?

— Não sei, não parecia ninguém conhecido. Cabelos castanho-claros, mais ou menos 1,80 m. Porte médio. Jovem. E quando a luz da lua o iluminou, me pareceu que tinha olhos claros.

Kylie mordeu o lábio. Por que Jenny estava descrevendo Derek?

Kylie apertou a mão de Derek um pouco mais, fazendo silenciosamente a mesma pergunta.

O outro camaleão materializou-se ao lado do parceiro.

— Parece um dos guardas que a UPF trouxe. Aquele que nocauteou a gente. Eu adoraria dar uma bela facada nele.

A tensão percorreu a mão de Derek e chegou ao braço de Kylie. A necessidade de protegê-lo despertou em seu peito.

O guarda desviou os olhos para Jenny.

— Por que você ficou aqui fora com um estranho solto por aí? — perguntou o homem.

— Eu não fiquei. Quero dizer, é por isso que eu vim por este caminho. Ele estava entre eu e a minha casa quando o vi. Caminhava em direção à parte norte da propriedade. Eu estava indo para casa do senhor Summers para denunciá-lo.

— Eu sabia que isso não ia acabar bem... — o guarda falou com rispidez. Ele então puxou um celular do bolso e discou. O outro guarda se aproximou de Jenny.

— Eu vou levá-la para casa.

— Acho que posso fazer isso sozinha.

— Não com estranhos andando por aí.

Kylie viu Jenny voltar os olhos em direção a ela e Derek, quase como se soubesse onde estavam. E, ao olhar, ela parecia enviar uma mensagem silenciosa dizendo que eles deveriam

correr assim que ela tirasse aqueles sujeitos dali.

Foi uma mensagem que Kylie não precisou receber duas vezes.

O guarda com o celular estava falando com alguém sobre ter encontrado Jenny.

— Ela disse que o sujeito estava indo para o norte. — Ele fez uma pausa. — Estamos indo pra lá. — Ele desligou e olhou para o outro guarda. — Leve a garota de volta para casa e se encontre comigo no extremo norte para procurarmos aquele cara. Recebi ordens para soar o alarme caso a gente não o encontre rápido.

— Soar o alarme duas vezes em 24 horas, eu acho que é um recorde! — o outro declarou, contrariado.

O silêncio reinou em meio à escuridão.

— É, isso é o que acontece quando começamos a trazer estranhos para cá. Protetora ou não, eu sabia que essa garota ia complicar a nossa vida. E acho que eles, os anciãos, querem que ela continue aqui.

O coração de Kylie teve um sobressalto ao ouvir aquilo. Não que ela não tivesse acreditado em Jenny, mas é que ouvir isso da boca dos guardas tornou a coisa mais verdadeira. E doeu mais ainda.

O toque de Derek ficou mais quente e Kylie soube que ele estava tentando confortá-la.

Um dos guardas se aproximou de onde ela sabia que Derek estava. Derek fez um movimento, obviamente assustado ao pensar que alguém poderia ocupar o mesmo espaço que ele, agora que estava invisível.

O guarda olhou em volta como se quase suspeitasse de que não estava sozinho.

— Você não acha que um de nós deveria verificar se a garota ainda está na casa do avô?

— É, acho que sim — respondeu o outro guarda.

Kylie se deu conta de que, tão logo descobrissem que ela não estava com o avõ, seria mais difícil fugir dali.

Os guardas e Jenny se afastaram. Kylie esperou até que estivessem fora do alcance de sua voz. Ela estava prestes a falar quando ouviu outros passos ecoando perto deles. Será que um dos guardas tinha ficado invisível e voltado? Ou seria outra pessoa?

Kylie apertou a mão de Derek, na esperança de alertá-lo com relação ao recém-chegado.

Derek apertou a mão dela também, como se tivesse entendido.

Os passos pararam a poucos metros dela. Kylie tentou controlar a respiração, rezando para que o seu suspiro ou a respiração de Derek não os denunciasse.

Vários minutos se passaram. Finalmente, quem quer que perambulasse por ali, soltou um suspiro frustrado e começou a se afastar. O barulho de galhos se quebrando encheu o ar enquanto ele ia se afastando. A vontade de chamar o nome do avô era forte, pois a cadência dos passos e o longo suspiro lhe pareceram familiares. Mas como ela podia ter certeza? Talvez fosse apenas uma ilusão.

Ilusão de que ele tinha dado pela falta dela e ficado tão preocupado que viera procurá-la.

Ilusão de que ele não sabia o que os outros camaleões estavam fazendo.

Mas uma ilusão poderia enterrá-los até as orelhas em problemas. Então ela ficou congelada

no local e esperou. Tão logo os passos se dissiparam entre as sombras das árvores, Kylie disse a Derek:

— Temos que sair daqui rápido.

— Pode crer — concordou ele.

— Eu vou largar a sua mão e acho que você vai ficar visível de novo.

— Você *acha*? — Derek perguntou, e havia mesmo um leve toque de medo em sua voz. — Ah, merda! Não me diga que você nunca fez isso antes.

— Na verdade, não — Kylie confessou.

— Ok, vamos torcer para que dê certo. — Ele soltou a mão dela. Kylie fechou os olhos e desejou ficar visível. Um ou dois segundos se passaram e ela abriu os olhos. Quando não conseguiu ver Derek, seu coração bateu forte e o medo oprimiu o seu peito.

— Derek? — ela sussurrou. As lágrimas encheram seus olhos. Ah, droga, será que ela tinha provocado uma desgraça?

— Estou bem atrás de você — ele disse.

Kylie deu meia-volta e soltou um suspiro quando o viu.

— Está pronta? — ele perguntou e sorriu, como se tivesse captado os sentimentos dela e gostado de ver que Kylie estava apavorada com a ideia de perdê-lo. Porque, era preciso admitir, isso significava que ela gostava dele, certo?

Não que isso fosse uma surpresa. Ela nunca tinha deixado de gostar dele. Ela apenas não sabia se gostava da mesma forma que antes.

— Pronta — disse ela. — Temos que nos apressar. — E eles fizeram exatamente isso.

Correram, lado a lado. No entanto, ela nunca o pressionava a correr mais do que ele podia.

Quando chegaram à cerca de um metro e meio, Kylie pegou a mão dele, pronta para ajudá-lo se necessário. Ele não pareceu ofendido. Pelo contrário, sorriu e apertou a palma da mão contra a dela. O sorriso, e o contentamento que transpareceu em seus olhos, lembrou-a de que ele tinha tentado beijá-la e isso só aumentou a ansiedade dela.

Mas não seria muito cedo, depois de sofrer tamanha decepção com Lucas?

Ou seria tarde demais para ela e Derek?

Percebendo que não era hora para esse tipo de reflexão, ela começou a correr mais rápido. Segurando firme a mão de Derek, eles pularam a cerca.

E aterrissaram com um baque do outro lado. Derek segurou-a pela cintura. Sua respiração pesada fazia seu peito subir e descer sob a camiseta escura, assim como a dela. Seus olhares se encontraram por um segundo, uma cena que parecia saída de um filme romântico. Do tipo em que uma música suave começa a tocar ao fundo. Do tipo que termina com um beijo ardente. Ela se afastou dele.

— Temos que ir.

A decepção brilhou nos olhos de Derek, mas desapareceu num piscar de olhos. Ela sabia que ele tinha lido suas emoções. Provavelmente sentira sua confusão. E sendo quem era, ele não iria pressioná-la, ou pelo menos não muito. Pensando bem, tentar roubar um beijo já tinha sido uma grande ousadia.

Será que esse era um novo Derek?

Será que ela teria que ser um pouco mais cuidadosa?

Derek pegou a mala da mão dela e eles começaram a correr novamente. Uma fuga de seus novos problemas, mas uma volta aos antigos.

Eles já tinham percorrido alguns quilômetros quando Kylie diminuiu o ritmo e parou. Olhou ao redor. Eles estavam à beira de uma estrada e, embora tivesse perdido o rumo, sabia que estavam a pouco menos de dez quilômetros de Shadow Falls.

Ao longe, um pássaro chamava o companheiro. Sons de insetos vibravam no ar da noite. O cheiro de mato os envolvia. O perigo iminente devia ter passado. Eles já estavam bem longe do complexo, os guardas não deveriam ir tão longe. Mas uma leve sensação na boca do estômago lhe dizia para não ter tanta certeza.

— Preciso ligar para Burnett — disse Derek.

— Tem razão. — O sinal de perigo em seu estômago diminuiu quando ela pensou em como iria explicar tudo aquilo para o severo vampiro. A frustração crescia dentro dela. Burnett ficaria furioso e acharia que seu avô tinha mentido o tempo todo. E, sim, Kylie admitia que parecia aquilo mesmo, mas ela não podia acreditar. Ela não iria parar de acreditar no avô sem antes falar com ele, sem que o olhasse nos olhos e ele negasse tudo aquilo. Talvez ela não o conhecesse há muito tempo, mas, por alguma razão, sentia que o conhecia. Conhecia bem o suficiente para acreditar que, se ele tivesse feito aquilo, não iria negar. Ele admitiria os próprios erros, talvez afirmasse que tinha suas razões, mas não iria mentir.

Mais uma vez, ela se perguntou se seria ele que estava perambulando pela floresta, antes de eles começarem a correr. A dor no peito, que ela já sabia ser pela falta que sentiria do avô, oprimiu seu coração.

— Ei... Você está bem? — Derek perguntou, passando a mão pelo braço dela.

— Eu vou ficar — disse Kylie, e ela tinha que acreditar nisso.

— Então... você não quer que eu ligue para Burnett? — Derek largou a mala e tirou o telefone do bolso, mas hesitou em discar, esperando a permissão dela.

— Sim, é melhor ligar pra ele — disse ela, aceitando que era a coisa certa a fazer. Uma hora ela teria que enfrentar a desaprovação de Burnett com relação ao avô.

Derek apertou um botão e franziu a testa.

— Meu telefone está sem bateria. — Ele apertou mais algumas teclas. — Eu sei que o carreguei. Droga! — Ele deu um pulo e jogou o celular no chão. — Mas que merda é essa? Essa coisa me deu um choque! — ele reclamou.

Kylie observou que faíscas começaram a sair do telefone e, então, um zumbido veio do aparelho, seguido de fumaça.

— Eu não sabia que isso podia acontecer — disse Derek.

— Não é normal.

— E o telefone é novo — ele lamentou. — Minha mãe vai ter um ataque.

Lembrando-se de que alguns fantasmas podiam fazer coisas com telefones, Kylie ficou alerta, à espera de que algum fantasma aparecesse. Nenhum vento frio roçou sua pele.

Ela olhou ao redor, procurando... Não sabia o que esperava ver, mas algo lhe dizia que o telefone descarregado não era um acidente. Ela olhou de um lado para o outro, mas não conseguiu ver nada sob o manto da noite. A escuridão engolia tudo. A rua parecia abandonada. As luzes estavam apagadas, nem um lampejo de luz vinha das lâmpadas.

Havia algo estranho ali, mas o quê? Não parecia um fantasma.

— É melhor a gente correr.

Ele pegou o braço dela.

— O que foi?

— Eu não sei, mas não estou gostando...

— Então somos dois — disse Derek.

— *Três* — disse uma voz ao lado de Kylie.

Kylie virou-se e o espírito da mulher assassina estava ao lado dela.

— Foi você quem fez isso, não foi?

— Por que eu iria explodir meu próprio telefone?! — perguntou Derek.

— Não estou falando com você — Kylie respondeu, sem desviar os olhos do espírito.

— *Não! Parei de explodir telefones há muitos anos. Encontrei maneiras muito melhores de anunciar a minha presença*.

Kylie virou-se para Derek.

— Vamos dar o fora daqui. — Ele pegou a mala e eles começaram a correr.

— *Não! Por aqui*. — O espírito começou a correr em outra direção.

Parando, Kylie estendeu a mão e agarrou o braço de Derek, obrigando-o a estancar de repente.

O espírito se virou e olhou para Kylie.

— *Por aqui. Vá para o cemitério. Você terá ajuda. Por alguma razão inexplicável todos os mortos lá gostam de você.*

— Por que eu deveria confiar em você? — Kylie perguntou, e com o canto do olho, viu Derek franzindo a testa. Sem dúvida, vê-la manter uma conversa com um fantasma deveria ser inquietante. Ele deveria algum dia tentar ver isso por si mesmo.

— *Porque você quer continuar viva*.

Kylie prendeu a respiração e olhou para Derek.

— Vamos seguir por aqui — disse a ele, rezando para que sua intuição estivesse certa e ela pudesse confiar no espírito. Rezando para que aquilo não fosse alguma armadilha para levá-la ao cemitério e dali para o inferno.

Eles correram. Correram muito. Mas Kylie sentia que algo os seguia enquanto corriam. Sentia isso dentro dela. Um sentimento que ela estava prestes a expressar.

Ela viu os portões da frente do cemitério. Seu coração batia contra o peito e, se ela já estava perdendo as forças, Derek certamente não poderia correr muito mais.

— Espere! — Derek parou e estendeu a mão para ela. — Por que... estamos... indo... para o

cemitério? — ele perguntou com a respiração entrecortada.

— Eu tenho amigos lá — disse ela.

— Amigos mortos, suponho — disse ele, não parecendo muito feliz.

— Não vamos ser exigentes agora.

Ele lançou um olhar para os portões enferrujados.

— É melhor irmos para Shadow Falls. Estamos perto.

— Não vamos conseguir — disse Kylie, e algo dentro dela disse que estava certa. Algo dentro dela disse que a coisa que os seguia não estava brincando. Algo dentro dela dizia que era Mario. Deus do céu, ela esperava estar errada!

Ela agarrou Derek pelo braço e começou a correr novamente. Infelizmente, não conseguiram chegar ao portão antes que o homem se fizesse visível.

Mario, o malfeitor superpoderoso que queria ver Kylie morta, estava a poucos passos deles. O mesmo sujeito que tinha machucado Helen, matado Ellie, matado o próprio neto, e não se importava em tirar a vida de qualquer inocente que cruzasse o seu caminho.

Os olhos escuros do homem brilharam com um lampejo de maldade. Sua pele parecia couro de tão envelhecida, e ele usava um manto escuro como se se considerasse uma espécie de realeza.

Lembranças desse homem lançando raios na direção do próprio neto fizeram brotar um sentimento de fúria em Kylie, e sua natureza protetora entrou em ação com força total numa fração de segundo. Ela empurrou Derek pelo braço, para que ele ficasse atrás dela.

# Capítulo Sete

— Nos encontramos de novo! — exclamou Mario, uma brisa quente e sombria agitando a bainha de seu manto. O céu parecia ter ficado mais escuro. Mesmo a lua e as estrelas pareceram se encolher diante da presença dele.

— Infelizmente — disse Kylie, respirando fundo. O ar da noite parecia impregnado com a maldade que emanava dele. Ela sentiu o sangue ferver em suas veias e a sensação de perigo quase sugava o oxigênio do ar.

Derek se moveu atrás dela e Kylie o empurrou de volta, segurando-o atrás de si.

*Protegê-lo. Protegê-lo*. As palavras se repetiam na sua alma como uma ladainha.

Mario riu como se pudesse ler a mente dela.

— Não se preocupe, garota. Eu não quero nada com o seu amiguinho. No que me diz respeito, ele não está em perigo.

O velho sorriu. Seus dentes, finos, ligeiramente amarelados pela idade, apareceram sob o lábio. A bizarrice do momento causou um tremor na espinha de Kylie.

— Pode acalmar esse seu lado protetor — disse Mario, como se sentisse o instinto de defesa dela vindo à tona. — Não lhe fará nenhum bem. Só estou atrás de você. Não vou causar nenhum mal a esse frangote.

Com um puxão, Derek se soltou de Kylie e foi para cima do velho malfeitor.

Kylie deu um protetor passo à frente para intervir. Mario ficou invisível e Derek caiu no chão.

Mario reapareceu a alguns metros de distância.

— Que lindo... — ele zombou. — O rapazinho quer protegê-la.

Derek não hesitou em avançar contra ele novamente. Mas, como antes, Mario desapareceu no ar e reapareceu novamente a poucos metros do *fae*.

— Pare com isso! — Kylie disse Derek.

Ele a ignorou e seus olhos dispararam punhais contra Mario.

— Não sou eu quem está desaparecendo, seu cretino. Lute como um homem.

Mario riu, e a maldade de seu tom estilhaçou os nervos de Kylie como cacos de vidro.

— Sei que quer lutar comigo para despertar os poderes da sua namorada. Eu não sou nenhum tolo, garoto.

Por mais que ela se ofendesse com isso, Mario estava certo; se ele não machucasse Derek, ela não podia recorrer aos seus poderes para lutar contra ele. O medo invadiu suas entranhas.

— Vá embora! — Kylie insistiu e, logo em seguida, viu os espíritos se aglomerando atrás dos portões, seus murmúrios cheios de preocupação por ela.

— Não sem você — Mario exigiu, mas sua confiança pareceu ligeiramente abalada quando

ele olhou na direção dos portões do cemitério.

Será que ele podia sentir os espíritos, também? Ele deu um passo para chegar mais perto dela. Ou seria apenas para se distanciar um pouco mais do portão do cemitério?

Ela deu um passo para trás. Pelo canto do olho, viu Derek pegar uma grande pedra a seus pés. Ela sabia que seu plano era deixar Mario furioso a ponto de se transformar numa ameaça para ele e ela poder proteger a ambos, mas Kylie não tinha certeza se esse plano daria certo. A indecisão encheu seu peito, pois não sabia se deveria impedi-lo ou não. Porque o plano de Derek podia ser a sua única chance, gostasse dele ou não.

Mario, concentrado nela, não viu a pedra sendo atirada. Ela bateu em sua têmpora com um baque. Mas Kylie sabia que viria um contra-ataque. E ela deveria estar pronta para enfrentá-lo.

A tensão engrossou o ar em torno deles, enquanto os olhos do marginal brilhavam num tom verde-limão e o sangue vermelho jorrava da sua testa. Um rosnado baixo serpenteou pelos lábios do homem quando ele olhou para Derek.

Kylie sentiu a força começar a se acumular nos seus músculos, mas aquilo não era nada em comparação ao que deveria sentir para despertar seu verdadeiro poder.

— Venha me pegar, seu covarde! — Derek provocou.

Mario limpou o sangue da testa e a fúria em seus olhos se desvaneceu.

— Você não me interessa.

— E quanto a mim, seu vampiro filho da mãe? — Lucas apareceu do nada, avançou de trás das árvores e empurrou o velho, fazendo-o cair.

Kylie não teve tempo para pensar na sua devastação emocional. Derek, obviamente vendo uma oportunidade, atacou com tudo. Kylie o acompanhou, agora com força total. Mas sua força e sua velocidade não eram nada comparadas às de Mario. Ela não tinha chegado ao tumulto de punhos atacando, quando viu Mario livrando-se primeiro de Lucas e depois de Derek. Seus corpos voaram no ar como bonecas de trapo. Com a respiração presa na garganta diante daquela visão, Kylie deu um salto e agarrou os dois garotos no ar. Depois de apenas uma fração de segundo, deixou os dois no chão para em seguida investir contra o agressor.

Provando mais uma vez suas habilidades, Mario deu um salto antes que ela o alcançasse, se desviado do seu ataque. Ela se deteve, assustada, e olhou em volta. Ele estava a vários metros de distância, observando-a como se ela não passasse de um entretenimento.

Mario estava brincando com ela. E Kylie não sabia como virar o jogo.

Agarrando o próprio punho com tanta força que chegou a machucar a mão, ela se forçou a aceitar que não era páreo para o malfeitor. Ele podia ser velho, mas, obviamente, ainda era ágil e rápido.

Ele olhou para ela e sorriu, em seguida, com os olhos sedentos para ver mais, ele estendeu a mão em direção a Lucas.

— Até onde você vai para salvá-los?

Kylie viu uma bola de fogo surgir nos dedos dele. Ela correu e se colocou entre a bola de fogo e Lucas. Então arrebatou a bola de chamas e atirou-a de volta, na direção de Mario. Ele conseguiu desviar, e em seguida jogou mais duas. Kylie pegou uma delas e a outra passou

raspando por ela. Ela olhou por cima do ombro e viu a outra bola de fogo derrubar Lucas. O gosto de fúria, amargo e salgado, espalhou-se pela língua dela. Apesar do seu estado emocional com relação a Lucas, seu coração pedia que fosse até ele e se assegurasse de que o ex-namorado não tinha se ferido gravemente. Mas a necessidade de deter Mario fez com que ela o encarasse novamente.

— Você vai morrer para salvá-lo? — Um sorriso encheu seus olhos acinzentados pela idade. — Qual deles vai salvar primeiro? — Mario analisou a expressão dela como se se divertisse, definitivamente sem nenhum medo e, aparentemente, tão ocupado em atormentá-la que não percebeu Derek se aproximando dele novamente. E nem Kylie, ou ela o teria impedido. Ela o deteria antes que alguém morresse.

No momento em que Derek atacou Mario, o homem estendeu a mão na direção dele e apertou os dedos retorcidos em torno do pescoço do rapaz. Kylie avançou, cega em sua fúria, em sua necessidade de vingança. Fechando uma mão em torno da garganta de Mario, ela usou a outra para arrancar as mãos do velho do pescoço de Derek. No segundo em que ela o sentiu se libertando, usou ambas as mãos para apertar a garganta do malfeitor.

— *Solte-o!* — A voz ecoou no ouvido dela ao mesmo tempo, em que o frio fantasmagórico deslizou pela sua espinha. — *Pare!*

Kylie ignorou o espírito. Aquela não era hora de parar.

Ela ouviu Derek lutando para respirar. Agora era Mario que não podia respirar. Ela sentia os tendões rígidos sob seu aperto. Seu objetivo era simples. Detê-lo. Pará-lo agora e para sempre. Tudo o que tinha a fazer era apertar um pouco mais.

Ela iria esmagar a traqueia dele com um pouco mais de força.

Iria mandá-lo para o inferno, o lugar a que ele pertencia.

Seus pensamentos voaram para Ellie, que Mario tinha levado deste mundo ainda tão jovem. Ela pensou no neto desse homem, que tinha morrido sabendo que seu próprio sangue causara sua morte.

Mario merecia essa morte.

Um pensamento passou pela sua mente. Matar não era fácil. Nem quando era a coisa certa a fazer.

— *Largue-o!* — o espírito gritou. — *Você está cega. Nada é como você vê!*

Ela enxergava muito bem, obrigada! Apertou mais o pescoço do velho, tentando convencer a si mesma de que precisava terminar o que havia começado. O som áspero de Derek tentando insuflar ar nos pulmões ecoou atrás dela. O braço de Mario se agitou dos lados, tentando encontrar algo a que se segurar. Tentando se agarrar à vida.

Ela ouviu Derek gritar seu nome, a voz rouca, mas ela o ignorou. Ignorava tudo que não fosse o fato de que estava prestes a tirar uma vida.

De repente, uma sensação de mal-estar invadiu seu estômago, como se algo estivesse terrivelmente errado. E foi aí que ela viu Mario. Parado vários metros atrás e sorrindo. Conteve o fôlego e seu olhar se desviou para o rosto da pessoa que ela estava matando.

Lucas!

A risada de Mario ecoou ao redor dela.

O pânico atravessou Kylie como uma dor lancinante. Ela afrouxou o aperto em torno do pescoço do lobisomem. Ele desabou no chão como um saco de batata, mas Kylie não tirou os olhos de Mario.

Lucas se moveu aos pés dela. Lágrimas encheram seus olhos quando ela percebeu quanto estivera perto de tirar a vida de alguém que amava.

— Eu deveria matá-la agora — disse Mario —, mas é muito mais divertido vê-la sofrer.

Kylie inspirou o ar, estremecendo ao senti-lo entrar em seus pulmões.

— Ah, ele está vivo, mas por quanto tempo? — perguntou Mario, o tom de voz expressando a emoção que sentia com a dor que causava em Kylie.

A maldade do homem parecia contaminar o ambiente. Ela não fazia ideia de como Mario tinha trocado de lugar com Lucas, mas o que importava era impedi-lo de fazer coisas piores. E se ela não conseguisse pensar em algo rápido, ele iria derrotá-la. E ela não iria ser derrotada sozinha.

O sangue de Kylie correu mais rápido, o ar que respirava parecia saturado de gás carbônico pelas emoções violentas que a invadiam como um vírus. Então o medo, como um líquido tentando afogá-la, brotou em seu peito.

Seu coração se enfureceu com horror ao pensar que essa era uma batalha perdida. Por um segundo, ela aceitou a derrota e lamentou. Não chorou por sua vida, mas pela de Derek e de Lucas. Eles tinham vindo salvá-la e, agora, morreriam por causa da sua lealdade. E, em seguida, outros viriam. Mario não iria parar.

A voz pareceu vir com o vento. *Você não está sozinha. Peça e lhe será concedido.*

Os anjos da morte estariam ali? Ela se concentrou em Mario, mas rezou pedindo ajuda. Orações sem fé, seu coração parecia sussurrar. A dúvida a corroía e ecoou em sua alma. Se os anjos da morte iriam ajudá-la, eles já não deviam estar lá? Por que ela se sentia tão só, tão desprotegida? Por que eles não ofereceram ajuda antes de ela quase matar um dos seus?

Num lampejo, ela se lembrou das garotas mortas no portão, e algo que Holiday lhe dissera uma vez surgiu em sua mente como um pensamento que ela precisava captar. Às vezes eu acho que todos os mortos são meus anjos da morte.

Kylie deu um suspiro de esperança. *Ajudem-me*. O apelo ecoou em sua mente. *Sejam meus anjos da morte.*

Um ranger alto, de gelar os ossos, ecoou no escuro. Os portões começaram a se abrir. O barulho do metal enferrujado sendo forçado retiniu nos seus ouvidos. Então os mortos começaram a sair por ali às centenas. Homens, mulheres, jovens, velhos, todos vinham correndo, com as mãos estendidas. Os olhos fantasmagóricos. Mas suas expressões não imploravam ajuda; elas a ofereciam.

A sensação gelada da sua presença queimava a pele de Kylie. O ar em seus pulmões parecia muito frio para respirar. Mas mesmo em sua dor, ela viu que não estava sozinha. E isso lhe deu esperança. Sentimento a que ela se agarrou.

O rosto de Mario, velho e enrugado, contorceu-se de angústia. Dor, talvez o mesmo frio que

ela sentia em seu corpo, se refletiu em seus olhos cinzentos. Ele atirou a cabeça para trás e rugiu. Vapor subiu de sua boca e dançou sobre seus lábios. Ele prendeu a respiração e saltou para trás alguns metros.

Como se a distância lhe oferecesse um certo alívio, seu olhar se voltou para ela.

Kylie apertou os olhos e viu o padrão do malfeitor. Mario era certamente um camaleão.

Curiosamente, com a visão um pouco fora de foco, ela sentiu algo levemente diferente com relação a ele. Familiar, mas de um jeito diferente. O pensamento pareceu importante, mas como uma nuvem de tempestade que prometia voltar, ele se desvaneceu.

— Você pode ter vencido desta vez, mas o meu momento se aproxima — ele disse com aspereza. — Você vai vir até mim, Kylie Galen, vai vir até mim disposta a morrer, a sofrer em minhas mãos, para minha alegria, porque o preço será muito alto! Sua fraqueza será sua ruína.

Minha fraqueza? Que fraqueza?, Kylie se perguntou. Mas com a mente cheia de dor e esperança ao mesmo tempo, a pergunta não foi formulada e permaneceu sem resposta.

Em vez disso, ela se concentrou na esperança. Esperança de ter poupado a vida de Lucas e Derek. E em algum lugar no fundo de sua alma, ela queria que sua vida fosse poupada, também.

Os espíritos ainda aglomerados avançaram contra Mario mais uma vez. De maneira determinada. A intenção deles de protegê-la mostrava-se em seus rostos preocupados e lívidos. Holiday tinha razão. Todos os espíritos eram de alguma forma anjos da morte, visto que os anjos da morte eram espíritos de seres sobrenaturais. Espíritos que, embora conhecidos por proteger os inocentes, eram em sua maioria temidos pelo julgamento severo que faziam dos que abusavam dos seus poderes. Um rápido olhar para os portões do cemitério e Kylie viu ainda mais fantasmas saindo dali aos tropeços.

Alguns moviam-se a um passo lento e incerto, como se tivessem acabado de acordar de um sono profundo.

— Obrigada — Kylie conseguiu dizer, muito embora seus dentes batessem e o frio da presença de tantos mortos tornasse difícil estar viva.

Quando os espíritos se reagruparam em torno de Mario, ele rugiu novamente e o som de sua decepção e agonia foi a última coisa que Kylie ouviu antes do tremor que sacudia todo o seu corpo tornar-se excessivo. Sua visão ficou turva, gelo revestiu seus lábios, e ela se sentiu puxada numa espiral sombria em direção ao nada.

# Capítulo Oito

— Vamos esperar Burnett.

— Vamos é dar o fora daqui agora!

Kylie lentamente ficou consciente das vozes. De quem eram? Esperar Burnett para quê? As perguntas se sucediam na sua mente confusa. Onde ela estava? Quem a segurava no colo com tanto...?

Ela ouviu o som de uma batida rítmica. A batida de um coração? Mas não era o seu. O calor, a sensação quente de alguém pressionado contra ela, era celestial. Ela tinha sentido tanto frio! Por quê? Se ela se concentrasse conseguiria descobrir. Mas parte dela não queria se concentrar; parte dela queria ficar assim. Inconsciente, aquecida e sentindo-se segura nos braços de alguém que a abraçava.

Que a segurava com ternura.

Que a segurava como se ela fosse um tesouro precioso.

— Não podemos sair daqui — disse uma das vozes. Uma voz a distância. Não a que a segurava.

— Ele pode voltar. Precisamos sair daqui enquanto ainda for seguro.

Ela ouviu as palavras vibrarem profundamente no peito da pessoa que falava.

— Eu não acho. Você disse que Burnett estava a caminho. Precisamos esperar aqui.

— Só porque você está com medo...

— Eu não estou com medo, porra! Estou sendo racional. Kylie veio até aqui por um motivo. Os fantasmas, e eu aposto que foram eles que afugentaram aquele cretino.

Kylie reconheceu a voz de Derek.

Tudo voltou à sua memória numa fração de segundo. A traição do avô, a ajuda de Jenny, Derek encontrando-a, Mario aparecendo, a luta, e Lucas... A sensação familiar dos braços em volta dela revelou quem a segurava, de quem era o calor que ela agora absorvia. Enrijecendo, ela empurrou o peito de Lucas.

— Ponha-me no chão.

Os olhos azul-escuros, agora de um laranja brilhante, sem dúvida ainda sentindo o perigo, fixaram-se em seu rosto.

— Você consegue ficar de pé sozinha?

— Consigo — disse ela. Quando viu os hematomas no pescoço dele seu coração se apertou. Santo Deus, ela quase o matara! Apertara as mãos ao redor do pescoço de Lucas, fazendo a vida quase se esvair dele, e por pouco não tinha terminado o serviço.

Lágrimas fizeram suas narinas arderem, mas ela piscou, evitando que transbordassem. Agora não era hora de desmoronar. Mais tarde ela iria deixar isso acontecer. Mais tarde teria bastante

tempo para sentir pena de si mesma. Ela merecia isso. Mas não agora. Agora não, ela repetiu mentalmente, tentando combater a sobrecarga emocional.

— Você está machucada? — perguntou Lucas.

— Ela pediu para você colocá-la no chão — Derek insistiu, em tom firme, sem dúvida captando as emoções dela em conflito.

— Eu ouvi — Lucas rosnou, e Kylie desviou os olhos dos hematomas em seu pescoço e olhou-o no rosto. A antipatia que o lobisomem sentia por Derek fazia seus olhos brilharem num tom laranja mais claro. — Só quero ter certeza de que ela está bem.

— Estou bem — ela mentiu, as emoções pipocando num turbilhão.

Traição.

Medo.

Seu olhar desviou-se para o pescoço machucado.

Culpa.

— Por favor, me coloque no chão — ela insistiu.

Ele fez o que ela pedia. Seus joelhos estavam fracos, mas Kylie se concentrou para não deixá-los virar geleia e conseguiu permanecer em pé.

Lucas manteve a mão estendida, pronto para ampará-la caso as pernas dela fraquejassem. Ela não queria precisar da ajuda dele. Por que Lucas estava ali? Ela não tinha dito a Burnett para não colocá-lo de guarda? Então Kylie se lembrou de ter pensado que vira Monique. Teria sido ela?

Suas emoções sofreram uma reviravolta e ela percebeu quanto isso era insignificante naquele momento. Agora ela tinha que se certificar de que voltariam para Shadow Falls em segurança. Mais tarde, durante o período que reservaria para sentir pena de si mesma, ela poderia lamentar por Lucas e pelos seus problemas.

— Você está pronta para voltar? — Lucas perguntou.

— Nós não vamos sair daqui até Burnett aparecer — Derek insistiu novamente.

Kylie olhou para Derek e depois para os portões do cemitério, que agora estavam fechados. Os espíritos montavam guarda, com o rosto entre as barras de metal enferrujado.

— Derek tem razão. Vamos ficar aqui até Burnett aparecer.

Um flash passou por Kylie, e depois outro.

Burnett, juntamente com três outras pessoas da UPF, assim como vários campistas, inclusive Perry, de repente os rodearam.

— Estou aqui — disse Burnett. Seus olhos brilhantes pareciam dizer que ele estava preparado para a briga. Ele olhou em volta, como se calculasse o perigo, antes de voltar a se concentrar neles. — E é melhor que alguém me diga que diabos está acontecendo.

Quando ninguém falou rápido o suficiente para aplacar a sua impaciência, seu olhar se fixou em Kylie.

— Era para eu vir buscá-la pela manhã. — Seu olhar saltou para Derek. — Você deveria estar montando guarda perto da casa do avô dela. — Ele olhou para Lucas. — E você me disse que estava indo para a casa do seu pai.

— Bem, eu menti — Lucas confessou, embora não fosse alguém que aceitasse facilmente

uma reprimenda. — Eu queria ter certeza de que Kylie não precisaria de mim. E ela precisou.

— O que aconteceu? — Burnett perguntou de novo, seu tom de voz indicando que ele estava perdendo a paciência.

— Mario — respondeu Kylie.

Os olhos de Burnett iluminaram-se e ele olhou ao redor novamente.

— Você tem certeza de que era ele?

— Tenho. — Kylie estremeceu, lembrando-se da maldade que sentira emanando do camaleão. Ela se lembrou da sensação de que ele gostava de brincar com ela, como um gato perseguindo um rato. Mas o rato tinha vencido dessa vez. Graças aos mortos, ninguém tinha morrido nas mãos de Mario, mas como seria da próxima vez? Ela ouviu a ameaça de Mario ecoar em sua cabeça. *Você virá até mim, Kylie Galen, virá até mim disposta a morrer, a sofrer em minhas mãos, para a minha alegria, porque o preço será muito alto!*

Ele falou com certeza, como se já tivesse traçado um plano. O medo subiu da ponta dos pés e atravessou a sua espinha.

Burnett continuou a olhar em volta. Depois de mais alguns segundos farejando o ambiente, ele olhou para Derek.

— Ele já foi — disse Derek.

— Isso eu posso ver.

Mas será que tinha realmente ido embora? Sendo um camaleão, ele podia ficar invisível.

Ele ainda poderia estar ali. Kylie quase disse isso, mas lembrou-se dos outros membros da UPF. Sua falta de confiança neles a levou a ficar de boca fechada. Quanto menos eles soubessem sobre ela e sobre os camaleões como um todo, melhor.

— E o que vocês estavam fazendo aqui? — perguntou Burnett, aparentemente cada vez mais frustrado à medida que pensava no que havia acontecido. — As ordens eram para que me esperassem até amanhã. Por que eu dou ordens aqui se ninguém me ouve?

— Nós não pudemos. Eles não iriam deixá-la partir — defendeu-se Derek, olhando para Kylie como se soubesse quanto era difícil para ela ouvir a verdade. E ele estava certo. A dor em seu peito ficou mais forte.

— Eles quem? — Burnett perguntou. — Quem não iria deixá-la partir? — Seu olhar oscilava entre Derek e Kylie.

— Os camaleões — respondeu Derek.

O olhar de Burnett voltou a se fixar em Kylie e o peito dela ficou oprimido, pois sabia que Burnett iria pôr a culpa em seu avô.

— Meu avô não sabia disso — disse Kylie, mas ela não tinha como ter certeza. E sabia que Burnett perceberia sua mentira inocente.

Sua expressão se suavizou por uma fração de segundo, como se ele pudesse perceber a dor que ela sentia.

— Você devia ter me ligado. — Burnett olhou de volta para Derek.

— Ele tentou — defendeu-o Kylie, sem querer que Derek levasse a culpa. — Tivemos que sair de lá às pressas, para fugir dos guardas, e então... então, quando ele tentava ligar para você,

Mario... ele detonou o telefone de Derek.

De repente, a escuridão da noite foi cortada pelo feixe de faróis. Um carro se aproximou até frear abruptamente, fazendo os pneus guincharem no asfalto. O carro de Holiday.

Ela desceu apressada do Honda, o cabelo vermelho solto como se tivesse acabado de sair da cama. E quando os seus olhos marejados se iluminaram ao ver Kylie, ela murmurou "Graças a Deus" e colocou a mão sobre os lábios.

Ver a emoção de Holiday enfraqueceu a determinação de Kylie de esperar até mais tarde para desmoronar. Ela correu para a amiga e caiu em seus braços.

Com a cabeça enterrada no ombro da líder do acampamento, Kylie ouviu Burnett repreender:

— Eu pensei que tivesse falado para você esperar no acampamento.

Kylie sentiu a tensão de Holiday ao ouvir a reprimenda, então levantou a cabeça.

— E eu pensei que você soubesse que não sigo as ordens de ninguém.

— Alguém aqui por acaso me ouve? — perguntou Burnett, a frustração fazendo seu tom parecer quase cômico.

— Obviamente que não — disse um dos agentes da UPF, rindo.

Burnett gemeu, mas Kylie ouviu seu suspiro de puro alívio. Ela sabia que ele via a proteção de todos em Shadow Falls como sua responsabilidade pessoal. E ela o amava por isso, também.

— O que aconteceu? — perguntou Holiday, estreitando os ombros de Kylie em seu abraço reconfortante.

— Vamos falar sobre isso mais tarde — disse Burnett. — Precisamos voltar a Shadow Falls agora.

Kylie sabia que a conversa incluiria acusações ao seu avô. Embora ela ficasse apreensiva ao pensar nessa conversa, naquele momento, com os braços quentes e reconfortantes de Holiday em torno dela, até mesmo ouvir Burnett e Holiday brigando a tranquilizava. Era quase como se sentir em casa outra vez.

E aquilo era muito bom.

*

Atravessar os portões de Shadow Falls transmitiu a Kylie uma sensação de calidez. Aquele era o lugar a que ela pertencia. Nem mesmo pensar que passaria a próxima hora enfrentando as perguntas de Burnett dissipou completamente a sensação de estar em casa.

— Me desculpe ter que fazer isso agora — Burnett disse várias vezes. Ele já tinha recapitulado tudo com Lucas e Derek, enquanto Kylie estava sentada no escritório com Holiday. Elas não tinham falado sobre o que havia acontecido aquela noite porque Kylie sabia que Burnett gostaria de estar presente, de modo que falaram sobre o pouco que ela tinha aprendido com o avô.

Quando Burnett entrou, o clima ficou mais sério.

— Sei que você não dormiu a noite toda, mas, de acordo com as estatísticas, quanto mais esperarmos, mais provável é que você se esqueça de alguma coisa.

Kylie, sentada no sofá ao lado de Holiday, assentiu.

— Eu sei. — Ela mordeu o lábio e tentou se concentrar e colocá-lo a par de tudo o que havia acontecido. Ela contou sobre Mario e sua ameaça ao ir embora. Então começou do início novamente e contou a ele sobre Jenny vindo à sua janela.

A única coisa que ela não disse foi que Jenny era irmã de Hayden Yates. Ela nem mesmo tinha certeza de que Burnett tinha descoberto que Hayden era um camaleão. Em seguida, ela contou mais uma vez sobre Derek aparecendo na floresta. Ela propositadamente contou novamente sobre a pessoa invisível que havia sentido ali, antes de fugirem. E lembrou Burnett de que ela acreditava que essa pessoa fosse o seu avô, e que ele não estava lá para impedi-la de ir embora, mas para ver como ela estava.

— Mas você não falou com ele? — perguntou Burnett. — Então você não sabe com certeza se era ele mesmo, ou se a presença dele ali significava que ele não estava por trás de tudo isso.

Kylie o olhou com uma expressão séria.

— Eu conheço o meu avô. Não acho que ele faria isso. Até Jenny disse que ele era diferente dos outros anciãos. E não quero que você comece a pensar nele como um inimigo.

Burnett cerrou os dentes.

— Ele se preocupa com você, Kylie. Senti isso quando nos falamos. Mas ele nunca escondeu o fato de que não confiava em mim e em Shadow Falls. Ele poderia muito bem se justificar, dizendo que sentiu que sua vida estava em perigo. Ele pode achar que tem boas intenções a seu respeito, mas está errado. E, embora eu saiba que é difícil para você aceitar isso, não podemos mais confiar nele.

A observação de Burnett criou um nó na garganta de Kylie. Ela compreendia o ponto de vista dele, mas não podia ir contra o que seu coração dizia. E seu coração dizia que o avô não estava por trás das tentativas de mantê-la com ele contra a vontade dela.

— *Você* não pode confiar nele — disse Kylie. — Eu ainda tenho que decidir. E por que você está desperdiçando tanto tempo se preocupando com ele se o verdadeiro vilão é Mario?

— Eu sei muito bem quem é o verdadeiro vilão — respondeu Burnett. — Mas é por causa do seu... devido às ações de pessoas que estão com o seu avô que Mario quase pegou você.

— Elas não tiveram nada a ver com o fato de Mario aparecer.

— Concordo, mas elas tiveram tudo a ver com o fato de você estar numa situação de vulnerabilidade.

— Fui eu que optei por fugir. — Ela torceu as mãos no colo.

— Você não acha que devemos terminar por essa noite? — Holiday interveio. — Vamos parar agora e continuar pela manhã.

Burnett franziu o cenho para Holiday, em seguida ajoelhou-se em frente à Kylie. Colocou a mão sobre as mãos crispadas dela. Seu toque era frio, mas terno e carinhoso. O nó na garganta de Kylie dobrou de tamanho. Quando ele a fitou, Kylie viu a luta em seu olhar para manter a calma e não deixar que o seu temperamento intempestivo o dominasse. Ele queria fazer exigências, dar ordens. No entanto, Kylie também sentiu que ele se esforçava para fazer o que Holiday tentava incutir nele: fazer concessões em vez de impor.

Olhando a mão dele sobre os seus dedos crispados, Kylie soube que Burnett se preocupava — ela sabia que a intenção dele não era magoá-la, mas sim ajudá-la. No entanto, não era exatamente isso que seu avô também queria?

— Kylie, eu sei que isso é difícil pra você — disse Burnett. — Eu de fato sei. Mas preciso da sua promessa de que não fugirá para ver o seu avô.

Ele apertou o pulso dela.

— Por favor. Não vou ter um momento de paz se você não me prometer isso.

— Não vou fugir. — Ela não podia lhe negar isso, não quando ele estava quase implorando. No entanto, lá no fundo, ela se perguntava se seu batimento cardíaco dizia que era mentira e, se fosse, se Burnett teria ouvido.

Que Deus a ajudasse, porque, se o avô lhe pedisse para encontrá-lo, como ela podia lhe dizer não? Ela estava verdadeiramente dividida em sua lealdade. Só rezava para que não tivesse que chegar a esse ponto.

O horizonte a leste já estava um pouco mais claro do que o resto do céu quando Burnett e Holiday levaram Kylie até a sua cabana. As estrelas brilhavam no céu, como se soubessem que estavam prestes a ser ofuscadas pelo sol e quisessem oferecer um pouco mais da sua luz.

Ela deveria estar exausta, e parte dela estava, mas duvidava que conseguisse dormir assim que caísse na cama. Sua mente remoía tantas coisas que parecia impossível desligá-la. Além disso, ela tinha assumido um compromisso consigo mesma: iria se permitir um pouco de autopiedade. O nó que sentira na garganta antes agora estava preso na região do coração. No passado, Kylie tinha aprendido que não existia nada como um bom choro para aliviar esse tipo de dor.

Obviamente, os efeitos calmantes do toque de Holiday já estavam se dissipando. Ou talvez aquilo tudo fosse demais para ser amenizado apenas com a magia de um *fae*. Algumas coisas precisavam ser processadas. Coisas como deixar a casa do avô sem dizer adeus. Como o fato de quase ter matado Lucas. Como saber se era realmente Monique, a noiva de Lucas, que ela vira aquela noite. Como a falta que a mãe fazia e o fato de ela estar do outro lado do mundo dormindo com um estranho.

Coisas como ter um assassino psicótico querendo acabar com ela.

A ameaça dele ecoou em sua cabeça como um verso ruim de uma canção que não se consegue esquecer. *Você vai vir até mim, Kylie Galen, vai vir até mim disposta a morrer, a sofrer em minhas mãos, para minha alegria, porque o preço será muito alto! Sua fraqueza será sua ruína*.

E pensar em coisas desse tipo podia incluir derramar algumas lágrimas. Quem poderia censurá-la por isso? Claro, ela provavelmente ia ter que passar algum tempo tentando descobrir o que Mario queria dizer com “sua fraqueza”.

— Que tal fazer um passeio até a cachoeira amanhã? — Holiday sugeriu e, em seguida, como se estivesse captando o estado emocional de Kylie, estendeu a mão e apertou o braço da

amiga.

Kylie assentiu.

— Amanhã bem cedo eu vou descobrir qual o melhor horário para esse passeio — Burnett acrescentou, deixando claro que iria com elas.

O silêncio caiu sobre eles como uma chuva suave. O céu estava um pouco mais púrpura, como se já fosse amanhecer. Burnett limpou a garganta.

— Você sabe que vai ter que voltar a ter uma sombra?

— Eu imaginei — disse Kylie.

— Antes que eu prepare a escala de sombras, hã... queria saber se há alguém que você não queira como sombra.

— Apenas uma pessoa — disse Kylie. — E acho que você sabe quem é.

Burnett apenas balançou a cabeça.

Seus passos no caminho de cascalho enchiam a noite com um som de trituração.

— Como está Helen? — perguntou Kylie.

— Muito melhor — disse Holiday.

— Será que ela se lembra de alguma coisa? Sabemos se foi ou não Mario?

— Não — respondeu Holiday.

— Ainda estamos investigando — disse Burnett, e um pouco de frustração se evidenciou em sua voz. — Mas sabemos que Mario foi flagrado em Shadow Falls naquela mesma manhã. E com o aparecimento dele esta noite, tudo indica que está por trás disso.

Eles estavam quase chegando à curva do caminho. A distância, Kylie podia ver a cabana. Não havia nenhuma luz lá dentro. Ela olhou para Burnett.

— Della ainda não voltou?

— Não, ainda não — disse ele, e algo na maneira como pronunciou aquelas três palavras disparou um alarme dentro de Kylie.

Ela o pegou pelo braço.

— O que aconteceu?

Burnett levantou a mão, como se estivesse se defendendo.

— Ela está bem. Teve alguns problemas ontem à noite, mas tudo está bem agora. Ela deve estar de volta hoje, mais tarde, ou amanhã.

— Que tipo de problema? — perguntou Kylie, sua preocupação com Della trazendo algum alívio com relação aos seus próprios problemas.

Burnett hesitou em responder, o que deixou Kylie ainda mais desconfiada.

— O que aconteceu? — Kylie insistiu.

— Ela entrou numa briga com alguns membros da gangue. Mas...

— Tem certeza de que não era Mario?

— Tenho — afirmou Burnett.

— Ela está machucada? — O peito de Kylie doía. — Eu sabia que trabalhar para a UPF era uma má ideia.

— Ela apenas apanhou um pouco e saiu meio machucada... — disse Burnett.

— Quanto ela apanhou e quanto está machucada?! — perguntou Kylie.

— Não tanto que eu não possa dizer que seu ego é que deve ter ficado mais ferido — Burnett respondeu.

— Ela está ótima. Eu juro — Holiday acrescentou. — Eu mesma falei com ela.

Kylie suspirou, sabendo que provavelmente estava exagerando, mas suas emoções represadas estavam a ponto de transbordar de novo. Ela recomeçou a andar, agora quase correndo para a cabana, querendo ficar sozinha antes que as emoções transbordassem de fato.

Holiday acompanhou o ritmo dela e pegou a mão de Kylie, fazendo-a parar antes de subir os degraus da varanda.

— Você quer que eu entre para podermos conversar um pouco?

— Não — Kylie disse, sentindo-se uma idiota. — Eu só preciso de um tempo para me recuperar. — Ela abraçou a amiga, absorvendo um pouco mais de seu toque calmante. Quando Kylie deu um passo para trás e começou a se virar para a porta, Burnett pigarreou. Ela olhou para ele.

O vampiro estendeu as mãos.

— Eu não ganho um também?

Kylie viu o brilho de surpresa nos olhos de Holiday, então não conseguiu resistir e sorriu.

— Cuidado, as pessoas podem pensar que conseguimos te dobrar.

— Duvido muito — disse ele, dando-lhe um abraço rápido. Com o queixo pressionado contra seu cabelo, ele sussurrou: — Eu vou pegar aquele filho da mãe. Prometo a você.

Ela não precisava perguntar quem era o filho da mãe. Sabia que era Mario.

— Obrigada — disse ela, se afastando. E antes que realmente começasse a chorar, ela entrou na cabana.

O cheiro do lugar encheu seus sentidos. Ela não sabia bem o que contribuía para aquele aroma, mas fosse o que fosse, exercia um efeito calmante. E então ela percebeu que a cabana tinha o cheiro das pessoas que ela amava. Miranda, Della. E havia um perfume amadeirado que ela conhecia. Um cheiro que pertencia... Não! Ela só cheirava à casa, disse a si mesma.

A porta do quarto de Della estava aberta, como uma placa em néon avisando que ela não estava ali. A vampira, uma pessoa super-reservada, sempre mantinha a porta fechada.

O olhar de Kylie voltou-se para a porta de Miranda.

— Tempo para me recuperar... — ela sussurrou para si mesma. Se ia desmoronar, queria fazer isso sozinha. Começou a entrar no seu quarto, mas mal tinha aberto a porta quando ouviu o piso de madeira ranger. Ela não estava sozinha. Seu olhar desviou-se para o canto do quarto e viu alguém de pé ali.

Viu e reconheceu.

Talvez, no final das contas, ela não fosse ter um tempo para se recuperar...

# Capítulo Nove

Kylie girou sobre seus tênis, provavelmente deixando marcas de derrapagem no assoalho de madeira, e começou a sair do quarto.

— Não vá! — disse Lucas. — Por favor! Você vai ter que falar comigo mais cedo ou mais tarde.

*Mais tarde seria muito melhor*. Então a raiva a fez apertar as mãos. Não era justo. Ela olhou fixamente para a parede, ainda sem querer enfrentá-lo.

— Por quê? Por que eu tenho que falar com você? Não lhe devo nada. Nenhuma explicação, nenhuma desculpa. Não fui eu quem... — Sua garganta se estreitou e ela ficou em silêncio. Ouviu-o se deslocar atrás dela.

— Eu sei... Estraguei tudo. Eu admito isso. Eu... deveria ter contado. Não, está errado, eu nunca deveria ter deixado ir tão longe. Eu deveria ter dito ao meu pai para se danar logo no início. Fui eu quem errei, mas não fiz nada... além disso. Eu não dormi com ela. Beijei-a duas vezes. Você viu um desses momentos. E em ambas as vezes eu estava em apuros. Só fiz aquilo para tentar convencer o meu pai de que eu tinha concordado com o casamento. Mas nunca, nem por um minuto, planejei me casar com ela.

O nó na garganta de Kylie apertou ainda mais. Seus olhos ardiam, assim como seu coração. Ela balançou a cabeça e conseguiu dizer uma palavra.

— Não. — Ela nem sabia direito a que se referia ao dizer não. Então se virou e o encarou.

Não importava o que ela dissesse, porque ele não estava ouvindo.

Ele ficou lá olhando para ela em seu próprio mundo de dor e sofrimento.

— Você me ama — disse ele. — Eu sei disso.

Agora era a hora de ela dizer não, mas não conseguiu pronunciar a palavra. Ah, ela estava na ponta da língua, mas ficou colada ali. Claro que teria sido uma mentira, mas não se podia mentir em momentos como aquele? Quando a verdade era muito dolorosa? Quando a verdade poderia dilacerar você?

— Eu também sei que você está me castigando. E está funcionando, porque estou sofrendo como um cachorro. Não que eu não mereça isso. — Ele estendeu a mão e passou-a na parte de trás do pescoço.

Kylie piscou para conter as lágrimas. Mesmo na escuridão ela podia ver os hematomas no pescoço dele. Contusões que ela mesma provocara. Ela apertou as mãos ao se lembrar de quanto chegara perto de esmagar a traqueia de Lucas.

— Eu não queria sufocá-lo — ela disse. — Foi um truque de... de Mario. Eu não sei como ele fez isso, mas...

— Eu sei. Não acho que você quisesse... me punir com isso. — Ele passou a mão sobre as

contusões. — Isso não é nada comparado ao que sinto por dentro. Estou falando de você não querer falar comigo, não querer me ter por perto. Você não tem ideia do quanto dói ficar bem aqui, tão perto... Você pode imaginar quão difícil é ficar aqui e saber que você não quer que eu a toque? — Ele deu um passo, como se a testasse.

Embora ele ainda estivesse a alguns centímetros, o aroma veio com ele. Ela se lembrou de ter sentido esse cheiro quando entrou na cabana. Ela deveria saber. Deveria ter percebido que parte do cheiro da casa que lhe dera as boas-vindas era a essência dele. Ele representava um lar para ela.

Ou tinha representado.

Agora ela se sentia uma sem-teto.

Ele deve ter reunido um pouco mais de coragem, porque deu outro passo.

Ela recuou. E aquele pequeno recuo disse tanto!

— Está vendo? — ele disse, e até respirar lhe parecia doloroso. — Mas eu sei que você ainda gosta de mim porque... porque você salvou minha vida. Você poderia não ter feito nada e deixado Mario me matar. Você não fez isso. Pegou as bolas de fogo que ele atirou em mim.

A emoção dele ecoou pelo cômodo, e ela daria qualquer coisa para não ter que sentir isso. Quanta emoção ela ainda podia aguentar?

Não havia um limite? Certamente ela havia chegado ao seu.

— Sim, eu salvei a sua vida, mas não me faça me arrepender. — Ela acenou em direção à porta. — Saia. Eu não quero você aqui. — E era a verdade.

Ela não queria ali o Lucas que a traíra. Ela queria o Lucas em quem ela confiava, o Lucas que ela achava que iria até o fim do mundo para protegê-la. E, no entanto, eles eram todos a mesma pessoa.

Ele deu mais um passo. Ela viu seu pomo de adão subir e descer. Parecia doloroso engolir.

— Eu magoei você — disse ele. — Sei disso, e estou disposto a ouvir tudo que você queira jogar na minha cara. Eu mereço. Foi isso que eu vim dizer. Que aceito que o que fiz foi errado. Mas não fiz outras coisas que talvez você pense que eu fiz. E quando a sua raiva passar, eu ainda vou estar aqui. Não importa quanto tempo leve.

Ela desviou o olhar, lembrando-se dele de pé na frente da família e dos amigos. Ele usava um smoking e parecia tão bonito... Parecia um homem, não um garoto. A imagem dele pegando as mãos de Monique passou-lhe pela cabeça e ela ouviu as promessas que ele tinha feito. O tipo de promessa que não se quebrava.

Uma nova onda de dor tomou conta dela. Kylie o olhou novamente.

— Você deu a ela sua alma.

Ele balançou a cabeça.

— Não, você está errada. Eu não dei a ela a minha alma. Eu menti. Eu não poderia ter dado a ela a minha alma. Porque eu já tinha dado a minha alma. Você a roubou quando eu tinha 7 anos de idade. — A voz dele tremeu. — E se ainda restasse uma parte dela comigo, você teria pego o resto quando entrou em Shadow Falls naquele primeiro dia. Na cultura dos lobisomens, acredita-se que só exista uma alma gêmea. E você é minha, Kylie Galen. Eu soube disso naquele

momento e isso não mudou.

A visão dela estava borrada de lágrimas. Ela inspirou, esperando manter as emoções sob controle. Mas sentiu uma lágrima deslizar dos cílios para a bochecha.

Ela a secou. A respiração estremeceu quando Kylie sorveu o ar e inflou os pulmões. Por que doía respirar?

*Você é minha, Kylie Galen*. As palavras dele ecoaram em seu coração. Ela não podia negar que parte dela queria ir com ele, para fazê-lo dizer aquilo várias e várias vezes até que a dor que borbulhava em seu peito tivesse um fim. Até que ela pudesse olhar para ele sem se lembrar de como tinha se sentido ao vê-lo fazendo promessas para outra pessoa. Mas ela não conseguia se aproximar dele, porque sabia que a dor não iria embora.

Não agora.

*Talvez nunca*.

Ela não tinha certeza.

Lucas fez uma pausa e ela viu a mesma dor que sentia no peito se refletir nos olhos dele. Sua própria dor dobrou de tamanho ao saber que ela o feria. Mas não tinha sido tudo culpa dele? Por que ela deveria se sentir culpada por ele estar sofrendo agora?

— Sinto muito ter te causado essa dor — disse ele. — E por mais raiva que você esteja sentindo agora, precisa saber que estou com mais raiva ainda de mim mesmo. Eu fiz isso com você. Conosco. Machuquei a pessoa mais importante na minha vida. Se mais alguém tivesse feito tanto mal a você, eu arrancaria o coração dessa pessoa.

Ele ficou ali, só olhando para ela. O silêncio no quarto parecia muito alto. Ou era a dor ecoando na sala que perfurava seus ouvidos?

— Eu vou embora agora — ele disse, e Kylie não conseguia se lembrar de algum dia tê-lo visto parecer tão derrotado. Tão perdido. — Já disse o que queria, e apenas saiba que vou te dar todo o tempo que quiser para me perdoar. Mas não me perdoar... isso eu não vou aceitar. Porque eu te amo.

Ela se afastou para que Lucas passasse e ele saiu pela porta. Ela foi para a cama. Sentou-se. Chutou os sapatos.

— Gatinho, gatinho... — ela chamou, querendo algo para abraçar. Mas Socks não apareceu. Ele realmente não gostava de lobisomens. Nesse exato momento, uma parte dela concordava com ele.

Ela colocou as pernas para cima e abraçou os joelhos contra o peito tão apertado que chegou a doer.

E então esperou.

Esperou que as lágrimas fluíssem com força total.

Esperou que um pouco da pressão que oprimia seu coração desaparecesse. Mas as lágrimas não fluíram. A pressão manteve-se.

Fechando os olhos, ela mordeu o lábio. Por que não conseguia chorar?

Será que estava simplesmente esgotada?

E confusa?

Sim, ela estava confusa demais.

Como Lucas podia agora ver que estava errado e ter sido incapaz de ver isso na época? Como é que ele pôde ter ficado lá em pé e prometido sua alma, prometido se casar com outra pessoa, se ele amava Kylie?

Mas por que ele mentiria? Por que teria vindo dizer todas aquelas coisas se elas não fossem verdadeiras?

Ela ficou sentada ali, no quarto escuro, por longos minutos. Sentia-se sozinha. Solitária.

Um pensamento louco e um pouco infantil lhe ocorreu: *Eu quero a minha mãe*. Mas a mãe dela não estava ali. Não em Shadow Falls. Nem mesmo no país. A mãe dela estava na Inglaterra transando com um cara que Kylie odiava.

Mas ela ainda podia lhe telefonar. Quem sabe conseguisse até mesmo causar um leve transtorno nos planos de John de seduzir sua mãe. Isso tornou a ideia de telefonar ainda mais tentadora. Ela queria que John soubesse que sua mãe não estava sozinha no mundo.

Ela enfiou a mão no bolso e, em seguida, gemeu. Havia deixado o telefone na casa do avô.

— Droga! — Kylie murmurou. À medida que as frustrações pelo telefone perdido ocupavam o seu cérebro, seus pensamentos foram para Jenny, para a conversa em que ela tinha confessado falar com Hayden e para algumas das acusações que tinha feito com relação aos anciãos. Será que os jovens camaleões eram realmente forçados a viver num mundo de isolamento? Parecia tão errado!

De repente ela se sentiu compelida a procurar Hayden Yates. Ele teria respostas. Talvez pudesse até mesmo garantir que o avô não estava por trás disso. Ela ficou de pé num salto, correu para a porta, mas abrandou o passo quando chegou à porta. Ah, droga! Ela só poderia ir com uma sombra.

Burnett surtaria se descobrisse que Kylie estava vagando sozinha à noite. Mas, dane-se!, ela precisava de respostas. E às vezes era preciso quebrar as regras. Ela saiu, fechando a porta silenciosamente para não acordar Miranda. Descendo os degraus da varanda, ela se dirigiu para o caminho que levaria à cabana de Hayden. Ele provavelmente ainda estaria dormindo, mas ela não se importava.

Kylie estava a poucos metros quando viu alguém aparecer por entre as árvores. Sua respiração ficou presa na garganta quando viu quem era.

O pensamento que lhe veio à mente foi uma frase que Nana tinha lhe dito muitas vezes, quando ela se via numa situação ruim. Ela estava num mato sem cachorro.

— Eu... Sinto muito — Kylie murmurou.

— Não precisa nem mesmo tentar me convencer a não ficar furioso! — Burnett rosnou. — Nem uma palavra!

— Eu só...

— Já são duas palavras e eu disse “nenhuma”! — ele retrucou, e fez um gesto com a mão para dar mais ênfase.

Kylie mordeu o lábio e, como dava para imaginar, as lágrimas começaram a fluir. Grossas e

rápidas. Ela fungou e enxugou o rosto com as costas da mão. Sua respiração ficou presa no peito. Mas caramba! Por que isso não poderia ter acontecido quando ela estava sozinha?

— Essas lágrimas não me afetam, mocinha! — Ele apontou um dedo para ela. Embora ela não pudesse ouvir seu coração bater no ritmo de uma mentira, ela a pressentiu em sua voz. As lágrimas dela na verdade o afetavam. Não o suficiente para impedi-lo de ficar furioso, mas o suficiente para que sua voz denunciasse sua emoção.

E saber que ela o desapontara adicionou outra camada de dor no seu peito. Justamente aquilo de que ela precisava... mais dor.

Ela abraçou a si mesma e tentou parar de chorar. Mas as lágrimas continuavam brotando. Ele não disse nada. Apenas ficou andando de um lado para o outro, na frente dela.

De um lado para o outro.

De um lado e para o outro.

Olhando para ela o tempo todo com total descontentamento e decepção. Ela começou a voltar para sua cabana, e ele rosnou. Apenas um rosnar. Sem palavras, mas com entonação suficiente para ela saber que ele não queria que ela saísse da cabana. Obviamente, sua punição era ficar ali e aceitar o fato de que o decepcionara.

Num recôndito da sua mente, ela se perguntou se era assim que Lucas se sentia.

Mais uma vez sentiu o tremor em sua respiração.

— Eu só...

— Eu disse que você poderia falar? — ele perguntou. Ele andou mais três vezes de um lado e para o outro, como se estivesse tentando se acalmar, antes de olhar para ela novamente.

— Onde você estava indo?

Quando ela o olhou, ele cuspiu:

— Responda.

— Você disse que eu não podia falar. — Ela enxugou o rosto novamente.

— Onde você estava indo, Kylie?

Santo Deus, ela não sabia o que dizer! Não podia dizer a verdade. Ela tinha prometido ao avô que nunca entregaria Hayden Yates.

Sim, ela estava definitivamente num mato sem nenhum cachorro à vista.

— Você ia ver Lucas? — perguntou Burnett.

Ela começou a concordar com a cabeça, mas sentiu o coração disparar só de pensar numa mentira.

— Então não era Lucas — ele sibilou, obviamente, ouvindo o coração dela e sabendo que ela estava tentada a mentir.

Ele se aproximou um pouco mais e seus olhos escuros a analisaram. Ele estava perto demais. Tão perto que ela viu novamente a decepção em seus olhos, e o nó na garganta ressuscitou.

Ela tentou pensar no que dizer, algo para ajudar, algo inofensivo. Algo que não fosse uma mentira.

— Eu só...

— Não precisa nem falar se você vai mentir.

Ok, então seu coração não ia permitir nem mesmo uma mentirinha para tirá-la dessa encrenca.

— Eu quero a verdade — disse ele. — Você estava indo se encontrar com seu avô?

— Não — Kylie disse com sinceridade, e com ela veio um enorme alívio.

Ele a estudou mais de perto. Seus olhos se estreitaram.

— Ok, vou fazer uma pergunta direta e quero que me diga sim ou não. Não tente me enganar, porque eu vou saber. — Ele fez uma pausa para causar mais efeito, ou talvez apenas para ordenar seus pensamentos. — Você ia ver Hayden Yates?

A mente de Kylie disparou. O que Burnett sabia? Quando o avô lhe contara que Burnett tinha acreditado na mentira de Hayden, de que ela tinha simplesmente enganado o professor, levando-o a pensar que tinha permissão para sair, ela não tinha acreditado que Hayden havia enganado Burnett.

Ele sabia alguma coisa. Mas quanto e o que ele sabia continuavam sendo um mistério.

— Ok, seu silêncio praticamente responde à minha pergunta. Vamos. — Ele fez sinal para que ela começasse a andar.

— Para onde? — ela perguntou, com medo do que ele ia dizer.

— Você queria ver Hayden, então vamos vê-lo. E então ou vocês dois vão me dizer que diabos está acontecendo ou o bicho vai pegar!

# Capítulo Dez

Kylie tinha ouvido a expressão “o bicho vai pegar”, num filme em que condenados caminhavam para a execução e, no trajeto até a cabana de Hayden, ela de fato caminhava como um condenado rumo à cadeira elétrica. Burnett não falou. Ela mal o ouvia respirar. E ainda assim sua postura rígida ao lado dela revelava sua impaciência. Sua lealdade para com o avô e Burnett dilacerava o seu coração como num cabo de guerra.

— Podemos falar com Holiday primeiro? — perguntou Kylie, sabendo que talvez a *fae* pudesse acalmar Burnett e fazê-lo entender.

— Não. — A resposta de Burnett soou áspera. — Eu vou descobrir a verdade.

Mas a que preço, Kylie pensava. Será que Hayden perceberia que Kylie não o delatara? Ela esperava que sim. Mas será que o avô ia pensar que ela quebrara a sua promessa?

Ela achava que sim.

Como o homem andando tão bruscamente ao seu lado, seu avô também não era tolerante.

Quando chegaram à curva perto da cabana de Hayden, Kylie procurou desesperadamente uma saída.

— Temos que acordá-lo? Não podemos simplesmente...

— Ele já está acordado — Burnett disse com severidade. — Está se revirando na cama, preocupado com alguma coisa. Ele estava esperando você esta manhã? Você já está atrasada?

— Não — ela murmurou.

Eles continuaram avançando até chegar aos degraus da varanda da cabana e de repente Kylie percebeu uma coisa. A raiva agitou suas entranhas e ela agarrou Burnett pelo cotovelo.

— Tudo bem, você pode ouvir tudo!

— E por que está me dizendo isso agora? — perguntou ele, obviamente notando a sua nova disposição. E, sim, ficar com raiva fez com que ela se sentisse um pouco menos culpada por ter sido pega escondendo coisas dele.

— Mais cedo, quando me deixou na minha cabana, você sabia que Lucas estava lá, não sabia? Você sabia que ele estava esperando para falar comigo!

Um vinco se formou na testa de Burnett, demonstrando culpa.

— Ele me implorou para lhe dar dez minutos.

— E você deu. Achou que a escolha era sua — Kylie acusou.

Burnett franziu a testa, mas a culpa não desapareceu completamente dos seus olhos.

— Se bem me lembro, você também colocou o seu dedinho no meu relacionamento amoroso com Holiday.

— Nenhum de vocês dois fugiu e ficou noivo de outra pessoa!

Burnett não vacilou, mas pela expressão dele viu que o argumento provocou um peso na

consciência do vampiro.

— Todo mundo merece a chance de se explicar — ele justificou, sem muita convicção.

— Não há explicação para o que ele fez — ela contra-atacou.

Burnett suspirou e beliscou a parte superior do nariz.

— Ok, admito que eu possa ter errado permitindo esse privilégio a ele. E já adianto que não vou interferir mais. E agora, talvez você e Hayden possam se corrigir também e explicar o que os dois estão escondendo de mim!

Ele arqueou uma sobrancelha para Kylie, levantou o punho e bateu na porta de Hayden com tanta força que sacudiu as dobradiças.

Depois de descarregar todo o seu mau humor na porta, Burnett desviou os olhos para Kylie novamente. Ela percebeu a sua mente agitada, à procura de respostas. Era a primeira vez que ela tinha a sensação de que Burnett não sabia tanto quanto ela temia.

— Fique avisada — ameaçou o vampiro —, se eu descobrir que está rolando um romance aqui, vou mandá-lo de volta para o lugar de onde veio... mas aos pedaços.

O queixo de Kylie caiu.

— Um romance? Ah, pelo amor de Deus, ele é muito velho pra mim. Tão velho quanto você.

A testa de Burnett se franziu.

— É por isso mesmo que estou avisando... — Sua carranca se aprofundou. — Não que eu seja *tão* velho assim.

Hayden abriu a porta e seu olhar oscilou entre Burnett e Kylie.

Burnett rosnou. Depois o vampiro cruzou a soleira da porta como se fosse o maioral ali. O que de fato ele era.

Hayden não ficou feliz com a entrada triunfal de Burnett, mas não tentou detê-lo. Ele recuou, permitindo que o vampiro entrasse.

Kylie engoliu em seco, sem saber como aquela situação ia acabar. Burnett ia ficar furioso e, assim que o avô soubesse que Burnett tinha descoberto o disfarce de Hayden, ele ficaria furioso também.

— Ok, vamos deixar uma coisa bem clara — disse Burnett, iniciando a conversa. — Ninguém vai deixar esta cabana até que eu tenha respostas. E não me importo de ter que usar a força para obtê-las. — Ele olhou diretamente para Hayden. — E já que eu não bato em garotas, sugiro que você comece a se explicar.

Hayden inclinou a cabeça de lado.

— Explicar o quê? — perguntou, não se mostrando nem um pouco intimidado.

Kylie teve que admirar Hayden por isso, também. Ela adorava Burnett e sabia que ele não era injusto, mas ainda sentia um aperto na boca do estômago. O vampiro era um apreciador da arte da intimidação. E era um mestre nessa arte.

— Qual é a ligação entre vocês dois? — perguntou Burnett.

— Ligação? — perguntou Hayden.

— No início, Kylie tinha certeza de que você estava por trás da morte das garotas, e de repente você se tornou um aliado. Você mentiu quando me disse que ela pediu para ser deixada

no cemitério.

— Eu a deixei no cemitério.

— Então você mentiu sobre ela tê-lo procurado. Eu conheço Kylie, e ela não teria procurado você para pedir ajuda sem um motivo, sem uma conexão de algum tipo.

— Sou professor dela — respondeu Hayden. — Pensei que ajudar um aluno em situação difícel era um fator positivo aqui.

— E eu pensei que você fosse inteligente o bastante para saber quando falar a verdade! — Os olhos de Burnett soltavam centelhas de raiva. — A única razão pela qual eu ainda não chutei você daqui é que primeiro eu quero respostas. Portanto, comece a falar!

Kylie, com medo de que a situação saísse do controle, colocou-se entre os dois homens.

— Será que você pode nos deixar sozinhos um instante?

A expressão de Burnett endureceu.

— Por favor — disse Kylie. — Eu... acho que vai ajudar a esclarecer isto.

Burnett cerrou o maxilar a ponto de parecer que estava prestes a quebrá-lo.

— E quando você voltar, vou ter as respostas que você quer.

A carranca se aprofundou.

— Estarei do lado de fora da porta.

— Mas você ainda vai poder ouvir...

— É tudo o que eu posso oferecer! — ele deixou claro.

De repente, ela percebeu que aquilo bastava, pois ela e Hayden poderiam ficar invisíveis e a conversa entre eles não seria ouvida pelos ouvidos indiscretos do vampiro. Ela concordou com a cabeça e observou o vampiro furioso sair. Assim que a porta se fechou, ela pressionou um dedo sobre os lábios e, em seguida, agarrou a mão de Hayden e levou-o para o reino invisível com ela.

— Você já consegue fazer isso? — A voz de Hayden ecoou, mas ele permaneceu invisível.

— Consigo. — Kylie segurou a mão dele, para saber onde ele estava.

— Isso é incrível, Kylie! Você percebe quanto já progrediu? Quando foi que você...

— Desculpe, mas não temos tempo para falar sobre isso agora. O que vamos dizer a Burnett? Eu acho que devíamos abrir o jogo.

— Ele vai insistir para eu ir embora — disse Hayden. — E você vai perder a minha proteção.

— Em primeiro lugar, não preciso da proteção de ninguém aqui. Mas não quero que você vá, quero ter alguém que eu possa procurar se tiver alguma dúvida. Em segundo lugar, não sei bem se Burnett vai mandar você embora. Mas, se não dissermos a verdade, ele com certeza vai chutar você daqui. A única chance que temos é dizer a verdade.

— Talvez você tenha razão... — disse Hayden. — Mas...

— Não contei nada a ele, você sabe. Ele ainda não sabe que você é um camaleão. Ele simplesmente...

— Eu sei — disse Hayden. — Ele já desconfiava de mim desde antes de você partir.

— A culpa é minha. Eu...

— Eu sei — disse Hayden.

O som da porta da frente batendo violentamente interrompeu Hayden. Burnett invadiu a

cabana, com os olhos brilhando de fúria.

— Esse homem é impossível — disse Hayden.

— Filhos de uma...! — As palavras de Burnett ecoaram pelo cômodo. — Kylie! Onde você está?!

— Vou falar com ele — Kylie disse a Hayden. — Você fica invisível.

Ela soltou a mão dele e desejou ficar visível.

A cara feia de Burnett fixou-se nela instantaneamente.

— Onde ele está? — ele perguntou com rispidez.

— Está aqui. Nós ainda estamos conversando. Em particular, como eu pedi.

— Você pode deixar outras pessoas invisíveis?

Ela assentiu com a cabeça. *Não que eu precisasse deixar Hayden invisível, sendo ele um camaleão, mas Burnett não sabe disso.*

— Isso é tolice. Eu quero respostas!

— E você vai ter, se me der um tempo — ela implorou, sem recuar. — Estou pedindo que você confie em mim, como você mesmo me pediu tantas vezes no passado.

Ele grunhiu e voltou a olhar para o teto, como se pedindo a Deus para ter paciência. Kylie desejou ficar invisível novamente.

— Eu estou bem aqui — a voz de Hayden soou ao seu lado. — Então exatamente o que você quer contar a ele?

— Tudo — Kylie disse olhando para o vazio, mas acreditando que ele estava ali. — Que você foi enviado aqui pelo meu avô e é um camaleão. E que você quer ficar aqui. — Ela fez uma pausa. — E não faria mal acrescentar quanto você está impressionado com este lugar. Se pudermos convencê-lo de que você é nosso aliado, então talvez...

— Talvez o quê? — perguntou Hayden.

— Eu não sei se é possível, mas eu estava pensando que uma grande parte dos camaleões mais jovens, como Jenny, poderia se beneficiar de Shadow Falls.

— Tenho pensado nisso também — disse Hayden. — Mas os anciãos não vão...

— Ok, acabou o tempo! — Burnett gritou, e começou a andar em torno do cômodo. — Podem fazer o favor de voltar agora.

— Só mais um minuto — Kylie insistiu. — Estamos quase terminando.

— Ele não pode ouvi-la — disse Hayden.

— Ah, é. — Ela fez uma pausa; as perguntas que tinha para Hayden se sucediam na sua cabeça, mas Burnett estava prestes a surtar. E um surto de Burnett não era brincadeira.

— Está pronto? — perguntou Kylie. — Eu tenho muito mais para conversar com você, mas por ora... Acho que devemos acabar logo com isso. Espere! — Kylie pediu. Quando ela não o ouviu, ela chamou por ele. — Hayden?

— O quê? — ele perguntou.

— Você acha que meu avô estava a par do plano de me raptar e me impedir de vir para Shadow Falls?

— Não. Eu não acho. Ele está muito preocupado com você, a ponto de me ligar seis vezes

antes de você chegar.

O alívio vibrou através dela.

— Você pode dizer a ele que eu sinto muito por... não ter me despedido?

— Claro.

— Kylie! — Burnett rosnou.

Respirando fundo, ela desejou ficar visível novamente. Hayden apareceu ao seu lado.

Burnett não pareceu impressionado. Ele se aproximou de Hayden e agarrou-o pela gola da camisa.

— Desapareça de novo e eu vou fazer você desaparecer para sempre.

— Acalme-se. — Kylie aproximou-se de Burnett. — Hayden não é nosso inimigo. É por causa dele que conseguimos encontrar Holiday, quando Warren a levou. Na verdade, foi por causa dele que eu consegui escapar esta noite. — Kylie viu Hayden olhar para ela como se estivesse surpreso ao ver que ela conhecia essa peça do quebra-cabeça.

Burnett soltou Hayden e depois estudou a testa do professor.

— Não me diga que você é um camaleão.

A postura corporal de Hayden se enrijeceu.

— Você diz isso como se fosse um insulto.

Burnett endireitou os ombros.

— Eu digo isso como se você tivesse mentido para mim.

Hayden arrumou a gola da camisa.

— Eu vim aqui para me certificar de que Kylie não seria levada para a UPF por alguém que vive alardeando sua autoridade.

Burnett fez uma careta.

— Eu sou a autoridade aqui. E investiguei você a fundo. Tudo indica que seja metade vampiro, metade *fae*. Você está até registrado assim.

— Estou — disse Hayden.

— Mas isso não é verdade.

Hayden não piscou.

— Foi assim que eu escolhi viver a minha vida.

Burnett balançou a cabeça, como se estivesse tentando entender.

— Mas, de acordo com a minha pesquisa, o avô de Kylie está registrado como ser humano na UPF. E os poucos camaleões que eu vi fora do complexo usavam o padrão de seres humanos. Eu achava que isso era o que todos vocês faziam o mundo pensar. Aliás, por que você optou por não viver no complexo com os outros? Você é um desgarrado?

Hayden se empertigou.

— Você é um desgarrado porque não vive numa comunidade de vampiros? A gente deve viver a vida como quer, não é assim? Eu simplesmente preferi viver por conta própria e escolhi ser sobrenatural em vez de humano.

— Então, você apenas escolheu uma espécie e falsificou esse padrão?

— Eu não fiz nada de errado para ser julgado por você — Hayden disse.

Burnett ainda parecia confuso.

— Quantos como você existem por aí? Vivendo como um tipo diferente de sobrenatural?

— Não o suficiente para a gente se sentir confortável se expondo por aí — Hayden explicou. — Não quando a História tem mostrado o que pode acontecer.

Kylie viu Burnett tentar absorver e registrar o que estava ouvindo.

— Então, quando você viu que eu não representava nenhuma ameaça à Kylie, por que não revelou sua identidade?

— Para que você pudesse me chutar daqui ou, pior, me prender?

Burnett era forte, até mesmo um pouco mais forte do que Hayden, mas verbalmente Hayden estava levando a melhor. E esse fato não agradava a Burnett.

— Você trabalha para o avô de Kylie? — perguntou Burnett.

— Se trabalho para ele? Não. Se eu o estava ajudando? Sim. Como você deve saber com base nas muitas investigações que fez a meu respeito, eu dei aulas para o ensino médio durante três anos numa escola em Houston.

— Você ainda está ajudando o avô de Kylie? — A pergunta de Burnett pairou no ar como se a resposta fosse decisiva.

— Depende do que você entende por ajudar. Estou tentando ir contra você para causar algum dano a Kylie? Não. Mas ainda estou de olho nela e respondendo às perguntas de seu avô preocupado? Sim.

— O mesmo avô preocupado que tinha planejado sequestrá-la?

— Meu avô não estava por trás disso! — disse Kylie antes que Hayden pudesse responder. — E eu tampouco quero que você mande Hayden embora. Por favor, Burnett, faça isso por mim.

Burnett olhou para Kylie.

— Não sei se eu posso trabalhar com alguém que não sabe a quem ser leal.

Kylie revirou os olhos.

— Quer dizer, como você e a UPF?

Burnett estreitou os olhos.

— Meu compromisso foi sempre o de proteger você.

— Mas você ainda trabalha para eles também. Porque, como você diz, você vê o bem que a UPF faz. Bem, Hayden faz o mesmo. Ele quer me proteger, mas compreende que o meu avô tem boas intenções. Por que você não pode aceitar isso?

Burnett franziu a testa, mas Kylie podia ver que seu argumento tinha convencido o vampiro.

— Vou levar isso em consideração e discutir o assunto com Holiday.

Hayden acenou com a cabeça, sua expressão dizendo que não iria implorar para ficar. Não que Kylie o culpasse por não querer implorar, mas ela não era orgulhosa a ponto de fazer o mesmo. Sua vida seria simplesmente mais fácil com Hayden ali, e a ajudaria a se comunicar com o avô. Ela realmente, realmente precisava de Hayden.

— Minhas regras, no entanto, ainda estão valendo — Burnett continuou. — Não importa o que eu decida com relação ao futuro do senhor Yates em Shadow Falls — disse Burnett, encarando Kylie —, você não vai fugir para ver o seu avô. Vai andar por aí acompanhada de uma

sombra e, se eu tiver que guardar pessoalmente sua cabana todas as noites para impedi-la de violar as regras, vou fazer isso.

Kylie concordou com a cabeça, aceitando que teria que conquistar a confiança do vampiro novamente.

Burnett voltou sua atenção para Hayden.

— E se eu decidir deixá-lo ficar em Shadow Falls, espero que aceite as minhas regras e me ajude a ficar de olho em Kylie. E me ajude também a aprender como lidar com aquele ladino da sua espécie.

— Se você decidir que eu posso ficar, vou considerar a sua oferta — disse Hayden, a rispidez da sua voz indicando que ele obviamente não tinha se esquecido do comportamento de Burnett. Não que Kylie pudesse culpá-lo. Ela também tinha levado um tempo para se acostumar com o vampiro. Até perceber quanto ele se importava com ela.

— Mas uma coisa eu posso dizer, senhor James, eu me recuso a ser tratado com desrespeito.

— Desrespeito? — Burnett rosnou.

E então tudo foi por água abaixo.

Burnett e Hayden passaram a trocar duros golpes verbais. De acordo com Hayden, Burnett era metido a besta e, de acordo com Burnett, Hayden era um idiota pedante que tinha mentido para ele.

Ela não sabia se tinha certeza de que a tensão não acabaria com uma troca de socos ou se estava simplesmente cansada demais para se importar. Se os dois quebrassem o nariz um do outro, paciência. Ela não achava que fossem se matar. Pensando bem, ela podia estar enganada.

No entanto, subitamente ficou cansada demais para tentar detê-los.

Seus joelhos ficaram bambos e as pálpebras, cada vez mais pesadas. Ela tinha que se sentar antes que caísse ali mesmo. Ignorando os dois homens trocando insultos, Kylie atravessou o cômodo e se jogou no sofá de Hayden.

Sentindo um arrepio percorrê-la, ela abraçou a si mesma. Estava tão cansada que levou um minuto para perceber que o frio não era apenas uma reação natural à sua exaustão. Também levou um segundo para perceber que os homens haviam parado de discutir e estavam olhando para ela.

Kylie ignorou os homens para lidar com o espírito.

— Agora não — ela murmurou, e olhou diretamente para a mesinha de centro na frente dela, sem vontade de enfrentar o fantasma e sua conversa absurda sobre um assassinato. E realmente sem vontade de enfrentar Burnett ou Hayden, também.

— Agora não, o quê? — perguntou Burnett.

— Nada — disse Kylie, e o fantasma entrou na frente dela. Seu vestido rosa pálido pendia pesado, encharcado de sangue. Muito sangue. Pelo menos parecia sangue.

*Matar ou ser morto.* As palavras do espírito se agitaram na mente de Kylie.

Ela se inclinou para trás e fitou os olhos frios e sem vida do espírito. *Neste momento, eu ia preferir "estar morta". Estou cansada demais.*

— Está pronta para voltar para sua cabana? — Burnett olhou ao redor como se tivesse

consciência de que havia um visitante ali que ele não podia ver. Ele de fato não devia ser capaz de ver o fantasma, mas tinha conseguido ver Hannah, a irmã de Holiday, então Kylie não tinha certeza.

— Você pode vê-la? — perguntou Kylie.

— Ver quem? — perguntou Hayden.

— Um fantasma — Burnett respondeu a Hayden.

— Merda! — Hayden murmurou, e deu um passo para trás.

— Não, mas posso senti-la — disse Burnett, e seu olhar preocupado se fixou em Kylie. — Você não vai desmaiar, não é?

— Acho que não — respondeu Kylie.

— Ótimo. Vamos voltar para a sua cabana? — perguntou Burnett novamente.

— Sim — disse Kylie. Quando estava prestes a se levantar, ela viu o telefone de Hayden sobre a mesinha de centro. Lembrando-se de que queria ligar para a mãe, ela o pegou e olhou para Hayden. — Vou pegar emprestado, tá? — disse a ele. — Deixei o meu com o meu avô.

Hayden fez uma careta.

— Só não ligue para a minha namorada como fez da última vez que pegou o meu telefone emprestado.

Ela andou até Hayden, ignorando o espírito que sentia estar perto da porta, e o abraçou. Talvez ela não devesse ter feito isso, porque ele ficou tenso. O que os homens têm contra os abraços?, ela se perguntou.

— Obrigada — disse ela, afastando-se.

— Tudo bem.

Ela olhou para Burnett. Ele parecia chateado, como se ela tivesse acabado de abraçar o inimigo.

— Sabem, o problema com vocês dois é que são muito parecidos — ela constatou.

Ambos pigarrearam como se não concordassem. Kylie apenas revirou os olhos e se dirigiu para a porta. E o fantasma, carregando uma espada ensanguentada numa mão e... e a cabeça de alguém na outra, entrou na frente de Kylie. A cabeça, aparentemente recém-cortada e ainda pingando sangue, balançava e batia contra seu quadril enquanto ela se movia.

Kylie arquejou e fez uma parada abrupta. O espírito se virou e sorriu. Em seguida, levantando a cabeça por um punhado de cabelo escuro como se fosse um troféu, deu uma boa sacudida nela.

— *Eu disse, matar é moleza*.

O fantasma agitou a cabeça decapitada. Os olhos balançaram, como se soltos das órbitas, e o sangue esguichou do pescoço. Kylie soltou um grito assustado.

Perdendo o equilíbrio, Kylie colidiu com Burnett, enterrou o rosto em seu ombro e ficou ali.

— Estou cansada demais para enfrentar cabeças decapitadas — ela choramingou. — Faça com que ela vá embora. Por favor, faça com que ela vá embora.

# Capítulo Onze

Cinco minutos depois, o fantasma tinha desaparecido e Kylie subia os degraus da sua varanda e despedia-se de Burnett.

Ele a olhou com compaixão. Não tinha se desculpado por ser tão duro com ela e provavelmente não se desculparia. Sem dúvida, achava que ela merecia. E, de certa forma, ela achava que merecia mesmo.

Burnett a contornou e abriu a porta.

— Promete ir para a cama e não tentar fugir de novo?

— Prometo — disse Kylie.

— E tente confiar em mim — ele disse.

— Eu confio.

— Não, não confia — ele afirmou, derrotado. — Se confiasse em mim, eu não teria descoberto só agora o disfarce de Hayden.

— Alguém me fez prometer não contar — disse ela. — Se você tivesse prometido alguma coisa a alguém, não iria tentar cumprir essa promessa?

Ele suspirou, provavelmente oferecendo-lhe o seu melhor olhar de compreensão.

— Mas você precisa ter cuidado com o que promete às pessoas. — Ele olhou ao redor, procurando algo, um pouco desconfiado. — Ela ainda está aí fora?

Kylie sabia o que ele queria dizer com “ela”. Olhou para a esquerda e, em seguida, para a direita.

— Não estou vendo nada. — Mas, no fundo, ela se preocupava com a possibilidade de o espírito não ficar longe por muito tempo. No dia seguinte ela precisava consultar Holiday sobre como se livrar do fantasma permanentemente. A amiga estava certa. Kylie não tinha nenhuma razão para ajudar alguém tão ruim.

— Você sabe o que ela quer? A quem a cabeça pertencia? — perguntou Burnett.

— Não sei. Pode ter acontecido anos atrás. Mas, quanto ao que ela quer, sim, eu sei.

— E o que é? — ele perguntou.

— Ela quer que eu mate alguém para ela. — Kylie estava cansada demais para imprimir sarcasmo à voz.

Burnett fez uma careta.

— Quem?

— Ela não deixou isso muito claro ainda — disse Kylie.

— Eles nunca pedem muita coisa, não é? — disse ele, mas o sarcasmo era claro na voz dele. Obviamente, ele não estava tão exausto quanto ela.

Kylie deu de ombros. Ela foi dar um passo para trás, mas desta vez foi Burnett quem a

surpreendeu, ao se aproximar para um abraço. Foi curto, mas carinhoso, e ela percebeu que precisava mesmo de um abraço.

— Você quer que eu fique um pouco? — ele perguntou, parecendo pouco à vontade depois da demonstração de afeto.

— Não — disse Kylie, tirando-o do aperto.

— Quer que eu chame Holiday? — ele perguntou. — Eu posso chamar.

— Não, eu estou bem. Só quero ir para a cama. — Ela olhou para o céu; estava quase amanhecendo. Ela realmente precisava dormir um pouco. Estava fisicamente exausta, mas a caminhada de volta tinha acionado o seu cérebro novamente. Ao sentir o telefone de Hayden em seu bolso, ela se lembrou de que também queria ligar para a mãe. Entrou na varanda, olhando para trás uma vez para ver Burnett em pé nos degraus, olhando-a com um ar de preocupação paternal.

Lembrou-se de seu avô dizendo que Burnett tinha passado a representar um pai para ela e de certo modo ele tinha razão.

— Eu vou ficar bem — assegurou ela, embora não tivesse tanta certeza.

— Prometa que não vai sair da cabana — disse ele novamente.

— Eu prometo. — Ela lhe lançou um sorriso forçado e fechou a porta.

Quando ouviu os passos dele se afastando, Kylie encostou-se à porta e ficou ali. Então algo chamou sua atenção na porta do seu quarto. Seu coração afundou quando viu uma espiral de fumaça saindo da fresta da parte inferior, indicando que ela tinha companhia.

*Ah, não. Será que ela trouxe mais alguma coisa para me mostrar? Que parte do corpo tinha arrastado consigo desta vez?*

Mas que droga! Kylie não queria nenhuma companhia.

Ou pelo menos não esse tipo de companhia. Ela precisava de uma amiga. Precisava de uma de suas melhores amigas. Olhou por cima do ombro, para ver a porta de Miranda. Não havia nenhuma fumaça ondulando pelas frestas.

Virando-se, ela abriu a porta da amiga. Era cedo, mas algo lhe dizia que Miranda não iria reclamar.

Um sorriso muito necessário borbulhou dentro de Kylie ao ver a bruxa adormecida vestindo seu pijama estampado e abraçando um enorme urso de pelúcia como se fosse seu namorado. Kylie tocou os cabelos loiros com mechas rosas, verdes e pretas da bruxa espalhados pelo travesseiro, e de repente sentiu seu coração mais leve diante da visão de sua boa amiga.

Quando ela deu outro passo, o assoalho de madeira rangeu como se anunciando a presença de Kylie.

Os ombros de Miranda se contraíram, mas ela não se mexeu.

— Pensei que íamos esperar para transar — ela murmurou.

O sorriso de Kylie se alargou.

— Acho que seria mais sensato. Não tenho certeza se o nosso relacionamento poderia

suportar algo assim agora.

Miranda virou-se, levando o urso de pelúcia com ela. Seus olhos sonolentos agora estavam totalmente abertos.

— Além disso — Kylie acrescentou —, acho que você e o ursinho de pelúcia já são íntimos.

Miranda gritou, jogou o urso em Kylie e saiu correndo da cama.

— Eu pensei que você fosse Perry! — Rindo, a moça colocou os braços em torno de Kylie e lhe deu um abraço apertado.

— Mal posso acreditar que você está em casa! Estou tão feliz que esteja de volta! — Ela soltou Kylie, deu um passo para trás e olhou para a amiga como se tivesse receio de que ela não fosse real. — Você está em casa, certo? Isto não é um sonho?

— Não é um sonho — assegurou Kylie, embora no fundo desejasse que grande parte daquela noite fosse de fato um sonho.

O sorriso da bruxa diminuiu e ela bateu o pé.

— Você faz ideia de quanto ando me sentindo infeliz? Primeiro você vai embora e me deixa aqui e depois Della sai por aí bancando a super-heroínai! Eu devia estar furiosa com você em vez de me sentir feliz em te ver.

— Não, não fique brava. Vamos só ficar felizes por eu estar de volta. — Kylie pegou o urso de um metro de altura do chão e o recolocou na cama.

Miranda lançou um olhar malicioso para a amiga.

— Você voltou para ficar? Não vai mais fugir de mim?

— Não, chega de fugir — disse Kylie.

— Promessa de mindinho? — Miranda perguntou, estendendo o dedo mínimo.

Por que será que todo mundo agora queria que ela fizesse promessas? Kylie olhou para o dedinho da amiga, que era a arma das bruxas.

— Não sei se é seguro fazer promessas de mindinho com você, porque...

— É seguro. É uma promessa entre bruxas. E como você é meio bruxa, é a promessa mais inquebrável que você pode fazer.

— Tudo bem. Eu prometo. Kylie estendeu o dedo mínimo para tornar válida a promessa. E, embora parecesse um gesto tolo, no momento em que seus dedos se entrelaçaram, uma onda de emoção invadiu seu peito. Talvez as promessas de mindinho entre as bruxas fossem mais do que um gesto infantil. Ou talvez ela só estivesse feliz demais por estar em casa.

— Senti tanto a sua falta! — Kylie estendeu as mãos e apertou os braços da garota.

— Eu também. — Miranda se reclinou na cama. — Agora, sente-se aqui e me conte tudo que aconteceu. — Ela apertou os olhos e verificou o padrão de Kylie. — Você voltou a exibir aquele padrão estranho outra vez.

— Eu acho que o padrão estranho é o de um camaleão. — Se Kylie fosse um pouquinho paranoica, como noventa por cento dos outros camaleões, devia estar tentando esconder esse padrão. Mas era um pouco tarde para isso, não era? Tarde demais para começar a fingir ser algo que não era.

Todo mundo ali já tinha visto o padrão dela. E ela conseguiria fingir?

Claro, ela tinha conseguido alterar o padrão algumas vezes, mas como conseguiria mantê-lo? De acordo com o que havia aprendido, a maioria dos camaleões não era capaz de fazer isso enquanto não atingisse seus 20 anos.

E, por Deus, ela não ia deixar ninguém afastá-la de todos até seu padrão parar de se comportar mal. Seu coração voltou para Jenny e os outros adolescentes da propriedade de seu avô. De repente, Kylie teve o pressentimento de que ajudar os jovens camaleões era parte do seu destino. Mas, como Hayden tinha falado, convencer os camaleões mais velhos parecia impossível.

— Mas você pode se transformar em quase qualquer coisa, não é? — A pergunta de Miranda tirou Kylie de seus devaneios.

— Mais ou menos — Kylie respondeu, tentando manter a mente concentrada em Miranda. — Mas ainda é meio complicado.

— Que maluquices você pode fazer agora? — perguntou Miranda. Seus olhos verdes brilharam de entusiasmo.

Kylie deu de ombros e jogou-se na cama, ao lado de Miranda.

— Nada de novo, apenas um pouco mais de controle sobre o que eu posso fazer. Ah, espere, tem uma coisa. Eu posso fazer as outras pessoas ficarem invisíveis.

— Sério? Me faça ficar invisível agora! Faça! Faça!

— Pelo amor de Deus, agora não. Estou exausta. Além disso, eu não tenho certeza... Quero dizer, é ainda um pouco assustador fazer isso. — Ela se lembrou de como ficara assustada só de pensar que poderia ter perdido Derek no reino do invisível aquela noite.

Então, quase querendo uma distração que lhe permitisse parar de falar sobre si mesma, ela estendeu a mão para o urso e o abraçou.

— Então, está rolando alguma coisa entre você e este urso, hein? Parecia algo muito sério quando cheguei aqui.

Miranda sorriu.

— Perry me deu esse urso para me fazer companhia quando ele não estivesse aqui. No entanto, este cara aqui nem de longe beija tão bem quanto Perry.

Kylie sorriu. Era disso que ela sentira tanta falta. Simplesmente ter alguém com quem conversar, com quem rir.

— Que amor... — disse Kylie.

— É mesmo... — disse Miranda, e então perguntou: — Você pode brilhar a hora que quiser, agora? — Ela abraçou os joelhos e apertou-os contra o peito.

— Não — disse Kylie. — Isso só acontece quando eu curo as pessoas. — Ou as trago de volta da morte, pensou. Perceber os poderes malucos que iam e vinham a deixava assustada. Ela realmente esperava que Hayden e Burnett pudessem resolver as suas diferenças. Seria muito bom se Hayden estivesse ali para ajudá-la, caso as coisas ficassem instáveis novamente.

— É uma pena, aquela coisa de brilhar era demais! Quero dizer, eu posso brilhar também, mas não é tão legal como quando você faz isso. Eu não sei por quê, mas é diferente.

Kylie balançou a cabeça.

— Não foi tão legal, acredite.

— Foi, sim. — Miranda fez uma cara engraçada. — Todos concordaram que você parecia um anjo. Eles até ficaram se perguntando se você não teria um anjinho dentro de você.

— Não sou nenhum anjo. — *Basta perguntar a Burnett.*

— Todo mundo ainda está falando disso.

*Que ótimo!* Mas, mesmo correndo o risco de ser tema de conversa de todo mundo e alvo dos olhares surpresos de alguns alunos, ela já não temia isso tanto quanto antes. Precisava admitir, estava emocionada por estar de volta, mesmo que isso significasse que ela ainda era considerada uma aberração.

Deixando tudo isso de lado, ela se concentrou em Miranda novamente.

— Então, o que eu perdi desde que fui embora?

— Tudo. Tem sido uma loucura. Ah... — Uma ruga apareceu na testa da bruxa. — Você ouviu falar de Helen?

— Sim — Kylie assentiu. — Holiday me jurou que ela está bem.

Miranda novamente fez cara de preocupação.

— Você sabe quem eles acham que fez isso? Aquele maluco do Mario foi visto...

Kylie acenou com a cabeça novamente.

— Eu sei.

Miranda fez uma careta.

— Eu também acho que foi ele. Eu tinha começado a sentir aquela presença estranha de novo. Como se alguém estivesse por perto. Me dava arrepios. E eu estava totalmente sozinha, também.

— Eu sei o que você quer dizer. — Um forte arrepio percorreu a espinha de Kylie ao se lembrar do seu confronto com Mario naquele mesmo dia. Então Kylie olhou para Miranda.

— E eu sinto muito. É minha culpa que ele esteja aqui.

— Não é culpa sua. Ele é perverso.

— É, sim. — E ele era. Logo Kylie percebeu que teria que contar a Miranda sobre o que tinha acontecido naquela noite, mas não tinha energia para tanto naquele momento. — Você não está sentindo a presença dele agora, está?

Miranda inclinou a cabeça para o lado como se consultasse seus instintos.

— Não.

— Ótimo! — Kylie afastou a sensação de que ele poderia voltar a qualquer hora. Ela realmente queria acreditar que Shadow Falls era seguro, mas será que estava apenas enganando a si mesma?

— Você está bem? — perguntou Miranda, observando-a.

— Tudo bem. Como é que vai indo a escola?

— Temos um novo professor de História. Para substituir aquele maluco, Collin Warren. Um cara legal. Um lobisomem. Ele é jovem. Só tem uns vinte e poucos anos. Ele era uma criança prodígio, mas ninguém diria disso agora. Você devia ver Fredericka! Ela está caidinha por ele!

Kylie balançou a cabeça em desaprovação, mas não queria falar mal de Fredericka. Elas

tinham feito uma espécie de trégua.

— E que outra loucura aconteceu?

Miranda arqueou a sobrancelha direita.

— Nikki aconteceu, e se ela não parar de “acontecer” eu vou encher a cara dela de espinhas!

Miranda ergueu a mão, balançou o dedo mindinho e fez uma careta.

Demorou um instante para Kylie se lembrar de que Nikki era a nova metamorfa que tinha uma quedinha por Perry. Kylie franziu a testa, pensando na Hora do Encontro que ela tinha passado com a garota. Nikki com certeza estava apaixonada por Perry.

— Caramba! Como as coisas vão indo?

— É melhor que as coisas não estejam indo a lugar nenhum! Eu fico tão furiosa com Perry! Quer dizer, ele jura que nunca a tocaria, mas eu acho que ele está adorando saber que uma garota está atrás dele. E tenho certeza de que ele gosta de ver que estou com ciúmes. Ele fala dela em conversas sem importância. Como se gostasse de me ver irritada.

Kylie mordeu o lábio e se perguntou se Lucas não teria ficado um pouco envaidecido ao ver que Monique gostava dele. Mas será que Monique algum dia gostou dele? Será que Lucas tinha realmente falado a verdade quando afirmou que eles não tinham feito nada além de trocar alguns beijos? Seria Monique a garota que Kylie tinha visto na propriedade do avô?

As perguntas vieram tão rápido que ela não teve tempo de se desviar mentalmente.

A amiga se deitou de costas na cama fazendo um pouco de drama, e Kylie percebeu que sua mente a tinha levado de volta aos seus problemas, quando ela devia estar concentrada em Miranda.

— Você confia nele? — perguntou Kylie. — Se confia, então tem que parar de ficar pensando nisso.

Miranda apertou os lábios como se estivesse pensando.

— Foi isso que você fez com Lucas?

— É diferente — defendeu-se Kylie.

Miranda se apoiou sobre um cotovelo.

— Você está bem? Deus, eu sei que deve ter doído.

— Eu vou ficar bem — disse Kylie. — Um dia. — Ela olhou para o teto e tentou não pensar no desgosto que sentia. Não era como se ela não tivesse milhares de outras questões com que se preocupar. Como o fantasma carregando por aí cabeças decapitadas, e que provavelmente estava esperando por ela em seu quarto.

Um arrepio percorreu a sua espinha ao se lembrar disso.

Miranda se virou e se reclinou na cama novamente.

— Sabe que depois que você foi embora ele veio falar com Della e comigo?

Kylie se virou e olhou para Miranda.

— Ele veio?

— Sim, senhora. Acho que esperava que a gente pudesse tentar falar com você sobre ele. Convencê-la a perdoá-lo.

Kylie voltou a fitar o teto e estendeu a mão para o ursinho de pelúcia, abraçando-o.

— Eu sinto muito que ele tenha incomodado vocês.

— Ele não nos incomodou — disse Miranda. — Não sei se você quer ouvir isso, mas... ele estava realmente sofrendo. Não estou dizendo que você deva perdoá-lo, mas ele jurou que só tinha concordado com o noivado para entrar naquele Conselho idiota.

— Não sei se o motivo é o mais importante — disse Kylie. — Acho que é mais o fato de ele ter feito isso. E nas minhas costas. Não que eu teria aceitado se ele tivesse me contado, mas... — Sua garganta apertou. Ela abraçou ainda mais o ursinho de Miranda.

— Eu sei. — Miranda fez uma pausa. — Della disse praticamente a mesma coisa. E ela acabou com ele. Disse coisas que só Della pode dizer. Disse que ele era um merdinha e que deveria ser castrado. — Miranda soltou um suspiro profundo. — Quando Della começou a descarregar o verbo sobre ele, pensei que eu ia ter que apartar uma briga entre os dois. Quer dizer, eu pensei que ele ia perder a cabeça. Os lobisomens não costumam aceitar desaforos de um vampiro. Mas ele nem sequer reagiu. Ficou ali firme e ouviu tudo o que ela disse. Mais tarde, até Della admitiu que não poderia deixar de admirá-lo por enfrentar sua punição como um homem.

O nó na garganta de Kylie dobrou de tamanho.

— Não quero falar sobre isso.

— Tudo bem. — O silêncio encheu o quarto. Miranda finalmente falou: — Então vamos falar de outra coisa. Alguma coisa boa. Você sabia que Holiday e Burnett estão pensando em se casar aqui em Shadow Falls?

— Não, eu não sabia! — A notícia fez Kylie se sentir melhor. — Quando eles planejam se casar?

— Ainda não marcaram a data. Eu sinto que ela estava esperando você voltar. Mas provavelmente será em breve. Fui ver Holiday outra noite e havia coisas de Burnett espalhadas por toda a cabana. Eu acho que ele está morando lá agora. Eles se amam tanto! Aposto que transam três vezes por noite.

Kylie fez uma cara de espanto.

— As pessoas realmente transam tanto assim?

— Eu não sei — Miranda confessou —, mas espero que sim.

As duas começaram a rir. Um calor encheu o peito de Kylie.

— Burnett e Holiday merecem ser felizes.

— E todos nós não merecemos? — Miranda perguntou, e então suspirou novamente. — Eu vou dizer isso e então calar a boca. Eu sei que você está realmente com raiva de Lucas e eu não te culpo por isso, mas... Talvez você não devesse desistir completamente dele. Você não me deixou desistir de Perry.

Kylie balançou a cabeça e fez uma careta.

— Duas semanas atrás você estava me dizendo que eu deveria dar um chute nele e voltar para Derek.

— Isso foi antes de eu ver como Lucas está sofrendo. Eu acho que ele te ama mesmo.

Kylie balançou a cabeça.

— Realmente não quero falar sobre isso. Não quero pensar sobre isso. Eu apenas quero... Eu

apenas quero... Preciso ligar pra minha mãe e então quero ir dormir. Você vai me odiar se eu sair agora?

— Você não vai à aula hoje? — perguntou Miranda.

Kylie refletiu um pouco.

— Não, acho que eu vou cabular aula. Não fui para a cama ainda.

— Ah, então vá dormir. — Miranda olhou para ela. — Por que tenho a sensação de que você não está me contando tudo o que aconteceu?

Kylie fez uma careta.

— Porque eu não estou, mas estou cansada demais pra contar tudo agora. Vou te contar cada detalhe sórdido depois.

Miranda assentiu.

— Foi muito horrível?

— Realmente horrível.

— Ok. — Miranda franziu a testa. — Talvez eu apareça só para dar uma olhada em você de vez em quando. Eu realmente senti sua falta.

Kylie sorriu.

— Eu senti a sua, também.

— Você pode pegar o Teddy emprestado, se quiser. — Miranda sorriu.

— Eu acho que vou pegar. — Kylie estendeu o braço e apertou a mão de Miranda.

— Obrigada. — Ela se levantou e saiu do quarto, segurando o enorme bicho de pelúcia como se ele fosse a sua tábua de salvação.

No mínimo, ela poderia usá-lo para esconder o rosto, para que não tivesse que olhar para cabeças decepadas.

# Capítulo Doze

Felizmente o fantasma devia ter se cansado de esperar, porque Kylie encontrou seu quarto quente com Socks, o gatinho preto e branco, descansando pacificamente em seu travesseiro.

Quando ela se juntou a Socks na cama, o gato se levantou para lhe dar espaço e, em seguida, com a sua pata branca, deu um tapa no ursinho que Kylie ainda segurava.

— Ok, eu acho que abraçar você é melhor. — Ela colocou o urso no chão.

O gato subiu no peito de Kylie e ela deu ao bichano um pouco da atenção de que ele tanto precisava. Depois de vários minutos, ela se sentou e colocou o felino deitado ao seu lado.

— Desculpe, amigo, mas preciso ligar para a minha mãe. Mas não se preocupe, eu provavelmente vou ser breve e delicada. Ela está muito ocupada com John para perder tempo falando comigo.

No momento em que as palavras saíram da boca de Kylie, ela percebeu qual era, em parte, o seu problema com John. Ela estava com ciúmes. Sentia que seu relacionamento com a mãe tinha acabado de melhorar quando John apareceu e roubou a atenção dela. Mas por acaso era errado ela querer ser a coisa mais importante na vida da mãe por um tempo?

*Provavelmente*, Kylie pensou, respondendo à própria pergunta. Especialmente agora, que estava vivendo longe de casa. A mãe dela tinha todo o direito de viver a própria vida.

Mas, se metade do problema de Kylie com o homem era o ciúme, por que ela sentia tanta antipatia por ele? Pura e simplesmente, ela não gostava dele.

Lembrou-se de que Burnett tinha verificado os antecedentes do sujeito, mas não tinha descoberto nada de suspeito.

Kylie se lembrou de como Burnett ficara chocado ao descobrir que Hayden não era tudo aquilo que seus antecedentes tinham revelado.

Talvez ela não devesse colocar tanta expectativa nas investigações de Burnett.

Ou talvez Kylie precisasse parar de tentar criticar John e começar a tentar aceitá-lo como uma parte da vida de sua mãe. Especialmente porque ele parecia ser a única pessoa preocupada em fazê-la feliz. Sua mãe merecia ser feliz, não é?

Kylie discou o número da mãe, determinada a parecer simpática.

Ele tocou uma vez. Depois duas. Normalmente a mãe atendia rapidamente. Kylie ficou preocupada com a possibilidade de estar interrompendo algum interlúdio romântico. Ela franziu a testa e olhou para o relógio. Devia ser quase hora do almoço na Grã-Bretanha, com certeza eles não estavam... fazendo sexo ou, como Della teria dito, ocupados com uma rapidinha.

Ela afastou o pensamento o mais rápido que pôde e deixou sua mente vagar para Della. Burnett dissera que a vampirinha tinha entrado em algum tipo de briga. Ver Miranda tinha sido maravilhoso, mas ter as duas em casa seria perfeito.

Outro toque da linha trouxe sua atenção de volta para o telefone. Ela esperava ouvir o correio de voz a qualquer momento. Será que a mãe estava bem? O ressentimento agitou-se dentro dela por causa de John novamente. Se alguma coisa tivesse acontecido à mãe nessa viagem...

— Alô? — A voz da mãe soou... distante. De alguma forma, pouco acolhedora.

— Tudo bem? — perguntou Kylie, a mão apertando o celular de Hayden.

— Kylie? — perguntou a mãe. — De que telefone você está me ligando?

Percebendo que esse talvez fosse o motivo para a demora da mãe e do seu estranho tom distante, Kylie afundou no travesseiro. No entanto, o distanciamento em sua voz a fazia se lembrar de quando ela era mais jovem e tinha que se esforçar muito para conseguir a aprovação da mãe. Uma época em que Kylie questionava o afeto da mãe por ela. Mas isso pertencia ao passado. Elas tinham começado um novo relacionamento, muito melhor. Pelo menos até o momento. Ela rezava para que a presença de John não mudasse isso.

— Onde está o seu telefone, mocinha?

— Ah... Eu... — Ela tinha que pensar rápido numa mentira e fazê-la parecer convincente. A mãe não conseguiria ouvir seu coração disparado por causa da mentira, mas ela tinha um detector de mentiras maternal que havia colocado Kylie em apuros mais de uma vez.

— Perdi meu telefone ontem à noite, então pedi emprestado o de um amigo. — Para todos os efeitos, não era realmente uma mentira.

— Bem, isso explica por que você não retornou meu telefonema ontem à noite — a mãe disse em tom de bronca. — Ah, meu Deus, você percebe quanto vai me custar substituir o seu telefone?

— Eu... acho que eu vou encontrá-lo. Sinto muito. — Kylie acariciou Socks quando ele esfregou a cara contra o queixo dela. — Algum problema? Por que você me ligou ontem?

— Não, apenas... seu pai estava preocupado.

O padrasto, Kylie quis corrigir, mas não falou nada.

— Ele disse que ligou três vezes ontem à tarde e você não atendeu. E então ele me ligou três vezes, enquanto John e eu estávamos... Quero dizer, quando eu estava na cama.

Cruzes! A capacidade de Kylie para ficar enojada atingiu o limite máximo, obrigando seu cérebro a bloquear todas as imagens mentais inadequadas.

— Sinto muito — Kylie respondeu, e, em seguida, mordeu o lábio. Ela tinha prometido a si mesma que não iria mais ter esperança de que sua mãe e o padrasto se reconciliassem, mas era difícil às vezes. Mesmo assim, no que mais importava — as lembranças que ela ainda acalentava de como sua família costumava ser —, uma centelha de esperança ainda brilhava.

— Ligar três vezes é ridículo — disse a mãe. — Especialmente porque ele sabia que horas eram aqui.

— Eu sei — disse Kylie, mas pensando, *Dá um tempo, mãe! Ele estava preocupado comigo*!

— Bem, é hora de o seu pai saber que não pode me ligar a qualquer hora que quiser — ela reclamou.

— Tenho certeza de que ele vai se acostumar com o tempo — disse Kylie. — Vou tentar falar com ele hoje e ver o que ele quer.

— Faça isso — disse a mãe, e fez uma pausa. — Espere aí. Se você não sabia que eu liguei antes, então o que aconteceu? Está tudo bem?

— Sim, eu só queria ver se estava tudo bem. Detesto pensar que você está tão longe de mim.

— Eu sei... Eu me sinto assim também. Estou com saudades. Não é que eu não esteja me divertindo. A Inglaterra é maravilhosa, Kylie. Talvez quando John e eu voltarmos da próxima vez você possa vir com a gente.

*Da próxima vez?* Eles já estariam planejando outra viagem?

— Claro! — Kylie murmurou, lembrando-se de que estava tentando ser simpática.

— Adivinhe, querida!

O peito de Kylie de repente se encheu de medo. *Deus, por favor, não deixe que ela me diga que eles se casaram ou algo assim.*

— O quê? — perguntou Kylie, a voz dando a impressão de que ela tinha engolido um sapo.

— John me perguntou se...

— Não! — Kylie respondeu com rispidez.

— Não o quê? — a mãe perguntou.

— Você não o conhece o suficiente.

A linha permaneceu muda por um instante demasiadamente longo.

— O que você acha que ele me perguntou?

Kylie se encolheu.

— Eu não sei — disse Kylie, e percebeu que ela provavelmente estava cansada demais para conversar com a mãe. Exausta demais para manter uma conversa lógica, especialmente quando tinha que fingir que gostava de alguém de quem não gostava.

— Ele quer que eu vá trabalhar na empresa dele — a mãe explicou. — Está disposto a me pagar quase o dobro do que eu ganho agora.

Ok, a mãe dela trabalhar para o homem não era tão ruim quanto se casar com ele, mas Kylie tampouco gostava daquilo.

— Eu pensei que você gostava do seu trabalho — comentou Kylie.

— Eu gosto, mas... quase o dobro de salário e viagens de graça... Quero dizer, é uma proposta difícil de recusar.

— Mas... mas você está — *transando* — namorando com ele. Não é uma espécie de assédio sexual? Quer dizer, há leis contra isso, não há?

— Não, se a relação for consensual — a mãe esclareceu. — John e eu conversamos sobre como seria difícil eu trabalhar para ele, mas deixou claro que eu não estaria trabalhando diretamente com ele. Por isso, não seria como se estivéssemos realmente trabalhando juntos.

Kylie podia ouvir a resposta na voz da mãe. Sua decisão já estava tomada. Ela iria aceitar a proposta.

— Sim, mas eu não sei se é sensato trabalhar para alguém com quem você está... saindo.

— Acho que John e eu somos maduros o suficiente para lidar com isso.

*Claro! Assim como ele se mostrou maduro da última vez em que você o trouxe aqui e ele deu um soco no meu padrasto e começou um showzinho de luta livre no refeitório*. Kylie mordeu o

lábio para não dizer nada ofensivo.

— Eu acho que só penso assim porque não o conheço muito bem — disse Kylie.

— O que eu pretendo corrigir da próxima vez que você for para casa. Achei que talvez pudéssemos viajar juntos a algum lugar, para passar um fim de semana.

*Por favor, não!*

— Eu... Não acho que precisamos fazer isso. Eu... para ser franca, acho que gosto quando esses fins de semana são só para você e eu.

— Mas você precisa conhecê-lo, Kylie. Ele é um grande cara. Tenho certeza de que você o adoraria se realmente o conhecesse.

— Tá, tudo bem. Mas não vamos... Não vamos apressar as coisas, ok? Tudo a seu tempo.

A mãe ficou em silêncio novamente.

— Você está bem, querida? Só agora percebi que horas são aí. O que você está fazendo acordada às cinco e meia da manhã?

— Eu tinha alguns deveres de casa e precisei acordar mais cedo — Kylie mentiu novamente. — E é melhor eu desligar e começar a fazê-los.

— Você está com problemas com os garotos novamente? — perguntou a mãe.

Assim como com um problema com fantasmas carregando cabeças decepadas.

— Nada que eu não possa resolver.

— O que aconteceu, querida? — perguntou a mãe.

— Estou bem. Na verdade, prefiro não falar sobre isso. Talvez mais tarde.

Kylie ouviu a mãe dar um longo suspiro do outro lado da linha.

— Estou pronta para ouvir quando você quiser falar a respeito...

— Eu sei, e eu te amo, mãe.

— Eu também te amo, querida.

Foi repetindo as palavras de sua mãe várias vezes em sua cabeça que Kylie finalmente adormeceu.

— Para onde estamos indo? — Kylie perguntou a Derek quando sentiu aquela indefinição típica de um sonho tranquilo. Correção: de um sonho lúcido.

Mas logo em seguida, a tranquilidade se foi. Fazia um tempo que ela fazia aquilo, mas imediatamente percebeu que o sonho não era dela. Ela não tinha ido até Derek. Ele tinha vindo até ela. E agora a estava levando a algum lugar, andando na frente dela, mas com a mão atrás das costas, segurando a dela e levando-a por uma trilha. Uma trilha arborizada.

Ela tentou fazer com que sua mente ficasse mais alerta. Que horas seriam? Havia quanto tempo estava dormindo? Ela tinha que detê-lo.

Mas então Derek olhou para trás, por cima do ombro, e sorriu para ela. Ela perdeu a linha de pensamento e foi tragada para o mundo em que ele estava. Um mundo mais seguro, dizia sua mente. Ela olhou para cima. O sol irradiava uma luz matinal suave, que dançava por entre as árvores.

— Estamos indo para a nossa pedra. Você gosta de lá, não gosta? — A mão dele apertou ligeiramente a dela. Sua palma estava quente na dela. Reconfortante. Estranho como apenas segurar a mão de alguém podia transmitir a sensação de um abraço — um abraço caloroso. Pensando bem, ela estava falando sobre Derek. Ele tinha todos aqueles poderes *fae* que tornavam o seu toque... mais...

Significativo.

Ela se lembrava vagamente dele tentando beijá-la um pouco antes, durante a fuga da casa de seu avô, e pensando que não seria tão fácil fazê-lo se comportar. Será que ela realmente queria que ele se comportasse?

A resposta parecia estar em algum lugar entre o coração e a mente, e ela não conseguia chegar a uma conclusão. Mas tudo era apenas um sonho, dizia uma parte dela como desculpa. Mais tarde, ela descobriria. Ela pensaria naquilo, prometeu a si mesma.

— Antes você sempre gostava de ir até lá — disse ele.

— Sim, mas... — Ela parou e olhou para si mesma. Estava usando um short e uma camiseta. Mas estava descalça. Era gostoso. Havia uma camada macia de terra e grama úmida sob os pés. Definitivamente um sonho. Se fosse real, ela estaria sentindo as pedras e os espinhos. Isso não era real. Não era verdade. Mas ela precisava tomar cuidado. Ela mexeu os dedos dos pés e tentou novamente acordar para descobrir o que era certo e o que era errado.

Derek se virou, ainda segurando a mão dela, e a encarou novamente.

— Apenas venha comigo, Kylie. Faça isso por mim, por favor. — Ela já podia ouvir o barulho de água corrente, da água espirrando nas pedras arredondadas pelo tempo. O aroma da grama, dos arbustos e das árvores altas perfumava o ar que respirava.

Uma brisa agitou o cabelo de Derek.

— Só me dê um tempo para ficar com você.

Ela o fitou através de seus próprios cabelos, agitando-se na frente de seus olhos. Viu a súplica nos olhos dele.

A palavra “não” estava na ponta da língua, mas então ela viu os hematomas no pescoço dele. Contusões que pareciam tão profundas quanto as de Lucas.

Não que ela tivesse provocado aquelas contusões em Derek. Mario tinha. Mas havia sido por causa dela. Ele tinha enfrentado Mario para protegê-la.

Derek estivera disposto a morrer por ela.

Ele a amava.

— Por favor — disse ele, e o som de sua voz ecoou no seu coração como uma canção triste.

Ir com ele não parecia certo, mas não atender ao seu pedido também não era.

— Só para conversarmos — disse ela, arqueando uma sobrancelha.

— Certo. — Ele sorriu e as raias douradas em seus olhos brilharam. Ela se lembrava daquele olhar também. Um olhar diabolicamente sexy que sugeria que ele estava tramando alguma coisa.

Ele se virou e ela continuou a segui-lo. Em poucos minutos, chegaram à correnteza. Ele acenou em direção à pedra.

— Sua carruagem está à espera, minha cara dama — ele disse em uma voz formal, e fez uma

reverência, como se encenasse uma peça de escola.

Ele parecia tão bonito que ela não pôde deixar de sorrir.

— Seu bobo.

— Pode ser, mas se isso for preciso para fazer você sorrir, eu não me importo em ser bobo durante o dia todo. Você teve uma noite difícil. Merece um pouco de diversão.

— Mereço mesmo — concordou ela e, em seguida, pulou para cima da pedra. Sua carruagem.

Ele pulou para a pedra logo atrás dela. Seu ombro roçou o dela. Kylie não pôde deixar de se lembrar da primeira vez em que estiveram ali. O lugar parecia tão mágico, tão semelhante a um conto de fadas! Algo saído de uma ilustração de um livro infantil. Claro que, na época, isso acontecia muito quando ela estava com Derek, e não só quando eles estavam ali.

Kylie olhou para a floresta e para a paisagem. Nenhuma sensação de conto de fadas dominava o lugar. Talvez a sensação de conto de fadas não acontecesse em sonhos.

Não que a paisagem não fosse bonita ou tranquilizante. O sol irradiava uma cor dourada por entre as árvores e as folhas que se agitavam. O ar tinha um aroma fresco de manhã. Era bom estar sentada ao lado de Derek, sentir o ombro dele pressionar delicadamente o seu. Ela não poderia simplesmente relaxar? Não iria deixar nada acontecer. Eles estavam ali para conversar, ela lembrou a si mesma.

Ela o fitou e sentiu a atração fazendo cócegas no seu estômago. Pela primeira vez, notou as mudanças sutis pelas quais ele tinha passado ao longo dos últimos meses. O garoto com quem ela viera uma vez àquela pedra tinha quase desaparecido, e um homem havia tomado o seu lugar. O cabelo sobre a testa parecia um pouco mais escuro. Ele tinha um perfil masculino, a linha do queixo forte, e belos lábios.

Ele olhou para ela.

— Sabe, foi demais quando você me fez ficar invisível.

— Sim, mas eu quase morri de susto quando não consegui vê-lo ao trazer você de volta.

— Eu sei. Senti suas emoções. — Ele hesitou. — Mas isso foi bem legal também — disse ele. — Na verdade, essa foi a parte mais legal.

— Não, não foi — disse ela. — Sério, eu me assustei.

— Eu sei, mas isso é que tornou tudo tão bom. Porque foi quando eu tive certeza. Foi quando eu soube que você ainda me amava.

As palavras dele ecoaram na cabeça de Kylie e ficaram dando voltas em torno de seu coração. Ele se inclinou mais para baixo. Seu dedo roçou a bochecha dela. Sua respiração tocou sua têmpora. Ah, droga, Kylie pensou. Lá estava ela de novo, num mato sem cachorro.

O toque passou pelo queixo de Kylie.

Suave.

Carinhoso.

Amoroso.

Ela se lembrou de que estava em meio a um sonho lúcido com Derek, mas não conseguia se

lembrar de como tinha terminado. O toque voltou. A sensação de lençóis pressionados contra um lado do seu corpo. Ah, Deus do céu, será que ela ainda estava com Derek? Na cama? Que diabos ela tinha feito?

Ela abriu os olhos, com medo de que... de que... Olhos amarelos olhavam diretamente para ela. Olhos felinos e amarelos. E uma pata branca agora estava pousada sobre a ponta de seu nariz.

— Socks! — Ela riu com alívio, o coração batendo forte com a lembrança distante do sonho brincando de esconde-esconde em sua mente.

— Ei, gatinho! — ela murmurou quando a pata do gato deu um tapa em seu nariz.

— Então, você realmente sentiu minha falta quando eu fui embora, hein?

— Todo mundo sentiu — veio uma voz do outro lado do quarto.

Antes que ela pudesse forçar seu cérebro a identificar a voz, ou até mesmo saber se era homem ou mulher, ela deu um pulo da cama e ficou ali de olhos arregalados, olhando... Ok, ela respirou fundo. Não havia razão para entrar em pânico. Era apenas Holiday.

— Eu não queria assustá-la. Só dei uma passadinha para ver se você estava bem. Estava ficando um pouco preocupada. Você dormiu durante várias horas. Vim aqui umas duas ou três vezes e você nem sequer se mexeu.

Kylie piscou os olhos e olhou para o relógio na mesa de cabeceira. Três horas da tarde.

— Eu não queria dormir tanto.

— Acho que você estava exausta — disse Holiday e então franziu o cenho. — Burnett me contou sobre todo o episódio com Hayden. — Socks pulou da cama e começou a se enroscar nos tornozelos de Holiday.

A líder do acampamento ignorou o gato e continuou a olhar para Kylie.

— Sobre isso... — disse Holiday. Sua expressão dizia a Kylie que ela estava prestes a receber uma reprimenda. Holiday não a repreendia muitas vezes, de modo que, quando fazia isso, sempre parecia doer o dobro.

E, com certeza, Kylie merecia, mas ainda estava sonolenta e não sabia se conseguiria aguentar aquilo de pé. Ela se jogou de costas na cama, pegou o urso de pelúcia, e o abraçou.

— Você não pode esconder as coisas de nós, Kylie.

Sim, lá vinha a bronca.

# Capítulo Treze

— Eu sei que não deveria ter escondido isso. — O peito de Kylie apertou. — E eu sei que Burnett ficou realmente desapontado comigo e você provavelmente está furiosa, também. E eu entendo por quê. Realmente entendo. Mas... — Ela respirou fundo, enquanto Holiday continuava a fitá-la com um ar de reprovação.

Abraçando o urso de pelúcia ainda mais, ela continuou:

— Você não consegue entender que eu prometi ao meu avô não expor Hayden? Eu não teria mantido essa promessa se achasse que ele era má pessoa ou quisesse causar algum mal. Ele não é uma pessoa má. Se não fosse por ele, eu não teria descoberto naquela noite que Collin Warren tinha sequestrado você. E se eu não tivesse encontrado você no momento certo, provavelmente não teria... conseguido salvá-la. Ele ajudou a salvar a sua vida.

Holiday franziu a testa.

— Eu não estou dizendo que ele seja uma pessoa má, Kylie. E não é que eu não entenda por que você se sentiu obrigada a manter sua promessa, mas Burnett está certo em querer protegê-la. Precisamos saber o que está acontecendo.

— Bem, agora você sabe de tudo. Quero dizer, se Burnett lhe contou.

— Ele contou — assegurou Holiday.

Kylie mordeu o lábio e, em seguida, empurrou o urso de pelúcia para o lado.

— Burnett e Hayden se falaram de novo? Ele contou que eles quase se pegaram na noite passada? Burnett disse que ia pensar se o deixaria ficar. *Pensar!* E então Hayden disse que ele iria *pensar* se *queria* ficar. — Ela deu um profundo suspiro. — Burnett agiu como um troglodita.

Holiday fez cara feia.

— Quando se trata de proteger as pessoas de quem ele gosta, Burnett sempre exagera um pouco.

— Um pouco? Está brincando? — Kylie revirou os olhos. — Ou está falando sério?

Um ligeiro sorriso apareceu nos lábios da líder do acampamento.

— Ok, talvez exagere muito, mas, na maioria das vezes, ele está certo. — Ela puxou o cabelo vermelho para o lado e começou a torcê-lo.

— Mas ele não está certo quando se trata disso. E esse é o xis da questão. Eu preferia que Burnett não mandasse Hayden embora. Eu sei que ele mentiu para ser contratado, mas significa muito para mim ter... ter alguém por perto que entenda o que significa ser um camaleão. Quero dizer, você é maravilhosa. Você ficou ao meu lado desde o início e o mesmo posso dizer de Burnett, mas é como você me disse muitas vezes: você não sabe nada sobre camaleões.

Holiday assentiu.

— Eu sei que seria bom ter Hayden aqui, e eu disse isso a Burnett, também. E prometo a

você, ele está levando isso em consideração.

— Você vai deixá-lo decidir? — perguntou Kylie, não gostando nem um pouco daquilo. — O que aconteceu com a Holiday que era sempre a manda-chuva aqui?

— Agora que estamos realmente juntos, decidimos que Burnett tem a palavra final sobre tudo o que afeta a segurança de Shadow Falls.

— Ah, mas que inferno! Você sabe que ele pode ser irracional às vezes. Você acabou de admitir isso — exclamou Kylie. Será que o fato de amar Burnett tinha mexido com a cabeça de Holiday? Kylie tinha ouvido falar que o amor deixava a pessoa meio cega, mas agora ela sabia disso com certeza.

— É verdade, ele pode ser irracional. No entanto, eu posso ser mole demais — Holiday admitiu. — E quando se trata da segurança dos nossos alunos, eu prefiro exagerar na cautela. Mas não se preocupe. Eu realmente acredito que Burnett acha bom ter Hayden por perto. Não só por você, mas para nos ajudar a nos precaver contra... futuros ataques.

Kylie puxou os joelhos e os abraçou. Ela sabia que, quando dizia "futuros ataques", Holiday se referia a Mario. Embora Helen ainda não conseguisse se lembrar de nada, Kylie sabia em seu coração que tinha sido Mario o autor do ataque. Uma onda de tristeza e melancolia invadiu-a e alguns acontecimentos da noite anterior pipocaram em sua cabeça. Ela ergueu os olhos.

— Não acho que possa aguentar ver Mario ferindo outra pessoa. — Ela torceu as mãos. — Primeiro Helen, e então eu quase vi Derek sendo morto ontem à noite. E Mario quase *me* fez matar Lucas.

— Eu sei — Holiday interrompeu, como se soubesse que apenas falar sobre aquilo já era difícil para Kylie. — Deve ter sido uma noite difícil. Mas isso só enfatiza o que Burnett diz sobre você ser cuidadosa. Ele tem se dedicado muito ao sistema de segurança desde que você se foi e realmente acha que ele é infalível.

Aquilo devia fazer Kylie se sentir segura, e ela se sentia, mas...

— Então, eu sou uma prisioneira aqui — disse ela, pensando que, se as coisas não mudassem, seria tão ruim viver ali quanto na casa do avô.

— Não, não por muito tempo — Holiday insistiu. — Eu sabia que você se sentiria assim, e Burnett e eu já discutimos isso. Você não está proibida de sair, mas, até as coisas se acalmarem, Burnett quer estar junto quando você for a algum lugar. Eu não sei se ele disse, mas Mario foi flagrado em Shadow Falls. Então Burnett está inflexível sobre acompanhá-la, se você sair do acampamento. Você acha que pode aceitar isso? Ele apenas quer ter certeza de que está segura, Kylie. Você é especial para ele.

Kylie assentiu.

— Eu sei, e eu o amo também. — Ela se lembrou da conversa com a mãe. — Mas e o fim de semana dos pais daqui a algumas semanas? Minha mãe já está fazendo planos. Ela quer que John e eu... que a gente se conheça melhor. — A mente de Kylie criou uma imagem dela sendo forçada a ser educada com o namorado de sua mãe durante todo um pavoroso fim de semana. Santo Deus!, a última vez em que ela vira o homem perdera totalmente a cabeça e lançara insultos contra ele a torto e a direito. Era como se ela não conseguisse se conter. Kylie tinha

surtado completamente.

Holiday se sentou na beira da cama.

— Vamos resolver isso quando chegar a hora. — Mas Kylie viu preocupação nos olhos da amiga.

Kylie abraçou os joelhos com mais força.

— Para ser franca, eu não me importaria de não ir para casa nesse fim de semana dos pais. Então, se você puder encontrar uma maneira de cancelar, eu não ia me opor. Você tem a minha palavra.

Holiday suspirou, demonstrando que compreendia.

— Agora me diga... Quem é esse espírito que anda por aí carregando uma cabeça?

Kylie revirou os olhos.

— Você vai me dizer que os seus fantasmas não fazem esse tipo de coisa? — ela perguntou com sarcasmo.

Holiday riu, apesar de Kylie não ter feito o comentário com a intenção de ser engraçada.

— Eu tinha um que, durante algum tempo, andou por aí carregando seu próprio braço e sua perna. Ele os tinha perdido num acidente e não queria se separar deles. Era horrível.

— Que sorte a nossa! — exclamou Kylie, mas depois ela pensou nos espíritos do cemitério e se sentiu mal por ser tão cínica. A maioria deles era simplesmente almas perdidas à procura de ajuda.

Holiday estendeu o braço e pousou a mão no braço de Kylie.

— Que sorte a deles por terem a nós — disse ela, como se tivesse lido a mente de Kylie, ou pelo menos suas emoções. — Mas nem todos merecem a nossa ajuda. Eu já lhe disse isso antes; você pode mandá-los embora. Tem todo o direito de dizer não a alguns deles.

— Eu sei, e eu tentei, mas acho que não fiz isso direito. Ou talvez não tenha me esforçado o suficiente.

— Pelo que Burnett me disse, acho que mandar esse espírito embora é a atitude mais sensata. O que é isso de ela querer que você mate alguém? Ela lhe disse quem é?

— Não. Ela não é de falar muito, como todos os fantasmas. Eu nem tenho certeza se ela sabe as respostas.

— Ela parece perversa?

Kylie pensou um minuto.

— Sim e não. Quero dizer, ela não é um anjo. Já admitiu que matou um monte de gente. Na maioria das vezes em que a vejo ela tem sangue nas mãos, mas quase sempre parece que ela se sente culpada por isso. Pelo menos às vezes — Kylie emendou, lembrando-se de como o fantasma carregava a cabeça decepada sem o mínimo de sensibilidade. — Mas eu não acho que ela queira me causar algum mal. Eu até perguntei se ela estava tentando me levar para o inferno.

Holiday ergueu uma sobrancelha.

— E você acha que ela iria admitir isso?

— Não, mas ela não hesitou em responder nem negou como se estivesse mentindo. Ela me disse com naturalidade que queria que eu mandasse alguém para o inferno. E eu acho que a coisa

toda da cabeça foi porque eu comecei a ignorá-la. Ela só queria chamar a minha atenção.

— E eu aposto que isso funcionou — arrematou Holiday.

— Pode apostar — confirmou Kylie. — É meio difícil não prestar atenção nisso. — Ela estremeceu, lembrando-se da imagem da cabeça.

— Ainda acho que despachar esse fantasma pode ser a melhor coisa a fazer.

— Eu sei, e ontem à noite eu estava mesmo pensando em fazer isso, mas uma coisa me deteve.

— O quê? — perguntou Holiday, colocando uma das pernas sobre a cama.

Kylie suspirou. Ela não tinha se preocupado muito com isso antes, mas agora parecia algo que ela deveria considerar. — Ela diz que, se eu não fizer isso, se eu não matar essa pessoa, sou eu quem vai morrer.

Holiday franziu a testa.

— Ok, isso muda um pouco as coisas. Você sente que ela está tentando proteger você ou apenas causar mal a outra pessoa?

Kylie refletiu sobre a pergunta.

— Acho que ela está fazendo as duas coisas. Não sei por que ela iria querer me proteger. Mas, ontem à noite, quando Derek e eu estávamos deixando o complexo, foi ela quem me disse para ir ao cemitério. Acho que ela estava me ajudando.

Holiday fez uma cara séria.

— Ok, mantenha esse espírito por perto por enquanto. Mas pelo amor de Deus, tenha cuidado. Você já tem alguém neste mundo tentando prejudicá-la, não precisa de um fantasma tentando fazer isso também. Você é especial demais para que qualquer um queira machucá-la.

As palavras de Holiday ficaram se repetindo na cabeça de Kylie e de repente ela se lembrou de alguém lhe dizendo palavras semelhantes. Alguém de olhos verdes e raias douradas, e lábios... quentes. De repente, lembrou-se de parte do sonho lúcido, uma parte importante dele. A parte em que Derek a beijou.

— Ah, merda! — murmurou, segurando a cabeça entre as mãos. — O que eu fiz?

— O que foi? — perguntou Holiday.

Kylie olhou para ela.

— Nos sonhos lúcidos, a pessoa que inicia o sonho está no controle, mas a pessoa que é trazida pode impedir que as coisas aconteçam, certo?

— Certo. Contanto que ela esteja convicta de que aquilo não está acontecendo de verdade.

— Merda... — ela murmurou de novo, ao se lembrar de que tinha se sentido confusa sobre o que queria. Confusa sobre o que era certo e errado. E se ela estava confusa no sonho, então ela poderia ter deixado acontecer o que não deveria ter acontecido.

— Ah, droga! — lamentou, tentando se lembrar do resto do sonho. Então ela voltou a olhar para Holiday. — Eu não deveria conseguir me lembrar de tudo?

— Sim, exceto se... — Ela fez uma cara como se não achasse que Kylie ia querer ouvir o resto. — Exceto se você estivesse realmente exausta.

— E eu estava. Mas que ótimo! — Kylie murmurou.

— Acalme-se. Depois de comer alguma coisa e relaxar você provavelmente vai se lembrar de tudo.

— Não sei se quero me lembrar — ela murmurou. — Ah, mas que inferno, eu quero, sim!

Holiday franziu a testa.

— Você quer que eu fale com Derek a respeito?

Kylie franziu a testa.

— Eu não disse que era Derek.

Holiday olhou-a como se quisesse dizer, “Não seja boba”.

— Vocês dois e eu somos os únicos aqui que podem iniciar um sonho lúcido. Tinha de ser ele.

Kylie mordeu o lábio novamente.

— Ok, tem razão, mas não, eu não quero que você fale com ele. Preciso resolver isso sozinha. — Ela soltou um suspiro profundo. — Derek acha que ainda sou apaixonada por ele.

— E você não é? — perguntou Holiday.

— Não! — admitiu Kylie. E ela estava falando sério. Ela estava. Sim, realmente estava. Então por que parecia que ela estava tentando convencer a si mesma? — Eu não quero falar sobre Derek.

Holiday examinou o rosto de Kylie por um instante.

— Você quer falar sobre Lucas?

— Não!

— Ok, mas, se você precisa falar sobre ele ou qualquer coisa assim, eu estou aqui para ouvi-la.

— Eu sei. — Então, só para provar que ela era uma mentirosa, as palavras deslizaram de seus lábios. — Eu percebi que o amava um pouco antes de tudo o que aconteceu. — Seu coração pareceu encolher. — Eu ia dizer isso a ele da próxima vez que o visse. Então, na próxima vez que o vi, ele estava prometendo sua alma a Monique.

Holiday franziu os lábios como se hesitasse em dizer o que estava em sua mente.

— Não acho que ele estivesse falando sério.

— Não me importo se estava ou não; ele não deveria ter feito aquilo.

— Isso é verdade. E eu não vou dizer a você o que fazer, mas acredito que ele estivesse dizendo a verdade sobre suas intenções. E eu só estou dizendo que, se você ainda gosta dele, não acho que ele seja um cara ruim.

Kylie respirou fundo.

— Eu perguntei a minha mãe uma vez se ela ainda amava meu pai. Ela me disse que não sabia. Que talvez, quando superasse a raiva que sentia dele, tivesse que pensar se realmente o amava ou não. Talvez seja isso que vá acontecer comigo e com o Lucas. Mas, por ora, fico muito irritada quando todo mundo fica dizendo que ele é um cara legal. Faz com que eu me sinta a única pessoa que fez alguma coisa errada. — As lágrimas apertaram a sua garganta, mas ela as engoliu e ficou mais ereta.

— Sinto muito. — Holiday levantou uma mão. — E você sabe que não fez nada errado. E

não vou dizer nem mais uma palavra.

— Obrigada.

Sua barriga de repente roncou alto, avisando que estava tão infeliz quanto ela... e vazia. Ela olhou de volta para Holiday.

— Eu preciso comer alguma coisa. Acho que meu estômago está roendo minha espinha dorsal agora.

— Tome. — Holiday estendeu a mão para a mesinha de cabeceira, pegou um saco de papel e o entregou a Kylie. — Eu trouxe para você mais cedo, pois achei que precisaria comer alguma coisa.

Kylie tirou de dentro um saquinho plástico e viu metade de um sanduíche com o formato de uma mordida num dos lados.

— Desculpe, fiquei com fome enquanto esperava você acordar.

Quando Kylie desembrulhou o sanduíche e deu uma mordida, Holiday pegou novamente o saco de papel e tirou de dentro um saquinho aberto de batatas fritas.

— Ainda estou com fome. — Ela sorriu desculpando-se e colocou uma batata na boca.

Enquanto Kylie comia o sanduíche e via Holiday comer as batatas fritas, o peso do mundo que oprimia o seu peito ficou bem mais leve. Não chegou a desaparecer, mas diminuiu o suficiente para lhe causar um certo alívio. Ela ainda tinha toneladas de problemas para resolver. Mas estar de volta a Shadow Falls era bom.

E estar ali com Holiday contribuía para isso.

Kylie terminou o último pedaço de sanduíche e enfiou a mão no saco de batatas de Holiday. Seus dedos encontraram o fundo do saco.

Holiday fez uma cara engraçada.

— Desculpe, eu não sei o que se passa comigo. Meu apetite aumentou.

— É provavelmente o amor — disse Kylie. — Você está simplesmente iluminada. Cada vez que diz o nome de Burnett, seus olhos começam a brilhar.

— Na verdade, o amor faz exatamente o oposto com o apetite. Você acha que pode viver de amor. Nem precisa comer.

Kylie arqueou uma sobrancelha.

— Então... talvez você esteja grávida!

Holiday lambeu a gordura da batata e as migalhas dos dedos.

— Não é possível.

— Ah, por favor. Miranda me disse que foi à sua cabana e havia coisas de Burnett espalhadas por toda parte. Vocês dois estão planejando se casar. Miranda me contou também. O fato de vocês dois estarem dormindo juntos é... é normal. E, se você fingir o contrário, vai parecer uma idiota.

Holiday inclinou a cabeça para o lado, olhando para Kylie com uma cara meio séria.

— Eu não estou fingindo. E, embora eu não precise explicar nada — Ela parou. — Eu não disse que ele não estava hospedado na minha cabana, ou que não estávamos... dormindo juntos. Eu disse que não era possível. Estamos tomando cuidado. Usando proteção. Que é o melhor

conselho que posso dar a qualquer adolescente. — Ela apontou para o saco de papel sobre a cama. — Tem uns biscoitos aí. Desculpe, mas eu... comi alguns, também.

Kylie agarrou o saco de papel e pegou outro saco plástico no fundo, que continha três biscoitos de chocolate. Ela pegou um e, por educação, ofereceu um a Holiday, que aceitou com entusiasmo.

— Eu adoro biscoitos de chocolate! — comentou Holiday, percebendo a surpresa de Kylie. Em seguida a *fae* colocou o biscoito inteiro na boca.

— Você sabe que os preservativos não são infalíveis — Kylie disse, abrindo o biscoito ao meio e lambendo o glacê branco entre as duas partes de chocolate. — Segundo estatísticas, são apenas de 85 a 90 por cento eficazes na prevenção da gravidez. Alguns afirmam que em dez por cento dos casos a falha é humana ou, no seu caso, do vampiro, e não falha do preservativo. Como no caso em que se retira o pênis rápido demais — ela fez uma careta —, causando vazamento, ou em que não se coloca o preservativo direito. E se uma mulher tem unhas compridas... — O olhar no rosto de Holiday fez com que Kylie fizesse uma pausa. — Não que você tenha unhas compridas ou que Burnett não saiba colocar uma camisinha... — Kylie sentiu seu rosto queimar.

Holiday corou junto com Kylie. Então, ainda com a boca cheia do biscoito, a *fae* ergueu a mão como se quisesse dizer que precisava de um minuto antes de falar.

Kylie, embora envergonhada, se sentia orgulhosa do conhecimento que tinha, e continuou falando enquanto lambia o recheio do biscoito.

— E se um cara carregar um na carteira por muito tempo, ele pode rasgar. E ainda existem as falhas no controle de qualidade. Por alguma razão o preservativo pode ter uma fenda ou um furinho. E você ficaria surpresa se soubesse a quantidade ínfima de esperma que é necessária para engravidar uma garota!

Depois de lamber todo o recheio, Kylie deu uma mordida no biscoito de chocolate e falou com a boca cheia.

— Para não correr riscos, vocês podem comprar preservativos com espermicida, que supostamente ajuda a matar qualquer um desses pequenos espermatozoides que escapar. Mas o uso de preservativos com espermicida o tempo todo pode causar problemas vaginais. Portanto, não se recomenda o uso prolongado.

Holiday engoliu em seco.

— Você... — Ela engoliu novamente, lambendo os dentes para tirar o chocolate — com certeza sabe muito sobre preservativos.

— Eu disse a você, minha mãe deixava panfletos na minha cama cerca de duas vezes por semana. Você não vai acreditar em todas as informações que tenho na cabeça. Eu poderia discorrer sobre todos os diferentes tipos de doenças sexualmente transmissíveis, mas não é algo muito agradável. Eu não quero pensar nisso.

Holiday riu.

— Eu acho que, quando eu tiver um filho, poderei perguntar à sua mãe onde ela consegue tantos panfletos.

— Ah, não faça isso. É algo que mexe com a mente de uma pessoa. Acho que é por isso que

eu ainda sou virgem.

Holiday riu.

— É exatamente por isso que eu vou querer que o meu filho receba esses panfletos. — O sorriso dela desapareceu. — Sério, um adolescente não deve ter relações sexuais levianamente.

— É verdade — Kylie disse, pegando o último biscoito e partindo-o ao meio. — Mas ter muita informação não é muito bom, também. — Ela ofereceu uma metade a Holiday, que não hesitou em aceitá-la.

— Obrigada.

— Você tem certeza de que não está grávida? — perguntou Kylie, observando Holiday colocar a metade do biscoito na boca, como se estivesse morrendo de fome. Ou, como se comesse por dois.

— Positivo. — Holiday falou, mastigando o biscoito. — *Faes*, ou pelo menos as *faes* da minha família, sempre sabem quando estão grávidas.

Kylie sorriu.

— Não me diga, um dos sinais é que elas ficam famintas e comem a comida das amigas, enquanto estão esperando que elas acordem.

— Não. — Ela fez uma pausa e franziu a testa. — Bem, ficar com fome é um sintoma, mas o mais comum são soluços e arrotos. Tenho uma prima que ficou grávida e soluçou sem parar durante oito meses. Foi triste.

Holiday olhou para o saco de papel, como se desejasse que não estivesse vazio.

— Por que você não põe os sapatos e vamos para o refeitório, afanar mais alguns biscoitos? Depois vamos procurar Burnett e ir à cachoeira. Algo me diz que você talvez precise de um ambiente relaxante.

A ideia de ir à cachoeira provocou uma sensação de calor no corpo de Kylie.

— É, parece muito bom. — Talvez quando ela estivesse lá conseguisse se lembrar do resto do sonho. Deus, ela realmente esperava que não tivesse feito nenhuma besteira com Derek...

Não que ela tivesse medo de ter... ido longe demais — até o fim, queria dizer. Era preciso admitir, como ela dissera para Holiday, os panfletos tinham feito um estrago na cabeça dela. Informação demais de fato poderia não ser uma boa. Ou neste caso particular, poderia ser uma boa.

Então ela percebeu que, se não tivesse sido tão cautelosa com relação a sexo, já podia ter dormido com Lucas. Estava contente por não ter feito isso. A dor encheu seu peito novamente, e ela não pôde deixar de perguntar até que ponto tinha dito a verdade à amiga. Quando a raiva que ela sentia de Lucas passasse, ela conseguiria perdoá-lo?

Será que ele merecia uma segunda chance?

Afastando Lucas da mente, percebeu que ainda não tinha se esquecido de Derek, que voltou a dominar seus pensamentos. Ela se lembrou do beijo do sonho. Será que ela tinha conseguido detê-lo? Ou tinha se deixado levar pelo momento? Droga! Droga! Dar esperança a Derek era uma péssima ideia.

E se ela tinha dado a ele esperança, precisava cortar o mal pela raiz, antes que aquilo

causasse danos irreparáveis. O tipo de dano que deixa as pessoas magoadas. E o fato de ela não querer ferir os sentimentos de Derek poderia ter lhe proporcionado um alívio, mas ela não iria deixar sua mente divagar sobre o assunto. Não mesmo!

Kylie pegou os sapatos, calçou-os, e saiu com Holiday. Lembrando-se do celular de Hayden, enfiou-o no bolso.

Na noite anterior, ela tinha pensado em ligar para o avô, mas sem saber o que dizer, ou como dizer, ela desistiu. E, se ligasse, Burnett veria isso como outra traição?

Ela olhou para Holiday.

— Podemos dar uma passada na cabana de Hayden? Preciso devolver o telefone dele. — Quando Holiday olhou para ela com uma expressão confusa, Kylie explicou. — Deixei o meu celular na casa do meu avô. E eu queria ligar para a minha mãe.

— Claro! — disse Holiday.

Elas ainda não tinham cruzado a porta do quarto de Kylie quando Holiday soltou um leve soluço. Em seguida, outro escapou de seus lábios.

Kylie olhou para ela. Holiday colocou a mão sobre os lábios e o pânico transpareceu em seus olhos verdes.

— Isso é o que eu acho que é? — perguntou Kylie. — Foi um soluço?

— Ah, merda! — murmurou Holiday, e soluçou novamente.

Kylie gritou com entusiasmo.

— Será que o bebê será parecido com você ou com Burnett?

# Capítulo Quatorze

Hayden não estava na cabana, mas Holiday, ainda meio em pânico por causa dos soluços, concordou em ir até a sala de aula do professor, ver se ele estava lá.

— Tenho certeza de que não é nada — ela disse, dando um tapinha no peito. — É psicossomático. Falamos dos soluços e eles começaram.

Kylie não tinha muita certeza, e pelo visto nem Holiday, que ficava repetindo aquilo como que para convencer a si mesma.

— Você não quer ter filhos? — Kylie perguntou, lembrando-se de que camaleões tinham dificuldade para engravidar.

— Sim, mas... Burnett não está muito feliz com a ideia. Ele diz que cresceu sem pai, então não saberia ser um.

— Acho que ele seria um ótimo pai.

— Eu sei que sim. Provavelmente seria um pouco superprotetor, como a maioria dos vampiros, mas, ainda assim, seria um pai fabuloso.

Pensando em uma vampira que também poderia ser um pouco superprotetora, Kylie perguntou:

— Della já voltou?

— Não, só à noite — disse Holiday. — Mas ela está bem — acrescentou, como se captasse a preocupação de Kylie. — Burnett falou com Steve novamente esta manhã.

Kylie assentiu.

— E Helen está bem?

— Saiu do hospital ontem à tarde. Seus pais queriam que ela ficasse com eles durante um tempo. Só para ter certeza de que está bem. Claro que Jonathon surtou.

— Aposto que sim — Kylie afirmou, lembrando-se de como os dois andavam grudados um no outro o tempo todo.

Holiday e Kylie chegaram à sala de aula de Hayden. Kylie viu alguém se movendo atrás da cortina.

— Ele está aqui.

Holiday concordou em esperar do lado de fora, e Kylie entrou.

Hayden, sozinho na sala, estava sentado à sua mesa, com um telefone na mão.

— Olá! — cumprimentou Kylie.

Hayden olhou para cima e deixou cair o telefone.

— Eu estava prestes a te telefonar para saber se estava bem. E trouxe meu telefone? Por favor, me diga que você não falou com a minha namorada desta vez.

— Não, eu não falei com ninguém, só com a minha mãe.

— E você está bem?

— Sim — Kylie tirou o telefone do bolso. — Eu queria devolver seu telefone. Obrigada por me emprestar.

Ele acenou com a cabeça.

— Você não ligou para o seu avô?

O bom humor de Kylie diminuiu um pouco. Ela negou com a cabeça.

— Eu não sei o que dizer a ele. Vou ligar daqui a um ou dois dias. — Sim, ela estava adiando as coisas, mas decidiu se permitir uma pequena pausa com relação a esse assunto. — Você contou a ele que Burnett já sabe de tudo?

Ele franziu a testa e fez que sim com a cabeça.

— Tive que me arriscar a usar o telefone do escritório, já que o meu estava com você — disse ele.

Ela lhe lançou um olhar de desculpas.

— Meu avô... aceitou bem a notícia?

— Ele não ficou muito feliz. — Hayden fez uma pausa. — Ainda acho que ele não estava planejando tentar impedi-la de ir embora. E ele parecia ansioso para falar com você sobre isso.

— Eu sei. Acredito em você, é só que... Eu sinto que o magoei indo embora, e agora ele deve estar chateado porque eu contei a Burnett sobre você. Pensar que ele está com raiva de mim é... simplesmente demais.

— Eu expliquei as razões que nos obrigaram a contar a Burnett. — Hayden reclinou-se na cadeira, que rangeu.

— Seu avô se preocupa com você. Eu sei que ele pode ser teimoso, mas já perdeu muito nesta vida, o filho, a esposa. Agora, ele está com medo de perder você também.

— Eu sei. E, no entanto... mesmo que eu não pertencesse a Shadow Falls, não poderia viver como eles querem que eu viva. Isolada do mundo.

— Eu sei. Não é fácil. A súbita rigidez em seus ombros revelou a Kylie quanto tinha sido difícil para ele.

— Quantos anos você tinha quando fugiu?

Ele pegou um lápis.

— Como você sabe que eu fugi?

— Eu supus — respondeu Kylie.

Ele hesitou.

— Tinha 17 anos.

— Você já viu seus pais desde então?

Ele negou com a cabeça.

— Seu avô me dá notícia deles e... ele começou a me deixar falar com Jenny quando...

— Quando o quê? — perguntou Kylie.

— Quando ele começou a ficar preocupado com a possibilidade de ela estar planejando fugir.

— Ela está?

— Acho que consegui acalmá-la. Ela só tem que ficar lá mais um ano ou coisa assim. Está

quase madura.

— Madura? — perguntou Kylie.

— Sim. Quando o camaleão é capaz de mudar o próprio padrão. A regra é que, se você for embora depois da maturidade, não vai ser excomungado. Eles te olham com desaprovação, mas você pode visitá-los. Mas os anciãos estão tentando fazê-la se casar. É apenas mais um estratagema para tentar fazer com que ela continue a viver no complexo.

Kylie sentiu a dor de Hayden e teve pena de Jenny, também.

— Eles não percebem que assim estão estimulando os jovens a ir embora? É como um daqueles cultos que obrigam as crianças a viver como se estivessem no século XIX.

— Eles acham que a estão protegendo — explicou Hayden. — E talvez antigamente fosse a coisa certa a fazer. Mas as coisas mudaram e eles não conseguem ver isso. Eu dei um jeito de criar uma vida própria e não corro perigo.

Kylie assentiu com a cabeça, mas não pôde deixar de pensar até que ponto ele tinha uma vida boa se era obrigado a esconder sua verdadeira identidade. No entanto, ela supunha que fosse a melhor opção.

— Você vai ficar aqui? — Ela prendeu a respiração, com o coração cheio de esperança.

Ele se recostou na cadeira.

— Burnett ainda não me deu uma resposta.

— Mas, se ele disser que você pode ficar, você vai ficar?

Ele pegou o lápis e o rolou em sua mão. Ela o interrompeu.

— Por favor. Eu ia gostar, se você ficasse. Ainda tenho dúvidas e seria muito bom ter você por perto. E... Eu acho que quero tentar mudar as coisas. Você sabe, ajudar os outros camaleões adolescentes. Eu ainda não contei isso a Holiday ou Burnett, mas só estou esperando o momento certo.

— Vou pensar — disse ele. — Mas deixe-me dizer que o seu amigo Burnett fez com que a ideia de ir embora parecesse bem atraente.

— Ele não é ruim — disse Kylie. — Eu sei que ele pode ser... difícil. Em muitos aspectos, ele me lembra o meu avô. E até você, um pouco.

— Eu não sou tão teimoso. — defendeu-se Hayden. — Ele não tem o direito de me tratar assim.

Kylie poderia argumentar com Hayden que chegar ali e esconder sua identidade não instilara confiança em Burnett, mas o que adiantaria?

— Só prometa que você vai pensar na possibilidade de ficar. Eu realmente preciso de você aqui.

— Vou pensar, mas isso é tudo o que posso prometer.

Depois de outro sanduíche, mais biscoitos de chocolate e Burnett a reboque, Kylie e Holiday foram para a cachoeira. Burnett andava ao lado delas, mas o vampiro não parava de tropeçar, principalmente porque seu foco estava em Holiday, e não onde pisava.

Ela não tinha soluçado de novo, mas ainda estava em pânico. Pelo menos parecia que estava, porque ainda exibia um olhar de susto no rosto. Obviamente, Burnett percebeu o olhar de susto, também.

— Está tudo bem? — ele perguntou pela segunda vez.

— Eu disse a você, é apenas um problema na barriga — Holiday respondeu, e Kylie reconheceu que sua resposta era uma versão da verdade, por isso o seu batimento cardíaco não iria revelar que ela estava mentindo.

— Você precisa ir ao médico? — ele franziu as sobrancelhas e aquele vampiro forte e com pinta de valentão se transformou num sujeito preocupado, de aparência comum e evidentemente apaixonado por Holiday.

Ela ficou emocionada só de olhar para eles. Com a emoção veio um sentimento de realização. A sensação de que ela não só tinha colaborado para que os dois ficassem juntos, mas essa tinha sido parte de uma missão que ela concluíra, e muito bem.

— Não, eu não preciso ir ao médico — respondeu Holiday. — Pelo menos ainda não — ela acrescentou rapidamente para conter outra mentira.

— Provavelmente nervosismo com o casamento — Kylie acrescentou, na esperança de ajudar a afastar a conversa dos problemas na barriga de Holiday antes que ela não conseguisse encontrar outra meia verdade para dizer a Burnett.

Desviando o olhar do casal de mãos dadas, Kylie pôde jurar ter ouvido o murmúrio de água corrente da cachoeira. Ela desacelerou o passo e ajustou os ouvidos para escutar. Sim, era a cachoeira, mas eles provavelmente ainda estavam a quase um quilômetro de distância. Ela respirou fundo, ansiando pela paz que encontraria por trás da mágica coluna d'água — um lugar onde todas as desventuras da vida não pareciam tão ruins. Ou pareciam pelo menos mais fáceis de administrar.

— Nervosismo com o casamento?— Burnett perguntou como se tivesse refletido sobre o comentário de Kylie. — Ela não tem nenhum motivo para ficar nervosa. — Ele quase pareceu ofendido. — Farei tudo que estiver ao meu alcance para ser um bom marido.

— Noivas sempre ficam nervosas — disse Holiday.

— Nervosas com o quê? Não é como se você ainda não conhecesse todas as minhas manias. Ou se eu não conhecesse as suas.

Holiday olhou para ele com uma cara engraçada.

— Que manias eu tenho?

— Você rouba todas as cobertas à noite — Burnett sorriu e olhou com devoção para ela. Kylie tinha visto aquele olhar em seu rosto antes, mas agora ele o ostentava com orgulho. — Mas, falando sério — Burnett continuou —, por que você estaria nervosa?

Kylie reparou que, quando conversavam, era como se ela nem estivesse ali. Eles estavam tão sintonizados um com o outro que tudo o mais desaparecia à volta deles. E ela por acaso não sentira a mesma coisa quando estava com Lucas? Ela afastou o pensamento.

— E se você for muito pé-frio e ficar com medo? — Holiday perguntou, com um tom de provocação na voz.

Kylie lembrou que Blake, o ex-noivo de Holiday, a tinha deixado no altar, depois de dormir com a irmã gêmea dela. Sem dúvida, Holiday tinha suas razões para ficar nervosa com casamentos.

— Eu estou sempre com o pé frio. Sou um vampiro! — disse ele numa voz provocante, quase como se estivesse tentando afastar o ânimo sombrio de Holiday. — E se bem me lembro, você reclamou disso a noite passada. — Ele diminuiu o passo colocou o braço em volta de Holiday. — Casar com você não me assusta nem um pouco. É a melhor coisa que poderia me acontecer. Eu nunca vou abandonar você. Vou ser o primeiro a chegar à igreja.

O coração de Kylie transbordou de emoção ao ouvir as palavras de Burnett.

Kylie ouviu Holiday soltar um suspiro sentimental.

— E é quando você diz coisas como essas que eu sei por que suporto os seus pés frios. — Holiday ficou na ponta dos pés para beijá-lo. Burnett puxou-a para que pudesse aprofundar o beijo.

— Ei! — Kylie disse, sorrindo. — Há uma donzela observando vocês agora.

— Então olhe para o outro lado — Burnett disse a Kylie, e sorriu. — Tenho o direito de beijar a minha noiva.

Kylie riu.

— Sim, mas é melhor tomar cuidado, eles vão revogar sua licença de vampiro se você ficar muito romântico e sentimental.

— Não se preocupe — respondeu Burnett, apertando os olhos como se estivesse falando sério. — Eu ainda posso ser um brutamontes e chutar algum traseiro se for preciso.

Sim, como na noite passada, Kylie pensou. Ela ainda tinha alguns hematomas no seu ego, assim como Hayden Yates, mas não disse nada. No fundo, sabia que Burnett tinha seus motivos para ser rígido com ela e Hayden.

Seus pensamentos voltaram para a conversa com Hayden, mas a calma da cachoeira já lhe dera uma sensação de paz e ela foi capaz de deixar as preocupações de lado. Ela olhou para os dois pombinhos caminhando de mãos dadas. Talvez não fosse apenas a cachoeira que despertasse essa sensação de bem-estar, Kylie admitiu. Estar de volta a Shadow Falls e entre amigos era bom demais!

Quase no mesmo instante, o som da cachoeira ficou mais alto e um sentimento de serenidade se espalhou dentro dela. Kylie tinha que admitir que a cachoeira definitivamente estava contribuindo para a sensação mágica de bem-estar. E depois de tudo o que tinha acontecido nas últimas 24 horas, ela queria se agarrar a essa magia. Esquecer que ver Holiday e Burnett a fazia se lembrar de que amava alguém, também. Esquecer que Lucas a tinha traído. Esquecer que havia topado com Mario. Esquecer que ela provavelmente tinha magoado o avô ao ir embora sem dizer adeus.

Ah, sim, ela queria a calma que acompanhava aquele lugar abençoado, um lugar que banhava o espírito das pessoas com tranquilidade. Que oferecia uma sensação de bem-estar.

*E coragem.*

Uma voz ecoou em sua mente. Kylie parou de andar. A voz de alguma forma parecia

significar alguma coisa, algo mais do que apenas enfrentar suas tribulações habituais. Como se a voz soubesse algo que ela não sabia.

*Por que eu iria precisar de coragem?*

Se não fosse pela tranquilidade, Kylie podia ter começado a entrar em pânico com a leve intrusão em sua cabeça. As palavras não vinham com o calafrio que ela costumava sentir quando um fantasma a visitava. Não que Kylie não tivesse ouvido a voz antes; ela tinha, várias vezes. No passado, tentara se convencer de que era seu subconsciente. Mas, desta vez, parecia mais do que isso.

O som calmo da cachoeira ficou mais forte e diminuiu suas preocupações. Ela não queria se preocupar com a voz, ou mesmo com a razão de precisar de coragem. Ela acelerou o ritmo.

Cinco minutos depois, chegaram à entrada da cachoeira. O ambiente sereno a envolveu. Até mesmo as folhas das árvores pareciam sussurrar suas saudações. A água cascateando do penhasco acima enchia o ar com uma doce umidade. A brisa leve, transportando minúsculas gotinhas de água, perfumava o ar com o aroma de alguma flor distante e ervas naturais.

A costumeira expressão severa de Burnett dissolveu-se em algo mais pacífico. Ele parou na orla das árvores e concordou em esperar ali, permitindo que elas tivessem sua experiência particular na cachoeira. Retirando os sapatos e enrolando as pernas da calça jeans, Holiday e Kylie caminharam através da parede de água em cascata.

Lá dentro, demorou um segundo para os olhos de Kylie se ajustarem à pouca luz. Não estava completamente escuro ali, mas apenas uma réstia de luz infiltrava-se na caverna atrás da cachoeira. Sombras iridescentes nas cores do arco-íris tremulavam nas paredes rochosas.

Água fria escorria do cabelo de Kylie e molhava suas costas, mas a sensação de frio em sua pele parecia refrescante, como caminhar através de um dispersor num dia quente.

Ambas, Kylie e Holiday, se sentaram nas pedras lisas, bem à beira da água. Nenhuma das duas falou durante vários minutos. A reverência que preenchia o espaço parecia exigir um momento de silêncio.

A tranquilidade do lugar afastou as preocupações de Kylie.

Depois de alguns minutos, Holiday perguntou:

— Você vai empreender uma nova busca?

No momento em que a pergunta chegou até Kylie, a necessidade de uma orientação bateu fundo dentro dela.

— Será que eu realmente concluí a minha outra busca?

A pergunta não era dirigida apenas a Holiday, mas a si mesma.

— Você sabe de que espécie você é, e já conhece a maioria dos seus poderes. Não era essa a sua busca?

— Sim, mas eu ainda não sei controlar completamente os meus poderes. — Ela fez uma pausa. — E eu não sei tudo. — A necessidade inexplicável dentro dela permanecia e um desejo intenso de ter um plano encheu seu peito. Ela tinha que saber onde colocar o seu foco. Precisava de uma nova busca.

O fluxo da cachoeira pareceu ficar um pouco mais interno. Kylie olhou para cima e depois de

volta para Holiday.

— Você está certa. Eu tenho que descobrir qual é a minha busca. Como vou fazer isso? Como é que eu descobri da primeira vez?

Ela se virou para Holiday, não em pânico, mas ansiosa para começar.

— Bem, você precisa perguntar a si mesma o que é mais importante para você agora. Geralmente nossas buscas acabam sendo aquilo que mais pesa no nosso coração ou na nossa consciência, ou então todas aquelas listas mentais do que temos que fazer e ignoramos.

Kylie respirou mais uma vez um pouco da calma do lugar e olhou para a líder do acampamento.

— Ok, eu sei uma coisa, e ia falar com você sobre isso, mas ainda não tive uma chance de pensar a respeito.

— O que é? — perguntou Holiday.

— Os camaleões adolescentes, eles... os anciãos praticamente os proíbem de sair do complexo. Eles têm muito pouco contato com o mundo exterior. Não têm permissão para ter telefones celulares ou computadores. Não quero dizer que sejam maltratados. É só que os anciãos estão presos a essa mentalidade de quando eram perseguidos. Eles acham que a única maneira de permanecer em segurança é se escondendo. Eles têm uma política rigorosa de que até que o camaleão possa controlar e ocultar o seu verdadeiro padrão, ele não deve sair pelo mundo. — De repente, Kylie percebeu uma coisa. — Eles são como os lobisomens. Com todas as suas crenças retrógradas.

— Parece que são mesmo — Holiday fez uma pausa e olhou para a água. — Essa é uma tarefa e tanto! — Sua expressão revelava que ela estava medindo os prós e os contras. — É difícil mudar as crenças motivadas por um medo justificado.

— Eu sei — disse Kylie. — Mas tem que haver uma maneira, não é?

— É, com certeza vale a pena tentar. É uma boa missão.

*O que mais?* A voz dentro dela disse. A mesma voz de antes.

Mas, como antes, a voz não a assustou. Era uma pergunta que ela estava prestes a fazer por si mesma.

Kylie puxou os joelhos para cima e colocou os braços ao redor dos tornozelos.

— Tem outra coisa. — E o coração dela procurou saber o que era, mas não conseguiu.

— O quê? — Holiday perguntou, e respirou como se tentando absorver a calma do lugar.

— Eu não tenho certeza. — Suas palavras não tinham deixado completamente seus lábios quando as luzes bruxuleantes da caverna começaram a girar e, em seguida, passaram a se mover como se estivessem dançando em cima da água.

A respiração de Kylie ficou presa na garganta enquanto as diferentes cores tremulantes formavam um círculo. No entanto, mesmo com o movimento da luz, a água parecia totalmente parada, e a superfície mais abaixo se tornou cristalina. O círculo de luz apareceu e enquadrou um objeto embaixo d’água. De repente, o que quer que estivesse submerso veio até a superfície com um leve barulho de água se espalhando e começou a flutuar em direção à borda.

Apavorada, Kylie recuou alguns centímetros, ainda sentada na pedra. Ela se sentiu um pouco

menos covarde quando Holiday fez o mesmo.

O objeto — flutuando sobre a superfície da água e movendo-se como que com um objetivo — estava a cerca de um metro da borda quando Kylie conseguiu identificar o que era. Ah, meu Deus, o que aquilo significava?

# Capítulo Quinze

Ainda sentada, Kylie virou-se para os lados, procurando o fantasma e tentando sentir o frio. Não sentiu nenhum frio na caverna. Nenhum fantasma, tampouco. Nenhum que Kylie pudesse sentir, pelo menos.

Mas a espada, agora avançando na direção de Kylie, tinha que ser do fantasma, certo? Ele não fazia outra coisa senão carregá-la por todos os lugares, na última semana e meia.

— De onde veio isso? — perguntou Holiday, a voz cheia de preocupação.

Kylie não conseguia tirar os olhos da arma, à medida que ela se aproximava lentamente.

— De dentro d'água.

— Eu sei, eu vi, mas...

— Acho que tem algo a ver com o fantasma — disse Kylie.

Holiday franziu a testa.

— Você quer dizer aquele que carrega cabeças degoladas por aí?

Kylie assentiu.

— É isso aí.

— Por que você acha que é esse fantasma? — perguntou Holiday.

— Eu não estou completamente certa, mas acho que se parece com a espada dela. Sem todo aquele sangue, é claro.

— Mas que inferno! — exclamou Holiday. — No que você foi se meter?

— Não sei. Mas não foi por vontade própria. — Kylie mordeu o lábio. Se não fosse o ambiente tranquilo da cachoeira, ela fugiria dali correndo.

Holiday pegou a espada. Virou-a nas mãos.

— Parece de verdade. E é antiga. Você realmente acha que é a mesma espada? — Ela balançou a cabeça com perplexidade. — Fantasmas não podem entregar coisas assim.

— Parece com ela. Quer dizer, não sou nenhuma especialista em espadas. — Kylie pegou a arma e, assim que a tocou, a espada começou a brilhar. Ela atirou-a no chão e deu um pulo para trás. — Por que ela fez isso?

— Eu não sei — Holiday respondeu, olhando para a espada.

— Você aprendeu alguma coisa sobre camaleões que fazem armas brilharem?

— Não.

— Tem certeza?

— Acho que eu me lembraria disso.

— Tudo bem — disse ela, ainda pensando. Ela lançou para a espada outro olhar perplexo e, em seguida, olhou para Kylie. — O que acha de irmos embora?

— Tudo bem. — Kylie se levantou e viu Holiday estender o braço para pegar a espada. —

Espere. Não podemos deixá-la aqui?

Holiday levantou-se e olhou para Kylie.

— Acho que não. Eu acho que ela foi feita para você.

— Sabe, eu estava com medo que você dissesse isso. Mas como você sabe que não é para você?

— Porque ela não brilhou quando eu a peguei.

Kylie fez uma careta.

— Estou farta de todas essas coisas estranhas acontecendo comigo.

Holiday suspirou.

— Se isso faz você se sentir melhor, eu também não gosto disso.

— Bem, então somos duas. — Kylie mordeu o lábio novamente, preocupada.

Holiday deu um meio sorriso.

— Nós vamos descobrir esse mistério. Quando voltarmos ao escritório vou fazer uma pesquisa e ver se consigo encontrar algo sobre isso. E vamos falar com Hayden, também. — Ela pegou a espada cuidadosamente, mantendo a ponta afiada para baixo. — Vamos encontrar a resposta.

Sim, Kylie pensou, mas tinha a nítida sensação de que, se encontrassem a resposta, ela poderia não gostar dela.

*

Kylie, Holiday e Burnett, com a espada a tiracolo, encontraram Hayden em sua cabana. Ele não tinha nenhuma explicação para a espada. Nem mesmo um bom palpite.

Burnett pediu que ele pegasse a espada para ver se ela brilharia com ele. Isso não aconteceu. Então, como Burnett não tinha visto a espada brilhar antes, ele pediu para Kylie pegá-la. Com cuidado.

Como se ela não fosse ter cuidado ao pegar algo que parecia ter sido usado para decapitar centenas de vítimas.

No momento em que ela fechou os dedos em torno do cabo da espada, o ferro ficou quente contra sua palma e, tal como antes, começou a brilhar. Lembrava um daqueles brinquedos fosforescentes que se comprava em parques temáticos.

— Chega? — Kylie perguntou, ansiosa para largar a espada.

— Tudo bem — Burnett respondeu, e pareceu perplexo. Não era uma expressão que se via no rosto do vampiro com muita frequência. Ele pegou a espada e esperou para ver se ela iria brilhar, e até pareceu um pouco desapontado quando isso não aconteceu. Colocando-a de volta na mesa da cozinha de Hayden, ele fitou a testa de Kylie para verificar seu padrão.

No caminho para a cabana, ele tinha imaginado que Kylie provavelmente havia se transformado em bruxa e perdido o controle de seus poderes, assim como no dia em que arremessou um peso de papel nele, machucando-o. Embora Kylie quase desejasse que tudo fosse assim tão simples, ela não se convenceu disso. Ela não andara pensando em conjurar uma

espada.

— Eu não sou uma bruxa, sou? — ela perguntou a Burnett.

— Não — ele disse, e encolheu os ombros.

— Eu já disse — falou Holiday. — Verifiquei o padrão dela assim que a espada começou a brilhar. Por mais insano que pareça, não tenho certeza de que é Kylie quem está fazendo isso. Acho que é a espada.

— Você acha que a espada está possuída? — perguntou Hayden.

— O que você disse? — perguntou Kylie. — Espadas podem ser possuídas? Tudo bem... isso parece muito estranho para mim. — Ela começou a tirar a poeira das mãos para se livrar de qualquer germe possuído.

— Não, eu não acho que ela esteja possuída. — Holiday tocou Kylie para acalmá-la. — Eu só acho que, por algum motivo, ela reage a Kylie. Há alguma conexão entre ela e a espada.

— Isso é estranhíssimo! — disse Hayden. — Eu poderia perguntar ao avô de Kylie sobre isso. Talvez ele saiba algo que eu não sei.

Burnett franziu a testa com a menção ao avô de Kylie, mas concordou com a cabeça, e ela o viu se esforçar para não demonstrar o seu descontentamento. — Eu agradeceria. — Ele até parecia grato. — Será que você poderia me procurar e contar tudo, logo que souber de alguma coisa?

Hayden assentiu.

— É claro.

Quando eles iam sair, Burnett ofereceu a mão a Hayden. O professor não hesitou em apertá-la. Kylie teve a sensação de que todo o episódio da espada poderia ter ajudado a convencer Burnett de que Hayden precisava ficar. Mesmo que Hayden não tivesse as respostas, ela podia ver que Burnett gostava de ter uma pessoa para ajudá-lo com algo sobre o qual ele não tinha muito conhecimento.

Talvez, Kylie pensou, a espada não fosse uma coisa ruim, afinal de contas. Mas cada vez que olhava para a arma ao lado de Burnett, lembrava-se do espírito, na noite anterior, carregando uma espada sangrenta e a cabeça decepada.

E ela começou a se preocupar mais uma vez com a possibilidade de que aquela história toda pudesse levar a mais derramamento de sangue.

Eles deixaram a espada no escritório de Holiday e, em seguida, todos se dirigiram ao refeitório para o jantar. Quando pisaram na varanda, Kylie foi vista pela primeira vez pelos outros alunos de Shadow Falls e cumprimentada por vários campistas. Perry veio correndo e a abraçou com força, girando-a duas vezes. Quando ele colocou os pés dela de volta no chão, Kylie estava tonta e feliz. Ele agarrou os braços dela para ampará-la. Kylie ainda não tinha percebido quanto tinha sentido falta do metamorfo até que ele riu e despertou uma agradável sensação de *déjà-vu* dentro dela.

— Ei, você está agarrando a minha melhor amiga? — A voz de Miranda ecoou atrás de Perry.

Perry soltou Kylie e deu a Miranda um sorriso por cima do ombro.

— Só um pouquinho — disse ele, olhado novamente para Kylie. — Cara, como nós sentimos a sua falta! Miranda estava me deixando louco de tanto reclamar da solidão.

— Eu também senti falta de todo mundo — disse Kylie, com sinceridade.

Logo em seguida, um grupo de lobisomens passou. Kylie primeiro reconheceu Clara, a meia-irmã de Lucas. Ela encontrou o olhar de Kylie e sua postura de repente pareceu expressar contrariedade. Ok, então nem todo mundo tinha ficado feliz em revê-la. Ela podia dormir com isso. Mas, então, por trás de Clara, outra pessoa entrou em seu campo de visão, e Kylie deu de cara com Fredericka.

Ela não sorriu, mas também não fez cara feia, e então ofereceu a Kylie um ligeiro aceno de cabeça. Um aceno de boas-vindas, talvez até querendo dizer “que bom te ver”. Kylie retribuiu o gesto e até mesmo ofereceu um leve sorriso.

Para Fredericka, aquele ligeiro cumprimento provavelmente era uma expressão de afeto maior do que o abraço efusivo de Perry. Especialmente depois que Clara lançou para Fredericka um olhar descontente com a atitude da loba e Fredericka simplesmente deu de ombros.

Kylie respirou fundo. Era bom saber que, embora pudesse não ter feito mais amigos em Shadow Falls, tinha conseguido perder uma inimiga.

Miranda se inclinou para se aproximar mais da amiga.

— Você acabou de fazer o que eu acho que fez? Você sorriu para aquela bruaca?

— Eu já te disse, a gente já se entendeu — disse Kylie.

— O que é uma coisa boa — Holiday acrescentou. — E acho que existe mais gente precisando se entender aqui.

— E eu acho que Della está certa — Miranda murmurou. — Kylie é simplesmente boazinha demais. — Ignorando a carranca de Holiday, a bruxa olhou para Burnett. — Falando nisso... Della não voltou ainda?

— Ela vai chegar a qualquer momento — Burnett respondeu enquanto se dirigiam ao refeitório.

Quando atravessaram a porta, a conversa que enchia o grande salão se aquietou como se alguém tivesse baixado o volume. Cabeças se viraram. O único som no grande espaço era o dos garfos sendo colocados nos pratos. Então, ao mesmo tempo, pelo menos cinquenta pares de olhos fixaram-se na testa de Kylie para verificar o seu padrão. Kylie deteve o passo assim que entrou no salão, sentindo-se, com contrariedade, o centro das atenções.

Holiday passou a mão nas costas de Kylie.

— Você quer que eu faça alguma coisa? — ela sussurrou.

— Não — Kylie murmurou, determinada a travar suas próprias batalhas. Além disso, ela queria estar ali, estava em sua casa, e Deus do céu!, ela não ia esconder o seu padrão. Mais cedo ou mais tarde, eles iriam se acostumar com ela. Não iriam? Um dia parariam de olhar e a acertariam como um dos seus.

— Bem, eu vou fazer alguma coisa — resmungou Perry, colocando-se na frente. — Vocês querem olhar para alguma coisa? — ele gritou. — Bem, olhem para isto! — Perry ficou de costas, inclinou o tronco para a frente, baixou as calças e mostrou o traseiro para cada um dos

cinquenta pares de olhos.

— Perry! — Holiday gritou, com riso na voz. Burnett deixou escapar uma risada, mas depois fechou a boca quando viu as sobrancelhas arqueadas de Holiday diante da sua demonstração aberta de humor.

— Não fique mostrando a bunda, Perry! — repreendeu-o Burnett, a voz profunda como se ainda estivesse tentando não rir. — As pessoas estão tentando comer.

Todos na sala começaram a rir, até mesmo Kylie. Não havia ninguém como Perry para transformar um momento estranho numa completa piada. Kylie olhou para Miranda, que revirou os olhos, mas o orgulho brilhava por trás deles. E ela devia mesmo ficar orgulhosa. Embora mostrar o traseiro pudesse parecer uma atitude extrema, Perry tinha feito aquilo com boas intenções, para pôr fim a um momento de constrangimento e fazer Kylie se sentir melhor. E ele tinha conseguido.

Já com as calças no lugar, Perry virou-se e piscou para Kylie. Quando eles se aproximavam do balcão de comida, Kylie se inclinou para Miranda e disse:

— Perry é um defensor.

Miranda revirou os olhos novamente com humor.

— Eu sei. — Ela sorriu. — E ele tem um bumbum bem bonito, não acha?

Kylie riu novamente.

— Eu não vi o bumbum, é o coração dele que me encanta.

Enquanto Kylie esperava na fila para pegar seu hambúrguer com batatas fritas — que, realmente, tinha um aroma maravilhoso —, várias pessoas se aproximaram para dar as boas-vindas: Mandy, uma das amigas bruxas de Miranda; Chris, o vampiro; e Jonathon, que parecia deprimido, obviamente, sem a companhia de Helen.

— Como está Helen? — perguntou Kylie, que de repente sentiu uma pontada de culpa, ao lembrar que provavelmente era por causa dela que Helen tinha sido atacada. — Eu sinto muito pelo que aconteceu.

— Não foi culpa sua — disse ele, empurrando-a de leve com o ombro. — Mas se eu tiver uma chance de colocar as mãos no idiota que a feriu, ele vai se arrepender.

— Ela está bem mesmo? — perguntou Kylie.

— Sim, ela está bem. Os pais dela disseram que Helen pode estar de volta daqui a uma semana.

— Que bom! — exclamou Kylie.

— Bom? É uma eternidade! Uma semana inteira. Sete dias. Vou enlouquecer. Ela é como uma droga para mim. Eu não estou acostumado a ficar sem ela. — Ele então se afastou, com um ar acabrunhado.

Kylie ficou observando-o se afastar. Sua postura era a de um rapaz infeliz e derrotado. Então ela teve um vislumbre de como se sentia quando Lucas se afastava do acampamento. Solitária, vazia. Longe do que dava sustentação à sua vida.

Tentando afastar o pensamento, ela sentiu os pelos da nuca se arrepiarem e fazerem cócegas na sua pele. Tentando ser discreta, mas com receio de saber exatamente quem estava olhando, ela

olhou por cima do ombro, na direção da mesa onde estavam os lobisomens. Como ela esperava, ele estava sentado lá, observando-a com seus grandes olhos azuis. Olhos que expressavam um triste pedido de desculpas. O coração de Kylie foi parar na boca do estômago.

Será que a raiva que sentia dele um dia diminuiria o suficiente para perdoá-lo? A pergunta latejava dolorosamente em seu peito a cada batida de seu coração.

Ela desviou o olhar e disparou pelo refeitório, chocando-se de frente com um peito largo — um peito largo e muito familiar. O mesmo no qual ela tinha se aconchegado na noite anterior, durante um sonho lúcido. Quando ela olhou para o rosto de Derek, seu cérebro decidiu que aquele era o momento perfeito para ela se lembrar de tudo o que tinha acontecido. Todas as peças que faltavam no quebra-cabeça da noite anterior pipocaram em sua mente.

O beijo.

Os braços dele em torno dela.

A maneira carinhosa como ele a segurava.

Ah, droga!

# Capítulo Dezesseis

Kylie tinha tentado impedir o beijo, mas não foi rápida o suficiente. E então ela descansou a cabeça em seu peito e chorou, porque estava se sentindo completamente confusa.

Ele a estreitou em seus braços e deixou-a chorar. Tinha sido catártico e calmante.

E errado.

Errado por causa do que ela viu refletido nos olhos dele. Otimismo. Esperança de que eles pudessem voltar a ficar juntos como antes, quando a tristeza dela com relação a Lucas tivesse passado.

Esse pensamento trouxe uma epifania, uma dessas constatações surpreendentes que geralmente causam uma reviravolta na vida de uma pessoa. E, sim, ela sentiu essa reviravolta, mas também sentiu... uma onda de perguntas e uma necessidade de compreender.

Derek também a enganara, tinha realmente dormido com Ellie, ao contrário do que Lucas tinha feito ou o que ela achava que ele tinha feito. E, embora ela tivesse sido magoada por Derek e se sentido traída, a tristeza que a atitude de Lucas lhe causava parecia muito maior. Por quê?

Será que isso revelava quanto ela gostava de Derek, que perdoá-lo era muito mais fácil? Ou será que tinha mais a ver com a profundidade de seus sentimentos por Lucas? Com o fato de os seus sentimentos por Lucas serem mais verdadeiros?

— Você está bem? — Derek perguntou, olhando para ela.

Ela assentiu.

— Só estou com fome — ela mentiu, e foi andando na frente dele, para que não tivesse que encará-lo ou encarar a mentira que tinha acabado de contar.

Ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido.

— Você não está com raiva de mim, está?

Ela considerou a pergunta, e a resposta veio. *Eu não estou com raiva de você, é de mim mesma que estou com raiva.*

Ela tinha sido fraca. Deveria ter colocado um fim naquele sonho lúcido antes que ele tivesse começado. E ela poderia ter feito isso. Então, por que não fez?

— Não, eu não estou com raiva de você — ela sussurrou de volta. — Eu estou apenas... — Percebendo que eles estavam cercados de ouvidos vampirescos, que podiam ouvir todos os tipos de segredos, ela disse: — Vamos conversar mais tarde.

— Tudo bem — disse ele. — Sou sua sombra esta noite, portanto, vamos ter tempo de sobra.

Kylie franziu a testa. Talvez ela precisasse adicionar Derek à lista de Burnett de quem não devia lhe servir de sombra... Pelo menos até que ela resolvesse seus sentimentos.

Com uma bandeja de comida na mão, Kylie dirigiu-se para a mesa onde Miranda e Perry

estavam. Ela se sentou e olhou para Perry, novamente com um sentimento de gratidão.

— Obrigada — disse ela.

— Sempre que precisar de mim para mostrar a bunda, pode chamar — disse ele, sorrindo.

Kylie ouviu alguém se sentando ao lado dela e preocupou-se novamente com a possibilidade de encorajar Derek. Pegando uma batata frita, ela olhou para a frente, tentando ignorar o *fae* tanto quanto possível. Seu olhar se deslocou pelo salão, detendo-se na mesa dos lobisomens e nas carrancas que viu no rosto dos quatro sentados lá. Carrancas de todos, menos de...

Lucas.

Um certo aroma amadeirado da pessoa sentada ao seu lado de repente encheu seus sentidos. A batata escorregou de seus dedos. Lentamente, ela virou a cabeça para confirmar seu erro.

Erro confirmado. Sua respiração ficou suspensa.

Não era Derek sentado ao lado dela. Era Lucas.

Voltando o olhar para o prato de comida, ela fitou o hambúrguer, que de repente não tinha mais o mesmo cheiro apetitoso.

— Você não devia estar com a sua matilha? — ela sussurrou, sem olhar para ele.

— Na verdade — disse ele, inclinando-se mais para perto. Tão perto que seu ombro roçou no dela. A dor emocional provocada por esse leve toque foi direito ao seu coração. — Eu estou exatamente onde deveria estar — Lucas sussurrou.

Ela se afastou alguns centímetros, ao mesmo tempo que uma bandeja bateu na mesa à sua frente. Uma batida um pouco alta demais. Suspeitava que o dono da bandeja pudesse ser um *fae* contrariado. Um olhar confirmou isso. Derek se deixou cair no banco, encarando Lucas como se o lobisomem estivesse invadindo o seu espaço.

Ah, e essa agora?, pensou Kylie. Ela considerou a coisa certa a fazer, fugir dali, sabendo que as pessoas estavam provavelmente observando para ver o que ela faria. Ficar e esperar que nenhum drama surgisse entre o lobisomem e o *fae*, e tentar minimizar todas as fofocas.

Sentindo-se forçada a fingir que estava tudo bem, ela pegou o hambúrguer e cravou os dentes no pão branco macio. Embora ela não estivesse pensando no gosto que ele tinha, seu estômago deve ter aprovado, porque roncou de prazer no momento em que o primeiro bocado percorreu seu trajeto até o órgão vazio. Ela nem deu tempo ao seu estômago de pedir uma segunda mordida. Dessa vez, o sabor do pão levemente adocicado, misturado com o queijo e a carne lambuzada de ketchup picante, foi aprovado pelo seu paladar. Ela realmente não tinha comido direito desde que deixara Shadow Falls.

Derek, provavelmente captando seu desejo de evitar o caos, pegou seu hambúrguer e começou a comer. Lucas fez o mesmo. A tensão se dissipou, mas não por muito tempo.

— Quem está a fim de um jogo de basquete depois do jantar? — perguntou Perry.

Algumas vozes concordaram com um sim. Kylie achava que tanto Derek quanto Lucas iam entrar na conversa, mas não sabia ao certo. Ela fez o possível para se concentrar na comida e evitar contato visual com qualquer um dos dois.

Então Derek acrescentou:

— Mas vai ter que ser um jogo curto. Eu sou sombra de Kylie esta noite.

Foi mais pelo jeito como ele disse, do que pelo que disse, que ficou claro que seu objetivo era contrariar Lucas. E funcionou. Lucas deu um rápido empurrão na sua bandeja e ela voou sobre a mesa e se chocou contra a de Derek, fazendo as batatas fritas se espalharem pelo seu colo.

— Pode desistir — disse Lucas. — A gente vai voltar em muito pouco tempo.

— Tem certeza disso? — perguntou Derek.

— Parem! — exigiu Kylie.

— Tenho — rosnou Lucas, como se não a tivesse ouvido. — Olha só, eu não dormi com ninguém enquanto estava com ela, como alguém aqui.

— Tá, mas eu não fiquei noivo pelas costas dela — contra-atacou Derek.

— Nem eu — respondeu Lucas. — O noivado nunca chegou a acontecer porque eu não assinei os papéis após a cerimônia.

*O quê?* Kylie olhou para ele, chocada. Ela supusera...

— E como vai entrar para o Conselho? — ela perguntou.

— Você é mais importante — falou ele. — Eu já te disse isso.

Não, ele não tinha lhe dito isso. Não de verdade. E ele tampouco tinha dito a ela que desistira do noivado.

— Eu disse que foi um erro. Que... — Ele hesitou apenas um segundo. — Que eu te amo.

Ela não deixou de notar quanto tinha sido difícil para ele falar sobre seus sentimentos publicamente, e com certeza todos os ouvidos do salão estavam se esforçando para ouvir, mas Lucas tinha feito isso. Ele lhe dissera que a amava na frente de todos.

E isso a deixou muito irritada. Ela tinha apreciado muito mais a exposição do traseiro de Perry.

— E você não podia ter descoberto isso antes?!

Ela deixou cair o hambúrguer, empurrou a própria bandeja e saiu do refeitório. Enquanto fazia isso, ouviu seus próprios passos ecoando no chão de ladrilhos. O que significava que todos no salão, todo o acampamento, estavam a par da sua revolta pessoal. Mas que ótimo! Ótimo mesmo!

*

Kylie já estava do lado de fora quando ouviu alguém a seguindo. Pensando que era Derek, e preparada para mandá-lo embora, ela se virou subitamente e Miranda chocou-se contra ela.

— Desculpe! — disse Miranda.

Kylie piscou para conter o que parecia ser um início de choro.

— Está tudo bem. Você não precisava vir atrás de mim. Fique lá com Perry e termine o seu jantar.

— Eu precisava, sim — contestou Miranda.

— Não, você não precisava.

— Sim, precisava. — Miranda assentiu. — Primeiro, porque você é uma das minhas melhores amigas e, segundo, porque... Burnett me disse pra vir. Mas eu teria vindo de qualquer maneira por causa da primeira coisa. — Ela abraçou Kylie. — Você quer que eu peça a Perry para mostrar a bunda novamente?

Kylie se afastou do abraço, riu, e secou as lágrimas.

— Eu não acho que eles iam aguentar ver aquilo duas vezes.

Miranda deu uma risadinha.

— Está brincando?! É uma bundinha linda!

Elas caminharam de volta para a cabana e Miranda falou sobre Perry. Falou um bocado sobre Perry. Como se não fosse mais parar. Não que Kylie se importasse; ela preferia ouvir Miranda falando de Perry sem parar ao silêncio que experimentara o tempo todo enquanto estava na casa do avô. E daí que Miranda falava um pouco demais? Kylie ainda a amava e adorava ficar com ela.

Eles chegaram à cabana, entraram, e ambas voltaram o olhar para a porta de Della. A porta estava fechada. E isso só podia significar uma coisa. Della estava em casa.

Gritando, ambas dispararam para o quarto da vampira.

Della estava de pé, completamente nua, no meio do quarto, com o sutiã nas mãos.

— Suas malucas! Vocês não sabem o que significa uma porta fechada? Agora, virem-se enquanto eu me visto.

— Nós não estamos nem aí se você está nua. Estamos tão felizes em vê-la! — disse Miranda.

— É verdade! — disse Kylie.

— Sim, mas vocês não deviam me ver pelada. Vão ficar gozando da minha cara por causa dos meus peitos pequenos. Agora se virem!

— Eles não são *tão* pequenos — disse Miranda, dando uma boa olhada em Della.

— Virem-se! — Della rosnou, usando uma mão e o braço para cobrir os seios e a outra para esconder os pelos pubianos.

— Não tão rápido — disse Miranda, apontando o dedo para ela. — Primeiro você tem algumas explicações para dar, mocinha!

— *Mocinha*? Eu não sou nenhuma mocinha. E explicar o quê? — ela perguntou, mas estava sorrindo, obviamente, tão feliz em vê-las quanto as amigas.

— Não são os seus peitos pequenos que você devia esconder. É esse chupão abaixo do ombro.

Della deslocou a mão para cima dos seios e escondeu a marca abaixo do pescoço.

— Não é um chupão. — Virando-se, ela pegou o roupão da cama e enfiou os braços.

— Sério? — perguntou Miranda.

— Parecia um chupão. — Kylie deu uma risadinha, superfeliz que as três estivessem juntas novamente. Ela nem sequer se importava se iam começar a brigar ou ameaçar arrancar os membros umas das outras. Só estar ali com aquelas duas... era o suficiente para dar um gostinho de lar à cabana.

— Quando algo se parece com um chupão e cheira como um chupão, é um chupão —

Miranda concluiu.

— Chupões não têm cheiro — Della contra-atacou.

— Você sabe o que quero dizer. Além disso, eu sei reconhecer um chupão quando vejo um. — Ela puxou a camiseta para expor uma marca cor-de-rosa acima do seio direito.

Kylie riu e então suspirou.

— Sério, vocês duas são péssimos exemplos para mim. Não sei se posso ficar na mesma cabana que vocês. Podem acabar com a minha reputação.

— Ah, por favor! — disse Della. — Você já colocou bastante ação na sua vida desde que chegou aqui.

— Não é verdade — disse Kylie.

— Você já ficou com três caras diferentes desde que chegou a Shadow Falls!

— Três? Eu não!

— Está se esquecendo de que Trey veio até aqui.

— Ah, qual é? Trey não conta. Além disso, eu nunca fiquei com um chupão.

— Ah, coitadinha — disse Della. — Sabia que você pode produzir um com um aspirador de pó? Eu provoquei o meu primeiro chupão na sexta série e disse a todos que quem tinha causado aquilo era um aluno do oitavo ano. Foi demais!

Kylie revirou os olhos.

— Não posso acreditar que você deu uns amassos com um aspirador de pó!

— Fiz isso e foi melhor do que com o meu primeiro namorado. Ele era péssimo em produzir chupões.

Kylie e Miranda começaram a rir. Então Della ficou sombria.

— Nossa, é tão bom estar de volta! — Ela pulou em sua cama e saltou duas vezes. Em seguida, Miranda e Kylie pularam também em cima da cama com ela.

— Então, você não vai explicar o chupão? — perguntou Miranda, pegando um dos travesseiros de Della e abraçando-o.

— Não — disse Della. — Nada de falar em chupões.

— Pelo menos vai nos dizer quem provocou este? — Miranda insistiu.

— Tudo bem. Eu vou dizer. — Ela parou de sorrir e limpou a garganta. — Eu recorri ao meu velho e bom aspirador de pó. E fizemos uma viagem ao passado. Foi tão romântico... — disse ela, sorrindo.

Aquele sorriso não enganou Kylie. Ela viu algo nos olhos de Della. Um lampejo de dor. Della realmente não queria falar a respeito.

— Foi o aspirador de pó chamado Steve? — perguntou Miranda.

Della franziu a testa.

— Esqueça o chupão.

— Mas isso não é justo, nós contamos tudo uma para a outra — disse Miranda.

— Não faz mal — disse Kylie, apreciando a brincadeira fácil e não querendo perder o clima leve. — Que tal falarmos de mim vendo a bunda de Perry?

— Você disse que não tinha visto! — disse Miranda.

— Espere aí. O que você disse? — perguntou Della, e olhou para Kylie. — Você viu a bunda de Perry?

— Só um vislumbre rápido — disse Kylie. — Mas eu acho que todo mundo teve tempo para dar uma boa olhada.

— Na bunda de Perry? — perguntou Della.

Miranda assentiu com a cabeça e, em seguida, contou a história sobre como o heroico Perry fora ao socorro de Kylie baixando as calças.

Della sorriu de orelha a orelha.

— Eu sabia que gostava daquele metamorfo.

— Ele é um amor, não é? — Miranda suspirou com um olhar sonhador.

— E como vão as coisas com você? — Della perguntou a Kylie. — Já chutou o traseiro de Lucas e decidiu perdoá-lo? Ele está parecendo um filhote de cachorro que perdeu seu único brinquedo de mastigar.

Kylie fez uma careta.

— Não vamos falar sobre isso.

Miranda deu um pinote na cama.

— Você devia estar no refeitório para ver. Derek e Lucas se sentaram com ela. Eu juro, pensei que eles iam se atracar. E, depois, Lucas disse a Kylie que a amava, bem na frente de todo mundo. Foi tãão romântico...

O peito de Kylie ficou pesado.

— Não foi romântico. Foi... triste.

— Triste descreve muito bem como ele ficou quando você saiu do refeitório — disse Miranda. — Foi como se alguém tivesse arrancado a alegria dele.

— Não quero falar sobre isso — disse Kylie.

— Então você ainda está brava com ele? — perguntou Della. — Não culpo você.

Kylie lançou a Della um olhar severo.

— Ei... Eu respeitei sua vontade de não falar sobre o chupão. Agora você tem que respeitar a minha.

Miranda reclinou-se para a frente e resmungou.

— Isso não é justo! Eu conto tudo a vocês. Não escondo nada.

— Acredite em mim, eu sei — disse Della. — Eu sei mais sobre o seu relacionamento com Perry do que a lei permite.

— Não comece com isso. — Miranda fez uma careta.

— Por que não vamos pegar uma Coca Diet? — Kylie ofereceu antes que as duas começassem a brigar com força total.

As três saltaram da cama e foram para a cozinha. No momento Kylie queria esquecer todos os seus problemas. Só queria se sentar à mesa da cozinha e rir um pouco mais. Rir com as amigas, contar algumas histórias engraçadas e se lembrar de que, não importava os desafios que a vida lhes reservava, estaria tudo bem, desde que tivessem umas às outras.

Della chegou à cozinha primeiro.

— Que diabos é isso? — ela murmurou.

No momento em que Kylie viu o que repousava sobre a mesa da cozinha, percebeu que esquecer seus problemas não ia ser tão fácil.

— Merda!... — Kylie murmurou. — Alguém pode, por favor, ligar para Burnett e Holiday e dizer para virem aqui o mais rápido possível?

# Capítulo Dezessete

— Como isso chegou aqui? — perguntou Holiday, parada a poucos metros da mesa da cozinha e olhando para a espada com descrença.

— Diga-me você e então nós duas saberemos. — Kylie apertou as mãos com preocupação. — Como... como isso pode acontecer?

— Como?! — Burnett berrou. — É óbvio. Alguém trouxe isto até aqui para fazer uma brincadeira com você, mas eu não estou rindo e ninguém vai rir quando eu pegar quem foi o otário! — A cara feia de Burnett se aprofundou e virou uma carranca. — Tirar algo do escritório de Holiday para trazer aqui só de gozação é querer mexer com fogo. — Ele olhou para Kylie. — A quem mais você contou sobre a espada?

— A ninguém — disse Kylie. — Não contei a ninguém. A ninguém mesmo. Estive tentando nem pensar nisso. Então não pode ser uma brincadeira.

— Ela está dizendo a verdade — murmurou Della. — Ela não nos contou. E ela nos conta tudo. Ou contava. — Della olhou para Kylie de cara feia.

— Ela não nos conta *tudo* — Miranda acrescentou. — Assim como algumas pessoas com chupões não nos contam tudo.

Della fez uma careta para Miranda e, em seguida, olhou para Kylie.

— Francamente, eu gostaria muito de saber por que estamos fazendo tanta tempestade em copo d'água. É apenas uma espada.

Burnett continuou a olhar para Kylie como se ainda estivesse refletindo.

— Então, como você acha que a espada chegou aqui?

Kylie deu de ombros.

— Eu não sei, mas talvez tenha sido da mesma maneira que chegou à cachoeira. Magia, vodu, ou por quem quer que a tenha deixado lá.

— Você achou esta espada na cachoeira? — perguntou Miranda. — Quem a teria deixado lá? Parece uma antiguidade e isso geralmente significa que vale um bocado de dinheiro.

— Eu também não sei — Kylie disse a Miranda. — Mas o que eu sei é que eu realmente não gosto disso. Então, basta tirar esta coisa daqui. Com delicadeza e segurança. E talvez colocá-la em outro lugar mais seguro neste momento. Como num cofre.

— Uau! — exclamou Miranda.

— Uau o quê?— Burnett perguntou ao mesmo tempo que Kylie falava.

Miranda apontou para a espada.

— Ela tem uma aura!

— A espada tem uma aura? — Holiday se aproximou de Miranda, parecendo intrigada. Kylie deu mais um passo para trás, porque ela não estava nada intrigada.

— Que tipo de aura? — Holiday perguntou à bruxa.

— Talvez Hayden estivesse certo. A espada está possuída — disse Burnett.

— Espere! Objetos inanimados podem mesmo ser possuídos? — Kylie cruzou os braços, não de frio, mas porque estava assustada.

— Não — disse Della.

Miranda revirou os olhos para a vampira.

— Claro que podem.

— Sério? — perguntou Della. — Que legal!

— Não é legal! — Kylie estalou.

Miranda olhou para a espada.

— É preciso uma bruxa ou um demônio poderoso para possuir um objeto. Mas eu não acho que seja isso que está acontecendo.

— Por que não? — perguntou Holiday.

— Você disse que ela tinha uma aura? — Burnett perguntou.

— Sim — respondeu Miranda, parecendo orgulhosa por ser a única de posse daquela informação.

— Mas só porque um objeto tem uma aura isso não significa que ele esteja possuído. Algumas coisas, como armas e tal, têm aura porque as emoções são absorvidas pela matéria física durante um ataque.

— Então, essa coisa já matou um monte de gente? — perguntou Kylie, lembrando-se da espada do fantasma e da cabeça que ela tão orgulhosamente mostrara para Kylie.

— Provavelmente, mas eu não acho que ela esteja possuída. Normalmente, quando algo está possuído, é completamente do mal.

— Então, que tipo de aura ela tem? — perguntou Kylie.

— Só um pouco ruim — disse Miranda, contradizendo a si mesma.

— Que adorável! — Della esfregou as mãos.

Kylie gemeu e fixou o olhar em Miranda.

— Mas você acabou de dizer...

— Eu disse que algo que está possuído é completamente do mal. — Miranda tornou a fitar a espada. — Isso é só... Ok, não é de fato do mal. Mas eu posso sentir que tirou vidas. Muitas vidas. Mas a maior parte da aura irradia justiça e... — Ela inclinou a cabeça para o lado e se concentrou na espada, como se estivesse tentando ler o seu padrão sobrenatural. O cabelo, com listras cor-de-rosa, pretas e verde-limão, cobriu como uma cortina a lateral do seu rosto.

— E isso parece loucura, mas é também... coragem.

— Coragem? — Kylie se lembrou da voz que ouvira a caminho da cachoeira. — Como assim, coragem? Pergunte a ela o que isso significa.

Miranda riu.

— Auras não respondem a perguntas. Estou apenas dizendo o que ela parece irradiar.

— Como é que você sabe o que ela irradia? — perguntou Della.

— As cores, a intensidade das cores, e como elas se movem e se misturam. É como

interpretar um anel do humor.

— Eu gostaria de ver auras — disse Della a Miranda. — Será que você pode me emprestar o dom de vê-las?

— Não — disse Miranda. — Não mais do que você pode me emprestar a sua capacidade de voar.

Kylie continuava a olhar para a espada, lembrando-se da espada que o fantasma carregava.

— Eu ainda acho que isso tem alguma coisa a ver com o fantasma. Ele poderia tê-la trazido aqui.

— Ah, droga! Por acaso tem um fantasma aqui agora? — perguntou Della.

— Não agora — Holiday respondeu a Della e em seguida olhou para Kylie.

— Os fantasmas não podem transportar objetos materiais.

— Não é verdade. Eu tive um que jogou o meu telefone da minha mesa de cabeceira — contou Kylie.

— Sim, eles podem gerar energia suficiente para deslocar algo pequeno, e podem brincar com aparelhos eletrônicos, mas não podem mover fisicamente um objeto de um lugar para outro. Isso exigiria uma enorme quantidade de energia. É impossível.

— Bem, isso me faz sentir um pouco melhor — disse Della.

Holiday se aproximou da mesa.

— Mas não faz sentido.

— Eu sei — disse Kylie. — E esse parece ser o tema musical da minha vida agora. Nada faz sentido.

Burnett levou a espada embora. Ele se recusava a deixar Holiday tocá-la, com receio de que o objeto de repente criasse vida. Justamente quando eles iam embora, Kylie ouviu um leve soluço vindo de Holiday.

A *fae* mordeu o lábio e seus olhos se voltaram para Kylie. Apesar de estar chocada com o fato de ter encontrado a espada em sua mesa, ela lançou a Holiday um sorriso compreensivo. Ela sabia que a amiga estava em pânico com a possibilidade de estar grávida.

Não que Kylie visse isso como uma coisa ruim. Seria legal conhecer uma criança que fosse uma mistura de Burnett e Holiday.

Quando Holiday e Burnett estavam fora da cabana, Della e Miranda se viraram para Kylie. Della falou primeiro.

— Ok... sente-se e explique por que você não nos contou sobre a espada, e depois nos diga o que mais você está escondendo.

Kylie ia começar a lembrar Della de que ela tinha seus próprios segredos, como quem lhe tinha provocado o chupão, por exemplo, mas de repente percebeu que não se incomodava em contar aquilo às amigas. Na verdade, poderia ajudar se ela falasse a respeito. Não que ela tivesse mantido segredo das amigas de propósito. Só não tinha falado nada antes porque não queria pensar no assunto.

Ela foi para a cozinha, olhando em volta para se certificar de que a espada não tinha reaparecido como num passe de mágica. Vendo a mesa vazia, ela se deixou cair numa cadeira, com um suspiro desanimado.

Della foi até a geladeira, pegou três refrigerantes *diet* e passou-os para as amigas. O estalido das latas sendo abertas ecoou na pequena cozinha. Então Kylie começou a falar. Entre goles do refrigerante gasoso deslizando pela sua garganta, ela lhes contou tudo. Desde o que acontecera na casa do avô, até a maneira como os camaleões adolescentes eram tratados. Contou que tinha fugido no meio da noite porque alguém tinha planos para raptá-la. Então revelou a parte mais difícil: o aparecimento de Mario e o fato de ela quase ter matado Lucas.

— Bem, nada acontece à toa — disse Della. — Lucas meio que merecia isso. Aposto que foi uma sensação boa apertar o pescoço dele...

— Não, não foi — Kylie insistiu.

— Espere! — disse Miranda. — Antes de começarmos a falar sobre a questão do Lucas, você não chegou à parte da espada. — Ela tomou um grande gole de Coca Diet e continuou a olhar Kylie sobre a borda da lata.

Kylie começou a contar sobre a sua visita à cachoeira com Holiday.

— E esse fantasma? — perguntou Della, olhando em volta. — Você vai nos apavorar de novo com esse papo de visão? Quer dizer, como da última vez que você viu um fantasma durante a aula e eu tive que quebrar a porta do armário da sala da senhorita Cane. Aquilo realmente me assustou. Eu juro, agora cada vez que ela me vê, tem que me lembrar... “Sabe, eu tinha a chave daquela porta...” Mas, caramba!, você estava gritando feito louca lá dentro.

— Espero não apavorar você de novo. — Kylie fez uma careta. — E eu peço desculpas antecipadamente se fizer isso outra vez. Mas eu não tenho controle sobre isso. Sério, se qualquer uma de vocês ficasse presa numa cova com três garotas mortas, eu aposto que iria surtar um pouco também.

— Ah, droga, pode apostar, eu ia surtar. Ia ficar chutando a bunda daquelas garotas mortas.

Della colocou o refrigerante na mesa com força demais e a lata amassou um pouco.

— Eu não sei como você aguenta isso. Deve ser um saco.

— É — admitiu Kylie, desenhando círculos nas gotículas condensadas na lata de refrigerante. — Às vezes é meio chato ser eu.

— Falando nisso... — Miranda olhou para Della. — Você quer contar agora sobre o chupão?

Della revirou os olhos.

— Não há nada pra contar. Simplesmente aconteceu.

— Aconteceu o quê? — perguntou Miranda. — Por acaso você...? Você sabe...

— Não! — Della negou. — Eu não fiz... “você sabe”. Nós apenas ficamos juntos. E depois eu comecei a preferir que não tivesse acontecido. E não vai acontecer outra vez.

— Com quem foi que aconteceu? — perguntou Kylie, entrando na conversa e, provavelmente, aborrecendo Della. Mas, se ela estava ficando com Steve, então talvez, apesar do que a vampira tinha dito, aquilo levasse a alguma coisa.

Della franziu a testa.

— Se eu contar, vocês vão jurar pelas suas vidas que não vão dizer nada? Porque, se vocês falarem alguma coisa, eu vou ter que matá-las e depois vou me sentir muito mal. Pelo menos por um tempo.

— Eu juro que não vou contar a ninguém — disse Miranda.

— Eu também. — Kylie se inclinou para a frente, deixando seus próprios problemas de lado para se concentrar nos de Della.

Della reclinou-se em sua cadeira.

— Foi Steve.

— Certo — disse Kylie.

— Eu sabia que você gostava dele! — Miranda esfregou as mãos. — Detalhes, queremos detalhes!

Della colocou as duas mãos sobre a mesa e inclinou-se para a frente, fitando-as com um olhar irritado e mostrando um pouco as suas presas.

— Eu não dou detalhes, lembra?

— Ok, sem detalhes — disse Kylie. — Mas explique por que foi um erro. E por que isso não vai acontecer novamente. Porque, quero dizer, obviamente foi bom.

— Porque... Eu não disse que foi bom!

— Ah, por favor! — disse Miranda. — Você tem um chupão, então vocês devem ter se empolgado para ter chegado tão longe. — Miranda olhou para Kylie, pedindo apoio. — Certo, Kylie?

Kylie apoiou os cotovelos sobre a mesa.

— Como não sou uma especialista em chupões, não sei ao certo, mas parece que sim. — Ela olhou para Della. — Então você não ficou empolgada?

Della soltou um rosnado baixo.

— Ok, eu posso ter me empolgado por alguns segundos.

— É preciso mais do que alguns segundos para conseguir um chupão. — Miranda se remexeu na cadeira, obviamente adorando que Della finalmente estivesse falando.

— Você é tão insistente! — reclamou Della.

— Quanto tempo demora para se conseguir um chupão? — perguntou Kylie.

Miranda pegou o refrigerante *diet*.

— Um minuto, talvez alguns segundos a mais ou a menos, dependendo da força com que o cara suga.

— Não dói? — perguntou Kylie, tentando imaginar alguém chupando a pele por tanto tempo.

— Não — Miranda e Della responderam ao mesmo tempo.

— É uma sensação boa. — Miranda sorriu para Della. — Não é?

— Acho que sim. — Della revirou os olhos como se odiasse admitir que gostava de alguma coisa, mas, em seguida, a vampira sorriu. — Você quer que eu te apresente ao meu aspirador de pó?

— Ah, que aspirador de pó o quê! — disse Miranda. — Kylie deveria ir atrás de Steve. Quero dizer, ela está chateada tanto com Derek quanto com Lucas, e Steve está disponível

porque você não está mais na dele, e ele, obviamente, sabe como dar um chupão.

Della fez uma careta para Miranda.

— Eu não acho.

Miranda remexeu seu bumbum na cadeira novamente.

— Porque você ainda gosta dele. Porque quer que ele te dê outro chupão. Admita. Apenas admita.

— Você é detestável! — disse Della.

— Sim, ela é. — Kylie arqueou uma sobrancelha para Della. — Mas a bruxa tem seus motivos.

— Bem, ela pode guardar seus motivos para si mesma! — Della pegou sua latinha e esmagou-a com a mão. E então os olhos de Della se arregalaram.

— Merda!

— O quê? — perguntou Kylie.

— Ela está de volta... — disse a vampira num tom de voz monótono e assustador.

— O que está de volta? — perguntou Kylie, mas com receio de que soubesse a resposta. Ela se virou e viu a espada sobre o sofá.

*

Kylie não queria chamar Burnett e Holiday de novo, mas Della se recusou a dormir com uma espada possuída dentro da cabana. Miranda, que disse novamente a Della que a espada não estava possuída, não se importava, de qualquer maneira.

Respeitando os sentimentos de Della, e compreendendo-os perfeitamente, Kylie pegou emprestado o telefone de Della e chamou Burnett e Holiday.

Antes de Holiday e Burnett deixarem a cabana com a espada mais uma vez, o vampiro lhes deu uma ordem:

— Isso fica entre nós. Nenhuma de vocês vai dar um pio sobre isto aqui, entendido?

— Por quê? — perguntou Kylie, sem saber por que ele via aquilo como uma espécie de segredo.

— Eu já estou dando explicações demais para a UPF. E isso só faz com que fiquem mais ansiosos para levá-la para testes. É melhor abafar o caso até descobrirmos alguma coisa.

*Se* descobrirmos, Kylie pensou, mas não disse nada.

Quando Burnett e Holiday saíram, Kylie seguiu-os até a varanda. Holiday se inclinou e sussurrou:

— Nós estamos levando a espada, mas, se ela já voltou duas vezes, não tenho certeza de que não vá simplesmente voltar outra vez.

— Eu sei — e era justamente esse o motivo de Kylie não querer chamá-los dessa vez. Ela só esperava que, se a espada voltasse, seguisse direto para o seu quarto e não perturbasse Della. Mesmo sentindo um calafrio percorrer sua espinha ao pensar na possibilidade de dormir no mesmo cômodo que uma espada com uma aura, era melhor do que ver Della surtando e fazer

Burnett e Holiday voltarem.

Kylie só esperava que Miranda estivesse certa e a espada não fosse uma arma projetada para fazer o mal.

# Capítulo Dezoito

— Ok, em primeiro lugar na agenda... — disse Chris, o vampiro líder, na manhã seguinte, ao se preparar para anunciar os parceiros da Hora do Encontro, na qual os campistas eram separados em pares, apenas para promover a harmonia entre as espécies. Chris segurou a sua cartola em frente a ele, como se quisesse acrescentar mais dramaticidade ao momento.

Kylie estava em pé, entre Della e Miranda, e de braço dado com Miranda estava Perry. Mais cedo, Miranda tinha flagrado Nikki, a metamorfa que dava em cima de Perry, acenando para ele, e desde então a bruxinha não saía da cola de Perry.

Kylie também tinha visto o dedo mindinho de Miranda em ação. Se Nikki soubesse o que era bom para ela, desistiria de Perry. Kylie não acreditava que Miranda faria algo realmente terrível, além de causar espinhas, é claro, mas considerando que Socks tinha passado meses no corpo de um gambá, qualquer magia de Miranda podia acabar se tornando acidentalmente uma tragédia.

Kylie olhou ao redor, procurando não uma pessoa, mas uma certa espada. Ela não tinha aparecido na noite passada. O que fora um alívio. Talvez apenas um feliz acaso. Ela realmente não acreditava em acasos, mas queria que fosse.

— Ok — disse Chris —, vamos ver quem vai primeiro — continuou ele — Parafraseando Chris: — Vamos ver quem paga em sangue para passar uma hora com alguém. — Um dia, Kylie considerou a coisa toda estranha, mas agora ela entendia que essa era apenas uma maneira de fornecer sangue, a principal nutrição dos vampiros. Eles precisavam de sangue e esta era apenas uma forma de fazer com que as pessoas doassem meio litro.

Ainda era embaraçoso ser uma pessoa por quem alguém pagou sangue para passar uma hora.

E, caramba!, o olhar de Chris colidiu diretamente com Kylie.

Outra vez, não!

Ah, mas que ótimo! Quem tinha sido dessa vez? Ela olhou ao redor para ver se via Derek ou Lucas. Ambos estavam em lados opostos da multidão, um observando o outro com um olhar de acusação. Certo... então, se não tinha sido nenhum dos dois, quem era?

— Eu teria cuidado, Kylie — disse Chris. — Estou começando a pensar que Fredericka sente alguma coisa por você...

Kylie por acaso estava olhando para Lucas quando Chris fez o anúncio. O choque enrijeceu o semblante do lobisomem, seguido por um olhar feroz de proteção. Os olhos dele percorreram a multidão aparentemente procurando Fredericka. Quando seu olhar a localizou do outro lado do círculo, a cara feia de Lucas se aprofundou.

A menina fez uma careta em resposta e começou a caminhar em direção a Kylie. Caminhava com um senso de propósito.

Kylie ouviu o rosnado de Lucas e observou-o caminhar até ela com o mesmo senso de

propósito.

Que beleza! Agora, ela tinha dois lobisomens furiosos caminhando em sua direção.

— Você quer que eu faça alguma coisa a respeito? — perguntou Della.

— Não — disse Kylie.

— Você quer que eu mostre a bunda outra vez, na frente de todo mundo? — perguntou Perry.

— Não — respondeu Kylie e, apenas para se assegurar, afastou-se vários metros dos amigos para que ninguém se sentisse tentado a começar uma briga ou arriar as calças.

Os dois lobisomens chegaram ao mesmo tempo. Um pela esquerda de Kylie, o outro pela direita.

— Você não tem que fazer isso — Lucas sibilou, obviamente falando com Kylie. — Eu vou pagar pelo sangue dela. Mas você também não tem que ir comigo.

Kylie desviou o olhar de Lucas e fitou Fredericka.

A mágoa brilhava nos olhos da loba.

— Se Kylie não quiser ir, não precisa. E eu ainda vou pagar com o meu sangue. Não preciso que você me pague.

— Tudo bem — Kylie murmurou, sentindo os olhares ávidos de todo o mundo ao redor. Um leve formigamento correu pelas suas pernas e pulsou em seus joelhos. Seu coração deu um salto quando ela reconheceu seu impulso de ficar invisível. Ela se concentrou muito para conseguir refreá-lo. A última coisa que queria era desaparecer diante dos olhos de todos os outros campistas e tornar-se uma aberração ainda maior.

Lucas rosnou para Fredericka:

— Se encostar um dedo nela, você está fora da alcateia. Já cansei de inventar desculpas para você.

As emoções de Kylie oscilavam entre um e outro. Ela sentia pena de Fredericka, por ter que enfrentar a ira de Lucas. Pena dela por ver a lealdade de Lucas por Kylie e não por ela própria — alguém da sua mesma espécie. Ter que enfrentar isso em público era muito duro para a sua alma de lobisomem. Mais difícil ainda porque ela amava Lucas.

Mas a compaixão por Fredericka não era tudo que Kylie sentia. Sentia-se... chocada. Essa era a primeira vez que ele ficava ao lado dela e contra a sua própria espécie.

Ah, ele tinha dito milhares de vezes que faria isso, mas nunca suas ações haviam provado. Não até agora. Essa constatação tinha um sabor agridoce. Ela não queria se sentir amada por ele depois de traída. Não queria se sentir culpada por ele estar sofrendo.

Mas ela se sentia.

A culpa, essa emoção tão amarga, aumentou dentro dela e fez seu peito ficar pesado. Mas por quê? Era culpa de alguém quando não se conseguia perdoar uma pessoa por um erro cometido?

Ele olhou-a de novo, a dor visível em seus olhos azul-escuros, e em seguida começou a se afastar, deixando-a em meio a uma nuvem de dor e a consciência de que, mais uma vez, todos os alunos estavam a par da sua vida particular.

Fredericka observou-o se afastar e depois olhou para ela. Kylie viu um véu obscurecer as

emoções da moça enquanto ela tentava esconder a própria dor. Ela engoliu em seco, como se estivesse tentando desfazer um nó doloroso, então baixou a cabeça e falou.

— Eu disse a ele que tinha feito as pazes com você, mas ele não acreditou em mim.

Kylie anuiu, e sentiu que Fredericka estava tão desconfortável quanto ela por servir de entretenimento para os outros alunos, então, começou a andar. Fredericka seguiu-a.

Quando os outros já não podiam mais ouvi-las, Fredericka disse:

— Aonde você quer ir?

— Tanto faz — disse Kylie.

Kylie ouviu asas batendo acima delas e lembrou que Perry era sua sombra.

— Nós vamos ter companhia — disse Kylie. — A minha sombra. — Ela apontou para cima.

— É, eu percebi — disse Fredericka. — Você acha que ele pode nos ouvir lá de cima?

— Quem sabe? — disse Kylie. — Eu não sei como é a audição de um pássaro pré-histórico.

— Então vamos fingir que ele não pode ouvir — disse Fredericka.

— Tudo bem. — E a pergunta que não queria calar transbordou em seu peito. — Lucas sabe que foi você quem me contou?

— Sim, ele sabe. — Fredericka hesitou. — Ele acha que eu contei a você para que brigassem.

Kylie se lembrou de Fredericka negando isso uma vez antes, mas...

— E ele está certo?

A mágoa brilhou nos olhos dela.

— Você também não acredita em mim? — Ela deu alguns passos sem falar. — Eu não sou burra. Eu sabia que, se o impedisse de noivar com Monique, ele voltaria para você para sempre.

— Mas você também admitiu que o ama e que já tentou nos separar antes.

— E finalmente me dei conta de quanto estava sendo patética. Ele não me ama. Ele ama você. Sempre foi e sempre será assim. Foi um remédio amargo, mas eu engoli.

Kylie inspirou e percebeu que acreditava na garota.

— Ok, então por que você pagou com sangue para me ver de novo?

— Por duas razões — disse a loba.

— E quais são? — perguntou Kylie.

— Ouvi dizer que você é boa em... dar às pessoas conselhos sobre relacionamentos.

Kylie fitou a garota, boquiaberta.

— Você quer conselhos sobre como ter Lucas de volta?

Fredericka fez uma cara engraçada.

— Não! Eu te disse, eu já saí dessa.

Kylie se lembrou do que Miranda tinha lhe contado.

— Por favor, me diga que não é o novo professor, o senhor Cannon.

Fredericka pareceu chocada.

— Como é que você sabe sobre mim e Cary?

*Cary? Então, eles já estão chamando um ao outro pelo primeiro nome?*

— Há boatos de que você está a fim dele.

A loba franziu a testa.

— Eu não achava que fosse... tão óbvio.

— Bem, achou errado. E deixe-me dizer uma coisa, não é uma boa ideia. Ele é seu professor.

— Ele tem 20 anos. É um garoto genial que terminou a faculdade com 19 anos. E eu vou fazer 18 no próximo mês. Não temos nem dois anos de diferença.

Kylie podia ouvir as asas de Perry batendo ao sabor da brisa. Ela desviou os olhos e, pelo bem de Fredericka, esperou que ele não estivesse ouvindo.

— Tudo bem, não é por causa da idade. É porque ele é seu professor.

— Eu não vejo qual é a importância disso.

Kylie soltou um suspiro.

— É importante se ele não quer ser feito em pedacinhos. Burnett já ameaçou mandar Hayden Yates embora por muito menos do que isso quando...

— Você e o senhor Yates tinham um caso? — Os olhos de Fredericka se arregalaram. — Eu pensei que você amasse...

— Não! Burnett *pensou* que estávamos tendo um caso.

— Por que ele achou isso? — Fredericka fez outra cara engraçada.

Kylie percebeu que ela não deveria ter tocado no assunto.

— É uma longa história. A questão é que Burnett ficará muito aborrecido se esse novo professor der em cima de você.

— Por que você não deixa que eu me preocupe com Burnett e Cary e simplesmente me diz como... faço isso dar certo entre nós, do mesmo jeito que já disse para outras pessoas?

Kylie suspirou.

— Por que todo mundo fica dizendo que eu sou uma boa conselheira? Você não vê que os meus próprios relacionamentos são um desastre? Se eu fosse boa nisso, acha que eu estaria nessa confusão em que estou agora?

Fredericka deu de ombros.

— Mas todo mundo que procurou você com problemas diz que você consertou as coisas. Perry e aquela sua amiguinha bruxa. Helen e Jonathon. Burnett e Holiday.

— Como você sabe que eles não teriam consertado as coisas por si mesmos?

Fredericka franziu a testa.

— Todos elogiam você.

Kylie balançou a cabeça.

— Olha, eu não acho que você e o professor seja uma boa ideia.

— Então você não vai me ajudar? — perguntou Fredericka. — Mesmo depois de eu tê-la ajudado com Lucas e o poupado de ter que passar a vida com alguém que ele não amava?

Kylie exalou o ar.

— Ok, aqui vai meu conselho. Vá falar com Holiday, conte a ela sobre seus sentimentos e...

— Ela vai dizer que não! Ela nem gosta de mim.

— Ah, está enganada, ela gosta, sim. Com todos os problemas que você causou, ela teria chutado sua bunda há muito tempo se não gostasse. E se você está preocupada com a

possibilidade de ela não concordar, por que não começa dizendo que você gosta de alguém apenas dois anos mais velho e vê o que ela diz, antes de contar quem é. Leve-a a dizer que não é uma coisa tão ruim assim e, em seguida, solte a bomba sobre ele ser um professor.

— Você realmente acha que ela vai me ouvir?

— Vai ouvir, sim. Se ela vai dizer ou não para você não fazer isso, é outra história. Mas ela é a pessoa mais justa que eu conheço.

— Ok. — Fredericka parecia estar pensando. — Agora, o que dizer a Cary? Como posso fazê-lo...?

— Prestar atenção em você?

— Não, prestar atenção ele já prestou. Eu sei que ele está atraído por mim, só que está colocando obstáculos, provavelmente pela mesma razão que você. Ele é professor e eu sou sua aluna.

— Então por que não diz a ele que você entende que isso é difícil, mas realmente gosta dele, e que pelo menos gostaria que fossem amigos até...

— Eu não quero que sejamos apenas amigos.

— Tudo bem, mas vocês começam sendo amigos e, quando você tiver sinal verde de Holiday, então vocês dois podem... correr pela floresta e deixar as coisas ficarem mais quentes... ou fazer o que vocês quiserem. Você não vai ficar na escola por mais de nove meses. Assim, o pior que pode acontecer é vocês travarem uma amizade e depois levá-la ao próximo nível quando você estiver fora da escola.

Ela começou a balançar a cabeça como se concordasse com Kylie.

— Droga, eu esperei dois anos por Lucas, poderia facilmente esperar nove meses pelo Cary, se fosse preciso. — Ela sorriu. — Viu? Você é *mesmo* boa nisso. Obrigada — disse Fredericka com sinceridade.

— Bom, vamos voltar? Eu acho que Perry está ficando impaciente.

— Não, há outra coisa.

— Que coisa? — perguntou Kylie.

— Você precisa perdoar Lucas.

— Olha, você pediu meu conselho, eu não pedi o seu. — Ela começou a se mover mais rápido até a trilha que levava à sua cabana. Uma corrida rápida e agradável.

Fredericka acompanhou seu ritmo, passo a passo.

— Ele ama você. Você não entendeu por que ele desistiu de ficar noivo? Desistiu de tanta coisa por você! Talvez até da sua própria alcateia.

Kylie deu uma parada abrupta e enfrentou a loba.

— Por que você me contou isso? Por que não o deixou ficar noivo? Que maldição! Ele não deveria ter feito isso! — E logo em seguida, Kylie aceitou que essa era parte da sua angústia com relação a Lucas. Ela não queria admitir isso. Ela nem sequer se permitia realmente olhar isso a fundo. Mas ela estava lá, a verdade, logo abaixo de toda a traição que sentia. Lucas tinha renunciado a tudo por ela. Seus sonhos. Suas buscas. Mesmo que ela o perdoasse, mais cedo ou mais tarde, ele iria odiá-la por isso.

— Por quê? — Fredericka jogou a pergunta de volta para ela. — Porque, sua tonta, se tivesse ido até o fim, ele teria perdido você. E acredite ou não, você é mais importante para ele do que entrar para o Conselho. É você o que mais importa para ele.

Kylie chegou um pouco tarde para a primeira aula, com Perry logo atrás dela. Ela se sentou na cadeira vazia em frente a Della. Colocou seu livro sobre a carteira e abriu-o, fingindo ler.

Ela sentiu os olhos de Lucas sobre ela. E o ignorou. Ou tentou. Seu coração disparou no segundo em que percebeu o olhar de Lucas sobre ela.

Ela tinha muito em que pensar. Mas, caramba!, ainda estava tão confusa!

E com muita raiva dele.

Mas ainda tão apaixonada por ele que mal conseguia respirar.

— Senhorita Galen, é muito bom tê-la de volta com a gente — disse a professora.

*Senhorita Galen*? Kylie ergueu os olhos, mas não falou nada. Só acenou com a cabeça em agradecimento. Ela esperava que a professora se contentasse com isso. Voltou a se concentrar na página do livro de inglês, pois não queria olhar ninguém nos olhos. Nem Derek, que estava sentado a três lugares de distância dela e a estudava com um ar de preocupação, porque podia captar seu estado emocional.

Então, ela sentiu Della inclinar-se atrás dela.

— O que há de errado? — a vampira sussurrou. — Eu preciso morder alguma bunda de loba depois da aula?

— Não.

— Seu rosto está todo manchado. E isso significa que estava chorando. O que está acontecendo?

— Alergia — Kylie murmurou, e desejou não ter vindo à aula. Seria tarde demais? Tarde demais para simplesmente se levantar e sair?

— Você devia saber que não consegue mentir para mim — Della sussurrou.

Kylie apertou o maxilar e sussurrou de volta:

— E você devia saber que é melhor parar de fazer perguntas que me obrigam a mentir!

— Tudo bem — disse Della. — Vamos fazer de conta que essa conversa está fazendo a senhorita Galen ficar muito irritada.

# Capítulo Dezenove

O dia de Kylie não tinha ficado muito melhor. Nem muito pior, tampouco. Ela descobriu que tinha coisas pelas quais ser grata.

Nana costumava dizer que sempre que a gente começa a sentir que o mundo está cobrando seu quinhão, devemos cobrar de volta, contando nossas bênçãos.

E o item número um da lista de bênção de Kylie era estar de volta a Shadow Falls. Mesmo com todos os problemas, ela pertencia a esse lugar. A cada hora, mais ou menos, ela se lembrava de como se sentira quando estava na casa do avô. E embora sentisse falta dele, e até mesmo da tia-avó, não tinha se esquecido do sentimento incômodo de estar lá, a sensação de estar no lugar errado.

O item número dois na lista era a espada não ter decidido aparecer num passe de mágica novamente. Claro, ela poderia estar esperando na cabana agora mesmo, mas Kylie estava grata por não ter que explicar isso a ninguém no momento. E, por último, mas não menos importante, em sua lista estava o fato de Mario parecer ter voltado para a sua toca imunda e limosa.

Pelo menos Kylie não conseguia senti-lo, e Miranda concordava que não parecia haver nenhum estranho por perto. Parte de Kylie queria acreditar que ele não voltaria mais, mas parte dela ainda queria acreditar em Papai Noel também.

Mario voltaria. A pergunta era: ela estaria pronta? Kylie não tinha ideia de como poderia se preparar para enfrentar alguém tão poderoso e cruel.

Esperando o último sinal tocar e as aulas acabarem para que pudesse deixar a aula de História, ela olhou para Cary Cannon. Ele apontava para o trabalho escrito na lousa. A camisa branca engomada estava esticada sobre o peito largo.

Ela precisava dar razão a Fredericka, pois o professor era um colírio para os olhos. Se ele trocasse a gravata e a calça social por uma camiseta e uma calça jeans, ia parecer um estudante, e não um professor. Alto, moreno, com olhos negros, ele tinha uma ótima aparência. E ensinava melhor ainda. Obviamente, tinha uma paixão pela História, porque isso transparecia em suas aulas. Para um lobisomem, ele era surpreendentemente amigável. Provavelmente algo que ele tinha aprendido na escola.

Kylie tinha visto o professor desviar os olhos para Fredericka pelo menos uma dúzia de vezes. O que demonstrava a Kylie que a paixão não era unilateral. Ela esperava que não, pelo bem de Fredericka, pelo menos.

Três minutos depois, a aula acabou e Kylie saiu da classe. Della, sua sombra oficial, caminhava ao seu lado. Kylie não tinha colocado um pé para fora da porta quando alguém a pegou pelo braço. Ela quase gritou, mas o calor do toque lhe deu a certeza de que era Holiday antes mesmo de olhar para trás.

— Ei... — Holiday olhou para Della. — Eu preciso de Kylie por um instante.

— Ok. Você vai levá-la até a cabana mais tarde? Ou preciso encontrá-la em algum lugar?

— Vou levá-la até a cabana.

Della pareceu um pouco preocupada ao se ver obrigada a abrir mão dos seus deveres como sombra.

E ela não era a única.

— O que há de errado? — Kylie perguntou quando Della não podia mais ouvir.

— Não há nada (*soluço*)... errado. Só que — ela apontou para a boca. — Na verdade, eu tenho algumas coisas para discutir com você, mas primeiro o mais importante. — Ela soltou um profundo suspiro, como se para dar uma má notícia. — Eu contei uma mentira a Burnett. E preciso que você me apoie.

— Você quer que eu minta para um vampiro? — perguntou Kylie. — Uau, você não está pedindo muito, não?

— Não, não vou pedir para você mentir. — Holiday colocou todo o seu cabelo para a frente e torceu-o em um nó. — Ele não vai te perguntar nada. Só preciso que você confirme uma coisa.

— Não entendo.

— Ok, vou te contar o que aconteceu. Eu disse a Burnett que precisava dar um pulinho na farmácia e ele me disse que compraria tudo que eu precisasse. Então eu comecei aquela história de que havia dito a você que não era uma prisioneira aqui e que eu achava que você gostaria de sair de vez em quando. Eu disse que você não tinha me dito isso de fato, mas eu tinha a sensação de que você precisava de algo da farmácia, alguns absorventes ou algo assim.

Kylie engasgou.

— Você disse a Burnett que eu precisava de absorventes?

— Não, eu disse a ele que você não tinha dito isso, mas eu tinha a sensação de que podia estar precisando. E, felizmente, não era uma mentira, porque Miranda me disse que, enquanto você estava fora, ela teve que pegar emprestados alguns dos seus.

— Ok... — Kylie disse, ainda sem entender o que estava realmente acontecendo. — Então...

— Então, eu preciso que você venha com Burnett e eu, e quando você for comprar os absorventes, eu preciso que você também... (*soluço*)... compre um teste de gravidez.

— Ah, entendi. Mas e se ele perguntar... Espere. Ele não vai perguntar o que eu comprei porque acha que eu comprei absorventes, e os homens não querem saber dessa conversa de absorventes.

— Viu? Eu sabia que você ia entender — disse Holiday.

— Muito inteligente da sua parte — disse Kylie.

— É preciso ser inteligente para lidar com um vampiro.

Elas começaram a andar.

— Mas espere aí. — Kylie parou. — Que tipo de teste eu compro?

— Eu não sei, nunca comprei um... (*soluço*)... mas compre dois deles. De tipos diferentes. Algo que pareça dar o resultado mais exato. Eu vou levar Burnett comigo para me ajudar a escolher algo para os soluços.

Kylie tentou pensar.

— Como vou saber que teste de gravidez dá o resultado mais exato?

— Basta comprar dois, mas não dos mais baratos. — Holiday suspirou enquanto percorriam o caminho de volta para o escritório.

— Aqui. — Holiday entregou a Kylie algumas notas e a garota enfiou-as no bolso junto com sua pequena carteira. — Agora que já cuidamos disso, deixe-me lhe dizer outra coisa.

Ah, sim, as outras coisas.

— O que é? — perguntou Kylie, de repente apreensiva.

— Seu padrasto ligou. Você precisa retornar a ligação.

— Tudo bem — disse Kylie. — Posso usar seu telefone?

— Claro. — Holiday colocou a mão no bolso e entregou a Kylie seu celular. — E mais uma coisa...

— Tem mais? — perguntou Kylie.

— Sim. Amanhã você vai receber visitas. Se quiser.

— Visitas? Quem? — Kylie enfiou o telefone no bolso.

— Os Brightens. Os pais adotivos de seu verdadeiro pai. Eles já voltaram da Irlanda e pegaram todas as mensagens. Estão ansiosos para conhecê-la.

Calafrios percorreram os braços de Kylie.

— Eu já tinha quase desistido de encontrá-los.

— Bem, eles vão estar aqui amanhã, às duas horas, se você concordar.

Kylie engoliu em seco.

— Sim, claro que eu quero conhecê-los. — E de repente, Kylie começou a sentir falta do pai novamente. Mais do que isso, ela podia jurar que tinha sentido um toque frio. Um toque que lembrava o dele.

E, nossa!, ela bem que precisava de uma visita dele agora.

Quando elas chegaram ao escritório, Hayden e Burnett estavam ali, de pé, ao lado da máquina de café — sem conversar. O silêncio constrangedor era um sinal de que eles tinham suspendido a conversa quando ouviram as duas chegando. Ou seja, eles estavam guardando segredos.

Isso decepcionou Kylie, porque, afinal de contas, os segredos deviam ser sobre ela, não é? Ela quase chamou a atenção deles por isso, mas percebeu que uma discussão podia atrasar a ida até a cidade. E Holiday precisava dela. Então Kylie deixou de lado a frustração, prometendo a si mesma que retornaria aquela história depois, ressuscitaria tudo e trataria do assunto com força total.

Holiday desviou o olhar para Kylie como se tivesse percebido o tumulto emocional acontecendo dentro dela. Depois de alguns cumprimentos desconfortáveis, Holiday olhou para Burnett.

— Você está pronto?

Na ida para a cidade, Holiday dirigiu e soluçou durante todo o caminho.

Burnett mostrou-se inquieto por causa dos soluços e manteve os dois olhos abertos, como se

estivesse preocupado com a possibilidade de Mario aparecer.

— Precisamos ligar para o médico — disse Burnett a Holiday, quando ela soltou outro soluço.

— Eu vou tomar um pouco de antiácido ou algo assim — disse Holiday.

Quando eles entraram na farmácia, Kylie dirigiu-se ao corredor de artigos femininos. Burnett foi atrás dela, mas quando a viu parar na prateleira de absorventes, ele se virou.

Kylie viu Holiday puxá-lo com ela para outro corredor.

Soltando um profundo suspiro, Kylie passou os olhos pelos testes de gravidez. Apressadamente, examinou as diferentes embalagens, mas se sentiu perdida. Havia inúmeros tipos, cada um fazendo uma promessa diferente. Percebendo que não teria tempo para ler todas as embalagens, pegou dois e, em seguida, só para ter certeza de que não erraria, pegou mais um. Certificando-se de que ninguém estava olhando, ela disparou para o caixa da farmácia para pagar pelos testes. Foi só quando ela viu um homem mais velho atrás do balcão que Kylie percebeu quanto aquilo ia ser difícil.

O homem, um senhor com ar de pregador evangélico, ia pensar que os testes eram para ela. Ah, mas que ótimo! Ela engoliu em seco, morta de constrangimento. Então, pensando em Holiday, colocou as três caixas sobre o balcão.

O vendedor olhou para a compra, em seguida, ergueu os olhos. Kylie podia ver o julgamento em seus velhos olhos cinzentos, como uma carranca marcando seu rosto. Que maravilha! Ela estava sendo julgada por estar grávida, embora ainda fosse virgem.

— Você sabe como usá-los? — ele perguntou com um tom de voz muito condescendente.

Kylie sentiu seu rosto corar.

— Eu... vou ler as instruções.

— Você gostaria que a minha assistente, Ângela, falasse com você sobre... alguma coisa?

Como sexo seguro? Kylie apostava que era nisso que ele estava pensando.

— Não — ela deixou escapar. Mas, como o homem não parava de olhá-la, ela acrescentou: — Obrigada.

Ele passou os itens lentamente. O coração de Kylie batia no ritmo do embaraço. Ela abriu a boca para dizer que eram para uma amiga, mas qual era a chance de ele acreditar?

— São quarenta e dois dólares e noventa e seis centavos.

Kylie pegou as notas que Holiday lhe dera.

— Merda — Kylie murmurou, quando viu que não tinha o suficiente.

— Como disse? — o velhinho perguntou, agora não só ofendido por ela estar grávida, mas por causa da sua linguagem.

E ele tinha razão de estar ofendido — pela linguagem dela. Ela sabia que não devia falar palavrões em público. Mas, convenhamos, a opinião do homem sobre ela já era péssima, um palavrãozinho não ia deixá-la muito pior. Mas, ainda assim, ela se desculpou.

— Você vai levar ou não?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim, é que... Eu não acho que precise dos três. Vou levar apenas dois.

Franzindo a testa, ele olhou para as caixas.

— Qual deles quer devolver?

Ela respirou fundo, percebendo que uma hora ela tinha que parar de fazer aquilo.

Então, lembrando-se do cartão de crédito da mãe, para usar apenas em caso de emergências, ela tirou o telefone de Holiday do bolso e, em seguida, a pequena carteira.

— Não se preocupe, vou levar todos.

Colocando o cartão no balcão, ela mordeu o lábio. Não tinha certeza se esse era o tipo de emergência a que a mãe se referia, mas se afastar do olhar reprovador daquele homem lhe pareceu mais importante.

Ele analisou o cartão com cuidado.

Maldição! Agora ele estava suspeitando do cartão de crédito.

— É meu! — disse Kylie. — Eu juro.

Ele não parecia convencido.

— Pode me mostrar um documento?

Ela ouviu Burnett e Holiday em algum lugar, nos corredores atrás dela. Mordendo o lábio, ela abriu a carteira e deu ao homem sua carteira de motorista. Ela nunca tinha visto alguém levar tanto tempo para examinar um documento.

O medo de colocar a amiga em maus lençóis fez com que seu estômago se contraísse.

— Estou com um pouco de pressa — disse Kylie.

Finalmente, ele largou a carteira de motorista e terminou a transação. Ela ouviu alguém se mexer atrás dela e seu coração se contraiu. Olhou para baixo para ver os sapatos, rezando para que não fossem os tênis de Burnett.

Não era Burnett. Um par de sapatos, do tipo que os executivos usavam, adornavam os pés do homem que estava atrás dela. Graças a Deus!

O caixa empurrou um recibo para ela.

— Você gostaria de levar alguns panfletos informativos? — ele perguntou.

— Tudo bem. — Kylie assinou o recibo e, em seguida, observou-o colocar alguns panfletos sobre sexo em sua sacola, junto com os testes de gravidez.

Mal sabia ele que os panfletos já eram ultrapassados. Ela tinha lido aqueles havia mais de um ano.

Quando, finalmente, ele entregou a sacola a Kylie, ela se virou para sair, mas estacou quando viu o rosto do homem em pé atrás dela.

— Ah, merda! — exclamou Kylie novamente.

# Capítulo Vinte

Santo Deus! De todas as pessoas no mundo que podiam testemunhar a compra dos três testes de gravidez, essa era definitivamente a pior!

— São para uma amiga — Kylie deixou escapar.

— O quê? — o avô perguntou, com a testa enrugada de preocupação ao olhar para a sacolinha branca da neta. Ok, então ele obviamente não tinha visto suas compras. Mas, agora, ele provavelmente pensava que ela comprara preservativos ou algo assim. E pelo tamanho do volume na sacola, devia achar que pretendia fazer um estoque.

De repente, Kylie percebeu uma preocupação maior do que o avô pensar que ela estava comprando camisinhas. Se Burnett o visse, seria o inferno.

— O que o senhor está fazendo aqui? — O olhar nervoso de Kylie vasculhou os arredores, enquanto ela rezava para não ver Holiday e Burnett. Ela não viu.

— Eu queria dar isso a você — ele puxou o celular de Kylie do bolso da camisa. — E ter certeza de que você acreditou que eu não estava por trás daquele plano para impedi-la de ir embora. Dei minha palavra a Burnett. E não faço isso levianamente. Vou embora agora.

Sem poder se conter, Kylie se aproximou para dar um abraço no avô e se agarrou a ele por uma fração de segundo a mais do que deveria.

Então, quando se afastou, viu Burnett correndo pelo corredor na direção dela.

Felizmente, o avô se desvaneceu no ar.

— Que diabos foi isso? — o caixa disse atrás dela.

— É por isso que você queria vir aqui! — Burnett gritou.

— Algum problema? — perguntou o caixa, e depois acrescentou: — Você viu...

— Está tudo bem — disse Kylie, acenando para o caixa.

— Eu não diria que está tudo bem — disse Burnett. — Estou cansado dessas mentiras!

— Devo chamar a polícia? — perguntou o caixa.

— Não! — disseram Burnett e Kylie ao mesmo tempo.

Burnett levou-a pelo braço e começou a conduzi-la para fora da farmácia.

— Você está bem, moça? — o caixa perguntou, de detrás do balcão.

— Estou bem. — Kylie olhou para trás. — Ele é meu amigo. — Embora ele não estivesse agindo de acordo.

— O que aconteceu? — Holiday veio correndo.

— Vamos sair daqui antes. — Fervendo, o vampiro olhou para Kylie com os olhos brilhantes de raiva.

Burnett as levou até o carro de Holiday estacionado bem em frente à loja.

— O que aconteceu? — Holiday olhou para Kylie porque, obviamente, ela sabia que Burnett

estava sendo irracional.

Ela acionou a chave para destrancar o carro uma fração de segundo antes de Burnett abrir a porta de trás. O vampiro furioso fez um gesto para Kylie entrar.

Kylie hesitou, sem saber o que dizer. Ela sabia que Burnett estava furioso porque o avô tinha aparecido, mas isso não era culpa dela.

Ela afastou o ombro.

— Se você me deixar explicar...

— Entre no carro! — ele ordenou.

Agora com raiva dele por ser tão pouco razoável, ela se atirou no banco de trás. Burnett estendeu o braço e pegou a sacola das mãos dela. Em seguida, bateu a porta do carro.

*Ah, mas que inferno! Aquilo não estava indo bem*.

Kylie olhou pela janela. Burnett contornou o carro e acenou para Holiday entrar pelo lado do passageiro.

Tão logo Holiday entrou, ela se virou para olhar para Kylie com uma interrogação no olhar.

— Meu avô estava lá — disse Kylie.

— Ela mentiu pra você! — Burnett disse com severidade. — Ela não precisa de nenhuma droga de absorvente! Foi só um truque para ver o avô! — Ele balançou a sacola para ela.

— Não foi um truque! — Kylie inclinou-se e segurou a parte de trás do assento do passageiro.

— Ela não mentiu! — Holiday se inclinou para apertar com a mão o braço de Burnett. Sem dúvida para acalmar o vampiro.

Tudo em que Kylie conseguia pensar era que precisava de um toque também. Porque bem agora toda a raiva que estava sentindo do vampiro por guardar segredos dela voltou, acrescida da raiva por ser acusada injustamente.

— Eu não sabia que ele ia estar aqui — justificou-se Kylie, a voz uma oitava acima.

— Ela não poderia saber que ele estaria aqui — defendeu-a Holiday.

A ferocidade na expressão de Burnett diminuiu, mas não o suficiente para Kylie ficar feliz.

Ele olhou para Holiday.

— Ela pediu para vir aqui e você espera que eu acredite que é mera coincidência ele aparecer?

— Eu não disse a ele que estava vindo para cá. — Kylie se reclinou de volta no banco e cruzou as mãos sobre o peito, enquanto todo o incidente a fazia se lembrar de quando era criança e brigava com os pais dentro do carro.

— Espere — disse Holiday. — Você disse a Hayden onde estávamos indo?

A ruga entre os olhos de Burnett se aprofundou.

— Você acha que ele disse...

— Você nem precisava ficar tão furioso! — Kylie estourou. — Tudo o que o meu avô queria fazer era me dar o meu celular e me dizer que não estava por trás do plano de me raptar. E você descarrega toda essa sua ira de vampiro em cima de mim!

— Eu fiquei irritado porque você já mentiu para mim várias vezes!

Burnett balançou a sacola para dar ênfase. Sacudiu com força.

Kylie prendeu a respiração, temendo o pior. Então, o pior aconteceu.

Quase em câmera lenta. O saco rasgou e os três testes de gravidez, junto com o panfleto sobre sexo seguro e gonorreia caíram no banco, entre Holiday e Burnett.

Burnett olhou para baixo, arquejou, e então olhou para Kylie.

— Pelo amor de Deus! — ele murmurou.

— Espere! — Holiday falou, e então arrotou. Muito alto.

Burnett ignorou Holiday e olhou para Kylie.

— Se você tem idade suficiente para fazer sexo, tem idade suficiente para saber usar proteção!

Kylie abriu a boca para falar, mas não tinha ideia do que dizer. Então ela só desatou a falar.

— Eu sei tudo sobre preservativos!

Ele fez uma cara mais feia ainda.

— Então por que diabos você está nessa situação?!

— Espere, Burnett — disse Holiday. — Você não está entendendo. Kylie não está nessa situação.

Burnett estava muito concentrado em fazer da vida de Kylie um inferno para ouvir a confissão de Holiday.

— Na verdade, os preservativos são apenas 80% eficazes na prevenção da gravidez — Kylie disse, ainda fervendo.

— Se você usá-los direito, eles funcionam! Falei com Lucas sobre isso há algumas semanas. Eu bem que disse a ele que devia ser cuidadoso.

— Burnett! — Holiday repreendeu.

Ah, mas Kylie só queria que a amiga calasse a boca e deixasse o vampiro falar mais um pouco. E ela decidiu deixar o vampiro em maus lençóis.

— Eu não os comprei para mim — disse Kylie. — Comprei para uma amiga.

— Você não está... grávida?

— A não ser que esses panfletos não falem a verdade e você possa engravidar sentada num vaso sanitário. Eu já disse, eles são para uma amiga.

Os olhos de Burnett se arregalaram.

— Miranda? Merda! Eu tive a mesma maldita conversa com Perry.

— Às vezes, isso simplesmente acontece — disse Kylie, muito mais calma agora que já tivera uma prévia da reprimenda do vampiro.

— Simplesmente acontece? — cuspiu Burnett. — Você está gozando com a minha cara? Se você faz sexo, tem que usar proteção. É simples assim. Essa merda não acontece simplesmente! É puro descuido! É irresponsabilidade! É imperdoável!

— Burnett! — Holiday revirou os olhos para Kylie e franziu a testa. A *fae* sabia exatamente o que a garota tinha em mente agora.

Mas Kylie ainda não tinha acabado.

— Talvez devêssemos baixar uma regra em Shadow Falls. Qualquer macho que engravidasse

uma garota deveria ser castrado.

— Chega! — mandou Holiday.

— Na verdade, não seria má ideia... — ele rosnou.

— Burnett! — Holiday disse em uma voz severa. — Cale a boca antes que se coloque numa situação mais constrangedora ainda. — Quando o vampiro olhou para Holiday, ela continuou: — Kylie não comprou os testes de gravidez para Miranda. Ela os comprou para mim.

Kylie se reclinou contra o banco novamente, apreciando um pouco mais do que deveria o ar de descrença no rosto do vampiro.

— Quer que eu indique um bom médico para... *plic*... *plic*... — ela perguntou com ironia, imitando uma tesoura com os dedos — ... agendar a sua cirurgia?

# Capítulo Vinte e Um

O problema da “doce vingança” foi que, em retrospecto, ela nem chegou a ser tão doce.

Burnett ficou... atordoado. Ele se virou e ligou o carro. Voltou para Shadow Falls sem dizer uma palavra. Holiday ficou ali sentada ao lado dele, soluçando e com cara de quem ia chorar. Obviamente, a reação de Burnett não foi exatamente a que Holiday esperava.

Ou talvez, Kylie percebeu, tivesse sido exatamente o que a *fae* mais temia. Ela se lembrou de Holiday lhe dizendo que Burnett não tinha certeza se queria ser pai. Kylie subitamente quis pedir desculpas por anunciar o fato daquele jeito tão... desastroso, mas o momento não parecia adequado.

Depois de estacionar o carro, Burnett viu Perry enquanto atravessavam o portão e o chamou, pedindo que acompanhasse Kylie até a cabana.

— O que aconteceu? — perguntou Perry, observando Kylie e, em seguida, olhando para trás, enquanto o vampiro ia embora. — Eu nunca vi Burnett assim... tão atordoado. É como se as luzes estivessem acesas, mas não tivesse ninguém em casa...

— Não é nada — respondeu Kylie, com vontade de chorar e bater em si mesma por ter sido tão insensível.

Assim que Kylie voltou para a cabana, foi direto para o quarto. Mas Della atravessou a sala e bloqueou a porta.

— O que foi? — perguntou Della. — Primeiro você chega chorando na classe, então Holiday começa a agir de modo estranho e agora você chega parecendo um cachorrinho que levou um chute do dono. E não me diga que não é da minha conta; eu sou sua amiga, o que me dá todo o direito do mundo para me meter na sua vida.

Kylie deu um abraço em Della.

— Eu te amo.

— Ok... Eu... Eu não estava tentando ser sentimental — disse Della, afastando a amiga.

— Eu sei, mas você foi. Infelizmente, eu não posso... falar sobre isso agora. Preciso fazer alguns telefonemas.

Ela fez um sinal para Della se afastar da porta. A vampira obedeceu a contragosto.

O primeiro telefonema de Kylie foi para avisar Hayden de que Burnett talvez estivesse a caminho e chegaria em pé de guerra.

— Por quê? Que diabos eu fiz dessa vez? — perguntou Hayden.

— Meu avô apareceu na farmácia. Suponho que você tenha contado onde eu estava.

— Ah, droga! Eu mencionei que você estaria, mas... Nunca pensei que ele fosse lá. Acho que vou começar a fazer as malas — ele murmurou.

— Não — pediu Kylie. — Por favor. Apenas explique que você não sabia que ele iria. Só

para... acalmar Burnett. Diga qualquer coisa. Mas... não vá embora. Eu preciso de você aqui. E... não seja duro demais com ele. Ele... ele está passando por um dia difícil.

— O que aconteceu? — perguntou Hayden.

— Ele teve que me aturar — justificou Kylie.

— Ah, isso deve ter sido bem difícil — Hayden provocou, mas Kylie não estava com humor para piadinhas.

Ao desligar o telefone, ligou para o padrasto. Ela conversou com ele uns bons cinco minutos, assegurando que estava bem e que tinha perdido o celular, mas agora o reencontrara e lamentava não ter atendido as ligações dele.

Kylie poderia dizer pelo seu tom de voz que ele tinha ficado chateado ao saber que a mãe dela estava em Londres. Ou talvez não fosse só a voz dele lhe dizendo isso, mas suas palavras.

— Caramba! Ela devia ter me contado que ia sair do país!

— Com certeza ela apenas se esqueceu — mentiu Kylie, sem saber mais o que dizer.

Ao desligar, Kylie de repente sentiu seu bolso esquerdo vibrar. Ah, droga! Tinha se esquecido completamente de que ainda estava com o telefone de Holiday.

Ao pegar o telefone, viu que era Burnett enviando uma mensagem a Holiday. Sua intuição lhe dizia que Holiday precisava lê-la. Ela correu para fora do quarto e gritou para Della.

— Vamos sair!

Sabendo que Della iria alcançá-la, Kylie abriu a porta da frente. Em questão de segundos, a amiga estava ao seu lado.

— Para onde estamos indo?

— Para o escritório. Preciso falar com Holiday.

— E você ainda não vai me dizer o que está acontecendo...

— Sinto muito. — Kylie apressou o passo.

Ela pediu para Della esperar do lado de fora. A vampira revirou os olhos, mas não disse nada. Quando Kylie entrou no escritório, a porta de Holiday estava fechada. Ela bateu.

— Quem é? — perguntou Holiday, e Kylie sentiu que a *fae* estava esperando que fosse Burnett.

— Sou eu. — Kylie abriu a porta.

Holiday estava de pé atrás de sua mesa. Ela suspirou. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. A *fae* não ficava muito mais bonita do que Kylie ao chorar.

— Eu sinto muito. — A culpa causou um nó na garganta de Kylie.

— Não é culpa sua.

— É, sim. Ele não devia ter ouvido a notícia daquele jeito. Eu estava tão...

— Furiosa — Holiday terminou a frase por ela. — E você tinha o direito de estar. Ele foi precipitado. Tem de fato o hábito de fazer isso. — A voz dela tremeu.

Kylie viu as caixas dos testes de gravidez no lixo.

— Você fez os testes?

Ela assentiu.

— E então?

Ela confirmou com a cabeça.

— Todos os três deram positivo. Qual é a chance de estarem errados?

— Burnett sabe? — perguntou Kylie.

Holiday balançou a cabeça.

— Ele nem entrou no escritório. Não disse uma palavra. Entrou no carro e saiu.

— Espere. Ele disse alguma coisa. — Kylie puxou do bolso o telefone de Holiday. — Você recebeu uma mensagem dele. Foi por isso que vim aqui. Achei que poderia ser importante.

Holiday pegou o telefone e apertou alguns botões quase em pânico.

Lágrimas encheram seus olhos e ela colocou uma mão sobre os lábios trêmulos.

— É uma reação boa ou ruim? — perguntou Kylie.

Holiday ergueu os olhos cheios de lágrimas, mas com um sorriso.

— Ele escreveu: "Estou na floricultura, tentando descobrir qual flor quer dizer: sou um idiota, por favor me perdoe". — Ela suspirou. — Ele é um idiota! — Ela soluçou.

— Mas sou o *seu* idiota! — Burnett disse da porta.

Kylie olhou para trás e viu Burnett entrar carregando o maior e mais estranho buquê de flores que ela já vira. Holiday desabou na cadeira. Algumas lágrimas escorriam pelo rosto dela.

Ele passou por Kylie e colocou as flores na mesa de Holiday, praticamente ocupando toda a superfície da mesa.

— Você não disse que tipo de flor eu devia comprar, então trouxe um pouco de tudo.

Os olhos de Burnett se desviaram para o cesto de lixo, onde ele obviamente viu as embalagens dos testes de gravidez. Ele olhou para Holiday.

— Estamos esperando um bebê?

Ela assentiu com a cabeça e enxugou o rosto.

— Me perdoe — disse ele com pura emoção na voz. — Eu só estou com medo. Não tive pai e a maioria dos meus pais adotivos não era o que você chamaria de bom exemplo. Mas então percebi que você vai ser uma mãe tão maravilhosa, que não tem importância se eu não for um pai tão bom assim.

— Você vai ser um ótimo pai — Holiday soluçou.

— Mas se eu não for, você vai me colocar nos eixos, não vai?

Ela concordou com a cabeça.

— Pode apostar que vou.

Kylie sorriu e começou a recuar. Ela estava quase na porta quando Burnett se virou.

— Eu lhe devo um pedido de desculpas, também.

Kylie assentiu.

— E eu te devo um.

Burnett sorriu.

— Aceito.

— Mas sem mais segredos — disse Kylie. — Mesmo entre você e Hayden. Se eles me envolvem, eu quero saber.

Ele suspirou.

— Combinado. Agora que praticamente tudo ficou esclarecido, você pode sair para que eu possa beijar a mãe do meu filho e não me preocupar em ofender seus olhos de donzela?

— Capriche no beijo. — Kylie sorriu e começou a sair.

— Kylie? — chamou Holiday.

Kylie se voltou.

— Os Brightens ligaram enquanto estávamos fora. Eles ainda estão pretendendo vir amanhã. Eu só queria lembrá-la.

Kylie acenou com a cabeça e saiu, tentando descobrir o que iria dizer aos Brightens.

Ela mal tinha colocado um pé para fora da varanda quando Della correu até ela e gritou.

— Holiday está grávida?

Kylie cobriu a boca da vampira com a palma da mão e franziu a testa.

— Você não deveria estar escutando a conversa.

— Eu não tive intenção. — Della bufou atrás dos dedos de Kylie. — A voz de Burnett apenas foi carregada pelo vento.

— Certo. — Kylie desviou os olhos para Della, em descrença.

Della gritou novamente.

— Isso é muito legal!

Kylie, afastando a preocupação com os Brightens, de repente sentiu vontade de gritar também.

— O que é legal? — perguntou Miranda, subindo pela trilha.

Della olhou para Kylie.

— Nós temos que dizer a Miranda. Só para ela.

— É isso aí, vocês têm que me dizer — Miranda gritou. — Não sei o que é, mas quero saber.

Kylie arquejou.

— Ok, mas você não pode contar a ninguém.

— Não vou contar a ninguém — disse Miranda. — O que é? — Ela esfregou as mãos, animada para saber o segredo.

Della afastou-as do escritório, e as três ficaram sob algumas árvores ao lado da trilha.

— Adivinhe quem está grávida? — Della cochichou.

Miranda olhou feito boba para Kylie.

— Mas você disse que nunca tinha transado!

— Eu, não! — defendeu-se Kylie. — Holiday.

O queixo de Miranda caiu.

— Oh, meu Deus! Nós vamos ter um bebê Burnett correndo por aí? Isso é legal mesmo! — concordou, com um sorriu de orelha a orelha.

— Eu sei. — Kylie de repente não conseguia parar de sorrir.

Ou não podia até que alguém deixou cair da árvore em cima dela uma cabeça decepada, bem sobre o seu pé. Kylie gritou e chutou a cabeça, que rolou uns bons dois metros de distância. Ela gritou novamente quando viu os olhos da cabeça balançando e olhando para ela.

Na manhã seguinte, Kylie se levantou e foi se sentar em frente ao computador para checar seus e-mails antes de tomar o café da manhã com Della e Miranda. Ela se sentou ali e ficou olhando para a tela preta do computador quase em transe. Não tinha tido nenhum sonho, nem visto nenhuma cabeça decepada caindo de árvores nem recebido visitas de espadas. Ela nem tinha dormido ainda. O que a mantinha de pé eram todos os seus outros problemas. A maioria deles questões do coração.

Ela ficou acordada um tempo pensando no encontro que teria naquele dia com os pais adotivos de Daniel, perguntando-se o que deveria dizer, ou não dizer. Ela tinha se afeiçoado ao seu verdadeiro avô, mas ele não fora o homem que criara seu pai. Não tinha lhe ensinado a andar de bicicleta ou a jogar beisebol. Ele na verdade não conhecera o próprio filho, mas essas pessoas, sim. O que elas diriam sobre seu pai? Será que o haviam amado, sentido falta dele desde que fora levado tão precocemente desta vida?

Isso fez com que começasse a sentir a falta do pai. Então, pegou as fotos dele e passou uma boa hora só olhando para elas, falando com ele. Sim, ela falava com o pai como se ele estivesse ali, ouvindo cada palavra que dizia. Ela lhe contou sobre suas missões. Como queria encontrar uma maneira de ajudar todos os outros camaleões adolescentes. Agora só faltava descobrir como fazer isso. Ela lhe contou sobre Mario, como ela se sentia no fundo, agora que tinha que enfrentá-lo. Pessoalmente.

Confessou ao pai quanto isso realmente a assustava. Tinha medo por causa da maldade que emanava do homem, e porque ela não achava que tivesse o poder necessário para enfrentá-lo e vencer.

Algumas vezes durante a conversa, ela podia jurar que sentia o pai perto dela, uma espécie de leve calafrio que ela conhecia bem — e que a aquecia por dentro. Um calafrio que lhe sussurrava que ela não estaria sozinha, nem ao enfrentar Mario, nem durante a visita dos avós. Então ela tornou a ouvir as palavras que ele lhe dissera não muito tempo atrás. *Mas logo. Em breve, vamos descobrir isso juntos.*

Seria seu destino enfrentar Mario e ser derrotada? Será que ela iria se juntar ao pai do outro lado?

Colocou as fotos de volta no envelope, o coração batendo um pouco mais rápido, e mais uma vez se lembrou de Holiday falando que ela não achava que era isso que o pai queria dizer. Meu Deus, Kylie esperava que não! Não estava pronta para deixar este mundo.

Quando parou de se preocupar com a mensagem de Daniel — preferindo acreditar em Holiday, ou pelo menos tentar acreditar — e com o encontro com os avós, ela começou a ficar obcecada com o que Fredericka lhe dissera. Era por causa de Kylie que Lucas provavelmente não iria entrar no Conselho dos lobisomens. Ela sabia que não era culpa dela — ele tinha se metido naquela confusão —, mas a culpa ainda espicaçava a sua consciência. Era difícil sentir tanta raiva e culpa ao mesmo tempo pela mesma pessoa. Como iria lidar com aquilo? Ela não sabia.

Kylie também tinha que se entender com Derek. Cortar o mal pela raiz antes que as coisas ficassem fora de controle, se é que já não estavam. Lembrou-se do almoço do dia anterior,

motivo pelo qual Kylie tinha ficado na cabana e pedido para Miranda lhe trazer algumas fatias de pizza para o jantar. Ah, seu velho truque para evitar as pessoas ainda estava em boas condições de funcionamento! Ela devia ficar orgulhosa... “Vai sonhando”, disse a si mesma...

Mas, honestamente, ela sabia que não deveria nem poderia continuar evitando Derek.

O garoto merecia saber a verdade. Agora, se ela pudesse descobrir qual era exatamente essa verdade, ela lhe diria. Espere aí! Ela sabia qual era, não sabia? Ou, pelo menos sabia parte dela. Ela não tinha admitido que amava Lucas? Ainda o amava, apesar do que ele tinha feito. Então por que tinha deixado que Derek a beijasse no sonho lúcido?

Seria porque no fundo ela ainda sentia alguma coisa por Derek? Ou será que só temia perder Lucas e não queria ficar sem ninguém? Ou talvez fosse porque estava com raiva de Lucas e de alguma forma se sentira vingada ao beijar Derek... Ou seria porque ela era simplesmente uma grande idiota?

Perguntas.

Nenhuma resposta.

— Nós vamos tomar café? — perguntou Della.

— Vamos — murmurou Kylie, olhando para a tela preta do computador. — Estou só verificando meus e-mails.

Della soltou uma risada sarcástica.

— Acho que seria bom ligar o computador primeiro. Ou será que seus poderes agora permitem que você leia seus e-mails com o computador desligado?

Kylie ligou o computador e olhou por cima do ombro para franzir a testa para Della.

— Você não se lembra da regra? Não pode bancar a sabichona antes do café da manhã. Eu preciso de energia para lidar com isso.

Miranda entrou na sala.

— Eu, pessoalmente, acho que ela devia esperar até depois do almoço. Isso nos dá duas refeições para lidar com suas piadinhas sem graça.

— Vocês duas se acham tão engraçadas... — contra-atacou Della.

— Somos engraçadas — respondeu Miranda.

— Uma verdadeira dupla de comediantes. — Kylie abriu sua caixa de e-mails para fazer uma verificação rápida. Um era de seu padrasto.

Iria responder mais tarde.

Um de... Sara.

Droga, ela não pensava na sua antiga melhor amiga havia quase duas semanas! Engraçado como uma pessoa podia ser tão importante na nossa vida e depois... passarmos um longo período de tempo sem sequer pensar nela.

Não era culpa de ninguém. A vida leva as pessoas em direções diferentes.

Kylie tinha lido em alguma revista adolescente que normalmente acontecia isso depois da formatura no colegial. Ela achava que tinha seguido um caminho diferente na vida um pouco mais cedo do que o resto dos adolescentes. Mesmo assim era triste.

Um buraco pareceu se abrir em seu peito. Um lugar que antes costumava ser ocupado por

Sara.

Ela clicou no e-mail de Sara, rezando para que não fossem más notícias, como, por exemplo: o câncer ter voltado ou ela achar que estava grávida novamente, ou ter decidido ir para um convento e tornar-se freira. Com Sara, tudo era possível.

Olá... Cortei o cabelo. Achei que você talvez quisesse ver. Não ria. Estou me sentindo corajosa agora que sobrevivi a um câncer. Aposto que a sua amiga Miranda vai aprovar. Me ligue quando tiver uma chance.

Sabendo que Della e Miranda estavam esperando, Kylie abriu a foto apenas para dar uma espiada. Quando a imagem de Sara, com o cabelo cor-de-rosa, curto e espetado, encheu a tela, um sorriso deslizou pelos lábios de Kylie.

Ela ouviu pés se arrastando atrás dela.

— Estou indo! — gritou, pensando que a qualquer minuto Della iria reclamar. Kylie pegou o telefone e a carteira, mas logo que se levantou, outro e-mail chegou. Era da mãe, que deveria ter retornado da Inglaterra pela manhã. Obviamente, ela já estava em casa.

— Sério? Eu não vejo você se movendo... — disse Della, com sarcasmo.

Ok, o e-mail da mãe teria que esperar, também.

Ao encontrá-las na porta, Kylie olhou para suas duas melhores amigas e sentiu uma onda de tristeza. Não pelo presente, mas pelo que poderia acontecer no futuro.

— Prometem uma coisa? — disse Kylie.

— O quê? — elas perguntaram ao mesmo tempo.

— Quando a gente se formar, não vamos perder contato. Precisamos ir as três para a mesma faculdade. Estou falando sério. Holiday estava falando sobre pegarmos o formulário de algumas faculdades, e precisamos preencher os das mesmas faculdades. E poderíamos alugar um apartamento juntas.

— Poderíamos nos tornar lésbicas e formar um triângulo amoroso — disse Della, rindo.

— Lamento muito — disse Miranda, rindo também. — Eu já vi você pelada e não senti nenhuma atração.

— Por causa dos meus peitinhos minúsculos, não é? — Della perguntou, sorrindo.

Riram ao longo de todo o caminho para o refeitório.

*

Derek e Lucas não apareceram para o café da manhã, o que Kylie achou ótimo. O fato de haver menos tensão no ar devia abrir o apetite, porque ela comeu seus ovos mexidos com bacon em tempo recorde. Seu celular tocou justamente quando ela estava prestes a empurrar a bandeja. Quando viu o número do padrasto, decidiu retornar a ligação um pouco mais tarde. Ela não

achava que ele conseguiria amenizar tão cedo a dor que sentia em relação à mãe dela. Então o telefone apitou, alertando para a chegada de uma mensagem. Não poderia ser o padrasto dela, pois ele não mandava mensagens. Kylie esperou um segundo antes de verificar quem era. Duas palavras apareceram.

*Saudade. Lucas.*

*Sinto saudade*, também, ela pensou, mas não mandou nenhuma mensagem de volta. A emoção sussurrava em seu peito.

O som de outra bandeja sendo colocada sobre a mesa fez Kylie levantar o olhar.

Steve, o metamorfo gostosão, que tinha deixado um chupão logo abaixo da clavícula esquerda de Della, sentou-se ao lado da vampirinha.

Della ficou completamente imóvel, paralisada, e fulminou com o olhar o seu café da manhã intocado. Se olhares pudessem matar, aquele café da manhã já estaria carbonizado.

— Bom dia! — cumprimentou Steve.

— Você tem que ir embora — disse Della sem olhar para ele.

— Por quê? — ele perguntou.

Della hesitou.

— Porque eu sou a sombra de Kylie e não posso me distrair.

Essa era a desculpa mais esfarrapada que Kylie já tinha ouvido e, pela expressão de Steve, ele achava o mesmo.

— Então, eu sou uma distração para você, hein? — disse ele, inclinando-se na direção dela, com um meio sorriso nos lábios.

— Vá embora! — Ela olhou para cima, com os olhos esverdeados de pura raiva.

O meio sorriso desapareceu dos olhos do metamorfo e ele se levantou, pegou sua bandeja e foi se sentar à mesa dos membros da sua espécie.

— Isso não foi nem um pouco educado — disse Kylie.

— Eu sei — disse Della. — Não sei por que ele age dessa forma.

— Eu estava falando de você! — Kylie inclinou-se e fez uma cara feia para Della.

— Sim, e disse uma mentira também — acrescentou Perry, sentado duas cadeiras mais adiante. — Eu sou a sombra de Kylie agora.

Della fez uma careta e se levantou.

— Você já acabou de comer?

Poucos minutos depois, eles caminharam do lado de fora, para o local onde seria anunciada a Hora do Encontro — Della de um lado de Kylie e Miranda e Perry do outro. Kylie de repente se pegou olhando em volta, à procura de Derek ou Lucas. Nenhum dos dois tinha aparecido ainda. Mas então ela sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. Olhando para trás, viu Derek em pé a alguns metros, às suas costas. Seus olhos verdes se encontraram com os dela e Kylie se lembrou novamente do beijo no sonho.

— Ok — disse Chris, chamando a atenção de Kylie para a frente. — O primeiro par de hoje... — Ele puxou um pedaço de papel de sua cartola, que sempre pareceu uma idiotice para

Kylie, mas Chris obviamente adorava.

Ela se perguntava se Chris por acaso queria ser mágico, quando criança. Lendo o papel, o vampiro chefe desviou os olhos para o grupo de alunos. O coração de Kylie acelerou quando o olhar dele chegou perto dela e começou a se mover mais devagar. *De novo não! Quem teria sido dessa vez?*

Então os olhos dele passaram por Kylie, por Miranda, e pararam. Por alguma razão maluca, Kylie teve um mau pressentimento. O sorriso furtivo nos lábios de Chris foi a prova de que ela estava certa.

— Perry, amigo velho — disse Chris. — Você vai ter o prazer de passar uma hora com Nikki.

# Capítulo Vinte e Dois

O pressentimento ruim não só estava exato, como era um eufemismo.

Não era apenas ruim, era na verdade pavoroso!

O olhar de Kylie se desviou da expressão chocada de Perry e se fixou em Miranda.

A bruxinha ficou dura como uma pedra. A única coisa que se movia nela eram os olhos, enquanto examinava a multidão, obviamente à procura de Nikki.

E, quando os olhos de Miranda pararam de se mover — o que significava que tinham encontrado a culpada —, seu olhar se encheu de ciúmes. E de repente outra parte do corpo da bruxa começou a se mover: o dedo mindinho.

— Não! — Kylie deixou escapar, mas era tarde demais. A loira e bonita Nikki desapareceu e em pé, no mesmo lugar, surgiu um aturdido e furioso canguru.

Ah, mas Miranda não tinha terminado ainda. Seu mindinho continuou a se mexer.

Kylie engasgou quando espinhas começaram a aparecer no pobre marsupial de um metro e meio. Kylie podia ouvir a ameaça favorita de Miranda em sua mente.

*Vou lhe causar o pior caso de acne que você já viu.*

Miranda estava certa. Kylie nunca tinha visto espinhas tão inflamadas! Claro que ela também nunca tinha visto um canguru com espinhas...

Todos na multidão começaram a uivar de tanto rir. Embora Nikki fosse a causadora de tudo aquilo, Kylie sentiu pena dela. E, francamente, se Miranda não estivesse verde de ciúmes, ela acharia engraçado também.

Kylie agarrou o braço de Miranda, inclinou-se e sussurrou:

— Ela não devia ter feito isso, mas... transforme Nikki em gente outra vez. Traga a garota de volta agora, antes que você se esqueça de como quebrar o feitiço!

Miranda franziu a testa, mas Kylie viu a lógica prevalecer no cérebro da amiga. Ela mordeu o lábio, apontou o dedo mindinho, murmurou algumas coisas e *puf*, Nikki apareceu num passe de mágica, não na forma de canguru, mas de uma metamorfa morta de vergonha e de raiva.

O riso da multidão deve ter aumentado seu constrangimento. Em vez de se transformar em algo feroz e partir a bruxinha em duas, lágrimas encheram os olhos de Nikki e ela saiu correndo.

Perry olhou ao redor e encarou Miranda.

— Por que você fez isso?

Merda!, Kylie pensou, sabendo que Perry tinha dito a coisa errada.

Miranda, já com uma expressão de remorso, franziu a testa para ele.

— Você está do lado dela? Ela está tentando roubar você de mim e agora você está do lado dela!

— Não, eu não estou... Mas isso foi uma burrice e tanto! — disse ele.

Ah, merda!, Kylie pensou outra vez. Miranda não gostou nada da palavra que ele usou.

O rosto da bruxa ficou vermelho e lágrimas encheram seus olhos.

— Burrice? — perguntou rispidamente. — Tudo bem, se eu sou burra, por que você não corre atrás de Nikki e vai consolá-la? Porque ela pode ficar com você, se é o que você quer!

— O que está acontecendo? — Holiday veio correndo do refeitório.

Enquanto várias pessoas começavam a contar a Holiday o que estava acontecendo, Miranda saiu correndo.

Kylie virou-se para Perry, que ficou ali olhando Miranda se afastar, magoadíssima.

— Ei! — chamou Kylie. Quando Perry não respondeu, ela deu um bom puxão na manga dele. — Não fique aí parado. Vá atrás dela e diga que você sente muito.

— O que eu fiz? — ele perguntou.

— Primeiro você a chamou de burra. Como ela é disléxica, odeia essa palavra. Em segundo lugar, goste você ou não, parecia que você estava tomando o partido de Nikki.

— Não, eu disse que o que ela fez foi burrice. E foi mesmo. — Perry olhou para Holiday. — Ela vai levar a maior bronca de Holiday. Por que diabos Miranda tinha que fazer aquilo?

— Provavelmente, pela mesma razão que um metamorfo certa vez se transformou num grande urso e num leão gigante e tentou rasgar outro metamorfo ao meio por beijar alguém. Porque ela está com ciúmes. Você não se lembra de como é sentir ciúmes?

Perry fez uma careta.

— Sim, eu me lembro. — A culpa escureceu os olhos de Perry. — Merda. Eu arruinei tudo, não foi? — Ele passou a mão pelos cabelos loiros. — Mas eu não estava tomando o partido de Nikki. Eu só não queria que Miranda ficasse em apuros.

— Então vá dizer isso a ela. Explique o que você quis dizer. E aí faça a você mesmo e a Nikki um favor e diga a ela para desistir de você.

— Eu... não incentivei essa garota nem um pouco.

— Mas você disse a ela que está com Miranda e que simplesmente não vai rolar nada entre vocês dois? Porque, obviamente, ela ainda acha que vocês têm uma chance. E não é justo que Miranda tenha que aturar essa confusão, e não é justo que Nikki tenha esperança quando não deveria. Agora vá e conserte essa encrenca em que se meteu antes que seja tarde demais.

Logo em seguida o conselho de Kylie para Perry se virou contra ela. Porque esse era justamente o conselho que ela precisava ouvir também. Perry não era o único que tinha que consertar as coisas. Ela tinha que falar com Derek. Tinha que ser sincera com relação ao que sentia.

— Eu não posso ir — disse Perry. — Sim, você pode, ou vai se arrepender.

— Não, eu não posso. Sou sua sombra. Burnett vai me matar se eu largar você.

Kylie gemeu. Ela se virou e viu que Derek estava andando na direção deles. Ela o agarrou pelo braço e o puxou até que ele ficasse na frente de Perry.

— Você não é mais a minha sombra. Derek é que é.

— Ótimo! — Derek sorriu e ela sabia que ele estava interpretando mal a intenção dela.

Perry balançou a cabeça.

— Mas Burnett...

— Burnett não vai ficar bravo. Vou explicar tudo a ele. Agora vá antes que seja tarde demais e Miranda decida não perdoá-lo. Vá! — Ela deu um empurrão no metamorfo.

Perry se transformou em pássaro e saiu voando. Kylie espanou algumas faíscas do seu braço, e em seguida olhou para Derek.

— Vamos — mandou Kylie.

— Aonde? — O olhar com que ele a fitou veio acompanhado de um sorriso sexy.

— Conversar — explicou ela. — Temos que conversar.

— E a Hora do Encontro? — ele perguntou.

Ela soltou um suspiro profundo.

— Esqueça a Hora do Encontro. Você vai vir comigo! — Ela o pegou pelo braço e começou a arrastá-lo.

E, é claro, foi nesse momento que Lucas se aproximou.

Seus olhos azuis encontraram os dela. Ela viu o jeito como ele a olhou. Kylie sentiu o estranho impulso de parar e explicar, mas, quando tentou pensar no que diria ou no motivo por que achava que ele merecia uma explicação, tudo pareceu muito difícil.

Então, ela simplesmente fitou os olhos dele como se pedisse desculpas e se voltou para Derek, que ela arrastava atrás de si. Mais tarde ela cuidaria de Lucas. Como iria fazer isso, não tinha a menor ideia.

— Você quer ir para a pedra? — perguntou Derek, agora andando ao seu lado.

— Não. — O olhar magoado nos olhos de Lucas continuou ecoando em seu coração.

Ele a magoara, mas magoá-lo, mesmo sem intenção, deixava o peito dela apertado de arrependimento.

— Por que não? — Derek perguntou.

— Porque nós temos que conversar, e eu acho que você sabe do que se trata.

Por um segundo, ela desejou que não fosse assim. Seria tão fácil se ela simplesmente escolhesse Derek. Ele não tinha uma alcateia que tentasse afastá-los. Ele não tinha desistido de sua busca e não iria culpá-la um dia por isso.

Mas, por mais que quisesse, ela não conseguia fazer seu coração tomar o rumo mais fácil.

Seu coração, obviamente, queria Lucas. Se ela daria ou não o que ele queria era outra história. Mas ela também não podia dar a Derek o que ele queria. Simplesmente não estava certo.

Ele suspirou, frustrado.

— Por que eu tenho um pressentimento de que isso não vai acabar bem?

Ela o fitou.

— Pode não acabar do jeito que você quer, mas é a coisa certa a fazer.

— Não tenho tanta certeza — disse ele.

Ela o levou para a cabana e, em seguida, lembrando-se de que Miranda e Perry poderiam estar lá dentro resolvendo os seus próprios problemas, ela se sentou no degrau da varanda e fez um gesto para que ele fizesse o mesmo.

Dando uma rápida olhada na porta, Kylie torceu para que Perry tivesse conseguido acalmar Miranda. Droga, talvez eles estivessem lá dentro numa sessão de amassos!

Respirando fundo, ela enfrentou Derek.

— Você sabe como eu me sinto. Por que você está tentando se convencer de que não é verdade?

— O que não é verdade? Admita, Kylie. Você me ama também — disse ele.

Ela puxou uma perna até o peito e abraçou-a.

— Tá, eu não vou mentir, mas não é o tipo de amor que eu sinto por Lucas. E eu sei que você sabe disso, porque você sente o que eu sinto.

— Mas, se reatarmos o namoro, poderíamos corrigir isso.

Ela balançou a cabeça.

— Você não merece isso.

— Não merece o quê? — perguntou ele. — Eu quero você de volta. Você acha que eu não seria feliz?

— Não, de verdade — disse ela. — Não poderia ser. Você merece alguém que seja tão louco por você quanto você é por essa pessoa. Você não merece alguém... que gosta de outra pessoa.

Ela mordeu o lábio e percebeu outra razão por que tinha sentimentos tão fortes com relação a isso.

— Foi isso que aconteceu com meu pai e minha mãe. Ela amava meu verdadeiro pai. Ela gostava do meu padrasto, mas sempre soube que amava mais meu pai. Até a minha mãe admite que essa é provavelmente parte da razão por que ele acabou traindo-a. Ela não consegue perdoá-lo, mas sabe que, em parte, a culpa é dela.

Derek ficou ali sentado em silêncio e então a olhou com uma expressão séria.

— Então você vai aceitar Lucas de volta. Vai perdoá-lo por sair daqui e ficar noivo de outra pessoa.

Ela apertou mais a própria perna.

— Ele não ficou noivo de fato. Voltou atrás antes de chegar a esse ponto.

A cara feia de Derek aumentou.

— Só porque você apareceu, porque descobriu o seu segredinho sujo.

— Sei disso. E não sei o que vou fazer. Ainda não o perdoei, mas também não deixei de amá-lo.

— Mas, se você me der uma chance, talvez volte a me amar também. Acho que você estava realmente apaixonada por mim um tempo atrás. A gente poderia voltar a sentir o mesmo que sentíamos naquele tempo.

— Nós? — Ela suspirou, percebendo o que ele disse. — Veja, nem você sente mais a mesma coisa também.

— Eu não quis dizer... — Ele balançou a cabeça.

— Sim, você quis — disse ela. — Derek, eu acho que nós *fomos* apaixonados um pelo outro — ela admitiu. — E eu não quero te magoar, Derek. Eu realmente me preocupo com você e eu ainda te amo, só que não... dessa maneira. E acho que acontece o mesmo com você.

Ele olhou para as árvores, e ela sentiu que ele precisava de alguns segundos para colocar os sentimentos em ordem. Ela o viu engolir e sentiu sua dor.

Ele inspirou.

— Mas o que tínhamos era tão incrível...

— Eu sei e sinto muito. — Ela sentiu a voz tremer de emoção. Magoá-lo era tão difícil!

Ele olhou para Kylie e ela viu honestidade, preocupação genuína em seu olhar. E Derek não era sempre assim? Ele era um grande cara! E só por isso, merecia alguém que o adorasse, que o amasse mais do que a qualquer outra pessoa.

— Você não fez nada para ter que se desculpar — disse ele. — Não mesmo. Se alguém teve culpa nisso, fui eu quando fiquei com medo e fiz o que fiz. Ou talvez seja apenas o destino. Como as coisas devem ser.

Ela concordou com a cabeça.

— Quero uma coisa de você — disse ele. — Uma promessa.

— O quê? — ela perguntou, sabendo que faria tudo por ele, se fosse possível.

— Não deixe de ser minha amiga. Não me evite, porque acha que o clima pode ficar estranho. Quando precisar de alguma coisa, não hesite em me procurar. Consigo aceitar que não podemos ser namorados, mas não quero perdê-la como amiga e não estou dizendo isso só por dizer. Estou falando sério.

Ela assentiu.

— Prometo. — As lágrimas encheram os olhos dela.

— E quando você voltar para Lucas, faça-o entender que eu ainda gostaria de fazer parte da sua vida, como amigo.

— Eu te disse, eu não sei se vamos voltar...

Ele estendeu a mão e secou uma lágrima que escorria pelo rosto dela.

— Sim, você vai. Porque, quando você ama alguém, você perdoa.

A respiração de Kylie tremeu.

— Como você está me perdoando agora? — E outra lágrima escorreu.

— Eu já disse, você não fez nada que eu tenha que perdoar. Mas se fizesse alguma coisa, sim, eu te perdoaria.

Ela inspirou e olhou para o próprio pé.

— Mesmo que fosse por minha causa que você não conseguisse realizar a única coisa que sempre quis na vida?

— Não estou entendendo — disse Derek.

— Desculpe. Só estou pensando em voz alta.

— Está falando de Lucas? — perguntou Derek.

Kylie acenou com a cabeça e percebeu quanto estava sendo insensível.

— Me desculpe — ela repetiu.

— Não se desculpe. — Ele soltou o ar dos pulmões. — Isso é o que eu estou falando para você *não* fazer. Eu quero que você converse comigo. — Ele entrelaçou as mãos. — Olhe, não me agrada ter que dizer isso, mas Lucas realmente ama você. Eu posso sentir. E ele está sofrendo

como o diabo agora. Não importa o que seja, se você acha que ele não vai te perdoar, bem, você está errada.

Ela passou a mão pela perna antes de falar.

— Por minha causa ele não vai entrar no Conselho dos lobisomens. Não vai conseguir mudar todas as coisas que queria mudar no seu próprio povo. Sua própria alcateia provavelmente vai destituí-lo. Mais cedo ou mais tarde...

— Mas ele te escolheu, Kylie. Ele fez essa escolha. Você não forçou a barra.

Kylie negou com a cabeça, mas olhou-o nos olhos.

— Talvez tenha sido a escolha errada.

Ele se inclinou e roçou o ombro dela com carinho.

— Aposto que ele não pensa assim.

Ela balançou a cabeça.

— Ser um lobisomem significa tudo para ele.

O telefone de Kylie apitou avisando da chegada de uma mensagem; um segundo depois, o celular de Derek fez o mesmo. Ela puxou o dela do bolso e viu o nome de Burnett na tela. Ela olhou para Derek, que olhou para ela ao mesmo tempo.

— Uma mensagem de Burnett — disse Derek.

— Ah, merda! — disse Kylie, apertando o botão para ler a mensagem.

*Venha para o escritório agora!*, dizia a mensagem de Burnett.

Santo Deus!, Kylie pensou. O que poderia estar acontecendo agora?

A mensagem de Burnett para Derek dizia quase a mesma coisa: *Traga Kylie ao escritório agora!* Então, Kylie e Derek correram para o escritório. Ela poderia ter corrido mais rápido se deixasse Derek para trás, mas se conteve. Que diferença fariam mais alguns segundos?

No entanto, no momento em que ela chegou na frente do escritório, seu coração estava martelando no peito. Do esforço ou de medo do que a aguardava, Kylie não sabia ao certo.

Ela ainda não tinha subido o degrau do escritório quando ouviu as vozes.

Droga!, pensou Kylie, o que será que seu padrasto estava fazendo ali?

— É meu padrasto — Kylie disse a Derek. — É melhor eu cuidar disso sozinha.

Ela correu para dentro e encontrou Burnett, Holiday, o padrasto e Jonathon na sala de Holiday. Que diabos Jonathon estaria fazendo ali? Tom Galen estava no meio da sala, de frente para a mesa de Holiday. A *fae* estava sentada na cadeira com um ar descontraído, como se fosse a própria personificação da calma, mas a postura do seu padrasto não expressava o mesmo estado de espírito. Os ombros dele estavam rígidos, as mãos crispadas.

E, assim como seu padrasto, Burnett parecia um pouco tenso, mas ela poderia dizer que ele estava tentando se conter. Mas Jonathon... o vampiro parecia apenas se sentir culpado. E Kylie teve um mau pressentimento.

O olhar de Holiday se desviou brevemente para Kylie, assim como o de Burnett, mas o padrasto não percebeu que ela estava lá.

— Que tipo de escola vocês têm aqui? — perguntou Tom Galen, num tom indignado.

— O mesmo tipo de escola que você vê em todo lugar — respondeu Holiday, com a voz tranquila. — Nós temos um portão de segurança por uma razão. Você passou por ele e disparou o alarme. Foi equivocadamente considerado uma ameaça.

— Eu não sou uma ameaça, droga! Eu sou o pai de uma aluna.

— Os pais não costumam tentar invadir a escola dos filhos — Burnett insistiu.

— O que aconteceu? — perguntou Kylie.

O padrasto se virou e sua tensão diminuiu pelo menos um pouco ao vê-la.

— Eu pulei o portão, em vez de apertar a campainha, e por um instante pensei que estava entrando num quartel-general. Fui interceptado por esse moleque aqui.

Holiday levantou os olhos e Kylie pôde ver por sua expressão que ela estava tentando ser simpática.

— Jonathon viu seu pai e fez um mau julgamento. Em vez de fazer perguntas, como deveria ter feito, ele o deteve...

— Deteve? Ele me derrubou no chão! — O padrasto esfregou a lateral do corpo. — E preciso dizer que, para um garoto franzino, ele é um bocado forte!

— Sentimos muito — disse Holiday. — Não sentimos, Jonathon?

— Sim, muito, senhor — concordou Jonathon.

— Pai — disse Kylie. — A namorada do Jonathon foi atacada na semana passada. Você pode entender que ele se sente um pouco superprotetor agora.

Jonathon concordou com a cabeça. Holiday olhou para Kylie, como se dissesse, boa jogada.

Burnett pareceu concordar.

O padrasto suspirou.

— Sinto muito que a sua namorada tenha sido atacada. Ela está bem? — ele perguntou a Jonathon.

— Está — disse Jonathon, e então se encolheu como se tivesse se lembrado de demonstrar boas maneiras. — Ah, quero dizer, sim, senhor, e muito obrigado.

Com a maior parte da tensão se dissipando, Kylie olhou para o padrasto.

— O que você está fazendo aqui, pai?

Ele franziu a testa.

— Vim vê-la. Eu lhe escrevi um e-mail ontem à noite e liguei esta manhã. Você saberia que eu estava chegando, se tivesse atendido à minha ligação ou lido o meu e-mail.

— Sinto muito — disse ela. — Foi uma manhã muito agitada.

— Ela estava assistindo aula — Burnett acrescentou.

O padrasto pareceu querer pedir desculpas.

— Minha empresa me enviou a Shadow Falls para uma reunião numa filial. Mas só vai começar às duas da tarde, e eu pensei que talvez pudesse te roubar um pouquinho, para que tomássemos o café da manhã juntos.

Atrás de Tom Galen, Kylie viu a carranca de Burnett. O vampiro havia deixado claro que ela não deixaria a escola sem ele até que tivessem certeza de que Mario não estava mais nas

proximidades. Burnett olhou diretamente para Kylie e sacudiu a cabeça com determinação. Ele não estava simplesmente dizendo não, ele estava dizendo “Nem por cima do meu cadáver!”.

— Hã... eu já tomei café — disse Kylie.

— Bem, a gente pode simplesmente ir beber alguma coisa — disse o padrasto.

Kylie deu outra olhada rápida em Burnett. O homem ainda estava dizendo firmemente que não com a cabeça.

— Eu... tenho aula — disse Kylie.

A decepção encheu os olhos do padrasto. Ela odiava magoá-lo.

Aquela manhã ela já tinha magoado Lucas, depois Derek e agora o padrasto. Mas que dia...

— Mas, Kylie — contestou ele —, tenho certeza de que você tem uns minutinhos para conversar comigo.

Ela sentiu a tensão aumentar dentro dela e dentro da sala. O padrasto não ia desistir e, aparentemente, Burnett também não.

Aquele encontro não ia acabar bem...

# Capítulo Vinte e Três

Kylie concentrou o olhar no padrasto, tentando não prestar muita atenção à cena que se desenrolava atrás dele — ou seja, a discussão não verbal entre Holiday e Burnett. Uma discussão que rivalizava com os antigos filmes mudos, incluindo alguns movimentos de mão muito irritados e algumas expressões faciais muito infelizes e efusivas.

— Hã... — disse Kylie, uma simples tática de adiamento porque, precisava admitir, não tinha a menor ideia do que dizer.

— Claro que você deve passar algum tempo com seu pai — Holiday finalmente disse.

Burnett cerrou o maxilar com tanta força que Kylie poderia apostar que os dentes do vampiro tinham se achatado alguns milímetros.

Holiday se levantou.

— No entanto, Kylie tem uma prova na próxima aula. Que tal voltar em cerca de uma hora ou uma hora e meia e vocês dois podem ir almoçar em algum lugar? Acho que Kylie estava me dizendo outro dia que há uma lanchonete no centro de Shadow Falls aonde ela queria ir. Como se chamava? Burgers R Us?

Kylie acenou com a cabeça, mesmo sem saber a que restaurante Holiday estava se referindo.

A expressão de Burnett ficou menos tensa; ou ele estava sendo mais razoável ou já estava a par do plano de Holiday. Kylie só queria estar a par desse plano também, porque ela não fazia ideia do que estava acontecendo.

O padrasto se virou para Kylie.

— Acho que eu poderia dar uma volta de carro e voltar ali pelas onze horas. Há lugares muito bonitos por aqui.

— Seria ótimo! — disse Kylie.

— Ok! — concordou o padrasto, estendendo a mão e puxando-a para um abraço apertado. O calor de seu abraço infiltrou-se no peito de Kylie e deveria ter feito desaparecer seu pânico. E ele provavelmente teria se dissipado se, sobre o ombro dele, ela não estivesse vendo uma espada a ponto de cair de algum lugar mais acima. A arma bateu com força no chão e causou um barulho metálico ao se fincar na madeira, de pé, bem no meio da mesa de Holiday.

O coração de Kylie deu um salto e ela sentiu o padrasto se encolher ao ouvir o barulho. Um pensamento surgiu em sua cabeça. Como iria explicar isso a ele?

Burnett voou para a mesa na velocidade de vampiro. Pegou a espada, derrubando a xícara de chá de Holiday, e escondeu a arma atrás das costas num movimento rápido.

Apenas uma fração de segundo depois, o pai dela se afastou e se virou para verificar a fonte do barulho.

— Que mer... porcaria é essa? — Jonathon murmurou, e então corou quando percebeu o que

quase disse.

Burnett fez uma careta para Jonathon. Holiday sorriu, merecendo ganhar um Oscar pela sua atuação.

— Caramba, juro que essa é a segunda xícara de chá que eu derrubo hoje!

O padrasto apenas olhou para Kylie, que não tinha respirado desde a aparição milagrosa da espada.

— Então eu vejo você em uma hora e meia.

Ela assentiu com a cabeça e inspirou.

— Combinado? — ele perguntou.

Ela encheu os pulmões de oxigênio e, com sorte, o cérebro também.

— Você vai me acompanhar até lá fora? — ele perguntou.

Sentindo-se um pouco como um daqueles bonequinhos com a cabeça de mola, ela balançou a cabeça novamente e acrescentou um sorriso, esperando parecer mais convincente.

O padrasto deu um passo e parou, olhando para ela.

— Você está bem? Parece que viu um fantasma.

Um fantasma que poderia ter que enfrentar, ela pensou.

— Estou bem. — As palavras saíram estridentes. Infelizmente, ela simplesmente não era uma atriz digna de um Oscar como Holiday.

— Acho que dá pra ir — disse Kylie ao padrasto, erguendo os olhos do folheto sobre uma excursão com guia através do Grand Canyon — uma viagem que ele estava planejando para os dois no verão. — Parece ótimo! — Não era realmente uma mentira, mas ela apostaria que Chris, o vampiro sentado a uma mesa de distância dela e do pai, no restaurante, já devia ter ouvido seu coração falar algo diferente.

Ela sentiu Lucas, sentado em frente a Chris, olhar para ela e seu coração deu um pequeno salto. Burnett tinha escolhido duas pessoas — duas que ele achava que o padrasto dela provavelmente não iria reconhecer — para bancarem os guarda-costas disfarçados durante o almoço. Quando ele lhe dissera que colocaria duas pessoas para protegê-la no restaurante, ela não tinha considerado que ele escolheria Lucas.

Mal sabia Burnett que Kylie temia que o padrasto reconhecesse Lucas da época em que ele era apenas um garoto e morava numa casa vizinha à deles. O garoto que Kylie tinha acusado de matar seu gato.

Felizmente, o padrasto não tinha prestado muita atenção em Lucas até aquele momento. Nem notara o falcão seguindo o carro por todo o trajeto até a cidade. Ela apostava seu melhor sutiã que o falcão respondia pelo nome de Perry.

Kylie tinha tido tempo, antes do retorno do padrasto, para encontrar Miranda e certificar-se de que ela estava bem. A bruxinha ainda estava abalada. Ela havia feito as pazes com Perry, mas tinha um horário marcado com Holiday, para uma conversa séria. Sem dúvida, suas atitudes teriam algumas consequências. Embora Miranda não estivesse ansiosa para saber que

consequências eram essas, ela concordava que tinha agido mal.

— Eu achei que você ia gostar — disse o padrasto, fazendo-a voltar a atenção para o presente. — É mais ou menos como o que fizemos em Taos, no Novo México. Haverá um trecho que teremos que percorrer de caiaque, mas nada muito perigoso.

Os olhos do pai se iluminaram com entusiasmo. Kylie se sentiu mal por não sentir a mesma emoção. Ela praticamente tinha passado os últimos 45 minutos ali rezando para que a espada não aparecesse e matasse algum cliente do restaurante. Mas agora, vendo os olhos do padrasto assumirem uma expressão de preocupação, ela se esforçou mais para fazer uma cara melhor.

— Lembra do filhote de cervo que vimos naquela viagem?— perguntou Kylie. — E aquele líder de acampamento que perdeu feio todos os jogos?

— Ah, sim. — O sorriso dele se alargou. — Fizemos algumas viagens muito legais.

— É mesmo! — Ela colocou a mão em cima da dele e ele virou a palma para cima e apertou a dela. Ela sentiu o amor irradiando da palma do padrasto.

— Você sabe o quanto eu sinto sua falta? Eu realmente gostaria que você pensasse em voltar a morar comigo.

Ela mordeu o lábio, lembrando de que isso era tudo o que ela queria quando ele saíra de casa. Sua vida naqueles três meses tinha mudado tanto!

Dando outro aperto na mão do padrasto, ela disse:

— Eu realmente gosto de Shadow Falls. Mas a gente vai fazer essa viagem no verão! — Deus!, ela esperava que Mario já tivesse sido pego até então, e ela não estivesse mentindo.

Ele assentiu.

— Eu entendo. Minha menininha está crescendo. — A emoção encheu os olhos dele e ele olhou em volta. O coração de Kylie quase parou com medo que ele reconhecesse Lucas.

— Você gostou do hambúrguer? — ela deixou escapar, para chamar a atenção dele para ela.

— Adorei. Você estava certa ao sugerir que viéssemos aqui. Mas você mal tocou na comida. — Ele apontou para o prato de Kylie, com o hambúrguer e as batatas fritas esfriando.

— Eu tomei um bom café da manhã — Kylie mentiu. — Mas estava bom. — Kylie olhou para o relógio. Era quase uma da tarde. Burnett tinha atrasado um pouco o padrasto para que chegassem ao restaurante depois da hora de maior movimento. Seu peito apertou um pouco quando ela percebeu que, em menos de uma hora, ela teria que enfrentar os Brightens, os pais adotivos de seu verdadeiro pai. Ah, droga, ela ainda não tinha um plano de como abordá-los.

Ela voltou a olhar para o padrasto.

— Você sabe, está ficando tarde.

— Eu sei, você vai se transformar em abóbora se eu não te levar de volta. — Ele assinou a fatura do cartão de crédito que Kylie já pedira para a garçonete trazer.

De repente, ela sentiu que as três cocas que bebera por puro nervosismo a tinham deixado com a bexiga estourando.

— Vou dar um pulinho ao toalete primeiro, antes de irmos embora.

— Vá, eu preciso fazer uma ligação para o trabalho, de qualquer maneira.

Quando ela começou a andar até o banheiro, Lucas fez uma cara de preocupação. Ah, pelo

amor de Deus!, Kylie pensou, o que poderia acontecer a ela no banheiro?

Ok, muita coisa podia acontecer. Mario poderia acontecer. Mas ela tinha que fazer xixi.

Chris e Lucas sussurraram um para o outro sobre a mesa e, em seguida, Chris se levantou e disparou na frente de Kylie, em direção aos banheiros. Ela esperava que ele soubesse que ele não iria entrar no banheiro com ela. Ela nunca conseguiria fazer xixi com ele dentro do banheiro.

Kylie o encontrou esperando ao lado da porta do banheiro masculino. Como se ele planejasse apenas ficar ali de guarda e ouvir. E só de saber que provavelmente ele poderia ouvir o que ela estava fazendo dentro do banheiro, concluiu que fazer xixi seria impossível.

— Faça o que tem que fazer e saia — disse Chris, sério como um agente secreto.

— Tudo bem — Kylie empurrou a porta por dentro.

No momento em que a porta se fechou atrás dela, alguém dentro de um dos reservados pôs pra tocar uma estranha música *cajun*. Gosto não se discute, ela pensou, ao entrar no outro reservado.

Ela não estava lá nem há um minuto, finalmente começando a apreciar o ritmo frenético da música, quando ouviu um barulho mais acima. Ergueu os olhos e viu um par de mãos segurando a parte superior da porta. Em seguida, um pé apareceu enquanto alguém escalava a porta.

Merda.

Não poderia haver nada pior do que enfrentar um intruso enquanto se está fazendo xixi, ao mesmo tempo em que se tenta se equilibrar acima do assento sanitário.

Kylie ficou de pé, preparando-se para enfrentar quem quer que já estivesse prestes a entrar no reservado.

Por azar, ela não tinha conseguido parar o fluxo de xixi por completo.

Imediatamente percebeu que tinha errado a pontaria. Não poderia haver coisa pior. Ser pega em flagrante no banheiro, meio agachada, com xixi escorrendo pela perna, enquanto se enfrenta a cara da quase noiva do sujeito que você ainda ama.

— O que você está fazendo aqui?! — Kylie retrucou, sabendo que mostrar medo de um lobisomem podia ser perigoso.

— Não é óbvio? Eu estava curiosa?

— Para ver meus hábitos no banheiro? — Kylie perguntou, num tom irritado.

Ela sorriu.

— Para ver você.

Não achando que a garota iria pular na sua garganta — e ei, se ela fizesse isso, Kylie não queria morrer com xixi escorrendo pela perna! —, ela arrancou alguns pedaços de papel higiênico e secou o líquido escorrendo pela coxa.

Calcinha no lugar, calça jeans abotoada, ela enfrentou Monique e decidiu apenas se livrar dela.

— Você deve saber que a qualquer segundo um vampiro vai entrar correndo aqui. Se eu fosse você, sairia correndo.

Monique arqueou uma sobrancelha.

— Então Lucas não te ensinou o truque secreto para lidar com vampiros curiosos, hein?

Apenas um pouco de música da Louisiana e a superaudição deles vai para o brejo.

Kylie fez uma careta. Não, ela não conhecia esse truque, e estava um pouco ofendida por Lucas não ter lhe ensinado. Mas por que ele faria isso? Guardar segredos dela era a especialidade dele.

— O que é que você quer realmente, Monique? — perguntou Kylie.

Monique deu de ombros.

— Eu já disse. Estava curiosa. Você sabe quantos pretendentes pediram a minha mão ao meu pai? E, então... o sortudo que ele finalmente escolheu para viver comigo a vida inteira nem quer mais ouvir falar de mim.

Kylie ouviu o ressentimento na voz de Monique. Mas estranhamente ele pareceu estar mais relacionado ao fato de ser forçada a aceitar um casamento arranjado do que à falta de disposição de Lucas para levar adiante o noivado. Não que Kylie não tivesse reparado na parte sobre Lucas não querer mais nem ouvir falar de Monique. Ele tinha dito isso a Kylie, Fredericka tinha dito a mesma coisa, mas ouvir isso da outra garota fez muito bem ao seu ego.

— Então, agora, você quer descarregar toda a sua raiva em cima de mim, não é?

— Não. — Ela franziu a testa e começou a verificar o padrão de Kylie.

Kylie virou a cabeça e tentou mudar seu padrão, mas obviamente não foi rápida o suficiente.

— Uau, isso é estranho! O que exatamente você é?

— Simplesmente um mistério — disse Kylie, começando a ficar desconfiada com o fato de estar num reservado com Monique — desconfiada, porque isso era o que todos os camaleões temiam: ser notados, chamar a atenção para a sua raça.

— Você se importa de se retirar? — perguntou Kylie.

Monique retrocedeu alguns passos e estendeu o braço para trás para destrancar a porta do reservado, sem tirar os olhos de Kylie.

— Tem certeza de que você não tem um tumor no cérebro?

— Provavelmente é isso. — Kylie fez sinal para ela sair do caminho.

A menina deu um passo e depois parou.

— Mas dizem que você é uma protetora também. E, na cerimônia, me disseram que tinha um padrão de lobisomem. Como você consegue...

Kylie espremeu-se contra a parede para sair do reservado e foi lavar as mãos. E por mais que não quisesse pensar nisso, na sua mente surgiu novamente a imagem do beijo que ela tinha visto Lucas dar em Monique.

— Você ainda está brava com ele? — perguntou Monique. — Aposto que está furiosa.

Kylie bombeou a saboneteira com mais força do que o necessário. Quando ela olhou o reflexo da loba no espelho, percebeu novamente o quanto Monique era bonita. Os olhos dela eram castanhos escuros, com longos cílios que combinavam com seu cabelo preto. Os lábios eram carnudos e voluptuosos como os de algumas atrizes famosas. Sim, ela tinha um rosto lindo, acompanhado por um corpo curvilíneo e perfeito.

Esfregando as mãos, Kylie disse:

— Se você não se importa, não acho que isso seja algo que eu queira discutir com você.

— Se fosse você, eu me bombardearia de perguntas. — Ela inclinou a cabeça para o lado e observou o reflexo de Kylie como se estivesse tentando entendê-la. — Já que você não é curiosa, isso significa que acredita quando ele diz que não estávamos realmente juntos. Ou pelo menos quer acreditar — completou Monique. — Você não quer me perguntar?

Uma dor profunda envolveu o coração de Kylie.

— Você já disse que ele não quer mais ver você.

— Eu quis dizer que ele não queria se casar, mas você sabe como são os homens, eles sempre querem outras coisas.

Kylie colocou as mãos embaixo da torneira e enxaguou-as. Então olhou para o reflexo de Monique novamente.

— Você estava certa da primeira vez. Eu acredito nele. — E as palavras deslizaram de sua boca e não afetaram nem um pouco o seu batimento cardíaco. Até ela ficou um pouco surpresa.

— Então por que ainda está brava com ele? Clara me disse que você mal o cumprimenta. Que ele vive andando por aí como um filhotinho abandonado.

Kylie pegou algumas toalhas de papel.

— Deixe-me repetir: eu realmente não tenho intenção de discutir isso com você.

Monique balançou a cabeça como se estivesse confusa com o comportamento de Kylie.

— É preciso coragem para fazer o que ele fez. Para romper um noivado. Para arriscar tudo. — Ela inclinou a cabeça para o lado e estudou Kylie mais uma vez. — Você sabe tudo o que ele arriscou, não sabe?

Kylie não respondeu. Fechou os olhos por um segundo e desejou que não precisasse ouvir isso.

— A própria alcateia está pensando em bani-lo — continuou Monique. — Se ele não conseguir entrar naquele Conselho, terá perdido tudo. O pai praticamente o denunciou. Eu soube que os anciãos pediram uma reunião para discutir as atitudes dele. Meu pai ainda está pensando em contratar alguém para matá-lo!

Kylie se virou e olhou para Monique.

— E você vai deixar?

— Deixar?! Eu disse a ele que estou muito feliz por ter me livrado desse compromisso, mas o que eu digo não tem nenhuma importância para o meu pai. Como acontece com Lucas, esperam que eu siga as regras. Ainda bem que o noivado foi cancelado antes de eu começar a gostar do cara. — Monique se aproximou um pouco. — Pode me chamar de romântica, mas acho que é um pouco triste que, depois de tudo o que ele fez, você não o aceite de volta. Não que você fosse ficar com ele por muito tempo. A expectativa de vida de um lobo solitário é muito curta. Ou você pertence a uma alcateia ou é visto como uma presa por qualquer um que esteja com fome durante uma caçada.

A porta do banheiro se abriu. O lobo solitário então invadiu o banheiro parecendo preparado para matar. Quando seus olhos cruzaram com os de Monique, seus instintos assassinos diminuíram, mas sua cara feia se intensificou.

— Que diabos você está fazendo aqui?!

Monique deu de ombros.

— Se uma garota quer mijar, ela tem que entrar aqui! — Monique passou por ele sem nenhuma vergonha e saiu pela porta. — Passe bem, Lucas.

Lucas nem sequer olhou-a sair. Ele fitou Kylie, seu olhar quase uma carícia.

— Sinto muito. Ela não tinha o direito de...

— Ela não fez nada. — Kylie torceu com força as toalhas de papel, rasgou-as em duas, rasgou-as mais uma vez e, em seguida, jogou-as no lixo. Depois engoliu o nó que se formava em sua garganta. — Você deveria ir com ela. Cumprir o compromisso que assumiu.

— O quê? — Ele olhou para Kylie como se ela tivesse perdido a cabeça.

— Você me ouviu — ela insistiu.

Ele balançou a cabeça.

— Você não está falando sério.

— Sim, estou! — disse ela. E estava sendo absolutamente sincera. Como poderia não fazer nada e vê-lo perder tudo? Assistir à sua própria alcateia bani-lo, sabendo que era por causa dela?

— Você só está com raiva de mim.

— É isso aí! Pode ter certeza de que ainda estou com raiva de você. — As lágrimas encheram seus olhos, quando a honestidade ecoou em sua voz. — Você me traiu. Dói pra caramba saber que você me deixou todas aquelas vezes e foi vê-la. Mas você quer saber com quem eu estou mais furiosa? Comigo mesma. Eu sabia há muito tempo como isso iria acabar. Sabia que o fato de eu não ser um lobisomem acabaria destruindo qualquer chance que tínhamos.

— Eu não me importo com o que você é! — ele rosnou.

— Você deveria se importar. Porque o preço que tem que pagar é alto demais.

Ela viu a dor cintilando nos olhos dele.

— Mesmo que você não tivesse me traído, eu não iria deixá-lo pagar esse preço. Acabou, Lucas, aceite isso e não estrague a sua vida por minha causa.

Com a cabeça erguida, ela saiu. Infelizmente, seu coração se parecia com as toalhas que ela tinha acabado de jogar na lixeira: retorcido e esfarrapado.

*

Kylie observava Perry — ainda na forma de um falcão — seguir o carro do padrasto enquanto eles voltavam a Shadow Falls. Ao volante, ele falava sobre a possível viagem ao Grand Canyon. Quando diminuiu a velocidade para entrar no estacionamento de Shadow Falls, Kylie notou um Cadillac prata na frente deles, com o pisca-pisca ligado, também entrando no estacionamento. As janelas escuras do carro a impediram de ver quem dirigia, mas ela não pôde deixar de se perguntar se não seriam os Brightens — os pais adotivos do seu verdadeiro pai.

O estômago de Kylie começou a se contrair. Ela ainda não sabia o que dizer e o que não dizer. Seu coração continuava ecoando a dor que sentira ao falar com Lucas, mas precisava deixar isso de lado. Infelizmente, tinha problemas demais para poder se entregar a um só.

Ela olhou para o relógio. Eram vinte para as duas. Poderiam realmente ser eles caso

gostassem de chegar mais cedo aos compromissos.

Olhando para o pai, agora falando sobre o equipamento de camping de que iriam precisar, ela percebeu o quanto seria estranho se ele tivesse que encontrar os Brightens. Isso provavelmente a obrigaria a explicar um monte de coisas que ela não sabia como explicar. E, provavelmente, acabaria magoando o padrasto, algo que ela não queria fazer.

O carro prata cruzou os portões e estacionou numa vaga de visitantes. O padrasto estacionou duas vagas mais adiante. Soltando o cinto de segurança antes que o padrasto tivesse tempo para desligar o carro, ela se inclinou e lhe deu um beijo na bochecha.

— Obrigado pelo almoço. Eu preciso entrar.

— Ei, não vá embora tão rápido, eu tenho tempo para entrar com você. Preciso aproveitar cada segundo que temos juntos.

# Capítulo Vinte e Quatro

— Ok — disse Kylie, um pouco em pânico. — Bem, vai ter que ser um passeio rápido, porque eu... eu tenho que fazer xixi.

— Você foi ao banheiro no restaurante — o pai disse, como se os hábitos dela no banheiro o preocupassem.

— Devo ter uma bexiga pequena. — Ela saiu do carro. Desviou os olhos brevemente para o outro carro e, pelo vão da porta do lado do passageiro, ela viu...

— Ah, merda! — Não *eram* os Brightens. E agora ela realmente desejava que fossem eles.

Era a mãe e... Ela observou com puro horror a cabeça de John aparecer do outro lado do carro.

— Kylie? — a mãe gritou com voz severa.

Ela se virou para o pai.

— Você tem que ir antes... antes que as coisas se compliquem...

— Tudo bem. — O pai dela parecia envergonhado. — Não é por causa do que aconteceu da última vez que não podemos ser civilizados um com o outro.

A postura e a expressão da mãe enquanto se aproximava do carro pisando duro não pareciam estar de acordo com a declaração "civilizada" de seu padrasto. Ah, pelo amor de Deus!, Kylie não estava com ânimo para lidar com o drama dos pais agora.

Mas, à medida que ela se aproximava, Kylie notou que a mãe, com o cabelo despenteado, a roupa amassada, os olhos vermelhos, não fulminava seu pai, mas Kylie!

Ok... qual era o drama agora? Era entre os pais? Ou...

— É verdade?! — vociferou a mãe.

Kylie se lembrou imediatamente de que a mãe tinha acabado de voltar da Inglaterra, o que explicava sua aparência, mas não explicava a sua fúria.

Kylie olhou para o pai para ver, pela sua expressão, se ele fazia ideia do que a mãe estava falando. Mas ele parecia igualmente surpreso.

— O que é verdade? — perguntou Kylie, notando John se aproximar até parar ao lado da mãe. Ele não parecia abatido ou sob o efeito da mudança de fuso horário. Mas só a visão do homem já lhe dava um mau pressentimento.

— Você ligou para seu pai por causa disso, mas não para mim? — a mãe perguntou. Kylie viu Holiday e Burnett saindo às pressas do escritório, pensando provavelmente que outra troca de socos em público estava prestes a acontecer.

Voltando a olhar para a mãe, Kylie rezou para que aquilo — o que quer que fosse — não se transformasse num caos.

— Eu não liguei para ele por causa de nada. Do que você está falando?

— Você usou o cartão de crédito que eu lhe dei?

Kylie concordou com a cabeça, a mente dando voltas e logo se dando conta da possível resposta para aquilo tudo. Mas Kylie *realmente* esperava estar errada.

— Você está grávida?! — a mãe deixou escapar.

Ok, então Kylie não estava errada. Ela abriu a boca, mas nada saiu.

— Ela está grávida?! — O pai olhou para Kylie com um olhar severo. — Nós não vamos poder fazer aquela caminhada agora!

— Não dá pra acreditar! — sibilou a mãe, fervendo de raiva. — Você ouve que a sua filha está grávida e fica preocupado com uma caminhada.

— Não, eu estava... Estou só em estado de choque.

Ele não era o único chocado.

— Parem! — gritou Kylie.

— Só me responda, mocinha! — mandou a mãe.

— Não, eu não estou... grávida. — Kylie sacudia a cabeça para os lados, imitando o movimento que Burnett fazia quando estava indignado. — Eu ainda nem... Eu sou... — *Eu ainda sou virgem!* As palavras estavam na ponta da língua, mas ela não podia dizê-las.

— Então por que você comprou três testes de gravidez?

— Você comprou três testes de gravidez? — o pai repetiu.

Kylie de repente percebeu outro carro estacionando ao lado do Cadillac de John. Ele não tinha vidros escuros, mas isso não importava, porque as janelas estavam abertas e o casal de idosos no banco da frente, ambos com o rosto voltado para eles, ouviam o tumulto em curso.

De repente Kylie percebeu quem eram aquelas pessoas.

Os Brightens!

Tinha que ser, não é? Com a sorte de Kylie, sim, tinha que ser os avós.

Que maravilha!

Simplesmente maravilhoso!

Os joelhos de Kylie começaram a formigar, sinalizando seu desejo de desaparecer.

Agora não! Agora não!

*Respire fundo e relaxe.* A voz veio com um certo calafrio familiar.

Kylie olhou em volta e não o viu, mas podia ouvi-lo. *Papai?*

*Eu estou aqui. Vai ficar tudo bem. Eu prometo.*

*Seus pais vão pensar que eu sou uma vadia.*

*Não. Eles vão te adorar. Você vai ver. Vão ficar impressionados com você. E logo, logo estaremos juntos.*

Kylie arquejou. *Eu vou morrer?*

*Papai? Daniel?* Ele e seu frio familiar tinham desaparecido.

Kylie sorveu uma lufada de ar. Agora, além de se preocupar com sua possível morte próxima e convencer a todos de que não estava grávida, ela tinha que se preocupar se os Brightens iriam gostar dela. Porque, se não gostassem, isso iria, sem dúvida, magoar o pai.

Ah, mas que inferno! Talvez ela *devesse* simplesmente desaparecer.

*

Daniel estava certo, pelo menos quando disse que tudo ia ficar bem. Ela ainda tinha que enfrentar os Brightens. Mas, em dois minutos, Holiday já os levava pelo braço e os escoltava até o escritório.

Para grande alívio de Kylie, seus pais não tinham a menor ideia de quem eles eram.

E, em cinco minutos, o padrasto já estava a caminho da sua reunião e a mãe tinha se acalmado. Não completamente, mas um pouco mais.

Holiday explicou toda a confusão com os testes de gravidez de um modo muito mais racional do que realmente havia acontecido. Alegou que os testes eram para ela e que ela tinha esquecido a bolsa e Kylie tinha feito a gentileza de lhe oferecer o cartão de crédito, e ela já tinha enviado um cheque para a mãe... E assim por diante. Sim, Holiday simplesmente mentiu, mas a mentira soou muito bem.

A mãe explicou que, após o voo, descobrira que a empresa do cartão de crédito tinha ligado e achado que o cartão poderia ter sido roubado, porque ele nunca tinha sido usado e a compra havia sido feita em Shadow Falls, não em Houston. A mãe queria ter certeza de que o cartão não havia sido roubado e ligou para a farmácia para verificar a compra.

Foi quando ela foi informada de que o cartão tinha sido usado para pagar três testes de gravidez e o comprador tinha sido uma tal de Kylie Galen.

Depois que a mãe tinha se acalmado, Holiday voltou para o escritório. Kylie passou cerca de cinco minutos conversando com a mãe, fingindo estar interessada em suas divagações tolas sobre a Inglaterra.

Finalmente, a mãe confessou que estava cansada demais até para pensar, quanto mais para falar.

Beijou a testa de Kylie, disse que estava orgulhosa por ela não estar grávida e pediu a John para levá-la para casa.

John tinha dito apenas duas palavras durante todo o tempo que estivera ali, mas Kylie o pegara olhando para ela de uma forma que a deixou irritada.

Porém, quando o homem colocou o braço em torno da mãe dela e gentilmente beijou sua testa, dizendo que ela poderia dormir enquanto ele dirigia, Kylie sentiu uma pontada de culpa por não gostar dele.

Talvez Kylie precisasse mudar de atitude com relação a John. Porque, se ele fazia a sua mãe feliz, Kylie ficava feliz também.

“Mentirosa”, seu coração parecia dizer ao pular duas batidas. Ela não estava nem um pouco feliz com John. Mas talvez Kylie precisasse refletir sobre isso. Tentar gostar do homem. Parecia impossível. No entanto, tanta coisa em sua vida ultimamente parecia impossível — como a possibilidade da sua morte iminente, como romper com Lucas... — que talvez ela só precisasse se esforçar um pouco mais.

Despedindo-se da mãe, Kylie voltou ao escritório para enfrentar os Brightens. E sentiu mais

uma vez o estômago se contraindo. E por uma boa razão. A primeira conversa com seus avós recentemente descobertos não deveria ser sobre gravidez. Mesmo quando a conversa era sobre *não* estar grávida.

Parando na porta do escritório, mentalmente exausta, ela pensou sobre como seu dia tinha começado em uma espiral descendente, desde que Miranda havia transformado Nikki num canguru cheio de espinhas.

Aquele, definitivamente, ia ser lembrado como um dos dias mais bizarros da sua vida.

Endireitando os ombros, determinada a enfrentar aquele encontro com os pais adotivos de Daniel, com a esperança de que a espada não aparecesse novamente, Kylie decidiu que, após a visita, ela iria para a sua cabana chorar ou comer um quilo de chocolate.

Talvez as duas coisas.

Ela se lembrou da promessa do pai de que os Brightens a adorariam e, embora confiasse no pai com todo o seu coração, não podia deixar de se preocupar. Mas talvez eles ficassem tão felizes por ter uma neta que não se importassem com a possibilidade de ela estar dormindo com rapazes e possivelmente grávida.

Um pouco antes de estender a mão para girar a maçaneta, Kylie teve uma leve sensação de *déjà-vu*. Ela já tinha estado ali antes — a ponto de entrar naquele escritório, pensando que encontraria os Brightens. Claro que acabou descobrindo que eram seu verdadeiro avô e sua tia. Mas o mais importante era que ela se recordava com clareza do medo e da ansiedade que sentira na ocasião.

Um sentimento inexplicável de realização invadiu seu coração. Embora tivesse acabado de admitir que estava preocupada e só queria um quilo de chocolate ou um boa sessão de choro, o que ela sentia agora era muito mais administrável.

Não importava o que acontecesse lá dentro, Kylie seria capaz de lidar com aquilo. Ela quase podia ouvir Nana, mãe de sua mãe, sussurrando lá do céu: *Minha pequena Kylie está crescendo*.

De repente, sentindo-se um pouco mais confiante e decidida a pensar que talvez tudo de que ela precisasse, aquela tarde, fosse de um bom chocolate, Kylie entrou no escritório.

Holiday veio correndo até ela.

— Burnett levou os Brightens para a sala de reuniões; estão tomando chá. Ele levou a espada para a minha casa e trancou-a num armário, assim... talvez aquilo não vá acontecer novamente. Expliquei toda a situação da gravidez para os Brightens, também. — Holiday mordeu o lábio de preocupação. — Oh, Kylie, eu sinto muito. Foi tudo culpa minha. Coloquei você nessa encrenca.

— Está tudo bem — disse Kylie.

Holiday lhe deu um abraço rápido e reconfortante.

— Você está realmente bem?

Kylie suspirou.

— Um pouco nervosa, mas, sim, estou bem.

— Você quer que eu vá com você?

Kylie refletiu e em seguida, disse:

— Não, eu... eu acho que posso lidar com isso.

Holiday suspirou.

— Você está crescendo.

Kylie olhou para a *fae*.

— Eu poderia jurar que acabei de ouvir a minha avó dizendo isso.

— Ela disse — falou Holiday. — Ela estava aqui.

Kylie sorriu.

— Sério?

Holiday assentiu.

— Ela aparece nos momentos mais estranhos.

Kylie sentiu o amor da sua Nana se agitar dentro dela.

— Diga a ela que eu a amo — disse Kylie, e foi ao encontro das pessoas que tinham criado seu pai e provavelmente contribuíram para que ele se tornasse o grande homem, e espírito, que era.

*

Quando Kylie entrou, Burnett já estava de pé, pronto a pedir licença para sair.

— Vou deixar vocês três à vontade.

Enquanto passava, ele descansou a mão no ombro dela e lhe deu um aperto. Foi um toque frio, mas que expressou carinho e um incentivo, do tipo, “Você consegue, garota”. Ela se deu conta novamente da sorte que tinha por poder contar com as pessoas de Shadow Falls em sua vida.

No momento em que Burnett saiu e ela sentiu o olhar do senhor e da senhora Brighten sobre si, a contração no estômago voltou com força total.

Ela ficou um segundo apenas observando-os. O senhor Brighten era careca, tinha olhos cinzentos acastanhados e um rosto bonachão. A senhora Brighten tinha cabelos grisalhos abundantes e olhos castanhos. Ela tinha um olhar suave e amável. Seu rosto era um pouco rechonchudo e simpático. Como alguém que você escolheria numa multidão para fazer o papel de avó amorosa.

— Olá. — Kylie forçou um sorriso, mas não demais. Ela deu um passo para dentro da sala e decidiu esclarecer as coisas primeiro.

— Primeiro quero ter certeza de que vocês sabem que não estou grávida.

# Capítulo Vinte e Cinco

— O diretor explicou. — A senhora Brighten continuou a olhar para ela.

— Eu também quero dizer que... que eu sei que vocês podem estar pensando que minha mãe e meu padrasto são meio malucos, depois de assistir a toda aquela cena no estacionamento, mas... — Ela se lembrou de respirar. — Mas... bem, às vezes eles são um pouco malucos mesmo, mas na maior parte do tempo, são gente boa. — A emoção provocou um nó na sua garganta e ela engoliu em seco. — Os dois me amam.

O senhor e a senhora Brighten balançaram a cabeça novamente. Um estranho tipo de constrangimento encheu a sala. Um constrangimento que Kylie esperava dispersar. Ela realmente queria que aquela visita desse certo. E não apenas pelo pai dela, percebeu, mas por si própria.

— Nos desculpe por olhá-la desse jeito — disse finalmente o senhor Brighten. — É que... você parece muito com o seu pai. É incrível.

Kylie sorriu novamente, desta vez de verdade. Ela se aproximou e se sentou em frente a eles à mesa.

— Eu sei.

— Você já viu fotos dele? — a senhora Brighten perguntou.

*Sim, o verdadeiro pai dele e a tia trouxeram para mim quando estavam fingindo que eram vocês*. Sim, ela tinha que mentir.

— Minha mãe tinha algumas fotos dele. — Então Kylie se lembrou de que sua mãe havia guardado o recorte do obituário com a imagem de Daniel.

Quase uma carranca apareceu na expressão da senhora Brighten.

— Eu não entendo por que ela não nos contou sobre você. Poderíamos ter... teríamos adorado acompanhar o seu crescimento. — Ela fez uma pausa. —Teria nos ajudado... a superar a perda do seu pai.

Kylie se lembrou de sua mãe dizendo que os Brightens deveriam odiá-la por isso.

— Ela sabe que foi um erro — Kylie disse, lembrando-se da mãe dizendo quase isso. — Mas ela era jovem, estava grávida e com medo. Meu padrasto, ele foi alguém que ela conheceu e que a amava. Ele concordou em se casar com ela, mas ele queria... que eu fosse registrada como filha dele. — Ela fez uma pausa. — Ele estava errado também, mas ambos estavam apenas tentando fazer o melhor que podiam.

A senhora Brighten assentiu.

— Eu imagino que deve ter sido difícil.

A preocupação de Kylie diminuiu.

— Espero que vocês possam perdoá-la. Porque... ela tem sido uma mãe incrível.

— Eu gostaria de poder conversar com ela.

Kylie ficou tensa.

— Tenho certeza de que isso é possível. Se não se importam, eu posso falar com ela... e depois dar um retorno a vocês. — Kylie fez uma oração para que a mãe fosse acessível. Mas ah, Deus, aquela ia ser uma conversa difícil.

Lágrimas encheram os olhos da senhora Brighten.

— Eu trouxe mais algumas fotos comigo, se você quiser ver.

— Eu adoraria — disse Kylie. — Obrigada.

A senhora Brighten pegou um pequeno álbum de fotos de uma grande bolsa bege. Enquanto Kylie folheava o álbum, ela reconheceu algumas das mesmas fotos que ela tinha. Seu verdadeiro avô tinha entrado escondido na casa dos Brightens e feito cópias para trazer a ela para que pudessem se passar pelos verdadeiros Brightens. Mas havia muitas que Kylie não tinha visto. E vendo as imagens do pai, ela sentiu a emoção crescer dentro dela.

— Se você quiser, pode ficar com elas — disse a senhora Brighten. — Eu fiz estas cópias para você.

Kylie sorriu.

— Muito obrigada! Eu vou guardar muito bem, eu prometo.

O senhor Brighten se sentou.

— Você até age como seu pai. Ele era tão... educado...

— É verdade — confirmou a senhora Brighten. — Ele era um menino tão bom! Sempre bondoso. Manso de espírito. Um pouco tímido, às vezes, mas...

— Acho que sou tímida também — disse Kylie. — Detesto quando sou obrigada a me levantar e falar em público ou fazer um seminário na escola. — *Ou quando todo mundo está olhando para o meu padrão estranho. Ou pensam que estou grávida*.

A senhora Brighten sorriu.

— Ele não gostava muito da escola. Sempre dizia que se sentia como se não se encaixasse bem em lugar nenhum.

— Ah, nossa, eu sei o que é isso! — comentou Kylie.

— Não que ele tivesse problemas. Bem, houve uma vez no último ano do ensino médio. Havia um garoto na escola, Timmy. Ele era meio lento e, um dia, quando ia a pé da escola para casa, Daniel encontrou um grupo de meninos mais velhos mexendo com ele — realmente maltratando o garoto. Havia talvez seis deles e Daniel perdeu a paciência. Ainda não sabemos como ele fez isso, mas todos saíram com narizes sangrando e olhos roxos. E não havia um arranhão no nosso menino.

Kylie ouviu a história com o coração aflito — uma filha ansiosa para saber sobre um pai que conhecia tão pouco.

— A escola suspendeu-o — a senhora Brighten continuou —, mas quando os pais de Timmy descobriram, foram até uma emissora de rádio local. Eles entrevistaram Timmy sobre o que tinha acontecido e a emissora homenageou Daniel como um herói. E os meninos ficaram em apuros. A escola foi forçada a cancelar a suspensão de Daniel. Claro, Daniel ficou constrangido com a atenção. A emissora deu a ele um troféu e, no dia seguinte, ele foi à casa de Timmy e deu o

troféu a ele. Disse que Timmy era o verdadeiro herói por ter que lidar com valentões durante toda a vida.

O orgulho pelo pai inchou o peito de Kylie. Ele tinha sido um protetor assim como ela e, como ela, não queria o crédito por isso. Ela desejou mais uma vez não ter perdido o homem com quem se parecia tanto. Claro, ela ainda tinha uma parte dele, em forma de espírito, mas queria muito mais.

— Mas, sabe, depois que se formou no colegial, Daniel se encontrou. Na verdade, um dia chegou em casa de uma viagem e me disse que tinha finalmente descoberto quem era.

Kylie se lembrou do pai lhe dizendo que havia encontrado um homem mais velho que lhe contara que ele não era humano. Ela se perguntou se seria a mesma viagem.

— Eu disse a ele — continuou a senhora Brighten — que já sabia quem ele era. Que ele era uma alma gentil e bondosa. — Ela olhou para Kylie. — E eu vejo a mesma coisa em você. Como se... como se você tivesse uma magia que poucas pessoas têm. — Ela esticou o braço sobre a mesa e pousou a mão sobre a de Kylie.

A mão enrugada lembrou Kylie de como a tia-avó a tocara quando se fazia passar pela senhora Brighten. Não havia nenhum calor extra no toque da verdadeira senhora Brighten como havia no toque de sua tia-avó. No entanto, isso não fazia a verdadeira senhora Brighten parecer menos especial. E foi assim que Kylie soube o quanto seria fácil amar aquelas pessoas, e quanta sorte o seu pai tinha tido de ser criado por elas.

Eram quase cinco da tarde quando Burnett e Holiday, de mãos dadas como dois pombinhos, levaram Kylie para a cabana. Della esperava lá dentro para assumir suas funções de sombra.

— Tem certeza de que você vai ficar bem? — perguntou Holiday.

— Tenho. — E, surpreendentemente, Kylie acreditava nisso. Sim, ela ainda estava desejando um pouco de chocolate para neutralizar o dia frenético, e, sim, o seu coração ficaria partido para sempre por causa de Lucas, mas ela ia ficar bem.

Pensando em sua outra companheira de quarto, Kylie perguntou:

— Você falou com Miranda sobre o episódio da Nikki?

— Sim — Holiday disse, estreitando os olhos. — Embora eu ainda não tenha pensado em outra punição.

Kylie não poderia deixar de dar sua opinião.

— Eu não estou dizendo que Miranda não esteja errada, mas Nikki estava sendo óbvia demais em sua paixão por Perry. Eu até a avisei sobre isso. Mas ela não me deu ouvidos.

— Eu sei — disse Holiday. — Nikki estava errada, mas Miranda não pode sair por aí transformando as pessoas em cangurus.

— Sério? Você pareceu gostar quando ela fez isso comigo! — Burnett disse sarcasticamente.

Holiday soluçou.

— Aquilo foi engraçado. — Holiday lhe lançou um sorriso diabólico.

Kylie observou-os irem embora antes de entrar na cabana. Encontrou Della sentada à mesa

da cozinha, bebendo um copo de sangue, com livros escolares à sua frente. A vampirinha levava a sério o seu dever de casa.

Della ergueu o olhar.

— Concordo com Holiday. Foi engraçado quando Miranda transformou Burnett em canguru.

Kylie desabou numa cadeira.

— Onde está Miranda?

Della revirou os olhos.

— Ela e Perry saíram para fazer "quase sexo" — palavras dela, não minhas. Pessoalmente, eu não precisava saber disso. Embora tenha que admitir que me pergunto o que é exatamente "quase sexo". — Ela franziu a testa. — Provavelmente envolve Perry chupando os lóbulos das orelhas dela, e eu realmente não estou disposta a ouvir sobre isso. Mais uma vez.

Kylie riu.

— Quando a gente pensa sobre isso, todas as coisas sexuais parecem mais ou menos... Quero dizer, até o beijo francês... ter a língua de outra pessoa na sua boca. É nojento.

— A menos que seja você beijando... — As palavras de Della vieram num tom de devaneio. Kylie tinha certeza de que a amiga estava pensando em Steve. — Aí não é nojento. É quase mágico.

Kylie lembrou-se das vezes em que beijara Lucas assim e fizera até mais do que isso na noite em que estavam voltando do cemitério. *Tinha* sido mágico. Mas toda essa magia acabara agora. Não havia mais Lucas.

— Sim, aí não é tão nojento.

Levantando-se, ela foi dar uma olhada no que havia dentro da pequena despensa.

— Não temos nada de chocolate na cozinha? Qualquer coisa?

— Acho que tem um pouco de calda de chocolate na geladeira. Mas não temos leite. Não que eu tenha bebido. Deve ter sido a bruxa. — Della olhou para Kylie.

Kylie se aproximou da geladeira e encontrou a calda de chocolate.

Ah, droga, quem estava esmolando não poderia ser exigente. Ela apertou a bisnaga até que uma linha de chocolate caiu no seu dedo indicador; então colocou o dedo na boca.

— Então o encontro com os Brightens não foi muito bem? — perguntou Della.

— Não, foi muito bem, sim — murmurou Kylie, enquanto chupava o dedo coberto de chocolate. Quando o gosto doce desapareceu, ela virou o frasco de calda de cabeça para baixo e deu outro esguicho no dedo.

— Então por que você está chupando calda de chocolate do dedo como se fosse uísque? Espere! Eu sei por que, eu ouvi sobre o tumulto com o seu pai e a sua mãe, a coisa toda da gravidez. Hilário! — Della colocou os cotovelos na mesa e riu.

— Não foi hilário. — Kylie fez uma careta. — Como você ficou sabendo disso?

Della deu de ombros, parecendo se sentir um pouco culpada por trazer o assunto à tona.

— Alguém ouviu. Todo mundo estava falando disso. Sinto muito. — Ela fez uma cara de quem pedia desculpas.

Kylie gemeu.

— Quando será que vou deixar de ser a fonte de fofocas por aqui? — Ela colocou a cabeça para trás e esguichou o chocolate diretamente na boca.

— Agora, isso é nojento! — Della riu.

Kylie baixou o frasco e lambeu os lábios.

— Eu não encostei nos lábios. Só derramei na boca.

— E no queixo.

Fazendo uma cara feia, Kylie limpou o queixo com as costas da mão.

— Desculpe, mas estou desesperada. — Ela pegou uma tigela e uma colher e voltou para a mesa, onde esvaziou a metade do frasco de calda na tigela.

— Nossa! — disse Della. — Você está mesmo desesperada.

Kylie meteu uma colher de chocolate na boca, lambeu a colher limpa e disse:

— Monique entrou no reservado do banheiro comigo.

— Quem? Que reservado?

— Monique. A Monique do Lucas. Ela entrou comigo no reservado do banheiro do restaurante.

— Ah, merda! Vocês duas brigaram ou coisa assim?

— Não. — Kylie lambeu a colher. — Eu só fiquei toda molhada de xixi. — Ela pôs outra colherada de chocolate na boca.

Della suspirou.

— Você está bem?

— Vou estar depois que acabar com esta tigela de calda — respondeu Kylie.

Della deu um meio sorriso.

— Se eu fosse sua amiga de verdade, faria você parar de comer isso.

Kylie balançou a cabeça.

— Se você fosse minha amiga de verdade, me ajudaria a acabar com ela.

— Ah, por que não? — Ela empurrou o copo de sangue para o lado. — Me dê um pouco.

— Sério? — perguntou Kylie, arqueando uma sobrancelha.

— Sério. — Della então empurrou os livros escolares para o lado. — Que se dane a lição de casa, vamos acabar com essa calda de chocolate. Também estou precisando de um estimulante.

Kylie viu no rosto da amiga que ela também estava sofrendo. Então deu uma boa esguichada de calda no copo da vampira.

— O que realmente aconteceu enquanto você estava fora, Della?

# Capítulo Vinte e Seis

A vampira fitou seu copo de sangue misturado com chocolate. Ela girou o copo e pareceu observar os dois ingredientes se misturando.

— Eu fugi de Steve na primeira noite e fui ver Lee.

Isso não surpreendeu Kylie, ela sabia que Della ainda gostava de Lee, mas não explicava como ela acabara com chupões de Steve. A menos que não fosse Steve o autor do chupão, mas Kylie não achava que ela mentiria sobre isso. E algo dizia a Kylie que Lee não era o único problema ali. O problema era um metamorfo com um traseiro bonito.

— E...? — perguntou Kylie, voltando a mergulhar a colher no próprio chocolate.

— Ele saiu para encontrar sua nova noiva. — Ela aproximou o copo dos lábios e bebeu. — Ei, essa merda é muito boa!

— É mesmo. — Kylie esperou Della continuar. Não teve que esperar muito tempo.

— Ele a levou a um restaurante chinês. Eu os segui. — Lágrimas encheram os olhos de Della.

Sentindo a dor da amiga, Kylie colocou a mão sobre a de Della. Della a puxou.

— Então eles me viram e eu percebi que estava parecendo uma idiota. Fiquei morta de vergonha. — Ela tomou outro gole de sangue com chocolate e ergueu os olhos. — Então, como um cavaleiro numa maldita armadura brilhante, Steve apareceu. Ele tinha me seguido. E me salvou de parecer uma completa idiota. Fingiu que tínhamos marcado um encontro. Ele me beijou na frente deles. Como se fôssemos uma casal apaixonado.

Kylie colocou outra colherada cheia de chocolate na boca.

— E o beijo foi muito bom, por isso vocês deram uns amassos mais tarde?

— Não. Quer dizer, sim.

Kylie apontou sua colher para Della.

— Qual é? Sim ou não?

— Sim, foi bom, mas isso só aconteceu no dia seguinte. — Della inclinou-se e fez uma careta. — A missão foi uma bosta. Eu fui esfaqueada — confessou.

Kylie olhou para a amiga, chocada.

— Mas Burnett disse...

— Eu fiz Steve prometer que não ia dizer a ele. Eu o ameacei de morte.

Kylie gemeu.

— A única coisa ruim é que Steve salvou a minha pele. Não apenas no restaurante, na frente de Lee, mas, novamente, com os bandidos e, em seguida, quando topamos com alguns lobisomens desagradáveis. Eu estava muito mal, não poderia lutar. Odiei aquilo. — Ela fez uma pausa. — Ele nos levou para um hotel e ficou cuidando de mim. Eu não sei como isso aconteceu,

num minuto ele estava me medicando e no outro estávamos brincando de médico.

— Ah, meu Deus! — exclamou Kylie. — Então, vocês realmente...

— Não, não fizemos nada. Chegamos perto. Felizmente bolas azuis realmente não matam um cara.

— Bolas azuis? — perguntou Kylie.

Della revirou os olhos.

— Você não sabe o que são bolas azuis?

— Não. Devia saber?

Della sorriu.

— Pelo menos você devia saber que, se um cara um dia te disser que ele pode morrer por causa disso, vai estar mentindo. E, acredite em mim, alguns caras vão realmente dizer isso para a garota se sentir culpada e transar com eles. Eu passei por isso com um cara uma vez, antes de Lee. Eu disse que iria ao funeral dele e nunca mais nos vimos.

— Mas o que é isso, realmente? — Kylie fez uma careta. — Ou é nojento demais? Deve ser nojento, porque nunca mencionaram isso em nenhum dos panfletos que a minha mãe me deu.

Della riu novamente.

— É quando um cara fica com muito tesão e pronto para ir adiante e, então, a ação é abortada.

Kylie se inclinou para a frente.

— E as bolas ficam realmente azuis?

Della soltou uma gargalhada.

— Não sei, nunca olhei lá embaixo pra checar.

Kylie corou, mas ela não se importava de enrubescer na frente de Della, então apenas riu.

— Então você acha que Steve ficou com as bolas azuis?

Della revirou os olhos.

— Ele parecia muito desconfortável. Eu não deveria ter deixado a coisa chegar ao ponto que chegou. Eu estava... meio confusa.

— Ou talvez você realmente goste de Steve. — Kylie apontou a colher para Della. — Não estou dizendo que vocês deviam ter transado, mas o cara é louco por você e você obviamente é louca por ele, também. Então por que tratá-lo agora como se ele tivesse uma doença contagiosa?

Della tomou um grande gole do seu sangue achocolatado.

— Porque... quando eu percebi o que estava acontecendo, tudo em que consegui pensar foi que, daqui mais ou menos um ano, vou estar de pé em outro restaurante, assistindo Steve com sua noiva. Eu não posso fazer isso de novo. — Seus olhos encheram de lágrimas.

— Mas você não sabe o que vai acontecer.

— Eu não sei o que não vai acontecer, também. — Della pegou o frasco de calda e acrescentou mais um esguicho no seu copo. — Então, agora que eu abri meu coração, me diga como vão as coisas com Lucas.

Kylie mexeu a calda de chocolate em sua tigela.

— Acabou.

Os olhos de Della se arregalaram.

— Por quê? Monique disse que eles estão se vendo? Será que a gente deve falar para a Miranda provocar um caso de sarna nas bolas dele?

— Não, Monique praticamente disse que não.

Della pegou seu copo.

— Então, por que acabou?

Kylie bateu a colher contra a sua tigela. *Porque se não acabar, ele vai perder tudo*.

Della analisou o rosto da amiga.

— Mas ele não enganou você...

A raiva se agitou no peito de Kylie.

— Mesmo que ele não tenha feito nada, é como se tivesse. Quero dizer, ele estava assumindo um compromisso pelas minhas costas. — Ela balançou a cabeça. — Primeiro Trey. Depois meu padrasto engana a minha mãe. Então Derek e agora Lucas. Por que os homens fazem isso?

Della encolheu os ombros.

— Pelo menos Lucas não fez sexo.

*Mesmo assim é uma traição. E das bem grandes*.

— O que é absolutamente irritante é que eu ainda o amo. — Amava-o tanto que ela não suportaria vê-lo perder tudo por causa dela. — Mas ainda estou tão brava com ele que poderia...

— Dar-lhe um par de bolas azuis? — Della riu.

— Não, socá-lo!

— Então talvez você devesse fazer isso. — Della olhou para seu copo.

— Fazer o quê? — perguntou Kylie.

— Socá-lo. Então talvez você não ficasse tão brava e pudesse seguir em frente.

Kylie balançou a cabeça.

— Eu queria que fosse assim tão simples.

— Talvez seja. Você só saberá se tentar. É só procurá-lo como se não quisesse nada e, então, ir com tudo pra cima dele. Sério, então talvez você consiga superar isso e esquecer.

— Como você está tentando fazer com Steve? — Kylie apontou a colher para ela novamente.

— Ei, eu sou como um bom pai. Não quero que você faça o que eu faço, mas que faça o que eu digo! — Ela riu.

Kylie balançou a cabeça.

— E, além disso, agora é... — Ela fechou a boca, sem saber se queria falar sobre isso.

— É o quê? — perguntou Della.

Ela poderia muito bem colocar aquilo para fora.

— Não é apenas o que ele fez. — Se fosse, Kylie suspeitava que estaria a meio caminho de perdoá-lo. — Ele desistiu de tudo quando se recusou a assinar o papel do noivado. Ele não vai entrar para o Conselho, a própria alcateia está chateada com ele. O pai de Monique está ameaçando matá-lo. Mais cedo ou mais tarde ele vai me odiar por isso.

— Acho que você está pensando demais.

Kylie passou a colher em torno da tigela para aproveitar os últimos resquícios de chocolate.

— E eu acho que nós temos que mudar de assunto — disse ela.

Della cedeu e pegou o copo. Elas não falaram durante alguns minutos, e depois finalmente Della falou.

— Antes de eu ir para a casa de Lee aquela noite, fui dar uma espiada na minha casa.

— Como estavam as coisas? — perguntou Kylie, sentindo que não iam bem.

— Bem. Tão bem que isso me deixou muito irritada. Eles estavam jogando jogos de tabuleiro como uma família feliz. Papai contava piadas e todos estavam rindo. Acho que eles nem sentem a minha falta. — Ela olhou para a mesa por alguns minutos.

— Eles sentem, Della. Estão apenas tentando sobreviver.

Della assentiu.

— Você já pensou em contar para a sua mãe e seu padrasto? Cheguei tão perto de entrar lá em casa e despejar tudo... "Olha, pai, eu não estou sendo difícil ou preguiçosa. Eu não estou consumindo drogas. Eu sou apenas uma vampira." — Ela balançou a cabeça.

Kylie mordeu o lábio, sem saber o que dizer, então não disse nada.

— Talvez seja medo de que eles achem a verdade pior do que a ilusão em que já acreditam.

Kylie desejou poder dizer a Della que não era bem assim, mas ela não tinha certeza.

— Pensei em contar à minha mãe, também. Só não sei se ela iria lidar bem com isso.

Della assentiu.

— Então, nós apenas nos escondemos das pessoas que amamos. Que coisa triste, não é?

— É. — Kylie passou a colher em torno da tigela. — Pelo menos você não se esconde do mundo sobrenatural.

— Você não se esconde também — disse Della.

— Tem razão, eu me escondo. Estou basicamente me escondendo da UPF. Quero dizer, todos aqui viram o meu padrão, por isso é um pouco tarde para me preocupar com isso, mas sei que a maioria das pessoas aqui acha que a qualquer momento o meu tumor cerebral vai aparecer.

Della ofereceu à amiga um olhar triste.

— Eles estão realmente apostando nisso.

— Ótimo. — Kylie fez uma pausa. — Quando Monique entrou no banheiro, tentei mudar o meu padrão. Só não fui rápida o suficiente. Ela mesma disse algo sobre eu ter um tumor no cérebro. E eu tenho certeza de que é o que parece. — Kylie deixou cair a colher na tigela e escutou o barulho que ela fez. — A maior parte do mundo sobrenatural nem sequer sabe que a minha espécie existe. — Até Hayden esconde o que ele é, pensou Kylie.

— Então, talvez seja hora de você mudar isso. — Della recostou-se na cadeira.

— Mudar o quê? — perguntou Kylie.

— Sair do armário. Você sabe, como... "Sou gay e sempre serei". Você precisaria de um slogan diferente. Que tal: "Sou um lagarta amarela e, se você não gostar, vou comer sua moela". — Della riu. — Tudo bem, talvez seja preciso um slogan melhor, mas você entende o que eu quero dizer.

— Estou falando sério — disse Kylie.

— Eu sei, e eu também. Apesar do slogan bobo, quero dizer. Você não pode fazer isso com

os humanos, mas pode fazer com os seres sobrenaturais.

Kylie correu o dedo ao redor da borda da tigela para recolher os últimos restos de chocolate e refletiu sobre o que Della dissera.

*Ela está certa*, disse a voz em sua cabeça. A mesma voz de antes. A que aparecia dentro da sua cabeça nos momentos mais estranhos.

— Quem é você, afinal? — Kylie murmurou.

Della voltou a se reclinar na cadeira.

— Ok, talvez eu devesse levar mais a sério a ideia do tumor cerebral...

— Não estava falando com você.

— Ah, merda. — Os olhos de Della se arregalaram. — Temos um fantasma aqui?

— Não, não é um fantasma — Kylie murmurou. — Apenas uma voz.

Della inclinou a cabeça para o lado.

— Eu não ouvi nada.

— Aqui. — Kylie apontou para a própria cabeça.

— Você já ouviu falar em esquizofrenia? — Della perguntou em uma voz sarcástica que significava que ela estava brincando, mas Kylie não achou muito engraçado.

— Não sou louca — disse Kylie.

Della sorriu.

— Mesmo que você fosse, ainda assim eu ia gostar de você. Se por nenhuma outra razão, por me mostrar o quanto é bom tomar sangue com chocolate. — Ela esvaziou o copo.

Kylie olhou a tigela vazia, enquanto seu cérebro se esforçava para descobrir como ela poderia sair do armário. Ela tinha estabelecido como sua missão salvar outros adolescentes camaleões de viver uma vida de reclusão, mas talvez, antes que ela pudesse fazer isso, precisasse ter certeza de que era seguro para eles sair. Talvez Della e aquela voz irritante estivessem certas. Se ela pudesse forçar o mundo sobrenatural a aceitá-la pelo que ela realmente era, então os outros camaleões poderiam imitá-la e fazer o mesmo.

Mais ou menos como Rosa Parks no ônibus, nos anos cinquenta. Alguém, algum camaleão, precisava sair da toca para que eles pudessem ser considerados como parte do mundo sobrenatural. Eles deviam ter orgulho de quem eram, em vez de ter de esconder os seus verdadeiros eus.

Instantaneamente, seu peito se encheu de emoção, ao mesmo tempo aquecendo-o e incentivando-a. Essa era sua missão. Sua nova missão ou talvez apenas parte da antiga. E parecia a coisa certa a ser feita.

Sim, tudo o que ela tinha a fazer era descobrir como sair do armário.

Naquela noite, a cabeça enterrada no travesseiro, a sensação de formigamento sinalizando outra presença manteve-a acordada. Não era uma presença fria, o que significava que quem estava ali não estava morto. Abrindo os olhos, o aroma floral doce fez cócegas em seus sentidos. Ela viu a rosa vermelha em sua mesa de cabeceira.

Apenas uma pessoa deixaria rosas.

*Lucas?* Seu coração sussurrou seu nome e a mágoa a atingiu em cheio.

Na noite anterior, ela ficara deitada na cama e aceitara o que tinha que ser. Deixá-lo ir. Por mais que doesse, ela não podia deixá-lo destruir a própria vida por causa dela.

Ela inspirou e escutou. Será que ele ainda estava ali? Ou tinha vindo e ido embora? Ela notou a cortina branca tremulando com a brisa suave da noite que entrava pela janela. Se ele tivesse ido embora, teria fechado a janela.

Ela cerrou os olhos novamente, perguntando-se se teria que fingir não ter acordado até que ele fosse embora.

— Sei que você está acordada — uma voz profunda falou na escuridão.

— E eu sei que você não deveria estar aqui. — Ela engoliu em seco e lutou contra a onda de emoção subindo pela garganta. Ela se virou e puxou até o peito os joelhos cobertos pelo pijama. Levou mais alguns segundos para reunir coragem e olhar para ele, sabendo que vê-lo iria magoá-la.

Ela estava certa. O cabelo dele estava despenteado pelo vento como se ele tivesse saído para correr um pouco. Os olhos expressavam dor. A mesma dor que transpassava o peito dela. Ele doía de solidão.

— Eu não consegui dormir — disse ele. O silêncio encheu o quarto. Ele se aproximou um pouco mais. Seus joelhos tocaram a cama. Ele se sentou. O colchão afundou com o peso dele. O coração de Kylie disparou, lembrando-se das vezes em que ela tinha se aconchegado a ele ali naquela cama. Ela tinha até dormido ao lado dele e ele a abraçara, fazendo-a se sentir segura, protegida. Amada.

— Isso não pode terminar, Kylie. Você é a única coisa que importa para mim.

Ela balançou a cabeça.

— Não é verdade. — Assim como ela, ele tinha outras pessoas em sua vida. Ele tinha coisas que eram importantes para ele. Ele tinha missões. — A alcateia é importante. Foi o tempo todo. Sua avó. E você pode dizer que não gosta do seu pai, mas você o tolera, então ele tem que ter importância para você. E tem também a sua irmã. — *E você vai perder a todos, se me escolher*.

— Tudo bem, eu me preocupo com eles, com todos, menos com o meu pai. Nesse momento, eu não me importo se ele apodrecer no inferno. Estou cansado de vê-lo manipulando a minha vida. Mas os outros, sim, eu admito, eu me importo com eles. Mas eles não são você — disse ele, num rosnado.

— O pai de Monique está pensando em colocar um matador atrás de você — ela deixou escapar.

— Aquele asno rico e pomposo está sempre falando demais. Ele late, mas não morde. Sabe o que meu pai faria com ele se ele me ferisse. — Lucas parou de falar e apenas olhou para ela. — Mas isso só comprova. Você se importa comigo. Se você não se importasse, não ligaria para o fato de ele estar planejando me matar. Você ainda pode estar com raiva, e eu mereço isso, mas você me ama e é por isso que não podemos continuar assim.

Ela balançou a cabeça.

— O amor não basta! — Lágrimas nublavam a sua visão. Foi justamente aquilo que ela finalmente percebera na noite anterior. — Você não vê, Lucas? Somos Romeu e Julieta. Somos a pior história de amor que já existiu. Somos pessoas que só vão ferir a si mesmas e aos outros, se egoisticamente deixarmos nossas emoções nos guiarem em vez da lógica.

— Isso é besteira — ele rosnou e tentou alcançá-la.

— Não! — Ela fugiu para longe do toque de Lucas. — Você quer saber o que é besteira? Eu continuar vendo você beijando Monique na minha cabeça. Eu continuar ouvindo você prometer a sua alma a ela, e eu ficar tão magoada e com tanta raiva que me dá vontade de gritar. Mas, ao mesmo tempo, entendo completamente por que você fez aquilo. E se eu estivesse no seu lugar, teria feito a mesma coisa. Tenho minhas próprias missões, os fantasmas, descobrir como ajudar outros camaleões, e vou cumprir essas missões, não importa o que aconteça.

Ela engoliu em seco e ofereceu a ele o último fragmento de verdade, o último argumento que provava que eles não podiam ficar juntos.

— Eu vou fazer isso, mesmo que te machuque. É assim que eu sei, Lucas. É assim que eu sei que isso não é certo. Se fazer a coisa certa para mim pode machucar alguém que eu amo tanto, isso não pode estar certo! Nós não *somos* certos um para o outro. Então, por favor, não vamos nos ferir mais do que já nos ferimos. Por favor, vá embora.

Ela nunca tinha visto ninguém parecer tão ferido. Foi preciso toda a sua força de vontade para não chamá-lo de volta quando ele saiu pela janela.

# Capítulo Vinte e Sete

No dia seguinte, durante a aula de ciências, Kylie ficou sentada em sua carteira mal ouvindo Hayden Yates falar sobre as leis do movimento de Newton e o E = MC2.

Não que ela não respeitasse a ciência, mas como essa ciência poderia explicar uma espada que podia se mover por conta própria? E Hayden não tinha dito que tanto Einstein quanto Newton eram seres sobrenaturais? Será que isso significava que eles não tinham espadas mágicas seguindo-os?

Não que ela estivesse completamente consumida com a preocupação sobre a espada agora. Sua manhã tinha sido uma droga. Começando com a conversa de dez minutos com a mãe, em que as duas ficaram se desculpando. A mãe pela sua reação exagerada à notícia dos testes de gravidez e por fazer uma cena, e Kylie por não avisá-la de que havia usado o cartão para comprá-los. Não tinha sido um telefonema ruim, mas não tinha sido bom, também, especialmente quando a mãe se pôs a falar sobre a grande possibilidade de John ser sua alma gêmea.

De algum modo, ela conseguiu fazer com que a mãe deixasse de lado suas preocupações. Seus problemas com Lucas não eram assim tão fáceis de se deixar de lado. Além de sofrer por causa dele, ela também tentava encontrar uma maneira de sair do armário.

Ela chegou até a faltar à Hora do Encontro e não tomou café da manhã para tentar formular um plano. E acabou... de mãos vazias.

Claro, ela não estava no seu melhor dia. Depois que Lucas saíra, o espírito, como se estivesse com ciúmes por Kylie não estar concentrando sua atenção nele, decidiu aparecer de hora em hora, na noite anterior. Ela não tinha trazido a cabeça decepada nem a espada, e Kylie ficou extremamente grata por isso. Mas em sua última visita, o espírito trouxe algo ainda mais perturbador. Seu sofrimento. Ela soluçou enquanto cobria o rosto com as mãos e murmurou algo sobre o filho ter sido morto.

Depois de perder tantas pessoas na vida, Kylie sabia a dor que o espírito estava sentindo e disse isso a ele, mas o espírito estava deprimido demais até para responder.

Kylie se perguntou se o fantasma queria dizer que seu filho fora morto no presente, ou se estava revendo algo do seu passado. Os espíritos não apenas são indiferentes ao tempo, como podem ser extremamente confusos aos olhos dos vivos que estejam tentando ajudá-los.

Pensando bem, nada parecia fazer muito sentido com esse espírito. Ele não iria responder a qualquer das perguntas diretas de Kylie. Como por exemplo, *Quem exatamente você quer que eu mate?* Ou, *Por que eu? Por que você me escolheu para cometer esse assassinato?*

Quando Holiday tinha passado na cabana na noite anterior, ela lembrou Kylie de que o espírito geralmente tem uma ligação com a pessoa que ele está visitando.

— Encontre essa ligação e você pode começar a entender o que ele realmente quer —

Holiday a tinha aconselhado.

Mas era mais fácil falar do que fazer.

Até o momento, o espírito não tinha dito nada que tivesse levado Kylie a acreditar que ele a conhecia, ou que conheciam alguém em comum.

Ela tinha se deparado pela primeira vez com o espírito quando estava a caminho da cerimônia de noivado de Lucas. Kylie achou que talvez ele tivesse sido morto naqueles bosques e eles tivessem se encontrado por acaso. Ela ainda tinha esperança de que fosse esse o caso. Podiam chamá-la de puritana, mas ela não queria ter ligação com ninguém que cortava a cabeça das pessoas e que as levava consigo como troféus. E se Kylie tivesse conhecido alguém assim, essa pessoa não se destacaria na sua memória?

Claro, Kylie estava quase certa de que o fantasma havia trazido a cabeça apenas para chamar a atenção, mas algo um pouco menos dramático teria funcionado muito bem. Holiday também dissera para ela considerar como pista tudo o que o espírito fizesse ou trouxesse consigo. Como a espada que se parecia com a que tinha surgido na cachoeira.

A cabeça seria uma dica ou um sinal? Mas as pistas não deveriam ser sutis? Não havia absolutamente nada de sutil numa cabeça decepada. Esse último pensamento levou Kylie de volta à ideia de que se tratava apenas de um truque para chamar a atenção, principalmente porque o estratagema estava funcionando. Naquele instante, Kylie estava preocupada com o fantasma e não com a sua busca.

Não que ela não precisasse compreender ambos; ela precisava. Mas sua busca tinha prioridade no momento. Ou teria, se o fantasma não parasse de monopolizar seus pensamentos.

Hayden estava parado diante do quadro-negro e apontava para o dever de casa.

Ela tinha começado a anotá-lo quando algo caiu no seu colo com um baque. Um baque bem pesado.

Assustada, Kylie deu um pulo, fazendo seu traseiro descolar alguns centímetros da cadeira. Mas sua aversão a ser apontada na classe como uma aberração a fez reprimir o grito que subia pela sua garganta e a colar o traseiro de volta na cadeira.

Considerando que o tampo da carteira estava cobrindo o seu colo, não era possível que alguma coisa caísse sobre ele.

Mas, como das outras vezes, aquilo não precisava necessariamente fazer sentido, porque nada em sua maldita vida fazia!

Kylie hesitantemente esticou o braço sob a carteira para sentir o objeto de metal frio. Assim como ela suspeitava, ele era longo e terminava com uma alça.

A espada estava de volta.

Kylie ouviu alguém limpar a garganta a alguns assentos de distância. Ela olhou para Derek, que era sua sombra no momento, e ele perguntou sem emitir nenhum som: *Tudo bem?*

Obviamente Derek sentira seu dilema emocional, mas não tinha visto a espada, ou ele teria pelo menos olhado para a maldita coisa. Ela assentiu com a cabeça.

Depois de apenas um minuto, Hayden dispensou a classe. Kylie fingiu estar lendo suas anotações e não se mexeu. Burnett não queria que ninguém soubesse da espada, e brandir de

repente uma arma no meio da classe pareceria uma cena saída de um jogo de videogame e chamaria um pouco de atenção...

— Kylie, você vem? — Derek perguntou da porta.

— Hã, não, eu preciso conversar algo com o senhor Yates. Daqui a pouco eu vou. — Ela olhou para Hayden, que a examinava com preocupação.

— Espere do lado de fora — disse Hayden, preocupado, para Derek.

Quando Kylie olhou para Derek, ela viu Lucas de pé do lado de fora da porta. Seus olhos azuis encontraram os dela, mas que droga, ela já tinha muito em sua mente, sem mencionar uma espada em seu colo, para começar a se preocupar em perdê-lo ou em quanto isso a fazia sofrer. No entanto, quando ela viu a preocupação em seus olhos, a completa afeição com que ele a olhava, seu coração pareceu cair em queda livre de qualquer maneira. Por mais que não quisesse, ela não podia negar que havia uma parte dela que queria ficar com ele, compreender o que eles sentiam. Mas isso seria uma tolice, não seria?

— Fechem a porta — Hayden disse a eles, indo até a carteira de Kylie.

*Fechem a porta*. As palavras de Hayden ecoaram na cabeça dela. Ela tinha que fechar a porta aos seus sentimentos por Lucas. Mas como?

— Tem alguma coisa errada? — perguntou Hayden.

*Toda a minha droga de vida está errada*. Kylie encontrou os olhos do professor, afastando sua dor com relação a Lucas.

— Sim, há uma espada no meu colo.

— *Aquela* espada? — ele perguntou.

Ela fez uma careta.

— Bem, não olhei para ela, mas estou supondo que eu só tenha uma espada que aparece num passe de mágica e quebra todas as regras e teorias que você acabou de abordar na aula.

Hayden sorriu e se abaixou, para ver a espada. Quando ele se levantou, disse:

— É, essas teorias não valem nada às vezes, quando se trata de magia.

— A mesma espada, presumo? — perguntou Kylie.

Ele anuiu.

— Ótimo. — Então ela percebeu algo que ele acabara de dizer.

— Você acha que é algum tipo de magia que está causando isso? Como magia wiccana?

— Ou outra coisa igualmente desconcertante — disse ele.

— Então você realmente não acha que sejam alguns poderes camaleônicos?

Ele torceu a boca.

— Poderes camaleônicos são, em parte, poderes wiccanos.

— Sim — disse Kylie, e sua mente voltou para a sua mais recente missão.

— O que me confunde é a razão por que é tão ruim ser um camaleão.

Ele pareceu confuso.

— Não é ruim ser um camaleão — disse ele, e então: — Deixe-me pegar meu casaco; vou embrulhar a espada e podemos levá-la para o escritório.

Ele foi até o armário atrás da mesa e tirou dali um moletom; depois voltou com ele aberto nas

mãos.

— Quer levantá-la?

Não. Ela não gostava de tocar a coisa, não gostava de ficar sentada com ela no colo, mas fez isso de qualquer maneira.

Ela estendeu a mão, pegou o cabo cuidadosamente e tirou-a do colo. Antes que a levantasse por completo, a espada começou a brilhar novamente. Ela deixou a arma cair sobre o moletom, em seguida ergueu os olhos.

— Se não é ruim ser um de nós, então por que você esconde o seu padrão? Você até usa um capuz para que ninguém possa vê-lo! E por que os mais velhos acham que precisam esconder todas as crianças?

— Eu escondo o meu padrão porque as pessoas não iriam entender, porque no passado, isso nos levou a ser perseguidos, mas não porque seja ruim ser camaleão.

— Mas não seria melhor se você não tivesse que escondê-lo? Se pudéssemos ostentá-lo com orgulho, como os outros fazem?

Ele olhou para a espada como se não tivesse prestando muita atenção ao que ela dizia.

— Algum dia isso vai acontecer.

— Não, não vai — Kylie insistiu. — Não se todo mundo continuar se escondendo.

Ele olhou para ela.

— Você não entende o quanto as coisas foram ruins para os nossos pais.

— Você está certo, eu não entendo. E talvez seja por isso que eu vejo as coisas com mais clareza. As mudanças precisam acontecer. Mas alguém tem que fazê-las acontecer. Isso não vai acontecer naturalmente, ou por acidente.

— Ok, parece que você de fato andou pensando bastante a respeito. Como podemos mudar isso? — ele perguntou.

— Não sei ainda, mas vou descobrir. — Ela se levantou.

Ele suspirou como se não tivesse gostado do que ela disse.

— Quando você descobrir alguma coisa, fale comigo primeiro. Sei que você não gostaria de colocar ninguém em perigo.

— Eu só quero ajudar. E vou falar com você se eu puder. — Ela desviou o olhar para a espada.

— O que quer dizer com isso... “Se eu puder”? Por que não poderia falar comigo? — ele perguntou.

Ela o fitou.

— Estou apenas tomando cuidado para não fazer promessas que não sei se posso cumprir.

Ele franziu a testa.

— Não faça nada idiota, Kylie.

— Agora, isso eu posso prometer — disse ela. — Vou evitar fazer coisas idiotas a todo custo.

Ele não pareceu contente com a resposta dela, mas olhou novamente para a espada.

— Seu avô me ligou na hora do almoço e queria saber com certeza se a espada tinha alguma

marca. — Hayden virou a arma na mão. — Eu não vejo nada nela.

— Nem eu — disse Kylie.

— Você sente algum incômodo quando a segura? — ele perguntou e a fitou.

— Incômodo? Não. Se ela me assusta? Sim. Por quê?

— Você poderia segurá-la para mim de novo? Por alguns segundos, e vamos ver se alguma coisa aparece. Sabemos que começa a brilhar. Talvez algo mais apareça nela.

Kylie franziu a testa.

— Tudo bem, mas se ela ou eu sairmos do controle e matarmos você ou coisa assim, não é culpa minha. Quero dizer, a última vez que Holiday me fez tentar algo, Burnett quase ficou estéril.

Hayden fez uma careta.

— Talvez devêssemos esperar para experimentar isso quando chegarmos ao escritório e Burnett e Holiday estiverem por perto.

— Boa ideia! — disse Kylie.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — perguntou Kylie. — E se for como o acidente com o peso de papel? — Ela olhou de Hayden para Burnett, que tinha sido atingido com toda a força pelo peso de papel.

Não era nenhuma surpresa que o vampiro fosse o único com um ar de preocupação, mas ele também foi o único a falar.

— Você já segurou a espada antes e a única coisa que ela fez foi brilhar.

— Mas eu nunca a segurei por mais de alguns segundos.

— Se você não quer fazer isso, então não precisa fazer — disse Holiday, e Derek, de pé ao lado dela, concordou com a cabeça. Burnett, lembrando-se dos conhecimentos de informática de Derek, tinha lhe pedido para estar presente e pesquisar qualquer informação sobre a espada.

Kylie olhou para Holiday.

— Eu só não quero que ela enlouqueça e comece a matar pessoas.

— Por que você acha que ela faria isso? — perguntou Holiday.

— Eu... Eu não sei, talvez por causa da espada do fantasma — disse Kylie. — E do fato de que ela carrega por aí uma cabeça, junto com a espada.

— Você realmente acha que o fantasma e essa espada têm alguma ligação? — perguntou a *fae*. — Porque eu ainda não consigo entender como um fantasma poderia ter mandado uma espada para cá.

— Não sei o que pensar — disse Kylie. — Mas eu acho que as duas espadas são parecidas.

— Mas é uma espada muito comum, se levarmos em conta o que ela é — disse Burnett.

— E eu não acho que você vá fazer mal a alguém — disse Derek. — Você é uma protetora; se a espada está reagindo a você, então acho que ela está se conectando a essa parte sua. Não acho que seja algo maléfico.

— Eu concordo — disse Hayden.

— Tudo bem, é a vida de vocês que está em risco. — Kylie esticou o braço para pegar a arma.

— Mas apenas por precaução — Holiday disse, detendo Kylie. — Vamos todos ficar preparados para nos abaixar e correr se for necessário.

Kylie fez uma careta.

Holiday encolheu os ombros.

— Só por precaução.

Kylie pegou a espada. Burnett empurrou Holiday para trás e, em seguida, todo mundo deu outro passo para trás.

# Capítulo Vinte e Oito

No momento em que a palma da mão de Kylie envolveu a espada, a arma começou a brilhar novamente. O calor dela se transmitiu para a mão de Kylie e começou a subir pelo braço.

— Você está bem? — Holiday perguntou, como se sentisse o desconforto de Kylie.

Kylie lutou contra a vontade de soltar a arma e deu um suspiro. Em vez disso, ela agarrou o cabo com mais força, tentando não deixar que o peso fizesse seu braço balançar. Não era tão pesada, provavelmente pesava apenas uns dois quilos, mas causava uma sensação estranha. Kylie se sentia esquisita ao segurá-la.

— Sim, eu estou bem — disse ela. — É apenas quente.

— Não deixe que ela queime você — avisou Holiday.

— Não é tão quente assim. Apenas morna — disse Kylie. A espada continuou a ficar cada vez mais brilhante, mas não a ponto de ofuscar os olhos. Era como uma luz filtrada. Ela inspirou mais uma vez desde que pegara a arma e de repente não estava mais com medo. Não era nem mesmo um pouquinho assustador. Era como... pegar algo conhecido. Um cristal ou uma foto emoldurada que ela tinha segurado e observado por um longo período. E, no entanto, até poucos dias atrás ela nunca havia tocado a espada. Como a arma podia parecer tão confortável na sua mão?

Como se o seu sentimento de calma tivesse se irradiado pelo ambiente, Burnett e Hayden deram um passo para mais perto. Derek seguiu-os e depois Holiday.

— Não vejo nenhuma marcação nova sobre ela — disse Hayden.

— Nem eu — disse Burnett.

Kylie olhou para a espada e percebeu que ela nem sequer parecia pesada. A sensação estranha tinha desaparecido. Seu controle sobre a espada era sólido, o objeto em sua mão tornou-se quase uma parte de si mesma. Ela virou o pulso e viu uma inscrição na parte superior da alça.

— Aqui. Há uma inscrição. — Kylie acenou com a cabeça, depois apontou com a mão esquerda.

Todos os quatro se aproximaram.

— É latim — disse Holiday. — Diz *guerreiro santo*.

— Sabe, eu posso verificar na Internet e ver o que posso encontrar, mas... — Derek olhou para ela como se estivesse pedindo desculpas, como se soubesse que o que estava prestes a dizer ia contrariá-la. — Mas existe alguém aqui que sabe muito sobre espadas.

Burnett assentiu.

— Só agora me lembrei disso. — O vampiro olhou para Kylie com o mesmo olhar de desculpas de Derek.

*Ah, merda!* Ela sabia quem era, sem que precisassem dizer nada.

Burnett pegou o telefone.

— Vou ligar para Lucas.

Kylie balançou a cabeça.

— Como assim? O que um lobisomem pode saber sobre espadas?

Burnett arqueou uma sobrancelha.

— A ascendência de Lucas remonta aos escandinavos.

História não era o forte de Kylie.

— E o que isso quer dizer?

— A luta com espadas é algo presente em sua família há mil anos. Ele foi treinado quando criança.

Um gemido escapou da boca de Kylie. Ela tivera a esperança de manter a maior distância possível de Lucas.

— Tudo bem, ligue para Lucas. Mostre a ele a espada. Mas posso ir agora? — Kylie começou a baixar a espada.

Burnett fez uma careta.

— Na verdade, eu gostaria que ele a visse brilhando.

— Lucas — disse Burnett no celular. — Você pode vir até o escritório? Tem algo aqui que eu quero que você veja. — Burnett olhou para Kylie. — Sim. — Pausa. — Sim. Não, ela está bem. — Pausa. — Você vai ver quando chegar aqui. — Pausa. — Ótimo.

Burnett desligou.

— Na verdade, ele está aqui no refeitório — disse Burnett.

Kylie sabia que ele provavelmente os seguira até o escritório e estava esperando para ver se havia algo errado. O fato de ele se importar com ela fez seu coração bater mais forte outra vez. Ela fechou os olhos por um segundo e se preparou para vê-lo.

O som de passos apressados na varanda do escritório encheu o silêncio. A porta do escritório se abriu. Uma batida soou na porta de Holiday.

— Entre — Burnett e Holiday disseram ao mesmo tempo.

Lucas entrou apressado, o olhar fixando-se nela. Seus olhos, cheios de preocupação, encontraram os dela com um toque de pânico. Ela sentiu que o olhar de preocupação dele mexia com seus nervos. Nervos já a flor da pele.

Uma dor física real se agitou no peito de Kylie.

— O que há de... errado? — Seu olhar desviou-se para a espada brilhante, que Kylie agora segurava ao seu lado, e ele segurou o fôlego.

— Caramba!

— Você sabe alguma coisa sobre este tipo de espada? — perguntou Burnett.

Lucas se aproximou. Estendeu a mão para o pulso dela, suavemente, mas seu toque provocou minúsculos pontinhos de dor dentro dela. Sua atenção desviou-se da espada e se dirigiu ao toque do lobisomem.

Ele levantou a mão dela e a espada. Ela o ouviu respirar rapidamente, como se estivesse emocionado. Sentiu que a mente dele não estava apenas na espada também. Ela mordeu o lábio

para impedir que um suspiro deixasse seus lábios.

— E então? — perguntou Burnett.

Lucas respirou fundo.

— É do século XII. — Ele virou a mão dela um pouco para dar uma boa olhada em ambos os lados. — É mais do que provável que seja a espada de um cruzado.

— Eu sabia — exclamou Burnett. — Você saberia explicar por que ela está brilhante?

Lucas olhou para ela.

— Tem que ser por causa de Kylie.

O polegar de Lucas roçou na parte inferior do pulso dela. Seu toque era doce e amargo ao mesmo tempo. Ela queria chorar. Engoliu em seco novamente, rezando para conter as lágrimas. Mas que droga! Mesmo com raiva dele, mesmo tendo certeza de que sua relação estava condenada, ela o amava muito. O desejo de se aconchegar a ele, de pedir que ele a abraçasse, era forte, mas ela se obrigou a não ceder.

— Sim, nós sabemos disso, também — disse Burnett. — Mas por quê?

O olhar de Lucas continuou a acariciá-la.

— Isso eu não sei. Quer dizer, eu posso imaginar.

— Então, diga — disse Burnett, sem paciência.

Lucas olhou para Burnett.

— Ela é uma guerreira santa.

— Não, eu sou apenas uma protetora. — Kylie afastou os problemas com Lucas para se concentrar na questão da espada novamente. — Eu não sou uma guerreira. Nem gosto de guerra!

— Mas isso é exatamente o que a espada revela — disse Burnett. — Guerreiro santo.

Lucas olhou para ela.

— Onde? — Ele olhou para a espada novamente.

Kylie virou o pulso e mostrou a inscrição.

— Santo Deus! Você realmente é uma guerreira santa. — Ele parecia admirado. Impressionado.

Houve um tempo em que ela ficaria emocionada ao ver aquele olhar. Mas não agora. E sim, ela não estava tão impressionada assim. Ela não queria pensar em si mesma como Joana d'Arc ou algum tipo de guerreira.

— Você não pode acreditar em tudo o que lê — disse ela.

Lucas pareceu intrigado com a reação dela.

— É quase a mesma coisa que ser uma protetora, mas, para mim, é ainda mais surpreendente. Há lendas escritas sobre isso. Não me lembro de todas elas, mas a minha avó tem um livro sobre o assunto.

— Mas você realmente nunca encontrou uma guerreira santa, não é? — perguntou Kylie.

— Você — ele disse, com um sentimento de orgulho.

— Antes de mim — ela retrucou.

— Não — Lucas admitiu.

Kylie se virou para os outros na sala.

— Algum de vocês já conheceu um guerreiro santo?

Todos eles negaram com a cabeça.

— Então, essa é a prova — disse ela, inflexível. — Eles são apenas lendas. Na verdade não existem. — Era preciso admitir, ela não queria pensar em si mesma como uma guerreira. Ela ainda estava lutando com a ideia de ser uma protetora.

Holiday se aproximou e descansou a mão no braço de Kylie.

— Nós não sabíamos que camaleões existiam até algumas semanas atrás.

— Ela tem razão — Derek disse a Kylie.

Bem, diabos, isso fazia sentido, Kylie pensou, tentando não entrar em pânico.

Lucas, que ainda segurava o pulso dela, apertou sua mão de leve.

— Não é... uma coisa ruim. Ser um protetor é praticamente a mesma coisa. Você tem que lutar para proteger alguém.

Ela olhou para a espada brilhante e percebeu que o toque de Lucas era mais quente do que a espada.

— Ok, então estamos supondo que ela seja uma guerreira santa, mas o que isso de fato significa? — perguntou Burnett. — Por que a espada apareceu só agora? Seria um tipo de rito de passagem? Seria agora o momento certo? Ou... será outra coisa?

A maneira como ele disse "outra coisa" soou estranha. E Kylie podia adivinhar a que ele se referia. E não gostou.

Nem um pouco.

Lucas olhou para ela com simpatia.

— Acho que ela está sendo apresentada a uma arma com um objetivo. Sim, pode ser que ela não esteja preparada para recebê-la ainda. Mas eu acho que é mais que isso... — Um olhar protetor atravessou o rosto dele. Ela sabia que eles estavam pensando a mesma coisa.

— Mais o quê? — Burnett e Holiday perguntaram ao mesmo tempo.

— Pode ser que ela vá precisar. A espada aparece quando é hora de se preparar para a batalha.

— Isso é exatamente o que os anciãos disseram — Hayden falou. — Se ela recebeu uma espada, é porque vai precisar dela.

— Existe uma maneira de ter certeza disso? — perguntou Burnett.

Lucas balançou a cabeça.

— Eu não sei. Mas... — Ele respirou fundo e encontrou o olhar de Kylie. — Você sabe como usar uma espada dessas?

— Por que eu saberia como usar isso? Eu não sei usar nem um descascador de batatas. E é por isso que essa coisa toda não faz sentido. Eu *não* sou uma guerreira.

— Eu vi você lutar — disse Derek. — Você é incrível.

— Ele tem razão — disse Lucas. — Você também tem um coração de guerreiro santo. — Ele olhou para Burnett. — Mas ela precisa aprender a usar uma espada.

E, obviamente, Kylie não ia ter direito de opinar sobre o assunto. Ela franziu a testa.

— Você pode ensiná-la? — perguntou Burnett.

O olhar de Lucas encontrou o dela novamente.

Não, Kylie pensou, e ela finalmente retirou a mão da dele.

Essa não era uma boa ideia.

— Se ela permitir — disse Lucas.

— Kylie? — perguntou Burnett.

Será que ela tinha escolha? Poderia dizer não e a espada desapareceria?

Ela achava que não. Não poderia escapar dessa.

Ela sabia disso. Sabia com certeza — se não por outro motivo, pelo modo como a espada se encaixava na sua mão — que a arma lhe pertencia.

Ela assentiu, sabendo que era a coisa certa a fazer, mas detestou a ideia do mesmo jeito.

— Ótimo! — disse Burnett. — Primeiro, eu quero que você me traga aqueles livros de lendas da sua avó e, então, a sua tarefa é ensinar Kylie a usar a espada.

Lucas se virou e olhou para Kylie.

— Estou ansioso para começar.

E eu não, pensou ela, mas manteve as palavras para si mesma.

Dez minutos depois, Kylie voltava para sua cabana com Derek, sua sombra oficial até Della voltar do encontro com suas irmãs vampiras. Lucas estava providenciando o necessário e as aulas começariam no dia seguinte.

— Eu sei que você não está feliz com isso — disse Derek.

— Você é minha sombra, eu não estou chateada.

— Não me refiro a isso. Quero dizer as aulas com o Lucas.

Kylie suspirou.

— Não tive muita escolha.

— Você poderia ter insistido com Burnett para encontrar outro professor.

— Não pensei nisso. — *Mas por que não pensei? Estou querendo ficar com ele?*

Derek olhou para ela.

— Acho que provavelmente é melhor assim.

— Por quê? — perguntou Kylie, sentindo que havia algo que ele não estava dizendo.

Ele sorriu, mas o sorriso veio com um pequeno toque de tristeza.

— Você o ama. Senti isso com toda clareza ali. E também senti a sua raiva.

— Eu tenho o direito de estar com raiva — ela murmurou, mesmo sabendo que a raiva não era o maior problema. Embora tampouco fosse um problema insignificante.

— Sim, você tem — concordou Derek; então ele parou de andar e olhou para ela. — Mas o que você estava sentindo era maior do que isso.

Ela pensou que ele se referia ao fato de ela saber que Lucas acabaria ressentido com ela, mas então Derek continuou.

Ele fez uma cara de quem estava envergonhado.

— Eu senti. A mesma angústia que você costumava sentir quando nos conhecemos. Quando

você foi magoada por aquele seu namorado. Depois, a dor que sentiu em relação ao seu padrasto, você sabe, por enganar a sua mãe. Então, veio o sentimento de que eu a traí.

Ela queria negar, mas não conseguiu.

— Então, eu acho que isso apenas significa que nenhum homem presta! — O coração dela se contraiu e ela engoliu em seco para conter as lágrimas.

Ele suspirou, estendeu a mão e tocou o ombro dela como se quisesse consolá-la.

— O que Lucas fez foi errado, Kylie. Droga, o que todos nós fizemos foi errado. E eu não estou dizendo que Lucas não mereça a sua raiva, mas ele não merece pagar pelos erros de todo mundo.

Apesar dos seus esforços, as lágrimas turvaram seus olhos. Droga! Derek estava certo! A raiva que sentia por ter sido traída pelos outros se misturava com a raiva de Lucas.

O toque quente de Derek acalmou suas emoções, mas não consertou as coisas.

Porque aquilo não era algo que se pudesse consertar.

— Mesmo que eu conseguisse superar essa raiva, o nosso relacionamento não iria funcionar.

— Por que não? — ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Eu já disse. Ele vai perder tudo. A família. A alcateia. E algo ainda mais importante, os seus sonhos. Eu me recuso a ser a razão de ele perder tudo isso. — Ela voltou a andar novamente. Rápido. Desejando que pudesse correr, fugir de tudo o que sentia. De tudo o que tinha perdido.

Ele emparelhou com ela, e ela desacelerou o passo enquanto cortavam caminho de volta para a cabana. O sol parecia vir de um ângulo diferente, em comparação há algumas semanas. Havia uma sensação de outono no ar e de que a vida estava mudando.

Mudanças eram difíceis.

Ele limpou a garganta e falou, a voz ecoando no silêncio frágil.

— Então você acabou de encontrar uma maneira de contornar isso.

Ela olhou para ele, sem saber exatamente o que ele queria dizer.

— Contornar o quê?

— Contornar a possibilidade de ele perder tudo.

— Não acho que isso seja possível — disse ela.

— Qualquer coisa é possível. Você é Kylie Galen. — Ele lhe ofereceu um sorriso sincero.

Ela balançou a cabeça.

— Você sabe, as pessoas me dão muito mais crédito do que eu mereço.

Ele sorriu.

— Você simplesmente não se vê como nós a vemos.

Ela soltou um suspiro de frustração e os fatos ocorridos mais cedo apertaram seu peito.

— Eu não sou talhada para ser uma guerreira, Derek.

— Você vai se sair muito bem — disse ele. — Além disso, lembra-se do que você me disse, quando chegamos aqui, sobre eu aceitar meus dons?

— Foi provavelmente um mau conselho — disse ela.

— Não, não foi. Você me disse que eu precisava me abrir para os meus dons. Você estava certa. Mal posso me imaginar sem eles agora. São uma parte de mim. E toda essa coisa de espada e ser uma guerreira faz parte de quem você é.

Ela negou com a cabeça.

— Já tenho tanta coisa em que pensar; não preciso de mais.

— Em que você tem que pensar? — ele perguntou.

— No meu fantasma mais recente. — Eu preciso fazer com que ele faça sua passagem antes que me deixe louca. E nas minhas missões — disse ela.

— Mas você não acha que toda essa coisa de espada faz parte das suas missões? Acho que o fato de ela brilhar quando você a toca é um sinal de que ela tem a ver com você.

— Bem, não é a parte da minha busca a que eu gostaria de me dedicar agora — ela retrucou.

Depois de um segundo, ele perguntou:

— Posso ajudá-la de alguma forma?

Ela pensou um pouco.

— Acho que não.

— Conte-me sobre o seu fantasma — incentivou ele.

Ela lhe contou sobre o espírito. Sobre a cabeça e a espada.

— Uau! Isso é bizarro! — exclamou Derek. — Elas têm que estar ligadas de alguma forma. Ela tem uma espada e uma espada vive aparecendo. — Ele fez uma pausa. — Sei que Lucas vai trazer os livros da avó, mas ainda assim vou fazer algumas pesquisas na Internet. Talvez eu encontre alguma coisa.

— Obrigada — disse ela, e, em seguida, olhou para ele. — Por tudo.

— Tudo? — ele perguntou.

— Eu não mereço a sua amizade.

— Ah, você merece, sim! — Eles andaram alguns minutos em silêncio. O som de seus passos na trilha pedregosa juntou-se à melodia da natureza. Alguns pássaros piavam, insetos zumbiam.

— Quer saber de uma coisa? — ele disse.

— O quê? — ela perguntou.

— Você fez a coisa certa... com a gente. Eu precisava que você me dissesse aquilo. Por mais louco que pareça, eu de fato me sinto melhor.

— Você está apenas tentando garantir que eu não me sinta culpada? — ela perguntou.

— Não. Estou falando sério. Foi a coisa certa.

Ela olhou para Derek e percebeu que ele estava sendo totalmente sincero.

— Nós vamos ficar bem, não é? — ela perguntou.

— Sim, eu acho que vamos. Mas eu também estou falando sério sobre ser seu amigo.

— Eu também — disse ela.

Eles caminharam um pouco em silêncio novamente.

— Quais são as suas outras missões? — ele perguntou.

Ela não quis explicar tudo sobre sair do armário para Derek, então explicou a outra metade.

— Quero ajudar os outros camaleões adolescentes. Os anciãos os mantêm isolados de tudo. Essa não é uma boa maneira de crescer.

— Como aquela menina, a Jenny? — ele perguntou. — Ela me pareceu... bem normal.

— Sim, estou falando dela e ela é normal, ela é só... muito isolada do mundo. — Kylie contou a Derek que eles não tinham telefones celulares ou amigos fora do complexo.

— Isso é triste. Jenny me pareceu... bem simpática.

— Sim, ela é — Kylie disse, e se lembrou de ter visto Jenny agarrada às costas de Derek enquanto ele corria em círculos tentando se livrar dela. Kylie quase sorriu.

— Eu sei no que você está pensando — disse ele.

— Foi engraçado — ela admitiu.

— Não foi. Eu poderia tê-la machucado.

— Você não teria feito isso — disse Kylie.

— Não de propósito, mas ela pulou em mim de repente. Eu não tinha ideia de que era uma garota bonita agarrada a mim.

— Então. — Kylie apontou o dedo para ele. — Você a achou bonita. Eu sabia. Vi a maneira como vocês dois se olharam.

Ele deu de ombros.

— Eu não olhei para ela de um jeito especial.

— Olhou, sim. Você a estava analisando. E ela estava analisando você.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Ela estava mesmo?

Kylie riu.

— Sim, ela estava.

— Então vou ter que procurá-la, porque parece que tenho uma queda por garotas camaleões.

— Vai precisar de muita sorte — disse Kylie. — Ouvi dizer que essa espécie pode ser difícil.

— Isso é verdade! — ele disse, rindo. Andaram alguns metros em silêncio.

— A vida dos camaleões adolescentes é muito ruim? — perguntou Derek.

— Eles basicamente não têm permissão para aparecer em público até que sejam capazes de alterar seus padrões. E isso só acontece no final da adolescência ou com vinte e poucos anos.

— Você consegue mudar o seu padrão.

— Sim, eu sou diferente por algum motivo. — Ela fez uma careta. — Parece que essa é a história da minha vida.

— Isso deve ser um saco para eles — comentou Derek. — Por que você não tenta trazê-los para cá? Aposto que Holiday iria deixar.

— Acredite ou não, eu pensei nisso, mas não vai ser assim tão fácil. — Primeiro Kylie tinha que descobrir como convencer os camaleões a sair do armário.

— Bem, se eu puder ajudar, você sabe que estou à disposição.

— Vou me lembrar disso.

Quando chegaram à cabana, Della já estava lá. Assim como Miranda. Estavam sentadas à mesa da cozinha, cada uma com um refrigerante na mão e expressões de preocupação no rosto.

— Que bom que você chegou! — disse Miranda, como se estivessem esperando por ela para realizar uma mesa redonda importante. Então, as duas companheiras de alojamento olharam para Derek como se aquilo fosse uma festa e ele não tivesse sido convidado.

Derek olhou para Kylie e riu.

— A última vez que eu vi esse olhar de uma garota, havia um aviso escrito à mão na casa na árvore da minha vizinha que dizia “Meninos não entram”. Vejo você depois. E se conseguir qualquer coisa nas minhas pesquisas na internet, eu aviso.

Kylie observou-o se afastar. Então virou-se para Miranda e Della e convocou sua própria mesa redonda, para discutir a questão.

— Por que o meu coração não podia ter escolhido Derek? A vida teria sido muito mais fácil.

— Porque os corações são pestinhas sorrateiras e irracionais, feitas para causar sofrimento. Eles querem o que querem, e não dão a mínima para o que tornaria a vida da gente mais fácil ou mais difícil — Della concluiu. — Mas que tormento! — ela gritou, batendo na mesa com tanta força que Kylie não ficaria surpresa se ela a tivesse rachado ao meio. — Acho que devemos começar a beber chocolate novamente. Você acha que conseguiria outro frasco de calda de chocolate com Holiday?

Kylie olhou para Miranda com uma pergunta nos olhos: *O que diabos está acontecendo?*

Miranda deu de ombros e, obviamente, captou a pergunta silenciosa de Kylie, porque respondeu.

— Steve está ligando para ela de meia em meia hora e ela nem sequer atende ao telefone.

# Capítulo Vinte e Nove

No dia seguinte, depois da aula, Kylie ainda estava com ressaca de chocolate. Sim, isso existia. Ela era uma prova viva, pulsante e nauseada disso. Holiday, alegando que todas as três mereciam afogar suas mágoas em cacau, não só tinha arranjado calda de chocolate, como fez Burnett comprar um litro de sorvete de chocolate e um pacote de biscoitos recheados de chocolate.

Claro, mais da metade dos biscoitos já tinha desaparecido no momento em que Burnett e Holiday desceram do carro, e Holiday ainda tinha migalhas no queixo.

— Estou comendo por dois — disse ela, desculpando-se.

Della tinha se contentado apenas com seus Bloody Marys de Chocolate, mas Kylie e Miranda tinham se empanturrado de sorvete, biscoitos e calda de chocolate. Kylie não ficaria surpresa se nunca mais fosse capaz de comer aquilo novo. Ela não podia negar que o chocolate tinha conseguido aliviar temporariamente todos os seus problemas. Mas aliviar, não resolve.

Della tinha ficado reclamando por Steve não aceitar que o relacionamento entre os dois havia acabado. Miranda choramingara sobre ter que se desculpar com Nikki. Kylie quase tinha caído no choro enquanto se perguntava por que todos os homens eram tão cafajestes. Mas quando as palavras estavam prestes a deixar seus lábios, ela se lembrou do que Derek tinha dito sobre ela ter despejado toda sua raiva do passado em cima de Lucas. Ao constatar novamente toda a verdade daquela declaração, ela mudou um pouco o seu discurso e falou sobre o quanto estava chateada por ser uma guerreira santa.

Claro que, depois de levantar a questão de ser uma guerreira, ela foi obrigada a contar tudo o que tinha acontecido com a espada, fazendo as amigas jurarem que não iriam contar a ninguém. Miranda, é claro, achava toda a coisa de ser uma guerreira santa muito legal, e Della ficou com inveja. Kylie ainda estava tão chateada que deu conta de mais uma tigela de sorvete para conseguir lidar com isso. Ah, mas, antes que a noite terminasse, as três estavam rindo feito tontas de todo tipo de bobagem. Entre os temas que abordaram incluíam-se sexo, garotos e o que ficava melhor neles, sungas ou boxers.

As boxers ganharam.

— Ok, talvez chocolate e sangue não combinem tão bem assim — disse Della, parecendo muito triste naquela tarde também. Mas era Kylie quem estava no pior humor. Estava prestes a se encontrar com Lucas para ter sua primeira aula de esgrima. E, ainda por cima, a aula seria à beira do lago.

Por que ele tinha escolhido aquele local para o treino?

Ah, droga, ela sabia por quê — porque aquele era o lugar em que eles costumavam ir para uma sessão de amassos. Mas o que ela não sabia era se ele achava que havia alguma chance de aquilo acontecer nesse dia. Se ele achava, estava redondamente enganado. Ela iria lá para lutar,

não para dar beijo de língua!

Ela viu Lucas esperando, apoiado casualmente contra uma árvore. Ela não o via desde o dia anterior no escritório, mas por alguma razão era como se houvesse se passado muito tempo. Ele tinha faltado à aula. Quando a senhorita Cane questionou a ausência dele, Fredericka ergueu o braço e disse que ele tinha ido pegar algo na casa da avó. Kylie sabia que eram os livros que Burnett queria.

Enquanto se aproximava, Kylie não conseguia desviar o olhar de Lucas, parado ali tão natural e vigoroso quanto a floresta atrás dele. Por alguma razão, ele parecia mais lobisomem do que humano, e ela supôs que o período da Lua cheia estava se aproximando. Cerca de duas semanas antes dessa fase da Lua, ela começava a perceber que ele parecia mais viril. Quanto mais perto ela chegava do ponto onde Lucas estava, mais ela percebia o quanto aquela aula seria difícil.

O cabelo preto dele precisava de uma tesoura e algumas mechas se encaracolavam. Esses pequenos cachos agitavam-se com a brisa e lhe davam vontade de correr os dedos através deles. Ele usava uma calça jeans apertada o suficiente para mostrar a parte inferior do corpo de um homem, não de um menino. A camiseta azul-clara estava justa nos ombros largos, definindo os peitorais sob o algodão fino. A bainha das mangas curtas delineava perfeitamente os braços, chamando a atenção para os bíceps. E a cor da camiseta só fazia seus olhos azuis parecerem mais indomáveis. Ele parecia saído de um anúncio de revista para vender algum produto supermasculino.

Lucas se afastou da árvore e começou a andar na direção de Kylie e Della, mas ela sentiu que ele se movia na direção dela, como se ela fosse o único destino dele. Não que ele se apressasse; sua marcha era lenta, mas confiante. O estômago de Kylie vibrou e ela sentiu que suas mãos começavam a suar.

Della inclinou a cabeça para baixo e sussurrou:

— Você sabe que os lobisomens podem farejar feromônios, não sabe?

Ah, que maravilha, ela pensou, mas então percebeu que, embora não conseguisse controlar o fato de se sentir atraída por ele, aquilo não queria dizer que teria que agir com base nesse sentimento.

— Se isso faz você se sentir melhor, saiba que não é a única poluindo o ar neste momento.

Kylie não tinha se vestido com a intenção de chamar a atenção dele. Ou tinha?

A camiseta rosa de decote canoa só revelava levemente a fenda entre os seios. Claro que estava um pouco justa, mas a maioria de suas roupas era assim desde que seu sutiã tinha aumentado um número no tamanho. A cor era feminina, mas o que ela podia fazer se gostava de rosa? Os shorts eram calças jeans que ela havia cortado, mas nada muito curto, e os tênis brancos eram simples e gastos sobre as meias cor-de-rosa, que combinavam com a camiseta. E a única maquiagem que ela usava era rímel e gloss.

Lucas parou à sua frente. Era incrível como ele cheirava a ar livre; um aroma fresco, de terra, com uma pitada de hortelã.

— Estou aqui. — Ela tentou parecer indiferente à presença dele.

— Que bom! — disse ele, e havia suavidade em sua voz.

Seus olhares se encontraram e se mantiveram assim por um segundo. O coração dela acelerou. Della acenou com a mão para a amiga, como se dissesse que se sentia sobrando ali.

— Você quer que eu fique?

O “sim” de Kylie e o “não” de Lucas soaram ao mesmo tempo.

— Desculpe — disse Lucas, não parecendo lamentar tanto assim ao olhar para Della. — É que eu preciso de toda a atenção de Kylie para ensiná-la, e você iria apenas distraí-la.

— Certo — Della disse, num tom de descrença total.

Lucas franziu o cenho para a vampira.

— Tudo bem — disse Della. —Eu só vou dar uma volta por aí. — Ela olhou fixamente para Kylie.— Me ligue quando quiser ir embora e eu volto quando tiverem terminado.

— Eu a levo até a cabana — disse Lucas.

— Eu te ligo quando terminar — disse Kylie.

Della foi embora, deixando os dois sozinhos. Kylie olhou para a água por um segundo e tentou encontrar forças para resistir à próxima hora.

Nenhum dos dois falou durante vários minutos. Ela continuou a olhar para a água e ela pôde senti-lo olhando para ela. As borboletas, brincando de carrinhos de bater em seu estômago, aceleraram os motores e saíram em alta velocidade. Respirando fundo, e dizendo a si mesma que estava sendo tola, ela o encarou.

— Quando é que vamos começar?

— Vou pegar as coisas.

Lucas voltou a caminhar até a árvore onde havia um saco grande de pano ao lado do tronco. Ele pegou uma toalha do saco e, em seguida, estendeu-a no chão. Pegou o saco de novo e dali tirou uma espada. Ela a reconheceu imediatamente como a espada que a perseguia. Algo como um tremor em espiral percorreu a sua espinha. Mas não era medo, era outra coisa. Era como um sentimento inexplicável de reconhecimento.

Lucas pousou a espada sobre a toalha. Só o jeito como ele carregava a arma já expressava respeito, reverência. Ela não tinha a menor ideia de que ele sabia como manejar uma espada. Talvez o assunto de lutas e espadas nunca tivesse surgido nas conversas entre eles.

Kylie se aproximou e viu quando ele tirou do saco outra espada, um pouco diferente, mas parecida com a primeira. O tamanho e a forma pareciam quase os mesmos, e ambas tinham a mesma aparência de antiguidade.

Será que a outra tinha surgido de forma mágica também?

— De onde que veio essa espada? — ela perguntou.

Ele ergueu o olhar.

— Essa é a minha. Quando fui pegar os livros para Burnett, trouxe a espada também.

— Onde você arranjou uma espada? — perguntou Kylie.

— É uma relíquia de família. Está na minha família há muito tempo. Meu avô na verdade me

deu antes de morrer.

Ela percebeu mais uma vez que as duas espadas pareciam ser do mesmo tipo.

— Eles eram cruzados ou guerreiros santos?

Ele sorriu para ela, um de seus sensuais sorrisos de *bad boy*. E os dedos de Kylie se remexeram dentro do tênis com aquele sorriso. Ela se lembrou de sentir aquele sorriso em seus lábios. Prová-lo. Adorá-lo.

— Na verdade, eram *vikings*. Me contaram que eles eram uma espécie de Robin Hoods, não piratas assassinos, mas não posso jurar que isso seja verdade.

Ela passou as palmas das mãos suadas nos bolsos traseiros.

— Burnett já teve chance de olhar os livros? Será que ele descobriu alguma coisa útil?

Ele voltou a pegar o saco e tirou dali duas espadas de madeira.

— Eu o vi logo depois do almoço e ele me disse que ainda estava dando uma olhada neles.

— Você já leu esses livros? — perguntou Kylie.

— Já. Quando meu avô me dava aulas, eu os devorei. Eu costumava fazer de conta que era um guerreiro santo. — Seu sorriso se iluminou. — Salvando donzelas em perigo.

Ela podia quase vê-lo representando esse papel. Lembrou-se de quando eles eram pequenos e ele pegou a pedra que os valentões tinham atirado nela.

Aos 6 anos, ela o considerava um herói.

Aos 16 anos, ela o considerava um destruidor de corações.

— Tudo bem — disse ele. — Eis o meu plano. Primeiro vou ensiná-la a segurar a espada e, em seguida, a fazer alguns movimentos defensivos muito simples. Então vamos realmente treinar por um tempo.

Ele pegou a espada de Kylie e se moveu atrás dela. Ela imediatamente se virou.

— Fique olhando para a frente, quero te orientar sobre como segurá-la.

— Por que você não pode simplesmente me mostrar?

Ele franziu a testa.

— Foi assim que o meu avô me ensinou. Por favor, vire-se.

Ela franziu a testa para ele, mas se virou. Em seguida, ela prendeu a respiração e esperou pelo toque de Lucas. Esperou para sentir seu corpo contra o dela.

Esperou a dor que acompanharia o toque dele — a dor emocional, que era ao mesmo tempo doce e amarga.

Ela sentiu o peito de Lucas, quente e sólido, contra as omoplatas. A mão direita dele se estendeu para a frente e ele pressionou dois dedos um pouco abaixo do cotovelo de Kylie. Então ele deslizou lentamente a mão até o pulso dela. A sensação de seu toque era tanto desejada quanto indesejada. Ela engoliu em seco e o barulho que isso fez foi quase alto demais.

— Pegue a espada. — A voz profunda e rouca de Lucas sussurrou em seu ouvido.

Só então ela percebeu que tinha fechado os olhos.

Quando os abriu novamente, ela viu que ele tinha esticado o braço em torno dela e segurado a espada com a mão esquerda. Segurando a espada, ela fechou a mão em torno da arma.

— Agora, mova o pulso só um pouco para... — Ele fez uma pausa e nesse instante a espada

começou a brilhar.

O jeito como ele inspirou o ar revelou que isso ainda o deixava impressionado.

Kylie ainda estava muito concentrada na sensação do corpo dele pressionado contra o seu para se preocupar com a espada.

— Assim — disse ele, girando ligeiramente o pulso dela para a direita. A cabeça de Lucas se virou também, e ela sentiu o rosto dele na parte de trás da cabeça.

Ela achava que o ouvira suspirar, mas não tinha certeza.

— Você sente como o peso da espada está nivelado na sua mão?

Ela assentiu com a cabeça, não confiando na própria voz. O aroma dele a rodeava. As ondas mais fortes de dor cessaram, mas ela ainda sentia uma dor incômoda. Ela também sentia... a maravilha que era o toque de Lucas. Sentia a pele dele onde quer que ele pressionasse o corpo contra o dela.

— Você está indo bem. É assim que precisa segurá-la.

Ficaram assim por alguns longos segundos. A forma firme do corpo dele pressionada contra ela, seu braço circundando-a, a espada na mão.

Por um segundo, ela pensou que tinha ouvido o zumbido, o som hipnotizante e poderoso feito para enfraquecer as parceiras.

— E agora? — ela conseguiu dizer, lutando contra a sensação de atração, de se sentir seduzida.

Ele respirou fundo e deu um passo para trás.

— Agora eu vou pegar a minha espada e te mostrar alguns movimentos. — A voz dele soou um pouco mais baixa.

Ele se moveu rapidamente para pegar a espada. Então voltou e ficou bem ao lado dela. Seu olhar azul-escuro desviou-se da espada e olhou para ela. Ela viu o ardor nos olhos dele, ela viu o desejo.

— Sinto muito. Eu não queria que isso acontecesse.

Ela desviou o olhar rapidamente e, embora parte dela quisesse se aproximar dele, ela simplesmente ficou ali e esperou que ele lhe mostrasse o movimento seguinte. Esperando que ele envolvesse apenas uma luta de espadas e não, sedução.

# Capítulo Trinta

Ela passou os trinta minutos seguintes seguindo os movimentos de Lucas. De novo e de novo. Golpeando com a espada de uma certa forma e, depois, de outra. Ele gritava os comandos. Na verdade, não de uma maneira rude, mas como se fosse do jeito como ele tinha sido ensinado. Ela não podia deixar de imaginar Lucas, bem mais jovem, recebendo as instruções severas do avô.

— Não é assim — disse ele. — Mantenha a espada apontada para o lugar onde o adversário vai estar. E não olhe para baixo. Agora veja onde você está apoiando seu peso. Coloque o seu peso nos seus movimentos.

Kylie perdeu a conta de quantas vezes fizeram isso.

Foi realmente extenuante. O sol aquecia sua pele, o ar estava espesso. Os músculos das pernas de Kylie queimavam depois de todos os agachamentos parciais e estocadas. Ela não reclamou. Nem uma vez. Ela aguentava tudo para sentir o toque dele.

— Assim está ótimo! — exclamou ele, fazendo os mesmos movimentos ao lado dela. — Você está pegando o jeito.

*— Ah, meu Deus. Você tem um talento nato!*

A céu aberto, ela realmente ouviu a voz antes de sentir o frio do espírito. O espírito ficou à esquerda de Kylie, segurando sua própria espada, seguindo as orientações de Lucas com precisão.

— O que você está fazendo? — perguntou Lucas. — Desloque o peso do corpo para trás e depois para a frente.

Kylie ignorou Lucas, mas continuou a se mover — a atenção dela agora estava na arma do espírito e não em seguir as instruções de Lucas.

Comparando as espadas, ela percebeu que a espada do espírito na verdade não era como a que brilhava nas mãos dela. A lâmina do fantasma era mais fina e cônica. E o punho, como Lucas chamava o cabo, era maior.

*Que tipo de espada você tem*? Kylie perguntou mentalmente ao espírito, pensando que talvez ela conseguisse levá-la a se abrir, talvez dando a Kylie algo que a ajudasse a mandá-la embora.

*— Uma espada bastarda. Eu a roubei de um bastardo*. — Ela riu, mas não perdeu o ritmo dos movimentos. Parecia já ter prática.

Quem quer que fosse, as suas habilidades com a espada comparavam-se, se não superavam, as de Lucas.

*Estou falando sério*. Kylie perdeu um passo.

— Você está bem? — Lucas perguntou, e ela sentiu que ele a observava.

— Sim — Kylie respondeu, mas continuou a se concentrar no espírito. Ela precisava descobrir isso. Quanto mais cedo o fantasma desaparecesse, mais cedo ela poderia se dedicar às

suas outras missões.

*Quem você quer que eu mate?*, perguntou Kylie mentalmente, continuando a se mover, mas obviamente não tão bem quanto antes, porque Lucas tinha parado de treinar e agora estava apenas olhando para ela.

— Você quer fazer uma pausa? — ele perguntou.

*Quem é?*, Kylie exigiu, e parou de se mover.

O espírito parou seus movimentos e olhou para Lucas.

*— Ouça esse cara. Ele é um bom professor. Com um pouco de prática, você estará pronta. Você vai matar o meu inimigo, e então vou deixar você em paz e assumir o meu lugar no inferno.*

Inferno? A respiração de Kylie parou. Ela nunca tinha lidado com um espírito que ia para o inferno. Ela só esperava que o fantasma estivesse errado. Mas sabendo o que sabia, todas as pessoas que o espírito dizia ter matado, ele poderia muito bem estar destinado a ir para o inferno.

O espírito desapareceu.

Kylie soltou um suspiro frustrado e, em seguida, limpou o suor da testa com as costas da mão esquerda. Mais uma vez ela teve a nítida sensação de que esse espírito estava de alguma forma ligado ao fato de ela receber a espada. Mas o que aquilo significava? Kylie realmente deveria obedecer às ordens do fantasma e matar alguém por ela?

A ideia de tirar a vida de uma pessoa causou um arrepio na espinha de Kylie. Mais uma razão para ela questionar sua capacidade como guerreira santa.

— Quer um pouco de água? — perguntou Lucas.

Ela olhou para ele. Sua pele bronzeada brilhava com o calor. A frente da camiseta dele agora estava agarrada ao tronco, delineando ainda mais seu peitoral. O suor sempre caía bem em Lucas.

Ela olhou para a espada.

— Existe algo como uma espada bastarda? — ela perguntou, com o foco no fantasma e sem querer pensar em como Lucas estava atraente.

— Sim, por quê? — Ele andou até o saco de pano e tirou dali duas garrafas de água. Então entregou uma a ela. A mão dele roçou na dela. Ela puxou a mão para trás, e ele deve ter notado sua rapidez, porque franziu a testa.

— Nada — disse ela, sabendo que ele não iria querer saber. Ele não gostava de fantasmas. *Mas ele foi até o cemitério por mim, para me ajudar. Mesmo que na época eu fosse um vampiro*.

Ela baixou a espada e a observou enquanto ela perdia o tom dourado.

— Isso é muito estranho — disse ele.

— Pode apostar. — A garrafa que ele lhe entregou gelou a palma da mão dela. Ela tirou a tampa e tomou um longo gole.

Eles beberam sem falar; a mente dela no fantasma e, um segundo depois, em quanto Lucas estava bonito.

— Está pronta para lutar? — ele perguntou.

Kylie olhou para sua espada e para a outra pousada sobre a toalha. Armas reais que poderiam matar. Uma escorregadela do pulso e alguém poderia ficar gravemente ferido.

— Eu acho que não.

— Não com estas. Você não está pronta para isso. — Ele apontou para a toalha e as espadas de madeira. — Com aquelas.

Ela queria dizer que não, mas então percebeu que, quanto mais cedo aprendesse a lutar, mais cedo deixaria de se encontrar com Lucas e de se lembrar de tudo que perdera. Recolocando a tampa no lugar, ela deixou a garrafa d'água no chão, ao lado da sua espada, e depois pegou uma das espadas de madeira.

— Vamos nessa.

Vinte minutos depois, eles tinham finalmente conseguido. Estavam lutando. Kylie por fim começou a entender como fazer aquilo. Usando os movimentos que ele tinha lhe ensinado, ela conseguiu bloquear a maioria dos ataques. A maioria, mas não todos.

Por três vezes ele conseguiu se desviar da espada dela e tocá-la no peito com a espada de madeira.

— Dois pontos para o professor — ele disse a cada uma das vezes. Então eles continuaram se movendo para os lados, atacando, recuando, avançando e às vezes se movendo em círculos. O som das lâminas de madeira se chocando ecoava em seus ouvidos. O suor recomeçou a escorrer da sua testa, mas ela o ignorou, determinada a ganhar alguns pontos na disputa.

Observando-o, analisando-o, Kylie começou a reparar nos padrões dos movimentos dele. Usando contra ele o que tinha aprendido, ela esperou por uma oportunidade e então atacou. Ela tocou no peito dele com sua própria lâmina de madeira. Ofegando pesadamente, sentiu o suor escorrendo por entre os seios.

— Dois pontos para a aluna — disse, animada com seu momento de sucesso. Por mais incrível que parecesse, ela estava gostando daquilo.

Ele parou e baixou a espada. Os olhos azuis fixos nos dela. Ele respirou fundo.

— Você não sabe o quanto eu senti falta desse sorriso.

Voltando à razão, percebendo o que ela tinha oferecido a ele, ela bateu a lâmina de madeira na de Lucas.

— Nós viemos aqui para lutar.

Ele ergueu a espada e, em seguida, voltou à disputa.

— Eu sinto sua falta — disse ele, logo depois de conter a lâmina dela.

Ela se afastou e brandiu a espada com mais força para a esquerda. A lâmina de madeira de Lucas a bloqueou. Ela se afastou e voltou a avançar.

— Você é minha alma gêmea — disse ele, bloqueando-a em cada golpe.

A emoção encheu o peito dela. Um pouco por causa da lembrança de ouvi-lo dizer aquelas mesmas palavras para Monique, mas principalmente por saber tudo o que ele tinha a perder. Ela arremeteu com mais força, e sua espada bateu na dele com um baque forte. O impacto fez a espada voar da mão dele e a dela se partir ao meio.

— Você deve fazer o que seu pai quer. Voltar para Monique, concordar em se casar com ela.

Entrar para o Conselho como o planejado.

— Eu não estou concordando em me casar com Monique! — disse ele numa voz severa. — Eu nunca deveria ter concordado com isso!

— Eu acho que já acabamos — disse ela, com o coração disparado e um mundo de dor se instalando no peito.

Uma expressão de tristeza encheu os olhos dele.

— A aula de hoje, acabamos. Mas não o que existe entre nós. — Ele pegou a espada e, em seguida, começou a guardar suas coisas, enquanto ela ficou ali parada, tentando controlar a respiração. Ele encontrou a outra metade da espada de Kylie e a pegou.

Ela se perguntou se essas não seriam as mesmas espadas que ele e o avô usavam. E se fossem, provavelmente significavam algo para ele. A culpa encheu o peito dela.

— Não tive a intenção de quebrá-la.

— Eu sei. Tudo bem. Isso acontece muito. — Ele fez uma pausa e, pelo jeito como a fitou, ele estava prestes a dizer algo que ela não queria ouvir.

O telefone de Kylie tocou. Ela o puxou para fora do bolso.

Lucas fez uma careta.

— Se for Della diga que eu falei que ia acompanhá-la até a sua cabana.

— É minha mãe — disse Kylie, enquanto se afastava alguns metros de Lucas. Ela colocou o telefone na orelha, um pouco preocupada ao ver que a mãe estava ligando durante o expediente de trabalho.

— Oi, mãe — cumprimentou Kylie, ouvindo ainda o coração bater nos ouvidos por causa do esforço da luta. Ou por causa do que Lucas havia dito.

— Oi? É só isso que você vai me dizer? — perguntou a mãe, com rispidez.

— O que mais eu devo dizer a você? — perguntou Kylie.

— Como você se atreve a fazer isso comigo, Kylie Galen? — O tom da mãe a fez recordar da época em que elas não se davam bem — dos dias em que Kylie chamava a mãe de “Princesa de Gelo”.

Ela respirou fundo e disse a si mesma para não entrar em pânico, mas não era justamente com isso que ela estava preocupada? Que, agora, com John se intrometendo entre as duas, a frágil relação que tinham passasse a correr perigo?

— Mãe, o que foi que eu fiz? — Kylie se afastou mais alguns metros, sem querer que Lucas ouvisse a discussão.

— Você sabe o que você fez, não banque a inocente comigo.

— Eu não estou bancando nada — disse Kylie, ficando um pouco mais preocupada e, quando ela olhou para a frente, viu Lucas observando-a com um ar solidário.

— Você se encontrou com os Brightens, não foi? — A mãe falou tão alto que feriu seus ouvidos e ela teve certeza de que Lucas também pôde ouvir.

Kylie se afastou mais alguns metros. Ela tinha planejado contar à mãe, logo que ela tinha voltado de viagem, mas, depois do mal-entendido da gravidez, simplesmente não achou que fosse uma boa hora. E na manhã do dia anterior, com todos os pedidos de desculpas e elogios a

John, ela também não achou que fosse o momento certo. Além disso, aquilo era algo que ela precisava contar pessoalmente.

— Sim, e eu ia te dizer.

— Você *ia*? *Ia* me dizer? Você não acha que era algo que você deveria me contar antes de fazer?

— Eu te disse. Quer dizer, eu disse que queria encontrá-los. Falamos sobre isso há alguns meses, lembra?

— Você deveria ter discutido isso comigo primeiro.

*E você deveria ter discutido isso comigo anos atrás*. Kylie encontrou algum alívio na sua própria raiva, mas sabia que não podia extravasá-la agora. A mãe nunca era razoável quando estava chateada e, naquela situação, pôr mais lenha na fogueira não seria uma atitude inteligente.

— Eles ligaram para você? Estavam aborrecidos? — Kylie tinha pensado que os Brightens haviam concordado em esperar e se encontrar com a mãe dela mais tarde. Por que tinham se precipitado e ligado para ela? Mas, mesmo contrariada com a atitude deles, ela não podia imaginar os Brightens sendo rudes com a mãe.

— Sim, eles me ligaram! E você faz ideia do quanto essa conversa foi estranha?

— Sinto muito. Mas você estava na Inglaterra — Kylie acrescentou.

— Há quanto tempo isso está agendado, mocinha?

— Eles estavam fora do país e eu nem achei que tivessem ouvido a minha mensagem. Eles ligaram e quiseram vir aqui logo que chegaram.

— Você deveria ter me contado primeiro, senhorita Galen.

Ah, que inferno, sempre que a mãe se referia a ela como senhorita Galen, Kylie sabia que lá vinha bronca. E, como tantas vezes no passado, ela não achava que a merecesse.

— Eu deveria ter tido tempo para me preparar antes de falar com eles. Em vez disso, recebo esse telefonema de repente.

— Sinto muito — disse Kylie.

— John estava comigo quando eles telefonaram. Você faz alguma ideia de como isso foi estranho?

Lágrimas encheram os olhos de Kylie e ela não conseguiu mais segurar a raiva.

— É por isso que você está chateada? Por causa de John?

— Eu não tinha dito a ele que Tom não era seu pai. Foi totalmente constrangedor.

— Você tem vergonha de mim? — perguntou Kylie, e balançou a cabeça.

— Não vire esse jogo — disse a mãe.

— Virar o jogo? — Ela balançou a cabeça. — Sinto muito, mãe, mas você está totalmente errada.

— Eu não fiquei envergonhada por causa de você. Eu fiquei... Fiquei envergonhada por ter engravidado de alguém que eu mal conhecia!

Kylie enxugou as lágrimas.

— Você disse que o amava.

A mãe suspirou.

— É claro que eu amava, mas...

— Mas o quê? — perguntou Kylie. — Mas você estava com medo de que o seu precioso John visse a sua omissão da verdade como uma mentira?

— Kylie, não seja...

— E isso não seria bom, não é? — ela continuou. — Espere, você não precisa responder a essa pergunta, porque eu posso dizer como é. Como é quando alguém que você achava que conhecia esconde algo de você, algo que poderia ser muito importante! Eu não posso acreditar que você esteja com raiva de mim por não ter contado que entrei em contato com os Brigthens quando você não me disse uma palavra sobre o meu próprio pai ou sobre os meus avós durante todos esses anos!

O jeito como a mãe engoliu o ar já revelava muita coisa.

— Eu... Eu pensei que já tinha explicado isso.

— Sim, você explicou que estava perdidamente apaixonada pelo meu pai, e agora diz que mal o conhecia.

— Eu... Eu não acho que isso seja algo que devamos discutir pelo telefone.

— Sério? Pois foi mais ou menos assim que eu me senti quanto a te contar sobre os Brightens. — Mais lágrimas escorreram pelo seu rosto.

Ela desligou tão zangada que quase quis jogar o telefone longe. Ela não fez isso, mas desligou o aparelho só para o caso de a mãe tentar ligar de volta.

— Sinto muito. — As palavras de Lucas soaram atrás dela.

Ela enxugou as lágrimas novamente e se virou. Ela não sabia que ele estava tão perto e sem querer correu direto para ele. Seu rosto pousou no peito mais que perfeito de Lucas. Seus braços quentes e suaves a envolveram e a abraçaram por dois, talvez três segundos antes de ela se afastar. Tempo suficiente para ela se lembrar de como era bom se aconchegar a ele, para recordar o quanto era bom poder contar com ele. Apenas por tempo suficiente para ela recuperar o bom senso e lembrar-se de que ela não devia se aconchegar a ele ou contar com ele novamente.

Na sexta-feira seguinte, quase meia-noite, Kylie estava deitada na cama olhando para o teto, remoendo seus problemas. Eles davam voltas e mais voltas na sua cabeça e com qual deles se preocupar mais, nem ela nem ninguém sabia.

Sua mãe, com quem Kylie estivera falando, embora a raiva ainda não tivesse passado, e sua missão aparentemente impossível de salvar os camaleões adolescentes.

Seu fantasma completamente impossível e o impossível e irritante Lucas.

E uma vontade incontrolável de falar com Daniel mais uma vez, de quem ela não tivera mais notícias desde a visita dos Brightens.

E por último, mas certamente não menos importante, um patife impossível, cuja ameaça ainda ressoava nos ouvidos de Kylie. *Você vai vir até mim, Kylie Galen, vai vir até mim disposta a morrer, a sofrer em minhas mãos, para minha alegria, porque o preço será muito alto! Sua fraqueza será sua ruína*.

Nesse exato momento, a fraqueza de Kylie parecia ser sua incapacidade de descobrir alguma coisa. Tudo em sua vida estava como num limbo.

A única questão que lhe parecera produtiva naquela última semana fora a sua habilidade ao usar a espada. Às vezes ela se perguntava se a sensação boa que tinha com relação a isso não era apenas por causa de Lucas. Estar com ele por uma hora ou duas por dia.

Ah, e ela não tinha sucumbido a nenhum dos seus avanços. Coisas sutis, como andar tão perto que seu ombro roçava no dela, sua tática de lhe mostrar um movimento ficando de pé atrás dela e conduzindo-a para que ficasse numa certa posição ou fizesse um movimento. E então havia os avanços não tão sutis. Enquanto brigavam com as espadas de madeira, ele às vezes vinha com um "Eu ainda te amo" ou "Você sabe que é linda?" ou "Você se lembra daquela noite em que estávamos voltando do cemitério e quase fizemos amor?"

Ela havia quebrado mais três espadas de madeira por causa daquelas coisas que ele dizia. Alguém poderia pensar que isso serviria para fazê-lo ficar de boca fechada. Mas não. Lucas tinha até rido da segunda vez em que ela fizera isso. Ele não parecia se importar que seus comentários acabassem obrigando-o a arranjar outra espada. E ela teve certeza disso quando, no dia seguinte, ele disse algo que a fez quebrar a terceira espada. Não que ela estivesse fazendo aquilo de propósito; era simplesmente difícil para ela não extravasar a emoção com seus golpes.

Naquele dia, quando eles foram embora, ela chamou o que estavam fazendo de "esgrima", e Lucas a corrigiu. Ele disse que ela não estava aprendendo a esgrimir. Pois aquilo envolvia um conjunto completamente diferente de habilidades. Ela estava aprendendo a lutar. Ele não disse isso, mas ela leu os pensamentos dele. Ela estava treinando para matar.

Mas quem?

E como? Ah, ela sabia que aquilo iria acontecer com uma espada, só não sabia como seria capaz de matar. De realmente tirar uma vida.

Soltando um profundo suspiro, Kylie rolou na cama, deu um soco no travesseiro e lembrou-se de Collin Warren, quando ela o atirou através do cômodo. A intenção dela não tinha sido matar, mas proteger. Ela não o matara, mas poderia ter feito isso.

E talvez fosse desse jeito que a "coisa" toda ia acontecer, fosse lá o que fosse. Talvez se seu instinto de proteção estivesse ativado, ela fosse capaz de fazer isso e não pensar. Mas quando pensou a respeito depois, se perguntou se seria capaz de conviver com isso.

Talvez se fosse para salvar alguém que ela amava.

— *Ou matar alguém que você detesta*.

O frio tomou conta dela. Kylie se sentou e o fantasma se sentou nos pés da cama, segurando sua espada. Kylie o tinha visto todos os dias durante os treinos com Lucas. Ela aparecia e fazia os exercícios com eles, mas, não importava o quanto Kylie tivesse tentado, o fantasma não tinha falado uma única vez.

— Quem é que eu detesto tanto assim? — Kylie perguntou.

— *Você sabe* — disse o fantasma.

— Diga, droga! Estou cansada dos seus jogos!

Della, como se estivesse meio dormindo, invadiu o quarto de Kylie.

— Está tudo bem?

— Sim! — respondeu Kylie. — Vá embora! — Ao ver que a amiga ainda estava parada ali, Kylie completou — É um problema com um fantasma.

Della disparou para fora. Mas, quando Kylie olhou em volta, o fantasma tinha sumido.

— Quem é que eu detesto tanto assim? — ela repetiu. O fantasma não voltou, mas de repente Kylie percebeu. Percebeu com clareza.

Mario.

Ela deveria matar Mario.

No fundo, Kylie sabia que isso ia acontecer. Sabia que eles se enfrentariam novamente. O que ela não sabia era como, pelo amor de Deus, iria vencê-lo. Ele tivera anos para acumular seus poderes. Como ela poderia estar à altura dele?

Em seguida, outra pergunta lhe ocorreu. Será que isso significava que Mario era a pessoa que o fantasma queria que ela matasse? Mas qual seria a ligação entre ele e o fantasma?

# Capítulo Trinta e Um

Sábado pela manhã, de pé no refeitório, Kylie esperou que sua mãe aparecesse no dia dos pais. Ela não tinha dito nada sobre a vinda de John, mas Kylie não sabia se isso significava que ele não viria, ou se ela não sentia necessidade de perguntar se Kylie concordava. Mas Kylie realmente rezava para ele não aparecer. Agora que o relacionamento com a mãe parecia entrar num terreno movediço, ela não precisava de John por perto.

Por outro lado, o padrasto de Kylie tinha deixado a cidade por causa de uma viagem de negócios e não ia aparecer, o que era bom para Kylie. Sem ele, o nível da combustão diminuiria, no mínimo, um grau. Ela não tinha deixado de amar Tom Galen, mas nesse momento o pai que Kylie ansiava por ver era seu pai verdadeiro. Desde a visita dos Brigthens, Kylie sentia saudades de passar algum tempo com Daniel. Quase todas as noites antes de dormir, ela pegava o álbum de fotos que os Brightens haviam lhe dado, e quase sempre acabava chorando. Sentindo como se a vida a tivesse enganado.

Enganado-o, também.

Kylie observou alguns pais passarem pela porta do refeitório. Os pais de Miranda entraram e a encontraram à espera deles, toda comportada, sentada a uma mesa. Ver Miranda daquele jeito era muito estranho, como usar um sapato no pé errado.

A mãe de Miranda tirava toda a confiança e personalidade da bruxa. Isso era revoltante!

A mãe de Derek caminhava com exuberância, como se estivesse ansiosa para ver o filho. Era assim que os pais deveriam ser, Kylie pensou. O olhar da mulher vasculhou o salão, obviamente à procura de Derek. Quando seu olhar encontrou o de Kylie, ela sorriu e acenou e começou a se mover em direção a ela. Felizmente, Derek a chamou do outro lado do refeitório e poupou Kylie de uma conversa estranha. O que dizer à mãe do garoto cujo coração você acabou de partir?

Os pais de Helen entraram com um olhar de preocupação no rosto, embora houvessem trazido a filha para Shadow Falls alguns dias antes.

Jonathon não parara de sorrir desde que Helen tinha voltado. Kylie se sentava com eles quase todos os dias na hora do almoço, deixando Della e Miranda com suas próprias espécies. No dia anterior, durante o almoço, Kylie tinha observado as mesas de todas as diferentes espécies e se perguntado se algum dia haveria uma mesa de camaleões em Shadow Falls.

Em seguida, os pais e a irmã de Della entraram. O pai parecia, como sempre, contrariado e aborrecido por estar ali. Ele tinha até dito à filha uma vez que só vinha porque a mãe dela fazia questão. Parte de Kylie teria gostado de bater naquele homem até colocar alguma razão na cabeça dele.

Como ele poderia ignorar o quanto aquelas palavras machucavam a filha?

Do outro lado da sala, Della franziu o cenho para sua família que cruzava a porta. O coração

de Kylie doeu pela amiga. Como se fosse possível, a vida familiar de Della era ainda pior do que a de Kylie.

— Você está bem? — perguntou Holiday aproximando-se para ficar ao lado dela.

— Sim. Só queria saber por que as famílias têm que ser tão difíceis. Por que as pessoas não podem simplesmente se amar?

Holiday roçou o ombro contra o de Kylie, oferecendo um pouco de conforto.

— Elas se amam. Dramas familiares são a consequência de se ter uma família. O que você vê nesta sala agora é provavelmente a pior fase.

— O que você quer dizer? — perguntou Kylie.

— O momento mais difícil em qualquer relacionamento é a mudança. E nada traz mais mudança na dinâmica de uma família do que o momento em que um adolescente começa a se firmar como uma pessoa independente. Isso vale tanto para os seres humanos, quanto para os sobrenaturais.

Holiday devia ter visto Kylie olhar para Miranda e Della, pois disse:

— Em poucos anos, Miranda já não vai se importar se sua mãe aprova suas escolhas. E a mãe vai gradualmente aceitar que Miranda é como é. Della vai crescer e fazer grandes coisas, porque não vai aceitar menos de si mesma. Seu pai vai ter que admitir que, embora ele não entendesse as mudanças na vida da filha, ela cresceu para ser um sucesso.

— E você não acha que esses ressentimentos vão prejudicar o relacionamento?

Holiday suspirou.

— Ah, haverá cicatrizes e algumas coisas para se consertar e, sim, existem casos que não terminam bem. — Ela fez uma pausa. — Mas, para a maior parte, os problemas que você vê aqui são coisas das quais as famílias podem e provavelmente irão se recuperar.

— Isso me dá esperança — disse Kylie.

— Você retornou a ligação dos Brightens? — perguntou Holiday.

Kylie havia recebido no dia anterior a mensagem de que eles tinham ligado.

— Sim, eu falei com eles. Queriam vir no dia dos pais e conhecer a minha mãe.

Holiday ficou tensa.

— Você não me disse que eles viriam.

— Eles não vêm. Não achei que a minha mãe estivesse preparada para se encontrar com eles. Depois da discussão que teve comigo porque eu os vi, nós mal falamos sobre eles. Ela pediu desculpas, mas agora nós duas estamos fingindo que nada aconteceu. Estou com um pouco de receio de trazer o assunto à tona.

— Vai dar tudo certo. Sua mãe não parece ser do tipo irracional.

— Obviamente, você não a conhece muito bem. — Embora Kylie tivesse dito aquilo meio brincando, em parte era verdade.

Kylie olhou para Holiday e se lembrou da visita do fantasma.

— Tive um visitante na noite passada.

— E ela falou com você dessa vez? — perguntou Holiday, sabendo exatamente o que Kylie queria dizer.

— Um pouco. — Ela mordeu o lábio. — Eu acho que está tudo ligado. A espada, o fantasma e Mario.

Holiday franziu a testa.

— Por que você acha isso?

Kylie se inclinou mais para perto.

— Algo que ela disse, e... só um pressentimento.

— Senhorita Brandon? — alguém chamou do outro lado do salão.

Holiday apertou o braço de Kylie e franziu a testa.

— A gente se fala depois.

Kylie acenou com a cabeça e, quando a líder do acampamento se afastou, ela viu Lucas entrando no refeitório. Ele cruzou o salão para se sentar com um grupo de lobisomens. Um deles disse alguma coisa e, em seguida, todos eles se levantaram e deixaram Lucas sozinho na mesa.

Estava começando, ela percebeu. Eles estavam deixando Lucas de lado. A dor que ela sentiu por ele calou fundo em seu coração.

— Triste, não é? — disse uma voz atrás dela. — E a culpa é sua. — Kylie reconheceu a voz de Clara. Kylie virou-se para encarar a irmã de Lucas, mas ela já se afastara. Com a respiração presa, Kylie olhou para Lucas. Ela queria ir até ele, confortá-lo, mas isso só iria piorar a situação.

Cinco minutos depois, a avó de Lucas entrou no refeitório, caminhando de modo dolorosamente lento. Kylie olhou ao redor. Lucas ainda estava sentado sozinho numa mesa dos fundos. O olhar da anciã percorreu o ambiente e encontrou o de Kylie.

Quando ela começou a se aproximar, o coração da garota quase parou. *Ah, droga!* Ela não estava com vontade nenhuma de ouvir a avó de Lucas repreendê-la por arruinar os objetivos e missões do neto.

Kylie estava prestes a disparar para fora do refeitório pela porta lateral quando ouviu a voz da mãe. Ao se virar para trás, ela viu... a mãe com John a tiracolo. *Ah, meu Deus, ele veio*... No entanto, ela preferia enfrentar John à avó de Lucas — especialmente se a mãe não resolvesse apalpar em público o traseiro do namorado.

Kylie saiu correndo em direção aos recém-chegados com falso entusiasmo, rezando para que isso impedisse a avó de Lucas de se aproximar.

Depois de abraçar a mãe, e ignorar John, Kylie levou-os para uma mesa vazia, tão longe de Lucas quando possível. Seu coração não voltou ao ritmo normal até que ela viu a avó de Lucas se dirigir para a mesa dele.

— Graças a Deus! — ela murmurou, fazendo um sinal para que os dois se sentassem.

— Graças a Deus, por quê? — a mãe perguntou, ainda de pé.

Kylie abriu a boca, rezando para que algo inteligente lhe ocorresse, mesmo que fosse uma mentira. Ultimamente, as orações de Kylie andavam ficando sem resposta e dessa vez não foi diferente. Os lábios dela se abriram, mas nada, coisa alguma saiu. Pior ainda, seu cérebro parecia desligado.

— Graças a Deus, por quê? — a mãe perguntou de novo.

— Porque a minha dor de estômago passou. — Kylie colocou a mão na barriga.

— Você anda com dores de estômago? — perguntou a mãe com a voz alarmada.

— Não é nada.

— Você não sabe se não é nada — ela insistiu.

— Eu sei, sim. — A voz de Kylie soou estridente, denunciando seu medo de que a mãe a arrastasse dali para um pronto-socorro. Meu Deus, ela poderia acusá-la novamente de estar grávida!

— Como você sabe que não é nada? — perguntou a mãe.

— Porque são só... gases. Só estou com um pouco de gases.

A mãe, corando, olhou para John. Kylie podia sentir seu próprio rosto tão vermelho quanto uma maçã do amor. De todas as coisas que poderia ter dito, por que escolhera dizer "gases"?

A mãe se inclinou um pouco na direção dela.

— Você quer ir ao banheiro?

— Não. Já passou.

A mãe se inclinou para mais perto ainda.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Kylie desabou numa cadeira e rezou para que um início tão desastroso não fosse uma premonição de como seria aquele encontro.

Quarenta e cinco minutos depois, Kylie, John e a mãe ainda estavam sentados à mesa, conversando. Bem, Kylie tinha contribuído muito pouco para a conversa, mas a mãe e John não pararam de falar um minuto. Eles falaram sobre o novo trabalho da mãe, que ela iniciaria em duas semanas, e contaram sobre a Inglaterra.

— Ah, eu te trouxe uma coisa! — A mãe tirou um saco de papel da bolsa. — Eu sei como você gosta de camisetas.

Kylie não pôde deixar de pensar, *Minha mãe foi para a Inglaterra e tudo o que eu ganhei foi uma camiseta!*, mas ela sorriu, tirou o presente da embalagem e, em seguida, riu ao ler os dizeres na frente: *Minha mãe foi para a Inglaterra e tudo o que eu ganhei foi esta camiseta*.

— Perfeito! — disse Kylie, satisfeita ao ver que a camiseta era rosa.

— Eu também trouxe isso. — A mãe tirou da bolsa uma caixinha branca.

Uma pulseira cheia de pingentes refletiu as luzes do refeitório e brilhou, de modo quase mágico, quando Kylie abriu a caixa. Seu coração deu um salto quando ela viu os pingentes. Uma espada muito semelhante à espada de um cruzado, uma cruz terrivelmente semelhante à que havia na espada e um emblema de Joana d'Arc.

— Comprei-a num dos castelos e eles não tinham uma coleção muito grande de pingentes, mas... por algum motivo estranho senti o impulso de escolher estes. Espero que você não os ache muito esquisitos.

Defina "algum motivo estranho", Kylie queria perguntar, mas ficou calada.

— Não! Eu gostei deles. Obrigada. — Um frio familiar caiu sobre ela como uma chuva fina.

Daniel estaria ali? Será que seu pai levara a mãe a comprar aqueles pingentes?

Kylie olhou ao redor na esperança de vê-lo, mas seu desejo não se concretizou.

*Logo, Kylie. Em breve*. As palavras ecoaram em sua cabeça, o medo encheu seu coração.

*Eu sinto sua falta*, Kylie disse mentalmente. Não sei se estou pronta para morrer, mas sinto sua falta.

Passos ecoaram pela sala, e Kylie notou que os outros pais estavam indo embora.

A mãe dela olhou ao redor.

— Estas visitas passam tão rápido! Preciso dar uma corrida até o toalete, antes de ir embora. — A mãe se levantou e se dirigiu ao banheiro apressada.

Kylie estava prestes a se levantar também para acompanhar a mãe quando John colocou a mão sobre a dela. A sensação da palma dele provocou um arrepio na sua espinha. Não era frio nem quente. Apenas emocionalmente estranho. Ela retirou a mão.

— Eu estava esperando uma chance de falar com você — disse ele.

*E eu estava esperando que você não tivesse essa chance*. Ela olhou para o banheiro.

— Eu acho que vou...

— Existe uma razão para você não gostar de mim, Kylie?

Ela olhou para ele. Decisões, decisões. Ela ia ser diplomática ou sincera?

*Quem disse que a honestidade era a melhor política*? Ela não conseguia se lembrar, mas concluiu que deveria ser alguém brilhante!

# Capítulo Trinta e Dois

— Vamos ver... — disse Kylie, sem perder tempo. — Comecemos pelo fato de você ter começado uma briga com o meu padrasto na frente de toda a minha escola.

John endireitou os ombros, quase defensivamente.

— Foi ele quem me bateu.

— Depois que você me insultou e o acusou. E você também enfiou a língua na boca da minha mãe na frente de todos os alunos e seus pais. Quer que eu continue? Acho que eu poderia me lembrar de mais alguma coisa rapidinho.

A raiva encheu os olhos do homem, mas ele pareceu estar lutando para contê-la.

— Você não consegue se conter, não é?

Ela abriu para ele seu sorriso mais falso.

— Mas eu *estou* me contendo!

— Não é nada fácil conversar com você — reclamou ele. — No entanto, o problema é que a sua mãe realmente gosta de mim e eu dela. E não acho que estaria falando bobagem se dissesse que seria muito melhor se pudéssemos nos dar bem.

Kylie se inclinou mais para perto.

— Eu não acho que estaria falando bobagem se dissesse que você nem conhece minha mãe direito para estar me dizendo isso.

Kylie poderia jurar que os olhos dele faiscaram. Com uma espécie de brilho não humano. Ela apertou as sobrancelhas para verificar o padrão do homem.

O que era esse homem?

Seu padrão humano aparecia claramente. Não que ele não pudesse ser um camaleão, mas...

A raiva encheu os olhos cinzentos de John.

— Isso pode acabar *ferindo* a sua mãe.

As palavras dele saíram tão frias, tão... ameaçadoras, que o instinto protetor de Kylie entrou imediatamente em ação.

— O que você quer dizer com isso? — Ela fechou as mãos em punhos.

Ele desviou o olhar, como se para se acalmar. Quando voltou a olhar para ela, seus olhos tinham voltado ao normal.

— Apenas que os problemas entre nós podem magoar a sua mãe.

Ela o fitou bem dentro dos olhos. E que Deus a ajudasse, porque ela sentiu que ele estava mentindo, que as palavras dele *tinham* de fato sido uma ameaça. Ela tentou acalmar o sangue que borbulhava em suas veias, mas não conseguiu. Sobre o ombro de John, viu a mãe saindo do banheiro.

Ela se inclinou sobre a mesa e sussurrou para John:

— Se alguém ousar encostar um dedo em minha mãe, essa pessoa vai morrer se arrependendo do que fez.

Nesse mesmo instante, Kylie se deu conta de duas coisas: ela de fato era capaz de se tornar uma guerreira santa. Porque, se John fizesse algum mal à mãe dela, ela poderia, e iria, matá-lo sem nenhum arrependimento. E, em segundo lugar, ela simplesmente não podia morrer, não naquele momento. Não se isso significasse deixar a mãe com aquele crápula.

— Está tudo bem? — A mãe se aproximou da mesa, obviamente percebendo a tensão.

Kylie esperou para ver como John ia se sair.

— Está tudo bem — disse ele. — Estávamos apenas conversando. — Ele se levantou. — Acho que está na hora de irmos embora. — Eles começaram a caminhar, mas o medo pela mãe ficava maior a cada passo. Kylie não poderia deixar que ela fosse embora com aquele homem, não sem avisá-la.

Ela pegou o braço da mãe.

— Quero que você conheça uma pessoa.

John se virou.

— Você pode nos dar um minuto? — Kylie enviou a John um olhar que o desafiava a se opor.

Ele hesitou, mas depois cedeu:

— Vou esperar no carro.

Kylie observou-o sair, desejando que ele continuasse andando, se afastando também da vida delas.

A mãe olhou ao redor.

— Quem você quer que eu conheça?

— Mãe, eu sei que você não vai gostar do que tenho a dizer, mas John me assusta. Estou preocupada com a sua segurança.

— Assusta? — perguntou a mãe. — Não estou entendendo. O que ele fez?

— Eu não confio nele. Ele me dá arrepios. E eu sou muito boa em julgar o caráter das pessoas.

O ressentimento brilhou nos olhos da mãe.

— E eu também, mocinha. Lamento que você não goste dele, mas eu gosto.

A mágoa nos olhos da mãe vibrou no peito de Kylie.

— Eu só quero que você seja cuidadosa e não deixe esse relacionamento evoluir muito rápido.

A mãe fez uma careta.

— Isso é porque você quer que eu e seu pai voltemos a ficar juntos.

— Em primeiro lugar — Kylie disse, agora se sentindo incomodada — Tom é meu padrasto. Em segundo lugar, sim, eu quero que vocês voltem a ficar juntos, mas isso não tem nada a ver com esta história.

— Tem sim, mocinha, porque John é o homem mais carinhoso que eu já conheci. — Ela se inclinou e beijou Kylie no rosto. — Agora, por favor, aceite o fato de que seu padrasto e eu não

vamos voltar a ficar juntos. — Ela se virou para ir embora. Kylie ficou ali, temendo o que ela poderia dizer a John se tivesse que enfrentá-lo novamente no carro.

— Você está bem? — A voz masculina soou perto da orelha dela.

A princípio ela pensou que fosse Derek. Ele sempre sabia quando ela estava passando por algum trauma emocional. Mas ela rapidamente reconheceu a voz profunda e sexy. A voz da pessoa com quem tinha passado a última semana tentando quebrar em pedacinhos uma espada de madeira.

Ela se virou.

— Sim. — Então a raiva reprimida transbordou em seu peito e ela soube o que poderia fazer para extravasá-la.

— Que tal treinarmos um pouco?

— Agora? — perguntou Lucas.

— Preciso descarregar a raiva.

— Em mim? — Ele deu um sorriso com o canto da boca.

— Não... Quer treinar ou não? — ela retrucou, com pouca disposição para tiradas de humor. Precisava admitir, alguém tinha lhe enviado uma espada para que ela aprendesse a lutar e, se esperavam que ela lutasse, então obviamente isso significava que era para se manter viva. E ela planejava permanecer viva para proteger a mãe de aberrações como John.

Sim, manter-se viva parecia uma boa ideia.

— Claro! — Os olhos azuis de Lucas se encheram de preocupação. — Vou falar com Burnett. O olhar dele não se desviou do rosto dela. — O que aconteceu?

— Eu não quero falar — disse ela. — Quero lutar.

Trinta minutos depois, Kylie já havia quebrado uma espada sem que Lucas tivesse dito nada sobre amá-la, sobre como ela era bonita ou sobre eles se beijando na grama.

Ele insistiu para que ela fizesse alguns exercícios de alongamento, dizendo que podia ver a tensão irradiando dela. Ela não estava irradiando nada, estava fervendo por dentro. O medo pela segurança da mãe estava tirando sua sanidade mental, o medo por Lucas e pelo que aconteceria se toda a alcateia se voltasse contra ele acabava com a sua paz de espírito.

— Você ainda não quer falar? — ele perguntou, enquanto duelavam.

*Sim, mas simplesmente não sei o que dizer.*

— Não — ela mentiu, mudando de posição e conseguindo que sua espada passasse pela dele e, em seguida, espetasse o peito do rapaz.

— Você está ficando muito boa. — Ele olhou para a espada na altura do coração.

Kylie se afastou para deixá-lo recuperar o equilíbrio. Em poucos segundos, estavam lutando novamente, quando ela sentiu o frio se derramando sobre ela.

*— Bom demais! A discípula está superando o mestre. Você precisa de um novo professor.*

Kylie olhou para o fantasma parado ali com sua própria espada em punho.

*Quem mais poderia me ensinar?,* Kylie pensou.

— *Eu, é claro! Mas nada dessa história de lutar com espadas de madeira. Você precisa aprender a lutar com uma arma de verdade*.

O coração de Kylie acelerou, quando ela se lembrou do seu principal medo.

*Eu vou morrer?*

O fantasma soltou um suspiro.

— *Isso depende de você.*

Como ela podia confiar mais na palavra de um espírito assassino do que na de seu pai? Mas o fato é que ela queria viver.

— Preparada? — perguntou Lucas.

Kylie olhou para ele.

— Um segundo. — Ela olhou de volta para o espírito. *Você conhece o meu pai?*

Ela fez mentalmente a pergunta ao mesmo tempo em que o espírito se desvaneceu no ar.

Olhando Lucas novamente, Kylie ergueu a espada e a disputa recomeçou.

— Eu preciso dar uma lição nele? — Lucas perguntou enquanto suas espadas se enfrentavam novamente.

— Em quem? — ela perguntou.

— No namorado da sua mãe. — disse Lucas, bloqueando a espada dela.

— Não, eu preciso detê-lo — disse ela. Se ela não morresse primeiro.

Então, ela sentiu um fogo queimar em seu estômago. Ela não ia morrer. Iria lutar e vencer. E Lucas tinha que fazer o mesmo, ela percebeu.

— Você está ficando corajosa! — elogiou Lucas, mas de repente ela perdeu o foco e a espada dele contornou a dela e tocou seu ombro.

Kylie olhou para a ponta da espada.

— Esse não foi um golpe fatal. Não pode contar isso como uma vitória.

— Não, mas você estaria sangrando tanto que não iria durar muito tempo.

— Tudo bem. Conte, então. — Ela deu um passo para trás e se preparou para começar de novo.

Desta vez, ela foi mais cuidadosa, bloqueando golpe a golpe. O suor escorria da sua testa. Seus músculos doíam, seu coração também. Ela abriu a boca para falar alguma coisa sobre os novos movimentos dele, mas acabou dizendo algo totalmente diferente.

— Você devia ter me contado sobre Monique — ela disse, sem saber com que intenção. O barulho de madeira batendo contra madeira enchia o ar com estrondo. — Se eu soubesse... — O que ela teria feito? Haveria alguma chance de ela ter dito que não se importava? Provavelmente não, mas talvez não estivesse agora se sentindo tão traída. Talvez ela não tivesse vinculado esse fato a todas as outras traições que sofrera no passado.

— ...você não teria aceitado — ele terminou por ela. Era verdade. Ele começou os movimentos complicados dos pés ao redor dela novamente. — E você teria todo o direito de não aceitar. Foi um mau julgamento da minha parte.

— Mau para nós, é verdade. Mas talvez fosse a escolha certa para você — disse ela. — Você tem muito a perder, Lucas.

— Eu tenho você a perder! — As espadas batiam forte uma na outra, o ruído alto estalando no ar.

Eles se afastaram um do outro.

— Eu já disse que nós dois terminamos. Fale com Monique, diga que vai se casar com ela.

— Eu não vou me casar com ela! Nunca planejei isso.

— Então volte para o seu plano original, diga que vai se casar, entre para o Conselho e depois volte atrás.

— Não. Foi um plano ruim na época e seria um plano ruim agora.

Kylie respirou, enchendo os pulmões.

— Todo mundo me culpa por arruinar seus sonhos — disse ela. *E um dia você vai me culpar também, se eu viver*. E aquilo era o que mais doía agora. Não, morrer. Mas o fato de que perdoá-lo parecia fácil em comparação a aceitar que ele um dia ficaria ressentido com ela. Ressentido com a escolha que fizera.

Ele levantou a espada para começar a lutar novamente. Ela continuou porque só de olhar para ele já sentia seu peito apertar.

Lucas começou a falar enquanto se movia.

— Qualquer um que culpar você é um idiota. Fui eu que optei por não levar adiante o noivado. Não você. — As espadas se entrechocaram novamente.

— Sua irmã acredita que fui eu. Até a sua avó acredita. Vi nos olhos dela hoje, quando ela pensou em vir falar comigo.

— Minha irmã é uma sonsa. Eu amo minha avó — disse ele, e o som da espada dele cortando o ar provocou um calafrio nas costas de Kylie. — Mas isso não quer dizer que ela esteja certa. Ela segue muitas crenças dos mais velhos.

— A alcateia está se afastando de você. Eu vi isso. — Ela sentiu um nó na garganta novamente. — Você não pode perdê-los, Lucas. Você me disse mil vezes como eles são importantes pra você.

— Mas você é mais importante pra mim. Eu não posso te perder.

— Você já me perdeu! — ela sibilou, bloqueando a espada dele novamente. Ela não podia deixá-lo fazer aquilo. Não podia deixá-lo sacrificar tudo o que queria. Ela não suportaria vê-lo começar a odiá-la algum dia.

Lucas se afastou. Ela esperava que viesse pela esquerda, mas ele veio pela direita, e ela não conseguiu bloqueá-lo. Ele apontou a espada diretamente para o coração dela.

Esse era um golpe fatal.

— Não. — Ele deliberadamente encostou a espada no peito dela. — Seu coração pertence a mim. Nunca se esqueça disso.

Ela cambaleou para trás, a raiva vibrando através dela. Raiva, não tanto dele, mas por saber o quanto ele poderia perder. Ela baixou a espada, se virou e olhou para o lago, a garganta apertada, a visão se toldando com as lágrimas.

Ele veio por trás, sem tocá-la, como se soubesse que ela não permitiria.

Em vez disso, chegou tão perto que suas palavras roçaram no rosto dela, provocando arrepios

de remorsos em sua espinha.

— Fiquei cego com o que achei que precisasse fazer. Eu estava errado. Fui burro! Mas nem por um minuto deixei de te amar. E é por isso que mereço seu perdão.

De repente, ela sentiu o aperto que sentia no peito diminuir. Ele estava perdoado. Mas, como ela sabia há algum tempo, perdoá-lo não era o maior problema. Uma lágrima caiu dos seus olhos. Ela se afastou alguns metros dele.

— Já chega pra mim — ela disse. — Quero voltar para a cabana.

— Ok — ele concordou, mas parecia se sentir rejeitado e ela sentia a mesma emoção ecoando dentro dela.

Quando ele foi recolher as espadas, ela se virou para vê-lo.

Ele ergueu os olhos. E ela viu tantos sentimentos nos olhos dele... — mágoa, arrependimento, a expectativa de que ela dissesse que o perdoava.

Mas, se ela desse o que Lucas queria, ele só iria insistir mais para que ela voltasse para ele. E como ela poderia fazer isso, se sabia que um dia ele iria ficar ressentido com ela?

Depois de alguns segundos, ele disse:

— Acho que você está pronta para começar a treinar com espadas de verdade.

Ela pensou em quantas vezes sua espada havia tocado o corpo dele acidentalmente, mas depois se lembrou do que o fantasma dissera. Morrer era escolha dela. E ela escolhia viver. Ela precisava estar pronta — pronta para lutar pela vida.

— Tudo bem — ela disse, e tentou não deixar o medo transparecer em sua voz.

— Está pronta?

Kylie tinha acabado de pegar no sono aquela noite, depois de se preocupar por algumas boas horas, quando a voz e o frio a despertaram.

— Pronta pra quê? — perguntou, sem abrir os olhos.

*— Para o treino. Eu te disse. Você precisa de um professor melhor.*

— Ele é um ótimo professor! — disse ela, defendendo Lucas antes mesmo de se dar conta disso.

*— Ele é um ótimo colírio para os olhos. E eu admito que tem algumas habilidades, mas você precisa de mais. Então saia desta cama.*

Kylie abriu um olho e viu o espírito, com o rosto a centímetros de distância.

— Você sabia que os vivos precisam de oito horas de sono?

*— Essa regra só vale para seres humanos. Sobrenaturais podem sobreviver com muito menos. Agora se levante e vamos começar.*

— Não estou com a minha espada aqui.

*— Ah, mas, se você se levantasse, veria que ela já está aqui!*

Kylie se lembrou de Holiday dizendo que aquilo não era possível.

— Fantasmas não podem mover objetos.

*— Eu não disse que eu a trouxe. Eu disse que ela estava aqui.*

— Então quem a trouxe? — perguntou Kylie.

*— Não finja que não sabe. Os mesmos que entregaram a espada a você. Os anjos da morte.*

Kylie prendeu a respiração.

— Então eles querem que eu mate Mario?

— *Bem, eu não falei diretamente com eles*. — Ela se inclinou para mais perto. — *Para ser sincera, eles me deixam meio nervosa, mas, quando se trata de matar Mario, parece que estão dando uma mãozinha agora, não parece?*

— E você? — perguntou Kylie. — O que você quer? A mesma coisa?

— *Sabe, eu tentei descobrir isso por mim mesma. Mas toda vez que chego perto da resposta, é como se ela se afastasse mais um pouco. Por que será?* — Ela parecia realmente perplexa e vulnerável.

Kylie se lembrou dela de luto pelo filho. Talvez não fosse de todo ruim. Sentou-se e consultou o relógio.

— São duas da manhã. Você realmente quer que eu me levante?

— *Não acho que você vá conseguir lutar deitada na cama. Eu mataria você antes mesmo que levantasse a espada.*

Ok, o espírito era de fato cruel, no final das contas. No entanto, suas palavras fizeram Kylie rastejar para fora das cobertas. Ela viu a espada aos pés da cama. E também viu Socks, sua carinha de gato mal aparecendo por baixo da colcha.

— Ok... por onde começamos? — Kylie pegou sua espada.

— *Coloque um vestido branco. Ou algo branco* — disse o espírito.

Kylie olhou para a camisola preta que vestia.

— Por quê?

— *Você não prefere morrer de branco?*

O coração de Kylie quase parou.

O espírito riu.

— *É tão fácil te enganar! Coloque branco porque do contrário como vai saber que foi cortada e está sangrando?*

Kylie voltou a baixar a espada.

— Eu não tenho certeza se quero treinar.

O espírito riu novamente.

— *Não se preocupe. Eu só vou marcar seu vestido. Não posso cortá-la de verdade. Embora a segunda opção seja um instrumento de ensino muito melhor.*

Kylie cedeu e pegou uma camiseta branca e um short. Elas foram para a sala de estar. A espada de Kylie emitia um brilho amarelado e vivo.

Elas mal tinham começado a treinar quando Della saiu do quarto às pressas, olhos brilhando, e viu Kylie empunhando a espada.

— Só vou treinar um pouco — explicou Kylie.

— Mas no meio da noite?! Com uma droga de espada brilhante?

Kylie assentiu.

— Você bebe sangue, eu treino com espadas brilhantes.

Della colocou os braços em volta de si, como se estivesse com frio.

— Você tem companhia, não tem?

Sem poder mentir, Kylie assentiu.

— Ah, mas que inferno! — A vampira voltou para o quarto, batendo a porta atrás dela.

— *Essa garota não regula bem!*

Kylie fez uma careta.

— Não tanto quanto outras pessoas que eu conheço — disse Kylie para si mesma. — Agora vamos começar e acabar logo com isso.

Os quinze minutos seguintes foram os mais difíceis para Kylie. Ela usou todas as técnicas que tinha aprendido com Lucas, mas aquela mulher não seguia as técnicas comuns. Ela não seguia nenhuma regra ao lutar. E se orgulhava disso.

Toda vez que a espada do espírito entrava em contato com o corpo de Kylie, uma marca vermelha aparecia em sua camisa branca ou no short. Cada vez que a espada de Kylie entrava em contato com o corpo da mulher, ela exibia uma ferida aberta e sangrenta. Claro que o fantasma só tinha um arranhão no braço esquerdo. Não era muito, considerando que as roupas de Kylie estavam cobertas de marcas vermelhas.

Isso só fazia Kylie se sentir mais vulnerável e menos capaz de enfrentar uma batalha real. A batalha para a qual Kylie parecia predestinada. A batalha contra Mario. A batalha que ela podia muito bem perder.

Depois de alguns minutos, o espírito começou a despejar ordens, como Lucas fazia. Mova-se desta forma! Mantenha a espada em riste! Avance mais rápido! Nunca perca de vista sua espada!

Kylie finalmente pegou o jeito e por fim bloqueou algumas investidas do espírito. Mas o treino foi interrompido quando a porta da frente da cabana se escancarou de repente e foi arrancada das dobradiças.

O painel de madeira caiu com um grande baque no chão.

Antes que Kylie conseguisse dar uma boa olhada no intruso, a porta de Della bateu no chão com o mesmo estrondo.

A vampira correu para fora do quarto, com os olhos faiscando num tom verde brilhante e as presas totalmente à mostra.

# Capítulo Trinta e Três

O frio intenso se dissipou junto com o espírito. Kylie ficou ali de pé, com as pernas afastadas, o corpo tenso, a espada preparada para lutar. Ela olhou de relance para Della com presas à mostra e a fúria estampada no rosto, e voltou-se novamente para a entrada da frente.

A perplexidade fez Kylie se manter na mesma posição. Burnett estava em pé sobre a porta caída, com os olhos mais brilhantes do que os de Della. Atrás dele, um exército de campistas: Lucas, Derek, Chris e Jonathon. Todos eles hipnotizados pela arma brilhante.

— Caramba! — A exclamação partiu de Chris e Jonathon. Embora Jonathon já tivesse visto a espada, ele não a vira brilhando.

— Você não vai abrir a boca pra contar nada do que viu aqui! — exigiu Burnett, autoritário.

Kylie baixou a espada e respirou, esperando que o oxigênio diminuísse o fluxo de adrenalina.

Que diabos estava acontecendo agora?

Ela encontrou o olhar de Burnett.

— O que há de errado?

Ele olhou em volta.

— Quem está aqui?

— Só o espírito — disse ela.

Chris e Jonathon recuaram.

Derek, acostumado com a história do fantasma, não se moveu. Lucas tampouco. Ela notou os olhos alaranjados do lobisomem, como se ele estivesse preparado para lutar. Seu olhar estava fixo nela.

A postura de Burnett perdeu um pouco da sua ferocidade. Mas não o suficiente para deixar Kylie à vontade.

Outros passos soaram no alpendre. Hayden entrou, dando uma olhada rápida na porta caída no chão.

— O que está acontecendo? — perguntou Kylie.

— Eu também quero saber — disse Della com hostilidade, afastando a cortina de cabelos pretos e lisos do rosto. Seus olhos já não brilhavam, mas a tonalidade verde permanecia, ainda mais perceptível em contraste com a camisola preta um pouco acima dos joelhos.

— Alguém pulou a cerca. Invadiram o acampamento. — Burnett deu mais um passo para dentro.

— Quem? — Miranda saiu do quarto bocejando, vestida com seu pijama dos Smurfs e segurando seu urso de pelúcia.

A mão de Kylie apertou um pouco mais o punho da espada quando uma única pessoa lhe ocorreu. Ela estaria pronta para enfrentar Mario?

Provavelmente não, era a resposta. Mas nada iria impedi-la de tentar. Não quando tantas pessoas que ela amava estavam ali em volta à mercê do malfeitor.

— Eu ouvi o alarme. — disse Burnett. — Então ouvi você lutar e achei que estava sendo atacada.

— Eu disse que treinar no meio da noite não era uma boa ideia... — Della murmurou.

— Cadê o Perry? — Miranda perguntou, como se suspeitasse de que ele estava envolvido na busca.

— Percorrendo a propriedade para ver se vê alguém. — Burnett virou-se para Hayden e balançou a cabeça como se estivesse lhe dando uma ordem em silêncio. O camaleão se virou e saiu para a varanda. A princípio Kylie ficou confusa, então entendeu. Burnett havia instruído Hayden para ficar invisível e ver se ouvia outros camaleões. Ela pensou em verificar isso ela mesma, mas com os olhos de todos sobre ela, com certeza iria assustar todo mundo se ficasse invisível.

Em poucos minutos, Hayden reapareceu atrás dos outros.

— Tudo limpo.

Mas Kylie sabia que, se um intruso invisível ficasse em completo silêncio, não poderia ser detectado.

Burnett desviou o olhar para Della.

— Fique e proteja Kylie. Vamos dar uma olhada por aí.

— Se não se importa, eu gostaria de ficar aqui também — pediu Lucas.

As palavras dele causaram um aperto no estômago de Kylie. Esquecer tudo seria difícil. Esquecer tudo, com ele sempre por perto, parecia impossível.

Burnett assentiu. Em seguida, ela ouviu passos descendo os degraus da varanda enquanto todos se afastavam.

Kylie olhou para Lucas, Della e Miranda.

A bruxa ainda estava agarrada ao ursinho de pelúcia.

— Quem eles acham que está no acampamento? — perguntou Miranda.

Ninguém respondeu. O olhar de Miranda disparou para Kylie.

— Ah, ele.

Della suspirou.

— Parece que vai ser uma noite longa e insana...

Lucas sentou-se numa cadeira da sala de estar. Kylie, tentando ignorá-lo, colocou a espada em cima da mesa de centro. Observou a arma perder o brilho e, em seguida, olhou para Miranda.

— Está sentindo alguma coisa?

A bruxa fechou os olhos. Depois de longos instantes, abriu os olhos e olhou para Kylie.

— Sim.

O coração de Kylie apertou. Ah, droga. Mario estaria ali? Ela quase pegou a espada outra vez.

— Mas não é ruim desta vez. — Miranda olhou para a arma em cima da mesa de centro. — Talvez seja isso que estou sentindo.

— Você não a sentiu aquela outra noite, não é?

— Não. Mas essa espada tem uma aura, por isso eu posso senti-la.

Kylie soltou um suspiro profundo. Ela esperava que Miranda estivesse certa, que quem estivesse ali não fosse ruim.

O som repentino de passos na varanda deixou todos em alerta novamente. Lucas pulou da cadeira. Della atravessou a sala.

Kylie, porém, foi mais rápida e se aproximou da porta. Se fosse Mario, nem por cima do seu cadáver ele iria machucá-los.

Steve entrou. Seu olhar disparou de Kylie para Della.

Della franziu a testa.

— O que você está fazendo aqui?

— Só vim saber se você está bem.

Della olhou para ele carrancuda.

— Eu não preciso de você para me proteger.

Ele saiu ao mesmo tempo em que Kylie ouviu um rugido. Não um rugido humano. Ela apostaria qualquer coisa que o metamorfo tinha acabado de se transformar num enorme felino furioso. Kylie pensou em ir atrás dele para ajudar a acalmar o seu ego, mas, como quase se tornara o jantar de um leão irritado ao chegar a Shadow Falls, decidiu deixar Steve lidar com o seu próprio ego.

Miranda fez um gesto de desaprovação.

— Isso não é maneira de tratar o cara que te deu um chupão.

Della rosnou.

— Por que não? Viu como ele foi embora rápido? Se estivesse realmente preocupado, teria ficado.

Kylie revirou os olhos para a lógica de Della.

Lucas ergueu as sobrancelhas — provavelmente ao comentário do chupão. Em seguida seus olhos se desviaram para Kylie com um olhar de proteção. Mas, em menos de um segundo, algo mais suave brilhou em seus olhos, algo mais terno. *Amo você*, aqueles olhos azuis pareciam dizer.

O leão rugiu novamente em algum lugar na frente da cabana, e, então, um enorme pássaro pré-histórico aterrissou com um baque na soleira da porta aberta.

Miranda soltou um gritinho, deixou cair o urso de pelúcia e foi abraçar o pássaro.

Kylie se sentou no braço do sofá. A vampira tinha acertado em cheio quando disse que seria uma noite muito longa e insana.

— Para que a fita adesiva? — Kylie perguntou a Lucas, no dia seguinte, quando ele esvaziou o saco novamente e preparou-se para o treino. Kylie havia dormido demais e perdido as aulas da manhã, e Lucas tinha ligado um pouco depois das onze, perguntando se ela queria cancelar o treino, visto que tinham ficado acordados a maior parte da noite.

Ela queria dizer que sim, queria muito ficar dormindo, mas atendendo ao seu coração, bem como ao aviso do fantasma de que precisava aprender a lutar, ela concordou em treinar.

— Para proteger. Vamos enrolar na ponta da lâmina. — Ele olhou para as árvores, como se tivesse ouvido alguma coisa. Ou alguém.

O pensamento de Kylie saltou da luta com espadas de verdade para a vigilância cautelosa de Lucas.

— Quem está aí?

— Chris e Will — ele respondeu.

Como o invasor não tinha sido encontrado na noite passada e eles não tinham ouvido outro alarme de segurança avisando que alguém tinha saído, todo o acampamento estava em alerta vermelho. No momento ela não tinha só uma sombra, mas três.

Que adorável!

Simplesmente adorável!

Enquanto ela observava Lucas pegar as espadas, uma lufada de ar frio arrepiou os pelos da sua nuca. O que fazia o número de sombras subir para quatro.

*— Isso é coisa de maricas! Diga a ele para não enrolar a fita nas lâminas. Você precisa aprender a lutar de verdade! O tempo está se esgotando.*

Olhando por cima do ombro, Kylie viu o espírito usando o vestido sujo de sangue novamente.

*O que aconteceu com você? Quem a matou*?, perguntou Kylie.

O espírito olhou para o vestido e franziu a testa.

*— Eu não sou importante. Você é.*

De repente desesperada para obter respostas, Kylie continuou:

*Como você me conhece? Qual a ligação entre nós? Eu preciso de respostas.*

*— Você precisa aprender a lutar. Ou logo vai estar tão morta quanto eu.*

O aviso cravou um punhal de pavor no coração de Kylie. Ela observou Lucas ficar de cócoras e começar a enrolar a ponta das lâminas.

— Será que a fita é realmente necessária?

Ele olhou para ela com surpresa nos olhos.

— Está falando sério?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você precisa me ensinar a lutar de verdade.

Ele se levantou, a preocupação estampada no rosto.

— Por quê? O que você sabe que eu não sei?

— É apenas um pressentimento — ela mentiu.

— Eu não gosto dessa sensação — disse ele.

— Você não é o único. — Ela piscou. — Só me ensine a lutar, Lucas.

Com ar resignado, ele pegou as duas espadas. A arma de Kylie começou a brilhar no instante em que ela a segurou. Talvez fosse sua imaginação, mas a arma parecia estar ainda mais brilhante. O que isso significava? Será que a espada, como o fantasma, sabia que a hora da

batalha se aproximava?

Lucas, ao lado dela, começou a fazer as posições de aquecimento. Ela imediatamente o imitou.

O telefone de Kylie, no bolso, tocou avisando da chegada de uma mensagem. Ela esperou até a pausa seguinte para tirá-lo dali. Era Derek.

*Ligue para mim!*

Será que ele ia tentar convencê-la a reatar o namoro? Lembrou-se de vê-lo contrariado na noite anterior, quando Lucas insistiu em ficar na cabana para protegê-la.

— Quem é? — perguntou Lucas.

Ela hesitou, depois não fez mais segredo.

— Derek.

Lucas fechou a cara, mas permaneceu em silêncio. Eles voltaram para os exercícios básicos.

— Quando vamos começar a lutar? — ela perguntou enquanto imitava os movimentos dele.

— Quando é que você vai dizer para aquela "fada" que está tudo acabado entre vocês dois?

— Eu já fiz isso — respondeu ela, antes de perceber seu deslize.

Lucas parou. Sua espada, apontando para cima, desceu com um assobio. Ele olhou para ela.

— Você já fez isso?

Era tarde demais para voltar atrás.

— Sim.

Ele sorriu.

— Obrigado.

Ela franziu a testa.

— Eu não fiz isso por você. Fiz isso por ele.

Ainda sorrindo, ele arqueou uma sobrancelha.

— Mas eu sou o motivo que a levou a fazer isso.

Não era uma pergunta, mas ela poderia negar. No entanto, hesitou demais. Ia parecer uma mentira. Teria sido uma mentira.

Um sorriso ainda maior apareceu nos olhos dele. Um sorriso de confiança. De esperança.

— Eu te amo — ele disse, a voz quase musical com a felicidade.

Ela lhe lançou um olhar de desaprovação.

— Dizer isso não é um pouco perigoso, considerando que estas espadas não são de madeira e nem sequer estão protegidas com fita?

Ele riu. Uma risada de verdade, e o som caiu sobre ela como uma suave chuva de verão num dia sufocante de calor. Então ela se lembrou do olhar no rosto dele quando os lobisomens o haviam deixado sozinho no dia dos pais. Então ela se lembrou também que Will e Chris estavam ali, provavelmente ouvindo cada palavra que diziam. Will supostamente era amigo de Lucas, mas será que ele também tinha virado as costas para ele?

Ela desviou os olhos para a floresta e cochichou:

— Nós não estamos sozinhos, lembra-se?

— Eu não me importo com quem possa ouvir. Eu te amo! — Sua voz se elevou mais alto

dessa vez.

Ela franziu a testa.

— Nada mudou.

— Tudo mudou! — exclamou ele.

Não, não tinha mudado. Ele poderia pensar que abriria mão de tudo que mais importava para ele, mas ela não estava disposta a deixá-lo fazer isso. Ela o amava demais.

— Vamos começar o treino? Se não, eu vou embora.

— Então vamos ao treino — disse ele.

Eles continuaram com os exercícios por mais dez minutos. Por fim, ele ficou de frente para ela.

— Vamos começar, mas lembre-se de que esta espada não é de madeira. Vamos começar devagar.

Ele não estava brincando sobre ir devagar. Começaram a se mover no ritmo de uma tartaruga e continuaram assim durante os quinze minutos seguintes.

— Com quem você estava lutando ontem à noite? — A pergunta dele quebrou o silêncio tenso que pairava no ar desde que, finalmente, tinham começado a acelerar um pouco mais.

— Com o fantasma da mulher.

— Ela luta bem? — ele perguntou.

O fato de ele perguntar sobre um fantasma a surpreendeu.

— Ela diz que é melhor do que você.

— Eu sabia que não gostava dela — disse ele, com um meio sorriso. Depois de uma pausa, ele perguntou: — Quem é esse fantasma? — O olhar dele não se desviava das espadas.

— Eu não sei — respondeu ela com sinceridade. E de repente Kylie sentiu que precisava descobrir isso o quanto antes.

Kylie não se lembrou de ligar para Derek. Ela e Lucas tiveram um bom treino. Eles não se soltaram de fato nem lutaram como faziam com as espadas de madeira, mas quase chegaram a isso.

Quando ela checou o telefone, encontrou outra mensagem de Derek — *Me ligue agora!* — e viu que era quase meia-noite, ela se sentiu culpada.

Ela o vira no jantar — e isso tinha sido depois da mensagem — e ele não tinha dito nada. Não tinha sequer se sentado com ela; só pegou o jantar e saiu.

Ainda um pouco preocupada, mas sem saber se ele ainda estaria acordado, ela mandou uma mensagem de volta. *O que foi?*

Ela esperou por uns bons 45 minutos para ver se ele respondia. Nada.

Frustrada, deixou-se cair sobre o travesseiro. O frio fantasmagórico envolveu o quarto pela terceira vez desde que ela fora para a cama, mas o espírito não apareceu.

A conversa de Kylie com Holiday aquela tarde tinha reforçado seus sentimentos. Se ela conseguisse descobrir a identidade do espírito, isso podia ajudar a responder um monte de

perguntas.

Embora o espírito não tivesse confirmado, Kylie estava quase certa de que ele tinha alguma ligação com Mario.

— Quem é você? — Kylie perguntou para o vento frio que se movia como uma sombra fugidia pelo quarto. — Me diga. Ou pelo menos me mostre alguma coisa.

Nenhuma resposta. Aceitando que nenhum espírito falava antes que estivesse pronto para isso, Kylie se virou na cama e tentou dormir. Tentou pensar em outra coisa que não fosse o espírito.

Outra coisa que não fosse matar alguém.

Outra coisa que não fosse morrer.

Qualquer coisa diferente de Lucas e da esperança que ela tinha visto nos olhos dele.

Kylie tinha acabado de cair no sono quando ouviu um leve ruído.

Passos no piso de madeira. Ela abriu os olhos e estendeu o braço debaixo do travesseiro para pegar a espada.

Debaixo do travesseiro? Ela não dormia com a espada!

Instintivamente, ela sabia que tinham vindo atrás dela.

Quem tinha vindo atrás ela?

Algo não estava certo. No entanto, Kylie puxou a arma e pulou para fora da cama. Seus pés pousaram no tapete. Ela olhou para o tapete oriental. De lã. Caro.

Onde ela estava?

Ou seria melhor perguntar: Quem ela era?

Com o coração batendo ao som dos passos que se aproximavam, ela olhou ao redor da sala. Um quarto. Não o quarto de Kylie.

Móveis de madeira pesados e de aparência cara brilhavam à fraca luz do luar que entrava através de uma grande janela, de onde se viam palmeiras.

O gosto de medo e fúria permanecia em sua língua. Ela levantou a espada. Só para descobrir que não era a espada que tinha sido entregue a ela, mas a espada do...

Tudo fazia sentido agora. Ela era o espírito e estava em meio a uma visão. Avistou um pesado espelho emoldurado sobre uma cômoda. Por um segundo, ela olhou para a imagem. Seu cabelo escuro estava solto, despenteado.

Mas o que causou o primeiro arrepio de pânico em Kylie foi o vestido. O mesmo que o espírito, obviamente, estava usando quando fora assassinado.

E Kylie iria reviver a cena. Seu primeiro impulso foi gritar “Pelo amor de Deus, não!” O segundo foi ficar alerta, para encontrar as respostas de que precisava.

O barulho de passos se aproximou, batendo forte no chão, como se subissem antigos degraus de madeira. Instintivamente, Kylie sabia que o espírito aguardava seus agressores. Ela sabia que a noite traria a morte. Ela tinha escolhido usar branco, mas indagado se o sinal de pureza adiantaria alguma coisa.

Agora, enquanto esperava o fim se aproximar, uma onda de arrependimento, de remorso pela vida que vivera, cruzou sua mente. Mas, no fundo, ela aceitou que era tarde demais. Tarde

demais para mudar o modo como tinha vivido. Mas ela podia e iria mudar a forma como iria morrer.

*Quem é você?* A pergunta sussurrou na mente de Kylie. Ela rezou para que a resposta viesse logo para que ela pudesse deixar a visão antes que tivesse de reviver a morte daquela mulher.

O espírito olhou para a janela como se considerasse a possibilidade de fugir.

*Saia daí*, Kylie disse a ela. *Você não tem que morrer*.

Mesmo antes de o pensamento se completar, Kylie sabia que as ações do espírito nesta véspera de sua morte já faziam parte do seu destino. Kylie não tinha sido levada ao interior de seu corpo, ou de sua memória, para mudar o que já tinha acontecido. Ela tinha sido levada até ali para viver isso.

Para saber a verdade.

Que verdade? Por que o espírito não tinha ido embora? Kylie sentiu que ir embora tinha sido uma opção. O espírito tinha escolhido morrer. Por que motivo?

— Mamãe. — O menininho correu para a porta. — Ele achou a gente! — Em seus olhos arregalados, medo e lágrimas. — Ele achou a gente! Agora o que vamos fazer?

Ela segurou o menino pelos ombros. A mãe queria abraçá-lo, enterrar o rosto em seu cabelo para poder morrer com o cheiro de seu único filho ainda preenchendo os seus sentidos. Mas o tempo tinha acabado. Ela o empurrou para dentro do armário.

— Use o alçapão, como eu mostrei. Corra e não olhe para trás. — Ela fechou a porta do armário ao mesmo tempo em que a porta do quarto se abria com um estrondo.

# Capítulo Trinta e Quatro

A mulher, com Kylie vendo a cena através dos olhos dela, virou-se para lutar. Não porque pensava que poderia ganhar, mas pelo pouco tempo que o filho precisava para escapar. Ela sabia que morreria, mas lutava pelo seu filho.

Eles entraram. Havia três deles. Usavam preto, sem máscaras, e ela os reconheceu.

Conhecia-os bem.

Ela tinha comido em suas mesas.

Rido de suas piadas.

Ela também reconheceu o olhar nos olhos deles, o ímpeto para cumprir sua tarefa. Matá-la era a incumbência que eles tinham.

Ela levantou a espada e lutou. Lutou pelo filho dela. Por alguns segundos, ela realmente superou-os, bloqueou as tentativas de derramar seu sangue. Ninguém poderia dizer que ela tinha se entregado facilmente.

A primeira dor penetrante atravessou suas costelas. Kylie gritou para que ela parasse. Tentou dizer a si mesma que não era real, que não era ela quem sofria os golpes, mas parecia real. Ela sentiu a dor que o espírito sentira naqueles últimos momentos terríveis da sua vida.

Sentiu as lâminas perfurando sua pele, atingindo os ossos.

Seu corpo ficou flácido, a dor era excruciante. Ela caiu de joelhos e depois para a frente, tombando no chão. Seu sangue escorria. O fluxo espesso do líquido aqueceu o frio repentino. Ela não o conteve. Queria que o sangue fluísse mais rápido. Quanto mais rápido fluísse, menos ela sofreria.

O cheiro acobreado do sangue encheu seus sentidos. A viscosidade dele escoou sob sua bochecha pressionada no chão frio. A última coisa que ela viu foi a porta do armário aberta e seu filho assistindo com horror enquanto ela dava seu último suspiro.

Ele não tinha fugido. A fúria encheu sua alma.

Será que ele sabia? Será que ele sabia que a morte dela era para mantê-lo seguro e protegê-lo do tipo de vida que ela e o pai dele tinham vivido?

Um segundo antes de a morte levá-la, ela jurou vingança. Não vingança sobre aqueles que a mataram, eles nada mais eram do que peões a serviço de um demônio. Ela sabia disso, porque tinha sido um deles.

A vingança que ela buscava era para quem os enviara, o próprio demônio. Bem como para aquele que tinha permitido, o filho do demônio.

— Não fique muito perto. Ela pode te degolar com essa coisa.

A voz estridente de Miranda ficou registrada na mente de Kylie, mas soava a certa distância.

— Ela não vai me matar — Della respondeu.

— Eu não estou dizendo que ela queira. — A voz de Miranda voltou. — Mas, que droga, você viu como ela estava manejando essa espada.

Sua consciência lutou contra o vazio da escuridão. Ela queria mergulhar no vazio. Ele não guardava nenhuma lembrança. Oferecia uma fuga do que ela tinha acabado de viver. A maldita voz, a que ela não conseguia de fato identificar falou novamente.

— *Você precisa se lembrar*.

Tomando fôlego, ela abriu os olhos.

Os olhos pretos e ligeiramente amendoados de Della entraram em foco.

— Ela voltou! — disse numa voz alarmada, como saída de um filme de horror.

Kylie tentou se erguer, mas se sentia muito fraca.

Della ajudou-a a se sentar. Kylie olhou em volta. Estava na cozinha da cabana. Ainda segurava a espada na mão. A visão devia tê-la feito buscar a arma. Lembrando-se de partes da visão, largou a espada e passou a mão sobre a barriga para verificar se havia algum corte.

Nenhum. Apenas a lembrança da dor permanecia. Tinha acabado. Tudo, menos o choro. Lágrimas brotaram nos olhos dela. Como a vida podia ser tão brutal? Tão cruel?

— Você não vai nos matar, não é? — perguntou Miranda. Kylie balançou a cabeça. Por mais doloroso que fosse se lembrar dos detalhes, ela precisava se lembrar; precisava de respostas.

A imagem do menino no armário encheu sua mente, algo conhecido despontou na sua memória. Sim, *ele* era conhecido. Mais do que isso: fragmentos da história voltaram num *déjà vu* à sua mente. Alguém tinha lhe contado essa história. Mas quem? De repente, ela se lembrou.

Kylie se levantou, mas seus joelhos se dobraram. Della a segurou.

— Temos que ir — disse Kylie.

— Vai ser meio difícil se você não consegue nem se levantar — provocou Della.

— Eu consigo. — Kylie se forçou a ficar de pé sozinha e empurrou a mão de Della.

— Ok, você está de pé — disse Della. — O segundo passo é conseguir andar.

Kylie deu alguns passos e olhou para a vampira novamente.

— O terceiro passo é fazer sentido. E não faz sentido para mim sair desta cabana antes de eu saber para onde estamos indo.

Kylie inspirou.

— Ver Derek. Eu preciso de Derek.

— Derek? — perguntou Miranda. — E eu que pensei que ela tinha desistido dele e estava quase voltando com Lucas.

Kylie lançou para a bruxinha um olhar suplicante, pedindo que ela lhe desse um tempo.

— Estou falando sério.

— Posso pôr meu sutiã primeiro? — pediu Della.

— Você não precisa dele... — Miranda riu.

Della fez uma cara feia.

— Você é a bruxa mais babaca que eu conheço.

Kylie, perturbada demais para enfrentar uma discussão, foi para a porta. Ela tinha que saber. Della deve ter decidido que Miranda estava certa sobre não precisar do sutiã, porque seguiu

Kylie até a porta. De pijama e tudo.

— Você sabe que Burnett vai me esganar se eu deixá-la fazer isso sem ligar para ele.

Kylie começou a correr, sua necessidade de respostas impulsionando-a. Ela sentiu o vento no cabelo e as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Em menos de dois minutos, Kylie parou ao lado da cabana de Derek.

— Ok, sabichona, não vai bater na porta? — Della olhou para ela, a expressão sarcástica substituída pela de preocupação ao ver as lágrimas de Kylie. — Sinto muito — disse ela. — Deve ter sido bem ruim.

Kylie assentiu.

— Vou tentar a janela. — Ela correu para o lado da cabana. As janelas eram muito mais altas do que ela. Dando um salto, ela agarrou com os dedos a parte superior do parapeito e suspendeu o corpo para olhar lá dentro.

E o que ela viu deixou-a... deixou-a... confusa.

Perplexa.

Chocada.

Ela piscou, como se isso pudesse mudar o que estava vendo.

Mas depois de piscar uma, duas, três vezes, ela ainda podia ver não uma, mas duas pessoas na cama de Derek. Uma delas era Derek. Ela podia ver claramente sua forma masculina. Mas a outra era... Kylie não podia ver o rosto.

Mas era definitivamente um corpo *feminino*. Tinha longos cabelos negros e um bumbum muito feminino e saliente, coberto com um pijama e projetado para fora da manta. E Kylie conseguiu reconhecer aquelas calças de pijama como sendo de Derek.

A garota se mexeu. Kylie prendeu a respiração, esperando que ela se virasse para que pudesse ver quem estava aquecendo a cama de Derek.

Kylie levou um segundo para se perguntar se estava com ciúme. Em algum lugar lá no fundo, dentro do seu peito, ela sentiu uma pontada de ciúme. Mas com ele veio o sentimento de que estava tudo certo. Derek precisava seguir em frente.

Mas ele tinha que seguir em frente tão rápido assim?!

A menina se virou.

Kylie viu seu rosto e...

— Merda! — Seus dedos acidentalmente escorregaram da janela e ela caiu, se esborrachando com tudo no chão.

Como? Como era possível?!

# Capítulo Trinta e Cinco

— O que foi? — perguntou Della, aparecendo atrás dela.

— Nada — Kylie mentiu, ainda no chão, onde tinha caído.

— Tente outra vez — disse Della, obviamente ouvindo a mentira no coração da amiga.

— Deixa pra lá. E, por favor... me dê um pouco de privacidade para conversar com... ele.

— Eu sou a sua sombra — disse, observando Kylie se levantar.

— Eu sei. Mas estou te implorando. Por favor. Preciso de um pouco de privacidade.

— Para fazer o quê? Está a fim de uma sessão de amassos com Derek?

Kylie nem se deu ao trabalho de responder.

Della virou-se e saiu pisando duro.

Kylie içou-se ao parapeito da janela, pendurou-se ali com uma mão e bateu na vidraça com a outra. As duas pessoas na cama pularam de susto.

O olhar sonolento de Derek voou em direção à janela. Kylie não sabia ao certo como Jenny — pois era de fato a irmã de Hayden, Jenny — tinha reagido ao susto. Ela havia desaparecido!

Passando a mão no rosto, Derek foi até a janela. Kylie saltou para o chão quando ele levantou a vidraça. Ele a olhou com um olhar de interrogação enquanto oferecia a mão para alçá-la para cima.

— Mas que hora para aparecer! — ele murmurou enquanto a puxava. — Por que, afinal, demorou tanto?

Com os pés no chão do quarto, Kylie fez uma careta.

— Você me viu no jantar e não disse nada.

— O que eu podia dizer num lugar cheio de vampiros?

Droga, ele estava certo.

— O que está acontecendo? — Ela olhou ao redor. — E, Jenny, você pode ficar visível. Eu já te vi.

Jenny apareceu e seu rosto enrubesceu.

— Não é o que você está pensando. Nós não... — Ela apontou para o chão, onde um cobertor e um travesseiro estavam jogados.

— Você devia estar dormindo no chão! — disse Jenny, olhando para Derek.

— Eu não consegui dormir, então eu só... — Ele olhou para Jenny. — Eu nem encostei em você.

Kylie balançou a cabeça.

— Eu não me importo com isso.

— Eu me importo! — disse Jenny, olhando para Derek.

— Eu nem toquei em você! — repetiu ele.

Kylie gemeu.

— Jenny? O que você está fazendo aqui? — Nesse momento Kylie lembrou-se do alarme. — Foi você quem pulou a cerca!

Jenny fez uma careta.

— Eu não sabia que o lugar tinha um alarme. Nem o complexo tem um.

Mas os camaleões não estavam à espera que um psicopata delinquente os atacasse!

Kylie balançou a cabeça, lembrando-se de se concentrar num assunto por vez. E esse era um grande problema, também.

— Mas que droga... — ela murmurou. — Hayden sabe que você está aqui?

Derek e Jenny negaram com a cabeça.

Kylie olhou para Jenny.

— Você fugiu, não é?

Jenny assentiu e apertou as mãos.

— Por favor, não... não fique brava.

Derek olhou para Jenny com pena e, em seguida, fitou Kylie como se estivesse frustrado.

— Por que está tão contrariada? Você não disse que queria ajudá-la?

Kylie olhou para ele, séria.

— Eu quero, mas... fugir não resolve o problema.

— Ah, qual é, Kylie? — Derek contestou. — Para alguém que fugiu algumas semanas atrás, não acho que você esteja em condições de julgar.

— Eu não fugi! Eu disse a todos que estava indo embora. E não estou julgando ninguém. — Frustrada e um pouco surpresa ao ver Derek defendendo Jenny, Kylie suspirou e olhou de Jenny para Derek.

— Se um camaleão foge antes de estar maduro é expulso da família.

Derek desviou os olhos para Jenny, e examinou-a de cima a baixo.

— Ela parece bem madura pra mim.

Kylie revirou os olhos.

— Eu não estou falando do corpo dela. Estou falando da capacidade de mudar de padrão. — Desviando o olhar para Jenny, Kylie percebeu uma coisa. — Você é capaz de ficar invisível. Isso não acontece só mais tarde?

— Normalmente, sim. Treinei muito por conta própria nos últimos anos para conseguir ir embora mais cedo. Mas ainda não consigo controlar meu padrão. — A tristeza era visível nos olhos da garota.

— Você está mesmo preparada para deixar sua família?

Jenny se sentou na cama e alisou o pijama folgado de Derek com as mãos.

— É muito difícil pra mim, mas aquela família está tentando me forçar a casar com alguém que eu não amo. E o cara não me ama, também. Eu não quero viver assim.

A mente de Kylie disparou. Ela havia dito a Holiday: o que os camaleões anciãos faziam era quase tão ruim quanto o que faziam os lobisomens. Agora ela percebia que estava certa. Os mais velhos estavam fazendo a Jenny o mesmo que o pai de Lucas fazia ao filho.

Isso significava que Lucas estava certo ao enfrentar a alcateia e o pai? Tudo parecia tão confuso! Percebendo Derek e Jenny olhando para ela, ela concluiu que aquele não era o momento de pensar em Lucas. Um problema de cada vez.

Problema no 1 : o avô e toda a comunidade de camaleões iriam culpar Kylie, porque ela era a razão de Hayden estar ali. Como, pelo amor de Deus, ela ia consertar aquilo? Ela olhou para Jenny novamente.

— Ok, então agora me explique por que você não procurou Hayden.

— Porque toda vez que eu falava com ele sobre ir embora, ele me dizia que era errado. Que eu devia ficar lá até amadurecer. Mas todo mundo sabia que no dia em que eu amadurecesse, cairia fora de lá, então os anciãos estavam tentando encontrar outra maneira de me deter. Eles iam me obrigar a casar com Brandon na semana que vem. — A expressão da garota ficou mais solene. — Além disso, eu não vim aqui por causa de Hayden. Eu vim aqui por sua causa. Achei que você ia entender. Mas acho que eu estava errada.

A culpa encheu o peito de Kylie.

— Você não está errada, eu só... Eu não sei bem o que fazer... — Kylie olhou em volta. — Como você acabou aqui com Derek?

— Você estava sempre rodeada de pessoas. Eu vi Derek e achei que, se você confiava nele, então eu poderia confiar também.

Kylie suspirou.

— Você está realmente preparada para perder o direito de ver a sua família?

Lucas estaria?

Lágrimas encheram os olhos da garota e Kylie sentiu a mesma emoção se agitar dentro dela.

— Não — respondeu Jenny. — Mas eu não estava pronta para me casar com Brandon, também.

— Eu sei — disse Kylie. — Nós só temos que descobrir um modo de resolver isso. — O mesmo valia para Lucas. Mas que Deus a ajudasse, porque ela não fazia ideia de como fazer essas duas coisas.

Ela olhou para Derek e se lembrou do motivo que a levara até ali.

— Nós temos um bocado de coisas para conversar — ela murmurou.

— Que coisas? — perguntou Derek.

Kylie não tinha percebido que falara em voz alta. Em seguida, partes da visão surgiram na cabeça dela como um filme de horror.

— Você se lembra de quando me contou sobre Roberto, o neto de Mario? Você não disse que ele testemunhou o assassinato da mãe?

— Disse.

— Você se lembra de como ela foi assassinada?

Ele passou a mão pelo cabelo castanho.

— Acho que um artigo dizia que ela foi esfaqueada.

Kylie franziu a testa.

— Eu temia isso.

— Por quê?

— Ela é o meu fantasma.

Derek pareceu preocupado.

— A mãe de Roberto é o seu fantasma?

— Por favor, não me diga que ela está aqui agora. — Jenny puxou os joelhos até o peito e os abraçou.

— Está tudo bem. — Derek se aproximou da garota. Ele descansou a mão no ombro da garota para aliviar o medo dela.

— Tire a mão daí! — Jenny deu um tapa na mão dele. — Eu não gosto que você me toque. Você... me faz sentir coisas que... eu não sinto.

Derek franziu a testa.

— Eu estava tentando fazer você se sentir melhor.

— Talvez eu não queira me sentir melhor — ela retrucou, e eles se entreolharam.

Por alguma razão, as brigas dos dois faziam Kylie se lembrar de Burnett e Holiday, ou mesmo de Kylie e Derek no começo, e ela sabia por quê. A tensão sexual. Se Kylie fosse um vampiro, ela apostava que conseguiria sentir o cheiro dos feromônios.

Derek olhou para Kylie.

— Está vendo o que eu tive que aguentar nas últimas 24 horas?

A única coisa que impedia Kylie de sorrir eram os fragmentos da visão e a constatação de que ela não tinha a menor ideia do que fazer com Jenny. Se fosse procurar Holiday, ela não tinha certeza se a líder do acampamento permitiria ou até mesmo poderia permitir que a menina ficasse. Mas por quanto tempo eles poderiam escondê-la?

De repente, a vidraça de Derek se abriu e Della pulou para dentro.

— Ok, vejam só! Acabei de receber um telefonema de Burnett. Ele estava fazendo uma ronda pelas cabanas e percebeu que não estávamos. Está a caminho daqui. Você tem um segundo para esconder a Mulher-Maravilha aí, ou ele vai saber que ela está aqui.

Jenny desapareceu. Della, vendo pela primeira vez alguém desaparecer daquele jeito, ficou atordoada. Burnett entrou com tudo pela janela aberta.

— Que diabos está acontecendo agora?

— Eu tive uma visão. — Kylie contou uma parte da verdade. — Eu quis perguntar a Derek sobre isso.

— E você não poderia ter me ligado primeiro?

— Você sabe como eu fico depois de uma visão... Eu estava fora de mim; tudo em que eu consegui pensar foi em descobrir a verdade.

— Que verdade?

— Eu sei quem é o fantasma da mulher agora. Ela tem... uma ligação com Mario. Ela era nora dele, mãe de Roberto. Mario mandou matá-la. — O coração de Kylie se contraiu quando ela se lembrou dos últimos minutos da vida da mulher. Quando se lembrou de como Roberto tinha testemunhado a morte horrível da mãe.

Burnett suspirou.

— E a espada? É dela, também?

— Não, ela diz que é dos... anjos da morte.

Uma longa pausa encheu o quarto, como se todos precisassem de alguns segundos para acreditar.

— Você sabe por que eles a enviaram? — Burnett finalmente perguntou.

Kylie franziu a testa. Ela suspeitava que era porque ela teria de enfrentar Mario. E, no fundo, sabia que Burnett suspeitava disso também. Mas ninguém queria dizer.

— Não, na verdade, não. — Não chegava a ser uma mentira. Havia uma diferença entre saber de algo e suspeitar disso.

— Vamos lá, vamos falar com Holiday sobre essa visão — disse Burnett.

Kylie deixou a cabana de Derek para enfrentar um problema, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, teria que lidar com o outro que estava deixando ali. Jenny.

Por quanto tempo eles conseguiriam esconder um camaleão em fuga? Ela esperava que por tempo suficiente para Kylie conseguir pensar num plano.

Burnett e Holiday levaram Kylie de volta para a cabana depois da conversa. Ela conseguiu enfrentar a conversa sem mentir não deixando que o tema se desviasse da visão. Kylie não lhes disse nada sobre Jenny ou sobre o pai ter tornado a dizer que eles estariam juntos em breve. Para ser franca, ela estava tentando não pensar na mensagem do pai. Holiday não tinha falado que uma pessoa que começa a se preparar para a morte engana a si mesma convencendo-se de que sua vida não vai durar muito? E... em algum lugar no fundo do seu coração, ela se agarrava ao fato de que o pai poderia estar confuso. Que sua definição de “logo” poderia significar algo em torno de 80 ou 90 anos.

A primeira coisa que Kylie fez depois que Burnett e Holiday foram embora foi pegar o telefone.

Derek atendeu no primeiro toque.

— Sobreviveu?

— Mais ou menos — disse Kylie.

— Como é que você mentiu para Burnett?

— Evitando falar a verdade.

Ele suspirou.

— Falando em verdade, reli os artigos sobre a mãe de Roberto. As causas da morte foram vários ferimentos provocados por um objeto perfurante. Ah, e o nome dela era Lucinda Esparza.

— Obrigada. — Kylie repetiu o nome da mulher mentalmente.

— Então, qual é o plano com relação ao *meu* problema? — ele perguntou.

Então ele considerava Jenny problema dele, hein?

— Eu não sei, mas você se importaria em continuar a escondê-la até que eu pense num plano? Já que você não tem um vampiro dividindo o quarto com você nem Burnett vigiando a sua cabana. Ela tem menos chance de ser encontrada se ficar aí.

— Meu plano era que ela ficasse aqui — Derek disse, soando quase insistente.

Foi então que Kylie soube com certeza. Sua antiga paixão tinha conseguido esquecê-la e estava a caminho de se apaixonar por outra... Kylie sentira a ligação entre eles, assim como captara a que havia entre Burnett e Holiday, Perry e Miranda, e Jonathon e Helen.

Ela quase podia ouvir Derek e Jenny contando aos filhos como eles se conheceram.

"A mãe de vocês simplesmente pulou nas minhas costas de repente, esperando que eu lhe desse uma carona de cavalinho!"

Jenny tinha sorte. E Derek merecia ser feliz.

*E eu também!* E a felicidade dela dependia de Lucas. Era como se algo tivesse mudado dentro da sua cabeça e ela tivesse percebido o quanto estava equivocada. Ela não deveria ter tentado afastá-lo. Deveria ter insistido para que ele encontrasse uma maneira de fazer a coisa da maneira certa.

— Ei..., hã, eu acabei de perceber que preciso fazer uma coisa. Podemos conversar amanhã?

— Fazer o quê? — perguntou Derek, obviamente captando os sentimentos dela.

*Convencer alguém de que vale a pena lutar por mim.*

— Tchau. — Ela desligou, e depois discou o número de Lucas. Um instante antes de digitar o último número, ela mudou de ideia. Havia outro jeito. Um jeito melhor.

*

Levou dez minutos para ela cair no sono, e mais alguns para adquirir controle e ter um sonho lúcido que a levasse até a cabana de Lucas e ao quarto dele. Ele parecia adorável dormindo em sua cama. O lençol estava abaixo da linha da cintura e ela não pôde deixar de se perguntar se ele estava usando alguma coisa por baixo. Ela achava que não.

Mentalmente, ela o vestiu com uma bermuda e entrou na mente e depois nos sonhos dele.

— Lucas — ela sussurrou o nome dele. Embora ela pudesse levá-lo para qualquer lugar, não fez isso. Eles permaneceram no quarto dele. Ela olhou para o peito nu do lobisomem novamente e se perguntou por que não tinha sonhado com ele vestindo uma camisa. Provavelmente porque gostava de ver seu peito nu.

Então Kylie olhou para a cama e a mente dela foi se juntar a ele ali. Foi quando ela decidiu que eles precisavam sair do quarto.

Lucas sentou-se.

— Oi! — Sua voz estava grave e sonolenta.

— Vem, vamos sair daqui — disse ela.

— Sair para onde? — ele perguntou.

— Para um lugar onde a gente possa conversar — ela respondeu.

Ele deu um tapinha na cama e olhou para ela com um sorriso sexy. Será que ele tinha lido os pensamentos dela?, ela se perguntou.

— Poderíamos conversar aqui — ele disse com voz rouca.

Ela revirou os olhos.

— Boa tentativa.

Ele riu. Então puxou o lençol e olhou para baixo.

— Pelo menos a bermuda não tem carinhas sorridentes — disse ele, referindo-se ao dia em que ela o vestira em outro sonho lúcido.

Ela se concentrou e transferiu o sonho para a clareira atrás do escritório, onde muitas vezes eles tinham ido conversar.

Ele olhou em volta e depois voltou a olhar para ela. A noite estava escura, apenas algumas estrelas brilhavam no céu.

— Eu acho que gostei mais do sonho no lago — ele disse, referindo-se ao sonho lúcido em que eles tinham nadado nus.

Estendendo as mãos, ele a segurou pelos ombros e a puxou de encontro a ele.

O peito dele estava tão quente... Tão convidativo... Ela teria gostado de ficar ali. Para explorar todas as coisas que queria explorar entre eles. *Mas ainda não*.

— Comporte-se! — disse ela, e se soltou.

O sorriso dele desapareceu.

— Tem alguma coisa errada?

— Não. Bem, sim, tem algo errado. Tudo está errado. — Ela suspirou. — Você tem que entrar para aquele Conselho, Lucas.

— Eu não vou me casar com Monique — ele disse com rispidez.

— Não se casando com Monique. Você tem que encontrar outra maneira.

— Eu preciso do meu pai para interceder por mim, Kylie. Ele não vai fazer isso agora.

Ela rangeu os dentes.

— Fale com ele. Você disse que ele é protetor com você. Ele obviamente se importa. Talvez se você...

— Você não conhece meu pai — disse ele.

A fúria inflou o peito de Kylie.

— Então encontre outra maneira! Encontre alguém para interceder por você. Ou fale você mesmo com o Conselho. Você me contou sobre tudo o que os jovens querem mudar. Faça os anciãos verem isso. Eles foram jovens um dia. Você não pode fazê-los se lembrar de como era? Quer dizer... quem foi que disse que, se a porta está trancada, encontre uma janela? Se a janela está fechada, também... quebre-a. Se ela não quebrar, então ache uma marreta e faça uma nova.

Ele balançou a cabeça.

— Você não sabe como eles são.

— Sim, eu sei! Os anciãos dos camaleões são como os seus anciãos. Eles querem arranjar casamentos e dizer a todos os jovens camaleões o que fazer. Não sei como vou mudar as coisas, mas pode apostar que não vou deixar de tentar.

— Não é a mesma coisa! — disse ele, como se estivesse ofendido com a acusação.

— Talvez não seja exatamente a mesma coisa. Mas você está desistindo.

— Eu não vou desistir de nós — insistiu ele. — Isso é o que importa.

Ela balançou a cabeça.

— Mas você *está* desistindo de nós. Se não conseguir entrar no Conselho, Lucas, não existirá nenhum "nós".

— Você não está falando sério! — disse ele, a raiva engrossando sua voz.

— Não pense que eu quero — disse ela. — Mas eu sei que, se você abrir mão de quem você é e de tudo o que sempre quis, você vai me culpar por isso. Talvez não agora, mas um dia vai. E eu não posso entrar nessa sabendo que você vai me odiar um dia. Eu não posso.

Num piscar de olhos, Kylie pôs um ponto final no sonho lúcido e atirou-se na cama. Então dormiu chorando. Mas um pouco antes disso, ela ouviu o pai mais uma vez.

— *Em breve. Em breve estaremos juntos*.

Ela não pôde deixar de se perguntar se, quando estivesse morta, ela ainda ia sofrer por Lucas.

Na manhã seguinte, depois de apenas uma hora de sono, Kylie estava em meio aos outros campistas, à espera de Chris fazer seu showzinho no início da Hora do Encontro. Perry, sua sombra oficial naquela manhã, estava ao lado dela, com Miranda apoiada nele. Della estava numa reunião de vampiros e não ia participar do Encontro.

Lucas não estava ali. Mas ele tinha enviado uma mensagem para ela do celular que dizia: *Acho que encontrei uma janela*. A esperança lhe deu energia. Energia para relembrar o quanto tinha sido bom observar Lucas na cama na noite anterior e como ela tinha ficado tentada a se enroscar nele e deixar que as coisas simplesmente acontecessem. Afastando o lobisomem sexy da sua mente, ela procurou outra coisa em que pensar — como descobrir como proceder com Lucinda, que estava de pé no meio da multidão, como se pertencesse a Shadow Falls, mas não estava falando com Kylie. Será que de fato tudo de que o espírito precisava para seguir em frente era que Kylie lutasse contra Mario? Para que ele pudesse seguir para o inferno?

Uma coisa era encorajar as almas destinadas a cruzar os portões do céu a deixar a sua existência solitária na terra e seguir em frente. Mas como ela poderia encorajar alguém a ir para o inferno?!

Kylie estremeceu com o pensamento.

— Você está quieta — comentou Miranda. — Está tudo bem?

Kylie acenou com a cabeça e localizou Derek andando no meio da multidão. Os pensamentos dela saltaram para Jenny e como iria resolver aquilo. Sua intuição lhe dizia que a coisa certa a fazer era confrontar Hayden.

Ela sabia que Jenny estava com medo que ele insistisse para ela voltar para casa, mas Kylie não tinha tanta certeza se Hayden faria isso.

A conversa no grupo de estudantes se acalmou. Kylie olhou para a frente.

Chris tinha se posicionado na frente da multidão, desviando a atenção de Kylie de suas próprias desgraças.

— Hoje nós temos... — Ele olhou para baixo, na direção do chapéu e, em seguida, para cima. Diretamente para Kylie.

Ah, mas que inferno, pensou Kylie, quem seria dessa vez?

— Kylie Galen. — Chris sorriu. — A garota que rendeu mais sangue do que qualquer outra campista em Shadow Falls!

Ele hesitou.

— Você, minha cara, vai ter o prazer... — ele fez uma pausa para causar um efeito dramático — de passar uma hora na companhia de Steve!

Kylie viu Steve, o metamorfo de traseiro bonito, o mesmo que tinha dado um chupão em Della, começar a andar na direção dela. Nem por um minuto Kylie pensou na hipótese de que Steve tivesse algum interesse nela. Ela sabia que ele só queria alguns conselhos no campo do amor.

Conselhos que Kylie não tinha. Que diabos ela poderia dizer a ele? A resposta normal que ela daria a alguém que está tentando chamar a atenção de outra pessoa era “tenha paciência”. Mas Della era a pessoa mais inflexível e teimosa que Kylie conhecia e seria preciso a paciência de um santo para dobrar a vampira.

— Ter paciência? Isso é tudo que você tem pra me dizer? — reclamou Steve dez minutos mais tarde.

Kylie olhou para Perry, voando em círculos enquanto eles conversavam sentados na clareira atrás do escritório, e então franziu o cenho para Steve.

— Não sei por que todo mundo pensa que sou o guru do amor.

— Vamos lá, me dê algo que possa me ajudar. Você conhece Della melhor do que ninguém.

Kylie sentou-se ao lado da árvore.

— O que eu posso dizer? Della é uma figurinha difícil. — Tão difícil que, se descobrisse que Kylie tinha oferecido conselhos a Steve, a vampira abriria mão do título de uma das melhores amigas de Kylie.

— Você acha que eu não sei disso?

Kylie fitou os olhos desesperados do metamorfo.

— Ela ficou muito machucada por causa de alguém.

— Eu sei disso, também. — Ele cruzou os braços sobre o peito largo. — Ela merece muito mais do que aquele sujeito.

— Ah, que se dane! — exclamou Kylie, e decidiu jogar a precaução no lixo. — Ok, isso é tudo o que eu posso te dizer. Della adora uma boa briga.

— Eu não quero lutar — disse Steve. — O que eu quero é... — Ele corou como se estivesse pensando sobre o que realmente queria.

Mas, caramba!, Kylie gostava de Steve.

— Olha, eu não estou dizendo para você brigar com Della. *Lute* por ela. Quando ela disser que você não pode se sentar com ela na hora do almoço, sente-se de qualquer maneira. Quando ela disser para ir embora, não vá. Ela vai ficar irritada. Della é assim, mas eu acho que dessa maneira você vai conquistar alguns pontinhos com ela.

O metamorfo fez uma pausa, como se estivesse pensando.

— Quer saber? Você está certa. Quando estávamos na missão, ela tentou me afastar, mas eu não deixei. Eu não podia fazer isso porque Burnett me avisou que, se alguma coisa acontecesse com ela, ele arrancaria a minha cabeça. E foi aí que nós... Ei! Já sei o que tenho que fazer!

— O quê? — perguntou Kylie, com medo do que tinha desencadeado.

— Espere só pra ver. — Um sorriso se espalhou pelos lábios dele. Fagulhas começaram a surgir em torno do metamorfo. Ele se transformou num pássaro, não tão grande ou magnífico quanto aquele que circulava mais acima, mas ainda assim impressionante.

Batendo as asas duas vezes, ele voou para longe, gritando para Perry ao fazer isso.

Perry se preparou para uma aterragem rápida.

— Você é boa nisso! — disse ele, ainda em forma de pássaro. — Ela vai comer na mão dele agora. Claro que antes ela já terá rasgado o seu coração por traí-la.

— Não fale comigo enquanto não estiver na forma humana! — Ela deixou cair a cabeça sobre os joelhos.

Merda! Perry estava certo. Della ia matá-la. Mas, como o destino já podia tê-la marcado para morrer, ela não tinha certeza se isso realmente importava.

# Capítulo Trinta e Seis

— Está aguardando uma ligação? — Kylie perguntou a Hayden Yates quando entrou em sua sala de aula, dez minutos depois, e viu que ele estava segurando o celular.

— Só estou na esperança de receber uma. — Ele franziu a testa e olhou em volta, como se para ter certeza de que estavam sozinhos. — É Jenny. Ela saiu de casa. Só Deus sabe onde está.

Kylie mordeu o lábio.

— Se você a encontrasse, o que faria?

— O que você quer dizer com isso? — A suspeita o fez estreitar os olhos.

— Você a levaria de volta para seus pais? Se ela fugiu, provavelmente é porque ela é como você quando jovem e não consegue mais suportar esse jeito de viver.

O ar de suspeita desapareceu da expressão dele.

— Ela não sabe o quanto é difícil viver completamente sozinho.

— Ela não estaria sozinha — disse Kylie. — Ela teria você.

Ele franziu a testa.

— Não sei lidar com uma adolescente.

Kylie revirou os olhos.

— Você é professor. Lida com adolescentes todos os dias.

— Eu ensino adolescentes, não sou pai deles. Há uma diferença. Mas discutir isso é bobagem. — Ele correu os dedos pelos cabelos. — Ela é jovem, ingênua.

— Ela não é tão ingênua. — Kylie se lembrou de Jenny enfrentando Derek e de quando ela os ajudou a fugir.

— E se eu soubesse onde ela está?

Hayden olhou para Kylie.

— Meu Deus! O alarme?

Kylie assentiu. Hayden fez uma careta.

— Burnett e Holiday sabem?

— Ainda não.

Ele soltou o ar por entre os dentes.

— Se os anciãos descobrirem que ela está aqui, vão esperar que Burnett e Holiday a levem de volta.

— Eu sei — disse Kylie. — Esse é o problema.

Hayden entrelaçou as mãos atrás da cabeça.

— E Holiday e Burnett terão que levá-la. Legalmente, eles não podem mantê-la aqui sem arcar com sérias consequências.

Kylie suspirou.

— Essa é a outra parte do problema.

Ele apertou a mão sobre a mesa.

— É uma encrenca e tanto.

A mente de Kylie disparou.

— Eu quero contar isso a Holiday e Burnett, mas se essa coisa toda de Mario se acalmasse, acho que teria uma chance melhor de convencê-los.

— Onde ela está agora? — ele perguntou, de repente.

— Ela está na cabana de Derek.

Ele pareceu não entender.

— De Derek? — A expressão de Hayden passou de professor para o de irmão mais velho e Kylie teve a sensação de que Derek poderia estar encrencado.

— É melhor do que na minha cabana, porque Burnett está me observando como um falcão. Quando Jenny pulou o portão, ela não conseguiu chegar perto de mim, porque eu tenho sombras. Jenny e Derek se conheceram na noite em que fugi e ela achou que podia confiar nele. E ela está certa. Derek é o melhor cara que eu conheço. Ele nunca faria nada... você sabe.

— É melhor que ele não se atreva... você sabe! — disse Hayden com rispidez.

— Eu acho que seria mais seguro transferi-la para a sua cabana. Não por causa de Derek. Mas...

Ele suspirou.

— Seria mais seguro se ela voltasse e...

— Não! — exclamou Kylie. — Apenas me dê um tempo. Acho que posso resolver isso.

— Como? Ela ainda não está madura.

Kylie apontou para seu próprio padrão.

— Eu não estou completamente madura e estou me saindo muito bem.

— Você pode realmente dizer isso com tanta certeza? — ele perguntou. — Você tem um assassino atrás de você. A UPF está fazendo tudo o que pode para pôr as mãos em você e testá-la. A meu ver, isso não significa que está se saindo muito bem.

— Apenas me dê alguns dias. Por favor.

— Você não pode dar um jeito nisso, Kylie — insistiu Hayden.

As palavras de Hayden ecoaram na cabeça dela. *A UPF está fazendo tudo o que pode para pôr as mãos em você e testá-la.*

Pela primeira vez, Kylie encarou isso. Uma janela!

— Posso tentar dar um jeito — disse Kylie. Talvez morresse tentando, Kylie pensou, mas talvez não. Além disso, talvez seu destino não fosse continuar viva mesmo.

Ela se levantou depressa, se afastando da mesa de Hayden e começou a andar para trás, em direção à porta.

— Tenho que ir. Depois das aulas de hoje vou dizer a Derek para trazer Jenny à sua cabana.

Durante o almoço, Kylie esperou para ver se Lucas aparecia. Ela se sentou ao lado de Della, que

parecia estar com raiva e implicara com ela o tempo todo, porque tinha ouvido falar que Kylie passara a Hora do Encontro com Steve. Em frente a ela estava Miranda, olhando para ela com um ar de suspeita, pois seu metamorfo e sombra de Kylie a avisara de que ela estava agindo de forma estranha.

Perry estava errado. Ela não estava agindo de forma estranha, ela estava com medo.

No entanto, mesmo com medo, sabia que era a coisa certa a fazer. Seu instinto lhe dizia isso.

A mente de Kylie deixou instantaneamente seus medos de lado quando Lucas entrou no refeitório. Ele usava uma camiseta azul-marinho e seus jeans mais velhos, desbotados em todos os lugares em que o tecido delineava seu corpo. Seu cabelo parecia despenteado pelo vento, como se ele tivesse acabado de chegar de uma corrida. Em menos de uma semana, seria Lua cheia. Sem dúvida, ele tinha corrido para diminuir um pouco a ansiedade.

Ele olhou ao redor do salão.

Kylie encontrou seu olhar azul-escuro de cabeça erguida.

Ele começou a andar na direção dela, sem nem mesmo pegar uma bandeja de comida. Quando se sentou, o ombro dele roçou no dela. Ela pousou o garfo e olhou para ele.

— Você toparia matar aula para treinar?

As sobrancelhas dele se uniram.

— O que está acontecendo?

Ela era assim tão transparente?

— Eu já consegui a autorização de Holiday. — E a líder do acampamento tinha feito a mesma pergunta. *O que aconteceu, Kylie?*

Ela deu a Lucas a mesma resposta que tinha dado a Holiday.

— Estou a fim de treinar. — Ela precisava admitir, não podia dizer a verdade. Não ali. Mas estava planejando dizer quando eles estivessem sozinhos.

— Como está a sua janela? — ela perguntou.

— Ainda emperrada. Mas estou trabalhando nisso.

O otimismo na voz dele a fez sorrir. Ele pegou o pãozinho do prato dela.

Quando ela olhou para ele com um olhar confuso, ele disse: — Vou precisar estar bem nutrido para levar isso adiante. Você parece mais mal-humorada hoje.

— Você está certo. É melhor comer o resto da minha salada também — ela brincou.

Ele inclinou a cabeça para baixo e sussurrou: — Eu te amo.

*Eu também te amo*, Kylie pensou, mas não teve coragem de dizer ainda. Ela queria esperar até que todas as janelas deles estivessem abertas e a vida lhes desse uma esperança. E mais do que tudo, ela queria essa esperança.

Enquanto caminhavam até a cabana de Lucas para pegar as espadas, Kylie tentou descobrir como dizer a ele o que ela estava fazendo. Instintivamente, sabia que ele iria tentar fazê-la desistir. E neste dia, mais do que em qualquer outro, ela não queria brigar.

— Então, esta janela que você mencionou, você tem um plano para abri-la? — perguntou ela.

Ele confirmou com a cabeça.

— Foi o que você disse sobre os anciãos terem sido jovens um dia. Lembrei-me de que, não muito tempo atrás, minha avó perguntou sobre um dos anciãos do Conselho. Ela disse que ele e a irmã gêmea dela tinham uma queda um pelo outro quando jovens, mas que a irmã já tinha sido prometida para outra pessoa. Eu nem sabia que a minha avó tinha uma irmã gêmea. Quando perguntei sobre essa irmã, ela disse que tinha morrido. Mas eu tive a sensação de que a história não acabava aí. Então fui vê-la esta manhã.

— E...? — perguntou Kylie.

— Ela confessou que a irmã gêmea se matou um dia antes de se casar com o outro cara.

— Então você vai falar com esse ancião?

— Não é assim tão fácil. Ele não concordaria em me ver. Mas pode concordar em ver minha avó, e talvez ela possa convencê-lo a me receber.

— Será que a sua avó concordaria em fazer isso? — perguntou Kylie.

— Não — ele disse, a frustração evidente em sua voz. — Ela é teimosa. Eu tenho que encontrá-la para o chá daqui a algumas horas. — Ele suspirou. — O chá sempre a deixa mais bem-humorada. Acho que vou conseguir convencê-la.

— Eu também acho.

Eles chegaram à beira do lago, e Kylie ainda não tinha encontrado uma maneira de contar a Lucas sobre seus planos. Então, por ora ela deixou tudo como estava. Eles se aqueceram por uns vinte minutos, praticando os mesmos movimentos que ele lhe ensinara. Kylie não precisava observá-lo para fazer os exercícios. Mas ela observou-o assim mesmo. Ela adorava ver como o corpo dele se movia, com força, controle; a maneira como seus músculos delineavam-se sob o jeans, e a camiseta nunca parecera tão atraente.

Ele interrompeu os exercícios de aquecimento e a encarou.

— Está pronta?

Ela assentiu com a cabeça. Eles ergueram as espadas e encostaram uma na outra. Ele puxou a dele para trás e investiu, a lâmina cortando o ar a uns bons quinze centímetros dela. Ela seguiu o comando dele e, depois de cinco minutos, sentiu como se estivessem realmente lutando pela primeira vez.

A sensação de perigo não a deteve; na verdade a deixava mais fascinada. Quem adivinharia que ela no fundo adorava uma emoção?

Ela sentiu o suor se espalhar pela testa. Com olhares rápidos ela o observava, via o brilho na pele dele e a camisa úmida colada ao peito. O algodão molhado parecia ainda melhor do que quando seco.

— Você é incrível quando luta! — disse ele, parecendo sem fôlego.

Ela olhou para ele e perdeu o foco, só percebendo o quanto aquele errinho bobo poderia ser fatal quando sentiu a lâmina fazendo contato com a pele dele.

# Capítulo Trinta e Sete

A respiração de Kylie ficou presa nos pulmões. Ela deixou cair a espada. A espada de Lucas escorregou da mão dele e caiu ao lado dela. Ele deu um passo para trás. A camiseta dele estava aberta, rasgada pela lâmina dela.

— Ah, meu Deus! Você...

— Está tudo bem. Foi só um arranhão. — Ele pressionou a palma da mão sobre o estômago.

— Quero ver. — Ela deu um passo na direção dele.

— Estou bem. — Ele deu outro passo para trás. — A culpa é minha. Eu te fiz perder a concentração.

— Quero ver! — ela insistiu.

— É só um arranhão — ele repetiu.

Ela deu os últimos passos que os separam e estendeu o braço para a camiseta dele. Seu coração se contraiu, com medo do que veria. Lágrimas encheram os olhos dela e o ar escapou de seus pulmões quando viu a marca vermelha sobre o umbigo de Lucas.

— Um arranhão, viu? — A voz dele saiu profunda.

Ele estava certo. Não era muito mais do que um arranhão, mas ainda assim parecia dolorido. Ela apertou dois dedos sobre a pele nua do estômago. Inspirando, concentrou-se na cura. As mãos dela ficaram quentes e, lentamente, ela moveu a mão em torno da ferida.

Kylie o ouvira gemer ou tinha sido um grunhido? Ela encontrou os olhos dele.

— Estou te machucando? — Então ela reconheceu o ardor nos olhos dele.

— Não — disse ele, o zumbido hipnótico vibrando, sinalizando que seu corpo procurava uma parceira em potencial.

Com audácia, ela passou a mão para cima e para baixo sobre o abdome dele.

As ondulações suaves e quentes do músculo e da pele provocavam uma sensação maravilhosa contra a palma da mão dela. Ela queria mais. Mais dele. Mais do seu toque. Ela queria ser tocada.

Como se lesse a mente dela, as mãos dele rodearam sua cintura, puxando-a contra si. Seus lábios encontraram os dela e o beijo foi ardente. Profundo e exigente desde o momento em que os seus lábios se encontraram. Ela não soube muito bem como acabaram no chão, mas de repente estavam ali.

A grama macia fazia cócegas no seu pescoço, mas ela sentia Lucas mais do que qualquer outra coisa. Sentiu a mão dele sob sua camiseta. Seu toque suave e carinhoso em seus seios. Sentiu parte do corpo dele pesando sobre ela, a perna dobrada entre as dela.

Em todos os lugares uma parte dele a tocava; o corpo dela ardia e ansiava por mais. O zumbido de Lucas enchia os seus ouvidos como música e ela se entregou. Entregou-se ao

momento, aos instintos. Entregou-se com um desejo ardente.

Kylie não tinha medo. Ela queria isso, queria Lucas. Ela deslizou a mão sob a parte de trás da camiseta dele.

Então o ouviu emitir um murmúrio, uma mistura de dor e prazer. Mas num instante o peso do corpo dele e todo o prazer se foram. Ao abrir os olhos, ela viu Lucas parado aos pés dela, com os olhos em chamas e olhando para ela com uma expressão quase selvagem. Suas mãos estavam cruzadas atrás do pescoço e ele respirava com dificuldade, como se precisasse de mais oxigênio.

— Nós não podemos... Não vim preparado... Não tenho...

Tão ofegante quanto ele, ela levou um segundo para entender o que ele estava tentando dizer. Ele não tinha uma camisinha.

Mesmo se tivesse, não deveria acontecer daquele jeito, por acidente.

— Nós precisamos... Não é assim que... — disse ele.

— Eu sei. — Ela se sentou e um sentimento incômodo tomou seu peito; ela sentiu o rosto arder.

Levantando-se, sentiu o nó na garganta.

— Desculpe, eu não deveria ter... — Ela desviou o olhar, sem saber como dizer. Ele diminuiu a distância entre eles e gentilmente virou o rosto dela para ele.

— Você não fez nada errado. Nós não fizemos nada errado. Só precisamos planejar...

Ela assentiu com a cabeça. Seu celular tocou. Ela ainda não tinha estendido a mão para pegá-lo quando o de Lucas também começou a tocar.

Ela suspirou, sabendo muito bem o que aquilo significava. A UPF estava ali. Antes da hora marcada. Ela tirou o telefone do bolso e viu que a ligação era de Burnett; ela estava certa.

— É Burnett — disse ela. — Tenho certeza de que Holiday está ligando pra você, também. Ela pegou as espadas. — Não atenda. Só precisamos ir para o escritório.

Ele olhou para ela atentamente. E ela sentiu um redemoinho de culpa no peito. Ela deveria ter contado. Agora era como se tivesse mentido para ele.

— Por que não devo atender? — Ele abriu o saco e tirou dali os panos para embrulhar as espadas.

— Eu ia te contar, mas... — *Eu sabia que você ia brigar comigo.*

— O que está acontecendo, Kylie? — ele perguntou enquanto guardava as espadas no saco e o colocava no ombro.

— É a minha janela — explicou ela.

— Qual é a sua janela?

— O motivo por que Burnett e Holiday estão ligando. É a UPF, eles estão aqui por minha causa.

— Por que diabos eles estariam aqui por sua causa?

Ela engoliu em seco e começou a andar. Ele a agarrou pelo cotovelo, com uma interrogação nos olhos.

— Concordei em fazer os testes.

Ele balançou a cabeça, os olhos passaram de azul para um abrasador tom de laranja em

questão de segundos.

— Não!

— Eu tenho que fazer isso, Lucas! É a minha missão. Assim como a sua é mudar as coisas da sua espécie. Eu tenho que fazer isso.

— Não, você não tem! — Ele se colocou na frente dela e impediu-a de dar mais um passo. — Esqueceu que eu vi uma parte da visão do que fizeram com a sua avó?

— Isso foi há mais de quarenta anos. As coisas são diferentes. — Era o que Kylie estava dizendo a si mesma, no que ela tinha que acreditar. Ela contornou Lucas e continuou seguindo em frente.

— Não! — Ele agarrou o braço dela.

Ela olhou para ele, pedindo compreensão.

— Eu tenho que fazer isso, Lucas. E você tem que me deixar.

— Burnett e Holiday não vão permitir — ele respondeu entredentes.

— Burnett não acredita que eles iriam me machucar — insistiu ela, sentindo uma brisa fresca roçar na pele. Ela sabia que não estava sozinha.

O pai dela estava ali. Ela rezou para que ele aprovasse o que ela estava fazendo.

— Ele acha que poderia haver riscos, ele mesmo me disse isso. Me disse que escondeu o corpo da sua avó por causa disso.

— Em tudo há um risco, Lucas. — Ela tocou o estômago dele. — Em aprender a lutar. Em não aprender a lutar. Eu estou fazendo a coisa certa. Eu sei.

— Nós não telefonamos para ela. — A voz masculina vinha do escritório de Holiday. — Ela entrou em contato conosco.

Kylie e Lucas entraram no escritório. Lucas continuava furioso. Ela podia dizer pela postura dele, o seu silêncio, mas ele não tentou detê-la. Ela sabia que ele tinha percebido o quanto ela levava aquilo a sério.

— Kylie não teria feito isso. Ela nem sequer sabe como entrar em contato com vocês — contestou Holiday.

Kylie parou na porta de Holiday.

— Eu liguei para minha mãe e ela tinha o número. Eu disse que precisava falar com eles sobre um trabalho que estava fazendo pra você, Holiday. — Kylie fitou o olhar preocupado da líder do acampamento. Burnett estava ao lado dela, os olhos mostrando sinais de raiva. Ela só esperava que toda aquela raiva não fosse direcionada a ela.

Holiday balançou a cabeça.

— Eu me recuso a deixar isso acontecer!

Kylie atravessou a sala, com Lucas atrás dela. Ela olhou para Burnett, esperando encontrar nele um aliado.

— Desde o começo, Burnett disse que eles não iriam me prejudicar intencionalmente.

Holiday se levantou.

— Ele também admitiu que poderia haver riscos, que foi por isso que ele... concordou que você não precisa fazer os testes.

— Ela está certa — disse Burnett. — Eu não quero arriscar...

— Os riscos são praticamente inexistentes — disse o agente grisalho da UPF. — É o que queríamos dizer desde o início. Mas você se recusou a ouvir.

Kylie ignorou o agente e falou para Holiday.

— É a minha missão. Você mesmo disse que era uma busca que valia a pena.

— Mas não significa que você deva colocar sua vida em perigo.

— Ela não está em perigo — disse o agente da UPF novamente.

— Então por que um médico comum não pode realizar os testes? — Holiday perguntou, o tom de voz parecendo o de um pai zangado. Sem dúvida, ela seria uma ótima mãe.

— Eu já disse isso a você quando nos falamos alguns meses atrás. Não é nada mais do que uma tomografia do cérebro e alguns exames de sangue. E esses testes só não podem ser feitos num hospital qualquer porque não foram projetados para seres humanos.

— Mas ela poderia fazer uma tomografia e exames de sangue num hospital qualquer — Holiday retrucou.

— É diferente — respondeu o homem. — A digitalização é definida para procurar coisas que uma tomografia comum não procuraria. O mesmo vale para o exame de sangue. Um laboratório comum não poderia fazê-los.

— E quantos desses testes já foram feitos? — perguntou Holiday.

— Milhares — respondeu ele. — Há vários anos a UPF os tem feito.

— Para quê?

Ele franziu a testa.

— Pesquisas.

— Em quem? Que tipo de pesquisas?

— Principalmente para estudar casos criminais. Mas...

— Vocês fazem esses testes em criminosos e acha que podem usá-los numa adolescente? — ela perguntou, com ar acusatório.

— São seguros.

— Vai me dizer que não houve nenhum efeito negativo?

— Não que saibamos.

— Então deve haver alguns que vocês não saibam! — Holiday disse com rispidez.

— Eu tenho que fazê-los, Holiday. É a coisa certa. Eu sei disso. Por favor, não tente me deter, porque eu não vou deixar.

Kylie viu lágrimas aparecem nos olhos de Holiday e ficou arrasada ao ver que estava fazendo a amiga sofrer, mas tudo dentro dela dizia que era a coisa certa a fazer.

Ela olhou para o agente.

— Você trouxe os papéis que eu pedi?

— Que papéis? — perguntou Burnett.

— Um documento da UPF com a promessa de que, se provarem que eu pertenço a uma raça

especial, vocês vão fazer com que nossa espécie seja reconhecida pelo mundo sobrenatural.

— Mas e depois? — Hayden apareceu de repente, parando de pé num canto. — Vocês vão insistir para que todos se apresentem como voluntários para fazer esses testes?

O agente da UPF pareceu perplexo com a aparição de Hayden, mas não se deixou abalar.

— Vamos precisar confirmá-los com pelo menos outro membro da mesma espécie. Mas depois que tivermos Kylie e essa outra pessoa em nossos registros, tudo o que exigiremos será um exame de sangue para que a pessoa seja registrada.

Hayden olhou para Kylie e ela sabia no que ele estava pensando.

— Você não tem que fazer isso — disse ela. Colocar a sua própria vida em risco era uma coisa, pedir que alguém fizesse isso era outra.

— Sim, eu tenho. Você estava certa. É hora de mudar as coisas. — O olhar de Hayden se voltou para o agente. — Você já tem mais uma pessoa.

O agente apertou as sobrancelhas ao mesmo tempo em que Lucas olhou com admiração para o padrão de Hayden.

— Eu ainda não gosto disso. E se eles não mantiverem a palavra? — Lucas perguntou.

Kylie olhou para Lucas, depois para Burnett e implorou com o olhar para que ele falasse alguma coisa. Ele nunca tinha deixado de ser leal à UPF e ela confiava mais na opinião dele do que ele imaginava.

— Eles não fariam isso — disse Burnett.

*

O quarto estava frio e lembrava muito a visão que Kylie tivera com a avó. Mas ela procurou se apegar à certeza de que Lucas, Burnett e Holiday esperavam do lado de fora. Primeiro, ela teve que vestir uma camisola de hospital. Horrorosa.

A enfermeira se aproximou.

— Vou ter que aplicar algumas injeções para entorpecer você. É mais ou menos como a anestesia que você tomaria para tratar um dente. Precisamos tirar sangue de sua artéria radial para fazer esse teste, por isso é um pouco mais desconfortável do que um exame de sangue comum. Mas essas injeções devem ajudar.

A enfermeira estava certa, era mais desconfortável. Kylie não sabia se as injeções tinham ajudado, mas assim mesmo doeu muito. Ela fechou os olhos com força, esperando que o exame acabasse.

Em poucos minutos, tudo terminou. Antes de Kylie ser levada para outra sala, onde fariam a tomografia do cérebro, deixaram Lucas, Holiday e Burnett entrarem. Ela sabia que tinham feito o exame no cérebro de Hayden primeiro.

— Hayden está bem? — Foi a primeira coisa que ela quis saber quando eles entraram.

— Acabei de vê-lo — disse Burnett. — Está bem, disse que foi moleza.

Kylie assentiu. Holiday ainda não parecia feliz.

— Você ainda pode desistir.

— Holiday, eu vou fazer.

A *fae* suspirou como se estivesse exasperada e colocou a mão sobre a barriga.

— Espero que este bebê não seja tão teimoso quanto você.

Kylie olhou para Burnett e sorriu.

— Com o pai sendo quem é, eu diria que você não tem a menor chance de que ele *não* seja teimoso.

— Ei, eu não sou tão ruim assim! — Burnett sorriu, mas ela tinha certeza de que o sorriso era forçado. Ele estava tentando aliviar o clima, mas a preocupação brilhava em seus olhos também.

Em poucos segundos, Burnett e Holiday saíram da sala. Lucas ficou para trás e aproximou-se da cama. Ele pegou a mão dela em que havia um pequeno esparadrapo e roçou o polegar sobre o curativo. Ela podia apostar que ele estava pensando na cura que ela ministrara nele.

— Quando tudo isso acabar, precisamos conversar. Não me agrada que você não tenha me contado o que planejava fazer, ou que o outro professor fosse um camaleão. E, eu sei, eu não merecia que você me dissesse nada na época. Mas você estava certa quando você me disse naquele dia que não precisávamos ter segredos um com o outro. Eu não quero que mais nada se interponha entre nós.

Ela engoliu em seco.

— Eu também não.

De repente, Kylie se lembrou de algo.

— Você ia se encontrar com a sua avó para o chá!

Ele balançou a cabeça.

— Isso é mais importante.

— Não, não é, Lucas. Você tem que entrar para aquele Conselho.

Ele franziu a testa.

— Eu não desisti. Só adiei o momento de falar com ela. — Ele suspirou. — Mas não me importo com isso. Sobre entrar para o Conselho ou não. Eu não vou te perder.

— Tudo bem.

Uma enfermeira entrou

— Nós vamos levá-la agora.

Lucas fez uma expressão preocupada, mas soltou a mão dela.

Kylie se recusou a ser levada numa cadeira de rodas para o laboratório onde o exame seria feito. Ela não estava doente. Mas se certificou de que a camisola estava amarrada para não dar a chance de que todos vissem a sua calcinha cor-de-rosa.

Holiday apertou a mão dela antes que entrasse no laboratório. Burnett lhe apertou o ombro. Lucas, parecendo em parte contrariado, em parte muito preocupado, ficou para trás. A enfermeira entrou na frente dela numa sala, Kylie virou-se para segui-la e foi puxada de volta.

Sentiu a boca de Lucas pressionada contra a dela por um instante. As palavras “eu te amo” estavam na ponta da língua, mas ela não as disse. Não queria que ele pensasse que o medo do que estava para acontecer fosse a única razão para que ela as dissesse. E depois havia aquela pequena dúvida de que, se ele soubesse disso agora, talvez não se esforçasse tanto para entrar no

Conselho.

A porta se fechou atrás dela. Um arrepio percorreu sua espinha, mas não por causa da presença de um espírito; a sala estava simplesmente gelada. Kylie olhou ao redor, notando as paredes descoradas da sala. Não havia nem um pingo de cor ali. Tudo era branco ou cinza esbranquiçado.

— Me diga — disse a enfermeira —, alguma vez você já fez uma ressonância magnética?

Kylie assentiu.

— Quando tinha pesadelos.

— Bem, essa é muito parecida. A máquina faz um barulho um pouco alto e você pode sentir um certo desconforto, mas vai precisar permanecer completamente imóvel. Vai demorar cerca de dez minutos para acabar o teste. Você não tem claustrofobia, tem?

— Na verdade, não — disse Kylie, mas depois se lembrou de quando esteve no pequeno túmulo com as três garotas mortas. Mas, na realidade, tinham sido mais as garotas mortas do que o pequeno espaço que a assustara.

— Ótimo! — disse a enfermeira. — Aqui estão os tampões de ouvido. Agora suba aqui e vamos acabar logo com isso.

Kylie colocou os tampões de ouvido e engoliu uma súbita sensação de ansiedade.

Nos recônditos da sua mente, ela ouviu as palavras do pai. *Mas logo. Logo vamos descobrir isso juntos.*

O coração de Kylie disparou, batendo no compasso do medo, mas ela subiu na maca e se deitou, tentando lutar contra o frio, e mesmo assim desejando poder sentir um outro tipo de frio. O de seu pai. Ouvir uma palavrinha dele dizendo que ela não estava prestes a morrer seria muito bom.

Ela foi levada para dentro da máquina. Seu nariz estava a poucos centímetros do teto e seus braços tocavam as laterais. *Era uma* máquina, não um caixão, ela disse a si mesma. Mas foi para lá que a mente dela a levou: para um caixão fechado.

O barulho começou. Mesmo com fones de ouvido, o som ficou tão alto que ela mal conseguia ouvir os próprios pensamentos. Ela fechou os olhos. Tentou não ouvir.

Tentou não pensar. Ela não tinha certeza de quanto tempo estava lá quando sentiu uma leve cócega na cabeça. As cócegas aumentaram até que se tornaram uma dor. Uma dor aguda.

Ela abriu a boca para gritar, tentou se mexer, mas não conseguiu.

De repente, sentiu como se uma luz explodisse em sua cabeça e tudo o que pôde ver foi escuridão.

*Logo, querida, logo vamos estar juntos*.

# Capítulo Trinta e Oito

Alguém estava segurando a mão dela. À distância, vozes raivosas se sobrepunham. Uma ela reconheceu. A de Burnett. Kylie abriu os olhos, sem saber onde estava. No momento em que viu o teto branco, lembrou-se da sala sem cor. A grande máquina branca.

A dor.

Não a sentia mais.

— Graças a Deus! — Kylie virou-se para o lado de onde vinha a voz de Holiday. Ah. Era Holiday quem segurava a mão dela. Com um ar de preocupação no rosto, a amiga apertou o botão de um controle remoto e chamou a enfermeira.

— Ela está acordada.

— O que aconteceu? — perguntou Kylie.

— Você desmaiou. — Holiday tinha lágrimas nos olhos. — Assustou todo mundo! Você está bem?

— Consigo sentir os dedos das mãos e dos pés — disse Kylie.

A porta se abriu e Burnett, com uma expressão de grande irritação, irrompeu no quarto. Logo atrás dele estava um homem vestindo um jaleco branco. E atrás do médico estava o agente grisalho. Depois dele estava Lucas — parecendo muito preocupado. E por último, Hayden Yates, com uma aparência igualmente preocupada.

— Eu disse que ia ficar tudo bem. — O médico olhou para Kylie e depois para Holiday. — Ela está falando?

— Sim — disse Holiday.

— Está se mexendo? — ele perguntou a Holiday.

— Sim, e eu posso ouvi-lo também — adiantou-se Kylie.

Ele franziu o cenho para Kylie.

— Claro que pode.

— Espere aí — disse Kylie. — O teste já acabou?

O médico balançou a cabeça.

— Ele estava acabando quando você começou a sentir dor.

— Não sabemos nada ainda? — ela perguntou ao outro agente.

— Precisamos de outros especialistas para interpretá-lo — disse ele. — Mas parece que você tem as marcas de todos os seres sobrenaturais, assim como o senhor Yates.

Kylie sentou-se um pouco.

— Isso nos qualifica como uma nova espécie?

— Tenho a impressão de que sim, mas, como eu disse, o exame tem que ser analisado por especialistas.

Kylie mordeu o lábio.

— Quanto dessas marcas vocês já conheciam graças aos testes no passado?

A sala ficou em silêncio. Kylie viu os ombros de Burnett ficarem tensos.

O agente fez uma pausa.

— Os resultados que tínhamos apontavam para a mesma coisa, mas noventa por cento das evidências foram destruídas pelos médicos e administradores responsáveis pelo estudo, para esconder os erros cometidos. Quanto às evidências que tínhamos, não sabemos se eram válidas.

— Se vocês suspeitavam do que foi feito, por que não tentaram fazer da forma certa até agora? — perguntou Hayden.

— Nós tentamos — explicou o agente. — Talvez não com empenho suficiente, mas em nossa defesa posso dizer que, se tem uma coisa em que a espécie de vocês é imbatível é em se esconder! Procuramos pelos familiares dos poucos que ainda tínhamos em nossos arquivos. Eles e as famílias haviam desaparecido. A certa altura, pensamos em colocar avisos pedindo às pessoas que entrassem em contato, mas, por mais que pensássemos, iria sempre parecer mais uma caça às bruxas. E considerando o que já tinha acontecido, simplesmente não parecia a coisa certa a fazer.

— E quanto tempo vai ser preciso para que essa informação seja divulgada no mundo sobrenatural? — perguntou Kylie.

— Provavelmente algumas semanas, no máximo. Também vamos anunciar a investigação interna sobre a UPF e nossos erros do passado. Qualquer pessoa afetada pelos estudos ou seus familiares vão receber uma indenização se eles se apresentarem.

Kylie pensou na avó.

— O dinheiro não vai trazer de volta a vida dessas pessoas.

— Não — concordou o agente. — Mas é a maneira humana de reconhecer as irregularidades da organização. E como vivemos num mundo humano, é o que de melhor podemos fazer.

— Por quê? — perguntou Kylie.

— Por que o quê? — O agente pareceu não entender.

— Vocês não iriam admitir suas irregularidades e oferecer indenizações se não houvesse uma boa razão. Alguém está ameaçando expor vocês. Quem é?

A reação do agente foi fria.

— O importante é que isso está sendo feito.

Kylie teve a sensação de que eles não conheciam a pessoa que os pressionava. Mas ela tinha a sensação de que conhecia. Poucos minutos depois, o médico e o agente saíram.

Kylie olhou para Burnett.

— Você não sabia nada sobre isso, não é?

Ele balançou a cabeça.

— Nadinha. — Era mentira, ela podia ver. Ele estava tentando fazer a UPF agir direito com ela o tempo todo. Ela sabia que amava aquele homem.

Kylie olhou para Hayden e sorriu. Hayden retribuiu o sorriso. Eles tinham conseguido. Bem, com a ajuda de Burnett. Ela sabia que não tinham terminado completamente ainda; ainda tinham

que convencer os anciãos a confiar que as coisas seriam diferentes, e ainda teriam que contar sobre Jenny, mas pelo menos agora os camaleões não teriam que se esconder.

Na manhã seguinte, Lucas apareceu às cinco horas da manhã. Kylie ainda estava dormindo quando ele pulou pela janela. Ele tinha remarcado a reunião com a avó para aquela manhã e só queria ver como Kylie estava antes de sair. Quando ele começou a se afastar, ela o puxou de volta para um beijo.

Quando o beijo terminou, ele estava emitindo o zumbido familiar.

— Você está tentando me convencer a ficar? — ele perguntou, com os olhos brilhantes de desejo e paixão.

— Não — ela disse, e riu. — Vá. Podemos fazer isso mais tarde.

— Promete? — ele perguntou.

— Prometo — disse ela, com sinceridade. Ela não disse a ele que a situação agora era outra, que ela tinha resolvido aceitá-lo de qualquer maneira. No Conselho ou fora dele. Se ele não entrasse e ficasse ressentido com ela mais tarde, ela teria que enfrentar o ressentimento dele. Mas ela o amava demais para afastá-lo.

Quando Kylie escolhia as roupas no armário, Della entrou no quarto de Kylie.

— Essa foi rápida! — disse Della, referindo-se à breve visita de Lucas.

— Ele só veio para me dizer que está indo se encontrar com a avó.

— Eu sei, eu ouvi — ela respondeu com um ar petulante.

Kylie fez uma careta.

— Você sempre pode cobrir os ouvidos e não ouvir, você sabe.

— E você poderia parar de bancar a amiga de Steve — ela sibilou.

Kylie apenas balançou a cabeça.

— Olha, eu preciso me vestir. Vou com Hayden contar a Burnett e Holiday sobre Jenny.

— Burnett vai ficar possesso!

— Eu sei. Mas normalmente, quando não está mais possesso, ele até que é razoável.

— Verdade — concordou Della. — Mas é quando está possesso que ele me assusta.

Kylie riu. Della olhou para ela.

— Por que você conversou com Steve pelas minhas costas?

De cara feia, Kylie perguntou:

— O que eu deveria fazer? Ele pagou aquela hora com sangue.

— Dizer pra ele que não ia. Acredite ou não, isso é geralmente suficiente para fazê-lo desistir.

*Talvez isso tenha mudado*, Kylie pensou.

— O que ele queria, afinal? — Della se jogou na cama de solteiro de Kylie.

Kylie revirou os olhos.

— Você sabe o que ele queria. Conselhos sobre como tratar você.

— E o que você disse a ele? E lembre-se que eu vou saber se você mentir.

Kylie pegou a escova e começou a pentear o cabelo.

— Eu disse para ele ter paciência. Para lutar por você, porque você vale a pena.

— Conselho idiota.

Kylie baixou a escova.

— Não é idiota. É verdade. Você vale a pena.

Aproximando-se da cama, ela abraçou a vampira.

— Por que tantos abraços ultimamente? — reclamou Della.

— Eu te amo — disse Kylie, e sorriu.

— Você já me disse. Não. Sério. O que aconteceu?

Ela não podia mentir para Della, então amenizou a verdade.

— Você diz às pessoas que as ama porque, se alguma coisa acontecer, elas vão saber o que você sentia. — Se ela ao menos conseguisse encontrar coragem para dizer isso a Lucas...

Della fez uma cara de suspeita.

— O que você acha que vai acontecer?

— Espero que nada — disse Kylie, pensando que tinha sobrevivido aos testes da UPF, que não tinham sido tão assustadores quanto ela imaginara, mas ainda tinha que enfrentar Mario, e isso podia não ser tão fácil assim.

— O que você quer dizer? — perguntou Della.

Uma leve batida soou na porta da cabana e salvou Kylie de dar qualquer explicação.

— Hayden chegou. Tenho que ir.

Quando Kylie saía, ouviu o comentário de Della.

— Perry está certo. Você tem segredos. Mas não pode escondê-los de nós!

Sim, ela poderia, pensou Kylie.

*Em breve vamos estar juntos*. As palavras do pai sussurraram na sua cabeça. Ela mordeu o lábio.

*Se você não se importa, papai, eu gostaria de ficar por aqui por uns cem anos antes disso...*

Hayden e Kylie entraram no escritório. Burnett os recebeu na porta. Holiday estava de pé atrás de sua mesa, parecendo preocupada.

— O que foi? — eles perguntaram ao mesmo tempo.

— Nada, na verdade — disse Kylie.

— Precisamos conversar — disse Hayden.

Com um olhar preocupado, Burnett fez sinal para que eles se sentassem. Tão logo Kylie e Hayden se sentaram, Burnett falou.

— Por acaso os anciãos não gostaram de saber que vocês dois foram testados?

— Não é isso — disse Hayden. — Supostamente eles entraram em contato com todos os anciãos dos outros complexos e o consenso é que isso foi bom. É claro que eles ainda desconfiam muito da UPF. Isso não é algo que mude da noite para o dia. Existem muitas brechas ainda. Confiança a ser conquistada. — Ele olhou para Kylie. — Eu, pessoalmente, acho que

alguns anciãos têm apenas vergonha de ter sido preciso uma jovem de 16 anos para nos forçar a enfrentar nossos medos.

—Eu não fiz isso sozinha — Kylie disse, dando a Hayden seu crédito.

— Não, mas eu não teria ido se você não tivesse me acompanhado. — Hayden olhou para Burnett e Holiday. — Mas não é por isso que estamos aqui.

— Por que eu acho que não vou gostar do que vou ouvir? — Burnett se sentou na borda da mesa de Holiday.

— Não comece a fazer conjecturas. — Holiday tocou a perna dele.

— Primeiro, quero dizer que assumo total responsabilidade por isto — disse Hayden.

— Não — contestou Kylie. — Se alguém é culpado aqui, sou eu.

— Ainda não estou gostando — Burnett disse com rispidez. — Mas gostaria de saber do que é que eu não estou gostando, então eu poderia fazer o que Holiday disse e parar de fazer conjecturas!

— Lembra quando eu disse que um dos camaleões ajudou Derek e eu a fugir?

— Sim — disse Burnett, e Holiday assentiu.

— Essa garota era a irmã de Hayden.

— E...? — disse Burnett.

— Ela fugiu.

— E...? — Burnett retrucou, acenando para Kylie acelerar.

— Ela correu para cá — disse Kylie.

— Para cá? — perguntou Burnett. — Ela está aqui agora?

Kylie e Hayden assentiram.

— Como ela poderia ter... — Ele fez uma careta. — A noite em que o alarme disparou?

Ambos assentiram mais uma vez.

Kylie viu um dos cristais da sala cintilar. Por alguma razão inexplicável, sentiu que Jenny tinha passado.

Kylie encontrou os olhos de Burnett.

— Por favor, não fique muito bravo nem comece a gritar. Não por minha causa ou de Hayden, mas por Jenny. Você vai deixá-la nervosa.

— Ela estava aqui este tempo todo e só agora é que vocês decidiram me contar? Vocês me deixaram vasculhar todo este maldito acampamento por quase 24 horas sabendo o tempo todo que era ela? — Ele se levantou da mesa e começou a andar para um lado e para o outro.

Holiday se levantou e, quando ele passou por ela, ela colocou uma mão apaziguadora no braço do vampiro, fazendo-o parar.

— Nós não soubemos imediatamente. Ela estava escondida, ela... — Kylie não via nenhuma razão para envolver Derek. — Eu só soube que ela estava aqui no dia seguinte, e Hayden não sabia até eu contar pra ele.

— Ela ainda está aqui? — perguntou Burnett num rosnado.

— Sim — disse Kylie. — E ela gostaria de ficar. Para terminar a escola.

— Será que os pais a matriculariam? — ele perguntou.

Hayden cerrou os dentes.

— Eu não sei como eles vão se sentir quando descobrirem que ela está aqui. Com a notícia da UPF, talvez permitam. Se não permitirem, vou tomar medidas legais para conseguir a custódia dela.

— Ela está aqui agora? Nesta sala? — perguntou Holiday.

Kylie assentiu.

— Jenny.

Jenny apareceu, de pé contra a parede mais distante de Burnett. Kylie não sabia se era apenas a expressão acalorada e indecifrável de Burnett, ou se era porque Jenny sabia que ele fazia parte da UPF, mas ela viu o mais puro pânico no olhar da garota.

Burnett deve ter reconhecido o olhar, porque imediatamente a sua postura se suavizou. Ele a cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Olá, Jenny. Bem-vinda a Shadow Falls.

Kylie viu Holiday sorrir com orgulho da transformação do seu futuro marido. Sem dúvida ela o estava ensinando a moderar sua abordagem. E estava funcionando.

Kylie só esperava que isso significasse que as chances de Jenny ficar em Shadow Falls eram boas.

Holiday e Hayden teriam uma videoconferência com o avô de Kylie para falar sobre a possibilidade de Jenny permanecer no local. Por ora, ela iria ficar com Holiday, que pretendia apresentar Jenny a todos na hora do almoço.

Kylie sugeriu que ela apresentasse Jenny aos seus próprios amigos primeiro. Talvez assim a garota não achasse que todos em Shadow Falls eram pessoa rudes que não paravam de encará-la.

Kylie fez alguns telefonemas e pediu a todos que a encontrassem no escritório às 10h45. Ela não contou a ninguém o que era, mas tinha fé de que todos iriam ao encontro.

Quando Kylie deixou o escritório, Della a encontrou lá fora e elas foram esperar pela Hora do Encontro. Miranda chegou correndo com Perry.

— Então, para que é essa reunião?

— Logo vão saber — Kylie disse, não querendo explicar com tantos ouvidos ao redor. Como Della já sabia sobre Jenny, ou sobre a Mulher-Maravilha como Della apelidara a moça, ela lhe disse a verdade.

— Eu sei! — disse Della, provocando Miranda.

Kylie franziu o cenho para Della.

— Por que você contou a ela e não a mim? — perguntou Miranda.

— Eu prometo que você vai entender mais tarde.

Miranda fechou a cara.

— Você não vai embora de novo, não é? Porque você me prometeu que não faria isso. — Lágrimas apareceram nos olhos da bruxa.

— Eu não vou embora — Kylie assegurou. Não por vontade própria, Kylie pensou, e então

pensou novamente na espada e no que aquilo significava.

— Você vai abrir o jogo e contar que você e Hayden são amantes — disse Perry.

Kylie fez uma careta para ele.

— Ei, estou apenas supondo. Sei que há algo acontecendo entre vocês dois.

Lucas apareceu logo em seguida e rosnou para o metamorfo pelo comentário. Em seguida, Lucas se inclinou e a beijou.

— Como foi na casa da sua avó? — ela perguntou baixinho.

— A janela está aberta! — Ele a beijou novamente. — Ela vai falar com ele para convencê-lo a me receber. Ele pode dizer não, mas já é um começo.

— É um grande começo! — Kylie soltou um gritinho de felicidade e, por apenas alguns minutos, teve certeza de que tudo em sua louca vida ia dar certo.

Então Chris, apresentador do grande evento, tirou a cartola de trás das costas e seu olhar começou a varrer a multidão, parando em Kylie. Ela queria gritar, *Já chega*! Mas então o olhar dele se desviou um pouco mais para a direita.

Ele estava olhando para ela? Ou ele estava olhando...

— Ok — disse Chris. — Um dos nossos próprios vampiros contribuiu com um pouco de sangue. Já não era sem tempo.

Ah, inferno, Kylie pensou, e ela teve a sensação de que sabia quem tinha pago com sangue pela hora com Della. E ela não tinha certeza se isso era uma coisa boa.

— Della, minha cara, você vai ter a satisfação de passar uma hora com Steve, o incrível metamorfo!

O queixo da vampira caiu. Ela olhou ao redor, com os olhos brilhantes de fúria, em busca do culpado.

Steve atravessou a multidão e caminhou até a vampira contrariada com um andar confiante.

Kylie sabia que tinha dito a ele para lutar por Della, mas não esperava que ele fizesse isso na frente de todo mundo. Della, que estava detestando a exposição, provavelmente revidaria a afronta.

— Está pronta? — perguntou Steve.

Della fez uma careta.

— Não vou passar uma hora com você!

Steve nem se mexeu.

— Eu doei sangue bom para ficar com você.

— Então você o desperdiçou!

— Não. — Steve olhou para Chris e depois para os quarenta e tantos estudantes que apreciavam o espetáculo.

— Quais são as regras, Chris? Se não me engano todos concordaram em honrar o pagamento com sangue, não é verdade?

Chris parecia chocado ao ver que Steve se atrevia a discutir com Della. Mas ele balançou a cabeça.

— Sim, todos concordaram.

Steve virou-se para Della.
— Está pronta?
Della ergueu o queixo e seus olhos desferiram dois punhais na direção do rapaz.
Perry se inclinou e cochichou para Kylie:
— Se ela matá-lo, a culpa é sua.

# Capítulo Trinta e Nove

Que inferno!, pensou Kylie, preparando-se para intervir.

— Eu não vou! — vociferou Della, colocando as mãos nos quadris.

— Vamos ver se não vai. — Steve deu de ombros e fez que ia embora, mas então ele se virou, pegou Della pelas pernas e jogou-a sobre o ombro, começando a andar.

Todo mundo começou a rir e a gritar.

Kylie não riu. Ela via uma vampira furiosa escorando as mãos no traseiro de Steve e olhando para cima. Seus olhos estavam verdes de fúria, mas havia algo mais, também. Algo que dizia a Kylie que o traseiro de Steve não estava prestes a ser mastigado.

A cada fração de segundo que passava, Kylie se sentia mais confiante de que Della não iria matar Steve; ela estava, na verdade, entrando na dele.

Caramba!, Kylie pensou. Talvez ela realmente fosse boa naquele negócio de dar conselhos para casais.

— Posso ficar invisível? — Jenny perguntou a Kylie enquanto estavam na porta do refeitório com Holiday.

— Eu não recomendo — disse Kylie. — Apenas sorria. Acredite ou não, você vai se acostumar com isso.

O encontro com Jenny e os amigos de Kylie tinha transcorrido sem problemas. Todo mundo realmente pareceu gostar dela. Derek, naturalmente, mostrou mais interesse.

Lucas chegou por trás dela e disse:

— Outro segredo.

Kylie ofereceu um rápido “desculpe” e nada mais. Tinha a sensação de que mantê-lo longe até que ele se reunisse com o Conselho ia ser difícil. Para ambos. Mas ela estava determinada.

— Eles não sabem que é falta de educação ficar encarando? — perguntou Jenny.

— Sim, mas simplesmente não conseguem se conter — respondeu Kylie.

Hayden se levantou da sua mesa e veio ao encontro de Jenny.

Ele não estava sorrindo e ela viu a atitude de irmão mais velho protetor na maneira como ele olhou para todos os alunos.

— Comam e parem de olhar para ela com essas caras de idiotas! — ele ordenou.

Holiday falou em seguida.

— O senhor Yates está certo. Isso não é maneira de acolher uma nova aluna.

Kylie e Jenny olharam para Holiday com um ar de interrogação e ela sorriu e acenou com a cabeça. Então ela se virou para a multidão de campistas.

— Pessoal, gostaria que vocês conhecessem Jenny Yates. Ela é a irmã caçula de Hayden. Então, tratem-na mal e vão se arriscar a ter lição de casa extra.

— Ela é da mesma espécie que Kylie? — alguém perguntou.

Hayden deu um passo adiante.

— E da mesma espécie que eu.

Todos os olhos se estreitaram e suspiros de surpresa encheram a sala de jantar. Kylie foi se sentar com Hayden e Jenny, no que ela percebeu ser a mesa dos camaleões. Um sentimento de missão cumprida encheu seu peito. Essa era a parte da sua missão que ela tinha realizado.

Claro, todos os amigos de Kylie se juntaram a eles rapidamente. Lucas inclusive.

E isso foi excelente, porque, embora fosse bom ter alguém como ela por perto, o padrão de uma pessoa não devia ditar quem era bem-vindo em sua vida ou em sua mesa no almoço.

*

Depois, naquela tarde, eles foram até o lago para nadar porque, com a chegada do outono, a água logo estaria fria demais. Kylie quase recusou o convite, mas, quando viu que Della queria ir, mudou de ideia. Pôs seu biquíni e um vestidinho preto por cima. Enquanto todo mundo nadava, Kylie sentou-se na ponte de madeira e ligou para a mãe.

Ela não tinha conseguido se livrar da sensação de que John não era flor que se cheire. A conversa foi curta. A mãe e John estavam jantando fora num dos mais agradáveis restaurantes de Houston.

Ao desligar, Kylie ficou ali, contemplando o pôr do sol.

Só quando o sol sumiu, a noite veio e transformou o céu numa variedade de cores. Os pássaros voavam de uma árvore para outra, deleitando-se com os insetos. Kylie estava prestes a se juntar aos outros à beira da água quando o frio do espírito a envolveu. Kylie olhou ao redor e o espírito se sentou na beira da ponte, como se estivesse num estado de estupor, parecendo perdido, parecendo muito triste.

— Eu sei quem você é, Lucinda — disse Kylie. — Você era a nora de Mario.

— *Eu sei. Já descobri essa parte da história. As peças vieram uma de cada vez, como num quebra-cabeças. Eu quase podia ver como foi toda a minha vida, mas, quando essas últimas peças se encaixaram, vi a imagem toda*. — Sua voz soava tensa, como se ela estivesse a ponto de romper em lágrimas. — *Eu não gostei dela*.

Após uma longa pausa, ela olhou para Kylie.

— *Eu vivi uma vida terrível. Fiz coisas terríveis. Machuquei tantas pessoas! E o meu próprio filho pagou o preço. Eu deveria ter vivido para ser um bom exemplo para ele.*

Kylie olhou para o céu iluminado. Os tons de ouro e laranja haviam desaparecido e o céu estava colorido com dez diferentes tons de rosa. Ela observou os pássaros reunidos em torno da ponte. Será que eles podiam enxergar os mortos, como ela?

Vendo a tristeza nos olhos do espírito, Kylie disse:

— Ele está no céu.

O espírito sacudiu a cabeça.

— *Acho que não. Tenho certeza de que o avô ensinou a ele todas as suas maldades. Ele era*

*tão jovem e impressionável! Depois o próprio avô o matou*.

O clima em torno do espírito — devastação, destruição — fez o coração de Kylie se contrair.

— Você foi um exemplo para ele. Ele morreu salvando outra pessoa, assim como você fez para salvá-lo. Você ensinou isso ao seu filho. E foi o que salvou a alma dele.

Os olhos do fantasma ficaram molhados de emoção.

— *Você tem certeza? Como sabe disso?*

Kylie hesitou, preocupada com a possibilidade de o espírito culpá-la.

— Ele morreu para me salvar.

O espírito ficou ali, como se perdido em pensamentos por um segundo.

— *Então é por isso que eles me enviaram para cá?*

— Quem te enviou para cá? — perguntou Kylie, quase certa de que já sabia, mas querendo ouvir assim mesmo.

— *Os anjos da morte*.

— É a voz deles que eu ouço de vez em quando?

— Só pode ser.

— Mas por que eu os ouço mais do que... Holiday e outras pessoas que veem ou falam com fantasmas?

— *Eles vigiam os protetores mais de perto. Têm que fazer isso porque só vocês podem lutar para proteger os outros*.

— Eles querem que eu mate Mario ou é só você quem quer isso? — Kylie esperava que ela estivesse errada em suas suposições.

— No começo eu pensei que fosse só eu, mas depois percebi que era o plano deles, também.

O coração de Kylie gelou.

— *Ele tem de ser detido. Você é a escolhida. Ninguém mais foi capaz de detê-lo.*

— Mas, se eu não posso me proteger, então... quem estarei protegendo quando lutar com ele?

— *Eu não posso ver esse futuro*.

— Mas e se eu não conseguir fazer isso? Não sou tão boa assim com a espada.

— *Então você vai morrer tentando. Às vezes isso é tudo o que podemos fazer*.

Kylie sabia que o espírito se referia a si mesma, também. Ela tinha morrido tentando salvar o filho. No entanto, por mais que Kylie lamentasse por ela, o medo a dominou.

— Não estou pronta para morrer.

— *Então você tem que praticar. Essa é outra razão da minha presença aqui. Para ajudar você a lutar, porque, se você falhar, coisas ruins vão acontecer para muitas pessoas. Pessoas de quem você gosta. Pessoas que confiam em você para protegê-las.*

Ela sentiu seu sangue de protetora correr mais rápido.

— Então eu vou ter que vencer — disse Kylie. Porque, de jeito nenhum, ela deixaria Mario ferir ninguém que ela amava.

— O quê?

Kylie olhou por cima do ombro ao ouvir a voz de Lucas. Ela não pôde deixar de reparar que ele estava sem camisa. O cabelo ainda molhado. Algumas gotas de água espalhadas pelo peito.

Ele estivera nadando, pouco antes. Devia ter vestido a calça jeans sobre a sunga. Ela podia ver a borda da sunga acima da cintura do jeans.

O olhar de Kylie ultrapassou esse ponto, na altura do umbigo, onde ela passara as mãos para curá-lo, e depois só para tocá-lo.

— Você está bem? — ele perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, mas era mentira. Seu coração estava pesado diante da possibilidade de morrer, de outros sofrerem por ela não conseguir enfrentar o desafio. E foi então que, ao vê-lo, ela percebeu o quanto queria viver.

Ela olhou para a água e ouviu os passos quase silenciosos na ponte, enquanto Lucas se aproximava.

— Tem companhia? — ele perguntou, agora de pé ao lado dela.

Ela olhou ao redor.

— Não, ela já se foi.

O telefone dele tocou e ele tirou o aparelho do bolso, como se estivesse à espera de uma chamada. Ele franziu o cenho para a pequena tela e depois desligou.

— Alguma coisa errada? — perguntou Kylie.

— Não, é só Will.

— Ele ainda liga pra você?

Lucas assentiu.

— Ele não segue as regras antigas.

— É um bom amigo — disse ela.

— É. — Lucas colocou o celular no bolso. — Eu estava esperando que fosse a minha avó.

Ela viu a preocupação nos olhos dele.

— Para falar do encontro com o ancião?

— Isso e também porque ela me disse que não estava se sentindo bem esta manhã. Liguei agora há pouco e ela não atendeu. Provavelmente saiu para jogar bingo. Ela é fanática por bingo. Bingo e jardinagem, sua maior paixão.

— Você realmente a ama, não é? — perguntou Kylie, ouvindo a devoção na voz dele quando falava sobre a avó.

Ele suspirou do jeito que uma pessoa suspira quando está preocupada que o que está prestes a dizer vai fazê-la parecer fraca.

— Ela ficou ao meu lado quando os meus pais decidiram que eu era um problema. Ela foi a melhor coisa que já me aconteceu, mas não percebi isso na época. Eu me sentia abandonado por eles. Fiz da vida dela um inferno por um tempo. Então, quando meus pais se separaram e meu pai veio me buscar, minha avó fez de tudo para me manter com ela. Eu não seria quem sou hoje se ela não tivesse feito o que fez.

— Você tem sorte de tê-la. — Kylie se sentiu um pouco culpada por não gostar da avó dele e por tê-la evitado no domingo dos pais.

— É. Tenho sim — disse ele. Eles ficaram em silêncio. — Estou ensaiando o que vou dizer.

Ela olhou para ele.

— Dizer a quem?

— Ao ancião que espero conseguir encontrar.

Ela sorriu.

— Isso é bom.

— Eu vou ser aceito. Porque, se isso é o que preciso para ter você de volta, então é o que eu vou fazer.

Ela engoliu em seco.

— Não, você precisa fazer isso porque essa é a sua missão.

— Isso também — disse ele. Ele estendeu a mão e afastou uma mecha de cabelo do rosto dela. — Mas ultimamente, ando achando que você é a minha missão.

Ele se moveu e colocou as mãos em volta da cintura dela.

Ela colocou a mão no peito de Lucas, sentiu seu calor de lobo, as batidas do coração dele.

Ele se inclinou e beijou-a. Ela sabia que não deveria deixar que isso acontecesse, mas ela queria, precisava dele. O gosto dos lábios dele e o toque molhado da sua língua a fizeram se sentir no céu, mas o tipo de céu que se encontra em vida, não na morte.

E ela queria escolher a vida. Esperava que pudesse.

Ela ouviu o zumbido vindo dele instantaneamente, e seria tão fácil se deixar atrair por ele...

Ele terminou o beijo, sorriu para ela e suspirou.

— É melhor eu ir antes que seja tarde demais.

Ela o observou se afastar e depois olhou para o céu cor-de-rosa escuro, ansiando com todo o seu ser para que não fosse levada deste mundo antes de ter conhecido a vida. E ela realmente esperava que Lucas fosse parte dessa vida.

Naquela noite, depois de ouvir Della e Miranda brigando nas últimas duas horas, Kylie saiu do banheiro enrolada numa toalha, e foi para o quarto. Mal tinha dado dois passos quando Della parou na frente dela, impedindo-a de passar.

— Não. Resolvam isso sozinhas! — disse Kylie, certa do que Della queria. — Estou cansada de ser o juiz de vocês!

Della fez uma pausa, sorriu com malícia, e então disse:

— Tudo bem.

Contornando Della, Kylie fechou a porta do quarto com um pouco mais de força do que o normal. Jogou a toalha sobre a cômoda e se virou para a cama onde tinha deixado o pijama. Só que não era apenas o pijama que estava sobre a cama.

Lucas, com os olhos arregalados, estava sentado aos pés da cama, a cerca de quatro metros de onde ela estava, completamente nua.

Ela gritou.

Ele riu.

Ela correu para a toalha.

Quando já estava enrolada nela, Kylie olhou para Lucas, ainda sorrindo, e dele para a porta.

— Eu vou matar Della!

Ele riu de novo.

— Acho que eu vou ter que protegê-la do seu ataque.

— Eu tentei te contar! — Della gritou, rindo, e Miranda riu com ela.

A fúria de Kylie desapareceu e se transformou em vergonha, quando ela viu o jeito sensual como Lucas olhava para ela, suas emoções se transformando em outra coisa.

Ele se levantou e começou a andar na direção dela.

— Você é linda demais!

Ela segurou com firmeza a toalha.

Ele parou na frente dela.

— Eu só vim aqui para dizer que recebi um telefonema da minha avó. O ancião concordou em me receber.

Kylie sorriu.

— Mas que ótimo!

O olhar mediu o corpo dela, enrolado na toalha.

— Você não vai me deixar dar outra olhada no que há por baixo desse pedaço de algodão, vai?

Ela desviou os olhos dele.

— Não quero ser muito presunçoso, mas você sabe que, mais cedo ou mais tarde, eu provavelmente vou conseguir ver tudo isso de qualquer maneira.

— Eu sei — disse ela, e estava realmente ansiosa por isso. — Só que não com as minhas duas companheiras de quarto escutando do lado de fora.

O sorriso dele se alargou.

— Ok, então me dê apenas um beijo de despedida.

Ela assentiu com a cabeça. Ele se aproximou e em menos de dois minutos já havia partido. O beijo foi quente, molhado e delicioso. Ele tinha passado a mão por dentro da toalha e tocado as costas nuas de Kylie.

Quinze minutos depois, ela ainda estava enrolada na toalha, olhando para o teto em meio a uma aura feliz, quando o telefone tocou.

Ela o pegou, pensando que fosse Lucas.

— Não sei por que você saiu com tanta pressa! — ela brincou. Mas ela sabia, ele a queria.

— Hã, eu não saí. É Sara quem está falando.

— Ah, eu pensei que você fosse...

— Você pensou que eu fosse quem? Ou devo dizer “qual dos dois”?

Kylie corou e decidiu ser franca.

— Eu pensei que você fosse Lucas.

A linha ficou muda por um segundo e, em seguida, Sara perguntou:

— Posso perguntar uma coisa?

Será que Sara ia querer saber se ela já tinha perdido a virgindade?

— Claro, pergunte. — Pelo menos desta vez, Kylie poderia dizer que isso provavelmente iria

acontecer em breve.

— Você acha que você e Trey acabaram para sempre? Tipo... no ano passado? Ou será que existe uma chance de vocês dois voltarem?

— Acabou mesmo. — Kylie agarrou o telefone com mais força. — Olha, se ele está tentando falar comigo, não vai funcionar.

— Não. Não é... isso... É que... O que você pensa a respeito de amigas que namoram um antigo namorado de outra amiga?

Kylie olhou para o teto e tentou pensar no que dizer.

— Uau! Bem, eu diria a essa amiga para ter cuidado, porque Trey tem lá seus defeitos.

Sara suspirou.

— Eu sei, mas... Ele ficou do meu lado durante toda aquela história do câncer, e você sabe... algumas pessoas merecem uma segunda chance. Eu tive. Talvez Trey mereça ter também.

Kylie ouviu algo na voz de Sara de que ela gostou. Ela ouviu a velha Sara. Kylie sorriu.

— Tem razão. Todo mundo merece uma segunda chance. E quando eu penso nisso, lembro que, antes de ele começar a surtar por causa de sexo, era um cara legal.

— Então você realmente não se oporia? — perguntou Sara, parecendo insegura.

— Não, você tem a minha bênção. Posso até cantar no casamento de vocês.

— Pelo amor de Deus! — Sara riu. — Provavelmente sou uma das poucas pessoas que sabe que você não canta nada. Lembra na sexta série, quando nossas mães nos fizeram participar dos testes para aquela peça de teatro? E você tinha que cantar. Falou duas palavras e, em seguida, vomitou no palco.

As duas riram. E Kylie percebeu que, embora ela e Sara provavelmente nunca mais fossem tão próximas quanto tinham sido um dia, Sara era uma parte da sua vida que Kylie para sempre prezaria.

Quando o riso parou, Sara limpou a garganta.

— Então, quando você vai confessar que me curou?

Kylie tentou pensar em como diria aquilo.

— Sabe de uma coisa, Sara? Se você quer acreditar que eu te curei, então pode acreditar. Mas eu não diria isso para muitas pessoas. Elas achariam que você é louca.

Na quinta-feira, Kylie treinou com Lucinda. Os três dias anteriores tinham transcorrido sem nenhum grande caos. Steve e Della estavam até se falando! Kylie não poria sua mão no fogo, mas ela apostava que a vampira e Steve estavam se encontrando às escondidas.

Jenny estava se adaptando, embora ainda se sentisse incomodada ao ver que todos a encaravam. Embora Hayden não gostasse, ela e Derek estavam andando muito juntos. Derek tinha até procurado Kylie e, basicamente, confessado que sentia alguma coisa pela garota camaleão.

A princípio, Kylie pensou que ele estava ali para ter certeza de que Kylie não queria uma segunda chance antes que ele começasse a se interessar por outra garota, mas depois ela percebeu

por que ele viera procurá-la. Ele queria um conselho sobre Jenny. Ela não negou.

— Basta ser você mesmo, Derek. Você é incrível e ela só pode te adorar.

Holiday tinha ido ao médico e descoberto que a gravidez estava mais adiantada do que ela pensava. Por esse motivo, decidiram antecipar o casamento, que seria no fim de semana seguinte. Não ia ser um grande evento. Apenas a família de Holiday, os alunos e alguns colegas de trabalho de Burnett, da UPF.

Della, Kylie e Miranda ajudaram Holiday a escolher seu vestido de casamento pela Internet. Elas riram, ficaram acordadas até tarde conversando, comendo besteiras e tentando dar nomes para o bebê de Holiday. Ela realmente não queria que ele se chamasse Burnett Bankhead James Jr., e ninguém poderia culpá-la.

Kylie e Lucas se encontraram todas as manhãs, antes da data do encontro com o ancião. O homem não só tinha ouvido o que Lucas tinha a dizer, mas concordado em ajudá-lo a aperfeiçoar o discurso que faria para o Conselho, algo que ele deveria fazer na semana seguinte. Até o momento, o ancião mantinha Lucas ocupado todos os dias, debatendo e ouvindo todos os argumentos do garoto e ajudando-o com os seus conselhos sobre o que ele devia enfatizar. O que era ótimo, mas, com exceção dos breves períodos de treino, ela não tinha visto Lucas e sentia muita falta dele.

O que deixava tudo pior era que ele não a tinha tocado ou beijado desde a noite em que a vira nua. Ela sabia por quê. Quanto mais se aproximava a Lua cheia, menos força de vontade ele tinha. Ela notou a mudança nele, também, física e mentalmente. O corpo dele estava mais definido, os músculos dos braços mais pronunciados. Ela sentia a impaciência do namorado. Não que ele fosse rude com ela; ela só sentia isso, no modo como ele tinha que se conter, ao andar ou falar.

Os duelos entre os dois tinham ficado mais intensos. Não que isso a assustasse. Seus treinos noturnos com o espírito a deixaram preparada. As marcas vermelhas onde a espada do espírito tocava seu vestido tinham diminuído muitíssimo. As feridas abertas que a espada de Kylie deixava no espírito, por outro lado, tinham aumentado bastante.

— Eu acho que é só por hoje — disse Kylie, desviando o olhar do corte que acabara de abrir em Lucinda.

— *Você está melhorando!*

— Eu treinaria mais, se não tivesse que vê-la sangrando.

— *A coisa toda precisa parecer de verdade* — explicou Lucinda.

— Mas é — Kylie respondeu. Ela observou Lucinda examinar os ferimentos. — Você acha que eu estou pronta para lutar contra Mario? Para ganhar?

— *Com a ajuda dos anjos da morte, talvez. Sem eles, você não tem chance*.

— Puxa, você sabe como aumentar a confiança de alguém! — comentou Kylie.

— *Eu só vi uma pessoa capaz de vencê-lo. O próprio filho.*

Kylie se lembrou da história que Derek tinha contado sobre o filho de Mario ter desaparecido.

— O que aconteceu com ele?

— *Não sei. Espero que esteja apodrecendo no inferno. Mas é mais provável que ainda esteja vivo.* — O olhar dela encontrou o de Kylie. — *São sempre os bons que morrem jovens.*

— Então talvez eu devesse sair por aí e fazer alguma coisa ruim — Kylie disse, meio de brincadeira.

— *Você não pode fazer isso. O bem já está enraizado em você. Assim como a maldade do meu marido estava enraizada dentro dele. Só por causa de você meu filho foi salvo*.

— Não, foi por causa dele que eu fui salva.

— *Veja só, isso é parte da sua bondade. Você nem faz questão de levar o crédito.*

Kylie afastou o pensamento.

— Ele estava por trás do seu assassinato? O seu marido?

— *Não, mas ele o permitiu. E permitiu que o pai tomasse o nosso filho. Que ele o criasse para ser do mal. Que coisa mais louca! Meu marido odiava o pai, mas invejava tudo o que ele tinha*. — Ela olhou por cima do ombro como se tivesse ouvido algo ou alguém. Então desapareceu.

Kylie foi para seu quarto, pegou a camisola e seguiu para o chuveiro. O suor escorria pela parte de trás do pescoço e pelas costas.

Mesmo com o frio do espírito, ela sempre suava.

Quando a água ficou morna, ela deixou as roupas no chão e entrou no chuveiro. Fechando os olhos, o jato morno de água atingiu sua pele e ela esperou que ele aliviasse a tensão dos músculos que ela tinha sobrecarregado durante o treino.

A mudança brusca de temperatura fez com que ela abrisse os olhos. E perdesse o fôlego.

Ela olhou fixamente para a parede do chuveiro. O frio provocou calafrios no seu corpo nu. Um vapor espesso subia ao seu redor.

Ela não estava sozinha. Alguém estava no chuveiro com ela. E o frio era diferente. Um frio que ela nunca havia sentido antes.

— *Não pode me evitar desta vez, não é?* — A voz, uma voz que ela não reconheceu, veio de trás dela.

# Capítulo Quarenta

Kylie virou-se, escondendo o que podia das suas partes mais íntimas com as mãos. O vapor era tão denso que ela mal conseguia distinguir a silhueta. Mas um vago esboço de um corpo era visível por trás da cortina de vapor.

Todas as músicas assustadoras de filmes de terror com cenas de chuveiro fatais surgiram na cabeça de Kylie, mas, mais do que apavorada, ela estava furiosa. Será que fantasmas não sabiam o que era privacidade?

— Eu estou no chuveiro! — Kylie retrucou, autoritária. — Isso não pode esperar?

— *Não, não pode* — disse a voz. — *Ele está prestes a me encontrar e isso vai magoá-lo muito. Ele não pode ficar sozinho.*

O tom característico da voz fez vir à tona uma lembrança. Kylie conhecia aquela pessoa, mas de onde?

Sem se preocupar mais com sua nudez, Kylie abanou a mão para dissipar o vapor que impedia a visão como a condensação num espelho. Quando ela viu quem estava no chuveiro com ela, seu coração se apertou. Não de medo, mas de tristeza. E não era pela mulher que estava à sua frente, mas pelo seu neto, Lucas.

— *Ele está a caminho da minha casa agora. Apresse-se. Ele não pode ficar sozinho*.

Kylie saltou para fora do chuveiro e correu para se vestir. Enquanto lutava para colocar a roupa no corpo molhado, seu coração doía por Lucas, ao pensar em como ele se sentiria ao encontrar o corpo da avó.

— Onde a senhora mora? Espere! Burnett sabe?

— *O vampiro? É a essa pessoa que você se refere?*

— Sim — confirmou Kylie, desejando que não demorasse muito para ela falar num tom adequado.

Ela assentiu com a cabeça.

— *Sim, ele já esteve lá.*

— Della! — Kylie chamou.

— *Há uma carta na gaveta da minha escrivaninha que ele precisa ler. Não deixe que ele saia de lá sem lê-la.*

Della veio correndo para a sala num flash.

— O que foi?

— *Ele estava certo, sabe*?

— Quem estava certo? — Kylie perguntou ao espírito, ignorando a vampirinha em pânico ainda usando seu pijama de Mickey Mouse.

— *Você é parte da missão dele, e ele parte da sua. Eu vejo as coisas com mais clareza*

*daqui. Veja, vocês têm sido parte das missões um do outro desde que se conheceram, todos esses anos atrás. Você é a razão pela qual ele irá concluir a missão da vida dele e ele vai estar ao seu lado para salvá-la quando você precisar de ajuda para concluir a sua. Mas vá agora. Vá ajudá-lo.*

— É uma visão? — perguntou Della, olhando para Kylie com incerteza.

— Vamos embora! — Kylie disparou para fora da cabana. Ela estava quase na cabana de Holiday quando percebeu que estava voando e devia ter se transformado num vampiro.

— Espero que a gente esteja indo a alguma festa do pijama — disse Della com sua voz atrevida.

— Tenho que falar com Burnett — Kylie respondeu, enquanto lágrimas quentes escorriam pelo seu rosto.

Elas aterrissaram com estrondo na varanda de Holiday e não tinham dado nem um passo quando Burnett abriu a porta, ainda fechando a calça jeans.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Você sabe onde mora a avó de Lucas?

Ele parecia confuso, os olhos ainda atordoados de sono.

— Sim, Lucas me ligou há uns dez minutos, ele estava indo para lá, ver como ela está.

— Precisamos ir para lá.

— Por quê? — perguntou Burnett.

— Ela morreu — Kylie explicou, deixando mais lágrimas escaparem dos olhos. — Ele não precisa ser o primeiro a encontrá-la.

— Ah, mas que droga! — Burnett correu de volta para o quarto já com o telefone na orelha. Ele olhou para Kylie. — Ele não está atendendo.

— Você fica aqui — disse Burnett para Della, e então ele e Kylie partiram. Os pés dela só bateram no chão três vezes antes de alçar voo ao lado de Burnett.

Em menos de dez minutos, Burnett começou a sua descida. Eles pararam em frente a uma grande casa térrea de tijolos brancos, que dava uma impressão de riqueza e paixão pela jardinagem. O quintal parecia saído de uma revista.

Não que Kylie tenha passado muito tempo apreciando a paisagem. Seus pés mal haviam tocado o gramado bem cuidado quando ela ouviu um barulho dentro da casa.

Ela ouviu alguém ofegando de dor e tristeza.

— Ele já está aqui — disse ela a Burnett. — Eu vou entrar.

Burnett entrou na frente dela.

— Não. Eu vou entrar.

— Não! — Kylie exigiu, e começou a avançar, com o coração doendo por Lucas.

— Kylie — Burnett pegou o braço dela. — Quando um lobisomem está fora de si, especialmente tão perto da Lua cheia, ele às vezes ataca com raiva. Ele não pode controlar isso. Especialmente com um vampiro.

Ela secou as lágrimas dos olhos.

— Você não entende. Ele me ama. Não vai me machucar. Nunca faria isso.

Burnett hesitou.

— É exatamente como entre você e Holiday — disse Kylie.

Ele suspirou e se afastou da porta. Ela entrou na casa. O aroma de limão era o mesmo que Nana costumava usar. Tudo na casa, desde as antiguidades até as pinturas a óleo, demonstrava riqueza.

— Lucas! — ela chamou.

Ele não respondeu. Ela andou pelo corredor onde ouviu alguém soluçando de tristeza.

Lucas estava sentado na beirada da cama. O corpo sem vida da avó estava no meio da cama.

— Lucas — disse ela novamente, entrando no quarto.

Ele se virou. Seus olhos estavam do tom mais profundo e escuro de laranja que ela já vira.

— Vá embora! — ele rosnou.

— Não. Você precisa de mim agora. Sua avó me disse.

Ele atravessou o quarto e a prensou contra a parede. Não havia nada além de uma dor selvagem nos olhos dele. Ele rosnou, e pela primeira vez ela viu os dentes caninos dele projetados.

— Sou eu, Lucas — disse ela, sentindo os dedos dele enterrados nos seus braços.

Ela sentiu o instante em que ele caiu em si. Ele deixou cair as mãos, afastou-se dela e pressionou a cabeça contra a parede.

Ela foi até ele, colocou os braços ao redor da cintura dele, apertou o rosto entre as omoplatas de Lucas e abraçou-o.

— Ela se foi — disse ele, com a voz rouca de dor.

— Eu sei. — Ela o abraçou mais apertado.

Lucas se virou e puxou-a contra si. Eles ficaram lá por muito tempo, apenas abraçando um ao outro.

— Eu sinto tanto! — Kylie sussurrou, sentindo a dor do namorado e se lembrando com clareza de como ela se sentira quando soube que Nana tinha morrido.

Ele a soltou, e então encontrou os olhos dela. Seu olhar ainda estava brilhante, mas a selvageria tinha se dissipado. As lágrimas no rosto dele não eram um sinal de fraqueza, mas um sinal de devoção, do amor que sentia pela única mãe de verdade que ele tinha conhecido e depois perdido.

— Eu sabia que ela não tinha muito tempo, mas eu ainda não estava pronto. Pensei que tivesse mais um ano, talvez dois.

Kylie pegou a mão dele.

— Eu sinto muito. Sei como é isso.

Ele suspirou e olhou para a cama e para o corpo da avó. Ouvindo a respiração de Lucas mais curta, ela o puxou para fora do quarto.

Quando ela parou, ele encontrou o olhar de Kylie.

— Como você... como você soube?

— Ela veio me ver. Disse que você poderia precisar de mim.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Mesmo na morte, ela estava cuidando de mim.

Ele encostou as costas contra a parede e soltou outro rosnado baixo.

— Eu vou sentir tanta falta dela... Ela era minha avó e minha mãe ao mesmo tempo. Era a única pessoa que se importava comigo quando eu era criança.

Kylie se aproximou. Ele cruzou os braços atrás das costas dela e a abraçou. Ela finalmente se afastou e olhou para ele.

— Ela disse que havia uma carta para você na gaveta da escrivaninha.

— Vou olhar. — Ele passou a mão na bochecha dela. — Deixei uma mensagem no telefone do meu tio. Ele e os outros membros da família podem estar aqui a qualquer momento. É preciso que você vá.

— Quero ficar aqui. Quero ficar aqui ao seu lado, Lucas.

— Eu sei e, se fosse por mim, você poderia ficar. Mas o costume dos lobisomens de preparar os membros da alcateia para a morte é apenas para parentes consanguíneos. Ele se abaixou e a beijou. — E mesmo se não fosse o costume, você é uma vampira nesse momento. Não posso correr o risco de que você se machuque. Por favor, entenda — disse ele. — Porque, se alguém tocar um dedo em você, eu vou matá-lo.

Ela assentiu com a cabeça. Não gostou de ter que ir, mas entendeu.

— Você vai ficar bem?

— Graças a você — disse ele.

— Eu não fiz nada. — Ela pousou a mão sobre o peito de Lucas, sabendo que o coração dele estava partido.

— Você veio. — Ele parou como se estivesse se lembrando de algo. — Deus, eu lamento! Eu te machuquei quando você entrou no quarto?

— Não — ela assegurou.

Ele levantou as mangas da camiseta dela e viu os hematomas em seus braços.

— Droga! Eu machuquei. — Ele fechou os olhos, mais angustiado ainda.

— Isso não é nada. — Ela ficou na ponta dos pés e beijou-o suavemente, na esperança de aliviar sua dor. — Eu estou bem, Lucas. Olhe pra mim.

Ele abriu os olhos. Ela sorriu.

— Eu estou bem.

Ele soltou um suspiro trêmulo, então inclinou a cabeça para cima e cheirou o ar.

— É Burnett lá fora?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele franziu a testa.

— Ele não deveria ter deixado você entrar. Sabe que é perigoso.

— Ele tentou me deter. Eu insisti. Sabia que você não iria me machucar.

— Mas eu machuquei — ele disse com irritação, e olhou para os braços dela.

— Isso não é nada. Amanhã não terá mais nada.

Ele olhou no fundo dos olhos dela.

— Eu te amo, Kylie Galen. Ferir você é a última coisa que eu quero fazer.

Ela sorriu.

— Eu também te amo.

A sombra de dor nos olhos dele mudou por um segundo. Ele se inclinou e pressionou a testa na dela.

— Eu ouvi direito?

Ela olhou para ele.

— Sim, você ouviu. E você também precisa saber que, embora eu queira muito que você entre naquele Conselho, isso não vai mudar nada entre nós.

— Eu não ia deixar que mudasse. — Ele a beijou novamente e, em seguida, a fez recuar. — Gostaria de não ter que te mandar embora.

— Eu sei — disse ela.

Ele a acompanhou até a porta, a mão segurando a dela, e ela sentiu que Lucas realmente não queria deixá-la ir.

Tão logo abriram a porta, Burnett foi ao encontro deles.

— Sinto muito pela sua avó — disse Burnett.

— Obrigado. — A forma como Lucas falou, a maneira como ele se conteve na frente de Burnett, mostrava que ele estava escondendo sua dor. E ainda assim ele deixara que ela a visse. Ele não a tinha escondido dela. Ele confiava nela a esse ponto. Por alguma razão maluca, isso, mais do que qualquer outra coisa, fez com que ela o amasse mais ainda. As lágrimas causaram um nó na garganta de Kylie novamente. Ele precisava dela como ela precisava dele. O que significava que ela não poderia morrer.

Lucas olhou para Kylie.

— Amanhã é Lua cheia, então vai haver cerimônias. Provavelmente não vou vê-la por vários dias.

Ela aquiesceu, ainda sem gostar do que ouvia. Ela queria estar com ele em seu momento de dor. Mas aceitou que isso era algo que não podia mudar.

Burnett olhou por cima do ombro e, em seguida, de volta para Lucas.

— Alguém está vindo.

— É melhor vocês irem — disse Lucas.

— É só Lucas, ou algo mais? — Holiday perguntou na manhã seguinte.

Kylie olhou para a cachoeira. Ela tinha ido ao escritório de Holiday logo ao amanhecer e perguntado se elas poderiam visitar o lugar. Burnett, como de costume, esperou do lado de fora.

— Eu só precisava disso — disse Kylie. Ela tinha acordado pela manhã preocupada com Lucas e preocupada... com o que o fantasma tinha dito. Que se ela lutasse e perdesse, as pessoas que amava iriam sofrer.

Ela precisava sentir a energia quente da cachoeira dizendo a ela que ia ficar tudo bem. Ela não queria morrer, queria estar ao lado de Lucas ao longo de todos os altos e baixos da vida. Mas principalmente ela não queria morrer sabendo que iria deixar as pessoas que amava infelizes.

Holiday olhou para ela.

— Qual o problema, Kylie?

Kylie forçou um sorriso e lutou contra as lágrimas que subiam pela garganta. Ela sentia tudo aquilo ali. A paz, a aceitação de que tudo ficaria bem. Ela só não sabia se estaria viva para ver isso por si mesma.

— Você nunca sentiu que só precisava vir até aqui?

— Normalmente, quando isso acontece, alguma coisa está tirando a minha sanidade. Então, o que está te incomodando?

— Tudo! — respondeu Kylie. — Estou preocupada com Lucas. Ele está tão chateado, Holiday! Ele chorou. E eu não acho que ele possa fazer isso na frente do pai ou da família dele. Ele precisa de mim, mas eu não posso ficar ao lado dele por causa de uma regra idiota! E estou preocupada com a minha mãe, porque ainda não confio em John.

*Estou preocupada em deixar todo mundo que eu amo, sem saber se eles ficarão bem sem mim.*

O ambiente da cachoeira pareceu entrar em seu peito e acalmá-la. Juntamente com o toque de Holiday em seu braço.

— Vai ficar tudo bem. — disso Holiday, ainda com soluço. — E se você quiser, eu peço a Burnett para investigar John novamente.

Kylie suspirou.

— Não. Você está certa. Vai ficar tudo bem. — Ela tinha que acreditar. Ela precisava.

— Você já contou à sua mãe o que sente por ele? — Holiday perguntou.

— Contei, e ela acha que só estou chateada porque ela não vai voltar com o meu padrasto. — Kylie mergulhou os pés na água fria. — Eu até liguei para ela antes de procurar você. Tirei-a da cama e tudo mais. Ela está na casa de praia dele, aproveitando suas férias antes de pedir demissão para ir trabalhar pra ele. É como se ele estivesse monopolizando cada vez mais a minha mãe. Ela está praticamente morando com ele, e agora vai trabalhar pra ele.

Holiday apertou mais uma vez o braço de Kylie.

— Por mais que a gente queira fazer os nossos pais se comportarem, eles agem tão mal quanto nós em nossas crises de relacionamento. Minha mãe chegou até a sair com um *stripper* depois do divórcio.

Kylie olhou para Holiday e riu.

— Ok... Chega de coisas ruins. O que você quer que eu vista no seu casamento?

Holiday revirou os olhos com um ar afetado. Era o que acontecia cada vez que alguém mencionava o casamento.

— Por mim pode ir até de short. Você é a minha dama de honra. Pode usar o que quiser.

— Eu tenho um vestido estampado em tons pastel que eu acho que serviria.

— Parece perfeito! — disse Holiday. — Ah, eu contei que convidei Blake para o casamento?

— Você quer dizer, Blake, o seu ex-noivo?

— Ele mesmo — confirmou Holiday.

Kylie fez uma careta.

— E Burnett sabe? — Ela imaginou Burnett arrancando alguns membros de Blake por

aparecer na cerimônia.

Ela sorriu.

— Foi ideia dele. Ele disse que queria que o homem viesse para saber que eu não sou mais solteira.

Kylie sorriu.

— É bem o estilo de Burnett.

— Claro que Blake recusou o convite. Acho que Burnett o assusta um pouco.

— O que prova que você só se apaixona por homens inteligentes — brincou Kylie com uma risadinha.

Elas se deitaram sobre as pedras e olharam para o teto da caverna.

— Eu sei que você é jovem, mas Burnett e eu estávamos pensando se você gostaria de ser madrinha do bebê. Afinal, é por sua causa que estamos juntos.

Kylie sorriu.

— Eu ficaria honrada.

Depois de alguns minutos de silêncio, Holiday falou novamente.

— Consegui os formulários das faculdades que você pediu. Burnett ou eu podemos ajudá-la a preenchê-los quando quiser.

Após um momento de silêncio pacífico, Holiday suspirou.

— Você consegue ver?

— Ver o quê? — perguntou Kylie.

— Acabei de ter um vislumbre do futuro. Você terminando a faculdade em cerca de cinco anos e voltando a Shadow Falls para trabalhar aqui.

— Você me contrataria? — perguntou Kylie.

— Num piscar de olhos — assegurou Holiday.

Kylie sorriu.

— Já que você tem tudo planejado, o que eu vou estudar na faculdade? Que tipo de trabalho vou fazer aqui?

— Psicologia, é claro. Você vai ser uma grande conselheira.

Kylie sorriu.

— Sabe, isso é exatamente o que eu estava pensando em fazer. — Kylie fez uma pausa. — Quando você olha o futuro, consegue ver se Miranda, Della e eu vamos entrar na mesma faculdade?

— Se vocês quiserem, vão, sim. Puxa, talvez a gente possa contratar vocês três. Miranda seria uma excelente professora. Com suas próprias deficiências, ela vai saber como trabalhar com outros alunos com mais dificuldades. E Della, com certeza, vai trabalhar com Burnett na segurança.

— Gosto da sua ideia do futuro. — Kylie fez uma pausa, então, perguntou: — Será que Lucas estaria aqui?

— Pode apostar que sim. — Ela suspirou. — Ele estaria trabalhando com Burnett na UPF e aqui durante meio período.

— Eu o amo — disse Kylie.

— Eu sei.

— Uau! Não vai me dizer que eu sou muito jovem para me apaixonar?

Holiday suspirou.

— Você é jovem, mas fazer o quê? Você é uma alma antiga, e às vezes isso faz com que tenha mais sabedoria do que outras pessoas da sua idade.

Holiday estendeu a mão e acariciou a de Kylie.

— Com certeza vai ficar tudo bem.

Sim, Kylie pensou. Ela realmente gostava da visão de futuro de Holiday. Tudo o que tinha a fazer era continuar viva.

# Capítulo Quarenta e Um

Naquela noite, Kylie estava sentada na cama olhando para o relógio e rolando no pulso a pulseira que sua mãe lhe dera. Era quase meia-noite. Lucas estaria se transformando em breve. Ela tinha falado com ele naquele dia duas vezes. Ele ligou da última vez apenas para ouvi-la dizer de novo. Ela sabia do que ele estava falando, então ela satisfez o desejo dele.

*Eu te amo*.

Ele não disse que viria esta noite, mas ela ainda assim o esperava.

O olhar de Kylie se desviou para a luz brilhante do outro lado do quarto. A espada não tinha parado de brilhar durante todo o dia e ela ainda nem a tocara. Era como se a arma estivesse tentando lhe dizer alguma coisa. Obviamente, Kylie não sabia interpretar a linguagem das espadas.

Não que ela não tivesse tentado. Depois do jantar, Kylie de fato se sentou e teve uma conversa com a arma. Perguntou se havia algo que ela precisasse saber. Contou a ela suas preocupações sobre continuar viva.

A espada não respondeu coisa alguma. Não que Kylie esperasse, mas, sério, ela não teria ficado muito chocada se ela tivesse falado. Era preciso admitir, coisas estranhas aconteciam em Shadow Falls.

Ao ver que era quase meia-noite, Kylie se levantou. Della saiu do quarto dela no momento em que Kylie saiu do seu.

— Aonde você está indo? — perguntou Della.

— Só quero me sentar na varanda. Sozinha.

— Você está esperando que ele venha, não é?

Kylie assentiu.

— Tudo bem — disse Della. — Mas, se amanhã você acordar toda feliz, eu vou saber...

Kylie deu uma risadinha e saiu. Ela olhou para a Lua e se perguntou se a mudança ajudaria Lucas a lidar com a dor de perder a avó. Ela esperava que sim.

A lembrança dele como lobo quando ele tinha impedido Fredericka de atacá-la ainda estava fresca em sua memória, e ela ansiava por vê-lo naquela forma novamente. Havia tantas coisas que ela queria saber sobre ele... Que aparência ele tinha quando acordava de manhã? Em que lado da cama normalmente dormia? Será que roncava?

Pegando o celular, ela checou seus e-mails para ver se ele tinha enviado algum. Havia apenas um, de Derek. Ele tinha encaminhado todos os links que encontrara, relacionados com Lucinda Esparza.

Como o espírito de Lucinda não tinha feito sua transição ainda, Kylie suspeitava que ela não faria isso antes do confronto com Mario. Ou talvez ela simplesmente não estivesse ansiosa para

ir para o inferno.

O pensamento causou um arrepio na espinha de Kylie. Ia desligar o telefone, mas abriu acidentalmente um dos links. Ela o leu, embora na verdade não tivesse nada de novo. Então viu o último link da lista, um velho recorte de jornal anunciando o casamento de John Anthony Esparza e Lucinda Edwards.

Kylie abriu o link. Viu uma imagem de Lucinda em seu vestido de noiva. Ela era bonita, jovem e inocente, toda vestida de branco.

A foto ao lado era do casal cortando o bolo.

Kylie olhou para a foto. E seu coração parou. Completamente. Ela piscou, rezando para que seus olhos estivessem lhe pregando uma peça, mas não: *era ele*.

Não era à toa que ela não gostava dele. John, o John de sua mãe, era John Anthony, o filho de Mario.

Entrando imediatamente em modo de proteção, seu sangue começou a borbulhar, conforme a adrenalina se espalhava pelo seu corpo. A espada apareceu ao lado de Kylie — brilhando, chamando-a para a ação. Com clareza, Kylie se lembrou da ameaça de Mario. *Você vai vir até mim, Kylie Galen, vai vir até mim disposta a morrer, a sofrer em minhas mãos, para minha alegria, porque o preço será muito alto! Sua fraqueza será sua ruína*.

Ele tinha esse plano o tempo todo.

Kylie pensou em chamar Della, ou ir atrás de Burnett, mas algo dentro dela sabia que essa luta era sua.

Para que saísse vitoriosa.

Ou derrotada.

Ela não tinha o endereço exato da casa de praia de John, mas a mãe dela tinha dito que ficava na mesma rua de uma das antigas casas de fazenda que tinham visitado um tempo atrás. A espada brilhou e Kylie sentiu que ela poderia saber exatamente aonde estavam indo.

Pegando a arma, Kylie pôde jurar que ouvira algo se mexer na floresta. Ela olhou para trás, não viu nada, então quis ficar invisível e decolou.

Ela voou por cima do portão sabendo que o alarme iria tocar, mas nem olhou para trás. Burnett ficaria furioso. No entanto, sua intuição lhe dizia que ela estava certa. Viver ou morrer não era importante. Salvar sua mãe, sim.

Nesse momento, ela soube exatamente o que Mario queria dizer quando se referiu à sua fraqueza. O amor.

Fraqueza ou não, era a única coisa pela qual valia a pena morrer.

Kylie seguiu pela costa, passou pela ilha de Galveston, e continuou até a próxima ilhota. A Lua pairava no céu escuro, redonda e brilhante. O som do mar mudou com o vento e levou Kylie mais para perto. Ela encontrou a rua onde devia ficar a casa de praia de John e, enquanto avançava o mais próximo possível do chão, a espada ficou mais brilhante. Quando se aproximou

de uma grande casa amarela sobre palafitas, com um muro de quase três metros de altura ao redor da propriedade, instintivamente soube que a tinha encontrado. Ela observou que a casa ficava de frente para a praia, mas só tinha um portãozinho que se abria para a areia e o mar. Quem compraria uma casa na praia para fechá-la daquele jeito? Só alguém com medo de intrusos.

A espada parecia puxá-la para mais perto da propriedade. Nossa! Talvez ela e a espada falassem a mesma língua, afinal!

Kylie pensou em aterrissar do lado de dentro do muro, mas percebeu que John poderia ter um sistema de alarme igual ao de Shadow Falls.

Com o coração acelerado e o sangue borbulhando nas veias, ela disse a si mesma para ir mais devagar e pensar antes de fazer alguma coisa que pudesse arriscar a sua vida ou a da mãe.

Sem sair do lugar, deu uma olhada nos arredores. A vegetação era escassa em comparação com Houston e a área rural montanhosa. Palmeiras e alguns grandes oleandros com flores cor de salmão forravam o muro. Ela ouviu vozes ao longe. Correu até a sombra negra do muro, longe do brilho da Lua, e seguiu o muro alto ao redor da propriedade, até chegar mais perto das vozes. No mesmo instante, a luz da espada desapareceu como se para evitar que ela fosse vista. Mas a mão que segurava a espada ainda sentia o poder da arma, sua energia.

Depois de fazer uma ligeira curva, ela avistou uma garagem lateral e um portão de ferro. Avançou em silêncio até que se aproximou de outro grande arbusto. Espiando através de galhos e folhas, viu dois homens conversando atrás do portão. Guardas.

De que tipo?

Ela precisava saber com quem estava lidando. Apertando os olhos, ela se concentrou na testa dos homens — camaleões. Mas os padrões eram sombrios, quase negros.

Gente ruim.

Ela prendeu a respiração por um segundo, consciente do que ia enfrentar e conformada com isso.

O zumbido de um motor chamou sua atenção. O motor do Cadillac prata que estava ao lado dos homens tinha sido ligado. Outro som de motor encheu a noite enluarada. O portão rangeu e começou a se abrir. Ela observou das sombras um dos guardas entrar num carro branco.

Era sua chance. Talvez sua única chance. Ela tinha que entrar por aquele portão. Tinha que salvar sua mãe.

Então lhe ocorreu que podia ser tarde demais. Afastou o pensamento para longe, incapaz de aceitá-lo.

Desejando ficar invisível, consciente de que havia ali outros camaleões, ela apurou os ouvidos para saber se havia mais alguém no reino invisível. Os ruídos produzidos por outros camaleões invisíveis sempre pareciam mais próximos do que os outros.

Mais altos.

Só o silêncio ecoava nesse mundo extraordinário, mas, como ela, eles podiam estar ali em silêncio.

Escutando.

Ciente de que seus passos poderiam ser ouvidos, Kylie esperou até que o barulho do portão se abrindo ficasse um pouco mais alto, oferecendo a ela um pouco mais de vantagem. Quando o portão se abrisse alguns centímetros a mais, ela poderia deslizar para dentro.

Com a respiração presa, tentando pisar o mais leve possível, ela se esgueirou para dentro. Logo depois de atravessar o portão, ouviu outro barulho — um passo. Ela não era a única pessoa invisível.

Outro guarda apareceu a poucos metros. Ele olhou ao redor.

— Temos companhia? — perguntou o primeiro guarda de pé junto à porta.

— Será? Desligue o maldito portão para que eu possa ter certeza.

Sabendo que essa era a sua única chance, antes que ele desaparecesse de novo, Kylie disparou numa corrida mortal. Agachada atrás de um arbusto espinhento, percebendo que a chance de ser vista no reino visível podia ser menor do que a de ser ouvida na esfera do invisível, ela desejou aparecer.

O seu modo de proteção ainda estava superativo e ela percebeu que precisava de mais oxigênio. Ainda segurando a espada, fechou os olhos por um segundo e foi então que ouviu: um grunhido nervoso e profundo.

Merda. Eles tinham cães de guarda.

Abrindo os olhos, ela olhou para um focinho com dentes arreganhados e olhos amarelos brilhantes. A coleira preta com cavilhas revelou que ela estava certa, era um cão de guarda, mas o brilho selvagem em seus olhos lhe dizia que o animal era, pelo menos em parte, um lobo.

Kylie engoliu seu medo e farejou a respiração do animal. Ele levantou o focinho, mostrando mais os dentes. Seu rosnado se tornou mais baixo, mais intenso. As plaquinhas penduradas em sua coleira tilintaram e o barulho pareceu muito alto.

Olhando o animal direto nos olhos, ela apertou o cabo da espada. *Não me faça matar você. Minha luta não é com você. Eu tenho até uma certa devoção pelos lobos*.

Instantaneamente o animal recuou. Seus olhos amarelos nem pestanejaram. Ele se sentou, desviando o olhar dela. Kylie se lembrou do lobo com que ela se deparara em Shadow Falls e como ele tinha lhe mostrado submissão.

Kylie não entendia, mas usaria qualquer vantagem que tivesse agora. Porque precisava admitir, ela tinha a sensação de que precisaria disso.

Ela olhou para trás, onde os homens estavam no portão. Apenas um permanecia ali.

O outro tinha ido dar uma volta pelo reino do invisível. Ele poderia estar em qualquer lugar.

Desejando ficar invisível novamente, ela apurou os ouvidos. Ouviu passos na frente do arbusto. Eles ficaram mais lentos. Seu coração batia tão alto que ela tinha certeza de que ele poderia ouvi-la.

O cão-lobo se virou e saiu correndo do arbusto.

— Ah, é você seu vira-lata! — a voz do guarda ecoou do vazio. — Pensei que fosse alguma coisa.

Através das folhas, Kylie viu o homem aparecer. Ele avançou sobre o animal e chutou a

perna traseira do cão. Com força. O cão ganiu e o sangue de Kylie ferveu pelo animal indefeso. Quando o homem ensaiou outro chute, Kylie se abaixou, pegou uma pedra e a jogou nos arbustos à sua direita.

O homem se virou de repente e foi vasculhar os arbustos ao lado dela. Quanto mais perto ele chegava, mais difícil era respirar.

— Achou alguma coisa? — O homem da porta gritou.

— Acho que não — ele murmurou, e encaminhou-se para o portão. — Só aquele cachorro feio como o diabo.

*Aquele cachorro feio como o diabo acabou de salvar a minha vida*, Kylie pensou, o coração ainda acelerado com o impulso de proteção.

Quando o homem permaneceu visível e começou a conversar com o outro guarda, ela soube que era a sua oportunidade de se afastar, talvez encontrar um lugar para entrar na casa.

Tornando-se invisível novamente, ela avançou silenciosamente ao redor da casa, procurando uma entrada. O cão-lobo veio mancando na direção dela, confirmando sua suspeita de que ele podia vê-la.

Desejando ficar visível, ela estendeu a mão e tocou a perna traseira do cão. Ela sentiu a mão ficar quente. *Me leve para dentro da casa, amiguinho,* disse para o animal mentalmente, sem saber se ia funcionar, ou se ela estava simplesmente sendo otimista. Derek podia se comunicar com os animais. Talvez ela tivesse se transformado em *fae*.

O cão se virou e começou a andar sob os pilares que sustentavam a casa de praia. Ela começou a seguir em frente, mas o cão parou e olhou para ela quase como se dissesse, *Por aqui*.

Arriscando, ela seguiu o cão. Depois de contornar várias vigas, ela questionou sua decisão, mas então o cão parou no que parecia ser uma rampa que levava a uma portinhola para entrada de animais pequenos. Ainda invisível, ela tentou andar no ritmo do seu amigo canino. Não era nada fácil, carregando uma espada.

Ela acidentalmente bateu a espada na beirada da porta. Se alguém estivesse espreitando de dentro dessa dimensão invisível, teria ouvido o barulho.

Dentro da casa, ela parou e escutou. Nenhum som ecoou na escuridão. Ela viu alguns sacos de dormir e tigelas vazias de cachorro. *Aposto que eles não te dão comida direito, hein, rapaz?* Mas se os animais eram alimentados ali, isso significava que deveria haver uma porta para a casa. Se estava trancada era outra questão.

Observando o cômodo escuro, ela viu a porta. Acariciou o animal novamente. *Obrigada*. Levantou-se e estendeu a mão para a maçaneta. Ela girou na sua mão. Uma virada quase silenciosa do pulso. Ela inspirou, sentindo-se bem-sucedida até agora. Mas não ia enganar a si mesma, pois a parte mais difícil seria encontrar a mãe e fazê-la sair dali.

Tirá-la dali e também sair com vida.

A espada parecia vibrar em sua mão, como se a lembrasse de que escapar dali aquela noite não seria tão simples assim. Essa noite ela iria usar a arma, só que desta vez não seria um treino. Seria pra valer.

A princípio, Kylie pensou que todos na casa estivessem dormindo. Ela andou até uma grande cozinha, em seguida entrou numa ampla sala de estar com uma enorme lareira de pedra. Esse cômodo parecia ser o centro da residência. Havia uma porta para ambos os lados da casa. Ela viu uma luz no final de um corredor. Ouviu vozes. Atravessando o corredor na ponta dos pés, ela apurou os ouvidos para ver se conseguia ouvir a mãe.

Uma voz era clara: a de John. Uma segunda voz provocou calafrios na sua espinha. Ela sentiu o gosto de medo na garganta: Mario.

Não havia vozes femininas na conversa. Debatendo sobre o que fazer, decidiu procurar a mãe. Naquela hora da noite, ela deveria estar dormindo. Kylie se virou para o outro corredor, onde parecia haver quartos.

O primeiro cômodo parecia um quarto de hóspedes. Esperando que a mãe estivesse dormindo ali, ela abriu a porta. O quarto estava vazio e sinistramente silencioso.

Ela viu outro quarto no final do corredor e percebeu que era a suíte principal. Nesse momento, de algum modo ela soube que era onde a mãe dormia.

Onde dormia com John.

Dormia com o inimigo.

Mas Kylie estava ali para corrigir isso. Ela segurou firme a espada enquanto girava silenciosamente a maçaneta.

No leito havia uma forma familiar. A luz noturna lançava um brilho sobre a mãe. Kylie se lembrou de todas as noites, quando criança, em que ela entrava no quarto dos pais depois de ter pesadelos ou por causa de um nariz entupido. A mãe nunca ficava brava. Ela podia não ser um exemplo de carinho, mas estava sempre disposta a recebê-la. A raiva que Kylie sentiu por causa de toda a situação dos Brightens de repente pareceu insignificante.

Aproximando-se, ela ficou ao lado da cama.

— Mãe? — sussurrou.

A mãe não se mexeu, e por um segundo Kylie entrou em pânico, mas em seguida ela se virou na cama e respirou.

Olhando para a cômoda, Kylie viu uma taça de vinho. A luz noturna brilhou no cristal e revelou pequenas manchas de alguma substância no fundo da taça.

Kylie pegou a taça e a segurou contra a luz. Então teve certeza de que havia algo diferente no vinho que a mãe bebera — algo como comprimidos esmagados. John teria drogado a mãe dela?

Voltando a colocar a taça sobre a cômoda e sentindo outra onda do seu instinto de proteção circulando nas veias, ela apertou o punho da espada e se inclinou.

— Mãe!

A mãe se mexeu um pouco, mas não acordou.

Tocando o ombro dela, Kylie sacudiu-a levemente.

— Mãe, eu preciso que você acorde!

Os olhos da mãe se abriram.

— Kylie? O que você está... — Ela olhou em volta, como se não conseguisse se concentrar.

Seria porque ainda estava sonolenta ou porque estava drogada? — Onde está...

— ...John? — Kylie concluiu para a mãe.

Respirando fundo, Kylie percebeu que ela não tinha tido tempo para descobrir exatamente o que dizer à mãe. Sem tempo para inventar algo inteligente, percebeu que teria que dizer a verdade.

Mas seria hora de despejar tudo? Será que a mãe conseguiria aceitar a verdade? Ou pelo menos parte dela?

— John? — a mãe chamou.

Kylie colocou dois dedos sobre os lábios dela, rezando para que não tivesse chamado alto o suficiente para ele ouvir.

— Não, você não pode...

— Meu Deus, o que é isso? — A mãe deu uma guinada para trás, com os olhos fixos na espada, que agora brilhava intensamente. Então fez uma cara estranha. — Isso é um sonho, não é?

— Mãe — Kylie tentou falar com calma. — John não é o que você pensa. Ele não é um cara legal e nós precisamos ir embora daqui.

A mãe desviou os olhos da espada e voltou a encarar Kylie.

— Você precisa parar de pensar nisso. Eu sei que dói, que seu pai e eu...

— Mãe, eu realmente preciso que você fique quieta e apenas ouça o que eu digo, ok?

A mãe franziu a testa e Kylie teve certeza de que ela estava parcialmente drogada.

— Como você chegou aqui? — Ela sacudiu um pouco a cabeça, como se estivesse tentando acordar. Então, olhou para a espada novamente. — Tem que ser um sonho.

— Vamos! — Kylie puxou a mãe da cama.

A mãe levantou-se, mas depois caiu de volta na cama. Kylie puxou-a novamente e desta vez notou que ela usava uma camisola sexy. Mas não tinha tempo para se preocupar com isso. Tinha que tirá-la dali.

Kylie pegou a mão dela e começou a caminhar até a porta. Mas um segundo antes de chegar lá, a porta se escancarou.

John estava ali parado, olhando para Kylie. Então, como se saído de um pesadelo, Mario apareceu ao lado dele.

Kylie empurrou a mãe para que ficasse atrás dela e estendeu a espada.

— Fique fora do nosso caminho.

A resposta de Mario foi um sorriso diabólico, cheio de maldade.

— Eu disse que você viria até mim.

— Quem é você? — a mãe perguntou, tentando passar na frente de Kylie.

Kylie puxou a mãe pelo braço e segurou-a de volta.

— E olha o que você trouxe! — Mario apontou para a espada. — Um brinquedinho para a gente brincar.

# Capítulo Quarenta e Dois

Kylie não sabia o que fazer. Então fez a primeira coisa que lhe ocorreu. Apertando um pouco mais o braço da mãe, ela desejou que ela e a mãe ficassem invisíveis. A mãe gritou, obviamente, quando não foi capaz de ver a si mesma ou Kylie.

Sem poder se entregar ao pânico como a mãe, Kylie não hesitou e correu para a porta, esquivando-se dos dois homens. Infelizmente, a mãe foi arrancada das mãos de Kylie. Fazendo meia-volta, Kylie não conseguiu ver onde ela estava, mas ouviu-a ofegando, e percebeu que Mario tinha ficado invisível e agora estava com ela.

— Solte-a! — ela sibilou, desejando ficar visível.

Mario apareceu segundos depois com a mãe. A mão dele agarrou a garganta dela com tanta força que o rosto dela adquiriu um tom azulado.

Kylie levantou a espada.

— *Chame-o de covarde!* — A voz do espírito ecoou nos ouvidos de Kylie no mesmo instante em que o frio lhe causou um calafrio na espinha.

— *Insista para que ele lute com você como um homem.*

— Seu covarde! Largue a minha mãe e lute comigo como um homem! — gritou Kylie, rezando para que aquilo funcionasse.

Mario, com a mão ainda em torno do pescoço da mãe de Kylie, olhou para a garota, estreitando os olhos.

— Tudo bem. — Ele jogou a mãe para John.

Ela caiu aos pés do homem, com falta de ar. Ele a levantou, sem muita gentileza. Tudo o que Kylie queria era atacar. Esquecer a espada e usar as próprias mãos para partir os dois homens ao meio. A única coisa que a detinha era o espírito, repetindo as mesmas palavras várias vezes.

— *O poder que você tem está na espada. O poder está na espada.*

No momento em que a mãe conseguiu encher os pulmões de ar, ela se desvencilhou de John e investiu contra Mario. A mãe podia não ser sobrenatural, mas o amor materno também era algo muito poderoso.

Só não tão poderoso quanto a magia daqueles dois homens. John agarrou-a pelo cabelo.

— Pare de lutar, sua idiota!

Os olhos da mãe se arregalaram e ela os desviou em direção a John. Pela expressão dela, Kylie deduziu que, pela primeira vez, a mãe tinha visto John como ele realmente era: uma pessoa cruel, que o tempo todo a usara.

O coração de Kylie sofria pela mãe e ela rezava para que esses não fossem os últimos momentos da vida dela. Porque ninguém deveria morrer pensando apenas nos próprios erros. Consumida pelo arrependimento.

Mario fez um gesto com a mão e uma espada apareceu.

— Eu vou te matar lentamente, e sua mãe vai poder assistir. Não vai ser divertido?

— Não! — a mãe de Kylie gritou.

John prendeu os braços da mãe atrás das costas e segurou-os ali, tornando sua luta inútil.

— Não aqui! — exclamou John. — Eu paguei mais de cinquenta mil por este tapete.

A mãe gritou novamente e John puxou-a contra ele.

— Cale a boca ou ela vai morrer mais cedo.

Mario olhou para o filho.

— O sangue só aumentaria o valor do tapete!

A mãe olhou para Kylie com lágrimas nos olhos. O espírito olhou para John.

— *Você vai apodrecer no inferno por tudo o que fez*.

Kylie só podia rezar para que o espírito estivesse certo e sua viagem para o inferno acontecesse em breve.

— Mas um pouco mais de espaço para brincar seria bom.

Mario moveu-se para ficar na frente de John e colocou a ponta da espada no peito da mãe de Kylie, olhando para a garota.

— Vamos sair daqui. Se você preferir não me seguir ou tentar fazer qualquer coisa idiota, eu vou matá-la. E com prazer.

A mãe de Kylie soltou um som horrível, um grito de terror puro. Quando ela olhou para a frente, Kylie viu o pedido de perdão nos olhos da mãe. Ela achava que ambas estavam condenadas a morrer ali, e Kylie não tinha tanta certeza de que ela estivesse errada.

— Eu vou seguir você — assegurou ela.

E ela fez isso. Ela o seguiu pelo corredor e pela sala de estar.

Mario acenou com a mão e os móveis recuaram, dando-lhes o cômodo inteiro para lutar. Kylie não tinha ideia de onde Mario havia conseguido seus poderes, mas ela podia ver que eles eram malignos.

— Me dê um segundo, quero assistir ao espetáculo. — John, arrastando a mãe de Kylie consigo, abriu uma gaveta, tirou dali um rolo largo de fita adesiva e envolveu os pulsos dela. Então fez o mesmo com os tornozelos. Com brutalidade, ele a empurrou contra a parede enquanto ela lutava com ele e implorava para que ele parasse. A risada do homem ecoou cruelmente. Ele rasgou outro pedaço de fita e tampou-lhe a boca.

Kylie assistia com horror e fúria, mal conseguindo refrear o impulso de avançar sobre aquele arremedo de homem e arrancar seu coração negro.

— *Agora não. Ainda não. Paciência, paciência!* — o espírito sussurrou na orelha de Kylie. — *Há um plano e você deve segui-lo se quiser enganar a morte*.

Kylie não entendia o que o espírito queria dizer, mas não tinha tempo para refletir. O grito do espírito avisou-a bem a tempo de se defender do ataque de Mario. Ela baixou a espada para conter a dele. O barulho soou em seus ouvidos, mas ela quase não ouvia mais por causa do sangue que zumbia através do seu corpo.

Ele veio para cima dela de novo e Kylie bloqueou golpe por golpe. Suas espadas retiniam,

entrechocavam-se. Lucas teria ficado orgulhoso. Mas, por melhor que ela fosse em bloquear os golpes dele, ela nunca tinha a chance de partir para a ofensiva, pois estava ocupada demais se defendendo.

Embora não tivesse tempo de olhar, ela podia imaginar a mãe assistindo a tudo com horror. E por mais que tentasse não ouvir, os gritos desesperados dela chegavam aos seus ouvidos abafados pela fita.

— *Nos ajude!* — Kylie gritou as palavras em seu coração, clamando pelos anjos da morte, por Deus, por quem pudesse ouvir. À distância, o uivo do cão-lobo rompeu o ar, como se ele orasse por ela também.

— Não perca de vista a espada. *Atenção! Ele vai avançar por baixo desta vez.*

As ordens do espírito vinham rápidas. Kylie tentava ouvir e se esquecer de que essa era uma luta de vida ou morte. Ela recebia ordens e ouvia o barulho de metal contra metal.

Por um breve segundo, Kylie viu de relance o rosto de Mario. Ele sorria, como se estivesse simplesmente brincando com ela. Por quanto tempo ela conseguiria lutar assim? Como ela poderia ganhar?

— *Não pare de acreditar nos seus dons!* — o espírito gritou.

Então Kylie viu John aparecer atrás do pai com sua própria espada.

Dois contra um? As lembranças da visão de Lucinda encheram a cabeça de Kylie. No entanto, apenas um fragmento de medo entrou no seu coração. Não havia tempo para ter medo.

Como Lucinda na noite em que perdeu a vida, Kylie não pensava na morte, simplesmente lutava. Lutava com todas as suas forças e uma oração nos lábios.

Ela observou com repulsa quando John levantou o braço para trás e cravou a espada nas costas do pai. A lâmina mergulhou no peito do homem até o cabo. A frente da camisa ficou escurecida de sangue. Os olhos de Mario ficaram verdes brilhantes, pouco antes de a vida se esvair deles. Um punhado de vapor negro subiu como um nevoeiro da boca do homem.

Kylie sabia que era a alma imunda de Mario e do mal de todos os seus pecados. Então o som mais hediondo que Kylie já ouvira rasgou o ar como ratos guinchando e baratas se alimentando. Vários seres sombrios, sequazes do inferno, varreram a sala e levaram a alma negra de Mario com eles.

John puxou a espada, o sangue esguichando do buraco no peito de Mario. Com a espada não mais segurando o corpo, ele se desintegrou no assoalho.

A morte não era bonita.

*

Kylie olhou para o corpo, sua própria espada imóvel diante dela. Por que John tinha feito aquilo? Será que ela tinha se enganado sobre ele?

Quando olhou para o rosto do homem, o sorriso frio que ostentava revelou que ela não estava errada.

— *Isso veio bem a calhar!* — exclamou o espírito. — *Você matou o homem que matou o seu*

*filho*. — Ela aproximou-se dele, olhando-o nos olhos. Então seu olhar se deslocou para Kylie. — Não confie nele.

— Por que você fez isso? — ela perguntou a John, mantendo a espada em riste.

— Eu só estava esperando ele morrer para tomar o lugar dele. Essa foi apenas a oportunidade que eu procurava.

Kylie sentiu a vilania em seus olhos cinzentos.

— E agora? — ela perguntou.

— É óbvio, não é? — Ele sorriu. — Você tem escolha. Aceitar que você e sua mãe me pertencem. Você faz o que eu digo, e a sua mãe vive. Se não fizer, ela morre. — Ele lançou um olhar para a mãe dela, que o fitou com ódio.

— Acho que nós duas preferíamos morrer — Kylie disse. — Mas não planejo morrer agora.

— Acha que pode me vencer? Você não passa de uma criança com poderes que não consegue nem controlar.

Ele avançou com uma rapidez feroz. A espada num movimento febril. Ela mal conseguiu contê-lo.

— *Vá para a esquerda. Agora!* — O espírito gritava instruções.

Kylie lutava para se defender. Sua espada desceu, mas a dele veio mais rápido. Ela sentiu a ponta afiada da lâmina em seu braço esquerdo.

A picada e o sangue vieram em seguida.

Ela não diminuiu o ritmo. Não podia. Se desacelerasse, se tirasse os olhos da espada dele por um segundo, isso significaria a morte.

Para ela.

Para a mãe.

Então, ela sentiu o frio, o frio familiar do seu pai. Ele estava ali.

Mas era para ajudá-la ou levá-la com ele?

Um estrondo soou em algum lugar nas proximidades. Ela se forçou a não pensar nem se concentrar em outra coisa que não fosse a luta.

Então, um rosnado baixo vibrou na sala. Ela viu um lobo saltar desde o outro lado da sala. A boca escancarada, os dentes expostos, como se estivesse pronto para rasgar a carne. Seu amigo tinha vindo lutar com ela.

O reconhecimento veio num flash.

Não era o meio-lobo lá fora.

O lobo voando no ar em direção a John era Lucas!

John apontou a espada na direção da nova ameaça, pronto para perfurar Lucas no peito.

Usando toda a força que tinha, sentindo o sangue quente com a necessidade de proteger, Kylie baixou a espada, interceptando a dele e derruban-do-as das mãos do homem. John gritou com fúria, se esquivou de Lucas e estendeu a mão para pegar novamente a espada.

Antes que ele a alcançasse, Kylie o atingiu. Enterrou a espada na lateral do seu corpo. Então puxou a arma e começou a avançar contra ele novamente.

John caiu.

Seu corpo tremia.

Ele ofegava, sem ar.

O sangue gotejava da ponta da espada de Kylie.

Kylie olhou para Lucas, com os olhos em chamas, os dentes ainda arreganhados. Então, assim como antes, sons horríveis encheram a sala quando o demônio enviou sua horda para recolher a alma imunda que escoava da boca de John.

Soltando a espada, Kylie sentiu-se suja também por tirar uma vida. Em seguida, virou-se para a mãe, que ainda assistia à cena. A constatação veio rapidamente. Ela não tinha tirado uma vida, tinha salvado uma.

Caindo de joelhos, ela se esforçou para tirar a fita adesiva da boca da mãe.

Lucas, em toda a sua beleza lupina, aproximou-se dela. A mãe se encolheu como se estivesse com medo do lobo. Lucas roçou no braço de Kylie, encontrou seu olhar brevemente, então se virou e saiu. Kylie lembrou-se novamente do que a avó de Lucas tinha dito. *Você faz parte da missão dele, e ele da sua.*

— Mãe — disse Kylie. — Vai ficar tudo bem. — Ela terminou de puxar a fita da boca da mãe.

O grito dela ricocheteou nas paredes.

— Está tudo bem — disse Kylie novamente. — Está tudo bem. Agora fique quieta, para que eu possa tirar o resto da fita que está prendendo você.

Assim que Kylie tirou a fita dos pulsos da mãe, ela agarrou a filha e a abraçou. Abraçou-a forte e por muito tempo.

— Este é o pior sonho que eu já tive.

Kylie recuou e ficou indecisa sobre o que dizer, mas, em seguida, só balançou a cabeça e arrancou a fita do tornozelo da mãe. A mãe enrodilhou-se como uma bola, balançando para a frente e para trás, como se estivesse apenas esperando para acordar.

Kylie olhou para os dois corpos. Ela precisava chamar a polícia, não é? Olhou para a mãe e se perguntou como faria aquilo com ela balbuciando coisas sobre sonhos e lobos.

Em seguida, se lembrou de que, embora tivesse vindo sozinha, ela tinha amigos. Pegou o celular e começou a digitar o número de Burnett. Antes que seu dedo apertasse o botão de chamada, outro ruído encheu a sala. Um som suave e reconfortante. O som de água gotejando. O som da cachoeira. Uma sensação de calor e um sentimento de retidão e justiça invadiram o peito de Kylie.

O momento de tranquilidade foi abalado quando a mãe gritou de novo, com os olhos focados em algo atrás de Kylie.

— Ele... O quê? Como? — A mãe começou a recuar.

Kylie se virou, agarrando a espada, e rezando para que fosse apenas o pânico da mãe.

Ela estava errada.

# Capítulo Quarenta e Três

De pé diante de Kylie, totalmente materializado, estava seu pai. Não apenas totalmente materializado, mas mais brilhante do que nunca. O barulho da cachoeira ficou mais alto. Um murmúrio pacífico de água.

— Pai? — ela sussurrou.

— *Oi, filhota*.

— Oi.

Ele olhou por cima do ombro dela e franziu a testa.

— *Sua mãe desmaiou*.

Kylie olhou para trás.

— Ela teve uma noite difícil.

— *Você também*. — Ele apontou para o sangue na camiseta dela.

— É só um machucado superficial — disse ela, ou seria mais do que isso? Ela olhou para baixo perguntando se só estaria imaginando que o ferimento era pequeno e se seu pai estava ali para levá-la com ele.

O sangue tinha encharcado sua camiseta; não chegava a ser uma hemorragia, mas era o suficiente para que a sensação de paz diminuísse e fosse substituída pelo medo. Estranhamente, ela não temia por si mesma, mas que a sua morte entristecesse outras pessoas. Ou será que sua vitória sobre John e Mario resolveria isso? Seria simplesmente a sua hora de ir?

Olhando para cima, ela contemplou o pai, a visão um pouco turva com as lágrimas.

— Eu vou morrer? Os outros vão sofrer porque...

— Não, Kylie. — Ele foi até ela. As mãos segurando seus ombros, o frio que o acompanhava proporcionando um conforto ao qual ela dava as boas-vindas. — *Você tem muito ainda que viver, filha. Não estou aqui para levá-la. Estou aqui para ajudá-la a explicar isso à sua mãe.*

Ela piscou.

— Os anjos da morte lhe deram um pouco mais de tempo na terra?

— *Só um pouco mais, mas o que eles me ofereceram foi melhor. Eu tenho um lugar ao lado deles agora.*

Levou um segundo para Kylie compreender.

— Você vai ser um anjo da morte?

— *Vou, assim que ajudar você agora, pela última vez. Mas o melhor é que, de agora em diante, vou estar sempre cuidando de você. A sabedoria que você ouve em seu coração vai vir de mim, filha.*

Lágrimas encheram os olhos dela novamente. Ela percebeu então que ele tinha dito algo sobre ajudá-la a explicar aquilo à mãe. Kylie estivera tão empenhada em salvá-la, que ainda não

tinha pensado em como ia explicar o que acontecera.

— Como é que eu vou conseguir fazer com que ela aceite isso?

— *É por isso que estou aqui. Vamos fazer isso juntos*.

Então Kylie se lembrou.

— Ela viu você... antes de desmaiar.

— *Sim. Ela sempre sentiu a minha presença, mas agora me concederam energia suficiente para que ela pudesse me ver.* — Ele olhou em volta, franzindo a testa para os corpos sem vida. — *Mas, por enquanto, ligue para Burnett.*

Kylie pegou o telefone e discou novamente o número do vampiro.

— *Ela está quase acordando*. — Daniel apareceu. Kylie, sentada numa cadeira ao lado da cama, no quarto extra da casa de John, olhou para o pai.

A mãe estava desacordada fazia quase quatro horas agora.

Burnett e Holiday tinham aparecido minutos depois que ela ligara. E ele imediatamente chamou uma equipe para dar um jeito naquela bagunça. A UPF ia fazer com que parecesse um código vermelho, um acidente de carro.

Como eles fariam para que os ferimentos com espadas parecessem um acidente de carro, ela não sabia.

Nem queria saber.

Depois de chorar um bom tempo no ombro de Holiday, Kylie explicou o que tinha acontecido. Ela também contou sobre Daniel. Holiday ficou impressionada ao saber que Kylie teria uma conexão pessoal com um anjo da morte. Kylie quase lhe disse que ela teria preferido que o pai estivesse vivo ao lado dela, mas aquilo não dependia da vontade dela e ela se lembrou de que tinha muito que agradecer.

Quando explicou que Daniel estava ali para ajudá-la a explicar algumas coisas para a mãe, Burnett expressou a preocupação de que a mãe de Kylie não conseguisse aceitar a verdade. Kylie estava preocupada com a mesma coisa.

No entanto, quando ele sugeriu que trouxessem Derek para apagar a memória da mãe, Daniel apareceu e discordou.

— *Ela precisa saber a verdade* — Daniel insistira. Ele não deu nenhuma explicação, nem precisava. Kylie tinha que confiar em seu pai, mesmo quando seu coração temia a reação da mãe à notícia.

Foi Holiday quem ressaltou que a mãe de Kylie não era um ser humano normal. Sendo descendente de uma tribo indígena americana, ela tinha uma certa intuição no que dizia respeito a poderes sobrenaturais.

Assim, com a ajuda de Daniel, um futuro anjo da morte, Kylie se preparou para contar tudo à mãe. Mas ela não estava ansiosa por isso.

A mãe abriu os olhos. Concentrou-se em Kylie e então as palavras jorraram dos lábios dela.

— Eu tive o pior sonho da minha vida! — Ela se sentou e olhou em volta.

Kylie olhou ao redor também, sem saber se Daniel ainda estava visível. Ele não estava. Ela supôs que ele iria aparecer quando ela precisasse dele. Mas se sentia muito carente no momento. Olhando novamente para a mãe, Kylie soube no mesmo instante que ela tinha percebido que estavam na casa de John. Ela prendeu o fôlego.

— O que você está fazendo aqui?

Kylie pegou a mão da mãe.

— Você estava em apuros.

A mãe piscou, balançou a cabeça e caiu para trás, contra os travesseiros.

— Eu ainda estou sonhando.

— Não, mãe. Não foi um sonho.

— Foi, sim! Foi horrível, Kylie! Pelo menos partes dele foram. Você estava lutando e...

— Foi horrível. Mas não foi um sonho. — Kylie sabia apenas uma maneira de provar isso. Ela puxou a gola da camiseta para baixo e mostrou à mãe o corte. Provavelmente teria que levar alguns pontos, mas estava muito ocupada para se preocupar com isso. Claro, Holiday tinha visto o sangue na camiseta de Kylie e não sossegou enquanto não procurou algo na casa para limpar a ferida.

Os olhos da mãe se arregalaram.

— Você está... bem?

"Bem" era um termo muito vago, Kylie pensou. Não chegava nem perto de expressar o que Kylie sentia. Mas, ao mesmo tempo, as palavras lhe faltavam.

Ela tinha visto a mãe quase morrer estrangulada. Tinha sido forçada a lutar pela sua vida com uma espada reluzente. Tinha visto seu sequestrador matar o próprio pai. Tinha sido ferida por uma espada. Então fora obrigada a matar um homem.

— Sim — Kylie assentiu. — Eu estou bem. — Ela respirou e tentou se lembrar de como planejara contar a verdade à mãe.

— É claro que está tudo bem — a mãe deixou escapar. — É apenas um sonho.

Kylie apertou novamente a mão da mãe. Daniel havia dito que ia tentar entrar nos sonhos da mãe e ajudar a tornar tudo mais fácil. Será que ele tinha conseguido?

— Mãe, você se lembra de me dizer que pensou que havia algo meio mágico em Daniel?

A mãe concordou.

— Sim, mas...

— Bem, você estava certa. Ele tinha poderes mágicos. E isso fez com que eu também tenha.

A mãe agarrou os lençóis quando algo lhe ocorreu.

— Eu sonhei com ele, também! Ah, meu Deus! Isso não está fazendo sentido... — Ela se reclinou na cama e cobriu os olhos com as mãos.

— Vai fazer, mas você vai ter que me ouvir, mãe. — Ou talvez não fosse fazer sentido. Kylie não tinha levado semanas para aceitar tudo isso?

Ela fez uma pausa. A expressão "fazer sentido" era outro termo vago.

— Se lembra do perseguidor que eu pensei que tinha? Sabe, quando você me levou naquela terapeuta?

A mãe concordou, mas fracamente, quase como se estivesse prestes a desmaiar de novo. Então Kylie percebeu por que ela poderia de fato desmaiar.

— Respire, mãe.

A mãe encheu os pulmões de ar e Kylie continuou.

— Lembra que eu disse que ele vestia roupas do exército?

A mãe balançou a cabeça novamente.

— Eu sei agora que isso provavelmente assustou você porque.... Bem, meu pai não morreu no exército? Não foi essa parte que assustou você?

— Ele disse que você ia me contar tudo isso. O que está acontecendo, Kylie?

— Só o que papai lhe falou — Kylie disse calmamente. — Eu sei que isso parece loucura e sei que o que você... o que nós passamos aqui foi difícil, mas você tem que tentar acreditar.

Os olhos da mãe, fixados no ombro de Kylie, de repente se arregalaram. O frio surgiu no exato momento em que a mãe ofegou e Kylie soube que Daniel tinha aparecido. E se a expressão dela fosse uma indicação, Kylie tinha certeza de que a mãe podia vê-lo, também.

— Respire, mãe. — Kylie sentiu lágrimas nos olhos ao ver o olhar de perda que passou pelo rosto da mãe quando ela olhou para o homem que amara tanto tempo antes.

— O sonho que eu tive... você... — A voz da mãe vacilou.

— *Eu disse que você iria me ver*. — Daniel aproximou-se da beirada da cama. — *Agora, eu quero que você ouça a nossa filha. Ela vai explicar tudo a você melhor do que eu. Eu tenho que ir agora, mas lembre-se do que eu disse. Você vai encontrar o amor novamente. Não lute contra isso.*

Daniel se inclinou e beijou a mãe suavemente nos lábios.

— *Vocês foram os amores da minha vida* — disse ele.

Lágrimas toldaram os olhos da mãe novamente, quando Daniel se afastou. Ele olhou para Kylie e, em seguida, deu um beijo suave na bochecha dela.

Daniel olhou para a mãe e apontou para Kylie.

— *Temos uma bela filha, não acha?*

A mãe dela concordou.

Daniel olhou para Kylie.

— *Eu sempre vou estar por perto quando vocês precisarem*. — Ele desapareceu e Kylie enxugou as próprias lágrimas.

A mãe olhou para Kylie.

— Eu tive um sonho, ele me disse que tem cuidado de nós duas o tempo todo.

Kylie assentiu.

— Ele tem feito isso, mãe. Eu só comecei a vê-lo recentemente, mas ele sabia de muitas coisas da minha vida.

Kylie deslizou pela cama e abraçou a mãe, enquanto ambas choravam. Choravam por alguém que havia morrido anos atrás, mas de quem sempre sentiriam falta. Depois de vários minutos de lágrimas, Kylie contou para a mãe que Shadow Falls era um lugar para adolescentes com poderes mágicos, e falou sobre Mario e Roberto, e que John era na verdade o filho de Mario. Num tom

suave, ela contou que eles tinham poderes mágicos, mas Mario e John eram na verdade adeptos de um tipo maligno de magia.

A mãe suspirou.

— Acabei de me lembrar. John não matou uma pessoa? Um homem? Onde está a polícia?

— Foi Mario. E, bem, Burnett cuidou disso.

A mãe pegou a mão de Kylie.

— Burnett de... da sua escola?

Kylie confirmou com a cabeça e percebeu que a mãe tinha parado de respirar novamente.

— Respire, mãe.

Ela suspirou e, em seguida, perguntou:

— Ele, este Burnett, é mágico também?

— Sim. — Kylie decidiu esperar um pouco antes de explicar sobre todas as espécies diferentes para a mãe. Vampiros, lobisomens e coisas assim poderiam assustá-la. E certamente também assustaram Kylie, pelo menos até que ela se tornou amiga de um e se apaixonou por outro.

A mãe fechou os olhos como se estivesse tentando se esquecer de algo, ou talvez tentando se lembrar.

— Havia um lobo e depois você matou... John. Oh, Deus, querida, você teve que matá-lo. O que a polícia vai dizer? — Ela se sentou na cama. — Vamos dizer que fui eu que o matei. Você me ouviu? Eu o matei, não você.

O coração de Kylie se encolheu diante da disposição da mãe de confessar o assassinato por ela. Como, Kylie se perguntou, um dia ela podia ter duvidado de que a mãe a amava?

— A polícia não vai aparecer. Burnett trabalha para uma organização como o FBI. Ele está cuidando disso para nós. Isso significa que você não pode nunca falar sobre isso a ninguém.

A mãe assentiu e, em seguida, se inclinou mais para perto.

— Mas, Kylie, como Burnett vai explicar os corpos? As pessoas vão saber que eu estava namorando John.

— Burnett está cuidando disso também.

Ela afundou de volta nos travesseiros.

— Vai levar um longo tempo para eu acreditar nisso.

— Eu sei — disse Kylie. — Eu levei, também.

Na manhã seguinte, segunda-feira, era Dia do Trabalho. Kylie desceu cedo e começou a preparar o café da manhã para ela e a mãe. Kylie tinha ficado com ela, e teve que lembrá-la muitas vezes de respirar. Elas dormiram na mesma cama durante toda a noite. Conversaram até de madrugada.

A mãe fez um monte de perguntas. Algumas respostas difíceis foram necessárias.

Sim, Kylie entrou na questão das espécies. Vampiros e lobisomens foram os mais difíceis de explicar, por causa do medo instintivo que as pessoas têm devido a todo o folclore em torno deles. Kylie contou para a mãe que ela era um camaleão, e decidiu esperar até mais tarde para

explicar que isso significava que ela na verdade tinha um pouco de todas as espécies.

No fim de semana, Kylie também tinha falado com Della e Miranda.

Della ficou furiosa por Kylie ter desaparecido durante o plantão dela novamente.

— Está começando a pegar muito mal para mim! — disse Della.

Kylie prometeu falar com Burnett e assumir toda a culpa.

Miranda lembrou Kylie da promessa dela de nunca ir embora de Shadow Falls, e Kylie assegurou-lhe de que ela já estava voltando. E aquele dia era o grande dia: o casamento de Burnett e Holiday.

Ela e a mãe iriam mais cedo para ajudar nos preparativos.

Lucas tinha ligado para Kylie três vezes. Ele estivera hospedado na casa do tio desde a Lua cheia. Pelo visto, um funeral era uma cerimônia de vários dias para os lobisomens. E hoje, antes do casamento, Lucas tinha seu encontro com o Conselho, como estava previsto. Ela tinha se oferecido para ir junto, mas ele disse que precisava fazer aquilo sozinho. Ela pediu a Deus que ele fosse aceito.

Não que isso fosse mudar alguma coisa entre eles. Como a avó dele dissera, eles faziam parte das missões um do outro — missões que estavam em curso desde que tinham se conhecido anos atrás. Algumas coisas simplesmente faziam parte do destino.

Kylie esperava que fosse verdade o que Daniel havia dito sobre a mãe encontrar um novo amor. Infelizmente, Kylie tinha a sensação de que não seria seu padrasto. Ela tinha na verdade falado com Tom Galen aquela manhã. Haviam passado uns vinte minutos fazendo planos para a viagem de verão. Antes de desligar, ela lhe disse que o amava, e estava falando sério. Mesmo sabendo que ela teria Daniel como anjo da guarda, seu padrasto tinha um lugar cativo no seu coração e sempre teria. Ela sabia que Daniel não ia querer que fosse de outra maneira.

Kylie foi até a geladeira para pegar os ovos. O vapor subiu da embalagem de uma forma estranha.

— *Adivinhe o que aconteceu!*

Kylie reconheceu a voz do espírito.

— O quê?

— *Eles não vão me mandar para o inferno!*

Kylie olhou para o espírito sentado na bancada de sua mãe e sorriu. Ela usava um belo vestido, sem cortes e sem sangue, e tinha deixado a espada para trás, também.

— Você vai para o céu?

— *Não, bem, ainda não. Eles estão me dando uma segunda chance. Você sabe, vou ter que fazer um trabalho para eles para compensar todas as minhas transgressões. Então, se eu ganhar o direito, vou para lá. Eu vou ficar com o meu menino*. — Ela sorriu, radiante.

Kylie sorriu para ela.

— Eu gosto de segundas chances. — Ela fez uma pausa.

— *Você sabe por que eles estão me dando essa segunda chance?*

— Por quê? — perguntou Kylie.

— *Porque eu amava o meu filho*.

Kylie sorriu e se lembrou de que Mario tinha chamado aquilo de fraqueza, e, no entanto, fora exatamente isso que o levara à derrocada.

— É um sentimento poderoso — disse Kylie. E ela pensou em todos os amores que ela tinha em sua vida. Sua família. Seus amigos. Lucas.

— *Eu tenho que ir agora* — o espírito disse, sua imagem já desaparecendo.

— Foi bom te conhecer — disse Kylie.

— *Você também.* — A voz desvaneceu-se com o último resquício de frio. Kylie concentrava-se novamente no café da manhã, quando a mãe entrou na cozinha.

— Com quem você estava falando agora há pouco?

Kylie refletiu um instante se deveria falar a verdade e resolveu adiar.

— O telefone tocou a manhã toda.

— Quem ligou? — a mãe perguntou enquanto pegava uma xícara de café.

— Papai, Lucas e Sara — disse Kylie.

Os olhos da mãe se arregalaram.

— Seu pai?

— Tom — Kylie esclareceu.

A mãe assentiu.

— Eu acho... que seu pai não iria usar um telefone para falar com você.

Kylie sorriu.

— Acho que não.

A mãe se serviu de café e acrescentou uma colher de creme à sua xícara.

— Esse rapaz, Lucas... ele é... importante pra você?

Kylie assentiu.

— Sim, muito. Eu o amo.

Os olhos da mãe se arregalaram.

— Você dois já... você sabe...

A mãe ainda não conseguia dizer a palavra “sexo”.

— Ainda não — disse Kylie. — Mas vai acontecer em breve.

A mãe concordou com a cabeça.

— Você provavelmente vai consultar um ginecologista antes, para se informar sobre...

— ...métodos anticoncepcionais — Kylie terminou por ela.

A mãe assentiu.

— Vou — tranquilizou-a Kylie.

A mãe respirou fundo como se a conversa tivesse sido penosa, então perguntou: — Sara vai vir te ver antes de você voltar?

— Não, ela está em Nova Orleans numa reunião de família. Foi para me dizer isso que ligou. Para me dizer isso e que as tias estavam quase sufocando-a ao abraçá-la com seus peitos enormes.

A mãe riu e, em seguida, sua expressão ficou aérea. Ela só ficou ali, olhando para seu café, mexendo-o sem parar. O barulho da colher contra a lateral da xícara parecia o único ruído no

cômodo. Ela finalmente olhou para Kylie, a preocupação estampada no rosto.

— Quando eu levei Sara para visitá-la em Shadow Falls, ela me disse que você a curou. Você não a curou de fato... curou?

Ok, Kylie não poderia esconder tudo da mãe.

— Sim.

Kylie continuou ocupada com a rabanada, fingindo que aquilo não era grande coisa.

— Existe alguma outra coisa que você pode fazer? — a mãe perguntou, com respiração presa, na expectativa.

— Não é melhor eu contar um pouquinho por vez? — disse Kylie.

A mãe soltou um suspiro profundo que pareceu de alívio.

— Boa ideia!

# Capítulo Quarenta e Quatro

A caminho de Shadow Falls, Kylie levou na mão o celular, à espera de uma mensagem ou ligação de Lucas. Será que ele tinha convencido o Conselho? Será que não? Se não tinha, será que ele já ia começar a guardar rancor dela? Ah, ela sabia que ele tinha dito que isso não iria acontecer, mas ela também sabia como isso era importante para ele.

Era por volta das três da tarde quando elas estacionaram em frente à placa "Colégio Shadow Falls". Holiday e Burnett receberam Kylie e a mãe no portão. Trocaram abraços, e a mãe dela até pareceu receptiva a eles. No entanto, quando ela começou a atravessar o portão, começou a andar mais devagar.

— Algo errado? — perguntou Burnett.

— Só estou um pouco nervosa — a mãe respondeu. — Quero dizer, não sei se estou pronta para encontrar vampiros ou lobisomens.

Burnett olhou para Kylie, que encolheu os ombros como que dizendo que ela não tinha contado à mãe quem era o quê. Ele olhou para a mãe dela e sorriu.

— Não se preocupe, eles não são tão intimidantes quanto imagina.

— Havia algum nas reuniões dos pais? — ela perguntou, parecendo hesitante.

— Alguns — disse Burnett.

Kylie revirou os olhos, sabendo que a mãe surtaria quando soubesse que Burnett era um vampiro.

— Então o que devemos começar a fazer? — a mãe perguntou, olhando para Holiday como se quisesse esquecer toda a questão sobrenatural. — Quero dizer, viemos mais cedo para ajudar nos preparativos.

Holiday levou-as até o lugar onde seria a cerimônia. Vários alunos já estavam ajudando a arrumar as cadeiras.

Na primeira oportunidade que teve para sair de perto da mãe, ela perguntou a Holiday:

— Você já teve notícias de Lucas?

— Não, ele ligou mais cedo e disse que a reunião com o Conselho ia atrasar um pouco. Ele estará aqui em cerca de uma hora. Mas não pode se atrasar — disse ela. — Ele é um dos padrinhos de Burnett. — Pela primeira vez, os olhos de Holiday se estreitaram de preocupação. Ela estendeu a mão por cima do ombro e torceu o cabelo. Em seguida, deu um soluço.

Holiday olhou para a mãe de Kylie.

— Como é que ela está se saindo?

Kylie viu a mãe conversando com Chris, sem noção de que estava conversando com outro vampiro.

— Melhor do que eu pensava. Naturalmente, quando descobrir que já conversou com dois

vampiros, vai ter um ataque.

Holiday sorriu e depois ficou séria.

— Como você está se saindo?

— Melhor do que eu pensava, também. — Kylie sorriu. — Mas vou ficar melhor quando Lucas chegar.

— Vou me sentir melhor, também — disse Holiday.

— Onde estão Della e Miranda? — perguntou Kylie, esperando vê-las por ali.

— Elas foram de carro até a cidade para pegar o bolo e as flores para a recepção. Se começarem uma discussão e derrubarem o bolo ou coisa assim, eu vou fazer uma cena. Juro, nunca vi duas meninas gostarem tanto de uma briga quanto elas.

Kylie sorriu.

— É, mas elas se adoram. Mas chega de falar dos outros. Você não deveria estar imersa numa banheira, relaxando para o grande momento?

Holiday sorriu.

— Acredite ou não, essa coisa toda com a sua mãe tem sido uma bênção. Fiquei mais preocupada com vocês duas do que com o casamento.

A próxima hora passou voando enquanto Kylie e a mãe acabavam de ajudar a colocar as cadeiras no lugar e a decorar o refeitório para a recepção.

Kylie tinha feito uma pausa e enviado uma mensagem a Lucas, mas ele não tinha respondido. Ela também não tinha visto Della e Miranda, e estava preocupada.

De repente ouviu gritos. Os gritinhos muito familiares de Della e Miranda. Kylie colocou os braços ao redor das suas duas melhores amigas e isso se transformou num abraço coletivo.

— Eu já disse o quanto amo vocês? — ela perguntou.

— Sim — disse Della. — E só vou deixar você ficar toda sentimental agora porque ouvi dizer que você arrasou ontem à noite.

Kylie deu um passo para trás e sorriu.

— Eu arrasei mesmo!

Kylie, Della, Miranda e a mãe tinha ido à cabana para se arrumarem para a cerimônia. Kylie estava animada por poder compartilhar a companhia de Della e Miranda com a mãe. Ou teria ficado se ainda não estivesse preocupada com Lucas. Onde ele estaria? O medo de que ele não tivesse conseguido e não quisesse enfrentá-la oprimiu seu coração. Kylie deixou o banheiro, onde todas estavam se maquiando, para verificar se havia alguma chamada perdida no celular.

— Você sabe que o telefone nunca toca quando a gente está olhando pra ele — Della comentou, enquanto seguia Kylie.

Kylie ergueu o olhar.

— Eu só estou...

— ...preocupada. Eu sei. Mas minha intuição diz que ele está bem.

Kylie olhou para a amiga vampira.

— Desde quando você é tão positiva?

— Desde que fui obrigada a dividir minha cabana com uma garota pra lá de otimista. — Ela sorriu.

Kylie riu e a abraçou. Poucos minutos depois, ela, a mãe e suas duas melhores amigas foram para o local da cerimônia. Elas tinham dito a Holiday que chegariam trinta minutos antes para ajudar a receber os convidados.

Kylie quase mandou uma mensagem para Holiday para perguntar se ela tinha recebido notícias de Lucas, mas decidiu não preocupar mais a noiva no dia do casamento.

As quatro tinham acabado de fazer a última curva quando Kylie o viu.

Ele caminhava lentamente em direção a elas. Seus olhos azuis, escuros e ardentes, estavam fixos nela. Obviamente vestido para o casamento, ele usava um paletó azul-marinho, calça da mesma cor e uma camisa branca. Não havia nada nele que não estivesse perfeito.

Kylie não tinha percebido que parara de andar até a mãe se inclinar e sussurrar:

— Respire, Kylie. — Havia um tom de provocação na voz dela. — Esse é o seu Lucas, não é? — ela perguntou.

*Eu com certeza espero que ele seja meu!* Lucas parou em frente a ela.

— Mãe, você se lembra de Lucas, não é? — perguntou Kylie, sem conseguir tirar os olhos dele.

— Por que não damos a estes dois um minutinho? — sugeriu Miranda.

A mãe de Kylie parecia nervosa.

— Claro, contanto que... não haja vampiros ou lobisomens por perto.

Della tossiu para encobrir a risada.

— Não se preocupe — Lucas disse. — Eu vou protegê-la.

E ele protegeria mesmo, Kylie pensou. Ele a tinha protegido. Salvara a vida dela.

— Ah, mas eu só estava preocupada comigo — a mãe esclareceu. — Kylie é amiga deles. E tenho certeza de que vou acabar me acostumando com eles também, mas o pensamento ainda me assusta.

— Eu entendo — disse Lucas, desviando os olhos para Kylie.

Quando sua mãe, Della e Miranda se afastaram, Kylie ouviu a mãe dizer:

— Será que eles só saem à noite?

Kylie revirou os olhos para Lucas e se aproximou dele:

— Eu não sei como ela acha que eles são.

— Não se preocupe — disse ele. — Ela vai se acostumar com a gente. A filha se acostumou.

Kylie sorriu.

— Por que você não respondeu a nenhuma das minhas mensagens? Eu estava morta de preocupação.

— Tive que desligar o celular e, quando saí de lá, já era tarde e... eu queria contar pessoalmente.

— Você entrou para o Conselho?

Os olhos azuis dele brilharam com um sorriso.

— Sim. — Ele olhou por cima do ombro, como se estivesse se certificando de que a mãe dela não estava olhando. Então a puxou contra si e a beijou. Um beijo suave.

— Eu tenho uma coisa pra você — ele sussurrou, seus lábios respirando as palavras contra os dela.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou dali um anel. Um anel de ouro com um grande diamante. Um belo diamante em forma de lágrima, que mais parecia um anel de noivado. Kylie perdeu o fôlego.

— Este anel era da minha avó. Na carta, ela escreveu que você devia ficar com ele. E antes de você começar a entrar em pânico, deixe-me dizer que eu sei que talvez sejamos jovens demais para assumir um compromisso. É por isso que eu trouxe isso também. — Ele tirou do bolso uma corrente de ouro. — Eu quero que você o use nessa corrente. Vamos chamar isso de promessa, uma promessa de que, quando você colocar um anel nesse dedo... — ele passou a mão pela mão esquerda dela — esse anel vai ser o meu.

A emoção provocou um nó na garganta de Kylie.

— Você não tem que me dar nada para que eu faça essa promessa.

— Talvez — ele disse enquanto colocava o anel na corrente e se aproximava dela para colocá-la em volta do seu pescoço.

— Mas esse é apenas um pequeno lembrete para todos os Dereks do mundo de que você está comprometida.

Ela se ergueu na ponta dos pés e o beijou novamente. Desta vez, ele a puxou para a orla das árvores e aprofundou o beijo. Um beijo cheio de promessas. Promessas de mais beijos... e de um pouco mais. Ela deslizou a mão por dentro do paletó e envolveu a cintura quente do namorado. O zumbido vibrava através do corpo dele e ela ansiava por se entregar à tentação que esse som representava. Ela chegou perto de puxar a bainha da camisa de Lucas para fora e tocar suas costas nuas.

Ele se afastou, um pouco sem fôlego.

— É melhor eu levá-la agora para o casamento. Ou nós não vamos mais.

— Se eu não fosse a dama de honra, eu apoiaria essa ideia. — Ela arqueou uma sobrancelha em provocação.

Ele sorriu.

— Na próxima semana, vou fazer uma viagem a Dallas para começar a pôr em ordem os papéis da herança da minha avó. Você acha... Talvez você pudesse vir comigo... Podíamos ficar num belo hotel.

O coração de Kylie acelerou, sabendo o que ele estava pedindo, mas ela não hesitou.

— Parece perfeito.

Enquanto iam para a cerimônia, Burnett veio ao encontro deles. Ele parecia preocupado.

— Os Brightens estão aqui — disse ele.

— Para o casamento? — perguntou Kylie.

— Não, eles não sabiam do casamento; só vieram na esperança de vê-la. — Ele franziu a testa. — E só para tornar as coisas mais difíceis, seu avô e sua tia também estão aqui. Eu posso simplesmente mandar todos embora ou convidá-los para o casamento. A decisão é sua.

Kylie olhou para a mãe conversando com os outros convidados, enquanto se acomodavam.

— Não, eu acho que já é hora.

Trinta minutos depois, Kylie estava em pé na frente de todos, à espera que Holiday caminhasse até o altar. Lucas estava do outro lado da fila, observando-a, acariciando-a com o olhar. Ela sabia que ele estava pensando na semana seguinte. Que Deus a ajudasse, mas ia ser difícil pensar em outra coisa.

Ao lado de Lucas, Burnett demonstrava agitação. Ela nunca tinha visto o vampiro daquele jeito. Ele parecia mais um garoto que precisava ir ao banheiro.

Quando Kylie lhe havia dito, um pouco antes, que ele parecia nervoso, ele respondeu:

— Claro! Estou morrendo de medo que ela perceba que pode se sair muito melhor do que eu.

A música teve início. Kylie olhou para a multidão. A mãe estava sentada ao lado dos Brightens. Ela tinha ficado nervosa diante da ideia de conhecê-los, mas Kylie assegurou-lhe de que eles iam gostar dela. Do lado oposto, estavam sentados o avô de Kylie e sua tia-avó, Francyne. Kylie tinha apresentado a mãe a eles, também. E poucos minutos depois, apresentou os Brightens a Malcolm Summers e à tia-avó.

Como ela não poderia dizer a eles que aqueles eram o verdadeiro pai de Daniel e sua tia, ela disse que eram amigos da família. O clima ficou estranho por apenas um segundo, mas então o avô apertou a mão do senhor Brighten e depois abraçou a senhora Brighten e lhes disse com sinceridade que era um prazer conhecê-los. Kylie tinha certeza de que seu avô verdadeiro era grato aos Brightens pelo amor que tinham dedicado ao filho.

Todos, naquela fileira, olhavam para Kylie e sorriam. Por mais estranho que fosse, eles pareciam uma grande família feliz. E eles eram a sua família. Kylie nunca tinha se sentido tão orgulhosa! E lá no fundo ela ouviu a voz do pai dizer, *Perfeito!*

Na fila atrás deles, Kylie viu Perry sentado ao lado de Miranda.

Kylie apostaria seu melhor sutiã que os dois já estavam planejando o seu próprio casamento. E ao lado de Miranda estava Della, que olhava para a fileira de cadeiras à esquerda. Olhava para Steve. Será que Della nunca iria aceitá-lo? *Sim, por alguns dias, Della tinha cedido um pouco, mas depois tinha voltado a rejeitar Steve novamente.*

Hayden, sentado ao lado de Jenny, sorriu para Kylie. À direita de Jenny estava Derek. Kylie não deixou de reparar no ombro dele pressionado contra o dela.

Aqueles dois tinham algo especial e mereciam isso.

O olhar de Kylie deslocou-se para a fileira dos fundos, onde estavam Fredericka e o novo professor. Kylie não tinha ouvido Holiday falar nada sobre a loba ter pedido para namorá-lo. Mas Kylie tinha a sensação de que algo de bom tinha acontecido a Fredericka.

Respirando fundo, Kylie sentiu o amor no ar. De repente, Holiday chegou e começou a

percorrer o caminho entre as cadeiras. A “Marcha Nupcial” começara a tocar. Burnett olhou para ela, hipnotizado. Kylie não o culpava. Holiday, em toda sua glória *fae*, estava linda! Seus olhos verdes cintilavam. Sua pele praticamente brilhava.

Por alguma razão, Kylie se lembrou do dia em que seu padrasto saiu de casa, quando ela achou que aquele era o pior dia de sua vida e que tudo em seu mundo estava mudando, e nada mais seria igual.

Em parte ela tinha razão. Tudo havia mudado.

Tudo.

Algumas coisas tinham sido mais difíceis, mas a maior parte delas... Uau! Ela estendeu a mão e tocou o anel pendurado no pescoço e olhou para Lucas, que sorriu para ela. Depois articulou as palavras: “Eu te amo”.

Kylie sussurrou as mesmas palavras para ele e não conseguiu deixar de pensar que aquele podia ser simplesmente o melhor dia de sua vida.